

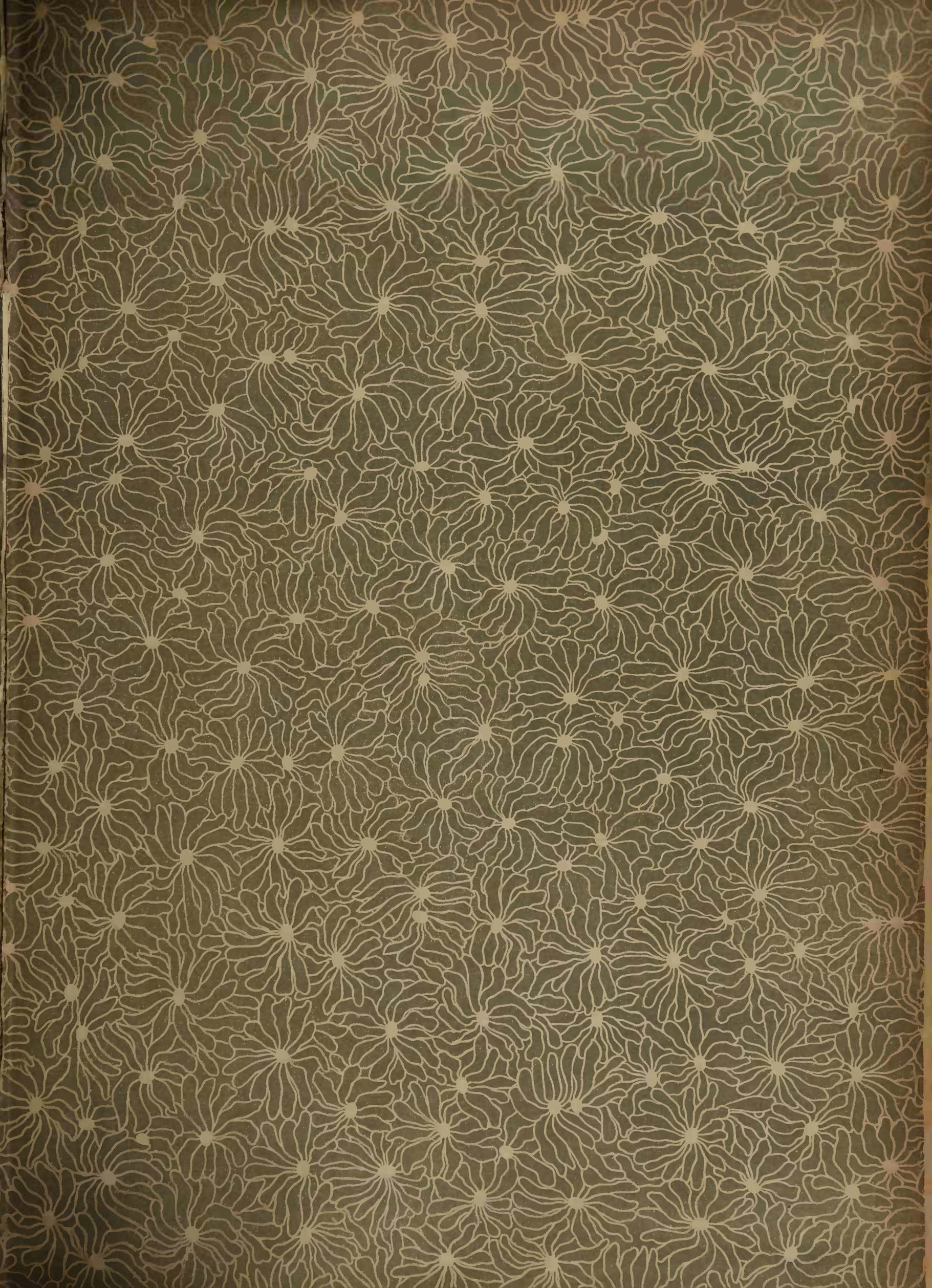


Je ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





# AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR: ELYSIO DE CARVALHO • RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

N. 5 — ANNO I — NOVA SERIE

RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1922



ARTIGOS PRINCIPAES DESTE NUMERO:

A responsabilidade da Guerra do Paraguay

AMEMOS O BRASIL

Os Problemas do Centenario - Questões de defesa nacional

Revisão Constitucional

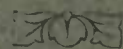
Latinos-Americanos



O programma  
da "AMERICA BRASILEIRA"

julgado pelo

Sr. Estanislau Zeballos



Origens do sentimento nacional brasileiro

**AMERICA BRASILEIRA**  
REVISTA DE CULTURA NACIONAL

CRITICA E ESTUDO DOS PROBLEMAS NACIONAES  
DEFESA MILITAR E ECONOMICA  
RESENHA DA VIDA INTERNACIONAL  
SYNTHESE DAS POSSIBILIDADES E REALIZACOES BRASILEIRAS  
EXPOENTE DA CULTURA NACIONAL EM SUAS VARIAS MODALIDADES

Director  
ELYSIO DE CARVALHO

Redactor chefe  
THEOPHILO DE ALBUQUERQUE

Secretario da redação  
RENATO ALMEIDA

Redactor  
CARLOS RUBENS

Collaboradores

João Ribeiro, Alberto de Oliveira, Graça Aranha, Oliveira Vianna, Mario de Alencar, Celso Vieira, Alberto Faria, D. Julia Lopes de Almeida, Rodrigo Octavio, Victor Vianna, Capitão Genserico de Vasconcellos, Amadeu Amaral, Rocha Pombo, Tristão da Cunha, Affonso de E. Taunay, João Pinto da Silva, Mario da Silva, Mario Pinto Serva, Monteiro Lobato, Ronald de Carvalho, Carlos de Vasconcellos, Selda Potoka, Gustavo Barroso, Alvaro Moreyra, Octavio N. de Brito, Hildebrando Accioly, Severiano de Rezende, Léo Vaz, Claudio Ganns Manoel Bandeira, Mucio Leão, Tristão de Athayde, Homero Prates, Alves de Souza, Commandante Tancredo Burlamaqui, Nuno Pinheiro, Matheus de Albuquerque, Rodrigo Octavio Filho, Raul de Leoni, Carlos Pontes, Mario Simonsen, Ribas Carneiro, Rubens Barcellos, Felipe de Oliveira, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Mario de Vasconcellos, Pontes de Miranda, Viriato Correia, Austregalho de Athayde, S. Galeão Coutinho, Sergio Burque de Hollanda, Annibal Fernandes, Claudio de Souza, Albertino Moreira, Menotti del Picchia, Carlos D. Fernandes Bernardino de Souza, Mario de Vasconcellos, Jorge Jobim, Lima Barreto, Pedro Lobão Filho e outros nomes escolhidos entre os que illustram a nossa actualidade na sciencia, na litteratura, na politica e na economia.

"America Brasileira", publicação como até hoje não teve o Brasil, resolveu a questão de pensarmos uma grande revista de cultura e informação geral ao alcance de toda gente.

Assinatura annua para todo o Brasil  
12 numeros, ..... \$300

Numero avulso de maio, 300 réis

REDAÇÃO E ADMINISTRACAO:

B. A. MONTEIRO MERCANTIL

REDAÇÃO E ADMINISTRACAO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 86, 2.º

RIO DE JANEIRO — BRASIL

DE N. 1912

Caixa Postal 1723

# LIVRARIA J. LEITE

Obras classicas, raras e preciosas

Livros antigos e modernos

## PEÇAM CATALOGOS

### EDIÇÕES DA CASA:

REFLEXÕES SOBRE A VAIDADE DOS HOMENS, pelo famoso Classico Paulista, Mathias Aires. Reprodução fac-smile da 1ª edição de 1752. Rarissima  
1 vol. brochado ..... 15\$000

«...o mais fino e prespicaz da litteratura Brasileira...» (Ronald de Carvalho).

«...O Brasil tem, talvez no insigne moralista, a sua maior gloria classica fóra da de poesia» (Andrade Muricy).

«A lingua portugueza amplia-se sob a sua penna, em um milagre de plasticidade e elegancia, sempre muito limpida e apurada...» (Barbosa Lima Sobrinho).

«...Todo o homem de bom gosto, amante realmente das nossas letras, deve ler este livro...» (Jackson de Figueiredo).

«... Não conheço, em toda a litteratura portugueza, outra obra no genero com o valor que tem esta...» (Nestor Victor).

«...é o seu engenho dos mais agudos e interessantes de seu tempo...»

«...manejando o vernaculo com a mais encantadora perfeição, e a naturalidade elegante de quem tem muito que dizer, e sabe mais do que escreve...» (Tristão de Athayde).

«Em cerca de dous seculos (1580-1756) de litteratura, que neste volume historiámos, não encontrámos escriptor tão ricamente dotado do poder de insuspecção, e de expressão como este esquecido paulista». (Fidelino de Figueiredo).

SUMMA POLITICA: pelo Bispo-Conde D. Sebastião Cesar de Menezes. Reprodução fac-smile deste preciosissimo livro. Extremamente, raro. 1 vol. brochado..... 10\$00

«...verdadeiro monumento litterario. O auctor foi notavel pela reputação gigante da sua sciencia politica». Camillo Castello Branco).

«Eu li bem de vagar este livro... é sizudissimo, é claro, é breve. Juntou impossiveis» (D. Francisco Manoel de Mello).

«Estylo claro, profundidade de conceitos, agudeza e concisão reunidos á perspicacia e rigorosa elegancia, formam no juizo dos bons entendedores o caracter desta obra» (Innocencio).

DESAPROPRIAÇÃO POR UTILIDADE PUBLICA, por Solidonio Leite, 2ª edição augmentada, posta de accôrdo com o Código Civil e seguida da jurisprudencia em ordem alphabetica. 1 vol brochado..... 10\$000

«...é obra que se guarda na estante para consultar, sempre que se tem necessidade de estudar o assumpto». (Pedro Lessa).

DE D. JOÃO VI A INDEPENDENCIA, pelo Dr. João Romeiro. Estudo sobre os factos que mais contribuíram para ser proclamada em S. Paulo, no dia 7 de Setembro 1822, a emancipação politica da Patria. Nova edição (a 1ª fóra sómente de 200 exemplares) com a biographia do auctor e os juizos da imprensa. 1 vol broch. \$5000

«...é obra de um pensador na forte madureza do espirito longamente esclarecido pelo estudo e pelas experiencias da vida» (Basilio de Magalhães).

NO PRELO:

DIALETICO INDO-PORTUGUEZ DE GÓA, por Mens. Rodolfo Dalgado.

A LINGUA PORTUGUESA NO BRASIL, por Solidonio Leite.

PEDIDOS A J. LEITE & C.

RUA TOBIAS BARRETO, 12

RIO DE JANEIRO

# AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 5



RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1922



ANNO I

## A AMERICA BRASILEIRA JULGADA PELO SR. ZEBALLOS

Para o illustrado publicista argentino Sr. Estanislau Zeballos, nome assás conhecido na historia das nossas relações com a Republica Argentina, "a ruina financeira do nosso paiz" terá "por unica causa" a hypothese de um "perigo argentino". Essa é a essencia profunda do longo ensaio que, gentilmente, dedica em sua conceituada "Revista de Derecho, Historia y Letras", aos fins moraes, politicos e sociaes da *America Brasileira*. O escriptor platino vê, nas palavras e nos paragraphos do nosso programma, o veneno subtil e mal disfarçado de uma propaganda solerte contra a sua patria.

Não lhe sendo possível recusar o nosso testemunho de que estamos sós na America, insinua que, decorre naturalmente o reconhecimento desse facto, a politica de aggressão ou de desconfiança que, segundo elle, norteia o pensamento da nossa Revista.

Deve saber o Sr. Zeballos que, sendo tradicional esse insulamento, e, em que pése á sua reserva acerca da magnanimidade da politica imperial, não tendo os nossos dirigentes mostrado jámais ambições inconfessaveis de expansionismo e de conquista, não é licito suppor que, agora, fossemos pedir armas para atacar os nossos visinhos. Os trechos do nosso programma referentes ao desenvolvimento das nossas forças não podem nem devem de modo algum, ferir as susceptibilidades nem provocar os sentimentos de desconfiança do nosso commentador. Estamos fazendo, simplesmente, no puro campo doutrinário, o que os nossos amigos do Prata já realizaram praticamente. Basta uma inspecção summaria, um balanço rapido entre as forças militares argentinas e brasileiras, de mar e terra, para se verificar a sem razão dos que nos tacham de imperialistas perigosos. A Argentina, com um territorio de 2.877.700 kilometros quadrados, e uma população de menos de 9 milhões, possui um exercito superior ao nosso,

não só em numero mas, tambem, em abundancia de material. Sua capacidade de mobilização, mercê de extensas rêdes ferroviarias convergentes sobre as nossas fronteiras, é infinitamente maior do que a nossa. Tudo isso por que? Porque, enquanto os nossos politicos se entretinham em discussões nutridas sobre o divorcio nos Estados Unidos ou sobre a Constituição da Republica da Liberia, os dirigentes argentinos, patrioticamente, contratavam no estrangeiro missões militares chefiadas por generaes prussianos, compravam metralhadoras, canhões pesados e de campanha, construíam estradas estrategicas e obras de engenharia dispendiosissimas, preparando-se para não soffrer sorpresas. Enquanto os nossos administradores, baseados num dispositivo positivo de da Carta Magna, clamavam contra a illegade do sorteio, os nossos visinhos, cuidando intelligentemente da defesa do paiz, applicavam a lei do serviço militar obrigatorio. Cada cidadão era um soldado, apto, no momento preciso, para entrar em campanha, munido da sua caderneta de reserva, como qualquer granadeiro da Pomerania. Todos os annos as suas tropas se adestravam na dura disciplina das manobras, e, diariamente, no jogo da guerra, se exercitava a intelligencia dos officiaes do Estado Maior.

Quanto á marinha o mesmo se observava. Para assegurar a tranquillidade das nossas immensas costas, de leguas e leguas de extensão, os nossos Almirantes propunham medidas, versavam themas, escolhiam pontos estrategicos, determinavam posições excellentes. Mas a tudo ficavam surdos os nossos politicos, e os planos mirificos iam dormir o somno burocratico, das pastas nos archivos. Os nossos visinhos, porém, não nos imitavam nesse particular. Longe d'ahi. Refugindo ás improvisações inuteis e os debates lyricos, traçavam rapidamente os contornos da Bahia Blanca, transformando-a em um

porto militar de primeira ordem, munido de todos os petrechos bellicos que a experiencia da guerra moderna indicava. Depois do periodo aureo do Segundo Imperio, a marinha brasileira só um momento esteve em condições de superioridade sobre a da Argentina, quando fizemos a encomenda do *Minas* e do *S. Paulo*. Immediatamente, porém, os poderes argentinos trataram de estabelecer a supremacia antiga, construindo navios mais poderosos que os nossos, apesar de terem um littoral muito menos vasto que o da nossa patria.

Não vimos nunca, em todos esses preparativos, um proposito de aggressão. Estavamos praticamente desarmados em face da Republica platina, mas, nem por isso, os nossos publicistas e os nossos dirigentes vislumbraram uma febre imperialista na politica do paiz lindeiro. De modo que, se bem entendemos os argumentos do illustre Sr. Zeballos, quando a Argentina se arma devemos todos ficar tranquilos, certos das suas boas intenções, mas quando o Brasil cuida da sua defeza descurada, o caso muda de figura. De um lado, um paiz menor e menos populoso gasta sommas fabulosas com os seus armamentos, mas com os melhores intuitos; de outro lado, uma nação maior e de gente mais numerosa procura organizar as suas forças, mas, logo se vê, levado por motivos bellicos e prejudiciaes. Por que, santo Deus?

Saiba o nosso amigo Sr. Zeballos que, se fazemos uma propaganda seria e patriotica em prol das nossas forças militares, não nos move um interesse, nem um ideal de conquista, que nunca tivemos e que não está na indole da nossa raça. Não precisamos de expansões territoriaes nem economicas. Somos, mercê da fortuna, bastante grandes e opulentos para tramar insidias contra os povos com quem convisinhamos. Esteja confiante o Sr. Zeballos. O Brasil não vive temeroso do espantallo do perigo ar-

# A HISTORIA ILLUMINADA

DE RIBAS CARNEIRO

Quem conhece o admiravel trabalho do Abbade Pascal — "Lettres sur l'histoire de France" — de tão brilhante estylo, de tão graciosa linguagem, póde chegar á conclusão de que, em materia de ensino de Historia e principalmente de Historia Nacional, estamos em uma lamentavel pobreza de livros, pobreza em numero, pobreza em qualidade, pois que, dos escasos que ha, a grande maioria é o que póde haver de mais anti-pedagogico, determinando por parte do estudante uma invencivel repugnancia á materia, de tal fórma se apresenta, inexpressiva, estafante em datas e nomes, sem um conceito proprio, sem a mais vaga vibração patriótica, sem uma pagina que falle á imaginação.

Cito, como exemplo, a obra do Abbade Pascal pela perfeição na synthese. São paginas de uma frescura encantadora que, em largas linhas, mas sem prejuizo de perspectiva, abrange toda Historia da França, desde os tempos barbaros, até a época contemporanea de pleno seculo XIX, paginas suggestivas, de uma penetrante analyse, illuminadas por um admiravel orgulho de raça, e grande amor ás tradições veneraveis da terra da suprema graça que em meio das apprehensões mais graves, justamente num momento sobremaneira critico, festejou com pompa o seu Molière.

Quanta vez folheando o livro do Abbade Pascal e relendo as suas paginas de uma clareza encantadora, estive a pensar como faria bem os nossos collegiaes uma Historia do Brasil que deixasse de ser uma

enfadonha exposição de factos, que não torturasse a memoria com uma enfiada de datas e de compridos nomes, mas que em largos paineis pintasse, com suggestivas cores, as épocas memoraveis de nossos antepassados, épocas caracteristicas das etapas da evolução da nossa terra e da nossa gente, que desprezenciosamente, de uma forma simples e captivante recapitulasse a bravura dos nossos desbravadores do sertão, dos reaes conquistadores de nossas fronteiras, dos achadores das minas, e accentuasse o seu temperamento perseverante, tenaz, inflexivel, provas da energia soberba da nossa raça, hoje tão mal haviada, por leviana e infundada critica. Como seria interessante um livro que soubesse ir aos poucos formando no espirito das crianças uma consciéncia de patriota, um orgulho de ser brasileiro por saber os feitos prodigiosos que fizemos ao enfrentar a invasão dos hollandezes, sem armas quasi, sem organização nenhuma, levados somente pelo amor á terra e ás tradições. Quanta suggestão provocaria na imaginação dos collegiaes uma pagina bem feita sobre a união das tres raças na luta contra os homens de Nassau, quanta illação se tiraria da fidelidade dos bravos de Henrique Dias e do heroico esforço da gente de Camarão!

Entretanto esse periodo de formação nacional, a conquista da terra ao indio e á natureza brava e a defesa das invasões dos europeus, que tantos themes fornece para incentivar o animo das crianças no amor ao seu paiz; justamente esse periodo

de prodigios, de heroismos, é duramente sacrificado, exposto em nossos compendios escolares com uma pallidez chlorotica num estylo chatissimo de almanach. E a criança obrigada a repetir os nomes estrambóticos e tremendos de toda militança de Nassau e o numero de soldados com que em cada refrega se batiam os luso-brasileiros, vai cahindo numa invencivel displicencia por estes estudos, displicencia já insinuada em seu espirito desde as primeiras lições com a monotona exposição daquelle capitulo famoso sobre as Capitánias Hereditarias e com aquelle enumerar de tribus indigenas, cujos usos e costumes são espantosamente falseados.

A evolução do nosso paiz, o modo porque passou do periodo de conquista ao de colonização, a promoção de colonia a reino, os progressos que se foram verificando, o aperfeiçoamento das condições de vida, a modificação nos usos e costumes, e a força de concentração nacional, a explicação do modo por que a independencia do Brasil se foi conquistando, o retrato dos grandes homens da época e desse curioso typo do nosso primeiro Imperador e os vultos da Regencia, e a significação historica desse formidavel periodo da menoridade, o Segundo Imperio, a estabilidade politica desses sessenta annos de governo, a extincção do trafico e a epopéa a licionista, a acção do Brasil no Prata, Brasil em face da America Hespanhola dividida, subdividida, tumultuada pelos caudilhos, que succederam os libertadores, em guerrilhas fratricidas, toda essa admiravel successão de factos demonstrativos de uma evolução continua, gradativa, como que presidida por um soberano espirito de logica, quanta lição arrebatadora, quanto exemplo de civismo, de trabalho, de intelligencia, de honestidade, suggeriria aos professores a quem está confiada essa geração que vai caminhando para um futuro, cujos horizontes ninguem conhece por certo, mas que são adivinhados pelos que sentem a convicção de fazer parte de uma Nação fadada á culminancia.

Precisamos mais que nunca, nessa época de competições agravada com a última guerra, insistir na educação dos nossos meninos, insuflando-lhes um forte patriotismo, um vivo orgulho nacional, uma clara consciéncia de brasileiro, ciúsc de seus direitos, de seus privilegios, de suas tradições, e para se conseguir apurar os sentimentos civicos dessa geração que vai despontando, o programma é ensinar a historia de seus avós, mas ensinar com amor e intelligencia, para que cada lição não venha só á memoria, mas alcance o coração, produzindo mais que um trabalho mental, uma grande influencia moral.

gentino. Não nos arruinaremos, como o notavel ex-Ministro das Relações Exteriores julga, correndo o pareo dos armamentos. A politica internacional do nosso paiz, não está, como o Sr. Zeballos escreve (pg. 422 da "Revista de Derecho", etc.) "fundada en una hypothesis erronea", a hypothese de um ataque argentino. Seria mister, para tanto, que o mundo inteiro se reduzisse ás fronteiras platinas. Nossa politica exterior tem os seus rumos traçados numa velha tradição de clareza, harmonia e segurança. Temos dado, nesse especial, provas exuberantes de que nunca forjamos intrigas perigosas á paz do continente sul-americano. Todas as nossas questões têm sido resolvidas por arbitragem ampla, de um modo sério e honesto.

Se pedimos aos nossos dirigentes uma organização militar digna da nossa patria, se denunciámos á parte esclarecida do nosso povo as falsidades de alguns pretensos ami-

gos, não quer dizer que estejamos pregando a guerra, uma guerra descabida, uma guerra antipathica, uma guerra que repugna ao coração brasileiro. Porque razão o Sr. Zeballos, que sempre foi partidario do preparo militar do seu paiz, nos nega a nós o direito de pretender para o Brasil as vantagens de um regimen que a propria Argentina já adoptou ha muitos annos? A America Brasileira, para ser uma realidade historica precisa tornar-se forte, mas forte dentro da lei e da justiça, forte dentro da consciéncia que um dever secular de paz e de trabalho nos impõe. Fique tranquillo o nosso commentador, o Brasil não desembainhará a espada se não em defesa dos seus direitos, unico caso em que a Constituição nos faculta pegar em arma.

Afóra essas considerações, muito lhe agradece a Direcção da America Brasileira, a attenção que lhe mereceu o seu programma leal e sincero.



# ORIGENS DO SENTIMENTO NACIONAL BRASILEIRO

POR

ELYSIO DE CARVALHO

É curioso assignalar em nossa historia as origens do sentimento nacional. Antes de tudo, podemos afirmar que desde o primeiro seculo, senão desde o primeiro dia da colonização, começamos a sentir um Brasil nosso, uma terra que nos ficou no peito, como se fosse o torrão natal de nossos pais. Basta invocar os mais antigos testemunhos, examinar os primeiros chronistas, compulsar as cartas e os annaes das missões, para ter a prova de que os nossos maiores entraram aqui deslumbrados de todos os esplendores desta natureza e ufanos de serem acolhidos como num seio de mãe fecunda e generosa. Tudo nos leva a dizer que amamos a terra desde que a conhecemos.

Nos tempos primitivos, no entanto, as nossas preferencias pelo novo *habitat* nasciam, dir-se-hia, de uma gratidão commovida da nossa ventura pelas munificencias que se nos deparam de todos os lados, em todas as latitudes e em todas as zonas. Fomos, porém, apenas gratos. Por uma razão que se encontra no fundo da propria psychologia humana, entretanto, o amor que se funda na gratidão nunca será tão forte e tão sólido como o amor que nasce com o trabalho, que surge com o soffrimento, que se gera na grandeza e solemnidade do sacrificio. Só se preza devidamente aquillo cujo preço pagamos com a espantosa resignação dos esforços heroicos. Só se ama profundamente, e com todos os extremos da alma, o que foi objecto das nossas ancias, dos nossos desvelos, dos nossos devotamentos, e que veio, por isso mesmo, a tornar-se para nós um como irresistivel motivo de culto.

Explica-se, pois, como é do segundo seculo em diante que o amor da terra se transforma subitamente num verdadeiro sentimento de patria, e até mais que simples sentimento de patria, porque se fizera poderoso e intenso impulso creador do largo nacionalismo que palpitou em seguida em todas as paginas da nossa historia. Deste modo, marcamos o periodo que vai de meados do primeiro a meados do segundo seculo como sendo a phase da criação do nosso espirito nacional. Essa é a idade heroica da nossa formação de povo. Começamos expulsando os Francezes da Guanabara em 1567: nessa obra associou-se o heroismo do novo portuguez que se fizera na Bahia e em S. Vicente ao valor e á grandeza moral do selvagem, que já representava pela primeira vez o seu papel na formação social que se inicia. Depois, fomos tocar de todo o littoral do norte o mesmo intruso que se obstinava em disputar-nos dominio. Todavia, em todas essas funcções exercemos o nosso valor na defesa da terra, mas em nenhum dos pontos que defendemos resaltou mais que o nosso sentimento da patria. O espirito propriamente nacional vai sair de um encontro mais formal e heroico do nosso amor á terra com o intento decisivo de intrusão. E só das guerras hollandezas, é que vamos lograr a nossa consciencia de povo e um largo surto do nosso instincto nacional — porque é só nesta phase que as lutas para nós tomaram um caracter excepcional e tivemos de travar-as em condições mais extraordinarias ainda. O que em 1654 nos exaltava não era só a ufania de haver libertado a terra á custa do nosso heroismo: mais que o orgulho da victoria, era o sentimento de que já eramos povo, e povo digno de

assumir o seu papel no convívio internacional, porque nos sentiamos capazes de afirmar pelas armas a nossa existencia politica.

Quando se estudar as origens da nacionalidade, é preciso, portanto, auscultar a alma dos colonos de Martim Affonso ao pisarem o sólo do Brasil em 1532; mas, ao encarar a gente trasladada um seculo depois, já o historiador ou o philosopho, em vez de almas, terá de interrogar factos. Então começará a fazer historia e não mais psychologia, pois, o que desde o primeiro dia se encontrava no intimo dos corações; agora, em 1654, está palpitante a vibrar naquella grandiosa epopéa de 24 annos de soffrimentos indivisiveis, de accentos sublimes e de lances homericos. Ha de partir, pois, o indagador das nossas origens dos campos dos Guararapes, onde se tornou formal e augusto o nosso protesto. Da epopéa da Reconquista por diante, a evolução do sentimento nacional define-se por uma affirmação firme, continua e crescente da nossa consciencia de povo. De meados até fins do seculo XVII, o mesmo espirito que triumphára contra os batávios se accusa no Maranhão contra os abusos da metropole. Bequimão é um brasileiro que se insurge contra o regimen que a côrte, ingrata e prepotente, se obstinava em manter na America para opprimir aquelles mesmos que lhe haviam guardado o opulento patrimonio. O escarmento dos revolucionarios maranhenses não consegue suffocar as aspirações que andavam latentes em todas as almas e que só esperavam ensejo de explodir. Quasi 30 annos depois, surge de novo no Recife a aneja que mal se continha desde 1654: quer dizer que se soffrera alli mais de meio seculo de indifferença e desdem pelos destinos daquella mesma patria que se redimira do intruso estrangeiro para vel-a outra vez jungida ás inclemencias da propria metropole. Da mesma natureza da *Guerra dos Emboabas*, quasi ao mesmo tempo daquella. O portuguez aqui era como figura da côrte de Lisboa, com todos os seus intentos, as suas exigencias, os seus desdens, ferindo os brios, pesando nas almas como succubos de morte. E o que se passou na região das Minas não deixou menos vestigios que o conflicto entre Olinda e Recife: ao fim das lutas feridas, tanto no norte como no sul, a alma daquellas gentes estava menos portuguezá e mais brasileira do que antes. Vem depois aquelle desespero que teve como desfecho o nefando sacrilegio contra o indomito coração de Felipe dos Santos, ante cujo cadaver asphacelado estremeceu num fremito de loucura a sensibilidade escarmentada de terror, mas refeita na sua incomparavel insubmissão dos mineiros redivivos. Em seguida, o grande sonho commovente da Inconfidencia, e logo o lugubre desenlace de tragedia: a traição, a devassa, as prisões, a alçada — tudo isso com o seu cortejo de ignominias, até a pompa daquelle espectáculo do largo da Lampadosa. E quem quizer saber como sahio dalli, no seu grande silencio, a piedade das turbas que assistiram a scena, que consulte as chronicas dos ultimos dias do Conde de Rezende no Rio de Janeiro.

Finalmente, entrando no seculo XIX, a logica dos successos e a eloquencia das manifestações vão se fazendo de dia para dia mais formidaveis. Num certo momento, pensou-se que a presença da

côrte viria desviar do seu rumo as tendencias dominantes no animo dos Brasileiros. No entanto, foi o contrario exactamente que se deu. Logo que tivemos o Rei no Brasil, a nossa primeira postura foi de expectativa. Quando nos convencemos de que no Rio a côrte de D. João VI continuava a ser para nós o que haviam sido todos os Reis portuguezes, então nos levantamos. Bastou a revolução de 1817 para dar ao Soberano os mesmos avisos que lhe haviamos dado durante tres seculos? Não: o Rei, tendo conseguido suffocar o nosso clamor, ficou impassivel ante o nosso martyrio. Então, erguemo-nos outra vez; e agora não clamamos apenas: fallamos alto e claro ao proprio Rei, e, afinal, tocamos-lo da terra que era nossa.

O que se segue após a saída daquella côrte que nos perseguia, nos humilhava e nos tolhia, entravando o nosso destino, é sabido de todos. A fortaleza, o radicalismo do nosso espirito nacional e a segurança da nossa orientação historica, não vacillaram no meio de todos os acontecimentos que sobrevêm. Desde o dia em que obrigamos a côrte a deixar-nos, podemos dizer que estavamos separados da metropole. Effectuamos uma independencia que já estava em nosso coração; entramos a exercer um direito que desde muito era nascido e vigente em nosso espirito de povo. O Principe foi naquella momento da nossa historia um personagem secundario do drama, uma figura de ornamento, um comparsa de ultima hora, uma nota imprevista de epilogo. Sem elle, nem os Andradas, sem nenhuma das circunstancias excepcionaes daquella instante, que é um final de acto, teriamos feito a nossa obra — a obra que trezentos annos de provações tinham edificado na capacidade da nossa raça. O que tudo fez em 1822 foi, não D. Pedro, nem José Bonifacio, mas a alma nova que se havia creado na America Brasileira como em todas as Americas. Tudo aquillo que vivia em nós — a larga consciencia do nosso futuro — fez-se nação brasileira. Ainda mais: e, no dia em que, do facto da emancipação politica em diante, qualquer poder, quaesquer erros ou quaesquer instituições se atreveram a pôr-se em contraste com os impulsos dominantes do nosso coração — surgia o heroico espirito do nosso indefectivel e soberano nacionalismo a impôr o seu gesto de silencio ou o seu grito de ordem. As provas disso ahi estão em todos os lances que se seguem ao episodio do Ypiranga. Quando o Imperador se mostrou leviano e violento, rebatemos-lhe a levandade e a violencia com aquelles protestos geraes que se concretizaram na revolução de 1824. Quando elle se esqueceu de que era chefe da nação, e não apenas chefe de partido — impuzemos-lhe o 7 de Abril de 1831. Devia Pedro I ter então sentido que a nação eramos nós. E tanto eramos nós, que fizemos daquelles nove annos da Regencia a phase mais brilhante do Segundo Reinado.

Assim podiamos resumir toda a historia da evolução do nosso espirito nacional numa synthese perfeita: creada pela natureza e pelo céu, a nossa alma americana cresceu de seculo em seculo nas proprias vicissitudes, e quasi que se diria que ella — a nossa alma de nação — é filha da nossa dor, e que por isso mesmo é intangivel como todas as cousas sagradas. Tudo em nós é, antes de tudo, brasileiro.

# A REVISÃO CONSTITUCIONAL

Já não é mais possível obscurecer aos olhos da nação a necessidade insoffreada da revisão constitucional, imposta a todas as consciências, como o meio decisivo de tentar a reorganização do paiz, depois de uma experiencia de mais de seis lustros, ter demonstrado á sociedade os vicios fundamentaes do pacto de 24 de Fevereiro de 1891. E' certo que a felicidade e a grandeza do paiz não dependem de suas leis; transcendem, antes, de causas e factores de ordem mais elevada, que se confundem, afinal, com as proprias faces do character de cada povo. Mas, por outro lado, não é menos certo que a harmonia entre a lei e o espirito da nação é um indice seguro de sua força politica, propulsora energica de seu maior imperio. Dest'arte, todo o povo, cuja lei não exprime os traços de sua mentalidade e cultura, para favorecer o desenvolvimento dos seus pendores naturaes, não poderá nunca realizar uma obra duradoura de civilização, incompativel com essa desharmonia latente que dispersa as forças. De boa fé, ninguem mais occultará que sofreremos, no Brasil, essa dolorosa contradicção. A Constituição da Republica não foi a resultante de aspirações nacionaes, mas a implantação subita de um regime alheio, uma experiencia perigosa. Os fructos immediatos do erro avultaram aos olhos surprezos dos constituintes idealistas: Deodoro, violentou-a, brutalmente, para logo depois abandonar o governo, onde Floriano, ferindo-a na sua essencia (art. 42), implantou a dictadura. Tornou-se claro que a Republica, a despeito de seus pruridos de liberalidades, constituia o Executivo em governo pessoal, despotico e irresponsavel, pela extensão mesma do poder. E, de facto, é o que temos tido, invariavelmente. O governo do Presidente, manobrando o outro poder politico, ao sabor das opportunidades, certo de sua absoluta submissão, de sua illimitada complacencia. Do golpe de estado subtilissimo do Sr. Epitacio Pessoa, para assumir a dictadura financeira do paiz, as scenas têm variado pouco na commediographia presidencial. Temos provado, provadissimo, que o Cattete é a Constituição, a lei, o tribunal, o feixe de raios de Zeus, nesse olympos republicano.

Com essa singular organização haviamos de chegar, sem duvida, a essa indiferença do povo pela cousa publica, deixando-a entregue ás machinas olygarchas dos Estados, onde tudo se repete, lendo pela mesma cartilha. E' certo que o vicio não é republicano. Vem da monarchia, com o poder absoluto da Corôa, delegado nos partidos "prostituidos á realza", "usurpando o conservador os principios do liberal, para os estragar, em beneficio do throno, e substituindo o liberal as proprias idéas pelas conservadoras, para não se indispor com o sceptro", segundo o depoimento forte de Ruy Barbosa. Mas o dever da Republica era extirpar o mal

e não enraizal-o, levando-o ás ultimas consequencias, numa corrupção desregrada. Só mudaram as fórmas. Não mandava mais o Imperador do que o Presidente, não lhe era mais servil o Parlamento do que a este é o Congresso. Apenas, lá era menor a ambição, porque a Corôa hereditaria não permittia essa disputa á presidencia, que é o espectáculo mais deprimente em nossa vida republicana. Como quer que seja, esse poderio ostentoso do Presidente da Republica, sustentado pelos despotismos similares dos Estados, constitue o embaraço mais sério á nossa democracia. A ambição dos postos, principalmente da cadeira presidencial, se tornou o movel do nosso politico, justificando todas as aggressões e desforços, todas as espoliações e manejos, friamente preparados num assaio ao Cattete, onde se assenta, sob a capa falsa do systema representativo.

Não é preciso insistir. E' a realidade que está na consciencia de todos e que, em todos, encontra a mais absoluta repulsa. Enveredando por esse caminho, teremos comprometido seriamente a nossa cultura civica, junjada ao aprazimento pessoal e absorvente do Chefe do Estado, symbolo de um despotismo organizado pelas camarilhas politicas, em que o ideal apodrece e de que a moralidade se demittiu. Os methodos e os processos dessa regra de subserviencia reciproca, sob a scintillação da mediocridade, incomparavel esteio dessa ditosa harmonia olygarchica, e os seus autores, que falseam á Republica, estão á sombra da Constituição! Ella é a geradora fecunda de todos esses abusos e prevaricações, que a violentam e desfiguram. Foi o erro de um presidencialismo excessivo, transplantado para um paiz com tradições parlamentares, ainda que artificiaes, e passando do systema unitario para um largo federalismo. Afastado o periodo extra-republicano da dictadura militar, esboçou-se logo a chamada politica dos governadores, que é a imposição do Governo pelas vinte olygarchias estaduais, cujos chefes são quatro ou cinco grandes Estados. Todos os presidentes têm sido fructos directos desses interesses inconfessaveis, dessa machina omnipotente. O resultado é o amollecimento de nossas energias civicas, o descaso dos cidadãos livres e independentes pela politica, de que se afastam as elites, incapazes de dominar nesse torvelinho interesseiro e apaixonado.

Só a reforma da Constituição entravaria essa onda, que ajudou a se precipitar. Dous são os pontos mais importantes da revisão politica de nossa Carta: o primeiro, referente ao poder presidencial, e o segundo, á descentralização federativa. sem embargo este de incorrer na prohibição do § 4º do art. 90, que declara não poderão ser submettidos á apreciação de futuras Constituintes quaesquer projectos tendentes a abolir a fórma re-

publicana federativa. A primeira parte, de que mais nos occupámos neste artigo, embora deva encontrar a mais viva opposição por parte dos politicos profissionaes, exige uma solução que liberte o governo da dictadura irresponsavel do Chefe do Executivo. Não será, por certo, esse o parlamentarismo, pois que a solução de continuidade de mais de 30 annos o tornou, por sua vez, inadaptavel ao nosso temperamento cambiante e ambicioso. O remedio, de cuja fórmula se incumbirão os mestres de direito, estaria, porventura, em repartir as responsabilidades do governo com o ministerio que, sem ser orgão parlamentar exclusivo, tivesse o beneplacito do Congresso. Cesaria, com isso, a sujeição do Legislativo, em que se baseia a omnipotencia presidencial. Não é preciso citar exemplos, tantos são os que ponteam a nossa historia republicana. Envolvendo numa interdependencia os dous poderes politicos, seria possível estabelecer aquella harmonia do art. 15, que só existe pela subserviencia legislativa. Em taes circumstancias, obrigados que fossem os Estados a seguir tambem esse modelo em suas Constituições, haveriamos de ter, por força, as responsabilidades delimitadas, o que equivale a estabelecer a ordem, ao invés do arbitrio. O despotismo republicano tem sido a fonte de nossos mais graves erros e sua impunidade o incentivo mais ardente para a violencia e a reacção.

Na parte referente á centralização, que examinaremos mais longamente, de outra vez, comquanto não se modifique a essencia do regime, será necessario uma divisão de attribuições mais harmoniosa e mais accorde com as necessidades da economia, da defesa e da prosperidade nacional. A federação descentralizou o poder, mas creou o seu monopolio. As situações estadoaes, sobretudo nas unidades menores, dependem, unicamente, do bafejo do Governo da União. Do contrario tombam, como fructos pôdres, ainda que ás vezes seja preciso balançar as arvores... Vimos a deposição collectiva de Floriano, vimos as intervenções indebitas, de quando em vez, vimos as famosas *salvações*, no quatriennio de 1910 a 1914, e vimos, por ultimo, a expedição militar á Bahia, para comprimir a vontade livre do povo, por não estar de accordo com a politica do presidente. Portanto, não ha-de ser esse simulacro de autonomia o impecillo nobre para uma melhor e mais equitativa divisão de attribuições, corrigindo as falhas do regime presente, não só sob o aspecto politico, hem como sob o fiscal, judiciario, administrativo e economico. Analysaremos, posteriormente, esses diversos elementos do problema da revisão, que constitue, pela sua relevancia e magnitude, o ideal mais alevantado de quantos possam empolgar os que se interessam pela grandeza e prosperidade do Brasil.

## LATINOS — AMERICANOS

Meu caro Elysio de Carvalho.

Você que com tanta galhardia sustenta este órgão dos interesses superiores da intelligencia, ha de ter notado e experimentado, como eu e outros muitos de nós, as difficuldades quasi insuperaveis que separam os espiritos de escol no continente latino da America.

E' deploravel a ignorancia reciproca dos sul-americanos. Por vezes, em momentos discontinuos, apparece um nome glorioso como o de Santos Chocano ou o de Amado Nervo, quando qualquer fatalidade ou qualquer accidente grave os impelle á curiosidade das gazetas.

Então, corremos precipites ás livrarias, buscamos informação, sempre difficil, escassa ou impossivel.

Esse mesmo interesse é passageiro e ephemero.

Fóra dos momentos dramaticos, tudo mergulha no silencio.

Entretanto, os americanos latinos falam uma lingua que quasi se confunde com a nossa, possuem no corpo e na alma as mesmas affinidades compositas da remota civilização iberica e da alma indiana. Essas tendencias atavicas ainda se tornam mais vigorosas e intensas pelo ambiente communicante da America. Nasceemos sob o tecto commum.

Sem embargo dessa eviterna consanguinidade que seria o alicerce da mais segura alliança entre elles, os povos latinos da America não têm uns para os outros mais que uma percepção tactil, diffusa e elementarissima.

Sabemos e sentimos que existem e, pois, que existem, quasi segundo a fórmula cartesiana, é certo que pensam. *Sunt, ergo cogitant.*

Mas que cousas pensam?

Quem poderá dizel-o na ignorancia impermeavel e hermetica em que vivemos?

Voltados para a Europa, damos as costas á vizinhança ignorada.

Sou, como você sabe, um curioso que tenho a avidéz de conhecer o movimento intellectual da America. Não tenho o pessimismo daquella critica, tambem continental, que affirmou "a tremenda inferioridade do espirito americano".

Ha excesso nesta sentença terrivel. Os Americanos gostam de realizar cousas praticas, de enriquecer, conquistar, ganhar e vencer na vida pelo exito. Mas, é tambem a America uma terra de idealismo e de sacrificio.

A phase da conquista está a extinguir-se *sine materie*.

Se ainda impera entre nós o germen do conquistador, tambem começam a soar as vozes dos vencidos, dos desafortunados e dos que não herdaram o materialismo do instincto. Soffremos e temos achado por vezes a expressão do soffrimento.

E' a alma nova que se annuncia.

Filtrando essa brutalidade espessa e vulcanica, apparece o fio d'agua, limpido e crystalino, que desaltera a sede dos heróes e põe-lhes na alma o encanto da poesia.

E é esse veio crystalino que todos nós quasi ignoramos, ao passo que conhecemos as caudas da lama, as tremendas convulsões politicas, as barbaras agitações dos interesses e dos egoismos regionaes.

POR

JOÃO RIBEIRO

Quantos nomes conhecemos de puro espirito nessa immensa materialidade?

Muito poucos.

E creio que esse juizo não é pessoal. Da minha parte, conheço RUBEN DARIO, que considero uma gloria mundial, como creador e renovador da poesia castelhana; e não sei se o Brasil poderia no presente a este oppôr outro nome de igual ou approximada valia. Não vejo na historia um pouco longa da nossa poesia um vulto que sob certos aspectos se compare ao do grande poeta latino da America, sob certas luzes especiaes do seu genio.

Sem duvida, falta-lhe um pouco de americanismo diluido nas incoherencias cosmopolitas de sua psyche.

Póde entrar qualquer sympathia nesta ousada apreciação. E', porém, o que sinto com absoluta franqueza.

Nenhum dos nossos poetas logrou a perfeição verbal, nem as proprias qualidades de imitação que possui Ruben Dario. Na poesia franceza elle seria um Verlaine, se não fosse um Gautier ou um Banville maior que o proprio Banville.

Sua arte ornamentista do arabesco, a perfeição das linhas com que compunha seus quadros hellenicos e mythicos, talvez damnificassem até certo gráo o caracter americano da sua poesia que é essencialmente europeia. E' um absenteista de genio.

Creio, porém, que elle foi o mestre de toda a poesia moderna da America espanhola e até da propria Espanha, ensinando a uma e a outra o segredo maravilhoso da expressão de idéas e de sentimentos inéditos.

Faltou-lhe apenas o tempo para o retorno do filho prodigo.

Outro nome que tambem conheço e admiro intensamente é o de SANTOS CHOCANO. Ainda ha pouco, regressou á patria, acolhido como um semi-deus que escapara das coleras de Jupiter.

Foi uma resurreição gloriosa que ainda mais consolidou o dogma de sua immortalidade.

Santos Chocano é o poeta da raça vencida que aperta a mão do vencedor. E' o orgulho do inca aliado á avidéz do colono. Elle timbra em cantar a sua — *Alma Americana* — em offerenda á Espanha; marca, pois, o limite em que desaparece o odio extinto da raça incasica despojada que abraça a civilização e o christianismo.

O proprio poeta, interposto ás duas civilizações, confessa-se:

Algo precolombino, algo conquistador.

Ao contrario de Ruben Dario, cosmopolita, europeizante e sempre lyrico, Santos Chocano é quasi sempre épico pela forma e pelo fundo e é assencialmente um poeta americano, que põe nas suas paizagens a flora e fauna regional e as anjmas com os espectros da raça inrece quasi a ultima voz da sua raça.

Temos em nossa litteratura um poeta como Santos Chocano e é Castro Alves. Um e outro possuem a emphase de Victor Hugo, as imagens ousadas, o culto do indigena agonizante.

Marca para todos nós um horizonte que se afunda sob as alluviões crescentes

e progressivas da cultura inevitavel. Pafinito e das cousas immensas. Santos Chocano e Castro Alves são "condoreiros", provavelmente ignorados entre si, mas irmãos quasi gêmeos e nascidos na mesma zona tropical, quasi sob o mesmo paralelo.

São grandes bastante para se verem um ao outro, a máu grado da cordilheira que se interpõe entre ambos.

Quem mais conheço?

Conheço ainda um poeta philosopho, AMADO NERVO. A sua morte, em Montevideo, vulgarizou aqui o seu nome até então para quasi todos nós inteiramente ignorado. Agora mesmo não sei se é ainda lembrado ou esquecido.

Li grande parte, quasi toda a sua obra poetica, que é realmente admiravel. Senti que leve erudição philosophica, as suas tendencias reflexivas, frequentemente metaphysicas, diminuiam os seus impetus lyricos.

*El Estanque de los lotos, Serenidad, Perlas Negras, Elevación*, são livros que obrigam a meditar e a reflectir como as grandes obras de ethica religiosa. O poeta diz algures que, como os povos felizes e as mulheres honradas, não tem historia e, pois, unica biographia do poeta está em suas canções.

A biographia de um philosopho theista, um pouco sceptico, contradictorio e desenganado, lhe assentaria maravilhosamente.

E' um christão fatalista, se é possivel amalgamar as duas palavras, como se amalgamaram mouros e christãos na península.

E' a propria alma do Mexico, grande e convulso, agitado e inconstante como um mar que não achou ainda as suas praias.

Resumindo, ha tres grandes poetas latinos da America que eu conheço: Ruben Dario, Santos Chocano e Amado Nervo.

Esse conhecimento é inteiramente casual. Sei de uma legião de poetas inferiores ou secundarios que não vale a pena conhecer e estão ahi pelos parnasos e collectaneas.

Mas, quantos verdadeiramente grandes existem, eptretanto, ignorados no Brasil?

Eis o que não estou habilitado a dizer sem receio de erro e omissão clamorosa.

Eu quizera que você na sua revista facilitasse o intercambio dessas grandezas estellares que uma nuvem rebelde e feimosa occulta ao nosso firmamento.

Qual é (entre os novos já se vê) o grande poeta argentino?

Não existirá, no momento?

Póde ser que a grande Republica esteja sob um eclipse momentaneo; mas o mais provavel é que o eclipse seja a nossa propria sombra de inveterada ignorancia.

Est'outro dia, Barbosa Lima Sobrinho fallou me um grande poeta argentino, cujo nome esqueci (como era natural, tratando-se de menção rara e unica).

Sei, por acaso, de um que deve ser ainda joven, o Sr. EVAR MENDEZ, que ha

# A MUSA DE PORTUGAL

(ALLEGORIA)

A ELYSIO DE CARVALHO

POR  
LOBÃO FILHO

Oh! Musa de Portugal, Musa do Tejo, onde Camões "chorou no exílio amargo", a tragedia amorosa da sua raça apaixonada e triste, desventurada e alegre, feliz no sorriso e na graça. Foste tu, oh! Musa querida, que resurgiste a epopéa miraculosa dos navegadores de além-mar. Foste tu, oh! Musa adorada, a fonte renascedora e excelsa desses decasyllabos sonoros que vieram eternizar uma raça de titans. Desfilaram por entre os filões do teu idioma classico e afortunado, a batalha de Ourique e a batalha de Aljubarrota, e D. Manoel entresonhando as miragens do seu espirito, e Vasco da Gama com as naves pandás á flôr do oceano immenso, em busca da promissora terra da sua exaltação de navegador. Foi ainda no escachoar harmonioso do teu idioma que sentimos e amamos as lutas homericas de um punhado de bravos luzitanos, com mouros e espanhóes. Foi na corrente amazonica das tuas emoções sentimentaes que exurgira Camões soldado e poeta, apaixonado e heróico, ora compondo rima a rima os sonetos lyricos em que fremem os amores do Passo, traspassados com suspiros de enternecimento e com o arfar dos seios de Catharina de Athayde ou ainda Camões empunhando a arma da peleja

na Africa, onde haveria de perder o olho que depois o inutilizára para as suas investidas encontaveis de poeta cortezão. Era Camões amante e rhapsódo, soldado e vicorioso. Era a tua Musa divina, oh! Portugal, que semeava o cyclo de uma epopéa no Oriente ao passo que depois criava os enxames que fabricariam os favonios paradiziacos das tuas rimas lyricas. Eras tu mesma, oh! Musa excelsa, em hosannas ao Amor do genio luzitano, "que era o seu pão de cada dia" como felizmente dissera Joaquim Nabuco. Foste o berço genetriz da nossa civilização em caminho do Centenario Politico da nossa Independencia, que te irá encher de orgulho na hora solemne dessa consagração de eleitos. Fostes tu mesma que lançaste a primeira pedra nesse edificio que se vae erigir na historia da nossa patria. Certamente que não poderias ficar alheida ao sentimento que nos impelle poderosamente ao entusiasmo tropical e bravo de uma raça adolescente e renascedora de forças congeneres. E então, para representares a alma luzitana nessa festividade historica que se aproxima, escolheste o maior dos teus filhos vivos, afim de que Guerra Junqueiro na sua sombria e magestosa serenidade de rebelde e santo,

possa compor o hymno de louvor ao Brasil, como vergonteia legitima e maior desza grande arvore mãe que se chama Patria (Portuguesa! Certamente que nenhum outro dos teus intellectuaes na actualidade poderia melhormente representar o fulgor da tua terra e da tua gente. O genio de Guerra Junqueiro soube casar victoriosamente a fecundidade do teu sólo ao esplendor symbolico e personalissimo dos teus filhos. A tua Musa, oh! Portugal, abrangendo varios seculos de miragens e de sonhos prodigiosos eternisava desapercebidamente uma raça de heróes. És tu mesma ainda, Musa querida, que resurges o tempo da tua augusta mocidade em Guerra Junqueiro, esse Dionysos corôado pela cans da velhice, perpetuando as estrophes dessa epopéa sonora de rimas que encerram cem annos de fulgor. É a tua "Musa em Férias" quem nos confessa verdadeiramente:

"E' nos dóce parar na encosta da collina  
E olhar para traz o nosso olhar plangente,  
Para traz, para traz, para os tempos remotos  
Tão cheios de canções, tão cheios de embriaguez  
Porque, ai! a juventude é como a flôr do lotus  
Que em cem annos floresce apenas uma vez.

Permittam os deuses que Guerra Junqueiro ao pisar no sólo brasileiro, possa incutir na sua Musa divina o sopro de vida e de belleza á Terra, enternecido daquelle sentimento religioso que já o fizera declamar estas rimas virgilianas:

"O' clarieiras do bosque! O' penumbras sagradas!  
Como o sól entra aqui a rir ás gargalhadas,  
E como a natureza é virginal e é pura!  
A alma se me esvae, fundida de ternura,  
Em murmurios d'amór, em extasis de crenta!  
Como isto moralisa e divinisa a gente!  
Dá-me vontade de ir subindo essas encostas,  
Ajoelhando, a beijar, a terra de mãos postas!"

E continúa, mais adiante essa oração sagrada do seu ritual de pantheismo:

"O' Natureza, ó Terra, ó minha mãe! eu sinto,  
Sinto bem que nasci do teu enorme flancó,  
E que o homem e o tigre e o cedro e o lírio branco  
São filhos a quem dá de mamar no teu seio  
Eternamente bom, e eternamente cheio!"

Tu, oh! Musa de Portugal, vieste desde esse tempo cumprindo a tua missão perante os deuses, pregando em hymnos de ascensão á Vida e á Terra, o sacrificio dos teus poetas em prol do Bem e da Verdade, cantando a derrocada do inimigo que tomba desfallecido ao solo e á felicidade edificante do vencedor que chega na vertigem do tempo, enthronado no carro de triumpho!

doze annos, em 1910, publicou na flor da idade um volume de versos — *Palacios de Ensueño*.

Por um unico documento não posso julgar-o com segurança; é um poeta modernizante, em cujos poemas o influxo da poesia franceza, de Baudelaire para cá, é assás vivo e transparente. Ruben Dario parece ser tambem um dos mestres do modernismo de Evar Mendez.

Apesar da escassez documental, estou convencido de que Evar Mendez merece talvez o titulo de notavel poeta americano, e desejaria possuir as obras posteriores a essa estréa encantadora — *Palacio dos Sonhos* — onde se entrevé a alma lyrica e inspirada de um verdadeiro poeta.

Quaes os outros da culta nação argentina?

Ora, você, meu caro Elyσιο, compreendendo como está longe da saturação a minha avidez sequiosa.

Se estas linhas puderem commovel-o, estou que a sua revista de actualidades abrirá com esta carta, que é a expressão da franqueza, um novo caminho ás relações intellectuaes entre os latinos do nosso continente.

Os nossos compatriotas teriam augmentado as suas horas de prazer e de esthesia.

Sei que existe em Pariz uma *Revista Latina*. Mas, em Pariz, os litteratos da America são em grande parte aves de arribação, homens ricos e viajados e principalmente diplomatas, o que dá, em summa, uma média falsa, imperfeita, emphatica e ás vezes deploravel. São quasi todos freguezes exhibicionistas e

pedantes que querem, antes de tudo, augmentar a boa fortuna ou o seu negócio com a aureola das letras.

Não poderíamos, acaso, por nós mesmos, fazer alguma cousa neste sentido, sem a preocupação do reclamo ou do mundanismo?

Creio que você estará de accôrdo commigo. Sinto préviamente que vou ao encontro de suas idéas que transparecem, já da antiga diligencia e dedicação pelo culto da Arte e do Ideal.

Falei, aqui, apenas de alguns poetas; mas a erudição é já um capitulo apreciavel na vida mental da America. A historia, a eloquencia, a philologia, a critica são ramos incipientes, mas fecundos, da cultura ibero-americana.

O romance tambem não estacionou no famoso idyllio sentimental de *Maria*, de Jorge Isaacs, nem as tendencias classicas e archaizantes nos livros de Montalvo.

O que nos falta a nós Brasileiros é coordenar toda essa litteratura que nos devia ser familiar, e que, entretanto, parece mover-se num systema de mundos ignotos e inacessiveis.

A approximação economica não tem andado mais melhor que a dos espiritos; mas, quando fóra uma dellas impossivel pelas condições geographicas ainda impervias, restaria a consolação de unir as intelligencias e os corações que palpitam nas terras americanas.

Eis o que espero da sua grande tenacidade e da sua formosa intelligencia, e creia-me seu amigo dedicado,

# COMMENTARIOS

## A MISSÃO NAVAL

Ainda não está assentada a escolha da missão naval que vamos contratar no estrangeiro. Já se esboçam, porém, os inevitáveis movimentos de partidarismo, nascidos, ás mais das vezes, das paixões e dos sentimentalismos que caracterizam todos os nossos julgamentos. Ha, assim, o grupo dos anglophilos, o dos americano-philos e até o dos francophilos. Argumentam os primeiros com as glorias tradicionais da maritima Albion. Ninguém melhor que os ingleses, segundo elles, poderia organizar a nossa marinha, dotando-a com os elementos necessarios á sua efficiencia. Além disso, foram elles os que mais ensinamentos tiraram da lição da grande guerra, pela prática diturna dos combates navaes, sem esquecer, ainda, que os nossos couraçados, cruzadores e torpedeiros foram construidos na Inglaterra. Os que inculcam os francezes, apoiam-se na necessidade de se manter uma igual doutrina no mar e em terra, embora a marinha de França, apesar do seu glorioso passado, não tenha attingido nunca os esplendores dos seus irmãos de armas terrestres. Balanceados todos esses prós e contras, e julgando sem sentimentalismo o caso, parece-nos que o Brasil não pôde deixar de contratar a missão naval nos Estados Unidos da America. Concorrem para essa escolha factores de toda ordem. Em primeiro lugar, sem querer equiparar a experiencia dos ingleses durante a guerra com a dos americanos, não é licito negar aos yankees um solido preparo e uma capacidade de organização de que, na propria guerra, deram elles abundantés provas. Todos os technicos de todos os paizes militares do mundo reconheceram nos americanos qualidades admiraveis de adestramento e disciplina. Seus arsenaes, suas fabricas, suas usinas de material bellico são iguaes, ou superiores em quantidade, a quaesquer outras da Europa de agora. Quanto á efficiencia das suas esquadras é, hoje, ponto incontroverso que ninguem discutirá. As percentagens de tiro dos navios são optimas, a capacidade manobreira dos seus officiaes e marinheiros é extraordinaria. Aos nossos profissionais que lá estiveram, por occasião dos concertos no S. Paulo e no Minas, causou a melhor impressão o modo por que se exercitam no mar os nossos amigos do norte. Todos os dias, de bom ou máo tempo, saham para o oceano, onde ás vezes passavam semanas, esquadrihas poderosas, acompanhadas de hydroplanos de combate. O corpo de inferiores, a bordo dos navios, é excellenté. Pelo lado do preparo, portanto, nada deixam a desejar. Acresce, porém, que já temos aqui technicos de muita competencia, contratados pelo Governo para a Escola Naval de Guerra. Teriamos, assim, continuidade de doutrina, porquanto, no jogo de guerra do nosso Estado Maior, observamos, geralmente, os preceitos americanos. Ha um ponto, contudo, de maior relevancia, e vem a ser a questão de politica exterior que o caso suscita naturalmente. A nossa boa amizade com os americanos do norte é tradicional. Caminhamos sempre de par; nunca houve o menor estremecimento nas nossas relações, e o Governo dos Estados Unidos manteve regularmente connosco um trato de alta polidez. As condições de ambos os paizes são muito semelhantes, no que se refere á sua situação politica e geographica nos dois continentes. Talvez provenha, em parte, dahi, a singularidade historica da

sympathia que nos une. Ainda na grande guerra fomos juntos á belligerancia, e, na paz, os americanos se mostraram atentos a todas as nossas reivindicações, como se collige, entre outras demonstrações, do Protocollo Wilson-Lloyd George. Tudo indica, portanto, que o Governo do Brasil contratando a missão naval nos Estados Unidos, não fará mais que retribuir por um gesto de alta significação as gentilezas que o povo yankee nos dispensou.

## A ESTRADA DE FERRO DE JACUIBA A SANTA CRUZ

Acaba de ser assignado, entre os Governos da Republica Argentina e da Bolivia, o accôrdo para o prolongamento do caminho de ferro de Jacuiba a Santa Cruz. Esse accôrdo é para ambos os paizes de importancia tal que não se faz preciso encarecel-o. Prevê-se, por elle, a construcção de uma via ferrada de 470 kilometros, custeada pelo Governo argentino. As elevadas despezas que acarretará essa obra de consideravel alcance, serão fartamente compensadas pelos rendimentos que advirão dos fretes dos transportes. A região que a nova ferro-via atravessará é a mais rica da Bolivia, e está situada entre os contrafortes dos Andes e as planicies que terminam nas fronteiras do Paraguay. Fôrma ella um vasto quadrilatero de milhares de kilometros de territorio fertilissimo, cujas condições climatericas excellentes permittirão a cultura intensiva do assucar, tabaco, café e algodão de qualidade superior, além de, pelas suas immensas pastagens, prestar-se tambem á industria pastoril. Acresce que existe nessa região petroleo de boa qualidade que um syndicato americano está explorando com vantagem. Em alguns annos, graças ao caminho de ferro, essa porção de terras incultas e inhabitadas, hoje, terá um excellenté papel economico e commercial na vida administrativa da Republica vizinha, facilitando as relações mercantis entre a Argentina e a Bolivia. Mire-se o nosso Governo nesse espelho, e veja o mal que nos tem feito a desidia dos homens de responsabilidade do Brasil, que, aos interesses collectivos e ao bem da comunidade, preferem cuidar dos seus negocios particulares e da sua felicidade domestica. Ha muitos annos que a nossa politica economica, neste continente, nos aconselhava seguir o caminho que a Argentina acaba de traçar nesse accôrdo com a Bolivia. Não faltariam, da parte dos nosso amigos neste ultimo paiz, suggestões e propostas para que realizassemos uma estrada de ferro capaz de servir ao escoamento dos productos bolivianos pelos nossos portos. Os nossos especialistas no assumpto reforçaram os argumentos dos technicos bolivianos, porém nada se fez, se não a troca de aclamações e de idéas em que somos fertilissimos. Oxalá que, por igual, não fique no papel o traçado da estrada de ferro entre o Paraguay e o Brasil...

## UM FIM PARA A LITTERATURA DE ESGOTO

Tem encontrado o mais decisivo apoio, em todas as classes sociaes, a campanha de reacção contra essa litteratura de revistas immorales, que se pretende implantar entre nós. De todas as partes, as vozes avisadas têm mostrado os inconvenientes dessa pornographia, que tão facilmente amollenta a juventude descuidada, sobretudo no seu periodo inicial. Aos meninos dos collegios, na crise vio-

lenta da puberdade, quando uma forte educação moral e uma serena disciplina devem evitar os desvios perigosos do sexo, a estes, sobretudo, essas revistas vão perturbar, com suas paginas lubricas e suas gravuras obscenas. A venda em todos os jornaleiros, annunciada aos pregões, facilitados ao primeiro que chega, torna sua divulgación de um maleficio consideravel, contaminando os costumes na mais impune liberalidade. A defesa apresentada é dos que causariam o riso, se não produzissem logo viva indignação. Basea-se no facto de revistas do mesmo genero, francezas, serem vendidas no Brasil. Sem defender essa venda, somos forçados a não ver nisso uma milionesima parte do mal causado pela divulgación das nossas. Em primeiro lugar, as revistas francezas são vendidas em algumas casas, somente, que não as expõem com reclame; segundo, são escriptas em lingua muito conhecida, mas pouco accessivel aos collegiaes, que, todavia, lhes ignoram as existencias. Portanto, entre isso e as edições nacionaes (porque em geral copiamos as estrangeiras) da *Vie Parisiense* e outras que haes, ha forte differença, onde está exactamente todo o mal, todo-o perigo. O Governo tem o dever de agir. O acto do Chefe de Policia, queimando uns exemplares, não teve seguimento e pôde ser de legalidade duvidosa. Mas, nos lembramos e suggerimos remedio proveitoso. Ha um artigo do regulamento dos Correios que prohibe a franquia aberta a revistas ou publicações immorales. Portanto, só podem ser expedidas, fechadas, fagando o porte de cartas. Foi isso que, em 1910, executou o Dr. Ignacio Costa, quando Director dos Correios, matando um surto de revistas immorales, semelhante a actual. Com a circulação limitada a esta Capital e obrigada a pagar taxas postaes superiores ao custo do numero, todas as *Maçãs* hão-de cahir peccas...

## A NACIONALIZAÇÃO DO ENSINO

Repercutiu de modo intenso, nos circulos europeus, em que se cogita de emigração para o Brasil, a nacionalização do nosso ensino, decidido pela "Conferencia de Ensino Primario", que se reúne nesta Capital, em Novembro proximo passado. Os jornaes allemães a têm commentado por varias fórmas, extranhando, em geral, a decisào visto como pretendem que não temos meios de effectiva-as, como se pôde concluir das seguintes declarações de um alto funcionario da Inspectoria de Imigração Allemã:

"O povo que emigra da Alemanha para o Brasil presta com o seu trabalho inavaliavel serviço ao seu paiz de adopção, transformando um deserto em região fertil e cultivada. Essa gente deseja dar educação aos seus filhos e estes desejam recebê-la. Se sujeitam-se a ir para regiões desertas, não querem o deserto da educação. Dahi a politica escolar de uma educação nacional, sem meios para effectiva-la, é uma offensa feita a quanto é mais caro ao coração de qualquer homem que tiver a mais simples noção de cultura. Se essa revolução na politica escolar for approvada no Brasil, a Alemanha, em taes circunstancias, não encorajaria os seus filhos a viverem sob tal lei. Noutras palavras, seria um principio para os allemães: "Sem escolas, não ha emigração."

Illude-se, porém, o illustre funcionario germanico. Não queremos deixar sem instrucção os filhos dos colonos que

nos procuram, mas precisamos obrigar o estudo de nosso idioma, o conhecimento de nosso paiz e a formação pelos nossos valores. O que se pretende terminar, é com o abuso de certas escolas, em que se não lecciona o portuguez, sendo todas as disciplinas estudadas através da lingua estrangeira. Não vamos sequer limitar a faculdade do ensino das outras linguas, apenas obrigar o da nossa, cessando aquella extranha anomalia, que constitue extravagancia e absurdo. Também nós, na America, temos o commercio com os sabios allemães, ao menos para lhes aprender as lições fecundas, sobre a influencia logica da lingua na formação das nacionalidades.

**DELINQUENCIA**

Não pôde passar despercebida a conexão existente entre os ultimos e numerosos crimes da cidade, quando não em seus intuitos, quasi sempre nos seus actos externos. Para os que se interessam pela manutenção da ordem social, que não é um simples caso de policiamento, mas a resultante de innumeradas forças moraes, economicas e politicas, o que temos observado é o fruto de grande incuria em nossa organização de sociedade, cujos problemas mais graves ainda não conseguiram mover a distrahida observação de nossos mentores. O factor primacial, o que mais directamente concorre para essa epidemia delinquente, é a noticia do jornal. O escandalo em torno do crime, os titulos pomposos, as photographias mais minudentes, a pormenorização das causas e dos episodios occorridos, a devassa a mais completa em todos os elementos concernentes ao caso, a excitação da sensibilidade dos leitores, com a descrição atambichadas das scenas de dor e de desespero, eis os factores directos dessa contaminação alarmante, repetindo-se os delictos em condições semelhantes e de causas aparentadas. Sobretudo, no referente a crimes passionaes, como acontece no periodo actual, a influencia dessas noticias sobre os animos fracos, excitaveis ou morbidos, é poderosissima. Ao primeiro crime de mulher, seguiram-se varios. Ao primeiro crime com o suicidio do matador juntaram-se logo mais tres ou quatro, revelando bem a parte suggestiva dessas noticias escandalosas, que a defesa social é a primeira a condemnar. Se, ao invés dessa literatura de crimes, em que os reporters se iniciam na profissão, os jornaes se limitassem a noticiar simplesmente os factos, evitando os commentarios e as discussões apaixonadas em torno, não teriamos, por certo, essa contaminação delinquente, cujos resultados deploraveis vivemos a lastimar. Caberia, pois, á nossa imprensa, numa nobre solidariedade, encerrar essas reportagens de sangue, que é uma perpetua suggestão ao crime. Um outro ponto, já discutido pela imprensa, é o da venda das armas de fogo, ao primeiro comprador que se apresente. Apesar da contravenção que pune andar armado, ninguem della se recorda e só não traz seu revólver quem dellé não se lembrar, ou não o quizer. Vimos, agora, uma senhora, fugida de casa, em estado de loucura declarado, adquirir uma arma, com que, horas depois, tiraria a vida a um medico illustre. Nas casas de armas, nos *belchios*, em toda parte, emfim, se pôde adquirir uma pistola ou um revolver, sem que haja o minimo entrave. É a cousa mais natural do mundo, como comprar os cigarros ou o jornal. No entretanto, as substancias toxicas têm sua venda cercada de numerosos resguardos, como se a bala matasse menos do que a strichinina, ou o lysol. Se essas especies não pódem ser adquiridas senão em determinadas circumstancias, em que haja uma inducção de seu emprego licito, não deviam as armas de fogo gozar de im-

munidade, antes, sua compra deveria, tambem ella, estar cercada de certas garantias, evitando, porventura, ou, ao menos difficultando, a aquisição por qualquer individuo que as pretendesse. Na sociedade moderna, o fundamento de punir deslocado da vingança para a defesa e sellacção, o dever do Estado está em prevenir, já representando a repressão um erro inicial, uma falha de sua acção. É bem verdade que, em materia de lei penal e regimen penitenciario, tudo que temos é tão velho e absurdo, que parece incrível. Rege-nos um código apressado, obsoleto e velho, crivado de reformas, nem sempre presas a um mesmo criterio que constitue o maior beneficio das codificações. Sua pratica, não é menos defeituosa e sua actuação penal, por via de regra, deplorabilissima. Ainda não temos sequer a prisão cellular, que o Código introduziu. A repressão, salvo em alguns centros mais cultos, ainda é um admiravel incentivo para o crime. Basta olhar, uma cadeia do interior, em cujos cubiculos escuros e infectos os presos passam, annos e annos, remoendo, dia a dia, toda a vingança negra contra aquella sociedade, que o encarcerou como a uma fera, naquella jaula immunda! Evidentemente, taes factos se unem, na mesma resultante, para lembrar aos nossos legisladores a necessidade de um novo código e, sobretudo, de leis de prevenção e defesa, para evitar o crime, a contaminação nas almas fracas ou predispostas, e a facilidade em obter seus instrumentos mais communs. Precisamos de uma prophylaxia social, como elemento indispensavel de educação do povo.

**A CAÇA AOS PREPARATORIOS**

Seria difficil imaginar peor organização didactica do que a dos nossos preparatorios. Temos, nas varias reformas, contribuido, efficaçmente, para difficultar o estudo, incentivar o máo preparo por essa ridicula "caça ao preparatorio", com que os pais, avidamente diplomam os filhos, com a receita da sebedoria official. O regimen actual, de todos, parece o mais funesto. Pela seriação, ao menos o alumno era obrigado a frequentar o collegio, durante oito mezes, sem 30 faltas; era obrigado a ouvir as aulas e dar provas de seu aproveitamento, em sabbatinas e cursos, preparando as médias, que o garantiam, em parte, do insuccesso de um exame. Agora, não. Só existe uma prova — o exame. É esse o unico cadinho da competência do estudante, o que vale dizer é o meio mais precario de se lhe estimar o preparo, pois através das exames da banca, ninguem poderá dar conta exacta de seu proprio valor.

Mas, a "caça ao preparatorio" offerece, ainda, aspectos mais edificantes.

Com a preocupação do doutoramento, que fascina todos os pais brasileiros, poucos, rarissimos, são os que não dispõem os filhos, desde os onze annos, para começar a "tirar os preparatorios". Os primeiros são: portuguez, arithmetica e o geographia, que, até os doze ou treze annos, devem estar liquidados. Portanto, temos um menino, ainda sem o desenvolvimento precizo, habilitado no estudo do nosso complicadissimo exame e em toda a arithmetica, cuja comprehensão, aliás, não lhe é possível. Dahi por diante, com bases tão frageis, os absurdos se vão succedendo, mas, aos 16 ou 17 annos, estudante habilitado, officialmente, em 14 disciplinas basicas, tem o *necessario* preparo para se matricular nos cursos superiores. Lendo a percentagem das reprovações no Collegio Pedro II, sente-se bem como a manipulação dos preparatorios se faz.

Vejamos, por exemplo, a cadeira basica-portuguez. Na 1ª época este anno,

inscreveram-se 922 examinandos, tendo prestado o exame '847, destes 453, ou 53 % foram reprovados. Dos aprovados 297 foram simplificados; 92, pleni-ficados e 5 distinctos. De sorte que, dada de barato a justiça desses resultados, apenas 97, dos 394 aprovados, têm um certo conhecimento da lingua, que não ha-de ser, contudo, de grande firmeza. Em arithmetica — outra disciplina primacial — o caso não é menos suggestivo. Inscriptos 1.043, prestaram o exame — 956, reprovados 445, ou 46 %. Aprovados 511, sendo 9 distinctos, 149, plenamente e 353 simplesmente. A consequencia a tirar, de novo, é que a enorme maioria dos aprovados não tem o conhecimento devida da materia. Isso vae se repetir em todas as disciplinas, accusando o total de 2.275 reprovações em 7.339 exames, com 3.111 simplesmente para mil e poucos plenamente e apenas 245 distincções. Este é o quadro lastimavel dos exames de preparatorios, denunciando um estudo apressado, para *passar*, não perder muito tempo, matricular-se cedo, doutorar-se mocinho... Isso que ahi temos é uma contrafacção do ensino, a maior culpa desse bacharelismo ignorante que, todos os annos, sae das faculdades, não só das de direito, mas de todas as escolas sem bases, sem elementos de cultura, nem capacidade para vencer.

Para estes só a burocracia, essa larga porta e todas as incapacidades, que tira o estímulo e alquebranta a vontade. O erro está no começo, mas quando teremos coragem de remedial-o?

**"CAMOUFLAGE" ARGENTINA**

Um alto commerciante de Assumpção, Sr. José Monserat, dirigiu ao consul do Brasil, naquella Capital, uma carta, declarando que os tecidos do Brasil são, alli, muito apreciados, sendo adquiridos na Argentina como productos inglezes, e lamentando que tão florescente industria brasileira seja desconhecida, uma vez que a seus productos se nega a origem. Tudo isso resulta da situação de anarchia (não pôde ser outra a expressão), em que temos vivido, concernente ao nosso desenvolvimento economico. Tudo que aqui temos é o fruto louvavel da iniciativa particular, lutando tenazmente contra todos os entraves, constantes e systematicos do Governo, cuja maxima preocupação consiste em auferir de qualquer nova fonte de produção um imposto elevado, para contrabalançar os *deficits* que suas loucuras inflam, cada vez mais. O caso em questão é typico. Creamos, com grande esforço, uma industria de tecidos, mantemos fabricas de primeira ordem, conseguimos igualar nosso producto ao similar estrangeiro, e, no fim de contas, ainda elle é vendido como de outra procedencia. Onde estão os nossos representantes, encarregados de defender nossos interesses? Porque, como é sabido, não é só com o tecido que se dá tal facto, nem isso acontece pela primeira vez. Com o nosso café, estamos cansados de saber que elle é beneficiado, em centros europeos, para ser vendido como café de Moka, sendo tido o café brasileiro como de segunda qualidade. E o Governo, que tem feito? Embaixadas de ouro... Não temos propaganda no estrangeiro, mas, ao menos, tivéssemos defesa, evitando que nosso esforço passasse como alheio e o fruto honroso de nosso labor e de nosso dinheiro não viesse a receber chrismas em outras terras. O negociante paraguayo lembra a necessidade de nossas fabricas e casas de tecidos estabelecerem representações em seu paiz, onde o producto nacional é tão bem aceito, mercê de sua qualidade superior. Cabe-nos, é certo,

grandes culpas em taes factos e nossa proverbial desidia, juntamente com nosso conhecimento do descaso do Governo por taes assumptos, já deveriam ter orientado melhor a nossa propaganda nos meios commerciaes estrangeiros, independente de qualquer acção official. Estamos convencidos de que as associações commerciaes, sobretudo as mais directamente ligadas ao assumpto, hão de tomar em devida conta o aviso do Sr. Monserat, que encerra, aliás, uma dura lição.

#### EMBAIXADOR FONTOURA XAVIER

Foi uma dolorosa perda para as letras e para a diplomacia, a de Fontoura Xavier, fallecido em Lisboa, onde era acreditado Embaixador Extraordinario junto ao Governo portuguez. Saliu-se, na vida publica, desde os tempos entusiasticos da propaganda republicana, formando na sua vanguarda, ao lado de Julio de Castilho, Assis Brasil, Ramiro Barcellos e outros proceres rio-grandenses, onde sua acção foi das mais decididas e brilhantes. Ainda por algum tempo, fez o jornalismo. Em 1885 entrou para a carreira diplomatica, onde galgou todos os postos, até o de Embaixador. Foi, durante a guerra, nosso Ministro em Londres, o que equivale a um elogio á sua capacidade de diplomata. Como escriptor, Fontoura Xavier publicou varios livros, salientando-se *Opalas*, versos lyricos, que lograram tão larga estima, e uma série de *trioletes*, feitos com grande sensibilidade e finura. Era um espirito de espôr e soube sempre se impôr, pelas qualidades e virtudes do estadista e do cavalheiro, num mesmo circulo de respeito e admiração. Antonio Fontoura Xavier nasceu a 7 de Junho de 1856, era filho de Gaspar Xavier da Silva e de D. Claudina da Fontoura Xavier, descendente de velha familia de alta nobreza portugueza, cuja arvore genealogica está registrada na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Vindo para o Rio de Janeiro, em 1870; estudar humanidades, matriculou-se em 1874, na antiga Escola Central, mas em 1878 abandonou este curso, partindo para S. Paulo, em cuja Faculdade se matriculou. Abandonou os estudos e veio para o Rio de Janeiro, com reputação de poeta. Entregou-se então ás letras, collaborando no *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Noticias*, no *Reporter*, no *Bezoiro*, na *Revista Illustrada*, fundando por fim, com Arthur Azevedo e Annibal Falcão, a *Gazetinha*. Em Porto Alegre redigiu a *Federação*, com Assis Brasil, Julio de Castilhos, Ramiro Barcellos, Venancio Aires e outros. Em 1885, foi nomeado Consul do Brasil em Baltimore e, em 1891, removido para o posto de onde foi promovido a Consul Geral na Suissa e em seguida a Consul de 1ª classe, na Republica Argentina, de onde seguiu no mesmo character para Nova York. Representou no Mexico o Brasil, como 1º Secretario da missão especial, que tinha como Presidente o Dr. José Hygino Duarte Pereira.

#### IMMIGRAÇÃO JAPONESA

Informa-se, com segurança, que o nosso governo se entendeu com o do Japão, afim de abrir aos amarellos insulares as terras do Brasil, favorecendo-lhes a immigração. No caso, ha dois pontos a discutir: primeiro, a conveniencia de fazer a immigração onerosa; segundo, a utilidade do braço japonês. Abandonemos aquelle, por não ser o momento de discutil-o, para cuidar do segundo, que tão directamente nos interessa, no momento em que se pretende incentivar semelhante corrente immigratoria. Os paizes novos e que dependem do braço estrangeiro, devem buscar orientar sua immigração, de modo intelligente e precavido, evitando

difficultades economicas, perigos ethnicos, ou a formação de centros heterogeneos. Antes de tudo, por mais que tenhamos em conta o esforço e o trabalho japonezes, convenhamos em que não ha entre os amarellos e nós a minima relação, que os torne, sob o nosso sol, um elemento homogêneo na communhão nacional, como acontece com os demais colonos brancos, ou aconteceu mesmo com o preto. Indole e character inteiramente diversos, vivendo retrahidos, só se juntando com seus patricios, os japonezes são e serão, no Brasil, homens apartados, isolados, sós. O caldeamento, aliás não aconselhavel, não se daria nunca, por uma divergencia fundamental entre as raças que não cruzam, de sorte que os nipponicos não têm a menor possibilidade de se fundir no conjunto nacional. Portanto, são indesejaveis como immigrants. Tambem não são bons elementos pelo lado economico. O japonês é extremamente sobrio, ao revés dos occidentaes, tem uma grande capacidade de trabalho e produzindo muito, gastando pouquissimo, mesmo com a alimentação, se contentam com vencimentos moderados. O resultado é vencerem facilmente na concorrência com os do paiz, que vão eliminando aos poucos, uma vez que lhes falta força para segregar-os. O resultado é estabelecer uma verdadeira crise nacional, como aconteceu nos Estados-Unidos, na California, obrigando esse estado a prohibir a immigração nipponica, como medida de salvação publica. Esse aviso não nos devia passar despercebido. Mas o que attrahe nossos fazendeiros e os leva a solicitar o trabalhador japonês, é a modicidade de seus salarios. O Estado, porém, em face desses interesses particularistas e das necessidades nacionaes não deveria nunca titubear, muito menos favorecer aquelles, como está acontecendo. Essa preocupação de mandar buscar japonezes, quando outros povos mais em harmonia conosco estão dispostos a incentivar sua immigração para o Brasil, não se justifica, como ainda pôde vir a estabelecer uma crise de consequencias gravissimas, para as quaes é licito chamar a atenção de nossos estadistas, prevenindo dissabores os mais amargos. O problema da immigração não pôde ser resolvido por um jogo de interesses pecuniarios, mas pela tendencia de nosso povo, seus pendores e suas ne-

cessidades. Incorporar o immigrante á terra é o dever primordial do paiz que o recebe, do contrario, estará semeando as mais serias complicações para sua propria estabilidade, acolhendo filhos indesejaveis. Por essas razões não podemos applaudir a vinda dos japonezes e estimariamos que o Governo, meditando de novo no assumpto, arrefecesse seus entusiasmos por essa gente, admiravel sem duvida, mas inadaptavel ao nosso meio e ao nosso destino.

#### A REFORMA DE CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS

Merece bem as honras de um commentario o *steeple-chase* em que andam empenhados varios Estados da Federação no que diz respeito á mudança continuada das respectivas constituições. A politica dos Estados é que deve formar a politica da União. Entretanto, os representantes da Nação, que são os politicos dos diversos Estados, não admittim que se toque na Carta de 24 de Fevereiro, ao passo que batem palmas a quanta innovação queiram os Governadores introduzir, em cada periodo administrativo, nas leis que são o fundamento da organização politica estadual. O phenomeno só tem uma explicação: receiam os *lobatarios* das diversas capitancias do Brasil que, na forma da Constituição Republicana, se consiga fazer uma melhor distribuição de rendas, uma mais perfeita fiscalização contra a má pratica do regimen uma oportuna intervenção nos Estados, que exijam a reprimenda da União para se conter dentro das normas da moral administrativa. Com a Constituição que temos, é facil burlar a acção central, que se sente impotente para por termo a uma sequencia de desatinos, que deixa de prejudicar o Estado, onde é praticada, para ferir fundamentalmente o nome do Brasil. O art. 6º jámais conseguiu uma regulamentação detalhada. Nos termos geraes em que está redigido permite estabelecer a duvida nos casos que vão ocorrendo, e para não abrir precedentes, de consequencias desastrosas, se não houver muito criterio na interpretação do texto, deixa-se aos Estados a liberdade de tudo fazerem, venha embora a União ser victima do erro commettido. Para não fallar em todas as consequencias dessa liberdade

#### O ENSINO PRIMARIO NO DISTRICTO FEDERAL

Todos quantos se interessam pelo problema da instrução primaria entre nós, não podem mais esconder o seu espanto deante do que se vai observando, dia a dia, na capital do paiz. Os nossos administradores municipaes, se quizessem, propositadamente, mostrar o seu descaso no tocante ás questões pedagogicas, não poderiam dar melhores attestados de incuria e incapacidade que esses que se nos deparam. A Prefeitura pede, para a reforma da instrução, milhares de contos no estrangeiro, o Conselho vota os creditos passivamente, o dinheiro entra para os cofres do erario municipal, mas o seu aproveitamento é uma incógnita dolorosa. A frequencia das escolas é exigua, infinitamente mofina, se attendermos ao desenvolvimento da população no Districto Federal. Faltam docentes e escasseiam as escolas publicas. Certos districtos apresentam o triste phenomeno de não terem uma só escola com matricula aberta, sendo que, na maioria dos outros, a lotação de alumnos é excedida de muito, crendo, assim, sérios embaraços no tocante ás condições de hygiene e moralidade. Que faz o Prefeito? Ao invés de abrir manda fechar escolas, adquire predios inadaptaveis a fins pedagogicos, a exemplo do que acaba de fazer em Jacarépaguá. A pretexto de ser preciso concertar os predios velhos e revelhos, ordena a interrupção das aulas, como acontece, agora, com a escola da Muda da Tijuca, fechada por motivo de reforma. Ficam, pois, sem instrução todas as crianças que ali a recebiam, porquanto, só muito longe, na Estrada Velha da Tijuca, poderiam encontrar matricula este anno.

Emquanto isso, o barro do Morro do Santo Antonio, entregue á incompetencia de um syndicato bisonho, rola, em alluviões, nos dias de chuva para o centro da cidade, entulhando irremediavelmente as ruas principaes do Rio de Janeiro, transformando-as em succursaes dos atoleiros e das picadas intransitaveis do sertão. Emquanto isso, as obras da Avenida Atlantica sugam, subrepticamente, o ouro das arcas municipaes; emquanto isso, continuam as explorações dos aterros do Castello e da Lagôa Rodrigo de Freitas. Será crível que, no anno em que commemoramos o primeiro Centenario da Independencia, ainda supportemos uma administração que prefere dar margem aos pequenos escandalos de imprensa, a abrir escolas para os nossos filhos?

ampla, basta recordar as dores de cabeça da União, quando lhe chega ao conhecimento que algum dos Estados, que a compõem, deixa por descaso, por falta de boa orientação, na direcção dos seus negócios, ou por motivo de crise angustiosa, sobrevida á depreciação do seu principal producto de exportação, de pagar o "coupon" da sua divida externa. O prestamista, saiba mesmo que o Governo Federal não é responsável pelos actos do Estado, a que emprestou o seu dinheiro, vem bater-lhe ás portas do momento em que lhe negam o pagamento. E, queiram, ou não, a pessoa juridica perante as Nações é sempre o Brasil, representado por seus poderes federaes. Portanto, aos Estados mal governados, que precisam de numerario para este, ou aquelle fim licito, ou illicito, nada mais facil que pedir a economia dos estrangeiros com que gastar á larga num reduzido periodo de administração local. Quem vier depois que feche a porta e a União que pague, se não quizer ver em cheque o nome do Brasil. Uma reforma da Constituição evitaria essas facilidades, o que lhes não pôde servir. Mas aos interesses do partidario, que apoia esses magnatas das situações estadoaes, convém, uma vez por outra, reformar a Constituição do Estado. Por que seja ella por força de disposições da Constituição Federal, obrigada a respeitar os principios cardaes do regimen, a magistratura é vitalicia. Mas, o odio partidario, por esses feudos afóra, não consente que os magistrados mantenham a independencia que lhes vem dessa vitaliciedade. E para feril-os, sempre que se apartam das graças do Governo, só um recurso encontram os detentores do poder, que é a reforma da Constituição para declarar em disponibilidade os juizes recalcitrantes. Ou para isso, ou para permittir a reeleição do Governador, nunca é um motivo digno o que orienta as reformas. Não haverá meio de se lembrar a esses politicos que a politica é uma coisa séria? Valham-nos, ao menos, os tribunales de justiça! Considerem inconstitucionaes esses trabalhos atabalhoados e anarchicos, por occasião do julgamento dos feitos, que se basearem na reforma. Mostrem assim os tribunales dos Estados, o Supremo Tribunal, os juizes singulares, que ainda ha juizes no Brasil...

(Do "Jornal do Brasil").

**"PARADOXO"**

Noticia-se, com dados positivos, que o Brasil tem importado feijão de Argentina e do Chile! Não fosse a fonte de onde vem essa noticia, e seria caso de pol-a em duvida. Uma vez, porém, que, para nosso mal, ella é verdadeira, e estamos a comprar feijão, a preço de ouro, merece o facto os mais sérios commentarios. Não se trata de bordal-os; em lyrismo, lamentando a má sorte que nos levou a importar o alimento mais genuinamente brasileiro; mas de procurar na incuria de nossos governantes a causa primacial desse symptoma de decadencia economica. Vivemos constantemente a clamar contra o erro palmar de pôr entraves ao nosso desenvolvimento com a plethora de impostos, asphyxiando a produção, num circulo de tenazes, de que não lhe será possível libertar-se. Por outro lado, os transportes carissimos, sem que o Governo cuide de estabelecer uma melhor situação para as vias ferreas e maritimas, obrigadas a elevar as suas tarifas, tornando-as, não raro prohibitivas. O resultado é que o feijão importado é vendido pelo mesmo preço do producto nacional. A nossa lavoura vive, sobretudo a de cereaes, no mais completo abandono, ao léo da sorte adversa, sem o estímulo e até sem forças para vencer as difficuldades que se lhe antolham.

O Governo, ao em vez de proteger, difficulta, incapaz de tomar medidas de

grande alcance, que ponham termo a semelhante estado de cousas. Não estamos a fallar em abstracto, mas citamos o caso do feijão, cuja importação, não só nos prejudica, como até nos humilha. O feijão é o alimento basico da nossa população, sobretudo das classes pobres; sua produção é abundante e seu cultivo facil; entretanto, devemos importal-o, porque o nosso não chega para o abastecimento, por apodrecer ao longo das linhas ferreas, ou não consegue vencer todos os onus que cerceam sua entrada nos mercados. Se o producto estrangeiro é vendido aqui, por preço igual ao nosso, significa que os paizes vizinhos têm melhor aparelhamento economico (e de facto têm), de sorte que seus productos vencem as tarifas e taxas de importação, para ficar em situação igual aos nossos. Ha poucos dias, citamos caso semelhante com o xarque e, agora, se renova com o feijão. O interessante, e lastimavel, é que se tratam de dous productos de primeira necessidade e que possuimos em abundancia. Não exportal-os, já seria um máo symptoma, importal-os é sem justificativa.

**DISCURSO DE ANATOLE FRANCE**

Damos a seguir a peroração do notavel discurso de Anatole France, na "Liga dos Direitos do Homem", cuja grandeza não é preciso exaltar. São estas as palavras do mestre:

"A força nada consegue, quando se applica de encontro á natureza das cousas. Já não estamos mais no tempo das victorias douradas. A ultima guerra esgotou a Europa. Erguem sobre as ruinas dos Estados fortunas privadas que já começam a abysmar-se no desmoronamento da fortuna publica.

E pôde-se indagar, com os socialistas e os communistas, se não é realmente o fim do regimen capitalista que vem. A Historia nos mostra sempre a guerra produzindo essas destruições assombrosas. Hoje, que as nações estão ligadas umas ás outras por laços que se não podem romper sem as enfraquecer ou matar e que uma corrente de vida circula por todos os seus órgãos, originando-se de uma mesma fonte commum; hoje, que os Estados Unidos da Europa, a despeito das resistencias, das suspeitas e dos odios, vão em mais de meio caminho para definitivamente comporem-se; hoje, que, segundo uma forte expressão que aliás não é minha, toda e qualquer guerra é uma guerra civil; hoje, que a sorte das armas é tal que os vencedores não se distinguem dos vencidos, — reparemos conjuntamente as nossas ruinas e, se possível, apiedemo-nos de nossa fraqueza commum. Até agora, nós não sou-

bemos fazer a paz. E' uma arte difficil, mas necessaria, tão necessaria para nós quanto para os outros povos. Sua pratica, para a massa dos homens, força grandes sacrificios dos sentimentos mais naturaes que parecem os mais legitimos. Mas é preciso applicarmo-nos a essa arte necessaria. E' preciso refazer-se a Europa. Disso depende a nossa vida. Não mais espirito de guerra!

Certamente, devemos reclamar obter as reparações que nos são devidas. Isso é de estricta justiça. Mas, não reclamemos com violencia pueril, a uma nação unica, sommas que todos os Estados do mundo, esvasiando seus cofres, não nos poderiam pagar. Eu não digo a meus compatriotas: "Não odieis mais, esquecei!" Conheço demasiadamente a pobre natureza humana para fazer-lhe essa exortação inutil.

O que lhes digo é: "Sede razoaveis e sede pacificos! Não leveis mais longe uma experiencia de força bruta que destróe o que a exerce tão fatalmente como o que a supporta. Francezes! não ambicioneis mais uma hegemonia de hoje em diante impossivel sobre a terra e sobre o mar! Não sonheis mais com victorias e conquistas; não ambicioneis a sorte da grande Inglaterra: ella não é invejavel. Sejam moderados: nossa propria existencia depende disso.

Reduzamos nossos effectivos; encurtemos o tempo do serviço militar. E' absolutamente necessario poupar-nos a essas despézas enormes e inuteis.

Na desgraça commum de todas as nações, é talvez a França a menos infeliz. Não soffremos uma crise de falta de trabalho igual á que attinge os operarios inglezes. Se nossa pequena burguezia está na miseria, resta ainda alguma coisa das enormes riquezas ganhas durante a guerra, riquezas no ar, que nada sustenta e caem todos os dias. Hoje, isso é ainda toleravel; mas, amanhã! Essa miseria, que nós não experimentamos, cerca-nos de envolta. Estende-se, amplia-se por territorios vastissimos, todos os dias ganha terreno, approxima-se de nós e ameaça submergir-nos.

Para conjural-a, se possível, não temos senão um meio unico: a paz, a paz verdadeira, não a que lá está no estúpido tratado e no papel inerte, mas a paz que está latente nos corações, a paz que reparará a Europa.

Por piedade! se amamos a Gloria, se queremos realmente ser a primeira nação do mundo — que isso seja pela razão, pela prudencia, por uma justa intelligencia do que é possível e do que é bom, por um olhar tranquillo que abrace todo o genero humano. Afinal, conforme a bella expressão de Goethe, sejamos bons Europeus!"

**SEMPRE A MESMA**

O jornal argentino "La Prensa", órgão, por onde, durante muitos annos o Sr. Zeballos, seu director procurou, por despeito, perturbar as boas relações argentino-brasileiras, de ha muito que não se occupava do nosso paiz, tendo mesmo, ultimamente, aquelle ex-chancellor, feito varios rapa-pés ao Brasil e aos seus filhos. Os intuitos reservados do Sr. Zeballos, que não perdoava, o saudoso Rio Branco, ao ter sahido victorioso no caso das Missões, não eram outras sinão o de provocar na grande nação amiga uma atmosphera de antipathia pelo Brasil. Felizmente, a brilhante orientação de Rio Branco coadjuvada por Sáenz Peña, Julio Roca e outros, pôde, em tempo afastar e incompatibilizar na opinião argentina o falsificador do telegramma numero 9. Mas não é propriamente do Sr. Zeballos que queremos tratar. Queremos tão sómente dizer algumas palavras aos nossos collegas de "La Prensa" que se mostraram queixosos porque as manobras de quadro do nosso

Exercito no Sul não tiveram a presença dos addidos militares estrangeiros e mesmo dos addidos militares brasileiros junto aos nossos vizinhos. A referida folha portenha ao que parece, não conhece bem o Brazil. Somos por temperamento delicados e por certo se tivéssemos de fazer manobras do Exercito não as faríamos sem convidar os addidos militares estrangeiros. O actual movimento de tropas no Sul não é positivamente manobra do Exercito brasileiro, é uma simples manobra de quadros que não interessa sinão á nossa organização que está sendo praticada no Exercito pela brilhante Missão Militar Franceza. Foi uma pequena experiencia e um simples ensaio. Pôde "La Prensa" estar segura de que quando fizermos, no Rio Grande do Sul, ou em Matto-Grosso manobras com o nosso Exercito, o Brazil saberá convidar os addidos militares estrangeiros. Muitas vezes temos perdido por sermos excessivamente delicados e generosos...

(Da "Noticia")



# A RESPONSABILIDADE DA GUERRA DO PARAGUAY

PELO  
SARGENTO ALBUQUERQUE

É talvez o livro mais curioso, entre os publicados sobre o Paraguay dos Lopez, o do illustre escriptor espanhol D. Ildefonso Antonio Bermejo, sob o titulo de *Republicas Americanas — Episodios da vida privada, politica y social en la Republica del Paraguai*, e do qual se fez uma segunda edição em 1908, na cidade de Assumpção, capital daquella Republica.

Convém, antes de tudo, saber-se a historia do escriptor. Foi em Pariz que D. Ildefonso Bermejo conheceu o segundo Lopez por 1853 ou 1854. Achava-se alli Francisco Solano como ministro plenipotenciario do pai, Carlos Lopez, junto de Napoleão III. Não sabe D. Ildefonso bem por que o representante paraguay tomou rapidamente por elle grande afeição. Vendo a vida mofoina que Bermejo levava em França, propoz Francisco Solano ao amigo uma visita á ainda lá na Europa mysteriosa Republica, de que o pai era mais do que senhor absoluto. Assegurou-lhe mesmo que no Paraguay encontraria elementos para fazer grande fortuna, e que dentro de pouco tempo voltaria da America muito rico. Explicou mesmo Solano que a sua insidencia nascia do desejo de ter aqui Bermejo como seu auxiliar para as reformas que ia emprender no Paraguay, assim que succedesse ao pai no Governo da Republica. D. Ildefonso, que estava realmente em situação precaria em Pariz, deixou-se mover e resolveu partir para a America. Munido de uma carta de Solano para o Prêsidente Carlos Lopez, vem D. Bermejo desembarcar em Assumpção em Fevereiro de 1855. Não nos diz com clareza quaes os serviços de que o encarregaram no Paraguay, nem nada quanto os cabedae que pudesse ter alli ajuntado. Só se sabe que D. Ildefonso passou alli uns cinco ou seis annos, pelo que parece, mais estudando as cousas do paiz do que servindo a dictadura ominosa de Carlos López. Em todo o caso, é elle proprio quem nos diz que em cinco annos a "Republica mudou de physionomia", e até que teria prosperado mais "se Francisco Solano não tivesse querido continuar a conducta dictatorial de seu pai". É interessante o que nos conta ao fechar o seu livro.

Diz Bermejo: "Quando falleceu Don Carlos Antonio López (em 1862) tinha a Republica um arsenal, onde se construíam navios, e até vapores (!); a administração estava regularizada; havia mais benignidade na presidencia; seu poder não era tão onimodo; havia escolas, um seminario, aulas de latinidade; possuía fortalezas guarnecidas de canhões modernos; o exercito era numeroso e bem disciplinado; e só assim se explica como pôde o Paraguay resistir a uma guerra tão prolongada e sangrenta contra tres alliados poderosos, o Imperio do Brasil, Buenos Aires e Montevideo. Succedeu ao General Francisco López o que eu lhe prognosticára.

— Vou-me embora do Paraguay — disse-lhe eu.

— Mas que ingratidão! — respondeu-me. Eu o trouxe ao Paraguay. V. foi um leal amigo de meu pai, e na aurora de meu Governo é que V. me abandona!...

— General — respondi-lhe: quando V. succedeu a seu pai, acreditei que V. ia fazer o que me havia promettido — dar mais ensanchas ás idéas. Vejo, no entanto, que V. é mais oppressor do que seu fallecido pai.

— Sou um soldado — disse-me elle; e tenho de declarar a guerra ao Brasil.

*E' necessario dar uma lição ao Imperio para que as Republicas vizinhas me respeitem.*"

Sublinhamos essas palavras; e como é natural que o assombro que ellas devem causar a certos dos nossos espiritos venha de misturar com alguma incredulidade, ou mesmo suspeita contra a fidelidade com que as damos, queremos transcrever-as do proprio original castelhanos:

— "Soy un soldado, me dijo, y tengo que declarar la guerra al Brasil. Es necesario que las Republicas vecinas me respeten dando una lección al Imperio."

Prosegue D. Ildefonso Bermejo:

"General — respondi-lhe — se todas as Republicas se unissem para aquietar o espirito absorvente do Imperio, ainda eu approvava a guerra. Mas é o contrario o que vai succeder. Os Estados vizinhos não de ver com sympathia esta luta; e por maiores elementos que V. tenha para resistir, o Brasil queimará até o ultimo cortucho, e por fim terá V. destruido em pouco tempo os bens alcançados em tantos annos de perseverança. Não desejo eu ser testemunha da ruina total do Paraguay.

— Peço-lhe que não vá — disse-me.

— Não declare V. a guerra ao Brasil, e eu ficarei — respondi-lhe.

— Não pôde ser, Bermejo — rebateu-me. Se deixei que meu pai firmasse a paz, é porque eu queria ter a gloria de mostrar ás Republicas vizinhas que basta o Paraguay para derribar aquella colosso. (No puede ser, Bermejo — me contestó. Si he dejado que mi padre firme la paz, es porque yo quería tener la gloria de mostrar á las Republicas vecinas que el Paraguai se basta para derribar á ese coloso.)

— General — disse-lhe eu apertando-lhe a mão — não quero vel-o derrotado. Vou-me embora.

"Quinze dias depois — conclue Bermejo — nos davamos o ultimo abraço."

(E aqui, entre parentese, diremos ao escriptor espanhol — que fez muito bem saindo dali: se tivesse ficado, quem sabe lá como teria pago os abraços do seu amigo...)

Eis ahi o enfermo, o typo lombrosiano com que o Brasil teve de avir-se, e num momento da sua historia em que precisava de paz e serenidade para cuidar, como ia cuidando, de organizar a sua economia interna, e depois da phase anormal que tinham vencido as instituições. Mas Francisco Solano López não é apenas o que as palavras do Dr. Bermejo nos dizem. Elle pertence a essa numerosa e sinistra familia de criminosos natos que atormentaram as populações espano-americanas no doloroso periodo da sua formação nacional, e que deixaram as paginas mais negras na historia do continente. Tem razão um autor dos nossos dias, quando escreveu que a guerra do Paraguay não é mais que o incidente mais grave daquella phase afflictiva em que se debateram os povos platinos, principalmente, durante o periodo da sua respectiva organização politica. "O espirito de caudilhagem foi o grande vicio que se gerou entre aquelles povos assim que se viram livres da tutela colonial, como se não pudessem sair de uma senão para entrar em outra escravidão. As grandes dictaduras imperia-listas não foram por alli senão verdadeiras extensões do caudilhismo. López e Rosas são chefes de caudillos. Urquiza, Oribe, Artigas, Rivera, Quiroga, Flores, Aguirre, Carrera e tantos e tantos, com um

pouco mais de exito, teriam igualmente chegado ás pompas do imperialismo. Enquanto tinham causa interna, limitavam-se os caudillos a pôr-se em competição uns com os outros e a trazer em afflicções e amarguras a pobre humanidade que ficava a seu alcance. Lutavam, até que um dos contendores fosse eliminado. E, então, o sobrevivente victorioso não via mais nada, mais ninguem, mais lei alguma, nem principio diante de si: era soberano em pleno deserto de almas. Fundado o seu imperio no interior, ia lançando as vistas para mais longe; as suas ambições iam ultrapassando as fronteiras, para além das quaes ha sempre condições de successo aproveitáveis. Particularmente, para o caudillo platino, todas as provincias que haviam constituído o antigo vice-reinado de Buenos Aires eram um magnifico theatro de façanhas. Em toda parte sentia-se elle na mesma patria. Tudo era terra e cousa sua. Como em toda parte a situação de desordem ou de miseria é a mesma, nada mais natural do que continuar, pelos mesmos processos, a fazer cada caudillo a sua obra na provincia vizinha, como se estivesse na sua propria. Essas sinistras figuras representativas felizmente não foram muitas; e por isso mesmo é que não custou ainda mais normalizar, pela ordem interna em cada paiz, a paz internacional no sul do continente. Acabados os grandes caudillos, acabaram-se tambem no Prata todas as complicações da natureza daquellas que custaram mais de meio seculo de amarguras para aquelles povos."

O mais completo entre esses sacrificadores de homens foi Carlos López. O vulto sinistro desse homem tem de fixar-se na historia da America só emparcerado com o de Rosas, mas muito mais accentuado do que este, se é possível; e, portanto, como a mais absurda alma damnada e mais impia entre as que mais offenderam a natureza humana nesta porção do mundo. Nem ha, para caracterizal-o outra phase, outra palavra senão aquella que sahio dos labios da propria irmã diante do cadaver d'elle em Aquidaban: *monstro*. Ainda assim é preciso acrescentar-lhe alguma cousa para que o termo se lhe ajuste: foi um *monstro sem igual na historia*. Sim. Porque houve já Denys, e Neros, e Ivans, e Copronymos, e Attilas, e Francias debaixo do sol, mas nenhum desses é comparavel sequer ao reprobado de Deus e do mundo que deixou todos os dias da sua vida como um longo rastilho de sangue a assinalar-lhe a trajetória. Nenhum daquelles outros monstros creou scenas como a do Tebiquary e como aquellas outras em que foi marcando de mortandades horriveis aquella fuga de demo para o seu inferno. Quem já fez na terra o que López fez com os proprios irmãos, e que só não fez com a propria mãe porque a espada de Chico Diabo fez parar, não o coração — que o sacrilego não tinha — mas a bolsa de fel com que aquelle animal nefando pôde envenenar toda uma época afogando tantas vidas? E não é dizer que o sacrificador sacrificasse para punir, como fizeram os seus emulos na maldade e no crime. López matava por volupia de sangue. Massacrava indefesos innocentes por gula de espectaculos infames. Nunca ninguem gozou de soffrimentos como elle. Quando um general não vencia e lhe ficava longe das mãos, assassinas, fazia matar a mulher e os filhos. Não tinha noção nenhuma de justiça; e era de todo avesso a sentimentos de piedade. Tendo-se apoderado perfidamente do inditoso Coronel Carneiro de Campos, submetteu-o aos maiores martyrios e a vexames e provações que se não encontravam na historia dos monstros communs. Prendeu o miserico a um cepo no pateo do quartel —

nú, agrilhado, algemado, ao rigor do tempo, e só recebendo o alimento indispensável para que aguentasse as torturas. Ao perverso Carrera, o oriental que se deixaram cair-lhe nas garras de tigre. Ao perverso aCarrera, o oriental que se fôra refugiar junto delle quando teve de sair de Montevideo — perverso, mas seu hospede e seu servidor dedicado — a este fez primeiro cortar a mão direita, naturalmente para punil-a de lhe haver escripto os manifestos ao mundo, quer dizer — as diatribes assacadas ás nações vizinhas... Que haviam feito, que culpa tinham essas pobres victimas daquella vesania homicida? Carneiro de Campos tinha o grande crime de ser brasileiro e ter sido nomeado Presidente de Matto-Grosso... A culpa de Carneiro era ainda maior: duvidára um momento de uma victoria que o scelerado contava segura... Mas López era perfeitamente louco até como homem de guerra. Parece mesmo que os seus erros não são propriamente erros, mas planos destinados só e só a sacrificar vidas humanas, pouco se importando elle com o sacrificio da propria causa. Para atacar o Brasil, pede á Argentina que lhe abra passagem pelo seu territorio; e como o Governo de Buenos Aires lhe dá a mesma resposta que já dera ao Brasil, o desastrado manda invadir Corrientes e apodera-se da provincia, levantando contra si como inimigo um Estado que até parecia nutrir por elle alguma sympathia. E' isto de homem politico? Incontestavelmente é de um barbaro desassisado.

Eis ahi o homem com quem o Imperio tem de entender-se para assegurar a ordem internacional na Sul-America. Pensam muitos que é só o Imperio que se insurge contra López, e só porque elle era o chefe de uma republica (chegam muitos, até brasileiros, a dizer — *chefe de uma democracia!*) e o Imperio era aristocratico! Mas é exactamente contra as Republicas vizinhas que mais se acirravam os odios daquelles dictadores do Paraguay... Esses odios eram alli tradicionais. Vinham desde a independencia daquella antiga provincia. Francia foi a fera no seu covil, retrusa e de olhar de morte accendido para o mundo, mixto de demonio e de furia. Para este o Paraguay era um paiz fechado, em completo isolamento de todas as creaturas que não fossem de seu rebanho de bestas. Um estrangeiro que por alli chegasse — fosse europeu, fosse americano, fosse até argentino — estaria seguro para toda a vida. O sabio Bompland foi apanhado alli; e nem bastou a intercessão de Bolivar para o libertar. Mas não se sabe se Francia teria odiado tão fundo os vizinhos como o atrabiliario Carlos López. Este parecia-se mais com um Satan descerebrado, ou conservando de encephalo só a bossa do rancor estúpido e brutal. Nos proprios papeis officiaes não dispensava este o seu signal, como se quizesse trazer o seu povo sempre avisado do dia que vem. Todos os papeis que saiam de repartições publicas traziam no alto estas palavras: *Muera el asqueroso e immundo Rosas! Muera el traidor Urquiza!*

E como o que desejamos mostrar nestas linhas é o que foi a acção do Brasil no convívio sul-americano, e principalmente na civilização desta parte do continente — aproveitaremos logo o ensejo de dar neste ponto o que era a civilização do Paraguay no momento da guerra. Basta este documento anterior de alguns mezes á investidura de Solano López, para suggerir uma idéa das condições civis em que se vivia por alli ainda em meados do ultimo seculo. O documento é o seguinte, e é excusado lembrar que tudo quanto aqui se prescreve em relação a estrangeiros era rigorosamente

nas para a gente de casa não era preciso dar por decreto o que já estava nos costumes. Eis aqui: *"Viva la Republica del Paraguay! Muera el asqueroso e immundo Rosas, titulado presidente de la federacion!... Muera el traidor Urquiza!"* — Como Presidente de la Republica del Paraguay, ordeno y mando: Todo extranjero, al entrar en los dominios de la Republica, observará las disposiciones siguientes: 1.ª *Se descubrirá respetuosamente siempre que pasare por delante de una centinela en fucion.* 2.ª *Tan pronto como haya oscurecido, no podrá recorrer las calles de la poblacion sin llevar linterna con luz.* 3.ª *Cuando montare á caballo no podrá galopar por la poblacion.* 4.ª *Si dentro ó fuera de la poblacion encontrase al jefe supremo del Estado, si el transeunte fuere á pé, hará alta y se descubrirá; si á caballo, se apeará y usará de igual cerimonia.* 5.ª *Las multas en que incurrieren los contraventores de esta orden se satisfarán conforme á tarifa constante en el Departamento de Policia."*

Parece que nada mais é necessario para caracterizar aquella tyrannia que o Imperio vai destruir. Os que se tem occupado da guerra só com o intuito de liberado de deprimir o antigo regimen, só não se lembraram ainda de assignar as origens do conflicto. O mais que fazem é attribuil-o a intuitos imperialistas do Brasil... Mas, nem era necessario argumentar ou discutir: seria bastante ver os factos e sentir delles directamente a verdade. Se o Imperio tinha, com effeito, taes intuitos, nada mais facil, para o demonstrar, do que indicar as vantagens e os proveitos que elle, victorioso, auferiu da victoria. Nem ao menos o seu prestigio, ou a influencia que porventura passou a exercer no Paraguay, saio da guerra maior do que tinha sido antes della. Já não se falla em proveitos materiaes, que é muito facil saber quaes foram para o Brasil. Em consciencia, portanto, de boa fé e sem intuitos subalternos, não é possivel que haja quem affirme que a responsabilidade da guerra compete ao Brasil. Ella foi para nós uma imposição do destino, ferido do espirito do mal, e affrontado da loucura e perversidade de um homem. E' só Francisco Solano López o responsavel da guerra; é exclusivamente quem ha de na historia carregar com o peso do grande crime, cujas consequencias envolveram quatro povos do continente, e até hoje lhes pesam na vida.

Logo que succedera ao pai (em 1862) cuidou elle de pôr em pratica os planos politicos que o preocupavam desde muito. Quaes eram esses planos? Pelo menos o que se descobre no primeiro exame é exactamente aquelle que continha em si todos os outros, e que veio lançal-o nos azares da guerra. Sabe-se que López voltára da Europa trazendo o espirito mais aberto e a ambição de gloria mais dominante. Tem-se até vontade de ir adivinhando e surpreendendo o que andava no fundo daquella psychologia de anormal. Começou elle por um despeito irreprimivel contra as Republicas vizinhas e contra o Imperio, que desdenhavam (na sua falsa e enferma visão) o Paraguay, por ser pequeno e por ter até agora andado extranho, num isolamento humilhante, entre as Republicas sul-americanas. Desse despeito nasceu tudo. Tomaria a si fazer o Paraguay grande, poderoso, illustre. Para isso era preciso abrir caminho para o mundo. Chegar ao oceano, ter littoral maritimo, ter portos no Atlantico — é o vasto e immenso projecto que se gera no espirito trefego, leviano, infantil, daquelle homem. No seu entender, os outros povos que vai affrontar não sabem ver, nem possuem homens de genio que lhe descubram a astucia e sejam capazes de burlar-lhe os

intentos. Só elle estava formidavelmente aparelhado para uma campanha de reconstrucção politica, economica e geographica da America do Sul. Entre os povos desta porção do continente não ha nenhum que seja capaz de resistir-lhe aos golpes certos que vai vibrar. O proprio Imperio, na guerra contra Aguirre, acaba de mostrar quão mediocre é o seu poder militar. Quanto á Argentina e ao Uruguay, nem se falla: são nações desorganizadas á espera do primeiro que se disponha a fallar-lhes alto.

Eis ahi o que estava no pensamento de López. Até certo ponto, explica-se a illusão em que elle andava. Para um animo absurdamente exaltado como o delle, havia, não ha duvida, muito de verosimil nos planos que formulava. Realmente, se a esquadra do dictador tivesse vencido em Riachuelo, que teria elle feito no Prata? Nem os Uruguayos tinham esquadra, nem eram capazes de resistir a nenhuma investida, pois nenhum desses povos contava com fortificações de defesa, nem possuíam um unico vaso de guerra que pudesse enfrentar qualquer das unidades navaes de que López dispunha. Que teria então acontecido, se o dictador tivesse triumphado em Riachuelo? Nada mais simples de prever com toda segurança. Senhor do Paraná e do Prata, teria elle tomado conta de Buenos Aires e de Montevideo; e dalli dictaria leis em todas as provincias do antigo vice-reinado. Para sentir-se bem como isso lhe seria facil, basta não esquecer que, tanto na Banda Oriental como na Argentina, dispunha elle dos seus agentes e até de um partido que lhe não repugnava os intentos, porque elle fallava sempre em *união platina*, o sonho que por aquelles tempos andava a escaldar tantas cabeças. Ainda que não conseguisse travar politicamente as antigas provincias (cada qual á mercê dos seus caudilhos), é indiscutivel que alguma cousa lograria a sua politica de força, ao menos no sentido de assegurar de qualquer modo o seu trecho de littoral oceanico. E estaria elle com a sua politica victoriosa. Dahi por diante tudo lhe seria possivel e facil. Mas López se enganava redondamente apenas num ponto em que os seus calculos peccaram pela sua inverosimilhança: elle não contava com o Brasil alli, em Riachuelo, a embargar-lhe o passo. Tão despercebido do Imperio, e tão seguro do exito da sua esquadra estava López, que veio, muito prompto para o lanço da sua fortuna, pôr-se em Humaytá, de pé a bordo, para descer o rio no dia 12 de Junho e vir desembarcar em Buenos Aires, assombrando o mundo. Foi o seu grande erro: não contou com o Imperio pela frente; em Riachuelo morrera a sua causa, graças ao Brasil. Dalli por diante vai de recuo em recuo, até Lomas Valentinas; e de Lomas Valentinas por diante já não fazia mais guerra — agonizava, ou, antes, prolongava a sua agonia, até o expiro final em Cerro Corá...

Sabe-se em que condições estava o misero povo paraguayo no fim da guerra. Quando, ao mesmo tempo que se fazia a campanha das Cordilheiras, o nosso Ministro Paranhos tratava de reorganizar o Governo e a administração da terra sacrificada, não encontrou em Assumpção pessoas idoneas para os cargos politicos... se o monstro tinha exterminado toda a gente mais culta do paiz!... Foi necessario esperar que voltassem do exilio os unicos homens que escaparam á sanha do dictador, para com esses constituir uma Junta Provisoria.

E é assim que o Brasil andou pelo Paraguay levado pelo seu *imperialismo*? Que o digam os proprios paraguayos... e principalmente aquelles proprios que conosco estiveram em campo contra os desnaturamentos do tyranno.

# O MAPPA GEOLOGICO DO BRASIL

Naturalmente o nome do professor John C. Branner, agora desaparecido, não é estranho a grande numero dos nossos cientistas. E' elle uma figura de relevo nos annaes da nossa litteratura scientifica, pois, como se sabe, viveu em quasi todo o Brazil, perto de meio seculo de labor infatigavel. Os seus estudos da nossa geologia já se fizeram classicos e a sua autoridade é indiscutivel. Desde 1874 que se dedica ao estudo da nossa natureza, e os seus trabalhos correm mundo em varios volumes. Presidente da Universidade de Itanford (California, Estados Unidos), socio das mais reputadas sociedades geologicas do mundo, membro correspondente da Academia Brasileira de Lettras, o illustre professor deixou o seu nome cercado pelo mais bello fulgor, que lhe emprestou sua grande capacidade de cientista. O Brasil, onde sua morte foi tão lastimada, incorporou-o aos seus mais illustres filhos, pelo muito que fez para o estudo do paiz. Ainda agora o professor Branner publicou o resumo de sua obra consagrada á geologia do Brazil, e cujo valor nunca se poderá encarecer demais. Como nem todos os leitores cheguem talvez a conhecer este livro, não resistimos ao desejo de dar do mesmo uma noticia concisa, pela qual se possa ao menos fazer idéa das proporções e da importancia desta obra, que o autor modestamente considera como apenas uma contribuição para o conhecimento da nossa geologia. E para dar logo uma impressão que resalta do primeiro relance, é bastante dizer que o mappa collado ao texto é o primeiro que se publica integral sobre as características geologicas desta porção do continente. E' para a constituição desta carta que o sabio geologo empregou mais de quarenta e cinco annos de elaboração, só agora terminada. Com a circumstancia, nunca devemos esquecer, de realizar a impressão do livro e do mappa lá mesmo nos Estados Unidos, em Washington, e de fazer esta primeira edição em nosso idioma nacional: o que diz de modo muito eloquente das sympathias que o Dr. Branner dedica ao nosso paiz.

Sente-se bem a satisfação com que o eminente cientista norte-americano veiu a este termo dos seus intentos desvanecido de ver triumphantes os seus esforços de uma vida inteira, nestas palavras do seu prefacio: "Os dados representados no mappa e expostos no texto são agora publicados pela *Geological Society of America* principalmente como contribuição para o conhecimento da geologia da America; mas por minha parte, o faço na intenção de servir ao povo brasileiro, com o qual tenho convivido tantos annos, com o qual tanto sympathizo, pelo bem-estar do qual me profundamente interessado. Constitue um dos maiores prazeres da minha vida o haver podido contribuir desta maneira para o conhecimento da geologia do paiz onde principiei a minha carreira profissional". E não entra em materia sem dirigir aos nossos homens de governo este sabio conselho: "Após uma vida dedicada principalmente ao estudo activo da geologia e á direcção de estudos geologicos, seria uma omissão do meu dever para com o Brazil o não aproveitar a occasião para insistir junto aos estadistas brasileiros sobre a grande necessidade de uma forte animação e de apoio aos estudos scientificos da geologia por parte dos governos estadoaes bem como do governo federal. Na geologia, tanto como nas outras materias, a sciencia mesma tem de preceder a ap-

plicação da sciencia; e si o desenvolvimento dos recursos mineraes do paiz não fôr baseado no conhecimento scientifico da geologia, inevitavelmente dahi resultarão perda de esforços, perda de dinheiro, e o atraso do progresso nacional, inseparavel de methodos fortuitos."

Dá em seguida uma parte geral em que expõe: os dados valiosos que encontrou para a sua obra, e cuja insufficiente forma fragmentaria teve de assignallar; os poucos mappas, parciaes e geraes, que existem, destacando como melhores os do Barão Homem de Mello e Dr. Francisco Homem de Mello; as obras sobre a nossa geographia physica e sobre a geologia geral do Brasil, etc. Tratando dos mappas geologicos desta parte do continente, observa que udo quanto se tem feito neste sentido não passa até agora de tentativas, desde a de D'Orbigny em 1842, a de Foetterle em 1854 e 1896, a de Wappaens em 1884, etc. até a do Dr. Theodoro Sampaio em 1911. Entra depois no capitulo a que deu o nome de *Esboço da geologia estratigraphica*, no qual resume uma noticia, a mais completa que conhecemos, da nossa característica geologica geral. Ahi estuda e discrimina a geologia de todas as nossas regiões, assignalando terrenos e rochas pela sua idade, desde o archeano até as mais recentes camadas do cretaceo, illustrando de desenhos e estatisticas quasi sempre a exposição.

Passa em seguida ao *Resumo da geologia geral e economica dos Estados*, começando, em ordem alphabetica, pelo territorio do Acre. Acerca de cada um dos Estados, acrescenta ao texto respectivo uma relação bibliographica; o que é da maior importancia sem duvida para os que se dedicam especialmente a estes estudos. Quer parecer-nos que é esta secção da obra a mais importante. Para dar uma prova disso bastaria indicar o que se refere a algumas regiões. Em relação á geologia geral do Amazonas, por exemplo, dá o autor, num rapido periodo que em seguida desenvolve, toda a caracteristica: "No Estado do Amazonas, escreve, ha duas arcos de rochas archeanas, uma ao norte do grande rio, e outra ao sul. Uma dobra, ou bacia synclinal, principiando no Estado do Pará segue o eixo do valle do Amazonas, pelo menos até a altura de Manaus e nesta bacia existem rochas sedimentarias das seguintes idades: siluriana, devoniana, e carbonifera, todas ellas com a inclinação suave na direcção do eixo do valle." E localiza e descreve conscientemente todas essas camadas. Na respectiva bibliographia, indica mais de quarenta obras.

A relação bibliographica relativa ao Estado da Bahia é ainda mais extensa, alcançando a mais de setenta obras. Quanto á geologia geral deste Estado, diz que "em muitos logares uma serie de rochas palcozoicas — quartzitos e outras rochas metamorphicas — têm sido dobradas e deslocadas, e forçadas para dentro das archeanas; e que depois da desnudação dessas regiões, as rochas referidas se destacam na topographia da região como picos, outeiros e serras, geralmente com as camadas em pé, ou com uma inclinação muito ingreme". Quanto a terrenos actuaes, além do que observa sobre rochas cretaceas, escreve: "Ao longo da costa, tanto ao norte como ao sul da Bahia corre uma zona de rochas sedimentarias que encobre as formações geologicas mais antigas que ficam mais para o centro do Estado. Esta zona está cortada em diversos logares pelos rios; e onde o oceano tem solapado as camadas, apresentam-se ellas, ou como

costa alcantilada, ou como margens de taboleiros, e de muitas côres que caracterizam esta parte da costa brasileira." Na parte referente á geologia economica, informa: "São estes os mineraes e rochas de valor economico no Estado da Bahia: ouro, diamantes, carbonatos, amethystas, areias monaziticas, manganez, folhelhos betuminosos, marmores, calcareos e argilas ceramicas... Ha, porém, outros recursos mineraes neste Estado que ainda não foram aproveitados; como, por exemplo, ferro (que existe em quantidade abaixo de Chique-Chique; cobre (que se acha em Carahyba); mica, talco, graphito e pedras de amolar; salitre e salgemma (no sertão)... Os calcareos e argilas, tão abundantes neste Estado, podem ser utilizados no fabrico de cimento Portland, mas ainda o não foram."

Referindo-se a Pernambuco, diz o autor: "Sobre a maior parte do Estado de Pernambuco afloram rochas archeanas. Ao longo da costa ha uma zona de sedimentos terciarios. Ao norte de Olinda esta zona tem a largura de uns quarenta kilometros, e em certos pontos sobpõem-se-lhes rochas cretaceas. Para o sul de Olinda esta zona só tem a largura de dez para doze kilometros, e é provavel que as rochas sejam todas terciarias. Na extremidade occidental do Estado as cumiadas das montanhas, nas fronteiras com o Piauhy e o Ceará, são de rochas cretaceas que contêm peixes fosseis. Em diversos logares no interior as rochas paleozoicas são dobradas ou falhadas, e enterradas no archeano."

Em taes proporções e medidas o que se encontra acerca dos demais Estados da União. Conclue com uma parte em que faz o resumo geral da geologia economica do Brasil, e um capitulo sobre legislação mineira, tanto federal como dos Estados. Não nos cansaremos de fazer o elogio sobretudo do mappa que vem appenso á obra, o qual não ha duvida nenhuma, é o mais completo, nitido e exacto que se publica até agora sobre a nossa característica geologica. A carta geral juntouse ainda uma particular do archipelago de Fernando de Noronha. Por esta vista de relance quer parecer-nos que se pôde avaliar o immenso serviço que nos prestou John Branner, o grande amigo do nosso paiz, cuja perda tanto deploramos.



# QUESTÃO DE DEFESA NACIONAL

POR UM OFFICIAL DO EXERCITO

## ORGANIZAÇÃO DO EXERCITO ACTIVO EM TEMPO DE PAZ

Desde o dia 31 de Dezembro do anno passado tem o Exercito activo, em tempo de paz nova organização que lhe foi dada pelo decreto n. 15.235 da mesma data. A sua organização obedece aos ensinamentos da ultima guerra e traça um programma a ser realizado pouco a pouco, dentro das nossas possibilidades financeiras. Era o menos que se podia projectar, desde que se tenham na devida conta a nossa extensão territorial, a cifra da nossa situação politica no Continente.

A organização, depois de executada, accresce de muito a nossa força actual. Apesar disso é apenas sufficiente para a garantia da nossa defesa. Como a nossa politica no ponto de vista externo, é defensiva, a ordem de batalha projectada está em harmonia com os designios da nossa tradicional politica exterior.

E' possível prever-se, no emtanto, que a realização do programma militar, se fôr completado pelo estabelecimento de uma rede ferro-viaria conveniente, assegura ao Brasil dias de paz e tranquillidade.

Dentro de dez annos seremos 45 milhões de habitantes. A nossa rede-ferroviaria, se fôr augmentada em obediencia á economia e á estrategia, assegurará, em certas condições de tempo e de espaço, a nossa concentração. O programma de 31 de Dezembro, com o desenvolvimento da nossa população e da nossa riqueza, sofrerá ampliação indispensavel. Nesses dez annos, de que fallámos, resolveremos o problema do ferro e do carvão.

As palavras acima significam que a questão da defesa nacional, dentro do Continente, estará resolvida, se permanecermos fieis ás idéas actualmente em voga, no espaço de um decennio.

Nesse dia teremos a hegemonia, isto é, nada poderemos temer dos nossos vizinhos, nem elles devem desconfiar do nosso progresso e do nosso fortalecimento.

O Brasil nada aspira além das suas fronteiras. Mas o Brasil, pela extensão territorial, pelas suas possibilidades economicas e pelo numero dos seus habitantes, será o mais forte, desde que o Governo e o povo não abandonem a nossa preparação militar.

Todos os brasileiros devem fixar a seguinte idéa: — em dez annos, se quizermos, seremos os mais fortes. A nossa paz e a tranquillidade continental estarão asseguradas.

## GRANDES UNIDADES

As grandes unidades do Exercito serão as seguintes: 5 divisões de infantaria, 3 divisões de cavallaria, 1 brigada mixta. Além disso possuirá o Exercito algumas pequenas unidades independentes.

A divisão de infantaria comprehende — Quartel-General; 2 brigadas de infantaria — 1 brigada de artilharia — 1 regimento de cavallaria divisionaria — 1 batalhão de engenharia — 1 esquadrilha de observação; pessoal e órgãos dos diversos serviços.

A divisão de cavallaria comprehende: — O Quartel-General — 2 brigadas de cavallaria — 2 grupos de artilharia a cavallo — 1 batalhão de infantaria montada — 1 esquadrão de transmissões — 1 esquadrilha de observação; pessoal e órgãos dos diversos serviços.

A brigada mixta tem a seguinte composição: o Quartel-General — 3 batalhões

de caçadores — 2 regimentos de cavallaria independente — 1 regimento de artilharia mixta — 1 batalhão de engenharia — 1 esquadrilha mixta.

As quatro primeiras divisões de infantaria guarnecem respectivamente:

— a 1ª Região Militar, que comprehende o Districto Federal e os Estados do Rio de Janeiro e Espirito-Santo; Séde — Capital Federal;

— a 2ª Região Militar, que corresponde os Estados de S. Paulo e Goyaz; séde — S. Paulo;

— a 3ª Região Militar — Estado do Rio Grande do Sul; séde — Porto Alegre;

— a 4ª Região Militar — Minas-Geraes; séde — Juiz de Fóra;

A 5ª divisão guarnece as 5ª, 6ª e 7ª Regiões e a 2ª Circumscripção:

— 5ª Região — Estados da Bahia, Sergipe e Alagoas — Séde — S. Salvador;

— 6ª Região — Estados de Pernambuco, Parahybá, Rio Grande do Norte e Ceará — Séde — Recife;

— 7ª Região — Estados do Piahy, Maranhão, Pará, Amazonas e Territorio do Acre; séde — Belém;

— a 2ª Circumscripção, Estados do Paraná e Santa Catharina — Séde — Curitiba.

A Brigada Mixta tem guarnição em Matto Grosso, que fórma a 1ª Circumscripção, com séde em Campo Grande.

## COMPOSIÇÃO DAS BRIGADAS

**Infantaria** — Quartel-General e 2 regimentos de infantaria, ou 1 regimento e 3 batalhões de caçadores.

**Artilharia** — Quartel-General e 2 regimentos de artilharia montada, 1 de artilharia pesada e 1 grupo de montanha.

**Cavallaria** — Quartel-General e 2 regimentos de cavallaria.

## AS ARMAS

Para a formação das grandes unidades acima referidas os corpos das diferentes armas são as seguintes:

**Infantaria** — 12 regimentos, 29 batalhões de caçadores, 3 batalhões de infantaria montada e 2 companhias de estabelecimentos.

**Artilharia** — 10 regimentos de artilharia montada, 8 regimentos de artilharia

pesada, 1 regimento de artilharia mixta, 5 grupos de artilharia de montanha, 6 grupos de artilharia a cavallo, e 5 grupos e 8 baterias isoladas de artilharia de costa.

**Cavallaria** — 15 regimentos de cavallaria independente, e 5 regimentos divisionarios.

**Engenharia** — 6 batalhões de engenharia, 1 batalhão ferro-viario, 1 companhia ferro-viaria e 3 esquadrões de transmissão.

**Tropa especial** — 12 esquadrilhas de aviação — sendo 5 de observação para as divisões de infantaria, 3 esquadrilhas de caça, 3 esquadrilhas de bombardeio e 1 esquadrilha mixta. 1 companhia de carros de assalto.

## EFFECTIVOS

Quando estiver realizado o programma alludido o effectivo do Exercito em tempo de paz será o seguinte:

	Officiaes	Praças
Infantaria .....	1.325	32.165
Cavallaria .....	490	12.479
Artilharia .....	911	21.383
Engenharia .....	121	3.563
Aviação .....	60	1.077
Total .....	2.907	70.667

Incluindo-se o pessoal da artilharia de costa, companhias de aviação, carros de assalto e contingentes especiaes, o total do Exercito em tempo de paz será de 3.956 officiaes combatentes e 74.460 praças.

Em que tempo será realizada a organização? Não sabemos, nem o decreto o diz.

Em tres annos poderíamos completala. O problema da organização do Exercito reduz-se hoje a uma questão de ordem financeira. Todos os trabalhos preliminares estão feitos, inclusive os regulamentos de todas as armas e de todos os serviços. A instrução sob a direcção espirital da M. M. Franceza, prosegue com exito.

O problema sahio do dominio tecnico para o dominio da administração: construção de quartéis, aquisição de material, aperfeiçoamento da industria militar. E tudo isso é questão de orçamento, isto é, de administração e de governo.



# AMEMOS O BRASIL

## CARTA AOS ESTUDANTES PORTUGUEZES

DE

CARLOS MALHEIRO DIAS

*Meus jovens amigos:*

Deixae-me tratar-vos assim, companheiros escolares de meu filho. Se o adagio avisa que nossos amigos são os amigos de nossos amigos, não será sem motivo que a minha *sympathia* vos abranja, desde as aulas universitarias até os bancos dos lyceus, vós, que sois a mais nobre substancia mental da geração de amanhã, sobre a qual impenderá a missão de sacrificio e de honra de reparar os erros das gerações culpadas e de reerguer a Patria do sombrio desalento em que ella jaz.

Permitti-me, pois, camaradas de meu filho, continuadores da linhagem intellectual que ascende aos escolares medievaes do bom Rei D. Diniz, um tratamento que nos acerca e que começa já por estabelecer entre nós uma afinidade sentimental, e, por isso mesmo, maior receptividade de entendimento. Sentir é meio caminho de comprehender, e eu quereria dirigir-me, simultaneamente, á vossa intelligencia adextrada em aprender e ao vosso coração prompto a emocionar-se, pois de pouco me valeria convencer a vossa razão, se não pudesse tocar o vosso sentimento.

Não será no tom sapiente de um reitor que me dirigirei a vós. Que sou eu mais do que um estudante? Ainda não cessei de estudar e antevejo curta a vida para o muito que me falta aprender. Ha entre a minha existencia no declinio e a vossa vida primaveril uma identidade: ainda não perdi a fé e conservo illusões. Uma bella miragem seduz-me mais do que uma feia realidade. Antes quero duas aves do Paraiso a voar do que uma coruja na mão. Foi com esta fé idealista que todas as nobres proezas se commetteram. A historia de Portugal não é mais do que a historia bella e triste de uma fé que se eleva, que attinge o sublime e que, depois, mingua, fenecce, até quasi extinguir-se nos bruxoleios do desvario. Uma voz sem fé não póde fallar da Patria sem sacrilegio; e é para fallar-vos de patriotismo que vos escrevo esta carta e vos dirijo este appello.

Apresento-me perante vós com uma vida sem maculas, o que compensa a sua falta de brilho. São palavras estas que não podem soltar-se no exilio. O exilado não tem fiador do seu passado.

Qualquer adversario se atreverá, facilmente, a cercal-o de suspeitas insidiosas. Só este direito de poder fallar livremente basta para tornar querida a terra da Patria. Vós todos que conheceis os sacrificios que me têm sido impostos para a preservação da minha dignidade, e que sabeis que nunca trepidei em servil-a, nem quando ella se cercava de maiores perigos e a transigencia de maiores seducções, vós não ignoraes que sou incapaz de vos faltar á verdade.

Veje-vos illudidos e pretendo elucidar-vos. Quero dizer que estaes sendo as victimas de um equivoco, e, porventura, os cumplices, embora inconscientes, de uma injustiça. Vou fallar-vos bem do Brasil, entusiasticamente bem,

com a insuspeita autoridade de quem defrontou, sem que a razão se lhe haja turbado, as mais impiedosas hostilidades. Esses ataques rancorosos eu os invoco, nesta hora, como o maior prestigio de que póde revestir-se perante vós a minha modesta personalidade. Elles não deixaram residuo de malquerença no meu coração contra a terra generosa para onde me conduzio, desamparado, a intransigencia das minhas convicções politicas. Elles não perturbaram o meu raciocinio, nem me escureceram a visão da equidade. Continúo inquebrantavelmente a sobrepôr os interesses sagrados da Patria aos meus resentimentos mesquinhos. Aprendi a considerar a paixão o peor mal humano. Foi desse flagello que Deus se servio para nos castigar pelos nossos desatinos. Execrae a paixão, que allucina e cega. Só o amor nos esclarece, nos eleva e nos salva. *Ubi amor, ibi anima.*

No meio das vicissitudes a que o destino condemnou a nossa amada Patria, ferio-vos, em pleno peito, o eco de um desprezo insultuoso emanando de uma terra que a vossa afeição extrema de quantas ha no mundo.

O Brasil renegava a sua progenitora historica! Na mesma lingua que lhe ensinámos a fallar, o Brasil repudiavamos! Na mesma hora em que as vinte filhas americanas de Hespanha exaltavam com enternecido respeito a *Mãe Patria*, o Brasil diffamava a sua mãe gloriosa, cuspiam nas sepulturas dos antepassados, impetrava do tribunal da Historia a condemnação de Portugal, pelo crime de haver fundado, defendido e legado aos brasileiros a maior nação da America!

Se reflectirdes um instante, sereis os primeiros a rejeitar essa insinuação insensata, que pretende mostrar-vos um povo empenhado em desacreditar as suas origens, quando todos os povos as embellezam com as miragens exaltadoras das lendas ou as divindades tutelares da mythologia. Que interesse podia ter o Brasil em apresentar-se no convivio das nações com o villipendio da macula genetriz? Encarae, face á face, a hedionda intriga. Se ha para o Brasil um interesse, é contemplar a sua progenitora nimbada de respeito, illuminada pelo fulgor da sua gloria passada, na postura condigna de uma nação que é, entre as demais nações da Europa, a unica que já no seculo XIII acabara de delimitar o seu actual dominio.

Não vejo tambem que interesse possamos ter em prolongar, desmesuradamente ampliada do nosso lado, uma antipathia circumscripta a algumas dezenas ou centenas de lusophobos, isolados entre trinta milhões de brasileiros. Os interesses materiaes que hoje nos prendem ao Brasil são quasi invisiveis em confronto com os interesses espirituales. Em 1822, quando nos separámos, eramos ainda mais pobres do que hoje somos. Tudo aquillo que nos resta de grande não o realizámos com o ouro do Brasil. Não foi com o dinheiro das minas americanas que construímos a Batalha e os Jeronymos. Não foi com o dinheiro do Brasil que pagámos a primeira edição

dos "Lusiadas". Não era de ouro a espada de Nun'Alvares, nem com ouro brasileiro se pagou das suas taboas Nuno Gonçalves, o genial pintor. Mas outro interesse mais puro, mais alto, mais sagrado, nos liga e entrelaça ao Brasil: o da Historia e o do Sangue. A nossa dignidade requer que a prole lusitana prolongue, através dos seculos, o seu fraternal convivio. Não queiramos do Brasil senão aquillo que póde pretender-se em casa alheia, embora de familia. Sejam os irmãos sem subserviência e sem indiscreção. Diligenciemos dar-nos ao respeito, que é o decoro da estima e retribuamos esse devido respeito, sem quebra da familiaridade, que o aquece de afeição.

### O PATRIOTISMO E A CONSCIENCIA, DA DIGNIDADE DA PATRIA

Queixae-vos de que nos hostilizam e maltratam no Brasil. E que era nossa vida em Portugal senão um combate entre irmãos? Porventura damos o exemplo da fraternidade e da moderação? Não nos ensanguentamos periodicamente em revoluções, attentados e morticínios? Somos nós pacificos para podermos accusar, com autoridade, os discolos extranhos? Zelamos sufficientemente o nosso pundonor para nos insurgirmos com o desrespeito alheio? Estae certos de que não são as diatribes irreverentes de alguns estrangeiros que nos infamam, mas a corrupção que lavra em nossos corpos, o desvario que exacerba os nossos instinctos, o sangue que salpica as nossas vestes. Os massacradores da noite do Arsenal fizeram-nos mais damno que uma invasão inimiga. Um só dos tiros disparados naquelle *S. Bartholomeu* demagogico (que escolheu para ara de holocausto o mesmo recinto em que expiraram D. Carlos e o joven e resolute Luiz Felipe), são mais alto que todos os insultos ignaros e todas as irreverencias infames publicadas num pamphletto, que não é uma pagina da Historia.

Essas irreverencias offenderam-nos? Ai de vós, se assim fóra! Assim cuidaes que qualquer pamphletario tem o poder de attingir na sua honra uma Patria oito vezes secular? A montanha vê, indifferente, a enxurrada do valle. Sêde montanha!

A verdade é que nós estamos soffrendo as consequencias perniciosas de uma imagem falsificada da Patria. Deixae a injuria aos injuriadores de profissão. A honra não se desaggrava de insultos com o insulto. Insurgi-vos, mocidade, contra essa fraudulenta imagem de uma Patria, onde nos sentimos exilados. Proclamae que essa não é a Patria que temos guardada nos corações, como a hostia no sacrario; que essa não é a Patria de que sois dignos e que tantos sublimes artifices vos prepararam com a espada e a não, com a cruz e o arado, com o cinzel e o calamo, com a penna e a lyra. Não vos queixeis como miseros, antes alçae as vossas almas juvenis e incorruptas até ás alturas da fé; reconquistae a consciencia plena do que sois, reinte-

grae-vos na Patria dos avoengos e continue-a pelo vosso esforço e o vosso amor.

Que, perante o Brasil, a Madre Patria não perca nunca a compostura veneravel e indulgente de progenitora. Não consenti que, além do Atlantico, para lá dos mares que primeiro navegámos, na terra que primeiro descobrimos e onde vertemos sangue, suor e lagrimas na sementeira de uma nova Patria, em qualquer momento o Portugal do Contestavel, do Infante e de S. Francisco Xavier possa parecer uma regateira descomposta, fallando, em vez da linguagem grandiloqua dos "Lusiadas", a linguagem torpe da "Corneta do Diabo".

Não percamos a consciencia do que somos para não considerar que alguns salpicos de lama podem embaciar as armas rutilantes com que, perante a historia da humanidade se apresenta a quasi milenaria figura da nossa Patria gloriosa. De que teria então valido que a providencia nos houvesse concedido um D. Diniz e um D. Duarte, D. João I, Nun'Alvares e o Infante D. Henrique, Bartholomeu Dias e Duarte Pacheco, Vasco da Gama e Pedro Alvares, Affonso de Albuquerque e D. Francisco de Almeida, Camões e Bernardim, Gil Vicente e Antonio Ferreira, legiões de heróes, de navegadores, de poetas e de santos; que tivéssemos descoberto meio mundo; que houvessemos batalhado cinco seculos; que attingissemos os paramos da gloria — para que um qualquer escriba pudesse infamar-nos num pamphleto?!

Comprehendamos todos que o que nos offende na irreverencia alheia é o proprio reflexo do nosso abatimento. Não accusemos os outros pelas nossas culpas. Ninguem mais e melhor do que nós tem trabalhado para afastar o Brasil da nossa communhão moral. Não ensinam os manuaes de historia patria, adoptados nos nossos lyceus, que Cabral descobriu o Brasil por acaso? Não foram os nossos Governos que decretaram a differenciação orthographica da lingua commum e alteraram o padrão da moeda, que proclamava a nossa mesma progenie? Não foram os nossos politicos que se obstinaram em destruir, vandalicamente, no culto, na lei, nos costumes, quasi tudo o que denunciava o nosso parentesco moral e espirital com o Brasil? Não foi o grande Oliveira Martins, o proprio glorificador de Cesar e de Scipião, o Africano, que se empenhou em pintar os nossos heróes romanos da Asia maculados de sangue e de latrocinios? Gerações negativistas e scepticas, que haviam perdido o sentimento da raça, que se haviam despolarizado e desintegrado da grey, prepararam o ambiente de altruismo patriótico de que só agora, leccionados pelo infortunio, nos redimimos. Vós sois, mocidade ungida pelo martyrio, a geração do resgate!

Ha muito tempo que em Portugal não se cumprem tantas acções nobres e se não vêem tantas attitudes corajosas e se não contam tantas almas idealistas como nesta hora crepuscular de calamidade nacional, vespera da alleluia. Como já vos disse, com a eloquencia da poesia, o illustre, o vidente precursor do nosso neo-nacionalismo, Affonso Lopes Vieira, *Portugal nunca foi tão bem amado como nos ultimos annos, porque nunca foi tão amavelmente estudado pelos seus artistas e sabios, que têm erguido o monumento das nossas tradições, dando-nos o orgulho da razão de ser da nossa existência nacional...* Quero crer que estaes educando e instruindo as vossas consciencias nesse culto redemptor, que nos reintegrará na Patria, tal como a fizeram os antepassados. Vejo-vos, pois, preparados para comprehender, para saudar com effusão fraternal a aurora de além-mar: o nacionalismo brasileiro.

### O NACIONALISMO BRASILEIRO

Este nacionalismo, que vos pintaram animado de um espirito aggressivo aquelles que se mostraram incapazes de entender as proprias vozes da nossa Historia eminentemente nacionalista, quanto mais as vozes que fallam nas almas dos outros povos, marca na evolução da nacionalidade brasileira a consciencia plena, integral, da soberania, como o nacionalismo pernambucano do seculo XVII attestava a idéa, já concebida de patria, como o nacionalismo transbordante da era precursora da independencia testemunhava o ideal amadurecido de liberdade. Louvemo-nos porque, synchronicamente, as duas Patrias irmãs se alvoroçam com o mesmo sentimento exaltador: o Brasil no entusiasmo da sua opulencia, na fé em seu destino, na alegria da sua ascensão entre as potencias; nós no aneio ainda afflictivo de nos reintegrarmos na tradição e resurgirmos.

O nacionalismo brasileiro é o mesmo e militante sentimento de Patria, que nos fez grandes e nos defendeu da absorção; é o mesmo anelo vehemente de liberdade e de amor ao sólo natal que nos deu estatura de gigantes na era de Quatrocentos; é o brio civico sem o qual um povo não é nação; é a seiva da mocidade projectando-se para um ideal de força varonil e collectiva. O nacionalismo brasileiro é o mesmo da prole: o que lá implantámos outr'ora, combatendo, semeando, trabalhando, soffrendo, e que no seculo XVII já frutificara na geração brasileira dos heróes da reacção contra o jugo hollandez. Não o encareis como affronta, mas como lição. Disseram-vos que esse nacionalismo era, na essencia, anti-portuguez e anti-tradicionalista. Porém, não é verdade. Elle é, simplesmente, nobremente, dignamente brasileiro. É esse nacionalismo que hontem venerava nas cinzas do heróe portuguez Estacio de Sá, o defensor e primeiro capitão-mór do Rio de Janeiro. É esse nacionalismo que imprime a alguns dos edificios da Exposição do Centenario o estylo colonial. É esse nacionalismo que inspira a Bilac o soneto admiravel á lingua portugueza; que dita á intelligencia radiante de Graça Aranha as paginas da "Esthetica da Vida", dedicadas a Portugal; que compõe com o verbo eloquente de Celso Vieira um hymno á raça no banquete dos intellectuaes brasileiros no Paçaca-Hotel. É esse nacionalismo que erigiu uma estatua a Cabral e vai erguer, sob a presidencia do Chefe do Estado, um monumento a Camões. É esse nacionalismo que ainda recentemente reunia em volta da figura esbelta e da palavra insinuante de Luiz de Almeida Braga os academicos da Faculdade de Direito de S. Paulo. Mas, sobretudo, é esse nacionalismo que origina o renascimento militar do Brasil, que agita a consciencia nacional na salutar e dignificante fé nos destinos da Patria, que opera os progressos vertiginosos da civilização brasileira.

Sem duvida, esse sentimento impetuoso por vezes se inflamma em fanatismo, se desvaira na intolerancia. Sempre no culto do patriotismo se immiscuem os exploradores do patriotismo. Quando vos fallo com tamanho entusiasmo no nacionalismo brasileiro e vol-o aponto como exemplo, vós me invocaes, melindrados e retrahidos, o nativismo brasileiro. Pois bem: já que assim o quereis, fallemos do natiivismo, sem hypocrisia e sem pusilanimidade, pois que eu nunca tive medo senão da deshonra.

### O NATIVISMO

Não vou repetir-vos o libello surprehendentemente sagaz que Eca de Queiroz articulou num estudo analytico celebre, dedicado a esta modalidade mor-

bida do patriotismo. Todo o homem de origem ariana, producto da civilização greco-latina, continuada na civilização christã, sentirá por esta doutrina a mesma repulsa e a mesma extranheza que tão vivamente chocaram a nobre intelligencia do autor da "Cidade e as Serras".

A civilização é um patrimonio commum da humanidade, em que trabalharam todos os povos e estulticia seria a da nação que, por demencia, imaginasse poder divorciar-se da communhão universal, violando as leis da fraternidade humana e enclausurando-se nas suas fronteiras, alimentando-se com os seus exclusivos recursos materiaes e espirituales. Todas as nações da America se edificaram com materiaes europeus. As linguas da Europa são a sua lingua; a religião christã a sua fé; as artes creadas pelos seus antepassados europeus são cultivadas pelos seus artistas; da Europa receberam as sciencias que applicam e desenvolvem na elaboração da sua civilização. Os americanos civilizados não são outra cousa senão os descendentes dos inglezes, dos hespanhões, dos portuguezes, dos francezes, dos allemães, dos italianos e dos slavos. Foi com sangue estrangeiro que se fizeram os povos americanos. E' com o braço estrangeiro, em grande escala, que ainda hoje se elaboram a civilização e a riqueza americanas. Foi, em grande parte, com capitaes estrangeiros, que as grandes nações da America do Sul se apparelharam para o progresso. Como podeis crer que essas nações de prole europeia possuam uma alma asiatica? Abri as constituições desses jovens e liberaes paizes. Encontrareis nellas o mais categorico repudio dessas doutrinas malsãs. Uma mesma lei, uma mesma liberdade regula, sem distinguil-as, a personalidade juridica do nacional e do estrangeiro. Pelo que respeita o Brasil, a constituição exclue apenas do exercicio das funções de Chefe do Estado o estrangeiro naturalizado, e um complexo de leis e disposições facilita ao immigrante a sua integração nos direitos de cidadania, regulando-lhe os privilegios de residente, incorporando-o quasi automaticamente na communhão nacional. Póde dizer-se que a legislação brasileira é, neste assumpto, um conjunto de leis aglutinadoras incorporadas da população, como convém a um paiz a cujo organismo gigantesco só falta um fluxo copioso de sangue.

Como se poderá, pois, ajustar a doutrina nativista a uma concepção juridica desta especie? E, entretanto, ha uma seita nativista no Brasil, do mesmo modo que ha israelitas, budhistas e musulmanos entre uma população na sua quasi totalidade christã. Para vos dizer toda a verdade, esse nativismo é tão artificial, tão precario e tão tendencioso que as suas manifestações se cingem quasi exclusivamente em affirmar, por entre vociferações vãs e apostrophes tão truculentas como ridiculas, escriptas em portuguez, subscriptas por nomes portuguezes, a sua antipathia ao portuguez!

Não nos deixemos impressionar por essa antipathia. Principalmente, não a generalizemos. Não comettamos o desatino de confundil-a com o sentimento brasileiro. Ella nunca impedio os portuguezes de trabalharem livremente, de se integrarem na familia brasileira, de crearem no Brasil os seus filhos, de educarem no Brasil os seus filhos, de applicarem no Brasil os seus bens, de edificarem no Brasil as suas casas e as suas sepulturas.

O nativismo brasileiro só póde até hoje implantar-se nos dous grandes nucleos de população portugueza: o do Prata, prestes a extinguir-se, e o do Rio de Janeiro. O futuro se encarregará de demonstrar se a acção nativista no Pará,

afugentando a unica corrente emigratoria que se aventurava a arrostar com o clima equatorial, foi benefica ou nociva ao Brasil. Mas o facto incontestavel é que o nativismo não conseguiu infiltrar-se nos Estados em que a população portugueza se distribue sem apparente supremacia. Em todos os Estados do sul, de população mais heterogenea, debalde se procurará rastro de lusophobia. Assim, esse pseudo Brasil nativista circumscreve-se ao Rio de Janeiro, e no Rio de Janeiro á pequena sala de redacção de um pamphleto jacobino, onde alguns patriotas escrevem desaforos a Portugal e aos portuguezes, a que o Sr. Homem Christo replica no "Povo de Aveiro", com desaforo ao Brasil e aos brasileiros. Deste pamphleto, lido quasi exclusivamente pelos portuguezes, se originou a visão deformada de um Brasil lusophobo. E' dar importancia exorbitante a uma revista semanal e depreciar, humilhantemente, uma nação do tamanho da Europa, fazendo-a caber no tinteiro de um pamphletario.

### O CASO DOS POVEIROS

Eis a vossa ultima objecção!

Este incidente deploravel já foi sufficientemente analysado, sob o criterio brasileiro. Jornalistas com o genio combativo de Paulo Barreto, jurisconsultos com a autoridade de Pedro Lessa e de Rodrigo Octavio impugnaram quer a falta de equidade da medida violenta, quer a inconstitucionalidade da lei que a originou.

Muito outro tem de ser o criterio com que deveremos examinar essa delicada questão. Não nos cumpre apreciar se a lei da fiscalização dá pesca é, ou não, anti-constitucional. Cada um em sua casa commette os erros que quer, admitindo que essa lei seja inspirada por um erro. Os legisladores brasileiros entenderam que convinha ao Brasil a applicação de principios novos, não applicados nos demais paizes da Europa e da America, ao exercicio da pesca nas aguas territoriaes? Quem lhes pôde contestar o direito soberano de legislar em sua casa como lhes aprouver? Aliás, essa legislação não attingia apenas os pescadores portuguezes, mas impunha a naturalização a todo o pescador estrangeiro, sem distincção.

Dessa lei só conhecemos aqui as clausulas que reputámos intolerantes, e, contudo, a famosa lei brasileira, cuidando de arregimentar, instruir, sanear e proteger os nucleos de pescadores dispersos na immensidão do littoral, possui um aspecto altruista, digno de incondicional admiração.

Quando, ha uns quatro annos, o pequeno cruzador auxiliar "José Bonifacio" zarpou do Rio de Janeiro, levava-o para os mares uma missão humanitaria das mais bellas que jámais foi confiada a um navio de guerra! Commandava o "José Bonifacio" um official que duas vezes devia a vida a portuguezes: pela sua ascendencia e pela hospitalidade que encontrara, na hora de perigo, a bordo de um navio portuguez. Sem duvida, não infundia grande terror a pequenina bellonave. Apesar do seu armamento moderno, ella não teria atemorizado, ha quatrocentos e vinte e dous annos, a armada de Cabral, se lhe houvera appellido no Porto Seguro de Vera Cruz. Mas a sua missão não era de guerra, antes de assistência e de paz.

Vós sabeis o que succedeu. No cumprimento da lei, que lhe cumpria fazer acatar, o commandante do "José Bonifacio" houve-se de modo a merecer as aclamações dos nativistas. Os poveiros foram compellidos a naturalizarem-se ou

a abandonar a sua profissão. Abrira-se um conflicto em que, de parte a parte, estava em jogo o brio patriótico. Esse conflicto — e esta é a parte essencial da questão, que sempre vos tem sido sonhada — attingio a plenitude num momento em que as atenções do Governo estavam absorvidas na recepção dos Soberanos da Belgica. Porém, dias antes da sua culminancia, o Sr. Presidente da Republica recebeu, com sympathia, no Palacio do Cattete, uma comissão de poveiros, que lhe ia offerecer um exemplar gigante da fauna littoreana, e que o Presidente pediu para que fosse antes offertado ao seu real hospede, o Rei Alberto, a quem os mesmos poveiros o foram entregar.

Dias depois, ausente o Chefe do Estado, que acompanhara os Reis da Belgica a Bello Horizonte e a S. Paulo, o incidente dos poveiros alcançara a sua phase critica, e, sem aguardar a solução official, em que a negação de um "habeas-corpus" pelo Supremo Tribunal tirara a esperança, os poveiros heroicamente se prestaram a ser os penhores da honra portugueza, preferindo guardar a fidelidade á sua Patria e regressar a Portugal, do que renegarem, por interesse, o seu nascimento e concorrerem para intensificar e prolongar um conflicto que ameaçava abranger toda a colonia e suscitar um estado de animosidade entre portuguezes e brasileiros.

Para nós, esse incidente valeu por uma apologia do amor patrio. Consentimos testemunhar o nosso resistente nacionalismo. Deu-nos o ensejo, na obscura hora presente, de commetter uma bella acção, talvez romanesca, mas honrada. De que nos queixamos, pois? Aquelles que encaminharam o conflicto para este theatral desenlace cumpriram, com resolução, um dever. Mas o Governo brasileiro não teve directa e immediata responsabilidade nessa solução imprevista.

Os poveiros deixaram os seus barcos e as suas rédes, mas guardaram a sua Patria. Abandonaram a sua profissão, mas trouxeram intacta a sua honra. Foi um bello dia para Portugal. Não nos queixemos, nem por nol-o ter proporcionado, queiraes mal ao hospitaleiro Brasil, para onde muitos delles já voltaram!

### ORIGEM E CONDICIONALIDADES DO NATIVISMO

E' preciso affirmar, sem evasivas, que esse Brasil lusophobo, contra o qual o pundonor de alguns jornalistas vibrou tão hervados dardos, não existe fóra de um minúsculo arraial jacobino, sem projecção politica e sem influencia social. Esse nativismo esporadico e trulento, que um seculo depois da independencia ainda enrouquece a gritar, puerilmente, que o Brasil é dos brasileiros — pois de quem havia de ser? — não é mais do que um remanescente anachronico do modesto conflicto da emancipação, em que, aliás, tantos portuguezes se envolveram, e que encontrou num principe portuguez o seu instrumento docil e a sua encarnação symbolica.

O que tornou possível a revivescencia desta modalidade aggressiva do patriotismo americano foi um mero phenomeno economico. Tendo durante longos annos abandonado ao estrangeiro as actividades productivas do commercio e das industrias, a nova e ambiciosa geração verifica, com indiesimulado desapontamento, que — aliás como simples e transitorios depositarios — os portuguezes, os italianos, os allemães detêm uma parcella importante da riqueza nacional. Os que não, são pamphletarios nem parasitas do Estado aprendem na lição do estrangeiro e esforçam-se em

concurrência leal por occupar, gradualmente, as posições que seus pais e avós tinham abandonado ao espirito de sacrificio e á tenacidade dos colonos.

Os outros vociferaram. São os nativistas.

O nativista insurge-se contra a hegemonia do commercio estrangeiro, préga contra a interferencia do estrangeiro na politica nacional, e como a setta bellicosa se concentra no Rio, onde se localiza a maior caudal da emigração portugueza, desde os tempos atemorizadores da febre amarella (que afugentava para os Estados do sul o exodo italiano e allemão), é contra os portuguezes que se move a ira dos vociferadores jacobinos.

Isto não significa a existencia, no Brasil, de uma politica nativista. O nativismo não chega a ser um partido. E' uma crise.

Uma politica nativista no Brasil não só constituiria um phenomeno aberrativo da civilização e uma violação das tradições e da lei escripta, como tambem a mais lesiva e ruinosa das orientações economicas, pois affectaria a nacionalidade nas suas necessidades impreteriveis de aquisição de braços e energias productoras.

Ora, é precisamente esta absoluta necessidade de augmentar a sua população com a caudal estrangeira que origina um movimento defensivo e legitimo de perservação da soberania. O brasileiro entende, e muito bem, que só elle pôde mandar em sua casa, e que a acção do estrangeiro, embora intimamente associado á vida economica da nação, não deve transpôr os limites em que passaria a parecer uma intervenção perturbadora na vida privada e politica do paiz. Mas isto não chega a ser um postulado nativista, porque é a base de todo o civismo; uma sadia doutrina patriótica, que só os povos disvirilizados não professam.

A nossa posição no Brasil, por isso que somos os mais proximos parentes dos brasileiros; porque fallamos a mesma lingua; porque com elles nos achamos intimamente entrelaçados na historia e na familia; porque nos agglomeramos excessivamente nas cidades, onde a cultura civica é mais instruida — impõe-nos uma conducta exemplarmente discreta. Por vezes, os nossos movimentos sentimentaes impellem-nos a attitudes que, mal interpretadas, podem dar lugar a que nos tomem por parentes intromettidos, quando ninguem mais do que nós tem o dever de zelar, de respeitar e de fortalecer a soberania brasileira, consagração apothetica da nossa obra antiga de constructores do Brasil.

Examinemos agora em que consiste a chamada oppressão economica do portuguez. Não conheço um só economista digno deste titulo que não sorria das accusações tendenciosas articuladas contra essa pseudo hegemonia, mesmo circumscripta ao Rio de Janeiro. A colonia portugueza — muito menor em numero, actualmente, que a colonia italiana — representa uma collectividade laboriosa e productiva, que concorre salientemente para as despezas do Estado pelo pagamento dos tributos e para a prosperidade da Nação pelo seu labor intensivo. Tradicionalmente, esta colonia trabalhadora radica ao Brasil os bens adquiridos e lega-os aos seus descendentes brasileiros. A função normal do portuguez no Brasil, dizia-me um dia um illustre politico brasileiro, parece ser de produzir cidadãos brasileiros e enriquecel-os! Todos nós sabemos em Portugal que quasi não existe capital brasileiro nos nossos empreendimentos industriaes, agricolas e coloniaes. Em regra geral, o portuguez domiciliado no Brasil limita-se a enviar aos parentes pobres pensões familiares, que cessam com a morte dos

beneficiarios. Não é possível assignalar a influencia ou participação da fortuna portugueza do Brasil no desenvolvimento das nossas industrias, da nossa agricultura, ou nos nossos tentamens colonias, ao contrario do que succede na Italia, onde se registra, de modo sensibilibissimo, a influencia benefica dos emigrados na prosperidade economica da nação. Continuamos sendo no Brasil o que sempre fomos, desde os primordios da colonização: povoadores transplantados. Se o nativismo conseguisse reaportuguezar a colonia portugueza do Brasil, Portugal lhe ficaria devendo um inestimavel serviço, pois ao portuguez falta o sentido economico do patriotismo. Elle é, apenas, um patriota sentimental. Tendes ouvido fallar de que o nativismo ameaça os portuguezes com a decretação da nacionalização do commercio. Nenhum Governo pensaria em crear para o Brasil uma legislação *sui generis* que attentaria contra o dogma economico da liberdade do commercio; mas não seriam os portuguezes os mais attingidos por essa medida draconiana. Na sua maioria, as casas portuguezas possuem socios brasileiros e os portuguezes não detêm o unico ramo de commercio que assume transcendente importancia na economia geral: o da exportação dos productos do sólo. Esse commercio está nas mãos dos brasileiros, dos norte-americanos, dos allemães, dos inglezes, dos italianos, dos francezes e dos belgas, cujos paizes de origem são os maiores consumidores da produção agricola.

O que resta, pois, das accusações e das ameaças de que é alvo a colonia por parte dos nativistas? Fumo, intriga, malevolencia.

Pretende o nativismo que o portuguez se considere, no Brasil, em terra estrangeira? Esta doutrina só nos é favoravel, mas contraria fundamentalmente o espirito da lei brasileira, que procura incorporar, como já vos disse, os immigrados na communhão nacional, facilitando-lhes a acquisição dos direitos de cidadania. Se cada portuguez cumprisse a ordenação nativista, começaria por perseverar a nacionalidade paterna de seus filhos, e o Conselheiro Rodrigues Alves, filho de portuguez, não teria podido ser Presidente da Republica; nem o Sr. Dr. Arthur Bernardes, filho de portuguez, poderia ser o actual candidato á presidencia.

O nativismo é, em ultima analyse, uma doutrina anti-americana, anti-juridica, anti-patriotica. Não é uma doutrina brasileira. Não é um sentimento brasileiro.

Com a exclusiva applicação do criterio nativista póde obter-se uma população nativa, mas não se obterá um povo, pois uma multidão de gente não é um povo. Imaginae um territorio para onde multidões de allemães, slavos, syrios e asiaticos tenham emigrado e lá gerado e concebido prole numerosa. Esses filhos de germanos, de polacos, de tchecos, de armenios, de chins e de nippões, por acaso constituirão um povo e representarão uma nação? Ninguem poderá affirmar-o. Para produzir um povo é indispensavel communidade de lingua, de fé, de religião, de tradições familiares e politicas, de sentimento artistico. Quereis exemplos de quanto é precario, sob o ponto de vista do sentimento nacional, o mero acaso do nascimento? Tivemos um compositor, celebre no seu tempo, que se chamou, inconfundivelmente, Marcos Portugal. Todavia, esse portuguez de nascimento, educado na Italia, é justamente considerado, como sagazmente o defini Affonso Lopes Vieira, um dos mais notaveis musicos italianos da sua época. O Almirante Barroso, por ter nascido na rua do Chiado, em Lisboa, não deixa de ser um authentico heróe brasi-

leiro. Pelo facto de haver visto a luz em Bordéas, José Bonifacio não desmereceu do titulo, que lhe compete, de patriarcha da independencia do Brasil. Porventura a Hespanha póde fundamentamente reclamar para Seneca e Lucano a naturalidade hespanhola? E Terencio um africano porque nasceu na Africa? E turco André Chenier porque nasceu em Constantinopla?

Não ha criterio menos nacionalista do que o do nativismo. O nativismo, para ser coerente, teria injuriado Inhaúma e Barroso, á volta do Paraguay, pela culpa de não terem nascido no Brasil.

O que torna possível e inoffensiva a incorporação de grandes massas de humanidade heterogenea, de diversos sangues e proveniencias, na sociedade brasileira, é o possuir o Brasil um povo de caracteres moraes definidos, com as capacidades de aglutinação dos elementos extranhos, e esse povo, com a sua lingua, a sua religião, as suas tradições e a sua historia, quem o formou, quem o criou desde o sedimento, fomos nós. E é por isso mesmo que o actual Presidente da Republica Brasileira, compenetrado deste axioma ethnico e sociologico, chamava, ha dous annos, aos portuguezes, os seus "*compatriotas de além-mar*!"

#### O NACIONALISMO DO SR. DR. EPITACIO PESSOA

Surprende-vos, talvez, esta revelação, porque vos affirmaram, com a facil audacia da ignorancia, se não com a perfida manha da intriga, que o Presidente do Brasil é um lusophobo inconvertível. Attentae um pouco na aberração de um jurisconsulto da estatura do Sr. Dr. Epitacio Pessoa; descendente de uma nobre familia portugueza, que já no seculo XVII sobressahia nas lutas de Pernambuco contra os hollandezes; tão ciosamente zeloso da dignidade moral e mental da sua investidura; tão ardentemente disposto a encarnar o ideal nacionalista, no que elle possui de mais harmonico com os interesses e o renome da sua Patria — mostrando-se ao mundo com o semblante de um estadista mestiço da Republica de S. Domingos, como um torvo nativista da escola paraguaya de Francia!

Attentae na irrisoria puerilidade dessa falsificação impudente da verdade, contra a qual o proprio calumniado já mais de uma vez protestou com a vehemencia coadunada á sua compostura. Como podeis conceber semelhante dispauterio, antagonico da hierarchia cultural e politica de tamanha e progressiva nação, regida pela mais liberal das Constituições e onde uma pleiade de jurisconsultos eminentes attestam gloriosamente o culto devotado do Direito? Assim se corrompeu na nossa terra o prestigio da autoridade que haveis podido conceber uma grande nação, como o Brasil, presidida por um Tyrannete pirronico e truculento, empenhado em infamar as suas origens e as do grande povo que o elegeu?

Não, meus amigos. Ides ver de que nobre substancia é o nacionalismo do Presidente do Brasil; e é com as suas palavras, proferidas ante a mocidade academica da Faculdade de Direito de São Paulo, que vou concluir esta já longa carta. Tomae para vós as exortações dirigidas aos estudantes brasileiros, e que correspondem — faço-vos justiça — aos anhelos mais intimos do vosso patriotismo. Aprendei nessas palavras, que soaram do lado de lá do Atlantico, como eco de nossos sentimentos antigos e tradicionaes, a amar e a honrar a vossa terra — pois que o amor que se não honra, não é amor. Aprendei com ellas a comprehender e a estimar o Brasil,

empenhando-vos por que Portugal salvaguarde a postura de dignidade que lhe compete pela sua gloria passada e tambem pela gloria presente de ser o progenitor de uma das cinco maiores nações da terra.

#### EXORTAÇÃO DO SR. PRESIDENTE EPITACIO PESSOA AOS ACADEMICOS DE S. PAULO

"Os vossos applausos trazem-me grande conforto, despertam-me as forças necessarias para proseguir na senda que venho trilhando, em meio de difficuldades sem conta, mas com passo firme e resolutivo. Os applausos que me dirige a mocidade acordam novas energias no meu espirito para exaltar no coração dos moços o sentimento fecundo do amor da Patria. Extranharam já que seja este o meu thema predilecto. E' porque a preocupação constante do meu espirito, estimulada, de um lado, pelas observações de minhas viagens, e agulada, de outro, pela indiferença de meus compatriotas, é que não temos feito tudo quanto podemos e quanto devemos pela grandeza e pela gloria da nossa Patria. Quanto mais viajo, mais me sinto filho do Brasil, mais confiança tenho nas suas possibilidades, mais clara se me apresenta a visão do seu futuro. E' por isto que me esforço por estimular o patriotismo dos moços, que são as mais justas esperanças da Nação, sangue novo e sadio, destinado a acender-lhes nas veias a sede do progresso, o culto da justiça, o amor da liberdade. Já alguém me chamou de nacionalista. Não póde haver qualificado mais grato ao meu coração de brasileiro, mas o meu nacionalismo, como já tive occasião de dizer em publico, não é feito de odios e prevenções contra o estrangeiro, cuja collaboração nos é necessaria, cujo auxilio desejamos, para a exploração das nossas inesgotaveis riquezas latentes. O meu nacionalismo é feito de amor e de carinho por tudo quanto se relaciona com o Brasil; de zelo pelo seu nome, de esforço pelo seu progresso e de sonhos pela sua gloria. O meu nacionalismo figura para mim um Brasil novo, rico e poderoso: o seu vastissimo territorio, rasgado de caminhos de ferro, os seus rios immensos coalhados de barcos, uns e outros conduzindo para os seus portos, convertidos nos mais vastos emporios commerciaes do mundo, os productos variados do seu seio exuberante; a instrução diffundida até ás mais baixas camadas sociaes; as suas artes, as suas sciencias as suas industrias levadas ao apogeu do desenvolvimento; a sua palavra recebida com acatamento e respeito pelas mais poderosas nações da Terra, no concerto internacional: robusta e laboriosa a sua raça unida! Moços, amae assim o Brasil! Amae-o com esse amor que absorve a personalidade inteira; amae-o com esse amor feito de abnegação, de devotamento e de ternura. Amae-o e o vosso amor o transformará em breve nessa grande nacionalidade dos meus sonhos, respeitada e fecunda, gloriosa e feliz!"

Moços da minha terra, amemos Portugal como o Presidente do Brasil ama a sua Patria! E o nosso amor, reintegrando-nos na plenitude da nossa dignidade e da nossa honra historica, nos restituirá o respeito de que decahimos e a estima de que desmerecemos. Nas paredes arruinadas do lar patrio pendem as panoplias, as lyras, os arados e os velames com que os antepassados combateram, cantaram, lavraram e navegaram. Retomemos essas alfaías venerandas, reaccendamos a fé em nossos corações e renasçamos!



# AGAPE DE INTELLECTUAES

A Salisbury Galeão Coutinho, nosso illustre collaborador, e a Affonso Schmidt, um grupo de amigos e admiradores offereceu no dia 21 do mez proximo passado um banquete, que se realizou em Santos. A festa esteve brilhante, teve um accentuado cunho culto de intellectualidade e á mesma compareceram quasi todos os escriptores, poetas e jornalistas residentes em Santos, num movimento unanime de applausos aos dous formosos e robustos autores de *Semeador de peccados* e de *Brutalidade*. Abaixo transcrevemos os dous bellos discursos pronunciados no encantador agape de intellectuaes, o de Albertino Moreira, saudando os dous jovens escriptores, e o de Galeão Coutinho, agradecendo a homenagem.

## DISCURSO DE ALBERTINO MOREIRA

Salisbury:

Quizeram os teus amigos fosse eu a fallar, nesta festa, em tua homenagem, porque, de certo, descobriram nas nossas vidas pontos flagrantemente de semelhança, como se tivéssemos a mesma procedencia e caminhassemos para o mesmo destino. Não andaram mal os nossos amigos. Com a modestia que deve ser a caracteristica de quem diz a verdade, declaro que só eu, neste momento de intimidade, poderia saudar-te.

Não esperes de mim um discurso de idéas, como se exige, hoje em dia, nesta época horrível de combate á fantasia, e apenas de realidades palpaveis e immediatas. Nem tão pouco uma oração de commovedora saudade, porque tão asperos foram os caminhos pervagados nesta nossa existencia, que revel-os agora, nas suas curvas e nos seus obstaculos, na multiplicidade das suas surpresas e no inesperado das suas trahições atocaiadas a cada passo — seria soffrer ainda, seria sentir a pungencia de todas essas dores já sentidas e renovar-as com um marejar de lagrimas nos olhos. Nós na nossa vida, deviamos esquecer o passado, matar-o cedo dentro de nós, para nos projectarmos livres no futuro, pois que vivemos num momento de transformação accelerada, e muito felizes somos quando conseguimos fixar o minuto que passa numa obra de arte qualquer.

Entretanto, se melhor considerarmos, sem o sentimentalismo da saudade e olharmos para nós mesmos, para o que somos, para o que temos realizado (se é que já realizamos alguma coisa), somos obrigados a confessar, seriamente compungidos, que ainda não temos passado na nossa vida. Somos de hoje, com a nossa mocidade cheia de esperanças e sem a marca de um unico fio branco nos cabellos. Estamos no momento central na nossa existencia. Ou affirmamo-nos, ou desaparecemos; já não somos "jovens esperançosos", vivendo de illusões, os primeiros versos no miolo e a pedinchar aconchego nas revistas elegantes. Fizemos já as primeiras escaramuças, os torneios iniciaes, e estamos armados cavalleiros. Ou continuamos, entramos para o meio rutilo da peleja, galhardos de força e de enthusiasmo, ou teremos que deixar as armas, encolhermo-nos na mediocridade, e accellar a vida com a resignação dolorosa e curvada dos falhados.

Temos, com pequenas differenças, a mesma idade, os mesmos sonhos, e o que já realizamos talvez tenha o mesmo valor; em resumo, estamos no mesmo plano. (Nenhum se avantajou a mais a perder de vista. Vamos todos ainda reunidos, com a mesma miragem diante dos olhos, iguaes em forças e iguaes em possibilidades.

Uma prova estamos dando, já de algum tempo, que temos a consciencia de nós mesmos, e que já nos conhecemos. É que não sentimos mais a necessidade de agruparmos em corporações litterarias. Muitos dos que aqui estão ainda não se esqueceram, por certo, das adoráveis infantilibidades de um chamado "Sabbado litterario", convertido depois em "Cenaculo dos novos", e cujas reuniões se realizavam normalmente numa solemnisima sala do Instituto Historico de S. Paulo, reuniões essas em que os consocios iam ás suas perpetrções semanaes e recebiam partes iguaes de applausos e palmadinhas confortadoras nas espaldas.

Desse cenaculo sahiram os que tiveram força e um bocadinho a mais de talento; muitos ficaram lá, e "morreram" com o cenaculo.

Foi o pavor inicial dos pliumitivos, e eu poderia trazer para estas tiras a lição profunda de Graça Aranha sobre a "função psychica do terror" na formação das sociedades. Nada mais incerto, mas cheio de hostilidade ambiente do que o começo de vida para os artistas, e é por isso, fatalmente, que elles se reúnem, em principio, para a propria defeza com a defeza da classe. Só os conscientemente fortes, desde o inicio, têm a coragem de affrontar a vida frente a frente, com todas as suas trahições e abelzeas.

Depois, aparelhados, affeitos á luta e com a comprehensão assentada de que os gremios e cenaculos amesquinham e futilizam o individuo com a miudagem das suas intrigas, é que cada um trilha o seu caminho, abdicando a propria força, para positivação de uma individualidade.

Essa separação é dolorosa como uma feilusão, mas produz, ás vezes, o milagre de revelar-nos a nós mesmos — e como os caminhos que se afastam dos povoados: os desaparecem logo no entrecruzar anonymo dos outros trilheiros, ou vincam certo os espigões, varando o plano suave das campinas e as bruteszas das montanhas.

Nós já fizemos essa separação. Cada um de nós já tomou o seu caminho e posso dizer que muitos dos que partiram connosco já se apagaram na erma anonyma das encruzilhadas.

Não ha luta maior, maior dispendio de energia e de intelligencia, do que a luta que travamos para a conquista da nossa individualidade, porque as neccessidades da vida, a contingencia do meio, tudo nos propelle para a uniformidade da regra social. O artista é a excepção, e nada se lhe perdôa. Tem o prestigio é a dolorosa verdade de um aphorismo aquella phrase do "De Profundis", de Oscar Wilde: "A sociedade esquece frequentemente o criminoso, mas não esquece o sonhador".

Com o correr dos tempos, os progressos do espirito humano, e o immediatismo na vida de hoje em dia, os artistas tiveram que descer das suas fantasias para as realidades flagrantes da existencia. Já não são elles seres á parte nas sociedades, e, sem entrecruques, em perfeita harmonia até vivem dentro da arte e, ao mesmo tempo, são creaturas perfeitamente sociaveis. Elles adaptam-se á vida presente; só a sociedade é que ainda os encara com aquella "respeitosa aversão" de que fallou Eça.

O artista, hoje, não cede a de nenhum mistér, occupa-se de qualquer função, desampenhando-se bem das suas attribuições sociais e ainda é artista. Mas o preconceito social está ao de cima vigilante, e difficilmente o artista encontra, na vida, as mesmas facilidades que os imbecis encontram a cada passo, dadivosamente.

Eis ahí porque, Salisbury, estás merecendo hoje a nossa homenagem. Nós todos, aqui presentes, teus amigos, somos um bocado artistas, temos as nossas illusões litterarias, e já fizemos mesmo qualquer coisa na litteratura, mas não somos apenas litteratos. Cada um de nós tem um lugar marcado, a banca certa da obrigação, respeitamos os horarios dos nossos deveres, estamos estreitamente ligados, confundidos com a sociedade em que vivemos, apesar de ainda nos considerarmos uma excepção á regra geral. Tu ultrapassaste esta excepção que somos, e és uma flagrante e uma escandalosa excepção dentro dessa excepção. Tu só não transigiste e, ou seja aos encontrões e acotoveladas, ou seja no terreno facil dos applausos, o certo é que cada vez caminhas mais para a frente. É's uma contradição viva dentro da vida presente, dentro da vida da nossa geração. É's feito de anormalidades e de impetos, descahidas bruscas e impulsos victoriosos. Tens muitas almas na tua alma extranha de illuminado, e muito trabalho darias a quem se propuzesse a delinear a trajectoria do teu espirito, a tua projecção para o futuro. Se, pelo indice da obra que já realizaste, quizessemos folhear esse livro esquisito que é o teu espirito e a tua vida, encontraríamos surpresas a cada pagina. Tu mesmo te surpreenderias, por certo. Na propria successão de idéas, offereces-nos surpresas e imprevistos inquietadores. Que abysmo vai entre "Parque Antigo", estancia de suavidade e ternura saudosa, para "Semeador de peccados", que agora vaes publicar!

É esse illogismo surprehendente que está a belleza inesperada da tua arte.

Tua arte não se sujeita ás regras humanisimas de logica e jámais poderá espartilhar-se dentro de um syllogismo.

Quem quizesse, com as premissas do que já fizeste na arte, tirar a conclusão do que poderia realizar, concluiria erradamente, porque nem tu mesmo poderás prever o que vai ser a tua obra futura. Nunca poderias ter, como Oscar Wille, escripto "Intenções", e, num primeiro livro de estrêa, feito como que uma biographia a priori, porque cada minuto na tua vida tem

## O TUMULO DO RIO BRANCO

Uma commissão de elementos representativos de nossa sociedade acaba de dirigir um apello a todos os brasileiros, para que concorram, na medida do possível, afim de ser erigido o monumento funebre, no Cemiterio de São Francisco Xavier, marcando o lugar em que repousam os Rio Branco. Qualquer commentario de apoio a essa idéa é desnecessario, tão viva e fulgente está na alma de todos os patricios, a lembrança da obra do grande estadista de 28 de Setembro e da do integralizador do nosso paiz. É necessario, contudo, insistir num ponto: na urgencia que existe em se realizar essa homenagem aos insignes brasileiros, afim de que, no Centenario, já esteja erigido o grande monumento. Sua execução foi confiada ao Dr. Heitor da Silva Costa e será a obra em granito da Gavea e em bronze. Transcrevemos, abaixo, os termos finaes da circular da "Commissão Rio Branco": "Resta agora que os poderes publicos, a imprensa e toda a sociedade brasileira, sem distincção de classes, prestigiem com urgencia a Commissão, auxiliando-a com o que estiver ao seu alcance, pois a construção do monumento importa em quantia avultada. Os poderes publicos poderão concorrer, apressando o andamento e transformando em lei o projecto existente na Camara dos Deputados e que concede um auxilio de 50:000\$000 para esse fim. A imprensa, um dos mais fortes estelos com que conta a Commissão, muito poderá fazer encarregando-se de activar a propaganda em tudo o que for necessario e do seu auxilio não pôde ella prescindir de modo algum. Quanto á sociedade e ao povo, em geral, ella espera de esperar que, em se tratando do Barão do Rio Branco, cuja memoria ainda está bem nitida, e cujos serviços á patria são enormes, ninguem se negue a concorrer com esse obulo, que representa o pagamento de sua dívida com o saudoso patriota. Foram impressas e estão sendo distribuidas, devidamente rubricadas por membros da directoria, quinientas listas de subscrição. A distribuição está sendo feita aos chefes de repartições, ao alto commercio e industria, ás escolas, a agremiações diversas, aos jornaes e a todos, enfim, que possam angariar donativos. Já tendo sido igualmente enviadas ás legações e aos consulados brasileiros, para que os nossos compatriotas, residentes no extrangeiro, possam igualmente contribuir. A Commissão espera que todos aceitem com carinho as listas e as devolvam no mais breve prazo possivel para poder ser dado rapido andamento á execução da obra e aquelles amigos do Barão do Rio Branco, aos quaes não foram distribuidas listas e que as desejarem obter, poderão procural-as com os membros da directoria, uma vez que sejam della conhecidos. Brasileiros! Esperamos que todos se esforcem para essa obra de patriotismo e para que o tumulo de Rio Branco possa ser visto e visitado com admiração, em Setembro proximo, pelos extrangeiros, mostrando-lhes que somos uma nacionalidade que sabe venerar a memoria e nome dos grandes vultos."

uma fundamental differença do minuto antecedente e o que se vai seguir. Fosse possível, materialmente, farias um livro differente cada dia de existencia. Se tivesses a paciência de fixar num "diario" as emoções varias de 24 horas, realizarias a obra mais desconneca e interessante que é dado imaginar-se.

Mas vai longe já esta pariendo, e findando-a eu, que ainda não acredito em Deus, peço a Deus que te conserve essa ardente impetuosidade, esse mesmo divino dom de pairar sobre os preconceitos. E, se eu tivesse a mania inocua de dar conselhos, apenas te diria que continues sempre assim, nessa inquietude, nessa ancia, nesse desassocego, nessa corrida doida, nesse variar, e nesse tresvariar, porque é da vertigem dessa perpetua inquietação e movimento que ha de tirar a farsa eterna que illumina toda a tua alma.

DISCURSO DE GALEÃO COUTINHO

Meus amigos:

As palavras de ardor e sinceridade com que o nosso caro Albertino acaba de interpretar a significação desta homenagem, valem mais para a minha gratidão que quanto applauso, mais ou menos convencional, repercute em torno da obra que modestamente venho realizando, no decurso de uma curta existencia cheia de experimentações.

E não sei por que singular clarividencia o vigoroso autor de "Vão Nupcial" surpreendente a alma de tumultuario, num aspecto que procurei evidenciar no proemio do "Semeador de Peccados", que lhe é inteiramente desconhecido. Dedicando este livro a Ribeiro Couto, muito de industria denunciei ao poeta de "Jardim das Confidencias" a nossa affinidade sentimental em face da Vida; a propensão para a variedade, a inquietante curiosidade de fascinações, no perpetuo banquete da chimera.

Funesta inquietação, nefasta curiosidade — em outros termos escrevi — porque já começo a experimentar os travores que ha no fundo da taça.

Vai, com effeito, muita distancia entre a prosa aspera do "Semeador de Peccados" e os versos madrigalescos do "Parque Antigo" — são palavras textuaes desse prefacio — offerenda que Albertino, inconscientemente, parodia por este modo: — "Que distancia vai entre "Parque Antigo", estancia de suavidade e ternura saudosa, para "Semeador de Peccados", que agora vais publicar!

Vêde, pois, que Albertino Moreira percebeu claramente a tragedia psychologica que me perturba ao redor de uma existencia atormentada de imprevistos, na preoccupação constante de ir para a frente, olvidando, caça vez mais, um passado que não deve ser revivido, sequer em pensamento, pelos dissabores de que está repleto.

Entretanto, meus amigos, por mais que assim o affirmemos, ha em todos nós um orgulho incissimavel na hora do triumpho; não o orgulho vil dos que querem humilhar, mas o nobre orgulho dos que se não querem deixar humilhar, conforme o juizo preclaro de um illustre pregador. E de todo ainda não se dissipou em meu espirito a visão estonteante que este momento me trouxe. O nosso passado é de hontem. Somos aqui, quasi todos, mais ou menos precoces. Precoces na dor e precoces na alegria. Quase todos surgimos cedo para a refrega da vida, enfrentando-a denodadamente em suas crispantes realidades. Para muitos dos que aqui me ouvem, não são cêstituidas de fundamento estas palavras que se encontram no discurso de Humberto de Campos, quando recebido na Academia Brasileira de Lettras: — "Ha uma face da sociedade brasileira que vem reclamando, de ha muito, o cuidado dos historiadores. E' a que se compõe de figuras brilhantes e curiosas, que se não fazem proceder de nenhum annuncio que prometta o milagre. São arvores fortes e altas, que espantam o céu, agasalham os passaros, mas de que a selva, em geral, desconhece a semente. São os homens que nascem de si mesmos, que se elevam por si mesmos, sem familia notavel, sem avós illustres, sem antepassados gloriosos, e que formam, na vida intensa, a democracia dos salões, da politica, das lettras, das finanças. No Exercito social, elles são os generaes de caserna, que conquistaram os postos sob a fuzilaria e que compram com o proprio sangue, nos campos de batalha, aquillo que é obtido

por outros, facilmente, pela simples casualidade do nascimento. Como a generalidade dos heróes, elles começam na promiscuidade dos quartéis, no tumulto da multidão. Ha, entretanto, nestes privilegiados, uma força que os impelle para a claridade, desagregando-os do meio em que tiveram origem. São elementos que se individualizam, gottas de azeite que sobem á tona, bolhas de ar que se elevam do leito dos rios, atravessam agua e se aliam, em cima, á espuma que passa... No conjunto da sociedade, elles trazem no orgulho, no dessassombro, na rebeldia e, não raro, na brutalidade das maneiras, o estygma da procedencia. A aristocracia odela-os, mas tem de recebê-los, de applaudil-os, de supportal-os. São os intrusos que se impõem e que constituem, geralmente, a fachada de ouro, sempre renovada, do edificio social."

Penso nada mais ser preciso para pôr em fulgido relevo os bravos paladinos que formam a nossa geração. Surgiram todos das camadas anonymas da sociedade e vão conquistando terreno, dia a dia, numa luta tremenda e surda contra o meio.

A necessidade de adaptar-se agrava-lhes, por um modo cruel, o fadario de sonhadores. Hoje, está na adaptação, na integralização do artista, o pavor maximo, o supremo desespero. A vida se lhes apresenta impiedosa nas suas exigencias. Só ha dous caminhos a escolher: ou amoldar-se, em detrimento da liberdade mental, ou permanecer rebeide, para não ser ouvido pela turba. E é preciso levar em conta que todos nós surgimos com o obcecante proposito de agradar.

Albertino Moreira fallou da excepção, da "escandalosa excepção" que sou dentro da excepção que sois todos vós. E isto pelo motivo, talvez, de haver permanecido servo do jornalismo, teimando em ser exclusivamente litterato. Vai um engano neste juizo. Não sou a excepção, porque um feliz acaso juntou o meu nome ao de Affonso Schmidt, na partilha desta homenagem, e o autor de "Janelas Abertas" é, até agora, tão somente litterato, na extenuante faina nocturna do jornal. E a obra do acaso não ficou apenas nesse pormenor. Quiz, ainda, que nos encontrassemos ante vós, quando, entediados da doce melodia do verso, recorremos ao rythmo barbaro da prosa como roupagem apropriada a uma nova onça de pensamentos mais relacionados com a realidade.

Motivos não faltam, neste momento, para que eu esteja possuido de um jubilo que não tra-

duzem palavras. A vossa amizade, que senti palpitar como raiz, fez-se arbusto; frondejou e é, agora, a apothose floral que pronuncia os frutos. Começo e prelibar-lhes o inebriamento. A vossa amizade é já, para mim, a suprema, a incomparavel maravilha.

Homenageando-me, e a Affonso Schmidt, mais não fazeis que homenagear a vossa propria obra. De minha parte nada de elevado em mim se manifesta, seja nos dominios do sentimento, seja nas puras abstracções mentaes, que de vós não promane, que de vossos espiritos não seja reflexo constante.

Nenhum espectáculo é mais surpreendente, meus caros amigos, do que o offerecido pela amizade intellectual, pela perfeita harmonia da intelligencia.

E nós alcançamos o milagre vivendo a vida intensa desta cidade. Cada espirito, por isso que as prementes circunstancias não permitem aqui insidias e satyras proprias da ociosidade litteraria, conseguiu guardar suas characteristics originaes, conservando-as na comunidade. E foi assim que Albertino Moreira surgiu romancista definitivo; Cleomenes Campos, poeta das intimidades sentimentaes; Antezonas Duarte, commendador de arte e religiões; Alvaro Lopes, fundibulario da polemica á Fialho; Angelo Guido, metaphysico e erudito; o saudoso e queridissimo Fabio, manejador do verso aprimorado na officina parnasiana; Paulo Gonçalves, lyrico enternecido; Ribeiro Couto, impregnado de uma tristeza elegiaca, embaladora; Affonso Schmidt, quasi indefinivel na extranheza, de seus processos sempre imprevistos, e o segundo alvo desta carinhosa homenagem trahindo sempre, quer no verso, quer na prosa, um civilizado á força.

Por aqui vereis, meus amigos, que em Santos não se verificou o caso da Academia de São, subtilmente urcido por Machado de Assis. Ali, os membros só se reconheciam grandes e se proclamavam, mutuamente, o "arroz da sciencia", quando reunidos. Interrogado á parte, todo o academico taxava de asno os demais confrades.

Não houve aqui o prejuizo das aggremlações litterarias, muito bem o assignalou Albertino Moreira; o que sempre houve e ha de haver, é esta commovedora fraternidade de que caes, todos vós, neste momento, o mais expressivo testemunho.

LITTERATURA DE ESGOTO

Ha uma cousa deveras criminosa nessa pornographia pertensamente elegante, que vem vem surgindo na nossa imprensa. (Pornographia, em verdade, sempre houve aqui, como alhures, mas os follicularios libertinos d'antanho diferiam dos de hoje pelo publico a que elles se destinavam. Nessas eras da prehistoria carioca em que se imprimia o Rio Nô, lia-se a pornographia num meio exclusivo de devassos, que se poderia alcinhar de profissionaes; a circulação dessas folhas se restringia aos "aficionados" da Guarda-Velha, velha guarda pedindo aposentadoria alquebrada pelas avarias recebidas nos combates do famigerdo Hotel Ravau ou do não menos celebre Freres Bretonneau. Eram esses veteranos da devassidão os consumidores unicos da litteratura licenciosa da época. A hodierna pornographia se apresenta com uma feição muito mais nociva. Sob côr de preocupação artistica ou litteraria ella visa se infiltrar nos lares cariocas, demolindo os ultimos vestigios da moral brasileira. Mais grave, porém, é que, out'ora, dedicavam-se a esse triste officio de preparadores de cantharida litteraria apenas alguns anonymos illetrados e ignorantes; era rebutalho da sociedade, vulgares rabiscadores, que mal sabiam alinhar as suas phrases suinas. Hoje, não. Os exploradores dessa torpe industria que bem pôde ser qualificada de annexa a das aicalotas, são recrutados entre a fina flor das lettras nacionaes e entre elles, mesmo, deparamos algum que se agasalha na companhia, herdeira do livreiro Aives. Con-

fessemos, contudo, que talvez haja no caso um méro caso de homonymia, porque não encontramos nas pequices triviaes, cheirando a piagio inhabil e a sedicças anedotas de caixeiro-viajante, o fulgor e a belleza, que caracterizam as obras immortaes da nossa Arcadia tropical. Se, porém, foi a "aurea sacra fames", que fez descer, do Olympo ao lupanar, o poeta nortista, resta-lhe o attenuante da incuria policial, que permite, por espirito contradictorio, a circulação dessas folhas, hetairas, que se vendem por nickels, ao mesmo tempo que veda o deambular das rameiras de mais alto preço. Allegam os seus defensores que, se são compradas essas folhas de repolho pôdre é que o paladar corrupto da sociedade outro acepipe não quer. Fraca defesa; o mesmo significaria facultar o alcool aos alcoolatras; quando justamente o dever dos elementos sãoes de um povo é reagir contra a propagação do vicio. Exemplo disso acaba de nos offerecer o povo mais vigoroso do mundo. Mas basta. O Dr. Geminiano, que luta tão efficaz, tem movido contra os alcouces e o hetairismo tem o dever de embargar a circulação dessas revistas, cuja entrada prohibe, certo, em sua casa. Alguns raros celibatarios, encanecidos na libidinagem, não podem, por se verem privados do aphrodisiaco litterario, reclamar contra uma medida que visa proteger a saude dos moços, que não queremos ver como vimos, folheando, entre sorrisos de avelhantados, essas paginas repugnantes.

PARACELSO.

( Da "Noticia" )

# "CÁVALHEIROS DA FELICIDADE"

DE CARLOS DE VASCONCELOS

Em torno da mesa circular sentavam-se, com o casal Bryan, num dos luxuosos apartamentos sitos n'aza sul do predio "The Raleigh", do n. 816 da West End Avenue, em New-York City, os esposos Powell e o commissario de negocios Myron Polk, filho do maior criador de pompos e avestruzes de Los Angeles, California. A toalha muito branca, sugestiva no desenho cinegetico e toda marchetada de pblíeromicas petalas odoríferas, casavam-se bem o faiscar da prataria fina e as lucilações dos crystaes *cut-glass*, carissimos e iriantes como facetas de vasos magicos, tirados do amago de gemas preciosas. Como as famosas terras da vinha florida longe estivessem de ser taladas pela famigeragem vaniloqua do Kaiser, e porque os lagares de Reims então fizessem verter, sem impediçoes, a mór parte de seu loiro filtro no paiz fertil dos *yankees*, sem as actuaes restricções consequentes do vandalismo teutonico e do neo-evangelismo d'umas tantas mulheres, que conseguiram impor uma emenda á Constituição de 1776, bannindo e prohibindo o uso dos seus maravilhosos vinhos, que sempre foram a alma das entusiasticas commemorações — os convivas e amphitriões, muito harmonicos na educação e nos principios, em afabilidades e alegrias, palravam com a maxima cordialidade, entre gorgolões de champagne, quaes si jámais houvessem saboreado um amargor na vida. Uma Victrola, executando um programma adredé traçado, esparzia os sons deliciasntes do violino de Ysaye no "Preludio e Fuga" em *dó menor* do grande João Sebastião Bach, depois o "Minueto com variações", de Mozart, o Trio em *ré menor*, de Beethoven, interpretado por Mischa Elman, enveredando em seguida no piano de Paderewsky pelo "Traumerei" de Schumann, pela "Poloneza Militar" de Chopin e pela "Valse Étude" de Saint-Saens, com a magnifica execução do pianista Cortot, bem como o "Feux-Follets" de Philippi, segundo a vivida interpretação de nossa eximia pianista Guiomar Novaes, que então empolgara ao arrebatamento os frequentadores do *Aeolian Hall* e o salão do Ritz-Carlton.

Entre essas altas expressões da harmonia dos grandes Mestres e as inspirações do deliciasnte Poeta do Piano, passadas ao crivo da emotividade individual de cada interprete, ia a palestra cordial se esgueirando, ora alacre, ora mansa, entre as golfadas do vinho loiro e as facecias peculiares á indole dos anglo-saxões, refferos da bizarrice devida ao meio e ás circumstancias...

— Sabes, Ralph, tive hontem a idéa de divorciarmo-nos por consenso mutuo, para te cazares com Mrs. Bryan e eu com Mrs. Powell — disse-lhe David Bryan, com a maior simpleza e a mais natural intonação possivel! Na vida nada é tão bom quanto a variedade, e eu de ha muito notei uma forte *sympathia* de minha mulher por ti, enquanto uma tendencia bem pronunciada de mim pela tua. D'ahi o interesse e a cordialidade destes nossos encontros e jantares, anciozos, que somos, de nos torparmos de todo felizes...

As duas jovens e formosas senhoras assombraram-se á extemporaneidade desta altisona sugestão do dono da casa. E embora quizessem attribuir semelhante dispauterio aos generosos vinhos sorvidos em fartos goles, entenderam por bem aventurar um discreto e digno protesto de salvaguarda de si mesmas, insinuados pelo conselho lyrico de Stechetti no *le parole d'amore che non si disse*:

— E sabes si acaso estamos de accórdo para dansar esse *balancez* á franceza,

precedido do *changez de dames*? — perguntou-lhe Lillian Powell. Eu, como fui sempre franca e sem rebufos, confesso que não o queria para esposo, e que, si o meu Ralph me divorciar algum dia e o Sr. Myron Polk ainda me quizer, será elle a quem eu de novo me unirei.

Polk era o conviva solteiro que alli formava o pentagono da cordialidade bizarra e o unico que ainda nada articulava, muito antes dessa insólita idéa aventada pelo amphitrião hospitaleiro. Mas, uma vez que Mrs. Powell se arrojava a confessar a sua preferência por elle, em detrimento de David Bryan, vira-se, por hombridade, sob o explicito dever de definir a sua attitude diante desses dois casaes singulares, que, em presença de outrem, aventava as conveniencias reciprocas de permutarem-se as *metades* e re-completarem-se de accórdo com a lei...

— E' verdade. Já que se rompeu o véo de nossos segredos, manda a lealdade que eu lhes diga da pureza de nossas *sympathias* e do projecto de nossos amores futuros. No instante em que Mrs. Powell logre divorciar-se, apenas terá o incomodo de tocar o telephone e chamar-me, pois que sahirei incontinenti do escriptorio para ir buscal-a, e, sem perda de tempo, numa egreja qualquer ou mesmo na residencia mais proxima de um juiz de paz, seremos ligados pelos laços temporarios do matrimonio — affirmou o mancebo, com serenidade e pleno jubilo.

Os dois maridos entreolharam-se, suppresos, indagatiyos. Semelhante confissão vinha-lhes perturbar os leaes planos de desejo e felicidade. Cada um delles se sentia empolgado pela esposa do outro: e como ambos se fôrassem de uma equanimidade perfeita, revelavam-se ao mesmo tempo para accordar esta solução de admiravel justeza reciproca — trocaram-se as esposas! Era a exemplificação do lema altruista do *querer tambem para outrem aquillo que almejasse para si...* Tal meio de soluçionar insolitezas exoticas do psiquismo humano só mesmo a indole exalviçada do americano concebia, em sua plenitude equanima. Porque qualquer neo-latino acharia natural que elle se subvertesse á impertinencia dos anhelos, e, esgorjando pela esposa de um amigo, viesse a apanhal-a e detel-a, porém jámais poderia soffrer ou tolerar a reciproca, exoptanea ou como pena de Talião, da sua consorte passar aos cobertores de outro amigo!

Attingia pois o limite da cordura e da rectidão esse sereno ajuste entre Ralph e David, extraordinario e unico como exemplo da perfectibilidade altruistica dos homens, si não fóra a perturbação inesperada de Myron Polk e o véto opposto por Mrs. Powell ao convenio em que ella — terceira dos quatro interessados — já se trahira um tácito accórdo. E como ella se attribuisse abastosas razões para alardear a escolha de Polk á posse de seus encantos, a despeito da situação de casada, Lillian Powell, numa mostra magnifica de sarcasmo, disse ao marido, em soslaidando áquelle outro a quem pretendera entregar-a, independente de consulta e aquiescencia:

— Olha, Ralph, eu, para não lhes desmanchar os prazeres, abro mão de ti, em beneficio de Mrs. Bryan, si é da vontade della despozar-te, e comprometto-me a arranjar para teu amigo, Mr. David Bryan, uma companheira mais prendada do que eu, mais nobre de virtudes e mais facil em fazer-se amar. Essa creatura é, de facto, mais bella do que eu e dispõe de recursos fartos, deixados por um ma-

rido, que pouco lhe fruiu a coabitación. E' uma das mulheres que farejam o meu Myron e, para a maior singularidade destas negociações casamentiferas, velahemos como si fosse a esposa platonica do Sr. Polk e então o *changez de dames* se tornará geral, tal como nas velhas quadrilhas francezas, marcadas com tanto garbo pelos gentis-homens do *temps joti des marquises*...

Polk sorriu ao ver-se de tal modo enlizado na urdidura originalissima desses matrimonios a desatarem-se para diversas combinações consequentes. Os dois transactores fizeram-se afazicos ante o inesperado entrave creado por Mrs. Powell e ante a perspectiva do *imbroglio* inevitavel dalli resultante. E, para maior pasmo, escancararam os olhos semi-alcunados, quando Lillian se levantou e foi ao telephone falar á pessoa indigitada, para o completivo de um sexteto sponsalicio:

— E' Mrs. Mansfield quem está no aparelho? Aqui falla a *empregada* do Sr. Myron Polk, que me mandou dizer á Sra. que elle está á sua espera na casa dos Bryan, em West End Ave., n. 816, apartamento 23, do "The Raleigh". Por estar um pouco atrasado, elle deixa de ir buscal-a, mas faz questão de que a Sra. lá vá ter, em beneficio mesmo de seus interesses... West End Ave n. 816, "The Raleigh Apartments", 23, tenha a bondade de tomar nota, para não esquecer, telephone Riverside 10.079.

Radiante de contentamento, deixou o phone e, sob um faiscar intencioso de graças,olveu aos demais amigos, annunciando:

— Mrs. Mansfield em breve estará aqui. Convidei-a em teu nome, Myron; por isso, irás recebê-la e apresentá-la aos nossos camaradas.

Nesse instante a campainha do telephone deu signal e foi David Bryan quem se apressou a attender ao chamado. A voz de Emily Mansfield agradou-o logo para pol-o em curiosidade: e ao saber quem falava, antes mesmo de inteirar-se do que a moça descrevia, todo doçura e afabilidade, David fez saber de que a esperavam, com anciedade, para partilhar de sua intima reunião cordial, encomiada e exaltada como fóra pelo Sr. Polk.

E urdida a trama, estabelecida uma certa confiança, a convidada attribuiu-lhe cabal justificativa para correr áquella aza do selecto edificio de apartamentos da WEST END AVE. Tudo a fez confiante, desde a situação topographica até a lhanza hospitaleira do domiciliario; e ella, que por prudencia se resolvera a fallar a Myron Polk para saber si de facto elle alli se encontrava, como que de prompto se embevecera ao timbre suggestivo de David Bryan para decidir comparecer, e, até, para prescindir de fallar a Myron, unica creatura conhecida na comitiva reunida naquelle cobigado districto residencial, debruçado sobre o rio Hudson.

Como taes seres alli reunidos possuissem equivalentes naturezas estruturales, todos queriam variar de costumes, para novos encantos do viver altruista dos tempos modernos; todos se agoravam de ancias por sensações inéditas e bizarras, capazes de os embevecer e celebrar! Por isso David, de commum accórdo com Ralph, tivera a idéa de trocarem-se as esposas: e como na America as iniciativas assim singulares coubessem ás mulheres, eles diriam terem sido ellas as permutadoras dos maridos, para uma melhor comprehensão do Homem, pela estatistica experimental... E os dois se

sureolariam com as estemas da justiça e da tolerancia, aquiescentes aos caprichos das esposas, de quem o marido devia sempre patentear-se o escravo agradecido, pelo sabor de seus beijos e pela maciez de sua carne, afóra ser, desde os tempos heróicos, o inspirado por ella em todos os ramos da Artel. E si o homem devia a eternidade de sua gloria á mulher, não seria justo e louvavel que os maridos lhes satisfizessem os minimos caprichos, mesmo quando estes lhes acarretassem pezares ou infligissem soffrimentos?

Todavia, como Lillian vétsase a resolução dos outros, em favor de um terceiro que nada tinha no pleito, por se não encontrar em circumstancias de dar e receber, o embaraço sobreveio, alterando-se a harmonia dos planos. E como, por outro lado, mandasse a sabedoria ajustar as condições ao melhor possível de obter, em amor, como em politica, fazendo-se o que se póde e não o que se quer, David inclinou-se, abnegado, pela renuncia á Lillian, e cogitou de, por outro modo, fazer córo com os demais á sábia lei da variabilidade de sensações. Tal abnegação impunha-se mesmo a um dos amphitriões: e porque devesse o homem ceder ante a mulher, era a elle, e não á Dora Byran, a quem cabia o sacrificio. Por isso imbuu-se de optimismos, apenas ouvira a voz de Emily Mansfield, e sorriera ao capricho, de vir a ter por ella um arrebatamento subito, amor á primeira vista, capaz de sobrepujar a affinidade sentida pela esposa de Ralph; reprimiu palpitações e anhelitos, enquanto se aplaudia o desinteresse, o despreendimento de renunciar á Lillian, para não sacrificar a felicidade dos demais, e enquanto esperava a vinda da salvadora.

E foi como si o arrancassem á deliciante acção narcotica do opio, quando a campainha da entrada de seu apartamento vibrou, discreta:

— A Sra. Emily Mansfield? — perguntou-lhe, com afabilidade hospitaleira.

— Sim Sr. E tenho muito prazer em conhecê-lo pessoalmente, Sr. Bryan, a quem ainda ha pouco tive ensejo de ouvir ao telephone. E permitta-me dizer-lhe que a sua presença confirma em toda a extensão a sympathia intensa despertada por sua voz agradável, que traduz os modos de um perfeito cavalheiro.

— Sua bondade confunde-me. Oxalá á Sra. Mansfield não se engane e nos dispense d'ora avante a sua amizade — avançou, tomando-lhe as peliças e encaminhando-a através do curto corredor para a sala-de-visitas, onde se encontravam os demais, quédos, attentivos a esse flirt nascente, caracterizado de medieval, por começar por um sorriso ouvido graças á electricidade e por logo entrar no idyllo dos humbraes...

Seguiram-se as apresentações, não tendo passado despercebida aos convivas a sobriedade das mostras da recém-chegada para com o seu unico conhecido alli. Myron Polk saudou-a com o devido recato, sem trahir o intuito de sua atracção americanissima alli, para offerecer o regaço a um homem disponível: e, em unisono com Lillian, exultou á perspectiva de um accôrdo entre Emily e David, capaz de permittir-lhes trilharem o caminho florido da felicidade, que, dentre as turbidas apprehensões e difficuldades de subito deparadas, ia clarificando, para o debuxo esplendente de seus desejos e aspirações.

A nova visitante vio-se cumulada de gentilezas, distinguida pelas mais subteis amabilidades do casal entreteredor: nem havia ciumes estorvantes, nem despeitos irritaveis, de modo que a todos embalou em suas azas alviçareiras, sob mornas ancias, o instincto da novidade de defrontar-se cada um com corpo e alma diferentes, ignotos para serem franjados em tons roseos, carinhosamente esbatidos...

rido yankee raro teima em vencer a antipathia ou aversão de quem deseje por companheira: propõe-se-lhe de improviso e foge-lhe num fechar d'olhos. Não persiste. E pensa bem porque, si adstricto á espontaneidade mutua para o abraço conjugal, elles a miudo se vêm tentados a quebrar os laços, com mais frequencia careceriam de fazel-o si, contrafeitos e desgostosos, entrassem na posse um do outro! Emily exalava de instante os olores da novidade, de que a esposa se lhe destituira ás vistas e de que se privara a mulher do amigo, pela resistencia confessa: e elle acquiesceria de bom grado a ver Lillian e Dora passarem aos braços respectivos de Myron e Ralph, sem detença, para que os olhos deflagrantes da paixão de Emily lhe aclarassem o roteiro, em a noite escura da viuvez de affectos em que se sentira desde o *dessert*...

Emily viera pensando sobre a situação financeira de quem habitava aquella luxuosa parte da cidade e, quando dera entrada no apartamento, relanceara os moveis, as telas e bronzes, os armarios de antiguidades, tudo o que pudesse attestar o ouro facil e o gosto apurado de um magnata: e, tal como os milhafres, experimentou instinctivamente as garras para a tomada do ninho alheio, logo insinuada por seu character aventureiro. Chispou os olhos sobre David, antes de lhe entregar as pelles e de conhecer a sua esposa, em perfeita conformidade com a serpente, que magnetiza a caça e a enleia, ou como a aranha, que estarrece a mosca-azul e a constringe em seus palpos...

E apenas ouviu a apresentação á Dora, imbuu-a a vaidade feminina de ser-lhe facil o desbanque para a subversão plena do marido, ao envez de atinar antes no sabor da variedade, que o leva a deixar cousa melhor, já conhecida, pelo espirito de aventura do ignoto, sempre lantejoilado! De alerta tambem á resistencia de Myron aos seus enleios e artimanhas, Emily banii-o acto-continuo da mente, enrijou-se á frieza do trato e toda se empenhou em vencer de assalto ao castelão que lhe sorriera, sob a amarga desolação recalçada do repudiado e nas illuminações de uma immediata compensação vantajosa.

Vio um piano ao canto e a elle se dirigiu, como si fóra em casa de velhos amigos, abriu-o e encheu o ambiente com os suggestivos acórdes magistraes com que Schumann apaixonara a Clara Wieck, sublinhando numa voz philomelosa as exaltações apaixonadas do autor romantico: e empolgou mais as mulheres em suas febres pelos maridos alheios, envaidecera mais a David, chegando até a produzir um semi-pezar na alma de Myron Polk.

Fôra um triumpho cezarço: chegar, vêr e vencer. E apenas acabada a vocalização do *A' ma fiancée*, David Bryan dirigiu-se-lhe:

— Quizera ter voz e treino, porque eu é que devia ter cantado essa magnifica obra de Schumann para perguntar-lhe si aceitava, como si em verdade fossem meus, os versos apaixonados que ella contém. Mas, embora não saiba cantar, posso perguntar-lhe si quer considerar minhas, e em tudo sinceras, todas essas palavras deliciosas?

Emily expandira-se na mudez do asombro. Jámais pensou em, pouco depois de chamada ao telephone por uma voz estranha de mulher, vir ter á habitação de gente desconhecida para ouvir uma excentrica proposta de casamento, por parte de um marido e em presença da esposa ainda não divorciada! Chegou quasi a crer em uma cilada, por parte de Myron Polk. Nada respondeu, tão sem géito e desacommodada se sentira. O amphitrião revidou o assalto, decidido e franco, num improviso felicissimo de adequabilidade: David renunciou em definitiva á Lillian, apenas esta lhe fizera saber de sua aversão: e facil como um passaro que em vôo sereno inflletisse sem descontinuidade em diverso rumo, elle se voltou, com a mesma bonhomia e prazenteirice, para a nova creatura recém-conhecida. Porque o ma-

— Aqui constituimos a seita dos "Cavalheiros da Felicidade". Buscamol-a com mais soffreguidão do que glorias á vaidade e do que ouro aos prazeres! Ser ditoso é o nosso escopo. E onde quer que se nos afigure existente essa ventura, ouzamos ir buscal-a e todo o esforço empenhamos por conseguil-a. Erramos empós ella como os heróes da Edade-Media atraz do amor de sua dama, com a simples differença de que exigimos della tambem a espontaneidade. Condemnamos o sacrificio só aspiramos a reciprocidade de sentimentos, a coexistencia de desejos e paixões, ainda mesmo que ephemerol! E quando evidenciamos qualquer engano commettido, o menor erro em que incorremos, temos todos a hombridade de confessal-o, para procurarmos logo a sua efficaz corrigenda...

E á immobilidade muda de Emily e dos demais personagens, qual si fóra um conferencista improvisado, a fallar sobre o thema da felicidade, David proseguiu:

— Aqui todos somos solidarios e mutualizamos o auxilio. A maioria nossa já ensaiou apanhar o *Passaro Azul*, mas viu que a gaiola estava vazia e que elle batera azas e fóra cantar noutras paragens, attrahindo-lhe as vistas e exortando-nos



a prendel-o. Sómente um de nós desconhece o capricho desse passaro fugidio e tão querido, pois que somente agora o ouviu cantar... Mas, embora esse passaro pertença a terceiro, o seu dono não lhe estorva o surto e já tem outro em vista, porque se torna compulsorio um immediato substituto. Para isso tive eu também que contribuir, abrindo mão de um e procurando outro...

E risinho, alviçareiro, em illuminuras de vencedor, perguntou-lhe:

—Teria eu por ventura encontrado esse Passaro Azul, na gaiola de seu coração, quando a pouco descantava o *A' ma fiancée*?

Ainda perplexa ante o ineditismo dessa alta comedia bizarra, Emily, que tivera a audacia de, num arrebatamento á primeira vista por David Brian, ir cantar árias passionaes para fascinal-o, agora permanecia afazica, a relancear Lillian e Dora, qual si se encontrasse sob um interrogatorio inquisitorial. Foi preciso que as duas senhoras a insinuassem, explanando melhor a falla difusa do amphitrião:

— Nós também, como "Cavalheiras da Felicidade", temol-a buscado. Uma primeira tentativa, embora não nos tenha trazido desgraças, nem inflingido magoas, não nos deu a saciedade, a embriaguez e o extasis do sonho realizado! Queremos dizer: os nossos primeiros maridos, e que aqui se encontram, são bons, mas longe estão de ser ideaes, por faltarem-nos com um quê inexplicavel. Por isso resolvemos, de commum accôrdo, buscar em outros a satisfação desse quê indefinido, que nem mesmo nós sabemos bem o que seja...

Emily animou-se, ante o tom inosphismado e cordial das damas, a interrompel-as:

— Faltava-lhes o sal que condimenta o prazer e que nos enleva no proprio mysterio, vencendo-nos a ancía e dando-nos a creença de sermos felizes...

— Disse-o muito bem, Mrs. Mansfield, faltava-nos o sal subtil que nos apraz e enlanguesce — affirmou Lillian, num dobrar de olhos meigos para Myron Polk.

— E que nos leva a buscar as filhas de Venus no seio fecundo das verdes aguas oceanicas — respondeu-lhe este, num surto significativo de preferéncia, fazendo a literatura do neophyto do amor...

Contente com o unisono sentir de todos, continuou Dora a explanação interrompida:

—... e julgando agora haver descoberto uma mais perfeita affinidade entre nós, em diferentes arranjos binarios, carecemos de, na qualidade de mutualistas, completar novos pares. Como faltasse uma companheira para tres uniões provaveis de tornarem-se felizes e de firmarem a nossa pratica em uma seita de bons ensinamentos aos filhos da America, resolveu Lillian chamal-a, com o fito de ver si entre V. e o meu David irromperia um amor reciproco. Teriamos, nesta hypothese, avançado um grande passo: todos nos divorcariamos, por consenso mutuo, para casarmos-nos de novo entre nós, "Cavalheiros da Felicidade" mas de outro modo: eu com o marido de Lillian, esta com o Sr. Polk, e David — que eu affirmo ser bom e nobre — com quem elle sympatizasse e por elle sentisse amores.

E brejeira, adelgaçando-se em abemolações a voz:

— Parece-me que o seu canto encantou o meu David e que a sereia também se tomou de subito interesse pelo nosso companheiro de doutrina: e não nos falta, para a apotheose final da victoria, sinão a sua acquiescência á seita

e a esta primeira tentativa, nestes tres novos pares que sem detença daqui se encaminbarão em rumo do ninho, onde ouvem cantar o almejado Passaro Azul!

— Si assim é, confesso que apenas se entreabria a porta deste *flat* e já eu palpitava em sensações extranhas por David! E' um verdadeiro caso de paixão ao primeiro olhar...

... e que veio a proposito para ultimarmos esta belleza de seis almas embaladas á musica dos mais deliciosos beijos — avançou Dora, soffrega, colando-se á bocca de Ralph.

Sedução communicativa, Lillian tomou o torax de Myron e o subverteu a caricias mais violentas do que as Salomé dos amor-fogo o fazem com os seus frigidios Baptistas, emquanto, de pé, no meio da sala, David e Emily, aconchegados, como que se hypnotizavam e, num osculo, reproduziam a postura plastica do *Amor e Psyché*, tão suggestiva em fremitos volupicos...

Ralph ergueu-se e propoz tres *tur-ras!* aos tres arauto da Felicidade, que naquelle instante memoravel, irizados com a plumagem das aves-do-paraizo, se perimorphozeavam em mulheres divinas para ensinar-lhes o amor e o encanto do viver. O campagne exaltou-lhes os espensas e os animos: e na semana seguinte já os *Cavalheiros da Felicidade* se davam novo encontro, naquelle mesmo apartamento da West End Avenue, então pertencente á Emily Bryan: e pafravam cordialmente os homens, sobre negocios, fumarando ás urdiduras da astucia para o successo do dollar, emquanto as senhoras se trocavam observações sobre os maridos, entre si permutados, para sua maior experiencia e mais perfeita ventura...

(Do livro a sahir *Divorciados... na America*).

## AS NAÇÕES EXTRANGEIRAS NA COMMEMORAÇÃO DO CENTENARIO

A presença de representações de quasi todos os grandes paizes do mundo, na Commemoração do Centenario, emprestará ao grande certamen incomparavel fulgor. Teremos que dar ao mundo o attestado de nossa cultura e apresentar-lhe os indices de nossa potencialidade, affirmando o lugar de especial relevo entre os grandes povos, pelo labor de um seculo de vida honesta e progressiva. Na Avenida das Nações, os primeiros pavilhões das nações amigas começam a ser construidos, tudo indicando o brilho fulgurante dessas representações. Passamos a dar as noticias que conseguimos colher, a proposito de provaveis representações:

**Argentina** — O paiz vizinho envida todos os esforços para uma condigna representação no nosso Centenario, constando que seu Embaixador extraordinario será o Sr. Alvear, candidato á successão do Presidente Irigoyen e uma das grandes individualidades platinas.

**Belgica** — Construirá um pavilhão especial e a sua delegação se comporá do Sr. Adolpho Marx, Burgo Mestre de Bruxellas, Ministro de Estado, membro da Camara dos Representantes da Belgica. Trará como seu adjunto o Sr. Conde Adrianovam Durduoh, e, como Commissario geral do Governo Belga, junto á Exposição, o Sr. Constant Renan.

**Chile** — A Republica irmã do Pacifico ainda não tornou publica a sua coparticipação no Centenario, sabendo-se, contudo, que enviará um batalhão de infantaria e acreditará uma embaixada especial.

**Dinamarca** — Construirá um pavilhão, cuja pedra fundamental já foi lançada.

**Estados Unidos** — Embora nada haja, de official, por enquanto, falla-se da vinda do proprio Presidente Harding, viajando á bordo de um encouraçado, capitanea de uma esquadra americana. O eminente estadista viria acompanhado de delegações especiaes das casas do Parlamento, dos Estados Federados, do commercio, da industria e da imprensa da poderosa Republica. Os pavilhões dos Estados Unidos, que estão entregues aos architectos Frank L. Packard e William Hanking, serão

construidos só com material brasileiro. Terão dous cinemas colossaes, funcionando dia e noite, e serão a séde futura da Embaixada Norte-Americana. Os Estados Unidos offerecerão ao Brasil uma grande estatua, symbolizando a amizade.

**França** — A grande nação latina já votou o credito de 9 milhões de francos para sua representação, construindo um pavilhão que, posteriormente, será offertado ao Brasil. A sua representação será composta da seguinte maneira: Presidente, Barão Thenard; Secretario, General Pellin; Thesoureiro, Sr. Imbert. Virá como Commissario Geral á Exposição do Centenario o Sr. Philippe Crozier.

**Inglaterra** — Terá o maximo fulgor a representação britannica no nosso Centenario. Um elegante pavilhão se constrói, com secções para exposição de productos. Por uma especial deferéncia do governo de S. M. o pavilhão será dado, como homenagem significativa que presta o Reino Unido á nossa tradicional amizade. Uma grande commissão, sob a presidencia do Exmo. Sr. Lionel Rothschild, Esq., ficou constituida para cuidar da representação ingleza, emquanto os trabalhos daqui, sob a chefia da embaixada britannica, estão confiados a essa commissão, chefiada pelo Major-General sir Crofton-Atkins, K. C. B., C. M. Q.

**Italia** — Construirá um pavilhão, em estylo venesiano, já tendo sido votado o credito de 8 milhões de liras. A commissão de representação será assim constituida: Theophilo Rossi, Ministro da Industria e Commercio; Camillo Peana, Ministro do Theouro, e pela Commissão Nacional de Exposição virá como alto commissario o Sr. Corivaldi.

Sobre a missão diplomatica ainda nada está resolvido.

**Japão** — Enviará missões diplomatica e commercial, bem como um navio de guerra.

**Mexico** — O nobre paiz americano tomará parte condigna na nossa grande festa civica. Construirá um pavilhão em estylo atzeca e offerecerá um grande monumento ao Brasil, que

é a reprodução da estatua atzeca Contemoc. Junto á sua Embaixada, virá uma delegação de "Federación de los Estudiantes do Mexico". A representação commercial é composta das seguintes pessoas: Enrique Fremont, José Ceballos, Cambreto, Espinosa, Carlos Obregon, Benjamino Juarez e Angelo Borca.

**Paraguay** — Representar-se-ha por uma embaixada, chefiada pelo Ministro do Interior, Sr. Rogerio Ibana.

**Peru** — Construirá um pavilhão e enviará uma embaixada em missão extraordinaria.

**Portugal** — A nobre nação irmã representará-se-ha dignamente, na grande commemoração da nossa Independéncia. Já estão adiantadas as obras do seu pavilhão, em estylo colonial, D. João V, devendo ser decorado pelo reputado artista Leal de Camera. A sua Embaixada será chefiada pelo Presidente Antonio José de Almeida, que se fará acompanhar possivelmente de João de Barros, Secretario da Instrução; Julio Dantas, Antonio Malheiros e sessenta estudantes das Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto. Além disso, virá a representação portugueza á Exposição, chefiada pelo Dr. Lisboa Lima, e representantes da Imprensa, Artes, Musica, Industrias e Commercio. E' provavel que o Presidente venha no "dreadnought" São Paulo, posto á sua disposição pelo governo brasileiro. Nesse caso, a bellonave brasileira será escoltada pelo cruzador portuguez "Vasco da Gama". A Ilha da Madeira far-se-ha representar também por uma commissão especial.

**Tcheco-Slovaquia** — A Republica da Centro-Europa constrói um formoso pavilhão e terá digna representação economica. O illustre Ministro Jan Havlasa será elevado a Embaixador em missão especial.

**Uruguay** — Consta que, á bordo do cruzador "Uruguay", viajará o Presidente Brum, ou, no caso de lhe não ser possivel, o Chancelier Buero.

Além estes, outros paizes, numa manifestação de significativa cordialidade, se farão representar nas festas gloriosas de Setembro.

# PEQUENAS NOTAS

O Governo brasileiro, retribuindo o gesto honrosissimo do General Obregon, elevando sua Legação no Rio á Embaixada, deu igual categoria á nossa representação no Mexico. E' com grande prazer que acompanhamos o novo surto da grande Republica, depois de um periodo de agitações que lhe empolgaram a alma ardente, enveredando pela trilha segura do progresso e estendendo sua mão generosa ás Republicas irmãs, num gesto largo de confraternização.

O Brasil, cuja politica diplomatica é um tecido de liberdades e affectos sinceros, acompanha o esforço mexicano, com alvicaireira alegria.

A criação dos sub-pretos, recentemente feita, pelo Congresso, não parece medida digna de grandes louvores, a menos da fórma por que foi concebida. Trata-se de dar aos novos funcionarios da justiça algumas das attribuições dos antigos primeiros supplentes, com os vencimentos mensaes de 500\$000. Ora, se taes funções eram exercidas sem remuneração outra, além das possíveis custas, não ha uma imperiosa razão para essa nova categoria de funcionarios e, se se quer começar a magistratura por esse apprendizado, especie de estagio, não se devia permittir nos concursos de pretos outros candidatos. Mas, ambas as hypotheses são pouco, ou nada plausíveis. Pretendeu-se, apenas, crear lugares, sem indagar dos interesses superiores da justiça, cuja maior difficuldade em sua boa applicação reside nesse aparelhamento complicado de seus servidores aos quaes vem de se juntar um novo quadro appendicular. Não será por falta de quem a ministre que a justiça minguará neste rico paiz.

Foi uma merecida homenagem a que prestou a França ao illustre internacionalista, Professor Sá Vianna, nomeando-o cavalheiro da Legião de Honra. Efectivamente, nos dias tragicos da guerra não encontrou a grande nação latina maior e mais valoroso amigo de sua causa, da liberdade e direito, do que o Professor Sá Vianna. Proclamou sempre, na cathedra de professor, aos moços que o ouvem com acatamento e admiração. A sua lição inaugural, em 1917, intitulada

— *Qui a provoqué la guerre européenne ?* — é uma analyse profunda das origens do conflicto, precisando as responsabilidades com o mais alto espirito de justiça, para terminar exaltando aos estudantes a causa sagrada que encarnava a França. Além disso, sua actuação na imprensa e como Presidente da "Liga Brasileira pelos Alliados", foi das mais notaveis, como um paladino do ideal humanitario da França.

O Governo de Portugal acaba de agraciá-lo com a commenda da Ordem de Christo o Sr. Conde Ernesto Pereira Carneiro, nosso illustre patricio, chefe da firma Pereira Carneiro & C. Ltd., importante organização economica que tem sob sua esphera de influencia varias corporações commerciaes e industriaes, taes como a Empreza Commercio e Na-

vegação, e é ainda proprietario do "Jornal do Brasil".

De D. Julia Lopes de Almeida, a illustre romancista que todo o Brasil conhece e admira, apparecerão no corrente mez quatro livros: *A isca*, novelas; *Jardim Florido*, livro de jardinagem; *Elles e Ellas* e *Cruel Amor*, os dous primeiros ineditos e os outros reedições.

O Governo brasileiro assignou decreto elevando á categoria de Embaixada a Legação brasileira nos Estados Unidos do Mexico, retribuindo, assim, a gentileza daquella nação para com o nosso paiz, distinguido com esse gesto de excepcional honraria e amizade.

O Ministro da Justiça incumbio ao Sr. Professor Dr. Candido de Oliveira, lente cathedratico de theoria e pratica do processo civil e commercial, da Faculdade de Direito, da nossa Universidade, de elaborar a Consolidação das Leis de Organização Judiciaria de Processo da Justiça Federal. Não é preciso encarecer a vantagem dessa consolidação e os beneficios que trará a todos que lidam nos nossos tribunales, bem como o merito do illustre professor, a quem foi confiado o encargo, a ser concluido em seis mezes.

Antiga aspiração de quantos amam está grande Patria, a organização do seu museu historico está assegurada por disposições legaes, por haver o Sr. Presidente da Republica sancionado a resolução legislativa que providenciou nesse sentido, e estando nós ás vespéras da data de 7 de Setembro, seria de louvar que o Governo inaugurasse por essa occasião esse estabelecimento.

A missão militar franceza, que contratou o Governo do Uruguay, iniciou os seus cursos, assistindo sessenta officiaes.

Ao que se sabe, os Governos da Argentina e do Brasil elevarão á categoria de Embaixadas as Legações do Rio de Janeiro e de Buenos Aires, a exemplo do que fizemos com o Mexico.

Ha tempos foi divulgado o alvitte suggerido pelo Sr. A. Gomes Barbosa, na Camara Portugueza de Commercio e Industria, de estabelecer-se entre Portugal e Brasil a unificação das taxas postaes, medida esta que provaria exuberantemente, se realizada durante as festas do nosso centenário, o affecto que une através o Atlantico os dous povos irmãos, cem annos após as rapidas lutas da independencia. Agora foi noticiado ter o nosso Ministerio das Relações Exteriores transmittido ao da Justiça e Negocios Interiores uma nota, em que o Sr. Embaixador de Portugal communica ser desejo do Governo portuguez decretar que todos os editores e impressores de Portugal enviassem obrigatoriamente

á Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro um exemplar de cada obra editada. Nessa nota perguntava o Sr. Embaixador se o Governo brasileiro accederia em decretar medida identica em relação á Bibliotheca Publica de Lisboa. Segundo sabemos, a resposta do Ministro da Justiça é absolutamente favoravel á idéa, que em breve será effectivada por parte dos dous Governos, em actos simultaneos.

"La Razon", de Buenos Aires, inserio, na sua edição de 26 do mez findo, um artigo intitulado "Politica Naval Brasileira", e no qual synthetisa o estudo ha tempos feito pelo ex-deputado Contra-Almirante Antonio Nogueira, em parecer apresentado á nossa Camara dos Deputados.

O intercambio commercial entre o Brasil e a Hespanha vai soffrer graves prejuizos com o imposto lançado ultimamente por este paiz sobre o café. Taxando-o em 2 pesetas por kilo, o Governo hespanhol creou, assim, quasi um imposto prohibitivo, porquanto o condemnna a ser unicamente bebida de ricos. O nosso intercambio, segundo os dados estatisticos, era equilibrado justamente pelo café. Este producto constituia a base da nossa exportação para a Hespanha, pois, num total de 12.883 contos, contribuiu com 6.662 contos, em 1921, ou seja mais de 50% do valor das mercadorias exportadas. Ora, subindo as cifras da importação dos productos varios que recebemos da Hespanha a uma quantia mais ou menos igual á da exportação, esse aggravamento de impostos sobre o café é injusto e prejudicial. Ficamos, dess'arte, com um sensível desequilibrio na nossa balança commercial, desequilibrio que vem favorecer a Hespanha em detrimento do Brasil. Os resultados dessa desastrada medida já vamos sentindo, porquanto, em Janeiro ultimo, num total de 117.745 contos de mercadorias exportadas em Santos para a Europa e a America do Norte, figura a Hespanha apenas com 892\$, num mez em que mandamos para o estrangeiro 991.135 saccas de café.

O Governo, por intermedio dos nossos agentes diplomaticos e consulares na Hespanha, deveria amparar os nossos productos com mais efficacia, afim de não continuarmos a soffrer prejuizos semelhantes.

Diz um telegramma de Paris que o General Fernandez, do Exercito argentino, terminou o estudo a que vinha procedendo da frente occidental nos campos de batalha do norte da França e da Belgica. O General Buat, Chefe do Estado-Maior do Exercito francez, offereceu ao General Fernandez um banquete a que tambem assistiram numerosos officiaes francezes. Em conversa com um representante da "Agencia Havas", o General Fernandez exprimo a sua satisfação por motivo das observações de alto interesse tecnico que tinha feito desde a chegada á França e pelos testemunhos de sympathia e amizade prodigalizados ao Exercito argentino na sua pessoa, informando tambem que já tinha começado o relatorio que apresentará ao Governo argentino.

# ECHOS & NOTÍCIAS



## A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA NA AUSTRIA

A circulação fiduciaria da Austria augmenta diariamente. Em 15 de janeiro ultimo as notas em circulação attingiam 193.749 bilhões e meio ou seja mais 11.480 milhões de cordões do que na semana anterior. O governo inglez autorizou, sob certas reservas, os bancos de Londres a emprestar á Austria libras 2.500.000. Este emprestimo será garantido pelas Alfandegas austriacas e o governo austriaco deverá dar as garantias sufficientes com relação á utilização do dinheiro do emprestimo e a acceptar a fiscalização britannica na obra de reconstrução interna.

## O MUSEU DA LEGIÃO DE HONRA

A França trabalha por dar ao Museu da Legião de Honra uma melhor installação, ampliando o actual edificio. Para isso, o grande chanceller dirigiu um appello aos 120 mil legionarios francezes e 22 mil legionarios estrangeiros, em prol de uma subscrição destinada a tal fim. Com essa reforma, bem melhor se apreciarão as phases gloriosas da ordem instituida por Napoleão. Para se conseguir, é preciso ampliar as actuaes installações, dotando o edificio com mais um andar. A Legião de Honra possui uma riquissima e vasta colleção, que não pôde ser toda ella devidamente exposta no seu acanhado museu. Desta colleção destacam-se todos os typos de condecorações e insignias das ordens instituidas em França nos differentes regimens, bem assim no estrangeiro. A serie documentaria propriamente dita, compõe-se de cerca de cinco mil gravuras, na sua maioria retratos. A bibliotheca é riquissima no seu objectivo, manuscritos, mappaes, etc. São de um vivo interesse as colleções de «bibelots», moveis, tapeçaria, «toilettes», prataria, porcellanas, crystaes, leques, bengalas, sabres, medalhas, cachimbos. Entre esta colleção, está o celebre busto de Napoleão, no leito de morte, um pedaço da colcha em que o corpo do 1º Bonaparte foi envolvido minutos após a sua morte e o grande cordão da Legião de Honra, que Napoleão usava. E' para installar, devidamente essas preciosas colleções, que a Legião de Honra vae ampliar o seu edificio e recorre a todos os legionarios, francezes e estrangeiros.

## A QUESTÃO DO ORIENTE PROXIMO

Na ultima reunião da Conferencia Oriental, os Ministros das Relações Exteriores alliados discutiram e assentaram as propostas que vão ser apresentadas para a regularização da questão do Oriente Proximo, tendo em vista o restabelecimento da paz entre a Turquia e a Grecia, sem infringir contra nenhuma das duas partes quaesquer condições que pudessem significar a derrota. As medidas propostas restituem á Turquia a independencia nacional, reconhecem Constantinopla como a capital ottomana e mantêm a autoridade religiosa do Sultão. Quanto á Grecia, esta receberá a compensação dos sacrificios que fez pela causa dos alliados. As propostas de paz estabelecem tambem medidas de protecção ás minorias musulmanas e christãs, prevêm a conveniencia da evacuação da Asia Menor e concedem á Turquia a Anatólia, do Mediterraneo ad Mar Negro e da Transcaucasia á Persia, e mais Constantinopla e larga parte da Thracia Oriental. As margens dos estreitos devem ser desmilitarizados, tanto no que se refere a fortificações turcas como a fortificações gregas. Os governos alliados vigiarão pela manutenção des-

ta medida. A Liga das Nações ficará encarregada de avisar sobre os meios que é possível adoptar para satisfazer as justas aspirações do povo armenio. A independencia financeira da Turquia é claramente reconhecida e a administração da divida ottomana é mantida e confirmada. O Estado Ottomano pagará indemnização eventual relativa a encargos que resultaram da sua participação na guerra ao lado dos Imperios Centraes. De outra parte, segundo as medidas adoptadas, a Turquia fica exonerada de contróle financeiro, exceptuadas as disposições de protecção aos interesses economicos dos paizes alliados.

## A RATIFICAÇÃO DO QUADRUPLO ACCORDO DO PACIFICO

A ratificação do Quadruplo Accôrdo do Pacifico pelo Senado dos Estados Unidos, por 67 votos contra 28, é geralmente considerado como victoria muito apreciavel do Governo do Presidente Harding. Em certas rodas, já se diz que o Secretario de Estado Hughes está resolvido a empregar todo o esforço no sentido de activar a discussão dos demais tratados assignados na Conferencia de Washington. Os jornaes americanos commentam amplamente a ratificação pelo prisma das idéas partidarias que defendem. O «New York Tribuna» diz que os Senadores que ficaram fieis ao S. Underwood tem direito á gratidão do paiz. Por outro lado o correspondente do «New York Herald» em Pariz aproveita a oportunidade para fallar da questão das despesas com o exercito norte-americano de occupação na Rhenania e diz ser muito provavel que os Estados Unidos sejam reembolsados da importancia das despesas em productos. E a proposito, o mesmo correspondente friza o facto de que, muito embora os industriaes alliados tenham podido obter na Alemanha grandes quantidades de materias para tinturaria, somente importantes entregas desse producto foram effectuadas á Alliança Textil Americana, e isso mesmo para figurar na conta dos Estados Unidos em Coblença.

## O FUTURO DA ITALIA MODERNA

O professor Giacomo Boni, o conhecido escavador do Forum e do Palatino, acaba de iniciar uma campanha energica a favor do futuro da Italia Moderna, combatendo o alarmante abuso do vinho entre as classes inferiores italianas, visto como o vicio do alcool, em consequencia dos augmentos de salarios, está, effectivamente tomando grande incremento. Ha uns quinze annos ou vinte passados era muito difficil encontrar-se um homem, e mais especialmente uma mulher, alterado pelo alcool a perambular pelas ruas. Mas agora, infelizmente, não é pouco frequente uma scena dessa ordem e força é dizer que, por effeito das bebidas, muitos crimes contra pessoas e proprietarios particulares têm sido commettidos em diversos pontos. Iniciando sua campanha, o professor Boni fez um discurso no Forum, em presença de uma verdadeira multidão lamentando que enquanto a Italia gasta 47 milhões de liras com a agricultura e 648 milhões com a educação, os italianos esbanjassem 1.800 milhões de liras por anno com o fumo e 12 bilhões de liras com os vinhos. As regulamentações da policia apenas permittem uma «osteria» ou casa de vinhos para cada 500 habitantes; mas na parochia que circunda as ruinas do Palatino onde mora o professor, ha pelo menos uma casa de bebidas para cada 150 habitantes. Como demonstração dos perigos originados pelo abuso do alcool o professor Boni citou as estatisticas da policia, pelas quaes se verifica que a maioria dos assassinios, suicídios e disputas sanguinolentas occorrem nos sabbados e domingos, isto é, depois de terminada a semana de trabalho e de estarem pagos os salarios dos trabalhadores. Por outro lado, o numero dos loucos, dos intoxicados alcoolicos, dos epilepticos e dos vencidos pelo «delirium tremens», tem augmentado assombrosamente a partir de 1911, muito embora o anno passado o total desses casos tenha sido menor. A igreja está encorajando e auxiliando a campanha do professor Giacomo Boni, considerando-a um enorme beneficio para a religião e para a sociedade.

## O ESPIRITO MILITAR DO POVO JAPONEZ

Fallando á imprensa de Tokio, o Ministro da Guerra do Japão, Tenente-General Yamashita, prestou a seguinte informação, expondo as suas idéas sobre a necessidade de manter o povo japonéz o seu espirito marcial: «Alguns dirigentes politticos do Japão — disse elle — têm incorrido em grave erro, descurando de manter o espirito marcial da nação, que é tão essencial do povo tanto em tempo de paz quanto por occasião das guerras. A Conferencia de Washington teve o exito que se esperava. As opiniões parecem divididas, é certo, a respeito das bases para as limitações navaes propostas, o que era o principal dos problemas submettidos ao estudo; mas todas as nações estão de accôrdo quanto aos propositos de assegurar a paz mundial. Entretanto, é extranho que, em seu desejo de exprimir sua adhesão, a favor da paz mundial e sua ansiedade por ver o Japão livre do peso do militarismo, alguns dos nossos dirigentes politticos hajam perdido de vista o espirito marcial da nação. E' porém, um grande erro considerar-se o espirito marcial incompativel com a limitação dos armamentos. De certo modo, os armamentos são uma expressão de poder nacional, consubstanciando as energias individuais. A guerra moderna exige uma industria nacional, além dos canhões e cartuchos. Por consequente, se uma nação pretende conservar o posto que lhe corresponde na competencia industrial que necessariamente procurará manter na vigilância da paz, seu espirito marcial deverá ser alimentado e desenvolvido no mesmo gráo e ao inverso da redução dos armamentos.»

## AINDA O TRATADO DAS QUATRO POTENCIAS

A Camara dos Deputados franceza discutio a interpeação relativa ao accôrdo naval celebrado em Washington. O Sr. Briand, intervindo nos debates, confirmou que a delegação franceza á Conferencia do Desarmamento estava realmente prompta a consentir nas maiores concessões em relação aos navios de guerra de grande tonelagem. O total de 350.000 toneladas representado pelos navios desse typo fóra proposto porque se apresentava como base para a discussão quanto ás unidades ligeiras e aos submarinos. O ex-presidente do gabinete accrescentou que logo que obteve a respeito da arma naval defensiva as seguranças necessarias, a França tinha todas as concessões quanto ás grandes unidades.

## PRESIDENTE PILSUDSKI

A 19 do mez passado, commemorou a Polonia o natalicio de seu illustre presidente, o Marechal José Pilsudski. O chefe do Governo da novel republica é bem um symbolo da tenacidade e do esforço da grande patria, que resurge de um captivo secular, augmentada na sua gloria, pelo fulgor de um espirito indomavel. A unidade nacional nunca desapareceu no grande povo, cuja terra retalhada pela cubica das agulhas imperiaes de Petersburgo, de Berlim e de Vienna, não perdeu a fé na redempção, conquistada agora, sob o olhar admirado do mundo inteiro. O Marechal Pilsudski foi um dos grandes heróes dessa resistencia, com a gloria de ver a liberdade, que foi o sonho angustiado de outros patriotas indomaveis e que chamma a nas notas rutilas de «Polonaises», de Chopin — o grande polaco — como um hymno de gloria deslumbrante. A biographia do chefe do governo da Polonia se pôde confundir com a propria historia da libertação da Patria, nos seus transees dolorosos, nas suas fascinações radiantes. Nasção de uma familia lidimamente poloneza de elevada hierarchia social, elle viu desde a infancia, pelo que soffrera nos seus, logo após o movimento revolucionario de 1863, os horrores e os desmandos da tyrannia, e todas as suas energias, a partir da primeira mocidade, se consagraram á obra ingente e arriscada da liberdade de sua patria. Assim, em pleno regimen tsarista, elle iniciou como um apostolo que tudo sacrificava ao seu ideal patriótico a campanha em prol do reengultimento da nação poloneza abatida pelas duras provações da tyrannia. Com um esforço constante, arriscando-se aos maiores perigos — conspirador, jornalista, typographo e propagandista ao mesmo tempo —

elle conseguiu, durante annos, zombando do zelo terrorista das autoridades russas, manter uma folha revolucionaria clandestina, em que pregava a necessidade de todos os seus compatriotas se unirem com o proposito firme e irreductivel de conquistar a independencia de seu paiz. A obra de propaganda de Pilsudski, não obstante todas as difficuldades sem nome a vencer, conseguiu encontrar éo e interessar vivamente todas as classes da nação opprimida, principalmente o operariado, que já nessa occasião constituia um nucleo mais ou menos organizado, dando em resultado a fundação do "Partido Socialista Polonez", que teve um papel de primeira grandeza no desenrolar de toda a campanha em prol da independencia poloneza, dirigida e levada a termo feliz pelo grande patriota e homem de Estado, cujo anniversario registramos. As perseguições, as ameaças, a condemnação a 5 annos de degredo na Siberia, a prisão na cidadela de Varsovia, nada pôde contrariar a marcha irresistivel da sua propaganda incandescente que despertava no coração do seu povo um ardor santo e invencivel. Depois de haver interessado a massa dos seus compatriotas na obra da independencia Pilsudski passou a cuidar com o mesmo devotamento dos meios de realizar as aspirações de seu povo. Seu esforço todo elle se dirigio então para a organização de um exercito nacional, tarefa difficilissima em face do rigor e fiscalização exercidos pelos usurpadores da sua patria, a Russia, a Austria e a Prussia, contra as manifestações nacionalistas dos polonezes. Não obstante, conseguiu Pilsudski organizar, por meio de sociedades de tiro, um nucleo de officiaes e de soldados, imbuidos da idéa da independencia e que, ao iniciar da conflagração européa em 1914, poderam constituir legiões aguerridas, cheias de um desejo invencivel de combater pela causa da sua nação. Seguindo a orientação da sua politica, Pilsudski com as suas legiões gloriosas atravessou a fronteira russo-allema e foi dar combate á Russia, que era então o maior inimigo de sua patria. Com a derrocada da Russia, o grande General polonez, proseguindo no seu nobre objectivo de libertar sua nação do jugo estrangeiro, voltou-se contra a Allemanha e a Allemanha e a Austria, negando-se a prestar juramento de fidelidade aos imperios centraes, o que lhe valeu ser recolhido preso á fortaleza de Magdeburgo, emquanto as suas legiões eram cesarmadas e internadas nos campos de prisioneiros. Mas o genio organizador de Pilsudski havia previsto todos os contratempos e, logo após a conflagração, fundava a "Organização Militar Poloneza", a celebre associação secreta patriótica conhecida pela designação de "P. O. W.", que possuia nucleos de acção em todas as partes do territorio polonez, e, pela acção desta sociedade, a sua obra continuou intensa e incessante, até que a revolução allemã de Novembro de 1918 poz termo ao seu captivo em Magdeburgo. Livre da prisão, Pilsudski entrou victorioso em Varsovia, onde desde logo tratou de activar e consolidar a obra da independencia, proclamada dias antes em Lublin. Sua acção de então para cá, tem sido de um democrata esclarecido e de um militar da mais larga e magistral visão. Convocou a Dieta Constituinte e, se bem que lhe tivessem posto em mãos todos os poderes de um dictador, recusou quaesquer privilégios para garantir ao seu povo uma carta de liberdade, baseada nos mais avançados principios da democracia moderna. Ao mesmo tempo, foi o chefe militar sem igual que livrou o paiz, com os golpes da sua estrategia admiravel, da invasão terrivel das hordas volumosas do Exercito Vermelho.

SIC TRANSIT GLORIA MUNDI!

A morte do ex-rei e imperador Carlos, de Habsburgo, occorrida no ultimo dia do mez passado, em Bunchal, na ilha da Madeira, evoca-nos todo o fastigio e toda a gloria da grande e potente monarchia do Danubio, dominando a Europa, desde os tempos do machiavelico Maeternich até o momento em que o velho e alquebrado Francisco José, manejado pelos imperialistas da Wilhelstrasse, conflagrou o mundo. A guerra, porém, desorganizou o heterogeneo paiz, que a majestade apostolica dominava. Os grupos ethnicos diversos, unidos em torno á aguia bicephalica, pela força, ou pelo proprio prestigio da corôa, ou do velho imperador, só esperavam um ensejo para desmembrarem-se em nações livres e soberanas. A servidão augmentava o animo irredento cada dia a mais e, afinal, quando a derrota esmagou a alliança centro-européa, viram todos que a victoria das armas alliadas era a redempção almejada. A onda revolucionaria irrompeu e os monarchas fugiam, salvando-se de sorte mais adversa. O trono de Vienna, já occupado, por Carlos I, esvaiou-se e o imperante deposto, passou-se

para a Suissa, onde teve tres annos de exilio aparentemente quieto. Animado pelos successos da Grecia, que depuzeram do poder Venizellos e retronaram Constantino, tentou Carlos de Habsburgo aventura semelhante. Por duas vezes appareceu na Hungria, cercado de seus partidarios, dispostos a retomar o governo das mãos do Almirante Horthy. Em ambas, o fracasso foi absoluto, tendo, na segunda, sido feito prisioneiro e entregue aos alliados, que resolveram findar essas aventuras, exilando-o na ilha da Madeira, para onde seguiu com a ex-imperatriz e seus filhos, num navio inglez. Teve um exilio curtissimo. Cedo a morte lhe fechou os olhos, separado do mundo, da gloria e do poder. Por um instante a corôa de rei e imperador esteve em sua cabeça, mas Carlos I deveria pagar a dívida de um seculo de erros, resgatar os defeitos do Tratado de Vienna, as ambições da Austria, as torturas dos povos submissos. Sobre sua figura joven uma sombra negra fazia um ambiente tragico, em que desapareceu.

A MORTE DE DENYS COCHIN

Aos 70 annos de idade, acaba de fallecer, em Pariz, Denys Cochin, notavel como escriptor e como homem, como politico e podemos dizer, como herôe. Descendente de uma familia illustre, filho que era do philanthropo Augustin Cochin, o joven Denys levou para a Universidade, onde se matriculou para fazer o curso juridico, um nome a zelar e um nucleo vigoroso de energia e de vontade. Por temperamento, dedicou-se, desde muito cedo, ás grandes pesquisas scientificas por que anceavam os sabios do momento. Em plena mocidade e dispondo de todos os attractivos da riqueza Denys por essa época, preferio ir trabalhar no laboratorio do grande Pasteur. Pouco depois, explodia a guerra de 1870 e Denys, então, com vinte annos, patriota exarato, que sempre foi, partio para os campos de batalha, como sargento do 8º regimento de lancas. Denys Cochin, cujo nome começava a tornar-se da claridade gloriosa do prestigio da sciencia e das letras, tornou-se conhecido como um dos mais bravos defensores de sua patria. Mezes depois do seu primeiro combate, na campanha travada no lado este, foi Denys o porta-bandeira do General Bourbaki, e todos os sobreviventes dos dias turvos de setenta se recordam ainda, com carinhosa emoção, dos actos daquelle joven francez. Voltou a Pariz, depois da guerra, Denys Cochin se entregou a politica, onde fez uma das carreiras mais rapidas e mais brilhantes. Foi, em 1878, Prefeito de Condrait-Monteaux; eiegeram-no, em 81, conselheiro municipal de Pariz. Em 1893, entrou para a Camara franceza. Por varias vezes, occupou pastas ministeriaes. A sua grande actividade, porém, foi intellectual, porque Denys Cochin, antes de tudo, era o obreiro incansavel no silencio do gabinete. Collaborou, por muito tempo, na *Revista dos Dois Mundos*. Publicou obras, tanto scientificas como litterarias, que alcançaram grande exito. "Os trabalhos de Pasteur", "As falsificações e o Laboratorio Municipal", "A Campanha de Gaz e a Cidade de Pariz", "Quatro annos de Conselho Municipal em Pariz" deram a Denys Cochin uma reputação brilhante de escriptor. Alguns annos depois, publicou uma obra notavel, coroada pela Academia Franceza, "O Mundo Exterior", além de innumeradas outras produções que lhe concederam a credencial de homem de letras, entre os artistas e de homem de sciencia, entre os sabios.

AS VAGAS NA ACADEMIA FRANCEZA

Com a morte de Denys Cochin, occorrida recentemente em Pariz, ficam abertas tres vagas na Academia Franceza, não tendo sido ainda preenchidas as de Jean Aicard e Emile Boutroux, fallecidos, respectivamente, em 14 de Maio e 22 de Novembro do anno passado. Aspiram á vaga de Jean Aicard os Srs. Abel Hermant, Georges de Porto Riches e Louis Madelin, e á de Boutroux, os Srs. Charles de Goffic, Charles Richet, Emile Picard, Louis de Launay, Paul Appell e Pierre de Nolhac. De accordo com os precedentes da Academia Franceza, é possivel que alguns desses escriptores transfiram a sua candidatura para nova vaga, desistindo das outras. Denys Cochin fora eleito em 1911, tendo succedido a Albert Vandal. Os anteriores occupantes de sua cadeira desde a sua fundação da Academia foram Philippe Habert, Jacques Esprit, Jacques-Nicolas Colbert, Fraguier, Charles d'Orleans de Rothelin, Gabriel Girard, Paulmy d'Argeneon J. B. d'Aguesseau, Charles Briffaut, Jules Sandeau, Edmond About e Léon Say. Na Academia Brasileira existem duas vagas, de Paulo Barreto e Pedro Lessa, fallecidos respectivamente em 23 de Junho e 25 de Julho ultimos.



JOSE BEZERRA

Falleceu em Recife, o Dr. José Bezerra, Governador de Pernambuco, chefe politico de grande prestigio na Republica e industrial nesse Estado, onde era dos maiores usineiros. Sua acção politica, no governo do Estado, foi assinalada por uma grande harmonia de vistas, conciliando os diversos partidos e procurando unil-os em torno da grandeza do Estado. Tambem sua gestão financeira em Pernambuco foi das mais benéficas, quer pelo lado economico, pois num anno accumulou o saldo de 12.000 contos, como pelo tributario, supprimindo gradualmente o odioso e absurdo imposto de exportação, pelo imposto sobre a renda. O Sr. José Bezerra foi Ministro da Agricultura, no governo do Presidente Wenceslão Braz, deputado federal e senador da Republica, deixando sempre traços de sua acção benéfica. Era um dos maiores usineiros de Pernambuco, tendo sido um inquebrantavel defensor do grande producto do norte, tão esquecido pelos nossos homens de governo. São os seguintes seus dados biographicos:

O Dr. José Ruffino Bezerra Cavalcanti nasceu no municipio de Victoria, Estado de Pernambuco, no dia 16 de Agosto de 1865. Em 1880, depois de fazer o curso de humanidades na cidade do Recife, matriculou-se na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, onde obteve o titulo de agrimensor. Regressando ao seu Estado natal, foi nomeado para a Estrada de Ferro Central de Pernambuco, em 1883, demittindo-se do cargo para matricular-se na Faculdade de Direito de Recife, onde se bacharelou em 1886. Filiou-se ao Partido Conservador, no Imperio, e se apresentou extra-chapa candidato a uma das cadeiras da Camara provincial. Vencedor no municipio pernambucano, onde então residia, não conseguiu, porém, derrotar os seus contendores. Desgostoso, abandonou a vida politica, vindo exercer a advocacia, em sua terra natal, de 1887 a 1888. Casando-se em 1889, dedicou-se exclusivamente á vida agricola. Em 1890 adquiriu as propriedades que foram do Conde de Boa Vista, senador Luiz Felipe de Souza Leão, na cidade do Cabo, e em 1892 voltou á actividade politica, collocando-se em opposição ao governador de seu Estado natal, o Sr. Dr. Barbosa Lima. Substituido este pelo Dr. Corrêa de Araujo, o então chefe do Partido Republicano de Pernambuco, senador Rosa e Silva, duas vezes derrotado pelo Dr. José Bezerra, nas eleições municipaes da cidade de Cabo fez passar no Congresso Estadual uma lei dando ao governador o poder de nomear um prefeito para aquelle municipio. Filiou-se, então, o morto ao partido opposicionista, chefiado pelo Dr. José Mariano, de quem se divorciou em 1905.

Na 6ª legislatura, apresentou-se candidato a uma vaga de deputado federal, pela opposição, logrando ser eleito. Foi successivamente reeleito ás 7ª e 8ª legislaturas (1912 a 1914). Em 1915 pleiteou a cadeira de senador federal, vaga pela terminação do mandato do Dr. Gonçalves Ferreira, não sendo, porém, reconhecido, apesar de haver sido diplomado. Ainda em 1915 o Sr. Wenceslão Braz, Presidente da Republica, nomeou o Dr. José Bezerra para Ministro da Agricultura. Nesse cargo, que exerceu até o dia 28 de Novembro de 1917, teve occasião o Dr. José Bezerra de revelar suas qualidades de administrador, havendo realizado diversas e importantes reformas de repartições que superintendia, como Ministro da Agricultura. Afim de

"AMERICA BRASILEIRA"

Chamamos a attenção de nossos agentes que ainda não liquidaram suas contas com esta Revista, conforme já em circular lhes solicitamos, o obsequio de o fazerem o mais breve possivel. O mesmo pedimos quanto as contas referentes ao livro "Brava Gente".



desincompatibilizar-se deixou o Ministério a 17 de Novembro de 1917, sendo eleito pouco depois senador federal. Lavrava, então, profundo dissídio entre os chefes políticos do seu Estado natal, e com o fim de apalpar dificuldades e dar uma direcção desapaixonada ao governo estadual, foi escolhido o Dr. José Bezerra para chefe do executivo de Pernambuco, onde falleceu a 28 de Março proximo passado. O povo lhe tributou as mais significativas homenagens.



**O reconhecimento do Governo Mexicano pelos Estados Unidos**

Segundo declarações feitas por altos funcionarios do governo de Washington é muito provável que em breve se dê o reconhecimento do governo do General Obregon, no Mexico, pelo Presidente Harding. Esses mesmos funcionarios acrescentam que estão em franco progresso as negociações entabuladas entre os dois presidentes pessoalmente. Anteriormente, depois de firmada a pacificação mexicana, os governos dos Estados Unidos e do Mexico já havia entrado em entendimentos para que houvesse relações officiaes entre os gabinetes dos dois países, por meio do reconhecimento do governo Obregon. Por questões de detalhes ou talvez e principalmente porque ainda fosse prematuro qualquer acto dos Estados Unidos nesse sentido, as negociações chegaram a ser interrompidas e suspensas, para recommencarem em melhor oportunidade e com maiores probabilidades de êxito. Agora, os dois Presidentes tomaram a si o encargo de solucionar o caso e é de esperar que já não exista mais novos empecilhos ao reatamento das relações officiaes entre Washington e Mexico.

**Ligação ferro-viaria entre a Argentina e a Bolivia**

O Sr. Aramayo, Ministro da Bolivia em Paris, tendo recebido do Presidente da Republica, Sr. Saavedra, a confirmação do pacto assignado entre a Argentina e a Bolivia para o prolongamento do caminho de ferro de Yacuiba a Santa Cruz, fez a respeito, ás declarações seguintes: «Esta convocação é para a Bolivia e para a Argentina de uma importancia considerável. A convenção prevê a construção de uma linha de ferro de 740 kilometros, pelo governo argentino e ás suas proprias custas. Essas despesas serão elevadas, mas o governo argentino as recuperará numa rapidez, pois o transito será certamente muito consideravel. Sabemos, além disso, que a Bolivia se reservou o direito de comprar a linha ferrea em qualquer tempo, pagando o preço da construção e mais cinco por cento. A região que a nova via-ferrea atravessará é a mais rica da Bolivia, situada entre os contrafortes dos Andes e as planicies que terminam no Paraguay. Ella forma um vasto quadrilatero de 1.500 kilometros de comprimento sobre 300 de largura. E/ um país são, de zona temperada, com immensas pastagens, e que produz assucar, café, tabaco e algodão de qualidade superior. E' tambem uma região petrolifera, onde um grande syndicato americano seaba de adquirir vastas concessões. Em alguns annos, graças ao caminho de ferro, esta região ainda pouco habitada, se tornará num grande centro de grande actividade agricola e industrial. A linha permitirá tambem a Argentina de nos trazer os seus productos com facilidade e será no futuro um laço que unirá estreitamente nossos dois países, favorecendo o intercambio de todas as nossas actividades.

**A Universidade de Buenos Aires**

No dia 8 de Fevereiro ultimo a Universidade de Buenos Aires celebrou o centenario de sua organização. Foi a 8 de Fevereiro de 1822 que o brigadeiro D. Martin Rodrigues, governador proprietario da provincia de Buenos Aires, dictou o decreto, referendado pelo Ministro D. Bernardino Rivadavia, organizando a Universidade de Buenos Aires, dividida em seis departamentos, a-saber: departamento de primeiras letras; departamento de estudos preparatorios; departamento de medicina; departamento de jurisprudencia e departamento de sciencias sagra-

das. Dez mil pesos ouro foram assignados para os gastos da Universidade com o departamento de primeiras letras. Nos outros departamentos se orçaram as despesas de accordo com os ordenados dos lentes, 400, 600, 800 e 1.000 pesos annuaes, conforme a cadeira. Só o departamento de sciencias sagradas ficou sem lentes e sem alumnos, conforme a noticia de «Caras y Cerebras» de 17 de Fevereiro ultimo. O que se deve porém observar é o carinho com que já desde 1822 os argentinos cuidavam da instrução primaria.

**A politica exterior do Mexico**

Em um banquete offerecido ainda ha dias ao Ministro da Argentina, Sr. Manoel Malbran, o Sr. Pani, Ministro das Relações Exteriores do Mexico, pronunciou um interessante discurso sobre a acção dos povos americanos em torno de uma reunião continental effectiva. Entre outros conceitos e considerações de alto valor, para definição do sentimento que ora orienta a politica internacional do Mexico, disse o Sr. Pani que todo o povo consciente de suas obrigações moraes deveria sympathisar com os demais povos da terra, pois, a humanidade é a mesma em todos os países; que, especialmente os povos do Continente Americano, vindos de uma mesma origem e que soffreram, soffrem e soffrerão as mesmas vicissitudes para alcançar os mesmos ideaes, deveriam estar unidos em estreita e indestructivel solidariedade, pois, é evidente que taes povos, ao desempenhar a missão civilizadora a que são chamados, poderiam se impor a obrigação de não resistir á concordia universal, desenvolvendo suas relações em um terreno livre dos preconceitos e validades, que frequentemente engendram uma suposta ou real superioridade de outros na escala do progresso humano, illuminado, além disso, pela justiça, visto como o sentimento desta se manifesta em razão directa da franqueza material que se transforma em força e orgulho legítimos. Os povos americanos, acrescentou o Sr. Pani, da mesma raça e civilização, deverão estreitar suas relações de amizade, não para constituirem uma entidade contraria a outra entidade racional ou mais bem unida, mas sim para cooperarem harmoniosamente, baseados no direito, em instituições e tendencias politicas e sociaes, semelhantes em todos os povos que habitam este Continente, em proveito de cada um delles e do bem estar e da paz comuns. Recordo postulados anteriores da ethica internacional, pois, quasi sempre são esquecidos e raramente praticados, havendo uma grande distancia entre a theoria dos deveres e a realidade dos factos. Esta é a orientação racional e nobre da diplomacia pan-americana, que, pelo que respeita a meu Governo, não é senão o reflexo dos sentimentos que palpitam em cada mexicano e se crystallizam, por exemplo, no preceito constitucional que reduz os requisitos para naturalização dos indios, não como mira egoistica de extensão, mas para que gosem dos mesmos direitos que os mexicanos. São estes altos sentimentos de democracia e de paz que inspiraram a obra de approximação mexico-brasileira, e que o nosso Governo, com o apoio de todo o povo brasileiro, completou ha dias com o auspicioso decreto de elaboração da nossa representação diplomatica no Mexico á categoria de Embaixada.

com a collaboração de effectivos consideravel e exactamente na região mais indicada. E' um esforço cujo valor não precisamos encarecer e que revela o muito que já temos progredido nesse terreno. Correram brilhantemente as manobras de quadro e as manobras de tropa realizadas do Rio Grande do Sul, com assistencia do Sr. Ministro da Guerra. Das manobras de tropa ainda não temos informações completas, mas podemos noticiar um pouco menos laconicamente as manobras de quadro, que duraram de 7 a 15 do cadente, constituindo um signal evidente dos progressos do Exército, depois que a Missão Franceza começou a diffundir entre a nossa brillante officialidade os ensinamentos da guerra moderna. A alta direcção das manobras coube ao Sr. General de Divisão Celestino Alves Bastos, Chefe do Estado-Maior do Exército. Commandou o III exercito Sr. General de Divisão Tasso Fragozo; as I, V e XV divisões de infantaria e as I e II divisões de cavalaria foram commandadas respectivamente pelos Generaes de Brigada Estilac Leal, Eduardo Socrates, Cândido Rondon, Alexandre Leal e Fabio Azambuja. Compuzeram os estados-maiores destas divisões officiaes com o curso de aperfeiçoamento, de estado-maior e de revisão, que preencheram as funções de chefes das primeiras, segundas e terceiras secções e encarregados de serviço, officiaes da intendencia, administração, saúde e aviação. Só as divisões e brigadas tiveram representação de quadro. No dia 2 de março as divisões partiram, com os respectivos comboios, as quaes se incorporaram as novas viaturas cozinhas, para retomar a situação que lhes competia, iniciando o exercicio. O serviço de transmissão, dirigido pelo Major Thebert e officiaes do 1º batalhão de engenharia, foi irreprehensivel. Todas as divisões marcharam convergentemente para S. Gabriel, onde se terminaram as manobras com êxito completo. O serviço de estado-maior funcionou admiravelmente no III exercito, como nas divisões. Diz o «Jornal do Commercio» a quem devemos esta noticia que se tinha a impressão de uma guerra verdadeira. Os «bureau» funcionavam até horas adelantadas da noite no preparo e expedição de ordens de operações e preparatorias boletins de informação; os serviços de etapas eram feitos em perfeita ordem devidamente localizados os comboios administrativos e os trens de estacionamento, T. Q. 1 e T. E. 2, com as ambulancias cirurgicas e as ordinarias, disponiveis e carregadas. Continuamente eram fornecidas pelos arbitros (da M. M. F.) as informações sobre o inimigo, colhidas pelos respectivos órgãos, cobresahindo as das esquadilhas de aviação. Os P. C. eram mudados á medida da progressão do ataque. A impressão do General Gamein foi confortadora para os nossos officiaes e elle se exteriorizou em palestras com os mesmos. A conferencia critica sobre a manobra foi realizada pelo chefe da M. M. F. que em seguida deu a palavra ao General Tasso Fragozo, commandante do III exercito. Este fez uma bella preleção sobre a concepção da manobra, a actuação de seu exercito e exito do exercicio, que nos revelou o grande aproveitamento das lições dos meses, tres francezes. Discorreram sobre os detalhes da manobra os Coronéis Derougemont e Barrat, Tenentes Coronéis Dalmassy e Dr. Marlan. Encerrou a conferencia com chave de ouro o General Gamein, que se alongou brilhantemente sobre a doutrina da guerra, do ponto de vista brasileiro.



**As grandes manobras militares**

As noticias que chegam do Rio Grande do Sul, sobre as grandes manobras militares de quadro e de tropa que alli estão sendo realizadas sob a direcção da Missão Militar Franceza, de-tem encher do mais legitimo orgulho a joven officialidade do Exército, que é a que mais enthu-asiasticamente se preoccupa com os interesses da defesa nacional. De facto, todos os objectivos dessas manobras têm sido brilhantemente atingidos. Vê-se bem que os ensinamentos da Missão Franceza têm sido apprehendidos e aproveitados. O nosso aparelhamento militar, no tocante ao Exército, já é uma promissora realidade. Realizamos, pela primeira vez, manobras de quadros



**O ensino primario em S. Salvador**

O numero de escolas publicas primarias que funcionam na Republica de S. Salvador, atingio em 1921 a 805, das quaes 514 são urbanas, 206 rurales e 85 nocturnas. Nas escolas diurnas estavam matriculados 21.031 alumnos do sexo masculino e 19.166 do sexo feminino. A matricula das escolas nocturnas foi de 2.757 alumnos e 1.581 alumnas, apresentando a media de frequencia, respectivamente de 1.471 e 889. Quanto ás escolas diurnas a frequencia media foi a seguinte: 14.187 do sexo masculino e 13.416 do sexo feminino. Varias municipalidades mantêm 27 escolas, com a matricula de 1.606

alunos. Os collegios particulares, em numero de 40, matricularam 3.265 alumnos, obtendo a frequencia media de 2.811. Em todas as escolas publicas e particulares da Republica de São Salvador estavam matriculados no anno passado 49.406 alumnos, sendo a media da frequencia de 33.602.

**A "Casa da Bahia" no Centenario**

Afim de levantar, por occasião do Centenario, um monumento que, na Bahia, marque a grandeza prodigiosa de sua acção na cultura nacional, o Instituto Historico e Geographico dirigiu um appello ás colonias estrangeiras, pedindo-lhes o auxilio para esse grande tentamen. O appello é feito, mais em particular á colonia portugueza, a quem o Instituto se dirigiu nestes termos:

"Honrada e prestimosa colonia portugueza na Bahia — Passado um seculo da nossa separação do glorioso Portugal, vimos nós os mais genuinos representantes no centro historico da Bahia appellar para os descendentes dos autores da nossa existencia, filhos do luzido solar da nossa linhagem, aqui identificados nos idéas da nacionalidade brasileira com quem nos integramos pelos llares do sangue e pela unidade das almas. Quando vamos commemorar a mais ruilante ephemeride da nossa Patria, descoberta por vossos marinheiros num dia de sol, povoada por vossos irmãos em extremos de sacrificios, educada por vossos mestres da Companhia de Jesus, colonizada pela raça immortal dos luzitanos, protegida pela vossa bandeira immaculada no redor de 322 annos, quando cuidamos de tão grandiosos projectos, não é demais que vos imploremos a ajuda na construcção do templo, em cujos cofres se abriga o magnifico patrimonio de dous povos irmãos e em cujo adro pompeirão as imagens dos nossos maiores, que são os vossos tambem.

Ampara-nos ainda a solioitação o pensamento aqui proclamado de que a festa do Centenario da nossa soberania deve ser a festa maior da confraternidade luso-brasileira; e isto porque nos estreitavam cada vez mais num longo amplexo de amor as mesmas directrizes mentaes, os mesmos antecedentes historicos, os mesmos interesses concordantes, a aliança perenne de filhos e de paes. Se nos separam centenas de milhas da estrada Atlantica, se politicamente somos organizados em nucleos independentes, constituimos tambem do ponto de vista moral e ideal um todo inseparavel: "cidadãos de uma lingua", agentes de uma historia, descendentes de uma só progenie. Seja o vosso mimo á terra que Portugal diviso primeiro entre as do Brasil, o auxilio á construcção do Monumento Commemorativo do Centenario da Independencia na Bahia."

**"Annaes Pernambucanos"**

A Camara dos Deputados de Pernambuco, por iniciativa do Sr. Deputado Souto Filho que, a respeito, apresentou um projecto á consideração dos seus pares, prestaram um grande serviço ao patrimonio historico de Pernambuco, si effectivar a resolução de editar a importante obra *Annaes Pernambucanos*, da autoria do velho mestre da historia de nossa terra Sr. Dr. Pereira da Costa. Esse trabalho, é pelos seus numerosos dados e documentos, a chronica mais completa da vida pernambucana. Vem muito a proposito a edição desse valioso registro historico, quando vamos commemorar o Centenario da Independencia politica do Brasil. Todos os nossos votos são que, approved o projecto, não demore o executivo em dar-lhe a sua sanção, tão opportuno é esse tentamen.

**A gloria de Castro Alves**

Numa das ultimas sessões da Academia Brasileira, o Sr. Afranio Peixoto chamou a attenção de seus pares para uma homenagem prestada no estrangeira a Castro Alves.

Trata-se de um bello artigo publicado no ultimo numero da "Revue de l'Amérique Latine", de Março de 1922, da autoria do Sr. George Le Gentil, professor de Literatura Portugueza, na Faculdade de Letras da Universidade de Paris. Precisamente allude o escriptor á commemoração academica, consubstanciada no numero da "Revue de l'Académie" que conspiciu a apologia e critica a Castro Alves, nestes cincoenta annos transcorridos. "A Academia, diz elle, na piedosa homenagem que consagra á memoria do poeta, quiz evocando tanto o favor como a censura, reconstituir a verdadeira physionomia do fundador da escola condoreira, dar as razões de sua voga persistente, marcar o lugar excepcional que elle occupa na evolução das literaturas americanas". O estudo do Professor Le Gentil, perfeitamente documentado e persuasivo, não só traça a caracteristica de Castro Alves no seu meio e

no seu tempo, como indica a sua filiação espirituai com os grandes poetas e pensadores euro-peus que o precederam, sem perder a originalidade de concepção e de forma que a natureza virgem da America lhe havia de impor ao genio soberano. Investiga, commenta, cita, produzindo formosos trechos da poesia do nosso vate, para embevecer-se no mais perfeito de seus poemas, "A Cachoeira de Paulo Affonso" do qual diz, como remate: "Neste drama habilmente conduzido, de uma perfeita unidade, embora se divida em quadros pitorescos, ora graciosos ora terrificos, encontra-se toda a poesia de Castro Alves, com a sua poderosa rhetorica, sua visão desmedida dos homens e das coisas. Nesse episodio obscuro da vida do sertão soube elle encerrar, além de idéas generosas, tomadas ás mais velhas civilizações, a ternura dos ascendentes luzitanos, a suavidade brasileira, a commoção dos grandes espectaculos ignotos. Sua voz é a da joven e livre America no momento em que ella se honrava com um sacrificio livremente consentido — a liberdade de uma raça escravizada — que ella mudara em reparação devida. Seria injusto quando "A Cabana de Pae Thomaz" conquistou seu lugar na literatura universal de não admittir ali a seu lado "A Cachoeira de Paulo Affonso". Ninguem aqui, nenhum de nós brasileiros e homens de letras, deixará de se commover e entusiasmar com a altura e a espontaneidade dessa homenagem, que a Castro Alves, hoje indiscutivelmente tão glorioso na sua terra, confere fóros de nomeada além della, com uma obra que entra na literatura universal, para depôr do genio e da generosidade de nossa raça."



ILDEFONSO FALCAO

Pelo "Curvello" seguiu para a Europa o Sr. Ildefonso Falcão, auxiliar do nosso Consulado em Bremen.

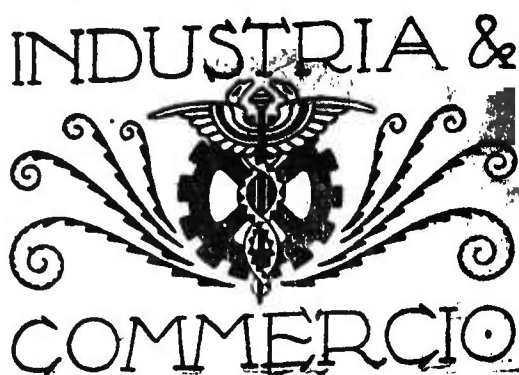
Distincto homem de letras e zeloso funcionario, o Sr. Ildefonso Falcão, nos postos em que tem servido na sua curta mas brilhante carreira, tem se sabido impôr pelo seu talento e pela dedicação patriótica com que procura servir ao paiz. Em Buenos Aires, de onde acaba de ser removido para Bremen, o Sr. Ildefonso Falcão foi um esforçado divulgador da nossa cultura e das nossas cousas, prestando com o seu talento os melhores serviços á obra de aproximação intellectual argentino-brasileira, tendo adquirido nos circulos litterarios e artisticos da capital platina uma situação de estima especial, que elle soube applicar em beneficio do nosso paiz e das nossas relações com a Argentina.

**O NOVO MINISTRO DO PERU'**

No corrente mez deixará Lima, com destino a esta capital, o Sr. Dr. Ernesto de Tezanos Pinto, novo enviado extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Peru, no Brasil. O illustre diplomata goza de grande prestigio nos meios cultos, muito principalmente na America Latina e vem prestando relevantes serviços á sua patria. Foi adjunto de legação do Peru no Chile, chefe da secção diplomatica do Ministerio das Relações Exteriores, secretario de 1ª classe da legação na Colombia e na Venezuela, consul geral em Iquique, secretario de 1ª classe encarregado de negocios e ministro plenipotenciario na Argentina, na Colombia. Ultimamente desempenhava essas funcções em La Paz, donde foi transferido para o Rio de Janeiro.

**O EMBAIXADOR AMERICANO**

A bordo do vapor Inglez "Almanzora" partiu para a Europa o illustre diplomata Sr. Edwin Morgan, Embaixador Norte-Americano. Vae S. Ex. por exigencias da sua saude, afim de fazer uma estação de aguas e pretende regressar dentro de alguns mezes ao posto em que tantos serviços tem prestado á politica do continente e especialmente á intensificação da politica de leal amizade entre o seu paiz e o nosso. A ausencia do eminente diplomata será muito sentida em nossa sociedade, perante a qual o Sr. Morgan tem uma situação invejavel, graças ás altas qualidades do seu espirito e á sua fina distincção pessoal. Desejamos ao viajante illustre os melhores resultados para a sua saude e breve regresso ao seu posto.



**NOSSA BALANÇA COMMERCIAL**

Num artigo do abalizado economista Sr. Ramalho Ortigão, publicado na *Gazeta da Bolsa*, encontramos interessantes dados acerca dos resultados de nossa balança commercial em 1921. Verificamos que o Brasil importou, durante o anno de 1921, 2.578.236 toneladas de mercadorias, no valor de 1.639.860 contos ou £ 60.466.000, sendo: no primeiro semestre contos ou £ 38.356.000, e no segundo, 219.927 toneladas, no valor de 688.874 contos, ou ... £ 22.110.000. A exportação, durante o mesmo periodo, attingiu a 1.919.421 toneladas de mercadorias no valor de 1.709.722 contos ou ... £ 58.587.000, sendo 905.533 toneladas no primeiro semestre, valendo 725.065 contos ou £ 26.726.000, e 1.013.888 toneladas no valor de 984.657 contos ou £ 31.861.000, no segundo. Estes resultados demonstram que exportamos menos do que importamos, 658.815 toneladas de mercadorias, emquanto o valor global da exportação excedeu o da importação em 19.853 contos, ou sejam £ 1.879.000. Vê-se, apreciando esses dados, que o valor médio da importação foi de 655\$440, ou £ 23,91, por tonelada, emquanto o da exportação se expressa em 890\$740, ou £ 30,10,6, igualmente por tonelada. O cambio médio anda em cerca de 87/16 d, por mil réis. Apreciando em conjunto o movimento do nosso commercio exterior em 1921, diz o Sr. Ramalho Ortigão que se observa, em todo caso que o seu balanço vaie tardando a se equilibrar, em seguida á extraordinaria perturbação que occorreu nos tres ou quatro annos anteriores; pois que a deficiência do valor da exportação para cobrir a importação, que era em 1920 de £ 17.484.000, ficou reduzida a £ 1.879.000.

**O BANCO DO BRASIL**

Foi publicado o relatório do Banco do Brasil relativo ao anno de 1921 e por esse documento se vê não só a que gráo de potenciaalidade attingiu o nosso primeiro instituto de credito como ainda os relevantes serviços que prestou á economia brasileira e ao commercio em geral. Os depositantes accorreram num crescendo de confiança. As contas correntes, sem juros, elevaram-se de ..... 125.396:067\$956, em 31 de Dezembro de 1920, a 367.362:019\$093, em igual data de 1921; as contas correntes com juros, de 127.146:268\$933 a 250.151:617\$737 e os depositos a prazo fixo de 36.156:092\$302 a 242.070:507\$834. Assim, a somma total de depositos passou de réis ..... 288.698:429\$196, em fins de 1920, a réis ..... 859.584:144\$664, em 1921. Os empréstimos em conta corrente subiram de 138.824:584\$783 a 291.121:670\$794; as letras descontadas de réis 139.157:735\$305 a 437.968:470\$090. As contas de cambio, que tinham sido em 1920 num total de libras 38.431.331, subiram a um total de libras 138.054.780, em 1921. O Banco effectuou, gratuitamente, no periodo de 13 de Junho a 31 de Dezembro de 1921, a compensação de cheques na importancia total de réis 2.060.555:965\$334, intensificando a circulação e augmentando, portanto, correspondentemente, a eficiencia da nossa moeda.

O Banco do Brasil redescontou até 31 de Dezembro ultimo 10.187 titulos, na importancia de 567.307:163\$725; e tendo pago no Thesouro juros na importancia de 1.676:506\$560 apurou 2.147:663\$012 de lucros, sem ter verificado um só prejuizo. Os descontos na Carteira Commercial attingiram no anno passado, a réis ..... 625.246:195\$801, cinco vezes a importancia das transacções de 1920. A média da taxa cobrada, no primeiro semestre foi de 9 1/3 %; no segundo, de 7 1/3 %, e em todo o anno de 7 15/22 %. Os lucros liquidos elevaram-se a 12.486:480\$217, depois deduzidos ..... 15.523:961\$930, que pertencem ao anno corrente e os prejuizos não excederam de 0.37 % sobre o valor dos titulos vencidos.





*Tabaréos e Tabaróas* — Mario Hora — Livraria Scheitino — 1922 — Rio.

Concorrendo ao torneio da Academia de Letras com um livro de contos — Mario Hora teve o prazer de ver o producto do seu esforço distinguido com uma menção honrosa.

Chama-se o seu livro *Tabaréos e Tabaróas*, nelle descrevendo-nos cousas e gentes do sertão nortista.

De quantos volumes se têm editado com caracter de sertanismo, ultimamente — quer em theatro, poesia ou novellas, o livro de Mario Hora é um dos mais interessantes, como descripção das gens que a civilização da metropole vai isolando, pôde-se dizer, baroamente.

Descuidado por vezes na grammatica como no estylo, revela-se, contudo, o escriptor, um observador seguro e harmonioso, desenvolvendo com muita belleza local typos que animam a vida longinqua, heroica e melancolica do sertão nordestino.

Nós temos admirado a litteratura regional em que avulta o caipira paulista como o gaúcho destemeroso, e mesmo obras de escriptores nortistas notaveis, dizendo das almas e das paisagens das terras esquecidas do norte. E ao lado de todas ellas, *Tabaréos e Tabaróas* adquire um relevo que se não pôde occultar.

É um livro bom, revelando um escriptor brasileiro.



**ARTE BRASILEIRA NA FRANÇA**

Federação dos Artistas Francezes, de arte, pretende realizar em Julho proximo uma exposição de quadros de artistas brasileiros, para o que a respeito escreveu ao marinhista Navarro da Costa.

Não ha como applaudir a idéa generosa da Federação. Resta apenas saber como attende-rão á solicitação amavel dos nossos artistas. Não nos daria cuidado a figura que na grande cidade podessemos fazer com a nossa manifesta-ção esthetica. O que ficamos a pensar é em como chegaríamos lá. O Governo não quererá au-xiliar, já não diremos a ida dos nossos artistas á França, mas o simples envio de suas obras. Sociedades de arte não temos que em beneficio faça alguma cousa. Uma Sociedade de Bellas Artes que temos é pura ficção. Uma blague.

Abiscotando do Governo uma subvencão de vinte contos de réis (20.000\$000!), até hoje-nem uma exposição realizou, não tem um bo-fetim, nada que justifique a necessidade daquel-le auxilio. Individualmente nada pôdem fazer os nossos artistas.

Como figurarem nestas condições, no cer-tamen da Federação dos Artistas Francezes?

No entanto é pena, porque os artistas como: os Bernardelli, Visconti, Baptista da Costa, Vil-lares, Latour, Treidler e outros mais novos, po-diam lá figurar com brilho, evidenciando o nosso progresso artistico.

Mas já que não pode ser assim...

**ESCULPTURA EM AREIA E BARRO**

Na igreja matriz de Santos, ainda em con-strução, á rua José Bonifacio, foi inaugurada, e constituiu um grande acontecimento artistico, os trabalhos em areia e barro do esculptor Gusman, que vem percorrendo a America do Sul, numa peregrinação de bohemia e arte.

Gusman, que tem o seu studio na propria igreja, já executou em barro, uma reprodução do celebre quadro "A Ceia de Christo" e um estudo admiravel sobre os doze apóstolos e o "O Martyr".

Os trabalhos de Gusman, que é artista já muito popular em Santos, pelos trabalhos que realisava em nossas praias, alcançaram muito successo, tanto mais quanto o resultado dessa exposição destina-se ao proseguimento das obras da matriz.

**MONUMENTO A PINHEIRO MACHADO**

O Ministerio do Interior começou a publicar no dia 20 do mez findo, o edital abrindo con-currencia publica para a apresentação de "ma-quettes" de uma estatua do General Pinheiro Machado, a ser erigida em uma das praças des-ta capital.

O prazo para apresentação das "maquet-tês" será de cento e vinte dias, a contar da publicação do edital, sendo aceitos projectos de artistas nacionaes e estrangeiros domiciliados no Brasil. Os concurrentes terão a mais sim-pla liberdade de concepção do monumento, des-

de quel o projecto traduza e concretize condi-gnamente a homenagem á personalidade do Ge-neral Pinheiro Machado. Ao autor ou autores do projecto classificado em 1.º lugar será con-ferido o premio de dez contos, ficando o mesmo projecto de propriedade do Governo, que servirá para base da concurrencia para a construção do monumento.

**ARTE RETROSPECTIVA E CONTEMPORANEA NO CENTENARIO**

Dentre os varios numeros constitutivos da grande festa commemorativa do Centenario do Brasil, contam-se a Exposição de Arte Retros-pectiva, para a qual se acham convidados todos aquellos que, possuindo colleções de antiguidades sobre os nossos usos e costumes, desejarem contribuir, desse modo, para enriquecer essa inestimavel feira de objectos artistico-históri-cos, enviando especimens dignos de nella figu-rarem e a Exposição de Arte Contemporanea que vem substituir a annual Exposição Geral de Bellas Artes.

Para ambas essas exposições a secretaria da Escola Nacional de Bellas Artes prestará todas as devidas informações aos interessados.



# BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

**Casa Matriz: AMSTERDAM**

**Filiaes na America do Sul: Rio de Janeiro  
— S. Paulo — Santos — Buenos Aires  
Santiago do Chile — VALPARAISO**

Capital autorizado: florins 50.080.000  
Capital realizado e reservas: florins 30.180.000

Fundado pela Rotterdamsche Bankvereniging Amsterdam — Rotterdam —  
Haya, cujo Capital Realizado e Reservas montam  
a florins 114.000.000

**Succursal no RIO DE JANEIRO**

**11-13, RUA BUENOS AIRES, 11-13**

Telephones: Norte 5356, 5357 e 5358

## Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIÉDADE ANONYMA

**CAPITAL . . . . . FR\$ 50.000.000**

**CAPITAL REALIZADO**

**Acções Frs. 50.000.000**

**Obrigações Frs. 65.000.000**

**Fundo de reserva Frs. 12.500.000**

Emprestimos sobre primas hypotheca a curto e longo prazo, reembolsavels a prazo fixo ou por amortizações semestras com direlto de reembolso antecipado

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento. Dinheiro para construcções.

Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos memos,  
inclusive o terreno

Adiantamento sobre titulos, mercadorias e warrants.

Gerencia de Immoveis, cobrança de juros sobre apolices, acções e debentures, guarda de valores, etc.

**Séde Social em Paris: 39, BOULEVARD HAUSSMANN, 39**

**SEDE DE OPERAÇÕES E DIRECÇÃO GERAL: AVENIDA RIO BRANCO, 44**

Endereço Telegraphico: BRÉSIFONCI

RIO DE JANEIRO

Directoria N. 4.116  
Telephones Secretaria N. 2.085  
Expediente N. 3.750

Caixa Postal 1.307

**Agencia — RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO**

# AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 7

RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 1922

ANNO I

## SONHOS E REALIDADES DIPLOMATICAS

Tem, ultimamente, *La Prensa*, de Buenos Ayres, mostrado a mais irrequerida impertinencia nos commentarios em torno de nossa organização militar, cuja importancia e finalidade procura fixar "para contribuir a despejar los horizontes diplomaticos sudamericanos". Para o grande órgão argentino, o Brasil, apartando-se da harmonia continental, procura crear um ambiente de receios e desconfianças, buscando fazer o Uruguay gravitar no circulo de sua influencia absorvente. Seria a continuação do programma de Rio Branco, ainda que menos imperialista do que o fazia o eminente brasileiro, implantando "la politica hegemónica del Brasil sobre el Rio de la Plata". Nessa serie de considerações *La Prensa*, acha que o Brasil tenta sua militarização num triplice objectivo, que denuncia á America:

1º, o Brasil aspira ser reconhecido pelas grandes potencias europeas como grande potencia sul-americana, com missão semelhante á que o Japão desempenha no Oriente;

2º, o Brasil premedita um plano diplomatico para exercer pressão sobre a Republica Argentina, tendo em mira o Rio da Prata, a posse de Martin Garcia e a navegação dos rios interiores, que põem em comunicação sete provincias brasileiras com o Atlantico;

3º, finalmente, o Brasil teme uma aggressão da Republica Argentina, e adopta precauções para resistir-lhe e dominá-la.

Insinúa assim *La Prensa*, que o Brasil adopta um programma inquietador de armamentos, visando, não a defesa de seu vasto territorio, de mais de 8 milhões de kilometros quadrados, e de suas costas immensas, mas um plano offensivo, perturbador da cordialidade americana, cordialidade que nossa politica sempre manteve, á custa do proprio sangue brasileiro. Ha uma subtil e venenosa contradicção nas razões do órgão portenho. De um lado, premediariamos uma pressão, forçada pela supremacia militar, tendo em mira o Rio da Prata, Martin Garcia e a navegação dos rios que communicam o centro do paiz com o Atlantico, pela bacia do Prata, e do outro temeríamos uma aggressão argentina. Toda a America sabe, e a Argentina melhor do que o resto do continente, que são de todo falhas essas razões ou esses pretextos.

Em primeiro lugar, ha um exagero formidavel e tendencioso na questão de nossos armamentos, vistos através de lentes, que os engrandecem porrosamente. Como já escreveu a penna *de Carias*, no *Jornal do Bra-*

*sil*, "o novo programma militar brasileiro, alterado no respeitante á organização intima das armas, como consequencia das lições da guerra europea, é sensivelmente o mesmo que já existia nos dous governos anteriores. Muito antes de nós, já a Argentina havia organizado o seu Exército com 5 divisões de infantaria e 2 de cavallaria independente, e o Chile contava com 4 divisões de infantaria e 2 de cavallaria independente."

Agora, incluir todas as possibilidades de mobilização, não parece de boa-fé. Diz *La Prensa*, em artigo de 5 de Maio findo, cujo titulo aproveitamos para o presente, que "Este paiz, por decreto de 31 de Diciembre de 1921, numero 15.335, acaba de elevar su ejército permanente a 116.000 hombres, en la forma siguiente: oficiales, 3.933; escuelas, 2.900; suboficiales y tropa, 74.460; fuerzas organizadas por los Estados, 34.709." Ora, essa constituição militar não é exercito permanente. Ha nelle, as policias estaduais, e do Districto Federal, que são forças accessorias, incluídas evidentemente no exercito, por serem milicias militares, mas que não são exercito regular.

Tambem ha as escolas militares, cujos alumnos são aspirantes e só, em caso de mobilização, são incorporados ao serviço effectivo. Portanto, dos 116.000 homens, ficamos reduzidos a 3.933 officiaes e 74.460 homens de tropa. O exercito argentino, pelo calculo de *La Prensa* é de 27.168 e o de Chile de 27.037, portanto, ambos são, proporcionalmente, muito maiores do que o do Brasil, quer em relação á extensão territorial, quer em relação á população. Se a Argentina, com menos de 3 milhões de kilometros quadrados e 9.000.000 de habitantes, mantem 27.168 homens, não ha exagero no Brasil, com 30 milhões, ou seja mais do triplo de sua população, levantar 74.460. O que estamos fazendo, instruindo e reorganizando o exercito, por uma missão militar estrangeira, já foi feito annos atrás pelo paiz vizinho, quando teve na direcção de seu exercito a missão allemã, chefiada pelo famoso Von der Goltz, tido como das maiores capacidades militares do mundo. Quanto á marinha Argentina tem superioridade, sendo os seus encouraçados mais novos e poderosos do que os nossos. Portanto, onde o motivo de terror e de inquietação, para justificar esse alarme do grande jornal de Buenos Ayres? Quanto á nossa capacidade militar, claro está que ha de ser muito maior do que a da Argentina, em virtude de nossa população ser mais do triplo da sua. Dest'arte, na base de 10º, para as mobilizações, base ultrapassada

na grande guerra, por todos os paizes beligerantes, podemos levantar 3 milhões, enquanto a Argentina só mobilizará 900 mil homens. Mas, isso é uma contingencia de nossa grandeza e não fornece base para discussão. Não ha, portanto, motivo de espanto em que aqui, no Brasil, "siempre quedará un serio volumen de militarización efectiva, que, com relación a los demás paizes de America, comporta un poder formidable". Ora, o Brasil é o maior paiz da America do Sul, em extensão e população, logo é justo que, tendo uma responsabilidade maior a guardar, sejam tambem maiores as suas medidas defensivas. E' esse um direito nosso, que só a nós cabe regular, porque cada um põe nas suas portas as tranças que entende.

A finalidade de nossos armamentos é o que pôde e deve ser, puramente defensiva, garantindo aos filhos deste paiz, o trabalho honesto e progressivo, sem temor de qualquer incommodo. Quando a Argentina reorganizou seu exercito, estabeleceu a dimos explicações. No entanto, era um supremacia naval sobre nós, não lhe pe paiz menor, muito menor mesmo, que se armava mais do que o vizinho muitas vezes maior. Era, porém, seu direito incontestado e só a ella cabia regular-o. E', portanto, impertinente, se não fosse tendenciosa, a campanha de *La Prensa*, cujos argumentos são mesmo menos exactos.

No artigo de 10 de Maio — *La situación Internacional al sur del Ecuador*, o grande jornal preoccupa-se em mostrar que a Argentina está bem, muito bem, com todos os paizes do continente e só o Uruguay está sob a nossa esphera de influencia, assim mesmo o Uruguay official, porque deixa entender que "a opinião sensata" do paiz se afasta da orientação governamental. Depois, prova, de um modo absoluto, que o Brasil está só na America. Não era preciso grande esforço, e nós já o mostramos no nosso artigo inicial, clareando essa verdade a mais absoluta. Apenas, se estamos sós, aceitamos o destino historico, trabalhando para a grandeza da America, com o coração aberto, sem os preconceitos malevolos e perfidos que nos attribue o jornal platino. No nosso isolamento, não vivemos a machinar planos diabolicos, nem aafiando as nossas espadas, intimidados por um perigo argentino, aliás hypothese afastada de nossas cogitações, porque fazemos justiça ao paiz vizinho, não o acreditando capaz de um tal gesto, de todo injustificado. Se estamos sós, temos as nossas mãos lealmente estendidas para os paizes vizinhos e estamos promptos a trabalhar com elles para a maior grandeza e gloria mais radiosa do continente americano.

# BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

**Casa Matriz: AMSTERDAM**

**Filiaes na America do Sul: Rio de Janeiro  
— S. Paulo — Santos — Buenos-Aires  
Santiago do Chile — VALPARAISO**

Capital autorizado: florins 50.080.000  
Capital realizado e reservas: florins 30.180.000

Fundado pela Rotterdamsche Bankvereniging Amsterdam — Rotterdam — Haya, cujo Capital Realizado e Reservas montam a florins 114.000.000

## Succursal no RIO DE JANEIRO

**11-13, RUA BUENOS AIRES, 11-13**

Telephones: Norte 5356, 5357 e 5358

# Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

**CAPITAL . . . . . FRs. 50.000.000**

**CAPITAL REALIZADO**

**Acções Frs. 50.000.000**

**Obrigações Frs. 65.000.000**

**Fundo de reserva Frs. 12.500.000**

Emprestitos sobre primas hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por amortizações semestrais com direito de reembolso antecipado

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento. Dinheiro para construcções.

Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos, inclusive o terreno

Adiantamento sobre titulos, mercadorias e warrants.

Gerencia de Immoveis, cobrança de juros sobre apolices, acções e debentures, guarda de valores, etc.

**Séde Social em Paris: 39, BOULEVARD HAUSSMANN, 39**

**SEDE DE OPERAÇÕES E DIRECÇÃO GERAL: AVENIDA RIO BRANCO, 44**

Endereço Telegraphico: BRÉSIFONCI

RIO DE JANEIRO

Telephones } Directoria N. 4.116  
                  } Secretaria N. 2.085  
                  } Expediente N. 3.750

Caixa Postal 1.307

**Agencia — RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO**



# AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 7

RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 1922

ANNO I

## SONHOS E REALIDADES DIPLOMATICAS

Tem, ultimamente, *La Prensa*, de Buenos Ayres, mostrado a mais irrequerida impertinencia nos commentarios em torno de nossa organização militar, cuja importância e finalidade procura fixar "para contribuir a despejar los horizontes diplomaticos sudamericanos". Para o grande órgão argentino, o Brasil, aparrando-se da harmonia continental, procura crear um ambiente de receios e desconfianças, buscando fazer o Uruguay gravitar no circulo de sua influencia absorvente. Seria a continuação do programma de Rio Branco, ainda que menos imperialista do que o fazia o eminente brasileiro, implantando "la politica hegemonica del Brasil (sobre el Rio de la Plata)". Nessa serie de considerações *La Prensa*, acha que o Brasil tenta sua militarização num triplice objectivo, que denuncia á America:

1º, o Brasil aspira ser reconhecido pelas grandes potencias europeas como grande potencia sul-americana, com missão semelhante á que o Japão desempenha no Oriente;

2º, o Brasil premedita um plano diplomatico para exercer pressão sobre a Republica Argentina, tendo em mira o Rio da Prata, a posse de Martín Garcia e a navegação dos rios interiores, que põem em comunicação sete provincias brasileiras com o Atlantico;

3º, finalmente, o Brasil teme uma aggressão da Republica Argentina, e adopta precauções para resistir-lhe e dominá-la.

Insinúa assim *La Prensa*, que o Brasil adopta um programma inquietador de armamentos, visando, não a defesa de seu vasto territorio, de mais de 8 milhões de kilometros quadrados, e de suas costas immensas, mas um plano offensivo, perturbador da cordialidade americana, cordialidade que nossa politica sempre manteve, á custa do proprio sangue brasileiro. Ha uma subtil e venenosa contradicção nas razões do órgão portenho. De um lado, premeditamos uma pressão, forçada pela supremacia militar, tendo em mira o Rio da Prata, Martín Garcia e a navegação dos rios que communicam o centro do paiz com o Atlantico, pela bacia do Prata, e do outro temeríamos uma aggressão argentina. Toda a America sabe, e a Argentina melhor do que o resto do continente, que são de todo falhas essas razões ou esses pretextos.

Em primeiro lugar, ha um exagero formidavel e tendencioso na questão de nossos armamentos, vistos através de fortes lentes, que os engrandecem poderosamente. Como já escreveu a penna competente de *Caxias*, no *Jornal do Bra-*

*sil*, "o novo programma militar brasileiro, alterado no respeitante á organização intima das armas, como consequencia das lições da guerra europea, é sensivelmente o mesmo que já existia nos dous governos anteriores. Muito antes de nós, já a Argentina havia organizado o seu Exército com 5 divisões de infantaria e 2 de cavallaria independente, e o Chile contava com 4 divisões de infantaria e 2 de cavallaria independente."

Agora, incluir todas as possibilidades de mobilização, não parece de boa-fé. Diz *La Prensa*, em artigo de 5 de Maio findo, cujo titulo aproveitamos para o presente, que "Este pais, por decreto de 31 de Diciembre de 1921, numero 15.335, acaba de elevar su ejército permanente a 116.000 hombres, en la forma siguiente: oficiales, 3.933; escuelas, 2.900; suboficiales y tropa, 74.460; fuerzas organizadas por los Estados, 34.709." Ora, essa constituição militar não é exercito permanente. Ha nelle, as policias estaduais, e do Districto Federal, que são forças accessorias, incluídas evidentemente no exercito, por serem milicias militares, mas que não são exercito regular.

Tambem ha as escolas militares, cujos alumnos são aspirantes e só, em caso de mobilização, são incorporados ao serviço effectivo. Portanto, dos 116.000 homens, ficamos reduzidos a 3.933 officiaes e 74.460 homens de tropa. O exercito argentino, pelo calculo de *La Prensa* é de 27.168 e o de Chile de 27.037, portanto, ambos são, proporcionalmente, muito maiores do que o do Brasil, quer em relação á extensão territorial, quer em relação á população. Se a Argentina, com menos de 3 milhões de kilometros quadrados e 9.000.000 de habitantes, mantem 27.168 homens, não ha exagero no Brasil, com 30 milhões, ou seja mais do triplo de sua população, levantar 74.460. O que estamos fazendo, instruindo e reorganizando o exercito, por uma missão militar estrangeira, já foi feito annos atrás pelo paiz vizinho, quando teve na direcção de seu exercito a missão allemã, chefiada pelo famoso Von der Goltz, tido como das maiores capacidades militares do mundo. Quanto á marinha Argentina tem superioridade, sendo os seus encouraçados mais novos e poderosos do que os nossos. Portanto, onde o motivo de terror e de inquietação, para justificar esse alarme do grande jornal de Buenos Ayres? Quanto á nossa capacidade militar, claro está que ha de ser muito maior do que a da Argentina, em virtude de nossa população ser mais do triplo da sua. Dest'arte, na base de 10º, para as mobilizações, base ultrapassada

na grande guerra, por todos os paizes beligerantes, podemos levantar 3 milhões, enquanto a Argentina só mobilizará 900 mil homens. Mas, isso é uma contingencia de nossa grandeza e não fornece base para discussão. Não ha, portanto, motivo de espanto em que aqui, no Brasil, "siempre quedará un serio volumen de militarización efectiva, que, com relación a los demás países de América, comporta un poder formidable". Ora, o Brasil é o maior paiz da America do Sul, em extensão e população, logo é justo que, tendo uma responsabilidade maior a guardar, sejam tambem maiores as suas medidas defensivas. E' esse um direito nosso, que só a nós cabe regular, porque cada um põe nas suas portas as tranças que entende.

A finalidade de nossos armamentos é o que póde e deve ser, puramente defensiva, garantindo aos filhos deste paiz, o trabalho honesto e progressivo, sem temor de qualquer incommodo. Quando a Argentina reorganizou seu exercito, estabeleceu a dimos explicações. No entretanto, era um supremacia naval sobre nós, não lhe pe paiz menor, muito menor mesmo, que se armava mais do que o vizinho muitas vezes maior. Era, porém, seu direito incontestado e só a ella cabia regular-o. E', portanto, impertinente, se não fosse tendenciosa, a campanha de *La Prensa*, cujos argumentos são mesmo menos exactos.

No artigo de 10 de Maio — *La situación Internacional al sur del Ecuador*, o grande jornal preoccupa-se em mostrar que a Argentina está bem, muito bem, com todos os paizes do continente e só o Uruguay está sob a nossa esphera de influencia, assim mesmo o Uruguay official, porque deixa entender que "a opinião sensata" do paiz se afasta da orientação governamental. Depois, prova, de um modo absoluto, que o Brasil está só na America. Não era preciso grande esforço, e nós já o mostramos no nosso artigo inicial, clareando essa verdade a mais absoluta. Apenas, se estamos sós, aceitamos o destino historico, trabalhando para a grandeza da America, com o coração aberto, sem os preconceitos malevolos e perfidos que nos attribue o jornal platino. No nosso isolamento, não vivemos a machinar planos diabolicos, nem afiando as nossas espadas, intimidados por um perigo argentino, aliás hypothese afastada de nossas cogitações, porque fazemos justiça ao paiz vizinho, não o acreditando capaz de um tal gesto, de todo injustificado. Se estamos sós, temos as nossas mãos lealmente estendidas para os paizes vizinhos e estamos promptos a trabalhar com elles para a maior grandeza e gloria mais radiosa do continente americano.

# DOCUMENTOS SOBRE A GUERRA CONTRA OS HOLLANDESES

As tres cartas que transcrevemos a seguir, figuram no primeiro volume da *Correspondencia Diplomatica de Francisco de Souza Coutinho*, durante a sua embaixada na Hollanda, de 1643 a 1646, organizada e editada em Lisboa, por Edgard Prestage, que ainda a prefacia, e Pedro de Azevedo, provetos historiadores e investigadores infatigaveis. A primeira, datada de 4 de Outubro de 1645, é de D. João IV. A segunda, que é assaz importante e conta principalmente a batalha de Tamandaré, em que o almirante flamengo Lichthardt destruiu a 6 de Setembro a esquadra portugueza commandada por Jeronymo Serrão de Paiva, é do punho de Antonio Telles da Silva, governador que foi do Brasil, e é datada de 15 de Outubro de 1645. Foi transmittida ao embaixador portuguez em Haya com ordens para ajustar com a Hollanda a compra das capitánias do norte do Brasil que se haviam levantado contra o jugo estrangeiro; mas, estas ordens chegaram tarde, por quanto vieram directamente de Pernambuco noticias da victoria ganha pelos brasileiros no monte das Taboas e que estes se tinham assenhoreado de varios fortes. Na Hollanda, a gente da Companhia Occidental das Indias queixaram-se de que as tropas que o governador Telles da Silva enviava da Bahia, com pretexto de medear, eram as que lhe tinham feito a guerra, espalhava que um general hollandez fóra preso em Pernambuco, mandado á Bahia e lá esartejado, e bramava pelas suas, tumultuando o povo contra o embaixador portuguez e a embaixada. Todos, na Hollanda, tinham por certo de que D. João IV era sabedor do levantamento dos pernambucanos e que o fomentara, auxiliando os insurrectos pelas armas e pelas vias diplomaticas. A carta regia, como informa Edgard Prestage, chegou a Haya nos fins de Novembro e Souza Coutinho levou os papeis aos Estados Geraes hollandezes, propondo-lhes razões para justificar os successos de Pernambuco e recusar o facto do governador ter mandado lá tropas. Na resposta disseram que não tomariam deliberação sem obter plenaria informação do negocio, mas o embaixador soube por particulares que elles não queriam desculpar o acto de Telles da Silva, allegando que com pretexto de meação o governador se quiz fazer senhor das terras e praças hollandezas, e que assim o provaram os papeis tomados a Serrão de Paiva; que os pernambucanos se revoltaram com promessas mandadas pelo Rei, e que os soldados que Antonio Telles da Silva mandou, sob o commando de Vidal de Negreiros, vieram ajudar os levantados, que a fortaleza do Cabo de S. Agostinho fóra comprada ao capitão flamengo, que passou a servir no Exercito portuguez, com posto de coronel. Por sua vez, soube Souza Coutinho que os Estados Geraes tinham dado 500.000 florins á Companhia Occidental para ajuda do socorro que tencionara mandar ao Brasil, enquanto as provincias de Hollanda e de Zeelandia tinham offerecido gente e navios de guerra á sua custa, sem esperar a resolução das provincias reunidas. No volume a que nos referimos, assistimos ao desenvolvimento da politica a que Souza Coutinho se consagrara com habilidade, dedicação e patriotismo, e nelle se encontra vasta documentação relativa ao segundo periodo da guerra contra os flamengos. Ahi vão as cartas.

E. DE C.

## 1. — El Rei a Souza Coutinho

4 DE SETEMBRO DE 1645

Agora se receberão do Brasil os avisos e papeis que se vos remetem com esta carta; logo os offerecereis, assy originalmente como me vierão, aos ministros dos Estados, para que lhes seja presente o procedimento de Antonio Telles nesta parte. No mesmo ponto se lhes despacharão duas caravelas para segurar em ambas o aviso, porque lhe mandey com summo aperto que sem ordem muito expressa dos do governo de Pernambuco, não mande gente algumas aos limites da jurisdicção; e que

logo, logo, (se elles assy o quizerem), faça recolher a infantaria que mandou a compôr e reduzir os portuguezes, e declarar por maos vassallos a Henrique Dias, Camarão, e os seus soldados; porque ainda que o intento de Antonio Telles foi tanto em beneficio dos hollandezes, como se vê dos papeis, para que cesse de todo o escrupullo em materia tão perigosa, me pareço mais conveniente advertillo com tais palavras, que se se dilatar hum ponto na execução do refferido, passarão a mayor rigor as demonstrações que com elles hei de mandar uzar; de que té gora não tratey porque, (posto que b mando averiguar por diferentes vias), não se alcança que Antonio Telles faltasse á sua obrigação e ás da boa correspondência que devia ter com os hollandezes seus vizinhos. Esse subcesso mostra bem que debalde se canção os da Companhia por tirar utilidades do Estado do Brazil, e delles se deixa entender facilmente que cada vez hão de creçer mais os damnos que a Companhia recebe daquella conquista. Por esta razão se tem aquy a occasião presente por muito acomodada para se tratar com os Estados, ou com os da Companhia, queirão largar o Brazil, com a conveniencia de que tantas vezes vos mandey advertir. Ponde agora em pratica este negocio, e segi-o com todo callor, vallendo-vos de hum papel que vos mandey remeter sobre o arbitrio do sal, e de tudo o mais que se vos offerecer, na forma de minhas ordens (de que vos não afastareis), por ver se podeis chegar agora este negocio á conclusão; e de tudo o que passardes me hireis dando conta, sem rezolver nada, ainda que em o concluir com brevidade, sem avizo meu, vos pareça que acertais.

Biblioteca Nacional, Lisboa, códice 7162, fl. 689.

## 2. — Antonio Telles da Silva a El Rei

15 DE OUTUBRO DE 1645

Por duplicadas cartas tenho dado particular conta a V. Magestade das causas que me movêrão a defferir ao que se me propóz por os dous deputados que me enviarão do Arrecife de Pernambuco os do Conselho Supremo de Hollanda que ali rezidem, com occasião de se lhe averem levantado os portuguezes que dominavão, [e] haverem-se-lhe passado as duas tropas de Indios e negros que residião no Rio Real, com Camarão e Henrique Dias, usando do mesmo dezaforo, sem ordem nem obediencia alguma, pedindo-me os ditos deputados mandasse recolher a estes inobedientes e atrevidos, e fazer socegar aos tumultuosos moradores, os quais tambem por suas cartas me pedião lhes acudisse, para os não deixar destruir; [e] havendo considerado attentadamente o que por huma e outra parte me representava, e feito junta de todas as pessoas de mayor juízo e postos, e comunicado com os mesmos deputados dos hollandezes os meços de que poderia uzar para melhor condescender com suas propostas, e averiguado que convinha que se não dilatasse, e que importava fazer que Camarão e Henrique Dias se recolhessem

logo com suas duas tropas de negros e Indios, e que elles o não havião de fazer, como tam culpados no que havião cometido, sem força bastante que os obrigasse e pudesse em caso de sua contumacia forçar com o castigo a dezistir e recolher-se; e que da mesma maneira se não havião de reduzir os moradores com razões e ordens, antes creceria sua sedicção e viria a perder-se o tempo em os persuadir sem redundancia alguma, era sómente precisamente necessario formar hum grosso de infantaria com que mandar acudir a estas dezordens, e faze-llos socegar, e poder castigar aos que o duvidassem, e que assi ficarião os hollandezes satisfeitos, e os Indios de Camarão, e negros de Henrique Dias recolhidos, ou castigados, e os moradores compostos e socegados.

Tratei com o assento do refferido de superar algumas dificuldades por poder apreçar a execução deste meyo, dispondo os possiveis para com elles servir aos vizinhos e aliados nesta occasião, com que lhe tornei a enviar os seus dous deputados, e fis aparelhar alguns dos navios que aqui tinha para acudir a Angola, em caso que os castelhanos a intentassem, como se dizia, e nelles mandey a Jeronymo Serrão de Paiva e aos mestres de campo Martim Soares e André Vidal, com a infantaria que pude, dando conta por mar e por terra aos do Conselho Supremo de Hollanda ao Recife do com que os socorria, e de como tudo hia á sua ordem, para que despuzessem o que melhor lhes parecesse.

Chegarão as nossas embarcações a Tamandaré, donde logo os cabos dellas e da infantaria o avizarão ao Recife, e avendó despois disto chegado aqui a esta bahia do Rio de Janeiro o general das frotas deste Estado Salvador Correa, lhe pedi quizesse tambem, pois hia de caminho para esse Reino, hir a dar fundo de frente do Arrecife, e offerecer-se aos hollandezes para o que elles quizessem de seu servisso para o effeito do que me tinhão pedido, como o fes, e se lhe respondeo pelos do Conselho Supremo que lho agardecião, e que podia fazer sua viagem com os galeões e mais frota que trazia, o que logo fes Salvador Correa, e se tornou o cabo das embarcações que primeiro daqui partio com o socorro para o mesmo porto de Tamandaré donde avia saído, acompanhado a frota de Salvador Correa.

Tendo-se da minha parte procedido com este bom animo e desejo de poder ajudar e servir aos hollandezes, compondo aos moradores com elles, e avendó uzado de hum tam grande primor, sómente afim de seu beneficcio, a grata recompensa haverem malizozamente tomado por motivo a sedicção dos moradores para me poderem mandar pedir acudisse por meços constrangentes, para me empenharem e fazerem destituir da mayor parte das forças com que me achava, como fiado em nossa amizade e aliança de pazes o fis; e assi poderem melhor e mais a seu salvo cometerem a mais atrás e abominavel accção que jamais se haverá visto, como se verifica de averem antecipadamente prevenido huma armada de onze baixels com o seu proprio general Lechthardt, com que mandarão asaltar as nossas embarcações que estavam em Tamandaré, onde as man-

# LUSIADAS

dey a levar-lhe o socorro, e ali as tomá-  
rão e queimá-ão, matando aos mais dos  
que nellas se achavão, e ainda procuran-  
do escapar a nado os não perdoá-ão, ha-  
vendo-os os nossos recebido com toda a  
demonstração de pas e alegria. Foi a  
paga indigna de refferir-se de racionaes  
e premeditadamente assi disposta, e por  
terra avião também lançado algumas  
grossas tropas de infantaria a degolar  
as duas que mandey a seu servisso com  
Martim Soares e André Vidal, havendo  
preynido que se lhes negasse e impe-  
disse o sustento ordinario, em cujo ex-  
tremo, constringidos da ultima neçedade  
de o procurá-ão, e logo forão com armas  
e violencia dos holandeys atalhados, e  
para se defenderem uzado dos meyoas na-  
turaes para poderem chegar a Serinhaem,  
onde tivessem os mantimentos que se lhe  
negavão; e foi tal o rigor deste excesso,  
que chegarão a persuadir-se os nossos  
que aquelles holandezes e Indios que ali  
se achavão, devião também de estar le-  
vantados contra os do Conselho Supre-  
mo e mais holandezes que assistião no  
Arreciffe, [e] havendo-sse ali tomados  
alguns destes Indios, os mandárão logo  
os nossos emforçar, parecendo-lhe que  
com aquelle exemplo se sosegarião os  
mais de ajudar a Camarão e aos mora-  
dores que persistião contra os holande-  
zes.

Nesta forma hião os nossos esperan-  
do a resposta das cartas que avião es-  
crito aos do Conselho Supremo do Arre-  
ciffe, quando chegou a nova dosuccedi-  
do ás nossas embarcações em Tamandaré,  
parecendo-lhe que devião ser alguns na-  
vios de Castella, e que era impossível que  
fossem de holandezes, a quem elles vi-  
nhão a socorrer, e assi tornarão os mes-  
tres de campo Martim Soares e André  
Vidal a escrever outras cartas aos do  
Conselho Supremo ao Reciffe, sem ave-  
rem tido reposta das primeiras, achando-  
sse confuzos e afalhados; e com tu-  
do, sem dezistirem do intento a que os  
mandei, de seguirem em tudo e por tudo  
o que os holandezes do Arreciffe lhe or-  
denassem, os quais cavilosamente té en-  
tão lhe não havião enviado reposta nem  
ordem alguma, antes mandando reforçar  
com gente e sair-lhe do cabo de Santo  
Agostinho a impedir poderem os nossos  
sustentar-se, nem dar hum passo; e ven-  
do-sse sem reposta de suas cartas, e sem  
a ordem que esperavão dos holandezes do  
Arreciffe, e totalmente impossibilitados  
a poder-se sustentar, compellidos deste  
rigor e experimentando coal era a ten-  
ção de os averem procurado, queimando-  
lhe suas embarcações, não lhe diffirindo  
as suas cartas e tirando-lhe o sustento,  
que para se segurarem desta violencia e  
poderem suprir a extrema necessidade  
em que se vião, lhes foi forçado arima-  
rem-se ao mesmo prezidio que os holan-  
dezes tinham em Nazaret e de que erão  
perseguidos, e procurarem reduzi-los a  
que os não tratassem como a inimigos,  
pois somente hião a ajuda-los e seguir  
suas ordens; e elles não só lhes pareceo  
justificada a proposta, mas achavão-se  
tam irritados dos termos de seus supe-  
riores, que pedirão lhes deixassem pas-  
sar-se para esta praça, para della pode-  
rem fazer para suas terras; e comtudo  
proseguirão os nossos [a] atalhar as  
dezordens que os moradores cometião na  
campanha, avendo saído com alguns dos  
seus soldados o mestre de campo André  
Vidal, chegou incubertamente e prendeo  
a hum João Fernandes Vieira, que era  
a cabeça principal dos sediciosos, e tra-  
zendo-o já prisioneiro, o alcançou o tu-  
multo e furor popular, e lho tomá-ão com  
força e com vozes em motim: juntos fo-  
rão correndo em demanda dos holande-  
zes que achavão na varzea, e logo André  
Vidal avizou ao mestre de campo Martim  
Soares que marchasse com toda a gente  
para acudir com ella ao furor do ex-

Ha uma profunda emoção nessa  
admiravel prova do genio portu-  
guês, através dos ares, que cortou  
em azas de avião, como outr'ora as  
quilhas das caravellas rompiam os  
mares "nunca dantes navegados",  
para a descoberta dos mundos. Ha  
uma grandeza indefinivel na audaz  
tentativa, marcando o mesmo espiri-  
to inquebrantavel da raça, revivido,  
translucido, no feito de Gago Cou-  
tinho e Saccadura Cabral. Ha algu-  
ma coisa de formidavel, que palpi-  
ta, vibrante, nessa viagem maravi-  
lhosa pelos céos, fixando a rota dos  
ares, para ligar as terras. Esse cla-  
rão resplendente, que chammeja, é  
a fé do velho povo português, tri-  
umphando por sobre as vicissitu-  
des de uma vida atribulada, in-  
quieta e difficil, para elevar o nome  
luminoso que os navegadores qui-  
nhentistas immortalizaram, atra-  
vés das estrophes de bronze do poe-  
ma de Camões. Na Audacia, na Sa-  
bedoria, na Persistencia dos avia-  
dores magnificos, refulge a mesma  
fé dos que dobraram o Cabo da Boa  
Esperança, conquistaram Ceuta e  
descobriram o Brasil. Foi essa a for-

ça que os animou e seu reflexo é  
que nos faz palpitar, na mesma sen-  
sação de epopéa, descripta aos nos-  
sos olhos, nesse traço rutilo das azas  
que os trouxeram ao Brasil, sob a  
bandeira da Cruz. O que ha de sabio  
e de util na realização portentosa, se  
some, porventura, diante da belleza  
translucida do feito e da gloria de  
seus heróes, que nos empolgam e nos  
deslumbram. Os povos se criam ao  
alento de suas epopéas e para Por-  
tugal a viagem maravilhosa de Gago  
Coutinho e Saccadura Cabral é um  
episodio novo dos Lusíadas, para  
cantar esses varões que, "por feitos  
valerosos, se vão da lei da morte li-  
bertando". No fremente enthusias-  
mo desses momentos de commovida  
exaltação, nós, brasileiros, devemos  
compreender que os povos só vivem  
da fé que os engrandece, pelo he-  
roismo e pela tenacidade. Não sau-  
demos apenas os triumphadores,  
mas o symbolo que elles encerram,  
as virtudes excelsas da raça, que é  
nossa, e que havemos de exaltar,  
numa trajectoria luminosa. Honre-  
mos essa gloria, que é nossa, e sai-  
bamos continual-a.

ceço do povo, como fizerão, achando-o  
já com os holandezes reduzidos a huma  
caza, e elles todos dispondo a pegar-lhe  
o fogo a tempo que acudio o mestre de  
campo André Vidal levando trombeta com  
huma bandeira branca; e ainda assi lhe  
tirárão os holandezes e lho matárão, e  
derão duas pelouradas no seu cavallo, e  
com tudo chegou aos moradores com a  
espada na mão, e os fez sosegar e dizis-  
tir do insendio e morte que procuravão  
dar, e derão logo a todos os holandezes,  
se o ditto André Vidal não fora.

Com tudo isto tornarão os mestres de  
campo Martim Soares e André Vidal a  
escrever ao Reciffe, queixando-sse dos  
termos que com elles se avião uzado, e  
de se lhe não haver respondido e de ou-  
tros excessos, a que os holandezes lhe  
responderão com carta de que com esta  
vay a copia autentica, mostrando-sse  
queixosos dos prosedimentos dos nossos,  
como V. Magestade sendo servido poderá  
mandar ver.

Hé senhor muy particular o meu sen-  
timento, porque quando me pareceo que  
obraava nesta ocazião com toda a ponde-  
ração e acerto em socorrer aos holan-  
dezes como a nossos aliados, vizinhos e  
amigos, veio [a] aver rezultado tudo  
tanto ao contrario, como experimento da  
maldade com que se me enviárão os  
deputados do Arreciffe, para debaixo  
deste termo chegarem a poder obrar  
huma tam grande atosidade como a de  
queimarem as embarcações que lhe man-  
dey, matando a mayor parte da gente  
dellas, e mandarem matar á fome ou a  
ferro com a força de sua infantaria e ar-  
mas aos mesmos que mandey, e hindo  
por terra a fazer o que elles lhe man-  
dassem, e não contentes com isto, che-  
gando a fazer-lhe cargo do que refferem  
em sua carta, que passa tudo tanto ao  
contrario, como he notorio.

Dizem que tratárão os nossos de pei-  
tar a hum dos seus, para lhe entregarem

huma das mais importantes fortalezas  
daquelle Estado, havendo a ultima neces-  
sidade da fome a que obrigarão aos nos-  
sos, e os muitos actos de hostilidade que  
com elles fizerão os do cabo de Santo  
Agostinho a que se arrimassem a elle, para  
se poderem defender e não perecerem.

Dizem que dezembrarão os nossos  
com hum grande poder de infantaria,  
lançando em sua jurisdicção, sem seu co-  
nhecimento, e com pretexto e fantastica  
interpretação da carta que me escreverão,  
avendo-se tomado este assento com apro-  
vação dos seus deputados e mandado  
pouco mais de mil soldados somente, es-  
crevendo-lhe eu por mar e por terra  
deste socorro que lhes enviava, com par-  
ticular noticia do que por os servir avia  
resolvido.

Dizem que foi huma tão poderosa ar-  
mada nossa á vista da barra do Arrecif-  
fe, a qual como relato nesta a S. Mage-  
stade, foi a frota de Salvador Correa que  
hia para esse Reyno, e se deteve ali só-  
mente as oras que os holandezes quize-  
rão, a cujas ordens esteve.

Dizem que lhe invadirão os nossos o  
forte de Serinhaem muito mais estranha-  
do pela morte de tantos naturaes a san-  
gue frio; em Serinhaem não avia forte,  
e os que ali se achavão forão os que vie-  
rão a impedir aos nossos (de que prezu-  
mirão o que reffiro a V. Magestade),  
e achando que os Indios erão os que assi-  
stião aos moradores sediciosos, e a Cama-  
rão que os ajudava, mandárão fazer del-  
les justiça, em ajuda e favor dos mes-  
mos holandezes a quem hião socorrer.

Dizem que ultimamente a nossa gen-  
te lhes fora dar oppressão ás suas tropas  
que tinham na campanha, sendo que a  
socorre-las sómente sairão e marchárão  
a acudir-lhe, como o fizerão e lhe valé-  
rão para que os sediciosos as não quei-  
massem no engenho de Torlon e caza em  
que a ultimo estado as tinham reduzido.

# ANTONIO FERRO

POR

ANTONIO FERRO

Está no Brasil o Sr. Antonio Ferro, o escriptor mais original de Portugal moderno. A sua arte estranha e bizarra, cheia de accentos novos, illuminada por tons vibrantes e raros, com toques exquisitos, é "uma arte de encruzilhadas, de encontros imprevisos, de assaltos á intelligencia, de tiros á queima roupa e de punhaes sangrentos". Não é igual a ninguém; é independente e audaz. Não conhece preconceitos, nem canones, nem limites. Seu espirito comparou-o a um cartaz espantando a multidão. Não tem piedade, nem contempções. É feroz e violento. Vinga-se das insufficiencias rindo do seu doloroso ridiculo. Não tem crenças, ou melhor só tem uma crença, em si mesmo. Antonio Ferro crê firmemente em Antonio Ferro. É o que se vê desse prefacio admiravel da segunda edição de sua "Theoria da Indifferença", que transcrevemos para dar ao leitor o mais puro goso mental:

Antonio Ferro, *chemineau* de si proprio, oleiro de phrases, exigio-me que lhe prefaciasse a segunda edição da sua preoccupada *Theoria da Indifferença*. Aborrecido, importunado na quietação budhica do meu Espirito, á viva força pretendi esquivar-me, indicando-lhe outros nomes, outras firmas, trombetas que mais alto berrassem o seu nome. Tudo inutil, porém. As varias plataformas que a minha indolencia lhe propoz, Antonio Ferro respondeu-me, com azedume, que só eu, Antonio Ferro, o saberia comprehender. Os amigos são implacavelmente delicados, em virtude do celebrado contrato social. Só os inimigos nos fazem justiça. Em mim tinha elle observado um juiz severo para todos os seus actos, contrariando-o em tudo, analysando-o, discutindo-o, autopsiando-lhe a alma, por vicio, por systema. Amoiado pelos argumentos, concordando, na verdade, que o nosso Eu foi sempre o inimigo mais interessado em vencer-nos, espojei-me nos meus sentidos — esteiras atravessadas no lagedo musica. da minha alma — *Páteo de las Muñecas* — e envergado o kimono branco da sinceridade, fumei o opio das phrases que ahí vão...

Antonio Ferro é um funambulo de circos e de feiras. Mergulhando, no bahu magico do seu tinteiro, esse outro dedo que elle tem na sua caneta direita, como um escamoteador, descobre, extrahе, arranca — bandeiras, fitas, lenços de cores, labaredas, pombas, mulheres...

A sua Arte é uma arte de encruzilhada, de encontros imprevisos, de assaltos á intelligencia, de tiros á queima-roupa e de punhaes sangrentos. A alma de Antonio Ferro é um cartaz espantando a multidão. A sua prosa é um automovel *carrosserie* vermelha, que passa a buzinar, atropellando tudo, senhores de calva e pança, myopes, oculos, lunetas, monoculos, jornalistas de artigos de fundo, mais propriamente, jornaleiros de fundilhos.

O carnaval é a semana santa do artista, semana sagrada onde as imagens desfilam, em procissão, no andor das suas phrases...

Antonio Ferro é um trapeiro de cores. Elle anda pelo chiqueiro da vida, curvado, envelhecido, de sentidos esfarrapados, apanhando no harpão da sua penna — rodilhas do céu, trapos de arco-iris,

gommos de luz, pedaços de vitral, cascas de frutos... Antonio Ferro tem o *parti-pris* da cor, a obsessão, a tara esthetica e divina do protagonista do *chef-d'oeuvre-inconnu*, desse velho Balzac — *vient-de-paraitre* no decorrer dos seculos. Antonio Ferro triumphará na Hora-Aguia em que sentir marulhar na sua arte o ritmo oceanico das cores — cascatas de vermelho, ondulação de azues, calmarias de cinzento, ciclar de lilazes. Elle é um alcoolico, um bebedor dos sentidos. A sua alma anda aos tombos na sua sensibilidade. Elle sobrepõe as suas multiplas sensações como cartas de jogar, erguendo-se em castello, nas mãos de certo infante... Epicuro, no somnambulismo das idades, ensaiou a *maquette* do espirito de Antonio Ferro nesta phrase legenda: "Todos os meus pensamentos vêm dos meus sentidos". Como alguem affirmou, ha tempos, o autor da *Theoria da Indifferença* é um *clown*, um palhaço lantejoulado, enfarinhado de luar. As cousas, em seus dedos, são *marionettes* vistosas, *marionettes* que elle veste como entende, que elle traça de seda, de veludo, de setim ou de chita... O corpo humano é, para Antonio Ferro, uma baraca de feira, onde os cabellos, os olhos, o nariz, a bocca, os seios, se debruçam como fantoches... Irmanado com Anatole France no *Petit Pierre*, os dedos das mãos são para elle, uma *troupe* de comicos, de bohemios, de saltimbancos.

O meu prefaciado é, tambem, um alquimista de sinteses. Sublinha com um traço as suas emoções, acha-lhes a somma, a seguir... A arte é uma sugestão, a campanha electrica da Vida. Por fóra das gavetas indica-se o que está dentro. Quem tiver curiosidade, abra as gavetas e escolha o que entender. É ainda Anatole — esse gato borralheiro da litteratura franceza — quem ronroneja no "Jardin d'Epicure" esta verdade profunda — tão bella como qualquer mentira: — *Qu'est-ce qu'un livre? Une suite de petits signes. Rien de plus. C'est au lecteur á tirer lui-même les formes, les couleurs et les sentiments auxquels ces signes correspondent. Il dependra de lui que ce livre soit ou brillant, ardent ou glacé.*

Antonio Ferro é um escriptor objectivo, apenas objectivo — Elle não olha a Vida através de Si, mas vê-se a Si através da Vida. O papel branco em que escreve é o seu espelho. A sua imagem reflecte-se nas suas imagens. Elle não tem a premeditação da sua arte. As suas palavras florescem na sua pena, como cravos vermelhos. Jean Cocteau, o dadaista, forneceu-lhe o ex-libris da sua arte nesta phrase — mil phrases: *L'idée naît de la frase comme le rêve dévie selon les poses d'un dormeur qui se retourne.*

Antonio Ferro, é, finalmente, um impressionista, talvez o unico impressionista conhecido em litteratura. Como Manet, Sisley, Renoir, elle proclamou na sua arte a realeza do Sol. A luz é o sangue das coisas. A arte é uma illuminura. A propria sombra é recortada na claridade. O Sol é o grande mentiroso, o resplendor da paisagem, o mais bello photographo. O nosso melhor retrato é elle quem nos tira. No seu "Elogio das Horas" Antonio Ferro fez com palavras o

que Claude Monet fez com tintas, nas suas variações sobre os passos do Sol. Impressionista pelo estudo da luz, elle é tambem, um impressionista na escolha livre dos motivos. Para a sua visão não ha assumptos bons nem assumptos máos, ha cores vivas ou cores mortas. A cor é o seu principio, meio e fim. Tudo, para elle, se distingue por *nuances*. A cor é a linguagem de Deus, o idioma dos olhos. Antonio Ferro é ainda um impressionista na distribuição dos tons. Como Renoir elle pinta em *touches* successivas: palavras estrelajantes, cinzentas, agudas, desmaiadas...

A sua prosa é um poente esbraseado.

Antonio Ferro é um fundador de paradoxos. A *Theoria da Indifferença* é, portanto, um livro de mortalhas, um livro de mortalhas zig-zag. Tem sido este livro bastante commentado, fartamente autopsiado nas mesas dos cafés — mesas de anatomia... O primeiro ataque que se lhe faz, maneirinho e futil, é a insinuação de que o autor da *Theoria da Indifferença* não é, de modo algum, um indifferente. Estamos de accordo. Não é, nem o quer ser.

As teorias não são factos, são aspirações. A sua theoria é um programma que póde ser alterado por qualquer imprevisito. As mulheres, por exemplo, são sempre motivos imprevisos da Indifferença. Os apostolos são os escravos das idéas, não são as proprias idéas. Quem préga uma idéa deixa de a praticar inevitavelmente. Elle bem o sabe. Antonio Ferro não se preocupa, porém com as suas incoerencias: tem por ellas a maxima indifferença.

A outra accusação, mais viva e impertinente, é aquella que se refere á fragilidade do livro, livro de *beutades, de blagues*, de frivolidades sibilinas. Isto já eu sabia, aquillo tambem eu dizia... Não duvido que a soubessem, nego que o tivessem dito... Raku da sua arte, Antonio Ferro poderia offerecer, afoitamente, uma quantia avultada a quem conseguisse desenterrar do pó das bibliothecas um livro igual ao seu. Já Nietzsche esse Diogenes das idéas raras, philosophava no "Humano desmaziado Humano": *o cérebro mais subtil não é capaz de apreciar a arte de subtilizar um paradoxo, se não tiver sido educado para isso, ou se o não tiver já tentado. Suppõe, ingenuamente, que a agudeza de espirito necessaria para sintetizar, é mais facil do que na verdade é, e passam-lhe despercebidos os atractivos e os sentidos occultos das maximas e pensamentos.*

Efectivamente, a humanidade escusa de pensar mais. O que é essencial é caber logar as idéas, arrumal-as na alma, como numa estante. O trabalho mental está feito. Resta pôr etiquetas ao pensamento humano. A maxima originalidade está em reunir, numa formula, o maior numero de verdades eternas. É essa a preocupação do autor deste livro. A arte de Antonio Ferro será o ovo de Colombo; Antonio Ferro, portanto, que a descobriu, é, logicamente, o Christovão Colombo da sua arte.

# RENATO ALMEIDA

POR

TASSO DA SILVEIRA

O volume, por varios aspectos notavel, em que Renato Almeida nos dá, sob a forma de uma interpretação do *Fausto* de Goethe, o seu pensamento philosophico-religioso, é dos que indicam avanço da intelligencia brasileira e verdadeiramente enriquecem nossa literatura. Com este livro collocou-se o joven pensador entre os que melhor representam as possibilidades novas de nosso espirito. Aliás, parece que os factos se congregam para desautorar o scepticismo dos que perderam a capacidade de sentir o tumulto nascente de nossa alma, e lhe negam, por exemplo, o sentimento metaphysico. Farias Brito, a primeira expressão verdadeiramente philosophica dos povos que falam o idioma português, poderia ter sido phenomeno isolado. Não ficou, todavia, perdido na sua grandeza solitaria. Outras intelligencias se lhe agruparam em torno, e por effeito, talvez, de seu influxo forte, houve em nossas letras, um despertar significativo do espirito metaphysico, que vem com o arruibo e a eloquencia da propria legitimidade. Bastaria citar Jackson de Figueiredo e, agora, Renato Almeida.

Que importa a censura e a ironia dos que, por esta ou por aquella causa, não comprehendem ou não sentem a angustia dos chamados problemas do absoluto? Quando falamos em "ansia metaphysica" não proferimos vãs palavras sem conteúdo logico: exprimimos o que constatamos e verificamos em nosso espirito, fatalidade organica que poderá servir a alimentar-nos a vaidade de alguns instantes, por a julgarmos signal de superioridade mas que, no fim de contas, muito mais nos dóe e amargura.

O livro de Renato Almeida não é apenas um indice de nossa capacidade philosophica. Pelo que resume ou transmite de interpretações alheias e pelo que dá de interpretação propria da tragedia de Goethe, poderá ser fecundo elemento de cultura intellectual no Brasil e factor de desenvolvimento de nossa visão critico-artistica.

Contudo, o thezouro de erudição que o pensador nos apresenta e o facto mesmo de haver escolhido o *Fausto* para pretexto de sua divagação metaphysica (no melhor sentido da expressão), dão-lhe ao complexo trabalho caracter demasiedamente literario, em prejuizo do sabôr de sentimento profundo e limpido que poderia ter. Em paginas de simples confissão de pensamento, ressaltariam mais ao vivo a individualidade do philosopho e o matiz particular de suas crenças e convicções.

Não resta duvida, porem, que ha neste livro uma attitude espiritual grave e seria, commovente e respeitavel. Renato Almeida é uma consciencia que se contempla em seu proprio mysterio e sentiu realmente o problema do ser em toda a sua profundidade. A solução a que chegou poderá estar em desacordo com o espirito da época, scientificista e sceptico, se é que já não entrámos definitivamente em novo periodo de renascimento das crenças vivas do homem; mas será sempre a solução das almas verdadeiramente profundas, das que sentem taes problemas, não como simples curiosidade mental, mas como soffrimento, como dôr aguda e subtil interessando a propria vitalidade interior.

"Aprendamos com *Fausto*", diz o pensador no capitulo final da obra. "que só a fé redime, mas que a acção constante é o meio de obtê-la. Guardemos intacta a

consciencia, mas deixemos a orgia da razão, onde a agua se transforma em vinho..."

Dos espiritos novos e verdadeiramente significativos no mundo do pensamento philosophico, Renato Almeida é, em nosso paiz, o segundo que assim se insurgiu contra os excessos do racionalismo, — desse mesmo racionalismo de que Farias Brito, em contradicção com seu irreprimivel impulso intimo, fizera o fundamento de sua admiravel philosophia. Precedeu-o Jackson de Figueiredo, que nessa propria tendencia anti-racionalista encontrou o caminho que o levaria definitivamente a Igreja Catholica. Penso que tal tendencia propende a se universalizar na hora que passa. Delirio scientificista e delirio de racionalismo, irmãos gêmeos ou talvez dois nomes numa mesma cousa, chegaram ao fastigio, e declinam. O homem volta a comprehender que, de certo ponto em diante, a logica é o grande entrave da intelligencia, porque, instrumento feito para applicações limitadissimas, pretendiam usal-o na medida integral do ser e sua significação. Dá-se com ella o mesmo que com a sciencia classica em relação ao mundo material, a serem verdadeiras as assombrosas concepções einsteinianas do universo.

E' radical, neste sentido, a attitude de Renato Almeida. "A razão, o sentimento e o instincto", diz elle, "disputam-se como o meio mais perfeito de penetrar no supremo conhecimento, o qual permanece inacessivel aos elementos de verificação, que temos como realidade. O limite ultimo só nos pode dar a fé, manifestação derradeira e suprema da psyche humana." Assim, o joven philosopho propõe como solução suprema a redempção pela fé. Redempção de nossa duvida, de nossa insufficiencia intellectual, da amargura de querermos saber encarada como condicção necessaria de nosso espirito. Fóra desta solução, só persistirá no homem a tortura do desejo, "levando-o a beber avidamente as taças que a sciencia a philosophia, a arte, os sentidos lhe offerecem, as quaes, porém, longe da des-sedentar, mais laguçam a vontade cruel", para empregar expressões do pensador. E', pois, absoluta a sua negação relativamente á completa efficacia da razão, do sentimento e do instincto como instrumentos para a medida do infinito.

Das expressões affirmativas e commovidas do escriptor resalta, ás vezes, em doloroso accento, não obstante o refugio sereno que encontrou na fé, a angustia que lhe valeu a constatação desta verdade. Ha um verdadeira calefrio espiritual nestas palavras: "Belleza, sabedoria, bondade, ou o conjunto de tudo quanto suspeitamos ser a perfeição, o que caracteriza esse além é ser inatingivel e o que caracteriza nossa miseria é essa certeza, talvez a unica restante sobre a terra."

No *Fausto* de Goethe, Renato Almeida vê, como outros exegetas da formidavel tragedia, o symbolo mais grandioso do homem amargurado e torturado pelas ansias do proprio pensamento. "*Fausto* — são palavras suas — é uma das mais extraordinarias mascaras humanas que jamais o genio modelou; tem alguma cousa dessa totalidade que o Poeta fez divina, respira o infinito e contem nosso destino. Goethe lhe deu um fulgor eterno e collocou-o a uma altura tal que resiste a todas as systematizações philosophicas e moraes; pôde ser a forma de todas as cogitações. Como nos grandes symbolos da humanidade, nelle se espe-lham todas as inquietações dos que soffrem pela razão e dos que querem alcançar a verdade." *Fausto* "é o drama inexoravel da intelligencia deante do universo mudo e ameaçador."

Justifica-se, assim, embora não se destrua a observação feita antes a este respeito, o haver o pensador escolhido para vehiculo de seu pensamento philosophico a forma de commentario, que admiravelmente desenvolve em torno do poema immortal. A exaltação de gozo artistico que recebera do *Fausto*, congregou-se viva e intimamente a sua angustia espiritual em face do problema de vida. *Fausto* revelou-lhe, talvez, mais claramente o seu proprio mundo interior.

A obra que dahi resultou é uma pagina que nos dignifica perante nossos propios olhos. Se os soffrimentos supremos da alma são o mais legitimo titulo de nobreza espiritual, a nós brasileiros não mais nos poderão negar, diante de documentos como os representados por este livro, a attitude de espirito compativel com esta era de esplendor maravilhoso da mentalidade humana.

(Do livro *Egreja Silenciosa*.)

## PROFESSOR MARTINANCHE

Em transitio para Buenos Ayres, onde inaugurará o Instituto Francez, passou por esta Capital, o illustre professor Ernest Martinanche, da Sorbonna, director da "Revue de l'Amérique Latine". O notavel escriptor foi recebido nesta Capital por varios intellectuaes, tendo vindo á terra em companhia dos Srs. Graça Aranha, Rodrigo Octavio e Afranio Peixoto, e assistido á recepção que o Sr. Elysio de Carvalho offereceu em sua residencia, a que compareceram varios academicos, escriptores, artistas e pessoas da sociedade. O Sr. Graça Aranha offeceu-lhe um jantar intimo, em que tomaram parte varios

homens de letras, que acompanharam depois o illustre professor á bordo do "Lutetia". Em seu regresso da capital argentina o professor Martinanche representará o Governo francez no Congresso de Historia da America, a realizar-se nesta capital. S. Ex., é em Paris o presidente do Aggrupamento para o intercambio intellectual entre a França e o Brasil, utilissima e louvavel instituição, á qual se deve o inicio das conferencias levadas a effeito pelos Drs. Oliveira Lima, Arrojado Lisboa, Rodrigo Octavio, sobre o grande movimento de idéas do nosso paiz.

# OS NEGROS NA AMERICA

## ANTES DA ESCRAVIDÃO

POR

JOÃO DO NORTE

Geralmente se pensa que a raça negra sómente tomou pé nas terras americanas importada da Africa, quando a necessidade de braços nos incipientes estabelecimentos colonias obrigou o homem branco a ir comprar ou capturar escravos nos sertões da Guiné, do Congo e de Moçambique. Entretanto, parece hoje em dia scientificamente admittido que, antes da chegada de Colombo a Guahanihi, já existiam relações, embora esporádicas e talvez mais devidas ao acaso do que a outras razões, entre a America e o continente lybico.

Sem precisar recorrer ao que relata o chronista arabe Edrisi, a respeito de viagens dos arabes da Mauritania através o oceano Atlantico e das aventuras dos irmãos Almagurinos, que estiveram nas terras colombianas, encontram-se em outras fontes authenticos documentos a respeito das relações entre a Africa e a America.

Façamos notar, entre parenthesis, que relações entre o Velho e o Novo Mundo, effectuadas por phenicios, bascos, judeus, gallezes, venezianos, dieppezes, escandinavos, devem ter certamente existido, porque nunca se apagaram nos mythos antigos, nas tradições medievas e nas sagas runicas. Mas nós só nos occupamos das ligações lybico-americanas. No sentido de demonstrar a existencia da raça negra no nosso continente, antes da chegada dos espanhões.

Jean Benoit Scherer, pensionista do Rei e empregado no Ministerio de Negócios Extrangeiros da França, que viveu na Russia como juriscônsulto do Collegio Imperial de Justiça, escreveu uma obra curiosa sob a epigraphe "Recherches historiques et géographiques sur le Nouveau Monde". Possuo o exemplar que pertenceu a Eduardo Prado, editado em Paris, chez Brunet, no anno de 1777. Esse interessante escriptor dedica o capitulo V do seu volume a apontar as conformidades de costumes entre os indigenas americanos das margens do Atlantico e os da Africa occidental, entre cujas linguas estabelece tambem muitos pontos de contacto. Após um sem numero de confrontos verdadeiramente dignos de nota, affirma o seguinte:

"Il resulteroit de toutes ces observations que l'Amérique Septentrionale a été peuplée par le Nord de l'Asie; et les isles de l'Amérique Méridionale, par l'Asie Méridionale, de même que le Pérou; tandis que le Brésil et le Chili, dont les langues ont un caractère absolument différent des langues de l'Amérique Septentrionale, auront pu se peupler par l'Afrique Occidentale."

Sem esposar *in totum* essa ousada affirmativa, podemos, no entanto, assegurar estribados em bons autores que existiram traços de união entre a Africa e a America pré-colombiana, tanto assim que os exploradores do novo continente nelle encontraram populações absolutamente de origem lybica.

Esta é a opinião franca do grande historiador mexicano Orozco y Berra, na sua formidável obra "Historia antigua y de la conquista de Mexico", quando trata do deus Ixtlilton e dos sóes cosmogonicos dos indios de Anahuac. A pagina 444 do segundo volume da obra citada, elle repisa o assumpto e traz á baila a erudita palavra do Sr. Rafinesque, citado pelo autor dos "Antiquités Américaines", o celebre sabio Alexandre de Humboldt. Esse Sr. Rafinesque provou numa memoria apresentada á Sociedade de Geo-

graphia de Paris o estabelecimento de nações negras na America, anteriormente ao descobrimento, especialmente com quadros comparativos das similitudes linguisticas entre tribus americanas e os pretos da Africa e da Polynesia. Segundo o autor dessa memoria, eram as seguintes as gentes de raça negra existentes outr'ora na quarta parte do mundo:

Os antiquissimos *Caracoles* da ilha de Haiti, que os naturaes do lugar celebravam nos seus cantos como animaes horriveis e dos quaes falam Roman e Martur. Os *californians* das ilhas Caribes, que Rochefort e Herrera denominam negros, ou *gubánis*, no dialecto local. Os *Arquabos* citados no livro de Cutara e que Garcia nas "Origenes de los indios del Nuevo Mundo" menciona como pretos. Os negros de Baleigh, *Aroras* ou *Yaruras*, habitantes das margens do Orenoco, appellidados *macacos* pelos povos vizinhos. Os hotentotes da Guyana ou *Chaymas*, que Humboldt profundamente estudou. As tribus escuras do Brasil, de cabellos encarapinhados, a que se referiram Vespuccio e Pigaffeta, que o sabio Nierhoff rotula como *Manjipas* e *Porcigis*, e o ethnographo Knivet, como *Motayas*. Os *Nigritas* do isthmo de Darien, tambem chamados *Chuanos*, *Guanos*, ou *Chinos*, negros cor de cobre a que se refere o padre Martyr e que Mollien observou. Os pretos de Stevenson, os *Manabis* de Popayan. Os *Guabos*, *Jaras* ou *Zambos* de Honduras. Os *Enslens* ou *Esteros* da Nova California, cuja cor, diz Langsdorff, é profundamente desagradavel. Os *moon-eyed* (olhos de lua) e os *Olbinos* do Panamá, a que se reporta a obra de Bardon. Emfim, os pretos que Hernando de Soto encontrou na invasão da Luiziania.

Rafinesque acrescenta, textualmente:

"Entre essas nações, a lingua Yarura tem cincoenta por cento de affinidade com a Gauno, quarenta por cento com o Aschanti ou Fanty da Guiné, quasi trinta e tres por cento com as linguas de Fulah, Bornú e Congo, na Africa. Na Asia tem uma relação de trinta e nove por cento com os negros Samang e de quarenta por cento com os de Andanan, assim como com as dos negros da Australia e Nova Hollanda."

Orozco y Berra faz notar a proposito que essas tribus não são mescladas do negro e indio, formados após a conquista. Ellas existiam antes do Colombo. Elle cita estas palavras conclusentes de Herrera, chronista da viagem de Colombo em 1498:

"...lo que decian los indios de la Española que habian ido á ella, de la parte del S. y del S. E., gente negra que traía los hierros de las azaguayas de un metal que llamaban *guanin*..."

Na sua "Historia de las Indias", Gomara escreve isto, no capitulo LXII:

"Entró Balboa en Quareop, no halló pan, ni oro, que lo habian alzado antes de pelear; empero halló algunos esclavos negros del señor. Preguntó de donde los habian, y no le supieron decir ó entender, más de que habia hombres de aquel color cerca de alli, con quienes tenian guerra muy ordinaria. Estos fueron los primeros negros que se vieron en Indias..."

Orozco y Berra fórma ao lado de Scherer, apoando a opinião de que houve, por mar, communicações entre os povos africanos e americanos. Em auxilio dessas affirmações, podemos citar

ainda o erudito Paul Gaffarel, no seu maravilhoso livro "Rapports de l'Amérique et de l'Ancien Continent avant Colomb", edição de Thorin, Paris, 1869. Elle acha possiveis essas communicações, embora não inteiramente provadas, e cita o encontro de Balboa, referido na obra de Gomara.

Documentando-se em Gumilla e Quatrefages, Gaffarel acrescenta á pagina 205 da obra citada:

"...constatait aussi leur presence sur les bords de l'Orénoque au commencement du XVIII siècle. C'étaient encore des Africains que ces négres de Saint-Vincent trouvés par les premiers colons, en lutte avec les Caraibes et ces Yamassés de la Floride, au teint presque noir, qui monsurait plutôt que de se commettre aux lois des Creeks; de même ces Charazanis du Pérou, qui se distinguent des autres tribus voisines avec lesquelles ils évitent de s'allier; et se sont aussi garantis de tout melange avec les races blanche ou rouge. Le type negre n'était donc pas étranger á l'Amérique, avant l'arrivée des Espagnols. Seulement tout porte á croire que ces peuplades n'aborderent jamais ce continent dans l'intention de le conquérir ou d'y faire du commerce."

A esse respeito a opinião eminente de De Quatrefages, no seu "Rapport sur le progrès de l'Anthropologie", se condensa neste periodo:

"Le petit nombre des populations se rattachant á ce type d'une maniere plus ou moins accusée, leur position constante non loin des points ou les courants marins d'Afrique ou d'Asie rencontrent les rivages américains et y apportent les corps flottants, tout concourt á prouver que la race negre n'est arrivée sur le continent américain que par hasard et par voie de dissémination volontaire, avant l'époque ou les blancs l'y ont transportée comme esclave."

Uma das grandes provas das communicações entre os povos de raça africana e os indigenas do nosso continente se acha nos "folk-lore" de ambos. Como explicar similitudes desta ordem: Mboatá ou Mbat-tatá, transformado mais tarde em Boitatá, Baitatá e Batatão era chamado o fogo-fatuo pelo indio; Mboya chama-lhe o negro. (V pag. 19 de "Anthologie Nègre", de B. Cendrars, edition "La Sirene", 1921). A simples leitura do que ha no nosso "folk-lore", provindo do elemento indigena, e conjunctamente, a do que das lendas, cantos e tradições africanas dizem Cendrars, op. cit., René Basset nos "Contes populaires d'Afrique", Zeltner nos "Contes du Senegal et du Niger", R. G. Trilles nos "Contes et legendes Fan" e Moritex nos "Contes Soudanais", demonstrará quasi absolutamente a nossa these.

## "AMERICA BRASILEIRA"

Chamamos a attenção de nossos agentes que ainda não liquidaram suas contas com esta Revista, conforme M em circular lhes solicitamos, o obsequio de o fazerem o mais breve possivel. O mesmo pedimos quanto as contas referentes ao livro "Brava Gente".

# A MINGUA DE IDÉAL

Na nova phase em que entra o mundo, depois da grande guerra, como em um abismo insondável, diante do qual todos temem e se horrorizam, é justo que o problema social brasileiro não menos se esboce grave e inquietante, sobretudo tratando-se de um paiz novo, cheio, todavia, de vícios de adaptação e soffrendo ainda de poderosa desorganização de suas forças dispersas, á mercê de ambições e experiencias. Todos sentimos que, no momento que corre, é que se ha de resolver o problema essencial do Brasil e, posto um fundo de optimismo consolador nos anime, receiamos a perspectiva ignorada, que nos levará ou não, ao triumpho. Mas, a ampulheta do tempo não estanca seu fio de areia, e é mister, mais do que o temor, a acção, a energia, a vontade do poder, para usar a synthetica expressão de Nietzsche, que resume toda a ansia do homem para vencer e dominar. O Brazil não pode permanecer a afirmar que está á beira do classico abysmo, e se consolar com o auxilio da Providencia, que o assiste. Carecemos de acção e nessa vontade se consolidem todas as energias de nossa terra.

Mas a acção não é mais do que uma manifestação de vontade e a vontade supõe o que nos falta, mais radicalmente, a fé. O Brazil anda contaminado por um profundo e doentio scepticismo, uma enorme descrença envolve todas as nossas idéas e aspirações e, com um motojo de espirito, pretendemos destruir, e não raro conseguimos enfraquecer, pelo menos, as iniciativas mais proveitosas, os empreendimentos mais ousados. Ou porque tememos excessivamente, ou porque nos falte coragem, o que existe é uma ausencia de fé, em todas as suas manifestações creadoras. Fé religiosa, porque sem ella os povos se abatem e enfraquecem, como communhões sem disciplina moral; fé cívica, porque só assim crearemos uma patria grande e vigorosa; fé individual, porque o cidadão que descrê de si proprio, difficilmente realizará uma obra aproveitavel; enfim, fé brasileira, porque a nossa terra prodigiosa merece que se acredite em seu futuro, em sua grandeza, em suas possibilidades.

Quando Bilac clamou, em S. Paulo, pela mingua de idéal, de que se resentia a mocidade brasileira, lançava a semente fecunda dessa campanha, que não pode enfraquecer, pelo despertar das energias nacionaes. E tudo é uma questão de fé. Um povo sem fé, decêe e desaparece; é o exemplo da historia, é o exemplo dos nossos dias. Qual o motivo por que o imperio austro-hungaro, com um poderoso e municado exercito, não conseguiu, na guerra, igualar a energia germanica? Porque, explica o testemunho insuspeito de von Hindenburg, faltava-lhe estímulo, faltava-lhe fé na causa que defendia, cohesão nacional, e o ardor da luta era fugaz e inconstante. Enquanto o allemão e o francez, por exemplo, se batiam como leões, cheios de fé e de idéal, conseguindo assombros de passar o mundo, o austriaco, ou o turco, lutavam mollemente, denunciando a decadencia e a derrocada de seus imperios. Porque a Allemanha vencida não desapareceu, e sua civilização curada do morbus militarista, ha de continuar a illuminar o mundo com a mesma grandeza de antes.

E o Brazil, moço e vigoroso, não pôde continuar na mesma attitudo de descrença e indiferencia, em que estiolará seu caracter. O problema brasileiro não está em restabelecer nossas finanças, nem remodelar nossos habitos politicos, tão degradantes, aliás, nem em organizar a agricultura, ou as industrias, nada

disso, posto tudo seja igualmente necessario. O essencial é crearmos uma escola de fé, em que se ensine a nossos filhos, e a nós mesmos, a acreditar, para agir, porque só um moral firme produz obra duradoura. Não basta que clamemos patriotismo em hymnos, discursos ou odes, mas precisamos que cada acto de cada brasileiro seja feito com confiança na sua efficacia, o que nos habituara a agir sempre bem, e o paiz cujo esforço singular de cada um de seus filhos é benefico, é uma grande patria. Que melhor exemplo do que os Estados Unidos, onde é minima a intervenção official e maximo o esforço individual? essa nação não tem, pelo valor proprio e intensivo de cada americano, creado o maior surto de civilização, em pouco mais de um seculo de independencia? e haverá paiz em que a confiança em si, a fé, a convicção seja apanagio de patriotismo mais decididos?

Entre nós, sabemos todos, não fal-

tará o soldado para defender o paiz em caso de guerra, mas tem faltado o defensor em tempo de paz, nessa obra proveitosa de abelha, em que cada homem lança uma pedra e só se admira o esplendor do monumento. Todos nós queremos fazer a decoração do edificio, mas falta quem vá construir os alicerces... E pedra, cimento e picareta são os elementos pesados de toda grande obra, para manejal-os precisa-se que haja disposição e coragem, cousas que só a fé impõe. O evangelho do Brazil deve ser um hymno de fé, principiando pela confiança em si e findando pela crença de sua missão civilisadora. Aprendamos um pouco de desinteresse e deixemos o commodismo languido, de que a nossa numerosissima burocracia é a triste prova, e, rejuvenescidos pela certeza de que podemos realizar um grande Brasil, lancemo-nos, cheios de fé, na obra formidavel, que temos, e havemos de construir.

## EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

DE RONALD DE GARVALHO

### ESTE PERFUME...

Este perfume de lírios e framboezas é toda a infancia!  
(murmuram os riachos, em que entramos os pés descalços,  
as mãos avidas em busca das lagostas cor de limo;  
voam as borboletas, zinem as cigarras, zumbem os bezouros)!

Este perfume...

(gemem os bambuás, sôa a buzina dos tropeiros,  
espalha-se no ar o cheiro das tangerinas e dos cambucás;  
passam caçadores com enfiadas de passarinhos...  
como brilham teus olhos-de cobiça, teus olhos como brilham novamente!)

Este perfume...

(Não tocas mais os minuetos de Mozart!  
Dize: quem apanha agora as lagostas cor de limo,  
quem apanha as borboletas azues?...)  
Este perfume de lírios e framboezas...

### CHEIRO DE TERRA

Ha versos que são como um jardim depois da chuva.  
Deixam em nós a sensação da agua cahindo,  
cabindo em bolhas tremulas da ponta das folhas,  
escorrendo da pelle macia das pétalas,  
pingando no ar...

Versos que cheiram á terra molhada,  
versos que são como um jardim depois da chuva...

### JANEIRO

A sombra debaixo das arvores é quente;  
Ha um desejo de agua nas folhagens  
A terra é morna como o corpo de um passaro,  
Como o corpo de um passaro, sob a plumagem lustrosa

Entre a chuva de oiro de uma acacia  
Zihê, longa, longamente, uma cigarra

### IMAGEM

A verdade é talvez um momento feliz  
O teu momento mais feliz...

# O PROBLEMA VITAL

POR LEMOS DE BRITO

Educação não é, a bem dizer, instrução. A instrução, porém, constitui o alicerce de uma sólida educação. Nenhum povo convenientemente educado pôde ser um povo sem instrução. Dahi a interdependência de ambas, dahi a necessidade que existe de se cuidar ao mesmo tempo da educação e da instrução, populares.

O Brasil muito tem feito pela diffusão do ensino publico; elle se preocupou, entretanto, mais com o ensino secundario e com o superior do que com o ensino primario. Ora, houve um erro grave nessa orientação, erro de que já se accusava D. João VI quando, lançando os fundamentos do novo Imperio, creava escolas superiores e deixava o povo á mingua de escolas elementares.

A necessidade do ensino primario é de tal ordem que o Sr. Bazilio Telles, homem de responsabilidades no assumpto, ao se fundar o novo regimen em Portugal, aconselhou o fechamento de todos os estabelecimentos de instrução secundaria e superior, no proposito de concentrar-se todo o esforço governamental no combate ao analfabetismo, ainda assim em moldes os mais acanhados, constando o programma, até melhores dias, de ensinar-se a ler e a contar, com algumas noções de educação civica.

Eu seria incapaz de preconizar esse programma para o Brasil; digo, porém, entristecido, que o grau de cultura a que chegamos na materia propedeutica e nos cursos de medicina, engenharia e direito, constitue moldura por demais brilhante para a tela escura do analfabetismo nacional, que, apesar de todos os esforços dispendidos pela Republica, ainda orça por uns 85 % da nossa população.

O Brasil carece de escolas. Todos repetem esta verdade insophismavel. Não será, pois, no apontar o mal que estará a salvação, sim no organização de um plano vasto, cuja execução, vencidos uns tantos escrúpulos de ordem constitucional, ha de caber á União.

Um paiz que disputa um posto permanente ao lado da Inglaterra e da França, da Italia, dos Estados Unidos e do Japão, no Conselho Supremo das grandes potencias mundiaes; um paiz que se fez o "leader" da America Latina em Haya e em Versailles; um paiz que vê eleito por maioria absoluta de votos um de seus estadistas-juiz da Suprema Corte Internacional, não pôde continuar roído por esse cancro — o analfabetismo, e deve combatel-o por todos os meios imaginaveis e a despeito de todos os sacrificios.

Nós precisamos, — eu falarei aqui com João de Barros —, nós precisamos realizar uma democracia de acção e de factos, a primeira dia a dia mais intensa, os segundos dia a dia mais indestructiveis e mais claros.

Para realizar esta democracia devemos disseminar a instrução, sem a qual o povo não poderá comprehender, jamais, o que é patria, lei, autoridade.

Se, porém, somos um paiz com esse coefficiente de analfabetos, mais elevado que o de Portugal, que não excede de 67 %, maior ainda é a nossa deficiência do ponto de vista da educação democratica. E dahi a verdade de que na escola, no lar, na imprensa, no livro, em toda parte, por meio de todos os orgams de

manifestações do pensamento, precisamos ensinar o respeito á liberdade, não como expressão vaga de inexpressivo theorismo, mas como um acervo de garantias e de direitos que blindam a personalidade humana, o culto da patria, nas suas tradições, nas suas glorias e conquistas, nos seus homens do passado e do presente, e, emfim, a solidariedade sem a qual a obra da civilização abortaria.

Temos tido diante dos olhos o Brasil rumuroso que se estende pelo litoral e em raros nucleos do interior, nas grandes cidades, nas villas prosperas. Isto, porém, é apenas a physionomia exterior do paiz, está longe de representalo na realidade de seu territorio e de suas populações. Estas, que somma por ahi fóra cerca de dezoito milhões, exceptuadas as de taes nucleos, vivem ainda á mingua de instrução rudimentar e de qualquer educação systematisada.

E' para ellas que precisamos olhar, salvando-as na saude e na alma. As gerações das cidades vão-se entregando já á educação physica; a dos nucleos do reconcavo e do sertão, não.

Doutro lado, o brasileiro continua alimentando um ideal de vida que, com excepções, felizmente dia a dia mais vultuosas, se limita aos horisontes da burocracia e do bacharelismo. Combatamos, aos humbraes do novo seculo, essa errada perspectiva da vida. Convençamos a nova geração de que mais valhe a sabedoria que um diploma, e de que a vida moderna garante mais o successo aos homens de competencia e de energia que aos doutores que se apegam ao rotulo de um diploma como chave da victoria.

Carecemos de reformar pela base o nosso conceito da sociedade e da vida. Fazer dos cargos publicos um posto de abnegação e de sacrificio, nunca sinecuras para o ganha-pão sem esforço e sem trabalho. Buscar nas iniciativas individuais o exito e a felicidade. Não exigir do poder publico senão aquillo que elle nos deve e nós pôde dar. Confiar em nós mesmos, nas nossas energias e valor, antes que na protecção e no amparo alheios. Amar nossa patria com desvello, servir-a com desinteresse, consideral-a a melhor de todas as patrias, não para o effeito da basofia e da fanfarronice, sim para a pratica de actos que a garantam, a melhorem, a exaltam e a fecundem.

A proposito, e para encerrar estas considerações, um facto historico, perpetuado numa epistola celebre do Conde d'Eu. O famoso Barão de Cotegipe, aconselhando um jovem candidato a ter antes de tudo uma profissão, lastimava-se de não haver recebido uma educação profissional, não sabendo o que deveria fazer algum dia se uma revolução victoriosa banisse a monarchia e o deixasse, pauperismo, de mãos crusadas e sem um rumo pratico na vida...

Oxalá que todos os brasileiros jovens repitam, ao menos uma vez, esta passagem do grande estadista do Imperio, e um dos maiores que o Brasil de todos os tempos já produziu. O Brasil não carece de numerar ás duzias filhos sabios; carece de que seus filhos sejam instruidos, educados e aptos a exercer na sociedade uma função activa e util, contribuindo, cooperando para o exito definitivo de sua patria.

## OLIVEIRA VIANNA

O Sr. Oliveira Vianna deu, com os seus estudos, uma orientação nova á nossa anthropo-sociologia, marcando-lhe bases seguras e definitivas. Em paiz de cultura ainda muito livresca e imaginação fremente, onde os dados da experiencia são esquecidos ou fantasiados, ao sabor voluvel das predilecções, a obra de analyse e penetração que tem feito o illustre escriptor é uma affirmação rara e poderosa, muito para honrar o nosso espirito. O Sr. Oliveira Vianna, para explicar a nossa formação ethnica-social, procurou suas origens no contacto do homem com a terra, na tradição da familia brasileira, nos resultantes dos seus phenomenos economicos e sociaes, de sorte a poder fixar, com mão segura, o caracter da nossa gente. "As populações Meridionaes do Brasil", é esse primeiro esforço, magistralmente realizado, de maneira a deixar viva, na fundo obscuro de nossas tumultuosas origens, o clarão chammeante do espirito brasileiro, transformando-se numa crescente grandesa. Por sua obra perpassa a confiança firme nos destinos nacionaes atravez as vicissitudes de uma educação social precaria e de bases economicas frageis, e na ligação do homem á terra, na permanencia desse contacto salutar e carinhoso, deixa a solução de um dos mais serios problemas de nosso paiz, aquelle talvez de maior gravidade na transição do momento. O illustre escriptor tem sido obreiro fecundo desse esforço tenaz de levantar as bases de nossa ethno-sociologia, no que tem conseguido uma admiravel realização. Ainda agora, o seu novo livro "Pequenos estudos de Psychologia Social", representa uma analyse palpitante e energica de nossas forças, atravez dos problemas que estuda e das mascaras que fixa, com esclarecida visão. Não é o imaginoso ardente, que ponteia de oiro toda a nossa psyche, num deslumbramento magico e irreal nem o melancolico, a cujos olhos baços, o paiz apparece como um rebento tardio e estéril, sem forças para vencer. Reage, como todo homem de intelligencia, contra taes excessos, vindos do desconhecimento de nossas fontes sociaes, da ignorancia dos factores de nossa formação, e do erro no proprio juizo que de nós formamos. Dahi, e da mania nacional de copiar o estrangeiro, nessa importação de todos os seus moldes, procedem os nossos mais graves defeitos, porque só "de nós é que não copiamos nada." No prefacio dos "Pequenos Estudos" o Sr. Oliveira Vianna nos mostra a finalidade da sua obra, nesses termos incisivos:

"Este livro, como as *Populações meridionaes do Brasil* e os outros em elaboração, inspiram-se num pensamento contrario a essa xenophilia exaggerada das nossas élites politicas e mentaes: o seu ponto de partida é a nossa gente, o nosso homem, a nossa terra, isto é, o quadro das realidades sociaes e naturaes, que nos cerca e em que vivemos. Esse ponto de partida é o unico ponto de partida sério de qualquer movimento nacionalista, que não queira ser apenas uma esteril logomachia apologetica de nós mesmos. O primeiro dever de um verdadeiro nacionalista é nacionalisar as suas idéas — e o melhor caminho para fazel-o é identificar-se, pela intelligencia, com o seu meio e a sua gente. Esse "Brasil maior" que é o motte mais em voga entre os nossos nacionalistas militantes, ou é uma palavra vã, ou implica o conhecimento meticuloso e intimo do "Brasil menor", do Brasil actual — do Brasil, como elle é. Que augmentar e onde augmentar? eis a pergunta. Ora, só o estudo do nosso povo poderá dizel-o."



# A BATALHA DO PASSO DO ROSARIO

RONALD DE CARVALHO

É ponto incontroverso, na historia de Portugal, terem os dirigentes do Reino manifestado frequentes vezes a vontade de assentar, na America do Sul, os alicerces de um vasto imperio, onde, sob a protecção da Coroa bragantina, viesse refflorir livre e desembaraçada de quaesquer empecos a velha raça lusitana. Os manejos de Espanha, as intrigas dos seus estadistas para se apoderarem de toda a península, ora pelo apparatus das armas, ora por via de promessas e concessões vantajosas, punham sempre de sobreaviso os politicos portuguezes. Refere o Sr. Alfredo Varela, em sua documentadissima obra — *Duas Grandes Intrigas*, — que, ao tempo da usurpação castelhana, e, na previsão do seu duradouro successo, já alvitara D. Pedro da Cunha a idéa de transferir o Governop ortuguez para o Brasil, onde, "em vez de ser o rei dos agua-deiros de Lisboa", poderia o monarcha fidelissimo "grangear o throno de um paiz magnifico", resguardado das ameaças e tropelias dos exercitos de Felipe. Sabe-se que a D. João IV offereceu a Hespanha, em troca da faixa peninsular, a posse e o dominio da America lusitana, ao que oppoz o Rei formal recusa. Mas, sem embargo de taes declarações ostensivas, declinara tanto o prestigio de Portugal e era tão pouco de ameaçar o peso das suas forças, cada vez mais enfraquecidas desde o seculo XVII, que o proprio D. João IV, consoante aos testemunhos que nos depara a mencionada publicação do Sr. Varela, lançára "as augustas vistas para o Brasil, afim de prevenir á sua familia uma retirada segura no caso em que algum successo adverso, que então muito se temia, necessitasse deste ultimo remedio".

Seguindo Portugal na alheia de Inglaterra, não é de admirar se visse, por mal de seu grado, e em respeito á fé jurada nos tratados, envolvido nas contentas accesas por sua poderosa aliada, e posto como joguete entre a França e Castella. Desguarnecido de homens destros nos mistéres guerreiros, embora audazes e de boa tempera, corroido pelos vicios de uma sociedade que em tudo imitava os destemperos da casa reinante, malbaratando em folguedos e funçanatas, em jotas e repastos succulentos o melhor das faculdades, drenando para os mesmos fins lascivos não só os haveres mas o caracter, nem o pulso voluntarioso e firme de Pombal conseguiu refrear-lhe o imperio da queda em que se despenhava. Morto o grande Marquez, sentiu Portugal agravarem-se os symptomas da molestia que, da mais luzida fidalguia ao mais desprezível populacho, ia quebrando a resistencia e o animo do povo. Foi rapido o minuto da realza de Pombal. Aquella energia de que deu provas, aquella inabalavel confiança que depositou em si mesmo, aquella rude varonilidade com que enfrentava e resolvia os mais arduos problemas, não eram coisa vulgar em seu tempo. O ouro das Minas Geraes, a prata e a pedraria das Indias até stando as arcas da metropole, contribuíram para amollecera a fibra dos herdeiros dos Afonso Henrique e dos Gama.

Do sensualismo felino de D. João V ao materialismo grosseiro de Dom João VI, houve apenas a marcha progressiva de uma tara, accrescida certamente de outras enfermidades congenitas e pedres desordens de educação. Ora, pois, quando ao raiar do XIX seculo, Portugal deu accordo de si troavam na península os panhões de Bonaparte, e aquillo que per-

deram lustres consecutivos de indisciplina desvario e incontinencia não recuperaria, por sem duvida, um surto de improvisação patriótica. Ia realizar-se dessarte, e ainda por mercê das armas, a previsão de D. Pedro da Cunha. A casa de Bragança deixava o continente europeu em demanda da America.

Não arrefecera de todo no espirito dos portuguezes a ambição de alargar as conquistas já feitas no novo mundo. Concorria para isso não só o desejo de augmentar a immensa área dos territorios ganhos ao selvicola, mas, tambem, o tradicional sentimento de rivalidade que sempre animou os lusos contra os seus vizinhos. A historia dessas lutas continuas que, travadas na península, vinham repercutir nas remotas regiões sul americanas, é um dos capitulos mais curiosos da nossa formação. Em livro recente, onde estuda as causas da campanha da Cisplatina, mostra o illustre General Tasso Fragoso, com abundancia de testemunhos e copiosa critica, ter sido o elemento militar factor preponderante na genese da nacionalidade brasileira. Emquanto, nas mesas das conferencias internacionais, discutiam os embaixadores e assignavam os representantes das Corôas de Portugal e Castella accórdos e convenções de feita espeçiosa, decidiam-se aqui os negocios das respectivas colonias pela destreza dos braços e pela iniciativa dos capitães destemerosos. Determinando o impulso das bandeiras profundas penetrações no continente, o que fixava a letra morta dos convenios, iam os desfazendo, pouco e pouco, impellidos pelas necessidades oriundas das proprias condições da nossa existencia. As raias do nosso paiz não foram traçadas pelos diplomatas, se não pelos bandeirantes, pelos mineradores, agricultores e batedores de indios. O que aquelles fizeram foi homologia, com habilidade, o que estes conquistaram sem medir sacrificios.

Quando a comitiva de D. João para aqui se transportou, se noutras regiões da colonia estavam serenadas as questões lindieiras, continuava a Banda Oriental a ser a mesma fonte de intrigas e dissensões entre os povos do Brasil e da Argentina. Os colonizadores portuguezes sempre tiveram em mira levar até á foz do Prata os confins das terras por elles descobertas na costa do Atlantico. Nas doações de Capitánias já se fala na "bocca do rio da Prata", como linha divisoria extrema do Brasil. O primeiro passo para firmar os direitos de soberania sobre o territorio oriental, foi a fundação da Colonia do Sacramento, por Manoel Lobo, em 1680. Dehi até ao mallogrado combate do Passo do Rosario, tornou-se o Uruguay pomo de discordia perene. Diversas vezes entraram em accórdos as côrtes da península iberica, propondo e assignando varios tratados, desde o de 7 de Maio de 1681 ao de 1 de Outubro de 1777, com o intuito de dirimirem definitivamente a pendencia. Mas, como observa sagazmente o General Tasso Fragoso, espelhando as nossas contendas as desavenças da Europa, foram inuteis todas aquellas tentativas de conciliação, pois, o que se concluia hoje, amanhã se rompia, ao sabor dos revezes ou dos successos felizes nos campos de batalha ou nos bastidores diplomaticos do velho continente.

Emquanto isso acontecia, sustentavamos com as armas nas mãos, por si só recontra, defendendo-nos de investidas dos governadores de Buenos Aires, a exemplo das arriadas de Pedro de Cebal-

los sobre o Rio Grande, em 1763, e de Juan José Salcedo de Vertiz, em 1773, sobre o rio Pardo. Ao revés dos planos lusos de penetração no sul, alimentavam os hespanhões da Argentina a esperanza de desbaratar os portuguezes nas coxilhas rio-grandenses, atirando-os para o norte, e cerceando-lhes, assim as possibilidades de attingirem elles o estuário do Prata. Contribuiu muito essa perigosa ameaça para que se povoassem os campos do sul e se levantassem fortins e villas onde fosse possivel receber o inimigo vantajosamente. Traça o Sr. Tasso Fragoso um magnifico estudo das tentativas feitas por ambos os contendores no sentido de se apossarem da banda Oriental. Resalta claramente, da sua critica minuciosa e imparcial, a impotencia de brasileiros e argentinos para se firmarem no Uruguay, subjugado muitas vezes pela força, e sempre resistente ao dominio do invasor, alliando-se ora a uns e ora a outros, mas com o proposito manifesto de se libertar, afinal, quer das insinuações do Rio de Janeiro, quer das promessas de Buenos Aires.

Depois do incalculavel dislate que praticaram os dirigentes do Rio, fundando a Colonia do Sacramento e consintindo, ao mesmo tempo, que os hespanhões se estabelecessem em Montevideo, não era de espantar perdessemos irremediavelmente a banda Oriental. Tudo conspirava contra os designios da côrte bragantina, em relação ao Prata. Os governos que alli se improvisaram seriam fatalmente ephemeros, porquanto, apartados como estavam da capital da colonia, sem maiores recursos, desprovidos de soldados e material necessario á manutenção do seu poderio, rodeados de inimigos teimosos, não lhes era facil conservar intacto o prestigio da autoridade. Eis por que, máo grado das nossas intervenções nos negocios do Estado Oriental, das tropas que para lá enviamos, de todo o dinheiro gasto no custeio de varias occupações inconsistentes, nunca obtivemos um real triumpho. A batalha do Passo do Rosario, ou de Itusaingo, como lhe preferem chamar os argentinos, foi apenas o ponto final de uma série de medidas infelizes, de mallogrados enredos, de ambições mal sustentadas, já pelos nossos homens, já pelos de Buenos Aires. Barbacena e Alvear, nas suas marchas e contra-marchas, nos seus avanços e recuos, nas suas duvias attitudes, encarnavam perfeitamente as indecisões da politica internacional do Brasil e da Argentina. Defendia aquelle os interesses de um principe afouto e imprudente, a cujas mãos soffregas viera ter o espinhoso legado das machinações de D. Rodrigo de Souza Coutinho e D. Carlota Joaquina; representava este as tramas subteis de um caudilhismo ambioso e audaz.

Quer de um quer de outro lado, não estava em jogo uma causa justa. Não foi o povo brasileiro que se levantou para arrebatara a autonomia do Uruguay, pois, se em verdade dependesse dahi a salvação e garantia da patria, poderíamos varrer facilmente da margem esquerda do Prata todos os contingentes argentinos ou orientaes que se encontrassem porventura em nosso caminho. Eramos superiores em tudo aos nossos inimigos de então, em riqueza, em abundancia de homens e munições, em preparo tecnico e militar. Desfrutavamos a consideração das potencias estrangeiras e mantinhamos indisputavel hegemonia na America Latina. Sustentavamos, porém, uma

# GUERRA JUNQUEIRO

guerra antipathica, em que não estava empenhado o renome da nação, e contra a qual se erguiam vozes autorizadas no proprio Parlamento do paiz. Vem em apoio desta insophismavel these, as declarações do Deputado Silva Maia, em 1826, quando, referindo-se á falla do throno, assim se exprimiu: "Se tomarmos o rio da Prata ao sul por ser uma divisa natural e bem visivel, então, pela mesma razão, deveriamos tomar por divisa, ao norte, o Amazonas, o que seria em grande prejuizo das possessões que temos para lá desse rio. Mas assim como não devemos perder o que de certo nos pertence, não devemos querer o que pertence aos vizinhos, estendendo-nos até ao Prata. Não faltemos ás regras e principios da justiça." Assim, muito embora militassem em nosso favor certos pretextos de ordem geographica e historica, eram despidiendos todos os precedentes que intentassemos invocar, em vista dos erros seculares commettidos pelos reinões e da sua incapacidade manifesta nos negocios do Prata.

Lança mão desse ponderoso argumento o autor eminente da "Batalha do Passo do Rosario", para demonstrar, á saciedade, que, não havendo um ideal superior que dirigisse os officiaes e soldados brasileiros, não puderam estes pelear com amor, posto lhes não minguasse o infemerato character revelado no correr da pugna. "A causa principal do nosso revez, escreve o General Tasso Fragozo, foram os factores moraes." Viram frustrados, por igual, os nossos inimigos, os planos com que procuravam assegurar o tão debatido Vice-Reinado do Prata. Depois que se retirou do Passo do Rosario o exercito de Barbacena, as tropas de Alvear, ou por desidia, ou por impossibilidade material, não puderam transformar em victoria decisiva o inopinado successo de Itusaingo. Perderam contacto com o grosso das nossas armas, limitando-se a frouxos assaltos diversivos, carecentes de importancia, e demonstrativos da má fé ou ignorancia daquelles que á semelhança de Baldrich, encarecem demasiado a estrategia do commandante em chefe dos corpos argentinos. O que ficou á prova, ao contrario disso, foi que, em toda a campanha da Cisplatina, não houve uma só inspiração genial, mas exclusivamente a canhestra applicação de expedientes e recursos suggeridos pelo momento ou pelas condições da luta.

Não foi em vão, contudo, que perdemos nessa guerra porfiada oito mil dos nossos compatriotas e quarenta e oito mil contos de réis. Nasceu da Convenção de 27 de Agosto de 1828 um paiz soberano, a quem prestaríamos ainda varias vezes o concurso desinteressado das nossas forças em defesa da sua integridade. Moralmente, ao menos, estavamos victoriosos, pois obrigamos a Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata a se desfazer aos territorios uruguayos, então sob a sua tutela. A obra do General Tasso Fragozo, cujos passos de maior relevo capitulo nesta breve noticia, não vale sómente como testemunho de pura doutrina militar, se não que se recommenda mui particularmente por uma profunda intuição da historia, da formação sociologica e do desenvolvimento politico do nosso paiz. Oxalá procurassemos sempre clarear, desvendare e analysar assim, com essa mesma agudeza e lealdade, os nossos desastres e desatinos. Não lhes dõam as mãos a quantos, imitando áquelle distincto escriptor militar, castigarem os nossos erros e apontarem, ajudados da serena razão, os verdadeiros caminhos que nos cumpre trilhar. Esses mostrarão que a historia não é mera collectanea de factos, simples materia que a nossa imaginação vai colorindo e animando, mas uma disciplina de vida, um manancial sempre renovado de experiencia e observação.

Caligraphada em pergaminho, a Academia Brasileira de Letras enviou ao poeta portuguez Guerra Junqueiro essa mensagem, convidando-o a visitar o Brasil, por occasião da commemoração do Centenario.

"Rio de Janeiro, 11 de Abril de 1922.  
— Sr. Guerra Junqueiro.

Quando nos chegou a noticia de que haviéis sido indicado, por vossa Patria, para a representardes, entre nós, como seu embaixador intellectual, por occasião das festas do Centenario da nossa Independencia, já esta Academia, da qual sois membro, por voto unanime de todos os seus titulares, havia resolvido convidarvos, como seu hospede, prestando nas homenagens que vos tributasse um justo preito ao estro maior, e verdadeiramente representativo, da Poesia Portugueza contemporanea.

Escusaste-vos, por motivos intimos, á missão; nem por isto, entretanto, a Academia desiste do seu proposito manifestado em votos entusiasticos.

O amor radica-vos á terra patria e, naturalmente, recusai-vos a partir pelo receio que tendes de que o vosso coração não suporte a nostalgia.

Sabindo das vossas plagas não vos apartareis senão do sólo, o mais tereis sempre presente nos sentidos e, ainda, do espaço que percorredes, não de vos surgir á mente as glorias do Passado.

Sulcareis os mares cortados, pela primeira vez, em monção de ventura, pelas prôas altas dos galeões manuelinos. Vereis os astros que alumiarão os navegadores na grande viagem mysteriosa.

Contemplareis, á luz de ouro do nosso sol, a terra moça e linda que se levantou das ondas vestida de selvas verdes e que foi festivamente sagrada, baptisada, esforçadamente desbravada, prodigamente semeada, heroicamente defendida pelos pescadores de mundos, gente sabida, ao clangôr de tubas, dos vossos campos, dos vossos montes e cidades, e ouvireis, contente, o som da Patria, que é o idioma um tanto quanto abrandado pela languidez das nossas vozes, instrumentos de alma.

Achareis no altar a mesma Crença, na Historia feitos de vossos bravos, nos lares os mesmos costumes vossos, a mesma tradição nos contos, o mesmo amor nas almas.

Mudareis apenas de casa — a familia será a mesma. E aqui, entre nós, sob o toldo da nossa bandeira, com a qual vos acenamos, sereis como o genio lyrico de Portugal em visita de amor á terra do Brasil. E recebido no ádyto onde se conserva o fogo sagrado da nossa nacionalidade, lume que a nossa Alma retirou do altar onde flammejam os Lusíadas e rebrilham os fulgores da mystica e ainda relumam os clarões das nevas chammãs como as que aclaram a obra de Hercula-

no, corruscam intensamente nos brasidos de Camillo e scintillam nas tripodes de Eça de Queiroz e Fialho, vereis que a lingua é estimada com devoção pelos que nella procuram crear Bellezas como as que tendes realizado, mantendo-a á altura a que a elevaram os mestres.

Entre nós, onde sois amado e admirado, não andareis como estrangeiro, senão como da Familia, e a Poesia vinda comvosco das searas e dos olivães confraternizará com a Poesia juvenil das florestas virgens.

A Academia Brasileira espera a vossa resposta para transmittil-a ao Brasil. — Carlos de Laet, Presidente; Ataulpho de Paiva, Secretario Geral; J. M. Goulart de Andrade, 1.º Secretario; Aloysio de Castro, 2.º Secretario; Alberto Faria, Thesoureiro e Coelho Netto, (relator)."

Acompanha a mensagem o seguinte officio:

"Rio de Janeiro, 20 de Maio de 1922.  
— Exmo. Sr. Guerra Junqueiro.

Foi de verdadeiro, completo e intenso jubilo o momento em que o illustre Sr. Coelho Netto, no meio de uma das nossas recentes lucubrações academicas, e provido do alto e merecido prestigio da sua palavra, do seu saber e da sua sinceridade, alçou-se em pé para propôr fosse V. Ex. convidado a vir ao nosso paiz, como hospede da Academia Brasileira, por occasião dos actos festivos da independencia nacional, recebendo então as homenagens que ella ambiciona consagrar ao maravilhoso poeta de estro immortal, egregia e incontrôversa figura da gloriosa intellectualidade lusitana.

Todos juntos a uma voz e num admiravel movimento de adhesão incondicional, significaram o desejo ardente, o voto discreto e sincero para que em realidade se convertesse o nosso intento francamente harmonico, o qual, uma vez revelado, para logo animados proselytos teve e sem conta em todas as espheras, onde culminam a cultura e a civilização do Brasil pensante.

Maior transpareceu ainda a galhardia, quando o Sr. Coelho Netto, numa formosa effusão de confraternidade litteraria, aquiesceu em acceitar a incumbencia que lhe disputava a Academia unanime, qual a de formular e redigir a mensagem que, reverente, ousou enviar a V. Ex., e onde a cada passo e em cada vocabulo palpita, no maximo gráo de excellencia, a alma robusta e integra do laureado prosador brasileiro, e em sua unidade suprema e ideal se estampa o mais perfeito significado das nossas aspirações communs.

Pela sua valia cordial e pela sua estimacão fraterna, esse documento da nossa admiracão ao cantor magistral, descolrido seria, emtanto, em sua forma e essencia, se accaso, alguém, sem animo forte para resistir ás ousadias reprovadas, tentasse, ainda que de leve explicar os seus termos ou traduzir o vigor com que foi elle sentido e elaborado.

Assim que, ao passar ás preciosas mãos de V. Ex. esse pergaminho symbolico e esmerado de segurarcas e sentir exactos, peço venia para ficar tão sómente na perpetua attitudo de muito respeito com que apresento a V. Ex. as expressões da minha viva e extrema veneração. — Ataulpho de Paiva, Secretario Geral.

# EM VEZ DE VERSOS, BATATAS

DE

RAYMUNDO MORAES

A maioria dos escriptores brasileiros, dos mais finos e dos mais primorosos, tende para a mais burguezia das especialidades — a litteratura economica. Ha alguns annos já que eu venho observando a deserção franca e destemida dos cavalleiros do ideal das fileiras romanticas. Pelo milho e pelo arroz, pelo tabaco e pelo café, pelo bóde e pela cabra, pelo boi e pelo cavallo, os grandes artistas da prosa, considerados os principes encantados das mais contradictorias escolas, que iam do lyrismo ao nephelibatismo, do realismo ao symbolismo, deixaram as suas phantásias, as suas musas e os seus deuses. De Venus e de Cupido baixaram até Ceres e Pamonha. Em vez de Jupiter adoram Pan. E' um facto tangível, claro, real, inconfundível. O primeiro desertor de que eu tive noticia foi esse extraordinario Castro Menezes, das pisadas duras e das idéas puras, poeta fino e bizarro, jornalista elegante e completo, novelista simples e magnifico. Durante o tempo em que elle andou por aqui, como redactor e director da "Provincia do Pará", de Antonio Lemos, o festejado estylista vivia agarrado aos seus nobres sentimentos de fino lavrante da palavra, eleito de uma casta que caminha em busca da belleza como os peregrinos marchavam ao rumo de Méca. Se alguém, por pilheria, lhe pedisse, naquelles idos, para escrever sobre a problema alimenticio da laranja, da banana, do cará, em linha parallela com o feijão, a cebola e a mandioca, o autor dos "Jardins de Heloisa", teria, de certo, uma congestão cerebral. Naquelle alma candida e sonhadora tudo era espiritualizado, desde o trecho mais banal de uma noticia, até ao talhe curvelineo de seu fraque e a largura das abas do seu chapéo. Tempos depois Castro Menezes vae-se embora para o Rio. Sumiu-se do meu olhar, perdeu-se do meu convívio.

Um bello dia com uma carta sua, recebo um trabalho anonymo sobre a "Vacca Maninha". Registava esse folheto a primeira manifestação do animal em fóco nos campos, a sua influencia perniciososa nos rebanhos, a sedução desses lesbicos quadrupedes entre outras vaccas até então tidas por muito serias e respeitaveis. Frisava o estudo o juizo que semelhantes animaes despertaram no pensamento dos mais philosophicos novilhos e no meio paeato dos proprios fazendeiros. A vacca maninha recordava pela dissolução e pela escala que fazia a hetaira que fugiu de Lesbos para o esplendor e para o delirio das matronas de Athenas. Li bem aquillo.

Ainda continha, não havia duvida, um resquicio litterario nas referencias gregas, mas já era uma franca tendencia para as coisas positivas. Percebi francamente a parábola daquella intelligencia, que deixava os astros, as rosas e as mais queridas divindades para estudar um assumpto rasteiro, em que os chifres, os uberes, os couros e os cascos constituíam pontos de partida. Depois escreveu sobre o cavallo, sobre a egua, sobre o jumento, sobre a forragem, sobre a estrebaria. Eu, que conhecia aquelle talento, tinha sustos inexplicaveis. Um principe da litteratura perambulando sobre coisas sujas... Mas não ficou ahí. Certo dia sou sorprendido com outro largo folheto illustrado. Era um estudo completo sobre porcos, a mais perfeita monographia sobre a carne prohibida por Moysés. Desde o porco inglez ao porco mineiro, systema de engordar, a bolota como alimentação desse animal, espessura do toucinho, chispes, orelheira, presunto, tudo vinha explicado, confrontado, contrastado em diagrammas e tabellas. Fiquei varado, palavra! Como se degradára aquelle cerebro! Descia das maravilhas artisticas do seculo de Pericles, da philisophia de Pla-

tão, das guerras de Alexandre para a esterqueira do suino. Estive para desmaiar. Pois sabem o que succedeu depois? O Castro Menezes foi o secretario do Ministro da Agricultura e quando morreu era homem que não dependia de ninguém. Seguidamente a esse vi o Valente de Andrade dedicar-se também aos assumptos economicos. Não decorrerá muito tempo. Assis Chateaubriand atirava-se igualmente a essa litteratura. Começou analysando a cabra de Trib, o carneiro da Australia, o pato do Amazonas; dahi a mezes entrava gloriosamente no respeito publico e na consideração universal. Os banqueiros, os capitalistas, os fazendeiros, consultavam-no sobre emigração, sobre campinas e montanhas, sobre carreiras de navios, sobre pesca do bacalhão, sobre sardinhas em latas. E' hoje uma potencia. Esqueceu-se completamente da litteratura. — Verlaine e Baudelaire, Byron e Edgar Poe mal lhe figuram como sombras malignas de um pesadello que se apaga na memoria. Hugo, Shakspeare, Goethe, Dante, Camões, Cervantes são consultados de longe em longe sómente, isso mesmo quando ha um dado economico a tiralhes da philosophia e da arte. Mas eis que recebo hontem, pela mala do "Minas Geraes" um volume intitulado "Brasil, potencia mundial", de Elysio de Carvalho. Quasi caio das nuvens. O céos, até este? Toda a poesia que resumbrava da penna fidalga e esthetica do autor dos "Barbaros e Europeus", transformava-se no exame de possibilidades productivas e machinofactureiras. E' um inquerito sobre a

industria siderurgica no Brasil. Nada mais de Oscar Wilde, de paradoxos, de poesia, de maravilhas historicas, em que pese ao manes do Principe Mauricio de Nassau, com as suas cavallaricas de marmore, as suas montadas arabes, quando Pernambuco, no esplendor de uma civilização, possuia em cada porta das mais humildes habitações uma fechadura de prata; nada mais de sonho, de fantasia, de ficção. Elysio de Carvalho revolve agora as camadas geologicas da sua patria, perscruta as mais vivas dobras telluricas, os recantos mais perdidos das serras, afim de provar a existencia dos metaes no collo sagrado da terra. Os fornos, as usinas, os martelos, na faina cyclopica da siderurgia, repontam nas estatisticas, nas demonstrações metalurgicas em que se falla no carvão vegetal, na hulha branca, nas reservas florestaes, nas jazidas de ferro, nos arsenaes, nos estaleiros para chegar á demonstração do Brasil, como potencia. E' a litteratura economica que transvia mais este romeiro. Ninguém se illuda. Elysio de Carvalho, se não for a secretario do Ministerio da Agricultura, é porque será o proprio ministro. Eu, franqueza, dou razão. Este paiz ainda não lê bastante para sustentar ninguém litterariamente, através do verso e da prosa. Quem fizer um artigo fino, todo rendado, innocente como as pastoras, philosophico como as considerações do cozeiro do "Hamlet", terá, quando muito, o elogio envenenado de meia duzia de amigos. Emquanto que o artigo sobre o oleo de carapato, sobre o couro do veado, ou sobre o capim gordura, interessa uma porção de sujeitos que valorizam essa litteratura. Olhem para o Enéas Pinheiro... Em vez de versos, batatas.

Belém, 21 de Abril de 1922.

## D'ANNUNZIO E TCHITCHERINE

Se a capacidade de nosso espanto não tivesse estado muito compromettida, sobretudo depois que um periodo de contradicções e incoherencias, pelos menos apparentes, entrou a dominar as acções humanas, havíamos, por certo, de nos encher de admiração deante deste telegramma, que nos trouxe, ha dias, a Havás:

"Procedente de Genova, chegou o Sr. Tchitcherine, commissario dos Negocios Estrangeiros do governo dos soviets, que aqui veio especialmente para saudar Gabriel D'Annunzio em nome do povo russo. O encontro realizou-se na propria residencia do poeta, onde o delegado russo se conservou até de manhã. Ao que consta, a entrevista, que foi extremamente cordial, versou sobre a revolução russa, sobre o funcionamento do regimen comunista, sobre a legislação militar e sobre o novo systema economico-social."

Ora, entre o poeta arditi, que vem dedicando sua acção energica e vibrante aos idéas ardentes de um grande patriotismo; que foi o paladino maravilhoso da entrada da Italia na guerra; que pelejou sempre, nos céos irredentos, a serviço da aviação real; que escreveu a pagina de um idealismo fremente, de Fiume; entre esse poeta, apostolo, soldado e conquistador e os "camaradas" de Moscou ha o mais sensível e intransponível abismo. D'Annunzio teria dito a Tchitcherine que a Patria é a carne e o sangue do homem, ligando-o á terra, irmanando-os aos que nasceram sob o mesmo céo, falando a mesma lingua e amando o mesmo amor. D'Annunzio lhe teria dito que sua glória era de soldado, imperialista pelo seu paiz, querendo dilatar-lhe as fronteiras, para conter a familia da mesma raça. D'An-

nunzio lhe teria dito que a Patria é a luz dos olhos, a alegria da communhão, o enlevo da paternidade. D'Annunzio lhe teria dito que o homem deve lutar pela Patria, porque bemaventurados são os que morrem no seu altar esplendente, porque se saciaram no ideal. Tudo isso e muito mais Gabriele D'Annunzio lhe teria dito numa emoção surpreendente de belleza. E Tchitcherine lhe teria replicado, de dentro de sua expressão minguada, que a Patria é, transitoriamente, uma forma geographica, que o homem é apenas homem, o servo do trabalho, ganhando o pão e nivelado pela igualdade, sem forças para crescer e para vencer. Tchitcherine lhe teria contestado resolvendo a vida num jogo de valores economicos, cuja resultante o regime comunista encontrou no fundo de sua sabedoria. Teria respondido ainda que o estado burguez é um entrave á igualdade e que é preciso destruir, e com elle o individuo, reduzido á mola da machina do estado. E depois os dous se teriam calado. No silencio que passou, aquelles idealistas sentiriam talvez que mergulhando nas suas origens os nossos desejos e os nossos principios, só os trarão bellos se vierem molhados de sangue e de lagrimas, santificados pela dor. Nas obras e nas idéas daquelles homens a mesma fulguração chammeja, porque ambos querem elevar os seus irmãos: um pelo patriotismo que engrandece a terra, outro pela igualdade no trabalho, que nivelará as classes. E, se os seus olhos se encontraram, viram uma lagrima rolar, a lagrima amarga da desillusão, com que o sonho illude aos seus mais ardegos cavalleiros.

## MAL DO SEculo

DE  
ROMEU D'AVELLAR

(FRAGMENTO DE UM ROMANCE)

A vida de Roberto era sombria como uma janella sem horizonte que se agranda lá fóra...

Aborrido de remascar o seu tédio impenitente de moço pobre e bohemio, e já travendo ha um rosario de insipidas horas calcorriado quasi todas aquellas ruas do bairro onde morava ia para um anno — Roberto chegou em casa noite velha. Era na travessa S. Vicente de Paula, um becco de máo pizo, cheio de sombras pávidas por via das moles consideraveis dos vetustos casarões que muito subiam para o céu e como que absorviam egoisticamente a luz evanescente que dimanava dos astros longínquos. — A casa tinha o numero 49, um sobrado de esquina, de sensaborona architectura todo pintado de verde crú e corrido de janellas ao oitão.

Como não dormia em cima e recolhia-se invariavelmente fóra de horas, trazia consigo a chave grande do portão e entrava pelos fundos. Era um quarto miseravel o seu, uma especie de cafta, recuado para a retaguarda da escada da cozinha, muito exiguo, muito sem hygiene por ficar parede-meia com a privada. Uma cousa lamentavel! Dentro não era o pouso de um estudante pobre, antes a reclusão de um homisiado. O forro havia creado barriga com a humidade perenne que se infiltrava toda noite do banheiro em cima; e os ratos, mal crepusculava, eil-ós já a correr cavalhadas processionaes sobre a armação gasta, ensornando uma alluvião de terra, escura em todo o sentido do quarto. Vezes sem conto Roberto acordou com muita terra na cara. Dormir, quem viu, em certas noites? Quando não os demonios dos roedores a chiar, a esfarinhar terra cá para baixo, as zimbradas da chuvarada militando por penetrar as duas claraboias, em congerie com o vento rouco e ruidoso como uma tosse hereditaria, que se embueirava pela abertura de cima e com desanda maior esbagoava as grossas bátegas sobre o pateo que ficava ao outro dia numa alagariça impossivel. Ademais era o frio navalhante que o inverno trazia áquelle reducto de triste, ou o calor de braza que emittiam aquellas quatro paredes no verão! Que na vida ás vezes o homem é perseguido em todos os sentidos como os gregos nos dez annos de Troya... E vá do destino esmurrar a creatura até á cova! Roberto se penetrava disto em tão arredia mansão, estreitado entre aquella ironia existencial. Porque o seu pouso era impossivel: — uma cama de lona já no fio e uma rede encardida como chumaço, amarrotada em trouxa, que lhe servia de cobertor ha quasi um anno; aos pés de uma rude mesinha, confeccionada com frageis taboas de caixão de kerozene, a sua mala de pintura já gasta e com os ferros encascados da ferrugem teimosa e consumidora; na parede, ao fundo, duas taboas de quarenta centimetros de largura por metro e meio de comprimento, intervaladas horizontalmente, á laia de estante, onde descansavam lugubrememente, em duas sequencias perfeitas, alguns livros de litteratura e sciencia em encadernações baratas. Por de cima da cama, no claro da cal, havia qualquer coisa escripta em letras desaprumadas, exquisitas como autographos celebres: — eram pensamentos subtis e pessimistas de Wertheimer, Rousseau, Hugo e Blasco Ibañez, sobre a mulher, a vida e Deus. Delle proprio, á margem dos outros, havia um

forte e medonho que lhe viera num dia escuro de tédio em que a Carmen, uma costureirinha viciosa do *Parc-Royal*, e de quem, de graça, esquentava os lençoes — amigara-se com um *chauffeur* e fóra desfrutar esta nova confluencia amorosa para Coqueiros... Das outras partes da parede grossos pregos batidos, e envoltos em jornal e cordão, dependuravam, como carne morta de talho, dois ternos usados de casimira escura, duas camisas, um sacco azul de roupa suja e um chapéo preto.

E era tão sómente isto a sua mobilia, a sua installação na vida!

Como os membros experimentassem um grande torpor da caminhada que fizera, Roberto, assim que se despiu não quiz ler — o que lhe era habito inveterado de toda noite; soprou o côto da véla e deitou-se amoixando-se nos pannos como um gato de estimação. Não tinha somno — vencio-o o cansaço. Aquella perlongada á toa pelas ruas o estafára até aos ossos... Abstracto, sem pensar em nada, como se houvesse mesmo per-

## AMERICA BRASILEIRA

Por proposta do Sr. Ephygenio C. da Cunha, representante do Governo de Santa Catharina, o VII Congresso Nacional da Geographia, reunido na Parahyba, approvou uma mocção, "consignando um voto de louvor aos brilhantes intellectuaes patricios Elyσιο de Carvalho e Monteiro Lobato, pela orientação nacionalista que vêm dando á *America Brasileira* e á *Revista do Brasil*, de que são directores, estampando artigos sobre a nossa actualidade politica e serios estudos sobre o passado, o nosso presente e o nosso papel no futuro".

dido a materialidade, começou de vagar os olhos pela penumbra do quarto: subito, das bandeirolas da porta, discretamente, uma claridade ambarina derramou-se para o aposento, desenhando-se logo as duas sequencias de livros nas taboas; e então, as roupas, dependuradas ao alto da parede, cresceram, feias, como sombras de pesadelo. O quarto estava em meia-sombra sob a influencia da luz pallida que vinha de fóra. — Devia ser a lua passeando no céu... E os olhos, instinctivamente, convergiram-se para aquella abertura d'onde se destilava o pallor suave do plenilunio. E ahí, elle pôde ver então uma nesga do firmamento onde a joia de uma estrella ardia incessantemente como um liliputiano e artificial vagalume colgado num fundo de seda azul. Largo tempo assim esteve, enamorando aquelle ponto de luz perdido, em evagações astronomicas, rememorando á revelia tudo o que lera sobre a vida hyperbolica dos astros nos livros curiosos de Flammarion.

Mas do quintal vizinho, após um bater surdo de azas pesadas, a garganta valente de um gallo rasgou o silencio conventual da noite. Roberto então se virou, na cama, passou o dorso da mão pelos olhos ardidos de insomnia e, sentindo-se só, no meio de tão abafada modestia, anonymo e esquecido como o ultimo dos homens, invejou os que pos-

suiam conforto e eram afestoadós pelo sorriso melhor que a vida tem. Iria assim até ao final? E ao outro dia completava vinte e dous annos e só vira uma nuvem negra parada sobre a sua existencia: o infortunio, talvez! Era como a arvore nova da serra fustigada por todos os ventos. Outros, até os velhos! libavam o que a vida tem de mais suave... O mundo embirra ás vezes com certas creaturas; e, por isso, para elle, a felicidade era um accidente, como uma furada no pé ou o tombo de uma arvore. Senão elle também seria feliz. Ah! que não fizera e impetrára afim de dulcificar a sua existencia! Desde muito novo que se inscrevera na grande batalha. Deixára o lar criança ainda, aos quinze annos, quando se não despertou dos sonhos alvoroados dessa idade. Cedo então começára a conhecer tudo o que a vida possui de abandalhamentos e de cynismos. Intelligente, penetrando os homens com argucia, esteve sempre em guarda aos seus assaltos funestos de tigres. Na Bahia fóra revisor de um jornal chantagista; descia todos os dias á cidade baixa, a alma vasia, as botas já cambadas pelos attrictos nos alajões das ladeiras quasi ingremes. Fóra uma phase terrível aquella! Afinal para não receber nada, porque a empresa jornalistica fallira quatro mezes depois; peor: o director o ameaçára com uma grossa bengala por elle lhe apresentar um valie e exigir uma reparação no seu trabalho lesado. Trahindo os seus principios, porque ainda não havia aprendido a philosophia sabia de um Vautrin, constrangido, fóra obrigado a fugir alta noite da pensão em que morava ha cinco mezes sob palavra. Quando se principia assim vai-se longe. A vida lhe ensinára aquella evasiva. Elle aceitou-a incontinentemente, como um naufrago avançaria para uma taboa de salvagão, mas aí! com que revolta interior! E, pois, assim, veio rolando, como um rio sem álveo, de precipicio a precipicio... Um dia o Rio tentou-o como uma visão de sonho erotico. Visionou tanto a grande e viciosa cidade, que, na 2ª classe de um navio da *Costeira*, sentiu-se um aventureiro, um novo Robinson Crusoe, que iria affrontar o mundo com a sua mocidade e a sua audacia. Infelizmente, quando se é moço não acreditamos nos insuccessos. A vida! sabe-se lá! Tinha vindo para a casa de um irmão casado com uma viuva já quarentona, mulher irritante e difficil de entrar num accôrdo tacito até com o seu proprio Deus. Por isso elle, ao inverso inteiramente do que acariciava no espirito, não fóra recebido com sorrisos plenos na nova casa. O proprio irmão recebera-o friamente, cobardemente. Como aquillo, minou-o até ao fundo! O coração invadira-se-lhe de pezar negro. A desillusão veio-lhe logo ao peito, humedecendo-lhe muitas vezes os olhos que não choravam. Nunca jámais, como as letras do alphabeto que aprendera a quando criança, pudera olvidar essa impressão dolorosa que ainda hoje se conservava inalteravel a um canto do seu cerebro... Quem esquece a ingratição? Os ingratos.

E foi assim que Roberto, ao saltar no Cães Pharoux, ainda attonito do jogo do mar, desorientado ante o aspecto formidavel e turbilhante da luxuriosa capital do Brasil, teve um largo presentimento de que iria ser a sua vida ahí. O irmão, que o viera receber com má vontade, fez-lhe logo uma série de interrogações que lhe abalaram a sensibilidade;

# PROFESSOR FEDOR KRAUSE

Encontra-se, entre nós, pela segunda vez o eminente cientista allemão Professor Fedor Krause, da Universidade de Berlim. Em sessão solemne, presidida pelo Ministro do Interior e assistida pelo Ministro Plenipotenciario allemão, Sr. G. Phehu, foi recebido pela Congregação da Faculdade de Medicina desta capital o illustre sabio, portador de mensagens das Universidades de Berlim, Tubingen, Halle, Leipzig, Edelberg, Jena, Bonn, Marburg e Rostock, contendo as saudações da sciencia allemã á cultura do nosso paiz, por intermedio da Universidade desta Capital.

Saudaram o Professor Krause o Director da Faculdade, Professor Aloysio de Castro e o Prof. Augusto Paulino, em nome da Congregação. Agradecendo, o sabio allemão proferiu um formoso discurso em que teve ensejo de se referir ao Fausto do nosso companheiro Renato Almeida, o que demonstra o seu interesse pela nossa vida intellectual. Transcrevemos do seu discurso as passagens seguintes:

"Agora é para mim muito agradável vos fazer a seguinte comunicação:

A confederação de todas as escolas superiores allemãs, assim como os conselhos de todas as Universidades, de todas as academias, das escolas superiores de engenharia, veterinaria, agricultura, minas, reunidas na "Verband der Deut-

schen Hochschulen", em portuguez: "A reunião das escolas superiores allemãs", deliberaram, numa moção commum e assignada por representantes de todas essas corporações, enviar as suas cordiaes felicitações á Universidade do Rio de Janeiro e a todas as outras escolas superiores brasileiras, por occasião das festas do Centenario. O original chegará em época opportuna, e serão enviadas cópias a todos os estabelecimentos scientificos brasileiros de ensino. A Universidade de Hamburgo foi encarregada de redigir a moção, de accordo com o Instituto Ibero-Americano da mesma cidade.

Hoje, tenho o immenso prazer de trazer á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro as mensagens que agora vos apresento com os votos de congratulação das primeiras Universidades e Faculdades de Medicina da Allemanha, primeiro da Universidade de Berlim — a que tenho a honra de pertencer. Esta mensagem traz as assignaturas do reitor, Professor Dr. Nerns, possuidor do ultimo premio Nobel, e de todos os membros do Senado da mesma Universidade. Trouxe tambem commigo a mensagem pela qual os 1.800 membros da "Berliner medizinischen Gerelliochap", enviam as suas sinceras felicitações aos collegas do além-mar.

"E-me tambem muito grato ser o portador das saudações da juventude allemã aos dignos estudantes brasileiros..."

"Nenhuma sciencia é orientada mais no sentido internacional do que a sciencia medica.

As descobertas de um cientista, de qualquer paiz que elle seja, não somente serão beneficas para seu povo, mas para toda humanidade. Eu vos recordo a descoberta da anesthesia geral, a applicação do ether pelo cirurgião Jackson em Boston em mil oitocentos e quarenta e um, a do chloroformio pelo gynecologista Simpson em Edimburgo em mil oitocentos e quarenta e sete, a reforma na maneira de ver da pathologia por Morgani e Virchow, aos trabalhos fundamentaes de Pasteur, seus aperfeiçoamentos praticos por Joseph Lister, a luta contra as epidemias por Robert, Koch, Ehrlich e Berhing, o combate ás molestias tropicaes por Oswaldo Cruz, Miguel Couto, Azevedo Sodré, Carlos Chagas e outros. Que abundancia de imaginação, que abundancia de trabalho, que abundancia de successo. E' que de todos os povos cultos sahiram estes paladinos da sciencia, e para todos os povos dedicaram os seus trabalhos!"

O notavel cientista tem realizado, na Faculdade de Medicina, varias conferencias, que se revestem do maximo interesse, já pelos assumptos versados, já pela capacidade do illustre sabio, figura das mais representativas na cultura medica da Allemanha.

O Professor Fedor Krause fez entrega ao Sr. Professor Aloysio de Castro do documento abaixo transcripto, firmado pelas principaes casas da industria chimico-pharmaceutica da Allemanha. Desejando participar da commemoração do Centenario da Independencia do Brasil, as referidas casas resolveram fazer á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro o valioso donativo de medicamentos allemães, no valor de muitos contos de réis. E' o seguinte o documento relativo á referida offerta: "Solemnizam neste anno os Estados Unidos do Brasil o centenario da independencia que deu motivo ao brilhante desenvolvimento que tomou esse paiz. Em consideração a este notavel acontecimento e como testemunho dos sentimentos amigaveis e das agradaveis relações que sempre ligaram e, como se espera, tambem no futuro ligarão os Estados Unidos do Brasil com a nação allemã, especialmente á industria chimico-pharmaceutica da Allemanha, tomam a liberdade de offerer a celeberrima Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro uma colleção dos principaes medicamentos, cuja lista se acha incluida nesta. Motivo de sincera alegria e extrema satisfação seria para as fabricas allemãs se estes medicamentos, repartidos entre os respectivos hospitaes, contribuisse para curar os enfermos cidadãos do paiz ou alliviar ao menos os seus soffrimentos. E' nesta intenção que pedem as casas abaixo assignadas queira a celebre Faculdade de Medicina aceitar esta modesta dadiva. E fazemos ardentes votos: A nobre Nação Brasileira Vivat, Crescat, Floreat!"

(A) Aktien Gesellschaft für Anilin-Fabrikation, C. F. Bohringer & Sohne, Leopold Cassella & Co., Chemische Fabrik auf Aktien, Chemische Fabrik Guntrow, Chemische Fabrik von Heyden, Farbwerke vorm Meister Lucius & Brüning, Farbenfabriken vorm Friedr. Bayer & Co., Kalle & C., E. Merck, I. D. Riedel, Vereinigte Chinin Fabriken, Zimmer & Co. A Faculdade de Medicina agradecerá opportunamente a valiosa dadiva que lhe acaba de ser feita e distribuirá pelos hospitaes desta cidade os medicamentos que lhe foram offercidos.

e abandonou-o, pretextando um urgente negocio aquella hora avançada da tarde, e tão só orientando-o com o numero e a rua da sua residencia subscriptados ás pressas num cartão de visitas. Roberto estremeceu-se com o procedimento insolito do outro. Essa segunda lição que o mundo lhe deu foi como uma venda que se lhe arrancassem dos olhos: observou a vida como era por dentro. Infamias, torpezas, interesses. Mas como fôra sempre resolutivo nos seus actos, e ainda trazia no fundo do bolso coisa ahi para uns vinte mil réis, mettu-se num taxi, e mais a mala, e ordenou ao *chauffeur* tocasse para o endereço que lhe mostrara. O auto rodou macio pelo *trottoir roulant* do grande jardim da Praça Quinze e perdeu-se nas arterias estuantes da Babilonia carioca. Estava, alfim, dentro do paraíso sonhado, a cidade ruidosa das aventuras e das coisas impossiveis, tão falada lá fóra! Roberto sentira de cheio o choque da civilização. De cabeça tirada para fóra do toldo ia observando e lendo avidamente as placas das esquinas, os annuncijs dos *camelots* de riso cynico, os cartazes dos theatros e dos cinemas, a historia da vida ampliada na sua esphera civilizada. Viu a rua da Assembléa turbilhonante como um *boulevard* pariziense, gozou ainda um lindo trecho da Avenida e subiu novamente pela mesma rua infinita e animada por um formigueiro humano. Que de coisas inusitadas não se aprendiam naquellas ruas com uma vida tão complexa? Balzac tinha razão quando disse que as ruas de Paris têm expressões humanas... Ia a psychologar, já se penetrando daquelle *frisson* intenso de civilização, quando o taxi parou num becco estreito como um corredor de cellas e calçado a alajões. — Era a travessa S. Vicente de Paula!

Agora estava allí, já suffocado da vida, arrastando uma existencia de suicida... Que de amarga desillusão, como tudo se desvanecera, se esfiapára como a

neblina que fumam os valles! E' sempre desastrada a morte de uma illusão.

Tudo forjava contra elle. A' noite os ratos derramavam-lhe terra sobre a cama, ou a agua da chuva penetrava-lhe pela clara-boia, estragando-lhe os livros e cortando-lhe o somno ao meio. Era um inferno aquillo! Entrementes, a sua miseria era ignorada de todos, por aquelle bairro que talvez resomnasse pesadamente, numa embriaguez feliz, da agitação fervente do dia... E o seu passado vinha, como um rio sereno e sem ondulações, espriando-se suavemente pelo seu coração sensível como o de uma mulher. E era nessas horas doidas de arrependimento e maguada afflicção que elle visionava o Norte; e lá, no recanto solitario de uma cidade provinciana, entre velhas arvores generosas que davam sombras e conforto — a casa tão branca de seus paes, implantada dentre romanzeiras de flores escarlates, linda como um chromo, muito arejada, muito fresca, onde a alegria cantava na bocca das tres irmãs e os dias fugião arrematados por suaves brincos... Ahi, nessa mansão feliz, que perdera talvez para todo o sempre, elle tinha um quarto assejado, deitando janellas para um mundo de fruteiras e, o que mais era! o desvello santo da mãe que pelas noites mais longas de frio, quando o inverno roncava na terra, levantava-se para ir puxar-lhe o lençol e agasalhar-o melhor da friagem.

Via-se uma tarde chorando ao fundo da horta — morrera-lhe a irmã. Isto como ia longe! Depois, a vida sua levára volta. Era isto!

E no fio das suas recordações, o peito cheio, a alma vasia, Roberto adormeceu profundamente, talvez a sonhar com a sua aldeia longinqua, a casa tão branca de seus paes, implantada entre romanzeiras de flores escarlates, linda como um chromo... longe, tão longe! e que talvez a perdera para sempre.





# COMMENTARIOS

## "America Brasileira"

Têm sido tantas e tão numerosas as manifestações de apoio e de applauso ao programma que a *America Brasileira* vem se esforçado para cumprir fielmente, que temos a mais absoluta certeza de corresponder nosso esforço a uma solicitação do espirito nacional, representando, ao mesmo tempo, forte contribuição á obra patriótica e cultural de nossa formação. As constantes demonstrações que temos recebido são tão eloquentes que servem bem como um incentivo admirável a proseguirmos no nosso roteiro, de critica e de analyse serenas das possibilidades do Brasil. Quizemos apenas ser uteis e verdadeiros. E temos sido, é o testemunho que recebemos diariamente. O banquete oferecido em Santos, ao nosso director, Sr. Elycio de Carvalho, foi um dos mais bellos applausos recebidos, representando a solidariedade de intellectuaes paulistas de grande destaque, que nos vieram trazer o sensível depoimento de seu patriotismo ardente, incentivando nosso trabalho. Ainda agora, uma commovedora prova de apoio acabamos de receber, partida de uma assembléa de homens cultos e de grande responsabilidade, qual o VIII Congresso de Geographia, reunido na Parahyba. Por significativa unanimidade de votos, foi approvada a moção do Sr. Ephygenio C. da Cunha, delegado de Santa Catharina, consignando um voto de louvor ao nosso director pela orientação dada a esta revista, estampando artigos sobre a nossa actualidade politica e sérios estudos sobre o nosso passado, o nosso presente e o nosso papel no futuro. Transcrevemos o discurso com que o illustre congressista justificou sua moção, como uma homenagem ao seu alto espirito, bem como á assembléa illustre de que era conspicuo membro:

"Exmo. Sr. Presidente do VII Congresso de Geographia, Srs. congressistas: — Sejam as minhas primeiras palavras de saudação aos illustres membros desta douça Assembléa, cujos trabalhos venho acompanhando, pela leitura dos jornaes, com muita sympathia, tal o proveito resultante do acurado estudo de nossa geographia e de nossa historia, no tocante ao amanhã de nossa nacionalidade, que assim pelo pleno conhecimento de sua formação, e deste vastissimo legado de valores moraes que nos foi transmittido pelos nossos maiores, melhor tem assegurada, e em solidas bases, a sua continuidade no espaço e no tempo. Portador de credenciaes, para mim muito honrosas, do Governador de Santa Catharina, o Exmo. Sr. Raulino Horn, delegando-me poderes para representar aquella gloriosa e florescente unidade federativa neste certamen scientifico, compareço hoje, pela primeira vez, neste recinto, receoso pela consciencia de minha desvalia e maguado commigo mesmo por não haver cumprido pontualmente e com realce o mandato dignissimo que, tão generosamente, me fóra confiado. Excusame, porém, dessas faltas, os deveres decorrentes das funções que ora exerço, e o circulo estreito de conhecimentos que abrange as minhas possibilidades mentaes. O meu fraco concurso nada traria de proveitoso, em summa, aos debates aqui travados em torno de tão variados assumptos, mas o meu espirito obscuro muito lucraria deste momentaneo contacto com tantos eleitos da intelligencia e do saber. Encontrei-os, a contra gosto meu, no fim da jornada, mas felizmente quando palmilhámos o vasto e ubertoso campo dos conhecimentos humanos não

ha occaso, a luz da intelligencia é sempre intensa e forte até mesmo desvendando os arcanos da natureza, o saber concentra em tudo um halo de juventude, reina ainda hoje neste ambiente, saturado de boas idéas, a mesma concordia e satisfação dos primeiros dias consagrados a tão utilissima tarefa. Muitos dos presentes já disseram com proficiencia em erguidos conceitos, da finalidade de nossa missão, e a mim resta apenas contribuir com reduzido contingente para a victoria dessa magnifica cruzada nacionalista que comporta a grandeza e o futuro de nossa Patria — a maior das patrias, em cujo seio sempre se alimentaram os mais sublimes idéas da humanidade — o de liberdade e de justiça. Precisamos de sangue novo, dizem alguns, mas o nosso sangue é rico e generoso. Devemos cuidar de nossa gente, de sua saude phisica e espirital, tornando-a apta para as lutas compensadoras de todos os dias. E animado, assim, de semelhantes intuitos, apresento á consideração de meus pares a seguinte moção: Proponho que na acta de hoje de nossos trabalhos, nesta Assembléa, seja consignado um voto de louvor aos brilhantes intellectuaes patricios Elycio de Carvalho e Monteiro Lobato, pela orientação nacionalista que vêm dando á *America Brasileira* e á *Revista do Brasil*, de que são directores, estampando artigos sobre a nossa actualidade politica e sérios estudos sobre o nosso passado, o nosso presente e o nosso papel no futuro, e ainda mais pela campanha altamente patriótica que vêm mantendo o ultimo em sua revista contra a immigração nipponica, prejudicial sob todos os pontos de vista aos interesses do nosso paiz, e que esta deliberação, sendo approvada, seja comunicada officialmente áquelles compatriotas."

## Toujours Lui...

Emquanto "La Prensa", de Buenos Aires, alarmando o continente, avisa-o de preparos militares do Brasil, insinuando intuitos bellicosos e aggressivos de nossa parte e aconselhando que as demais nações sul-americanas devem acompanhar esse "prurido militarista" brasileiro, o Sr. Estanislau Zeballos, afim de que o Ramo Argentino possa participar das festas do nosso Centenario, propoz e obteve que a Conferencia de Direito de Internacional, de Buenos Ayres se realizasse de 24 a 30 de Agosto. A noticia repercutio o mais favoravelmente na boa fé brasileira, "sempre avisada nunca prevenida", com o Padre Vieira já havia claramente visto. Para nosso mal, não podemos harmonisar attitudes tão diversas, de mesma fonte. Os votos de cordialidade pelo Brasil, vindos do Sr. Zeballos, não os podemos receber sem uma certa reserva, porquanto ainda não se apagaram de nossa memoria os acontecimentos do telegramma n. 9 e ainda hoje vemos, a todo momento, a hostilidade latente do ex-chanceller platino e de seu grande jornal. Recentemente, no artigo que publicou na "Revista de Derecho, Historia y Letras", o Sr. Zeballos, commentando o programma da "America Brasileira", procurou mostrar que creamos o "perigo argentino" e nessa "hypothese erronea", norteamos nossa politica internacional. Ora, se o Brasil é assim representado como um elemento de perturbação perenne da politica continental, não é bem comprehensível como lhe possa o Sr. Zeballos, cuja acção diplomatica e jornalística não tem sido de todo affectuosa para com o nosso paiz, ter tão sincero empenho em nos ser amavel... Ha-

porém, para muitos, intransigencia, se não malicia, em nossas reservas, logo attribuidas aos mais degradantes intuitos. Pouco importa que o Sr. Zeballos, em "La Prensa", affirme que queremos nos armar para "resolver" o caso da filha Martin Garcia; pouco importa que exagere os nossos preparativos militares que, solidamente, não passam de organização das nossas forças armadas, por meios semelhantes aos que os argentinos já fizeram; pouco importa que insinue intuitos aggressivos ao Brasil, desde que, por detrás de tudo isso, nos faça meia duzia de cumprimentos amáveis. Somos como certas mulheres faceiras que não se importam que se diga mal dellas, desde que seja para lhes reconhecer a belleza e a graça. Apenas, o Sr. Zeballos não deve star muito convencido dos nossos ademanos... Seja como fór, os seus gabos é que não podem influir sobre o julgamento exacto das coisas e dos homens. Não acreditamos no Sr. Zeballos e no seu amor ao Brasil, não acreditamos em seus protestos de cordialidade, porque os factos mostram que o adversario do nosso paiz continúa a manter a mesma e inalteravel attitude, que dissimula, com intelligencia e uma certa habilidade. E' certo que não confundimos o sentimento argentino com os intuitos do Sr. Zeballos, embora não se possa ver muita sinceridade na politica de nossos vizinhos. Mas, a situação continental e as imperiosas razões historicas desviam muitas vezes as más intenções. Confiámos nellas, para esclarecer o espirito argentino, convencendo-o de que não procuramos, como jamais o fizemos em tempo algum, levar nossa politica a fins imperialistas e bellicosos, mas á grandeza de nosso paiz, num ambiente bemfazejo de paz e de cordialidade. Ademais, nunca empunhamos armas senão em defesa do direito e beneficio alheio. Queremos e aspiramos manter nossa condição de grande potencia, mas a nós nos basta nossa grandeza, sem olhos de cubiça.

## Regime tributario

Um dos mais fortes motivos que justificam a necessidade imperiosa de revêr a Constituição Federal é estabelecer um regimen tributario, que consulte ás necessidades do paiz e esteja mais accorde com suas irremediaveis deficiencias financeiras. Pela organização presente, os impostos, onerando sobremaneira o contribuinte e entravando mesmo uma grande parte da economia nacional, não suprem as necessidades do Estado, por isso que não ha uma divisão razoavel, de accôrdo com a ordem politica de nosso mecanismo constitucional. Assim, a União, a que cabe os mais graves encargos da administração publica, tem um campo fiscal relativamente inferior aos dos Estados e dos municipios. Se esse principio é necessario corrigir, sem o que teremos comprometido todo o aparelhamento financeiro do paiz, não menos deve se attender á distribuição do imposto, evitando que continue a impedir o desenvolvimento do paiz. O Brasil tem de ouvir as suas maiores forças economicas na exportação, de onde recebe o ouro necessario ao equilibrio de sua existencia. Pois sobre essa exportação é que recahem os mais pesados impostos, na maior incoherencia concebível. E, no entretanto, essa tem sido a base de toda a vida economica dos nossos Estados, sugando assim as mais largas possibilidades da riqueza publica. Em alguns Estados, cogita-se de ir, aos poucos, reduzindo esse imposto, para substituí-lo pelo imposto territorial. Com ser mais logico,



não parece de grande alcance o remedio. Se o Brasil precisa, antes de tudo, de desenvolver a cultura de suas terras, que se alongam por kilometros e kilometros, na maioria sem produção alguma, a sua mais imperiosa necessidade está em facilitar o trabalho rural, favorecendo a agricultura e a criação. Taxar sobre a terra é, pois, dificultar ainda mais a nossa desorganizada vida do interior, deslocando, ainda mais, o homem da terra. E' erro e erro imperdoavel. Ademais, não ha muito beneficio da substituição, porque tanto faz taxar sobre a terra, onde se fez a cultura, como sobre a produção, no momento de sahir; de qualquer modo o productor é quem deve, mediata ou immediatamente, contribuir. E' certo que reforma de tal monta não é possível fazer de subito, sem desequilibrar o mecanismo administrativo dos nossos Estados, baseados nesses impostos indebitos. Para tanto seria mister iniciar, desde logo, uma outra politica fiscal, de sorte que fosse possível libertar, ao menos em parte, a nossa economia desse peso formidavel que a onera perpetuamente. Estamos a vêr a crise da industria de carnes no sul do paiz, porque são tantos os impostos que o producto estrangeiro vence a pauta alfandegaria e triumphna na concorrência com o nosso. Não é possível permanecer nessa expectativa incerta. Cabe a todos os homens de responsabilidade iniciar essa campanha salutar, que é uma das provas mais irrefutaveis da necessidade, já inadiavel, de revêr nossa carta politica de 1891.

#### O Saneamento

Os resultados constantes da mensagem do Presidente, no que se refere ao saneamento do paiz, systematizado pelo illustre professor Carlos Chagas, attestam a maior eficiencia do novo aparelho do Departamento de Saude Publica. A obra tentada, pela sua magnitude e pelas innumeras dificuldades que se lhe antolham, precisa, para a sua execução, desse curso leal e desinteressado de todos os homens de boa fé. Para nosso mal, é exactamente o que mais lhe falta. Por máo veso nosso, achamos sempre deficiente tudo quanto se faz no paiz; temos uma critica facil e displicente e sublinhamos, com um motejo, o esforço que não é logo realizado. Nessa obra de saneamento, ao invés de conjugarmos todos os esforços, auxiliando a acção do Departamento, levamos a querer desmoralizar, até pelo ridiculo, seu trabalho obstinado. Dahi, o enorme obstaculo á sua acção, redobrando o valor dos successos, que são legitimos e admiraveis. A prophylaxia rural, que já se organizou em 11 Estados, é um dos problemas mais sérios para preservar a nossa gente da gafeira desses sertões, onde a ankylostomiasse, o impaludismo, as verminoses e outros males que taes, consomem, numa fogueira perpetuamente accessa, as melhores energias da raça, dia a dia, debilitada e enfraquecida. O numero de postos, alguns fluviaes itinerantes, no Amazonas e no Pará, os hospitaes em via de construção e os já preparados, o numero de pessoas examinadas e medicadas, nos serviços de verminoses e impaludismo, e as obras prophylaticas realizadas, demonstram a grandeza do esforço tentado e o exito obliido. E' certo que tudo isso está longe, muito longe até, de representar o minimo do que deve ser esse serviço para se tornar efficaz, mas, levando em conta que data de um anno apenas, somos forçados a encarar com optimismo seu aparelhamento, nelle confiando decisiivamente. Tambem os serviços de prophylaxia das chamadas molestias sociaes: as doenças venereas, a syphilis, a lepra e o tuberculose, foram tentados com os mais auspiciosos resultados. Para o exito dessa campanha, é necessario, antes de tudo, educar o povo, fazendo ver a necessidade

de sujeitar-se á legislação sanitaria, na sua parte facultativa, preservando-se dos males e evitando contagiar os outros, de sorte que facilitem os cordões sanitarios. Porque, antes de tudo, é mister ensinar a todos que ha um interesse de salvação publica na hygiene, não só evitando as doenças, como defendendo a raça, do enfraquecimento, pelas taras hereditarias. Das obras sociaes, nenhuma é mais benemerita, preparando um indice hygido para o brasileiro, capaz de tornal-o apto para a grande obra de civilização a realizar. Póde ser que haja exagero na phrase celebre de Miguel Pereira — *o Brasil é um vasto hospital* — mas ninguem poderá contestar que um perigo constante ameaça desfibrar nossas energias, no impaludismo, na ankylostomiasse, na molestia de Chagas e em outros morbus que lavram pelo interior do paiz, definhando o homem, tolhendo-lhe a iniciativa, corrompendo-lhe o caracter. A campanha, que se seguiu ao grito amargurado de Miguel Pereira, só agora se substancia numa larga realização, digna de todos os louvores e de todos os incentivos. E' a campanha pelo homem, na luta contra o miasma. Certo os homens de ardente imaginação, para os quaes pisamos os lugares onde outr'ora o Senhor creou o Paraiso, consoante a opinião de Rocha Pitta, é um absurdo dizer que o interior do paiz é um ambiente de endemias, mas, para os homens de acção e de coragem, aos quaes não esmorece o perigo, a realidade não assombra, mas incentiva o animo para o trabalho, a pelega victoriosa. Esta está iniciada e oxalá o desanimo não alquebrante os seus mentores, que prestam ao Brasil o beneficio inestimavel de salvá-lo.

#### O Mexico no Centenario

A politica de cordialidade e affecto que o Mexico tem desenvolvido, ultimamente, para com o Brasil, já reflectida na elevação á embaixada de sua legação nesta capital, vai ter as mais eloquentes demonstrações, com a comemoração do nosso Centenario. São tantas e tão significativas as provas de amizade da valorosa Republica da America Septentrional, que a opinião nacional acolhe com ardente jubilo essa affectuosa manifestação, que encontra a mais entusiastica acolhida em seu espirito. O illustre embaixador Torre Diaz, que tem sido parte magna nessa approximação, e que se tem imposto em nosso paiz pelo seu elevado espirito e habilidade diplomatica e é hoje um grande e leal amigo do Brasil, entrevistado por um dos nossos jornaes, delineou o programma de representação mexicana no certamen de Setembro e nas festas civicas da grande comemoração. Não nos furtaremos ao prazer de transcrever alguns trechos de sua entrevista, bafejada da mais cordial sympathia pelo nosso paiz.

O Sr. embaixador falla-nos sobre a vinda das bandas de musica militares do seu paiz ao Brasil, em Setembro proximo.

Virá a banda do Estado-Maior Presidencial. Esta banda é dirigida pelo capitão Milchiades Campos, que foi condecorado em todas as cidades dos Estados Unidos que a milicia visitou, a convite dos seus habitantes. Nesta excursão triumphal, estiveram os musicos mexicanos em mais de vinte cidades norte-americanas, em dois annos de festas, exposições, etc., tendo sido ouvida, na cidade de Nova Orléans, pelo actual presidente Harding, poucos dias antes de sua posse.

O Sr. embaixador continuou: — No Mexico, as instituições das bandas militares estão muito adiantadas, porque o povo gosta muito de musica.

Na capital da Republica existem oito ou dez bandas militares de primeira ordem, sendo reputadas as melhores a do Estado-Maior e a da Policia. Cada domingo se effectuam concertos publicos,

nas praças e jardins, em todas as horas do dia. Os directores destas bandas escolhem os programmas, fazendo, pelos jornaes, a descrição das peças que vão executar, para que o povo comprehenda, e, praticam, desse modo, uma benéfica educação artistica no elemento popular. A orchestra typica, no Mexico, é a chamada Torreblanca, que tem o nome do artista que a dirige. Os seus musicos vestem um traje nacional, o "charro", com vistosos galões de ouro e prata. Executam, especialmente, peças de autores mexicanos.

Tanto a orchestra typica como a banda do Estado-Maior executam os mais difficeis autores da musica mexicana, como os mais faceis, os autores populares. Excusado é dizer que tambem executam peças de musica brasileira, átalhou, para logo, S. Ex., prevendo o successo que vai constituir a vinda das bandas do seu paiz.

Quanto ao elemento intellectual que o Mexico nos enviará, o Sr. embaixador assim se exprimio:

Vem como delegado ao Congresso de Historia da America, organizado pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o Dr. Juan de Dios Robledo, um dos mais distinctos historiographos mexicanos. Chefiando a representação especial diplomatica virá o Dr. Vasconcelos, ministro da Educação Publica e Bellas Artes, acompanhado pelo General Perez Treviño.

Tanto a banda como a orchestra typica e as duas companhias da Escola Militar, virão no navio de guerra mexicano "Nicolas Bravo".

Alludindo com entusiasmo á construção do pavilhão do Mexico, entregue á competencia tecnica do engenheiro Enrique Fremont, o Sr. embaixador diz com visível satisfação que o pavilhão mexicano tremulará no edificio construido, no dia 31 de Agosto, conforme declaração exacta do Dr. Fremont, a S. Ex.

Falámos, então, da estatua de Cuauhtemoc. O Sr. embaixador diz que já se iniciaram os trabalhos da escolha do local, no final da Avenida Flamengo, proximo ao morro da Viuva. A estatua, cuja fundição está sendo concluida, é a fiel reprodução da existente no parque "Reforma", da capital do seu paiz. Será em bronze, 4 metros e 90 de alto. O pedestal, em granito mexicano, medirá 7 metros e 5 de altura.

O Sr. embaixador declara-nos que o pavilhão mexicano vai ter uma sala de "Bibliotheca popular mexicana", e, antes que sahissemos, nos offertou gentilmente a *Anthologia dos novos poetas mexicanos* e o livro lyrial de Amado Nervo, *Serenadas*.

Por ocasião das festas do nosso Centenario, teremos o ensejo feliz de ver a posição de relevo, que temos adquirido na politica mundial, e demonstrações de affecto, como as do Mexico, nos enchem da mais effusiva alegria e sincera gratidão.

#### O egoismo intellectual e a dissolução da nacionalidade

Ha dias, numa palestra de intellectuaes, fez-se ligeira allusão á vida dos nossos homens de letras, ao isolamento em que vivem, cada um encerrado em seu gabinete, emparedado na torre de marfim da sua laboração intellectiva, sem que seja dado a outro saber-lhe os projectos e as idéas. Não ha modalidade nova na existencia da Patria, problema inedito, aspiração despontante de grandeza, surto desabrochado de desenvolvimento material ou intellectual — que congreguem os nossos homens de letras, agitando-os contra os mãos administradores ou levando-os ao elogio dos melhores, que os reuna num estudo das necessidades brasileiras, procurando resolver todos os problemas da nacionalidade — o economico como o fi-

nanceiro, todos quantos veniam concorrer, se resolvidos, para a nossa vitalidade. Conjugados os esforços intellectuaes, activada uma propaganda em prol do que ainda não fizemos, afastados da nossa politica as incompetencias, dominando pela expressão de cultura e actividade a elite pensadora — dinamica das nacionalidades integras — um outro Brasil mais presto surgiria, grande e luminoso, no concerto das patrias fortes. Seriam, os intellectuaes, uma força propulsional, um elemento constructivo da raça, assim em bloco, como o já são, isoladamente, mas sem o poder que teriam unidos para a realização das mesmas idéas.

Somos dos que têm fé, dos que acreditam na grandeza cada vez mais proxima da America Brasileira, nada abatendo a nossa certeza civica. Mas uma patria não pôde viver sem as suas organizações mentaes, sem os seus escriptores que são o reflexo do seu pensamento e o aparelho aferidor da sua pujança, sem que assista á sua propria dissolução, o seu desmembramento. Nada justifica o egoismo em que vivem os nossos intellectuaes, pensando, para elles mesmos, como se a intelligencia não fosse um bem que Deus dá ao homem para que a semear, fazendo-a — semente divina — germinar e florescer candida na terra. Para a nossa existencia de nação joven não tem justificativa esse egoismo dos nossos homens de letras. Que os esforços e as idéas bons se unam, com o sentimento vivo da nacionalidade, e os nossos pensadores possam, ardendo no fogo do mesmo sonho patriótico, trabalhar pela nossa terra, illuminando os seus grandes destinos.

**Empréstimos Estaduaes**

Em sua recente mensagem ao Congresso, o Sr. Presidente da Republica observa, o perigo imminente a que estamos expostos por efeitos da faculdade concedida aos Estados de contrahirem empréstimos no estrangeiro. Diz ahi o Sr. Epitacio Pessoa: "Os Estados reclamam para si a faculdade de contrahir

empréstimos no estrangeiro, á revelia e sem nenhuma dependencia nos poderes federaes. Mas, intencionalmente, nem sempre se acautelam de modo que façam valer a sua autonomia tambem na época do vencimento, e esquecem que, quando os emprestadores appellam para a intervenção diplomatica, é ao Governo da União que esta se dirige, ao Governo da União que não tem meios regulares para compellir os Estados á satisfação de seus encargos, mas, que, entretanto, não ha de deixal-os entregues á ameaça ou á violencia de soberanias extranhas. Faz-se urgente venha um acto do Congresso impellido de operações nem sempre bem dirigidas e que, sobre concorrerem para o descredito dos Estados, provocam o descredito da Nação, que destes é a integração, e a arrastam a saldar responsabilidades que não assumiu." Ao se manifestar desta maneira, o actual Chefe de Estado se colloca no mesmo ponto de vista do pranteado Conselheiro Rodrigues Alves, que, em 1906, quando Presidente da Republica, assim se expressára sobre o assumpto, em mensagem dirigida ao Congresso: "E' de toda conveniencia que a União seja informada dos recursos que forem destinados á amortização de taes empréstimos, assim como si os Estados estão aparelhados para o pagamento das prestações no tempo proprio... Tem-se formado uma corrente contra essas idéas, que se dizem offensivas de uma attribuição conferida aos Estados e que já foi, em regimen de centralização, exercida pelas antigas provincias. E' mister não examinar, com exaggerado zelo, a natureza de uma função, cujo exercicio imprudente pôde comprometter o credito do paiz e obrigar a União, em dado momento, a encampar pesadas responsabilidades para fugir a complicações mais graves". No velho regimen, as provincias contrahiram alguns empréstimos, mas os Presidentes eram então delegados do poder central e agiam sempre de accôrdo com o seu pensamento. Sem supprimir essa attribuição, o que já se

fez em um dos paizes da America, por meio de reforma constitucional, em razao dos grandes inconvenientes reconhecidos, ha providencias para regular o seu exercicio, que um legislador sabio e prudente, tendo em justo apreço interesses ditos, tendo em ponderação, pôde e deve decretar com vantagem." Venios, deste modo, que vossos Chefes de Estado, e um dollos o valeroso estadista Rodrigues Alves, já se pronunciaram abertamente contra a grande loucura, solicitando ao Congresso que a procurasse reprimir. O Parlamento não deu attenção ao velho estadista morto, e certamente não acolherá com mais interesse a suggestão do Sr. Epitacio Pessoa. E' que a Camara e o Senado se constituem os mandatarios dos Governadores dos Estados, e para muitos desses Governadores a função de governar perderia toda a sua immensa sedução se lhes fosse tirada ou restringida a faculdade de levantar empréstimos. Temos, assim, que continuar sujeitos á grande vergonha, até que uma exigencia mais positiva de credores estrangeiros leve a Nação a reagir energicamente contra os administradores e politicos que a conduzem, dessa maneira, ao descredito e á humilhação. Porque as notas como a que o Governó Federal publicou recentemente, declarando que não aceita nenhuma responsabilidade, actual ou futura, de empréstimos contrahidos pelos Estados, serão de effeito quasi nulos para o fim de curar a inconsciencia dos nossos administradores. Não tendo contra si uma lei, estes não se deterão. Os capitalistas estrangeiros, por sua vez, sabem muito bem que de nada valem as notas presidenciaes não apoiadas em disposições legais. Essas notas lhes darão apenas a certeza de que vivemos em uma situação anarchica, em que a União não tem nenhuma força legal ou moral sobre os Estados. E, depois, como acreditar que o Governó Federal falla com sinceridade, quando elle é o primeiro a afundar-se, cada vez mais, na desastrosa politica financeira dos empréstimos externos?

**NO SEIO DA PATRIA**

Já estão na linda terra do Brasil, sob a infinita cupula pontilhada de astros de ouro — setim suavissimo com vivos de diamante — os restos mortaes do Barão de Santo Angelo, que durante muitos annos repousaram aliás no carinhoso regaço de uma terra irmã.

Vai Manoel de Araujo Porto Alegre receber agora as homenagens posthumas a que tem jús, por seus talentos singulares e pelos serviços que, como Consul em Vienna e Lisboa, prestou á patria.

Nossa encantadora cidade já ostenta em uma de suas praças o busto em bronze do notavel rio-grandense e é possivel que um dia Rio Pardo, onde nasceu, lhe erija, no marmore sereno, a estatua gloriosa.

Este, sim, foi sem duvida um dos talentos mais complexos e creadores que já floresceram no seio da gente gaúcha.

Deus o entheu de preciosos dons, e Araujo Porto Alegre, entregando-se indefessamente ao estudo e ao cultivo das bellas-artes, soube tirar partido dos magníficos thesouros com que o céo o distinguira.

Depois de estudar na Academia de Bellas-Artes viajou. Frequentou os grandes mestres, os museus italianos e os de outros paizes.

Ao mesmo tempo recebia lições dos melhores mestres de então, lufando a principio com sérias difficuldades; depois, mais suavemente, graças a uma

subvenção concedida pelo Governó imperial.

Assim, foi Araujo (Porto Alegre completando a sua cultura artistica e aperfeiçoando o seu engenho invulgar, que accentuava brilhantemente na pintura, na escultura e na architectura, artes em que realmente assás se distinguiu.

Foi tambem poeta, prosador e orador fluente.

Contemporaneo de Gonçalves Dias e Domingos Magalhães, não conseguiu honrar com estes poetas.

Em Portugal teria talvez se encontrado com Bocage, que tinha o plano de um poema sobre o descobrimento da America, precisamente com o titulo "Colombo".

A irrequieta bohemia e a vida irregular do poeta luso não lhe deram tempo para escrever a sonhada epopéa.

Mais tarde o vate brasileiro fel-a; mas que não nos fosse ella dada pelo poeta-bohemio, que primeiro a havia ideado.

Porque Araujo Porto Alegre teria sido sem duvida excellente nas demais artes em que o seu privilegiado engenho se manifestou.

Na poesia — é que não!

Seu verso é monotono, aspero, duro como silex.

E' verdade que, como pintor, a sua poesia era de molde a pender mais para o genero descriptivo que para o sensitivo ou emotivo; mas nem assim se encontra

**PQR ZEFERINO BRASIL**

no extenso poema uma paisagem risonha, um colorido ridente, uma raio de sol ou de lua se banhando no liquido crystal de uma fonte scismadora.

Nada. E' tudo ahi de um prosaismo estafante, doloroso mesmo.

Só mesmo por uma forte necessidade de estudo e observação critica, haverá alguém que se atreva a ler "Colombo" do principio ao fim...

Poesia sem musica e imagens não é poesia, e, por isso, dos poemas épicos da nossa literatura, o "Uruguay" resultará superior a todos, porque Basilio da Gama espalhou profusamente harmonias e imagens lindissimas por todas as estrophes de sua pequena epopéa.

"Caramuru" tambem de espaço a espaço encerra lanços de belleza; "Colombo", porém, é totalmente vazio de todo e qualquer brilho poetico.

Custa-me dizel-o, no momento em que o seio amantissimo da patria se abre para receber carinhosamente os despojos mortaes do meu illustre conterraneo; mas eu não sei fazer justiça de outra maneira.

De resto, não é de certo o poeta que é apothosado: — é o pintor, o escultor e o architecto — que em tudo isto Araujo Porto Alegre se distinguiu.

E', sobretudo, o varão insigne, tanto honrou e serviu o Brasil no estrangeiro.

Porto Alegre.

# ANOTAÇÕES E REPAROS

POR SANCHO & MARTINHO

## UM BRASILEIRO AMIGO DE SHELLEY

Ao que parece, é ignorado no Brasil o facto de ter tido o grande poeta inglês Shelley, como amigo pessoal um brasileiro, traductor de um de seus famosos poemas, e cuja individualidade não se pode identificar até agora. Nas *Memoirs of Shelley*, por Thomas Love Peacock, intimo do autor de *HELLAS*, memorias publicadas em tres volumes em 1875 e reeditadas em 1909 (*Peacock's Memoirs of Shelley with Shelley's letters to Peacock*, edited by H. F. B. Brett — Smith, London, Henry Fronde, 1909) encontra-se, com effeito, referencias a essa amizade. O trecho de Peacock, no original, é o seguinte; paginas 45 e 46: "From Bracknell, in the autumn of 1813, Shelley went to the Cumberland lakes; then to Edinburgh. In Edinburgh he became acquainted with a young Brazilian named Baptista, who had gone there to study medicine by his father's desire, and not from any vocation to the science, which he cordially abominated, as being all hypothesis, without the fraction of a basis of certainty to rest on. They corresponded after Shelley left Edinburgh, and subsequently renewed their intimacy in London. He was a frank, warm-hearted, very gentlemanly young man. He was a great enthusiast, and sympathized earnestly in all Shelley's views, even to the adoption of vegetable diet. He made some progress in a translation of *Queen Mab* into Portuguese. He showed me a sonnet, which he intended to prefix to his translation. It began

Sublime Shelley cantor di (sic) verdade!

and ended

Surja *Queen Mab* a restaurar o mundo.

I have forgotten the intermediate lines. But he died early, of a disease of the lungs. The climate did not suit him, and he exposed himself to it incautiously". A traducção é esta: "No outono de 1813, Shelley partio de Bracknell para os lagos de Cumberland e em seguida para Edimburgo. Em Edimburgo relacionou-se com um moço brasileiro chamado Baptista, que para ali fôra estudar medicina, não porque tivesse qualquer vocação para essa sciencia, que abominava cordialmente, por ser toda de hypotheses, sem a menor base de certeza em que assentasse, mas para satisfazer o desejo do pae. Corresponderam-se depois de Shelley partir de Edimburgo e mais tarde renovaram em Londres a sua intimidade. Elle, que era um rapaz franco, affectuoso e muito distincto, mostrava-se grande entusiasta, com fervorosa sympathia por todas as opiniões de Shelley e até pela adopção do regimen vegetariano. Ainda traduzio boa parte de *Queen Mab* em portuguez. Mostrou-me um soneto que tencionava antepor á sua traducção. Começava:

Sublime Shelley, cantor da verdade!

e terminava:

Surja *Queen Mab* a restaurar o mundo.

Esqueci os versos intermedios. Mas morreu cedo duma doença pulmonar. Não se dava bem com o clima e expunha-se imprudentemente a elle". Quem seria este Baptista, poeta e erudito, precursor obscuro do romantismo na litteratura de lingua portugueza? Talvez que se possa,

recorrendo aos archivos da Universidade de Edimburgo, descobrir os traços da sua passagem pela Inglaterra e, quem sabe, com outras pesquisas, estabelecer a sua identidade pessoal e averiguar se a sua traducção fragmentaria de *Queen Mab* foi publicada ou se conserva inedita em algum logar. O caso não tem um valor excepcional, mas aqui ficam registradas estas notas que poderão servir de base de qualquer indagação acerca desse amigo desconhecido do poeta de ALASTOR.

## LES DIEUX ONT SOIF

O subtil Afranio Peixoto, no capitulo *Sugestões da Poeira da Estrada* (Alves, Rio de Janeiro, 1918), a pagina 137, conta como monsenhor Lacroix, no seu curso de historia na Sorbonne, em Paris, fez a descoberta da razão do titulo do famoso romance de Anatole France *Les dieux ont soif*. "No setimo e derradeiro numero do *Vieux Cordelier*, o jornal que Camille Desmoulin redigio na Revolução, o artigo principal terminava, precisamente, pela metáfora *Les dieux ont soif*." Acrescenta então o festejado autor de *Burginha*: "Não cahio no esquecimento, porque Carlyle, no III tomo de sua *Historia da Revolução Franceza*, cita-a e lhe encarece o simbolo. Somente, Anatole France, suppondo talvez que os seus innumeros leitores conhecem os poucos exemplares do jornal revolucionario, ou leram devotadamente Carlyle, omittio uma referencia, que seria de justiça, ao famoso jacobino, elle mesmo victima dessa sede de sangue que teem os deuses". Ora, Afranio Peixoto renovou o caso de monsenhor Lacroix, porque se esqueceu tambem de attribuir a phrase a quem pertence. Na verdade, citando Carlyle, não lhe ocorreu dizer que o historiador inglês não incidio no erro de imputar a terrível phrase á Desmoulin. Quem leu Carlyle conhece esta passagem: "Camille's First Number begins with '*O PITT!*' — his last is dated 15 Pluiose Year 2, 3d February 1794, and ends with these words of Montezuma's *Les dieux ont soif*, — 'The Gods are athirst,' — que se encontra em *The French Revolution*, Vol. II, 333, edição de J. M. Dent & Sons, London, 1916, ou na *Histoire de la Revolution Française*, Vol. III, 354, traducção de Jules Roche e edição de Felix Alcan, Paris, 1912. Não lance o amavel e ironico autor das *Parabolas* este commentario á conta de impertinencia. A Montezuma o que não é de Demoulin's..

## O CAMINHO DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

João Ribeiro, o mestre de nós todos, em seu compendio de *Historia do Brazil* (Alves, 1917, pag., 144), escreveu que o grande caminho da civilização brasileira é o rio de S. Francisco. Assim lhe parece, diz elle, porque "é nas suas cabeceiras que pairam as grandes bandeiras, e dahi se expande e ondula o impulso das minas; é no seu curso médio e inferior que se expande e propaga o impulso da criação, os dois maximos factores do povoamento. As suas ondulações extremas desde S. Paulo (ligado a Minas) até o Piahy (ligado a Pernambuco) abraçam o que hoje se poderia chamar o *Brasil brasileiro*. O extremo norte, a Amazonia, é em excesso indiatico; o extremo sul (Rio Grande) é demasiado platinico: ambos esses extremos estão fóra ainda hoje do seu influxo original; revo-

lucionam-se quando tudo está em paz ou prosperam no meio da miseria universal". Ao contrario, não estará o caminho da nossa civilização no sul do paiz, onde o phenomeno da densidade de população, em futuro não muito remoto, obrigará o Brasil a dilatar as suas fronteiras geographicas, corrigindo deste modo o erro do tratado de 1856, pela lenta absorção ou pela conquista violenta de territorios vizinhos? Não será demais lembrar que nenhum motivo ou consideração de qualquer ordem terá força para impedir esse movimento, que já se esboça, de transformação politica, oriundo, naturalmente, das correntes immigratorias e da expansão da nossa actividade productiva. Tudo nos está dizendo que o futuro do Brasil não se contém numa simples formula geographica mas no dilema que creará o determinismo economico, lei cruenta que a natureza pratica e a historia revigora. Semelhante prognostico, certamente, redobra o desespero dos nossos pacifistas, habituados á indolencia dos tropicos, mas que, afinal, despertarão com o tinir das espadas e o troar dos canhões, flammejando sobre o nosso destino. O Brasil é uma esphynges sem segredos.

## A QUAND LE TOUR DE GRAÇA ARANHA?

Lê-se na *Revue de l'Amérique Latine*, (Vol. I, 4, 382), que se edita em Paris, sob a direcção de Ernest Martinenche, Charles Lesca e Ventura Garcia Calderon: "L'Institut de France qui associe à ses travaux les personnalités étrangères les plus célèbres vient, par une série d'élections, de reconnaître l'éclatant mérite de grands sud-américains. Après l'élection de M. Enrique Larreta, un de nos amis s'entretenant avec M. Maurice Barrès lui demandait: "A quand le tour de Grâce Aranha?" — "Je voterai pour lui des deux mains", répondit l'illustre auteur des "Déracinés". Voilà qui est d'heureux augure pour l'élection future de l'écrivain de "L'esthétique de la Vie"

## A ASCENÇÃO DE GILBERTO.

Gilberto Amado chamou ao unico livro de poesias que deu á estampa de *Ascensão*, e semelhante graphia, em vez de *Ascenção*, é errado, porque a palavra procede do latim *ascensio*, no accusativo *ascensionem*, consoante a lição de Vieira Moraes, Aulette e outros dicionaristas e conforme o bom uso da linguagem vernacula do seculo XV.

## UMA CARTA INEDITA DE PEDRO I

A carta de D. Pedro, Duque de Bragança, ao Sr. José da Costa Carvalho, depois Marquez de Monte Alegre, que damos a seguir foi copiada do original que se acha na secção de manuscritos da Bibliotheca Nacional, II, 30, 25.

Angra, 14 de Março de 1832.

Sr. José da Costa Carvalho.

Tendo chegado á Europa em occasião que meus serviços, crão necessarios á causa de minha filha, á Senhora D. Maria Segunda, Causa que se não fosse Constitucional eu seguramente não me metteria a defender, achei ser do meu dever e honra pôr-me attesta della a pedido de todos os subditos fieis da mesma Senhora, e com effeito depois de determinado na Europa o que me pareceu acertado parti de França para esta ilha aonde me acho desde o dia trez tendo tomado conta da Regencia como vêm da gaze-

ta que lhe remetto. A minha posição he muito delicada; mas espero com favor de Deus, poder adquirir grande gloria fazendo hum serviço á humanidade, e provando ao mundo qual o meu desinteresse, egual a meu decido e nunca interrompido Amor pela causa da Liberdade. Esta minha carta tem por objecto principal, pedir-lhe que faça todos os esforços que poder perto da Regencia de que he digno Membro, e das Camaras, para que se pague ao Governo de Minha Filha, não digo toda a divida Portugueza, mas huma parte d'ella afim de que esta tão nobre causa não pereça por falta de meios; o Brazil jamais poderia recusar, nem mesmo arrepende-se de prestar sua protecção poderosa á Causa da Humanidade e da Liberdade, portanto, eu conto que o Governo fará o que poder para satisfazer esta minha amigavel requisição. Se eu visse que este negocio poderia de algum modo comprometter o Brazil jamais nelle fallaria pois eu apesar de tudo não posso esquecer-me daquella Patria que adoptei, e que adoro e dos Brasileiros meus concidadãos; mas ao contrario eu vejo muita utilidade para o Brasil em particular e para todos os Governos livres em geral, cabendo ao mesmo tempo ao Brazil, somente, a gloria de cooperar para o resgate da Humanidade que jaz opprimida, para derribar a tyrannia e para restabelecer o Imperio da Lei na Europa, devendo estar certo o Governo Brasileiro que, emquanto eu estiver á frente dos negocios Portuguezes farei tudo que poder para felicitar o Brazil procurando manter o mais que me for possível as relações de estreita amizade que devem existir entre governos cujos principios são os mesmos e quando, por qualquer incidente assim o não possa fazer, farei então o que a minha honra exige: retirar-me-hei dos negocios publicos pois nunca farei guerra a hum país aonde nascerão meu filho e minhas filhas, e que continuará a ser minha Patria emquanto for mantido o Governo Monarchico Constitucional como deve existir para felicidade e prosperidade do Imperio Brasileiro.

Se entender que deve fazer uzo desta minha carta faça, ficando na intelligencia que os sentimentos nella expressados, para com o Brazil e os Brasileiros são os mesmos que sempre tive e que me moverão a declarar espontaneamente no alto do Piranga a Independencia do Brasil no memoravel dia 7 de Setembro de 1822.

Aproveito esta occasião e primeira vez que lhe escrevo, para lhe fazer os meus cumprimentos bem como á Regencia e Governo e para lhe assegurar que Sou

Seu afeiçoado

D. Pedro, Duque de Bragança"

LA FRANCE ETERNELLE

G. Le Gentil, que é um grande conhecedor das nossas coisas e está encarregado de um curso de literatura brasileira na Forbonne, publicou a seguinte nota, na *Revue de l'Amérique Latine*, de Paris, numero de Abril ultimo, sobre o discurso de Elyσιο de Carvalho, proferido no banquete a Paul Fort:

"La brochure de M. Elyσιο de Carvalho témoigne de la spontanéité, de la solidité des sympathies brésiliennes. Elle rassemble au surplus, dans un raccourci éloquent, plusieurs siècles d'histoire. Nous savions déjà quel accueil empressé, enthousiaste, réserve la terre de Santa-Cruz à nos célébrités contemporaines. On y conserve intact le souvenir de Paul Adam, l'apôtre du génie latin. M. Paul Fort, apportant à l'élite intellectuelle, qui protesta la première contre la violation de la Belgique, l'hommage de nos poètes, vient d'avoir l'incomparable surprise d'entendre vanter son œuvre, en

termes délicatement nuancés, par un écrivain qui aime autant notre langue qu'il se réjouit d'une victoire commune. M. Elyσιο de Carvalho applaudissait en lui non seulement le représentant des qualités de "luce de harmonie, de sagesse tranquille et de majestueux équilibre" qui distinguent l'art méditerranéen, mais l'auteur des ballades vengeresses, des bulletins lyriques de la guerre.

L'occasion ne pouvait être meilleure pour rappeler combien furent étroites les relations qui nous unissaient, dès le commencement du XVI siècle, à la France antarctique, dès le début du XVII à la France équinoxiale. Quoi qu'on doive penser du voyage hypothétique de Cousin qui aurait devancé de deux ans, suivant les Dieppois, la découverte de Cabral, ainsi que des explorations également contestées de Paulmier de Gonneville, son émule ou son continuateur, il n'est pas douteux que le projet d'un établissement durable à Rio de Janeiro apparaît comme la pensée maîtresse de l'amiral Coligny et de son lieutenant Villegagnon, surnommé par ses coreligionnaires, avant la défaite dont il faut chercher la cause principale dans les dissensions religieuses, le Cain d'Amérique. De la tentative plus récente de Riffault pour s'implanter au Maranhão, nous conservons, malgré l'interdiction d'imprimer les récits des missionnaires prononcée au temps de Louis XIII, les piquantes relations des Capucins, de Claude d'Abbeville, de Martin de Nantes, d'Arsène de Paris, d'Yves d'Evreux. La lutte, entre adversaires dignes de fraterniser, était menée avec des égards chevaleresques dont il semble que la tradition, depuis les progrès de la chimie industrialisée, doive se perdre. Tandis que Jeronymo de Albuquerque faisait ensevelir nos morts, La Ravardière envoyait son propre chirurgien au capitaine portugais avec la recommandation expresse de soigner d'abord les blessés brésiliens. La poétique légende, recueillie par le moine Santa Rita Durão, connue chez nous par la traduction d'Eugène de Montglave, de la belle Paragassú qui se jette à la mer pour rejoindre son amant, évoque, puisqu'on y fait intervenir le nom de Jean Duplessis et toute la cour de France, le temps où nos corsaires, sous la conduite des frères Anjo, s'enrichissaient par la contrebande des bois de teinture. Non moins pittoresque, bien que rigoureusement historique, est le décor de la fête brésilienne, organisée en 1550 à Rouen, où 250 marins, dans le costume de nos premiers pères, se joignirent, pour l'ébaudissement des ambassadeurs étrangers, à la troupe des tabajaras qui perçaient de leurs flèches les singes et les

perroquets. Elle eut assez de retentissement pour que Montaigne s'en fit l'écho: "Je trouve qu'il n'y a rien de barbare en cette nation, sinon que chacun appelle barbarie ce qui n'est point de son usage." Mais quoi, ajoutait le moraliste en esquissant le tableau d'une société naturelle et sage, "ils ne portent point de haut-de-chausse" Ronsard y découvrit, féru qu'il était de mythologie, une survivance de l'âge d'or:

Docte Villegagnon, tu fais une grand faute  
De vouloir rendre fière une gent si peu caute.

L'échec de Leclerc, suivi à deux ans d'intervalle de l'expédition fructueuse de Duguay-Trouin, prouve que nos rois, depuis François I, qui s'indignait contre le partage du monde, que n'avait pas prévu le testament d'Adam, entre les Espagnols et les Portugais, et Catherine de Médicis qui offrait au Prieur de Crato son appui en échange du Brasil, n'avaient pas renoncé à tout espoir de reconquérir la France antarctique. Si l'influence des doctrines de l'Encyclopédie sur les intellectuels de Minas n'a point échappé aux historiens, on sait moins qu'Arruda Camara, l'un des champions de l'indépendance, avait étudié à Montpellier et que les conspirateurs, à la veille de l'émancipation, travaillaient, pour s'assurer une alliance ferme en Europe, à faire évader Napoléon. La part de nos voyageurs, La Nodamine, d'Orbigny, Saint-Hilaire, Castelnau, Dumont d'Urville, dans l'exploration méthodique des côtes et des fleuves, est loin d'être négligeable. Nos artistes, Debret, Grandjean de Montigny, Simon Pradier, les frères Taunay, ont fondé l'Ecole des Beaux-Arts de Rio de Janeiro. Certes, comme le faisait remarquer justement M. le baron d'Anthouard, "l'utilité du français aux yeux des Brésiliens conservera d'autant plus de valeur que notre activité économique se développera au Brésil et que nos industriels et nos financiers coopéreront directement à la mise en valeur du pays". Mais on ne peut s'empêcher, d'autre part, de regretter que dans le champ des investigations littéraires où Ferdinand Denis jouait, en 1826, le rôle d'initiateur, notre production se soit ralentie au point que les deux ouvrages français les plus récents qui nous éclairent sur le mouvement contemporain furent écrits, l'un par un Belge, M. Orban, l'autre par un Brésilien, M. Benedicto Costa. Nos amis sont trop généreux, on s'en aperçoit en lisant le discours de M. Elyσιο de Carvalho, pour compter avec nous. Il n'en est pas moins nécessaire de constater, non sans amertume, que nous sommes en reste. — G. LE GENTIL."



# PEQUENAS NOTAS

Per proposta, unanimemente aceita do seu segundo secretario, Sr. Jayme d'Altavilla, nosso distincto collaborador, a "Academia Alagoana de Letras," em sessão de 31 de Maio findo, elegeu seus socios correspondentes nesta Capital, os escriptores Elycio de Carvalho, nosso director, Carlos Rubens, nosso companheiro de redacção e Carlos Pontes, nosso collaborador.

O Ministro da Fazenda, reconsiderando a sua decisão anterior, autorizou o Conselho Central das Comissões do Monumento a Christo Redemptor, a erigir o monumento a Christo no alto do Corcovado. A decisão do Sr. Homero Baptista foi fundamentada do seguinte modo: "Para decidir os casos que entendem com o culto religioso, deparam-se á administração razões plausiveis no criterio liberal que induz o respeito a todos os credos. Assim, e porque considerado fosse apenas do ponto de vista administrativo, teve o pedido deferimento. Levantada a duvida de ordem constitucional e ouvido o consultor geral que a sustentou, visto importar o deferimento na concessão de um favor do Estado em beneficio de uma igreja, reconsiderado foi o despacho para negar-se a autorização. Em face, agora, dos dez pareceres concludentes offerecidos; concordes em que a autorização não infringe dispositivo, resolvo, em definitivo, concedel-a, sem caracter algum de exclusividade. Fica, assim, mantido o meu primeiro despacho." Fica assim restabelecida a boa doutrina constitucional que a *America Brasileira* teve ensejo de defender.

O Governo do Brasil, por decreto de 1º do corrente, reconheceu a independencia do Egypto e a forma monarchica do seu Governo.

As nossas letras jurídicas perderam um dos seus mais illustres collaboradores, o eminente Professor Dr. João Vieira de Araújo, cujas lições de direito penal ainda são amiúde recordadas como luminosos ensinamentos. Nascido no Recife em 1844, formou-se pela Faculdade de Direito, exercendo a principio a magistratura no interior da provincia de Pernambuco, sendo eleito deputado provincial, para em 1877 entrar como professor substituto da Faculdade. Cathedratico em 1884, foi jubilado em 1907. Entre suas aulas mais notaveis, apontam-se o "Ensino de Direito Penal" e as "Dissertações sobre o Codigo Penal Brasileiro".

Realizou-se em Roma, com grande pompa, sob a presidencia de Pio XI, o Congresso Eucharistico, a que compareceram representantes de todo o mundo. Entre as ceremonias mais importantes desse grande certamen religioso, salienta-se a que foi dirigida por Monsenhor Bartolomasi, Arcebispo de Trieste, que celebrou missa no Colyseu, num altar erguido onde surgia o "podium" imperial. Alli receberam a communhão mais de 5.000 jovens, sem se mexerem dos seus lugares. Os sacerdotes circulavam, communicando o discurso de Monsenhor Bartolomasi, presidente da commissão central do Congresso Eucharistico, a cujas festas assistiram

30 cardeaes e 300 bispos, 60.000 peregrinos e os membros do Congresso Eucharistico, composto de catholicos de todo o mundo. A solemnidade do encerramento revestio grande sumptuosidade, tendo o Summo Pontifice comparecido, em proccissão, na Sedia Sestatorial até á porta da Basilica de S. Pedro, onde deu a benção papal ao povo, encerrando o Congresso.

O Governo do Japão agraciou com o cordão de ouro do Thesouro Sagrado o Sr. Ferreira Chaves, Ministro do Interior. A entrega do cordão foi feita, com solemnidade, pelo Ministro Horiguchi, que accentuou o alto apreço em que é tido no Japão o politico norte-rio-grandense...

O Senado da Bahia, em sua sessão de 29 do mez findo, approvou o projecto que eleva á categoria de cidade, ficando denominada Ruy Barbosa, a antiga Villa de Orobó.

O Cardeal Gasquet, prefeito dos estudos biblicos, bibliothecario de Vaticano, pertencente á Ordem Benedictina, embarcará a 5 de Julho proximo com destino a S. Paulo, afim de sagrar a igreja do Mosteiro de S. Bento. Essa cerimonia está marcada para o dia 13 de Agosto proximo. O Cardeal Gasquet virá como delegado do Papa Pio XI.

O "comité" França-America deu, em Paris, brilhante recepção em honra do aeronauta brasileiro Santos Dumont. O inventor da dirigibilidade dos balões compareceu acompanhado dos aviadores francezes Fonck e Delavaux. A sala estava magnificamente illuminada, e o distincto aeronauta foi recebido com todas as homenagens. Viam-se entre os assistentes tudo quanto Paris conta de selecto na sua sociedade, além das personalidades mais em evidencia da colonia brasileira, e os Srs. Castello Branco Clark e Souza Dantas, respectivamente, Encarregado de Negocios e Consul do Brasil. As honras da recepção eram feitas pela Marquiza Degany, assistida pelas Sras. Schneider e Solange Bodin. Durante a festa, varios poetas e artistas, inclusive o Presidente da Sociedade dos Homens de Letras, leram poemas que tinham como assumpto a navegação aerea.

Está despertando grande interesse o proximo livro do ex-Kronprinz da Alemanha, publicando os jornaes longos extractos da obra, pondo em relevo o destaque que o herdeiro do ex-Kaiser dá á figura do General Ludendorff como homem e como soldado. Esses extractos comprehendem trechos do capitulo que trata da abdicção do ex-Kaiser, dando o General Groener, actual chefe da administração das estradas de ferro, como um dos principaes instigadores desse acto do soberano allemão, enquanto que, por outro lado, o General Schulenberg concitava o ex-Imperador a proseguir na luta. Um outro ponto interessante é o que trata da primeira batalha do Marne, mostrando-se ahi convencido o ex-Kronprinz de que a retirada fora desnecessaria e que só se dera devido á incompetencia de von Moltke e á fatal influencia do official de ligação Hentsch. Finalmente, o resumo

dessa obra do herdeiro allemão descreve a visita feita ao Principe pelo General von Moltke, já em Setembro de 1919, um homem vencido, impotente para conter suas lagrimas diante da certeza de que estava possuido de que o Exercito allemão fugira quasi precipitadamente.

Em mais de um ponto do vasto litoral do nosso paiz é sabido, diz *O Paiz*, que existem perolas. Ainda recentemente, o Commandante Villar, do cruzador *José Bonifacio*, em serviço da nacionalização da pesca, offertou ao Sr. Presidente da Republica uma concha pescada na região de Santos e contendo perolas finissimas. O maravilhoso rio Araguaya, affluente do Tocantins, e uma das mais soberbas e ricas caudae do mundo, encerra nos seus lagos uma grande riqueza perlifera, mediodremente explorada. O processo de apanha é ainda excessivamente rudimentar. Os indios carajás mergulham nos lagos e voltam á tona trazendo punhados de conchas, dentro das quaes as mais das vezes as perolas estão ainda em formação. Pena é que não se cuide de uma exploração systematica de tamanha fonte de riqueza.

A Sociedade Brasileira de Direito Internacional, reunida para homenagear o seu fallecido Presidente, Ministro Amaro Cavalcanti, depois de ouvir o Professor Rodrigo Octavio proferir uma erudita conferencia analysando a obra do saudoso juriconsulto, elegeu depois o seu successor, recahindo a escolha, feita por aclamação, no Dr. Rodrigo Octavio. Não é preciso salientar a justiça e o acerto da elevação do illustre internacionalista á presidencia dessa notavel sociedade de cultura juridica. O Dr. Rodrigo Octavio, com ser um dos nossos mais provecos internacionalistas, professor emerito da disciplina na nossa Universidade, é tambem daquelles cuja obra mais influencia tem tido sobre nossa legislação de direito internacional privado e cuja acção tem sido mais fecunda, em varios congressos internacionaes, onde representou tão honrosamente o Brasil. Além disso, o Professor Rodrigo Octavio tem, nesses ultimos annos, prestado ao nosso paiz notaveis serviços, pela sua actuação diplomatica. Delegado á Conferencia da Paz, de Versalhes, Sub-Secretario das Relações Exteriores e representante do Brasil na Liga das Nações, o illustre professor teve ensejo de desenvolver uma larga e intensa actividade em bem do nosso paiz, salientando-se entre os seus mais patrioticos serviços a solução do caso dos navios ex-allemães, com a França, que só se deve ao seu tino e habilidade diplomaticos a par de uma defesa solida e verdadeiramente notavel de nossos direitos. A Sociedade Brasileira de Direito Internacional é digna de todos os applausos, pela consagração que acaba de fazer. Na mesma sessão foi eleito secretario o Dr. Nuno Pinheiro.

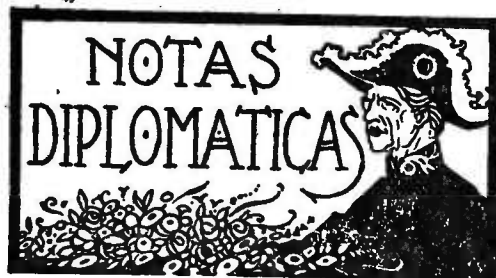
Telegrammas de Washington informam que ha grande desejo nos circulos interessados em desenvolver as relações vankee-brasileiras, de que o Sr. Hughes, Secretario de Estado, visite o Brasil, durante a Exposição do Centenario, parecendo que os maios officiaes aceitam com muita sympathia a idea.



autor é, como vimos, finalista. Para elle, a verdadeira philosophia conduz para além da sciencia e retroage ás concepções primitivas e symbolicas. Fausto é assim uma allegoria... A vida de Fausto foi "a obra da regeneração".

Assim o ensaio do Sr. Renato Almeida demonstra censo critico de accordo com o seu ponto de vista, belleza de expressão, conhecimento de critica estrangeira. Conduzido pela critica moderna, o Sr. Renato Almeida faz um interessante estudo sobre a influencia de Spinoza sobre as idéas de Goethe, a concepções e a elaborações do "Fausto", o que sob o ponto de vista da critica objectiva e historica é o melhor capitulo do livro. A leitura da "Ethica" foi para Goethe "uma libertação, o poeta havia encontrado no philosopho a forma de suas cogitações, e, embora não devesse seguir a mesma trilha, caminhar sob o mesmo sol". Assim o Sr. Renato Almeida nos deu um livro de valor, que é um forte trabalho da "grande critica" que raramente produz ensaios nas terras ainda novas da America. "Fausto" — "Ensaio sobre o Problema do Ser" é assim um ensaio que consagra o seu autor.

(Do Jornal do Commercio)



#### O EMBAIXADOR DOMICIO DA GAMA

Noticiando a nomeação do Sr. Dr. Domicio da Gama para substituir o Dr. Gastão da Cunha, durante a sua enfermidade, como membro do Conselho da Sociedade das Nações assim se manifesta o "Le Brésil", de Paris: "Ninguém melhor qualificado para assumir, nas penosas circunstancias actuaes, a ardua tarefa do eminente Embaixador do Brasil em Paris, que a vem exercendo com o maior brilho e com o mais louvavel zelo para o prestígio do seu paiz. O Sr. Domicio da Gama foi, no inicio da sua carreira, o auxiliar e o discipulo de Rio Branco e o depositario do pensamento e da tradição diplomatica do grande Brasileiro. Continuou essa tradição, com brilhante éxito na sua qualidade de Embaixador em Washington, como Ministro dos Negocios Extranjeros e, finalmente, como Embaixador, em Londres. Sabera mantela, como a manteve o Dr. Gastão da Cunha no Conselho da Sociedade das Nações durante o tempo de sua lamentavel ausencia."



#### VII CONGRESSO DE GEOGRAPHIA

Sob o patrocínio do Presidente de Parahyba, o Sr. Solon de Lucena, e Flavio Maroje, Presidente do Instituto Historico Parahybano, reuniu-se nesse Estado, o VII Congresso de Geographia. Abrindo os trabalhos, o Presidente do Estado, depois de dar as boas-vindas aos Congressistas, estudou o papel historico e social da Parahyba, nas suas festas e através de acção de seus estadistas e da obra de seus cultores de historia e de geographia. Depois o Presidente do Congresso, Sr. Flavio Maroje, em eloquente e erudito discurso, analysou a importancia do estudo, cada vez mais vasto e complexo, de geographia, como "Sciencia dos phenomenos physicos, biologicos e sociais, encardados em sua divisão a superficie do globo, suas causas e suas relações reciprocas."

"A nós importa tambem, continuou, conhecer a Geographia physica, a geographia historica, a geographia politica, a geographia zoológica e botânica, a geographia agricola, a geographia economica e a geographia medica. Não desconhecemos o valor que esta representa em

todo o orbem, offerecendo ao estudo dos investigadores importantissimas questões que dia a dia se agitam, magnos problemas que constantemente desafiavam a observação dos scienistas inclusive este da distribuição geographica das molestias, sahidas do pleno dominio da Pathologia, para entrarem nas profundas cogitações dos Governos, positivadas patrioticamente nesse incomparavel serviço que entre nós é o do saneamento rural, que é o do combate ás innumeradas molestias que dizem as nossas populações, dificultando a divulgação da sua "historia", a sua "organização", a sua "psychologia".

Depois de insistir na importancia de certamens dessa natureza, saudou os Congressistas, dizendo-lhes todo o entusiasmo com que os recebia o Parahyba.

Depois de terem fallado varios Congressistas, discutidos e approvados algumas indicações, inclusive a que saúda os aviadores portuguezes Saccadura Cabral e Gago Coutinho pela formosa tentativa de atravessar o Atlantico de aeroplano e a que aclamou Presidentes de honra, afóra o Sr. Solon de Lucena, os Governadores dos Estados que enviaram delegações, Srs. Dr. Souza Castro, do Pará; Dr. Justiniano Serpa, do Ceará; Dr. Antonio de Souza, do Rio Grande do Norte; Dr. Severino Pinheiro, de Pernambuco; Dr. Fernandes Lima, de Alagoas; Dr. Nestor Gomes, do Espirito Santo, e Dr. Arthur Bernardes de Minas Gerais, passou-se a constituir as commissões especiaes do Congresso, assim organizadas.

1.ª Commissão — Geographia mathematica — Presidente, Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha; Secretario, Dr. Roberto de Vasconcellos; Dr. Mariano Sepuveda, Dr. Romulo Campos, Professor Rodolpho Lima.

2.ª Commissão — Geographia physica — Presidente, Dr. Pedro Celso; Secretario, Dr. Carlos Xavier; Dr. Pompeu Sobrinho, Dr. Floro Freire, Dr. Irineu Joffily.

3.ª Commissão — Geographia economica — Presidente, Dr. Aurelio Pires; Secretario, Pharmaceutico Assis e Silva; Monsenhor Odilon Coutinho, Dr. Joaquim Pessoa e Dr. Neiva de Figueiredo.

4.ª Commissão — Geographia politica — Presidente, Dr. Francisco Seraphico da Nobrega; Secretario, Padre Nicodemus das Neves; Dr. Miguel Santa Cruz Oliveira, Professor Coriolano de Medeiros e Dr. Mario Mello.

5.ª Commissão — Ethnographia e ethnologia — Presidente, Conego Dr. Pedro, Anisio; Secretario, Dr. José Americo de Almeida; Dr. Simeons da Silva, Desembargador Botto de Menezes e Bacharelando Paulo de Magalhães.

6.ª Commissão — Monographia regionaes — Presidente, Dr. Manoel Dantas; Secretario, Dr. João da Matta; Desembargador Heraclito Cavalcante, Professor Octavio de Barros e Professor Elyseu Maul.

7.ª Commissão — Ensino da geographia — Presidente, Dr. Castro Azevedo; Secretario, Academico Camara Cascudo; Dr. Raposo Pinto, Dr. Manoel Dantas.

O Congresso discutiu e approvou as seguintes theses: — "A' margem da chorographia amazonica" — pharm. Assis e Silva. — "A fabrica de cimento do Parahyba" — Dr. José Vinagre. — "O Recife" — Dr. Mario Mello. — "O monte das Taboas" — Dr. Mario Mello. — "Chorographia de Pernambuco" — Dr. Mario Mello. — "Escorço de chorographia da Parahyba" — prof. José Coelho. — "Apanhados historicos" — Celso Mariz. — "Fortaleza de Santo Catharina" — coneogo Florentino Barbosa. — "A baia do São Francisco" — professor Burzenczer. — "O ensino de geographia" — Alcides Bezerra. — "A cidade da Parahyba" — Alcides Bezerra. — "Joanna Angelica" — prof. Bernardino de Souza. — "O municipio de Abadia" — prof. Bernardino de Souza. — "As industrias parahybanas" — Matheus de Oliveira. — "O Brasil e os Estados Unidos" — Matheus de Oliveira. — "Estradas de Rodagem" — Matheus de Oliveira. — "Orographia do Brasil" — prof. Octavio de Barros. — "Geographia Politica de Europa" — prof. Octavio de Barros. — "A inquisição no Parahyba" — padre Nicodemus Neves. — "O vocabulo Parahyba" — Dr. Wencesláu de Almeida. — "O clero catholico nos acontecimentos libertarios do Brasil" — Ignacio B. de Moura. — "Mappas mudos" — prof. Eduardo de Medeiros e Sizenando Costa. — "O sub-solo do Espirito Santo" — Archimmo Mattos. — "Apanhados historicos geographico e ethenographico do Espirito Santo" — Dr. Carlos Xavier Paes Barreto.

Como noticiamos noutro local, o Congresso approvou unanimemente uma moção de applauso ao programma de America Brasileira, de critico constructora, na analyse dos problemas moclonaes.

#### UMA FESTA DE ARTE NO INSTITUTO HISTORICO DA BAHIA

No dia 13 de Maio realizou o Instituto Geographico e Historico da Bahia eloquente festa artistica. O maior poeta bahiano da actualidade Arthur de Salles deu aos confrades do Instituto a ouvida de seus "Poemas do Mar" em via de publicação. Durante 90 minutos a grande assistencia applaudiu entusiasticamente o forte poeta. Após a leitura amigos e admiradores fizeram-lhe expressiva manifestação, orando o Dr. Armando de Campos, Redactor-Chefe da "A Tarde", que produziu bellissima saudação, tendo recitado sonetos os poetas Adalicio Nogueira e Alvaro Reis. O Dr. Theodoro Sampaio leu então a Mensagem que os consocios do Instituto enviaram ao Poeta, paginas antes do seu livro "Poesias", editado em 1920. Assignaturas dos mais genuinos representantes das lettras bahianas subscreveram as palavras do Dr. Theodoro Sampaio que passou ás mãos do artista o seu livro ricamente encadernado com um grande cartão de ouro incrustado no frontespicio e um ramalhete de flores. Bella festa que tão bem falla da cultura litteraria da Bahia, com uma assistencia de cento e cinquenta e tres pessoas.



#### O FUTURO GOVERNO ARGENTINO

Recente telegramma de Paris para La Nation, de Buenos Aires, fazia interessantes revelações sobre o provavel ministerio, do Sr. Marcelo Alvear, presidente eleito da Republica Argentina. Assim é que para a pasta da agricultura se espera seja convidado o Sr. Le Breton, embaixador em Washington. A fazenda caberá, ao que parece, a eminente personalidade dos meios financeiros de Buenos Aires, cujo nome não é declinado. Um joven deputado, intimado do presidente Irigoyen, terá provavelmente uma pasta, sendo de crer que alguns ministros actuaes continuem a servir na presidencia Alvear. Para a prefeitura de Buenos Aires virá, ao que parece, o Dr. Fernando Perez, ministro em Vienna, e velho amigo do presidente eleito. Acreditamos que na pasta do Exterior não continuara o Sr. Pueyrredon, de cujo politica estrangeira o Sr. Alvear discordou francamente no memoravel episodio da attitude da Argentina na Liga das Nações. Sabe-se ainda que o futuro presidente deseja imprimir grande actividade, ao ministerio da agricultura, particularmente no que se refere á exploração do petroleo.

#### O PRESIDENTE DA COLUMBIA

Em 7 de Agosto assumirá a presidencia da Republica da Colombia, o General Pedro Nel Ospita, eleito para o periodo de 1922-1926, como candidato do Partido Conservador. O General Ospita é filho do notavel estadista colombiano Mariano Ospita, que foi presidente da Republica de 1857 a 1860, e depois de ter se formado por varias universidades europeas e americanas, entrou para a politica de seu paiz, sendo eleito deputado e depois senador pela Antioquia. Exercu tambem o Governo desse Estado, tendo sido anteriormente ministro da guerra, na luta civil de 1900 a 1903, e diplomata, acreditado junto ao governo de Washington e depois junto á Corte de Bruxellas. É, em summa, uma das figuras mais representativas do seu paiz, que agora o investe na sua mais alta função publica.

#### LITTERATURA HISPANO-AMERICANA

A proposito do artigo, que publicou sobre Blanco-Fombona, no ultimo numero da America Brasileira, recebeu o nosso director a seguinte carta: "Rio de Janeiro, 29 de Mayo de 1922. Sr. Elyseu de Carvalho, Director de "America Brasileira". Muy distinguido Sr. mio: Permitame que le felicite muy sincera y calorosamente por el articulo de divulgación literaria que, sobre Rufino Blanco-Fombona, publica en la Revista de su dirección, número de Mayo e la carta del Sr. João Ribeiro, inserta en el número anterior, respecto al distanciamiento intelectual y reciproca ignorancia en que vien los ibero-americanos, y sorprendíame, agradavelmente, ver que el movimiento intelectual de la América Española despertaba algún interés en los círculos literarios de esta

Capital. Y con una muy viva, intensísima satisfacción, acabo de leer el artículo de Ud. sobre la fulgurante y batalladora personalidad del tormentoso y originalísimo venezolano; artículo que creo no sería aventurado considerar como el primero de una serie sobre la intelectualidad más brillante de la flamante literatura hispano-americana. Para iniciar una serie de estudios sobre escritores de la América Española, ha obrado acertadísimo el escoger el nombre del Sr. Blanco-Fombona, personalidad potentísima, inconfundible, única, "tipo representativo del literato hispano-americano" y "el que más dignamente representa nuestra cultura en Europa". Halágame la esperanza de ver desfilar por las páginas de su cultísima Revista los nombres gloriosos de Rubén Darío y José Enrique Rodó, los dos más altos exponentes de la literatura hispano-americana, y, de entre la falange brillantísima que forma la vanguardia de nuestro movimiento intelectual, los no menos notables de Francisco García Calderón, heredero espiritual de Rodó, su hermano Ventura, José Santos Chocano, Leopoldo Lugones, Enrique Gómez Carrillo, y muchos más que sería prolijo enumerar. Hago votos vehementísimos por el triunfo de la hermosa labor cultural de Ud. u por el continuo afianzamiento y desarrollo de la pujante personalidad brasileña, de que es Ud. mérito apostol, y créame, su admirador y amigo M. Uloy"

O PETROLEO NO MEXICO

A secção estatística do Departamento de Petroleo acaba de publicar, estatísticas completas relativas á produção total de petroleo no Mexico durante o anno de 1921, a qual montou a 192.916.775 barrils. 41 por cento da quantidade produzida na America do Norte e 23 por cento da produção mundial total. O relatório assiguala que em 1901 a produção total do Mexico foi apenas de 10.345 barrils. Em Janeiro de 1921 a produção de 15.203.551 barrils; em Novembro de 1921, 21.113.448 barrils e em Dezembro, 23.931.747 barrils. Os terrenos de Tuxpam forneceram a grande maioria, pois 151.049.163 barrils vieram de seus poços, ao passo que o Rio Panuco produziu 41.764.751 barrils e o districto de Tabasco 2.861 barrils. A exportação total foi de 172.268.136 barrils, ou 27.387.821 metros cubicos, um aumento sobre o anno anterior de 26.759.187 barrils. A maior quantidade, 99.481.429 barrils, foi exportada por via de Tampico, ao passo que 69.956.594 barrils foram exportados por Puerto Lobos e Tuxpam, e 2.859.667 barrils por Puerto Mexico. Segundo a qualidade o oleo exportado se dividiu da seguinte maneira: Petroleo leve em bruto, 1.509.568 metros cubicos; oleo combustível, 719.544 metros cubicos; oleo bruto pesado, 642.070 metros cubicos; gasolina em bruto, gasolina refinada, asphalto, lubrificantes e gaz se seguem em escala descendente.

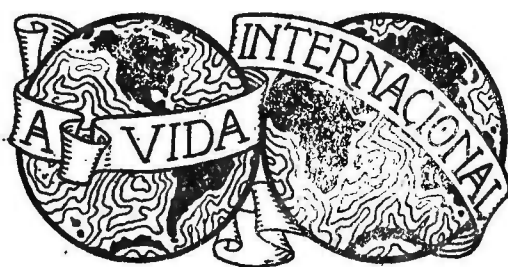
A MISSAO DE LA HUERTA A NOVA YORK

Chegou a Nova York o secretario da fazenda, Sr. Adolfo de la Huerta, que foi alli afim de conferenciar com Comité Internacional de Banqueiros para regular a questão da dívida mexicana. Reina grande optimismo acerca do resultado das conferencias, dado o resultado que tiveram as reuniões preliminares celebradas em Paris, nos princípios do presente mez, e ás quaes compareceu o Sr. Thomas W. Lemont, da firma J. P. Morgan & Companhia, de Nova York, que começou a tratar a questão, no Mexico, em meados de 1921, bem como os representantes dos banqueiros ingleses, franceses e belgas. Nas referidas conferencias discutio-se e approvou o novo plano que será submittido em Nova York ao Sr. de la Huerta, e que se refere á consolidação da dívida e a fórma por que deverão ser pagos os juros atzacos, plano este que se julga satisfará o governo mexicano, dado o interesse que os banqueiros têm mostrado por resolver nos problemas financeiros do Mexico. Julga-se que influirão para a favoravel solução desta questão a confiança cada vez maior, que nos Estados Unidos se tem para com o governo do general Alvaro Obregon, e o prestigio de que desfruta nos centros financeiros norte-americanos o representante do nosso governo, Sr. de la Huerta, que brevemente iniciará os trabalhos que o levaram a Nova York.

A DOCTRINA DE MONROE E A AMERICA LATINA

A doutrina de Monroe — escreve o Sr. Felix Perez na *Cuba Contemporanea* — começa a encontrar objecções ou, antes a reclamar certas modificações nas Republicas da America Latina. No Uruguay, Republica Argentina, Colombia, os homens mais eminentes, reconhecendo embora as

vantagens dessa doutrina, notam que ella pôde ás vezes, ferir, na sua fórma, as susceptibilidades dos paizes que quer defender e que entendem poder dispensar tal protecção. No entanto, esse inconveniente desapareceria por completo se todos os Estados americanos formularassem declarações analogas, entramo em accordo para intervir em favor de qualquer delles — inclusivamente os Estados Unidos — que, para defender os seus direitos, se visse em guerra com qualquer potencia. Na America Latina é hoje opinião geral que os Estados são capazes de se defender a si mesmos e que a doutrina de Monroe se pôde afinal reduzir a esta formula: a influencia da America do Norte em vez da influencia da Europa. Essa doutrina não deve ser aceita por que ella estabelece uma situação para a qual os outros americanos não foram consultados e, por consequente, vai de encontro á independencia e soberania dos povos, que toma sob a sua protecção. E estas opiniões constituem para os Estados Unidos tantas outras sugestões para que renunciem á doutrina de Monroe e se juntem á Sociedade das Nações, cujos principios são, até agora, incompatíveis com os seus.



A PAZ MUNDIAL

No "lunch" que lhe foi ha dias offerecido pelos membros da Camara dos Commons que apiam a politica internacional do gabinete, o primeiro ministro inglez, Sr. Lloyd George, teve occasião de se referir por duas vezes á Conferencia de Genova. O principal proposito dessa assembléa — disse — foi cuidar da restauração das finanças internaciaes, do restabelecimento das relações commerciaes, de uma maior vinculação de relações diplomaticas, e do afastamento de certas disputas que poderiam fazer perigar a paz das nações. Os principaes obstáculos que se apresentavam aos delegados eram: a circulação fiduciaria dos diversos paizes; a instabilidade dos cambios; as questões aduanéiras; as restricções ao commercio; as difficuldades de transporte e a falta de segurança contra as guerras. Quatro commissões tinham sido designadas para tratarem desses problemas. Os resultados obtidos pelas nações nessa conferencia foram importantes e o perigo da guerra foi conjurado. Lloyd George, porém, não considera completo o trabalho da Conferencia; apenas o considera iniciado. Sua impressão, entretanto, é que ella conseguiu muito. Trinta e quatro nações tinham ido alli para discutir suas divergencias, remover difficuldades e afastar apprehensões, fazendo um esforço real por chegarem a um entendimento como até então nunca tinham alcançado; e nações que tinham estado em sanguinolento conflicto umas com as outras. Se a Conferencia de Genova não tivesse tido exito, as condições da Europa seriam verdadeiramente tragicas: as vias de commercio embaraçadas pelas restricções e entraves e, além disso, a estagnação commercial dentro de envenenados pantanos; disputas, suspeições e disseções entre as nações, que acabariam em grandes conflictos. Mas o exito, mesmo parcial, da Conferencia de Genova, foi esse grande passo para ser attingida a paz na Europa. "Nós tomamos posições — disse Lloyd George — de onde poderemos avançar mais tarde. Amanhã avançaremos. Nós estabelecemos a paz entre as nações que tinham preparado exercitos, umas contra as outras. Se nós pudermos ir para a frente e fizermos um accordo, contando com a boa vontade e a cooperação destas grandes nações, o effeito psychologico sobre a Europa será immediato e incalculavel". Lloyd George disse tambem que era necessario manter a unidade das forças politicas do paiz; e, voltando a tratar da Conferencia de Genova, manifestou a sua impressão de que a Europa estava tão convencida da necessidade de paz, que a opinião publica despertada pelas discussões daquella assembléa e os appellos que esta fizera, não aos governos mas aos povos que dirigem os governos, eram de tal ordem que impulsionaram o carro da paz para o seu grandioso fim. Era cedo demais para esperar que em seis semanas pudessem ser accommodadas todas as difficuldades, removidos todos os preconceitos e estancadas todas as fontes de disseções na Europa. Não era tudo, mas já era alguma

cousa. O Imperio Britânico — disse Lloyd George — mobilizara para a guerra cerca de nove e meio milhões de homens, dos quaes tres e meio tinham morrido, e por isso elle tinha o direito de dizer alguma cousa sobre a paz. Como cidadão inglez — disse Lloyd George ao termino — farei o maior esforço por que, batendo-se por aquelle ideal, o Imperio Britânico empregue todo o seu grande poder em provelto da paz."

DEVEDORES DA INGLATERRA

O "Council of Foreign Bondholders", de Londres publicou, em Março, o seu relatório annual. A lista dos Estados, que não puderam cumprir os seus deveres, não augmentou muito apesar da depressão commercial existente e das fluctuações extraordinarias dos cambios. Infelizmente para nós Brasileiros, no numero desses Estados, se acham indicados, ao lado da Russia e do Honduras os Estados de Alagoas, Bahia, Pará e Amazonas, que são os que, pela sua incorrecção mais têm advogado a necessidade de reforma da nossa Constituição. Eis a lista dos Estados em atrazo nos seus pagamentos:

IMPORTANCIA APPROXIMATIVA		
(Em libras)		
	Do capital	Dos juros
Russia	1.746.721.002	324.256.632
Equador	2.344.749	1.077.655
Honduras	5.393.570	22.789.477
Mexico	54.956.213	19.882.842
Estado de São Luiz Potosi	187.300	89.904
Republica Argentina: Provincia de Corrientes	297.520	53.553
Brasil:		
Alagoas	238.420	10.381
Bahia	1.637.720	40.942
Pará	2.917.660	145.666
Cidade da Bahia	592.790	111.561
Cidade de Belem	2.078.700	159.992
Cidade de Manaus	269.800	66.775
Estados Unidos	12.000.000	36.000.000
Antigos Estados confederados	2.418.800	9.566.651
Total	1.832.079.244	414.260.615

O APERFEIÇOAMENTO DOS RADIO-TELEPHONEMAS

Os jornaes americanos annunciam que o novo invento do cientista John Hays Hammond inventor do torpedo dirigido por electricidade e do submarino controlado por ondas electricas, — permittirá os radio-telephonemas a serem recebidos unicamente pela estação destinataria. O invento é tido como sendo da maxima importancia, eliminando um dos maiores obstáculos ao emprego em grande escala do radio-telephone, ou telephone sem fio. O invento tambem permite o emprego do "Systema Multiplex" na transmissão de radio-telephonemas, quer dizer que diversas telephonemas podem ser transmitidas simultaneamente na mesma onda.

A ESTATUA MYSTERIOSA

Certo grupo de exploradores que percorria territorios pouco conhecidos nas immedições de Grater Lake, perto de Portland, no estado de Oregon (America do Norte), fez em Setembro passado curiosissima descoberta. Com difficuldade immensa, agarrando-se aos troncos, ás lianas pendentes das arvores, escorregando pelo terreno em declive forte, galgavam esses exploradores a encosta de uma garganta profunda, quando, já a meio caminho, viram ao longe, á borda de precipicio altissimo, debruçada sobre o rio profundo que fervilhava em baixo, uma mulher nua, de cabeça pendida e braços em attitude de desesperação. A muito custo, depois de horas de ascensão, tendo ainda que abrir picadas a machado, na floresta intrincada, chegaram elles á alta riba, onde verificaram estar em presença de uma obra de arte, realistica, de estranha expressão, admiravelmente esculpida na rocha, sobre saliencia projectada a 120 metros acima do rio. Impressionados com o que viam examinaram cuidadosamente a pedra onde affixase lhes deparou esta curta inscripção: "1894 — Mary". Artistas que viram photographias dessa figuram julgam-na obra de um escultor genial. Os exploradores dizem que o ponto onde se acha a estatua e, ainda, a sua attitude e a sua expressão, fazem suppôr que ella recorde uma tragedia de amor, accorrida ha muito naquellas solidões selvagens.













# BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

**Casa Matriz: AMSTERDAM**

**Filiaes na America do Sul: Rio de Janeiro**  
 — S. Paulo — Santos — Buenos-Aires  
 Santiago do Chile — VALPARAISO

Capital autorizado: florins 50.080.000  
 Capital realizado e reservas: florins 30.180.000

Fundado pela Rotterdamsche Bankvereniging, Amsterdam — Rotterdam  
 Haya, cujo Capital Realizado e Reservas montam  
 a florins 114.000.000

**Succursal no RIO DE JANEIRO**

**11-13, RUA BUENOS AIRES, 11-13**

Telephones: Norte 5356, 5357 e 5358.

# Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

**CAPITAL . . . . . FR\$ 50.000.000**

**CAPITAL REALIZADO**

**Accções Frs. 50.000.000**

**Obrigações Frs. 65.000.000**

**Fundo de reserva Frs. 12.500.000**

Emprestimos sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por amortizações semestraes com direito de reembolso antecipado

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento. Dinheiro para construcções.  
 Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos,  
 inclusive o terreno

Adiantamento sobre titulos, mercadorias e warrants.

Gerencia de immovels, cobrança de juros sobre apolices, acções e debentures, guarda de valores, etc

**Séde Social em Paris: 39, BOULEVARD HAUSSMANN, 39**

**SEDE DE OPERAÇÕES E DIRECÇÃO GERAL: AVENIDA RIO BRANCO, 44**

Endereço Telegraphico: BRESIFONCI

RIO DE JANEIRO

Telephones } Directoria N. 4.116  
 } Secretaria N. 2.085  
 } Expediente N. 3.750

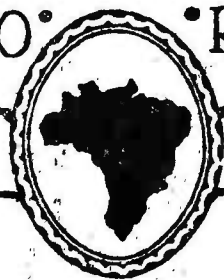
Caixa Postal 1.307

**Agencia — RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO**

# AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR: ELYSIO DE CARVALHO • RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

N. 8 — ANNO I — NOVA SERIE



RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1922

ARTIGOS PRINCIPAES DESTE NUMERO:

O DOUTOR ZEBALLOS

O LIBELLO NATIVISTA CONTRA OS PORTUGUESES

INTEGRAÇÃO NACIONAL

ONORATE L'ALTISSIMO POETA!

PORQUE CAHIO O IMPERIO

A ELEGANCIA DA NOVA CRITICA

DISCURSO DE PARANYMPHO

AS NOSSAS FRONTEIRAS—SANTOS DUMONT

PASTORAL — ESTHETICA BRASILEIRA

TIJUCA

**AMERICA BRASILEIRA**  
 DIRECTOR ELYSIO DE CARVALHO. — RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL.

**CRITICA E ESTUDO DOS PROBLEMAS NACIONALES**  
**DEFESA MILITAR E ECONOMICA**  
**RESENHA DA VIDA INTERNACIONAL**  
**SYNTHESE DAS POSSIBILIDADES E REALIZACOES BRASILEIRAS**  
**EXPOENTE DA CULTURA NACIONAL EM SUAS VARIAS MODALIDADES**

Director  
 ELYSIO DE CARVALHO

Redactor chefe  
 THEOPHILO DE ALBUQUERQUE

Secretario da redacção  
 RENATO ALMEIDA

Redactor  
 CARLOS RUBENS

Collaboradores

João Ribeiro, Alberto de Oliveira, Graça Aranha, Oliveira Vianna, Mario de Alencar, Celso Vieira, Alberto Faria, D. Julia Lopes de Almeida, Rodrigo Octavio, Victor Vianna, Capitão Genserico de Vasconcellos, Amadeu Amaral, Rocha Pombo, Tristão da Cunha, Affonso de E. Taunay, João Pinto da Silva, Maria da Silva, Mario Pinto Serva, Monteiro Lobato, Ronald de Carvalho, Carlos de Vasconcellos, Selda Potoka, Gustavo Bafroso, Alvaro Moreyra, Octavio N. de Brito, Hildebrando Accioly, Severiano de Rezende, Léo Vaz Claudio Ganns, Manoel Bandeira, Mucio Leão, Tristão de Athayde, Homéro Prates, Alves de Souza, Commandante Tancredo Burlamaqui, Nuno Pinheiro, Matheus de Albuquerque, Rodrigo Octavio Filho, Raul de Leon, Carlos Pontes, Mario Simonsen, Ribas Carneiro, Rubens Barcellos, Felipe de Oliveira, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Mario de Vasconcellos, Pontes de Miranda, Viriato Correia, Austregesillo de Athayde, S. Galeão Coutinho, Sergio Buarque de Hollanda, Annibal Fernandes, Claudio de Souza, Albertino Moreira, Menotti del Picchia, Carlos D. Fernandes, Bernardino de Souza, Mario de Vasconcellos, Jorge Jobim, Lima Berreto, Pedro Lobão Filho e outros nomes escolhidos entre os que illustam a nossa actualidade na sciencia, na litteratura, na politica e na economia.

"America Brasileira", publicação como até hoje não teve o Brasil, resolveu a questão de possuirmos uma grande revista de cultura e informação geral ao alcance de toda gente.

Assignatura annual para todo o Brasil  
 12 numeros..... 6\$000

Numero avulso do mez: 500 réis

Editora e proprietaria:

S. A. MONITOR MERCANTIL

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96, 3.º

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Tel. N. 6012

Caixa Postal 1223

NOVIDADE LITERARIA

# Os Bastiões

DA

# Nacionalidade

POR

## ELYSIO DE CARVALHO

### INDICE

#### I — OS BASTIÕES DA NACIONALIDADE

Origens do sentimento nacional.  
 Nacionalismo e patriotismo.  
 S. Paulo e o sentimento da unidade nacional.  
 O libello nativista contra os portuguezes.

#### II — O FACTOR GEOGRAPHICO NA POLITICA BRASILEIRA

O factor geographico na politica brasileira.

#### III — POLITICA DE REALIZACOES POSITIVAS

Politica de realizações positivas.

#### IV — GRAÇA ARANHA, MESTRE DA VIDA

A concepção esthetica do universo.  
 Metaphysica brasileira.  
 Nacionalismo brasileiro.

#### V — OS LEÕES DO NORTE

Os leões do norte.  
 Vidal de Negreiros e a epopéa da reconquista.  
 Enigma historico.  
 A epopéa da reconquista.

#### VI — LA FRANCE ETERNELLE

La France Eternelle.

#### VII — HISTORIA MILITAR DO BRASIL

Um jovem professor de patriotismo.

#### VIII — O BRASIL E O RIO DA PRATA

Amigos ursos.  
 Intrigas argentinas.  
 O caso de Martin Garcia.  
 Responsabilidade da guerra do Paraguay  
 A batalha de Itusaingó.  
 A guerra contra Rosas.  
 O general Maitrot e as republicas sul-americanas.

EDIÇÃO DO "ANNUARIO DO BRASIL"

Um volume de 400 paginas, 6\$000

Encadernado, 8\$000

A' venda nas principaes livrarias do Brasil

E A

RUA D. MANOEL, 62  
 RIO DE JANEIRO



# AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 8

RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1922

ANNO I

## O DOUTOR ZEBALLOS

PELO

SARGENTO ALBUQUERQUE

Não é mais possível hoje negar a inimidade argentina, que mal se dissimula numa diplomacia tolerante, cortez ou inoqua. O que se torna preciso é mostrar que a antipathia, a prevenção, a malquerença dos argentinos pelo Brasil é obra principalmente do Dr. Estanisláo Zeballos, antigo Ministro das Relações Exteriores e director de *La Prensa*. Ha muitos annos que esse truculento politico tem consagrado os seus vastos talentos e a sua multipla actividade em cavar entre os dous paizes essa incompatibilidade que o destino historico creou, mas que a boa vontade dos homens poderia tornar menos profunda ou menos activa.

Agora mesmo reaparece elle, menos arrogante, porém sempre machiavelico e impertinente, espalhando pelas colunas de seu jornal receios, desconfianças e insidias, visando o mesmo proposito de envolver a politica continental do Brasil num ambiente de antipathias e infundadas prevenções. Ao mesmo tempo que esse nosso tradicional inimigo assim procede, manifesta, com surpresa geral, o desejo de visitar o Rio de Janeiro, por occasião das festas do primeiro Centenario da nossa Independencia, encarregando a amigos e confidentes nesta Capital de prepararem a opinião publica no sentido de fazer ella esquecer os agravos que delle recebeu o povo brasileiro. Assim, pois, entendemos ser opportuno lembrar aos illudidos em relação aos verdadeiros sentimentos dos argentinos e principalmente quanto á sinceridade do Dr. Estanisláo Zeballos, qual foi a postura dos nossos vizinhos em 1908, quando se tratou na Argentina da discussão no parlamento da lei chamada dos armamentos. A nossa tarefa é muito facil, porque o Sr. Zeballos teve o cuidado de reunir no volume XXXI da sua *Revista de Derecho, Historia y Letras*, sob o titulo significativo *Resurgimento Civico*, toda a documentação dos comicios populares, academicos e militares que se celebraram em varias provincias, acompanhada da transcripção de artigos dos diarios a respeito e bem assim de varias photographias, em que se vêem, cercando a figura imponente do antigo chancelier argentino, officiaes de mar e terra de alta patente ostentando suas fardas.

Sabe-se qual a origem do movimento que, durante mezes, agitou a alma argentina contra o Brasil: a politica pessoal do Dr. Zeballos que, despeitado contra o nosso grande Rio Branco, pretendeu arrastar a Argentina aos azares de uma guerra, evitada principalmente pelos avisos que lhe transmitiram a Inglaterra e os Estados Unidos. Não se ignora tambem como foi recebida pela nação argentina, trabalhada insidiosamente pelo famigerado estadista, a obra satanica que, com ser um grito de guerra, constituiu um insulto aos nossos nunca desmentidos sentimentos de cordialidade continental. Por toda parte surgiram manifestações inequivocas de solidariedade ao rancoroso adversario do Brasil: La Plata, Cordoba, Santa Fé, Corrientes e Tucuman vibraram de entusiasmo, solidarios com os promotores da propaganda em favor da nação armada. O famoso diario *La Prensa*, que ainda hoje obedece á direcção intellectual do doutor Zeballos, num editorial inti-

tulado *Alma Argentina*, saudou o movimento como um attestado eloquente do gráo de cultura civica e de civilização politica a que havia chegado o paiz, escrevendo o que se segue:

### Alma argentina

"Para los que no conezcén bien el alma nacional argentina, replegada en si mesma casi obscurecida per la fuerza de las circunstancias, en la vida democratica interna del país, ha de parecer una revelación inusitada, la actitud de los pueblos de las provincias ante el problema internacional; y para los que consideran que el cosmopolitismo es agente de relajación de la fibra patriótica, especie de manzanillo para el sentimiento nacional, aquella actitud ennoblecida por una hermosa espontaneidad, reclamando para si los honores de la vanguardia en la cruzada por la defensa del honor, de la seguridad de la República, ha de convencerlos de su error.

Los pueblos que no votan en los comicios fraudulentos de las oligarquías, que viven elajados de los enjuagues de la "democracia" oficial, y los argentinos hijos de extranjeros, que pueblan nuestras universidades, nuestros colegios, que, como sus ascendientes, dan vida á las actividades comerciales e industriales del país, han abierto su corazón á los entusiasmos patrióticos, formando enormes masas populares, en las que todo otro sentimiento ajeno al de la seguridad nacional, ha enmudecido.

El elemento conservador, sereno, juicioso siempre y por lo mismo reflexivo y previsor, ha formado en las filas de esas manifestaciones, solidarizándose en el anhelo de armar la nación para garantir la paz. Es una nota convincente de la razón del movimiento que se siente en las provincias.

Los partidos políticos, que dividen la opinión, las classes sociales, las preocupaciones de otra índole, han desaparecido para dar paso á la aspiración suprema de hacer fuente á la República; y han desaparecido sin ostentación, por resolución patriótica uniforme é instantánea.

Né aquí el alma argentina resplandeciente en los instantes supremos con los aplausos efusivos de las damas y el entusiasmo de los niños.

Una Nación cuyo corazón late en esa forma, no tiene porqué dudar del porvenir, que es suyo, porque siente en su alma todas las energías para conquistarlo; no tiene porqué dudar de su seguridad, porque en caso apremiante, con un pueblo previsor que arma su brazo para sostenerla, sabe que puede defenderse, y que en esa defensa está interesado hasta el último de sus habitantes.

Algo muy argentina llena de orgullo á los espíritus que contemplan serenamente esta alta expresión del patriotismo nacional, y de la cultura, la circunspección, el respeto reunente en esas manifestaciones populares con relación á la causa que las motiva; ninguna agresión, ningún descomedimiento para nadie; todos los entusiasmos para la patria, todos los anhelos de seguridad y de grandeza para ella. Esos pueblos no se conmueven sino para servirla, para pedir á los poderes públicos, para exigirles que velen por ella, que la resguarden contra toda eventualidad, prevendola de los medios de defensa que necesitan su vida, su integridad e su honra.

Este hecho pinta bien, como rasgo de cultura civica, el grado á que ha llegado la civilización politica en el país. Dice con toda claridad, que hay conciencia nacional, conciencia ilustrada y patriótica, capaz de obrar con ejemplar discreción, aun en los momentos en que las nobles pasiones del patriotismo subordinan á su imperio las energías del espíritu.

Notas tan simpáticas como éstas, han dado á la República los universitarios de La Plata y los pueblos del Rosario de Santa Fé y de Córdoba. Han reflejado cumplidamente la compleción del alma argentina, mostrándola como es, como ha sido siempre: grande, patriótica y altiva.

El ejemplo de Córdoba es edificante. En las estaciones de tránsito, los vecindarios acuden á manifestar su adhesión á la causa de la defensa y seguridad nacionales, á los conferenciantes que viajan hacia la capital cordobesa á sotener la necesidad de los armamentos, y en esa capital, calumniada al-

una vez por la miopia, política, sus habitantes se echan á la calle para recibirles, y cuando debía tratarse en uno de sus teatros el magno asunto, la concurrencia se precipita, le llena y quedan fuera del recinto, esperando á pie firme debajo de la lluvia, alguns miles de personas que no habian podido penetrar. Los hogares permanecen iluminados hasta después de media noche, contra el habito de aquella ciudad; y á esa hora y al paso de los sostenedores de la paz por la fuerza del derecho y por el derecho de la fuerza, abren de par en par sus puertas y ventanas, y mil manos femininas los aplauden. En la populosa columna van confundidos, formando una sola masa, la juventud, el elemento popular, el comercio y el claustro uiversitario. El espectáculo es de la categoría de los que honran á los países de alta cultura política.

No es ésta la expresión del alma argentina recordándole al Senado el cumplimiento de su deber?"

O movimento generalizou-se por todo o paiz, e á frente da agitação se encontram politicos notaveis de todos os matizes, professores e estudantes de universidades, militares, chefes de associações operarias, etc., tendo-se realizado varios meetings.

#### Meeting de la Plata

Foi promovido pelos estudantes da Universidade Nacional de La Plata, e realizou-se na noite de 18 de Setembro de 1908 no Teatro Argentino. O doutor Zeballos compareceu, acompanhado dos officiaes da marinha e do exercito Barraza, Aguirre, Daireaux, Ballvé, Jalour, Pajé, Oliden, Merofio, Costa Palma, Espindola e muitos outros. No theatro havia cerca de 5.000 assistentes, que applaudiram os oradores delirantemente. O elemento feminino era representado por varias senhoras das melhores familias platinas.

#### DISCURSO DO ESTUDANTE CAMINOS

Do discurso pronunciado pelo estudante da Universidade de La Plata destacamos estes trechos:

"Cuando la palabra del ciudadano que honra con su presencia nuestro acto descubrió cosas que el buen sentido del pueblo adivinaba, señalando al vecino que hoy multiplica sus instituciones de guerra, como un peligro para nuestra paz y seguridad, dando las pruebas de su amistad engañosa y simulada, una corriente de indignación cruzó por el alma de todos los argentinos, que á un tiempo nos convirtiéramos en legisladores, para votar esa les garantía de nuestra paz o nuestro progreso, cuya sanción retarda el Senado nacional. Mientras el pueblo argentino vive tranquilo, olvidando la fuerza de su espada y busca su poderio y su grandeza en las conquistas positivas de trabajo, mostrando así á las repúblicas de América la verdadera senda de la gloria, ese pueblo vecino — rival suyo en la historia — provoca su atención con rumores de "Dreadnoughts" y ruido de muchas armas, y al mismo tiempo, cual si fuerza la denuncia imprudente de un plan oculto, se aumentan y se exageran las manifestaciones de cariño á nuestros viajeros que lo visitan, y se hacen manifestaciones de amistad inoportunas, tendientes á producir efectos determinados en nuestro gobierno, cuando, trata una ley destinada á restablecer el rango militar de nuestro país entre las naciones suramericanas. Pero, felizmente, la consecuente historia nos descubre los propósitos de aquél pueblo y enseña á nuestro país la actitud que debe asumir en presencia de tales hechos... El Brasil es un peligro para todas las naciones hispano-americanas que lo rodean y á todos debe preocupar la actitud que nuestro país asuma en presencia de su desmesurada prepotencia militar. Los estudiantes argentinos, que creemos que el Brasil es un peligro, y un peligro inminente para todos los pueblos del Plata, creemos que nuestro país debe fijar su potencia militar y naval con relación á la potencia del Brasil; creemos que el país debe armarse ya que el Brasil no guarda el equilibrio por su desarme y creemos y deseamos que la proporción en que se haga sea la ya establecida por el Poder Ejecutivo y por la cámara de diputados de nuestro país."

#### DISCURSO DO ESTUDANTE FRUGONI

Outro estudante, representante do Centro Patriótico Estudantil, o Sr. Juan José Frugoni, entre outras cousas, disse:

"La mujer argentina, dijo, mujer sol, derrama los fulgores de sus ojos sobre la bandera delicada, bandera con alma, en la que cada hilo es una fibra y cada faja un sentimiento... Bandera de los tímpanos y bandera de los trópicos... Allí, en las tarde de Ituzaingó, temblorosa á las auras cálidas, parecia recoger en sus amorosos pliegues maternales el postrer respiro de los últimos granaderos... Bandera que en las cumbres andinas, vió desmelenarse más de un picacho nevado; y en las noches de borrasca, contemplara un rayo de sol ultraponiente quebrarse en las sienas de las cúspides, para después, reflejado, alumbrar con tenue claridad de auroa el ho-

gar de los cóndores dormidos. A mi se me figura, terminó diciendo el orador, contemplar á estos jóvenes, empuñando los sables de los últimos granaderos, mellados en cien combates, que tienen algo de reliquias besadas por la victoria..."

Ao terminar o joven Frugoni, que foi applaudido calorosamente, e depois de ter-se ouvido a marcha militar Ituzaingó, o Coronel Eduardo Oliveras Ercola discursou sobre a lei de armamentos, "demonstrando el constante peligro á que nos exponemos con los avances, en politica y en otros terrenos, de nuestros vecinos del habla portuguesa", como diz *La Prensa*.

#### DISCURSO DO DR. ZEBALLOS

O Dr. Zeballos pronunciou um discurso, cujo resumo fez *La Prensa* nestes terminos:

"Recordo que el doctor Irigoyen declaró en la junta de notables de 1906, que después de haber tratado durante treinta y cinco años con diplomáticos brasileños, jamás habia encontrado en ellos una amistad franca y sincera á nuestro país, por lo cual aconsejaba adoptar la más seria precaución respecto del Brasil.

Dijo que los estudiantes de la Universidad de La Plata habian redimido alguns de los grandes pecados que pesaban sobre ella, poniéndose de pie para intervenir en el debate de los intereses nacionales.

Dijo que no se proponia hacer agitaciones populares, sino convencer razonadamente al país, de que debía ponerse á cubierto de sorpresas irreparables y que creia prestar un servicio más grande al Brasil, advirtiéndole que era engañado y que se le hacia servir de instrumento á una politica agresiva y desleal, que puede ser mil veces más desastrosa para sus destinos que para la suerte de la viril República Argentina.

Hizo la historia en seguida de cómo empezó la paz armada en esta región de Sur América, por la ley de armamentos del Brasil obligando á la República Argentina á preocuparse de sus consecuencias, con dos años de retardo. Los datos que reveló á este respecto causaron profunda sensacion en el auditorio indignado.

Explicó todo lo que habia hecho el gobierno argentino para atraer al Brasil á una politica honrada, sin haberlo conseguido. Recordó los consejos de los doctores Irigoyen, Bermejo y suyos en la Junta e Notables, y dijo que á estos especialistas en cuestiones internacionales, que habian dedicado buena parte de su vida á estudiarlas, contestaban con vaguezadas gentes sin preparación, frivola y sin prudencia, pretendiendo, como en un caso de enfermedad grave, que se desestimara el consejo de los médicos más reputados para seguir el de los aficionados.

Explicó en seguida lo que habia pasado con la República Oriental. Recordó que al saludo del pabellón uruguayo por dos naves de guerra argentinas (Abril de 1907) contestó el gobierno de Montevideo adjudicándose la mitad del Rio e la Plata, Martin Garcia, la boca y los más importantes canales del estuario, sin siquiera advertir a la República Argentina, ni invitarla á discusión alguna; que después de ese verdadero ultraje á la soberania y al honor nacionales, habia diarios argentinos que defendian esas pretensiones uruguayas á título de confraternidad internacional. Garantizó que habia leído las pruebas de que esta politica agresiva del Uruguay, débil contra nuestro país fuerte, era la obra de la cancilleria brasileña.

Demonstró en seguida, que si habiamos perdido el Chaco, al Norte del Pilcomayo, fué por exigencias armadas del Brasil que quería traer sus limites con la Republica Argentina hasta dicho rio para estrecharla y debilitarla; y dijo que iba á publicar las pruebas de estos planes siniestros, que habian esterilizado todos nuestros sacrificios en la guerra del Paraguay, cuyas pruebas ostentaban una firma insospechable para el Brasil: la del General Bartolomé Mitre. Agregó que iba á publicar tambien las pruebas suscritas por los ilustres plenipotenciarios Luis L. Dominguez y Félix Frias, de que cuando el Brasil hacia fracasar al General Mitre en las negociaciones de 1872 y 73, estimulaba y agitaba á Chile contra la República Argentina y surgia así la cuestión de la Patagonia."

#### Meeting de Corrientes

Realizou-se no dia 19 de Setembro de 1908, na Plaza Cabral, e a comissão organizadora, que actuava em nome da juventude corrientina, nesse dia fez distribuir o seguinte boletim, que *La Prensa* estampou nas suas columnas:

#### MANIFESTO

"La juventud de esta capital, inspirada en los altos sentimientos del patriotismo, solicita el concurso de los elementos representativos y populares, para celebrar un meeting de adhesión al proyecto de armamentos, que tiende á asegurar la defensa de la República, en prevision de acontecimientos judiciales para los intereses permanentes y los derechos soberanos da la nación. El país reclama con urgencia los elemen-

tos indispensables para la seguridad de sus riquezas cuantiosas, para su hegemonía económica en el Río de la Plata, para su desenvolvimiento como nación y para su paz y la de todos los hombres del mundo que labran el porvenir y habitan su territorio. Al hacer este llamamiento al patriotismo del pueblo de Corrientes, invocamos sus nobles tradiciones políticas, sus sacrificios por la libertad de la República, la gloria de los grandes servidores de la nación y la necesidad de que los ciudadanos sean de verdad, genuinos garantes de la grandeza de la Patria."

#### Meeting de Rosario

Realizou-se no dia 26 de Setembro de 1908, no Teatro de la Opera, com a presença do Dr. Zaballos. A comissão organizadora, que se compunha de mais de 100 pessoas, dirigio um manifesto ao povo, convidando-o a associar-se a manifestação em favor da lei de armamento:

#### MANIFESTO

"No nos impulsa un propósito de imperialismo, ni de exaltación bélica al congregarnos para solicitar la sanción del proyecto de armamentos, sostenemos, por el contrario, una fórmula de previsión que tutele al país y que sea garantía de paz, preservándonos de posibles amenazas, que puedan llenar de luto ó de baldón á la República. El rango prominente que ocupa la República en el continente, la tradición de sus glorias, de su prestigio siempre inmaculado en su siglo de existencia, sus riquezas y la gran expansión de su progreso en todos los órdenes de la actividad, obliga á que todos los argentinos nos unamos en una sola aspiración, reclamando que por sobre todas las leyes, por su suprema importancia, se dicte la ley de armamentos, como condición necesaria de nuestra seguridad y para el mantenimiento de la paz suramericana. El meeting será honrada con la presencia de nuestro ex-canciller, doctor Estanislao S. Zaballos, un hijo ilustre del Rosario, que con los prestigios de sus servicios y de su elocuencia, prestará su valioso concurso en esta jornada patriótica.

#### MINISTRO MONTES DE OCA

Não faltou á festa o apoio de um ex-ministro das Relações Exteriores, o Sr. Montes de Oca, que num telegramma endereçado á comissão, entre outras cousas dizia:

"...Comparto con entusiasmo la digna actitud de la asamblea reunida en el Circulo de Armas y nos propósitos de que la República se ponga en condiciones de defender su honra é integridad... Los países celosos de sus derechos y de su porvenir, requieren disponer de los medios indispensables para mantener el orden internacional, que no es la paz á todo trance, deprimente y humillante, sino la "paz con honor", del insigne estadista británico... Tender á este resultado importa afirmar los beneficios de la política diplomática, amplia y generosa, tradicionalmente seguida por la República, que satisfecha con su hijuela colonial, solo ambiciona labrar su suelo y explotar sus riquezas bajo lo égida protectora de su propio poder..."

O Dr. Zaballos trouxe uma grande comitiva, que, além da sua Senhora e filho, se compunha dos Drs. Mariano Villanueva, Giménez Saavedra, José Maria Ayerra, de uma delegação do Centro Naval de seis officiaes e de sete representantes do Centro Universitario de La Plata. Por motivos de força maior, deixaram de acompanhar o Dr. Zaballos os Coronéis José Rodriguez e Patricio Ecurra, figuras muito conhecidas do exercito argentino. Diz uma nota do *Resurgimento Civico* que "toda la prensa del Rosario unanimemente se pronunció por los armamentos y en honor del meeting...", publicando notaveis artigos. O Circulo de Armas associou-se ás manifestações. O teatro esteve repleto; "mucho antes de la hora designada, diz *El Municipio*, folha local, una muchedumbre compacta llenaba todas las localidades de la amplia sala, dándole mayor brillo y realce la presencia de numerosas y conocidas familias de nuestra sociedad que, lujosamente ataviadas, ocupaban los palcos altos y bajos."

#### DISCURSO DO DR. PRESENTI

Depois do Dr. Avalos, presidente do meeting, fallou o Dr. Victor Presenti, cujo discurso é o que se segue:

"Señoras: Señores:

Las reiteradas insistencias de los miembros de la comisión organizadora de este meeting, me ha decidido á dirigiros la palabra en su nombre, en este momento solemne en que palpita en el alma argentina del uno al otro confín del territorio, el sentimiento grande de la dignidad nacional, que ha

despertado los sacrosantos impulsos del patriotismo é inflamado el corazón de las muchedumbres.

Vamos á oír, señores, y es el atractivo principal de este acto, á un hombre público que ha sabido electrizar con su palabra vibrante á tantas magnas asambleas, y que ha cruzado por el escenario político argentino en horas azarosas y difíciles, pudiendo salir de las batallas que allí suelen dar á las pasiones humanas, vencido ó vencedor! eso no importa! pero siempre sereno, sin desfallecimientos ni claudicaciones y siempre creyendo en el honor como norte para su vida y en el derecho de su pueblo al respeto y á la consideración de todos los pueblos de la tierra.

Cuento con vuestra benevolencia para oír a, un simple soldado de la gran fila del pueblo como yo, antes que al maestro esclarecido de quien como modesto y renocido discípulo de las aulas universitarias, quiero ser, al hablar primero, lo que dijera el poeta: la sombra que hace resaltar la estrella.

Nos congrega, señores, el anhelo patriótico de prestigiar la sanción del proyecto del P. E. N. sobre armamentos, con la expresión de nuestros votos que encarnan, proteste quien proteste; el pensamiento de esta gran ciudad, á la cual puede aplicársele la bella alegoría de lord Chatam, comparándola en la marcha progresiva del país, aquella intrépida cabeza de columna que siempre avanza, amparando iniciativas, custodiando derechos y ascendiendo segura por el sendero del trabajo.

Escucharemos todos los verdaderos términos del problema internacional que hoy agita á la república, y por la cual á la voz da alerta de los hombres como vos, doctor Zaballos, los ciudadanos sin cegueras, ni prejuicios, ni ofuscaciones, estamos de pie, pidiendo de los poderes públicos la adopción de aquellas medidas de previsión necesarias para cuando fuere preciso congregarse á la sombra del patrio pabellón, al repique acelerado de arrebato y al redoble de generala de los tambores!

Qué busca el Brasil en el Río de la Plata? Esta Pregunta hace mas de cuarenta años se la hacia el doctor Juan Bautista Alberdi, nuestro adusto pensador proféticamente antibrasileño, y cuya gloria no ha sido menoscabada por la injusticia para con él, de sus contemporáneos.

Y la contestaba Alberti, denunciando al país que los móviles de nuestros vecinos eran adquirir lo que les falta desde el dia en que los portugueses tomaron possession de la parte del nuevo mundo, que les habian abandonado los primeros conquistadores españoles. Continuos en la zona torrida, brasilenos ocupan un suelo hermoso y feraz sin duda, pero inhabitable en su mayor parte por la raza blanca; y cuyas regiones interiores son casi inaccesibles. Esa necesidad de expandirse hacia cima más templados, la ha tenido el Brasil desde la época colonial, por lo que la actual cuestión no es mas que la prolongación de un pleito que la actual cuestión no es mas que la prolongación de un pleito que ya cuenta siglos, y el cual, antes que existiesen las repúblicas del Plata, lo ventilaban periódicamente a canonazos, las coronas de Portugal y de Castilla.

La tenuencia del Brasil pues, decia, á extender sus límites ó por lo menos á establecer su influencia sobre los países del Plata y sus afluentes "es una propensión histórica y tradicional que obedece á la necesidad de salir de la zona torrida y tomar la dirección del sur en busca de territorios más templados.

Aunque sea considerable la extensión territorial del Brasil, es poca, en realidad, para sus habitantes, por insalubre é inhabitable en gran parte para las razas europeas. El territorio africano es tambien mucho más extenso que el Brasil, y éste por su situación entre el Tropico y el Ecuador ha podido ser llamado "el Africa del nuevo mundo", y es peor que ella, segun algunos geógrafos, porque no tiene territorios como el Delta y el Cao de Buena Esperanza por ejemplo.

Las únicas provincias que el Brasil tiene de la zona tórrida — Rio Grande y San Pablo — fueron pertenencia del Virreinato del Río de la Plata y las perdió por la lenta y secular usurpación portuguesa, impulsada por la tendencia aun hoy notada de los brasilenos de ir avanzando de sus territorios mortíferos ó tervantes, hacia el sur, más habitable por la emigración que necesita de la Europa y que á sus "provincias sepulturales" no puede llevar ni á precio de oro.

Las aspiraciones al avance de sus límites, no es de hoy, si no muy antigua comprobadas en diez tratados entre España y Portugal, y declarada por publicistas é historiadores de verdadera nota.

Tiene, además, el Brasil señores, otra razón para procurar una preponderancia injustificable sobre nosotros, y es que poseemos la llave de tres grandes rios, El Parana, el Uruguay y el Paraguay, que siendo brasilenos al nacer dejan de serlo cuando aumentan sus caudales de agua y cuando son más navegables; y en el nacimiento de estos tres grandes rios, están sus mejores provincias las únicas capaces de acobardar al hombre de la Europa. Ese es un gran pecado original de la Argentina para el Brasil, señalado por sus propios hombres de estado.

No fue extraño, se ha asegurado, á la triste guerra del Paraguay, el hecho de que siendo el río de ese nombre el único camino de comunicación entre la capital brasileña y Matto Grosso, el emperador don Pedro II, tuviera que salvar la bandera de esa República, y obtener su venia, por así decirlo, para pasar á ejercer autoridad soberana en los confines del propio imperio.

Obedeciendo á esas múltiples causas, el Brasil nos disputó á la Banda Oriental con las armas vencidas em Ituzaiingo, y cuando por el tratado de 1828, se consagrara la independencia de la entonces provincia cisplatina, no pudiendo dominarla como dueño, aspiró á gobernarla por medio de gobiernos orientales adictos á su política. El dominio del suelo lo reemplazó con la influencia en los gabinetes uruguayos lo que, como se ha dicho, es una suplenencia del dominio.

La guerra de 1864 declarada por el Brasil á la República Oriental del Uruguay no tuvo más objeto, en realidad, que derribar el gobierno blanco del doctor Aguirre para suplantarlo por el gobierno colorado y afecto al Brasil del general Flores. Y para esos y por eso la escuadra brasileña bombardeó durante un mes, la hermosa y heroica ciudad de Paysandú defendida por una puñado de bravos orientales que con su jefe Leandro Gómez murieron denodadamente para nacer á la gloria, inmortalizándose en los fastos heroismo humano.

Faltó entonces desgraciadamente un gobierno argentino que hiciera respetar el tratado de 1828 y que impidiera el inhumano espectáculo de que una plaza no fortificada, por primera vez se bombardeara en esta parte de América por el mismo país que había protestado cuando la escuadra española de Méndez Núñez empezara el bombardeo de los puertos chilenos.

Buscó el Brasil, con la guerra incisa de 1864, á la Banda Oriental, la ascensión al gobierno de ese país, de un partido político con quien ya en el poder, había de aliarse para afrontar otra guerra — con nosotros también, duele decirlo señores! — con una república hermana nuestra por la tradición y por la sangre común; busco poseer ó siquiera tener entonces por influencia decretada por los gobiernos uruguayos, una llave de la puerta ó entrada de los tres grandes ríos brasileños en su origen ya nombrados.

La Banda Oriental, señores, fué adjudicada al Brasil en ciertos mapas, y el Río de la Plata fué llamado, en instrucciones diplomáticas del tiempo de don Pedro II, "el limite natural del imperio..." Y fué necesidad tan vivamente sentida, de aproximárenos sobre el Plata, que un señor Michelena Roja, en su libro oficial sobre la exploración del Amazonas da la noticia de una proposición que el Brasil hiciera á Francia hace muchos años, de cederle para el ensanche de la Guayna francesa, todo el territorio contiguo hasta la margem izquierda del Amazonas, en cambio de su cooperación para la adquisición de la Banda Oriental del Uruguay.

Esa tendencia transformada hoy en día en la política maquiavélica del canciller de Itamaraty, promotora de conflictos con nuestros vecinos los orientales, convierte al Brasil en rival histórico y natural de nuestro pueblo.

El doctor Zeballos os expondrá, señores, las opiniones de Sarmiento, de Quintana, de Tejedor, de Irigoyen y las suyas propias, y no podreis menos de reconocer que estamos frente á una futura y grave cuestión internacional que ya se cierne en nuestro horizonte como una nube, y que hay afrontar y resolver sin exaltación ni precipitaciones, pero sin debilidades ni vacilaciones! Lo han dicho y dicen estadistas que han mirado y miran los hechos según el pensamiento del filósofo de la historia, antes que el común de los hombres á la manera de los moines que son iluminados por los rayos del sol naciente primero que los valles...

Y si sabemos por nuestros grandes publicistas las causas que atraen al Brasil al Plata, también sabemos el medio de alejarlos.

Ese medio está en la actitud energética que debe asumir el país, que asumiera Sarmiento, según nos hebéis luminosamente explicado vos, doctor Zeballos, y que asumiera el primer presidente constitucional de Bolivia.

A la segregación del Alto Perú, señores, debido al general Bolívar, y después de la Victoria de Ayacucho "que puso el cump'lase final" á la emancipación americana, constituidas en nación, las provincias argentinas que hoy forman Bolivia el Brasil creyó oportuno el momento para anexarse la provincia de Chiquitos, pero el general Sucre, el presidente á que me he referido, llevando la mano al puno de su espada, vencedora en Ayacucho, pidió inmediatamente explicaciones peyoratorias que don Pedro I, emperador del Brasil, se las dió, retirando toda pretensión y arrojando la responsabilidad de la cancellería sobre el inocente gobernador de Matto Grosso.

Y para asumir nosotros esa actitud de Sucre e Sarmiento entendemos necesario — y es este anhelo el que queremos llevar á los poderes nacionales — que la República se arme porque el derecho sin la fuerza hoy día es casi un peligro para un país: es, como diría el doctor Alberdi, un diamante precioso em manos de un hombre pobre, motivo de sospechas y de persecución.

Y no hay, en realidad, motivo de alarma por el elemento conservador y productor; por el contrario, es el medio de alejar la guerra y asegurar la paz que sólo es una diosa según la expresión feliz de algunos, cuando lleva la espada al cinto.

Hace más de un siglo, Washington decía, y la cita ya es añeja, que el medio más seguro para obtener la paz, es hallarse preparado para la guerra; es la misma máxima de Vattel: si vis pacem para bellum.

Y bien. Formamos, es cierto, señores, un pueblo laborioso, cuyo gran porvenir está en las luchas fecundas del trabajo; pero por lo mismo tenemos bendita del árbol de la paz; pero por lo mismo tenemos de asegurarla de acuerdo con aquellos inolvidables consejos de estadistas, y procuremos que el país posea una gran marina y un mejor ejército que advierta á todas las naciones que no somos presa de fácil conquista, ni estamos en condiciones de conceder nada para evitar desastres.

Señores:

A los que indican á la diplomacia como garantía segura de la paz, á los creen que ella resolverá pacíficamente todas las posibles cuestiones con el Brasil, yo les repetiré la conceptuosa frase del almirante Nelson, del vencedor de Trafalgar: "mi escuadra es el mejor diplomático de Europa".

La diplomacia es inútil sino está apoyada por una armada y un ejército, porque el diplomático es el colaborador "no el amo de soldado".

Los acorazados y las ametralladoras son los mejores argumentos, desgraciadamente en las controversias internacionales! Y que extraño es eso, si en el país clásico del derecho, la nación, cuna de Heinecio, Puffendorf, de Savigny, y de tantos grandes jurisconsultos, cuando la anexión á la Prusia del Hannover, del Hesse, de Nasseau y de Francfort, se pregonó á la faz de la Europa que ella se hacia en virtud del derecho del triunfo en la batalla de Sandowa, preparada por Bismack, antes que quijotesicamente en nombre del gobierno argentino un ministro de relaciones exteriores en una nota á la cancellería brasileña, proclamara que la victoria no daba derecho!

Yo no se, señores, si es preferible una paz vergonzosa á una guerra sangrienta; pero me inclino a lo segundo cada vez que recuerdo que hace trece años la paz de Europa se mantuvo en presencia de las crueldades y atrocidades inauditas de la Turquía que recién hoy inicia su evolución moderna: a un gesto del sultán fueron degollados en un día ciento cincuenta armenios sin que las armas de la Europa vengaran esa afrenta á la civilización y á la humanidad!

Desde los días del sangriento semidiós de la guerra Napoleón Bonaparte, ninguna lucha ha costado tanta sangre inocente como el sostenimiento de aquella paz por las potencias, en nombre del llamado Equilibrio Europeo...

El gran presidente yanqui, Teodoro Roosevelt, ha dicho que una nación que no sabe prepararse á defender sus derechos con las armas en la mano cuando es necesario, no puede mantener su categoría en el mundo ni desempeñar una misión útil; y que todas las grandes naciones han sabido hecerlo. Si Roma en la historia se elevó más alto que Catargo, fué por la cualidad dominadora que constituyó la guerra de los romanos.

Pedimos por esto, señores, la sanción del proyecto de armamentos del P. E. N. que se halla hoy todavía á la consideración del senado: la pedimos no en interés de la guerra sino en favor de la paz, porque no se comprometerá al país en una contienda internacional por capricho, aunque no la rehuirá jamás á costa de la honra nacional como no la rehuyó con el Brasil en una hora crítica el ilustre Rivadavia, que si desde otro mundo pudiera contemplarnos fieles á su tradición y enamorado de sus mismos amores, tendria orgullo de su pueblo; la tea funeraria de su tumba bendita es la antorcha que guía á la república por el camino de la dignidad en el concierto de las naciones.

Pedimos le robustecimiento de nuestro ejército y de nuestra marina, sin dilaciones ni mal entendidas economías, como la mejor garantía de la paz, convencidos de que si llega el caso debe estar preparada la República á arriesgarlo todo en el supremo argumento de la guerra y al verter á torrentes la sangre de los hijos, y las lágrimas de la madres, antes de consentir que se mancille el honor del pobellón.

Y pues que he insinuado á la mujer, y ya que ella engloba esta reunion, séame permitido dirigirle el gran saludo del más florido orador argentino, saludándola como "fiat eterno del heroismo y del genio, inspiradora en todos los momentos de la historia así del poeta que consiguió labrar el peregrino verso victorioso, como del gladiador que cayó muerto rubricando la arena con su sangre"; á ella, la mujer argentina, que en los momentos angustiosos porque pueda cruzar el país, no necesita, para fortalecerse, evocar "el recuerdo iluminador de la madre de los Gracos", ni el de las majeres espartanas, ni el de la mujer de Roma — cuando iban á depositar sus joyas en el senado romano para crear recursos contra Anibal que se hallaba á sus puertas — les basta á las mu-

jeros de mi patria mirar atrás en nuestra historia el ejemplo "de aquellas mendocinas que cedieron sus joyas para el equipo de la expedición libertadora de San Martín" y les basta sentir dentro del pecho toda la verdad emocionante y dolorosa de los versos del sentido poeta nuestro:

Quando el lamento de la patria suena  
Hasta el lamento de la madre calla...

Señores: No seamos pesimistas porque voces aisladas se hayan levantado contra este nobilísimo movimiento patriótico: cuando fuera preciso, llegado el solemne instante de un llamamiento á los cuarteltes, todos estaremos como amigos, como hermanos, bajo los anchos pliegues de nuestra bandera, y sentiremos juntos la commoción eléctrica de todo argentino que oye la canción marcial de López, ese himno destinado á hacer latir la sangre en nuestras venas y que en los tiempos de nuestra independencia lo cantaram ejércitos y reuniones enteras con entusiasmos febriles en los ojos y con heroísmo en el corazón para desafiar la muerte por la patria.

Quiero hacer un voto final, señores, para que no se tache de belicoso el sentimiento predominante en esta reunión un voto — el de Lowell — por la paz que tristemente abatida lleva el honor perdido y las humillantes concesiones hechas, sino por la paz que altiva se presenta ante un pueblo viril con los ojos brillantes todavía por los chispazos del triunfo...

Sobre o discurso do Dr. Zeballos, escreveu *La Capital*, de Rosario, na edição de 26 de Setembro:

"Saludado por los aplausos unánimes del público, púsose de pie el doctor Zeballos.

Durante una hora y media el orador desarrolló con citas históricas, con razones de índole social, con una lógica contundente, in fin, tema de la defensa nacional; demostrando que la paz Argentina descansaba sobre un poder militar y naval.

Sentimos no poder reproducir en su integridad la patriótica improvisación del doctor Zeballos que viene á poner de manifiesto una vez más y de una manera, casi diríamos matemática, la tesis sostenida en las columnas de este diario.

Solo trataremos de dar á conocer algunos puntos de capital importancia del discurso, aunque despojados de la amplitud y forma con que los presentó el orador.

De tres puntos de vista diversos, dijo, pueden encararse los grandes problemas internacionales; del punto de vista del filósofo, del agitador popular y del hombre de estado.

No es de las dos primeras maneras que nosotros los consideraremos hoy.

Es en carácter de hombre de estado que estoy aquí entre vosotros y que tengo el honor inmerecido de recibir vuestros aplausos, que me han hondamente emocionado, pues durante mi larga campaña patriótica solamente tengo el hábito de recibir injurias!...

Alejado de esta ciudad por los azares de la vida, vuelvo á ella después de cuarenta y dos años.

Acabais de escuchar el discurso del doctor Pesenti, del cual puedo sintetizar los altos méritos en una frase; el triunfo del discípulo es la gloria del maestro.

Como él os ha dicho, estamos en presencia de una cuestión, de un pleito que empezó cuatro siglos en Europa.

Descendientes de aquéllos que aquí dominaron, hemos tenido que recibirla en herencia.

Fue en tiempo en que ocupaba en trono pontificio Alejandro VI que se trozó en el nuevo mundo la llamada línea alejandrina.

Por ella ocupaba España las cuatro quintas partes de este continente y sólo una Portugal.

Desde aquella lejana fecha, la raza portuguesa no pensó más que en avanzar, en arrancar girones de territorio á sus vecinos.

Por el océano Atlántico y el estuario del Plata llegó hasta frente á Buenos Aires, por tierra invadían Corrientes y Misiones.

En el año 1773 los estadistas demostraron que en corto tiempo á España habianle arrebatado 52.000 vacas, 80.000 caballos y numerosa hacienda mular de las Misiones y de Corrientes.

Cien fragatas, repletas de soldados, de armas, de vitualas, cayeron como un rayo vengador y acabaron con las invasiones portuguesas.

Pero éstas repitieronse en 1810 en que brasileños y españoles pusieron de acuerdo. Diego de Souza ocupó entonces Montevideo.

Y apareció á la sazón un nuevo factor de una sensibilidad exquisita, el factor inglés.

Al nuevo emperador del Brasil dirigió un ministro inglés una frase memorable: "Sois un rey fugitivo, no habeis conso-

lido vuestro poder y es una insania enajenaros la amistad de las naciones del Plata.

Y la diplomacia brasileña, en 1812, selló la paz de Rademaker.

Es en el año 1830 que fué fundada, diremos así, aquella diplomacia astuta cuya obra os presentaré en pocos cuadros, sin comentarios.

El vizconde de Santo Amaro salió por aquel tiempo en misión especial para Europa á fin de pedir á Inglaterra, Austria-Hungria, y Francia, que intervinieran en el Río de la Plata, convirtiéndolo á la Argentina en monarquía, contando para para esto con el apoyo de la escuadra y del ejército brasileño.

En cuanto á la República Oriental, se debía hacer de ella un estado neutral, un Luxemburgo, tratando de que jamás cayera bajo la influencia argentina.

Mientras esto acaecía, á raíz del triunfo de Ituzaingó, en nuestros pais se cantaban himnos al Brasil, ignorando sus calculadas maniobras.

Estas no podían ser estériles. En 1838 se produjo la intervención francesa.

Pero el almirante Makau, que habia venido á estas playas al mando de la escuadra, vió que lo habian engañado y aconsejó la paz y la concordia fraternal.

Debo hablaros aquí de Rosas, quien acribillado por los movimientos populares, amenazado por el Brasil, el Paraguay y el Uruguay, no vaciló en defender la integridad de la patria.

En el año de 1843, mandó en misión especial á Río de Janeiro al general Guido, figura purísima y brillante de diplomático, de hombre de estado y de guerrero, obscurecido como lo están muchos patriotas en la historia argentina, escrita por quienes ensalzaron á sus amigos y hundieron á sus adversarios.

Nada de contemplaciones, ni de debilidades, esta fué la orden de Rosas, y Guido las cumplió manteniendo en alto el pabellón de la patria.

Al argentino, no al tirano felicitó entonces el general San Martín desde el ostracismo!!

Pero la dictadura de Rosas debía sucumbir y en 1851 formóse la alianza entre el Brasil y el Uruguay con el general Urquiza que contaba con las provincias de Corrientes y Entre Ríos.

El barón de Río Branco, hace pocos dias, se declaraba orgulloso de descender de aquel Río Branco que contribuyó á devolver á la argentina sus libertades conculcadas.

Pues bien, este es el anverso de la medalla, ahora veremos en reverso.

Mientras el Brasil se unia á Urquiza que con 30.000 hombres derrocó al tirano, firmaba un tratado secreto con el Uruguay y el Paraguay para atenuar la influencia Argentina después del triunfo de Caseros.

Esto ocurría al dia siguiente de la victoria, porque comprendia que Urquiza era un hombre temible, que no sufriria humillaciones ni protecciones ocultas.

Por otro lado, preparaba el Brasil el tratado de límites con el Uruguay quitándole la laguna Merin y el río Yaguarón, y haciéndole declarar que nunca tuvo sobre estas aguas, derecho alguna.

He aquí, pues, el reverso de la medalla. Es el caso de repetir, antes las palabras de Río Branco, el axioma jurídico: Excusatio non petita, est accusatio manifesta.

Fiel á su programa, ante la Republica Argentina, débil con solo 1.200.000 habitantes, intenta el Brasil hacer reconocer á Urquiza que nuestro dominio sobre Martín García era dudoso.

Se ve, con toda claridad, la idea tenaz de los brasileños de avanzar, de conquistar.

Años más tarde vemos reunidos al Brasil y á la Argentina en la guerra de la triple alianza contra el Paraguay.

En el año 1865, en el comedor de la casa particular del general Mitre, se acordó que la Argentina extenderia sus dominios en el Chaco, hasta Bahía Negra, esto es, hasta los límites bolivianos.

En el año 70 y 71, el padre del Barón de Río Branco y el doctor Tejedor firmaron un tratado confirmando el anterior.

Pero luego el Barón de Cotejipe sale para el Paraguay y lo deshace todo, promete apoyar á este último pais, para negar á la Argentina el dominio del Chaco.

Fue entonces que el general Mitre, el jefe del ejército confederado, el amigo de los brasileños, candidato á la presidencia de la república, salia para Río de Janeiro en un vapor inglés, con bandera argentina.

Un dia permaneció Mitre en la bahía, antes de bajar á tierra, manteniendo al tope el pabellón azul y blanco, sin que nadie viniera á recibirlo.

Qué le quedaba por hacer? Desembarcó y en la primera conferencia afirmó que venia á visitar al Brasil como amigo. Dijéronle que venia en malas condiciones.

Ante la arrogancia brasileña, Mitre buscó un medio conciliatorio, pero el doctor Tejedor, en su memorable nota del año 1872 contestando á Cotejipe, le recordaba que los argentinos eran la misma raza y los mismos hombres de los vendedores de Ituzaingó.

La actitud enérgica de Tejedor y Sarmiento produjo un efecto inesperado y el Brasil depuso sus injustificadas pretensiones.

Hay más, se hizo entonces constar que el Brasil no cumplía con el tratado de 1865 y que no había desaprobado la conducta de Cotejipe.

No debía sin embargo, solucionarse tan fácilmente el complicado pleito.

Trasladado el general Mitre á la Asunción, estalla la revolución contra el ministro Benigno Ferreira y, cosa inaudita, se acusa al primeiro de favorecer y ayudar á los revoltosos.

Ferreira, ciudadano integérrimo, hombre ilustrado, amigo sincero de la Argentina, vence para luego caer, derrotado por las armas brasileñas facilitadas al partido colorado.

Hecho sugerente que con una pequeña diferencia se repite á 30 años de distancia.

Alentado por el Brasil, declaró en aquel entonces el Paraguay que no reconocía los derechos que confería á la Argentina la victoria y se negó á ceder el Chaco hasta Bahía Negra.

Con qué apoyaba el Paraguay esta falta de cumplimiento á la pactado? No era seguramente con el puñado de hombres que le quedaban, sino con los ejércitos del Brasil prontos á entrar en acción.

La Argentina cedió y pidió 30.000 leguas de territorio chaqueño.

No contentos con hostigarnos por el lado del norte, los brasileños apoyaban á Chile á que nos disputara la Patagonia.

Y ahora nos arrojan el Uruguay, con el cual nos une una amistad tradicional!

La cuestión del Río de la Plata es sostenida por el Barón del Río Branco, solo que, por nuestra fortuna, los documentos han llegado á tiempo y conocemos sus planes, de los cuales nos es dado defendernos.

Yo lamento que, como ex-ministro de relaciones, no pueda hacer plena luz dando á conocer un solo documento de los que han llegado á mis manos.

El Brasil, contra sus costumbres, se ha precipitado en el asunto actual.

Porque, á pesar de todo, no tiene armas, ni escuadra, ni tiene dinero.

Podemos, pues, resolver si somos previsores, el problema que se nos plantea y que afecta nuestra dignidad y nuestro patriotismo.

El canal de Martín García, que se nos quiere arrebatar, es lo que pudiéramos llamar la garganta de la República Argentina?

Qué sería sin el de los pueblos del litoral cuando tenemos en esa garganta el vehiculo para las comunicaciones con el resto del mundo?

Ahora bien, á este fin responden los armamentos del Brasil.

Es sabido que el Barón de Río Branco ha declarado á unos, que las adquisiciones navales son para defender las costas, á otros que para repeler los ataques de Italia y Alemania (que el Brasil veja en las fazendas en las personas de sus hijos) y por último que las compras servirán para defender á Sur América contra las agresiones europeas!!

Pero en realidad el ideal es uno solo: que la navegación brasileña salga de Río de Janeiro y llegue hasta Matto Grosso, pasando siempre por aguas y costas brasileñas.

Y esto no será mientras que exista la República Argentina!

Conocedores de lo que se venia preparando hemos, sin embargo, cometido el error de perder tres años y ahora el senado amenaza con hacernos perder otro por medio del obstruccionismo.

Y al ocuparme del senado no lo he de hacer con propósitos de censura, porque mi carácter de hombre de estado me lo impide; pero si he de criticar con el derecho que cabe á todo ciudadano, ese sistema de obstruccionismo sin precedentes en naciones serias, donde el rol de esa alta cámara, llamada la cámara ponderadora, por la calidad de los hombres que la forman, no se aviene con procedimientos torcidos.

Quatro son las maneras de considerar un proyecto, el rechazo, la aprobación, la modificación ó el aplazamiento.

El obstruccionismo no es un sistema, es la violencia, la revolución, casi. Es la violación del derecho y el régimen parlamentario.

Se explicaria la obstrucción en la cámara de diputados, la llamada cámara joven, donde por la misma circunstancia el debate se hace más apasionado, más violento si se quiere; pero no en el senado, en la cámara ponderadora, donde al igual que en Inglaterra ó Estados Unidos debe estar compuesta por elementos pensantes, hombres de preparación indiscutible en la ciencia del gobierno.

Pero es que hay algo más; la actitud del senado se está haciendo violenta para el honor y delicadeza de la armada y del ejército.

Los senadores que no tienen experiencia técnica han querido inspeccionar los buques, desde los más grandes hasta el mecanismo más complicado, que es el torpedo.

Esto responde solo al deseo de distraer al pueblo, de hacer creer que estudian, cuando no pueden hacerlo, porque nada saben.

El hecho es grave y puede dar lugar á juicios severos en otros países, en Europa, principalmente donde los informes técnicos se reciben de reparticiones cuyos juicios se aceptan.

Ante sucesos de esta naturaleza el país de commueve, hace oír su voz de protesta, clama en nombre de los intereses sagrados de la patria.

Hace largo tiempo que me he formado una opinión exacta del caracter rosarino.

Algunos afirman que es el Rosario una ciudad cartaginesa, donde sólo se piensa en vender y en comprar, en comerciar en verha, en kerosene, en trigos, en pensar en los intereses bancarios.

Pero otros piensan que es éste un pueblo heroico, celoso de su dignidad y esta asamblea prueba que si hay aquí comerciantes, lo son al estilo inglés.

Bajo el mercantilismo existen sentimientos grandes y delicados y no en balde registra el Rosario tres de los hechos más trascendentales de la historia Argentina: el primer edificio colonial en la boca del Carcaraña; la batalla de Sn Lorenzo que marcó el triunfo de San Martín asegurando la libertad de medio continente y las harrancas del Rosario, donde la visión de Belgrano, arrancara el blanco y azul del firmamento de nuestra enseña gloriosa".

As ultimas palavras do Dr. Zeballos foram um hymno á mulher argentina que dá, diz o jornal, nos momentos difficeis, a nota do civismo e do sacrificio. A menina Crespi, alumna do segundo anno da Escola Normal, faz uma saudação ao Dr. Zeballos, na qual, dirigindo-se aos chefes do exercito e da marinha, disse: "nombradme desde y hija adoptiva de vuestros regimientos, para ir en pos del ejército y vendaros vuestras heridas" Outro orador, que se mostrou tambien patriota exaltado, foi o Sr. Sanctis. Após o "meeting" houve um banquete na Rotisserie Cifré, e novos discursos inflamados pronunciaram Avalos e Zeballos.

#### Meeting de Cordoba

Foi organizado por uma numerosa comissão de estudantes e realizou-se no dia 28 de Setembro de 1908, no Theatro Argentino, com enorme concurrencia. Depois do discurso do Dr. Gregorio Martinez, que saudou o Dr. Zeballos em nome da cidade, pronunciou este uma conferencia, em que, diz *La Justicia*, cada conceito do orador era recebido com applausos vehementes, que, ás vezes, iam até ao delirio.

#### DISCURSO DO DR. ZEBALLOS

Diz *La Justicia*:

"Estudió á grandes rasgos nuestras relaciones con el Brasil en los tiempos de la colonia, demonstrando como desde un principio el Brasil ha procurado extender-se en busca del suelo fecundo de nuestro país, obedeciendo, se puede, á una ley natural. Signió después estudiándola con más detenimiento en el periodo de nuestra organización hasta llegar á estos tiempos en que le ha tocado actuar.

La exposición del doctor Zeballos no ha podido ser, más interesante, manteniendose á la misma altura en las dos horas y media que duró. La cuestión internacional fué abordada con verdadera altura, sin patriotismo ni exageraciones, documentándola tanto como era posible en una conferencia, dadas las circunstancias, y llegando hasta á hacer ciertas revelaciones que produjeron verdadera sensación.

Fueron pasajes culminantes el anuncio de la próxima publicación de algunos documentos; de un desafio que le hará al Barón de Río Branco sobre la existencia de un documento que obra en una nación del Pacifico y que compromete "la tradicional lealtad" del Brasil para con nuestro país, así como hermosas alusiones que hizo á muchos de nuestros hombres públicos y las critica al estado de nuestra política interna y externa y á nuestras instituciones.

Terminó su disertación haciendo resaltar la imperiosa necesidad de armarnos, como una forma de prevenir las aristas maquinaciones del Brasil.

El entusiasmo que produjo fué indescriptible y más tarde, cuando el doctor Zeballos salió á la calle, se organizó, no obstante las incomodidades de la lluvia y lo avanzado de la hora, una brillante manifestación. Se quitaron los caballos del carruaje y aquella delirante muchedumbre, en medio de vivas y aplausos lo arrastró hasta el Club Social, donde se sirvió una copa de champagne".

Não deixaremos de registrar aqui que, enquanto a espôsa do Dr. Zeballos era acompanhada por um grupo de senhoras, o conferencista tinha por companheiros de jornada dous representantes do Ministerio da Guerra, os Coroneis Patricio Azcurra e José Rodriguez e dos delegados do Ministerio da Marinha, Srs. Capitães de navio Dufourg e Diógenes Aguirre,

Capitães de Fragata Arturo Curto, José Salva e Secundo Storni, e os Alferes de navio Mayer e Jolly. Os jornaes locais narram que houve delirante entusiasmo. *La Voz del Interior*, descrevendo a manifestação, diz que, terminada a conferencia, e quando o Dr. Zeballos dirigio ao hotel, "los jovenes desprendieron el caballo del estribo, siendo este arrastado a pulso en medio de creciente entusiasmo, engendrado por los sentimientos patrióticos que embargaban á los manifestantes".

### O BANQUETE NO CLUB SOCIAL

Nesse mesmo dia, á noite, realizou-se um banquete no Club Social, em honra do Dr. Zeballos. O discurso de saudação ficou á cargo do Dr. José Fuentes que, com applausos geraes, pregou a guerra santa contra o Brasil e os brasileiros. Disse varias cousas que precisavam ser aqui registradas, mas como amostra dos sentimentos amistosos do Sr. Fuentes, destacaremos apenas alguns conceitos. Fuentes declarou que se devia aceitar como verdadeira a maxima do philosopho tedesco: "O direito sem a força é uma chimera". Citou o aviso de Alberdi: "una política de prevision nos dice que la Republica debe cuidar con ojo vigilante las maquinaciones de la diplomacia que ha tendido y tenderá siempre por razones de vida á la expansión territorial". Disse que, estudando as obras daquelle pensador, se deteve "sorpresa ante esta afirmación que Dios no lo quiera tenga proyección immediatas: *Ha conocido un atlas publicado no ha mucho en Londres, en el que el territorio brasileño anarece integrado con los territorios de la Banda Oriental, Entre Ríos, Corrientes, y el Paraguay*". Lembrou tambem que, com muita razão, o publicista Estrada dizia que a política argentina só tinha um proposito: "robustecer el dique que el Brasil conmueve, vigorizarnos para balancearle, armonizar lo que él anarquiza, reconstruir lo que él disuelve, asegurar, por fin, las ventajas de la libertad común. Por fim, depois de exigir que se chamasse a lei dos armamentos lei Zeballos, lei de patriotismo, gritou: "Nuestra diplomacia contemplativa, de transigencia constante, esterilizó los beneficios de la victoria: los esfuerzos nacionales hallarían justa recompensa en los campos de batalla, pero una vez sobre el terreno regado con sangre de héroes y de martires, la victoria no dió derechos ó se suprimieron las proyecciones de Ituzaingó".

Nessa noite houve outro discurso, o do estudante Ataliva Herrera, que bateu na mesma tecla da necessidade da defesa militar da Argentina, tendo sido a jornada de Cordoba fecunda em manifestações de toda ordem em favor da propaganda zeballista.

### LOS ARMAMENTOS

O diario *La Voz Interior*, de 29 de Setembro, publicou um editorial intitulado *Los Armamentos*, em que se encontram conceitos como estes:

"Se dice que la actitud de la Argentina al acaparar elementos bélicos, importa un desafio de guerra hacia el Brasil. Y en este hay una primera equivocación. Está en el dominio del mundo entero que Brasil se arma y el buen sentido sienta un dilema: ó la Argentina equilibra sus fuerzas con el paiz vecino ó cede su prepotencia. Los armamentos no son en si mismo la guerra; por el contrario, son la mejor seguridad de la paz. Los países de toda la tierra han aceptado como solución suprema, la paz armada, único recurso de asegurar su integridad. Se nos dirá que es un delirio peligroso y lo reconocemos, pero delirio y todo, la paz armada es la defensa de las naciones, la seguridad de sus tranquilidades, la única valia opuesta á la observación de la política ambiciosa de esta doctrina de imperialismo que prevalece en Europa y que acaba de contagiar al Brasil. No alienta en el espíritu argentino el odio á muerte que se pretende surgido de este incidente actual, porque el pueblo argentino no odia al Brasil, auncuando pudiera tener fundamentos para ello. Qué debe hacer la Argentina al encontrarse en presencia de un vecino que se arma? Cruzarse de brazos? Responder á su política de desafio con una política humillante de cesiones y cobardías? O aceptar como un hecho, en que ella no tuvo culpa, la situación a que se le arrastra, aceptando el principio de una doctrina universal: la paz armada, que es la más amplia garantía contra la guerra? Esto es lo que debe preguntarse el alma argentina en los momentos actuales, sin lanzarse á divagar por las deducciones fantásticas de una guerra inminente, que está muy distante del horizonte internacional. Brasil no es el pueblo odiado, en cuyas heredades hemos de entrar á sangre y fuego, ni cuyos hombres hemos de degollar al toque de corneta entre el fragor de la metralla y el choque del arma blanca. Brasil es solamente un vecino que se arma, soñando con la preponderancia suramericana, un vecino que necesariamente ha de empezar su obra de imperialismo, por donde la situación suramericana se le exige, por nuestro país, primera victima expiatoria de sus ambiciones, si estas prosperaran al amparo de la independencia argentina, que no han de prosperar"

### CONFERENCIA DO DR. ZEBALLOS

Por muito longa, transcreveremos no proximo numero a importante conferencia, que o Dr. Zeballos realizou em Cordoba, na noite de 28 de Setembro de 1908.

#### Meeting em Tucuman

Aos 4 de Outubro de 1908 chegavam Zeballos e a sua comitiva a Tucuman. Ao acreditar-se no jornal *El Orden*, teve elle uma imponente recepção, em que não faltaram vivas, flores e senhoras. As manifestações de "indescriptible entusiasmo" se associaram o Dr. José Frias Silva, "futuro gobernador de la provincia", Dr. Julio López Mañan, deputado nacional, don Pedro Alurralde, vice-gobernador da provincia, senador Juan Manuel Terán, senador Tiburcio Padilla, senador Ramón Posse, senador Miguel Alunalde, deputados Juan Terán, Lopez Lobo, José Gonzáles e outros, dr. Eudoro Avellaneda, Dr. Zénon Santillán, presidente do Banco de la Provincia, Dr. Sixto Terán, reitor do Collegio Nacional e varios professores desse estabelecimento, e outras muitas personalidades. *Tucuman entero. Tucuman representado por todas sus clases sociales, que riende homenaje á la patria, á los armamentos, al ilustre canceller, diz El Orden*. Foram varios os discursos. Rodríguez del Busto, numa arenga cheia de lugares communs, disse que em Tucuman se achava "el manantial fecundo en donde brotara la saiya que alimentara un dia una gloria inmortal". O joven Arturo Guasch tambem discursou em nome do Circulo de Estudiantes, é inutil dizer, as suas palavras foram inflamadas de fé patriotica e de eloquencia marcial.

### DISCURSO DO DR. ZEBALLOS

Por fim, fallou Zeballos, "con voz amplia, viril, fuerte".

Resumido o seu discurso, escreve *El Orden*: "Dice que no es caudillo, y que detesta á los caudillos, y el pueblo aplaude estrepitosamente. Después defiende su política, habla de la la classe conservadora, declara que no viene á infundir alarmas, sino por el contrario á llevar la confianza á todos los espíritus. Pero para ello es necesario, agrega el doctor Zeballos, que la republica se arme, precisamente para conservar su tranquilidad y su desarrollo. Hay yn pueblo que nós mira con ceño husaño, dice, y de ese pueblo debemos cuidarlos. El pueblo aplaude delirantemente..." Até aqui as manifestações de rua. Horas depois, no Theatro Belgrano, realizava Zeballos a sua conferencia, falando durante hora e meia, e sempre aplaudido delirantemente, depois do discurso de saudação de D. Pedro Alurralde, vice-governador da provincia. O jornal *El Orden* resumiu como se segue o discurso de Zeballos:

"Con palabra fácil, con elegancia oratoria, con ademanes correctos, con una voz clara y vibrante, el doctor Zeballos empezó su arenga saludando á Tucuman, á Tucuman que tambien despertaba al llamado de patriotismo como en sus dias legendarios. El doctor Zeballos habló por espacio de hora y media alcanzando un triunfo soberbio en todos sus pasages. Fué coronado al fin con una ovación delirante.

El orador estudió circunstanciadamente la política del Brasil respecto á la Argentina, desde el virreinato hasta la fecha, sosteniendo y probando con la sucesión de los hechos la deslealdad calificada de dicho país en cada uno de sus actos internacionales.

La cuestión de la jurisdicción de las aguas del Rio de la Plata, que analizó y estudió acabadamente, para probar nuestro derecho al estuario ha sido, dijo, promovida por el Brasil; y documentó afirmación en forma sensacional, anunciando, á la vez, que dicho país incitó á producir todos los conflictos internacionales, que hemos tenido que afrontar en un siglo de vida libre. Sobre este punto anunció, para dentro de una semana, la publicación de documentos que causarán estupor, agregando que emplazará al Barón de Rio Branco, ante el tribunal de la opinión de América, á responder de sus ultimos declaraciones, mediante la publicidad de documentos cuyas fotografías tiene en su poder y que destruyen sus argucias calculadas.

Seguió en este terreno, para convencer acabadamente al auditorio, como lo consiguió en absoluto de la arteria politica exterior del Brasil.

Tocó la cuestión de la guerra del Paraguay, y sus revelaciones fueron acogidas con profunda estupor. Hizo, finalmente, una brillante y sentida referencia al ex-presidente doctor Ferreira y á sus ministros representantes — digo — de una situación gobernante caída al empuje de un motin cuartelero, ayudado por la política de la lealtad y la franqueza.

Habia del esfuerzo argentino patente y loable en nuestras conquistas civilizadoras, y en nuestra facil y cómoda vida de pueblo libre y feliz. Tiene frases magistrales recordando á Sarmiento. Dijo que si esta gran hombre hubiera tenido, durante 40 años, un diario que todas las mañanas los saludare con el ditirambo elogioso y superlativo, Sarmiento seria hoy la primeira figura de América. Aqui el público de tributó una larguísima ovación. Habla del general Mitre y de su confian-

za hacia los brasileños. Prueba las deslealtades de aquel pueblo para con el jefe militar de la triple alianza. Sarmiento lo llama un día en horas difiles, y el general Mitre acepta el sacrificio de ir al Brasil á solicitar el cumplimiento de los tratados solemnes de 1870. El general, que cree firmemente en la lealtad brasileña, se dirige á la corte de Rio de Janeiro confiado en el éxito de su misión. Para él eran más que antecedentes suficientes su amistad con los hombres del Brasil, amistad estrechada en los campos de batalla durante el cruento sacrificio de la guerra del Paraguay. Su disilusión es completa.

Llega en el barco y la bandera argentina está el tope. Pasa veinticuatro horas y no llega un solo miembro del gobierno á saludarlo. Así retribuían los brasileños al general Mitre su amistad de toda una vida. Fué el primer desengaño del patriota. Más tarde habia de comprobar como entiende la cancillería de Rio la concordia y la franqueza.

Qué pasaba? Algo muy sensillo. La Argentina tenia en frente el problema pavoroso de sus desgarramientos civiles. Ni plata, ni ejército, ni armada. El Brasil, en cambio, habia contratado en una casa de Europa toda una escuadra formidable para aquellas épocas, uno de cuyos barcos, el "Solimoes, era suficiente para batir á la minúscula marina nuestra. Pero teníamos, en cambio, al frente de los destinos nacionales, á un gran carácter, á un gran espíritu encarada la situación, como los momentos dificiles le demandaba, Sarmiento y su ministro Tejedor toman á su cargo la tarea de salvar ileso el honor de la República. Sin perder tiempo en discusiones estériles encargo también á Europa una gran escuadra. Paga primas para que se trabaje de noche en los astilleros. Viennen los remingtons. Llegan cañones. Y entonces en ocho dias el doctor Bernardo de Irigoyen, ilustre canciller argentino, arregla las pretensiones brasileñas, y lo que no se pudo hacer con la amistad del general Mitre se realiza por el esfuerzo de los armamentos. Al Brasil le hace malograr sus planes, la energía y el patriotismo de Sarmiento.

Hoy se repite lo mismo que entonces. Un hijo del canciller de la época que analiza el doctor Zeballos, recoge la herencia y se apresura á realizar lo que Sarmiento impediria á su padre. Ahí está la política de Rio Branco. Si no hacemos lo mismo que en 1871, la paz será perturbada por un pretexto cualquiera cuando el Brasil tenga en sus aguas los nuevos acorazados. Pero si procedemos con energía, con patriotismo, si el pueblo impone al congreso el pronto despacho de los armamentos, ó si la cancillería argentina plantea la solución del conflicto en las horas actuales, veremos exactamente reproducir el mismo caso de 1871.

Analiza después la acción de la República Oriental desde la época de Artigas. Combate a este prócer diciendo que en 1816 no fué el director Posadas quien echó sobre las huestes de Artigas la invasion portuguesa, sino Artigas mismo quien comprometió su causa. Combatió el arbitraje que acababa de sancionar el senado de la República. Dijo que era un tratado sin precedentes en el mundo de la diplomacia. Que por un inciso la República sometia al arbitraje hasta su misma soberanía... Esta frase arranca una larga ovación.

Saludó al ejército, á la marina: dice que en ellos reside el porvenir de la patria, porque para que mantegan en alto el honor argentino es preciso darles armas para que la defiendan. Aseguró, que los armamentos los votarán las cámaras. Que en el senado ha bastado la lectura de un solo documento para que la opinión adversa se trusque en favorable. Por

última dice que está dispuesto á ir á donde cincuenta ciudadanos argentinos lo llamen para saber como y en qué forma ha definido la patria.

Al dejar la tribuna los aplausos se suceden durante diez largos minutos. En la multitud hay el más profundo convencimiento de que el hombre que acaba de hablar es un patriota.

*Tucuman, como Buenos Aires, La Plata, Cordoba, Corrientes e Santa Fé. vibró con a presença de Zeballos.*

"Tucuman, escreve a gazeta citada, e vuelve por sus fueros. El acto de ayer, es un acto vibrante de patriotismo. Nada lo empaña, todo lo revela. En el corillo intimo y en el corrillo público, el éxito de la manifestación al doctor Zeballos no se discute. Al contrario se proclama con entusiasmo, se consagra con delirantes elogios. Hombres viejos de Tucuman nos dicen que después de la manifestación al doctor Alem, en 1891, no conoce este pueblo un acto análogo. Excusamos el comentario. Y recuerdese que todo esto es obra de cuatro dias, la obra de El Orden, la obra del buen sentido público, la obra del pueblo que valoriza en su real sentido las gestiones del doctor Zeballos al ocuparse de nuestras relaciones internacionales. Tucuman despierta á la vida civica. Aquí está el pueblo de 1893, y de 1905. Es la misma juventud briosa que acude al llamado de la patria en peligro como acudia al llamado del civismo en las horas dolorosas de nuestras tristes incidencias politicas. Es una esperanza que se abre allí sobre el horizonte, como promesa auspiciosa de los dias que vienen. El pueblo: Animación, alegría, luz, mucho sol. Todo convidaba al plazas, en el teatro. Un dia de fiesta, un dia de hermosísima fiesta. Animación, alegría, luz, mucho sol, Todo convidaba al homenaje, á la reverencia, al aplauso sincero. El doctor Zeballos ha paseado entre Tucuman como un vencedor, como un heraldo de las demandas imperiosas de la patria. Es su intérprete legitimo. No lo animam vanidades ni odios, ni agravios. No caben en su gran corazón de gran ciudadano argentino. Viene aqui como ha ido á La Plata, al Rosario y á Córdoba con el propósito firmísimo de cumplir con su deber de patriota, sin mirar hacia las inclemencias del pasado, sin una amargura en sus labios, sin un repreche en sus palabras. Defiende la paz, los intereses conservadores. Anhela para la República Argentina un porvenir sin nubarrones, sin expectativas, sin incertidumbres. Dentro de este postulado desarrolla su política explicando al pueblo los peligros que lo acechan y las amenazas que se ciernen sobre su horizonte futuro"

Ao divulgar á nossa imprevidencia a interessante documentação que ahí fica na sua lingua original, afim de que se não nos accuse de infidelidade, e desentranhada de uma publicação muito pouco conhecida e hoje rarissima, não temos outro intuito senão offerecer aos nossos patricios mais uma oportunidade de melhor conhecer os impulsos da alma argentina e avaliar de que é capaz o homem que, inimigo tradicional e constante do Brasil, pretende agora vexar-nos com a sua presença no nosso paiz, como se do animo do povo brasileiro tivessem desaparecido esse espirito de civismo esse sentimento de amor proprio que sempre o acompanharam em toda a sua historia.





## INTEGRAÇÃO NACIONAL

DE  
JORGE LATOUR

No complexo quadro das nossas necessidades ainda não classificadas num todo bem claro e definido, caberia uma em grifho berrante, para atrahir a atenção dos nossos homens publicos, afim de o obrigar-os á meditação e ao retrospecto. Refiro-me á ausencia de planos preliminares, oriundos de estudos apurados, onde ficassem constatados programas de construção e firmados os compromissos de uma acção continua. Necessidades prementes ha, que soffremos, sóphismadas ou afastadas transitoriamente pelo nosso talento profetatorio e ao mesmo tempo, num cambalear de myopes, caminhamos, tropeçando em detalhes comensinhos, quando em largos vãos poderíamos avançar. Numa época, em que tanto se cuida da integridade do paiz, quando já se opulenta a litteratura com os nomes de maiores responsabilidades da actualidade, assumindo todas as fórmulas convenientes de divulgação, inclusive a associativa, partindo das altas esferas e infiltrando-se no espirito e coração das camadas populares, demasiado não é sublinhar o que todos pensam mas ninguem formula em termos categoricos. Não são poucas as phrases por ahí saltitantes nos labios pihéricos do zé-povinho, e que, apesar da sonoriade de estribilho ainda não foram, siquer, comprehendidos. Assim, todos dizem ser o Brasil "essencialmente agricola", todos clamam que deve haver "parcimonía nos gastos" e a generalidade sobre estar nos "meios de transporte" a grande questão a resolver. Agora, o que sejam essas ementas-agricultura, finanças e viação a quasi totalidade ignora, poucos sendo aquelles que dellas cogitem seriamente, poucos os que agem e nenhum a resolveu em definitivo entre nós. Ha, portanto, uma série desses acacianismos, formadores de um quasi paradoxo, pelo qual já não ha quem se afoite a clamar pelos nossos problemas, receioso do ridiculo, quando, cada vez mais e mais prementes se tornam na nossa evolução zigzagueante.

Não seria, pois, de admirar, se aqui "descobrissemos a polvora" lembrando o quanto é prejudicial ao nosso desenvolvimento o desprezo de planos basicos, paulatina mas inflexivelmente observados, levados a cabo numa conducta rectilinea.

O porvir de um paiz é a conclusão logica de premissas preexistentes. Tudo o que se insurgir contra esse desdobramento necessario é esporadico ou accidental. Temos territorio extenso e riqueza natural, o elemento homem, clima e vitalidade propria. Não me deterei na analyse desses factores primordiales para soccorrer a minha afirmativa, aliás contradicta a observadores da autoridade de Ingenieros, por exemplo, o qual, um tanto afastado desse conceito reconhece a vastidão e opulencia do nosso sólo negando-lhe, contudo, raça e clima. É discutivel. Por emquanto mantenho o que lá digo acima, argumentando com os factores tempo e trabalho, fontes de compensação; refiro-me ao actual, incluindo nelle as possibilidades do futuro.

Se todos os nossos dirigentes soubessem logica e a não menosprezassem, teríamos um conhecimento integral do que representamos no dominio dos valores internacionaes no convívio universal. Seriam apuradas rigorosamente as nossas deficiencias num inventario impecavel, em face da marcha progressiva mundial e dos idéaes a attingir e estudado estaria o schema geral e basico da nossa evolução. O mais seriam adaptações ás phases transi-

torias, de accôrdo com os módulos occorrentes, sem desvios da directriz unica. Isso nada mais é do que a logica desataviada e chá. O que comprehendem essas idéas senão a observação (para saber o que somos e possuímos), a comparação (relativamente ao alheio e ao que devemos ser, consoante o nosso ideal) e a systematização (classificando emfim as nossas necessidades immediatas e medias) para o amplo traçado do nosso programma. Ora, observar, comparar, e systematizar é agir com methodo e raciocinio, dentro da analyse e da synthese, para classificar e orientar; o methodo e o raciocinio são capitulos da logica e esta é a palavra unica a escrever-se num memorandum nacional onde todos os dias fossem os nossos proceres recordar aquillo que agora pequeno numero percebe e o resto do paiz ignora. Verdade é, que palavras dessa tempera não podem ser escriptas pelos desautorizados. Mistér se torna virem acompanhadas de assignatura aureolada que as subscreva, afim de calar no espirito da maioria supersticiosa, só impressionavel ante o fulgor dos luminares, eleitos pelo renome para graphar os "Mané, Thécel, Pharés". Em que pese ao dito, reaffirmo os argumentos. Com a logica applicada teríamos todos os beneficios de um conhecimento completo: De nossas necessidades *physicas*, i.é: As referentes aos territorio, á raça e ao clima; das *moraes*, a saber: as que se cingem na vontade de união perenne, para a consecução de uma communhão indissolvel de interesses e idéaes, para a obtenção do todo integro da nacionalidade; *culturaes*, abrangendo a consciencia da nossa lingua, dos nossos costumes e leis, litteratura e historia; *políticas* — mostrando-nos o quanto nos achamos divorciados dos verdadeiros principios. Tomando a esmo qualquer dellas, lancemos como exemplo o territorio, realçando-lhe as numerosas suggestões. A sua vastidão exige intuitivamente a instrucção polytechnica apurada para fornecer ao trabalho brasileiro o subsidio fertil da engenharia. Destaca-se no quadro das necessidades effectivas, de acatamento paulatino, o estudo accurado dessa sciencia no seu rico complexo de conhecimentos, para a execução definitiva dos nossos problemas viatorios, comprehendidos os multiplos aspectos da viação ferrea e trabalhos de hydraulica e o muito que suscita a réde potamographica do paiz, incluindo canalizações, açudagens, etc. O relevo do sólo accidentadissimo salienta a difficuldade dessa execução em severas exigencias de ordem material, concretizadas nos tunnels, pontes, reclusas, que sei, offerecendo simultaneamente a farta seára das applicações da electricidade na fonte inesgotavel de potentissimas cachoeiras. A grandeza do territorio desmedido, abrangendo extensas coordenadas, numa situação geographica nada simples (Raum e Lage de Ratzel), a sua orographia caprichosa, o longo dorso maritimo, banhado no Atlantico, os ventos constantes, traduzem-se na gama variadissima de climas, campo riquissimo para as annotações da climatologia e meteorologia. Todas essas cousas se conjugam, se emtrozam numa interdependencia absoluta e o estudo isolado das mesmas, sobre ser impróficuo é, ademais, contraproducente, divorciando, muita vez, utilidades que se combinam, medidas que se completam. Basta lembrar de passagem os E. Unidos encarando de frente o seu problema hydrographico e aproveitando maravilhosamente o systema de navegação

interior, numa combinação intelligente dos rios com os extensos lagos do territorio, tudo pautado num plano unico. Ao que me conste, os nossos eruditos, seguindo cada qual a sua predilecção de acaso, tratam deste ou daquelle problema em particular e mais parcialmente, ainda, agem os nossos estadistas. O que nos falta, entretanto, é um plano de amplo descortino, enfeixando numa só chave o que temos por fazer, servido por uma linha recta de acção continua, sem desvios nem lacunas. Outro, muito outro é o caminho percorrido. Acatamos parceladamente os problemas em pleno estrabismo; e peor ainda — já não referindo os tropeços da politica nociva e esfalfante — é o absurdo cunho individualista da administração, pelo qual o empossado na governança crê o programma a executar, como se esse não fosse sempre o mesmo, unico e preexistente. Poderá, quando muito, variar a fórmula de executal-o, mas não o roteiro geral a cumprir, o qual não pôde ser desvirtuado, por ser uma realidade e não uma convenção. Assim como um grande plano material, um edificio, uma cidade, são erguidos dentro do rigor geometrico da planta preliminar, assim tambem a nação, até onde vai a collaboração consciente do homem, como dirigente, não pôde furtar-se impunemente a um delineamento antecipado. O Japão que tinha contra si uma tradição de fartos mileneos, enraizada nas mais profundas camadas sociaes pelo eixo de suas longas dynnastias e, portanto, com direitos adquiridos ao misonismo prevenido, estribado num programma amadurecido e executado com perseverança e continuidade inauditas — deu ao mundo o quasi inverosimil exemplo de uma improvisação genial. Assim, não é ir longe no terreno das analogias comparar as nações ás obras architectonicas, pois ellas tambem têm alicerces e cupola, os caprichos da linha na variedade multiplica dos aspectos e o requinte dos detalhes nos ornatos e fragmentos; emfim, o estylo e os elementos da architectura. A cidade de S. Paulo, não ha muito um simples núcleo de acanhada base material, soergueuse dos planos do architecto Bouvard e, de um modo seguro vai se extendendo, crescendo, ampliando-se, augmentando em todas as dimensões, avultando de um modo asombroso e já attinge proporções colossaes. Dentro della ha uma actividade superlativa, desafogada num todo material confortavel e homogéneo. Tudo segundo um só rythmo, numa só direcção, numa continuidade impecavel para a consecução do escopo condensado num projecto preliminar inalteravel, num alheamento completo dos presidentes, perfeitos e vereadores que se succedem. Porque não observar essa norma na ordem nacional? Porque não é feito um "controle" da actividade geral do paiz, mantendo o Governo o indicador sempre dentro do mesmo itinerario, traçado pelos nossos eruditos e corporações orientadoras? Não se menosprezam gratuitamente os principios geaes e a sã philosophia. A generalização é o descortino, a visão ampla; é nessa direcção, do geral para o particular que devemos agir e não ás apalpadellas, oscillando de um a outro detalhe, na ignorancia profunda do conjunto. Repetimos, portanto, ainda: Estudo completo, plano definitivo e continuidade de acção. E' esta a formula acaciana que o Brasil pronuncia mas não conhece. A integridade nacional começa com a integração da consciencia e da actividade.

# ONORATE L'ALTISSIMO POETA!

A tocante e carinhosa homenagem que alguns amigos de Alberto de Oliveira quizeram lhe prestar, publicando, em edição preciosissima, uma serie de sonetos, sob o titulo suggestivo de "RAMO DE ARVORE", tornou-se uma empolgante apothese ao mestre de verso brasileiro, o artista admiravel que tem sido um intérprete commovido e sincero da nossa terra, nas suas vozes de ternura e esplendor. Em sessão memoravel, a Academia Brasileira promoveu a leitura dos sonetos desse livro, num tributo de veneração e entusiasmo pelo grande poeta, que viu em torno dos seus pares, todos os elementos representativos da nossa mentalidade, numa mesma emoção, exaltando seu nome cheio de fulgor. Os que lhe offertaram o livro encheram-se de alegria, por ver multiplicada na aclamação unisona, todas as intenções que os levaram a esse carinhoso testemunho de affecto, tornada assim uma nova consagração ao altissimo poeta. E' que, como bem disse o Sr. Ronald de Carvalho, ninguém na nossa literatura, "conseguiu representar com mais justeza essas invisiveis affinidades que existem entre as lutas da alma e as do ambiente circumstante." Portanto, nos sentimos todos em seus versos, cuja resonancia derradeira móra na nossa sensibilidade, nesse amor ao meio, nessa ligação imponderavel com todas as coisas que nos cercam, para nos completar. E Alberto de Oliveira nos dá em sua poesia forte esse canto communicativo, de extase ou melancolia. Por isso, seus versos não ficam em nossa admiração, mas são para se amar e todos nós os amamos, com esse amor que temos á terra, feito de entusiasmo e doçura. Se o poeta é sempre um caso pessoal, que refoge a todas as regrás, como disse Alberto de Oliveira, na manifestação da Academia, a sua arte é definitiva, porque é sincera, tem os accents da sua natureza, é sua propria actividade, que se desdobra em symbolos. A nossa admiração ao poeta não é sómente pelo prestigio da fórma vigorosa em que modela o verso, mas pelo rythmo interior que os vivifica, numa emoção surpreendente. Em summa, a poesia de Alberto de Oliveira é hoje de todos nós que vivemos no Brazil e sentimos um instante siquer as vozes do ambiente, não só como paisagem, hem como na infinita multiplicidade de estados da alma que desperta. Lêde este soneto admiravel e sentireis toda uma emoção fremente da tarde que desce, humanizada por um motivo interior e vivo:

## DECLINIO

Tarde outonal que assim desmaia lentamente,  
— Flór de fogo a murchar em morosa agonia:  
Nesse fundo de céu longiquo, do meu dia  
Grande como o teu sol, vejo a camara ardente.

Fumam os círios, tolda o incenso o ar transparente,  
O ouro do catafalco entreluz e irradia.  
Zenith, auge, fulgor de pleno azul, Poesia,  
Gloria, alturas, adeus! Tudo agora é Poente.

Quem, no abysmal descenso á tua occidua tumba  
Entre serras e mar, o clarão que se acaba,  
Tarde, reavivará? Quem te ampara e soccorre?

Ha uns trons de funeral no trovão que retumba,  
Neste ruir de arrebóes ha um sonho que desaba,  
Neste offégo de luz ha um coração que morre.

Um poeta tão alto, que consegue ter forças diante da magia de uma natureza estonteante, sem ficar dominado no seu extase, mas contendo pelo rythmo toda a emoção formidavel de grandeza, com que cria sua obra de arte, attingio áquella ebriez sublime, que o torna superior aos homens e amigo dos deuses.

## RAMO DE ARVORE

Abre o livro, dedicado a Aloysio de Castro, este soneto:

Raio ou vento em velha árvore algum dia  
Fez que do tronco um ramo apenas reste,  
— Verde farrapo de que se reveste  
Quem de amplo manto ha pouco se cobria.

No alto, sem gloria, dos irmãos que havia  
Este a gloria relembra, e a copa agreste  
Que balançava para Leste e Oeste,  
A farfalhar em barbara harmonia.

Um ramo assim de planta assim ferida  
Dou-te, um sómente. Se lhe falta vida,  
E' que o tronco tambem já vae caçado;

Os mais, e acaso flores, não te importe  
Nestes meus dias máos saber que sorte  
De raio ou vento m'os terá levado.

O livro compõe-se de 30 sonetos, escolhidos pelo Poeta, e impressos, numa edição preciosa, pelos amigos de Alberto de Oliveira: — Aloysio de Castro, Carlos Pontes, Elysio de Carvalho, Graça Aranha, Horacio Cartier, Jorge Jobim, Renato Almeida, Rodrigo Octavio, Rodrigo Octavio Filho e Ronald de Carvalho. Foram tirados apenas 150 exemplares, numerados, em papel de linho do Prado, fóra do commercio. O trabalho typographico é obra do *Annuario do Brazil*, que muito honra seu gosto artistico, podendo-se dizer que é das obras-primas de nossas edições de luxo. Illustrou-o Correia Dias, com grande emoção.

## A SESSÃO DA ACADEMIA BRASILEIRA

Para ser lido "RAMO DE ARVORE", reuniu-se a Academia Brasileira, prestando assim a Alberto de Oliveira uma homenagem do maior realce e significação. Saudou o Poeta, o presidente da douta companhia, tendo depois alguns de seus membros feito a leitura dos 30 sonetos. Presente á reunião, o Ministro da Instrucção do Uruguay associou-se á manifestação ao nosso grande poeta, saudando-o num discurso vibrante, que nos commoveu a todos, porque a gloria de Alberto de Oliveira, já transbordou sua individualidade, fulgindo no renome do seu paiz. Depois, falou o Poeta. Sua oração emotiva e sincera foi de agradecimento, em que procurou dizer uma palavra orientadora aos artistas, sobretudo aos poetas do Brazil. E disse-a nova, sincera, actual. Disse que o poeta não é um producto artificial, mas vem do fundo da vida, é uma personalidade propria, inconfundivel e diferente. E entre applausos de uma verdadeira multidão, que se apinhava nos salões da Academia, foi Alberto de Oliveira mais uma vez glorificado — o maior Poeta do Brazil.

# O LIBELLO NATIVISTA CONTRA OS PORTUGUEZES

POR ELYSIO DE CARVALHO

Ha, no seio desse nacionalismo artificial, apaixonado e aggressivo, que tanto nos vexa, um grande prurido de antipathias contra os portuguezes. Dir-se-ia que estamos ainda nos velhos tempos da colonia, quando resurgiam a todo instante, entre filhos da terra e portuguezes adventicios, certas rivalidades que o tempo afinal se incumbiu de desvanecer. Naquelle época era natural semelhante competição, oriunda do espirito do dominio que o reinol não sabia disfarçar e com que os brasileiros se irritavam muito legitimamente. Hoje, porém, tentar, contra tudo o que é razão e bom senso, reacender as antigas prevenções entre um e outro povo, é o que pôde haver de mais injusto e clamoroso. Nem haveria nada mais absurdo do que assentar as bases desse pretenso nacionalismo num odio gratuito contra aquelles mesmos de que descendemos e que foram incontestavelmente os fundadores da nacionalidade.

## Os Portuguezes e a nossa economia civil

Vejamos quaes são as razões em que se presume encontrar apoio para a guerra de morte que se quer declarar aos remanescentes da raça, cujo nobre sangue nos corre nas veias. A mais commum é a velha queixa, que se faz contra o portuguez, de haver este tomado conta de todos os trabalhos que entendem com as necessidades da nossa economia civil — commercio de varejo, pequenas industrias, artes mecanicas, serviços domesticos, etc. Nota-se antes de tudo que é só no Rio de Janeiro, e em algumas outras capitães, que se encontra o portuguez exercendo quasi o monopolio desses mistérios. Em todo o resto do paiz, o portuguez tem, como todos os demais imigrantes europeus, a sua função regular e proficua em nossa economia interna: é lavrador, é industrial, é proprietario, é artesão, é banqueiro, é commerciante. E não consta que produza menos que outra qualquer das raças que nos procuram. Mas então, porque é que só na capital da Republica principalmente tem o portuguez a preeminencia que tanto irrita os que o combatem? E' facil de vêr. E' porque aqui se encontra a nossa "aristocracia" official e burocratica, composta de todos os fructos da burguezia, cheia de orgulho e de todas as superstições da posição, da classe, da familia. Essa burguezia florente procura os titulos academicos, os empregos publicos, o *dolce far niente* da politica. Ninguém quer saber de trabalho, nem de mistér "desnobilizante". E, neste caso, quem é que havia de tomar o encargo das funções humildes senão os colonos que melhor se adaptam ao nosso meio, porque falam a mesma lingua e pertencem á mesma familia? E, *ultima ratio*, porque é que os nossos nacionaes não entram em competição com o portuguez? Este não é amparado de leis especiaes; não exerce influencia nos poderes publicos, porqu não se envolve em politica, nem ao menos tem a vantagem de contar com a protecção de uma diplomacia poderosa; como é então que o portuguez "monopolizou" em nossa vida economica trabalhos ou serviços que ninguém quer exercer e que elle executa porque se sente apto para todos os mistérios e encontra para isso todas as veredas abertas? Reduze-se, pois, a um perfeito ridiculo esse absurdo clamor contra um povo que toma entre nós um logar

desoccupado. Acabemos com essas estulticias. Muito mais prepondera em nossa economia, é até em nossa vida e em nossa politica, outra gente de que os novos nativistas não se querem aperceber. E não se apercebem antes de tudo porque nunca se esquecem de que essa outra gente tem a guardal-a sempre uma poderosa razão que continúa a ser ainda no mundo um grande motivo de condescendencia e até de sympathia: a razão da força.

## O "vicio lusitano"

Objecta-se-nos que não é contra o trabalho do portuguez que se clama, e sim contra o "vicio luso". O "vicio luso" consiste: 1º, na união em que vivem aqui os colonos portuguezes, protegendo-se uns aos outros e continuando a amar a terra de Portugal; 2º, na aversão, que quèrem a força inculcar como sendo o sentimento dominante entre os portuguezes, a tudo que é brasileiro; 3º, no cuidado com que os portuguezes canalizam para Portugal as fortunas que arranjam no Brasil; e 4º, nas mazelas que inquinam o elemento portuguez de uma inferioridade clamorosa como raça.

## Os artigos do libello

Nem seria necessario examinar esses artigos de tão injusto libello: bastaria o seu enunciado para pôr em flagrante toda a sua iniquidade. Querer-se-ia, porvéntu-

ra, que os portuguezes aqui se detestassem uns aos outros, para só amar a nova terra, esquecendo logo a patria, que é não só dos seus avós, mas sua propria? Seria então uma grande virtude de bom sangue essa de esquecer e menosprezar o seu paiz e a sua gente desde que encontre aqui mais fortuna do que lá? Mas então, como é que se não increpa o mesmo "vicio" a outras raças que o ostentam a nossos olhos muito mais que o portuguez? Quem se lembra de accusar o allemão por que ainda hoje tem o culto do kaiser? E do italiano então? Ainda não ha muito tempo, em um concurso para o magisterio, no mais importante dos nossos estabelecimentos officiaes de ensino secundario, um dos candidatos reclamou com ufania a sua qualidade de compatriota de Vergilio... E todo o mundo o ouviu sem grande espanto, e até rendendo ao corajoso filho da Mantua homenagens de admiração pela sua virtude da raça forte. E' assim: o que nuns é excellente, é noutros odioso... O que no portuguez é "vicio", no italiano é "virtude"... O segundo artigo do libello é de uma impiedade estupenda. Dizer que o portuguez tem aversão ao Brasil é o que ha de mais insano e repelente em materia de calumnia. O elemento ethnico que avulta no caldeamento de sangues que se faz no Brasil é ainda o portuguez. Que nos apontem uma familia brasileira, uma só, que não tenha entre os seus antepassados um patriarcha da velha Lysia. Que nos mostrem quantos

## SANTOS DUMONT

Não pode o Brasil deixar de ouvir o appello que lhe fez o estrangeiro illustre, o navegador indomito dos ares — Sacadura Cabral — para que eleve um monumento a Santos Dumont, o pioneiro dessa conquista maravilhosa, da dirigibilidade aerea e o inventor depois do aeroplano. O notavel brasileiro, que em 12 de Julho de 1901, contornou a Torre Eiffel, ante a emoção surpreendente do mundo inteiro, ainda não recebeu a consagração nacional, que perpetuasse o louvor da Patria á gloria radiante do homem que "vingou Icaro". E' certo que o Congresso, concedendo-lhe um premio de cem contos de réis e fazendo cunhar uma medalha commemorativa do feito assignalado, testemunha-lhe o agradecimento do paiz, mas é preciso deixal-o numa perpetua evocação. Já a França o fez, no monumento de Saint-Cloud, maravilhosa affirmação de uma rutila grandeza. No entanto, no Brasil, cujo nome Santos Dumont cercou de fulgor e glorificou para o todo sempre, ainda não erigiu esse symbolo de exaltação ao filho insigne. Como observou, admiravelmente, o nosso Coelho Netto, "o Brasil espera que cada um cumpra o seu dever, mas só estima a acção dos seus benemeritos quando o mundo as apregõa." Para mal de nosso criterio, yae nisso dolorosa verdade. A propria gloria de Santos Dumont, que nos encheu a principio de um enthusiasmo fremente, depois arrefecido no nosso lirismo voluvel, foi o reflexo das acclamações da Europa, ao premio Deutsch, dos louvores estrangeiros. E depois esquecemos...

Foi preciso que dois heroes atravessassem os ares de Lisboa ao Rio, numa epopéa de fulgente belleza, para nos lembrarmos de Santos Dumont, de que fôra elle o pioneiro dessa realidade surpreendente, que resolvera o probléma da navegação aerea e alçara o avião. Foi preciso que os portuguezes, que acclamavamos numa effusão vibrante, nos falassem em Santos Dumont para juntarmos a apotheose a evocação de seu nome. Foi preciso que Sacadura Cabral lançasse a suggestão do monumento ao patricio glorioso, para que a idéa nos viesse.

Como quer que seja o essencial, agora, é attender ao appello do grande az português, num movimento sincero e entuslastico, que se apresente com um caracter verdadeiramente nacional, para promover esse gesto de glorificação ao proprio Brasil, sob cujo renome vem se projectar afinal todos os feitos de seus filhos. Santos Dumont já se tornou um symbolo — o pioneiro da aviação. Ao homem, talvez já se tenha dado um premio, senão compensador, ao menos sincero e agradecido. O que iremos, agora, assignalar é a sua gloria, a gloria brasileira, de ter dado ao mundo a conquista aerea. Em torno dessa idéa, congreguemo-nos todos, numa manifestação do Brasil inteiro, deesse Brasil novo, que se exalta numa caminhada ardente em busca de maior luz. Fazamos uma realidade a homenagem a Santos Dumont, marcando esse feito glorioso de nossa vida, que o notavel patricio symbolisa. E porque o Governo não auxilia essa iniciativa, de sorte que a sete de Setembro proximo se lançasse a pedra fundamental desse monumento, que vai perpetuar uma das glorias mais lidimas de nosso primeiro seculo de independencia? Aqui fica o nosso appello, que estendemos a todas as classes do paiz, na confiança serena de que não se perderá.

portuguezes, entre os que se fizeram ricos aqui e que preferiram ir formar familia em Portugal. Será possível que revele aversão pela terra que o hospeda o homem que forma aqui o seu convívio moral? que funda sociedades e clubs? que mantém casas de educação, recolhimentos, hospitaes, beneficencias? Que nos venham dizer e provar que outros fazem ao menos outro tanto. O terceiro item da accusação é curioso como requinte de illogismo. Affirmam os nossos disparatados lusophobos que os portuguezes ganham aqui e remetem para Portugal os seus lucros. Antes de mais nada, a falsidade da increpação resalta de um simples relance sobre a maior das culpas que se costuma lançar á face da colonia. Todos os nativistas se queixam de que os portuguezes, além de haverem açambarcado o commercio de varejo, ainda monopolisaram as construcções urbanas. E é certo. Raro será nesta cidade o inquilino que não tenha senhorio portuguez. Quasi a totalidade das casas que se edificam no Districto Federal pertencem a portuguezes. Todo portuguez que prospera aqui cuid logo de fazer-se proprietario. Mas então: como é que dando assim applicação aos seus rendimentos, ainda o portuguez tem o que remetter para a Europa? E com que proveitos faz elle essa remessa quando é certo que pôde applicar aqui mesmo os seus capitães e com grandes vantagens? Admittamos, no entanto, para argumentar, que é verdadeira a arguição de que o portuguez ganha aqui mas remette os proveitos para lá... E as outras colonias que é que fazem? E as grandes empresas que operam no paiz empregam aqui os seus lucros? Seria interessante uma estatística deste genero: só assim vriamos quaes são os estrangeiros que mais pesam na nossa balança economica. Basta ver o seguinte: enquanto o dinheiro portuguez, proveniente de Portugal, aqui empregado em empresas industriaes, commerciaes, bancarias e outras, representa uma cifra insignificante, que pôde ser estimada em menos de 100.000.000\$, moeda brasileira, os capitães inglezes empregados no Brasil, principalmente, em titulos da dívida pública, attingem a cerca de 250.000.000 esterlinos, os francezes se elevam a perto de 3.500.000 francos e os americanos a mais de 300.000.000 de dollars, ou sejam, tudo somnado, ao cambio actual, approximadamente, 12.840.000.000\$, quantia esta que, a juro médio de 7%, nos custa annualmente cerca de 90.000.000\$000. E', assim, pois, como Portugal apparece sugando o nosso sangue, não precisando tambem muito esforço de intelligencia para verificar-se que a riqueza dos portuguezes residentes no nosso paiz faz parte integrante da actividade nacional, que não sofre nenhum desfalque com as pequenas remessas periodicas de dinheiro para além-mar que regista a nossa estatística. Bem haja o esforço lusitano no Brasil, e que a honrada colonia continue a onerar a nossa economia como faz presentemente.

#### A inferioridade de raça

Em ultimo logar vem a pedra fundamental, a da inferioridade da raça. Ora, isto de raças superiores e raças inferiores, ha muito que já passou, e não seremos nós que iremos rebater o archaico absurdo. Agora, se se quer pensar e concluir com razão clara e gravidade, que se nos fala de raça mais ou menos efficiente. Aliás, mesmo sob este aspecto, para julgar com justiça uma raça é preciso pôr em equação os varios factores que entram na obra de todos os grupos humanos, taes como as circumstancias historicas, o *habitat*, etc... Mas, pondo de lado tudo isso que nos levaria muito longe, nada nos parece mais facil do que demonstrar que o portuguez não tem sido

no mundo menos efficiente do que todas as outras gentes, nem mesmo que as mais proclamadas como fortes e constructoras. Foi o portuguez que nos seculos XV e XVI chamou para a historia e para o dominio humano mais de duas terças partes do globo. Qual é na Europa a nacionalidade que evelou mais coragem no desvendamento de mares desconhecidos? Qual foi o homem que assombrou o mundo com a gigantesca epopéa maritima, e perlustrou a terra como uma formidável cavallaria do universo? Vindo do oceano, o portuguez investiu as florestas da America. Dentre os colonisadores, qual foi o que levou com mais heroismo e com mais consciencia da sua função, a obra de civilizar o pobre indigena americano? O inglez, no norte, espoliou, sacrificou, destruiu, levou a ferro e fogo o incola espantado e perdido, e o hespanhol foi de uma impiedade e fereza repellentes, e deixou em todas as terras por onde entrou, como lendas sinistras do seu imperio, os Caonabos, as Anacoanas, os Monturumos e Guatimosins, os Atahualpas, os Lautaros e infinidade de outros martyres. O portuguez, entretanto, penetrou aqui conservando o seu equilibrio moral, e em parte alguma ficaram lembranças sacrilegas que o façam corar. Significa isso que a raça lusitana nada perde em cotejo com os outros que conquistaram a America. Será, por acaso, a obra do portuguez no Novo Mundo menos grandiosa que a dos outros? — Que respondam os proprios arguidores, e nos digam se o Brasil é o paiz mais atrazado do continente.

#### O que deve o Brasil aos Portuguezes

Aos portuguezes devemos, digamos sem emphemismos, a grandeza da terra, unida e identificada pelo sangue e pelo espirito da patria, e a opulencia da nacionalidade. Tendo conquistado esta porção oriental da America e só á custa do seu esforço, coragem e tenacidade, perseverança e trabalho constante, elles nos legaram, após tres seculos de sacrificios, um Brasil grande, forte, integro e prospero. Quaesquer que fossem os seus erros e as suas faltas, que foram muitas, é absurdo negar que, com o sangue generoso e heroico, elles nos transmitiram todas as qualidades primaciaes da gloriosa raça que deu Nun'Alvares, o Infante Henrique, D. João de Castro, Francisco de Almeida, Camões, Diogo do Couto, Nuno Gonçalves e tantos outros heroes, guerreiros, poetas e escriptores. Chega, portanto, a ser vilania essa injustificavel attitude dos falsos nacionalistas. E' preciso que voltemos a nossa consciencia, para a historia, e que façamos justiça aos nossos avós, aquelles de quem herdamos todos os impulsos e todos os predicados, que nos tornaram aptos para realizar na America esta grande obra de renovação da raça latina. A grandeza da nossa nacionalidade tanto enalteceu o patriotismo dos brasileiros como justifica o orgulho dos lusitanos, e o sentimento do nosso remoto passado, com os seus heroismos, as suas gloriosas tradições, os seus sacrificios e as suas virtudes é indispensavel á continuidade da nossa historia e á permanencia da unidade nacional.

## ESTRADAS DE RODAGEM

O Sr. Washington Luiz, presidente de São Paulo, inaugurou, ha pouco, a maior estrada de rodagem de seu Estado, e que se estende da capital a Ribeirão Preto, num percurso de 300 kilometros. O actual chefe do governo paulista parece disposto a encarar de perto o problema de communicações dessa ordem no grande Estado, e que encerra uma das chaves de nosso desenvolvimento rural. Como se sabe, ha em todo o interior do paiz um surto animador da pequena agricultura, cujos productos não podem ser transportados senão por animaes de tiro, uma vez que não ha estradas de ferro, ou os fretes são elevados para as possibilidades do pequeno lavrador. Esse transporte é penoso e difficil, porque os caminhos são feitos de picadas, entre o matto, ao meio de cipós e galhos mal cortados. Nelles, o transito é simplesmente horrivel e, na época de chuvas, chega a ter accentos tragicos. A feira de burros, paciente, vae pelo matto afóra, a tropical e cair, no meio da lama, enquanto os conductores, calças arregaçadas até os joelhos, correm de lado a lado, guiando aquella tropa, monotonamente, levada ao bimbalar das sinetas no pescoço da *madrinha*. Por todo o interior, esse quadro se verifica, marcando a incapacidade de nossos administradores regionaes, que dissipam, inutilmente, o melhor das rendas municipaes, descuidados do fomento da riqueza que está na terra. A não ser em raros Estados, e entre esses é preciso citar Santa Catharina, o problema das estradas de rodagem tem sido deploravelmente descuidado. No entretanto, em paiz de construcção e exploração de vias-ferreas carissimas, obrigando a um frete elevado, com a sua lavoura em geral pequena, os caminhos de rodagem importam numa ve-

hículoção de primeira ordem, sobretudo, agora, em que ha uma grande facilidade de adquirir caminhões-automoveis por preços relativamente modicos. Assim, teremos resolvido, em certa parte, a nossa crise de transporte. Porque a difficuldade não está só em conseguir a conducção do municipio para os centros de consumo e exportação, mas em trazer os generos das fazendas e dos campos, distantes de leguas das sedes principaes. Para esse transporte, sobretudo, feito em geral por animaes, é que a estrada de rodagem se torna elemento indispensavel e será admiravel meio de incrementar a producção, facilitando o seu escoamento. A iniciativa do governo do Sr. Washington Luiz, de ligar cidades por essa via de communicação, deve constituir um exemplo para os demais Estados, ainda que seja a solução do problema mais da alçada das municipalidades. A estas é que cabe estabelecer, antes do mais, essa circulação entre os pontos vitaes de seu organismo, sendo que o acesso aos centros consumidores já offerece outro aspecto da questão dos transportes, isto é, se deve ser feito por via maritima, fluvial ou por estrada de ferro, ou de rodagem. Uma vez, porém, que as rendas municipaes em geral são escassas, seria o caso dos governos estaduais, e porventura do federal, promover e incentivar a construcção das estradas de rodagem, ou creando premios para os constructores particulares, ou auxiliando as feitas pelos municipios, dentro de certas normas previamente estabelecidas. Um dos mais sérios problemas, de que depende a vitalidade do nosso *interland*, é estabelecer esse sistema de communicações, fomento para o desenvolvimento de sua prosperidade, vehiculo magnifico para sua civilisação.

# RUY BARBOSA

Transcrevendo o parecer das Comissões de Finanças e Constituição do Senado sobre um projecto do Sr. Felix Pacheco concedendo honras especiaes ao eminente brasileiro Ruy Barbosa, queremos apenas significar a maneira por que todo o coração brasileiro recebe a homenagem ao mestre insigne, cuja obra formidável, como um torso miguelângino, nas apparencias porventura disformes e monstruosas, tem um rythmo perfeito, de sorprendente harmonia. O applauso unanime do paiz é um movimento de gloria em torno do cidadão illustrissimo cuja vida tem sido a realisação continua de uma obra immortal de construcção, de organizaçao e regeneração cívica.”

Damos a seguir o parecer:

“A Commissão de Finanças não quer retardar um momento seu parecer sobre o projecto que lhe foi remittido hontem á tarde e que estabelece uma homenagem excepcional ao Sr. Ruy Barbosa.”

A feliz iniciativa do Sr. Senador Felix Pacheco que não precisa de outra justificação, além das nobres e eloquentes palavras com que a formulou seu illustre autor, depara ao Congresso a oportunidade de offerer um tributo de gratidão nacional áquelle a quem o sentimento publico já conferio este titulo glorioso: o maior dos brasileiros.

A homenagem é ainda inferior ao merecimento que pretende premiar.

Essa é, porém, a forma que por vezes as nações têm encontrado de recompensa, em vida, os serviços de seus grandes benefactores; nem outra seria facil adoptar-se em um acto legislativo.

Ao povo brasileiro, sim, caberá, em uma hora luminosa de sua consciencia, rescatar com um acto de contricção nacional a ingratitude politica, que tem impedido a homenagem consagrada pelo voto victorioso da Nação a cariedade do primeiro de seus homens de Estado, do Pai da Constituição, do grande Ministro do Governo Provisorio, do politico incomparavel, cuja vida toda tem sido a realisação continua de uma obra immortal de construcção, de organizaçao e de regeneração cívica.

A Commissão, inteiramente solidaria com o pensamento e os intuitos do projecto, propõe-lhe, de pleno accordo com o seu eminente autor, modificações que não alteram substancialmente: a primeira que attende á obrigação constitucional sobre a competencia, que só ao Senado cabe, de conceder a licença a que se refere o art. 1.º; a segunda que para um premio excepcional determina uma forma tambem excepcional de effectual-o; a terceira que suprime a obrigação de um serviço novo, para se terem em vista sómente os serviços já prestados, mais do que bastantes para justificar a providencia decretada.

Resume essas modificações no seguinte substitutivo, que será tanto da Commissão quanto do autor do projecto:

Art. 1.º — Ao Sr. Ruy Barbosa, sem prejuizo do que lhe caiba como Senador da Republica, é concedido como recompensa nacional e a titulo de indemnizaçao pelos serviços prestados ao Brasil, o subsidio annual de 100:000\$, que lhe será pago em prestações trimestraes iguaes, emquanto viver, com reversão integral para os herdeiros que designar em caso de morte.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrario.”

O parecer acima recebera, no anno passado, além das assignaturas do Relator, Sr. Francisco Sá, e do Presidente Sr. Alfredo Ellis, as dos Srs. João Lyra, Ves-

pucio de Abreu e Justo Chermont. A sessão de hontem da commissão compareceram mais os Srs. Sampaio Corrêa, Felipe Schmidt e José Euzébio.

O Parecer da Commissão de Constituição enviado á de Finanças e relatado pelo Sr. Raul Soares havia sido o seguinte:

“A Commissão de Constituição e Justiça a cujo exame veio o projecto n. 23, de 1921, nada tem a objectar aos seus intuitos, que são de conferir ao eminente Senador Ruy Barbosa homenagens devidas ás excepçoes qualidades de espirito, provocadas em 50 annos de trabalho e de luta em que a sua personalidade avultou no scenario da vida nacional, projectando,

## CHILE-BRASIL

A Republica do Chile acaba de elevar á embaixada a sua legação no Rio, sendo a primeira nação sul-americana que assim nos honra, numa manifestação amiga, que já retribuimos. A harmonia continental tem nesse novo gesto, não só prova do affecto tradicional do Chile ao Brasil, mas testemunho eloquente do nosso prestigio na America, reitelradamente assegurado neste século de independencia, por uma politica internacional sincera e franca, do mais largo liberalismo. A Republica do Pacifico desenvolve assim, no continente, a sua grande influencia, em cuja harmonia temos vivido sempre, e sempre tem sido demonstrada, em manifestações de carinho e fraternidade, de todo indelevelis.

O que tambem muito nos sensibilizou foi a promoção, sur place, do illustre ministro Miguel Cruchaga Tocornal, o diplomata e escriptor, cuja nomeada é das mais brillantes. O novo embaixador, que foi politico militante no seu paiz, onde occupou os cargos de ministro do interior e da fazenda, deputado, indo depois para a carreira, é um internacionalista de firme reputação, autor das “Noções de Direito Internacional”, que é tido como dos mais completos tratados americanos sobre esse ramo de direito publico. A sua permanencia na chefia de missão, no Brasil, é mais uma garantia das boas relações com a nobre nação do Pacifico, que acaba de nos honrar elevando á mais alta categoria sua representação diplomatica junto ao governo brasileiro. Tendo este, em retribuição, creado em Santiago uma embaixada, nomeou para chefial-a o ministro Silvino Gurgel do Amaral, uma das figuras de mais relevo no nosso corpo diplomatico.

particularmente sobre as tres decadas republicanas, a marca indelevel do seu nome.

Para com elle, como um dos fundadores do novo regimen e órgão intellectual pelo qual as aspirações do paiz se exprimiram na obra de organizaçao, desenvolvimento e preservação das instituições republicanas, contrahio a Republica uma grande divida, a cuja satisfação o projecto em exame procura attender.

Antecipando ao Senador Ruy Barbosa licença para aceitar quaesquer comissões das de que cogita o parágrafo 2.º do art. 23 da Constituição Federal, o Senado nada mais faria do que investir o grande Brasileiro na missão, que já lhe

pertencia pelo seu genio de representar perante o mundo a Nação, cujo nome tornou definitivamente internacional, primeiro em Haya, nas memoraveis assentadas da Segunda Conferencia da Paz, e, por ultimo, com a sua eleição para o Tribunal de Justiça Internacional.

O projecto tambem commette ao Sr. Ruy Barbosa uma incumbencia de assignalado alcance para o paiz, qual seja a de codificar a lingua, o que resulta em reconhecer-o officialmente, pois que já se acha de facto consagrado, como a mais legitima expressão litteraria a que attingio entre nós a lingua portugueza, de cujos thesouros accumulados e por elle accrescidos das mais preciosas gemmas, se fez a um só tempo, depositario fiel e diligente e incansavel administrador.

Instrumento por excellencia de manifestação do genio de um povo, a lingua constitui, sobre todos, o órgão pelo qual a Nação se individualiza e unifica, perpetuando-se através as gerações, que por meio della se reúnem nessa communhão de todos os dias e se reconhecem como pertencendo á mesma familia espiritual.

Comissão, pois, do mais accentuado e profundo interesse nacional é a que o projecto, em seu artigo 3.º, entrega ao Sr. Ruy Barbosa, exigindo do veterano onerado de serviços mais este sacrificio á Nação.

Nada mais natural, portanto, que, não só como recompensa aos serviços já prestados, bem assim a titulo de indemnizaçao pelos que ainda venha a prestar com o monumento philologico que se lhe exige, se institua em seu favor, sem prejuizo do que lhe couber como Senador, uma recompensa que lhe permita trabalhar sem preoccupações pelo presente e pelo futuro dos seus.

A Commissão lembraria a conveniencia de ser modificado ao art. 1.º do projecto, de maneira a evitar qualquer objecção fundada na disposição constitucional que veda accumulações remuneradas, o que seria facil restringindo a percepção do subsidio de Senador ao caso da missão junto do Tribunal de Justiça Internacional, pois é visto que o Sr. Ruy Barbosa não foi nomeado para aquelle Tribunal pelo Governo brasileiro nem nesse character receberá qualquer honorario ou subsidio do Thesouro Nacional.

Por outro lado, quanto á licença antecipada que o mesmo artigo concede ao Sr. Ruy Barbosa para aceitar qualquer das comissões de que cogitou o parágrafo 2.º do art. 23 da Constituição, parece a esta Commissão não dever constituir objecto de projecto de lei, visto ser da exclusiva competencia de cada Camara autorizar aos seus membros a aceitarem as missões ou comissões a que se refere o projecto.

A licença, pois, de que este cogita deverá ser acto exclusivo do Senado.

A Commissão de Constituição exprimindo seu pensamento nos termos expostos, visa fazer justiça aos meritos e serviços do grande Brasileiro; pois, sendo sua funcção limitada ao exame do aspecto constitucional do projecto, nada lhe caberia opinar sobre o merecimento deste.

Assim, conclue que o projecto, feita no artigo 1.º a modificação suggerida, não infringe dispositivo algum da Constituição Federal e requer seja préviamente ouvida a Commissão de Finanças que melhor dirá sobre o mesmo.

Sala das Comissões, em 8 de Dezembro de 1921. — Raul Soares, Presidente e relator. — Bernardino Monteiro. — Eloy de Souza. — Lopes Gonçalves.

# PORQUE CAHI O IMPERIO

FOR  
JOAQUIM VIANNA

Joaquim Vianna foi uma linda intelligencia encastellada solidamente numa cultura pragmatica. Educado na escola positiva, fez a critica dos nossos costumes politicos, estudou a formacão e o desenvolvimento do nosso espirito social, balanceou as nossas possibilidades economicas e definiu as nossas aspirações nacionais em ensaios e artigos publicados na *Cidade do Rio*, na *Noticia*, na *Gazeta de Noticias*, no *Jornal do Commercio* e em varios outros jornaes e revistas do Rio de Janeiro, de 1900 a 1912. Temperamento combativo e escriptor de conceitos, cheio de forte confiança no destino historico do Brasil, que elle queria maior em força e em belleza, foi o sociologo da geração a que pertencem Paulo Barreto, Victor Viana, Celso Vieira, Ellyso de Carvalho, Luiz Edmundo, Felix Pacheco, Carlos D. Fernandes e tantos outros propagandistas do civilismo e partidarios de um socialismo catholico. Morreu muito moço, aos 30 annos de idade, em Londres, dias depois de ter chegado á capital britannica, em 1913. Não teve tempo de publicar o livro que annunciou aos amigos, livro que tinha o titulo significativo de *Brasil Activo*, mas sabemos que seus parentes pensam imprimir em breve o seu espolio ulterario. A titulo de homenagem a Joaquim Vianna, que foi um patriota sincero e um fulgurante pensador, paradoxal as vezes, mas sempre curioso e amavel, publicamos a pagina que se segue, que dá bem uma medida do seu grande talento.

O Imperador foi destronado, victima da sua politica.

O mundo tem sido governado até hoje com tres grandes forças sociais que, estando de commum accordo, constituem o mais bello conjunto de ordem nas sociedades.

A autoridade reside nellas: na força moral, na força physica e na força intellectual.

Na Igreja, no Exercito e na Escola. A historia da humanidade é a da evolução dessa trindade creadora de tudo quanto tem existido e existe no mundo, como organização politica e social.

A espada, a penna e o baculo, os seus symbolos, são effectivamente os tres instrumentos formadores de todos os Estados.

Ellas estatuem a disciplina, sitiam eternamente o homem, com as suas influencias directoras, que vão da persuasão meiga e doutrinadora ao imperativo severo, do apostolado e da propaganda civica ao dogma e á lei.

Os antigos imperios e as republicas modernas surgiram á evocação do Ser Supremo; e foram cimentadas todas as instituições pela acção da espada, pela ascendencia moral e pela instrucção publica systematizada, com o auxilio do mysticismo, com a razão ou com o pulso de ferro.

Com duas dessas grandes forças, obtém-se um equilibrio relativo; mesmo com uma sómente, consegue-se evitar a anarchia: mas sem nenhuma dellas, é impossivel governar.

Actualmente verificamos o seguinte:

A Allemanha pretende utilizar todas tres. A Allemanha inteira é um quartel. As escolas e universidades obedecem a uma orientação unica dictada do alto, e o Imperador vive em conciliação com os catholicos e protestantes.

A França abandona "as Igrejas", faz "a separação" e procura apoiar-se, mais do que nunca, no Exercito e na Escola. A França abandona a concepção genial de Napoleão, o destruidor do gallicismo, o autor da Concordata. Julga a Allemanha atrazada e Guilherme II um simples mystificador, sem lhe em-prestar idéas profundas.

Os Estados Unidos, se não contarmos a recente tendencia para o augmento dos armamentos, baseia o seu governo exclusivamente no desenvolvimento escolar.

No Brasil, o Imperador Pedro II parece ter tido a illusão de manter o Poder sem se estripar em alguma dellas. Foi anti-militarista, desconfiava do exercito. Num dado momento teve a velleidade de substituí-lo, a exemplo do rei-poire Luiz Philippe, pela guarda nacional.

Foi livre-pensador, aprisionador de bispos com os quaes não soube fazer liga; ciumento da influencia do clero, que elle podia, aliás, manobrar em proveito proprio. Guardou sempre um secreto despeito, sempre alerta, contra os padres, com a recordação amarga da parte da primeira phase da sua instrucção e educação, entregue a um religioso.

Concedeu cadeiras de ensino superior a republicanos, a inimigos. Não teve a noção do ensino imperial, á napoleonica, impulsor de homogeneidade e coordenação de idéas e opiniões. A sua preocupação quanto ao ensino era a de um simples mestre-escola, meticoloso, sem vistas de conjunto, perdido nos detalhes, que nada valem se não são subordinados a um plano geral.

O nosso Segundo-Imperio devia ser á phase organizadora da Monarchia que fundara o primeiro D. Pedro, a sua época militante, o periodo heroico. O Imperador devia elle mesmo vencer batalhas, ser a primeira espada do seu paiz e realizar em pessoa a obra pacificadora de insurreições de que se encarregou Caxias.

O Imperador quiz, entretanto, viver na paz de uma bibliotheca calma.

Não tinha ambição. E a sua queda dar-se-hia quando fosse absoluta a sua incompatibilidade com os militares descontentes, com os padres desdenhados e com os pedagogos republicanos.

Sua Magestade julgava-se inatingivel aos golpes de mão dos republicanos.

Acreditava na dedicação, na sinceridade cortezã, na gratidão aos beneficios, no lealismo monarchista.

Pensava que era o seu throno um isolador efficaz entre as coleras partidarias, superior ás escaladas dos aventureiros e dos theoristas, que não acreditava homens de acção.

Ao throno iam de facto resvalar todas as lanças que se atiravam os partidos em peijas eleitoraes e parlamentares.

Quando os politicos renunciavam as suas inimizadas, o monarcha era dado como o responsavel das injustiças que se tinham feito, o ateador de discordias, por um egoismo machiavelico, pretendendo reinar e governar sózinho através de uma teia de intrigas.

O throno foi se carcomindo por esses continuos embustes, que a habilitade do Imperador devia afastar, praticando sinceramente o parlamentarismo, desde que entendia que era esse o systema constitucional que mais nos convinha, dando a responsabilidade do

andamento dos negócios publicos aos ministerios, sem exercer a funcção que competia ao Parlamento, de derrubador de "situações"

D. Pedro não quiz ser nem um autoritario, nem um imperador rigorosamente constitucional.

Hesitou a sua vida inteira. Sem um temperamento feito de energia e decisão, a sua existencia foi um completo desmentido á significação que se poderia deduzir do seu celebre "Quero já".

Elle desejava a paz. Mas era preciso fundar antes o Imperio.

Havia alguma cousa a aproveitar, mas muitos alicerces precisavam ser mais profundos, mais solidos.

Tornava-se preciso crear inimigos, sem medo.

O Imperador não podia deixar de firmar fortemente o seu prestigio, não sómente orientando pessoalmente a direcção das tres grandes forças de que fallamos, como tambem fallar directamente ao povo, á sua imaginação, ao seu entusiasmo patriotico, pronunciando dessas phrases immorredouras, que se gravam indelevelmente no coração popular, dessas phrases que impressionam com um vigor irresistivel e que Carlyle dizia que eram algumas dellas, pronunciadas por Bonaparte, "tão bellas como batalhas de Austerlitz."

O Imperador em todo o seu reinado, não teve a felicidade de encontrar uma dessas expressões, um desses gestos, que empolgam a sensibilidade popular, que conquistam de uma vez milhares de sympathias, que provocam o culto das multidões, definindo novos rumos, creando affeições indestructiveis, mesmo diante dos maiores erros.

A monarchia alienou aos poucos todos os seus grandes amigos naturaes; tornou-se impopular, sendo democratica, sem uma nobreza hereditaria, sem espirito militar: um absurdo.

Não cogitou de estabelecer um systema de defesa, viu-se por isso, um bello dia, sem ninguem ao seu lado.

A mania dominante no mundo official do Rio era a anglomania, a politica ingleza exercendo singular fascinação. Os estadistas, por suggestão do Impera-

## PEREIRA PASSOS

A homenagem, que o Rio de Janeiro vaé prestar a Pereira Passos, que a transformou de grande aldeia numa cidade admiravel, não é sómente uma divida de gratidão, mas o testemunho da nossa força constructora que, nelle, teve uma das suas mais integraes affirmações. O Prefeito Carlos Sampaio, na homenagem em que solicita do Conselho Municipal a dotação de cem contos de réis para auxiliar á iniciativa, expressou muito bem a obra grandiosa de Pereira Passos, affirmando que na suprema direcção da Capital da Republica, "não engrandeceu apenas o seu nome, já então fulgurante, mas as tradições da engenharia brasileira, posta a serviço das mais opportunas e grandiosas realizações. Prefeito, o grande patricio foi um innovador incomparavel, cujas arrojadas iniciativas encheram de esplendor o seu quadriennio administrativo e dotaram a cidade de estupendos melhoramentos que a fizeram progredir vertiginosamente."

dor, estudavam com afincão as grandes paginas constitucionaes britannicas. Os homens de Estado inglezes eram conhecidos, citados pelos Deputados e Senadores imperiaes.

O Brasil, na America, tentava, sem o confessar abertamente, abrir uma escola de liberalismo para deslumbrar as Republicas americanas como na Inglaterra deslumbrava na Europa, o continente.

O gosto pelas cousas politicas inglezas degenerava em mania. Recordo-vos aquelle trecho dos *Sonhos de Ouro* de José de Alencar, em que o parlamentarromancista, descrevendo um bello cavallo de raça, arrogante e forte, comparou-o simplesmente, na sua pose altiva, a Fox lançando um epigramma contra Pitt.

O Imperador soube, aliás, combinar durante cincoenta annos o liberalismo inglez e o escravidão indigena.

A dynastia dos Braganças tinha os seus dias contados desde que se evidenciou que o Imperador não era um homem de acção, não possuindo a noção exacta dos arduos deveres que a sua alta missãõ lhe impunha, em beneficio do paiz, que precisava no começo da sua vida de nação, de um guia seguro, incapaz de intransigencias com a ideologia

demagogica, inspiradora de reacções revolucionarias, de instabilidade, de ineptas utopias.

O genero de estudos que preferia D. Pedro explica o desgoverno da monarchia. S. M. não gastava o seu tempo com as sciencias sociaes. As literaturas antigas, como a da Grecia e de Roma, eram a sua preocupação. A philologia encantava-o. A historia natural, fertil em minuciosidades pittorescas, seduzia-o. A astronomia, então, tornava-se uma predilecção a que não podia fugir. D. Pedro pelos olhos longos dos seus telescopios olhava os astros, admirava a harmonia do systema planetario, a sua paz eterna. E acreditava que no seu paiz tudo se passaria assim nessa calma igualavel dos espaços.

A sua sciencia era encyclopedica, e é dizer tudo.

E' mais do que evidente que um homem que estava perante a historia com o dever de estabelecer definitivamente um Imperio, não podia ter tempo para se deixar absorver pela geologia do Sr. Agassiz, pela cosmographia do Sr. Liail, pela chimica, o hebraico, o sanscrito, a physica, a archeologia do Sr. Lund, a mathematica, a botanica, e pela interpretação da *Divina Comedia*, ainda por cima.

Era indiferente ao Imperador que o Brasil enterrasse um barrete phrygio pela cabeça. Elle é que, por propria vontade, no caso de seu pai, não teria obedecido ao famoso conselho do seu avô, D. João VI.

Acredito que estiraria mais a vida de excursionista sabio, frequentador e socio de varias academias, que teve durante algum tempo o seu lembrado professor José Bonifacio, que era entretanto muito menos contemplativo, do que o seu discipulo, que partiu daqui, para o exilio, segundo contou André Rebouças, lendo uma novella de Theuriet, do insipido André Theuriet.

O Imperador tinha o vocação burocratica e viveu methodicamente, sem vôos de imaginação, como um exemplar chefe de secção, o mais exemplar dos chefes de secção da administração brasileira.

Quando se viu fóra da secretaria, sem o seu lapis, fóra dos seus habitos, sem fiscalizar os amanuenses em que havia transformado todos os seus Ministros, julgou que o mundo acabara.

E guardou, então, a melancolia indizível de um empregado publico aposentado; livre dos aborrecimentos do cargo; um pouco triste, um pouco alegre, como sem comprehendér nada...

# BRAVA GENTE

POB

JAYME D'ALTAVILLA

Quem discorrer os olhos, com attenção, sobre as paginas do livro *Brava gente*, de Elysio de Carvalho, ha de ter a emoção que tive ha pouco: a da magua irremediavel de não ter sido uma cellula vibrante daquella phase homérica da luta pela manutenção da terra brasileira e do inicio de formação de nossa nacionalidade.

Era no momento em que duas vigorosas raças se chocavam, no delirio da conquista e na febre do dominio.

Por um lado, o elemento luso, já enraizado com a energia masculina do brasileiro primitivo, corajoso e cavalheiresco, escrevendo com sangue a legenda de sua patria.

Por outro lado, o elemento neerlandez, forte e ambicioso, tentando effectivar o sonho da Companhia das Indias Occidentaes, tendo, por vezes, figuras sympathicas como a do Conde de Nassau.

Mas a nota apreciavel e commovedora desse embate, não eram os dragões do escudo portuguez, nem os leões coroados da Hollanda: era, inegavelmente, o impeto varonil daquelles nossos avós demiurgos, perdendo a vida, sem medo, para que o båtavo não permanecesse na terra que Cabral descobrira para gaudio do venturoso D. Manoel.

Do que foram os combates, no apertado seio virgem da floresta ou no escampado dos litoraes, Elysio de Carvalho magistralmente pintou nas paginas de sua duradoura epopéa.

Lá estão, em pinceladas seguras, Pedro de Albuquerque abrindo caminho á gloria patria, numa façanha que, "só nos tempos da Grecia, em que os Tintans affrontavam os deuses", seria praticavel.

Vem depois Luiz Barbalho que, em Porto dos Touros, emprehendeu a victoria mais bella que até hoje têm alcançado as armas patrias; aquelle que ao envez de selvas e grimpas foi "deslocar montanhas, accender batalhas, construir poemas".

Cada figura do *Brava gente* é um attestado da bravura brasileira da era da colonização, povoada de vultos eris e de grandes corações de lidadores intemeratos.

Historia alguma ultrapassará á nossa, em abnegação, coragem, denodo, brio e patriotismo.

Cada nome daquella época, é uma chamma illuminando os dias do presente com o seu fulgor imperecível.

O retinir das armas, o cascadear do sangue fumegante, o truar dos mosquetes e o grito das victorias ao fim das pugnas, são cousas que ficam na memoria, evocadoras daquelles gigantes que lutaram em emmaranhado das florestas e no acclive das praias, defendendo, palmo a palmo, a Terra de Santa Cruz.

Nossa contemporanea historia militar está coroada dos mais nobres e bellos exitos, mas por maior que tenham sido não ultrapassarão aos feitos memoraveis de Jeronymo de Albuquerque, André Vidal de Negreiros, Henrique Dias, Felipe Camarão, Martim Soares Moreno e outros que são lembrados por Elysio de Carvalho no seu recente livro.

Casam-se, em *Brava gente*, numa harmonia indelevel todos os capitulos desde a amenidade do "Suave Milagre" ao brilho ardente da "Luta de Centauros", que só o escopo de um verdadeiro esculptor da historia o poderia talhar.

Em "Suave Milagre", apparece, num halo de candura, Frei Paulo de Santa Catharina, fidalgo e victima de sua paixão, morrendo "numa tarde fulva, fluida e transparente, em que o sol fulgurante, entrando das amplidões do firmamento pelas janellas abertas da cella, parecia que o amortalhára..."

Em "Luta de Centauros", sobresaem Bento Gonçalves e Onofre Pires, "furiosos e sombrios, como semi-deuses inexoraveis de epopéa", num terrível encontro em que "se atiram um para o outro, centauro contra centauro, num tremendo duello, sós a sós, travado arca por arca", e em que "a alma da raça surgiu e exul-

tuou, louvando nos herões a bravura creadora, esplendorosa e divina".

*Brava gente* é todo assim: vasado em bronze e escripto a buril. Ficará no coração do povo, porque é a voz da patria recordando aquelles que lhe pagaram com bravura a gloria de ser-lhe filhos.

Ha, porém, no livro de Elysio de Carvalho, um ponto que julgô de meu dever contestar: aquelle em que o meu eminente conterraneo chama Calabar de transfuga.

A lenda de Calabar Iskariote de ha muito que foi desfeita por brilhantes escriptores nacionaes, dentre os quaes o Sr. Assis Cintra.

Aliás penna menos insuspeita, por se tratar de um pernambucano illustre, o Sr. Souto Maior, affirma, nos *Fastos Pernambucanos*, que Calabar não foi o traidor que injustamente condemnam.

Naquelle tempo, Portugal soffria impunemente o jugo de Felipe de Espanha, um valiente a quem chamavam o *Diabo do Meo Dia*. Calabar, humilhado e em constante revolta contra o máo tratado portuguez colonizador, buscou as fileiras flamengas, vendo nellas um factor de maior energia ao progresso da patria.

Valham-lhe á memoria injuriada tantas vezes, aquellas empolgantes estrophes que José Bonifacio compôz em 1850, num momento de indignação contra a injustiça da historia:

A quem trahiste, heróe? na vil poeira  
Que juramento te prendia á fé?

Escravo por escravo — essa bandeira  
Foi de um soldado que ficou de pé!

Viu o sol entre as brumas do futuro.

— Elle que por si só nada podia

Quiz vingar-se tambem — no sonho escuro

Quiz ter tambem seu dia!

# DISCURSO DE PARANYMPHO

Transcrevendo grande parte do notável discurso do Senador Lauro Muller, na collação de grão dos engenheiros da Escola de Ouro Preto, aos quacs servio de paraonympho, queremos não só favorecer um novo ensejo para a leitura dessa oração, cheia dos mais elevados conceitos e dos, mais prudentes conselhos aos jovens engenheiros de minas, bem como accentuar o alto significado que tem essa eloquente manifestação do illustre republico, preferindo o incentivo á juventude ás agitações estereis em que se vai consumindo o partidarioismo ambicioso. Enquanto uma fermentação de interesses inoffreiaveis move a nossa politica, tornando sombrio o dia de amanhã, é auspicioso ver o afastamento dessas lides impatrioticas do Senador catharinense, uma das figuras que mais se têm imposto em nosso scenario, desde a Republica, que nelle teve dos seus mais ardorosos propagandistas. Fallando aos moços, o ex-Chancellor disse-lhe, em palavras de confiança, a necessidade de engrandecer o paiz, não pelas improvisações de ultima hora, creando a "bem-aventurança da morfina" para a intellectualidade, mas pelo estudo systemático e methodico, em que se aprende a realizar, dirigir e governar. A lição fecunda, recebida ao limiar da escola, pelo que della se despediam, contem um ensinamento poderoso para o paiz, num momento em que mais vale o afoitamento do que a constancia, a transigencia do que o merito. O desinteresse dos nossos estadistas pela formação solida da mentalidade brasileira tem sido o mais funesto dos seus erros, permitindo que perdure esse atropelo, com que se disputa o poder, numa corrida vertiginosa de processos inconscissaveis e manejos excusos. Tudo vem, ou parece vir, desse artificialismo dominante, em que "se cultivam sómente as faculdades de expressão, tanto mais admiravel e admiradas quanto melhor se saiba das cousas que peior soubemos", consoante o Sr. Lauro Muller, que assim fere fundo o problema, indicando onde a origem do mal que precisamos extirpar. Precisamos, no Brasil, dominar a imaginação enthusiastica e pervida, pela systematização da cultura, assentada em bases solidas e efficazes.

"De longe na distancia e de muito mais longe no saber, sempre acompanhei o curso da vida neste cenaculo com a respeitosa convicção de que aqui se moldam homens uteis á minha patria, bastante scientes para bem servir-a, bastante inscrevendo-se entre os escravos dos deveres a cumprir na vida.

O estudo das sciencias é para o pensamento uma escola de liberdade, sem riscos de que degenerem porque só é licenciosa a ignorancia. As leis que regem os phenomenos, o rigor dos methodos nos processos admittidos, permittem e provocam discussões vantajosas ao apuro da verdade mas excluem a possibilidade de affirmações que não decorrem logicamente do emprego daquelles methodos. Dahi veio dizer-se que da discussão nasce a luz, verdade que, por mal comprehendida, não poucos damnos tem causado em muitos países e particularmente num que bem conhecemos, sobretudo na actualidade. Ouvindo que a luz nasce da discussão, pulularam os discutidores, convencidos de que basta fallar ou escrever, para iluminar o debate.

Por toda a parte ouvireis que toda gente discute todos os assumptos e tan-

to mais calorosamente discutirá quando menos souber. Examinando os órgãos da publicidade, vereis que as revistas scientificas são as mais comedidas, porque os homens de estudo aprendendo o que sabem, adquiriram a consciencia do que ignoram.

Fóra dahi contareis os que só escrevam, sobre assumptos que conheçam; os outros, o grande numero, dispensa o estudo porque tem talento natural para escrever sobre o assumpto, seja qual fór, que, de surpresa, se resolva commentar para esclarecer o leitor e orientar a opinião publica. Cultivam-se sómente as faculdades de expressão, tanto mais admiráveis e admiradas quanto melhor se saiba dizer das coisas que peior soubemos. Os que a tanto não attingem são despreciosamente classificados de especialistas. Outro tanto succede na tribuna fallada e em não menor escala. Contados os que instruem e esclarecem e os mais raros que ainda que instruem, esclareçam e encantem, ouvireis gente que estudou o seu discurso sem estudar a materia sobre o que vão discursar. Aqui e alli, respingam no assumpto sufficentes para recheiar o vazio da lengalenga, mas cuidam cautelosamente de enxertar trechos fortes para sacudir o torpor dos ouvintes, aggressões que enthusiasmem, e, sobretudo, no arranjo eloquente das perorações patheticas que despertam applausos t auditorios adormecidos.

Crease, assim, para a intellectualidade, a bem-aventurança da morfina. Todos podem dormir sobre os louros colhidos. O conceito não resulta de já haver realizado, porque a toda obra humana se póde imputar defeitos; o renome adquire-se atacando obras que não seriamos capazes de realizar e no desassembro e rudeza em zurzir-lhes o autor; e a fama esvoaça e trombetaia em torno dos que fallando, salvam finanças, avigoram a economia, saneiam, cidades e campos, enriquecem os pobres, instruem os ignorantes e acenam a todos, neste mundo que só o trabalho nobilita, com uma vida de regalo que andam á cata de alcançar para si proprios.

Não se aprende a fazer, aprende-se a dizer. Semelhante educação explica exhaustivamente o insuccesso — e consequentes decepções — de espiritos brilhantes, quando chamados a realizar, dirigindo ou governando. Comvosco assim não será: ninguem vos ensinou o espanto das cousas impressionantes e fugazes, mas sim a realização do que é util e duravel; não aprendestes pois dizer que sabeis mas para demonstrar por obras o que soubedes. Continuareis, com isso, a tradição dos que, ha quasi meio seculo, têm sahido desta escola, sempre em pequenas turmas, para recommendar lá fóra o ensino e a educação que aqui receberam. No conceito dos chefes sempre os ouvi referidos como dos melhor preparados, dos mais trabalhados e, qualidade menos commum, dos mais notados pela disciplina no serviço, consequencia salutar do ambiente em que estudaram. Aos vossos mestres, modestos e despretenciosos brasileiros, por vezes mais considerados no estrangeiro do que no seu paiz, deveis por isso mesmo, não sómente o que a sinceridade dos vossos correções hoje agradece, mas ainda tudo quanto a experiencia da vida vos ha de ensinar que delles recebestes. O professorado é a paternidade esritual. Ha máos professores como ha máos pais; mas o carinho dos mestres pelos discipulos lembra o amor dos pais aos

filhos. Não lhe é igual porque exclue e selecciona e o amor paterno subsiste mesmo para o filho que já perdeu a estima. Tive o prazer de ver o meu mestre de primeiras lettras entre os que alegremente me receberam ao chegar á minha pequena e ridente cidade natal, como primeiro governador no regimen republicano. Jamais houve em acolhida maior sinceridade, nem de outra qualque guarda o meu coração memoria mais agradável. Era quasi uma festa de familia!

A todos fiquei devendo igual e sereno penhor, mas se fosse obrigado a agradecer, embora se não possam aferir corações, depois de minha Mãe e dos meus, haveria, em consciencia, de collocar o meu velho mestre, tão discreto no seu nervoso entusiasmo, tão recatado nas lagrimas do seu abraço, tão feliz em gozar te momentaneamente o respeito de me chamar "Sr. Governador". Do pouco que eu sabia, ou antes, do grande saber que a sua imaginação me attribuiu, sentia-se elle a pedra fundamental.

No decurso da vida que ides encetar — e a Deus apraza que seja longa e feliz — decerto também não esqueceréis jamais que os alicerces da vossa carreira foram construidos, nesta casa, com os materiaes que os seculos accumularam e os mestres, alli sentados, vos ensinaram a conhecer e a manejar.

Daqui sahio pelos notaveis trabalhos de Gorceix que anteciparam os progressos da chimica na analyse das terras raras, o perfeito conhecimento da nossa monazita e da xetina, creando o valor economico que a exploração da primeira representa.

Daqui irradiou o conhecimento científico das nossas jazidas mineiras de ferro que serão a riqueza de amanhã, se as soubermos disputar ao interesse estrangeiro. Aqui recebeis para analysar e definir minerios do todo o territorio nacional e por elle todo caminham os filhos desta escola, chamados a decidir da existencia de novas jazidas ou para dirigir-lhes a exploração. Os serviços que a nossa geologia e mineralogia devem a este centro de sciencia são cada vez maiores nos dominios da theoria e no valor pratico e economico dessa distribuição. Quando, logo após a revolução de 15 de Novembro, me coube governar o meu Estado natal, pedi em 1890, ao governo provisório que mandasse profissional competente para estudar novamente o carvão catharinense e indicar o melhor processo para a sua utilização. O escolhido foi um dos vossos collegas, Gonzaga de Campos, consagrado mestre de hoje, e de cuja memoria escripta naquella data, me fallou sempre com o maior apreço científico o consumado White que, por duas vezes, a meu chamado, veio mais tarde ao Brasil, para competer o estudo da nossa bacia carborifera.

Ao cientista indicado pelo Governo dos Estados Unidos como o mais capaz para essa missão, vindo de um paiz enriquecido pela exploração desse combustível, e adequado por isso mesmo para guiar os primeiros passos da nossa experiencia nessa especialidade, dei por companheiros profissionais brasileiros dos mais experimentados em trabalhos praticos de mineralogia, com os quacs collaboraram dous collegas recém sahidos destes bancos academicos e cujos nomes, a meu pedido, me foram apontados pela direcção desta escola.

Das numerosas e concludentes experiencias que então profusamente se fizeram, em terra e no mar e que depois



se andou a repetir, fitou-me a convicção, e a conservo inalterada, de que o carvão nacional será o nosso principal combustível a partir do dia em que haja no Governo quem saiba querer emancipar-nos do pesado tributo que pagamos, na paz, aos productos de fóra, e dos grandes riscos em que nos collocaria essa dependência completa do estrangeiro, no caso de conflicto armado. Também se cuidou, então de verificar a existencia de petróleo em pontos que White condemnou, observando que lagos outrora ahí existentes haviam sido extintos pela erupção de rochas posteriormente emergidas. Essa condemnação não foi, porém, absoluta e ao contrario deixou de pé a possibilidade de exilo fora das zonas abrangidas pelo traço geral dessas erupções. Na continuidade desses trabalhos estão hoje empenhados os que daqui sahem para colaborar com os seus collegas de engenharia civil, obreiros maximos do progresso nacional, e ainda, especialmente para notabilizar-se nos dominios da geologia e da mineralogia.

O cabedal que daqui levam abrem-lhe todas as portas para as ascendenças profissionais. Nesse momento são collegas vossos os que dirigem as mais importantes obras em via de realização no nosso paiz, — as do nordeste brasileiro e a nossa mais importante via-ferrea — a Central do Brasil. E fóra da carreira profissional, para só fallar desse momento, convergem outros na vida publica, sobre alicerces que daqui levaram, assignalados pelo seu valor no Congresso, Francisco Sá e outros e no Governo da Federação — Calogeras e Pires do Rio. — Auspiciosas, bem o vedes, são as promessas da carreira que ides trilhar. Fio que confirmareis em realizações fecundas entre as que, no ocaso da vida, permitem a tranquillidade, consciente dos deveres cumpridos e a íntima alegria, superior a todos os applausos, de haver também collocado alguma pedra no edificio da grandeza nacional.

Dellas festejaremos dentre em pouco o primeiro seculo da vida independente. Entre as alegrias filiaes desse grande dia tereis o desvanecimento de recordar que o patriarcha nacional é até hoje o mineralogista brasileiro de maior renome. Mestre da sciencia chamaram-n'o la fóra, qualificando-o ao lado de Humboldt e de Leopoldo von Buch pelos seus estudos de mineralogia e de chimica, que lhe não tinha segredos, applicada ao tratamento metallurgico dos minerios. Para sempre ficou o seu nome vinculado as quatro especies que descobriu á *Petalite*, á *Sponmupéne*, á *Kryolite* e á *Scapolithe* e as oito variedades notaveis de especies já conhecidas, cuja existencia revelou. Grande mentalidade consagrada pela Sciencia antes de receber a consagração da Política; erudito nas letras que cultivou na prosa da Academia Real, cujo secretario foi e na poesia, refulgio de seu espirito nos soffrimentos do exilio! Adverso a escravidão dos negros, inimigo das perseguições aos indigenas, teve como todo estadista digno deste nome, a faeuldade que permite a visão antecipada das conquistas sociaes e moraes, quaes as que alcançamos a 13 de Maio e estamos colhendo agora no apostolado de Rondon, expressão gloriosa da bemfazeja série que Anchieta iniciou. Profundo pensador, versado nas sciencias, dominado por um patriotismo exaltado pelos mais nobres sentimentos moraes, a sua figura ao lado de D. Pedro I, o homem de acção no 7 de Setembro, parece reproduzida em Benjamin Constant, companheiro do Deodoro no 15 de Novembro.

Pugnaram ambos pelo direito da Patria á livre regencia dos seus destinos e viram ambos realizados os seus idéas pelo concurso de vontades fortes dominadoras da força.

A' conjunção destes dous elementos — direito e força — devem as nações dias de gloria e tempos de felicidades.

Dissocia-las é um crime, inverter-lhes o valor um attentado! O culto do direito moral dos povos; o da força a norma organizadora da sua defeza contra a violencia. Nas sociedades organizadas, forças e violencias são dous conceitos aberrantes. Esta é a destruidora do direito, aquella a sentinela que o defende. Daqui vos exhorto contra a violencia que tantas vezes tenta aos que, como decerto vos succederá na vida que iniciaes, exercam autoridades sobre os homens. Ninguém pode ter a certeza de bem governar entes humanos, senão quando sabe que lhes governa os corações. Conquistae-os abrindo os vossos em actos de justiça para os que a mereçam, de bondade para os que della precisam. Quando encontrades ingratos, não vos irriteis mas, ao contrario, tende pena dos que são destituídos de senso moral; quando soffredes injustiças, agradecei a Deus, o não saberdes pratical-as. Não ha contra as vicissitudes da vida melhor couraça do que a tranquillidade da consciencia. Nesse mesmo instante, sobrevivente ás vicissitudes academicas, é ella a força moral que vos ergue a fronte ao receberdes como premio do dever cumprido, o diploma que conquistastes. Antes desse momento de justo desvanecimento para fixar na memoria

de coração a grata e sadia recordação deste dia. Vede como vos sorri a mocidade estudiosa desta escola e desta cidade, passaros que emplumam admirado vosso primeiro vôo; olhae como vos sorriem os habitantes desta terra que convosco viveram a intimidade feliz de Ouro Preto; reparae que a physionomia austera de vossos mestres vos sorri paternalmente; e agradecei nos sorrisos dos vossos, o orgulho com que participam da victoria que hoje, vos sorri também. Não ha felicidade completa sem lagrimas de alegria. Ahí as tereis: — lagrimas de noiva, lagrimas de irmã e as santas lagrimas de Mãe, onde a sciencia descobriu um dia o germen do Amor! Impregnae a alma com as impressões radiantes deste momento de emoções, com que entraes nas lutas da vida para nos succeder, para nos exceder! Na certeza dessa successão e na convicção dessa superioridade residein as esperanças do presente, que nós somos, no futuro que sereis.

Pela minha voz, que a vossa generosa lembrança aqui trouxe, o crepusculo saúda a aurora, o dia de hoje ao dia de amanhã. Que elle vos seja em tudo propicio são os nossos votos, dando-vos para completar os triumphos e compensar as vicissitudes da vida, um lar feliz na Patria engrandecida, felicidade maxima do homem, suprema ventura do cidadão."

## TOURISMO

Entre nós, o turismo ainda tem pequenos fóros. No entretanto, as condições especiaes do paiz, a variedade de seus aspectos naturaes, o pittoresco das excursões, tudo emfim aconselha o desenvolvimento desse desporto, em cujo louvor não precisamos nos deter. Não precisamos sair do Rio, para mostrar o que de util e interessante ha em organizar sociedades turísticas, facilitando o conhecimento de nossos admiraveis arredores, a escalada de alguns dos nossos morros, de acesso ainda não organizado, a visita ás ilhas encantadoras de nossa bahia, em summa, incentivando o amor pela natureza, que vamos esquecendo, na intensidade de nossa civilização apressada e "snob". Deixamos os deliciosos passeios da cidade aos estrangeiros, enquanto nós não passamos das calçadas da Avenida, entre a poeira e a fumaça dos automoveis...

Merece, pois, todo apoio e os melhores applausos a constituição do "Touriste Club", organizado nesta Capital e que, com tenacidade e esforço, vem realizando um programma de turismo — muito apreciavel. Já são numerosas as excursões realizadas nos pontos mais interessantes da cidade e circumsvisinhanças, revestindo todas um caracter de franca cordialidade. Ha no turismo, não só a vantagem evidente de facilitar as excursões, bem como a de tornal-as sempre suaves, pela companhia, numerosa, que amenisa as travessias porventura arduas e difficeis. O "Touriste Club", na consecução do seu programma, já tem intentado, entre outras, as seguintes excursões: ponte do Zeferino, Paquetá, Jurujuba, Represa do Rio Douro, ilha do Vianna, Represa do Cigano, Sumaré, Babylonia, volta da Glavêa, Moinho de Santa Cruz, Cascadura á Penha, Ilha do Governador, pontendo Galeão, etc. Como se vê, novel sociedade pretende desenvolver, ainda que em inicio modesto, o turismo entre nós. Em outros paizes, organizações que taes constituem sociedades ricas e poderosas, que organizam viagens e circumnavegações da maior importancia. Basta lembrar que á primeira vez que o paquete alemão *Bluchner* (depois brasileiro *Leopoldina* e hoje francez veio ao Brasil, foi fretado por uma organização turística alemã, para proporcionar aos seus socios a visita á America do Sul. Nos Estados

Unidos os "clubs" turísticas são apenas formidaveis, facilitando as grandes viagens em condições menos dispendiosas do que occorrem commumente. E' certo que ainda não podemos chegar até lá. Mas, nem por isso devemos desanimar. Ao contrario, cumpre-nos encorajar as sociedades turísticas, que poderã amanhã facilitar, ao menos, o conhecimento do nosso desconhecido paiz, a nós, brasileiros. Que interessante e util seria a organização de uma viagem de turísticas ao Amazonas, a travessia do São Francisco, a visita á estupenda cachoeira de Paula Afonso, ás nossas cidades historicas de Minas, ás zonas cafeiras de São Paulo, a viagem ao sul, pela São Paulo-Rio Grande, emfim tornar possivel essas excursões que, pessoalmente, só faz quem é obrigado a demandar qualquer desses pontos.

Infelizmente, no Brasil, o espirito associativo é o mais rudimentar possivel. Só, ultimamente, os "clubs" desportivos (sobretudo os de "foot-ball") vieram estabelecer a primeira excepção. Em geral, os gremios e as sociedades desamparadas das maiorias, representando, por via de regra, o esforço de alguns, quando não de um só, não raro obscuro e modesto. Ainda não sabemos nos divertir. Vivemos muito sós, mettidos em casa, ou perambulando a esmo pelas ruas. A propria vida de sociedade é muito pequena e escassas as recepções e as festas. Dahi, a diffiuldade de estabelecer associações como as de turismo, em que o triumpho depende da contribuição de muitos, e não da tenacidade de dois ou tres abnegados. Que o "Touriste Club", organizado sob os melhores auspicios, seja uma brilhante excepção e, dest'arte, contenha o germen de uma futura associação turística de grandes moldes, capaz das iniciativas que apontamos acima. Realmente nenhuma benemerencia podia ser maior, para gremio dessa ordem, do que facilitar o conhecimento do paiz, de suas admiraveis maravilhas, que sabemos apenas dos outros contarem, como das pyramides do Egypto, ou das sete bocas do Nilo. Merece pois o "Touriste Club" a sympathia e o apoio de quantos se interessam pelas instituições uteis em nosso paiz, pelo desenvolvimento do seu espirito associativo e audacioso, que o turismo representa com um brilho singular.

# A ELEGANCIA DA NOVA CRITICA

POR OSWALDO ORICO

As tendencias modernas, que andam varrendo da superficie as cousas inuteis, já se fizeram sentir em todos os terrenos litterarios. Os poetas já se não torturam friamente em busca da rima para a palavra difficil do começo; e, em que pese ao vezo de alguns homens de pouca fé, que querem ver nessa transformação uma simples questão de moda, é indiscutivel a actualidade da nova corrente do Parnaso.

Os prosadores procuram ser do seu seculo, que é uma forma agradável de se tornarem encantadores.

Nenhuma razão havia, pois, para que a elegancia que poliu a mentalidade dos poetas, fazendo-os intellectuaes de elite, como um Faisansac, não se viesse reflectir sobre o criterio de alguns abencerragens da critica de palmatoria, creando analysas mais interessantes e menos dogmaticos. Os retalhos com os quaes se costumava, e ainda se costuma, frequentemente, compor os registros litterarios, mail-as chronicas, salpicados de uma grande dóse de máo humor, estão sendo substituidos, pouco e pouco, por cousas menos indigestas, onde o sobrececho do autor não apparece nem tão carregado, nem tão severo.

Existiam, de facto, cavalheiros um tanto irritados que, senhores de uma porção de jornal, se tinham habituado a despejar sobre a cabeça temerosa dos ingenhos versificadores ou dos inexpertos chronistas, as pequeninas settas dos seus julgamentos.

Com que adoravel ingenuidade os plumitivos acreditavam na sentença que os baptisava de mediocres ou os elevava á categoria dos talentos!

Muita vocação litteraria ficou totalmente abalada nos seus alicerces pelas influencias dos vendavaes que a deselegancia dos criticos soprava á feição de nuvens jupiterianas.

Em compensação, muitas negações existem hoje immortalizadas por essas mesmas influencias.

Porque, opportuno é acrescentar, com a mesma facilidade que se consagra uma pessoa amiga, se retalhava outra antipathica.

O critico era uma função séria, mais do que séria, grave e perturbadora.

Contam-se muitas anedoctas a respeito dos estréantes, o temor christão com que compareciam á presença dos doutores em analyses de grammatica, para offerecer, entre humildes e esperançosos, o livro destinado a commover, pela dedicatória excessiva, a sensibilidade endurecida de Jupiter.

Felizmente parece haver passado esse tempo.

Forçados a escrever sobre os objectos que lhes eram offerecidos, os criticos distribuam palmatoadas a granel, e — cousa admiravel — essas palmatoadas lhes davam a consagração do terror.

Hoje não se pratica mais, com agrado, esse condemnavel systema.

Existe uma comprehensão diversa.

Assim como appareceram poetas que não pensam mais com os antiquarios do seculo XVIII, e que voltaram a intelligencia para o sol deste seculo; assim como surgiram prosadores elegantes, sem as locubrações dos impenitentes classicistas, appareceram também creaturas suaves e commovedoras, fazendo critica sem fúria ás mãos nem sobrecechos carregados.

E' opportuno lembrar o bello effeito produzido em França e em outros paizes pela critica dos homens emotivos, que se não deixam levar pelo profissionalismo das analyses.

Bourget e vinte e outros, pondo de lado os modelos informativos, passaram a actuar sobre o espirito publico, fazendo uma critica que é a da emoção sympathica e sincera, sem os ataques soezes e violentos.

Tambem entre nós vão surgindo os novos cultores dessa critica elegante, feita de sinceridade, sem o arremesso que caracterizou, por muito tempo, a velha critica.

Muita razão sobrou ao illustre rs. Clovis Bevilacqua para dizer, em relação a esse tempo, que a critica, entre nós, andava sempre de rastros porque, ou se esbofava na insipida cantilena louvaminheira, ou se arremessava contra as intelligencias mais altivas, nuns impetuosos vorazes que nada continham.

E' bem recente a ascensão dos novos espiritos.

Avaliando que criticar é comprehender, com doçura, o sentimento alheio, divergir delicadamente ou concordar com sobriedade, surgiu uma pleiade formosa de escriptores.

Mucio Leão, com seu estylo agradável e fino, polido e gracioso, por onde passa, muita vez, a graça ironica de um sorriso velado, figura com destaque entre esses novos espiritos.

Ninguém deve ir buscar em suas lindas chronicas ataques pessoais ou criticas acerbas. A sua ironia é muito tenue e muito caracteristica. Não existe nesse escriptor, cuja sensibilidade tanto nos encanta, phrase aspera ou rictus tragico.

Comprehende ou discorda, com fidelguia.

Como elle, João Pinto da Silva, autor dos "Vultos do meu caminho" e "Physiologia dos Novos", e também de outros livros interessantes, está implicitamente incluido na corrente, pela distincção rara com que escreve.

De Ronald de Carvalho nada é preciso referir nem tampouco de Tristão de Atahyde, que acaba de adherir ao pensamento moderno...

Com igual brilho e mesma elegancia de pensamento eis-ahi-estão Rodrigo de Mello Franco, encantador pelos motivos do seu agrado ou de sua discordancia, Tristão da Cunha, pela serenidade dos seus assertos; Mario Rodrigues, de quando em vez, pelos seus lindos enthusiasmos; Claudio Ganns, pela generosidade fidalga e sem excessos; Sergio Buarque de Hollanda, pela visão de actualidade latente no seu espirito, sem fallar em muitos outros, senhores da mesma sensibilidade, por não ser proposito fazer-se aqui uma catalogação, mas tão sómente um relance.

Em nenhum desses ha o tom do profissionalismo, nenhum escreve pela velleidade de ser critico, que a critica, para ser sincera e boa, precisa, antes de tudo, despir-se daquellas roupagens de preconceito e dogmatismo com que se assustaram, por largo tempo, as inexpertas andorinhas litterarias que voejavam em torno da celebridade...

## ENSINO PRIMARIO

A proposito do appello da Liga Nacionalista de S. Paulo a todas as municipalidades brasileiras para que estas destinem ao desenvolvimento da instrucção primaria dentro dos limites da sua jurisdicção, determinada quota da receita orçamentaria, um dos nossos jornaes, depois de mostrar que não é de crer nas possibilidades materiaes dos governos municipaes por attender á solicitação, tanto mais quanto a politica estreita de competições coronelicias os absorve por inteiro, sugere a criação "á semelhança do da Saude Publica, dum departamento privativo, e que seria dada a função de promover o desenvolvimento e proceder á fiscalização do ensino." Logo adiante, para minorar o entusiasmo da idéa, recorda o impecilho constitucional, aliás discutivel, que não permite á União tomar a si tal attribuição. Quanto a esse embaraço convenhamos em

que é relativamente pequeno, no paiz menos amante da sua constituição... De resto, ha um artigo da nossa carta que attribue á União fomentar o desenvolvimento da instrucção no paiz, o que escudaria, porventura, qualquer attitude do Governo Federal.

De mais, vejamos as cousas, praticamente, no seu meio e pelo aspecto que se revestem, de commum. Se o Governo, mediante accôrdo, pretendesse chamar a si a organização, em todo o paiz, do ensino primario, os jardins da infancia, escolas de primeiras letras, rurais e profissionais, por acaso a subserviencia politica iria lhe pôr obstaculos? Seria ingenuo acreditar-o. Assim, pois, a idéa que "O Jornal" levanta é merecedora do mais franco apoio, porque encerra o unico meio plausivel de resolver o problema vital, como o chamou, com propriedade; o nosso collaborador Sr. Lemos Britto. Salvo algumas excepções, o que temos

feito em instrucção primaria é rudimentar e vergonhoso. As preocupações subalternas de nossos municipios, nas guerrilhas de aldeia, não lhes permitem encarar o problema, para o que — justiça se lhes faça — não têm a minima competencia. Como pôdem esses chefetes do interior, os nossos famosos coronéis, orientar a disseminação do ensino primario, hoje motivo das mais profundas cogitações pedagogicas? E' até risivel pretendel-o. Logo, o que ha a fazer é assumir o Governo Federal, mediante accôrdo com os Estados, á semelhança do que se fez com a Saude Publica, direcção do ensino primario superintendendo technica e auxiliando financeiramente ás municipalidades, de geito a tornar effectiva a campanha lutar contra o analfabetismo, até hoje simplesmente lyrica. Não seria essa, porventura, a mais bella commemoração do Centenario da nossa Independencia?

# ESTHETICA BRASILEIRA

DE CARLOS RUBENS

Alguns escrevi sobre a falta de decoradores maximos na nossa pintura sendo incontaveis os elementos naturais de que dispomos para uma expressão nova culminante na nossa vida pictorica.

Diz-se que não temos artistas ou que se os temos são alheios ao esplendor da natureza ambiente, desconhecendo a terra e o sol brasileiros. Ha pintores que decoram como sendo apenas paisagistas, fazem um dia um retrato, e o que fazem se não é assumpto historico, descambam para a cópia réles de uma natureza selvatica que nunca viram e de cousas igualmente intangiveis á sua visão. Realizam. Mas nada do que realizam é nosso, tem a nossa alma, o nosso sentir, nós mesmos nas vibrações naturais e características da nossa individualidade.

Traduzem um mundo que vislumbra na necessidade de plasmarem um motivo e não sentiram na ancia de exteriorisar um sonho, no desejo sagrado de fixar perenalmente uma emoção de belleza. Ou o que é mais triste, a maioria dos nossos artistas tem a nevrose do acabamento, a pressa doentia de realizar com perfeição o que não estudou materialmente, nem apprehendeu na espiritualidade da coisa inspiradora.

Em alguns casos o que falta a certos pintores é capacidade de transplantação, talento realizador. E é pena que isso aconteça.

A nossa paisagem é um deslumbramento continuo de contrastes e de uma pujança indescritivel na sua selvagem vitalidade.

Diante della o homem não tem apenas a sensação meiga do encantamento, a suggestionadora poesia da alma incomprehendida e subtil das coisas. Elle torna-se humilimo, encantado e dislumbrado, vencido no horror selvatico e na graça.

Só uma lyra épica a descreve, só um pincel portentoso a fixa com toda a sua maravilhosidade de cor e lybyrinthisação, luz e espiritualidade.

Dahi o temor que ella desperta nos nossos artistas e consequentemente a falta de um maximo paisagista verdadeiramente brasileiro, á altura dessa natureza que ainda não teve nem terá tão cedo domadores que a fizessem ou a venham fazer como a natureza europea, candida e mansa.

Não a podendo interpretar no seu conjuncto, na sua grandeza cyclopica, no seu titanismo que lhe aproveitassem, ao menos, os elementos constitutivos, os mi-

lhares de formas que creem a sua potencialidade bella.

Mas não. O divorcio dos nossos artistas com a natureza é um caso assombroso e contristador. Esse medo ao elemento mais facil de fazer, onde outros elementos inexistem, ou se teima em dizer que nos faltam, é quasi uma cobiardia mental, uma evidente fraqueza de tentar a belleza na realidade pictorica.

Uma exposição parcial dá-nos a certeza de que a nossa natureza é uma imitação da natureza que o homem lamoldou á sua maneira, pacificou-a, uma reprodução mortica de capinzaes e vallados, trechos de lagoas dormentes, ilhas que o esfumado da nevoa distancia, praias e arvores languidas, tudo isso com titulos frageis e lyricos, atormentados e vassios, taes os versos dos poetas alambicados e chorosos, desfiando-se em lamentações e em vacuidades penumbriadas.

O "Salão" official, esse famoso "Salão" que é o maior acontecimento de arte que a Administração reserva ao prazer mesma desoladora, pungente, amargura-esthetico do brasileiro sem arte, deixa a diissima impressão.

Ha ahi, afirmações audaciosas de paisagistas, provas de que poderiamos ter interpretes dignos da nossa natureza. Mas isso num ou noutro trabalho. Em artistas raros. Numá ou noutra modalidade de ambientes. Na luz ou no tumultuamento verde, em trechos esparsos de determinado local. O conjuncto foge á eternisação pinturesca. Evidencia-se assim a ausencia completa de pinceis homericos. Não podendo interpretar a natureza circumdante, os nossos artistas rebuscam os assumptos mais delicados, onde os pinceis tímidos, mesmo brilhantes, adquirem relevo. Abordam assumptos psychologos nos quaes mais vale a intenção ou a idéa do que a interpretação que sempre pecca no ajustamento dos valores ou no desenho, em que se descuida a maioria dos nossos artistas, na perspectiva ou na composição.

Para longe fica a natureza victoriosa na sua eterna portentosidade, e na sua immensidão de affabilidade renovada e viva.

Isso na paisagem propriamente dita, na obra de cavalleto. Nas demais obras é o mesmo. A ausencia da natureza se manifesta com horror. Aqui não são só os recessos de matta, o sertão, as selvas murmuradas. São as suas feições mais amovaveis e placidas: seus regatos, suas praias, suas varzeas e seus parques. Copia-se a natureza franceza rival da nossa,

inventam-se paisagens no conforto dos "ateliers", motivos desgraçados ou então vai-se buscar na mithologia, na Grecia, na historia que não nos emociona de povos estranhos, o que achariamos aqui, com outra alma de certo mais doce e capaz de ser sentida porque seria nossa, diante de nós, na nossa terra, dentro das suas lendas, da sua historia em que avultam heroes da estatura dos maiores do mundo, dos seus costumes, nas palpitações vis da nossa raça.

Porque esse repudio á natureza, essa poderosa fonte de elementos inspiradores e emocionaes? Sendo dessa forma na pintura, a preocupação esthetica nacionalista é tambem assim na escultura, na architectura, na indumentaria, nas obras manuaes, nos minimos trabalhos onde o desenho constitue a base de um motivo de belleza.

Seria curioso saber-se o que faz o ensino artistico, mesmo o ensino artistico-profissional neste paiz.

Uma *blague*, como tudo mais. Academicismo, mentira. Embromação, concorrendo para desnorteamento de revelações estheticas invejaveis. Ensina-se paisagens entre duas paredes, como chimica, nos laboratorios. Paisagens de "atelier" repugnancia á natureza, commodismo de artista, falsa comprehensão de finalidade do Bello, deshonestidade profissional.

Mas tem feito os que aprendem com artistas conscientes como Grimm e se rebellam contra as formulas doutoraes dos mestres da Avenida, como Castagneto e Parreiras.

Nas nossas escolas profissionaes não temos cuidadores melhores. Nada se realiza de novo. Repete-se. A arte não tem influencia nacionalista. Modorra na eterna cópia, se existe. São coisas estas increditavias, mas reaes e que entristecem profundamente.

(De um estudo sobre Theodoro Braga).





## PASTORAL

## SEXTA SYMPHONIA DE BEETHOVEN

TOMÁS DE LIMA

DE RENATO ALMEIDA

A contemplação serena da belleza ideal valerá a vida? No turbilhão inconsciente, ora amável, ora torturado, em que os homens já passam fatigados, que resta senão o maravilhoso encanto do universo, para lhes illuminar o olhar e transfigurar um 'rapido instante? Não ha, por certo, outra alegria que a elle se compare, quando sentido no seu prestigio immenso de esplendor da verdade. Então, tudo se transmuta. O mais trivial accidente e o recanto mais humilde se laivam de prodigios sobrenaturaes, para que todas as cousas boas e más, bellas e feias, favoraveis e aggressivas, se transfigurem num concerto harmonioso, cujo rythmo perfeito nos conduz para o desconhecido...

Esse estado de tranquillidade e de alegria só é possível attingir quando a creatura se eleva, pela razão, do tumulto sangrento e cruel da vida, para aquella ambiencia sobrenatural, além do bem e do mal, na fórmula genial de Spinoza. Só quem tem essa ventura, de encarar face a face o destino perverso e sardonico, e não se abater ao seu golpe certo, encontrou a estrada da contemplação saciada das cousas, em que tudo se move num "fieri" constante e eterno. Aos olhos maravilhados desses eleitos, nossas pequenas disputas e nossas dores allucinantes, nossos gritos e nossas duvidas, numa agitação febril, não passam de referencia para sua alegria superior, essa doçura infinda, de que nos fala o grande Lucrecio. Com os sentidos traídos e o sentimento desencantado, só a intelligencia, numa reacção formidável, sobresaindo ás suas fracas contingencias, nos desprende da miseria para a infinita serenidade.

Não haverá, por certo, melhor exemplo dessa grandeza do que Beethoven. Ninguém soffreu mais a tortura da vida e maior, do que a sua, não houve desventura. O destino parece que buscava, na sua perseguição cruel, augmentar-lhe o genio. Quem sabe se o dedo invisível da Providencia se não compraz em nos ensinar a transcendente verdade em alguns symbolos subteis? A surdez de Beethoven não revelará o engano dos sentidos, que não levam a fim algum? Não foi quando seus ouvidos se fecharam que o universo lhe offereceu todo o segredo da harmonia, para que traduzisse aos homens numa criação genial? Na sua immensa desgraça, o musico sublime maldisse a existencia e o mundo, mas não se deixou abater. Como vencera a surdez venceria a vida. "Quero affrontar o meu destino!" — exclamava, e, por uma força que nós outros nem suspeitamos, attingiu a perfeição humana, que é a tranquillidade interior, a alegria e a satisfação da vida.

Na obra de Beethoven perdura essa impressão. O desengano, que quasi anniquila, é vencido ao último momento, pela visão ideal do mundo, a que consagrou um dos cantos mais sublimes no "Hymno á Alegria", da "Nona Symphonia", — das maiores realizações humanas sobre a terra.

Embora sem essa grandeza, a "Symphonia Pastoral" é um poema commovido á natureza, em que o genio fulgurante, com um vigor inexcedível, insinúa a alegria jovial das cousas e sua harmonia translucida, para encanto do coração, conforto da intelligencia e deslumbramento

de todos os sentidos. O ambiente se abre aos nossos olhos numa paisagem graciosa e elegante, ao ar diaphano e puro, entre uma vegetação primaveril e um perfume estonteante de terra boa e amiga. Essé acordar alegre no campo, impressão de suavidade e maravilha, nos envolve com uma doçura irreal, suggerindo o espirito pela illusão poetica, a que se refere Berlioz. Depois é o regato que corre, marulhando, limpido e transparente, para espelhar a natureza, movimentada agora por vozes humanas e pelo chilrear dos rouxinões e das calhandas. Subito, um fremito corre. E' a vida que chega. A pastoral se anima. Uma ronda jovial de camponios dança, em medidas compassadas, num rumor suave e alegre que se desenvolve nos motivos galantes do "scherzo". E o enleio prosegue suavemente, na poesia que inebria como sonho impalpavel do desejo... De repente, um acorde quebra a melodia. O ambiente se sombrea e a tempestade escurece os céos. O vento corta o ar arrepiado, em silvos impetuosos, recurvando as arvores, e o rolar longinquo do trovão resoa nos espaços, que o relampago clareia. A chuva cae em grossas bategas, encharcando a terra, e a borrasca domina o ambiente.

Mas, aos poucos, a tormenta se apia e de novo a luz ganha o céu. Tudo rebrilha, das arvores alagadas caem gotas

de agua que o sol irisa e a todo o espaço volta a doçura e renasce a graça mais sensível e pura. A voz clara dos pastores felizes se eleva num canto de prazer e contentamento e a musica é um hymno á natureza renovada e alegre. Em tudo, no ar, nas arvores, nas proprias vozes ha mais encanto, que esvoaça na harmonia apaixonada, transformada numa fervorosa oração de amor á vida, como poucas a vida teve.

Na sua festa illuminada e clara, dessa clareza que foi a virtude mais excelente dos francezes elegantes do seculo XVIII, surge a alma de Beethoven, acima do bem e do mal, elevada pela sabedoria e pelo contentamento da arte immortal. Enquanto a existencia lhe corria aggressiva e o arremesso do mundo brutal o contrariava, propinando o veneno horrivel do tedio, Beethoven alegrava-se, e transfigurava seu espirito em hymnos excelsos. Assim como o tempestade escurece o céu, um instante apenas, para que depois se clareie mais brilhante, a dor não póde ser para o coração humano mais do que uma fonte de prazer, obrigando-o a ascender sobre si mesmo. E' o symbolo ideal da "Symphonia Pastoral". Delle tire o leitor o ensinamento mais proveitoso, mas, qualquer que elle seja, deixe-nos, ao menos, esquecer, na sua belleza luminosa, a maldade da vida e o engano das cousas...

## As nossas Fronteiras

Cabem todos os louvores ao Governo pela iniciativa de endereçar ao Congresso um projecto de lei, regulamentando o art. 64 da Constituição, para determinar as terras, nas nossas fronteiras, necessarias á defesa e integridade nacionaes. Fomos nós, da America Brasileira, dos primeiros a analysar e discutir o magno problema, mostrando que não tinhamos fronteiras, porque as zonas limitrophes não determinadas ainda, estavam sendo alienadas, a estrangeiros, assim postos nas atalaias de nossa segurança internacional. Agora, que se agita o problema, vimos novamente insistir na necessidade de tornar uma realidade a determinação dos terrenos fronteiricos, de modo a se apurar a situação dos mesmos muitos dos quaes — segundo informes insuspeitos — estão em mãos alheias, por concessões ou vendas. Ainda ha pouco, ferindo o assumpto, lembrava um dos nossos grandes diarios, que o estado do Paraná concedera á empresa Matte-Laranjeira, com séde em Buenos-Ayres, a concessão para construção, uso e gozo, por 60 annos, de uma estrada de ferro, salvando as sete quedas (limite brasileiro) e pondo em communicação todo o systema fluvial do norte com o sul, isto é, todo o trafego entre S. Paulo, Sul de Matto-Grosso, Paraná com as republicas do Paraguay e Argentina. Além disso, continúa o jornal, a fronteira da serra do Maracajú até o Ivinheima está nas mãos dessa empresa, e os 100 kms. de costa entre as sete quedas e a foz do Iguassú estão arrendados, ou pertencem a estrangeiro. Juntando-se esses a outros factos, que já tivemos ensejo de denunciar, como a venda de 2.633.065 hectares na faixa fronteira, á Companhia Fomento Argentino, póde-se avaliar da necessidade de evitar males maiores, regulando, em definitivo, as nossas fronteiras. Não é possível deixar a permanencia de uma similhante imprevidencia, senão perigo, tudo indicando ao Governo o caminho a seguir e que, em boa hora, passou a trilhal-o. Esperemos, pois, que o Congresso não esqueça a solicitação do Governo, legislando, criteriosamente, sobre o problema, do mais alto interesse brasileiro, pois é da essencia de segurança nacional. Já varias pessoas têm volvido ao assumpto, com muito maior competencia e fornecendo copia de documentação preciosa, para nos dispensar dessa ultima parte. O certo é que se estende o desinteresse pelas regiões das fronteiras, cuja importancia na defesa do paiz ninguém póde contestar, representando seu baluarte mais avançado. Por isso, merece o Governo os mais francos applausos pelo seu gesto de protecção as zonas limitrophes, cuja sorte adversa nem sequer a sabemos exacta. Agora, já não ha que negar os olhos cubicosos que nellas se projectam, comprometendo o proprio interesse do Brasil. Nesse sentido, façamos ao Congresso um appello muito sincero para legislar com sabedoria, evitando sobresaltos futuros, em horas irremediaveis. Essa lei é um reclamo da propria Constituição Federal, que determina a fixação da "porção do territorio indispensavel para a defesa das fronteiras" e se impõe como medida integrativa de nossa segurança. Bem haja o Governo por tão patriótica iniciativa de resolver o assumpto, que desejamos ver transformada, quanto antes, em realidade, de sorte a resguardar o territorio nacional, abusivamente alienado, em operações que o Ministerio da Guerra já teve ensejo de profligar, pelo orgão conspicio do Estado-Maior do Exercito.





# PEQUENAS NOTAS

O nosso distincto collaborador Ronald de Carvalho foi convidado a fazer parte da "Société Academique d'Histoire Internationale", de Paris, fundada pelo grande Mistral, e que conta em seu seio escriptores do mais alto relevo em todas as litteraturas

A Suprema Corte do Estado de Nevada, Estados Unidos, rejeitou o pedido do Procurador Geral, no sentido de ser annullado o divorcio da conhecidissima artista de cinema Mary Pickford, hoje casada com Douglas Fairbanks, tambem celebridade cinematographica.

Por proposta do seu presidente, Sr. Julio Dantas, foi eleito membro da Academia de Sciencias de Lisboa, o escriptor Medeiros e Albuquerque, da Academia Brasileira.

Foi inaugurada, solemnemente, a electrificação da Companhia Paulista, no trecho entre Judiahhy e Campinas, trabalho este que representa mais um esforço admiravel da grande e poderosa empresa, que tanto honra á actividade e ao empreendimento nacionaes. E' justo recordar, neste momento, o nome do seu venerando presidente, Sr. Conselheiro Antonio Prado, que foi «pars magna» nessa realisação, batendo-se denodadamente por ella, quando outros elementos procuravam, se não combatel-a, ao menos adial-a.

Foi commemorado com grande solemnidade o anniversario da Instituição do Jury: Houve, nesta Capital, uma sessão, presidida pelo Dezembargador Montenegro, com a presença de juizes e advogados, reunidos todos, no pardieiro ignobil, que fica aos fundos de um não menos ignobil casebre, que serve de sede á nossa justiça local, em grande parte. A festa judiciaria correu brilhante, com discursos eloquentes, em que se pretendeu, até certo ponto, galvanizar a desmoralizada instituição, que, para mal da justiça, a nossa Constituição perpetuou. Presentes de annos a uma velha decrepita...

Porque não foi commemorado o dia 2 de Julho? Ao menos, neste anno do centenario, deveria a grande data merecer as festas civicas, rememorando e celebrando o feito heroico dos bahianos, pondo termo ás lutas da Independencia, com a capitulação do General Madeira. No entanto um silencio indifferente deixou passar o dia glorioso, que o estro de Castro Alves immortalizou nas estrophes encandecentes de sua ode. Ninguém se apercebeu da ephemeride, occupados como estavam nas questiunculas enervantes da politica. E, vulgarmente, como qualquer outro dia, o dia 2 de Julho de 1922 passou. Um dia sem importancia...

Falleceu o Professor Charles Laveran, uma das maiores celebridades medicas da França e do mundo. Era detentor do premio Nobel, das sciencias medicas, de 1907. Sua nomeada data de 1883, quando, em estudos na Argelia, descobriu o

hematozoario do paludismo, a cuja prophylaxia se dedicou, obtendo os seus processos o melhor exito. Fez parte do Instituto Pasteur de Paris, onde se notabilizou pelos seus estudos de parasitologia e especialmente da molestia do somno.

"La Razon", tratando da questão dos transportes entre o Brasil e a Argentina, recorda a iniciativa do Sr. Cortejarena, propondo a construcção de uma estrada de ferro economica ligando os dous paizes, a qual partiria de Los Apostolos e terminaria na foz do Iguassú. O mesmo jornal lembra a conveniencia de se juntar á série de "films" que serão exhibidos na Exposição do Rio de Janeiro aquelle que foi tirado por occasião da excursão Lacroze, o qual permittiria uma apreciação melhor das vantagens daquella estrada de ferro como meio de intensificar o intercambio commercial entre os dous paizes. A exhibição do referido film poderia ser acompanhada de uma conferencia sobre o assumpto.

A Igreja Catholica perdeu um dos seus mais notaveis prelados — O Cardeal Valfrédi Bonzo, cuja vida, toda ella dedicada á religião catholica, é uma pagina honrosa da historia moderna do catholicismo. Tendo feito seus estudos na afamada Academia dos Nobres Ecclesiasticos, onde foi condiscipulo de Benedicto XV, em toda a sua trajectoria pela carreira ecclesiastica soube manter, com o brilho e a virtude de sua acção, as tradições daquelle instituto de ensino religioso. Bispo de Cuneo em 1885, Arcebispo de Vucelli em 1905, de Trebizonda em 1916, Nuncio Apostolico em Vienna em 1917, Cardeal em 1920, Prefeito da Congregação dos Religiosos em 1920, cargo em que o encontrou a morte, o Cardeal Valfrédi di Bonzo prestou á Igreja inestimaveis serviços. Sua morte causou profunda emoção nos circulos catholicos.

Falleceu inesperadamente em Nova York o compositor hebreu Mathias Beusman, que auli-se achava para dorigir a estrea de sua opera "Palestina", no Carnegie Hall. Com essa obra pensava o compositor fixar o typo da oper judia, para o que já havia feito felizes tentativas com "Os judeus", que se estreou na Italia; composta sobre um libreto do poeta russo Ichirikow. Mathias Beusman nascera na Ucrania e contava 44 annos de idade. Tinha feito brilhantes estudos musicas no Conservatorio de Kiew.

O Papa Pio XI, por occasião da commemoração do nosso centenario, enviará ao Brasil uma missão chefiada pelo Monsenhor Vagni Tosti, que será portador dos votos do Summo Pontifice pela felicidade de nosso paiz e de suas benções apostolicas.

A Allemanha pagou a 15 do corrente a prestação vencida nesse dia, das reparações de guerra, no total de 32 milhões de marcos,ouro, devida aos Alliados,na conformidade das obrigações decorrentes do Tratado de Versailles.

A Comissão de Assumptos Extranqueiros, da Camara dos Deputados da Argentina, manifestou-se favoravelmente, por unanimidade, sobre a elevação a Embaixada das Legações argentinas no Rio de Janeiro e em Santiago do Chile.

De Nova York informam que o aviador Walter Hinton, um dos pilotos do "NC 4", o primeiro avião que effectuou a travessia do Atlantico, pretende iniciar um vôo na primeira semana de Agosto, partindo de Nova York com destino ao Rio de Janeiro, onde pretende chegar ainda a tempo de assistir á inauguração da Exposição Internacional do Centenario. O Dr. Euclydes Pinto Martins, de Pernambuco, acompanhará o Sr. Hinton na qualidade de sub-piloto. O aviador Hinton conta effectuar o vôo, que comprehende mais de oito mil milhas, em 97 horas. A viagem planejada é mais uma prova de amizade dos Americanos pelo Brasil. A expedição, que é uma viagem historica, terá um character interessante, pois que os pilotos que a vão realizar tencionam trazer consigo um cinematographista, dous mecanicos e um radiotelegraphista. O aparelho que servirá para essa travessia será um hydro-avião de marinha de dous motores, equipados com um aparelho radiotelegraphico.

O Governo do Brasil elevou á Embaixada a sua representação no Chile, correspondendo á gentileza igual que teve para com o nosso paiz a grande Republica do Pacifico. O Brasil é actualmente um dos paizes do mundo com maior numero de Embaixadores permanentes acreditados junto ao seu Governo, em numero de nove.

A Sede da Comissão dos Estados Unidos na Exposição do Centenario da Independencia do Brasil, informa á United Press que estão sendo tomadas providencias no sentido do Presidente Harding felicitar, á viva voz, por meio do radiophone, o povo brasileiro por occasião dos festejos a serem effectuados em honra do Centenario da Independencia do Brasil. Casó sejam coroadas de exito as actuaes providencias, ouvir-se-ha a voz do Presidente Harding fallando ao povo brasileiro através de umas quatro mil milhas radiographicas. Será possivel a transmissão da voz do Chefe da Nação por meio do emprego de aparelhos radiophonicos (apparelhos do telephone sem fio) nos quaes os peritos do Ministerio da Marinha actualmente trabalham a toda pressa, affim de completal-os quanto antes. Os scientistas estão completando um poderoso aparelho electrico affim de receber as ondas radiographicas, transmittindo a voz do Presidente Harding ao Rio de Janeiro. O citado aparelho será installado no Pavilhão dos Estados Unidos na Exposição do Centenario da Independencia do Brasil. O Presidente da Republica fallará no poderosissimo radiophone na estação transmissora de Arlington, no Estado de Nova Jersey, sendo as suas palavras amplificadas e reproduzidas pelo aparelho de recepção no Pavilhão Norte-Americano da Exposição do Centenario da Independencia da grande Republica irmã.







ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA

Esta doutíssima corporação commemorou no ultimo dia do mez findo o seu nonagesimo terceiro anniversario. A sua existencia se assinala chela de serviços á causa da medicina, engrandecendo o nosso patrimonio scientifico, para maior gloria do Brasil. A Academia foi fundada em 1829, tendo partido a idéa de João Candido Soares Meirelles, formado em Paris, e que voltou ao Brasil disposto a prestar á medicina de sua Patria os maiores beneficios. Cercou-se de quatro collegas illustres e esforçados: Luiz Vicente de Simoni, José Francisco X. Sigand, José Martins da Cruz Jobim e João Mauricio Faivre e concertaram juntos a fundação de uma sociedade de medicina. Depois dos trabalhos preliminares, de que também participaram os cirurgiões Jacintho Rodrigues Pereira Reis e José Marianno da Silva, a 30 de Junho de 1829, reuniram-se á R. da Cadea (hoje Republica do Perú) 161, os sete citados organizadores e Fidelis Martins Bastos, Antonio Americo de Urzedo, Antonio Martins Pinheiro, Christovão José dos Santos, Joaquim José da Silva, Octaviano Maria da Rosa e João Alvarés Carneiro, constituindo uma assemblea de 14 profissionais, aos quaes, conforme deliberação unanime, se juntariam Antonio Joaquim da Costa Sampalo, José Augusto Cesar de Menezes e José Maria Cambuci do Valle, ausentes nesse acto, mas favoráveis á causa, segundo affirmação de varios collegas, elevando-se assim a 17 o numero de membros da Sociedade. Feita uma succinta exposição dos trabalhos anteriores e lidos os estatutos, todos se levantaram em signal de approvação, pronunciando então o Dr. Joaquim Candido Soares Meirelles, em alta voz, com applausos geraes, estas palavras, que os annos da casa recolheram e guardaram: "A Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro está formada neste instante, e nós todos que aqui estamos presentes somos membros natos!" Pouco tempo depois, a 24 de Abril de 1830, era a Sociedade solennemente installada na presença do Marquez de Caravellas, Ministro do Imperio e com luzida assistencia de mais de 300 pessoas, para, cinco annos mais tarde, á vista de inequivocas provas de valor, ser convertida em Academia Imperial de Medicina, por decreto de 8 de Maio de 1835, assignado por Joaquim Vieira da Silva, Ministro da Regencia. Data de então, a crescente grandeza dessa notavel Companhia, que vem abrigo em seu seio os nomes mais representativos da nossa sciencia medica. O seu actual presidente, o eminente mestre Miguel Couto, é o symbolo mesmo da nossa medicina, aliando á sabedoria uma extrema bondade, no que realisa a figura nobre do medico. Honremos, pois, ao grande clinico, prestando homenagem á medicina brasileira!

INSTITUTO DE ADVOGADOS

O nosso distincto collaborador Dr. Ribas Carneiro, tomando posse do lugar de membro effectivo desse Instituto, proferio o seguinte discurso:

Exmo. Sr. Presidente do Instituto. — Meus senhores: Bem sei, Sr. Presidente, bem sei, meus collegas, que o protocolo desta Casa de advogados, paradoxalmente, não aprecia a loquela havendo cahido em desuso discursos de recepção, respostas de estylo; bem sei que a iniciação se completa com o juramento que acabo de prestar; bem sei que haveis de censurar-me a mim por essa audacia de mal sentido em tão douta assemblea, me levantar a pedir a palavra, interrompendo a ordem dos vossos trabalhos. A magnanimidade, porém, de que tistes prova provada, acoitando-me aqui, me absolverá, com certeza, se vos lembrades que, sendo eu advogado forçado, assim, em primar na gentileza, nada mais feio e reprovable para mim seria que, ao receber tanta merced, não vos testemunhasse a minha profunda gratidão. E, protestando-vos estes agrade-

cimentos, em cuja fórma bem percebo a pobreza do meu vocabulo, deixai que vos confesse não saber como meus passos conseguiram alcançar esta Casa, onde pontificaram Jequitinhonha, Nabuco de Araujo, Teixeira de Freitas permitti que vos affirme não haver atinado como pôde meu desvalido nome obter vossos suffragios o que me faz estremecer de alvoroço, a ponto de me deixar no receio de estar praticando o tremendo peccado da vaidade. Venho para vos ouvir e aprender convosco, não vos podendo apresentar como credencia senão a minha mocidade que nunca se perdeu dos livros, que nunca se desorientou por outro caminho que não o da carreira escolhida, mocidade que nunca abdicou dos seus direitos de independencia e de autonomia, ligada, porém, por laços indissolúveis, a esse passado nosso, tão de louvar e tão de engrandecer, passado cujas glorias têm, neste benemerito Instituto, um dos mais fieis e devotados depositarios. Sinto-me, pois, feliz entre vós, tanto mais quanto o momento que estamos a atravessar é daquelles que mais exigem dos sabedores de assumptos juridicos maiores attentões e mais ponderados estudos, ambiente a que me senti sempre atraído, no desejo de aperfeçoar os meus conhecimentos sobre essa sciencia de tão avantajados limites, qual seja a que vos é tão por miúdo conhecida e da qual não diviso senão exigua parte. Um horizonte enorme se distende ante nossos olhos, com esse tumultuar de energias, com esse fermentar de idéas, esse febricitante movimentar de aspirações. Vivemos uma época de transformações sociaes, em que os problemas de ordem juridica se succedem, se avolumam, se accumulam, se agravam, provocados pelo aperfeçoamento da sciencia, da arte, da industria, do commercio, pela vulgarização da cultura, pela nivelção social, pela intromissão reciproca dos povos phenomenos espantosos denunciando de uma verdadeira "crisis", na accepção grega do termo, e que revela a passagem de um estado constituido para um estado constituendo. Enunciam-se as primeiras letras dos conceitos philosophicos proprios do nosso seculo; idéas que viviam no fundo dos livros e que se chamavam desdenhosamente idealismo, utopias, sahem do abstrato, erguem-se, aprumam-se, e, como as idéas-forças de que nos falla Fouillé, ganham raio de acção, formam nucleos, ampliam o seu ambiente, dominando espiritos, seduzindo multidões, e já mão são mais idéas, são sentimentos, são paixões, que rapido transpõem fronteiras e facilmente, mercê do desequilibrio geral, determinado pela guerra, se decompõem, se alteram, e assim se infiltram em todos os povos do continente e pelo telegrapho, pela imprensa, pelo livro, pelas ondas immigratorias, alcançam já as terras americanas, surgem entre nós, com as graves, a constituição dos syndicatos, a assistencia obrigatoria ao operario, a legislação do trabalho... Esse movimento, que a guerra europea veio sobre modo apressar, constitue a preocupação de todos os sociologos, tão imprevisíveis as suas consequências, tão accentuada sua força, que tem o cunho da fatalidade, pois que não é originada do capricho ou de um facto occasional, mas contribue uma consequencia do seculo XIX. D'ahi a generalidade, a grandeza, a energia desse movimento social. Não se pense na opposição: é uma corrente que não respeita represas, mas que pôde obedecer á canalização que faça de suas aguas revoltas e violentas aguas calmas, aproveitaveis, aguas fecundadoras. Adaptar para harmonizar — eis nossa tarefa, eis a nossa missão, nós, que nos consagramos e perseguir as necessidades sociaes, descobrir, á luz da sciencia, as lacunas as imperfeições, para preenhe-las e corrigil-as, defendendo a sociedade nos seus fundamentos, na sua integridade, no seu destino. Este Instituto sempre foi, no Brasil, um nucleo de estudiosos, de homens doutos, brilhante companhia, de um passado bordado de triumphos, clarissima assemblea, onde sempre se reflectiram as questões juridico-so-

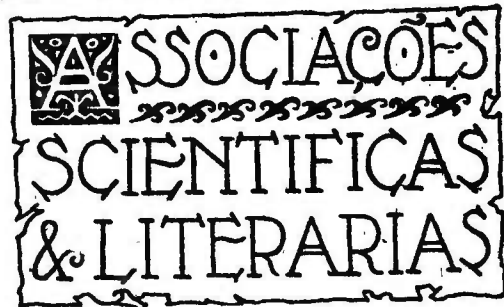
ciaes, provocando as mais formosas manifestações de intelligencia e de cultura, benemerita instituição, pelos conceitos valiosos que, para ufania de nossas letras, sempre emitti, do alto da sua autoridade veneravel. A missão desta douta assemblea, no momento actual, se avanta. O Brazil em meio dessa toarda, nesse ambiente desasocegado, nunca precisou mais, para esclarecel-o e oriental-o, que a palavra de prudencia, de ordem, de paz; nunca necessitou mais que se reafirmasse o prestigio da lei, o respeito ás instituições politicas, o acatamento á Justiça, o Brazil mais que nunca pediu exemplos de civismo, de honra, de cultura, de firmeza de convicções e, creio bem, e certo estou de não errar, que nenhuma fonte melhor que esse nosso Instituto, em cuja presidencia suggestivamente se encontra uma figura duplamente aureolada pelo saber e pela honorabilidade, Instituto que, hoje, abrindo uma excepção ao escrupulo da escola, recebe boamente em seu largo sóio um moço de espirito agitado que vem pedir á vossa cultura e á vossa experiencia benevolencia e estímulo."

GEORGES DUMAS E ERNEST MARTINENCHE

A Academia Brasileira de Letras acaba de eleger membros correspondentes os professores francezes Georges Dumas e Ernest Martinenche. O ultimo acha-se actualmente em Buenos Aires, para onde passou por este porto em 2 do mez findo, e virá ao Rio de Janeiro tomar parte no Congresso Historico. Será então recebido pela Academia e fará o elogio de Jean F'not, a quem succedeu.

O TRI-CENTENARIO DE GREGORIO DE MATTOS

A Academia de Letras da Bahia dirigiu ao Presidente da Academia Brasileira de Letras o seguinte officio: "Bahia, 3 de Junho de 1922 — Exmo. Sr. — Por proposta do academico Xavier Marques á Academia de Letras da Bahia projecta commemorar com solemnidade a passagem, em 7 de Abril de 1923, do tricentenario do nascimento do celebre poeta bahiano Gregorio de Mattos, patrono de uma das cathedras da Academia Brasileira. Isto posto, cumpre-me pedir a V. Ex. a collaboração moral e intellectual dessa Academia na homenagem ao grande satyrico, gloria desta terra e das letras nacionaes. Apresento a V. Ex. os meus protestos do mais alto respeito e estima. — Braz do Amaral".



HOMENAGEM A RONDON

Foi eleito membro honorario da "Sociedade de Geographia de Washington" o General Candido Marianno da Silva Rondon, mais alta distincção concedida por essa aggremação. Somente oito personalidades notaveis já foram distinguidas com a honra ora dada ao illustre explorador brasileiro. Entre essas oito contam-se o Coronel Theodoro Roosevelt, ex-Presidente dos Estados Unidos e grande explorador das regiões tropicaes, e o Almirante Peary, explorador do Polo Arctico. A Sociedade annunciou que o

"DANSA DOS PYRILAMPOS"

POEMAS DE OSWALDO ORICO

A APPARECER ESTE MEZ

PRIMOROSA EDIÇÃO DE MONTEIRO LOBATO & COMP.

COM ILLUSTRAÇÕES E DESENHOS

General Rondon foi eleito pelos grandes serviços prestados aos aborígenes do Brasil e pelas magnificas contribuições á geographia nas suas varias e famosas viagens de exploração.

**CONFERENCIAS DO SR. OLIVEIRA LIMA**

O Sr. Oliveira Lima foi convidado pelo Instituto de Sciencias Politicas de Williams-town, para realizar seis conferencias sobre Historia do Brasil, Diplomacia e assumptos pan-americanos. Os outros notaveis oradores estrangeiros, convidados para fallar perante o Instituto, são o Sr. Raymond Recouly, editor do "Temps", de Paris, Dr. Rikerato Fujisawa Foremos, autoridade em Direito Internacional, no Japão, Joseph Redlich, ex-Ministro das Finanças da Austria, Felipe Kerr, ex-Secretario do Primeiro Ministro, Sr. Lloyd George, da Grã-Bretanha. O Sr. Leo S. Róese ex-Director da União Pan-Americana, fallará sobre a America Central.

(Do Journal do Commercio.)

**UM INSTITUTO BRASILEIRO EM HAMBURGO**

A Sra. Lilia Emil Wiesener, distincta escriptora e jornalista brasileira, pretende organizar em Hamburgo um instituto brasileiro, á semelhança de um gabinete de leitura, com cursos e conferencias sobre as nossas cousas, de sorte a tornar conhecida a nossa cultura na Alemanha. Pretende tambem traduzir para o allemão varias obras brasileiras e manter nos jornaes germanicos correspondencia sobre os assumptos do nosso paiz. Nenhuma iniciativa poderia ser mais idúvavel e patriótica, contribuindo para integrar a cultura brasileira nos grandes centros intellectuaes da Europa, onde, para mal de nós, ainda somos desconhecidos, ou mal julgados, senão injuriados. E' de crer que a iniciativa da illustre senhora Wiesener encontra a melhor acolhida em nossos circulos intellectuaes, os quaes, estamos certos, não de contribuir efficientemente para o exito da tentativa. Não seria o caso do governo amparar, officiosamente, a idéa, convertendo-a numa bella realidade?

R. M.



DEPUTADO LUIZ DOMINGUES

Com o passamento do Dr. Luiz Domingues da Silva, perde o Parlamento uma das suas figuras mais interessantes, admirado que era o saudoso politico como um caracter integro, um orador fulgurantissimo e um conhecedor profundo da nossa lingua, que manejava como um mestre. O Sr. Luiz Domingues, intelligencia de escol e espirito cultissimo, sabia sempre alliar ás belezas de sua palavra escorreita, os imprevisos de um temperamento fascinante e gracioso, desses que tornam os homens sempre bem-vindos em todas as rodas porque a sua só presença vale como um prazer intellectual. Nasceu na cidade de Turassu, no Maranhão, desde os bancos escolares, em Recife, se distinguindo pela sua intelligencia vivaz. Fez o seu curso de humanidades no Internato Pernambuco, bacharelando-se em 9 de Novembro de 1883. Ainda no curso superior, já escrevia na imprensa o futuro representante do Maranhão, tendo redigido "O Abolicionista" e a "Revista Academica", e no 5º anno de direito, era eleito deputado á Assembléa Provincial do Maranhão, pelo Partido Conservador, cujo chefe era, então, o Conselheiro Gomes de Castro. Representou, assim, na Camara Provincial, o segundo districto do Maranhão, onde era chefe politico seu tio, o Barão de Tromahy, durante os biennios de 1884 a 1885, 1886 a 1887, e 1888 a 1889. No anno de 1889 foi escolhido por seus pares para occupar a cadeira de Presidente da Assembléa Provincial. Em Dezembro, pleiteara a eleição geral para deputado pelo 2º districto do Maranhão. Seu adversario era o Conselheiro Almeida de Oliveira, então Ministro da Marinha. Foi vencido o Dr. Luiz Domingues, que perdeu a eleição por 20 votos. No anno seguinte, em 1885, appellava,

de novo, para as urnas contra o mesmo adversario politico, e o venceu pela maloria de 3 votos. A 17 de Março de 1886 era reconhecido Deputado Geral pelo Maranhão. Proclamada a Republica, recolheu-se ao seu Estado natal, filiando-se ao Partido Catholico, então organizado, e dirigio o jornal "A Cruzada, orgão dessa agremiação politica. Em 1891 o Partido Catholico fundio com o Partido Nacional e Republicano Constitucional, ascendeu ao poder, pelo contra-golpe de Estado de 23 de Novembro desse mesmo anno. Foi, então o Dr. Luiz Domingues eleito Deputado Federal para a primeira legislatura que se seguiu á Constituinte Federal, juntamente com os Drs. Benedicto Leite e Christino Cruz, nas vagas dos Srs. Dama-so Pereira, Barão do Alto Mearim e Padre Dr. Joaquim Sampaio Castello Branco, cujos diplomas haviam sido annullados, e que tinham sido eleitos Deputados Federaes nas vagas abertas com as renúncias dos Drs. Eneas de Souza e Tasso Fragoso e o fallecimento do Dr. Custodio Alves dos Santos, escolhidos para a Constituinte. A eleição effectivou-se a 31 de Dezembro de 1892, e o Dr. Luiz Domingues e seus companheiros de chapa tomaram assento na Camara Federal a 2 de Junho de 1893. Dahl por diante foi sempre reeleito Deputado Federal até á 7ª legislatura (1909 a 1912), quando aberta uma crise politica no Maranhão, com o fallecimento do Dr. Benedicto Leite, assumio o Governo de seu Estado natal, em consequencia do accordo politico celebrado nas duas casas do Congresso Nacional, em nome de todos os grupos politicos militantes no Maranhão. Durante essas sete legislaturas, foi sempre o Dr. Luiz Domingues membro da Comissão de Constituição e Justiça da Camara. No governo do Maranhão, estendeu-se o seu quadriennio de 1º de Março de 1910 a 1º de Março de 1914. Findo este, foi reeleito Deputado Federal em 30 de Janeiro de 1915, assim como nas legislaturas seguintes. Fez parte o Dr. Luiz Domingues da Comissão Especial doCodigo Civil, cabendolhe o estudo dos capitulos sobre "Posse e Propriedade". Representou a Camara dos Deputados no "Congresso Juridico Americano". Deixa o extinto, que muito produzio, esparso nos Annaes da Camara dos Deputados e em jornaes e revistas, numerosos discursos, pareceres, trabalhos juridicos e variados escriptos. Reunidos em volumes, deixa as seguintes obras: "Ensino Agrícola; Casamento Civil e Divorcio; Aos meus amigos de Minds; Elementos para a resposta da Comissão da Camara dos Deputados ao Senador Ruy Barbosa (Codigo Civil); Carta aberta ao General Pinheiro Machado sobre o emprestimo externo do Maranhão.

dados da receita orçada com os da despesa proposta, verifica-se:

	Ouro	Papel
Receita	106.586:320\$000	706.725:000\$000
Despesa	86.898:488\$139	771.793:385\$570
Saldo	19.687:831\$681	
Deficit.		65.068:385\$570

Feita a conversão do saldo ouro á taxa de 9 d., obtém-se a importancia de 59.063:495\$583 que, abatida do deficit em papel, o reduz a 6.004:889\$987.



RUY COELHO

O poderoso artista, que tanto nos commoveu, affirmando o prestigio de sua inconfundivel personalidade, revelou-se o creador de uma musica propria, aurida no ambiente de sua terra, traduzindo-lhe os accents e os coloridos, num fogo de tons e harmonias, através das quaes transparece a alma portugueza, numa maravilhosa evocação. Sobre a musica de Ruy Coelho, vale transcrever suas proprias palavras, que lhe revelam as tendencias artisticas:

"Desde 1912, em Berlim, que eu decidi procurar fazer musica portugueza, pela razão de que todos os paizes cultos tinham a sua expressão musical e eu a não via ainda realizada no meu, apesar de possuir uma das mais poderosas tradições artisticas e ter encontrado a "sua" expressão architectonica na Batalha, nos Jeronymos; poetica nos Lusíadas e nas Chronicas; pictural nos paineis de Nuno Gonçalves; decorativa em tantas maravilhas espalhadas, desde as colgaduras da India até a riquissima ourivesaria em que Gil Vicente foi o Mestre, produzindo aquella maravilhosa Custodia.

A Epopeia de minha raça, só não tinha achado a sua expressão musical, pois em nenhuma conta se deve tomar a tentativa de Meyerbeer. E a minha tarefa era tanto mais difficil quanto, por falta absoluta de uma tradição erudita musical, eu teria de fazer tudo de novo.

Segui a theorla grega — tirar a musica dos aspectos, e não fazer musica para as cousas — e como "Portugal é uma vasta melodia, onde o tom maior da luz é abrandado pela gaze das brumas leves e a nossa alma musical existe palpitante nos nossos littoraes, valles e montes, palpitante ao beijo magnetico do mar que nos envolve", alma suavissima nos versos dos nossos cancionelros e Bucolicas, "alma que se exhala de certas palzagens, tal a de Coimbra, cuja recordação só em musica deverla ser invocada, no dizer de Affonso Lopes Vieira — eu realzei o meu sonho fixando a tonalidade lusa, "tirando" a minha musica dessa vasta melodia que é o meu paiz, dessa paisagem, desses versos, desse mar, desses montes, desse valies, dessas cousas".

ALEXANDRE BRAILOWSKY

A arte de Brailowsky é uma interpretação commovida e pessoal, que desperta e suggere, sem precisar contudo, as emoções de encanto ou melancolia em que a musica transfigura a vida. Pianista de technica muito solida e precisa,



**ORÇAMENTO PARA 1923**

Na nova proposta orçamentaria para 1923, enviada ao Congresso pelo Ministro da Fazenda, a receita é orçada em 106.586:230\$, ouro, e 706.725:000\$, papel, sendo na rubrica ouro 90.375:855\$ de receita geral e 16.210:865\$ com applicação especial; e, na papel, 650.215:920\$ geral e 56.509:080\$ de applicação especial. Comparados esses organogramas com os da receita votada para o corrente exercicio, verifica-se uma differença para mais de 14.310:000\$ na receita ouro e de 20.998:000\$ para menos na receita papel. A differença para mais em ouro resulta do augmento na estimativa da renda aduaneira, de accôrdo com o que a arrecadação dos primeiros mezes do corrente anno vai indicando. A differença para menos na receita papel provém não só do exame da arrecadação feita em 1921, como tambem da média triennial: um e outro não permittem sejam conservadas as estimativas de alguns titulos da receita, nomeadamente nos impostos de consumo e circulação. A despesa é fixada em 86.898:488\$139, ouro, e 771.793:385\$570, papel. Confrontados os

Brailowsky não é, apenas, o "virtuosi" assombroso que nos empolga nos lances impetuosos, ou nas minucias dos melo-tonos, dos "planissimo" subtis, mas o artista sincero, com caracter seu, reflectindo-se na interpretação, com a mais viva força interior. A sua admirável plasticidade não apparece fria, como um modelado academico mas movida por uma agitação constante, nos alentos melancolicos, que tanto o caracterizam. O trato com as cousas não lhe ensinou um hymno de alegria mas um canto elegiaco e sombrio invariavelmente, reflectida na interpretação com que vai criando emoções novas, através das obras alheias. Não se comprás, como Rubinstein, em colorir com tintas quentes e revestir de pedrarias raras, as suas expressões, antes deixa-os numa tonalidade simples e de meia-luz, onde as desenvolve como ternura e clareza, talvez com um accento religioso de mystico slavo. E' talvez monocordio, resolvendo pela melancolia os odores imprevisos de existência.

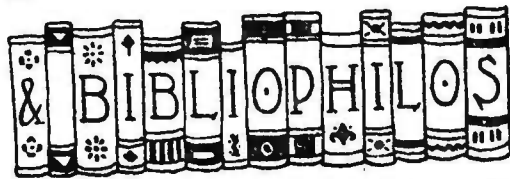
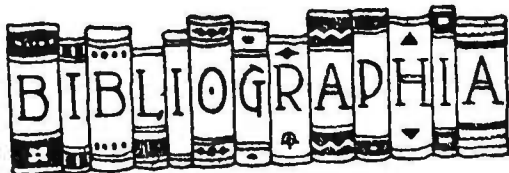
De agitação multiplice da vida faz uma transfiguração sensível, commovedora e extranha. Persiste nelle um sonho palpitante e triste, uma ansia de infinito, perfeitamente irrealizavel...

RUBINSTEIN

Rubinstein, ao piano, não é aquelle "morbond caressant ce tombeau", de que falla Boudelaine, mas um heróe que passase no seu carro de guerra, ante o delirio dos homens, extasiados pela victoria. Em seus concertos, ás mais das vezes, o ambiente recolhido de meditação cede lugar a uma ansiedade incontida, em que a platéa, identificando-se com sua tempera, o acompanhava numa vibração pro'ongada, até explodir num tumulto fremente de applausos.

Com uma poderosa individualidade, o grande pianista não a moldou ás multiplas expressões que, por venturaa, devessem ter experimentado os autores, cujas producções executa, mas as faz passar, através de suas cathogorias, e as cria, interpretando. E' que seu espirito não vai reproduzir emoções, mas revelal-as, como tocaram sua sensibilidade, levando-nos a um estado de alma differente e assim por diante, porque não ha na escola humana, semelhanças perfeitas. Daí o brilho e o impeto, com que soam as composições, renascidas de sua execução formidavel, ao fulgor radioso de uma mocidade bella e ardorosa. Temam, porém, certos entendidos, não sabemos se em outros melos, ao menos no nosso é vezo antigo, o pretender numa comparação forçada entre temperamentos diversos, distinguir quaes os mais fieis interpretes, quando o que deve buscar nesses artistas é a personalidade dos que melhor se apoderam da emoção de outro e a vivificam com mais amor no seu proprio sonho. E para cada um de nós será tanto mais perfeito o artista quanto melhor nos falla de nós mesmos e permite, em sua obra, que se reflecta, com mais perfeição, nossa alegria e desengano. A multiplicidade dos sentimentos é ainda maior do que a propria mascara humana e, se Deus não fez destas duas iguaes, não creon aquelles senão differentes entre si, com que concorreu, piedosamente, para tirar um pouco da monotonia da vida.

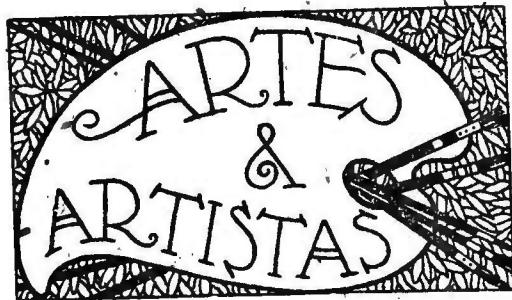
O pianista Rubinstein, que applaudimos com tanto calor e entusiasmo, é dos que com mais liberdade interpreta, collocando em re'evo seu espirito, de tal sorte que logo se percebe como a vida se desdobra aos seus olhos, qual um hymno forte de realização e belleza, através da tortura e da dor. Com um accento heroico e impetuoso, elle nos descreve seu sonho de artista, mais encantado com a apparencia magnifica das cousas do que timido do seu reverso obscuro. Felizes os que assim podem sentir a vida e fazer da belleza a finalidade de todo o ingente esforço do Universo!



A PROPOSITO DO "FAUSTO", DE RENATO ALMEIDA

Do illustre escriptor Sr. Alberto Rangel, recebeu o nosso companheiro Renato Almeida a seguinte carta, a proposito da publicação do seu livro *Fausto*:

"Pariz, 28 de Maio de 1922 — Distincto Sr. Renato Almeida — Ó formoso *Fausto*, recebido com todas as honras devidas ao sympathico e solido commentista do famoso e symbolico Doutor. Sua opulencia e penetração critica puzeram-n'o á altura do assumpto magnifico para a demonstração desses recursos de erudição pura intelligencia. Ha philosophias condemnadas que se exhaurem nos limbos de suas construcções verbaes. Systemas desse genero temnos levado a nós, povo de materialões e de relaxos mentaes, a não cultivar outra philosophia senão quando se apresenta como um armazem de algemas e uma pilha de phrases feitas. E por isso fizemo-nos positivistas, visto ser preciso apenas repetir o alcorão de schemas e definidos... Sua gnose, porém, é de outro toque e não se limita, a sequiosa, ao que o stoico imperial achava proprio ao homem — "observar attentamente a natureza universal e tudo o que acontece conforme ás suas leis." Seu pensamento é dos que buscam as alturas, mas sem se entontecerem por isso; e veste-se bem nos periodos limpos e fortes em que se fixam os planos por onde a razão se coordena e remonta. *Fausto* notabiliza-o entre os que na dignidade e no esforço da cultura nacional das idéas podem dar com decencia a sua palavra no debate e exploração dos grandes temas humanos. Felicitações muito francas e cordiaes do seu confesso admirador e obrigado (a) — Alberto Rangel."



O PINTOR SUECO BROR KRONSTRAND

Acha-se entre nós desde algum tempo o notavel pintor sueco Bror Kronstrand, retratista de grande nomeada, não só no seu como em varios paizes da Europa e America. E' um artista operosissimo e de uma maneira inconfundivel. Tem produzido mais de mil e seiscentos retratos, contendo 47 annos de idade, pois Bror nasceu em Mariestad em 1875. Seu primeiro professor foi o eminente retratista Axel Jungstedt. Coursou a seguir, nos annos de 1895 a 1900 a Academia Real de Bellas Artes de Stockholm, de onde sahio depois de conquistar os maiores premios. Passou em seguida dous annos estudando em Pariz e em Dresden, indo mais tarde para Londres, onde se fixou, no decurso de 1904 a 1909, pintando retratos. Esteve no anno de 1909 a 1910 na Russia. No fim de 1910 foi para os Estados Unidos onde se demorou até 1914, numa grande actividade, pintando em Washington e outras cidades. Em 1914 voltou a Stockholm e ahí permaneceu até 1921. Neste anno foi para Buenos Aires, de onde embarcou para esta cidade. Em todos esses paizes teve Bror Kronstrand oportunidade de retratar alguns dos personagens mais eminentes, retratos que foram altamente elogiados pela imprensa e tiveram profusa retumbancia e lhe deram o grande renome de que goza.

Na sua patria, fez o retrato do Rei Gustavo, do Dr. Cranwall, summidade scientifica, do Conde Della Gardia, da Condessa Morner Mondex, do Barão Carlson Bonde, na galeria da Casa do Parlamento, considerados como obras de especial valor; na Russia, o do estadista Condé de Witte; na Inglaterra, entre outros fez os retratos, de Lord Avebury, de Lord Kelvin; entre outros, nos Estados Unidos, o da esposa do Presidente Taft, para a Galeria da Casa Branca, em Washington; da filha do millionario Pierpont Morgan; de Mrs. Pulitzer, esposa do director do "New York World" e de muitas outras senhoras da alta sociedade americana, e de muitos homens notaveis; e na Republica Argentina, retratos de homens eminentes, entre os quaes um corpo inteiro e de apparato do grande General San Martin, do Dr. Ernesto Boch e de muitas senhoras da alta sociedade, de cuja belleza e distincção o Sr. Bror Kronstrand falla com vivo entusiasmo; e "last but not least", numa viagem que fez á Assumpção um esplendido retrato da distincta esposa do nosso Ministro no Paraguay.

Bror Kronstrand, não é só retratista notavel, é tambem paisagista admiravel.

PREROT-VALÉRI, NA GALERIA JORGE

O Sr. Jorge de Souza Freitas, continúa com a sua grande exposição de arte franceza moderna, commemorativa da nosso Centenario. Renovando sempre as secções em que surgem os nomes mais consagrados da arte de Franca, a Galeria Jorge acaba de nos dar uma serie fulgurante de quadros de Prerot-Valéri, o reputado animalista e paisagista francez, tantas vezes admirado na reputada casa de arte da rua do Rosario. Nada menos de quinze trabalhos de Prerot expõe a Galeria. São paisagens admiraveis, de uma pujança de colorido notavel, de uma enorme belleza commovente e suggestionadora. Quer seja no "Grands arbres à Briquerville, no "Forêt de Fontainebleau", ou no "Le hameau de Villiers" e no "Automne", de um sentimento extraordinario na melancolia outonal — o artista é sempre o mesmo equilibrado e sereno na interpretação da natureza, dos seus assumptos bucolicos, onde ha constantemente rebanhos que pascem, em campos que se estendem sob céos amanhecetes e crepusculares. São quinze telas bellissimas, de alto valor pictorico, dignos de figurarem na melhor galeria, nephuma desmerecendo o nome do consagrado pintor francez.

ANTONIO PITANGA

O nosso joven patricio escultor Antonio Pitanga, premio de viagem da Escola Nacional de Bellas Artes figura na XL exposição da Sociedade Promotora de Bellas Artes Salvador Rosa de Napoles. O artista do "Calabor", figura em primeiro lugar no grupo de escultores da sala II, da exposição com o "Retrato de meu pai", medalhão que tem sido muito elogiado, e na sala XII com o "Retrato de minha mulher". Expõe ainda Antonio Pitanga, um desenho, que occupa o segundo lugar da sala XIV, da exposição. Tudo isso prova que o joven escultor vae sendo aproveitado, e o premio que conquistou no final de seu curso, que foi brilhante.

FRANCISCO COCULILO

O joven pintor Francisco Coculilo, apresenta-se em publico, sozinho, expondo no "hall", da Associação dos Empregados do Commercio, dez das suas ultimas telas impressões da nossa natureza circumdante. E' um novo a quem o nosso "Salão" já laureou e que, no trabalho constante, no estudo persistente, vai se identificando com a nossa luz, as nossas aguas, os nossos céos e as nossas montanhas. Como se chama a Gustavo Dall'Ara, o "pintor da cidade", por fixar aspectos das nossas ruas, do tumulto cosmopolita, de Coculilo se diz que é o pintor panoramico: elle sobe aos nossos montes, galga montanhas em afoitezas de si e vindo do alto a cidade, pega do pincel e da palheta, e fixa aspectos curiosos da "urb" maravilhosa. Ha na sua amostra que é digna de ver-se, panoramas, vistos do Alto da Serra, de Santa Thereza, do Prémengo — todos apanhados com certa occupação de acertar, visto como o Sr. Coculilo não é um artista feito, mas um joven intelligente e esforçado. Ninguem perca

antes goza bons instantes de emoção, vendo "Sacco de S. Francisco". "Onda", "Noite de luar", "Ao romper da Aurora" e "Ave Maria". E' o que esperamos farão os nossos leitores.

**PEDRO BRUNO**

Da Europa, onde se achava em gozo do premio de viagem obtido no nosso Salão, regressou ha dias, o estimado pintor Pedro Bruno.

**NOVEL PINTOR PARAHYBANO**

Estava sendo ha dias esperada em Recife a exposição de um joven paysagista parahybano, Olivio Pinto, uma dessas vocações artisticas que constantemente rebentam na provincia, e muitas vezes, lá se deixam vegetar e morrer. De uma chronica de Lucilio Viarejão, o romancista victorioso d'O Destino da Escholastica, sobre o novel artista, recortamos os seguintes trechos que bem o definem: "E' que Olivio Pinto é sobretudo um pintor de céos. Machinista e paysagista quasi sempre excellente, é no emtanto o céo, com a multiplicidade dos seus aspectos, a cambiamte vária das suas tonalidades, o que o tem mais seduzido e preocupado. O quadro exposto aliás o demonstra claramente. E sobretudo demonstra que o seu autor é possuidor de uma sensibilidade nova, um tanto desordenada talvez, mas muito bella e muito prometteedora na sua feição tumultuarria."

Aliás, perfeitamente regional é a arte de Olivio Pinto. As suas télas reproduzem integralmente, com todas as características essenciaes, os trechos mais encantadores da sua terra. Estradas douradas de sol a perdêrem-se em curvas saudosas; aguas sonoras de regatos sobre as quaes se inclinam amorosamente as arvores; praias douradas, beijadas pelo azul turquesa das aguas marinhas; céos pallidos de amanhecer e céos abrazados do entardecer — tudo realiza a visão prodigiosa desse novel artista da Parahyba, que brevemente estará entre nós."

**GUSTAVO DALL'ARA E EUG. DEULLY**

Proseguindo na "amostra" de arte franceza, que com tanto relevo inaugurou, a Galeria Jorge augmentou o numero de trabalhos em exposição com varios quadros de Eug. Deully, que provocam uma doce emoção de cousas harmoniosas e são feitos com immensa graça e naturalidade e uma alegre beleza decorativa. Com Deully organizou a Galeria uma pequena exposição de quadros de Gustavo Dall' Ara, o "pintor da cidade", artista de conhecido merito e probidade.

**D. TARCILA DO AMARAL**

A bordo do paquete *Massilia*, passou por esta Capital, com destino a S. Paulo, de cuja sociedade é um dos ornamentos mais brilhantes, a joven artista brasileira D. Tarcila do Amaral. Senhora dotada de altos dotes intellectuaes, com uma apurada cultura artistica, D. Tarcila do Amaral revelou sempre uma tendencia accentuada para a pintura. Em S. Paulo, em 1917, começou de aprender com Pedro Alexandrino, nosso maior pintor de natureza morta, fazendo trabalhos que escondia do publico e revelavam uma artista de merecimento. Indo á Europa, frequentando museus e estudando, a nossa patricia tomou para seu mestre, na França, o reputado pintor Emile Renard, conseguindo ser admittida este anno no "Salon" de Pariz, no qual expõe, com brilho, um *Portrait de femme*.

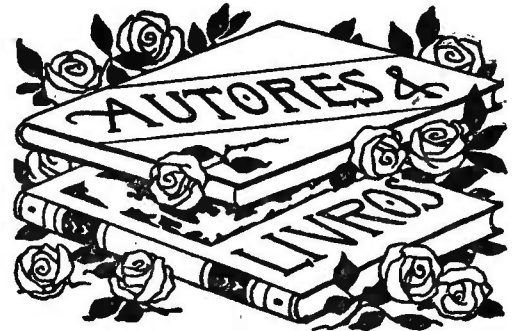
**PEDRO WEINGARTNER, EM S. PAULO**

Um dos nomes de relevo na nossa pintura é Pedro Weingartner, que o nosso meio conhece bastante e vai ter novamennte o prazer de admirar os seus trabalhos por ocasião da Exposição do Centenario. Weingartner acaba de realizar na Paulicéa uma exposição de quadros, sobre a qual temos no Estado de S. Paulo: "Estará aberta ainda durante alguns dias, á rua de S. Bento 24 A, a exposição do illustre pintor brasileiro Pedro Weingartner. Data de onze annos a ultima exposição aqui feita por esse proveccto artista, um dos mais respeitaveis representantes das nossas bellas artes. A sua carreira assignaloti-se por importantes premios conseguidos em Munich e Roma, tendo sido tambem aceito nos "salons" de Pariz. Weingartner impõe-se pela sua modestia e sinceridade. Tendo assistido, na sua longa vida de pintor a successivas modificações e reformas na orientação artistica do Occidente, preferio isolar-se na sua "maneira" peculiar, correspon-

dente ao apogeu da pintura em determinada época, a seguir por interesse de momento ou por pura imitação os reformadores, como simples reproductor de fórmulas que não sentia e cujos fundamentos theoricos não o convenciam. Poder-se-ha discutir essa attitude do artista patricio; todos, porém, temos obrigação de respeitá-la como um exemplo de probidade profissional e de sinceridade artistica, qualidades indispensaveis á produção de qualquer obra de arte. Aliás, Pedro Weingartner, dentro dos moldes da sua escola, sabe accentuar com vigor a sua personalidade artistica, por meio de um estylo inconfundível, quer evoque, como Alma Tadema, motivos antigos da Grecia ou de Roma, quer se inspire nas características paysagens dos arredores de Roma, com as suas graciosas camponezas, ou applique a sua visão placida e minudente ás movimentadas scenas gaúchas do seu querido Rio Grande. Não deixa de ser commovedor o cuidado beneditino com que o proíbido artista, para servir com fidelidade á sua escola, se esmera numa infinidade de pormenores, cuja só execução material esgotaria a paciência dos "novos", e com uma notável habilidade distribue nesse labiryntho de detalhes, muitas vezes conseguidos a golpes seguros de minusculla spatula, os diversos valores de modo a dar ao seu trabalho uma completa harmonia. Não admira, pois, que ao retratar a sua esposa, Weingartner se utilizasse de uma pequenina tela (n. 7), onde deixou uma joia de desenho, de modelado e de expressão que é, sem favor e de accordo com os canones da sua escola, uma verdadeira obra prima. Ao lado do pintor apparece-nos, na actual exposição, o exímio aguafortista, para cuja reputação bastariam a "Floresta" (n. 1), "Revolucionarios" (n. 6), ou a primorosa "aequia-tinta" — Efeitos de luar — n. 8."

**AMARO AMARAL**

Após longos padecimentos, falleceu nesta cidade o estimado e talentoso caricaturista Amaro, irmão dos saudosos artistas Chrispim e Libanio do Amaral. Muito moço ainda, se installara aqui com sua familia, depois de se revelar com justo exito em Pernambuco, onde nascera. Rapidamente aqui se impoz por seus meritos, exercendo prodigiosa actividade na collaboração dos jornaes diarios e hebdomadarios, taes como o "Jornal do Brasil", "Tagarella", "Malho" e "Figuras e figuras", revista que fundou no Governo do Marechal Hermes, soffrendo por isso a perseguição politica da época. Nos ultimos tempos dava seu contingente á "Revista da Semana", "Eu sei tudo" e "Para todos" e expunha, periodicamente, trabalhos decorativos de aquarella, em que era exímio. Um ataque de uremia tornou-o hemiplegico, mas Amaro não descansou, fazendo reaes esforços para proseguir, alcançando nesse periodo a produção de tintas de arte que, lançadas, obtiveram prompta aceitação. O mal aggravou-se depois e Amaro sentio-se impotente com a paralysis, que o dominou para sempre, até o desfecho pungente que o roubou á vida. Como caricaturista, era notavel na caricatura de fantasia e principalmente em arte decorativa, em que se revelou imaginoso, fertil e seguro. Pertenceu á pleiade dos "independentes", que aqui surgio com Arthur Lucas (Bambino), Raul, Calixto e Luiz, e deixou, como estes, um largo acervo de vinte e cinco annos de trabalho intenso e admiravel.



HENRIQUE COELHO — *Joaquim Nabuco* — Monteiro Lobato & C. S. Paulo, 1922.

O esboço biographico de Joaquim Nabuco, que o Sr. Henrique Coelho acaba de publicar, é um trabalho de grande merito, para divulgação da vida admiravel da possante e perturbadora individualidade de Joaquim Nabuco. Escrevemdo com segura documentação, o A. não é um narrador secco e indifferente, mas deixa transparecer a sua admiração incontida pelo grande brasileiro, fazendo do seu livro um ex-voto sincero e commovido: "modestissima grinalda de pobres flores, depositada no tumulto do eminente brasileiro pelo ultimo dos verdadeiros admiradores de Joaquir Nabuco" — como explica a intenção da obra. Mas, não é só. Outros meritos tornam um livro um estudo apreciavel e utilissimo, sobretudo num meio, como o nosso, pouco versado a estudos desse genero. Sem pretender a psychologia da figura, integrou-se em suas justas medidas, apanhando pacientemente todas as pedras para formar o mosaico, em que nos apparece o perfil de Nabuco, em suas linhas exactas. Contribuiu assim, e de modo valioso, para facilitar o estudo de todos os que vo-verem ao assumpto; agora já desbravados todos os caminhos que conduzem ás suas fontes reaes e fecundas. A fixação de Naabuco no seu meio, é tambem feita com justeza, de sorte a permittir ao leitor a exacta perspectiva dos valores. E', pois, um livro digno do melhor apreço e representa um signal animador da renovação de nossa litteratura, não só preocupada pela ficção colorida e imaginosa de nosso ardente tropicalismo, bem como pelos estudos de critica, historia, esthetica e philosophia.

VINICIO DA VEIGA — *Stegfried e o Dragão* — Leite Ribeiro, Ed. Rio, 1922.

O Sr. Vinicio da Veiga reúne neste volume varias chronicas e estudos ligeiros, a proposito de suas impressões sobre a grande guerra, vistas através de sua convicção germanophila. Assim, a sua lente, muitas vezes, deforma a realidade. Por exemplo, quando attribue a nossa entrada na guerra a influencia dos portuguezes, "dos Viscondes de Moraes e dos Sotto Maior etc.", que faz instrumentos dos banqueiros ingleses. E' certo que o A. estava, nessa época, em Berlim, justificando-lhe, porventura, com a distancia, essa idéa tão errada, tão absurda, tão desarrazoada, do que, então, se passou. Basta dizer que attribue as manifestações occorridas, nesta Capital, quando da declaração de guerra, aos empregados da Cantareira, por ordem do Visconde de Moraes! Esqueceu-se, por certo, de que, nessa época, já o conhecido capitalista não mais dirigia essa companhia... O livro, em geral, é tendencioso, como todos os que

**Biotônico**  
FONTOURA  
O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

AMERICA BRASILEIRA  
FARMACIA FONTOURA  
S. PAULO

RECOMENDADO POR  
O SANGUE  
OS MUSCULOS  
OS NERVOZ





# BANCO HOLLANDEZ DA AMÉRICA DO SUL

Casa Matriz: AMSTERDAM

Filiaes na America do Sul: Rio de Janeiro  
 — S. Paulo — Santos — Buenos-Aires  
 Santiago do Chile — VALPARAISO

Capital autorizado:	florins	50.080.000
Capital realizado e reservas:	florins	30.180.000

Fundado pela Rotterdamsche Bankvereniging Amsterdam — Rotterdam  
 Haya, cujo Capital Realizado e Reservas montam  
 a florins 114.000.000

## Succursal no RIO DE JANEIRO

11-13, RUA BUENOS AIRES, 11-13

Telephones: Norte 5356, 5357 e 5358

# Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

CAPITAL . . . . . FRS. 50.000.000

CAPITAL REALIZADO

Acções Frs. 50.000.000

Obrigações Frs. 65.000.000

Fundo de reserva Frs. 12.500.000

Emprestimos sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por amortizações semestraes com direlto de reembolso antecipado

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento. Dinheiro para construcções.  
 Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos,  
 inclusive o terreno

Adiantamento sobre titulos, mercadorias e warrants.

Gerencia de Immoveis, cobrança de juros sobre apolices, acções e debentures, guarda de valores, etc'

**Séde Social em Paris: 39, BOULEVARD HAUSSMANN, 39**

SEDE DE OPERAÇÕES E DIRECÇÃO GERAL: AVENIDA RIO BRANCO, 44

Endereço Telegraphico: BRESIFONCI

RIO DE JANEIRO

Telephones } Directoria N. 4.116  
 } Secretaria N. 2.085  
 } Expediente N. 3.750

Caixa Postal 1.307

**Agencia — RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO**



# Comp<sup>h</sup>nia Mechanica e Importadora de Sao Paulo

## GRANDE FABRICA DE OLEOS E SABOES

Oleos de Ricino (medicinal e industrial), de Caco, de Bergelim, de Algodão (inverno e verão), Aromatol (para luz) de Linhaça.

AZEITE DOCE MARCA "CYSNE" (PARA SALADA) - SABOES DE DIVERSAS QUALIDADES

ESCIPTORIO:

**Avenida Rio Branco, 25-1º andar**

TELEPHONE: NORTE 4678

CAIXA POSTAL, 1534

Endereço Telegraphico: JAVASCO

FABRICA

**658, Rua de S. Christovão, 658**

Telephone: Villa 548

RIO DE JANEIRO

### BANQUE FRANÇAISE ET ITALIENNE POUR L'AMÉRIQUE DU SUD. S. A.

Séde Social: RUE HALEVY, 12 — PARIS

CAPITAL Frs. 50.000.000  
RESERVAS Frs. 31.000.000

SUCCURSAES NO BRASIL:

Rio de Janeiro, S. Paulo, Porto Alegre,  
Pernambuco, Santos, Gurityba  
e Rio Grande

AGENCIAS NO BRASIL:

Araraquara, Barretos, Botucatú, Caxias,  
Espírito Santo do Pinhal, Jahú, Mocóca,  
Paranaguá, Ponta Grossa, Ribeirão  
Preto, São Carlos, São José  
do Rio Pardo

SUCCURSAES NA ARGENTINA:

Buenos Aires e Rosario de  
— Santa Fé —

ENDEREÇOS TELEGRAPHICOS:

Para PARIS e o BRASIL: SUDAMERIC

Para a ARGENTINA: —FRANCITAL

TRATA DE TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

**117 - RUA DA QUITANDA - 117**

CAIXA POSTAL, — 1211

Telephone: NORTE — 6400

RIO DE JANEIRO

### ACABA DE APPARECER

(3º milheiro)



Livro de arte,  
de historia e  
de patriotismo  
louvado  
por toda a  
critica do paiz,  
é um dos  
maiores exitos  
literarios  
e de livraria  
destes  
ultimos tempos.

A' venda em todas as livrarias do Brasil

**PREÇO: 5\$000**

# FAUSTO

ENSAIO SOBRE O PROBLEMA DO SER

— DE —

RENATO ALMEIDA

SUMMARIO :

Prefacio de Ronald do Carvalho — Ao leitor — I. A Lenda d. Doutor Fausto — II A Tortura Humana—Fausto. — III O Eterno-Feminino-Margarida. — IV A Inquietação da Razão-Mephistopheles. — V Alegoria do Segundo Fausto. — VI O Esforço para a Belleza. — A Noite Classica de Walpurgis. — VII O Engano da Belleza. — Helena — VIII A Ilusão da Actividade — Fausto governante — IX Epilogo — A Redempção pela Fé. — X A Finalidade Humana — Conclusão. — Indice analytico contendo todos os autores e materias tratadas no livro. — Taboa das materias.

Um grosso volume, com 400 paginas elegantemente impresso

PREÇO

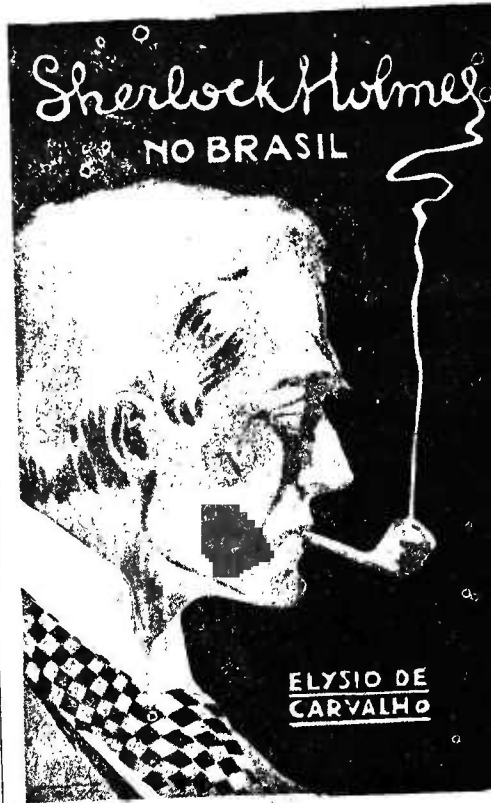
Em brochura..... 5\$000  
Encadernado... .. 7\$000

EDITORES

ANUARIO DO BRASIL—RIO DE JANEIRO

(ALMANAK LAEMMERT)

Renascença Portuguesa—Porto



ESTE o titulo de mais um livro de Elycio de Carvalho, que está obtendo um verdadeiro successo livraria. Elycio de Carvalho, ex-director do Gabinete de Identificação da Policia do Districto Federal, tem uma competencia excepcional para tratar dos assumptos que este titulo recommenda á curiosidade dos leitores, e aborda com raro brilho o complexo problema dos criminosos dos criminosos de toda ordem no Brasil e no estrangeiro. Leve, conciso, claro, o estilo de Elycio de Carvalho torna ainda mais attractivos e empolgantes as tres dezenas de narrativas interessantissimas que este livro contém.

Um volume de 230 paginas 4\$000 e pelo correio, registrado, 4\$500.

Pedidos á

CASA A. MOURA

79, Rua da Assembléa, 79

RIO DE JANEIRO

## Banco Hypothecario do Brasil

Avenida Rio Branco, 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio: 268--Teleph.. 2320 Norte

Depositos em contas correntes á vista e a prazo

OPERAÇÕES BANCARIAS GERAES

HYPOTHECAS

## ANONIMA LIBRARIA ITALIANA

(A. L. L.)

Caixa Postal 494

Tel: G. 1286

Rua Republica do Perú, 61-Sob.

Esta poderosa sociedade, emanação das casas mais importantes, foi creada para diffundir em todo o mundo a producção intellectual italiana.

Remette catalogos em toda a parte de Obras de Medicina Direito, Engenharia, Architectura, Litteratura, etc.

VENDA DIREITA A PARTICULARES A PREÇOS HONESTOS E RAZOAVEIS

NOTA: Os Srs. livreiros, com tanto que respeitem os preços de propaganda cultural estabelecidos para o publico, podem obter facilidades e vantagens.

## LIVRARIA ITALIANA

“D’Antonio & C.”

Livros de Medicina, Direito, Engenharia, Architectura, Pintura, Contabilidade, Litteratura, etc., de recentissimas Edições das mais Acreditadas Casas Editoras

Preços baratissimos em relação a cambio do dia

Telephone: Central 2001

67, - Rua S. José, - 67

RIO DE JANEIRO

INDICADOR DA AMERICA BRASILEIRA

**LIVRARIA MACHADO**

**F. J. F. MACHADO**

Grande sortimento de livros collegiaes, de mathematica, engenharia, jurisprudencia, medicina, religião, litteratura e todos os mais livros sobre diversos conhecimentos humano.

**Avenida Passos, 25**  
RIO DE JANEIRO

**Empresa Bibliographica Moderna**

Vende e compra raridades bibliographicas

**Rua Tobias Barreto, 25**

RIO DE JANEIRO

Pedidos do Interior dirigidos a JOCELYN LUIZ DOS SANTOS—Gerente.

**LIVRARIA VICTORIA**

Compra e vende livros sobre todos os assumptos Avalia, cataloga e encarrega-se da conservação e reforma de bibliothecas.

**R. A. MOURINHO**

ESTABELECIDO DESDE 1899

**Rua General Camara, 190**

Telephone, Norte 6261  
RIO DE JANEIRO

**LIVRARIA SUL AMERICANA**

Compra e vend: livros novos e usados

**Nicolau Alves de Oliveira**

**RUA GENERAL CAMARA, 322**

RIO DE JANEIRO

**Livraria, Papelaria e Typographia**

Compram-se e vendem-se livros novos e usados de todas as materias

**P. L. VALVERDE**

**RUA DO GATTETE, 223**

Telephone — 438 Beira Mar

RIO DE JANEIRO

BREVEMENTE

**TARANTULA**

CONTOS DE

**CARLOS RUBENS**

EDITORES:

Monteiro Lobato & C.

**LIVRARIA PINTO**

**Laurentino Pinto da Fonseca**

**Rua Tobias Barreto, 16**

(Entre Visconde do Rio Branco e Constituição)

RIO DE JANEIRO

**LIVRARIA**

**João Martins Ribeiro**

Annuncia-se todas as terças-fei as no JORNAL DO COMMERCIO

**Rua General Camara, 345-355**

Telephone, 474 Norte

RIO DE JANEIRO

**"DANSA DOS PYRILAMPOS"**

— POEMAS DE —

**OSWALDO ORICO**

— A APPARECER —

Edição de MONTEIRO LOBATO & COMP.

**BRASIL, POTENCIA MUNDIAL**

INQUERITO SOBRE A INDUSTRIA SIDERURGICA NO BRASIL

**ELYSIO DE CARVALHO**

EDITOR  
S.A. MONITOR MERCANTIL  
96, PRIMEIRO DE MARÇO, 96  
RIO DE JANEIRO

PEDIDOS A' S. A. MONITOR MERCANTIL  
Rua Primeiro de Março, 96, 3.º Rio de Janeiro

Um volume de 186 paginas, 5\$000  
A' venda nas livrarias do Rio de Janeiro

**LIVROS ALLEMÃES**

ESPECIALMENTE

**Obras de Sciencia**

DE TODOS OS RAMOS

Arte, Literatura e

Leitura para a mocidade

GRANDE STOCK EM

Romances, Revistas, Cartões postaes, etc, etc na

LIVRARIA **"EDANEE"**

A unica allemã para Livros, Arte e Musica

**112, Rua da Alfandega, 112**

RIO DE JANEIRO

CAIXA POSTAL: 2274

SANTOS  
Rua Frei Gaspar, 37-39  
Telephone: Central 2074

S. PAULO  
Rua de São Bento, 93  
Tel.: Central 321  
CAIXA POSTAL: 1897

# LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109  
RIO DE JANEIRO

E' a casa que mais tem enriquecido a litteratura nacional; a quasi um seculo que presta valiosos serviços ás lettras brasileiras.

Especialista em livros: **ESCOLARES — LITTERATURA — LIVROS PARA PREMIOS**  
— JURISPRUDENCIA, e o mais completo sortimento de:

## DICIONARIOS

## GUIAS

## VOCABULARIOS

Enenkel . . . . .	—	Diccionario	Allemao-Port.	v/v	enc.	8\$000
Fonseca . . . . .	—	>	Encyclopedico	>	>	13\$000
>	—	>	Fr.-Port.	v/v	>	8\$000
Lafayette . . . . .	—	>	Port. (Vocabul.)	>	>	8\$000
>	—	>	Port.-Inglez	v/v	>	8\$000
Pinto . . . . .	—	>	Port.-Fr.	v/v	>	8\$000
Rozzoli . . . . .	—	>	Ital.-Port	v/v	>	25\$000
Saraiva . . . . .	—	>	Latino-Port.	>	>	48\$000
Valdez . . . . .	—	>	Fr.-Port.	v/v 2 vs.	>	68\$000
>	—	>	>	v/v 2 > Chag.	>	25\$000
>	—	>	Ing.-Port.	v/v 2 > end.	>	16\$000
Wildick . . . . .	—	>	Hesp.-Port.	v/v 2 >	>	2\$500
<b>GUIAS - de Conversação</b>	—	SEM PRONUNCIA	— Em todas as linguas.			3\$000
>	>	COM PRONUNCIA	— Em todas as linguas.			4\$000
>	>	em 4 linguas.	. . . . .			5\$000
>	>	em 6 linguas	. . . . .			2\$500
<b>VOCABULARIOS</b>	—	em um só volume (em todas as linguas.	. . . . .			6\$000
>	>	Reunidas as duas partes em um volume	. . . . .			

### NOTA SOBRE ESTES PREÇOS:

Sendo-nos actualmente possivel tornar effectivos os dizeres promittentés em nossas circulares anteriores, relativamente a tendencia na redução dos preços nos "DICIONARIOS, GUIAS e VOCABULARIOS", permite-nos agora chamar a attenção de todos os nossos clientes, para a nova TABELLA que fazemos incluir no recente CATALOGO de 1922-23.

A nossa resolução de momento, não alcançou que estes novos preços fossem incluidos no corpo do catalogo, por se achar o mesmo já impresso a esse tempo: portanto, são estes os preços actuaes.

Agosto, 13 de 1922.

### ULTIMAS NOVIDADES

## COLLECCÃO "AUREA"

(PAGINAS ESCOLHIDAS DOS MAIORES ESCRIPTORES)

Machado de Assis, por Alberto de Oliveira e Jorge Jobin, 1 vol. enc.	10\$000
Os Poetas, 2 vols., por Alberto de Oliveira e Jorge Jobin, enc.	20\$000
Os Contistas, por Alberto de Oliveira e Jorge Jobin, 1 vol. enc.	10\$000
José de Alencar, por Mario de Alencar, 1 vol. enc.	10\$000

## BIBLIOTHECA SCIENTIFICA

### OBRAS DE LE BON

A Psychologia Política, 1 vol. enc.	8\$000
A Revolução Franceza e a Psychologia das Revoluções, 1 vol. enc.	8\$000

NOTA — As obras da "COLLECCÃO AUREA" possuímos em ricas encadernações, proprias para os amadores, custa cada volume. . . . . 20\$000

## PEÇAM CATALOGOS

# BANCO ALLIANÇA

Séde no Porto                      Rio de Janeiro

**146 - Rua do Rosario - 146**

Caixa do Correio, 924

Telephones: Norte 3376 e Norte 6329

Saques sobre todos os paizes do mundo —  
Descontos — Operações bancarias em geral —  
Administração de propriedades — Cobrança  
de juros e dividendos — Inventarios —  
Correspondentes em todo o territorio dos  
Estados Unidos do Brasil

## DEPOSITOS

**A' ordem. . . . . 4 % ao anno**

### Depositos a prazo e letras a premio

<b>A prazo de tres mezes. . . . .</b>	<b>4 ½ % ao anno</b>
<b>A prazo de seis mezes. . . . .</b>	<b>5 ½ % ao anno</b>
<b>A prazo de nove mezes . . . . .</b>	<b>6 % ao anno</b>
<b>A prazo de doze mezes. . . . .</b>	<b>6 ½ % ao anno</b>

## LIVRARIA EDITORA CONSELHEIRO CANDIDO DE OLIVEIRA

RUA S. JOSE, 58

End reço telegraph'co: "LE O"

RIO DE JANEIRO

- 1 — **ALGUMAS NOTAS SOBRE O RECURSO EXTRAORDINARIO**, do Conselheiro Candido de Oliveira — E' um estudo, em que o autor expõe os casos e processos do recurso instituido pelo art. 59, letra A, da Constituição Federal, assim como trata de varias questões attinentes a esse recurso, 1 vol. br., 3\$000; encadernado, 5\$000.
- 2 — **A INDUSTRIA BRASILEIRA E OS ROTULOS E MARCAS EM LINGUA ESTRANGEIRA**, por Alarico Coelho Cintra. — Prefacio do Dr. Prudente de Moraes Filho. Um vol. com 320 pags., br., 15\$; enc., 18\$000
- 3 — **A QUESTAO SOCIAL**, pelo Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, Ministro do Supremo Tribunal Federal, Professor da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro e da Faculdade de Filosofia e Letras, Administradores, legisladores, advogados, capitalistas, empresarios, empreiteiros, empregados e patrões — todos encontrarão na introdução e nas oito Conferencias, de que se compõe este livro, os elementos necessarios para o pleno conhecimento da "eterna questão dos ricos e dos pobres" — Um vol. de 303 paginas, br., 12\$; enc. em percalina, 15\$000.
- 4 — **CURSO DE PRATICA DO PROCESSO**, pelo Dr. Candido de Oliveira Filho, advogado e lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. O primeiro volume contem 440 paginas e trata da feitura das procurações, contractos e testamentos; noções geraes sobre o sello dos contractos, papeis e actos forenses e sobre o imposto de transmissão de propriedade; taxa judiciaria; de processo; jurisdicção e competencia; do Juizo e da instancia; das acções; regras a observar na petição inicial; adição, emenda e mudança do pedido; distribuição das acções; da citação, circumducção e revelia; defesa e excepções do réo; litiscontestação, reconvenção e autoria; do Juizo arbitral. O segundo volume trata das causas preparatorias, preventivas e incidentes; do embargo ou arresto e do sequestro; da tenção pessoal; da assistencia, da opposição; das diversas habitações de herdeiros no direito patrio, especialmente das habitações incidentes nas causas contenciosas; da exhibição; das vendas judicias; dos protestos em geral; da consignação ou deposito em pagamento; das cauções nas causas civis em geral; da caução ás custas — Preços: 1º vol., br., 15\$; enc., 18\$; 2º vol. br., 22\$; enc., 25\$000.
- 5 — **CODIGO CIVIL APPLICADO POR TRIBUNAES E JUIZES DA REPUBLICA**, pelo Dr. Alfredo Ladisláo, magistrado no Estado do Pará. Prefacio de Clovis Bevilacqua. — Vol. br. 15\$; enc., 18\$000.
- 6 — **CODIGO CIVIL DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL**, comparado, analysado e commentado pelo Desembargador A. Ferreira Coelho. Obra muito elogiada pelos maiores juriconsultos patrios e estrangeiros. entre os quaes se destacam: Clovis Bevilacqua, prefaciando, Epitacio Pessoa, em carta ao Autor, publicada em diversos jornaes, Laercia de Almeida, em longo artigo de critica, publicado na "Revista de Direito", Joaquim Amazonas, Horacio Costa, Affonso Claudio, A. Colmo e outros em cartas ao Autor e publicadas em jornaes, noticia da imprensa, destacando-se a "Revista de Direito", "Jornal do Commercio" e "A. B. C." Cada volume encadernado, 30\$000; cada volume encadernado em percalina, 25\$; cada volume brochado, 20\$000.
- 7 — **DO USUFRUCTO, DO USO E DA HABITAÇÃO NO CODIGO BRASILEIRO**, pelo Dr. Manoel Ignacio Carvalho de Mendonça. A Editora accresca prestar um relevante serviço as letras juridicas, publicando esta obra postuma de Manoel Ignacio Carvalho de Mendonça — Obra que e mais um clarão

da luz intensa espargida no treva do nosso direito, pelo brilhante espirito do Grande Morto. Um volume de 285 paginas, br., 16\$; enc., 20\$000.

- 8 — **CLAROS E SOMBRAS**, por Gastão Penalva. Vol. brochado, 3\$; enc., 5\$000.
- 9 — **DAS SOCIEDADES POR ACÇÕES NO DIREITO COMMERCIAL ALLEMÃO**, pelo Dr. Apri- gio Carlos de Amorim Garcia. Vol. br., 10\$; enc., 13\$000
- 10 — **EPANAPHORAS JURIDICAS**, pelo Conselheiro Candido de Oliveira. O livro trata de varias questões de direito civil, direito penal, direito judeiario e contém varios pareceres e discursos academicos. — Um vol. br., 7\$; encadernado, 10\$000.
- 11 — **GRAMMATICA LATINA** — Organizada por Monsenhor Francisco Ignacio de Souza. Em quadros syoticos de facil comprehensão e de rapido tiroelino. Um vol. 294 paginas, cartonado, 1\$000.
- 12 — **IMPOSTO DO SELLO** (Legislação e jurisprudencia), pelo Dr. Candido de Oliveira Filho, advogado e lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. E' uma exposiçao systematica da legislação e jurisprudencia sobre o imposto federal do sello do papel, a partir da lei n. 585, de 31 de Julho de 1898, que discriminou as taxas do sello da União e dos Estados, seguida de regras e preceitos de direito applicaveis á arrecadação desse imposto e das tabelas annexas ao decreto numero 3.564, de 22 de Janeiro de 1900, modificadas e annotadas de accordo com as duas primeiras partes do livro e com as decisões do Tribunal de Contas e do Ministerio da Fazenda. Contém, além disso, dous minuciosos indices, um systematico e outro alphabetico e remissivo — Um vol. br., 12\$; enc., 15\$000.
- 13 — **JUIZO FINAL... DAS "GRANDES TOURNÉES"**. Sensações d'arte, por José Saturnino Britto. — Vol. brs., 3\$; enc., 5\$000.
- 14 — **LEI DO INQUILINATO**, pelo Dr. Candido de Oliveira Filho. Lei n. 4.403, de 22 de Dezembro de 1921, commentada, comparada e seguida de um formulario e das leis portuguezas, argentina, uruguaya e italiana — Um volume de mais de 300 paginas, br., 5\$; cartonado, 6\$; enc., 7\$000.
- 15 — **LEIS PENAES** (1 — Prefacio pelo Dr. Evaristo de Moraes. 2 — Constituição Federal. 3 — Código Penal. 4 — Leis complementares e modificadoras do Código Penal. 5 — Índice systematico do Código Penal. 6 — Índice chronologico. 7 — Índice alphabetico das disposições penaes da Constituição Federal, do Código Penal e das leis complementares e modificadoras do Código Penal). Compilação organizada pelo Dr. Candido de Oliveira Filho, advogado e lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, seguida de um minucioso índice alphabetico e remissivo. O livro contém mais de 500 paginas, br., 15\$; enc., 18\$000.
- 16 — **LIÇÕES DE ECONOMIA POLITICA**, pelo Dr. Carlos Porto Carreiro, lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio Janeiro. Desenvolvimento do programma respectivo em 80 lições, com um prefaço do Conde de Affonso Celso, director e lente da Faculdade. Um vol. de perto de 600 paginas, br., 20\$; enc., 25\$000.
- 17 — **PARECERES**, do Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira, annotados por Lafayette Filho. — Dous volumes — Contém o primeiro volume 297 pareceres sobre direito commercial, constitucional, administrativo, financeiro, internacional, penal e judiciario. — Preço de cada volume: br., 20\$; enc., 24\$000.
- 18 — **PRELEÇÕES DE MEDICINA PUBLICA**, pelo Dr. Carlos Seidl, cathedratico da Faculdade

de Direito da Universidade do Rio de Janeiro — Vol. br., 20\$; enc., 23\$000.

- 19 — **PRINCIPIOS DE SOCIOLOGIA JURIDICA**. — Compendio para a cadeira de Philosophie do Direito, pelo Dr. Euzebio de Queiroz Lima, lente da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Vol. br., 16\$; enc., 20\$000.
- 20 — **REGIMENTO INTERNO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL**, contendo todas as emendas approvadas até junho de 1921 e seguido da lei sobre tribunales regionaes. Compilação organizada e annotada pelo Dr. Francisco de Paula Oliveira, bibliothecario do mesmo Tribunal — Vol. br., 5\$; cartonado, 6\$000.
- 21 — **SELLO DO PAPEL**, pelo Dr. Candido de Oliveira Filho, advogado e lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. E' um commentario da lei n. 3.966, de 25 de Dezembro de 1919, contendo as novas tabelas do imposto federal do sello do papel. Um índice alphabetico e remissivo completa a obra, tornando-a utilissima a todos, pois que a todos, indiscunctamente, interessa o assumpto — Br., 5\$; encadernado, 7\$000.
- 22 — **SELLO DO PAPEL** — Ultima lei e ultimo regulamento sobre o sello do papel, seguidos das disposições orçamentarias vigentes sobre o assumpto. — Br., 2\$; cart., 3\$000.
- 23 — **SIBRAL** — Brasil-Epopeia (1500-1922) — Poema da Historia do Brasil, por Carlos Chaves. Vol. br., 5\$; cart., 7\$000.
- 24 — **THEORIA E PRATICA DOS EMBARGOS**, pelo Dr. Candido de Oliveira Filho, advogado e lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro — (Obra esgotada).
- 25 — **TOBIAS BARREIRO, do Desembargador Virgilio de Sá Pereira**, lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. — Vol. br., 3\$; encadernado, 5\$000.
- 26 — **VENENOS SOCIAES E CONDIÇÃO JURIDICA DOS ENVENENADOS** — Estudo medico-legal do alcoolismo, morfiumismo, cocainismo, estherismo e de outras perturbações psychicas, pelos Drs. Candido de Oliveira Filho, advogado, e Julio Porto Carreiro, medico, lentes da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Prefacio do Dr. Carlos Seidl, ex-director da Saude Publica e cathedratico da referida Faculdade. — Volume br., 15\$; encadernado, 18\$000.

## OBRAS NA PRELO

- Dr. Abdon Eloy Estellita Lima. — Protozoarios e Protozooses.
- Dr. Arnanuo Vidal. — Repressão do jogo do oicho.
- Dr. Candido de Oliveira Filho. — Curso de pratica do processo, vol. II — Dução, termos e prazos — Férias forenses — Provas — Conclusão — Allegações finais — Sentença — Homologação de sentenças estrangeiras — Recursos).
- Dr. Carlos Seidl. — Preleções de medicina publica, 2º vol.
- Dr. Carlos Porto Carreiro. — Lições de economia politica. Os fasciculos restantes.
- Dr. Carlos Porto Carreiro. — O Filho da Agua (L'Aiglon).
- Desembargador A. Ferreira Coelho. — Código Civil da Republica dos Estados Unidos do Brazil. 4º volume.
- Dr. Francisco de Paula de Oliveira. — Jurisprudencia sobre Direito Maritimo.
- Dr. Gabriel M. dos Santos Vianna. — Historia da organização distribuição da Justiça no Brazil, desde o periodo colonial até a Republica.
- José Carvalho. — O matuto cearense e o caboclo do Pará, Estudos de Folklore.
- Dr. Julio Barbosa Penna. — As madeiras no Brazil.
- Primeiras linhas sobre o processo orphonologico, de Pereira de Carvalho, annotadas pelo Dr. Didimo da Veiga, de accordo com as alterações constantes do Código Civil. 2 vols., 3ª edição.

# Banco Hollandez da America do Sul

*Casa Matriz: AMSTERDAN*

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro — S. Paulo — Santos

Buenos - Aires

Santiago do Chile — Valparaizo

NA ALLEMANHA — Hamburgo

*Capital autorizado . . . . . florins 50.080.000*

*Capital realizado e reservas . . . . . florins 30.180.000*

Fundado pela Rotterdamsche Bankvereeniging

Amsterdam — Rotterdam — Haya

Cujo capital realizado e reservas montam em  
florins 114.000.000

Succursal no RIO DE JANEIRO

11, RUA BUENOS AIRES, 13

Telephones: NORTE 5356, 5357 e 5358





# Banco Hollandez da America do Sul

*Casa Matriz: AMSTERDAN*

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro — S. Paulo — Santos

Buenos - Aires

Santiago do Chile — Valparaizo

NA ALLEMANHA — Hamburgo

*Capital autorizado . . . . . florins 50.080.000*

*Capital realizado e reservas . . . . . florins 30.180.000*

Fundado pela Rotterdamsche Bankvereeniging

Amsterdam — Rotterdam — Haya

Cujo capital realizado e reservas montam em

florins 114.000.000

Succursal no RIO DE JANEIRO

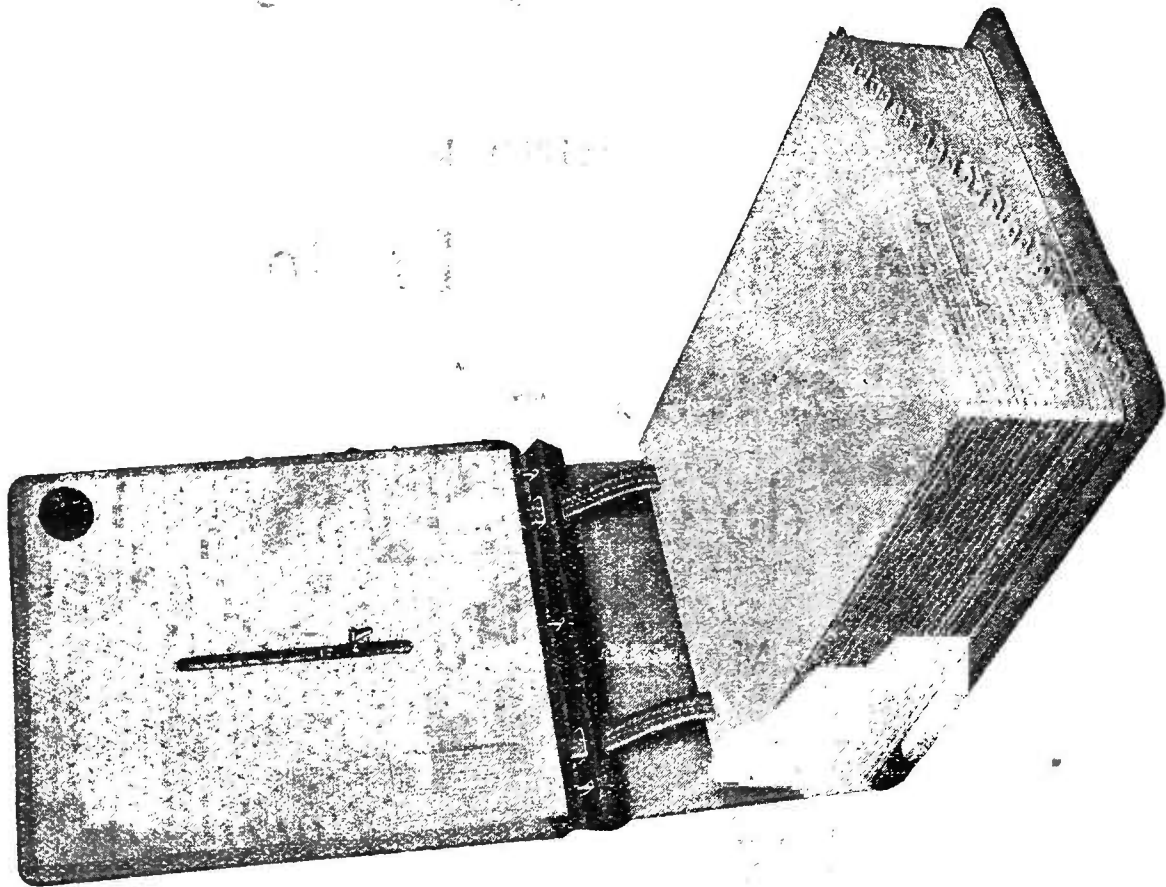
11, RUA BUENOS AIRES, 13

Telephones: NORTE 5356, 5357 e 5358

# KALAMAZOO

LIVRO DE FOLHAS SOLTAS

Para colleccionar artigos de jornaes, autographos, photographias, sellos ou guardar documentos



## KALAMAZOO

O LIVRO PERFEITO

Tem capacidade de folhas illimitada. - E' Elegante no seu aspecto -  
E' economico no seu custo

*Casa Systema*  
ARTIGOS PARA ESCRITORIO

Libero Badaró, 120  
Tel. Central 55  
São Paulo

ESCREVA OU TELEPHONE

São Bento, 32-1.  
Tel.: Norte 255  
Rio de Janeiro

# AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUMS. 9 A 12



EDIÇÃO DO CENTENARIO



ANNO I

## O PHENOMENO BRASILEIRO

O seculo de independencia, cujo fecho celebramos gloriosamente, nos enche de orgulho, pela obra realisada, pelos frutos colhidos e por todos os outros que vemos sazonar, como promessas maravilhosas. A emancipação de 1822, como o resultado do velho sonho de liberdade que fremia na alma nacional desde o seculo XVII; a formação do imperio; a unidade das provincias em torno do estado, que o trono estabelecia, os moldes democraticos da primeira constituição; a obra grandiosa da regencia; o segundo imperio fecundando o liberalismo; a abolição integrando a Patria na humanidade; a Republica, nivelando os cidadãos e proclamando os seus direitos com a maxima amplitude; a criação das artes, das letras e das sciencias; o surto magnifico do progresso material, que constroeu portos e diques e ergueu cidades; a prosperidade economica e commercial; a potencia das industrias e da agricultura, tudo, enfim, em harmonioso crescendo, se ajunta e vibra, como as notas formidaveis de um hymno grandioso.

Seria possivel fazer mais? Talvez, mas o certo é que, por sobre as vicissitudes e os entraves que tivemos de vencer e superar, decorrentes da formação nacional, desde o typo da raça, até a victoria sobre a natureza aggressiva e brutal, não é licito acreditar que outros tivessem feito mais, ou melhor. Não vai nisso um devaneio, lirico, mas a observação imparcial, e sem pessimismo, do phenomeno brasileiro, na sua exacta realidade. Antes de tudo, vejamos que a extensão do territorio tornára impossivel a colonização pelos portuguezes e a penetração só começou a se realizar no seculo XVII, com as *entradas*, que vararam em algumas direcções o dorso do gigante. Até então, só o littoral se explorava e, ainda hoje, o dominio e o privilegio dessa zona permanece, num desequilibrio inquietante. Os homens eram poucos para tão grande habitação e se accomodaram nos melhores centros. O estrangeiro, por via de regra, era cubiço-

so, e não pensava em emigrar e a densidade minguada da população era um entrave constante ao desenvolvimento do paiz. Permaneciamos, portanto, em alguns pontos e iamos muito vagarosamente penetrando no interior. D. João VI lançou os alicerces da nossa civilização, mas a independencia e a regencia mal tiveram tempo para cuidar da salvação nacional, periclitante naquelle momento decisivo da Patria. Era preciso tornar forte o Estado, unir o paiz, criar o prestigio do trono, manter a ficção da monarchia representativa, de sorte que, quando a consciencia da nação despertasse, fosse possivel evitar uma crise perigosa. Esse esforço herculeo nós o realizamos, enquanto consolidavamos o credito do paiz, incentivavamos as suas forças productoras e economicas, embora desordenadamente. A obra politica, interna e externa, foi o esforço da monarchia, que findou logicamente com a abolição. Dahi por diante, depois desse golpe na economia do paiz, era preciso uma propulsão progressista e um desenvolvimento material, para os quaes o regime antigo revelára poucas qualidades. E a Republica, effectivamente, nos permitiu essa era de realizações. Os dois grandes problemas foram atacados de frente — o da immigração e o das estradas. Vimos, claramente visto, que os 14.333.915, que eramos, ou seja a de densidade de 1.689 por kilometro quadrado, era pouco em demasia e, portanto, fazia-se mister abrir o paiz ao braço estrangeiro, sobretudo depois da crise de trabalho, que a abolição precipitou. E as correntes immigratorias se estabeleceram. Vieram, sobretudo, italianos, allemães, polacos e japoneses, que foram para os estados do sul, de preferencia, e a cujo esforço tanto devemos, tudo aconselhando-nos a manutenção e desenvolvimento desse programma de povoamento do solo, melhor organizado, porém, quanto á localização e attendendo por igual ás razões ethnicas e economicas. Quanto ás estradas de ferro, basta citar que, em 1889 tinhamos em trafego 9.973,087 kilometros e em 1921, 28.827,710

kilometros, 2.273,046 em construcção e 7.728,047 em projecto. Lembremo-nos de que essa obra é toda ella um esforço formidavel, por vezes heroico, cortando morros, vencendo serras, atravessando rios, derubando mattas, ora solidificando, ora aplainando o terreno, em realizações extraordinarias. O plano ferro-viario, que concluimos, sobretudo depois de terminada a Theresina-Petrolina e ligada a rede de viação bahiana ás estradas de Minas Geraes, é de uma grandeza prodigiosa, que se não deve estimar pela kilometragem mas pela natureza do terreno. A qualidade é o indice e não a quantidade. Por outro lado, o crescimento do commercio, exigiu a construcção dos grandes portos e os fizemos admiraveis, no Pará, em Recife, na Bahia, no Rio, em Santos e no Rio Grande, sobretudo esse, que representa uma grande obra, tornando navegavel a sua barra, até então de acesso difficil e perigoso.

E os telegraphos se multiplicaram e hoje se estendem por 44.446.580 kilometros e a tonelagem cresceu, já cruzando, o pavilhão brasileiro as grandes rotas de commercio internacional, fazendo toda a cabotagem e o movimento fluvial. Contamos 648.153 estabelecimentos rurales estimados em Rs. ... 10.568.008:691\$000; 36.338 fabricas, das quaes 1.791 com força motora e o nosso movimento de commercio externo, em 1921, accusou as cifras de Rs. ... 1.709.000:000\$000 para a exportação e réis. .. 1.689.000:000\$000 para a importação. A estimativa de nossa producção agricola ultrapassa 3 milhões de contos, na ultima safra. Construimos grandes capitães e cidades de forte desenvolvimento no interior do paiz, que mantêm a propulsão grandiosa de nosso imperio.

A intelligencia nacional não se revelava só nessas realizações materiaes, mas formava um espirito novo, nas sciencias e nas artes, e illuminava o mundo com a irradiação de sua luz fulgente. Nas sciencias experimentaes e de observação, como nas abstratas e na philosophia, nas letras, nas artes plasticas e na musica tem sido admiravel o nosso esforço e a obra de cultura, si bem que só por ultimo se vá fazendo com certa unidade, não se desdoira de seu esforço inicial. Nossos sabios e nossos juristas têm, muitos delles, ultrapassado o ambiente nacional, impondo-se á admiração do mundo, nossos artistas e escritores vão criando, no tumulto da terra americana, uma emoção differente, e, no dia em que se libertarem dos preconceitos dos moldes européos, revelarão o surto mara-

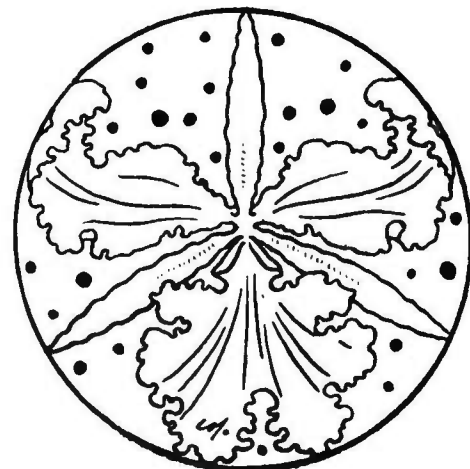
villioso do estro brasileiro, que surge aos poucos, numa revelação gradual e deslumbrante.

Chegamos um pouco tarde, num mundo já envelhecido, e temos, portanto, a missão de revigorar suas energias, transplantando para a America o eixo da civilisação. Mas é preciso vencer em nós mesmos a reacção tradicionalista e conceber o ideal novo, que salvará o mundo. O exemplo dos Estados Unidos é fecundo de ensinamentos do que ha-de ser a força americana, quando os dois hemispherios do continente attingirem ao mesmo gráo de força e de ideal.

Emquanto realizavamos essa obra, que não é perfeita e nem mesmo sempre harmoniosa, mas incontestavelmente é grande, davamos ao nosso paiz, por uma legislação liberal, ainda que muitas vezes de enxertia, a garantia do progresso, e, por uma diplomacia intelligente, habil e patriótica, a segurança da paz externa e do respeito universal. O melhor triumpho dessa realização está nas altas e honrosas provas de affecto que nos deram as nações amigas na comemoração de 7 de Setembro. Foram o testemunho significativo do relevo com que gravamos o nosso nome na historia, das tradições que formamos, do prestigio que alcançamos. Entre essas manifestações, nenhuma nos falou mais ao coração do que a vinda do eminente chefe da Nação portuguesa, que, em nome de seu paiz agradeceu o favor que lhe prestamos, proclamando a independencia, no momento em que o fizemos, porque Portugal, já não mais poderia manter a unidade das duas nações.

Aurindo, pois, da tradição a seiva fecunda e maravilhosa, o Brasil, joven, poderoso e bello, cessado o deslumbramento desse momento de exaltação, re-incerará a sua obra de idcal e de trabalho para ser grande entre os maiores.

*Sursum corda!*



## RAIZES DE IDEALISMO

A civilização é uma violencia do homem á natureza. Por mais brutal que seja o impeto, uma força idéal, remota, obscura, intangível, está na origem da energia creadora. A civilização é o mysterio, em que se cumpre a fatalidade da união dos homens para vencer a materia universal. Expressão externa e collectiva do rythmo individual, traz em si o germen do idéalismo. Se ha povos sem a proeminencia daquella magia extasiada na religião, na philosophia ou na arte, ha em todos um residuo espirital, que um dia transmudará o maximo do realismo em função de idéalismo. A propria realização americana, opposta ao traçado do civilizador europeu, revela-se idealista nas suas syntheses sociaes, na sua democracia, no fabuloso poder do dinheiro, na transbordante philantropia, no excesso da força, na rapidez da acção, na aspiração ardente e ingenua, de renovar o mundo. O povo americano, no desenvolvimento da parabola da sua historia, trae as origens mysticas dos seus formadores, quakers, fenianos, sonhadores do ouro, anarchistas e os demais transviados do idéal.

No Brasil o idéalismo propulsor da nacionalidade é uma predestinação. A terra surgiu do inconsciente immemorial, revelada por homens possessos da loucura dos descobrimentos. A inquietação é o fardo da vida do espirito. Nascido de um sonho de navegantes, o Brasil ficou para sempre enfeitado pela miragem. O espirito secreto, que inspirara os allucinados do desconhecido, soprou em todos os recantos do paiz e insuflou para sempre a nacionalidade. E' o espirito de progressão. Transplantada ao Brasil a raça portugueza, a sua lei de constancia vital determinou a força indomavel, que desbravou, subjugou e disciplinou a terra. O idéalismo tornou-se consciente e agiu como suggestão no decurso da civilização brasileira. A historia colonial é uma affirmação de idéalismo patriótico, installação no solo, organização da collectividade politica, que espiritualmente é a nação. A' aurora do seu surgimento, já o Brasileiro apparece como collaborador do Portuguez, por vezes o supplantando, na repulsa das invasões perturbadoras, na conquista systematica do paiz, que é elaborada como uma obra de estado.

O idéalismo affirma-se e progride. Em toda a expressão de progresso ha um idéal de perfeição. Na historia do Brasil esse idéal de perfeição é sempre

proseguido, como se fosse a finalidade do espirito colectivo. A Independencia do Brasil é um acto de idéalismo. Veiu naturalmente do instincto de revolta nativista, resultou da crystalização do sentimento nacional e exaltou-se das idéas que flammejaram na independencia da America do Norte e na Revolução franceza. Na *Esthetica da Vida* escreveu-se, e aqui se repete, que jámais o homem brasileiro foi tão senhor e tão grande como naquella epocha. Um espirito de mocidade o conduzia. Para o valor homem o grande movimento da historia foi a Renascença. A personalidade humana nesse ardente e fecundo instante expandiu-se vivaz e livre, não conheceu limites á curiosidade da intelligencia, não refreiu as paixões e tudo foi um deslumbramento de forcas intellectuaes e sensuaes que refez o mundo e renovou a sensibilidade. A Renascença do Brasil foi a época da Independencia. O homem unico, o homem universal appareceu como furtivo clarão na vida do Brasil. Os *homens* não foram sómente os conductores do movimento. Foi uma vasta floração da personalidade humana, manifestada na luta politica da independencia nacional que tornou ousado o character. O exemplo da revolta do Principe que se fez Imperador deu o contagio da independencia a todos. Foi uma insurreição geral dos espiritos, que inflamou o sentimento nacionalista e repelliu toda a vassalagem de Portugal, purificando-se de todo o cosmopolitismo. Nesse maravilhoso instante da nossa historia havia o orgulho de se sentir o homem novo de uma patria nova. O nacionalismo no alegre nascer da patria foi a affirmação da vontade brasileira. Nesse tempo, a incandescencia nacionalista não temia os compromissos despertados pela necessidade de povoar o sólo, pelo destino economico do paiz, que exige a collaboração estrangeira. O homem brasileiro naquelle alvorecer nativo tinha a illusão de se bastar a si mesmo.

A essa energia valorosa junte-se o idéal de perfeição, que inspirara os Independentes. Estes geometras da politica procuraram architectar o paiz segundo um plano idéal. Ensaiou-se uma *Cidade de Deus* politica. A monarchia não foi só uma suggestão colonial e uma logica continuação, melhor que uma incerta substituição. Foi tambem a cupola do edificio, e sob o domo o Poder Moderador apparecia como a imagem da Razão, da Justiça e da Divindade, presi-

dindo magesticamente a innumeravel theoria dos factos.

O artista revelou-se no constructor politico. Desde então a fórmula, consciente ou inconsciente, da historia do Brasil é esta: *idealismo e como função de idealismo a busca incessante da perfeição*. Se não é attingida, o esforço permanece irreprimivel, porque idealismo e ancia de perfeição dimanam daquella qualidade essencial da alma brasileira, a imaginação. Na sua pureza primitiva será um estado de magia, uma illusão da representação do Universo, mas ao influxo da cultura torna-se creadora de idealidade, dynamo de idealismo, chamma da perfeição paradoxal.

O Imperio desenvolve-se nesta progressão. Combate-se pela unidade do paiz, defendem-se as fronteiras, traçam-se as linhas divisorias das nacionalidades antagonicas, constróe-se a muralha imaginaria da patria. E a elite governa o povo com as ficções transplantadas exoticamente de outros estados, tudo pela suggestão de um idéal de perfeição politica, que parecia crystalizar-se na monarchia parlamentar. Não tardou uma explosão de idéalismo nesse ambiente de hierarchia. A Abolição foi uma idéa que se fez o sentimento violento de um povo. Apoderando-se da emoção do paiz, tornou-se invencível e na celeridade do seu movimento, tudo arrebatou, tudo desmoronou e exigiu a contribuição de todos para o seu triumpho. O que fizeram a monarchia e os estadistas não foi mais do que satisfazer, como pacificadores, as imperiosas exigencias da sensibilidade popular. E neste sentido, a abolição foi um acto revolucionario e ao mesmo tempo esse delirio de abnegação collectiva marcou na vida brasileira o mais bello instante da nossa emoção nacional. Cada um procurava exceder-se a si proprio e aos outros no desinteresse pela causa da redempção. A principio a idéa aponta ao longe no espirito de alguns inspiradores. Pouco a pouco foi ganhando as almas e mais tarde uma grande préamar espraia-se pelo paiz inteiro. Ha um repentino fervor de piedade e que se deve chamar a loucura da abolição, como no tempo das perseguições aos christãos, houve a loucura da Cruz. São povoações que eliminam do seu recinto a escravidão, são provincias que se redimem, são senhores que se empobrecem alforriando massas de trabalhadores, são fazendas que, numa vertigem de abnegação, se immolam e se tornam em tapéras desertas e livres. é o proprio throno imperial que, no esplendor da exaltação collectiva, se sacrifica. Onde, porém, a rebusca da perfeição neste idealismo redemptor? Na liberdade incondicional dos escravos, como

respeito á humanidade. Foi o toque da elevação no sacrificio total da riqueza.

Com a abolição ainda mais se accentuou no Brasil o impulso da egualdade. A Republica resultou como a consequencia do "absolutismo" democratico. O idealismo republicano teve a maravilhosa phantasia de esculpir os traços da sua affinação moral na liberdade religiosa sem restricções, na excessiva soberania federativa, na egualdade de brasileiros e estrangeiros, no arbitramento internacional obrigatorio — signos caracteristicos desse espirito, destituido de compromissos, que é o da raça na sua livre expansão. Enthusiasmo, imaginação, idealismo, ancia de perfeição sentimental são os motores secretos da alma brasileira.

O povo de tal inspiração, sempre prompto a exceder-se, está predestinado a viver no absoluto e a repellir toda a relatividade. Os seus difficeis "trabalhos" na ordem pratica o elevarão do intenso realismo ao excelso idealismo. Assim quando transforma as pertinazes mattas em terras de cultura attinge a uma conquista material formidavel, que, vel-a ou evocal-a, se nos exalta o espirito a louvar a energia primitiva dos feros desbravadores das florestas, dos errantes caminheiros dos sertões, transmigrada nesta espiritualidade da conquista, que nasce do realismo. A terra, offendida para ser fecundada, permanece a eterna desejada do homem. Ha seguramente um amor physico entre o brasileiro e a natureza da sua patria e que é a raiz inconsciente do seu patriotismo. A progressão não póde ser reprimida sob pena de uma crise mortal da nação. Para cumprir o fado imposto pela sua lei de constancia, o brasileiro vae para a frente, pelas tragicas mattas, pelos tristes desertos, pelos vagos sertões, pelos rios absurdos, a vivificar o sólo nacional. Um dia elle augmentou o desmedido territorio, e a incorporação do Acre foi até hoje a maior realização brasileira na epoca republicana, porque foi a maior expressão da energia collectiva e obedeceu fatalmente ao idealismo, creador da nacionalidade.

Depois de taes fructos, o idealismo, fortificado em tenazes e seculares raizes, não será estirpado do espirito brasileiro. A fé no prodigioso destino da patria lhe perdurará sobranceira e fervente, a despeito da amargura que soffrer, do cháos em que se abysmar o paiz, das retrogradações da justiça e do progresso moral, do eclipse da liberdade e da honra. Cré eternamente na ascensão triumphante da patria, na sua illimitada força creadora, na sua immortal projecção no futuro. Faminto, torturado, esmagado sob a tyrannia, lá vae o Brasileiro, caminhando extatico dentro da luz, escravo da miragem, mystico do idéalismo...

Graça Aranha.

## A FIGURA DE D PEDRO I

Não conheço em nossa historia nenhuma figura cujo perfil psychologico seja mais difficil de fixar que o do primeiro imperador. Não é possível julgar-o sem risco de commetter injustiça, si quizermos apenas destacar-lhe da assombrosa versatilidade de sentimentos e impulsos qualquer traço isolado que o caracterize. Uma, ainda assim, vaga idéa do que elle foi só ha de resaltar talvez de uma synthese das contradicções e desordens em que lhe fica a figura no meio dos acontecimentos em que teve o seu grande papel.

Para isso não tenho mais do que recordar factos da epoca que estamos neste momento mesmo commemorando.

Tinha-se feito a independencia. Emquanto esta era a aspiração dominante na alma dos brasileiros, todas as classes e todas as facções andavam como fraternizadas em torno da grande causa.

No dia seguinte ao da aclamação do imperador, tudo começára a mudar. Os mesmos homens que tinham feito a declaração da independencia estavam divididos, e reclamando cada grupo o direito de orientar e dirigir a organização do novo Estado.

No meio das facções victoriosas, e agora em lucta, viu-se D. Pedro, moço de 24 annos, com todos os vicios e virtudes de heróe fóra do seu tempo, e como a insuflar em vez de reprimir discordias.

Por uma fatalidade de circumstancias que pareciam conjuradas, assumira elle o primeiro posto em phase tão penosa, e sem ter as grandes qualidades que se requerem para funcção de tal magnitude.

E não tinha essas qualidades — cumpre dizel-o — menos por mingua de natureza que por defeito de educação. Poder-se-ia mesmo dizer com toda justiça que para ser grande homem bastaria que lhe não tivessem negado tudo o que o seu espirito tinha o direito de esperar da sua alta condição social. Seria bastante que tivessem preparado o homem, já que não quizeram preparar o rei.

Ainda assim, é preciso reconhecer, a sua vida tem lances que o põem muito acima das figuras communs entre os que têm tido o papel de destaque no mundo.

Quando o comparamos ao pai é que sentimos bem como avulta a nossos olhos a personalidade profundamente delineada, forte e incisiva de Pedro I.

D. João VI caracterizava-se pelas duas grandes virtudes que lhe abosrviam toda a existencia moral, e que o fechavam para tudo mais: a resignação, levada a um quasi renunclamento de si mesmo; e a bondade, mas bondade rude e inconsciente, que se diria antes desidia ou apathia de alma neutra, ou pelo menos desprovida de uns quantos instinctos sem os quaes o officio de rei ha de ser mesmo um indizível martyrio.

E é por isso, talvez em grande parte, que D. João foi seguramente, não só o príncipe, mas o homem mais infeliz do seu tempo.

Andou sempre tão por longe do destino com que o surpreenderam, que mesmo quando se sentia sacudido de alguma emoção muito forte, o coitado se desafogava chorando... como si padecesse até das proprias alegrias...

El chorou tantas vezes na vida que bem se poderia dizer — sem nada sacrificar-lhe da figura historica — que durante os seus trinta e tres annos de reinado, o que mais conheceu foi a nevrose da dôr, a sensibilidade doentia do devoto, a tristeza do penitente, e mesmo uma especie de volupia de lagrimas, ou de effusão perenne de pranto, com que se consolava de tanto ceder e abdicar.

Chorou quando lhe mostraram o *Moniteur*, e viu como Bonaparte lhe decretára a distribuição do reino. Chorou quando soube que Junot marchava sobre Lisboa. Em prantos sahio a barra do Tejo, e em prantos poz pé vacillante em terra bahiana.

E dahi por diante, emquanto a historia nos dá aquelles gestos heroicos de guerra ao arbitrio da Europa, e do novo imperio de onde alça a voz para o mundo — dali por diante, para todos os lances a que o levava, como si fóra um precito, o exercicio da majestade — viveu o misero guardando a sua reserva de lagrimas, que não se sabe como é que o lar lhe deixava...

E' vel-o, afinal, daqui sahir soluçando como uma creança, e lá, na velha patria querida, cahindo, de coração transbordante, esmorecido de medo e allucinado de alegria, nos braços do seu povo.

D. Pedro era um contraste rude e esturdio com tudo isso. Nunca lhe viram humidos siquer aquelles olhos, vivos e trefegos, que anceavam de ver.

Emquanto aquelle outro andou sempre como lhe diziam que era preciso andar — este vem para concorrer com a fortuna. Devia

temel-o a velha deusa falaz, ou pelo menos, tratá-lo com muito geito; pois que na vida não andaria elle só a espera da voz de commando.

Este ha de, por si mesmo, bem ou mal, fazer o seu papel. Temperamento ardente, irriquieto, resolutivo, quasi impulsivo — não recuava nunca... salvo si percebesse que o capricho era do destino.

Ainda assim, pôde ser que o destino tenha rido alguma vez do rei: do homem — nunca.

Para julgar este homem, seria necessario, antes de tudo, conhecer a sociedade daquelle tempo, a sociedade de transição daquelles dias; principalmente as opiniões dominantes, as idéas que se agitam, as aspirações que absorvem todas as forças no momento mesmo em que elle apparece no scenario politico, cheio de enthusiasmos pelo seu papel.

No período que se segue á chegada da côrte, não haveria provavelmente um só brasileiro, do mais humilde ao mais eminente, em cuja consciencia não estivesse já muito clara a directriz que os negocios politicos iam tomar. Pôde-se mesmo avançar que a phase joannina foi a phase de gestação do que se vai fazer em 1822. Andavam no ar as procellarias, e todos presentem que a tormenta não tarda.

Para comprehender-se como tão rapido se renova aquella sociedade, e se distancia dos tempos coloniaes, não é mais necessario do que ver: primeiro, aquellas vicissitudes que vinham abalando o throno e as instituições que elle representa; depois, o orgulho que sentiram os brasileiros ao tomar a protecção da realza desventurada; e sobretudo a tendencia americana, que vivia já no sentimento popular, e que a presenca da côrte não faz menos que fortalecer. Estas florestas, estas bahias, estas montanhas, estes ceus, falavam desde muito insidioamente á alma renovada da raça.

Em tal meio, o Príncipe, mesmo que fosse capaz de encarar discretamente a vida, tinha de ser liberal: esquecer-se um pouco de si mesmo era o processo mais expedito e seguro de se impôr como necessario.

Está-se vendo, pois, como o liberalismo de D. Pedro é inconsciente. Provinha mais naquelle instante, não certamente só de calculo, mas da leviandade do seu animo, aberto e receptivo, do que de razão e consciencia.

Nelle o velho instincto dos avós disfarçava-se apenas sob aquellas apparencias de alma nova. Com todas aquellas expansões de amor de patria, de paixão pela liberdade, de culto pela justiça, de submissão ás leis da historia — sabe elle muito bem que leva galhardamente o seu destino.

Passada, porém, aquella phase, no dia em que se sentiu desenganado de uns tantos sonhos — foram-se os lances augustos, as tiradas heroicas: e o antigo sér, que ia resonando no fundo daquelle natureza excepcional, accordou e bramiu.

Ha um processo muito simples de fazer a psychologia deste homem como politico: é tirar das cartas que elle escreveu ao pai o que elas têm de substancial... nas entrelinhas...

Des da primeira, começa elle a preparar o espirito do pobre velho, lá reduzido a toda a tristeza de um rei Lear, abandonado de todos, principalmente dos seus proprios; mais sombra de homem do que homem, dementado de uma vez pelo infortunio.

O misero agora só era pai. Foi o unico instincto que a desgraça lhe deixou: o do sangue. Do meio dos sustos em que vivia, aquelle sér lancerado só tem o grito da angustia paterna, como ultimo signal de grandeza que nelle deixaram os tufões de escarmento.

Muito facil foi, portanto, ao Príncipe amanhar o terreno para a obra planeada.

Desde meados de 1821 que, por elle chefiada, entra a conspiração na sua phase decisiva.

Não é de crer que o rei, lá na metropole, soubesse ou entendesse direito quanto iam fazendo as Córtes. O mais que com certeza elle sabia é que tinha diante de si, como um espantallo, aquelle poder novo e extranho que se levantára incontrastavel á frente do throno.

Dizia-lhe daqui o filho umas coisas desusadas, falando-lhe uma linguagem para elle desconhecida e incomprehensivel.

Primeiro, D. Pedro está, com toda coragem, ao lado da magestade... porque bem sabe que daquella magestade não lhe vêm gestos esquelidos... Ao lado da majestade vai, muito fiel, com muita astucia e tactica segura, pondo em outro logar o interesse supremo da propria monarchia...

Em seguida, pouco a pouco, vai associando, fazendo-a inseparavel da sua, a autoridade que lá, na metropole, já não estava integral nas mãos do Rei. E enquanto as Côrtes decretam medidas tendentes a reprimir-lhe os impetos e a humilhar os brasileiros, cuida elle de fazer sentir ao pai que a assembléa desmandada vai tornando a monarchia incompativel com o Brazil, e que este, "por fidelidade", está deliberado a resistir e até a affrontar as Côrtes, divorciadas da alma portugueza, e principalmente da causa da dynastia.

Foi com este geito e manha subtil que elle teve tempo de apparelhar-se de tudo para o rompimento formal. Nos principios, muito respeito pelas soberanas Côrtes; depois de prompto — protestos e detestações contra aquellas Côrtes "pestiferas"...

\*  
\* \*

E' assim que tem de ser definitivamente julgado este homem. Para elle, o pensamento capital era vencer: tudo o mais era secundario.

Para que a sua voz fosse ouvida dos brasileiros, falava-lhes muito em "liberdade": aos portuguezes falava sempre só em "justiça".

Mas essa justiça e essa liberdade deviam andar sempre cautelosas e muito doces ao talante do patrono.

E tanto é assim que no dia em que se julgou seguro, vanglorioso das suas victorias, tudo foi esquecido: a sua vontade, os seus impulsos de imperio puzeram-se em conflicto com os principios e as idéas que elle proprio com tanta ufania proclamára...

\* \*

Eis ahi D. Pedro como politico.

E para completar, com a feição psychologica do homem, o perfil esboçado, bastaria accrescentar muito pouco.

Elle foi, como homem, o que ficou sendo como rei: um estouvado na vida; mas um estouvado forte, decidido, que sabe quanto vale a esturdia bem calculada quando se tem sobre os hombros a indiscutivel autoridade que se funda no prestigio da tradição e do grande papel que se tem no drama do mundo.

A familiaridade um tanto desbragada, que elle sabia pôr em equilibrio com os ares augustos; a clemencia bem medida, a coragem temeraria, as leviandades que lhe encheram a vida e com que temperava os impetos estultos e os bruscos assomos — tudo isso produzia, no animo dos que o cercavam, effeitos magicos; pois todos bem sentiam como não ha nada, neste mundo, tão captivante como um bom movimento ou um gesto de paz que vem da mesma altura de onde podem cair fulminações de morte.

Por isso mesmo é que D. Pedro, tendo sido afinal tão detestado entre os politicos, pôde fazer alguns amigos que lhe foram fieis até o fim. Enquanto que o segundo imperador — espirito sereno e sabio: grande alma paternal desde os vinte annos; consciencia indefectivel de juiz até na desgraça; e que viveu, pôde-se dizer, condescendendo e perdoando — não se sabe si teve amigos... a não ser o coração anonymo de todo mundo...

Si fosse preciso attenuar o rigor do julzo que a historia tem de proferir, não ha duvida que temos de lançar á conta das circumstancias muita coisa do libello contra D. Pedro formulado.

Antes de tudo, conquistára elle a "sua gloria" muito depressa. Na sua idade era muito difficil, a um espirito que nada tinha de excepcional para tarefa tão alta, conservar serenidade e não perder a tramontana.

Assim que se viu coroado imperador, desvaneceu-se da sua fortuna. Presumia-se unico "autor de tudo que se tinha feito". Persuadido de que era um homem de genio a dirigir os acontecimentos, não teve o seu orgulho mais limites.

Os homiens mais notaveis daquella epoca foram minguando diante d'elle.

Era elle só o legitimo creador deste povo.

Na historia da America, o seu logar ha de ser ao lado dos Bolivar e dos Washington...

Quem sabe mesmo si tudo isso seria pouco... Momentos houve, realmente em que parecia fazer de Bonaparte, domando por sua vez a America. Vejam-se as suas proclamações, o tom das suas falas ás tropas. Tinha feito as suas campanhas do largo do Rocío, e do Campo de Sant'Anna... — que mais lhe faltava?

Não há duvida que chegou a sonhar grandes coisas nos fastos do seu tempo. E muito seriamente depois que sentiu como estas democracias americanas não se accomodam á majestade das grandes figuras.

Estava D. Pedro tão convencido de que o Brazil todo lhe obedecia, e de que ao seu poder e ao seu prestígio se haviam confiado estes povos — que não viu mais empecilho no caminho aberto ás suas ambições. Senhor absoluto do paiz, começou logo a tratá-lo como "coisa sua"; e não teve mais linha, nem como rei, nem como homem. Quiz até dar ao Rio uns ares de Versailles, com Triansons e tudo, e a que não faltou nem aquella Pompadour de fancaria.

O que elle queria era mostrar que tinha nas mãos este pedaço do mundo.

\*

Agora o que se não deve calar é que para tudo isso concorriam, além do que já vimos, os proprios homiens do tempo com as lisonjas e adulações que andavam todos disputando a honra de fazer-lhe.

Não era só a tropa que o acclamava como seu "adorado imperador". As proprias deputações da Constituinte, quando iam felicitá-lo nos dias de gala, punham-lhe em relevo as "sublimes qualidades" e as "heroicas acções"; e diziam-lhe que elle vencía "mais com a gloria do seu nome" do que outros reis com as armas...

Da tribuna daquelle mesmo congresso, onde se representava o que tinha de mais vigoroso aquella geração, havia quem bramasse commovido, e com a emphase das grandes affirmações, que elle era... *a delicia dos brasileiros*... lamentando certamente que tivesse havido já um outro que o fosse do genero humano...

Si o proprio Antonio Carlos dizia que entre elle (o monarcha) e um pobre mortal (a Camara é aqui o pobre mortal) nada pôde haver de commum... Que elle está "posto além da humanidade e quasi endeusado... Que os ministros "são servos do imperador..."

Quanto era ainda poderosa a influencia da superstição romana no espirito daquelles homiens!

E como queriam então que D. Pedro não se perdesse?

Rocha Pombo.







Neste maravilhoso instante da raça e do pensamento brasileiro, nenhuma iniciativa seria mais proficua, mais fecunda e mais urgente que a tarefa de fixar a orientação da nossa cultura historica, pedra de toque da consciencia e do sentimento nacional. Integrada na sua dupla função nacionalista e humana, deve ella ser encarada como força creadora de idealidade, imprescindivel ao espirito de progressão do organismo social como é indispensavel á sagrada permanencia da integridade ethnica, que é o principio gerador da unidade moral, politica e historica da nação. Em meio das incertezas e das apprehensões actuaes, o Brasil, com o singular fulgor de seus fastos e a sua formosa realidade, precisa crescer para a justiça, para a ordem e para a belleza, e resplender nas suas relações com o universo. Assim, pois, é a nossa historia que ha-de illuminar o roteiro do nosso esplendido destino: para isto basta que, sentindo o nosso passado, rico de prodigio e tocado de graça, e auscultando as nossas origens, que se ligam á fascinante civilisação latina, procuremos realçar a nossa epopéa nacional, resurgindo ou animando os heróes, os apóstolos e os precursores, proteger o instinto racial, definir a indole, o caracter ou o genio do nosso povo e intensificar o culto pela mãe patria — emfim, ser fiel á lei de constancia vital, que preside ao desenvolvimento da nacionalidade. Mercê da nossa filiação historica, podemos, através de tantas vicissitudes e de regimens politicos diversos, conservar unido, indissolúvel e forte o vasto imperio territorial que somos e, graças a essa surpreendente harmonia, consequencia da unidade da lingua, da religião, dos costumes, das tradições e, principalmente, das afinidades raciaes, havemos de ser um dos maiores Estados do mundo. Além do mais, sendo o Brasil uma sobrevivencia do passado e da mesma raça, não se comprehende possa elle viver divorciado de Portugal, quando tudo nos impelle a estabelecer mais poderosos vinculos effectivos e intellectuaes entre as duas Republicas.

Inspirados por estes ideaes e estes propositos, que se synthetizam na transformação dos nossos valores historicos e na solidariedade maxima das duas nações do mesmo idioma e do mesmo pensamento, para que se accelere a deslumbrante finalidade brasileira, resolvemos fundar o *Instituto Varnhagen*, sob o patrocínio do nome do glorioso brasileiro, que, com ter previsto esse magnifico movimento de cohesão nacional e emprestado á nossa historia uma função social, foi ainda o verdadeiro fundador da historia patria, o iniciador da critica e da erudição literaria no nosso paiz, o archetypus do homem de letras e do diplomata, o divulgador entre nós dos methodos scientificos de investigação anthropologica e archeologica, — em summa, o vulto primacial da historiographia, que tanto opulentou o nosso patrimonio intellectual.

Para a realisação de seu programma, e tendo em vista a congregação dos esforços de quantos no Brasil, em Portugal e no estrangeiro se dedicam ao estudo de nossos problemas historicos, sociologicos e literarios, o *Instituto Varnhagen* propõe-se:

- a) realisar, activar e estimular o estudo da historia nacional em suas varias modalidades, restaurando entre nós a perfeita consciencia do papel do historiador;
- b) contribuir para que o ensino educativo da nossa historia nos collegios e gymnasios, remodelado, abrangendo o culto da tradição, e da unidade nacional, a idea do sacrificio, a educação do sentimento e da vontade, a directriz mental e a refflorescencia da raça luso-brasileira, se torne uma fonte de energia e de patriotismo, e promover no mesmo sentido cursos ou conferencias destinadas á mocidade escolar;
- c) promover o intercâmbio intellectual entre o Brasil e Portugal, instituindo desde já cursos publicos de historia e de litteratura portugueza;
- d) concorrer para que se estreitem as relações com as sociedades, academias e individualidades do paiz e do estrangeiro, que se

preocupem com assumptos de historia ou de litteratura brasileira, animando-as e prestando-lhes assistencia, permutando informações, pareceres ou trabalhos impressos, e recolhendo ou communicando o resultado de estudos e pesquisas;

e) secundar no dominio dos seus estudos e na medida dos seus esforços o movimento de solidariedade continental das patrias americanas;

f) organizar, juntamente com uma bibliotheca de historia e litteratura, dotada de catalogos systematicos e de repertorios ideographicos, um archivo de documentação e um cadastro informativo;

g) constituir, methodicamente, a bibliographia das fontes da nossa historia e da historia literaria, e proceder á sua investigação, examinando, seleccionando, copiando, extractando e divulgando os documentos ineditos de interesse capital existentes nos mosteiros, nas igrejas, nas camaras municipaes e nos archivos publicos ou particulares do paiz ou do estrangeiro;

h) investigar ácerca da arte colonial, mediante visitas ás nossas igrejas, palacios, casas solarengas, monumentos e exame de vestigios, trabalhos e peças artisticas, redigindo monographias ou repertorios illustrados sobre o assumpto;

i) promover o estudo ou a organização da nobiliarchia e heraldica brasileira, como subsídio para a historia das nossas origens e costumes;

j) publicar ou promover a publicação systematica das obras completas de Francisco Adolpho de Varnhagen, acompanhadas de estudos criticos, analyses ou commentarios, adquirindo os originaes ou copias authenticas de todos os seus escriptos ineditos, e reunir desde já elementos para a sua biographia;

k) organizar inqueritos entre os especialistas e eruditos de notorio saber, ainda que não sejam membros do Instituto, sobre problemas controversos ou obscuros da nossa historia ou da nossa litteratura, divulgando as conclusões, e promover a discussão de theses ou questões relativas a esses assumptos entre os seus membros;

l) instituir concursos e estabelecer annualmente premios honorificos ou recompensas pecuniarias para os melhores trabalhos que apparecerem no paiz ou no estrangeiro sobre a historia geral do Brasil ou quaesquer questões particulares, que se relacionem com a nossa cultura historica ou literaria;

m) publicar uma revista ou boletim destinado á divulgação de seu programma e trabalhos;

n) auxiliar as instituições publicas ou particulares, toda vez que for solicitado o seu concurso para qualquer iniciativa que se relacione com a sua actividade.

O *Instituto Varnhagen*, com séde no Rio de Janeiro, terá dez secções permanentes de estudos brasileiros:

- I. Secção de historia geral;
- II. Secção de historia militar;
- III. Secção de historia diplomatica;
- IV. Secção de historia das artes e dos costumes;
- V. Secção de historia da litteratura;
- VI. Secção de bibliographia historica e literaria;
- VII. Secção de nobiliarchia e heraldica;
- VIII. Secção de estudos geographicos;
- IX. Secção de estudos economicos;
- X. Secção de ciencias sociaes applicadas ao Brasil.

Haverá igualmente no Instituto duas secções especiaes e permanentes:

- I. Secção de estudos portuguezes;
- II. Secção de estudos de historia e litteratura da America.

O *Instituto Varnhagen* compor-se-á de 70 membros effectivos e de numero illimitado de socios correspondentes, honorarios e pro-

rectores. A sua administração competirá a uma directoria composta de presidente, tres vices-presidentes, secretario geral, dois secretarios, thesoureiro e bibliothecario. Terá um Conselho Superior Consultivo, formado de pessoas de notorio saber, escolhidas dentre os membros effectivos, correspondentes e honorarios, e um Patronato, composto das pessoas ou instituições que contribuirão para a formação do patrimonio social ou concorrerem pecuniariamente para a sua manutenção.

O programma do *Instituto Vernhagen*, com ser complexo, é profundamente patriótico e destinado a realizações fecundas. Obra vasta, que não será tarefa para uma só geração, e que requer o concurso de todas as boas vontades, e não prescinde do apoio official e das instituições particulares do Brasil e de Portugal, determinará ella sem duvida, uma renovação opportuna ou, quando menos, um aspecto original da mentalidade e do sentimento brasileiro. Tudo indica que a nossa tentativa será coroada de exito, porque tem uma origem consciente, o patriotismo, e uma virtude cardeal, a esperança. E para essa tarefa meritoria, que surge desajudada, por emquanto, de favores officiaes e ainda sem o appulauo do publico, solicitamos a cooperação de todos os brasileiros e portuguezes, cujos sentimentos se harmonisem com as nossas idéas e os nossos propósitos.

Rio de Janeiro, 13 de Outubro de 1922.

*Os Fundadores:*

Rocha Pombo.  
 Celso Vieira.  
 Oliveira Vianna.  
 Azevedo Amaral.  
 Capitão Genseric de Vasconcellos.  
 Victor Vianna.  
 Bruno Lobo.  
 Ronald de Carvalho.  
 Elysio de Carvalho.  
 Gilberto Amado.  
 Roquette Pinto.  
 José Augusto.  
 Nelson de Senna.  
 Pinto da Rocha.  
 Eurico Valle.  
 Gustavo Barroso.  
 Tristão de Athayde.  
 Tavares Cavalcanti.  
 Renato Almeida.  
 Levi Carneiro.  
 Adolpho Konder.  
 Francisco Valladares.

Nuno Pinheiro.  
 General Moreira Guimarães.  
 Capitão Estevam Leitão de Carvalho.  
 Deodato Maia.  
 Araujo Jorge.  
 Ribas Carneiro.  
 Alves de Souza.  
 Pontes de Miranda.  
 Raul Pederneiras.  
 Capitão Jaguaribe de Mattos.  
 José Maria Bello.  
 Ezequiel Ubatuba.  
 A. Carneiro Leão.  
 Almachio Diniz.  
 Rodrigo Octavio Filho.  
 Adrien Delpeche.  
 Flexa Ribeiro.  
 Eurico Cruz.  
 Mario de Vasconcellos.  
 Hildebrando Accioly.  
 Jorge Jobim.  
 Heitor Lyra.  
 Belisario Soares de Souza.  
 Joaquim Salles.  
 Abner Mourão.  
 Theophilo de Albuquerque.  
 Nogueira da Silva.  
 Virgilio de Mello Franco.  
 Americo Facó.  
 Major Henrique Silva.  
 Luiz Annibal Falcão.  
 Octavio N. de Brito.  
 Carlos Rubens.  
 Olympio Barreto.  
 Lemos Britto.  
 Delgado de Carvalho.  
 Lindolpho Xavier.  
 Mario Bhering.  
 Francisco Venancio Filho.  
 Castro Nunes.  
 Jackson de Figueiredo.  
 Miranda Ribeiro.  
 Sampaio Ferraz.  
 Mario Barreto.  
 F. A. Raja Gabaglia.  
 Alcides Bezerra.  
 Carlos Pontes.  
 Tristão da Cunha.

**Meios de transporte e vias de comunicação no Brasil**  
 (Dados officiaes da Directoria da Estatistica)

**MOVIMENTO MARITIMO FLUVIAL**

ANNOS	NUMERO DE EMBARCAÇÕES (Ent. e sah.)	TONELAGEM TOTAL	TONELAG. MÉDIA
1840.	11.297	1.417.491	125,4
1880.	19.532	8.576.093	439,0
1920.	49.565	49.711.370	1.002,9

**ESTRADAS DE FERRO EM TRAFEGO**

ANNOS	EXTENSÃO KM.	POR 1.000 KM. <sup>2</sup> METRO
1860.	222,696	25,64
1890.	9.973,087	1.148,21
1920.	28.553,316	2.419,66

**CARRIS URBANOS**

ANNOS	EXTENSÃO KM.
1912.	1.159,900
1916.	1.337,455
1920.	1.434,818

**MOVIMENTO GERAL DOS CORREIOS**

ANNOS	CORRESPONDENCIA NUMERO DE OBJECTOS (1)	POR 100 HABITANTES NUMERO DE OBJECTOS
1840.	872.278	17
1880.	20.359.997	172
1920.	642.376.265	2.096

**TELEGRAPHO NACIONAL**

ANNOS	EXTENSÃO KM.	POR 1.000 KM. <sup>2</sup> METRO
1890.	11.895,962	1,426
1905.	26.129,117	3,120
1920.	44.446,580	5,232

**TELEPHONES**

ANNOS	EXTENSÃO KM.	NUMERO DE APPARELHOS
1907.	19.456,000	15.203
1915.	31.051,115	45.713
1920.	44.983,430	58.535

(1) Comprehende a correspondencia collectada, distribuida e em transito.

# ESPIRITO DE REVOLTA

## O Pamphleto no Primeiro Imperio

E' num avulso da escola pamphletaria, o *Despertador Brasileiro*, impresso miudamente em duas e meia paginas, que ouvimos bater a grande hora nacionalista: "Vêde, ó Brasileiros, o que em tal conjunctura melhor vos convem... Eis o momento em que deveis decidir-vos. Lançae mão deile..."

Assim, o *Despertador*, de França Miranda, com sonoridade vernacula, dava a sua hora inicial. E a primeira claridade matutina descia no *Revcrbero Constitucional Fluminense*, de Joaquim Gonçalves Lêdo e do Conego Januario da Cunha Barbosa, accendendo o patriotismo á geração baptisada com o sangue dos inconfidentes mineiros e dos revolucionarios pernambucanos. Clarins em fogo, bandeiras em festa annunclavam a radiosa elevação do novo emblema auri-verde, emquanto eram apregoados pela cidade inquieta *O Brasil, O Espelho, O Constitucional*, folhas candentes e ephemerias. Crepitava uma ironia fuzilante na epigraphe de outras, burlescas e nativistas— *O Macaco Brasileiro, O Papagaio Volantim, O Malagueta*, onde Luiz May actualisara o conceito de Duprat, segundo o qual nos deixaria independentes o barco que levasse a familia de Bragança.

Logo depois da independencia, o *Despertador Constitucional* succede em oportunidade ao *Despertador Brasileiro*, como o problema da organização, juridicamente esboçada pela Constituinte e realisada pelo Decemvirato, succede na Historia ao da emancipação. Nesse periodo, com essa tendência, culmina o *Regulador*, de Frei Sampaio — um dos nossos monges guerreiros. Quando se exteriorisa, em 1823, a fatal propensão anti-nacionalista e anti-democratica do rei-soldado, perdido como estava para os brasileiros, entre as chalaças do favorito e os amplexos da marquezia, apparecem duas gazetas de combate, a *Sentinella* e o *Tamoyo*, que representam duas columnas de patriotas volantes, pugnando através do Brasil, pelo Brasil, contra a deslealdade e o portuguezismo da corôa. A *Sentinella* é jovial, desde o sub-titulo (*Sentinella da Liberdade, á beira do mar da Praia Grande*); o *Tamoyo* é solemne, desde a influencia patriarchal de José Bonifacio e os versos francezes da legenda:

*Tu vois de ces tyrans la fureur despotique,  
Ils pensent que pour eux le ciel fait l'Americque.*

*Tamoyo* e *Sentinella*, arautos da imprensa politica no Brasil, são verdadeiros pamphletos, rijos pamphletos nacionalistas, com igual impetuosidade na sua disseminação, um advertindo, outro chacoteando, batendo-se os dous pelas formas constitucionaes do governo monarchico.

Essa incorruptivel *Sentinella* á beira do mar da Praia Grande, em Nitheroy, como já o tinha sido, republicaneamente, na guarita de Pernambuco, em 1823, não é senão o patriota Cypriano José Barata de Almeida, um daquelles insubmissos e valorosos deputados, que o Brasil enviara ás côrtes de Lisboa e que haviam desafiado pela altivez liberal, pelo brasilismo sem faja, todos os raios e todas as chufas da metropole.

Com a sua oratoria bahiana, o seu diploma conferido pela Universidade de Coimbra, o seu temperamento decisivo e pugnaz, é esse homem, "breve de corpo e resolutivo de espirito" como se descreveu a si mesmo, perante os lusos, pasmados de tanta ousadia, o nosso mais antigo e menos glorificado *leader* nacionalista.

Em 17 de dezembro de 1821, elle propôz á assembléa reinicola, preliminarmente, a suspensão dos debates constitucionaes até á chegada dos deputados americanos. Pequeninico e indomavel, quasi sexagenario, mas remogado na luta pelo calor da terra natal, pela secreta flamma da sua idealidade combatente, affrontou em Lisboa as furlas coloniaes do parlamento, do governo, da popuiça. Foi um dos deputados brasileiros, que se evadiram do reino, a bordo de um navio inglez, para não ser victimados. Nas aguas de Funchal, tentaram desembarcal-os á força os madeirenses, tão exasperados e bravios quanto os lisboetas.

Dezeseis annos, vividos ainda na patria independente, foram de pelejas, sacrificios e tormentos para o velho campeador brasileiro. Em 1823, havendo já fundado, redigido as duas *Sentinellas da Li-*

*berdade*, a do norte e a do sul, é preso em Pernambuco, e preso até 1829, por não acceitar o mandato á primeira Constituinte. Aquebrado e mortificado, veridica imagem do patriotismo no captiveiro, sob os longos cabellos alvejantes, elle traça dolorosamente, nesse abandono, os *Motivos* da sua prisão e desgraça, allegações e defesas, o recurso interposto de uma sentença innominavel, que o havia condemnado á clausura perpetua.

Mal se entreabrem as portas do seu ergastulo, Cypriano Barata, quasi septuagenario, recomeça a escrever, a imprimir, a divulgar folhas patrioticas e vehementes, *Sentinellas da Liberdade* no Rio e em Pernambuco, atalaias que se multiplicavam por todo o Brasil nos passos e nas vozes de outras sentinellas heroicas. De novo o aprisionam, de novo clama o velho pamphletario, na masmorra, pelo ar e pelo sol da liberdade, aureola e supplicio, paixão no sentido maravilhoso dos Evangelhos, toda a longa paixão de uma existencia crucificada sob os espinhos do seu ideal. E ao cabo de torneios, recontros, lutas em que o gladiador septuagenario arcava contra os gigantes de ferro da tyrannia, acabou Cypriano Barata, placidamente, como um sabio no seu horto, ensinando o abecedario ás crianças de uma aldeia do norte.

Já em 1821, naquella mesma guarita pernambucana, onde surgiria depois a *Sentinella da Liberdade*, o padre Francisco Ferreira Barreto publicava *O Relator Verdadeiro*, nucleo de opiniões e sentimentos liberaes, que tanto fez pela independencia, mas do qual se desviou o clerigo, absurdamente, para se metter no labyrintho da sociedade ultra-conservadora e secreta, denominada *Columna do Throno*. Uma legião de escribas insuflados pelo genio do pamphleto revelava, assim, ao Brasil independente os fulgores e as miserias do jornalismo. Basta nomear Luiz Augusto May, *enfant terrible* de uma imprensa ainda pueril, que se desenfaixava para gatinhar e agatanhar, como já vimos, na *Malagueta*, depois na *Malagueta extraordinaria*; Felipe Menna Callado da Fonseca, estridulando na *Segarrega*, por todo um verão e todo um inverno, depois de haver combatido entre os herôes de 1817; José Sylvestre Rebello, um pamphletario epistolar e faceto, com o extranho pseudonymo de *Trezgeminos Cosmopolitas*; Luiz Moutinho de Lima, Alves da Silva, notavel pela intrepidez e garrulice do seu *Papagaio*; Faria de Lima, redigindo entre os perigos dessa hora verde e amarellela *O Brasileiro em Portugal*; Venancio Rezende, que hostilizava as formas dynasticas no *Maribondo* e na *Gazeta Pernambucana*; emfim, o martyr do pamphleto no Brasil — Frei Caneca. Mas havia já um pamphletario da reacção monarchica, e formidavel. José da Silva Lisboa, o economista, depois Visconde de Cayrú, que em 1824 lançara com o pseudonymo de *Philopatris* o *Rebate Brasileiro*, atroantemente, por afugentar o espirito revouicionario do *Typhis*. A Confederação do Equador, nesse anno heroico e sangrento de 1821, foi o alvo das suas frechas terriveis — *Appello á honra brasileira contra a facção federalista de Pernambuco; Guerra da penna contra os demagogos de Portugal e do Brasil; Historia curiosa do mau fim de Carvalho & Companhia* (Manoel Paes de Carvalho e os seus companheiros) *a bordoada de pau-brasil, Pesca de tubarões do Recife*. Exterminados os federalistas pernambucanos, Silva Lisboa empenha-se bellicosamente, num *Desforço patriotico* de 35 paginas, contra o vago libello portuguez de um inimigo da independencia do Brasil, que o publicara em Londres, sob anonymato. E de Londres, em 1825, transportava-se ao Rio da Prata, arremessando novos opusculos, novos dardos, como a *Desaffronta do Brasil a Buenos Aires desmascarado* e a *Recordação dos direitos do Imperio do Brasil á provincia Cisplatina*. Era conservador e conquistador. Tinha reforçada pela erudição a dialectica impetuosa — e um grande orador, Mont'Alverne, confessou que só elle o havia feito emmudecer na poemica.

Em poderoso contraste á figura gigantesca desse polemista da Ordem, avuita o herôe pernambucano Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, indomito pamphletario da *Polemica partidaria*, das *Cartas de Pithias a Damão*, do *Typhis*. Como toda ascensão humana pressuppõe o martyrio, a esta lei deveria obedecer o pamphleto, rutinante de gloria intellectual, conjugando-se ás maiores aspirações de liberdade, progresso e belleza, que têm perpassado através da

nessa historia. O grande martyr do pamphleto no Brasil é esse ho de lanceiro, frade carmelita, duas vezes revolucionario, duas vezes acorrentado pelo despotismo: em 1817, para soffrer, durante quatro annos, a desolação do cárcere, na Bahia; em 1824, para tornar fuzilado, como um heróe, no largo das Cinco Pontas. A revolução revolucionara-se pela independencia brasileira, sob Dom João VI; pela constitucionalidade monarchica, sob D. Pedro I. Homem de vasto pensamento, de forte acção, erudito e eloquente, preceptor de grammatica e geometria, rhetorica e poetica, philosophia racional e moral, foi elle, sobretudo, um polemista aparelhado para duellos mortaes, um lidador sem desanimo no campo das idéas novas, um pamphletario cuja penna desfechava revoluções. O despotismo viu nesse attributo o maior perigo do Norte, sublevado e trep.dante. São os vinte e oito numeros do *Typhis Pernambucano*, o pamphleto da Confederação do Equador, vibrantemente redigidos pelo frade ultra-liberal, que impressionam os juizes até aos fundamentos da sentença de morte, onde a *criminalidade do reo* é litteralmente assignalada pelo que ele "publicou no periodico *Typhis*, desde a folha 44 usque 74, a cuja incendiaria doutrina se refere em suas respostas" Inutilmente havia explicado Frei Carneca aos membros da commissão militar: "que a soberania reside na nação, que a nação é quem se constitue e por meio dos seus representantes em côrte — dous pontos cardeaes em que rola toda a doutrina — são duas verdades confessadas por S. M. no decreto de 3 de junho de 1822, no manifesto de 6 de agosto do mesmo anno, aos povos e nações amigas, além de outras occasiões. Nada entenderam, nada lhe ouviram os juizes, e afinal foi condemnado á morte o pamphletario do *Typhis Pernambucano*, gloria da sua crença e da sua raça.

O pamphleto nativista apparece em 1822, com a fogosidade marcial de um bahiano, o coronel Araujo Guimarães, que lança o primeiro desafio ao elemento portuguez no seu famoso avulso da época: *Um cidadão do Rio de Janeiro á divisão auxiliadora do exercito de Portugal*. Incendiam-se os odios da caserna, á explosão desse projectil, arremessado pelo coronel brasileiro. Corre o boato de uma ordem sinistra do general Jorge de Avilez. Mas não se intimida o bravo coronel-pamphletista, e a sua campanha luso-proba prosegue ardentemente no *Espelho*. Ignacio José de Macedo affirma, na *Edade de Ouro*, que essa foíha, sobreexcitando a opinião dos naturaes da terra, causava maior damno aos portuguezes que um exercito de dez mil homens. A esse tempo, como para mostrar que o soldado e o padre se irmanam em quasi todos os movimentos civicos da nossa historia colonial e imperial, o destemido padre Luiz Gonçalves dos Santos rebatia as offensas ultramarinas em opusculos e artigos, ora dirigidos ao *compadre de Lisboa*, ora ao *campeão portuguez em Lisboa*.

Havia episodios singulares na estréa do pamphleto nacional. João Antonio Garcia Abranches, portuguez naturalizado e polemista nato, iniciara o temivel genero de publicidade no Maranhão, com o *Espelho critico-politico* e o *Censor*, que lhe valeu afinal a deportação, por ataques movidos á soberana pessoa de lord Cochrane. Dessa tempestuosa ascendencia brotara um filho morigerado, conservador, legalista — Frederico Magno Abranches. Emplumado por vocação, e attingindo a maioridade, começou Frederico a redigir o *Argos da Lei*, antagonista do *Censor*. Pae e filho viviam sob o mesmo tecto, e ás vezes, sentados um defronte do outro, á mesma banca de trabalho, dilaceravam-se a golpes de penna, escrevendo furiosos artigos, na infindavel rixa do *Censor* e do *Argos da Lei*. De quando em quando, nesse originalissimo duello, tinham os dous uma palavra amiga, um olhar carinhoso, a espontanea doçura de um sorriso. Mas logo volviam ao papel, ao combate: remergulhando na mesma tinta as suas pennas inimigas, embebendo as suas armas no mesmo sangue, Abranches pae e Abranches filho, este brasileiro e conservador, aquelle portuguez e demagogo, continuavam a bater-se raivosamente, como dous athletas irreconciliaveis.

Constitucionalismo e nativismo foram, assim, as primeiras idéas que nos attrahiram, não só no primeiro estadio social da Independencia, mas antes della, quando romperam as hostilidades entre a maioria das Córtes Geraes de 1821 e o sentimento brasileiro, apoucado pelas tendencias colonisadoras daquelle Congresso, tão insidioso quanto inexperto no seu apparatus legislativo. Aos parlamentares da metropole, em 1822, abertamente dizia Antonio Carlos: "... conhecemos as traças com que se pretendem restabelecer as antigas cadeias e, apezar da nossa repugnancia, juramos de antes morrer do que nos sujeitar aos nossos eguaes." Ah! temos a genese verbal do *Independencia ou Morte*. E á socceba apparece de Antonio Carlos, na tribuna portugueza, como

nosso deputado, echoariam outras, ainda mais ardorosas, nas cidades brasileiras do norte e do sul, com a legião de periodicos, de opusculos, de pamphletos, que veriamos surgir, marchar, crescer tumultuosamente, invocando e repetindo os conceitos do abbae Armitage, depois de abolida a censura. Assim escreve o ponderado Armitage, continuador laborioso da *Historia do Brasil* de Souney: "... desenvolveu-se uma energia até entao desconhecida; e principiou a imprensa a produzir numero infinito de publicações periodicas.

Symbolicamente, para designar o acto da sua coroação no hemispherio austral, com estrellas irrivalisaveis, a magestade acclamada resolve estabelecer uma ordem de cavallaria, fulgurante e maxima: a *Ordem Imperial do Cruzeiro*. Todos exaltam a idéa, o signo, a ordem. Mas um protesto rompe na orchastração unisona desses applausos, na consonancia festiva desses epimios. O menozinho americano das facéis condecorações, até mesmo das constellações, quando reduzidas pelos monarchas ao typo nominal da commenda e ao uso decorativo da lapella, é um aviso dado em 1822 ao imperante. Como? Sem rebugo, quasi podemos dizer sem recato, na linguagem das verdades nuas e crúas, detonadas em pleno dia. E ainda o pamphleto que as vibra ao rosto de S. Magestade, o pamphleto que se desintegra e se emancipa do jornalismo, o pamphleto insolito, mas autonomo, filho das provincias do Norte, decidido a pelear contra os moinhos feudaes, e todas as Ordens possiveis de cavallaria, brandindo a sua lança ou, melhor, a sua penna. Com o ar de um folheto escripto para as barricadas, não obstante denominar-se gravemente — *Analyse do Decreto de 1º de Dezembro* — nada temia ou respeitava, acercando-se do imperador, como de um inimigo. Escandalizado, observa o prudente Armitage: "Em todo esse folheto transcendiam declamações exageradas contra tudo quanto a nova administração havia executado, e o desejo de augmentar a desaffeição que existia na Bahia e em Pernambuco á mal firmada autoridade de S. Magestade Imperial". O pamphleto bahiano era da lavra, ou antes, da forja de Acayana de Montezuma, o desenganado redactor do *Independente Constitucional*, temerario publicista que, sob o longo pseudonymo de *brasileiro amante da sua patria*, justificaria mais tarde, com o mesmo fogo, em outro pamphleto, a opposição de 1831 a 1832.

Atacahe sobre a Constituinte, em 1823, a colera fulminante do Imperador, que o *Tamoyo* e a *Sentinella* exasperavam com as suas invectivas ao poder, o seu nativismo sempre alarmado, infenso ao predomínio, á orientação, ao engajamento de militares portuguezes no exercito do Brasil. A mensagem de Pedro I á Camara, exigindo satisfações pelos ataques feitos em diversos periodicos aos sentimentos de S. Magestade e á honra dos officaes e tropas acampados em S. Christovão, os lances da terrivel noite, que os liberaes chamaram a *noite d'agonia*, as boccas de fogo assestadas contra o Legislativo, a dissolução da assembléa, emfim, tudo foi consequencia de actividade mais ou menos pamphletaria, desde o nosso tempestuoso começo.

Remetendo a violencia de taes processos, o banimento de jornalistas audazes, como o redactor do *Correio*, os Andradas e o portuguez Abranches, do *Censor*, que atacara lord Cochrane, maiores vexames e affrontas á liberdade da imprensa, em outros casos, tinham suffocado por tres annos o periodismo nacional. Imprevistamente, porém, das cinzas dessa liberdade resalta a chamma de um pamphleto, abrasando o nosso liberalismo — *Reflexão sobre o tratado de independencia e a carta de lei promulgada por Sua Magestade Fidelissima*, — obra irreverente de um francez, Pedro Chapuis, que em Madrid havia já provocado as furias do governo hespanhol. O intuito das *Reflexões* de Chapuis era cortar o vinculo, que entre Portugal e Brasil, dynasticamente, restabeleciam as palavras da carta de lei de S. Magestade Fidelissima, em tempo de paz ou de guerra, declarando herdeiro legitimo á corôa portugueza o nosso imperador. Muito não tardou que o pamphleto estrangeiro, comquanto apolado pelo frade Sampaio, venerando escriba do *Regulador*, fosse compellido a deixar o Brasil, como indesejavel para a dynastia luso-brasileira. Assim o pamphleto se reanimava e reaparecia, com attributos perigosos, ainda mais perigosos que os de 1822, na historia politica do primeiro Imperio.

Dissolvida a Constituinte, seguiu-se um lustro de ausencia do pamphleto, do periodico excessivo e affeito, mordaz e brigão, que não cortejava o Paço nem o Ministerio, alardeando as suas idéas, provocantemente, quer para debater, quer para golpear. Só as folhas ministeriaes, em genuflexão diante do monarcha, dos principaes e dos conselheiros, num servilismo fastidioso e invertebrado, personificavam a imprensa. Mas não findaria a guerra do Prata, com o bloqueio de Buenos Aires, Ituzaingo, a perda da provincia Cis-

platina e outros episodios infelizes, sem que o pamphleto castigasse a indolencia, o sybaritismo, a ganancia de Rodrigo Pinto Guedes, almirante dos nossos desastres. Basta citar um opusculo de Maciel da Costa: "O Barão do Rio da Prata nú e crú, tal qual é e sempre foi". Pouco depois de installada a Assembléa Legislativa, em 3 de maio de 1828, resurgem os libellos politicos — jornaes ou pamphletos —, num impulso quasi assombroso. "... Apareceu uma quantidade de jornaes — escreve Armitage — pugnando pelas opiniões e interesses da opposição. Muitos desses periodicos eram exaggerados no seu estylo, e faltos de logica nas suas conclusões. Comtudo, o espirito em que eram escriptos agradava ao povo, e a sua influencia em todo o Imperio era prodigiosa.

Então, o reinado incontestavel da litteratura pamphletaria, entendida como litteratura jornalística de combate, domina todo o periodo, que vae desde 1827 a 1835. Sobre a cortezanice das gazetas ministeriaes e a demagogia das folhas opposicionistas, no horisonte que se inflammava, aos primeiros clarões da revolta, desponta a *Aurora Fluminense*, de Evaristo Ferreira da Veiga, publicista-orientador, pamphletario modear, consciencia brasileira no seu estado mais radiante de patriotismo, abnegação, idealidade. E o jornalismo politico, expoente que se fazia já expensivo, concentrando os resentimentos, as coleras da nacionalidade insubmissa ao forte querer de D. Pedro I, alastrava de norte a sul, como poivora, que adubasse o terreno para deflagrações revolucionarias.

Assim, em 3 de maio de 1824, a Fala do Throno denunciava magesticamente a liberdade de imprensa, exigia a coerção da sua intemperança e do seu anarchismo. Mas logo Evaristo da Veiga, na *Aurora Fluminense*, retrucou á ira do Senhor D. Pedro I com uma traducção e um desafio — a impeccavel traducção das cartas de *Junius* ao duque de Grafton, apenas duas; o cavalleiresco desafio a que apontassem os escribas ministeriaes, no jornalismo independente, algo semelhante á mordacidade e ao azedume da linguagem britannica. Victoriosa, a dialectica de Evaristo repercutiu na Camara e no Senado. Arvorava-se o pamphleto inglez por excellencia — *As cartas de Junius* — á maneira de um estandarte, sobre a liberdade da imprensa no Brasil! E recresceu a onda tempestuosa do jornalismo pamphletario; o seu impeto redobrou até á queda de D. Pedro I, ainda muito depois...

O governo imperial já era em 1830, dest'arte, o preferido alvo da fuzilaria de quarenta periodicos impacientes, desbocados, subversivos. Echos de regosijo, mesmo de inconfidencia, correspondem aqui ao tr-duo revolucionario de julho em Pariz, o soberbo triduo da const.tuição liberal contra as ordenanças absolutas, das barricadas contra os suissos, de Lafayette contra Marmont, durante o qual se levanta a plebe amotinada e coerica, invadindo o "Hôtel de Ville", as Tulherias, o Louvre, como nos primeiros dias da Marselheza, e baqueia em sangue o poder quasi funebre dos Bourbons, com o throno de Carlos X, phantasma evanescente da monarchia de direito divino. Fogam os liberaes, tremem os *corcundas* (nome com que eram alcunhados os antigos *caramurús* ou restauradores), e entro as luminarias do Rio, de S. Paulo, da Bahia, de Pernambuco, entre

as subscripções abertas para a tentativa de uma expedição anti-miguelista, começando pelo retorno dos emigrados portuguezes á Europa, surge um pamphleto inverosimil — o *Republico!* Sim, o *Republico* de 1830, paladino da Republica Federativa, ingenuo, destemeroso, apaixonado como um vidente, a lidar e a sonhar na bruma das instituições porvindouras. Quasi sessenta annos depois, o seu appello vibrará nos clarões de uma columna em marcha, comandada por Deodoro da Fonseca. E é ainda em 1830, data illustre de rebeldias e reivindicções, que em S. Paulo tomba o jornalista Badaró, italiano, o heróe do *Observador Constitucional*, ferido de morte pelos reaccionarios, exhalando o ultimo alento em phrase digna de Brutus: "Morre um liberal, mas não morre a liberdade."

O sacrificio do impavido Badaró, longe de atemorisar, concitou o espirito pamphletario a um levante de escudos ainda mais tumultuoso. Por toda a parte, os ultra-liberaes desafiavam as instituições, venciam o throno, influenciado pela mentalidade retrograda e colonial de homens, que não tinham lucidez nem coração para sentir, nesses primordios da vida americana, a força exuberante e indomavel de uma v.da nova, cuja torrente despedaçava os marcos e moldes politicos do passado europeu. Assim, o pamphletario do *Republico*, Borges da Fonseca, levado ao Jury por usar "de linguagem anti-constitucional", é unanimemente abso.vido. A *Luz Brasileira*, luz relampeante de tempestade sobre o Paço, não só apregôa a federação, mas tambem assoalha que os trahidores e absolutistas se envolvem, commodamente, no estatuto de 1824. O *Tribuno* fala com a vehemencia dos exaltados: urge desfazer a monarchia hereditaria, fundar um governo electivo.

Dia a dia, na Côte e nas provincias, a impopularidade e o isolamento faziam a D. Pedro I uma atmospheria quasi regelante. Inflexivel, trabalhava demoniacamente contra elle o espirito pamphletario, de modo tal que as proprias insignias, conferidas pelo monarcha, affligiam os vassallos predilectos. Allusões, doestos, invectivas, remoques, tudo era desfechado na linha de fogo jornalística, vibrantemente, para abater o imperador ou arrasár o imperio. E eis que os sentimentos collectivos, de subito, precipitam na historia brasileira acontecimentos formidaveis. Minas acoihe o soberano com a fria reserva, que se dispensa a um estrangeiro antipathico; a noite das *Garrafadas* incuba os odios nativistas para uma expansão irresistivel; o germen revolucionario fermenta nas sociedades secretas; communica-se a faúlha da insubmissão ás tropas descontentes. Não tarda que o idolo nacional de 7 de Setembro de 1822, agora desthronado pela fatalidade impulsiva dos seus erros, desapareça através da renuncia de 7 de abril de 1831. Pedro I abdica e embarca...

Dest'arte flammeja, triumphá o nosso espirito de revolta. E o pamphleto auri-verde, ultra-liberal, ign.potente, flammejando com elle no mesmo triumpho, acena como um poder inabalavel e desde-nhoso ao fluctuante esquife do primeiro imperio — a não ingleza *Warspite*.

Celso Vieira.

## Quadro geral indicativo da situação do ensino primario no Brasil

ESTADOS	Escolas complementares	Grupos Escolares e Escolas reunidas	Escolas isoladas	Escolas Municipaes	Escolas Particulares	População	População Escolar (7 a 12 annos)	Renda do Estado	Despesa com o Ensino Primario	Porcentagem da despesa
São Paulo.	10	246	1.816	423	1.129	4.592.188	765.364	137.484:000\$	23.218:000\$	16 %
Districto Federal.	83	—	402	—	—	1.157.873	192.979	67.042:842\$	11.081:120\$	17 %
Minas Geraes.	1	171	1.566	571	883	5.888.174	981.362	56.189:056\$	6.384:587\$	15 %
Rio Grande do Sul.	1	9	1.981	240	427	2.182.713	363.785	34.300:000\$	4.097:614\$	12 %
Bahia.	—	7	611	185	143	3.334.465	666.744	29.361.500\$	1.450:000\$	5 %
Pernambuco.	—	7	232	600	250	2.154.835	359.139	25.907:318\$	775:792\$	3 %
Rio de Janeiro.	—	50	453	—	—	1.559.371	259.895	21.471:119\$	2.403:094\$	11 %
Paraná.	2	38	554	35	53	685.711	114.285	11.917:184\$	1.326:589\$	11 %
Amazonas.	—	14	74	—	23	363.166	60.527	9.595:000\$	1.001:400\$	10 %
Paraná.	24	25	88	—	128	983.507	163.918	9.593:966\$	1.005:773\$	10 %
Santa Catharina.	7	17	455	79	168	668.743	111.457	7.158:000\$	1.503:000\$	20 %
Parahyba.	—	9	195	36	30	961.106	160.184	6.722:560\$	680:000\$	10 %
Alagoas.	—	2	275	—	—	978.748	163.124	6.497:465\$	509:116\$	8 %
Ceará.	—	10	422	—	60	1.319.228	219.871	5.898:178\$	1.052:590\$	17 %
Sergipe.	—	3	267	2	22	477.064	79.510	5.489:748\$	519:480\$	9 %
Espirito Santo.	1	2	260	29	34	457.328	76.221	5.406:500\$	532:468\$	10 %
Maranhão.	—	10	160	—	—	874.337	145.726	5.302:480\$	448:570\$	8 %
Matto Grosso.	—	4	155	11	—	246.612	41.102	4.718:230\$	601:624\$	12 %
Rio Grande do Norte.	—	31	80	—	—	537.135	89.522	4.033:000\$	432:118\$	10 %
Goyaz.	7	1	123	—	41	511.919	85.319	2.113:681\$	152:260\$	7 %
Piahy.	1	3	80	—	—	609.003	101.500	1.932:871\$	195:000\$	10 %
Total das unidades.	127	654	10.149	2.211	3.389	30.635.605	5.105.000	446.637:241\$	59.570:159\$	11 %

# EL LIBERTADOR Y EL EMPEADOR

A' requintada gentileza de D. Diego Carbonell, ministro plenipotenciario de Venezuela, devemos o artigo que a seguir inserimos, em que o illustre publicista estuda a situação de Bolívar em face da nossa independencia. Superfluo é assignalar aos leitores o nome que o firma, porque é o mesmo vantajosamente conhecido nos nossos circulos literarios, scientificos e politicos, pelo fecundo trabalho de pensador, pelos interessantes escriptos scientificos que tem publicado, pela sua intelligente propaganda no sentido de melhor se conhecerem os dois paizes e pela avisada actuación diplomatica. Intelligencia esclarecida, robusta e moça, servida por uma vasta, solida e brilhante cultura, é, sem lisonja, uma das mais lidimas expressões da mentalidade continental, e capaz ainda de mais brilhantes realisações no dominio da sciencia como na esphera da literatura pura ou da historia. O seu labôr é surprehendente. No espaço de poucos annos publicou seis livros notaveis pelas ideias, conceitos e opiniões originaes que nelles se agitam, a saber: *Psicopatologia de Bolívar*, *Botânica y Biología*, *Del caos al hombre*, *Juicios históricos*, *A mi hermano el obrero* e *Reflexiones históricas y conceptos de crítica*, estes tres ultimos editados no Rio de Janeiro. Tem ainda em impressão *Escuelas históricas en América*. Cada uma dessas obras traz a marca inconfundível da pujante personalidade do antigo reitor da Universidade de los Andes e valem todas como brilhante affirmação do que ha de mais profundo, mais excellente e mais constructivo no pensamento venezuelano. Os seus estudos filiam-se ás correntes idealistas universaes, mas é ás fontes americanas que vae buscar de preferencia os seus temas, os fundamentos de suas analyses, os elementos para suas syntheses historicas, o material, quasi sempre inedito, de suas reflexões, muitas paginas de seus livros sendo consagradas a problemas ou assumptos historicos brasileiros. Com estas linhas, ao mesmo tempo que tornamos publica a nossa gratidão, quizemos testemunhar o alto apreço em que temos D. Diego Carbonell, como sociologo, como historiador, como critico e como psychologo.

Se ha dicho muchas veces que el Libertador quiso atacar el Imperio, y que habría considerado como una impostura en el corazon de la América libre la corona de los Braganza; afirmase que Bolívar detuvo alguna vez su cabalgadura de César, y por un instante vaciló en soltarle las riendas para que siguiese, con el convoy republicano, hacia las tierras longinuas de Mato-Grosso en donde el Mariscal Sucre pretendió establecer su tienda épica... Mas, la historia merece un comentario, sobre todo en estos instantes en que el Brasil celebra en compañía de toda la América, el centenario de su independencia política.

Sucre quiso castigar un gesto del español Sebastián Ramos, cuando este gobernador de Chiquitos pidió a las autoridades imperiales de Mato-Grosso, su consentimiento para anexar su provincia al territorio brasileño.

Paréceme, contra la opinión de O'Leary, que el tratado se explica de ambas partes: Ramos se vió perdido ante la marcha victoriosa de las huestas patrióticas; pensó que Portugal y España vivían en paz y no eran repúblicas... Del otro lado, el gobernador de Mato-Grosso, que no tenía desde luego nexos alguno con la causa bolivariana, ciertamente que no vió falta en aquella conquista relativamente fácil, y tan luego como quedó

establecido el tratado, Araujo e Silva, de orden del gobierno imperial, marchó a tomar posesión de Chiquitos.

Claro es, el militar brasileño debía pasar por el territorio que protegieran los estandartes de Ayacucho, lo cual equivalía a colocar en el conflicto de una decisión que era de soberbia, de orgullo y de honor inconfundible, al manso y dignísimo Mariscal Sucre. Su nunca bien ponderada prudencia negóse a callar, y en un arranque digno de aquél que "tuvo siempre el exquisito cuidado de encubrir las violencias del carácter más irascible, puntilloso y delicado", dirigió esta frase al impetuoso Araujo e Silva: "No puedo persuadirme que US. tenga órdenes del Gobierno del Brasil para la invasión que nos ha hecho; y la conducta de US. marchando de mano armada a posesionarse de un modo usurpador de esa parte de nuestro país, sin haber precedido una notificación de guerra ni explicación alguna, es la violación más escandalosa del Derecho de gentes y de las leyes de las naciones y un ultraje que no sufriremos tranquilamente..."

Y así era la verdad, pues "Araujo fué depuesto" aunque más tarde quiso cometer desmanes por propia cuenta. Mas, lo esencial es saber que el Gobierno Imperial nunca protegió la invasión incalificable del oficial brasileño. Al contrario, Su Majestad el Emperador debía estar convencido, aunque no fuera esa la opinión de los señores plenipotenciarios Alvear y Díaz Vélez, de que "nuestro Gobierno, como advertíalo Sucre, desea el mantenimiento de la paz y de la más estrecha amistad entre los gobiernos americanos". Además, Bolívar tuvo la intención de enviar a su teniente Daniel F. O'Leary a la propia Corte fluminense para "insinuar privadamente a los ministros de S. M. imperial que la restitución de la Banda Oriental aseguraría la paz del continente y la buena voluntad de las repúblicas hacia el Emperador". lo cual, como se ve, no corresponde al lenguaje de quien hubiera tenido aviesas intenciones: corresponde, claramente, a la idea dominante en el Libertador: la confraternidad suramericana. La misma aptitud de Bolívar ante la consulta de Sucre, está proclamando el pensamiento del grande hombre: como el Mariscal le hiciera ver la conveniencia de invadir el territorio imperial, Bolívar, como se sabe, "anduvo cauto en sus instrucciones, dió al asunto todo el peso que merecía", pero "desaprobó el celo de Sucre", quizá por haberse convencido de que la Santa Alianza nada tenía que ver en el incidente de Chiquitos, y sobre todo, por estar convencido de que "Don Pedro era un príncipe americano, recién independiente de la Europa, que se halla envuelto en nuestra noble insurrección y que ha levantado su trono, no sobre débiles tablas, sino sobre las indestructibles bases de la soberanía del pueblo y de la soberanía de las leyes", lo cual sería para el Libertador un motivo capital para no negar a las instituciones imperiales ciertas tendencias democráticas, pues quien escribe aquello es porque admite esto.

El mayor interés de esa frase está en el destino que le cupo a la correspondencia de donde ha sido tomada: pertenece a la respuesta que dió Bolívar a los plenipotenciarios de la misión argentina, los señores Alvear y Díaz Vélez, cuando en el Potosí fueron recibidos en audiencia pública el 16 de octubre de 1825.

Probablemente arranque de tal misión disociadora, la leyenda de que Bolívar quiso llevar el espíritu de rebeldía hasta el territorio lusitano de América. Mas, hoy no es posible valerse de semejantes armas para menoscabar la tradicional y mutua simpatía de brasile-

ños y suramericanos del extremo norte: el accidente de Chiquitos tiene su explicación única, y si en algunas expresiones de Bolívar se pudiera reconocer una como incertidumbre ante la exigencia de los diplomáticos argentinos, ella obedecía a una imposición momentánea de la sutil diplomacia del Libertador cuando necesitó por un instante contemporizar, entre ciertos límites bien entendido, con los incansables señores Alvear y Díaz Vélez.

Es necesario precisar: la condescendencia no fué más allá de las palabras, y hasta en esto fué muy parco el héroe, pues cuando los plenipotenciarios del Plata indicáronle la conveniencia de "pedir al Emperador en nombre de las repúblicas de Colombia, el Perú, el Plata y Chile, si fuere necesario, una satisfacción por la invasión de Moxos y Chiquitos, y que dejase a la provincia de Montevideo en libertad de disponer de su suerte futura, protestando al mismo tiempo que, en caso de negativa, apelaría a los medios necesarios para hacerse justicia, "Bolívar aprobó la tendencia inspirada en la equidad, pero "expresó el sentimiento de que sus compromisos con el Perú y su dependencia del Congreso y Gobierno de Colombia, le impidieran tomar parte activa en la reivindicación de los derechos de un Gobierno que él estimaba"; y luego habló de la Confederación de Panamá, a cuyo Congreso Internacional, como se sabe, fué invitado el Brasil.

La misión Alvear-Díaz Vélez fué uno de los más ruidosos fracasos que haya sufrido la diplomacia mal aderezada en presencia del astuto y bien intencionado libertador de América. No se contentaron los señores platinos con el desengaño en el Potosí, en donde sus argumentos no tuvieron bastante fuerza de convicción para decidir a Bolívar a creer que la rebelión de Chiquitos era "un insulto a Perú y a Colombia", ni mucho menos pudieron convencerle de "la influencia perniciosa que ejercían las instituciones monárquicas en el centro del continente". Fueron aún más lejos: después de hablarle de "la conducta anómala del Emperador y sus ideas de absolutismo", resolvieron acompañarle a Chuquisaca y allí "reforzaron la dialéctica, alegando que nada era más compatible con los intereses de ambos países, que una alianza estrecha que los pusiese a salvo de la usurpación de un vecino ambicioso... Mas, el Libertador no se dejó arrastrar por la fascinación de la nueva conquista: se concretó a decirles que enviaría a su teniente O'Leary a conferenciar en Río de Janeiro con los ministros de S. M. imperial... No vino el famoso soldado irlandés, pero en cambio un año más tarde, o meses después, a fines de 1826, Bolívar establecía una legación en Río y nombraba para Ministro Plenipotenciario a uno de sus parientes, don Leandro Palacios, quien fué recibido por el Emperador el 3 de enero de 1827, en el Palacio de la Ciudad, según noticias del *Diario Fluminense*.

Cuando Alvear no tuvo ya dudas acerca de la aptitud de Bolívar, exigióle respuesta escrita a los célebres cinco puntos con que el diplomático argentino aspiraba cumplir su delicada misión... Tiene especial importancia la respuesta que dió el Libertador a la quinta pregunta. Es "candorosa" y exhibe la altura espiritual del héroe: decía que "carecía de autoridad para disponer de un solo soldado contra el Emperador del Brasil"; mas, "si se necesitasen tropas auxiliares, para cualquier otro servicio, no sólo estaba en su poder concederlas, sino que lo haría con placer".

Está clara la tendencia: Bolívar se negaba a invadir el territorio imperial; en cambio habría llegado al Paraguay, no para complacer a los plenipotenciarios aquellos, sino para libertar de las garras fatídicas del doctor Francia a su amigo el sabio Bompland.

El deseo de querer lanzar el Ejército colombiano en aventuras que no cabían en el plan del Libertador, por cuanto éste fué siem-

pre el primer suramericano, por sus esfuerzos, por sus doctrinas, por su amor de latino-americano y por la extensión de sus miras, no fué solo tentación de la misión Alvear-Díaz Vélez que sin duda alguna expresaba el voto del Gobierno; el deseo germinaba en muchas almas, como se puede colegir de la correspondencia que don José Delawat y Rincón, el cónsul de España en Río de Janeiro, dirigía en 1824 al señor conde de Ofalia. Dícele de esta suerte en carta del 4 de mayo: "Los Argentinos aconsejan a los habitantes de Río de Janeiro que se unan a Pernambuco y a las otras provincias del Norte, expulsen el Emperador y formen parte de la República Colombiana... También era de fuente argentina esta otra afirmación, en carta del 28 de setiembre y dirigida a don Francisco Zea Bermúdez: "Todo nos inclina a creer que el Gobierno Imperial de Río de Janeiro se prestará a auxiliar las miras de la Santa Alianza contra las repúblicas del Nuevo Mundo; y que el Brasil vendrá a ser, quizá, el cuartel general del partido servil, como ya se asegura que es hoy el de los agentes secretos de la Santa Alianza..."

Bolívar mereció de Mr. Canning un aplauso muy caluroso por "la sinceridad de sus pacíficos sentimientos en el negocio de Chiquitos". En la misma carta "confía en la cooperación suya en recomendar el término de las hostilidades entre las partes contendientes"; "confía en su continuada abstención de toda intervención en una contienda, cuyo pronto término ha de ser el primer objeto, y el segundo, impedir que se extienda más allá de los límites a que está reducida al presente".

La deducción es forzosa: la Argentina sentíase débil ante "el coraje y el amor de la libertad" que Eduardo Teodoro Bosche reconocía en don Pedro a pesar de negarle otras muchas cualidades. Se hicieron tales propagandas en Buenos Aires, que el cónsul Delawat recibía las noticias y ni siquiera las dejaba descansar. Así, el 6 de marzo de 1825 decía a Zea Bermúdez: "No creo que el alumbramiento de este Gobierno llegue al punto de desconocer las miras hostiles que contra él tienen los gobiernos revolucionarios de la América Meridional, pues prescindiendo del disgusto con que miran la forma de Gobierno establecida en el Brasil, además por noticias contestes de los Generales llegados con el señor Virrey en conversaciones que tuvieron con Sucre después de la acción, les manifestó éste, que pasada la estación de las aguas, tenía intenciones de venir con el Ejército de Chuquisaca, Potosí y Tupiza, y desde allí intimar al Emperador evacuase la Provincia de Montevideo, y en caso de recusarse principiar las hostilidades. Si el hecho se llega a realizar, la posición de este Gobierno sería bien difícil pues es regular que el partido Republicano que solo está sofocado y no extinto, hiciese nuevas tentativas para rebelarse..."

En toda la correspondencia del cónsul Delawat se nota la procedencia: las noticias que él transmitía a España referente a la situación entre el Brasil y las repúblicas suramericanas venían de Buenos Aires en donde el sentimiento nacional era adverso al Gobierno Imperial...

Con razón que nos expliquemos la escasa medida que emplearon los diplomáticos porteños para inclinar hacia la causa argentina el ánimo justiciero y "suramericano" de Bolívar: necesitaban de su espada, mas no llegaron a convencerle de la justicia con que presentaban la petición. (1)

Diego Carbonell.

(1) — Pueden verificarse las citas en las obras siguientes:  
O'Leary: *Bolívar y la emancipación de Suramérica*, edic. de Madrid, t. II, c. XIV y sigts.  
Dr. Pedro Souto Maior: *Nos arquivos de Hespanha*, en la *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, t. 81, p. 243.  
Elysis de Carvalho: *Os Bastiões da Nacionalidade*, Rio, 1922, p. 359.

## RIO DE JANEIRO

O artigo que honra estas columnas de *America Brasileira* é uma admiravel impressão de nossa capital, na opulencia de sua natureza formosa e de sua actividade multipla, traçado pelo illustre ministro Jan Havlasa, plenipotenciario da Tchecoslovaquia junto ao Brasil e um dos escriptores mais apreciados e populares em seu paiz. Autor de cerca de 40 obras, romances, impressões de viagens, contos e novellas, algumas das quaes vertidas para o inglês, o Sr. Jan Havlasa é uma das figuras mais representativas da Tchecoslovaquia, nas letras, como na politica. Revoltado contra a tyrannia dos Habsburgos, que desagregava e comprimia a sua Patria, foi um dos batalhadores intemeratos da libertação tcheco, na luta constante e sem treguas, cujo triumpho raiou em 1918. Feito ministro no Brasil, o Sr. Havlasa, pelo brilho de seu espirito e altas qualidades pessoais, conquistou entre nós, uma situação de grande relevo, que tem sabido usar em beneficio do seu nobre paiz, tornando-o conhecido e amado no Brasil, cuja sympathia pelos heróes da liberdade foi sempre largã e sincera. O artigo que publicamos, foi escrito em português pelo Sr. ministro Havlasa, depois de dois annos apenas de convívio no nosso meio, e mostra a excellente maneira com que trabalha o nosso idioma difficil e vario, e sobretudo tão esquivo para os estrangeiros. É uma deliciosa paisagem, feita com grande emoção e belleza, em que a nossa cidade avulta, num hymno radioso e arrebatado.

Quem, viajando ao redor do mundo, chegasse a conhecer uma boa parte de suas bellezas proverbias, não hesitaria um só instante sobre as cidades a que se deveria attribuir a primazia dos encantos naturais. Os superlativos, verdade é que são superfluos, perigosos e vingativos; mas quem disser do Rio de Janeiro que é a mais linda cidade do mundo, poderá ficar tranquillo a vida inteira, na convicção plena de que ninguem o contradirá. O dictado que têm os japonezes a respeito do seu delicioso Nikko, com uma pequena modificação se pôde applicar ao Rio de Janeiro, extendido, porem, o seu significado para o mundo inteiro. Ninguem se preste ao emprego dos superlativos, fallando da belleza de qualquer cidade, emquanto não houver visto o Rio de Janeiro, pois poderá ficar certo de que logo que o veja não escapará a um sentimento de tristeza, na consciencia de haver alcançado o ápice, a finalidade ultima de todas as suas experiencias e impressões e nunca mais poder apreciar cousa tão magnifica. Pôde-se ir além: a primazia do Rio de Janeiro entre as cidades está na sua afinidade com os mais esplendidos panoramas naturais e justamente nesta afinidade se baseia tal primazia, em toda a sua extensão e significação. Seria talvez mais justo e mais próprio que ao fallar das maiores e mais inesqueciveis bellezas do mundo, contar o Rio de Janeiro não na ordem das cidades, mas entre taes maravilhas da natureza, como, em outra modalidade e com outro caracter, o Grande Cañon do Rio Colorado, no Arizona. Quem veja na edificação e no alinhamento das ruas, a belleza de uma cidade, poderá achar maiores encantos na de Buenos Aires, situada em uma planicie baixa e monotona. Quem se sinta attrahido pela architectura historica, encontraria reminiscencias mais perfeitas e mais evocativas da época colonial portugueza em muitas hoje insignificantes villas brasileiras, perdidas no quasi inacessivel hinterland sertanejo. Quem, no entanto, comprehenda a paisagem em geral, e em sua imaginação não saiba separar de uma rua a sua perspectiva, quem tenha percepção para sentir todo o traço de vulgaridade que seja ornado por detalhes interessantes, nada banaes, quem saiba viver na alma de uma cidade e na sua harmonia com as caracteristicas especiaes que constituem o que chamamos "o exotico", — ha de encontrar no Rio de Janeiro muito mais do que esperava de uma simples cidade, e muito mais de uma cidade contando um milhão de habitantes.

Ha no mundo bellezas famosas, cuja comprehensão, ao menos em suas caracteristicas capitaes e essenciaes, uma unica vista facilita, mesmo aquelle que nunca tenha visto cousa semelhante. Com o Rio de Janeiro o caso é diverso. Uma photographia perfeita convence de que é a mais bella cidade do mundo, mas não vos dá nem a centesima parte dos multiplos encantos, que alli se vos offercem com uma liberalidade que facilmente cangaria o observador superficial. Sim, porque afinal tambem este pequeno retrato mente, uma vez que não passa de uma impressão de belleza vinda de uma unica direcção, emquanto, provavelmente, de mesmo lugar, se poderiam tirar vistas de todos os lados, na certeza de que em cada uma, se ganharia um encanto novo, de incomparavel magnificencia.

Uma simples vista, porém, revelando muita cousa, nunca pôde dizer tudo: ha a variedade de côres, alternativas de luzes e de sombras, suaves tonalidades que a amplidão empresta, perfumes de flores, frémitos da brisa que vem do mar para as montanhas, o gorgear de passarinhos e o ciclar de insectos; as scintillações das azuis variedades dos passaros e das borboletas, centenas de outras pequenas delicias que encantam o olhar, mas que não se estampam na photographia parada.

Os principaes motivos da forte impressão que se tem do Rio de Janeiro são naturalmente as serras e o mar. É muito difficil imaginar uma harmonia mais perfeita do que a que existe nesse noivado melodico de tão differentes attractivos naturais, em que desaparece o que ao amante das montanhas offende no mar e o que o adorador dos mares aborrece nas montanhas. A extensão do mar vem decrescer na limitação da bahia, as serras em innumerables morros, collinas e elevações menores. Dezenas de ilhas e ilhotas no mar e na bahia, em sua maioria montanhosas, quebram a monotonia fatigante da superficie das aguas. E o panorama das montanhas seria monotono se não tivesse por fundo a bahia e se não houvesse uma luxuriante vegetação para descanço de vista, enleada nas amplidões magicas. A superficie das aguas, porém, no Rio de Janeiro, não constitue uma amplidão magica: mais de uma das montanhas cahe directamente no mar, acima do qual, pouco mais alto que a alcance da maré, abre-se em seu declive commoda avenida, formando de automoveis. Ha lugares em que a cidade serpenteia entre o mar, a bahia e as montanhas, por uma unica rua; volta-se de subito uma esquina e de novo se depara uma vista de telhados multicores e de jardins floridos. Outros ha em que parece que a rua, na extensão ao alcance da vista vae desaparecer, precipitando-se no mar, ou encravando-se na elevação montanhosa. Todo valle se fragmenta em outros tantos menores, e de alguns delles a cidade decidiu subir para as alturas; noutros, que apparentam fechar-se com um morro, a cidade, segundo o seu costume, penetra varando entre os rochedos por uma unica rua, afim de se estender como no fundo de uma cratera. No centro de áreas maiores erguem-se cumes isolados semeados de casebres pittorescos da gente pobre, sobretudo da de côr. Alli levanta-se um bloco gigantesco, nú e a pique de um lado, mas com o seu cume coberto pela exuberante vegetação tropical, o qual se ergue, á maneira de uma ilha na matta, levantando a cabeça dentre o mar das ruas urbanas que o vem banhar. Algumas cadeias de morros, erigindo-se em alterosos cimos, estão sendo occupadas pela cidade, que cresce cada vez mais e cujos bairros distantes, atirados entre as ramificações dos morros e pincaros visinhos, são desconhecidos, até pela maior parte dos cariocas. O centro commercial da cidade está cercado e comprimido por multissimos morros, um dos quaes, o morro do Castello, que se eleva acima da bahia, justamente agora está sendo arrazado, servindo para aterrar a bahia, até uma certa distancia, em cuja local foi construida a Exposição commemorativa do centenário da independencia.

Apenas a Avenida Rio Branco, a avenida principal, separa este morro memoravel e historico, condemnado a desaparecer, das alturas de Santa Thereza, para onde convergem muitas ruas de moradia. Tambem este bairro se resume numa unica rua, edificada apenas do lado montanhoso, emquanto do lado opposto, por cima do parapeto de pedra, uma admiravel vista se descortina para o extenso valle. Em quasi toda a extensão desse e por cima de qualquer bairro urbano se pôde divisar o plano da agua da bahia, penetrando com muitos entalhes no terreno accidentado da costa, e que por fim ao longe se transforma em extensos pantanos, ou mangues, que ornamos arredores distantes da cidade.

Por detraz da bahia, por detraz desses extensos pantanos, levanta-se a Serra dos Orgãos, alcançando mais de dois mil metros de altura e nessa zona celebre, um dos maiores pincaros e o mais surpreendente, em forma de pilar delgado, e o chamado *Dedo de Deus*, que logo se torna para o visitante do Rio, um complemento de suas observações diarias. Do outro lado, estão os cimos da Tijuca, do Corcovado e da Gavea, que se acham dentro da cidade: no segundo desses morros, o Corcovado, acha-se localisada a Legação da Tchecoslovaquia. Dos tres, só a Tijuca alcança mais de mil metros, com a sua cumiada afiadissima erguendo-se das mattas virgens como uma verdadeira obra prima da natureza. O Corcovado seria inteiramente cercado pela cidade se por um lado o dorso que o une á Tijuca não se estendesse, confundindo-se com a agreste na-



tureza montanhosa, que lhe fica visinha. O Corcovado está separado da bahia, por certa distancia, occupado por balroes e em ambas as encostas extendem-se os dois principaes centros de moradia dos cariocas, Laranjeiras e Botafogo. Por detrás de Botafogo e debaixo do Corcovado alonga-se o novo bairro de Ipanema; por detrás das Laranjeiras, ou mais propriamente por cima dessa parte da cidade, termina — justamente com a Legação Tchecoslovaca — o bairro de Santa Thereza, num recanto maravilhoso, denominado Sylvestre.

Não é sómente destes bairros directamente, sob o declive do Corcovado, que se pode ver o dorso característico e o cume recurvo, cujo nome em portuguez significa "corcunda". Assim como fez Hocusaio com o Fudji japonéz, já de ha muito deveriam ter sido tiradas centenas de vistas do Corcovado carioca, tão querido dos brasileiros e de todos os que se demorem algum tempo no Rio. Seria mui difficil decidir se cabe a este morro a primazia ou se ao famoso Pão de Assucar, que se levanta, como gigantesco e macisso molle, directamente da entrada da bahia até quatrocentos metros de altura. Para mim, porém, o mais attrahente e impressionante, foi o cume da Gavea, de oitocentos metros de altura, e que se ergue como um castello de fadas sobre o mar da verdejante floração e mattas tropicaes, constituindo um gigantesco e horrivelmente escarpado

II

Duas vezes por anno este rochedo se orna das flores das inattingiveis cataléas e outras orchidéas perfumosas, enquanto a Avenida que beira a orla do mar, por debaixo do pico, se enfeita de siningias grandes e sylvestres, das chammas alanranjadas da pyrostegia, de grinaldas de begonia rosea, das flores amarellas das acacias e malpigias, da preamar violeta das melastomaceas, das tochas rubras dos poincianos reaes, dos suspiros saudosos dos frangipanos, dos odores atordoantes da alva florescencia da hedychia, dos vermelhos castiçoes das bromelias em flor, dos cabeços amarells dos marantos, das nuvens roseas dos bombaceos, das passifloras azues, das ipomeas variegadas...

Este penetrar da exuberante, variada e multicolor natureza tropical, na vida quotidiana do carioca, é por certo, para a maioria dos visitantes da Capital brasileira, a origem de uma forte impressão equivalente á da belleza do panorama da cidade. Ver magnificas orchidéas em flor nos jardins e nos rochedos pouco acima das ruas; passear pelas alamedas de palmeiras, passar num instante das mais elegantes avenidas de typo realmente parisiense, para o mattagal; ouvir o grito das catoritas voando por cima dos bondes electricos; ser molestado na rua por uma borboleta da familia do Morpho, ou ainda por um lepidoptero nocturno da familia do Attacus, ainda maior e mais multicôr; apreciar no proprio jardim os saguis como trepam pelas arvores a vinte metros de vossa varanda; pegar no proprio gallinheiro uma gambá que se embriagára com a aguardente para elle preparada; caçar no quintal com um laço primitivo uma linguana de um metro; ter num só anno a casa coberta de trepadeiras maravilhosamente florescentes; ser testemunha de como o

botanico a cada instante esbarra com especies novas na flora luxuriante; ser visitado á hora da cea pela esquisita *mantis religiosa* e á noite, pelos vagalumes que projectam na parede circulos brilhantes como os de uma lampada furta-fogo, de ladrão; — isso tudo se, realmente, não é a medida de belleza de uma cidade, torna a permanencia do estrangeiro no Rio muito caracteristica, pelo exotismo inegavel, que impressiona tanto mais fortemente, quanto contrasta com as mais modernas installações do seculo vinte e os habitos de conforto como ainda não pôde offerecer a nossa Praga. A rede perfeita dos bondes, as ruas sempre formigando de automoveis, o systema de residencia embelezado pela natureza tropical, transformando a cidade num gigantesco jardim, o grande numero de jardins e logradouros publicos magnificos, as vitrines luxuosas das lojas, o borborinho da avenida principal — Avenida Rio Branco — os admiraveis passeios beirando a bahia e o mar; — eis o que faz com que, no Rio de Janeiro, se conjuguem mais de uma caracteristica de Paris, dos Estados Unidos, da Riviera franceza com os da passada colonia portugueza, os dos tropicos e da America do Sul em geral, tudo fundido num harmonioso conjuncto de esfogo civilizador. Apesar da differença do clima, está em seu typo global muito mais proximo da Europa do que se imaginá-la. Quanto ás idéas, então, o povo brasileiro está muito mais perto da Europa do que qualquer outro do continente americano, sem exceptuar sequer o Canadá e a Argentina.

Um paiz que soube sem sangrentas convulsões internas abolir a escravidão, embora se prejudicando quasi que de modo fatal no seu equilibrio economico, e resolutamente enfrentou os problemas de apparencia invenciveis de seu clima tropical; um paiz que ha um seculo soube se libertar de Portugal, conservando, porém, bastante de autoeracia para confiar por longo tempo a sua consolidação nacional e economica a um systema monarchico, com que evitou desordens internas até o momento em que se sentiu bastante forte para fazer, da noite para o dia, uma revolução sem derramamento de sangue, proclamando a republica e levando simplesmente o seu monarcha para o primeiro vapor que se dirigia á Europa; um paiz que em geral não conhece o preconceito das raças e que em seu sentimento social tem que avançar sob as mais diversas e pesadas condições, tanto do seu clima, quanto da sua gigantesca extensão territorial; um paiz que na Grande Guerra se collocou ao lado da Entente e dos povos oprimidos com o unanime consentimento de todo o povo; um paiz que reflectiu sobre as summas questões e buscou a verdade no elevado positivismo que até hoje é a religião da grande função do povo; um paiz assim falla muito claramente pela sua Capital, affirm de que aquelle que pela primeira vez no Rio se aproxima da do brasileiro encontre nessa approximação o encanto maximo que nelle exerce a capital dos Estados Unidos do Brasil, resultado que é uma evolução historica de trezentos annos, em que o povo brasileiro se veio formando muito antes mesmo do paiz se constituir independente, através destes tres seculos, defendendo com seus proprios recursos, a sua individualidade nascente, contra francezes, hespanhoes, hollandezes e afinal tambem contra a mãe patria — Portugal.

Jan Havlasa.



## CARTA ABERTA

O Sr. Max Grillo, autor deste trabalho, que, por excessiva modestia, saiu em fórma de carta, é um dos nomes mais illustres da geração colombiana de 1892. Político de idelas liberaes e orador de palavra eloquente, foi deputado geral, tendo-se recommendado á sympathia e ao respeito de seus compatriotas como promovedor de varias medidas que visavam o progresso moral, economico e technico de seu paiz. Homem de letras, a sua obra colloca-o entre as primeiras figuras representativas da opulenta literatura da Colombia. Até o presente, publicou o drama em versos *Raza vencida*, *Vida nueva*, comedia decostumes, *Nostalgia*, poemas, *En Espiral*, versos, *Emociones de la guerra*, *Al Illiman y otros poemas*, *Santander e alma dispersa*, livro este de ensaios, estudos criticos, impressões de viagens, annotações de leituras. Nelles, palpita uma alma delicada de legitimo poeta, tocado de graça e de beleza, profundamente humano, que se inspira nas tradições, no heroísmo e na historia patria, mas veste a sua musa de roupagens classicas. O livro *Alma dispersa* editado em Paris pela Livraria Garnier, dá uma exacta medida da intelligencia, da cultura e da sensibilidade do escriptor de pról que é o seu autor. Além do mais, como revela a formosa epistola que abaixo estampamos, é conhecedor profundo da historia colombiana e provecto sabedor de cousas sul-americanas. O Sr. Max Grillo é o encarregado de negocios da Colombia no Brasil, posto que vem exercendo com luzimento, discreção e proveito.

Señor Dr. Elysió de Carvalho.

E I C.

Muy distinguido amigo:

Em medio de la agitación consiguiente a las funciones del cargo que desempeño, en estos días memorados y memorables, recibo el gentil y para mi honroso telegrama de Vuestra Señoría, en el cual me invita a colaborar en el numero de *America-Brasileira* que su digno Director prepara en homenaje de su patriotismo a la magna efémerides que celebra este gran pueblo ante las miradas del mundo, hoy en buena parte, adolorido y como en expectativa de nuevos desastres

Me sugiere Vuestra Señoría el tema del artículo, con oportuno acierto: *La Independencia del Brasil y el movimiento libertador sur americano*: El asunto es vastísimo, y para acometerlo requeriría un tiempo del cual carezco y la consulta de libros y de archivos que, por desgracia no se hallan ahora a mi alcance.

Me concretaré al intento de trazar un rápido esbozo de un juicio histórico, apenas abarcable en las páginas de un volumen. Cumpliré, si no bien, a la menos con buena voluntad, la tarea que me pide el erudito y fuerte escritor quien ilustra el nombre de Carvalho.

La Independencia del Brasil y la lucha sangrienta sostenida por las colonias españolas para obtener la separación definitiva de la metrópoli, presentan muy diversos caracteres.

Cifóse D. Pedro I con audaz desembarazo y alta visión política la corona imperial, ornada de gemas brasileñas. Bien sabía él al esclamar en Ipiranga, *Independencia o muerte!* que su progenitor y rey, con lucidez innegable lo habia autorizado para obrar así, desde el momento en que presintiera el peligro de perder esa corona si no se mostraba revolucionario, aun cuando fuese en su propio provecho. El grito de Ipiranga tuvo un triple alcance: evitó la revolución republicana; sin sacrificio de vidas y de riqueza independizó al Brasil, conservando lazos fraternales entre la Colonia emancipada y la Metrópoli; y, preparó dentro de los moldes de una monarquía constitucional el advenimiento de la republica. Si España, de de Florida Blanca; si en vez de sostener durante tres lustros una guerra cruel, se da cuenta de las perspectivas del futuro, suelta las ataduras de sus súbditos ultramarinos y conserva su cetro real sobre el trípode de la libertad, es muy probable que la suerte de la America hispana hubiera sido otra. Más, de Dios estaría que las repúblicas surgidas de una contienda tan larga y encarnizada, pasasen por la ordalia, en donde sangran las plantas y el espíritu padece.

Solo el dolor nos hace grandes!

El Brasil escapó, merced a sus propios monarcas lusitanos, de la anarquía, muerte de las naciones, sima en la cual suelen caer para siempre los pueblos.

D. Pedro al separar al Brasil de los dominios lusitanos, conservabalo para su casa reinante y para regocijo de los principes europeos. Si obedeció a sabios consejeros el vástago de la familia portuguesa; si a mera ambición, si a un transcendental pensamiento, de todas maneras acertó. Y bien puede decir desde las mansiones eliseas, (pues los reyes también suelen ir al Cielo), que la República, ingrata en veces con las testas coronadas, en su caso tiene de coronar de laureles la frente que despojó de la diadema. Pues si el se la cifo en Ipiranga; el Ejército, en nombre del pueblo, la puso, mas tarde, sobre la cabeza de la estatua de la República.

El acierto político de D. Pedro fue indudable. La revolución americana tocaba a las puertas de su palacio. En los propios jardines de su alcazar, en los sitios discretos, sombreados por palmeras, símbolo entre los arboles del orgullo de la reyesdad, habia labios que pronunciaban el nombre de Bolívar y de San Martín, de Santander y de O'Higgins, con deleite prohibido. Adelantandose a la rebeldia, D. Pedro cruza los planes republicanos; salva la corona; evita la contienda encarnizada, el sacrificio de Policarpas y de Ricaurtes brasileños, y en obediencia a su instinto de monarca pone en nombre de la reyesdad europeo un centinela, un vasto imperio entre todas las repúblicas inquietas de la America española.

La Santa Alianza respiró, e Inglaterra, la nacion que ha tenido siempre la mas clara consciencia de los acontecimientos políticos, forma diplomáticamente la creación del Imperio del Brasil, tanto para conservar un aliado monárquico en America, como para calmar los sobresaltos de sus nerviosos amigos, los Emperadores de Austria y Rusia

La Gran Bretaña auxilió a las colonias españolas en su contienda con la madre patria, ora porque ha tendido a hermarar su poderio con la libertad de los pueblos; ora porque deseaba aniquilar la fuerza de España, un día verdaderamente temible para la patria del Almirante Vermont, el vencido en Cartagena de Indias, por la bravura y la pericia de españoles y de indios.

Al aparecer el Imperio brasileño, flamante y misterioso, inquietaronse, naturalmente, los dos grandes hombres que dirigian el uno desde los Campos de batalla, Bolívar, y el otro desde el gobierno — Santander — la empresa de la definitiva independencia de America. Más, Inglaterra movia con habilidad magnífica los tornillos de la máquina del mundo. Sus agentes en Bogotá aplacaron la nerviosidad de Colombia.

El 7 de Setiembre de 1821, un año antes del grito de Ipiranga, el Congreso de la Gran Colombia elegia a Bolívar Presidente y a Santander, vice-presidente de la República.

El 26 de julio de 1822 se encontraron en Guayaquil los dos libertadores.

El modesto y grave San Martín estrecha entre sus brazos al impetuoso y extraordinario Bolívar. Unidos colombianos, argentinos y peruanos continúan las épicas jornadas emancipadoras, y van a vencer sobre el Condurcurca al verrey del Perú y a los mas bravos y nobles generales que entonces tenia España. Al duelo de Ayacucho concurren: Sucre, el magnánimo; Córdoba, digno Aquiles de semejante Agamenón; O'Connor y Miller, restos gloriosos de la heroica Legión Británica; Lamar y Santa Cruz, expertos generales peruanos; Alvear, el digno, y Necochea, el arrojado, ambos argentinos.

El espíritu fulgurante de Bolívar y la visión clara y severa de Santander presidiran el combate. Fue una lucha caballeresca en que los paladines se disputaron el campo y los generales se saludaron em medio de la pelea.

Los Estados Unidos, consagrados por entonces a poner los fundamentos de su hegemonia económica, parecían desentenderse de la lucha de los pueblos de origen ibérico. Tarde reconocieron la independencia de Colombia y la de los demas pueblos de América. Solo cuando vieron a Bolívar ascender el Chimborazo y a la escuadra colombiana mandada por Padilla, desbaratar en Maracaibo a la poderosa armada española, se inclinaron ante los hechos cumplidos. La potente Unión es un pueblo que entre sus grandes cualidades tiene la prudencia. Sus determinaciones llevan el sello de lo que se ha meditado con profunda atención. Bien sabido es que la declaración del Presidente Monroe (1823) fue sugerida por el gobierno británico.

Yo he escrito en otra parte, que el Brasil, aliado de la Fortuna, protegido visiblemente por los númenes divinos ha gozado de una

# A MINHA SAUDAÇÃO

O artigo em que Fidelino de Figueiredo, o illustre critico e erudito portuguez, tão estimado nos circulos cultos do Brasil, festejou a commemoração da nossa independencia politica, merece acolhimento carinhoso nestas columnas, já porque o firma um dos nomes mais reputados das letras lusitanas, já pelas idéas, conceitos e affirmações que nelle se divulgam, e, divulgando-o, ao mesmo tempo que prestamos homenagem a um sincero e prestimoso amigo do nosso paiz proporcionamos ao leitor o encanto de uma pagina sensata.

Pelas virtualidades do seu espirito e pela juventude das suas energias, a America é uma das grandes esperanças do mundo, fragua immensa em que se caldeiam as velhas civilizações com elemento, mediocridade na liquidação — fizesse sobresahir o contraste Já o era antes que a grande guerra — crime no desencadeamento, mediocridade na liquidação — fizesse sobresahir o contraste de sentido da marcha politica e social dos dous continentes: a America e distanciar-se cada vez mais do cahos indifferenciado; a Europa a caminhar aos tombos para a anarchia. Dum lado principia-se com ardor, confiança e forte querer, tão decisivamente revelado na elaboração duma cultura como na defesa firme do bolchevikismo; doutro lado parece acabar-se em transigencias aviltantes, fraquezas e desalentos.

Daqui provem o interesse e a sympathia que tem levado os homens de estudo a visitar a America. Hoje uma viagem ao novo-mundo está sendo um complemento de educação, um banho lustral de realidade e uma tonificação da alegria de viver — tão inquinada pelo pessimismo derrotista do velho continente. Como os antigos romanos aspiravam a uma viagem á Hellade ridente e requintada — “non licet omnibus adire Corinthum” — como nós latinos tinhamos a viagem a Pariz como o exequatur da maioridade espirital, os europeus, a quem preocupam os destinos da civilização de que foram os principaes obreiros, não deixam de emprender essa grata peregrinação transatlantica para testemunhar de perto o germinar e florescer luxuriante da sua sementeira. Toda una litteratura de impressões e commentarios testemunha esse observar curioso do ultramar da civilização europeia, em que têm deposto homens dos mais eminentes, cujo cogitar se absorve em problemas graves e austeros, e espiritos ligeiros que procurou exotismo litterario, colorismo, extravagancia e agudeza com que façam vibrar a bóta sensibilidade dos seus leitores.

Mas toda esta variedade de pontos de vista, de objectivo e de temperamentos tem de fundir-se numa indispensavel uniformidade: a America, para ser comprehendida e amada, ha-de ser vista por um criterio americano. E criterio americano chamo eu á isenção de preconceitos europeus que podem levar o espirito a só procurar no mundo de Colombo, Córte Real e Cabral semelhanças e a

felicidad rara vez otorgada por la Providencia a pueblos de la vasta extensión, de la diversidad de condiciones geográficas y sociológicas de este maravilloso país.

Las revoluciones y los contratiempos del Brasil han sido bien poca cosa en comparación de los desgarramientos que han padecido otros pueblos de América. Que la experiencia del sufrir de sus hermanos de raza, aquilate aún mas las virtudes brasileñas: de modo que el carácter, el amor por la justicia, el desprendimiento, el respeto a las leyes, la rectitud republicana, la tolerancia religiosa, la educación civica, la probidad en todo, arraiguen y prosperen en el corazón y en el espíritu de las generaciones venideras para gloria de la democracia, admiración de los estraños y regocijo de los propios.

Soy su afmo. amigo y admirador

Max Grillo.

Río de Janeiro, 12 de setiembre del 1922.

desdenhar as differenças. Criterio americano chamo eu á falta de indulgencia para bem admirar a construcção febril de povos, que tarde chegaram e, de assalto, galgam aos ultimos progressos, e para revelar a debilidade de alguns materiaes dessa assim mesmo predigiosa architectonica.

Não, quem fôr á America, se nelle falla com eloquencia a voz do sangue, deve desembarcar com aquella enternecida devoção que levou uma infanta de Hespanha a ajoelhar ao descer “commoto pede” em Buenos Aires. Cada vez me convengo mais fortemente de que a razão mais arguta e poderosa só tem no arduo campo humano um alcance geometrico e irreal, se a não vivificar uma synpathia tolerante e a inspiração dum alto ideal.

Foi essa a disposição de espirito com que fui ao Brasil e com que voltaria agora, se o Atlantico se cruzasse com a mesma facilidade com que atravesso o majestoso Tejo, quando a fadiga e a minha costella marinheira pedem aquelle prazer barato, que Byron esqueceu e o nosso Garrett deliciosamente celebrou: o cigarro livre á prôa cortadora. Lá voltaria agora, com a casaca e o “smoking” das horas solemnes, alguns conceitos de reserva para eventuaes discursos, a levar o obolo dos meus sentimentos amistosos neste momento de racional e unanime vibração.

Mas seria essa a melhor e a mais fecunda contribuição para a magna festa? Supponho que não e, por isso, sem arredar pé da velha urbe de Ulysses, vou aqui, “inter amicos”, servindo como posso os creditos do Brasil, das suas letras e da sua cultura, expondo e defendendo as razões porque o devemos prezar e amar. Deixo aos sabios officiaes que o governo ainda mandá o trabalho de lembrar aos brasileiros o que elles nunca esquecem: as razões por que devem prezar e venerar o velho Portugal, dóco relicario do seu racionalismo. Por aquí mostro a vontade firme, que esse povo tem de subir, o aristocratismo selecto da intelligencia brasileira, o elevado espirito critico com que peneira as nossas exportações intellectuaes, a tolerancia perspicaz e o cioso aproveitamento com que assimila e incorpora na sua mente quanto serve ao seu proposito de construir, sempre construir, hoje mais que hontem, amanhã mais além, indefessamente.

E' neste capitulo de cultura que se encontram os interesses superiores de Portugal e Brasil, os “interesses da alma” como chamava Rodó. E encontram-se porque a nossa velhice, muitas vezes secular, temperará os impetos da juventude brasileira: “em toda a parte onde mais mundano é o velho menos extravagante é o moço” lembrou Rainalho Ortigão. Encontram-se por que a sua mocidade nos dará vigor para acordar e pôr em circulação valores esquecidos ou mal apreciados da nossa cultura. “Un pueblo nuevo puede improvisarlo todo menos la cultura intelectual. Un pueblo viejo no puede renunciar á la suya sin extinguir la parte más noble de su vida, y caer en una segunda infancia muy próxima á la imbecilidad sevil” — disse Menéndez y Pelayo.

Sinto-me feliz ao pensar que no campo em que milito nunca deixarei de ter a honrosa e grata companhia de cultores brasileiros, porque esse campo é tão inilludivelmente commum, que não talham nem esterilisan as demasias do nacionalismo mais apaixonado nem os erros dos politicos.

Sinto-me feliz por verificar e fazer aqui ver toda a operosidade da intelligencia brasileira, não a improvisar, mas a continuar uma cultura velha e a elaborar com segurança um matiz novo. E na poesia, no romance, na novela e no conto, no theatro, nos estudos historicos, na critica litteraria e artistica, no espirito philosophico, na litteratura de viagens, na philosophia, na oratoria, nas questões sociaes e no jornalismo, toda uma floração se ostenta, obra a um tempo das gerações velhas dos “consagrados” e dos moços que chegam a toda a hora.

E' isto que por aquí digo e documento com alguns mestres de livros brasileiros, que os amigos folheiam com curiosidade e vão estragando e perdendo como podem, para confirmar a sentença de Lodler sobre “le triste sort du livre prêté.

E é esta a minha saudação ao Brasil, na hora festiva e generosa em que elle abre as portas da sua alma á amizade e á rhetorica...

Fidelino de Figueiredo.

## UN PRÉCURSEUR DE L'INDIANISME

As paginas que se seguem foram escriptas especialmente para esta revista. Georges Le Gentil, no momento em que festejamos o primeiro centenario de nossa emancipação politica, evoca a figura de Ferdinand Denis, que foi, como se sabe, devotado amigo do Brasil, que elle visitou na sua mocidade, e profundo conhecedor da nossa historia. A exemplo do autor do *Le Brésil* e de *Une fête brésilienne à Rouen*, Le Gentil desde alguns annos que se acha em contacto com as nossas idéas e os nossos sentimentos, e procura penetrar a alma brasileira pelo estudo de nossos romancistas, poetas e ensaistas. Professor de litteratura da Sorbonne e familiarizado com a lingua portugueza, aproveitou o tempo em que permaneceu no Rio de Janeiro, como representante do Ministerio da Instrucção Publica no *Congresso de Historia da America*, para documentar-se acerca de nossa litteratura, visto como tem o encargo de um curso de litteratura brasileira em Paris, conferido pela Academia Brasileira, que fez escolha muito acertada. O curso de Le Gentil será feito na Sorbonne, durará tres a quatro annos e obedece a uma intelligente orientação. Sabemos que no primeiro anno tratará elle do indianismo, que será materia para dez conferencias ou prelecções, e no segundo se occupará do sertanismo, de Machado de Assis, de Joaquim Nabuco, do naturalismo, do parnasianismo e de outras manifestações mais características da nossa litteratura. Temos a profunda convicção de que Le Gentil será o interprete fiel, intelligente e probo do pensamento brasileiro, como, aliás, se evidencia nos varios trabalhos que sobre assumptos referentes à nossa litteratura publicou na *Revue de Littérature Comparée*, na *Revue de l'Amérique Latine*, e no pequeno ensaio que aqui publicamos. Georges Le Gentil é um typo representativo da cultura classica franceza — um *normalien*.

L'indianisme représente, dans l'histoire de la littérature française, une tradition ininterrompue. C'est au contact de la nature brésilienne que nos écrivains du XVI siècle ont eu, pour la première fois la révélation de l'exotisme. Daurat, Baif, Jodelle, Ronsard, grands admirateurs de Thevet, cosmographe du roi, aumônier de Catharine de Medicis, voient renaître en Amérique l'âge de Saturne. Le protestant Jean de Léry, mieux informé, fournit à Montaigne la matière de deux chapitres, *Des Cochons*, *Des Cannibales*, dont la hardiesse n'a pas été dépassée et qui tendraient, à l'époque où La Boétie écrivait le *Contre-Un*, à justifier le communisme. Au spectacle d'une société corrompue, aux crimes causés par l'intolérance, on se plaît à opposer la sagesse inconsciente des peuples qui ne connaissaient ni les querelles religieuses, ni la cupidité. Les compagnons de la Ravardière, Claude d'Abbeville, Yves d'Evreux, ne se lassent pas de vanter la richesse d'une terre qui leur apparaît, en sa magnificence, comme une sorte de paradis équinoxial. Bientôt les Jésuites, dont l'enthousiasme renchérit sur l'admiration des capucins, s'ingénient, pour les besoins de la propagande, à découvrir des traces obscures de la révélation dans les théogonies primitives. Et l'Indien, qu'on protège contre les chasseurs d'esclaves, auquel on reconnaît, avec la beauté physique, une certaine générosité instructive, se trouve, par l'effort des moralistes et de voyageurs, érigé en type littéraire. Philosophes, romanciers entament le procès de la civilisation. A vrai dire, le champ de leur curiosité s'est élargi. L'attention du public lettré, qui d'abord s'attachait à la France antarctique, se déplace vers les Antilles, le Canada, les Indes Orientales. Il n'en est pas moins certain, comme l'a démontré M. Chinard (1) que l'œuvre de Chateaubriand, où l'observation directe des faits a moins de part que la documentation livresque, marque l'aboutissement d'une longue évolution. Est-ce à dire qu'entre l'exotisme européen, dont il faut chercher en France les premières manifestations artistiques, et l'indianisme brésilien de la seconde manière, celui d'Alencar, il existe des points de contact? Un ouvrage peu connu de Ferdinand Denis, publié en 1824, les *Scènes de la Nature sous les tropiques*, semblerait prouver qu'il s'est produit, vers le commencement du XIX siècle, un échange entre les deux littératures.

Ce livre inégal mais suggestif, qui tient de la critique et du roman, où l'exemple se joint au précepte, dérive en partie de sources portugaises. Ferdinand Denis s'en rapporte, pour la description des

lieux, à la *Chorographia* d'Ayres do Casal, pour l'histoire, à Rocha Pitta. Mais il ne lui a point échappé que les poèmes de l'*Uruguay* et du *Caramurú*, dont il fut le premier en Europe, même avant Garrett, à définir l'américanisme, se retranchent, au moins indirectement, par l'intermédiaire des Jésuites, aux réats de nos premiers missionnaires. Montaigne avait déjà transcrit cette chanson de cannibale que Santa Rita Durão devait mettre en valeur (2): "qu'ils viennent hardiment très tous et s'assembient pour disner de lui, car ils mangeront quant et quant leurs pères et leurs aïeux qui ont servi de nourriture et d'aliment à son corps. Ces muscles, dit-il, cette chair, ces veines, ce sont les vôtres, pauvres fois que vous estes. Vous ne reconnaîtrez pas que la substance des membres de vos ancêtres y tient encore (3).

Sur la flore et la faune des tropiques, deux voyageurs étrangers, Neuwied et Humboldt, venaient de recueillir des informations nouvelles que Ferdinand Denis, disciple de Bernardin de Saint-Pierre et botaniste lui même n'aura garde de négliger. Versé, d'autre part, dans la connaissance des langues orientales, il rapproche les mythes, les croyances, les traditions, embrasse le folklore de trois continents et devance, par une méthode de comparaison qui n'est pas sans analogie avec celle de Frazer, l'effort des ethnologues. Dénonçant un demi siècle avant Castro Alves les hontes de l'esclavage, il ajoute à l'histoire du *quilombo* de Palmares, première tentative de "roman nègre", un prologue agricole (4). Nul mieux que lui n'était préparé, par cette culture à la fois scientifique et cosmopolite, à reconnaître dans la formation de la nationalité brésilienne l'importance du facteur ethnique. Ajoutons qu'il a subi trop profondément l'influence de nos encyclopédistes pour sacrifier, comme l'auteur du *Caramurú*, les croyances des indigènes à la théologie. On lui reprocherait plutôt de partager l'optimisme de Diderot, qui cherchait dans la relation de Bougainville des arguments en faveur de l'état de nature, et de dresser un réquisitoire, avec Raynal ou Marmontel, contre la colonisation européenne. C'est enfin de Chateaubriand qu'il tient le sens du pittoresque et le goût du romanesque. Il s'efforce, à maintes reprises, d'adapter au paysage brésilien la description du Mississipi, remplaçant la savane par les palétuviers, le magnolia par le papayer (5). On ne lui contestera pas, tout fois le mérite d'avoir déterminé, avec réelle pénétration psychologique, l'influence qu'exercent sur les sentiments du sauvage et du civilisé un ciel éternellement pur, une végétation éternellement luxuriante: "Le climat des tropiques, en invitant à l'indolence, engage à la méditation... L'âme, tout en agissant encore, conserve une mollesse qui lui fait rejeter tout ce qui ne peut flatter l'imagination." (6) L'exotisme, avec lui, s'enrichissait d'éléments nouveaux et remontait à ses origines. En y faisant rentrer la botanique, le folk-lore, la critique philosophique, il réhabilitait systématiquement l'Indien de l'Amérique du Sud qu'il transformait en rêveur, en poète.

Certes il manque à Ferdinand Denis, dont le mérite s'impose comme savant, d'être, dans toute la force du terme, un écrivain. Son style, où abondent les épithètes et les périphrases, trahit, même lorsqu'il vise à être révolutionnaire, la persistance d'un goût suranné. On y sent, avec l'inexpérience de la jeunesse, les incertitudes d'une génération qui hésitait entre le poncif de Dellile et le bariolage de *Natchez*. Dans l'ouvrage lui même, où rentrent l'Amérique, l'Afrique, l'Inde, Madagascar, les îles du pacifique, règne une confusion que le plan ne cherche point à dissimuler. On y passe de la description à l'analyse, de la critique à la nouvelle romanesque. Mais cette complexité, loin être une preuve d'indigence, témoigne, chez l'auteur

(2) Da carne me pastei continuamente  
De seus filhos e pai, della é composto  
Este corpo, que animo de presente  
Por isso de tormentos faço gosto,  
E quando maior pena a carne sente  
Então mais me consolo, do supposto  
De me ver no inimigo bem vingado,  
Neste corpo que é seu, tão mal tratado.

(Canto V, LXV).

(3) Cité par Ferdinand Denis dans *Une fête brésilienne*.

(4) Chapitre XXIV et suivants.

(5) Voir le chapitre II, Aspect de quelques végétaux, caractère qu'ils donnent au paysage, parti que peut en tirer la poésie.

(6) Pg 3.

(1) Chinard: *L'exotisme américaine dans la littérature française au XVI siècle*, Paris, 1911; *L'Amérique et le rêve exotique dans la littérature française au XVII siècle et au XVIII siècle*, Paris, 1913; *L'exotisme américain dans l'œuvre de Chateaubriand*, Paris, 1918.

du jeune premier romantique, d'un frère de Chactas, que se présentera, dans la courte nouvelle de Ferdinand Denis, l'adversaire implacable des Aymorés: "Sa démarche fière, ses yeux étincelants annonçaient le courage et cependant un air de mélancolie profonde y ajoutait une expression qu'on ne saurait bien définir." (9). La passion subite, envahissante, que lui inspire la fille de l'ouvidor se manifeste par les mêmes attentions délicates et raffinées que l'amour de Pery pour Cecy: "Depuis ce moment je la vis presque tous les jours... mais aussi, tout ce qui existait dans ces solitudes, j'aurais voulu le lui consacrer. Pour obtenir une fleur qu'elle aimait, je ne craignais point de franchir le fleuve, de me confier aux branches fragiles des arbres les plus élevés." (10) La jeune fille, troublée par ce culte étrange, passe insensiblement de la curiosité à l'intérêt, de la pitié à l'attendrissement. En elle se révolte encore l'instinct obscur de la race: "Kouromahy, me dit-elle, si tu veux conserver l'amitié, garde toi de me parler d'amour." (11) Elle ne s'en déclare par moins vaincue, à l'heure même où elle cède aux ordres d'un père inflexible, par cette générosité, qui fera l'essence du *Guarany*. "Ne redoutez point que le temps affaiblisse un sentiment qui ne tient ni à nos usages, ni à nos moeurs, ni à ma volonté. Vous êtes à mes yeux un être différent de tous les hommes. Vous être l'enfant de la nature que la civilisation n'a point corrompu. Cette civilisation dont nous sommes si fiers, j'ai la méprise, car je vous aime." (12) Le problème moral, comme on le voit, est posé dans les mêmes termes. Cependant les deux auteurs nous acheminent, par les mêmes étapes, vers un dénouement opposé. Il n'est pas impossible de retrouver chez Alencar, en même temps que certains lieux communs dont l'origine remonte, par delà Rousseau, jusqu'à Montaigne, la trace d'épisodes qu'il modifie intentionnellement pour se rapprocher ou de l'histoire ou de la vraisemblance. Kouromahy, afin de capter les bonnes grâces du gouverneur, entreprenait, à la tête de sa tribu, un périlleux voyage aux mines d'or. C'est l'aventurier Loredano qui, dans le "Guarany", incarne la soif insatiable des richesses. D'autre part l'enlèvement de la jeune fille pas les guerriers Machakalis et l'abnégation de l'aimant respectueux qui la ramène à son père ont pu suggérer les pages admirables où Alencar, dans l'épilogue, associe les grands spectacles de la nature américaine à l'expression d'un amour chimérique. Tout nous porte à croire que Ferdinand Denis lui-même, en admettant qu'il ait servi d'intermédiaire, se souvenait de la tempête d'*Atala*. "En ce moment la foudre grondait encore dans l'éloignement et les chants de mes Indiens se mêlaient au faible mugissement de la forêt. Vois, me dit-elle, le calme succède à l'orage. Comme la nature, ton coeur retrouvera sa tranquillité." (13)

Alencar surpasse incontestablement, et par la connaissance des moeurs indiennes et par le sens poétique, son timide précurseur. Il apporte dans l'intrigue qu'il enrichit de péripéties nouvelles, plus de variété, plus de mouvement. C'est avec l'ingéniosité d'un Cooper qu'il décrit les combats, les ruses de guerre des Goytacazes. Il nous trace de la colonisation et de la conquête un tableau moins partial. Aux aventuriers sans scrupules, dont les moeurs pittoresques rappellent nos flibustiers de Saint-Domingue, il oppose, en la personne d'un *fidalgo* de haute lignée, D. Antonio de Mariz, la courtoisie héritée du moyen âge, l'idéalisme des romans bretons, l'héroïsme à la Plutarque, enfin cet esprit d'humanité à l'égard des races vaincues où il n'est que trop juste de reconnaître — Albuquerque l'a prouvé — l'un des aspects caractéristiques de la colonisation portugaise (14) Alencar, au surplus, s'est bien gardé de nous peindre l'enfant mystérieux des forêts sous les apparences d'un héros declamatoire. S'il prête gratuitement à Pery cette délicatesse de sentiments *Scènes de la nature sous les tropiques*, d'une pensée originale et vigoureuse. Il est de ceux qui, sans jamais la conquérir, devançant l'opinion et prêtent au génie. On lui saura gré d'avoir, à trois reprises, frayé la voie au romantisme péninsulaire et conçu avant Garrett l'idée première de l'*Essai sur la poésie portugaise*, du Camões et du Luiz de Souza. (7). L'honneur n'était pas moindre à tenter, dès 1824, une ébauche du *Guarany*. L'intrigue du roman d'Alencar et de la *Virgem Guaraciaba* de Pinheiro Chagas apparaît en germe, sous la forme condensée d'une nouvelle autobiographique, dans les deux chapitres qui nous retracent l'aventure du chef des Machakalis. A l'Idylle de l'Européen et de sa sauvagesse qu'exploitaient simulta-

nément les littératures française et anglaise (8), dont la réalité fournirait maint exemple et qui n'a rien perdu de sa vogue depuis la légende de la belle Paraguassú jusqu'aux derniers romans de Loti, Ferdinand Denis substitue l'amour d'une portugaise pour l'héritier des races autochtones, thème qui symbolise, malgré son invraisemblance, l'attraction mystérieuse des terres inconnues, la conquête de l'homme par de sol. Voltaire, sans doute, avait senti l'intérêt du sujet. Mais son *Ingénu*, issu d'une famille de marins bretons, armé en guerre contre les abus de l'ancien régime et vivant en France, n'est qu'un faux Huron. Il lui manque d'autre part cette exaltation sentimentale que les disciples de Rousseau exigèrent d'un héros primitif, non perverti par nos institutions. C'est donc sous les traits ments qu'on ne conçoit guère en dehors de la tradition chrétienne et chevaleresque, du moins il le campe dans une attitude qui s'accorde avec l'extérieur silencieux, énigmatique du *cabloco* et le distingue de toute la lignée des Chactas et des Outougami.

Cependant l'indianisme du *Guarany* conserve plus d'une attache avec l'exotisme européen. Les Jésuites, en identifiant Noé et Tamandaré, Saint Thomas et Pai Zuma, avaient commencé la réhabilitation de l'homme sauvage. Il restait, après le XVIII siècle qui glorifiait l'état de nature, à transformer l'Indien en héros sentimental. A l'appui de la thèse de Chateaubriand, qui semble en contradiction avec ce que nous savons des aborigènes de l'Amérique du Sud, dont beaucoup vivaient sous le régime de la polygamie, Ferdinand Denis pouvait invoquer le témoignage des premiers missionnaires. Il avait retenu, en lisant Yves d'Evreux, la piquante anecdote du Tupinambá qui pardonne à la femme adultère. (15) Il se rappelait cette chanson, déjà citée par Montaigne: "Couleuvre, arrête-toi, arrête-toi couleuvre, afin que ma soeur tire sur le patron de ta peinture, la façon et l'ouvrage d'un riche cordon, que je puisse donner à m'amie." (16) Le moraliste ajoutait: "Or j'ai assez de commerce avec la poésie pour juger ceci, que non seulement il n'y a rien de barbare en cette imagination, mais qu'elle est tout à fait anacréontique. L'auteur des *Scènes de la nature*, qui avait parcouru les forêts du nouveau monde, en remplaçant la grâce par la majesté, formulait, dès 1824, un dogme du romantisme brésilien: "On sent de même que dans les idées primitives du sauvage, il y a un caractère de grandeur qui étonne au milieu de notre ordre social." (17)

Ferdinand Denis, imitateur du *Caramuru* et précurseur d'Alencar, avait l'étoffe d'un romancier. On ne lui contestera pas le double mérite d'avoir encouragé en France, après une interruption de deux siècles, la renaissance du goût brésilien et proclamé l'autonomie littéraire d'une nation dont les diplomates européens hésitaient vers la même date, à reconnaître l'indépendance politique. C'est à ce titre qu'il nous a paru légitime, en commémorant le centenaire, de prononcer avec respect le nom d'un écrivain obscur et oublié qui fut pour le Brésil un ami de la première heure.

#### G. Le Gentil.

(8) *L'Exotisme Américain dans l'oeuvre de Chateaubriand*, voir le chapitre V (Les Soeurs aînées des héroïnes de Chateaubriand).

(9) P. 138.

(10) P. 153.

(11) P. 157.

(12) P. 189.

(13) P. 182.

(14) Ferdinand Denis indique le même contraste: "Cependant le bruit ne tarda pas à se répandre parmi les Portugais qu'un nouvel ouvidor envoyé de la capitale, allait venir à la place de celui qu'on regrettait encore et que bien des malheureux pensaient que l'on ne pourrait jamais remplacer". (Pag. 148).

(15) *Sulla de l'histoire des choses les plus mémorables advenues*

(16) Cité par F. Denis en *Une fête brésilienne*.

(17) Préface.



(7) La nouvelle intitulée *Camoens et José Indio* fait suite aux *Scènes de la nature sous les tropiques*. Des renseignements fournis par Gomez de Amorim dans sa biographie de Garrett il semble résulter que les deux auteurs ont simultanément puisé à des sources communes (entre autres l'édition du Morgado de Mateus).

# UM SEculo DE PENSAMENTO

A historia de um povo não está apenas na simples enumeração dos seus feitos guerreiros, das suas lutas politicas e religiosas, das suas conquistas e dos seus revezes. Ha uma força intima e superior que determina, um impulso irresistivel que lhe define as características, uma chamma palpitante que a illumina perennemente: a alma da raça.

Amarguras e alegrias, provações e glórias, derrotas e victórias são communs a todos os povos. Na sua marcha evolutiva através as idades elles soffrem igualmente, elles igualmente se rejubilam, porquanto, neste mundo estreito e limitado, não ha effeitos novos nem motivos ineditos de prazer ou de magua.

E' certo que uma apparencia enganadora de progresso faz com que os homens acreditem nas excellencias do tempo em que porventura vivem, na perfectibilidade do momento immediato, na grandeza, em summa, da sua época. Está ahí a razão de todas as modas scientificas ou litterarias, artisticas ou religiosas.

Entretanto, na essencia, o homem não mudou. As mesmas contingencias eternas o arrastam, os mesmos preconceitos o dirigem, as mesmas necessidades o acorrentam.

Se uma agitação crescente absorve a intelligencia humana, ella é, na essencia, a mesma, variando sómente na multiplicidade das suas expressões. A alma de uma raça, portanto, pôde ser definida como a manifestação particular de um pensamento geral pertencente a todas as outras.

Compare, por exemplo, as Rhapsodias de Homero aos cantos de Ossian, os guerreiros de Agamemnon aos de Fingal. A epopeia dos gregos e a dos caledonios, correndo sobre um thema semelhante, divergem fundamentalmente na pintura dos quadros e dos sentimentos. De parte a parte, a furia das paixões desenfreiadas se desencadeia, a natureza humana e a divina se confundem, o terror e a bravura se misturam; numa e noutra se ouve o alarido das peles, o tumulto dos corpos em combate e se observa a subtilidade dos ardis. O heroismo de Achilles não empolga mais do que o de Cuchullin; a belleza das acções é, sem duvida, admiravel em ambos os poemas. O genio que os inspirou, todavia, é profundamente diverso. Homero é claro, preciso, e conhece as virtudes daquella justa medida, tão ao sabor dos hellenos; Ossian, ou Mac-Pherson, é brumal, mysterioso e, ás vezes, diffuso como o eram os celtas.

Vêde, tambem, por exemplo, como é diferente, na sua expressão artistica, o sentimento religioso entre os povos christãos do norte e do sul da Europa. No septentrião, onde é escassa a luz, nevoento o céu, e o temor dos castigos é maior e mais ameaçador, eleva-se a cathedral gothica, de torres massigas e quadrangulares, mostrando nos paredões pesados a bocarra das gárgulas terriveis e assustadoras, como se o templo houvesse mistér, para ser amado e respeitado, daquelle friso solemne de monstros apocalypticos! No norte, quem guarda a casa de Deus é o proprio demonio!...

No meio-dia, onde ha mais ceremonias e, talvez, menos sinceridade, há mais luxo e menos fervor, predominam as graças do estylo bysantino e o fausto das basilicas romanas, com as suas cupolas refulgentes, os seus vitraes polychromicos e os seus mosaicos de ouro e pedraria. Na Italia, segundo a queixa de Savonarola, o inferno estava dentro das igrejas, tantas eram as obras de arte que ellas abrigavam.

Assim, a pintura, a musica, a poesia, a esculptura, a architectura, enfim, todos os grandes monumentos das civilisações, quem os anima, quem os aperfeiçoa é a alma das diferentes raças, collaborando, cada qual, com as suas obras, para o immenso patrimonio moral e intellectual daquillo que, por extensão, poderemos, com Michelet, chamar a Biblia da Humanidade.

De todas as artes, porém, é a da palavra aquella que exerce uma influencia mais penetrante, um papel mais saliente na formação das nacionalidades. Um povo sem litteratura seria, certamente, um povo mudo, sem tradições e sem passado, fadado a desaparecer como réles planta rasteira nascida para ser pisada. A litteratura é a propria historia de cada collectividade. Reflectem-se nella, como num espelho polido, as imagens tristes ou risonhas da vida humana. É ella que annuncia as grandes revoluções politicas e religiosas, como no caso de Luthero e dos encyclopedistas do seculo XVIII, ou que regista os triumphos de uma raça que declina, como no caso dos Lusitanos. Caminham á sua sombra niveladora nobres e plebeus,

grandes e humildes, o magnifico Cesar e o modesto Suetonio. Ella representa melhor as particularidades de uma phase historica do que a lisongeira chronica feita pelos aulicos solertes, em honra dos reis e imperadores poderosos. O seculo XVI é menos o de Elisabeth que o de Shakspeare, o seculo XVII mais o de Molière que o de Luiz XIV.

Var'as causas, entretanto, concorrem para a formação e o desenvolvimento de uma litteratura. Algumas são peculiares ao proprio povo onde ellas florescem, outras são exteriores, seguem como que um processo de lenta infiltração, de caldeamento ethico e esthetico. Aquellas celebres fronteiras da *lei do meio*, de Taine, devem ser dilatadas, porque, em verdade, são muito mais largas do que parecem. O meio não é apenas o ambiente, o momento e a raça. O meio é toda a civilisação, é a humanidade inteira, são todas as reacções politicas e sociaes, todas as aspirações, todas as duvidas e todos os enganos, todas as certezas e todos os erros, o meio é o Universo.

Molière é, muitas vezes, uma réplica de Terencio, Cornelle e Racine estão ponteados de lembranças gregas e latinas. Nem um delles, porém, deixou de ser genuinamente francez, e francez do grande seculo. "Presque tout est imitation, pondera Voltaire, il en est des livres comme du feu de nos foyers; on va prendre ce feu chez son voisin, on l'allume chez soi, on le communique à d'autres, et il appartient à tous."

As causas exteriores, portanto, não devem ser despresadas como qualquer elemento perigoso de desnacionalisação. Seria, por exemplo, um grave erro historico e philosophico aceitar, sem restricções, as desalentadoras conclusões do Sr. Theophilo Braga contra as correntes hespanholas e provençaes, que tanto contribuíram para a formosura e o esplendor da litteratura portugueza.

Não! As litteraturas são como os seixos ao fundo quieto dos rios: precisam de muitas e diferentes aguas para se tornarem polidas. E se, por um lado, podem ficar *menores*, o que é perfeitamente contestavel, perdem, por outro, certas arestas duras e aggressivas, infinitamente mais nocivas á sua excellencia. As causas internas, isto é, as fundamentaes, são as que servem de base ao caracter de cada povo, taes a lingua, os usos e os costumes, os principios juridicos e religiosos, numa palavra, a atmospheria immediata em que se desenvolvem as nacionalidades. Constituem, por assim dizer, o sólo onde germinam as proprias e as alheias sementes.

Dadas estas razões, vejamos quaes são os argumentos que militam em pro! da existencia da litteratura brasileira. Apesar de não possuirmos lingua propria, acreditamos, ao revés de alguns pessimistas de pequena envergadura, que nos não fallecem as condições necessarias ao advento de grandes obras literarias, perfeitamente brasileiras, caracteristicamente nacionaes. A influencia portugueza, predominando até os fins do seculo XVIII, entrou no seculo XIX em franco declinio e, hoje, não existe mais senão como apagado vestigio, repontando, de raro em raro, nalguns escriptores quasi sem relevo. O idioma falado por nós já apresenta singularidades notaveis; nossa prosodia tem accents mais delicados que a lusitana, e ha na syntaxe popular muitas particularidades symptomaticas. Temos, por igual, um extenso vocabulario genuinamente brasileiro, cuja inportancia não se faz mistér encarecer. O meio é rico de aspectos physicos e sociaes, a cultura augmenta consideravelmente e não será difficil deslumbrar por todo o paiz os signaes de uma orientação nova, no tocante aos grandes problemas nacionaes, de uma orientação que, sem os preconceitos jacobinos de 1836, poderá imprimir um forte impulso á nossa evolução, dando ao Brasil uma clara visão dos seus destinos.

Todas essas modalidades necessariamente fornecerão elementos preciosos para o desenvolvimento das nossas letras, como, no seculo XIX, succedeu com a Independencia, que foi a origem insophismavel do indianismo de Gonçalves Dias e Alencar.

A historia da litteratura brasileira pôde ser dividida em tres periodos, muito embora a precariedade de taes divisões de ensejo sempre ao referver das contendas inuteis. Entre os annos de 1500 e 1750, mais ou menos, está o que se pode chamar o seu primeiro periodo, ou de formação, quando era absoluto o predomínio do pensamento portuguez; de 1750 a 1830, quando os arcades da denominada escola mineira começaram a neutralisar, ainda que pallidamente, os effeitos da influencia lusitana, entrou a nossa litteratura

no seu segundo periodo, ou de transformação; finalmente, quando os românticos, os naturalistas e os symbolistas trouxeram para as nossas letras novas correntes européas, isto é de 1830 em diante, tornou-se a litteratura brasileira nacional, começando, então, o terceiro periodo, que, para maior clareza do estudo, cognominaremos autonomico.

Antes, porém, de analysarmos os escriptores que, nesses tres periodos de nosso pensamento litterario mais se distinguiram, convem conhecer, pela rama, o espirito creador do nosso povo. Certo, ha inteira razão de nos orgulharmos da raça a que, por favor do destino, todos nós pertencemos. A verdadeiro poesia nasce da boca do povo como a planta do solo agreste e rude. E' elle o grande creador sincero e espontaneo das épopeas nacionaes, aquelle que inspira os artistas, anima os heróes e dirige, nas linhas mysteriosas da sua vontade, os destinos da patria.

Dos pastores do Himalaya aos bardos gregos e romanos, no mundo antigo, dos trovadores e jograes, na idade-média, aos menestreis das côrtes e dos salões senhoriaes, no Renascimento, não variou o sentimento poetico. Sômente as fórmas se modificaram. O subtil Montaigne, ao revés dos seus contemporaneos imitadores de Pindaro e Theocrito, muito justamente comprehendeu que "a poesia popular e puramente natural mostra na sua ingenuidade e na sua graça tanta frescura e belleza quanto a poesia perfeita, segundo a arte"

E que é a poesia senão um esforço da alma para entender certas verdades superiores e eternas que estão acima de todos os raciocínios? Os scientists investigam, medem, pesam e verificam; a natureza, para elles, é um theorema, um calculo, uma hypothese, é em summa, uma funcção da intelligencia e da experimentação. O povo, ao contrario, é ingenuo, acredita mais depressa no impossivel que no possivel, não pensa, não indaga e não resolve: sonha, sonha apenas com a felicidade immediata ou futura, e põe, deante de cada interrogação sybilina, o sorriso da trova brejeira ou a lagrima da canção dolente.

A' philosophia popular repugnam as idéas abstractas, os problemas aridos, as construcções metaphysicas; ella é profundamente imaginosa e fantasista, por que fantasiar ou imaginar é para o povo mais que uma necessidade, quasi um habito. Quem folhear qualquer cancionero oriental ou accidental verá que a vida se resume, no conceito da musa popular, em alguns jogos tristes ou alegres, numa cigarra que rechina entre a folhagem espessa dos oliveaes, cantaria o festivo Anacreonte, num pouco de vinho transparente e leve, sob o rumor caricioso de uma velha fronde, diria o doce Omar Khayyam.

Entretanto, nem sempre é epleurista e jovial a nossa poesia vulgar. Antes, diremos, como o Padre Anchieta escreveu da terra, que a nossa musa sertaneja "é algo melancolica." O brasileiro é naturalmente triste, porque tristes são as tres raças que contribuíram para a sua formação. O portuguez é nostalgico, á sême-lhança da languida toada dos seus fados, onde a voz da fatalidade é a que mais alto resoa; o africano é um abatido, suas re-voltas são gritos de dor contra as agruras do exilio em que o puzeram; o indio é um soffredor, tem na alma a resignada queixa dos rios solitarios e o murmúrio das selvas remotas. Dahi esse aspecto de melancolia que ha em quasi todas as producções typicas da poesia brasileira, desde o episodio da Lyndóia, de Basillo da Gama, ás Pombas, de Raymundo Correia. Se algumas vezes se encontram quadras de ligeiro chiste, como estas:

Alfalate quer tesoura,  
Sapateiro quer tripeça,  
Moça bonita quer ouro,  
Moça velha quer conversa,

ou, então,

Eu não confio na mulher  
Nem que ella esteja dormindo.  
Os olhos estão fechados,  
Sobrancelha está bolindo.

ou, ainda,

A menina que eu namoro  
E que me quer muito bem,  
Tem sorriso que encanta  
E vinte contos tambem...

a grande percentagem é das que regumam desengano e amargor. Quem desconhece, porventura, o travo de melancolia que distingue os nossos lundús e as nossas modinhas? Os cantores populares vertem nas suas composições todas as lagrimas da saudade, todas as imprecações da desesperança, todos os queixumes da vida. Isso não impede, todavia, que sejam conceituosos os seus versos, que revelem, muita vez, um penetrante sentimento dos homens e das cousas. Appreciae esta pequena joia de observação:

A sorte, nós bem sabemos,  
E' tal qual uma mulher,  
Que quer quando não queremos,  
Quando queremos não quer...

Naturalmente, o intuito do poeta não foi ferir o coração feminino. A mulher deve ter entrado ahí, apenas obrigada pela rima, pois, observaes como os nossos trovelros conhecem os homens:

Meu mano, meu camarada,  
Tudo no mundo é assim:  
Commigo ocê fala de outros,  
C'outros cê fala de mim...

Nosso povo, entretanto, não se recreia sómente com os encantos do verso alado e sonoro; elle é tambem um grande creador de fabulas e historietas, geralmente de intenção moral e correctiva. A imaginação popular não tem no Brasil aquelle fausto nem aquella pompa do genio oriental. Em nossos cantos indigenas não ha palacios magniflicos, nem castellos sumptuosos, forrados de ourivesaria incalculavel, como nas Mil e uma Noites. A Sheherazada brasileira é mais conceituosa que opulenta, educa mais que deslumbra. Nas lendas selvagens a natureza domina o homem, e, como nas fabulas de Esopo ou La Fontaine, são os animaes que se encarregam de revelar as virtudes e os defeitos da vida, por meio das suas engenhosas artimanhas.

As lendas de origem européa, á guisa da Madrasta, da Moura Torta, da Gata Borracheira ou do Bicho Manjaléo são apenas variantes mais ou menos mascaradas do extenso fabulario medieval, e estão, por isso, fóra da nossa verdadeira indole. As de procedencia indigena e africana são mais vivas e interessantes, mais características do nosso *folklore*. Para o indigena, segundo se apura nos seus contos mais famosos, era a esperteza arma seguramente melhor que a força, o instincto da raposa vence a violencia da onça, a agilidade dos macacos, a bruteza das antas. Vêdes, por ahí, que a lição dos nossos indios não foi desaproveitada como tanto se assoalha. Que o digam os nossos politicos...

O animal preferido dos indigenas é o jaboty. Suas espertezas são tão notaveis que nem o Caipora consegue evital-as. Os animaes ferozes são dominados por elle, e ha nas suas façanhas sempre um ensinamento a colher, sempre um exemplo que muita gente conhecida nossa não desprezaria... Basta dizer que a raposa de Esopo encontra no nosso jaboty um emulo brilhante, senão até um mestre ainda mais subtil na arte de viver...

Entre as de origem africana, merece especial referencla a lenda da Onça e do Gato, que eu peço licença para transcrever:

"A onça pedio ao gato para lhe ensinar a pular, e o gato prontamente lhe ensinou. Depois, indo juntos para a fonte beber agua, fizeram uma aposta para ver quem pulava mais. Chegando á fonte encontraram lá o calangro, e disse a onça para o gato: "Compadre, vamos ver quem de um só pula pega o camarada calangro? Vamos, disse o gato: Só você pulando adiante, retrucou a onça. O gato pulou em cima do calangro, a onça pulou em cima do gato. Então o gato pulou de banda e se escapou. A onça ficou desapontada e disse: "Assim, Compadre gato, é que você me ensinou?! Principiou e não acabou... O gato respondeu: Nem tudo os mestres ensinam aos seus aprendizes..."

A superstição, velha companheira do homem, forneceu grande copia de motivos para o "folklore" nacional. A "anima rerum", com todos os seus mysterios fascinantes, suas nebulosidades estranhas e suas inexplicaveis trejectorias, influio muito poderosamente no caracter de raça. O caboclo é bravo, arrojado quando necessario, calmo na luta, mesmo que todas as probabilidades de exito lhe sejam contrarias. O numero não o intimida, a vantagem de posição ou de arma não o abate. Se, entretanto, depois de uma formidavel refrega em que sua coragem fez prodigios e operou maravilhas, elle topa no caminho deserto com uma réstea de luz ím-

prevista, ou percebe um estalido subito na matta, perde logo o aprumo varonil, um arrepio de pavor corre-lhe a espinha aceleradamente, e sem mais vacillações, desata numa vertiginosa carreira por macega e capocirões, salta vallos e vadeia rios, até cair no chão prostrado pelo cansaço e pelo terror panico. As abusões, as tradições oracs, as historias temerosas de fantasmas e hallucinações entram, em grande parte, na sua psychc. Quem não tremeu, quando creanga, com as risadas do Caipora, as perversidades da Mãe d'Agua e os olhos flamivomos dos lobishomens? Aqui estão, portanto, os élos que nos ligam uns aos outros. Todos nós, das mais differentes classes sociaes, somos um reflexo dessa caprichosa alma popular, feita, ao mesmo tempo, de melancolia e esplendor, de timidez e descmpeno. Nosso folklore" serve para mostrar que a raça brasileira, apesar de melancolica e sentimental, guarda, no fundo, uma clara comprehensão da vida e uma sã e admiravel energia interior que, ao primeiro toque, aflora indomavel e inesperadamente.

A nossa historia litteraria, na sua primeira phase, isto é, de 1500 a 1750, não apresenta propriamente grandes individualidades, que, ou pela cultura ou pela força das faculdades creadoras, se impuzessem á estima dos posterios. No seculo XVI, especialmente, a litteratura foi um simples reflexo da terra. Os nossos primeiros colonisadores, entre os quaes é mister não esquecer nunca os apóstolos da Companhia de Jesus, como Anchieta e Nobre, deante da magnificencia do ambiente que os rodava, limitaram-se a fazer o elogio da terra. Sómene um poeta, cu melhor um cortezão amigo das boas letras tentou elevar-se a um genero mais alto. Vivendo num meio, cuja pompa e opulencia Fernão Cardim na sua Narrativa Epistolar descreveu entre extasiado e rabujento, Bento Teixeira Pinto quiz deixar do fidalgo que mais o illustra- mo épico composto em louvor de Jorge de Albuquerque Coelho, onde, va, testemunho condigno. Eis ahi a razão da sua *Prosopopeia*, poe- é bom salientar, só o valor da intensão tem valimento. As musas desabrocharam mofinas no Brasil, paiz, onde mais tarde, teriam mais fieis que a propria Igreja. Não foram os prosistas porventura mais notaveis. Suas obras, entretanto, têm mais preço porquanto dizem do nosso torrão e dos seus primitivos colonisadores e habitantes. São, assim, repositórios onde o futuro historiador foi encontrar os elementos indispensaveis para o conhecimento do nosso paiz. Entre estes escriptores, são dignos de nota e referencia Pero de Magalhães Gandavo, que foi o primeiro homem que se occupou das nossas cousas, escrevendo a *Historia da Provincia de Santa Cruz*; Gabriel Soares de Souza, cujo *Tratado descriptivo do Brasil* vem cheio de informações preciosas sobre corographia, topographia, photologia, zoolgia e mais outras relativas ao clima e á natureza do Brasil; o Padre jesuita Fernão Cardim, autor da Narrativa Epistolar, que vos citei ha pouco, e Pero Lopes de Souza, que manejava a penna e o tabuco, á semelhança de quase todos os fidalgos navegadores de Portugal.

O seculo XVII é, sem duvida, já pelo lado social e politico, já pelo aspecto intellectual, muito mais importante que o precedente. O sentimento nacionalista, raro e vacillante no seculo anterior, revigora-se nas lutas contra os conquistadores estrangeiros; a riqueza augmenta progressivamente, a agricultura floresce nas villas e nas cidades litoraneas; a pecuaria se desenvolve em algumas zonas do interior; e as bandeiras começam, por valles e montes, florestas e descampados, a obra admiravel do desbravamento do nosso sólo, que, então, se vai dilatando das regiões praieiras em direcção das caatingas do planalto central.

As letras gosavam, com especialidade na Bahia, que herdara de Pernambuco o prestigio intellectual, de grande estimação. Os poetas do Renascimento italiano, hespanhol e portugez, como Tasso, Gongora, Quevedo, Lope de Vega, Gabriel de Castro e outros mais, eram lidos imitados. Como nos de Portugal de D. Francisco Manoel de Mello, predominava, entre os nossos letrados, quasi todos educados em Coimbra, a influencia de Gongora e seus discipulos. Havia por esse tempo muitos cultores da boa latinidade. Os chronistas e historiadores classicos eram meditados e conhecidos, fornecendo, não raro, grande cópia de motivos á eloquencia sacra. Entre os prosadores solentaram-se Fr. Vicente do Salvador, o maior delles, celebrado autor da *Historia da Custodia do Brasil*, obra das mais consideraveis que nos legou a litteratura colonial; Manoel de Moraes, cujos livros são conhecidos unicamente pelos gabos de certos escriptores, como João Laet; Diogo Gomes Carneiro, Fr. Christovão da Madre de Deus Luz, Euzebio de Mattos, que deixou fama de orador consumado e Antonio de Sá, apelidado pelos contemporaneos o *Chrysostomo portuguez*. Notae, de passagem, como é perigoso o juizo dos contemporaneos...

Entre os poetas podem citar-se Bernardo Vieira Ravasco, Domingos Barbosa, Gonçalo Soares da Franca, Gregorio de Mattos, Manoel Botelho de Oliveira, José Borges de Barros, Gonçalo Ravasco Cavalcante de Albuquerque e João de Brito Lima, todos pertencentes á chamada escola bahiana. De todos esses poetas, com excepção de Gregorio de Mattos e Botelho de Oliveira, restam apenas produções sómenos.

Manoel Botelho de Oliveira, nos sonctos, madrigaes e canções de que se compõe a sua "Musica do Parnaso, em quatro côros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas com seu descante comico reduzido em duas comedias" é poeta seguramente menos importante e pomposo que o titulo da sua obra. E' de regra, entretanto, salvar-se de todos os seus versos imitados de Gongora e Marino, o poemeto admirador das nossas frutas e dos nossos cereaes. Pode-se dizer que a Ilha da Maré é um poema heroico inspirado nos productos naturaes do nosso uberrimo sólo. Convireis, portanto, que a materia é pouca para a poesia. De Gregorio de Mattos já se não pôde affirmar o mesmo sem grave erro ou má fé. Elle foi, em verdade, a figura mais alta da nossa poesia até os arcades do seculo XVIII e, talvez, como satyrico, um dos melhores exemplares do genero no Brasil. Em que pése ás suas muitas fraquezas, ás suas paraphrases de Quevedo e a outros tantos defeitos facilmente verificaveis, Gregorio de Mattos é uma figura varonil, de linhas accentuadas e caracteristicas. José Verissimo foi injusto quando, levado não sei por que extremos, lhe rebalxou o character de modo tão aggressivo. Foi injusto, porquanto viu as suas miserias, esquecendo-se do homem e das circumstancias em que o mesmo viveu, e ainda por que o considerou exclusivamente como um truão, um individuo sempre prompto a fazer peditorios derramados aos figurões da época. Gregorio de Mattos não foi sómente um satirico despejado, mostrou-se, igualmente, um lirista sensível e moralista imaginoso e discreto quando o sangue lhe corria mais calmo nas veias. Sua obra é um espelho do tempo. Ella reflecte os ridiculos e os vicios da gente que nos governava de bota e espóra, e de quem tanto soffreu o poeta. Ella nos mostra, ainda, uma alma cheia de notas delicadas, capaz de sentimentos finos e elevados. Se, em dia aziago, elle despejou contra certos mazombos a conhecida zombaria:

Que os brasileiros são bestas,  
E estão sempre a trabalhar  
Toda a vida por manter  
Maganos de Portugal

não é menos verdade que, muita vez, deixou o coração cantar livremente, cousas mais subtis e polidas que a invectiva. Attentae nestas Decimas "a uma dama que estava com um cravo na boca":

Vossa boca para mim  
Não necessita de cravo;  
Que o sentirá por agravo  
Boca de tanto carmin.  
O cravo meu Serafim  
(Se o pensamento bem toca)  
Com elle faria troca;  
Mas meu bem, não o aceiteis  
Porque melhor pareceis  
Não tendo o cravo na boca.

Quanto mais; que é escusado  
Na boca o cravo, porque  
Prefere ella, ao que se vê,  
Na côr todo o nacarado.  
O mais subido encarnado  
E' da vossa boca escravo;  
Não vos fez nem um agravo  
Elle de vos dar querella;  
Pois menina que é tão bella  
Sempre tem boca de cravo.

O seculo XVIII, em que os nossos caminhos de penetração para o interior tanto se dilataram sob o influxo das bandeiras e do descobrimento de minas de ouro e diamante, apresenta uma novidade



no ponto de vista literario. Data dos seus primordios o apparecimento das Academias Literarias em nosso palz. Em 1724, funda-se a Academia Brasileira dos Esquecidos, sob o patrocínio do proprio Governador, na Bahia, seguindo-se mais tarde a dos Felizes e a dos Renascidos, aquella no Rio de Janeiro e esta em S. Salvador. Dos academicos, entretanto, restam poucas e esparsas noticias. Foram elles os poetas e os prosaistas do tempo. Vão aqui os nomes de alguns: Sebastião da Rocha Pitta, Brito Lima, Gonçalo Soares da Franca, João de Mello, Luis Canedo de Noronha, Manoel José de Cherem, José Pires de Carvalho e Albuquerque, Fr. Manoel Rodrigues Correia de Lacerda e os irmãos Bartholomeu e Alexandre de Gusmão. Taes nomes, á excepção de Alexandre de Gusmão, cujas Cartas são modelos de finura e bom senso, representam os poetas do momento. Para apreciardes melhor que especie de Musa os inspirava, peço-vos licença para copiar-vos este soneto de Luis Canedo de Noronha, offerecido ao "Coronel Sebastião José da Rocha Pitta":

Fére a pedra Moysés com a sua vara,  
E brotar logo fez agua abundante,  
Toca Apollo essa Rocha de diamante  
E sahir logo faz fonte mais clara.

A da pedra foi pura e fonte rara,  
Que um impulso a fez ter reverberante,  
A da Rocha um só toque a fez manante  
E ser veia mais pura se declara

Se a da pedra por doce e crystalina  
Se bebeu quando estava na torrente,  
A da Rocha embebeu a cabalina.

Mas emquanto se bebem na vertente,  
Aquella soube bem por doce e fina,  
Essa sabe melhor por mais corrente.

Não ha como negar, entretanto, que taes corporações eram seguro indicio de que se estava operando uma transformação lenta no curso do nosso pensamento, ainda que as correntes portuguezas fossem as unicas portas abertas que tínhamos para o mundo. Já havia um certo orgulho em ser brasileiro, em mostrar que possuíamos, tambem, e com voz propria, uma literatura. Reflectindo esse modo de pensar, apparecem alguns trabalhos essencialmente sobre o Brasil, como o Peregrino da America, de Nuno Marques Pereira, a Historia Militar do Brasil, de José de Mirales, a Historia da America Portugueza, de Rocha Pitta; e o poema Brasilia, de Soares da Franca. Os prosadores sobrelevam os poetas que, posto de lado Frei Manoel de Santa Maria Itaparica, autor do Eustachidos, nem um interesse despertam. Com Antonio José, alcunhado o Judeu, que aliás nada influo nas nossas letras por ter vivido e morrido em Portugal, são esses os typos mais representativos do momento.

O segundo período da nossa historia literaria começa com a Escola Mineira e acaba no dealbar do Romantismo, isto é, vai de 1750, approximadamente, a 1830. Seis poetas constituem a chamada Escola Mineira. São elles: Santa Rita Durão, Basilio da Gama, Claudio Manoel da Costa, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Antonio Gonzaga e Manoel Ignacio da Silva Alvarenga. Os dous primeiros cultivaram o genero épico, os outros foram principalmente lyricos, á excepção de Claudio, que nos legou tambem um poema heroico, e de Gonzaga que, segundo todas as probabilidades, escreveu um poema satyrico. Pela originalidade do éstro e da factura, assim como pela força da expressão, o Uruguay, de Basilio da Gama, é o mais perfeito e melhor poema apparecido no Brasil, em todo o periodo colonial; Santa Rita Durão ainda era um camoniano e Claudio um discipulo fidelissimo da escola arcadica franceza e italiana, como os demais poetas do seu grupo. Distingue taes poetas um sentimento muito cuidado da fórma, uma graça de factura e um comedimento de expressão já singulares. Elles prepararam, notou com acerto Sylvio Romero, o advento do romantismo, não pelo que a sua poesia tivesse de comunum com o espirito romantico, mas porque, educados sobretudo nos principios dos encyclopedistas, alargaram os horizontes da nossa cultura, indo buscar fóra da Metropole os seus modelos.

Postos de lado, outros poetas contemporaneos dos arcades, como Caldas Barbosa, figura de real interesse, Costa Gadelha, Tenreiro Aranha e alguns mais, citemos os prosadores, de relevo muito menor que os lyricistas. São elles Pedro Taques de Almeida Paes Leme, Fr. Gaspar da Madre de Deus, Borges da Fonseca e Santa Maria Jabotão, que continuaram a tradição dos Rocha Pitta, escrevendo chronicas e genealogias, como o Novo Orbe Seraphico Brasileiro. Durante esse periodo sómente o fino Mathias Ayres deixou obra consideravel como prosador.

No começo do seculo XIX merecem referencia como poetas Antonio Pereira de Souza Caldas, Fr. Francisco de S. Carlos, Eloy Ottoni e José Bonifacio de Andrade e Silva, e como prosadores Mont'Alverne, celebre pelos dotes de eloquencia; Silva Lisboa, Visconde de Cayrá, homem de notavel saber; Mariano José Pereira da Fonseca, o famoso Marquez de Maricá; José Feliciano Fernandes Pinheiro e o intemerato e audacioso Hyppolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, o primeiro jornalista brasileiro que pugnou pela libertação da nossa patria.

Depois da Independencia politica os nossos avós se esforçaram para fazer a literaria e a artistica. Coincidindo o movimento que aqui se operava com a renovação romantica, vinda através da Alemanha e da Inglaterra para a França, nada mais natural que nós, já então sob a influencia da literaturá franceza, procurassemos no romantismo o nosso roteiro intellectual. Reagindo contra o espirito classico, que lhes lembrava os odientos processos da Metropole, os nossos escriptores entregaram-se confiantes á nova corrente que então entrava na sua phase mais brilhante de desenvolvimento. Voltaram-se para a terra natal e, vendo a sua enormidade, procuraram fazer della uma grande e nobre nação. Entramos, portanto, sob o influxo do romantismo, no periodo autonomico da nossa literatura.

Desprezados os nomes de muitos poetas sem maior significação, veremos que ha em nossa poesia romantica quatro phases distinctas. Na primeira, depara-se-nos Gonçalves de Magalhães e a poesia religiosa; na segunda, Gonçalves Dias e a poesia da natureza; na terceira, Alvares de Azevedo e a poesia da duvida; na ultima, Castro Alves e a poesia social.

De todos elles, porém, os que melhor encarnam as qualidades e os defeitos da nossa raça são Gonçalves Dias e Castro Alves. Em ambos o sentimento da terra é notavel e ambos cantaram, aquelle com mais correcção e este com mais fogo, as doçuras ou as grandezas da nossa natureza.

Os prosadores do romantismo são dos mais notaveis da nossa literatura. Basta citar no romance o grande José de Alencar, cujo estylo colorido, vario, numeroso e cambiante ainda pôde ser hoje imitado sem escandalo; Manoel de Macedo, que é o verdadeiro fixador dos costumes da sua época: Manoel de Almeida, Bernardo Guimarães. Franklin Tavora e Escagnolle Taunay. Entre os criticos e historiadores, merecem registo: Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, um dos mais notaveis sabedores de cousas literarias que temos visto; Pereira da Silva, cuja obra um tanto fantasista revela um espirito operoso; Sotero dos Reis, especie de Quantiliano brasileiro, de muita lição e pouco aprazimento para o leitor; Joaquim Norberto de Souza Silva, escavador benemerito dos nossos archivos, e João Francisco Lisboa, o critico mais sagaz e agudo entre os seus contemporaneos. O theatro apresenta-nos tambem alguns nomes justamente respeitadas. Quem, dentre vós, não conhece as comedias de Martins Penna e França Junior, José de Alencar e Macedo? O theatro do romantismo talvez tenha sido até hoje o mais caracteristico da nossa literatura, pelo menos o mais nacional, sem preocupações regionaes e por isso perfeitamente sincero e representativo.

Sucedendo aos romanticos, sem transição violenta, porquanto entre aquelles já havia elementos fartamente aproveitados mais tarde, vieram os naturalistas. Propunha-se o naturalismo olhar com mais penetração a realidade, a vêr a vida com os olhos da pura observação. A linha objectiva preocupava muito mais os naturalistas que a tortura interior. A exemplo daquella *Belleza* immovel de Baudelaire, sua arte não sabia rir nem chorar. Era impassivel, ou devia ser... Tudo isso, porém, são maravilhas, enganos da novidade. Os nossos parnasianos, apesar do preconceito em que erraram a principio, cedo voltaram ás fontes do nosso lyricismo. Consultai a obra dos mais celebrados. Vêde se Raymundo Corrêa é insensivel, se Bilac é hieratico, se o Sr. Alberto de Oliveira não se move? Ao contrario, Raymundo Corrêa é um arguto psychologo, sabe surprehender os sentimentos mais reconditos da alma humana,

A colera, a amizade, a hypocrisia, todas as tintas e meias tintas da illusão humana, aquillo que está mais occulto em nosso coração, como uma floração de rainuculos em um tanque de agua parada, a duvida e o tédio, a innocencia e a crueldade, elle pesou e medlo, resolveu e analysou com o paciente cuidado de um naturalista que fosse, tambem, um philosopho avisado e prudente. Bilac é um mixto de ironia e esplendor, de volupia e blasphemia, de queixa e exaltação. Pelo seu coração falam todos os corações da nossa raça. Aquella nostalgia, sempre corrigida por uma constante apologia das bellas fórmas da natureza, que é um dos traços da intelligencia de Goethe e Keats e da sensibilidade de Musset e Vigny, imprime aos seus poemas uma frescura deliciosa. Seu processo literario impressiona pela singeleza e limpidez do estylo. E' claro sensível e humano. O Sr. Alberto de Oliveira, nas suas multiplas tendencias classicas, romanticas ou parnasianas, é, sobretudo, um lyrista colorido e altamente imaginoso. Sua imaginação é mesmo, como expressão literaria, uma das mais consideraveis da nossa literatura.

Não se mostram, porventura, mais impassiveis que os poetas os prosadores do naturalismo. A historia de romance naturalista no Brasil está feita na obra de quatro escriptores: Machado de Assis, Aluzio de Azevedo, Julio Ribeiro e Raul Pompeia. Machado de Assis é o psychologo, sobreleva a todos pela profundeza de pensamento, pela correção da linguagem, pela sobriedade da fórma e pela ironia subtil que o approxima da linhagem dos Sterne e dos Swift, na Inglaterra, dos Anatole, na França, e dos João Paulo, na Allemanha. Aluzio é o impressionista, tem a visão mobil e rapida e o censo do colorido; é um retratista admiravel, seguro e alerta. Julio Ribeiro é o morbido, o sensacionista, se nos permittem, aquelle em quem era mais forte e agudo o instincto da vida. Raul Pompeia é o inquieto, o insatisfeito, o mais poeta de todos os quatro o mais commovido ante o espectáculo do mundo.

Entre os criticos, historiadores e publicistas que, de 1866 para cá se notabilizaram, não podem ser esquecidos Tobias Barreto, Sylvio Romero, Arthur Orlando, José Verissimo, Arraípe Junior, Joaquim Nabuco, Alcindo Guanabara, Rocha Lima, Eduardo Prado e o Sr. Ruy Barbosa, cujo longa actividade e cujo prestigio universal honram a nacionalidade brasileira. No theatro naturalista mencionaremos Arthur Azevedo, Valentim Magalhães e Moreira Sampaio, que se esforçaram, o primeiro mais que os outros, por continuar a tradição dos Martins Penna e dos França Junior. Na eloquencia, basta citar ainda o Sr. Ruy Barbosa para avaliar a sua importancia no Parlamento nacional.

Temos chegado, assim, quasi aos contemporaneos ou, melhor, aquelles que se notabilizaram depois do naturalismo. Se é certo que o symbolismo não produziu aqui um movimento que marcasse em nossa literatura, não é menos verdade que, á sua sombra, appareceram alguns typos profundamente interessantes. Quem, estudando a evolução do nosso pensamento literario, olvidasse a figura de Cruz e Souza commetteria uma falta imperdoavel. Essa falta commetteu José Verissimo. Eis porque os historiadores vindouros, reconhecendo embora a sua sinceridade, hão de concluir que o nosso illustre critico certamente não desprezava as paixões, mesmo quando literarias...

Sem ser um puro symbolista, não só pela technica dos seus versos senão pelos motivos que cantou, Cruz e Souza é, sem duvida, um dos mais significativos representantes da reacção espiritualista aqui operada nos ultimos annos do seculo findo. Ha na sua poesia esse aereo de vozes, esse vago de sentimentos e idéas que caracterizam a obra de ficção de uma forte corrente da literatura contemporanea. A' semelhança do romantismo, representa o symbolismo um movimento francamente espiritualista, provocado pela desillusão scientifica dos derradeiros quartéis do XIX seculo, como aquelle já o fôra pelo excesso de realismo encyclopedista. O individualismo dos symbolistas, todavia, differe do subjectivismo romantico, por isso que, emquanto este se compraz em assignalar as pequeninas tragedias de cada ser, na communnhã social, aquelle apparece como um ponto de referencia da dôr universal, uma encruzilhada onde se vão encontrar as queixas dispersas de todos os homens que soffrem a melancolia irremediavel da vida. Confundem-se nelle ou, melhor, na expressão da sua magua immensa, todas as duvidas que abrolham do fundo do inconsciente, e que a razão, tremula e indecisa, não sabe resolver. O symbolismo é uma dessas muitas reminiscencias desse mal de viver que, segundo parece, foi o sopro divino com que o Creador animou a sua creatura.

Se quizerdes sentir toda a força dessa angustiosa poesia, é sufficiente attentar neste desolado *Caminho da Gloria*, onde Cruz e

Souza pôz toda a magua do seu coração e todas as duvidas do seu instincto:

Este caminho é cor de rosa e é de ouro  
Extranhos roseirões nelle florescem,  
Folhas augustas, nobres reverdecem  
De acantho, myrto e sempiterno louro.

Neste caminho encontra-se o thesouro  
Pelo qual tantas almas estremeçam;  
E' por aqui que tantas almas descem  
Ao divino e fremente sorvedouro.

E' por aqui que passam meditando,  
Que cruzam, descem, tremulos, sonhando,  
Neste celeste, limpido caminho,

Os seres virginaes que vêm da terra,  
Ensanguentados da tremenda guerra,  
Embebedados do sinistro vinho...

Ha em Cruz e Souza, apesar de todas as suas insufficiencias, a figura de um precursor. Elle introduziu nas nossas letras aquelle horror da fórma concreta, de que já o grande Goethe se lastimava no fim do seculo XIII. E tal serviço, em verdade, não é pequeno, em um paiz onde a poesia flue mais da ponta dos dedos que do coração.

Depois dos naturalistas e dessas primeiras escaramuças dos symbolistas, não houve propriamente um movimento seguro e continuado, uma escola, na linguagem dos criticos. Estamos atravessando um periodo de indecisão ou, melhor, de transição que deixa a cada um o livre jogo do temperamento individual. Entre os prosadores de ficção cujo nome se fixou neste seculo estão na primeira os Srs. Coelho Netto, que é um poderoso descriptivo, dictado de uma lingua por vezes excessiva, mas assim mesmo luxuosa e rara, das mais raras e luxuosas que ostentam as nossas letras, e cujos romances e novellas, quasi todos de character regional são admiraveis como documentos nacionaes, são paginas coloridas, firmes, repassadas de um doce e commovente idealismo, que é a sua mais alta prenda; Affonso Arinos, o melhor pintor da vida sertaneja; Graça Aranha, espirito poderoso de philosopho e artista dos mais altos; Xavier Marques, cuja fina sensibilidade é digna do maior louvor; D. Julia Lopes de Almeida, artista de excellente mão; e Afranio Peixoto, cujos romances, pela intelligencia que revelam das cousas e dos homens, são dos mais significativos da nossa literatura contemporanea.

Dentre os publicistas, criticos, historiadores e ensaistas sobresahem Euclides da Cunha, o mais formidavel evocador dos nossos scenarios naturaes, creador de um estylo realmente novo na lingua portugueza; os Srs. Capistrano de Abreu, Rocha Pombo, Farias Brito, Oliveira Lima, Medeiros e Albuquerque, tambem romancista e novellista de grandes recursos; Nestor Victor, Mario de Alencar, Magalhães de Azeredo, Rodrigo Octavio, cuja bella chronica sobre Felisberto Caldeira está indicando a necessidade de novos ensaios do genero; João Ribeiro e Alberto Faria, os mais reputados folkloristas nacionaes; Affonso Celso, Ramiz Galvão, Carlos de Laet e muitos outros escriptores velhos e novos que ainda seria licito nomear se não fôra o proposito que me impuz de tornar o mais sumario possível o quadro que venho traçando.

Na poesia, como na prosa, nossa literatura dos ultimos tempos tem sido fecunda. Basta apontar Marlo Pederneiras, um dos mais finos poetas da sua geração, e o Sr. Vicente de Carvalho, lyrico dos mais espontaneos da nossa raça, para se ter idéa do seu valor.

A actividade dos nossos escriptores, especialmente daquelles que pertencem á presente geração, tem sido, em verdade, extraordinaria. Os estudos historicos, philosophicos e scientificos se multiplicaram, obedecendo, no geral, a propósitos de são nacionalismo. As fontes da nossa historia são devassadas com intelligencia e amor, toda, ou quasi toda a obra dos homens contemporaneos se inspira num sentimento justo e penetrante das nossas tradições. Chegou o momento, pois, de sermos Brasileiros, de contribuirmos com elementos proprios para o grande patrimonio moral e intellectual da humanidade. Esta é a lição que nos mostra o primeiro seculo da nossa autonomia politica e mental. Uma lição de trabalho e de fé.

Ronald de Carvalho.

# A INCLYTA TRINDADE

Conferencia pronunciada na Associação de Imprensa a 10 de Setembro de 1922

## Origens da independencia

A homenagem desta noite deve valer como preito á intangível verdade historica. Graças ao instincto de justiça dos pósteros, não clegámos a commemorar o nosso primeiro centenario de vida emancipada sem haver, senão corrigido, ao menos assignalado o erro de visão ou o dislate inconsciente das gerações que nos precederam relativamente aos verdadeiros promovedores da nossa autonomia. Até então, com effeito, o grande cidadão José Bonifacio de Andrade e Silva, homem de summa sapiencia, surgia aureolado da gloria indivisa de ter tornado a patria livre, mas, hoje, não é universal o sentimento brasileiro ácerca do papel deste archetypa da raça, appellidado o *Patriarcha da Independencia do Brasil*. Sabeis agora, e de modo incontrastavel, que foram Joaquim Gonçalves Léo, Januario da Cunha Barbosa, Frei Francisco de Sampaio, e outros destemerosos patriotas, que na imprensa, no pulpito, na tribuna profana, nas sessões secretas da maçonaria e nos concillabulos politicos, prepararam a consciencia nacional do povo, acorrentado á monarchia absoluta, para a completa separação e integraram a patria livre nos seus novos destinos. Sem a propaganda tenaz, ardorosa e valente desses paladinos, D. Pedro I não teria perjurado e nem tão pouco o eximio José Bonifacio teria abandonado o quieto remanso de Santos, onde vivia entregue ao trato dos seus dilectos mineraes e no amavel colvívio das musas, para tomar a postura que as circumstancias lhe haviam suggerido, e, em seguida, se feito ministro do Regenté e, depois, do Imperador. Acreditaes que se não fossem elles, ter-se-ia operado, no meio das paixões tumultuosas daquelles dias, o milagre da metamorphose do nosso regime politico e da estructura social do país? Não é crível. Neste sentido, oppositamente ponderarei que sem a espada principesca do primogenito de D. João VI, sem o engenho singular de José Bonifacio e sem o apoio dos paulistas teriam elles consumado a conquista das nossas liberdades. No entanto, como no rythmo genesisico da historia, tudo evolve logicamente, a obra da nossa alforria tem origens remotas. A independencia, que se effectivou por obra e graça da vontade brasileira, já existia na consciencia popular, e irradiára no espirito dos nobres rebellados de Vieira de Mello, em 1710, no peito indomavel de Felipe dos Santos, no episodio tragico e sagrado dos inconfidentes de Villa Rica e no gesto heroico dos insurrectos pernambucanos de 1817. O sangue dos heróes dos Guararapes cimentára os bastiões da nacionalidade, que se integrou definitivamente no 7 de abril de 1831, quando D. Pedro I foi obrigado a resignar a realza. Em 1822, naquelle momento de incertezas e perigos, mas em que a incandescencia nacionalista preludiava o fatal desenlace, os intrepidos legionarios de Léo representavam um nucleo de forças capazes de orientar a finalidade do Brasil, como tambem synthetisavam os anseios de libertação, latentes por toda parte. Fizestes bem, senhores directores da Associação de Imprensa, promovendo, nesta hora solemne e commovente da terra americana, este tributo de devoção civica a esses illustres primarios da fundação do Imperio, que tanto ennobreceram ainda a historia intellectual do Brasil.

## Inclyta trindade

Não poderei, na brevidade deste discurso, patentear-vos a extensão da preponderancia, na obra da nossa independencia, dessa trindade veneravel de cujo elogio me encarregastes: Joaquim Gonçalves Léo, Januario da Cunha Barbosa e Frei Francisco de Sampaio apparecem como três formidaveis agentes das nossas reivindicações nacionalistas. Antes de tudo, andastes acertado unindo-os na mesma homenagem, porque, com serem elles genuinos exponentes do espirito e do sentimento da nacionalidade nascente, representam as figuras imprescindiveis para a unidade da composição do quadro historico. Não seria possivel desligar Léo de Januario, companheiros de gloria e de infortunio, como não se comprehende a *inclyta legião* sem Frei Sampaio. E todos, quaesquer que sejam as divergencias surgidas entre elles, são inseparaveis de Gonçalves Léo como de Pedro I.

## O monge lidador

Frei Francisco de Sampaio, o patriótico franciscano, orador de fama e polpa, chamado o Bossuet brasileiro, ou a *Sereia do Pulpito*, e jornalista eximio, desempenhou notavel papel no movimento de 1822. Nasceu nesta capital em agosto de 1778. Era pregador da capella real, examinador da mesa da consciencia e ordens, censor episcopal e deputado da Bulla da cruzada, quando se alistou nas fileiras dos conspiradores. No começo acompanhára o partido liberal chefiado por Léo, mas depois, por motivos que não foram bem apurados, se passou para a bandeira dos Andradas, tendo sido redactor principal do *Regulador Brasileiro*, em 1822, e do *Diario Fluminense*, de 1824 a 1825. Ainda nas hostes leidianas, foi o escolhido para escrever a representação do *Fico*. A sua palavra era incandescente. Na maçonaria, onde era o orador da *Loja Commercio e Artes*, embora muitas vezes combatido pela discordancia de idéas, a sua presença infundia respeito aos mais exaltados. A sua cella era um cenaculo: ahí adorava a Deus e propiciava aos numes protectores da patria. Num sermão proferido na capella real, em 7 de março de 1821, exclamou: "Oh Deus! Tu, que conheces que o meu interesse sobre a gloria do Brasil não nasce de pretensões nem de vistas particulares e por isso é merecedor de tua approvação, dirige, portanto, as minhas idéas! Que ellas, saindo dos porticos do templo, se espalhem por todas as provincias deste continente e que vão ao longe mostrar os sentimentos do Brasil na época actual, em que se fazem esforços para que elle retroceda da mocidade ao estado da infancia." Falleceu desgostoso, cheio de arrependimento por não ter podido resistir á seducção dos adversarios de seus primitivos companheiros de luta, e esquecido dos proprios amigos politicos. O instincto da eloquencia e a paixão da liberdade teriam feito delle um Savanarola da independencia se não fosse a sua reconhecida debilidade de character. Todavia foi grande, e morreu aureolado de santidade.

## Modestia e genio

Januario da Cunha Barbosa é outra personagem insigne da jornada gloriosa. Tambem é filho desta cidade. Nasceu a 10 de julho de 1780. Amigo fiel e impavido companheiro de Joaquim Gonçalves Léo, pôs ao serviço da causa brasileira a sua palavra vibrante, o seu ardor civico, os seus talentos, a sua actividade e os seus parcos haveres, e lidou sem desfallecimentos e com brilho incomparavel. Por toda parte onde se agitavam as idéas libertadoras, distingula-se a sua figura austera e suave, intelligente e insinuante. A sua penna sabia ser clava poderosa para prostar adversarios. O seu posto de combate era o *Reverbérq*. Emissario do Grande Oriente á Minas, onde reinava discordia entre os patriotas, conseguiu desfazer equívocos, aplacar paixões partidarias e aliciar novas energias para a peleja. Depois de proclamada a independencia, soffre a perseguição de José Bonifacio, que o envolveu no odio aos constitucionalistas: é preso no dia 7 de dezembro, recolhido á fortaleza de Santa Cruz e, em seguida, deportado para a França, sem recursos com que pudesse viver no estrangeiro. No exilio lembrou-se do melancolico *sic vos non vobis* de Vergílio. Voltando para o Brasil em 1823, foi agraciado com o officialato da Ordem do Cruzeiro, feito conego da capella imperial e eleito deputado á assembléa geral pelas provincias de Minas e do Rio de Janeiro, tendo optado pela representação fluminense. Serviu como director do *Diario Fluminense*. Afastado por inteiro da politica, foi nomeado examinador synodal, chronista do Imperio e director da Bibliotheca Nacional em 1844. O nome de Januario passou ainda á posteridade como bom letrado que era. Logo depois de ordenado padre, ganhou num concurso brilhante a cadeira de philosophia moral e racional, tendo durante 25 annos commentado as maximas de Platão. Foi pregador afamado da capella real, cavalleiro da Ordem de Christo, projecto latinista, critico, erudito, poeta estimavel, autor dos poemas *Nicttheroy* e *Garimpeiros*, historiador infatigavel e zelador das tradições do nosso passado colonial. Ao padre Januario da Cunha Barbosa cabe ainda a honra de fundador do Instituto Historico. Falleceu aos 21 de fevereiro de 1846, deixando reputação de honradez e operosidade. Porto Alegre, fazendo-lhe o elogio, rematou o seu

discurso com estas palavras, que valem por um formoso epitapho: "A vida de Januario foi uma pendula sagrada movida pelo amor da patria, e impellida a cadenciar entre a modestia e o gerio." E, quando se inaugurou seu busto, em sessão solemne do Instituto Historico, presidida por D. Pedro II, compôs Gonçalves Dias versos sentidos e harmoniosos, que terminavam assim:

E a mão cansada fraquejou, pendeu-lhe;  
Inda a vejo pendente, sobre as paginas  
Da patria historia, onde gravou seu nome  
Tarjado em letras d'ouro.  
Dorme, ó lutador, teu somno eterno;  
Mas sobre a lousa do sepulchro humilde,  
Como na vida foi, surja o teu busto  
Austéro e glorioso.

### Perfil de um girondino

Joaquim Gonçalves Léo foi o paladino extremado da facção libertadora. Democrata, liberal e progressista, possuindo o entusiasmo da peleja, temperamento combativo e intelligencia scintillante, a que uma cultura bebida nos ensinamentos philosophicos da revolução franceza de 89 tornava mais flexivel, temerario e insubmisso, que não hesitava combater arca por arca contra os interesses enthronizados de sua epocha, nelle se confundiam o tribuno, o jornalista e o legislador. No dizer de Euclides, que tinha o privilegio das definições e das syntheses, "recorda um girondino desgarrado em nossa terra". Apareceu, como intenso clarão, naquella maravilhoso momento de nossa historia, que foi uma vasta floração da personalidade humana. Ninguem batalhou com pródigo cuidado, com mais ardente patriotismo, com tamanha actividade e com maior fascinação sobre o espirito das massas. Sobretudo, incendiado no ardente fanatismo contra os inimigos da nossa soberania e liberdade, possuia o orgulho de se sentir o "homem novo de uma patria nova", e foi um dos que melhor comprehendeu a realidade brasileira. Desde os começos da luta, o seu pensamento cardeal, divulgado com fanatico desvelo, é a separação completa da patria brasileira da velha metropole lusitana, que nos ameaçava com "os leões e os cães de fila" do reino. Essa idéa, que põem de manifesto todos os seus actos, teve a força de um verdadeiro ideal de vida. E' a paixão que o impelle para a peleja. E' o sacro fogo que o agita, consome e illumina. Sabeis em que situação violentissima se achava o país com a ameaça permanente da metropole, que insistia pela servidão colonial do Brasil, como se fosse possível continuarmos sendo uma granja, uma herdade, uma feitoria portugueza. "As côrtes de 1821, escreve Latino Coelho, contradictorias com o principio da soberania nacional, que era a unica origem do seu poder, e o lemma da sua bandeira, obstinavam-se em considerar o Brasil como colonia, á qual haveria de applicar-se o governo proconsular, que a metropole tinha sempre seguido por systema na gerencia e administração das suas possessões ultramarinas. Decretaram que o Brasil não tivesse unidade politica. Repartiram o seu vastissimo territorio em provincias, a cada uma das quaes propuzeram como governador um general, sujeito immediatamente ao governo da metropole. Ordenaram que D. Pedro saísse desde logo do Brasil, e legislaram a abolição de todos os tribunaes, que D. João VI havia inaugurado no Rio de Janeiro durante a sua larga residencia na terra americana. Nenhum paiz, que sequer avallasse em preço minimo a sua dignidade, poderia acceitar humildemente as ignominiosas condições, que então lhe impunha o parlamento de Lisboa. A independencia era desde este ponto uma justa represalia ás determinações do congresso portuguez, e tinha em seu favor o voto unanime dos brasileiros". Naquella epocha de memoravel e dura provação, enquanto outros transigiam, retardavam a conquista plena das nossas liberdades e mascarava propositos reaccionarios, o ardoroso campeador, a quem repugnava abertamente a dominação absoluta exercida no Brasil pela metropole, dava fórma concreta ás suas nobres aspirações, passando aos olhos dos mofinos e dos retardatarios por republicano ou anarchista. Focalizado de accordo com a verdade dos factos, Léo avulta cada vez mais para a immortalidade, sem que os outros sejam lesados na menor parcella do que lhes pertence. A glorificação da Independencia, portanto, tem que ser forçosamente a glorificação de Léo e seus adeptos. Honrando nelle a grandiosa conquista, evita-se a injustiça de protergar um dos nomes que mais concorreu para a sua realização; mas escondendo os seus loiros na corôa do primeiro Imperador, ou pretendendo-se reduzir a fundação do Imperio á figura de José Bonifacio, é violencia á historia, que não deve permitir os que se habituaram a enfrentar petuar-se tambem na obra esquecida de Léo, que, acima de todos, a verdade. O maior fasto da nossa affirmação nacional ha-de per-

foi a fé, a paixã e a energia lampejando no ideal, transfigurado e victorioso pelo influxo do seu espirito. Não tenhamos receio de proclamar esta honrada asserção.

### O Reverbéro

Vejamos o cyclo luminoso que descreveu o heróe. Nascido nesta cidade aos 11 de dezembro de 1781, e tendo cursado a Universidade de Coimbra, surgiu combatente como membro da assembléa eleitoral da cidade do Rio de Janeiro, de 30 de abril de 1821, que os cavallarianos portuguezes dissolveram com violencia, em virtude de seu character nativista, pois, pleiteava, com Léo á frente dos exaltados, a adopção do regime constitucional espanhol e defendera a permanencia de D. João VI no Brasil. Quando ainda o Principe Regente se oppunha á grande obra dos patriotas fluminenses, fundado, com Januario da Cunha Barbosa, a 15 de setembro de 1821, o *Reverbéro Constitucional Fluminense*, que se tornou depois a columna de fogo da revolução, e transformado a 28 de maio de 1822 varias lojas maçonicas no Grande Oriente, que se constitue orgão activo dos idéaes emancipadores. O *Reverbéro* traz no seu primeiro numero a declaração de que seria redigido por "dois brasileiros, amigos da nação e da patria", e adopta o lemma *Redire sit nefas*. O apparecimento do periodico despertou o maior entusiasmo. Num dos artigos, escrevia: "O Brasil já entrou no periodo da sua virilidade; já não precisa de tutela: a emancipação das colonias segue uma marcha natural e irresistivel, que jámais forças humanas podem retrogradar!" Léo, escreve Pereira da Silva (*Hist. de Fund. do Imperio, VII 5*), constituiu-se chefe do partido denominado liberal, que, adoptando as principaes idéas republicanas, com que imaginára libertar o país, acceitára depois o governo de D. Pedro, quando este Principe se deliberára a resistir ás ordens das Côrtes de Lisboa, e de boa fé mostrára prestar-se á obra da independencia nacional. Persistindo nas doutrinas de liberdades politicas, procuravam Léo e seus adherentes attrahir para elles o Principe, e chamar a si o governo, guerreando fortemente os ministros José Bonifacio e Martim Francisco, que posto houvessem muito feito em pró da emancipação do solo brasileiro, não proclamavam nem realizavam na administração publica idéas liberaes, como as aspiravam os seus adversarios. Absorvendo a influencia do grande Oriente Maçonico, que havia fundado antes mesmo que José Bonifacio tivesse chegado de S. Paulo em janeiro de 1822, e tomado conta do poder, que lhe confiára D. Pedro, empregava-a Léo contra os ministros, e levantava no país uma agitação crescente, alimentada mais ainda pelo seu periodico o *Reverbéro* e por outros que creava e espalhara por diversas classes do povo. Do grande Oriente Maçonico partiram as primeiras vozes e incitações para a independencia. Delle se tinham expedido emissarios para todos os pontos e provincias do Brasil, encarregados de promover e expertar os animos dos povos contra o jugo portuguez.

### O trefego principe

O ardiloso plano do estrenuo lutador abrangia, em primeiro lugar, a conquista do trefego principe, que se mostrava infenso á que se rompesse o vinculo politico entre a colonia e a metropole, animando-lhe a vaidade e suggerindo-lhe a rebeldia. Ainda em 4 de outubro de 1821, escrevia D. Pedro ao pae: "A independencia tem-se querido cobrir commigo e com a tropa; com nenhum conseguiu, nem conseguirá; porque a minha honra e a della é maior que todo o Brasil; "e accrescentava, com a emphase que lhe era tão natural: "queriam-me, e dizem-me que me quorem aclamar Imperador; protesto a V. M., que nunca serei perjuro, que nunca lhe serei falso; e que elles farão essa loucura, mas serei depois de eu e de todos os portuguezes estarmos feltos em postas, é o que juro a V. M. escrevendo nesta com o meu sangue estas seguintes palavras: *Juro ser sempre fiel a V. M., á nação e á constituição portugueza*. A 6 de outubro de 1821, dirigindo uma proclamação aos fluminenses, gritava "Que delirio é o vosso? Quaes são os vossos intentos? Quereis ser perjuro ao Rei e á Constituição? Contais com a minha pessoa para fins que não sejam provenientes e nascidos do juramento que eu, tropa e constitucionaes, prestámos no memoravel dia 26 de fevereiro? De certo não quereis, estais illudidos, estais enganados, e, em uma palavra estais perdidos se intentardes uma ou outra ordem de cousas, se não seguirdes o caminho da honra e da gloria, em que já tendes parte, e do qual vos quereis desviar cabeças esquentadas. Eu nunca serei perjuro nem á religião, nem ao rei, nem á constituição, sabei o que vos declaro em nome da tropa e dos filhos legitimos da constituição, que vivemos todos unidos, sabei mais que declaramos guerra desapiedada e cruelissima a todos os perturbadores do socego publico, a todos os anti-constitucionaes mascarados..." Por fim noutra carta a El-Rei, datada de 14 de

dezembro do mesmo anno, em que dava conta da impressão produzida pela noticia do procedimento das côrtes, affirmava solemnemente: "Sem embargo de todas estas vozes eu me vou apromptando com toda a pressa e socego, afim de ver se posso, como devo cumprir tão sagradas ordens, por que a minha obrigação é obedecer cegamente, e assim o pede a minha honra, ainda que perca a vida..." Aconteceu, porém, que a propaganda obstinada, intelligente e diuturna de Lêdo, na imprensa, nas assembléas populares, no circulo maçônico e nas entrevistas com o Principe, lhe desvendára os horisontes, e, quando se apercebeu, estava completamente dominado pelo espirito revolucionario. As côrtes de Lisboa, que eram sabias e respeitaveis, passaram a ser "facciosas, horrorosas, machiavelicas, desorganisadoras, hediondas e pestíferas" A causa, que era maligna, parecia-lhe sagrada, e ignominiosa perda para Portugal: "Triunpha e triumphará a independencia brasileira, ou a morte nos ha de custar" Elle, que jurará fidelidade, e escrevera com o proprio sangue o juramento, agora está prompto a perjurar e exclamava: "De Portugal nada, nada: não queremos nada" Naturalmente, digamos de caminho, não era a independencia que queria: ambicionava ser imperador. Espirito aventureiro, com velleidade de façanhas cavalleirescas, inculto, leviano e facil, imperioso nos caprichos e desbragado nas proezas, e, em essencia, bom portuguez, entregou-se o Principe nas mãos dos patriotas do Rio de Janeiro, com o animo de um simples aventureiro. Foi surprehendente a radical transmutação d'alma que se operou

### O Fico

De Lêdo partiu positivamente a iniciativa da calcosa e solemne representação que, em nome do povo, a Camara do Senado, presidida por José Clemente Pereira, dirigiu a 9 de janeiro de 1822 ao Principe para que continuasse no país, deixando de cumprir os opprobrios decretos das côrtes constituintes de Lisboa e a ordem do Rei. e quem indicou para redigi-la a Frei Sampaio, o mais eloquente orador sacro da época e adepto do movimento separatista. Este documento celebre resultou da explosão de protesto e d. repulsa contra a ferrenha politica portuguesa, preparada e desenvolvida por Lêdo nas columnas do seu periodico e principalmente no seio da maçonaria, que era o centro da conspiração. Assignado por cerca de 8.000 pessoas, não era uma petição, feita em termos humilhantes ou vagos, mas uma intimativa, a que D. Pedro obedeceu, por reconduzida ambição e coagido pelas circunstancias daquelle difficil dilemma. Nelle dizia-se claramente ao Principe que a partida de S. A. seria o decreto que teria de sancionar a autonomia do Brasil: "O povo do Rio de Janeiro julga que o navio, que reconduzir Sua Alteza Real, apparecerá sobre o Tejo com o pavilhão da independencia do Brasil" Na fala de José Clemente, em nome da Camara e do povo, endereçada ao Principe no mesmo dia, mas escripta por Lêdo, dizia-se: "Será possivel que V. A. R. ignore, que um partido republicano, mais ou menos feito, existe semeado aqui e até em muitas das provincias do Brasil, por não dizer em todas ellas? Acaso os cabeças, que intervieram na explosão de 1817, expiraram já? E se existem, e são espiritos fortes e poderosos, como se cre que tenham mudado de opinião? Qual outra lhes parecerá mais bem fundada que a sua?" E terminava, aconselhando Principe a annuir a todas as exigencias, porque "de outra fórma o ameagado rompimento de independencia e anarchia parece certo e inevitavel" O episodio do Fico vem a ser por isso o primeiro grande marco da pacifica epopeia nacional. Ha quem reivindique para S. Paulo a prioridade do movimento, em virtude de ser datada de 24 de dezembro de 1821 a mensagem em que a junta provisoria pedia a D. Pedro não abandonasse o país, a qual, sabemos, só foi apresentada depois da resolução tomada pelo Principe no dia 9 de janeiro, a pedido do Senado da Camara e do povo do Rio de Janeiro. Ora, antes de tudo, a iniciativa partiu dos patriotas do Rio de Janeiro, individualmente cabia a José Joaquim da Rocha, os quaes para esse fim enviaram emissarios a S. Paulo, e, depois, a mensagem de 9 de janeiro de 1822 appareceu, chronologicamente, em segundo logar, porque se achou prudente assegurar-se do apoio de S. Paulo e de Minas, em continuas dissensões, á vista da arrogancia das tropas de Avilez. A rigorosa representação fluminense ficára assentada antes de 24 de dezembro de 1821, e era datada de 29. Varnhagen diz que não só não concorreu ella para a resolução do Principe, "porque fóra escripta muito depois de correrem no Rio de Janeiro os artigos, no mesmo sentido, do *Reverbéro* e da *Malagueta*, e especialmente da folha *Despertador Brasileiro*, mas ainda "as idéas antidemocraticas nelle enunciadas fizeram com que muitos liberaes começando pelo deputado Barata, conceituassem de retrogrado o conselheiro José Bonifacio, hostilizando-o, por essa suspeita, desde que foi chamado para o Ministerio (*Hist. da Ind., 132*)" Além do mais, e

creio que não é necessario adduzir documentos, os paulistas e os Andradas, politicos obstinados e homens renitentes, não eram somente oppostos á independencia, senão tambem convictos partidarios da união dos dois reinos sob a mesma coroa e dynastia, com a regencia do Principe, apoiada nos brasileiros. Na falla do orador da deputação de S. Paulo, em 26 de Janeiro, que, como não se ignora, foi feita por José Bonifacio, se lê: "Nós declaramos, perante os homens e perante Deus com solenne juramento que não queremos e nem desejamos separar-nos dos nossos caros irmãos de Portugal" Não penseis, no entanto, que tal compromisso figurava como emphasis para effeito no momento: era uma declaração para rebater as tendencias que lavravam na opinião geral. Antonio Carlos, numa carta publicada no *Correio Brasileiro* em fins de 1822, declarou que, em abril, não queria ainda a independencia, e sustentava de boa fé com a familia, amigos e principaes brasileiros a conveniencia da união do Brasil com Portugal.

### Significação historica da independencia

A influencia de Lêdo, que havia conseguido a adhesão de José Clemente Pereira, general Nobrega e outros, deve-se, provavelmente, ter o Principe Regente creado e convocado a 16 de fevereiro, após a expulsão na vespera das tropas lusitanas, o Conselho dos Procuradores Geraes das Provincias, que se reuniu mais tarde, a 2 de Junho seguinte, e para o qual foi elle eleito pelo Rio de Janeiro. Lêdo não perdia o ensejo de incitar o joven Principe. A Camara, inspirada pela Maçonaria, o que vale dizer Lêdo, offereceu-lhe no dia 13 de maio e em nome do povo o honrosissimo titulo de Defensor Perpetuo do Brasil, "para que á dignidade de regente, outorgada pelo monarcha, correspondesse outra dignidade de emanação democratica, outorgada pelo povo", tendo Lêdo e Januario redigido o discurso que pronunciou José Clemente Pereira na solemnidade. Animado com o gesto com que D. Pedro virtualmente reconhecia a independencia do Brasil, tanto mais que o procedimento das côrtes se tornára inconciliavel com a hombridade brasileira, ao mesmo tempo fomenta manifestações populares ao Regente e pelas columnas do *Reverbéro* continúa sua obra de seducción. No numero de 30 de abril, quando D. Pedro regressava da sua viagem triumphal a Minas, e receioso de que elle viesse a desfallecer, deixando escapar aquelle ensejo, o apaixonado e vehemente agitador pela emancipação da patria, apostrophou ao Principe nestes termos: "Principe, rasguemos o véo dos mysterios. Rompa-se a nuvem que encobre o sol que deve raiar na esphera brasileira. Principe, não desprezes a gloria de ser o fundador de um novo imperio. O Brasil de joelho te amostra o peito aberto, e nelle, gravado em letras de diamante, o teu nome. Principe, as nações todas têm um momento unico, que não torna quando escapa, para estabelecer os seus governos. O Rubicon passou-se; atrás fica o inferno, adeante o templo da immortalidade" Ainda graças aos esforços e á habilidade de Lêdo, o conselho de representantes fez madruguar o acto de 3 de junho, convocando a Assembléa Constituinte e Legislativa que é, sem duvida, a significação historica da independencia. Ao benemerito republico pertence a gloria desta inestimavel conquista. No dia 20 de maio, pronuncia uma fala em nome do povo fluminense, a representação ao Senado da Camara, entregue tres dias depois por José Clemente Pereira, é de sua lavra, com a collaboração de Januario, e, por ultimo, é elle ainda que apparece no dia 3 de junho falando imperiosamente em nome do conselho de procuradores ao Principe. No discurso de 20 de maio, justificando a convocação da assembléa geral das provincias do Brasil, como uma necessidade impreterivel, desafoga em acerbas palavras o desgosto que trazia lacerado e offendido os brasileiros, e exclama: "A independencia, Senhor, no sentir dos mais abalisados politicos, é innata nas colonias, como a separação das familias o é na humanidade; e a independencia do Brasil, é de utilidade a Portugal, e é de eterno vinculo para a monarchia em geral. A natureza não formou satellites maiores que os seus planetas. A America deve pertencer á America, a Europa á Europa; porque não debalde o grande architecto do universo metteu entre ellas o espaço immenso que os separa. O momento para estabelecer-se um perduravel systema, e ligar todas as partes do nosso grande todo, é este. O Brasil no meio das nações independentes... não pode conservar-se colonialmente sujeito á uma nação remota e pequena, sem forças para defendel-o, e ainda menos para conquistal-o. As nações do universo têm sobre nós, e sobre ti, os olhos; ou cumpre apparecer entre ellas como rebeldes, ou como homens livres e dignos de o ser. Tu já conheces os bens e os males que te esperam e á tua posteridade. Quere? ou não queres? Resolve, senhor" Não differe o tom da fala de 23, em que, ao mesmo tempo que se delinea o programma do Brasil novo, affirma-se cathegoricamente: "Está escripto no livro das

Leis Eternas, que o Brasil deve passar hoje (oh! grande dia!) a lista das nações livres: é decreto do arbitro do Universo, ha-de cumprir-se queiram ou não queiram os mortaes, que impedir a sua marcha a nenhum é dado." Por fim, na fala do conselho dos procuradores, de 3 de junho, reunido sob a presidencia do Principe Regente, escripta e pronunciada por Lêdo, em nome do povo, começava-se assim: "A salvação publica, a integridade da nação, o decoro do Brasil e a gloria de V.A.R. instam, urgem e imperiosamente commandam que a V. A. R. faça convocar, com a maior brevidade possível, uma assembléa geral de representantes das provincias do Brasil". Dizia mais, e terminantemente: "O Brasil tem direitos inauferíveis para estabelecer o seu governo, e a sua independencia... As leis, as constituições, todas as instituições humanas, são feitas para os povos, e não os povos para ellas. E' deste principio indubitavel que devemos partir: as leis formadas na Europa podem fazer a felicidade da Europa, mas não a da America. O systema europeu não pode, pela eterna razão das cousas, ser o systema americano; e, sempre que o tentarem, será um estado de coacção e de violencia, que necessariamente produzirá uma reacção terrivel. O Brasil quer a sua independencia... E terminava o procurador geral da provincia fluminense: "Ao decoro do Brasil, á gloria de V.A.R., não pode convir que dure por mais tempo o estado em que está. Qual será a nação do mundo que com elle queira tratar, emquanto não assumir um caracter pronunciado, emquanto não proclamar os direitos que tem de figurar entre os povos independentes? E qual será a que despreza a amizade do Brasil e a amizade do seu regente? E' nosso interesse a paz: nosso inimigo só será aquelle que ousar atacar a nossa independencia. Digne-se pois, V.A.R., ouvir o nosso requerimento: pequenas considerações só devem estorvar pequenas almas. O Principe, afogando já no animo insoffrido a independencia da terra, que lhe daria um grande imperio, sem demora attendeu ao pedido, considerando-o "necessario e urgente, para a manutenção da integridade da monarchia portuguesa e justo decoro do Brasil", e reconhecendo os direitos de que tinha o país de constituir "as bases sob que se deve dirigir a sua independencia", como reza o decreto, lavrado no mesmo dia, de convocação da assembléa, que se devia realizar mediante eleição indirecta e por provincias, conforme instrucções que o ministro José Bonifacio baixou no dia 19. Lêdo foi um dos deputados eleitos á Constituinte pela cidade e provincia do Rio de Janeiro. Sabe-se, que não só José Bonifacio, ministro do reino desde 16 de janeiro, não concorreu para essa medida, embora figure oficialmente firmando o decreto, elaborado ainda por Lêdo, como, muito ao contrario, manifestou-se hostil aos promotores. A origem deste decreto explica-se facilmente. Temendo que a revolução iniciada com tanta felicidade viesse a fracassar com os actos arbitrarios do Ministerio dos Andradas, que começava a perder a confiança das provincias, presas de grande inquietação, e desconfiados de que a metropole entrasse em concerto internacional para melhor impôr seus funestos designios, Lêdo, Janeiro, o padre João Antonio de Lessa, José Clemente, o brigadeiro Luis Pereira da Nobrega e João Soares Lisboa, redactor do *Correio do Rio*, decidiram endereçar em nome do povo um manifesto ao Principe, pedindo a convocação da Assembléa Geral do Brasil, como unico meio de manter a integridade das provincias, ao mesmo tempo que concorreria para remover todas as suspeitas e equívocos que cada dia tomavam maior vulto e satisfaria ás aspirações dos brasileiros, desiludidos desde muito das côrtes. Diz Varnhagen "que estremeceram os ministros com a audacia das proposições proferidas por Lêdo, que nenhuma leitura prévia havia feito da mencionada representação; porém, reconhecendo o estado de effervescencia popular e a impossibilidade de se oppôr no mais minimo á torrente, sem ser por ella derribados, apressaram-se a escrever na propria representação de Lêdo, assignada já por seu companheiro (Azedo Coutinho) e por Obes (Lucas José Obes, deputado da Cisplatina), que com ella se conformavam, e nesse mesmo dia foi lavrado o decreto de convocação". O deputado Obes, conforme se lê nas *Reminiscencias do Imperio*, de Silveira Brasil, conta nestes termos o occorrido: "O ministerio, com o conselheiro Andrade á frente, exasperou-se e foi preciso muita astucia e até energia e oportuna ameaça de revolução no sul para conseguirmos vencer a má vontade dessa gente. O principe estava na supposição de que tinhamos entendimentos com Buenos Aires e que esta nos forneceria homens, dinheiro e armamentos para a proclamação de uma republica das provincias do sul. Eis por que conseguimos o decreto da assembléa constituinte, immediatamente, no proprio dia da petição. Este decreto é a nossa independencia, ou melhor, separação. Ainda hontem eramos escravos. Hoje somos livres". Redigidas com promptidão as bases do

manifesto, tarefa que se confiou a Lêdo, entenderam os patriotas, ao contrario do que assevera Varnhagen, dar ao governo conhecimento da iniciativa, que, com ser arrojada, era profundamente patriótica e envolvia a declaração de independencia. Ora, é conhecida a resposta sibyllina de José Bonifacio: "Façam o que quizerem, na intelligencia de que, nem convem apressar, nem impedir a convocação da assembléa geral". Não se contentou o ministro da Regencia com a recusa do apoio ao decreto de 3 de junho. Foi mais longe. Abertamente declarou, como consigna o Marquês de Sapucahy no artigo do *Correio Official*, de 28 de dezembro de 1833, que haveria de "enforçar todos os constitucionaes na Praça da Constituição". Incontestavelmente, deste acto e da sua demissão no dia 28 de outubro se originaram as violentas perseguições e as impertinentes represalias de José Bonifacio a seus antagonistas, que aliás delle não deviam esperar tolerancia.

### O manifesto de 1 de Agosto de 1823

Vencida afinal a resistencia de D. Pedro, de que era prova o decreto de convocação da assembléa geral, ficou resolvido, no intuito de esclarecer a opinião publica, dirigisse o Principe um manifesto ao povo brasileiro e outro ás nações amigas, expondo os acontecimentos que agitavam o Brasil. O primeiro, datado de 1 de Agosto, é de Lêdo, enquanto da redacção do de 6 se incumbiu o proprio José Bonifacio. O manifesto ao povo brasileiro é um eloquente panegyrico da terra natal, um canto de alvorada, um hymno ardente em que todas as vozes do Brasil reboam como um côro de trombetas heroicas e victoriosas, e provocou o mais forte entusiasmo. O encarregado dos negocios da Austria, Marschal, mandava dizer em officio de 10 de Agosto que esse papel formava o complemento de quanto apparecera desde janeiro e definia muito claramente, sem reticencias, a postura da regencia, e que o público acolhera favoravelmente as razões expostas, calando-se a facção portuguesa por perceber que o governo nacional robustecera com suas francas declarações. Ao mesmo tempo era, esse documento energico de alto patriotismo, um vasto programma capaz de dirigir e illuminar o país no momento critico de sua evolução, pois que traçava reformas liberaes, taes como a autonomia das provincias, a reforma das leis penaes e do codigo militar, em sentido mais humano e com distribuição gratuita da justiça, a disseminação do ensino, a instituição de um systema de impostos que consultava os interesses da lavoura, da industria e do commercio, a assistencia ao trabalho intellectual, realisando assim a condensação das theorias ou idéas politicas do seu autor. Ahí, o pensamento dominante do audaz e brilhante contendor dos Andradas é a separação completa, e o Principe intitula-se então o defensor da independencia das provincias brasileiras, pretendendo-se "que o Brasil e Portugal formassem dois Estados differentes, fossem governaños á parte, tendo cada um no seu seio a séde da administração suprema e a sua capital". Lêdo, qual um girondino, começou a proclamação com um conceito bebido num dos impressos famosos da Revolução Franceza e adaptado ás circunstancias para produzir o maior effeito. "Está acabado o tempo de enganar os homens. Os governos que ainda querem fundar o seu poder sobre a pretendida ignorancia dos povos, ou sobre antigos erros e abusos, têm de vêr o colosso da sua grandeza tombar da fragil base, sobre que se erguera outr'ora. Foi, por assim o não pensarem, que as côrtes de Lisboa forçaram as provincias do Sul do Brasil a sacudir o jugo, que lhes preparavam, foi por assim pensar, que eu agora já vejo reunido todo o Brasil em torno de mim; requerendo-me a defesa de seuss direitos, e a mantença da sua liberdade e independencia". Depois de, em larga digressão, historiar os eventos principaes da luta e apontar as causas determinantes do procedimento do Principe, defendendo o Brasil contra as humilhações, os vexames e as providencias iniquas das côrtes portuguesas, concita os brasileiros a formarem a nação, unida e indissolvel. "Não se esqueça entre vós, lê-se, outro grito que não seja *União*. Do Amazonas ao Prata não retumbe outro êcho, que não seja *Independencia*. Formem todas as nossas provincias o feixe mysterioso, que nenhuma força pôde quebrar. Desappareçam de uma vez antigas preocupações, substituindo o amor do bem geral o de qualquer providencia ou de qualquer cidade". Lêdo, como vêdes, pela bocca do Regente, ao contrario do que affirmam panegyristas e acerrimos defensores de José Bonifacio, associava a idéa da independencia ao principio da unidade nacional, despedaçada pela revolução de 1821 e pelos decretos subversivos das côrtes lisboêtas, que suppunham orgulhosamente poder recolonisar o Brasil e restaurar o odioso governo proconsular, cerrando-lhe os portos, decentralizando-lhe as provincias, extinguindo-lhe os tribunaes e supprimindo-lhe os órgãos administrativos. Quanto ao manifesto

às nações estrangeiras, convidando-as à entrarem em relações diplomáticas com o Brasil, redigido por José Bonifácio, escreve o autor da *História da Independência*, Varnhagen, que "era tudo, menos um documento diplomatico", porque "peccava por extenso, para ser dirigido aos governos estrangeiros, e por falta de moderação e conveniencia e demasiado phraseado, abusando-se dos epithetos insultuosos de "hypocritas, facciosos, machiavelicos" e foi muito censurado". Nesse documento, José Bonifácio, fiel a seus sentimentos monarchicos e unionistas, fez o Principe dizer: "Protesto, perante Deus e á face de todas as nações amigas e alliadas, que não desejo cortar os laços de união e fraternidade que devem fazer de toda a nação portugueza um só todo politico, bem organizado". Assim, pois, condemnando a estranha sujeição em phrases mais cortezãs que philosophicas, queria elle uma independencia, não de caracter democratico, mas, em desacordo com Léo e os que pugnavam tenazmente as suas idéas, subordinada aos principios de uma monarchia reaccionaria.

### Incarnação de Guatimozin

No intuito de prender cada vez mais D. Pedro á causa brasileira, Léo promoveu a sua entrada para a maçonaria, e, sendo proposto o seu nome na sessão de 2 de Agosto, nessa mesma noite é iniciado no primeiro grão, na forma prescripta pela lithurgia da Ordem, e presta juramento sob o disfarce de Guatimozin. Isto feito, approva a viagem do Principe á provincia de S. Paulo "para accommodar as dissensões internas que a agitavam e derramar sobre aquelles povos o balsamo da consolação e da tranquillidade", como consta da acta de 13 de agosto do Conselho do Estado, redigida e assignada por Léo, seu secretario. Logo que voltara ao Rio, elege-o grão-mestre, destituindo-se, portanto, José Bonifácio daquellas funções e empossando-o no cargo em sessão de 4 de Outubro com as solemnidades de estylo. Consta das actas do Grande Oriente que, na sessão de 9 de Setembro, o grande primeiro vigilante Joaquim Gonçalves Léo, que a presidira no impedimento do grão-mestre José Bonifácio, "dirigira do solio um energico e fundado d'scurso, demonstrando com as mais solidas razões que as actuaes politicas circumstancias de nossa patria, o rico, fertil e poderoso Brasil, demandavam e exigiam imperiosamente que a sua cathogoria fosse inabalavelmente firmada com a proclamação da nossa independencia e da realza constitucional na pessoa do augusto principe, perpetuo defensor do Brasil. Na Assembléa seguinte, que é de 12, a proposição de Léo é approvada definitivamente, e bem assim a proposta de serem enviados ás provincias "emissarios encarregados de propagar a opinião abraçada, e dispôr os animos dos povos á esta grande e gloriosa obra. Por fim, na reunião de 4 de outubro, em que D. Pedro tomou posse do cargo de grão-mestre, Joaquim Gonçalves Léo, "aproveitando o entusiasmo geral da assembléa, fez sentir, em um energico discurso, as boas disposições em que se achava o povo brasileiro, manifestadas por seus actos de adhesão á augusta pessoa do seu defensor perpetuo e que, sendo o Grande Oriente a primeira corporação que tomou a iniciativa da independencia do Brasil, dando todas as providencias ao seu alcance por meio de seus membros para ser levada a effeito em todas as provincias, cumpria que tambem a tomasse na aclamação do seu monarcha, acclamando-o rei e seu defensor perpetuo, e firmando a realza na sua augusta dynastia." Discussão da proposta de Léo, foi a mesma approvada, com o substitutivo do brigadeiro Alves Branco no sentido de ser acclamado imperador do Brasil, e não rei, tendo, em seguida, resolvido que a cerimonia da aclamação civil se realizasse no dia 12 do mesmo mez. Ainda coube ao Grande Oriente a providencia de inserir-se na acta da proclamação da Independencia e do Imperio, lavrada no Senado da Camara, a clausula de submeter-se D. Pedro, mediante juramento, á constituição que formulasse a assembléa constituinte. O proprio grito na collina do Ypiranga, completado com o gesto romanescos da espada nua, refulgindo ao sol, á frente dos couraceiros, dos gentis homens da sua camara e da guarda de honra, brado que parece expontaneo, oriundo do temperamento impulsivo e theatral do principe rebellado contra o desplante das côrtes, alentára-o implicitamente a influencia preponderante de Léo sobre o espirito do moço regente. Afinal, o padrão de nossa independencia, a que a actuação indomavel e febril de Léo emprestára o caracter de um movimento revolucionario, promovido com finalidade irresistivel, estava formado com o acto da convocação da assembléa constituinte, pelo qual sempre se batera o redactor do *Reverbero*, contra os propositos reaccionarios de José Bonifácio, que fez o seu irreconciliavel antagonista pagar bem caro essa nobre e felicissima conquista.

### A Bonifacia

Assim que se celebrou solemnemente a 12 de outubro a aclamação de D. Pedro I e se viram os Andradas alçados á culminancia, a obsedante preocupação de José Bonifácio, o insigne companheiro de Humboldt e sabio de fama universal, mas que era do minado pelo animo rancoroso e vingativo de Martim Francisco, creatura invejosa, intratavel e maledica, foi perseguir áquelles mesmos sem cujo concurso a emancipação se não teria realizado, valendo-se de todos os processos para domar e reprimir os impetos dos ardentos patriotas. Tratou, no mesmo dia em que foi reintegrado no cargo de ministro, de instaurar o monstruoso processo, conhecido por *Bonifacia*, que tanto amesquinha ou desdoura a sua obra de estadista, contra a "facção occulta e tenebrosa de furiosos demagogos e anarchistas" que "ousavão temerarios, com o maior machiavelismo, calumniar a indubitavel constitucionalidade do augusto imperador" dessiminando "desordens, sustos e anarchia" O seu "furioso horror" a quanto cheirasse a "principios anti-monarchicos" e a sua virulenta desestima com que via os que elle e partidarios capitulavam de "carbonarios", o transviaram lastimavelmente. Tanto fez o vencedor que, afinal, obteve do principe desasizado, antes de qualquer procedimento judicial, a prisão e o exilio de todos quantos haviam preparado o movimento da independencia. O chefe do partido liberal fluminense, que era a representação mais fascinadora dos idéas libertadores, ameaçado de encarceramento e tambem de morte, occultou-se em Nitheroy, emigrando dias depois para Buenos Aires, mas Januario da Cunha Barbosa, o general Luiz Pereira da Nobrega, que acabava de ser ministro da guerra, e José Clemente, foram proscriptos, tendo estes três embarcado no brigue francês *La Cécile*, no dia 20 de dezembro, para a França, enquanto muitos outros eram recolhidos ás fortalezas. Léo e as victimas da devassa regressaram ao país no anno seguinte, em virtude da sentença da Relação de 4 de julho e depois que José Bonifácio deixou de ser ministro, sem que tivessem podido tomar parte na assembléa constituinte. Oliveira Lima, commentando com o seu esclarecido bom senso de historiador o procedimento de José Bonifácio, cuja volubilidade politica não escapa á observação dos estudiosos imparciaes, externou conceitos que não posso deixar de aqui estampar. Lembra que a devassa foi reclamada pelo proprio Léo, embora attribulado pelas injustiças e malquerenças dos inimigos. Com effeito, na representação que dirigiu a D. Pedro, a 2 de novembro, desafia seus perseguidores, que se tornaram intoleraveis ao seu altivo temperamento, a exhibirem o "corpo de delicto sobre que assenta sua nojosa e negra inculpação a tal respeito" e é clara e terminante a expressão contra os adversarios, então no poder, pelo desrespeito ás formulas e principios constitucionaes, impedindo, com as suas arbitrariedades" que se chamassem ao gremio da união politica aquellas provincias irrequietas cuja adhesão ao novo systema não fôra ainda decidido", tendo depressa os acontecimentos de 1823 e 1824, dado razão ao leader democratico. "Léo, escreve o autor do *Movimento da Independência*, a pagina 361, achava que elle era quem tinha razão de insurgir-se contra praticas anarchistas dos detentores da autoridade, como por exemplo as "assembléas tumultuarias", segundo denominava os ajuntamentos populares promovidos contra elle e seus amigos defronte da casa onde se reunia o senado da camara. Requerendo uma acção criminal, conforme a lei, afim de ser apurada a sua conducta, mostrava elle impavidez physica e moral não se deixando acobardar pela attitude de manifesta parcialidade adoptada por D. Pedro para com o seu ministro. O bom senso aliás indicava que os mesmos que a 12 de outubro tanto se tinham assignalado na aclamação imperial, não se haviam de pôr dezoito dias depois a conspirar para destruir a sua obra. Sua questão era não com o imperio: na sua representação a D. Pedro, Léo até aventa que "os povos queiram ser bem governados e não se importan com fórmas de governo". Armitage, em quem apoia o autor citado, pronuncia-se deste modo sobre o assumpto: "Como convinha illudir o povo com as apparencias das formalidades da lei, mandou-se proceder a uma devassa, não para conhecer se o crime existia, que este se deu por existente, nem para cobrir os conspiradores, que estes se deram por convencidos, nem finalmente para os punir, porque a pena lhes foi imposta e executada antes da culpa pronunciada, mas sómente para enganar, ou antes para tapar a bocca áquelles que falavam nas formalidades legais". Varnhagen escreveu que José Bonifácio iniciara, logo no primeiro mez do Imperio, um systema draconiano que não existira antes, durante os treze annos de regime absoluto. Afinal, com a visão definida e intransigente de um futuro democratico para a patria, Léo e seus partidarios combatiam o despotismo dos Andradas, por intolerante naquolle momento de emergencia, em que se procurava consolidar o imperio nascente e dar-lhe leis liberaes.

### Sob a mascara de Machiavel

A Inclýta e temerária geração de 22 havia-se desilludido da metropole e do velho regime. D. João VI no Brasil fôra o mesmo rei que se mostrou em Portugal. A Córte aqui pouco modificára no seu espirito. A monarchia, portanto, não se podia affeiçoar aos interesses e ás exigencias da sociedade americana: era preciso que se adoptasse um regime tambem novo, ou adequado, sob pena de se burlarem todas as aspirações dos brasileiros. Fazendo a separação, conservando no Estado nascente os moldes antigos da monarchia tradicional, que impediu por largo tempo o surto do Brasil, não seria fazer independencia. Foi o que queriam Lédo e seus companheiros, e foi o que José Bonifacio impediu que se realizasse. E é bastante conhecido-se o projecto de uma lei organica do Estado, que se attribue ao illustre paulista, para que se conheçam as suas idéas em relação ao problema da independencia. Não podia concordar com o pensamento que se tornou centro de acção para todos os brasileiros, quem no seu esboço de constituição, arremedo da republica de França, imaginou modelos para a indumentaria nacional e estatuiu a compasso e a regra, as condições da existencia collectiva. Os poderes politicos da nação, per exemplo, eram confiados á assembléa geral dos deputados, ao senado, ao syndicato e ao archontado, composto este do archonte rei, vitalicio, e de tres consules, e a sociedade era dividida em tribus com seus nomes e insignias. Quem de-sejar aprofundar ainda a psychologia de José Bonifacio, que, embora glorificado, não pôde fugir aos rigores dos processos da critica historica, que verifique como procedeu elle durante os mezes em que esteve á frente dos negocios do Imperio. De conluio com o Imperador esturdiu, revelou-se o mais completo dos despotas, e seu labor politico representa uma série completa de ferocissimas represalias e cruentas iniquidades, revestidas na apparencia de zelo patriótico. Decretou medidas odiosas. Aboliu a liberdade de imprensa, supprimindo jornaes e prendendo jornalistas. Atirou o *Apostolado*, que começou a funcionar no dia 2 de junho, contra o Grande Oriente, onde Lédo dominava, creou o *consistorio de caceteiros*, formado de sicarios, para abater os inimigos e, aproveitando da liberdade de imprensa, restaurada pelo governo de Corrêa de Campos, fez posteriormente do *Tamoyo* órgão de mais alarmante radicalismo. O proprio D. Pedro, assignalemos de caminho, mostrou-se do mesmo modo de uma intolerancia absurda contra os brasileiros e tudo quanto dizia respeito ao Brasil. Depois da coroação, passou a humilhar, offender e ultrajar figuras das mais brilhantes do nosso mundo politico, e elevou o *Chalça* a cathogoria de favorito. Vejam-se os ministros que demittiu ainda a bordo, ao voltar da farça do sul, só porque haviam desagradado a Domitila, e o intrepido Barbacena, despedido como um lacaio, e infamado. De resto, tambem não foi sincero nem coherente José Bonifacio. No dia em que não poude ser mais o arbitro da situação, abandonou o Imperador e tratou de hostilizá-lo. Apeado do poder, olvidou os velhos principios em nome dos quaes havia governado. Appellou justamente para os recursos condemnados na vespera. Antes, enquanto procurava perseguir e afastar os adversarios da scena tumultuosa, queria concentrar todos os poderes no Imperador, porque sabia que o imperante de facto era elle. Depois, quando se incompatibilisou com o soberano, mudou de tactica: entendeu que devia cercear a autoridade imperial, sob pretexto de abuso de poder. Por ultimo, ao voiver á patria depois do exílio, levantou a bandeira da restauração do primeiro Imperador, transmudando-se em *caramuru* vermelho, certo de que com D. Pedro outra vez se rehabilitaria para os seus planos. Todos estes factos, conquanto pareçam quasi profanação, indicam como José Bonifacio prezava os trabalhos, os sacrificios e os sentimentos dos verdadeiros creadores da independencia, heróes que não têm estatuas, nem capitólios. Aliás, não tenho a simpleza de considerar o ministro de Pedro I differente de quantos a natureza ou o acaso promoveu a dominadores de povos ou constructores de patrias, como tambem não ignoro quão difficil era a tarefa de consolidar o throno da monarchia constitucional, fundado após um duélo tremendo entre a colonia e a metropole, em meio das apaixonadas discordias dos partidos, da licença furiosa dos pamphletarios e dos desacertos da opinião publica: toda transição é um risco. O sabio, que ostentava na frente orgulhosa os signaes da pureza e da magnanimidade surgiu transfigurado no despota truculento, invocando as mesmas razões com que D. João I, o *principe perfeito*, justificou o assassinio do duque de Vizeu e a decapitação do duque de Bragança e armaram o braço robusto de Pombal contra os Tavoras, uns e outros abtidos em nome da necessidade imperiosa de fortalecer o principio da autoridade e sustentar o absolutismo da realza. Sem a tyrannia de Carlos I, a intolerancia sanguinaria dos puritanos, a crueldade aterrorisadora de Crommwell e a dureza de James II, o

Imperio britannico não se teria firmado tão solidamente. Do mesmo modo procederam Luis XI, alma feita de astucia, cynismo e audacia, para a unificação da França, e o grande Frederico, que precisou de ser inflexivel para rematar a conquista realisada pela Prussia. O duque d'Alba, Richelieu, Mazzarino, Metternich e tantos outros conselheiros de tyrannos pertenciam á mesma familia moral de que é progenitor *Il Principe*. Sob o pretexto de que lhe cumpria defender o Imperio nascente e vacillante contra os germens da anarchia e os symptomas de separação provincial, não fez José Bonifacio senão applicar os principios e os processos da doutrina de Machiavel, mas, com esta differença, que ferindo principalmente os seus emulos, consocios e contendores, caídos em desgraça pelo unico crime de dissentirem de suas opiniões e projectos, infestos á liberdade e á democracia, excutava os preceitos do sagaz florentino em proveito da oligarchia da familia Andrada. Então, estimulado por Martim Francisco, politico intolerante, ambicioso e obstinado, foi elle inexoravel, severo sem medida, violento sem necessidade, rancoroso sem excusa, e encarnou todos os vicios da monarchia descriptoria, que elle proprio auxiliára a combater com o vigor dos seus talentos. Não esperarei tambem que me advirtam que, ainda assim, contribuiu efficazmente para consummar a independencia brasileira; mas a verdade é que a devoção pela causa nacional disfarçava tambem sob a armadura do dictador a lastimosa represalia de um colerico despeito. Ahi está como José Bonifacio se me afigura um singular paradoxo na fundação do imperio e como não descubro justificativa para os actos de torva compressão exercidos contra nobres, leaes e illustres adversarios, que se mostraram ao mesmo tempo patriotas, sinceros e esclarecidos. A historia que inscreva no logar proprio o grande estadista, com as suas virtudes, e com os seus erros.

### Reconciliados na gloria

Ultrapassei, senhores, a medida do discurso, mas não exauri a fonte de documentação e os commentarios na ingrata tarefa de protestar contra a mutilação da nossa historia. Se assim o querem, deixemos ao insigne José Bonifacio o pomposo titulo de *Patriarcha da Independencia do Brasil*, que não avulta nem empallidece a aureola do opulentador da nacionalidade, mas reconhecamos o direito que tem tanto os Andradas, como Lédo, Januario, Frei Sampaio, e outros muitos, á plena glorificação dos brasileiros. Todavia, continuarei affirmando, apesar das hostilidades que me defrontam, que não concretisa ou resume em si o eminente paulista, varão a quem a natureza concedeu multiplos e peregrinos predicados que o tornaram um dos nossos superhomens, os ingentes esforços de quantos lutaram pelo regime constitucional, a ponto de absorver a fama dos lidadores cuja fronte engrinaldo com modesta corôa de loiros. O mais que concedo, alheio ao movimento das paixões e dos interesses, é concordar que pertencem todos ao mesmo facto historico e representam juntos a fundação do imperio. Hoje, não mais se compõe historia para lisonjear monarchas ou potentados sem corôa, embora nos chamem, a nós, historiographos ou simples chronistas, de demolidores do nosso passado, e José Bonifacio, repito por mais respeitavel que seja a sua figura, não pôde eximir-se á analyse da critica. Dest'arté, com a legitima consciencia de brasileiro, como os que mais o forem, e sciencia clara dos acontecimentos e das tempestuosas turbações daquelle periodo, direi mais, que se não fosse S. Paulo, se não fosse José Bonifacio e se não fosse D. Pedro, principe ambicioso, trefegoso disparatado, o Brasil em 1821, com a retirada de D. João VI para a córte, ter-se-ia feito independente, mas com a republica, que era o idéal dominante. E' possivel que, naquelle momento, não se tornasse tão facil a emancipação com a republica como foi com o imperio: mas teriamos, nós, brasileiros, com certeza, constituído uma nação heroica, altiva e progressista. Teriamos soffrido, como todos os povos que se levantam de longo captiveiro para a liberdade redemptora, mas seriamos agora, sem aquelles setenta annos improductivos do Segundo Imperio, a primeira potencia do continente. E, na verdade, o que pretendiam Joaquim Gonçalves Lédo e os proceres da independencia, era um Brasil forte, integro, e indivisivel, uma nacionalidade ufana do seu passado e rica de heroismo, uma grei tocada de graça e fascinante de belleza. Afinal, louvemos, neste instante de jubilo universal, a fé immorredoura, o sacrificio sublime e o esplendido entusiasmo de todos, grandes e menores, que concorreram para crear a idéa da patria soberana, acima das rivalidades e das controversias, e reconhecemos, cobrindo-os com o manto diaphano da gloria, os dois grandes paladinos da independencia nacional e da civilização brasileira, redimidos de quaesquer erros e irmanados no mesmo apostolado.

Rio, 10 de Setembro de 1922.

Elycio de Carvalho.



# BASES DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA

## 1º — Definição de termos

A sociologia moderna tem uma função mais variada e difícil do que a antiga philosophia da historia. Agora não basta a conexão de alguns phenomenos para tirar conclusões aproveitáveis. E' preciso reunir phenomenos de ordem diversa para obter uma coordenação intelligente. O Brasil, para não perder a influencia litteraria e philosophica que manteve na America Latina até os meados do seculo passado, carece de uma reacção para não abandonar a sua antiga função de *leader*. Para isso necessitamos de augmentar a actividade dos pensadores e não restringir a producção intellectual a trabalhos de ficção ou de technica profissional.

Nestes ultimos annos ha um movimento patriótico de reacção salutar. A' nova geração repugna a sociologia de vulgarização com que muitos escriptores nossos andaram deprimindo a nossa raça e a nossa nacionalidade.

E' preciso accentuar que o Brasil é um paiz de homens brancos, porque é o espirito dos brancos que predomina; as raças negra e india vão sendo assimiladas, fundindo-se até o desaparecimento completo na apuração dos cruzamentos progressivos. E' um phenomeno que se repete em todas as sociedades em formação. As sociedades, agorarelativamente homogeneas da Europa, da Asia e da Africa, passaram por períodos semelhantes de assimilação e adaptação. Basta estudar os craneos dos primitivos habitantes que se encontram nas escavações. Essa assimilação, geradora da uniformização dos caracteres, vai se accentuando aqui como na Argentina e no Uruguay.

Nos nossos estudos brasileiros não devemos fazer como certos sociologos de outros paizes americanos, que resolveram as difficuldades da unificação ethnica pela eliminação no papel dos pretos e indianos. Essa eliminação nada adianta, porque os pretos e os indios não desaparecem pela força de suggestão dos sociologos e jornalistas. Não devemos encobrir defeitos, se isso é acaso defeito, e sim estudal-os. Não devemos eliminar difficuldades, e sim enfrental-as. Não ha raças intrinsecamente inferiores dentro de um certo limite, e todas as raças humanas — a Historia o demonstra — podem absorver os caracteristicos e a mentalidade dos mais intelligentes e civilizados.

Vimos num relatório sensacional de um ministro dos primeiros tempos da Republica, glorioso por muitos titulos, relatório que os *nacionalistas* exaltaram, um homem de talento escrever que não poderíamos attingir ao progresso norte-americano porque isso era uma questão de raça. A nossa inferioridade ethnica, condemnava-nos a uma posição subalterna.

Contra essa impressão errada precisamos reagir. A reacção, entretanto, para ser real, é necessaria que seja geral. Assim, todas as nossas concepções sobre o assumpto devem começar da definição de noções fundamentaes de uma sociologia brasileira.

Ha regras geraes de sociologia humana. Mas ha tambem, ao par dessa sciencia geral, uma sciencia particular, que estuda a modalidade de cada nacionalidade. Assim como ha uma arte para a sciencia geral, ha uma arte para a sciencia particular.

No Brasil, vai-se tentando aos poucos estabelecer as bases da nossa sciencia geral. A orientação é ainda oscillante, mas já temos trabalhos interessantes e subsídios de valor.

Nós sabemos com Spencer que a sociedade age, contrahe-se e se expande como um organismo; com Durkheim, como o individuo é coagido pela força social, que o proprio Spencer mostra que é mais eficiente quanto é mais voluntaria; com Tarde, que o homem é tambem movido por idéas e estas idéas se transmittem no corpo social por imitação; e com Demolins, que o caminho percorrido pela raça crêa o seu typo social.

Assim, o homem é producto da historia e da geographia, mas animal que pensa, animal que substituiu a adaptação biologica pela adaptação mental, observa, raciocina e forma concepções das cousas e do mundo. Dessas concepções tira regras de philosophia e moral.

A philosophia faz a moral. Hoje a propria philosophia estabelece o methodo para a sociologia e esta encaminha a politica.

Para nós outros, portanto, antes de qualquer estudo de sociologia brasileira, o primeiro objectivo, para evitar perturbações e mal-entendidos, é definir os termos.

Os termos a definir não serão sempre os mesmos. Para que se possa avaliar o esforço de investigação e analyse é preciso que se estabeleça antes o methodo escolhido.

O methodo é simples. Sabemos que o homem é um animal social. Nos animaes sociaes o esforço para o progressão não se faz no sentido biologico, mas sim no da civilização. A intelligencia desenvolve-se dentro da mesma forma animal, com pequenas variações. E' o que acontece ao homem.

Animal social, o homem tem differenciações sociaes, que correspondem á historia de cada grupo. Quando os Europeus se transportaram para a America, já havia uma porção de raças, sub-raças, modalidades dentro da grande especie humana.

Sabemos que, como animal social, o homem que vive em sociedade transmite os caracteres adquiridos, tanto por *dentro*, pela *transmissão biologica*, como por fóra, por *transmissão sociologica*, idéas, educação, apparelhamento technico, casas, estradas, ferramentas, capitaes.

Assim o homem só pôde ser estudado sob o duplo aspecto: biologico e sociologico. Se para a sua vida social precisa de saúde biologica, para a sua propria saúde carece de equilibrio social porque, através de adaptações e heranças seculares, se habitou a viver dentro de um *meio social e economico*.

O homem decahe e se arruina, enfraquece e morre tanto com as epidemias como com as perturbações sociaes, porque sem equilibrio economico a propria saúde physica se abala e se estraga.

Para estudar o Brasileiro é necessario, portanto, fixar todos os factores de sua formação. Esses factores são de ordem *geographica*, *biologica* e *social*. Na ordem social estão os factores dos seus antepassados e delle proprio, o apparelhamento technico e economico que usa e que recebeu em herança. Na ordem biologica, temos de consignar as diversas variedades ethnologicas que contribuíram para a formação da nacionalidade. Na ordem geographica, o meio em que vivemos e os meios em que lutaram os nossos antepassados e das raças auxiliares.

Como os povos primitivos, as nações americanas começaram a sua vida social com a collaboração de raças conquistadoras e raças auxiliares. Conquistadoras foram as raças europeas que para cá vieram, expandindo o seu poder; auxiliares as que encontraram aqui em condições inferiores de civilização e as que mandaram buscar na Africa. Vieram tambem cooperar connosco immigrantes de todas as raças e de todos os povos.

O conceito de raça pura é uma invenção aristocratica, e sempre relativa. Na Europa, as raças se substituíram no dominio, absorvendo as dominadas, que desapareceram no cruzamento. Immigrações, expedições, viagens, misturaram ainda mais os diversos sangues.

A todos os Americanos interessa a questão das raças inferiores porque a nossa fusão tem sido mais recente do que as das nossas metropoles na Europa. Os povos do Sul da Europa, em contacto com a Africa, receberam o seu influxo; mas os invasores do Norte accentuaram, por sua vez, em varias épocas, o caracter nobre.

Recebendo mais tarde os auxiliares negros e indios, o caldeamento ainda não terminou. Dos Estados Unidos á Argentina todas as nacionalidades do continente de Colombo devem a sua formação ao auxilio dos povos aborigenes e dos negros importados. De modo que dos Estados Unidos á Argentina temos caboclos, negros, mulatos, brancoides, negros com sangue branco, branco com sangue negro ou indios e brancos inteiramente brancos. Ha de tudo.

A pureza de todo Yankee branco, ou branquinho, é uma mentira convencional.

Os pioneiros atravessaram largos territórios sem mulheres brancas. Cruzaram-se, e o sangue pelle-vermelha é flagrante no typo actual. O proprio ex-Presidente Wilson, nas melhores photographias do seu tempore esplendor, apparece com um esqueleto de autochthone.

Os sociologos e anthropologos norte-americanos querem attribuir á influencia de climas a semelhança do esqueleto entre os Yankees de hoje e os pelles-vermelhas. O clima influe, mas não em tão pouco tempo e em duas ou tres gerações não se poderia dar tão profunda alteração.

A mistura nos Estados Unidos é menor do que entre os latino-americanos, mas existio e continúa a modificar os traços fundametaes dos Norte-Americanos.

Na America do Sul não houve mysterio nem dissimulação. A mestiçagem fez-se em larga escala.

O negro e o indio adaptaram-se em grande parte á civilização da metropole e, como os escravos a principio e trabalhadores livres depois, trabalharam na formação da nova nacionalidade. Nas "élites" o sangue branco permaneceu branco, sem infiltração, e nós outros podemos dizer que somos brancos como os Europeus o são porque a nossa arvore genealogica demonstra que não recebemos influencia de cruzamentos.

Essa "élite" é, sem duvida, maior no Norte, no Oéste dos Estados Unidos, do que na America Latina; mas se é talvez a maioria, não é possível, apesar disso, proclamar-se que não ha mestiços nos Estados Unidos.

O Sr. Moore, humorista norte-americano, disse que o "Yankee" é um homem que ignora a sua origem e se proclama saxonio. O Sr. Ingenieros, eminente sociologo argentino, soffre em alto gráo desse daltonismo scientifico e ethnographic. Elle acha que em via de regra o argentino é um homem branco e o brasileiro um mestiço.

E' uma illusão que os publicistas argentinos querem agora transformar em mentira convencional. Azara, Humboldt e outros viajantes e historiadores estão ahí para mostrar como a influencia das raças auxiliares se fazia sentir na Argentina no começo do seculo passado. Rosas e seus sequazes eram mulatos. Os peões da população rural são quasi todos mestiços, ainda hoje.

A immigração fundio depressa o Argentino da cidade, mas no "Bairro de los Ratos" ainda se vëem em Buenos Aires muitos mestiços e pretos. (Jule Huret).

No Brasil os negros estão se concentrando nas cidades do litoral e, como a immigração européa é menor e a população é maior, os effeitos da fusão serão mais demorados.

Mas as condições ethnicas são equivalentes em toda a America.

Na propria Europa houve tempo em que só a "élite" foi branca. Qualquer escavação no Sul de Portugal, da Hespanha, da Italla e da França mediterranea, encontram-se em terrenos correspondentes a épocas primitivos, craneos de pretos.

Além desse sedimento negro pre-historico, nas épocas historicas, toda a Europa mediterranea soffreu a mistura dos escravos negros e depois de dominio ou commercio com os Arabes.

Os brancos do Norte receberam a influencia dos tartaros e mongões.

A propria Europa não pôde considerar-se isenta de velhos cruzamentos. Na Roma poderosa havia auxiliares de todas as raças e de todas as côres.

Assim, não será por termos recebido o auxilio de raças de outras côres que fiquemos condemnados a qualquer decadencia. Ha traços relativamente recentes de Arabes na Europa do Sul e dos tartaros na Europa do Norte.

O espirito dos povos americanos é branco. Mas é preciso accentuar que não ha raças inferiores, porque grandes civilizações se fizeram com homens de côr.

Eram morenos e mestiços os povos da Asia Menor e da Africa, que fundaram a civilização, que depois floresceu no Mediterraneo.

A China, a Assyria, Babilonia, as Indias, não eram povos brancos. O Egypto não era povoado de homens altos, claros e louros.

Entretanto, o esforgo que esses povos desenvolveram para a cooperação do trabalho humano foi muito maior, em proporção á

selvageria de que sahiram, do que o que hoje, na época contemporanea, empregaram saxonios, latinos e germanos para aperfeiçoar a cultura herdada.

Assim, convém frizar que os descendentes de raças hoje relativamente decadentes, mas que fundaram a civilização humana, ou de raças equivalentes, não podem ser a causa do pretendido entorpecimento de nações recentemente mestiças.

Todas as nações se cruzaram e foram mestiças na sua origem.

As raças chamadas inferiores, que collaboraram na civilização americana, deram, naturalmente, característicos á nossa vida politica e social. A proporção de mestiços ainda impede em toda a America Latina a pratica da democracia representativa, que no nosso continente só é praticada nos Estados Unidos e no Canadá.

Mas essas raças foram necessarias para fundar a riqueza no periodo da formação da nacionalidade e vão, educados, deixando de ser um elemento de desorganização e anarchia, como foram na America Hespanhola, livrando-se o Brasil do caudilhismo pela rigidez do edificio social baseado na escravidão.

As raças auxiliares tendem a desaparecer como elemento ethnico e como elemento intellectual. A assimilação pelo cruzamento e pela escola vai se fazendo em larga escala.

O que caracteriza a raça como consciencia, como nacionalidade, como ideal, como força social, não é o fundamento ethnico anthropologico: é a lingua de um grupo isolado. O homem vale pelo que pensa, e elle pensa na lingua do seu grupo. Por isso o ramo ethnico que impõe o seu idioma domina sobre os demais e os assimila.

O que faz o typo politico e social da raça é a sua lingua no seu habitat, é o pensamento no meio geographico, a lingua que mantêu as tradições do ramo ethnico, que conserva o espirito e o desenvolve sem o desnaturar. Quem perde a lingua dos antepassados pôde ainda guardar alguns característicos do temperamento do seu fundo ethnico mas esquece o espirito da raça. A lingua só quando muda de habitat muda de nacionalidade. O norte-americano não é inglez, o argentino não é hespanhol, o brasileiro não é portuguez, mas os rumalcos, servios e bulgaros continuam rumalcos, servios e bulgaros, através de seculos de dominio, de oppressão, de dispersão e de trucidamentos.

Entretanto, descendentes de slavos e tartaros da Prussia de hoje proclamam com orgulho o seu pan-germanismo e os descendentes de muitos mulatos da Europa do Sul se consideram puros latinos e desprezam os mestiços da America.

No Brasil, é de estylo fazer piada com os mulatos que se intitulam latinos e defendem a raça latina. Os mulatos têm razão. Os negros, caboclos e latinos das Americas Portugueza e Hespanhola são latinos porque assimilaram o espirito latino.

Desde os tempos mais remotos os povos reconheceram ou sentiram essa verdade e, quando queriam dominar, tratavam de impôr a sua lingua. E' pela escola que essa luta se caracteriza hoje no mundo inteiro.

Victor Viana.



# A MUSICA NO BRASIL, NO SECULO XIX

## I

### O PADRE JOSÉ MAURICIO E O SEU TEMPO

*A vinda de D. João VI para o Brasil. — O despertar de uma civilização. — As artes. — A musica. — José Mauricio e sua obra. — Marcos Portugal — Francisco Manuel — D. Pedro I.*

Teve razão Euclýdes da Cunha, quando escreveu que "D. João VI um medlocre, foi um predestinado" De facto, o príncipe infeliz e tímido, em cujo espírito o destino glória, desde o berço, as mais estranhas linhas vivia cumprindo sina infeliz, que sua fraqueza mental mais agravava e de que se desforrava chorando, num pranto constante e magoado. Para tornar mais dolorosa e cruel a sua existencia, a historia o deixou em evidencia sem igual, governando um reino, na febril agitação com que Napoleão tulmutuára a Europa. Fugindo da Patria, madrugada afóra, quando o ar já fremia pelo toque das cornetas dos soldados de Junot, uma sorte mais favoravel aguardaria pela primeira vez o inditoso príncipe. Para res taurar-lhe o nome, que a fuga humilhára, o filho de D. Maria, bonachão e triste, encontraria na colonia americana o ensejo de iniciar uma civilização, preparando a nacionalidade para receber a independencia, cujo anseio já lhe arfava no peito joven. Desde a Carta Régia de 28 de Janeiro de 1808, seis dias depois da chegada á Bahia, e por inspiração de José da Silva Lisboa, o grande Visconde Cayrú, abrindo os portos do Brasil, que D. João VI se revelou um benemerito para o nosso paiz. Suas cilações visavam todos os ramos da actividade nacional, estabelecendo os primeiros cursos, fundando o Banco do Brasil, a Escola de Bellas-Artes, a Imprensa Nacional, a Bibliotheca, o Jardim Botânico, até elevar, pelo acto de 16 de Dezembro de 1815, o Brasil á Categoria de Reino, unido a Portugal e Algarves. O politico não descurou o cultivo de espirito do povo brasileiro e, não só estabeleceu as primeiras escolas superiores, bem como estimulou o desenvolvimento das artes. Por influencia de Antonio Araújo de Azevedo, Conde da Barca, D. João VI, cujos actos tinham sempre paternidade, fundou a Escola de Bellas-Artes, em 1815, mandando o Marquez de Marialva contratar uma missão artistica para organiza-la e de que faziam parte Joaquim Lebreton, do Instituto de França, chefe da missão; João Baptista Debret, pintor; Nicoláu Antonio Taunay, paisagista; Augusto Taunay, escultor; Augusto Henrique Victorio Grandjean de Montigny, architecto; Simão Pradier, gravador e abridor; Francisco Ovide, professor de mecanica; Carlos Henrique Levasseur, Luiz Maunié, Francisco Donrepos e Pedro Dillon, chegados em 1816, tendo vindo depois os Irmãos Ferrez (Marcos e Zephyrino).

Se os frutos não corresponderam á expectativa, é inegavel que foi benefico esse surto e os homens de pról da cõrte começaram a se interessar pela cultura da terra nova, cujo fulgor os impressionava e exaltava, quando não os perfilhava. Dahl o desenvolvimento das artes, que tanto devem ao esforço particular, favorecendo-as e incentivando seu estudo. A musica, se não teve as mesmas mercês que as artes plasticas, não foi contudo esquecida, tanto mais quanto D. João VI lhe tinha especial predileção, fosse suggestiva apenas, ou porque lhe tocasse o coração infeliz. No período colonial quasi nada ha digno de referencia. Os cultores de musica anteriores ao período de D. João VI, ou fizeram musica sacra, como Padre Manoel da Silva Rosa, que escreveu a *Paixão de Christo*, Fr. Manoel de Santa Catharina, Fr. Antonio de Santo Elias, Fr. Francisco de Santa Eulalia e outros mais, ou musica de canto no genero popular, taes como o grande Gregorio de Mattos, a quem attribuem sem fundamento a autoria do lundú; Domingos Caldas Barbosa, João Leal, padre Telles, Januarlo Asvelos, todos compositores de modlnhas e lundús. (1) Assim, a não ser a musica popular, só se conhece a religiosa, trazida pelos portuguezes, especialmente pelos jesuitas, que a difundiam nas festas da Igreja, sobretudo entre os indigenas, não ignorando o seu prestigio sobre o espírito rude do gentio. Assim abriram varias escolas, onde os indios aprendiam canto, bem como cravo, viola e orgão, para as rezas e benditos. Nas casas solarengas, tocavam o cravo e cantavam nas grandes festas. Tudo isso, porém, ficou nas chronicas e em nada influu. Com a vinda de D. João VI é que se abriu o primelro período

do da musica brasileira, posto o nosso grande musico, o Padre José Mauricio Nunes Garcia (1767-1830), que é uma gloria refulgente, já estivesse na terra e fosse essencialmente brasileiro. Mestiço, nascido no Rio de Janeiro, de onde nunca sahiu, estudou no Conservatorio de Santa Cruz, fundado pelos Jesuitas para ensinar musica aos negros. Foi mesmo um motivo de espanto para D. João VI e sua cõrte, quando assistiram a primeira missa na igreja de Santo Ignacio de Loyola, ouvirem-na cantada por um corpo vocal e instrumental de primeira ordem, estusiasmando o príncipe, a ponto de mandar organizar depois essa escola, com os melhores resultados. Mas o espanto não devia parar ahí. Chegaria ao auge quando, em 1810, ouvissem as composições de José Mauricio. E foi tão perturbadora a emoção, que D. João VI tirando do peito do Marquez de Villa Nova da Rainha o habito de Christo, o pregou na batina desse padre humilde e confuso. Quando veiu do Reino, Marcos Portugal, compositor de fama na Europa, cujas operas foram levadas até na Russia, com o maior successo, apressou-se a princessa D. Carlota em approximar os dous maestros. Portugal exaltou o talento de José Mauricio, mas, no fundo do seu coração, a inveja abriu tenda e o levou a cercar o nosso grande musico numa atmosfera pesada de intrigas e malquerenças, com a qual vingava a sua manifesta inferioridade.

A arte de José Mauricio (falamos da religiosa, por desconhecemos a profana) é unglida de uma emoção profunda e arrebatadora, feita com uma grande frescura e intensa exaltação mystica, qualidades que o collocam entre os maiores compositores sacros. Sua musica é extatica, não pelo jogo forçado de recursos liricos, mas pela inspiração ardente e fervorosa, que se elevava e transfigurava, no canto revelador. Dahl a grandeza e sinceridade. Para elle, a musica era uma voz de liberdade que lhe comunicava o espirito com Deus, numa fusão mysteriosa e indefinível. Não era um exaltado, que pretendesse criar um ambiente religioso pela decoração pomposa e suggestiva, como em geral acontece com os oradores sacros, que multiplicam as imagens, forçam as comparações, agitam os motivos de eloquencia, de sorte que a apparencia possa suprir o que faltar na Intensidade Interior. Ao revés desse processo, José Mauricio era um artista Interior cuja fé sobrenatural traduzia na musica, com uma larga sensibilidade, que se infiltra no coração e deixa a Intelligencia advinhar o mysterio perturbador. A obra que nos legou e que, para mal de nós, em grande parte se perdeu, nos enche de creança no espirito brasileiro, cuja genialidade atesta num clarão fulgente.

Nasceu José Mauricio Nunes Garcia, no Rio de Janeiro, em 1767, tendo estudado musica no Conservatorio de Santa Cruz, com muito amor, quando lhe permittiam os lazeres de sua aprimorada formação religiosa. Tocava cravo e viola. Bem cedo adquiriu renome de professor exímio e em 1798 foi nomeado mestre de Capella da Cathedral. D. João VI ouviu-o com algria e naquela noite memoravel, em que o fez cavalleiro de Christo, sentiu perturbado o bater das azas da gloria. A despeito da campanha insidiosa de Marcos Portugal, o príncipe se tornou seu amigo e muito o protegeu, nomeando-o compositor da Capella Real do Rio e, quando teve de voltar para Lisboa, convidou-o a acompanhá-lo, ao que se recusou José Mauricio. Morreu em 1830, cantando um hymno a Nossa Senhora, e nesse fim symbolico, todo espirito do grande musico avulta, numa exaltação perpetua para o céo, nos seus cantos maravilhosos de fé e devoção. Deixou perto de 200 composições, dentre as quaes sobresaem as seguintes: *Missa de Requiem*, *Missa em si bemol*, *Symphonia Funebre*, *Te-Deum* e *Matinas Grande Missa e Credo do Degolamento de São João Baptista* e uma opera *Le Due Gamelle*, escripta a pedido de D. João VI e cuja partitura também se perdeu. Algumas de suas composições foram restauradas por Alberto Nepomuceno, quando Director do Instituto Nacional de Musica.

O Padre José Mauricio não é só uma fulgurante figura de musico, mas uma affirmação poderosa do espirito brasileiro. Este mestiço nascido no século XVIII, no Rio de Janeiro, de onde nunca sahiu, ter realizado obra tão forte, elevando-se, no genero, á altura dos mais altos mestres, é caso singular, que os esthetas, os psychologos e os pensadores do Brasil têm o dever de estudar com mais attenção e carinho. Não era um barbaro de inspiração frenemente e desordenada, como uma flor sylvestre e exuberante da terra nova e inculta, mas um civilizado, de linhas sobrias e medidas, com um perfeito conhecimento de technica musical, de composição e orquestração. O seu *Requiem* é uma pagina immortal, tal a grandeza

(1) Vide M. Moreira da Silva: A Musica no Brasil — A *Illustração Brasileira* de 7 de Setembro de 1922.

interior, a força e profundidade de expressão, o sentimento vivo e indizível, que se eleva nas vozes lançadas ao céu pela criatura suplicante e fervorosa, na angústia — na miséria, no testemunho de sua fraqueza, que a morte repete minuto a minuto. No desenvolvimento melódico ha esse tragico tumulto, que nos agita o coração, mas logo o alento da fé o acalma e uma confiança serena e bendita nos aquietta, pela esperança reveladora e divina. José Mauricio, que o compoz quando em sua alma de filho a lembrança materna era uma evocação dolorosa, sentiu toda a pequenez humana, que appella o Criador, na ansia de volver a Elle, onde o "ineffável se realiza" Sigismundo Neukomm, primeiro discípulo de Haydn e que viera ao Brasil com a missão Lebreton, "não duvidou em collocar ao lado do divino Mozart" esse "Requiem" segundo o depoimento do Visconde Taunay, que estudou com tanto devotamento a obra extraordinaria do nosso musico genial. Assim, descreve o escriptor patricio essa pagina monumental: "As primeiras partes do "Requiem" de José Mauricio são de incedível belleza. O "Kirie" todo em fuga corre parêllas com o de Mozart. Soberbo é o "Gradual" para côro e sólos de soprano e baixo. Ahi começava o celebre João dos Reis a encher com a sua possantissima voz o templo todo e no "Dies iræ" achava accentos de aterrar os ouvintes. Diz a tradição, que aquelle mulatão fazia, como Lablache, estourar vidros nos caixilhos das janelas. Em contraposição, quanto é suave e humilde o "Ingemisco" para soprano! Logo após "Inter ones" para côro, "Offertorio", sólo de baixo apoiado em côros, os curtissimos "Sanctus" e "Benedictus". Ahi entra o dulcissimo "Agnus Dei" de tão consolador e meigo enlevo, um queixume de melancolica ovelha e afinal o "Cummunis", breves compassos" (1)

José Mauricio era um filho exilado da musica classica allemã e sua ascendencia está no formidavel Bach, em Mozart, em Haydn e no grande Beethoven. A sua obra tinha, não só a factura severa dos mestres, mas o poder interior e a revelação que emprestavam á musica, donde promana o extase, pelo qual nos elevamos acima de nós mesmos e tentamos advinhar o universo. Foi uma das mais altas revelações do espirito brasileiro. Antes d'elle, poderíamos falar de Mathias Ayres, se não tivesse deixado o Brasil aos 8 annos para viver e se fazer em Portugal. Gregorio de Mattos, com ser dos nossos maiores poetas, era um barbaro, desabusado, violento, com todas as arestas de um espirito modelado no Brasil, no seculo XVII, posto aprimorado em Coimbra. Basilio da Gama, Santa Rita Durão e os Arcades são, por igual, indices do maior valor de nossa formação espiritual, mas quasi todos estiveram no estrangeiro e de lá trouxeram influencias fortes e decisivas, sobretudo de Portugal. Tambem este foi o caso de José Bonifacio das maiores mentalidades brasileiras. Mas, José Mauricio se fez no Brasil, sem influencias directas, afóra as que soffremos todos na formação de cultura, e criou uma obra que ultrapassa de muito o seu meio. A prova é que não teve discipulos, nem continuadores, embora divulgasse muito o gosto pela musica, ensinando-a com um devotamento religioso. Depois d'elle, só alguns lustros mais tarde, haveria de apparecer um grande musico, porque Francisco Manoel era um artista menor.

Ainda assim Francisco Manoel da Silva (1795-1865) foi o mais illustre de seus discipulos e o unico que sobresahiu, tendo tambem tomado algumas lições de contra-ponto com Neckomm, o grande artista allemão, discípulo predilecto de Haydn, e que dirigiu o celebre concerto de 3.000 professores, na inauguração da estatua de Guttemberg. Da sua obra, salvou-se apenas o *Hymno Nacional Brasileiro*, em cujos sons quentes ha alguma coisa do nosso entusiasmo e da nossa imaginação tropicaes. Como seu mestre, talvez por causa d'elle, soffreu a guerrilha de Marcos Portugal, quando musico da Capella Real, que o maestro portuguez dirigia, e a quem succedeu mais tarde. Deixou varias composições, inclusive um *Te-Deum* e "Hymno da Independencia" pouco conhecidos. A sua gloria vem do "Hymno Nacional" que o immortalizou, sem esquecer o papel preponderante que teve no desenvolvimento do ensino musical do Brasil, de que foi um dos primeiros a cuidar.

E' justo referir Marcos Portugal, compositor portuguez de grande fama em toda a Europa, que veio para o Brasil em 1813 e onde exerceu grande influencia, cujo beneficio não é licito contestar, posto seu orgulho a desmereça, pelo mal que procurava fazer aos outros artistas. José Mauricio (2) e Francisco Manoel e Sigismundo Neukomm. D. João VI que era, como vimos, um apaixonado, ou um suggestionado pela musica, cuja protecção a José Mauricio foi a prova mais cabal e sincera, muito fez pela cultura musi-

cal do Brasil. Logo que ouviu os negros do Conservatorio de Santa Cruz, reformou-o, estabelecendo escolas de primeiras letras, composição, canto e varios instrumentos, tornando-se celebra as solemnidades em que cantavam os pretos e os concertos que realizavam em S. Christovão e em Santa Cruz, tendo o principe, entre seus escravos, instrumentistas e cantores de valor. Logo que Marcos Portugal chegou, foi nomeado director do Conservatorio emprestando-lhe bilho e realce, auxiliado por Simão Portugal, seu irmão, tambem compositor. Nomeado, igualmente, mestre da Capella Real, foi uma especie de ministro da musica, a que deu grande desenvolvimento, fazendo representar suas operas no Theatro São João, que tambem dirigia. A sua producção foi copiosissima, sendo, segundo autorizado depoimento alheio, "um reflexo da musica italiana daquelle tempo. A influencia de Portugal, a despeito de sua posição e de seu traquejo social, não se sobreleva, contudo, á de José Mauricio, tão grande, a ponto do Rio de Janeiro ser chamada a cidade dos pianos...

Nessa época, ha ainda a lembrar o nome de D. Pedro I. O principe admiravel e estouvado, que o destino collocára á frente da independencia nacional para dramatizal-a, com os seus largos e fulgentes gestos, que se aureolára de gloria, gloria que não saberia manter intacta, que senhor de dous tronos, a ambos renunciou, o principe extraordinario e vibrante, excepção entre a mediocridade corôada, era, tambem elle, musicista, de cuja obra se salvou apenas o *Hymno da Independencia (Brava Gente)*, letra de Evaristo da Veiga. Lê-se numa chronica da época: "S. A. Real o Principe do Brasil, que possuia talentos extraordinarios para a musica, que compunha com gosto e facilidade, e tocava diversos instrumentos, entre os quaes o fagote, trombone, flauta e violino, muito contribuiu para aperfeiçoar este estabelecimento (o Conservatorio de Santa Cruz), unico no seu genero, pela animação dada aos seus negros e pelas recompensas que lhes prodigalisava. Elle encarregou os irmãos Portugal de compor operas que foram totalmente executadas por esses africanos com os applausos de todos os conhecedores que os ouviram". Entre outras composições de D. Pedro I, citam-se uma opera, cuja abertura foi executada em Paris, em 1832, alguns hymnos, musicas sacras e uma synfonia para orchestra. Se a obra do musico se perdeu, no principe valeram as intencções.

## II

## O ROMANTISMO NA MUSICA BRASILEIRA

O romantismo no Brasil. — As suas expressões intellectuaes e politicas. — Carlos Gomes e a musica brasileira. — As influencias italianas. — Carlos Gomes e José de Alencar. — O "Guorany". — A opera de Carlos Gomes. — Seu significativo na esthetica brasileira. — Leopoldo Miguez e a synfonia. — As influencias da musica allemã, de Wagner e Liszt. — O poema symfonico. — A expressão de Miguez. — Alexandre Levy e sua obra — Outros musicos do seculo XIX.

O romantismo, que foi a tremenda revolta do individuo contra a sociedade, levando-o a hypertrophia do "eu" e a um devaneio da personalidade, quando veio da Europa para o Brasil, por volta de 1830, já encontrou no brasileiro um romantico feito. Em regra, somos de um individualismo exaltado e fremente, acreditamos ingenuamente nas forças protectoras da natureza deslumbrante, guardamos um ideal inatingivel de nosso imperio e, ao lado disso, o germen da melancolia desperta sempre, para nos abater, á minima decepção. Antes dos europeus, por uma reacção impetuosa e insoffreavel, appellarem para o instincto, quando o racionalismo secco e quadrado os cercava entre os muros pesados dos systemas *clous et fermés*, já tinhamos o primado da imaginação, que o meio physico despertára e mantinha, no desejo apressado do homem, de se igualar a essa grandeza empolgante, mas dominadora. O medo da natureza criou o culto, mas o extase compensou o temor e o brasileiro, embora nunca se tivesse integrado no seu "habitat" pode amal-o e se esforça por uma união mystica, que antevê deslumbrado. Reproduz, portanto, o primeiro romantismo, naturalmente com mais liberdade e mais força. Quando, porém, o romantismo viu o absurdo de sua fantasia desordenada e vaga, sentiu que jamais o eu atingiria o dominio universal, vencendo as contingencias irremediaveis do ser, e tornou-se uma dôr crucinante e angustiosa, em que gemeram desesperados os filhos do seculo XIX, procurando mysticamente na força, no prazer, no exotico, as ultimas soluções do instincto, nós soubemos reagir contra essa onda, sem violencia, pela propria vitalidade do espirito novo. Deixemos de parte os que limitaram se tralram. Toda a formação romantica no Brasil

(1) Apud Rodrigues Barbosa: *Um seculo de Musica Brasileira no Estado de São Paulo*.

(2) Como se sabe, ao fim da vida, Portugal procurou José Mauricio, que fraternalmente o acolheu, numa bondosa reconciliação.

foi idealista e criadora e aquella fadiga de viver não conseguiu vingar no nosso paiz, a menos numa ou noutra adaptação sem significado. E que, no primeiro seculo de independencia, quando as energias da terra brotavam exuberantes, não poderíamos levar a nos lamentar tristemente. Demais, nunca o universo nos pareceu pequeno, porque o mundo brasileiro, selvagem e impetuoso, nos opponha o trabalho e a fecundação, ao irremediavel aniquilamento do *mal de seculo*. Magalhães, Gonçalves Dias, José de Alencar, Tobias Barreto ou Castro Alves eram no fundo idealistas e constructores e a melancolia e a duvida passageiras não lhes transmudaram o germen espiritual da crença. Também na politica, os homens da monarchia, os da independencia, os da regencia e os do segundo reinado, que eram todos românticos, criaram a ficção do estado, longe da realidade, mas procurando sinceramente o bem nacional. Fez-se a abolição, num maravilhoso surto lirico, fez-se a Republica, para dar mais esplendor á democracia, já existente. O proprio positivismo, que era uma doutrina sceptica, nós o tornamos criador. A obra romantica, portanto, não era uma imitação do movimento europeu, mas um impulso do nosso espirito, o destino historico que cumpríamos.

Depois da personalidade empolgante de José Mauricio, de cuja gloria devemos ser orgulhosos, poucos são os aspectos da musica no Brasil, até mais de metade do seculo XIX. Só então appareceu Carlos Gomes, um dos poderosos artistas do nosso paiz. Com originalidade de estro e inspiração opulenta e varia, criou uma obra em que, por vezes, a expressão tem uma violencia imprevista e admiravel, quando soam as notas exuberantes da terra americana. Na opera hrasileira, posto della se tenham occupado quasi todos os nossos musicistas, Carlos Gomes é o mais consagrado compositor, possuindo sua musica riqueza e brilho de timbres, ao mesmo tempo que uma melodia larga, fluindo das fontes mais puras do nosso lirismo.

Carlos Gomes, nascido em São Paulo (1), teve nos olhos desde menino, o espectáculo delicioso de nossa paisagem, em suas côres radiosas e num deslumbramento constante. Essa symfonia de accordes majestosos, não se apagaria mais de seus ouvidos, e a impressão admiravel e pujante da terra, lhe perduraria no espirito. Na sua obra fulgiram as linhas claras desse primeiro contacto com a natureza. A principio em São Paulo, e depois no Rio de Janeiro, de cujo conservatorio foi alumno, Carlos Gomes revelou as forças de seu espirito, exaltado e intenso. Dessa época são o *Hymno Academico*, feito para os estudantes paulistas e que lhe valen um grande successo, e as operas *Noites do Castello* e *Joanna de Flandres*, as suas primelras tentativas de musica dramatica. Em 1863, tendo obtido o premio de viagem, seguiu para Milão, onde em 1866 recebia, do Conservatorio de Musica, o titulo de maestro. Por esse tempo escreveu a opereta "Se sa minga" (Theatro Foscati — 1866) e a revista "Bella luna" (Theatro Cascani) valendo-lhe ambas as melhores sympathias. Em 1870 alcançava o primeiro triumpho, levando o "Guarany" no Theatro Scala, com grande exito e applausos francos e ruidosos. Verdi louvou-o com palavras exaltadas, exclamando: *Questo giovanne comincia de dove finisco io*. Era o inicio de sua trajetoria, marcada com um traço rutilo.

Carlos Gomes estava talhado para ser o criador da musica hrasileira, não no sentido de uma arte regional, que é sempre menor, mas com a grandeza dos motivos nacionaes, sentidos através da cultura, porque, no final, a arte é aquelle depoimento do coração humano, que deve dominar o tempo e o espaço, ser perpetuo e universal. Com inspiração singular e colorida e possuindo o sentido da natureza, da graça e do pittoresco, como qualidades exccelentes, Carlos Gomes poderia ter tido o papel de José de Alencar na nossa literatura, affirmando a independencia musical do Brasil (2) Não precisava, pois, ir huscar o que lhe poderia dar o seu paiz. No ambiente do Brasil, elle teria encontrado todas as forças para sua criação, independente dos modelos estrangeiros. Nem Gonçalves Dias, nem José de Alencar delles precizaram e criaram obras definitivas. A expressão hrasileira de então, que bastára á poesia e ao romance, não desmereceria a musica, antes permitiria uma força nova, inedita, do maior fulgor. Temos que conquistar o rythmo hrasileiro, como conquistamos a terra, numa tragedia estupenda e radiosa. Carlos Gomes, ao revés desse esforço, accitou tranquillo as indicações extranhas, esquecendo-se de que o traíriam. No

"Guarany", pretendeu criar o indianismo na musica, á guisa de Alencar e Gonçalves Dias, despertando a terra, na evocação do autochtone, assim tornado, embora em falso, o symbolo da nossa gente. Tirando das selvas hrasileiras alguns motivos quentes, que repontam em seus trabalhos, tem por vezes, uma expressão forte, de mocidade e audacia. Prejudicou-o, porém a escola de opera italiana, fazendo-o desprezar as vozes da terra, ou comprimil-as nos modelos da "arte", sacrificando a intenção á fórma.

A preocupação de um genero em arte é um preconceito infecundo e perturbador, onde não raro se prendem os mais audaciosos vãos. A arte é liberdade, é desejo incontido, ansia que procura expressão na propria vida, acima de todas as contingencias, na sua idealidade absoluta. Os entraves de genero, como as limitações de fórma, são graves embaraços á livre comunicação entre os espiritos nesse vago mysterioso, em que a arte os enlaça e os domina. Ahí tudo é emoção, exaltando a existencia e permittindo sentir-a em toda a plenitude de força, de belleza, de intensidade. Carlos Gomes, por exemplo se tivesse seguido os pendores de seu espirito e, como Alencar, construisse sobre nossos motivos, uma obra hrasileira, teria nos legado um monumento bem mais solido, para enfrentar o tempo. Transportando-os, porém para Milão, sob a influencia das longas arias italianas, sobretudo as de Verdi, então em franco successo, Carlos Gomes, dominado pelo ambiente, sem força ou sem animo para reagir, libertando-se, cedeu e compoz sua obra em fórma italiana, com as preocupações do "bel-canto", o que lhe tirou muito o frescor, a graça e o interesse. Enquanto no "Guarany" Alencar torna inconfundivel a linguagem do indio da dos brancos, na opera, ellas se unem e se misturam nas mesmas arias, nas mesmas modulações, nos mesmos accents E, no emtanto, os índios de nossa selva tinham sua musica, livre e audaciosa. Esse fundo falso perdura na obra de Carlos Gomes, onde a fórma é o entrave constante. A's vezes, o espirito brasileiro se rebella contra humilhação e irrompe, quente, vivo, indomavel, em notas violentas e cambiantes, que lhe revelam a origem maravilhosa. Mas, em geral, procura uma solução preconcebida e, em arte, tudo deve ser surpresa e maravilha inedita.

O successo franco e retumbante foi outra tração. Empolgou-o e acreditou que aquelle juizo das platéas da Italia e do Brasil — uma suggestionada pelo genero, que era o seu, e outra empolgada patrioticamente pela realização hrasileira — seria definitivo. E entregou-se cada vez mais aos moldes italianos, findando por esquecer os motivos nacionaes. O favor popular foi o maior possivel e *Sento una forza indomita*, *Ciel di Parahyba* e *Mia Piccerella*, entre outras, foram arias em voga de bocca em bocca.

Além das citadas, escreveu Carlos Gomes as seguintes operas: "Fosca" (1872), "Salvador Eusa (1874), de inspiração e factura italianas, que lhe valeu grande successo na Italia e "tornou-se tão popular como as estimadas operas de Verdi" "Maria Tudor", (1879), "Lo Schiavo" (1888) onde dramatizou a dor e o supplicio da escravidão, tendo nessa obra escripto uma pagina de grande successo, que é a "Alvorada"; e "Condor" (1891) cantada no Scala, com melhor exito. São ainda de sua autoria — "Colombo" — oratorio profano, executado em 1892, por ocasião das festas do Centenario do Descobrimento da America, e que fracassou por falta do favor popular, habituado ás arias e melodias de suas operas e extranho a esse novo genero. Deixou incompletos a partitura da opera *Morena* e fragmento do *Canticos dos Canticos*. Além disso, muitas são as suas compasições para piano e canto, com que enriqueceu a nossa literatura musical.

A musica de Carlos Gomes, no genero que adoptou, posto aquelle em que a emoção espiritual mais cede ao langor dos sentidos, construiu uma obra invulgar, com physionomia propria e certo character, em algumas de suas composições. Ha paginas interessantes, sobretudo as que se desprendem da escravisação formalistica e a inspiração hrasileira domina, num fremito exuberante e joven. Se não creou uma obra nova e independente, prendendo sua emoção no convencionalismo de genero, e de genero vulgar, e se a sua composição é, em geral, pouco solida, deixou na musica um pouco do lirismo ardente e caracteristico dessa magia imaginosa e indefinivel da alma hrasileira. Sem tortura da realidade, contentava-se com a apparencia do mundo, fosse de brilho ou de melancolia, deixando essas impressões passarem em sua obra, para deileite dos sentidos, sem outras preocupações para a intelligencia. Com certa emphase e uma nota elegiaca constante, a sua imaginação fiue com frescura e calor, dedobrando-se na melodia facil e communicativa, em que se espirito adejava, satisfazendo-se em ver as coisas e sem se inquietar com possuí-las...

(1) Antonio Carlos Gomes (1839-1896) nasceu em Campinas, a 13 de Junho de 1839, ou segundo outros, a 11 de Maio de 1837, filho de Manoel José Gomes, que era um musico de certo valor, e que lhe dirigiu com criterio a primeira educação musical, logo que desportaram as forças criadoras de seu espirito.

(2) Este conceito é do Sr. Graça Aranha, sobre Alencar, dizendo que affirmou a independencia intellectual do Brasil"

Ao contrario de Carlos Gomes, foi Leopoldo Miguez (1850-1902), um influenciado pela musica allemã, de Liszt e Wagner, de que se tornou um discipulo brilhante, com certo caracter, mas sem grande originalidade. Nossos artistas, era geral, se deixam escravizar nas escolas alheias, em cujas fronteiras assentam tenda, contentando-se com os horizontes que os outros rasgaram. E, no entanto, o artista não pôde viver acorrentado ás fórmulas, e muito menos, ás de outrem. A arte anseia pela liberdade para abranger o universo total, dominando a contingencia, com o rythmo que suplantou a realidade concreta. Já a expressão é um entrave, e sentio-o bem: Novalis, quando pretendia, paradoxalmente, que a poesia perfeita seria a que não tivesse um assumpto definido. Nós criamos fragmentando a natureza, mas sentimos o todo e a tortura do artista é revelar a unidade desse espectáculo, que transcende á sua equação pessoal. Por isso toda obra de arte é uma suggestão, e em cada espirito se renova, na emoção transformadora e intensa. O erro dos que defendem a fórmula está em não sentirem a arte, senão como uma exteriorização, um ajuste de côres, de sons, de linhas, de massas, ou de expressões, cujo jogo subtil os enche de pasmo. Mas os que sabem que, além do modelo, existe o motivo interior, a revelação, que dá a fórmula, mas para dominá-la, procuram na arte uma maior energia vital, um meio de sentir mais plena a existencia. E a arte é uma maior vida.

Leopoldo Miguez, que era uma inventiva prompta, um colorista seguro e um eloquente, construiu uma obra digna de estíma, mas que a imitação tirou muito da frescura, a esperar de seu estro. Sobretudo na opera "Os Saldunes", circumscreveu-se em absoluto ao wagnerianismo, quer no processo de composição, quer no estillo, empregando os "leit-motiv" á guisa do mestre de Bayreuth, o que justifica o conceito do Sr. Rodrigues Barbosa: "Miguez, tão inspirado poeta, sentimental, lyric, grandioso em toda a sua obra, foi em "I Salduni", um imitador de Wagner. Imitador genial porque, se Wagner não houvera existido, "I Salduni" seria uma obra sem igual" (1) Miguez, como quer que seja foi um symfonista de merito e muito brilho. A sua orchestação é rica e multipla, com notas empolgantes e expressivas. Ha mesmo luxo e opulencia. Na musica brasileira, como tambem fizera Carlos Gomes, mas sobrelevando-o, Miguez trouxe o dominio da eloquencia, em que a imaginação nacional se exalta, em fremitos, e se precipita depois em torrentes impetuosas e violentas. Não só nas tribunas somos eloquentes, senão tambem no verso, na prosa, nas artes, nos costumes, na politica, comprazendo-se o espirito brasileiro em exagerar, pela volupia da imagem pomposa, a realidade das cousas. E' um pendor tropical em que não raro os nossos artistas se perdem, nos seus circulos enleiantes até chegar á enfase, tão ao sabor da terra. Não será preciso citar exemplos, tantos existem e tão a miude se nos deparam. Miguez, na musica, nos deu essa eloquencia, com seus motivos ornamentados e deslumbrantes, numa ostentação de adornos, ás vezes fabulosa. Aparecendo na época do formalismo, com o preconceito plastico, não escapou a essa contingencia da factura, que por vezes, o torna um pouco secco, nunca porém com prejuizo do brilho. No rythmo nem sem é seguro e falta, porventura, profundidade na concepção. Não era uma meditativo, que fosse buscar ao fundo das coisas a essencia miraculosa. Bastava-lhe o turbilhão da existencia, nas apparencias varias e constantes, que lhe passavam nas retinas como uma visão de maravilhas. Nelle resolvia a arte, com calor e exaltação lirica, através de imagens requintadas e effectos caprichosos. O tecido de sua symfonia é rico, desdobrando-se a imaginação em torno dos motivos, numa fantasia intensa e singular, na qual ás vezes ha repetições, mas sempre solidez e correcção. Na opulencia dos movimentos soam de permeio as cordas de um poeta sensível, cujas notas não se prolongam contudo, mergulhadas na onda sonora do conjunto.

O poema symfonico, com que Liszt quebrou os preconceitos das velhas fórmulas da symfonia classica e conseguiu — segundo Mauclair — a fusão do lirismo poetico com o lirismo musical, teve em Miguez um cultor invulgar. Essa expressão, em que os movimentos se desdobram e entrelaçam, vindos do thema principal, que desenvolvem, era proprio ao temperamento de Miguez, que nelle escreveu algumas paginas, reflectindo as qualidades de nosso espirito irrequieto e vivo. O "Ave Libertas!" por exemplo, é um poema perfeitamente nacional e aquelle arroubo e aquelle emoção lirica e exuberante revem muito do ardor brasileiro, impulsivo e extatico. A nossa literatura e as nossas artes estão ponteadas de exemplos que taes é inutil estar a repetir. Os motivos se transformam em allegorias e criam a suggestão ornamental, que avulta

para supprir as deficiencias intimas Os seus poemas symfonicos, dentre os quaes "Prometheu" (Op. 21), "Ave Libertas" (Op. 18) "Parisina" (Op. 15). "Ode a Victor Hugo" (Op. 13), e "Ode funebre a Benjamin Constant" (Op. 23) são paginas de grande brilho e envergadura na nossa musica de programma, que teve em Miguez a mais alta expressão symfonica. As excellencias e os defectos da sua obra não se somem umas ao contacto com os outros, apparecem todos, na exacta revelação da physionomia do artista.

A factura de Miguez é solida, manejando a archestra com segurança e proficiencia. O seu colorido quente e o ajuste dos valores symfonicos lhe permittem obter os melhores effectos descriptivos, mantendo uma exaltação continua e majestosa, ainda que, por vezes, declamatoria. Afóra as paginas para orchestra, escreveu o *Hymno da Proclamação da Republica*, o poema dramatico *Pelo amor*, acção do Sr. Coelho Netto, e *Os Saldunes*, tambem letra do Sr. Coelho Netto, representado pela primeira vez a 20 de Setembro de 1901, no Theatro Lyrico do Rio de Janeiro. A musica de Leopoldo Miguez justifica, pois, o apreço que lhe votamos e a aureola que lhe cerca e consagra o nome.

Tambem symfonista era Alexandre Levy (1864-1892), que cedo se revelou um alto engenho musical, mas cuja vida, cortada aos vinte e oito annos, não lhe permittiu a realização, que delle era licito esperar. A sua obra não vale só pelo que representa, mas é despertar que revela, cheio de calor e emoção, com uma certa melancolia, talvez o presentimento da morte que rondava. Não só na symfonia, mas como compositor de musica de camera, de litteratura de piano, folk-lorista, e ainda no pulpito de maestro ou no plano, Alexandre Levy foi um revelado, numa trajectoria rapida e vibrante. O vôo de um novo Euphorion...

Tinha um espirito requintado e dahi ter tratado o nosso folk-lore de um certo modo superior, que lhe não tira em nada o brilho, mas como que esmaece a naturalidade. Não impede, porém, que Levy tenha sido um apreciavel folklorista, de forte valor musical, como attestam a sua *Serie Brasileira*, para orchestra; as *Variações sobre um Thema Brasileiro* e o *Tango Brasileiro*, tratados com emoção sincera e ardente, como uma interpretação pessoal da alma ingenua do povo. Na *Serie Brasileira (Preludio; Dansa Rustica - Canção Triste; A' beira do regato e Samba)*, sobretudo na ultima parte, o motivo popular surge com uma admiravel cõr local, reflectindo essa dansa meio barbara dos africanos, com seus ruidos, bizarras e batuques. O *Tango* é delicioso de frescura e graça; as variações em torno do nosso popularissimo *Vem cá bitú...*, feitas numa hora de saudade, quando o artista estava distante da Patria, são unidas de intensa nostalgia, num estilo colorido e sensível.

Era Alexandre Levy um romantico apaixonado, que olhava o mundo com melancolia e cuja juventude viera nimbada por um véo de tristeza, participando d'aquelle estado d'alma que Mauclair chamou de schumanniano, tal a influencia do grande musico de Zwickau. A serie *Schumanniana*, para piano, é de uma poesia interior profunda, em que o coração é o maior advinho da vida. Ama as coisas silenciosamente, mas com uma tortura de infinito, que é ansia e nostalgia... Sua musica, onde, por vezes, perpassa tambem uma certa influencia de Beethoven, quer a symfonia, quer a de piano e camera, é feita com grande frescura e sinceridade, "une musique d'aveu", poderíamos dizer sem exagero. O romantismo não era um desespero, antes buscava, por sobre o fundo pertinaz de melancolia, as notas rutilas e brilhantes, as orchestrações subtis e esmeradas, os coloridos varios e empolgantes.

A sua musica, composta com maestria e firmeza tecnica, ficará em nossa arte como um sonho maravilhoso. Mais uma vez o artista teve a sorte da illusão. Caiu, quando alçava o vôo...

Taes são as maiores expressões de nossa musica no seculo XIX. afóra aquellas que, vindas delle, encheram de maior fulgor a época contemporanea, que os reclama. Muitos outros nomes poderíamos citar, de compositores sacros, de opera, de symfonistas, de bandas de musica, de operetas, de musica popular, de camera e de piano, de virtuosos e cantôres, alguns dos quaes com qualidades apreciaveis. Excede, porém, os limites deste rapido ensaio, onde indicamos apenas as tendencias e affirmações geraes do espirito musical brasileiro, cuja grandeza e perfeição se accentuam, numa magnífica ascensão.

(1) — Rodrigues Barbosa — Ib.

# A INDEPENDENCIA E O PAPEL DA BAHIA

Pede-me o Dr. Elycio de Carvalho uma pagina sobre o papel da Bahia na independencia nacional, e não sei como fugir ao dever de obedecer-lhe. Ha pedidos que se recebem como vozes de commando.

O do illustre pensador é um delles: pela sua autoridade e pela necessidade que ha de estabelecer-se um julgamento definitivo sobre a actuação da nobre provincia do Norte nesse movimento politico.

E se me não sobra o prestigio de historiador, que só se adquire com o tempo e com o labor incessante dos livros, abundam em mim o amor a essa nesga da terra do Brasil, onde tive o berço e me nasceram os filhos, e a vontade firme de retirar dos acontecimentos a verdade, para animal-a depois com o sopro da palavra.

Ha que apanhar nesse movimento, que se generaliza na expressão de "independencia nacional" tres phases distinctas: a preparatoria, a da accção decisiva e a da construcção do novo imperio.

Nem se comprehende na vida social acontecimento que se não vincule ao passado. Tudo, na terra, seja na vida organica ou material, seja na vida intellectual, social ou politica, resulta de uma serie de reacções, de transformações, de idéas ou de phenomenos, sem os quaes seria impossivel o facto, o pensamento ou a creação de qualquer ordem de cousas. Assim como o ser organico deriva de uma conjuncção de cellulas, a idéa forma-se da elaboraçáo cerebral na qual se fundem outras idéas já pensadas e vividas, e o phenomeno historico vai buscar suas raizes em situações sociaes e politicas que se materialisaram já ou que apenas se esboçaram.

Foi assim a independencia.

O que se realizou em 1822-23, não foi a obra de um instante, como a independencia não pôde circumscrever-se ao facto de sua proclamação e ás lutas que a consolidaram até a expulsão das tropas e esquadras obedientes ao General Madeira de Mello. A independencia aprofunda suas raizes em longinquo passado e desdobra a sua ramaria até um momento bastante approximado da nossa época.

Pelo que se refere ao passado, a Bahia teve um papel brilhantissimo na formação do espirito nativista e nacionalista. Depois de São Paulo, nenhuma capitania deu tão grande numero de bandeirantes ou de sertanistas, e foi precisamente essa gente nomada e aventureira quem mais contribuiu para a emancipação politica do Brasil, porque nos dilatou o territorio, estabeleceu entre as suas varias partes componentes uma intima ligação, e imprimio ao nativo a consciencia de sua grandeza.

Ora, nada é mais essencial a um movimento do genero desse que nos preocupa agora do que a posse de um territorio, o conhecimento delle e a consciencia da propria riqueza. Depois dos paulistas, os maiores bandeirantes foram os bahianos, com as suas investidas pela região do São Francisco, até ao Piauhy e até Minas, onde se foram encontrar com os paulistas e tiveram papel saliente na guerra dos emboabas. Elles muito contribuíram para o desbravamento do territorio patrio, para a abertura de estradas nos sertões e para a repulsa ao estrangeiro depredador.

Num momento em que o Brasil quasi todo se encarnava na Bahia e em Pernambuco, elles enfrentaram os batavos, não sómente na sua occupação da capital e do reconcavo, mas ainda nos arremes-

sos posteriores, quando Itaparica e os povoados da bacia interna de Todos os Santos soffreram assaltos temerosos.

Sua historia está toda impregnada desse espirito cavalheresco e dessa ousadia nativista que deviam mais tarde dar em terra com o dominio de Portugal.

Após a Conjuração Mineira, teve a Bahia sua Conjuração. Esse movimento, no qual quatro bahianos pagaram com a vida, com o estrangulamento e com a infamia seu sonho da liberdade, tal Silva Xavier, e no qual outros foram desterrados para a Africa, ainda está um pouco nublado pelo esquecimento, mas começa a vir á luz nimbado pela gloria dos martyres do 1798-1799.

Não havia a Historia patria recolhido esse episodio de tão vivo interesse para o estudo dos primordios da nossa emancipação politica. Delle escreveu, entretanto, o Sr. Oliveira Lima, que foi "alguma cousa mais do que a Conspiração mineira de 1789, porquanto havia mais trabalho feito, havia mais do que conversas patrioticas.

Um novo horizonte rasgou-se para esse acontecimento, inexplicavelmente desconhecido até bem pouco, com o estudo publicado na Bahia pelo Dr. Egas Moniz. Os representantes da justiça regia haviam-se enchido de tamanho horror aos criminosos que nem siquer permittiram aos desterrados para a Africa o consolo de viverem em qualquer das feitorias portuguezas nella existentes: a ordem dos juizes era pelo abandono delles em terras "que não estivessem sob o dominio da Corôa de Portugal, afim de que não lo-grassem propagar as suas perniciosas doutrinas entre os subditos de Sua Magestade Dona Maria I.

E' que os inconfidentes bahianos haviam pregado com a independencia a Republica.

Esta revolução, afogada em sangue na nascedouro, pela delação dos covardes, é tanto mais para admirar quando, em 1798, ainda se não haviam amortecido os clamores das victimas do glorioso sonho de Villa Rica. Ella vem a talho de foice para provar que a Bahia teve sempre o cuito da liberdade e que, antes de 1823, soube sacrificar-se pelo ideal da independencia e da Republica.

Outra influencia decisiva teve a Bahia para o encaminhamento da nova ordem de cousas de que resultou a independencia: — foi a decorrente da abertura dos portos do Brasil á navegação e ao commercio do mundo.

Foi, portanto, providencial a arribada da não em que viajava D. João VI a Bahia, como providencial foi o seu avistamento com o mais tarde Visconde de Cayrú.

Póde-se affirmar que a abertura dos portos se daria ainda quando se não registasse a intervenção do laureado economista bahiano. E quem tal avançar não estará dizendo um dispauterio. A abertura dos portos se daria mesmo sem Silva Lisboa, da mesma maneira que a independencia se consumaria ainda quando não existissem D. Pedro e José Bonifacio.

Seria apenas uma questão de tempo, de oportunidade. Mas, quando?...

Um simples gesto muda, muita vez, em sentidos e rumos opostos, o curso da historia. As necessidades do Brasil acabariam por impôr essa medida. Poderia vir logo, poderia vir muito depois. Dependia do animo do Rei, homem difficil de permanecer num de-

terminado ponto de vista, sob a influencia de seus aulicos. Silva Lisboa teve a invejavel fortuna de captar a confiança e a sympathia do monarcha, e dentro dellas poudo convencer-o de que o exito de sua permanencia no Brasil dependia da abertura dos portos ao commercio estrangeiro. Publicado o decreto, alluiram por encanto as muralhas chinas que separavam o Brasil do espirito universal. Veio gente de toda parte e de toda parte a luz nova das crencas e principios modernos invadiu a consciencia dos brasileiros. Aquella geração passou inesperadamente e ver o que até alli apenas imaginara.

A abertura dos portos deviam succeder-se medidas fundamentais que della propria decorriam. Veio a liberdade das industrias, veio o ensino superior, veio a imprensa. Tudo isto filiava-se ao decreto de oito de Janeiro. Tudo isto remontava á entrevista do soberano com Silva Lisboa, na Bahia.

Ora, toda gente hoje affirma que a independencia politica é um corollario inevitavel da emancipação economica. Um povo que não tem a consciencia de sua vitalidade e de seus recursos não cria a coragem necessitaria ao rompimento com a metropole, armada, organizada, com o prestigio moral e politico fortalecido pelas suas relações com as outras potencias. O que dá a um povo o brlo da rebellião collectiva é a certeza e o orgulho de sua força. No Brasil foi a abertura dos portos assim como a carta de alforria economica assignada pelo principe regente em beneficio de nosso povo. Senhor desta conquista, uma das que os povos reconhecem e proclamam capitulações, dos reis impostas e não doadas, o Brasil lançou-se arrogante á luta da independencia.

Portugal sabia tanto desta verdade que sempre procurára impedir que os brasileiros tivessem perfeito conhecimento das riquezas de sua patria, e por isso prohibira que o celebre trabalho de Antonil aqui se diffundisse.

Dentre os serviços da Bahia á causa da independencia, este, da abertura dos portos, não deve, pois, ser esquecido.

Foi, porém, no acceso da luta que ella prestou o maior serviço a essa causa. O 2 de Julho é bem o dia da independencia nacional. E' certo que todos os povos commemoram a data inicial dessas reivindicações: mas é certo tambem que, enquanto um paiz

tem parte de seu territorio occupado por forças respeitaveis da metropole, esse paiz não é livre.

O notavel estadista Sr. Antonio José de Almeida em seu discurso do Congresso Brasileiro, capitulando varias datas que, em nossa historia, poderiam substituir o 7 de Setembro, esqueceu lamentavelmente o 2 de Julho de 1823.

Havia, na Bahia, um exercito forte de 10.000 portuguezes e uma esquadra dispondo de mais de 400 canhões. Se estas forças pudessem distrahir-se, a sorte do movimento iniciado nos campos de São Paulo com o brado do Principe D. Pedro talvez houvesse fracassado. Bastaria a grande esquadra lutzitana para aniquillar a nascente marinha do commando geral de Cockrane. Muita gente pergunta porque, ambicionando a reconquista, os portuguezes conservaram no porto de Todos os Santos a sua formidavel frota.

A Bahia ainda não descansou sobre os louros de Pirajá ou de razão é simples: elles careciam de garantir sempre a retirada de seu exercito e a posse da capital, centro da resistencia.

A Bahia, pondo-se em armas, guerreando incessantemente os dominadores, artilhando e guarnecendo as suas ilhas e enseadas, isolando a capital, não só impedio que o exercito de Madeira pudesse vir reforçar a Divisão Auxiliadora, como conservou immovel a esquadra, sufficiente nos seus canhões para isolar o Brasil do resto do mundo.

Isto tudo deu tempo a que outras provincias rebeldes se declarassem subordinadas ao governo do Rio, a que partissem reforços, aliás diminutos, para o reconcavo bahiano, e Cockrane, augmentado em suas unidades, tivesse, pelo seu ouzio, o dominio do mar.

Sem a resistencia da Bahia, tudo quanto hoje festejamos não se teria conquistado com tão pouco sangue e tanta facilidade. A grande provincia do Norte foi, contudo, muito adiante: — lutou até que o exercito e a esquadra de Portugal abandonaram definitivamente as suas terras e as suas aguas.

Foi isso pela noite de 1 para 2 de Julho de 1823.

Antes desse acontecimento, quem poderia considerar integralmente livre a nossa patria?

A Bahia ainda não descansou sobre os louros de Pirajá ou de Cabrito: seus homens de estado muito contribuíram para o reconhecimento e para a consolidação do Imperio.

Lemos Britto.





## O REGENTE FEIJÓ

Aquella Regencia, a que subira em 1835 pelo voto da Nação — pela primeira vez consultada — se transformara para Diogo Antonio Feijó em um peso intolerável: suas forças phisicas, que constituíam uma das suas vaidades, declinavam já pelos quarenta annos, insinuando-se no seu organismo uma paralytia que terminaria por vencê-lo de todo; seu espirito vivo, agitado, resolutivo, em meio de tantas ambições, difficuldades, intrigas, soffria um abalo intenso determinando um pessimismo sombrio, uma descrença profunda levando-o até á repentina renuncia em Setembro de 37. Nem dois annos havia que recebera a investidura de Regente do Império substituindo — por força do Acto Adicional, recém promulgado — a Regencia Trina e, no entanto, longe, bem longe da aquella esplendida manhã de 12 de Outubro, em que, no Paço do Senado, se apresentára perante a Assembléa Geral Convocada, para, de joelhos jurar, mão direita espalmada sobre os Santos Evangelhos, o compromisso solenne de velar pela integridade da Nação, observancia das leis, defeza da Religião Catholica, fiel ao menino Imperador, severo na sua sobrecasaca preta, alto collarinho, gravata de duas voltas e apurado laço, bengala de unicórnio e castão d'ouro, em meio de aclamações e vivas, guardando uma extraordinaria serenidade, numa espantosa concentração de nervos.

A energia indomavel e o alto patriotismo que o ministro da justiça do gabinete da Regencia de 1831 demonstrára nos augustos mezes que se seguiram á abdicacão de Pedro 1º pondo còbro ás intrigas e aos motins dos quartéis, dissolvendo, sem derramar sangue, as insubordinadas tropas de linha, terminando com os pronunciamentos do Campo d'Aclamação e do largo da Constituição, jugulando com firmeza o movimento capitaneado por Miguel de Frias e creando a Guarda Nacional, eram os titulos com que fôra seu nome apresentado á Nação e que a levaram a sufragal-o, elevando o ex-professor de Itú, o antigo delegado paulistano á Corte de Lisboa, o bispo eleito de Marianna, ao mais alto cargo no Imperio, chefe do governo desse immenso Brasil durante a minoridade do Imperador, que por esse tempo começava a aprender no casarão da Quinta da Boa Vista as boas maneiras sob as vistas e cuidados do Marquez de Itanhaem.

A eleição fôra disputada, tão fortes eram os elementos de que dispunha o outro candidato á Regencia — Hollanda Cavalcante de Albuquerque — nome de grande prestigio politico, de opulentissima e numerosa familia fidalga de Pernambuco, de limpos brazões, senhora dos maiores e mais ricos engenhos do Norte. Feijó, que a seu lado tivera Minas Geraes, vencera por seiscentos votos seu antagonista e dessa forma subira ao poder aquelle famoso padre que, num periodo de anarchia, quando exaltados andavam os "caramurus", partidarios da restauração do pri-

meiro imperador, teve a coragem e a força de firmar a supremacia do governo civil. Na austera figura d'aquelle homem entroncado e cabeçudo, reservado, escasso de palavras, physionomia rispida, de uma honradez ilibada — a ponto de seus mais intransigentes inimigos confessarem "jamais haver tal homem sentido a sede do ouro" — rosto triste que não sorria — talvez em consequencia daquelle penar em que viveu de ignorar quem seus paes ou por motivos de seu estado religioso a que as circunstancias da Vida o conduziram, em flagrante opposição ao seu temperamento autoritario e insumisso — estava o Symbolo da unidade nacional, tão seriamente comprometida pela revolução que irrompera no Rio Grande do Sul e que degeneraria em um dos mais sérios movimentos separatistas — a guerra dos "Farraços" — e pela rebelião que se levantaria no Pará, além do notorio estado de rebeidia de algumas provincias do Norte e o mal estar geral em que o paiz vivia desde o sete de abril.

Entretanto, as condições especiaes da politica brasileira não toleravam á testa do governo um homem da tempera de Feijó. Seria o Regente de 1835 um typo perfeito e acabado para exercer o cargo de presidente em uma Republica que observasse o regime presidencial: não silenciava Diogo Feijó sua pouca sympathia pelas assembléas numerosas e de ordinario tumultuarias, que muito discutem e pouco produzem e d'ahi não tolerar o predomínio do Parlamento. Era pela acção rápida, sinão immediata. Os governos deveriam ser fortes sem soffrer as vicissitudes do apoio das Camaras. Positivamente, dizia, de forma alguma poderia servir para Rei á forma da Inglaterra: Seria a Regencia em pleno exercicio de poderes, sem o controle importuno do Parlamento. Constringia-se o Regente ao ver as delongas de debates sobre materia ás vezes de especial urgencia e mais de uma vez ordenou a ministros seus que fugissem de dar resposta ás interpellações dos deputados soffrendo as "sabatinas ministeriaes". Assim é que em 1836 o ministro da guerra General Fonseca Lima — mais tarde Barão de Surubhy — participava ás Camaras que não podendo assistir ás sessões daria por escripto as informações que lhe requeressem e no anno seguinte Tristão Pio dos Santos, ministro da marinha, para contornar uma interpellação, dizia com muita presença de espirito que o que a Camara desejava é que ali comparecesse todos os dias para dizer: "Louvaco seja Nosso Senhor Jesus Christo: Sua benção meus Senhores!" o que provocou mais tarde o commentario do Visconde de Uruguay que "em tempo algum a Camara fôra tratada tão de resto."

Feijó não transigia com a maioria: os ministros de Estado eram da sua confiança e reuniam-se sob sua presidencia. Não aceitava insinuações da Camara e, quando a onda opposicionista se ergueu mais violenta em Junho e Agosto de 1837, com a alliança de Bernardo de Vasconcel-

los, Miguel Calmon, Carneiro Leão, Maciel Monteiro, Rego Barros, Rodrigues Torres, enquanto o talento de Acayaba de Montezuma defendia em discursos magnificos a administração do Regente, este já meditava na renuncia, impossibilitado que estava de dissolver a Camara e recorrer para a Nação. Seus ministros, como Limpo de Abreu (depois Visconde de Abaeté), Alves Branco (mais tarde 2º Visconde de Caravella), Castro e Silva, Aguilár Pantoja, Ignacio Borges, Montezuma não galgaram o governo sinão porque gozaram da confiança particular do Regente. Certo, a letra constitucional estipulava que o Imperador — na menoridade o Regente — podia nomear e demittir *livremente* seus ministros. Entretanto os ministerios se formavam de accordo com a maioria da Camara dos Deputados, cuja autoridade de muito dominava a do Senado e embora longe ainda se estivesse do tempo em que se veio firmar a praxe da apresentação do gabinete ao Parlamento com a exposição do programma politico — administrativo a ser observado, embora os ministerios não constituíssem ainda um todo unico sob a designação de "Conselho de Ministros" com um presidente á testa (o que só se verificou a partir de 1847) a responsabilidade ministerial perante as Camaras era principio incontestado do direito constitucional, alterando-se, reformando-se, substituindo-se os ministerios conforme as correntes partidarias em maioria no legislativo, que não usava então dos "votos de desconfiança", constringia, por violentos ataques nas discussões da resposta á "falla do throno" e nas das propostas orçamentarias, os ministros a solicitarem a demissão. Além do privilegio que a Camara dos Deputados tinha de chamar á responsabilidade os ministros, para evenciar o desaccordo que reinava entre o Regente e ella, ha de assignalar a circumstancia particular de exercer no tempo a Camara um papel preponderante na politica nacional agindo como a expressão mais genuina da vontade nacional. Atravesava-se um periodo de accentuado espirito democratico: da tribuna da Camara é que partiam as idéas mais avançadas, agitada sempre em calorosos debates. A Camara era de espiritos moços e d'ahi irreverentes "mancebos inexpertos e theoristas erús" como, irritado no ostracismo, dizia devorado de despeito Antonio Carlos, "os chapéos redondos" como criticavam aquelles que gemiam saudades dos tempos do Imperador, tempo em que se distribuían facilmente titulos, condecorações, tenças e mercês e que permittiam os uniformes agalados e os chapéos de dois bicos. A Camara não tolerava restricções á sua autoridade: de 1827 a 1830 processára oito ministros do Estado e em 1831, tomando em consideração a denuncia offerecida pelo deputado bahiano Francisco Gê Acayaba de Montezuma, chamou a julgamento o famoso ministro da justiça Diogo Feijó por haver suspendido as cartas de seguro, especie de salvo conducto.

A lei da Regencia tirara do chefe do governo o direito de dissolver a Camara, o que lhe emprestava então uma força maior durante o periodo Regencial. Feijó não tolerava esse predominio do poder legislativo e em 1839, já sem mais outra autoridade que a de simples senador por São Paulo, perante o Senado sustentava na sessão de 27 de Maio: "Eu tenho ouvido dizer que o nosso Governo é o das maioria e que quando a maioria quer uma cousa leve ser feita; isto seria o governo da força..."

A Constituição dá ao poder moderador o direito de negar sanção ás leis que passam pela maioria das duas Camaras e isto é porque ella entende que as maiorias não devem governar; que pode entender as cousas que sejam oppostas ao bem geral. A Constituição dá tambem ao poder moderador o direito de dissolver a Camara dos Deputados ou de adia-la; e porque? Porque não quer que as maiorias governem! E na sessão de 29 de Maio continuava. "Já lembrei e repito: a Constituição tanto não reconhece o predominio das Camaras que concede ao chefe do Estado negar sanção ás leis apresentadas pela maiorias das Camaras... Elle póde dissolver a Camara dos Deputados, quando essa maioria não está de accordo com o mesmo chefe ou a este parecer que não é verdadeiro órgão dos sentimentos nacionaes. Como quer pois o illustre senador obrigar o Imperador a tirar seus ministros das maiorias, sendo-lhe absolutamente livre nomeal-os ou demittil-os sem condição nenhuma? Senhores, tal principio tende a republicanisar o Brasil. O nosso governo é monarchico, isto é, governo de um só, embora modificado. O nosso governo é o da lei. A assembléa, o governo e o poder judiciario todos teem attribuições marcadas na Constituição. Não confundamos os poderes do Estado: estão divididos." O senador Feijó, indirectamente, dessa forma, nas vespéras da proclamação da maioridade, ainda pois no periodo Regencial, defendia a politica observada pelo Regente de 1835.

Bem se pode d'ahi calcular a Regencia de Feijó: uma luta violenta entre o governo e a Camara, luta que apaixonou a imprensa da época quasi toda incendiaria, violenta, aggressiva. A "Aurora Fluminense," dirigida pelo brilhante espirito de Evaristo da Veiga, devotado sempre ao grande estadista que elle apontara para subir ao poder, formava uma excepção. A sorte porém era adversa a Feijó porque Evaristo que chegara a possuir uma preponderancia decisiva na opinião publica fluminense, só um anno defenderia o seu amigo, desaparecendo no começo de 1837, levado por desgosto, segundo os commentarios do tempo.

Approximava-se o dia da abertura da Assembléa Geral do anno de 1836 e pela primeira vez o novo Regente iria ler a "falla do throno". A sessão fôra de especial solemnidade: o corpo diplomatico em massa apresentara nos Paços do Senado intensa curiosidade. O povo enchera as tribunas. O Regente recebido com os honras do protocollo, feita a venia á tribuna, dirigio a "falla" em nome de Sua

Magestade o Imperador aos "Augustos e Dignissimo representantes da Nação." O discurso foi incisivo; periodos curtos, palavras ríspidas. Não era aquelle phraseado inexpressivo, de méra formalidade quasi, que depois da abdicção a Assembléa Geral costumava ouvir dos Regentes: em cada conceito se revelava ao parlamento um homem autoritario destinado a mandar: "Nossas instituições vacillam.

O cidadão vive receioso e assustado! O governo consome o tempo em vãs recommendações. Seja elle responsabilizado por abusos e omissões. *Dai-lhe, porém, leis adaptadas ás necessidades publicas; dai-lhe força com que possa fazer efectiva a vontade nacional! O vulcão da anarchia ameaça devorar o Imperio. Aplica e a tempo o remedio*" e chamando a attenção para a necessidade de dar exemplo as consciencias e seja mais solida a dor e aos deputados: "A moral, fundamento da ordem, deve ser melhor ensinada para que sirva de sustentáculo ás leis, seja a consciencia e seja mais solida a garantia da publica prosperidade!"

Padre, Feijó mantinha, entretanto, opiniões altamente liberaes em materia canonica, não escondendo suas vivas sympathias pela permissão do casamento aos sacerdotes catholicos, o que escandalisara o primaz da Bahia, o arcebispo D. Romualdo Seixas, futuro Marquez da Sta. Cruz e que tinha assento na Camara. Nem por isso Feijó deixara de ser eleito bispo de Marianna e confirmado pela Santa Sé. Entretanto, ao ser eleito o bispo do Rio de Janeiro, que professava opiniões semelhantes ás de Feijó, o vaticano recusara a reconhecer o sacerdote com tal investidura o que determinou uma crise diplomatica entre o Brasil e o Santo Padre, conduzindo-se Feijó com toda energia na defeza do privilegio de eleger o governo os bispos. Esse caso e mais a rebelião que se alastrava no Rio Grande do Sul, fracassados os meios suasorios que o Regente, pouco depois de reconhecido tentara empregar, foram pretexto para que rompesse a opposição na Camara, figurando como chefe nesse movimento Bernardo de Vasconcellos, que então vivia em um ambiente de mais justa admiração, havendo alcançado com a acção desenvolvida por occasião da feitura do Acto Adicional o maior prestigio parlamentar. Sua intelligencia, que na mocidade tão mal se afigurara e que, mesmo durante o primeiro imperio, tantas lacunas deixava assignalar, então se demonstrava no maior brilho e intensidade, ao mesmo tempo que se denunciavam os primordios da "thabes dorsalis" que pregaria em breve o grande estadista em uma poltrona, obrigando-o a fallar ao Senado sentado, face macilenta, palpebras cahidas. A capacidade de trabalho de Bernardo de Vasconcellos era excepcional: sua laboriosidade simplesmente infatigavel. Era um argumentador temivel porque subia á tribuna com todos os elementos precisos ao debate, esmiuçador, esforçado pesquisador que era tendo como ninguem uma facilidade em compor os seus discursos, graças á magnifica lucidez do seu espirito bem trabalhado. A guerra declarada entre Vasconcellos e a politica de Feijó iria até o

final: quando o Regente desalentado abandonou nas mãos de Araújo Lima o poder, a politica passaria a ser chefiada por Vasconcellos, unico nome para que apellaram os moderados quando a Camara dos deputados votou tumultuariamente a maioridade do Imperador.

Bernardo de Vasconcellos durante todo o anno de 1836 manteve aberta opposição e poucas são as sessões da Camara em que o representante de Minas Geraes não subio á tribuna. A politica de Feijó afigurava-se ao grande parlamentar como intoleravel "E a vontade irresponsavel (Regente) só que tem a iniciativa, que tem voto. O ministerio não tem independencia de acção". As perseguições que Feijó era forçado a fazer á imprensa revolucionaria levaram Vasconcellos á tribuna protestar pelo direito de manifestar livremente o pensamento, reconhecendo a necessidade de uma repressão nas suas violencias dentro da lei e terminando apostrophava o governo de pretender matar quem lhe dá o proprio prestigio — a imprensa — referindo-se dessa forma Vasconcellos á circumstancia de ter Feijó alcançado popularidade graças á acção de Evaristo da Veiga na "Aurora Fluminense"

A guerra no Sul, o pedido de verbas especiaes para acudir ao apromptamento das forças legaes, a suspensão de garantias constitucionaes na região revolucionada, o projecto de dividir a guarda Nacional em contingentes, a reorganização dos quadros do exercito e a reforma do thesouro da armada, que tudo era motivo para a opposição atacasse o governo, figurando em a maior parte desses debates como defensor da politica seguida, o ministro Limpo de Abreu, que ao encanecer, seria o Visconde de Abaeté.

Chegara em Junho de 1836 ao Rio, de volta de uma missão diplomatica especial na Europa o Marechal Marquez de Barbacena, offerecendo o experimentado diplomata ao governo os trabalhos que fizera sobre nossa vida financeira de accordo com o credito que gosavamos perante os nossos banqueiros em Londres. O longo e pormenorizado relatório do Marquez fôra entregue ao exame da Praça do Rio de Janeiro que delegou poderes a tres commerciantes de conhecida competencia para formularem o parecer. Isso feito, o gigantesco trabalho seguiu para a Camara e havendo logrado parecer da Comissão de Finanças — onde se assentava Bernardo de Vasconcellos — não conseguiu andamento algum, epezar de urgencia extraordinaria que se fazia sentir de normalisar a situação financeira do paiz ampliando o nosso meio circulante, pesando, como pesava, contra o Brasil além da vida interna o encargo do emprestimo de 1824, o compromisso da divida portugueza assumida pela Convenção de 1825 e o emprestimo de 27 de Dezembro de 1828 (400.000) denunciando-se no orçamento um deficit que avançava além dos seis mil contos de reis, sendo a media da Receita do Imperio de doze mil contos. O trabalho desenvolvido pelo ministro das finanças — Castro e Silva — sobre a uniformização do nosso meio circulante e

amortisação da moeda papel revelam um notavel conhecedor do assumpto.

O Parlamento ou melhor a Camara, entretanto nada de pratico realizou, pelo que Feijó ao encerrar a sessão parlamentar proferio o seguinte e brevissimo discurso: "Augustos e Dignissimos representantes da Nação: Seis mezes de sessão não bastarão para descobrir os remedios adequados aos males publicos; elles infelizmente forão em progresso. Oxalá que na futura sessão o patriotismo e a sabedoria da Assembléa Geral possa satisfazer ás urgentes necessidades do Estado! Está fechada a sessão" e entre murmurios, cabeça erguida, com a sua bengala de unicornio, sahio do Paço do Senado entre as alas dos deputados e senadores em commissão.

O anno de 1837 começava mal: morrêra Evaristo da Veiga; no Rio Grande do Sul fôra proclamada a Republica de Piratinim, erguendo David Cannabarro, Antonio Netto e Bento Gonçalves a bandeira emancipadora em toda a região fronteira com o Unuguay. A attitude desses gaúchos destimidos, a que se vinham juntar tropas irregulares dos campos das "Missões" e a que se alliara Garibaldi — impressionára vivamente todo o Imperio.

O Regente abriu a sessão legislativa com palavras secas, sinão duras: remedios fracos e tardios pouco ou nada aproveitão na presença de males graves e inveterados. Era a censura ao desperdício de tempo nos trabalhos parlamentares, que não deixavam fructo.

Os animos se azedaram logo; os odios recrudesceram. A resposta á "falla" foi discutida longamente desde 8 de Maio até o dia 23 e posto em votação periodo por periodo era um nunca acabar de oradores e de emendas, levando o ministro dos estrangeiros Limpo de Abreu a sériamente protestar contra a desabrida censura que se fazia ao poder moderador que o Regente exercia na minoridade de D. Pedro, poder que era sagrado, inatacavel. Depois de vivos debates foi votada a resposta á "falla", na qual se destacava o seguinte periodo que muito de perto chocou a Feijó: "Essa cooperação (de esforços) a Camara dos Deputados se esmerará em prestar-a aos ministros de V. M. Imperial si, guiados unicamente pelos interesses e necessidades do paiz, procurarem assimi manter a harmonia e confiança entre os differentes poderes do Estado, condição essencial para a marcha regular dos governos representativos"

Nos começos de Junho a comissão especial, conforme a praxe, se dirigio ao Paço, leu e entregou ao Regente a resposta da Camara. Feijó ouviu Souza Martins attentamente e quando esperavam em um simples cumprimento palavras cortezes, o Regente em tom resolutivo disse aos deputados: "Como me interesso muito pela prosperidade da Nação, sem me importar com os elementos de que se compõe a Camara dos Deputados prestarei a mais franca e leal cooperação a mais franca e leal cooperação á Camara, esperando que, ao menos desta vez, cumpra a promessa tantas vezes repetidas de

tomar em consideração as propostas do Governo!".

Na sessão de 6 de Junho, Souza Martins com indizível emoção, em meio de profundo silencio, narra o acontecido á Camara, o que determinou forte celeuma, descendo Araújo Lima da presidencia para não dizer a formula protocollar "A Camara recebe com agrado."

A lucta se accende; os debates se acaloram; a opposição se regimenta. Ao lado de Bernardo de Vasconcellos — que exercia de facto a chefia do movimento contra o Regente Feijó — estavam Honório Hermeto Carneiro Leão, deputado por Minas bem moço ainda, intelligencia aguda e perspicaz, vaidoso na sua independencia de acção, transfigurando-se em orador ao aquecer-se o debate, deixando a palavra hesitante para discursar impetuamente, apaixonando-se com facilidade até ficar irascivel; Maciel Monteiro, sempre elegante de uma linha irrehensível, polido, "eloquencia dandy" na expressão de Joaquim Nabuco; Rodrigues Torres — que seria o veneravel Itaborahy — ponderado sobrio, possuidor de um grande conhecimento de logica pelo trato com a mathematica, de que era mestre, o que imprimia uma excellente força deductiva nos seus discursos; Hollanda Cavalcante de Alhuquerque — simples de expressão, fugindo dos subterfugios para preferir o termo ajustado, muito franco nos ataques; Miguel Calmon de Pin e Almeida — que bem moço lograra sympathias de Pedro 1º que o fizera Ministro das Finanças e Grã Cruz da Ordem do Cruzeiro — espirito aristocratico, educado em consecutivas viagens ás Côrtes Europeas, especialista em assumptos de ordem economica.

Esses eram os vultos de maior destaque na opposição. Defendendo o Regente além de Castro e Silva e Limpo de Abreu — Acayaba de Montezuma — o futuro Visconde de Jequitinhonha — intelligencia brilhantissima, orador consumado, palavra facil e elegante, argumentação segura e expontanea, — o espirito mais radicalmente bahiano do momento.

O mez de Agosto foi das ultimas luctas: motivos não faltavam — a guerra do Rio Grande do Sul, a desorganização dos serviços publicos, as finanças e para se ver a injustiça clamorosa que a Camara praticava nessa formal e systematica opposição ao Governo basta citar que o pedido do credito extraordinario de 2.400 contos solicitados para cobrir o "defficit" do exercicio, tendo sido negado, foi facilmente concedido pouco mais de um mez após, quando Araújo Lima, feito Regente, o pedia á Camara pelo ministro Miguel Calmon. A Camara da negativa peremptoria rapidamente mudou de opinião e concedeu, não o que fôra pedido pelo governo Feijó, mas um credito ainda maior: 2.456 contos para a Fazenda, 1.288 para a Guerra e 814 para a Marinha...

Vendo que o paiz sossobriaria com a crise financeira que atravessava, a crise administrativa originada com o Acto Adicional que determinava os primeiros conflicts entre os poderes da Nação e os das

provincias, a crise politica, pelo esgotamento das paixões partidarias nas provincias e na Côrte; a crise nacional, com a guerra do Rio Grande do Sul — Feijó exausto, combalido, dominado por uma nevrose profunda, resolveu renunciar.

Araújo Lima acabava de ser escolhido Senador sahindo da Camara — onde vinha sendo todos os mezes eleito presidente — e o seu espirito elevado, reflectido, calmo, seu passado de estudos e de serviços patrioticos, indicavam-no para occupar interinamente a Regencia até que a Nação elegesse o Regente Permanente. Uma longa conferencia entre Feijó e o futuro Marquez de Olinda na casa do Regente originou o decreto de 18 de Setembro: Araújo Lima nomeado Ministro da Justiça e logo após o officio da renuncia do cargo do Regente.

Feijó vingava-se da Camara no ultimo acto praticado como chefe do poder executivo e do poder moderador na minoridade de D. Pedro d'Alcantara: os "Augustos e Dignissimos representantes da Nação" não receberam do Regente a comunicação directa da renuncia, mas um officio do ministro Araújo Lima copiando o de Feijó.

Directamente o grande estadista se dirigio ao povo: "Brasileiros! Por vós subi á primeira magistratura do Imperio; por vós desço hoje desse eminente posto!"

Ha muito conheço os homens e as cousas. Eu estava convencido da impossibilidade de se obterem medidas legislativas adequadas ás vossas circumstancias, mas forçoso era pagar tributo á gratidão e fazer-vos conhecer pela experiencia que não estava em meu poder acudir ás necessidades publicas, nem remediar os males que tanto nos affligem. Não devo por mais tempo conservar-me na regencia; cumpre que lanceis mão de outro cidadão que mais habil ou mais feliz mereça as sympathias de outros poderes politicos. Eu poderia narrar-vos as inveniáveis dificuldades que previ e experimentei; mas para que? Tenho justificado o acto da minha expontanea demissão, declarando ingenuamente que eu não posso satisfazer o que de mim desejaes. Entregando-vos o poder que generosamente me confiastes, não querendo por mais tempo conservar-vos na espectação de bens, de que tendes necessidade, mas que não posso fazer-vos, confessando a meu reconhecimento e gratidão á confiança que vos mereci, tenho feito tudo quanto está da minha parte. Qualquer porém que for a sorte que a Providencia me depare, eu sou cidadão brasileiro, prestarei e devo á Patria. Rio de Janeiro 19 de Setembro de 1837.

— Diogo Antonio Feijó.

Dominára a Camara. O ministro da Justiça Araújo Lima elevado a Regencia interina e mais tarde confirmado pelo voto de Nação nesse elevado posto, por sua vez teria que recuar deante da mesma Camara que revolucionariamente aclamaria maior a criação imperial para terminar o periodo regencial, periodo de agitações democraticas, e de ensaio republicano.

A queda de Feijó determinou a supremacia da Camara, só mais tarde limitada com a politica de prudencia e patriotismo de Pedro I, com o prestígio e realce da Corôa Imperial.

Ribas Carneiro.

A lei da Regencia tirara do chefe do governo o direito de dissolver a Camara, o que lhe emprestava então uma força maior durante o periodo Regencial. Feijó não tolerava esse predominio do poder legislativo e em 1839, já sem mais outra autoridade que a de simples senador por São Paulo, perante o Senado sustentava na sessão de 27 de Maio: "Eu tenho ouvido dizer que o nosso Governo é o das maiorias e que quando a maioria quer uma coisa deve ser feita; isto seria o governo da força..."

A Constituição dá ao poder moderador o direito de negar sanção ás leis que passam pela maioria das duas Camaras e isto é porque ella entende que as maiorias não devem governar; que pode entender as cousas que sejam oppostas ao bem geral. A Constituição dá tambem ao poder moderador o direito de dissolver a Camara dos Deputados ou de adia-la; e porque? Porque não quer que as maiorias governem!" E na sessão de 29 de Maio continuava: "Já lembrei e repito: a Constituição tanto não reconhece o predominio das Camaras que concede ao chefe do Estado negar sanção ás leis apresentadas pela maiorias das Camaras... Elle pôde dissolver a Camara dos Deputados, quando essa maioria não está de accordo com o mesmo chefe ou a este parece que não é verdadeiro órgão dos sentimentos nacionaes. Como quer pois o illustre senador obrigar o Imperador a tirar seus ministros das maiorias, sendo-lhe absolutamente livre nomeal-os ou demittil-os sem condição nenhuma? Senhores, tal principio tende a republicanisar o Brasil. O nosso governo é monarchico, isto é, governo de um só, embora modificado. O nosso governo é o da lei. A assembléa, o governo e o poder judiciario todos tem attribuições marcadas na Constituição. Não confundamos os poderes do Estado: estão divididos." O senador Feijó, indirectamente, dessa forma, nas vespéras da proclamação da maioridade, ainda pois no periodo Regencial, defendia a politica observada pelo Regente de 1835.

Bem se pode d'ahi calcular a Regencia de Feijó: uma luta violenta entre o governo e a Camara, luta que apaixonou a imprensa da época quasi toda incendiaria, violenta, aggressiva. A "Aurora Fluminense," dirigida pelo brilhante espirito de Evaristo da Veiga, devotado sempre ao grande estadista que elle apontara para subir ao poder, formava uma excepção. A sorte porém era adversa a Feijó porque Evaristo que chegara a possuir uma preponderancia decisiva na opinião publica fluminense, só um anno defenderia o seu amigo, desaparecendo no começo de 1837, levado por desgosto, segundo os commentarios do tempo.

Approximava-se o dia da abertura da Assembléa Geral do anno de 1836 e pela primeira vez o novo Regente iria ler a "falla do throno". A sessão fôra de especial solemnidade: o corpo diplomatico em peso se apresentara nos Paços do Senado. Havia intensa curiosidade. O povo encherá as galerias. O Regente recebido com os pragmaticas do protocollo, feita a venia á meza, dirigio a "falla" em nome de Sua

Magestade o Imperador aos "Augustos e Dignissimo representantes da Nação." O discurso foi incisivo; periodos curtos, palavras rispidas. Não era aquelle phraseado inexpressivo, de méra formalidade quasi, que depois da abdicção a Assembléa Geral costumava ouvir dos Regentes: em cada conceito se revelava ao parlamento um homem autoritario destinado a mandar: "Nossas instituições vacillam.

O cidadão vive receioso e assustado! O governo consome o tempo em vãs recommendações. Seja elle responsabilizado por abusos e omissões. *Dai-lhe, porém, leis adaptadas ás necessidades publicas; dai-lhe força com que possa fazer efectiva a vontade nacional! O vulcão da anarchia ameaça devorar o Imperio. Applique a tempo o remedio*" e chamando a attenção para a necessidade de dar exemplo ás consciencias e seja mais solida a dorés e aos deputados: "A moral, fundamento da ordem, deve ser melhor ensinada para que sirva de sustentáculo ás leis, seja a consciencia e seja mais solida a garantia da publica prosperidade!"

Padre, Feijó mantinha, entretanto, opiniões altamente liberaes em materia canonica, não escondendo suas vivas sympathias pela permissão do casamento aos sacerdotes catholicos, o que scandalisara o primaz da Bahia, o arcebispo D. Romualdo Seixas, futuro Marquez da Sta. Cruz e que tinha assento na Camara. Nem por isso Feijó deixara de ser eleito bispo de Mariana e confirmado pela Santa Sé. Entretanto, ao ser eleito o bispo do Rio de Janeiro, que professava opiniões semelhantes ás de Feijó, o vaticano recusara a reconhecer o sacerdote com tal investidura o que determinou uma crise diplomatica entre o Brasil e o Santo Padre, conduzindo-se Feijó com toda energia na defeza do privilegio de eleger o governo os bispos. Esse caso e mais a rebellião que se alastrava no Rio Grande do Sul, fracassados os meios suasorios que o Regente, pouco depois de reconhecido tentára empregar, foram pretexto para que rompesse a opposição na Camara, figurando como chefe nesse movimento Bernardo de Vasconcellos, que então vivia em um ambiente da mais justa admiração, havendo alcançado com a acção desenvolvida por occasião da feitura do Acto Adicional o maior prestigio parlamentar. Sua intelligencia, que na mocidade tão mal se afigurára e que, mesmo durante o primeiro imperio, tantas lacunas deixava assignalar, então se demonstrava no maior brilho e intensidade, ao mesmo tempo que se denunciavam os primordios da "thabes dorsalis" que pregaria em breve o grande estadista em uma poltrona, obrigando-o a fallar ao Senado sentado, face macilenta, palpebras cahidas. A capacidade de trabalho de Bernardo de Vasconcellos era excepcional: sua laboriosidade simplesmente infatigavel. Era um argumentador temivel porque subia á tribuna com todos os elementos precisos ao debate, esmiuçador, esforçado pesquisador que era tendo como ninguem uma facilidade em compor os seus discursos, graças á magnifica lucidez do seu espirito bem trabalhado. A guerra declarada entre Vasconcellos e a politica de Feijó iria até o

final: quando o Regente desalentado abandonou nas mãos de Araújo Lima o poder, a politica passaria a ser chefiada por Vasconcellos, unico nome para que apellaram os moderados quando a Camara dos deputados votou tumultuariamente a maioridade do Imperador.

Bernardo de Vasconcellos durante todo o anno de 1836 manteve aberta opposição e poucas são as sessões da Camara em que o representante de Minas Geraes não subio á tribuna. A politica de Feijó afigurava-se ao grande parlamentar como intoleravel "E' a vontade irresponsavel" (Regente) só que tem a iniciativa, que tem voto. O ministerio não tem independencia de acção". As perseguições que Feijó era forçado a fazer á imprensa revolucionaria levaram Vasconcellos á tribuna protestar pelo direito de manifestar livremente o pensamento, reconhecendo a necessidade de uma repressão nas suas violencias dentro da lei e terminando apostrophava o governo de pretender matar quem lhe dá o proprio prestigio — a imprensa — referindo-se dessa forma Vasconcellos á circumstancia de ter Feijó alcançado popularidade graças á acção de Evaristo da Veiga na "Aurora Fluminense".

A guerra no Sul, o pedido de verbas especiaes para acudir ao apromptamento das forças legaes, a suspensão de garantias constitucionaes na região revolucionada, o projecto de dividir a guarda Nacional em contingentes, a reorganização dos quadros do exercito e a reforma do thesouro da armada, que tudo era motivo para a opposição atacasse o governo, figurando em a maior parte desses debates como defensor da politica seguida, o ministro Limpo de Abreu, que ao encanecer, seria o Visconde de Abaeté.

Chegara em Junho de 1836 ao Rio, de volta de uma missão diplomatica especial na Europa o Marechal Marquez de Barbacena, offerecendo o experimentado diplomata ao governo os trabalhos que fizera sobre nossa vida financeira de accordo com o credito que gosavamos perante os nossos banqueiros em Londres. O longo e pormenorizado relatorio do Marquez fôra entregue ao exame da Praça do Rio de Janeiro que delegou poderes a tres commerciantes de conhecida competencia para formularem o parecer. Isso feito, o gigantesco trabalho seguiu para a Camara e havendo logrado parecer da Comissão de Finanças — onde se assentava Bernardo de Vasconcellos — não conseguiu andamento algum, apezar de urgencia extraordinaria que se fazia sentir de normalisar a situação financeira do paiz ampliando o nosso meio circulante, pesando, como pesava, contra o Brasil além da vida interna o encargo do emprestimo de 1824, o compromisso da divida portugueza assumida pela Convenção de 1825 e o emprestimo de 27 de Dezembro de 1828 (400.000) denunciando-se no orçamento um deficit que avançava além dos seis mil contos de reis, sendo a media da Receita do Imperio de doze mil contos. O trabalho desenvolvido pelo ministro das finanças — Castro e Silva — sobre a uniformização do nosso meio circulante e

amortisação da moeda papel revelam um notavel conhecedor do assumpto.

O Parlamento ou melhor a Camara, entretanto nada de pratico realizou, pelo que Feijó ao encerrar a sessão parlamentar proferio o seguinte e brevissimo discurso: "Augustos e Dignissimos representantes da Nação: Seis mezes de sessão não bastarão para descobrir os remedios adequados aos males publicos; elles infelizmente forão em progresso. Oxalá que na futura sessão o patriotismo e a sabedoria da Assembléa Geral possa satisfazer ás urgentes necessidades do Estado! Está fechada a sessão" e entre murmurios, cabeça erguida, com a sua bengala de unicornio, sahio do Paço do Senado entre as alas dos deputados e senadores em commissão.

O anno de 1837 começava mal: morrêra Evaristo da Veiga; no Rio Grande do Sul fôra proclamada a Republica de Piratinim, erguendo David Cannabarro, Antonio Netto e Bento Gonçalves a bandeira emancipadora em toda a região fronteira com o Unuguy. A attitude desses gaúchos destimidos, a que se vinham juntar tropas irregulares dos campos das "Missões" e a que se alliára Garibaldi — impressionára vivamente todo o Imperio.

O Regente abriu a sessão legislativa com palavras seccas, sinão duras: remedios fracos e tardios pouco ou nada aproveitão na presença de males graves e inveterados." Era a censura ao desperdício de tempo nos trabalhos parlamentares, que não deixavam fructo.

Os animos se azedaram logo; os odios recrudesceram. A resposta á "falla" foi discutida longamente desde 8 de Maio até o dia 23 e posto em votação periodo por periodo era um nunca acabar da oradores e de emendas, levando o ministro dos estrangeiros Limpo de Abreu a sériamente protestar contra a desabrida censura que se fazia ao poder moderador que o Regente exercia na minoridade de D. Pedro, poder que era sagrado, inatacavel. Depois de vivos debates foi votada a resposta á "falla", na qual se destacava o seguinte periodo que muito de perto chocou a Feijó: "Essa cooperação (de esforços) a Camara dos Deputados se esmerará em prestal-a aos ministros de V. M. Imperial si, guiados unicamente pelos interesses e necessidades do paiz, procurarem assinu manter a harmonia e confiança entre os differentes poderes do Estado, condição essencial para a marcha regular dos governos representativos".

Nos começos de Junho a comissão especial, conforme a praxe, se dirigio ao Paço, leu e entregou ao Regente a resposta da Camara. Feijó ouviu Souza Martins attentamente e quando esperavam em um simples cumprimento palavras cortezes, o Regente em tom resolutivo disse aos deputados: "Como me interesso muito pela prosperidade da Nação, sem me importar com os elementos da que se compõe a Camara dos Deputados prestarei a mais franca e leal cooperação a mais franca e leal cooperação á Camara, esperando que, ao menos desta vez, cumpra a promessa tantas vezes repetidas de

tomar em consideração as propostas do Governo!".

Na sessão de 6 de Junho, Souza Martins com indizível emoção, em meio de profundo silencio, narra o acontecido á Camara, o que determinou forte celeuma, descendo Araújo Lima da presidencia para não dizer a formula protocollar "A Camara recebe com agrado."

A lucta se accende; os debates se acaloram; a opposição se regimenta. Ao lado de Bernardo de Vasconcellos — que exercia de facto a chefia do movimento contra o Regente Feijó — estavam Honorio Hermeto Carneiro Leão, deputado por Minas hem moço ainda, intelligencia aguda e perspicaz, vaidoso na sua independencia de acção, transfigurando-se em orador ao aquecer-se o debate, deixando a palavra hesitante para discursar impetuosamente, apaixonando-se com facilidade até ficar irascível; Maciel Monteiro, sempre elegante de uma linha irprehensível, polido, "eloquencia dandy" na expressão de Joaquim Nabuco; Rodrigues Torres — que seria o veneravel Itaborahy — ponderado sobrio, possuidor de um grande conhecimento de logica pelo trato com a mathematica, de que era mestre, o que imprimia uma excellente força deductiva nos seus discursos; Hollanda Cavalcante de Albuquerque — simples de expressão, fugindo dos subterfugios para preferir o termo ajustado, muito franco nos ataques; Miguel Calmon de Pin e Almeida — que hem moço lograra sympathias de Pedro 1º que o fizera Ministro das Finanças e Grã Cruz da Ordem do Cruzeiro — espirito aristocratico, educado em consecutivas viagens ás Côrtes Europeas, especialista em assumptos de ordem economica.

Esses eram os vultos de maior destaque na opposição. Defendendo o Regente além de Castro e Silva e Limpo de Abreu — Acayaba de Montezuma — o futuro Visconde de Jequitinhonha — intelligencia brilhantissima, orador consumado, palavra facil e elegante, argumentação segura e expontanea, — o espirito mais radicalmente bahiano do momento.

O mez de Agosto foi das ultimas luctas: motivos não faltavam — a guerra do Rio Grande do Sul, a desorganização dos serviços publicos, as finanças e para se ver a injustiça clamorosa que a Camara praticava nessa formal e systematica opposição ao Governo basta citar que o pedido do credito extraordinario de 2.400 contos solicitados para cobrir o "defficit" do exercicio, tendo sido negado, foi facilmente concedido pouco mais de um mez após, quando Araújo Lima, feito Regente, o pedia á Camara pelo ministro Miguel Calmon. A Camara da negativa peremptoria rapidamente mudou de opinião e concedeu, não o que fôra pedido pelo governo Feijó, mas um credito ainda maior: 2.456 contos para a Fazenda, 1.288 para a Guerra e 814 para a Marinha...

Vendo que o paiz sossobriaria com a crise financeira que atravessava, a crise administrativa originada com o Acto Adicional que determinava os primeiros conflitos entre os poderes da Nação e os das

provincias, a crise politica, pelo esgotamento das paixões partidarias nas provincias e na Côrte; a crise nacional, com a guerra do Rio Grande do Sul — Feijó exaustivo, combalido, dominado por uma nevrose profunda, resolveu renunciar.

Araújo Lima acabava de ser escolhido Senador sahindo da Camara — onde vinha sendo todos os mezes eleito presidente — e o seu espirito elevado, reflectido, calmo, seu passado de estudos e de serviços patrioticos, indicavam-no para occupar interinamente a Regencia até que a Nação elegeisse o Regente Permanente. Uma longa conferencia entre Feijó e o futuro Marquez de Olinda na casa do Regente originou o decreto de 18 de Setembro: Araújo Lima nomeado Ministro da Justiça e logo após o officio da renuncia do cargo do Regente.

Feijó vingava-se da Camara no ultimo acto praticado como chefe do poder executivo e do poder moderador na minoridade de D. Pedro d'Alcantara: os "Augustos e Dignissimos Representantes da Nação" não receberam do Regente a communicação directa da renuncia, mas um officio do ministro Araújo Lima copiando o de Feijó.

Directamente o grande estadista se dirigio ao povo: "Brasileiros! Por vos subi á primeira magistratura do Imperio; por vós desço hoje desse eminente posto!"

Ha muito conheço os homens e as cousas. Eu estava convencido da impossibilidade de se obterem medidas legislativas adequadas ás vossas circumstancias, mas forçoso era pagar tributo a gratidão e fazer-vos conhecer pela experiencia que não estava em meu poder acudir ás necessidades publicas, nem remediar os males que tanto nos affligem. Não devo por mais tempo conservar-me na regencia; cumpre que lanceis mao de outro cidadão que mais habil ou mais mereça as sympathias de outros poderes politicos. Eu poderia narrar-vos as inenunciaveis difficuldades que previ e experimentei; mas para que? Tenho justificado o acto da minha expontanea demissão, declarando ingenuamente que eu não posso satisfazer o que de mim desejaes. Entregando-vos o poder que generosamente me confiastes, não querendo por mais tempo conservar-vos na espectação de bens, de que tendes necessidade, mas que não posso fazer-vos, confessando a meu reconhecimento e gratidão á confiança que vos mereci, tenho feito tudo quanto está da minha parte. Qualquer porém que for a sorte que a Providencia me depare, eu sou cidadão brasileiro, prestarei e devo á Patria. Rio de Janeiro 19 de Setembro de 1837.

— Diogo Antonio Feijó.

Dominára a Camara. O ministro da Justiça Araújo Lima elevado a Regencia interina e mais tarde confirmado pelo voto de Nação nesse elevado posto, por sua vez teria que recuar deante da mesma Camara que revolucionariamente acclamaria maior a criança imperial para terminar o periodo regencial, periodo de agitações democraticas, e de ensaio republicano.

A queda de Feijó determinou a supremacia da Camara, só mais tarde limitada com a politica de prudencia e patriotismo de Pedro I, com o prestigio e realce da Corôa Imperial.

Ribas Carneiro.

# SCIENCIA JURIDICA

## Dados para orientação e pesquisas

A sciencia do direito não seria sciencia, se o azar dos actos legislativos fosse o objecto (1). Não ha maior disparate do que pretender exista "sciencia da legislação". O direito, como disciplina theoretica, não se confunde com a historia, nem com a philologia, nem com a moral, nem tão pouco com o quadro descriptivo ou critico dos costumes politicos. Não poderiamos identificar a sciencia juridica com a theoria geral, com o conjuncto ou systema dos principios, porque estes mudam, uma época os adopta e outra os contesta, segundo variam as condições sociaes. A propria dilatação do circulo social produz a transformação do direito: em quanto foram nomades os hebreus, todas as cousas eram possuidas por todos e tiveram um chefe, mas, divididas as terras entre as tribus, vem a propriedade privada e o chefe commum desaparece; a economia feudal corresponde typo de direito de familia, que não poderia ser o dos romanos, nem o nosso, que é o da época do salario; nos periodos primitivos, a propriedade pertence á familia e assim a successão se faz "ab intestato" ao passo que virá o testamento quando a mesma sociedade explorar escravos, e assim por deante.

Com a iniciação scientifica, que é indispensavel ao jurista como ao chimico, ao biologista, ao physico, a pesquisa, segundo methodos rigorosos e fecundos, logo lhe revela a discordancia, digamos mais fortemente — a contradicção, entre o "direito", que a cada momento pretendemos impor aos factos, e a "realidade social" que concretiza a phase economica, religiosa, moral, politica, da sociedade. Tal serviço negativo, pois que mostra "erros" de legislação e de governo, não é o maior que nos pôde prestar a investigação scientifica, porém constitue um dos maiores. Ninguém poderia menosprezar a verificação de que prejudica a agricultura o art. 1.622 do Codigo Civil francez, de que a partilha, que fragmenta as propriedades, perturba a continuidade da vida economica e gasta em processos juridicos e pessoas improductivas grande parte das fortunas, ou de que a distribuição de rendas federaes e estaduaes segundo a Constituição Federal brasileira não attende aos interesses dos dous circulos politicos (União, Estado). Semais, está o corpo dos systemas juridicos cheio de aphorismos, regras e preceitos, que apenas são vantajosos para os fortes e os ricos (2); e sómente a sciencia poderá auxiliar-nos na separação do que é "util" e do que é "inutil", do que é innocuo e do que é prejudicial á vida á prosperidade social.

A maior vantagem é a que resulta do resultado positivo: não consiste na descoberta de erros, que possa trazer melhora sem nova actividade, e apenas mediante eliminacão de medidas; mas na adopção de expediente, que a sciencia aponta como util e efficaz. Para um como para o outro caso, a pesquisa é assaz delicada e não raro insufficiente o material de informação com que se trabalha; mas então remedio é promover o enriquecimento deste

material" afim de mais seguramente conhecermos a realidade social sobre qual desejamos actuar.

A cada momento percebemos leis synchronicas: a economia escravagista e o governo directo; onde a economia é servil, o governo representativo, ou não existe, ou é falho. No Brasil, a eleição pouco ou, digamos até, nada exprimia; depois a abolição e a Republica, não foram muito sensiveis as melhoras. Ainda estremece, sob as formas diferenciadas ou novas da vida, o passado imperial, com a organização do trabalho não salariado. Em certos recantos, o "salario" apenas diz com outra palavra o que anteriormente se dominava "ração do escravo". Também a Alemanha, com a primitiva economia, ficou muito tempo incompativel com o governo representativo. Analysadas as relações sociaes e verificadas as permanencias, facil será conhecer o synchronismo, de que derivarão excellentes suggestões praticas, como a de evitar institutos que não correspondem mais á época, ao momento historico. Hoje, com a politica escolastico-discursadora, a respeito de qualquer variacão ou tentativa se hão de travar rinhãs de oratoria e de argumentação mais ou menos erudita. No entanto a questão é de "facto" e não de "melhor" fundamento "logico" ou "ideologico". Não faltam defensores ao jury, que nada mais exprime do que o exercicio directo do poder judiciario por parte da classe proprietaria: foram bons os resultados na Grecia e na Roma classicas; nos nossos dias, não, nem poderiam ser. Porque? Responde Achille Loria, com a precisão, em que excelle: na antiga sociedade, as relações capitalistas, pois que separavam da empresa productiva o proprietario, levavam-no ao exercicio dos cargos publicos; nas actuaes condições da economia, desde que se lhe exigem a presença e a assiduidade na direcção da empresa productiva, torna-se-lhe impossivel o consciencioso exercicio das funcções de juiz (3). Comprende-se hoje que especie de gente pode compor, na maioria e nos casos ordinarios, taes conselhos de jurados.

A adopção de segura politica juridica é um dos maiores factores de felicidade dos povos. O direito é susceptivel de aperfeiçoar-se e cada vez mais servir á ordem social. Mas tal evolução não se opera "necessariamente"; não é "fatal", e sim apenas "possivel"; ha povos que, em vez de subir por anno, os gãos da escala, descem de quando em quando; e outros, que de momento interrompem a continuidade e crescente exactidão, para tomar outra estrada, que é a da novidade, a de demasiado apego ao passado, ou a simples dilatação de principio relativo que o intellectualismo entende elevar á categoria de absoluto. A repercussão geral do erro, por vezes imperceptivel, vicia e envilece o organismo social. E' á boa politica social (juridica e economica, religiosa e moral, etc) que compete a grande obra da felicidade dos povos: dará segurança aos passos (4) e prescindirá dos velhos processos empiricos e primitivos.

(1) C. A. EMGE, *Grundfragen der Rechtsphilosophie*, no *Archiv für Rechts und Wirtschaftsphilosophie* Berlin un Leipzig 1919-1920 vol. XIII, pag. 82: "Sicher wäre die Rechtswissenschaft keine Wissenschaft, wenn die Zufälligkeiten der Gesetzgebungsakte ihr Gegenstand seien"

(2) BECHAUX, *Le droit et les faits économiques*, Pariz, -889, pag. 101, 159 171.

(3) ACHILLE LORIA, *Les bases économiques de la constitution sociale*, Pariz 1893, pag. 160.

(4) Cf. ADRIEN NAVILLE, *Classification des sciences*, Pariz, 1920 pag. 317: "Une canonique prudente, fondée sur une sociologie réfléchie, montrera les difficultés du problème; elle conseillera probablement de ne marcher vers l'idéal qu'à pas mesurés. Mais elle enjoindra d'y marcher résolument".

Quem quer que observe os organismos tem de considerar as relações delle com o que o cerca. Será difficil separal-os do conjuncto das suas condições de existencia. Aqui encontro um acto e penso que para elle sómente concorreu o individuo; alli, omissão, que levo á conta de impulso interno, sem nenhuma dependencia das circumstancias exteriores. Mas os factos cedo nos convencerão do contrario. Se verificarmos que em raças diferentes que vivem em determinada especie de meio se operam certos phenomenos, logo poderemos acreditar no semelhante effeito de semelhantes factores mesologicos. O problema da adaptação surge deante de nós; porém não apenas como motivo de descripção e sim de explicação, de investigação de origem. Só os espiritos contemplativos, finalistas e outros do mesmo feitio podem permanecer neste estado psychologico, mixto de admiração e de crença, que os mergulha na perplexidade de observadores das maravilhas da natureza, da providencial correspondencia entre a estructura dos órgãos e o funcionamento delles, entre as disposições anatomicas e o conjuncto, se não os pormenores, das condições de existencia. Outros preferem "ver" o mecanismo da adaptação. Dous são os elementos, as forças, que se enfrentam; duas, pois, as series de partidarios. A justa medida, em cousas de intelligencia, é quasi insuperavel difficuldade. Os novi-lamarckianos attenderão ao meio, que invade, domina, deforma e modela o organismo, de geito que o ser se tornará "o que é preciso" para a vida. Esquecem que ha o elemento-organismo, que os seres são diferentes e que taes differenças correspondem a outras tantas differenças de conformação ao meio. Pense-se na fauna e na flora do mesmo paiz, no indigena e na raça alienigena que differentemente se modelam no mesmo meio. O darwinismo não se pôs do lado opposto, mas, se admittio a influencia do meio, fel-o como factor secundario. Recentemente, houve certo movimento de rehabilitação do elemento-organismo, contra o qual a cada momento se exercem as tendencias exclusivistas das interpretações da adapção. A preadaptação está implicita nas formas puras das duas theorias: porque ou o meio preestabelece a vida, a historia dos seres, ou elles são preparados, com formas adequadas, para viver no meio em que vivem. Porém os factos nos dizem outra cousa: ha animaes cegos que existem na superficie, e não nos lugares escuros, e outros, com olhos, que vivem nas cavernas; ainda se conservam os calções e os beijos nos nossos tempos de roupas menos solemnes e mais praticas, de convicções e preoccupações de hygiene. Não são possiveis explicações simplistas e menos ainda exclusivistas. O animal pode praticar actos que não são uteis, nem adequados ao meio, continuar na observancia de preceitos ou habitos, que não no sejam mais: o sertanejo ainda falla na "côrte"; os povos occidentaes "partilham" os bens da successão "ab intestato", sem consideração da vantagem economica de se não perturbar a vida da nação com a fragmentação da fortuna, a suspensão da producção ou dos empreendimentos. Damos apenas dous exemplos, mas poderíamos enumerar muitissimos, que de uma infinidade delles estão cheias as leis, obras do empirismo ignorante ou do fatuo racionalismo. O homem, como o animal, erra. O simples facto de existir o uso, o costume, a disposição legal, não prova que seja "util": encontramos reptis dotados de patas e insectos ápteros, ou passaros sem azas e animaes aquaticos sem nadadeiras. Demais, não ha sempre, nos phenomenos juridicos, processos para a adaptação. Se introduzirmos a idéa de finalidade, que sómente representa interpretação, certamente passaremos a ver aquelles factos como "tendentes" a realização, a adaptação, em vez de "resultados" della. Nada mais perigoso do que tal presupposto do character morphologico

do problema do processus adoptivo. Scientificamente, não podem persistir nelle. O que nos impõe é o criterio dos bons naturalistas: considerar a adaptação como processus physiologico. Praticamente, no direito, a differença entre as duas posições fica em nitido relevo, se examinarmos algumas das consequencias de um e de outro modo de explicar os factos: o finalista confia demasiado na forma e crê, portanto, que "outro" direito possa produzir "outra" sociedade; o determinista vê alterações, sabe que o direito imposto não se applica integralmente, porque apenas vale a força que o impõe, e (como tal força já existe antes da imposição do direito) apenas elle exprime a feição que tomou a arbitrariedade contida nos factos. A moderna biologia ensina que a forma e a estructura só mediatamente intervêm na possibilidade da vida: são resultados, e não causas. Isto que nos reduz a morphologia das plantas, dos animaes e dos homens a traducções do processus de adaptação, mostra-nos tambem que podemos observar na materia social as seguintes "formas":

1. Inuteis.
2. Já desprovidas de função util.
3. Contraproducentes ou directamente perniciosas.
4. Susceptiveis de ser criadas e proveitosas á vida social.

Tal criterio rigorosamente scientifico nos leva a preferir a acção á idéa, a educação, a instrucção, a prophylaxia e a medicina ethnico-social, aos projectos de Código Penal, regulamentos policiaes, etc., á "melhorar" em vez de "punir" os individuos, e a condemnar que se mantenham instituções que não servem mais á prosperidade, á harmonia ou á segurança social.

As persistencias, quando não são uteis, devem ser extirpadas; e os erros, corrigidos. A superioridade de um momento, em relação a outro não é mais do que a resultante da correcção ou do evitamento de medidas que são ineficazes ou (o que é mais grave) prejudiciaes ao bem individual, ou collectivo. O ordalio ou ferro quente, que ainda se encontrava no direito foraleiro portuguez, nunca servio a nenhuma adaptação, posto que pudesse ter sido fecunda a ferocidade das penas contra o adulterio. No "Leal conselheiro" de D. Duarte, allude-se ao "ferro caldo", que naquella terra "tantos certificam que o vyram filhar". O valor probatorio, que vereria ter, era nenhum; e a crença dos innocentes, a despeito do que dizem escriptores do tempo, encontrava a punição do bem e do mal, indifferentemente. Menos offensiva, porém igualmente insegura, foi a "porca de Murca", figura de pedra vermelha, que mudaria de cor em certos crimes para certificar a innocencia dos accusados. Mais proficua a pena de tosquia, que punha aos olhos de todos o malteitor. Brutal, porém expressiva, a pena do Livro V, tit. 60, §§ II, das Ordenações Affonsinas. A's vezes a medida é reminiscencia de outros estados sociaes, primitivos, mas com ella se mistura providencia que concorre para a adaptação social ou para o equilibrio juridico. Deste ultimo caso temos exemplo no que se lê nos "Inéditos da Academia", tomo IV, pag. 623, referente aos foros de Torres Novas: "He costume, que se alguém achar porco em sas vinhas maduras, matalosha, se quiser, e cortarlhysa as cabeças quanto tanger o bico da orelha pelo pescoço, "e havelas lu"; e seu dono dos porcos levará os toros".

E' ou não a Sciencia do Direito a mais grave das sciencias, desde que não a reduzamos á vil empiria ou a rancida escolastica?





nas e asiaticas. Em 1486, Bartholomeu Dias ultrapassa o Cabo da Boa Esperança, e seguidamente, do Cairo, depois de muito jornada entre os mercadores levantinos, Pero de Covilhan transmite as primeiras noticias orientaes, o itinerario da navegação para a India: tudo estava em perlustar a costa da Guiné, por onde se chegaria ao extremo sul africano, e desse ponto inflectir para leste, em busca da ilha da Lua, por Sofala. Não era outro o caminho do Oriente, afinal descoberto pela expedição de 1497, inspiradora dos *Lusiadas*.

Nessa concepção experimental da arte nautica de Sagres — a India pelo nascente, — formulada após a descoberta de Porto Santo, da Madeira, de Santa Maria, e o reconhecimento da costa, por Gil Eannes, até ao Bojador, podem inscrever-se todas as datas de uma epopéa maritima, que vai do Occidente ao Oriente, das ilhas atlânticas a Melinde. E outra concepção erronea, mas deslumbradora nos seus imprevistos resultados — a India pelo poente, — filiando-se ás viagens remotissimas de Marco Polo e ás doutrinas de Toscanelli, abre ao mysticismo de Colombo os panoramas insulares das Antilhas, em que elle suppõe lobrigras vedetas de Cypango e Cathay, ramificações de um vasto archipelago oriental. As duas concepções geographicas dialogam na cõrte portugueza, ao declinar do seculo XV, e a primeira dellas, necessariamente, repelle a segunda, com a verdade repelle o erro, proclamado em taes circumstancias por Christovão Colombo, ainda que o monarca não occulte a existencia de terras ao austro, suspeitadas ou localizadas pelos seus navegadores.

Com effeito, muito antes da visita de Colombo, já os cartographos e mareantes haviam trazido ao reino a vaga noticia de terras occidentaes: o mappa de Becario, em 1435, e um anno depois o de André Bianco, delineados ambos sob a influencia das navegações resultantes do plano de Sagres, claramente situam a oeste dos Açores, no Atlantico occidental, a *Antilia* e outras ilhas, quando só os nautas portuguezes cruzavam essas aguas. Já o antecessor do soberano, D. Affonso V, em 1474, havia doado a Fernão Telles, "as ilhas que achasse pessoalmente ou por seus homens ou seus navios no mar oceano, para as povoar — não sendo, porém, as taes ilhas nas partes de Guiné" — e no anno seguinte ampliara a mesma doação. O proprio Colombo, em Genova, lembra no Diário da sua primeira viagem o caso do mareante, vindo da ilha da Madeira a El-Rei com a noticia da terra longinqua e o pedido de uma caravela para a descobrir: "... *el cual juraba que cada anno la via*". Mas na rota das suas expedições ou na cifra dos seus calculos os pilotos e capitães portuguezes não confundiam, ao inverso da Colombo, as bravias terras occidentaes e as sumptuosas terras asiaticas. Se ao genovez foram os navios recusados, na cõrte de D. João II, para a descoberta do caminho das Indias ao poente, é que o principe perfeito, havia mais de um decennio, sob o reinado paterno, já investido na administração das colonias e navegações ultramarinas, lêra de certo a missiva e estudara o mappa, em que Paulo Toscanelli, de Florença, consultado por um conego de Sé de Lisboa, Fernão Roriz, valido e conselheiro de Affonso V, ensinava o mais breve caminho do Tejo aos portos de Cathay e Cypango, terras da especiaria, fertilissimas de ouro, perolas e pedras preciosas.

Era o mesmo roteiro de Colombo. Já o conheciam desde 1474 os orientadores das expedições lusitanas, ou melhor, já o conheciam desde 1428, folheando o livro de Marco Polo, origem da concepção toscanelliana e da diva do Senado de Veneza ao infante D. Pedro, o que sahiu da villa de Barcellos para ir ver as sete pártidas do mundo, como resa o auto de Gomes de Santo Estevão, um dos seus doze compa-

nheiros. E a esse caminho aberto pelo cosmographo italiano, "*mas certo que aquel que vosotros haceis para Guinéa*", conforme o texto de Las Casas, a esse curto roteiro do sabio florentino elles preferiram sempre, dilatando a invariavel trayectoria, não obstante perigos e trabalhos, o caminho mais longo da costa africana. Com a sua experiencia nautica, resumindo um cyclo tormentoso no mysterio do Atlantico occidental, bem sabiam que essas nevoentas, onduladas terras austraes não eram as da India, sofregamente pedidas ao mar pelo commercio da Europa christã, depois que os turcos lhe antepuzeram, fechada a sete chaves musulmanas, com todos os sellos do Alcorão, a Sublime Porta de Constantinopla, — inviolavel porta do Oriente fascinador. Tres vezes, relampeou no horizonte das caravelas portuguezas a idéa toscanelliana — *el levante por el poniente*, formula e chimera dos navegadores de Oeste, — mas tres vezes foi rejeitada, como inexequivel, nas suas tentadoras manifestações: a carta erudita de Toscanelli ao Conego Fernão Roriz; a proposta do genovez Colombo, e por ultimo, com a data de 14 de julho de 1493, em nome do Imperador Maximiliano, o convite do sabio alemão Dr. Monetario, de Nurembergia, a D. João II, para buscar a *terra oriental de Cathay mui rica*. A direcção esboçada pelo Dr. Monetario é identica ao plano de Toscanelli e á rota de Colombo: o Oriente habitavel começa onde acaba o Occidente habitavel. Mas o erro dos sabios e a febre, do visionario não perturbam a Junta dos Mathematicos de Lisboa. Os navegadores educados na tradição da escola de Sagres perseveraram, costeando a Africa, e chegam a Calecut. Rebrilha a evidencia geographica do acerto com que elles preferiam ao saber de Toscanelli as suas proprias idéas na viagem triumphante de Vasco da Gama, enquanto Christovão Colombo, depois de quatro viagens ao mundo novo, tendo abordado ás Antilhas, reconhecido a foz do Orenoco, explorado a costa de Honduras, morre em 1506 com a mesma illusão, que é ter vindo pelo Occidente ao mais antigo dos mundos — a Asia.

Reivindicando a prioridade do conhecimento das terras austraes, sem o erro de Colombo, visionario das Indias opulentas num crepusculo de nomadisimo selvagem, foi ainda o genio portuguez que iniciou o heroe na escola das navegações de longo curso pelo Mar Tenebroso, ambiente das suas miragens e descobertas. "Os factos apurados — escreve Malheiro Dias — permitem estabelecer de modo incontraverso que, se Colombo, tecelão e depois marinheiro, nasceu em Genova, o descobridor nasceu em Portugal."

Sobre a vocação e o fadario de Colombo na mocidade pouco dizem e sabem os chronistas, os biographos, os mais diligentes pregoeiros de tamanha gloria. Filho de um tecelão, anonymo entre os anonymos da sua casta, elle teria feito alguns estudos secundarios, até aos quatorze annos, na Universidade de Pavia. Depois disso, obscuramente fluctua essa vida, entre parais ignorados, como o primeiro navio a que se abriga, como o ideal a que primeiro se entrega. Amadurecido no trabalho e na pobreza, Colombo parece fixar-se com os seus devaneios de marreante e de mystico em Lisboa, á sombra do irmão, Bartholomeu, que era cartographo estimavel e vendedor de instrumentos nauticos. Situada num bairro de homens do mar, a estreita loja do cartographo semelha uma concha resoante, dentro da qual perpassam rijos ventos atlanticos, a sibilar, como na enxarcia das náos portuguezas, ou ecoam vozes de commando, as proprias vozes annunciadoras de terras incognitas, emergentes do oceano e do occaso. Assim ouve Colombo as narrativas dos capitães, dos pilotos, dos gageiros, que tornam de expedições, naufragios e descobertas, ainda sem o vello de ouro, no

pélago fechado aos navegadores de outras épocas, sob o nevoeiro e sob o terror da antiguidade. Ouve, aprende, scisma... Derredor, com as suas naves e as suas nymphas, umas e outras cingidas pelo abraço do Tejo, que as impelle fluidamente para as Indias, para o Brasil, para a volta ao mundo, através de uma só esperança e da mesma epopéa, Lisboa flammeja, irrealisavel como poder e audacia, trafico e heroismo, sciencia e fé, concentrando a Renascença iberica dos argonautas, maior que a Renascença italiana dos esthetas. Intimidadas por esse flamma lyonisica e nova de segunda conquista do Oriente, empallidecem Veneza, Florença e Genova, senhoras de alto esplendor mediterraneo e pujante commercio.

Alli começa o navegador Christovão Colombo, entre planisferios e astrolabios, a pensar na infinita surpresa dos mares nunca dantes navegados; alli deve ter conhecido a carta de Toscanelli ao Conego Fernão Roiz, com que elle tentará demonstrar, mais tarde, aditando-lhe duas outras apocryphas, a origem scientifica da expedição de Palos, e em verdade só demonstrará, seculos após, o anterior conhecimento portuguez das terras austraes. Depois, a sua alliança com D. Philippa Moniz, filha das segundas nupcias de Perestrello, donatario de Porto Santo, o illustre convivio resultante desse consorcio, o exame dos papeis deixados pelo sogro, a informação do piloto Vicente Dias, outras noticias geographicas e outros dados experimentaes, que lhe trazem os nautas, durante a sua residencia nos Açores, compõem decisivamente o grupo de factores mesologicos, a atmospheria portugueza do empreendimento colombiano. Portuguezes foram os instructores, os confidentes, os intimos, os aliados profissionais de Colombo, antes da gloriosa aventura. Nem elle procurou dissimular, posteriormente, a sua aprendizagem como descobridor na escola dos nossos antepassados.

Se os portuguezes lhe foram mestres de navegação occidental, no seculo XV, ainda rectificaram ulteriormente, a Christovão Colombo, o vôo temerario e fantasioso da sua chimera geographica. Desilludido, por certo, da justiça hespanhola e da justiça humana, mas impassivel na fé com que se escravizava aos planos de Toscanelli, como um orthodoxo ao texto dogmatico, envelhecera o genovez, succumbira mesmo na crença de haver chegado ás ilhas asiaticas, descritas no famoso livro de Marco Polo. Sim, o descobridor do novo continente suppõe estar num archipelago visinho á magnificencia oriental de Cypango. O que elle avista, ou melhor, o que elle cuida ingenuamente avistar nas Antilhas é o principio das Indias occidentaes, um ramo insular da Asia, povoado de indios, denominação genericamente adoptada para os selvagens deste hemispherio, quando circulava na Europa dos cosmographos e dos navegadores o erro colombiano. Portugal vai desfazer semelhante miragem com a larga projecção da sua experiencia atlantica.

Tudo o fadava ao descobrimento do novo mundo, e pouco tardaria esse feito lusitano, se uma inspiração nascida do erro, mas acrysolada por uma fé irresistivel, como a dos apostolos, dos videntes, dos martyres, não houvesse truncado illogicamente a sequencia, em 1492, ás explorações obstinadas e clandestinas dos mares occidentaes pelos açorianos. As caravelas portuguezas, rumando para as Indias, aproavam cada vez mais a oeste, por evitar as calmarias da Guiné. Mareantes lusos, e é o proprio descobridor genovez quem cita um desses casos, entrevêm ilhas mysteriosas nos longes occidentaes, que elle demandara mais tarde, a serviço dos reis de Castella e Aragão, ou lhe apontam vestigios da

existência de terras ao occidente: canas, pinheiros, tóros lavrados por instrumento que não é de ferro, mesmo cavaveres de outra raça, vindo ter daquellas regiões ás praias dos Açores, ou intangíveis almadias, então assignaladas ao sul da Guiné portugueza. Faustino da Fonseca sublinha o depoimento de Las Casas—panegyrista de Colombo,—attribuindo a este o conhecimento da viagem do navio portuguez, que em 1447 fôra á Groenlandia, visitada pelos scandinavos de Erico, o ruivo, desde o seculo X, da ida de Diogo do Teive em 1450 até ás visinhanças do Lavrador, das descobertas de Vicente Dias Antonio Leme e Affonso Sanches (1475-1484), das concessões a Fernão Domínguez do Arco (1484), e das viagens dos Corte-Reaes, iniciadas, porventura, em 1472, á Terra Nova. Convictamente affirma o Sr. Rocha Pombo, no 1º volume da sua *Historia do Brasil*: "A julgar por alguns documentos que hoje é impossivel contestar, podemos ter como certo que os navegadores portuguezes, a começar de D. Henrique, chegaram a conhecer diversas terras do Atlantico, taes como a Terra Nova, o Labrador, a Groenlandia, e talvez mesmo regiões do nordeste da America do Sul"

Empolgado aos lusos o descobrimento solemne da America, de que foram os precursores, ainda lhes reserva o destino, entretanto, a missão de esclarecer, definir aos olhos de toda a Europa navegadora e politica a verdadeira imagem continental deste hemispherio. A' illusão do genovez, que se julgava no limiar do Oriente, ao ver nos confins occidentaes, disseminadas sob a nevoa, ou florindo ao sol reverberante, as ilhas asiaticas de Marco Polo, substituem elles a demonstração da unidade territorial do novo mundo. Nunca houve um estado de consciencia tão indefinido na gloria como o de Christovão Colombo. Elle não sabe geographicamente o que fez nem telluricamente onde está. Suppondo a Asia mais dilatada para leste, envolve nessa ficção oriental os selvícolas e os brahmanes, annuncia a descoberta do caminho das Indias pelo Occidente, a proximidade maravilhosa de Cypango, de Cathay, dos paizes da especieria, e é tudo.

Inverosimil desfecho da aventura colombiana! Depois de ter velejado para o ignoto com a segurança de um claviculário das maravilhas occultas ao poente, o genovez delira sobre o volume, a propria situação do thesouro encontrado. E os mestres portuguezes de Colombo rectificam-lhe o erro continental perante a Historia. Como? Por um rasgo divinatorio exclama Humboldt; por effeito de um trabalho inductivo e experimental, prova-o Malheiro Dias.

Em 18 de Outubro de 1501, pouco depois da chegada de um dos navios de Gaspar Corte Real, que fôra até ás praias da Terra Nova ou Terra Verde, cuja descoberta fazem outros remontar ao anno de 1472, com a viagem de João Vaz Corte Real, pai daquelle navegante, o Embaixador Pascuáligo escreve de Lisboa ao Senado Veneziano: "Creêm os da dita caravela que a sobredita terra é firme e está ligada com a outra que o anno passado foi descoberta a oeste por outras caravelas de Sua Alteza... Também creem estar ligada com as Antilhas que foram descobertas pela Hespanha e com a Terra dos Papagaios (Brasil), ultimamente achada pelos navios deste reino que foram a Calecut."

Nada mais claro e certo. Limpidamente, vemos ahí o contorno do hemispherio occidental, entre os gelos arcticos e antárcticos: a America do Norte, a America Central, a America do Sul. Ora, em 1501, faltavam ainda á cartographia européa os dados mais rudimentares para a exacta configuração planetaria das terras americanas. Não era outra a perspe-

ctiva senão a das Indias occidentaes, e sómente em 1503, descrevendo a America equinoxial, Vespuccio conceberá essa unidade, que os navegadores portuguezes, um biennio antes, haviam já formulado. A communicação da carta de Pascuáligo, que o historiographo Ranke descobriu na bibliotheca Marciana, deixa o sapiente Humboldt perplexo. Sem o prestigio dos adivinhos, não poderiam os lusos conceber semelhante unidade territorial, em 1501, na ausencia de tantos élos intermedios. As sciencias occultas vencem neste lance o forte raciocinio do mago das sciencias positivas. Humboldt desconhecia um documento, que illustra e completa a revelação dessa extranha carta — o mappa de Cantino, o planispherio com illuminuras, que o Embaixador Alberto Cantino fez desenhar na grande *urbs* invicta e resplandecente, Lisboa, em 1502, para o Duque de Ferrara, e onde surge a primeira fórma continental da America, delineada entre os plamares de Vera Cruz e a terra brumosa do Lavrador, abrangendo a península da Florida. Desconhecia ainda o manuscrito do *Esmeraldo de Situ Orbis*, no qual certifica Duarte Pacheco Pereira que em 1498, terceiro anno do reinado de D. Manuel, o venturoso, foi mandado á parte occidental passando além a grandeza do mar oceano; que, além do oceano, mandara Sua Alteza descobrir a quarta parte da terra. Estudando o planispherio de Cantino e o manuscrito do *Esmeraldo*, o geographo allemão teria visto como as expedições portuguezas ministraram elementos, antes de quasquer outras, á determinação do systema geographico americano.

Nenhuma observação mais aguda, neste sentido, que a de Malheiro Dias; nenhuma outra mais opportuna sobre a psychologia dos sabios, aferrados á directriz das suas concepções ou á estrutura das suas obras, como tambem sobre a dependencia psychologica da verdade em todos os seus dominios: "Se o grande Humboldt não houvesse renunciado a encontrar uma explicação racional para as revelações contidas na carta do embaixador veneziano Pascuáligo, anterior ás reivindicações de Vespuccio, e não tivesse resolvido as difficuldades apparentes que esse documento apresentava á interpretação de um historiador geographo da sua excepcional grandeza, attribuindo a um prodigio phenomenal de adivinhação e que não podia ser senão o resultado da sciencia experimental portugueza, de ha muito que a historia do descobrimento das Americas septentrional e austral se nos apresentaria sem as soluções de continuidade que a mutilam e sem os illogismos que a obscurecem. Por mais de uma vez, o genio de Humboldt entreviu o que supponmos ser a verdade, e della se afastou, porventura receioso de avançar por um caminho que o conduziria á necessidade de reconstruir desde os alicerces a obra monumental, fructo laborioso de tantas meditações, de longas pesquisas e de transcendentos estudos."

O caminho traçado a Humboldt, mas de que elle se desviou insensivelmente, compellido por motivos de ordem psychologica, superpostos ás indicações de ordem scientifica, é o mesmo que nos leva ao esclarecimento da conducta de Dom João II, insistindo pela revogação dos breves pontificaes de 1493, após a primeira viagem de Colombo ao hemispherio occidental, e conquistando pelo Tratado de Tordesilhas, em 1494, mais 170 leguas a oeste de Cabo-Verde, sobre a linha meridiana, fixada por sua Santidade, ás concessões hespanholas. Ao Tratado de Tordesilhas seguiu-se logicamente, quatro annos depois, já sob o reinado de D. Manuel, a expedição de que fala Duarte Pacheco. Seguiu-se o reconhecimento de Vera Cruz, em 1500, num desvio intencional da frota manuelina. As expedições

portuguezas, succedendo-se umas ás outras, encadeando-se, talvez, sob a dupla fórma de aventura individual e empreendimento official, num secreto plano, de navegação dos mares ignotos, situam, aclaram, definem o continente americano. E é como piloto nessas expedições já officializadas, após a descoberta do Brasil, que Americo Vespuccio logra revelar ao mundo bipartido a sua metade occidental, deixando ao hemispherio, assim divulgado, o nome com que o baptisou, em 1507, nos prelos de S. Deodato, o mediano geographo allemão Waldseemüller.

Na serie primordial dos factos americanos, Christovão Colombo representa a fé imperativa e quasi desvairada, Portugal o saber methodico e pertinaz, Vespuccio a ambição torturante e algo charlatanesca da fama.

O contraste medieval de Colombo, em pleno resurgimento europeu das sciencias e das artes, dá lugar, necessariamente, a uma dissonancia cada vez maior entre a imaginação transbordante desse utopista, afeiçoado a chimeras asiaticas ou edenicas, e o novo espirito collectivo da Renascença, que se desenvolve como belleza, poder, fecundação, energia, amor supremo da verdade. Occultando os fructos occidentaes do seu longo cyclo maritimo ás outras potencias, na impossibilidade humana de guarnecer e colonisar meio orbe, ao mesmo tempo que se dessangra pela conquista da Guiné e funda o imperio da Asia, com sublimo esforço de capitães, navegadores, estadistas, Portugal renuncia á vulgarisação dos proprios factos oceanicos. Para o velho mundo curioso, avido, impaciente como o espectador deante das magnificencias e dos horisontes de um scenario ainda velado, para o mundo inquieto e erudito do seculo XVI, sem informações acerca de tantos prodigios, tantas descobertas, Colombo é actual, por incomprehensivel, o genio hesitante é desconhecido, por impenetravel. Esse momento da Historia, o mais dramatico e bello, significando a integração planetaria na consciencia e no dominio do homem civilizado, reclama um exhibitionista, um arauto, um grande actor, que venha á ribalta e diga á humanidade européa: "Trago na mão o fructo de ouro que esperas, o novo mundo. Aqui o tens"

Vaidoso e farfalhante, Americo Vespuccio revela em algumas cartas, logo fraduzidas e universalizadas, o continente explorado systematicamente, a nordeste e a sudoeste, pelas mãos portuguezas, em cuja tripulação heroica e modesta sobressahe o piloto florentino. Porque só elle avulta na propria moldura epistolar, como um semi-deus radioso entre os marujos tontos; só elle sabe e diz a verdade continental.

Tanto melhor para o seu nome e a sua lenda. Foi-lhe grato o mundo no baptismo dessa revelação. Americanisou-a. O nome de America eternisa um poder, que surge com ella para os novos tempos; o illusionismo da publicidade estrepitante, avassalladora, contra a qual nada podem os factos e os homens.

Ao revez da publicidade, navegando em silencio, Portugal não aviva o sulco estellar das suas caravelas. Deixa que as invencões mais extravagantes lhe obumbrem os dias mais refulgentes. E assim vemos formar-se a chimerica tempestade, cuja braveza teria lançado a frota de Cabral, magicamente, ás praias de Vera Cruz.

Entretanto, se ha um desvio consciente, marcado pela intencionalidade mais firme e pela orientação mais lucida, é o do roteiro dessa frota expedida com a dupla missão de alargar o commercio das Indias e reconhecer as terras occiden-

taes, que em 1498 assignalara Duarte Pacheco Pereira, valoroso servidor da patria e do rei, na zona portugueza do Tratado de Tordesilhas. Nem á tracção das correntes aereas nem á das correntes maritimas, conforme o exame dos technicos navaes J. J. da Fonseca e Baldaque da Silva, poderiamos attribuir semelhante desvio para oeste. Considera-se mesmo inadmissivel, entre milhares de navegações, tal singularidade. A carta de Pero Vaz Caminha, a do mestre Johannes e a narrativa do piloto anonymo, emfim, os depoimentos que ainda nos restam de tripulantes ou passageiros da frota não alludem sequer a tormentas, desencadeadas sobre os navios, atirando-os para longe do seu rumo. Dessa tempestade irreall não falam os chronistas maiores, nomeadamente Damião de Góes, Catanhe-da e Barros. Se algum papel teve o Acaso no drama das navegações lusitanas, seria outro o episodio em que elle figurou com estrondo de vendavaes e aguaceiros.

Mas o Acaso tonitruante da descoberta do Brasil foi apenas um invento de escribas alheios ás condições historicas e nauticas deste successo. A falsa orientação da agulha magnetica ou o errado calculo das latitudes e distancias, vagas hypothesees que outros formulam, sem qualquer ponto de referencia, não se afiguram só improvaveis, como tambem impossiveis a bordo de uma esquadra conduzida pelos mestres da navegação atlantico, orientada por mareantes illustres como Sancho de Thoar, Simão de Miranda, Bartholomeu Dias, Nicoláo Coelho, Pedro Escobar, tanto mais quanto, no dizer dos technicos, "seria preciso uma corrente aerea ou maritima constante ou um erro systematico para oeste, de 10 milhas diarias, durante quinze dias, para desviar a frota para o occidente".

Por seu turno, as denominadas instrucções nauticas de Vasco da Gama, na realidade apontamentos de um secretario do Governo, resumindo o parecer do heroe sobre a viagem, não explicariam satisfactoriamente o itinerario de Cabral. Ainda menos elucidado fóra esse rumo pela hypothese de Oliveira Martins — a curiosidade, o espirito de aventura, o desejo de outras Indias ao sul, arrojando para oeste uma esquadra imponente de commercio e guerra, tripulada por 1.200 a 1.500 homens, como se ao Almirante não bastassem as difficuldades e os problemas do seu roteiro.

Pero Alvarês Cabral demanda as terras austraes segundo todas as probabilidades, obedecendo a instrucções secretas e politicas do Governo regio. Com elle viaja o expedicionario de 1498, Duarte Pacheco Pereira, que avistara já essas mesmas paragens, vindo por ellas a mandado d'El-Rei D. Manoel. Ao despachar para Lisboa um dos navios da frota, em que sezem as primeiras noticias de Vera Cruz, bafejadas pela fortuna, Cabral parece dizer ao soberano com a urgencia e o alvoroço de um executor feliz na sua tarefa: "Cumprimos as vossas ordens. Foram achadas as terras occidentaes, que mandastes reconhecer." A situação do Brasil já estava delineada no mappa de Andréa Bianco desde 1448, e o cartographo Bianco trabalhara sob as indicações portuguezas da escola de Sagres.

Em 1493, os Reis catholicos escrevem a Colombo "...depois de praticarem com os embaixadores portuguezes e Dom João II, pensam alguns que entre o Cabo de Boa Esperanca e o limite fixado na bulla papal, poderá haver ilhas e terras firmes..." E' mais um documento da sciencia atlantica dos portuguezes abrangendo as terras occidentaes, quando só elles navegavam o Mar Tenebroso, a carta do bacharel Johannes, escrita de Vera Cruz, em 1500, a D. Manoel: "...quanto, Senhor, ao sitio desta terra mande vossa alteza trazer um mappa mundi que tem Pero Vaz Bisagudo e por

ahi poderá ver vossa alteza o sitio desta, que, ou talvez anterior, a configuração da mas aquelle mappa mundi não certifica esta terra ser habitada ou não: é *mappa mundi antigo e alli achará vossa alteza escrita tambem da Mina*"

Ahi temos, nesse vetusto mappa mundi, nesse vetustissimo desenho de navegadores lusos, coévo do infante D. Henrique costa africana e a situação da terra brasileira, a coexistencia geographica, embora fragmentaria, nevoenta, imprecisa, da America e da Africa. Entretanto, ainda se contrapõem os Pinzon, os Hojeda os Leppe, outros epigonos francezes e hespanhões do cruzeiro atlantico, á prioridade inquestionavel dos portuguezes no conhecimento nautico e na descoberta intencional do Brasil.

Todo esse quadro de reivindicações lusitanas, que intentámos pallidamente abreviar, tem na obra de Carlos Malheiro Dias o colorido, a harmonia das grandes telas historicas, em que o desilobramento dos planos e dos motivos, o relevo das figuras e dos episodios, insuperaveis na sua execução, nos seus effeitos, comunicam o dom excelso da perpetuidade ao labor e á idéa, nascidos de horas fugazes, mas lampejantes e creadoras.

A paciencia, o methodo, a sidade, o aferramento com que elle soube colligir e apropriar os dados informantes desse trabalho — reliquias de museus e archivos, depoimentos de antiguidade multiseccular, epistolas de sabios e reis, debates de academicos e especialistas, memorias e tratados, bullas e atlas, a chronologia, a cartographia, a bibliographia inteira dos congressos americanos sobre a descoberta e os seus problemas — caracterizam fundamentalmente uma organização de cientista, de historiador, cujos processos diriamos já elaborados através de uma longa vida pela disciplina dos mais graves e absorventes estudos. Conclusões ou hypothesees, evidencias ou coniecturas, nada encontramos ahi sem o reforço de autenticidades e documentos; nada que se propoza como verdadeiro ou verosimil, para abalar os erros consagrados na Historia, sem um ponto de apoio indiscutível — a prova. E a inteireza scientifica é tal nesse historiador, tão rigorosa a sua analyse, esmiucando por um lado, esclarecendo por outro, que o cientista não se aventura a ser dogmatico, irrevogavel: admite ou presume, rectifica ou induz, confronta ou elucida. Por vezes, a sua dialectica intencionalmente estumada pela duvida, é uma sorte de claro-escuro, fazendo resaltar mais poderosa e mais suggestiva imagem da verdade.

Sobram os valores descriptivos, como as evocações de perfis heroeicos ou theatraes, ao estylo dessas fortes paginas molhadas com a largueza, a inspiração, a fluencia, os rythmos sempre novos de um mestre; o *nacionalismo portuguez*, *Colombo em Lisboa*, o retrato do florentino Vespuccio, o esboço da politica de mysterio dos portuguezes no seculo XV, o preludio e a synthese emfim, desse complexo estudo de umavel maravilhoso ascendem vernaculamente para a litteratura, sem prejuizo do seu cunho scientifico. Dentre os maiores nomes intellectuales de Portugal e do Brasil muitos collaboram na empreza orientada pelo escritor, a quem devemos as linhas, os florões monumentaes desse portico. Malheiro Dias abre o caminho á pleiade relumbrante, mas a leitura da *introdução*, desde logo, nos dá triumphalmente uma certeza: ninguém será mais vibrante do que elle como estheta, ou mais profundo como historiador.

O desenvolvimento da *Historia da Colonização Portuguesa* vem actualizar no espirito brasileiro a consciencia e o or-

gulho da nossa linhagem, adornada heraldicamente pela Cruz da Ordem Atlantica de Sagres, por insignias e trophéos da gloriosa "cavallaria do oceano", de que foi mestre D. Henrique. Através dos novos capitulos, veremos expandir-se, penetrando as selvas, convertendo os selvagens, transplantada para o sólo americano, a civilização guerreira, mercantil e espirital dos Lusíadas — esse ramo da christandade, inexgotavel como seiva, immarcessivel como verdor, que se destacou da arvore latina, cedo, para engrinaldar o mundo, cingido de louros e coberto de joias pela Renascença, com a floração da sua idealidade quinhentista e da sua epopeia camoneana.

Mas tambem nos parece justo acrescentar, historicamente, ao esforço e aos brazões dos antepassados o arrojo e as virtudes da prole, cuja independencia attinge neste anno o seu primeiro centenario. Filho de conquistadores, o bandeirante conquista o enorme Brasil colonial, triplicando a área portugueza do Tratado de Tordesilhas, ultrapassando ao norte o Guajará e ao sul transpondo a Laguna. Filho de guerreiros, o pernambucano do seculo XVII, desamparado por uma Côte, que trahia os interesses da propria raça diante da politica de Haya, reata os élos truncados pela invasão á corrente da vida saccional. Sem a alliança dos tupys bellicosos e a fecundação das indias robustas, se despovoado lhe fosse o Brasil, a exémplo das ilhas do Atlantico, ou irreductiveis fossem ao commercio e ao cruzamento os seus habitantes selvagens, ou a descendencia viesse tarada e mofina, como lograria estabelecer-se nesta immensidade o reinicola, e afugentar os concorrentes extrangeiros, e abater as tribus inimigas? Quem lhe daria a força do numero, o escasso ainda hoje á posse da natureza illimitada? Onde teria elle, mesmo depois de jungir populações africanas á lavoura dos engenhos ou á industria das minas, o concurso dessas qualidades varonis, dominadoras, luso-brasileiras, de que foram exponents os mamelucos no periodo nebuloso das nossas origens? Certo, a gloria colonial dos Portuguezes, antes de tudo, é haver procreado taes homens, aventureiros e ambiciosos, batalhadores e indomaveis, tão soberbos da sua progenie lusitana como inimigos da selvageria nativa, hereuleamente adaptados ao meio na paz e na guerra, lidando em uma e outra com a resistencia, o denodo, a sobriedade e obstinação, que possuem algo de titanico em face das montanhas ainda não escaladas, em busca dos céos ainda não vencidos. Foram inexoraveis, na caçada ao povo guarany das reduções jesuíticas, mas imprescindiveis á expansão da peripheria nacional. E assim pudemos subordinar sem jactancia os factores economicos, politicos e religiosos da nossa formação a esses valores biologicos, determinantes de uma energia brasileira, ingenuamente nossa, que ampliou a terra natal, desde a aurora dos tempos coloniaes, dilatando a America portugueza através da America hespanhola.

Depressa virá o escol, o novo e forte Brasil, erigido sobre a massa dos combatentes, dos sertanistas e dos escravos, pela immigração de cavalheiros do mais nobre sangue, pela ascensão de outros elementos ao bem estar e á cultura, pela diferenciação ethnographica dos europeus e dos naturaes, pela transposição real da colonia e da metropole, facto decisivo para a soberania do Brasil, que instantaneamente surge, em 1808, com os seus portos franqueados ao commercio das nações amigas, industrias já livres, imprensa, lyceu, bibliotheca, a ordem administrativa e a ordem judiciaria não mais dependentes de Lisboa, centralizadas agora na monarchia sul-americana de D. João VI. Já escrevia no *Correio Brasiliense*, em 1820, Hyppolito José da Costa: "Todo o systema de administração está hoje arvanjado por tal maneira que Por-

tugal e Brasil são dous Estados diversos...

Ao nativismo faccioso dos motins locais succedem os movimentos aureolados pela força intellectual: na mentalidade universalista dos nossos estudantes, que regressam da Europa, a idéa emancipadora assimila os direitos do homem, os principios do liberalismo britannico e da revolução franceza. o masculino ensinamento dos Estados Unidos. Jefferson dirá, sem lisonja, que o Brasil é tão instruido quanto a mãe patria. Como sonhos dramatisados pelo absolutismo, a Inconfidencia mineira e a conjuração pernambucana entremostrom no halo sangrento do seu martyrio o Brasil de 1822, luminoso campo de gravitação dos valores mentaes, attrahindo sacerdotes, poetas, juizes, escriptores e militares ao fóco da mesma empreza revolucionaria.

Se a temeridade e a robustez dos matelucos impressionam Robert Southey, na vida barbara dos acampamentos e dos arraiaes, outra forma de energia, a sagração energia mental, vai conduzir agora as bandeiras da Independencia, que é sobretudo um facto de intelligencia, a victoria do espirito brasileiro sobre os planos obsoletos e contradictorios de recolonização

das côrtes de Lisboa, onde se faz ouvir o nosso protesto soberano, porque é já uma expressão de soberania a palavra dos nossos deputados, não só independentes, mas também indomitos. Compondo o "Elogio Historico de José Bonifacio", observou Latino Coelho: "Nos fins do seculo XVIII e nos primeiros decennios do seculo XIX—digamol-o sem vaidade nacional—a maioria dos nossos talentos mais formosos haviam tido o seu berço no Brasil. Entre elles era certamente o primeiro pela sciencia, pelo engenho, pela função que devia desempenhar na historia do seu povo, o Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva". Destacavam-se bellamente as figuras de Pereira Caldas, espirito contemplativo nas brumas da poesia sacra, Hippolyto Costa, publicista e paladino do *Correio Braziliense*, Moraes e Silva, copioso lexicographo, Azeredo Coutinho, mentalidade exacta de economista, Villela Barbosa, geometra subtil, Nogueira da Gama, estadista e cathedratico, Vicente de Seabra, um dos iniciadores da chimica, Conceição Velloso, embebido nas surpresas da *flora fluminense*, Alexandre Ferreira, enleado nos prodigios do valle amazonico, Silva Feijó, mineralogista, Elias da Silveira, medico. A constellação

de grandes nomes brasileiros, que illustravam dest'arte as sciencias e as letras, vinham conjugar-se mais fulgurações politicas e heroicas, denodados cavalheiros da Liberdade, como Januario Barbosa, Gonçalves Ledo, Diogo Feijó, tantos outros, batalhando em volta do Patriarcha...

Desde que se transformou a historia da colonização portugueza com a Independencia, ou melhor, com o Imperio americano de D. João VI, em historia da cooperação portugueza no Brasil, e assim continúa a valer para destinos maiores, tudo quanto nos approxime das origens, dos pensamentos e esforços communs á raça, levantará os nossos ideaes á altura das nossas tradições, fortalecendo-os pela continuidade historica, mesmo sem intuitos de allegoria ou tendencias exclusivistas. Carlos Malheiro Dias, homem de sangue luso-brasileiro, alma europeia na consonancia e tropical na ardencia das suas manifestações, é o realisador prestigioso e feliz dessa obra, em que se espelham vultos e feitos, armas e signos do Passado, gloriosamente, prenunciando na descoberta das terras occidentaes, sob novos astros, o curso impetuoso de uma vida nova.

Celso Vieira.

## JOSE' BONIFACIO, O MOÇO

De uma memoria sobre a "Oratoria no Brasil" apresentada ao Congresso de Historia da America

"Morto, parece ainda maior do que vivo! dizia Henrique III, compassando com os olhos o corpo do Duque de Guise. E' a mesma impressão que nos salteia diante desta sombra, enquanto procuramos calcular o que era José Bonifacio pelo que com a sua ausencia deixámos de ser, e tentamos medir o gigante pelo vasto rasgão sombrio, que o seu desaparecimento abriu no disco da patria. (1).

E assim se refere alguém, algum dia não menor que o elogiado e também nada inferior á alma intrepida e impetuosa que tivera Henrique de Lorena, em vida!

E era o ultimo que sobreviveria do grupo esplendido e admiravel dos antigos discipulos de Bonifacio, e talvez um dos maiores. O ultimo para construir uma memoria!

Porém nada é mais bello do que o mestre cercado de suas discipulos: — "Joaquim Nabuco, o futuro orador do abolicionismo, ponto radiante que já se destacava na corôa solar do nome paterno; Barros Pimentel, merecimento dos mais puros, envolvido tenazmente pela sua modestia num casulo de sêda; Martim Cabral, grande bolide fulgurante, que se perdeu no horizonte da tribuna brasileira; Gavião Peixoto, um dos testamenteiros Moraes de José Bonifacio; Salvador de Mendonça, o publicista do Ypiranga; Americo de Campos, o estoico; Americo Brasiliense, temperamento americano alienado para a republica pela rotina perversa da monarchia; F. de Menezes, um folhetim vivo, o Lohemio da esperança, o fundador da *Gazeta da Tarde*; Castro Alves, o poeta dos escravos. José Bonifacio teve ali palavras commovidas, que se phonographaram no espirito dos ouvintes: "Os combatentes de hoje", dizia, "são as aves já em meio do caminho, poisadas nos ramos seccos da floresta. A mocidade é o futuro, as andorinhas em busca da primavera e da luz." E Ferreira de Menezes de atalhar:

"A luz é V. Ex.

"E o foi até o derradeiro dia. (2)

E então na conventual e pequena cidade de S. Paulo, na cidade ainda simples e triste, com o seu traçado antigo, modesto como o espirito do jesuita, que lhe dera o berço, — havia um novo mestre, cercado admiravelmente dos seus discipulos, com a imaginação inspirada, nova e bella como os rebentos de uma esplendida primavera!

E os discipulos ouvindo-o entusiasmados para não se saciarem! E os ensinamentos, as lições, eram para elles infundáveis: como "uma memoria miraculosa, uma desas memorias capazes de reconstruir, como a de Sealigero, a Illiada e a Odysseia, como a de Macauby, o Paraizo Perdido, como a de Pascal tudo o que elle tivesse lido uma vez, arrastava em catadupa leis, datas, factos, bro-

cados, algarismos, idéas, fragmentos minimos de minerio precioso e enormes massas alluviaes de saber." (3).

E então é que esse "exagero de imaginação" era prodigioso, era effectivo e entre as melhores scenas de sua vida estavam aquellas em que, com uma convicção de propheta, criava aquella linguagem em imagens maiores, como se melhorasse a comprehensão dos que o ouviam, como se lhes elevasse o espirito, como se impulsionasse os homens em turbilhão, para o que seria a vida nova no Brasil.

Imaginação de José Bonifacio, o moço, era prodigiosa, porém seu temperamento, de uma belleza incomparavel, de uma poesia transcendente! Tudo nelle era mavioso, quer as suas inspirações quer as suas coleras: — Elle "empunhou o latego mais formidavel que já ouvi estalar nas lutas da publicidade, contra um valido da casa imperial, brindado com o governo de S. Paulo.

"Outros experimentaram depois esse agoite sublime, entretencia de Juvenal Tacito; e não sei se saíram menos mal feridos. Perdoado-me, porém, que nunca lhes ha-de de esquecer essa loira phisionomia de Nazareno, com a aureola da pureza na fronte e fulgar da colera nos olhos azues." (4)

Este homem entre os discipulos teve uma missão.

José Bonifacio era uma protophonia de um grande acontecimento, do que seria mais tarde a nossa vida moderna. Em sua linguagem já resoavam todos os nomes capazes de fazer um pensamento que attingisse a vida turbilhante moderna, a missão e o dever do pensamento especulando o que seria mais tarde uma industria, uma questão social entre nós; e a sciencia do mestre innovava nomes, e conhecimentos, e curiosidades, para os que começavam estudar pela sua mão. E entrementes, havia então, sobre tudo, a grande lição de inspiração moral que precisava ter o grande dia de amanhã.

Como o despontar de uma orchestra, quando se esboçam confusos, entre os excessos dos sons, todos os motivos, todos os elementos, ainda vagos, aturdidos e de um posterior desenvolvimento, só mais tarde, preciso, energico. — Assim eram os prenuncios da imaginação do mestre. Elle entre este excesso de imaginação annunciava para os que o ouviam, moços e encantados o que lhes servio depois. Para estes:

"V. Ex. é a luz!"

"E o foi até o derradeiro dia.

E um dia desceu da pequena cidade de S. Paulo, veio para o Rio de Janeiro, em demanda do parlamento.

E veio encontrar ministros para interpellal-os.

Feijó Bittencourt.

(1) Ruy Barbosa — *Paginas Litterarias*. Pag. 23.

(2) *Ibid.*, pag. 44.

(3) *Ibid.*

(4) *Ibid.*

# O ESPIRITO NACIONALISTA NA PINTURA BRASILEIRA

A nossa arte colonial floresceu, espontanea e obscura, sob a influencia do meio physico, restricto e barbaro. Surgio no grande ambiente que os descobridores e povoadores exploravam sem alidar e foi vivendo como uma flôr de humildade e de graça, producto exclusivo da fé religiosa, "transplantada do velho mundo e vicejada á sombra rude da intelligencia desse tempo" — sem tradicção e sem historia — prompta a se dominar pela influencia nova que surgisse.

Nascida num meio onde era completa a ausencia de obras de arte, sem expressões de belleza que falassem á esthesia do povo mal constituido ainda, a arte rebentou como uma flôr exotica que um destino pouco amavel talvez cedo fenecesse irremediavelmente. Nada havia que auxiliasse o scintillar de uma vigorosa manifestação pinturesca.

Nascendo a pintura, fel-o sob a influencia da Igreja, nella encontrando o unico manancial onde pudesse saciar sua sede natural de expansão creadora. E da pintura religiosa nestas plagas foi precursor, Frei Ricardo do Pilar, "instituidor da pintura a oleo no Rio", monge beneditino, nascido em Flandres, em 1696.

Mas feliz do que nós fóra Pernambuco, que vira os artistas de Nassau, principalmente Franz Post que foi o primeiro, em 1677, a fixar na tēla a natureza pernambucana — o primeiro a vibrar á belleza da paisagem nacional, inspirando-se nos seus aspectos rudes e emocionaes, ao contrario da sua longinqua natureza bātava. A bruma da sua patria succedia aqui um sol de fogo, a melancolia succedia uma esturda vibração de vitalidade desvairada, esse contraste despertando no artista uma forte impressão de encantamento e de belleza triumphal, tão grande que conseguiu modificar a sua pintura, que os batavos diziam agora ser selvageria...

Mas foi curta a sua permanencia no paiz.

Renegado pela gente colonial ainda sacudida nas agitações dos dias do dominio hollandez, Post não deixou discipulos no Brasil.

Na Bahia, segundo Manoel Quirino, só depois do meiado do seculo XVII em diante é que se veio a possuir paisagens pintadas pelo artista sobre os proprios lugares", o methodo de tal innovação cabendo, a acreditar em Wagen, a Franz Post. Na mesma época appareceu tambem uma paisagem de Ecknout (missão Nassau).

Os artistas naturaes que surgem seguem o rumo dos do Rio — fazem pintura religiosa, delle sendo o fundador José Joaquim da Rocha, que deixou um grande discipulo, Velasco (Antonio Joaquim Franco); em Minas não floresce melhor a arte, ou não floresce fóra dos templos sagrados, na companhia beatifica e doce dos santos.

A alma nacional não influira nas nossas manifestações estheticas ainda sem noção segura da sua força nos destinos da patria sob o jugo estrangeiro. Melhor do que ficou dito o povo da colonia não tinha alma nacional, desintegrado da patria, alheio a ella, á vontade do subjugador violento.

Nossa pintura prosegue assim até 1816, quando se fundou a Academia de Bellas Artes, sem caracteristica de nacionalidade, sem ser brasileira, sem espirito nacional. Iniciando o seu primeiro periodo com o ensino official da missão Lebreton, ella continua a mesma no transcórre dos annos: vive ainda nas igrejas e nos conventos, temendo o sol e as vibrações da terra já liberta.

A natureza seduz, porém, os artistas da missão; Nicoau Tauuay, Emilio Taunay, seu filho, Augusto Muller, vai a Bevelot e chega a Reis Carvalho, que se distinguiu na pintura de natureza morta.

O espirito nacional continuava erradio, fóra da pintura, que já devia ser um reflexo da alma patricia que já tinha paginas bellas de emoção e de fixação brasileira, desde a chegada dos primeiros donatarios das capitancias até alguns annos depois da independencia.

Surge, então, um que viria a ser um das figuras mais sympathicas das artes plasticas: Porto Alegre. "Desde a infancia mostrou sempre muita inclinação para o desenho e as sciencias naturaes, pois passava as horas vagas a pintar e colher productos da natureza, dos quaes tinha no seu quarto um museusinho preparado por elle."

Foi discipulo de Débret e da Academia, na exposição de 1830 obtendo premios de pintura, esculptura e architectura.

Pintou D. Pedro I, partio para a Europa, frequentando em Pariz a aula do Barão Gros, estudando anatomia com Emery, viajando depois por Londres, Belgica e Hollanda. Regressando ao Brasil foi nomeado professor de pintura historica, depois pintor da Imperial Camara, Director da Academia, tendo se distinguido dentre os seus contemporaneos.

A pintura que viera dos tempos coloniaes dos claustros, começava de surgir no retrato e na historia, ás vezes na paisagem, mas sem fulguração correspondente á natureza circumdante, que teve na época um exaltador preciso: Agostino da Motta, sem contudo ter nascido paisagista.

Foi um artista de merito, na paisagem e em natureza morta não tendo, disse Gonzaga Duque, com quem possa soffrer confronto—"O temperamento de Motta não lhe permittio ser creador e arrojado, mas brando, manso, e delicado, e, por isso, a feição mais terna e suavemente poetica que existia na natureza brasileira, elle apanha e traduzio como ninguem ainda, até em nossos dias (88), a tem comprehendido e interpretado com maior saber e igual talento."

Em 1856 não tinhamos ainda um pintor de espirito nacional, um pintor que refletisse a alma da gleba, siquer um artista que nos desse a expressão da potencialidade e exuberancia da natureza nativa.

Fomos evoluindo. Os pintores se succediam, apontavam capacidades brilhantes. Surgio Arsenio Silva, paisagista de algum talento, pintor admiravel de *gouaches*, se notabilizando em natureza morta. Vai apparecer, para gloria futura da arte, um nome extraordinario: Pedro Americo. Foi um tumultuoso de fama, um arrebatado de aspirações, um batalhador invulgar com a preocupação constante e ardente da gloria, um genio na sua arte de mocidade forte e na realização pictural feita de enthusiasmos heroicos e immercessiveis bellezas.

Gonzaga Duque chomou-o um idealista ecletico e é, segundo Argeu Guimarães, mais do que Victor Meirelles, um representativo da esthesia brasileira, com as suas demasias, e sua sensualidade.

Fez a primeira tela brasileira de assumpto militar: *Combate de Campo Grande*, depois *Batalha de 24 de Maio e Batalha do Ivaí*. Fez-as não por vocação ou espirito patriótico, mas por interesse, como teria feito um retrato ou uma paisagem, que também não eram da sua predilecção. Em toda a sua obra é a historia sagrada que domina — porque a sua "paixão só a historia sagrada sacia... Effectivamente, a arte de Pedro Americo transluz em *David, Judith, Heloisa, Jacobed*, palpita em maravilha de emoção em *Joanna D'Arc, Socrates e Alcibiades, Rabequista arabe, Petrus ad Vincula*, depois em *Proclamação da Independencia, Hora e Patria e Paz e Concordia*.

Como elle, Victor Meireles é o grande pintor consciencioso, o artista brasileiro a quem o desenho mais tem preocupado. Fez a *Primeira missa*, que o celebrou, e levado pelo interesse, como Pedro Americo, executou quadros de assumpto militar, como *Passagem do Humaytá, Batalha de Riachuelo e Batalha dos Guararapes*.

Nenhum espirito nacionalista animava os dous invejáveis pintores brasileiros, nenhum sentimento civico os levava a fixar essas paginas immorredouras em que a nossa bravura brilhou tanto.

Onde encontrar então o espirito brasileiro na pintura do Brasil? Só a natureza consegue por vezes inspirar o artista, dar-lhe o fulgor nativo do seu sol, ou a melancolia das suas tardes outomnaes, a doçura das suas horas de paz e de recolhimento e o tropicalismo luminoso dos seus dias veranicos.

Com o sentimento profundo e natural da gleba, sentindo-a com todo seu calor e sua belleza, no seu seio ou longe della — pintando-a ou ouvindo-lhe o sussurro mysterioso e vendo-lhe a belleza verde intraduzivel, surgiu um dia um paulista: Almeida Junior. Foi brasileiro na arte, nos costumes, na alma: sentia como brasileiro. Sua arte é sem artimanhas e truques: é leal, franca, espontanea e fulgurantissima. Sua obra é das mais bellas de nossa pintura e de sentimento mais vivo da terra.

Vêm depois do artista brasileiro do *Descanço do lenhador*, Rodolpho Amoedo, uma organização esthetica das mais apreciaveis do Brasil, mas incaracteristico quanto á nacionalidade, Decio Villares, Aurelio Figueiredo e Augusto Duarte.

Jorge Grimm é o allemão a quem o estudo da natureza fascina e funda uma escola ephemera. Quer a natureza apanhada na natureza, a vida das cousas apanhadas nas mattas, no grande sol, sentida em plena floresta. Tal mestre deu-nos discipulos que fizeram renome, como Parreiras, Castagneto e outros.

Amoedo fez o *Ultimo Tamoyo*, uma das télas mais importantes do Brasil, como *Marabá*, sem preocupação nacionalista, sem sentimento de nacionalidade, mas como simples motivos estheticos. Parreiras realiza a espiritualidade da paisagem nativa e ultimamente faz intensamente a historia, mas como já fizera a marinha, o genero, o nú, encycopedico e estupendo; Castagneto fixa a volubilidade do mar, todas as suas emoções de serenidade e de coleras, tornando-se insuperavel até hoje: Medeiros (J.) faz Iracema, a filha dos Tabajaras e outros quadros historicos, como também fizera o genero, o retrato, a natureza morta: Firmino Monteiro fez a *Fundação da cidade de S. Sebastião, o Vidigal, Morte de Camões, Episodio da Retirada de Laguna* e outros assumptos arrancados á nossa historia tão esquecida e lembrada em tumulto, apagando-se individualidades esplendentes e fazendo-se resurgir outras dignas do olvido nacional. Passando o segundo Império, chegando até hoje a nossa pintura é a

mesma imprecisa, sem espirito local, sem a sagrada aura ambiente, sem idclalidade patria.

Aqui como nos Estados onde ha visos de arte, como Bahia, Pernambuco, S. Paulo, Rio Grande, os artistas cuidam da historia com cuidado do genero e do nú. A propria paisagem, que esforço Santo Deus! para fazel-a dando a impressão do meio, a alma da gleba, o quê divino que a distinga das outras paisagens!

Temos arte cosmopolita, ainda como ha dezenas de annos, vivendo sob influencias extranhas. A nossa litteratura cedo se apercebeu de sua grandeza nos destinos da nossa nacionalidade e rebentou em florações primaveraes, revelando a poesia e os ancelos moços da terra fecunda, immensa e linda.

A pintura, não. Esta ficou á margem. Foi vegetando ao largo da agitação brasileira, dentro do Brasil e filha delle, mas estrangeira, sem a graça maternal que a tornaria uma alta expressão esthetica seductora.

Qual a paisagem que mais revela a terra, que melhor traduz a natureza febelde?

Em que artista vibra mais o sentimento nacionalista, dando ás suas obras uma caracteristica brasileira? Que artista haverá que se possa chamar pela realização pictorica, de genuinamente nosso contendo nos seus motivos o sentimento da Patria?

Já em 1888 o luminoso e inesquecivel Gonzaga Duque inqueria da existencia de uma *escola brasileira*.

E perguntava, como ainda hoje, um quarto de século depois, perguntaria?

"Onde a vida dos nossos tropeiros, a representação das scenas da roça, da existencia das *fazendas*, dos costumes dos escravos? Onde os assumptos da nossa historia, aquelles assumptos que mais intimamente nos fallam da formação da nossa patria, os episodios da independencia, a revolução de Tiradentes?"

Pois é essa arte que ainda nestes dias, mais brilhante é verdade do que hontem, ahí temos.

Isso serve para affirmar que os acontecimentos mais palpitantes da vida nacional não tem emocionado a nossa pintura ou a nossa pintura delles se tem afastado propositadamente, o que não é crível.

No cosmopolitismo das suas manifestações e influencias adquiridas, a nossa pintura com cem e tantos annos é ainda infantil. Está como nos seus primordios, na perspectiva de um rumo. Ao rumor de todas as palpitações da Patria, só ella não vibra, só ella não reflete o que temos sido e o que somos, só ella não guarda, como uma emanção divina da sua vitalidade o espirito nacionalista, o sangue da raça, o traço inconfundivel, a alma brasileira.

Combatendo pretendida *Escola Brasileira* perguntava ainda o estheta saudosissimo dos *Graves e Frivolos* se "esse desnacionalismo ameaça continuar"

E elle mesmo achava que sim. E não fallou a previsão sabia.

A arte que ahí está maravilhando na palheta fremente de Parreiras, fulgurando em Visconti, grande em Bernardelli, Amoedo e Belmiro, suave no lyrismo sonoro de Baptista da Costa, e na obra de um pugillo de novos talentosissimos, é uma arte que não desmereceria nenhum povo artista, mas não é uma arte brasileira, nascida aqui, ardente do nacionalismo que a faria ainda maior e mais encantadora pela caracteristica e pela finalidade.

E como Gonzaga Duque perguntamos nós também: E esse desnacionalismo ameaça continuar?

Carlos Rubens.

# A DIPLOMACIA DA INDEPENDENCIA

A diplomacia puramente brasileira surgiu em data anterior á que se consagrou como ponto de partida da emancipação politica nacional.

Já havia então regressado a Portugal o rei D. João VI, cuja autoridade se annullara quase por completo sob o jugo despotico das Córtes convocadas pelos revolucionarios portugueses de 1820.

As ineptas resoluções com que a assembléa tumultuaria de Lisboa pretendia legislar sobre o Brasil cada vez mais favoreciam, deste lado do Atlantico, o surto das idéas nacionalistas.

Um movimento popular tinha já levado o principe regente a desobedecer á ordem imperativa de voltar á metropole, quando novas medidas de hostilidade contra a regencia brasileira vieram determinar um estado como que de franca belligerancia entre as duas partes do Reino Unido, caracterizada pelo decreto de 1 de Agosto de 1822, em virtude da qual se declaravam inimigas quaesquer tropas portuguezas que, contra a vontade do Governo do Rio, pretendessem desembarcar no Brasil.

Entretanto, a rebellião do principe regente e do seu ministério não era propriamente contra a metropole, mas apenas contra a sujeição ás Córtes, que haviam usurpado o poder soberano.

A idéa que ainda predominava aqui entre os homens de governo era a de uma simples autonomia administrativa para o Brasil, ou, quando muito, a de uma união pessoal com Portugal. Esse pensamento está, aliás, bem patente no sobredito decreto de 1 de Agosto e nos dois manifestos do mesmo mês.

José Bonifacio, que redigiu o ultimo desses documentos (manifesto de 6 de Agosto), ainda se exprimiria no mesmo sentido, na circular dirigida ao corpo diplomatico estrangeiro, em 14 de Agosto.

Sabe-se, ao demais, que o grande ministro de Pedro I, nada obstante o titulo com que o ehirismaram de *patriarcha da independencia*, não foi favoravel ao movimento de completa emancipação politica, do qual, em 1822, Joaquim Gonçalves Léo e alguns amigos se fizeram denodados paladinos.

Não é puerilidade, nem perversidade, como pretende eminente historiador patricio, declarar José Bonifacio estranho á direcção daquele movimento. Os testemunhos da época e o do proprio ministro de Estado deixam o caso perfeitamente esclarecido e, de certo, fazem mais f<sup>o</sup> do que affirmações graeiosas, apoiadas simplesmente numa tradição sem base firme.

Parece hoje demonstrado que o illustre Andrada sempre foi adverso ás idéas democraticas e, por isso mesmo, opposto ao grupo liberal de Léo, a quem moveu terrivel perseguição.

Em 10 de Agosto de 1822, escrevia o barão de Mareschal para Vienna que José Bonifacio "lucta contra a revolução" Esta significava então o movimento separatista, ao qual o proprio D. Pedro só adheriu forçado pelas circunstancias.

O mesmo encarregado de negocios da Austria (Mareschal) era quem ainda mandava dizer para a sua Córte que José Bonifacio considerava prematura e até mal arranjada a solução que aqui se ia dar ao dissídio surgido entre as duas porções do Reino Unido.

Dias depois do Sete de Setembro, e quando José Clemente Pereira e Gonçalves Léo se esforçavam por fazer proclamar D. Pedro imperador do Brasil, o grande paulista, — a quem deve a Nação incontestaveis serviços de alta valia, mas que se não pôde dizer tenha sido o patriarcha da independencia, — ainda se declarava alheio áquellas patrioticas intenções, embora já visse com satisfação a elevação do Principe á dignidade de Imperador. Disto ha, pelo menos, um testemunho digno de crédito. É o do coronel Maler, encarregado de negocios da França, o qual, em officio de 24 de Setembro de 1822 ao visconde de Montmorency, assim se exprimia: "Je sais d'une manière positive que Mr. d'Andrada dit le samedi 21 à un de ses meilleurs amis et confidens, qui lui représentait l'inutilité et les dangers de cette innovation, *Le Ministre de S. A. R. ne prend pas de part active à cet évènement, il laisse faire mais il verra avec satisfaction l'élevation du Prince à la dignité d'Empereur*" E accrescentava, aliás no mesmo sentido em que Mareschal escrevia para Vienna, embora em contrario á lenda que aqui se formou com relação á Princesa Leopoldina: "Je sais encore d'une manière indubitable que la Princesse Royale est très peinée et très sensiblement affectée de ce changement et qu'elle n'ose manifester son opinion"

Muito instructiva tambem, para o exacto conhecimento dos verdadeiros sentimentos nutridos por José Bonifacio naquella época, é a declaração que fez a Maler na noite de 11 de Outubro de 1822,

isto é, na vespera da aclamação de D. Pedro como imperador: "se S. M. Fidelissima voltar ao Brasil será recebido de braços abertos" (Officio de 13 de Outubro de 1822, ao visconde de Montmorency.)

Foi para realizar os intuitos declarados no manifesto de 6 de Agosto de 1822 que o Governo do Rio de Janeiro, em 12 do mesmo mês, nomeou o marechal de campo Felisberto Caldeira Brant Pontes, depois visconde e marquês de Barbacena, e o cavalleiro Manoel Rodrigues Gameiro Pessoa, futuro barão e visconde de Itabayana, para servirem como encarregados de negocios, respectivamente, em Londres e Paris.

Nas instrucções que José Bonifacio lhes remetteu naquella data (12 de Agosto), era explicado que o Principe Regente desejava entrar em relações directas com as nações estrangeiras e pretendia o reconhecimento da independencia do Brasil "e da absoluta regencia de S. A. R.", emquanto o Rei D. João VI se achasse "no affrontoso estado de captiveiro a que o reduziu o partido faccioso das Córtes de Lisboa" Mas, para evitar dúvidas, se acerescentava: "nós queremos Independencia, mas não separação absoluta de Portugal"

Já estavam na Europa os dois primeiros agentes diplomaticos brasileiros, quando aqui se lavraram os decretos das respectivas nomeações.

Longe de serem nomes desconhecidos, ambos já se haviam assinalado na vida pública, um como militar, politico e administrador, e o outro como diplomata.

Gameiro Pessoa fôra secretario da delegação portugueza ao Congresso de Vienna, o que lhe proporcionara fazer excellentes relações; e junto á Córte de S. M. Christianissima, onde aliás já servira como secretario da Legação de Portugal, iria patentear novamente as suas apreciaveis qualidades de prudencia, discricção e zelo pelo serviço público, que o tornavam merecedor da inteira confiança e estima que D. Pedro lhe consagrava.

Espirito mais brilhante e dotado de um senso pratico admiravel, Caldeira Brant, cujas variadas aptidões eram bem conhecidas já havia prestado reaes serviços á patria, que delle tinha ainda muito a esperar.

Como inspector das tropas na Bahia, cargo que exerceu por alguns annos, revelou elle os seus dotes de energia, actividade e iniciativa, sempre postos em evidencia nas diversas commissões que desempenhou.

Ainda quando no estrangeiro, onde se achava desde meados de 1821, os interesses nacionaes nunca deixaram de o preoccupar.

Os seus conselhos e suggestões, em cartas dirigidas a José Bonifacio, eram constantemente determinados pelo mais sincero patriotismo. E até se pode affirmar que muitas das medidas aqui adoptadas pelo governo do principe regente eram por elle alvitadas, de Londres. E', nesse sentido, mui expressiva a carta secretissima de 1 de Maio de 1822, na qual parece que José Bonifacio se inspirou bastante, quando redigiu o manifesto de 6 de Agosto. O contracto de Cochrane para o serviço do Brasil foi, igualmente, suggerido por Brant, que, aliás, não se limitava a lembrar medidas politicas ou de defesa do país, mas tambem outras, que diziam mais de perto com a pública administração ou com o progresso material do Brasil.

Outros serviços de valor vinha elle então prestando, de maneira que a sua nomeação como encarregado de negocios foi, até certo ponto, uma confirmação de funções que officiosamente já estava a desempenhar.

Tão bem se houve Brant, desde o inicio da sua acção diplomatica, que dentro em pouco George Canning, ministro dos negocios estrangeiros de S. M. Britannica, se dispôs a reconhecer a independencia do Brasil, contanto que fôsse aqui abolido o commercio de escravos.

Por muito tempo, essa questão, associada pelo governo britannico á do reconhecimento, tornou improficuos os esforços de Brant, pois, se bem que este aconselhasse frequentemente para o Rio de Janeiro a adopção da medida exigida como condição *sine qua non*, o governo brasileiro reluctava em assumir qualquer compromisso a esse respeito.

Vindo ao Brasil em Agosto de 1823, deixou Brant os interesses nacionaes, em Londres, confiados ao grande patriota que se chamou Hippolyto José da Costa Pereira Furtado de Mendonça.

Muito pouco se tem dito dos incalculáveis serviços prestados á causa nacional pelo vibrante jornalista do *Correio Brasiliense*. Entretanto, a acção que, das columnas do seu periódico, exerceu sobre a formação do espirito nacionalista brasileiro foi das mais notaveis.

A interinidade em que o deixou Brant teve curtissima duração, pois veio a fallecer pouco depois, isto é, a 11 de Setembro de 1823.

Foi então transferido para Londres Gameiro Pessoa, que, desde o recebimento da sua nomeação para encarregado de negocios, vinha desenvolvendo louvavel actividade. Não conseguira, é verdade, ser admittido no Conselho dos Alliados, em Verona, conforme tentara. Mas, além das sympathias que, na Côrte de S. M. Christianissima, conquistara para a causa do Brasil, havia obtido do Governo francês algumas medidas de ordem pratica, como por exemplo a nomeação de um consul geral para o Brasil e a admissão de passaportes expedidos aos Brasileiros sem intervenção da Legação portuguesa.

Passando-se para a capital inglesa, ali o foi encontrar, pouco tempo depois, Caldeira Brant, que recebera ordem de regressar á Inglaterra, com a incumbencia de negociar um emprestimo de tres milhões esterlinos e de trabalhar, juntamente com o seu collega, pelo reconhecimento da independencia do Imperio.

Em Paris, a representação brasileira foi, a esse tempo, confiada a Domingos Borges de Barros, que ás qualidades de poeta imaginoso unia as de diplomata sagaz, graças ao que conseguiu conservar a excellente situação que ali havia Gameiro adquirido.

Alguns meses antes fôra o antigo camarista de D. Pedro, Comendador Antonio Telles da Silva, mais tarde visconde e marquês de Rezende, despachado para servir junto a S. M. o Imperador da Austria, sogro do monarcha brasileiro.

Chegando a Vienna a 24 de Julho de 1823, Telles da Silva teve acolhimento polido da parte de Metternich, que, com a sua proverbial duplicidade, procurava meios e modos de enganar o agente brasileiro. Este, valendo-se habilmente dos serviços de Gentz, secretario do grande Chancellor, sempre obtinha e mandava para o Governo do Rio de Janeiro curiosas informações e, aos poucos, ia criando um ambiente favoravel ao nascente Imperio, na Côrte de S. M. Imperial, Real e Apostolica.

Em Agosto de 1822, exactamente na mesma época em que nomeara agentes diplomaticos para servirem nas Côrtes de Londres e Paris, resolvera o Governo brasileiro despachar para Washington, com missão identica, o official da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, Luis Moutinho Lima Alvares e Silva. Não chegou este, porém, a partir, sendo considerados mais uteis os seus serviços naquella repartição.

A José Silvestre Rebello coube substitui-lo em tal missão, sendo para esse fim nomeado, por decreto de 21 de Janeiro de 1824. Tanta sorte teve Rebello que, algumas semanas apenas depois da sua chegada á Capital dos Estados Unidos da America, isto é, a 26 de Maio de 1824, conseguiu o reconhecimento do Imperio por parte da grande Republica do Norte.

Ainda nesse anno de 1824, o Governo imperial houve por bem mandar a Roma, como Plenipotenciario junto ao Vaticano, o Conselheiro de Estado e Cavalheiro de Christo, Monsenhor Francisco Corrêa Vidigal.

Tratava-se então de regularizar as relações do Imperio com a Santa Sé e os negocios da Igreja no Brasil. Questões de interesse não sómente espiritual, mas também politico, estavam ligados á missão de Vidigal, que levou como auxiliar Vicente Antonio da Costa, funcionario da Repartição dos Negocios Estrangeiros, ao qual se deve, principalmente, o exito das negociações entabuladas com o Governo pontificio.

Havendo chegado á Cidade Eterna em 5 de Janeiro de 1825, Monsenhor Vidigal só conseguiu ser recebido officialmente pelo Papa, então Leão XII, um anno depois, isto é, aos 23 de Janeiro de 1826.

No diplomacia brasileira dos primeiros annos de independencia, justo será salientar os nomes dos que mais directamente concorreram para o reconhecimento da personalidade internacional do Brasil, ou sejam Caldeira Brant e Gameiro Pessoa, especialmente o primeiro.

Os demais não devem, sem duvida, ser esquecidos, porque todos prestaram grandes serviços á causa nacional.

Mas, se a Silvestre Rebello, por exemplo, que obteve o primeiro reconhecimento, por parte de uma nação estrangeira, da independencia do Imperio, algumas circumstancias, e principalmente a prompta adhesão do Brasil á doutrina de Monroe, facilitaram a tarefa, — Brant e Gameiro encontraram na sua missão sérios empecilhos, contra os quaes houve mistér empregar toda a habilidade. Acresce que, embora fosse o reconhecimento da independencia o seu principal objectivo, outras commissões lhes tinham sido confiadas, todas de certa importancia, ás quaes procuraram dar o melhor desempenho possivel. Assim é, por exemplo, que, além da negociação do primeiro emprestimo contratado pelo Brasil independente, tiveram elles as incumbencias de contractar marinheiros, adquirir navios, executar encomendas para os Arsenaes de Marinha e do Exercito do Rio de Janeiro, etc.

Era notavel o zelo que punham no cumprimento de tantas obrigações, especialmente quando se tratava do que dizia respeito á defesa nacional. Para se vêr até que ponto chegavam, nesse sentido, as patrioticas preocupações de ambos, basta citar, ao acaso, este trecho de um officio enviado pelos dois ao Ministro dos Negocios Estrangeiros, Luis José de Carvalho e Mello, em 21 de Janeiro de 1825: "Reconhecemos que o nosso Governo economiza muito em mandar comprar na Európa munições e objectos de que precisa para fornecimento dos seus arsenaes: porém artigos ha que devem ser fabricados nesse Paiz, ainda mesmo quando saião mais caros; porque de outro modo jamais chegaremos a ter certos objectos necessarios para a segurança e defesa desse Imperio"

As sympathias de Canning pela causa do Brasil foram, sem duvida, de grande auxilio para os dois illustres diplomatas patriotas. Mas, convém não esquecer que para taes sympathias muito concorera, de certo, o trabalho feito por Brant na sua primeira missão.

Por outro lado, eram enormes as difficuldades que se antepunham aos agentes brasileiros em Londres, pois tinham que enfrentar a má vontade da maioria do Governo britannico, e do proprio rei, e toda a formidavel trama de intrigas da Santa-Alliança.

Quando a Inglaterra, em Janeiro de 1825, declarou a sua resolução de mandar Sir Charles Stuart ao Rio, em missão especial, os dois agentes brasileiros viram coroados de exito os seus patrioticos esforços. E não podia ser mais auspicioso o resultado, porque logo o Governo português, comprehendendo a inutilidade da continuação da sua resistencia ao reconhecimento, investia o mesmo Stuart do character de Plenipotenciario de S. M. Fidelissima, para tratar com o Brasil, e outras nações do continente europeu se apressavam em procurar entrar em relações com o jovem Imperio.

As negociações de Stuart, em nome de Portugal, terminaram a 29 de Agosto de 1825, com a assignatura de um tratado de reconhecimento e de uma convenção addicional. Em Outubro, o mesmo Plenipotenciario firmava, pela Grã-Bretanha, dois outros ajustes que, entretanto, não foram ratificados pelo seu Governo. E a 30 de Janeiro de 1826 era Gameiro Pessoa, então Barão de Itabayana, recebido por Jorge IV, como Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de S. M. o Imperador do Brasil.

Por seu lado, Telles da Silva (Visconde de Rezende), já obtivera o reconhecimento por parte da Austria, por nota de Metternich, datada de 30 de Dezembro de 1825.

Ainda anterior fôra o reconhecimento por parte da França, porquanto se considerou feito desde que, a 26 de Outubro do mesmo anno de 1825, o Conde de Gestas, representante francês no Rio de Janeiro, começou officialmente a negociação de um tratado de commercio, que viria a ser concluido em 8 de Janeiro de 1826.

Já reconhecido pela maioria das grandes potencias, não demoraria o Imperio em iniciar relações officiaes com todas as outras nações.

Ainda nisso o auxiliou bastante a sua diplomacia.

Entretanto, ao se glorificar a obra dos que se esforçaram pelo reconhecimento da independencia brasileira, não se fará justiça completa se se olvidar o trabalho, muita vez anonymo, mas quase sempre efficaç, da então Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros.

De facto, foi da conjugação de esforços dos que lá fôra se dedicaram a essa obra patriotica e dos que aqui lhes auxiliaram a tarefa, que resultou a entrada do Brasil, em curto prazo, no gremio das nações independentes.

Hildebrando Acioly.



# OS FALSOS PRECURSORES DE CABRAL

Em meio das ruidosas manifestações do sentimento dos brasileiros, festejando com legítimo jubilo o primeiro Centenario de sua Independencia Política, surge mais um fasciculo da "Historia da Colonização Portuguesa do Brasil" Obra de prodigiosa erudição, em que desde alguns annos trabalha uma pleiade insigne de historiadores, geographos, astrónomos, paleographos, cartographos, litteratos e artistas, é a mais formosa dádiva que se destinou ao Brasil na commemoração do mais glorioso dos seus fastos. Neste momento, pois, de evocações e reivindicações historicas, é dever nosso assignalar aos intellectuaes brasileiros o texto do fasciculo VIII do primeiro volume da monumental publicação. Isto fazemos, primeiro, porque nelle se agita, se renova e se desdobra a questão sobremaneira transcendental do descobrimento do Brasil, e, depois, porque firma o severissimo trabalho o nome respeitavel do Sr. Dr. Duarte Leite, illustre Embaixador de Portugal, eximio professor de mathematica, homem de summa sapiencia.

A these, que vale por um desafio scientifico, é destas que até aqui ficaram sem solução, obscuras, confusas. A versão corrente era que, antes de Cabral, Vicente Pinzon, Diego de Lepe e tambem Alonso de Hojeda, haviam visto terras brasileiras, e, como defensores dessa precedencia, se apresentaram historiadores nacionaes como Varnhagen, Caetano da Silva, Rio Branco, Capistrano de Abreu e João Ribeiro; e notabilidades estrangeiras como Humboldt, Vignaud, HARRISSE e Navarrete. Pois bem: o eminente Sr. Dr. Duarte Leite põe por terra, desfaz, reduz a pó, toda a argumentação dos partidarios dos precursores castelhanos de Cabral. Acastellado numa formidavel, solida e irrefutavel documentação e após o estudo preliminar do professor Luciano Pereira da Silva, em que este magistralmente expoz a somma de conhecimentos nauticos de que dispunham os descobridores portuguezes nos ultimos annos do seculo XV, contesta tudo quanto se relaciona com as frageis hypotheses que davam o fidalgo hespanhol Alonso de Hojeda como tendo estado no Rio Grande do Norte mezes antes da frota de Pedro Alvares Cabral, Vicente Pinzon como descobridor do Amazonas em Janeiro de 1500 e Diego de Lepe e Alonso Vellez de Mendoza como primeiros visitantes de paragens mais meridionaes. O trabalho do Sr. Dr. Duarte Leite, fruto amadurecido de dous annos de penosos estudos mathematicos, cartographicos e historicos, realizados com inatacavel probidade scientifica e verdadeira abnegação, é de tamanha magnitude, que revolucionará o mundo dos sabios pela revelação surpreendente de que foram genuinamente lusitanas as primeiras vozes que se fizeram ouvir no mundo brasileiro. Não exaggeramos dizendo que, desde muito, nenhum historiador se havia atirado a empreza tão complexa, tão gigantesca e tão palpitante e, o que mais importa, obtido resultado tão completo relativamente aos multiplos aspectos de que se reveste o magno problema. Com effeito, resumindo as conclusões de sua formidavel tarefa, elle pode afirmar categoricamente, pondo de parte outras viagens além da de Duarte Pacheco, por ficticias ou muito duvidosas, *que Alvares Cabral não teve precursores hespanhoes no descobrimento do Brasil, porque em 1499, Hojeda não cruzou o equador, nem siquer vio a foz do Orenoco; em 1500, Pinzon não esteve no Amazonas e, ficando para o norte, não ultrapassou o cabo de Orange; e, por ultimo, Diego de Lepe e Vellez de Mendoza só visitaram o grandioso rio quando se rasgavam para a historia os esplendores do seculo XVI.* Taes conclusões, como se vê, suscitarão uma especie de assombro, que em seguida se converterá em irrecusavel preito á verdade serenamente proclamada.

No fasciculo a que nos referimos da "Historia da Colonização Portuguesa do Brasil", obra, repetimos, que é o mais extraordinario monumento que no genero levantou o espirito moderno, pacifica epopéa da intelligencia lusitana, de que muito justamente se orgulha Portugal, o Sr. Dr. Duarte Leite apenas iniciou a demonstração de sua these, com o estudo das excursões fantasiosas de Hojeda, sabendo nós que, pelo que diz respeito ás navegações Iniciaes do primeiro lustro do seculo XVI, a "Historia da Colonização Portuguesa do Brasil" nos dará "copiosas noticias ineditas e interpretações cartographicas mais verdadeiras que as até hoje admittidas e que transformarão sensivelmente as paginas preambulares da nossa historia, apresentando a versão definitiva dos commandos da esquadra de Cabral, reduzindo as explorações litoraneas das expedições de 1501 e 1503 aos limites que a cartographia coeva lhes assignala, determinando a collaboração das armadas da India no descobrimento do littoral, designando a data do achado da ilha Fer-

nando de Noronha, revelando a participação dos navios mercantes, desde 1500, nas expedições enviadas a Vera Cruz."

Estes primeiros capitulos, porém, lançam já profundo jacto de luz sobre uma das questões capitaes da historia do Brasil, que é allí, pela primeira vez, tratada com criterio rigorosamente scientifico e superior saber. Ao mesmo tempo, temos o gozo intellectual de conhecer e entrar em contacto com um historiographo que pôde hombra-se com Humboldt, Ravenstein, Wagner, HARRISSE e tantos outros de fama universal. Espirito philosophico, dotado maravilhosamente das faculdades analyticas e criticas, tendo perscrutado os problemas da historia do descobrimento em todos os seus pormenores, apresenta-se ainda com a vantagem de ser mestre consummado nas sciencias mathematicas. Aliás, sem esses predicados mentaes e sem uma opulenta erudição, orientados pelos methodos rigorosos da analyse historica, não se comprehende como se possa versar assumptos que exigem, além da probidade e isenção de animo, a rara competencia scientifica allada á robusta capacidade de historiographo. Até então, supportamos a injuria de escribas indoutos ou de mediano entendimento, desprovidos de cultura e, o que é peor, imbuidos da mais irritante má fé, praticarem a desfazatez de discutir leviaamente as questões relativas ás origens da nossa historia, como se ella estivesse encerrada nos estreitos limites de uma bibliotheca de vulgaridades, e dahi os erros, as deformações e os dislates de toda especie divulgados sem protesto, e muitas vezes postos em circulação de modo impertinente, com intuito de turbação politica. por esses pseudos historiadores, gente sem sciencia, nem consciencia, só tolerada mercê da confusão malsã que caracteriza o nosso meio intellectual. Acreditava-se tambem que a historia do Brasil houvesse envelhecido ou apparecesse Integral nos volumes substanciosos de Varnhagen ou de Rocha Pombo. De hoje em diante, não só os velhos systemas de interpretação da nossa historia se tornarão obsoletos, por falsos e imperfeitos, como tambem só poderia ser escripta á luz da moderna cultura historica, que consagra como norma o criterio scientifico ou objectivo.

O Sr. Dr. Duarte Leite, com forte dose de serenidade que invejaria Thucydide, não vulgar faculdade de analyse e clarividente sentimento critico, e, ainda mais, com a paciencia, a simplicidade e o desprezo das vaidades, tudo isso alliado a uma agudissima sensibilidade, a um admiravel dom de penetração, a uma notavel intrepidez e uma dialectica irreductivel, rasgou aos nossos estudos historicos novos horizontes e immensas perspectivas. Divulgando copiosas informações ineditas, estabelecendo relações indubitaveis de factos ignorados ou mal interpretados, defendendo argumentos inesperados, firmando conceitos que triumpham pela unica força da persuasão, elle o faz sem alardear os opulentos cabedaes de sua cultura. No seu labor vasto, probo e constructivo, briosamente empenhado em "restituir ao Brasil os seus titulos de filiação na gloria Integral do cyclo portuguez dos descobrimentos", para empregar a phrase de um escriptor, restaura nos paizes de lingua portugueza a perfeita consciencia do papel de historiador. Seguro da sua causa e com a paixão remansada do saber, convencido de que a verdade deve erguer-se serena e impassivel, alheia ao movimento dos interesses e superior a todas as paixões, não se agita, não se enfurece, não se apaixona diante dos problemas cuja solução procura: *the truth is quiet*. Pela sua grave compostura, pela severa disciplina de seu espirito, pela sua constante preocupação do verdadeiro, pela sua capacidade de trabalho e pela sua força de pensamento, é, segundo a nobre qualificação, um sabio, que se impõe ao respeito e á admiração de seus pares, e a sua obra é uma meditação profunda, uma resurreição do passado, uma reivindicação espantosa de um feito humano que durante seculos foi negado, combatido e contestado com pertinaz ardor.

Traçando esta breve e desprezenciosa noticia, com a promessa de voltarmos opportunamente ao assumpto dos *Falsos precursores de Cabral*, pretendemos apenas chamar a attenção dos estudiosos brasileiros para o sensacional trabalho do Sr. Embaixador Duarte Leite, que está destinado, principalmente no mundo culto europeu e americano, a provocar calorosos debates, em que a verdade surgirá revestida de maior autoridade e de maior esplendor para gloria de Portugal, orgulho do povo brasileiro, que se honra de seus ascendentes e descobridores, e ufania dos verdadeiros apóstolos da sciencia historica, que é privilegio dos creadores de valores.

Elysio de Carvalho.

# UM SEculo DE SCIENCIA

A. F. A. RAJA GABAGLIA, MEU COMPANHEIRO E AMIGO

Não admiram o incolor, o inexpressivo, o incharacterístico, o tolhiço e o inviável da nossa arte e das nossas iniciativas: falta-lhes a seiva materna. As nossas mesmas descrições naturaes recordam artisticos decalques em que o alpestre da Suíça se mistura, baralhado, ao distendido das *landes*: nada do arremessado impressionador dos itambés a prumo, do aspero rebrilhamento dos cerros de quartzito, do desordenado estonteador das mattas, do dilúvio tranquillo e largamente esparso dos enormes rios, ou do mysterioso quasi biblico das chapadas amplas.

E' que a nossa historia natural ainda balbucia em seis ou sete linguas estrangeiras e a nossa geographia physica é um livro inédito.

EUCLYDES DA CUNHA.

## ANTECEDENTES

O Brasil surgiu para a civilização, quando esta resurgia, na alvorada esplendida do Renascimento.

Todas as aquisições dos povos orientaes, todo o maravilhoso surto do genio da Grecia, a que Renan apellidara o "milagre grego", toda a contribuição isolada, mas fecunda, dos nucleos medievaes, ao lado do contingente dos arabes, tudo isso ia constituir material informe, com que os novos methodos de Bacon e Descartes permittiriam os diversos capitulos da Sciencia humana, a pouco e pouco autonomos. Esses conhecimentos eram, portanto, bastante desconnexos. Sabia-se alguma cousa da terra e das gentes; das sciencias exactas só as mathematicas apresentavam conquistas definitivas, a Physica e a Chimica só se vindo a constituir nos termos do seculo XVIII. Portugal, na época, achava-se no apogeu litterario e, embora possuísse já a Universidade de Coimbra, do seculo XIII, não tinha grande desenvolvimento scientifico. Obrigado pelas condições geographicas a transportar-se para os convés de sua frota, em busca de novos caminhos e quiçá de novas terras, chegando ao Brasil, ignoto, sob todos os aspectos, desde a propria extensão, até as riquezas, fascinado as mais das vezes pelos esplendores da India, era natural que não tivesse preocupação alguma de cultura ou de conhecimento da terra. As primeiras informações guardam a mesma tonalidade da certidão de baptismo de Pero Vaz Caminha. Mesmo depois de saber-se alguma cousa mais, só a preocupação da renda e proveito dominou. Com o fracasso da divisão das capitánias, com o primeiro governador geral vieram os Jesuitas, que iriam iniciar a cultura em nossa terra, guiados por Nóbrega e por Anchieta, vindo mais tarde. Fundam em 1549, na Bahia, e depois em Pícatininga (S. Paulo) os primeiros Collegios, onde se ensinavam primeiras lettras, arithmetica, grammatica, latim, theologia, philosophia e rhetorica, conferindo-se diversos grãos.

O seculo XVI foi principalmente occupado pela conquista da terra, no esforço lento e demorado da adaptação dos portuguezes a novas condições mesologicas e sociaes e ao esforço abençoado dos Jesuitas para introduzir "a disciplina entre os colonos e a civilização entre os indigenas", conforme observa Oliveira Lima. Tudo que se tem da época, são manifestações litterarias, noticias mais ou menos fieis, sendo que Gabriel Soares de Souza escreve "a primeira affirmação de uma entidade nova no mundo"

O ensino quasi exclusivamente entregue aos fieis de Loyola, daria a chamada Escola Bahiana, em que surge o perfil, já differenciado, de Gregorio de Mattos Mas, nenhuma manifestação em que se possa vislumbrar qualquer dado realmente scientifico. Os estrangeiros que tentavam apoderar-se de trechos do Brasil, deixavam, por igual, apenas noticias, como Lery e Thévet, entre os francezes, e Hans Staden, allemão. Em todo o periodo que compreheñde os tres seculos, ha um parenthesis luminoso, de cultura, de civilização e o inicio da preocupação scientifica no Brasil: o septennio de Mauricio de Nassau. Entre os sabios que trouxe ou fez vir ao Brasil, dois seriam os fundadores da nossa Historia Natural e da nosologia: Wilhelm Piso e George Marcgrave. Nas obras que deixaram, onde, com raro poder de observação, se consignam informes da terra, plantas, animaes, gentes e até observações astronomicas feitas no primeiro Observatorio da America e do hemispherio

sul, construído na magnifica Mauriztad, vivenda do Principe, edificaram o marco inicial da sciencia brasileira. Fechado esse breve parenthesis, nenhuma cogitação semelhante preoccupa Portugal. Depois da expulsão dos Jesuitas, pelo Marquez de Pombal, em 1759, foi reorganizado o ensino, leigo e confiado a franciscanos, benedictinos e carmelitas.

Emquanto isso, a obra de conquista da terra, anonyma e obscura, proseguia.

O surto do bandeirismo fez sua avapçada triumphal, esticando o cerco apertado do meridiano de Tordesilhas, obrigando a diplomacia a completar, ratificando o trabalho formidavel das "entradas" e bandeiras, que foi ultimado no tratado de Madrid de 1750.

A necessidade de completar as medidas dahi decorrentes, fez a era brilhante de alguns demarcadores, que atravessavam varias regiões do paiz, deixando informações preciosas, taes *Silva Pontes*, *Almeida Serra* e o mais extraordinario delles — *Lacerda e Almeida*, que determinou coordenadas geographicas, com a imperfeição de processos e aparelhos, com differença de menos de um minuto de arco, de outras executadas mais de um seculo depois. Mandou tambem Portugal, em 1785, a sua 1ª missão scientifica, chefiada pela figura excepcional do Dr. *Alexandre Rodrigues Ferreira*, natural da Bahia, que, em roteiro admiravel, adquirio material sobre a flora, fauna, tribus indigenas, descrições, acompanhados de innumeros desenhos, mas que a indifferença e o criminoso descaso da Metropole não fizeram publicar a tempo de utilidade ou deixaram se perdesse.

Nas ultimas decadas do seculo XVIII muitos brasileiros vão estudar em Portugal, chegando mesmo alguns a professar na Universidade de Coimbra.

Dentre todos, incontestavelmente, o mais notavel foi *José Bonifacio*, cuja gloria politica, que lhe deu o lugar da maior figura da nossa Independencia e das maiores de toda a America, foi o complemento nacional de uma carreira scientifica brilhantissima. Especialista em mineralogia, geologia e metallurgia, onde realizou contribuição original, seus conhecimentos abrangeram, entretanto, todos os departamentos da sciencia do seu tempo. Exemplo pujante de quanto pôde a intelligencia brasileira, em condições de meio favoraveis, é documento dessa tendencia de universalidade que a caracteriza, como intelligencias amplas e superficiaes, conforme observou Miguel Osorio de Almeida. Foi tambem professor de Coimbra, onde regou a cadeira de Metallurgia.

A transferencia da cõrte portugueza para o Brasil marca o inicio da Historia do Brasil... civilizado, — escreveu Afranio Peixoto.

Com effeito, só depois da vinda de D. João VI é que o ensino, a que sempre se prenderam as cogitações scientificas, pôde ter novos surtos.

A fundação da Escola Militar que, após varias transformações, iria ser o nucleo dos estudos mathematicos; a da Escola Medica, onde iniciaram, além das disciplinas praticas de seu endereço immediato, a chimica; bem como a fundação, no Rio, 1812, do primeiro Laboratorio Chimico do Brasil; tudo isso, esse transplante de cultura, iria permittir que no proprio paiz se desenvolvesse a intelligencia capaz de, diante dos dados objectivos, resolver seus proprios problemas.

D. João VI chegou a pensar, como assegura Oliveira Lima, em confiar a José Bonifacio a organização de uma Universidade.

## A CONTRIBUIÇÃO DO 1º SEculo

Se é certo que os factos historicos se não subordinam ás divisões do tempo, da vida social, intercorrendo-se uns e outros, coincidindo ou succedendo-se elles, sem essa marcação artificial, contudo na Historia do Brasil o periodo de emancipação mental, começado quasi como o seculo, precedeu de pouco o advento da emancipação politica.

As sciencias iriam ter, no primeiro seculo, cultores de todos os seus ramos e divisões, uns maiores, menores outros, apenas eruditos alguns, outros com contribuição original.

Sylvio Romero, o primeiro historiador da nossa vida mental, apreciando este período anterior, concluía que nada de original levamos ainda ao patrimonio scientifico da espécie, a não ser alguns factos e informações colligidas.

Não se poderá repetir o mesmo balanceando o trabalho deste seculo.

— *Sciencias exactas.*

Se, por um lado, a mathematica não exige, para as contribuições novas senão o mero esforço mental do estudo e da meditação, dispensando, portanto, ao contrario das demais sciencias, a exigencia de custosa aparelhagem, por outro lado, impõe um longo trabalho de preparo anterior e um grande poder de abstracção.

De que somos capazes, dous exemplos bastariam: No que nos veio de antes seria difficil lobrigar qualquer aspecto original em mathematica. Houve, é certo, alguns estudiosos, professores projectos, que conheceram bem a sciencia de seu tempo, mas a primeira figura de relevo é, incontestavelmente, a de Joaquim Gomes de Souza, "a nossa mais completa cerebração do seculo, jurista, medico e poeta, legando-nos sobre o calculo infinitesimal paginas que ainda hoje sombranceiam toda a mathematica" Gomes de Souza orientou seus estudos sobretudo para o calculo integral, fortaleza intransponivel á maioria das equações que traduzem phenomenos e leis physicas. Se é certo que illudiu-se o grande sabio no aleance de suas cogitações, revelou contudo manejar com rara maestria o instrumento algebrico.

O Visconde do Rio Branco, cujo papel eivilizador na nossa historia é preeminente, ao mesmo passo que, pelo primeiro cabo submarino, nos punha "a alguns minutos da eivilização", realizava a mais completa das reformas de ensino, transformando a antiga Escola Central em Militar e Polytechnica, creando nesta cursos especificas de sciencias physicas e mathematicas e sciencias physicas e naturaes, mandando vir professores europeus, como o physico Guinet, o physiologista Couty e Gorceix, que dirigio a fundação da Escola de Minas.

Por essa mesma época o advento das novas correntes philosophicas, o evolucionismo no Recife e o positivismo allí e no Rio, com Benjamin Constant, Miguel Lemos e Teixeira Mendes, em S. Paulo com Luiz Pereira Barreto, iriam crear uma orientação ao estudo das mathematicas.

Benjamin Constant, no seu magisterio na Escola Militar e transitoriamente na Escola Polytechnica, crearia o maior numero de estudiosos da mathematica, entre nós, e ao seu lado a propagação das idéas e obras de Augusto Comte iriam inicialmente influir na maior figura das mathematicas no Brasil — Otto de Alencar, que, mais tarde, dissidente, creou a segunda corrente de cultores orientados principalmente no caminho da analyse, em que já vai avultando, em contribuições originaes, um Theodoro Ramos. Nesta corrente, sobretudo pelos trabalhos modernos que divulgou, se inclue Raja Gabaglia.

Otto de Alencar, fallecido aos 44 annos, deixou, além das obras de exposição, embora de assumptos transcendentos, alguma contribuição realmente nova, que teve a sancção da sciencia europeia. Os exemplos citados bastariam á convicção de que com maiores esforços, novos processos de ensino e de estudo, a mentalidade brasileira seria capaz de enfrentar o campo, já muito percorrido, da mais perfeita das sciencias. Alíás, não seria difficil, se não fosse aqui sem proposito, mostrar que os Estados Unidos, cujas condições de eivilização, de recursos, foram outras, diversas da nossa, tambem pouca contribuição original lograram fornecer e só deram, realmente genal, a figura de Williard Gibbs, que durante muito tempo jazeu desconhecida e ignorada.

Nessa parada que vamos fazer, da eminencia da commemoração do 1º Centenario, percorremos inicialmente as chamadas sciencias exactas: mathematicas, physica e chimica; depois, as que cuidam do conhecimento da terra e da gente: geologia, botanica, zoologia, ethnographia e anthropologia, nosologia, sociologia, trazendo apenas, em synthese difficil e apertada, os principaes nomes e documentos.

Em astronomia, a creação do observatorio, annexo á Escola Naval fundada por D. João VI, iria obrigar a observações, sem que contudo resultasse dahi trabalho original, podendo-se citar a determinação de algumas constantes feitas por Emmanuel Liais, Luiz Cruls, Pereira Reis, Henrique Morize, entre outros.

A Physica e a Chimica tambem só foram cultivadas nos estabelecimentos de ensino em que eram professadas, não havendo laboratorios, de que pudessem surgir contribuições proprias. A pri-

meira, ensinada na Escola Polytechnica e na de Medicina; com interrupção nesta, apenas teve alguns mestres de tradições, como o *Conselheiro Pitanga* e *Nerval de Gouvêa*.

Da Chimica, eultivada ainda em laboratorios technicos, nada ficou na parte theorica; na parte pratica, um *Michler* no magisterio, alguma vista original de *Domingos Freire* e em chimica de explosivos e technica de laboratorio *Alvaro Alberto da Silva*.

— *Conhecimento da terra e da gente.*

O conhecimento de uma região e do homem que a povoa, affeioado por ella e modificando-a, só pôde ser feito lenta e diuturnamente.

A principio, o instincto rudimentar dos primeiros habitantes; depois, o empirismo taeteante dos primeiros conquistadores; por fim, as investigações orientadas das sciencias.

O Brasil não se poderia eximir desta determinação fatal.

Terra e homem foram-se estudando em desenho esfumado até as linhas geraes do contorno que a obra do primeiro seculo logrou gizar e que, aos que vierem, ineumbe completar.

Tracémol-o, logicamente.

— *Geologia.*

Todos os conhecimentos empiricos dos garimpeiros, fieis e exactos muitas vezes, ou se perderam ou se retiveram em algum ehronista suspicaz. A preoccupação de Portugal só se manifestou em 1789, nomeando o Dr. José Vieira do Couto para fazer observações mineralogicas e metallurgicas em Serro Frio.

Entretanto, o inicio dos estudos geologicos se deu com Eschwege, que, de 1822 a 1833, publicou tres obras sobre geologia e mineração do Brasil, seguindo-se o periodo a que Derby ehamou de allemão. Em 1857, por iniciativa do benemeritissimo Instituto Historico, organizou-se uma commissão scientifica, chamada dos Passaros, para estudar Historia Natural nas provincias do Norte. Dirigia a seeção geologica o Barão de Capanema, mas o que foi colhido perdeu-se em naufragio.

Em 1865 começou o segundo periodo — o americano — com a vinda de Agassis, que trouxe em sua companhia Carlos Frederico Harrrt, que, em trabalho notavel — *Geology and Physical Geography of Brasil* — resumio tudo o que se sabia até então e as suas observações proprias. A seeção do Museu Nacional, presa inicialmente a seus trabalhos, tambem muito se deve.

A elle tambem se ligou Orville Derby e John Casper Brauner, seus discipulos e companheiros, que conseguiram dar as linhas geraes da constituição geologica do Brasil. O primeiro deixou sem numero de monographias, as mais diversas, e não só dirigio a commissão de S. Paulo, como orientou os trabalhos do Serviço Geologico nacional de modo a ser apenas necessario seguir-lhes as directrizes, afim de se chegar a resultado definitivo. O segundo coroou a sua vida de dedicacão ao nosso paiz ultimando o "Mappa Geologico", a que vem appensa detalhada notieia bibliographica de toda a geologia e mineralogia, minuciosa, de Estado por Estado. Os nomes nacionaes, presos a esses dous, já podem figurar ao lado delles.

Em palentologia, além do que ficou de Lund, que viveu em Lagôa Santa, de 1833 a 1880, ha alguma cousa de Orville Derby e um ou outro elemento esparso.

— *Botanica, Zoologia e Nosologia.*

A contribuição de Arruda Camara, Conceição Velloso, Velloso de Miranda, Frei Leandro do Sacramento, todos brasileiros, é precisa. Entretanto, o primeiro nome da botanica brasileira é o de Martius, que iniciou a monumental "Flora Brasiliensis", em que vêm 20 mil especies brasileiras descriptas em 40 volumes, e que levaram 66 annos a se publicar, com a collaboração de innumerous sabios estrangeiros. E' esta obra a maior sobre botanica brasileira e a fundamental, completa com artigos de, entre outros, A. Sampaio, do Museu Nacional.

Além de Martius, outros estrangeiros deram a sua cultura ao estudo de nossa flora, como Gardner, A. de Saint-Hilaire, Bonpland, D'Orbigny alguns mais, em viagens que fizeram, salientando-se A. Loferren, que, depois de muitos annos de estadia no Brasil, deixou um sem numero de monographias e principalmente o "Manual das Plantas Pharmogamicas" trabalho imprescindivel á nossa botanica.

Freire Allemão, Capanema, Saldanha da Gama, Caminhoá, Pizarro, Barbosa Rodrigues, Ladisláo Netto... nomes nacionaes, dedicados e capazes, são garantia de quanto é possivel, a brasileiros, neste terreno.

A collecta de material sobretudo feita no Museu Nacional, de S. Paulo, Goeldi, do Pará, e alguns outros estabelecimentos congêneros, representa um esforço eficaz.

Os estudos de zoologia quasi sempre se interferem como os de botânica. Muitos dos naturalistas que percorreram o Brasil fizeram observações diversas, de conjuncto de aspectos.

Spix, o companheiro de Martius, foi um dos primeiros destes estrangeiros nacionalizados, a iniciar o estudo da nossa fauna. A opulenta riqueza della attrahio para nós uma série de naturalistas eminentes, que se perderam no estudo, muitas vezes, de um só aspecto particular. Bomplard ainda, Castela, Agassis, Wallace, Bates, Natterer, contribuíram largamente para desvendar as belezas dos povoadores do paraíso.

Dos Museus já citados, cujas publicações, pôde-se dizer, concentram quasi tudo que se conhece da zoologia brasileira, também fizeram parte alguns estrangeiros, entre os quaes o grande Fritz Mueller, do Nacional; Emilio Goldi, do Paraense, a quem se devem varias monographias preciosas, e von Ihering, do Paulista, autor da mais completa obra de conjuncto que possuímos sobre a nossa fauna. Estes institutos mantêm secções onde ha especialistas, como Miranda Ribeiro, Carlos Moreira, entre alguns mais.

Em artigo recente, Arthur Neiva notou que tres factos notaveis da biologia estão ligados de perto ao Brasil: a lei ontogenetica de Fritz Mueller, o mimetismo, cujas observações são devidas a Bates e algumas verificações da Theoria da Mutação, de Hugo de Vries, baseadas em estudos de Fritz Mueller, em Santa Catharina, com espigas de milho.

Preso ao estudo da nossa flora e fauna está necessariamente o da nosologia brasileira. E' certo que houve no periodo colonial trabalhos parcellados, embora de aspectos nacionaes; houve ainda contribuições isoladas em S. Paulo, com um Luiz Pereira Barreto, no Rio com um Baptista de Lacerda; mas o inicio realmente do primeiro estudo scientifico e systematico de nossas condições sanitarias, abrangido na totalidade de suas questões, é com Oswaldo Cruz, a quem nunca é demais elogiar. Começou disciplinando-se para disciplinar alumnos e companheiros. Confiava o preparo delles, nas especialidades, a estrangeiros contratados, a prazo certo, que lhes davam technica, processos, orientação, sob a sua alta direcção, permitindo crear capacidades nossas, para encontrarem as incognitas dos nossos problemas. Creou-as e deixou esse monumento, que deve ser o maior orgulho de nossa civilização — o Instituto que lhe tem o nome.

Creou laboratorios aparelhados a todas as pesquisas, num ambiente de conforto e de recursos. Empreendeu e fez empreender viagens pelo interior do paiz, não só para colher material, como ainda para estudar-lhes as condições regionaes peculiares. De uma dellas, a mais notavel, pelo nordeste brasileiro, realizada por A. Neiva e B. Penna, sahio esta campanha abençoada pelo saneamento do Brasil. De outra, por elle proprio effectuada, consentio-se a construção da E. F. Madelra-Mamoré. Os especialistas que chamou ao seu convívio, como A. Lutz ou os discipulos que formou, Neiva, Godoy, Fentes, Chagas, Gaspar Vianna e outros tantos comparses no merecimento, e que seriam grandeza a longo trabalho, deram as provas indiscutíveis das possibilidades da intelligencia brasileira.

A' obra de desbravamento territorial do fio telegraphico do General Rondon, também se devem trabalhos sobre a historia natural brasileira.

#### Ethnographia.

Ainda é a Martius que se deve o inicio de um estudo systematico sobre os Indigenas do Brasil. Viajando por nossa terra, de 1818 a 1821, percorreu S. Paulo, Minas, os Estados costeiros, indo até o Amazonas.

"A sua contribuição ao estudo dos nossos aborígenes pôde ser resumida em tres factos fundamentaes", escreve Roquette Pinto. "O primeiro diz respeito á organização social dos Indios, o segundo á origem dos indios e o tercelro, que foi o decisivo, se refere á classificação delles. Embora nem tudo tenha ficado, entretanto, a sua cooperação para a ethnographia do Brasil foi valiosissima.

Entre os outros nomes maiores o de von den Steinen, em 1884, viajando pelo rio Xingú, Paul Ehrenreich, Koch-Grimberg, Max Schmidt, entre os estrangeiros, e Ladisláo Netto, Couto de Magalhães, Ferreira Penna, Rodrigues Barbosa, Capistrano de Abreu e agora, no Museu Nacional, Roquette Pinto, que em monographias e na Rondonia deu traços syntheticos dos conhecimentos ethnographicos brasileiros

#### Sociologia.

Vacilla ainda em terreno capaz de divagações conjecturas para que fosse possível traçar, diante de nossas condições, um esboço sequer de sociologia brasileira. O mais que seria permittido era o que realizou Afranio Peixoto, em curso em 1919, documentando de exemplos nossos os factos geraes. Entre os que se occuparam de ethnographia, os que escreveram historia, muitos necessariamente tiveram que fazer sociologia. Entretanto, no destaque dos maiores nomes, apenas em citação rapida, surgem os de Sylvio Romero, Alberto Torres e Euclides da Cunha e agora em já algumas realizações e promessas Oliveira Vianna.

Sylvio Romero foi quem primeiro fez uma synthese, de criterio scientifico, da nossa vida mental, procurando verificar a reacção complexa, resultante dos cinco factores que nella actuavam: as tres raças formadoras, o meio physico e o elemento alienigena. Neste nobre proposito escreveu sua maior obra e pesquisou tradições, observou e procurou por fim applicar os processos da escola de La Pley aos nossos phenomenos sociaes.

Alberto Torres interessou-se sobretudo "pela organização politica da nacionalidade, os seus caracteres constitucionaes, o seu feitio de administração. Soube muito da gente, mas o povo transparece-lhe, na obra, como um rebanho heterogeneo de eleitores; soube muito da terra, mas a terra só o preocupa como um factor interessante á economia politica; soube de todas as nossas condições physicas, ethnicas ou sociaes, mas o que lhe interessa em tudo é o concurso que todos possam proporcionar á dirigencia da nação"

Euclides da Cunha traçou, apenas a esboços esparsos, largos capitulos da sociologia brasileira, a principio na parte maior do Brasil brasileiro, depois em diversos aspectos regionaes e por fim na formação da Amazonia, que foi tudo quanto lhe permittio a sua vida atumultuada e trabalhosa, sempre rica de preocupações pelo Brasil, de que é o mais perfeito symbolo.

#### Conclusões.

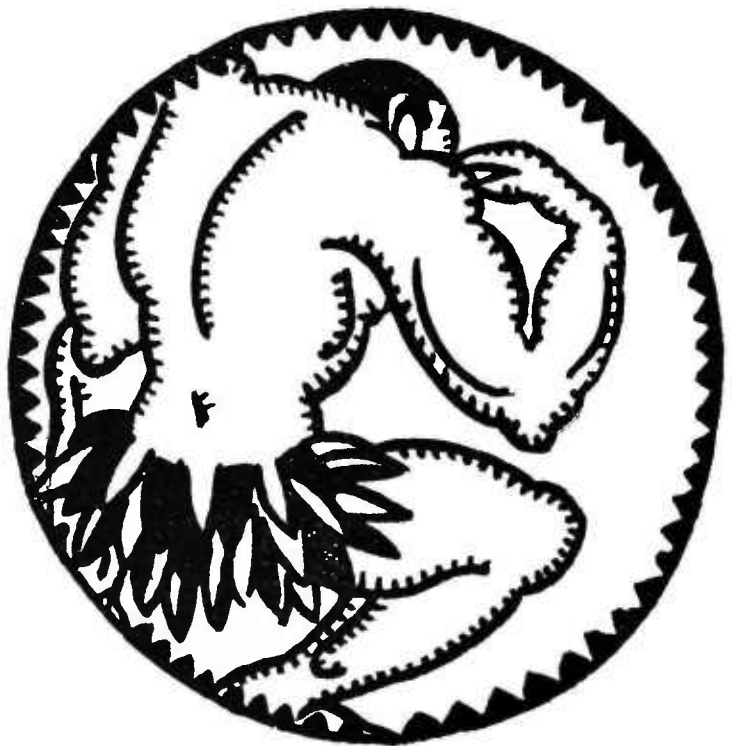
1ª — Em um seculo de independencia politica, a civilização europeia trazida para o Brasil, formou um povo, capaz de resolver, por si mesmo, os seus grandes problemas.

2ª — Em circunstancias favoraveis, o Brasil produziu Brasileiros, cujos trabalhos scientificos podem ser comparses dos semelhantes estrangeiros.

Poderemos assim, talvez antes de outro seculo decorrido, balanciar, com orgulho, o nosso acervo de contribuições originaes, á forma mais nobre, mais pura, mais solidarizadora da Civilização que é a Sciencia, depois de termos cumprido, como obrigação ineluctavel, o grande problema nacional, que é, affirmou Alberto Rangel, a inscripção do frontão de Delphos: "conhecer-nos"

Rio, Setembro de 1922

Francisco Venancio Filho.



# INTEGRAÇÃO CONTINENTAL AMERICANA

A America se torna cada vez mais convicta da sua unidade como um todo diferenciado da grande massa humana. No concert universal a consciencia se desagrega parcelladamente pela crise do nacionalismo em etapa de novas condensações; mais isso é nada mais que uma phrase transitoria em via de resolução, porque o contrôle humano, em successivos ensaios de concentração, vai, a pouco e pouco, corrigindo o caracter inconsistente das reuniões outro'ora effectuadas para o encerramento de estados bellicos e solução de crises politicas. Substitue-se no mundo, nos tempos fluentes, o eventual pelo permanente, o transitorio pelo definitivo, o aleatorio pelo estavel. O Continente americano, favorecido por circumstancias historicas e pelo modernismo de sua criação surgiu para o mundo num quasi improvisado. Resolveu seu problema racial numa desharmonia interna de systemas, adoptando o norte o divorcio e o sul a fusão dos elementos, não obstando isso ao mesmo futuro de triumpho da raça mediterranea e desaparecimento paulatino das demais, ou por força de agglutinação daquella ou decrescimo expon-taneo destas (I). Filho da velha Europa vem construindo com os modelos fornecidos pela veneranda progenitora os amplos alicerces de sua civilização, para, em dias vindouros não longinquos, em amortizações successivas saldar definitivamente na contribuição mundial a sua divida de origem.

Outros Continentes poderão ainda, em tempos distantes, o que entanto é problematico, moldar uma personificação parallela. Por emquanto, porém, o Continente americano é o exemplo unico de solidariedade, consciencia e grandeza, impondo-se a unidade do todo por uma solidez, a qual de incipiente, paulatinamente augmenta no cyclo historico actual em face dos demais, o que constitue um modelo, grande em demasia para se conter no planeta. Assignala Alexandre Alavarez, e com muita nitidez, as differenças de condições da Africa e da Asia em face da Europa, em comparação com a America, concludo por observar, que, não tendo esses Continentes uma doutrina de Monroe a lhes servir de base, nem sendo constituídos por paizes independentes, segue-se não ser o direito internacional, para elles, tal como se offerece para a America, como expressão que é da vontade dos Estados (II).

O surto americano, delineando-se no Globo e definindo-se na historia dos povos, consagra tres correntes europeas constitutivas do elemento fecundante gerador da nova entidade: O anglo saxão, o hispanico e o luso. Colombo, Vespucio, Cabral, Pizarro, Cortez, Nunes de Balbôa deram-lhe o factor geographico, os factos e eventualidades historicos a população e as tendencias; o tempo e as vicissitudes o monroismo; o monroismo a independencia continental; esta gerou o pan-americanismo e a consciencia, a qual por sua vez já manifesta uma vontade. Nessa trajectoria, a regra politica, chamada doutrina de Monroe, é o sulco representativo da nova linha de demarcação. Os 7°, 48°, e 49° da mensagem de 2 de Dezembro

(I) Não ha exaggero em prever o desaparecimento, sem embargo muito remoto ainda, das raças vermelha e negra e dos cruzamentos innumerables resultantes da combinação entre ellas ou dellas com a branca. O grande ramo caucasica, cada vez mais avulta monopolizando o mundo e, a America, em futuro algo afastado homogeneizará o seu sangue num caldeamento trabalhado, onde a constante renovação do elemento branco a par do estacionamento e decrescimo dos demais terminará na approximação gradativamente mais evidente de um typo unico nos seus fundamentos, apenas diferenciado por características relativamente superficiaes. Sómente uma intervenção asiatica poderá contrariar esse porvir.

(II) Entretanto Bushnell Hart (The Monroe Doctrine-An Interpretation) estuda com solidos dados um monroismo japonês na Asia.

de 1823 é a proclamação da independencia continental. Provocada pelos movimentos libertadores da America hespanhola, a vontade collectiva da Europa tinha que se pronunciar como conservadora em face das novas idéas em expansão e a sua voz era a Santa Alliança, monarchica e absolutista, o que redundava, porém numa conjugação das tendencias anglo-saxonicas daquem e dalém mar, de constitucionalismo e liberalismo. Monroe e Canning formavam a reacção ao lado das republicas nascentes e o utilitarismo britânico de feição mercantil nunca desmentida, coincidindo com as necessidades territoriaes dos yankees, refractarios ao expansionismo russo no noroeste americano, revelado no ukase de 16 de Setembro de 1821, assignalado pelo Csar Alexandre — devia redundar na affirmação desassombrada que o mundo commentou e a Europa reconheceu. Resultante historica de factores complexos estava lançada a regra politica, não susceptivel da critica juridica por onde se inflra a "capitismdiminutio" dos demais paizes do Continente em face da autora. A diminuição da soberania dos paizes não pôde provir de uma affirmação contida em uma mensagem presidencial ao Congresso de um delles, muito embora a vontade nacional por elle representada a sancione. Nem mais se conclue da acceitação tacita de assembléas mundiaes quaes sejam as de Haya ou a recente de Paz. Mister se tornam o voto e o texto pelos quaes se resulta expressa a norma, e da vontade manifesta dos Estados, no concerto mundial, procederia o respectivo caracter juridico com as demais consequencias. Regra politica portanto, de interpretações opportunistas, soffreu as applicações oriundas de interesses occorrentes do auctor e mandatario exclusivo, — os Estados Unidos; patrimonio, porém, do Continente pela sua significação e alcance — tem a doutrina de Monroe para commental-a todos os interessados directos nos aspectos em que ella se desdobra, tanto vale affirmar todos os paizes americanos. O exclusivismo yankee, fructo de uma differença assignalavel entre a Norte America, auctora e tutora do monroismo e as suas pupillas por ella beneficiadas no momento decisivo e premente das affirmativas de libertação tende a desaparecer, gradativamente, pelo progresso destas ultimas e futuro nivellamento das efficiencias nacionaes e da civilização continental. Os excessos praticados em nome da doutrina turvam a limpidez da consciencia norte-americana, depositaria eventual, por assumir um caracter de abuso de confiança num mandato em que não houve delegação de poderes mas uma imposição imperativa das circumstancias. A propria historia se incumbirá de corrigir esses desvios.

A solidariedade americana tem suas raizes nas primeiras paginas da historia deste estupendo Continente. Quando ainda bruxoleavam primitivos fulgores de liberdade na America Latina, já o germen do conragamento tentava desabrochar nos primeiros movimentos. Boliviar, com descortino e elevada visão, caracteristicas da sua genialidade, desde 1815 ideava o Congresso de Panamá, mais tarde realizado (1826), o qual, em dez sessões consecutivas inaugurava o regimen da comunidade de idéas, sentimentos e interesses no Continente a chamar-se mais tarde — pan-americanismo. Essa pujança de novas directrizes, peculiar a America, devia renovar-se em posteriores ensaios, verificados nos congressos de Lima (1847, 1865, 1877), e no tratado de união continental de Santiago (1856). Essas installações periodicas de uma idéa immortaldoura tiveram feições parciaes como os Congressos latino-americanos e a tentativa de confederação dos paizes do Centro-America,

manifestada numa serie de tratados, por volta de 1894 e annos seguintes, terminando pela creação de um Bureau — um instituto pedagogico centro-americanos (1906). Uma reunião em Washington da Conferencia de Paz centro-americana finalizava o tactear das tentativas para o inicio cheio de seiva do pan-americanismo, encaminhado praticamente por Blaine — fixado definitivamente para a sua rota de triumphos na Primeira de Washington em 1889. Formam esse reuniões o veio precioso, onde se encontram ou latentes ou em plena expansão os ferreiros fermentos do pan-americanismo, consagração da boa accepção do monroismo, condensando em si o reconhecimento moral dos paizes latinos pelos beneficios deste colhidos, como um verdadeiro agradecimento aos Estados Unidos e ao mesmo tempo o final da tutela yankee para uma reivindicação total do seu programma, do qual participa integro o Continente, abstracto da realidade material e equações de força. Os congressos pan-americanos em linhas concentricas de irradiação devem, cada vez mais, empolgar todos os problemas de interesse continental, na formação de uma consciencia nitida, capaz de imprimir uma attitude definida perante o mundo. Progredindo, pela cultura geral dos povos que representa, especialmente a juridica, onde, manifestando-se em Haya, como assignala Oliveira Lima (America Latina, e America Inglesa, Historia da Civilização) o Brasil foi sustentar a igualdade juridica das nações, a Colombia a humanização da guerra, a Argentina a condemnação do emprego da força na cobrança das dividas internacionaes, e, ainda mais pela consagração geral nas Constituições ou na convivencia continental a iniciativa do arbitramento obrigatorio, o principio territorial do "uti-possidetis" — direito dos neutros nas guerras, inviolabilidade da propriedade particular, o principio de não intervenção, a comprehensão liberal e social do instituto da extradicação (principalmente a america latina), interpretação adiantada de asylo (Congresso de Montevideo de 1888), um modelo de Corte Internacional de Justiça (a de Cartago, apresentada pela America Central em 1907), e uma proposta de codificação do direito internacional publico e privado (iniciativa de José Hygino na Segunda pan-americana no Mexico), concretizada, já, num bello projecto do Sr. Epitacio Pessoa, progredindo dizia, o pan-americanismo, de cunho moral, politico, scientifico, social e commercial, congregará elementos harmonicos pelas suas tendencias e historia, absorvendo a falsa comprehensão do monroismo egoistico, a transitoria presença de uma hegemonia existente, as nascentes conrrentezas raciaes denominadas latino-americanismo, ibero-americanismo, hispano-americanismo e luso-brasileirismo, correntes particularistas, fontes de rivalidades damninhas de acanhada visão — para a marcha segura de realização do seu programma fecundo em creações de bemfazejo egoismo continental, afim de attingir mais nobre méta — a idéa alevantada de plethorico subsidio á philantropia universal e de farto tributo ao altruismo, ao humanitarismo emfim. E ainda, é na sua feição juridica, que tanto enthusiasma uma cerebração vigorosa como a de Alexandre Alvarez, chileno e americano, americano e universitario, que se encontra a directriz continental americana de paz e sabedoria, representada no movimento codificador do direito, nos principios basicos da constituição de cada Estado e no quadro magnifico da sua diplomacia, de cunho pacifico, de normas adiantadas, onde um paiz como o Brasil, immenso de extensão e de confrontações complicadissimas conseguiu realizar essa obra prima que é o delineamento paulatino e calmo, dentro da altivez e da nobresa, do bom senso e da intelligencia, do seu contorno geral, ficando, com uma saudação affectuosa a cada paiz visinho os marcos representativos de seus limites definitivos. O continentalismo é uma ampliação do nacionalismo e como este participa dos mesmos factores formativos,

apoiado na geographia, na historia, na raça, na cultura e nos sentimentos, regendo-se pelos mesmos principios ethicos de fraternidade e beneficencia, homogeneidade e construcção, menosprezando o jacobinismo que o desvirtua. A sua accção é toda positiva nos resultados e não negativa nos intuitos e, assim como as nações americanas são tributarias do pan-americanismo a America deve selo do mundo. Essa é a finalidade do programma pan-americano, sendo elle um partido no concerto universal para a sellecção dos bons principios, necessarios ao progresso e bem estar universal, em concorrência com os demais que outras tendencias e agrupamentos dittem na communhão internacional. A solidariedade humana assume, actualmente, como já ficou dito, um cunho juridico permanente, destinado a orientar o mundo, cujo esboço já se achava em franca viabilidade antes da crise de 1914, e isto pelos resultados das Conferencias de Haya, principios adquiridos da jurisprudencia arbitral, conclusões das declarações de Londres de 1909, Manual de Oxford de 1913, creação do Tribunal de Prezas e Corte Internacional de Arbitragem (Lawrence-The Society of Nations) e, a, por assim dizer, tentativa de Liga das Nações. Todo esse patrimonio precioso do senso juridico universal e experiencia adquirida, após longas afflicções da humanidade, foi ludibriado pelo "crack" politico causador da grande guerra, época memoravel de subversão de todos os principio no direito pensamente creado, isto, por ausencia de uma sancção garantidora de sua efficacia, pela formidavel organização bellica dos paizes e tambem pelas doutrinas germanicas sobre a guerra. A reacção da cultura, após o cataclysmo fez-se sentir immediatamente e a nova era fluente reconstroe o organismo do mundo para novos horizontes.

Cumpre não terminar, comtudo, sem uma illusão ás facções de natureza historica e racial, que se formam na America ameaçando o orientação homogenea do Continente. Dellas apenas o latino-americanismo é fecundo, como subsidio ao pan-americanismo e compensação ao anglo-saxonismo. Quanto as demais não cabem lóas, por serem fontes de pendencias seculares e animadas de programas vermelhos. Assim são o luso-brasileirismo e o hispano-americanismo reconstructores hediondos das antigas rivalidades das duas nações ibericas. Teriamos um retrocesso historico onde surgiria uma nova linha de demarcação e uma revivescencia do tratado de San Ildefonso. Acode-me á memoria um periodo do Sr. Alberto d'Oliveira: ... Mas igual a minha fé no vigor do dualismo iberico, que ha oito seculos dividiu a nossa peninsula em dous traços, e a quatro seculos vem dividindo o continente sul-americano nos mesmos dous troços symetricos". E ainda outro, tambem de algum sabor para o caso, que esse mesmo escriptor repete do Sr. Bettencourt Rodrigues, referindo-se ás relações ibericas: "Minuto de amor não pôde entre nós haver nem sequer "flirt" e menos ainda "coup de foudre" Entre duas nações que nasceram irmãs todo o amor seria incestuoso e funesto e só um affecto tranquillo e fraternal será legitimo" O mesmo pôde ser repetido para a America do Sul, a propósito de taes congraçamentos.

Jorge Latour.



# A MISSÃO INTELLECTUAL FRANCEZA NO CENTENARIO

A França possui a arte, hoje em dia raríssima, de impregnar todos os seus actos de elegancia e cavalheirismo.

Na hora em que commemoramos o primeiro centenario da nossa independencia, ella soube, entre todas as nações amigas, achar o gesto que nos viria mais honrar e desvanecer. Se quasi todos os paizes nos trouxeram a affirmação da sua amizade nesta hora de alegria nacional, enviando-nos missões economicas que nos confirmam em nossa confiança na futura riqueza do Brasil, a grande republica latina deu-nos a prova do seu particular apreço escolhendo para nos saudar uma missão de intellectuaes.

A França tambem conhece os nossos recursos economicos que podem, mais tarde, tornar o Brasil o celeiro do mundo e um dos seus maiores fornecedores industriaes. E confiou ao Sr. Crozier a direcção da sua missão economica.

Mas a nação franceza, nomeando um grupo de universitarios e sabios para nos visitar, mostrou a que ponto conhecia e apreciava a nossa cultura e a nossa intellectualidade.

Basta, para avaliar em que altura nos colloca o juizo da França, vêr os nomes dos intellectuaes que nos visitaram em seu nome.

A missão intellectual franceza comprehende o Sr. Emile Borel, do Instituto de França, o Sr. Pierre Janet, igualmente do Instituto, o Dr. Georges Dumas, Professor da Sorbonne e o Dr. Chiray cathedrático da Faculdade de Medicina.

O mathematico Emilio Borel é um dos mais gloriosos sabios da geração contemporanea; seu nome, conhecido em França desde antes dos seus trinta annos, tornou-se celebre no mundo inteiro. E, Borel consagrou-se sobretudo ao estudo da theoria geral dos funcções, que constituem o corpo central da analyse moderna. E. Borel veiu ao Rio dissertar sobre a famosa theoria de Earnstein; já em 1914, no seu livro "Le hasard", encontrava-se com o grande physico allemão, ainda desconhecido, recusando a lei da attracção universal, "tão bella pela sua simplicidade, mas tão absurda". E' professor do Collegio de França e da Universidade das Sciencias.

Pierre Janet, que professa no Collegio de França e na Sorbonne, é um nome conhecido por todos aquelles que estudaram, mesmo de leve, a philosophia. Sua obra assaz volumosa, comprehende, além de trabalhos pessoaes sobre psychologia, diversos livros de estudo geral.

Georges Dumas muitos annos nos honra da sua amizade, tendo-nos já visitado varias vezes. Professor de psycho-physiologia na Sorbonne, suas observações sobre a consciencia e sua pathologia fazem d'elle o mais illustre continuador de Willam James. Georges Dumas tem provado o seu affecto para com o nosso paiz em numerosas conferencias realizadas em França.

O Dr. Chiray celebrou-se no mundo scientifico pelos seus importantes estudos que expõe na Faculdade de Medicina de Paris, tão rica em grandes sabios.

Ao lado desta missão, chamada intellectual, a França enviou-nos outra denominada da Instrucção Publica e que só se pôde distinguir da primeira por estar encarregada especialmente de representar a Universidade. Compõem-na dous professores da Sorbonne, cujos nomes são igualmente admirados e queridos pelos intellectuaes brasileiros: os Srs. E. Martinenche e G. Le Gentil.

Ambos conhecem a nossa lingua e a nossa litteratura, ambos estão em contacto com os nossos pensadores e escriptores, ambos nos vêm revestidos da honorabilissima dignidade de membros da mais illustre Universidade do mundo e possuidos da nossa maior admiração e da nossa mais cordeal gratidão.

E. Martinenche, tem estudado, em diversos volumes rapidamente esgottados, a influencia da litteratura hespanhola sobre as letras francezas. Profundo conhecedor da esthetica e do pensamento castelhanos, que analysou magistralmente, não como commentador frio e dogmatico, mas como escriptor sensível e artista, não tardou E. Martinenche em passar a fronteira ideal dos dous idiomas irmãos, estudando á sua vez o portuguez. Na "Revue de l'Amérique Latine", cujos destinos preside, tem reservado ás nossas letras o lugar importante que merecem na actividade intellectual latino-americana.

G. Le Gentil, de volta da guerra onde serviu a sua grande patria como combatente, assumiu a cadeira de litteratura portugueza na Sorbonne. Crítico subtil e penetrante, G. Le Gentil tem consa-

grado numerosos artigos e estudos a autores brasileiros, conhecendo com rara erudição toda a nossa historia litteraria. E' um dos mais eminentes amigos que conta o Brasil na Europa.

A estadia da missão intellectual franceza nos honra de sobremodo. Ha no gesto do grande paiz amigo a mais lisongeira homenagem e a mais grata prova de amizade. Seria querer deliberadamente cahir no banal que repetir que devemos toda, ou quasi toda a nossa formação intellectual aos francezes. Não é inoportuno, todavia, na hora em que certos elementos parecem querer acompanhar certos jornaes vendidos aos nossos inimigos de hontem, dizer que os intellectuaes brasileiros jamais se esquecerão daquelles que lhes abriram as portas luminosas da cultura latina, e lhes deram, com o culto da belleza e o amor dos ideaes superiores, o sentido da medida e da harmonia.

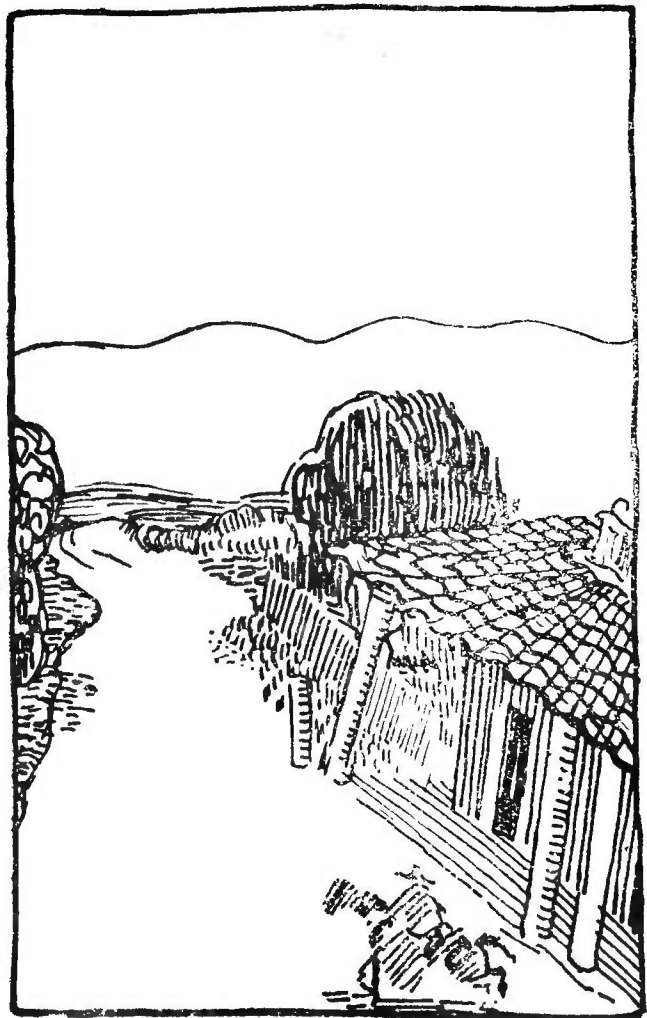
Atravez os seculos a França herdou da Grecia, berço da razão, da arte e da democracia, o dom maravilhoso de saber pensar e crear na belleza.

Foi bebendo á fonte dos seus monumentos philosophicos e litterarios que se formaram os nossos maiores escriptores. Recebemos agora da França, pelas mãos dos seus intellectuaes, o nosso diploma de nação culta.

O eloquente Presidente da Republica Portugueza, Dr. José d'Almeida, em um dos seus mais bellos discursos, comparou o Brasil com o Imperio Romano.

A França, honrando-nos com a sua embaixada intellectual, mostrou-nos que, diversa das outras nações, não nos considera como Cathargo, simples agglomeração de commerciantes, mas como uma nação cujo espirito um dia continuará a obra imperecível do genio latino.

L. Annibal Falcão.



# AS CAMARAS MUNICIPAES DA BAHIA NA INDEPENDENCIA

Celebramos hoje o primeiro centenario da proclamação solemne da nacionalidade brasileira: symbolisa-o o brado epico do Ypiranga, na Paulicea celebrada. Fôra o acto decisivo da separação politica, gritado aos quatro ventos pelo Principe, de todo desilludido de uma só monarchia abrangendo terras de dois mundos, separadas por muitas milhas de Oceano.

Muito antes, porém, já se combatia pela redempção nos campos da Bahia: reclamemos bem alto por essa primasia historica, talvez o maior brazão da nossa gloria.

Os acontecimentos de Fevereiro de 1822 foram a iniciação da liberdade conquistada ao prego do sangue de patriotas, e a 25 de Junho do mesmo anno, na famosa Cachoeira, principiava, franco e heroico o prelio da guerra santa que teve por epilogo a avançada triumphal de 2 de Julho de 1823; são factos incontrovertidos que nos dão a preeminencia no movimento libertador que sagrou a existencia de mais uma soberania na America e no mundo.

É ao evocarmos nos bellos dias que correm as lutas, os debates, as controversias que agitaram o berço da Patria na era memoravel da redempção, vem de molde lembrar uma das primeiras e mais energicas manifestações da vida civica nacional, especialmente da Bahia.

Tal a acção das Camaras Municipaes no movimento independentista.

O phenomeno não espanta a quem saiba que a unica instituição existente nos povos americanos, sujeitos ás metropoles da península, onde se pode lobrigar o geito de escola de governo, foi a municipal: estabeleceram-na aliás como antithese sociologica das municipalidades europeas, precedendo aqui o phenomeno — municipio — ao phenomeno social — povo.

Eram as nossas Camaras Municipaes vestigios atavicos da liberdade concelhia, instituição profundamente democratica que, no Reino, remontava aos primordios de sua vida autonoma, e a cuja sombra se formava a consciencia collectiva da patria lusitana e haviam florescido principios e doutrinas de amplo liberalismo politico.

Quando os portuguezes e hespanhões colonizaram a America fundaram, seguindo a tradição peninsular, a communa: em verdade é nos annos dos Senados das Camaras e dos Cabildos que devemos encontrar o processo da evolução social sul-americana, pois que foram elles, aqui como alli, o nucleo de toda a vida civica, politica, industrial, commercial e religiosa.

No Brasil, escreveu o Dr. Alcides Cruz, as attribuições de que dispunha o poder municipal chegavam a ultrapassar a sua verdadeira natureza (1). "Promoviam a guerra e a paz com os gentios, decretavam a criação de arraiaes, convocavam juntas para discutir e deliberar sobre negocios da capitania, exigiam que os governadores comparecessem pessoalmente no paço da camara, para com ella, tratar dos negocios publicos, chegando até, mais de uma vez, a suspendel-os e nomear outros que os substituíssem emquanto o governo da metropole providenciasse a respeito. Deste estado de cousas originavam-se frequentes conflictos entre as camaras, governadores e outras autoridades, conflictos que não poucas vezes produziam derramamento de sangue. Foi preciso tempo e energia da parte dos poderes geraes para se ir gradualmente forçando as camaras municipaes a circumscreverem-se na orbita das suas attribuições legais; o que foi mais ou menos conseguido no correr do seculo XVIII." (Cortines Laxe, Regimento das Camaras Municipaes, cap. 7°).

Foi o Dr. J. Wanderley Pinho, talentoso Secretario do Instituto Geographico e Historico da Bahia, o primeiro que, na Bahia, reaçou o papel altamente patriotico representado pelas Camaras da Provincia nos successos da emancipação. Em seu discurso, pro-

nunciado na sessão solemne do Conselho Municipal de Santo Amaro, aos 14 de Junho do anno corrente, disse o brilhante confrade: "E' notavel e digno de assignalar esse magno papel das municipalidades na construção do nosso Brasil livre. Foram os Municipios, foram as Villas e Cidades, que flizeram em boa parte a independencia brasileira e têm quasi total a gloria de haverem inspirado, organizado e realizado a campanha libertadora da Bahia. Naquella epoca fruïam as municipalidades uma importancia politica de alta relevancia, a fazer contraste com isso que hoje se enfatua com o faustoso titulo de autonomia municipal. Mesmo muito cerceadas já as suas attribuições, e os poderes que se arrogavam, grande era ainda o ascendente politico dos Senados das Camaras (2) em principio do seculo XIX. Eram elles o eixo em que girava a organização militar. Só isso lhes bastava um valor crescido. Afóra a primeira linha eram as Camaras que formavam, por nomeações, a sua aristocracia militar nos postos da segunda linha ou *milicias*, nas patentes da terceira linha ou *ordenanças*. Restava naquellas corporações administrativas ainda a tradição do antigo poder que haviam usurpado e exercido: pela natural tendencia de ampliação de prerogativas, pelas necessidades do contacto e da luta com o gentio, resistencia a corsarios e invasores; pelas contingencias de uma acção immediata num mundo agitado de cobiças e guerras, onde cada nucleo se via isolado do centro governativo pelas dificuldades de transportes e communições entregues ás suas mesmas forças. Já desde o principio do seculo XVIII as idéas nativistas surdiã pela acção das Camaras, de quando em quando em actas de vereações. E a resistencia á oppressão de governadores e capitães-generaes, oppondo diques ao absolutismo asphyxiador da metropole era ahi que se gerava e crescia — nos levantes populares e regionaes tão frequentes na nossa vida colonial; nos protestos e reclamações das Camaras; nas representações de seus procuradores em côrtes, nos seus officios ao Rei e ao Conselho de Ultramar" (Pereira da Silva — Historia da Fundação do Imperio, vol. I, pag. 129 e segs.)

Oliveira Lima, aliás, já havia chamado a attenção para o phenomeno da iniciativa communal nas cruzadas redemptoras de toda a America Latina. Em seu livro *La Evolucion Historica de la America Latina*, versando o assumpto da emancipação sul-americana, diz o sabio compatriota, que a cellula inicial da organização das novas nacionalidades se encontra na instituição municipal romana transplantada para a America pelos fundadores do novo mundo latino. "As camaras municipaes do Brasil e os cabildos da America Hespanhola foram o viveiro das franquias liberaes: por mais que os obscurecesse a sombra do despotismo real, privando-os da liberdade, constituiram o terreno onde aquellas franquias germinaram e acabaram por florescer." E mais: "Robustecida a velha instituição latina e depois iberica por tres seculos de florescimento colonial, foi natural que na epoca da transição determinada pelos acontecimentos politicos e pelo espirito do seculo, os cabildos hespanhões avocassem uma autoridade que por motivo da confusão provocada não se sabia em que mãos ia parar. Sob pretexto de custodiar a integridade e inviolabilidade dos direitos soberanos de seu senhor directo, o rei legitimo da Hespanha, aquellas corporações subtrahiram de facto as possessões da corôa, não só do alcance do rei estrangeiro e usurpador, mas tambem de toda a tentativa de mando proveniente da Europa. No Brasil onde a presença effectiva do monarcha Impediou que se exhibisse esse remedio de lealdade colonial, as camaras municipaes assumiram logo um papel proeminente e adequado á sua natureza. Isto aconteceu por occasião do conflicto que surgiu entre a regencia nacional estabelecida por D. João VI na pessoa do Principe Real e as Côrtes

(2) O Dr. Washington Luiz, no Cong. Const. Paulista, de 1905, diz que a expressão Camara Municipal que é uma criação do Direito Brasileiro, apparece pela primeira vez na Lei de 1 de Out. de 1828, para substituir o Senado da Camara, ou a Camara simplesmente, que não era outra cousa mais que o Conselho, a velha instituição local de Portugal.

(1) As Camaras do tempo Colonial eram regidas pela Ord. do L. 1° — T. — 66.



constituintes de Lisboa, as quaes pretendiam reduzir o reino ultramarino já dotado de autonomia — Portugal e Brasil formavam desde 1815 um renino unido — á antiga e subalterna condição colonial, de inequívoca servidão. Foi nessa oportunidade que as camaras do Brasil, encarnando a resistencia local que felizmente se converteu em nacional, graças ao centro de attracção existente no throno, promoveram sob a base mais ampla das juntas provinciaes a continuação de D. Pedro em seu posto supremo, a principio com o titulo e a honrosa missão de defensor perpetuo do Brasil, em seguida com a categoria e dignidade de soberano. Em summa foram aquellas corporações que levaram a termo com a maior sabedoria a independencia do paiz. O papel da camara municipal do Rio de Janeiro foi, sobretudo, decisiva na fundação do Imperio democratico que foi o do Brasil: em certo sentido, cabe-lhe até a iniciativa de tal movimento.

A' pagina 680 da sua *Historia da Civilização*, apparecida em 1920, diz ainda Oliveira Lima, que a "iniciativa do movimento nacionalista nas colonias hespanhoas como no Brasil foi tomada pelas corporações municipaes."

Aos que estudam o inicio do movimento da emancipação na Bahia, resalta, ao primeiro lanço, o magnifico procedimento dos Senados das Camaras de quasi todas as cidades e villas da Provincia que as Côrtes Portuguezas transformaram no baluarte de seus ideaes retrogradados. Patenteia-se entre ellas, na hora tragica da grande iniciação, uma solidariedade eloquente de que, talvez, nunca suspeitassem os recolonizadores. A voz da Camara da Cidade do Salvador nos dias infaustos de Fevereiro de 1822 foi o grito de alerta que retumbou por todos os recantos da Provincia: foi ella que tomou a frente na repulsa ao brigadeiro Ignacio Luiz Madeira de Meilo, nomeado governador das armas da Bahia pela Carta Regia de 9 de Dezembro de 1821 e que, no desenrolar dos acontecimentos que se seguiram á chegada do diploma do mesmo general, se tornou *leader* do movimento nacionalista que se esboçava franco e energico. E' o que se evidencia da leitura da participação feita a El-Rei D. João VI, a 16 de Março de 1822, dos desastrosos eventos de 19, 20 e 21 de Fevereiro, em que succumbiram mais de duzentas pessoas, terminando a mesma por suggerir ao monarcha a "absoluta necessidade da remoção das tropas européas" destacadas na Bahia, em vista da "tranquillidade e prosperidade" do paiz.

Vale recordar os nomes dos signatarios da representação alludida: Antonio Augusto da Silva, Presidente; Antonio Ferreira França, Francisco Antonio de Souza Uzel, Francisco Gomes Brandão Montezuma, Francisco José Lisboa, Joaquim Antonio de Ataíde Seixas, este escrivão do senado da Camara, que a escreveu.

Os acontecimentos de Fevereiro puzeram de sobre-aviso os povos do interior, instigados ademais á rebeldia pelos emigrados da Capital, transformada desde então em praça de guerra. Cresciam dia a dia os anhelos de união ao Rio de Janeiro, de onde lhes vinha a palavra quente e entusiastica do Principe Regente que, a 9 de Janeiro de 1822, dera o primeiro passo na estrada da desobediencia aos decretos impoliticos das Côrtes Lusitanas. Os editoraes do periodo Constitucional (3) então redigido por Acalaba Montezuma e Francisco José Corte Imperial conjugavam-se com as respostas activas e patrioticas que as Camaras Municipaes das villas do Reconcavo, Santo Amaro e S. Francisco á frente, davam ás consultas que lhes fizeram, em carta datada de 22 de Março de 1822, os deputados da Provincia nas Côrtes de Lisboa, sobrelevando o que se referia á organização do poder executivo no Brasil. Taes perguntas, diz o Dr. José Pinho, foram o rastilho que iria deflagrar a bomba já carregada: nas respostas se transformaria a conspiração em revolução.

De feito, por esse tempo, entendiam-se as camaras de Santo Amaro, S. Francisco, Cachoeira, Maragogipe, Inhambuque, Jaguaribe e outras mais longinquas, para um pronunciamto colectivo em favor da Acclamação de D. Pedro de Alcantara como Principe Regente e Defensor Perpetuo do Brasil.

"A villa de Cachoeira teve a fortuna de ser a que não só fez publico acto de reconhecimento da regencia do príncipe real, mas tambem a que o confirmou com a valente e feliz destruição do bloqueio, com que o regulo Madeira imaginava poder obstar a qualquer movimento contra a sua propalada oppressão" (Cayrú — Hist. dos principaes successos do Brasil, tomo 4º, cap. 9.)

(3) Antes chamado — O Diario Constitucional, depois o — Constitucional — e por fim — Independente Constitucional.

A's 9 horas do dia 25 de Junho reuniram-se na sala da Camara da villa o juiz de fóra, seu presidente, e mais membros do Conselho, o capitão-mór dos ordenanças, chefes e officiaes superiores, militares, o vigario com todo o clero, os empregados publicos e grande concurso de povo: Garcia Pacheco, commandante da cavallaria miliciana, e Rodrigo Falcão Brandão, coronel aggregado ao mesmo regimento, explicam os fins da reunião. Resolve a Camara consultar a vontade do povo e da tropa; assoma as janellas do Paço a corporação municipal; desfralda-se á vista da multidão o estandarte da communa; retumba na praça a voz do procurador Manoel Teixeira de Freitas, perguntando "se eram todos contentes que se acclamasse S. A. R." e um longo e sonoro *Sim* echôa destemido e commovedor.

Antonio Pereira Rebouças redige a Acta da Vereação do glorioso dia de Cachoeira, da qual consta ainda o voto da Camara pela "retirada da tropa européa, por ser esta, além de desnecessaria, prejudicial ao socego da Provincia."

A's 5 horas da tarde do mesmo dia principiava a guerra e corria o primeiro sangue cachoeirano, bahiano tambem.

E' de ver a altiva e eloquente participação que o Senado da Camara de Cachoeira fez ao Principe dos successos desenrolados. Transcrevemol-a integralmente:

"*Senhor*: O leal, e brioso povo do districto da Cachoeira, de quem temos a honra de sermos orgão, acaba de proclamar e reconhecer a V. A. R. como regente constitucional, e defensor perpetuo do reino do Brasil. Debalde o verdugo da Bahia, o oppressor Madeira, quiz renovar nesta villa as sanguinosas catastrophes do dia 19 de fevereiro, e seguintes da Capital da Provincia. Debalde tentou ainda augmental-as, destacando neste rio uma escuna artilhada, para bombardear, como com effeito bombardeou, por alguns dias com balas e metralha, não só os honrados Cachoeiranos (cujo crime todo consistia em quererem ser Brasileiros, e subditos de V. A. R.) mas até seus innocentes edificios. Semelhante affronta, Senhor, foi dignamente repellida pelo denodo e patriotismo deste povo; e o commandante da referida escuna, com mais vinte seis pessoas, que se achavam a bordo, ficam presos á ordem de V. A. R., tendo-se rendido á discrição na noite do dia 28 de Junho, depois de um renhido combate de tres horas.

Altamente penetrado da mais viva gratidão para com V. A. R., este brioso povo almejava por repetir o grito regenerador dos mais felices Fluminenses, Paulistas, Mineiros, Continentistas, e Pernambucanos: almejava por apagar a feia nodoa do scisma, que a seu bel prazer sete homens levantaram entre esta, e as mais provincias Brasileenses.

Mas, Senhor, os Cachoeirenses são bahianos; elles não queriam roubar a seus irmãos da Capital uma gloria, que lhes tocava com tanta maior justiça, quanta é a intima convicção, que em todos reina, da perfeita egualdade de sentimentos, que os liga. Cresceu o tempo; cresceram os griihões e algemas, que cada vez sopeavam mais a soberania inauferivel de seus illustres habitantes. E aquelles mesmos, Senhor, que outr'ora com denodado esforço arrancaram da poderosa França, e da terrivel Hollanda as provincias Brasileenses, hoje não podem unir a sua a essas, que defenderam!!!

Os Cachoeirenses, Senhor, não puderam mais contemporisar: porção a mais brilhante da illustre descendencia da primogenita do Brasil, eiles fizeram repercutir em todos os pontos do globo o valente grito de oitenta mil Brasileiros, proclamando sua liberdade, e gritaram de improviso os generosos povos das villas de Inhambuque, Santo Amaro. Sergipe do Conde, e Maragogipe; e, attentos á voz da Patria, lavraram, como nós, o augusto titulo de sua verdadeira regeneração. Perto onde está o feliz momento de ser V. A. R. proclamado em todos os pontos do solo Bahiano: assim podessem nossas forças inferiores esmagar as do tyranno, com o massigo arlete do nosso patriotismo.

V. A. R. é nosso defensor perpetuo. Nós somos opprimidos, e soffremos cruéis hostilidades. Cada dia augmenta mais o tyranno suas forças: cada dia maneja novas armas. Do torpe charco de venaes jornalistas surgem,

à voz do infame, execráveis monstros de tyrannias; e, ora enxovalhando o respeito devido á junta do governo, e ao senado da camara da capital, ora espalhando falsas noticias aterradoras, fazendo-nos pelo tyranno a mais encarniçada guerra, reduzindo á inteira nullidade aquellas principaes autoridades da provincia.

Assignaram tão decidida representação o Dr. Juiz de Fóra Antonio Cerqueira Lima e os Vereadores Jeronymo José Albernaz, Antonio de Castro Lima, Joaquim Pedreira do Couto Ferraz, Manoel Teixeira de Freitas.

Tal documento, que podemos considerar como a Acta da Independencia da Bahia, traduz exactamente a tempera, a decisão, a altura de miras, a solemnidade de formas, a honradez essencial, tudo o que moral e materialmente puzeram aquelles varões ao serviço da Patria, ao grande e augusto objecto da redempção nacional.

E' um documento claro, nitido, resoante, definitivo: é a chama que se abrasou em 25 de Junho de 1822 e só se extinguiu em 2 de Julho de 1823, illuminando a consagração integral da Patria nova que se fundava na America.

A 29 de Junho, fizeram identicas vereações as Camaras das Villas de S. Francisco, Santo Amaro, Maragogipe e Inhambuque.

Na Acta da vereação da Villa de S. Francisco está escripta a adhesão á regencia de D. Pedro, annuindo ademais "á causa abraçada pela maioria das Provincias do sul e norte do Brasil"

Ainda aqui se repete a mesma scena empolgante e democratica da consulta ao povo e á tropa, que presente era no paço e na praça, para saber se as duas resoluções da Camara eram a expressão de sua vontade: unanime foi o sim patriótico. A Camara da Villa de S. Francisco compunha-se dos seguintes cidadãos: Presidente, o Dr. Juiz de Fóra Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos e Vereadores o Prof. Pedro Antão Neto Cavalcante, Capitão Antonio José Ferreira, Capitão Manoel Atanasio de Azevedo, Procurador Antonio Felix Henrique de Menezes, sendo Escrivão Feliciano Teixeira da Matta Bacellar.

Em Santo Amaro, refere-nos o Dr. José Wanderley Pinho, foi uma scena memoravel. "Veem-se na Praça, apinhada de gente os fardões de officiaes de primeira linha, as fardêtas dos soldados e officiaes de ordenanças, os dourados arrogantes dos officiaes ricos das milicias; além as sotainas e tonsuras de padres e prebendados, gente mais brava que piedosa; o garbo orgulhoso e o modo desdenhoso da nobreza solarenga, todos a se acotovelarem com o povo, borburinhante, benzoante de murmúrios que se interrompem por vezes em aclamações. A vereação começa. Sob as escadarias da Camara o Coronel Gaspar de Araujo Azevedo Gomes de Sá. Pede venia, cumprimenta e lê ao Senado uma representação da tropa, clero, nobreza, povo e cidadãos bons, pedindo — 1º — que esta villa e seu districto se considerasse já unida á causa adoptada por quasi todas as provincias do Brasil, como já pela Camara havia sido declarado na sessão de 14, — 2º — que os seus habitantes reconhecessem a S. A. R. como Regente e Defensor Perpetuo do Brasil.

Resolve o Senado acclamar o Principe. Levanta-se, vae ás janellas. A multidão, a tropa, toda aquella gente reunida rompe num longo e fremente brado, quando o Procurador da Camara, em altas e intelligiveis vozes lê o pedido e pergunta se era aquella a sua vontade. Respondem a uma voz que era. E logo a Camara com o seu estandarte, estando nas mesmas janellas com seu Presidente, o depois Visconde de Monteserrate, todos deram e repetiram os vivas do estylo á religião, ás côrtes, á nação, ao Rei, a D. Pedro, etc.". Era então a Corporação municipal de Santo Amaro composta do Dr. Ouvidor e Corregedor da Comarca, Benemerito Antonio José Duarte d'Araujo Gondim como Presidente e João Lourenço d'Ataide Seixas, Antonio de Araujo Gomes Junior, Apolinario José de Oliveira, Vereadores, Francisco de Paula Carvalhal, Procurador e o Escrivão Silvestre Bartholomeu de Almeida.

Obedeceram ao mesmo ritual as aclamações do mesmo dia em Maragogipe e Inhambuque.

Em Maragogipe a Camara que assignou a Acta da Acclamação, compunha-se dos seguintes membros: Presidente, o Vereador mais velho, Capm. João Caetano Borges; Vereadores, José Ignacio da Costa e Almeida e João Marcello Alves Barbosa, capitães de 2ª linha, e Bento José de Sousa; Procurador Romão Pereira de Menezes e Escrivão João Pinto Ribeiro de Souza Bulhões.

Em Inhambuque foram: Presidente, o Capm. Dionisio Vieira de Lima Fatum; Vereadores, Manoel de Jesus Almeida, Ignacio Rodrigues Maia, e Felix Alves do Amorim; Procurador, João Gomes de Carvalho, e Escrivão Pedro Alexandrino Rodrigues d'Oliveira.

A Camara da Villa de Itapicuru fez a acclamação em 7 de Julho de 1822, assignado-a José Antonio de Souza, Presidente; Ignacio dos Reis Peixoto, Manoel Joaquim do Carmo e Manoel Pereira d'Assumpção, Vereadores; Antonio dos Santos Jardim, Procurador; Francisco Gonçalves Leite, Escrivão.

Em Jacobina a acclamação se fez a 12 de Julho, fazendo-a o Juiz Ordinario Manoel Teixeira de Carvalho e Vasconcellos, Presidente; Manoel Correia de Miranda, Custodio Alves Ferreira e Antonio Joaquim d'Oliveira, Vereadores; João Alexandre de Andrade e Freitas, Procurador; José Gnidio de Figueiredo, Escrivão.

Em Jaguaribe fez-se a acclamação em 29 de Julho de 1822; os membros da sua Camara eram o Sargento-mor Joaquim José de Sant'Anna Lisboa, Presidente, Joaquim Coutinho de Almeida e Bernardo José de Almeida, Vereadores, Antonio Manoel de Souza, Procurador.

Aos 6 de Agosto fez-se o mesmo na villa de Valença, assignando o termo de vereação como Presidente, o Juiz Ordinario Manoel Antonio Campello, como Vereadores José Campello de Andrade, José Venancio da Fonseca e José de Araujo Baptista, como Procurador Antonio de Souza Brum e Escrivão Reginaldo José de Miranda.

Em Agosto acclamou-se na Freguezia do Catú, no dia 14, em Caiteté no dia 15, em Santarém, tambem chamada naquelle tempo Serinhaem, no dia 18, e em Camamú no dia 25.

Na Villa Nova do Principe, antigo nome de Caiteté, a Camara se compunha do Juiz Ordinario Jorge da Silveira Machado, Presidente; Angelo Custodio Villas-Boas, Ricardo Lourenço de Almeida e Theotônio Gomes de Azevedo, Vereadores; Domingos Constantino da Silva, Procurador; Pedro da Silva Pimentel, Escrivão.

A Camara de Santarém era composta do Juiz Ordinario Capm. Antonio José de Menezes Nobreza, Presidente; Domingos da Silva Freire, José Caetano Saraiva, João Francisco de Souza e João Caetano Lessa, Vereadores; Caetano Ferreira Borges, Procurador. A Camara de Camamú era composta do Juiz Ordinario Marcellino Francisco de Mello, Presidente; Capm. Caetano Affonso Monteiro, Manoel Rodrigues Fragozo e Sebastião Egipto da Assumpção, Vereadores; Theodosio Dias de Carvalho, Procurador.

As villas de Barcellos e Mirandella acclamaram em 22 e 25 de Setembro, respectivamente. Na primeira tambem chamada Paratigá, o Presidente da Camara era o Juiz Ordinario Lourenço Mendes de Araujo, Vereadores os Srs. Joaquim Vasques, Miguel Angelo e Caetano Dias Ferreira; Procurador, Bernardino Joaquim de Sant'Anna. Da Camara de Mirandella faziam parte o Juiz Ordinario Antonio Modesto de Sá, como Presidente; Antonio Cardoso Gomes e Antonio Costa, como Vereadores; Pedro Alexandrino de Carvalho, como Procurador.

No mez de Outubro fizcram-se identicas proclamações em Villa Nova, a 2, Cayrú a 20 e na povoação de Itaparica, que tanta gloria conquistou na guerra santa, 21.

Não sabemos os nomes dos que compunham o Senado da primeira; o que sabemos é que o seu Capitão-mór, Bento de Mello, partio no mesmo dia para Penedo, afim de apresentar a acta da vereação ao General Labatut, que no dia 5 de Outubro atravessou o rio São Francisco, á frente de suas tropas. A Camara de Cayrú foi presidida pelo Juiz Ordinario José Aranha Coutinho, sendo vereadores Antonio José Bernardo, Romualdo José Pinto e João Vicente de Queiroz, servido de Procurador José Albino da Silva e de Escrivão Francisco José Rabello da Silva. Tambem não sabemos os signatarios da Acclamação em Itaparica; apenas narram as chronicas que, na noite de 21 de Outubro, em signal de regosijo popular e para dar a vêr aos lusitanos o contentamento dos ilhéos, accenderam luminarias e grandes fogueiras pela costa.

A Villa de Porto-Seguro adherio ao movimento em Novembro de 1822; anteriormente, em data que não podemos descobrir, haviam adherido Urubú, Jussiapc, Geremoabo, Marahú, Caravellas e Belmonte. Das Camaras de Urubú, Geremoabo e Belmonte ignoramos os nomes de seus membros. Em Jussiapc, que é a Villa de N. S. do Livramento do Rio de Contas, a Camara que figurou na acclamação constou dos seguintes cidadãos: Presidente, o Juiz Ordinario e Capitão-mór João Nunes de Souza; Vereadores, José da

Rocha Bastos, Manoel Lopes de Oliveira e Antonio da Silva Oliveira Guimaraens; Procurador, Joaquim José Guimaraens; e Escrivão, Manoel d'Oliveira Guimaraens. Em Marahú figuram os nomes do Juiz Ordinario Pedro do Espirito Santo Aragão, Presidente; Theodoro Rodrigues Lemos, Bernardino José de Lemos e Antonio Carlos Pedroso, Vereadores; e João Borges Figueiredo, Procurador. Da Camara de Caravellas eram — Presidente, o Juiz Ordinario Fellsberto de Azevedo Coutinho; Vereadores, Manoel dos Santos Reis, José de Souza Leite e Antonio José de Faria.

Não ficaram, porém, em *Acclamações*, mais ou menos pomposas e solemnes, os trabalhos dos Senados das Camaras da Bahia: tomaram aos hombros a pesada missão do chmamento ás armas de seus visinhos e recrutam escravos e libertos, organizam milicias, formam batalhões cujos sabres fulgentes enchem de luz as cargas de Pirajá e de Cabrito. Cuidam do abastecimento das tropas de terra e mar para o que foram creadas as Commissões de Caixa Militar, cujos prestimos e serviços foram da maior utilidade, em Jequiriçá, Camamú, Santarém, Marahú, Rio de Contas, Ilhéos, Valença, Nazareth, Villa de S. Francisco, Santo Amaro e Cachoeira; nesta villa, que teve a dianteira da revolução e foi a Capital da Provincia insurgida, foi tambem creada uma Inspeção do Commissariado de Guerra e Bocca, sob a direcção dos Inspectores Major Antonio Maria da Silva Torre e João Pedreira do Couto.

A voz da Camara clamava do fundo da alma dos povos pela redempção da Provincia espezinhada: interpretando o sentir geral, traduziram o clamor popular em documentos impereciveis que são todas as Actas das Vereações daquelles tempos épicos. Nellas está sellada a perennidade da gloria da Bahia na Independencia do Brasil. Assim, o primeiro capitulo da Guerra Santa da nossa redempção é o do papel representado pelas corporações municipaes.

Apreciando-o devidamente, não diria aquelle historiographo compatriocio que a liberdade do Brasil foi antes outorgada pelo monarcha do que conquistada pelos cidadãos.

O nosso maior e mais decisivo movimento collectivo partito, em verdade, das Camaras Municipaes: nellas teve a sua germinação mais fecunda o ideal supremo da liberdade nacional; dellas se ouviram os primeiros protestos contra o regimen oppressor dos representantes da metropole; de suas energias civicas se formou o feixe da solidariedade de toda a Provincia, que não puderam quebrar os milhares de soldados de Madeira.

Germens da consciencia nacional, abriram as clareiras da conquista da Independencia

Bahia e Cidade do Salvador, 7—9—922.

**Bernardino de Souza.**

Do Instituto Historico.

## “AMERICA BRASILEIRA”

**Afim de não ser suspensa a remessa desta Revista, pedimos encarecidamente aos nossos assignantes que reformem as suas assignaturas, que, como verão no nosso expediente e attendendo aos melhoramentos por que vae passar a America Brasileira, passará a ser de 10\$000 por anno.**

### EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO



PAVILHÃO DAS INDUSTRIAS FRANCEZAS

## DOIS DE JULHO NA BAHIA EM 1823

O Visconde de Cayrú compreendeu melhor a solução do magno problema da Independencia Brasileira.

Primeiro havíamos de ter a emancipação economica para termos posteriormente a emancipação politica.

O 7 de Setembro, collimado na gloriosa data de 2 de Julho, na Bahia, foi a consequencia logica do grande plano de Cayrú.

Os conselhos do grande estadista, moldados na formula de um programma economico e em seguida nas linhas indeleveis da Carta Regia de 28 de Janeiro de 1808, eram a mais notavel conquista e o acto mais nobilitante praticados no inicio de uma nova phase da vida politica do Brasil.

Para chegar a esta conclusão não foram necessarios os meios violentos porque as grandes transformações se fazem gradativamente.

De ha muito as idéas liberaes atravessando o Atlantico, encontraram campo para o seu desenvolvimento.

As idéas liberaes de Manoel e Thomaz Beckman e Jorge Sampaio, em 1684, no Maranhão, não surgiram isoladas.

Ellas eram o corollario da grande revolução de 1676, como uma manifestação da mesma força que produziu a revolução de 1688, na Inglaterra, propagando-se pela America do Norte até se consolidar em sua independencia.

O espirito de liberdade já se definia manifestamente em tudo, modificando na Europa as organizações governamentaes.

As aperturas do Governo de Carlos I modificaram a trajectoria de Jorge III, tendo de permeio as vacillações da Rainha Anna e o equilibrio dos derradeiros Hanoverianos.

As grandes revoluções sociaes e politicas prendem-se em fórtes élos ás remotas torrentes do passado; e se ellas, sacudindo a fibra do povo inglez, atravessaram o Oceano, modificando a estructura das adiantadas colônias da America do Norte, refluindo para a França de 1789, cedo ou tarde haviam de se projectar na America Latina, fazendo triumphar o *self-government*

Aberta estava a larga estrada a palmilhar.

Bernardo Vieira de Mello, em Pernambuco, levantou em 1710 o pendão da revolta, propondo que aquella Capitania se constituísse em Republica semelhante a de Veneza.

Os mineiros insurgem-se em 1730, *não admittindo governador nem justiça posta por El-Rey.*

A inconfidencia mineira teve em Tiradentes o seu proto-martyr e dez annos depois são mortos na Bahia quatro individuos que planejavam uma revolução popular.

Os promotores da Revolução Pernambucana que, em 1817 se propagou pela Provincia da Bahia, na região de S. Francisco, foram punidos severamente por D. João VI.

Entretanto, as idéas estavam latentes.

Os resultados da Revolução Franceza eram inso-phismaveis e as amarras que nos ligavam ao periodo colonial, primeiro partidas por Cayrú, recebiam o golpe derradeiro das mãos de José Bonifacio, mentor do primeiro Imperador

Ao sangue libertario dos Paulistas unia-se o dos Bahianos.

A libertação da America hespanhola deu em consequencia a separação das varias unidades, constituindo cada qual uma Republica independente.

Foi mais completa a tarefa de Pedro I. Não assumisse a opposição que assumio, e, certamente o Brasil não teria sido Imperio! O primeiro Imperador, erguendo o brado de "Independencia ou Morte" sancionou o movimento do despertar do Brasil promovido no scenario da Metropole por brasileiros notaveis como D. Francisco de Lemos, Azeredo Coutinho, Basilio da Gama, Pedra Branca, José Bonifacio, Lino Coutinho e outros.

Essa pleiade brilhante era a garantia segura do triumpho da causa da Independencia.

"A imprensa pelo "Reverbero Constitucional", de Januario Barbosa e pelo "Correio do Rio", de Frei Francisco de Sampaio e de Soares Lisbôa, fez-se instrumento preexcellente da lucta iniciada, generalizando-se a todos os angulos do paiz e favorecendo o movimento de conjuncto que ainda não existia.

A intimativa de D. João VI a Pedro I para que partisse para Lisbôa rompeu as reprezas da revolta. Amotinou-se a população em 9 de Janeiro de 1822, dando em consequencia o "Fico"

Definiram-se as provincias. S. Paulo abraçou a campanha libertadora e no Norte, a antiga fidelidade á Metropole partia-se, (19 de Fevereiro) precisamente na terra onde era classica, a Bahia, levantando em massa contra o General Madeira de Mello"

A Bahia sellou com o sangue de seus filhos a causa da Independencia. — Cabrito, Funil, Pirajá, Itaparica, Cachoeira e tantos outros lugares passaram á Historia ennobrecidos.

Nella chegou ao auge o heroismo da população. Organizaram-se batalhões patrióticos, fizeram-se fortificações, frageis embarcações demandaram o morro de S. Paulo em busca de munições, e os solares do Reconcavo de Santo Amaro e Cachoeira proviam gratuitamente as tropas.

Pedro I remetteu para esta Capital "o Batalhão do Imperador" do commando de Lima e Silva, como uma insigne honra aos Bahianos concedida.

O que foi a campanha libertaria em nosso Estado dizem a nossa Historia, o heroismo da gente do Reconcavo, os destemerosos de Cabrito e Pirajá, a tenacidade de Labatut, a bravura do corneta Lopes, a serenidade de João das Bottas, o valor de Lima e Silva, a tactica do valoroso Capitão, que depois se chamou Duque de Caxias, o martyrio de Joanna Angelica, pagando com o sangue precioso, vasado nas lages do Convento da Lapa, o sacrosanto amôr á causa da liberdade de sua terra.

O 2 de Julho é a data magna da Bahia. Ella inscreveu no livro luminoso da Historia os nomes dos seus heróes, perpetuados nos pergaminhos de nosso Archivvo perpetuado no bronze do monumento que o Povo agradecido lhe ergueu, para que pelo futuro afóra, as gerações se curvem agradecidas aos seus feitos gloriosos.

Bahia, Setembro de 1922.

F. Borges de Barros.

# A ENGENHARIA NO BRASIL

Ao transpormos o limiar de um seculo de Independencia politica, balançamos o acerco das nossas conquistas nos diversos ramos do saber humano. No que toca á Engenharia — louvado seja — nada ficamos a dever em relação ás outras manifestações de nosso progresso.

O que ella já fez ainda é pouco, não ha duvida; mas sempre bom e promettedor.

Quem contempla, com admiração e orgulho, o quadro majestoso do nosso scenario e compara na vastidão deste paiz colosso o que temos feito com o que temos a fazer, avalla com segurança o quanto necessitamos de trabalhar.

A' Engenharia está reservado o maior papel nesse sentido, como o principal factor do progresso num paiz novo e inexplorado como o nosso, onde quasi tudo está por se fazer.

Um golpe de vista intelligente lançado sobre o nordêste brasileiro, abrangendo uma década apenas destes ultimos annos, provocará o assombro que experimenta quem conheceu das condições do noroeste paulista e sul matto-grossense ha dez annos passados e contempla no dia de hoje o espectaculo de grandeza que ostentam aquellas paragens.

Que condão maravilhoso andou por essas terras transformando as florestas em cidades, os campos em povoados, os brejaes em jardins? Foi a intelligencia que adivinhou as riquezas que ellas continham e architectou o plano gigantesco da sua conquista; foi a primeira turma de homens que trilhou os invios sertões em trabalhos de reconhecimento; foi um outro troço de denodados lutadores que os percorreu em diversos sentidos na faina de exploração; foram aquellas centenas de obreiros guiados pelos pioneiros intemeratos que rasgaram as florestas, repizaram o sólo, arrebutaram as rochas, cortaram os morros, aterraram os charcos e amarraram ao solo o caminho de ferro de civilização... Depois vieram outros construindo as casas, alinhando as ruas, captando a agua, illuminando as cidades... E outros montando os machinismos que rodarão sem cessar... Outros finalmente ligando pelo telegrapho e pelo telephone as distancias de outr'ora ás poucas horas d'agora.

Esse passe de magia feito num lance de heroismo denuncia-nos á evidencia o vulto da nossa surpresa e a grandeza do nosso futuro.

A evolução da Engenharia no Brasil foi difficil e lenta nos tres seculos primeiros de sua existencia e rapida e brilhante nestes ultimos cincoenta annos. A historia dos feitos dos primeiros povoadores do paiz é toda feita de militares: são invasões que se descobrem, insurreições que se combatem, rebeliões, revoluções... toda uma litteratura de guerra... A engenharia, pois, que domina, é a militar: constrõem-se fortes, abrem-se estradas, levantam-se muralhas...

Logo após entra em scena o jesuita e os monumentos christãos espalham-se por toda parte como sentinelas alertas da é dos nossos maiores.

Mais tarde as minas atraem o homem ás aventuras das entradas. Esboçam os roteiros das bandeiras as futuras cartas das regiões. Vem dessa raça de batedores dos sertões o faro dos nossos exploradores de estrada de ferro.

O apito da primeira locomotiva — tornando o éco quasi instantaneo das conquistas de além mar, annuncia o advento de melhores dias.

A victoria dessa conquista não nos custou, porém, pouco labor. E' domando as forças incoerciveis da Natureza — a fonte eterna de toda a vida — e reagindo contra os desmandos e os desvios dos elementos, que a Engenharia exerce o seu pleno governo. As lutas que se travaram, entre o homem audaz e ambicioso e a Natureza amante e ciosa da sua omnipotencia, foram cruentas e inconcebíveis.

O indigena senhor das florestas e dos regatos tambem protestou contra o esbuiho do seu patrimonio.

Mas o engenheiro abriu bréchnas nas verdes cathedraes da Amazonia e acompanhou de perto os cursos d'agua. Pelejou os kanigans do Noroeste, e as anophélias do Rio Doce; galgou as serras que se lhe depararam no caminho, varou os morros que empecaram a sua rota; transpóz os riso que lhe atravessaram á frente e seguiu sempre como um triumphador.

Contra o mar insonte a nossa engenharia tem lutado com dardo, oppondo ás furias das ondas o amparo das suas muralhas e facilitando o acostar das náus nos nossos portos.

As quedas d'agua rosnorantes, outr'ora motivo e thema de poemas e descripções, são hoje fontes de luz e de energia.

As cidades se transformam enriquecendo-se de monumentos grandiosos: por de sobre um rio joga-se uma ponte como no Recife; sobre um valle immenso constrõe-se um aqueducto, como em S. Paulo; um morro que atravanca perfura-se-o em tunnel ou arraza-se-o de todo, como aqui no Rio.

Ou, então, constrõe-se uma cidade, como em Bello Horizonte.

Em sobrando intelligencia e existindo technica em demasia — levanta-se o caminho aereo do Pão de Assucar.

Depois vem a epopéa grandiosa:

Rondon mede o Brasil com um fio telegraphico.

Mas tarde virão as obras contra as seccas, virá a carta do Brasil e a Capital Federal no planalto goyano.

Em tudo se pantentêa a obra benefica da engenharia, rebellando-se contra a Natureza poderosa, melhorando-se as condições de vida, facilitando os meios de communicação, augmentando o patrimonio nacional, aperfeicoando os nossos costumes, concorendo finalmente para o progresso e desenvolvimento desta terra sempre fadada.

Os trilhos das estradas de ferro são armaduras de aço prendendo entre si as diversas partes deste paiz colosso; as cidades que se illuminam á noite, á luz féerica da electricidade, são olhos que se abrem para a civilização e pharões que se accendem á superficie deste gigante mostrando do seu contorno as formas estupendas; as machinas que estruem no bojo das grandes cidades são corações latejando, impuls'onados pe'a seiva da vida, batendo no isochronismo de um orgão são e pujante; os fios telegraphicos irradiando-se em todos os sentidos são os pensamentos de um mesmo cerebro ideando os mesmos planos, achitectando os mesmos castelos, transmittindo as mesmas impressões.

Tudo, pois, que vem das mãos e do cerebro do engenheiro, e dos dominios da Engenharia, mostra a vida, representa o progresso, gera a civilização.

Mas se queremos alcançar o que os outros povos conseguiram no dominio das conquistas de civilização — devemos começar pelo principio: fazer engenheiros para termos engenharia. Até agora diminutissimo tem sido o numero de profissionaes nessa carreira. E' verdade que a nossa Escola Polytechnica data de 1810. Durante muitos annos, porém, ella foi a Escola Central.

Os por ella formados sahiam engenheiros militares, e, portanto, mais afeitos as obras militares de que pouco necessitamos e quasi nada existe. Uma geração, todavia, saído da Escola após a Guerra do Paraguay, differençou os ramos da Engenharia. Uma pleiade mais tarde attestou o valor dos nossos engenheiros. E hoje as centenas de moços que se formam nas diversas Escolas do paiz e se espalham pela vastidão do nosso territorio exercendo, construindo, melhorando, dão bem a idéa do que será a nossa Patria em breve espaço de tempo — com todas as suas possibilidades e com grande numero de filhos trabalhando pelo seu progresso real.

Quem contempla, pois, o quadro que acabamos de esboçar e compara o que temos feito com o que falta fazer, avalla com presteza o quanto necessitamos de engenheiros. Precisamos de engenheiros, não queremos dizer: engenheiro-numero, mas engenheiros-engenheiros, isto é, engenheiros — fazendo engenharia, engenheiros affirmando a engenharia, engenheiros representando a engenharia, defendendo a engenharia, engenheiros vivendo da engenharia.

O que vemos no momento, força é confessar, é a dispersão dos elementos, o desperdicio dos esforços, a degradação das energias.

A primeira couza que temos de fazer, pois, é organizar a Engenharia, isto é, compor forças, reunir elementos, conjugar as forças, obter uma resultante unica applicada e dirigida consciencientemente.

Este será o maior passo dado pela classe dos engenheiros em proveito proprio e no do Brasil.

Soter C. de Araujo.

# ALGUMAS PALAVRAS SOBRE JOAQUIM SERRA

Discurso pronunciado a 10 de Setembro de 1922 na Associação  
Brasileira de Imprensa

Gctulio das Neves, esse caracter de cidadão romano, aliado a um talento de escol e servido este por uma cultura verdadeiramente invulgar, fallando de Joaquim Serra, escreveu estas palavras memoraveis: — “Nada mais falta dizer sobre Joaquim Serra, e estas ligeiras e despretenciosas linhas, nem mesmo teriam mais razão de ser se não fossem, antes que tudo, uma homenagem pessoal de reverencia, de saudade e de admiração”

Tendo de dizer para jornalistas, para homens de imprensa da minha terra, algumas palavras sobre esse notavel jornalista maranhense, certamente não teria senão que enunciar o seu nome, simplesmente o seu nome — Joaquim Serra, — desacompanhado de qualquer adjectivação, sem a enumeração, talvez, fastidiosa, de factos ou obras em que teve parte ou que realizou, pois que a imprensa do nosso paiz, através de duas das mais bellas causas brasileiras — a abolição e a democracia, está prenhe, até a saturação, do seu nome illustre e da sua desinteressada e magnanima acção, efficientemente fecunda e salutar. Mas, nós não estamos sós, entre brasileiros. A nossa festa de homenagem e de respeito de gratidão e de saudade, aos que se fizeram grandes, lidando no jornalismo patriótico, é honrada com a presença de alguns confrades dos paizes vizinhos, que ora nos visitam por motivo augusto da celebração do Centenario da nossa Independencia Política.

Em honra delles e para elles, pois, que vós outros conheceis, melhor que eu, os eventos immortaes do jornalista, cujo retrato vamos inaugurar, são as minhas toscas palavras e os desalinhavados conceitos que ides ouvir.

Meus caros confrades. Joaquim Serra, veio do norte. Desse norte longinquo e politicamente ainda primitivo, mas soberano ao resto do paiz no campo da intelligencia e, *primus inter pares* quanto á representação da nossa cultura. Desse norte que nos deu João Lisboa, que nos deu Tobias Barreto, que nos deu Ruy Barbosa. Joaquim Serra nasceu no Maranhão. E lá grageou rapidamente um nome respeitavel na poesia, no theatro, no jornalismo e na politica, tendo por companheiro de lides homens como Gonçalves Dias, — o poeta, Sabbas da Costa — o dramaturgo, Themistocles Aranha — o jornalista e Franco de Sá — o politico. Na sua terra natal, tão fertil em talentos da melhor jaça, lançou depois de colaborar com exito e vantagem enormes nas folhas de mais reputação da então Provincia do Maranhão, o seu famoso *Semanario Maranhense*, cuja publicação vai de 1867 até 1870.

O que foi esse jornal, essencialmente litterario, dil-o o facto significativo de haver já dous grandes escriptores brasileiros, tratando da litteratura maranhense, fazerem do apparecimento desse periodico o marco divisorio das grandes épocas em que se devem estudar as manifestações intellectivas dos athenienses das margens encantadoras do poetico Anil e do majestoso Bacanga. Joaquim Serra, que em toda sua longa carreira jornalística e politica, demonstrou sempre o mais fino tacto, em conhecer os homens da sua terra, não deu sómente o melhor do seu talento para o grande realce do *Semanario Maranhense*, como teve a ventura de re-

velar ao mundo das lettras brasileiras os nomes de Gentil Braga, poeta delicado e chronista subtil, Celso Magalhães, romancista vigoroso e o maior critico-ensaista do nosso “folk-lore”; Sabbas da Costa, romancista e comediographo; Cezar Marques, o historiadador e geographo; Henriques Leal, o Plutarco maranhense; e Joaquim de Souzafrade, o grande poeta do *Guesa Errante*. E nesse balanço, meus senhores, não deve ser esquecida a circumstancia de ter Joaquim Serra conseguido a volta á imprensa periodica, do vulto austero e eminente de Sotero dos Reis, jornalista, grammatico e critico-litterario.

Ainda em Maranhão publicou Joaquim Serra as suas principais obras litterarias: *O Salto de Leucade* e *Cousas da Moda*, 1866; *Um Coração de Muller*, poema-romance, e *Abertura do Amazonas*, 1867; e *Versos*, em 1868. Posteriormente, já aqui no Rio, deu á estampa *Quadros*, versos, 1873; e, dez annos depois, o seu interessante estudo intitulado *Sessenta Annos de Jornalismo*, em que se occupou proficientemente da imprensa no Maranhão, durante o largo periodo que vem de 1820 a 1880.

Politico e jornalista, duas grandes causas sagradas, apaixonaram profundamente o bello espirito de Joaquim Serra, interessando-se vivamente por ellas com a intelligencia e com o coração. Essas duas causas, fundamente humanas, patrioticamente civicas, foram a abolição e a democracia. Mas, para tão vasto programma, era ambito demais pequeno a terra natal do denodado capeão do liberalismo. E São Luiz, a linda e garrida cidade maranhense, perde o filho amado e com elle o jornalista, o poeta, o comediographo, o politico.

Ha aqui, meus senhores, o dealbar magnifico de uma formosa aurora. Joaquim Serra chega ao Rio de Janeiro. E logo ao chegar entrega-se de alma e coração ao combate de toda a sua vida em prol da libertação dos escravos, a favor da implantação na sua, na nossa terra, dos mais lidimos principios da democracia. Pela abolição batalha, desde então, o fundador do *Semanario Maranhense*, tão intemerato, tão delicado, tão desinteressado como nenhum outro, ao lado de gigantes como José do Patrocínio, Carlos de Lacerda, Ferreira de Menezes, Angelo Agostini, Luiz Andrade, Ferreira de Araujo, Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa, o unico ainda vivo dessa pleiade heroica de leões da nossa imprensa abolicionista, que só calou as baterias com o acto redemptor do benemerito Gabinete presidido pela grande figura nacional de João Alfredo. Pela democracia, filiado ao Partido Liberal com os que combatiam pela Republica, trabalhou, sem cessar, no jornal e no Parlamento, o illustre cidadão maranhense, tendo por camaradas de refregas, as mais arduas e rudes, os vultos de Quintino Bocayuva, Miguel Ferreira, Rangel Pestana, Salvador de Mendonça, Lafayette, Prado Pimentel, Flavio Farnese, Baptista Pereira, Cesario Alvim, Franco de Sá, Martinho de Campos, Lima Duarte, Dantas, Affonso Celso e varios outros, que são: uns, os redactores da *Reforma* e do *Paiz*; outros, os signatarios do celebre manifesto republicano de 1870; e finalmente os restantes aquelles dezesete liberaes que conseguiram

ram, em memoravel periodo da nossa vida politico-social, romper as ferreas malhas das formidaveis rêdes que se chamavam as chapas governamentais.

Transportado para um meio maior, de onde a sua voz autorizada e querida, repercutia com eficacia politica e social por todo o paiz, desde o norte ao sul, ecoando os violentos clamores da batalha com igual intensidade, tanto na caudal do Amazonas, como nas placidas margens do Chuy, Joaquim Serra realizou prodigios. Não era um homem, era a propria causa em acção. E' assim que delle poude dizer um dos seus eminentes biographos: "A influencia politica e litteraria de Joaquim Serra foi tão persistente e declisiva no jornalismo brasileiro durante um periodo relativamente largo, sua orientação tão completa, segura e sympathica, seus moldes tão bellos e originaes, seu character tão puro e transparente, quer na vida publica que na vida particular, que os estudos já feitos sobre o perfil do grande escriptor dão uma idéa completa da sua individualidade, como se fossem reproducções photographicas de um mesmo sitio tomadas de todos os pontos de vista apreciaveis, ou como projecções de que se servem os engenheiros e, á custa das quaes, conseguem reproduzir mathematicamente a forma dos objectos" E, occupando-se especialmente da formidavel campanha abolicionista, acrescentou o sabio e verista commentador: — "Ha, porém, no meio de tudo isso uma manifestação, cujos effeitos me parecem incalculaveis e acima de qualquer elogio e vem a ser a constancia e a fidelidade indemita de Joaquim Serra á grande causa dos escravizados, fazendo della o thema obrigado de todas as galas e labores daquelle estylo unico, para o qual Salvador de Mendonça não encontrou termos de comparação nem nos modelos da culta Europa, e nem nos exemplos da originalissima America do Norte." O abolicionismo, continua, "passou o constituir sempre o fundo de todos os primores e bellezas dos escriptos de Joaquim Serra, bem como se faz da ogiva a nota obrigada e o fecho da verdadeira unidade no meio de todo o esplendor daquelles soberbos rendilhados e de toda a poesia e contraste dos bellos vidros coloridos que constituem as cathedraes gothicas"

Assim, essas duas palavras — abolição e democracia — dous grandes symbolos da integração da nossa nacionalidade como povo livre e culto resumem, numa acção persistente, continuada e in-

telligente na imprensa politica toda a vida extraordinaria de Joaquim Serra. Atravez de todas as manifestações da sua privilegiada mentalidade o poeta, o comediographo, o historiador, o humorista, o politico, o parlamentar, não foi senão sempre, e cada vez mais viva, a demonstração de um temperamento singular de jornalista, que existia visceralmente em Joaquim Serra, a difundir, a propagar, a impôr, á massa geral do paiz, a excellencia das duas causas maximas de que forjou o broquel de aço puro com que se armou para o combate asperissimo da existencia na terra.

Desgraçadamente, o denodado jornalista só parcialmente logrou a fortuna de ver a victoria das duas grandes causas nacionaes. Ariadne implacavel, cortou-lhe o fio da vida justamente nas vespers da grande, da descommunal aurora de 15 de Novembro de 1889. Poucos mezes após a decretação da Lei Aurea, á 29 de Outubro de 1888, succumbio o notavel maranhense.

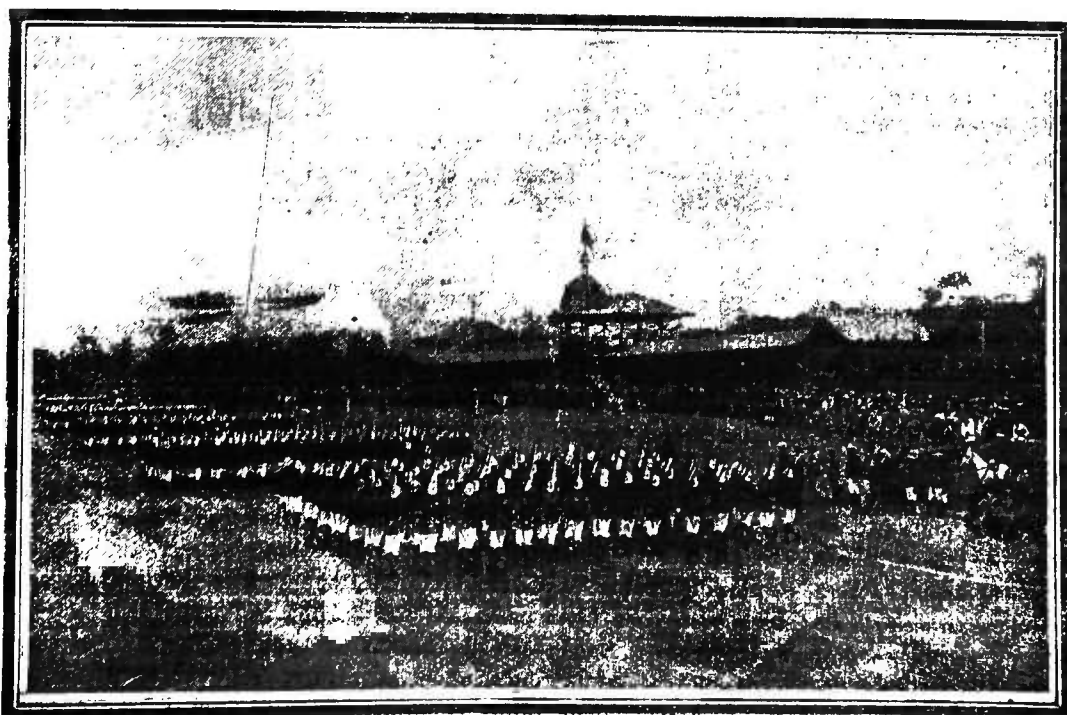
Que mais será necessario dizer, meus senhores, desse gigante do jornalismo brasileiro? Eniôca traçado com mão canhêstra ahi está o perfil de Joaquim Serra. Do que foi em vida, do vacuo aberto por sua morte, retratam-no maravilhosamente o "deiradeiro adeus" que, á borda do tumulo, lhe disseram Quintino Bocayuva — o Patriarcha da Republica; Salvador de Mendonça — o amigo extremado; e Joaquim Nabuco — o companheiro inseparavel das lutas abolicionistas e dos combates em prol do liberalismo e quem, segundo o testemunho de Getulio das Neves, "num grito lancinante e eloquente de quem vê, por assim dizer, partir-se metade de seu proprio ser, para o qual é, no entretanto, obrigado a escrever o glorioso epitaphio

E vós, confrades estrangeiros, que evidentemente, nunca ouvistes, antes desta hora, pronunciar o nome de Joaquim Serra, podeis avaliar das dimensões desse vulto eminente do jornalismo brasileiro, sabendo que esse homem illustre andou, durante mais de trinta annos da nossa vida litteraria, politica e social, lado a lado, com Machado de Assis, José de Alencar, Octaviano, Quintino Bocayuva, Rio Branco, Joaquim Nabuco, André Rebouças, Franco de Sá, José do Patrocínio, Ferreira de Menezes e Ruy Barbosa, o maior dos brasileiros vivos!

Tai foi o jornalista, cujo retrato passa, desde este momento, a figurar na Galeria dos Notaveis da Imprensa do Brasil.

M. Nogueira da Silva.

## CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL



ASPECTO DA PARADA DAS FORÇAS MILITARES NO DIA 7 DE SETEMBRO

# CHRONICA DO CENTENARIO

## PORTUGAL - BRASIL

*O Sr. Antonio Jose de Almeida terá diante dos olhos, viva e palpitante, a prova de que esta terra, tantos annos trabalhada pela energia portugueza, dignificada pela honra portugueza e regida pelo sceptro portuguez, todos, portuguezes e brasileiros, constituimos uma só familia, unidos pelos mesmos interesses, inspirados pelos mesmos ideaes, defendendo dos mesmos deuses, e vivendo das mesmas alegrias*

*Epitacio Pessoa*

### Em honra do Brasil!

Foi a seguinte a moção de congratulações com o povo, em honra da Patria, que approvou a Camara dos Deputados, na sessão de 7 de Setembro, commemorativa do Centenario:

"A Camara dos Deputados da Republica dos Estados Unidos do Brasil, reunida em sessão extraordinaria para isso especialmente convocada, á 1 hora da tarde do dia 7 de Setembro de 1922, em sua sede provisoria, installada no Palacio da Biblioteca Nacional, situado á Avenida Rio Branco, na cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal da Republica — do mais intimo da alma de cada um dos seus membros, cujos corações palpitam commovidos e emocionados por intenso jubilo patriótico e per justificado orgulho civico, deante da grandeza do paiz de que são legitimos representantes nesta casa do Congresso Nacional congratula-se com a heroica Nação Brasileira pela passagem desta gloriosa data, que recorda o marco primeiro da nossa Independencia Política, ha cem annos plantado ás margens do Ypiranga e desde então para sempre gravado na historia dos povos livres com as suggestivas palavras do brado immorredouro — "Independencia ou Morte" — ainda hoje vibrante de enthusiasmo e palpitante de verdade, onde quer que esteja um brasileiro vivo.

Com essas congratulações, profundamente sinceras que em honra do Brasil, neste momento formulamos perante a nação que tão generosamente nos elegeu para represental-a na sua elevada função de decretar as suas leis, deixamos consignados, nos Annaes da Camara dos Deputados, os ardentes votos, que fazemos.

Pela paz, pela harmonia, pela soldariedade inquebrantavel de todos os brasileiros:

Pela união perpetua e indissolúvel de todos os Estados da nossa Federação:

Pela amizade constante e fraternal entre todos os povos, especialmente os do contingente americano;

Pela integridade absoluta do nosso vasto e riquíssimo territorio, cujas fronteiras a clarividencia de nossos governos tornou incontestaveis e o patriotismo de nossos patrios manterá inexpugnaveis:

Pela prosperidade crescente, pelo desenvolvimento, pelo engrandecimento perenne, pela gloria brilhante e immarcescível do Brasil, patria nossa muito amada, patria adorada, estremecida, patria grandiosa e idolatrada, a cujos pés depomos exultantes, na grande solemnidade do Centenario de sua Independencia, o penhor sagrado e irregatavel de todo o nosso amor; de todos os nossos melhores pensamentos, de nossa dedicação inteira, sem medir sacrificios do sangue nosso até o ultimo gottejar, de nossa vida até o alento extremo!

Sala das sessões da Camara dos Deputados, aos 7 de setembro de 1922".

### O esforço da Nação Brasileira

Respondendo á saudação que, em nome de S.S. o Papa, dos Soberanos e chefes de Estado representados nas commemorações, lhe dirigiu o senhor Francisco Cherubini, embaixador de Santa Sé, o Presidente da Republica agradeceu com estas palavras, em que diante o esforço da Nação Brasileira, em prol dos altos ideaes de liberdade e de confraternização internacional ininterruptamente segui-

do, desde a independencia, quer no Imperio, quer na Republica. São as seguintes as palavras do Chefe da Nação:

"Meus senhores — A oração com que acaba de saudar-me, em nome de todos vós e em nome dos vossos respectivos soberanos e chefes de Estado, o illustre embaixador especial de sua santidade o papa, encheu-me do mais vivo desvanecimento, não só pelo carinhoso sentido do seu contexto, senão também pela manifestação especialissima que encerra, neste momento de jubilo para todos os brasileiros.

Lançando um olhar retrospectivo sobre esses cem annos decorridos, o Brasil tem a consciencia de haver contribuido lealmente, á medida de suas forças, sem actos que o diminuam no concerto dos povos, para o progresso moral e material do mundo. As transformações mais radicaes — a Independencia, a Abolição e a Republica — foram aqui levadas a effeito sem grandes abalos, nem excusadas violencias. O impulso á cultura da intelligencia, ao bem estar das populações, ao aproveitamento das forças economicas, á circulação das riquezas, attesta o esforço da Nação Brasileira em bem cumprir no seu territorio, a missão que lhe cabe na obra grandiosa da civilização humana.

Na esphera da sua politica externa, a sua preocupação maior foi sempre a preocupação de utilmente servir ao mais nobre dos ideaes: — a confraternização universal dos povos. Politica tradicional, dictada assim, pela nitida comprehensão dos interesses nacionais, mais immediatos, como pelos naturais impulsos da propria indole popular, tem ella, quer no Imperio, quer na Republica, mostrado sempre a acção dos estadistas brasileiros



É, senhores, com íntima alegria que recordo, ao revêr em pensamento a historia do Brasil, jamás haver partido a iniciativa de uma só luta armada contra qualquer outra nação. De quanto acabo de dizer-vos é reconhecimento e recompensa a expressiva saudação com que, nesta magna data e em nome de tantos e tão grandes povos, honraes a Nação Brasileira.

Ao receber esta homenagem, asseguro-vos que o povo brasileiro bem lhe comprehende a excepcional significação e faz commigo os mais ardentes votos pela prosperidade crescente de cada um dos Estados que, nesta hora gratíssima, aqui representaes em missão especial de affecto e solidariiedade”.

### A admiração do mundo

Saudando o Brasil, na pessoa do Presidente da Republica, o Monsenhor Francisco Cherubini, embaixador em missão extraordinaria, da Santa Sé, em nome de S.S. o Papa, dos soberanos e chefes de estado representados nas commemorações de Sete de Setembro, proferiu o discurso abaixo, que é todo elle um hymno de entusiasmo á obra da nossa cultura e de nosso trabalho, e os melhores votos pela felicidade da nossa terra. A sua honrosa saudação é a seguinte:

“Senhor presidente. E’ com a maior satisfação que dirijo a palavra a V. Ex., neste dia que será inscripto em letras de ouro nos annaes do Brasil e é para mim uma honra toda particular, ser junto a V. Ex., nesta solemnidade, o interprete dos meus illustres collegas, embaixadores em missão especial.

Considero como a nota mais agradável da minha missão, trazer, antes de tudo, as mais respeitoses homenagens ao illustre presidente que, pelo seu saber, sua actividade, sua habilidade, seu devotamento, dirige o povo brasileiro para os seus altos destinos.

Affirmo — gloriosos destinos; taes, com effeito, foram sempre os destinos deste grande povo depois da primeira pagina, que escreveu na historia até á época mais gloriosa ainda da sua independência; deste povo que attingiu á virilidade sem passar pela infancia.

E’ um facto conhecido, que em todos os tempos os povos, que não gozavam de liberdade, aspiravam sempre uma existencia nacional independente e trabalharam com todas as suas forças para a conquistar.

Mas, ah! quanto sangue, quantas lagrimas não custou essa independência!

Felizmente não aconteceu assim para a Nação Brasileira em 1822. Porque o povo portuguez — que lhe descobriu o genio e lhe cultivou a nobreza — a considerou antes como filha do que colonia.

Elle lhe deu a educação moral, social, religiosa; desenvolveu suas excellentes disposições para as artes, sciencias, commercio: em uma palavra: o preparou para o dia da emancipação, para o dia da independência.

De facto, Sr. Presidente, quando ás margens do Ypiranga, ecoou, ha cem annos, o grito da Liberdade, esta grande Nação obri-nha a sua independência sem derramar uma só gota de sangue, nem mesmo uma lagrima; porque era o sangue portuguez que corria nas veias do joven e nobre príncipe que acabava de pronunciar a phrase historica: “Independência ou morte!

Desde então a generosa Nação Brasileira, tão joven ainda, se lançava sobre o caminho

da Gloria, ou mesmo de todas as glorias.

De José Bonifacio ao barão do Rio Branco, é toda uma série de personagens illustres que revelam ao mundo inteiro o desenvolvimento intellectual e a ascendencia moral desta nobre nação.

A historia repetirá á posteridade as paginas sublimes, onde estão escriptos em caracteristicos indeleveis os feitos gloriosos do nobre povo brasileiro.

O grande gesto da princeza Isabel, proclamando a abolição da escravatura, fez conhecer os sentimentos delicados da civilização e do progresso deste paiz.

Na Conferencia da Paz, em Haya, a delegação brasileira chamou sobre si a attenção universal; e o nome do eminente jurisculto Ruy Barbosa será respeitado tanto pelo historiador como pelo homem de Estado.

E, na Conferencia de Paris, Sr. Presidente, o tacto e a habilidade com que V. Ex. dirigiu a delegação do Brasil, grangearam para V. Ex. as maiores sympathias do estrangeiro e deram-lhe um logar de muito maior realce.

E’, portanto, justo, Sr. Presidente, que todas as Nações estejam aqui representadas nas festas do Centenario de sua nobre Patria e lhe tenham trazido o tributo de sua admiração.

Sr. Presidente, em nome de Sua Santidade o Papa Pio XI, em nome dos decais augustos soberanos e chefes de Estado que temos a honra de aqui representar, nós nos associamos com alegria ás festas que recordam dias tão gloriosos para o Brasil, e ao mesmo tempo formulamos votos os mais sinceros pela prosperidade cada vez maior, para a felicidade sempre mais completa deste nobre paiz.

E, si bem que é da união dos espiritos e dos corações que resultam os grandes beneficios, peço a Deus realizal-os sempre com vantagem, removendo tudo o que lhe possa servir de obstaculo.

Que o Cruzeiro do Sul, que brilha sobre esta terra privilegiada para o futuro, como no passado, não a illumine sinão para causas nobres, generosas e admiraveis.”

### Como o Brasil trabalhou e o que produziu no primeiro seculo de Independencia

Em nome do Governo da Republica, o Ministro da Justiça e Negocios Interiores, ao inaugurar-se a Exposição Internacional, do Rio de Janeiro, em Sete de Setembro, saudou todos os que vieram trazer ao nosso admiravel certamen o concurso de seu esforço e actividade, especialmente as nações amigas, cuja contribuição é de todo inestimavel.

Eis o discurso preferido:

Snr. Presidente, Srs. Embaixadores e enviados das nações amigas, minhas senhoras. O começo do seculo vinte é a época festiva da America Latina, como o começo do seculo dezenove foi a época dolorosa das duas lutas pela independência e pela liberdade.

Dir-se-hia que ella passou cem annos a crescer e a robustecer-se, agora celebra a sua maioridade no meio das nações mais velhas do mundo, gentilmente associadas a essa commemoração.

E’ tão longa a idade dos povos, que menos de um seculo parece apenas a adolescencia, o começo da juventude.

O Brasil já teria chegado áquella phase da vida, se tivesse querido contar a sua entrada no convivio internacional desde 1815, quando, unido a Portugal e Algarves, passou a fazer parte do Reino Unido, e aqui se constituiu a séde do governo commum.

Ao fim de seis annos, porém, foi interrompida a cordialidade existente entre os membros da União e começou a luta porfiada, de onde resultou separarem-se pelo interesse particular de cada um, para depois se encontrarem irmanados no futuro pelos destinos identicos da mesma origem e as tendencias iguaes da mesma civilização.

O Brasil quiz mostrar ao mundo como usou da liberdade nesse seculo que passou.

Recebendo a visita de chefes de Estado, de embaixadores e enviados das nações amigas, quiz dizer-lhes, por factos, como trabalhou e quanto produziu; como foi digno da independência que logrou e deixal-os julgar

### CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL



PORTA PRINCIPAL DA EXPOSIÇÃO

se merece, ainda mais, a confiança dos que esperam do seu porvir.

Nenhuma linguagem fallará melhor do que o certamen que hoje inauguramos.

Elle não se realiza como pretexto para festins, mas como demonstração de esforços extraordinarios de intelligencia consumidos em quasi todos os ramos de trabalho.

Haverá ahí muitas mostras desse passado.

Umias servirão para accentuar como os povos devem guardar certos patrimonios legados por seus maiores, exemplo do seu bom gosto e da sua personalidade ethnica; outras servirão para abrir os olhos aos que se aferiram á rotina e não de constituir, pela comparação com os productos aperfeiçoados aqui expostos, benefico estimulo para melhorar e progredir.

Esse ultimo effeito ha de vir, sobretudo, da lição que nos trazem os povos mais adiantados do mundo, cultores das maravilhas de todo o genero que facilitaram o bem estar dos homens e concorreram para levar-os, com rapidez de um a outro extremo da terra, approximando-os, reunindo-os, tornando possivel conhecerem-se melhor, para um dia, que praza aos céos já tenho chegado, abandonarem as suas desconfianças e prevenções, geradoras de males, e enfrentarem-se uns aos outros, sómente como hoje, nestes campos de combate do pensamento e do trabalho, de onde só resultam beneficios para a humanidade e brilho para a civilização.

Em nome do Governo da Republica, agradeço aos Chefes de Estado, Embaixadores e enviados das nações amigas, a honra que fazem ao Brasil de realçar, com a sua presença, a solemnidade deste acto, e aos representantes da industria e de todas as manifestações do trabalho vindos de tão longe, o concurso que nos vieram trazer para o bom exito da exposição commemorativa do primeiro centenario da independencia politica do Brasil”

### A antevisão do Brasil futuro

Respondendo ao convite que lhe fez o Presidente da Republica, para que assistisse officialmente, ao seu lado os festejos do Centenario da Independencia do Brasil, o eminente brasileiro, conselheiro Ruy Barbosa, senador da Republica e juiz da Côte Permanente de Justiça, dirigiu ao Chefe da Nação a seguinte carta:

“Rio, 7—9—22—134, Ruy Barbosa. Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. Epitacio Pessoa, digno Presidente da Republica — Do fundo do meu humilde leito receba V. Ex. com os meus agradecimentos ao carinho do seu convite para assistir a seu lado ás solemnidades commemorativas do Centenario, a minha homenagem por esta antevisão do Brasil futuro, que V. Ex. realiza tão nobremente, que eu não vejo, mas a que assento presente em espirito e de coração. Praza ao Altissimo Pai e Senhor de todas as cousas das Republicas como dos Imperios, que quando o sol rasgar a pertinaz nebulção, que ha tanto nos envolve, o mundo não veja neste quadro, senão o que vós quizestes fazer: a reunião dos povos civilizados, laboriosos e livres em torno do lar de uma nação que se deconstrói; nem se escutem neste immenso oceano de vagas humanas senão os rumores da nossa unisona adhesão ao Evangelho dos bons. Deus vos abençoe para celebrardes com autoridade no

altar das esperanças do seculo o Officio Divino do culto, que lida por substituir ao comido nune do Estado archipotente a aspiração, cujo dia se approxima, do Estado recto, limitado e justo”

### A grandeza do Brasil

Falando aos embaixadores e chefes de missão, o Presidente da Republica disse-lhes a grandeza do Brasil, nessa synthese empolgante:

“Quiz o destino que a mim coubesse a honra de receber-vos, em nome dos meus compatriotas, na data do primeiro Centenario da Independencia politica do Brasil. Do calor do nosso affecto e da sinceridade de nossa gratidão, por terdes vindo festejar connosco essa data memoravel, já deveis ter segura prova nas espontaneas manifestações de sympathia que rebentam e se expandem a cada passo, onde quer que a vossa presença seja notada.

Os congressos scientificos, historicos, artisticos e economicos, a que ides assistir do mesmo modo que a Exposição em que procurámos resumir alguns aspectos da nossa cultura intellectual e da producção das nossas terras e fabricas, naturalmente não poderão dar aos representantes das civilizações mais antigas e adeantadas, uma impressão de surpresa; mas, estou certo, bastarão para convencer-vos de que alguma coisa temos feito e muito poderemos ainda realizar, fazer para o futuro, depois deste passo tão difficil do primeiro Centenario da vida emancipada.

A vida das nações conta-se por seculos. Vencemos a primeira etapa, com tropeços, e verdade, mas, com honra e altivez.

As boas causas da liberdade e da justiça sempre preocuparam os nossos homens politicos. Na ordem politica, feita a independencia, tivemos que a consolidar. Para isso foi mister afastar do Brasil o fundador do Imperio. Realizada a consolidação e garantida a unidade patria, tratamos da autonomia das provincias, outorgando-lhes uma prudente descentralização.

Em seguida, estancámos o trafico africano. Cicatrizada essa chaga, surgiu a campanha abolicionista, victoriosa com a libertação dos nascituros, a alforria dos sexagenarios e logo depois a abolição completa da escravidão. Ganha essa campanha, batemo-nos, então, pela federação e pela Republica. Proclamada esta, plantámos na Constituição a arvore da Paz, exigindo em termos imperativos o arbitramento como solução primordial das nossas pendencias Internacionais.

Eis ahí, em rapidas linhas, a nossa orientação politica. Conseguimos fincar na Historia estes marcos da liberdade e justiça, sem luctas sanguinolentas, sem profundos abalos, envolvendo naturalmente pela propaganda a pela persuasão.

Si o progresso intellectual e material corresponde ou não a essa evolução politica é o que desejamos justamente apurar agora e podeis verificar connosco. Sempre vos direi entretanto, que passamos de tres a trinta milhões de habitantes, que o valor da nossa balança commercial cresceu na proporção de vinte mil para um milhão e hoje se expressa em quatro milhões de contos; que a extensão das nossas linhas ferreas é de trinta mil kilometros; que excede de cinquenta milhões a tonelagem dos navios que sulcam as

aguas dos nossos portos; que contamos perto de scsessenta mil kilometros de linha telephonica; mil e quinhentos kilometros de carris urbanos, talvez mais de um milhão de objectos de correspondencia postal; cerca de cincoenta mil kilometros de linhas telegraphicas; que o valor dos nossos estabelecimentos ruraes excedem de dez milhões e quinhentos mil contos; que na pecuaria occupamos o terceiro ou quarto logar no mundo; que para a renda geral de quatro mil contos em 1822 temos agora a reccita de quasi um milhão de contos de réis só para a União, sem incluir a dos Estados; que da instrução temos cuidado com o possivel desvelo; de 1907 a 1920, o augmento dos cursos elevou-se de 72 % e de alumnos de 85 % o que revela o esforço do paiz, nos ultimos annos, pelo incremento da sua instrução; os resultados desse esforço se farão sentir em breve ainda mais animadores, quando a União Federal de accordo com a recente autorização legislativa, collaborar na diffusão do ensino primario; dis-vos-ei ainda que contamos cerca de dois mil quatrocentos jornaes e revistas; seiscentas e cincoenta associações scientificas, literarias e artisticas, mil e quatrocentos estabelecimentos de assistencia, muitos milhares de sociedades de auxilio mutuo e caridade e que a nossa ultima organização sanitaria, talhada nos moldes mais adiantados prepara a olhos vistos o fortalecimento da raça e o augmento da sua capacidade productora. Do Rio de Janeiro de 1822, fizemos durante o imperio e principalmente na Republica, a cidade moderna que actualmente se honra de hospedar-vos, sem as epidemias dizimadoras que eram com razão o terror do estrangeiro. A hygiene e o embelezamento dos centros populosos constituem neste momento a preocupação generalizada no paiz inteiro.

Digo-vos, isto, senhores, apenas para que vejaes que não temos ficado estacionarios; que o Brasil compenetrado da missão que lhe cabe na scena internacional, tem prestado devotadamente o seu concurso á obra da civilização em que vieis empenhados e é digno da consideração com que o honraes neste momento, vós que de certo reconhecereis no esforço pertinaz da nossa adolescente nacionalidade a promessa de uma larga politica de realizações, capaz de corresponder, na vida material da Nação aos grandes idéas que a guiaram na transformação inaugurada em 7 de setembro de 1822.

Ao meu coração de brasileiro nada podia ser mais grato do que vêr aqui reunidos os representantes das nações amigas, que, em missão de paz, vêm trazer-nos a animação do seu applauso pelo que temos feito e o estímulo do seu apoio e solidariedade ao que de nobre e alevantado venhamos ainda fazer.

Senhores embaixadores e chefes de missão. E' com a mais sincera agradecida cordialidade que levanto a minha taça pela felicidade pessoal de cada um de vós e pela prosperidade e bem estar dos povos e dos governos que aqui tão dignamente representam.

### A nova Capital

No planalto central de Goyaz realizou-se no dia 7 de setembro a cerimonia do assentamento da pedra fundamental do novo Districto Federal, na area já demarcada e para esse fim destinada. Era uma das solemnidades previstas no vasto programma de nossas

festas da Independencia, essa que relembra uma aspiração nacional, consignada mesmo na Constituição republicana.

A cerimonia constou da erecção no morro Centenario, naquella local, de uma pyramide de 33 pedras, symbolizando a idade da Republica, com uma placa de bronze, contendo a seguinte inscripção: "Em cumprimento do disposto no decreto n. 4.494, de 18 de janeiro de 1922, foi aqui collocada em 7 de setembro de 1922, ao meio dia, a pedra fundamental da futura Capital Federal da Republica dos Estados Unidos do Brasil." Essa solemnidade foi assistida por muitas pessoas e pelos representantes designados pelo Governo Federal para esse fim.

O teor do decreto n. 4.494, de 18 de janeiro de 1922, é o seguinte:

"O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Faço saber que o Congresso Nacional decretou e eu sanciono a resolução seguinte:

Art. 1º — A Capital Federal será opportunamente estabelecida no planalto central da Republica, na zona de 14.400 kilometros quadrados que, por força do art. 3º da Constituição Federal, pertencem á União, para esse fim especial já estando devidamente medidas e demarcadas.

Art. 2º — O Poder Executivo tomará as necessarias providencias para que, no dia 7 de Setembro de 1922, seja collocada no ponto mais apropriado da zona a que se refere o artigo anterior, a pedra fundamental da futura cidade, que será a Capital da União.

Art. 3º — O Poder Executivo mandará proceder a estudos do traçado mais conveniente para uma estrada de ferro que ligue a futura Capital Federal a lugar em communição ferro-viaria para os portos do Rio de Janeiro e de Santos, bem como das bases ou do plano geral para a construcção da cidade, communicando ao Congresso Nacional, dentro de um anno da data deste decreto, os resultados que obtiver.

Art. 4º — Para a execução deste decreto fica o Poder Executivo autorizado a abrir os credits necessarios.

Art. 5º — Ficam revogadas as disposições em contrario.

Rio de Janeiro, 18 de Janeiro de 1922.  
101º da Independencia e 34º da Republica. —  
Epitacio Pessoa. — Joaquim Ferreira Chaves.  
— J. Pires do Rio.

### A participação do mundo na nossa Exposição

Na inauguração da Exposição Internacional do Rio de Janeiro, a Sete de Setembro o illustre embaixador de França, S. Ex. o Sr Alexandre Conty, em nome das nações que nos honraram com sua comparença ao grande certamen, saudou o Brasil nestas palavras eloquentes e vibrantes:

"Sr. Presidente — Meus senhores — Si o meu predecessor, Sr. De Gabriel que ouviu o grito do Ypiranga, voltasse hoje ao Rio de Janeiro, a sua surpresa seria extrema e a sua admiração sem limites.

Em 1799 não havia ainda 45.000 habitantes na Capital do Brasil colonial; em 1822 esta cidade continha já mais de cem mil almas, hoje tem mais de um milhão.

Altivamente collocada na margem desta bahia, que offerece aos olhos admirados dos homens um dos mais bellos espectaculos do

mundo, a fronte cingida com a magnifica corôa que formam o Pão de Assucar, o Corcovado, a Tijuca e a Serra dos Orgãos, a Capital Federal dos Estados Unidos do Brasil galgou a angustia das suas ruellas de antanho, deslocou as montanhas e fez recuar o mar.

E os seus progressos maravilhosos assignalam a evolução do paiz inteiro, desde a data memoravel de 7 de setembro de 1822.

Não podemos celebrar esta data sem evocar a grande figura daquelle que respondeu ao appello de José Bonifacio, proclamando a independencia.

O meu compatriota Debret diz desse monarcha: "D. Pedro I tinha espirito, memoria e, mais ainda, uma alma elevada, rectidão, um desejo sincero de fazer o bem, vigor physico, uma physionomia expressiva e grave, uma certa aspereza na franqueza, maneiras amaveis, a palavra viva e facil, a conversação cheia de observação e de razão.

Rocha Pombo accrescentava que D. Pedro I era sobrio, madrugador e poupado, qualidades estas que não são para desdenhar. Antes de tudo este principe foi dotado de um grande senso politico e do sentimento da opportunidade.

Saudamos a sua memoria e saudaremos tambem os seus netos que, embora sob o véu de um luto cruel, e a despeito de uma tragica dôr, vieram associar-se hoje á alegria da sua Patria.

A maxima do imperador D. Pedro I "Tudo para o povo" é hoje completada pelo Brasil democratico que grita: "Tudo para o povo e pelo povo"

Todas as nações do mundo, tomando parte na exposição da independencia, vieram prestar homenagem, Sr. Presidente, á grande Republica, á qual a firme e sabia administração de V. Ex. assegura a ordem e a prosperidade.

Os povos da remota Asia mostram-nos aqui que a sua antiga civilização está ornada de todos os processos da sciencia moderna; os povos da Europa, ainda mal refectos da grande luta, rivalizam no Brasil na industria e nas artes, cujo desenvolvimento deve ser assegurado pela paz, fundado no respeito ao direito e na escrupulosa observancia dos tratados.

Os Estados Unidos da America do Norte, cuja actividade resplandece ao longe sobre todas as obras fecundas, contribuíram, sob uma forma effectiva e concreta, para a preparação do proprio terreno desta exposição; as Republicas latinas da America festejam á porfia a sua irmã brasileira.

Todos nós os trazemos aqui as felicidades que merece o vosso glorioso passado e os votos que todos nós formulamos pelo feliz futuro dos Estados Unidos do Brasil."

### A terra da promessa

Foi um hymno ardente e sincero, á obra de nosso paiz, ás conquistas de sua actividade, aos idéaes de sua cultura e ao seu tributo á civilização, o eloquente discurso que proferiu o illustre estadista Charles Evans Hughes, Secretario de Estado dos Estados-Unidos da America do Norte, respondendo á saudação do Presidente da Republica aos embaixadores e chefes da missão. Registamol-o, com muita honra e cheios de emoção:

"Sr. Presidente. E' um privilegio elevado que me permite responder ás eloquentes

palavras de saudação proferidas por vossa excellencia.

Estou certo de interpretar os sentimentos de todos os meus illustres collegas ao formular as expressões de profunda apreciação das calorosas boas vindas que recebemos, da vossa amavel e generosa hospitalidade e das constantes manifestações de boa vontade e amizade por parte do vosso povo, que constituirão para sempre a nossa mais grata recordação.

Sr. Presidente, estas mensagens de cordialissimas manifestações, que vos enviaram os governos aqui representados, tornam publicos os sentimentos de admiração de ambos os hemispherios pelo que tem realizado o povo brasileiro, de gratidão pelos seus notaveis serviços á civilização, de solida amizade que encontra sua base duradoura na exacta comprehensão das suas qualidades e propositos e do mais sincero desejo de que goze sempre da mais abundante prosperidade.

Como indicou V. Ex., a historia do Brasil proporciona uma illustração extraordinaria, senão unica do progresso pacifico. Mudanças politicas radicaes foram realizadas sem excessos de violencias ou effusão de sangue, correspondendo a aspirações nascidas de convicções, que gradualmente se foram de tal fórma generalizando e tão profundamente arraigadas que tornaram futil a opposição. Assim o espirito livre do povo brasileiro ganhou as suas notaveis victorias da paz; assegurando a independencia, fazendo administração imperial sob o estadista mais esclarecido, servindo impulsos democraticos, pondo fim ao trafico humano e estabelecendo finalmente completos e seguros alicerces de liberdade na instituição desta republica.

Pagamos o nosso tributo ao passado; ás façanhas de homens heroicos, de guias fortes e valerosos que vos deixaram a herança impercível da sua fortitude e sacrificio e aos cientistas, historiadores e poetas pensadores e estadistas que expuzeram os ricos frutos de vossa vida intellectual.

Porém, não é um passado morto que celebramos. Apesar das suas percepções e realizações, é um passado notabilissimo porque é apenas um principio. E' o tempo da sementeira, do qual esperamos a mais segura e mais abundante colheita. Esta é proeminentemente a terra da promessa, de quasi illimitadas possibilidades, cujo desenvolvimento não assegurará o futuro do seu povo, mas conferirá bençãos indiziveis á Humanidade.

Sr. Presidente, fallastes dos congressos scientificos, historicos, artisticos e economicos que se reúnem annexos a esta Exposição. Estes não só attestam os interesses intellectuaes aqui tão felizmente alimentados, como tambem asseguram o talento altamente treinado e a pericia technica, que estão a vosso serviço em utilizar os recursos deste admiravel paiz em proveito da Humanidade.

O que os homens trazem á natureza é o que determina a extensão em que elles podem obter a sua benção. Com justo orgulho expuzestes o vasto crescimento do vosso commercio, o estabelecimento de facilidades de comunicação, os varios empreendimentos municipaes pelos quaes a sciencia e a pericia dos engenheiros vos habilitam a attender a todas as necessidades civis, as barreiras que com inteiro successo erigistes contra a invação do

mal, e as incontestáveis adaptações que trazem commodidades e conforto á vida moderna. Porém, como o tenho dito, isso é apenas a preparação para uma nova era de actividade economica, de commercio augmentado, de uma mais diffusa prosperidade com todos os seus beneficios inherentes de cultura.

Sr. Presidente, acima de tudo eu coloco a devoção do povo brasileiro sobre os idéaes da liberdade e da paz. O espirito tolerante que aqui se manifestou e a benigna disposição do vosso povo, dá-lhe melhor segurança que quaesquer riquezas naturaes ao contentamento e á felicidade que deve ser o fim dos esforços phisicos. Vós progredistes na paz, com successo, porque soubestes querer a paz. Nós emergimos da luta mais terrivel da historia, com a determinação de que, apesar das nossas humanas fraquezas e as causas varias de controversias, não deve haver mais guerra. Estamos tratando de procurar descobrir os meios de preservar a paz no mundo, porém, sabemos que elles não serão encontrados em fórmulas de méros accórdos, mas só podem ser assegurados se o sentimento de justiça prevalecer sobre quaesquer interesses em conflicto e os homens chegarem sinceramente a preferir os processos da razão sobre as lutas da força.

Em sua longa historia, o Brasil deu um exemplo á Humanidade, e a nossa reunião aqui é effectivamente a promessa de um futuro de cooperação pacifica.

Sr. Presidente, não podemos ter melhores desejos para o vosso paiz senão que os idéaes que vós nobremente exprimistes sejam para sempre afagados pelo vosso povo.

### O symbolo de amizade

Ao ser lançada a pedra fundamental do grandioso monumento que o povo norte-americano offerece ao Brasil, a estatua da Amizade, o Secretario do Estado Charles Hughes proferiu o seguinte discurso, exaltando a cordialidade entre as duas grandes republicas da America, cuja "força deriva do mesmo poder espiritual" na sua alta expressão. Eis a oração do illustre estadista:

"Sr. Embaixador, minhas senhoras, meus senhores — Considero-me feliz pela oportunidade que se me offerece de ter uma parte na inauguração deste local para o monumento americano do Centenario e especialmente pela ocasião de cumprimentar os meus conterraneos e os amigos do Brasil e dos Estados Unidos que aqui se reuniram.

Desejava poder transmittir-vos de uma fórmula significativa as agradáveis impressões que eu tenho recebido durante a minha curta visita, de como aprecio as incomparáveis bellezas desta scena, que trazem um encanto duravel, desta prospera Capital em que os recursos da sciencia tem sido dispostos sob uma efficiente direcção para attender ás sempre crescentes necessidades da vida civil, das incontestáveis manifestações de genial disposição e grandezza que caracterizaram o povo brasileiro, e, sobretudo, da generosa hospitalidade com a qual tenho sido favorecido por esse povo de coração quente, cujas cordaes boas-vindas e constantes considerações e provas de amizade converteram uma ocasião de privilegio official em uma de rara satisfação pessoal.

Estes bellos dias serão sempre lembrados da fórmula a mais feliz.

E' muito apropriado que este monumento deva ser erecto como uma commemoração da historica amizade entre o Brasil e os Estados Unidos. O nosso governo foi o primeiro a reconhecer a independencia do Brasil e desse momento em diante os laços de estima e amizade jámais se quebraram. O grito do Ypiranga: "Independencia ou Morte" não pôde deixar de lembrar-nos as memoráveis palavras do nosso proprio Patrick Henry: "Dae-me liberdade ou dae-me a morte", e por meio de todas as vicissitudes de uma centena de annos, houve uma duradoura apreciação de uma communhão de idéaes e de interesse, que abençoou ambos os povos com o sentido de pacificas e mutuamente beneficentes relações.

Porém, esta cerimonia é ainda mais significativa. Ella não só attesta a nossa duradoura amizade, mas expressa a admiração do povo da Republica do Norte pelas vastas excepções da sua irmã do Sul e por tudo quanto aqui foi feito para o desenvolvimento de um grande povo.

A celebração deste Centenario traz reminiscencias do passado; dos primeiros intrepidos viajantes; dos bandeirantes, entrando-se no interior e obtendo um lampejo dos extraordinarios recursos e potencialidade desta terra da promessa; da primitiva organização colonial, que deu as primeiras bases de instituições ás actividades que tinham que civilizar um continente; do estabelecimento aqui de uma séde de autoridade da mãe patria: da inevitavel affirmação de uma vida nacional independente; do longo e benéfico reinado daquelle liberalissimo administrador de elevado espirito, sabio e estadista D. Pedro II; do espirito de liberdade do povo brasileiro quebrando a escravatura e levantando instituições republicanas; e mais recentemente da nossa associação na momentosa luta que salvou a causa da liberdade em si e, como esperamos, poz um termo para todos os tempos ás pretensões da força bruta.

Eu tenho prazer em rememorar que Thomas Jefferson, o primeiro secretario de Estado norte-americano, instruiu em 1791 a David Humphreys, Ministro em Portugal, que nos obtivesse todas as informações possíveis sobre a força, riqueza, recurso e disposições do Brasil.

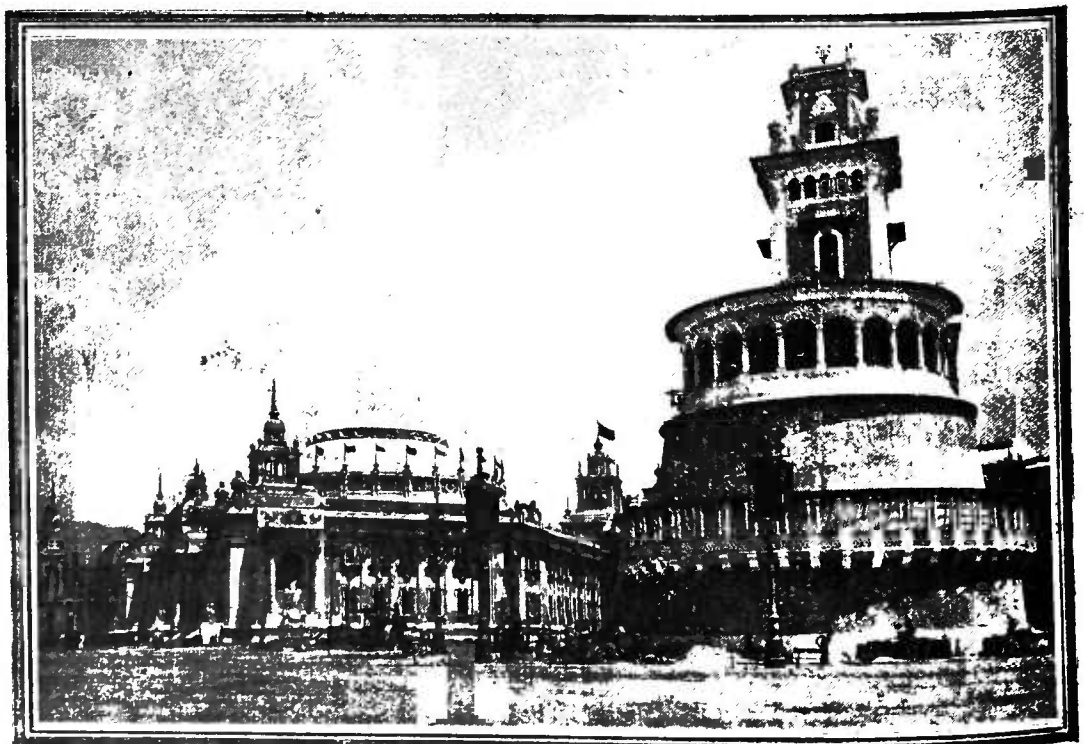
Aquelles de nós, que com rapidez e todo o conforto possível e conveniencias modernas fizeram recentemente a jornada de New York, encontram uma fascinação em tentar imaginar as experiencias daquelles marinheiros de Salem, Massachusetts, de Providence, Boston, Philadelphia, New York e outros portos cujos navios visitaram com frequencia este porto e outros portos desta costa nos primeiros annos do seculo dezanove. Eu estou informado que, no anno remoto de 1892, oito dos estados maritimos da America do Norte negociavam com quasi todos os portos do continente sul-americano e linhas de nossos navios tocavam aqui.

Porém, esta terra afortunada que é o Brasil, é de revelações constantes, e hoje, mais do que nunca, apreciamos as possibilidades illimitadas de seu desenvolvimento, a prosperidade que o futuro reserva para este povo e as extraordinarias promessas dos serviços que pôde prestar á humanidade. Este, meus amigos, é inquestionavelmente o pais do vigesimo seculo, e, agindo para a crecção deste monumento, exprimimos não só o nosso tributo no que foi conseguido no passado, mas a nossa confiança no futuro e o nosso mais serio desejo que as mais fagueiras esperanças do Brasil se realizem abundantemente.

Seríamos tambem felizes em saber que este monumento ficasse associado no pensamento dos nossos amigos com a fiel avaliação do nossos idéaes e aspirações norte-americana.

Vós, meus conterraneos dos Estados Unidos, bem sabeis com que sinceridade nós desejamos a independencia, a intacta soberania e integridade politica, e a prosperidade sempre crescente dos povos da America Latina. Temos os nossos problemas domesticos,

## CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL



VISTA PARCIAL DA EXPOSIÇÃO

Inherentes á expansão da vida de um povo livre, mas não ha entre nós sentimentos imperialisticos, para lançar sequer uma sombra sobre o trilho do nosso progresso. Não ambicionamos territorio, não procuramos conquista; a liberdade pela qual anhelamos para nós, desejamos para os outros e não sustentamos direitos para nós que não accordemos aos outros. Desejamos sinceramente ver atravez deste hemispherio uma paz permanente, o regimen da justiça e a diffusão das bençãos de uma cooperação benefica. E' este o desejo que fórma a base dos sentimentos Pan Americanos.

Neste momento auspicioso estamos agradavelmente impressionados com a actual extensão dessa corporação. As varias organizações que aqui se encontram presentes recordam-nos que a sciencia não tem fronteiras. Estão aqui presentes aquelles que reúnem os resultados das mais cuidadosas pesquisas archeologicas; aquelles que trazem os seus estudos historicos em papeis para fruição, que formarão uma narrativa historica exacta e cuidadosa, baseada em fontes originaes. Reunimos tambem aqui os engenheiros, por cujos conhecimentos exactos e trenadas mãos muito tem a esperar a natureza. E, como eu não possa mencionar todas as corporações que ora se acham representadas nesta capital para essa celebração centenaria, não faltarei de fallar dos philantropos que se devotam ao bem-estar das crianças e protecção da humanidade.

Permittam tambem que eu vos recorde, como uma illustração de cooperação benefica, a obra que alguns dos nossos conterraneos tem executado no Brasil e em outras partes da America Latina, combatendo as mais temiveis fórmas de molestias, emquanto que na variada vida vegetal desse grande paiz encontramos meios de saude e cura.

Não me detive a respeito do desenvolvimento do commercio entre os nossos paizes. Creio que as gratas estatisticas são conhecidas de vós todos. Porém, ainda mais importante que o intercambio de productos é o do sentimento inspirado por comprehensão mutua, que tem sempre logar pela presença em cada paiz de representantes do outro.

E' especialmente agradavel a acção de largas vistas do Governo Brasileiro provendo os estudos graduados no exterior para os melhores estudantes das escolas de agricultura e treno industrial, desenvolvendo assim um corpo de homens technicos altamente trenados. Ouvl que ha cerca de 250 jovens brasileiros estudando actualmente nas instituições educativas dos Estados Unidos e tenho certeza que muitos dos nossos estudantes norte-americanos encaminhar-se-hão para aqui e para outros paizes da America Latina de fórma a obterem o beneficio da observação pessoal e do estudo das instituições e vida economica.

O povo dos Estados Unidos e o povo do Brasil são devotados igualmente aos idéas da paz. Porém, a paz tem o seu methodo, tal qual a guerra. O methodo da paz é o do mais perfeito conhecimento e comprehensão; do respeito mutuo dos direitos com o reconhecimento correlativo das obrigações, do recurso em todas as difficuldades aos processos da razão; na reunião de toda a habilidade e força do paiz nos interesses da paz com o desejo sincero e intenso de encontrar solução amigavel em vez de causas de desavenças e inimidade.

Sómente a disposição para a paz é que pode assegurar a paz. Nós deste hemispherio somos felizes de estar livres de qualquer ameaça de aggressão. Muitas das mais importantes controversias foram solvidas ou estão em vias de solução.

Porque não deveremos ter paz duravel e os beneficios de cooperação? Temos instituições dedicadas á liberdade e desejamos não simplesmente a Independencia do poder, porém, a independencia que está firmada no espirito prevalescente da Justiça. Temos fundo e tradição diferentes, porém, afagamos as mesmas aspirações; os mesmos anhelos pela liberdade sob a lei. As differenças são superficiaes, as affinidades fundamentaes. A nossa força deriva de mesmo poder espiritual. Fomos collaboradores e unidos pela recordação da nossa amizade historica avançamos com respeito mutuo para o gozo das nossas variadas oportunidades, sabendo muito bem que sómente em auxilio fraternal encontraremos as adaptações que o espirito democratico requer e assegura ás satisfações de um progresso racional.

Eu associo-me convosco neste tributo das recompensas do povo brasileiro e nesta expressão dos nossos permanentes interesses na sua sempre crescente prosperidade e felicidade".

### Defesa nacional

E' com jubilo que vemos a reallsação de um dos pontos do nosso programma, no referente á defesa nacional, dotando o Brasil de um porto militar, na Ilha Grande, conforme o decreto solemnemente consignado a sete de Setembro, e que, em essencia, contem uma homenagem á Marinha cuja acção foi decisiva e gloriosa na nossa independencia. Além do porto militar, foram criados cinco bases navaes e dados outras providencias imprescindíveis á defeza do nosso litoral, tornando, dest'arte, effectivo e seguro o nosso aparelhamento defensivo, por ora, deficiente. Fica, pois, resolvido uma das partes do programma de defesa naval do paiz, depois de concluido o programma adoptado a sete de setembro; faltando, apenas, a reforma, que terá de ser radical, de nossa esquadra de guerra. Esta está reduzida á efficiencia de dois encoçados, que já vão envelhecendo, e a unidade de valor assás problematicos. O material, por fim, é minguido, quando não falta de todo. Foi procurando remediar essa situação que o governo, num acto digno de sincero louvor, resolveu, depois de ouvidos os altos conselheiros technicos, estabelecer o porto militar na Ilha Grande e cinco bases navaes. Quanto á escolha do local (e nós nos pronunciamos em favor de Santa Catharina), já não é tempo mais de discutir, sendo certo, aliás que porto militar não é a base de operações e sim uma grande força de aparelhamento da esquadra. Por isso, é Incontestavel a excellencia da Ilha Grande, cuja escolha a commissão encarregada de estudar o assumpto, presidida pelo Sr. Almirante Gomes Pereira, houve por mais acertado indicar, analysados e balanceados todas as vantagens offerecidas por esse local. O programma executado no exercito, com a missão franceza, de cujos beneficios não é ilcito duvidar, começa a ser posto em pratica na marinha, e estamos certos de que o cxito não será menor.

Não erravamos defendendo o ponto de vista da necessidade da vinda de uma missão naval norte-americana, para a nossa marinha de guerra. Evidentemente, pesaram no animo do governo as ponderaveis razões que expendemos, em favor da preferencia aos norte-americanos. Assim, já fol, por intermedio de nossa embaixada em Washington, contratada a missão, que será composta de 25 especialistas, sob o commando do almirante Carl Vogelsang, que já dirigiu com a mais absoluta competencia, á nossa Escola Naval de Guerra, como Instructor do jogo de guerra. Não é, pois, um desconhecido para a nossa armada, cuja officialidade tambem conhece, avaliando seguramente de seu alto gráo de preparo e competencia techlna. Sem duvida isso muito lhe ha de facilitar o desempenho da missão, para a qual nos indlcou o seu governo. O distincto official fez parte da embaixada yankee que, sob a presidencia do secretario de Estado Hughues, nos visitou em Setembro proximo, representando a grande Republica amiga. Prevalecendo-se do ensejo, o almirante Volgeisang se entendeu com o governo brasileiro, combinando os pormenores e Intelrando-se dos meios de que dispõe para levar a cabo a tarefa cuja incumbencia acaba de aceitar. Não é preciso insistir nos beneficios que devemos esperar da vinda da missão para a nossa marinha. O exemplo do exercito é tão suggestivo, que dispensa novos argumentos. Não se retruque com o preparo e a competencia de nossos officiaes, de todo indiscutível, o valor da marinhagem, de primeira ordem. Mas, o que falta é coordenação, de sorte que energias prodigiosas se perdem, dispersas, nas mais vagas e infrutiferas discussões teoricas. Esses elementos, juntos á experiencia que nos falta, basta para justificar a vinda da missão. Seja como fôr, não percamos mais o tempo, a discutir materia vencida. O essencial é tornar uma realidade productiva a missão, dotando a Marinha de material, que é a maior falta que nella se observa. Certo official inglez depois do convivio dos nossos meios navaes, assim resumiu o seu conceito sobre a Marinha brasileira: Officiaes excellentes, marinheiros optimos, material nenhum. Felizmente, as intenções do governo, que a principio se não volveram para a marinha, são agora as melhores possiveis, como podem demonstrar a vinda da missão, a construcção do dique da Ilha das Cobras e o porto militar, com as heroica Marinha, a que não temos dado o tratamento merecido, senão temos esquecido futuro mais prospero se abra para a nossa lamentavelmente. A missão deve ser, pois, uma aurora rutila dessa nova floração.

Parece ducidido que o governo, por uma operação financeira suave, adquirirá dois couçados, doze destroyers e uma flotilha de naval que nos dê maior garantia de uma defeza efficiente. Julgamos de todo justa a palavra firmada na nossa directiva Inicial, como artigo de combate — *Armemo-nos, sem odios, mas para evitar surpresas.*

Applaudimos, pois, com calor e sinceridade o novo rumo que vão tomando as questões da nossa defesa naval, depois de um periodo de longo marasmo.

## Saudação do Presidente de Portugal ao Brasil

Foi com essas palavras ardentes e sinceras que o eminente Presidente Antonio José de Almeida saudou o Brasil, numa emoção religiosa, de amor e de entusiasmo:

"Aos brasileiros — Ao entrar na Bahia de Guanabara, a melhor bahia do mundo, tenho a honra de saudar o Brasil, uma das mais possantes e formosas Patrias que têm existido sobre a Terra. Venho visitar este paiz de maravilha com a tremula emoção de quem pratica um acto religioso em que o espirito se sente arrebatado para além do espaço e do tempo, contemplando, absorto, o esforço sobrehumano das gerações predestinadas. Collaboradores da mesma obra de civilização, tão juntos temos trabalhado, Brasileiros e Portuguezes, que para sempre ficamos irmãos, mais nos approximamos ainda, no momento do Centenario da vossa independencia, em que as duas Patrias como que suspendem o véo, na sequencia de um destino eterno, para se unirem sob a aza da sua tradição ancestral, como duas aguias oriundas dos cerros da Lusitania, que quizessem sentir, por um instante, o calor do agazalho commum. Homem simples e modesto, figura transitoria da vida publica do meu paiz, por mim, Brasileiros, nada vos posso trazer que tenha valor. Mas no meu coração conduzco até vós um sentimento immorredouro, que é o amor dos Portuguezes á vossa Patria acolhedora e resplandecente, Patria fecunda e generosa onde, como se fôra a sua, devotados á terra e respeitando as leis, trabalham honradamente tantos filhos queridos de Portugal. Mais, se é possível, do que o proprio orgulho de ser Chefe do grande Povo que, outr'ora, fez uma pathetica criação do mundos, experimento a immerecida fortuna de ser o mensageiro da fraternidade inviolada que a minha terra sente pela vossa terra admiravel. Aguas Brasileiras, 16 de Setembro de 1922 — Antonio José de Almeida."

### A saudação ao povo brasileiro

Foi uma sessão memoravel a de 20 de Setembro, em que os representantes do povo das duas casas do Congresso Nacional reuniram-se para saudar o eminente Presidente de Portugal, o Ex. Sr. Dr. Antonio José de Almeida. Depois dos discursos dos Presidentes do Senado e da Camara dos Deputados, repassados do mais cordial e sincero affecto pela Patria irmã, de que somos uma gloria viva e perpetua, e que, na pessoa insigne de seu Presidente, veio nos trazer o seu saudar alegre e caloroso, no Centenario da Independencia, quando o Brasil livre se unio ao velho Portugal por um laço de amor e de fé, que a tradição a lingua, os costumes e, sobretudo, o sangue tornaram mais estreito, cessados os resentimentos de sujeição, já naquella época impossivel. Respondendo aos altos interpretes da soberania nacional, o grande estadista, que é uma das glorias da tribuna portugueza, proferio uma oração notabilissima e nella, profunda e esclarecida, que ha-de ficar como uma das paginas mais memoraveis da comemoração que celebramos e a que sua presença deu tanto fulgor e realce. Em nome de Portugal, numa sincera, numa leal, numa nobilissima franqueza, o egregio Dr. Antonio José de Almeida agradeceu aos Brasileiros "o favor que elles nos prestaram, a nós, proclamando-se independentes no momento em que

o fizeram. E numa ardente explicação, penetrando as razões historicas e psychologicas de 1822, mostrou que se o Brasil não se fizesse independente, Portugal sem mais forças para domar o gigante americano, não poderia evitar a desagregação brasileira e a obra imperecível, que construira, iria desaparecer, como desapareceriam o poder da raça e da lingua. Assim não, a liberdade do Brasil manteve a gloria de Portugal, gloria que evocamos nesse momento de jubilo, honradas com o patrimonio que nos legou o povo heroico e que havemos de engrandecer, para dar mais força, mais belleza e mais felicidade a todos os povos.

A oração que vamos reproduzir é uma pagina fulgente, que devemos amar fervorosamente.

Eil-a, segundo a versão official:

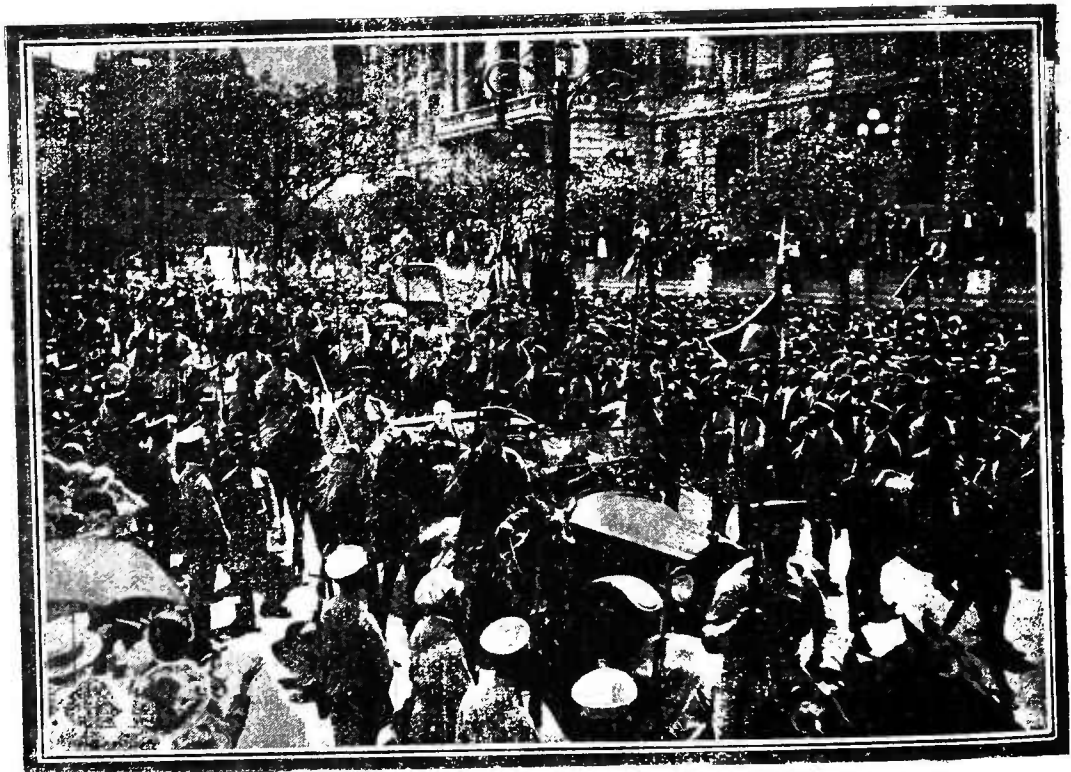
"O SR. ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA (Presidente da Republica de Portugal): — Sr. Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, Srs. Presidentes do Senado Federal e da Camara dos Deputados, minhas se rhoras, meus senhores!

tacio Pessoa, para lhe mostrar bem claramente como Portugal, neste instante, sente as infinitas alegrias do Brasil. (*Bravos; muito bem*).

O segundo foi a manifestação que recebi no percurso, desde o ponto em que desembarquei até o Palacio Guanabara, manifestação desse generoso povo do Rio de Janeiro, manifestação que me enlevou, que me encheu de prazer, porque tive occasião de ver que o povo do Brasil comprehendeu admiravelmente o acto significativo que me tinha trazido aqui, e, ainda, porque, tendo eu sido um homem que sahio do rio vermelho do povo, tive a satisfação sem par de ver que nesse rio mergulhava novamente, (*Bravos; muito bem!*), tomando como bom agouro para a minha missão, no Brasil, o banho lustral da amizade desta população. (*Bravos! palmas*).

O terceiro acto foi a minha ida ao Palacio do Cattete, após o honroso convite do Sr. Presidente da Republica Brasileira, trocando-se dous discursos, um com a eloquên-

## PORTUGAL E O CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL.



A CHEGADA DO EXMO. SR. PRESIDENTE DE PORTUGAL

Ouvi, profundamente sensibilizado, as palavras que me acabam de ser dirigidas, saudando a minha vinda a esta Capital. Verdadeiramente, pensando bem, estou convencido de que a melhor maneira de responder ás eloquentes homenagens que aqui me foram feitas, seria dizer sómente estas duas palavras, que são muitissimo portuguezas, muitissimo brasileiras: "Muito obrigado" Esta a solução que eu tomaria se não receiasse que o laconismo de minha manifestação de gratidão pudesse porventura offender á generalidade, á amabilidade, á ternura, ao espirito fraternal que animou as vossas saudações. E', ainda mais, estou num acto importantissimo de minha missão, no Brasil, visto que me encontro no penultimo escalão daquelles cargos e obrigações que a Nação Portugueza me commeteu e que me impoz de vir aqui realizar.

O primeiro foi a minha entrada em terra brasileira e o meu aperto de mão ao illustre Presidente do Brasil, o Sr. Dr. Epi-

cia que é sabida, outro, com a simplicidade que é conhecida, mas ambos elles proferidos com tanta lealdade, com tanta honestidade, com tanta gravidade, que plantam, desde já, para o futuro, um marco novo na vida dos dous grandes paizes. (*Muito bem! applausos calorosos*).

O quinto será logo, quando eu fôr ao Supremo Tribunal Federal, eu, o homem legalista e respeitador da lei, render meu preito a esse principio superior e soberano, que dirige a vida das nações.

E o penultimo é este, em que venho aqui saudar o Congresso da Republica Federal, esse sabio Congresso, que tem feito as leis que regulam o portentoso Brasil, leis justas, que fazem que no Brasil, federação enorme, cujos Estados se acham immensamente separados uns dos outros, seja conseguido que elles sejam ao mesmo tempo tão unidos e tão próximos, formando uma especie de systema, em que todos os seus componentes gravitar-

do em volta do centro commum, guardem a sua independencia e não rommam, em caso algum, a sua harmonia. (*Bravos! Muito bem.*)

Facto é este tão raro e tão surpreendente que, devo dizer, com toda a sinceridade — eu podia demonstrar, o que não faço, porque o momento não é opportuno e, de resto, bem sabem VV. EEx. que com minha sciencia tão fraca (*não apoiados geraes*) absolutamente nada poderia ensinar a VV. EEx. que cousa nenhuma precisam aprender — devo dizer, repito, não conheço em toda a historia do mundo senão este caso impar que pôde apresentar-se como producção, a despeito das differenças de tempo e de espaço, do grande Imperio Romano que, tendo seu centro para onde refluia, nos momentos supremos, a alma de todo o Imperio, distribuia pela periphéria, com uma igualdade estranha e, podemos dizer, absoluta, a seiva pujante que ia dentro do seu coração, (*muito bem! bravos!*) desse Imperio Romano, tão vasto e tão extraordinario que a historia, como já tem sido dito, num dado instante, arrependida de o ter chamado assim, passou a denominar-o — mundo romano. (*Muito bem.*)

VV. EEx. referiram-se, nas suas mensagens, á amizade que ficou sempre ligando o Brasil a Portugal, após a Independencia. VV. EEx. feriram a nota precisa, e até o Sr. Presidente da Camara dos Deputados ponderou que o caso era de tal ordem que o mesmo Principe, que aqui tinha dirigido e interpretado a independencia do Brasil, tinha depois ido dirigir e interpretar a liberdade em Portugal.

E' certo, é factio unico na historia do mundo e é por isso que digo a VV. EEx., sem a menor especie de hesitação, que não venho aqui, em nome de Portugal, felicital-os pela sua Independencia, num como que cumprimento protocollar, no fundo do qual **alguem** poderia encontrar qualquer vislumbre de resignação.

Não! O meu intuito é mais rasgado, é mais profundo, é mais sincero, sendo sempre leal. Não tenho duvida em lhes dizer que estou aqui, em nome de Portugal, para agradecer aos Brasileiros o favor que elles nos prestaram, a nós, proclamando-se independentes no momento em que o fizeram. (*Muito bem; muito bem! Vivas acclamações!*)

Rapidamente me explico.

Nós, Portuguezes, fomos grandes inventores de mundos, fomos prodigiosos semeadores de civilizações; os nossos braços possantes fizeram surgir das ondas, em toda a parte do globo, terras novas ainda beijadas pelo ar salino das aguas que as envolviam. (*Muito bem! Bravos!*)

Assim foi; mas, nós, á altura tanta de nossa empreza formidavel, estávamos, sem duvida alguma pelo proprio ingente esforço que empregamos, um pouco exhaustos e debilitados.

Se o Brasil se não tivesse proclamado independente na hora em que o fez, que aconteceria, que seria dos senhores, que seria de nós?

(Que seria dos senhores, retalhados, e de jeitos á cobiza de adversarios e inimigos (*apoiados; muito bem*), que lhes tomariam conta desta ou daquella parcella, deste ou daquelle traço de terra? (*Palmas, acclamações.*)

E que seria de nós, Portuguezes, que, sem podermos, nem devermos conservá-los sob a nossa acção, sob a nossa tutela, tudo te-

riamos perdido aqui: a hospitalidade para os nossos compatriotas, a manutenção de nossas tradições, a continuação do poder da nossa raça (*bravos, acclamações*) e, mais do que isto, essa lingua admiravel que fallamos? (*Bravos, muito bem.*)

A lingua que foi inspiração épica em Camões, que foi gemido flebil em Bernardes, que foi escultura de marmore em Anthero de Quental, que é o impulso magnanimo em Junqueiro, que foi o sonho de amor em Gonçalves Dias e Casemiro de Abreu, que foi a estúpida realização da poesia harmonizada com a liberdade e harmonizada com a emancipação dos escravos nesse sorprendente Castro Alves! (*Muito bem; bravos; palmas prolongadas.*)

De resto, eu tinha um pezar enorme, como já o significara a bordo do vapor que me conduziu aqui, em não estar cá no dia 7. Bem sei, brasileiros, meus amigos, que o dia 7 é uma data chronologica que foi preciso apresentar perante o povo, para lhe dar concretamente, em realidade, qualquer cousa positiva, que a sua imaginação fogosa pudesse apprehender com facilidade, porque a verdade é que os Srs. tiveram umas poucas de datas da independencia.

Da independencia podia ser o dia 9 de Fevereiro, em que o Principe declarou além, de uma varanda que ainda hontem commodamente me indicou o Sr. Presidente da Republica do Brasil, declarou, além, que ficava "pela vontade do povo". Data da independencia podia ser o 21 de Fevereiro, quando a Regencia impoz o "cumpra-se" ás deliberações da metropole. Da independencia podia ser o 13 de Maio, em que o Principe aceitou o titulo, conferido pela população, de "Defensor do Brasil". Finalmente, da independencia podia ser o 3 de Junho, em que se reuniram os primeiros constituintes, nesta cidade do Rio de Janeiro, seguidos immediatamente do acto e da proclamação, dizendo a todo o paiz que dali em diante nenhum outro brado devia erguer-se, do Amazonas até o Prata, que não fosse este "Independencia do Brasil"

Os Srs. escolheram a data do Ypiranga; e andaram habilmente, andaram intelligentemente, porque, a escolherem alguma daquellas datas, esta era certamente a melhor, pois foi a data decisiva, a data formal, a data em que o Principe, gritou "Independencia ou morte!" em nome de todos, brasileiros e portuguezes, porquanto, portuguezes se revoltaram tambem aqui contra Portugal, pela liberdade, pelo direito, pela justiça, (*muito bem; bravos*) em que o Principe gritando "independencia ou morte" em nome de todos que o acompanhavam, para traz das costas lançou toda a especie de conveniencias, indo de encontro a qualquer idéa de interesse proprio ou pessoal; (*apoiados; muito bem*) em que o Principe, numa palavra, marcou bem aocertadamente a era dos sacrificios, que são sempre, em todos os povos, a base das virtudes civicas e das glorias historicas (*muito bem*).

Assim, vindo eu aqui, na altura em que vim, embora tardiamente, vim, creio, ainda a tempo.

Demais, devo dizer-lhes, a Independencia do Brasil vem muito de longe, vem dos tempos antigos, vem quasi do dia da descoberta.

Em primeiro lugar, porque os homens aqui, em contacto com a natureza, como estiveram desde logo, se crearam uma vida pro-

pria, que foi, pouco a pouco, dando fóros de nação á colonia que então era o Brasil. Em segundo lugar, porque encontramos quasi como uma predestinação eloquente nas linhas e até nas entrelinhas da carta de Pedro Vaz de Caminha. Quando Pedro Vaz de Caminha escreveu ao seu Rei, para Portugal, noticiando a descoberta da terra do Brasil, empregou estes termos: "e Deus que aqui nos trouxe, alguma razão tinha para isto."

Era a predestinação! A razão não seria fazer daqui uma colonia que enriquecesse Portugal. Nunca isto esteve, aliás, no intuito dos Portuguezes. A razão era desvendiar aquil um mundo, que, mais tarde, havia de ser aquillo que hoje é o Brasil. (*Muito bem; palmas.*)

Foi nesse dia, no mesmo dia solemne em que a Cruz de Christo se cravou aqui em terras de Portugal, do Christo que para os senhores tem representado uma especie de companheiro de armas; do Christo que para os senhores é como que um Patrono do progresso, da civilização, da independencia (*muito bem*); do Christo que é para os senhores um symbolo augusto da intelligencia, que os senhores têm sempre demonstrado em toda a sua vida publica, porque souberam crear aqui uma religião que, sendo a religião dos Portuguezes decorreu sempre com serena e tranquillida ordem nos espiritos e nas consciencias; (*Muito bem*) religião que não teve os exageros mortíferos que deu a Inquisição em Portugal; religião que se conservou como pura expressão espiritual sem se enredar demasiadamente nas complicadas engrenagens das theologias disputadoras. (*Muito bem*). Os senhores, finalmente, têm sabido crear, com o seu estatuto politico, na essencia democratica, um Instituto religioso, em absoluto aceltavel por todas as consciencias, ainda as mais rebeldes.

E' por isso que os senhores estão afortunadamente andando na sua vida politica, e ainda agora, ao que consta, vão dar um ultimo fecho a este primeiro cyclo de sua historia, collocando no Corcovado a imagem de Christo. Fazem bem! Elle é um symbolo para vós, para nós, para todos que amam sinceramente a Humanidade. (*Bravos. Muito bem.*)

Eu proprio devo dizer com toda a franqueza que tive pena, ao entrar na Bahia de Guanabara, de não o ter visto lá, porque queria saudá-lo na minha qualidade de Portuguez, como tendo sido o primeiro e melhor donatario desta terra e o verdadeiro descobridor della, porque, se Pedro Alvares Cabral, com sua esquadra veio aqui em nome do amor da Patria, veio tambem em nome do amor de Deus. (*Muito bem. Palmas.*)

Digo isso sem suspeita de lisonja, como um homem que se intitula livre pensador e não tem duvida em reconhecer aqui, como em toda a parte, que está fóra do gremio das religiões reveladas, mas que é um livre pensador profundamente religioso.

Como aquelles que mais crêm neste mundo, acredito num ente mysterioso e eterno que, no mysterio das cousas dirigirá eternamente o mundo e as acções dos homens que o povoam. (*Muito bem. Bravos.*)

E eu, se entrasse além, na Bahia de Guanabara, saudando de lá o Christo, symbolo, em grande parte e até em sua parte principal, da civilização brasileira, não cumpriria sómente um dever de portuguez, cumpriria tambem um dever de cidadão, porque não tenho a menor duvida em vos confessar igualmente, que considero esse Christo como sendo meu

grande antepassado moral. (*Bravos. Palmas*). Pois que, tendo conhecido varias religiões que se desenvolveram antes delle, só os seus ditames, os seus conselhos, as suas doutrinas, deram verdadeiro guia à minha intelligencia e verdadeiro consolo à minha alma de lutador, de rebellado (*Muito bem; palmas*).

Srs. Não vos quero tirar muito tempo; estou singularmente cheio de fadiga, não porque de facto meu corpo tenha cedido ao cansaço physico destes dias, mas porque minha alma se sente tão esmagada pelas provas de benevolencia e de amizade que os brasileiros me têm tributado, que, realmente, quasi me fazem sossobrar.

Não devo, entretanto, terminar, sem dizer que considero esta hora uma das minhas horas mais felizes. Póde vir a morte amanhã, póde vir logo, póde vir neste instante e levar-me; não importa! Irei para a outra existencia com as minhas contas saldadas com esta e saldadas com lucro, e saldadas com ganho. Sinto-me extraordinariamente feliz neste momento, digo de novo, por ver a harmonia entre Brasileiros e Portuguezes.

Eu sei, eu sei que vou pagar isto com uma tristeza maior, que vou pagar isto com uma infelicidade tremenda. Tem acontecido sempre assim na minha existencia, e sempre acontece na de todos os homens que mais ou menos estão envolvidos no turbilhão da politica; a cada periodo de alegria ou prazer, succede infallivelmente um momento de depressão e de angustia.

Sempre! Tantas vezes, tantas, a minha alma se tem erguido, cheia de alegrias, como se tivesse dentro um passaro a espanjar-se ao sol! Tantas vezes, tantas, ella vibra, como se dentro lhe tivessem plantado uma bandeira, batendo ao vento! Tantas! Mas, depois, logo vêm as sombras do crepuseulo, vêm quasi sempre as trevas do anoitecer.

Isto é vulgar e é trivial, lá dizia o nosso Anthero de Quental — o chamo de "nosso", porque é de todos nós, não é verdade? — (*apoiados; muito bem*), que no coração ha dois compartimentos, estando num o prazer e noutro a tristeza, e recommendava: "Cuidado, prazer, não falles alto demais porque a tristeza póde acordar e suffocar-te e fazer que desapareças."

E' o caso; já sei o que se vai seguir depois da alegria intensa que tenho tido aqui: é a comprehensão de que eu não desempenhei como devia e como queria, a alta missão de que fui incumbido.

(*Não apoiados geraes*).

Não digaes que não, porque o dizeis por amabilidade, por generosidade.

Sei que os senhores se declararão satisfeitos commigo, porque são bons; sei que os Portuguezes vivos, que lá estão, satisfeitos commigo e declararão, porque também são bons; mas ha outros juizes que temo e de quem receio, ha outros que me hão de julgar e perante cujas sombras, desde que se determinou a minha vinda aqui, tenho andado sempre arrecciado e a um tempo dominado pela ancia e pelo desespero.

Sabem os Srs. quaes são esses juizes? São os mortos, porque não venho fallar só em nome dos vivos senão também em nome dos mortos, que são os nossos mortos, que são os mortos dos senhores, que são os homens das descobertas das conquistas, que são o que vieram aqui, os que aqui lutaram, os que deixaram aqui o seu sangue e as suas lagrimas. E elles dizem: "Oh! homem introduzido e falaz. Para que foste tu lá, se não

podias interpretar o nosso pensamento, dizer-lhes, a elles, o que nós soffremos, as paixões que passámos, para que Portugal fosse o que é hoje, para que o Brasil não deixasse de se apresentar como se apresenta nesta hora!" (*Palmas prolongadas*).

Disto é que tenho receio, porque é a representação grave que trago, a representação dos herões, dos capitães, dos batalhadores, é aquillo que está ligado ás ruínas de nossas fortalezas, dos nossos castros, das nossas cidadelas! E' o que está no fundo das nossas cathedraes, é o que dorme no silencio das nossas capellas, — são os Gamas, os Nun'Alvares, os Pedro Alvares Cabral, são todos elles! Que é que me farão quando me houverem de julgar lá, no prolongamento desta vida infinita em que aacredito e na qual entrarei quando mais não seja pela falta minha desta hora, com passo incerto, com a cabeça curvada e o peito ancelado?!

Não sei; tenho uma unica maneira de fugir á responsabilidade tremenda desse formidavel julgamento: é dizer — "E os Srs. que é que fizeram? Fizeram uma obra maravilhosa e estupenda; por ella passaram sêdes e fomes, por ella tiveram os apavorantes naufragios, por ella, numa palavra, arrastaram perigos infernaes e quasi incompreensíveis. E que lhes aconteceu? A morte? Foram felizes. Eu fui na vossa missão, reconheço, fui inferior a ella. Qual é a pena que a mim proprio me imponho? Peior que a vossa, porque é a pena do pezar, é o sentimento de ter vindo a esta terra onde, sendo tudo grande, a benevolencia para commigo não podia ser pequena, e não haver sabido corresponder a ella, em nome das vozes sagradas que, do outro lado do atlantico, deviam ter encontrado melhor interprete para saudar a este immenso a este formidavel Brasil, dizendo delle aquillo que elle merece que se diga e que, confesso sou incapaz de dizer delle!" (*Não apoiados geraes*).

(*Bravos! Muito bem; muito bem. Prolongadas salvas de palmas. Acclamações á Republica Portugueza, á Republica Brasileira, ao Sr. President Antonio José de Almeida e ao Sr. Presidente Epitacio Pessoa.*)

O SR. ANTONIO JOSE DE ALMEIDA — Viva o Brasil! Viva Portugal!

## A Independencia, festa da raça

Sobrelevou o significado commum dos actos protocolares, a troca de saudações entre os Presidentes de Portugal e do Brasil, no banque official do Palacio do Cattete. Não se fallou alli a linguagem enquadra da solemnidades diplomaticas, que as conveniencias estreitaram até o inexpressivo. Ao contrario, o que se ouvlu, pelas boccas dos chefes das nações irmãs, foi a integração do grande feito de Sete de Setembro no seu sentido exacto, não de um triumpho de brasileiros contra portuguezes, mas uma data luso-brasileira, como accentuou o presidente Epitacio Pessoa, porque Portugal não descobriu, povoou e defendeu o Brasil para reduzi-lo á vassalagem, mas para nelle crear uma grande patria, de cuja gloria partilha, como disse ufano o illustre Dr. Antonio José de Almeida. As orações memoraveis dos dois presidentes, em palavras francas, leaes e sinceras, ficarão gravadas nos corações de todos os portuguezes e brasileiros, pulsando ao mesmo rythmo de cordialidade e de affecto, para maior gloria das duas patrias

e mais fulgor da mesma raça, que falla o idioma admiravel, esse "verbo quasi divino" sentimo-nos honrados transcrevendo esses discursos.

### Discurso do Presidente Epitacio Pessoa

"Sr. Presidente. A visita de V. Ex. a esta Capital, no momento em que o Brasil commemora o primeiro centenario de sua independencia politica, tem tão alta significação e importancia transcendente, que bem justifica a profunda commoção com que é recebida por todos os brasileiros.

Espirito menos observadores poderão, talvez, aacreditar que, nessa commemoração, á qual a presença de V. Ex. dá excepcional relevo, se dissimula o jubilo nacional pela victoria que os brasileiros alcançaram contra os portuguezes em 1822. Um exame menos superficial do acontecimento, porém, logo dissipa o equivoco, e mostra a toda a luz que o que estamos festejando, neste momento historico, é antes uma data da raça.

Por que não haveria Portugal de commoriar hoje commosco a emancipação politica de um paiz que elle descobriu, povoou e defendeu contra a cobiça dos invasores? Por que, se mesmo em 1822, tantos portuguezes de nascimento se bateram ao lado dos brasileiros pela obra da independencia?

Não! A guerra da independencia não foi uma luta de brasileiros contra portuguezes, mas de brasileiros e portuguezes, aliados entre si, contra a orientação retrograda e impolitica das Côrtes de Lisboa, empenhadas em destruir a obra que varios seculos haviam já consolidado — a unidade nacional dentro da immensa vastidão do nosso territorio.

Ninguem mais trabalhou pela independencia do Brasil do que D. João VI, que os seus treze annos de administração, cuidou exactamente de preparar o paiz para o Governo de si mesmo, abrindo-lhe os portos, dando-lhe arte, escolas, academias, bibliothecas, imprensa, liberdade de commercio e de industria, meios de transporte, vias de communicação, exercito, armada, culturas, em uma palavra, tudo quanto podia conduzir-nos a vida de soberania. Fez-o com o proposito declarado e firme de formar, no Brasil, o grande imperio do futuro. Quando elle partiu, em 1821, já o nosso paiz tinha seis annos de vida como reino, com a sua politica, a sua justiça, a sua administração, e o seu credo religioso — condições essenciaes á formação da nova nacionalidade. Essa formação já o velho monarcha a previa, tanto que, ao deixar as nossas plagas, aconselhava o filho a pôr na cabeça a nova corôa antes que o fizesse qualquer aventureiro.

Assim, pois, o grito do Yphanga, dado pelo filho ás margens do ribeirão paulista, nada mais foi do que a consequencia logica dos actos do pal. Esse grito, partido da alma portugueza de D. Pedro, com applausos de portuguezes e filhos de portuguezes não foi nem podia ser um brado de guerra contra Portugal, mas um protesto vibrante contra os destinos das Côrtes de Lisboa.

Fez-se a Independencia.

As relações entre os dois povos, ou melhor, entre os dois ramos do mesmo povo, que a força irresistivel da evolução natural desunira sem separar, ou cujos corpos separara sem as almas desunir, nem foram, a bem dizer, interrompidas. Os portuguezes que ficaram commosco não se sentiram, em 1822, como não



se sentem hoje, em terra estranha. As forças mandadas de Lisboa pelas Côrtes hostis, que sonhavam entre si essas forças não tiveram contra si apenas os brasileiros feridos no seu orgulho mas também os portugueses liberais, indignados com a ditadura collectiva dos deputados da Regeneração.

Portugal, pelo seu Rei, preparara o Brasil para a independência, como o pai prepara o filho para a maioridade. O 7 de Setembro de 1822 é, pois, uma data luso-brasileira, e uma data da raça. E, assim, nada mais natural que os dois povos, unidos outr'ora por esse espirito de justiça e de liberdade, de progresso e de empreendimentos ousados que levaram os portugueses ao descobrimento e impelleram os brasileiros á independência, se reunam hoje também, com a amizade e o carinho de sempre, para festejarem juntos um acontecimento que a ambos deve encher de orgulho.

E', portanto, Sr. Presidente, com o mais íntimo regosijo que, em nome da Nação Brasileira e no meu proprio nome, saúdo ao glorioso Portugal, na pessoa de V. Ex., em cuja honra levanto a minha taça.

*Discurso do Presidente Antonio José de Almeida*

Sr. Presidente: A emancipação politica da grande patria que é hoje o Brasil foi um facto expontaneo e normal, consequencia de uma evolução inexoravel, que nenhuma força seria capaz de impedir.

A independência do Brasil não data do grito de Ypiranga, como á primeira vista poderia suppor-se; ella partio de mais longe, porque se vinha formando lentamente na consciencia nacional, visto que, de facto, o Brasil, apesar de colonia, foi desde cedo nação, tendo mais condições de vida propria do que tantos outros povos que, ao longo da historia, com apparencia de independentes, mais não foram do que organismos subordinados a outros mais poderosos que os dominaram.

O nervosismo, mais feito, afinal, de desolação e despeito do que de má vontade, que em Portugal, se manifestou logo após o acto definitivo da independência, desapareceu sem demora, porque aquelles que lá lutavam contra uma fórmula de governo retrograda e reaccionaria, comprehendeu que se, para elles, a fórmula da propria independência, individual e collectiva, era a revolução liberal aqui, no Brasil, a revolta contra a mesma oppressão só podia revestir um aspecto, o da independência.

Como V. Ex. acaba de dizer, com firme exactidão e escrupulosa verdade, Portugal descobriu, povoou, defendeu contra a cobiça dos estrangeiros o vasto territorio do Brasil.

O Brasil independente de hoje tem pois que agradecer a Portugal o facto de elle lhe ter legado, intacto, á custa de torrentes de lagrimas, tamanho tão rico patrimonio. Mas Portugal tem que agradecer ao Brasil independente de hoje a energia, a bravura, a intelligencia e o amor da raça com que elle tem sustentado, aumentando-a, desenvolvendo-a e dourando-a de uma maior magestade e belleza a sua obra, que foi a maior gloria do seu grande passado.

Creio que estamos pagos perante historia.

Nenhum povo deve menosprezar as honradas origens que teve, e nenhum povo tem o direito de olhar com resentimento ou tris-

teza sequer a separação do seu todo daquella parte que, no exacto cumprimento dos destinos historicos, uma vez sentio em si a acção de forças indomaveis que a levaram ao legitimo afastamento.

E' esse o motivo que determinou V. Ex. a render, neste momento, um sentido culto a Portugal. E' essa a razão que me impelle a mim, a prestar profunda e commovida homenagem ao Brasil.

V. Ex. o disse: o Sete de Setembro é uma data luso-brasileira, e celebral-o é realizar uma festa da raça.

Em verdade, nesta data ha gloria que chegue para todos. Sómente eu, senhor Presidente, Doutor Epitacio Pessoa, devo declarar francamente que não vim aqui com mandato da minha Patria, para tomar a porgão de gloria que lhe pertence. Eu vim aqui no exclusivo intuito de reconhecer aquella outra, e bem grande ella é, que cabe em partilha ao Brasil.

E nesta missão de que venho investido e que teve hontem tão auspicioso inicio na ma-

Os brasileiros sentem-se em Portugal como na sua Patria.

Os portugueses, em vastos nucleos de trabalhadores sentem-se no Brasil, como na sua propria terra. As mesmas instituições republicanas, embora, sob aspecto differente, governam e dirigem as duas nações, que tem dado provas, ambas ellas de amar sinceramente a democracia.

Uma lingua incomparavel que refina o melhor ouro de linguagem humana e dispõe de um poder plastico sem igual, serviu — maravilhosamente — instrumento de civilização e solidariedade, — os dois povos que se sentem presos nas espiras desse verbo quasi divino.

Que outra coisa é preciso para que elles se auxiliem sempre e se entendam cada vez mais? Creio que cousa nenhuma, já que o sentimento fraterno que enleia os seus corações, perennemente, alvorçados pela estima commum, é tão forte, que em caso nenhum a vontade dos homens o pôde quebrar. E o nosso encontro aqui, senhor Presidente, é um eloquente testemunho dessa esplendida realidade.

## CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL



DISCURSO DO EXM. SR. PRESIDENTE DE PORTUGAL AO POVO DO RIO DE JANEIRO

neira inexcedivel de entusiasmo e carinho com que V. Ex., o seu governo, as autoridades civis e militares e o povo quizeram receber-me, ao entrar nesta formosa cidade, estou reconhecendo, por mim proprio, o que já sabia por depoimentos alheios, isto é, que o Brasil tem sabido crear uma civilização propria que é, em parte, feita da velha tradição portugueza, em parte devida ao forte e sadio ambiente americano, mas sobretudo é o resultado do esforço intrepido e intelligente dos homens resolutos que o povam, e na verdade se formaram um estado de alma collectivo, poderoso e resplandescente, a que, com justiça se deve chamar brasileiros — força nova, serena e ousada que está intervindo eficazmente nos destinos do mundo.

Brasil e Portugal são duas patrias irmãs, cada uma vivendo em sua casa, tendo um passado até ha cem annos commum e um futuro, em muitos pontos, diverso, mas, em tantos outros equivalentes.

Senhor Presidente, em nome da nação portugueza e no meu proprio nome agradeço a V. Ex. e ao Brasil a entusiastica e commovida recepção que me fizeram e de que guardarei perduravel recordação, e erguendo a minha taça em honra de V. Ex. e do grande povo de que é chefe eminente, faço votos sinceros pelas suas mutuas felicidades.

### A sessão do Gabinete Portugues de Leitura

Foi uma emoção profunda e intensa a que nos ficou da homenagem do "Gabinete Português de Leitura" ao Presidente Antonio José de Almeida. Naquelle recinto as palavras do oradores transfiguraram a sessão num espectáculo sublime de louvor da raça, dos geradores das duas Patrias, dos heroes, dos guerreiros e dos santos, cuja gloria nos guia na sua perenne irradiação. O discurso vibrante do Sr. Eduardo Dias foi o primeiro canto

dessa noite memoravel, de 20 de Setembro. Foi ardente e impetuoso, e num fervor de patriotismo elle nos disse, não só a grandeza do varão eminente que preside Portugal, mas a felicidade dos portuguezes que vivem do Brasil. Sentem o esplendor da natureza maravilhosa, que perturbou os primeiros visitantes de terra, virgem ainda, e só têm uma restrição... a saudade.

"Depois emigramos um dia... e ás recordações geradoras de saudade alliou-se o orgulho da fama de que a nossa terra dera novos mundos ao mundo! Do que a sua Historia é uma biblia de heroismos e de façanhas cavalheirescas! De contribuições para o progresso e civilização da Humanidade. De epopéas e aventuras maravilhosas que levaram sábios e navegantes aos confins da Índia e ás terras da America De abnegação, de fé e de coragem que permittiram a missionarios e bandeirantes desbravar o Brasil, grandioso, até o entregarem ao seu proprio destino, intacto na sua immensidade, para que nos desse o orgulho de deslumbrar o mundo, como está deslumbrando, com o seu progresso vertiginoso e a sua civilização modelar!...

E assim se explica — pela gratidão ao Brasil e pela saudade de Portugal, — a aparente singularidade dos lusitanos imigrados procurarem quasi sempre o repouso eterno nas entranhas da terra sagrada do Brasil, levando ainda fulgurante na retina o reflexo de um crepusculo da terra augusta de Portugal!... Seguiu-se á essa brilhante allocução, o discurso de Carlos Malheiro Dias, cujo louvor está em lhe escrever o nome. Muito bella, ao mesmo tempo, que foi profunda, a oração do illustre escriptor ficará como das mais admiraveis paginas da nossa comemoração, realçando o esforço portuguez no Brasil, a que tanto devemos nas nossas realizações.

"Todos nós, exclama a certa altura, centenas de milhares de Portuguezes que no Brasil vivemos, que para o Brasil trabalhamos; todos os que aqui constituíram familia, todos os que aqui prosperaram, como todos os que anonymamente padecem e lutam; todos os que ao Brasil dedicaram a sua vida como todos os que incuravelmente soffrem a nostalgia da patria; os que lavram a terra, os que calcetam as ruas, os que humildemente ganham com suor copioso o seu pão, como os que pelo seu esforço e ajudados por uma sorte benigna se elevaram; os que aqui encontraram a fortuna e os que baldadamente a procuraram; os felizes e os desventurados; tantos de nós pais de Brasileiros e todos nós filhos de Portugal, nos unimos de coração e em espirito para saudar em V. ex. o Brasil. E, se ainda fôra pouco, com a mesma segurança com que fallo em nome dos vivos, eu poderia invocar as almas de quantos morreram na terra brasileira sem revêr as esfundadores, desde o grande Mem de Sá, expirando no rude paço da Bahia; Estacio de Sá, agonizando na bellicosa tenda de taipa, e o Padre Manoel da Nobrega, morrendo numa das cellas do Collegio que a civilização está destruindo; os que batalharam pelo Brasil e por elle deram o sangue ao lado dos seus irmãos brasileiros, até aos que, seguindo o exemplo do seu Principe, substituíram, em 1822, nas barretinas e nos bicornios a roseta das côres de Portugal pela roseta verde e amarella do Brasil! Todos em espirito, com o nosso pacto, apoiam os nossos votos, tes-

temunham a peristencia dos nossos sentimentos fraternaes. Sr. Presidente da Republica: quatro seculos de dedicação saúdam o Brasil, nesta sala tambem symbolica, onde se guardam os certificados da cultura e do genio da raça, em milhares de volumes entre os quaes esplende a edição "princep" dos Lusíadas."

Na sua oração fulgente, a Canaan brasileira radiou, cheia de gloria, transportando-nos a todos, brasileiros e portuguezes, que a origem commum envaidece e alegra. As ultimas palavras, symbolizando a união entre o conquistador e o autochtone, união que os jesuitas sagraram no seu apostolado incomparavel, foram de uma grande emoção, que ainda freme aos transcrevel-os.

"Senhor Presidente! Quando, ha cinco dias, V. Ex. agradecia ao Governo do Mexico a dadiva fraternal da estatua de Guauhtemoc e commentava com electrizante e vehemente eloquencia a figura épica e tragica do sublime azteca, adversario do heroico Herman Cortez, eu pensava que, mais felizes do que os nossos irmãos hespanhões, poderíamos offerecer ao Brasil a estatua de um guerreiro indigena, symbolizando nella, ao mesmo tempo, o heroismo da raça aborigene e a fraternidade de armas do guerreiro brasileiro e do guerreiro lusitano. No Mexico, o grande Cortez, "que vencía com a espada e convencia com a palavra", assistio ao supplicio do heroe azteca. No Brasil porém, foi o leal e bravo Ararigboia, quem assistio, chorando, ao trespasse de Estacio de Sá.

E pois que estamos numa hora symbolica, permitta-me V. Ex. que neste symbolo se inspire a minha commoção para gritar: Viva o Brasil!"

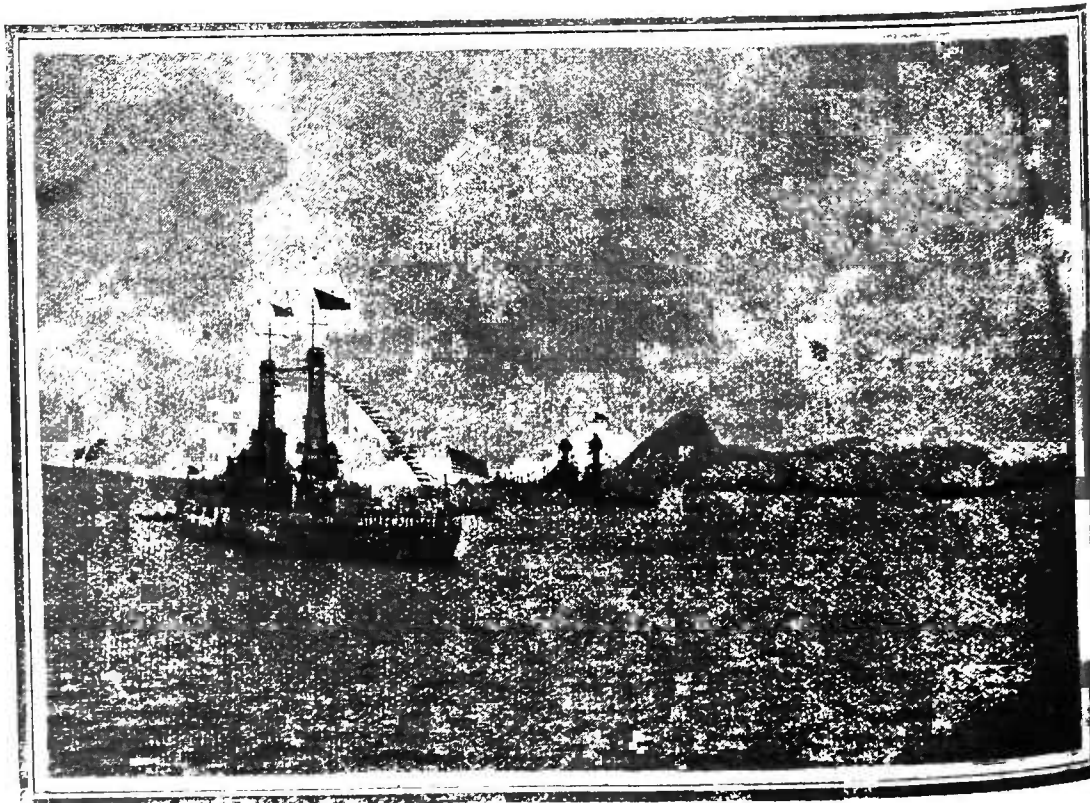
Fallou depois o Presidente de Portugal. O verbo do grande orador commoveu até as lagrimas e os que lhe bebiam as palavras, fluindo uma eloquencia simples e empolgantes, exultaram quando affirmou que a saudade dos portuguezes pela Patria pôde ser

mitigada, amando o Brasil. Começou dizendo que ao partir da sua patria declarára ao povo que "ia levar ao Brasil o coração de Portugal" Ao regressar a Lisboa dirá agora "que leva a Portugal o coração do Brasil". — Refere-se, de um modo brilhante, as vicissitudes, aos desgostos que soffrera, durante a sua longa e acidentada campanha politica dando por bem empregado, todos os dissabores porque passára com o premio que agora recebe no Brasil, onde lhe têm sido tributadas manifestações de ordem tal que o commovem até as lagrimas. Faz a apologia das provincias portuguezas enaltecendo o valor dos seus filhos. Levanta um hymno ao povo portuguez e fallando com verdadeira emoção das saudades que os portuguezes nutrem pela sua patria bem amada diz que elles podem mitigal-a, amando o Brasil. Fazendo a apologia do nosso paiz refere-se á sua natureza privilegiada, tendo imagens arrebatadoras sobre as montanhas que cercam o Rio de Janeiro. Refere-se em termos elogiosos ao Sr. Epitacio Pessoa, dizendo que o considera como seu grande e sincero amigo. Lamenta não ter alli as duas bandeiras para poder unil-as num só amplexo e symbolizar num beijo ardente o seu desejo de vel-as sempre cada vez mais estreitamente unidas.

Por fim fallou o Presidente do Brasil, numo allocução eloquente e viva, em que realçou o nosso amor a Portugal, accentuando que, quando convidou o Dr. Antonio José de Almeida, quiz não só homenagear a Patria de nossos antepassados, na pessoa do Chefe da Nação, bem como facilitar-lhe o ensejo de verificar o affecto do Brasil pelo grande Portugal. E com um hymno aos dois paizes concluiu a sua notavel oração.

As referencias as festas de tanta evocação e tanto entusiasmo, por mais veridicas e minuciosas, hão de apoucal-as por certo. O indescriptivel tem o seu lugar e nos perdoe o leitor não podermos lhe suggerir sequer as emoções dessa noite de patriotismo, de fé e de belleza.

## CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL



ASPECTO DA REVISTA NAVAL.

## Cuauhtemoc

A inauguração do monumento ao índio Cuauhtemoc, o heróe glorioso do Mexico, que nos ofertou o povo do grande paiz, numa oblação commovedora, foi um marco na historia da confraternização americana. Transcrevendo as orações pronunciadas, na festa, e o resumo da allocução do Presidente da Republica, queremos render nossa homenagem ao Mexico, partilhando da effusiva cordialidade que domina o Brasil inteiro pelo paiz irmão.

Discurso do embaixador Dr. José de Vasconcellos, Ministro da Instrucção do Governo Mexicano:

"Excellentissimo Señor Presidente. — Señores: Me cabe la altísima honra de ofrecer al Brasil, a nombre de México, esta estatua de nuestro mayor héroe indigena, del héroe que está más cerca del corazón mexicano. Un héroe fracasado si se le ve desde el punto de vista de los que sólo reconocen el ideal cuando se presenta en el carro de la victoria, domanando altiveces y aplastando rebeldias, mas para nosotros, un héroe sublime por que prefirió sucumbir a doblegarse y porque su memoria molestará eternamente a los que tienen hábito de halagar a fuerte, y son esclavos incondicionales de éxito, en qualquiera de sus miserables formas. Un héroe del dolor vencido alza en este bronce su penacho enbiesto, su flecha voladora y su boca muda, sin jactancias en la acción y supremamente desdenosa en la derrota. Se irgue una vez más ante los siglos, ya no sólo en la Capital de México, sino también en este Brasil cordial que abre sus puertas a todos os pueblos, pero que sabe aliar su corazón a la justicia y al derecho al heroísmo y la bondad. El bronce del indio mexicano se apoya en el granito brunido de pedestal brasilero; dimos bronce y nos aprestasteis roca para assentario y juntos entregamos en estos instantes las dos durezas al regazo de los siglos para que, sean como un conjuro que sepa arrancar al destino uno de esos raptos que lavantan del polvo a los hombres y llenan los siglos con el fulgor de las civilizaciones; el conjuro creador de una raza nueva, fuerte y gloriosa.

Por qué deseamos partir de este simbolo? qué es para nosotros este indio que hoy se levanta orgulloso entre el fausto de gentes que no son las suyanas? La historia de *Cuauhtemoc* es breve como un episodio y resplandeciente como una ráfaga divina, una de esas magestades que hacen emma decer al poeta, callar al filósofo y ante las cuales sólo el narrador procura ensayar un canto que imite el ritmo del maravilloso suceso humano. Sabéis la historia: los conquistadores, el conquistador, el más grande de todos los conquistadores, el incomparable Hernán Cortés que vencía con la espada y convenía con la palabra, después de su audaz gloriosa de quemar barcos para encadenar victorias, avanzaba con grandes ejércitos, fluminado por la aureola de las leyendas. Los caciques indigenas que pretendían resistirle caen aniquilados por su fuego sagrado de armamentos inauditos, que servían a los conquistadores como si fosen hijos del mismo Dios Sol que ilumina a tierra.

Veracruz, Tlaxcala, media docena de reinos limítrofes se hablan declarado vencidos y habian puesto sus ejércitos a disposición del vencedor y el mismo Moctezuma, el

orgulloso monarca, lo recibia en la capital azteca y le entregaba su palacio y le prestaba vasallaje. Era la civilización nueva que avanzaba, la raza de los fuertes, la raza de los semidioses, que invadía sin remedio y aniquilaba para siempre la antigua, la orgullosa raza conquistadora mexicana! Y los hombres visados del imperio azteca, los que correspondían a lo que hoy se llama la gente sensata, los egoistas, los pusilánimes, los ingenios sin corazón, proclamaban que la resistencia era inútil y mejor plegarse a lo inevitable y entregar las tradiciones y los reales propios a la voluntad del más fuerte para que forjase a su antojo, tal y como todavía tantos exclaman ante el avance de todos los fuertes. Pero un héroe es un hombre que tiene la audacia de romper toda esta maraña de pensamientos cobardes, para poder en obra el impulso interior de la justicia divina. Lo mismo si triunfa que si cae vencido, el héroe es impetuoso y noble arrogancia. Im petu que niega y anula los hechos si los hechos son viles, y arrogancia que desafía la adversidad si la adversidad derrota al ideal. Es la raza invencible de los hijos del Sol, decían los timoratos y entonces *Cuauhtemoc* se puso a matar hijos del Sol y exhibía a los muertos con escarnio para que el pueblo viese que los cobardes mentían. Y usando de su calidad de príncipe y del poder que habia en su alma férrea, logró sugestionar a algunos de los suyos, reunió a los jóvenes, formó falange y empezó la lucha desigual, la lucha eterna y sagrada del débil que posee la justicia contra el fuerte que la reemplaza con sus conveniencias. Lu-

cha que aunque sea desesperada y obscura debe siempre aceptar el débil porque es el espíritu quien impone las normas y porquiere el don de repercutir en el tiempo y a veces trueca la amargura en dicha y la derrota en triunfo.

Todo esto, sin filosofías, lo dijo *Cuauhtemoc* en la página elocuente de sus arrebatos, y fue con la ironía y la prédica, con el desdén y la violencia, forzando combates, bafando a Montezuma como a un traidor, — porque hay ya un traidor en todo el que transige con la injusticia, — y retando a Cortés, y por fin venció a Cortés, lo destrozó, lo arrojó fuera de la ciudad, y lo hizo llorar sus pérdidas en la célebre Noche Triste del gran Conquistador. Noche memorable en que Cortés debe haberse sentido hermano de su gran enemigo, hermano por la grandeza y el dolor, y también porque desde entonces quedó escrito que en las tierras de Anahuac no sería una sola raza la vencedora, sino dos razas en perenne conflicto, hasta que la Republica viniese a poner término a la pugna, declarando que el suelo de México no es ni será propiedad de un solo color de la tez, ni de dos razas solas, sino de todas las que pueblan el mundo, siempre que amolden sus voces al ritmo secular indo-español.

Todo este proceso del futuro pasó sin duda en forma confusa, por la mente de aquellos dos héroes en la célebre noche en que el indio vió llorar al español, y el destino siguió su marcha inflexible que arrastra a los hombres, y Cortés volvió con todos sus aliados y companeros y después de un sitio



MONUMENTO DE CUAUHEMOC, OFFERECIDO PELO MEXICO

prolongado y cruel capturó la ciudad y a Cuauhtemoc, y lo llevó al tormento para arrancarle el secreto de los tesoros reales, y Cuauhtemoc, como sabeis, aprovechó la ocasión para hacer una célebre frase, y finalmente, cuando ya prisionero y vejado, era conducido al cadafalso y el fraile que le acompañaba le prometía el cielo si abrazaba la fé de sus vencedores, Cuauhtemoc le preguntó si ese paraíso de que hablaba el fraile iban también los enemigos de su patria y habiéndosele contestado afirmativamente, el indio repuso: "entonces, Padre, yo no voy al paraíso" y estas fueron las últimas palabras que dijo, y con Cuauhtemoc desapareció por siempre el poderío indígena. Tal es la simple y férrea historia del héroe para quien os pedimos la hospitalidad de esta playa abierta al mar y apoyada en la montaña, es decir, por el frente la libertad de todos los caminos, pero en la base el granito en que labra su futuro la nueva raza latina del continente, una en la sangre y en el anhelo, en el dolor y en la dicha. Tal es el símbolo que entregamos a vuestras miradas en todos los días, y que pretendemos quede enraizado en vuestra propia tradición para que en ella signifique lo que hoy significa en la nuestra: la cirtidumbre de la propia conciencia y la esperanza de días gloriosos. Pues este indio es para nosotros representación de la rebeldía de la conciencia; de la crispación del brazo ofendido, pero también el alarde de la mente. Cuauhtemoc renace por que ha llegado para nuestros pueblos la hora de la segunda independencia, la independencia de la civilización, la emancipación del espíritu, como corolario tardío, pero al fin inevitable e la emancipación política.

El primer siglo de nuestra vida nacional ha sido un siglo de vasallaje espiritual, de copia que se ufana de ser exacta, y esta es la hora no de la regresión, pero sí de la originalidad conciente, de una originalidad que aunque fuera vencida en la tierra, buscaría refugio en la mente para expandirse, porque ni quiere ni puede perecer y brega porque la anima un impulso sagrado.

Y esa originalidad que toda civilización verdadera trae consigo, no la hemos logrado en un siglo porque nos ha faltado la valentía de Cuauhtemoc; su fue en una concepción propia del mundo, y su audacia para poner en el cielo lo que de momento no podía triunfar en la tierra.

Yo bien sé que hoy como ayer hay quienes niegan y hay quienes ignoran estos presagios que ya resuenan en el viento, estas voces de una gran raza que comienza a danzar en la luz — pero dos incrédulos de hoy, lo mismo que los que aconsejaban a Cuauhtemoc que no batiere a los españoles porque los españoles eran la raza superior, la raza civilizada... pasarán como pasaron los pusilánimes de antano, sin dejar ni siquiera un rastro, mientras que el indio magnífico, el rebelde absurdo, se levanta orgulloso sobre la tierra de dos continentes. Ellos no son, así como los de hoy no serán mañana y por encima de todos resplandece la flecha que apunta a los astros.

Consados hastiados de toda esa civilización de copia, de todo ese largo coloniaje de los espíritus. Interpretamos la visión de Cuauhtemoc como una anticipación de este florecimiento o más bien dicho: nacimiento

del alma latino-americana que en todos nuestros pueblos se ha acentuado con intensidad irrevocable, y miramos en su gesto, unas veces el safo y otras el ensueno; un anuncio remoto de esta vida nueva que desborda en todas las naciones del continente nuestro y que ha de verse consolidado en mentes que lo den gloria, en corazones blandos que la tornen noble, y en voluntades firmes como el bronce azteca.

Claro está que la nación mexicana en su culto por Cuauhtemoc, no quiere significar un propósito de hacerse estrecha y de cerrar sus puertas al progreso, no pretendemos volver a la edad de piedra de los aztecas como no acetariamos volver a ser colonia de ninguna nación. Tampoco renegamos de Europa ni le somos en manera alguna hostiles, agradecemos sus enseñanzas, reconocemos su excelencia y tendremos siempre abiertos los brazos para todos sus hijos; pero queremos dejar de ser colonias espirituales. "Independencia ou morte", dijo un héroe ilustre del Brasil y el destino le respondió con la libertad y la vida, y ahora reclamamos vida propia y alma propia. La importación ha sido talvez fecunda, pero ya no es necesaria; hemos asimilado y ahora estamos en el deber de crear. Esto no es rancor, ni es petulantia: es lozania y es generosidad. Inventaremos la forma segun nuestro propio gusto, y crearemos vida universal, pero imprimiéndole el ritmo que está en nuestra alma. Lejos de volverse rencorosa al pasado, la flecha de Cuauhtemoc apunta generosa al porvenir y lo invoca para que se someta a las normas de su augusto sueño; un sueño aplazado y modificado como se modifican ante la realidad todos los sueños; pero próximo a cumplirse aun mas glorioso y alto, que el más alto, ensueno. La historia ha dividido el continente americano en dos grandes razas ilustres que deben dar a la humanidad o ejemplo de un desarrollo fraternal y fecundo. No somos como los norteamericanos, ni ellos son como nosotros, y esta diferencia interesa al progreso del mundo, porque solo el concurso de las distintas aptitudes de los pueblos creadores podrá sentar las bases de una civilización integral y armoniosa.

Los norteamericanos han creado ya una civilización poderosa que ha traído beneficios al mundo. Los ibero-americanos nos hemos retrazado acaso porque nuestro territorio es más vasto, y nuestros problemas más complejo, acaso porque preparamos un tipo de vida realmente universal; pero de todas maneras, nuestro hora ha sonado y hay que mantener vivo el sentimiento de nuestra comunidad en la desdicha o en la gloria y es menester despojarnos de toda suerte de sumisión para mirar el mundo, como lo mira ese indio magnífico, sin arrogancia, pero con serenidad y grandeza; seguros de que el destino de pueblos y razas se encuentra en la mente divina, pero también en las manos de los hombres, y, por eso, llenos de fé levantamos a Cuauhtemoc como bandera y declinamos a la raza ibérica de uno a otro confin: sé como el indio, llegó tu hora, se tu misma.

La ceremonia que se verifica en estos instantes tiene para nosotros una commovedora solemnidad. Somos algunos centenares de mexicanos: los primeros que jamás se

hayan reunido en territorio del Brasil, y nos congregamos para hacer entrega de algo que es como un trazo del corazón mismo de la patria mexicana. En las líneas de esa estatua han aprendido nuestros soldados, los soldados que allí veis, esa su rigidez estoica, y en la flexa del indio aprendem nuestros poetas el volar audaz de sus sueños, y todo lo que de esa fuerza pueda ser nuestro y todo nuestro amor infinito lo ponemos ahora en el Brasil genroso; en el Brasil hermano, y en la misma voz y el mismo acento con que proclamamos nuestro amor y lealdad por la patria del indio que aquí se queda juramos, con un juramento solemne: amar al Brasil como una patria distante pero también nuestra; juramos defender al Brasil, gozar en sus dichos y sufrir con sus penas y llevarlo siempre en el pecho, tal y como esta estatua se queda enclavada en el corazón del Brasil.

Discurso do Ministro do Exterior do Brasil:

"Exmo. Sr. Presidente da Republica, Srs. Embaixadores do Mexico, meus senhores. — O Brasil recebe com sincera gratidão e alegria a offerta carinhosa deste precioso monumento com que o coração e a arte mexicana quizeram brindar a nação amiga."

O indio brasileiro se orgulhará revendo as proprias qualidades na majestosa figura do indio Cuauhtemoc, symbolo da vontade heroica, da abnegação, da valentia e da immortalidade, que a ambos impelliram para a civilização.

Por seu turno, o indio mexicano sentir-se-ha bem na terra de Santa Cruz, contemplando esta incomparavel enseada hospitaleira, admirando a serenidade deste firmamento, cujo azul não abandona este mar inegalavel e cujas estrelas douram-n'o perennemente, agazalhando-se neste sol fertilizante que mantém a nossa commum esperanza na paz eterna entre os homens.

O vosso Libertador, senhores mexicanos, sentir-se-ha bem nesta terra de liberdade, onde a Independencia é um dogma innato.

Ha um seculo as primeiras palavras da nossa primeira Constituição politica já proclamavam que "os cidadãos brasileiros formavam uma Nação livre e independente, não admittindo com qualquer outro laço algum de união ou de federação que se opponha á sua independencia."

No confronto entre as Constituições dos povos civilizados verificareis que o Brasil esteve sempre na vanguarda da democracia, decretando leis fundamentaes purissimas antes da maioria dos povos mais velhos. Foi a Constituição republicana brasileira a primeira, e ainda é a unica, a declarar expressamente o compromisso solemne de não empenhar a Nação em guerra de conquista, directa ou indirectamente, por si ou em aliança com outra Nação.

Nas Constituições brasileiras encontrareis o dogma da igualdade absoluta dos homens perante a lei; encontrareis a definição da casa do individuo como sendo o seu asylo inviolavel, e a garantia da manifestação do pensamento e as demais affirmações dos direitos do homem.

Comprehendemos, portanto, que a patria brasileira tivesse, logicamente, as sympathias da patria mexicana a ponto de im-

plantarões aqui a estatua do mais querido expoente da vossa independencia politica.

Por outro lado, vai nisso mais uma demonstração salutar do concerto entre os povos americanos na sua obra exemplar de cordialidade, de amor e de benefico sentimentalismo, que poetiza e enobrece a nossa raça, como factores soberbos de religião e de paz.

A' vossa heroica Nação está assegurado, tenho a certeza, um futuro deslumbrante, que o Brasil applaude e para o qual concorrerá com os seus votos, com a sua alma de amigo, com aquella generosidade a que acabou de alludir, amavelmente, o brilhante discurso do nobre Embaixador especial, Sr. José de Vasconcellos, com a sua fraternidade, jámais empanada, e com o seu profundo respeito pelo Direito e pela Justiça.

Em nome do Governo do Brasil eu tenho a honra de agradecer e de saudar cordialmente ao Governo e ao povo do Mexico.

Resumo da allocução do Presidente da Republica. S. Ex. começou dizendo quanto era grata á nação brasileira a offerta do Mexico, doando para ficar como um monumento nosso a estatua do seu heróe nacional, tal como se ostenta na bella cidade dos lagos.

O Sr. Dr. Epitacio Pessoa faz então um eloquente e forte esboço do grande heróe mexicano e diz que a sua vida deve ser lida e divulgada no Brasil como um exemplo de virtudes patrioticas, para que na sua resis-

tencia heroica todos bebam o exemplo nobilissimo do grande indio e meditem fundamentalmente que é defendendo o seu territorio, a sua honra e os seus lares que os povos preparam a grandeza e a força da nacionalidade.

Elle foi o antecessor de Hidalgo e de Morelos, mas nenhum como Cuauhtemoc teve a sua resistencia, sua tenacidade na defesa da independencia.

Cuauhtemoc quer dizer — *Agua que tomba*... Sim, elle tombou fascinado pela serpente da traição, mas da sua quêda deixou um sulco de luz, illuminando o espaço, como um bolido gigantesco, um symbolo de triumpho e de gloria para a historia do Mexico.

Allude aos primordios da civilização azteca e ás tradições brilhantes da nação mexicana e, depois de considerações acompanhadas de imagens brilhantissimas, o Sr. Presidente da Republica concluiu com arrebatamento, dizendo que a estatua que acabava de ser allí inaugurada não era para nós apenas uma obra de arte valiosa, que ficaria na nossa cidade como um dos seus bellos ornamentos, ella era um symbolo de altivez patriótica, de amor á patria e dedicacão á sua raça e á liberdade.

O indio magnifico seria sempre contemplado, nesta terra de liberdade, como um exemplo de heroismo e abnegacão sem par pela causa de seu povo, e de sacrificio pela sua patria e pelos direitos da sua nação.

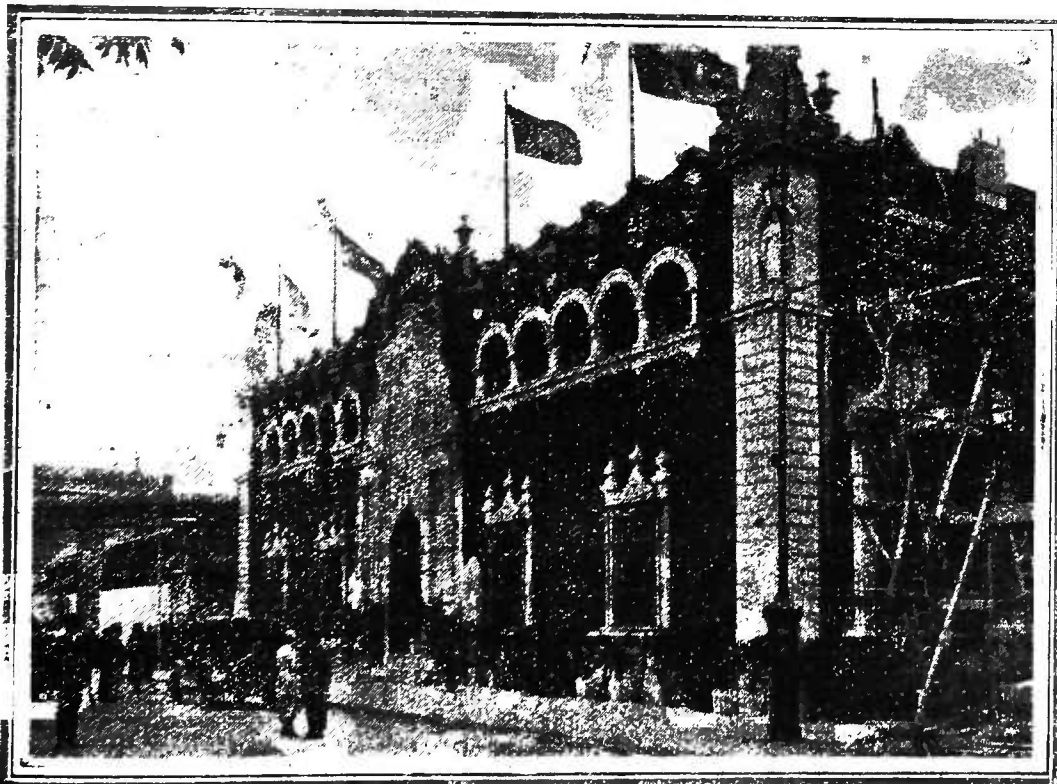
do Mexico. é um escriptor notavel — um pensador profundo, cujo alto espirito já admiravamos, como das mais fortes mentalidades latino-americanas. Enviou-nos a sua mocidade ardorosa e fremente nesses bellos cadetes, em cujo vigor e entusiasmo sentimos pulsar o generoso e heroico coracão mexicano. Enviou-nos a sua arte, nesse admiravel pavilhão, em que a emoção de Carlos Tolditi e Carlos Obregon imprimiram a physionomia local, que resplandece em sua fachada apresada, em seus motivos architectonicos e decorativos, seus azulejos e sua disposição, recordando a casa mexicana. Nella as esculpturas de Gimenez e Centurion, as pinturas de Ledoma e de Montenegro dão-nos a bella floração da arte mexicana, num conjunto encantador e surpreendente. Naquelle dôce ambiente, o brasileiro evocará as honras com que o Mexico o cercou, seus votos cheios de sinceridade, seus pensamentos cheios de fé, e acabará amando o grande povo, que recebeu de ateca indomoto essas virtudes de heroismo e tenacidade, que sempre admiramos.

Enviou-nos, sobrelevando a todas as dadivas e honrarias, aquelle formoso monumento a Cuauhtemoc, o heróe mais caro ao coracão mexicano, a cujo pé juraram os mexicanos, pela bocca do Dr. José Vasconcellos:—“amar ai Brasil como una patria distante pero también nuestra; juramos defender al Brasil, gozar en sus dichos y sufrir con sus penas y llevarlo siempre en el pecho, tal y como esta estatua se queda enclavada en el corazón del Brasil.” Este indio, disse-o ainda o illustre embaixador, não é uma visão do passado glorioso, mas o symbolo do porvir latino-americano. “Cansados, hastiados de toda esa civilización de copia, de todo esse largo coloniaje de los espíritus, interpretamos la visión de Cuauhtemoc como una anticipación de este florecimiento, o más bien dicho: nacimiento del alma latino americana que en todos nuestros pueblos se ha acentuado con intensidad irrevocable, y miramos en su gesto, unas veces el desafio y otras el ensueno; un anuncio remoto de esta vida nueva que desborda en todas las naciones del continente nuestro y que ha de verse consolidado en mentes que le den gloria, en corazones blandos que la tornen noble, y en voluntades firmes como el bronce azteca.

O que foi a inauguração desse monumento, essa festa de cordialidade empolgante, em que os corações dos dois países pulsaram rum mesmo rythmo de entusiasmo e affecto, dirá o seu relato em outro local. Por enquanto basta-nos fixar o fulgor da homenagem, o testemunho da gratidão nacional, que expressou o Chefe da Nação, assegurando ao Mexico, tão bem representado, que o indio magnifico seria sempre contemplado, nesta terra de liberdade, como um exemplo de heroismo e de abnegacão sem par pela causa de seu povo, e de sacrificio pela sua patria e pelos direitos da sua nação.

Quando, de futuro, cessados os ruidos da festa maravilhosa dessa commemoração cívica, o coracão brasileiro recordar as emoções deste momento historico, a imagem do Mexico ressaltará a sua memoria, tomará as fórmulas radiosas de um indio, de peito saliente e ar dominador, empunhando uma flecha “que aponta os astros” tomará as fórmulas de um heróe fulgurante de gloria e de arrebatamento, to-

## EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO



PAVILHÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO MEXICO

### A homenagem do Mexico

Na festa do Centenario, entre as muitas homenagens que o mundo tributou ao Brasil, num sincero e ardente entusiasmo pela sua grandeza e pela sua força, por tudo que fez e pelo muito que fará em beneficio da Humanidade e da Civilização, sobreleva-se a da Republica do Mexico, cuja effusiva cordialidade

tanto nos commoveu e empolgou. A heroica e brava nação americana, testemunhando grande devotamento ao Brasil, quiz nos trazer, na festa cívica que celebrámos ufanos e gloriosos, os seus votos de confraternidade e applauso, num symbolismo admiravel. Enviou-nos, como embaixador, o Dr. José de Vasconcellos que, com ser um estadista de grande realce na renovação politica e social

inará as formas de *Cuauhtemoc*. E, tomado de uma commovida admiração, o coração brasileiro saberá agradecer a dádiva do Mexico, no trabalho fecundo pelo engrandecimento e cordialidade da America, que são os idéaes mexicanos e que o seu symbolo gravou. O indio não é mais um heroe do Mexico, é um heroe americano e unindo mais ainda as duas nações, terá, de sua gloria, praticado um feito, que mais glorioso o torna.

Exaltemos nossos espiritos acima das vãs competições internacionaes e vejamos nesse amplexo em que nos cinge o Mexico o exemplo da confraternização americana, para crear e fecundar, dando no mundo mais brilho, mais gloria, mais belleza.

### Mexico, paiz da galantaria

Annibal Fernandes, que é uma das mais formosas intelligencias do norte do Brasil e um mestre hoje quasi sem rival na chronica, dedicou no *Estado de Pernambuco*, uma interessantissima pagina ao Mexico, que não resistimos á tentação de transcrever-a. Eil-a:

"O Mexico é o paiz da galantaria. No anno do centenario da nossa independencia esse paiz, herdeiro de uma alta civilização, manda-nos uma missão de artistas. Alguem já definiu o mexicano assim: um indio com rasgos de sangue Ibero. Realmente, esse povo onde a proporção do sangue hespanhol não vai além de oito por cento é tradicionalmente cavalheiresco. E' verdade que fuzilaram Maximiliano. E' exacto que mataram Carranza. Mas em todos esses actos abruptos e violentos o que estua é o amor pela liberdade. Na physionomia da maior parte dos officiaes, cadetes, tripulantes que por aqui passaram se via bem o caracteristico do indio. E' o velho sangue dos aztecas que lhes corre nas veias. Lewis Spence fallando do azteca, traçava esse retrato de um flagrante perfeito: "Grave, taciturno, melancolico, com um amor profundamente arraigado de todo o mysterioso; tardio em encolerizar-se, porém, quasi inhumano na violencia de suas paixões, uma vez excitadas. Esse tom vago, de mysterio, de meias tintas, percebe-se um pouco atravez da musica nacional. E de como o mexicano sábe reagir ás imposições da força, dil-o a resistencia activa e passiva á absorpção americana. Paiz de uma riqueza fabulosa, quasi incrível, guarda no emtanto o seu thesouro fazendo de sua debilidade uma potencia formidavel. No meio da vaga de interesse que assaltou o mundo, o Mexico conserva-se desprendido, generoso, sem ambições. "O incentivo principal que impulsiona as raças européas para a luta é o progresso, é o desejo do lucro, dizia o escriptor americano Charles Nordhoff; porém essa aspiração representa unicamente papel secundario na vida do mexicano." Agora mesmo, quando se instaurou em toda a parte o "colote" como instituição, o Mexico assombra o mundo economico assumindo por inteiro a responsabilidade de sua divida externa e a parte da divida interna cujos titulos pertencem a estrangeiros. Podia não querer pagar como a Russia dos "soviets" e como os aliados entre si. Esse povo tem o sentimento

da renuncia e desconhece a ambição. E ninguém melhor do que o seu grande poeta Amado Nervo disse dessa virtude admiravel:

"Oh Siddhart Gautama, tu tenias razón: Las angustias nos vienen del deseo; el eden se encuentra en no anhelar, en la renuncia-ción completa, irrevocable, de toda posesión: Quien no desea nada, dondequiera está bien!

El deseo es un vaso de infinita amargura, un pulpo de tentáculos insaciables que al par que se cortan, renacen para nuestra tortura; el deseo es el padre del esplin, de la hartura, y hay en él más perfidias que en las olas del mar!

Quien bebe como Diógenes el agua con la mano, quien de volver la espalda al dinero es capaz, quien ama sobre todas as cosas a Arcano, ese es el victorioso, el fuerte, el soberano. y no hay paz comparable con su perenne paz...

### A representação da Colombia no Centenario

A embaixada especial da Colombia, chefiada pelo General Cuervo Marquez, ministro plenipotenciario junto ao governo de Buenos Ayres, que veio representar a republica amiga nas festas do nosso Centenario, trouxe-nos o seu testemunho de amizade, robustecida com a presença de uma representação diplomatica effectiva no Brasil, reenquetada com a vinda do illustre ministro Max Grillo, o applaudido escriptor e o diplomata finissimo. A figura do general Cuervo Marquez é das mais prestigiosas na sua Patria e sua presença no Brasil significa alta honra que nos deu o governo de Bogotá. Tivemos ensejo de admirar de perto ao digno estadista, que se impoz tanto no meio official, quanto no intellectual, pela sua participação no Congresso de Historia da America e de Americanistas. Apesar de uma curta estadia, deixou marcada a sua passagem por traços inefleveis, que muito beneficiarão as relações dos dois paizes.

Como sabemos, a Colombia é hoje das maiores nações do continente Sul-americano, sendo a terceira em população, com seus oito milhões de habitantes, occupando tambem lugar de destaque pelo desenvolvimento e disseminação da instrucção publica. E' um dos paizes mais ricos da America, com grande potencialidade mineral, em ouro e prata, além da unica mina de esmeraldas, na região de Muzo que suppre o mercado mundial. Tem ainda jazidas de petroleo e minas abundantes de carvão de pedra. A sua agricultura e pecuaria estão não menos desenvolvidas, sendo prospera a situação economica colombiana, com as melhores e mais largas possibilidades que se propulsionam continuamente, mercê de uma administração criteriosa e progressiva, que lhe imprime um dynamismo eficiente.

Para assegurar esse florecimento de riqueza e de força, a politica colombiana trilha uma estrada democratica e liberal, praticando seus governos programmas de acção eficiente e tolerando com o mais absoluto respeito ao direito das minorias, no que está uma

das pedras angulares dos modernos regimens constitucionaes. Dessa harmonia entre a gestão dos negocios publicos, patriotica e intelligente, e ao effectivo desenvolvimento da riqueza, têm resultado os melhores dias para a Colombia, rasgando perspectivas as mais optimistas para seu futuro. O Brazil, que sempre consagrou á republica amiga um sincero affecto, vê com alegria robustecerem-se os laços de approximação que a missão do General Cuervo Marquez veio marcar com tanto brilho e eficiencia. Ademais, os interesses da Amazonia ligam extraordinariamente os dois paizes, que nessa região têm muito que esperar. Foi, pois, a mais auspiciosa possivel a embaixada colombiana, de cuja acção é licito esperar os melhores frutos, não só pela sua significação diplomatica, como pela alta personalidade do embaixador, uma das figuras representativas do seu paiz e cuja palavra a favor da approximação dos dois paizes ha-de ter o mais decisivo valor, na consecussão dos idéaes americanos.

### Fraternidade latino-americana

O illustre ministro Diego Carbonell plenipotenciario de Venezuela, é uma das figuras de mais realce no corpo diplomatico estrangeiro pela sua intelligencia superior e alta cultura, com que se tem imposto á nossa admiração, acaba de lançar a idéa da criação de um monumento commemerativo das Independencias das nações latino-americanas, no centro geographico da America Latina. Será uma nova consagração ao sentimento americanista, que se vae incentivando com fulgor crescente, de sorte a permittir o engrandecimento do continente, na mais larga e poderosa influencia sobre o mundo. Não é talvez inoportuno lembrar que essa fraternidade americana não deve soffrer restricções, ou mais claramente, deve ser pan-americana, porque o Brazil, por exemplo, não poderá nunca, sem renegar a sua tradição diplomatica, isolar-se dos Estados Unidos, pois que julga que pela approximação constante das duas republicas muito lucrará a paz, a harmonia, a prosperidade continental. Nós, da America, devemos ser, antes de tudo, americanos, sem distinguir as origens, da America ingleza, da America hespanhola, ou de America Brasileira. Permanecendo nesse preconcelto, não criaremos a fraternidade, mas insistiremos por um isolamento, que deveria desaparecer. Esse reparo, de passagem, não implica desapprovamos a idéa, mas acreditamos que o monumento devia ser da Independencia da America, e ao lado de Bolivar, San Martin, José Bonifacio, Artigas, Ottligns, devia estar Washington, para completar a galeria dos herões da America. O ministro Carbonell lançou a idéa num banquete, em que reuniu os representantes diplomaticos da America latina, merecendo de todos calorosos applausos. Seu discurso é uma pagina ardente e vigorosa de grande emoção, exaltando a iniciativa desse monumento no centro da America latina, como um pacto de honra, de fé, de cordialidade, de progresso. Transcrevemos um trecho dessa vibrante oração, em que attribue á influencia da Revolução Franceza o movimento americano, parecendo-lhe indiscutivel — "la inspiración romántica de nuestros héroes. E' este o formoso topico, que vale ser citado:

“Cumplidas las independencias, en Agosto de 1925, corresponde a las repúblicas iatinas de la América sintetizar noblemente el esfuerzo incomparable de los libertadores, no en el sentido de las victorias épicas realizadas sobre la gente española e sobre las huestes lusitanas; nó, ese monumento no puede ser un bloqué de mármol en el cual surgiera el tremendo gesto que la muerte dibuja en las fisonomias deformadas por el dolor en los instantes dantescos de la epopeya; en ese bloqué de mármol no debe florecer el rictus de la guerra a muerte suscrita por el Libertador; ni los desmanes de Artigas, si los tuvo; ni la infidencia de los partidarios íntimos del General Santander; no debemos reconocer en el jardín blanco de nuestras patrias ni los desafueros de Labatut ni mucho menos las debilidades de Don José de San Martín... Nó! todo eso constituye el dolor que es parte de la raza heterogénea; todo eso corresponde a los accidentes pasajeros en la definitiva estabilidad del proceso que nos condujo la vía de las armas y de la inteligencia a la consumación de la independencia política: en ese bloqué de mármol de América, condensado en nuestras canteras cuando aun no era ni materia amorfa el mármol grandioso y recio de la raza celtibera, debe florecer, por esfuerzo espontáneo de los jardineros criollos la titánica tendencia romántica de aquellos hombres que sin la preparación de los “revolucionarios franceses”, lograron triunfar con las armas gracias a una dirección más bien intelectual, que bélica, pues no sabríamos decir cuál es el más grande, el Miranda que en los campos de batalla vive em compañía de los clásicos o el Miranda que en Valencia compromete la causa de la República y pasa desde ese momento a la vida amarga de un prisionero en donde la paciencia eleva su alma a la más alta concepción de su destino; yo no sé quién fué más grande, el Bolívar de Carabobo y de Boyacá o el romántico Libertador de Angostura y de Pativilca; el San Martín de Chacabuco no es superior al héroe condescendiente de Guayaquil; don Pedro el del “fico” es mucho más grande que el emperador metido en aventuras bélicas con los pueblos vecinos; yo no sé, en fin, cuál de los Artigas es superior, si el tenaz defensor de la independencia uruguaya o el gran desolado de San Isidro de Curuguay...”

### O Embaixador Mastny

A joven republica Tcheco-Slovaquia, que Gustavo Barroso justificou com propriedade ser o “coração da Europa”, tem revelado uma forte amizade pelo Brasil, cujo acto reconhecendo immediatamente sua gloriosa independencia tão grande e profunda repercussão teve na velha nacionalidade, agora liberta. A presença aqui do illustre ministro Jan Havlasa, o diplomata moderno e o romancista intelligente que tantos amigos conquistou no nosso paiz, soube crear para a Tcheco-Slovaquia um ambiente de sympathias e affecto, com solidos laços ligando as duas nações, fomentando o seu intercambio mercantil, como intellectual e artistico. O ensejo do Centenario, favoreceu a sua representação na Exposição Internacional, onde erigiu um delizioso pavilhão, em estylo tcheco, do mais fino e apurado bom gosto. Nelle testemunharemos, não só o desenvolvimento das industrias da grande nação, mas o

seu proprio Espirito, irradiando as linhas daquelle palacio, da sua decoração, de seus ornatos, de seus adornos, que, ao sol tropical do Rio de Janeiro, ganharão o fulgor da luz, no symbolismo da nossa admiração.

A maior honra que nos deveria permittir o governo de Praga, estava em acreditar, no alto cargo de Embaixador extraordinario, em missão especial, o illustre Dr. Alberto Mastny, Ministro plenipotenciario em Londres, e uma das figuras de maior destaque na diplomacia tcheco-slovaca. Jurista de grande renome e professor de direito, tem afora ao Sr. Mastny, de ha muito, transposto as fronteiras de seu paiz, impondo-se á admiração dos centros cultos da Europa e da America. Traçando as linhas geraes de sua biographia, queremos apenas mostrar a personalidade illustre que a Tcheco-Slovaquia nos enviou para representá-la nas commemorações de Sete de Setembro, o que constitue grande honra para o Brasil e valioso penhor para a amizade dos dois paizes.

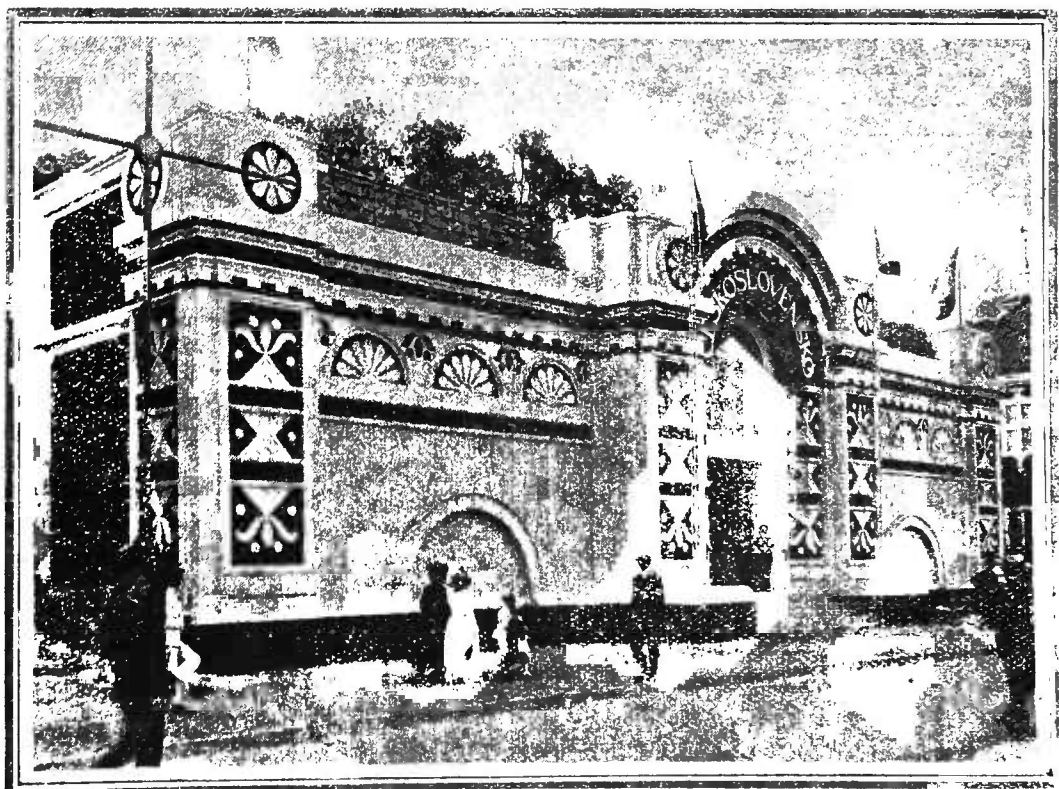
Durante a sua curta permanência no Rio de Janeiro, o Embaixador Mastny conquistou um vasto circulo de amigos e admiradores. Formoso typo de homem, muito elegante e dotado de natural distincção, intelligencia lucida e brilhante, servida por uma solida cultura, conversador admiravel, possui elle o dom das seducções. Todos quantos tiveram a ventura delle se approximar, nunca mais esquecerão a captivante figura do Embaixador Mastny, um verdadeiro gentleman, com a elegancia de Morny e a intelligencia de Tayllerand.

Ao deixar o Rio de Janeiro, o Embaixador Extraordinario da Tchecoslovaquia dirigiu ao Sr. Presidente da Republica a seguinte mensagem:

“Legação da Republica Tchecoslovaca — Rio de Janeiro — Rio de Janeiro, 27 de Setembro de 1922 — Excellencia — No momento

de deixar a terra brasileira, sinto-me no dever de exprimir uma vez mais a V. Ex. o meu profundo reconhecimento pela acolhida gentilissima que se dignou conceder-me, ao de-empenhar-me eu da missão muito grata e honrosa de apresentar a V. Ex. e á Nação Brasileira, por occasião da commemoração do seu primeiro centenario de vida independente, as felicitações e os protestos da amizade e das mais profundas sympathias da Republica Tchecoslovaca. Já ao aceitar a missão que me foi confiada, conhecia eu as grandes affinidades de cultura, de sentimentos e ideias, que unem o povo brasileiro ao povo tchecoslovaco, e isto era-me seguro penhor de que a Nação Brasileira saberia estimar devidamente a amizade muito particular de que a Republica Tchecoslovaca intentava dar-lhe mais uma prova. Creia, porém, V. Ex., que levo desta Republica as mais gratas recordações, uma cadeia continua de impressões de belleza, uma grande admiração pela actividade intelligente do povo brasileiro, e a mais funda gratidão pela amizade sorridente com que me receberam todas as classes neste hospitaleiro paiz. E' com uma muito grande satisfação íntima, e assim, que rogo a V. Ex., que me permitta apresentar novamente, na pessoa de V. Ex., á Republica dos Estados Unidos do Brasil, as felicitações da Republica Tchecoslovaca e os seus votos por que a Nação Brasileira prosiga na mesma senda de maravilhoso progresso e constante prosperidade que a levou a entrar tão soberanamente de par com as grandes potencias e sob o esclarecido governo de V. Ex., no seu segundo centenario de existencia politica; e rogo a V. Ex., que se digne aceitar os votos mais sinceros que faço pela sempre constante felicidade pessoal de V. Ex., e de sua excellentissima familia com as seguranças da minha mais alta estima e consideração.— *Vojtech Mastny*, Embaixador Extraordinario em Missão Especial da Tchecoslovaquia.”

### CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL



PAVILHÃO DA REPUBLICA TCHECOSLOVACA

## A estatua de Christo

Foi solennemente lançada no alto do Corcovado a pedra fundamental do monumento a Christo Redemptor que se erigirá por um voto expressivo e unanime da Nação Brasileira, a que o Congresso, possivelmente, dará o seu apoio, contribuindo para essa realização. A estatua grandiosa será um symbolo, mesmo para os que só vêm em Christo a maior e mais benefica influencia sobre o mundo, o Creador da civilização Christã que nos eleva sobre o mundo. Para os brasileiros, que têm fé religiosa, que receberam na religião de seus paes, o alento espiritual para os grandes conquistas da nação, a estatua de Christo será um precioso ex-voto que levantam ao Senhor dos homens, pedindo benções sobre a terra de Santa Cruz e agradecendo as mercês que lhe tem prodigalizado. O monumento será um symbolo de amor e de fé, de amor, que liga os homens e os faz crescer, e de fé, que é lume e *senza da qual, ben far non basta*. Saibamos criar o Brasil e tornal-o grande, dentro da civilização christã, não erigindo estatuas aos deuses de força, mas adorando-o Deus de bondade, que nos protege.

## Congresso Eucharistico

Com grande magestade e ponipa, a Egreja Brasileira, sob o alto patrocínio de D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, cardeal presbytero da Egreja Romana, dos titulos de S.S. Bonifacio e Aleixo, arcebispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e sob a presidencia de D. Sebastião Leme, arcebispo da Pharsalia e coadjutor do Rio de Janeiro, commemorou o centenario, realizando o Primeiro Congresso Eucharistico, não só para agradecer as mercês e benções que cobrem o Brasil, mas tambem, como um *ex-voto* do nosso paiz, consagrando-o à invocação divina, a cujo fulgor vive, desde que os portugueses de 1500 elevaram, na Corôa Vermelha, da Bahia Cabralia, a Cruz que lhe deu o nome. A religião catholica no Brasil, se ainda houvesse mistér de manifestar a sua grandeza, teria tido no Congresso Eucharistico a mais formidavel demonstração, na eloquencia de seus membros, na força de seu esplendor, na magnificencia de suas luzes por fim, na imponente procissão que atravessou a nossa cidade, acompanhada por muitos milhares de pessoas, levando em triumpho a Eucharistia, cujo carro era conduzido exclusivamente por officiaes do exercito e da marinha, num symbolo grandioso. Como bem justificou o Presidente do Congresso, é necessario reintegrar a nossa vida nos principios austeros da probidade chirstã, fazendo "desapparecer de nossa gente a obsessão grosseira dos interesses do *eu* e a consequente menosprezo das idealidades immortaes da Moral e da Patria". Agora, que assistimos no mundo inteiro uma revolução espiritualista e que va avultando no nosso paiz, sobretudo na nova geração, em espectáculo formoso e incisivo, o Congresso Eucharistico tem um alto significado. Não foi um congresso ecclesiastico, nem uma reunião episcopal, mas a larga assembléa da nação religiosa, através de seus nomes mais representativos, nas letras, na sciencia, no parlamento, na judicatura, na imprensa, no magisterio, enfim, em todas as manifestações do espirito nacional, erguido num fremito de fé. A reunlão Eucharistica é uma



## INSTALAÇÃO DO CONGRESSO EUCHARISTICO

das nossas fórmãs de expressão do sentimento christão e innumerous têm sido os diocesanos, regionaes e nacionaes, já tendo se realizado 25 internacionaes, dos quaes os mais celebres foram os de Friburgo, de Paris, Jerusalém, Reimã, Londres, Colonia, Montreal, Vienna, Madrid e Roma. Na Alemanha foi tão empolgante o Congresso que o proprio Imperador, protestante, se julgou obrigado a mandar aos congressistas uma attenciosa mensagem de cumprimentos. Nos Congressos Eucharisticos de Vienna e Madrid, os soberanos compareceram pessoalmente às cerimoniaes e assembléas, nellas tomando parte.

No Canadá, unica região americana honrada por um Congresso Eucharistico Internacional, ao lado de cento e vinte bispos, tres mil sacerdotes e uma multidão calculada em quinhentas mil pessoas, tendo á frente o Governo Federal, acompanharam a procissão pelas ruas de Montreal. Entre nós, por mingua de tempo, o Congresso não pôde ser internacional, o que lhe não tirou o fulgor e o brilho, pois a nação inteira, num estimulo magnifico, de fé e edificação, exaltou-se numa prece collectiva. Num paiz, como o nosso, onde a religião tem sido, desde a catechese, uma força de organização e disciplina, que, ainda na ultima guerra, foi a primeira voz a se levantar confortando e animando o Espirito nacional, acontecimentos da ordem desse grande certamen devem muito nos alegrar. Nenhum povo foi grande sem fé — é a lição Incontestada da historia — e a melhor das confirmações do valor da religião como elemento disciplinador nos dá a reconciliação do Estado leigo com a Egreja, da França e de Portugal. No Brasil, onde a separação foi um preito da liberdade, mas não affectou o sentimento nacional, vemos todos o espectáculo confortador de um povo que tem crença, não fixada pelos textõs de lei, mas vinda do coração, onde busca as inefaveis energias de sua gloria e de sua grandeza. S.S. o Papa Pio XI saudou e abençoou o Congresso, nestas palavras:

"Ao dilecto filho nosso — Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Cardeal Presbytero da Santa Igreja Romana, dos Ti-

ulos dos SS. Bonifacio e Aleixo, Arcebispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e aos demais Veneraveis Irmãos Arcebispos e Bispos da Republica Brasileira. — Pio XI Papa — Dilecto Filho e Veneraveis Irmãos, Saudação e Benção Apostolica.

Numa época em que, pela propagação do erro e pela avidez das coisas terrenas, vaes arrefecendo a caridade de muitos, é realmente providencial que tenha progredido por toda a parte com novo fervor o culto do Santissimo Sacramento, pelo costume introduzido dos Congressos Eucharisticos. Assim é que ainda ha pouco nos foi dado ver reunirem-se de todas as partes do mundo nesta mesma cidade homens de todas as classes sociaes, abrasadas no mesmo fogo de amor que Nosso Senhor Jesus Christo veiu trazer à terra e tão vehementemente desejou que nelle tudo se inflammasse. Sem esforço pois comprehendereis, dilecto Filho Nosso e Veneraveis Irmãos, com que satisfação recebemos a noticia de que brevemente realizareis um Congresso Nacional para mais e mais promover o culto da Sagrada Eucharistia. E, em verdade, já sentimos que exto o nosso coração ao ver o povo brasileiro, em cerradas fileiras, acclamar com entusiasmo o Christo Rei, pondo nelle a unica esperança de salvação e paz. Oxalá se propaguem por toda a parte taes industrias de piedade, pois não ha meio mais effizaz para o incremento de todas as virtudes do que o culto da Sagrada Eucharistia, fonte de onde brota espontaneamente o amor das coisas eternas. Esforçae-vos, pois, por bem realizar tão santo empreendimento. Nós, entretanto, faremos preces a Deus para que benignamente conceda os melhores resultados e os fructos que desejaes. E, além das indulgencias de praxe, concedemos o privilegio de celebrar missa à meia noite, depois da vigilia eucharistica, como penhor dos divinos favores, e em testemunho de Nossa Benevolencia a vós, Dilecto Filho Nosso e Veneraveis Irmãos, e a todos quantos assistirem ao Congresso damos de coração a Benção Apostolica. Dado em Roma, junto de S. Pedro, no dia 10 de Agosto de 1922, primeiro anno do Nosso Pontificado. PIO XI, PAPA.



## A França na Exposição

A solicitude do governo da França em acolher o nosso convite para comparecer à Exposição Nacional, em que commemoramos o Centenario, e o brilho, que deu á sua representação, constituem novas e valiosas demonstrações da inalteravel amizade que liga os dois paizes.

Os ideaes de cultivo e liberdade, de espiritos e de força, o prestigio maravilhoso de actividade que a França encerra, com presença sem rival, despertaram sempre no nosso povo um entusiasmo fremente e vivo, pela grande Nação, que ainda hontem nas horas tragicas do perigo e do soffrimento, encontrou no Brasil, não só o allivio politico, mas o amigo fiel e o camarada dedicado, cujo esforço era minorar o peso de tormenta, com o compacto moral, espiritual e material, a todo seu alcance. O exemplo indomavel da França nos enchia por outro lado, de admiração e deslumbramento, e da resistencia a victoria, acompanhamos extacticos a força do grande povo, cuja vitalidade, fulgor e energia desmentiam certas affirmações afoitas de declinio. A guerra retemperou o espirito francez e sua gloria saiu da fornalha incandescente mais rutila e esplendorosa. E tambem nossa admiração e nosso affecto cresceram, correspondido com signal calor pela França, que não cessa de nos testemunhar a sua fraternidade e o seu agradecimento. O ensejo da comemoração do Centenario permittiu não só as demonstrações officiaes do mais alto significado, bem como as da intellectualidade franceza, em cujo leite generoso e fecundo temos bebido sofregos essa cultura latina, que raia da Ilha-de-France, illuminando o mundo, pela sabedoria, pela força e pela belleza. A França eterna é uma fascinação do espirito brasileiro.

A embaixada especial franceza, presidida pelo Sr. Alexandre Conty, o eminente embaixador, cujo alto espirito tem enchido de brilho excepcional a representação permanente da França no Brasil, era constituída de nomes da mais elevada significação, cuja presença foi entre nós motivo do mais justo e honroso orgulho. O deputado Géo Gerard, parlamentar de grande estimação na Camara Franceza e decidido amigo do Brasil, o capitão Fonck, militar franceza, que conquistou nos ares sombrios das frentes a aureola que lhe cinge a fronte de joven, Emile Borel, o sabio mathematico que todo o mundo admira, Pierre Janet, o illustre publicista do Instituto de França; o Professor George Dumas, um dos espiritos de *élite* da cultura franceza moderna, representante de admiravel Sorbonne; e o Dr. Chiray, da faculdade de Medicina de Paris, de que é um dos maiores luminares. A simples referencia a tão illustres personalidades vale o mais completo louvor e o mais sincero agradecimento á França, pela honra que nos deu, fazendo-se representar de modo tão brilhante nas festas do Centenario. A inauguração do Pavilhão da França, na Avenida das Nações, permittiu que o governo do Brasil, expressasse essa gratidão, o que fez o sr. Ministro Ferreira Chaves, no discurso que proferiu nessa solemnidade e que reproduzimos a seguir:

Ha muitos motivos na vida do Brasil para que lembremos sempre a França, com viva sympathia, agradecimento e admiração.

Ainda agora, ao festejarmos o primeiro Centenario da nossa independencia politica, recordamos commovidos o concurso que a ella nos prestou o General Labatut, um de tantos compatriotas vossos que se tornaram paladinos da liberdade de outros povos e por ella pelejaram no mundo.

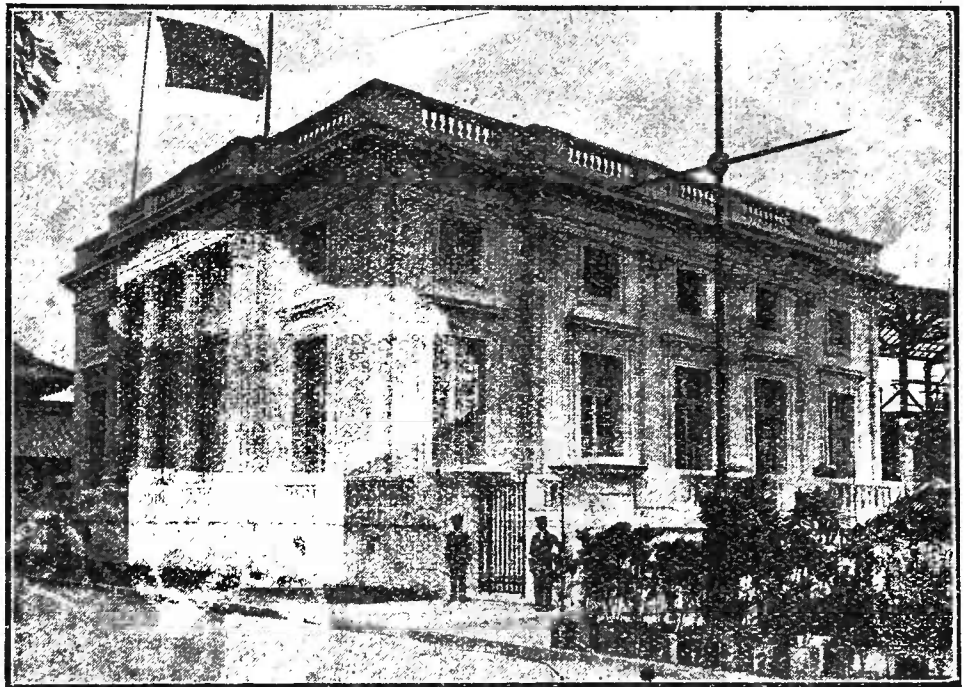
Antes da independencia, já outros francezes nos tinham trazido preciosa collaboração. Um grupo admiravel de artistas fundava a Academia de Bellas Artes, iniciava-nos na techina propria para achar as formas de exprimir a belleza e ao mesmo tempo um dos vossos propectos naturalistas viajava, sem medir sacrificios, todo o sul e centro do Brasil e celebrava depois, em paginas immoredouras, não sómente a opulencia da nossa flora, o theor e variedade dos nossos mineraes, a extensão dos nossos rios, mas tambem vaticinava, de par com o progresso economico, o futuro da nossa civilização. Pela autoridade de seu julgamento a obra de Saint-Hilaire ficou sendo para sempre uma das propagan-

compatriotas o valioso concurso que trouxe o bom exito da Exposição Internacional do Centenario"

As eloquentes palavras dos commissarios francezes, Srs. Crozier e o Barão de Thénard, com que, na mesma festa inaugural, disseram os intuitos da França tomando parte na comemoração em que festejamos o 1º centenario de nossa independencia politica, são expressivas dessa inquebrantavel amizade que nos liga á França, mãe espiritual de toda a latinidade, herdeira da civilização greco-latina, a que deu mais vigor e mais belleza, na harmonia de seu admiravel espirito geometrico e de seu subtil "Espirit de finesse".

O pavilhão de França é um dos mais bellos que se ergueram na sumptuosa Avenida das Nações. Foi construido em 128 dias, pelos engenheiros brasileiros Drs. A. Monteiro e Olavo Tydio de Souza Aranha Junior. O material empregado na construcção, que é definitiva, foi o cimento armado em estru-

## EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO



PAVILHÃO DA FRANÇA

das mais effizacs das grandesas do Brasil e das virtudes nativas da sua gente.

A influencia da civilização franceza, no aperfeioamento das suas artes, na creação da sua litteratura e da sciencia professada nas suas escolas superiores, constituiu o laço moral mais apertado entre os nossos dois paizes e por isso mesmo a base solida da amizade que nos une.

Por gentileza tão da nossa indole este pavilhão, copia de uma das maravilhas da archetectura franceza no seculo 18, vai ficar no coração da nossa capital como prova do genio creador da vossa raça e lição para nós proveitosa do seu gesto requintado.

E' com maior desvanecimento, que, em nome do Governo Federal, cumprimento, em vossas pessoas, a grande nação amiga e, por vosso intermedio, agradeço a distincção com que tanto nos captiva, bem como aos vossos

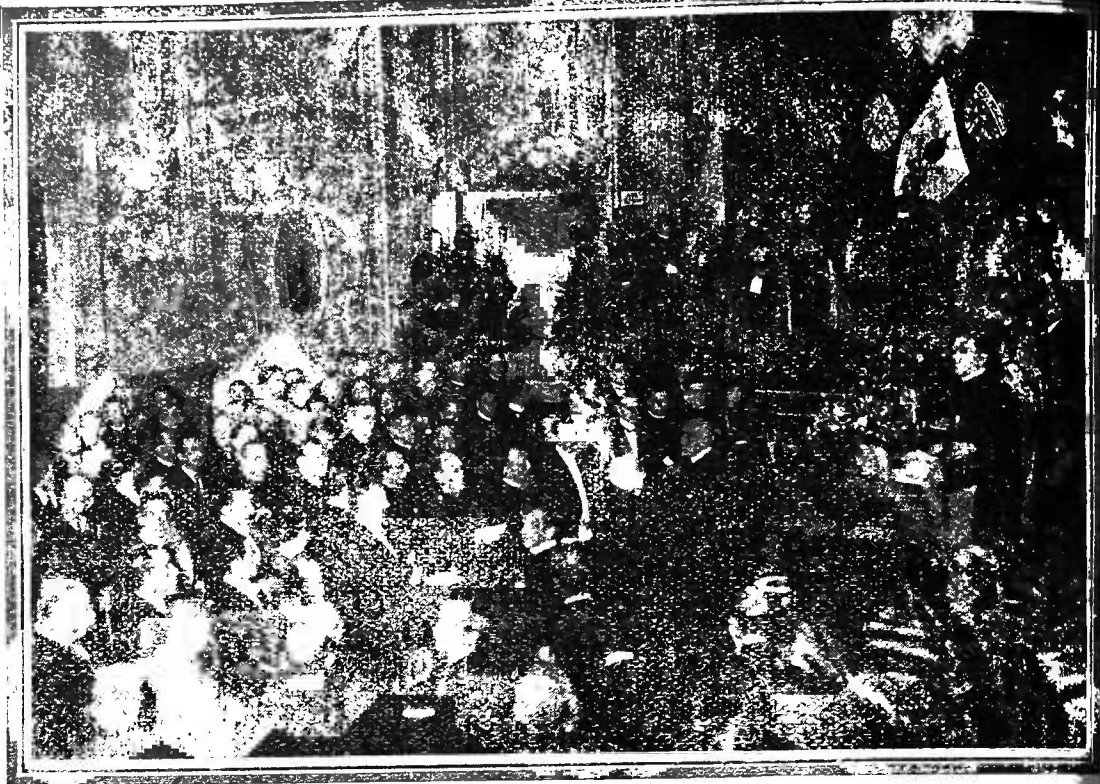
ectura metolica, sendo que o revestimento externo, tambem de cimento, apresenta o colorido da pedra franceza. Nestas condições o palacio da França é uma reproducção perfeita, em todos os seus motivos architectonicos, do *Pequeno Trianon*, de Versailles. A sua decoração, do mais apurado gosto artistico, é muito rica e as tapeçarias e obras de arte dão uma nota de inconfundivel destaque a esse delicioso palacio, onde o espirito francez transparece, nas suas linhas elegantes e sobrias, de medida e equilibrio. Por um gesto de captivante gentileza, que tanto nos captivou, esse pavilhão, depois de encerrado o certamen, será doado ao Brasil, em plena propriedade. Terá a França assim perpetuado a sua homenagem ao nosso paiz, na grande data que celebramos com a exaltação e a alegria do mundo, offertando-nos um symbolo de Versailles, essa flor maravilhosa do seu genio de belleza.

## A estatua de Christo

Foi solennemente lançada no alto do Corcovado a pedra fundamental do monumento a Christo Redemptor que se erigirá por um voto expressivo e unanime da Nação Brasileira, a que o Congresso, possivelmente, dará o seu apoio, contribuindo para essa realização. A estatua grandiosa será um symbolo, mesmo para os que só vêm em Christo a maior e mais benéfica influencia sobre o mundo, o Creador da civilização Christã que nos eleva sobre o mundo. Para os brasileiros, que têm fé religiosa, que receberam na religião de seus paes, o alento espiritual para os grandes conquistas da nação, a estatua de Christo será um precioso ex-voto que levantam ao Senhor dos homens, pedindo bênçãos sobre a terra de Santa Cruz e agradecendo as mercês que lhe tem prodigalizado. O monumento será um symbolo de amor e de fé, de amor, que liga os homens e os faz crescer, e de fé, que é lume e *senza da qual, ben far non basta*. Saibamos criar o Brasil e tornal-o grande, dentro da civilização christã, não erigindo estatuas aos deuses de força, mas adorando-o Deus de bondade, que nos protege.

## Congresso Eucharistico

Com grande magestade e pompa, a Igreja Brasileira, sob o alto patrocínio de D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, cardeal presbytero da Igreja Romana, dos titulos de S.S. Bonifacio e Aleixo, arcebispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e sob a presidencia de D. Sebastião Leme, arcebispo da Pharsalia e coadjutor do Rio de Janeiro, commemorou o centenario, realizando o Primeiro Congresso Eucharistico, não só para agradecer as mercês e bênçãos que cobrem o Brasil, mas também, como um *ex-voto* do nosso paiz, consagrando-o á invocação divina, a cujo fulgor vive, desde que os portugueses de 1500 elevaram, na Corôa Vermelha, da Bahia Cabralia, a Cruz que lhe deu o nome. A religião catholica no Brasil, se ainda houvesse mistér de manifestar a sua grandeza, teria tido no Congresso Eucharistico a mais formidável demonstração, na eloquencia de seus membros, na força de seu esplendor, na magnificencia de suas luzes por fim, na imponente procissão que atravessou a nossa cidade, acompanhada por muitos milhares de pessoas, levando em triumpho a Eucharistia, cujo carro era conduzido exclusivamente por officiaes do exercito e da marinha, num symbolo grandioso. Como bem justificou o Presidente do Congresso, é necessario reintegrar a nossa vida nos principios austeros da probidade christã, fazendo "desapparecer de nossa gente a obsessão grosseira dos interesses do *eu* e consequente menosprezo das idealidades immortaes da Moral e da Patria" Agora, que assumimos no mundo inteiro uma posição espiritualista e que vaç avultando no nosso paiz, sobretudo na nova geração, em espectáculo formoso e incisivo, o Congresso Eucharistico tem um alto significado. Não foi um congresso ecclesiastico, nem uma reunião episcopal, mas a larga assembléa da nação religiosa, através de seus nomes mais representativos, nas letras, na sciencia, no parlamento, na judicatura, na imprensa, no magisterio, enfim, em todas as manifestações do espirito nacional, erguido num fremito de fé. A reunião Eucharistica é uma



## INSTALLAÇÃO DO CONGRESSO EUCHARISTICO

das nossas fórmulas de expressão do sentimento christão e innumerables têm sido os diocesanos, regionaes e nacionaes, já tendo se realizado 25 internacionaes, dos quaes os mais celebres foram os de Friburgo, de Paris, Jerusalém, Reimã, Londres, Colonia, Montreal, Vienna, Madrid e Roma. Na Alemanha foi tão empolgante o Congresso que o proprio Imperador, protestante, se julgou obrigado a mandar aos congressistas uma attenciosa mensagem de cumprimentos. Nos Congressos Eucharisticos de Vienna e Madrid, os soberanos compareceram pessoalmente ás cerimoniaes e assembléas, nelas tomando parte.

No Canadá, unica região americana honrada por um Congresso Eucharistico Internacional, ao lado de cento e vinte bispos, tres mil sacerdotes e uma multidão calculada em quinhentas mil pessoas, tendo á frente o Governo Federal, acompanharam a procissão pelas ruas de Montreal. Entre nós, por mingua de tempo, o Congresso não pôde ser internacional, o que lhe não tirou o fulgor e o brilho, pois a nação inteira, num estimulo magnifico, de fé e edificação, exaltou-se numa prece collectiva. Num paiz, como o nosso, onde a religião tem sido, desde a catechese, uma força de organização e disciplina, que, ainda na ultima guerra, foi a primeira voz a se levantar confortando e animando o Espirito nacional, acontecimentos da ordem desse grande certamente devem muito nos alegrar. Nenhum povo foi grande sem fé — é a lição incontestada da historia — e a melhor das confirmações do valor da religião como elemento disciplinador nos dá a reconciliação do Estado leigo, com a Igreja, da França e de Portugal. No Brasil, onde a separação foi um preito da liberdade, mas não affectou o sentimento nacional, vemos todos o espectáculo confortador de um povo que tem crença, não fixada pelos textos de lei, mas vinda do coração, onde busca as inefaveis energias de sua gloria e de sua grandeza. S.S. o Papa Pio XI saudou e abençoou o Congresso, nestas palavras:

"Ao dilecto filho nosso — Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Cardeal Presbytero da Santa Igreja Romana, dos Ti-

tuos dos SS. Bonifacio e Aleixo, Arcebispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e aos demais Veneraveis Irmãos Arcebispos e Bispos da Republica Brasileira. — Pio XI Papa — Dilecto Filho e Veneraveis Irmãos, Saudação e Bênção Apostolica.

Numa época em que, pela propagação do erro e pela avidez das coisas terrenas, vaç arrefecendo a caridade de muitos, é realmente providencial que tenha progredido por toda a parte com novo fervor o culto do Santissimo Sacramento, pelo costume introduzido dos Congressos Eucharisticos. Assim é que ainda ha pouco nos foi dado ver reunirem-se de todas as partes do mundo nesta mesma cidade homens de todas as classes sociaes, abrasadas no mesmo fogo de amor que Nosso Senhor Jesus Christo veio trazer á terra e tão vehementemente desejou que nelle tudo se inflammasse. Sem esforço pois comprehendereis, dilecto Filho Nosso e Veneraveis Irmãos, com que satisfação recebemos a noticia de que brevemente realizareis um Congresso Nacional para mais e mais promover o culto da Sagrada Eucharistia. E, em verdade, já sentimos que exultamos no nosso coração ao ver o povo brasileiro, em cerradas fileiras, acclamar com entusiasmo o Christo Rei, pondo nelle a unica esperança de salvação e paz. Oxaí se propaguem por toda a parte taes industrias de piedade, pois não ha meio mais effizaz para o incremento de todas as virtudes do que o culto da Sagrada Eucharistia, fonte de onde brota espontaneamente o amor das coisas eternas. Esforçae-vos, pois, por bem realizar tão santo empreendimento. Nós, entretanto, faremos preces a Deus para que benignamente conceda os melhores resultados e os frutos que desejaes. E, além das indulgencias de praxe, concedemos o privilegio de celebrar missa á meia noite, depois da vigilia eucharistica, como penhor dos divinos favores, em testemunho de Nossa Benevolencia, a vós, Dilecto Filho Nosso e Veneraveis Irmãos, e a todos quantos assistirem ao Congresso damos de coração a Bênção Apostolica. Dado em Roma, junto de S. Pedro, no dia 10 de Agosto de 1922, primeiro anno do Nosso Pontificado. PIO XI, PAPA.

## A França na Exposição

A solicitude do governo da França em acolher o nosso convite para comparecer à Exposição Nacional, em que commemoramos o Centenario, e o brilho, que deu á sua representação, constituem novas e valiosas demonstrações da inalteravel amizade que liga os dois paizes.

Os ideaes de cultivo e liberdade, de espiritos e de força, o prestigio maravilhoso de actividade que a França encerra, com presença sem rival, despertaram sempre no nosso povo um entusiasmo fremente e vivo, pela grande Nação, que ainda hontem nas horas tragicas do perigo e do soffrimento, encontrou no Brasil, não só o allivio politico, mas o amigo fiel e o camarada dedicado, cujo esforço era minorar o peso de tormenta, com o compacto moral, espiritual e material, a todo seu alcance. O exemplo indomavel da França nos enchia por outro lado, de admiração e deslumbramento, e da resistencia a victoria, acompanhamos extacticos a força do grande povo, cuja vitalidade, fulgor e energia desmentiam certas affirmações afoitas de declinio. A guerra retemperou o espirito francez e sua gloria saiu da fornalha incandescente mais rutila e esplendorosa. E tambem nossa admiração e nosso affecto cresceram, correspondido com signal calor pela França, que não cessa de nos testemunhar a sua fraternidade e o seu agradecimento. O ensejo da commemoração do Centenario permittiu não só as demonstrações officiaes do mais alto significado, bem como os da intellectualidade franceza, em cujo leite generoso e fecundo temos bebido sofregos essa cultura latina, que raia da Ilha-de-France, illuminando o mundo, pela sabedoria, pela força e pela belleza. A França eterna é uma fascinação do espirito brasileiro.

A embaixada especial franceza, presidida pelo Sr. Alexandre Conty, o eminente embaixador, cujo alto espirito tem enchido de brilho excepcional a representação permanente da França no Brasil, era constituída de nomes da mais elevada significação, cuja presença foi entre nós motivo do mais justo e honroso orgulho. O deputado Géo Gerard, parlamentar de grande estimação na Camara Franceza e decidido amigo do Brasil, o capitão Fonck, militar franceza, que conquistou nos ares sombrios das frentes a aureola que lhe cinge a fronte de joven, Emile Borel, o sabio mathematico que todo o mundo admira, Pierre Janet, o illustre publicista do Instituto de França; o Professor George Dumas, um dos espiritos de elite da cultura franceza moderna, representante de admiravel Sorbonne; e o Dr. Chiray, da faculdade de Medicina de Paris, de que é um dos maiores luminares. A simples referencia a tão illustres personalidades vale o mais completo louvor e o mais sincero agradecimento á França, pela honra que nos deu, fazendo-se representar de modo tão brilhante nas festas do Centenario. A inauguração do Pavilhão da França, na Avenida das Nações, permittiu que o governo do Brasil, expressasse essa gratidão, o que fez o sr. Ministro Ferreira Chaves, no discurso que proferiu nessa solemnidade e que reproduzimos a seguir:

Ha muitos motivos na vida do Brasil para que lembremos sempre a França, com viva sympathia, agradecimento e admiração.

Ainda agora, ao festejarmos o primeiro Centenario da nossa independencia politica, recordamos commovidos o concurso que a ella nos prestou o General Labatut, um de tantos compatriotas vossos que se tornaram paladinos da liberdade de outros povos e por ella pelejavam no mundo.

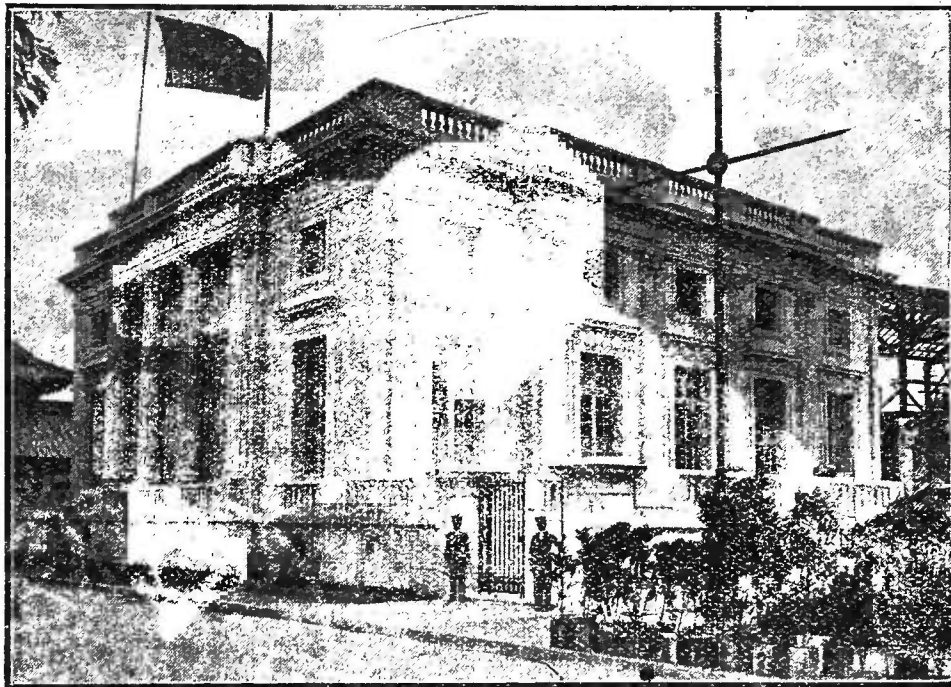
Antes da independencia, já outros francezes nos tinham trazido preciosa collaboração. Um grupo admiravel de artistas fundava a Academia de Bellas Artes, iniciava-nos na techina propria para achar as formas de exprimir a belleza e ao mesmo tempo um dos vossos projectos naturalistas viajava, sem medir sacrificios, todo o sul e centro do Brasil e celebrava depois, em paginas immoredouras, não sómente a opulencia da nossa flora, o theor e variedade dos nossos mineraes, a extensão dos nossos rios, mas tambem vaticinava, de par com o progresso economico, o futuro da nossa civilização. Pela autoridade de seu julgamento a obra de Saint-Hilaire ficou sendo para sempre uma das propagan-

compatriotas o valioso concurso que trouxe o bom exito da Exposição Internacional do Centenario"

As eloquentes palavras dos commissarios francezes, Srs. Crozier e o Barão de Thénard, com que, na mesma festa inaugural, disse-ram os intuitos da França tomando parte na commemoração em que festejamos o 1º centenario de nossa independencia politica, são expressivas dessa inquebrantavel amizade que nos liga á França, mãe espirital de toda a latinidade, herdeira da civilização greco-latina, a que deu mais vigor e mais belleza, na harmonia de seu admiravel espirito geometrico e de seu subtil "Espirit de finesse".

O pavilhão de França é um dos mais bellos que se ergueram na sumptuosa Avenida das Nações. Foi construido em 128 dias, pelos engenheiros brasileiros Drs. A. Monteiro e Olavo Tydio de Souza Aranha Junior. O material empregado na construcção, que é definitiva, foi o cimento armado em estru-

## EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO



PAVILHÃO DA FRANÇA

das mais efficazes das grandesas do Brasil e das virtudes nativas da sua gente.

A influencia da civilização franceza, no aperfeçoamento das suas artes, na creação da sua litteratura e da sciencia professada nas suas escolas superiores, constituiu o laço moral mais apertado entre os nossos dois paizes e por isso mesmo a base solida da amizade que nos une.

Por gentileza tão da nossa indole este pavilhão, copia de uma das maravilhas da architectura franceza no seculo 18, vai ficar no coração da nossa capital como prova do genio creador da vossa raça e lição para nós proveitosa do seu gesto requintado.

E' com maior desvanecimento, que, em nome do Governo Federal, cumprimento, em vossas pessoas, a grande nação amiga e, por vosso intermedio, agradeço a distincção com que tanto nos captiva, bem como aos vossos

ctura metoica, sendo que o revestimento externo, tambem de cimento, apresenta o colorido da pedra franceza. Nestas condições o palacio da França é uma reprodução perfeita, em todos os seus motivos architectonicos, do Pequeno Trianon, de Versailles. A sua decoração, do mais apurado gosto artistico, é muito rica e as tapeçarias e obras de arte dão uma nota de inconfundivel destaque a esse delicioso palacio, onde o espirito francez transparece, nas suas linhas elegantes e sobrias, de medida e equilibrio. Por um gesto de captivante gentileza, que tanto nos captivou, esse pavilhão, depois de encerrado o certamen, será doado ao Brasil, em plena propriedade. Terá a França assim perpetuado a sua homenagem ao nosso paiz, na grande data que celebramos com a exaltação e a aiegría do mundo, offertando-nos um symbolo de Versailles, essa flor maravilhosa do seu genio de belleza.

## A mentalidade franceza no Brasil

A Academia Brasileira prestou uma comovida homenagem á mentalidade franceza. na recepção aos professores Ernest Martinenche e Georges Dumas, da Sorbonne, eleitos socios correspondentes nas vezes de Jean Finot e Casper Brauner, ao mesmo tempo que favoreceu occasião de um novo testemunho da cordialidade franco-brasileira, assegurada através do mutuo conhecimento das elites, as quaes cabe a função mentora dos povos. As personalidades dos novos academicos, de Martinenche o critico literario tão admiravel, em cujos estudos ibericos temos tido as mais brilhantes e eruditas lições, e de Dumas, o psychologo e escriptor de tão altos meritos, não precisamos mais louvar, tão conhecidos nos são e tão largo é o renome que os cerca no Brasil. As intenções da Academia, que tanto se honrou com as eleições aos illustres professores de Sorbonne, explicou-as os seus oradores — os academicos Medeiros e Albuquerque e Ataulpho de Paiva, em expressivos discursos, em que analysaram o espirito e a obra dos novos membros correspondentes da illustre Companhia.

O Sr. Medeiros e Albuquerque, saudando George Dumas, estudou largamente a sua fulgurante personalidade literaria, o psychologo moderno e atilado, que foi levado á Sorbonne pela indicação honrosissima de Theodule Ribot, o grande mestre de psychologia contemporanea. Do primeiro estudo de Dumas, sobre Tolstoi, em que explicava a obra do extraordinario russo pelo amor, realisando a fusão pantheistica, em que o ser se dissolve na totalidade da natureza, passando depois pelos que escrevem sobre Saint-Simon e Augusto Comte, chegou a *Tristeza e Alegria*, que chamou de livro modelo, "modelo de methodo, modelo de perfeição na maneira de imaginaria e de realizar as experiencias". Estudou largamente as intenções da obra de psychologia de Dumas, a cujo magistral tratado referiu, apenas, sem mais tempo mais analyse, porque não se podia alongar e o navio que conduziu á França o illustre professor já estava sob pressão, prestes a partir. "Não importa, concluiu o Sr. Medeiros e Albuquerque. E' mesmo talvez no fim de contas, um bem que sejaes constringido pela força material das circumstancias a partir directamente daqui para bordo do vapor em que seguireis para a França. Assim, este será agora o ultimo contacto que tereis com o Brasil. Levareis ainda viva e quente a lembrança deste grupo de Brasileiros, que vos prezam, que vos admiram — e que, em vós, prezam e admiram a grande nação a que pertenceis, e a que tanto deve nossa cultura.

A saudação do Sr. Ataulpho de Paiva, ao successor de Jean Finot, o professor Martinenche, não foi menos significativa. Mostrou, desde logo, "que antes de tudo a Academia, honrando-se com a eleição do Sr. Ernesto Martinenche, procura sagrar o escriptor applaudido e já aclamado, porque bem conhecia a fama do sab'o mestre da Sorbonne e de ha muito rendia veneração a estina ao eximio professor da lingua castelhana, que discernira com larga proficiencia notavel erudição sobre a historia da literatura hespanhola e em especial sobre as origens do theatro que bellamente floresce na patria heroica de Cid"

Em seguida o orador se refere ao espirito que animou bello trabalho de Martinenche sobre Molière, onde soube dar uma feição á analyse das figuras do grande genio francês, com a mais profunda penetração critica.

Depois de por ao relevo a obra iberica do illustre professor de Sorbonne, salienta seus louvores ao Brasil, prefaciando um livro do dr. Oliveira Lima. Não foram apenas palavras de entusiasmo pelo esplendor de natureza, sempre nos dithyrambos dos estrangeiros que nos visitam, mas muito mais, "e alguma cousa mais tendes feito, que nos eleva e nos prende á gratidão incomparavel. Nos positivos transportes da valiosa e evidente amizade bem trabalhaste pelas nossas letras, pela nossa sciencia e sobretudo pela perfeita e immutavel reciprocidade de sentimentos affectuosos intellectuaes entre o vosso amado paiz e a nossa cara patria. Mas ai! deante de poucas horas deixareis essa praia festiva e o céu sob que fostes acolhido com affabilidade e admiração a que fizestes jus pelos peregrinos dotes de coração e intelligencia. Alegres vos recebemos, contentes ficando de vosso encantador convivio e já saudosos nos sentimos com a proximidade commovente da despedida. Boas vindas vos damos muito cordiaes, nesta casa de amigos das letras, formulando votos por que seja a vossa actividade, cada vez mais propicia á irmandade espiritual franco-brasileira".

As respostas dos novos academicos, ouvidas com o maior interesse, despertaram entusiasmo pelas palavras de cordialidade com que celebraram a mentalidade brasileira, insistindo o professor Martinenche pelo cultivo da medida e do equilibrio, essas qualidades essenciaes ao genio francês, sobre cujo "espirit de mesure" construiu a mais admiravel obra de belleza, que está tanto em Descartes, como em Racine, em Pascal e em Anatole France.

## Monsenhor Baudrillart

A recepção que a Academia Brasileira de Letras e a Alliança Franceza promoveram ao Monsenhor Alfred Braudillart, membro da Academia Franceza e bispo auxiliar de Paris, foi uma festa do genio latino, em homenagem á França, na pessoa de um dos seus espiritos de elite, de philosopho e escriptor. O eminenteprelado, de passagem por algumas horas em nossa Capital, voltando da Argentina, do Chile e do Uruguay, onde estivera em missão especial, consentiu em realizar uma conferencia na Academia, sobre *A attitude da França em face da crise universal*, o que o Embaixador Conty patrocinou, associando-se ás homenagens ao grande escriptor francêz. Recebeu Monsenhor Braudillart, o presidente Carlos de Laet, fazendo o elogio da obra do seu eminente confrade, que disse familiar aos membros da douta companhia. E, por fim, accentuou que, lhe rendendo as homenagens, a Academia, mais uma vez, saudava a França, de onde nos vinham idéas sãs e robustas e, ainda quando perigosas, eram sustentadas com o maior brilho e fulgor.

Levantou-se então o illustre prelado. Depois de saudar seus confrades, disse-lhes seu agradecimento, que era tambem o da Academia Franceza e da propria França. Se a Academia de que faz parte, soubesse que deveria parar algumas horas no Rio de Ja-

neiro, certamente tel-o-la incumbido de apresentar uma mensagem especial á Academia Brasileira. As duas instituições visam o mesmo fim e têm o mesmo programma: a conservação da sua propria lingua, o que quer dizer a conservação do espirito nacional. Essa aproximação feita sob tão altos auspicios, já existe virtualmente entre a França e o Brasil. A França não se esquecerá nunca de que o Brasil tomou resolutamente o seu partido e esteve sempre ao seu lado na hora amarissima que precisou enfrentar. Verifica agora pessoalmente o orador a intensidade desses sentimentos de sympathia pela França nos homens de letras do Brasil, o que já sabia e conhecia. Terá prazer em referir isso mesmo á Academia Franceza, quando chegar a Paris, como o Sr. Embaixador da França naturalmente outro tanto fará ao seu governo.

Entre applausos sentou-se o notavel orador, que, num ambiente de respeito e admiração, tivemos ensejo de hospedar e em cuja pessoa rendemos mais uma homenagem á França, não só á sua mentalidade, mas tambem ao seu espirito de ordem e de harmonia, na vanguarda da civilização, no sacrificio glorioso pela humanidade.

## Historia da Colonização Portuguesa no Brasil

O deputado Francisco Valladares apresentou á Camara dos Deputados um projecto de lei para que fosse concedida isenção de taxas e impostos alfandegarios para a obra *Historia da Colonização Portuguesa no Brasil*, que justificou com as seguintes palavras: "A *Historia da Colonização Portuguesa no Brasil*" constitue um empreendimento fóra de todas as cogitações e de todas as possibilidades de lucro. E' uma obra simililar á que o Governo Italiano empreendeu e realizou por occasião do 4º Centenario do descobrimento da America. A publicação da *Racolta Colombiana* exigiu do Governo da Italia o dispendio de alguns milhões de liras, e ficou constituido o mais opulento manancial de documentos relativos a Colombo. A *Historia da Colonização Portuguesa no Brasil*", que está collegindo e reproduzindo em fac-simile a mais rara documentação, dispersa nos archivos da Europa, relativa ao Brasil, constitue, porém, um empreendimento particular, sem quaesquer subsidios officiaes, apenas fortemente amparado pelo espirito de abnegação de alguns patriotas e philanthropos portuguezes. A grandeza desta obra pôde aferir-se pelos fasciculos já publicados e pelas referencias entusiasticas que tem merecido ás mais altas autoridades nacionaes e estrangeiras. O professor João Ribeiro, academico e historiographo eminente, dedicou-lhe estas palavras: "A *Historia da Colonização*, quanto se pôde prever desde agora, será um livro monumental... Bem considerada, ella é, em ultima analyse a historia nacional, inteira e completa, incluindo os proprios movimentos autonomicos que se expressam com as qualidades e defeitos, com o mesmo temperamento da raça procreadora. Na sessão de 23 de Setembro do anno passado, a Academia Brasileira de Letras, por proposta do professor Afranio Peixoto, resolveu unanimemente congratular-se com os

autores da Historia da Colonisação pelo benemerito serviço que estão prestando. O notavel historiador brasileiro Dr. Rocha Pombo, dedicou ao monumental trabalho um longo artigo, de que reproduzimos alguns períodos: "Entre as publicações que vão figurar, e já estão figurando, os fastos do nosso anno secular, destacar-se-ha, pelas suas proporções e pela grandiosidade da execução, a Historia da Colonisação Portugueza do Brasil... Esta publicação vae ser unica até agora nos dois paizes, pois não conheço nada, em tempo algum, que se lhe possa comparar" O eminente dr. José Carlos Rodrigues, o erudito organizador da mais notavel bibliotheca particular relativa á historia do Brasil, escrevendo ao organizador da Historia da Colonisação dizia-lhe: "A sua obra gigantesca é das que ficam pelos seculos afóra attestando o vigor e o patriotismo da raça." O Governo de Portugal, reconhecendo o merito desta grande obra, escripta pelos maiores nomes da sciencia historica e geographica de Portugal e do Brasil, collocou-a sob o seu alto patrocínio, conferindo-lhe duas portarias de louvôr e prestando-lhe o concurso official das bibliothecas e arquivos do Estado. A publicação desta obra monumental, cujas despesas são calculadas em quantia superior a 5.000 contos, está assegurada por um grupo de capitalistas, que para este fim patriótico, constituíram uma sociedade por quotas, com séde no Edifício do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, e commissões auxillares e de propaganda em todos os Estados do Brasil e em Portugal. Este monumento litterario significará o preito de todos os portuguezes á Nação Brasileira, eloquentemente interpretado pelos mais eminentes representantes do talento e da cultura das duas Nações, e constitue o maior monumento bibliographico sobre a historia das nações americanas até agora conhecido. E' grande o espirito de abnegação com que vem sendo publicada a Historia da Colonisação Portugueza do Brasil: emprehendimento fóra de todas as possibilidades de lucro, antes reclamando por parte de seus promotores um assignalado espirito de sacrificio. São evidentes os intulhos de homenagem ao Brasil, na commemoração do Centenario da Independencia, que inspiraram a sua publicação comparavel á "Raccolta Colombina", editada pelo Governo da Italia. Os mais illustres e autorisados historiadores nacionaes e a Academia Brasileira de Lettras se exprimiram a respeito com grandes applausos e elogios. Como manancial de documentação, esta obra adquire a mais indiscutivel e transcendente importancia para o estudo da historia do Brasil. O poder publico do Brasil não lhe pôde ser indifferente. O Governo Portuguez concedeu-lhe como que um character official, collocando-a, como ficou dito, sob o seu alto patrocínio e premiando-a com duas portarias de louvor. Todas estas considerações, cuja procedencia a Camara avaliará, justificam este projecto de lei concedendo isenção de direitos alfandegarios á entrada da Historia da Colonisação Portugueza do Brasil, desde o inicio da sua publicação, e considerando de utilidade publica, que é evidente, a patriótica Sociedade que a edita"

## Congresso de Historia da America

Por iniciativa do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, reuniu-se nesta Capital, como parte do programma commemorativo do Centenario e sob a protecção do Governo, o Segundo Congresso Internacional de Historia da America, a que compareceram varias autoridades, sociologos e publicistas do mundo.

O objectivo principal do Congresso é elaboração de uma historia completa da America, abrangendo os primordios da conquista e da colonização, o regimen do colonato em toda a sua complexidade, desde os episodios heroicos da expansão territorial, até as manifestações symptomaticas do nascimento dum espirito nacional nas novas Patrias que se formavam, culminadas na definitiva incorporação dos novos territorios no concerto das grandes e cultas potencias da era moderna.

A inauguração realizou-se no dia 8 de Setembro e o encerramento a 15 do mesmo mez. A direcção dos trabalhos competio aos Srs. Barão de Ramiz Galvão, presidente; Viveiros de Castro e Tavares de Lyra, vice-presidentes; Agenor de Roure, Gastão Rusch e Adrien Delpech, secretarios.

O Sr. Conde de Affonso Celso e o Sr. Instituto Historico foram os primeiros promovedores da notavel assembléa. Foi presidente de honra o Exm. Sr. Presidente da Republica.

Ao Congresso foram apresentadas innumeras theses e communicações, e dentre ellas destacam as seguintes: *Descobrimiento do Brasil, hespanhões e portuguezes*, por Solidão Leite; *Fundação de S. Paulo*, por Affonso Taunay; *As raças na sociedade colonial, constituição social de cada uma*, por Affonso Claudío; *Os francezes no Brasil, e a França Equinocial*, por Cunha Brasil; *Os hollandezes no Brasil, e o Governo de Mauricio Nassau*, por Tavares de Lyra; *A Politica de Pombal e as relações do Brasil*, por Lucio de Azevedo; *O papel de José Bonifacio na Independencia*, por Pedro Calmon; *Regencia trinna e una, e o papel politico de Feijó*, por Eugenio Egas; *A Escravidão: da suppressão do trafico á lei aurea*, por Evaristo de Moraes; *Os precursors de Cabral sob o ponto de vista geographico, e o descobrimiento do Brasil*, por Gastão Rusch; *Os hollandezes como exploradores do sertão brasileiro*, por Coriolano de Medeiros; *O Brasil Central, viagens e explorações*, por Benedicto Propheta; *Historia do Rio Paraguay*, por Thaumaturgo de Azevedo; *Historia do rio Amazonas*, por Henrique Santa Rosa; *Os naturalistas viajantes dos seculos XVIII e XIX o progresso da ethnographia indigena no Brasil*, por Carlos Teschaur; *Tribus indigenas extinctas nos tempos historicos, e causa de sua extineção*, por Ropolpho Garcia; *Os grandes mercados de escravos africanos, as tribus importadas e sua distribuição regional*, por Braz do Amaral; *A America não pôde obter da sua propria historia: a influencia franceza na conjuração mineira*, por Pedro Calmon; *Manifestação do sentimento nacional no Brasil-Reino em face das Cortes portuguezas, critica desta manifestação pelo confronto do que era a causa do Brasil com o que era a causa de Portugal*, por Viveiros de Castro; *A attitude de franca hostilidade que as Cortes vieram a assumir contra o Brasil, promovendo a sua recolonização e*

*a ancia dos deputados brasileiros*, por Bathazar da Silveira; *A Carta Constitucional de 1824, por Rego Monteiro e Barros Wanderley*; *A constituinte e a influencia que sobre ella exerceram as constituições americana e argentina*, por Lopes Gonçalves; *A administração da Regencia*, por Theodoro de Magalhães; *Relações entre o Estado e a Igreja, e a formula adoptada pela Republica*, por Tavares Cavalcanti; *Os prodromos do federalismo, e projectos e programmas dos partidos*, por Agenor de Roure; *O direito processual, e organização judiciaria*, por Luiz Carpenter; *Os primordios economicos do primeiro seculo do descobrimiento*, por Roza Lagoa; *Prodromos da independencia e papel do Exercito na formação automa do Brasil*, por Moreira Guimarães; *Prodromos da independencia, e papel da Armada na formação da autonomia do Brasil*, por Muniz Barreto; *A Marinha Nacional na campanha Cisplatina*, por Souza Doria; *A Marinha na guerra da pacificação interna do Brasil*, por Amaral Gama; *A marinha brasileira na guerra do Paraguay*, por Raul Tavares; *Barrozo, Tamandaré e Inhauma*, por Didio Costa; *Formação do Exercito brasileiro, e sua evolução no seculo XIX*, por Nilo Val; *Formação dos limites do Brasil*, por Candido Guillobel; *A politica brasileira no Prata, e as missões especiacs*, por Heitor Lyra; *A abertura dos portos do Brasil ao commercio do mundo civilizado*, por Teixeira de Barros; *Das associações litterarias no periodo colonial*, por Max Fleuiss; *Da influencia estrangeira em nossas letras*, por Adrien Depech; *Folklore parahybano*, por Coriolano de Medeiros; *A cultura juridica no Brasil*, por Clovis Bevilacqua; *Correntes phylosophicas*, por Bi-

Além da reunião do Congresso Internacional de Historia da America, o Instituto Historico e Geographico organizou o *Diccionario Historico e Geographico e Ethnographico do Brasil*, de que appareceram a 7 de Setembro os dous primeiros volumes da *Introdução Geral*, sendo o primeiro de cerca de 1.800 paginas, referente ao Brasil em geral, e o segundo, tratando dos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande Norte e Parahyba, com mais de 700 paginas, sendo posteriormente publicados os volumes restantes da *Introdução Geral*, para o que o Governo foi autorizado por lei; promoveu a exposição de documentos e livros relativos á Intendencia, existentes no Instituto Historico, bem como os retratos dos processos do grande movimento; e publicará o volume especial da *Revista* contendo as conferencias que estão sendo pontualmente realizadas sobre os primeiros factos do anno de 1822.

Tomaram parte no Congresso varios de nossos historiadores, scientistas e escriptores e entre as notabilidades estrangeiras citamos os Srs.: Embaixador Americano, Edwin Morgan; Professor Martinenche, Rafael Arizaga, General Bueno Marques, Ministro Venezuelano, Diego Carbonell, Ricardo Levene, Encarregado da Columbia, Max Grillo; Walter Hough, Charles Chandler, Maximo Sot-Hall, Ricardo Robello, Herman James, Mario Saens, Garcia Diaz, Eufrasio Loza, Benito Anchorena, Enrique Loudet, Ricardo Levene, Mariano de Vedia e Mitre, Enrique Guinard, Alfredo Coester, Arthur Dough, Debenedetti, Percy Morton, Th. Pleyte, professor Le Gentil, Nicanor Burto, Jules Claire e André Cleverer.

## Celso Vieira

Do Governo Portuguez acaba de receber o nosso illustre collaborador Celso Vieira as insignias da Ordem de S. Thiago, que, como se sabe, se destina a galardoar os que se distinguem excepcionalmente nas sciencias, letras e artes. Celso Vieira é hoje um nome que todo o Brasil conhece, applaude e admira. Inteligencia maravilhosa, temperamento profundamente artistico e sensibilidade de extremada delicadeza, representa, no nosso meio, uma individualidade á parte, inconfundivel, pelo fuigor do estylo, pela singularidade dos conceitos e pela sua cultura. que é de essencia superior, Soberano da fórma e creador de belleza, o talento harmonioso de Celso Vieira espande nesses dois livros soberbos que são *Endymião* e *Semeador*, modelos perfectos das boas letras, e affirmar-se-á com esplendor novo numa obra definitiva, que em breve surgirá para maior gloria do autor e orgulho da geração a que pertence. Em summa, Celso Vieira levou, entre nós, a arte literaria a um estado de perfeição raras vezes attingido em lingua portugueza. Nada, pois, mais justo do que a homenagem de Portugal prestada ao escriptor, a quem deve elle a interpretação esthetica dos *Lusitadas*, que tal é a *Venus Camoneana*.

## Generico de Vasconcellos

O capitão Generico de Vasconcellos foi distinguido com a commenda da Ordem de Christo. Generico de Vasconcellos é uma das intelligencias mais brilhantes do novo Exercito brasileiro, e, numa obra severissima, como é a *Historia Militar do Brasil*, firmou definitivamente a sua reputação de historiador. Joven professor de patriotismo, militar digno, publicista emerito, é um dos promovedores do espirito nacional do nosso povo. A *America Brasileira* rejubila-se, pois, com o acto do Governo Portuguez galardoando um dos seus mais fulgurantes collaboradores.

## Officiaes da Ordem de S. Thiago

O Governo Portuguez, por proposta do Sr. Embaixador Duarte Leite, acaba de agradecer a Elysio de Carvalho, nosso director, e a Ronald de Carvalho, nosso collaborador, com o gráo de official de Ordem de S. Thiago da Espada. Ronald de Carvalho é o laureado poeta da *Luz Gloriosa* e o applaudido autor da *Pequena historia da literatura brasileira*, obra justamente premiada pela Academia Brasileira, e, portanto, digno de ostentar as insignias da gloriosa e veneravel corporação. Ambos receberam a distincção por intermedio do Dr. Lébre e Lima, secretario da Embaixada Portugueza e tambem um intellectual, e dos mais illustres da nova geração lusitana, que os reuniu num encantador almoço no Jockey Club. Ainda do Exmo. Sr. Presidente Antonio José de Almeida recebeu o nosso director um retrato, devidamente authenticado, extremada gentileza que sobremaneira commoveu a todos quantos trabalhavam nesta casa. Elysio de Carvalho é tambem um dos poucos intellectuaes brasileiros membros da Legião de Honra.

## A representação da Tcheco-Slovaquia

Por proposta do Sr. Ministro Jan Havlasa, o Governo da Tchecoslovaquia nomeou o nosso director Elysio de Carvalho membro honorario da representação dessa Republica na Exposição do Centenario da Independencia, que, além disto, foi muito obsequiado pelo Embaixador extraordinario Mastny, durante a sua permanencia nesta Capital.

## Monumento a Carlos Gomes

A idéa de um grande monumento a Carlos Gomes, em S. Paulo, surgiu em 1909, patrocinada pelos Srs. maestro Luiz Chiapparelli e Gelasio Pimenta, que organizaram uma comissão incumbida de levar a termo a consagração ao compositor brasileiro. Quando iam em meio do trabalho de angariar os donativos para realizar o monumento, a colonia italiana de S. Paulo, num gesto de profunda belleza, tomou a si a consecusão da obra, que seria o seu magnifico presente ao Brasil, na festa do Centenario. Uma comissão composta dos Srs. Cav. Luigi Chiapparelli, conde Francisco Mattarazzo, conde Alexandre Siciliano, que se fez representar pelo Sr. Braz Altieri, commendador Nicolas Puglisi, Cav. Vincenzo Frontini, como representante do Banco Francez e Italiano; Cav. Humberto Lombroso, como representante do Banco Italo-Belga, e Dr. Mario Polacco, tomou a si a direcção da homenagem, que se realizou a 12 de outubro, na data duplamente gloriosa, pelo centenario da aclamação de D. Pedro I e pela descoberta da America. O monumento entregue á cidade de S. Paulo, primoroso trabalho do illustre esculptor italiano Luigi Brizzolara, está collocado na esplanada do Theatro Municipal, descendo pela encosta da Anhangabahú. A parte superior do monumento é constituido por uma exedra de granito vermelho polido, de Carrara. Na parte central da exedra, ergue-se a estatua em bronze de Carlos Gomes, com tres metros e vinte centimetros de altura.

A estatua do grande compositor — contrastando com a existente em Campinas, da autoria de Bernardelli — não tem a attitudé energica que dava ao autor do *Guarany* o ar leonino e triumphante, a que nos acostumámos, evocando a sua gloriosa figura. Na obra de Brizzolara a força genial do maestro se revela numa outra expressão de grandeza — a força do pensamento, titanico, formidavel, arrancando do fundo das meditações a maravilha estupenda dos poemas que o sagraram maior entre os maiores, voz suprema do sentimento e da alma da America. Carlos Gomes, na obra de Brizzolara, não é o triumphador das apotheoses ruidosas, nos momentos graves em que pronuncia o "fiat" genésico das obras immortaes. Toda a tragedia que encerram as suas soberbas harmonias, a poesia profunda e severa, a musica larga e suggestiva, — ambas representadas em marmore aos lados do maestro, — revelam-se na physionomia grave de Carlos Gomes. A parte superior do monumento é completada por dois colossaes candelabros de bronze, de nove metros de altura e 2.500 kilos de peso, cada um. No plano inferior, ao centro da piscina, tres cavallos marinhos lançam jorros de agua pelas ventas e sustentam sobre o dorso um globo com a legenda "Ordem e Progresso". De pé, sobre o globo, a Gloria. A' direita desse conjunto, ergue-se o "Schivo" pres-

tes a apunhalar-se e, pouco além tombada na extremidade do balaustre da escadaria, contorcendo-se nas vascas da morte, a Força. A' esquerda do grupo central, Maria Tudor se ergue numa attitudé de intenso desespero; e adeante, expirando, tomba o "Condór". Uma escada de granito leva á parte avançada do monumento. No topo do franco esquerdo o Guarany — o indio de Alencar idealizado por Brizzolara — acaba de lançar a flecha contra Gonzales. No outro flanco Salvador Rosa faz menção de atrair o punhal, symbolizando no gesto o seu desprezo. Nos extremos, dois grandes grupos limitam o ambito abrangido pelo monumento: uma bellissima mulher representa a Republica dos Estados Unidos do Brasil, empunha a bandeira nacional que o Povo, reclinado, beija; a Italia, que apoia a mão sobre a celebre Victoria de Samothracia, sustentada pelo genio das Bellas Artes. Junto a estes grupos representativos das duas nações irmãs, erguem-se dois altos mastros de bronze, onde tremularão as bandeiras italiana e brasileira.

As estatuas e os grupos do monumento são de bronze, excepto os da Musica e da Poesia, talhados em marmore de Carrara. O proprio granito provem todo da Italia.

## Francisco Manoel

A "Escola de Musica Arcangelo Corelli" tomou a si a louvavel iniciativa de erigir um monumento, que perpetue a memoria de Francisco Manoel, o autor do *Hymno Nacional*, essa pagina fremente de entusiasmo e vibração, em cujos accordes fulge o idealismo tropical de nossa gente. A magnifica acolhida que tem tido a idéa, parece justificar o exito absoluto que lhe almejamos, na certeza de um applauso unanime e patriótico. Porque Francisco Manoel não foi apenas o autor do *Hymno Nacional*, o que bastaria para aureola do seu nome. Foi tambem o benemerito criador do nosso ensino musical, a que se dedicou com o maior desvelo e com o mais absoluto successo. Muito lhe deve a nossa cultura da arte maravilhosa. Vamos transcrever o que escreveu sobre o nosso grande musico, o Dr. Rodrigues Barbosa, dos nossos mais abalizados criticos musicaes, no seu magnifico trabalho "Um seculo de musica brasileira", e que encerra as linhas geraes do esforço meritorio de Francisco Manoel:

"A segunda phase da musica no Brasil, uma vez entrada, no caminho de organização consciente, foi contemporanea da Independencia, denotando bem o abalo causado por tal acontecimento politico e podendo por tanto denominar-se patriótica. E' seu corypheu Francisco Manoel da Silva (1795-1865), discipulo dos mestres que o precederam, inclusive Neikem, e autor do bellissimo *Hymno Brasileiro*, um dos mais entusiasticos e vibrantes que existem. Foi elle o fundador, na capital do Brasil, do Conservatorio de Musica. Elle nasceu no Rio de Janeiro, a 21 de

BREVEMENTE

A MUSICA NO BRASIL  
DE

Renato Almeida

fevereiro de 1795. Muito criança, já Francisco Manoel revelara grande amor e aptidão para a arte musical. Seus paes o entregaram aos cuidados do padre José Mauricio, que era também notavel mestre de philosophia e versado em diversas linguas. Dotado de força de vontade e especial vocação para a musica proveitosas lhe foram as lições de José Mauricio, de maneira que, em pouco tempo conhecia os segredos da arte. Mais tarde foi discipulo do celebre professor Segismundo Nelkem, discipulo predilecto de Haydn. Era muito joven ainda quando compoz um "Te-Deum", offerecido ao principe real D. Pedro.

Francisco Manoel fazia parte da orchestra da Real Camara, de que era mestre o maestro portuguez Marcos Portugal. Este procurando occultar a sua desaffeição pelo discipulo, que dia a dia apresentava novas revelações artisticas, e para desviar-o dos seus trabalhos de compositor, mudou-lhe o estudo de violoncello para o de violino, ameaçando dispensal-o da orchestra real se elle não se mostrasse dedicado e applicado ao estudo deste instrumento.

Percebia Francisco Manoel perfeitamente as intenções de Marcos Portugal e, longe de se mostrar irritado com esse injusto procedimento, mais abnegadamente se entregou aos estudos, progredindo com rapidez e segurança.

Para estabelecer a convivencia entre os que se dedicavam á arte musical e dar a esta um desenvolvimento sempre florescente e que ao mesmo tempo servia-se de auxilio e amparo aos seus irmãos em arte, fundou a 16 de Dezembro de 1833, a Sociedade Beneficente Musical, organizando, elle proprio, os respectivos estatutos.

Taes foram os bons serviços prestados á novel instituição artistica e philantropica, que a junta que a administrava lhe conferiu, a 28 de abril de 1834, o titulo de director.

A musica, que no tempo do velho Rei D. João VI tanto se avantajára e concorrea para ornamentar as repetidas e pomposas festividades celebradas na real capella, e as régias solemnidades da Corte, foi decahindo amortecendo-se o brilho e fama em que sobrepujava ás outras; desappareceram seus sacerdotes mais dedicados, e com elles as recordações dos canticos sacros que ecoavam nas naves da capella real.

Em 1831 foram despedidos todos os musicos da capella imperial, tal o tumulto da politica. Nada mais era um artista: a palheta, a lyra, o escopo, o compasso tornaram-se instrumentos degradantes, e os iconoclastas da arte, subindo ao primeiro altar da capella imperial, apagaram com a esponja esqualida dos Vandalos o painel de José Leandro!

Felizmente desvaneceram-se as nuvens que escureciam o horizonte da patria, iniciando o novo reinado uma época tranquillissima, em que as sciencias e artes puderam avoejar.

Em 1841, dez annos depois desse interregno de completo abandono das artes, quando os animos politicos se tornaram mais calmos e os espiritos, até então irrequietos, mais reflectidos, se entregaram ao renascimento da tranquillidade social e se mostraram dispostos a continuar a trabalhar pelo engrandecimento da patria auxiliando com tenacidade o esforço dos legitimos e dedicados representantes de todos os ramos da actividade brasileira. foi Francisco Manoel, por decreto de 26 de Julho, nomeado mestre compositor de musica da Imperial Camara, como se vê pelo seguinte documento:

"Sua Majestade o Imperador Houve por bem, por Decreto de 26 de Julho deste anno Nomear Mestre Compositor de Musica da Sua Imperial Camara a Francisco Manoel da Silva. E para sua salva e guarda Mandou passar esta. Palacio do Rio de Janeiro, em 3 de Julho de 1841. Candido José de Araujo Vianna.

Intelligente e prespicaz, comprehendeu logo Francisco Manoel que era occasião oportuna de apresentar esse movimento de reacção patriotica para iniciar novos esforços que pudessem desenvolver o estudo da musica de que elle era nesse tempo o "primus inter pares", um dos seus mais inspirados e abnegados cultores.

Por seu perseverante esforço conseguiu fundar um Conservatorio, onde os que desejavam estudar os varios ramos da musica encontraram gratuitamente campo vasto, ensino tecnico e proveitoso.

Essa patriotica iniciativa calou profundamente no espirito do Governo, que, louvando os esforços do artista, por decreto de 27 de Novembro de 1841 sancionou a instituição que, dotada já de recursos obtidos pelo seu installador, não se tornava pesada aos cofres publicos.

Nesse mesmo anno, talvez o de maior gloria para Francisco Manoel, compoz elle o "Hymno Nacional" para solemnizar festivamente a coroação do segundo imperante do Brasil, reflectindo nessa coposição de vibrante inspiração, a alma nacional, nos seus patrioticos impulsos.

Existia nessa época, e ainda existia ha menos de vinte annos, na rua Senhor dos Passos, esquina da do Regente, um armarinho que fôra installado por Antonio Joaquim Ramos de Oliveira Leal, solicitador do Fôro desta Capital, e mais tarde vendido por 600\$000 a José Maria Teixeira, homem activo trabalhador e um tanto dedicado á cultura da arte musical. O seu instrumento predilecto era o clarinete.

Nesse armarinho reuniam-se Francisco Manoel, Bento Fernandes das Mercês, José Rodrigues Côrtes e Dr. Laurindo Rebello, conhecido por poeta Lagartixa, o estudante cantor da Capella Imperial, depois Conego Zacarias da Cunha Freitas e muitos outros amantes da musica.

Foi sobre o balcão desta modesta casa commercial que Francisco Manoel escreveu os primeiros compassos do inspirado "Hymno Nacional Brasileiro"

Fallecendo Marcos Portugal, foi nomeado Francisco Manoel em 17 de Maio de 1842 para substituil-o no lugar de mestre da capella imperial.

Compoz para ser cantado no baptisado de Principe Imperial D. Affonso outro hymno de incontestavel originalidade, que mereceu louvores dos profissionais da época e do então ministro do Imperio, José Carlos Pereira de Almeida Torres, que em nome do Imperador agradeceu ao artista o seu inspirado éstro e entregou-lhe a carta imperial que nomeou conselheiro da Ordem da Rosa.

O Corpo Legislativo veio em auxilio do Conservatorio de Musica, concedendo 16 loterias em favor da instituição, cujo producto foi empregado em apolices, parte para sua manutenção e parte constituindo patrimonio para construcção do edificio, pois não o tendo proprio, foi elle installado em 10 de Agosto de 1848 em uma das dependencias do Museu Nacional.

Em 1851 foi contratada para esta Capital uma companhia de canto e baile, que deu diversos espectaculos, sendo Francisco Manoel nomeado seu Director, cargo que exerceu gratuitamente, apesar dos avantajados lucros que teve a empreza.

Foi devido ainda aos esforços de Francisco Manoel, que, no Conservatorio, se criou um lugar de directora, a quem foram confiadas as jovens que se applicavam ao estudo da musica, autorizando o ministro de então, Luiz Pedreira do Canto Ferraz, em novembro de 1853, a remoção da aula para a rua dos Barbons n. 10, onde começou a funcionar, regendo-a interinamente Francisco Manoel, que depois desempenhou o cargo de mestre effectivo, desde 3 de Fevereiro de 1855.

Lutava o Conservatorio com a falta de recursos e o seu desenvolvimento era por demais lento, quando, por decreto de 23 de Janeiro daquelle anno, foi reorganizado pelo referido ministro, ficando então o Instituto sob a fiscalisação immediata do Ministro do Imperio.

Nesse anno em 14 de Março, inaugurou-se a aula de contraponto, criaram-se duas aulas de instrumentos de corda e duas de instrumentos de sopro. O Conservatorio passou a formar a quinta secção da Academia de Bellas Artes, congraçando-se a pintura, a esculptura e a architectura.

Toda a preocupação, todo o empenho de Francisco Manoel era ver o instituto prospero e prestigiado, de fórma que se extremava em actividade, zelo e amor pelo estabelecimento de educação artistica, que elle fundára com tanto carinho.

Tão notorios se tornaram os seus continuados serviços em prol da arte musical, que o Imperador D. Pedro II, em 2 de Abril de 1857, novamente o agraciou, com o officialato da Ordem da Rosa.

A 18 de Dezembro de 1865, victimado por uma tísica laryngéa e contando 70 annos de idade, falleceu Francisco Manoel em sua antiga residencia da rua do Conde n. 49, sendo seu corpo sepultado no cemiterio de São Francisco de Paula, no carneiro n. 5.492.

O inspirado autor do "Hymno Nacional", deixou publicados, entre outros trabalhos os seguintes: Compendio de musica (artinha) para uso dos alumnos do Collegio de Pedro II; Compendio de principios elementares de musica para o uso do Conservatorio; Compendio Preliminar de Musica; "Te-Deum"; offerecido ao Principe; Hymno da Independencia.

Em 26 de Agosto de 1907, para solemnizar o jubileu artistico, no Brasil, do pianista portuguez Arthur Napoleão, realizou-se no Instituto Nacional de Musica um grande concerto em sua honra.

Por essa occasião foi inaugurada uma lapide de marmore com a seguinte inscripção:

A Francisco Manoel da Silva, mestre na sua Arte, autor do Hymno de sua Patria, fundador do Conservatorio de Musica. — Os professores do Instituto Nacional de Musica, 25 de Agosto de 1907"

Quando Arthur Napoleão descerrou a cortina que envolvia a lapide, a orchestra executou o Hymno Nacional, instrumentado pelo fallecido maestro Leopoldo Miguez.

A familia de Francisco Manoel assistiu a essa justa homenagem, representando a veneranda filha do grande brasileiro Francisco Manoel, a Sra. D. Maria Amalia Mu-

niz Freire. Compareceram seus filhos Srs. Luiz Muniz Freire e Major Francisco Muniz Freire, que foram recebidos á entrada do Instituto pelo director daquelle estabelecimento: Maestro Alberto Nepumuceno e conduzidos para a primeira fila de cadeiras do salão onde ia ser rendida a homenagem ao grande morto.

Em um dos intervallos foram os dous netos de Francisco Manoel apresentados ao Dr. Affonso Penna, Presidente da Republica.

O busto em bronze do inesquecivel maestro estava collocado no centro do palco em um pedestal de madeira, enfeitado artisticamente com flores naturaes e com o pavilhão nacional.

Uma bella "corbeille" de flores naturaes, depositada ao lado do busto, completava a ornamentação.

E', pois, digna de todo applauso a iniciativa da "Escola Corelli" e não temos duvida de que será, em breve, uma formosa realidade. Quando chegará a vez de José Mauricio?

### Archivo diplomatico da Independencia

O Itamaraty vae prestar um relevante serviço aos nossos estudos de historia, publicando o *Archivo Diplomatico da Independencia*, alentada e copiosa documentação sobre as varias missões diplomaticas despachadas então pelo Governo Imperial, não só de caracter politico, em Portugal, França, Austria, Santa Sé, Estados da Allemanha, Estados Unidos e republicas do Prata como pela compra de material de toda natureza, aliciamento de tropas, engajamento de equipagens, contratação de operarios, artifices e agricultores, lançamento de emprestimos, etc. Essa documentação, de cuja valia não é preciso insistir, será publicada separadamente, seguida de correspondencia trocada no Rio com o representante do governo respectivo e precedida de uma noticia historica de toda a negociação. A obra deverá ter sete volumes, in-8º grande, com mais de 400 paginas cada um, dos quaes estão quasi promptos o I, II IV tomos. Os dois primeiros tratam exclusivamente da Grã-Bretanha e o IV abrange a Santa Sé, França e Hespanha. Uma das partes mais interessantes da obra é a referente á missão Stuart, que entabou e levou a cabo as negociações para o reconhecimento da nossa Independencia pelo governo de Lisboa, afinal realizado pelo tratado de 29 de Agosto de 1825. Como se sabe, Sir Charles Stuart, diplomata britannico, fôra mandado por seu governo a Lisboa, convencer D. João VI e o governo da Bemposta da conveniencia de não ser mais retardado o reconhecimento da Independencia do Imperio, porque então a Grã-Bretanha seria levada a fazelo á revelia de Portugal. Nessa negociação, Stuart teve ensejo de offerecer seus serviços ao Governo Portuguez, que os aceitou, mandando-o logo ao Rio, no caracter de plenipotenciario de Portugal, tratar do reconhecimento da Independencia do Imperio. Aqui chegando na segunda quinzena de Julho de 1825, Stuart logo entabou negociações com os tres plenipotenciarios Carvalho e Mello, ministro de Extrangeiros; Barão de Santo Amaro e Villela Barbosa, nomeados pelo Governo Brasileiro. Essas ne-

gociações, muito laboriosas, foram até 29 de Agosto, quando veio a ser firmado por esse plenipotenciario o tratado. O *Archivo Diplomatico da Independencia*, além da documentação, já em parte divulgada, sobre essa negociação, publicará as actas das respectivas conferencias e o diario inedito e mesmo até agora ignorado de Luiz Moutinho Lima Alvares e Silva, official maior da Secretaria de Estado que, como assessor dos negociadores brasileiros e secretario para as conferencias, pôde fazer uma critica muito justa e detalhada desses trabalhos diplomaticos não raro com uma ponta de chiste. A realização dessa obra foi confiada aos Srs. Mario de Vasconcellos, Zacharias Góes de Carvalho, Oswaldo Corrêa, Hildebrando Accioly e Heitor Lyra, funcinarios do Itamaraty e que vão com o maior carinho e zelo levando a termo esse notavel trabalho, que será subsidio do mais alto valor bibliographico da historia patria.

### Tratados Luso-Brasileiros

Entre os resultados benéficos da visita do eminente Presidente Antonio José de Almeida ao Brasil devemos contar a assignatura dos tres tratados, de dupla nacionalidade, emigração e intercambio artistico e litterario, concluidos para robustecer ainda mais as relações entre os dous paizes, regulando e protegendo o trabalho e a actividade dos cidadãos das nações irmãs e removendo certas dificuldades oriundas da dupla nacionalidade e serviço militar no Brasil e em Portugal. A assignatura dos tres tratados, revestiu um caracter de solemne cordialidade, sendo as altas partes contractantes representadas pelos seus ministros do Exterior, como plenipotenciarios especiaes, os senhores doutores José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, de Portugal, e J. M. de Azevedo Marques, do Brasil. A cerimonia se reallzou no Palacio do Itamaraty, na mesa da sala do imperio, tendo os dous titulares, antes de referendarem os tratados, trocado saudações muito expressivas, reaffirmando, em termos cordiaes, os altos intentos de approximação luso-brasileira. Damos a seguir os textos das convenções de 26 de Setembro de 1922:

### Convenção sobre a propriedade litteraria e artistica

"O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, e o Presidente da Republica de Portugal, tendo em consideração as grandes vantagens decorrentes de um regimen amplo, além do estabelecido pelo accordo de 9 de Setembro de 1889 e de convenção de Berna, de 1886, revista em Berlim em 1908, ora em vigor em seus paizes, para a protecção das obras litterarias e artisticas e tendo em vista que a intensificação das relações litterarias e artisticas entre os dous paizes depende das facilidades á permuta de sua produção, resolveram firmar uma convenção especial para esse fim, tendo nomeado seus plenipotenciarios, a saber:

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, o Sr. Dr. J. M. de Azevedo Marques, Ministro de Estado das Relações Exteriores.

## AMERICA BRASILEIRA

O Presidente da Republica de Portugal, o Sr. Dr. José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, Ministro dos Negocios Estrangeiros: os quaes, depois de trocar seus plenos poderes, julgados em boa e devida fórma, convieram no seguinte:

Art. 1.º As garantias decorrentes do registro de obras litteraria e artistica em um dos paizes contratantes são reciprocamente asseguradas em ambos segundo a legislação interna de cada um:

Art. 2.º As obras litterarias e artisticas submittidas a registro em um dos paizes contratantes serão consideradas para os efeitos legais, como registradas no outro, a partir da data do deposito da respectiva certidão, passada pelo paiz em que se effectue o registro.

Art. 3.º Serão depositados tantos exemplares das obras registradas, quantos forem exigidos pela legislação do paiz em que fôr feito o registro e mais um, que será remetido a repartição competente do outro paiz contratante, acompanhando a certidão a que se refere o artigo anterior.

Art. 4.º As publicações periodicas, litterarias e artisticas serão consideradas como obras, para os efeitos da presente convenção especial.

Art. 5.º As altas partes contratantes estabelecerão entre a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro e a de Lisboa um serviço de permuta de duplicatas de obras nacionaes publicadas antes da vigencia da presente convenção especial.

§ 1.º Para isso, cada uma dessas bibliothecas fornecera, periodicamente, á outra uma relação das obras permutadas.

§ 2.º Essas obras serão avaliadas segundo os preços do mercado e esses preços serão mencionados em ouro na respectiva relação.

§ 3.º As despesas decorrentes dessa permuta, serão pagas, annualmente, por encontro de contas.

Art. 6.º Os exemplares em brochura das obras editadas em um dos paizes contratantes gozarão de isenção de direitos.

Paragrapho unico. Todas as obras originaes de caracter litterario e artistico comprehendidas na classificação estabelecida pela convenção de Berna, revista em Berlim, gozarão desses favores.

Art. 7.º É facultado aos representantes consulares de ambos os paizes contratantes pugnar, ex-officio, administrativa e judicialmente, pela applicação da legislação interna e das estipulações da convenção de Berna, revista em Berlim, nos casos de contravenção.

Art. 8.º A transcrição de excerptos e a traducção de obras escriptas originariamente em lingua estrangeira e registradas nos paizes contratantes serão reguladas pela legislação interna do paiz em que se derem.

Art. 9.º Depois de approvada pelo poder legislativo em ambos os paizes contratantes e de trocadas as respectivas ratificações dentro de 60 dias, a presente convenção especial entrará em vigor em cada paiz na data de sua promulgação e vigorará até seis mezes depois de sua denuncia pelo governo de uma das altas partes contratantes.



## Tratado sobre o serviço militar e dupla nacionalidade

"O presidente da Republica de Portugal e o presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, desejosos de negociar um tratado para remover certas difficuldades oriundas da dupla nacionalidade e serviço militar em Portugal e no Brasil, nomearam, respectivamente seu plenipotenciarios, a saber:

O presidente da Republica de Portugal, o Sr. Dr. José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, ministro dos Negocios Estrangeiros.

O presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, o Sr. Dr. José Manoel de Azevedo Marques, ministro das Relações Exteriores, os quaes depois de trocar seus plenos poderes, julgados em boa e devida fórma, convieram no seguinte:

Art. 1º. Qualquer cidadão brasileiro que, por ter nascido em Portugal, tenha tambem a nacionalidade portugueza que:

a) tenha feito serviço militar nas forças de terra, mar ou ar do Brasil ou que tenha concluido um curso official de instrucção militar, naval ou aerea no Brasil, ficará isento do serviço militar em Portugal;

b) sendo maior de 21 annos de idade, tenha renunciado á nacionalidade portugueza, de accôrdo com as leis respectivas, perderá para todos os efeitos aquella nacionalidade.

Art. 2º. Qualquer cidadão portuguez que, por ter nascido no Brasil, tenha tambem a nacionalidade brasileira, ficará isento do serviço militar no Brasil desde que:

a) tenha feito o serviço militar nas forças de terra, mar ou ar de Portugal ou tenha concluido ali um curso official de instrucção militar naval ou aerea;

b) tendo mais de 21 annos de idade, perder a sua nacionalidade brasileira, na fórma da Constituição Federal, art. 71, § 2º.

Parapho unico. Para os efeitos da letra b a apresentação de um certificado de nacionalidade emitido pela autoridade portugueza competente, será equivalente a um título de naturalização e importará consequentemente na perda da nacionalidade brasileira para todos os efeitos.

Art. 3º. As altas partes contratantes estabelecerão pelos departamentos competentes de provar os requisitos dos artigos anteriores.

Art. 4º. O presente tratado será ratificado pelas altas partes contratantes de accôrdo com as respectivas leis, sendo as ratificações trocadas na cidade do Rio de Janeiro o mais cedo possível e continuará em vigor até um anno depois de haver uma das altas partes contratantes communicado á outra a sua intenção de o terminar.

Em testemunho do que os respectivos plenipotenciarios assignaram o presente tratado appondo nelle os seus sellos.

Feito em duplicata, na lingua portugueza, no Rio de Janeiro, aos vinte e seis do mez de Setembro de mil novecentos e vinte e dois. — José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães. — J. M. de Azevedo Marques.

## Convenção de emigração e trabalho

Esta convenção acha-se assim redigida:

O presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil e o presidente da Republica de Portugal concordaram celebrar uma convenção para estabelecer a igualdade de tra-

tamento entre os cidadãos das duas nações, no que se refere aos beneficios das leis sobre os infortunios do trabalho e adoptar as medidas necessarias para facilitar tanto quanto possível o movimento da emigração e o tratamento dos trabalhadores immigrantes.

Para esse fim nomearam os seus plenipotenciarios: o presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, o Sr. Dr. José Manoel de Azevedo Marques, ministro de Estado das Relações Exteriores; e o presidente da Republica de Portugal, o Sr. Dr. José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, ministro dos Negocios Estrangeiros, os quaes, depois de trocarem os respectivos plenos poderes achados em boa ordem e devida fórma convieram nos seguintes artigos:

Art. 1º. Os beneficios garantidos e direitos estabelecidos pela legislação relativa ao trabalho, á protecção dos trabalhadores, á previdencia social, á assistencia, á instrucção geral e profissional e á liberdade de reunião, de associação e de organização profissional, serão concedidas em cada um dos dois paizes aos emigrantes nacionaes do outro, e ás suas familias, exactamente nos mesmos termos e condições em que o são os seus nacionaes.

Art. 2º. Os emigrantes portuguezes e brasileiros gozam, respectivamente, no Brasil e em Portugal dos mesmos beneficios garantias e direitos que em um e em outro paiz sejam concedidos aos emigrantes nacionaes de outro qualquer paiz.

Art. 3º. O governo brasileiro facilitará a conclusão e execução de accôrds que, sobre trabalho e emigração possam vir a ser propostos entre os governos dos Estados que constituem a Republica Brasileira e o governo portuguez, sob a condição de serem taes accôrds previamente submettidos á approvação do governo federal brasileiro e no Estado, no qual tiverem de ser executados.

Art. 4º. A presente convenção entrará em vigor depois da sua approvação pelo poder legislativo dos dois paizes, e um mez depois da troca das ratificações pelos respectivos governos e vigorará até seis mezes depois da sua denuncia pelo governo de uma das altas partes contratantes.

Em fé do que, os respectivos plenipotenciarios assignaram a presente convenção, appondo nella os seus sellos.

Feita em duplicata na lingua portugueza, no Rio de Janeiro, aos vinte e seis dias do mez de Setembro de mil novecentos e vinte e dois. — J. M. de Azevedo Marques. — José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães.

## Canto ao Centenario

Num poema de fervor e deslumbramento o Sr. Alberto Ramos canta a grandeza do Brasil, fulgente e maravilhoso. E' todo elle um hymno vibrante á terra, "contente só da gloria de ser bella" Em estrofes inspiradas e ardentes, em que fremente seu patriotismo exaltado, offerece ao Brasil essa oblação de amor, que abrasa, une e funde, numa grandeza sem igual. A Patria forte e unida, os seus heroes e guerreiros, as suas emoções e victorias perpassam nas suas vozes quentes numa glorificação extasiada e fremente.

"A Patria é o nosso amor, total e indivisivel a patria grande, Augusta e forte!  
Nossas mãos entrelaça, união invencivel, pelo Brasil até á morte!"

Aconselha a união, a pureza e a justiça a todos seus irmãos e que

"UNIÃO! seja o nosso lemma,  
nossa força e lei suprema!"

E o canto se torna oração, vem ungido de uma religiosidade e ternura, onde as forças de terra suavemente evocadas nos avivam a grandeza da terra. E termina:

"Meu canto, meu ultimo canto,"  
"alcyoneo! ignota melodia,"  
"vento asperrimo e fogo sacrosanto!"  
"Meu canto de paz e alegria"  
"e infinito contentamento!"  
"De ti me despeço, é o momento!"  
"(Em vão tentais deter meus passos,"  
"prender-me em vão, formosos braços")  
"Adeus, vida, rapida miragem!"  
"mundo orvalhado e matutino!"  
"Camaradas! traga-me a voragem..."  
"Tu, meu canto, segue o teu destino!"  
"Anda sem trégua e sem repouso"  
"anda de cidade em cidade,"  
"de villa em villa; em cada pouso"  
"entra e pede hospitalidade."  
"Entra no rancho do tropeiro;"  
"Busca o operario na officina,"  
"o mineiro na sua mina,"  
"o lavrador na sua roça,"  
"o pescador na sua choça;"  
"busca o soldado que bivaca,"  
"e canta e fuma na barraca,"  
"ou monta guarda a noite inteira"  
"lá num recanto da fronteira;"

# "AMERICA BRASILEIRA"

Chamamos a atenção de nossos agentes que ainda não liquidaram suas contas com esta Revista, conforme já em circular lhe solicitamos, o obsequio de o fazer o mais breve possível.

Afim de não ser suspensa a remessa desta Revista, pedimos encarecidamente aos nossos assignantes que reformem as suas assignaturas, que, como verão no nosso expediente e attendendo aos melhoramentos por que vae passar a America Brasileira, passará a ser de 10\$000 por anno.

"busca o marujo, horas a fio"  
 "perdido em sonhos na amurada,"  
 "seguindo a esteira do navio;"  
 "chega-te alegremente e brada,"  
 "com a voz e os gestos esquecidos"  
 "dos maiores, presentes e invisíveis,"  
 "em cada peito brada: SÊDE UNIDOS,"  
 "IRMÃOS, E SEREIS INVENCÍVEIS!"

## As grandes publicações do Centenario

O ESTADO DE SÃO DE PAULO, de  
 7 de Setembro de 1922.

Foi uma das maiores publicações do Centenario, a grande edição do *Estado de São Paulo*, de Sete de Setembro, em que procurou nos dar, através de admiráveis artigos a expressão da cultura e da grandeza do Brasil, pelo estudo synthetico de suas varias actividades, intellectuales e materiaes. Na impossibilidade de resumir num só numero, todos os artigos, publicou nos dias consecutivos varios artigos do mais alto valor, os quaes serão reunidos em volumes, numa interessante bibliotheca — *Bibliotheca do "Estado de São Paulo"*. O artigo inicial — *Sete de Setembro* — é um hymno ardente ao Brasil, de fé e de entusiasmo, em que as vozes sinceras dos jornalistas illustres que dirigem o grande órgão, se elevam para saudar seus concidadãos e todos os que, "sob o bellissimo céu que se recurva sobre as nossas cabeças" concorrem para o engrandecimento da Patria brasileira.

Os artigos publicados são os seguintes:

J. F. de Oliveira Vianna, *O idealismo na evolução politica do Imperio e da Republica*; Afranio Peixoto, *Um seculo de cultura sanitaria*; Alberto Faria, *O jornalismo brasileiro*; Plinio Barreto, *A cultura juridica no Brasil*; Arthur Neiva, *A botanica e a zoologia no Brasil*; Amadeu Amaral, *Litteratura e nacionalidade*; Basilio de Magalhães, *A contribuição estrangeira para o progresso do Brasil*; Ed. Navarro de Andrade, *Reflorestamento do Brasil*; Eugenio Egas, *Impressões do primeiro reinado*; Fernando de Azevedo, *A evolução esportiva no Brasil*; Franco da Rocha, *Ornithologia*; Getulio das Neves, *Engenharia brasileira*; J. A. Nogueira, *Organização da democracia representativa*; Léo de Affonseca Junior, *O commercio exterior do Brasil* (desde a Independencia); Luiz Pereira Barreto, *Higiene da mesa*; Oliveira Lima, *Um seculo de relações internacionacs*; Oscar Freire, *A evolução da medicina no Brasil*; P. P., *O progresso economico de S. Paulo*; Ricardo Severo, *A architectura colonial do Brasil* (Archeologia e Arte); Rodrigues Barbosa, *Um seculo de musica brasileira*; Ronald de Carvalho, *As artes plasticas do Brasil*; Sud Menucci, *Educação e ensino no Brasil*; Theodoro Sampaio, *Explorações scientificas no Brasil, no seculo da Independencia*.

Basta esta enumeração, para se avaliar da magnifica contribuição que representa para os estudos brasileiros a grande obra levantada pelo *Estado de São Paulo*.

LA NACION — Buenos Ayres

O grande órgão argentino em homenagem ao primeiro centenario do Brasil, publicou uma soberba edição, em grande formato,

com 335 paginas, em que resume a actualidade brasileira, suas questões historicas, economicas, literarias e artisticas em trabalhos firmados por escriptores, estadistas, jornalistas e literatos os mais reputados. Além da parte de generalisações, traz artigos sobre cada uma das unidades da nossa federação, do Districto Federal e do Acre, escriptos por pessoas versadas nos diversos assumptos locais. A reportagem photographica é muito completa e os desenhos de illustração são interessantissimos e de real valor artistico. Abre a *Nacion* o notavel artigo do Sr. Jorge A. Mitre, o illustre publicista argentino, intitulado suggestivamente — *Una realización inter-americana*, cujas intenções estamos muito a vontade para louvar e nos honramos em transcrever a sua parte final:

Entretanto, os povos da America se vinculam entre si por uma obra quotidiana de aproximação de seus homens e suas actividades. Climats diferentes os fazem complementarios uns dos outros na sua produção, e ainda hontem vimos em Buenos Aires, os tecidos do Brasil, quando os nossos vinhos começavam a attrahir esse mercado.

Uma joven musa evoca com a sua propria figura a belleza fluminense em nossa Capital, e de sua suggestiva personalidade se desdobram a poesia e a esculptura nativas, numa triumphante apothese de arte.

Hoje todas as Embaixadas da America estão no Rio, como no devido tempo estiveram em Buenos Aires e em Santiago.

De taes actos, tão diversos e tão inconexos, surge a acção de interamericanismo coro o denominamos em Nova York para differenciar a das concepções classicas — monroismo e panamericanismo — ás quaes se avanta pela sua actualidade e pelo seu movimento.

Não é uma religião, sequer uma doutrina, mas se cada passo visasse um fim, toda iniciativa teria uma consciencia e uma missão. A dos homens da America consiste em approximar-se por todos os meios adequados a cada actuação individual.

Se se creasse em cada grande centro um comité que desse character e personalidade a tantos movimentos expontaneos e activasse o intercambio intellectual e material, organizasse e promovesse visitas de professores e alumnos, desse estimulo ás tentativas commerciaes e puzesse em relevo o nobre character dos torneios sportivos, cada uma dessas organizações constituiria uma Casa da America, como com sagaz procedencia se fez na Hespanha.

O Rio de Janeiro podia surgir, numa data gloriosa, como o berço desta criação, que teria de servir de guia a tantos espiritos animados do fervor da confraternidade e da reciproca intelligencia.

O nosso continente acaba de dar um alto exemplo ao mundo. E' justamente a Europa que nos demonstra, com o duplo desastre de Genova e de Haya, que a guerra não foi uma solução e que os velhos problemas não encontram os animos preparados para renunciar ás attitudes extremas, primeiro conselho da cordura e da vontade de harmonizar-se. A seu tempo, as nossas Nações do Pacifico, sob inspiração dos Estados Unidos, confirmam o vaticinio fundamental optimista de *La Nacion*, firmando o protocolo de Washington, relativo ao Tratado de Ancon. O pleito, que parecia insolúvel, tende a resolver-se, e se os Governos affrontam

estas responsabilidades, é porque os povos estão preparados para a paz e o amor.

As armas da Argentina e do Brasil, nas duas ultimas e afastadas occasiões em que se juntaram, foi para cruzadas de liberdade,

Quando os Exercitos inermes da colmeia americana adquirirem a noção de que as suas actividades de ligação subconsciente correspondem a um nobre postulado, cada acção assumirá logo a magestade do relevo proveniente desse cunho. Deveria estampar-se nos corações o ideal interamericano; e então certos actos, como este exemplar, teriam correspondido a uma concepção."

"O PAIZ", edição de 7 de Setembro.

Não foi das menores a contribuição de — *O Paiz* para brilho da commemoração jornalística á data da nossa emancipação politica. Foi, sim, das mais brilhantes pelos trabalhos artisticos e litterarios inseridos e pelo vultuoso numero de paginas — em que reviveu a historia brasileira nas suas manifestações fortes de civismo e de intelligencia.

Não se contentando com o seu esplendido trabalho *Uma synthese do Brasil actual*, dá-nos ainda *Independencia e vida*, de Gilberto Amado, *Cem annos de economia do Brasil*, de Alvaro Paes, *O Genio de Wagner, Casa historica e pintores illustres*, de Mendes Ribeiro, *Cem annos de progresso*, sobre a nossa Exposição, além de outros trabalhos de valor. Uma bellissima edição, a do *Paiz*.

"JORNAL DO BRASIL" edição do Centenario.

O velho e popularissimo órgão carioca, a que tanto deve o nosso progresso, visto que sempre esteve á vanguarda dos defensores das grandes causas brasileiras, deu-nos tambem duas edições commemorativas do centenario da nossa independencia politica.

Foram dous numeros dos mais completos de quantos deu a nossa imprensa e em ambos a vida nacional resurgiu e esplendeu no que foi, no que tem sido a sua força evolutiva em todas as expressões da actividade humana e a potencialidade que sóe ser para orgulho da geração contemporanea e das gerações provindouras.

Foi uma excellente numero de evocação de grandeza da nossa nacionalidade e um hymno á actividade constructora do Brasil de hoje. Aliás, não e comprehendia que de outra maneira festejasse o *Jornal do Brasil* a data memoravel que commove o paiz todo.

"DIARIO OFFICIAL", de Alagoas, numero de 7 de Setembro.

Numa edição importante, na capa trazendo as armas do Estado e palavras de entusiasmo á grande data, o *Diario Official* de Alagoas, que a competencia do brilhante intellectual Jayme d'Altafilla dirige, tambem festejou o Centenario. Traz os retratos de todos os Presidentes da Republica, do Sr. Fernandes Lima e de seus auxiliares, o Hymno estadual, letra do saudoso poeta Lulu Mesquita e musica do inesquecivel maestro Benedicto Silva, o Hymno Nacional e varios trabalhos de valor.

Uma edição que honra a imprensa alagoana e muito contribuiu para o brilho com que Alagoas festejou a data da nossa independência.

"JORNAL DO COMMERCIO", de Recife, edição de 7 de Setembro.

O numero que recebemos do *Jornal do Commercio*, de Recife, é uma prova do adiantamento da imprensa do grande Estado nordestino, adiantamento material e intellectual, revelando o quanto está aparelhada ali a industria typographica e a que altura chegou a expressão de cultura de Pernambuco.

Podia-se avaliar o valor da edição com que o *Jornal do Commercio* commemorou o nosso Centenario pelo seu numero avultado de paginas. Isso já seria um louvor; mas a edição do collega pernambucano vale também pelos trabalhos que publicou, de pennas illustres daqui e de lá, cada um escriptor evocando uma pagina da historia brasileira ou dizendo particularmente do heroísmo e da grandeza do povo do Leão do Norte. E' assim que publica trabalhos de Felix Pacheco, Hermes Fontes, Affonso Celso, Agenor de Roure, Rocha Pombo, Ulysses Pernambuco, Erasmo de Macedo, Edwiges de Sá Pereira, Zeferino Galvão Julio Novaes, Araujo Filho e varios outros. Merece o *Jornal do Commercio* as nossas felicitações.

"A FEDERAÇÃO" e o seu numero do Centenario.

A imprensa gaúcha formou na vanguarda dos collegas que festejaram, com edições fulgurante, o sete de Setembro. O numero commemorativo da nossa independência dado pela *A Federação*, o velho e conceituado órgão do Partido Republica Riograndense, não é apenas uma demonstração da importancia material da imprensa do grande Estado sulista como uma prova da sua potencialidade em todos os ramos de actividade.

O que tem sido o Brasil num seculo de existencia politica o que vem sendo e é atualmente o Rio Grande na vida social como nas letras, nas sciencias e na economia, nas artes como nas finanças e no commercio — o que a terra dos pampas apresenta como dinamica na actividade brasileira ahi está expresso através de trabalhos dos mais rutilantes talentos, na edição do Centenario de *A Federação*.

E' um numero bem feito uma contribuição de valor ao brilho das festas gaúchas á memoravel data.

"FON-FON!" de 7 de Setembro de 1922.

A edição deliciosa do *Fon-Fon!* commemorativa do nosso centenario, que organizou o nosso querido confrade Sr. Claudio Ganns,

despedindo-se das lides jornalisticas pelas graves preocupações de secretario do governo de Sergipe, é uma das mais admiraveis publicações do centenario, pela originalidade da collaboração, das illustrações e das gravuras. Incumbindo a um escriptor novo de cada Estado de escrever a pagina referente á sua terra, ornada com motivos locais, *Fon-Fon!* nos deu um bello attestado da mentalidade moderna do paiz, nessas paginas de emoção, de saudade, ou de paisagem. Entre os colaboradores desse numero citaremos os Srs. Claudio Ganns, que escreveu uma linda pagina de abertura, num symbolismo vivo e ardente; Ronald de Carvalho, que louvou o velho Rio, evocando-o com delicioso lirismo a velha capital, *felizmente* remodelada...; Tasso da Silveira, que fez uma *mancha* interessantissima de Curitiba; Luz Pinto, numa saudação a Joinville; Gustavo Barroso, que contou a historia de um "soviet" no Ceará; Renato Almeida, que escreveu sobre a admiravel Bahia; Oswaldo Orico, Alcino Sodré e muitos outros, que emprestaram o brilho de suas pennas a esse numero magnifico do *Fon-Fon!*

"O MUNDO LITERARIO" 5 de Outubro n. VI.

Este mensario da literatura nacional, que dirigem os nossos confrades Srs. Pereira da Silva, Théo Filho e Aggripino Grieco e é editado pela Grande Livraria Leite Ribeiro, publicou um numero de 250 paginas, commemorativo do nosso Centenario. Collaborado por nomes de grande realce nas letras nacionaes, sobretudo de novos, versando assumptos da mais alta relevancia no pensamento e na literatura brasileira, apresenta o *Mundo Literario* uma edição magnifica, que muito honra os seus Directores. Entre os artigos, salientamos os devidos á pena de Rocha Pombo ("Confronto de duas épocas: 1882-1922"); Ronald de Carvalho ("O Romance Brasileiro"); padre Assis Moreira ("O Pulpito Nacional"); Renato Almeida ("O Movimento Philosophico"); Francisco Prisco ("Dom Silverio"); Goulart de Andrade, ("Gil Vicente"); Carlos Rubens, ("Pintura Brasileira"), e D. Amelia Bevilacqua ("Reminiscencia").

"GAZETA DO POVO", edição do Centenario.

Dentre os jornaes que nos Estados deparam edições commemorativas do Centenario é de justiça salientar a *Gazeta do Povo*, de Curitiba, editada pela Empresa Graphica Paranaense de Placido e Silva & C. Ltda.

Organizado pelo Sr. Acir Guimarães, seu redactor-chefe, a *Gazeta* deu-nos um numero magnifico de 90 paginas — com um retrospecto da vida industrial, commercial, artistica litteraria do Paraná, uma resenha

admiravel da potencialidade do prospero Estado sulista em todas as suas expressões de grandeza. A *Gazeta* é um dos jornaes mais lidos do Paraná e não tem preferencias politicas. A redacção do popular vespertino é a seguinte: redactor-chefe, Acir Guimarães; redactor-secretario, Ernani Cartaxo; auxiliares Affonso Bertagnoli e Caio Pereira; reporter, Dirceu Lacerda; revisora, senhorita Alice Cartaxo; correspondente no Rio de Janeiro, Carlos Rubens.

"JORNAL DE ALAGOAS".

Coube ao *Jornal de Alagoas*, na imprensa alagoana, dar a melhor edição commemorativa do Centenario. E fel-o brilhantemente, publicando sobre o grande acontecimento que a Nação festeja commovida, trabalhos de Moreno Brandão, Craveiro Costa, Tito de Barros, do deputado José Bonifacio, além de illustrações e notas referentes ao Centenario. Primeiro e mais lido jornal do Estado, seu corpo redactorial contando com penas brilhantes e dirigido pelo ardoroso jornalista deputado Luiz Silveira. — o *Jornal de Alagoas* não podia deixar de dar aos alagoanos tão bella prova de esforçado patriotismo.

A NOITE — Edição extraordinaria de 7 de Setembro.

Por cerca de quatro horas, quando deveria D. Pedro I ter lançado o grito do Ypiranga, que libertou a Patria, *A Noite* fez circular a sua edição extraordinaria, em homenagem ao Centenario, contendo varios estudos sobre a grande data nacional e tendo, á primeira pagina, uma allegoria ao Brasil, cercado do affecto e da consideração de todo o mundo civilizado. Não menos valiosa é a reportagem photographica, tornando devéras interessante a publicação do nosso grande vespertino.

A PROVINCIA, 7 de Setembro.

Não quiz a nossa collega pernambucana *A Provincia*, que Diniz Perylo dirige, deixar de prestar "á nobilissima patria brasileira, as homenagens calorosas de seu affecto e de sua admiração"

Como já o fizera e, com brilho, o *Dirio de Pernambuco* e o *Jornal do Commercio*, o querido diario do Recife deu uma edição encantadora, fartamente collaborada por pennas apreciaveis como Pereira da Costa, Gonçalves, Mala, Costa Monteiro, Mario Sette, Faria Neves Sobrinho, José Americo de Almeida, Samuel Campello, Jorge de Lima, Lucilo Varejão, Mario Mello, Araujo Filho, Guedes de Miranda e outras. Foi um numero excelente que honra a imprensa do Leão do Norte e serviu para augmentar o fulgor intellectual de Pernambuco nas commemorações do Centenario.

PHOTOGRAVURA MODERNA  
**CLICHÉS**  
 TEL. NORTE 462  
 RUA DA QUITANDA, 161.

ACABA DE APPARECER:

ELYSIO DE CARVALHO

# A Realidade Brasileira

ESTUDO SOBRE A POTENCIALIDADE  
ECONOMICA DO BRASIL E A FINALIDADE DA  
POLITICA NACIONAL

VOL. 64 PAGS.: 2\$000

À venda em todas as livrarias do Brasil

PEDIDOS AOS EDITORES  
**S. A. Monitor Mercantil**  
1.º DE MARÇO, 96, 3.º — RIO DE JANEIRO

## Livraria Editora SCHETTINO

ULTIMAS EDIÇÕES

- Historias e Sonhos, contos de Lima Barreto — Um volume brochado, em papel buffon, com retrato do autor, 3\$500, encadernado com letras douradas. 5\$000
- Fetiches e Fantoques, criticas politicas, sociaes e litterarias, de Agrippino Grieco — Um volume brochado com capa illustrada. 4\$000
- Uma viagem movimentada, scenas da vida dos "touristes" a bordo do vapor "Avaré", que afundou em Hamburgo. E' seu autor Theo-Filho — Um volume brochado 4\$000
- Tabaréos e Tabaroas — Contos regionalistas, obra premiada pela Academia de Lettras, debaixo do parecer de João Ribeiro. O seu autor, que é o fino conteur Mario Hora, dará em breve; outro livro de contos — Mulheres do Proximo: Preço dos Tabaréos 3\$000
- Historia de João Chrispim, romance de Enéas Ferraz, largamente elogiado, em 2ª edição. Um exemplar brochado. 4\$000
- Inquietude, contos realistas da vida carioca, por Adelino Magalhães. Um exemplar brochado... 4\$000
- Flor de Portugal, romance da campanha nacionalista, de Carlos Cavaco, consul de Portugal. Um volume brochado 4\$000

Pedidos directos á Livraria  
Editora SCHETTINO  
RUA SACHET, 18 — RIO  
Telephone G. 5685

Acceitam-se agentes no Interior

## LIVRARIA

**F. Briguiet & C.<sup>ia</sup>**  
RUA SACHET, 23—Rio de Janeiro

Caixa N. 458

*Livros Francezes, Americanos, Argentinos, Espanhóes, Ingleses, Italianos, Portuguezes, etc., etc.*

**JORNAES E REVISTAS**

Serviço especial de encomendas com a maior urgencia

ACABA DE APPARECER

### PERGAMINHOS

O GRANDE LIVRO DE CONTOS DE GUSTAVO BARROSO (JOÃO DO NORTE)

Com illustrações a côres de Corrêa Dias  
Maravilhosa edição de arte, feita em Pariz pela Livraria F. Briguiet & C., para solemnizar o Centenario da Independencia.

PUBLICAÇÃO UNICA NO GENERO EM LINGUA PORTUGUEZA

Tiragem limitada a duzentos e vinte exemplares numerados!

Obra de arte digna de todos os elogios!  
RARIDADE BIBLIOGRAPHICA — LIVRO EXCELLENTE PARA PRESENTES

#### PREÇO

Edição em papel de linho Lafuma.....	200\$000
Edição em papel imperial do Japão.....	300\$000
Idem, idem, idem com acompanhamento das gravuras, em preto, em papel da China..	400\$000

## Agencia de "Publicações

### Mundiaes" de Braz Lauria

78, Rua Gonçalves Dias, 78

Telephone: 1968 Norte

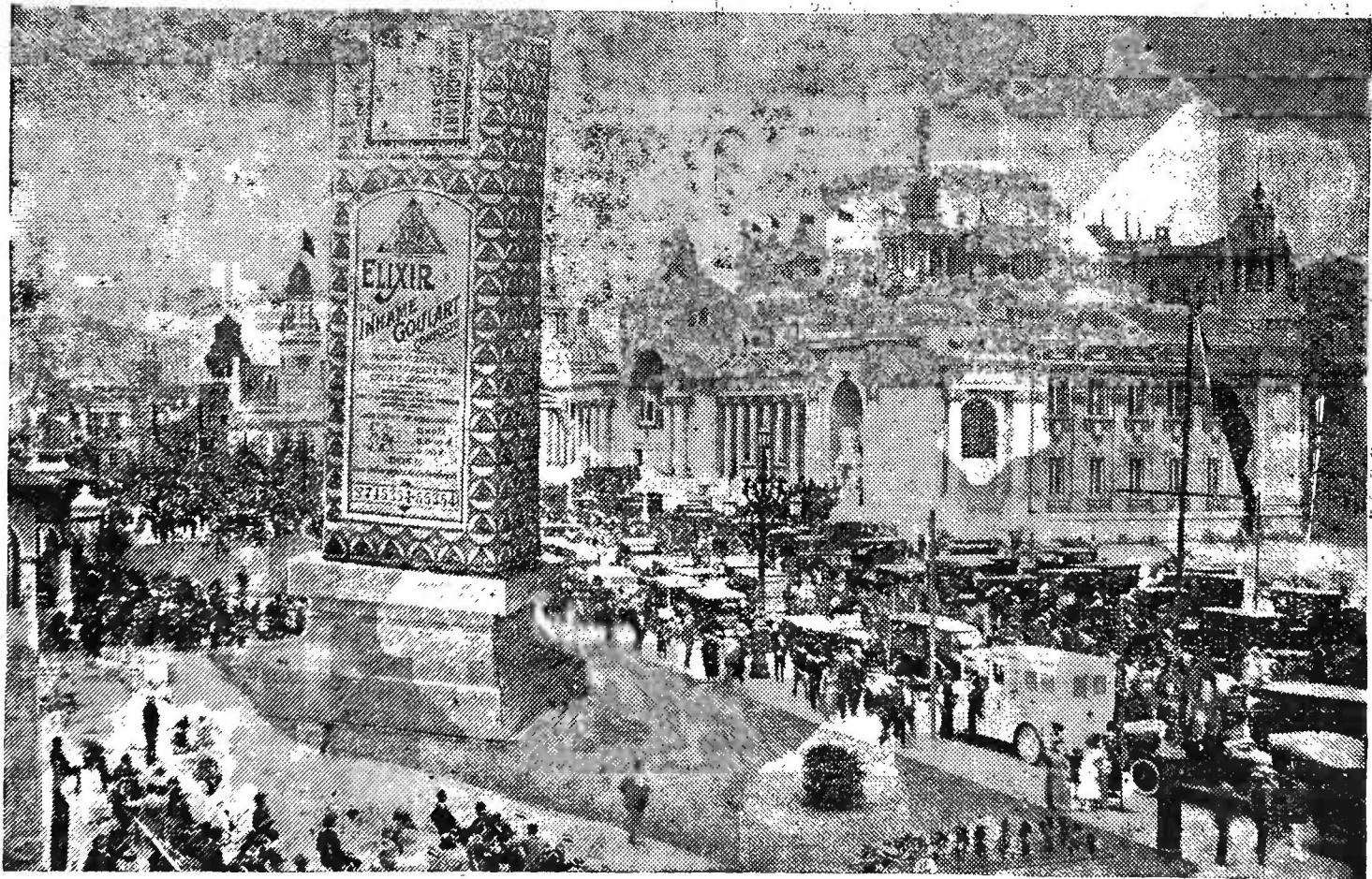
RIO DE JANEIRO

- Nossa Terra** — 2ª edição — Comedia em tres actos de Abadie Faria Rosa... 2\$000
- A' Margem da Musica** — Critica e phantasia, por Julio Reis — Elegante volume em papel couché... 1\$500
- Emdymião** — 2ª edição — Dialogos e Aspectos, por Celso Vieira — Um volume de cerca de 400 paginas... 4\$500
- Longe dos Oihos** — Comedia em tres actos de Abadie Faria Rosa... 3\$000
- Nossa Gente** — Comedia em tres actos por Viriato Corrêa... 3\$000
- O mal Metaphysico** — Romance por Manoel Galvêz — Um volume com 420 paginas... 4\$000
- Segunda Patria** — 3ª edição — por Aldo de Cavalcanti... 2\$000
- Musica de Pancadaria** — Critica por Julio Reis — Um elegante volume in-48 nitidamente impresso em papel assetinado... 5\$000
- Preludio do meu estro** — Poesia por Roberto Drummond... 5\$000
- Presas Rebeldes** — Cronicas e Artigos por Saul de Navarro... 4\$000
- Cousas da Vida** — Contos de Iveta Ribeiro... 4\$000
- Sensações** — Poesias de Regina de Alencar.. 3\$000

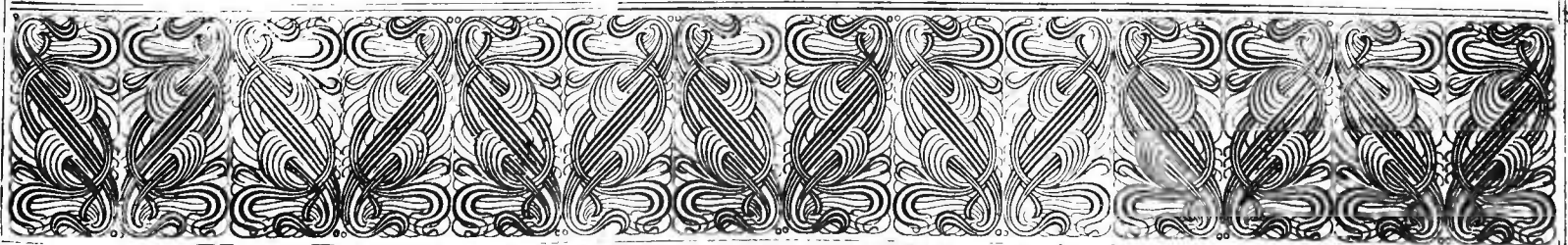


# EXPOSIÇÃO

# INTERNACIONAL



Aspecto movimentado na Avenida das Nações



# LIVRARIA J. LEITE

Obras classicas, raras e preciosas

Livros antigos e modernos

PEÇAM CATALOGOS

EDIÇÕES DA CASA

**REFLEXÕES SOBRE A VAIDADE DOS HOMENS**, pelo famoso Classico paulista Mathias Aires. Reprodução fac-simile da 1ª edição de 1752, rarissima, 1 vol. de XXVIII — 400 pp... 15\$000

"...o mais fino e perspicaz (moralista) da litteratura brasileira..." (Ronald de Carvalho).

"...O Brasil tem, talvez no insigne moralista, a sua maior gloria classica fóra da poesia" (Andrade Muricy).

"A lingua portugueza amplia-se sob a sua penna, em um milagre de plasticidade e elegancia, sempre muito limpida e apurada..." (Barbosa Lima Sobrinho).

"Não conheço, em toda a litteratura portugueza, outra obra no genero com o valor que tem esta..." (Nestor Victor).

"...E' o seu engenho dos mais agudos e interessantes de seu tempo... Manejando o vernaculo com a mais encantadora perfeição, e a naturalidade elegante de quem tem muito que dizer, e sabe mais do que escreve..." (Tristão de Athayde).

"Em cerca de dous seculos (1580-1756) de litteratura, que neste volume historiamos, não encontramos escriptor tão ricamente dotado do poder de intuspecção, e de expressão como este esquecido paulista" (Fidelino de Figueiredo).

**SUMMA POLITICA**, pelo Bispo-Conde D. Sebastião Cesar de Menezes. Reprodução fac-simile deste preciosissimo livro, extremamente raro, 1 vol. de 208 pp. B..... 10\$000

"...verdadeiro monumento literario. O autor foi notavel pela reputação gigante da sua sciencia politica" (Camillo Castello Branco).

"Eu li bem de vagar este livro... é sizudissimo, é claro, é breve. Juntou impossiveis" (D. Francisco Manoel de Mello.)

"Estylo claro, profundidade de conceitos, agudeza e concisão reunidos á perspicacia e rigorosa elegancia, formam no juizo dos bons entendedores o caracter desta obra" (Innocencio).

**DESAPROPRIAÇÃO POR UTILIDADE PUBLICA**, pelo Dr. Solidonio Leite; 2ª edição augmentada, posta de accordo com o Código Civil e seguida da jurisprudencia em ordem alphabetica, 1 vol. de 234 pp., B..... 10\$000

"...é obra que se guarda na estante para consultar, sempre que se tem necessidade de estudar o assumpto" (Pedre Lessa.)

**DE D. JOÃO VI A INDEPENDENCIA**, pelo Dr. João Romeiro. Estudo sobre os factos que mais contribuíram para ser proclamada em S. Paulo, no dia 7 de Setembro de 1822, a emancipação politica da Patria. 2ª edição, com a biographia do autor e os juizos da imprensa, 1 vol. de XVIII — 164 pp. B... 5\$000

"...e é, finalmente, obra em que reponta o depoimento feito por testemunho idoneo de quem foi participante da scena inolvidavel de 7 de Setembro de 1822, na collina historica da formosa capital paulista (Basilio de Magalhães).

**A LINGUA PORTUGUESA NO BRASIL**, pelo Dr. Solidonio Leite, 1 vol. de 115 pp. B..... 3\$000

"...é bem da mão erudita do autor dos CLASSICOS ESQUECIDOS e de A AUTORIA DA ARTE DE FURTAR. Que zelo em defesa do nosso bello idioma! Que sensatez nas suas deducções e opiniões! Dou a V. Ex. os parabens e felicito-me por ter recebido os seus proficientes ensinamentos" (Mendes dos Remedios).

"Ensina-nos o seu eminente e esclarecido autor, com substancioso cabedal, segurança de conceitos, abundancia de critica e apuro de doutrina, o caminho direito aos que andamos transviados delle, e as bellezas que o mesmo depara áquelles que vão no rumo certo..." (Ronald de Carvalho).

**DIALECTO INDO-PORTUGUES DE GOA**, pelo Mons. Rodolfo Dalgado. Edição fac-simile, 1 vol. B..... 3\$000

"Com o desaparecimento de Mons. Dalgado fica aberta na philologia indo-pot. uma lacuna de mui difficil preenchimento, pois que ninguem conhecemos que cabalmente o possa substituir nesse ramo de saber..." (José Joaquim Nunes).

**DIALECTICO INDO-PORTUGUES DE DAMÃO**, pelo mesmo. Edição fac-simile, 1 vol. B..... 4\$000

**Pedidos a J. LEITE & C.**

12, Rua Tobias Barreto, 12

RIO DE JANEIRO

# CASA REYNAUD

FUNDADA EM 1883

FIGURINOS, JORNAL DE MODAS PARA SENHORA, HOMEM E CRIANÇA. JORNAL PARA BORDADOS. MAGAZINES ESTRANGEIROS, ETC., ETC. EM VENDA AVULSA, POR ATACADO E EM ASSIGNATURAS.

CATALOGOS GRATIS

## ANTONIO BRAVO

RUA DOS OURIVES, 57

TEL. NORTE 468 CAIXA POSTAL 1157

RIO DE JANEIRO

## LIVROS Á VENDA

### Livraria e Papelaria Azevedo

Rua Uruguayana, 29

- |  |        |
|--|--------|
| G. França Amaral — As Bellas Lettras (Ensaio). Um volume .....                               | 2\$000 |
| G. França Amaral — Horror á Forma Humana, 2ª edição. Um volume. ....                         | 1\$000 |
| Darefox — Cartas Perdidas, 2ª edição. Um volume .....  | 1\$500 |
| Lima Barreto — Recordações do Escrivão Isaías, 2ª edição. Um volume.....                     | 2\$000 |
| Lima Barreto — Numa e a Nympha. Um volume .....  | \$500  |
| Gilka C Machado — A Revelação dos Perfumes (Confidencia). Um volume.....                     | 1\$000 |
| Dunshee de Abranches — A Illusão Brasileira, ultima edição. Um volume.....                   | 5\$000 |
| Capitão Lobo Vianna — Tactica Elementar e Lições de Arte e Hstoria Militares. Um volume....  | 1\$000 |
| Bacharel Osorio Duque Estrada — Analyse Syntactica (Noções essenciaes), 2ª edição. Um volume | 1\$500 |
| J. Stanb — Segundo Livro de Figuras. Um vol.   | 2\$500 |
| Antenor Nascentes — Método Prático de Análise Gramatical. Um volume.....                     | 1\$000 |

GRANDE SORTIMENTO

de Livros collegiaes e de Litteratura — Casa Editora de Romances da "Collecção Chic" — Variado sortimento de artigos de papellaria.

# ***BANCO PORTUGUÊS***

---

## ***DO BRASIL***

---

Capital..... Rs. 50.000:000\$000

SÉDE RIO DE JANEIRO

Filiaes em SÃO PAULO e SANTOS

End. Teleg.. BRASILUSO      Caixa Postal: 479

---

Abre c/c de movimento, **c/c limi-  
tadas com talão de cheques,**  
c/c a praso fixo e c/c em moeda  
estrangeira nas melhores  
condições do mercado e encarre-  
ga-se da administração de  
propriedades

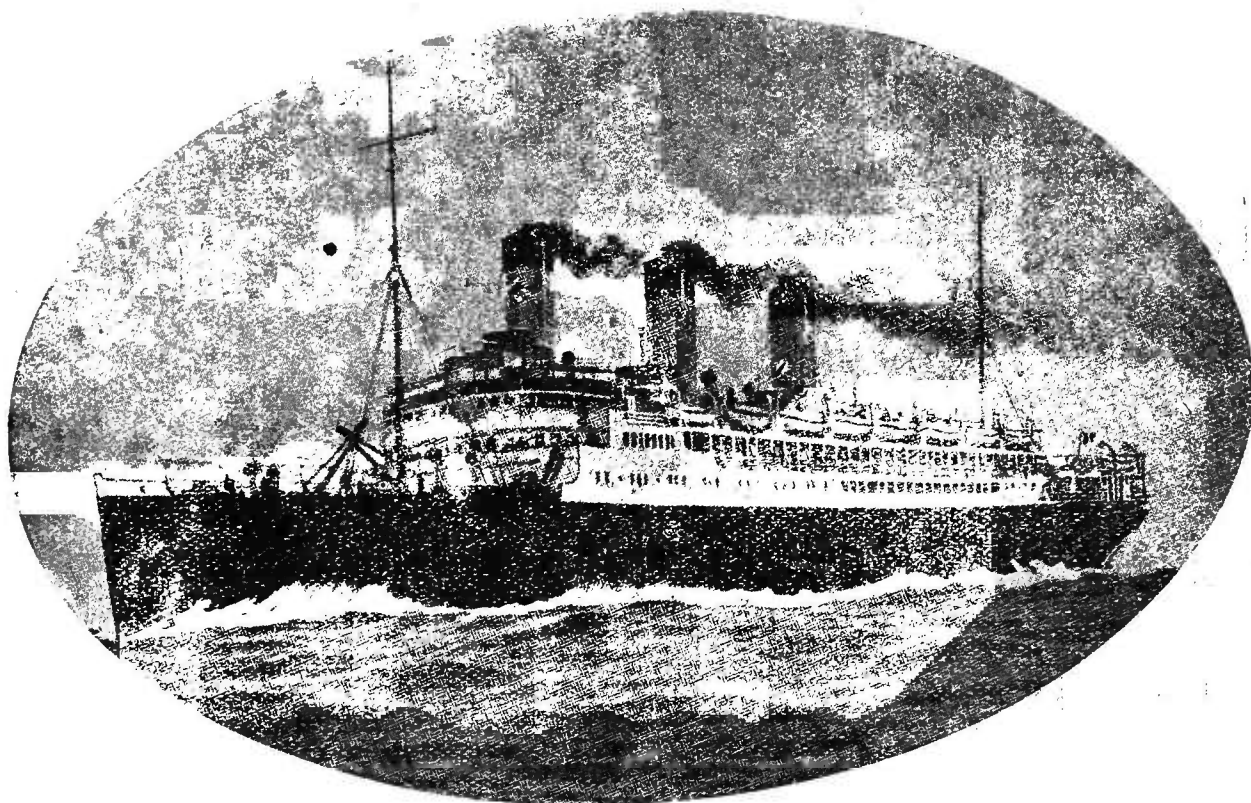
---

**24, Rua da Candelaria, 24**

**RIO DE JANEIRO**

# COMPANHIAS FRANCEZAS DE NAVEGAÇÃO

## SUD-ATLANTIQUE E CHARGEURS RÉUNIS



### SERVIÇOS DE PAQUETES

- 1º — Viagens extra-rápidas, effectuadas pelos esplendidos paquetes de luxo "MASSILIA" e "LUTETIA", da Cia. Sud-Atlantique; nestes paquetes, além de cinema e de todas as comodidades modernas, está installado um serviço completo de TELEPHONIA SEM FIO. Sahidas todos os 28 dias de Buenos Ayres para Montevidéo, Santos, RIO DE JANEIRO, Lisboa, Vigo e Bordeaux. — VIAGEM DO RIO DE JANEIRO A LISBOA EM MENOS DE 10 DIAS E DO RIO DE JANEIRO A PARIS EM 11 DIAS E MEIO (VIA LISBOA PELO SUD-EXPRESS)
- 2º — Viagens regulares effectuadas pelos paquetes "MOSELOA", "ALBA" e "MEDUANA", da Cia. Sud-Atlantique. De Buenos Ayres para Montevidéo, Santos, RIO DE JANEIRO, Bahia ou Pernambuco, Dakar, Lisboa, Vigo ou Coruna e Bordeaux.
- 3º — Viagens regulares effectuadas pelos paquetes tipo "ILE" "FORMOSE", "LI-PARI", "EUBE'E", etc. da Cia. Chargeurs Reunis. Sahidas mensaes de Buenos Ayres para Montevidéo, RIO DE JANEIRO, Dakar, Leixões, Vigo ou Coruna, Havre e Hamburgo.

Passagens directas de 3ª classe para a Polonia e outros paizes da Europa Central

### SERVIÇOS DE VAPORES DE CARGA

Sahidas regulares do Rio Grande do Sul para Santos, RIO DE JANEIRO, Bahia, Pernambuco, Havre, Antuerpia e Hamburgo, pelos vapores da Companhia Chargeurs Réunis.

*Para mais informações dirigir-se ás Agencias das Companhias*

**Avenida Rio Branco, 11 e 13**

RIO DE JANEIRO

**Rua 15 de Novembro, 186**

SANTOS



## LIVRARIA INGLEZA

ESTABELECIDADA EM 1881

**Crashley & C.<sup>ia</sup>**

**58, Rua do Ouvidor, 58**

Telephone: Norte 3468 Caixa do Correio: 906

**RIO DE JANEIRO**

## EDGARD JORDÃO

IMPORTAÇÃO EM LARGA ESCALA

Ferro, chapas galvanizadas e pretas, cimento, gesso, barrilha, soda caustica, oleo de linhaça, alvaiade, zarcão, tubos galvanizados, ferragens grossas, etc., etc.

GADO E CEREAS POR ATACADO

Escriptorio: **AVENIDA RIO BRANCO, 9 - 1º**

**CASA MAUÁ**

Endereço Telegraphico:  
-- SUSIKI --

Telephone: NORTE  
-- 4860 --

PRECI A V S. DE LIVROS DE MECANICA, ELECTRICIDADE, ARTE, PEDAGOGIA, LINGUISTICA, HISTORIA, MEDICINA PHARMACIA, SCIENCIAS INDUSTRIAES E MILITARES, DIREITO, PSYCOPOGIA, SOCIOLOGIA, TOPOGRAPHIA, PHILOSOLHIA E LITERATURA?

**LIBRERIA ESPAÑOLA**

**Rua da Alfandega, 47**

**RIO DE JANEIRO**

## LIVRARIA E PAPELARIA

**J. R. RODRIGUES & C.**

*Livros Didacticos, Scientificos e Literarios, Papeis, Figurinos, Artigos Escolares e de Escriptorios*

Acceitam-se encomendas de qualquer artigo referente ao nosso ramo de negocio

Telephone: Norte 856

**185, Rua do Ouvidor, 185**

**RIO DE JANEIRO**

# Banco Hypothecario do Brasil

**Avenida Rio Branco, 50**

**RIO DE JANEIRO**

**Caixa do Correio, 268**

**Teleph.. 2320 Norte**

Depositos em contas correntes á vista e a prazo

**OPERAÇÕES BANCARIAS GERAES  
HYPOTHECAS**

# **BANQUE FRANÇAISE ET ITALIENNE**

## **POUR L'AMERIQUE DE SUD**

Séde Social: PARIS, 12 Rue Halévy

Capital: Frs. 50.000.000.00

Reserva: Frs. 35.000.000.00

SUCCESSAES E AGENCIAS NO BRASIL

**Rio de Janeiro - São Paulo - Santos - Curitiba**  
**- Porto Alegre - Recife**

Araraquara, Barretos, Botucatu, Caxias, Espirito Santo do Pinhal, Jahú, Mocóca, Paranaguá, Ponta Grossa, Ribeirão Preto, São Carlos, São José do Rio Pardo, Rio Grande, Ourinhos e Bebedouro

**SUCCESSAES NA ARGENTINA: Buenos Aires e Rosario de Santa Fé**  
**SUCCESSAL NO CHILE: Valparaiso**

Correspondentes Officiaes dos Thesouros Francez e Italiano e dos Correios Federaes Suissos para todo o Brasil

### **BANCOS AFFILIADOS:**

**CHILE: Banque Française du Chili-Santiago**

**COLOMBIA: Banque Française et Italienne de Colombie — Bogotá**

Agente da Banca Commerciale Italiana --- Milão

TRATA DE TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

**117, Rua da Quitanda, 117**

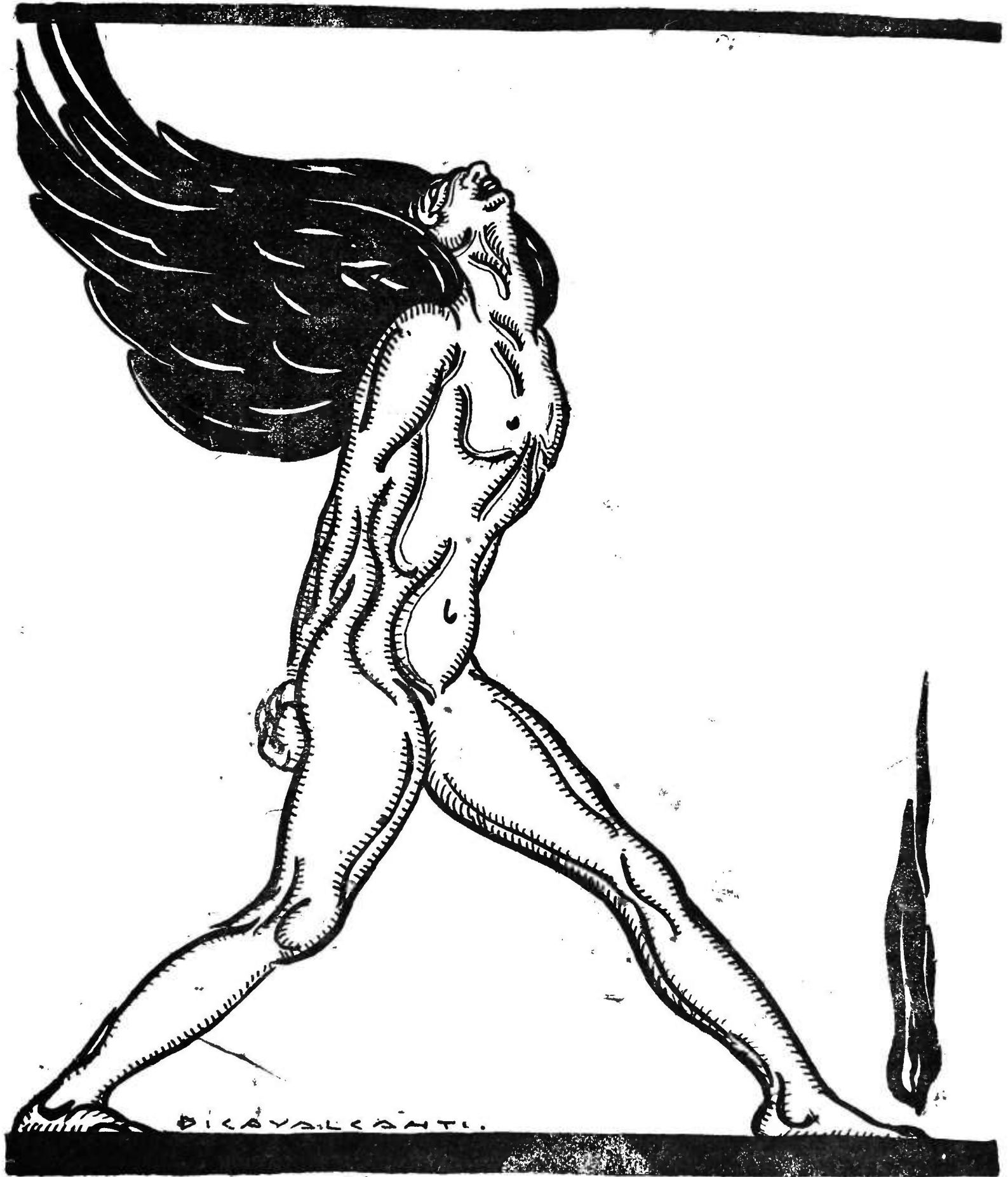
Caixa Postal, 1211

Telephone: Norte 6400-6401-6402

**RIO DE JANEIRO**

# AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR: Elysió de Carvalho



Anno II. N. 14. Fevereiro de 1923.

Preço: 1\$000

# AMERICA BRASILEIRA

RESENHA DA VIDA NACIONAL

Director: ELYSIO DE CARVALHO

Secretario da redacção: LUIS-ANNIBAL FALCÃO

## SUMMARIO DESTE NUMERO

POLITICA FERROVIARIA DO BRASIL.....	REDACÇÃO.
INDICES DA FORMAÇÃO BRASILEIRA.....	RENATO ALMEIDA.
VARNHAGEN .....	J. CAPISTRANO DE ABREU.
POMBAL E A CIVILISAÇÃO BRASILEIRA.....	ELYSIO DE CARVALHO.
O GENIO PENINSULAR.....	ANTONIO SARDINHA.
ANTONIO SARDINHA, POETA DO LUSITANISMO.....	LOBO D'OLIVEIRA.
A ARTE PORTUGUESA NO BRASIL.....	LUIS-ANNIBAL FALCÃO.
A EVASÃO DA AGUIA.....	ADRIEN DELPECH.
O SYMBOLISMO NA ARCHITECTURA DA IDADE MEDIA..	HERMES DA FONSECA FILHO.
CANDÉA DE ARGILA .....	EDEC.
NOTAS & COMMENTARIOS.....	REDACÇÃO.
NOTULAS .....	REDACÇÃO.

## REPERTORIO

Vida internacional; Homens e cousas estrangeiras; Da America Espanhola; Portugalla; Historia; Autores e livros; Revistas e jornaes; Syllogeu; Associações scientificas e literarias; O Brasil no estrangeiro; Notas diplomaticas; Defesa da raça; Boletim militar; Theatro; Artes e artistas; Avisos.

ILLUSTRAÇÕES DE DI CAVALCANTI

## EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL		VENDA AVULSA	
Para o Brasil.	10\$000	Numero do mez	1\$000
Para o Exterior	12\$000	Numero atrazado.	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96, 3.º

Tel. Norte 6011

RIO DE JANEIRO - BRASIL

Caixa Postal 1223

# AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 14



RIO DE JANEIRO

--

FEVEREIRO, DE 1923



ANNO II

## POLITICA FERROVIARIA DO BRASIL

Não sabemos as disposições do governo actual no attinente á questão ferroviaria no Brasil, porquanto, preocupado grandemente com a crise economica, não tem dirigido sua attenção para outros assumptos, que exigem, no entretanto, o maior zelo e cuidado. Seja como fôr, temos que fazer uma administração dinamica, queremos dizer, procurando amparar as difficuldades economicas e as deficiencias financeiras sem parar o progresso, sem entrar nenhuma das forças que envolvem o crescimento do paiz e o seu futuro. O problema das estradas de ferro é dessa ordem. Como se sabe, a guerra desorganizou de tal fórma as nossas estradas e tornou tão difficil a reforma do material, que os capitalistas estrangeiros solicitaram do ex-presidente Epitacio Pessoa, logo depois de eleito e quando se encontrava ainda na Europa, que orientasse sua politica viaria no sentido de facilitar a situação das estradas, ameaçadas porventura de um desastre sem precedentes. Não vamos argumentar, mostrando a necessidade de estradas de penetração, pois já é um truismo, de que mais ninguem precisa ser convencido, simplesmente insistir na necessidade de procurar uma politica que harmonise os interesses da viação com os reclamos das companhias, de sorte que nem o transporte venha a sofrer, nem sejam prejudicadas as empresas. No Brasil, excepto em São Paulo, onde as estradas prosperam, porque o café pôde supportar tarifas de resistencia, a situação geral das companhias é de desequilibrio, pois, de um lado, as despesas são cada vez mais elevadas, pelo encarecimento do material, agravado pelo cambio, elevação de salarios, etc., e, do outro, as tarifas não podem crescer proporcionalmente, em virtude das zonas percorridas não permittirem essa alta. O caso da Viação Ferrea do Rio Grande do Sul, antiga *Auxiliaire* é tipico. Encampada a estrada, passada ao governo estadual, este teve de elevar as tarifas de 300 %, com o que ainda as manteve abaixo das de muitas outras estradas. Mas, o Estado não supportou e o commercio de madeiras, sobretudo, veiu a sofrer consideravelmente, fechando-se muitas serrarias. Emquanto as populações se queixam das estradas, estas se queixam ao governo do regime tarifario, que não pôde ser mais alterado, sem entrar o transporte, que deixaria de ser feito. Nessas condições, pre-

cisa o governo attender e conciliar essas divergencias, que não podem continuar e, se persistirem, levarão á nossa viação ferrea a uma desorganização completa. A officialização das estradas, como se vae tentando fazer, com as ultimas encampações, é um regime duvidoso e a experiencia, uniforme em toda parte, o desaconselha, como vicioso e errado. Basta lembrar que, em mãos do governo, por ocasião pa guerra, as estradas norte-americanas, começaram a dar *deficits*, como sempre deram as allemãs dirigidas pelo Estado.

Entre nós, temos vivido em constantes experiencias, muitas das quaes abandonadas antes de verificado seu possivel resultado. Os arrendamentos, as garantias de juros, a officialização, têm sido successivamente executados, com exito problematico. Sem duvida alguma, o governo passado procurou socorrer ás nossas estradas e minorar-lhes as difficuldades, mas nem sempre lhe foi possivel, sobretudo com o *Great Western* de Pernambuco e a Viação Bahiana, que, como disse o Sr. Pires do Rio, no seu ultimo relatório ministerial, se debatem 'no meio de grandes difficuldades para servirem as importantes regiões que atravessam'. Embora solucionando alguns casos, como o da Sul-Mineira, da *Auxiliaire*, da Theresopolis e da Tocantins, o governo Epitacio Pessoa não pôde dar um cunho novo ao problema, que permanece, desafiando a sagacidade de nossos estadistas. Porque não se pôde particularizar a questão, nesta ou naquella estrada, uma vez que abrange um problema amplo, com multiplas faces, a technica, a economica, a financeira e a topographica, para só falar nas mais importantes. Além disso, esses aspectos se relacionam ás zonas servidas pelas estradas, á situação das companhias e ás finanças estaduais e federaes. A magnitude da questão é que a complica, mas não seria possivel solvel-a, dividindo-a, como tem sido o engano de nossos estadistas. Apenas ha a excepção de S. Paulo, pois, como dissemos, o café supporta as alta tarifas, que lhes permittem lucros compensadores. Mas, não havendo no Brasil, por enquanto, outros productos de resistencia, pois a differença que vae entre o café e qualquer dos productos, que têm figurado em segundo logar na nossa balança mercantil, é simplesmente espantosa,

temos que procurar um meio de resolver o problema viario com certa unidade, attentas ás condições regionaes, mas sem essas perturbadoras divergencias, que tanto o complicam. Além disso, obedecendo o plano das nossas estradas de ferro a uma ligação dos grandes centros dos Estados, de Belém do Pará ao Rio Grande, entroncando-se os trilhos de uma estrada nos de outra, o que, de futuro, obrigará ao trafego mutuo, não poderemos permanecer com essa variedade de systemas de desorganização indiscutivel. Constitue esse ponto uma das maiores difficuldades, como se pôde ver nessa interessante comparação que foi feita entre a *Viação Bahiana* e a *Mogyana* de S. Paulo. Em 1920, aquella tinha em trafego \*1.956,465 klms. e esta 1.688,171 ou seja uma differença para menos de 267,748 klms. Pois bem, enquanto a primeira rendeu 9.586.041\$303 a segunda rendeu 31.670.951\$492, ou sejam mais 22.084.910\$189. Esses algarismos dispensam commentarios e si dessemos o quadro das rendas de nossas estradas, em relação á sua kilometragem e regiões percorridas, poderíamos fazer o mais interessante diagramma de desequilibrio.

Ora, o problema das estradas de ferro é daquelles que não se podem adiar nem procrastinar. E' preciso encarar de frente, resolutamente, adoptando um plano de acção energico, e abandonando de vez essa perpetua indecisão que tem caracterizado nossa politica nesse particular. Temos fortes capitaes nacionaes e estrangeiros empregados nas nossas estradas e nós bem sabemos que, consoante a velha imagem de Spencer, ellas são, para o organismo da nação, as arterias e as veias por onde circula a riqueza, que a mantem e desenvolve. Abandonal-as seria provocar o colapso, evitado pelo governo passado, cuja actuação embora benefica não pode ser mais do que topica, sem a extensão e amplitude necessarias. Cabe ao governo actual retomar o estudo apurado da magna questão, porque só poderemos resolver a crise financeira que nos assoberba pelo aparelhamento economico do paiz. Não serão as medidas de emergencia que solucionarão a crise nacional, mas a propulsão da potencialidade inestimavel de sua economia, que se multiplica e avigora. Mas, então, das nossas estradas, organisadas e com o frete modico, dependerá o incremento do commercio, pela exportação, donde advirá o ouro para a obra gigantesca do progresso do Brasil.

# INDICES DA FORMAÇÃO BRASILEIRA

Na renovação dos estados de nossa historia, que se intensificam e apuram, ha uma tentativa salutar, mas não é ainda o verdadeiro criterio a que devem obedecer, pois permanece o substracto do exaggero, que não conduz á perfeição. Do methodo quasi que exclusivamente decriptivo passamos ao hyperbolico, segundo o qual todos os dados da formação brasileira são vistos através das lentes poderosas de um arraigado nacionalismo, deformador da verdade e que nos propôrã equações porventura insolúveis, diante das quaes havemos de findar desiludidos e melancolicos. Repete-se o erro do exaggero da natureza, que dissemos portentosa e prodiga e nos desenganamos depois, vendo-a insidiosa e malevola, para cair num scepticismo enervante e amargo. O vicio romantico se renova. Agora, é commum nos estudos de historia, um tom lyrico e declamatorio, de perpetua exaltação, que torna os nossos feitos sem precedentes, os nossos herões super-homens, os nossos avoengos varões formidaveis. O patriotismo perde o senso da realidade e opera-se aquillo que o Sr. Oliveira Vianna chamou, com certa impropriedade aliás, de "idealismo utopico", segundo o qual vamos fazendo a hypertrophia da historia patria. É preciso, desde já, insistir nesse "engano ledô e cego", evitando a desillusão do dia em que a fortuna o dissipar, depois de ter viciado toda uma geração, que nelle se fôr fiar. O que precisamos é estudar a historia com menos enfeites e mais criterio, procurando através dos acontecimentos successivos a constancia das leis que se affirmam, como filões preciosos de ensinamentos. A historia não pôde ser uma diversão mental, um jogo de mentiras luzidas e controversias brilhantes, mas um campo de experiencia, onde todos os valores são ponderaveis e o mal se pesa com o bem, para o equilibrio das realidades.

Um admiravel exemplo desse esforço acaba de dar o Sr. Victor Vianna no *Historico da Formação Economica do Brasil*, que, aliás, não refoge a certos exaggeros em voga. Mas, procurando a razão de ser dos phenomenos, e não se contentando com as apparencias, annulla-se, em parte, o excesso na apreciação destas, pelo rigor na determinação daquelle. Este livro conta-se entre os ensaios mais estimaveis da producção moderna sobre o Brasil, pois nelle o seu autor estuda a base economica do paiz á luz de sua formação ethnica, social e politica, na relatividade de suas contingencias proprias, na dependencia do meio e em função do dynamismo americano. Não sendo a economia um factô isolado, antes o que mais directamente se entronca na cadeia das resultantes da vida de um paiz, o Sr. Victor Vianna, partindo da "predestinação americana", phenomeno maravilhoso que deslumbrou os europeos e os levou á cavallaria dos mares, em busca de novos mundos, conclue muito logicamente de que o movel dessa aventura foi a ante-visão do *el-dourado*, reluzindo aos seus olhos fascinados. Estuda como e porque os europeos vieram para a America, mostra a colonização ingleza criando os Estados Unidos e as formações hispano-americanas, para depois se deter nos fundamentos de sociologia brasileira, donde conclue as bases da nossa economia, tiradas de razões doutrnarias e contingencias do meio, obedecendo a regras invariaveis e pré-estabelecidos. O seu ponto de partida é a justificação intelligente e brilhante do que chamou a especialização, motivada pelo factô das metropoles prohibirem que as colonias produzissam ou manufacturassem productos seus, obrigando-as, portanto, a especializarem o trabalho, nos artigos de que careciam. "Eu considero toda essa legislação feroz e prohibitiva como que a providencia admiravel de

uma espantosa predestinação". O mercantilismo foi, pois, e indiscutivelmente, o factor do desenvolvimento americano, o factor do concepção que pela primeira vez se fixa em nossa historia. Compara bem essa influencia benefica a nossa economia, quando o trabalho livre seria talvez impossivel. Para o Sr. Victor Vianna a nossa historia é uma maravilha, mas veio determinada pela grandeza de nossa posição geographica, de seu immenso territorio, que o torna o maior paiz da terra, porque foi o unico que se formou tão grande com "uma só nação, por uma só nacionalidade, com as mesmas aspirações nacionaes". Foi o milagre de unidade, que constitue o mais admiravel phenomeno de nossa historia, ainda por explicar sufficientemente. O nome commum freme em toda parte, nas longinquas selvas do extremo norte, no chapadão do nordeste, no centro do paiz, mas cidades florescentes, nas cochilas gauchas. Mas, como se criou esse nome commum? O milagre foi da terra ou do homem? ou foi o nome que exigio tão grande patria? Nessa origem mysteriosa de nação está porventura o segredo de tantos outros problemas inquietantes de nossa adaptação ao meio. Quando não o deciframos, soffrermos a tragedia de uma deharmonia com o *habitat* prodigioso e esquivo, que deslumbra, mas melancoliza.

Não passou despercebida ao Sr. Victor Vianna, cuja envergadura de sociologo é das mais apreciaveis, a innumeravel theoria de factos que actuou na nossa independencia politica, corrigindo o lugar commum de que essa libertação, como a dos demais povos americanos, foi devida exclusivamente ás guerras napoleonicas. Elas apressaram á obra dos "independentes", mas foi a mentalidade nova desses homens, filhos de uma terra nova, que os moveu, facilitados é certo pelo phenomeno europeu do grande Corso. Nesse ponto a reivindicación é uma necessidade. Foi o espirito americano, nos Estados Unidos, na Argentina, no Chile, no Mexico, ou no Brasil, que ralou e exigio seu governo proprio, sua propria lei, sua economia autonoma. Em toda parte, a questão economica foi o movel da rebeldia fremente. Se, entre nós, não surgiu em 22 é que já vinha de longe e brotou da sujeição economica o primeiro grito de revolta. "A independencia — explica o Sr. Victor Vianna — teria sido promovida mais cedo se D. João VI não viesse trazer, em 1808, a liberdade commercial. Quando o desvario das Côrtes de Lisboa pretendeu recolonizar, todos os homens influentes do Brazil protestaram. Era preciso a independencia politica, porque não seria possivel discutir mais de leve ou de longe a possibilidade de uma limitação da liberdade commercial e industrial" E' que os homens se agitam pelo interesse e a independencia era a liberdade da riqueza.

A obra americana levanta a questão ethnica. Não vamos discutil-a, nos limites deste simples artigo, mas apontar a solução do Sr. Victor Vianna, que parece mais accorde com os factos, com as contingencias da nossa formação e com o espirito americano. No assumpto, é difficil fallar sem preconceitos. Estes criam doutrinas, modificam e deformam theorias, ao sabor variavel das suas predilecções. O Sr. Victor Vianna mostra que o preoccupação americana de sermos brancos puros é um "daltonismo scientifico e ethnographico", porquanto em todo

o continente americano "a mestiçagem fez-se em larga escala" e, do caos ethnico resultante será difficil verificar a pureza branca. Além disso, contesta o principio das raças superiores, com que, por um instante, os Gobineau, os Lapouge, os Chamberlain e outros fascinaram a mentalidade moderna. A supremacia do branco puro é quasi uma idealidade. Se as raças chamadas inferiores tendem a desaparecer no Brasil é "porque o que caracteriza a raça como consciencia, como nacionalidade, como ideal, não é a lingua. O homem vale pelo que pensa e elle pensou na lingua do seu grupo. Por isso o ramo ethnico primitivo que impõe o seu idioma domina os demais e os assimila". Mas, nessa solução, perdura a incognita: porque e como um grupo conseguiu impor sua lingua? Deve ser por um phenomeno mais complexo de adaptação, que convém estudar em cada caso. Na America o europeu não representava apenas o elemento ethnico, mas o civilizado, em face de duas raças primitivas e incultas. Mais do que o sangue valia a força, a astucia e a cultura. O problema só se resolveria por si, no caso das tres raças se encontrarem em igual estado de civilização. Do contrario, as influencias mutuas se complicam, porque as târas do sangue branco, civilizado, eram superiores ás do negro e do indio. O sangue brasileiro não é composto de elementos iguaes, logo predominou o mais forte, mas os outros não se annullaram, sobretudo o negro. Basta lembrar nomes eminentes de brasileiros mestiços, para verificar o asserto. Bastaria citar Gregorio de Mattos, José Mauricio e Machado de Assis. O nosso typo ethnico, caldeado nos homens brancos, negros e bronzeados, sobretudo nos dous primeiros entre si, soffreu a influencia do meio, fez-se na terra e se libertou dos elementos formadores. Descendente de estranhos, fez-se brasileiro e, si vingou, foi pela força mesma dessa independencia. Como o *yankee* não é ingles, não somos portugueses, nem pretos, nem caboclos, mas brasileiros, uma raça nova, com indices adaptados ao meio, com uma lingua igual, mas cada dia mais livre de portuigues, no accento, na syntaxe e no vocabulario. Somos e precisamos ser diferentes. O que nos falta é uma cultura nossa, apenas iniciada pela geração moderna, a quem cabe fazer a independencia intellectual e economica do Brasil. "Só os ultimos trinta annos, escreve judiciosamente o Sr. Victor Vianna, appareceram dirgentes e intellectuaes com a cobardia intellectual sufficiente para repetir os erros, os abusos, as mentiras convencionaes dos europeos. E' contra esse snobismo suicida, é contra esse pedantismo doentio, é contra esses lugares communs dos desanimados, de cobardes intellectuaes, que a nossa geração se levanta e protesta, affirmando a serena confiança no futuro e na grandeza da patria" Essa obra de revisão dos nossos valores ha de reintegrar o Brasil na posse de sua grandeza, como uma Patria admiravel e forte, que caminha para a luz.

Não seria possivel apontar todas as suggestões do magnifico ensaio do Sr. Victor Vianna, que merece de quantos amam e prezam o estudo dos problemas nacionaes a attenção detida e aprofundada. Abordando-os, ás vezes por alto, como elementos de raciocinio, levanta neste livro um schema do dynamismo brasileiro no tumulto contemporaneo, de que esperamos um soerguimento maravilhoso, animado de força, de belleza e de ideal. Caminhemos, aperfeiçoando-nos!

Renato ALMEIDA

# VARNHAGEN

Esta biographia de Francisco Adolpho de Varnhagen, escripta por Capistrano de Abreu, foi publicada no *Jornal do Commercio* de 16 e 20 de Dezembro de 1878. Não é trabalho completo ou definitivo, mas, ainda assim, muito pouco ha que acrescentar ao formoso bosquejo, traçado logo após a morte do fundador da historia nacional. Ha quarenta e quatro annos Capistrano, que mal havia ultrapassado a casa dos vinte, já se mostrava um conhecedor profundo das nossas cousas, da nossa gente e dos nossos costumes, um espirito lucido e um critico penetrante, ao mesmo tempo que escriptor brilhante. As idéas, os conceitos e os commentarios de que está cheio o artigo têm tanta frescura que imaginamos ser uma pagina recente do rejuvenecedor dos nossos estudos historicos. Transcrevendo-o, julgamos prestar uma dupla homenagem a Varnhagen, no momento em que o *Instituto Varnhagen*, pelo órgão brilhante de Celso Vieira, commemora a sua vida e a sua obra, e a Capistrano de Abreu, o mestre que todos nós admiramos e veneramos.

## I

A patria traja de luto pela morte de seu historiador; — morte irreparavel, pois que a constancia, o favor e desinteresse que caracterisavam-no, difficilmente se hão de ver reunido no mesmo individuo; — morte imprevista, porque a energia com que acabára a reimpressão de sua *historia*, o vigor com que continuava novas empresas, a confiança com que architectava novos planos, embebeção numa doce esperanza de que só mais tarde nos seria roubado, depois de por algum tempo gozar do descanso a que lhe dava direito meio seculo de estudos e trabalhos nunca interrompidos.

Filho da nobre provincia de S. Paulo, illuminava-lhe a fronte a flamma sombria de Anhanguera. O desconhecido atrahia-o. Os problemas não solvidos o apaixonavam. Codices corroidos pelo tempo; livros que jaziam esquecidos e extraviados; archivos marcados com o selo da confusão, tudo vio, tudo examinou. Pelo terreno fugidio das duvidas e das incertezas caminhava bravo e sereno, destimido bandeirante á busca da mina de ouro da verdade.

Muito moço tivera de acompanhar o pai a Portugal, e no exilio, ao halito perfumoso da saudade, infiltrára-se-lhe um patriotismo profundo e casto. A patria apparecia-lhe suave e virginal, envolta em um nimbo vago e puro, como a memoria de um ente amado que não tornamos a ver, e pelos campos em que brincára, pelos mattos, a cuja sombra se acolhera, pelos céos, sob cuja cupola abria os olhos á luz da existencia, eram as suas mais ternas e mais cordias aspirações.

A essas aspirações veio dar nova força a campanha que fez sob as ordens do Duque de Bragança, o heróe legendario que a seus olhos de fervido realista simbolizava a alma da patria. O estudo das sciencias physicas que então cursava não conseguio concentrar em si o pensamento que inquieto almejava por outros obje-

ctos. Persistente como já então nos apparece, dominado pelo respeito do que considerava dever, pôde levar a termo o tirocinio aacademico; porém no cultivo das sciencias não era o esmero das observações, a belleza do methodo e das experiencias, a força e o alcance das theorias e generalizações que despertava-lhe o interesse ou incitava a actividade; era a applicação que de seus conhecimentos podia fazer á patria, o dia que projectava sobre as cousas nacionaes.

Um livro existia, vasto como uma encyclopedia, interessante como um romance, fértil como um punhado de verdades, — roteiro, chorographia, historia natural, chronica. Longo tempo inedito, fôra afinal publicado pela academia de sciencias, porém, mutilado, anonymo, inçado de erros, eivado de incorrecções. Varnhagen determinou as posições geographicas; identificou as especies biologicas, corrigio os erros do copista e do escriptor, provou a authenticidade do escripto de modo irrefragavel, ao mesmo tempo que descobriu o nome do autor, — Gabriel Soares de Souza.

Grande parte das *Reflexões Criticas* sobre o livro deste, — o primeiro trabalho que imprimio, — perderam a actualidade em consequencia de novos estudos posteriores, em que nenhum entrou com capital maior que o d'elle. Quando foram publicadas produziram o effeito de uma revelação, abriram um mundo novo ás investigações de todos aquelles que se occupavam de nossos annaes.

Esta obra e a que de collaboração escreveu sobre a Chorographia Caboverdeana mostram-no indeciso, fluctuando entre as sciencias positivas e a historia. A historia pertencem todas as outras publicações suas; a contar do *Diario de navegação de Martim Affonso*, preito rendido a S. Paulo, na pessoa de povoador e primeiro donatario da capitania.

Depois embarca para o Brazil e durante o tempo que aqui demora, communica ao Instituto Historico o fogo que o abrazava. Percorre a provincia de seu nascimento, mas não é só o sentimentalismo que guia-lhe os passos na peregrinação: é a sina do futuro historiador que investiga os cartorios, compulsa as bibliothecas dos mosteiros, examina os padroes de outras eras, colhe glossarios e tradições, e nas localidades commenta e verifica os dizeres de Taques e Frei Gaspar da Madre de Deus.

Voltando a Portugal, nomeado addido á nossa legação, não arrefece um instante. Na *Revista do Instituto* pullulam as memorias que envia, como os documentos que offerece, e quasi não ha sessão em que seu nome não appareça. De frente com essas occupações que satisfaziam outros menos ambiciosos, ou fatigariam outros menos diligentes, leva os encargos de editor: reimprime o *Caramuru* e o *Uruguay* e publica a até então desconhecida *Narrativa de Fernão Cardim*, o provincial jovial, bonanchão e *viveur*, tão familiar aos leitores das minas de prata.

Aos tempos que passou em Lisboa ou aos que de perto seguem-se, prendem-se duas obras importantes: o *Florilegio de Poesia Brasileira*, com um esboço de historia litteraria, onde tem ido beber, — muitas vezes sem confessal-o, todos os que se tem occupado com o assumpto, e a edição do *Roteiro da Costa*, de Gabriel Soares, um dos seus maiores e melhores titulos á gratidão do porvir.

Em Madrid, para onde mais tarde foi removido, possui-o o mesmo espirito febril, e a idéa, que tornára-se fixa, da historia patria. Em Simancas, como em Sevilha, na Bibliotheca Columbiana

como na do Escorial collige a messe opulenta que ninguem ainda teve tão completa, e, quando enfim sahio á luz a sua *Historia*, podia gabar-se de que um só factio não existia que não tivesse pessoalmente examinado, ao passo que os factos materiaes por elle descobertos ou rectificados igualavam, senão excediam, aos que todos os seus predecessores tinham aduzido.

Exgotada a primeira edição da *Historia*, com uma rapidez que entre nós ha poucos exemplos, não se dá pressa em reimprimil-a: enfeixa novos dados, visita as provincias; explora todos os logares historicos, sóbe ao Rio da Prata, tendo á mão o roteiro de Pedro Lopes; imprime ou reimprime manuscripts raros ou curiosos. Do Paraguay traz as obras de Montoya, hoje tão decessiveis e uteis graças a elle e a Platzmann. No Chile discute os diarios de Colombo, e procura fixar a posição da verdadeira Guanahani. No Perú, em Venezuela, em Cuba, como em S. Petersburgo, Stockolmo e Rio de Janeiro, em todos os logares que habita ou atravessa levado pelos deveres de diplomata ou caprichos de turista, principalmente em Vienna onde ultimamente residia, deixa traços fulgurantes de sua passagem em paginas inspiradas pelo amor do futuro da patria e dominadas pela preocupação constante de seu passado.

Se a historia do Brazil occupa as suas faculdades, não as occupa exclusivamente, aqui publica o *Livro das Trovas e Cantares, Cancioneiro do Conde de Barcellos*, o *Cancioneiro da Vaticana*, que tanto concorreram para o conhecimento da poesia portugueza antiga. Alli edita as obras de Vespucci, escreve-lhe a biographia, commenta-o, defende-o, sustenta os seus direitos á descoberta do continente que guarda o seu nome. Além vulgarisa a obra de Garcia d'Orta, rara tanto como preciosa, ou a carta por Colombo escripta ao voltar da primeira viagem. Hoje bate-se com d'Avesac, Major e Nettcher; mais tarde disserta sobre as novellas e livros de cavallaria portugueza, e affirma a origem turania dos povos americanos. Por fim entrega-se aos trabalhos de pura fantasia: na *Lenda de Sumé* celebra a tradição encontrada pelos primeiros exploradores de um homem que ensinára os indigenas a agricultura, no drama de *Amador Bueno* mostra-nos a litteratura nacional como a comprehende, e introduz-nos na sociedade dos tempos coloniaes.

Sempre e sempre perseguia-o a idéa da historia patria. Emquanto não publicava a nova edição, ou antes a refusão e o remodelo da obra, escreve um dos mais nobres capitulos, a *Historia das Lutas Hollandezas*, em cuja confecção empregou documentos abundantissimos, descobertos nos exames em que procedeu nos archivos de Amsterdam e Haya.

Depois de constante revisão que levou-lhe mais de 20 annos, publicou de novo a *Historia Geral do Brazil*, e para tornar o preço menos elevado cede aos editores a propriedade da edição sem retribuição alguma.

Como corda a seus cabellos brancos, sonha uma terceira edição para que desde então começou a preparar-se, e promette-nos a *Historia da Independencia*, infelizmente destinada talvez a não ver a luz. Em seguida, abandona a posição commoda e brilhante de nosso ministro em Vienna, para nos confins de nossos sertões procurar um logar pela posição defensavel, pela situação central, pelas condições hygienicas, proprio a servir de capital a esta patria que tanto amava e que não mais deveria ver.

Enquanto demorou nesta cidade examinou os pamphletos, jornaes e memoria contemporanea do primeiro reinado que ia agora historiar; publica na *Revista do Instituto* o texto mais completo e fiel que possuímos da carta encantadora de Vaz de Caminha. De passagem por Porto Seguro, reconhece as localidades que viu Cabral na sua viagem afortunada: apenas chega a Vienna, envia-nos folheto rectificando um erro que deixava escapar quando confundio em um dous botanicos brasileiros.

Pouco antes de morrer, quando a enfermidade mortal obrigava-o a guardar o leito, escrevendo a um amigo, o Dr. Ramiz Galvão, muito digno director da Bibliotheca Nacional, quasi nem allude ás dôres que o conserva prostrado e impotente: sobre questões de historia patria, sobre pontos obscuros que deseja esclarecidos, sobre manuscriptos cuja existencia deseja conhecer é que rola toda a carta.

Nobre e tocante vida votada ao trabalho!

Grande exemplo a seguir e a venerar!

## II

Descoberto este continente, aquelles mesmos que tinham chamado Colombo de visionario foram os primeiros a achar facilissima a empreza e a gabar-se de poder executá-la. Depois que Varnhagen publicou a sua historia, e apresentou a massa cyclopéa de materiaes que accumulára, muitos julgaram-se aptos a erguer um monumento mais consideravel e atiraram-lhe censuras e diatribes que profundamente pungiram-nos. Tambem elle tinha muitos pontos vulneraveis. Era dos homens inteiriços, que não apoiam sem quebrar, não tocam sem ferir e matam moscas a pedradas, como o urso do fabulista. Em muitos pontos em que a sua opinião não era necessaria elle a expunha complacientemente, com tanto maior complacencia quanto mais se afastava da opinião commum. Suas reflexões ás vezes provocam um movimento de impaciencia que obriga a voltar a pagina ou a fechar o volume. Muitos assumptos sem importancia ou de importancia secundaria, só occupam-no por serem descobertas suas. A polemica com João Lisboa, em que tinha talvez razão, porém, em que teve a habilidade de pôr todo o odioso de seu lado, converteu em inimigos seus os numerosos admiradores do grande Maranhense. Homem de estudo e meditação, desconhecia ou desdenhava muitas das tyrannias que se impõem com o nome de conveniencias. Sensível ao vituperio como ao louvor, se respirava com delicia a atmosfera em que este lhe era queimado, retribuia aquelle com expressões nada menos que moderadas.

Essas feições são que geralmente se associam no espirito do leitor brasileiro ao nome de Visconde de Porto Seguro. Ninguém procura sob as apparencias rudes do homem verdadeiro, — o trabalhador possante, o explorador infatigavel e mergulhador que muitas vezes surgia exausto e ensanguentado, trazendo nas mãos perolas e coraes. Parece que domina-nos a fatalidade de perceber os objectos sob os aspectos mais desfavoraveis; uma idiosyncrasia tinge tudo em negro ou amarello; cedemos a uma predisposição pessimista, nihilista, anarchica, talvez bebida com as aguas ou talvez inspirada com as nossas brisas, talvez herdada dos Tupys, que, segregados por lutas intestinas e rivalidades perpetuamente renascentes, não conseguiram fundar um estabelecimento analogo ao que se encontrou no Mexico ou no Perú.

Entretanto é difficil exagerar os serviços prestados pelo Visconde de Porto Seguro á historia nacional, assim como

os esforços que fez para elevar-lhe o typo. Não limitou-se a dar o rol dos reis, governadores, capitães-môres e generaes; a lista das batalhas, a chronica das questiuiculas e intrigas que referviam no periodo colonial. Attendeu sem duvida a estes aspectos a uns porque dão meio util e empyrico de grupar os acontecimentos. a outros porque rememoram datas que são doces ao orgulho nacional, ou melhor esclarecem as molas que activam sob as diferentes acções. Fez mais. As explorações do territorio, a cruzada cruenta contra os Tupys, o augmento da população, os começos de industria, as descobertas de minas, as obras e associações litterarias, as communições com outras nações, assumem lugar importante em sua obra.

A sua opinião sobre os Tupys tem encontrado geral desfavor: julga que a compressão exercida sobre elles era mais que necessaria, era indispensavel, e aos seus olhos as bandeiras que os paulistas levaram até ás missões jesuiticas eram a solução mais natural que se poderia imaginar. Sem querer defendel-o, pode-se em todo o caso chamar a attenção para as circumstancias attenuantes. Elle não collocou o debate no terreno abstracto da justiça, porém, no da conveniencia e da utilidade. Na tragedia que desenrolava-se nas pampas platinas e nos campos amazonicos, não via a braços a liberdade e a escravidão, porém, jesuitas que queriam isolar os caboclos para convertel-os em instrumentos de manejos politicos, e patriotas que queriam incorporal-os á civilização transformada em forças vivas do progresso. Quem compara o Estado de S. Paulo com a calma podre daquelle cemiterio de um povo que se chama Paraguay; quem não esquecer que nestes dous lugares funcionaram o systema que elle defende e o que combate, hesitará certamente antes de condemnar o historiador. Além disso o exagero a que depois levou uma idéa justificavel, se não justa, a principio não existia: brotou de contradicções vehementes e polemicas irritantes. Acresce emfim que o espirito introspectante, natureza subjectiva, determinava antes por impulsos intimos que por influencias extrinsecas. Varnhagen não primava pelo espirito comprehensivo e sympathico que imbuindo o historiador dos sentimentos e situações que atravessa — torna-o contemporaneo e confidente dos homens e acontecimentos.

A falta de espirito plastico e sympathico — eis o maior defeito do Visconde de Porto Seguro. A historia do Brasil não se lhe figurava um todo solidario e coherente. Os prodromos da nossa emancipação politica, os ensaios de affirmacão nacional que por vezes percorriam as fibras populares, encontram-no severo e até prevenido. Para elle a conjuração mineira é uma cabeçada, é um conluio; a conjuração bahiana de João de Deus, um cataclysmo de que rende graças a Providencia por nos ter livrado; a revolução pernambucana de 1817 uma grande calamidade, um crime em que só tomaram parte homens de intelligencia estreita ou de caracter pouco elevado. Sem D. Pedro a independencia seria illegal, illegitima, subversiva, digna da forca ou do fuzil. Juiz de Tiradentes e de Gonzaga, elle não teria hesitado em assignar a mesma sentença que o Desembargador Diniz e seus collegas.

Mesmo assim a obra de Varnhagen impõe-se a nosso respeito, e exige a nossa gratidão e mostra um grande progresso na maneira de conceber a historia patria. Já não é a concepção de Gandavo e Gabriel Soares, em que o Brasil é considerado simples appendice, de Portugal,

e a historia um meio de chamar a imnigracão, e pedir a attenção do Governo para o estado pouco defensavel do paiz, sujeito á protecção. Não é a concepção das chronicas ecclesiasticas, que vêm simplesmente uma provincia onde a respectiva congregação prestou serviços que procuram realçar. Não é de Rocha Pita, atormentado pelo prurido de fazer estilo, imitar Tito Livio e achar no solo americano scenas que relembram as que se passaram na Europa. Não é de Soutney, atormentado ao contrario pela impaciencia de fugir ás sociedades do velho mundo, visitar paizes pouco conhecidos, saciar a sede de aspectos originaes e perspectivas pittorescas, a que cedem todos os poetas transatlanticos, desde os autores de Atala e do Corsario até os das Orientaes e Clara Gazul. Não. Varnhagen attende sómente ao Brasil, e no correr de sua obra procura sempre e muitas vezes conseguiu collocar-se sob o verdadeiro ponto de vista nacional.

E' pena que ignorasse ou desdenhasse o corpo de doutrinas creadoras que nos ultimos annos se constituiram em sciencia sob o nome de Sociologia. Sem esse facho luminoso, elle não podia ver o modo porque se elabora a vida social. Sem elle as relações que ligam os momentos successivos da vida de um povo, não podiam desenhar-se em seu espirito do modo a esclarecer as diferentes feições e factores reciprocamente. Elle poderia escavar documentos, demonstrar-lhe a authenticidade, solver enigmas, desvendar mysterios, nada deixar que fazer a seus successores no terreno dos factos: comprehender, porém, taes factos em suas origens, em sua ligação com factos mais amplos e radicaes de que dimanam; generalizar as acções e formular-lhes theoria; represental-as como consequencias e demonstração de duas ou tres leis basilares, não conseguiu, nem conseguiu-o-hia.

Fal-o-ha alguém? Esperemos que sim. Esperemos que alguém, iniciado ao movimento do pensar contemporaneo, conhecedor dos methodos novos e dos instrumentos poderosos que a sciencia põe á disposição de seus adeptos e leve o edificio cujos elementos reuniu e preparou o Visconde de Porto Seguro.

Signaes de renascimento nos estudos historicos já se podem perceber. Publicações periodicas vulgarizam velhos escriptos curiosos, ou memorias interessantes que esclarecem pontos obscuros. Muitas provincias comprehendem as respectivas historias. Periodos particulares, como a revolução de 1817, a conjuração mineira, a independencia, o primeiro reinado, a regencia, são tratados em interessantes monographias. Por toda a parte pullulam materiaes e operarios, não tardará talvez o architecto.

Que venha e escreva uma historia da nossa patria digna do seculo de Comte e de Herbert Spencer. Inspirado pela theoria da evolução, mostre a unidade que ata os tres seculos que vivemos. Guiado pela lei do *consensus* mostre-nos o *rational* de nossa civilização, aponte-nos a interdependencia organica dos phenomenos, e esclareça uns pelos outros. Arranque das entranhas do passado o segredo angustioso do presente, e liberte-nos do empyrismo crasso em que tripudiamos.

Mas ah! bem pouco digno serás de tua missão, ó nobre pensador, se não sentires a gratidão inundar-te o peito, se não sentires o respeito e a veneração dominarem a alma, se não ajoelhares fervoroso e recolhido ante o tumulo de um grande combatente, que jamais abandonou o campo — Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro.

J. Capistrano de A B R E U



# POMBAL E A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

NO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA AOS 29 DE AGOSTO DE 1922

SOB A PRESIDENCIA DO EMBAIXADOR DE PORTUGAL

Antes de tudo permiti-me uma breve confissão. O insignissimo Marquês de Pombal, com ser uma das personalidades que mais impressionaram o meu animo de historiador e mais contribuíram para illuminar a minha visão esthetica do mundo, é ainda uma figura sobremaneira predilecta ao meu affecto. Quando o Gabinete Português de Leitura, pelo órgão de seu dedicado secretario, me honrou com o convite para discorrer esta noite ácerca da influencia desse grande lusitano na civilização brasileira, longe estava de supor o douto instituto que corria ao encontro de um intento assaz remoto. Muito seria para folgar podesse agora, neste momento em que se balança o nosso activo moral de um seculo de vida emancipada, recompôr inteira ou simplesmente gizar, aviventando com o estylo e ataviando com as circunstancias, a fecunda e gloriosa actuação exercida pelo famoso ministro de D. José I sobre o desenvolvimento politico e social da nossa punjante nacionalidade. Sem reflectir um instante, acceitei o encargo, que só depois comprehendí ser commettimento para engenhos portentosos e exegetas da estirpe Carlyleana, porque o grande Marquês é um homem deante cuja grandeza fallecem todas as audacias da incompetencia e se annulla toda a boa vontade dos inofinos. A sua biographia é materia prima de essencia superior, que só poderá ser rastreada por um Hegel ou um Taine. Aqui, a extremada admiração, a estima e a sinceridade talvez compensem a ausencia de fulgor do discurso. Como quer que seja, vou falar-vos de Pombal com enthusiasmo e com orgulho, mas com veneração que se esteia nos alicerces da realidade, e com essa ufania que tem raizes no sangue. Fundirei o ephemero laurel com o metal modestissimo da minha palavra incolor, desornada e sem valia.

## A LENDA DO ABBADE NEGRO

O Marquês de Pombal é, não só uma das mais notaveis individualidades que appareceram na historia portugueza, com os mesmos direitos á gratidão e ao respeito dos posterios que o mestre de Aviz, o Condestavel e o Principe Perfeito, mais ainda, pela sua profunda influencia no tempo e por um conjunto de predicados pessoases excepcionalissimos, vulto dos maiores do seu seculo. Comtudo, nenhuma figura foi tão mal julgada e mais discutida como a sua, e em todas as linguas cultas se escreveram louvores e diatribes, sem que nessa copiosa bibliographia de memorias, ensaios e pamphletos, compostos em sua vida e depois da sua morte, exista o livro definitivo que retrate a personagem com sufficiente exactão e narre com verdade os factos que andam deturpados pela malevolencia dos adversarios ou pela lisonja dos panegyristas. No entanto, é preciso lembrar que alguns escriptores, não só portugueses, mas inglezes e francezes, mediante novos estudos e luzes, em trabalhos de critica e de erudição se bem que incompletos e imparciaes, tornando mais comprehensivel o espirito social e o caracter da reforma pombalina, têm cooperado para so-lapar a lenda de despota rude, crudelissimo, sem entranhas, com que se pretende negar a obra politica do Marquês. Os que leram, por exemplo, o quadro, admiravel pela riqueza de colorido e valioso pelo cunho de exactidão, que do reinado de D. José I traccjo Latino Coelho em sua *Historia Politica e Militar de Portugal*, ou, o que é melhor, os que conhecem a monographia desse escriptor impressa no Brasil por occasião do centenario do nascimento do estadista, não esqueceram de certo o perfil de Pombal, com o seu aspecto severo e imperturbavel, com animo resolutivo e inflexivel, com seu humorismo austero e polido, com a superioridade de es-

pirito e de cultura sobre os companheiros na obra notabilissima da implantação do regime moderno na monarchia lusitana, com sua intelligencia lucida e harmoniosa, ostentando, em summa, um bello equilibrio moral e mental, e terão se convencido de que não foi elle apenas o apologista irreductivel da tyrannia, o politico inexoravel e tenebroso do seculo XVIII portuguez, o *bourreur de crânes* de Camillo Castello Branco, que, para maior cumulo do enxovalho, inventou a falsidade do *Abbate Negro e da preta escrava Martha Fernandes* para desnobrece-lhe a ascendencia paterna e deprimir a figura senhoril do conde de Oeiras. Aliás, sabido é que Camillo, escriptor cujos dotes peregrinos fizeram delle um dos mestres mais eminentes da literatura peninsular, não foi isento de paixão e limpo de fé. Alma torturada, que grandissimas catastrophes domesticas traziam num estado de depressão moral lastimavel, temperamento combativo e insulado dentro de uma inexprimivel amargura, escusado é dizer que frequentemente molhou até ao topete a sua penna máscula no remoque, na ironia, na galhofa, tendo sido, no dizer de Eça de Queiroz, o homem que melhor soube descompôr o seu semelhante no idioma luso. Dest'arte, não é de estranhar que, endurecido no habito de semear apodos e acicaladas ironias, se lembrasse o solitario de S. Miguel de Scide de escrever contra a gloria do homem que foi a sua *bête noire*, e a quem consagrava des-affecto systematico. "O meu odio, grande, entranhado e unico na minha vida, ao marquês de Pombal", dizia elle (*Perfil*, VII). Por largo tempo, empenhou-se o Cardeal Diabo da literatura portugueza em reunir documentos desfavoraveis para formular o seu libello, e deu-nos depois, em 1882, o *Perfil do Marquês de Pombal*, composto com azedume e sem respeito pela verdade historica, só com o unico proposito de vingar no estadista os agravos da Companhia de Jesus e da nobresa, negando-lhe o genio politico, depreciando os seus dons pessoases, conjurando-o de anathemas e assignalando-o, por fim, como um monstro de malvadez. Para o eminente romancista, Pombal era tambem o *homem de cabellos no coração*. Na penosa e ingloria tarefa de demolidor, o destimido polemista foi com consciencia até adulterar a historia, deturpar a lenda e deformar a realidade. "Bosquejei a biographia de um homem feroz, diz elle no proemio, e não me esqueci de assignalar o maior numero de accessorios e contingencias que o fizeram tão cruel... typo emblematico do poder absoluto que a um tempo, tritura fidalguia e ralé, e simultaneamente sobrepunha na cabeça corôas healdicas, perpetuando-as pelas geraçoens porvindouras com os vinculos e morgadios proprios e usurpados." Malsinando-lhe a progenie, diz, sarcasticamente, que Sebastião José de Carvalho e Mello, é neto do padre Sebastião da Matta Escura, abba de Foscôa, por autonomasia o *Negro*, por ser neto da preta Martha Fernandes. De facto, com malevola insistencia, escreveu elle a pagina 283 da diatribe: "Talvez que Sebastião de Carvalho, neto do padre Sebastião da Matta Escura, nunca reflectisse em um momento de lancinante consciencia que nas fêbras do azorrague do colono havia sangue da sua avô Martha, a negra. No Brasil, vae grande jubilo por descender da preta o Marquês de Pombal. Joaquim Manoel de Macedo, fallecido no corrente anno de 1882, escreveu na *Historia do Brasil* que Sebastião José de Carvalho descendia de uma *brasileira*. Porém, quem asseverou ao historiador Macedo que a escrava do padre Sebastião não procedia da Africa? Eu suspeito que o padre da Matta Escura floresceu e fructificou antes do descobrimto do

Novo Mundo, porque um seu neto chamado abba *Negro*, por haver herdado alguma tinta da pelle da avô, é do principio do seculo XV." Não é fóra de proposito divulgar aqui, embora de passagem, que o nosso senador Candido Mendes de Almeida, na obra *Direito civil ecclesiastico brasileiro* (Garnier, 1866, I, LXVI) tambem por odio votado ao Marquês, pretendeu ligar a ascendencia de Pombal a principes herodianos da Judéa, attribuindo-a a um filho de Herodes, supposto ter vindo á antiga Lusitania, através da Gallia e da Espanha, e habitado nas proximidades de Pombal ou Redinha, o que não passa de outra fabula engendrada pelos accerrimos defensores do jesuitismo, taes como Fr. Bernardo de Britto, Faria e Souza, Antonio de Souza Macedo, Sepp e outros. A origem da lenda está numa informaçao insidiosa do crusio vicentino frei João de Santa Maria de Jesus, mediocre chronista que Camillo (*Perfil*, 181), para seu uso, diz "ser genealogico de fama e polpa", sem deixar de reconhecer que é "mordaz e detrahidor dos Carvalhos da rua Formosa". Não vacillou Camillo em valer-se da infâme noticia do conego Santa Maria para deslustrar a estirpe do Marquês de Pombal, que é apresentado tambem como "heretico e usurpador de vinculos", referencias aos de Montalvão, de Carvalho e da casa dos condes de Autoguia. Ora, tal historia, que o odio camiliano deu vulto, e vulto tamanho que ainda agora um historiador como Oliveira Lima não vacillou em acceital-a (*O movimento da Independencia*, 29), e defendeu ardidamente, é tudo quanto ha de mais fabulosa, e, ainda que verdadeira, era o caso de inquirir o que tem ella com a gloria de Pombal, visto como, á luz da anthropologia, o facto da descendencia negra não impediria a existencia de qualidades excepcionaes, do mesmo modo que a circumstancia de ser filho natural e de mãe incognita não evitou a Camillo ser o escriptor privilegiado que foi. Não creio fazer-se mister assignalar, que, naquelles tempos, o preconceito da cõr difficultava a ascensão, na ordem politica e até na civil, áquelles, que não podiam comprovar ser de raça portugueza ou europeia, taes como os descendentes de moiros, judeus e negros, e as habilitações dos avós de Pombal para o bacharelato, as ordens militares e o santo officio, e bem assim o registro das mercês de D. Pedro II (XI, 202) falam em favor da pureza do sangue pombalino. Quer pelo lado paterno, quer pelo materno, e principalmente por este ultimo, procede o Marquês de Pombal de nobresa limpa, extrema de sangue negro ou sarraceno. Numa interessante monographia sobre os *Antepassados do Marquês de Pombal*, publicada em 1905, em Lisboa, o erudito Pedro de Azevedo estudou a ascendencia paterna da familia dos "Carvalhos da rua Formosa", como era conhecido o morgado do Marquês, desfazendo erros, esclarecendo definitivamente duvidas e até rectificando allegações do proprio pae de Pombal Manuel de Carvalho Athayde, autor da obra *Theatro Genealogico, que contem as arvores de costados das primeiras familias do Reyno de Portugal*, impressa clandestinamente em 1712, sob o pseudonymo de D. Tivisco de Nozao Zarco y Colone. De investigaçao em investigaçao, folheando innumeros tratados genealogicos, livros de linhagens, chronicas de familias e registos de habilitações da nobresa, chegou á certeza de que a lenda do Abba Negro e da preta escrava Martha Fernandes é falsa. Verificou, baseado em documentos da maior authenticidade, extrahidos principalmente dos códices do Santo Officio e das Ordens Militares, que os antecedentes paternos de Sebastião José de Carvalho e Mello são de "nobre geraçao e de parentesco de fidalgos

de *cotas d'armas*", e bem assim provou á saciedade que Antonio de Carvalho, em 1640, abade da igreja de S. João da Pesqueira e depois Villa Nova de Foscôa, filho de Belchior de Carvalho, nascido em 1532, e neto de Sebastião de Carvalho, capellão de D. João III e beneficiado da igreja de Sernancelhe onde residia, é que deu origem a suppôr-se era neto de uma negra barregã, escrava do padre Sebastião de Carvalho. O avô de Carvalho, antes de ser clérigo, tivera de Leonor Dias, mulher solteira, a Belchior de Carvalho, legitimado por carta de 26 de Janeiro de 1555, conforme documento que exhibe o autor do *Antepassados do Marquês de Pombal*, o qual casou com Veronica Pinto, filha de Pedro Rodrigues de Souza, primeiro escrivão dos Orphãos de Sernancelhe, para cujo officio foi nomeado em 1523, e de sua mulher D. Francisca Pinto, e deste casal são todos os genealogistas concordes em fazer derivar a familia dos "Carvalhos da Rua Formosa". Ora, pelos termos de legitimação infere-se que a avô de Antonio de Carvalho, chamado o *Abade Negro*, era "mulher branca e de condição livre", o que destrôe a lenda, bem acolhida pelos inimigos de Pombal, do referido Padre Sebastião de Carvalho ter sido Belchior da mulher negra e escrava Martha Fernandes. Vê-se pois, que Antonio de Carvalho, tinha a alcunha de *Abade Negro*, mas não pelo motivo allegado por Camillo Castello Branco, repetidor do perverso cruzio vicentino Santa Maria. A explicação que dá Pedro de Azevedo é muito accetavel: "O Abade, escreve o incansavel investigador, em virtude de sua compleição morena e tisuada pelo sol, fazia quiçá recordar as feições de algum berbéro, que, quer como conquistador, quer como servo, viesse estabelecer-se nos tempos da conquista arabe ou da reconquista christã por aquellas regiões. Repare-se ainda que Belchior é o nome do Rei Mago da raça negra. O certo é que documentos authenticos affirmam que o desembargador Sebastião de Carvalho (irmão do abade Antonio) era filho de Belchior de Carvalho e de Veronica Pinto, moradores em Sernancelhe, os quaes sabemos tambem por outros documentos erão contemporaneos e visinhos de outro casal de iguaes nomes; deste facto se conclue a identidade dos dois casaes; e, portanto, o reconhecimento da linhagem que tinha formado com a da legitima ascendencia do referido desembargador, antepassado irrefragavel do Marquês de Pombal." Fica definitivamente pulverisado o aleive que Camillo, accetando-o de origem que sabia suspetissima, reeditou, accrescentado de maior malicia, para escurecer o nome do unico homem que odiou na vida.

#### POMBAL E A FAMILIA BRASILEIRA

Não era grande nem esclarecida, certamente, a prosapia do Marquês de Pombal que procede do tronco de seus avós paternos. Varios de seus ascendentes, que exerceram principalmente cargos de magistratura e pertenceram á classe militar, foram fidalgos cavalleiros e familiares do Santo Officio, taes como Sebastião de Carvalho e Mello e seus filhos Manuel, Paulo e Antonio, os primeiros da familia que foram agraciados com fôros nobiliarios. Taes honras concedidas por El-Rei, não bastavam para notabilisar uma casa e não indicam nobreza feudal ou de remotas origens. "O primeiro d'entre os seus antepassados, que apparece exercitando officios importantes, é o terceiro avô, Sebastião de Carvalho. Depois de ter servido como desembargador na relação do porto e na casa de supplicação, foi deputado da mesa da consciencia e ordens de 1620, e desembargador do paço em 1634. E' o primeiro, a quem a genealogia estampada pelo Padre Antonio de Carvalho da Costa na sua *Chorographia* menciona como tendo o fôro de fidalgo e o habito de Christo. Foi elle quem instituiu, com sua mulher D. Maria de Braga e Figueiredo, um morgado, em que entravam bens em São João da Pesqueira, em Sernancelhe e Lisboa. Paulo de Carvalho, o filho primogenio d'aquelle primeiro Sebastião, exerceu como seu pae elevadas magistraturas, sendo successivamente promovido a desembargador da relação do Porto e da casa da supplicação, desembargador do Paço, vereador da camara de

Lisbôa e provedor da alfandega. Teve como seu pae o fôro de fidalgo e o habito de cavalleiro na ordem de Christo. Com sua mulher D. Maria Pereira de Sande instituiu o morgado das Mercês na capital. Teve por irmão secundogenito a Sebastião de Carvalho, que, á semelhança de seu pae e do primo, se dedicou á magistratura e foi desembargador da casa do Porto, d'onde foi trasladado á de Lisboa. D'este magistrado, que teve por mulher D. Luiza de Mello, nasceu um filho do mesmo nome de seu pae, o qual succedeu no morgado de seu avô e no do seu tio Paulo de Carvalho, porque este não tendo descendencia, o nomeou por seu primeiro administrador. Foi moço fidalgo da casa real e cavalleiro da ordem do Christo. Tendo sido capitão de infantaria passou depois a capitão de cavallos da companhia dos privilegiados do Santo Officio. D'este novo Sebastião e de sua esposa D. Leonor Maria de Ataide, filha de Gonçalo da Costa Coutinho, Governador de Aveiro, procederam além de outros filhos, Manuel de Carvalho e Ataide, pae do grande legislador, e Paulo de Carvalho, que foi lente da Universidade de Coimbra e depois conego da capella real. Póde, pois, afirmar-se com verdade que a familia de Pombal só começou a ter illustração e valimento, principalmente como nobreza de toga, desde o terceiro avô do estadista. Antes d'este, se a estirpe não era inteiramente plebeia, ou confundida com o estado chão e popular e vivia em Sernancelhe com o escasso luzimento de cavalleiros de provincia, era ao menos historicamente obscura e sem valia na côrte e nos grandes officios da republica. (Latino Coelho: *O Marquês de Pombal*, Imprensa Nacional, 1885, 24)". Se, porém, a ascendencia paterna não transmittiu ao Marquês de Pombal uma nobreza preclara e illustre, motivos tinha elle para orgulhar-se do sangue materno que lhe refulgiu nas veias, porque este era de grada estirpe e descendia até de reis. Tanto assim que, ao appellido paterno, juntou o de Mello, ao contrario do que fizeram os irmãos, como para significar que ligava mais valor á illustre descendencia da mãe que á modesta linhagem do pae. O que poucos sabem é que a ascendencia materna do grande Marquês, é brasileira, e isto porque sua mãe, D. Thereza Luiza de Mendonça, era bisneta de D. Maria de Mello, brasileira e pernambucana, filha de D. Paulo de Moura, mais tarde Frei Paulo de Santa Catharina, e de sua prima Dona Brites de Moura, ambos nascidos em Olinda, aquelle em 1574. Afim de documentar a ascendencia brasileira do Marquês de Pombal, daremos, em seguida, um rapido esboço genealogico dos seus avós maternos, conforme documentos irrefutaveis, desprezando aquellas indicações de filiação ou parentesco, proximo ou apartado de valor secundario para o caso. D. Thereza Luiza de Mendonça e Mello, mãe do Marquês de Pombal, é filha legitima de João de Almada e Mello, commissario geral da Cavallaria da Beira, alcaide-mór de Palmella, senhor dos morgados de Oliveas, do Souto d'El-Rey, etc., e de sua mulher D. Mayor Luiza de Mendonça, filha legitima de Francisco de Mendonça Furtado, alcaide-mór de Mourão, commendador da Villa Franca de Xira, governador de Mazagão, etc., que casou com D. Maria de Mello, natural de Olinda e, portanto, bisavô do Marquês de Pombal. D. Maria de Mello, que foi educada em Lisboa, é filha de D. Paulo de Moura, natural de Olinda, e de sua mulher D. Brites de Mello, sua prima co-irmã, filha legitima de João Gomes de Mello, terceiros avós do Marquês. D. Paulo de Moura era filho de D. Felipe de Moura, capitão-mór e governador de Pernambuco, e de sua mulher D. Genebra Cavalcanti, quartos avós do Marquês, vindo a ser D. Paulo de Moura, pelo lado materno, segundo neto de Jeronymo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho, primeiro donatario e senhor de Pernambuco, por ter este casado com a irmã D. Brites de Albuquerque, e de D. Maria do Espirito Santo Arcoverde, princesa dos Tabajaras, gentios reconhecidos como senhores das terras Marim e Iguassú e reverenciados pelo seu valor guerreiro, e da qual teve Jeronymo de Albuquerque, entre outros filhos legitimados, a D. Catharina de Albuquerque, que esposou D. Felipe Cavalcanti, quintos avós de Pom-

bal, e de cujo matrimonio nasceu D. Genebra Cavalcanti, segunda mulher de D. Felipe de Moura, pae de D. Paulo de Moura. Assim, pois, o Marquês de Pombal, por sua mãe, descende de mui nobre e illustre geração, porque os Mouras são tão illustres de sangue como famosos na historia de Castella e de Portugal, e bem assim os Albuquerque, tão celebrados em Portugal e suas conquistas, os Cavalcantis, que representam uma das familias nobres mais antigas e poderosas da republica aristocratica de Florença, oriunda de barões germanicos medievae e ligados por vinculos de sangue com varias casas soberanas e principescas da Europa, e os Mellos. Os Albuquerque, a cuja familia pertencem o grande Affonso de Albuquerque e Jeronymo de Albuquerque, tronco da progenie brasileira, tem suas remotas origens num sexto neto de D. Fruella II, rei de Leão e de Galliza, e procedem em linha recta do famigerado D. João Affonso de Albuquerque, chamado o do *Ataide* e o primeiro que usou este appellido. D. João Affonso de Albuquerque, favorito e primeiro ministro de Affonso XI, rei de Castella, era filho legitimo de D. Affonso Sanches e de D. Thereza de Menezes, quinta senhora de Albuquerque, sendo que este Affonso Sanches era o primogenito bastardo e legitimado do rei D. Dinis, de Portugal, e, portanto, irmão de Affonso IV, o *Bravo*, pae de D. Pedro I, e sua mulher e prima D. Thereza de Menezes era filha de D. João Affonso Telles de Menezes, senhor de Albuquerque e outros solares, primeiro conde de Barcellos, rico homem de Castella e Portugal, mordomo-mór do reino, e de sua mulher a condessa D. Thereza Sanches, filha natural de Sancho IV, rei de Leão e Castella, proximos parentes da rainha D. Leonor Telles, como tudo se provará em trabalho ácerca das origens da familia brasileira. Os Albuquerque portuguezes e brasileiros, como os Menezes de origem castelhana e leoneza, podiam ostentar nos seus escudos as barras de Aragão, as quinas sagradas de Portugal, os leões batalhantes de Castella, e as flôres de lys de França, o que quer dizer que não podiam ser mais fidalgos. Os Cavalcantis florentinos, donde provem o seu quinto avô materno D. Felipe Cavalcanti, progenitor da familia pernambucana, estão ainda ligados aos reis de França, porque uma sua ascendente Genebra Cavalcanti foi casada com Lourenço de Medicis, o antigo (1395-1440), irmão de Cosmo, primeiro duque de Toscana e fundador da casa dos Medicis, e que era avô de Lourenço, o *Magnifico*, quarto avô de Catharina de Medicis, mulher de Henrique II, rei de França. e sexto ou setimo avô de Maria de Medicis, filha do grão-duque de Toscana Francisco I e da archiduqueza Joanna d'Austria, e esposa de Henrique IV, tambem rei de França. Por outro lado, ha o parentesco com os condes de Hollanda, visto como com uma senhora pernambucana da familia de seus avós maternos casou Arnão de Hollanda, natural de Utrecht e filho de Henrique de Hollanda, barão de Rheoneburgo, parente do imperador Carlos V, e de sua mulher e tia D. Margarida de Florença irmã do papa Adriano VI, os quaes eram apresentados como os condes de Flandres, de Orange, d'Artois, etc. Por fim, relativamente aos Mouras, basta lembrar que o quarto avô materno de Pombal, D. Felipe de Moura, era sobrinho do valido de Felipe II, D. Christovam de Moura, grande de Espanha, Marquês de Castello Rodrigo e visorrei de Portugal, e de Christovam de Tavora, e quanto aos Mellos, descendentes do rico homem Martin Affonso de Mello, quinto senhor de Mello, fundaram elles casas das principaes do reino, como a de Cadaval, para só citar esta, todas com brazões na sala do Paço de Cintra. As indicações que ahi ficam, bastam, no meu entender, não só para mostrar que nas veias de Pombal correu e resplandeceu o sangue dos Albuquerque, dos Cavalcantis e dos Mouras pernambucanos, cuja ascendencia nobilissima vae entroncar em nossas florestas virgens com os Arcoverdes, senhores da terra e principes da raça forte, guerreira e dominadora dos Tabajaras, como tambem para mais nobilitar-lhe o nome. E' assim que o Marquês de Pombal está vinculado aos reis de Portugal, França, Castella, Leão, Navarra, Galliza, Asturias, aos duques e grão-duques de

Toscana e outros soberanos e principes europeus, e quando a Real Academia de Historia de que fazia parte, por desejo manifesto de D. João V, o encarregou de escrever uma memoria ácerca de D. Pedro I, o *Crú*, estava sciente de que a um decimo neto de Inês de Castro, a linda e malaventurada rainha, se incumbia a honrosa tarefa.

#### A ASCENDENCIA MATERNA

Reivindicando para a familia brasileira o cabedal de nobresa e os predicados de intelligencia e de character que emprestaram maior luzimento á existencia do Marquês de Pombal, não é fóra de proposito lembrar o que deve esse grande homem ás qualidades do novo typo humano creado na America, e á parte do sangue pernambucano que lhe pulsou nas arterias. E' possível até que por ahi se encontre a causa longéva e a verdadeira explicação do grande amor que consagrou elle ás coisas do Brasil, e do esforço com que procurou benefical-o durante todo o periodo trintanario do seu incontrastavel valimento na corte. E evidentemente o sangue materno illumina-lhe toda a *psyché* e determinou notavel irradição social. De feito, tudo permite que nessa influencia ancestral se filiem todos os impulsos de Pombal pelo Brasil, os seus actos, as suas preferencias, as suas sympathias, não só quanto á terra, mas principalmente quanto á raça. Este modo de ver legitima-se á proporção que se analysam as varias providencias inspiradas pelo genio de Pombal em favor do progresso economico, social e moral dos brasileiros. Reconhecem hoje todos os homens de sciencia que é fonte de riqueza psychologica inexaurivel a accumulção da hereditariedade; e esse phenomeno em Pombal é eloquente, e accentua-se e define-se, sem duvida, pela linha materna da ascendencia. Se, como neto paterno de magistrados, soldados e funcionarios, herdou a probidade, a bravura, a paciencia, o espirito de iniciativa, o sentimento da ordem, só uma longa tradição de virtudes peregrinas, a luminosa ascendencia materna de reis, principes, heróes, santos, guerreiros, letrados e diplomatas poderia ter suscitado, através de gerações, o grande homem a quem Garret chamou "extraordinario e gigantesco engenho politico", e que é exemplar perfeito da estirpe dos Albuquerque, dos Cavalcantis, dos Mouras e dos Mellos de Pernambuco, que porfiariam com valor por largos annos e foram os homens mais perfeitos no Brasil, como expressão da belleza physica e da elegancia moral. Alto, forte, saudavel, com o seu correcto perfil aquilineo de proconsul romano, traço que se conservou em muitas familias pernambucanas como distinctivo da raça, porte airoso e sereno, illuminado por um olhar brilhante e intelligente, correcto no traje e nas maneiras, era altivo sem ostentação, insinuante e voluntarioso, mundano com superioridade, e dotado do instincto das delicadezas e do amor das artes. Amando a vida, e tido ainda como um dos mais bellos homens de sua época, todos quantos o conheceram são unanimes em affirmar que ninguem mais do que o conde de Oeiras possuia o segredo de encantar pela conversação, que era nelle um mixto de vivacidade e velada alegria, ao mesmo passo que se revelava sabedor discreto e espirito aberto a todas ás emoções estheticas. Acastellado nesse conjunto de predicados, não houve na sua época, por exemplo, diplomata que mais luzisse ou se extremasse por dotes e privilegios singulares. Ministro plenipotenciario em Londres, de 1738 a 1745, sustentou sempre a dignidade, o decoro e a gloria da nação portugueza, até então impunemente ultrajada, tendo revelado a Walpole, Carteret, duque de Newcastle, Pitt e outros estadistas britannicos o character de integridade, de altivez e de justiça que o adornava. A sua figura possuia tal poder de seducção que na corte brilhante de Vienna d'Austria, cercado de diplomatas de fama e lustre, conquistou um lugar á parte graças ao seu tacto esclarecido e ao seu prestigio pessoal. Foi elle quem promoveu a conciliação da imperatriz Maria Thereza com a curia romana, que haviam rompido as relações diplomaticas em virtude da extinção do patriarchado de Aquilêa, e servio de mediano em nova discordia entre Fer-

nando I e o papa Benedicto XIV, por este não querer confirmar na pessoa do arcebispo eleitor de Moguncia, grande chanceler do imperio, privilegios e beneficos que lhe concedera o imperador. Sabe-se que Benedicto XIV, que foi politico muito habil, e até se correspondia com Voltaire, tão reconhecido ficou a Pombal, que o presenteou com um valioso anel, cujo camafeu representava o perfil daquelle pontifice. A mediação de Pombal nessas duas celebres dissensões é uma das mais brilhantes paginas da historia diplomatica do seculo XVIII e que merece ser lembrada pormenorizadamente. "A extinção do patriarchado de Aquilêa, escreve Soriano (*Hist. do reinado de D. José I*, I, 85), provocára grande desacórdo entre a curia romana e a cõrte de Vienna de Austria. Este desacórdo estava sendo atiçado mais particularmente, pela discordia, que mutuamente reinava entre o cardeal Valentim, secretario do estado do summo pontifice, e o conde de Welfield, harrão chanceler da cõrte da rainha de Ungria e Bohemia. Havia a dita discordia chegado a um ponto tal, que fazia absolutamente necessaria a nomeação de um pacificador entre as duas cõrtes. El-rei D. João V, cujo prestantissimo zelo pela igreja catholica tinha com a mais justa causa merecido o mais subido conceito na opinião da Santa Sé, não podia deixar de lembrar para semelhante fim a um Lambertini, que na cadeira pontificia, como chefe supremo do catholicismo, se mostrou mais christão do que soberano, mais cidadão do que monarcha, e mais pontifice do que papa. Desejando sinceramente a paz e a tranquillidade do christianismo, Benedicto XIV dirigiu-se com effeito á cõrte de Lisboa para a empenhar na desejada reconciliação entre a cõrte de Roma e Vienna d'Austria. O zelo, a actividade, e o bom desempenho que Carvalho vinha dado á commissão de que fóra encarregado para Londres eram coisas recentissimas, que não podiam ser esquecidas por el-rei, que a despeito de todas as intrigas de validos cortezãos, e altos empregados, effectivamente o nomeou para seu ministro na cõrte de Vienna d'Austria. Se o nomeado bem mereceu a confiança que nelle se tinha posto para o pontual desempenho da sua nova commissão, o bom resultado d'ella exuberantemente responde pela affirmativa, sendo forçoso confessar que a sagacidade e delicadeza com que se houve em tão melindrosa conjuntura deram novo realce ao seu merito e não pouca gloria ao seu nome. Similhante commissão era realmente espinhosa, por que desde a decadencia do imperio romano sempre aquellas duas cõrtes tinham até então andado desavindas, propendendo alternativamente a balança da rivalidade ora para o lado do poder temporal, ora para o da autoridade espiritual. O mediano compreendeu perfectamente bem o character das duas potencias desavindas, logrando reconcilia-las, quando a Europa menos o pensava, pois não só fez sustar o publico rompimento, que em 7 de Julho de 1745, estava quasi para se manifestar entre aquellas duas cõrtes discordes, mas até temporizando com doçura, e combinando utilmente o decoro com a inteireza de ambas ellas, conseguiu por fim estabelecer a mutua confiança do papa e a da já então imperatriz rainha Maria Thereza, e por um tal modo, que extinto dentre em breve tempo o fogo de tamanhas desavenças appareceu finalmente a desejada paz, confessando-se as duas cõrtes altamente agradecidas ao relevante serviço do ministro medeador. Uma nova e não menos vehemente contestação appareceu depois entre o Imperador Fernando I e o mesmo santo padre Benedicto XIV, por causa da negativa dos breves da elegibilidade para a multiplicação dos beneficos e hispados na pessoa do arcebispo eleitor de Moguncia, grande chanceler do imperio. Apezar que a luta d'aqui resultante parecesse estar muito longe de pacificar-se, Sebastião José de Carvalho, empregando todavia a sua costumada sagacidade, e inteireza, de tal modo temperou o azedume dos oppostos espiritos, que a amargura do fel das queixas diminuiu, e a paz, que até então parecia quasi impossivel alcançar-se, restabeleceu-se de novo entre os contendores." Blondel, embaixador de Luiz XV, então na cõrte de Vienna, em carta de 10 de Janeiro de 1750, referindo-se á intervenção de Pombal nesses dois casos, escreveu: "Dans

ces deux affaires il a donné des preuves de son habilité, de sa sagesse, de sa droiture, de sa douceur et surtout de sa grande patience et il s'est non seulement concilié la benevolence de toutes les parties inéressées, mais aussi de tous les ministres étrangers et des personnes de considération, qui sont ici. Il est noble en tout sans ostentation, il est sage et très prudent, rempli de sentiments et principes d'honneur, ne visant qu'au bien général et je sais qu'il n'a pas dépendu de lui que l'impératrice n'adoptât plus tôt des sentiments pacifiques. Il est aussi bon citoyen du monde qu'ami solide..." O marquês de Blosset, embaixador de França em Lisboa, numa memoria enviada á sua cõrte, em 2 de Janeiro de 1777, fazia o seguinte retrato do Marquês: "Le marquis de Pombal est un de ces êtres doués d'une énergie de caractère juqu'à maîtriser ceux qui les environnent, et de toute la fermeté nécessaire pour lutter avec succès contre les obstacles qu'ils rencontrent. Il s'est contenté de suivre la route frayée par les cardinaux de Richelieu, Mazarin et Alberoni, avec les quels il y a quelque ressemblance. Fier et implacable comme le premier, il a la ruse du second, avec l'audace et l'opiniâtreté du troisième. Il dirige d'une main ferme les affaires intérieures et extérieures du pays. Infatigable, actif, possédant des connaissances assez étendues, ayant le tact très fin pour apprécier les hommes et saisir le moment le plus favorable à la réussite de ses desseins, il trouve facilement dans sa longue expérience les expédients, les ressources dont il peut avoir besoin. Il sait, malgré la violence de ses passions, cacher l'impétuosité de ses premiers moments, et se rendre maître de lui-même quand il veut. Simple dans son maintien, poli dans ses manières, gai dans la conversation, il parle mieux qu'il n'écrit. Toutes les qualités morales dont on vient de donner l'esquisse son entrées dans un physique admirable, et tiennent à une charpente vigoureuse qui rien ne fatigue ni altère. Quoique âgé de soixante-dix-sept ans, il se sent si sain de corps et d'esprit, qu'il se croit immortel, et il parle de vastes projets que ses enfants pourraient à peine voire entièrement achevés (*Santarem: Quad. Elem.* tomo 8º, LXI)." Todos estes conceitos são confirmados por outros embaixadores francezes, que lidaram com o ministro de D. José I, taes como o conde de Bachi, o marquês Chermont d'Ambroise e Hennisdal, tendo este ultimo, em carta para a sua cõrte, escripto: "M. le Marquis de Pombal ne s'est pas contenté d'établir de sages lois, il a choisi dans tous les ordres les sujets les plus éclairés et les plus recommandables par leur caractère (*Santarem: Obr. cit.*, 8º XVII). Tal qual um principe italiano da Renascença, pelo sangue, pelo espirito e pelo temperamento, era esse parente de gibelinos, que em tudo se mostrou sempre elegante, no arranjo domestico e nas suas relações sociaes, como no gesto com que abateu os inimigos da ordem, aristocratas e plebeus.

#### O BRASIL, POMBALINO

Interessantissimo seria o estudo que se fizesse no sentido de revelar em Pombal, pela analyse da sua obra e da sua vida, a influencia da progenie materna, tarefa que, talvez, me tente ainda um dia. Aqui não tratarei senão de indicar, summariamente embora, de que modo manifestou o descendente dos Albuquerque, dos Cavalcantis e dos Arcoverdes pernambucanos o seu grande affecto pela terra onde haviam nascido os seus maiores. O Marquês de Pombal não foi somente o renovador da monarchia lusitana. O seu grande ideal, o pensamento que lhe encheu a vida durante quasi tres lustros, foi o do estabelecimento de um forte imperio, pelo concurso de todos os elementos que lhe restavam no vasto patrimonio de Portugal. O que fez então, com o seu largo espirito e o seu admiravel senso politico, pelas colonias portuguezas, e muito particularmente pelo Brasil, bastaria para recommedá-lo á nossa admiração e estima como sendo, de toda a historia colonial, o homem que mais clara visão teve do destino do nosso povo, se não tivesse elle prodigalisado á humanidade outros favores e mercês. Não ha duvida que a politica pom-

balina relativamente ao Brasil tem a maior significação histórica, pois abrangeu as varias espheras da nossa economia e da nossa ordem social, politica, e moral. Os relevantes serviços que prestou ao nosso país, e a acção administrativa com que deu provas da sua excepcional capacidade de director de povos são dívida de honra que precisamos, nós brasileiros, recordar no momento em que celebramos o nosso primeiro centenario de nação e empreendemos, neste marco da nossa historia, o balanço dos nossos fastos passados. Foi um dos primeiros actos de Pombal concernentes ao Brasil a abolição de todos os primitivos direitos feudaes dos donatarios, e para isso teve de reformar a organização administrativa do país, elevando-o á categoria de sub-reino, e confiando a autoridades dependentes da metropole, como delegados immediatos da corôa e, portanto, como verdadeiros locotenentes do soberano. Ao mesmo tempo cerceou o desmedido arbitrio das camaras e das juntas geraes, principalmente no que se referia ao lançamento de impostos. Obedecendo a razões decorrentes da nossa característica geographica, tomou ainda a acertada medida de fixar a capital do dominio americano na cidade do Rio de Janeiro. Aboliu a Inquisição e todos os direitos temporaes do cléro regular, e expulsou, de Portugal e suas colonias, os jesuitas, que tanto mal fizeram ao país, depois que abandonaram a funcção civilisadora. Decretou a emancipação dos indios, cuidando de melhorar-lhes as condições civis e moraes pelo ensino primario. Acabou com a exploração inveterada, que se praticava com as filhas das melhores familias brasileiras, que eram enviadas para Lisboa, onde se condemnavam á vida claustral. Promoveu activa e abundante immigração para o Brasil, tão profusa, que chegou a parecer excessiva, e prejudicial á metropole. O commercio teve grande impulso com a renovação das antigas companhias geraes, facilitando-se o intercambio com o reino, ao mesmo passo que se extinguiram certos monopolios devéras ruinosos para a nossa economia geral. Ao augmento da riqueza correspondia uma administração publica sob novos moldes, esforçada e fecunda, assim como uma distribuição melhor da justiça, e o ensino grandemente desenvolvido, tudo indicando que a colonia se constituía rapidamente em nação. Cuidou de modo decisivo do problema, que era essencial para as duas monarchias da península, da demarcação de fronteiras entre os respectivos dominios da America: e foi esta uma das mais difficeis tarefas emprehendidas pelo celebre ministro, e que, como se sabe, deu motivos para a expulsão dos jesuitas. A administração das minas foi outro serviço a que se dedicou Pombal, confiando-a a homens capazes pela intelligencia, pela energia e pela probidade. Organizou, como si quizesse corôr toda a sua obra fazendo renascer o velho reino como potencia militar, um excellento exercito; equipou poderosa frota de guerra, e fez reconstruir as fortificações das nossas costas, adoptando para a defesa o systema do grande Vauban. Deu novo esplendor á igreja do Brasil, pondo na séde episcopal de Pernambuco um prelado illustre pelas virtudes moraes e pelos talentos literarios. D. Thomaz da Encarnação, autor da *Historia Ecclesiastica Lusitana*. E como se quizesse manifestar ainda mais cabalmente a sua estima pelo Brasil, nomeou o poeta Basilio da Gama seu official de Gabinete, com cartas, fóros e brações de nobresa, ao mesmo tempo que prodigalisava favores a Claudio Manoel da Costa, a Alvarenga Peixoto, a Caldas Barbosa e outros. Conseguiu estabelecer, dominando e vencendo as tradições da colonia, uma completa união, se não perfeita concordia, entre brasileiros e portuguezes, graças á qual veio ser D. João VI, trinta annos mais tarde, acolhido aqui com muito respeito e carinho: isso enquanto Carlos IV e Fernando VII não acharam asylo nos seus vastos dominios e tiveram de submeter-se á politica humilhante de Napoleão. E, em seguida, toda a obra de D. João VI no Rio de Janeiro, pôde-se dizer que devemos a Pombal, pois não foi mais que reproducção de quanto no reino subsistia do genio creador do chanceller de D. José I. Em summa, a obra de Pombal é tão copiosa de factos, e de propositos tendentes a engran-

decer o Brasil, que, mesmo abreviando, uma recensão integral nos levaria muito longe. Entre os eminentes serviços que o Brasil lhe deva está o de nos haver libertado do poder e da influencia do jesuitismo: facto este que, por si só, basta para torná-lo benemerito, porque, como observa Oliveira Martins, elle salvou o Brasil, se não da sorte do Paraguay, ao menos da agitada vida que lhe permittiu a coexistencia do regime civil e do regime theocratico, no governo e na organização do trabalho servil. Devo accentuar que os actos do Marquês de Pombal, relativos ao Brasil, revelam todo o seu grande pensamento politico que não era menos do que preparar na America uma patria nova, existindo independente e autonoma, por virtude da sua população, do seu territorio, dos seus recursos naturaes e possibilidades economicas, e capaz de tornar-se um grande imperio, opulento e brilhante, e não uma fazenda ultramarina de Portugal. Este nobre sonho está esboçado na sua idéa de transferir para aqui a séde da antiga monarchia, deslocando para o continente americano o centro politico da mesma patria, que passaria a viver com mais luzimento para a lingua, para a raça e para a gloria da Lusitania rediviva. Ao cabo, grande é a nossa dívida ao Conde de Oeiras, porque, além de contribuir para que o Brasil adquirisse uma construcção organica, elle foi, incontestavelmente, o apostolo da democracia brasileira, que germinou das sementes fecundas que lançou no nosso sólo. Oliveira Martins, no rapido esboço que fez do desenvolvimento do Brasil, na segunda metade do XVII seculo e no seculo seguinte, assignalando as condições novas, creadas pelo systema das idéas politico-economicas de Pombal, disse que se Mem de Sá foi o Affonso Henrique do Brasil, o Marquês de Pombal foi o seu D. Dinis, o lavrador, e o seu D. Fernando, o creador do commercio e da navegação colonial. Apreciando algumas destas providencias, nascidas do empenho generoso de Pombal em fazer do Brasil um emporio de trabalho e de riqueza, e que foram muitas dellas de fecundas consequencias para a humanidade e para a civilização Latino Coelho escreveu: "Emquanto a mão vigorosa de Carvalho vae abatendo a nobresa rebelde e ambiciosa, ora pelo cadafalso e pelo exilio, ora pelo poder energico das leis, o seu empenho mais vehemente é o de abolir na condição civil e no estado das pessoas as mais iniquas desigualdades sociaes. A sua legislação é copiosa de providencias humanissimas para consagrar a liberdade, não a liberdade politica, de que na sua monarchia idolatria é fervente contradictor, mas a liberdade civil e individual. Na sua luminosa comprehensão da vida civilisada toda a servidão é um opprobrio da monarchia, e uma deshonra da humanidade. O rei é o pae, absoluto e irresponsavel, mas não pôde ser o senhor de uma turba de escravos embrutecidos e aviltados. Nestes principios generosos se inspira o legislador para decretar, desde os primeiros annos do seu governo, a liberdade aos indios do Grão Pará e Maranhão, e para ampliar tres annos depois esta humana providencia a todos os indios do Brasil. E' sob as mesmas influencias, que declara sem infamias as pessoas europeas, que nos dominios da America elegeessem os seus conjuges nas tribus indianas." Tratando das medidas de Pombal para favorecer o trafico das principaes producções agricolas do Brasil, taes como o tabaco e o assucar, objecto dos decretos de 27 de Janeiro de 1751 e de 15 de Dezembro de 1752, acrescenta: "Além da fundação das companhias, de que o país veiu a derivar proveitos incontestaveis, Sebastião de Carvalho é infatigavel em promover, segundo os principaes fundamentos do seu systema, a maior valia e extensão das nossas relações commerciaes. E' neste ponto innegavel que muitas das suas providencias merecem justissimo louvor. No seu tempo era estreito, inacional e egoista o systema colonial dos povos europeus. Cada nação fechava ciosamente os portos das suas colonias aos navios estrangeiros, e na sua legislação tomava as mais vexatorias prevenções para que o trafico de productos coloniaes estivesse exclusivamente concentrado em suas mãos. D'ahi provinha a apertada regulamentação, em que vivia estrangida a navegação e o commercio com as colonias. D'ahi que navio algum mercante podesse de Portu-

gal endireitar para o Brasil sem ir com outros incorporado em frotas que em épocas prefixas singravam comboiadas por náus de guerra. A abolição deste regimen oppressivo e contrario á toda a iniciativa e especulação commercial é um dos serviços eminentes do estadista á exempção e franquia do trabalho". Eis ahi, numa rapida e incompleta synopse, qual foi a influencia do Marquês de Pombal na evolução economica, social e moral do Brasil, que nelle teve o seu grande bemfeitor.

#### POMBAL E A SUA EPOCHA

Referindo-me ao Brasil pombalino, tratei apenas de uma parcella da obra gigantesca do Marquês de Pombal, e, antes de rematar meu discurso, desejaria mostrar-vos como elle foi um dos maiores desses grandes reformadores do seculo XVIII e o foi irrefragavelmente, com genio fecundo, com espirito forte, com altivez, com uma visão admiravel da vida, com o immenso ardor das suas convicções philosophicas e com a vehemencia dos seus dictames politicos. Exigiria muito tempo, por mais que me resumisse, se pretendesse compendiar aqui os factos capitaes da grande reforma realizada por Sebastião José de Carvalho e Mello; entretanto, procurarei apenas fixar o seu objectivo politico e o seu valor social, humano. A politica cezariana, que caracteriza o longo reinado de D. José I, vivava antes de tudo emancipar definitivamente a monarchia lusitana da autoridade da igreja romana e do obscurantismo do direito canonico. Ora, naquelle tempo, chamado a personificar e activar as idéas da epocha em luta contra tradições seculares, o papel de Pombal foi de um verdadeiro revolucionario, porque representava a força ao serviço daquelle terrivel movimento historico de desmoroamento de um mundo antigo e de creação de uma nova ordem de idéas, principios e direito. Havia quasi um seculo que a monastica sociedade portugueza apodrecia na miseria, nas trévas e no aviltamento. O país vivia á mercê de uma aristocracia depravada, ociosa e cupida, alliada ao jesuitismo, que gafara a nação até os ossos, e de uma burocracia venal, desmoralisada e servil, com os seus 22.000 collectores. O cavalleiro de Oliveira, Alexandre de Gusmão, D. Luiz da Cunha e outros contemporaneos proclamaram o estado de degradação economica, moral e politica da patria portugueza em apostrophes terriveis. Alexandre de Gusmão exclamava: "A fradaria devora-nos, a fradaria suga tudo, a fradaria arruina-nos (O. Martins, *Hist. de Port.* II, 170)" e nestas palavras temos, penso, toda a psychologia da epocha que precedeu ao periodo josephino. A patria portugueza, que teve gerações de heróes que honrariam a grande idade da Grecia, estava depauperada no corpo e na alma, bastando ver que uma terça parte de Portugal era propriedade da sotaina e numa população de 2.000.000 de individuos, cerca de 200.000 eram frades, padres e monjas. O confessionario era quasi a unica preoccupação social. "A perversão dos instinctos, o vasio das intelligencias, a maldade imbecil e a carolice piégas e lubrica retratavam a primor o estado caduco do corpo da nação, amortalhada num sudario de brocados de sacristia, fedendo a incenso e a morrão", escreve Oliveira Martins (*Obr. cit.* II, 153), resumindo o depoimento dos autores do tempo. Dessa triste epocha, Latino Coelho, que é o melhor e mais esclarecido historiador do governo de Pombal, deu-nos um quadro que vale por um painel. Num estylo sem par, fortemente colorido, mas sem atavios inuteis, e com um poder maravilhoso de resurreição, recontando em que circunstancias surgiu o dictador liberal, o homem forte e virtuoso, o estadista destemeroso esperado desde muito e chamado a realizar todas as esperanças confusas do povo portugês, e pintando o que era Portugal, depois do reinado magnifico mas desastroso desse monarcha voluptuario e negligente que foi D. João V, pallido reflexo de Luiz XIV, mostra-nos "a nação prostrada no extremo abatimento, a intelligencia degenerada quasi até ao completo idiotismo, o trabalho esquecido e deshonrado, as classes superiores ociosas e imitadoras das sumptuosas lascivas do seu rei, o clero e os magnates, sugando quasi toda a substancia da nação, o povo

opresso, miserável, envelhecido; uma nação, que vive, como o seu monarca, entre o auto da fé do Santo Officio, o lucatorio de Odívalles, o cantochão de Mafra, os touros do Terreiro do Paço e os equívocos e trocadilhos da litteratura seiscentista." Tal era a herança que o monarca dissipador transmitira a D. José I, ao subir este ao throno, e tão baixo se havia afundado Portugal, que parecia não se levantasse nunca mais. "Era quasi um povo extranho á civilização e ás idéas do tempo, continua Latino Coelho. Era uma organização social incomparavel com o minimo progresso. O proprio absolutismo, que julgava concentrar na sua ferrea dominação todos os poderes e todas as energias do pais, vivia avassalado a uma potencia superior, contra a qual já parecia impraticavel resistir. O despotismo temporal só podia governar na escassa nesga, que depois de crescentes invasões lhe deixara a theocratica supremacia, e potestade espiritual. Apesar de sombrio e descrecionario, como era o governo de um monarca português naquelle tempo, todos os terrores se concentravam na tremenda jurisdicção do Santo Officio, cuja vista escrutadora poderia estender-se até o folio, reger e dominar a consciencia do imperante e forçalo a subordinar o proprio sceptro á espada flamejante dos arbitros da fé. (O Marquês de Pombal, 5)". Ora, o rei D. José, homem de curta intelligencia e de fraca vontade, mas soberbo, e possuindo uma idéa exaltada da sua quasi divina superioridade como monarca estava destinado a continuar, sem a magnificencia e a galanteria de antes, o governo calamitoso do seu predecessor, prolongando a decadencia e agravando a ruina da nação, "se a propria fraqueza do seu animo, como bem accentúa Latino Coelho, não tivesse facilitado que um homem de eminentes qualidades, por inesperado lance de fortuna, viesse occupar no solio regio o lugar destinado á acção governativa, deixando á sombra do monarca o futil apparatus da esteril soberania". Tendo claramente comprehendido em que tristes circunstancias poderia servir á nação, e lembrando-se de que

um fraco rei faz fraca a forte gente,

Sebastião José de Carvalho e Mello, enfechando nas mãos todos os elementos necessarios para o exercicio do poder, evitou que continuasse a serie de crimes e desmandos de uma corte indolente e perdularia, vassala dos estranhos, arrastando-se no meio da ignorancia universal, que a sinistra soberania da sociedade de Jesus perpetuava com as solemnidades dos autos de fé, e que, afinal, apresaria a derrocada final da patria. Dotado de intelligencia lucida, de imaginação grandiosa e de energia infatigavel, ao mesmo tempo que possuia uma vontade inquebrantavel e fecunda, que sabia realizar todas as suas aspirações e designios, foi elle o genio providencial que o reino encontrou para que se evitasse a dissolução da nacionalidade e, o que mais é, se operasse o maravilhoso renascimento das antigas virtudes da raça. A dictadura exercida pelo Marquês de Pombal, encoberta na purpura real, representa uma reacção obstinada, um esforço nobilissimo, um impulso vigoroso para fundar sobre os alicerces da velha monarchia, cahida em frouxidão e mantida graças á inercia das massas, uma nação activa, industriosa e productora, embora obrigado a extremar os rigores do poder absoluto. O seu governo foi, na verdade, um longo e temeroso despotismo, mas o seu despotismo não possuia o caracter odioso, brutal e revoltante da tyrannia do inculto sobre o intelligente, mas, inspirado pelo mais sincero patriotismo e pelo amor da humanidade, incarnava a conquista do homem pela vontade do genio, que tudo subjuga pela força necessaria e fecunda. "O seu espirito e a sua mão destruidora, escreve Latino Coelho (*Hist. Pol. e Mil.*, I, 71), tinha passado como a inundação ou a tormenta, que depois de lançar a desolação nos valles e nas campinas, na seguinte primavera amostra mais feraz e creadora a força genial da natureza". Só agora, passado mais de um seculo, é que se comprehende melhor a fatalidade tragica de que se revestiu o governo de Pombal e que se vê, cheio de admiração pelo grande patriota, empenhado em reerguer o prestigio do seu rei e do seu

povo, a razão de ser daquelle pulso de ferro actuando sem clemencia sobre os homens, os costumes e as cousas do tempo. "Il faut pour les hommes un jour favorable, comme pour les tableaux", disse Napoleão. Vae longe a epocha em que se arguiam indignações contra Pombal, evocando-se, para renegar a sua obra e denegrir-lhe a reputação, o supplicio dos nobres Tavoras, o forte da Junqueira e a execução de Malagrida, e hoje explicamos porque escriptores intelligentes julgaram tão falhamente esse periodo assaz claro da historia portugueza: é por que o estudaram através de suas crenças politicas ou convicções religiosas, que é o processo mais commum de deturpação da verdade. Para entender-se a obra pombalina, pontilhada de ensinamentos psychologicos e de suggestões admiraveis, e julgá-la de accordo com a analyse imparcial dos factos, tem o historiador que valer-se dos methodos objectivos de investigação e interpretação dos complexos phenomenos da vida social e bem assim transportar-se ao ambiente historico do tempo e pôr-se no centro dos interesses politicos que agitaram e commoveram por largos annos o reinado josephino. Visto a esta luz mais verdadeira, o vulto de Pombal surge-nos com todos os attributos e privilegios do reformador que, para realisação da grandiosa empreza a que se impoz, tendo por si o passado e as circunstancias singularissimas da época, precisou levar ao extremo a faculdade do poder absoluto, emprestando de algum modo aos seus designios e propositos o caracter de lei necessaria e fatal, e a sua obra apparece, no seu encandeamento logico, desde as origens, como expoente desse phenomeno excepcionalissimo na historia de um povo, que é uma transmutação de valores. Ahi está, certamente, porque a critica parcial, com os seus ataques rudes e ferozes, a malevolencia, o odio politico, o rancôr dos vencidos, a colera dos despeitados e o resentimento dos impotentes, todos os antigos instinctos de negação, e de morte, não conseguiram apoucar a grandesa dessa figura, que, sempre provocando conflictos, estimulando zelos e excitando paixões, cada vez mais avulta para a immortalidade. Naturalmente, para a igreja, na pertinaz, diuturna e victoriosa pelega contra os jesuitas e o obscurantismo, a qual teve accentos de um drama apocalyptic, foi Pombal a representação do Antechristo, do mesmo modo como não passa de um "plebeo" enfurecido para a fidalguia, que elle abateu nos seus fundamentos por conspirar contra o poder da realeza e tentar impedir o seu plano de reforma das instituições nacionaes, desde o ensino publico até a administração, que era um cego instrumento de oppressões e vexames tributarios, em lugar de agente activo do progresso social. No conceito imparcial da historia, a cujo tribunal á mesma distancia comparecem vencedores e vencidos, o "despota truculento, implacavel e odioso", o "oppressor da nobresa e perseguidor do clero", que apenas se fizera o defensor do poder regio e acreditou resuscitar na patria os antigos predicaes de altivés, de iniciativa e de força creador da raça, é o português que mais honrou a nação no seu seculo. Carlyle, que glorificou a maxima famosa do que "o poder é o direito", no seu ensaio sobre Frederico II, sentenciou que "de nada precisa tanto uma nação como de ser disciplinada, e que esse benefico, nunca o terá desfructado a que não passou pelo governo dos intitulados tyrannos." Ora, á obra prodigiosa da dictadura pombalina deve Portugal certamente a salvação da nacionalidade, o que é tudo.

#### A ORGANIZAÇÃO DO ESTADO PORTUGUÊS

A doutrina politica de Pombal tinha por objectivo organizar o Estado português, mediante o estabelecimento de um poder bastante forte, eficiente, e incontrastavel, emancipado de todas as peias e de todas as contingencias limitadoras, pairando acima de toda e qualquer autoridade, engrandecido diante de si mesmo e do mundo, e capaz de manter a unidade moral do povo lusitano. Tal theoria, que ressumbra nos preambulos de suas leis e a pratica de seus actos revela, e concordava então com as idéas esboçadas no *Testamento*

Politico de D. Luiz da Cunha, no qual este aconselhava ao principe D. José, quando reinasse, a escolher para seu primeiro ministro a Sebastião José de Carvalho e Mello, "cujo genio paciente e especulativo, ainda que, sem vicio, um pouco diftuso, se accorda com o da nação", nada mais era que o codigo do absolutismo do direito divino de Luiz XIV e o formulario estabelecido pelo genio de Machiavel para norma do Principe, e era ainda applicavel ás condições do periodo historico seu contemporaneo. Educado na corrente das idéas do seu tempo, não fez outra cousa senão seguir á risca e executar os principios que exaltavam a omnipotencia do poder real, absoluto e indivisivel, como essencia da soberania da nação. Soriano escreveu na *Historia do reinado do El-Rey D. José* (I, 193), que Sebastião José de Carvalho aprendeu de Sully a sciencia de administrar com ordem e methodo a fazenda publica, frustrando toda a especie de prevaricação; de Richelieu a arte de subordinar ao governo todas as diferentes classes sociaes, centralizando nas mãos do monarca a mais completa e ilimitada autoridade; de Colbert as regras para enriquecer o Estado, transformando a industria em fonte de riqueza; e finalmente de Louvois os meios de tornar respeitavel o soberano mediante exercitos technicamente aparelhados. Se, no entanto, é preciso invocar um mestre para o Marquês, com razão pôde dizer-se que o seu conselheiro foi Réal de Curban, autor da *Science du Gouvernement*, estatuto da autoridade, da força e da astucia do seculo de Luiz XIV, como o *Tratado do Principe*, dedicado a Lourenço de Medicis, o Magnifico, é considerado o evangelho dos tyrannos da Renascença, e tão verdadeiro é o facto que á obra do penetrante theorista francês chamava Pombal o *livro mór*. No scenario onde pelejam odios, propositos de vingança e desafios, elle levanta-se por detraz do throno e afirma de modo positivo que a realeza é uma "alta e independente soberania, que o rei recebe immediatamente de Deus e, pelo qual manda, quer e decreta aos seus vassallos de sciencia certa e poder absoluto". Para realizar a ardua empreza, no estado de decomposição a que havia caído o pais, dominado por uma nobresa arrogante, enfeudada nos seus antigos e absurdos privilegios, e por um clero que havia transformado a nação numa simples fazenda da familia Loyola, e com um povo enfraquecido e deslembado da sua dignidade, appellou Pombal para os unicos instrumentos de transformação politica no seu tempo: a lei, o tribunal e o patibulo, e aos mesmos recorreu sem desfallecimento e sem piedade, apoiando-se naturalmente na legislação e nos costumes europeus vigentes. A monarchia personificada num rei debil, pacifico e descuidado da sorte do pais, profundamente dividido por aversões intensas e repartido em classes irreductiveis, incapaz de sustentar e menear por si só o sceptro, submettido á autoridade moral e theologica da Igreja, mais do que nunca carecia de abdicar e concentrar indiviso num só homem a regia autoridade, a fim de consolidar o throno. Do seio tumultuoso da patria, um poder magnifico e intangivel raiou, cresceu e expandiu-se de modo nunca visto e previsto, o qual se poderia symbolisar numa arma bigume dirigida por mãos adestradas e destemidas, e, com elle, surgiram um direito novo, corporificado em formulas originas e em principios mais humanos, e uma justiça melhor, que disciplinava os mais arrogantes e distribuía a terra com mais equidade. Vencendo com as suas armas e reinando com as suas leis, vibrando golpes terriveis, zombando de todas as hostilidades e de todas as raivas, aniquillando ou opprimindo, mais purificando o ambiente para que a soberania do rei podesse exercer-se com esplendor dentro da ordem, sobrepairando, invencivel, como uma divindade entre os homens, esse poder constituiu-se com effeito, por uma assombrosa transmutação de valores sociaes, politicos, economicos e moraes. A' similhaça dos cavalleiros do idéal, que não temem o perigo, antes o procuram, porque desconhecem o impossivel e não se detêm ante o irrealisavel, o genio logico de Pombal fez florir o milagre de uma vida nova, nos costumes e nas leis. O reino de Portugal, resume-se então num homem: — O Marquês de Pombal, que, com a sua vontade e a sua sabedoria, é quem

o sustenta e governa, revigorando o aphorismo da suprema *lex regis voluntas*. Foi o homem summamente poderoso, o arbitro supremo perante quem todos se curvam e a quem todos cegamente obedeciam, para maior luzimento da monarchia e maior proveito da nação. Elle era o rei, o Estado, e D. José apenas um simulacro da realza, um vago symbolo, uma mascara occultando o unico homem que realmente mandava. Senhor do poder e da vontade do monarcha, este para lhe obedecer deu o exemplo de andar vestido de briche nacional, como os demais. "Onde houvesse um parcella de autoridade, que podesse defraudar a realza, onde se ergue uma eminencia, que projectasse uma sombra que fosse nos proprios degraus do throno, era necessario passar o nivel do poder absoluto e igualar na submissão o duque e o mechanic, o villão e o fidalgo de solar, os mais humildes prsbiterios e as mais condecoradas prelazias. A revolução democratica e popular devia ter logicamente por principio o engrandecimento do poder absoluto. Antes que a sociedade tomasse novas fórmias politicas era bem que a csta inevitavel metamorphose antecedesse a fundação de uma robusta unidade governativa. E nenhuma força social era naquelles mais segura e efficaz para effectuar a fusão de todos os elementos antagonistas de que o braço de um ministro obedecido sem hesitação e respeitado pelo terror. Quando a corôa tivesse apagado nas instituições e nos costumes as reliquias derradeiras do poder aristocratico, deixando apenas ao corpo da nobreza o simulacro da sua herdada autoridade em titulos e predicamentos sem nenhuma significação politica, seria então facil á burguezia, que principiava a ser o nervo da nação, reclamar os seus direitos confiscados pela corôa, e após esta primeira tentativa de interferencia popular nos negocios do governo viria forçosamente o millenio dos ultimos estratos sociaes. Antes que chegasse, com os progressos da educação publica, a sasão propicia á proclamação da liberdade, cumpria que a igualdade perante a corôa fosse operando lentamente as suas conquistas contra os privilegios politicos e os monopolios sociaes das classes superiores. Urgia que a realza absoluta expungisse nas tábuas da constituição o texto já meio obliterado dos artigos fóros nobiliarios, para que no fundo raso pudesse mais tarde a revolução esculpir as letras do novo evangelho liberal. A corôa, desembainhando a espada para decapitar uma fidalguia ambiciosa e turbulenta, abria, sem o suspeitar, a senda providencial á futura democracia. Quando ainda não ha povo, que possa agitar-se ou tumultuar na praça publica, entender as suas proprias immunidades e exigir o exercicio dos seus direitos, são os reis e os seus ministros, quem, a fóro de consolidar o poder illimitado, antecipam as revoluções. O absolutismo semeia então, para que a liberdade venha depois enfeixar as pavêas já maduras, escreve ainda Latino Coelho (*Hist. Mil. I, 21*) Pombal, que, como homem do seu tempo, era a revolução inconsciente, que iria esmagar a fidalguia dominadora e a potestade clerical, duas forças que havia usurpado até a magestade do rei, incarnava o pendor do seculo XVIII, a propria civilização que irrompia no bronco Portugal da inquisição, dos frades e desembargadores, ao mesmo tempo, como muito judiciosamente lembra Latino Coelho, sem o suspeitar e nem o querer, o precursor do seculo seguinte em muitas das suas conquistas. Assim, pois, se o seculo XVIII, em Portugal, presidido pela formidavel reacção do obscurantismo, viu nelle apenas o apologista do despotismo, o seculo XIX, trabalhado pela critica philosophica, vê nelle uma intelligencia pragmatica, racionalista, amante da realidade, conhecedora profunda da psychologia dos homens, cujo programma politico traz a marca do genio. A faculdade creadora do Marquês de Pombal procede justamente desse realismo extremamente positivo. Defensor intrepido da supremacia do rei, quero dizer, do Estado, sobre todas as coisas, antagonista implacavel da nobreza e adversario obstinado do jesuitismo, que suffocavam as aspirações nacionaes e as liberdades do povo lusitano, durante o seu longo governo não teve senão um pensamento — triumphar. A regra superior e inaliteravel de sua postura revestiu-se então de todos os attributos julgados necessarios para

a victoria de suas idéas, que a força inexpugnável protegia, e, manobrando a não do Estado com maravilhosa habilidade e com firmeza de orientação imperturbavel, consummou todos os seus designios. Aos seus meritos pessoases, aos seus esforçoes pacientes, ás suas combinações profundas, á seducção bem mais gloriosa e irresistivel de seu genio, mais do que ao poder material, deve elle o exito brilhante dessa obra immensa, prodigiosa como acção e reacção, de que dependiam os destinos de Portugal e da dynastia. No exercicio do poder, assim que a revolução se fez organização, não conheceu a palavra impossivel e nada existia acima de seus desejos. Pombal reintegra-se na legenda do *Quo non ascendam?* Espirito profundo e vontade inflexivel, com uma intuição concreta das realidades humanas, tomando os homens taes quaes eram e encarando as coisas como se apresentavam, foi um oportunista no mais alto gráo, actuando, dirigindo e inspirando-se segundo as circunstancias do país. Estrategista inteiramente attento ás condições contingentes da batalha a que se entregava, fechando os ouvidos ao clamor, ao escarcéo e ao pregão que se elevavam, derredor, para não confundir no immenso tumulto o bem com o mal, recorre a todos os processos para assegurar a victoria, utilizando todos os recursos e nada repudiando. Foi, por fim, um organisador digno deste nome, porque, depois de ter sido um terrivel destruidor, resolveu mediante uma legislação intelligente formidaveis problemas que desafiavam a sabedoria dos contemporaneos, e de tal modo o foi, que essa obra de civilização e de progresso sobreviveu aos desastres nacionaes. A politica não é uma sciencia abstracta, onde tudo se regula por axiomas, mas uma arte pragmatica que consiste, numa dada situação, absorver, assimilar e seleccionar os elementos capazes de contribuir para a grandeza do Estado. Se, nos seus principios, é elle um homem liberal, progressista, no seu procedimento é sempre um homem de autoridade, que procura na força os meios de acção, que é uma das prerogativas essenciaes do homem do Estado. Ninguém praticou mais de que elle a doutrina da grandeza absoluta do Estado, o Estado soberano acima de toda a occurencia humana, onde o monarcha é tudo e a universal submissão é estabelecida como o imperativo categorico dos subditos, e tal facto não imprimiu caracter anachronico á sua obra, que, com o mesmo principio da lucta necessaria e a mesma acceitação do facto como direito, era, em suas linhas geraes, uma antecipação da philosophia politica de Hegel, que concebe o Estado como um absoluto, uma cousa existente em si, irreductivel. Segundo a doutrina hegeliana, o Estado existe em todo o Estado, como o homem em todo o homem, e o ser contingente e perecivel que cada um de nós é, não póde modificar esse absoluto. O Estado, ás vezes idéa e vontade, sendo absoluto, não conhece imperativo acima do seu absoluto, a moral individual, por conseguinte, não existindo para elle. Emfim, a essencia do Estado sendo a soberania, ella cessa de existir se limitada por uma convenção de sua existencia, se não é uma manifestação perpetua da força. Tal doutrina, que foi servida por uma dialectica formidavel, nada mais proclamava que a absorpção de todos os individuos pelo Estado. Através da unidade fundamental, que mantem a colossal estrutura da obra pombalina, vislumbra-se a marca desta concepção do Estado, que Hegel divulgara como a realização da idéa pura, e, que, applicada ou imposta com vigor inquebrantavel ao reino, trouxe o nivelamento de todas as classes perante o throno absoluto, como a emancipação dos escravos, a abolição das distincções entre christãos novos e velhos, o equiparamento dos canarins aos portuguezes na India, a liberdade dos indios brasileiros, etc. Pombal revelou ainda uma qualidade que, mesmo entre os homens superiores, é apanagio de um pequeno numero: uma febril, intensa e progressiva actividade, uma vivacidade divina no pensamento e na acção, uma volupia de crear que augmentava á proporção que a sua obra adquiria aspectos definitivos. Havia nesse homem extraordinario muito da natureza e do espirito de Cezar, mas um Cezar sem a clemencia de Augusto, porque através dos seus actos não tinha a preocupação de fazer-se amar e bastava-lhe fazer-se temer. Ha mister assinalar que, se

Pombal foi um discipulo de Machiavel, como a muitos parece, o seu "machiavelismo" não se fez com a deslealdade, a dissimulação ou a perfidia: elle batalhou, abateu e venceu, com effeito, sem illudir, sem mentir, sem trahir. Foi um *principe* sem aquelle predicado a que o sagaz florentino reduz toda a sabedoria politica e todo o segredo da vida: *essere grande simulatore e dissimulatore*. Leal e orgulhoso, da sua lealdade e do seu orgulho nasceram essa intrepidez, que é uma sombra luminosa pairando eternamente sobre o lutador e realçando-lhe a grandeza. Não incidiu na pratica de Richelieu ou de Mazzarini, que confundia a politica com a perfidia. Nelle, velava, imperceptivel, uma argucia silenciosa, cauta, simples mais formidavel, servida por uma intelligencia a que não faltavam nem precisão nem efficiencia. A firmeza de propositos e a obstinação tranquilla, e, principalmente, a veracidade nas palavras e nos actos, são os attributos caracteristicos da sua arte de governar. Qualquer que seja a opinião acerca de suas qualidades e de seus defeitos, que se confundem harmoniosamente nelle para constituir um bloco humano em que as imperfeições e as arestas são partes integrantes da belleza que exprime, foi Pombal um dos maiores genios politicos da historia, que devemos glorificar com fervor.

#### POMBAL, IMAGEM DO SUPERHOMEM

Formidavel, grandiosa e tragica, porque, além de pretender elevar sobre a ruina do mundo antigo o edificio de uma cultura mais humana e de uma nova civilização, jogava com os destinos da grei, a obra pombalina é tarefa de predestinado. Na verdade, pertence o Marquês de Pombal á progenie dos creadores de valores. Raça de homens ambiciosos, intrepidos e invenciveis, inventores em todos os dominios do sublime e peritos em todas as zonas da actividade mental, serenos, pacientes e obstinados, conhecedores profundos do passado e reveladores do futuro enigmatico, synthetizam elles a alegria, o esplendor e o heroismo da terra. Seres inactuaes, que não reconhecem outra lei que não seja a do desenvolvimento da propria individualidade, e cujo despotismo é a expressão da soberania indispensavel, elles se chamam Alcibades, Cezar, Da Vinci, Frederico II, Napoleão, Goethe. Ora, o Marquês de Pombal é, com effeito, um dos mais lidimos exemplares dessa especie a que Nietzsche chamou de superhumana, collocando-a fóra dos limites traçados pelo bem e pelo mal, e, portanto, seria pueril julgar-se o politico portuguezes e o seu governo mediante as leis de psychologia dos homens comuns. "Je ne suis pas un homme comme les autres, et les lois de morale ou de convenance ne peuvent être faites pour moi", exclamava Napoleão. A "virtú" de Miguel Angelo ou de Cellini nada tem que ver com a moral de Loubet. A reforma pombalina, combatida pelos reaccionarios e sentimentalistas, sob o pretexto de crueldade, é fructo do irreprimivel instincto de criação, e, no jogo divino dos elementos que a inspiraram e a convino dos elementos que a encadeamento intrincaram, percebe-se um encadeamento intrincado, mas harmonico e logico, em que tudo se move como impellido pelo *'factum'* e a que os partidos, os sistemas e os homens se curvam vencidos ou subjugados, nada mais tendo sido o magnifico tyranno, que o artista, o interprete e o realisador fiel ás multiplas combinações do destino. O braço robusto do despota illuminado não poderia mover-se com efficiencia se o não ungissem o subtil mysterio desse dom de predestinação. A força, creio que já o disse um poeta, é uma mercê dos deuses, e quando um homem dotado de vontade e de poder actúa, elle o faz conforme os desejos divinos. Pombal não teria sido o constructor que foi, na historia portuguesa, se a natureza não o houvesse marcado com essa prentura seductora, que é ao mesmo tempo uma irresistivel clava e um raio de graça inimitavel. A fereza de coração que seus inimigos e desaffectedos alardeam para renegar-lhe os feitos e malsinar-lhe o nome, é substancia dos fundadores de mundos e dos domadores de povos, e foi necessaria para que elle dominasse o cáhos em que sossobrarria o reino. Para crear, ha mister destruir os velhos moldes, revogar as leis obsoletas, abater os idolos an-

# ANTONIO SARDINHA, POETA DO LUSITANISMO

A moderna literatura portuguesa é quasi desconhecida no Brasil. No entanto, certos nomes dos novos são hoje familiares ao grande público.

Em Portugal desenha-se um forte renascimento nas letras, um inquieto fermento de espirito leveda nas almas, alvoroça-se uma primavera de ritmos, de imagens, de emoções.

As altas qualidades do sentir que tream desde as remotas eras a literatura portuguesa, florescem a nossa actual sensibilidade das graças quimericas do coração, graças decorativas como cravos do povo ou lírios fidalgos.

António Sardinha destaca-se entre os novos. Poeta que sabe evocar na curva rítmica do verso os longes do seu maravilhoso mundo interior — poeta de janelas abertas para as intimidades — ganhou a simbólica flor de lis nos *Jogos Florais* de Salamanca, onde se disputou a primazia da *Gaya Sciência*, e que foram presididos por Mestre Eugénio de Castro, Pastor de rimas e Príncipe coroado de imagens, no dizer gracioso da dedicatória do autor do "Quando as Nascentes despertam..."

Anos depois, António Sardinha que tinha guardado um silêncio fecundo, em cujo humus místico brotava a semente dum magnifico lirismo, surgiu no torneio das letras com um livro de versos "Epopéia da Planície", onde se sentia renovação de temas, numa nobre simplicidade de linhas e ritmos.

A "Epopéia da Planície" é uma espécie de Geórgicas Alentejanas, canta o louvor da terra, a sua provincia de sol forte, o chão escaldante da interminável estepc, onde o ouro do trugal ondula a filigrana das espigas buliçosas e finas.

Na "Epopéia da Planície" perpassa um encantamento virgiliano, uma plácida alegria de trabalho rústico na toada cristã dos versos.

A poesia das pequeninas coisas íntimas, humildadas no círculo afectivo da nossa sensibilidade, António Sardinha no-la dá na graça pitoresca e primitiva da redondilha saltitante, saborosa como selvagem amora, crescendo na beirada dos caminhos.

O seu novo livro "Quando as Nascentes despertam..." é dum ecletismo adorável de emoção e temas.

Prende-me particular estima a este belo livro de poemas que eu conheci quasi todo

antes de ser dado ao prelo, onde vem uma poesia que me foi dedicada "*Os livros velhos*", tão verdadeira e tão sentida:

Os livros velhos! que doçura estranha não saboreia a gente, ao entre abri-los! E' como um ar de igreja o ar que os banha, na estante arrumadinhos e tranquilos!

Não deixa mais de ouvir-vos quem a voz vos

primeiras edições de inicial acesa, iluminadas letras, incunábulo! Oh, livros velhos, que belleza a vossa! Sois p'ra a palavra carta da nobreza, onde se aprende em lingua ainda moça toda a inocência antiga dos vocabulos!

O poeta evoca os livros velhos que são uma lição a meditar.

E no papel encarquilhado expira toda a escusada ância de escrever. Amor da glória! Mas que vã mentira! Quem é que está p'ra nos sentir e ler?!

Vaidade das vaidades! Nesta vida, que nada satisfaz, nem nada acalma, mas p'ra que serve a agitação suicida, em que desperdiçamos sangue e alma?!

Irmãos que somos em Flaubert, amigos, parta-se a pena á voz do Ecclesiastes! Antes cavar a terra e debulhar os trigos, que andar queimando os nervos no vivo inferno da belleza escrita...

O' folhas ressequidas, enrugadas, lembrais-me um pó que se imagina ouro! Almas-penadas, que o crebro espalhais em tinta no papel, vêde nos livros velhos, Camaradas, a sorte que teremos, bem cruel!

\*  
\* \*

O poeta sub-titulou o seu livro de *Pocmas da Turbação e da Boa-Estrêla*. Uma doce volúpia borbulha na agua cantante e clara do seu lirismo, certa perturbação de vida moça surge nos seus versos como primeiro perfume de flor de primavera, como seiva em alvoroço. Ora sintam o encanto penetrante da *Epifania dos lilases*

Florescem os lilases brandamente, — florescem os lilases com brandura. E o seu perfume tépido, envolvente, de tentações povôa a noite escura.

De tentações povôa a noite lenta, o aroma dos lilases em segredo. Há no silêncio um bafo que adormenta, — um bafo perturbante de bruxedo.

Flutua, errante, um hálito de incenso, como o respiro dum serralho impuro. E a noite evoca-me um jardim suspenso, Com os lilases a florir no escuro.

O aroma dos lilases anda em cima, — ainda em carícia a espalhar insónias. Acordam no silêncio que se anima não sei que dissolutas Babilónias!

E o poeta continúa num ritmo lento e estranho, quebrado numa indolência sensual.

Na *Écloga da cidade* pinta a buliçosa luz da sua campina alentejana.

Atrás do sol, entrou cantando agora não sei que abelha cor de mel e brasa. Veiu estonteada com a luz de fora encher de primavera a minha casa.

Veiu estonteada...

As suas asas de ouro São gemas preciosas a voar. Onde elas passam, cheira a trigo loiro, — fica um perfume de écloga no ar!

Aos olhos do poeta rasga-se a janela do encantamento, onde passam as paisagens rurais, embaladas de bucólica música, a quimera dos longes, o perfume do escampado.

António Sardinha é um estilista de monotonias musicais expressivas. A paisagem alentejana, a esmorrar-se aos olhos, num longe vago, influencia fortemente a sensibilidade aguda do poeta, dum vibratibilidade estranha. António Sardinha conhece o milagre de planicizar o ritmo, a perder-se na alma, como um verso cigano ao vento dos caminhos...

Gostaria de vos falar demoradamente deste poeta que, fechado nas fronteiras da Terra e do Passado e aceitando gostosamente uma disciplina,

— porque os limites doces que me imponho, dão consistência ás asas do meu sonho e ajudam-me a subir ainda mais!

sabe abraçar um mundo de emoções e imagens, mundo humanissimo e quente, onde ressoa o coração da vida.

Antes de fechar este artigo, vou transcrever um delicioso soneto "*Sedas velhas*" que tem a graça dum pintura de tempos idos:

Nas rugas do brocado inda advinho dos corpos senhoris o antigo traço. Eu amo as sedas velhas com carinho, — não sei o que me diz o seu cansaço!

São gorgotões, damascos cor de vinho com vozes lansas no recorte lasso. Abraçam-se o veludo mais o arminho, como quem vem dum screnin no Paço.

Eis que se anima o tafetá vermelho! Como dum fundo aquático de espelho, curvadas, passam as gentis Avós...

Oh, sedas velhas, que prazer eu sinto, quando num sonho trémulo, indistinto, passeio as minhas mãos por sobre vós!

Os jornais portugueses anunciam a saída breve dum livro de versos de António Sardinha, "*Na Côte da Saudade*", sonetos de Toledo.

Quantas vezes, em Madrid, no passeio de la Castellana ou no Retiro, á sombra das árvores e cercados de lindos bebés rosados — os melhores brinquedos dos meus olhos infantis, dos meus olhos modernistas — António Sardinha recortava-me no desenho de papel dum soneto a alma de Toledo, eterna quermesse da alma peninsular que se reflecte, num encantamento bailado, nos olhos — espelhos côncavos de Grego, nos olhos genialmente deformadores de Grego...

"Na Côte da Saudade" está insepulto o corpo do duque de Orgaz, está insepulta a alma do duque de Orgaz...

Rio, Janeiro de 1923.

Carlos Lobo de OLIVEIRA

tigos, manejando a humanidade como argila maleavel, para torná-la docil á impressão das formas. "Se vossa dureza não pôde decepar e cortar como a espada, nunca podereis crear commigo", exclama Zarathustra. A piedade é esteril, avilta os animos mais intrepidos e destrõe as bellas cousas. "Wotam deu-me um coração duro", diz um heróe da antiga saga. Assim tambem o creador de valores, na maior parte, não poderá vencer senão em circunstancias terríveis. Lembremo-nos, por derradeiro, do conceito de Péricles na formosa oração que lhe attribue Thucydide: "Nossa audacia rasgou caminho por terra e por mar, levantando imperecíveis monumentos, tanto ao bem como ao mal" Aliás, a essencia intima do ser é vontade de poder e todo poder luta pelo dominio. A vida, em si, é aggressão, expropriação, destruição, sujeição de tudo que lhe é estranho e imposição de suas proprias modalidades, dureza. Sem duvida, uma estimavel dose de liberdade individual desaparece do mundo, e os vencidos tornam-se dignos de lastima, mas, em compensação, serenada a tormenta, surge o potentado, synthese do humano e imagem do sobrehumano, imponente e magnifico, affirmando o universo em toda a sua plenitude e belleza. Ante a realidade

cruenta da historia e da natureza, o grande homem vem a ser um cataclysmo, materia explosiva, enorme accumulção de energias, a que, desde que se faça apello ao seu genio, nada poderá oppôr-se. Dentro do egoismo integral, intransigente e sublime, esplende, floresce e desenvolve-se muita vez pelas armas, pelo desprezo dos direitos alheios, pela invasão de fronteiras, pelo esmagamento de povos fracos ou de raças inferiores, e todos esses actos que pratica, revestidos em geral da mais estranha roupagem, elle os realisa em favor de uma forma superior da existencia e em nome de uma lei imperiosa. Neste sentido, a palavra do imperador dos francezes é perfeitamente justa, quando diz: "Que escuteis a voz do sentimento e da piedade, é caso que só a vós interessa, mas quanto a mim, Senhor de Metternich, que me importa que cem mil homens vivam ou pereçam?" Dest'arte, é preciso ainda rehabilitar o Grande Marquês, cujo genio fecundo e prodigioso, e cuja obra, harmonica na sua riqueza multiforme, collocaram a sua personalidade, desfigurada pelos erros e prevenções de lastimosos adversarios, naquella ambiente de divinisação da energia triumphante em que pairam os heroes de Carlyle e os superhomens de Nietzsche.

Elysio de CARVALHO

o sustenta e governa, revigorando o aforismo da suprema *lex regis voluntas*. Foi o homem summamente poderoso, o arbitro supremo perante quem todos se curvam e a quem todos cegamente obedeciam, para maior luzimento da monarchia e maior proveito da nação. Elle era o rei, o Estado, e D. José apenas um simulacro da realza, um vago symbolo, uma mascara occultando o unico homem que realmente mandava. Senhor do poder e da vontade do monarcha, este para lhe obedecer deu o exemplo de andar vestido de briche nacional, como os demais. "Onde houvesse um parcella de autoridade, que podesse defraudar a realza, onde se ergue uma eminencia, que projectasse uma sombra que fosse nos proprios degraus do throno, era necessario passar o nivel do poder absoluto e igualar na submissão o duque e o mechanico, o villão e o fidalgo de solar, os mais humildes prsbiterios e as mais condecoradas prelazias. A revolução democratica e popular devia ter logicamente por principio o engrandecimento do poder absoluto. Antes que a sociedade tomasse nóvas fórmias politicas era bem que a csta inevitavel metamorphose antecedesse a fundação de uma robusta unidade governativa. E nenhuma força social era naquelles mais segura e efficaz para effectuar a fusão de todos os elementos antagonistas de que o braço de um ministro obedecido sem hesitação e respeitado pelo terror. Quando a corôa tivesse apagado nas instituições e nos costumes as reliquias derradeiras do poder aristocratico, deixando apenas ao corpo da nobreza o simulacro da sua herdada autoridade em titulos e predicamentos sem nenhuma significação politica, seria então facil á burguezia, que principiava a ser o nervo da nação, reclamar os seus direitos confiscados pela corôa, e após esta primeira tentativa de interferencia popular nos negocios do governo viria forçosamente o milênio dos ultimos estratos sociaes. Antes que chegasse, com os progressos da educação publica, a sasão propicia á proclamação da liberdade, cumpria que a igualdade perante a corôa fosse operando lentamente as suas conquistas contra os privilegios politicos e os monopolios sociaes das classes superiores. Urgia que a realza absoluta expungisse nas tábuas da constituição o texto já meio obliterado dos antigos fóros nobiliarios, para que no fundo raso pudesse mais tarde a revolução esculpir as letras do novo evangelho liberal. A corôa, desembainhando a espada para decapitar uma fidalguia ambiciosa e turbulenta, abria, sem o suspeitar, a senda providencial á futura democracia. Quando ainda não ha povo, que possa agitar-se ou tumultuar na praça publica, entender as suas proprias imunidades e exigir o exercicio dos seus direitos, são os reis e os seus ministros, quem, a fóro de consolidar o poder illimitado, antecipam as revoluções. O absolutismo semeia então, para que a liberdade venha depois enfeixar as pavêas já maduras, escreve ainda Latino Coelho (*Hist. Mil. I, 21*). Pombal, que, como homem do seu tempo, era a revolução inconsciente, que iria esmagar a fidalguia dominadora e a potestade clerical, duas forças que havia usurpado até a magestade do rei, incarnava o pendor do seculo XVIII, a propria civilização que irrompia no bronco Portugal da inquisição, dos frades e desembargadores, ao mesmo tempo, como muito judiciosamente lembra Latino Coelho, sem o suspeitar e nem o querer, o precursor do seculo seguinte em muitas das suas conquistas. Assim, pois, se o seculo XVIII, em Portugal, presidido pela formidavel reacção do obscurantismo, viu nelle apenas o apologista do despotismo, o seculo XIX, trabalhado pela critica philosophica, vê nelle uma intelligencia pragmatica, racionalista, amante da realidade, conhecedora profunda da psychologia dos homens, cujo programma politico traz a marca do genio. A facultade creadora do Marquês de Pombal procede justamente desse realismo extremamente positivo. Defensor intrepido da supremacia do rei, quero dizer, do Estado, sobre todas as coisas, antagonista implacavel da nobreza e adversario obstinado do jesuitismo, que suffocavam as aspirações nacionaes e as liberdades do povo lusitano, durante o seu longo governo não teve senão um pensamento — triumphar. A regra superior e inalteravel de sua postura revestiu-se então de todos os attributos julgados necessarios para

a victoria de suas idéas, que a força inexpugnável protegia, e, manobrando a não do Estado com maravilhosa habilidade e com firmeza de orientação imperturbavel, consummou todos os seus designios. Aos seus meritos pessoases, aos seus esforço pacientes, ás suas combinações profundas, á sedução bem mais gloriosa e irresistivel de seu genio, mais do que ao poder material, deve elle o exito brilhante dessa obra immensa, prodigiosa como accção e reacção, de que dependiam os destinos de Portugal e da dynastia. No exercicio do poder, assim que a revolução se fez organização, não conheceu a palavra impossivel e nada existia acima de seus desejos. Pombal reintegra-se na legenda do *Quo non ascendam?* Espirito profundo e vontade inflexivel, com uma intuição concreta das realidades humanas, tomando os homens taes quaes eram e encarando as coisas como se apresentavam, foi um oportunista no mais alto grão, actuando, dirigindo e inspirando-se segundo as circunstancias do país. Estrategista inteiramente attento ás condições contingentes da batalha a que se entregava, fechando os ouvidos ao clamor, ao escarcéo e ao pregão que se elevavam, derredor, para não confundir no immenso tumulto o bem com o mal, recorre a todos os processos para assegurar a victoria, utilizando todos os recursos e nada repudiando. Foi, por fim, um organisador digno deste nome, porque, depois de ter sido um terrivel destruidor, resolveu mediante uma legislação intelligente formidaveis problemas que desafiavam a sabedoria dos contemporaneos, e de tal modo o foi, que essa obra de civilização e de progresso sobreviveu aos desastres nacionaes. A politica não é uma sciencia abstracta, onde tudo se regula por axiomas, mas uma arte pragmatica que consiste, numa dada situação, absorver, assimilar e seleccionar os elementos capazes de contribuir para a grandeza do Estado. Se, nos seus principios, é elle um homem liberal, progressista, no seu procedimento é sempre um homem de autoridade, que procura na força os meios de accção, que é uma das prerogativas essenciaes do homem do Estado. Ninguem praticou mais de que elle a doutrina da grandeza absoluta do Estado, o Estado soberano acima de toda a occorrença humana, onde o monarcha é tudo e a universal submissão é estabelecida como o imperativo categorico dos subditos, e tal facto não imprimiu character anachronico á sua obra, que, com o mesmo principio da lucha necessaria e a mesma accepção do facto como direito, era, em suas linhas geraes, uma antecipaçao da philosophia politica de Hegel, que concebe o Estado como um absoluto, uma cousa existente em si, irreductivel. Segundo a doutrina hegeliana, o Estado existe em todo o Estado, como o homem em todo o homem, e o ser contingente e percível que cada um de nós é, não póde modificar esse absoluto. O Estado, ás vezes idéa e vontade, sendo absoluto, não conhece imperativo acima do seu absoluto, a moral individual, por conseguinte, não existindo para elle. Emfim, a essencia do Estado sendo a soberania, ella cessa de existir se limitada por uma convenção de sua existencia, se não é uma manifestação perpetua da força. Tal doutrina, que foi servida por uma dialectica formidavel, nada mais proclamava que a absorpção de todos os individuos pelo Estado. Através da unidade fundamental, que mantém a colossal estrutura da obra pombalina, vislumbra-se a marca desta concepção do Estado, que Hegel divulgara como a realização da idéa pura, e, que, applicada ou imposta com vigor inquebrantavel ao reino, trouxe o nivelamento de todas as classes perante o throno absoluto, como a emancipação dos escravos, a abolição das distincções entre christãos novos e velhos, o equiparamento dos canarins aos portuguezes na India, a liberdade dos indios brasileiros, etc. Pombal revclou ainda uma qualidade que, mesmo entre os homens superiores, é apanagio de um pequeno numero: uma febril, intensa e progressiva actividade, uma vivacidade divina no pensamento e na accção, uma volupia de crear que augmentava á proporção que a sua obra adquiria aspectos definitivos. Havia nesse homem extraordinario muito da natureza e do espirito de Cezar, mas um Cezar sem a clemencia de Augusto, porque através dos seus actos não tinha a preocupação de fazer-se amar e bastava-lhe fazer-se temer. Ha mister assignalar que, se

Pombal foi um discipulo de Machiavel, como a muitos parece, o seu "machiavelismo" não se fez com a deslealdade, a dissimulação ou a perfidia: elle batalhou, abateu e venceu, com effeito, sem illudir, sem mentir, sem trahir. Foi um *principe* sem aquelle predicado a que o sagaz florentino reduz toda a sabedoria politica e todo o segredo da vida: *essere grande simulatore e dissimulatore*. Leal e orgulhoso, da sua lealdade e do seu orgulho nasceram essa intrepidez, que é uma sombra luminosa pairando eternamente sobre o lutador e realçando-lhe a grandeza. Não incidiu na pratica de Richelieu ou de Mazzarini, que confundia a politica com a perfidia. Nelle, velava, imperceptivel, uma argucia silenciosa, cauta, simples mais formidavel, servida por uma intelligencia a que não faltavam nem precisão nem efficiencia. A firmeza de propositos e a obstinação tranquilla, e, principalmente, a veracidade nas palavras e nos actos, são os attributos caracteristicos da sua arte de governar. Qualquer que seja a opinião ácerca de suas qualidades e de seus defeitos, que se confundem harmoniosamente nelle para constituir um bloco humano em que as imperfeições e as arestas são partes integrantes da beleza que exprime, foi Pombal um dos maiores genios politicos da historia, que devemos glorificar com fervor.

#### POMBAL, IMAGEM DO SUPERHOMEM

Formidavel, grandiosa e tragica, porque, além de pretender elevar sobre a ruina do mundo antigo o edificio de uma cultura mais humana e de uma nova civilização, jogava com os destinos da grei, a obra pombalina é tarefa de predestinado. Na verdade, pertence o Marquês de Pombal á progenie dos creadores de valores. Raça de homens ambiciosos, intrepidos e invenciveis, inventores em todos os dominios do sublime e peritos em todas as zonas da actividade mental, serenos, pacientes e obstinados, conhecedores profundos do passado e reveladores do futuro enigmatico, synthetizam elles a alegria, o esplendor e o heroismo da terra. Seres inactuaes, que não reconhecem outra lei que não seja a do desenvolvimento da propria individualidade, e cujo despotismo é a expressao da soberania indispensavel, elles se chamam Alcibades, Cezar, Da Vinci, Frederico II, Napoleão, Goethe. Ora, o Marquês de Pombal é, com effeito, um dos mais lidimos exemplares dessa especie a que Nietzsche chamou de superhumana, collocando-a fóra dos limites traçados pelo bem e pelo mal, e, portanto, seria pueril julgar-se o politico portuguez e o seu governo mediante as leis de psychologia dos homens comuns. "Je ne suis pas un homme comme les autres, et les lois de morale ou de convenance ne peuvent être faites pour moi", exclamava Napoleão. A "virtú" de Miguel Angelo ou de Cellini nada tem que ver com a moral de Loubet. A reforma pombalina, combatida pelos reaccionarios e sentimentalistas, sob o pretexto de crueldade, é fructo do irreprimivel instincto de criação, e, no jogo divino dos elementos que a inspiraram e a concertaram, percebe-se um encadeamento intrincado, mas harmonico e logico, em que tudo se move como impellido pelo 'factum' e a que os partidos, os systemas e os homens se curvam vencidos ou subjugados, nada mais tendo sido o magnifico tyranno, que o artista, o interprete e o realisador fiel ás multiplas combinações do destino. O braço robusto do despota illuminado não poderia mover-se com efficiencia se o não ungisse o subtil mysterio desse dom de predestinação. A força, creio que já o disse um poeta, é uma mercê dos deuses, e quando um homem dotado de vontade e de poder actúa, elle o faz conforme os desejos divinos. Pombal não teria sido o constructor que foi, na historia portugueza, se a natureza não o houvesse marcado com essa prenda seductora, que é ao mesmo tempo uma irresistivel clava e um raio de graça inimitavel. A fereza de coração que seus inimigos desaffectedos alardeam para renegar-lhe os feitos e malsinar-lhe o nome, é substancia dos fundadores de mundos e dos domadores de povos, e foi necessaria para que elle dominasse os cáhos em que sossobraria o reino. Para crear, ha mister destruir os velhos moldes, revogar as leis obsoletas, abater os idolos an-



# ANTONIO SARDINHA, POETA DO LUSITANISMO

A moderna literatura portuguesa é quasi desconhecida no Brasil. No entanto, certos nomes dos novos são hoje familiares ao grande público.

Em Portugal desenha-se um forte renascimento nas letras, um inquieto fermento de espirito leveda nas almas, alvoroça-se uma primavera de ritmos, de imagens, de emoções.

As altas qualidades do sentir que tigram desde as remotas eras a literatura portuguesa, florescem a nossa actual sensibilidade das graças quimericas do coração, graças decorativas como cravos do povo ou lírios fidalgos.

António Sardinha destaca-se entre os novos. Poeta que sabe evocar na curva rítmica do verso: os longes do seu maravilhoso mundo interior — poeta de janelas abertas para as intimidades — ganhou a simbólica flor de lis nos *Jogos Florais* de Salamanca, onde se disputou a primazia da *Gaya Sciência*, e que foram presididos por Mestre Eugénio de Castro, Pastor de rimas e Príncipe coroado de imagens, no dizer gracioso da dedicatória do autor do "Quando as Nascentes despertam..."

Anos depois, António Sardinha que tinha guardado um silencio fecundo, em cujo humus místico brotava a semente dum magnifico lirismo, surgiu no torneio das letras, com um livro de versos "Epopeia da Planície", onde se sentia renovação de temas, numa nobre simplicidade de linhas e ritmos.

A "Epopeia da Planície" é uma espécie de *Geórgicas Alentejanas*, canta o louvor da terra, a sua provincia de sol forte, o chão escaldante da interminável estepe, onde o oiro do trigal ondula a filigrana das espigas buíças e finas.

Na "Epopeia da Planície" perpassa um encantamento virgiliano, uma plácida alegria de trabalho rústico na toada cristã dos versos.

A poesia das pequeninas coisas íntimas, humildadas no círculo afectivo da nossa sensibilidade, António Sardinha no-la dá na graça pitoresca e primitiva da redondilha saltitante, saborosa como selvagem amora, crescendo na beirada dos caminhos.

O seu novo livro "Quando as Nascentes despertam..." é dum ecletismo adorável de emoção e temas.

Prende-me particular estima a este belo livro de poemas que eu conheci quasi todo

antes de ser dado ao prelo, onde vem uma poesia que me foi dedicada "Os livros velhos", tão verdadeira e tão sentida:

Os livros velhos! que doçura estranha  
não saboreia a gente, ao entre abri-los!  
E' como um ar de igreja o ar que os banha,  
na estante arrumadinhos e tranquilos!

Não deixa mais de ouvir-vos quem a voz vos  
primeiras edições de inicial acesa,  
illuminadas letras, incunábulo!  
Oh, livros velhos, que beleza a vossa!  
Sois p'ra a palavra carta da nobreza,  
onde se aprende em lingua ainda moça  
toda a inocência antiga dos vocabulos!

O poeta evoca os livros velhos que são  
uma lição a meditar.

E no papel encarquilhado expira  
toda a escusada âniea de escrever.  
Amor da glória! Mas que vã mentira!  
Quem é que está p'ra nos sentir e ler?!

Vaidade das vaidades! Nesta lida,  
que nada satisfaz, nem nada acalma,  
mas p'ra que serve a agitação suicida,  
em que desperdiçamos sangue e alma?!

Irmãos que somos em Flaubert, amigos,  
parta-se a pena á voz do Eclesiastes!  
Antes cavar a terra e debulhar os trigos,  
que andar queimando os nervos  
no vivo inferno da belleza escrita...

O' folhas ressequidas, enrugadas,  
lembráis-me um pó que se imagina oiro!  
Almas-penadas,  
que o cérebro espalhais em tinta no papel,  
vêde nos livros velhos, Camaradas,  
a sorte que teremos, bem cruel!

\*  
\* \*

O poeta sub-titulou o seu livro de Poemas da Turbação e da Boa-Estréla. Uma doce volúpia borbulha na agua cantante e clara do seu lirismo, certa perturbação de vida moça surge nos seus versos como primeiro perfume de flor de primavera, como seiva em alvoroço. Ora sintam o encanto penetrante da *Epifania dos lilases*

Florescem os lilases brandamente,  
— florescem os lilases com brandura.  
E o seu perfume tépido, envolvente,  
de tentações povôa a noite escura.

De tentações povôa a noite lenta,  
o aroma dos lilases em segredo.  
Há no silêncio um bafo que adormenta,  
— um bafo perturbante de bruxedo.

Flutúa, errante, um hálito de incenso,  
como o respiro dum serralho impuro.  
E a noite evoca-me um jardim suspenso,  
Com os lilases a florir no eseuo.

O aroma dos lilases anda em cima,  
— ainda em carícia a espalhar insónias.  
Acordam no silêncio que se anima  
não sei que dissolutas Babilónias!

E o poeta continúa num ritmo lento e estranho, quebrado numa indolencia sensual.

Na *Écloga da cidade* pinta a buíçosa luz da sua campina alentejana.

Atrás do sol, entrou cantando agora  
não sei que abelha côr de mel e brasa.  
Veiu estonteada com a luz de fora  
encher de primavera a minha casa.

Veiu estonteada...  
As suas asas de oiro  
São gemas preciosas a voar.  
Onde elas passam, cheira a trigo loiro,  
— fica um perfume de écloga no ar!

Aos olhos do poeta rasga-se a janela do encantamento, onde passam as paisagens rurais, embaladas de bucólica música, a quimera dos longes, o perfume do escampado.

António Sardinha é um estilista de monotonias musicais expressivas. A paisagem alentejana, a esmorzar-se aos olhos num longe vago, influencia fortemente a sensibilidade aguda do poeta, duma vibratibilidade estranha. António Sardinha conhece o milagre de planicizar o ritmo, a perder-se na alma, como um verso cigano ao vento dos caminhos...

Gostaria de vos falar demoradamente deste poeta que, fechado nas fronteiras da Terra e do Passado e aceitando gostosamente uma disciplina,

— porque os limites doces que me imponho, dão consistência ás asas do meu sonho e ajudam-me a subir ainda mais!

sabe abraçar um mundo de emoções e imagens, mundo humanissimo e quente, onde ressoa o coração da vida.

Antes de fechar este artigo, vou transcrever um delicioso soneto "Sedas velhas" que tem a graça duma pintura de tempos idos:

Nas rugas do brocado inda advinho  
dos corpos senhoris o antigo traço.  
Eu amo as sedas velhas com carinho,  
— não sei o que me diz o seu cansaço!

São gorgotões, damascos côr de vinho  
com vozes lansas no reorte lasso.  
Abraçam-se o veludo mais o arminho,  
como quem vem dum sereno no Paço.

Eis que se anima o tafetá vermelho!  
Como dum fundo aquático de espelho,  
curvadas, passam as gentis Avôs...

Oh, sedas velhas, que prazer eu sinto,  
quando num sonho trémulo, indistinto,  
passo as minhas mãos por sobre vós!

Os jornais portugueses anunciam a saída breve dum livro de versos de António Sardinha, "Na Côte da Saudade", sonetos de Toledo.

Quantas vezes, em Madrid, no passeio de la Castellana ou no Retiro, á sombra das árvores e cercados de lindos bebês rosados — os melhores brinquedos dos meus olhos infantis, dos meus olhos modernistas — António Sardinha recortava-me no desenho de papel dum soneto a alma de Toledo, eterna quermesse da alma peninsular que se reflecte, num encantamento bailado, nos olhos — espelhos côncavos de Grego, nos olhos genialmente deformadores de Grego...

"Na Côte da Saudade" está insepulto o corpo do duque de Orgaz, está insepulta a alma do duque de Orgaz...

Rio, Janeiro de 1923.

Carlos Lobo de OLIVEIRA

tigos, manejando a humanidade como argila maleavel, para torná-la docil á impressão das fôrmas. "Se vossa dureza não pôde decepar e cortar como a espada, nunca podereis crear commigo", exclama Zarathustra. A piedade é esteril, avilta os animos mais intrepidos e destrôe as bellas cousas. "Wotam deu-me um coração duro", diz um herôe da antiga saga. Assim tambem o creador de valores, na maior parte, não poderá vencer senão em circunstancias terriveis. Lembremo-nos, por derradeiro, do conceito de Péricles na formosa oração que lhe attribue Thucydide: "Nossa audacia rasgou caminho por terra e por mar, levantando impereciveis monumentos, tanto ao bem como ao mal" Aliás, a essencia intima do ser é vontade de poder e todo poder luta pelo dominio. A vida, em si, é aggressão, expropriação, destruição, sujeição de tudo que lhe é estranho e imposição de suas proprias modalidades, *dureza*. Sem duvida, uma estimavel dôse de liberdade individual desaparece do mundo, e os vencidos tornam-se dignos de lastima, mas, em compensação, serenada a tormenta, surge o potentado, synthese do humano e imagem do sobrehumano, imponente e magnifico, affirmando o universo em toda a sua plenitude e belleza. Ante a realidade

cruenta da historia e da natureza, o grande homem vem a ser um cataclysmo, materia explosiva, enorme accumulção de energias, a que, desde que se faça apello ao seu genio, nada poderá oppôr-se. Dentro do egoismo integral, intransigente e sublime, esplende, floresce e desenvolve-se muita vez pelas armas, pelo desprezo dos direitos alheios, pela invasão de fronteiras, pelo esmagamento de povos fracos ou de raças inferiores, e todos esses actos que pratica, revestidos em geral da mais estranha roupagem, elle os realisa em favor de uma fôrma superior da existencia e em nome de uma lei imperiosa. Neste sentido, a palavra do imperador dos francezes é perfeitamente justa, quando diz: "Que escuteis a voz do sentimento e da piedade, é caso que só a vós interessa, mas quanto a mim, Senhor de Metternich, que me importa que cem mil homens vivam ou pereçam?" Dest'arte, é preciso ainda rehabilitar o Grande Marquês, cujo genio fecundo e prodigioso, e cuja obra, harmonica na sua riqueza multiforme, collocaram a sua personalidade, desfigurada pelos erros e prevenções de lastimosos adversarios, naquelle ambiente de divinisação da energia triumphante em que pairam os heroes de Carlyle e os superhomens de Nietzsche.

Elysio de CARVALHO

# O GENIO PENINSULAR

Importa definir o que seja o "genio peninsular" numa hora em que o problema das relações hispano-lusitanas parece atingir uma curva decisiva do seu caminho. Nada mais proprio para isso de que a comemoração do 12 de outubro, — data em que as naus de Colombo avistaram terra e que a Espanha de hoje, em comunhão com as nacionalidades americanas, suas filhas, recorda cheia de elevação e entusiasmo, celebrando a *Fiesta de la Raza*. "Raça" evidentemente, num sentido de civilização e afinidade moral, — e nunca num estreito significado étnico. Deste modo, nem Portugal nem o Brasil se devem reputar estranhos á grande assembléa dos povos hispânicos, de que o 12 de Outubro começou já a lançar os primeiros lineamentos espirituais.

Considerando assim a "raça" como expressão dum determinado tipo historico, nós, portugueses, tais como somos, somos tão "hispânicos" como os "espanhoes" propriamente ditos. "Espanhol", tomado como apelativo nacionalista, é uma criação politica recente, não excedendo talvez no conceito geral dos Estados europeus mais que duzentos e tantos anos. Com inspirada razão observava o nosso inspiradissimo Garrett em nota ao seu *Camões*: — "Nem uma só vez se achará em nossos escriptores a palavra "hespanhol" designando exclusivamente — o habitante da Peninsula não portuguez. Em quanto Castella esteve separada de Aragão, e já muito depois de unida a Leão, etc., nós e as outras nações das Hespanhas, Aragonezes, Granadiz, Castelhanos, Portuguezes e todos, eramos por estranhos e domesticos comumente chamados *hespanhoes*... A fatal perda da nossa independencia politica depois da batalha de Alcaccer-Kibir, deu o titulo de reis das Hespanhas aos de Castella e Aragão, que conservaram ainda depois da gloriosa restauração de 1640. Mas Hespanhoes somos, e de Hespanhoes nos devemos prezar todos os que habitamos esta peninsula".

Não fazia Garrett senão recolher a idéa que da unidade hispânica se nos viera transmitindo desde sempre e que em *Camões* encontrou o seu definidor insuspeito. Espanha, — ou melhor "as Espanhas" — valia então unicamente como vocabulo geográfico. Assim nos aparece em *Camões*, quando Baco, ao aludir aos portuguezes no concilio dos Deuses, os designa (*Lusiadas*, Cant. I, estrof. XXXI) como

*"Huma gente fortissima de Espanha"*

O conceito que *Camões* possuia de Espanha mostra-se-nos bem patente no canto III do seu immortál poema. Concretiza ele:

*"Eis-aqui se descobre a nobre Espanha,  
Como cabeça ali da Europa toda."*

E logo acrescenta:

*"Com naçoens grandes se engrandece,  
Cercadas com as ondas do Oceano,  
Todas de tal nobreza, e tal valor,  
Que qualquer dellas cuida que he melhor."*

Dentro deste quadro, a unidade hispânica se compreendia como uma especie de super-nacionalismo, tão intimamente cimentado na consciencia da gloriosa época de Quinhentos que *Camões*, cantando a plenitude da afirmação portugueza, a incluia sem desdoiro nem subalternização no molde fisico e cultural que a Peninsula representava perante o mundo curvado ao prestigio das suas irradiações. Interessante é verificar ainda em *Camões* quaes as "naçoens diferentes" com que Espanha se engrandece

*"Tem o Tarragonoz, que se fez claro,  
Sugeitando Parthenoze inquieta,  
O Navarro, as Asturias que reparo  
Já forão, contra a gente Mahometa.  
Tem o Galego canto, e o grande, e raro  
Castelhano, a quem fez o seu planeta  
Restituidor de Espanha, e senhor della,  
Bethis, Leão, Granada com Castella."*

O mesmo pensamento se repete e desolve, a referir-se *Camões* á invasão caste-

lhana que precedeu a batalha de Aljubarrota. Ai nos surgem

*"Os Vandalós, na antiga valentia  
Ainda confiados, se ajuntavão  
Da cabeça de toda Andaluzia,  
Que do Gualdalquivir as agoas lavão"*

Veem tambem

*"Os que cortando vão c'o duro arado  
Os campos Leoneses, cuja gente  
C'os Mouros foi nas armas excellente."*

E não faltam nem os "sordidos Gallegos, duro bando", nem "a gente Biscainha, que carece de polidas razoens", nem os de Guipuzcoa e das Asturias, "que com minas de ferro se ennobrece". Aa chocar bravo dos dois exercitos contrarios, *Camões* assinala perfeitamente que não são espanhoes contra portugueza, mas sim castelhanos, e das suas estrofes se depreende que o proprio inimigo é menos estrangeiro e mais parente que os outros povos, demorando em Europa, mas para lá dos Pireneus "A fera batalha se encruce" e por fim

*"A sublime bandeira Castelhana  
Foi derribada aos pés da Lusitana."*

Não se denuncia em nada aqui o odio declamatorio e convencional com que mais tarde Castella foi vituperada entre nós. Os embates das duas nações hispânicas *Camões* as encara quasi como lutas de irmãos, terminando exemplarmente em familia.

*"Destas, e outras victorias longamente  
Erão os Castelhanos opprimidos,  
Quando a paz desejada já da gente  
Derão os vencedores aos vencidos,  
Depois que quiz o Padre Omnipotente  
Dar os Reis inimigos por maridos  
A's duas illustradissimas Inglezas,  
Gentis, formosas, inclitas Princezas."*

O reconhecimento de importancia das ligações dinásticas na formação da civilização peninsular, *Camões* a indicava numa estrofe que vale como um tratado politico. "*Les relations de parenté, d'alliance et de cousinage entre des maisons qui symbolisent d'autre part d'éminentes rivalités d'intérêts nationaux représentaient un degré de civilisation et d'humanité qui est en partie abandonné...*", — escreve Charles Maurras. *C'était la fleur de leur pays d'origine que les reines portaient aux payx de leurs époux: les mœurs, les langues, les arts, les sciences, les lettres, la poésie, les industries couraient de cour, en cour haussées, à leur point d'excellence, et il en résultait comme un aspect nouveau, moral, spirituel, de ce que la diplomatie appelait l'équilibre de notre Europe, au temps où il existait encore une Europe*". Eis a teoria completa da influencia do elemento feminino no desenho e tessitura da historia peninsular. Se D. Catarina de Lencastre, irmã de nossa rainha D. Felipa, assentando-se no trono de Castella, facilita a paz entre portuguezes e castelhanos, já antes acontecera o mesmo com outras príncesas nossas, tal como Santa Teresa de Portugal e a "formosissima Maria", para gloria e pacificação da Peninsula. A dinastia saída de Aljubarrota caracteriza-se especialmente pela pratica dessa auspiciosa politica matrimonial. Sucede até, — nunca é demais repeti-lo! — que Isabel-a-Católica, filha de portugueza, descendia do Santo Condestabre e do Mestre de Avis, em grau igual áquele em que D. Afonso V, vencido por ela em Toro, descendia de D. João I de Castella. Donde o mostrar-se bem manifesta a natureza familiar das lutas internas da Peninsula, que não errará muito quem as definir como verdadeiras "guerras-civis"

Exactamente, na centúria de Quinhentos, quando se toruam mais estreitas as alianças de parentesco entre Portugal e Castella, é que a Peninsula atinge o maior esplendor da sua capacidade civilizadora. Saliencia algures o malgrado critico que foi Moniz Barreto: — "Depois que em Aljubarrota e em Toro

os portuguezes e os castelhanos affirmam reciprocamente a sua independencia contra mutuas tentativas de invasão, iniciou-se na Peninsula um periodo de inteligencias diplomaticas que dura um seculo e corresponde em Portugal aos reinados de D. João II, D. Manuel, D. João III, D. Sebastião, e em Espanha aos reinados de Fernando e Isabel, de Carlos V, de Felipe II."

E Moniz Barreto acrescenta, detalhando com persuasão: — "Durante este periodo, que é o de maior prosperidade e grandeza dos povos peninsulares, a consciencia da força propria suprime desconfianças e temores, e a identidade de aspirações e sentimentos cimenta as bases de uma aliança em que compartilhamos com a Espanha a hegemoia no Mediterraneo occidental e nos dois oceanos. E' deste pensamento que inspira os casamentos dinasticos e se traduz por auxilios militares, que conduz um infante de Portugal á barra de Tunís, que faz combater os cavaleiros hespanhoes nos areas d'Alcaccer-Kibir, que encontrando interpretes condignos nos grandes poetas de peninsula, enche de elogios magnificos do genio espanhol a epopeia das glorias portuguezas, que dita a Herrera a lamentação á morte do Rei desejado, que em pleno reinado de Felipe IV leva o maior vulto do teatro nacional espanhol a coroar com a aureola da poesia a memoria do infante Santo. E é um facto que se presta a reflexões que o periodo da aliança espanhola coincida com a época da maior prosperidade e de plena expansão do genio portuguez"

Inegavelmente, essa centúria de Quinhentos, tanto nas Letras, como nas Armas, tanto no Mar como na Terra, demonstra a quanto subira a colaboração espontanea das duas nacionalidades peninsulares. Era ainda o fruto do proveitoso elemento humano que *Camões* entrevera, ao considerar as vantagens pacificas da intervenção do parentesco na resolução dos agitados problemas de vida do Estado. Um forte e sabio paralelismo se impuzera assim a Portugal e a Castella como regra de acção comun. Iníciara-se já a empreza formidavel das Descobertas e, debaixo dum novo aspecto, dir-se-ia que o espirito da Cruzada resurjia na Peninsula. Se a civilização é essencialmente o Christianismo, ninguem a dilatou e serviu como os povos naturais da antiga Hispania! E' o traço dominante da sua alma, — o selo que lhes imprime grandeza e individualidade. Por esse prisma o genio peninsular é universal como nenhum outro. A vocação apostólica constituiu a sua determinante mais poderosa. E, pelo nosso amor ao Absoluto, é facil de se abranger a razão porque o Christianismo na Peninsula se revela e radica, não só como confissão religiosa, mas, sobretudo, como uma íntima e veemente afirmação social.

Compreende-se já porque portuguezes e castelhanos fôram no mundo missionarios e descobridores e como apenas elles se glorificam com raro titulo de fundadores de nacionalidades! Ninguem ignora a lenda-negra que infama a Peninsula como inutil para as conquistas superiores da humanidade. E' uma calunia do seculo XVIII, principalmente, — da estreita e sectaria mentalidade dos Enciclopedistas, que não podendo separar o Catholicismo da vida da Peninsula, a denegriram por sistema, cobrindo-a de diatribes e de alevites sem conta. No entanto, metade do mundo devia ás Espanhas a sua entrada na civilização, — e a paz da Europa, perturbada, dum lado, pela ameaça crescente do Turco e, pelo outro, pelo alastramento da heresia protestante, salvou-se duma catástrofe mortal, por virtude ainda do esforço heroico dos reis e soldados peninsulares. Parece-me interessante accentuar que mesmo muitas das paginas havidas como escuras no passado da Peninsula, entram a ganhar com o avanço das correções da historia uma inesperada e desforradora claridade. Tal é o que se verifica pelo que respeita á Bélgica. Sem a abundante penetração espanhola que o governo das Austrias lhe inoculou, a Bélgica não se saberia hoje explicar como nação, desde que lhe faltam para isso outros motivos que não sejam os que recebeu da passagem dos "tercios" e que

tão evidentes são, — recorrendo a um nobre exemplo —, na poesia inconfundível de Emile Verhaeren. De resto, não nos surpreenderemos se considerarmos com a atenção devida que na composição da Latinidade, — como forma superior de cultura e vida internacional —, entraram predominantemente dois agentes decisivos: — o *Catolicismo* e o *Hispanismo*.

Não falarei do papel que a Península exerceu nas antigas idades, transmitindo á Europa, pela sua posição de terra intermeiria, os frutos das civilizações primitivas. Mas já é de necessidade lembrar que no segundo período do seu prestígio, Roma se nutre das reservas que a Península inesgotavelmente lhe communica. Ele é Séneca, ele é Marcial, ele é Columela, ele é Quintiliano, ele é Trajano, ele é Teodosio. "*Me peritus discet Iber*, — ponderava já mestre Horacio, qualificando o hispânico de douto. Pois é, debaixo das aguias romanas, que a adolescência maravilhosa do genio peninsular começa propriamente. Em sinal do que a Península iria valer no futuro como geradora de novas patrias, olhemos para a Dacia que nos aparece então, cavando os alicerces da moderna Romania. Abre-os Trajano, — um hispânico —, que estabiliza com veteranos, hispânicos também, essa especie de guarda-avançada da Latinidade contra o rumorejar bravo dos enxames bárbaros. E, — circunstancia reveladora —, no românico contemporaneo persiste algo de indefinível e misterioso, que evoca o lirismo melancólico do ocidente peninsular. E' o vocabulo "dor", — "*l'expression même de notre pays et de notre âme... dor parole intraduisible qui ne se comprend pas, qui se sent seulement et dont je n' ai trouvé le presque équivalent que dans la langue de nos frères portugais — la "saudade."*

Mas a profunda identificação dos destinos de Latinidade com os destinos do Hispanismo demonstra-se e afiança-se ainda mais na Idade-Media, quando as indulgencias de Cruzada tanto se ganham na Península como na Terra-Santa. Não só pela Gesta inolvidavel da Reconquista nós levantámos uma muralha invencível em que a onda islamita se quebra e desfaz, como oferecemos á Europa os restos da cultura clássica que, através dos árabes, nos chegara no Oriente. S. Thomás e Dante recebem desta maneira o influxo sabio da Península, como já antes com Santo Isidoro de Sevilha e com o bracarense Paulo Osorio, — discipulo de Santo Agostinho, o resplendor do pensamento antigo se mantivera aqui ininterrupto e brilhante.

Repartida a Península em diversas nacionalidades, a cada uma cabe depois marcadamente um papel distinto. E' Castela quem no interior avoca a si a continuação da guerra contra o Moiro. Aragonêses e catalães espalham-se pelo Mediterrâneo e levam as scintilações afortunadas da sua estrela até Constantinopla, fundando o ducado de Atenas, de passagem existencia. A nós tóca-nos a empresa de Marrocos e a epopeia do Mar. Se taes manifestações são variadas e por vezes divergentes nas suas linhas imediatas, reconhecemos que as ilumina, e conduz como que providencialmente a presença suprema duma finalidade comum. Fundido o Aragão com Castela, recebe-lhe esta como herança a sua política europeia, — a sua acção no Mediterrâneo. Fica Portugal entregue a si proprio na dilatação da Fé e do Império.

Então se verifica que a sorte da Europa e o fastígio da civilização dependem em grande parte das duas patrias peninsulares. Castela, nesse dualismo concorde, significa a *vocação terrestre*, enquanto Portugal concretiza a *vocação marítima*. Se Portugal e Castela se tivessem conglobado, ou a Península faltaria ás gloriosas arrancadas marítimas com que completámos o conhecimento do mundo; ou a Christandade houvera sossobrado debaixo da pata do turco galopando já pelos plainos da Hungria, quando na Europa se ateiava o incendio das discrdias religiõs. Sem dificuldade se constata, pois, que a unidade do genio peninsular, na sua projecção historica-social, foi garantida pela separação política de Castela e Portugal, providencialmente assegurada em Aljubarrota e nos campos de Toro.

Percebe-se agora porque a consciencia do *Hispanismo* inspirou Camões em toda a ex-

tensão do seu poema. Se ele realçou como ninguem a diversidade das nações da Península, como ninguem assinalou também a apertada ligação que as unia entre todas. Chamou Oliveira Martins aos *Lusiadas*, num dos seus muitos rasgos de videncia incomparavel, o "testamento de Espanha". São, na verdade, os *Lusiadas* o grito final de Espanha, — mas da "Espanha" no sentido de comunidade espiritual em que nós a entendemos, nunca numa duma exigua e exclusiva designação nacionalista. O Épico adivinhava bem, no estertor dos grandes estímulos do passado, que a nossa hora de "hispanos" ia obscurecer-se, com o advento do naturalismo solto de Renascença e já com a Reforma levantando no coração dos povos e nos degraus dos tronos o colo atrevido da serpe individualista. O concilio de Trento, apontando á Europa mutilada o ideal de Christandade como unica força colectiva capaz de a restaurar, apenas encontra ao seu lado as duas nações da Península.

Reflectem os *Lusiadas* o sentimento profundo que atira D. Sebastião, como sendo o ultimo cruzado, para os areias de Marrocos. E' o designio frio, sistemático, impassível, que em outro campo guia o braço de Felipe, — do admiravel Felipe II! —, na defesa da Christandade, de que foi o derradeiro campeão. Isolada e incompreendida, a "Espanha" torna-se na Europa uma caricatura arcaica e truculenta, de que Cervantes recolhe as linhas inolvidaveis no *D. Quixote*, obedecendo talvez a uma inconsciencia genial. A íntima comunhão da Christandade com a Latinidade, ao pulverizar-se nos assomos do século XVII, mostrava-nos assim claramente que, apar do *Catolicismo*, o *Hispanismo* era, com efeito, uma das suas mais decisivas razões de existir.

Não desaparecimos, porem, na conspiração total que nos vitimava, sem termos deixado impressa a nossa individualidade nas oficinas misteriosas em que a Historia se elabora! Só pelo desvio do eixo da civilização do Mediterraneo para o Atlantico, — e essa é a parte propria de Portugal dentro de morgadio peninsular —, nada, dentre os beneficios e promessas que o futuro, porventura, reservasse á humanidade, se poderia já esquivar ao preito de gratidão que se nos devia. Na verdade, a Idade-Moderna é nossa filha, — é filha dos argonautas portugueses, em toda a sua amplitude e em todas as suas conquistas. Também o espirito scientifico de que o nosso tempo tanto se orgulha á descendente daqueles humildes teólogos espanhóis que em Trento, contra a doutrina terrível da Predestinação, salvaram a liberdade da intelligencia e da alma, sustentando e impondo victoriosamente os postulados dignificadores do livre-arbitrio. Prestemos essa homenagem aos Jesuitas, aliados, na defeza da civilização, por meio duma nova milicia mística, aos que durante a Idade-Media interpuzeram na Península uma barreira robusta, impedindo o espraizar da onda musulmana!

Tais são as duas grandes características porque se marca a Idade-Contemporanea no seu balanço positivo: — uma, o desvio do eixo da civilização do Mediterraneo para o Atlantico, executa-se, graças á tenacidade e ao denodo dos marinheiros lusitanos; a outra, cujo alcance é escusado salientar e sem a virtude da qual se haveria caído no mais depressivo materialissimo intellectual e moral, deriva da crença tão ardente como raciocinada dos companheiros de Santo Inácio de Loyola. Na sua dupla face, o genio peninsular com energia perduravel rasgava assim o caminho dos seculos vindouros. E não inventariámos as consequencias miudas do seu gesto aureolado e largo de bom semeador! Porque desde as nações trazidas á geografia, á linguistica e as sciencias-naturais pela pratica das longas viagens até ás celebres *Leyes de India*, de Cisneros, e aos métodos de colonização empregados pelos portugueses, de que a Olanda e a Inglaterra copiaram e aperfeiçoaram a lição; desde o renascimento das doutrinas políticas de S. Thomás e seus comentadores, com que veementemente se opôs ao desenvolvimento excessivo do romanismo juridico e das concomitantes tendencias absolutistas, até ás bases entrevistas pelos seus teólogos dum direito internacional, com razão e fundamentos orgânicos, o genio peninsular, condensado por

Camões na sua índole cavalheiresca e militante, abriu um sulco tão fuudo na fisionomia espiritual de Europa, que o renascimento mental hodierno, se quizer ser sincero e honrado, a ele terá de ir buscar a recuada genealogia.

Mas... — e eu antecipo-me ao "mas", já desenhado na mente do meu leitor. Mas, se a unidade de Península depositava as condições da sua existencia no paralelismo de Portugal e Castela, como se explicará que Portugal sucumbisse na sua autonomia politica diante da ambição dissimulada da corte de Madrid? Trata-se dum problema que excede os presentes limites pela sua extrema complexidade. Primeiro: é falso que Portugal perdesse a sua independencia. A monarquia dos Felipes, com assento simultaneo em Madrid e em Lisboa, foi uma monarquia — dualista, como o era em nossos dias a Austria e a Hungria. Segundo: exactamente, no período filipino, é que nós influimos de tal forma no que constituia a essencia da psicologia castelhana, que todo o seculo de oiro da literatura dos nossos vizinhos vibra cheio de Portugal e do mais internecido lusitanismo. Terceiro: porque a politica centralista do Conde-Duque, verdadeira debaixo do ponto de vista castelhana, mas, pernicioso debaixo do ponto de vista peninsular, nos pretendeu reduzir á precaria situação de simples provincia, quebrando o estatuto, que, jurado nas côrtes de Tomar, nos prendia á corôa dos Austrias, é que nós soítamos logo o brado de independencia, criando na Península, entre as suas duas metades, o divorcio que inicia a decaida tanto de Espanha como de Portugal no concerto dos Estados elropeus. E, enunciada a questão nestes termos, detalhemos agora um pouco para sua demonstração completa.

Efectivamente, o parentesis histórico da chamado intrusão filipina carece de ser revisto á luz da critica hodierna. Quem percorra a *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, de Rebelo da Silva, apesar de ser outro o propósito do seu autor, facilmente concluirá que, mantida no politico e no administrativo a nossa soberania, nunca Portugal foi anexado á Espanha. "O governo dos Philippes não teve directamente em vista a absorção da nacionalidade portugueza", declara o insuspeito Teófilo Braga, referindo-se ás *Ordenações Filipinas*. (1) Não se extingue um povo quando se lhes dá um código por onde se reger. "E insiste: — "Nas côrtes de Thomar de 1581, o rei de Hespanha, tomando posse d'este reino, jurava "guardar os foros, costumes e isempções, da nação portugueza; que o seu governo, administração e economia andaria em separado do resto de Hespanha". Não fôram abolidas as côrtes, por determinação das quaes só se poderia lançar tributos. A camara de Lisboa, em 1602, embargava um alvará dos governadores do reino, em que se pedia o serviço de oitocentos mil cruzados, "por ser feito sem consentimento nem procuração das cidades e logares do reino, que tem voto em côrtes".

Explica-se já porque na célebre defesa do Conde-Duque de Olivares, intitulada *Nicandro*, disse o seu autor, dirigindo-se a Felipe IV: — "*De la revolucion de Braganza y de Portugal tubo la culpa el abuelo de V. M. (Felipe II), que debió, hallando-se con ejército poderoso, y el en Portugal, traerse consigo el duque de Braganza; que nunca varones de tan alta linaje y con pretensiones de rey se han de dejar en provincias conquistadas y que fueron cabezas de imperio, y que por genio proprio y aborrecimiento á castellanos desean restituirse á el. Podia excusar los puertos secos (ó sean aduanas, interiores) entre Portugal y Castilla... Debia dar á los caballeros portugueses virreynatos, gobiernos en Castilla y regiones á ella sujetas, obispos, abadías, á los eclesiasticos, y con esta proporción introducir castellanos en Portugal y portugueses en las partes de Europa donde V. M. impera. Debia quitar la sombra de casa Real que dejó en Lisboa, porque no viendo ellos este aparato no se arrojaría á buscar alma áquel cuerpo...*"

Ninguem, na verdade, respeitaria tanto as nossas liberdades e privilegios, como Feli-

(1) *Historia do direito portuguez. Os foraes. Coimbra, 1868.*

pe II as respeitou, muito embora tivesse por detrás de si o exercito do duque d'Alba. Anota a este respeito Cánovas del Castillo nos seus *Estudios del reinado de Felipe IV*: — *Que para decir la verdade entera, no solamente es falso que fuese en Portugal tirano Felipe II, sino que ni siquiera mereció allí el título que en general merece de Prudente*".

Não exagerou o historiador e estadista hespanhol! Felipe II, conferindo o expediente dos negocios de Portugal ao *Conselho de Portugal*, formado de portugueses e despachando em português, dotava a sua monarquia — dualista com um órgão proprio e incompatível com toda a tenedncia centralista. Inclusive — como se queixava o *Nicandro* —, as alfandegas tinham subsistido na antiga linha fronteiriça. E se atentarmos um pouco mais, logo veremos que, ao publicar Francisco Rodrigues Lobo o seu poema nacionalista *O Condestabre*, a figura de Nun'Alvares foi cantada e exalçada em resoante idioma castelhano por engenhos como Lope de Vega e Luiz Velez de Quevara. Tocamos com isto no aspecto interessante do problema. E' que o governo dos Felipes corresponde justamente a uma extraordinária preponderancia da nossa sensibilidade, — do lirismo inolvidavel dos portugueses, — na alma um tanto impermeavel de Castela. Se nos recordamos que a *Diana* de Jorge de Montemor cria um genero novo na Europa e determina depois, por intermelio da *Astréa*, de Honoré d'Urfé, o advento de pre-romantismo em França e a génese do mito abominavel da *Bondade-Natural*, ajuizaremos melhor a capacidade inconfundível de sentir e amar, só propria de Portugal, que nos põe a nós de moda na literatura e costumes castelhanos ao longo do reinado dos tres Felipes.

A nossa penetração na corte dos Austrias já era grande devido, principalmente, ao prestigio persuasivo da formosissima imperatriz Isabel, — mãe de Felipe II. Educara-o a ele, orfão de tenros anos, a notável D. Leonor de Mascarenhas, a quem Sã de Miranda chamava a nossa "Victoria Colona". Felipe é, em tudo, um caso expressivo de portuguesismo, — gostando até de ouvir os rouxinóis pela noite escura. Herdara da mãe essa discreta impressionabilidade. Porque, relatando as lagrimas vertidas por Carlos V sobre o ataúde da esposa morta, o cardial Cienfuegos diria que "*las demonstraciones del Emperador en esta desgracia fueron iguales á la perdida, llorando tanto tiempo, y con tanta alma, que se conocia bien que con el amor, y el trato de la Emperatriz, se le habia pegado toda la ternura Portuguesa*". A "ternura portuguesa" constituiu assim um motivo frequentemente glosado do outro lado da raia, — no Madrid seiscentista. Cervantes reflecte-a na *Galatée* e nas *Aventuras de Persiles y Sigismunda*. Por sua vez, Lope de Vega faria exclaimar a um dos seus personagens na *Dorotéa*: — "*Tengo los ojos niños y portuguesa el alma*".

Ocorria tão significativo fenómeno numa hora parda em que a nossa individualidade politica parecia eclipsada. Mas como acreditava-la morta, se nós persistamos, exactamente, pelas virtudes inapagaveis do nosso espirito? Já debaixo da ditadura do Conde-Duque, Calderon de la Barca afirmaria de nós no seu *Infante Santo*, e num verso, não só português, mas de impecavel gravidade camoneana:

"Que ainda mortos somos portugueses!"

Tirso de Molina, então, apaixonado por Portugal e pela acção dramática da nossa historia, povoaria o seu teatro de temas e de figuras lusitanas. Exemplifiquemos com *La gallega Mari-Hernández*, com *El vergonzoso en palacio*, e, sobretudo, com *Las Quinas de Portugal*, em que se celebra a instituição da nossa patria como reino autónomo, ressuscitando-se em todo o seu efeito scénico a tradição do milagre de Ourique, de que em breve se iria alimentar, e fortemente, a mística nacionalista dos doutores e panfletarios da Restauração. Enfim, não havia em Castela uma qualquer manifestação, ainda a mais simples, das coisas serenas do saber e da arte, em que nós não primassemos pelo relevo da nossa personalidade indestrutível!

Nosso fóra Afonso Sanches Coelho, — fundador duma escola de pintura, em que o

retrato de Corte encontrara o seu tipo definitivo. Nosso era o insigne Manuel Pereira, — escultor incomparavel, cuja existencia e obra mal se conhecem entre nós. De Portugal descendiam Diogo de Velázquez e Claudio Coello. E não olvidemos, no campo militar, D. Gregorio de Brito, — o heroico defensor de Lerida contra Condé.

Dentro do quadro geral da Peninsula, Portugal mantinha-se a si mesmo, inassimilado e inassimilavel. Sobrevivia-se, pois, principalmente, pelas intensas virtudes e motivos do seu lirismo sem igual. Com o *Amadis* nós ditáramos uma norma de sensibilidade que se tornara europeia. Enquanto a Gesta representava a idiosincrasia propria de Castela, na poesia lirica se vertera a condição amoravel e communitaria das gentes do ocidente peninsular. Tanto que em idioma gaulico-lusitano é que primitivamente os poetas castelhanos trovavam as suas queixas de amor e a ingenuidade das suas devoções. Prosonifica-se depois no *Amadis* a musa desenvolta e melancólica do *Cancioneiro*. Ao mesmo tempo a Gesta populariza-se e prolifera no patrimonio inesgotavel dos rimances oraes, cantados em commum, ou na lareira, ou na romaria. Numa convergencia psicologica, a hereditariedade de *Amadis* funde-se no *Quijote* com a herança copiosa do *Romanceiro*. O *Quijote* fixa no seu aspecto analítico a decomposição do ideal cavalheiresco da conquista e do sacrificio que Castela individualizara.

Mas já o nosso lirismo, gerando novas modalidades de gosto social e literario, lançara por toda a Europa na *Diana*, de Jorge de Montemor, com mais originalidade que a *Arcadia*, de Sannazaro, a paixão dos naturalismos pastoris, donde surgiriam o pincel de Watteau, os idilios do Trianon e o bucolismo bastardo de Jean-Jacques Rousseau. A corrente tornara-se tão decisiva, que, ao sentir-se vencido em Barcelona pelo Cavaleiro de Blanca-Luna, D. Quichote, desiludido, resolve fazer-se tambem "pastor" Simbólica e perfeita homenagem de outra face do genio peninsular á grei que devassara os segredos do Oceano e que de Camões, — um lírico —, arrancava pelo poder moral da Acção uma epopeia, em que a Espanha, decaída, contemplaria pelos seculos fora o resplendor invencível do seu "testamento"!

\* \* \*

Delineando em contornos largos a teoria do "genio peninsular", não faço senão confirmar a intuição profunda do nosso malgrado crítico Moniz Barreto. "A nós peninsulares, — comenta ele —, a função que coube na Historia é o Heroísmo e a Fé. Destituídos de imaginação penetrante e do dom de vasta compreensão, desprovidos de larga simpatia e de curiosidade infatigavel primamos pela energia da vontade e pela grandeza do caracter. O fundo desse caracter é a honra militar. A capacidade de afirmar e querer, de obedecer e dedicar-se, uma tendencia singularmente nobre de transformar o mundo á imagem do nosso ideal, uma generosa impaciencia da perfeição, o desdem da beleza plastica e das delicadezas aristocraticas, um pensamento simples como um acto, a paixão concentrada e a seriedade tragica, eis outros tantos traços do genio peninsular. Este genio produz uma singular concepção da vida, que se manifesta por uma religião realista e violenta, por uma politica absoluta e insensata, pela preponderancia do genio da aventura e ausencia de capacidade pratica; que põe o amor no casamento, o ideal na acção, a beleza no valor moral; que inspira os maiores prodigios de energia no mundo moderno, e faz que a nossa historia seja como o lenço da Verónica a sangrenta effigie da nossa alma. Importado para a Literatura, esse genio produz um lirismo robusto e monotono, um teatro destituído de analise de caracteres, mas animados pelas ideias da honra e da morte, sátiras de um sarcasmo violento, romances em que a acção absorve a analise e que são a pintura da realidade crua e feia e a maior das modernas epopeias."

"Mas para produzi-la foi preciso a intervenção do genio português, — continúa Moniz Barreto. Do corpo das populações iberi-

cas dominadas e unificadas pelo genio castelhano, destaca-se pela influencia accidental de circunstancias historicas uma estreita faixa da orla maritima. Esta estreita faixa se constitui em nação independente, e durante cem anos exerce um papel culminante na historia moderna. Em sincronismo necessario com esta explosão de vida activa, desabrocha uma breve mas esplendida floração literaria. Se estudarmos os documentos que a constituem e completarmos esse estudo pelo exame das produções que datam da renascença romantica, nada acharemos neles que distinga constitucionalmente o nosso genio do das populações ibericas constituídas numa nação espanhola, como nada encontramos que geografica e etnicamente fundamente a autonomia da nossa vida politica. Mas um exame mais atento descobrirá certas qualidades secundarias que dando uma fisionomia peculiar ao nosso espirito se reflectem na nossa literatura: uma maior capacidade de compreender e assimilar, uma menor energia de affirmar e crença, uma sensibilidade mais delicada e profunda, um caracter menos vigoroso e mais nobre, mais razão e menos vontade, heroes mais humanos, mulheres mais mulheres, alguma coisa de saudoso e vago, de grave e triste, entranhas mais humidas e o dom das lagrimas. Estes traços manifestam-se na nossa literatura por um lirismo profundo e sentido, expressão duma alma amorosa e meiga, por um teatro capaz de pintar caracteres e espelhar a vida; por uma, ainda que tardia, floração de romances em que a analise do coração não é anulada em proveito da acção, e finalmente por uma criação épica em que a grandeza heroica do genio peninsular é vasada em moldes duma nobreza essencialmente nossa. Se esses traços não são bastantes para constituir um genio á parte, são contudo suficientes para dar á nossa literatura um caracter peculiar, e para nos assegurar num futuro próximo uma intervenção salutar na marcha de cultura dos povos peninsulares".

Depoimento notavel, o que acabamos de reproduzir, apesar dos preconceitos mentais que por vezes lhe obliquam a visão, ele vinca já nitidamente aquilo que é a linha propria e intransmissível da nacionalidade portuguesa. O leitor separará sem custo o que ha de *accidental* e de *essencial* no testemunho de Moniz Barreto. Moniz Barreto, como Oliveira Martins, suspreendidos com as afinidades que de perto nos prendia á Espanha restante, não acharam outra explicação para a nossa existencia como patria senão a do factor — Acaso. Hoje, desde o campo geográfico ao campo étnico, Portugal justifica a sua génese por motivos fundamentados e bem evidentes. No campo geográfico, sobretudo a influencia do Oceano; no campo étnico, a verificação daquele velho antagonismo entre lusitanos e celtíberos, que os analistas clássicos registam e que, no seu belo e recente trabalho acerca de Viriato, o sabio exumador das ruínas de Numancia, dr. Adolfo Schulten, definiu penetrantemente de *obstinação ibérica*.

O que se conclue daqui, como lição irrefragavel, é a dupla feição do "genio peninsular" na sua unidade profunda e na sua profunda universalidade. O erro absorcionista que destruiu o admiravel paralelismo politico do seculo XVI e que Felipe II ainda pretendeu salvar com a sua monarquia dualista, — esse erro, levando-nos ao divorcio espiritual e ao desentendimento material, motivou o crepusculo no mundo, tanto de Espanha, como de Portugal. Mas, justamente pelo amor do "absoluto", em que o criticismo de Moniz Barreto aponta um defeito, o nosso primado não se apagou de todo. Do alastramento da concepção lirica da Vida, tão nossa, tão lusitana, propagada á Europa, principalmente pelo bucolismo de Jorge de Monte-Mor, derivou, como categoria espúria, a psicose romantica, — a convecção naturalista do seculo XVIII, — Jean-Jacques Rousseau, a Revolução. No *Quijote*, como filosofia da Existencia, entronca pelo mesmo desvio adulterino, o pessimismo materialista do seculo findo, a metafisica de Kant — e o bovarismo das democracias burguesas e plutocraticas. Embora diminuido e pervertido, a Idade-Moderna vive, nutre-se duma projecção do "genio peninsular" — tal é a força invencível da sua predestinada natureza apostólica!

# A ARTE PORTUGUEZA NO BRASIL

O que Portugal expõe, no seu pavilhão de honra da Exposição, exprime no seu conjunto uma tal cultura, um tão elevado grão de perfeição, um sentimento nobre e tão profundo da belleza, uma arte, enfim, tão excelsa e esplendorosa, que ao mais preconcebido se impõe o respeito e a admiração. Os portuguezes conseguiram, nesse certamen da bella emulação, alcançar indiscutivelmente o primeiro logar, merecendo sem restricção os maiores louvores.

A exposição de arte comprehende esculptura, pintura e ourivesaria, sendo que estas duas ultrapassam em valor a primeira.

Convem destacar dentre os trabalhos de esculptura um expressivo busto em marmore de Julio Vaz Junior e o *Caim*, de Teixeira Lopes, que já conheciamos, tendo sido varias vezes reproduzido.

A parte de ourivesaria confirma a superioridade portugueza nessa arte sobre qualquer outro paiz. superioridade secular que a tradição tem conservado através das maiores convulsões e incertezas, porque, escreve o Sr. João Grave em documentada brochura de apresentação, "a verdade é que, sob o ponto de vista da realização, os artistas da actualidade não são inferiores aos doutros tempos, e antes os excedem, muitas vezes, no senso das proporções e da medida, na correcção rigorosa da modelação e do desenho, o que se verificou claramente, observando tanto as modernas peças de mais vulto como as de menor importância." Nessas preciosas peças, "transportam-se para o metal os elementos architectonicos na sequencia, na unidade, no desenvolvimento que é necessario imprimir aos motivos essenciaes da ornamentação, e na intima relação existente entre as scenas symbolicas ou allegoricas." A arte portugueza attinge

á uma subtilidade que parece chega a transformar a propria materia lavrada. Dir-se-á "que a prata perde a sua rigidez, tornando-se tão ductil, tão malleavel que se lhe podem imprimir todas as fórmulas. As divindades mythologicas acordadas pelas nobres cinzelagens de rara subtilidade e fino relevo ou as grandes figuras da historia portugueza, que luminosamente se projectam na sombra dos seculos findos, parecem adquirir vida, vibração, sensibilidade, nas evocações do trabalho admiravel."

Entre tantas maravilhas, a "Salva da Batalha" merece especial menção, pela harmonia formal, pela inspiração que nella se patenteia, reflexo de um patriotismo intenso, e que é "um cantico em estrophes gravadas nas duras penhas ao Deus que guiou os exercitos portuguezes ao triumpho."

Esta exposição de pratarias não é aliás completa; falta-lhe ainda uma peça, que chegará talvez a ultrapassar o que ora temos ensejo de admirar. A conhecida casa Antonio Maria Ribeiro, do Porto, afamada no genero, acaba de realizar um trabalho monumental de ourivesaria, denominado "Relicario de Portugal", que brevemente nos será enviado. Quando Leal da Camara formulou a sua poetica idéa de trazer ao Brazil um cofre contendo terra de Portugal, o grande artista Antonio Ribeiro, concebeu e tratou de realizar um cofre precioso, que fosse destinado ao fim em vista, e traduzisse ao mesmo tempo uma synthese expressiva da gloriosa historia portugueza. Este trabalho, no dizer do grande artista que a executou, "foi idealizado para enaltecer a nobre raça a que pertencemos, e fixar, na prata cinzelada, filigranas, marfim e esmaltes, alguns dos maiores episodios da nossa historia, e principalmente a heroica travessia aerea Lisboa-Rio,

como o melhor traço de união moral entre as duas patrias irmãs, servindo tambem de abençoado involucro á sagrada terra de Portugal a offerecer ao Brazil".

A exposição de pintura não lhe é em nada inferior. Embora não seja completa, o que muito lastimamos, pois faltam obras de Souza Pinto, ella constitue uma magnifica affirmação de vitalidade victoriosa. E' se tentado de louvar todos os artistas que nos enviaram suas telas, e não limitar a sua descripção. Todavia, dominam dous retratos de Velloso Salgado, varios quadros de Carlos Reis, entre os quaes o seu admiravel *Baptizado na aldeia*; a vigorosa tela de J. Ribeiro Junior, o *Barco em perigo*, dramatica e empolgante, e tantos mais acima dos quaes fulge o nome de Columbano. Os retratos de Columbano bastariam para dar a Portugal o primeiro logar nas exposições artisticas do nosso certamen internacional. Dão-nos a medida da alma artistica luzitana, pertencendo á grande familia nacional pela psychologia aguda que exprimem, pelo seu realismo profundo, penetrante, que analisa e dissecam com tanta minucia, e tanto requinte que chega a alcançar a essencia da materia viva, que é a propria vida. Columbano, digno filho da gloriosa geração pictural portugueza, possui a mesma força investigadora, a mesma agudez visual, a mesma synthese realizadora que tinham seus antepassados espirituales, chegando a levar essa sciencia extraordinaria que lhes é propria, além dos limites attingidos, onde a precisão rigorosa chega a se confundir com o vago. Dahi essa selecção nos valores, essa quasi imperceptivel deformação, e se discernimento subtilissimo no intensificar certos elementos, para maior força, expressão, (e sendo expressão: — verdade), fazendo desse representante typico de uma grande raça de pintores, um moderno.

No meio dessas maravilhas contemporaneas brilha uma velha joia, embellezada por mais de quatro seculos de admiração universal. Portugal offereceu ao Brazil, no jubileu da sua maioridade, a replica de uma das suas mais bellas obras de arte antiga, — realizada pelo grande pintor Luciano Freire, sobre o *Triptico do Infante*, do genial Nuno Gonçalves. Este presente, além de ser uma manifestação de belleza, é uma expressão nacional. A veneranda obra do grande Nuno tem para nós o mais alto significado. E' como um testemunho de um passado fertil em glorias, em belleza, em vontades varonis de que a descoberta do Brazil, fructo do esforço esclarecido do Infante Don Henrique, é o coroamento maravilhoso. O *Triptico*, lembrando-nos essa era luminosa, servir-nos-á de precioso ensinamento esthetico na nossa pobreza artistica e na carencia de obras que nos constituam a indispensavel atmosfera, sem a qual não ha cultura verdadeira. Dar-nos-á a medida do que pôde ser a nossa raça, nessa tela sem igual do Nuno que foi, como diz tão justamente José Figueiredo, "um naturalista que via com os olhos da face e com os olhos da alma." Não podiamos receber mais bello e significativo presente do que esse soberbo painel que Guerra Junqueiro definiu: — os Luziadas da pintura.

A exposição de arte portugueza, victoriosa affirmação, vem encher de legitimo orgulho a todos os verdadeiros brasileiros, que não querem renegar o glorioso sangue que lhes corre nas veias.

Sinónimo portanto, de Latinidade e, consequentemente, função historica e social do Catholicismo, o "genio peninsular" é a fonte legitima do unico imperialismo pacificamente civilizador, porque é um *imperialismo animico* — *uma soberania espiritual*. Dispersos e fragmentados pelas duas margens do Atlantico, não ha forma nenhuma de sociabilidade superior que nós não tivéssemos gerado e executado. Com iluminada inspiração, exclamava Ruben Dario!

*"Yo soy el caballero de la humana energia!"*

Cavaleiros da humana energia, espanhoes e portuguezes ampliaram os roteiros da civilização e fôram, nas fumaradas das batalhas e nas gáveas das naus, os seus adiantados — mores. Regidos pelo mesmo denominador-comum, — a Madre-Hispania, afirmaram perduravelmente um tipo inconfundivel, — o tipo "hispanico", em que Camões, na pujança dos seus sentimentos nacionalistas, nos inseria sem desdouro, ao chamar-nos "*humo gente fortissima de Espanha*" e ao considerar o nome de Afonso "*nome em armas famoso em nossa Hesperia*" Achava-se Camões dentro duma realidade que se esvaíu para nós, hoje isolados na nossa pequenez, sem que saibamos o tesouro que trazemos dentro de alma! Essa realidade resurge dos limbos da historia e é a América que nos impõe o dever de despartar-mos para ella.

Como, na verdade, "*el espiritu se ensancha*," — escreve um moço publicista argentino — *quando mira que desde los Pirineos a Magallanes y desde Magallanes al Rio Grande se acota en el mundo y con el Gran Oceano como mare nostrum, todo el contenido territorial de la civilización hispánica* (Francisco Silva. *Reporto de America Española y Pan-Hispanismo*, Madrid.) Esta é a definição perfeita do "*hispanismo*", — este é o significado elevado e nobre de "Espanha", como Camões o entendia com eco ainda na sensibilidade agudissima de Garrett. Recolhamo-lhes nós a herança, restaurando o antigo patriotismo moral e mental da raça hispânica, que é tanto portuguez como catelhano! De novo a existencia da Peninsula se torna o centro duma directriz mundial. No estremecimento de catástrofe em que a Europa se perde, arrastada para o abismo por chefes incapazes, é para a Peninsula, com Maurras e Barrés por conductores, que se voltam as esperanças desfalecidas da Latinidade. A vocação apostolica das duas patrias peninsulares resuscita-a a eminencia afflictiva do perigo. Abram, confiados os *Lusiadas*! E como, depois das Descobertas e ás vésperas gloriosas de Lepanto, repita-se exortadoramente com o Épico:

*"Eis-aqui se descobre a nobre Esponha,  
Como cabeça ali da Europa toda."*

António SARDINHA

Luis Annibal FALCÃO

# A EVASÃO DA AGUIA

Num dos capitulos da *Brava Gente*, o Sr. Elysio de Carvalho, compilando J. A. Ferreira da Costa, Mello Moraes, a correspondencia de Castlereagh, Walter Scott, Hyde de Neuville, Fr. Masson, lord Rosebery e outros, fez um historico interessante e completo da acção indirecta que teve o prestigio de Napoleão sobre alguns acontecimentos regionaes no Brasil e sobre um projecto de arrancar a aguiã aos rochedos de Santa Helena, projecto que apoiaram os revolucionarios pernambucanos de 1817.

O merito do Sr. Elysio de Carvalho é ter dado a esta questão uma forma que parece completa e definitiva.

Em 1801, se descobriu o plano de uma vasta conspiração, tramada em Pernambuco e outras provincias do Norte, com o fim de proclamar a independencia do Brasil, creando-se um grande Estado republicano. Suspeitou-se então que... era decididamente protegida pelo primeiro consul, Napoleão Bonaparte, tanto mais que os successos de Pernambuco coincidião exactamente com uma serie de actos de hostilidade por parte da França contra Portugal." Aberta larga devassa, foram presos, entre outros, os irmãos Cavalcanti de Albuquerque, sendo apurado que a viagem realizada naquelle tempo por Manoel de Arruda Camara a Lisboa se prendia á conjuração, assim como a de Paulo Albuquerque Montenegro a Buenos Aires e a Nova York.

Afinal, os implicados tiveram meios de escanar das malhas da devassa, que não colheu contra elles sufficientes provas de culpa.

De 1801 a 1817, uma larga propaganda continuou a ser feita em prol da Independencia. Essa propaganda principiada no 'Aeropago', sociedade politica secreta que fôra supprimida com a denuncia da conspiração, continuou nas lojas maçonicas ás quaes se afillavam todos os elementos nativistas e reaccionarios. Desde 1814, a chegada de Domingos José Martins, que frequentava as confrarias maçonicas de Londres e os clubs do general Miranda, embaixador da Revolução de Venezuela, foi a origem da segunda conspiração. Fomentada sob os olhos de Caetano Pinto de Miranda Montenegro, governador da Capitania em 1815 e que gostava de ver os mações "se divertir", arrebatou depois dos acontecimentos da festa da Fstancia e do assassinato de Barboza de Castro.

Emquanto o marechal José Roberto era conduzido á fortaleza do Brum e que Olinda era tomada sem resistencia, a republica era proclamada com o governo provisório composto do padre Ribeiro Pessoa, de Domingos Theotônio, de José Luiz de Mendonça, de Manoel Corrêa de Araujo e de Domingos José Martins.

Na impossibilidade de ficar isolado e esperando a reacção da dynastia, o governo provisório procurou o auxilio e a sympathia das outras provincias e do estrangeiro, enviando Antonio Gonçalves da Cruz aos Estados Unidos, o negociante inglez Kesner a Londres, Felix José Tavares de Lima a Buenos Aires, Falcão de Lacerda a Fernando de Noronha e o padre Roma á Bahia.

O enviado dos revoltosos aos Estados Unidos tinha por missão não só conseguir de Monroe o reconhecimento da nova republica, mas ainda de adquirir armas e munições e alistar voluntarios que quizerem participar á independencia e á liberdade dos povos sul-americanos. Depois da queda de Napoleão numerosos officiaes de seu exercito tinham se refugiado na America no Norte, e Ferreira da Costa avalia em dez mil o numero total de immigrados francezes neste lado do Atlantico.

Se Antonio Gonçalves da Cruz não conseguiu o reconhecimento diplomatico, obteve pelo menos a nomeação de um

consul sympathico á causa pernambucana e dedicado aos Bonapartistas, assim como a remessa de munições.

Não é de admirar que os partidarios do Imperador desthronado tenham immediatamente tratado de tirar partido das circumstancias para preparar a fuga do genial preso.

Que este projecto tenha germinado e conseguido um principio de execução, isto não offerece duvida. Emissarios bonapartistas como Doulcet de Pontécoulant, Latapie e Raullet foram enviados por José Bonaparte, para 'syndicar' acerca do movimento, ao mesmo tempo que preparava uma flotilha para realizar a evasão do imperador francez.

Sorpreendidos pelo fracasso da revolução, denunciados a Luiz do Rego Barreto, não puderam se entregar á propaganda, não mais que Letaneur e Charles le fils desembarcados do brique 'Les trois frères' na enseada do Parasinho, no Ceará, em dezembro de 1818.

No seu trabalho, o Sr. Elysio de Carvalho não me parece ter elucidado dois pontos particularmente interessantes: 1º, o porque das sympathias dos conspiradores de 1801 por Bonaparte; 2º, o contraste que forçosamente devia offerecer a opinião que os leões do norte de 1817 tinham do conquistador com a que seus predecessores podiam se formar do signatario da paz de Campo-Torneio, da paz de Luneville, assignada na mesma época em que rebentava o movimento separatista, e do futuro tratado de Amiens já discutido desde o principio de 1801 entre Ott e lord Harokesbury.

O papel de Bonaparte sob a Revolução é fluctuante e turvo. Sob a dominação de Robespierre, escreveu o "Souper de Beaucaire" exaltando a "Montagne"; depois renegára o tyranno e varrera, no dia 13 de vindimiaria, a canalha da rua com os canhões collocados no adro de São Roch. Mas, depois, todos seus actos podiam fazel-o julgar amigo da ordem, da liberdade e da paz. Durante a campanha de 1797, creara a republica Cisalpina, precedente que devia calar na mente das "Suassunas" e de Arruda Camara. Não apparecia ainda como insaciavel conquistador, mas como defensor de seu paiz cercado por uma formidavel coalisão de soberanos decididos a estrangular a revolução e suffocar a liberdade. No proprio dia 18 de brumario, Bonaparte ao sair da garra dos Deputados dizia aos soldados hesitantes, reunidos em redor do Conselho dos Quinhentos: "Ta lhes indicar os meios de salvar a Republica e quizeram-me assassinar." Foi aos gritos de: Viva a Republica que a soldadesca expulsou da sala os representantes peados nas togas que jogavam e rasgavam para correr mais depressa. Assim o consulado apparecia ainda como um dos avatares da Revolução, e uma republica americana, protegida pelo vencedor dos reis, pelo homem que acabara com os excessos revolucionarios sem attentar á conquistas liberaes de 1789, que restabelecia o credito da França, tolerava a volta dos emigrados e ia assignar a concordata, não podia ser considerada como uma utopia.

Em 1817, a experiencia estava feita. Administrativamente, a obra de Napoleão não offerece uma falha. A constituição imperial é um monumento do tino politico de um homem que chegou a conciliar o exercicio do poder absoluto com as apparencias do constitucionalismo. OCodigo Civil vivera eternamente. O decreto que rege a "Comédie Francaise" assignado no periodo cruel da campanha da Russia não foi ainda abrogado, e a

nota expedida no Havre, a 29 de maio de 1810, continúa a ser o estatuto fundamental do Banco de França.

A politica exterior do Imperio offerece pelo contrario o aspecto de uma falta completa de concatenação. Que queria Napoleão? quando e onde pretendia parar? Depois do tratado de Amiens a França obtivera tudo que podia legitimamente desejar, estava em paz com a Europa inteira. Teria conseguido Napoleão manter essa paz máo grado as machinações britannicas? talvez não. Foi, porém, elle o primeiro a provocar a ruptura por sua ingerencia nos negocios da peninsula e da Suissa. Como declara P. Lanfrey: "uma conquista era apenas para elle um marco atrás de que preparava nova conquista." As instruções de Talleyrand a Ott falam da reconstituição do Imperio de Occidente. Ao assignar a paz de Telsitt empregava a mesma linguagem deante de Alexandre a quem elle estava disposto a deixar o Imperio do Oriente. Mais tarde quiz também conquistar esse. Mesmo quando, pela notificação de Francfort, os Alliados offereciam ao vencido de Leipsick e das Arpiles os limites naturaes do Imperio: Rheno, Alpes e Pyreneos, elle hesitou compromettendo assim definitivamente o throno.

Tudo isso, os conspiradores de 1817 não o podiam ignorar. Bem sabiam de que forma tinha açamado todos os protestos, desterrado todas as opposições, algemado todas as vontades. Não ignoravam em que consistia a autonomia dada aos reinos e principados creados por elle para os Napoleonicos e que despotismo exercia sobre cunhados e irmãos, despotismo que fizera revoltar-se o rei da Hollanda.

De parte a parte as sympathias deviam ser pequenas e dominadas pelo interesse. Os revoltosos queriam homens e munições, os bonapartistas uma base para preparar a evasão. No correr do processo feito depois de frustrado o audacioso plano, o consul americano Ray argumentava ter sido provado que Latapie, Raullet, Pontécoulant, Artong e os demais tinham vindo ao Brasil com o unico proposito de libertar Napoleão de Santa Helena, e não com o de agitar ou converter o paiz á republica.

Depois da queda de Napoleão o mundo soltára o "ouf" de allivio que elle mesmo prognosticára ironicamente, no auge do poder, deante dos cortejos atonitos.

Não só depois da substituição de Cockburn por Hudson Lowe, a vigilancia exercida em Santa Helena e em redor não permittia a evasão do prisioneiro, mesmo o roubo de seu cadaver, mas elle mesmo sentia bem que, conseguindo fugir, não escaparia ao punhal e que apagaria o resplendor que devia se formar em redor de seu nome. Assim, como diz o sr. Elysio de Carvalho: "o grande homem, que tinha um singular conhecimento da historia e da psychologia humana, transformava seu martyrio numa lenda que devia servir ao advento de Napoleão II, o pobre e misero "Aiglon", que se definhava em Vienna, e a sua dynastia, que sossobrou definitivamente com Napoleão III".

Ao entrar no museu de Versailles depara-se com a admiravel estatua de Vela "Gli ultimi giorni" que figurou na Exposição Universal de 1867 e foi comprada pelo governo para figurar no mesmo palacio em que as telas de Gros, de Philippoteaux, de Conder, de Isabey, de David, de Horacio Vernet, de Rouget, de Gerard celebram as glorias do dominador.

Não conheço nada de mais pungente do que, depois de ter percorrido as galerias e salas em que, nas sumptuosidades das côres e no agrupamento pom-

# O Symbolismo na architectura religiosa da idade media

Assim como a organização civil dos Romanos offereceu aos chefes barbaros as bases dessa mesma sociedade que elles reorganizaram sobre o imperio extincto, recebendo num curioso contraste a influencia assimiladora dos vencidos — como seja o exmplo admiravel de Cassiodoro, que como Ministro de Theodorico orientou-o, legando uma tradição mais pura a alma nova que nascia com o Christianismo, — assim tambem nas Artes os monumentos salvos dos furores desses mesmos barbaros, foram os unicos modelos que durante muito tempo serviram de moldes artisticos aos constructores e architectos da Idade-Média. Nenhuma originalidade os caracterizou, nem tão pouco por entre elles passou um sópro sequer de idéas novas trazidas logicamente pela convulsão social que acabavam de produzir. Selvaticos, elles ficaram estatelados e aturdidos ante a grandeza moral e material do inimigo que acabavam de vencer; e a impressão que, na verdade, se tem, é que, cegos e desvalrados, entraram pelo mundo romano, só parando ou estacando á sua furia, a sua carreira allucinada, quando, perplexos e confundidos, já se achava no interior do Forum, sem que pudessem, todavia, avaliar as consequencias de seus actos nem o valor do que lhes cahira nas mãos...

Assim foi por muito tempo: uma verdadeira paralyzação de idéas, mantida de parte, reciprocamente — pois que, se os Barbaros paralyzaram ante o esplendor decadente dos Romanos as unicas forças que ainda lhes restavam, — estes, os Romanos, amortearam quasi que instantaneamente ao choque brutal desse ultimo embate, todas as suas forças vitaes. Nada nos affirma melhor a veracidade de tão lamentavel estado de cousas, como a arte, que em suas mais pobres revelações deu-nos, num pequenissimo numero de ruinas, a mais flagrante prova dessa impotencia desconsoladora, levemente occultada por palliativos grosseiros e anodinos, e que, indifferentes aos antigos methodos do verdadeiro classicismo, seguiam inconscientemente já, as suas sensiveis tendencias para o orientalismo bysantino que viria positivar mais tarde as fórmas gothico-feudaes.

Resultante naturalissima de um choque social tão grande quanto o da queda do Imperio Romano, essa desorganização com que a Idade-Média iniciou os seus primeiros passos na Europa,—só do X seculo em diante, é que deixou se definirem as expressões caracteristicas que não podemos deixar de reconhecer ás artes medievas. E ainda, por sobre a ignorancia geral e a falta absoluta de gosto que imperava, perpassava, tambem, pela Europa, desse momento historico, um "frisson" gelido de fatalismo provocado pela idéa bizarra de que o mundo teria o seu fim no anno 1.000. Dahi a inconstancia, a despreocupação e a falta de cuidado com que tratavam as idéas mais essenciaes da vida, abysmados como se achavam em guerras e revoluções fratricidas, como se para o cahos aberto pela sua queda, esse mesmo Imperio Romano tivesse arrastado toda a Europa.

Era, todavia, a transição.

Durante essa transição, isto é, do IV seculo ao X seculo, ou ainda, — do esphacela-

poso dos uniformes de officiaes e grandes dignatarios, se evocam os triumphos militares e as solemnidades da coroação, da distribuição das aguias, do segundo casamento, contemplar, na pallidez do marmore, as feições emaciadas do conquistador derreado sob o peso do destino. Descansando na almofada que segura o espaldar da poltrona, tendo nos joelhos envolvidos no cobertor o mappa da Europa, deixa vagar no espaço o olhar desanimado. — Enquanto elle agonizava assim no rochedo oceanico, a lenda do "petit caporal" ia rejuvenescendo a tragica figura do homem que immolou tudo á propria gloria.

O maior enigma da vida de Napoleão reside no conjunto de qualidades e de defeitos, de acções deslumbrantes e de crimes que impedem de formar a seu respeito um julgamento ponderado e fazem incessantemente hesitar a alma entre a admiração e o odio.

D'O Jornal, 3 de Janeiro, 1923.

cantador: "son toit est le symbolé de la chamente da velha Roma ao inicio das primeiras Cruzadas, — é que, entretanto, se coligiram verdadeiramente os materiaes com que, mais tarde, o espirito constructor de europeu fundamental para sempre os caracteristicos que definiram a architectura religiosa da Idade-Média, porquanto as riquezas moraes e materiaes reunidas pelo clero e amparadas pelo feudalismo, cujos "senhores", submettidos ao poder unico da igreja, favoreceram-na com toda a sua autoridade obrigando-se a si mesmos e a seus vassallos a contribuirem para a formação dos elementos que vieram dar vida a essas construcções gothicas, como synthese material, corporificação dos mesmos ideaes que surgiram com o alvorecer do X seculo, consolidados pelo dogma gothico de pedra que dominou todo o horizonte intellectual da Idade-Média, idade de ouro do Christianismo. Assim acolhidos e levados á effeito com a exaltação mystica do espirito religioso que a tudo dominava, esses ideaes deram corpo a fórma essencialmente symbolica da architectura medieval, sob a influencia de tres elementos primordiales: 1º a imitação das architecturas romana, neo-grega e oriental. — 2º as idéas mysticas e as conveniências da pratica e do rito, e 3º, finalmente, as necessidades ambientes de clima e de raça (1).

E' assim que todo esse symbolismo da fauna e da flora architectonica que o gothico nos apresenta, traz o senso mystico e religioso das crenças que orientavam o pensamento de então, como se nelle — symbolismo — realmente residisse a expressão maxima e transcendentalissima de uma concepção toda material da Theologia.

De facto: no seu conjunto e predisposição total, as igrejas gothicas procuravam copiar sempre a mais "étonnante cathedrale qui est la nature même" (2), revelando nos seus insignificantes detalhes toda a delicadeza das vegetações, assim como toda a bizarría das fórmas faunescas. A natureza ahí, se manifestava na simples intenção do motivo decorativo, ou antes bem poderiamos dizer como o subtil abbade Piomb: "tout est dans cet edifice: les Ecritures, la Theologie, l'histoire du genre humain resumée en ses grandes lignes; grace á la science du symbolisme on a pu faire d'un monceau de pierres un macrocosme... le repertoire le plus colossal que soit de ciel et de la terre, de Dieu et de l'homme." E eram então, especificados com um desigual amor a minuciosidade, os minutimos detalhes que cada lenda ou historia de santo ou santa reunisse, por mais descabidos e inverosímeis que fossem. E' que a Idade-Média exprimia pela architectura o seu mais intimo pensamento. As cathedraes de Pariz, Saint-Denis, Reims, etc. dizem mais cousas que longas exposições verbaes ou escriptas. A pedra ahí se anima e espiritualisa sob a ardente e severa mão do artista. (3)

Toda a anormalidade pathologica do mystico christão, se revelou mesmo no prosaismo frio da pedra. O espirito visionario e doentio dos artistas, — que em sua quasi totalidade eram frades, — procurava incessantemente materializar as suas visões, por mais extraordinarias que fossem, dando corpo e fórma aos ideaes de suas imaginações fertilissimas. (4) Alguns, todavia, tinham um senso artistico e um espirito tão harmonioso que as suas ideas vinham sempre com um cunho de graça maravilhosamente ingenua e infantil, como na que — por exemplo — em todo o seu mysticismo emocional, imaginavam esse mesmo edificio como "un immobile esquif dont les mats sont les fléches et dont les voiles sont les nuées que le vent cargue ou depluie selon les jours... l'éternelle image de cette barque de Pierre que Jesus guidait dans les tempêtes"...

Outros, mais capciosos, como São Millão de Chartres, levavam mais longe o seu symbolismo magnificente, considerando a igreja no seu sentido figurado, como a imagem a mais perfeita do senso moral e espirital da Religião catholica, pois que na sua feitura, entravam todos os elementos essenciaes da vida universal e social. Então consideravam no seu detalhismo admiravel e enrité que couvre une multitude de pechés: ses ardoises, ses tuiles, sont les soldats et les chevaliers qui defendent le sacuaire contre les païens parodiés par les orages; ses pierres, qui se jalent, diagnostiquent, d'après Saint-Nil, l'union des ames, et selon le Ratonal de Durand de Mende, la foule des fidèles, les pierres les plus fortes manifestent les ames les plus avancées dans la voie de la

perfection qui empechent leurs soeurs plus faibles, interpretées par les plus petites pierres, de glisser hors des murs et de tomber; mais pour Hugues de Saint-Victor, moine de l'abbaye de ce nom, du XII siecle, cet assemblage signifie plus simplement le melange des laines et des cleres" (5). Outros liturgistas, ainda, nos faziam ver nas suas exegeses monumentaes, que as columnas interiores do templo significavam os dogmas divinos, ou segundo o mesmo Durand de Mende symbolizavam "Les Eveques et les Docteurs"; e que os degrãos do altar eram os da perfeição, o que os dous côros alterados do absyde eram os dos Anjos e os dos Justos, que congraçados erguiam juntos as suas preces e os seus canticos á eterna gloria do Senhor.

E assim continuavam elles numa mui graciosa e complicada allegoria de detalhes, começando pelas quatro grandes muralhas da basilica que, segundo alguns liturgistas representavam as quatro virtudes prindipaes da religião, a Força, a Justica, a Prudencia e a Temperança, "de já configurées par les quatre parois de la Cité de Dieu dans l'Apocalypse", e terminando pelas janellas e pelas portas, — sendo as primeiras o emblema symbolico de "nos sens qui doivent être fermées aux vanités du mond et ouverts aux dons du Ciel". — e as ultimas, que geralmente comprehendiam as tres portas principaes da fachada, symbolizando então a propria Santissima Trindade, que acolheria benevolamente sempre a todos os que entrassem. Terminava, finalmente, tão maravilhoso e estupendo idealismo symbolico, pelas duas torres, que na disposição geral do edificio, symbolizavam dous braços erguidos numa eterna attitude de supplica e de prece.

Mas, como interpretariam elles o symbolo, para que dessem uma tão alta significação a toda essa allegoria religiosa ou mystica? Segundo Littré, o symbolo "est une figure ou une image employée comme signe d'une autre chose"; os liturgistas, entretanto, dizem com Hugues de Saint-Victor, que o symbolo na architectura religiosa é a representação allegorica de um principio christão sob uma fórma sensível. Ora, o symbolismo existe desde a origem do homem; todas as religiões o adoptaram, e na religião christã elle floresce com a *Arvore do Bem e do Mal* no primeiro capitulo da *Genese*, e vem até o ultimo capitulo da *Apocalypse*. A sua origem não tem nada de obscura; nasceu da necessidade logica e fundamental de uma representação material que melhor fixasse a idéa. D'ahi a curiosa interpretação do Divino Espirito Santo pela pomha symbolica cuja pureza espirital condiz com a alvura de sua plumagem; dahi a interpretação da passividade feliz, da mansuetude do crente, pela figuración symbolica do cordeirinho. Por fim, verificaremos que o proprio Christo, segundo Renan, enunciou o principio desse mesmo symbolismo da Religião catholica, affirmando aos Judeus, que o templo era o seu proprio corpo. (5).

Como se vê, para uns o symbolismo excedia o proprio idealismo de suas convicções, enquanto — para outros — a graça e a tendencia normalissima para o bello, induzia-os a um symbolismo mais sereno.

Comtudo, eram sempre admiraveis na materialização de suas ideas. E por isso mesmo é que a architectura gothica, que fez succeder aos templos de marmore da Grecia, as linhas suaves e nurrissimas da rectilinia belleza pagã, pelo filigranado tosco finissimo das cathedraes nas quaes os monjes esculpiam com a mesma algidez do proprio granito, a severidade dos seus ideaes e a austeridade de sua fé, — veio — veio dar um golpe de morte nesse senso illogico que procurava afastar o crente de todo e qualquer contacto com a natureza: o gothico revelou, sem duvida o fundo nanthelsta desse mesmo mysticismo christão.

## " Hermes da Fonseca FILHO

- (1) — Merimée: *Essai sur l'architecture religieuse du moyen-âge.*
- (2) — Michelet: *Moyen âge.*
- (3) — Broquelet: *Nos cathedrales.*
- (4) — Michelet: *Moyen âge.*
- (5) — Huysmans: *La cathedrale.*
- (6) — Ruskin: *The bible of Amiens.*
- (7) — Huysmans: *La cathedrale.*

# CANDÊA DE ARGILA

## Os Lampyros de Silva Leal

De José da Silva Leal é o romance *Os Bandeirantes*, em tres volumes, que o autor chamou "Chronica do Ultramar". Livro curioso, e já hoje raro, foi impresso no Porto em 1867 e sahi da Typographia do Commercio. Trata-se de uma das varias tentativas de romance historico brasileiro que surgiram em Portugal no decennio de 1860 a 1870. As outras de que temos noticia foram: a de José da Silva Mendes Leal Junior, autor do *Calabar*, estampado em 1863, em cinco volumes, que se editaram no Rio de Janeiro, e a de Pinheiro Chagas, que publicou em 1866 a *Virgem Guaraciaba* e *A conspiração de Pernambuco*, sendo que Mendes Leal annunciara o *Santa-nejo*, *Bartholomeu Bueno*, *O Bandeira e Frei Tigre*, que, parece-nos, não passaram de projecto. Todos esses ensaios mais ou menos mediocres, não resistiram á critica, e jazem sepultados sob a poeira das bibliothecas, salvante o romance de Pinheiro Chagas, que ainda recentemente teve nova edição. A mais mofina dessas obras de fancaria, escriptas sem sinceridade artistica por autores ignorantissimos dos nossos costumes, usanças e paisagem, é o do primeiro dos Leaes, que, sem embargo, pretendeu ser o Cooper da America brasileira. Com effeito, *Os Bandeirantes* são um livro insulso, mofino, sem nenhum brilho, e, o que é mais, falso e muita vez de uma pasmosa ingenuidade, que póde ser tambem má fé. Falando da nossa natureza luxuriante, bizarra, esplendida, escreve Silva Leal a pagina 140 do volume I: "Mal poderá imaginar o que são as selvas de taes regiões quem lhes procurar termo de comparação nas nossas bastas e frondentes espessuras. Não ha Bussaco ou Arrabida que se lhes approxime. Fallecem as expressões para descrever e levantar em imagem a sumptuosa confusão, a magnificencia, o esplendor, a exuberancia, a variedade daquella vegetação incommensuravel e profusa. As plantas são arbustos; os arbustos são arvores; as arvores são colossos. Um viajante, o principe de Wieuwied, achou vinhaticos ao coruto dos quaes não chegava o alcance da sua espingarda; o outro, Humboldt, mediu palmeiras de 180 pés de altura; outro, Freycinet, computou o numero destes gigantes florestaes em 80 por cada quarto de legua quadrada". Na descripção das singularidades da nossa terra cahe elle, porém, em erros terriveis e enganos lastimosos, e alguns desses dislates provocam o riso. A pagina 280 do referido volume, ha este trecho, em que os nossos privilegiados coqueiros são confundidos com os nossos famosos jequitibás: "Sahia-se das trazeiras desta para uma alameda de coqueiros opulentos, dos designados com o nome de jequitibác, cujo fructo, como o da sapucaya, é fechado de uma tampa natural, que facilmente se despega na época da maturação." Não é tudo. No volume II, a pagina 95, quando se refere aos pyrilampos de nossas florestas, diz que para elles "parece do molde o pomposo endecasyllabo da Cynthia:

Immensos, fuzilantes vagalumes!

porque eram a lampada providencial do deserto, e bastavam para fazer distinguir

os objectos no estreito recinto. E, para rematar o seu espanto, acrescenta, em nota, no mesmo local, que "o Padre Du Festre conta que á luz de um só destes lampyros lia o seu breviario", o que Ferdinand Denis confirma, diz elle. Tal péta não lembraria ao imaginoso e lendario Malazarte, que, positivamente, não foi quem descobriu no Brasil a *arvore das patacas*. Isto é alguma mais que disparate ou excesso de imaginação, e o leitor, se e curioso, poderá descobrir outras maravilhas nos tres alentados tomos com que Silva Leal opulentou o *sottissim* universal.

## Uma carta inedita de Herculano

A carta que adeante se traslada, foi dirigida por Alexandre Herculano a Faustino Xavier de Novaes, então residente nesta cidade. É datada de Maio de 1862, provavelmente da quinta de Val-de-Lobos, e conservou-se até o presente inedita. Trata-se de documento precioso por muitos aspectos, e nelle se reflecte, como num espelho, o grande, forte e lucido espirito do homem que foi considerado, com exactidão, o primeiro historiador portuguez. Para a biographia de Herculano, é subsidio valioso, como se vai ver.

"Illmo. Amigo.

Conservo na lembrança o que ha muito lhe escrevi sobre o estado e as tendencias do meu espirito. Se ha cousa que hoje me repugna são os cuidados litterarios e politicos, cifrando toda a minha ambição em ser esquecido na vida, se é que tenho a desgraça de não o vir a ser depois de morto. Um monge da primitiva Thebaida não era mais rico de desenganos, nem tinha maior tedio ao mundo: restava-lhe a elle uma cousa que me falta a mim, e que suppero com mais affeição as cousas singelas da natureza rustica do que elle tinha. O pouco que me occupo em pensar dedico-o exclusivamente á choupana e ás arvores da minha Thebaida. Devia acreditar-me quando lhe disse isto; mais devia-o acreditar ainda mais depois das provas que tenho dado da minha verdade. Tem visto na imprensa politica ou na litteraria alguma cousa minha nos ultimos tres ou quatro annos? Apenas muito importunado tenho consentido que num ou noutro jornal ponham o meu nome entre os collaboradores *possiveis*; mas o publico já está desenganado do valor de taes listas de nomes. Riso e eu tambem. Desengane-se de que o seu jornal ha-de valer por si se quizer viver. Não ha-de fazer esse milagre com artigo mais ou menos chôcho de um homem cujo tempo passou, e que vá tranquillo ir andando por diante d'elle o proprio enterro litterario. Não sei que parvo dahi disse, não sei em que jornal, que eu ia deixar de ser homem de letras para ser hortelão. O pobre animal não comprehende nem as tempestades da vida, nem a paz que tem a solidão. Tive dó do pobre tapuia! Provavelmente é um desses expantosos poetas que expreme de si a terra de S. Cruz. Se eu commetter algum dia o peccado bestial de escrever alguma cousa que possa servir para um periodico tal como o seu, mandar-lho-hei ficando completamente indifferente a que o publique ou rasgue; mas comprometter-me a commetter em meu juizo e de caso pensado essa especie de sodornia ou

de parricidio é o que não faço. No mais disponha de mim que sou seu am.

Herculano".

## Armitage e Evaristo

Acerca da verdadeira autoria da *Historia do Brasil*, de John Armitage, que durante algum tempo, e sem o menor fundamento, foi attribuida a Evaristo da Veiga o fulgurante jornalista da *Aurora Fluminense*, é depoimento valido a seguinte resposta do brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, conhecido e respeitavel estudioso de assumptos brasileiros, transmittida a algum que lhe consultara sobre o caso, e a qual se acha exarada num papel que se suppõe do proprio punho e inedito:

"A' pergunta, "que gráo de veracidade ha na crença geralmente aceita de que a *Historia do Brasil*, de John Armitage, é escripta por Evaristo Ferreira da Veiga, como ordinariamente se affirma", respondo-se: Em 1829, tendo assento na Camara dos Deputados pela Provincia de S. Pedro, conheci a Evaristo, que, como redactor da *Aurora*, admittia em sua casa, e em suas palestras aquelles que partilhavam as idéas liberaes, e apreciavam a justesa dos seus pensamentos, seu corajoso civismo e estrema dedicação pelas liberdades patrias, de que deu innumeraveis provas naquella importante e nunca imitada publicação, e praticamente quando tomou um lugar na Camara. Em 1834, retirando-me da presidencia do Pará, renovou-se aquelle conhecimento e com mais ligações do que antes, por isso que com influencia de Evaristo achei-me collocado á testa da Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacional, que sustentou dignamente os direitos do Sr. Dom Pedro 2º ao throno do Brasil. Frequentava eu com assiduidade a casa de Evaristo, ou o seu "telonio", como por irrisão dizia o Visconde de Cairú, e por muitas vezes encontrei-me alli com o Sr. J. Armitage, ou assistindo ás palestras sobre a politica reinante, em que era elle apenas ouvinte, mas circumspeto, e sem pronunciamiento individual, principalmente nas questões sobre administração publica ou no gabinete do erudito escriptor e profundo estadista, conferenciando com elle em *tete á tete*, e tomando-lhe apontamentos sobre assumpto, ignorado então, e que ao depois, e ao apparecimento da *Historia do Brasil*, em questão, póde-se inferir que versavam sobre ella. O conhecimento, que tive do Sr. Armitage, não começou dahi. Já em 1828, quando eu militava no exercito do sul, o havia visto na qualidade de addido á Legação britannica que, por vergonha nossa, teve a incumbencia de negociar a convenção preliminar de 28 de Agosto daquelle anno. Com estas probabilidades ousou avançar, que é infundada a crença admittida, de que a *Historia do Brasil* pelo Sr. Armitage fôra escripta por Evaristo Ferreira da Veiga, como geralmente se affirma; não que ache o menor demerito nessa historia, tão exacta e tão conscienciosamente escripta e formulada e primosamente redigida e cuja mór parte é baseada em factos contemporaneos, que, por assim dizer, ainda *pulpitam*; não hesitando em declarar que feria grande honra a quem quer que a escrevesse, se todavia precisasse dum au-



tor apparecendo anonyma. Dir-se-ha que para crença toma-se a homogeneidade de idéas e pensamentos entre a *Historia* e a *Aurora Fluminense*, a da narração de factos, a das censuras aos actos publico-administrativos, etc., etc., que se vem em ambas as publicações; mas reflecta-se que a *Aurora* é contemporânea da *Historia*, que sendo a doutrina daquella geralmente aceita e applaudida, por isso que era a unica que convinha ao paiz livre, o historiador contemporaneo, que fosse imparcial, consciencioso e sectario das instituições livres, não se devia subtrair a esposal-a, e a fazer mesmo algumas transcripções textuaes, no que não desvirtuava o seu escripto por plagio ou servilismo. E' sim Evaristo, pelo que se conjectura, o digno traductor dessa importante *Historia*; e tanto mais é isso verosimil, quando se vê nessa traducção a elegancia do estylo, o emprego adequado da dicção que lhe eram tão comeseinhos, e que seus trabalhos litterarios o revelam em tanta cópia. — S. Paulo, 9 de Novembro de 1860 — J. J. Machado de Oliveira"

Da biographia do autor inglez pouco se conhece. Graças ás diligencias de Eugenio Egas, organisador e prefaciador da segunda edição da sua historia, descobriu-se que nasceu em Fallsworth, a 27 de Setembro de 1807, e falleceu em Manchester, no dia 17 de Abril de 1856. Durante a sua permanencia no Rio de Janeiro, como empregado de uma firma londrina, escreveu a *Historia do Brasil*, de 1808 a 1831, que fez publicar em Londres, em dous volumes. Depois do seu regresso a patria, partiu em 1836 para Ceylão, onde era negociante e membro do Conselho Legislativo, tendo ahi se demorado até Agosto de 1855. E' tudo quanto se apurou. A edição original da sua obra é *The History of Brasil, from the period of the arrival of the braganza family in 1808, to the abdication of Don Pedro the first in 1831. Compiet from State Documents and other Original Sources. Forming a continuation to Southey's History of that country. By Jonh Armitage, Esq. In two volumes. London: Smith, Elder and Co., Cornhill, 1836.* A primeira edição em portuguez é de 1837, estampada no Rio de Janeiro num volume pela Typ. Imp. e Const. de J. Villyeneuve & C., e "traduzida por hum brasileiro", sendo pouco vulgar. A segunda foi organizada e publicada em S. Paulo por Eugenio Egas, em 1914, sem indicação de typographia, que fez trabalho completo, "sem omissão de uma virgula", inserindo os documentos, as notas e os retratos não reproduzidos na anterior.

Relativamente á paternidade da primeira traducção é ainda questão controvertida, que bem merece ser investigada. A opinião corrente é que o trabalho é de Evaristo da Veiga, mas, o Barão Ramiz Galvão (*Cat. da Ex. de Hist. do Brasil* realizada pela Bib. Nac. a 2 de Dez. de 1981, ns. 5.369 e 5.370) insinua ser obra de Joaquim Teixeira de Macedo, conhecedor da lingua ingleza e erudito estimavel, embora modesto, citado por Innocencio (*Dicc. Bibli.*, IV 157). O caso continua desafiando á argucia dos nossos investigadores, que prestarão, sem duvida, hum serviço á nossa historia bibliographica, a exemplo do que fez Eugenio Egas, estabelecendo a identidade de Armitage.

**O eunuco litterario**

Define assim D. Rufino Blanco-Fombona, no seu singularissimo livro *La Lámpara de Aladino*, (Renacimiento, Madrid, 1915, 122), que representa a mais suggestiva autobiographia de quantas modernamente se escreveram, o typo do eunuco litterario: "Entre los seres más abominables cuéntase el envidioso impotente, que, incapaz de producir la hermosura, se place en denigrar las obras ajenas con el odio del eunuco al honesto padre de fami-

lia que cumple su misión social. Y entre estos seres abominables es el más lastimoso, por lo subalterno, ruin y grotesco de sus afanes de roedor, el gazador de gazapos, el critico ratonil de locuciones, el que se coloca detrás de un escritor, con su gramática en la mano y armado de siniestra intención, para disparar sentencias contra diptongos ó cazar adjetivos incongruentes, ya sea con armadizo rudimentario ó con anacrónico chopo de piedra. No es este el más vil, sin embargo. El más vil de los criticones es aquel que, incapaz de creación, como el eunuco litterario; incapaz de dar lecciones, aunque sea de gramatica, como el critico ratonil, se rearea en negar la posibilidad ajena de producción y encuentra similitudes del autor á quien censura con un autor de otro pais ó de otro tiempo, y pasa el suyo encontrando parentesco entre hijos de distintos padres á objeto de denunciar casos de prostitución en los más honrados talentos" Ora, essa especie litteraria existe, fructifica e prolifica no nosso paiz, mas com esta differença, que, medrando á luz tropical, sahiu ella mais mofina, mais canalha e mais perversa, e exemplo typico vulgarissimo é o escalracho do *Registro Litterario*.

**Uma carta de Castilho (Antonio)**

Trascrevemos a seguir uma carta de Antonio Feliciano de Castilho, datada de Lisboa de 12 de Agosto de 1866, dirigida não sabemos a quem, e inédita:

"Ilmo. Sr. e querido Confrade:  
Apresso-me em agradecer a V. S. o presente do lisongeiro soneto com que me honrara tantos annos ha um desconhecido amigo. Tão novos foram para mim estes versos como o ha-de ser o nome do auctor quando eu o souber. Revele-m'o V. S.; complete o seu obsequio, pois não é V. S. homem para os deixar em meio; e obsequio ainda maior será o apresentar ao digno filho do poeta os meus agradecimentos muito sinceros. Muito folgo com que a Agua no Ovo lhe agradasse. O ovo (e bem ovo) da tal eschola Rosendã é que me parece que chocou e apodreceu de todo. Antes assim. E' bom que as tolices litterarias ou anti-litterarias não sejam como as gramineas de quem diz o Linneu: *Magis calcata, magis multiplicata.* Continue V. S. a poetar já que Deus o criou para isso e a acreditar nas veras com que seu

De V. S.  
Admirador, amigo e servo

A. F. de Castilho"

O original desta carta do Ovidio lusitano, o escriptor que mais se esmerou no trato da lingua portugueza, durante annos guardamos muito carinhosamente no nosso archivo, mas hoje encontra-se em poder de Laudelino Freire, extremado admirador de Castilho.

**Epitaphio**

Filinto Elysio (*Obrs. Compls.*, Paris, 1817, III, 340) compoz este epitaphio, que, podendo servir a muita gente, reservamos para o tumulo de um certo sarrafaçal, arvorado em critico litterario:

Aqui Fulano jaz. Foi pouca cousa.  
Cansado de mandriar, aqui repousa.

**Cousas de Indios**

No seu ensaio sobre Gregorio de Mattos, cuja primeira edição é de 1894, Araripe Junior escreveu a pagina 17: "O sangue queimado pelo sol tropical desse Brasil, aonde florescia o *parica* indigena e os tupinambás encausticavam os órgãos sexuaes para augmentar as delicias do amor, deu-nos Gregorio de Mattos o *fauno* mais acabado de quantos produziram as terras de Paraguassú" Esqueceu-se, no entanto,

o illustre critico, tão amante da litteratura picaresca e sodatica, de explicar, em nota, de que é copioso o livro, em que consistia a bizarra operação dos tupinambás. A mesma é conhecida e está no *Tradudo descriptivo do Brasil*, obra escripta em 1587 por Gabriel Soares de Souza e publicada em 1825 pela Academia de Sciencias de Lisboa e reimpressa em 1879 por Varnhagen. Constitue a materia do capitulo CLVI abrangendo as paginas 286 e 287 da edição de 1879, que trata da *luxuria destes barbaros*, e não é leitura para donzel ou gente pudica. Eil-o: "São os tupinambás tão luxuriosos que não ha peccado de luxuria que não cometam; os quaes sendo de muito pouca idade tem conta com mulheres, e bem mulheres; porque as velhas, já desestimadas dos que são homens, grangeam estes meninos, fazendo-lhes mimos e regalos, ensinam-lhes a fazer o que elles não sabem, e não os deixam de dia, nem de noite. E' este genio tão luxurioso que poucas vezes tem respeito ás irmãs e tias, e porque este peccado é contra seus costumes, dormem com ellas pelas matas, e alguns com suas proprias filhas; e não se contentam com uma mulher, mas tem muitas, como já fica dito, pelo que morrem muitos de cãfaldados. E em conversação não sabem fallar senão nestas suidades, que comem cada hora; os quaes são tão amigos da carne que se não contentam, para seguirem seus appetites, com o membro genital como a natureza o formou; mas ha muitos que lhe costumam pôr o pello de um bicho tão peçonhento, que lh'o faz logo inchiar, com o que tem grandes dores, mais de seis mezes, que se lhe vão gastando por espaço de tempo; com o que lhe faz o seu cano tão disforme de grosso que os não podem as mulheres esperar, nem soffrer, e não contentes estes selvagens de andarem tão encarnicados neste peccado, naturalmente cometido, são muito afeiçoados ao peccado nefando, entre os quaes se não tem por afronta; e o que serve de macho, se tem por valente, e contam esta bestialidade por proeza; e nas suas aldeas pelo sertão ha alguns que tem tenda publica a quantos os querem como mulheres publicas. Como os pais e as mãis vêm os filhos com moneos para conhecer mulher elles lh'a buscam, e os ensinam como caberão servir; as fêmeas muito meninas esperam o macho, mórmente as que vivem entre os Portuguezes. Os machos destes Tupinambás são ciosos; e ainda que achem outrem com as mulheres, não matam a ninguem por isso, e quanto muito espancam as mulheres pelo caso. E as que querem bem aos maridos, pelos contentarem, buscam-lhes mocas com que elles se desenfadem, as quaes lhe levam á rede onde dormem, onde lhe pedem muito que se queira deitar com os maridos, e as peita para isso; cousa que não faz nenhuma nação de gente, senão estes barbaros"

E D E O



# NOTAS & COMMENTARIOS

## Carlos de Vasconcellos

A emoção com que os desta casa lastimam a perda dolorosíssima de Carlos de Vasconcellos, é tão profunda e sincera, que não poderiam, sob o peso da tremenda desgraça que nos roubou o companheiro e o amigo, analysar a vida intensa e vibrante desse joven admiravel, ao mesmo tempo um trabalhador devotado, da boa estirpe dos cearenses, e um escriptor fremente, que buscava suas figuras no tumulto brutal da realidade e as trazia sangrando, mas cheias de vida e de força. A sua existencia, cortada estupidamente, é um poema de tenacidade e esforço, desses que são raros em nosso paiz, onde a mocidade prefere o doce repouso da burocracia, aos desmandos violentos da sorte, tentando valentemente. Formando-se em engenharia civil, muito moço ainda, atirou-se a aventurar a vida e foi para o Acre ao meio inhospito desse inferno verde, onde todas as molestias o atacaram e elle as venceu galhardamente, voltando com a fortuna almejada, como um bandeirante formoso e audaz. Depois de fazer a epopéa do Acre, vivendo perigosamente, foi para o estrangeiro, para a Europa e depois para os Estados Unidos, cuja vida intensa e formidavel empolgou-o. Como a barbaria do Acre a super-civilização yankee foi para elle um motivo de psychologia e espanto e sobre esta, como sobre aquella, escreveu suas melhores e mais vividas paginas. *Casados na America, Desherdados* são os rudes depoimentos de suas perigrações por esses ambientes disformes e fantasticos, que sua imaginação exaltava, pelo poder suggestivo da arte. A proposito de seu ultimo livro *Torturas do desejo*, escrevemos, no nosso ultimo numero: "O Sr. Carlos de Vasconcellos é um dos impressionistas mais vibrantes da nossa litteratura moderna. Em suas paginas a vida se reproduz através da realidade brutal do choques violentos e indomaveis das paixões e das psychoses. Ao revés do maior dos nossos escriptores, que procura, pelo menos do idealismo, uma força mais alta que nos mova, o autor se compraz, ainda com os chamados realistas, que foram o ultimo arranco dos romanticos mallogrados, em procurar as degenerescencias profundas, e as aberrações violentas para seu escapello de anatomista. Por menos sympathia que nos possa merecer o genero, em que o espirito do Sr. Carlos de Vasconcellos se desenvolve, não se lhes pôde negar uma mão poderosa de fixador de uma intensa força dramatica, que tornam seus flagrantés de um merito pouco vulgar. D'ahi o seu triumpho litterario, que mais uma vez se accentuou com o novo livro "Torturas do Desejo" cujos contos lembram certas aguas-fortes horriveis de Rops, onde o desejo possesso se aniquila numa louca morbidez. Sem querer discutir as tendencias desse realismo, nos limites desta simples noticia, registramos, apenas, o apparecimento de mais um livro do Sr. Carlos de Vasconcellos, com todo o louvor e sympathia que nos inspira o poderoso escriptor." Não é agora que lhe poderemos fixar o perfil de escriptor. Estas linhas são de simples evocação de sua memoria, que será sempre lembrada nesta casa, onde o brilho de seu espirito fulgurou por vezes, através de suas collaborações na AMERICA BRASILEIRA. Seu nome está fixado na nossa litteratura, como um de seus mais vibrantes conteurs, uma das organizações mais bizarras que tem possuido. Ainda se dirá muito de sua obra, augmentando sempre a aureola de justo enthusiasmo. A nós, como aos seus amigos, sobreleva a dor de termos perdido o companheiro admiravel e bonissimo, cuja saudade nos amarga o coração.

## Partidos políticos

Uma das mais antigas accusações feitas á nossa incapacidade politica, reside na falta de partidos organizados, com programmas definidos e uma orientação certa. Entre nós, tudo se resolve pelas famosas injunções, que não passam de conluios entre situações dominantes, sem outro significado, do que manter o machinismo politico, que propulsiona e man-

tem o poder central e os poderes estadoaes e sub-poderes locais. Na monarchia, tivemos a illusão dos partidos, criação bovarista do Imperador, sem resultados effectivos, pois tudo se movia conforme os interesses occasionaes e a coherencia dos programmas sempre foi desprezada. Coube aos conservadores a mais liberal das reformas, que foi a abolição do elemento servil. Portanto, não temos no regimen passado nenhuma lição proveitosa, nem exemplo fecundo. A Republica estabeleceu a politica dos governadores, com que temos vivido, resumindo-se tudo a um mecanismo anti-democratico, em que os homens detentores das situações resolvem os destinos da Republica, com a mais desembaraçada semcerimonia para com a opinião publica. O P. R. C., que fundou Pinheiro Machado tentava apenas ratificar pela fórmula pomposa a situação acima descripta e não teve forças para vingar, morto seu fundador e mantenedor. O P. R. L., com que o Sr. Ruy Barbosa pretendeu se antepor ao partido dominante teve igual vida precaria, mesmo porque não é feitiço dos nossos politicos permanecerem na opposição incommoda aos poderosos, que dispõem de todos os cargos eleitoraes... Nessa hypothese, os partidos são difficeis no Brasil. Annuncia-se, agora, que alguns politicos pretendem arregimentar suas forças organizando um partido, que chamaria a seu seio os elementos da actual opposição ao governo, excepto o Rio Grande do Sul, que prefere sua posição de franco atirador, aos compromissos das aggremações. Não sabemos com que idéaes o futuro partido se apresentará á opinião publica e qual o programma com que irá disputar o poder. Portanto, seria prematura qualquer attitude, que não a de expectativa, possivelmente sympathica, pois a organização de partidos numa democracia representa um symptoma de animadora vitalidade. Acontece, porém, que esse optimismo não se pôde accentuar, porque os partidos não podem, nem podem prover, de simples ajuntamentos occasionaes, mas precisam, para vingar, de raizes profundas, de principios certos e definidos, de prestigio nacional, emfim de uma situação de estabilidade que lhes permita vencer. Ora, acontece que os nomes que se citam como proceres do novo partidos são os de conhecidos politicos, que têm vivido á sombra de varias situações dominantes, partilhado dos vicios que se disporão porventura a combater, emfim, vivido largo tempo no mesmo ambiente, que é preciso dissipar. Devemos, portanto, ter as maiores reservas em acreditar nos bons propositos de regeneração democratica de nossos estadistas, sempre Magdalenas penitentes quando estão no ostracismo e sempre esquecidos do povo, quando no poder. Não vai nisso, muito ao contrario, uma reprovação á idéa dessa formação, mas apenas a reserva em acreditar de prompto em seus beneficios, quando vemos a difficuldade dessas aggremações, por uma deficiencia de educação civica. O remedio não consiste em formar, de um momento para outro, um partido, com residuos de descontentes, mas em disciplinar o paiz, tornando necessaria a organização partidaria, com principios definidos e promanando de exigencias nacionaes e não de simples litteratura politica. Esses reclamos dependem de uma serie de circunstancias de ordem geral, que precisamos estudar e procurar remediar, para evitar que permaneçamos nesse jogo de interesses manejados por olygarchias que tanto debilitam as forças vivas da nação e entravam o desenvolvimento de seus potenciaes. Representará esse partido em formação o inicio dessa obra regeneradora? Embora duvidando, sinceramente desejaríamos que assim o fosse.

## Ingenieros e o latino-americanismo

José Ingenieros, nome bem conhecido nos circuitos scientificos e literarios brasileiros, endereçou-nos, ha tempos, uma carta que só por lamentavel descuido é agora aqui estampada para conhecimento dos leitores. Nella, o autor da *Sociologia Argentina*, condemnando esse espirito nacional que se constitue força creadora de energias e unica capaz de re-

compôr ou renovar o mundo, nesta hora turva da historia, defende com calor a idéa da união latino-americana. Depois de ter sido paradoxalmente nacionalista, mas nacionalista lançado ao extremo da opposição a tudo que não tivesse cunho argentino, Ingenieros reclama hoje, ainda mais paradoxalmente, um movimento que supplante esse maravilhoso despertar da consciencia nacional, que se verifica em todo o mundo, desde os confins da Russia e de Angora até os llanos platinos. O illustre sociologo, caído numa crise de mysticismo pacifista, quer o homem sem patria, quando elle sabe que o cidadão do mundo não será a expressão victoriosa da ideologia contemporanea. O individuo só incorporado definitivamente á nação poderá ser um valor historico internacional apreciavel, positivo.

Escreve-nos Ingenieros:

"Muy Estimado Amigo. Le quedo muy reconocido por el envio de su interesante libro "Os Bastiões da Nacionalidade". En él he encontrado el magnifico estudio sobre Graça Aranha, cuya personalidad e ideologia me eran ya altamente simpáticas. Las paginas de Vd. me parecen dignas del illustre autor de *Chanaan y Esthetica da vida*, obras admiradas por todos los que han tenido la feliz oportunidad de leerlas. Recibo puntualmente y leo con la mayor atención su revista *America Brasileira*. No debo ocultarle que me causa inquietud la crisis internacional de exaltación nacionalista que se ha accentuado en todos los países después de la guerra; no me parece que esas corrientes de pasiones favorezcan la reorganización moral y social del mundo, devastado ya por el imperialismo capitalista y militarista. Nada nos habrá enseñado la pavorosa guerra de que fueron tan culpables, y resultaron tan castigados, los vencidos como los vencedores? El amor al proprio país y el anhelo de su progreso es el sentimiento más natural y el que más honra a un ciudadano; en ese sentido todo hombre culto es nacionalista y tanto más cuanto mayor es su cultura. Pero es muy distinta cosa la actual exaltación del patriotismo que en cada país se traduce prácticamente en odio a todo el resto de la humanidad, cuando no refleja viles asuntos de negocio, como el nacionalismo alemán que consiste en no pagar las deudas ó el nacionalismo francés que se propone cobrarlas. Sin contar otros nacionalismos recientemente inventados para defender los privilegios de las clases parásitas contra las reclamaciones de mayor justicia social. Estas reflexiones ven encaminadas a expresarle mi deseo de que todos los escritores de nuestra America Latina evitemos en cada país ese mal nacionalismo sembrador de odio y de violencia, que en el orden internacional se llamó *prussianismo* y que en el orden interno se llama *fascismo*. La patria de cada uno es algo demasiado ideal y respetable para mezclarla en prédicas contra las patrias de los demás, que consideran a la propria igualmente ideal y respetable. Y si en la America Latina no terminan de una vez los celos y los odios entre los pueblos, no será difícil que día por día aumente la intervención yanqui, primero para pacificar a los que riñen, después para avasallarlos. Sabe Vd. que el imperialismo panamericano tiene ya una mano tendida sobre el Perú y otra sobre las Guayanas? Es hora, pues, de pensar que, amando cada uno mucho a nuestra propria todos los latinos americanos debemos empezar a amar la patria más grande, continental. No es obligación moral de todos los que escribimos fomentar sentimientos de unión que sean el preludivo espiritual de una federación política futura desde Méjico hasta Magallanes? Fue desde mi niñez, gran admirador de Estados Unidos; pero en estos últimos años he empezado a mirar con recelo y temor su politica panamericana, que no es de cooperación sino de tutela, tratando a alguns pueblos como pupilos y no como amigos. No cree Vd. que su revista podría aprovechar las fiestas del Centenario Brasileiro — a las que todos los argentinos nos asociamos muy cordialmente — para ventilar estas ideas de confederación latinoamericana, que garantizan la autonomía y la libertad política de nuestros pueblos? No sería esa la fórmula sensata del amor a



### No paiz das Amazonas

Raymundo de Moraes, que é um dos mais fulgurantes jornalistas do norte do paiz, e, sobretudo, um espirito generoso, ativo e independente, a proposito da campanha perversa e insidiosa de certa imprensa contra esta revista, publicou em 21 de Dezembro ultimo na *Imprensa*, de Manãos, sob o pseudonymo Luciano de S. o seguinte artigo, que representa uma carinhosa prova de solidariedade intellectual e moral, que sobremaneira nos commove:

"Um dia destes li um telegramma curioso a respeito de Elyσιο de Carvalho. Dizia esse despacho que o grande escriptor patriótico, mancomunado com outros brasileiros, entre os quaes se encontrava aquelle formoso espirito que escreyeu a "Chanaan", além do vulto magnifico de lettrado portuguez, do festejado Malheiro Dias — fizera um "complot" afim de promover a guerra na America do Sul. E' extraordinario isso! Basta dizer que o famoso auctor da "Grandeza e Decadencia da Sociedade Brasileira", de alguns annos para cá, se collocou na primeira fila dos que se batem pelo nacionalismo da nossa gente, não desse nacionalismo que consiste em hostilizar o portuguez, em queimar a melhor colono que temos tido, sim do verdadeiro, do puro, do elevado, que garante ao advena todos os direitos que lhe faculta a nossa Magna Carta. Isto já se vê, pleiteando tambem aquillo que certos adventicios nos negam, e cuja culpa não pôde recahir na collectividade dos que nos ajudam a desbravar a terra. Homem de larga visão patriótica, senhor de bellos e elevados sentimentos, Elyσιο de Carvalho seria incapaz, por lucros materiaes, de atirar o seu paiz num conflicto que só poderia redundar em prejuizo do sólo que elle ama com carinho e affecto. Que os homens responsaveis pelo governo estejam vigilantes, tomem suas providencias, procurando evitar qualquer surpresa, está direlto, é mesmo natural; mas que o principe do patriotismo, esse fino e distincto prosador que é Elyσιο de Carvalho, ande mettido nisso, é que eu duvido. Não está, não pôde estar. No seu grande coração de brasileiro, de filho amado das plagas do Cruzeiro, não se aninha o vil sentimento de negociista, capaz de sacrificar a honra da sua patria pelas 30 moedas de Judas. Quem não tiver o praser de conhecer pessoalmente o elegante escriptor que traduz com aquelle mino de artista os "Poemas em Prosa", de Oscar Wilde, e não estiver, pois, habilitado, pelo conhecimento directo, a lhe sondar a alma magnanima, feita de generosidade, de amor e sympathia pela sua gente, basta ler "Os bastiões da nossa nacionalidade" — e terá a prova de que naquelle forte coração só existem sentimentos nobres, elevados, civicos, que honrariam qualquer varão de Plutarcho. Um triste peccado do brasileiro é a intriga. Quando não se pôde negar a certas individualidades os requisitos intellectuaes de uma fina e primorosa intelligencia, como succede com Elyσιο de Carvalho, quando não se pôde evitar que o publico o leia e o admire, quando não se pôde evitar que o estrangeiro o distinga pelas suas qualidades pessoas de homem de sociedade, de inegualavel homem de salão, inventa-se a miseria, a calumnia, e cobre-se-o de lama. Infeliz paiz este, no qual os seus maiores filhos, aquelles que podem servir de exemplo ás turbas, têm de lutar até á morte com os analphabetos, com os sujeitos que aggridem por simples maldade, porque sabem que não poderão jamais competir com as suas victimas. Este caso de Elyσιο de Carvalho e de Graça Aranha, é typico, chega até ser jocoso. Accusar dous vultos integros, aureolados por esse nimbo luminoso do patriotismo, empenhados numa campanha litteraria em prol dos sentimentos mais nobres do cidadão, faz tremer a alma mais endurecida, o coração mais forrado de aço, o peito mais blindado pela adversidade. Que se acabe com isto, são os meus votos, que se respeite a belleza dessa virtude extraordinaria, tão florida em Elyσιο de Carvalho, que é guiar os seus irmãos para a grandeza nacional."

### A Juventude de Anselmo Torres

Foi recebido com muita effusão, em nossos circulos intellectuaes, o appareimento da traducção franceza da "A juventude de Anselmo Torres" o bello e victorioso romance do Sr. Matheus de Albuquerque, uma das figuras de maior relevo nas letras brasileiras contemporaneas.

A traducção foi cuidadosamente feita pelo Sr. Clement Gozet e a edição é dos Srs. Henri Jouquières & C., de Paris. Sobre este livro que representa uma tentativa nova no romance, escreveu o Sr. Ronald de Carvalho esta pagina magnifica, que vale transcrever:

"A Juventude de Anselmo Torres", é um romance-depoimento, em que a urdidura da fabula foi manifestamente posta de lado. A acção da sua obra é toda interior, não extravasava para o mundo, mas vae extrahindo delle e das coisas o mel e o fel da belleza. Os individuos que pasmam ante os dialogos caprichosos, ante o xadrez das intrigas vertiginosas, hão de ser inimigos de Anselmo Torres.

Anselmo Torres nasceu para dizer o que pensa, e não o que vê. Passam-lhe os ambientes sob os olhos, rapidamente, subitamente, com a celeridade da pellicula cinematographica. Anselmo é um sensitivo, capaz do perdão e do crime, do crime de se sacrificar, o peor de todos os delictos nesta sociedade monstruosamente incolor, de agora ou possivelmente de sempre. Lançou o Sr. Matheus de Albuquerque um largo ensaio, feito de espelhos grandes e pequenos, lisos, concavos e convexos, onde a realidade ora se reflecte claramente, ora se transforma, ora se ergue, ora se rebaixa. Refere o proprio autor, com muita precisão, em um dos passos do seu trabalho, que "o ensaio é talvez hoje a unica forma possivel num romance que queira interpretar o seu tempo... Não o ensaio doutoral, dogmatico, classificador e distribuidor systematico de valores, pugnando com a indole propria desse genero de estudos; mas o que suggere amavelmente, sem cansar a indole do leitor. O romance, com ser o mais completo, o mais total dos generos litterarios, é um genero cada vez mais difficil. Sabe-se, por Bourget, como já Barbey d'Aurevilly se lamentava de que Balzac houvesse esgotado todos os assumptos proprios do romance. Em nossa idade, critica por excellencia, resta o recurso de fazer pequenos ensaios criticos ou pequenas theses vividas em volta de uma idéa central qualquer, que até pôde não revestir grande importancia, ou cuja importancia não seja o essencial no romance"

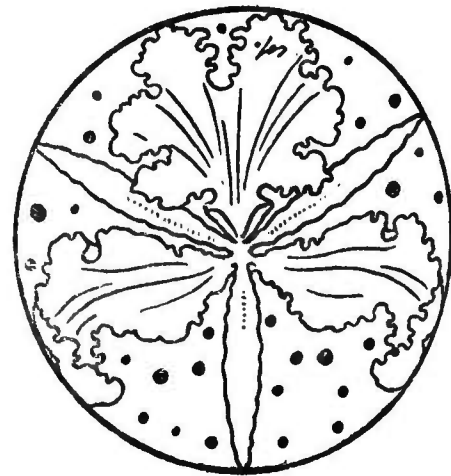
Sem duvida, o Sr. Matheus de Albuquerque soube realizar um penetrante desejo, com a graça, a finura, o pudor, todos os pudores do seu estylo. Compensou a falta de movimento exterior com a riqueza das intenções, do sonho e do caracter dos seus personagens. Aliás, seus personagens são apenas desdobramentos, em carne e osso, dos desejos, das idéas e dos sentimentos de Anselmo Torres. São as sombras, em que se projecta viva, mobil, cambiante a luz do seu espirito. São plantas, aguas, pedras, scintillações da sua paizagem moral e intellectual. O critico sagaz e generoso de "As Bellas Attitudes", é um pintor de emoções delicadas, um pintor mais classico do que impressionista, pois o desenho nas suas telas sobreleva á cor. Esta reserva-a elle sempre, e admiravelmente, para os aspectos e os scenarios da natureza. Ha no seu romance certas manchas de effeito impressivo. Os trechos do passado, que, de vez em vez, phosphoreiam na memoria de Anselmo Torres, saudoso do seu rincão tropical do norte, são de uma claridade calma e intensa. Todas as suas recordações da meninice e da adolescencia, as florestas do engenho nas Alagoas, as bulhas escolares de Olinda e Recife, assim como o aspero contacto com os acidos sercs humanos, dão ás paginas desse romance uma palpitação interior prolongada e melancolica.

Reproduz tambem o Sr. Matheus de Albuquerque, exactamente, os conflictos

da alma provinciana, sensual e desprevenida, ao entrar e se perder nos torvelinhos de ambição e despeito do Rio de Janeiro. Correndo a fabulação da sua novella após a guerra, apresenta-nos elle um quadro quasi contemporaneo dos nossos costumes. Suas observações acerca das nossas directrizes politicas e sociologicas merecem attenção. Não devem ser esquecidas, por igual, certas caricaturas que, ironico e tolerante, elle se compraz em recortar á margem de alguns commentarios penetrantes. O tom geral do romance é um pouco eloquente, caloroso, lyrico, por vezes, como na passagem em que Anselmo vê esbater-se no ar a figura silenciosa de Herminia. O poeta resurge, frequentemente, em mais de um capitulo do seu volume, um poeta cortez e triste, para quem o mundo não pôde reservar mais nem uma decepção. Está ahi porque o seu romance tem a luz diffusa e discreta das obras de arte nascidas do coração.

### O genio Peninsular

Antonio Sardinha, é uma das figuras mais impressionantes do Portugal de agora, e na Republica irmã tem actuação energica, alevantada e fecunda. No movimento de idéas á volta da gloriosa nação, prestes a resurgir cercada de maior fulgor e vitalidade, é elle o leader primacial do que se convençionou chamar *integralismo lusitano*, doutrina politica, litteraria e esthetica com fundamentos na historia, no desenvolvimento ethnico e na idealidade do povo portuguez. A actividade, a fé e o pensamento desses intrepidos lutadores á cuja vanguarda se collocou Antonio Sardinha estão vinculadas ao heroismo que culminou desde antes do Infante Henrique. No artigo que noutro lugar publicamos, elle define o alcance de parte de seu programma, que nada mais é senão o regresso á politica hispanica do epico dos *Lusitadas*, a visão desumbradora, magestosa e capaz de novos prodigios do Atlantico, o livre e irreprimival surto do instincto creador da raça, a restauração do genio universal da patria sob novos moldes. Numa palavra — PORTUGAL MAIOR é o lemma da bandeira dos novos cruzados. Alegra-nos assignalar que o nacionalismo de Antonio Sardinha, como o desse grande cytharedo do "Quinto Imperio" que é Affonso Lopes Vieira muito se aparenta com as idéas ou os principios que inspiram a *America Brasileira*, cujo programma nacionalista consiste em ligar o culto dos nossos antepassados á energia dos contemporaneos, em fortalecer a permanencia historica e sagrada, em guardar esta consciencia serena e imprescriptivel que faz do antigo e do Brazil dos nossos dias um todo indissolovel, geographica e moralmente, em preparar o advento da America brasileira como potencia mundial. Estamos certos pois, de que muito será apreciadiado entre nós o trabalho do director da *Nação Portuguesa*, que, ainda recentemente, foi recebido no Ateneu de Madrid com calorosos applausos. No proximo numero daremos conta aos leitores da intensa campanha que se iniciou em Portugal e Hespanha a favor do peninsularismo.



# N O T U L A S

## Poetas Paranaenses

Prestou o Paraná uma expressiva homenagem a tres grandes poetas de sua terra maravilhosa, inaugurando em Curitiba, ha poucos mezes, as hermas a Emilio de Menezes, Emiliano Pernetta e Domingos Nascimento, numa bella festa de civismo e de arte, em que os escriptores Srs. Jayme Ballão, Pamphilo de Assumpção, Silveira Netto e Dario Vellozo fizeram em palavras de profunda emoção o elogio dos artistas que tanto elevaram a gloria da terra paranaense. Emilio de Menezes foi o poeta admiravel e brilhante, de forma caprichosa e inspiração ardente, onde repontava constante uma nota de doce melancolia; Emiliano Pernetta foi um dos mais admiraveis symbolistas, cuja emoção tinha qualquer cousa de tragico e de doloroso; Domingos Nascimento foi um magnifico poeta regional, que cantou com surpreendente lirismo a natureza maravilhosa do Paraná, onde a paisagem tem um encanto diverso, entre os pinheirões infundaveis. Esta homenagem aos seus artistas, muito honra ao Paraná, preocupado em exaltar as glorias dos poetas, quando vivemos occupados em lisongear os poderosos e os governantes. Serviu tambem de exemplo dignificante esse preito aos poetas paranaenses cujos bustos erigidos na praça Ozório perpetuarão o amor ás lettras de todos os filhos desse grande Estado. A obra de escultura, geralmente louvada, foi feita pelos escultores paranaenses João Turim e João Zacco Paraná, que souberam transmitir ás mascaras dos poetas toda a emotividade de seus espiritos inquietos e torturados. A significação dessa homenagem, deve porém ir além de uma manifestação regional, porquanto os poetas consagrados são justas expressões de nossa poesia e suas obras enchem de orgulho toda a mentalidade brasileira. São glorias nacionaes.

## Os epigrammas de Ronald

O nosso collaborador Ronald de Carvalho recebeu a seguinte carta do critico francez, Sr. Manoel Gahisto: "Paris — 1922 — Mon cher et illustré Confrère: J'ai lu avec un très vif intérêt vos "Epigrammas Ironiques e Sentimentales". La première est brillante déjà et prévient en faveur du reste. Les promesses de cette *Inscription* sont amplement tenues dans la suite du recueil. Autant qu'il me soit permis d'en juger, des pages comme "Egloga Tropical, Interior", par exemple, donnent une impression de couleur bien spécifique; on respire entre les lignes une atmosphère que n'est pas celle de notre vieux continent. D'autre part, il a fallu pour obtenir la concision de ces morceaux, en gardant le rythme et la mélodie évidentes du vers, un entraînement ou un don spontané remarquables. Notre grand problème à tous en ce moment est celui de l'invention de nouvelles harmonies, les uns pour les chercher, les autres pour les écouter et les analyser. Vous avez trouvé la mesure nécessaire dans cette innovation, en fuyant les artifices de la bizarrerie et écoutant la musique de sentiments et d'impressions naturels. Je crois que c'est la seule voie possible. Merci bien sincèrement de votre envoi, mon cher Confrère. J'aurai sans doute l'occasion encore de citer votre Histoire de la Littérature Brésilienne; le livre est placé au bureau de la Revue de l'Amérique Latine où plusieurs collaborateurs de Mr. Lesca l'ont parcouru déjà, où chacun pourra le consulter. Je vous prie d'agréer mes compliments les plus vifs pour votre beau talent avec l'assurance de ma sympathie toute dévouée. — Manoel Gahisto."

## A obra de um jurisperito

Sobre o recente livro *Systema de Scientia Positiva do Direito*, do Sr. Dr. Pontes de Miranda, em dois grossos volumes, já se manifestaram varios juristas da França, da Alemanha e da Italia, que o consideram, quasi com as mesmas expressões, quanto á construção scientifica e philosophica, no dizer de François Geny, decano de Universidade na França e grande juriconsulto francez: "plus large et plus pleine que toutes celles que nous avons connues, jusqu'ici" Geny ainda diz

que o nosso patricio utilizou verdadeiramente (véritablement utilisé tous les matériaux réunis par la science contemporaine) e juntou reflexão pessoal extremamente forte e profunda (joint une réflexion personnelle extrêmement forte et profonde). Ninguem contestará, accrescenta, "le caractère grandiose du monument élevé à la science positive du droit". As outras opiniões são mais ou menos as mesmas, como, por exemplo, a do juriconsulto italiano Roberto Vacca, que diz: "moite idee nuove ed originalissime contenute nella sua opera, la quale rappresenta certamente ciò che di più profondo sia stato scritto fin' ora per dare una forma ed un contenuto veramente "scientifico" allo studio del diritto". Giorgio del Vecchio e dezenas de sabios allemães igualmente dão grande importância áquella obra.

## As memorias do Conde d'Eu

O conde d'Eu, cuja morte causou consternação a seus numerosos amigos brasileiros e francezes, havia começado a dictar as suas Memorias á sua nora, a princeza Pia de Orleans e Bragança, que, desde a sua viuvez, consagrou-se exclusivamente a seus filhos e a cuidar de seu sogro. As primeiras paginas — e as ultimas — dessas Memorias remontam á revolução de Fevereiro de 1848 e a seu exílio na Inglaterra. O duque e a duquesa de Nemours, com os seus quatro filhos, viveram junto á familia real em Claremont. Foi ali que o principe recebeu a sua primeira instrução, partindo depois, após a morte de sua mãe, para a Hespanha. O conde d'Eu tinha então dezesseis annos. A Hespanha achava-se naquella época em guerra com Marrocos. A rainha Isabel nomeou o conde d'Eu segundo tenente do regimento de hussards da princeza, sendo destinado á Africa, onde desembarcou no dia 20 de Janeiro de 1860, e, tres dias depois, distinguia-se por tal forma que o general O'Donnell, lhe collocava no proprio campo de batalha, a cruz de S. Fernando. Na batalha decisiva de 11 de Março, o conde deu taes provas de valor que os soldados hespanhoes o saudaram, exclamando "Viva el joven francez" e o general O'Donnell obteve a sua promoção a primeiro tenente. Após a paz, o conde seguiu o curso de artilharia na Escola Militar de Segovia, da qual elle saiu com o numero dois. Até á sua partida para o Brasil, em 1864, serviu successivamente nos regimentos de artilharia de terra e de montanha. A campanha victoriosa do conde d'Eu, como commandante em chefe e marechal do Exercito brasileiro, contra o dictador Lopez, do Paraguay, pertence á Historia Sul-Americana. O carinhoso acolhimento dispensado no Brasil aos restos mortaes do imperador D. Pedro II, commoveu vivamente o conde, que tinha projectado voltar ao Brasil, sem nenhum fim politico, afim de tomar parte nas festas da independencia, com os seus netos. O conde não contava muito com a sua saude. Ultimamente, por ocasião do Congresso Eucharistico de Roma, a que elle assistiu sob o humilde habito dos franciscanos terciarios, teve varias crises, temendo-se que fosse um ataque de angina pectoris; voltando á França muito doente e tratou de curar-se, devido ao grande desejo de realizar a sua projectada viagem ao Brasil. E' conhecido o triste epilogo dessa viagem, empreendida com tanto entusiasmo. Os que esperavam a volta do conde d'Eu, não pensavam, nem por um momento na ocasião de sua partida, que lhe diziam adeus pela ultima vez.

## O ultimo calculo das áreas dos Estados do Brasil

Segundo a carta geographica do Brasil comemorativa do Centenario da Independencia, obra meritoria e patriotica realizada graças ao Club de Engenharia, é o seguinte o calculo das areas dos Estados:

	Kilometros quadrados
1 Minas Geraes .....	593.810
2 Pará .....	1.271.947
3 Pernambuco (incluindo Fernando Noronha e Rocas) ..	99.254
4 Parahyba .....	55.920
5 Rio Grande do Norte .....	52.411

6 Sergipe .....	21.552
7 Alagoas .....	28.571
8 Maranhão .....	345.594
9 Piahy .....	245.582
10 Ceará .....	147.022
11 Bahia .....	524.288
12 Espirito Santo .....	44.684
13 Districto Federal (excluindo a zona litigiosa (Rio-Districto Federal) .....	1.085
14 Rio de Janeiro .....	42.404
15 S. Paulo .....	247.239
16 Paraná .....	199.897
17 Santa Catharina .....	93.225
18 Rio Grande do Sul .....	285.289
19 Goyaz .....	660.193
20 Matto Grosso .....	1.421.573
21 Amazonas .....	1.825.997
22 Acre .....	148.027
	8.355.504

## TERRITORIOS LITIGIOSOS

a) Pará-Amazonas .....	91.019
b) Bahia-Espirito Santo .....	1.177
c) Piahy-Ceará .....	1.569
d) Piahy-Maranhão .....	623
e) Rio-Districto Federal .....	82
f) Rio Grande-Santa Catharina .....	1.773
g) Bahia-Sergipe .....	3.974
h) Goyaz-Matto Grosso .....	55.468
	155.685
Total .....	8.511.189

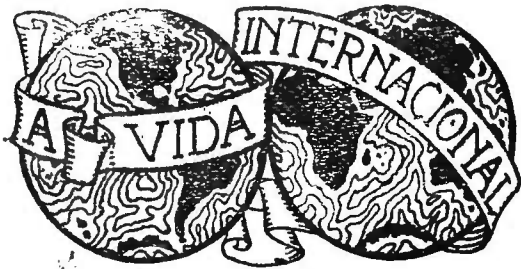
## Congresso da Imprensa

Reunir-se-ha na primeira quinzena de Março proximo, em Lyon, na França, o Congresso da Imprensa dos Paizes Latinos. Para sede dessa conferencia jornalística latina foi escolhida a cidade de Lyon, onde, na mesma época, funcionará a conhecida feira annual franceza que tanto facilita o intercambio commercial. A Municipalidade de Lyon convidou as Associações de Imprensa do mundo latino e os mais importantes jornaes francezes, italianos, portuguezes, hespanhoes, rumenos, belgas, suissos e latino-americanos a enviar os seus representantes, que serão hospedes da Prefeitura lyonesa, desde a chegada á fronteira franceza até a sessão de encerramento do Congresso. As sessões do Congresso de Imprensa durarão uma semana sómente. Durante os seis primeiros dias serão discutidas as theses sobre a propagação da idéa da fraternidade latina: o primeiro dia será consagrado á imprensa italiana; o segundo á hespanhola e á portugueza; o terceiro á imprensa suissa, belga e rumena, o quarto á imprensa latino-americana e finalmente o quinto dia, vespera do encerramento do Congresso, será dedicado á imprensa franceza. No ultimo dia as moções apresentadas serão submettidas á votação.

## Uma heroína brasileira

Merece uma referencia muito especial o acto do governo do Ceará, de 7 de Setembro de 1922, que determina a aquisição da casa onde nasceu, no Crato, Barbara Pereira de Alencar, uma das grandes mulheres da historia brasileira. A sua acção no levante republicano de 1817, foi das mais brilhantes, tendo feito seu filho, o grande José de Alencar, emissario dos revolucionarios de Pernambuco e se portado com uma bravura e um civismo admiraveis, sofrendo, resignada e indomita, as rigorosas penas nas prisões do Ceará, Pernambuco e Bahia, com animo forte e resolutivo, que constituiu vigoroso exemplo aos seus companheiros dessa jornada de redempção nacional. Além disso, deu á patria dois grandes filhos, Tristão de Alencar, que foi preclaro cidadão, e José de Alencar, das glorias mais fulgentes de nosso espirito. Installando uma escola feminina na casa onde nasceu Barbara de Alencar, o governo cearense cria um novo culto civico, de exaltação e patriotismo, engrandecendo o patrimonio historico do grande estado, cujos filhos tanto honram a nacionalidade, pelas suas qualidades de força, de intelligencia, de tenacidade e aventura. Essa mulher admiravel foi um symbolo e bem haja os que o consagram e veneram.

# REPERTÓRIO



## A ocupação do Ruhr

As forças franco-belgas ocupando a bacia do Ruhr e se apossando das usinas de Essen, como penalidade imposta á Alemanha pela violação do tratado de Versalhes, no attinente ás reparações, vieram criar uma nova inquietação no mundo, perturbando os espiritos, temerosos de que não resulte dahi uma nova fermentação de guerras. E' muito difficil no caso europeu justificar attitudes, porquanto umas são consequencias de outras e todas se ligam a uma série interminavel de factos, de que não temos ainda perspectiva para julgar. Contentamo-nos em acompanhar a successão dos acontecimentos, na sua violencia e imprevisto, ignorando a que caminho conduzirão os homens. A França, abandonada pela Inglaterra, sem o apoio franco da Italia, que se manteve independente, e ligada á Belgica, justifica a invasão do Ruhr, como uma necessidade de primeira ordem, porquanto a Alemanha chicana o cumprimento do tratado de Versalhes, e não fez as entregas devidas. Retruca o Reich, e nesse sentido protestou junto a todos os governos, que envida todos os esforços para fielmente cumprir as obrigações assumidas, mas sendo o peso destas superiores ás suas possibilidades, justificam-se as faltas, nunca de má fé... Enquanto a disputa se trava, a França, que tem força, occupa *manu-militari* o Ruhr e se dispõe a applicar o tratado, que declara violado. A Alemanha não tem força, mas tem animo forte e reage, pela passividade, fica firme e immovel. Como certas crianças que não querem andar, deixam-se empurrar, caem, esperneam, não cedem a pancadas e só sabem carregadas. No caso, carregar a Alemanha, convenhamos em que é difficil....

São os erros do tratado de Versalhes. Os estadistas aliados, reunidos em Conselho Supremo da Humanidade, acreditavam que os povos eram passivos como as letras com que escrevem os tratados e com as quaes todas as combinações são possíveis. Ao invéz de procurar a paz, a concórdia, apenas cuidaram das vinganças e os homens não puderam tolerar o extranho monstro que, como um pedrouco, entrava o mundo inteiro. As reparações são devidas, ninguém as contesta, mas não tendo havido transigencias mutuas estabeleceu-se, de um lado a violencia, e, do outro, a má-vontade, a pre-deliberação de não cumprir o tratado. Tendo os Estados Unidos se desinteressado dos problemas europeus, retirando mesmo as suas forças do Rheno, onde permaneciam desde o armistício, a Europa fica num *impasse*, cuja solução ninguém pôde atinar. A França está regendo sua acção por necessidades presentes de sua economia, pois os alemães, diante a invasão (é preciso não esquecer) devastaram as regiões do norte, sobretudo a zona carbonifera, de sorte que só dentro em annos será possi-

vel readquirir a anterior capacidade productiva. Não podemos esquecer tambem que a passagem dos exercitos allemães pela França foi um cataclysmo sem precedentes e nada ficou de pé, até o sólo se tornou de todo safaro. A França tem na legitima defesa a mais ampla justificativa. Mas, a Alemanha por igual se defende e ninguém lhe censurará o patriotismo.

O grande erro está no desinteresse do mundo. Se a Liga das Nações não fosse tão pomposa inutilidade, seria o caso de chamar a si, em nome da harmonia universal, a solução da crise tremenda. Uma cooperação de todos os povos, a que a America não deveria ser estranha, poderia, neste momento, tentar com exito o equilibrio mundial. Mas essa esquivança, esse "laissez faire" dos diplomatas, incita essa postura violenta em que se enfrentam de novo a França e a Alemanha, com grande risco para a paz, que pôde vir a periclitar. Não comprehendemos bem a mentalidade dos estadistas modernos. Parecem velhos para o mundo novo...

## HOMENS e COUSAS ESTRANGEIRAS

### O caso de Margueritte

O Sr. Victor Margueritte, que em collaboração com seu irmão Paul, tinha publicado uma serie de livros respeitaveis quanto ao valor, iniciou ha poucos annos uma nova formula, que sorprehendeu bastante. Abandonando o seu genero, poz-se a escrever uns livros que muitos acharam escandalosos, dos quaes o primeiro "Jouir", tem um titulo que dispensa commentarios. O exito, como é de pensar, foi grande. A edição de "Jouir" foi além dos 100.000 exemplares. Animado, Victor Margueritte continuou. A sua ultima obra *La garçonne* causou, todavia, maior alarido ainda do que a primeira. Desenhou-se um grande movimento hostil entre os homens de letras, e a questão, virando "caso", alastrou-se, ganhando outros meios. A grande chancellaria da Legião de Honra, de que Victor Margueritte era commendador, recebeu varias queixas de personalidades diversas, escriptores, professores, etc. O General Dubail, grande chancellier, diante de tamanho protesto, chamou á sua presença Victor Margueritte, que, não tendo comparecido, acaba de ser expulso da Ordem por decisão de uma comissão especialmente nomeada para julgar o caso. Anatole France fez um vibrante apello, affirmando que o julgamento sobre uma obra litteraria recahia exclusivamente contra seus julgadores, mas não foi ouvido. O Presidente da Republica confirmou por decreto a decisão da comissão. Victor Margueritte dirigio então uma carta ao Conselho da Ordem, na qual diz para começar que "agradece, com a elevação da honra que lhe conferiram, após o julgamento sublime de Anatole France, a vingança de que foi objecto", e declara voltar aos seus trabalhos. Esperemos para ver o que vai nos dar, depois de tanto barulho que, com certeza, sen- entrar em mais considerações, foi excessivo.

### O que se conta em Pariz

#### A origem de *Le Horla*

Sabe-se quem deve a Maupassant a idéa desta novella? Foi Georges de Porto-Riche. Entretanto, todos acham que ha em *Le Horla* os signaes indiscutíveis da loucura de que devia soffrer Maupassant.

Porto-Riche não gosta muito que se insista sobre este diagnostico: "Se esta novella é de um louco, diz elle com inquietude, sou eu o louco..."

#### *Courteline*, visto por Goncourt

Éis como Goncourt via aquelle que os francezes costumam chamar o segundo Molière:

"Courteline, um homemsinho da raça dos gatos magros, perdido, nadando em um amplo frac, os cabellos rijos, coitados na frente, atirados atraz das orelhas, e oinhos pretos, pequenos como caroços de pera, em um rostinho pálido. Este homemsinho: um gesticulador, tendo no sacco do seu frac contorsões de "marionette" quebrada, e isto em conversas em que, ricntado nos calcanhares, a sua palavra tem a "verve" comica a frio dos seus artigos..."

#### Antes e depois

Um dia, já faz muitos annos disso, um rapaz elegante, de uma elegancia talvez requintada de mais, foi fallar com o proprietario de uma pequena casa situada nos arredores de Pariz. Elle visitou o immovel e o jardim, pareceu satisfeito, porém, objectou:

— Sinto muito, mas é grande demais para mim. E' possível todavia que possa, d'aqui a alguns dias, comprar a casa, se puder. Tenho uma peça em ensaios no theatre da Porte Saint Martin. Se tiver successo, fallaremos novamente neste negocio, porque gosto muito da casa. Lastimo muito que seja grande demais...

A peça era "Cyrano de Berengerac". O elegante rapaz, era Edmundo Rostand.

Tempos depois da "primeira" de "Cyrano", o proprietario escreveu ao visitante informando-o de que a casa estava sempre para vender.

Mas Edmundo Rostand respondeu:

— Mil vezes agradecido. Reflecti; a casa é um pouco pequena para mim.

#### Anatole France contrabandista

Durante uma viagem que fez na Italia, Anatole France descobriu um dia, perto de Napoles, uma choupana de pescador que era quasi inteiramente construida, com pedaços de obras-primas. Por uma lira, comprou uma cabeça de marmore, uma cabeça feminina cujos olhos semi-cerrados seram cheios de langor, e quiz levá-la para França.

Mas existe um decreto que prohibe a exportação das obras de arte. Anatole France embrulhou cuidadosamente a cabeça em um cofre de madeira, e ao inspector que lhe perguntava o que continha aquelle volume, elle respondeu com ar innocente:

Niente, niente!...

O inspector aceitou esta resposta evasiva e tomou a caixa para juntá-la aos objectos; infelizmente, o fundo cedeu e a cabeça appareceu de repente.

O inspector examinou o marmore como quem conhece o aprecia a arte, admirou-a e disse a France com ironia:

Niente, niente!...

Mas nelle o orgulho nacional venceu o respeito ao regulamento. Restituiu a cabeça e disse:

—Pôde levá-la. Nós temos ainda bastantes cousas bellas na Italia.

E foi graças á esta fraude ingenua, infeliz e finalmente effectiva, que Anatole France tem, no seu quarto, sobre a lareira este admiravel fragmento, inspirador de belleza.

#### Os Dumas e Flaubert

O pai Dumas e o filho Dumas, quando acabaram de ler "Madame Bovary", que sahira á luz havia poucos dias, ficaram violentamente irritados:

— E' um livro medonho! declarou Dumas Filho.

E Dumas pai atirou o livro ao chão dizendo:

— Se isto é bom, tudo quanto escrevemos desde 1830 não vale nada!



mentos privilegiados. O capital, o trabalho livre, o syndicalismo, a classe media, viciosa, muitas vezes, da pugna entre aquellos dois grandes factores, os professionistas, os empregados, os particulares, todos têm direitos e a todos incumbe obrigações que devem respeitar para que se conserve o equilibrio social. Não queremos, com isso, manifestar que seremos inimigos dos trabalhadores syndicalizados, nem que trataremos de levar por terra as vantagens legitimas que hajam adquirido os seus gremios, porém, manifestamos, sem dar lugar a duvidas, que, quando tratem quaesquer elementos da sociedade, de sobrepor-se, indebitamente, aos demais, de impor-lhes uma justificada dictadura, de florescer ás costas dos outros, estaremos sempre dispostos a combater com toda energia semelhantes abusos, para que não subsistam essas tyrantias que não têm razão de ser, nem foram reconhecidas em nossas leis e que são, em extremo, deprimentes para a communhão social."

### A união dos povos latinos

Um dos ultimos numeros de "Le Monde Nouveau", de Paris, do qual são directores os Srs. E. Van der Vlugt e Gustave Louis Tautain, publica um artigo do S. Ferdinand Lop sobre "A união dos povos latinos". Desde o armistício, diz o autor, o choque economico entre as nações, e attingirá logo, se não tomarmos precauções, a uma terrivel acuidade. E então veremos o odio que se manifesta entre os aliados de hontem, o odio disfarçado em luta economica. E contudo, nenhuma nação faz um gesto para impedir que taes acontecimentos se produzam. Os povos assistem indifferentes a esse estado de coisas. Ha dous annos, em Julho de 1921, no Jardim do Palacio Real, em Paris, onde precisamente um seculo antes Camille Desmoulins lançou sobre os povos oprimidos o grito de liberdade, nesse jardim historico se inaugurava um monumento elevado á gloria do genio latino. Teria despertado a latinidade? A latinidade é uma força vinda do Oriente, é a propria civilização, é o reino da justiça e da liberdade. Roma, na sua gloria, deu a justiça ao mundo. A França, pela revolução de 1789, lhe deu a liberdade. A propria victoria é uma victoria latina, porque foi o genio latino que triumphara da mais odiosa barbaria dos tempos modernos. E no entanto, todos quantos constatarem o triumpho da civilização latina, verificam, com tristeza, a ausencia, em quasi todos os estadistas dos paizes latinos, de toda politica latina. Mas esses povos latinos não se contam entre os mais illustres da historia contemporanea, da Italia, de Portugal, de Hespanha. Como não perceber as immensas vantagens, os resultados beneficos que recolheria o mundo inteiro de uma tal orientação, para o hem da civilização? A França e a Italia estão particularmente indicadas para tomar a iniciativa de uma politica latina. O Mediterraneo deve ser um mar verdadeiramente latino. Entretanto, as tres entradas que lhe dão accesso, Suez, Gibraltar e Constantinopla, estão sob os canhões da Grã Bretanha. A França e a Italia são os dous campeões da latinidade: unidas intimamente e rodeadas das outras nações latinas, ellas deveriam formar o bloco poderoso na vanguarda da civilização dos tempos modernos, que se tornaria, no continente europeu, e no mundo inteiro, o "pivot" da paz universal. Actualmente, nós assistimos a uma recrudescencia de imperialismo economico. Apesar das difficuldades internas, a Inglaterra não cessa de desenvolver por todos os meios a sua potencia economica, assenhoreando-se dos mercados em que antes da guerra a Alemanha dominava. Isso, notadamente, nesses paizes latinos da America do Sul, onde a actividade economica latina e europea devia occupar o primeiro plano. As nações latinas deveriam fazer o mesmo. Por outro lado, a Alemanha, bafejada pela Inglaterra, procura retomar o seu lugar no mercado industrial, ameaçando entre outras a industria italiana. Não poderia a França auxiliar a industria italiana, e celebrar com a Italia um tratado de commercio? Não esqueçamos tambem o imperialismo dos Estados Unidos, que se estende economicamente, até a Europa. Se os povos latinos não se apercebem disso, serão logo inferiores, na ordem economica, ás nações anglo-saxonicas. Ao ver do articulista, é preciso que se faça uma união intima, uma verdadeira alliança, de ordem politica e economica, entre os grandes e pequenos povos latinos. Dessa alliança dependerá a sua independencia reciproca, e poderá essa liga la-

tina servir de base solida a uma vasta sociedade de nações, onde a França representaria o papel historico que sempre teve: o de campeão da liberdade humana.



### Appello aos prosadores brasileiros

Amigos de Portugal, defensores do espirito e da cultura lusitanos, — que por uma aberração inqualificavel tem encontrado no nosso paiz um numero infelizmente elevado de baixos detractores, — é sempre desvanecidos que registamos os gestos cordeaes que nos chegam, frequentes, da velha terra dos nossos antepassados. E' bom de vêr que os nossos amigos portuguezes sabem, embora afastados, discernir o valor exacto dos ataques que lhes são dirigidos, desprezando-os e permanecendo, sem rancor nem amargura, ao nosso lado pelo affecto e pela admiração. Não queremos delixar de agradecer hoje, em nome dos lusophixos daqui, o eminente Souza Costa, da Academia de Sciencias de Lisboa, que acaba de demia de Sciencias de Lisboa, e bem assim lançar em carta que nos dirigio, um appello que deve á Academia Brasileira, um appello que deve ser correspondido pelos nossos prosadores, velhos e moços. Os escriptores brasileiros são pouco conhecidos em Portugal, diz Souza Costa, por não haver lá facilidade de os adquirir nas livrarias. Com o cambio actual o livro brasileiro fica hoje por um preço excessivo e além disso, os nossos editores não mandam sequer amostras aos livreiros portuguezes. No intuito de tornar os nossos escriptores, que elle admira, conhecidos do grande publico leitor de Portugal, Souza Costa teve a feliz idéa de crear uma bibliotheca, a "Leitura de hoje", publicação bi-mensal cujo preço será apenas de 50 centavos, pondo-o ao alcance de todos. E para tornar effectiva a sua iniciativa, que tão relevante serviço virá prestar ás nossas letras, Souza Costa pede aos nossos escriptores, por intermedio da *America Brasileira*, que lhe cedam o direito de publicar na sua "Leitura de hoje" uma novella ou outra qualquer curta produção. Este convite é dos mais honrosos. O nome de Souza Costa figura entre os primeiros nas letras portuguezas. Souza Costa, escreve o grande Julio Dantas, "possue a exuberancia, a vehemencia, a paixão; por vezes domina, persuade e arrebatou; dispõe de um notavel poder de expressão verbal que lhe permite atirar o maior partido das suas eminentes aptidões de observador dos aspectos e dos caracteres. Dos seus livros, *Fruito prohibido* é, acima de tudo, um romance de observação; *Sempre Virgem* é, determinadamente, um romance de acção; *Coração de Mulher* é, na sua perturbadora eloquencia, um romance de paixão." A estes romances que revelam um talento abundante, diverso e multiforme, convém acrescentar a novella *A Féra*, em que as qualidades de Souza Costa attingem a um maior grão ainda do que nas suas obras precedentes. E', pois, um padrinho prestigioso, esclarecido e grande que as letras brasileiras têm doravante em Portugal, e a *America Brasileira* promptifica-se a fornecer quaesquer outras informações.



### O "Aleijadinho"

O Sr. Djalma Andrade, em artigo publicado na imprensa desta Capital, divulga interessantes notas acerca do *Aleijadinho*, o mais antigo e interessante dos nossos escriptores as quaes para aqui transportamos:

"As obras que tratam de historia e de arte apparecidas ao festejarmos a nossa independencia politica não fallam no "Aleijadinho", o mais antigo esculptor mineiro e uma das figu-

ras mais interessantes de artista. Apesar de mutilado pela molestia que o deformou tornando-o hediondo, Antonio Francisco Lisboa, o "Aleijadinho", trabalhou incessantemente e as suas obras em cantaria, ahi estão pelos templos de Minas a proclamar a genialidade do infeliz esculptor. Saint Hilaire foi a Congonhas do Campo, expressamente para ver os prophetas do antigo testamento esculpidos pelo "Aleijadinho" e, com o seu apurado espirito critico, affirmou: "Ces statues ne sont pas des chefs d'œuvres, sans doute, mais on remarque dans la manière dont elles ont été sculptées, quelque chose de large qui prouve dans l'artiste un talent naturel très prononcé"

Com a cultura restrictissima que possuía, sem dispôr do auxilio das mãos, aleijado, minado pela syphilis que o devastou, Antonio Francisco Lisboa, que viveu ha quasi dous seculos e que nunca sahio de Minas para desenvolver, pelo estudo, a sua vocação, não poderia nos dar obras mais perfeitas que essas que até hoje admiramos nas mais ricas igrejas do Estado. Nesses prophetas, não raro, o "Aleijadinho" conseguiu, num rasgo de superior inspiração, gravar uma physionomia de espanto, pureza, resignação e fé, dando ás suas estatuas feitas numa pedra aspera, sem a nobreza do marmore, guilado apenas pela intuição, nela espontaneidade do seu talento verdadeiramente notavel. A estatua de Ozéas está na sua attitude de resignação e obediencia, tão de conformidade com o texto latino que empunha, a provar a divina chamma que ardia no cerebro do infeliz artista que a esculpio. Não ha quem vendo essa estatua, não admire a habilidade do buril que soube dar ao bloco impassivel a expressão de resignação feliz, de obediencia ao conselho divino, de prazer, tão de accordo com a legenda que o propheta traz nas mãos: *Accipe adulteram, ait Dominus mihi: id exequor illa facta usor*. Nessa estatua, talvez a melhor das esculpturas do "Aleijadinho" em Congonhas do Campo, vê-se perfeitamente que o artista sabia dar expressão á pedra, illuminando-a. A physionomia de Ozéas é do homem agradecido a Deus, do homem feliz que vê na fecundidade da mulher que tomou por esposa a sua reabilitação moral.

E' lamentavel, pois, que não tenhamos, entre os livros apparecidos no "Centenario", a biographia do infeliz artista mineiro. E' estranho que nem um pintor de notoriedade se lembrasse de immortalizar, numa tela de grande valor historico, a figura inconfundivel e interessantissima do "Aleijadinho", o homem mais feio do seu tempo. A sua propria fealdade deveria causar pruridos nos pinceis dextros da nossa terra. O seu perfil está admiravelmente traçado por Rodrigo Ferreira Bretas, numa chronica existente no Archivo Publico Mineiro. "Antonio Francisco perdeu todos os dedos dos pés do que resultou não poder andar senão de joelhos; os das mãos atrophiaram-se e curvaram, e mesmo chegaram a cahir, restando-lhe somente, e ainda assim quasi sem movimento, os pollegares e os indices. As grandes dores que de continuo soffria nos dedos e a acrimonia do seu humor choleric o levaram, por vezes, ao excesso de cortar-os elle proprio, servindo-se do formão com que trabalhava! As palmeiras inflammaram-se e permanecendo neste estado, offereciam á vista sua parte interior; perdeu quasi todos os dentes e a bocca entorpecida-se como succede frequentemente ao estuporado; o queixo e labio inferiores abateram-se um pouco; assim o olhar do infeliz adquirio certa expressão sinistra e de ferocidade que chegava mesmo a assustar a quem quer que o encarasse inopinadamente".

O perfil moral de Antonio Francisco Lisboa é tambem conhecido. Vivio irritadissimo, era de uma rudeza incrível. O horror do ridículo, do motejo, da zombaria impiedosa fazia com que o desventurado esculptor vivesse em continua luta com seus contemporaneos. Contam que fora um dia chamado a palacio pelo governador General Bernardo José de Lorena, que lhe queria incumbir a execução de certo trabalho. A principio negou-se com parecer á presença de tão alta personalidade. O seu temperamento rude e a sua natural misanthropia aconselhavam-no a afastar-se de quaesquer relações. Muito instado e afinal provendo interesse, foi. Quando chegou á porta do palacio, o ajudante de ordens do General Bernardo de Lorena, Coronel José Romão, não podendo sonitar o seu espanto ante tamanha monstruosidade, exclamou, afastando-se: — Feio homem! Foi o quanto bastou para que o "Aleijadinho" sahisse precipitadamente, para a rua arrependido de ter accedido ao convite. Mas a figura esguia de José Romão lhe ficou, pelo rancor, gravada nitidamente na imaginação e, no primeiro bloco de granito que trabalhou, esculpiu um *Judeu*, na ansia de se vingar, gravou na pedra, nivelmente, os traços physionomicos do aju-



dante de ordens do General Bernardo de Lorenna, imitando sem o saber, nesse gesto de desaffronta, o genio que, na pintura da capella sixtina, galhardoava os demonios com os traços fleis dos seus mais ferozes inimigos. Mas o monstro era bom, ganhando apenas uma oitava de ouro por dia (mil e duzentos naquelle tempo), dava metade dessa quantia ao seu escravo Mauricio, que tinha verdadeiro fanatismo pelo seu generoso amo"



R. Blanco-Fombona: **EL CONQUISTADOR ESPAÑOL DEL SIGLO XVI.** Ensayo de interpretación. Editorial Mundo Latino, Madrid, 1923. — Dentre os vinte volumes que constituem o cabedal literario do A., poemas, romances, contos, ensaios de sociologia e estudos historicos, é este, sem duvida, um dos melhores. Nelle encontramos as mesmas qualidades que caracterizam esse bom escritor, tão conhecido e estimado na Europa e na America do Sul, mas agora apresenta-se mais senhor de seu pensamento, de sua expressão e da sua cultura. Livro sereno, em que a unidade das idéas é tão perfeita quanto é harmonioso o estilo, Fombona tratou o assumpto com amor, com estremada preocupação da verdade e com aquella entusiasmo constructivo que communica tão grande encanto á obra de Ghebart ou de Ferrero. A epopeia da conquista espanhola é estudada á luz dos methodos actuaes de interpretação dos phenomenos sociaes, e os proponentes das actuaes sociedades americanas apparecem revestidos de seus attributos, qualidades ou defeitos, integrados na sua funcção e reabilitados perante a historia, cujo objectivo não é condemnar ou exaltar, mas simplesmente seleccionar valores. Depois de estudar em doze capitulos os caracteres psychologicos da raça, explica a personalidade do conquistador, a época a que pertence, o meio onde actuou e os resultados da sua acção, para concluir assim: "Gracias á ellos (conquistadores) pudo España crear lo que, bueno o malo, existió durante siglos y la raíz de lo que existe hoy y en lo futuro existirá. España, por su parte, dió lo que tenía. Pobre fué siempre en hombres de Estado, en hacendistas, en buenos e pulcros administradores de la cosa publica; fértil en burócratas inescrupulosos, en jueces de socallaña, en oligarquias que puzieron su conveniencia por encima de la conveniencia de la Nación. Largas paginas se han dedicado en esta obra a comprobarlo. Lleguemos ahora a la conclusión de aquellas prolizas premisas: como iba a darnos España lo que no tenía? como culpar a los conquistadores de ser como por herencia, por educación, por tradición, por oficio, por época y por medio tenían que ser?". Fombona conclue, com razão, que o conquistador espanhol, como todo aventureiro, não é nem o bandido de Heine nem tão pouco um santo, mas simplesmente um expoente da época a que pertence, com as virtudes do tempo e os defeitos da nação de que procede. Aos estudiosos e aos letrados recommendamos a leitura da obra de Blanco Fombona, interessante sob todos os aspectos e formosa lição da historia colonial espanhola, que se aprende com prazer e proveito. Principalmente por certa ordem de gente precisava ser lida e meditada, afim de que corrija a sua visão ácerca da empreza formidavel realizada pelos portuguezes no nosso país. Então verlam os injuriadores de nossas origens se os castelhanos foram melhores conquistadores que os portuguezes.

Isaac Goldberg: **LA LITERATURA HISPANO-AMERICANA.** Estudios criticos. Versión castelhana de R. Cansinos Assens. Prólogo de E. Diez-Canedo. Editorial America, Madrid, 1922. — O Sr. Isaac Goldberg é o que se chama um critico dialectico. Objectivo e imparcial, dotado de um espirito positivo e possuindo o senso das proporções, assaz penetrante, fez obra util. O primeiro capitulo da obra do escriptor americano, ago-

ra incorporado a bibliographia hespanhola mediante uma tradução muito recommendavel, versa sobre a renovação modernista nas letras hispano-americanas, graças á influencia de Ruben Darío, José Enrique Rodó, José Santos Chocano, José María Eguren e Rufino Blanco-Fombona, que constituem o objecto dos demais capitulos do ensayo. O estudo sobre *La renovación modernista* está cheio de idéas, suggestões e observações dignas de serem divulgadas no nosso meio para que se conheçam as origens, o desenvolvimento e os resultados de uma das mais fortes manifestações do movimento literario ibero-americano dos fins do seculo XIX e começo do seguinte. Goldberg assignala o que deve a litteratura hispano-americana á influencia franceza e, em seguida, mostra qual o valor, a posição e a actuação de seus principaes precusores americanos, taes como Gutiérrez Nájera, Casal, Martí, Silva, Díaz Mirón, Nervo e Martínez. Por ultimo, procurando saber se na America hespanhola existe uma litteratura propria, com peculiaridades, caracteres e finalidades definidos, distintos, differencias, conclue por affirmar que o americanismo literario é o precursor artistico de uma unidade politica. A segunda parte do livro não é menos interessante. O capitulo V, consagrado a José María Eguren, revela-nos a personalidade assaz curiosa de um poeta peruano inteiramente desconhecido no Brazil, e de quem diz o critico: "Hispano-america deberla oír más su nombre y España tambien". De Ruben Darío escreve no ensaio que vae de pagina 119 a 208: "Tal es la notable figura que de tal modo dominó una época que su nombre sólo sirve para caracterizala... CríSTALLZó en sus versos una época: transformó un lenguaje; infundió nueva vida a la muza castellana; conservó su propria personalidad a tiempo que se asimilaba y absorbia todas las corrientes que surgían durante su evolución; llega a ser, com hemos visto, una figura legendaria, aun en vida. Puede equipararsele no sólo a los más grandes poetas que han escrito en lengua castellana, sino tambien a los maestros de la poesia universal..." O seu julgamento sobre Rodó é este: "Irradiación, serenidad, unas miras clarísimas apesar de su profundidad, sociologo clasico, combinado com um concepto dinámico de modernidad, juventud intelectual eterna: he ahí los atributos distintivos de un pensador cuyo influjo no deberia limitarse a la lengua española." Chocano, o cytharedo de *Alma America*, tem tambem um lugar distincto na galeria de Goldberg, que, embora lhe faça certas restricções e contenha o excessivo entusiasmo dos que o proclamam o poeta da America, o considera admiravelmente dotado para a arte. Acerca de R. Blanco-Fombona, Goldberg, no capitulo VI, que abrange as paginas 344 a 414, e é o ultimo do livro, externa conceitos que temos o prazer de verificar coincidem com o julgamento que ha tempos formulamos aqui sobre o poeta, critico, romancista, sociologo e polemista venezuelano. "Fombona es una de las primeras figuras de hoy. Extraña figura humana: poeta de acción, poeta de pensamiento, complejo de alma lo mismo que de obra, muy del presente, no poco del pasado y algo del porvenir. Su vida está llena de erros, pero no menos llena de gloria. Vivió al minuto y vivió intensamente; a menudo se equivocó, pero nunca fué injusto a sabidas. Amigos y enemigos supieron siempre cuál era su actitud: es francamente sincero... Es todavía hombre joven, aunque ha cambiado, naturalmente, apaciguando-se con el trascurso de los años. A inenos que acontecimientos futuros le obliguen a lanzarse a puros polémicos, parece destinado a crear poesia y novela de valor distintivo y perdurable." Este capitulo é imprescindível a quem deseje melhor conhecer a robusta, singular e suggestiva personalidade de Rufino Blanco-Fombona. Ahí está uma rapida noticia, em que consiste o livro de Isaac Goldberg, conhecedor profundo da litteratura hispano-americana, critico sizudo e bem orientado, e escriptor que sabe o que diz e se exprime com grande poder de convicção. Terminada a leitura da obra do auctor norteamericano, lembramos com tristeza do estado de degradação ou de miseria em que cahiu a critica no Brasil, conflada a escribas sem letras e sem probidade.

Francisco Rivas Vicuña: **LAS GUERRAS DE BOLÍVAR.** Primera guerra, 1812-1814. Formación del alma venezolana. Editorial Victoria, Caracas, 1922. O A. é ministro plenipotenciario de Venezuela no Chile e a obra, que

será segunda de um segundo volume, em que se estudarã a formação da patria venezuelana, foi mandada publicar por ordem e conta do governo do general Vicente Gomez. A bibliographia boliviana é hoje assaz copiosa, e este volume de L. Francisco Rivas Vicuña é trabalho meritorio, sério e honesto que terá lugar distincto entre os innumerios livros, monographias e ensaios que se escreveram nestes ultimos annos sobre a extraordinaria figura de Simón Bolívar, promovedor da Independencia das republicas americanas de origem castelhana e formidavel dominador de povos. O autor da obra em questão pretende emprehender um estudo em que o Libertador appareça "desnudo para que se vean sus cualidades y sus defectos, para que se aprecie al hombre que trazó rumbos de libertad y de unión americana, al que acaricló ideales que entonces se llamaron locuras y que se van realizando gradualmente" Firmado nesse proposito e com a melhor vontade de não desviar-se de seu ponto de partida, o A. reconhece que a sua tarefa é ardua, difficil, sobremaneira delicada: "Hay errores en sua obra y los manifestaremos para que no se incurra en ellos; hay grandes directrices morales y politicas y las acentuaremos para que sirvan de regla a los responsables que dirigen a los pueblos. La tarea integral es ardua; debemos seguir el Libertador desde su alegre mocedad, casi libertina, hasta el abatimiento final en que la abandonó el cuerpo que dió al servicio de su cauza y en que cayó en vértigos su espíritu ante el abismo de la mesquindad de los hombres. Iremos por sus huellas, paso a paso, midiendo a cada instante de modo que las humildades de los días de preparación no influyan para juzgarle en las magnificencias de su mayor potencialidad. Trataremos de apreciar cada acto unicamente com las responsabilidades del momento, para que de este análisis se derive la enseñanza exacta que perseguimos. Ardua es la tarea, digimos, y hoy nos concretamos el estudio de las jornadas de 1812-1814 en las cuales el esfuerzo, el patriotismo, la ambición de Bolívar, si se quiere, fundieron el molde de algo que no existió antes de él". Com intelligencia com brilho e, até certo ponto, com imparcialidade, L. Francisco Vicuña conseguiu levar a cabo a primeira parte da sua tarefa, que é a de mostrar qual o papel de Bolívar na formação da alma venezuelana. O A. sahiu-se, pois, galhardamente da empreza, o que faz augurar-lhe equal éxito para o segundo volume de sua obra, destinada á formação da grande republica, patria do Libertador. Trabalhos como *Las guerras de Bolívar* honram á cultura historica no continente.

Antonio Caso: **DISCURSOS A LA NACION MEXICANA.** Libreria de Porrúa, Mexico, 1922. Figura das mais insinuantes da moderna geração. Antonio Caso é ao mesmo tempo um dos mentores mais acatados da "elite" intellectual mexicana, que tem nelle um guia esclarecido, seguro e cheio de fé. Reitor da Universidade Nacional do Mexico, membro correspondente da Real Academia Espanhola e do Instituto Internacional de Sociologia, até hoje publicou os seguintes livros: *Problemas filosoficos, Filósofos e doctrinas morales, El concepto de ley natural, La existencia como economia, como desinterés y caridad* e *Dramma per musica*. Os *Discursos*, mais talvez que qualquer outro de seus livros, dão uma medida da força do seu talento, extensão de sua cultura e de seus nobres, altivos e generosos ideaes. Antonio Caso é ao mesmo tempo um pensador e um homem de fé, e, principalmente, um reformador, optimista, e cheio de uma grande confiança na grandeza maior de sua patria. Falando á forte nação mexicana, é orientado por um nacionalismo são, abundo, generoso e constructivo. Neste livro, encontram-se discursos e estudos sobre a cultura latina e nossa America, o genio espanhol, o descobrimento da America, catholicismo, jacobinismo e positivismo, o bovarismo nacional, Justo Sierra — o amante, o sceptico e o historlador, educação, etc. Teremos aqui occasião de tratar mais longamente de Antonio Caso e de seu formoso labor philosophico e reformador.

Juan Ruiz de Alarcon: **LOS FAVORES DEL MUNDO.** Cultura, Mexico, 1922. É uma edição comedia do dramaturgo mexicano Alarcon, que, com Lope de Vega, Calderón y Tirro de Molina, representa o theatro classico espanhol, rico e artificioso. Nascido no Mexico em 1581 ou 1586, onde viveu até o



tal, que os Srs. Monteiro Lobato & C. editaram com sensível carinho e onde as mesmas qualidades de perquiridor e plasmador vigoroso de alma fixam com brilho curiosas creaturas que a vida sacoleja em fraquezas moraes, arrebatamentos e paixões doentes. *De que morreu João Feital* é a historia de um amor sem jubilo. E' a paixão de João Feital, um pobre funcionario, pela Gracinha, filha do velho Cezidio Casanova, tambem funcionario do Estado. Feital é tímido e emotivo, fraco e palerma. Gracinha namorava o bacharel Eleuterio Guerreiro, que um dia zarpa para Alagoas (o romance transcorre em Pernambuco) e a abandona. Augmenta a paixão de João Feital, que um dia a pede em casamento, vencendo a ambição materna, que só vê bom casamento com "moço formado". Feital tira a sorte grande, é promovido, enche-se de felicidade. E mesmo feliz é pusilanime, cobarde, indeciso e molengo. A' propria noiva, a sós, pergunta um dia: "Quando nos casarmos consentirá você ao menos em que lhe beije? Os dias correm. Eis que apparece em Recife o Dr. Guerreiro, que suppunham casado já. Gracinha rememora o amor e a ingratição do bacharel e agarra-se-lhe de novo ao coração, sabendo-o solteiro ainda. João Feital vê que é um homem ao mar. Gracinha rompe o compromisso. Elle roja-se-lhe, pequenino, aos pés. Amargura-se, pensando de amor. O Dr. Eleuterio triumpho. Uma noite João Feital, por uma denuncia, vai surpreender, a deshoras, o Sr. Guerreiro e Gracinha, á janelia, em colloquio. Arremette contra Gracinha e o outro. Lucta, promove escandalo. Enlouquece. Foge uma noite do hospicio e da ponte de Santa Izabel atira-se ao rio, de onde "tres dias depois foram eutral-o a meio da agua verde, inchado, deforme, olhos comidos, a face livida e horrivel". No decorrer do romance surgem almas curiosas como a da mãe de Gracinha, a do pai, coronel Cezidio; a do Jesualdo Fragata e do proprio Dr. Guerreiro. *De que morreu João Feital* é, finalmente, um bello romance, honrando a litteratura pernambucana e augmentando os meritos intellectuaes de Lucilo Varejão

**LE LIVRE DES LIVRES.**

Esta anthologia critica mensal das novas obras litterarias, de que cada numero contem a critica, a analyse e importantes trechos extrahidos dos volumes recentemente publicados em França, proporciona uma leitura variada, de actualidade e permite pôr-se rapidamente ao par das novidades e fazer-se a escolha com criterio. E' bem util uma tal revista em uma época em que tudo é tão caro. Recomendamos particularmente o *Livre des Livres* ás pessoas que não têm tempo para ler, nem mesmo percorrer os volumes novos e que não querem — ou não pôde compral-os e que se acham no emtanto, pela sua situação social, sua profissão ou seu simples desejo de entreter a sua cultura litteraria, na obrigação de conhecer convenientemente a produção contemporanea.

As assignaturas para o Brazil são de 16 francos por anno e 8 fr. 50 para seis mezes, sendo, porém, provavel que este baixo preço venha a ser augmentado no correr do anno. Ainda restam algumas raras colleções dos 23 primeiros numeros, que são enviados para o extrangeiro mediante 32 francos; ellas contem a critica, a analyse e trechos de mais de 350 volumes recentes, na maioria assignados por escriptores cujas obras um letrado não pôde ignorar. Uma escolha de 12 numeros é remetida mediante 16 francos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Sr. Gaston Moussé, 8 rue du Marché des Patriarches. Pariz — Ve. — França.



REVUE DE L'AMERIQUE LATINE, janeiro de 1923, Pariz. Esta revista publica-se sob a direcção dos Srs. Ernest Martinenche, Charles Lesca e Ventura Garcia Calderon. O sumario deste numero é assás interessante. Nelle figuram, entre outros, um artigo de Garcia Calderon: *Sur l'esprit des lettres co-*

loniales e um estudo de Napoléon Pacheco, intitulado *Les courants littéraires de l'Amérique Centrale*. Dominique Braga occupa-se da *Démographie Brésilienne*, e Marios André continúa o seu ensaio sobre *Bolívar et la Démocratie*. Ainda a assignalar: *Le roman français contemporain*, de Pierre Mille. O noticia-rio é, como sempre, muito copioso e escolhido.

**LE MONDE NOUVEAU**, 1 de Janeiro de 1923, Pariz. Esta interessante publicação, dirigida pelo Sr. Gustave Louis Tautin, insere em cada numero materia digna de leitura. No fascículo em questão, destacam-se os seguintes trabalhos: *En Rhénanie*, de Jean Ajalbert, da Academia Franceza; *Comment doivent écrire les philosophes*, curioso inquerito organizado por Constant Bourquin, com as respostas de Pierre Lasserre, André Lalande e Frank Grandjean; *La question linguistique en Belgique*, por Elie Baussart; e *Le problème du féminisme*, por Fernand Merlin, etc. A quinzena internacional compõe-se de uma serie de chronicas politicas, artisticas e sociaes assignadas por J. Ernest-Charles, Paul Souchon, Henri Asselin, Raoul Monnanon e outros. Traz ainda como supplemento o romance inedito, fascículo á parte, *La séparation des races*, de C. T. Ramur.

**THE NEW WORLD**, novembro e dezembro de 1922, Londres. O sumario deste numero contem: *Lloyd Georges downfall and the near cast*, pelo editor; *The conflict between England and Europe*, por Léon Joge; *An intercolonial policy*, por Albert de Pouvourville; *The New America*, por Denis Gwynn; *Trade-unionism in Sweden and Dinamarca*, por Paul Louis; *The men of tomorrow in Italia*, por Montecitorio; e *Great-Britain and the Rhenè*, por Paul Vinereu.

**NOSOTROS**, dezembro de 1922, Buenos Aires. E' esta uma das melhores publicações do continente, e o seu sumario é sempre variado, nelle figurando nomes dos mais representativos da litteratura e das sciencias sul-americanas. Destacam-se neste numero os seguintes trabalhos: *La filosofia de la historia y la biologia*, de Roberto Cabrea; *La nueva generacion literaria franceza*, de Nicolás Beaudouin; *Los nuevos pintores de Italia*, de B. Galindez; e *El hombre que habla*, de Francisco Romero. Traz varios poemas, uma interessante chronica da vida intellectual franceza por Francis de Miomandre, Ponce; *Alejandro Venegas*, de Armando Do-commentarios, noticias, etc.

**REVISTA DE FILOSOFIA**, novembro de 1922, Buenos Aires. O sumario deste numero é este: *Doctrinas de Levy Brühl*, de Anibal Pome; *Alejandro Venegas*, de Armando Donoso; *La sociologia de Ramos Mejia*, de Raul Orgaz; *Scalabrini y el comtismo*, de Victor Mercante; *La filosofia en el Ecuador colonial*, de Isaac Barrera; *Las revoluciones franceza y rusa*, de Gabriel Moreau; *Evolucion ideologica de Costa Rica*, de L. Felipe Gonzalez; e *Por la union latino-americana*, de José Ingenieros. Esta revista, dirigida por Ingenieros, é uma das mais brilhantes manifestações da actividade mental argentina.

**LA PLUMA**, dezembro de 1922, Madrid. Além de varias chronicas litterarias, assignadas por Mario Puccini, Paul Colin, Massó Ventos, Guillermo Jiménez e outros, publica este numero trabalhos ineditos de Ramon del Valle-Inclán, Diez Canedo, Luis Fernández Ar-inclán, Ramón Gomez de la Serna e Juan Jimenez, destacando-se o estudo de Rivas Cherif sobre a obra de Benevente e o premio Nobel.

**A NAÇÃO PORTUGUEZA**, novembro de 1922, Lisboa. Dirigida por Antonio Sardinha, esta revista de cultura nacionalista é superiormente redigida e orientada. Todos os mezes insere estudos, ensaios e artigos que se recommendam pela escolha dos assumptos, pela sua elevação ideologica e pela sua moderna orientação philosophica. Os melhores nomes da peninsula nella collaboram. Os principais artigos do sumario do numero de novembro são estes: *Hispanismo y Nacionalismo*, de Angelina Palma; *El áutivo de Obidos*, de Marquês de Lozoya; *Estudios de filosofia*, de Avelino Soares; *A mulher e o sentimento do amor em Antero de Quental*, de Branco Chaves; *A questão Gomes Freire*, de Rodrigues Cavalheiro; e *Questões da historia*, de Antonio Sardinha. E' publicação que honra á cultura peninsular.



**O presente da França á Academia**

De pé, numa commovida emoção, os membros da Academia Brasileira de Letras, ouviram a communicação que lhes fez o embaixador de França, da offerta á doutissima companhia do *Petit Trianon*, com quasi todos os seus valores, os seus gobelins, os seus Sévres, as suas tapeçarias e moveis antigos, num valor de mais de dois mil contos. Finda a communicação, os immortaes saudaram effusivamente a França, o presidente Millerand, o Sr. Poincaré e o embaixador Conty, entre as mais vibrantes aclamações. O gesto de fidalguia da França é um motivo de alegria para todo o Brasil, que nelle vê uma homenagem á sua intellectualidade, que sempre exaltou a grande Patria, como o centro da cultura occidental, sobretudo do genio latino, que irradia como flôr maravilhosa da ilha de França. O formoso palacio da Avenida das Nações, que reproduz o *Petit Trianon* de Versalhes, abrigando a nossa mais alta corporação litteraria, será um symbolo da França generosa e fecunda, cujo genio tem sido orientador e guia de nosso espirito, bem como o vehiculo de nossa cultura, porque através de seu bello idioma temos formado nossa mentalidade, no contacto com o mais largo universalismo. O edificio doado á Academia de Letras reproduz fielmente o *Petit Trianon*, de Versalhes, construído em 1766. Sua ornamentação interna obedece ao estylo do grande seculo e é um primor de graça, de finura e de bom gosto. Passamos a dar uma discrição do palacio, de suas colleções e preciosidades, afim de que se possa estimar a admiravel offerta da França ao Brasil, na entidade illustre de sua Academia de Letras:

"Este palacio contem em primeiro lugar, as colleções emprestadas pelas Manufacturas Nacionaes de Sévres e dos Gobelins, o Garde-Meuble National, a Imprensa Nacional e a Administração das Moedas e medalhas.

A Manufactura Nacional de Sévres, que foi fundada em 1738, adquiriu rapidamente, no 18º seculo, uma fama mundial.

Como peças desta época, figuram no palacio os grupos de 'Pygmalião e Galathéa' de Falconnet; 'Apollo e as Musas', 'O Amor e a Nympha', a peça central do 'Surtout' dos Peixeiros, de Boizot, e o 'Surtout' da Casa de Blondeau, segundo Ouduy.

A Manufactura de Sévres, que se tornou estabelecimento nacional desde 1871, é hoje o verdadeiro 'Conservatorio das Artes Ceramicas', como Alexandre Brogniat, queria que ella fosse. Entre as peças modernas emprestadas por esta Manufactura distinguem-se os grandes vasos de crystallizações cambiantes, as peças em vermelho de cobre, os biscuits e grés, taes como a 'Fonte das rãs', de Max Blondat, a 'Roda de creanças', de Dalar, o Terme de Jardim de Maignan.

A Manufacture Nationale dos Gobelins, fundada em 1662, está ainda representada, no palacio, por tres bellos painéis de Boudry.

O Mobilier National emprestou uma obra extraordinaria, que é a celebre tapeçaria 'A batalha d'Arbelles' que faz parte da celebre colleção das tapeçarias de Gobelins, representando a vida de Alexandre, trabalho de Lebrun. Além das obras emprestadas pelas administrações nacionaes, acima citadas, admiraveis mobiliarios, objectos de arte, gravuras e estampas foram emprestados graciosamente pelos seguintes colleccionadores francezes: srs. Guérault, Guiraud, Henry-Blanchon, Jansen, Jonas, Kraemer, Lacarde, Maya-Reinon e Arnold Seligmann.

Graças a actividade do sr. Donarche, secretario geral do commissariado, o sr. E. Viret ponde, com o concurso precioso dos srs. Jonas e Lacarde, respectivamente presidente e vice-presidente da Camara Syndical de Curiosidade e das Bellas Artes, e do sr. Mayer, presidente da Camara Syndical dos Editores e Negociantes de Estampas Antigas e Modernas, reunir em pouco tempo uma collecção unica, absolutamente, representativa da época do 18º seculo, que pôde ser admirada nos diferentes salões do palacio de honra.

Na grande sala da Exposição estão agrupados, principalmente, os trabalhos provenientes das manufacturas nacionaes. No grande salão estão reunidos, tanto quanto possível, moveis e objectos de arte da época fim Luiz XV até ao meio da época Luiz XVI. Notam-se ahi, entre outros:

Dois moveis de marcenaria do professor Nicolas Petit.

Uma escrivantina do fim da época Luiz XV

Uma bellissima mesa em madeira esculpida e dourada do mais bello estylo da época Luiz XV

Uma mobilia de salão em tapeçaria real de Aubusson, composta de um canapé e seis poltronas. Os espaldares são ornados de pequenos personagens e os assentos representam fabulas de La Fontaine.

Uma maravilhosa tapeçaria dos Gobelins de mais puro Luiz XV, segundo os cartões de Vain, atelier de Cozette.

Uma bella tapeçaria da mesma época, com assumptos chinezes segundo os cartões de LePrince, que deve ser oriunda dos ateliers da Manufactura de Aubusson. Não deixaremos de assignalar uma pequena peça chamada "Bonheur du Jour", movel muito em voga nas épocas Luiz XV e Luiz XVI.

Ha ainda segundo refere Viret:

Dois retratos representando as duas irmãs de Maria Antonieta — Maria Christina e Maria Josephina; quatro garrafas crystal chinez; um busto em marmore de Voltaire e uma Diana em bronze obras de Houdon; um relógio Luiz XVI, Sévres; dois candela-bros de bronze dourado, época Luiz XVI; um cofre de joias offerecido por Maria Antonieta a uma sua dama de honra; um consolo em vinhatico, trabalho de Weiswerller e Resenen; duas pequenas commodas, de Victor Lacroix; um consolo em madeira esculpida e dourada, de Lemarchand, época Luiz XVI; seis poltronas de madeira, assignadas Bove cobertas com uma tapeçaria de Beauvais.

O 3º salão está ornamentado com uma mobilia em laqué vermelho e coberta de uma tapeçaria feita á agulha, de assumpto de Téniers, assim como quatro bellos paineis em tapeçaria de Aubusson, e um delicioso retrato de homem por Drouais.

Uma grande parte dessas riquezas ficarão pertencendo á Academia que, graças á França, vae d'oravante pensar e trabalhar num quadro digno da sua augusta missão.

#### Academicos mortos

Os Srs. Luiz Pereira Barreto e Oscar Freire de Carvalho, fallecidos ha poucos dias, eram membros respectivamente da Academia Paulista de Letras e da Academia de Letras da Bahia. Na Academia Paulista era Luiz Pereira Barreto, o seu decano desde a fundação. Installada em 1909, a Academia perdeu até hoje nove de seus fundadores, entre os quaes o presidente, Barão de Brasília Machado, e o secretario geral, Dr. Joaquim José de Carvalho. Além da vaga de Luiz Pereira, acha-se tambem aberta a de Wenceslão de Queiroz, fallecido ha dois annos. Na Academia Bahiana, não estando ainda occupadas as cadeiras que pertenceram a Borges dos Reis, Torquato Bahia e Pacifico Pereira, é esta a quarta vaga que se abre.

## ASSOCIAÇÕES SCIENTIFICAS & LITERARIAS

### Varnhagen

A 17 deste mez o Instituto Varnhagen celebrará a data do nascimento de seu grande patrono, com uma sessão civica, em que o Sr. Celso Vieira fará uma conferencia sobre a obra do notavel historiador brasileiro, devendo o Sr. Rocha Pombo justificar então a existencia da nova sociedade de estudos brasileiros, que tomou o nome de Varnhagen, como symbolo dessa renovação de nossa cultura, em bases nacionaes, de que o visconde de Porto Seguro foi um dos mais insignes pauladinos.

Francisco Adolpho de Varnhagen, visconde de Porto Seguro, nasceu em Ipanema, no Estado de S. Paulo, a 17 de fevereiro de 1816, falleceu aos 59 annos, a 29 de junho de 1878, em Vienna da Austria, onde occupava o cargo de ministro do Brasil.

No monte Araçoiaba, ex-Ipanema, no qual desejava Varnhagen ser sepultado, existe uma cruz de ferro fundido com estas inscripções:

Na frente do pedestal:  
*A' memoria de Varnhagen  
Visconde de Porto Seguro  
nascido na terra fecunda descoberta por  
Colombo*

*Iniciado por seu pai nas coisas  
grandes e uteis  
Estremecceu sua patria e escreveu-lhe a historia.*

*Sua alma immortal reúne aqui todas  
as suas recordações.*

Do lado opposto:  
Nasceu nesta fabrica  
a 17 de fevereiro de 1816  
Falleceu  
a 29 de junho de 1878 em  
Vienna d'Austria  
onde repousam seus restos  
mortaes.

Essa cruz e essas inscripções foram collocadas em 1882, pouco depois da morte do illustre historiador, graças ao piedoso zelo de sua viuva e em cumprimento a determinações expressas do proprio finado. Apesar dos desejos de Varnhagen, tão patriota e tão bairrista, que se proclamava nos seus escriptos, á guiza de titulo honorifico "paulista de Sorocaba", os seus restos continuam na capital austriaca. Poucos annos antes do seu fallecimento, estando no Brasil, foi Varnhagen a Ipanema visitar o seu berço natal. Uma das primeiras preoccupações do novo Instituto, logo que tenha completado sua organização definitiva, é a de repatriar os restos mortaes do seu patrono, para o que envidará todos os esforços, contando com o auxilio de todos os brasileiros interessados nessa obra de culto aos grandes vultos de nossa terra.

Reproduzimos, a seguir, a noticia sobre a constituição do Instituto, que foi publicada na "Revista da Semana" e que é uma synthese admiravel das intenções de seus organizadores, postas em relevo pela penna de um dos mais notaveis escriptores modernos: "Acaba de fundar-se, elegendo a sua primeira directoria na sessão installadora realizada no salão nobre da Sociedade de Geographia, esta nova instituição dedicada ao estudo da historia patria.

O estatuto da nova agremiação erudita revela o criterio amplamente nacionalista a que subordinará a sua acção, esforçando-se por influir salutarmente no fortalecimento da consciencia nacional pelo conhecimento das origens e formação da nacionalidade, determinando que sejam brasileiros todos os seus membros effectivos e creando um Conselho Consultivo em que terão representação os historiadores nacionaes e estrangeiros cuja cooperação possa ser util á efficacia dos nobres objectivos da instituição. Aquelle bem-fazejo nacionalismo assim se caracteriza por um franco internacionalismo no dominio da cultura e por um patriotismo militante no aproveitamento e difusão dessa cultura, sem quaesquer ligações e sem possível confusão

com a monstruosa concepção de um nacionalismo xenophobo, que por ahi andou a agitar bandeiras jacobinas, hasteadas por alguns desvaírados.

A invocação do nome do seu glorioso patrono vale, aliás, por um programma. Nenhum historiador teve mais do que o autor glorioso da *Historia Geral* o sentimento penetrado do nacionalismo. Entretanto, Varnhagen era filho de um official allemão, contratado pelo governo de D. João VI para dirigir a primeira tentativa em grande escala da fundição dos metaes, e a sua vida decorreu em grande parte no estrangeiro, tendo exercido cargos diplomaticos em Lisboa, onde iniciou a sua carreira, em Madrid e em Vienna d'Austria. Accusado, uma vez, pelo eminente D'Avezac, de subordinar demasadamente a um criterio nacionalista a sua visão da Historia, Varnhagen respondeu triunphantemente que andaria errado se tentasse interpretar os acontecimentos historicos brasileiros com um sentimento diverso daquelle que havia originado e conduzido esses proprios acontecimentos. Elle considerava a formação da nacionalidade brasileira como uma obra portugueza e, esquecendo a sua origem allemã, tenazmente procurou sempre impregnar-se do sentimento da raça para lhe comprehender e exaltar os grandes lances.

De justiça seria que a nova academia de estudos historicos começasse por promover e dirigir a reedição annotada de toda a obra do seu illustre patrono, obtendo do eminente Capistrano que concluisse as annotações da edição definitiva da *Historia Geral*, paralisada no 1º volume, e diligenciando revelar o paradeiro dos manuscritos e da bibliotheca de Varnhagen, na qual se incluíam especíes archi-raras, como o exemplar da edição *princeps* da *Lettera* de Vespucio a Soderini, de que só existem, incluindo o de Varnhagen, cinco exemplares conhecidos.

Com excepção dos raros eruditos que se dedicam ao estudo da Historia, o Brasil desconhece quanto o nome do seu glorioso historiador é mundialmente venerado. Ainda hoje se reconhece impossivel escrever sobre assumptos da geographia historica americana sem citar o nome illustre de Varnhagen, e muitas das suas opiniões, ainda mesmo as que recentissimos estudos reconhecem erroneas, influem e dominam nas obras de sabios de renome universal como Vignaud, cuja ultima obra dedicada a Vespucio não é mais do que a consagração das doutrinas de Varnhagen.

Muito ha a esperar da nova instituição dedicada aos estudos da Historia, não só pelo patriotico espirito que a anima como pela directriz que orienta os seus fundadores, quasi todos influenciados pelas idéas que renovaram as concepções politicas nacionaes no decurso do ultimo decennio.

Dir-se-ha que o Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro constitue um gremio de gloriosas tradições, ha muito mais de meio seculo votado ao estudo da historia patria, e que a sua longa existencia, tão intimamente vinculada á nossa erudição historica, imprime um caracter de redundancia á novissima instituição. Porém a existencia simultanea de duas agremiações dedicadas a estudos congeneres, longe de ser prejudicial nos parece benefica, tanto mais que tudo parece indicar que o Instituto Varnhagen representará uma corrente de idéas mais penetrada do sentimento das novas gerações de letrados, com menos academismo, um espirito menos estatico e uma concepção social mais pratica dos estudos da historia. A verdade é que a influencia erudita e cultural do Instituto Historico não conseguiu neutralizar uma corrente de descrédito das nossas origens, que chegou ao extremo de glorificar a traição de Calabar e de generalizar a creença de que foi com rebotalhos de carcere que se creou a primeira população branca do Brasil.

E' com a mais benevola e sympathica expectativa que aguardamos a acção do Instituto Varnhagen, cuja primeira directoria, acclamada em assembléa geral, ficou assim constituída:

Presidente perpetuo, Rocha Pombo; 1º vice-presidente, Celso Vieira; 2º vice-presidente, Genserico de Vasconcellos; 3º vice-presidente, Ronald de Carvalho; secretario geral perpetuo, Elysió de Carvalho; 1º secretario, Renato Almeida; 2º secretario, Ribas Carneiro; thesoureiro, Theophilo de Albuquerque; bibliotecario, Jorge Jobim; chronista, Gustavo Barroso.

Bastaria que o Instituto Varnhagen pudesse influir na pessimista interpretação que da nossa historia retrospectiva geralmente se encontra nos manuaes de ensino — difundindo nas novas gerações um salutar orguho pela acção dos seus antepassados, como base opti-

mista de uma fecunda esperança no porvir — para que a sua obra merecesse incondicionaes louvores.

**Instituto Archeologico de Recife**

Commemorando o centenario da nossa Independencia politica, a *Revista do Instituto Archeologico de Pernambuco* publicou um numero especial, com 636 paginas, onde são registrados todos os acontecimentos importantes da historia de Pernambuco. O sumario dessa valiosa publicação é o seguinte: *Chorographia de Pernambuco*, por Mario Mello, com 143 paginas, trabalho em que faz uma summula historica de Pernambuco, trata da geologia, da orographia, de inscrições hieroglyphicas, da potamographia, da linographia, da Costa e suas fortificações, da historia militar, dos portos, da nesographia, do clima e salubridade, dos reinos mineral, vegetal e animal, das origens e graphias do nome "Pernambuco", das raças aborigenes das diretrizes e povoamento do solo, das phases administrativas (capitania a Estado), apresentando uma relação completa dos capitães generaes, presidentes de provincia e governadores das correntes immigratorias, dos limites da superficie, da população, da organização politica da historia judiciaria, das religiões, com uma lista dos bispos e arcebispos, da agricultura com uma relação dos engenhos e usinas da pecuaria, da industria, da viação, do commercio, das moedas, pesos e medidas, do regimen fiscal, da instrucção do estado actual da civilização em Pernambuco: seus homens notaveis e uma nomenclatura dos municipios, cidades, villas e povoados de Pernambuco; *Ethnographia*, por J. A. Corrêa de Araujo, com um estudo completo sobre os Indigenas de Pernambuco sua lingua, seus caracteres, organização politica, industria, agricultura, suas idéas moraes, costumes das tribus, etc.; *A religião dos indios e dos negros de Pernambuco*, pelo Abbade D. Pedro Roeser, com as credences populares dos indios, dos africanos e dos sertanejos; *Os quilombos dos Palmares*, por Manoel Aarão, com um estudo perfeito sobre a chamada Troya negra, sua organização, suas guerras e os feitos, através da lenda e da historia; *A revolução republicana de 1817*, por Vicente Themudo — synthese admiravel desse momento precursor da Independencia; *Apontamentos para a historia ecclesiastica de Pernambuco*, pelo Conego José Barata, estudos que abrange toda a histicia catholica de Pernambuco e analisa a acção do clero durante 500 annos de nossa vida; *Religiões catholicas de Pernambuco*, pelo Professor Jeronymo Guelros, trabalho synthetico em que traça o movimento reformista, desde o periodo hollandez e analisa as igrejas protestantes do Estado e seu desenvolvimento; *Litteratura pernambucana*, pelo conego Xavier Pedrosa, estudo seguro sobre a vida litteraria de Pernambuco desde Bento Teixeira até nossos dias; *O theatro em Pernambuco*, pelo Dr. Samuel Campello, com peculiaridades sobre o apparecimento do theatro em nossa terra, estudo sobre as casas de theatros passadas e actuaes, sobre os amadores, os escriptores theatraes, os artistas que têm passado em Pernambuco, os que aquil morreram e episodios theatraes.



**A arte brasileira em Paris**

A arte brasileira, que tem nestes ultimos annos, começado a despertar em Paris o interesse que merece, acaba de receber uma nova consagração na pessoa de dous esculptores brasileiros, o Sr. Brecheret e a senhorita Adriana Wolkowyski-Janacopulos. O que é de notar mais particularmente, é que essa consagração não vem do "Grand Salon" da

arte official, em que os "pompiers" acham sempre um lugar, quando apoiados por alguma recommendação de peso. E' no independente e vivo "Salon d'Automne" que os nossos patricios acharam um lugar para exporem suas obras. Sentimos não conhecer o Sr. Brecheret, cuja obra exposta, o busto de Mme. Z... "não é nem desprovido de firmeza nem de synthese no perfil, nem de intelligencia"; nem tampouco a senhorita Janacopulos, cuja esculptura revela um temperamento consciencioso de artista minuciosa e delicada, mas que não é atormentada por uma originalidade extrema", diz o Sr. Raymond Cogniat: Esperamos ver em breve aqui as obras desses dous artistas nacionaes, para lhes consagrar o estudo mais aprofundado que com certeza merecem.



**Embaixador Souza Dantas**

O embaixador Luiz de Souza Dantas tomou posse do seu novo posto em Pariz, e é-nos verdadeiro prazer ver a unanimidade com a qual a imprensa, toda a imprensa parisiense, sauda o nosso illustre representante.

Entre tantas bemvindas dadas ao novo embaixador na capital franceza, merece especial menção a da "Revue de l'Amérique Latine", cujo artigo se reveste de um valor particular, considerando-se a personallidade dos seus collaboradores. "Se o Sr. Souza Dantas, escreve espirituosamente essa revista, quizesse parodiar Luiz XVIII, poderia, tomando posse do seu posto em Pariz, dizer como elle que isto não significa senão mais um parisiense na cidade. E' parisiense no sentido o mais largo, isto é, não só um "boulevardier" que todos cumprimentam entre á rua Drouot e a Concordia, como tambem um homem sensível á todas as manifestações da vida intellectual, um artista, um admirador da França, estimado, ouvido pelos nossos homens de letras, pelos nossos actores e tambem pelas nossas actrizes. O Sr. de Souza Dantas foi amigo de todos os que contam verdadeiramente em Roma, de Gabriele d'Annunzio entre outros: já o é em Pariz de toda uma elite intellectual. Posto que aquil gostamos das anticipações, é pouco arriscado predizer que o novo embaixador fará tão boa figura nos meios diplomaticos quanto no salão branco da comedia franceza ou no "foyer" da opera. Mas, dirão, a missão de embaixador será compativel com tantas actividades diversas? Como havia elle de sorrir da objecção, este romano de hontem, acostumado com todos os palacios patricianos da cidade Eterna, que colheu, durante a sua carreira, maior numero de resultados do que cem burocratas laboriosos! Deixou na Italla uma obra fecunda: um tratado de emigração cujas consequencias são importantissimas. A amavel indolencia aparente, nesse homem encantador, é um bimoto atrás do qual elle trabalha com afinco, concebe com clarividencia e realiza sempre"

Não se pode caracterizar melhor, em tão poucas linhas, o que é o embaixador Souza Dantas que sabe, nessa época sem belleza, conciliar a elegancia tradicional do diplomata com a força realizadora do homem moderno.



**A educação reformadora da raça**

O Sr. Mario Pinto Serva, sob o titulo acima, publicou n'"O Paiz" um artigo sobre a interessante questão da educação physica da raça, que conclue assim: "No aparelho nacional de educação a crear, para lançar as bases do progresso do paiz, é preciso instituir todo um departamento de educação physica para orientar o desenvolvimento esthetico da nossa raça, tornando o Brasil uma terra de homens fortes e mulheres bellas. O Uruguay já instituiu no Governo nacional um Departamento de Educação Physica, porque na vizinha Republica se entende que nada é tão importante no paiz como a formação de uma raça forte e sadia. Quando é que, para nós brasileiros, o Governo começará a cogitar da unica cousa que valha a pessoa nossa, o nosso physico, o nosso corpo, a nossa saude, providenciando a formação de criações normaes e desenvolvidas? O fim ultimo, o Idéal superior de todo Governo deve ser constituir no Brasil uma raça de individuos fortes, bellos, sadios e vigorosos. Entretanto, isto é a unica cousa de que não cogita o nosso Governo, que deixa a nossa raça degenerar, deperecer, atrophiar-se, deformar-se, sem tomar nenhuma providencia, sem cogitar sequer da medida elementarissima de estabelecer um Conselho Nacional de Educação, que ha annos se reclama, que já em 1882 reclamava o conselheiro Ruy Barbosa. Entretanto, não falta ao Governo Federal um departamento zootecnico para cuidar da melhoria das raças da especie bovina e cavallar. Cuida-se mais na administração federal de melhorar a raça de cavallos e bois que a nossa propria. E' o cumulo que o Governo nacional do Brasil gaste mais dinheiro com o melhoramento da raça bovina e cavallar que com o melhoramento da nossa propria raça humana, que em todo este vasto territorio nacional continua ha um seculo sob a acção do processo degenerativo que a vem atacando. Faz-se tudo pelo melhoramento, desenvolvimento e embelezamento dos bois e cavallos e nada pelo melhoramento dos homens e mulheres da nossa raça."



**A missão militar**

O Governo, renovando o contrato com a missão militar franceza, chefiada pelo illustre General Gamelin, recebeu a comprehensão nitida das necessidades nacionaes, organizando suas forças militares, sem propositos expressivos, mas com prudente visão dos interesses da defesa brasileira. A obra da missão franceza, como está na consciencia de todos, tem sido a mais meritoria possivel, renovando a mentalidade de nossos distinctos officiaes e dando aos varios corpos do exercito a eficiencia pratica, de que careciam. Graças a elle, o Estado Maior deixa de ser um aparelho burocratico simplesmente, mas se torna o cerebro do exercito e os officiaes, nas escolas technicas, se vão preparando para os commandos, os mais elevados, ou os mais especializados.

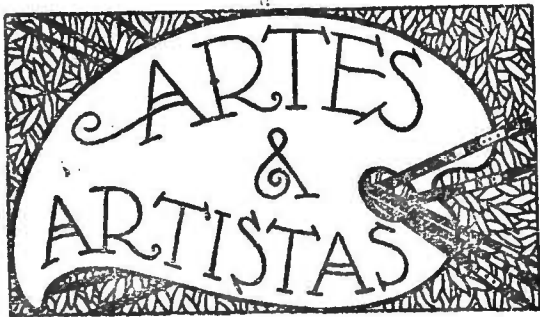
Os primeiros 4 annos, porém, embora proveitosos, não foram sufficientes e, dest'arte, a prorogação do contrato por tempo igual, merece todos os louvores, pois garantirá o exito absoluto da missão, a cuja frente se encontra o General Gamelin, cuja alta competencia logo o impoz como mestre inegavel e organizador eminente. Com taes elementos, teremos completada a nossa reorganização militar.



4

### Decadência do "Bel-Canto"

O conhecido maestro Mascagni, em conversa com Mussolini, fez ver ao chefe do governo de seu paiz, que a opera italiana entrara em franca decadência na America do Sul, cujas platéas preferem o drama lyrico allemão ou francez. Mussolini achou "que esse trabalho contra o teatro lyrico italiano constituia um verdadeiro crime". Mascagni discutiu a questão da concessão de passaportes aos artistas Italianos para o estrangeiro, encarecendo a necessidade de não se permitir a saída de mãos cantores. Mussolini disse-lhe desaprovar a ambição dos artistas Italianos de se exhibirem nas operas estrangeiras e de cantar peças em linguas estrangeiras, principalmente nas grandes cidades. O chefe do gabinete pediu a Mascagni que apresentasse um relatório contendo propostas concretas para a protecção da opera lyrica italiana. Não parece que a questão deva ter esse aspecto, como economico, nem medidas administrativas nos farão preferir a *Tosca* ou a *Lodoetta* a *Siegfried* ou *Pelléas et Melisande*. O que ha, sem duvida, é uma accentuada decadência da musica lyrica italiana, que, salvo uma ou outra excepção, permanece no *verismo* de Puccini e de Mascagni, de um enervante passadismo, hoje intoleravel. As longas arias, com suas *fermatas*, seus agudos e seus gorgeios, que faziam delirar as platéas de antigamente, muito mais incultas do que as modernas, em que pese a opinião em contrario do Sr. Ronald de Carvalho, já se tornaram enfadonhas e banaes, e ninguem mais as leva a serio. Preferimos a musica allemã, franceza ou russa, porque, nesses paizes, a musica evoluiu, de accordo com o seu tempo, e hoje é perfeitamente nova e actual. E' certo que, na Italia, ha musicos modernos, mas esses, por via de regra, são relegados para segundo plano nas temporadas officiaes, em que só nos dão o arsenal *verista*, com uma audacia imprevisita. Depois de Verdi o *bel-canto* se precipitou numa lastimavel decadência e não ha de ser com medidas e providencias da secretaria de estado que resuscitarão essa "arte" envelhecida e detestavel para a emoção nova dos paizes americanos. Não é uma questão administrativa, mas de psychologia de gosto musical...



Dakir Parreiras

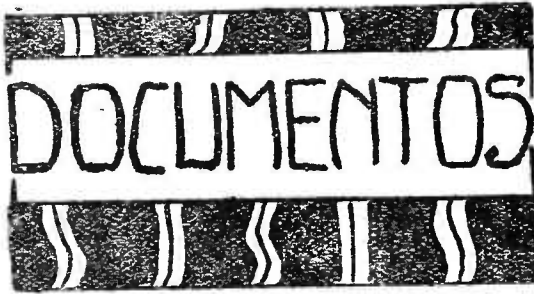
Sobre a exposição, que com grande éxito está fazendo em Recife o joven pintor fluminense Dakir Parreiras, escreveu o seguinte o publicista e crítico pernambucano Sr. Anibal Fernandes:

"Dakir Parreiras abriu hontem no salão da Singer, á rua Nova, a sua annunciada exposição de quadros. E' um artista novo, cheio de audacia, dono de uma palheta rica, pintando largamente os aspectos que directamente o impressionam, sem contemporizações burguezas e sem o fito immediato do negocio e do lucro. O que se percebe de ante mão na sua arte é a honestidade de

seus processos picturaes. Elle podia lisongear o grande publico com os classicos crepusculos, feitos de encomenda, no "atelier"; com os chromos e trabalhos de uma exactidão quasi photographica deante dos quaes tanto se commovem os "gol-disants" amadores e "connaisseurs". A tudo isso preferio ser sincero. Pinta com ingenuidade, sem preocupações, sem rebuscamentos, attendendo principalmente á côr e á intensidade de vida. Por isso a maioria, se não todos os seus quadros, são "esquisses" e pochades. Mas ha nelles a frescura que logo denuncia o verdadeiro artista que elle é. Toda obra de Dakir é um "plein air" delicioso. São os espectadores que acabam os seus trabalhos. Elle fixa de preferencia a sensação perfeita do momento, simplificando-a e synthetizando-a o mais possivel. Nesse particular a sua "maneira" é ainda mais moderna que a do seu pai, o insigne paysagista Antonio Parreiras. E em que reside o caracter da moderna pintura se não na emoção?

— "Essa emoção, escreve Emilia Bayard, accusa um pensamento, um gesto. Um traço, uma mancha, bastam muitas vezes á sua expressão, onde a verdade, a côr, a luminosidade têm uma parte de encanto que desorienta a analyse, mas cujo sabor medito deve satisfazer." As paysagens de Dakir e as duas ou tres figuras expostas demonstram uma factura breve, pessoal, independente. Não se conclua dahi que elle adopte as extravagancias de um futurismo "snob". Nada disso. Póde-se deixar de lado o academismo "pompiere" sem se cair no exagero dadaista. Em resumo a exposição de Dakir revela-nos um talento vigoroso, digno de toda sympathia da parte culta da cidade. De resto, essa não lhe faltou, no entusiasmo com que accorre ao seu certamen tudo quanto Recife conta de mais representativo em questões de intelligencia e de bom gosto.

Oxalá que esse entusiasmo se traduza na aquisição das telas do artista, que junta aos seus talentos de pintor um encanto pessoal irresistivel."



Nova Gazeta da terra do Brasil

Numa das ultimas sessões da Academia Brasileira de Letras, o Sr. Afranio Peixoto apresentou a ultima e sabia obra do Dr. Clemente Brandenburger, que versa assumpto de historia, erudição e philologia, sobre "A Nova Gazeta da Terra do Brasil", um dos mais antigos documentos de nossa existencia civilizada. Data de 1515, a "New zeitung anz Presillandt" e é de extrema importancia, como documento universal, e documento brasileiro. Graças á publicação agora pela primeira vez feita do original traduzido, grande cópia de preciosas induções historicas auctora nossa Historia. A cultura geral lucra uma sabia exposição sobre essas gazetas do Renascimento, de que sahirla a imprensa tão diversa, que veio ao nosso tempo, e tem como avatar, talvez mais proximo no cinematographo, tambem informativo. A parte philologica é compendiosa e altamente importante, pois a "Nova Gazeta", além de palavras estranhas de gyria de navegantes do tempo, contém palavras do alto medio e já moderno allemão, commentadas com sciencia e proficiencia.



### Aos nossos leitores

Para alargar a influencia das nossas campanhas precisamos da collaboração de todos os nossos leitores.

Se querem auxiliar-nos, não basta comprar ou assignar a nossa revista. E' preciso tambem nos trazer novos assignantes. Para compensar os nossos leitores que nos ajudarem, resolvemos *dar gratuitamente uma assignatura de um anno da America Brasileira* a toda pessoa que nos trouxer quatro assignantes novos.

Se o leitor já fôr assignante, a sua assignatura será prolongada de um anno, ou poderá ser attribuida a outra pessoa que nos indicar.

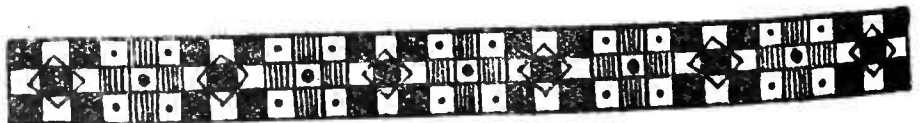
Para as pessoas que nos angariarem oito assignaturas, remetteremos, — além da assignatura gratis — um exemplar da "Brava Gente" ou do *Brasil, potencia mundial*, as duas já celebres obras de Elycio de Carvalho, que têm recebido o applauso unanime da critica brasileira.

Toda correspondencia deve ser dirigida á "America Brasileira", 96, rua 1º de Março, 3º — Rio de Janeiro.

Reunir algumas assignaturas de 10 mil réis é cousa facilima e contamos com todos aquelles que se interessam pelo nosso patriotico esforço.

### O premio Francisco Alves

Continua aberta, na Academia Brasileira, até 30 de Junho proximo, a inscripção dos concorrentes ao premio de dez contos de réis, instituido por Francisco Alves. As obras a apresentar serão monographias sobre o melhor modo de divulgar o ensino primario no Brazil, ficando bem entendido que não se trata de livros didacticos sobre qualquer dos ramos do ensino primario e, sim, de exposição de meios adequados para que o referido ensino se possa diffundir o mais rapida e efficaizmente possivel. As monographias deverão ser entregues á Academia em tres exemplares identicos, impressos ou dactylographados, acompanhados de carta de seu autor, declarando que é candidato ao premio. As monographias pódem ser de qualquer época, deste anno ou de annos anteriores, e os seus autores de qualquer nacionalidade, contanto que as escrevam em portuguez. Os autores pódem imprimir ou dactylographar as suas monographias com seus proprios nomes ou pseudonymos. Neste ultimo caso, o concorrente provará a autoria da obra, para poder receber a importancia do premio. Obedecendo ás condições acima, já se apresentaram quatro concorrentes, do Amazonas, Bahia, Minas Geraes e Paraná. Além dos editaes publicados, a Secretaria da Academia fornecerá informações a quem as pedir.



# LIVRARIA GARNIER

Rua do Ouvidor, 109

Caixa Postal, 618

Rio de Janeiro

## PEÇAM CATALOGOS

### COLLECÇÃO "AUREA"

(Paginas escolhidas dos maiores escriptores)

<i>Machado de Assis</i> , por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc. ....	10\$000
<i>Os Poetas</i> — 2 volumes enc. ....	20\$000
<i>Contos Brasileiros</i> , Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc. ....	10\$000
<i>Visconde de Taunay</i> , por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc. ....	10\$000
<i>José de Alencar</i> , por Mario de Alencar. ....	10\$000

### BIBLIOTHECA SCIENTIFICA

Le Bon — <i>As Opiniões e as Crenças</i> , enc. ....	8\$000
" — <i>Psychologia das Multidões</i> , enc. ....	8\$000
" — <i>Psychologia dos Novos Tempos</i> , enc. ....	8\$000
" — <i>Psychologia Politica</i> , enc. ....	8\$000
" — <i>A Revolução Francaza e a Psychologia das Revoluções</i> , enc. ....	8\$000
Smiles — <i>Ajuda-te</i> , enc. ....	8\$000
" — <i>O Character</i> , enc. ....	8\$000
" — <i>O Dever</i> , enc. ....	8\$000
" — <i>A Economia</i> , enc. ....	8\$000
" — <i>O Poder da Vontade</i> , enc. ....	8\$000
" — <i>Vida e Trabalho</i> , enc. ....	8\$000

LITTERATURA NACIONAL E ESTRANGEIRA, DICCIONARIOS, VOCABULARIOS, GUIAS, ESPIRITISMO, ETC.

UM LIVRO QUE TODO O BRASIL LÊ

E QUE SE DISCUTE NO ESTRANGEIRO

ELYSIO DE CARVALHO

## Os Bastiões da Nacionalidade

Edição do ANUARIO DO BRASIL

Um volume de 400 paginas

Preço: brochura 6\$000 e encadernado 8\$000

A' venda nas principaes livrarias do Brasil

PEDIDOS AOS EDITORES

62, Rua D. Manoel

RIO DE JANEIRO

ACABA DE APPARECER:

ELYSIO DE CARVALHO

## A Realidade Brasileira

ESTUDO SOBRE A PONTENCIALIDADE  
ECONOMICA DO BRASIL E A FINALIDADE DA  
POLITICA NACIONAL

VOL. 64 PAGES. 2\$000

A' venda em todas as livrarias do Brasil

PEDIDOS AOS EDITORES:

S. A. Monitor Mercantil

1.º DE MARÇO, 96, 3.º — RIO DE JANEIRO

# BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

**Casa Matriz: AMSTERDAM**

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro --- S. Paulo --- Santos --- Buenos-Aires --- Santiago do Chile --- Valparaizo,  
Na Allemanha --- HAMBURGO.

**Capital autorizado..... Florins 50.080.000**  
**Capital realizado e reservas..... Florins 22.680.000**

*Fundado pela Rotterdamsche Bankvereeniging  
Amsterdam -- Rotterdam -- Haya*

*Cujo capital realizado e reservas montam em florins a 114.000.000*

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

**II, RUA BUENOS AIRES, 13**

TELEPHONES: NORTE 5356, 5357. E 5358

# Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

**CAPITAL: FRs. 50.000.000**

**CAPITAL REALISADO:**

**Ações Frs. 50.000.000 e Obrigações Frs. 65.000.000**  
**Fundo de reserva: Frs. 12.500.000**

Emprestimo sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por amortisações semestraes com direito de reembolso antecipado.

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento.

**DINHEIRO PARA CONSTRUÇÕES**  
Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos e terreno.

Adiantamento sobre titulos, mercadorias e warrants.

Gerencia de immoveis, cobrança de juros sobre apolices, ações e debentures, guarda de valores, etc.

SÉDE SOCIAL EM PARIS:

**39, BOULEVARD HAUSSMANN, 39**

Séde de Operações e Direcção Geral:

**44, AVENIDA RIO BRANCO, 44 -- RIO DE JANEIRO**

Endereço Telegraphico-BRESIFONCI  
CAIXA POSTAL 1307

TELEPHONES { Directoria N. 4.116  
Secretaria N. 2.085  
Expediente N. 3.750

**AGENCIA:**

**24, RUA S. BENTO, 24 - S. PAULO**



# AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR: Elysio de Carvalho



ACABA DE APPARECER:

ELYSIO DE CARVALHO



# A Realidade Brasileira

ESTUDO SOBRE A PONTENCIALIDADE  
ECONOMICA DO BRASIL E A FINALIDADE DA  
POLITICA NACIONAL

VOL. 64 PAGES.. 2\$000

A' venda em todas as livrarias do Brasil

PEDIDOS AOS EDITORES:

S. A. Monitor Mercantil

1.º DE MARÇO, 96, 3.º — RIO DE JANEIRO

## BANCO HYPOTHECARIO

### DO BRASIL

50 -- AVENIDA RIO BRANCO -- 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes  
á vista e á prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS

## LIVROS ALLEMÃES

ESPECIALMENTE

### OBRAS DE SCIENCIA

DE TODOS OS RAMOS

ARTE, LITERATURA E LEITURA PARA MOCIDADE

GRANDE STOCK

EM

ROMANCES, REVISTAS, CARTOES POSTAES, ETC., ETC.

NA

## LIVRARIA "EDANEE"

A UNICA ALLEMA PARA LIVROS. ARTE E MUSICAS  
RIO DE JANEIRO

112, RUA DA ALFANDEGA, 112

SANTOS

Rua Frei Gaspar, 37-39—Telephone Central 2074

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 97 — Tel. Central. 3ar—Caixa Postal, 1897

# CLICHÉS

PHOTOGRAVURA MODERNA

## TEL. NORTE 462

RUA DA QUITANDA, 161.

# LIVRARIA GARNIER

Rua do Ouvidor, 109

Caixa Postal, 618

Rio de Janeiro

## PEÇAM CATALOGOS

### COLLECÇÃO "AUREA"

(Paginas escolhidas dos maiores escriptores)

<i>Machado de Assis</i> , por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.....	10\$000
<i>Os Poetas</i> — 2 volumes enc.....	20\$000
<i>Contos Brasileiros</i> , Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.....	10\$000
<i>Visconde de Taunay</i> , por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.....	10\$000
<i>José de Alencar</i> , por Mario de Alencar.....	10\$000

### BIBLIOTHECA SCIENTIFICA

Le Bon — <i>As Opiniões e as Crenças</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Psychologia das Multidões</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Psychologia dos Novos Tempos</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Psychologia Politica</i> , enc.....	8\$000
" — <i>A Revolução Franceza e a Psychologia das Revoluções</i> , enc.....	8\$000
Smiles — <i>Ajuda-te</i> , enc.....	8\$000
" — <i>O Character</i> , enc.....	8\$000
" — <i>O Dever</i> , enc.....	8\$000
" — <i>A Economia</i> , enc.....	8\$000
" — <i>O Poder da Vontade</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Vida e Trabalho</i> , enc.....	8\$000

LITTERATURA NACIONAL E ESTRANGEIRA, DICCIONARIOS, VOCABULARIOS, GUIAS, ESPIRITISMO, ETC.

## Economia e Efficiencia

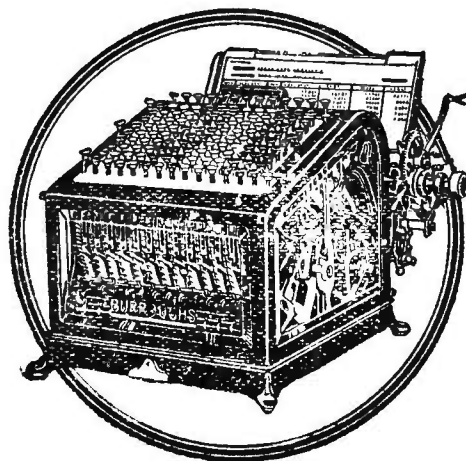
Estatisticas conservadas sem systema algum são mais custosas que statisticas conservadas com um bom systema—o systema Burroughs.

Calculos feitos com lapis ou pena são vagarosos. A Machina Burroughs imprime e somma no mesmo espaço de tempo necessario para escrever os algarismos no papel.

J. E. THOMPSON, Representante  
Burroughs Adding Machine Company

Rua 1º de Março, 106 Tel. Norte, 6392  
Rio de Janeiro

S. Paulo  
Largo da Sé, Telephone Central  
15 1º - 1710 -



Machinas de Contabilidade, Sommar e Calcular  
**Burroughs**

Com prazar faremos uma demonstração no vosso proprio escriptorio, sem compromisso algum da vossa parte.

ACABA DE APPARECER:

ELYSIO DE CARVALHO



# A Realidade Brasileira

ESTUDO SOBRE A PONTENCIALIDADE  
ECONOMICA DO BRASIL E A FINALIDADE DA  
POLITICA NACIONAL

VOL. 64 PAGES.. 2\$000

A' venda em todas as livrarias do Brasil

PEDIDOS AOS EDITORES:

S. A. Monitor Mercantil

1.º DE MARÇO, 96, 3.º — RIO DE JANEIRO

## BANCO HYPOTHECARIO

### DO BRASIL

50 -- AVENIDA RIO BRANCO -- 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes  
á vista e á prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS

# LIVROS ALLEMÃES

ESPECIALMENTE

## OBRAS DE SCIENCIA

DE TODOS OS RAMOS

ARTE, LITERATURA E LEITURA PARA MOCIDADE

GRANDE STOCK

EM

ROMANCES, REVISTAS, CARTÕES POSTAES, ETC., ETC.

NA

## LIVRARIA "EDANEE"

A UNICA ALLEMÃ PARA LIVROS. ARTE E MUSICAS  
RIO DE JANEIRO

112, RUA DA ALFANDEGA, 112

SANTOS

Rua Frei Gaspar, 37-39—Telephone Central 2074

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 97 — Tel. Central. 321—Caixa Postal, 1897

# CLICHÉS

PHOTOGRAVURA MODERNA

TEL. NORTE 462

RUA DA QUITANDA, 161.

# LIVRARIA GARNIER

Rua do Ouvidor, 109

Caixa Postal, 618

Rio de Janeiro

## PEÇAM CATALOGOS

### COLLECÇÃO "AUREA"

(Paginas escolhidas dos maiores escriptores)

<i>Machado de Assis</i> , por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.....	10\$000
<i>Os Poetas</i> — 2 volumes enc.....	20\$000
<i>Contos Brasileiros</i> , Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.....	10\$000
<i>Visconde de Taunay</i> , por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.....	10\$000
<i>José de Alencar</i> , por Mario de Alencar.....	10\$000

### BIBLIOTHECA SCIENTIFICA

Le Bon — <i>As Opiniões e as Crenças</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Psychologia das Multidões</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Psychologia dos Novos Tempos</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Psychologia Politica</i> , enc.....	8\$000
" — <i>A Revolução Franceza e a Psychologia das Revoluções</i> , enc.....	8\$000
Smiles — <i>Ajuda-te</i> , enc.....	8\$000
" — <i>O Character</i> , enc.....	8\$000
" — <i>O Dever</i> , enc.....	8\$000
" — <i>A Economia</i> , enc.....	8\$000
" — <i>O Poder da Vontade</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Vida e Trabalho</i> , enc.....	8\$000

LITTERATURA NACIONAL E ESTRANGEIRA, DICCIONARIOS, VOCABULARIOS, GUIAS, ESPIRITISMO, ETC.

## Economia e Efficiencia

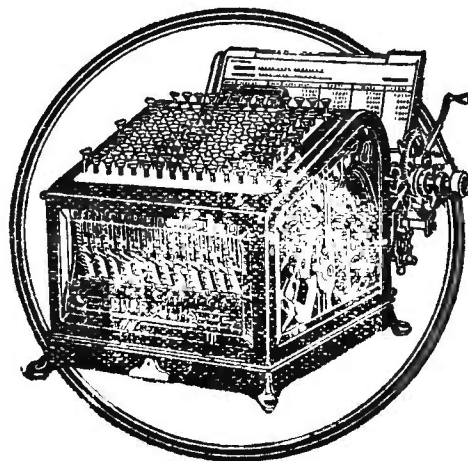
Estatisticas conservadas sem systema algum são mais custosas que statisticas conservadas com um bom systema—o systema Burroughs.

Calculos feitos com lapis ou pena são vagarosos. A Machina Burroughs imprime e somma no mesmo espaço de tempo necessario para escrever os algarismos no papel.

J. E. THOMPSON, Representante  
Burroughs Adding Machine Company

Rua 1º de Março, 106 Tel. Norte, 6392  
Rio de Janeiro

S. Paulo  
Largo da Sé, Telephone Central  
15 - 1º - 1710



Machinas de Contabilidade, Sommar e Calcular  
**Burroughs**

Com prazaz faremos uma demonstração no vosso proprio escriptorio, sem compromisso algum da vossa parte.

# AMERICA BRASILEIRA

RESENHA DA VIDA NACIONAL

Director : ELYSIO DE CARVALHO

Secretario da redacção : LUIS-ANNIBAL FALCÃO

## SUMMARIO DESTE NUMERO

RUY BARBOSA .....	REDACÇÃO.
A REFORMA DO ENSINO.....	REDACÇÃO.
ORIGENS DA FAMILIA BRASILEIRA.....	ELYSIO DE CARVALHO.
A INFLUENCIA DA HESPANHA E DE PORTUGAL NA CIVILISAÇÃO	PHILÉAS LEBESQUE.
A CONFERENCIA DE SANTIAGO.....	REDACÇÃO.
DISCURSO INAUGURAL DO INSTITUTO VARNHAGEN.....	ROCHA POMBO.
O CENTENARIO DE RENAN.....	REDACÇÃO.
LETTRES DU PAYS DES AMAZONES.....	VALÉRE.
VARNHAGEN, O HOMEM E A OBRA.....	CELSO VIEIRA.
CANDEA DE ARGILA .....	ELYSIO DE CARVALHO.
NOTAS E COMMENTARIOS. ....	REDACÇÃO.
NOTULAS .....	REDACÇÃO.
A EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO .....	REDACÇÃO.

## REPERTORIO

Homens e cousas estrangeiras; Da America Hespanhola; Portugalia; Associações Scientificas e Litterarias; Autores e Livros; Notas Diplomaticas; Revistas e Jornaes; o Syllogeo; Avisos; Bibliographia e Bibliographos.

ILLUSTRAÇÕES DE DI CAVALCANTI

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURA ANNUAL

Para o Brasil.	10\$000
Para o Exterior	12\$000

### VENDA AVULSA

Numero do mez	1\$000
Numero atrasado.	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO' 96, 3.º

Tel. Norte 6011

RIO DE JANEIRO - BRASIL

Caixa Postal 1228

# AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 15



RIO DE JANEIRO — MARÇO, DE 1923



ANNO II

## RUY BARBOSA

Sob a emoção da queda do herói, nenhum juízo poderia ser justo, nenhum conceito imparcial. Basta-nos sentir o fulgor da grandeza que encheu cinquenta annos da vida brasileira e presentir a immortalidade de seu nome, através da historia do liberalismo nacional, em suas conquistas formidáveis, da abolição, da Republica, das liberdades civis, da consciencia politica, contra a prepotencia, contra o militarismo, contra o oligarchismo, contra a demagogia, contra todas as conspirações da força que ameaçaram o Brasil e de que evocou, com ingenuidade e romantismo, diziam muitos, estanque. Foi, num meio ainda sem cultura civica, sem disciplina e sem actividade politica, o despertador das energias, que evocou com ingenuidade e romantismo, diziam muitos, mas com fé, com amor, com a segurança invencível dos apóstolos e dos semeadores. Foi o homem-acção, o homem-força, o homem-dynamo. Numa época de abastardamento politico, quando o poder estaria ao alcance das suas mãos, ao simples troco da transigencia de suas convicções liberaes, Ruy Barbosa nunca o galgou a esse preço traidor e vio o escarneo dos mediocres, dominando e rebaixando a Republica, a que dera estructura juridica, evitando o desregramento de uma tyrannia, resultante fatal da revolução militar de 89, se seu espirito não lhe fosse o sustentaculo admiravel. A reacção de Ruy Barbosa contra a dictadura de Floriano Peixoto, vibrando o primeiro golpe na constituição da Republica, pela posse violenta do poder que lhe não cabia, marcou a postura que lhe reservára o destino no regimen novo. Seria a voz de protesto constante contra a usurpação da força, o aviltamento do direito, a retrogradação das liberdades, os governos de classe, as imposições do poder. A sua vida, traçada em linha recta entre a liberdade e o direito, consoante a velha imagem de Alcindo Guanabara, foi a historia das reivindicações liberaes no Brasil, neste ultimo meio seculo.

Reagio contra a escravidão; reagio contra a intromissão indebita da familia imperial nos negocios publicos; reagio contra os ultimos ministerios da monarchia que pretendiam abafar o liberalismo; reagio contra o golpe de estado de Deodoro; reagio contra a dictadura florianista; reagio contra os candidatos do Cattete, em 1905 e em 1909; reagio contra o imperialismo das grandes potencias na Conferencia de Haya; reagio gloriosamente contra a imposição militarista da candidatura Hermes, fazendo-se eleger Presidente da Republica, pelo voto livre da nação, que foi traida pelos politicos interesseiros, amedrontados e desfibrados; reagio contra o governo resultante desse consorcio tragico, que sua acção não impedio, é certo, mas tornou de futuro impossivel, acordando a consciencia nacional e indicando-lhe o perigo formidavel do caudilhismo sob qualquer fórmula; reagio, por fim, contra o prussianismo allemão, que ameaçava o mundo e a civilização christã e, da tribuna de Buenos Aires, chamou a America ao seu posto de honra, protestando contra a neu-

tralidade entre o direito e a barbaria, que afinal redundava em pendor para esta.

Todas as campanhas liberaes tiveram na eloquencia grandiosa de Ruy Barbosa a bandeira mais exaltada, mais decidida e mais crente. A obra de Ruy Barbosa é uma obra de fé, é um exemplo. Nós o vimos — e de evocal-o ainda nos corre um fremito de entusiasmo — nós o vimos elevando-se entre as multidões extacticas, fallando do direito, prégando a justiça, clamando pela liberdade; nós o vimos, como um apóstolo, transfigurado, ensinando a lição liberal, oppondo ao poder a crença e contra os desmandos dos governos máos e traidores da causa publica, sua palavra foi, muitas vezes, o desabafo da Patria livre, mas conspurcada. O que mais empolgava era a fé deste Homem, a crença profunda, arraigada, sobrehumana, de que contra os erros e as maldades, o direito ha de triumphar, a liberdade ha de vencer. Foi um creador de fé, numa quadra de scepticismo e de opportunismo. Foi este o herói que cahio, enchendo o espirito brasileiro de indisível angustia.

Ruy Barbosa, que teve admiradores fervorosos e hyperbolicos e detractores solertes e mesquinhos, guardando sempre a mais absoluta serenidade, não entrará para a gloria pelo que de louvor e de exaltação se tem escripto e se ha de escrever. Sua gloria virá da meditação serena dos posteros, alheios ás competições interesseiras do momento, e que sentirem no futuro a palpação de seu exemplo, o rastro de sua trajectoria, a fecundidade de sua lição. A resultante da obra desse advogado da liberdade não podemos nós presentir sequer, tão intensa, tão prolongada ha de ser pela historia do Brasil. Livrou-nos da confusão e da barbaria, porque foi a luz esclarecida do direito e da liberdade, que não eram abstracções em seu espirito, mas forças indomaveis e prodigiosas.

Foi o genio politico da Republica, de que foi igualmente um libertador. Na sua obra essa feição, que o immortalizará, é tão grande, tão avultante, que as demais, ponderaveis ainda, não se lhe podem comparar. Nem a do jurista, que foi o maior do seu tempo, em todo o mundo; nem a do orador, grande que foi como Cicero, incomparavel entre todos os de sua lingua; nem do polemista, nem do escriptor, nem do artista. O heroismo foi a expressão maxima de sua figura, de dominador, de conductor de homens. Carlyle escreveu: "The Commander over Men; he to whose will our wills are to be subordinated, and loyally surrender themselves, and fin their welfare in doing so, may be reckoned the most important of Great Men. He is practically the summary for us of all the various figures of Heroism; Priest, Teacher, whosoever of earthly or so spiritual dignity we can fancy to reside in a man, embodies itself, to command over us, to furnish us with constant practical teaching, to tells us for the day an hour what we are to do."

# A REFORMA DO ENSINO

Annuncia-se que o governo pretende, muito em breve, reformar o ensino do paiz, valendo-se de auctorização legislativa, praxe que se vem arraigando, mesmo nos assumptos de competencia privativa do Congresso, como o referente á instrucção publica. Uma reforma de ensino, para nós que estamos habituados ao seu apparecimento periodico, quasi uma por governo, não seria motivo para reparos, si não devessemos insistir na necessidade de resolver o problema da instrucção primaria, salvar o curso secundario e moralizar o superior. A nossa situação nesse assumpto é de todo deploravel. Vamos adoptando, pelo simples prazer theorico, os mais variados e extranhos processos, que, sem consultarem o meio, nem as condições nacionaes, nem as circumstancias especiaes de nossa vida social, politica e economica, fracasam irremediavelmente. O ensino, entre nós, é luxo e dahi a aversão ás coisas praticas, pela volupia do bacharelismo vasio e ignorante, que se manipula em todas as escolas, sejam ou não de direito. Não aprendemos o que precisamos para fazer o nosso paiz; não nos fazemos agronomos, engenheiros, praticos, mecanicos, enfim homens de acção e utilidade, mas nos formamos em direito, em mathematicas, em medicina... no fim, somos doutores.

O caso é antigo e não é logar aqui para examinal-o. Vem da nossa chamada aristocracia rural, dos nossos avós e de nossos pais, senhores de engenho, lavradores e criadores, que, ao invés de nos ter entregue as propriedades e feito seus successores, nos fizeram bachareis. Julgaram seu posto honrado de trabalho mesquinho e, sonhando grandezas, acreditaram ingenuamente que o titulo seria a gloria. Fizeram, apenas, uma geração pobre, que desertou do interior para a cidade e se fez inutilmente burocrata, com energias mofinas e um scepticismo amargo. O resultado foi essa crise persistente de nossa economia, o abandono do norte do paiz, onde mais intensa foi a bacharelisação, o excesso de fantasia, promanando da falta de senso das realidades, por força de uma ignorancia do meio e de uma educação falsa. O *snobismo*, a displicencia, a toada lyrica, e o palavreado confuso, foram outras tantas consequencias, que não cabe analysar aqui. Hoje ha indicios de reacção viva e energica; ha um sentimento mais nitido das coisas e o espirito se volve para as necessidades do paiz, comprehendendo que seu immenso potencial não se soerguerá sem uma força de trabalho e de energia vigorosos, que salvarão em definitivo o homem e a terra. Será o soerguimento da Patria nova.

É licito, pois, nessa hora fecunda de nacionalismo fervoroso e sereno, apellar para o governo, afim de que a projectada reforma de ensino não seja uma simples adaptação de theorias estrangeiras, manipulada na secretaria de estado, por dois ou tres professores amigos do ministro, mas uma affirmacção de nossa cultura, pelo desejo de instruir o paiz, não só nas faculdades, como nas escolas de campo e profissionaes, para formar homens uteis e não bachareis romanticos. Antes de tudo o problema de instrucção primaria. O que temos, salvo no Rio e S. Paulo, em Santa Catharina e alguns estados mais, é vergonhoso, não chegando para nos honrar os casos da excepção. Os 80 % de analphabetos constitue o maior embaraço á ascensao do paiz, por assim dizer entravado com o peso de tamanha ignorancia. Segundo o ultimo quadro estatistico, que temos em frente, o numero de escolas primarias no Brasil é de 16.540, frequentadas por 5.100.000 alumnos, de 7 a 12 annos. A percentagem de despesa com a instrucção primaria é de 11 % apenas. Agora,

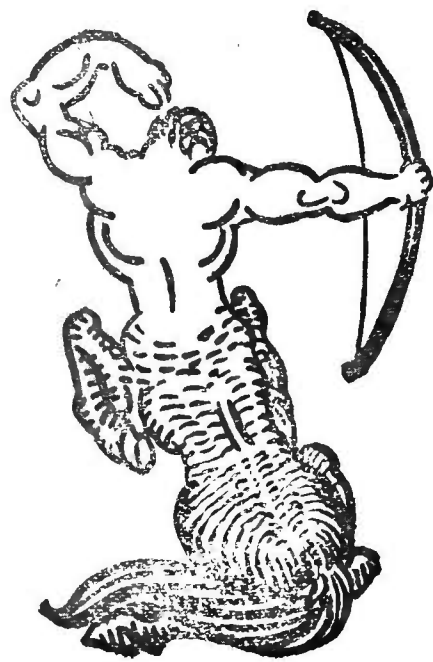
é preciso verificar que escolas são essas, acima referidas. Nas capiates, ainda ha certa organização, mas no interior, não raro a escola é uma sala exigua e as carteiras são caixotes de kerozene, conforme já se tem apurado por vezes. Afóra a parte material, o lado pedagogico é, em geral, deficiente, confuso e pouco pratico. Para só falar no Districto Federal, onde ha uma das melhores instrucções primarias do paiz, os programmas cheios de materias, para serem ministrados em pouco tempo, na primeira infancia, são contraproducentes e enervantes, só vingando quando regidos por professoras habeis e carinhosas, capazes de uma acção pessoal directa e equilibrada. Do contrario, será a confusão e o tumulto didacticos. Mas, passando por sobre esses aspectos da questão, em cujas particularidades nos iriamos perder, o caso de ensino primario reside em saber si póde o governo federal avocar a si sua direcção, sem ferir a autonomia estadual e municipal. Não vamos discutir a hypothese constitucional, mas o certo é que, si o presidente quizer, não será o preconceito legal, o impecillo a esse beneficio. Ademais, como já foi suggerido, póde o governo, á guisa do que ha com a Saude Publica, entrar em accôrdo com os estados, para dirigir, com o merito de unidade, o ensino primario, não só das primeiras letras, mas tambem profissionall e agricola, em escolas, colonias, campos de experimentação, etc. O necessario é encarar de frente o problema, dos maiores que se nos apresentam, por que encerram o destino da nação e jogam com seu futuro e sua grandeza.

O ensino secundario, que deve ser o eixo da cultura de um individuo, base e fundamento de sua educação intellectual, tem sido o mais viciado entre nós. Temos a anarchia dos preparatorios e todos os regimes, quer o do exame de madureza, quer o da lei organica, quer o actual, falharam lamentavelmente. O melhor seria a seriação da lei Epitacio, desde que não fosse possivel antecipar o exame de madureza, porque, ao menos, o alumno cursava as materias progressivamente, obrigado a sabatinas e discursos, que experimentariam aos olhos do professor seu aproveitamento. Mas os "equiparados" complicaram e substituiram o regime, substituido pelo da lei organica, que anulava o curso obrigatorio dos preparatorios. Bastava o exame vestibular, especie de "borboleta" á porta das faculdades. Esse exame era um escandalo, pois o alumno podia ser aprovado por maioria de votos, isto é, se prestava exame de 9 disciplinas, bastava ser aprovado em 5. Quer dizer que poderia ser reprovado em português, francês, arithmetica e geographia, ou sejam as materias fundamentaes. Temos, por fim, o exame de preparatorio parcellado, feito no Collegio Pedro II, ou em outros do paiz, perante bancas nomeadas pelo Conselho Superior de Ensino. É um absurdo tremendo. Os paes apressados formam a "caça ao exame" e o resultado é que, aos 12 e 13 annos começam os alumnos a prestar os exames definitivos. E, por via de regra, começam por português. Como póde conhecer a lingua um menino ainda sem discernimento completo? Depois vêm arithmetica, geographia, francês, etc. Por uma estatistica interessante, a maioria dos aprovados, passaram com notas baixas — simplesmente — significando que sabem pouco e mal. É uma liquidação dos preparatorios. Não falemos nos exames por decreto, a coisa mais deprimente e vergonhosa, de que ha memoria. O que precisamos é de fazer os nossos preparatorios em 8 annos, de seriação obrigatoria, acabando logo com essas formaturas de 19 e 20 annos; é organizar programmas inteligentes e minimos, de modo que

possam ser exgotados no tempo préfixado; substituir o acaso dos exames pelas medias annuaes, que melhor julgam da competencia e aproveitamento do estudante; estabelecer cursos de especialisação, annexo ao geral, facultativos, ou exigidos para certos cursos superiores: o de mathematicas para os que pretendessem entrar para a Escola Polytechnica, de sciencias naturaes, para a Faculdade de Medicina, etc.; não dar a esse curso o caracter ideologico, que tinha a seriação gymnasial da lei-Epitacio, mas um cunho pragmatico, de desenvolvimento e funcção mentaes. Reduzir o numero de materias, synthetisar os programmas e augmentar o tempo de curso, eis a necessidade maior, sem o que não conseguiremos uma razoavel formação de cultura, solida e boa, permanecendo nessa ignorancia dourada e rebrilhante de latejoulas.

Quanto ao ensino superior, só haveria um reparo — o excesso de theorica e falta de pratica. Deveriam a exemplo do que se fez na Europa e nos Estados-Unidos, differenciar o engenheiro do mathematico, o jurisperito do advogado, enfim o pratico do theorico. Nas escolas só se ensina a doutrina e, salvo nas de Medicina, nada se sabe de pratico. Mas, o ensino superior é funcção do estudante e aquelle que se orientou nos preparatorios saberá se dirigir, até mesmo contra os professores. É a cupola do edificio, que lhe dá o tom, mas este depende dos alicerces e das paredes mestras. Do contrario será construcção precaria.

Reforma! exclamemos como o grande Tobias Barreto, referindo-se aos professores, mas reforma a começar por nós mesmos. De facto é necessario reformar para renovar as congregações, cheias de medalhões inuteis, velhos, retrogradados, infecundos e nulos. É preciso o governo estabelecer uma compulsoria para os professores, evitando essa persistencia de velhos, já fóra do meio e sem prestigio nem competencia para formar gerações, vivendo em outro ambiente. É preciso accentuar a tendencia de entregar o ensino aos moços, já claramente esboçada. Mas, tambem os moços não envelheçam sob o capello doutoral e se tornem velhos como os que o são de direito. Não fecundarão as leis si não forem applicadas com o espirito do tempo, que move os homens e os conduz imperiosamente. O nosso magisterio, para cumprir sua alta missão, tem que ser renovado e adaptar-se ao ambiente moderno, á cuja luz deverá formar a mocidade do paiz.





# ORIGENS DA FAMÍLIA BRASILEIRA

Ignorantes ou desavisados, alguns escriptores brasileiros ainda hoje nos exprobam, como um convicio humilhante, a pecha de que o Brasil foi colonizado por criminosos que se retiravam das prisões da metropole e se degredavam para aqui como castigo, e affirmam até que esses relapsos da sociedade normal vinham da America constituir o grosso das populações, e que muitos desses perdidos é que formavam, nos primitivos nucleos, a famosa nobreza da terra.

Antes de tudo, se fossem impuras as nossas origens, ahí estaria um facto digno de ser estudado pelos mestres do direito penitenciario, que preferem regenerar o delinquente, fazendo delle uma força productiva, a sacrificar-o nas galés sem proveito. Infelizmente o subsidio, que dos nossos primeiros tempos poderiam haurir os criminalistas da nova escola penal, não são assim tão vastos. Ha, com effeito, numerosos casos de regeneração pelo degredo no Brasil; mas esses, na maior parte, ou se explicam por outras circumstancias ou não têm o caracter de generalidade que se lhes querem dar. Aliás, não nos impressionaria a arguição como ultrage ou mau signo que presidisse ao nosso nascimento. Nem sempre é dos horoscopos que saem as legitimas sinas na historia. E' classico o exemplo de Roma, povoada de salteadores, e nem por isso se julgaram os romanos diminuidos no esplendor da sua aristocracia. Um patriciado feito de bandidos é tão digno nos dias da gloria como se se tivesse formado só das grandes figuras de uma raça. Qual é, na historia, o povo que tenha começado por um nucleo de santos? Todos principiaram pelo covil da féra ou pela agremiação de sclerados, e sclerados, então, quer dizer — heróes. Mas se não haveria nenhum desar para os brasileiros em terem de encontrar, como todos os povos, nas suas origens calcetas, nem por isso deixa de offender-nos tão flagrante affronta á realidade dos factos. E', portanto, menos porque desejamos lavar maculas imaginarias do que pelo intento de restabelecer a verdade, que vamos examinar, summariamente, embora, o assumpto da nossa these.

E' sabido que os primeiros colonizadores, que foram os varios donatarios a quem a corôa portuguesa confiou esperançosa essa tarefa, para aqui trouxeram condemnados a degredo. Convem lembrar desde já que os chefes das expedições eram todos da melhor nobreza e pessoas muito principaes, antigos embaixadores, viso-reis e capitães-môres. Não houve um senhor de capitania que não fosse figura de pról na metropole. Basta reflectir que o rei só fazia taes mercês como galardão a serviços de monta prestados á monarchia: não seria de certo nas baixas camadas que se haviam de encontrar typos, cuja fidelidade e cujo valor se recommendassem ao soberano, e no meio de uma côrte illustre, onde não faltariam pretendentes á honra e á fortuna de concessões tão vultuosas. Os homens a quem se doavam na America verdadeiros reinos não podiam ser nem foram senão das primeiras classes da população portuguesa. Os seus prepostos e auxiliares — o pessoal de commando para a milicia da terra, os encarregados da administração, os serventuarios da justiça, etc. — eram tambem pelos capitães-môres escolhidos entre a melhor gente. Se isto é absolutamente inegavel, é verdade tambem que varios desses primeiros directores do povoamento tiveram entre os colonos que contrataram muitos degredados. Tal facto, no entanto, é preciso que se explique. Naquelle epocha se puniam com a pena de degredo muitas "culpas" que ha largo tempo deixaram de figurar nos codigos e que, portanto, não deshonriam a ninguem. O maior epico da lin-

gua portuguesa foi por futil motivo degredado para a Africa. Um homem digno, fidalgo ou plebêo, convencido de herectico, de feiticeiro ou de pratica de bruxaria, por exemplo, tinha direito a exilio em vez de penas mais graves, que só se applicavam a gente desclassificada. E' por isso que se viam aqui, como degredados, aristocratas e gentishomens da especie de D. Francisco Manoel de Mello, o insigne poeta e admiravel prosador que é orgulho da raça, e de cujos amores com uma dona brasileira, pertencente a uma das mais nobres casas de Pernambuco, nasceu um filho varão, com descendencia, facto este que é aqui pela primeira vez divulgado e que opportunamente se documentará. Tal era o numero desses privilegiados que nas proprias cartas régias de concessão e nos foraes das capitancias punha o rei grande cuidado em conservar para os mesmos as prerogativas que lhes competiam e que o degredo não derogava. Quanto aos galés desterrados para a America, eram quasi todos de indole tão excepcionalmente docil que o maior numero delles sem esforço se regeneravam e se faziam homens honrados e prestadios.

E' necessario recordar, por outro lado, que nem todos os donatarios se resignaram a essa contingencia de trazer para as suas capitancias individuos de má nota ou de infima classe. O contrario, justamente, é que se observa: a maioria dos capitães só alistara pessoas dignas, capazes e de bom sangue. Martim Affonso de Souza veio acompanhado para São Vicente quasi só de fidalgos. Todos estes, dentro de pouco tempo, se apressaram a mandar vir os respectivos parentes, que se fixaram para sempre na terra. Ainda hoje se conhecem em S. Paulo, os Góes, os Buenos, os Prados, os Taques, os Almeidas, os Dias e tantas linhages que vêm daquelles tempos. Tourinho trouxe para Porto Seguro só homens nobres e morigerados. O mesmo fez Pero de Góes na sua infelizmente frustrada tentativa de povoar a Parahyba do Sul. Com Vaz Coutinho saltaram no Espirito Santo quasi exclusivamente individuos de grada estirpe. O caso mais caracteristico, sob este aspecto, é o de Duarte Coelho. O donatario de Pernambuco era não só um homem notavel pelo sangue, pois descendia de reis, mas respeitado pelo caracter e pelo talento, e podemos dizer ter sido o embaixador de Portugal em França e o propecto viso-rei da India um verdadeiro instituidor de povos. Preparando-se para vir colonisar a sua capitania, começou por escolher, e com apurado escrupulo, a melhor gente do reino, reunindo de preferencia familias entre a parentela. Em Pernambuco fez questão sobretudo de manter irrepreensivel a ordem moral entre os colonos. Tão severo se mostrou neste ponto que não consentia que entrasse no seu feudo quem não tivesse dado provas de bom comportamento. E' assim que teve de expulsar de Olinda e arredores muitos typos indignos de viver ali. Chegaram os expulsos, tão grande foi o seu numero, a procurar valhacouto na ilha de Itamaracá, onde constituíram quadrilha, mas ficaram impedidos de entrar no austero senhorio. Depois das capitancias, os colonos que entraram no pais não eram de peor especie. Com o primeiro Governador Geral veram muitas pessoas de sangue esclarecido e capitães illustres. As lévas de fidalgos foram-se fazendo cada vez mais numerosas com os governadores que succederam a Thomé de Souza. Durante o dominio espanhol, de 1580 a 1640, augmentou extraordinariamente a immigração portuguesa para o Brasil, composta dos melhores elementos, que procuravam na America um refugio seguro contra a prepotencia dos Felippes. E' de notar que da propria Espanha chegaram naquelle tempo familias gra-

das, e aqui se estabeleceram em perfeito convivio as duas raças. Estavam em São Vicente tão intimamente ligados lares espanhóes e portugueses, que mostraram velleidades de libertar, tanto de um como de outro jugo, a capitania, aclamando em 1641 rei a Amador Bueno. Em 1625, na famosa expedição de D. Fradique de Toledo, vieram fidalgos ás chusmas, muitos dos quaes, como os Rendons, os Quevedos, os Toledos e outros, ficaram no pais e fundaram grandes casas, que ainda hoje são os mais illustres solares da velha aristocracia paulista e bahiana. Por fim, cumpre-nos ainda citar o facto de terem vindo para o Brasil, nos primordios da sua historia, fidalgos florentinos, como os Cavaleantis, os Accioly, os Adornos e os Lins, e de outras nacionalidades, que se uniram á nobreza da terra e crearam gerações que se fizeram historicas pelo heroismo, pelo esforço e pela virtude.

Eis ahí como se iniciou o povoamento no Brasil com homens perdidos. Tão profuso foi o elemento aristocratico na nossa colonização primitiva que unicamente pela sua existencia e permanencia se poderá explicar o grão de adeantamento e o estado de cultura de certos nucleos de população do pais, taes como Olinda, Bahia e S. Vicente, que já no primeiro seculo da conquista impressionaram a viajantes estrangeiros pelo luxo, pela opulencia, e, principalmente, pela distincção das maneiras e pela polidez dos costumes, alliadas ao instincto da belleza. Além disto, certos phenomenos que se manifestam na nossa evolução politica e social, e parecem obscuros ou excepcionaes, não se esclarecem senão pelo esplendor do nosso sangue: o mais importante delles é o sentimento oligarchico da nossa historia politica, tão persistente e vivo, que o regime republicano não o poude ainda destruir. Tambem é de observar, como uma das peculiaridades da raça, esse orgulho desmedido que sempre nos acompanhou através dos seculos, e de que é violenta expressão a conhecida guerra dos mascates, em 1710. Não faltam ainda outros exemplos perfeitamente característicos da nobreza do povo brasileiro, bastando assignalar que, no seculo XVIII, era devêras notavel a profusão de nobiliarchias e muito comunum a praxe de "apurar-se" o sangue. Por derradeiro, mostraremos quanto era prezada a fidalguia que aqui se formou, lembrando que cada anno eram enviadas para o Brasil orphãs nobres, educadas com esmero pela côrte, afim de que casassem com os principaes da colonia, e tal foi o caso de Isabel Doria, sobrinha do famigerado almirante André Doria, que foi doge de Genova, e de que procedem os deste appellido na Bahia, e citaremos o que occorreu com a primeira expedição organizada para acudir e refamante estigma de obra de degradados staurar a cidade do Salvador, chamada a *Jornada dos Vassallos*, em que toda flôr da nobreza iberica galhardamente e livremente se embarcou para defender a nossa grei.

Assim, pois, emprestar o falso e intamante estigma de obra de degradados á fornidavel, gloriosa e épica empreza que realisaram no Brasil com sangue, com sacrificio e com honra Martim Affonso de Souza, Duarte Coelho, Thomé de Souza, Mem de Sá e tantos outros estadistas insignes, guerreiros famosos e fidalgos de luzimento, é ao mesmo tempo affronta á historia e injuria á raça, que se transplantou para o continente americano sem perder os predicados de intelligencia e as virtudes moraes que a ornavam.

Elysis de CARVALHO

# A INFLUENCIA DA HESPANHA E DE PORTUGAL NA CIVILISAÇÃO

Não ha na obra progressiva da civilização um só esforço que não proceda de outro; tudo se encadeia proporcionalmente á alma das raças, ás conjecturas historicas que produzem as grandes intelligencias, ao genio das individualidades. Ha horas febris de criação, ás quaes succedem as epochas de organização e de methodo, cujo germen fecundante procede das primeiras. A's vezes parece que uma palavra sahida dos labios de um homem ha de commover o mundo; uma nação levanta-se de improviso para propagal-a e milhares de adeptos se prestam a multiplical-a com fervor.

Muito se tem escripto sobre a profunda repercussão que teve na Europa a tomada de Constantinopla pelos turcos, sobre o exodo dos byzantinos para a Italia e sua benefica influencia na preparação civilisadora da humanidade. Se nos limitassemos aos commentadores deste facto historico, seriamos tentados a attribuir a este acontecimento excepcional as origens da Renascença. Entretanto, esquece-se com demasiada facilidade, a nosso vêr, que todo esse generoso movimento das idéas podia ter sido facilmente suffocado, como o foi o que o precedeu desde os principios do seculo XIII, se a base doutrinal não se tivesse apoiado na comprovação de factos novos e indiscutíveis: se o aspecto geral do planeta não se tivesse modificado parallelamente ao novo espirito europeu; se o estudo da natureza não tivesse dado os incontestaveis resultados das grandes descobertas maritimas. E ao vêr-se frente a frente com novas condições de existencia a Humanidade, apesar da hostilidade daquelles que a dirigiam, teve que aceitar o *espirito moderno*. E eis aqui um facto que talvez pareça paradoxal: não podemos deixar de reconhecer que as nações ibericas, tão dominadas até hoje pelo dogmatismo ecclesiastico e esterilizadas pela inquisição, foram as que trouxeram á cultura positiva a mais solida das bases.

Com effeito assim é, embóra o tenham feito inconscientemente, pelo menos os hespanhoes, pois é sabido que as descobertas portuguezas eram productos meretissimos de pacientes e methodicos esforços. Vasco da Gama procurou o caminho marítimo da India e o achou; Christovam Colombo, pelo contrario, desembarcou em uma terra cuja existencia nem sequer chegou a suspeitar. Além disso os planos de exploração dos portuguezes eram duplos, e isto foi reconhecido pelo proprio Colombo, que confessou tel-as conhecido antes da sua partida (1) e dirigiam-se a um tempo para Oeste e para o Sul, como o demonstrou sobejamente o descobrimento dos Açores a meio caminho das Antilhas, em 1429. Se Dom João II de Portugal não attendeu a Colombo, fel-o em pleno conhecimento

(1) Em sua *Vida del Amirante*, o seu filho, Fernando Colombo, disse: "Achando-se em Portthal começou a conjecturar que do mesmo modo que os portuguezes navegavam..." — E mais tarde o Almirante foi inspirado pelos indícios dos navegantes: Theophilo Braga: *Camões*. Vide igualmente a esse respeito a nota *As mentiras de Christovam Colombo*, publicada no numero 13 desta revista.

da causa e tambem para não entregar a um estrangeiro o commando das frotas luzitanas. Colombo, com effeito, era italiano, e o emprehendimento que iniciava Portugal tinha que arruinar a potencia maritima de Venezia, cidade italiana, embóra rival de outros pequenos Estados dessa peninsula. Todavia, fosse o quer que fosse, o certo é que o descobrimento da America, o triumpho portuguez e a primeira viagem ao redor do mundo realizada por Magalhães, operaram na actividade de todos os povos uma radical transformação. As especulações commerciaes, os intercambios tomaram em todas as ordens novas direcções e abriram-se novos caminhos e horizontes. A febre colonisadora substituiu o entusiasmo pelas Cruzadas. E este foi um derivativo; por isso Raynal poude dizer que indo combater no coração do Oriente o poderio musulmano, os Portuguezes salvaram a França da invasão dos turcos.

Graças a elles poude reinar um instante, como teria dito Erasmo, a Republica das Lettras, filha da grande Republica Christã dos seculos precedentes, embóra não devessem tardar em se produzir fataes reacções. O unitarismo catholico, posto ao serviço do imperialismo monarchico, suscitou a Reforma e toda

## RUY BARBOSA

A "America Brasileira", acompanhando o movimento nacional de glorificação ao Insigne Brasileiro, cuja perda deplora todo o mundo civilizado em manifestações solennes e commovedoras, dedicará seu proximo numero a Ruy Barbosa, esforçando-se para dar aos leitores o melhor de sua contribuição, modesta embora, para facilitar a evocação da vida e da obra do Mestre.

a humanidade achava-se captada pelos jesuitas. Passado o esplendor daquelle seculo sem igual, a Iberia tornou a encontrar-se tão pobre como dantes, tão falha de energias, e entregue á inquisição no tempo de Felipe II. Poude então Cervantes caricaturar genialmente com o seu *Don Quixote* a heroica figura de sua raça. Satira grandiosa em que sangra em cada pagina algo do seu generoso e fatigado coração, que o immortal manco de Lepanto escreveu como um testamento da Cavallaria e do Pensamento livremente christão. Este fez-se monje em seguida. O seu grande adversario Lope de Vega não pertenceu ao Santo Officio? Já tinha desaparecido o antigo espirito das Cruzadas; o absorvente cuidado dos bens terrenaes triumphára por completo ao debilitar-se os caracteres. Camões, mais feliz, poude morrer antes de presenciar a catástrophe da sua patria portugueza, occupada pelas tropas de Felipe II e rapidamente entregue ao castellanismo inquisitorial. De coração não menos entusiasta do que Cervantes, poude Ca-

mões conservar certo optimismo em que a paixão medieval se deixou guiar pelo raciocinio classico. Alma cavalheiresca, patriota exaltado, não se resigna á duvida; sente-se orgulhoso da obra realizada por seus compatriotas e não crê que possa haver outra mais nobre nem maior. De nenhum modo renega o passado; mas estende os seus braços para o futuro. O prestigio dos modelos classicos não o impede de conservar cuidadosamente o culto das suas tradições. Tanto pelo sentimento que o inspira, e que realisa a maravilhosa união do heroismo e da ternura, como pelos quadros que copia fielmente da realidade, Camões é o primeiro dos poetas modernos. Elle proprio proclama-o:

Cessem do sabio Grego, e do Troiano  
As navegações grandes que fizeram;  
Calle-se de Alexandro, e de Trajano,  
A fama das victorias que tiveram;  
Que eu canto o peito illustre luzitano  
A que Marte e Neptuno obedeceram.  
Cesse o que a n usa antiga canta:  
Que outro valor mais alto se alevanta.

Esta concepção positiva da arte provinha, sem embargo, menos de uma attitude nova perante a vida do que de um estudo de alma atavico, sustentado pela educação christã e cavalheiresca. A mystica iniciação dos *Fieis em Amor* poude ser esquecida pela sua transcendencia metaphysica; o effeito moral subsistia, e a necessidade de aceitar rudes provas na realização de "qualquer façanha heroica de virtude" seguia dirigindo as energias para as aventuras redemptoras.

Assim, emquanto a natureza se redimia pela sciencia e pela observação, o amor ia sendo considerado como um sentimento sobrehumano e a belleza se convertia em uma manifestação da divindade. O que foram as Cruzadas para a architectura gothica, o descobrimento de continentes desconhecidos o foi para o renascimento do sentimento poetico, no qual até a pintura e a musica deviam achar fontes imprevistas. O villanico, que alternava nos templos com os cantos liturgicos, tinha sahido directamente do povo, e por toda a peninsula, os verdadeiros afeioados cantavam-no em portuguez. Heliodoro de Paiva e Damião de Góes levaram a tradição até aos pés da Palestina. Humboldt compára com muita razão o effeito produzido por tão subito engrandecimento do mundo com o assombro dos companheiros de Alexandre o Grande: "Tudo concorria para encher a alma de magnificas concepções e dar-lhe uma idéa mais alta das forças humanas." Começaram-se a classificar os factos, a comparar entre si os phenomenos, e este espirito contemplativo veiu alargar ainda mais o circulo da observação scientifica. Desde fins do seculo XV a tendencia sentimental e poetica que dormia no fundo de todos os corações, toma uma forma mais definida. O sabio autor do *Cosmos* toma d'ahi o seu ponto de partida para assignalar o caracter de realidade, filho de uma visão directa e pessoal, que fulge com o maior brilho na epopéa portugueza. "Aspira-se como um aroma de flores da India nas paginas desse poema escripto nos tropicos, na gruta de Macáo e nas ilhas Molucas. Sem

pretender, como Frederico Schlegel, pôr a imaginação de Camões acima da do Ariosto, pôde-se afirmar sem temor que nos trechos descriptivos dos Luziadas já-mais se altera a verdade dos factos com o enthusiasmo do poeta, o encanto dos versos e os doces accentos da sua melancholia. Camões é inimitavel quando pinta as continuas transformações que se vêm na agua e no céu, as harmonias que existem nas fórmulas das nuvens, suas transformações successivas e os diversos aspectos que tomam as superficies dos mares."

No polo opposto do genio iberico vemos Cervantes, que não é menos verídico, pois apesar do verbo empolado e zombeteiro que brilha através todo o *Quijote*, pôde-se assegurar que as descrições que nelle abundam são sempre tomadas da realidade mesma, embora propositalmente exagerada.

E eis que tudo se ia renovando no seculo, pois como disse o maior dos pensadores portuguezes: "A Renascença pôde resumir-se em uma palavra só: a Acção (1). Palpitava uma curiosidade universal, uma febre desenfreada de criação agitava todas as almas. Rejuvenescida um momento pela excessiva opulencia dos objectos nunca vistos, que eram o assombro dos olhos a cada nova expedição que voltava dos tropicos, a architectura manuelina cria uma desconcertante fusão do gothico e da arte classica, ao através de uma ornamentação completamente india nos detalhes. Belém, Cintra e Batalha bastam para immortalisar este estylo tão original e completo que parece unir, diz Theophilo Braga, "em uma fórmula audazmente symbolica e livre o sentimento religioso e o espirito das aventuras maritimas. As ornamentações que o distinguem especialmente são a esphera amillar, as flores tropicaes, grinaldas, papagaios, passaros exóticos, cabos enroscados envolta das columnas jonicas e corinthias, entrelaçados no ar, na abobada e cahindo em laços de pedra. De vez em quando se vêm medalhões com figuras de meio corpo que olham para o horizonte, como o marinheiro a bordo de um navio. A ogiva e o meio ponto romano transformam-se para imitar o arco tendido do selvagem quando vae disparar a frecha; as janellas adornam-se com graciosas estalattes e cada motivo caracteriza-se pela perfeição inimitavel do trabalho." Na igreja dos Jeronymos, os papagaios suspendem-se nas cordas que unem as columnas ás abobadas como as corduagens no flanco de uma náó; é o galeão que volta do Oriente com os productos de uma natureza maravilhosa. Vidros, tapetes, candelabros, moveis, joias, tudo foi rejuvenescido com um enorme sopro de vida exótica. As mesmas influencias deram á pintura portugueza um cunho summamente original, nos artistas da escola do Grão Vasco, imitadores dos flamengos.

A sinceridade de uma escrupulosa visão proporciona illuminação a uma parte puramente nacional e vivida. Na tonalidade opalina, tão propria ao céu portuguez, e sobre um fundo de paizagens características da terra lusitana, pintaram com extraordinaria verdade uma infinidade de typos de homens e de mulheres, nos quaes não ha ideal abstracto de belleza que lhes desnature os contornos. De 1500 a 1530, isto é durante trinta annos, os portuguezes apenas parecem conhecer as escolas italianas, ás quaes deram as costas por amor ao torrão natal. Iam nascer Velasquez, Zurbaran, Murillo.

Assim, pelos Autos Sacramentaes, com os quaes o joalheiro Gil Vicente acabava de impôr o seu poderoso genio realista, "o sentimento portuguez, diz também Theophilo Braga, transformava os grandes episodios da Escripura Sa-

grada em quadrinhos de genero, íntimos e familiares. Cono todos os grandes cerebros da Renascença, Gil Vicente foi quasi universal. A um tempo poeta, musico, autor e actor dramático, decorador, joalheiro, philologo, não cessou de lutar constantemente pela liberdade de consciencia. E vencido nesta batalha descomunal voltou-se para o theatro. Mas, ainda allí, reagiu violentamente contra o gosto da Renascença o espirito portuguez, e foi necessario que as obras de Gil Vicente deixassem uma impressão mais profunda para que não continuasse prevalecendo a imitação dos modelos classicos contra os autos e moralidades tradicionais."

Não devemos esquecer, como atinadamente observa Buckhardt, que a Renascença produziu o effeito immediato de estabelecer uma separação radical entre as classes cultas e o povo. Por isso, ao mesmo tempo que os jesuitas se apoderavam do ensino superior, proscriviam a lyrica popular. A vida publica da Edade Média teve a sua origem nas cathedraes, e por isso mesmo, nellas a teve também o theatro; porém, desde 1534 prohibiram-se as representações nas igrejas. Verdade é que a comedia havia muito que tinha transportado seu scenario fóra do templo e que já tinham apparecido os buffões e os typos populares. Do mesmo modo o theatro aristocratico já tinha a sua tradição, que se praticava nas grandes solemnidades da Córte.

Gil Vicente soube dar fórmula litteraria com os seus Autos, com suas *Farças* populares e suas tragi-comedias, a essas tres manifestações espontaneas do theatro nacional, pondo ás vezes na bocca de seus personagens trechos da litteratura cavalheiresca. Todavia, não escrevia para o povo e só o fazia a pedido da rainha Leonor, sua protectora. Para ella compoz suas obras, e igualmente para ella cinzelava no ouro que as galeras traziam de paizes longinuos esses calices, esses relicarios e essas custodias que presentava depois aos mosteiros. Um grande triumpho litterario que obteve foi para elle uma revelação de si mesmo, e desde então começou a descrever, na pittoresca linguagem do povo, os seres com quem se tinha acotovellado na vida. Seu estylo é o mais gracioso que se possa ouvir e o joalheiro portuguez foi um dos primeiros a empregar no dialogo scintillante e vivo o estylo moderno. Escreveu também em castelhano; mas sómente para seguir o gosto da Córte. O theatro estava fundado. Não iam tardar a sahir os grandes dramaturgos da peninsula: Guillen de Castro, Tirso de Molina, Lope de Vega e, por fim, o maior de todos, Calderon de la Barca. E o incendio ia-se propagando pela França; Corneille com o seu classicismo, ia realisar o Cid e o *Mentiroso*; Molière, que tanto deve a Cervantes, possuía já o pedestal de onde se ia lançar, por um milagre de equilibrio francez, ás culminancias da Comedia. E' dizer que o genio iberico o illuminava com suas chammas, e deve-se proclamar á face do mundo que o seu seculo XVI foi para elle um seculo de ouro. "Jamais, disse Emilio Chasles, — a gloria de Hespanha e a audacia de suas emprezas chegaram a tanta altura. Jamais, foi sua litteratura mais forte e mais fecunda; jamais a arte ostentou suas riquezas com tanta liberdade e tanta inspiração."

A poesia lyrica não se deixava ficar atrás, e attribue-se igualmente aos quinhestistas da Peninsula o merito de ter adaptado as formas velhas ao sentimento moderno. Nisso também lhes serve para realisar o milagre do amor á natureza e a expressão do typo e dos caracteres. Com grande frequencia se mesclavam com os Autos canções lyricas populares, nas quaes as reminiscencias arabicas modificavam as cadencias trovadorescas. Algumas dellas, como as *Trovas* e as *Pastoraes*, tinham um cara-

cter de egloga. O portuguez Bernardim Ribeiro apodera-se dellas para ampliar os seus caracteres e infundir-lhes um forte interesse moral. Bouterwerk anota essa particularidade e conclúe dizendo que Portugal pôde ser considerado a verdadeira patria da poesia pastoral. "Da persistencia de uma tradição nacional, — accrescenta Theophilo Braga, — nasceu esse novo genero, e a forma litteraria que lhe deu Bernardim Ribeiro é anterior á imitação directa do italiano que fizeram os seus successores, discipulos de Sá de Miranda.

Esta imitação, levada até o classicismo o mais insubstancial, foi precisamente a que mais tarde havia de destruir em flor a espontanea eclosão do genio iberico, vivificado pelas descobertas geographicas, e cuja conquista mais evidente nos dominios da arte deixou para sempre o que poderíamos chamar a *visão naturalista* dos caracteres e das cousas. Este genio de uma raça forte como nenhuma, porém esterilizada pelo jesuitismo, não devia revelar-se até muito depois nas terras americanas, no ultimo quarto do seculo XVIII. Por toda parte reinava o espirito revolucionario e o regimen portuguez despertava injustas suspeitas. Era também a epocha das academias litterarias ou da *Arcadia*. Em 1779, Manuel da Silva e José Basilio da Gama fundavam no Rio de Janeiro a *Arcadia Ultramarina*, enquanto outros poetas, inspirados pelas idéas da Encyclopedia, preparavam a autonomia brasileira na provincia de Minas. Uns e outros apesar das fórmulas classicas, que ainda respeitavam, procuravam nas tradições colonias e deante da natureza que os rodeava os motivos de seus cantos. Um naufragio celebre inspirou a José de Santa Rita Durão o assumpto de sua pittoresca epopéa de *Caramurú*; a lucta dos portuguezes contra os indios do Paraguay sublevados pelos jesuitas, achase magnificamente cantada por Basilio da Gama, e Thomaz Antonio Gonzaga chega a descobrir no fundo de um amor vehementissimo a fonte occulta do lyricismo pessoal. Este movimento proto-romantico basta para demonstrar que o proprio romantismo não foi senão a expansão de um sentimento quasi inadvertido até a epocha das grandes descobertas, e que estas suscitaram ao revelar ao homem da Europa os esplendores da Natureza, convidando-o a viver dos factos, a estudar a realidade, sobre a qual unicamente podem apoiar-se as idéas fecundas.

Mas se a Natureza subjugou tão fortemente os quinhestistas, não foi sómente pela impressão que lhes causou: foi, principalmente, porque a revolução economica que provocaram as descobertas impoz uma modificação aos costumes. O mesmo tem occorrido em todos os tempos; os maravilhosos inventos da nossa epocha começam a modificar da mesma maneira todo o nosso modo de sentir e de pensar, com excepção dos caracteres especiaes de cada raça, que conservam sua indiosincrasia. Até hoje os povos que compõem a Peninsula Iberica têm sido impotentes para realisar a sua união definitiva e a sua integração no seio de um organismo social unico. Naquella terra, de que se separaram a Africa, a Asia, e a Europa, formaram-se diversos nucleos (Castella, Aragão, Navarra, Leão, Portugal), alguns dos quaes, em virtude de cruzamentos de raça, sem duvida alguma, subsistem como nações que, embora não independentes, não deixam de ser effectivas. E' sabido que a costa atlantica foi singularmente hospitaleira para os primeiros cruzamentos celto-liguros, como o prova o nome de Galizia. E o mesmo occorreu na parte oriental até o Ebro e até a propria Valencia. A influencia nortista foi logo reforçada nessas regiões pela invasão wisigoda (Catalania, hoje Catalunia) No meiodia, pelo contrario, desde a epocha dos

(1) Theophilo Braga — *Historia da Litteratura Portuguesa*.

Phenicios e dos Carthaginezes até os Arabes, o elemento semita, que dominou todo o coração da península, não deixou de exercer a sua influencia. Nos contrafortes dos Pyreneus permaneciam apoiados os Bascos.

No que se refere ao idioma, a Iberia actual divide-se em tres grupos principaes, que são, na realidade, tres nações: 1º Portugal; 2º Catalunia, Valência e as Baleares; 3º Castella, Andaluzia e o resto, exceptuando-se o paiz euskaro.

Pelo Aragão, de que a Catalunia era a porta, penetrou na península a cultura occidental; mas o Aragão foi annexado no seculo XV aos destinos de Castella e privado de expansão. A civilização celto-provençal despertou mais perduravelmente o genio celto-iberico em Galizia e Portugal. A isto é devido que dalli sahiram posteriormente as mais fecundas iniciativas. Isto não significa de modo nenhum que o sedimento semita devido á invasão arabe não fosse benefico; talvez a Hespanha, e especialmente a Castella, lhe devam a rara originalidade de seu character, seu gosto decorativo, sua paixão pelo heroismo, seu fanatismo autoritario e casuistico. Só ao ponto de vista architectonico a influencia foi grande, e os proprios elementos sarracenos trazidos das Cruzadas iam favorecer na Europa o advento do estylo gothico. Todo o folk-lore peninsular, as formas da paesia popular e da musica conservam o cunho sarraceno. O matiz satirico e sensual que tão facilmente toma a lyrica, a afeição pelas formas typicas, o traço exagerado e energico que quasi frisa a caricatura, parecem revelar uma influencia da mesma ordem. Isto se faz sentir até no Meio-dia francez, e talvez as colonias arabes do Limosin tenham dado origem á apparição de Bertrand de Born.

O fatalismo prophetic e cavalheiresco do semita, reagindo por numerosos cruzamentos de ordem physica ou simplesmente intellectual sobre a extraordinaria actividade do povo iberico, devia produzir esse temperamento dramatico tão especial que tão bem se manifesta no theatro hespanhol, todo elle acção e movimento scenico. O meio ambiente estava perfeitamente preparado para os contrastes passionaes que offerecia para crear a comedia de character, que fizeram analogamente o portuguez Antonio Ferreira e o hespanhol Alarcon.

Convem insistir mais demoradamente sobre os singulares meritos reservados a Portugal, que conserva não só a gloria no que respeita ás expedições maritimas, como tambem na arte dramatica, graças a Gil Vicente, o indiscutivel pae do theatro peninsular. Por atavismo, por educação, pelo influxo territorial, os portuguezes deviam amar as aventuras, tão innatas na alma celta. Portugal concebeu a civilização não só como extensão da fé christã, como tambem como um engrandecimento do mundo, como um sonho em acção. Elle traçou o plano de colonização que nestes dois ultimos seculos devia realsar a Inglaterra, e se fracassou na sua empreza foi devido ao seu esforço sobrepassar em demasia os recursos de que podia dispôr. A isto foi devido que a unitaria Castella quiz destruir para sempre a debil nacionalidade portugueza.

Se considerarmos cada raça ou variedade humana como uma expressão psychologica oriunda da historia e afiançada pelo clima, chegaremos á convicção de que o celta para crear para si mesmo perpetuamente a sua personalidade, jamais renegará a herejia de Pelagio, que

defende a theoria de ser cada homem capaz de chegar á perfeição pelo seu unico esforço. Assim, sonha sempre em possuir em si mesmo um redemptor. D'ahi procede o *sebastianismo* lusitano. E' um sonhador e um lyrico cheio de paixão. Indaga e procura sem descanso; pretende elevar o homem até a Deus pelo heroismo. E, com effeito, nos seus cantos populares, em que tanta parte occupa o maravilhoso, nunca apparecem os deuses. O iberico, pelo contrario, toma-o como principio de tudo. Necessita de um dogma que defenda. Apaixonado do movimento pelo movimento mesmo, ama, não obstante, com delirio a sua terra, a sua patria; e se conserva o sentido innato dos destinos superiores, tambem necessita de guia espirituaes; crê na Regra, na Lei. A influencia do sangue africano no que se refere ás tendencias fatalistas fez deste conquistador um jesuita quando perdeu suas extraordinarias energias.

Assim, o sentimento da Natureza, que deu origem ás grandes descobertas maritimas, não se pode realisar em seu começo melhor do que nessa parte da Iberia em que dormia o seu sonho atavico a alma celta, fortificada pelo elemento gothico. Só este livre engenho pode conceber que a fé não consiste somente no stricto cumprimento de uma lei ou de um rito, mas que antes de tudo tem que se converter em acção. Deste modo, o sentimento da utilidade commoda cede seu posto á necessidade do perigo. Vae renascer o sentimento da belleza. Assim a define Péladan: "O bello é uma visão interior, pela qual o mundo se reveste de qualidades supra-eminentes." Acrescentaremos que a belleza se manifesta na alma pelo sentimento da grandeza. Leva em si um elemento de fé que basta annexar ao stricto sentimento do util para que o mundo comprehenda immediatamente as suas transcendencias. Este elemento de fé começa pela inquietude individual que leva directamente á aventura. E a aventura manifesta por sua vez o amor ao mysterio e o desejo da conquista.

Pelas suas predisposições de raças, os celtas foram chamados repetidas vezes para devolver aos povos adormecidos no marasmo do dogmatismo autoritario o que poderiamos chamar a *expressividade* individualista e conquistadora. Por esta razão os portuguezes mais cultos, conscientes de suas origens celto-ligurianas, não têm cessado de appellar pela manutenção dos atavismos intellectuaes e psychologicos que possam perpeutar na alma do povo as mais salubres facultades com a exaltação do character nacional. Tal é a missão que se impoz Theophilo Braga, a cujas idéas profundas tantas vezes nos referimos nestes estudos. O mesmo fizeram os poetas da renascença catalã: Verdager, Balaguer, Guimerá.

Os portuguezes são filhos da Tavola Redonda, cujo espirito individualista promoveu o da Revolução Franceza, depois de que as grandes descobertas os induzissem a submergir-se no positivismo e na observação da Natureza.

Por tudo isso é tão grande a parte que a Iberia tomou na civilização universal, que não se lhe póde regatear os respeitos e os elogios que merece; tanto mais quanto, pelo seu esforço colossal nos permittiu, a nós francezes, desenvolver o nosso esforço proprio. Nosso grande seculo classico bebeu directamente no thesouro iberico que lançou a semente do Romantismo; e o *Hernani* de Victor Hugo, para não ir mais longe, é tão hespanhol quanto o *Cid* de Corneille.

## A CONFERENCIA DE SANTIAGO

A 5.ª Conferencia Pan-Americana, que se reúne em Santiago do Chile, está chamada a resolver, pela primeira vez, assumpto de alta monta, que não simples conclusões theoricas e vagas demonstrações de cordialidade continental. Contra o parecer do Brazil, o programma da Conferencia incluye a these duodecima, sobre o desarmamento americano, em bases de equidade. O processo de nossa proposta para a Preliminar de Valparaiso, que tanta celeuma injusta provocou em certa imprensa tendenciosa da America do Sul, vêm mostrar que as nações deste continente, sobretudo as tres de maior significação, comparecem com um espirito de muita independencia e fortes reservas, no attinente ao assumpto, de sorte que seu exito ha de ser um tanto duvidoso, a menos que se contorne o problema com algumas pomposas fórmulas diplomaticas, sem importancia pratica. Não é possivel previsões, tal o estado de espirito momentaneo, em que se evitam as attitudes definidas e se resolvem com protellações difficuldades immediatas. A *entente* sobre os armamentos, que se incluye no programma da Conferencia, tem que lutar com os fortes obstaculos dos multiplos criterios e das relatividades de pontos de vista, com que uns querem se superpôr aos outros. Parece, e queira Deus estejamos enganados, — que falta confiança e — quem sabe? — boa-fé em certos estadistas do continente, procurando afastar as questões pelas simples troca de amabilidades vacias e inuteis. O Brazil comparece a Santiago sem compromissos e inteiramente livre. Embora tivesse querido evitar que a these 12.ª, fosse um pedrouço no programma da Conferencia, procurou minorar as difficuldades com a reunião da Preliminar de Valparaiso, cujo processo revelou bem as intenções das tres maiores potencias sul-americanas. Parece que a these figura mais para effeito decorativo, do que com sincera intenção pacifista, pois não se comprehende como, de modo contrario, se rejeitou a nossa proposta para um entendimento preliminar em Valparaiso, onde as tres maiores potencias militares amainariam as difficuldades e unificariam as suas attitudes, na mesma directiva, para maior tranquillidade e segurança da America. Mas, o que era sincero e leal, pareceu prepotencia e imperialismo, dahi a situação presente, em que as intenções são tão reservadas, a ponto de dar a impressão de que pouco, ou nada, se poderá conseguir. Para o desarmamento vingal é necessario a maior lealdade e franqueza entre os paizes, de sorte a se criar um ambiente benefico de confiança mutua, que torne possivel essa garantia do direito contra os gestos excessivos das grandes exercitos e das esquadras numerosas. Haverá esse espirito em Santiago? E' o que os factos nos demonstrarão nestes dias.

# INSTITUTO VARNHAGEN

## DISCURSO INAUGURAL DOS SEUS TRABALHOS

Si eu pretendesse fazer-vos agora uma cabal demonstração de quanto pode uma idéa opportuna influir na vida de uma época, penso que não teria mais trabalho do que indicar-vos a iniciativa cujo exito se celebra com esta solemnidade.

Foi bastante que alguns nobres espiritos do nosso meio concebesssem o pensamento de conjugar, em nucleo de esforço cooperativo e de communhão de aspirações, quantos no Brazil se interessam pelas coisas do passado: foi isso bastante para que, não só nesta capital como nos Estados da Republica, tivesse esse pensamento mais do que espontanea e geral adhesão, pois na verdade foi logo recebido em toda parte com acclamações.

Ainda tenho bem vivas na minha memoria a grata surpresa e alegria com que subscrevi o projecto inicial, já subscripto por mais de cincoenta nomes dos mais illustres da nossa intellectualidade: significando isto, portanto, que eu proprio (que não sou dos que menos amam a nossa historia) fui dos ultimos a adherir, mas que me puz logo entre os primeiros a emular com os mais fervorosos no entusiasmo com que adheri.

Nada mais seria necessario para provar que a idéa de fundar-se o *Instituto Varnhagen* veio a seu tempo, e corresponde a uma necessidade do momento.

Que esta necessidade andava sendo com effeito sentida não ha a minima duvida, pois é evidente de si mesmo.

Não seria possivel desconhecer-se que se opera em todos os nossos centros de cultura uma vasta renovação do estudo da nossa historia. Si ainda se exigisse, no entanto, irrecusavel symptoma disso, bastaria de certo inculcar a enorme somma de trabalhos de historia e de geographia com que em todos os Estados se commemorou o nosso primeiro centenario de nação. Segundo um calculo que tive ensejo de ler ha dias, orçam por muito mais de uma centena as publicações de tal natureza que se fizeram em 1922.

Este renascimento dos estudos historicos, a meu ver, explica-se como um despertar do nosso velho sentimento de tradição, que foi sempre entre nós mais forte e poderoso do que talvez em parte alguma da America, e que eu chamaria instincto dominante da raça; mas que andou meio esmaecido durante os dois primeiros decennios da Republica.

Para que se sintam bem a força desse sentimento e as manifestações que delle se encontram des dos mais antigos tempos da colonia, invocaria eu o testemunho de quantos têm lidado no arduo mas gratissimo officio de apanhar as memorias do nosso passado; pois, des do primeiro seculo, o que mais nos assombra é a profusão de material que se veio accumulando acêrca de tudo o que entende com o conhecimento da terra e da gente.

Tem-se a impressão de que os adventicios aqui entravam maravilhados da natureza sob os seus varios aspectos, e o primeiro impulso que tinham era a ancia de passar a outras almas a sensação das maravilhas.

Só depois do primeiro seculo é que vem a phase heroica, em que os actores começam a sentir a grandeza do seu papel. Até ahí a vida lhes corria entre admiração e espanto.

Por isso mesmo é que se poderia dizer que antes de haver propriamente historia houve historiadores, ou melhor, houve chronistas antes de haver chronica. Não tendo factos a narrar, os chro-

nistas descreviam a terra, como si abrissem o scenario para o drama futuro.

Des do principio, não se conhece uma só pequena leva de colonos, uma turma de exploradores que passasse por aqui sem deixar os seus registros, como balisas para os que viessem depois. Des do principio, não; des do primeiro dia, porque o nosso primeiro chronista apparece com a terra.

Pero de Caminha é o nosso primeiro historiador. A nossa historia começa ali, com a visão do monte Pascoal, e com a solemnidade da primeira missa.

E dahi em diante não ha mais nem um dia que ficasse fóra dos annos iniciados em Porto Seguro, pois os que entram aqui dir-se-ia que vivem afflictos por dizer que andam vivendo um mundo realmente novo.

E' assim que cincoenta annos depois do descobrimento, já tinhamos tradições. Quando veio o 1º Governador Geral, já se falava dos inicios da colonia com a veneração que se tem pelos que antes de nós já souberam como não se fazem sem sacrificios destas obras no mundo.

A' celebre carta de Caminha (para pôr de lado os documentos de ordem secundaria) segue-se chronologicamente o *Diario* de Pero Lopes, sem o qual não teriamos meios de saber de modo preciso como é que se lançaram no paiz os fundamentos da colonização official. Basta saber-se que o proprio Varnhagen, depois que conheceu esse *Diario*, teve de modificar a parte da sua *Historia Geral* relativa a Martin Affonso.

Antes de chegarmos á organização politica e administrativa por meados do seculo XVI, não seria legitimo deixar em silencio o grande numero de relações dispersas que se encontram em todas as capitancias.

Nem era isso de extranhar quando se sabe que des daquelles tempos um dos maiores cuidados das camaras locais consistia em recolher e fixar pela escripta todos os successos dignos de memoria; e isto sem esquecer o zelo com que archivaram todos os papeis publicos. E' por isso que não ha hoje um só archivo municipal entre os mais antigos, onde não se encontre farta messe de informações, sobretudo referentes aos tres seculos de colonia.

Póde-se dizer que só depois da independencia (ou talvez da vinda da côrte) é que as municipalidades foram relaxando essa função, e a maior parte dellas limitando-se, quando muito, a conservar na respectiva secretaria a correspondencia official.

Com os lineamentos da ordem politica em 1549, não podia naturalmente arrefecer esta solicitude, característica da raça, em guardar cada geração como patrimonio seu o que de mais excellente haviam deixado as gerações desaparecidas.

E agora parece antes que a tendencia se accentua, e se multiplica o trabalho com a entrada dos missionarios. Não foram só os Padres da Companhia, mas os catechistas de todas as Ordens, que contribuíram para a forinação do incalculavel acervo de noticias, tradições, memorias, que nos permitem hoje conhecer o passado melhor ás vezes do que successos que estão muito mais perto de nós. Como se sabe, não se restringiam os padres a escrever, nas suas annuas, nas suas relações, ou nas suas notas de viagem pastoral, o que era de proveito exclusivo da communhão: entrelaçados com os factos e as coisas de relevancia para as respectivas Ordens, vinham os

factos da administração, as coisas da vida civil, os successos de interesse geral.

Além da massa informe de documentos de tal natureza que se guardavam em todas as capitancias, des do seculo XVI começaram a fazer-se trabalhos de condensação admiraveis, em que já se nos dão, em narrativas ordenadas e integraes, e abrangendo longos periodos, aquelles materiaes avulsos, que vão assim entrando na trama historica.

Entre esses trabalhos, sabem todos que avulta uma obra ainda hoje de valor extraordinario, devendo considerarse a mais notavel de todo o periodo colonial: o *Tratado descriptivo* de Gabriel Soares. E' a noticia mais profusa e mais completa da terra e da gente que até hoje se escreveu. Além de Soares, outros chronistas apparecem ainda no primeiro seculo, taes como: antes mesmo do autor do *Tratado*, Magalhães Gandavo, com a *Historia da provincia de S. Cruz*; e depois Gomes Cardim, com a sua preciosa *Narrativa Epistolar*; e talvez um ou outro de menos importancia.

Cabe aqui uma observação. Ha quem julgue descabido, e até illegitimo incluir entre as produções da nossa cultura original, muitas obras cujos autores nada tinham ainda de americanos. Discordo dessa opinião. Nem sei mesmo si nos julgamos no dever de excluir as relações de viagem de estrangeiros que pela terra passaram vendo-a apenas de relance. O portuguez advena como é que se ha de eliminar si é tão nosso como nós proprios?

Tanto mais tratando-se de testemunhos historicos.

Mas ainda que nas chronicas se procurasse o nosso espirito, nem assim, a meu ver, deveriamos excluir coisa alguma. Como diz um autor dos nossos dias, "é preciso attender a que passando para o novo clima, a viver vida nova, em contacto com outra raça, familiarizando rapidamente com os esplendores desta natureza, dentro de um lustro o adventicio, si não era já um typo inteiramente novo, tambem não era mais o mesmo homem que viera. Os seus horizontes moraes já se haviam dilatado; o seu modo de ser já se resentia das contingencias a que se tinha exposto; e no seu espirito estavam fundas as impressões, vivas e fortes, de um meio, que nelle fizera mais do que, em longos annos, o meio de onde se desplantára. O que sahia dessa alma então já não era nosso?"

Nas origens de todas as litteraturas reconhece-se o mesmo phenomeno. Tudo é vago, amorpho, incaracteristico a principio. Só com o tempo é que se vai, num *habitat* novo, fixando a indole de uma cultura. Antes que ella se *naturalize* e tome feição propria, tudo é dubio, sem relevo, impreciso.

Seria de certo absurdo ir procurar o genio francez em documentos do periodo merovingio, mesmo em chronicas, romanzas, canções de épocas mais recentes; mas numa historia da litteratura franceza ha de necessariamente começar-se por lá, pela filiação de espirito nacional da França."

De sorte que, mesmo tratando-se de manifestações litterarias, tudo o que se sentiu aqui já é nosso, porque já tem a "marca da terra e do ceu." Quanto mais tratando-se de historia.

No seculo XVII, que é o nosso grande seculo, temos ainda maior numero de chronistas.

Só das guerras holandesas contam-se infinitades de relações, a maior parte das quaes do maior preço.

A figura proeminente deste periodo, no entanto, é Fr. Viçente do Salvador; é este para nós de mais estima e valimento, porque escapa á increpação a que ha pouco me referi: este é filho da terra.

A sua *Historia* é a primeira tentativa de historia geral que se faz no paiz.

Não seria justo que neste ponto calássemos o nome do padre Simão de Vasconcellos, o grande entusiasta da natureza americana; nem, sobretudo, o do incomparavel Vieira; sim, porque este é pelo menos tão nosso como de Portugal.

No seculo XVIII, vêm: Rocha Pitta, que é o maior como historiador; Jaboatão, Pedro Taques, Fr. Gaspar da Madre de Deus, e outros muitos autores de memorias e monographias.

No seguinte periodo destacam-se os grandes historiadores, que se poderiam resumir em dois nomes — Roberto Southey e Varnhagen.

Tivemos primeiro os chronistas de tomo: monsenhor Pizarro, conego Luiz Gonçalves dos Santos, padre Ayres de Casal, Balthazar da Silva Lisboa; depois: Fernandes Pinheiro, Ignacio Accioli, Pereira da Silva e Moreira d'Azevedo; e isto sem contar o grande numero de operosos investigadores que se fizeram em quasi todas as provincias. Desses que acabamos de citar, os dois ultimos (Pereira da Silva e Moreira d'Azevedo) já sahiram do dominio da chronica, e fizeram propriamente historia, comquanto restricta a periodos da nossa vida.

Mas Southey e Varnhagen são as figuras culminantes de toda a nossa historiographia.

O historiador inglez, que é representativo na propria litteratura de seu paiz, é um historiador de raça. Pela consciencia com que apanha a synthese dos factos, pelo espirito de justiça com que julga os homens; e além disso, pela espontaneidade e brilho da narrativa, é incontestavelmente quem melhor até hoje escreveu a nossa historia.

Mas R. Southey tem grandes lacunas. Conhecendo o Brazil só pelos documentos dos archivos, dir-se-ia que teve de ceder á contingencia de só tratar dos factos para que dispunha de sufficientes informações. E por isso mesmo, talvez para não perder a abundancia de alguns mananciaes, viu-se forçado a longas digressões pelas colonias vizinhas, e a abranger successos que, embora apresentem alguma connexão com os da nossa, não são propriamente da nossa historia.

Varnhagen é integral. Ha de ser bem difficil e pouco provavel que se descubram nos tres seculos da colonia factos que não estejam no seu contexto.

Depois, é, pode-se dizer, o legitimo creador da nossa historia, tanto pelo culto que a essa rendeu em toda a sua vida, como pela inestimavel somma de serviços que prestou a quantos queiram no futuro completar-lhe a obra pela amplitude.

(Mas quanto ao nosso Patrono ides ouvir daqui a momento a palavra fulgurante do nosso digno orador official).

Depois de meados do ultimo seculo ha uma certa decadencia dos estudos historicos.

Não é propriamente decadencia de estudos. Contra isso protestaria pelo menos o nosso Instituto Historico, que se constituiu, des da sua fundação, um nucleo de homens que se dedicaram ao estudo das nossas coisas, e fortemente estimulados pelo egregio príncipe, que se fez como a alma daquella benemerita instituição durante meio seculo. E o que é de toda justiça reconhecer é que muito se fez, não só pela exploração de fontes documentarias de alto valor, como pelo esforço com que se elucidaram questões e pontos ainda obscuros dos nossos annaes. Um tempo houve (o tem-

po de Gonçalves Dias, Joaquim Norberto, Porto Alegre, Varnhagen, Machado de Oliveira, e outros e outros) em que o Instituto se tornou um verdadeiro cenaculo de fieis, onde se rendia culto ao passado.

Não era, pois, decadencia de estudos o que se dava de meados do seculo em diante: era, por assim dizer, declinio do sentimento da historia entre o nosso povo. Havia quem cultivasse a historia; mas o amor da historia já não estava flagrante no coração dos brasileiros.

Principalmente de 1870 em diatne, parece que nos desligavamos pouco a pouco das gerações precedentes, e esquecíamos as nossas tradições.

Era realmente extranho! Como explicar semelhante phenomeno?

Figura-se-me que a obsessão das reformas politicas e sociaes que se iam debatendo, e que dominaram de uma vez o espirito publico, havia neutralizado no coração popular todas as velhas fibras, deixando-lhe só impulsos de paixão pelo futuro... como si fosse possível, nesta rota de tempo, caminhar sem rumo.

E foi morrendo o instincto de tradição, o respeito pelos maiores, o proprio orgulho dos que souberam honrar-nos no papel que lhes coube. E dos fins do seculo até o primeiro decennio do actual pouco faltou para que se pudesse dizer que tudo isso morrerá mesmo em nossa alma de povo. Hontem, pela ancia do futuro; agora, pela fascinação do presente. E pareceu morrer tão bem o sentimento da historia até os primeiros dez ou doze annos deste seculo que se tornou quasi de bom gosto ignorar as coisas mais communs do nosso passado. Não era desdouro para ninguem o deixar de dizer alguma coisa sobre, por exemplo, a revolução de 17, ou sobre o periodo regencial. O que desdourava era não saber em que dia e hora nascera Luiz XIV, ou quantas mulheres teria Henrique VIII de Inglaterra sacrificado... Chegára a perda de nossa consciencia historica ao ponto de ter, segundo se diz, um dos nossos grandes homens politicos, em passeio pela nossa gloriosa bahia, perguntado a um almirante — qual o ponto em que havia aqui fundado a esquadra de Cabral... Era doloroso!

Graças! que esse tempo vai passando. De 1910 ou 12 em diante sente-se que ha um espirito novo a agitar-se no seio do nosso povo. Mas isto é que é preciso frisar bem, porque, diz, melhor do que tudo, de que natureza é, e que importancia tem a renovação que se está operando: agora é o proprio povo que começa a interessar-se pelo nosso passado. Tinham-lhe dito (e disseram-nos dos mais eminentes homens das nossas lettras!) que o Brazil não tinha historia; ou si a tem, é historia destituida de interesse...

Era, pois, necessario que o nosso povo, por si mesmo, viesse a comprehender a sem-razão com que lhe diziam essas coisas. E quando viu o que têm sido, des do primeiro dia de terra até hoje, as tres raças que neste grande trecho do mundo estão representando o seu papel, foi naturalmente reconhecendo quanto andava desapercibido de tudo.

E então revive o sentimento que parecia morto.

E como o sentimento revive, consequentemente mais se estimulam quantos entre nós se applicam ao estudo da nossa historia.

Dahi a renovação de que falei, e sem a qual o proprio amor da patria não seria mais que pura convenção ou artificio.

E com que alegria sentimos isso melhor do que todos os outros symptomas e manifestações que nutrem a nossa fé nos destinos deste grande paiz!

Realmente, Srs., nem é possível siquer conceber idéa de patria isolada no tempo como se acha no espaço. Si pa-

tria não é menos que a existencia moral fundada na communhão social e politica, é bastante que esta noção se fixe na consciencia do homem para que elle se sinta preso ao passado como a vida da flôr á vitalidade da planta.

E' por falta de semelhante noção que ás vezes os povos perdem o seu oriente. Sentindo só o seu dia, não podem mais ter visão, nem alma para mais. Como o seu dia é sobretudo obra de outras gerações, e eles o desconhecem, dahl o falso conceito que se formam de si mesmos, presumindo que tudo fizeram no mundo.

Quero crer mesmo que é desse grande erro que decorrem todas as desordens na vida dos povos — tanto os despotismos e as tyrannias como as revoluções; pois que numa sociedade que não tem mais consciencia de si mesma, todos os dislates passam como soluções de outros dislates.

Mas, Srs., como esses que não têm o senso da Historia esquecem o passado tambem pôde dizer-se que negam o futuro.

E de que modo se fazem a negação do futuro?

E' simples de ver

Si ninguem se desapercebesse da sua vida subjectiva na Historia (principalmente entre os que têm grande papel no mundo) é mais do que provavel que todos viveriam com mais tento e mais amor, e mais fieis ás grandes leis moraes. Haviam de sentir que no futuro está um tribunal soberano, de cujas sentenças não ha o direito de apello nem agravo. Não esqueceriam, nem por um instante, a serenidade austera com que amanhã o historiador lhes fará a autopsia moral, lhes sondará todos os refulhos da alma, examinando-lhes todas as acções, medindo-lhes os proprios gestos.

Mas para sentir tudo isso, e ir pela vida tendo sempre os mais fortes e mais bellos motivos de viver, é preciso que o homem não se isole, como individuo moral, nem dos que se foram, nem dos que hão de vir.

E eis ahi como nas proprias almas onde não ha o sentimento da Justiça Divina, e nessas principalmente, é que se tem de erigir o culto da Historia como disciplina de consciencia. E' o culto da Historia que ha de gerar em taes almas esse poder coactivo que eu chamaria — o temor da posteridade, si é que nellas fallece o temor de Deus.

E' assim, Srs., que a Historia, além de ser a mais complexa, é a mais edificativa de todas as sciencias.

Para que disso nos convençamos, basta reflectir que o que caracteriza toda a vida moral do homem, e com tanto mais força quanto elle se desenvolve, é a aspiração de sobreviver. Esta ancia de perdurar na memoria do mundo se encontra em todas as almas, ainda nas mais rudes. O instincto da gloria está no fundo de todas as vidas. A propria ambição de fazer fortuna, como todas as ambições, não é sinão uma forma de aspirar a sobrevivencia. Ninguem se satisfaz de só viver o seu dia. A tendencia mais normal, e que se diria innata no homem, é viver com os que passaram, e ficar vivendo com os que vierem.

Por isso mesmo penso que pôdem já dizer que presentem e gosam um como luar de eternidade os que vivem da grande luz da Historia.

E assim entendida, sob este alto ponto de vista, a Historia é para nós muito mais do que foi para os antigos. O objecto della é o desenvolvimento do espirito humano, através das vicissitudes que os homens, as gerações, as sociedades vêm soffrendo. Tudo o que figura nos annaes humanos — factos da ordem politica e da ordem civil; costumes, usos, sciencias, artes, industrias — tudo isso é accessorio, é contingente, porque tudo não é mais do que forma,

apparencia, expressão de alguma coisa que não passa, que subsiste e é eterna na vida da família humana, e que se afirma cada vez mais nitida, mais intensa e mais inamissível.

Para entender a obra humana é preciso, pois, ter no espirito e na alma toda a luz dos que têm pensado e têm sentido. Um homem culto (desta cultura que allia todas as gerações) pôde dizer-se que é um resumo, um expoente de todos os cultos que o precederam, uma como expressão flagrante da alma imortal do mundo. Tem elle o dom maravilhoso de conviver com todos os grandes espiritos de ha tres ou quatro mil annos, e tão intimamente como si estes vivessem na hora actual. Quer isto dizer — não ha propriamente passado para o homem de espirito (isto é, para os que, pela Historia, vivem com todas as gerações), pois tudo de grande que passou está nelle, e tão vivo como si tudo estivesse presente. Elle se entende com Cicero como si este lhe estivesse ao lado, bem vivo, sentindo e falando. O tempo que decorreu entre Cicero e elle deixou de existir.

Mas então isto já não é mesmo um ensaio de eternidade no proprio tempo?

Quereis ter uma sensação perfeita de semelhante phenomeno, lêde principalmente certos autores; lêde Platão, por exemplo, na *Apologia de Socrates*; e diizei-me si não sentis flagrante viver diante de vós aquelle homem que vai morrer, o maior espirito de toda a historia profana!

E para onde foram os vinte e tantos seculos que ficaram entre Socrates e vós?

Srs. E' tempo de concluir, pois vai longe demais esta pobre arenga.

Estou persuadido de que o vasto movimento de reabilitação civica, que por todas as fórmulas se está fazendo no paiz, se relaciona muito de perto com a revivencia da nossa cultura historica.

Nada mais natural do que isso. Como é que se ha de sacudir a nossa alma de povo si não estiver ella voltada para a nossa historia? Como é que a

nossa mocidade poderá amar verdadeiramente uma patria que não conheça?

Não é só pelas armas que se engrandecem nações e se defendem patrias; é tambem, e principalmente, pelo valor moral, pelas grandes virtudes civicas, pelo esforço e pelo trabalho, pelo sentimento de justiça com todo o mundo, pela coragem com que se levam os grandes ideaes da intelligencia e da razão humana.

A nossa concordia interna, a nossa paz com os vizinhos, a nossa fraternidade com todos os povos do continente, a nossa propria honra no exterior, antes de tudo hão de estar em nosso coração.

Em summa, só seremos grandes e respeitadas sendo uma só coisa: sendo cada vez mais brasileiros.

E' isto o que o *Instituto Varnhagen* aspira, e ha de concorrer para que se torne dominante no espirito do nosso povo.

Rocha POMBO.

## O CENTENARIO DE RENAN

A figura de Ernesto Renan, que encheu o seculo passado com o prestigio de uma obra formidavel, é evocada neste momento, aos cem annos de seu nascimento humilde, em Tréguier, que o mundo culto celebrou gloriosamente. Nenhum pensador foi mais combatido e mais negado, representou força mais intensa no seculo passado, do que o autor da "Vida de Jesus", tentando com uma super-affectação scientifica, refazer a historia do christianismo, deformada nesse cadinho precioso. Pretendeu tornar á intelligencia o instincto da verdade, cujo filão mysterioso estaria na natureza, da qual o symbolo humano era a historia. Dahi o scientificismo da historia, segundo o qual as obras humanas são regidas pelo determinismo causal, que impelle o universo, no seu perpetuo vir-a-ser, no qual "tudo se justifica e harmoniza", pelo "Espirito infinito que evolue no universo" e, em definitivo, é Deus. Renan tentou a identificação de Kant, de Comte e de Hegel, animando-os com sua fé inconstante, entre uma sciencia fatal e uma categoria do ideal, onde estava Deus, como "a somma de nossas necessidades super-sensíveis" A obra de Renan, cuja penetração foi formidavel, agitando os partidos, interessados em suas resultantes sociaes, passou da meditação para as polemicas, as disputas, as intolerancias. Aquelle extranho scepticismo, num destruidor de fé, embora de fé paradoxal, aquella serenidade fria de sabio, do "Corpus Inscriptionum Semiteiarum", aquelle lirismo dos "Souvenirs" e de "Henriette" e aquella grandza de relevalado, recitando a "Oração na Acropole", faziam de Roma uma das mais empolgante figura de seu tempo, fosse na barricada, fosse no convívio dos deuses... E' que a obra de Renan, consoante a observação do Sr. Paul Bourget, resulta do talento germanico, apurado em educação allemã, como elemento masculino, e da imaginação celta, principio feminino.

"Esta fecundada pelo genio allemão teria feito nascer o talento do autor da "Vida de Jesus". Mas, como sempre, foi do lado materno que veio a graça de criança". Porque, em Renan, a par da obra de investigação e analyse, que é preciosissima, o que perdurará ha de ser o artista, e sua proprio mestre, mas a arte o transfigurou eternizar, se viciou na ironia do na Acropole" A intelligencia, que prepara sempre commovidos, será a "Oração pagina immortal, que os homens repetirão, permittindo-lhe viver "dans la nature quelque chose au delà de la réalité". Foi um enamorado da belleza e nos seus olhos de celta o brilho do olhar claro de Pallas foi um deslumbramento. E elle ouviu a voz maravilhosa, que Anatole France, por predestinação, poude repetir aos homens, inaugurando a sua estatua, em Tréguier. E Pallas Athenéa disse: — Je suis la Sagesse. S'il est difficile aux hommes les meilleurs de me reconnaître des l'abord á cause de mes voiles et des nuées qui m'enveloppent, et parce que, semblable au ciel, je suis orageuse et sereine. Mais toi, mon doux Celte, tu m'as toujours cherchée, et chaque fois que tu m'as rencontrée, tu as mis ton esprit et tout ton coeur á me reconnaître. Tout ce que tu as écrit de moi, poete, est véritable. Le génie grec me fit descendre sur la terre, et je la quittai quand il expira. Les Barbares, qui envahirent le monde ordonné par mes lois, ignorai ent la mesure et l'harmonie. La beauté leur faisait peur et leur semblait un mal. En voyant que j'étais belle, ils ne crurent pas que j'étais la Sagesse. Ils me chasserent. Lorsque, dissipant une nuit de dix siècles, se leva l'aurore de la Renaissance, je suis redescendue sur la terre. J'ai visité les humanistes et les philosophes dans leur cellule, où ils gardaient précieusement quelques livres au fond d'un coffre, les peintres et les sculpteurs dans leurs ateliers, qui n'étaient que de pauvres boutiques d'artisans. Quelques-uns

se firent brûler vifs plutôt que de me désavouer. D'autres, à l'exemple d'Erasmus, échappaient par l'ironie à leurs stupides adversaires. L'un d'eux, qui était moine, riait parfois d'un rire si gros en contant des histoires de géants, que mes oreilles s'en seraient offensées, si je n'avais pas su que parfois la folie est sagesse. Peu à peu, mes fideles grandissent en force et en nombre. Les Français, les premiers, m'élevèrent des autels. Et tout un siècle de leur histoire m'est dédié.

Elle conclue: "Pendant que les Titans ennemis des dieux justes entassent les rochers et que les géants impies forgent leurs armes, je fonde la Ville sainte. A voir mes ouvriers creuser la terre et transporter les matériaux, parfois les sages eux-mêmes ont peine à discerner mes plans ingénieux. Dans les chantiers où l'on taillait, au lendemain de Salamine, les marbres de mes Propylées, il était difficile de découvrir, parmi les blocs épars, la pensée harmonieuse de Mnésiclès. C'était là pourtant qu'elle prenait sa forme et naissait à la lumière. L'avenir ne s'y trompe pas: on reconnaîtra mes œuvres à leur stabilité. Les edifices de l'ignorance et de l'erreur s'écroulent misérablement. Tu l'as dit: Rien ne résiste, rien ne dure, que ce qui a été mesuré et calculé par moi, car je suis la prévoyance, l'ordre et la mesure, car je suis la pensée de tous les hommes qui pensent, la science de tous les hommes qui savent, ta science et ta pensée, ô Renan!

Reçois de mes mains le rameau d'or que tes soins ont fait croître: vis dans la gloire, vis dans les plus nobles coeurs et dans les plus fortes âmes des hommes, vis en moi, ô de meilleur de mes amis. Tu as obtenu l'immortalité à laquelle tu aspirais. Tout ce que tu as conçu de beau et de bien demeure et rien n'en sera perdu. Lentement, mais toujours, l'humanité réalise les rêves des sages"

# LETTRES DU PAYS DES AMAZONES

De l'esthétique du carnaval brésilien

## I

L'aspiration à la joie, qui dans notre inguérissable mélancolie, surgit parfois inopinément, s'affirme avec une évidence singulière dans nos fêtes populaires, ou plutôt dans notre grande fête populaire qui est le carnaval. La coutume veut chez nous que les gens cultivés méprisent tout ce qui ne porte pas l'empreinte de l'esprit européen et naît spontanément du tempérament national.

Il est donc de rigueur, par un intolérable snobisme intellectuel, de se gausser de ces "grossiers divertissements", bons tout au plus, dit-on, à amuser les bonnes et les garçons coiffeurs et à détourner les inquiétudes politiques menaçantes d'un peuple ignare et incompréhensif. Je laisse pour une autre fois le soin d'examiner si notre masse plébéienne est réellement si dépourvue de goût, et s'il n'est pas plutôt certain qu'un sentiment instinctif de la beauté ne soit son partage. Et il me paraît qu'elle le manifeste pour le moins, dans bien des actes collectifs, une puissante, originale et très humaine fibre artistique. C'est ce qui me fait défendre le carnaval chez nous et le considérer comme un signe révélateur de notre tempérament. Les fêtes populaires sont le reflet du caractère national, (ce n'est pas moi qui ai découvert cela), et si les Grecs manifestaient leur sens profond de l'harmonie et de la beauté plastique dans leurs panathénées et leurs jeux, si les Romains affirmaient leur volonté impériale dans le triomphe, si les Espagnols, encore aujourd'hui, témoignent dans leurs courses de taureaux leur cruel amour des spectacles pathétiques et leur sentiment du tragique, dont le contrepoids, — si j'ose dire, — est la véhémence sensuelle de leurs danses, le Brésilien, le triste et morose Brésilien, exhale sa soif d'allégresse, son goût de la vie en mouvement dans ces trois jours de carnaval.

C'est une chose bien remarquable que le carnaval, qui est presque universel chez les peuples blancs, soit devenu tellement nôtre, ayant atteint chez nous un degré insoupçonné. C'est notre fête nationale, je veux dire la fête populaire la plus typique, la plus significative de nous-mêmes que nous ayons. Il n'est pas exagéré de dire qu'il vaut la peine de venir de loin pour y assister, comme l'on fait pour la semaine sainte à Séville, car pendant ces trois jours et quatre nuits elle présente un spectacle réellement unique.

On rirait de moi ici si je disais que l'art préside au carnaval brésilien, car on aime à considérer l'art comme une chose austère ou élevée et on se récuse à le retrouver dans la libre fantaisie et dans la joie débridée. Mais l'art ne connaît point de frontières, il peut aller partout, se mêler, à tout, et il est autant, quoique à des degrés divers, dans le bois sculpté du bambara, dans la danse des cambodgiennes ou dans un poème

de l'empereur aztèque Netzahuacoyotl — (m'en pardonnent les esthètes) — dans une page de Haendel, dans un carton d'Ingres ou une ode d'Horace. J'ai vu une fois, (je crois que c'était au Musée de Paris) un buffle gravé sur pierre par un homme de la préhistoire, et, chez un ami, des statuettes de cuivre ciselées par un Dahoméen: c'étaient, je vous l'assure, de pures œuvres d'art, douées d'un rythme étonnant et très beau. Et pour moi le rythme c'est l'art.

Or le rythme est partout dans notre carnaval; il naît spontanément, naturellement et règne en souverain maître. Notre carnaval n'est que rythme...

Nos danses nationales sont filles de celles des indiens autochtones et des nègres importés d'Afrique, mais le grand travail de fusion qui a tout dissous pour laisser place à une synthèse originale, les a transformées au point qu'elles sont maintenant bien nôtres et nôtres uniquement. Nous avons, — je sens que là aussi je ferais rire mes compatriotes, — nous avons notre maxixe; non pas celle que vous connaissez et qui a été fabriquée par des professeurs de danse plus élégants qu'avertis, ni même celle de nos salons, mas *lavraie*, la maxixe onduleuse, souple, ardente, lascive, d'une volupté sauvage et toute puissante, qui prend les corps, les mêle, les confond, les emporte dans un tournoiement despotique tour à tour lent et plus vif, dans une sorte d'extase délicate et douloureuse à la fois. Certes, je ne saurais dire qu'elle est convenable, mais l'art se moque de ces choses. Nous avons aussi les danses collectives des groupes de masques, qui forment des fresques bien curieuses, et les danses individuelles dont quelques-unes sont classiques, je veux dire ont une sorte de canon fixe, mais dont la plupart sont le fruit spontané de la fantaisie, de l'exaltation du moment, des improvisations où réellement s'affirme l'artiste directement naturel qu'est le Brésilien. On songe, en voyant se dérouler le mouvement d'une de ces danses, à l'infinie variété de lignes humaines que révèlent ses attitudes successives et qui, quoique sans contredit moins pures que celles fournies par les danses grecques, sont indiscutablement plus nombreuses et plus riches.

Mais c'est surtout dans nos chansons *carnavalesques* (comme on dit ici) que l'art éclate et triomphe. Je ne parle pas des paroles, où nous n'avons rien à envier à la sottise qui est l'apanage des chansons populaires de tous les pays, (à quelques rares exceptions près, parmi lesquelles nos chansons de paysans du nord, d'où se dégage une poésie prenante et mélancolique), mais des airs qui les composent et qui sont à tous points de

vue remarquables. Chaque année, quelques semaines avant le carnaval, on voit paraître soudain toute une floraison de ces airs, dont le peuple s'empare avec avidité, les apprend en peu de temps et en éparpille les notes amusantes aux quatre coins du pays. Le rythme en est étonnant et unique, et si suggestif, si particulier qu'il est incontestablement une des manifestations les plus propres à notre génie. On y retrouve, brisant la monotonie d'une vie très étale, comme est la nôtre, cette exaltation souveraine qui paraît avoir présidé à la naissance de nos paysages grandioses et l'éclat insoutenable et triomphal de notre soleil. Un mouvement intense les anime, semblable à celui qui paraît s'être arrêté à son paroxysme dans nos montagnes convulsées et chevauchantes. Les auteurs qui les composent, — cela peut paraître paradoxal mais est très réel, — sont nos seuls vrais artistes, bien à nous, rien qu'à nous; ils ont secoué l'entrave d'une fatalité contingente pour traduire, en quelques motifs toujours renouvelés, notre ambiance et notre nature, en épousant l'allure et le sens profond, libérés, de sa contrainte et vainqueurs de sa magie désormais dévoilée.

Et aux accords de cette musique vibrante et énermée, tout notre peuple, éveillé de sa torpeur maussade, sort en masse, avide de se dépenser en mouvements frénétiques. Tout chante et s'agit, tout obéit au rythme profond qu'a insufflé la Joie resuscitée. Les mille couleurs des déguisements pompeux, comiques ou effrayants, chatoyent dans une harmonie heurtée et universelle. Des bandes, encadrant des musiques incessantes, défilent infatigablement, en une perpétuelle trépidation, parmi les innombrables isolés que coupent les cordons et les monômes chantants. L'air s'imprègne de parfums violents, qui grissent et incendient les cervelles. Les serpents multicolores dessinent leur vol hardi. Les confettis sont des mondes bigarrés, tôt retombés dans la poussière chaude et âcre. Une étrange volupté tord les nerfs irrités. La fatigue fait s'accroître dans les corps courbatus d'indéniables sensations et des désirs inouïs. Tour à tour le soleil calcinant, puis la nuit lourde et surnaturelle, enveloppent cette folie universelle. Le mouvement n'a point de cesse. On va aux limites extrêmes des possibilités physiques, dans un vertige dyonisiaque. Et dans cette réalisation finale de ce que nous avons en nous d'excessif, tous, confondus, paraissent courir, dans une course de vivants éperdus, au gré d'un archet de démente infernale, entraînés dans une terrible et resplendissante danse de mort...

Bien vôtre.

VALÈRE





















# CANDÊA DE ARGILA



## A prosapia de Gregorio de Mattos

Pela quarta ou quinta vez leio em varios autores que Gregorio de Mattos é mestiço. O ultimo que repetiu e divulgou a falsidade foi José Maria Bello. Na referencia feita ao grande satyrista brasileiro de seu estudo ácerca da nossa evolução literaria, agora reimpresso no *A' margem dos livros* (Anuario do Brasil, 1923, pag. 214), lá está o lastimoso equívoco, transmittido sem mais exame. Talvez se possa attribuir o desacerto á circumstancia de ter o poeta de *Marinícolas* nascido naquella terra a que D. Francisco Manoel de Mello chamou "inferno dos negros, purgatorio dos brancos e paraizo dos mulatos", mas que era elle branco, e de sangue estreme luzo, não ha duvidar. Com effeito, pertence elle a uma familia de nome limpo e honrado, a qual, se bem que não fosse de alta linhagem, estardeava fidalguia genuina. Seu pae era um escudeiro fidalgo emigrado de uma provincia portugueza para a Bahia, onde se fez proprietario, e a mãe, brasileira, era tambem de boa geração, senhora distincta e abastada. Todos os biographos são unanimes quanto á sua nobre estirpe, e o primeiro que lhe escreveu a vida, com a vantagem de ter sido quasi contemporaneo, assevera que foram seus pais "Pedro Gonçalves de Mattos, fidalgo da serie dos Escudeiros em Ponte de Lima, natural dos Arcos de Valdevez, e Maria da Guerra, matrona geralmente conhecida de respeito em toda a cidade, cujas prendas intellectuaes amassaram uma trindade capaz de resplandecer no coração da mesma Roma", e que "eram estes de tal maneira ricos que possuíam com outras fazendas um soberbo cannival na Patatyba fabricado com perto de cento e trinta escravos de serviço, que repartia a safra por dous engenhos, cujo rendimento suppria largamente os gastos de um liberal tratamento e caridade com os pobres" Foi Gregorio de Mattos o mais moço dos tres varões nascidos deste matrimonio, sendo o segundogenito Eusebio de Mattos, emerito pregador, provector latinista e tambem bom poeta, e o ultimo Pe-

dro de Mattos de Vasconcellos, grande solphista, que abandonou os estudos em Coimbra para ser lavrador. A acreditar no licenciado Manoel Pereira Rebello (*Obrs. poet. de Gregorio de Mattos*, Rio de Janeiro, Typ. Nac., 1882, 5), dizia a mãe do satyrista que Deus lhe havia dado "três filhos como três sovelos sem cabo" Gregorio de Mattos desdenhava prosapias, e gloriava-se todavia particularmente de ter nascido branco, como testemunham estes versos, dedicados *A' gente da Bahia*

Não sei para que é nascer  
Neste Brasil empestado  
Um homem branco e honrado  
Sem outra raça.

Terra tão grosseira e crassa  
Que a ninguem se tem respeito  
Salvo se mostra algum geito  
De ser mulato.

Indignado, declara ainda na poesia *Milagres do Brasil*, escripta contra o padre Lourenço Ribeiro, mulato pernóstico que ousára motejar publicamente da sua musa,

Que um cão revestido em padre,  
Por culpa da Santa Sé,  
Seja tão ousado que  
Contra um branco honrado ladre...

e terminava dizendo que

... ser mulato,

Ter sangue de carrapato,  
Seu estoraque de Congo,  
Cheirar-lhe a roupa a mondongo,  
E' cifra de perfeição:  
Milagres do Brasil são.

Assim, por estes versos expressivos, vê-se que Gregorio de Mattos ao mesmo tempo que era cioso de sua alva cepa, invectivava os mulatos, manifestando profunda aversão á gente de côr.

## Uma falsa amante de Napoleão no Brasil

No tomo II de *Les contemporains étrangers* (Payot & C., Lausanne, 1914), o conhecido critico Maurice Muret dedica o setimo capitulo á analyse do romance de Sophus Michaelis 1812: *Der ewige Schlaf*, apparecido em Berlim no anno de 1912. Sophus Michaelis, um dos nomes mais fascinantes da literatura dinamarqueza contemporanea, é escriptor original, que, além de dotado de abundante e emotiva imaginação, possui vigoroso estylo colorista e profundo sentimento artistico. Intelligencia poderosa e clara, com infinitas bellezas e multiplos encantos, foi buscar o assumpto da obra, cujo titulo em francês é *L'éternel sommeil*, num dos episodios mais culminantes da epopéa napoleonica, que tal foi a campanha da Russia, "une Iliade qu'Homère n'inventerai pas". O romance vem a ser um admiravel poema em prosa, a idealização daquelle momento terrivel do grande drama, uma allegoria do destino do grande imperador. "Parmi les innombrables ouvrages de poètes étrangers inspirés par l'épopée impériale, *L'éternel sommeil* mérite une place d'honneur, diz-nos Muret. Ce livre n'est pas plus comme les poèmes d'Adam Mickiewicz et d'Henri Heine — une oeuvre de circonstance. M. Sophus Michaelis n'a pas vu Napoléon I entrer á Dusseldorf tambour battant, mander le pasteur protestant, le prêtre catholique et le rabbin juif et leur donner á tous trois, au grand étonnement des badaus, une leçon de libéralisme et de tolérance. Le beau roman de M. Michaelis n'est pas dû non plus á la haine, haine vengeresse á l'égard d'un vainqueur trop longtemps victorieux. Dans la sympathie de ce danois pour Napoléon I, il n'entre aucun élément subjectif. Seules, la grandeur, la beauté intrinsèque du sujet l'ont séduit. Son Napoléon, plus épique que dramatique, répond bien au type du héros qu'il avait conçu. M. Michaelis n'a donné á son roman qu'un seul héros: Napoléon, deux tous au plus: Napoléon et la grande armée. Il les montre indissolublement liés dans l'espérance et le despoir, la victoire et la déroute". Composto de episodios destacados, mas constituindo um todo harmonioso, essa obra de consumada arte e de excelsa inspiração pode ter tida como uma das mais impressionantes que inspirou a lenda ou a historia imperial.

Michaelis acompanha o Cesar francês desde a sua partida de Saint-Cloud, em 22 de maio de 1812, até a retirada de Moscou, esta com o seu interminavel cortejo de horrores, presidido pela fome, pelo frio e pela morte, "une vraie retraite de cadavres", como escreveu Chateaubriand. Naturalmente, o episodio final é que empresta ao romance toda a força symbolica, porque é aquelle em que o tragico attinge ao apogeu, e Michaelis, com a sua forte capacidade de representação e com todas as voluptuosidades da sua intelligencia creadora, pinta-nos Napoleão, contra o qual se congregaram o céu e o inferno, resistindo obstinadamente á desventura, como um semideus ferido no seu orgulho. No momento em que o desastre se agrava, o romancista faz intervir no poema um incidente sobremaneira suggestivo e de intensa emoção artistica. Vendido pela natureza, Napoleão vagava pelos caminhos cobertos de neve, mudo e só, desorien-

talvez nesta epocha triumphado em todas as provincias, e menos ainda se teria levado a cabo esse movimento, organizando-se uma só nação unida e forte, pela união, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul' (15).

Esse imperio e essa unidade, conservados por acto providencial, são as bases do credo de Varnhagen. Para lhe não obscurecer ou deformar o pensamento, é necessario, acima de tudo, crer identicamente na fortaleza, na predestinação, na suprema logica do Brasil unitario, compacto, infinito pelos seus attributos, mas indivisivel como a substancia.

Indagando á luz de outros methodos o nosso determinismo social, extrahindo ao encadeamento dos factos, por inducção, outras generalidades mais positivas, alheias ao providencialismo de Varnhagen, o moderno espirito brasileiro parece tender cada vez mais a essa unidade organica, sem absorver caracteres ou annullar movimentos, que melhor signifiquem a espontaneidade, a plenitude, a

efficacia dos typos regionaes. Dest'arte, o pensamento de Varnhagen filho, occupando o nosso horisonte, sobranceia as altitudes lendarias de Ipanema, donde sahíu, moldada em ferro, a corôa superposta pela industria metallurgica de Varnhagen pae ao reino americano de D. João VI. Allegoricamente, a *Historia Geral do Brasil* é tambem um diadema ferreo, talhado para a vetusta magestade colonial de tres seculos ungidos por Deus, aventureiros e batalhadores. Enquanto se abysmam num jazigo de Vienna as cinzas do historiador, legadas ao Brasil, e até hoje lá esquecidas, reaccende-se através das nossas almas o pensamento inextinguivel de Varnhagen, luminoso mensageiro, trazendo consigo a velha corôa ideal da Tradição, o velho e sacro thesouro das origens, para o levar ainda aos tempos vindouros, aos novos dias mais bellos da patria soberana, com o mesmo fervor e a mesma gloria.

Rio, 17 de fevereiro, 1923.

Celso VIEIRA



tado e afflicto, agitado por mil angustias e presagios, entre aparições terríveis e imagens de uma gloria em declínio. Surge então, numa allegoria illuminada pela belleza e pela dôr, uma figura de mulher, alva e fria, linda e triste, ajoelhada deante de dois cadaveres, que são pae e mãe, victimados na véspera por um bando de camponeses russos. Derredor, o ar era de desolação, mas, quando avista, na fascinação do proprio destino, a infeliz, atropelada por iguaes tormentos, o soturno guerreiro desprende-se dos seus negros pensamentos e dos seus graves problemas para acolher enternecidamente a mysteriosa donzella. A scena é bella, e é resumida como se segue por Muret:

"O imperador sente o desejo de estar só. Prohibe que o sigam, e caminha, a pé, atraz do grande exercito. Onde vae elle com esse passo pesado sobre a neve dura? Pouco lhe importa. Quem sabe? E' possivel que encontre dentro de pouco tempo uma guarda avançada de cosacos. Seria a morte, mas tambem a libertação. Ah, porque não caiu na Moskowa, quando podia ainda acreditar na sua estrella? Pisando a planicie branca, o imperador vae seguindo sempre direito, durante horas, cheio de tristes pensares. De repente, um objecto brilhante, aos seus pés, chama-lhe a attenção. Abaixa-se; é uma borla doirada caída do seu nianito. É Napoleão comprehendendo que, ha horas, vem andando em circulo. Emquanto elle imaginava atravessar a steppe em linha recta, voltava ligeiramente, desenhando uma curva immensa até encontrar novamente as suas proprias pegadas. Seguia-se a si mesmo, astro errante preso na sua orbita. Do precipicio em que o imperador caiu uma mão de mulher vae arrancar-o. Deante delle está uma choupana, e, penetrando nella, uma moça, quasi louca de terror, o recebe. Falando-lhe, Napoleão sabe que é franceza: chama-se Amélie Bonchamps; e os dois cadaveres estendidos sobre a meza, entre duas luzes, são de seu pae e de sua mãe. "Hontem, passaram aqui alguns camponeses, conta Amélie. Com um golpe de machado na cabeça, mataram minha mãe. A meu pae, mataram-no com a sua enxada, emquanto eu gritava de pavor na alcova. Não me mataram: meu pae e minha mãe preservaram-me da morte. Desde então, quando os cosacos entram aqui e vêm estes cadaveres, retiram-se. Meus paes protegeram-me da morte: hão de salvá-lo tambem..." Apezar do logar lugubre e do horror da narrativa, Napoleão, exaustivo, adormeceu. "Levante-se, escute-me", exclama Amélie Bonchamps; mas é em vão que ella chama o imperador, e acaricia a sua frente, como acariciaria a de uma creança. Napoleão, attonito, não ouve mais nada. E deixando cair a sua cabeça em fogo, torna a dormir no collo de Amélie Bonchamps. Inclinada sobre o imperador, Amélie vela docemente o seu repouso. Os cosacos podem vir. Encontrarão com quem falar. E quando o imperador desperta, arrancado ao eterno somno, Amélie Bonchamps dá-se a elle, num impeto de adoração e de piedade. Napoleão volta á vida, á esperanza. Ao amor de Amélie Bonchamps, deve uma energia retemperada, uma renovação de dignidade. Recobra a voz de chefe para falar com seus marechaes, agradece-los, exhortá-los, negar orgulhosamente a derrota. Sente préssa então de voltar á França, á Paris, de mostrar á Europa que o seu senhor não abdica. Transpõe a galope, sem parar, o espaço que o separa da fronteira russa..." E assim termina Sophus Michaelis o seu romance: "No mês de dezembro de 1894 morria em Porto Alegre, no Brasil, na pobreza e no olvido, uma mulher de origem franceza: Amélie Bonchamps. Morria mais do que centenaria, esquecida e miseravel. Num escapulario, que usava sempre pendurado no pescoço, achou-se um pedaço de papel em que se podia ler o seguinte: "Adeus, Amelia, para sempre talvez, quem sabe? Só me viste uma vez, durante minha quédá, emquanto o meu exercito dormia um eterno somno nos campos de gelo da Russia. E tiveste piedade da minha immensa angustia. No teu impeto de amor, verteste-me o esquecimento de todos os soffrimentos; para acalmar o meu desespero, sacrificaste a tua propria felicidade. Se eu con-

seguir salvar o meu throno, pensarei em ti, em ti que tiveste pena de Cesar vencido. Beijo-te a frente e digo-te adeus. — Napoleão"

O que muitos dos leitores ignoram é a fonte deste episodio final, tão poetico e tão emotivo, e bem assim quem creou no Brasil a lenda de Amélie Bonchamps amante de uma noite do imperador dos francezes. O caso, por mais de um aspecto, é assás curioso, e principalmente porque ao mesmo está ligada a inventiva de um dos nossos patricios, que foi homem de talento. Trata-se de Germano Hasslocher, parlamentar famoso, que a uma logica irreductivel alliava uma eloquencia arrebatadora, persuasiva e pragmatica, e perfeito jornalista, que possuia copiosa erudição e caustica analyse servidas por um estylo vibrante e pittoresco, e cuja figura é ainda hoje evocada com saudade por todos quantos o conheceram. Temperamento forte e grande coração, Germano Hasslocher, era, no emtanto, de genio alegre, que se comprazia em rir do grotesco da vida e brincar com o ridiculo das cousas, desde que não lhe despertavam a piedade. Motejador impenitente, satyrista terrivel, pamphletario destemido, com o dom natural da graça, a sua conversação era fertil em paradoxos, anedoctas, historias que provocavam sempre o riso ou a gargalhada. Director da *Folha Nova*, que se publicava em Porto Alegre, não viu nenhum mal, ao saber do fallecimento de uma senhora franceza, chamada Amélie Bonchamps e residente ha muitos annos na capital gaúcha, em ligar o nome obscuro dessa dama á immortalidade do genial curso. Manejando a lingua franceza sem difficuldades e conhecedor da historia de Napoleão, muito facil lhe foi arranjar a burla, que saiu quasi perfeita. Com effeito, no dia 14 de dezembro de 1894, a *Folha Nova* inseria a seguinte noticia, composta e divulgada sob o mair sigilo:

#### "AUTOGRAPHO DE NAPOLEÃO

Um autographo de Napoleão I, em Porto Alegre, parece uma invenção, no emtanto é uma verdade. Vi-mol-o em mãos de um dos mais assíduos collaboradores desta folha, a quem pertence hoje. Resumamos a historia. Falleceu, ha dias, em Porto Alegre, Mme. Bonchamps, na idade de 101 annos, pobre e obscura, amparada por uma familia caridosa que a trouxe comsigo do Rio de Janeiro, ha uns 15 annos mais ou menos. Chamava-se Amelia e sobre a sua existencia nunca dissera cousa alguma, si tinha ou não familia. Ao pescoço trazia uma especie de breve que ao morrer foi aberto pelos de casa, vendo com surpresa, os que profanaram o segredo de sua vida, que era uma carta de Napoleão I que tão mysteriosamente occultava entre pannos. A carta dizia assim:

*"Adieu Amélie, qui sait si pour jamais. Tu m'as vu me une seule fois, au milieu de ma disgrâce, au moment où mon armée dort sous les glaces de la Russie l'éternel sommeil de la mort. Tu as eu pitié de mon malheur et tu m'as donné l'oubli dans un moment d'amour, sacrifiant ton bonheur pour apaiser ma désespérance. Si je parviens à sauver mon trône, je me souviendrai de toi que as eu pitié de César vaincu. Un baiser sur ton front et adieu. . . . ."*

NAPOLÉON.

1812.

D'este documento se deprehende que Napoleão, fugitivo da Russia, seduziu uma joven que veio a morrer em Porto Alegre, aos 101 annos. Mme. Bonchamps ou antes Amelia Bonchamps, jámais revelou esta circumstancia de sua vida. Apenas referia ás pessoas da casa onde habi-

tava que vivia na Russia, durante a invasão de Napoleão, em casa de seus pais, que foram massacrados pelos russos, tendo ella sido salva milagrosamente. Como foi que o destino fez vir morrer neste canto da America, uma mulher que arrancou ao maior homem do mundo aquellas linhas? Aos curiosos offerecemos a constatação do facto, deixando em nosso escriptorio, a sua apreciação, o velho documento que resistiu a 84 annos. Na data em que foi escripto devia Mme. Bonchamps ter 17 annos"

A nota sensacional correu mundo. No Brasil, o consul de França em Porto Alegre reclamou ameaçadoramente a entrega do original da carta, que Germano recusou entregar, allegando, no emtanto, a sua authenticidade, emquanto, em Paris, Frédéric Masson, o historiador escrupuloso e sempre fiel no seu culto extremado pelo primeiro imperador, tratou logo de verificar a veracidade do episodio, convencido de que o documento attribuido ao restaurador do imperio latino era apocrypho. De facto em nota da edição definitiva da sua interessante obra *Napoléon et les femmes* (Ollendorff, Paris, s|4. pag. 280), escreveu: "Il s'est fait quelque bruit dane l'autre hémisphère au sujet d'une prétendue lettre de Napoléon trouvée dans un scapulaire que portait au cou madame Amélie Bonchamps morte à Porto Alegre (Brésil) à l'âge de cent un ans. Une note parue á ce sujet dans le journal *O Paiz* de Rio de Janeiro en date du 15 décembre 1894 me fut signalée par un de mes correspondants de la Nouvelle-Orléans. l'honorable M. Allan Eustis; mais cette lettre transcrite dans la *Folha Nova* et plus tard dans divers journaux italiens me paraît apocryphe. Elle aurait été écrite au milieu des désastres de la Retraite de Russie: Napoléon s'y déclarerait le *César vaincu* et s'attendrait sur sa propre chute. Cela n'est guère dans son caractère". Frédéric Masson, autor que melhor e mais pormenorizadamente estudou a vida intima de Bonaparte, não se enganára. Seja como fór, porém, a engenhosa mystificação de Germano Hasslocher, com todos os attributos da verosimilhança, teve a virtude de inspirar o formoso epilogo de um dos mais seductores romances da literatura europeia contemporanea, aproveitado e composto com a verdade poetica, que se permite nas obras de ficção ou de arte, como alimento da vida, e a qual, ás vezes, é mais verdadeira que a propria exação historica. No dizer de Muret, o critico divulgador do *L'éternel sommeil*, os amores apocryphos de Napoleão e Amélie Bonchamps, não só nada tem de ultrajosos, como, ao contrario, embellezam de um aspecto humano a mais angusta phase da epopéa imperial. Ao cabo, Mme. Bonchamps estaria no mesmo caso que Mme. Pellapra, Mlle. George, Mme. Lise e tres ou quatro outras amantes passageiras de Napoleão Bonaparte, a quem Venus prodigalisou tantos favores deliciosamente exquisitos.

#### Do Rembrandt lusitano

Ha dias, quando, na ante sala do Gabinete Português de Leitura, olhava para um quadro representando a morte de Canões, de artista conhecido e sem luzimento, lembrei-me de Sequeira, o grande pintor lusitano, cuja arte floresceu no ultimo quartel do seculo XVIII e começo do seguinte, e da estranha aventura occorrida com duas das suas melhores telas, ignoradas ou perdidas no Brasil.

Domingos Antonio de Sequeira, que nasceu em 1768 e morreu em 1837, é o maior genio artistico de Portugal, que já havia dado Nuno Gonçalves ou Grão Vasco e possuie Columbano, para só citar os insignissimos. Tendo passado os periodos de maior actividade creadora no estrangeiro, em Roma e Paris principalmente, deixou uma obra notabilissima, que o colloca entre as figuras primaciaes da pintura moderna, com legitimo direito á admiração universal. Na primeira phase, ainda estudante em Roma, assignou varios traba-

lhos, taes como o *Milagre da multiplicação dos pães e dos peixes*, que valeu o primeiro premio da Academia Pontificia de S. Lucas, a *Degolação de S. João Baptista*, com que obteve a nomeação de academico de merito, e o que tem por titulo *Dae a Cesar o que é de Cesar*, todos excellentes e muito gabados. De 1802 a 1810, executou, entre outros quadros, a *Conversão de S. Bruno*, os eremitas *Santo Antão e S. Paulo*, *Martins de Freitas* e o retrato equestre de *D. João VI*, pintou alguns tectos da Ajuda e desenhou a famosa baixella offerida por Portugal ao duque de Wellington. Foi, porém, nos ultimos quatorze annos de sua vida que Sequeira se revelou verdadeiramente assombroso. Ora em Portugal, onde encontrou decepções e amarguras, ora em Paris, onde esteve exilado desde 1824 a 1826, ou em Roma, que tanto amava, e onde afinal falleceu, trabalhou febrilmente, com constancia, fascinado pela sua arte, deixando uma copiosa collecção de obras primas, que se encontram, na maior parte, dispersas e reconditas, na Itália, na Russia e no Brasil.

Em Paris, compoz a *Morte de Camões* e a *Fuga para o Egypto* e em Roma, o antigo pensionista dos Marialvas, que sempre teve generosa assistencia por parte do embaixador D. Alexandre de Souza Holstein, pintou: o *Baptismo do Salvador* e a *Cruifixão de Christo*, que pertenciam ao duque de Braciano; a *Fé*, adquirida pela gran duquesa Helena da Russia, a quem recusara dezeseis contos que lhe offerecera para ir trabalhar nos seus Estados; a *Santa Veronica*, feito para um convento de Roma, e o *Caminho da Cruz*, para uma igreja tambem de Roma; a *Sacra Familia*, a *Virgem*, *S. Raphael e Tobias*, *Santo Antonio pregando aos peixinhos* e o *Salvador*, que estavam em poder do cavalleiro Migueis, genro do artista; o *Calvario* ou *Descida da Cruz*, a *Adoração dos Magos*, a *Ascensão* e o *Juizo Final*, que se encontravam até pouco tempo na casa Palmella. Sequeira pintou ainda um dos tectos do palacio do marquês Hercolani, em Roma, e assignou innumerous desenhos, ou carvões, simplesmente prodigiosos como factura e concepção, e que, algumas vezes, valem os quadros.

Todos quantos conhecem as télas ou quadros de Sequeira são unanimes em qualificá-lo de artista de genio. Stendhal impressionou-se com a *Santa Familia*, e na sua critica sobre o *Salon* de 1824, onde Sequeira expusera ao lado de Ingres, Delacroix, Signa-lon e outros artistas consagrados, assim se exprime: "J'ai remarqué une Sainte Famille de M. Sequeira: on dirait une copie du Corrège, tant les couleurs de ce tableau font plaisir à l'oeil; on sent que le peintre a songé à la nature, et non pas aux bas-reliefs antiques, en composant son tableau". Ao conde Raczynski, ministro da Prussia em Portugal em 1843, o *Calvario*, a *Adoração dos Magos*, a *Ascensão* e o *Juizo Final* inspiraram tamanho entusiasmo, que esse amator distincto e pro-recto critico d'arte o comparou a Rembrandt e a Ticiano. Destas composições, as mais representativas da genialidade de Sequeira, dizem tambem maravilhas os criticos modernos, confirmando o conceito do autor do *Dictionnaire Historique-Artistique du Portugal*. Com effeito, Carlos Malheiro Dias na segunda serie das suas *Cartas de Lisboa* (Lisboa, 1915, 61), escreveu: "A comparal-o com alguém, é indispensavel remontar ao Rembrandt da *Mulher Adultera* e ao Rubens da *Kermesse* e do *Rapto das Sabinas*. De um, tem os phantasticos effeitos luminosos, a visão flagrante dos tempos biblicos do Velho e Novo Testamento, o intensissimo poder da dramatisação, o talento miraculoso de valorisar as sombras, enchendo-as de intenção e de mysterio; do outro, possui a paixão, o movimento e a violencia, o segredo de amontoar formigueiros humanos, de encher de figuras todas as superficies, com a abundancia de um rio de luz que transborda e tudo alaga. Não seria difficil, num estudo circumstanciado, a aproximação do pintor portuguez com os mestres das escolas flamenga e hollandeza, de quem elle conheceu apenas uma insignificante parte da obra, tendo tratado, como na *Fuga de Loth* e na *Suzana sahindo do banho*, alguns dos

seus themas predilectos, por uma fascinação irresistivel de discipulo. Mas é preciso ver estes dous quadros (*Adoração dos Reis Magos* e *Descida da Cruz*), para encontrar esse Sequeira dos prodigios, para se ter a revelação d'esse artista extraordinario e para se sentir toda a intensidade da perda que representou para Portugal e para a Arte a sua morte. Essa sua mesma inclinação para as apologias, tanto no sabor da sua época, é necessario talvez explical-a, não já como uma abdicção á moda, mas filial-a nessa atracção do seu genio phantasmagorico e theatral, pela obra apologetica do Rembrandt da *Concordia do Paiz* e do Rubens da *Apothéose de Guilherme o Taciturno* e do *Triumpho de Julio Cesar*". Acrescenta por fim, Malheiro Dias, com consciencia e autoridade, que a *Adoração dos Magos* e *Descida da Cruz*, pintados, o primeiro no verão de 1827 e o segundo no de 1828, no Castello Gondolfo, quando Sequeira contava já sessenta annos, constituem a maior obra que Portugal produziu em pintura, e o filiam á pleiade dos celebres mestres dos seculos XVIII e XIX. E' fóra de duvida que Sequeira é o primeiro pintor portuguez, e um dos mais extraordinarios que surgiu na Europa, depois do admiravel periodo da Renascença espanhola, italiana e flamenga.

Teve, porém, a obra de Sequeira destino mui singular: salvante a *Adoração dos Magos*, *Descida da Cruz*, *Resurreição* e *Juizo Final*, que figuram na collecção da familia Palmella, os demais quadros, que, como estes, representam a culminancia do seu genio, encontram-se fóra da patria, e muitos delles em sitios não conhecidos. Dizem que para o Brasil vieram duas dessas magnificas telas, que bastariam para a gloria de um artista, e que são: *Morte de Camões* e *Fuga para o Egypto*. São dois grandes quadros, pintados em Paris, entre 1824 e 1826. Sobre o primeiro, diz Raczynsky, cm *Les Arts en Portugal* (Paris, 1846, 284): "Sequeira se rendit à Paris vers la fin de 1823, et à l'exposition (Louvre) de 1824 on voyait une de ses compositions. C'était un tableau representant *Les derniers moments de Camões*. Ce tableau, quoique peint à la pête, a été loué par Gérard, Granet, Vernet, et autres peintres français". A respeito da *Morte de Camões*, estampa o Visconde de Jurumenha no primeiro volume das *Obras de Luiz de Camões* (Lisboa, Imp. Nac. 1860, 424) algumas informações valiosas e transcreve a seguinte descripção que do mesmo fez para o *Courrier*, jornal francês, de 20 de setembro de 1824, Mr. Serrurs: "O espectáculo geral do quadro, perfeitamente de accôrdo com o espirito do objecto, é pouco proprio para attrahir as attentões. Observa-se uma camara francamente illuminada pela luz de uma candeia, a cuja claridade um habitante de Lisboa lê a Camões a fatal noticia da perda da batalha de Alcacer-quibir, na qual falleceu o Rei de Portugal D. Sebastião, com a flôr da sua cavallaria. O illustre velho sustem-se a custo, junta suas encarnadas mãos, e fita suas vistas moribundas para o céu. O tom do quadro é horroroso e obscuro, os accessorios são os que devem ser, isto é, proprios para darem a idéa de um completo desenvolvimento... A figura do velho poeta neste quadro é com effeito mais bella, considerando-se poeticamente. Em seus membros devorados pela velhice, através das suas barbas emaranhadas, descobrem-se-lhe ainda vestigios d'essa organisação superior que o constituiram ao mesmo tempo um poeta consumado e um soldado aguerrido. Este quadro, despojado de todas as seducções da arte e dos prestigios da palheta, me arrebatou todavia a um grau pouco ordinario; o motivo disto é ser o objecto escripto com uma energica simplicidade; e finalmente porque esta tela encerra o que todos os pintores deveriam observar, assim em grande como em pequeno, e vem a ser o pathetico e o verosinil". Affirmou o nosso Manuel de Araujo Portoalegre ao visconde de Jurumenha que o quadro, pintado em madeira, rivalisava com as melhores obras de Gerard Dow, e que vira em Paris, em 1834, em casa do pintor napolitano Gianai, os cartões e estudos que serviram para o painel, dadiva de Sequeira. Ora, segundo conta Jurumenha, o fa-

moso quadro foi offerido a D. Pedro I, imperador do Brasil, vindo, por fallecimento deste, a pertencer a sua filha a Infanta Dona Francisca, princeza de Joinville, que o teria levado para a França, mas é crença geral que a *Morte de Camões* se acha no Brasil extraviada, do mesmo modo que a *Fuga para o Egypto*. Além destes dois quadros, asseveramos Carlos Malheiros Dias, que devem tambem existir no nosso pais os retratos dos viscondes de Pedra Branca, tidos como esplen-didos, as tellas encomendadas para uma das salas do paço real da Ajuda, inspiradas em episodios da vida de D. Affonso Henriques, e trazidas por D. João VI em 1807, e o grande quadro allegorico á partida do mesmo principe, que ha 38 annos estava na quinta de S. Christovam. Por fim, ainda a proposito de trabalhos de Sequeira, lembraremos que delle existe um excellento retrato de nosso pintor Manuel Dias, o *Romano*, seu companheiro de estudos na Academia de S. Lucas, cujo esboço, feito em carvão, figura, ao que me parece, no Museu das Janellas Verdes de Lisboa.

Fico attonito ao saber que no Brasil existem, occultos e desaparecidos, esses preciosos thesouros, e espanto-me ainda com o facto de até hoje não ter surgido uma iniciativa generosa para a obra meritoria, que seria tambem gloriosa, de procurar ou descobrir, em algum palacio ou convento, fechado á curiosidade publica, essas maravilhas do Rembrandt lusitano, salvando-os da ruina e opul-tando o patrimonio artistico da humanidade.

#### O historiador de Napoleão

Frédéric Masson, que acaba de fallecer, em Paris, no posto de secretario da Academia Franceza, foi principalmente o devotado historiador de Napoleão, o defensor das suas glorias, o guarda sempre vigilante da lenda imperial. Ao estudo exhaustivo da biographia do imperador e da familia Bonaparte, desde as origens até o esplendor, desde a queda fatal até o martyrio e morte da Aguaia no rochedo de Santa Helena, consagrou elle a sua longa existencia, publicando uma serie de volumes em que tudo quanto se relacionava com o maior dos francezes foi devassado, analysado e commentado á luz da verdade historica, pouco ou quasi nada tendo deixado por examinar. Nessa vasta obra, escripta naturalmente com paixão, mas composta com probidade e consciencia, o que ha de mais impressionante é esse forte, fervoroso e fecundo sentimento de veneração pelo guerreiro que escreveu com a espada a mais admiravel das epopéas. Não ha outro exemplo de letrado que tivesse, durante cerca de meio seculo, se devotado com infatigavel tenacidade, piedosa solicitude e extrcmado amor á ardua mas consoladora tarefa de rastrear a vida de um homem que, podemos dizer, viveu intensamente, perigosamente, magnificamente, multiplas vidas. Com effeito, Napoleão I foi um genio mui singular, que, representando formidavel accumulção de forças activas, pesou sobre o destino do mundo e teve a humanidade acorrentada ao seu despotismo, e é essa existencia assombrosa, avassaladora, paradoxal, opulenta de prodigio e rica de fatalidade, que fascina, perturba e aterra, que Frédéric Masson reconstituiu em cincoenta e tantos tomos, que dão ainda inapagavel relevo á individualidade do escriptor. Não é sem proposito lembrar que o nome de Frédéric Masson está ligado á investigação de dois factos occorridos no Brasil. O primeiro caso, narrado pormenorizadamente em artigo que publicamos na *Revista da Semana*, e que aqui agora se reimprime, refere-se á uma falsa amante de Napoleão, ao qual, á vista do texto que o divulgara, elle recusou authenticidade. O outro é o projecto de fuga do imperador de seu captiveiro, com á cumplicidade dos revolucionarios pernambucanos de 1817, episodio que tambem documentamos no nosso livro *Brava Gente* (paginas 205 a 275), e sobremaneira o interessou, como se verá pela seguinte carta, datada de Paris de 11 de agosto de 1921: "Ja lirai avec

# NOTAS & COMMENTARIOS

## O Brasil na Conferencia de Santiago

O discurso do Sr. Ministro Felix Pacheco, no almoço offerecido á nossa Delegação á Quinta Conferencia Pan-Americana, traça o ponto de vista do Itamaraty nessa importante reunião americana, a que comparecemos animados das melhores intenções de collaborar numa obra util e proveitosa, no beneficio da America. O chanceller brasileiro acredita que "o trabalho das diversas delegações, entretanto, não vae ser difficil, porque apenas consistirá em seleccionar e colher esses fructos, mostrar, classificar da maneira mais conveniente e exhibir aos olhos do mundo essa opima produção, que brota espontaneamente, com toda a sua prodigiosa força nativa, nos diversos galhos em que se subdivide e se expande o novo e robusto exemplar da flora politica internacional, representado pelo nosso continente." Significa, portanto, que vamos a essa Conferencia cheios de fé, certos de que não se trata de uma inutil e pomposa conversa diplomatica, sem resultados praticos, mas de uma assembléa onde os themas objectivos devem ser preferidos, como accentuou o Itamaraty, de sorte a effectivar a resoluções anteriormente adoptadas. Quanto á these duodecima — *consideração da redução e limitação das despesas militares e navaes numa base justa e praticavel* — o ministro Felix Pacheco fez as seguintes declarações: primeiro, tendo o Brasil condicionado a acceitação dessa these, no programma da Conferencia, á realização da Preliminar de Valparaíso, que promoveu com tanta cordialidade e fraccassou, teria o direito de se abster de particular do debate; segundo, estando ausentes o Mexico, o Perú e a Bolivia, sendo que esses dois ultimos paizes lindeiros do Brasil, verificaria este a dificuldade de resolver o problema á revelia dessas republicas amigas, duas das quaes com interesses directamente ligados aos seus. A despeito disso, dando mais uma prova de seu espirito de confraternização, o Brasil envia a Santiago especialistas militares e navaes, confiante de que de seus entendimentos com os peritos dos demais paizes resultarão os mais fecundos

beneficios, e receberá com a maxima sympathia e sem a minima prevenção, todas as suggestões plausiveis, relativas á citada these. Portanto, embora pudesse fazer cabedal das ditas reservas, o Brasil vae a Santiago sem restricções, desejoso de cooperar numa obra estavel, cuja perfeição está, todavia, prejudicada, com a ausencia de tres paizes e tambem do Canada. O que parece se confirmar é a justeza do que, muito lucidamente, viu o Itamaraty, quando relutou em acceder na inclusão da these duodecima. Ella será o maior embaraço á Conferencia, como já tem sido, e irá prejudicar demasiadamente a attenção da assembléa, desviando-a de estudos mais uteis e praticos, tanto mais quanto a these está irremediavelmente compromettida, com a ausencia de alguns paizes, e sua efficacia dependeria somente de uma approvação unanime. Como quer que seja, o Brasil, seguindo sua tradicção inalteravel de fraternidade, comparece a Santiago, disposto a trabalhar com o resto da America, na obra nova deste continente, de que as Conferencias Pan-Americanas constituem uma das mais salutaes realizações.

## O anniversario de Cerro Corá

A 1º do corrente, na costumada indifferença pelas coisas historicas, passou o 53º anniversario do termo da guerra do Paraguay, com a morte do tyranno Lopez ás mãos do soldado brasileiro Chico Diabo. Por mais que historiadores estrangeiros queiram deturpar a verdade historica; por mais que os paraguayos queiram nos apresentar como barbaros, nessa guerra, em que lhe salvamos a nacionalidade; por mais que alguns espiritos, especialmente os nossos positivistas, queiram fazer uma pagina negra de nossa historia a campanha de 1865-1870, o certo é que nella entramos forçados por uma situação que ameaçava todo o continente; nella defendemos tanto a integridade nacional como a americana e a do proprio Paraguay; nella estivemos com um inalteravel espirito de justiça e nobreza e della saímos com os mãos limpas e mais aureolados pela retidão do procedimento do que pelo fulgor das victorias magnificas de nossos heroes. Não fomos contra o povo paraguay, fomos contra o estabelecimento da perigosa tyrannia que se implantara no centro da America do Sul, com

perigo para todo esse hemispherio, contra a loucura de um megalomano, que incendiára um povo e o lançou numa campanha formidavel, onde seu heroismo não foi desmentido, mas sacrificado pela ambição do truculento supremo. Finda a guerra, com a morte de Lopez, não quizemos nada, não pedimos nada, não nos apossamos de nada. Cumpriamos um dever, com sacrificios inauditos, pois a nossa desordem financeira veiu da guerra do Paraguay, com o inevitavel desequilibrio de nossas finanças. O que é extraordinario é que hoje, ainda pretenda no paiz visinho exaltar como um super-homem a figura de Lopez, adulterando-se a historia com as mais graves injustiças contra nós, para se elevar a pedestal do tyranno, que ensombrou a historia americana. O patriotismo deve ser obra de justiça e sobre alicerces de falsidades não se construirá nada de definitivo. Os falsos deuses tombarão de seus nichos fragorosamente e ninguém os leva mais a serio. Não ha galvanização possivel e a historia não póde ser um arcabouço que nossas predilecções ornamentam a seu bel-prazer, para lhe modificar o tom. Ha verdades que se fixam na consciencia e não ha revezes ou campanhas que as apaguem. Mas rememoremos, um instante, o final da guerra. Depois da entrada do grande Caxias em Assumpção parecia finda a longa peleja, mas Lopez não se convencia da derrota e sua vaidade reuniu alguns mil homens nas montanhas de Ascurra, dispondo-se a iniciar guerrilhas e emboscadas. Retirando-se Caxias do commando supremo do nosso exercito, foi substituido pelo Conde d'Eu, que decidiu dar cabo do inimigo, pondo termo á campanha. O inicio das operações foi dado, com o encontro effectuado em Jejuy, onde o general Camara desbaratou totalmente o inimigo. O general Menna Barreto, transpondo o Rio Paraná, apodera-se de Sapucaia, ao mesmo tempo que Osorio occupa as cordilheiras de Valensuela. Realiza-se, então, o ataque á nova capital do dictador. — Perebebuy, — que depois de alguma resistencia cae em poder dos brasileiros, sendo aprisionado toda a sua guarnição sobrevivente. Dias depois o Conde d'Eu registrava a sua maior victoria, ganhava a batalha de Campo Grande, tomando toda a artilheria que o dictador ainda possuía e aprisionando tres mil soldados, que o acompanhavam nessa fuga atravez dos sertões. Lopez fugiu, embrenhando-se pelo sertão, onde varias expedições deram batida, até que o tyranno foi encontrado, pela do general Camara, em Cerro Corá, onde soffreu o ultimo revés. Mas, ainda assim, não foi aprisionado. Fugiu, mas o general Camara, seguindo-lhe a pista, foi encontrá-lo, nas margens do Aquidaban, onde, a 1º de Março de 1870, morreu nas mãos de Chico Diabo, soldado voluntario do Rio Grande do Sul. E assim findou a guerra, onde aureolamos nosso espirito com a gloria das armas e a justiça do procedimento. A camisa com que Lopez morreu está conservada no Museu do Ypiranga, em S. Paulo.

## Homenagem a D. Julia Lopes de Almeida

Numa das suas ultimas sessões, a Academia Brasileira de Letras prestou uma significativa homenagem á brilhante escriptora D. Julia Lopes de Almeida, consignando em acta um voto de louvor pelo apparecimento de seus novos livros, *A Isca*, *Jardim florido* e *Oração á Santa Dorothea*, que offereceu á Academia por intermedio do Sr. Goulart de Andrade. Este academico ao passar os livros da insigne romancista ás mãos do Presidente da Academia, proferiu palavras entusiasticas sobre a sua illustre autora, cujos meritos exaltou. O Presidente Afranio Peixoto, fazendo consignar na acta o voto de louvor, referiu-se encomiasticamente á grande escriptora, que só não pertence áquella companhia, pela circumstancia fortuita de não haverem seus estatutos permittido a entrada das senhoras. E entre carinhosos applausos a D. Julia Lopes, que sem duvida representa uma das mais altas expressões do romance brasileiro, a Academia approvou unanime a homenagem proposta.

le plus vif intérêt les articles que vous me dites avaior publiés dans l'*Illustração Brasileira*, car moi aussi j'ai cherché ce qui avait été tenté a Pernambouc pour le salut de l'Empereur. Je dois dire que malgré les articles de mon ancien camarade M. de Barral, je n'ai pu arriver á un résultat. Je veux espérer que vous aurez été plus heureux. Assurément ainsi que j'ai essayé de le dire dans mes derniers livres, je crois qu'il y eut des tentatives aux Etats Unis et dans l'Argentine, et celle de Pernambouc m'a particulièrement attiré, et peut-être allez-vous me la dévoiler. Croyez-moi, Monsieur, á ma gratitude et á mes sentiments de particuliere attention. *Frédéric Masson*" Ao cabo de uma existencia productiva e cheia de nobreza, a que não faltou scintillação, Frédéric Masson morre em plena belleza moral, deixando uma obra destinada, consoante seu desejo, a sempre alimentar o culto sagrado á figura estupenda de Napoleão, tal como lampada que se nunca apaga ao pé do idolo.

## Outro inedito de Castilho

Entre papeis de estimação, encontramos, justamente com dois outros autographos, estes versos de Antonio Feliciano de Casti-

lho, que, como tudo quanto dictou e assignou, ostentam a marca inconfundivel de seu grande espirito:

Tornaste-te, egregio moço, á terra fortunosa,  
apostada em sagrar-te um solio diamantino;  
mas nunca, entre o esplendor do mais feliz  
[destino,  
te deslembre que a patria é sempre mãe  
[saudosa.

Nos murmurios do Tejo ouve esta melodia:  
— "Inda te esperam cá mais gloria e mais  
[amores! —  
Vae pois, mas torna! Ah, torna! O sol no  
extremo dia  
quer-nos ver- onde abriu nossas primeiras  
flores.

Temos razões para acreditar que esta poesia, datada de Lisboa, aos 2 de dezembro de 1870, é inedita, e que a saudação é dirigida a Furtado Coelho, quando o artista voltava ao Brasil, onde passou quasi toda a existencia.

Elysio de CARVALHO





# NOTULAS

## Um bilhete de Diniz Junior

Ao brilhante jornalista que é Diniz Junior, director d'A Patria, onde, além do artigo de fundo, sempre chelo de idéas sãs e segura orientação, mantém diariamente a secção *O meu bilhete*, em que os factos sociaes, politicos e litterarios da actualidade são commentados com superior intelligencia e desassombro, ora elogiando as nobres iniciativas e os propositos patrioticos, ora invectivando os nullos, os perversos e os energumenos, devemos a gentileza das palavras que adeante se transcrevem, publicados no referido jornal do dia 23 do mez findo, não sendo esta a primeira vez que sae a publico em defeza desta revista:

"Elyσιο de Carvalho, na *America Brasileira*.

Director !

Sempre acho uma infinita graça nos individuos que o detestam por causa do empenho que V. põe no accentuar os valores da sua raça e no carinho com que encara os assumptos de Portugal.

Foi esse odio pequenino que levou os falsos nacionalistas a intrigar-o com o governo, envolvendo-o e ao grande Malheiro Lias no fallecido caso armamentista.

Os tecedores, não obstante a solução que se deu ao facto, continuam, porém, a vizal-o e á sua revista, que é uma das publicações mais bellas, mais viús e patrioticas, dentre quantas se fizeram no Brasil.

Não se incomode, entretanto, com esse trabalho de inconsciente derrotismo. Cada vez mais, se comprehende, em nossa terra, a necessidade de accrescer, completando-os, os meios de defesa nacional. E só um brasileiro suspeitoso ou tristemente visionario, pretenderá que nos convençamos da possibilidade de uma existencia tranquilla para o Brasil, com o abandono ou descuido desse grave e urgente problema.

(Aliás, os que o accusam prégavam, não ha muito, um pacifismo de empreitada, com a circumstancia de estarem promovendo uma viagem de Zeballos ao Rio de Janeiro...)

Só os cegos não vêm !

Ha mesmo — e sempre houve — uma tal ou qual harmonia entre a campanha lusophoba e essa outra de approximação zeballista com Buenos Aires. (Repare que não alludo a rhetorica desses galfarros induza quem americano, pela qual sou dos que mais se batem).

Felizmente, o Brasil vive na plena consciencia dos seus destinos e é impossivel que á politica fraterna de avigoramento latinoquer que seja a acreditar em certas amizades.

Amigos entram pelo coração a dentro. E a verdadeira amizade não carece de reclamos e "camelots".

E' aquelle "refrain" da cantiga:

*Quem é bom já nasce feito  
Quem quer se fazer não pôde.*

Deixe-os estar, homem ! Toda gente os conhece, não ha quem os não aponte.

O caso delles é de "empregos", e qualquer serve, inclusive os da fiscalização da batota.

Connosco a cousa fia mais fina. Nem V. quer "empregar-se", nem eu. Mas, o que não estamos é dispostos a pactuar com as sandices e impatriotismo dessa gentinha.

O velho Nietzsche fala do sexto sentido, que é o historico, sem o qual os povos se olvidam de si proprios.

Nós vamos por ahi. Estamos certos. Que importa o resto ?

*Et semper.*

JOÃO, APENAS.

## A "America Brasileira" no estrangeiro

A *America Brasileira* cada vez adquire expressão internacional. No nosso continente, o seu artigo programma foi discutido longamente pelo Sr. Estanisláo Zeballos na *Revista de Derecho y Historia*, de Buenos Aires, a nossa actuação é acompanhada muito cuidadosamente pelos órgãos mais importantes da Argentina, Uruguay, Paraguay, etc., que constantemente nos dispensam referencias. Em Portugal, a imprensa de Lisboa tem transcripto ou commentado mais de um trabalho nosso, fazendo-o sempre acompanhado de palavras carinhosas e lisonjeiras. A imprensa franceza tem mais de uma vez se referido á nossa publicação, e o *Matin*, no *Courrier des Lettres*, frequentemente cita os principaes artigos do nosso sumario.

A *Vanguardia*, diario sidonista que se edita em Lisboa, no seu numero de 4 de janeiro findo, precede a transcripção de um dos artigos do nosso director, *Os falsos precursores de Cabral*, com estas palavras que muito nos honram: "Transcrevemos da notavel revista *America Brasileira*, que no Rio de Janeiro se publica e é o órgão do nacionalismo do Brasil, este brilhante artigo do seu illustre director Elyσιο de Carvalho, que a Portugal interessa. E' preciso dizer aos portuguezes que o ignoram e que infelizmente são a sua quasi totalidade, que esse nacionalismo superior e intelligente nada tem com o nativismo capanga de meia duzia de individuos sem valor nem cotação. Esse nacionalismo não ataca Portugal, julga-o apenas com imparcialidade e com a sympathia que lhe merece como origem da sua grande Patria. Elle não vê em Portugal um perigo e sabe que o inimigo do seu paiz está mais perto, alli mesmo na fronteira, dando-nos com isso, talvez, um exemplo. De resto, Elyσιο de Carvalho é, não só um dos maiores espiritos do Brasil contemporaneo, estheta, poeta, critico, historiador, politico, criminalista sempre admiravel, mas um sincero amigo de Portugal. Não basta que o governo lhe tenha dado, como ao seu illustre companheiro de acção Ronald de Carvalho, uma commenda. E' preciso que todos os portuguezes leiam os bellos livros que se chamam *Brava gente* e *Bastões da nacionalidade*, obras admiraveis de patriotismo e de belleza."

A *Revue de l'Amérique Latine*, de Paris, dirigida superiormente pelo professor Ernest Martinenche, Charles Lesca e Ventura Garcia Calderon, no numero de fevereiro findo, publica o seguinte:

"*America Brasileira*, qui se publie à Rio de Janeiro sous l'intelligente direction de M. Elyσιο de Carvalho consacre un important numero au centenaire du Brésil. Nous y trouvons un très intéressant article de notre collaborateur G. Le Gentil sur un précurseur de l'indianisme, Ferdinand Denis, écrivain oublié qui publia, en 1829, des *Scènes de la Nature sous les Tropiques* dont il dit: "Ce livre inégal, mais suggestif, qui tient de la critique et du roman, ou l'exemple se joint au précédent, derive en partie de sources portugaises. Ferdinand Denis s'en rapporte pour la description des lieux à la *Chorographia* d'Ayres do Casal, pour l'histoire à Rocha Pitta." Et il termine ainsi: Cependant l'indianisme du *Guarany* conserva plus d'une attache avec l'exotisme européen. Les jésuites, en identifiant Noé et Tamandaré, saint Thomas et Pai Zuma, avaient commencé la réhabilitation de l'homme sauvage. Il restait, après le XVIII siècle qui glorifiait l'état de nature, à transformer l'indien en héros sentimental. A l'appui de la thèse de Chateaubriand, qui semble en contradiction avec ce que nous savons des aborigènes de l'Amérique du Sud, dont beaucoup vivaient sous le régime de la polygamie, Ferdinand Denis pouvait invoquer le témoignage des premiers missionnaires. Il avait retenu, en lisant Yves d'Evreux la piquante anecdote du Tupinambá qui pardonne à la femme adultère. Il se rappelait cette chanson, déjà citée par Montaigne: "Couleuvre, arrête-toi, arrête-toi, cou-

leuvre, afin que ma sœur tire sur le patron de ta peinture, la façon et l'ouvrage d'un riche cordon, que je puisse donner à m'amie." Le moraliste ajoutait: "Or j'ai assez de commerce avec la poésie pour juger ceci, que non seulement il n'y a rien de barbare en cette imagination, mais qu'elle est tout à fait anacréontique." L'auteur des *Scènes de la nature*, qui avait parcouru les forêts du nouveau monde, en remplaçant la grâce par la majesté, formulait, dès 1824, un dogme du romantisme brésilien: "On sent de même que dans les idées primitives du sauvage, il y a un caractère de grandeur qui étonne au milieu de notre ordre social." Ferdinand Denis, imitateur du *Caramuru* et précurseur d'Alencar, avait l'étoffe d'un romancier. On ne lui contestera pas le double mérite d'avoir encouragé en France, après une interruption de deux siècles, la renaissance du goût brésilien et proclamé l'autonomie littéraire d'une nation dont les diplomates européens hésitaient vers la même date, à reconnaître l'indépendance politique. C'est à ce titre qu'il nous a paru légitime, en commémorant le centenaire, de prononcer avec respect le nom d'un écrivain obscur et oublié qui fut pour le Brésil un ami de la première heure. D'autres articles seraient à commenter dans ce numéro; bornons-nous à citer *Un Siècle de Pensée*, de Ronald de Carvalho, *La Musique au Brésil au XIX siècle*, de Renato Almeida, *Histoire de la Colonisation portugaise*, de Celso Vieira, *Le Libérateur et l'Empereur*, de Diego Carbonell, et enfin des articles signés Graça Aranha, Rocha Pombo, Elyσιο de Carvalho, etc.

No numero de 7 de janeiro, o jornal *L'Amérique Latine*, de Paris, dedicou o seu primeiro *echo* á nossa revista, dizendo:

"Dans un des derniers numéros de la revue *America Brasileira*, à laquelle collaborent d'importantes personnalités intellectuelles brésieliennes, a paru un intéressant article sur la "Mission intellectuelle de la France au Centenaire de l'Indépendance brésielienn".

L'auteur y félicite notre pays d'avoir, dans le choix de cette mission, "trouvé le geste qui pouvait le plus honorer et flatter le Brésil, et d'avoir ainsi montré à quel point la France connaissait et appréciait la culture et l'intellectualisme brésieliens".

"Il n'est pas inopportun, y est-il dit, au moment où certains éléments paraissent vouloir suivre des journaux vendus à nos ennemis d'hier, de dire que les intellectuels brésieliens n'oublieront jamais ceux qui leur ont ouvert les portes lumineuses de la culture latine et leur ont donné, avec le culte de la beauté et l'amour d'un idéal supérieur, le sens de la mesure et de l'harmonie. Nous recevons maintenant de la France, par les mains de ces intellectuels, notre diplôme de nation cultivée."

Et l'article conclut, en disant: "La France, en nous faisant l'honneur d'une ambassade intellectuelle, nous a montré qu'à la différence des autres nations, elle ne nous considère pas comme Carthage, une simple agglomération de commerçants mais comme une nation dont l'esprit continuera, un jour l'œuvre immortelle du génie latin."

Dans le même numéro figurent d'ailleurs d'autres articles concernant la participation de la France à l'Exposition du Centenaire. La France est heureuse que ses intentions ont été si bien comprises et exprimées et il nous est agréable d'être en communion de pensée avec la grande revue brésielienn.

Gomes Leite

Foi uma magoa profunda a que causou a morte de Gomes Leite, cujo espirito se revelára entre os melhores da nova geração. ... uGhm smhrfdply fhmhmschmrf hmrf h Desde o apparecimento de "Cratêra", que Gomes Leite se impoz como um poeta de sensibilidade e profunda inquietação mental, mais precisas ainda na "Caravana dos Destinos", que tem uma forte repercussão nas nossas letras. Além disso era um chronista vigoroso

# EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO

## OS ESFORÇOS DA NOVA ADMINISTRAÇÃO

Os organizadores da Exposição Internacional do Centenario, cuja obra é digna dos maiores encomios, pela presteza e rapidez com que foi levada a cabo, principiada, como se sabe, apenas um anno antes da data irrevogavel de sua abertura, não se revelaram igualmente merecedores dos mesmos louvores, no que se refere á administração da grande feira, cujo exito foi comprometido. Quando o actual governo, em Novembro ultimo, investigou da situação exacta do grande certame, presentiu claramente que, sem medidas radicais e energicas, teriamos sacrificado a notavel realização, em cujos frutos se depositavam tantas e tão fundadas confianças. Os serviços tumultuados e a desordem na orientação eram bem os symptomas deploraveis da Exposição, cuja concorrência diminuiu, chegando a alarmar alguns dos commissarios estrangeiros. Foi quando o Ministro do Interior, Dr. João Luiz Alves, procurando conhecer pessoalmente as possibilidades da Exposição e acercando-se de pessoas competentes no assumpto, cujas opiniões sempre ouviu com solicitude, resolveu, firmemente, dar uma nova orientação á parte administrativa da Exposição, cujo prazo, em boa hora, prorogou. A sua direcção entregue ao Dr. Antonio Oyntho dos Santos Pires, que fora o organizador da Exposição de 1908, ao Sr. Medeiros e Albuquerque, o brilhante jornalista, cuja intelligencia lucida tem sido tão fecunda á frente do departamento la representação estrangeira, e ao Dr. Flavio da Silveira, que deu uma nova vida ao recinto, promovendo festas e diversões, de sorte a melhorar consideravelmente a concorrência, que tem sido muito satisfactoria. Conseguiu, pois, o Dr. João Luiz Alves salvar do fracasso a nossa exposição, attestado vivo da actividade construtora do Brasil moderno, de suas immensas possibilidades eco-

nomicas e que tem dado aos estrangeiros que nos visitam uma exacta impressão de força e enche de justo orgulho os brasileiros, em face desse espelho da grandeza nacional.

Basta percorrer os mostruarios dos nossos Estados, dos quaes o Ceará foi o que mais concorreu, com 2.984 expositores, sendo que a industria das suas rendas e bordados se apresenta com productos realmente admiraveis, e que, de futuro, podem ter um lugar proeminente no mercado de artigos de moda, não só nacional, mas também estrangeiro. A seguir, Minas Geraes, o grande Estado cuja actividade crescente é um padrão honrosissimo para o Brasil moderno, expondo suas gemmas preciosas, seus minerios, outros productos naturaes e variados mostruarios de artigos industriaes, dentre os quaes se salientam os lacticinios. O terceiro lugar cabe á Bahia, cuja principal industria é a do tabaco, sendo que seus mostruarios de mineraes são muito opulentos, bem assim de productos naturaes, como cacáo, de que é o maior exportador brasileiro, café, fibras, cereaes, etc. O Paraná, que é o quarto expositor, pelo numero de concorrentes, tem admiraveis mostruarios, com mobilias, pianos e outros artigos industriaes, sendo também de grande revelo a exposição de matte, de que é o maior productor do paiz. São Paulo, se apenas comparece com 452 expositores, em compensação, mostruarios industriaes os mais completos e aperfeçoados, que demonstram o gráo de adiantamento das manufacturas nessa unidade brasileira, das mais progressistas e poderosas. O café, a riqueza formidavel do Estado e o esteio maximo da economia brasileira, tem mostruarios especiaes, com 300 amostras do precioso gráo, algumas velhas de mais de um seculo, contemporaneas, portanto, da independencia nacional. Não seria pos-

sivel proseguir nessa enumeração de cada Estado, representados todos com muito interesse, pois conseguiu-se despertar um grande entusiasmo em toda parte pela Exposição, afim de que podesse ser, como de facto o é, um expoente da potencialidade do paiz.

O que se torna, porém, necessario para assegurar o exito do certame era atrahir o publico, sendo que esse descaso foi que ia comprometendo o successo da Exposição, felizmente remediado pela actual Commissão Executiva, que não poupa esforços, no sentido de augmentar sempre e cada vez mais a concorrência, com festas, diversões, concertos, etc., para o que muito tem concorrido a acção directa do Minsitro do Interior, o qual teve a fortuna de encontrar no Dr. Flavio da Silveira um organizador moderno e profundo conhecedor das predilecções do publico. Basta dizer que, em Fevereiro ultimo, apesar de ser mez de 28 dias e de ser época de verão, em que ha o exodo da população para as cidades serranas e de aguas, apesar de tudo entraram no grande portão monumental perto de 200 mil visitantes, o que significa um grande exito, comparativamente com o numero de visitantes das outras grandes exposições internacionaes, em capitaes mais populosas e com uma população adventicia innumerada vezes maior do que a do Rio de Janeiro. Sente-se, pois, e de um modo categorico a renovação por que fez passar a Exposição, o Sr. Ministro João Luiz Alves, orientando, dirigindo e superintendendo os serviços, que soube entregar em mãos habéis e experimentadas. Póde-se, hoje, ter a certeza a mais inabalavel de que todos os sacrificios feitos porventura com a Exposição estão largamente compensados, pois da grande feira das nações advirão os mais fecundos e beneficos frutos.

e forte, sendo seu livro "Através dos Estados Unidos", uma magnífica collectanea de impressões de viagem, em que a vida tentacular do grande povo avulta aos nosos olhos no seu deslumbramento e na sua miseria. Redactor d'"A Noite", era Gomes Leite um jornalista moderno, vivo e penetrante, para escrever as pequenas notas e incivas e fazer as reportagens de successo e sensação. Foi esse moço cheio de entusiasmo e emoção, que a morte nos roubou, num desastre impressionante enchendo-nos a todos de uma grande dor.

"America Brasileira", que o contava entre seus collaboradores, deixa nestas palavras toda a sua saudade, toda a sua magoa.

### A proposito de Roberto Gomes

Publicando a traducção do "Jardim Silencioso", de Roberto Gomes, *La Nacion*, de Buenos Aires, em seu numero de 18 de fevereiro ultimo, estampou a chronica abaixo, de B. de G., sobre o saudoso dramaturgo, em que ha uma referencia a conceitos nossos, em nota publicada no numero XIII desta revista, sobre o seu tragico desaparecimento. Não sabemos se emendar o nosso modo de proceder, que ao menos teve o merito de provocar essa fina e intelligente contradicção, de certo muito util para o estudo de physionomia do nosso mallogrado autor de *Berenice*. O artigo é o seguinte: "Em um commentario de certo chronista sobre o fallecimento de Roberto Gomes, em que á mingua de piedade se ensaiou a penna do humorista, attribuiu-se o desenla-

ce tragico do dramaturgo ao anachronismo de seu temperamento romantico em opposição irreductivel á nossa época utilitaria. Roberto Gomes, teria soffrido mais com a aspereza dos homens, o contacto aggressivo de seus semelhantes, do que com a crudelissima enfermidade que o depauperava e o martyrisava. Seu gesto de desespero, o tragico ponto final de uma bala com que o desventurado encerrou o cyclo das suas agonias, teria sido o protesto do romantico taciturno, do remoto descendente de Werther ante uma sociedade sem entranhas, anciosa de prazeres materialistas, a despedida dolorosa do artista de seus companheiros que o deixaram acabar-se no abandono e não o protegeram sequer das ironias que mais férem e das satiras que mais chorani. Roberto Gomes torturado por uma enfermidade inexoravel conservava-se todavia, afavel, carinhoso e bom. Ninguem mais do que elle teve autoridade para julgar severamente os malevolos, os aggressivos e os impiedosos. Era um artista de sensibilidade e de elevação que tinha horror á fealdade moral. Aquella sensibilidade, aguda e morbida comtudo, nada tinha de anachronica. Era, com effeito, e graças a circunstancias complexas, o artista de seu tempo: um exemplar tão perfeito de sua época, como Musset o foi do sentimentalismo oriundo da Revolução e da epopéa Napoleonica. Degenerado, no sentido clinico da palavra, representava o producto germico de uma humanidade em que o caracter eminentemente cerebral da civilização gerou um inevitavel desequilibrio. Longe, pois, de ser um anachronico, foi, integralmente, um homem do seu tempo, e — coisa

rara em nossos dias — nunca deixou de ser na vida como na morte, o homem de seu officio, o artista dramaturgo, o embellezador dos conflictos humanos, um "Bataille "minor", nascido em meio, todavia, hostil aos artistas de sua especie delicada que — ai delle! — perdeu sua "batalha" e repetio artificialmente usando de um instrumento mortifero de aço, a catastrophe de que o dramaturgo da "La Marche Niplicale" no coração: Bataille por uma syncope, Roberto Gomes por uma balla. Poder-se-ia notar, não sem razão, que a obra do desventurado autor do "O conto sem palavras" estava profundamente imbuida desse neo-romantismo analytico, desse quasi-feminismo que caracteriza a obra literaria dos autores francezes seus predilectos. Em uma hora animada por um naturalismo, que se obstina em restaurar o prestigio do regionalismo na arte, a obra tão vibratil e humana do autor de "O Jardim Silencioso" exclusivamente dedicada ao estudo das almas, quasi parece estrangeira. E não foi elle, nesse tumultuoso assalto á fortuna, ao pezar e á celebridade entre os homens grosseiros e as mulheres levianas, mais que um extranho, um exilado em sua terra? E não é, acaso, um fim de acto á maneira de Bataille, aquelle tiro de revólver que passa inadvertido entre o ruído das musicas, das vozes, do espoucar da "champagne" no "reveillon" do Anno Novo? Artista até ao fim, Roberto Gomes collaborou na fatalidade que dramatizara sua vida e que por duas vezes o lançara sobre a mesa de operações, despedindo-se do mundo, de seus gozos e de suas crueldades, com o valor taciturno do protagonista de "La Rafale". — B. de G."

# REPERTÓRIO

## HOMENS e COUSAS ESTRANGEIRAS

### Directivas da política exterior norte-americana

Fallando, ha pouco tempo, em Boston perante enorme auditorio, o secretario de estado norte-americano, Sr. Hughes, declarou, como fórmula de politica externa de seu paiz — "Amizade com todas as nações, alliança com nenhuma". Considerando a attitude "yankce" em relação á cooperação internacional, o Sr. Hughes disse: "Para nós, a cooperação internacional não significa que devamos nos irrometter nas controversias sobre questões, que não encobrem nossos interesses, vindos de rivalidades antigas e de disputas entre potencias europeas, cujos programmas politicos não temos intenção de criticar e dos quaes não participamos. Não ha motivo para que desperdicemos nossa influencia benefica, partilhando de controversias que taes e muito menos commettendo o erro de querer assumir o papel de dictadores. Entretanto, fomos generosos no auxilio pratico que podiamos dispensar. Gastamos centenas de milhões de dollars em soccorros e, o que é mais importante, um sem numero de empresas da Europa vieram a este paiz para obter cooperação e não se lhes negou. O que nos solicitaram foi o credito e em resposta, quatro mil milhões de dollars foram invertidos na Europa pelo nosso povo, depois do armistício". Fallando sobre o tribunal internacional de justiça, affirmou o illustre estadista que os Estados Unidos apoiam, como sempre apoiaram esse tribunal, para derimir as questões, juridicamente. Sobre a America Latina declarou: "Contemplo com especial agrado as relações com as republicas vizinhas deste hemispherio, apreciando a independencia de que gosam e desejando-lhes paz estable, integridade inalteravel e prosperidade continua." Ao concluir seu notavel discurso, o Sr. Hughes tratou da attitude de seu paiz em relação aos problemas do Oriente Proximo dizendo: "Ha pessoas que desejavam que ameaçassem com a guerra, ainda sem pensar em fazel-a. Nosso governo não faz ameaças, que não pensa em executar. Ao povo americano não cabe adoptar uma politica, em que tudo quanto se disse em seu nome não signifique o que exactamente foi dito, e quando ameaçamos e porque fazemos. Seja-me licito citar as palavras do Coronel Roosevelt — da mesma forma que não acredito na politica de fanfarronadas em assumptos nacionaes e internacionaes e muito menos em questões particulares, nem em nenhuma violação do antigo regrao da fronteira, "não saques a pistola, se não fordes atirar" não acredito tão pouco em assumir jámais, seja onde for, uma attitude que não possamos manter".

### O que é o fascismo?

Nossos leitores vão achar que consagramos muito espaço da nossa revista ao fascismo. Mas é que esse grande movimento, que se levantou diante do bolchevismo ameaçador, está talvez destinado a modificar a face actual do mundo e mais tarde regel-o dictatorial-

mente. Na verdade, até hoje só conhecemos o fascismo pelos seus actos e pelos acontecimentos que decorreram destes actos. O que é realmente o fascismo? E' o que procura explicar, em um artigo claro, substancial e synthetico, publicado na excellente revista "Monde Nouveau", de Paris, o Sr. Guisepppe Prezzolini: As origens do fascismo remontam aos annos de guerra, cuja atmospheria ardente fez nascer no espirito dos combatentes uma intransigente vontade de renovação nacional. A direcção politica da Italia pertencera então aos "advogados", isto é, aos doutores, aos homens de cultura e de theoría. A guerra, que é a maxima acção, substitue o respeito aos theoricos pela reivindicação do poder para os homens de acção. Os combatentes, que tinham salvo a patria com os braços, pensaram, quando voltaram da guerra, ter o direito de dirigir doravante os seus destinos. Dahi a criação do "Partido dos Combatentes" e que veio aliás fracassar miseravelmente tempos depois. A estes combatentes das cidades, vieram juntar-se os camponeses, exitados pela formula lançada em 1917: "a terra aos lavradores". Um dos resultados desse estado de espirito que irá crescendo cada anno foi uma democratização da Italia e o novo regimen eleitoral que deu o direito de suffragio a mais de 11 milhões de cidadãos, quando sómente 3 milhões tinham esse direito antes da guerra. As desilluções de toda especie, inclusive as que trouxe o tratado de Versalhes, fizeram fermentar esse espirito latente de reivindicação social, e depois do fracasso wilsoniano a maioria atirou-se, esperançosa, para o bolchevismo. Mas os chefes socialistas não souberam aproveitar-se dessa grande aspiração. Atacando a guerra, desgostaram aos antigos combatentes que a tinham feito; querendo reservar tudo para os proletarios, tiveram contra elles os intellectuaes e os funcionarios. Uma reacção começou a desenhar-se, que era formada na sua origem por tres categorias principaes de homens: 1º os combatentes, que crêm na victoria e no seu direito a renovar o palz (fé); 2º a classe média, intellectuaes e pequenos burguezes offendidos pelos ataques dos communistas (mão humor); 3º grandes proprietarios, industriaes ou agricolas, que entram no fascismo a força capaz de destruir o bolchevismo ameaçador (Interesse). Esta analyse explica as diferentes interpretações que se deu ao fascismo. Para os nacionalistas, o fascismo é um movimento permanente politico; os socialistas, como Serrati, pelo contrario, vêm nelle a mais recente offensiva dos reaccionarios. O fascismo, todavia, não nos parece ser um movimento reaccionario. em todo o caso não é burguez, pois a burguezia de hoje teme a acção violenta. E' mais geral, e não pertence a uma só classe social. Tem, diz o Sr. Prezzolini, um factor "physiologico" O partido fascista é o partido dos jovens, da nova geração. Todos os seus chefes são moços, e, reagindo contra os "doutores", são todos elles homens de sport e não de estudo. Como se vê, em todo o caso, o fascismo é uma grande corrente social, com mesmo que esperamos do communismo (corções. Muitos fascistas allás esperam delle o contra o communismo que só trouxe desillu-stituída na sua maior parte por uma reacção porativos, trabalho por contra do Estado, etc). Além disso o fascismo muda conforme as regiões: é agrario em Ferrara, cidadno em Milão, catholico moderado na Venezia, aproveitando-se sempre da corrente principal da região onde opera. O seu estado maior é formado quasi intelramente por antigos socialista, a começar pelo proprio Mussolini, que resume, pôde-se dizer, todo o fascismo. Conclue-se do interessante artigo do Sr. Prezzolini, que, a fallar propriamente, o fascismo não é um partido, pois não possui um programma definido nem tem uma profissão de fé determinada. E' uma grande aspiração nacional, nascida do descontentamento geral, e que procura pela acção, com homens novos, livres de preconceitos theoricos, reconstruir a nação italiana.

### Delcassé e sua diplomacia

Com a morte de Theophile Delcassé, occorrida em Nice, desapparece uma das figuras mais empolgantes da politica europeia: "avant guerra", da época em que os gabinetes, certos da guerra proxima, procuravam pelos accórdos e allianças dispor o terreno para a luta inevitavel. Delcassé foi um admiravel elemento dessa diplomacia e do seu esforço tenaz e constante, até o sacrificio, muito ame a França ter sahido do isolamento, em que se encontrava, em 1898, quando chamado ao governo, pela primeira vez, pelo gabinete Brisson, foi para o Quai d'Orsay. Mantendo-se nesse cargo até 1905, no que bateu o "record" da permanencia no Ministerio, da terceira republica, Delcassé teve de resolver graves e serias questões externas, o que sempre logrou exito, até que, em 1905, a questão de Marrocos o levou de vencida, pela exigencia do ex-kaizer. Decidiu com a Inglaterra o caso da occupação de Fachoda, pela expedição Marchand, e em 1899 conseguia dar uma fronteira oriental ás possessões francezas na Africa. A sua politica visava approximar a França da Inglaterra, da Russia e da Italia, pois, apezar da triplice alliança, sempre teve inabalavel confiança de que a Italia nunca atacaria a França, nem ralhariá com a Austria. Procurou uma politica muito cordial com a Inglaterra, annullando os effeitos de acção do Sr. Hannotaux, e conciliando os interesses anglo-francezes no Oriente, no Egypto e em Marrocos. Realizou o accórdo franco-hespanhol sobre Marrocos e negociou as visitas de Eduardo VII, Nicoláo II, Victor Emmanuel III e Affonso XIII a Paris e afinal, por essa diplomacia intelligente e conciliatoria, alarmou a Alemanha que, prevalecendo-se do pretexto dos accórdos sobre Marrocos lhe terem sido communicados extra-officialmente, criou a crise de 1905, declarando não reconhecer os. O discurso do ex-kaizer em Tanger foi um desafio a Delcassé. O arrogante monarchia foi além: exigiu que o Ministro do Exterior da França se demittisse. Houve actos de mobilização. A França precisava comparecer a Algeciras, os radicaes combateram Delcassé e Delcassé deixou o Ministerio, num periodo de agitação, depois de relevantes serviços, só depois melhor compreendidos. Não cessou sua actividade politica e na imprensa, no parlamento e no governo, pois foi de novo Ministro do Exterior, da Marinha e embaixador na Russia, onde muito fez pela alliança franco-russa, continuou a ser um grande francez, cuja acção intelligente e perspicaz preparou o successo diplomatico do seu paiz, indispensavel á victoria das armas, que a guerra trouxe. E' interessante lembrar que Delcassé, como aliás outros politicos eminentes de antes da guerra, ficou inteiramente esquecido de 1914 a esta parte, não tendo tido mais qualquer participação de relevo, no novo estado de cousas, para o qual tanto contribuiu. A morte, revivendo a memoria dos homens, é que poz de novo em foco a obra tenaz e previdente, quasi uma predestinação, que teve Delcassé na politica de França. Foi incontestavelmente um dos diplomatas mais notaveis de seu tempo.

### Um punhado de noticias...

A comissão de leitura para o Premio Floreal (mais um premio) composta de Mme. Severine, dos Srs. I. H. Rosny Ainé, Lucien Descaves, Victor Marguerite, Georges Durhamel, Roland Dorgetes, Charles Vildrac e Paul-Boncour, escolheu os quatro manuscritos a serem editados pelas edições Floreal. Foram distinguidos os seguintes romances: "Les Jacques" por Fanny Car; "Le retour de l'enfant prodigue" por René Jeanne; "A la glorie de la terre", por Gabriel Maurière. Quand je m'éveilleral", por Georges A. Denis. — Algumas conferencias vão ser feitas, pelo Sr. Paul Valéry na Suíça; pelo Sr. André Breton em Barcelona e por Mme. Colette em Strasburgo.



— Uma novella inédita de Balzac intitulada "Les fantasmes de la Gina" acaba de ser descoberta e publicada pelo "Figaro".

— O Sr. Emile Henriot encontrou-se ultimamente com Anatole France que lhe fallou nos seus "Pequenos dialogos sobre o amor" que está escrevendo: "Não sei se vou poder publical-os breve, disse Anatole France, o que faço aliás não tem mais importancia".

— O Sr. Pierre Benoit, o famoso "autor" da *Atlantide* acaba de ser posto em disponibilidade do seu cargo de bibliothecario do Ministerio da Instrucção Publica. Elle teve um predecessor celebre: Musset, que Ledru Rollin tinha exonerado, mas que foi pouco depois reinstallado.

— O Sr. Jonnart é candidato á Academia Franceza contra o Sr. Charles Maurras.

#### A correspondencia de Paul Verlaine

O tomo I da correspondencia de Verlaine acaba de ser publicada e vamos ter em breve os tomos II e III. Deve-se esta interessante publicação ao delicioso escriptor Ad. Van Bever, a quem o pensamento francez tanto deve. Estes livros virão preencher sérias lacunas nas biographias de Verlaine, que embora sérias nunca foram completas. Essas cartas destruirão muitas falsas lendas que correm a respeito do grande poeta de "Sagesse" e nos darão delle uma imagem tanto mais feliz que será nova e real. Encontrar-se-hão nellas pormenores circumstanciados sobre a vida do poeta: sua mocidade, seu casamento, suas amizades, suas viagens, seus processos, até suas prisões e as estadias que fez nos hospitais. As notas que acompanham o texto são precisas, discretas e muito substanciaes. A obra, precedida de um excellent prefacio, constitue um documento de primeira ordem, não só sobre Verlaine como tambem sobre a historia litteraria desses ultimos annos.



#### A coroação de Santos Chocano

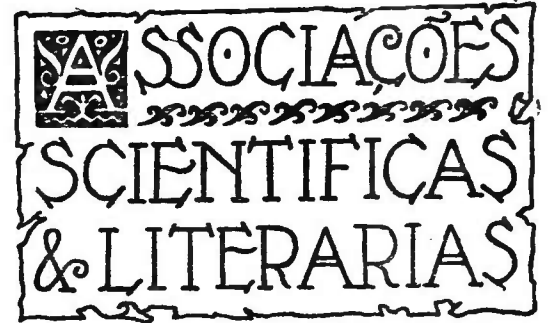
Em novembro ultimo, realizou-se em Lima a solemne coroação ao poeta José Santos Chocano, a que assistiram o presidente da Republica, ministros de Estado, diplomatas, senadores, deputados e delegados de todas as municipalidades, além de enorme multidão que se apinhava na praça Bolognara, em que se acha o Palacio da Exposição, onde se realizou a grande festa espiritual. Ao ser coroadado, o poeta pronunciou estas palavras, numa emoção profunda: "A coroa, com que os povos do Perú me cingem a fronte, não me exalta o amor proprio, como o meu patriotismo. Quizerá levantar bem alto a cabeça para que, no mundo inteiro se visse a coroa como emblema delicado e solemne de cultura nacional. Bemaventurados os povos que amam os poetas, porque delles será o reino de immortalidade. Quando todas as municipalidades da Republica suspendeu as lidias quotidianas para glorificar a poesia na pessoa de um dos seus concidadãos, é imprescindível pensar nos conselhos que presidiam o rythmo com que as cidades gregas se movem na historia. O poderio arrogante de Babilonia, o fausto commercial de Phenicia, a vida pratica de Cathargo passaram como velas entre nuvens e ondas pelos horizontes da vida, desvanecendo-se perpetuamente na memoria dos homens; entretanto, na Grecia, poetas, artistas, philosophos, parecem que ainda vivem. Assim, pois, mais por patriotismo do que por cortezia, em nome do Perú, beijo a mão daquelle que me cinge a corôa, uma vez que o gesto, correspondendo ao impulso espontaneo do espirito nacional, equivale a assignalar com o indice o mandar-lo ideal, felicidade suprema das vidas humanas. Cinco milhões de almas se uniram numa só, para a glorificação da minha arte significativa e que glorifica tambem o que ella representa. Minha arte está cheia de natureza e de historia, mas quero insistir tambem que em todas as suas manifestações e nas de minha vida tenho buscado não desmentir nunca o conceito emersoriano do poeta que deve

ser epico como Dante e lyrico como Byron, e harmonizar sua vida com sua arte, até chegar a ser o protagonista de sua melhor poesia." Depois de algumas orações mais ao som do hymno nacional, folhe collocada a coroa na fronte, ante uma assembléa fremente de enthusiasmo. Concluida a festa, o poeta acompanhado por longo cortejo dirigiu-se ao monumento ao heroe de Arica onde se effectuou a sua consagração popular. O desfile triumphal atravessou depois as ruas, sendo a carruagem de Chocano torada pela propria multidão que desatrelou os cavallos. Do balcão da Municipalidade, cedendo a mil pedidos, Chocano falou e disse ao povo: "Povo peruano: Celebrais a grande festa do espirito. Ao tirardes minha carruagem com vossas proprias mãos, não fizeste mais do que mostral-as ao mundo, dizendo: sou o poeta. Cada um de vós tem direito a repetir a grande phrase do Imperador romano — "Hoje não perdi meu dia". Agradeço-vos e felicito-vos com a phrase de Nelson: "Cumprimos com o nosso dever". Viva o Perú". É interessante notar que Santos Chocano, incontestavelmente um grande poeta, tivesse pronunciado orações tão mediocres em tão alto ensejo. Quem o conhecesse só por esses discursos duvidaria da justiça da coroação. Nem sempre pelo dedo se deve julgar o gigante...



#### O serão dos poetas

Diz uma chronica de Adolpho Rosa que foi muito além do que se esperava o lindo sarão que, com o nome "Serão dos poetas", se realizou na Academia de Sciencias, organizado pelo presidente desta aggreição litteraria, cheia de tradições gloriosas, o Sr. Dr. Julio Dantas. Pela sala magnifica viam-se espalhadas fardas, cobertas de condecorações e "toilettes" de gala, a elite de Lisboa, que alli fol para admirar e aclamar os bafejados da corte, os filhos queridos das musas. O Sr. Presidente da Republica, que era aguardado pelo corpo diplomatico, Ministros e varias pessoas de destaque no meio official, foi occupar a presidencia, dando a direita ao Sr. Dr. Julio Dantas da Cunha, reitor da Universidade de Lisboa. Foi Julio Dantas quem, em nome do Sr. Presidente da Republica iniciou os trabalhos da sessão, procurando nos olhos das mulheres a inspiração para o seu bello discurso, pois que, segundo elle mesmo diz, é principalmente da mulher que o artista recebe o melhor da sua inspiração. A palavra rendilhada e elegante de Julio faz enthusiasmar a selecta assistencia que suspensa dos seus labros revive com elle o tempo longinquo das secias, dos outeiros, das festas dos conventos, que outra cousa não foram senão "Serões de poetas". Depois duma prolongada salva de palmas, com que a assistencia coroou o discurso do illustre presidente da Academia, seguiu-se o programma poetico. O Dr. Alfredo Cunha, o primeiro que subio á tribuna, recita o elogio do "Soneto e letras" e os seus versos vem vagarosamente succumbir no melo de applausos. O Dr. Candido de Figueiredo encantou-nos com a sua fabula "Atalanda"; Eugenio de Castro, com "Pé de marmore", a "A princezinha coxa" e o "Confessor da rainha"; Henrique Lopes de Mendonça, na "Derradeira ambición", provou que tambem sabem de fallar de amores aquellos que já os não têm; o Sr. Dr. João de Barros com o seu patriotico poema "Canção da raça", arrancou ao enthusiasmo do Sr. Ministro da Guerra, um "bravo!" que é o seu melhor elogio; Jayme Cortezão disse a "Balada de amor ao longe" e "Lisboa vista do céu"; agradaram sem reservas os versos do Sr. Manoel da Silva Galo, que leu o dialogo dramatico "A exaltação". Finalmente, o Dr. Julio Dantas encerrou a sessão, lendo ainda versos de illustres brasileiros, Martins Fontes e Cardoso de Oliveira, embaixador do Brasil, a quem a assistencia prestou a devlida homenagem. Todos estes buriladores da palavra, artistas a quem as musas contemplaram com tanta abundancia de dons, foram calorosamente applaudidos por essas elegantes mulheres inspiradoras, quem sabe, de muitas dessas obras primas.



#### Instituto Varnhagen

Teve excepcional cunho intellectual e o mais alto accento mundano a sessão solemne realizada no dia 17 do mez findo, no Gabinete Portuguez de Leitura, para inauguração dos trabalhos do INSTITUTO VARNHAGEN, que, fundado para constituir-se nucleo activo em pró da cultura historico nacional, é hoje iniciativa victoriosa.

A cerimonia foi presidida pelo Professor Rocha Pombo, seu presidente perpetuo, que tinha, á sua direita, o Sr. Embaixador de Portugal, Dr. Duarte Leite, Capitão Genserico de Vasconcellos e Elyzio de Carvalho, segundo-vice-presidente e secretario geral do Instituto, e á sua esquerda os Srs. General Moreira Guimarães, representante do Instituto Historico Brasileiro, Filinto de Almeida, representante da Academia Brasileira, e Albino de Souza Cruz, presidente do Gabinete Portuguez de Leitura. Esteve presente a maioria dos membros effectivos do Instituto Varnhagen, e fizeram-se representar, entre outras associações, além do Instituto Historico Brasileiro e Academia Brasileira de Letras: Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, pelo Sr. Dr. Thomé Bezerra; Club de Engenharia, pelo Sr. Dr. Francisco Goés; Academia Fluminense de Letras, pelo Sr. Dr. Henrique Vieira de Araujo; Instituto Historico e Geographico do Ceará, pelo Sr. Dr. Rufino de Alencar; o Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina; e o Centro Paulista, pelo Dr. Mario Vilalva. Compareçaram mais os Srs. Deputado Tavares Cavalcanti, Professor Adolpho Moraes de los Rios, José Severiano de Rezende, Alberto Ramos, Theodoro Braga e senhora Theodora Braga, Coronel Henrique Silva, Dr. Silva e Lima, secretario da Embaixada Portuguesa, Capitão Estevão Leitão de Carvalho, Tito Regis de Alencar, Marques Pinheiro, Humberto Taborda, Eurico Figueira de Mello, Eduardo da Camara, Miranda Ribeiro, Tenente-Coronel Arnaldo Damasceno Vieira, Santos Netto, Conego Giacomo Vicenzo, Arthur Camar Antonio Guimarães, Braulio Faria, Pedro Thimoteo, pelo *Jornal do Brazil*; Bastos Portella, pelo *Imparcial*, Celso Botelho, Octavio Joppert, Theophilo de Albuquerque, Antonio Figueira de Almeida, Alfredo Branco, Sylvio de Carvalho Espinheiros, Dias de Barros, Professor da Faculdade de Medicina; Lindolpho Xavier, Mario Vilalva, Ulysses Brandão, do Instituto dos Advogados; Manoel Guilherme da Silveira, Seidl Filho, Carlos José do Rosario, João Augusto Pereira Filho, Guedes de Mello, Nestor Victor, Manoel Esteves, J. F. de Paula Aguiar e muitos outros cavalheiros, homens de letras, jornalistas, advogados, etc.

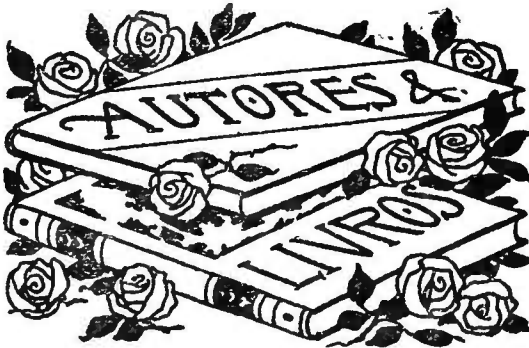
Declarada aberta a sessão, proferio o presidente Rocha Pombo a importante oração, que transcrevemos em outro local, expondo os fins do Instituto, a sua razão de ser, como elemento de systematização dos estudos brasileiros, principalmente da sua historia, pelo que constituiria Varnhagen seu patrono, sobre cuja personalidade discorreu com a proficiência de mestre, sendo seu discurso ouvido com o maximo interesse e applaudido com calor. Seguiu-se depois com a pala-

vra, o Sr. Celso Vieira, 1.<sup>o</sup> vice-presidente do Instituto e por este encarregado de fazer o elogio de Varnhagen, nessa primeira solemnidade da nova Companhia.

A peça magistral do Sr. Celso Vieira, que transcrevemos neste numero, é um estudo do melhor merito, feito naquella estylo forte e brilhante do poderoso autor do *Endymião*, e constitue uma das paginas mais notaveis que se têm escripto sobre Varnhagen, cuja figura é analysada com penetrante acuidade, refulgindo como o grande criador da historia do Brazil, na aureola a que a palavra do Sr. Celso Vieira deu mais brilho e fez mais útil ainda.

Esse discurso foi sempre entrecortado de applausos, recebendo o orador, ao conclui-lo, sob a emoção do auditorio, as mais significantes manifestações de todos os presentes. Por fim, o Professor Rocha Pombo, encerrou a sessão, agradecendo o comparecimento de todas as pessoas que constituíam a illustrada assembléa e especialmente do Embaixador portuguez e dos representantes das associações, institutos e academias. Constituiu uma nota de grande destaque, o gesto do "Gabinete Portuguez de Leitura" expondo, em mostruários forrados de velludo carmezim, as obras de Francisco Adolpho Varnhagen, que figuram na sua riquíssima bibliotheca.

A proposito da instalação do Instituto, toda a imprensa, numa significativa unanimidade, teve palavras de caloroso applauso e grande animação pela obra que se propõe realizar a nova sociedade, cujos fins têm sido detidamente analysados e criticados, não só em antigos editoriaes, como em collaborações, citando-se dentre estes artigos os assignados pelos Srs. Samuel de Oliveira, João Ribeiro, Benevenuto Maciel, Mario Vilalva e muitos outros, procurando todos fixar as directivas do Instituto, á luz da critica e do momento de resurgimento dos estudos de nossa historia. Essa acolhida entusiastica constitue uma das melhores garantias do exito desta sociedade de estudos, cujos fins multiplos não significam confusão nem tumulto, mas diversidade de especializações, perfeitamente comprehensível e compatível com o numero elevado de membros, dedicando-se aos varios ramos de estudo, cuja attenção preoccupa o Instituto. Ademais, não pretende realizar fins, mas esforçar-se pelo desenvolvimento dos estudos brazileiros, collaborando com o esforço de seus membros, através das varias fórmulas de seu programma de trabalhos.



Julio Dantas: *ARTE DE AMAR*. Soc. Ed. Portugal-Brazil, Ltd., Lisboa, 1923. A arte encantadora do Sr. Julio Dantas, fallando sobre o amor, de que tem sido um dos mais admiraveis poetas contemporaneos, é uma transfiguração. A sua linguagem cheia de colorido e de finura, parece feita para as mulheres, em cujos labios tem um sabor todo especial, ganha o seu rythmo proprio e mais fulgor. Os quadros valem independente das molduras, mas ha um complemento no emolduramento que nenhum artista desconhece, ou despreza. O Sr. Julio Dantas sabe bem o que vale sua arte na bocca das mulheres... Ensinando o amor, como nas paginas vibrantes e poeticas deste livro, algumas que parecem illuminuras, o Sr. Julio Dantas sabe fallar ás mulheres com uma graça caríciosa,

uma terna e doce emoção de quem adora a vida, pelo que ella tem de feminino. O prestigio do Sr. Julio Dantas é por tal fórma intenso nas letras brasileiras e portuguezas que ao noticiarista basta dizer o novo livro que nos deu. Essa simples indicação é um vivo prazer para todos os seus admiradores, para as suas innumeras admiradoras, que nelle têm tido um chronista amavel, apaixonado e talvez indugiante... Nas paginas quentes da *Arte de Amar*, que é um livro delicioso, ha um poema moderno sobre as filhas de Eva, da sociedade elegante, ás vezes pontado por uma chronica velha, mas sempre com aquelle espirito de galanteria, que não exclue certa maledicencia, de resto toda feminina. O Sr. Julio Dantas, conhecendo tão bem as mulheres, talvez duvide dellas. No fim, nós duvidamos sempre de tudo o que amamos...

Jackson de Figueiredo: *A REACÇÃO DO BOM SENSO*. Ed. do Anuario do Brasil. Rio, 1922. Este livro, em que o autor reuniu seus artigos feitos por occasião da ultima campanha presidencial, de que foi, como já observou o Sr. Tristão de Athayde, o elemento moral de mais valor, vale como uma convicção arraigada das tendencias directoras de nossa politica, traçada pelo lemma de José de Maitre: *fazer o contrario da Revolução*. Escripito com violencia e audacia, revelando as altas qualidades do autor, que é um dos mais estimaveis pensadores modernos, procura reagir contra a "confusão da verdade e do erro, do mal e do bem, que é como que a caacteristica das classes dirigentes, nesta hora triste da vida de todas as sociedades humanas". Combatendo pela victoria da candidatura do actual Presidente da Republica, o Sr. Jackson de Figueiredo se distanciava de quasi todos os seus companheiros de luta. E' que dirigia e norteava a sua acção por altos principios de moral christã, enquanto os outros queriam apenas o successo politico. Além dos artigos de campanha, ha no livro a sua conferencia *Brasil de hoje*, proferida no "Curso Jacobina", que é uma pagina de real merito, sobre o momento nacional, em que se sente o propulsionar de forças beneficinas, entravadas até certo ponto pelos erros de uma deficiente educação politica e civil de ha meio seculo. E o remedio apontado pelo Sr. Jackson de Figueiredo está em approximar sempre e cada vez mais o Brasil da consciencia christã, "refugio de toda a humana dignidade, de toda consciencia verdadeiramente livre". Póde-se discordar de muitas das suas conclusões, mas ninguém lhe negará fé e coragem, as qualidades mais excellentes para os homens de acção e os mentores.

Afonso Lopes de Almeida: *O GENIO REBELLADO*. Anuario do Brasil. Rio, 1923. — Este livro é composto por artigos e chronicas que escreveu o autor para revistas e jornaes, dos quaes era correspondente, descrevendo quanto "imparcialmente viu e ouviu na viagem que empreendeu de Paris a Fiume sitiada, através da Italia e da Dalmacia". São chronicas de palpitante e viva actualidade, descrevendo a epopeia de D'Annunzio, sua audaciosa aventura e sua fé exaltada no ideal. O poeta recebeu o illustre escriptor brasileiro e lhe fallou cheio de entusiasmo e delirante, naquelle perpetuo extase pela sua causa, que se funde com seu proprio eu. Elle disse, por exemplo: "Fiume é invencível porque é uma cidade em chamma viva, onde labaredas rolam, onde o Sol escorre, liquido, em vagas rubras, levantando-se em flamma que lambem o Firmamento, expluindo em scentelhas que alcançam os astros. Todos os rios vão dar ao Mar, mas nenhum delles fórma um mar, nem mesmo o seu Amazonas, no Brasil. Fiume, porém, alimenta por si só um mar: o Adriatico; o Adriatico é hoje um prolongamento de Fiume... E o Adriatico, em fogo, arde, ferve, crepita! Este rio póde esbrazeir a Terra, incendiar o Oceano! Isso depende de mim, do meu desejo forte de mal ou da minha piedade misericordiosa." E' certo que o destino de Fiume ainda não se cumpriu e o tratado de Rappallo foi a grande decepção. Resta a esperança de que os tratados não modifiquem as situações, como proclamou Mussolini, e Fiume volte á gloria de ser unida á Italia. O Sr. Afonso Lopes de Almeida não faz, porém, no seu livro simples narrações, mas nos dá impressões vivas e pessoas, como este final sobre D'Annunzio, feito com grande emoção: "Este homem, entretanto, soffre. A chamma que elle me disse arder em Fiume, é no seu coração que nasce, é do seu coração que se propaga. Dia a dia, o esforço o consome, o cansaço o anniquilla. Io nascio in ogni aurora che si leva, cantou elle. Eu

nasço em cada aurora que desponta... Mis agora, como a aurora não desponta, é com a luz do seu genio e o calor do seu sangue que o poeta illumina o oriente da Italia. O seu crepusculo accelera-se, porém, cada vez mais; e eu temo que Wilson, em Washington, não morra de odio, sem que antes, em Fiume, D'Annunzio morra de amor!"

Fernando Nobre: *AS FRONTEIRAS DO SUL*. Monteiro Lobato & C., S. Paulo, 1922 — Neste copioso volume, de analyse, documentação e critica, o autor estuda exhaustivamente a questão do Prata e o caso da ilha de Martín Garcia. A par da narrativa historica sobre o assumpto, que é muito completa e discutida com brilho e intelligencia, posto com certo espirito preconcebido, como acontece com a guerra garantica, no que o Sr. Capistrano de Abreu o reprocha por ter lido demais nas cartilhas pombalinas, ha um espirito de justiça, que procura se accentuar na conclusão concernente á ilha de Martín Garcia, como pertencente ao Uruguay, no que "ninguem ousará, nem por um instante, e sob qualquer pretexto imaginavel, titubear". Obra de merito historico indiscutível, revela não só a grande cultura do autor, como sua admiravel capacidade de trabalho, como historiador, queremos dizer, como pesquisador e ordenador, intelligente, perspicaz e subtil. Precisamos reformar nossos methodos de historia, não só discrepando de certas conclusões apressadas, mas revendo os documentos, com paciencia e medida, de sorte a poder tirar delles o ensinamento exacto e precioso. Poder-se-hia allegar que, no caso, o autor foi parcial e apaixonado, mas dos depoimentos diversos é que reconstruiremos a verdade e a propria imparcialidade, se é que existe, não é, tambem ella, uma paixão? Dessa divergencia de espiritos é que se formará a historia, em cujo campo a divergencia é a relatividade dos seus estudiosos, sujeitos a mil criterios. O livro do Sr. Fernando Nobre é um estudo admiravel pela sua vastidão, pela somma de documentos e pelo espirito que presido sua elaboração. E' obra digna da melhor estima pelos estudiosos da historia da America.

Alberto Sousa: *OS ANDRADAS*. São Paulo, 1922 — Neste 1.<sup>o</sup> volume, de mais de 500 paginas, o autor começa o estudo das figuras empolgantes dos tres Andradas, não como simples biographias, mas como acontecimentos que foram na vanguarda da geração dos "independentes" Poder-se-ha divergir da primasia que se lhes deu no movimento de 1822; discordar da gloria de José Bonifacio, como o patriarcha da independencia; discrepar da actuação dos irmãos insignes nos factos de então, anteriores e posteriores a 7 de Setembro de 1822, mas ninguém poderá diminuir a importancia do papel que desempenharam, a formidavel acção por elles desenvolvida em prol do Brasil, a aureola de gloria que lhes cercou o nome, especialmente o de José Bonifacio. Para explicar o apparecimento da trindade augusta, o Sr. Alberto de Souza, no 1.<sup>o</sup> volume do seu notavel trabalho, estuda o meio social do tempo, num "bosquejo synthetico da filiação politica e social do Occidente, desde os primordios da transição moderna até os fins do seculo XVIII" e depois a "filiação luso-brazileira no transcurso do seculo XVIII para o XIX" Formado o ambiente politico-social, passa a analysar a terra dos Andradas, Santos, em sua evolução politica, economica, social, bem como seu quadro topologico e demographico. Marcado o ambiente, pormenoriza os antecessores da familia Andrada, desde os antepassados de Portugal, com todas as mlnucias e rectificações geneologicas. Por fim, estuda as figuras de José Bonifacio, de Antonio Carlos e de Martim Francisco, com grande cópia de documentos e patrioticos intuitos. Não chega, porém, neste volume, á parte mais interessante da obra, que é a analyse da obra dos Andradas na independencia, de que tratará no volume segundo, angeschlossenamente esperado pelos estudiosos da formação da nossa nacionalidade.

José Osorio de Oliveira: *OLIVEIRA MARTINS E EQA DE QUEIROZ*. Ed. Lusitania. 1922 — Este livro magnifico não é um ensaio comparativo das duas figuras portuguezas, que o autor reputa os maiores esculptores de prosa, de Portugal, consoante sua expressão, mas variações em torno das obras desses escriptores notaveis que, em seu tempo, foram dos mais insignes da lingua portugueza. São estas paginas de grande emoção, em que o artista e pensador revelam com brilho inconfundivel, como na variação em torno do mecenismo portuguez, que é o sebastianismo, nascido "da esperança que nos levou para o

mar e da saudade que elle nos deixou". A esse espirito, chamado por Oliveira Martins, de esperança mortuaria, o autor acha que "talvez um dia alguém demonstre que a essa esperança se devem todos os actos de reacção tentados em Portugal depois que ella se tornou a unica realeza, pois que, perdida a corôa imperial, esta passou a ser um signo protector, como a cruz de Christo, no céu para onde subio o ultimo senhor *de aquem e além mar...*" Páginas de penetração e sagacidade, feitas com um profundo sentimentalismo, merecem essas variações do Sr. Osorio de Oliveira a leitura commovida de todos os que admiram em Oliveira Martins e Eça de Queiroz o fulgor maravilhoso da lingua portuguesa.

Mayorino Ferraria: **MUSICA EN VERSO.** Buenos Aires, 1921 — Ilustrado por Romilda Ferraria, este volume de versos do joven poeta argentino revela um temperamento sensível e um espirito contemplativo, uma concepção *fin de siècle* da poesia, longe de qualquer contacto moderno. Esta musica em versos é doce, branda, melancolica e vaporosa. confidencias murmuradas em voz baixa, recordações mui ligeiras, annotações assás superficiaes. Desprende-se della um lyrismo merencorio, como exhausto e bastante sceptico (se o lyrismo pôde ser de qualquer modo sceptico), que não arrebatam nem enleva, mas agrada pela singeleza. Ha muitos lyrios, muitas rosas, e isso nos lembra, accendendo em nós uma certa saudade, as poesias que encantaram a nossa apagada infancia.

W. Jaime Molins: **NATURALEZA.** Buenos Aires, 1922 — Este volume, bem editado, reúne uns contos e algumas recordações do joven autor. A lingua clara, viva, directa, vem realçar os episodios que narra com agrado, e uma certa arte do conto, que é mais rara do que se pensa. Merecem menção particular o conto *La Madre*, cujos personagens exactamente pintados "vivem" numa atmosphera bem sentida, e o relato sobre Markovitch, original e interessante.

Do mesmo autor: **LA CIUDAD UNICA.** Buenos Aires, 1922 — Constitue este livro uma série de quadros sobre Potosi, a "cidade unica" da Bolivia, que conhecemos tão mal. Potosi, diz-nos o autor, é a cidade a mais hespanhola da America do Sul, tendo conservado o seu pitoresco aspecto da bella época do vice-reinado. O enthusiasmo do autor traduz-se nas descripções largas e coloridas que faz da região e na transcripção exacta dos aspectos da velha e historica cidade boliviana. O capitulo intitulado *La Medievo de Potosi*, que relata um combate singular entre os varões Godines e Montejo, denota no autor uma força de expressão acima do commum e uma visão artistica e bella.

Heitor Furtado de Mendonça: **PRIMEIRA VISITAÇÃO DO SANTO OFFICIO A'S PARTES DO BRASIL.** S. Paulo, 1922. — Trata-se da primeira publicação da *Série Eduardo Prado*, "para melhor se conhecer o Brasil", referente á Primeira Visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil, pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça, capellão fidalgo del rey Nosso Senhor e do seu desembargo, deputado do Santo Officio. São as confissões feitas na Bahla, de 1591 a 1592, pelo dito capellão, nomeado inquisitor geral para visitar os bispadões de Cães Verde, S. Thomé e Brasil. Este livro, em tiragem de 250 exemplares, por conter descripções profundamente licenciosas, ouvidas em confissão, e que, exposto á venda, poderia ser tido como livro porventura pornographico, é apenas uma documentação historica, cuja explicação nos dá, em erudito prefacio, o Sr. Capistrano de Abreu. Em breve, sahirá o *fac-simile* da edição de Claude d'Abbeville, que se fez em França, e que devia ser o primeiro da série, em cujo prologo se lê as seguintes linhas, que explicam esas publicações valiosissimas: "Depois de longo peregrinar, a curiosidade insaciavel de Eduardo Prado fixou-se no Brasil. De livros brasileiros ou relativos ás cousas brasileiras, os mais raros e os mais preciosos, colligio grande numero. Em investigações da historia patria contava consumir o resto da sua existencia. O pouco que deixou feito mostra o muito que poderia fazer. A morte não lhe consentio ir além. Amigo carinhoso e discipulo amado, Paulo Prado quer reatar a tradição do seu saudoso tio. De contribuições historicas seria capaz e é possível as apresente, se sua vida laboriosa lhe conceder as ensanchas imprescindiveis. Por ora limita-se a fornecer instrumentos aos desejosos de trabalhar. A *Série Eduardo Prado* destina-se aos que aspiram conhecer melhor o Brasil." A obra é assás curiosa como documento para

a chronica dos nossos costumes e, editando-a intelligentemente, o Sr. Paulo Prado enriqueceu o patrimonio da nossa bibliographia historica.

Alberto Deodato: **CANNAVIAES.** Ed. do Anuario do Brasil, Rio, 1922 -- Neste livro de contos e novellas, premiado pela Academia Brasileira de Lettras, se accentuam as excellentes qualidades do autor, que é um artista vibrante e apaixonado, possuindo forte colorido e uma nota tragica discreta mas intensa. Tem sobretudo um sentido da natureza do sertão muito sensível, de uma natureza que não é pintada, nem simplesmente decorativa, mas viva, humanizada. Que poesia ha nesta ligeira mancha — "Em volta, a bondade de Deus se multiplicava nas arvores sombrias e floridas, na exuberancia das cannas enroladas, na magia da agua corrente entre pedrouços feridos pelas flexas do sol glorioso..." Ha algumas paginas de grande emoção, como as da historia triste de Maria do Sertão, de má sina, levada pela enxurrada da vida até a maior degradação. O autor da *Senzala* se revela, neste novo livro, um escriptor poderoso e intenso, que sabe tirar da vida, dos seus flagrantes violentos e fortes, uma parcella de emoção, para sua obra de arte. E a arte é uma transfiguração.



Embaixador Souza Dantas

Gabriele d'Annunzio — os poetas são prophetas, — tinha previsto a brilhante carreira diplomatica do Sr. Luiz de Souza Dantas, quando chamava o seu amigo, naquelle tempo secretario de legação, o *embaixador da graça*.

Depois de ter conquistado Roma, eis, dizem-nos os jornaes parisienses, que elle acaba de conquistar Paris. A festa que foi offerta a S. Ex. nos sumptuosos salões do Claridge, foi um acontecimento parisiense, que abriu a *season* de 1923. As correspondencias que nos chegam da capital franceza informam-nos que foi uma festa verdadeiramente extraordinaria: mais de seiscentas pessoas estavam presentes; a sociedade franceza, brasileira e sul-americana enchia as salas das festas e os salões do luxuoso hotel dos Campos Elyseos; após o jantar, uma grande recepção teve lugar assim como um baile que durou até ás 2 horas da madrugada. S. Ex. o Sr. Louis Barthou e Mme. recebiam os hospedes e S. Ex. o embaixador acolhia os convidados que lhe apresentavam as suas felicitações. Após o jantar tres allocuções foram pronunciadas, do Sr. Louis Barthou, a de S. Ex. Sr. Souza Dantas e a do commandante Elyseo Montarroyos, em nome da colonia brasileira. O Sr. Louis Barthou, vice-presidente do *Comité France-Amérique*, em uma bella improvisação, lembrou a brilhante carreira do homenageado, terminando o seu discurso saudando o embaixador e o Brasil. O commandante Montarroyos soube, em breves palavras, formular a alegria da colonia brasileira em ter um tão brilhante representante e exprimir a homenagem de todos os presentes. Agradecendo, o Sr. Souza Dantas fez uma bella oração, mostrando mais uma vez como conhece perfeitamente a lingua de Voltaire: "Affirmar a minha profunda e sincera alegria, disse S. Ex., nesta hora e perante este nobre auditorio, seria um logar commum que, embora tendo a desculpa de vir do coração, fatigaria vossa polidez, essa polidez franceza, que aos olhos do mundo inteiro e para nós brasileiros, particularmente, é o modelo da gentileza. Se a vida, principalmente nos tempos difficeis que ora atravessamos, não fosse uma permanente lição de humildade, crêde que eu succumbiria, neste momento, ás tentações do orgulho e da vaidade. Quero fugir, entretanto, as suggestões desses subteis demonios, sabendo que devo reportar tudo o que acaba de me ser dito a aquillo que está acima de mim e que constitue a unica razão da minha presença entre vós. Já adivinhastes que quero falar da patria que represento. E', pois, em nome della, senhores, que vos agradeço de todo o coração." O Sr. Souza Dantas lembrou em seguida algumas recordações das

suas relações com o Sr. Barthou, e rendeu homenagem ao Sr. Gabriel Hanotau, presente entre os convidados. "Mas, proseguiu o embaixador, passando das considerações particulares ás considerações de ordem geral, ha para mim uma suprema razão da emoção: é de achar-me em França. Estar em França e representar o Brasil! Ter como dever e como pensamento de todos os instantes o cuidado de continuar a aproximação e, assim, o engrandecimento de duas magnificas patrias que se respeitam e se amam, porque nasceram para se comprehender. S. Ex. terminou bebendo á saude do Sr. Barthou, dos presentes e á "França eterna, á indestructivel grandeza do seu genio e da sua raça." Toda a imprensa parisiense consagrou longos e elogiosos commentarios ao nosso eminente embaixador.



**REVUE DE L'AMÉRIQUE LATINE**, fevereiro de 1923, Paris. O summario deste numero, como os anteriores, é muito interessante. Inicia um inquerito ácerca da America e a felicidade do genero humano, com as respostas de J. H. Rosny, Pierri Mille, Blaise Cendrars, Léon Deffoux, Henry Duvernois, Max Daireaux e Lucien Dubech. Dentre os principaes artigos e estudos destacam-se os seguintes: *La société française de S. Domingos à la veille de la révolution*, por Dantés Bellegrade; *La poésie mexicaine actuelle*, por Guillermo Jimenez; e a conclusão de *Bolívar et la Democratie*, de Marius André. Na *Vie en Amérique Latine* traz chronicas assignadas por Jean de la Nible, Argele Marvaux, Pierre Denis, Marius André, Dominique Braga, Manoel Gahlsto, Ventura Calderon, etc.

**LA PLUMA**, janeiro de 1923, Madrid. Todo este numero é dedicado á personalidade e á obra de Valle Inllan, e nessa homenagem collaboram Gomez de Baquero, E. Diez-Canedo, Ramón Pérez de Ayala, Antonio Machado, Alfonso Reys, Ramón Tenreiro, Rivas Cherif, Manuel Bueno, Ricardo Baroja, Moya del Pino, Francis de Miomandre, Gomez de la Serna, Manuel Araña, com estudos e versos, e Juan Echevarria, com um excellent retrato do poeta.

**A AGUIA**, revista mensal de litteratura, arte, sciencia, philosophia e critica social, ns. 113 a 124, Porto. Esta publicação é orgão do movimento intellectual portuguez, redigida e collaborada por uma pleiade de escriptores brilhantes, e possui já uma reputação que dispensa elogiosas referencias. No numero de seus colaboradores effectivos, encontram-se o Visconde de Villa Moura, Jayme Cortesão, Antonio Arroio, Teixeira de Pascoaes, Alfredo Barata, Raul Brandão, Alfredo de Moraes, Alvaro Pinto, Americo Durão, etc., poetas e prosadores que representam o que ha de mais selecto na nova litteratura portugueza. O seu director é Leonardo Coimbra, pensador e critico de idéas notavel, que já conquistou grande reputação fóra da patria, e cujos trabalhos desejavamos fossem conhecidos no nosso paiz. E' representante da *Agua* no Rio de Janeiro o nosso amigo Sr. Alvaro Pinto, director do "Anuario do Brasil", á rua D. Manuel n. 62.

**LE LIVRE DES LIVRES**, dezembro de 1922, Paris. E' uma revista que systematicamente dá o resumo, acompanhado de commentarios ou notas criticas, dos principaes livros apparecidos em França, e é dirigida por Gaston Mouvré.

**RENOVACIÓN**, janeiro de 1923, Buenos Aires. Um grupo de estudiosos universitarios acaba de fundar este periodico mensal para propaganda das idéas de confraternisação sul-americana. No seu artigo de apresentação, escrevem: "Queremos, en primer término, poner los valores intelectuales de nuestras respectivas nacionalidades, y de la entera América Latina, en el alto plano que a nuestro juicio merecen, por encima de los valores meramente politicos, financieros o tradicionales; lo consideramos indispensable en la presente hora de renovación mundial. Los pueblos, ha escrito Anatole France, necesitan hoy de

gufas idealistas y de juventudes capaces de acción, para afrontar con ánimo nuevo y optimista los problemas de todo orden, que plantea el presente y que multiplicará el porvenir inmediato. Amantes de nuestra nacionalidad, la deseamos, como argentinos, tan grande por sus valores morales que nos sentimos dichosos de pertencer a ella. Pero al mismo tiempo, como latino-americanos, miramos con fraternal cariño a todas las nacionalidades de la América Latina, con la esperanza de que un acercamiento progresivo nos aproxime al ideal de unión, solidaridad y federación continental que fué el sueño de nuestros mayores, asociando en una grandiosa nacionalidad común a todos los pueblos que tienen análogos orígenes, desenvolvimiento y porvenir. A esa obra, digna de interesar a la nueva generación de todo nuestro continente, sólo podemos contribuir por ahora con una labor ideológica, procurando establecer un intercambio informativo sobre lo que atañe al movimiento intelectual en los países latino-americanos, no sólo en lo literario, sino también en lo político y social." A colaboração deste numero é variada. Assinalamos como principaes artigos: *Tiempos de renovación*, de Enrique Molina; *La universidad del porvenir*, de José Ingenieros; e *Jesus em Buenos Aires*, de Mendez Calzada. Agita esta revista varios problemas e idéas dignas de reflexão.

**ARVORE NOVA**, n. 1 (2ª série) de janeiro de 1923. Este interessante mensario de arte e literatura, dirigido pelos brilhantes escritores Tasso da Silveira e Rocha de Andrade, apresenta mais um numero, que lhe assegura o melhor triumpho nas nossas letras. O seu summario é o seguinte: Duas palavras sobre — Rocha Pombo, F.; Filosofar acreano, Carlos de Vasconcellos; O fogo na montanha, versos de Guilherme de Almeida; Clamor, versos de Arnaldo Damasceno Vieira; Unidade, versos de Prado Kelly; A minha mãe, versos de Ildefonso Falcão; Tres sonetos de Francisco Costa; Ballada ao Beijo, versos de Jayme d'Altavilla; Remembranza, de Juan W. Goz; A gargalhada do infinito, de Angelo Guido; Toda religião é boa..., de Perillo Gomes; A terra tetraldrice, de Jorge de Lima; Nem bem nem mal, de Alvaro Moreyra; Do meu roseiral, de Carlos Rubens. Ha ainda uma interessante chronica do mez, sobre arte, livros, theatro, notas e commentarios e na illustração *hors-texte*, representando o grupo esculptural de João da Silva — A diplomacia triumphante. Justifica-se, portanto, a boa acolhida que tem sido dispensada á *Arvore nova*, cujo exito muito diz do adiantamento de nossa cultura.

**NAÇÃO PORTUGUEZA**, dezembro de 1922, Lisboa. Sempre interessante, esta revista de cultura nacionalista que dirige Antonio Sardinha, uma das publicações mais intelligentemente dirigidas de Portugal, traz neste fasciculo: 1640, de Antonio Sardinha; *Vivunt martui tui*, de Hypolito Raposo; *S. Christovão na lenda e no sonho*, de Cesar d'Oliveira; *A concepção da historia em Eça de Queiroz*, de Castello Branco Chaves; *Chronica Política*, de Nuno de Montemor; *Chronica social*, de Rollão Preto; *Notas de arte*, de Rebelo de Betencourt; *Das idéas dos alamos e dos factos*, da redacção.



### A França e a Academia Brasileira

Sabe-se que o Duque de York e a sua roiva virão ao Rio fazer a entrega do pavilhão britannico ao Brasil. Vamos tambem ter, para a entrega do pavilhão de honra da França á nossa Academia, uma missão extraordinaria da Academia Franceza. Segundo os primeiros informes chegados aqui, esta missão será composta de tres nomes illustres, dos mais illustres da alta companhia litteraria de Paris: o marechal Joffre, o Dr. Beyson e o Sr. Paul Bourget. Devemos esta honrosa cortezia á intervenção do nosso carinhoso amigo, S. Ex. Alexandre Conty, o eminente embaixador da Republica Franceza entre nós, actualmente em férias em Paris, de quem já não podemos mais contar as provas de affecto. Os tres nomes escolhidos para nos visitar fulgem de um brilho internacional. São tão conhecidos e admirados que se torna superfluo lembrar o que são. Ser-nos-á motivo de legitimo orgulho receber como merecem o vencedor do Marne, o grande philosopho do *Evolução creadora* e o fecundo romancista, que vêm ás nossas terras trazer-nos mais uma prova da amizade franceza.



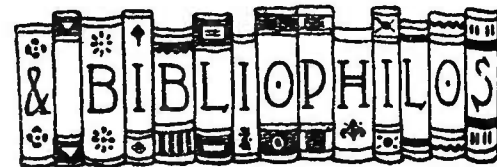
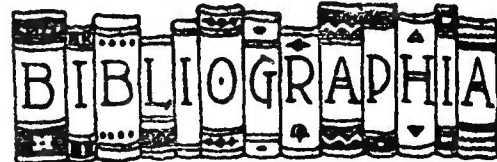
Tendo o artigo do Sr. Hermes da Fonseca Filho, intitulado *O symbolismo na architectura religiosa da Idade Média*, publicado no numero de Fevereiro ultimo, sahido com algumas omissões, damos abaixo o trecho que devia figurar entre as linhas 30 e 31 da segunda columna: "E' curioso notar como as duas artes mais queridas da Idade Média, — a Litteratura e a Architectura — ao inverso das duas artes principaes da Renascença, — a Pintura e a Esculptura, — tenham se definido em suas qualidades essenciaes pelos dois inconfundiveis caracteristicos da época. Tal a litteratura dos desafios, das pugnas e dos torneios, formando uma tão interessante e movimentada fôrma artistica como a que concretizou o espirito combativo da litteratura das Cavallarias, — tal a architectura magnifica e sumptuosa dos motivos mystico-symbolicós, revelando a dedicação e a paciencia que caracterizou o espirito religioso

do pensamento medieval. A Idade Média, podemos affirmar, se caracterizou pela sinceridade com que revestiu sempre todas as suas manifestações."

### A evasão da agulha

O artigo que sob esta epigraphe publicamos no nosso ultimo numero e que sahio sem assignatura era do Sr. Adrien Delpech.

Lastimando essa omissão, devida a um pequeno accidente na impressão, apresentamos as nossas desculpas aos nossos leitores assim como ao Sr. Adrien Delpech, cujos trabalhos sempre têm desprizado em nós o maximo interesse e a mais franca admiração.



### A tragedia florentina

O "Anuario do Brasil" editará dentro de dois ou tres mezes a traducção que Elysb de Carvalho fez da *Tragedia Florentina*, de Oscar Wilde, com illustrações coloridas de Di Cavalcanti, e a seguir publicará, no mesmo formato, e nas mesmas condições graphicas e artisticas, nova edição da *Ballada do enforcado* e dos *Poemas em prosa*, tambem illustrados por Di Cavalcanti.

### "Os pergaminhos" de Gustavo Barroso

A proposito da edição limitada e numerada do seu livro de contos "Pergaminhos", cujas illustrações se devem ao pincel de Corrêa Dias e que foi impresso em Paris pelo Sr. Jacquemin, sob os cuidados do editor Briguet, recebeu o Sr. Gustavo Barroso (João do Norte) a seguinte carta do Sr. F. Ferroud, actualmente o maior e melhor editor de obras de arte e de luxo da França:

"Cher Monsieur. Je viens de recevoir pour la reliure l'exemplaire de votre beau livre. Les illustrations sont très originales et le texte parfait. L'écoulement en sera rapide au Brésil, j'en suis persuadé. Les illustrations magistralement composées pourraient être signées Robida pour son "Rabais" et Grasset pour ses "Quatre Fils Aymon". Vous serez bien aimable de feliciter l'artiste qui a fait ces illustrations. Croyez, cher Monsieur, à l'assurance de mes sentiments les plus devués. — F. Ferroud." A opinião do Sr. Ferroud é realmente digna de nota quanto á feita material do livro, pois elle é um tecnico em bibliographia e o consagrado editor parisiense de Anatole, Flaubert, Chateaubriand, Stendhal, Gautier, Balzac, Pierre Louys, Henrique, Boufflers, Marivaux, Molière, Musset, Samain, Benjamin Constant, Daudet, Renan, Verlaine, Huysmans, Maeterlinck, Maclair e outros, em tiragens numeradas, illustradas por artistas como Rochegrosse, Raffaelli, Mosca, Merson, Lebégue, Guillonnet, Solomko, Malatesta, Bussiére, etc.

## PARC ROYAL

### ARTIGOS PARA HOMENS

Vasto sortimento de casimiras de todos os padrões — Roupas brancas — Collarinhos, Punhos, Meias e Gravatas — Artigos de viagem e accessorios de toilette — Chapéus, Calçados, Guarda-chuvas, Bengalas, etc.

## PARC ROYAL

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

# BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

**Casa Matriz: AMSTERDAM**

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro --- S. Paulo --- Santos --- Buenos-Aires --- Santiago do Chile --- Valparaizo.  
Na Allemanha --- HAMBURGO.

**Capital autorizado..... Florins 50.080.000**  
**Capital realizado e reservas..... Florins 22.680.000**

*Fundado pela Rotterdamsche Bankvereiniging  
Amsterdam -- Rotterdam -- Haya*

*Cujo capital realizado e reservas montam em florins a 114.000.000*

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

**11, RUA BUENOS AIRES, 13**

TELEPHONES: NORTE 5356, 5357 E 5358

# Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

**CAPITAL: FRs. 50.000.000**

CAPITAL REALISADO

**Acções Frs. 50.000.000 e Obrigações Frs. 65.000.000**  
**Fundo de reserva: Frs. 12.500.000**

Emprestimo sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por amortisações semestraes, com direito de reembolso antecipado.

**DINHEIRO PARA CONSTRUCCES**  
Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos e terreno.

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento.

Adiantamento sobre titulos, mercadorias e warrants.

Gerencia de immoveis, cobrança de juros sobre apolices, acções e debentures, guarda de valores, etc.

SÉDE SOCIAL EM PARIS:

**39, BOULEVARD HAUSSMANN, 39**

Séde de Operações e Direcção Geral:

**44, AVENIDA RIO BRANCO, 44 — RIO DE JANEIRO**

Endereço Telegraphico-**EFESIFONCI**  
CAIXA POSTAL 1.307

TELEPHONES

Directoria N. 4.116  
Secretaria N. 2.085  
Expediente N. 3.750

**AGENCIA:**

**24, RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO**

# Banco Português do Brasil

---

Capital . . Rs. 50.000:000\$000

Séde: RIO DE JANEIRO

Filiaes em S. PAULO e SANTOS

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal: 947

---

Abre Conta Corrente de movimento,  
CONTAS CORRENTES LIMITADAS COM TALÃO DE CHEQUES,  
Conta Corrente a prazo fixo e  
Conta Corrente em moeda estrangeira nas melhores condições do  
mercado e encarrega-se da administração de propriedades

---

24, Rua da Candelaria, 24

---

RIO DE JANEIRO

# AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR: Elysio de Carvalho

"AMOU Á JUSTIÇA  
VIVEU NO TRABALHO  
E  
NÃO PERDEU O IDEAL"

RUY BARBOSA

IN

MEMORIAM



Anno II.

N. 16

Abril de 1923.

Preço 1\$000

ACABA DE APPARECER:

ELYSIO DE CARVALHO



# A Realidade Brasileira

ESTUDO SOBRE A PONTENCIALIDADE ECONOMICA DO BRASIL E A FINALIDADE DA POLITICA NACIONAL

VOL. 64 PAGS.: 2\$000

A' venda em todas as livrarias do Brasil

PEDIDOS AOS EDITORES:

S. A. Monitor Mercantil

1.º DE MARÇO, 96, 3.º — RIO DE JANEIRO

## BANCO HYPOTHECARIO DO BRASIL

50 -- AVENIDA RIO BRANCO -- 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio. 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes  
à vista e à prazo.

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS

# LIVROS ALLEMÃES

ESPECIALMENTE

## OBRAS DE SCIENCIA

DE TODOS OS RAMOS

ARTE, LITERATURA E LEITURA PARA MOCIDADE

GRANDE STOCK

EM

ROMANCES, REVISTAS, CARTÕES POSTAES, ETC., ETC.

NA

## LIVRARIA "EDANEE"

A UNICA ALLEMA PARA LIVROS, ARTE E MUSICAS  
RIO DE JANEIRO

112, RUA DA ALFANDEGA, 112

SANTOS

S. PAULO

Rua Frei Gaspar 37-39—Telephone Central 2074

Rua Libero Baduró, 97 — Tel. Central, 3a—Caixa Postal, 1897

# CLICHÉS

PHOTOGRAVURA MODERNA

TEL. NORTE 462

RUA DA QUITANDA, 161.



# LIVRARIA GARNIER

Rua do Ouvidor, 109

Caixa Postal, 618

Rio de Janeiro

## PEÇAM CATALOGOS

### COLLECÇÃO "AUREA"

(Paginas escolhidas dos maiores escriptores)

<i>Machado de Assis</i> , por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.....	10\$000
<i>Os Poetas</i> — 2 volumes enc.....	20\$000
<i>Contos Brasileiros</i> , Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.....	10\$000
<i>Visconde de Taunay</i> , por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.....	10\$000
<i>José de Alencar</i> , por Mario de Alencar.....	10\$000

### BIBLIOTHECA SCIENTIFICA

Le Bon — <i>As Opiniões e as Crenças</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Psychologia das Multidões</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Psychologia dos Novos Tempos</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Psychologia Politica</i> , enc.....	8\$000
" — <i>A Revolução Franceza e a Psychologia das Revoluções</i> , enc.....	8\$000
Smiles — <i>Ajuda-te</i> , enc.....	8\$000
" — <i>O Character</i> , enc.....	8\$000
" — <i>O Dever</i> , enc.....	8\$000
" — <i>A Economia</i> , enc.....	8\$000
" — <i>O Poder da Vontade</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Vida e Trabalho</i> , enc.....	8\$000

LITTERATURA NACIONAL E ESTRANGEIRA, DICCIONARIOS, VOCABULARIOS, GUIAS, ESPIRITISMO, ETC.

# Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

**CAPITAL: FRs. 50.000.000**

CAPITAL REALISADO

**Ações Frs. 50.000.000 e Obrigações Frs. 65.000.000**  
**Fundo de reserva: Frs. 12.500.000**

Emprestimo sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por amortisações semestraes com direito de reembolso antecipado.

**DINHEIRO PARA CONSTRUÇÕES**  
 Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos e terreno.

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento.

Adiantamento sobre titulos, mercadorias e warrants.

Gerencia de immoveis, cobrança de juros sobre apolices, ações e debentures, guarda de valores, etc.

SÉDE SOCIAL EM PARIS:

**39, BOULEVARD HAUSSMANN 39**

Séde de Operações e Direcção Geral:

**44, AVENIDA RIO BRANCO, 44 — RIO DE JANEIRO**

Endereço Telegraphico-BRESIFONCI  
 CAIXA POSTAL 1.307

TELEPHONES { Directoria N. 4.116  
 Secretaria N. 2.085  
 Expediente N. 3.750

AGENCIA:

**24, RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO**

# AMERICA BRASILEIRA

RESENHA DA VIDA NACIONAL

Director : ELYSIO DE CARVALHO

Secretario da redacção : LUIS-ANNIBAL FALCÃO

ORGANISOU ESTE NUMERO  
RENATO ALMEIDA

## SUMMARIO DESTE NUMERO

RUY BARBOSA .....	REDACÇÃO.
BIOGRAPHIA DE RUY BARBOSA.....	REDACÇÃO.
A SENTENÇA DO JUIZ.....	GRAÇA ARANHA.
GLORIA AO ETERNO! .....	COELHO NETTO.
ORAÇÃO (EXCERPTO) .....	MANOEL VICTORINO.
MESTRE DO VERBO .....	AFRANIO PEIXOTO.
AS BASES DA REPUBLICA E RUY BARBOSA.....	RENATO ALMEIDA.
RUY .....	CELSO VIEIRA.
A LIÇÃO DE UMA GRANDE VIDA.....	JACKSON DE FIGUEIREDO
RUY BARBOSA .....	M. DE ALBUQUERQUE.
A CONFERENCIA DE HAYA .....	REDACÇÃO.
ÉPHEMERIDES DA VIDA DE RUY BARBOSA.....	REDACÇÃO.
RUY BARBOSA NA AMERICA .....	REDACÇÃO.
A FRANÇA A RUY BARBOSA.....	PAUL CLAUDEL.
EM LOUVOR DE RUY BARBOSA.....	RIBAS CARNEIRO.
REX REGNUM. ....	CARNEIRO RIBEIRO.
RUY BARBOSA NA INTIMIDADE.....	PLUTARCHO JUNIOR.
BIBLIOGRAPHIA DE RUY BARBOSA.....	LAUDELINO FREIRE.
A CASA ONDE NASCEU RUY BARBOSA .....	LEMON BRITO.
NOTAS E COMMENTARIOS. ....	REDACÇÃO.
A EXPOSIÇÃO E A GRANDEZA DO BRASIL.....	REDACÇÃO.
A EXPOSIÇÃO E O MINISTRO JOÃO L. ALVES.....	REDACÇÃO.

### DE RUY BARBOSA

Credo Politico — General Honorario (carta) — O estouro da boiada — O "direito" sobre o escravo — Discurso sobre a igualdade das nações em Haya (excerpto) — Aos operarios — Talne — A lei de Cain — Conferencia de Buenos Aires (final) — Calmaria — Castro Alves — Peroração — Primeiro e ultimo discurso — Prolixidade — Contra o anonymato — A palavra de José Bonifacio, o moço — A antevisão do Brasil futuro.

ILLUSTRAÇÕES DE DI CAVALCANTI

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURA ANNUAL

Para o Brasil. ..	10\$000
Para o Exterior	12\$000

### VENDA AVULSA

Numero do mez	1\$000
Numero atrasado.	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96, 3.º

Tel. Norte 6011

RIO DE JANEIRO—BRASIL

Caixa Postal 1223

# AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 16



RIO DE JANEIRO — ABRIL, DE 1923



ANNO II

## RUY BARBOSA

Dedicando este numero á gloria de Ruy Barbosa, não pretendeu mais a *America Brasileira* do que acompanhar esse movimento de exaltação do grande brasileiro, que não só dominou intellectualmente a sua época, consoante Joaquim Nabuco, mas foi a maior irradiação do liberalismo, na sua Patria e no seu tempo, pois essa acção luminosa e fecunda sentiu-a o mundo inteiro, projectada que foi fóra das fronteiras do Brasil, pelo poder do verbo e da crença dessa figura incomparavel. A consagração que representou o suffragio das nações civilizadas, elegendo Ruy Barbosa juiz da Córte Permanente de Justiça, como o mais votado entre seus pares, veio mostrar ao nosso paiz que, pela primeira vez, o mundo reconhecia entre nós o fulgor de uma força prodigiosa, atrás da qual não se enfileiravam exercitos ameaçadores, marinhas consideraveis, nem tinha o prestigio de estirpe principesca. Por isso, o Brasil se encarnava na gloria de Ruy Barbosa, e o cidadão insigne se tornava um elemento essencial ao cyclo do seu desenvolvimento e da sua grandeza. P o d e m o s marcar, neste meio seculo, o rythmo do progresso brasileiro, através da biographia de Ruy Barbosa. A abolição do elemento servil, teve nelle dos seus mais formidaveis defensores. A federação e a conquista das liberdades, que a Constituição republicana consagrou, foram obras de seu engenho politico; a legislação sabia e previdente do governo provisorio saiu toda ella da penna do ministro da fazenda; a interpretação da Constituição, o sentido do *Habeas-corpus* e a extensão do Estado de Sitio foi Ruy Barbosa quem os traçou, nas suas campanhas, nas suas batalhas, sempre travadas dentro da lei, com a lei e pela lei, sem jámais se socorrer da brutalidade da força, da subversão dos principios constitutivos do regimen, sem nunca se voltar contra as autoridades legaes, a que sempre prestou auxilio e assistencia, mesmo quando dellas era o mais intransigente opposicionista, como aconteceu no governo Hermes, a quem concedeu o primeiro sitio, por occasião da insurreição do marinhagem. A obra formi-

davel de Haya, deu ao Brasil um relevo incomparavel no concerto das nações, levando-o, pelo seu verbo, a occupar um posto que o Japão lograra pela victoria das armas, e firmou o principio da igualdade das nações, grandes ou pequenas, fortes ou fracas, porque a soberania dos povos deve pairar acima das suas contingencias materiaes e transitorias. A campanha civilista, acordando a consciencia nacional contra os conchavos daquillo que denominou de *politicalha*, contra a insurreição indisciplinada dos quartéis, contra os governos de classe, golpeu definitivamente o militarismo no Brasil. A opposição ao governo do successor do Sr. Nilo Peçanha, foi obra herculea, em que sua oratoria ganhou o prestigio das *Catilnarias*, clamando, gritando, denunciando erros e crimes, abusos e arbitrios, cujo mal levaria esse regimen ao despotismo, se a nação delles se não apercebesse, pelo verbo de seu apostolo. A conferencia de Buenos-Ayres, chamando á America ao seu posto para defender o direito, que o imperialismo tudesco ameaçava subjugar pela força brutal de suas armas potentissimas, a campanha pela entrada do Brasil na guerra, ao lado das nações aliadas, a fé ardente no triumpho da causa da justiça de que foi um dos mais denodados pregadores, elevaram seu nome no mundo, como encar-

### CREDO POLITICO

“Creio na liberdade omnipotente, creadora das nações robustas; creio na lei, a primeira das suas necessidades; creio que, neste regimen, soberano é só o direito, interpretado pelos tribunaes; creio que a Republica decêe porque se deixou atrazar, confiando-se ás usurpações da força; creio que a federação perecerá, si continuar a não acatar a justiça; creio no governo do povo pelo povo; creio, porém, que o governo popular tem a base da sua legitimidade na curtura da intelligencia nacional, pelo desenvolvimento nacional do ensino para o qual as maiores liberalidades do erario constituirão sempre o mais reproductivo emprego da riqueza commum; creio na tribuna sem furias e na imprensa sem restricções, porque acredito no poder da razão e da verdade; creio na moderação e na tolerancia, no progresso e na tradição, no respeito e na disciplina, na impotencia fatal dos incompetentes e no valor insupprível das capacidades.

“Rejeito as doutrinas de arbitrio. Abomino as dictaduras de todo o genero, militares ou scientificas, coroadas ou populares. Detesto os estados de sitio, as suspensões de garantias, as razões de Estado, as leis de salvação publica. Odeio as combinações hypocritas do absolutismo, dissimulado sob as formas democraticas e republicanas. Opponho-me aos governos de seita, aos governos de facção, aos governos de ignorancia”.

Ruy Barbosa

nação viva do espirito do direito. Em todo esse movimento, que esboçamos, e que marca uma curva ascensional da historia do Brasil, Ruy Barbosa foi o genio tutelar da Patria, que, uma vez, pela bocca de um de seus mais illustres escriptores, agradeceu a Deus, lhe haver “dado o Homem forte, que, elle só, como um novo Atlante, sustentou nos hombros toda a Patria, levantando-a tão alto que o mundo todo a vê e, vendo-a admira-a enlevado na sua belleza...” Esse Heroe, que desapareceu de entre os vivos, o Brasil contemporaneo lega aos vindouros, como uma das suas maiores e mais legitimas glorias, para que, seculo a seculo, mais fulgure sua obra pela Liberdade e pelo Direito, como exemplo, como força, como perfeição.

# BIOGRAPHIA DE RUY BARBOSA

## (TRAÇOS GERAES)

Não é possível traçar a biographia do grande brasileiro em algumas notas ligeiras, nem sob a emoção de seu desaparecimento. Indicamos as linhas geraes, sobre as quaes os vindouros reconstituirão a vida do heróe da liberdade, exaltando sua portentosa grandeza.

Ruy Barbosa nasceu na Bahia a 5 de Novembro de 1849. Foi o maior orador da actualidade no Brasil e o seu vulto politico mais importante. Distinguiu-se como homem de letras, pelo maravilhoso conhecimento da lingua, que possuia e cujos recursos manejou como ninguem no paiz ou em Portugal, pela fluencia extraordinaria do estylo, pelo cabedal de illustração historica, pela competencia de humanista, finalmente pela assombrosa capacidade juridica — predicaos que, combinados, emprestavam um vigor unico ás suas composições.

Esse apostolo do direito foi um profundo conhecedor do direito de todos os povos; de ahi ser a sua feição intellectual essencial a de jurisperito. Como homem politico salientou-se pelo culto dos principios liberaes, pela independencia que é tambem superioridade de opiniões, e pelo ardor com que soube sempre promover a realização dos seus ideaes. Foi um terrivel tribuno de opposição e um perfeito orador academico. Neste genero a sua obra prima é a saudação, em francez, a Anatole France, na sessão da Academia Brasileira; no genero politico nada de sua lavra excede os discursos da campanha civilista de 1909-10.

Foi um jornalista admiravel da mesma fórma de um advogado consumado. Na campanha do "Diario de Noticias", em 1889, foi a principal e mais efficaz arma de combate na propaganda contra a monarchia, e entre os seus pareceres e discursos forenses, difficil será escolher o modelo, porque são todos primorosos. A defesa escripta dos direitos do Estado do Amazonas ao territorio do Acre pôde ser, entretanto, citada como um monumento de vasta erudição em geographia historica e em direito constitucional.

Tendo cursado as Academias do Recife e S. Paulo, formou-se em direito em 1871. Já como estudante pelejou abertamente pela abolição da escravidão, tendo apresentado na Loja America em 1867 a proposa de libertação dos nascituros que, atravez de uma rude campanha parlamentar, se tornou lei a 23 de Setembro de 1871, e combatido o Gabinete Itaborahy, de reacção conservadora, organizado em 1869.

Extreou-se no fóro da Bahia no anno mesmo da sua formatura e entrou logo na vida publica, advogando a eleição directa, a reforma do suffragio que em 1878 trouxera ao poder o partido liberal, dividido apenas quanto ao modo de realizal-a, se por meio de uma constituinte, se por uma legislatura ordinaria. A lei de 28 de Janeiro de 1880, obtida pelo Gabinete Saraiva, é trabalho seu, tendo entrado para a Camara dos Deputados em 1879. Ahi foi dos oues mais combateram pela emancipação dos captivos, escrevendo o celebre parecer sobre o projecto Dantas, de alforria dos sexagenarios (1884), e, após sua derrota eleitoral na renovação da Camara dissolvida, a série de artigos ineditoriaes no "Jornal do Commercio" sob o pseudonymo de "Lincoln", com idéas eloquentemente desenvolvidas por elle proprio na tribuna parlamentar e em numerosas conferencias.

Voltando de novo á Camara, occupou-se muito como na primeira phase, de questões de educação, sendo autor de famosos relatorios sobre instrucção primaria, secundaria e superior que denunciavam, no modo exhaustivo de tratar o assumpto e na abundancia de argumentação, o futuro autor de tão discutidos pareceres sobre o projecto do Codigo Civil do Sr. Clovis Bevilacqua, alterado o approvado com as emendas pela Camara, e no Senado por algum tempo confiado ao estudo unico de Ruy Barbosa.

Feita a abolição pela lei radical de 13 de Maio de 1888, entrou a preconisar ardente-

mente a federação das provincias brasileiras, velho ideal politico da época da Independencia, com o qual se associara o espirito republicano e que durante o regimen monarchico servio sempre de lemma de combate ás instituições, tanto mais quando representava o throno a unidade nacional.

Por não achar bastante a descentralização votada no Congresso liberal de 1889, desligou-se do partido, recusando fazer parte do Gabinete Ouro Preto e foi-se insensivel mas rapidamente approximando dos republicanos. Tendo tomado parte na conspiração dos militares, triumphante a 15 de Novembro de 1889, sob o aspecto inesperado para muitos de uma republica, entrou para o Governo Provisorio como Ministro da Fazenda, sendo de facto a alma do Governo e o organizador da Republica, cujo chefe supremo não tinha sequer convicção da excellencia do regimen que proclamara, menos ainda a capacidade de adaptal-o ao paiz.

Foi obra de Ruy a série de decretos verdadeiramente constructores que pouparam ao regimen democratico no Brasil as incertezas da transição e que se extendem do estabelecimento do systema federativo á liberalissima separação da Igreja do Estado, a qual na Europa é citada como um achado de sabedoria e um exemplo de tolerancia politica. Foi ainda elle o autor do projecto de Constituição com que o Governo provisorio substituiu o da commissão de cinco jurisconsultos adrede nomeada e com que mais ou menos se conformou o da commissão dos 21, escolhida entre os membros da Constituinte de 1891. Ruy Barbosa era aliás das raras pessoas a quem era tão familiar no Brasil o direito constitucional americano.

Como Ministro das Finanças propriamente encampou o principio da pluralidade das emissões de papel moeda sobre depositos e garantia da divida publica, principio que nas condições particulares de esse momento economico, de substituição do regimen do trabalho e de alvorecer industrial, favoreceu o jogo de bolsa e perturbou a um tempo economia e finanças. O seu erro tem comtudo as attenuantes de que a applicação foi peor do que a theoria e de que a corrente era quasi toda nessa direcção.

Levado a hostilisar o Marechal Deodoro e o seu golpe de Estado dissolvendo illegalmente o Congresso, tornou-se no tempo do Marechal Floriano o patrono natural e portanto o protector dos perseguidos pelo poder. Durante a revolta de 1892-94 teve de emigrar para a Argentina e depois para a Europa, datando de esse periodo de exilio o seu trabalho litterario mais conhecido — as "Cartas de Inglaterra". O mais perfeito talvez seja o "Elogio de Swift".

Numa daquellas cartas revelou-se o primeiro defensor de Dreyfus, na occasião mesmo da primeira condemnação e degradação do official francez. Noutras criticou severamente as dictaduras sul-americanas, preconizou a defesa naval do paiz e encarou o problema religioso, materia em que o seu espirito tem evoluído desde a traducção do "Do Papa e do Concilio", na qual se mostra anti-ultramontano, até a fé catholica unida ao zelo apostolico e á obediencia romana.

Restaurada a ordem civil, regressou ao seu paiz, que almejou ver para sempre livre das tyrannias militares. No Senado o seu papel foi conspicio, pois que tendo sido desde 1895 o paladino de todas as causas generosas e o propagandista de todas as idéas alevantadas, sem perder de vista o jogo propriamente politico e havendo mesmo em 1897 ensaiado a organização de um partido republicano conservador, garantidor da constituição vigente. Tão frequentemente quanto no Senado, se fez sua voz ouvir no Supremo Tribunal Federal, já em causas politicas, particularmente concessões de "habeas-corpus", já em processos de outra natureza.

Mais opposicionista do que governista, durante as tres administrações paulistas, foi pelo Presidente Affonso Penna convidado a representar o Brasil na segunda conferencia da paz em Haya. Ahi foi o seu papel devéras notavel, tendo impressionado a grande assembléa pelo seu saber juridico e poder de discussão, sobretudo pelo superior talento e admiravel energia com defendeu o principio da igualdade juridica das nações e impedio que prevalecesse o principio opposto.

O prestigio de Ruy Barbosa era muito consideravel entre o escol intellectual do paiz, mas a sua acção politica só attingio a alma popular, se tornou verdadeiramente nacional e consagrou-lhe o renome, por occasião do seu protesto contra a injustificavel candidatura militar, seguida da reacção da opinião publica, quer esclarecida, quer instinctiva, da reunião de uma convenção nacional e de um movimento eleitoral, firmado no apoio official dos Estados de São Paulo e da Bahia. Pela primeira vez no Brasil foi um candidato a presidencia escolhido por uma convenção lembrando as norte-americanas, representativa, a brasileira, das municipalidades, que são aliás uma tradição da vida colonial e que desempenharam papel saliente no movimento da proclamação da independencia e aclamação do Imperio. Até então, e mesmo depois, as escolhas faziam-se nos "caucus" partidarios, quando não eram reguladas pelo presidente em exercicio, após conchavos com os governadores dos principaes Estados ou com os politicos mais influentes.

O movimento civilista culminou na victoria eleitoral do grande liberal, o qual foi, entretanto, esbulhado pela fraude, quando occorreu a verificação pelo Congresso, já dominado pelo caudilismo implantado nos annos recentes. O Governo do Marechal Hermes da Fonseca não conheceu tambem critico mais tenaz nem adversario mais temivel, profligando sem fadiga todos os abusos, immoralidades, violencias e desastres desse Governo, em orações de raro vigor.

Formado na nova convenção civilista de 1913 o partido republicano liberal, cujas bases foram constituídas pelo programma revisionista offerecido pelo candidato de 1910, foi Ruy Barbosa entusiasticamente escolhido candidato presidencial; porém, já depois de haver preparado as conferencias da nova campanha, desistiu elle, nos ultimos dias de Dezembro de 1913, de apresentar-se aos suffragios, por não nutrir confiança na legitimidade da votação e entender que o movimento historico requeria antes a imposição pelo eleitorado de um candidato nacional, o que elle chamou a apparição de um homem providencial, do que uma lucta politica regular entre candidatos normaes de partidos contrarios.

Na presidencia Wencesláo Braz, a acção de Ruy Barbosa se fez sentir poderosamente no sentido de collocar o Brasil na situação que a honra e o dever lhe aconselhavam na politica internacional, ao lado dos Alliados contra a Allemanha. A conferencia que pronunciou na Argentina, quando alli foi representar o Brasil as festas do centenario daquela Republica, teve repercussão mundial e exprimio os sentimentos do paiz, relativamente á guerra europea. Quando o Governo brasileiro se resolveu a declarar guerra a Allemanha, Ruy Barbosa deu-lhe todo o apoio num dos seus mais applaudidos discursos. Terminado o quadriennio Wencesláo Braz e iniciado o novo Governo Rodrigues Alves, recebeu Ruy Barbosa convite para representar o Brasil na Conferencia da Paz. Na carta que dirigio áquelle estadista, na conferencia que, sobre a questão internacional, proferio em S. Paulo, — deu as razões por que não accitou aquelle encargo.

O fallecimento do Conselheiro Rodrigues Alves, creou uma situação politica de summa gravidade. Solicitado mais uma vez para apresentar candidato, Ruy Barbosa accedeu ao

# A SENTENÇA DO JUIZ

Sob esse titulo, escreveu o Sr. Graça Aranha uma pagina admiravel de profunda penetração e alta indagação politica e social, com que prefaciou um excerpto da conferencia de Ruy Barbosa, em Buenos Aires: "O Dever dos Neutros". Apresenta á França a figura de Ruy Barbosa, como o "herói da liberdade" e lhe traça a biographia em paginas rutilas, salientando o seu papel na formação da republica, na luta contra a irrupção do militarismo, na defesa das nações desarmadas em Haya, para mostrar que a logica desse procedimento lhe indicaria a posição, que tomou, na grande guerra, combatendo o militarismo e o imperialismo germanico, que sombriamente ameaçavam, pela força das armas, conspurcar a liberdade e o direito das gentes. Transcrevemõs a parte final deste notavel ensaio, publicado em francez ("Librairie Felix Alcan — 1917"), para dar aos leitores uma das fortes analyses da obra de Ruy Barbosa, na guerra, que representa uma das mais gloriosas campanhas do Mestre. A traducção não foi revista pelo prodigioso estilista da "Esthetica da Vida"

Nenhum momento, nenhum logar -- deve se repetir -- seriam mais apropriados, ou mais oportunos, para uma manifestação tão decisiva. Foi por occasião do Centenario da formação constitucional da Republica Argentina, representando o Sr. Ruy Barbosa o Brasil como embaixador; foi numa Universidade, perante jurisperitos e politicos e diante de uma mocidade ardente, que o Sr. Ruy Barbosa, Juiz da Côte permanente da Haya, proferiu a sentença condemnando a Alemanha. Foi bom que essa sentença não tivesse sido lançada do Rio de Janeiro, mas de uma outra capital da America do Sul, porque assim foram affirmados em outro centro de cultura, os dogmas da Justiça, que são o patrimonio da civilização romana.

Os principios de direito internacional altamente proclamados neste discurso: o exame dos actos de guerra dos belligerantes; a definição dos inelludiveis deveres dos neutros; a

stigmatização de toda a infamia allemã (não se poderia qualificar de outro modo a conducta dos allemães na guerra); tudo o que compõe este bello e solido monumento do espirito juridico, elevado pelo Sr. Ruy Barbosa, como abrigo e templo da consciencia dos povos neutros, testemunhas do tremendo cataclysmo; tudo, enfim, requisitorio, considerandos e sentença, tudo obteve do Congresso Federal Brasileiro a mais plena approvação. Este testemunho da consciencia juridica brasileira, dado pelos seus representantes legislativos, recebeu, das Commissões dos Negocios Extranjeros da Camara e do Senado da França, commovido agradecimento, por esses actos do Congresso Federal Brasileiro, que qualificaram de actos historicos. Obedecendo á sua consciencia de homem e de jurisperito, o Sr. Ruy Barbosa alcançou para o seu paiz uma honra excepcional. E taes palavras pronunciadas pelo senador brasileiro ficarão como inscrições de medalhas, — inscrições em que se condensam toda a verdade juridica e toda a moral politica de nosa época. Repetindo ultimamente a seus compatriotas algumas dessas affirmações, um grupo de personalidades norte-americanas residentes no estrangeiro, em mensagem que lhes dirigiu, concitando a adoptarem as regras traçadas na Conferencia de Buenos Aires, acompanhou-as deste commentario, que traduz a impressão universal causada pelas declarações do Sr. Ruy Barbosa: "Não tomamos uma tal iniciativa mas podemos seguir um tal exemplo. Não fizemos a data historica, mas podemos tornar essa data duplamente historica. Adoptem pois estas palavras e procurem dar-lhes maior força, todos aquellos, dentre nós, que realmente amam o seu paiz e têm fé na Independencia americana."

Durante a sua vida tão nobre, o Sr. Ruy Barbosa, defensor da liberdade, combatu os governos oppressores, que se inspiravam nos dogmas da força estatista ou da força militar. Deveria, pois, logicamente, ser contrario á politica desse imperio militar, cuja razão de ser e o principal motor residem nesses dois principios. Para o Sr. Ruy Barbosa, a guerra que a Alemanha desencadeou é sobretudo a consequencia tragica dessa metaphysica politica "cujas nuvens são emanações de idéas transformando-se em chuva de sangue." E' o duplo aspecto da politica da força: no interior, a força é a razão do Estado; no exterior e a guerra. No interior, duas moraes: uma para o individuo, outra para o Estado. Nas rela-

ções exteriores, duas moraes tambem, uma para as potencias militarmente fortes, outra para os povos militarmente fracos. Aquelle que foi em Haya o advogado dos estados desarmados, oppõe a essa aberração do principio da força, a theoria do direito. A sua fé no direito internacional é inquebrantavel. "As Conferencias de Genebra e da Haya — disse — revistiram o Direito Internacional de formas positivas; os cataclysmas internacionais podem, momentaneamente, fazel-as vacillar, mas reaparecerão renovadas e victoriosas. Na Haya, quarenta e quatro nações deliberaram sobre o Direito Internacional, submettendo-o a uma vasta codificação, que se obrigaram a observar. A violação do Direito internacional não prova que seja uma vã abstracção. As leis nacionaes são tambem violadas na vida interior de cada Estado e, se sua condição normal não é de constante violação, deve-se ao aparelho tutelar da Justiça."

Sente-se a grandeza do espirito doutrinario de um patriarcha do direito americano, na sua fé na justiça internacional, na sua intuição do direito das nações tão semelhante, em seu conceito, ao direito publico constitucional, no seu desejo de extender á justiça dos tribunales os factos do direito internacional. Os americanos comprehendem este direito como um aspecto do seu proprio direito publico. O systema federativo constiue uma sociedade de Estados e, quasi, uma sociedade de nações. Todos os paizes americanos são constituídos segundo esse modelo imposto aos Estados Unidos pelo *fatum* historico, e que se tornou o systema politico fundamental do novo mundo. O facto criou a doutrina. Partindo deste principio, o jurisperito e o politico americanos comprehendem perfeitamente a organização internacional dos povos, fundada sobre os direitos reciprocos dos estados soberanos. O seu idealismo faz o direito das gentes dilatar-se além das limitações contra as quaes se debate nos paizes fundados não sobre o direito, mas sómente na força militar e suas expansões. As transgressões do Direito internacional são, para os juristas americanos, actos que offendem á razão. A injuria causada por esses attentados é uma offensa á consciencia e á personalidade humana. O direito é, para o jurisperito americano, o mesmo que para o romano, a categoria dos homens, como o espaço é a dos corpos. Sem direito, não se pôde imaginar uma sociedade humana, como não se pôde, sem e o espaço, conceber a realidade dos seres.

Ninguém deu um testemunho mais eloquente dessa consciencia juridica, do que o Sr. Ruy Barbosa. Não é mais o advogado da liberdade e do direito que se levantou em frente aos povos para pronunciar um requisitorio formidavel; é o Juiz que proferiu uma sentença immortal. Para pronunciar-a, não precisou invocar a sua qualidade de membro da Côte permanente de Haya: tinha por si a autoridade suprema da sua consciencia, de sua razão, do seu passado, da sua cultura e da sua logica irresistivel. E' um homem de espirito são, esclarecido pela verdade, que condemnou a Alemanha, pela guerra injusta que move aos outros povos, pelas atrocidades e pelas violações do direito que commette sem cesar. Trahição da fé dos tratados, violação da neutralidade internacional, torpedeamento dos navios neutros, bombardeio das cidades abertas, escravisação das populações civis, morte pela fome imposta a pessoas indefesas... A série de crimes não cessou. Mas a sentença está escripta; a nação perfida e criminosa, condemnada.

Mas, como executar a sentença? O Juiz convoca os justiciadores. Todos os povos, belligerantes ou não, são victimas e testemunhas. Numa tal guerra, não pôde haver neutros. "Não é permitido aos neutros, disse, favorecer com a sua abstenção, os que prepararam esta aggressão. Entre os que destróem a lei e os que observam não ha neutralidade admissivel. Neutralidade não quer dizer impassibilidade; quer dizer imparcialidade; e não ha imparcialidade entre o direito e a justiça.

convite de varios órgãos de publicidade e de politicos de prestigio e emprehendeu nova campanha, tão brilhante como a de 1910, fazendo conferencias nesta Capital, em Minas, São Paulo e Bahia, que despertaram a situação e o interesse daquelle anno.

Em Agosto de 1918, o Brasil inteiro festejou com imponentes manifestações de admiração e respeito o jubileu do grande brasileiro. O Governo Federal e os dos Estados fraternizaram no jubilo popular, com as mais significativas demonstrações. O Presidente da Republica considerou feriado nacional um dos dias da commemoração e compareceu pessoalmente á missa campal de acção de graças celebrada no campo de S. Christovão pelo Cardeal Arcoverde. O Congresso Nacional tambem se associou a essas homenagens. Nunca um brasileiro vivo foi assim honrado pela patria com uma unanimidade tão fervorosa. A França, a Inglaterra, Portugal, a Belgica, a Italia tambem acompanharam o Brasil nessa glorificação do homem que em meio seculo de vida intellectual affirmou a sua altissima intelligencia e o seu infatigavel devotamento á causa publica.

Quando foi da ultima successão presidencial na Bahia, attendendo aos apellidos do povo, fez o apostolo da redempção do Estado, indo até o sertão, através de todas as difficuldades, viajando em canoas e a cavallo, para pregar a causa da liberdade, de que fazia a derradeira campanha. Eleito, embora, o candidato da opposição o Governo Federal, pelas

armas, empossou o Sr. J. J. Seabra no cargo, o que desgostou profundamente Ruy Barbosa, levando-o a recusar o lugar de embaixador do Brasil á primeira assembléa da Liga das Nações. Pouco depois renunciava a senatoria pela Bahia, mas, num movimento nacional, a nação exigiu que accettasse o mandato, novamente confiado, por unanimidade, pelo povo do grande Estado. Quando reassumio o cargo, num notavel discurso, affirmou que da revisão constitucional dependia resolver graves problemas, ameaçadores do regimen, ainda em dias sombrios.

A ultima consagração de Ruy Barbosa foi a sua eleição para Juiz da Suprema Corte de Justiça, creado pela Liga das Nações. Foi um tributo do mundo civilizado ao grande liberal, elegendo-o, *primus inter pares*, como o mais votado entre todos os que mereceram essa honrosa investidura. O Brasil, pelos seus poderes constituídos, pelas associações, imprensa e demais órgãos do seu pensamento, recebeu como uma honra sem par, essa eleição de seu inclito filho, que tanto o amou e tanto o exaltou. Não poude, infelizmente, o grande brasileiro comparecer á abertura dos trabalhos da Corte, pois seu estado de saude já se tornara precario e seria perigoso tentar a viagem á Europa, onde era a sua séde. Ao lado de Wilson e Bourgeois era Ruy Barbosa Presidente Honorario do Instituto de Direito Internacional.

Ruy Barbosa morreu a 1 de Março de 1923, em Petropolis.

# GLORIA AO ETERNO!

É esta a formosa oração do Sr. Coelho Netto, em nome da Liga da Defesa Nacional, glorificando Ruy Barbosa, no dia de seus funeraes.

"Eu o vi e ouvi, a esse que aqui jaz velado por livros, esse que foi um livro vivo, como os Evangelhos, escripto, todo elle, por Deus, para ser posto no altar da Patria.

Eu o vi nas campanhas mais terribes e o ouvi nas orações eloquentissimas, graças ás quaes se operaram os milagres maiores da nossa religião civica: o milagre amoravel da redempção da raça negra e o milagre florido da libertação da Patria, e tantos outros, aqui e alhures, porque, onde quer que houvesse opressão, ahí apparecia e logo se revelava o thauraturgo.

Elle proprio, em ubiqüidade divina? Sim, elle proprio: em ubiqüidade solar.

Já vistes o sol descer para alumiar? Não! Nunca vistes. Não desce: envia a luz do céo, onde assiste, espalha-a, irradia-a da altura. Assim elle: escrevia ou falava e a sua palavra pousada ou voando, era o esplendor que illuminava ergastulos e fazia lembrar em auroras as mais negras caligens.

Calou-se no infinito silencio.

Que será agora dos que se guiavam por sua palavra, que era, verdadeiramente, o Verbo? Como viver, na miseria em que ficamos, no abandono em que elle nos deixou? Exclamam, em vozes soluçadas, os que cercam o ataude do corpo inerte.

Miseria! Porque Miseria? O genio é como a atmosphaera, que se não deixa prender no tumulo. O que morre expira, restituindo á vida a sua essencia. O genio é vida. Vêde, á flor d'água: as bolhas que emergem são o ar que se não sepulta — o cadaver pousa no fundo, a vida sobe; o genio é mais que vida: é eternidade. Miséria, não! Abandono, não! O espirito evoldo paira sobre nós, vigilante, e será, desde hoje, e para todo o sempre o nosso Anjo da Guarda.

Quando o meu lar, melhor direi: o nosso Lar, a Patria, estremeceu abalado com a queda desse corpo, pequenino como os astros que vemos no ceu, e que são mundos, eu tive a impressão de que abatera no tope do mastro em que trapeja, a nossa bandeira gloriosa, por-

porque elle, na verdade, como esse panno heroico, era um symbolo nacional. E eil-o ahí.

Que dizer desse pequeno mundo feito de Humanidade? Como descrever-lhe a vida, sempre triumphante? Como glorificá-lo mostrando-o em toda a sua grandeza? Pronunciando-lhe o nome apenas, breve o fulguro como relampago — Ruy?

Senhores, nunca se me afigurou ser homem, com os demais homens, esse que conosco convivia, mas sim uma força da natureza. Vel-o era como ver um rio.

Onde e como nasce o rio? Nasce nas alturas mais a pincar o onde a montanha se prende ao céo por laços de nuvens, e não se poderá dizer, ao certo, se as primeiras gottas que geram o caudal manancial da pedra ou descem do mesmo céo, uma a uma. Ajuntam-se em uma chanfra e desde que lhes chegam á borda, extravasam e deslisam em fio. Adiante depara-se-lhes um filete, absorve-o; desce, encontra um veio correntio, toma-o. Já tem volume de arroio, deriva rapido. Entra-lhe mo leite o ribeiro; afflue-lhe a corrente um riacho; é mais um igarapé que o busca e, subito, defrontando-se com uma cachoeira, apprehende-lhe, sorve-lhe toda a copiosidade. E' rio. E com outros rios que se lhe aggregam, enche-se, alarga-se, aprofunda-se e lá vae, agora vasto e majestoso, e tudo que lhe fica ás margens contribue para accrescentá-lo. E o que nasceu do estellicidio na altura domina soberanamente a floresta, atravessa a campina, corta cidades até precipitar-se no grande mar, que o enfolta.

Quantos beneficios prestou o rio desde que rolou da fonte alpestre?

Em dias serenos foi a rega das lavouras e o espelho da paisagem, bebedouro de homens e de rebanhos, força aproveitada nas industrias, caminho do commercio, estrada liquida de vapores, brandura, fortuna e belleza.

Raivasse, porém, em tempestade, ou sentisse compressão de canaes ou empedro de comportas e o rio, que era liso e suave, encrespava-se bravo, inchava abarbando-se com as ribanceiras, transpunha-os violento e, á solta, nos ululos, investia ás barrancas esbarrondando-as; esboroava colinas, deslocava rochedos, alagava, em marméis, lavouras e pasturas, arrazava aldeias, subvertia cidades, era a força impetuosa do cataclismo que tudo avassalava e levava de vencida.

Pois não foi senão como um rio esse homem torrencial.

Debil, no berço, como as nascentes das alturas, desde cedo começou a beber-se em estudos e, com o que recebia dos livros desenvolvia-se prodigiosamente — de intelligencia na infancia alçou-se a talento na adolescencia, crescendo em genialidade até transbordar da Patria pelo mundo todo. Era o rio generoso, alegrando, embellezando a Patria com a correnteza formosa da sua linguagem incomparavel, trazida das mais puras fontes classicas e enriquecida com o que se lhe foi ajuntando no decurso da vida longa e preciosa.

Nos dias calmos era o artista supremo e todos se deliciavam: em ouvir-o. Nas tempestades era o macareu formidando que rebentava reprezas, galgava muralhas, inundava, submergia, não deixando de pé um só marco de tyrania. Recolhendo-se, porém, ao leito, remetido da furia, prodigalizava em volta de si a fertilidade.

E esse rio é que ahí está parado? Que é elle agora? Morte? Não é o lago, repouso do rio, quietação das aguas tumultuosas, de attitudo das correntezas, serenidade. Já se precipita, não se convulsiona, não marulha, não estronda espumoso e encapellado. Dorme.

Tudo, porém, que elle careou no curso da sua vida admiravel acha-se-lhe depositado no leito. Eil-o ahí, o lago eterno, espelho do céo e da terra, thesouro de maravilhas, no fundo do qual as gerações do futuro poderão escolher, desde as areias de ouro, que são a riqueza da linguagem em que elle assentou a sua obra caudalosa, até as lições de Direito com que elle se fez padroeiro da Justiça e evangelista da Liberdade.

E ainda ficarão á tona, como essas flores formosas que assoalham os lagos amazonicos, lyrios titanicos, proprios do grande rio, os periodos harmoniosos da sua prosa extreme e as imagens grandiloquas da sua Fantasia.

Senhores, á margem do lago eterno, em que agora, e para sempre, descança o rio que foi homem a Liga da Defesa Nacional, da qual foi elle um dos orgulhos, manda que eu me incline, não deplorando um corpo ephemero, que cahio, mas glorificando um espirito que se vai integrar na Historia como uma das expressões mais altas do genio e modelo intemerato de virtude civica.

"Gloria ao eterno!"

Os tribunaes, a opinião publica, a consciencia não são neutros entre a lei e o crime." O dever dos neutros está definido e traçado. A sua inercia prolongou a guerra. O Sr. Ruy Barbosa proclama que os neutros deveriam ter constituido, desde o começo da guerra, uma força que tivesse actuado nos processos dos belligerantes e contido a desfarçatez com que as nações possesoras violam as regras internacionaes. A occasião lhe não parece perdida ainda. "Não é muito tarde para esse movimento conciliador da neutralidade e da justiça."

Esta solução, este remedio, o illustre juiz da Corte permanente de arbitragem da Haya, novamente o prescreveu, no discurso proferido no Rio de Janeiro, em Setembro ultimo, como Presidente da Liga Brasileira pelos Aliados. Insistindo no dever inicial dos neutros, elle os conjurou a tomar immediatamente a defesa dos direitos dos povos, calcados aos pés nesta guerra.

A organização dos neutros para a vigilancia e observação do direito internacional seria uma antecipação dessa sociedade das nações, á qual aspira todo o idealismo politico dos grandes espiritos, como o Sr. Ruy Barbosa.

Mas, antes que se chegue á formação dos tribunaes, que seriam os órgãos da justiça internacional dos estados, a arbitragem teria sua

época para a solução dos conflictos entre os povos. A evolução do Direito internacional trilharia o mesmo caminho percorrido pelo Direito privado e pelo Direito publico. No começo era a força. Depois, quando do equilibrio das forças surgiu o direito, a arbitragem foi o meio para se resolver os conflictos dos interesses. O Direito internacional ainda está no periodo em que os conflictos se resolvem, em geral, pela força, periodo de que a guerra actual é testemunho innegavel. Emquanto a Sociedade das nações, as côrtes de arbitragem, os tribunaes de justiça internacional apparecem, vagamente delineados na nebulosa dos cosmos do direito, deveres outros incumbem aos povos que lutam contra as nações, que violam criminosamente o direito internacional, contra os povos da força armada. A historia se repete nesta guerra, disse o Sr. Ruy Barbosa. O eterno conflicto entre os dois mundos oppostos, — o da civilização e o da barbaria, — se renova com o mesmo spectaculo de horror, de pilhagens, e de exterminios que apresentaram os Hunos e os Scythas, reincarnados hoje nos Allemães! A Alemanha permanece a ave de rapina, que profligou Tacito. Póde ser estrangulada, fragmentada; os seus membros, attrahidos entre si por essencia diabolica, se reunirão de novo, o seu corpo se reconstituirá e o animal fabu-

loso, renascente, cumprirá ainda uma vez o seu destino, de atacar e pilhar. A perigosa illusão de que a guerra actual seja a ultima guerra não se apoia na historia; esta nos mostra o perigo allemão, pairando perpetuamente na fronteira franceza. Já, em 987, Hugo Capeto era proclamado rei da França, em opposição a Carlos da Lorena, que, pela sua alliança com a Allemanha, era visto como um estrangeiro. "Assim ensina a doutrina historica franceza, a França rompia definitivamente com a Allemanha" Tal é a lição do passado, que esclarece de modo singular o futuro.

A paz do mundo resultará, momentaneamente, do estrangulamento ou fraccionamento do corpo da Allemanha; mas, para que essa paz fosse definitiva, seria necessario que a alma germanica se tranfigurasse. Essa transformação é o enigma do futuro. Até lá, até que esse milagre da mutação sentimental, que só daqui a muitos seculos uma transfusão de sangue poderá operar, resignemo-nos á suprema convicção de que, pela fatalidade da sua situação physica e espirital, a guerra será sempre o destino da França.

Graça ARANHA

# DE UMA ORAÇÃO DE MANOEL VICTORINO

Quando, em 1892, Ruy Barbosa visitou a Bahia, recebendo do seu Estado uma consagração vibrante, pela obra que realizára na abolição e na implantação da Republica, Manoel Victorino, que era um orador admiravel, saudou o grande Brasileiro, numa oração monumental, pela sua belleza de fórma e, sobretudo, pela justiça de seus conceitos, na analyse da obra de Ruy Barbosa e no elogio de sua pessoa. Desse discurso é que publicamos os trechos abaixo, que bem merecem a maior divulgação.

"Todas as liberdades, a liberdade civil, a liberdade religiosa e a liberdade politica, tiveram no cyclo da tua vida a evolução rapida, crescente, irresistivel; e o vigor da tua propaganda na imprensa, na tribuna parlamentar, no fóro, nas conferencias populares, foram para ellas, não a inundação daquelle rio amarello a que te referiste uma vez, nessa enchente em que ameaçava infectar-se e submergir-se a nação inteira, porém, a caudal crystalina e impetuosa, ondas lustraes da democracia, correntes vivificadoras, que derrubando como uma avalanche as ruínas das velhas instituições, espalharam por toda a parte a seiva fecunda da grande renovação social e politica !

"A liberdade civil, na emancipação do negro, na libertação do capital, da industria, do direito de associação, da desenfusão do solo, na expansão do trabalho, teve em ti o mais audaz e esforçado dos seus conquistadores !

"A liberdade religiosa, desde a campanha movida contra o clericalismo até a separação completa da igreja e do Estado, foi o fructo da mais vehemente e apaixonada das tuas propagandas, e em vinte annos conseguiu o teu genio aquillo que a França e a Belgica, no correr de quasi um seculo, em vão tentaram realisar.

"Não te demoveram nessa conquista com que querias dotar a tua patria os doestos e injurias com que te irrogaram a insensatez de matar a esperanza e o affecto no seio da familia brasileira, de apagar do coração de teus irmãos, da meiga e boa educação das tuas patricias, o sentimento religioso, attracção irresistivel do infinito, eterna approximação de Deus !

"Derrocaste com a tua palavra e tua penna todas as bastilhas das liberdades politicas: poder pessoal, oligarchias vitalicias do Senado, nullificação do suffragio popular, interesses dynasticos, suzeranias partidarias, satrapias das provincias, centralização corrupta e corruptora, tutela aviltante da nação !

"Com o teu voto e os teus decretos escreveste na Constituição brasileira as suas mais amplas liberdades, e deste ao legislador constituinte as mais bellas inspirações da grande obra nacional !

"Desde o voto em separado no congresso liberal até a promulgação da constituição, com que immortalizaste a dictadura, pôde-se dizer que, se a Republica teve outros fundadores, a federação teve um só, que foste tu, o eminente jurisconsulto que transportou para a patria brasileira o direito americano !

"Coube-te ainda uma gloria que não deve ser esquecida. A Republica foi um acto de paz e de cordura. A tua energica prudencia, o esforço herculeo e pertinaz que empregaste contra os desregramentos do proprio triumpho, a elevação e serenidade com que soubeste, no momento da victoria, esquecer e fazer esquecer todos os odios, abrindo em amplexo fraternal os braços á nação inteira, a todos os antigos partidos, a todos os cidadãos, essa tolerancia bondosa, indulgente, com que indistinctamente congregaste os brasileiros para a collaboração da grande obra da Republica, só por si constituiria o maior titulo ao reconhecimento popular, se ella não fosse a mol-

dura, o engaste precioso dessa cultura moral e mental que tem sido o prodigioso segredo dos seus enormes triumphos.

"A confiança plena e inteira do vigor e da vitalidade das instituições novas, a certeza que nutrias que era da nação, d'America, da humanidade, a causa que advogavas, a convicção profunda, enraizada, que tinhas de que já não é possivel no Brasil outra fórma de governo, e que outra solução não se poderia dar á decrepitude da monarchia, senão annunciar ao paiz inteiro que não podia continuar no poder uma dynastia sem prestigio e sem apoio, imprimia ao teu animo firme e calmo essa sobrançeria generosa com que affrontavas, sem receio, os ataques, viessem elles de onde viessem !

"A solução dada ao grande problema politico não fez victimas, não derramou lagrimas, não cobriu de lucto, e esta, a maior e a mais humana das glorias da dictadura, tambem foi gloria tua !"

## RUY BARBOSA, GENERAL HONORARIO

Tendo Ruy Barbosa sido Ministro do Governo Provisorio, de que foi o Vice-Chefe, teve honras de general de brigada do Exercito brasileiro, por acto de Deodoro da Fonseca, de 25 de Maio de 1890. Quando o Marechal Floriano Peixoto, assumindo o poder, delle se apossou, apesar da Constituição determinar que o Vice-Presidente só terminará o mandato quando a vaga se der mais de dous annos depois de iniciado o quatriennio, o que não era caso, Ruy Barbosa, na defesa da lei magna da Republica, de que fóra o maior autor, collocou-se em forte opposição ao Governo dictatorial, tendo, afinal, que se retirar para o estrangeiro, fugindo á violenta perseguição. O Marechal Floriano, querendo ferir o antagonista, por acto de 24 de Novembro de 1893, cassou-lhe as honras militares, precedendo a decisão de *considerandos* injuriosos ao grande Brasileiro. O Presidente Prudente de Moraes, cujo governo foi um empenho constante para restaurar a lei e restabelecer a justiça, por decreto de 14 de Janeiro de 1898, revogou o acto florianoista, restabelecendo as honras do generalato ao insigne patricio, que dirigio a Prudente de Moraes a seguinte carta, que constitue um documento da mais alta valia:

"Nova Friburgo, 15 de Janeiro de 1898. — Illm. Exm. Sr. Dr. Prudente de Moraes — Penhorado com o acto pelo qual o Governo da Republica, em data de hontem, acaba de revogar o decreto de 24 de Novembro de 1893, que me privou das honras militares conferidas no dia 25 de Maio de 1890, dou graças a V. Ex. pela espontaneidade e pelo intuito desta deliberação, tanto mais inesperada, quanto eu proprio muito ha que já esquecerá o facto a que ella se contrapõe.

Se a medida de reacção, que me ferio no exilio, se limitasse a me retirar as honras militares, não teria feito mais que me livrar de um constrangimento, muito incommodo, qual me foi sempre o sentimento importuno da impropriedade de uma distincção para que nenhum titulo me habilitava, e com que era incompativel a indole de toda a minha vida, sem afinidade nenhuma com o brilho e a gloria das armas.

Muitas vezes cogitava eu, consultando amigos, no meio de evitar essa inconveniencia, sem québra da minha veneração ao heróe, ao amigo e ao chefe cuja benevolencia m'a impuzera, a mim e aos meus companheiros, como lembrança da nossa collaboração com elle no Governo Provisorio, nem da minha admiração pela classe, a cujas tradições essa mercê immerecidamente me pretendia associar.

O acto do Marechal Floriano, portanto, se não foram as circumstancias e o comentario dos seus *considerandos*, teria sido, para mim, simplesmente a satisfação de um desejo e a solução de uma difficuldade.

Mas, não obstante a expressão injuriosa dos seus termos e das suas circumstancias, tanto bem me fazia o desafogo daquelle vexame, ainda por esse modo, que, me fóra dado adivinhar a surpresa de hontem, ou o assumpto fosse dos que admittem prévia consulta, eu teria pedido licença a V. Ex. para declinar da honra que acaba de fazer-me; tanto mais quanto, em minha opinião, um regimen que abolio systematicamente as distincções honorificas, inclusive as ordens de merito militar, não tolera honras militares, e, se, pela Constituição Republicana, cessaram de ter existencia official os titulos outorgados, segundo a lei, pelo Imperio, não me parece coherente subsistirem os creados, em actos de excepção, pela dictadura.

Entretanto, pelo seu proposito, pelas suas condições, pela sua linguagem, o decreto de 1893, que não teve autographo nem registro na collecção dos actos do Governo, mas foi communicado na sua integra, por telegramma de origem official, á imprensa de Buenos Aires, era, sobretudo, um ultraje com que o Governo de então me suppóz infamar perante a nação, cuja hospitalidade me abrigava.

Na honrosa retratação, que a essa gratuita e absurda affronta oppóz o decreto de 14 do corrente, está, pois, o lado preciso e a verdadeira significação desse acto, que agradeço a V. Ex. com a effusão com que se costuma agradecer a justiça e a um Governo empenhado na grande iniciativa de a restaurar.

Com o mais profundo respeito e subida consideração, tenho a honra de ser — De V. Ex. — amigo affectuoso e muito obrigado — Ruy Barbosa."

# MESTRE DO VERBO

Antes da morte, transe em que para o maior numero dos immortaes começa a Posteridade, teve Ruy Barbosa a consagração do reconhecimento publico. Se outros dos seus meritos eminentes padeceram contraste, discussão, injustiça, este — de maior escriptor da lingua portugueza nos dois lados do Atlantico — vem de ha muito sendo reconhecido, indisputavelmente.

Preparara-o para isso o lar. João Barbosa, que aos vinte e poucos annos escrevia em portuguez quinhentista sua excellente these inaugural, seria seu mestre desde o berço, dando-lhe com a vida o ensino, instrucção de humanidades classicas, educação de methodo, ordem, polidez, que o fizeram, dadas as excelsas qualidades naturaes, um exemplar invejavel de humanidades. Essa cultura da fórma litteraria, legitima e perfeita, desde tão cedo, viria pela vida fóra, accrescentada pelo quotidiano estudo, afinada pelo gosto que o tempo sublima, tanto, que a muitos, não raro, parecia milagroso...

Em uma "oração aos moços" que é confidencia de mestre a alumnos, elle nos revelou o seu segredo: havia muito mais de meio seculo, se levantava, todos os dias, antes do sol; entrava pela noite adiante, sempre com um livro ou uma penna, e quando transpunha a porta do seu lar para ir aos deveres publicos, ou aos trabalhos da profissão, já ficava cumprida a missão quotidiana. Tornava cedo, e ainda á familia e aos amigos se esquivava, para o resto da labuta, infundavel... Estes setenta e tres annos que viveu não tiveram dias perdidos, senão os da doença. Entretanto, de um dos seus intimos ouvi outra confidencia, que lhe fizera: gostava da convivencia, da palestra, das festas, da musica, da dança, do theatro, do não-fazer-nada da sociedade... mas, aï delle! tinha sua disciplina, seus deveres, a lei de sua vida, que era preciso cumprir e que

abnegadamente cumpria... Junte-se a isso o genio feliz de sua natureza, e uma universal curiosidade, de sua intelligencia — que se revela na variedade magnifica de sua bibliotheca — e isso explica o milagre: — Ruy Barbosa!

A mais constante de suas obrigações na vida, como sua natureza mesma, foi essa devoção á lingua materna. Ainda na singeleza do trato ou nas emoções da vida, nunca lhe faltou ao respeito: não podia ser... Para servil-a, fiel e delicadamente, estavam a postos, sentinelas sempre á vista, o caracter que herdara do pai, a polidez com que o educara esse mestre, João Barbosa. O mais é delle. Por isso, desde as manifestações temporãs de sua variada actividade espiritual, na imprensa, no Parlamento, nos tribunaes, combatendo pelos captivos, cuidando da instrucção, defendendo o direito, até as cartas do exilio, as campanhas civicas, as conferencias internacionaes, nunca uma palavra, uma sentença, pagina ou volume, saiu de sua boca ou de sua penna, que não fosse vasada em molde de peregrina e definitiva pureza e perfeição, como aquella Pallas Athenéa que, na refiguração do mytho grego, saíra acabada e sem senão da mente olympica de Zeus... E quando, depois da primeira controversia publica de sua competencia em linguagem, surgiu essa "Replica", que é incomparavel repositório de saber philologico, e dava aos competentes a consciencia emfim dessa autoridade, que se affirmava entretanto desde o alvorecer implicitamente na propria obra, aos que o louvavam e admiravam, antes por modestia e verdade, que de emphase ou jactancia, elle dizia: "que agora sim, agora é que começava a saber portuguez..." Na singeleza dessa verificação, ia notado o atrazo de uma admiração ainda e sempre aquem do seu merito.

Com o tempo, que aperfeiçoa ainda ao mais perfeito, aquelle seu primeiro estylo, encachoeirado e profuso, em que

as antitheses rhythmavam o balanço classico das imagens, no desdobramento consecutivo das idéas que se completam, na successão excessiva de outras fórmulas, tal esse outro Antonio Vieira, em que no escriptor sempre o orador se revela — com o tempo, afinava-se ainda, cristalizado, na perfeição encantadora e inimitavel do gosto, agora desatado e simples, fluido e sereno, sempre grande e magestoso, como caudal sem tropeços, tal esse Antonio de Castilho, que no prosador nunca dissimulou o poeta... Vieira e Castilho foram os modelos da mocidade e da madureza de Ruy Barbosa, que a um e outro viria a exceder, excedendo-se sempre a si proprio, orando e escrevendo pela vida adiante... Se os impetos da acção de um, o Vieira, lançava ás voltas com os casos do seculo, no jornalismo, na propaganda, no Parlamento, ou nos tribunaes, orando, discutindo, accusando ou julgando, a torrente que em um despeñado fragor de catarata descia em vertiginosos torvelinhos, attingia varzeas a perder de vista, lograva remansos infinitos, e entre margens verdes, sob céu benigno, pelo meio de ilhas em flôr, fluia nas graças e nos donaires do estylo do outro, o Castilho, nessas tantas paginas de anthologia que esmaltam a obra politica, juridica e civica de Ruy Barbosa, como gemmas engastadas em bronze, poemas e cantos permeando a eloquencia politica ou a dialectica judiciaria.

E por isso, por isso que de tudo quanto amou e serviu, amou — e serviu mais que tudo a alma de sua Patria e de sua raça, a sua lingua, bem haja sua memoria, de paladino de todos os opprimidos — escravos, prisioneiros, exilados... apostolo infatigavel de todas as reivindicacões — pela liberdade, pela justiça, pela fé... que tornou suas idéas e nossas causas sagradas e victoriosas, pela divina fórma que lhes deu, seduzindo a convicção pela arte, ganhando a razão pela belleza!

Bem haja a sua memoria que, ainda que foram ganhadas as causas e as pelegas, com a Abolição, com a Republica, com o Civismo, com a Humanidade, deixou aos Posterios, embalsamada em um estylo immortal, a imagem do seu idéal, nessa fórma que tem a um tempo a sonoridade harmoniosa do bronze que canta no sino e a immacula pureza da gemma que fulge no diamante. Ao seu epitaphio, que elle quizera simples e digno de sua grandeza: "amou a justiça, viveu no trabalho e não perdeu o idéal", a Posteridade ajuntará: libertador de captivos, defensor de opprimidos, educador do povo, reformador da Patria, apostolo de todas as causas liberaes, o maior dentre os seus no seu tempo, e que soube falar, para além dos tempos, a eterna linguagem da perfeição litteraria, mestre incomparavel do verbo...

Afranio PEIXOTO

## O ESTOURO DA BOIADA

Já vistes explicar o *estouro da boiada*? Vai o gado na estrada mansamente, róta segura e limpa, chã e larga, batida e tranquillá, ao tom monotono dos *eias!* dos vaqueiros.

Cuem as patas no chão em bulha compassada. Na vaga doçura dos olhos dilatados transluz a inconsciente resignação das alimarias, oscillantes as cabeças, pendentes a magrem dos perigalhos, as aspas no ar em silva rasteira por sobre o dorso da manada. Dir-se-hia a paciencia em marcha, abstracta de si mesma, ao tintinar dos chocalhos, em pachorrenta ardadura, espertada automaticamente pela vara dos boiadeiros. Eis senão quando, não se atina porque, a um accidente minimo, um bicho inoffensivo que passa a fugir, o grito de um passaro na capoeira, o estalido de uma rama no arvoredado, se sobressalta uma das rezes, abala, desfecha a correr, e após ella se arremessa, em douda arrancada, atropelladamente, o gado todo. Nada mais o reprime. Nem brados, nem aguilhadas o detêm, nem tropeços, voltas ou barrancos por davante. E lá vai, incessantemente, o panico em desfilada, como se os demonios o tangessem, leguas e leguas, até que, exausto o alento, esmorece e cessa, afinal, a carreira, como começou, pela cessação do seu impulso. Eis o *estouro da boiada*. Assim o movimento politico de Maio: um baque, um susto, uma fuga, um esparramo, e a desordem geral no mundo politico surpreendido.

(Da Conferencia de Ruy Barbosa, na propaganda civilista, proferida em Juiz de Fóra, a 17 de Fevereiro de 1910.)



# AS BASES DA REPUBLICA E RUY BARBOSA

A republica no Brasil era uma predestinação. Quando se afirma que foi recebida indifferentemente, é preciso não esquecer que se deve o facto á certeza intima de que adoptariamos o regime, por uma fatalidade americana, e de que a monarchia era tida como um organismo estranho e envelhecido para o continente novo, portanto, transitorio e efemero. Para o Brasil, a republica era a perfeição democratica, idéal superior da livre America, cuja demora em attingil-o considerava-se, apenas, amadurecimento e preparo. Aos estadistas da monarchia, ao proprio imperador, que era um espirito lucido, não passou despercebido o pendor, cujo impulso sentiam nitidamente no sub-consciente da nação. Se o factor economico da liberdade dos escravos apressou a quéda do trono, houve apenas um adiantamento na marcha propulsora do paiz. Todos os surtos de independencia anteriores a 1822, sonhavam com a republica e, si por felicidade nossa, tivemos a monarchia, como fôrma inicial da nacionalidade, foi devido tão somente á acção desabusada e audaz de Pedro I, que conquistou por um instante o favor do povo, como o principe idéal, e á energia de José Bonifacio evitando o desregramento idealogico, mas perturbador, dos "independentes" radicaes. A monarchia, que foi um elemento decisivo para a unidade e impoz o Brasil perante o mundo, graças ao prestigio da dynastia reinante e da corôa, em boa hora sobre a cabeça de Pedro II, com quem o regime findou por se confundir, preparou logicamente a republica. Havia uma força intima que assim movia a nação, em cujo espirito a republica apparecia como o aperfeiçoamento nacional. A sentença foi a abolição e a politica reaccionaria dos ultimos gabinetes, mas a monarchia caiu como uma missão que se finda.

No advento da republica, proclamada por militares descontentes e idéalistas puros, com a consciencia da nação, mas, sem dúvida, sem sua assistencia, ter-se-ia chegado a um despotismo tumultuoso e cruel, por isso que movido por abstrações, se não fosse a presença de Ruy Barbosa, no governo provisorio. Elle teve, com o seu genio politico, áquella previsão dos illuminados; impondo a federação como elemento incondicional da unidade, traçando o quadro das liberdades civis, politicas e religiosas, fazendo do municipio a célula-mãe do organismo nacional, cerceando as doutrinas do arbitrio do poder, desviando os potentados da força e legislando com sabedoria e serenidade, naquelles dias agitados do "Provisorio". A Constituição, que deu ao Brasil, é um modelo de democracia e de liberdade e dos erros que a experiencia tem apontado ninguem mais do que elle se apercebeu levantando a bandeira da revisão, como necessidade capital para attender ao progressivo espirito do regime e sua lenta adaptação. Foi o factor decisivo da ordem e da disciplina, impediu os excessos da ditadura triunfante e fê-la — exemplo raro — um órgão sereno de justiça, tornando a republica symbolo de egualdade e tolerancia. A expectativa da nação se convertia em entusiasmo e o pacto de 15 de Novembro de 89 se con-

substanciava na Constituição de 24 de Fevereiro de 91. O governo provisorio era Ruy Barbosa e sua acção tão consideravel foi que Benjamin Constant, em quem se reconhecia uma das forças mais ponderaveis no exito da causa e a quem a Constituição sagrou, depois, como "fundador da Republica", Benjamin Constant declarava: "*acompanho cada vez com mais confiança o sr. Ruy Barbosa com quem prefiro errar, a acertar com os outros.*" A legislação do governo provisorio, o casamento civil, a separação da Igreja, a lei Torrens, o Tribunal de Contas, a lei hypothecaria, o admiravel plano financeiro dos bancos emissores a que hoje se volve depois da experiencia fecunda de todos os povos, para não falar na Constituição, cristalisam-se na obra de Ruy Barbosa, com a mais alta expressão politica do Brasil.

As bases sobre as quaes Ruy Barbosa assentou a republica foram a federação e a carta das liberdades. O primeiro decreto do governo provisorio, que escreveu do seu proprio punho, declara a republica federativa e a Constituição se abre com a solemne affirmacão — *A Nação Brasileira adopta como fôrma de governo, sob o regimen representativo, a Republica Federativa proclamada a 15 de Novembro de 1889, e constitue-se, por união perpetua e indissolvel das suas antigas provincias, em Estados Unidos do Brasil.* — Este artigo 1º e o 72 corporificam o idéal democratico que a republica representou. Na luta pela federação, o papel de Ruy Barbosa, que lançou a idéa com Manoel Victorino, no Congresso Liberal e 1889, avulta tão extraordinario, que foi unico, tanto se distanciou dos seus adeptos e partidarios. Presentiu que o unitarismo particularista enfraqueceria por força os laços da união das provincias, cada vez mais diferenciandas pela acção de factores diversos, inclusive os physicos, a cuja influencia fatal os caracteres das gentes se ia separando, como seus destinos, em pendores diversos. A collaboração mutua das provincias, o maximo de autonomia debaixo de uma soberania, tornára-se o unico meio possivel de aggrupar este immenso paiz, mantendo os pruridos separatistas, pela necessidade da grande nação, mas sem o sacrificio do esforço particular de cada unidade. O argumento corrente e sedição de que a federação decae, entre nós, e seus frutos são minguidos e não raro pecos, é uma *contradictio in adjecto*. Effectivamente, a federação ainda não foi praticada com rigor e exactidão. Desde a violenta deposição dos governadores, em 1891, que soffreu seu primeiro golpe. Depois, successivamente, os governos centraes, baseando o seu prestigio nas olygarchias dos estados e fazendo aquella funesta "politica dos governadores", vivem violentando a federação, para satisfazer os arranjos e conveniencias dessa pratica. Contra essas intervenções indebitas, Ruy Barbosa sempre se oppoz com a mais sagrada das indignações. A federação mal cumprida é que mostra o beneficio da

federação respeitada, sobretudo si a revisão assegurar uma melhor partilha no regime tributario, ainda tão defeituoso. Não se póde accusar o que se não pratica, na sua inteireza, o que repousa no equilibrio das autonomias dos estados, quando estes são os primeiros a se despojar, na subserviencia ao governo federal. Ha nisso um residuo do unitarismo, a menos na ficção da omnipotencia da União, a que se subtraem apenas algumas unidades, que dirigem o paiz e têm, portanto, interesse nessa subordinação das demais, sobre o que edificam seu prestigio. O remedio, foi sempre esta a lição de Ruy Barbosa, não está em abandonar o regime, do qual se não póde retrogradar, mas em pratical-o honestamente, como exigem as condições do equilibrio nacional, cujo esteio mysterioso só se manterá, com a intergridade da republica federativa. E o tempo aperfeiçoará a obra de Ruy Barbosa.

O capitulo das liberdades não é só aquelle em que a Constituição declara os direitos do cidadão, senão o espirito da propria Carta de 1891, que se procura fortificar no mais completo liberalismo, alargando os direitos e refreando o poder, que não exorbitaria, como tem demonstrado a pratica, se a educação politica da nação não anulasse a responsabilidade e consentisse a violação constante da lei, sobrepujando-se a ella o vicio e o abuso, consagrados pelo costume, que se perpetúa. O poder não se apoiando no povo, directamente, mas nas situações dominantes dos estados, por sua vez função do aprazimento do governo federal, encontra sempre por onde forçar as comportas e extravasar, levando de roldão, as leis violadas e os direitos conspurcados. No entretanto, Ruy Barbosa estabeleceu, na Constituição, o mais absoluto e perfeito systema de defesa da liberdade, mas só a consciencia civica das nacionalidades impede os golpes lentos da força, pela sancção moral, que é o amparo e a base das democracias. Entre nós — posto a violação da lei magna tenha sido immediata á sua proclamação, pelo golpe de estado de Deodoro, do que resultou a ditadura florianista, em que todos os direitos foram desrespeitados, principiando pelo da vida, sagrado, pela sua essencia mesma, acima, das leis dos homens — entre nós, a obra constructora de Ruy Barbosa affirmou o espirito liberal da nação e, porque tem raizes profundas na alma brasileira, não fenece nem se abala com as violações passageiras. Senhor do idéalismo brasileiro, que se confunde com a concepção nova da America, Ruy Barbosa criou, com a Republica, as bases de sua perfeição, na fôrma federativa e na conquista de todas as liberdades. Dominando as crises e cimentando as forças democraticas a nação brasileira triunfará, através de todas as difficuldades e tropeços, e, quando tiver conquistado um logar absoluto na cultura e na civilização, a grandeza de Ruy Barbosa fulgirá com a gloria dos illuminados, dos sonhadore e dos profetas.

Renato ALMEIDA

# O APOSTOLADO DE RUY BARBOSA

Em discurso proferido na Bibliotheca Nacional, por ocasião das festas do seu jubileu civico, Ruy Barbosa declarava sua vida, "a datar do seu primeiro dia, a datar do brinde politico a José Bonifacio, em 13 de Agosto de 1868, "uma vida inteira de acção, peleja ou apostolado". E assim falou:

Era ella, porventura, outra cousa, quando, logo em 1869, alcei o estandarte abolicionista numa conferencia popular, redigi o *Radical Paulistano*, orgam do Partido Radical, e estabeleci na Loja America, para os seus membros, tres annos antes da lei de 28 de Setembro, a emancipação dos nascituros? Era ella outra cousa, quando por sete ou oito annos, a começar de 1872, redigi, com outros, o *Diario da Bahia*; quando, em 1889, redigi o *Diario de Noticias*, em 1892, o *Jornal do Brasil*; durante o governo Campos Salles a *Imprensa*, que fundei, e, no tempo do Marechal Hermes, outra vez o *Diario de Noticias*, então restabelecido? Era ella outra cousa, quando escrevi "O papa e o concilio"; quando escrevi "O estado de sitio"; quando escrevi "Os actos inconstitucionaes"? Era outra, quando, desde 1869, ainda estudante, dei o grito contra a propriedade servil, no centro dos seus interesses em S. Paulo, onde ninguem lhe ousava bolir, e depois acompanhei sempre, na vanguarda mais exposta dos seus lidadores, o abolicionismo, até o seu triumpho? Era ella outra cousa, quando, em 1889, levantei, no Congresso Liberal, a bandeira da Federação; quando, em 1907, destrocei, na Conferencia da Paz, o principio de graduação das soberanias; quando em 1916, na embaixada de Buenos Aires, chamei a America ao seu posto na luta pela civilização

christã? Era ella outra cousa, quando, sob o ministerio Saraiva, fiz a lei da eleição directa, pela qual, já em 1874, entrara na liza com o meu discurso do theatro de S. João; quando sob o ministerio Dantas, formulei o projecto de emancipação dos sexagenarios, e, em seguida, como relator das commissões reunidas, justificando essa reforma, lavrei o parecer dessas commissões, na Camara dos Deputados? Era ella acaso outra cousa, quando, naquella casa do parlamento, lhe submettia em 1882, o projecto, obra exclusivamente minha, de organização dos tres ramos do ensino, ou quando, em 1890, no governo provisorio, organizava a constituição actual, decretava a lei Torrens, iniciava a criação do Tribunal de Contas e criava o imposto em ouro? Seria ella, ainda outra cousa, quando, em 1875, hostilizava eu a conscrição; quando, em 1876, me batia contra a politica de perseguição dos bispos; quando, em 1890, elaborava o decreto de separação entre a Igreja e o Estado; quando em 1891, me oppunha ao sophisma, que deu ao Vice-presidente da Republica a presidencia definitiva; quando, em 1892, lutava, no Supremo Tribunal, pelo direito dos desterrados de Cucuhy; quando, em 1894, lançava do exilio as "Cartas da Inglaterra"; quando, em 1895, me oppunha á amnistia inversa, á forçada aposentadoria dos magistrados, ao attentado contra lentes da Escola Polytechnica; seria outra cousa, quando, em 1909 a 1910, declarei, mantive, e venci a campanha civilista, e tracei, na minha plataforma eleitoral, o programma do governo a que era candidato? Quando, no quadriennio de 1910 a 1914, combati sem treguas a dictadura militar; quando, em 1917, obtive, no Senado, que se reduzisse a alguns

Estados o sitio já votado, na outra Camara, para todo o Brasil? Como, pois, converter em literaria uma vida caracterizada toda ella, ininterruptamente, nos seus periodos successivos, por esses actos de continuo batalhar?

Os orgams de publicidade, que redigi, eram todos elles de politica militante; os livros que escrevi, trabalhos de actividade pugnaz; as situações em que me distingui, situações de energia offensiva ou defensiva. Propugnei ou adversei governos; golpeei ou escudei instituições; abalei até a morte um regime, e collaborei decisiva e capitalmente no erigir de outro. Pelejei contra ministros e governos, contra oligarchas e tyrannos. Ensinei, com a doutrina e o exemplo, mas ainda mais com o exemplo que com a doutrina, o culto e a pratica da legalidade, as normas e o uso da resistencia constitucional, o desprezo e horror da oppressão, o valor e a efficiencia da justiça, o amor e o exercicio da liberdade.

Uma existencia vivida assim nos campos de batalha, tecida assim, toda ella, dos fios da acção combatente não se desnatura da sua substancia, não se desintegra dos seus elementos organicos, para se apresentar desvestida e transmutada naquillo de que ella tem menos, na mera existencia de um homem de letras. Como quer que se encare, boa ou má, é a de um missionario, é a de um soldado, é a de um constructor. As letras nella entram apenas como a fórma da palavra, que reveste o pensamento, como a eloquencia, que dobra o poder das idéas, como a belleza apparente que reflecte a belleza interior, como a condição de asseio que lhe dá clareza ás opiniões, que as dota de elegancia, que as faz intelligiveis e amaveis.

## RUY

O maior dos cidadãos brasileiros desaparece com a eminencia historica da cidade: alguma cousa devia irmanar a sorte das montanhas e a dos titans no mysterio infinito. . .

Esse genio sem par na trajectoria dos nossos dias é o genio europeu-americano da Justiça e da Liberdade, tanta vez crucificado, tanta vez redivivo. Uma e outra, deusas invictas, baixando á tristeza humana desse pôr de sol com a imagem recoberta pela mesma nuvem, o coração golpeado sob as armas de ouro, velam o corpo do heroe, como sombras amadas, entre o luto da terra e a benção dos céos.

No oratorio — berço donde veiu, berço e altar de Vera-Cruz — era ainda creança e collegial o super-homem, quando a voz de um poeta annunciou que elle seria um tribuno-gigante. Com effeito, a velha tribuna religiosa de Antonio Vieira, prodigio do seculo XVII e enlevo do templo catholico, erigida no solo bahiano, fez-se a tribuna juridica de Ruy, frequentada pela nova eloquencia e pelo novo sacerdocio, em que se multiplicaram assombros, revelações, flammejantes coleras do Verbo nas alturas. Entre os

loureiros do seu jardim atheniense, clavicularia de thesouros sem conta, a sua memoria possuia todo o saber dos livros, joeirado através da meditação.

Só esse monosyllabo — RUY — basta ao paiz incommensuravel, porque resume legiões de escribas e de oraculos; só por essa luz medimos o nosso tempo na ascensão das horas e das idéas mais lampejantes. Universalizando-se, a esphera do genio singular poderia abranger todas as formas intellectuaes e sensiveis, como a esphera platonica, e encerral-as na mesma circumferencia de belleza, traçada em volta da mesma bondade suprema.

Desde 1874, vivemos na época de Ruy, no augusto dominio solar do seu pensamento. O suffragio directo, a separação da Igreja do Estado, a causa do ensino primario e secundario, a cruzada abolicionista, a idéa federativa e a idéa republicana, o choque do exercito e da monarchia, o Governo Provisorio e o Estatuto de 24 de Fevereiro, o HABEAS-CORPUS manejado contra as dictaduras, a legalidade anti-jacobina, a posse dos direitos pessoases, o conceito doutrinario do estado de sitio, o debate do Codigo Civil, o triumpho internacional de Haya, o civilismo e a revisão, a palavra excelsa de

Buenos Aires, consorciando os nossos destinos aos do mundo livre, sob tormentas de ferro e de fogo implacaveis, tudo o evoca e reflecte ou nelle se concentra e personifica. Até o exilio, nas brumas do caso Dreyfus, consagrou a sua fama de cavalleiro andante do Direito.

Foi esse o homem-synthese das nossas instituições, dos nossos combates, das nossas reformas durante meio seculo, o soberano da Intelligencia no Brasil, a unica Intelligencia deveras temida pelos violadores da lei nos cimos do poder; e o seu reinado contemporaneo actualizava mentalmente o de Salomão, fascinando povos extranhos e longinquos. Rebrilhante de joias classicas, revestida sempre de fulgores pelo mais precioso e ardente humanismo, com elle reinou a lingua portugueza num esplendor inegalavel.

No oceano da vida brasileira, em que se arrojava para o Ideal tanta força, desencadeada por um só espirito, vemos quebrar-se a onda mais alta, sob a mais pura estrella. Dia a dia, porém, crescerá essa gloria sobre o tumulto das ondas ephemerias com a propria nação immoredoura. E' um desafio á Morte o que voado ferectro de Ruy para a alma eterna do Brasil.

Celso VIEIRA

# A LIÇÃO DE UMA GRANDE VIDA

A total reconciliação de Ruy Barbosa com a Igreja de Jesus Christo, com esta santa Igreja Catholica pacificadora de consciencias, deve constituir motivo de meditação, a grandes e pequenos, no seio da sociedade brasileira. Não que a má fé ou a ridícula ignorancia não encontre, cada uma em si mesma, alimento de que necessita o gosto de odiar ou a bem nutrida preguiça... Como de outros se tem dito dir-se-ha de Ruy Barbosa que fraqueou á hora da morte, que se lhe obscureceu a poderosa consciencia em face do derradeiro mysterio... A'quelles cuja razão natural não altere impura raiz de vicio, cabe, porém, ajuizar do fundamento de taes allegações. Em primeiro lugar, queiram ou não queiram os fabricantes de optimismo carnavalesco, chega sempre, em toda vida de homem, além daquella "hora geba do rheumatismo", a que se referia o proprio Eça de Queiroz, essa hora ainda mais séria, que é a da morte... E não merece pouca attenção o facto de serem rarissimas as chamadas grandes consciencias, que se não voltam para Deus e se não valem dos sacramentos da Igreja, da tristeza dessa hora... Apontem-nos, porém, um caso unico de christo que renegasse de seu christianismo no transe doloroso. Apontem-no!

Mas no caso de Ruy Barbosa, allegações de tal ordem serão até insultantes de todo o bom senso e de toda a honestidade.

Victima, que elle foi, do que se póde chamar o erro invencivel da sociedade brasileira, isto é, da sophisticacão encyclopedica, imposta a ferro e fogo á nossa mentalidade pelo regalismo pombalino — tanto se ligam os erros mais contrarios no mesmo fundo de odio contra a Igreja — Ruy Barbosa não pertenceu nunca á corte do espiritos mormos, dos indifferentes e é possivel seguir a marcha ascendente de seu espirito, das negações revolucionarias do "Papa e o Concilio ás affirmações no Collegio Anchieta, ao throno do seu leito de morte. E só mesmo a mais refalsada má fé e a mais pesada estupidez, serão capazes de affirmar que o homem de Haya era menor que o jornalista do Imperio, que a desillusão dos homens, nestes ultimos tres annos, valia menos, moral ou intellectualmente, que o apaixonado pedadogo da campanha civilista.

Não, não houve jamais diminuição daquella poderosa consciencia. Pelo contrario: coube-lhe tambem a grandeza de confessar os seus erros cedendo pouco a pouco, como todo verdadeiro character, ás imposições da verdade christã.

Respondia Taulére a quem lhe perguntava onde tinha achado Deus: — "C'est là où je me sui laissé moi même" —, e na historia de todas as grandes almas ha de sempre este esquecimento responder áquella descoberta..

O que Ruy Barbosa poude appreender da proclamação da Republica para cá, foi o enorme valor moral daquelle instinto superior que o fizera sempre máo grado a sua immensa cultura liberal um homem de meio termo e ponderação, um desconfiado das modificações radicaes... Educara-no para a Federação, e virá, com a quêda do Imperio, a Republica militarista e demagogica..

O de que Ruy Barbosa poude certificar-se desde a campanha civilista, é que a grosseiria dos instintos democraticos se poude levantar mil peitos contra as ambições de um sargentão privilegiado,

**"In questa Facoltà  
Nutri e orebbe lo spirito gigante  
Ruy Barbosa  
Che dei diritto sofisticato  
Difensore  
Seppe e bandi il contenuto umano  
All'Ateneo segnando  
Quanta parte dell'etica contemporanea  
Dall'antica equità romana  
Derivasse  
E come della fratellanza dei due popoli  
Derivasse il fondamento  
Le società italiane auspice "La Dante"  
Il pensiero del grande alla scuola  
commettono  
A farne mente e coscienza  
Della gioventù futura.**

Dizeres da placa inaugurada na Faculdade de Direito de São Paulo, por offerecimento da colonia italiana do grande Estado

pode elevar tambem a primeira esphinge de bordel republicano, ás alturas de um apostolo de cidadania.

O que, de modo extraordinario feriu a consciencia de Ruy Barbosa, da conflagração européa para cá, foi o espectáculo do mundo occidental, victima, todo elle, da idéa anti-chistã, isto é, das idéas que haviam modelado o seu proprio temperamento moral, a sua consciencia republicana.

E uma tal verificacão, ha de levar fatalmente a esta outra: que só a Igreja Catholica, a declarada inimiga de taes erros e a mais odiada por todos elles, possue a verdade integral, unica, capaz de se oppôr victoriosamente aos progressos da indisciplina, do individualismo, do des-governo, da immoralidade. Não lhe foi

difficil compreender toda a gravidade que se contém nesta simples palavra de Maurice Barrés, de que "não é possivel restaurar-se a sociedade sem uma doutrina", e não lhe foi difficil por isto mesmo que elle sempre se batera pelo que sùppunha digno deste nome, mas não duvido que lhe tenha cahido, alguma vez sob os olhos, a terrivel insinuação de Maurras, tão terrivel que após apresentar-lhes a qualquer espirito que ame de facto a ordem e a civilisação, não é mais possivel que se esquive á meditação das profundas desgraças de que o mundo tem sido presa da Revolução Franceza aos nossos dias.

"Os declamadores que se revoltam contra a regra ou a disciplina em nome da liberdade ou do direito, são advogados mais ou menos disfarçados do nada. Inconscientes querem o Ser sem a condição do Ser, e, conscientes, a sua natural misanthropia, a sua perversidade de imaginação, ou um qualquer idealismo hereditario transformado em loucura furiosa, é que os levou a sonhar, a desejar o nada" Elle, Ruy Barbosa, não o desejava, e por isto, vencendo todo o seu orgulho (e quem mais o podia ter do que elle?), vencendo toda as repugnancias de uma consciencia a que se havia inoculado o veneno das negações mais subteis, não vacillou em dar a todo o Brasil, que o amava e admirava, como a nenhum outro filho, esse exemplo de elevadora, de santificadora humilhação deante da Cruz.

Tarde de mais para refazer a sua personalidade politica — e é esta, talvez, a parte mais amarga do drama contemporaneo, a irremediavel amargura dos netos da Revolução — Ruy Barbosa mostrou pelo menos, a todos nós, irmãos na grande patria, o caminho da penitenciação individual, que ha de levar, mais tarde ou mais cedo, á estrada real da regeneração da sociedade em si mesma, pela força dessa compreensão, que se refaz de que o homem é, sobretudo, uma consciencia moral, um ser que só tem grandeza quando a si proprio se disciplina e governa, o que não é possivel, sem que aceite, consciente e orgulhoso desta aceitação, o jugo de Jesus Christo, a lição, um pouco dura ás vezes, mas sempre util, daquella Igreja que Elle nos legou, e ahi está ha dous mil annos, como a unica verdadeira escola "em que se define o Dever" e Bem se differencia do mal.

Jackson de FIGUEIREDO.

# RUY BARBOSA

## O "DIREITO" SOBRE O ESCRAVO

Ruy Barbosa está muito acima das nossas vaidades litterarias. Para melhor comprehendel-o, é necessario não discutil-o. E' daquelles grandes homens cuja grandeza dispensa todo exame. Basta nomeal-o e o seu nome nos evoca, nitidamente, a mais completa expressão da grandeza humana. A mim, particularmente, como um vago artista amigo de imagens, o que nelle mais me espanta ou commove, é a attitúde.

Occorre-me agora repetir, com permissão dos mais sabedores, que o Brasil é um paiz pobre de attitúdes. O genio da nossa raça, repontando frouxamente da fusão de raças incongeneres, ainda desconhece, ou conhece imperfeitamente, as vantagens decisivas da linha vertical. E', a muitos respeito, um corcovado precoce. E um paiz precisa de ter historia; e na historia o que destaca e impressiona e ensina e assegura a continuidade historica de um povo, são as bellas attitúdes, tanto as da belleza heroica como as da belleza moral.

Porventura, durante a campanha civilista, esta gente inculta, esta grande massa incolor, bisonha, incaracteristica, que conduziu Ruy Barbosa em apothese, fel-o conscientemente, porque comprehendesse nitidamente o alcance do seu papel de pensador e de estheta, que preferia a "plantar a couve para o almoço de amanhã, lançar a semente do carvalho para abrigo do futuro", com uma bravura moral que representava uma feição ainda não vista da nossa historia republicana? Nunca? O que maravilhou, o que certamente a fez delirar, foi ver um velhinho, pallido, alquebrado, com o seu cansado ar de eterno convalescente, abandonando confortos, repetindo viagens, desdenhando perigos, produzir tão grande façanha em terra de accomodatícios, de timidos e de impacientes. Foi o assomo civico, foi a garharda attitúde que a arrastou e venceu.

Amo sinceramente a sua eloquencia, que arrebatada e que convence; que conflagra, convulsiona, anathematiza, redime, encanta e illumina; que desce ao amago de todas as paixões, brande os raios das coleras mais justas, espalha a resonancia de todos os hymnos, veste-se de todas as côres, leva o fogo purificador ao seio de todas as impurezas e o osculo de amor a todas as frentes nimbadas pela candura sem nunca perder a estabilidade intima do seu formoso equilibrio. E' a eloquencia na sua verdadeira latitude ampla, sem macula, eterna.

Admiro, sem reservas, a magestade serena da sua arte, a potencia invensível do seu verbo, a riqueza inesgotavel da sua lingua. Nunca essa lingua foi ao mesmo tempo mais opulente e disciplinada, mais exuberante e polida, mais poderosa e harmoniosa. O que a nossa lingua exprime de vehemencia e formosura através deste mago, toca realmente a maravilha. E este desvelo de Ruy Barbosa pela lingua patria é um dos mais altos ensinamentos. E' pelo culto da lingua que chegaremos a cohesão nacional. E' o amor e a conservação della que devemos "ensinar o Brasil ás novas gerações brasileiras, sobretudo nos conturbados tempos que vivemos", como frisou o Sr. Lauro Muller no seu bello discurso de recepção na Academia Brasileira. "Ensinal-o na sua historia e na sua tradição desde o dia em que aqui aportou o representante de um nobre povo, maior pelo esforço inaudito que poz no defender e dilatar a conquista do que na propria descoberta."

Mostrar-lhes o valor da sua raça na epopéa das caravellas; no rigor de corpo e espirito em luta para organizar a vida tropical; na ambição collectiva, que de vencedores do mar ignoto os fez povoadores do ignoto sertão; na constancia do seu extenuante labor em meio á natureza selvagem; no ardor em dila-

Transcrevemos uma pagina do celebre parecer de Ruy Barbosa, formulado em nome das commissões reunidas de Orçamento e Justiça Civil, acerca do projecto de emancipação dos sexagenarios, lido na sessão de 4 de Agosto de 1884 na Camara dos Deputados.

A escravidão obedece a uma logica fatal. O argumento que a legitima na mais remota das suas manifestações e na mais attenuada expressão do seu espirito, preconisal-a-hia igualmente no mais odio-so dos seus aspectos e nas mais barbaras exigencias do seu regimen. O trafico não é menos velho, nem menos generalizado que o captiveiro; as mais antigas reminiscencias da raça negra, como as tradições magnificas do Egypto e da Phénicia, os poemas dos hellenos e dos romanos, as lendas biblicas, os recordos longinquos do mais obscuro passado, as memorias da média idade, os documentos da historia moderna e as narrativas de viagens contemporaneas desenhann na tela dos tempos os quadros do commercio servil, o rastro das caravanas de escravos, perdido atravez dos areiaes desertos da Africa e do Oriente. Todo raciocinio que autorise como um direito a escravidão actual, beatificaria, com a mesma procedencia, o trafico, santificaria em sua plenitude o direito da injustiça do senhor sobre o captivo, legitimaria em toda nudez da sua maldade a escravidão primitiva. O que, santificando em criterio da justiça o arbitrio do legislador, implicitamente funda a irresistibilidade, a irrevogabilidade do despotismo.

Como, pois, aquilatar esse desatino de linguagem dos nossos antagonistas, que ousa fulminar de "roubo" o systema do

projecto? A incontinenca de linguagem é natural symptoma de desespero, e caracteristica das causas perdidas. Mas, quando ella, na defesa de uma pretensão antipathica ao genero humano, invade com o descomposto estylo desse vocabulario a atmosphera de dignidade em cujo seio se devem envolver os debates parlamentares, que reacções não corre essa temeridade o risco de levantar na consciencia publica? Pois, se a emancipação, na bocca do escravismo, importa em "roubo", com que epithetos a humanidade indignada terá o direito de qualificar a propriedade servil? E' no terreno da moralidade e da honestidade que pretendem liquidar este ajuste de contas. Mas então onde estaria, *por excellencia*, a immoralidade, a improbidade, senão no captiveiro? Não será elle a espoliação suprema, o roubo dos roubos, roubo da honra, roubo da liberdade, roubo da propriedade do individuo sobre a sua intelligencia, o seu suor e o fruto do seu trabalho? Dizem que a geração de hoje está innocente: trata-se apenas de um legado de seus maiores, em cuja origem ella não conspurcou as mãos. Mas o esbulho, perpetrado pelos ascendentes, livra-se do seu vilipendio nas mãos dos filhos, interessados em exploral-o? Mas as proprias leis civis não dão á progenie do defraudado acções regulares, para obrigar á restituição do fraudador? São interesses creados á sombra da lei! Mas, com este titulo em punho, todo o antigo regimen poderia resurgir, irrefragaveis nos seus arrasoados, com uma reclamação esmagadora de perdas e damnos contra a democracia moderna, contra a liberdade moderna, contra o direito civil moderno, contra todas as constituições contemporaneas.

tar a conquista; no heroismo em defendel-a contra a cobiça de armadas poderosas e na tenacidade valorosa em disputal-a ao rival confiante; nas primeiras florescencias do seu espirito de independencia; no cadafalso em que pereceram impavidos os seus primeiros martyres e no sangue dos heroes fusilados; nas alegrias triumphaes do sete de Setembro, na energia nacionalista do sete de Abril, na nobreza moral do seu treze de Maio e na suprema evolução dos seus destinos politicos no quinze de Novembro!

Impressionam-me profundamente todas as manifestações do genio de Ruy Barbosa, do pensador e do artista, do homem de sciencia e do homem de imaginação. Mas o que nellas mais admiro, a despeito das suas incompara-

veis bellezas artisticas, sempre gratas a uma alma de poeta, é a lição moral, é a attitúde do homem perante os acontecimentos. Ruy Barbosa age sempre a um appello da consciencia, por uma irresistivel solicitação da sua integridade moral. E' a subordinação dos valores scientificos e esteticos a uma finalidade ética. Assim é que a sua nunca assás celebrada conferencia de Buenos Aires, máo grado o saber historico, o vigor juridico o esplendor litterario, o prodigio de eloquencia, que nella se condensam, tem, sobretudo, o valor de uma sentença; e acompanhará, na historia, os crimes hediondos da Allemanha com uma vehemencia de latego em mãos limpas de culpa, com uma fulminancia de castigo vibrado pelo dor de uma consciencia immaculada.

Matheus de ALBUQUERQUE

# A CONFERENCIA DE HAYA

"Em 1907 destrocei, na Conferencia da Paz, o principio da graduacao das soberanias" disse Ruy Barbosa definindo sua obra em Haya, quando encheu de fulgor o nome de seu paiz e se cobriu das mais altas glorias. O esforço do embaixador brasileiro a essa assembléa internacional, os frutos alcançados e o prestigio formidavel resultante dahi para o Brasil, embora definitivamente prejudgados em todo todo o mundo, ainda não foram estudados em suas multiplas feições e nem poderão ser neste momento, pela perturbação que os grandes homens exercem sobre seu tempo, desorientando os contemporaneos e viciando os seus juizos. Rememoremos, rapidamente, os acontecimentos e a acção admiravel de Ruy Barbosa, cujo verbo poderoso foi a mais alta expressáo da magna assembléa.

A Conferencia se abriu em Junho de 1907, com o comparecimento de 42 nações, representadas por delegados escolhidos entre os seus homens mais illustres, politicos, diplomatas, juriconsultos, como o barão de Marschall, De Martens, Bourgeois, Edward Fry, Jayme Hiel, Drago e outros de igual merito. A presença dos delegados latino-americanos constituia um motivo de curiosidade, sendo que as potencias europeas os olhavam, senáo com desdem, ao menos com uma displicencia altiva e pretenciosa. A indicação de Ruy Barbosa para presidente de honra da Primeira Commissáo, por proposta da Russia, que era *leader* da Conferencia, reunida por convocação do Tzar, suggerido, desta segunda vez, pelo presidente Roosevelt, foi o primeiro motivo de espanto, no seio da conferencia, cujos delegados europeos começaram a se preocupar em saber quem era o embaixador do Brasil. Iniciados os trabalhos, Ruy Barbosa, desde logo, participou do debate e, apesar da attitude menos diplomatica e cortez de certos delegados, que motejavam a sua acção, o grande brasileiro, tranquillo e sereno, se impunha, e por tal fórma, que a Conferencia, segundo o depoimento insuspeito de William Stead, o grande jornalista inglez, 'cedo aprendeu a supportalo e dentro em pouco tempo averiguava-se que elle era um dos seus mais poderosos homens. As duas grandes forças da Conferencia foram o Barão de Marshall, da Allemanha, e o Dr. Ruy Barbosa, do Brasil. O Barão de Marshall tinha em seu favor todo o poderoso exercito do Imperio Allemão, circumstancia que elle não se fartou de alardear. O Dr. Ruy Barbosa contava apenas com uma longinqua e desconhecida Republica, incapaz de acção militar e com uma esquadra ainda nos estaleiros. Não obstante, ao terminar a conferencia, sobrepujava o Dr. Ruy Barbosa. Tamanho triumpho pessoal não conquistou membro nenhum da Conferencia e isso tornou-se mais notavel porque foi de per si, sem nenhum auxilio de fóra. O Dr. Ruy Barbosa não tinha alliados, senáo muitos rivaes e inimigos, o que não impediu de attingir á culminancia. Esse enorme triumpho pessoal tornou-se extensivo ao credito do Brasil."

Em todas as questões, a acção de Ruy Barbosa era sempre a mais decisiva, a mais directa, a mais luminosa. Combatendo a these Drago, defendendo a abolição do direito de Captura, participando, emfim, de todos os debates onde os interesses do Brasil se empenhavam, Ruy Barbosa desde logo, se revelou um dos mais altos expoentes e uma das vozes dominadoras daquella notavel assembléa de nações. Onde, porém, sua acção sobreleva todas as demais, onde seu verbo foi a palavra da America latina, livre e ciosa de sua independencia, contra os preconceitos de força, foi na opposição formidavel que levantou ao projecto das 4 grandes potencias preponderantes na conferencia, Estados Unidos, Allemanha, França e Grã-Bretanha, propondo a organisação de uma Côte permanente de Justiça, onde as soberanias seriam classificadas e as oito nações de primeira ordem dominariam, com privilegio de permanencia, enquanto as demais retornariam. Ruy Barbosa destroçou o projecto, nas suas proprias palavras, e se tornou, por força das circumstancias, o *leader* nas nações latino-americanas, ameaçadas por

esse incongruente alvitre. A opposição do insigne brasileiro foi decisiva e os Estados Unidos, em primeiro lugar, abandonavam o projecto, sendo que Ruy Barbosa propoz uma organisação especial, que Stead declarou ter sido "a sua maior contribuição para a legislação constructiva, tentada em Haya." Em defesa desse projecto, foi que o Mestre proferiu sua grande oração a 9 de Outubro, que será sempre, para os povos, uma lição de direito, de que a paz não se obterá jamais ao preço da força, mas pela garantia da justiça baseada na egualdade de todos as potencias. Transcrevemos, em francês, a peroração deste monumental discurso:

"Quant aux autres États, retenus à l'antichambre avec la faculté d'acquiescement ultérieur, j'aurais une chose à vous dire. C'est la plus abominable des erreurs celle que l'on persiste à commettre, en insistant à enseigner aux peuples que les rangs entre les États doivent se mesurer d'après leur situation militaire, et cela justement dans une assemblée dont le but est d'écartier la guerre.

"Voyez-en bien les conséquences, plus redoutables désormais que dans aucune autre époque. Il y a environ trois ans, l'Europe ne découvrirait dans son horizon politique, hors d'elle-même, que les États-Unis, comme une spécie de projection européenne et la seule représentation non négligeable de l'Occident. L'Asie et l'Amérique latine n'étaient que des expressions à peu près géographiques, avec une situation politique de complaisance. Un beau jour, au milieu de l'étonnement, on s'est aperçu d'une apparition effroyable à l'orient. C'était la naissance inespérée d'une grande puissance. Le Japon entrait au concert européen par la porte de la guerre, qu'il enfonça de son épée.

"A nous, États de l'Amérique latine, on nous a invité à y entrer par la porte de la paix. Nous en avons dépassé le seuil dans cette Conférence, et vous avez commencé à nous connaître comme ouvriers de la paix et du droit. Mas, si nous nous trouvions déçus, si l'on nous rebutait désillusionnés, avec l'expérience que la grandeur internationale ne se mesure que par la force des armes, alors, par votre oeuvre, le résultat de la seconde conférence de la paix autait été de renverser le courant politique du monde dans le sens de la guerre, en nous poussant à chercher dans les grandes armées est dans les grandes marines la reconnaissance de notre position, en vain indiquée par la population. par l'intelligence et par la richesse.

"Est-ce que nous n'y réussirions pas ? Il ne faut pas s'y méprendre. Ces différences de grandeurs entre les pays d'Europe et ceux d'Amérique sont bien accidentelles. Ici on se développe lentement. La terre est déjà prise. Le fardeau de la lutte pour la vie est écrasant. Mais au delà de l'Atlantique, dans ces pays de croissance rapide, la sève humaine est comme celle de nos forêts: elle improvise des peuples. Nous ne dépérissions pas sous l'obligation du service militaire. Nous n'avons pas de castes sociales. Nous ne subissons pas l'héritage accablant d'un long passé de guerres. Nous ne connaissons que les dettes reproductives de la paix et du travail. Dans ces vastes bassins d'immigration, où la famille s'épanouit libre et nombreuse comme ces grandes fleurs d'Amérique étalées à la surface de nos belles eaux tropicales, il suffit quelquefois d'une à deux générations, pour doubler la population d'un pays tranquille et prospère. Le Brésil, par exemple, il y a cinquante ans, ne contenait que douze ou treize millions d'âmes. Il en contient aujourd'hui vingt-cinq millions. Combien en aura-t-il d'ici à vingt-cinq ans, si l'on tient compte que les moyens de peuplement de son territoire, ont grandi incomparablement, que l'affluence des courants étrangers y augmente de plus en plus, et que notre existence lointaine, à peine entrevue jusqu'ici, commence maintenant à se révéler au monde en plein jour ?

"Or, pour les événements qui font l'histoire, qu'est-ce que le temps d'une ou deux générations ? Ce n'est plus, dans le mouvement du monde, que l'espace d'un jour au lendemain. Pourquoi, donc, parler si volontiers de faibles et de fortes, de petits et de grands parmi les nations ! Dans ces temps-ci la maturité se mêle, quelquefois, pour les peuples, à l'adolescence. A la course de cette ère accélérée, l'avenir envahit le présent. Puis, le futur est toujours plein d'inversions et de surprises.

"Mais, quoi qu'il en soit, la compétence, l'avantage, la nécessité de ces assemblées périodiques de la paix est une conquête irrévocable. On ne viedra pas à bout de les empêcher, de les fruster, de les remplacer. C'est une porte ouverte pour toujours. Le droit des nations y passera peu à peu tout entier. Le champ occupé en 1899 n'a fait que s'élargir, malgré tout, avec gloire, en 1907, et de même que la première Conférence a rendu nécessaire la convocation de la seconde, celle-ci rendra inévitable la reunion de la troisième."

## RUY BARBOSA AOS OPERARIOS

A's majestades da força nunca me inclinei. Mas sirvo ás do direito. Sirvo ao merecimento. Sirvo á razão. Sirvo á minha patria. São essas as que eu reconheço neste mundo, e é uma dellas a com que em vós me encontro neste momento.

Não porque sejais o numero. Não porque sejais a torrente. Não porque sejais a cataracta. Não porque sejais o poder incoercivel. Mas porque sois a barreira do poder. Mas porque sois o reservatorio da vida. Mas porque sois a caudal saneadora. Mas porque sois a somma das actividades, que constituem o trabalho, a união dos que não se nutrem do cabedal alheio, o mundo limpo, claro e são dos que não têm que esconder o de que vivem.

Operarios brasileiros, que viestes hoje a mim, que me honrais com o desejo de me ouvir, que me estais dando a vossa attenção, a importancia do elemento que representais cresce a olhos vistos, dia a dia, mas não principalmente por irdes crescendo em numerosidade, não por engrossardes em vulto, não por augmentardes em materialidade bruta; sim porque vos elevais em intelligencia; sim porque melhoraes em moralidade; sim porque vos desenvolveis no sentido de vós mesmos, do vosso valor no meio dos outros factores sociaes, das vossas necessidades, na cultura desse valor. Os homens não se governam pela inconsciencia do peso, mas pelo peso da consciencia.

(Trecho da Conferencia — A Questão Social e Política no Brasil.)

# T A I N E

# AS EPHEMERIDES DA VIDA DE RUY BARBOSA

Com as suas faculdades excepcionaes de investigação e analyse o juizo desse legislador da critica moderna é não raras vezes caprichoso e falso. Suas syntheses precipitadas, a facilidade de suas illações, em que de uma anedota ou de uma pharse, succede concluir-se a expressão geral de uma vida, ou de um character, o apparatus de seus processos scientificos encobrando a miudo grandes vazios de realidade e de logica, a predilecção pela psychologia pathologica inclinando-o a imaginar, e exaggerar diatheses moraes, seus instinctos alluidores, sua accebilidade a preconceções, a fallibilidade de discernimento na selecção das fontes, a balda de magnificar o infinitamente pequeno, e desvaliar o infinitamente grande, — são outros tantos descontos, graves e deploraveis, ao seu merecimento de historiador e artista. Estes senões imprimiram á sua historia das *Origens da França Contemporanea* a tacha de "um pamphleto contra-revolucionario" Na demolição da Bastilha vê Taine "a anarchia espontanea"; na Revolução, "um latrocínio philosophico"; nos girondinos, "*des bavards outre-cuidants et rapés*"; em Cambon "o inventor do roubo systematico, praticado em grande"; em Dubois Crancé, o Louvois da França moderna, "um theorista sem escrúpulos", um "dos grandes apodrecidos"; em Danton, não obstante a defesa irrefutael do Dr. Robinet e Antonin Dubost, um typo de venalidade sanguinario. Mirabeau, esse é eliminado da historia. Graças a estes serviços, o clericalismo poude absolver a Taine da impiedade daquella sua formula materialista, que considera "a virtude e o vicio simples productos como o vitriolo e o asucar", e a obra do grande iconoclasta da gloria francesa preconizou-se, entre a gente do antigo regimen, como o breviario historico da reacção. Bonaparte, que, na estimativa deste justicador de reputações, não excede notavelmente a marca condottiéri italianos, que elle rebaixa até a esphera dos tyrannetes da idade média, até á infamia dos BORGHIAS, até a degradação mental dos convulsionarios, até a torpeza do incesto, não escapa sequer á pécha de covardia, bastando, para autorizal-a, o testemunho de um commissario prussiano.

Sendo o mais frio, tornou-se o mais apaixonado entre os historiadores franceses. Pondo em timbre escrever unicamente "para os estudiosos de zoologia moral e os naturalistas do espirito", falta, entretanto, a cada passo, ás leis da evolução psychologica e da evolução historica. Ainda ha pouco, dizia o mais consumado mestre da critica francesa nestes dias: "Por via de regra, não são os documentos que determinam os raciocínios de TAINÉ; antes, começa por estabelecer o assédio, e só então consulta a sua bibliotheca, ou esquadrinha os archivos para desencantoar as autoridades que corroborem os seus juizos. Nem se concebe a ligueireza, realmente singular, indifferente e iniqua, com que acolhe, para assertoar na historia, as mais inverosímeis anedotas e os conceitos mais aleivosos." Os seus retratos historicos distanciam-se profundamente da natureza e da verdade. "Carrega a tal ponto certas feições, que torna imperceptiveis as demais, tanto as subordina áquellas. Evade assim a maior difficuldade do retrato historico, supprimindo-a: a de ajustar appositamente a uma physionomia as mil e uma contradições, que lhe constituem a originalidade. Tudo dest'arte se faz mais simples, mas menos verdadeiro, mais uno, mas menos real, mais intenso, mas menos humano". (\*) Falta, emfim,

- 1849 — (5 de Novmbro) — Nascimento.  
1864 — Conclusão do curso de preparatorios.  
1866 — Matricula na Faculdade de Recife.  
1866 — Transferencia para a Faculdade de S. Paulo.  
1868 — Profere o primeiro discurso politico.  
1896 — Inicio da campanha abolicionista.  
1870 — Formatura em S. Paulo.  
1872 — Estréa no "Diario da Bahia".  
1873 — Viagem á Europa.  
1874 — Discurso contra a Eleição Directa.  
1876 — Casamento com D. Maria Augusta Vianna Bandeira.  
1877 — Eleição á Assembléa Legislativa e Provincial do Bahia.  
1879 — Deputado á Assembléa Geral Legislativa da Côrte.  
1884 — Artigos no "Jornal do Commercio", sob os pseudonymos de *Swift*, *Salisbury* e *Grey*.  
1885 — Intensificação da propaganda abolicionista, nos theatros e praças publicas.  
1889 — Encentou no "Diario de Noticias", do Rio, a campanha pela Federação e em defesa do direito militar (Então, Joaquim Nabuco prophetizou: — "Evaristo, na imprensa fez a Regencia e Ruy fará a Republica!")  
1889 — Rejeição de uma pasta no Ministerio da Monarchia porque este não acceitava a federação e queria, apenas, a descentralização.  
1889 — (15 de Novembro) Ministro da Fazenda e interino da Justiça e Vice-Chefe do Governo Provisorio.  
1890 — Exonera-se do cargo de Vice-Chefe do Governo Provisorio. E' eleito senador pela Bahia, á Assembléa Constituinte.  
1891 — Exonera-se do cargo de Ministro da Fazenda.  
1892 — Requer habeas-corpus em favor dos cidadãos presos pelo governo dictatorial de Floriano Peixoto.  
1892 — Publica o livro "Finanças e Politica da Republica" Renuncia o mandato e senador e é reeleito unanimemente.  
1893 — Redactor Chefe do "Jornal do Brasil" — Abre campanha contra a situação florianista. — Requer habeas-corpus para os 53 prisioneiros do "Jupiter".  
1893 — Expatria-se, devido á revolta da Armada, seguindo para Buenos Aires, Lisboa e Londres.  
1894 — Escreve para o "Jornal do Commercio" as *Cartas da Inglaterra*. — E' a primeira voz que se levanta no mundo contra o processo Dreyfus.  
1895 — Regresso do exilio.  
1896 — Recusa ser Ministro Plenipotenciario do Brasil na questão de limites com a

aos typos que elle mais se esmera em figurar, o terem vivido, e estarem situados na época em que se desenvolveram. Diante de assumptos como a revolução franceza, TAINÉ considera-se como em presença "das metamorphoses de um insecto". Mas quando, emquanto suppondo dictar a historia natural das transformações da civilização e a pathogenia das grandes crises humanas, delira em allucinações como a que lhe representa na Convenção "uma besta espolinhando-se em alcatifa de purpura", e transmuda as apparções epicas dessa assombrosa commoção social em caracteres odiosos como os de OMAR FELIPPE II e MANDRINO, o que elle escreve, não é nem a physiologia, nem a psychologia da historia, mas a alchimia das suas prevenções reagindo sobre os elementos fraccionados, alterados e esparsos da verdade.

(Do Ensaio de Ruy Barbosa sobre SWIFT.)

Guyana Franceza — Publica o livro "Amnistia inversa".

1897 — Escapa de ser assassinado nos acontecimentos de 7 de Março. — E' reeleito senador pela Bahia.

1899 — Funda a "Imprensa".

1902 — Nomeado Relator da Comissão Especial do Senado, incumbida do projecto do Codigo Civil.

1903 — Nomeado para negociar, conjuntamente com Rio Branco e Assis Brasil, o Tratado de Limites com a Bolivia.

1905 — A Bahia levanta sua candidatura á presidencia da Republica, mas Ruy abre mão da mesma para decidir a escolha de Affonso Penna.

1905 — Reeito senador pela Bahia, por nove annos.

1905 — Incumbido pelo Amazonas do patrocínio de seus direitos ao territorio do Acre Septentrional, publica sobre o assumpto 2 volumes com 1.001 paginas e mais dois folhetos.

1907 — Embaixador do Brasil á Segunda Conferencia da Paz, em Haya.

1907 — Reeito Vice-Presidente do Senado Federal.

1909 — Campanha contra a candidatura militar.

1910 — (21 de Julho) — Contesta perante o Senado a eleição do Marechal Hermes.

1911 — Combate no Senado o governo, a proposito das intervenções nos Estados, aos fusilamentos no *Satellite*, dos crimes da ilha das Cobras.

1912 — Combate a intervenção na Bahia, requerendo varios *habeas-corpus*, escrevendo no *Diario de Noticias*.

1913 — Funda o partido liberal, sendo, de novo, indicado para candidato á presidencia da Republica, em convenção democrata, candidatura de que desiste em Dezembro desse anno, sendo, porém, mantida pela Bahia.

1914 — Combate o estado de sitio, numa série de discursos formidaveis no Senado. Nesse anno, findo o governo Hermes, teve uma das maiores consagrações populares, na noite memoravel de 28 de novembro.

1915 — Reeito senador pela Bahia, unanimemente.

1916 — Representa, na Argentina, como embaixador especial, o Brasil, no Centenario de Tucuman e profere a celebre conferencia, na Faculdade de Direito, chamando a America "ao seu posto na luta pela civilização christá".

1917 — Defende a attitude do Brasil, a principio, revogando a neutralidade, e depois acceitando o estado de guerra que lhe impoz o Imperio Allemão.

1918 — O Brasil commemora o jubileu civico de Ruy Barbosa e quasi todo o mundo se associa a essa homenagem. Recusa a embaixada á Conferencia de Versalhes, por escassez de tempo.

1919 — E' levantada sua candidatura á presidencia da Republica e percorre varios Estados, numa campanha contra a decadencia de nossos costumes politicos.

1920 — Percorre a Bahia, numa intensa campanha pela libertação do Estado, campanha que vence, mas de cuja victoria foi a causa esbulhada, pela intervenção militar. Por divergencias, resultantes dahi, com o governo Epitacio, recusa a representação do Brasil na Liga das Nações. Commemorando seu jubileu juridico, como paronymo dos bacharelados de S. Paulo, escreve a "Oração dos Moços".

1921 — Renuncia o mandato de senador pela Bahia e é reeleito unanimemente. E' eleito juiz do Tribunal de Justiça Internacional, da Liga das Nações, como o mais votado, recebendo as mais significativas homenagens do Brasil e de todo o mundo.

1922 — Profere o ultimo discurso no Senado, concedendo o estado de sitio, ao governo, para domianr o movimento revolucionario.

1923 — Fallece em Petropolis, a 1º de Março.

(\*) As citações são de Brunetiére.

# RUY BARBOSA NA AMERICA

Toda a America recebeu com a mais profunda emoção a morte de Ruy Barbosa, cuja gloria se reflectia sobre o continente inteiro. Dentre as manifestações dos governos de todos os paizes americanos, de sua imprensa, de suas associações, revelando todas as a immensa projecção de Ruy Barbosa sobre o novo mundo, duas tocaram profundamente a alma nacional. Uma foi a referencia que á sua memoria fez o Presidente do Chile, o ex. Sr. Arturo Alessandri, no discurso inaugural do Quinto Congresso Pan-Americano, dizendo:

"Não quero terminar sem prestar justiciero tributo de gratidão á memoria do grande americano, fallecido ha pouco, o eminente pensador, juriconsulto e estadista, Ruy Barbosa, que, representando as aspirações da America, consagrou, com brilho, a sua palavra e o seu talento, nunca superados na conferencia de Haya, em 1907, o dogma fundamental da igualdade perante o direito de todos os Estados soberanos."

Outra foi a proposta do Delegado Uruguayo mandando que as nações americanas façam erigir uma estatua a Ruy Barbosa, homenagem cujo significado e grandeza não precisamos accentuar, na sua eloquencia formidavel. Ha ainda a referir a homenagem especial da Conferencia Pan-Americana, pondo-se de pé, durante meio minuto, em honra a Ruy Barbosa, cujo elogio foi feito pelo presidente da augusta assembléa, o embaixador Augustin Edwards, chefe da delegação do Chile. Na impossibilidade de dar aos leitores uma synthese da repercussão da morte de Ruy Barbosa na America, transcrevemos alguns trechos do artigo de *La Nación* de Buenos Aires, no dia seguinte ao fallecimento do Mestre, e sob a epigraphe seguinte — *Ha desaparecido una de las grandes figuras de America*. E' um longo editorial, nas quatro columnas centras do grande orgão, a cujo meio está uma gravura com a cabeça de Ruy Barbosa, transcrevendo tambem uma pagina sua sobre a bandeira Argentina. Assim começa o artigo:

"Toda la significación de mi vida se reduce a ser un ejemplo de trabajo, de perseverancia, de fidelidad a algunas ideas sanas". Con estas palabras, llenas de noble humildad, se definía a sí mismo Ruy Barbosa al hablar al público argentino desde la cátedra de nuestra Universidad, en una ocasión memorable y que su presencia en Buenos Aires enaltecía y embellecía. Ejemplo de formidable trabajo fué, en efecto, esa vida que acaba de extinguirse en medio de la veneración de un pueblo unánime; ejemplo de perseverancia en la lucha por los grandes ideales fué, sin duda, esa alma que acaba de apagarse y en la cual resonaron, a través del tiempo largo de su existencia de patriarca, los ecos de las altas voces que animan a la grey humana en su lento ascenso. Era Ruy Barbosa algo más que el ciudadano de una facción y algo más que un prestigio emanado de la simple obra política. No se llega a esa popularidad, que adquiere los contornos de un culto, y a esa nombradía, que desborda los límites de un país, sin llevar dentro de sí y sin redirlo a la comunidad en bien y en belleza, las cualidades superiores y raras que convierten al hombre excepcional en una encarnación de las mejores inclinaciones colectivas y lo transforman por su propia virtud en el representante moral de una Nación. Ruy Barbosa significaba para la América Latina al Brasil como lo es en aspectos más admirables y como lo será en la realización futura de sus aspiraciones más elevadas. Es por eso que rodeaba a su nombre esa conmovedora unanimidad en la admiración y en el afecto, y aun aquellas masas que no coincidían con sus tendencias de militante o con su programma de estadista se afastaban en erigirlo, fuera de los momentáneos disentiimientos de la acción inmediata, en índice de la República toda: acataban en ese anciano austero al maestro de su civilización, y en cuyo espíritu firme y sereno se fundían los dones armoniosos de la elocuencia

y de la sabiduría. Pocos son, por cierto, los que en cualquier época pueden encumbrarse hacia esta suma magistratura moral y saberse el fiel de la conciencia pública. Los que la alcanzan son los varones singularmente perfectos en quienes la colectividad acepta al guía y al juez, y ellos forman esas excepciones milagrosas que constituyen, en el transcurso de las edades, al héroe y al pastor de pueblos en cuya labor omnimoda se cifra el pensamiento de un vasto período y el sentimiento homogéneo de una nacionalidad. Esos son los reyes de las multitudes, que no necesitan del Gobierno para gobernar, pues el poderío está en la triunfadora vibración de su acento y su mando incontrastable reside en la fuerza de su gravitación. Rey de hombres ha sido el que hasta los últimos días de su vivir activo y profundo se consideraba en el Brasil el primero entre sus patriotas, el primero entre sus tribunales, el primero entre sus cultores de la ciencia y de las letras.

Parecía realmente predestinado a tan glorioso destino. Desde muy temprano se advertían en su espíritu esos rasgos que denuncian al que ha de elevarse sobre los demás y que ha nacido para ser el enseñante de la muchedumbre y el depositario de su esperanza. Los títulos más eminentes de las jerarquías que confiere la democracia a sus elegidos están en su apretada biografía de prócer. Pero esos títulos no los ha conquistado Ruy Barbosa por los medios usuales de la política. A ellos ha llegado precisamente por los procedimientos que certificarían la derrota de las mediocridades. Los ha conquistado con su férvida obstinación en el servicio de un ideal, con su ruda tenacidad en la militación de propósitos que revelan la altura de su mentalidad y la nobleza con que ha proseguido su tarea de repúblico y su actividade de pensador generoso."

*La Nación* traça en seguida a biographia de Ruy, não numa exposição fria a chronologica, mas numa analyse viva e em comentarios brilhantes, e termina com estas palavras:

"Desde entonces, partidarios y enemigos se inclinaban con el mismo respeto ante su opinión. La admiraban y lo veneraban como una manifestación del espíritu nacional, como

una expresión gloriosa de la mentalidad brasileña. Los Gobiernos, con cuya política no transigía, demandaban su consejo. Ruy Barbosa fué el ciudadano con que el Brasil oficial e intelectual se honraba en las representaciones extranjeras. Lo representó en la Conferencia de La Haya, lo representó en los Congresos jurídicos y científicos y quiso también conferire la misión ante la Conferencia de la Paz en Versalles, que rehusó por lo tardío de la designación y que le habría impedido desempeñarla con el prestigio a que debía aspirar la República en la deliberación de los asuntos mundiales. Ruy Barbosa fué, asimismo, uno de los que han dirigido la conciencia brasileña durante la conflagración europea. Se recuerdan sus grandes discursos, su activa participación en los debates de todos los días que determinaron la ruptura de relaciones de Brasil con los Imperios Centrales. Su doctrina sobre la cuestión ha sido expuesta por el insigne americano en su notable conferencia en nuestra Universidad, cuando Brasil nos honró con su Embajada, en 1916. Esa conferencia sintetiza su teoría del derecho internacional y su posición personal en aquel confuso y trágico momento del mundo.

Ruy Barbosa era popular en la Argentina. La Argentina lo conocía, aparte de su obra profundísima, como uno de los más ilustres propagandistas de la confraternidade, como uno de los más egregios trabajadores de la concordia americana. Si; fué un servidor de la concordia continental. Como los altos maestros de la democracia de estas jóvenes Repúblicas, comprendió la necesidad de armonía, comprendió la conveniencia profunda de que los dos países se aproximen cada vez más en la solidez de la amistad recíproca, y propagó ese propósito infatigablemente, por encima de las circunstancias pasajeras, y más de una vez exteriorizó esos sentimientos en páginas estremecidas de emoción y que consagran su amor a la Argentina. La amó y la admiró, y fué amigo de nuestros grandes compatriotas, empeñados aquí en idéntica faena de cultura y de adelanto. Su muerte, al enlutar al pueblo hermano, llena de duelo la conciencia argentina: Ruy Barbosa, precursor y organizador de la democracia de su patria, desaparece como una gran luz que su obra inmensa perpetuará en el recuerdo e immortalizará en el tiempo."

## A LEI DE CAIN

A lei de Cain é a lei do fratricidio. A lei do fratricidio é a lei da guerra. A lei da guerra é a lei da força. A lei da força é a lei da insidia, a lei do assalto, a lei da pilhagem, a lei da bestialidade. Lei que nega a noção de todas as leis, lei da inconsciencia, que autoriza a perfidia, consagra a brutalidade, agalôa a insolencia, eterniza o odio, premeia o roubo, corôa a matança, organiza a devastação, semeia a barbaria, assenta o direito, a sociedade, o Estado no principio da oppressão, na omnipotencia do mal. Lei da anarchia, que se oppõe á essencia de toda a legalidade, substituindo a regra pelo arbitrio, a ordem pela violencia, a autoridade pela tyrannia, o titulo juridico pela extorsão armada. Lei animal, que se insurge contra a existencia de toda a humanidade, ensinando o homicidio, propagando a cruieza, destruindo lares, bombardeando templos, envolvido na chacina universal velhos, mulheres e crianças. Lei de torpeza, que prescreve o coação, a moral e a honra, misturando a morte com o estupro, a viuvez com a prostituição, a ignominia com a orphandade. Lei da mentira, na falsa historia que escreve, nos falsos pretextos que invoca, na falsa sciencia que explora, na falsa dignidade que ostenta, na falsa bravura que assoalha, nas falsas liberdades que reivindica, fuzilando enfermeiras, atacando hospitaes, metralhando povoações desarmadas, incendiando aldeias, bombardeando cidades abertas, minando as estradas, naves do commercio, submergindo navios mercantes, canhoneando tripulações e passageiros refugiados nas lanchas de salvamento, abandonando as victimas da cobardia das suas proezas maritimas aos mares revoltos e aos frios dos invernos boreaes. Lei do sophisma, lei da inveja, lei da carniceria, lei do instincto sanguinario, lei do homem brutificado, lei de Cain.

(De uma Conferencia, de Ruy Barbosa, feita em Petrópolis, durante a guerra européa, a 17 de Março de 1917.)

# O DEVER DOS NEUTROS

Publicamos noutro local uma pagina do bello prefacio do Sr. Graça Aranha á Conferencia de Buenos Aires, que bastaria para evocar, neste numero, com desusado brilho e grandeza sem par, a formidavel repercussão da voz de Ruy Barbosa, avisando o erro da neutralidade passiva, entre a lei e o crime, na luta tragica da civilização christã contra o militarismo possesso, que a Allemanha incarnava, porque, si desde o começo os neutros tivessem levantado 'o clamor publico da censura universal contra o arrojo das paixões desembridadas e embriagadas no delirio do orgulho, a torrente da desordem ter-se-ia moderado, se não recuasse'. Não é preciso dizer mais para lembrar a lição, a sentença, a profecia de Buenos Aires, quando o insigne brasileiro foi o symbolo do espirito juridico e livre da Civilização, profligando os attentados inominaveis da força, querendo subjugar o direito. A Conferencia de Buenos Aires é, sobretudo, uma pagina de fé, da mais profunda grandeza moral. 'Só o espirito organiza, só o espirito regenera, só o espirito cria.'

Para o Brasil, a Conferencia de Buenos Aires foi mais uma gloria com que Ruy Barbosa lhe illuminou a historia. E, depois, a nossa posição na guerra, foi a mais admiravel e eloquente confirmação da palavra do Mestre que, novo thaumaturgo, realizou o milagre, em nome do Direito. Transcrevemos a ultima parte deste monumento de sabedoria juridica, que encerra o mais alto e significativo protesto, feito em nome da humanidade christã contra o delirio da força, na loucura de sua ambição, na embriaguez de sua maldade.

O symbolo do militarismo sequestra os povos, para os supplantar. "Divide et impera" Os mandamentos do christianismo unem as nações, para as dirigir.

Quem tem razão, não é Machiavel, é Goethe, que Nietzsche repudia.

Se a distancia e a differença de meio nos alongam da Europa, abrigando-nos das paixões e agonias da guerra, seria absurdo que seja para nos contaminarmos das idéas a que a guerra se deve, em vez de assumirmos o papel, que as circumstancias nos reservam, de elemento activo na criação de um mundo internacional, mais bem organizado.

A America, senhores, já tem no rumo deste oriente os titulos de precursora. Antes das conferencias de Haya em 1899 e 1907, antes da Declaração de Bruxellas em 1701, antes da Declaração de S. Petersburgo em 1868, antes da Convenção de Genebra em 1864, já o governo dos Estados Unidos da America, nas suas 'Instruções para o serviço dos exercitos em campanha', articulavam as leis fundamentaes da guerra moderna. Sujeitar a guerra á disciplina do direito e da humanidade é crer uma situação, em ultima analyse, fatal á guerra; porque a guerra é, de seu natural, deshumana, rebelde, indisciplinavel. O pendor, natural da guerra é sacudir as leis da guerra. Desde que, portanto, se começou a trabalhar por submitter a guerra a leis, começou-se a trabalhar "pela paz do genero humano". E' o que o presidente Roosevelt reconhecia, em 1904, na circular onde esboçava os intuitos da conferencia, que se realizou cinco annos mais tarde.

Dessa direcção não permita Deus que regressemos. A guerra actual vae acabar por uma reorganização, que assentará o direito internacional mais amplamente do que nunca em principios de solidariedade entre as nações, senão todas, pelo menos as de um grupo, onde avultarão as mais cultas, as mais poderosas e as mais interessadas na liberdade. Buscarmos alargar o mais possivel esse nucleo, contribuindo para lhe augmentar, até onde se possa, o numero dos Estados que o compuzessem, seria obedecer á indole das nossas instituições, ao genio dos nossos povos, á tradição da nossa historia, aos interesses da nossa segurança, aos deveres da nossa honra, desde que o objecto dessa revolução pacifica, nas relações in-

ternacionaes, seja difficultar a guerra e organizar a paz, solidarizando as nações num regimen onde ellas se associem, para se oppor ás violações do direito das gentes.

Grande fortuna, senhores, a que me proporcionastes de fallar esta linguagem de paz e justiça em uma das mais brilhantes capitães do mundo, sob o tecto hospitaleiro de uma congregação de sociologos e juristas, a um dos mais cultos auditorios deste continente. Commigo reconheceis, creio eu, que "todos somos interessados" (as palavras são de um publicista norte-americano), "que todos somos interessados", repito, "nos problemas da reconstrução subsequente á guerra, e devemos en-

## A França a Ruy Barbosa

Entregando a Ruy Barbosa a condecoração de grande official da Legião de Honra, o Ministro da França no Brasil, que era então o Sr. Paul Claudel, um dos mais altos espiritos da França moderna, pronunciou o seguinte discurso, de uma grande e profunda belleza: "Mr. le conseiller: En ce jour de votre jubilé oratoire, en cet anniversaire de votre entrée dans la vie de l'esprit, qui fut toujours en même temps pour vous la vie de l'action, la France toute entière s'associe au respect et à l'admiration de vos compatriotes, dont nous voyons partout autour de nous des témoignages si émouvants. Nos assemblées parlementaires, nos corps savants, nos associations professionnelles, les grands organes de notre presse vous ont adressé leurs félicitations. Et mon gouvernement, lui même, m'a chargé, monsieur le conseiller, de vous notifier votre nomination à la plus haute distinction dont il dispose, celle de Grand Officier de la Légion d'Honneur.

Que votre simplicité républicaine ne prenne pas ombrage de cette désignation. Dans l'armée de l'honneur l'acteur de Buenos Aires, l'intrepide affirmateur du Droit, le champion de la Justice, l'avocat des opprimés, le grand Ruy Barbosa ne saurait refuser de prendre sa place. Cette pourpre que nous vous offrons aujourd'hui, ce n'est pas un lambeau de la robe de latyrannie, c'est un morceau de ce que notre drapeau a de plus clair, de plus hardi e de plus insolent, de ce que la liberté a de plus joyeux et de plus terrible. Elle est faite de la lumière elle est fait du sang des soldats de France, des soldats de la Marne et de l'Yser, des soldats de Soissons et du Montdidier! Cette écarlate c'était hier les couleurs du sacrifice, et c'est aujourd'hui celle de la victoire! Mr. Ruy Barbosa, les armées du Droit et de l'Honneur, alignées en ce moment face à l'ennemi, vous saluent et vous offrent leurs rangs."

vidar toda a influencia, de que disponhamos (e é immensa), para assegurar que essa reconstrução observe o legitimo rumo".

Parecerá, talvez, excesso de optimismo discorrer destas aspirações de reconstituição do mundo pelas idéas generosas de volta ao direito e reconciliação com a moral christã, quando a mais febril actividade multiplica as fabricas de armas, o metal candente rutila nas forjas em laminas esbrazedas, ou rechina em catadupas de aço na fusão dos canhões, quando todas as industrias se substituem pela dos instrumentos de carniça, quando o sangue escorre das azas tenebrosas da guerra sobre os continentes, desde o Baltico e o mar do Norte até ao Mediterraneo e o mar Negro, desde a

Grã-Bretanha e a Belgica até á Grecia, á Palestina e ao Egypto, desde as stepes moscovitas até ás extremas plagas africanas, desde a França até á Persia desde a peninsula dos Balkans até os desertos da Arabia, desde os fundos do oceano, até os vertices dos Alpes, desde o mundo antigo onde a morte estende o sudario das suas batalhas, até o novo, arrastado a colaborar com as suas officinas e os seus estaleiros na faina tremenda.

Mas é justamente do excesso do mal que me parece vir surgindo a esperança de cura. Assim como ha as visitas da saude, que precedem á ultima agonia, agonias ha que se resolvem na volta da saude. A mais terrivel das enfermidades moraes de que tem soffrido, nos ultimos seculos, a nossa especie, é a militarização do mundo civilizado, a hypertrophia dos armamentos. Dessa doenca mortal não se podia sahir sinão por uma crise mortal. Mas, felizmente, a consciencia christã não entrou em coma. Pelo contrario, as energias do bem se vão reanimando, os symptomas de uma grande reacção crescem a olhos vistos, e do coração da humanidade, transpassado pelas sete espadas da dôr, brota a vontade, a confiança, o alvoroço do triumpho, com o sentimento, o consolo, a certeza da regeneração. Os horizontes estão ainda singularmente carregados. Formidaveis aglomerações caliginosas ainda pejam o céu. As scentellas riscam a atmospha baixa e torva. Um ambiente pesado e eletrizado comprime e inquieta. Mas já se sentem os primeiros indícios do cansaço na luta dos elementos enfurecidos, e uma corrente de ar rijo e puro como os grandes sopros destas planuras começa a descondensar as trevas, limpando as regiões superiores do firmamento. E' o instincto da conservação humana que desperta, o tino intimo das coisas que acorda no animo dos povos, e os restitue ao senso da vida. Ou pôr freios á guerra, ou renunciar á civilização. E' o que quasi todos sentem.

Antes desta guerra, o mundo contemporaneo ainda não conhecia a guerra. Comparadas com esta, até as campanhas napoleonicas se despem dessa grandeza épica, em que a imaginação nol-as contemplava assombrada. Seria mister recuar até ás invasões dos barbaros, para ver á furia das armas chammejar em áreas tão vastas, e o genio da ferocidade rugir com violencia tão horrenda. Agora, porém, depois que se viu o alude ensanguentado rilhar por sobre o velho continente em massas immensuraveis, sumirem-se no vórtice das batalhas, em menos de dois annos, mais de doze milhões de almas, e atirar-se á face dos céos a proclamação ostentosa do culto da força absoluta; depois que se experimentou assim, até onde pôde chegar o inferno das paixões militares vasado e espalhado entre os homens, a familia humana, entrada indizivelmente de espanto e terror, sentiu que era a sua propria existencia a que estava em questão, viu que a eliminação dessa maldade organizada já não podia ser unicamente um anhelio do pacifismo, convenceu-se de que o mundo não supportaria outro accesso desta loucura desapoderada e vertiginosa.

Mas desde que esta impressão entrou a calar nos animos, um movimento espontaneo e instinctivo, entre os proprios combatentes, volveu os olhos de todos os longes deste hemispherio, onde tremula ao Norte a bandeira astrigera dos Estados Unidos, ao Sul o pendão céruleo da Republica Argentina, onde, no caminho dos Andes, ás portas do Chile, se levanta a imagem colossal do Christo, e ás margens do Atlantico, no estandarte brasileiro, se desfraldam as insignias de ordem e progresso. Outros fizeram as suas bandeiras das côres da terra. Vós compuzestes a vossa das côres do céu. Os matizes do céu não podem mentir á sua origem celeste. As estrelas do céu não podem transigir com os interesses do inferno. O progresso e a ordem não podem servir á desordem e á força. A evocação do Crucificado não pôde cobrir a ferocidade, a barbaria. O mundo Antigo, pois, não se enganou, deixae-me crêr, em voltar os olhos para o Novo Mundo, em esperar que, erguendo-se do seio destas democracias, a opinião christã dos povos e governos, tome o lugar, que lhe cabe, na resistencia á dominação da terra pela violencia, no trabalho para a renovação da vida internacional pelo direito.



# EM LOUVOR DE RUY BARBOSA

"...Uns plantam a semente da couve para o prato de amanhã, outros a semente do carvalho para o abrigo futuro.

Aquelles cavam para si mesmos. Estes lavram para o seu paiz, para a felicidade dos seus descendentes, para o beneficio do genero humano".

RUY BARBOSA.

Sr. Presidente do Instituto.

Meus Senhores.

Foi certa vez em Cannes, olhos toldados pela saudade da terra proscripta, terra mais sentida alli com aquelles céos azues do Mediterraneo, que o Imperador, deixando escapar algumas palavras a respeito da Republica, confessou a Ferreira Vianna tudo seria treva no seu Brasil amado, se não fôra o ponto de luz que projectava a mentalidade poderosa de Ruy Barbosa em meio da dictadura militar encapada de Augusto Comte.

Aquelle espirito superior, que soube se elevar tão alto no exilio, afigurava-se o movimento de 15 de Novembro, com a escalada ao poder de uma geração de tenentes-doutores e doutores-tenentes, um repontar de caudilhismo, que, enxertado sob vistosa apparencia encartada pelos processos da Escola Positiva, iria infiltrar-se nos costumes republicanos, revogando de vez em vez, em crises patrióticas, como sezão rebelde, as tradições de quasi cincoenta annos de ordem civil que o Imperio accumulara.

Fizera-se a Republica de chofre, com a enscenação de magica, numa parada militar no extremunhar de madrugada velha, sem uma preparação cuidada, sem amadurecimento de idéas, sem convicções arraigadas, em um ambiente de irresolução e pasmo, transpondo-se em um salto rapido do parlamentarismo ao systema presidencial, emquanto toda gente, de modo alvoroçado e precipite, enfiava á cabeça o barrete republicano, na febril preocupação de adherir, adhesão de olhos fechados e mãos abertas, adhesão de salve-se quem puder, compondo-se então um quadro curioso de unanimidade, enthronisando-se o systema da irresponsabilidade politica, o systema da supressão dos partidos, com a criação dessa especie nova chamada "situacionismo".

Conhecedor dos homens e das coisas do seu paiz elle, que desempenhara por largo

tempo o papel de contra-peso ás ambições pessoaes, servindo — na phrase feliz de Souza Bandeira — de "opinião publica num paiz sem cultura", bem comprehendia Pedro II as consequencias de tão precipitada e radical transformação, que ia intitular um paiz, havia quasi dous annos só, liberto dos escravos, Republica democratica ao sabor norte americano. No meio dessa alluvião de republicanos espraída de subito em todo o paiz, de norte ao sul, por espantoso phenomeno de geração espontanea, divisava, porém, o Imperador no liberal de 1880, no organizador da Lei Saraiva, no formidavel reformador dos processos de ensino, no ardente abolicionista, participante do glorioso triumvirato redemptor com Patrocinio e Nabuco, no intransigente federalista, em Ruy Barbosa, o elemento de estabilidade, o elemento central, coordenador do novo regimen, a cabeça pensante do Governo Revolucionario, que dictaria logo o Decreto Um, para compor, a seguir, todos os principios reguladores da Republica nascente.

De longe, no exilio, sentindo se approximar o fim de uma vida toda ella dedicada á sua terra e á sua gente, com anciedade o Imperador acompanhava os acontecimentos, certo, entretanto, de que o fio de luz que indicára, garantiria ao Brasil um caminho por onde sahiria da crise politica a que se abandonára.

Foi nessas energias mentaes de Ruy Barbosa, que o Governo Provisorio encontrou os recursos indispensaveis para confirmar a Republica e dar-lhe a estrutura legal, elaborando as primeiras leis organicas, como a do casamento civil, a do regimen hypothecario, a da composição da Justiça Federal, hoje ainda as mais sabias, da legislação republicana, havendo a Republica, seguindo a orientação do incansavel liberal de 80, conseguido a separação da Igreja do Estado, sem quaesquer perturbações, em um paiz de população na grande maioria, na quasi totalidade catholica, ligada intimamente ao clero, obediente aos dictames do pulpito.

E', senhores, infelizmente muito commum entre nós a preocupação negativista, constituindo até tal systema requinte de boa critica. Deante dos valores mais efficientes, mais positivos, mais em evidencia, sempre ha lugar para o signal que diminúa, que acanhe, que apouque e que negue. Ruy Barbosa, porque fosse um typo de estatura intellectual despropositada em um meio, como o nosso, ainda em formação e de intellectualidade prestante no maximo de energias, sempre teve um ambiente de hostilidade fomentado por certos

censores que chegaram a affirmar, com desmanchada jactancia, montados nos cothurnos da mais empinada audacia, ser o extremo defensor das liberdades publicas um destruidor e jamais um elemento constructivo. Para responder a esses deliciosos criticos, não sei, senhores, não sei, se palavras valham, porque, para impressionar certas mentalidades, se precisa ir aos recursos da imagem graphica ou da sensação material pelo tacto e para tanto seria mister entregar-lhes logo, de prompto, essas duas obras memoraveis que são os projectos de reforma do ensino primario e secundario elaborados pelo Deputado bahiano em 1882 com os diagrammas, mappas, estatísticas, programmas e perguntar-lhes, depois de haverem visto com os seus olhos curtos de myopia mental o encadeiar surpreendente de idéas sobre a educação das crianças, se aquelle trabalho jamais elaborado e que nunca poderá ser imitado, se aquella obra de exaustivo estudo, onde todos os problemas são esmerilhados e esmiuçados, com argumentação sempre clara e positiva, representa cousa diversa que uma vastissima tulha rica, a transbordar, de semente até hoje não aproveitada.

Taes censores, porém, amigos da phrase feita, declaratoria de um juizo apressado, leviano, senão calumnioso, não teem honestidade de investigar, receiando perder a bussola na caudal, que a obra de Ruy Barbosa representa, ignorando assim até as primeiras e já extraordinarias manifestações de capacidade constructora desse homem, que passou a vida inteira ensinando a perfeição, na constante anciedade de evoluir e aprimorar o seu ingenho. Não sei, senhores, se vos lembrais, se é que conheceis, essas paginas de sabedoria que constituem o Relatório de Deputado bahiano de 1882, em que se batia pela desanalfabetisação do paiz, então empedernido por um systema canhestro da mais anachronica pedagogia; não sei se acaso lestes um dia as admiraveis lições sobre a criação dos jardins de creanças anexos ás Escolas, a applicação dos processos da Eugenetica na educação infantil, a formação do professor, a construção das Escolas, os methodos de ensino, e até os moldes do mobiliario escolar, tudo explicado por mão de mestre arguto patenteando um conhecimento integral de psychologia, de hygiene, de pedagogia que vence facilmente todas as duvidas e responde a todas as objecções. Esse prodigioso programma traçado com todas as minucias, ajustado em termos de lei, e que trazia ao Municipio Neutro a instrucção obrigatoria, seria ainda hoje, apesar dos quarenta annos que nos separam de sua publicação, um programma que ergueria a justo titulo seu realizador á celebridade, terminando de vez com essa anarchia em que se debate a instrucção do nosso povo e a educação da nossa mocidade.

Por acaso esses, que hoje, em voz de paieira, negam a capacidade constructora de Ruy Barbosa, alguma vez solettraram as paginas luminosas do famoso parecer, que tão intimamente enthusiasmaram o Imperador, a ponto de chamar o Deputado bahiano, rebelde ás cortezanias, ao Conselho de Estado? Não. Entre nós basta um certo arrojo para se vir em publico affirmar um contrasenso, que o dislate cria logo patente de opinião, principalmente se tem chiste de vir enfrontado em forma pinturesca, se traz o sal da duvida ou a malicia da reticencia.

O grande educador de 82, que se batia pela liberdade do ensino era o mesmo educador que, em 80, sustentára a liberdade de voto, o suffragio directo, a admissão de acatholicos, e dos naturalizados nos collegios eleitoraes, a inamovibilidade dos eleitores, a reforma Saraiva, emfim, respondendo pelo impressionante discurso de 21 de Junho, na Camara dos Deputados ao Visconde do Rio Branco, como o fizera em 79 a Silveira Martins — "o jatobá das florestas" — que, no Senado, um com os louros de 71, outro com a autoridade de um novo Cicero, procuravam attingir a situação

Mais uma vez se joga a sorte do Universo entre os falsos numes e o culto verdadeiro... entre os idolos dos barbaros e o symbolo dos christãos, entre o paganismo dos conquistadores, que dividio os homens em senhores e captivos, e o espiritualismo dos martyres, que irmanou os homens na caridade, entre o verbo da força e o Verbo de Deus. Por elle clama aos céos o sangue vertido no martyrologio destes dois annos, por elle, senhores, pelo espirito que se liberava, no principio dos tempos, sobre a desordem chaotica dos elementos, e agora, baixará sobre a desordem chaotica dos interesses, para extrahir desta anarchia um mundo regido pelas leis da consciencia, como daquella suscitou um mundo ordenado pelas leis da materia. Na ordem material, como na ordem moral, só o espirito organizza, só o espirito regenera, só o espirito cria.

Nas Mensagens á Nação Allemã, que escrevia, em 1808, entre as dolorosas provações de sua patria, Fichte appellava do poder da força para o poder do espirito. E' da força para o espirito que nós appellamos tambem; e não o poderíamos fazer em expressões mais sentidas ou verdadeiras. "Não luteis", dizia elle, "por conquistar com armas corporeas;

mas tende-vos firmes e erectos na dignidade do espirito ante os vossos antagonistas. Vosso é o destino superior de fundar o imperio do espirito e da razão, destruindo aos rudes poderes da materia o seu dominio de regedores do mundo... Sim; em todas as nações ha intelligencias, nas quaes não calará jámais a crença de que as grandes promessas, feitas á especie humana, de um reino do Direito, da Razão e da Verdade, sejam illusões vãs. Essas intelligencias nutrem a convicção de que este regimen de ferro é apenas uma transição para um Estado mais bem constituido. Em vós confiam esses e, com elles, as raças mais novas da humanidade. Em sossobrando vós comvosco sossobrarão na humanidade a esperança de uma regeneração futura."

Estas palavras, reiteradas agora, cento e cinco annos depois, não tem senão que variar de endereço. O philosopho tinha razão. O patriota não tinha. As raças mais novas confiam em si mesmas. E' em si propria que a humanidade espera. A ella é que nos dirigimos. E quando o reino do espirito vier, será pelo enlace da liberdade européa com a liberdade americana, numa communhão hostil á guerra e armada contra ella, de garantias inquebrantaveis.



# CASTRO ALVES

Eis a obra de Castro Alves, senhores: e a sua obra é a sua vida. A mão da morte apagou-o dentre nós: mas a glória restituiu-o ao horizonte como a estrella da manhã para o captivo.

Dôa, como doer aos dissecadores dos genios, o seu nome ha-de ligar-se indelevelmente a uma das phases mais decisivas da historia nacional, e a sua poesia é bella, dessa belleza indefinivel, ante a qual a alma não enumerá, não esquadriinha, não argumenta: commove-se, quando não ajoelhada. *E' bella perchè é bella.*

Na graça e na colera os seus versos lampejam frequentemente como alguma cousa de Eschylo e Dante; com Shakespeare, o grande mergulhador do coração humano, creiamos que foi buscar alguma vez para a sua obra perolas e monstros desse pego; compete não raro, com Hugo na magnifica oriental do colorido, e, quando chora, que alma sensível não murmurará conosco:

“Tambem sabes chorar, como Eloah!”

Já vos disse, senhores; critico não sou, nem tive em mira uma critica. Exprimo emoções. Não quero outro commentario, nem outra consagração para o nosso poeta. Exprimo emoções; e a vossa me basta: ella me justifica e attesta a minha fidelidade.

Agora, a justificação do decennario está em que esse sentimento vosso não se circumscreva a este recinto: retreme como em vós, no coração do paiz. Senão, ouçam o seu écho na capital do Imperio. E' que Castro Alves escreveu o poema da nossa grande questão social e da profunda aspiração nacional que a tem de resolver.

Pulsa a liberdade até nas suas canções de amor. E' como se ella fosse para o bardo o que, nas primitivas crenças da Héllade, era Zeus — a natureza e a vida universal: “Zeus é o ar, Zeus é o céo, Zeus é a terra, Zeus é tudo quanto possa haver acima de tudo”. Elle sentiu, porém, que a liberdade de uma raça fundada na servidão de outra é a mais atroz das mentiras; percebeu que a historia da nossa emancipação nacional estava incompleta sem a emancipação do trabalho, base de toda a nacionalidade; e fez

da conjuração de Minas o berço, não só da nossa independência, como da libertação futura das gerações condemnadas ao captivo pela politica dos nossos colonizadores e pelos interesses dos traficantes “Não mais escravos! não mais senhores! Liberdade a todos os braços, liberdade a todas as cabeças!” é o brado que rebôa da alma flammegante de Gonzaga; é a nota perenne de toda a obra poetica e dramatica de Castro Alves.

Ora, o elemento servil é o cunho negro de toda a nossa historia, e a extincção do elemento servil será a fimbria luminosa de todo o nosso futuro. A ignominia que barbariza e deshumaniza o escravo, conspurca a familia livre, escandaliza o lar domestico, a pureza das virgens e a castidade das mães; perverte irreparavelmente a educação dos nossos filhos; atrophia a nossa riqueza; explica todos os defeitos do caracter nacional, toda a indolencia do nosso progresso, todas as lepras da nossa politica, todas as decepções das nossas reformas, todas as sombras do nosso horizonte. O abolicionismo é a expressão da mais inflexível das necessidades sociaes. Quando a uma lei destas chega o momento providencial da sua verificação, a linguagem dos que condemnam como incendiaria a propaganda precursora, lembra a insania do persa açoitando o Hellesponto. “O' tú, agua amara”, clamavam os flagelladores, “eis o castigo que nosso amo te impõe. Ha de atravessar-te o rei Xerxes, queiras ou não. Com razão ninguém te offerece sacrificios, falso mar! pois que não és mais que perfido rio de agua salgada” O mar que engulira as 1.200 triremes da esquadra subjugadora, ria na sua espuma, dos fustigadores impotentes, e Herodoto reproduz-nos as apostrophes do velho monarcha oriental, indignado contra o filho, sacrilego insultador da divindade marinha. “Esperava elle, mortal, levar de vencida todos os deuses?” O accesso de pueril loucura desapareceria, para não deixar ver aos olhos do crente senão a impiedade profanada, Mas os deuses universaes hoje são as leis que regem irresistivelmente o mundo, e cuja fatalidade esmagadora não perdôa a impia inepcia dos violadores da ordem eterna.

Desses, felizmente, entre nós, se ainda existem, são atomos perdidos no seio da civilização brasileira, cumpre consignal-o, não aqui, onde ninguém o ignora, mas ante o mundo, em cuja opinião, erroneas apreciações e falsas noticias podem ir-nos fazendo passar como um povo ainda não convencido da illegitimidade da escravidão, e da urgencia de abolil-a. Cumpre afirmar ante o mundo, aonde a minha voz não pôde chegar, mas a vossa chegará certamente. Diga então ella por toda a parte a verdade; diga que o Brasil não sente menos do que a Europa a perversidade, a ingenuidade desta situação; que elle vê empenhada na solução deste problema a fibra vital do seu ponto de honra. E' um stygma que lidamos supprimir, e a cujo contacto as faces desta nação, tão generosa quanto possa ser o velho mundo, purpuream-se desse rubor sombrio que, no *Paraíso da Divina Comedia*, afogueava de indignação e de vergonha a face do céo.

Eis o que eleva Castro Alves á altura de um poeta nacional, e bastante eminente, para representar uma grande manifestação da patria; é que a alma da sua poesia é a aspiração culmiante do paiz. Nos seus cantos geme pela liberdade do passado, pugna o presente, e triumpho o porvir.

Desse porvir, pelas perspectivas infinitas, é grato aos homens de fé estender olhos anciosos. Elles encerram inspirações inexhauriveis, como a grande arte da antiguidade, em que a obra prima de Phidias, o templo de Athenê, tocando o limite do genio humano, parece ter deixado á posteridade a prophesia divina da civilização. A investigação artistica, fundando-se no hymno homerico, buscou recompor na fronteira oriental do Parthenon, gasta pelo perpassar de mais de vinte seculos e profanada pelo barbarismo christão, a epopeia, viva no marmore, no oiro e no marfim, do mestre dos mestres: o nascimento da deusa que presidia aos destinos e representava o genio de Athenas. Segundo a mais plausivel das suas interpretações, o sublime poema de pedra exprimia “a emoção causada pelo nascimento de Minerva, nas tres regiões do mundo: o Olympe, a terra e o mar” E' a iniciação de uma nova ordem de cousas traduzida de um modo symbolico e plastico ao mesmo tempo. A deusa da civilização atheniense, pura filha do espirito, surge improvavelmente entre as antigas divindades, a que vinha succeder. Conjectura-se escolhido pelo artista o momento em que, deposta por ella as armas, a admiração pela sua belleza segue-se entre os olympos ao terror produzido pela sua inesperada presença. Iris e a Victoria annunciam ás duas regiões interiores a aparição de Minerva. A mensagem de Iris é a benevola, e figura attrahir para a deusa o grupo das divindades telluricas, nunes da paz e da ordem social, bemfazejas e civilizadoras. Esse grupo denotava alar-se para o sol, que se erguia no horizonte, espargindo luz: elle significava que vinha. Diversa era a mensagem da Victoria, endereçada ás divindades marinhas, symbolos das paixões tumultuosas, brutae, ou lascivas, num estado social inconsciente. Lá se vão ellas fugitivas, expelidas pela presença da filha de Jupiter, com a lua que baixa do céo para sob o horizonte, levando consigo os perdidos prazeres e os usos supersticiosos da terra barbara”. Para mim, senhores, eis a allegoria da lenta evolução da nossa especie. Esse disco de baça claridade e reflexos sangrentos, que pouco se vai recolhendo para o occidente sob o manto da victoria, é a tradição da conquista, da violencia e da escravidão, emquanto Athenê, a personificação da sciencia e da arte, da humanidade e da paz, ergue-se no oriente, entornando ao longe, por toda a parte, a benevolencia, o espirito e a liberdade entre os homens.

Felizes, abençoados e grandes os que, como Castro Alves podem ser um dos raios dessa alvorada!

(Do Elogio de Castro Alves. Discurso de Ruy Barbosa em 6 de Julho de 1881, proferido na Bahia).

a furia desencadeada de um poder allucinado pela vertigem das alturas.

Si na primeira attitude teve como premio o exilio — de onde escreveria as “Cartas da Inglaterra” com o mesmo transbordante amor á causa da Justiça, ao obter o “habeas-corpus” em favor do Presidente do Estado da Bahia, encurralado nos paços do Governo pelo forte de S. Marcello, recebeu a mais sordida punição desses “salvadores do regimen”: a calúmia baixa, vil e soez murmurada ás esquinas pelos compadres da fraude e a publicação anonyma, lançada aos punhados pelas ruas, de discursos seus truncados e falseados perversamente, toda a fructificação de espiritos chatins que pullulavam, então, para delicia da ditadura imposta que sonhava com a perpetuidade ante a miragem arranjada pelos ennuhos da época.

Que penitencia, senhores, que penitencia tremenda a desse espirito tendo que subir de vez em vez á tribuna do Senado, as escadas dos Tribunaes, lançando-se estoicamente em formidaveis campanhas como as 1909, 1913 e 1919, a enfrentar o arbitrio, o excesso de poder, os anarchisadores dessa obra onde vertera todo seu espirito e toda sua alma! Que durissima, que cruciante penitencia de soffrer de tempos a tempos, toda sorte de mortificações, para salvar o espirito liberal de um regimen, a que se envergara na convicção sincera de que o seu Brasil seguia ávante no caminho da perfeição! E com que travor, com que magua, com que desespero mesmo, não redigio sua penna fecunda, penna que traçara o primeiro decreto republicano e o texto do projecto Constitucional — essas linhas de desabafo que precedem

na “Quêda do Imperio” a reedição dos vibrantes artigos do “Diario de Noticias” de 89!

Alma romantizada pelo amor á Justiça, eternamente sonhador de uma perfeição maior, o homem evangelizador do sertão da Bahia, sementeiro de fé no futuro nosso, Ruy Barbosa, defensor da liberdade do ensino, da liberdade de voto, da liberdade de consciencia, de culto, de palavra, de reunião, da liberdade de todas as manifestações, em todos os aspectos, é o extremo defensor das nações pequenas na reunião de Haya, é o grito de protesto ante a Belgica ultrajada na sua inviolabilidade de nação neutral, é a voz alta e solemne da America Latina contra o imperialismo allemão, que renegava os tratados e que sobrepuha a força e o arbitrio, ao direito e á razão.

Sempre conduzido pelas mesmas aspirações, sempre estimulado pelos mesmos ideaes, a vida desse homem perante a historia é um traço luminoso na ascendencia á perfeição.

Sua obra é um repositório insondavel de idéas todas largas e generosas, legado a varias gerações para que aqui encontrem as energias civicas que possam integrar o Brasil na posse de si mesmo, e, nesse ambiente onde nos reunimos para inicio de uma campanha de estudos do que nos é mais caro e bello, sob o patrocínio do mais alto investigador das riquezas do nosso passado, que fique para sempre a lembrança dessa fulguração que assistimos com os nossos olhos maravilhados, illuminando-nos com a sua luz e aquecendo-nos com as suas energias, hoje recolhida ao clarão da eternidade donde vem o perdão dos que se sacrificaram e soffreram no amor á sua terra gentil e na dedicação á sua gente ingrata!

Ribas CARNEIRO

# UMA PERORAÇÃO MEMORAVEL

Foi com estas palavras flammejantes que Ruy Barbosa, perante o Supremo Tribunal Federal, terminou seu discurso, a 23 de Abril de 1892, impetrando uma ordem de "habeas-corpus" a favor de varios cidadãos presos pelo governo florianista.

Não ha mais justiça; porque o governo a absorveu. Não ha mais processo; porque o governo o dispensa. Não ha mais defeza; porque o governo a recusa. Não ha mais codigo penal; porque o arbitrio do governo o substitue. Não ha mais congresso; porque o governo é censor da liberdade dos deputados. Não ha mais federação; porque a equivalencia dos estados no Senado acabou, a um aceno do governo. O governo... o governo, o oceano de arbitrio em cuja soberania se despenham todos os poderes, se afogam todas as liberdades, se dispersan todas as leis. Anarchia vaga, incommensuravel, tenebrosa como os pesadelos da oppressão.

Como esse rio carregado de densos sedimentos, que, nas suas cheias, se precipita dos planaltos do norte sobre a China, transformando-lhe de improviso a face, abrindo vastos mediterraneos na sua superficie povoada, cavando algares e torrentes, submergindo campos e cidades,

a força, a inundaçãõ cega, que não conhece o direito, cobre agora as instituições republicanas. Não estamos na America, Estamos moralmente, no Imperio do Meio, alagado pelo Rio Amarello.

De toda a parte a desordem, por todos os lados a violencia. E fluctuando apenas á sua tona, expostas á ironia do inimigo, as fórmãs violadas de uma constituição, que os seus primeiros executores condemnaram ao descredito immerecido e á ruina precoce.

Está em vossas mãos reparar a falha da barranca, por onde a corrente indisciplinada irrompeu do leito, e transbor-da sobre o paiz. E' restabelecerdes a confiança na justiça, firmardes por um ares-to inolvidavel a jurisprudencia da liberdade, mostrardes resplandescente acima de todos os poderes da força a supremacia desta autoridade desarmada e espi-ritual: o direito. Será o maior dos servi-ços á causa da ordem, enfraquecida pela intemperança do governo.

Em nome da conservação da Repu-blica, a bem de todos os interesses con-servadores, eu vos supplico, senhores jui-zes. Elles pendem todos deste "habeas-corpus" E se o não concederdes, como a lei quer, — que milagre salvará o paiz das miserias deste desengano ?

*Esta verdade, senhores, lição eterna da historia, acabou de receber entre nós a confirmação mais solemne e indelevel. — Refi-ro-me a esse acontecimento inaudito, a esse golpe revolucionario, que, conculcando as mais sagradas leis do systema representati-vo, suscitou, ao mesmo tempo, a rehabilitação dos principios em nosso regimen politico, a esse facto brilhante, que immortalizou na his-toria do Brasil o dia 17 de Julho.*

*Com effeito, senhores, a politica, essa no-bre sciencia, que engrandece os Estados con-stitucionaes, degenerou entre nós em arte machiavelica, em instrumento mesquinho de paixões facciosas: e em vez de se enobrecer com a liberdade, em vez de se identificar com a opinião, tem sido quasi sempre uma viola-ção accinosa das nossas instituições repre-sentativas, uma traição systematica á con-sciençia politica, um desafio constante á so-berania nacional. E, quando este falseamen-to de todas as leis constitucionaes, este sa-crificio de todos os direitos civis e individuaes, havia derramado o septicismo politico no espirito do paiz, a sessão parlamentar de 17 de Julho veio renovar a face das cousas. Sim, senhores, o dia 17 de Julho é uma das datas mais brilhantes da nossa historia politica; porque realizou entre nós tres grandes idéas, porque significa tres acontecimentos immor-redouros: em primeiro lugar, a regeneração dos parlamentos pela nova resistencia ás solicitações de um ministerio dictatorial; de-pois, a quêde de um Governo pela sustentação de uma grande verdade constitucional, a res-ponsabilidade absoluta do poder moderador; e, finalmente, a confraternização do immenso partido liberal, fraccionado pela dissidencia desgraçada que o enfraquecia.*

*Saudemos, pois, senhores, as tradições brilhantes, gloriosas, immortaes do dia 17 de Julho, porque essa data eclipsa todos os nomes, enche todos os corações patrioticos, por-que ella veio reanimar as nossas crenças po-liticas, restabelecer a moralidade dos parla-mentos, levantar tres grandes artigos do cre-dito liberal.*

## O PRIMEIRO E O ULTIMO DISCURSO DE RUY BARBOSA

Publicamos as duas orações de Ruy Bar-bosa, a que foi sua estréa na tribuna, em 16 de Julho de 1868, e a que foi o derradeiro de seus discursos, em 5 de Julho de 1922. Na primeira, é o liberal que surge, cheio de fé e de ideal, com os quaes traçaria a mais ful-gurante linha da historia da liberdade no Brasil. Na segunda, é o defensor da lei e da Republica, inimigo das dictaduras e dos pro-nunciamentos, que concede o estado de sitio ao Governo, apesar da sua repugnancia contra essa instituição constitucional, afim de armal-o das medidas necessarias para suffocar o mo-vimento sedicioso de Julho do anno passado.

O primeiro discurso foi pronunciado pelo insigne brasileiro, então estudante da Faculda-de de Direito de S. Paulo, no banquete pro-movido pelo Partido Liberal a que se asso-ciou a mocidade academica, em homenagem a José Bonifacio, Deputado da Camara dissol-vida em consequencia da subida do Partido Conservador, em 16 de Julho de 1868. O il-lustre liberal paulista voltou a occupar a sua cadeira de lente, e foi por essa occasião que seus correligionarios e seus discipulos decidiram manifestar por aquella festa a sua admiração pelo grande tribuno e chefe democratico. No

banquete, além de Ruy Barbosa, fallaram ou-tros, simples estudantes, que mais tarde se tornaram conhecidos e admirados pelo seu talento, a serviço da liberdade. Basta citar Ferreira de Menezes, Joaquim Nabuco e Cas-tro Alves. Eis os termos da oração com que o immortal tribuno iniciou a sua vida pu-blica:

*"Senhores! Quando as nações, já sem ar-rimo e sem crenças extenuadas pelos esfor-ços de lutas continuas e desanimadoras contra as tendencias corruptoras da autoridade e dos partidos, vêem cahir uma a uma as suas as-pirações mais santas, as suas esperanças mais nobres, as suas instituições mais venerandas; quando voltando os olhos para o passado, não encontram senão uma arena de transfor-mações estereis, e, contemplando o futuro, não vêem mais que um horizonte sombrio de incer-tezas e ameaças, — a Providencia, levantando sobre ellas a mão cheia de bençãos, faz surgir do lado da miseria, que envolve as sociedades, o principio fecundo, a idéa regeneradora, que as ha de salvar da dissolução imminente. E' a regeneração moral da humanidade — o chris-tianismo — operando no seio da sociedade mais aviltada pelos vicios; é a regeneração politica dos Estados — a revolução franceza, levan-tando-se no solo do absolutismo, para esmagar os Governos despoticos, que opprimem as na-ções civilizadas.*

O ultimo discurso foi pronunciado no Se-nado Federal, em 5 de Julho de 1922, quando entrava em discussão o projecto autorizando o Governo a declarar o estado de sitio, na fórmula pedida na mensagem presidencial. Eis o discurso:

*"Sr. Presidente, a ultima vez que tive a honra de me dirigir ao Senado, longe es-tava eu de suppor que viesse me dirigir a elle em occasião tão grave e seria como a actual.*

*Cumpri, Sr. Presidente, uma vez o meu dever concedendo o estado de sitio em um caso constitucional ao Governo Prudente de Moraes.*

*Cumpri, segunda vez, meu dever vo-tando o mesmo estado de sitio solicitado em favor do Governo Rodrigues Alves. Por ultimo, não recusei, nem mesmo ao Mare-chal Hermes, o estado de sitio que aqui nós concedemos, em circumstancia semelhante a esta, pela gravidade, pela solemnidade, pelo perigo das suas consequencias.*

*Venho, apesar da minha irreconcilia-vel prevençãõ contra essa instituição con-stitucional, attender o pedido que nos dirige o Governo, concedendo-lhe o estado de sitio, dever penoso, mas que se acha consagrado na nossa carta de lei politica e que nunca foi concedido, quer me parecer, em cir-cumstancias que mais o exijam.*

*Voto o estado de sitio, portanto, Sr. Pre-sidente, com as restricções e debaixo dos principios a que o Congresso Nacional tem sempre sujeitado essa medida nas diffe-rentes vezes que lhe aprouve concedel-o ao Governo da Republica"*



# REX REGNUM

Foi com estas palavras que o venerando educador, Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, abriu o "Album dos Bahianos", offerecido a Ruy Barbosa, por occasião do seu jubileu civic, em 1918.

SAPIENS... REX REGNUM

(Hor.)

Não era eu quem devera abrir as paginas deste Album, dedicado a Ruy Barbosa; trata-se da celebração do Talento; solemniza-se a festa, a glorificação do Genio; é, como bem se tem appellidado, a Festa do Sol, e o portico do palacio do astro-rei não se illumina com luz baça, frouxa, debil e pequenina, senão com a dos mais vivos e fortes candelabros, com a das mais possantes lampadas, que intencionalmente e a flux lhe esclareçam o chão, o tecto, as columnas e portadas.

Um dia a mão impiedosa do tempo virá certamente desbotar, traço por traço, linha por linha, a tua effigie, aqui estampada, e os dizeres com que, rendendo-te o mais justo preito, uma multidão de esforçados espiritos, deslumbrados á luz do teu genio, á porfia, e quasi em santa adoração, te exaltam o merito e o saber, grande, profundo, admiravel e assombroso; mas esse mesmo tempo implacavel, em sua acção ruinosa e destruidora, não terá poder bastante para te apagar a imagem, pro-

fundamente gravada na mente e no coração de todos os que tenham a dita de conhecer a personalidade, de te estudar as maravilhosas producções da penna de ouro, amparada por mãos de anjos.

Ao ler-te os escriptos, de tão rara e notavel cadencia, tão artisticamente cinzelados, ao leitor lhe parece ouvir uma harmoniosa musica divina, tangida por espiritos invisiveis, como se innumeras harpas éolias, em surdina, lhe suspirassem aos ouvidos encantados doces accordes e suaves melodias.

A Bahia intellectual, a Bahia grande, a Bahia altiva, a Bahia heroica e generosa, do seu alto e soberbo throno de verdura dirige-te as mais profundas e respeitadas saudações, ó insigne varão, guia seguro dos ideaes republicanos, espirito prodigio, Mestre, gloria e honra da Patria!

Salve! Muitas e muitas vezes salve! O' sabio e egregio cidadão, eminente nas letras e sciencias, *rex renum*, como te chamaria o poeta venusino!...

A sagração do futuro corar-te-ha o nome celebrado, e o seculo em que vives continuará por vozes sem conta, a implorar sobre ti as bençãos dos céos reservadas só aos que na erra são verdadeiramente grandes e logram, como tu, a antecipação da immortalidade, destinadas aos genios e aos espiritos escolhidos.

## RUY BARBOSA NA INTIMIDADE

Sob este titulo, publicava "O Imparcial" a 4 de Março de 1913, exactamente dez annos antes do dia em que o corpo do inclito brasileiro atravessava a cidade, entre a magia e a consternação do Brasil inteiro, partilhados igualmente pelo mundo civilisado, as seguintes notas, assignadas por Plutarcho Junior, sobre os habitos particulares da vida de Ruy Barbosa.

Nestas linhas não serão repetidas as noticias que todos já conhecem, da vida publica de Ruy Barbosa.

A um nosso companheiro foi designada a missão muito menos difficil, porém mais curioso, de obter dos amigos e dos intimos do grande brasileiro, notas que informassem o publico acerca da sua vida intima e dos seus habitos casereiros.

Damos em seguida os informes por elle colhidos.

Com um methodo admiravel, que é o segredo da sua actividade infatigavel, calmamente, serenamente, o Sr. Senador Ruy Barbosa dispõe do seu tempo de modo a produzir o maximo possivel, aproveitando-o como nenhum outro intellectual brasileiro jámais o fez.

Em qualquer outro terreno a divergencia se poderá estabelecer.

Quanto a capacidade de trabalho mental, ahi está a série immensa dos productos de sua penna para assegurar-lhe a primazia.

Como divide o Senador Ruy Barbosa o seu tempo.

S. Ex. acorda todos os dias muito cedo, entre 5 e 5 1/2 da manhã.

Prepara-se, vestindo o seu pyjama, lava-se, e, em jejum, põe-se a estudar até 7 1/2 ou 8 horas.

Não supporta a agua fria. Toma ás 8 horas o seu banho morno, veste-se então e vai tomar chá com a familia, que prefere café.

A essa hora é que S. Ex. lê os jornaes do dia, rapidamente.

Às 8 1/2 ou faltando um quarto para ás 9, volta ao gabinete para estudar.

Lê até 11 1/2 ou faltando um quarto para o meio-dia.

Suspende a leitura para almoçar. Come regularmente.

Às vezes alimenta-se bem e é sempre exigente quanto á qualidade.

Só se serve de carnes brancas e mostra predilecção pelas fructas.

Ao fim do almoço, invariavelmente, chá. E' bom conviva: palestra com jovialidade e gosta de demorar á mesa conversando.

Depois do almoço vem á cidade no seu carro, já muito conhecido: uma victoria tirada por duas bestinhas castanhas.

Prefere essa victoria aos automoveis.

Talvez seja porque os automoveis são tão rapidos que não dão tempo á leitura. E o Senador Ruy Barbosa aproveita as viagens de carro para ler no caminho.

Pára na Avenida e vai direito á livraria Briguet.

Depois, a uma casa de revistas da rua da Quitanda proximo á rua da Alfandega.

Depois, ás vezes, ao Garnier.

Antigamente frequentava os cinemas. Porfim, talvez para evitar as curiosidades que despertava, deixou de apparecer ultimamente nos cinematographos, com grande pezar dos respectivos proprietarios.

Durante as sessões do Senado, é depois dessas excursões que S. Ex. se dirige para o velho palacio do conde dos Arcos.

Inda costuma passar pelo seu escriptorio á rua Uruguayana.

Entre 3 e 4 horas está em casa, de volta.

Muta a sobrecasaca ou o frack, por um paletot de brim, toma chá com a familia e volta ao convívio amigo dos livros, em cujo silencio fica, encerrado até ao jantar, que é ás 7 horas.

Gosta de flores á mesa. Nos ultimos tempos da Monarchia, quando morou á praia do Flamengo, era elle mesmo quem tratava das roseiras do seu jardim.

E a abundancia das colheitas attestava a habilidade do insigne jardineiro...

Findo o jantar, demora á mesa uma meia hora, ás vezes uma hora, em conversa com a familia e os intimos.

Não bebe alcool nenhum e tambem tem horror ao fumo.

Nem sempre trabalha á noite. Prefere trabalhar de dia.

Recolhe-se habitualmente ás 10 1/2 ou 11 horas. Mas não dorme sem lêr ainda uma hora ao menos.

O Senador quasi não usa de remedios. Prefere sempre a homœopathia quando adoeece, o que é raro, porque o seu organismo é forte, é resistente, e não tem lesão alguma.

Acha-se neste momento veraneando em Copacabana, na praia do Ipanema.

Às vezes, antes do jantar, cansado de escrever ou de lêr, passeia pela praia e senta-se na areia ao lado dos netinhos.

Gosta carinhosamente das crianças. Trata-as com delicadeza e é querido dellas.

Mas em se fallando das suas predilecções não é possivel esquecer a musica, a Arte que elle adora e a cujos encantos elle é especialmente sensível.

Em sua casa á rua de S. Clemente, a bibliotheca do Senador Ruy Barbosa occupa um vasto salão e já se estendeu por mais tres salas contiguas.

Aliás os livros all existem por toda parte. O nosso olhar indiscreto os descobriu até entileirados, methodicamente, dentro do proprio guarda-roupa de S. Ex.

Numa das salas ha moveis especialmente destinados a guardar as reminiscencias de Haya.

E' essa a melhor recordação da vida do grande brasileiro.

Como se sabe, o seu trabalho em Haya foi pessoal e pôde ser contado como a mais bella de suas iniciativas.

Espiritos Malevolos têm querido attribuir inteiramente a Rio Branco a gloria da missão brasileira. Semelhante ballela, entretanto, nunca logrará ser acreditada.

Ao partir para Haya, sabemos que o Senador Ruy Barbosa pediu ao Barão do Rio Branco as suas ordens, e o Chanceller respondeu ao eminente Embaixador que não tinha instrucções a dar, tanto nelle conflava.

Se instrucções houvesse, ellas constariam dos archivos da Secretaria do Exterior, onde não existem...

O que lá existe é uma correspondencia completa, os telegrammas numerados, cuja publicação attestaria até que ponto chegou á iniciativa do nosso Embaixador.

Aliás, por pouco que se conheça o Senador Ruy Barbosa, só uma creanga acreditaria na sua resignação ao papel de "marionette" que os seus inimigos lhe querem attribuir neste caso, e que elle nunca aceitou em caso nenhum.

Estando já longo este artigo, deixamos para amanhã a publicação de algumas cartas sensacionais, (\*) dirigidas por Embaixadores estrangeiros ao Senador Ruy Barbosa — cartas que vão esclarecer definitivamente este ponto.

E o faremos, certos de que "O Imparcial", órgão independente "sem ligações politicas", livre da pécha de partidario, terá prazer em fazer justiça ao grande brasileiro.

(\*) O articulista se refere ás cartas do Van Beer Portugal, o patriarcha dos internationalistas hollandezes; David Jalyme Kil, Embaixador dos Estados Unidos e publicista notavel; M. Prozor e Martens Delegados da Russia; G. A. Estevo, J. M. C. Asser, todas honrosissimas para o grande brasileiro, considerado o maior luminar da 2ª Conferencia.

Plutarcho JUNIOR

# BIBLIOGRAPHIA DE RUY BARBOSA

Damos a seguir a noticia bibliographica de Ruy Barbosa, organizada pelo Sr. Laudelino Freire, antecedida por uma carta do Mestre, em que louva a iniciativa da *Revista da Lingua Portuguesa* e, sobre os dados bibliographicos, nella publicados pela primeira vez, faz uma ligeira rectificação. A carta é a seguinte:

"Caxambú, 10 outubro de 1919. — Meu caro Dr. Laudelino Freire: — Já respondi, hoje mesmo, por via telegraphica, ao seu telegramma de hontem. Mas quero deixar-lhe, ainda, por carta os meus agradecimentos pela delicadeza, que teve, em me presentear com o primeiro fasciculo impresso da sua auspiciosa revista, pelas honras, que nella me faz, mui pouco merecidas, e pelo serviço que com ella começa a prestar ás nossas letras. Não podia, creio eu, recomendar melhor o seu nome á gratidão dos amigos do nosso idioma nos dous continentes, e trabalhar melhor para a cultura d'elle, para o seu credito e para a sua influencia na preservação da nossa nacionalidade, que a ignorancia e corrupção da lingua patria tanto contribuem para desnaturar e perder.

Ainda bem que a imprensa, em geral, acolheu como devia esse nobre e solido commettimento. Cobre dahí o animo, que lhe ha de ser necessario, para não desacobçar com as injustiças, a que ninguém e nada se evade neste mundo. Quanto mais alta a empreza, mais de esperar os tiros da censura, sempre facil e não raro injusta. Mas elles passam, e os bons serviços ficam.

No primeiro numero da Revista, a meu parecer, só ha um defeito grande: o excesso de espaço que a mim se me consagra. Não faltará quem muito lho leve a mal, e creio que com razão. Não sou philologo, nem homem de letras, nem escriptor. Nunca jámais me tive em tal conta. Apenas me tenho na de um estudante, não sei se bom, da lingua portugueza, de um namorado seu, dos seus classicos, maltratados apenas por quem os não conhece, das suas inexgotaveis opulencias inexploradas, que a preguiça dos jornalistas e dos novellistas, que a literatura politica e a literatura dos figurinos da moda menosprezam, que o enjôo aos bons autores, adquirido no commercio dos maus, encambulha com desdem na cega averbação de antigualhas, refugando esses thesoiros de gemmas sem conto para os museus do purismo e os sumidoiros do cascalho archaico.

A sua paciencia benedictina, meu bom collega, distraindo-se com as ninharias da erudição, produziu essa "Bibliographia", que a "Revista" nos traz, dos meus esquecidos e vãos escriptos, a melhor que elles nunca lograram a honra de obter. Ha, todavia, tres pontos relevantes, em que peço licença de a completar. Ali não se menciona o "Diario de Noticias" em 1889 e em 1909 a 1910, nem o "Jornal do Brasil" em 1893, e, quanto á "Imprensa", (de 1898 a 1901), apenas se dão por meus "varios editoriaes", designados um a um pelos seus titulos.

Ora, no tocante á "Imprensa", durante esse periodo em que fui seu director, "todos" os editoriaes (sem excepção) me pertencem, isso ainda quando ali se encontram dous ou tres editoriaes num só dia.

O mesmo corre no que respeita ao "Diario de Noticias", de Março, na data ali assignalada, a 15 de Novembro de 1889, tempo em que exerci a redacção e direcção daquella folha, deixando-as quando assumi a pasta, que me coube, no "Governo Provisorio"

Teve esse jornal a sua segunda phase durante a campanha civilista. Mas, a

esse tempo, diversamente, só são de minha autoria os editoriaes firmados com o meu nome.

Do "Jornal do Brasil" tive, tambem, a redacção e direcção em 1893, a começar não me lembro de que data (facilmente, aliás, de achar pelo artigo programma), até 5 de Setembro; e, durante esse espaço, todos os editoriaes desse periodico, ainda quando se reúnem dous ou tres no mesmo dia, são meus.

Perdêe-me esta rectificação, a que me animo unicamente a bem da verdade, sem o obrigar a cousa alguma. Delle se utilizará o meu illustre amigo, se achar que vale a pena de a tomar em consideração.

Ainda me não chegaram as provas da "Replica", annunciadas no seu telegramma.

E' o que lhe queria dizer, escrevendo-lhe hoje, o — Seu collega e amigo obrigado, *Ruy Barbosa*."

## Noticia bibliographica

1869 — **Discurso** — "Em defesa do escravo contra o senhor". São Paulo. — **O Radical Paulistano**, jornal que fundou com Americo de Campos em São Paulo, cujo 1º numero tem a data de 12 de abril. — **O Ypiranga**, jornal em que collaborou, e do qual foi redactor-chefe José Bonifacio.

1871 — **Discurso** — Estréa na tribuna forense, estréa "que foi a desafronta da honra de uma innocente filha do povo contra a lascivia opulenta de um mandão". Bahia.

1872 — **Diario da Bahia** — Orgam do partido liberal, sob a direcção do conselheiro Souza Dantas, e no qual collaborou. — **Razões** — Questão Carvalho Mendes — Typographia Marques, Aristides & C., Bahia 14 pp.

1873 — **Diario da Bahia** — de que foi redactor-chefe, e de cuja redacção fez parte até 1879.

1874 — **Crime contra a propriedade industrial** — Questão Meuron & C., Bahia, Typ. do Diario — 110 pp. — **Eleição directa** — Discurso numa assemblea popular na Bahia, realizada sob a presidência do conselheiro Dantas, em 2 de agosto de 1874. Typ. do "Diario da Bahia", 54 pp. Reimpresso no seu livro — **Discursos e Conferencias**.

1875 — **Diario da Bahia** — Folhetins iniciados no mez de agosto tendo os dois primeiros, por titulos — **A Conscricção e Pelos Escravos**, este depois reimpresso.

1876 — **A liberdade religiosa** — Conferencia realizada em 21 de julho no valle dos Benedictinos. Bolctim do Grande Oriente do Brasil, ns. 5 e 8, pp. 670 e 700. Foi reeditado sob o titulo — **A Igreja e o Estado**, Rio, Typ. Hildebrant, 1913 45 pp.

1877 — **O papa e o Concilio por James** — Versão e introdução de Ruy. — Rio, Typ. Brown & Evaristo, 308 pp. de versão e 285 de introdução. — **Defesa do Guarda-Mór**, José Gonçalves Martins — Bahia, typ. do "Diario de Noticias", 40 pp. — **Discurso sobre Alex. Herculano**, na sessão funebre celebrada no Theatro S. João Typ. Bahiana, 56 pp. — 1878 — **Discurso** na sessão de 23 de abril da Assembleia Legislativa da Bahia. Publicado nos Annaes de 1878, pp. 10 e seguintes. — **Liberdade Commercial** — Discurso na Assembleia Legislativa, na sessão de 27 de junho. Typ. do "Diario", 26 pp.

1879 — **O Partido Liberal** — Discurso pronunciado na Camara dos Deputados em sessão de 17 de março. Bahia, Typ. do "Diario", 32 pp. — **Discurso** — em resposta a José Bonifacio. Pôde ser considerado o seu discurso de estréa no Parlamento Geral. Annaes do Parl. Brasileiro, tomo III, p. 124 usque 154.

1880 — **Projecto da reforma eleitoral**, conhecido pelo nome de Lei Saraiva. Defesa do chefe de policia Rocha Vianna, Bahia.

1881 — **Circular** — ao eleitorado do 2º districto da Bahia, quando pleiteou a eleição de deputado geral, sob o regimen da Lei Saraiva, 2 pp. — **Pelos Escravos** — Carta ás senhoras bahianas, Bahia, 18 pp. — **Elogio do poeta Castro Alves** — Discurso. Bahia, Typ. do "Diario da Bahia", 52 pp. Neste opusculo está reimpresso o folhetim "Pelos Escravos", acima referido.

1882 — **Reforma do Ensino Secundario e Superior** — Parecer e projecto. Rio, Typ. Nacional, 1882, 74 pp., fóra os additamentos. — **O Marquez de Pombal** — Discurso, Rio, Typ. Leuzinger & Filhos, 88 pp. Ha varias edições.

— **Revista da Liga do Ensino** — Publicação dirigida pelo Dr. Ruy Barbosa, com a collaboraçã de Rodolpho Dantas e outros. — **Discurso** pronunciado na Camara Geral em 6 de março. Annaes. — **Discurso** pronunciado na Camara Geral em 7 de julho. Annaes. — **Discurso** pronunciado na Camara Geral em 29 de setembro. Annaes. — **O Desenho e a Arte Industrial** — Discurso no Lyceu de Artes e Officinos em 23 de novembro. Rio, Imprensa Nacional, 31 pp. Reimpresso em 1918 pelo Lyceu, em homenagem ao autor.

1883 — **Reforma do Ensino Primario** — Parecer e projecto. Rio, Imprensa Nacional, 378 pp. — **Petição de Graça** — Rio, Typ. Pereira Braga & V., 24 pp.

1884 — **Razões** — Questão barão do Amparo, Rio, Typ. Pedro Jardim & C., 18 pp.; **Razões** — Questão F. José da Cruz, Rio, Typ. Pereira Braga & C., 16 pp.; **Emancipação dos Escravos** — Parecer. Rio, Typ. Nacional, 203 pp.; **Feria Política** — Artigos publicados com o pseudonymo de Salisbury, Rio, Imp. Nacional, 104 pp.; **O crime de 25 de outubro** — Artigos sobre o assassinio de Apulchro de Castro, com o pseudonymo de Swift, Rio, Typ. Nacional, 49 pp.; **Artigos** no "Jornal do Commercio", com os pseudonymos de Grey, Clarckson e Vilberforces; **Elemento servil** — discursos na Camara dos Deputados, 23 de julho, Rio, Typ. Nacional, 96 pp.

1885 — **Discurso** — Homenagem ao ministerio Dantas, Rio, Typ. Central, 52 pp.; **Desapropriação por utilidade** — Razões de appellação, Rio, Typ. Mont'Alverne, 63 pp.; **Conferencia Abolicionista**, no Theatro Polytheama, Bahia, em 7 de junho. Typ. do "Diario da Bahia", 80 pp.; **A situação abolicionista** — Disc. no Theatro Polytheama, em 2 de agosto, Rio, Typ. Central, 62 pp.; **Commemoração da lei de 7 de novembro de 1831**, conferencia, Rio, Typ. Nacional, 64 pp.

1886 — **Lições de coisas**, por Calkins. Versão do conselheiro Ruy Barbosa, Rio, Imp. Nacional, 613 pp.; **Desapropriação por utilidade publica** — Memorial dos recorridos, Rio, Typ. Mont'Alverne, 87 pp. Reimpresso no **O Direito**, v. 39. p. 614; **Razões** — Questão Madeira, Rio, Typ. Moreira Maximiliano, 14 pp.; **Razões** — Abolição dos Atravessadoiros, Rio, Typographia Pinheiro & C., 28 pp.

1887 — **José Bonifacio** — Discurso em S. Paulo, Typ. King, 78 pp. **Escravos de filiação desconhecida**. Parecer. **O Direito**, vol. 44, pagina 20. **Razões** — Questão Latif, Rio, Typ. M. Maximiano, 30 pp.; **Razões** — Questão Derby-Club, Rio, Typ. Miranda & Almeida, 15 pp.; **Razões** — Questão Lobo Lago, Rio, Typ. Gonçalves & Mendes, 16 pp.; **Swift** — Estudo literario na 1ª ed. das Viagens de Gulliver, Ed. em separado, Rio, Typ. Laemmer, 44 pp.; **Conferencia** — da Confederação abolicionista. Rio, Typographia Mont'Alverne, 68 pp.; **O Partido Republicano Conservador** — Conferencias na Bahia, em 24 e 26 de maio, Rio, Typ. Mont'Alverne, 130 pp.

1888 — **Razões** — Questão Soares Amaral. Rio, 1888. **O Direito**, v. 49; **O Anno Politico de 1887**, Rio, Typ. da "Gazeta de Noticias", 152 pp.; **Discurso** — na manifestação da Sociedade Libertadora Bahiana, em 29 de abril.

1889 — **Parecer** — Seguros maritimos, Rio, 1889. **O Direito**, v. 50; **Razões** — Questão Dutton Parker, Rio, Typographia Oliveira Filho & Comp., 12 pp.; **Diario de Noticias** — Rio, sob a sua direcção de 6 de março de 1889 até o dia em que eutrou para o Governo Provisorio (15 de novembro de 1889).

1890 — **Lei Torrens** — Exposição ao chefe do Governo Provisorio, Lei e Regulamento, 49 pp.; **Projecto de Constituição dos Estados Unidos do Brasil** — Submettido á consideração e approvação do Congresso Constituinte; **Unificação gradual do meio circulante** — Exposição ao chefe do Governo rovisorio. **O Direito**, v. 54; **Organização do Tribunal de Contas** — Exposição ao chefe do Governo Provisorio **O Direito**, v. 54; **Plano da reforma bancaria** — Mensagem ao generalissimo Deodoro, Rio, Imp. Nacional, 41 pp.; **Emissão e credito** — Exposição ao chefe do Governo Provisorio, Rio, Imp. Nacional, 12 pp.; **O Banco Hypothecario** — Exposição ao generalissimo Deodoro, Rio, Imp. Nacional, 60 pp. Deste trabalho ha uma edição em frencês, do proprio autor; — **Banque Hypothecaire Nationale**, Typ. J. Villeneu & C., 82 pp.; **Discurso ao Congresso Nacional**, em 16 de dezembro de 1890, Rio, Imp. Nacional, 88 pp.

1891 — **Relatorio do Ministerio da Fazenda** — Rio, Imp. Nacional, 464 pp.; **Annexos ao Relatorio do Ministerio da Fazenda** — Rio, Imp. Nacional, 40 pp.; **A execução da lei Torrens na Capital Federal**, Rio, Imp. Nacional, 40 pp.; **Discursos pronunciados no Senado** (Annaes, 1º vol.); **Discursos pronunciados no Senado** (Ana











# A EXPOSIÇÃO E A GRANDEZA DO BRASIL

## INDICES DO PROGRESSO NACIONAL

Ninguém pôde deixar de admirar na nossa expedição, além de tudo o que representa e demonstra, além do attestado do nosso prestigio internacional, além do vigor de sua realização portentosa, o symbolo da potencia-lidade brasileira, que transparece, na cidade maravilhosa, como um expoente de força e uma promessa de futuro rebrilhante. Quem percorrer os mostruarios daquelles palacios, verificando as riquezas da terra e o trabalho do homem, encontrará o fremito do progresso do paiz, na sua marcha ascencional para a civilização e para a grandeza. Andou bem o Governo passado esforçando-se pela realização do certamen, commemorativo deste primeiro seculo de independencia, e bem haja o Governo actual pelo cunho novo que lhe imprimio, tornando realidade pratica o que se limitava a ser uma pura idealidade. Porque o exito da Exposição não dependia apenas de ser obra sumptuaria, mas de ter elementos uteis e effectivos, que constituam base de solidos interesses e demonstre a todos os olhos as possibilidades do paiz. Como todos os povos novos, precisamos de uma larga propaganda e as exposições, consoante os melhores economistas, são dos meios os mais recommendaveis para realizar esse intento. A Exposição do Centenario, mereê da orientação administrativa actual, que lhe permittiu vida nova, por assim dizer, bem valeu todos os possiveis sacrificios da nação e é uma joia rutila, em cujos reflexos ha os indicios de toda a grandeza e de toda a prosperidade da Patria. As visitas aos mostruarios das secções nacionaes, não só enche de patriotismo, como mostra, a muita gente que ignorava, o adiantamento do paiz, em todas as actividades. Salas nos dão os productos naturaes, minerios e gemmas, não só em bruto, mas trabalhados com requinte de arte e bom gosto; mostruarios ostentam obras de industria domestica, como as rendas e os bordados, por excellencia os do Ceará, que são preciosidades e rivalizam com os mais finos e perfeitos de todo o mundo. A seguir, contrastando com esse esforço paciente e demorado, são machinismos poderosos obras de ferro e de aço, mostrando uma futura metallurgia: cofres posantes, utensilios agricolas, machinismos, objectos de ferro batido, esmaltado, artigos de metal, aluminio, cobre, etc. Por ahi se vê que, entre nós, se faz muito mais do que se acredita e que a capacidade moderna de trabalho se distende numa animadora progressão crescente. As secções de tecidos são honrosissimas para a industria nacional e vemos pannos, casemiras, sêdas, tecidos de malha, etc., bem como confecções, rivalizando em absoluto com os seus similares estrangeiros. Nesse particular a contribuição do Districto Federal, de São Paulo, do Estado do Rio, de Minas Geraes e do Rio Grande do Sul é notavel, mostrando o alto gráo de intensidade a que vai chegando



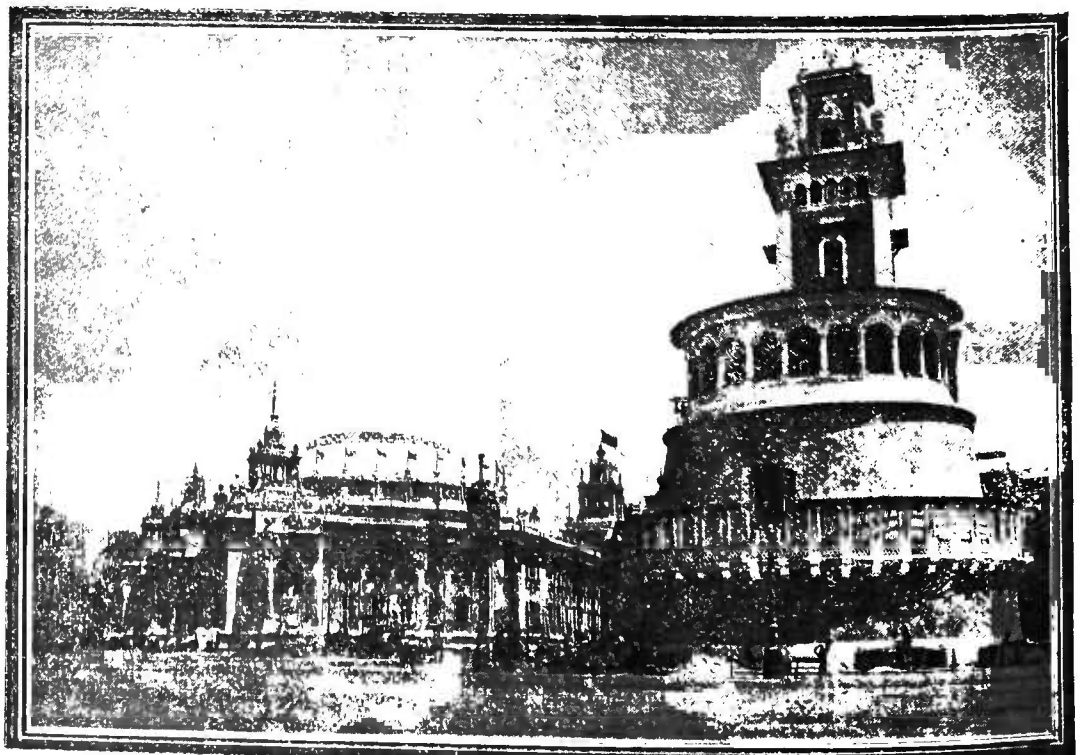
Dr. Flavio da Silveira

o esforço das nossas manufacturas. Outra parte da exposição, que não deve ficar sem registro, é a dos moveis. Nellas encontram-se verdadeiras preciosidades, notando-se, a par da solida perfeição e acabamento das obras, um absoluto bom gosto, nos moveis de estylo, ou nas criações proprias. Ha combinações de madeiras de effeito surprehendente, revelando o adiantamento dessa industria, que nada fica a dever ás congêneres mais aperfeiçoadas do estrangeiro. Não poderíamos, numa rapida

enumeração, dizer tudo o que nos envaidece, a nós brasileiros, nas visitas aos pavilhões nacionaes. Percorrel-os é obra de patriotismo, é a verificação da grandeza do paiz, não no terreno campanudo dos discursos, mas na demonstração palpavel de todo o esforço, que cria o Brasil moderno, como uma grande potencia.

E' preciso não esquecer da parte demonstrativa de actividade nacional, como no pavilhão de Estatistica, em que, através de numerosos indices, de graphics, schemas e gravuras, sobresae o valor do paiz e a sua inestimavel capacidade productiva, ao mesmo tempo que, por dados comparativos, mostra o progresso de anno a anno, incontestavel, indiscutivel; no vilhão de caça e pesca, com os modernos methodos de explorar as nossas costas e exemplares da nossa extraordinaria fauna terrestre e maritima; nos serviços de meteorologia; na admiravel exposição de hygiene; nas obras contra as seccas do nordeste; em summa nas multiphas formas de trabalho, com que o brasileiro encorajadamente abre o futuro.

A Exposição é esse attestado vivo e palpitante de toda uma obra, que pôde ter defeitos, mas avulta como fruto sasonado de grand tenacidade, abnegação e boa vontade. Anda o Governo com o mais absoluto patriotismo, procurando tornal-a um centro de incitamento e de crença, para mostrar aos timidos que o Brasil não é um organismo estacionario, mas uma força estupenda e grandiosa, que vence todas as vicissitudes e cria, dia a dia, o seu rythmo de perfeição. Pelo exito do nosso certamen muito se deve á fecunda actividade do Sr. Ministro da Justiça, Dr. Luiz Alves; do commissario geral, Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires e dos seus auxiliares: Drs. Flavio da Silveira e Medeiros e Albuquerque.



Vista parcial da Exposição

# A EXPOSIÇÃO E AS BOAS INTENÇÕES DO MINISTRO JOÃO LUIZ ALVES

Uma entrevista com o Dr. Flavio da Silveira



Dr. João Luiz Alves

Os que mais demoradamente se aproximam do Dr. Flavio da Silveira, acabam necessariamente esquecendo que alli está um dos nossos advogados mais activos, o Presidente da Associação Promotora da Instrução, o ex-Deputado Federal, o homem de acção e iniciativa. Porque o que se nos mostra, desde logo, é o conversador pausado e simples, em que mal se esconde um suave espirito enfeitante...

O Dr. Flavio da Silveira allia a uma segura cultura geral um trato sereno dos homens e das cousas, um scepticismo condescendente e generoso, que faisca em sua conversação facil.

De S. S. sabe-se, além disso, que é um homem de *élite*, mestre de urbanidade e mundanidade...

Quando se soube que o Governo o escolhêra para reorganizar os serviços de publicidade, propaganda e festejos na Exposição, toda gente achou a idéa bem lembrada. E, pouco depois, entrou-se a afirmar que a Exposição melhorava, que havia mais ordem, melhor frequencia e maior renda.

Ainda ha jornaes, porém, que persistem em certos entrelinhados tendenciosos, a cuja visão o grande certamen é um panamá inutil e caro...

Que diria a isso o Dr. Flavio da Silveira?

Occorreu-nos ouvil-o a respeito. Procurá-mol-o á tardinha, na Exposição. S. S. ia já a sahir. Assediava-o uma onda de jornalistas e uma commissão, ao que nos pareceu, de estrangeiros.

Externámos o nosso desejo. O Dr. Flavio sorriu-nos:

— O ambiente agora não é dos melhores. Quer procurar-me amanhã, no escriptorio, ás 8 horas ou ás 9?

— Tão cedo?

— Das oito em diante, ás suas ordens.

Pegamos na palavra e no dia seguinte comparecemos ao combinado. A's primeiras perguntas o Dr. Flavio foi expondo o seu pensamento e atalhando os derivativos inconvenientes:

— De Dezembro para cá a Exposição tem melhorado. Posso dizer-lho com isenção. Porque, no caso, sou apenas o executor de um programma. No que concerne ao interesse publico, ao seu movimento, á sua animação, ao seu brilho externo, não ha duvida que a Exposição já offerece um outro aspecto. Internamente, tambem, as cousas já são outras. Ha um regulamento que tem dado rythmo, medida, limite, de modo a não haver desmandos ou excessos. Mas os applausos, que possa merecer esse esforço cabem exclusivamente, ao Sr. Ministro do Interior.

— E a frequencia tem augmentado?

— Seguramente. Em Dezembro, Janeiro, e mesmo Fevereiro (apezar das chuvas), a concurrencia foi innegavelmente brilhante, e esta é a impressão de todos. Antevejo que nos mezes temperados de Abril, Maio e Junho ainda melhores serão as perspectivas.

— Bem se diz que o Sr. entrou alli para acertar e pôe em tudo o seu dedo magico...

— Muito obrigado. Mas não é a mim, como já lhe disse, que cabe o elogio, e, sim ao Sr. Ministro do Interior.

S. Ex. é o verdadeiro reorganizador. Estabeleceu novas normas administrativas e abriu novos caminhos de acção.

Pelo que me toca, S. Ex. deu-me um minucioso programma a realizar. Como o programma me pareceu excellente, entendi esforçar-me para dar corpo ao pensamento ministerial. E, tanto quanto possivel, temos procurado tornar util, proveitosa a nossa transitoria administração.

Deve-se, pois, ao Dr. João Luiz Alves o novo rumo dos acontecimentos auspiciosos no certamen. Tanto em acções como em palavras. Lembra-se do discurso pronunciado á inauguração do Pavilhão Argentino?

Pois S. Ex. é, na Exposição, o pensamento que orienta e a vontade que acciona e mobiliza.

Quanto á minha acção pessoal e aos resultados colhidos por mim, eu os devo, em grande parte, aos meus auxiliares. Elles não poupam esforços. Juntam á intelligencia facil a acção prompta e opportuna.

Assim, o relativo successo da nossa gestão lhe é grandemente devido, cabendo-me, apenas, a organização geral e as medidas de conjuncto. Devo a esses auxiliares a assimilação facil do meu pensamento, a segura execução dessas medidas e a regularidade do serviço em geral.

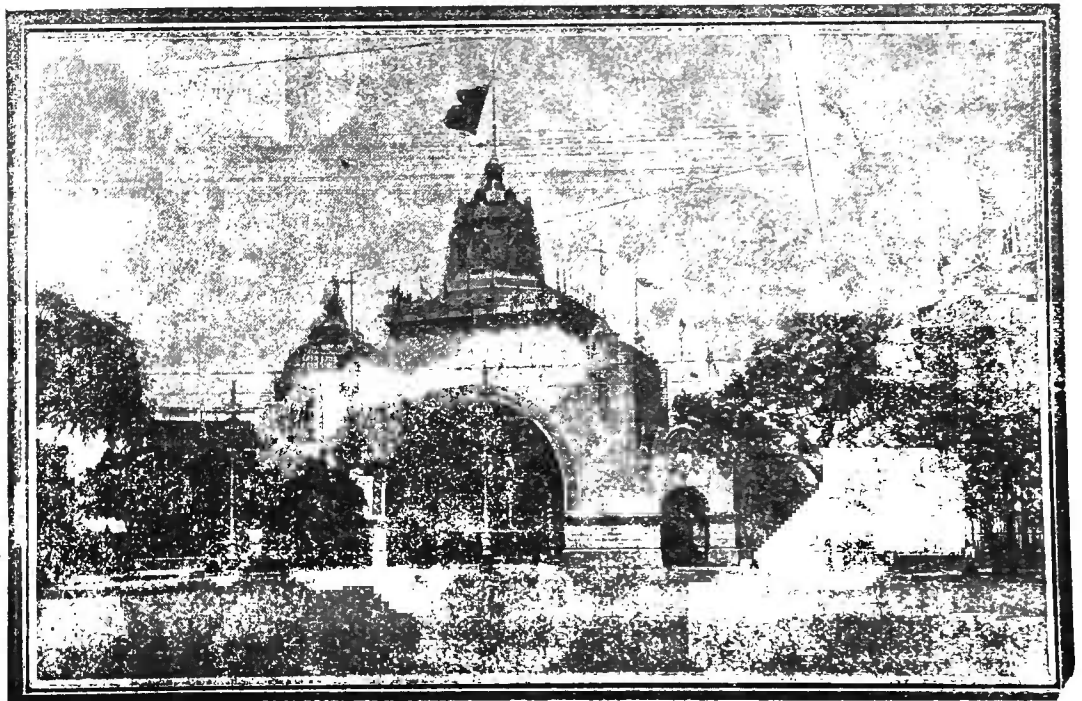
E, apressado, mas risonho e amavel, extendendo-nos a mão:

— A verdade é que a Exposição tem melhorado. Só ha razões para confiar.

Era tempo e estavamos satisfeitos. Effectivamente, a Exposição renasce.

Feitas as despedidas, sahimos, para não constranger a discreta esquivança do illustre Director. E em caminho, vimos pensando que, realmente o serviço que lhe foi confiado, é o de maior movimento e efficiencia. Abrange a propaganda do certamen aqui, nos Estados e no estrangeiro, e todo o serviço de publicidade, e a permanente iniciativa de festejos, além do principal, que é a execução nos mesmos.

Só alguém dotado de um espirito dynamico e energico, um organizador de visão prompta e vontade segura, poderia sustentar nos hombros taes responsabilidades, dando, assim, um perfeito desempenho á missão que lhe confiou o eminente Sr. Ministro do Interior.



Porta Monumental da Exposição

# NOTAS & COMMENTARIOS

## Pela liberdade de consciencia

Attendenuo, em parte, ao appello de todo o mundo civilizado, mesmo das nações leigas e daquellas cuja maioria do povo não é catholico, a Commissão Executiva de Todas as Russias commutou em 10 annos de prisão a pena de morte a que havia sido condemnado Monsenhor Cieplak, Arcebispo de Petrograd, mantendo porém a condemnação á pena ultima imposta ao Sr. Budkiewich, administrador dos bens ecclesiasticos. Não mais se pôde comprehender o desvario dos homens de Moscow, matando pelo delicto de consciencia, aquelle que toda a humanidade respeita, a menos nas tribus incultas e barbaras de certos pontos onde não penetrou ainda a civilização. Não se pôde comprehender que individuos educados na nossa época e que, em nome da liberdade, dirigem um povo e pretendem dar lições ao mundo, pratiquem friamente o assassinio ou levem á prisão pessoas da mais alta respeitabilidade, porque não quizeram com as suas mãos entregar os bens da Igreja, violentamente sequestrados pelo soviet. Se quizessem que fossem buscal-os a ferro e a fogo, mas não pretendam que os guardas dessas propriedades sagradas e inviolaveis sejam cúmplices da expoliação. E condemnal-os porque se recusaram é o mais hediondo crime, que insulta toda a civilização moderna. Os fusilamentos politicos, posto constituam uma violencia acabrunhante, justificam-se, pelas razões de ordem social e conservadora, das quaes se podem discordar, mas não é licito intervir; mas os assassinatos por crimes de consciencia é a mais tremenda monstruosidade que se pôde praticar no seculo, attentando contra a razão humana e contra a liberdade, que são o patrimonio das nossas mais altas conquistas nestes ultimos seculos. Retrocedemos, entrando na Russia, de centenas de annos, sendo, todavia notavel a desfarçatez com que os homens possessos de Mósco fallam de igualdade, condemnam as barbaridades do tzarismo e preconizam a revolução mundial, para dar mais fraternidade ao genero humano. No entretanto, o que vemos é o mais truculento Estado governando pelo terror militar e impondo o dogma da força como a suprema razão de ser, a condição do proprio direito de vida. Rescussita o *crê ou morre!* E' a pratica absurda do verdadeiro saque da consciencia humana, sem mais garantias do que o aprazimento dos mentores da Russia e seus falsos tribunaes. Tribunaes? mas onde se viu tribunal sem direito, tribunal sem justiça, tribunal sem consciencia? O que ha são ajuntamentos facciosos, á guisa dos tribunaes da Revolução Franca, feitos para distribuir condemnações e não para praticar justiça; são mandados do Governo para lhe cumprir as ordens desembridadas, matando, prendendo, espoliando, tudo sem regra, sem lei, sem humanidade. E' a inversão da ordem social,

nesse mar de indisciplina e de absurdo em que a Russia se vae submergindo alheia aos principios da civilização christã, fóra da qual as nações perecem e os povos se desorganizam. No caso actual do arcebispo de Petrograd e do administrador dos bens ecclesiasticos se tem um symbolo da desordem implantada pelo soviet e que acaba de alarmar todo o mundo, num vigoroso e energico protesto, que infelizmente só em parte conseguiu vingiar, livrando da morte o arcebispo Cieplak.

## O Curso Brasileiro na Sorbonne

Foi, afinal, aberto o curso de litteratura brasileira na Sorbonne, em solemnidade presidida pelo decano da Faculdade de Lettras, o professor Martinanche, o professor George Dumas, o embaixador Conty, o embaixador Souza Dantas e o professor Le Gentil, titular da cadeira. Abriu a sessão o professor Martinanche, que fallou largamente da aproximação intellectual franco-brasileira, salientando a obra da Academia Brasileira e do seu presidente, Sr. Afranio Peixoto, nesse tentame, devendo-se a ella a fundação desse curso, que se inaugurava, entregue á competencia do prof. Le Gentil, por designação da Academia e rectificada pelo Sorbonne. Depois o decano da Faculdade de Lettras, o Sr. Brunot disse sua alegria pela incorporação do novo curso aos estudos da Sorbonne, lembrando então, o papel do Brasil na guerra, o discurso de Ruy Barbosa em Buenos Aires, onde o inclito brasileiro verberou o crime do militarismo, declarando não haver neutralidade admissivel entre os que destróem e os que que respeitam a lei. Mostrou ainda o destino do nosso paiz na civilização, as forças do idealismo brasileiro, o seu espirito profundamente democratico, nas suas instituições e costumes, findando por saudal-o como um novo sol que se eleva majestosamente no céu austral. Por ultimo, fallou o embaixador Souza Dantas que discorreu longamente sobre a obra de aproximação dos dois paizes, cada dia mais e mais unidos, por laços intimos de latinidade e interesses de toda ordem. Após taes discursos, o professor Le Gentil fez sua primeira conferencia sobre as primeiras relações entre a França e o Brasil, que foi acolhida com os melhores applausos, demonstrando grande erudição e profundo conhecimento das cousas brasileiras, em que é admiravelmente versado.

Commentando o inicio desse curso, o professor George Dumas, que tem grande parte na realização desta velha aspiração dos dois paizes, escreveu em notavel artigo para o *Correio Paulistano* estas palavras repassadas de um grande entusiasmo e carinho pelo Brasil:

"Para mim, que sou tão bom brasileiro quanto possa ser, conservando-me um bom

francez, reunião de sentimentos esta que não é difficil, não poderia nunca dizer quanto me foi suave essa festa brasileira. Finalmente, eis o Brasil na Sorbonne! Finalmente, eis os nossos estudantes autorizados a apresentar, para seus diplomas, memorias sobre a litteratura e a philosophia brasileiras! Eis, finalmente, Machado de Assis, Olavo Bilac e Joaquim Nabuco, admittidos entre os classicos dos quaes tem a nossa mocidade o dever de occupar-se. Oh! meus bons amigos paulistas, fostes vós que começastes esta obra, ha quinze annos, em 1908, na pequena sala da Rotisserie Sportman. E si vós e eu conseguirmos conservar a saude, a mocidade e a vida ainda faremos lindas cousas pelo Brasil e pela França."

## O incidente Mascagni-Mocchi

Os jornaes têm noticiado o ruído incidente, occorrido em Roma, entre o conhecido maestro italiano, Sr. Pietro Mascagni, e o operoso empresario do nosso Theatro Municipal, o Sr. Walter Mocchi, originado do facto de ter aquelle accusado a este de estar contribuindo para o descredito da musica italiana, na America do Sul. Ora, como já temos affirmado de outras vezes, está se tornando irritante esse desejo de galvanizar uma escola de arte definitivamente envelhecida e decrepita, como a opera napolitana, de que o Sr. Mascagni é um dos utimos cultores e a que não conseguiu, apesar de seu incontestavel talento, dar senão um fulgor passageiro, nas platéas populares. Sabemos todos, em primeiro logar, que não cabe a nenhum empresario impôr ou desacreditar escolas de arte, sendo-lhe possivel, quando muito, favorecer a uma determinada predilecção do publico. Na America do Sul, e especialmente no Brasil, que tem as platéas mais cultas e exigentes, o favor foi, até dez annos atrás, quasi que inteiramente para a musica de opera italiana, sendo-nos mesmo desconhecidas as outras escolas, salvo em aparas, francêsas em geral, mas cantadas em italiano e mal. De então a esta parte, depois do esforço de alguns criticos, entre os quaes é licito citar os nomes dos saudosos Sr. Luiz de Castro e Roberto Gomes e o do nosso confrade Sr. Rodrigues Barbosa, é que o Sr. Mocchi, consultando o gosto das platéas, cada vez mais cultas, mercê da incentivoação do estudo musical entre nós, da cultura geral e da sociedade viajada, introduziu aos poucos a opera francêsa, cantada por quadros francêses, e as operas de Wagner, cantadas em italiano. O successo não se fez esperar e, em breve, a proporção que o bel-canto ia sendo posto á margem, o entusiasmo e a predilecção pela musica allemã e francêsa se accentuavam. Nas temporadas, o exito maior era obtido pelas operas de Wagner, sendo que anno houve em que foi o *Parsifal* a que logrou maior numero de representações, embora as peças italianas fossem cantadas por celebridades. Ao mesmo tempo, o Sr. Mocchi, cujo esforço tem sido incansavel, nas medidas de um meio ainda pobre e escasso para as grandes temporadas, o Sr. Mocchi estabelecia os concertos symphonicos, trazendo regentes de primeira ordem, como os celebres kapellmeisters Weingartner e Strauss, os Srs. Mascagni e Marinuzzi, os Srs. Messager e Leroux. Havia distincção nos quadros, sendo que, no anno passado, nos deu a Tetralogia de Wagner, com um admiravel quadro allemão.

numa realização magnífica. Ora o que faz o Sr. Mocchi? Procura, de anno a anno, nos apresentar para todos os paladares, o que consegue de melhor, notando-se o empenho justissimo de attender ás solicitações das platéas a que serve, já enfastiadas de todo o velhissimo, gastissimo e rheumatico repertorio de opera italiana. Não se comprehende pois que o Sr. Mascagni venha accusar o empresario do Brasil de contribuir para a decadencia da musica italiana (diga-se musica de opera napolitana, porquanto a musica moderna italiana está numa magnífica floração), quando deveria, mais sinceramente, confessar que essa decadencia independe de todos os empresarios, como independia delles a reabilitação dessa escola defunta; que a cultura e o gosto dos paizes sul-americanos, apesar de todos os pesares, já gravita em torno de idéas mais novas e modernas. Não se pôde mais continuar a applaudir, deslumbrados, como nossos avós, nas noites do Lyrico, as longas arias da *Traviata*, do *Trovador*, ou do *Ernani*. E' pois de todo justo que o Sr. Mocchi, sem patriotadas, nos dê Wagner, Debussy, Moussorsky, ou Zandonai. O Sr. Mascagni, desprezando a batuta, tomou uma lança e se foi fazer de novo Quixote, batendo-se contra inúteis moinhos de vento...

#### O programma do Congresso Pan-Americano

Damos a seguir, na integra, o programma official da Quinta Conferencia Internacional Americana, approvedo pelo Conselho Director da União Pan-Americana, na sessão celebrada a 6 de Dezembro de 1922.

Programma da Quinta Conferencia Internacional Americana — I — Estudo das disposições tomadas pelos paizes representados nas conferencias Pan-Americanas precedentes e da applicação em cada paiz das resoluções e convenções approvedas nellas com referencia especial á convenção de marcas de fabrica e de commercio e da convenção de propriedade litteraria e artistica, firmadas em 20 de Agosto de 1919.

II — Organização da União Pan-Americana por meio de uma convenção conforme a resolução approveda pela quarta conferencia Pan-Americana em Buenos Alres, em scssão de 20 de Agosto de 1919.

III — Estudo dos trabalhos realizados sobre a codificação do Direito Internacional pelo Congresso de Jurisconsultos do Rio de Janeiro.

IV — Medidas destinadas a prevenir a propagação de enfermidades infecciosas com relação especial ás recommendações das Conferencias Sanitarias Internacionaes.

V — Accôrdo Pan-Americano sobre leis e regulamentação da communicação maritima, terrestre e aerea e cooperação para o fomento do seu desenvolvimento.

1.º — Melhora das facilidades dos transportes marítimos.

2.º — Ferro-carril Pan-Americana e transporte por automovel.

3.º — Política, leis e regulamentação da aviação commercial. Conveniencia de crear uma Commissão Technica Internacional para determinar uniformidade nos sitios de "atterrissage", as rotas aereas e o estabelecimento de processos aduaneiros especiaes para a navegação aerea.

4.º — Cooperação dos Governos das Republicas Americanas a quanto se refere á communicação sem fio de todas as classes na America, e nos meios de convivencias para sua regulamentação.

VI — Cooperação para a inspecção da mercadoria que constitue o commercio internacional.

1.º — Uniformidade de regulamentos e processos aduaneiros.

2.º — Uniformidade de desarmamento de embarque e seguro.

3.º — Uniformidade de principio e interpretação do direito marítimo.

4.º — Uniformidade na nomenclatura para a classificação de mercadorias.

5.º — Uniformidade de processos em materia de paquetes postaes e Convenção Pan-Americana sobre paquetes postaes.

6.º — Conveniencia de celebrar convenções para fazer effectiva a Resolução XVII, votada pela segunda Conferencia Financeira Pan-Americana reunida em Washington em Janeiro de 1920. A resolução XVII é a seguinte:

"Estando interessadas todas as nações em que alcancem as materias primas a mais ampla distribuição, recommenda-se que não se impeça a importação de taes artigos a paiz algum por meio de direitos excessivos"

VII — Medidas para simplificar os passaportes e adopção de um modelo commum.

VIII — Cooperação em estudos agronomo-perseguição em commum das pragas agricolas; uniformidade de estatistica agricola; pecuarias, organização do intercambio de plantas e sementes uteis.

IX — Consideração de medidas tendentes a uma mais estreita associação das republicas do continente americano com o proposito de promover os interesses communs.

X — Consideração dos melhores meios para dar mais ampla applicação ao principio do ajuste judicial ou arbitral das desintelligencias entre as republicas do continente americano.

XI — Consideração dos melhores meios para promover a arbitragem de questões entre cidadãos de diferentes paizes.

XII — Consideração da redução e limitação de gastos militares e navaes sobre uma base justa e praticavel.

XIII — Consideração da uniificação de estudos universitarios e intercambio de titulos profissionaes entre as republicas americanas.

XIV — Consideração dos direitos dos estrangeiros residentes dentro da jurisdicção de qualquer das republicas americanas.

XV — Consideração da situação dos filhos de estrangeiros nascidos dentro da jurisdicção de qualquer das republicas americanas.

XVI — Consideração das questões que se produzem por um agravo causado por um poder não americano aos direitos de uma nação americana.

XVII — Estudo de um plano por meio do qual e com a approvação dos eruditos e investigadores dos diversos paizes, se possa chegar a estabelecer pelos governos das Americas um systema, mais ou menos uniforme, para a protecção de documentos archeologicos e outros necessarios á formação de uma boa historia americana.

XVIII — Consideração de medidas tendentes a diminuir progressivamente o consumo de bebidas alcoholicas.

XIX — Futuras conferencias.

#### O convenio litterario Luso-Brasileiro

O Ministro das Finanças de Portugal, já apresentou ao Parlamento a seguinte proposta de lei, que representa a satisfação de uma justissima aspiração dos escriptores e editores portuguezes. O convenio litterario, assignado entre as Republicas Portugueza e dos Estados Unidos do Brasil, quando da triumphal viagem de S. Ex. o Sr. Presidente da Republica a este Estado, isentando de direitos alfandegarios os livros portuguezes, para facilitar-lhes a importação, impõe gratamente da nossa parte o dever de sacrificar a economia de ouro resultante da applicação do decreto n. 8.439, de 21 de Outubro passado, em beneficio do alto interesse que representa uma communhão espirital entre as duas patrias irmãs. Presta-se ao mesmo tempo homenagem aos homens de letras que tanto contribuíram para o engradecimento de Portugal e ao honrado esforço de divulgação da nossa industria editora do diminuto valor das cambiaes a obter pela exportação em pequenas remessas de livros portuguezes, que influenciará na melhoria financeira, e que visa aquelle decreto importando apenas não alargal-a a outras exportações. Nestes termos tenho a honra de apresentar á ponderação da digna Camara a seguinte proposta de lei: Art. 1.º — Não está sujeita ás restricções impostas no decreto numero 8.439 de 21 de Outubro de 1922, a exportação para o extrangeiro de livros editados em Portugal. Art. 2.º — Fica revogada a legislação em contrario"

## PARA VESTIR BEM

**ALFAIATARIA**

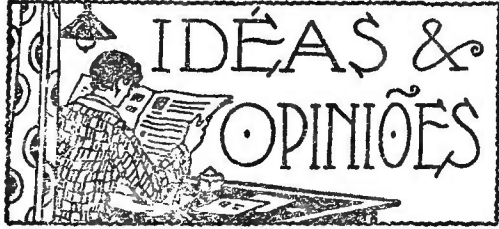
provida de um stock de casmiras e fazendas de todos os generos, servida pelos mais habéis contramestres da cidade.

**PREÇOS CONSCIENCIOSOS**  
PREÇOS DO

**PARC ROYAL**

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

# REPERTÓRIO



## A questão orthographica

De um artigo do nosso eminente collaborador João Ribeiro, publicado na *Gazeta de Notícias*, e em que trata da questão orthographica, condemnando a neographia portugueza, que apenas considera um trabalho de "linguistas, estrictamente glottologos, bem informados das leis phoneticas e da lingua antiga, mas antipathicos ao que elles chamam o artificio do renascimento, ao latinismo culto, e aos influxos internacionaes, principalmente francezes, em summa, infensos á evolução moderna da linguagem", transcrevemos estes trechos: "No Brasil, a neographia portugueza nova e ao mesmo tempo pre-historica, não conseguiu generalisar-se. Foi recebida com desconfiança, e essa prudente desconformidade cada vez mais se define em absoluta repulsão. E' certo que alguns homens de autoridade, professores ou especialistas de questões grammaticas, amigos do vernaculismo ou o que é quasi sempre o mesmo, inimigo de todos os influxos internacionaes da civilização, se contentam com esse exotismo proximo e quasi domestico do espanholismo convencional da nova reforma. E depois, isso é um novo pasto para ineditas diabruras. Estes mestres, porém, com quanto respeitaveis, não são propriamente escriptores e quando alguns o sejam, exercem num raio muito limitado o seu tranquillo proselytismo. E, feitas as contas, não chegam a meia duzia estes apóstolos que morrem martyres do silencio. Toda a imprensa, toda a literatura, todas as manifestações escriptas da lingua no Brasil conservam a orthographia tradicional do seculo XIX, de Garrett, Herculano, Castilho, Gonçalves Dias, Alencar e Machado de Assis e de toda geração nova. A razão é simples. Os nossos letrados instruem-se nos livros francezes em menor gráo nos ingleses ou allemães que ainda não descobriram nem adoptaram aquella reforma *scientifica* e anticlassica. Por sua vez, livreiros deste lado incumbem-se de reprimir o commercio de livros lusitanos, dando ao escudo que vale quatrocentos réis o valor de dois e tres mil, mais ou menos. São, pois, tradicionalistas de outra especie. O facto é que a orthographia pode considerar-se extincta nesta margem do Atlantico. Essas reflexões talvez extemporaneas, voltaram ao meu espirito ao ler nesta folha as palavras do heróe ousado e sympathico, cujo nome como o do seu companheiro, se tornou explosivamente popular em todo o Brasil. Sacadura Cabral, falando ao "Diario de Notícias" — de Lisboa, confessa a estranheza que lhe causou a discrepancia, que não promovemos, entre as duas graphias da lingua commum, cousa que só poderá persistir com grave damno para os interesses da civilização portugueza. Deante da nossa irreductibilidade ou antes da nossa indifferença, acha que é tempo ainda de restabelecer a unidade da lingua escripta, agora exposta a uma desintelligencia perigosa e sem nenhum proveito. Como essa, ha numerosas opiniões entre portuguezes, todas concordantes. Os proprios neographos de maior responsabilidade não são infensos a qualquer revisão da reforma com a collaboração imprescindivel do Brasil. A orthographia seguida entre nós é a que se tem chamado *usual* ou *mixta*. A definição pouco importa. E' a graphia, cá e lá, anterior ao decreto portuguez. E' tão etymologica como a franceza, inglesa ou allemã nas

palavras latinas e greas do vocabulario moderno e post-medieval. Esse modo de escrever, iniciado na idade classica, resultou progressivamente da propria educação popular em tres seculos de actividade. Ao cabo de tão longo periodo, achamos uma escripta razoavel e culta sem transcripções hyper-etymologicas nem hyper-phoneticas. O numero real de erros e duvidas em tão opulento lexico, constitue uma parte insignificante que sempre serviu para distração de grammatiqueiros frivolos e blasonadores eximios de sua profunda sciencia. Nunca pessoa alguma se oppôs a correccões uteis e necessarias; e assim como em outro tempo se fizeram varias emendas (*um* e *hum*, até e *athé*), hoje com igual espirito se adoptaram outras, razoavelmente discretas (pessago e pecego). Não ha, pois, o *parti-pris* de recusar os ensinamentos uteis e fundamentados, como não ha a leviandade criminosa de aceitar sem exame como "ultima palavra da sciencia", meras convenções de grammaticos e grotologos, ensinados em suas locubrações claustraes."



## O novo regulamento do serviço militar

Acaba de ser publicado o Decreto numero 15.934, de 22 de Janeiro de 1923, que approva o novo regulamento para o serviço militar, que revoga a legislação vigente em varios pontos, sendo portanto de grande interesse para todos os brasileiros conhecer as linhas geraes da nova lei, que passamos a dar, de sorte a proporcionar aos nossos leitores uma idéa precisa da sua obrigação e deveres militares.

Logo no capitulo I, referindo-se á obrigatoriedade do serviço militar, o regulamento determina: "Todo brasileiro é obrigado ao serviço militar, na forma do art. 86 da Constituição da Republica, e o prestará, como soldado, graduado ou official, segundo a sua capacidade e aptidão. O serviço militar é o prestado no Exército ou na Armada, segundo o referido estatuto e a forma dos respectivos regulamentos. As disposições do presente Regulamento do Serviço Militar (R. S. M.) são relativos em tudo ao serviço no Exército; quanto, porém, ao alistamento e sortelo, se referem também á Armada. Cabe ás autoridades militares, porém, vistos neste Regulamento, tomar conhecimento e resolver todos os assumptos referentes ao alistamento, isenção e sortelo dos cidadãos da marinha mercante, que ficam em igualdade de condições com os alistados para o Exército, até a terminação das operações do sortelo, quando, então, passam a pertencer á Armada. Ao Ministerio da Marinha, porém, cabem todas as responsabilidades com a convocação e incorporação dos sorteados da marinha mercante (transportes de sorteados, diarias, inspecções de saúde dos convocados e consequencias dahi decorrentes (tempo de serviço, engajamentos, reservas, etc.), que serão regulados pelo regulamento do serviço militar da Armada. Estas são as disposições do novo Regulamento, que constituem verdadeiramente novidade, pois até agora ainda não se tinha posto em execução a lei do sortelo, para os cidadãos que deverão servir na Armada.

Quanto á duração do tempo de serviço no Exército, continua elle o mesmo do antigo regulamento; dos 21 aos 30 annos no Exército de 1ª linha ou nos centros preparatorios

de reservistas de 2ª categoria; dos 30 annos aos 44, no Exército de 2ª linha. Em tempo de guerra os jovens de 17 a 21 annos, assim como os maiores de 44, estão sujeitos a ser chamados a prestar serviços compativels com as suas aptidões, e os que não forem incorporados, de qualquer idade, os serviços que a Nação reclamar, segundo sua capacidade e aptidão individual.

Quanto á constituição do Exército de 1ª linha, ella será a seguinte: do Exército activo ou permanente e da Reserva da 1ª linha. Exército permanente compôr-se-ha dos officaes activos de todos os quadros e do pessoal dos serviços auxiliares; dos aspirantes; dos graduados (sargentos, cabos e anspedados) e seus assemelhados dos alumnos, praças das escolas militares e dos soldados voluntarios e sorteados. A activa da 1ª linha compôr-se-ha dos officaes, aspirantes e graduados da reserva da 1ª linha, recrutados na forma dos respectivos regulamentos; dos demais cidadãos de 21 a 30 annos de idade (excluidos os que estiverem no serviço activo) e dos reservistas de menos de 21 annos. A Policia Militar, o Corpo de Bombeiros, bem como as forças militarizadas dos Estados, que tenham contrato com a União, na forma da lei de 3 de Janeiro de 1917, serão forças auxiliares do Exército de 1ª linha.

O tempo de serviço no Exército activo será de um a dous annos de instrução para os voluntarios e sorteados, conforme a arma e a decisão annual do Ministerio da Guerra; de 2 a 3 annos para engajados e re-engajados; de um anno de instrução para os voluntarios sorteados que, até o dia designado para a incorporação, se apresentarem promptos na unidade que lhes fôr designada, qualquer que seja a sua arma, desde que tenham, no fim deste anno sufficiente aproveitamento; de 3 a 4 mezes de instrução intensiva, titulados pelos institutos de ensino superior e secundario; os estudantes das escolas superiores e em geral os que forem possuidores de certificados official de instrução geral (portuguez, geographia, historia, arithmetica e geometria), bem como os que, sendo reservistas da 3ª categoria (alistados ou não), se fizerem atiradores de 1ª classe; de 16 mezes, nas vagas que ficarem no total para engajados, para as praças que, após licenciadas por designação, por vontade propria, queiram continuar a servir; de cinco annos para os voluntarios candidatos a sargentos pelas escolas respectivas ou a especialistas de aviação e carros de assalto. Qualquer que seja o tempo que o cidadão fôr obrigado a servir, o tempo de serviço será contado sempre a partir do dia da respectiva incorporação official, quer se trate de voluntarios de sorteados ou re-engajados ou especialistas (artifices, corneteiros, musicos, telegraphistas, etc.), que podem ser aceitos como voluntarios em qualquer época do anno. Todo o engajamento ou re-engajamento terminará com o primeiro periodo de instrução da arma. Para a incorporação official dos voluntarios sorteados e todos os demais actos do serviço militar e seus correlatos, o Brasil é dividido em tres zonas militares, a primeira constituida pelas 1ª, 2ª, 6ª, 7ª e 8ª regiões e circumscripções militar; a segunda, pela 4ª região, e a terceira, pelas 3ª e 5ª regiões. Na primeira zona militar a 1ª inscripção se fará no primeiro dia útil de Novembro; na segunda, no primeiro dia útil de Maio. O anno de instrução começará no primeiro dia útil da semana seguinte, para os corpos e suas sub-unidades, que tenham recebido nessa data pelo menos 2/3 dos recrutas a incorporar. A segunda incorporação se fará no primeiro dia útil do mez seguinte ao da primeira incorporação. Por motivo de interesse publico, poderá o governo adiar ou antecipar, em ambos os casos por espaço nunca maior de tres mezes, o licenciamento dos voluntarios sorteados, engajados ou re-engajados que estejam a concluir o tempo de serviço no Exército activo. Pelos mesmos motivos, e no decurso de um anno, a contar da data de seu licenciamento por conclusão de tempo de serviço, o reservista poderá ser re-incorporado independentemente da mobilização.



# BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

**Casa Matriz: AMSTERDAM**

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro -- S. Paulo -- Santos -- Buenos-Aires -- Santiago do Chile -- Valparaizo.  
Na Allemanha -- HAMBURGO.

**Capital autorizado..... Florins 50.080.000**  
**Capital realizado e reservas..... Florins 22.680.000**

*Fundado pela Rotterdamsche Bankvereiniging  
Amsterdam -- Rotterdam -- Haya*

*Cujo capital realizado e reservas montam em florins a 114.000.000*

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

## 114, RUA BUENOS AIRES, 13

TELEPHONES: NORTE 5356, 5357 E 5358

### LIVRARIA SCIENTIFICA BRASILEIRA

EDITORA

SUSSEKIND DE MENDONÇA & C

114, R. S. JOSÉ - RIO DE JANEIRO

TEL. C. 5466

ULTIMAS EDIÇÕES

"Da resistencia dos trens e suas applicações", pelo Dr. C. W. Stevenson, professor honorario da Escola Polytechnica de S. Paulo e livre docente da Escola Polytechnica do Rio, 1 gr. vol. com 309 pgs. .... 25\$000

"Curso de Direito Commercial Brasileiro", pelo professor Alfredo Russell, organizado de accôrdo com o programma da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, 1 gr. vol. 406 pgs. .... 20\$000

"Astronomia de campo", pelo Dr. Allyrio Huguenev de Mattos, da Escola Polytechnica e do Observatorio Nacional, 1 vol. com 180 pgs. .... 12\$000

"O direito como sciencia positiva", discursos de Clovis Bevilacqua, Nuno Pinheiro e Pontes de Miranda, 1 fol. com 40 pgs. .... 1\$500

NO PRÉLO

"Reprodução sexuada nos animaes", do Dr. Mello Leitão, da Academia Brasileira de Sciencias e da Sociedade Entomologica da França.

GRANDE STOCK DE OBRAS SCIENTIFICAS E ESCOLARES NACIONAES E ESTRANGEIRAS

OS MAIS MODERNOS LIVROS NORTE-AMERICANOS  
SOBRE TODOS OS ASSUMPTOS  
PRINCIPALMENTE DE ENGENHARIA E PEDAGOGIA

BREVEMENTE

### Ensaio sobre a Musica Brasileira

DE

RENATO ALMEIDA

### LIVRARIA CASTILHO

DE

A. J. de CASTILHO

EDITOR

Endereço Telegraphico «Castilho»

Telephone: 5355 Central

Rua da Assembléa, 36

RIO DE JANEIRO

# Banco Português do Brasil

---

Capital . . Rs. 50.000:000\$000

Séde: RIO DE JANEIRO

Filiaes em S. PAULO e SANTOS

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal: 94

---

Abre Conta Corrente de movimento,  
CONTAS CORRENTES LIMITADAS COM TALÃO DE CHEQUES,  
Conta Corrente a prazo fixo e  
Conta Corrente em moeda estrangeira nas melhores condições do  
mercado e encarrega-se da administração de propriedades

---

24, Rua da Candelaria, 24

---

RIO DE JANEIRO

---

# AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR Elysió de Carvalho



# HOTEL D. PEDRO

ESTABELECIMENTO DE PRIMEIRA ORDEM

Installado em

## CORRÊAS

Segunda parada adiante de Petropolis

Clima delicioso pela sua regularidade e amenidade

Não existem alterações bruscas de temperatura

Escrevei ou telephoneae para Corrêas, encomen-  
dando commodos — Telephone 9

O Hotel só accita convalescentes ou enfraquecidos que  
não estejam contagiantes;  
não são absolutamente accitos tuberculosos ou  
convalescentes dessa molestia.

# BANCO. HYPOTHECARIO DO BRASIL

50 -- AVENIDA RIO BRANCO -- 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes  
á vista e á prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS

# LIVROS ALLEMÃES

ESPECIALMENTE

## OBRAS DE SCIENCIA

DE TODOS OS RAMOS

ARTE, LITERATURA E LEITURA PARA MOCIDADE

GRANDE STOCK

EM

ROMANCES, REVISTAS, CARTÕES POSTAES, ETC., ETC.  
NA

## LIVRARIA "EDANEE"

A UNICA ALLEMA PARA LIVROS, ARTE E MUSICAS  
RIO DE JANEIRO

112, RUA DA ALFANDEGA, 112

SANTOS

S. PAULO

Rua Frei Gaspar, 37-39—Telephone Central 2074

Rua Libero Badaró, 97 — Tel. Central 321—Caixa Postal, 1897

# CLICHÉS

PHOTOGRAVURA MODERNA

TEL. NORTE 462

RUA DA QUITANDA

# Banco Português do Brasil

CAPITAL.... RS. 50.000:000\$000

SÉDE: RIO DE JANEIRO



*Decorative flourish*

Abre Conta Corrente  
de movimento,  
CONTAS CORRENTES  
LIMITADAS COM  
TALÃO DE CHEQUES,  
Conta Corrente a  
prazo fixo e  
Conta Corrente em moeda  
estrangeira nas  
melhores condições do  
mercado e encarre-  
ga-se da administração  
de propriedades

*Decorative flourish*

**FILIAES EM S. PAULO E SANTOS**

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal. 947

**24, Rua da Candelaria, 24**

**RIO DE JANEIRO**

# LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

RUAS: BETHENCOURT DA SILVA, 15 17 E 19 E TRESE DE MAIO, 74 E 76

Caixa do Correio 899 — Telephones: Central 250 e 836 — Endereço teleg.: ETIEL

RIO DE JANEIRO

Ultimas publicações:

A ISCA — Novellas de D. Julia Lopes de Almeida, brochado 5\$, enc. 6\$500.  
 A CORRESPONDENCIA DE UMA ESTAÇÃO DE CURA — de João do Rio, o saudoso Paulo Barreto, br. 3\$000.  
 AS MENTIRAS DA HISTORIA DO BRASIL — do Professor Francisco Assis Cintra, br. 4\$, enc. 5\$500.  
 AO SOM DA VIOLA — a grande obra de Gustavo Barroso (João do Norte) Folk-lore, br. 6\$, enc. 8\$000.  
 ARIADNE — de Magalhães Azeredo, da Academia, brochado 5\$, enc. 6\$500.  
 A GRANDE FELICIDADE — Romance de Theo Filho, br. 5\$, enc. 6\$500.  
 BEATITUDES — Versos de Pereira da Silva, br. 4\$, enc. 5\$500.  
 COCK-TAIL — Continuação das brilhantes chronicas de Mutt Jeff, de Benjamin Costallat, br. 5\$, enc. 6\$500.  
 CURIOSIDADES NORTE AMERICANAS (versão autorizada e illustrações de G. Pavis), de Otto Prazeres, br. 5\$000.  
 CAÇADORES DE SYMBOLOS — Estudos criticos de Agripino Grieco, br. 5\$, enc. 6\$500.  
 DEPOIS DA MEIA NOITE... , o mais forte livro de contos de Benjamin Costallat, br. 4\$, enc. 5\$500.  
 FONTE CARIOCA — Poesias de Bastos Tigre, br. 5\$, enc. 6\$500.

HISTORIA DO BRASIL, pelo methodo confuso, humorismos de Fradique Mendes, pseudonymo, fartamente illustrada, cart. 5\$000.  
 VESPERAL, preciosos contos de Coelho Netto, br. 4\$, enc. 5\$500.  
 AS VIRGENS AMOROSAS, de Theo Filho, nova edição, br. 5\$, enc. 6\$500.  
 A SABEDORIA DA INTELLIGENCIA — Pontes de Miranda, br. 5\$000.  
 UMA ESTAÇÃO EM PETROPOLIS, sensacional chronica mundana, de Chrysantheme, br. 4\$000.  
 OS ARCHIDUQUES (historia da medicina contemporanea), por Franco d'Arteval (pseudonymo de brilhante critico e estylista), br. 5\$000.  
 BACIA DE PILATOS, nova série das afamadas chronicas do Conselheiro XX (Humbreto de Campos, da Academia), colleção 1922, br. 5\$, enc. 6\$500.  
 POEMAS E SONETOS, de Ronald de Carvalho (obra premiada pela Academia Brasileira), nova edição, brochado 5\$, enc. 6\$500.  
 RONDA DOS SECULOS (2ª edição), de Gustavo Barroso (João do Norte), br. 5\$, enc. 6\$500.  
 O PAIZ DOS DEUSES — Aspectos, costumes e paizagens do Japão moderno, com excellentes illustrações, br. 5\$, enc. 6\$500.

## AVISO ÀS PESSOAS CHICS!

ACABAM DE CHEGAR

AS ULTIMAS NOVIDADES

DE INVERNO DO

# Barateiro Elias

RUA S. JOÃO BAPTISTA, 61

TELEPHONE: SUL 2135

## BOTAFOGO

## A MINHA DEFESA

PELO CAPITÃO GENSERICO DE VASCONCELLOS

Réplica ao Tenente-Coronel Beverina, do Exercito Argentino, a proposito da campanha contra Rosas

À venda nas Livrarias Briguiet, Garnier, Alves e Leite Ribeiro.

**PREÇO: 2\$500**

PRECISA V S. de Livros de Mecanica, Electricidade, Arte, Pedagogia, Linguistica, Historia, Medecina, Pharmacia, Sciencias Industriales e Militares, Direito, Psychologia, Sociologia, Topographia, Philosophia e Literatura?

Libreria Española

47, Rua da Alfandega, 47

Rio de Janeiro

# AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 17



RIO DE JANEIRO — MAIO, DE 1923



ANNO II

## A CONFERENCIA DE SANTIAGO

# A DECLARAÇÃO DE PRINCIPIOS DO BRASIL NA COMMISSÃO DE ARMAMENTOS

Damos a seguir a declaração de princípios do Brasil, lida pelo Chefe da Delegação Brasileira na Conferencia de Santiago, Dr. Afranio de Mello Franco, na commissão de Armamentos:

“VIVER EM PAZ COM TODOS OS POVOS DO MUNDO”

“Viver em paz com todos os povos do mundo é o supremo objectivo dos Estados Unidos do Brasil”.

Quando a Constituição Federal attribuiu ao Congresso Nacional a competencia privativa para autorizar o Governo a declarar a guerra, restringiu desde logo essa autorização aos casos em que não houvesse lugar ou se inalograsse o recurso do arbitramento (Art. 34, n. 11).

### A CONSTITUIÇÃO DO BRASIL E O ARBITRAMENTO

“Os Estados Unidos do Brasil, em caso algum, se empenharão em guerra de conquista, directa ou indirectamente, por si ou em alliança com outra nação”, tal é textualmente a letra do art. 88 da nossa Magna Lei.

Em um seculo de vida independente, o Brasil sempre praticou a paz e se della se afastou por quatro vezes, foi sempre guiado por altos e nobres objectivos, que não desmentem e antes confirmam aquella sua constante aspiração.

Abrindo o seu vasto territorio a todos os homens, quaesquer que sejam os seus paizes de origem, equiparando-os aos nacionaes, no gozo de todos os direitos civis, o Brasil se submete tambem, expontaneamente, á jurisdicção dos seus juizes ou tribunaes federaes para o julgamento de todas as questões movidas por quaesquer alienigenas e fundadas, quer em contratos com o Governo da União, quer em convenções ou tratados da União com outras nações, bem como sujeitou á decisão dos ditos juizes ou tribunaes, quaesquer pleitos entre Estados estrangeiros e cidadãos brasileiros.

Com esses dispositivos do art. 60, letra E e F, da Constituição Federal, o Brasil assentou um dos marcos mais avançados no caminho da submissão progressiva das mais altas soberanias ao imperio definitivo e pratico da justiça organizada. Nenhum paiz do mundo levou mais longe a sua pratica do arbitramento.

### COMO O BRASIL TEM PRATICADO O ARBITRAMENTO

Em 1862, na divergencia suscitada entre os Governos do Brasil e da Inglaterra e que em nossa historia diplomatica tomou o nome de “questão Christie”, o Brasil submetteu á arbitragem do Rei Leopoldo I, da Belgica, e teve ganho de causa por sentença de 18 de Junho de 1863; no litigio secular com a Argentina, cujas negoclações se desenrolaram desde 1875 até os ultimos dias da monarchia, o Brasil se submetteu á arbitragem do Presidente dos Estados Unidos da America, Grover Cleveland, e a 7 de Fevereiro de 1895, era proferido o laudo final, nobremente acatado e cumprido pela Republica irmã e amiga; na questão, tambem secular com a França, para o dominio e posse do vasto territorio do Amapá, o Brasil, ainda uma vez, se submetteu á arbitragem do Presidente da Confederação Suissa, pelo compromisso firmado

a 10 de Abril de 1897, sendo em 1 de Dezembro de 1900 proferida a sentença arbitral a nosso favor; em 1842, surgiu o conflicto de limites entre o Brasil e a Inglaterra, nas fronteiras da Amazonia com a Guyana Inglesa, submettendo-se, ainda desta vez, o Brasil á arbitragem do Rei da Italia, pelo compromisso de 6 de Novembro de 1901, sendo proferida a sentença a 6 de Junho de 1904, e dividido o territorio contestado em duas partes, das quaes a mais extensa coube á Inglaterra.

### TRINTA TRATADOS DE ARBITRAGEM

O primeiro tratado geral de arbitragem, concluido pelo Brasil foi com o Chile, em 18 de Maio de 1899, e o segundo com a Argentina, a 7 de Setembro de 1905. Dessa data o Brasil tem assignado cerca de trinta Convenções de Arbitramento, entre as quaes se assignalam as firmadas com os Estados Unidos da America do Norte, Portugal, França, Hespanha, Mexico, Honduras, Venezuela, Panamá, Equador, Costa Rica, Cuba, Grã-Bretanha, Bolivia, Nicaragua, Noruega, China, Salvador, Perú, Suecia, Haiti, Dominicana, Colombia, Russia, Austria-Hungria, Grecia, Uruguay, e não está completa a lista dos tratados de arbitramento assignados pelo Brasil. Para a solução de reclamações de ordem puramente economica tem ainda o Brasil celebrado varias convenções, entre ellas as que firmou com Portugal, Inglaterra, Uruguay, Bolivia e Perú. E', pois, incontestavel que nenhum paiz do mundo tem levado mais longe do que o Brasil a pratica sincera, constante e leal do arbitramento.

A indole idealista do povo brasileiro, as suas tradições, o espirito da sua Constituição e de todas as suas leis, a orientação de sua politica exterior, tudo demonstra que o Brasil não ama sómente a paz, não n'a tem como um culto ou simples anhelito platonico, mas como uma pratica constante em suas relações com os outros povos.

### A FALTA DE PREPARAÇÃO MILITAR DO BRASIL

Na grande guerra de 1914-1918, em que se envolveram vinte nações, o Brasil teve de alistar-se, defendendo legitimos interesses nacionaes e direitos offendidos e violados, ao lado dos que se batem pela justiça e pela civilização. O concurso material que elle prestou aos Alliados tinha de soffrer as relatividades das deficiencias do seu poder militar, pois o conflicto nos eucontrara desapercibidos e desprecatados, vivendo como sempre vivemos, sem outras preocupações além das de mera defesa da nossa soberania e dignidade, sem cogitar de dissentimentos aggressivos, que os nossos ideaes e a pratica constante do arbitramento excluiam de um modo absoluto.

A preparação militar pessoal e organização material constitue problema que só abordamos seriamente em 1916. As nossas forças de terra e mar, que a Constituição considera instituições nacionaes permanentes, têm como unico destino, consoante o dispositivo do seu artigo 14, a defesa da patria no exterior e a manutenção das leis no interior.

O Exercito e a Armada, de accôrdo com o art. 82, paragrapho 4º, da nossa Constituição, devem compor-se, pelo voluntariado,

sem premio, e só em falta deste pelo sorteio préviamente organizado. E' pelo sorteio ou antes pela conscripção que se instruem systematicamente todos os annos, os contingentes que garantem a preparação militar e as reesrvas formadoras dos exercitos modernos e disciplinados.

Todavia, esse processo de instrução systematica, adoptado, ha mais de vinte annos por varios paizes do Continente, apenas ha sete annos foi iniciado no Brasil, e este facto, por si só e na sua singela eloquencia, basta para patentear, mesmo a um leigo, as nossas deficiencias militares.

### A LIMITAÇÃO DAS FORÇAS DE TERRA E A SITUAÇÃO DO BRASIL

Das tentativas feitas até hoje no mundo, para a limitação das forças de terra, só uma até agora chegou a resultado definitivo: a effectuada por iniciativa do Governo Norte-Americano, entre as Republicas da America Central e concretizada na Convenção assignada na cidade de Washington, a 7 de Fevereiro de 1923, pelas Republicas de Guatemala, Salvador, Honduras, Nicaragua e Costa Rica. Segundo o artigo 1º da referida Convenção, a limitação dos armamentos de terra só pôde levar-se a effecto tomando-se como base a população, a área, a extensão das fronteiras e varios outros factores de menor importancia militar; entretanto o Brasil, visinho de quasi todos os paizes da America do Sul, com uma área territorial e uma população equivalentes a quasi metade da área territorial e população desta parte austral do continente; o Brasil tem, até hoje, nos seus quadros militares, distribuida apenas uma divisão de infantaria para cada grupo de seis milhões dos seus habitantes, ao passo que para as outras nossas irmãs da America, essa proporção varia entre uma divisão de infantaria por tres milhões de habitantes. Na indicação numerica da relação existente entre os effectivos permanentes, praças e officiaes e a sua população, o Brasil conta pouco mais de um soldado por mil habitantes, e na indicação numerica da relação existente entre os ditos effectivos e a sua superficie territorial, conta pouco mais de cinco soldados por mil kilometros quadrados. Basta comparar as estatisticas para verificar-se a inferioridade desses algarismos em comparação com os coefficients de varios paizes do continente. Isto quer dizer, na eloquencia dos algarismos, que o Brasil em relação ao numero dos seus habitantes e superficie é o paiz de menor exercito na America do Sul.

Quanto aos gastos militares para as forças de terra e mar, as verbas dos nossos orçamentos são inferiores ás de varios paizes da America, convido notar que pelo systema das nossas leis orçamentarias as despesas com as classes inactivas do Exercito e da Armada, reformados de toda ordem, construcções militares e outras da mesma natureza pesam no orçamento dos Ministerios da Guerra e da Marinha, ao passo que taes despesas correm nos outros paizes por departamentos especiaes.

O numero dos reservistas instruidos, bem como o dos não instruidos, mas alistados, é inferior no Brasil ao das outras nações militarmente organizadas na America e o nosso

material de guerra está bem longe de satisfazer as necessidades do nosso pequeno exercito.

#### A LIMITAÇÃO DAS FORÇAS NAVAES E O BRASIL

Quanto ás forças de marinha, não menos precaria em sua realidade, é a situação do Brasil em face das condições a que se refere o artigo 8°, do Pacto das Nações, de que somos signatarios.

A questão do desarmamento naval, na phase posterior á conflagração européa, teve sua origem naquelle artigo do referido pacto, no qual se reconhece a necessidade de serem taes armamentos fixados no minimo compativel com a segurança nacional e com a execução das obrigações internacionaes impostas por uma acção commum, tendo-se sempre em vista a situação geographica e as condições especiaes de cada Estado.

Com uma organização naval inferior ás necessidades da sua segurança e ás condições da sua situação geographica, teve o Brasil entretanto, na sua qualidade de membro da Sociedade das Nações, de tomar parte nas discussões que se succederam á assignatura do mencionado pacto e cujo objectivo era a redução dos recursos navaes das grandes potencias, augmentados desmedidamente pelas injunções creadas em virtude da propria guerra.

O Brasil se recusou a tratar dessa materia na Liga das Nações, sem embargo de não ter para elle o problema os mesmos aspectos que revestia em face das potencias que haviam elevado, ao maximo da sua expansão, o respectivo aparelhamento naval.

#### O PROBLEMA NAVAL NA LIGA DAS NAÇÕES

Comparecendo á primeira assemblea da Sociedade das Nações, teve o Brasil de negar o seu assentimento á proposição feita para que os paizes filiados áquella Sociedade não excedessem nos exercicios de 1922 e 1923, os seus orçamentos militares de 1921, visto como não seria admissivel que, paiz novo, animado de um profundo sentimento pacifista, que o tem impedido de desenvolver convenientemente o seu poder militar, afim de polo ao nivel do minimo compativel com a sua defesa e segurança, fosse adherir a uma providencia cujo unico objectivo era o de impedir que as grandes nações super-armadas, ampliadas ainda mais os seus exercitos de terra e mar, compromettendo irremediavelmente o estado, já precarissimo, das finanças do mundo, a tranquillidade das populações exgotadas e a propria paz entre os povos.

A justificação desse voto do nosso paiz foi feita pelo Dr. Rodrigo Octavio, nosso representante, e nella se lêem as seguintes palavras: "Certamente o Brasil é um paiz liberal e pacifico, nada tendo de imperialismo ou militarismo, mas seu territorio é consideravel, suas costas são muito extensas e para as suas necessidades interiores precisa ter marinha de guerra e exercito".

O representante do Brasil lembrou, muito opportunamente, a nossa indole pacifica e nossa pratica da arbitragem, recordando tambem que não temos contendas internacionaes de qualquer especie e que mantemos as melhores relações com todos os paizes visinhos e todos os povos da terra.

Na segunda assemblea, respondendo á carta do Secretario Geral, datada de 8 de Março de 1921, o representante naval brasileiro declara o seguinte: "Os orçamentos naval, militar e aereo do Brasil são actualmente muito reduzidos, em razão da crise financeira e insufficientes quanto ás necessidades da segurança e defesa do paiz".

O Brasil não está nas mesmas condições da maior parte das grandes potencias, que, no decurso da recente guerra renovaram completamente seu material e melhoraram as condições de suas defesas nacionaes, de accordo com os ensinamentos e as necessidades da guerra.

Eis a razão pela qual o delegado do Brasil declara não poder adoptar o voto da assemblea, relativo á reduccão dos orçamentos militares."

Os resultados minimos a que chegara a primeira assemblea, offerecendo, como conclusão dos seus trabalhos, um simples voto pionato que não logrou o apoio de todos os delegados e algumas resoluções tendentes á realizacão de estudos preliminares, sem effeito algum sobre o poder militar effectivo dos povos, não deixam de ser uma decepção

para os que esperavam da dita assemblea decisões que trouxessem á humanidade melhores dias de fraternidade e de paz.

Afim de estudar os problemas do desarmamento a assemblea de 1920 creou a comissão temporaria mixta, presidida pelo senhor René Viviani, o qual foi de opinião que se não devia perder de vista, nos trabalhos da comissão, o elemento da segurança nacional, expressamente prevista no artigo 8° do Pacto das Nações. Essa comissão funcionou durante os trabalhos da segunda assemblea, reunida em 1921.

#### A POPULAÇÃO, A SUPERFICIE, AS FRONTEIRAS E OUTRAS CONDIÇÕES DE CADA PAIZ

No questionario elaborado por essa comissão, para abordar o problema da reduccão dos armamentos, de accordo com o artigo 8° do Pacto, foi proposto um inquerito esta-

#### A ESTATUA DE RUY BARBOSA

Os representantes de quasi todos os paizes da America, reunidos no Quinto Congresso Pan-Americano, aclamaram, de pé, a proposta da delegação uruguay, mandando erigir no Rio de Janeiro, e em Buenos-Ayres, as estatuas de Ruy Barbosa e Saenz Peña, com o addendo da delegação da Republica de São Domingos, incluindo no projecto o levantamento em Montevidéo de uma estatua a Gonzalo Ramirez e Cesteros. Essa homenagem do Continente a 3 pró-homens da America do Sul sobreleva o commum das cortezias diplomaticas e mostra o interesse em dignificar a gloria dos que trabalharam para a paz e a concordia dos povos dessa terra nova. Saenz Peña foi um professor de direito e, na sua carreira politica, sempre se empenhou pela cordialidade americana e certa vez proclamou que "os nossos povos não têm rivalidades egoisticas, a não ser as que passam da sua independencia." Cesteros foi o glorioso inspirador do Congresso Internacional de Montevidéo, em 1889. Ruy Barbosa foi Ruy Barbosa. Fundindo essas estatuas com o bronze de canhões, a America dá uma lição de moral a todo o mundo e, assim como foi a voz de Ruy Barbosa que falou alto em Haya, em 1907, e em Buenos Ayres, em 1917, mostrando ao mundo a grandeza do continente latino-americano, nesta assemblea augusta, reunida para a paz e pela paz, é justa a honra á memoria dos denodados trabalhadores do ideal americano.

Essa estatua, que em breve a America inteira plantará na nossa cidade, vai ser um altar, um grande altar do direito e da liberdade, e o heróe que se glorifica na immortalidade ha-de ser o genio bemfeizo de todo o mundo novo, um exemplo, um symbolo, uma perfeição!

tistico, a ser feito em cada Estado, e no qual se deveriam levar em conta a população, a superficie e a extensão das fronteiras terrestres. Na terceira e ultima reunião da assemblea da Liga das Nações foi que se cogitou da extensão do Tratado de Washington, de 6 de Fevereiro de 1922, aos outros paizes não signatarios.

O projecto apresentado pelos representantes da Inglaterra, França e Italia á comissão temporaria mixta, foi remettido á comissão permanente consultiva para que a sua sub-comissão naval estudasse e apresentasse seu parecer technico sobre tão importante assumpto. Perante a mesma sub-comissão a attitude do Brasil foi definida pelo seu delegado naval, que se oppoz ao mesmo projecto, por ser contrario aos interesses da defesa e segurança do nosso paiz. Aos paizes cujas condições eram completamente diversas das em que se achavam os Estados signatarios do Tratado, a tonelagem, attribuida ao Brasil e á Hespanha foi julgada pelos representantes desses paizes como não correspondendo á sua situação geographica, importancia e segurança nacional pelo que propuzeram elles que a discussão dos projectos apresentados fosse baseada nos

princípios que regem o artigo 8°, do pacto da Sociedade das Nações.

#### O PROBLEMA DOS ARMAMENTOS NA AMERICA DO SUL E NA HESPANHA

O Sr. Rivas Vicuña, representante do Chile na comissão temporaria, tambem já havia declarado que os coefficientes propostos para os paizes da America do Sul não correspondiam á sua situação e importancia. Tendo sido rejeitada pela maioria da sub-comissão naval a these apresentada pelos delegados da Hespanha e do Brasil, em que propunham estabelecer-se o limite dos armamentos dos membros da Sociedade das Nações, por meio de comparações convenientes, baseadas sobre a posição geographica e as condições previstas no artigo 8° do pacto, julgou o delegado do Brasil ser-lhe impossivel continuar a colaborar no exame dos diversos projectos apresentados á comissão, por serem os mesmos contrarios ás exigencias da situação geographica e a segurança do seu paiz.

O projecto de tratado apresentado pela sub-comissão naval para a extensão da Convenção de Washington aos paizes não signatarios foi remettido á comissão temporaria mixta, que, depois de examinal-o, adoptou uma resolução, recomendando ao Conselho a extensão dos principios da limitação dos armamentos navaes aos Estados não signatarios do tratado, mas membros da Sociedade, e chamou a atenção do mesmo Conselho para a oportunidade de extender aquelles principios tambem aos Estados estranhos á Sociedade das Nações.

Submettida essa recommendação á consideração da terceira assemblea, reunidos em Genebra, no mez de Setembro de 1922, foi ella remettida á sua comissão de armamentos, na qual o Brasil foi representado pelo Embaixador Regis de Oliveira e pelo Contra-Almirante Penido. Nessa occasião o referido Embaixador expoz o ponto de vista do Brasil relativamente á extensão da Convenção de Washington aos outros paizes não signatarios, mostrando que a situação de seu paiz era muito differente da dos Estados signatarios, e que a marinha do Brasil era insufficiente para as necessidades de sua defesa. Entretanto acrescentou que a sua attitude não queria significar opposição á possibilidade de achar-se uma fórma practica e acceptavel para a extensão dos principios pactuados em Washington.

Ao ser votada pela assemblea a proposição emanada da comissão temporaria dos armamentos, o representante do Brasil declarou que o seu governo aceitava, em principio, a convocação de uma conferencia internacional para examinar o problema de armamentos navaes, se ficasse, bem entendido, que as resoluções que della resultassem, se não afastariam da letra e do espirito do artigo 8° do Pacto das Nações.

#### PORQUE NÃO SE PODE APPLICAR O EXEMPLO DA CONVENÇÃO DE WASHINGTON

Justificando o seu ponto de vista, declarou o Delegado do Brasil que a Convenção de Washington foi realzada entre nações que haviam alcançado mais alto gráo de potencia naval e que por consequencia podiam reduzil-a sem sahir dos principios estabelecidos no artigo VIII, do Pacto, isto é, ao minimo compativel com a segurança nacional. Já os Delegados Technicos da Hespanha e do Brasil, unicos representantes das nações interessadas na sub-comissão naval, da Comissão Consultiva Permanente, mostraram de modo precizo que o projecto de tratado em questão não teria probabilidade de exito se não se apolasse sobre as disposições do artigo VIII, do Pacto. O Almirante Marquez de Magaz, declarando-se disposto a aceitar as linhas geraes do projecto, fez reservas que, em essencia, coincidiram com as razões pelas quaes o Almirante Penido se recusa a colaborar no dito projecto.

O eminente Sr. Vivas Vicuña, Delegado do Chile, emittio tambem reservas sobre os coefficientes propostos para os paizes da America, cujos effectivos não correspondem á sua respectiva situação e importancia. Se o nosso objectivo é chegar a collocar as nossas propostas em terreno pratico, por meio de um accordo geral, lembremo-nos do que disse Lord Robert Cecil "nenhum projecto de reduccão de armamento poderá chegar a resultado se não fór geral".

Devemos assignalar aqui que quando foi votado na sub-comissão naval da Comissão Permanente Consultiva o artigo IV que fixava a tonelagem total dos navios de linha de substituição calculada conforme o deslo-



camento, a Delegação Franceza, de accordo com a maioria dos representantes das potencias signatarias, apresentou a seguinte nota que foi approvada e incluída no texto do projecto de Convenção:

"Tout en ayant rédigé l'article 4, en conformité du principes du "statu quo", la majorité des membres de la sub-commission navale croit devoir appeller l'attention du Conseil sur l'inegalité qui en résulte entre les forces navales respectives des trois états sud-américains, Argentine, Brésil et Chile, alors qu'ils estiment que ces trois Etats devraient logiquement avoir des forces navales mieux équilibrées, dont le tonnage total en navires de ligne, ne devrait toutefois rester inférieur à quatre-vingt mille".

A ORIENTAÇÃO POLITICA DA LIGA DAS NAÇÕES

Os trabalhos desta Conferencia Internacional Americana para a redução dos armamentos não se podem isolar da orientação politica da Sociedade das Nações e disto bem se apercebeu a III Assembléa daquella sociedade, como se vê pelo adiamento que deliberou da discussão deste assumpto até á resolução da mesma actual Conferencia Pan-Americana. Tendo sido proclamados na resolução XIV, da III Assembléa da Sociedade das Nações, os principios que devem reger a questão de limitação de armamentos, todos os que somos membros da dita sociedade de vemos pautar a nossa conducta por aquelles preceitos approvados, porque não podem co-existir duas orientações differentes sobre o mesmo assumpto. Aquella resolução declarou em verdade que os Governos não podiam assumir a responsabilidade de uma séria redução de armamentos, a menos que não recebessem em troca uma garantia satisfatoria para a segurança dos seus paizes.

O QUE É HOJE A MARINHA DO BRASIL

Estendendo-se por um littoral de cerca de 3.600 milhas, com uma superficie quasi igual á da Europa, com uma linha de costas de extensão quasi igual á distancia que separa, em certo ponto, a Europa da America Meridional, com uma rede ferro-viaria deficiente e sem ter entre muitos dos seus Estados outra via de comunicação que não a maritima; com instituições politicas do mais amplo federalismo e em que a autoridade do Poder Central não pôde exercer-se nas mais apartadas regiões do seu territorio, senão pelas forças de terra e mar, o Brasil não teve até hoje uma Marinha adequada ás suas necessidades e nem completou o seu programma naval de 1906, pois que o seu terceiro dreadnought, o "Rio de Janeiro", quasi concluído foi cedido á Turquia e seus tres monitores o foram á Inglaterra, no principio da grande guerra européa e não chegando sequer a ser iniciada a construcção do "Riachuelo", que se pensava fazer por subscrição popular. Os seus dous navios capitaes "Minas Geraes" e "S. Paulo" já estão com a metade da sua eficiencia decorrida, segundo o prazo para isso fixado no Tratado de Washington. Além destes, o Brasil só possui dous velhos guarda-costas, tres cruzadores, tres submarinos e onze destroyers, os dous primeiros construídos ha mais de 24 annos e os demais já antiquados e sendo todos de fracas qualidades combativas. Não obstante esta precariedade de condições que aqui sómente se esboça, o Brasil não se recusou jámais a estudar com os seus irmãos da America uma formula justa e equitativa para a limitação dos seus armamentos navaes e disto deu sempre provas evidentes, tanto na Sociedade das Nações como nos trabalhos desta conferencia e nos seus antecedentes.

A DIFFICULDADE DE UMA SOLUÇÃO

Comparecendo a esta V Conferencia Internacional Americana, o Brasil se dispoz a discutir com as suas irmãs os problemas communs em beneficio do progresso e bem estar colectivo da America; não tinha e não tem reserva alguma sobre os pontos do programma; prompto a ouvir o que fosse suggerido e inspirado pelos principios que sempre o guiaram, de amizade e harmonia com as Republicas do Novo Mundo e com todos os povos da terra.

Difficil, entretanto, é encontrar-se uma base unica e igual para ser applicada a tantos paizes de condições peculiares tão differentes.

Basta reflectir como fixar-se uma tonelagem unica de navios capitaes a todas as nações do Continente Americano, quando entre ellas algumas ha, como as Republicas da America Central, que já concordam em não ter Marinha de Guerra; como applicar-se uma regra invariavel e unica a paizes em condições geographicas tão desiguaes, sem violar flagrantemente os principios proclamados no Artigo VIII do Pacto das Nações. Para que se possa fazer uma distribuição de tonelagem de accordo com as necessidades e condições de cada paiz, será preciso um estudo detalhado da situação de cada um, o que não nos parece possível fazer-se em conferencias da natureza desta, em que nos encontramos. A fixação de uma tonelagem unica, suggerida na proposta da illustre Delegação Chilena, parece antes applicar-se e ter visado apenas os tres paizes que possuem maior Marinha de Guerra na America Latina: a Argentina, o Brasil e o Chile. Mas se isto assim é, mais logico seria que o assumpto fosse resolvido em entendimentos posteriores entre os referidos paizes, como tão opportunamente propoz o illustre delegado de Honduras.

AS BASES FUNDAMENTAES DO PONTO DE VISTA BRASILEIRO

A Delegação do Brasil no entanto quer deixar patente aqui, que o seu paiz não está longe, antes deseja aceitar um accordo entre as Republicas do Continente quanto ao aparelhamento naval. Para isso o seu ponto de vista obedece ás seguintes bases fundamentaes:

1° — Limitação da tonelagem dos navios capitaes, durante cinco annos, em oitenta mil toneladas;

2° — Considerar como navios capitaes actualmente existentes na America do Sul, os do typo dreadnought e conforme a definição da parte IV, do art. II do Tratado n. 1, assignado em Washington, a 6 de Fevereiro de 1922, os que da data da convenção a assignar-se em diante vierem a ser construídos ou adquiridos, desde que tenham um deslocamento maior de 10.000 toneladas ou sejam armados com um ou mais canhões de calibre superior a oito pollegadas;

3° — No calculo da tonelagem total, fixada para os navios capitaes, se incluirão sómente os navios actualmente existentes do typo dreadnought, "Minas Geraes", "São Paulo", "Moreno", "Rivadavia" e "Latorre"

4° — Os outros actuaes navios de combate, que não sejam do typo "dreadnought" isto é, os couraçados guarda-costas e cruzadores couraçados, não poderão ser conservados em serviço, depois de adquiridos novos navios capitaes, quando fôr por estes attingido limite de 80.000 toneladas, afim de que não seja excedido o referido limite; entretanto aquelles navios poderão ser utilizados para outros fins que não sejam os do seu emprego na guerra, desde que lhes sejam

applicadas as regras da desclassificação dos navios de guerra, contidas na parte II.

5° — A não limitação de tonelagem dos demais navios de guerra de superficie ou submarinos, bem como dos que se destinarem á defesa das costas, ao uso da aviação, ao emprego das minas submarinas; dos auxiliares e de flotilhas fluviaes, assim como tudo quanto se refere á organização defensiva das costas.

O limite proposto de 80.000 toneladas para os navios capitaes foi o mesmo que a sub-comissão naval da Comissão Permanente Consultiva da Liga das Nações julgou justo afim de melhor equilibrar as marinhas das tres Republicas irmãs, Argentina, Brasil e Chile.

PORQUE O BRASIL PROPOZ A CONFERENCIA PRELIMINAR DE VALPARAIZO

Quando propoz aos Governos amigos da Argentina e Chile a Conferencia Preliminar de Valparaizo, o Brasil previa quanto seria difficil qualquer entendimento geral sobre uma base fixa e unica a ser applicada a paizes tão numerosos e de condições peculiares tão differentes.

Foi pelo desejo de chegar a uma accordo justo e equitativo com as duas grandes Republicas irmãs, para a fixação das suas forças navaes, que o Brasil propoz aos dous Governos amigos um entendimento prévio a ser submettido posteriormente á decisão desta Conferencia. As difficuldades em que nos achamos para encontrar uma formula de limitação naval, applicavel a tantos paizes, alguns dos quaes, por convenções realizadas, abriram mão de quaesquer forças de mar, provam agora quanto eram fundadas as nossas previsões. Não obstante, o Brasil não se desliga dos compromissos que assumio e está prompto a negociar em qualquer tempo, de Chancellaria a Chancellaria, em ajuste, com um ou mais paizes americanos irmãos, pactos de limitação de armamentos navaes, sobre uma base justa e praticavel, resguardadas as condições reciprocas da segurança nacional.

OS ARMAMENTOS TERRESTRES

Quanto aos armamentos terrestres, o Brasil lembra que o tratado de Washington, de 6 de Fevereiro de 1922, não abrangiu esse assumpto e que até hoje, o unico ajusté internacional sobre tal materia, foi a Convenção entre as Republicas centro-americanas, firmada na mesma cidade de Washington, a 7 de Fevereiro de 1923, na qual foram tomadas em consideração a população de cada paiz, sua área territorial e a extensão das suas fronteiras. Na discussão do programma da Conferencia de Washington, o primeiro Ministro francez Aristides Briand, concordou na diminuição do numero dos navios offensivos ou navios de ataque capital, "ships"; quanto aos navios defensivos (cruzadores ligeiros, torpedeiros e submarinos) elle declarou que ao Governo Francez seria impossivel aceitar a limitação. A idéa que domina a Conferencia, dizia elle, é a de restringir os armamentos offensivos e custosos, mas acreditava que não estaria em seu programma restringir para uma nação como a França, com uma extensão tão grande de costas e numerosas colonias longinhas, os meios essenciaes ás suas comunicações e á sua segurança.

CONCLUSÕES

Não é outro o argumento de justiça em que se assenta o ponto de vista do Brasil. Pelos navios de ataque é que se mede a força offensiva das esquadras e, como o Brasil deseja a paz com toda a sinceridade e nella deposita a sua mais ardente fé, não pôe duvida em concordar com as potencias amigas a fixação da tonelagem maxima dos navios capitaes, conservando a sua liberdade de acção para os navios defensivos, construcção e complemento de bases navaes e organização defensiva das costas.

Do dogma fundamental de igualdade juridica dos Estados soberanos, pelo qual nos batemos, na segunda Conferencia de Haya, decorre a confiança que têm todos os povos no sentimento geral de equidade e na força do principio de justiça universal, que não permitem impôr a quem quer que seja, homens ou Estados, decisões julgadas incompativeis com a sua segurança, a sua honra ou a sua liberdade."

O THEATRO FUTURO

Considero a forma de theatro, que acaba de reinar, quasi sem contestação, durante cincoenta annos, morta, definitivamente morta, e assim o espero.

Quanto ao Theatro historico ou social, tenho-lhe horror, mas isso, é apenas opinião particular.

Emfim, posto de lado o theatro mundano, sentimental, a peça historica e social, o campo ainda é immenso e permanece inexplorado. A arte dramatica, que se tornára ao mesmo tempo extremamente mediocre em qualidade e abundante em quantidade, retomará talvez o seu honesto lugar entre os divertimentos do espirito, mas um lugar reduzido. O cinema movido e rapido convém melhor á nossa época do que o theatro propriamente dito, sempre mais pesado por causa das palavras, onde a escala dos personagens e o angulo de vista não mudam, o que no fundo, choca a nossa representação intellectual do mundo.

ALEXANDRE ARNOUX.

# A SITUAÇÃO DO BRASIL SEGUNDO A MENSAGEM DO PRESIDENTE

Afastando-nos da parte politica, que constitue a sua introdução, passamos a dar os indices da nossa situação, segundo os dados da mensagem do Presidente da Republica, na abertura da 3ª sessão da 11ª Legislatura do Congresso Nacional.

## FAZENDA

Assim se inicia este capítulo da mensagem:

“A vida financeira do paiz continua a merecer a maxima attenção do Governo. Embora seja ainda penosa, temos confiança em vencer breve as suas maiores difficuldades por uma politica de ordem e pela pratica da mais rigorosa economia. Exposta singelamente a situação financeira logo depois que assumimos o governo, conhecida em globo e em todos os seus pormenores, foi traçado um plano que vai sendo fielmente executado. Esse plano de restauração, sem emissão de papel-moeda e sem emprestimo externo, repousa em dois fundamentos capitais: fortalecer o credito publico e organizar o credito bancario para maior expansão da economia nacional. São estas as duas grandes forças propulsoras da prosperidade das nações. Para o fortalecimento do credito publico urgia, em primeiro lugar, consolidar a elevada divida fluctuante que nos onera. Estamos aparelhados para realizar esta obra dentro de poucos mezes, ficando grande parte de tal divida definitivamente consolidada e outra parte collocada em condições de esperar oportunidade para uma operação a longo prazo em boas condições”.

Depois, a mensagem diz que trata o Governo de revigorar o credito publico pela regularização da vida orçamentaria e pretende desenvolver a industria do carvão de pedra e do ferro, para depois expor o seguinte sobre os orçamentos do ultimo triennio: “A necessidade inadiavel de estabelecer a ordem e conseguir o equilibrio da situação orçamentaria está demonstrada, á evidencia, pelo simples exame das operações de 1920 e 1921 e dos dados, alias, incompletos, de 1922. O “deficit” avultou de uma forma impressionante e o serviço da divida publica já vai absorvendo metade da receita arrecadada. Em 1920, a receita orçada importou em 119.452:949\$440, ouro, e 514.258:200\$, papel, quando, segundo a demonstração abaixo, a arrecadação attingiu os totaes de, ouro, 141.539:800\$873, e, papel, 554.538:097\$896. A despesa, em 1920, fixada nos limites de 74.040:863\$668, ouro, e réis 699.410:628\$559, papel, comparada com a que foi realizada, nos totaes de 153.590:067\$363, ouro, e 827.708:050\$030, papel, mostra que houve o excesso, nos dispendios, de, réis 79.549:203\$695, ouro, e 228.297:421\$471, papel. Apesar, pois, de ter havido a maxima arrecadação nesse exercicio, em que ella ultrapassou os totaes das previsões, a despesa effectuada apresentou grande excesso sobre a receita arrecadada, como se vê do seguinte cotejo dos algarismos respectivos: Receita arrecadada, ouro, 141.539:800\$873, papel, réis 554.538:097\$896; despesa realizada, ouro, réis 153.590:067\$363, papel, 827.708:050\$030. “Deficit”, ouro, 12.050:266\$490, papel, réis 273.169:952\$134. Convertida em papel a parte ouro, á taxa média annual de 14 d. por 1\$, obtem-se a importancia de 23.239:799\$659 que, adicionada á parte papel, indica a existencia do “deficit”, papel, de réis 296.409:751\$793.

Quanto ao exercicio de 1921, a situação não offerrece melhor aspecto, por isso que, ao contrario do que succedeu no exercicio anterior, houve grande depressão nas rendas, ficando a arrecadação muito aquém da previsão. A receita orçada importou em, ouro, 108.439:500\$ e, papel, 671.154:000\$, ao passo que as rendas arrecadadas attingiram, apenas, as cifras de, ouro, 76.403:040\$713, e, papel 510.637:787\$509.

Por sua vez, a despesa, fixada nos totaes de, ouro, 75.660:840\$429 e, papel em réis 719.495:708\$940, foi realizada com as cifras de, ouro, 82.634:040\$082 e, papel 913.954:733\$204. Comparadas a receita arrecadada e a despesa realizada, resulta: receita arrecadada, ouro, 76.403:040\$713, pa-

pel 510.637:787\$509; despesa realizada, ouro, 82.634:040\$082, papel, 913.954:733\$204. “Deficit”, ouro, 6.230:999\$369, papel réis 403.316:945\$695. Feita a conversão da parte ouro, á taxa média annual de 8 d., por 1\$, e adicionado o resultado á parte deficitaria em papel, o total do “deficit” será representado pela cifra de 424.515:318\$565. Por se tratar de exercicio ainda não encerrado e, por não estarem, pois, definitivamente, apuradas as operações de receita e despesa, não é possivel em estudo comparativo entre os recursos e os dispendios á conta do exercicio de 1922. Existem, entretanto, informações que permitem ligeira analyse sobre a receita. Comparando a orçada com a arrecadada, e representando estas pelas importancias de, ouro, 74.266:941\$376 e, papel, 568.944:149\$201, ao passo que as previsões concorrem com os totaes de, ouro, 92.276:320\$000 e, papel 727.673:000\$, resultam as differenças, para menos, em relação á receita orçada, de, ouro, 18.009:378\$624, e, papel, 158.728:850\$799. Póde-se entretanto, afirmar desde já que taes recursos não foram sufficientes para fazer face aos compromissos do exercicio, por isso que somente as despesas constantes das tabellas dos varios Ministerios e fixadas pela lei n. 4.555, de 10 de Agosto ultimo, se expressam pelas cifras de, ouro, 85.931:211\$579 e, papel, 831.193:762\$780, não levando em consideração, os dispendios extraordinarios que correram á conta do exercicio e foram autorizados por dispositivos da referida lei.

Allude em seguida á divida externa fundada, que não soffreu alteração sendo seu estado, em 31 de Dezembro de 1922, representado por titulos no valor de libras 102.832.344-00-00, Francos 332.249.500,00 e \$ 68.491.833,34, em circulação.

A divida interna fundada, em igual data, era 1.551.742:300\$, accusando um augmento de 207.384:000\$ sobre os algarismos em 31 de Dezembro de 1921. Sobre a divida fluctuante, declara o Presidente, que apesar de ser superior a 900 000 contos, conta o Governo vencer brevemente a difficuldade que representa, pois remodelado o Banco do Brasil he serão pagos 300.000 contos, com a transferência do ouro pertencente ao Thesouro, e, quanto ao resto o Governo conta resgatal-o oportunamente, parte por uma operação de credito externo e parte por outra operação interna, a largo prazo, resolvendo dest’arte a crise que esse “deficit” representa para a administração.

Sobre o commercio externo, a Mensagem estuda o seu desenvolvimto, e as difficuldades resultantes da baixa do cambio, sendo compensada a desvalorização de nossa moeda pelo augmento dos preços.

O artigo que mais contribuuiu para o desenvolvimto do volume de exportação foi o assucar, com 252.111 toneladas, o que se não registrava desde 1883, e, quanto ao valor, em papel-moeda, e maior augmento foi o do café, cuja exportação excedeu a de 1921, de 485.101:000\$000.

É’ este o quadro da nossa exportação commercial:

Annos	Quantidade em 1.000 toneladas	
	Importação	Exportação
1919	2.779	1.908
1920	3.276	2.101
1921	2.578	1.919
1922	3.263	2.121

Annos	Valor em contos de réis	
	Importação	Exportação
1919	1.834.259	2.178.712
1920	2.090.633	1.752.411
1921	1.689.839	1.709.722
1922	1.652.630	2.332.034

Equivalente em  
£ 1000

	Importação	Exportação
1919	78.177	130.085
1920	125.005	107.521
1921	60.468	58.587
1922	48.641	68.578

Nesta parte da Mensagem, o Governo estuda minuciosamente as diversas repartições sujeitas a este Ministerio, a reforma tributaria, Codigo Aduaneiro, etc. Embora na Introdução, cabe referir aqui o que diz a Mensagem sobre o cambio, nestes termos:

“A situação cambial, explicavel por causas naturaes e, em menor escala, por causas artificiaes, terá necessariamente de melhorar assegurada a ordem publica, normalizada a crescente exportação dos nossos productos defendidos nos seus preços, a balança commercial tenderá a apresentar maiores saldos, que melhorarão sensivelmente as condições da balança internacional de valores e, consequentemente, o nosso cambio.

A ordem nas finanças, a severa economia orçamentaria e a restricção de importação para serviços federaes concorrerão efficazmente para esse resultado

Por outro lado o Governo não deixará de exercer rigorosa fiscalização para reprimir a especulação qualquer que seja a sua modalidade. As providencias adoptadas e outras em via de execução tenderão a fazer cessar, quanto possivel, a instabilidade das taxas cambiaes, mais funesta para a economia nacional do que a propria desvalorização do meio circulante.”

## INTERIOR

Refere-se a Mensagem neste capítulo, a reforma do processo civil e penal, á urgencia de adopção do Codigo Commercial e de reformo do Codigo Penal, fazendo a resenha de varios serviços superintendidos por esse ministerio.

Salientemos os pontos capitaes desta parte da Mensagem. Reforma do ensino secundario e superior, em elaboração, com o preocupação fundamental da escolha dos professores, processo mais efficente de ensino e melhor seriação dos cursos. Sobre o ensino primario o Governo nos dá a noticia auspiciosa de que “procura remover as primeiras organizando um plano de entendimento com os Estados, no qual deve predominar, a par da disseminação das escolas, a efficiency da respectiva fiscalização e a uniformidade dos programmas de ensino”

Quanto á Saúde Publica, mostra o desenvolvimto dos serviços e as difficuldades que apresenta, entre as quaes a nossa deficiente organização hospitalar, confessando, dolorosamente, que “a cidade do Rio de Janeiro ainda não possui um unico leito para hospitalisação de crianças!” Chama a attenção do Legislativo para varias questões atinentes á saúde publica, inclusive o do commercio do leite, evitando o monopollio e facilitando a fiscalização do governo. Tambem a hygiene industrial deve merecer o estudo do Congresso.

## EXTERIOR

Declara a Mensagem que “a paz e a concórdia têm sido e continuam, felizmente a ser os nobres fins collimados pela politica exterior do Brazil e o serão perennemente para a fortuna do povo e honra de seu Governo.”

Refere depois as missões especiaes que vieram ao Brazil, por occasião do Centenario salientando as visitas do Secretario de Estado norte-americano, Charles Hughues, do Presidente de Portugal, a passagem pelo Rio do Presidente Alvear, a ida a Montevideo de um Embaixador brasileiro para representar o Brazil na posse do Presidente Serrato. Passa depois a estudar a 5ª Conferencia Pan-Americana, reproduzindo *mutatis mutandis* a exposição do Embaixador Mello Franco, que damos noutro local, sobre o ponto de vista brasileiro na questão dos armamentos. Por fim a Mensagem falla da Comissão Interna-

cional de Jurisconsultos, da Comissão de Reparações, da liquidação com a Alemanha da dívida de guerra, do afretamento de navios a França e da Liga das Nações, passando em revista os interesses brasileiros nesses casos.

### GUERRA

Principia este capítulo com o seguinte tópico:

O Governo está, nos termos do n. XX<sup>o</sup> do art. 46 da lei n. 4.632 de 6 de Janeiro último, autorizado a reorganizar o Exército. Fal-o-ha, consoante os melhores conselhos da experiencia, num programma desambicioso, traçado honestamente dentro dos nossos recursos. Não se trata, portanto, de uma reforma radical, senão de meras alterações que a pratica do serviço está exigindo. Quer dizer que o Governo não está animado do proposito de renovar todas as cousas, sem maior exame. Não é por outro parte possível desassociar da obra economica a obra militar em seus tres aspectos, material, intellectual e moral. Dahi a iniludível necessidade do concurso de todas as energias para prover a criação das indústrias militares e formação da tropa, a educação do patriotismo. Os nossos estabelecimentos fabris que estão a reclamar a mais desvelada sollicitude devem ser remodelados de modo que assegure o rendimento que se póde legitimamente esperar com a exploração das fontes de materia prima e a utilização systematica da energia hydraulica. Avulta ahi, dest'arte, a siderurgica cujas serias dificuldades nos cumpre vencer com decisão e vigor.

Depois o Presidente mostra o estado dos serviços, saliantando a aceitação do serviço militar, que não representa mais um onus, sendo o cumprimento entusiastico de um dever patriótico.

### MARINHA

Apezar das condições financeiras continuarem a protelar a solução dos nossos problemas de defesa naval, assegura a Mensagem, que a Marinha atravessa uma fase de trabalho, de que muito se deve esperar. Diz que foram iniciados alguns trabalhos mais urgentes, quaes sejam as obras do futuro Arsenal da ilha das Cobras, a construção de centros aeronauticos, reparos do material fluctuante, etc. A par disso procede-se a revisão dos regulamentos, de accordo com as lições decorrentes da grande guerra. Depois escreve o Presidente:

"Providencias mais energicas, porém, reclamam os serviços navais para que possam attender com segurança á defesa de nosso immenso litoral, pontilhado de portos indefesos e entregues ao pacífico intercambio de nossos productos com os das outras nações. Elías dizem respeito, principalmente, á renovação do material da esquadra, envelhecido por mais de dez annos de continuos exercicios e reparos; á ampliação dos serviços auxiliares de aviação, sub-marinos e defesa minada que a maioria dos technicos indica como destinados a desempenhar papel preponderante e talvez decisivo nos futuros conflictos; á instalação de algumas bases ao longo da costa, onde possa a esquadra encontrar os elementos indispensaveis á sua manutenção e apoio, além do proseguimento activo e ininterrupto dos trabalhos do futuro Arsenal do Rio de Janeiro; e, finalmente, á solução dos dous maiores problemas da economia e progresso nacionaes — das indústrias siderurgica e carbonifera, que nos tornarão independentes dos mercados estrangeiros quanto a construção naval, e serão uma das bases em que se ha de firmar a maior grandeza da Patria."

Passa depois em revista os varios serviços de marinha, começando por se referir á missão naval norte-americana, que já principiou a trabalhar, sob a geral sympathia da classe e apoio decisivo da administração.

### VIACÃO

A primeira parte deste capítulo é consagrada á viação ferrea, dizendo que as dificuldades financeiras impõem ao Governo a necessidade de modelar o surto que haviam tomado as construcções de estradas de ferro, mas, por outro lado, não lhe seria possível abandonar os trabalhos encetados, porque isso importaria em perder capitães e desperdiçar energias. Havia em construção a 31 de Dezembro de 1922, sob a administração ou fiscalização federal, 2.051.164 km. de vias ferreas; e durante todo o anno foram entregues ao tráfego 349.766 km. Mostra que a duas preocupações fundamentaes obedece a construção das nossas estradas: facilitar as communicações com as republicas vizinhas, abrindo novas vias de commercio, e communicar mais rapidamente as capitães entre si e com

### HOMMAGE À RUY BARBOSA

*Le Droit porte le deuil de Ruy Barbosa et ainsi la mort de l'illustre homme d'Etat brésilien, envisagée sous son aspect souverain, affecte tous les peuples qui ont le respect de la Justice. Aucune vie, enrichie de dons plus variés et plus magnifiques, n'a offert l'exemple continu d'un plus noble désintéressement. La postérité avait déjà commencé pour Ruy Barbosa: son nom était un des noms célèbres du monde. Pour le Brésil, ce grand homme était une gloire; pour l'humanité, il était une conscience.*

*Sa voix s'est éteinte, mais son œuvre demeure et son influence ne périra pas. Les orateurs trouveront des modèles dans ses discours délicats, généraux et enflammés; les hommes d'Etat et les jurisconsultes y puiseront à pleines mains les directions, les préceptes et les avis. Mais le cœur des peuples n'a pas besoin de textes pour édifier ses hommages. Ses raisons se passent de raisonnements: il devine, il sait. Il y a des noms qui dégagent un rayonnement universel: tel celui de Ruy Barbosa, inséparable de la justice. Partout, au Brésil et au dehors, il l'a célébrée, exaltée et défendue. Il n'a jamais connu d'autres ennemis que les siens. Il lui avait voué un culte où la passion la plus ardente trouvait son inspiration dans la raison la plus réfléchie. Quand il parlait pour elle, en disciple respectueux il devenait, même sans le vouloir, un juge dont l'impartialité imposait l'autorité.*

*Le drame tragique de 1914 arracha à Ruy Barbosa le cri même de l'histoire. La France n'oubliera jamais ni ce qu'il dit, ni ce qu'il fit. Ce témoin clairvoyant prononça, sans haine et sans crainte, l'arrêt de la conscience humaine. J'incline devant sa mémoire, chère à tous les hommes de bien, le salut d'un respect reconnaissant.*

Louis BARTHOU,

de l'Académie Française.

o Rio de Janeiro, que "ja hoje está ligada ás capitães da Victoria para o Sul, excepto Goyaz e Cuyabá. Para a ligação com a primeira das duas ultimas só falta construir 345 km. trabalho que está proseguindo.

Ao Norte, a ligação com S. Salvador depende de concluir-se a linha entre a Central do Brazil (ramal de Montes Claros) e a Central da Bahia, actualmente em Jequy, ou sejam pouco mais de 900 km. Alguns élos somente restarão para fechar-se a cadeia até S. Luiz do Maranhão."

Em 31 de Dezembro de 1922, a extensão total das estradas de ferro em trafego no Brazil attingia a 29.214.408 km. e havia em construção 2.051.164 km. De rede em trafego pertencem á União 16.904.492 km., são de concessão federal 5.099.970 km. e de concessão ou propriedade estadual 7.209.906 km.

Passa depois a estudar particularmente a situação de cada estrada de ferro subordinada á Secretaria da Viação.

Sobre navegação, mostra as suas dificuldades economicas, num paiz como o nosso e declara que os auxilios do Governo devem ser de preferencia em subvenções, evitando-se o mais possível a isenção de direitos aduaneiros.

Chama a attenção do Congresso para a intensificação do serviço de navegação nacional nos rios que nos separam de paizes estrangeiros onde a falta dessa navegação se traduz na desnacionalização dos nossos costumes, lingua e moeda.

Diz que o Lloyd Brasileiro, apezar de todas as reformas ainda não normalizou o seu serviço, estudando em seguida a situação das varias companhias e empresas de navegação sobre agua.

Sobre portos, a Mensagem diz que o regulamento expedido pelo dec. n. 15.693, de 22 de Setembro de 1922 definiu a função industrial dos portos permitindo na organização uniforme, em beneficio do commercio e

das rendas fiscaes. Dos portos brasileiros, já se encontram em exploração organizada os de Manaus, Pará, Recife, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e Rio Grande do Sul; acham-se em construção ou contratados, os do Maranhão, Ceará, Natal, Parahyba, Victoria, São Francisco, Paranaguá, e Corumbá e ainda em estudos ou serviços parciaes os de Amaração, Aracajú, Itajahy, Florianopolis e Laguna.

Depois estuda a situação de cada um dos nossos portos, as suas rendas e installações. Termina a parte referente ao Ministerio da Viação, tratando dos trabalhos do Nordeste, Correios, Telegraphos, aguas e obras publicas e iluminação do Rio de Janeiro.

### AGRICULTURA

Neste capítulo, o Presidente estuda longamente os diversos serviços superintendidos por esta secretaria, com exemplos e dados estatísticos, dentre os quaes transcrevemos a seguinte estimativa de nossa produção agricua em 1921-22, que attingio a 9.315.000.000 de kilos e 276.492.000 litros, a saber, algodão descaroçado, 124.938.000 kilos; assucar de todos os typos, 286.405.000 kilos; aguardente, 180.217.000 litros; alcool, 21.233.000 litros; arroz em casca, 737.352.000 kilos; alfafa, 200.683.000 kilos; aveia, 8.915.000 kilos; borracha, 9.638.000 kilos; batatinha, kilos 286.350.000; cacão, 41.679.000 kilos; café beneficiado, 844.796.000 kilos; centeio, kilos 17.711.000; cevada, 9.340.000 kilos; farinha de mandioca 708.520.000 kilos; feijão, kilos 564.386.000; herva matte, 128.398.000 kilos; milho, 4.586.914.000 kilos; fumo, 79.717.000 kilos; trigo, 139.330.000 kilos; vinho, litros 75.042.000. O valor total dessa produção calculada em 4.202.366:660\$, é pouco superior ao que foi orçado para o periodo de 1920-1921.

Sobre o povoamento do solo, diz a Mensagem que entraram em 1922, 66.968 imigrantes, na sua maioria portuguezes, italianos, hespanhoses e allemães. Sobre o carvão, o Presidente analisa a crise mundial desse combustivel e as nossas possibilidades, findando por dizer que resolvida a questão do transporte immediato por vapores de pequeno calado, por veleiros ou chatas rebocadas, ficariam as minas habilitadas a uma extracção crescente, conduzindo-nos á verdadeira independencia economica. Quanto á siderurgica, fez a Mensagem uma menção especial aos trabalhos do Professor Fleury da Rocha e depois mostra as tentativas de nossa siderurgia, findando por declarar que a nossa produção de gusa e aço se approxima de 60.000 toneladas, prometendo em certo prazo elevar-se a mais de 100.000 toneladas annuaes. Depois de certas informações e suggestões a Mensagem termina com o seguinte tópico:

"O momento impõe uma congregação de esforços de todos os poderes publicos para, correspondendo á sua alta missão politica, assegurar á Nação, pelas leis e pelos actos administrativos, o maximo possível de bem estar, em um ambiente de completa segurança da ordem publica, de severa moralidade, de rigorosa honestidade e de serena justiça.

Contareis, para esse fim, com a collaboration do Governo, assim como póde e deve o povo brasileiro estar certo de que, com energia, serenidade e firmeza, saberemos cumprir os nossos altos deveres para com a Patria."

### O CONTO DA "AMERICA BRASILEIRA"

A "America Brasileira", que procura por todos os modos corresponder á magnifica acceitação que tem tido em todo o paiz e no extrangeiro, não só melhorando a sua feição material, bem como tornando cada vez maiores e mais amplas as suas secções espectaes, em que faz a synthese da actividade nacional e a resenha internacional, publicará, do proximo numero em diante, um conto, consagrando assim uma das suas paginas á nossa litteratura de ficção. O primeiro a sair será "O Renascimento", do Sr. José Geraldo Vieira, um dos mais brilhantes espiritos novos e que se tem revelado um artista seguro, do melhor merito.

# QUANDO NASCEU GREGORIO DE MATTOS?

Propondo á Academia de Letras da Bahia fosse celebrado o tri-centenario do nascimento de Gregorio de Mattos em 7 de Abril deste anno de 1923, eu não era estranho á divergencia que reina entre os biographos e bibliographos ácerca do dia, mez e anno em que nasceu o poeta. Como essa questão tenha sido recentemente ventilada em um jornal de Pernambuco e na revista *America Brasileira*, do Rio, entendi dever dar as razões em que se fundou a minha proposta.

A primeira biographia que teve Gregorio de Mattos foi escripta na Bahia pelo licenciado Manoel Pereira Rebello, ao que se suppõe, em meiado do seculo XVIII, destinada a preceder uma colleção das obras do famoso satyrico e por longos annos conservada inédita. Pela sua relativa proximidade da época em que viveu o poeta, logrou o licenciado fazer delle o unico retrato que nos ficou: fê-lo tirar, diz o biographo, por "por um antigo pintor, que foi seu familiar, e conferindo-o com as memorias que delle têm algumas pessoas antigas", teve-o por "mui conforme ao seu original".

A granue copia de pormenores, anedotas e factos não contestados que reúne essa interessante biographia autoriza a presumpção pelo menos, de que as datas nella inscriptas são igualmente certas.

Assim entendeu o maior numero dos que successivamente têm escripto sobre a vida e obra do poeta bahiano, tanto que reproduzimos de Rebello as datas a elle referentes. Dos principaes e mais antigos occorrem-me: Januario da Cunha Barbosa, José Maria da Costa e Silva, Pereira da Silva, Teixeira de Mello, Valle Cabral, Sacramento Blake, Sylvio Romero, Araripe Junior, Fausto Barreto e Carlos de Laet.

Até ao apparecimento do *Florilegio* de Varnhagen, em 1850, permanecia incontestada a data de 7 de Abril de 1623, publicada primeiramente em 1831 por Januario Barbosa (*Parnaso Brasileiro*) e em seguida por Costa e Silva (*Ensaio Biographico e Critico*). Varnhagen tendo por si a autoridade de investigador applicado, se bem que não impeccavel, escreveu, sem exhibir documento: "Gregorio de Mattos nasceu na Bahia a 20 de Dezembro de 1633".

Esta variante foi aceita por Innocencio Francisco da Silva, em cujo *Diccionario Bibliographico* se lê que o poeta era natural da Bahia, onde nasceu a 20 de Dezembro de 1633", conforme a melhor opinião. Repetiram-n'o Wolf (*Le Littéraire*) e J. M. de Macedo (*Anno Biographico Brasileiro*).

Ahi está o material de que dispomos até hoje para reconstruir o começo da vida do poeta. Estabelecida a divergencia em relação ao anno do seu nascimento, preferi á de Varnhagen e de Innocencio a chronologia do licenciado Rebello e de Januario Barbosa, pelas razões seguintes, que em falta de documento devemos considerar das mais procedentes.

a) Manoel Pereira Rebello escreveu, como ficou dito, na Bahia, cidade natal do poeta, meio seculo depois da sua morte, quando ainda pôde encontrar *pessoas antigas e familiares* delle; e acertou no anno do fallecimento e em numerosas circumstancias e factos repetidos do seu trabalho pelo proprio Varnhagen.

b) De accôrdo com Rebello está o maior numero dos biographos criticos, historiadores e bibliographos, entre os quaes o versadissimo Costa e Silva, que antecedendo a seu compatriota Innocencio e seguindo-se immediatamente a Varnhagen no estudo do satyrico brasileiro, não se impressionou com a variante deste. Escrevendo em Portugal, tendo portanto ao alcance os archivos onde

possivelmente se encontrariam dados da existencia de Gregorio de Mattos desde estudante em Coimbra até advogado e juiz em Lisbôa, não deixaria de ter fundamento para ficar com o licenciado.

c) Varnhagen, emendando a data de Manoel Rebello e encurtando em dez annos a vida do poeta, não exhibio nem sequer citou qualquer documento. Os que o acompanham tampouco justificaram sua preferencia. Entretanto escreve Araripe Junior, depois de lamentar a escassez de documentos coevos relativos ao primeiro periodo da existencia de Mattos, que elle nasceu em 7 de Abril de 1633, "segundo o codice mais aceito". E Sylvio Romero, adoptando a mesma data, diz em nota: "Varnhagen dá por engano 1633". E' verdade que Innocencio declarou em um parenthesis ser a opinião de Varnhagen a melhor; mas neste ponto, como veremos em seguida, não se recommenda á nossa fé a palavra do bibliographo portuguez.

d) Todos os autores que seguiram a Manoel Pereira Rebello, consignando o fallecimento do poeta em 1696, dizem co-

herentemente ter elle fallecido com *setenta e tres annos de idade*. Innocencio e Macedo, entre poucos mais, que seguem a opinião de Varnhagen quanto á data do nascimento do poeta, escrevem tambem, o primeiro: "Sobreveio-lhe a morte, que o levou em 1696 na idade de 73 annos". (*Diccionario Bibliographico*, 1860, tomo 3º, pag. 165); o segundo: "Gregorio de Mattos morreu em Pernambuco no anno de 1696, aos setenta e tres annos de idade." (*Anno Biographico Brasileiro*, 1876, vol. 3º). Tambem Wolf (*Le Brésil Littéraire*) adopta a data de 20 de Dezembro de 1633 para o nascimento do poeta, e não obstante escreve: "*Affaibli par son long, exil, il succombe á l'âge de 73 ans em 1696...*"

Mas entre 1633 e 1696 não pudera ter vivido o poeta 73 e sim 63 annos.

Inadvertencia, confusão, equívoco, seja o que fôr, não podem taes autores, com lapso tão deploravel, pesar na solução desta duvida, que aliás, baseado nas razões expostas julgo sem mais motivo de subsistir.

Xavier MARQUES

## UM ESCULPTOR CUBISTA, LIPSCHITZ

No ultimo Salão dos Independentes, de Paris, uma das maiores impressões, da parte de esculptura, foi a das obras de Jacques Lipschitz, o extranho esculptor cubista, cujo esforço para dar uma realidade intensiva á obra de arte, mesmo violando a plastica das apparencias, é toda a razão de ser de sua esthetica, tão chocante aos olhares passadistas dos burgoezes inuteis... Para dar ao leitor intelligente uma impressão exacta da figura de Lipschitz, reproduzimos uma critica muito interessante, ao mesmo tempo luminosa e sincera, publicada em "les feuilles libres"

Esculptura cubista, disseram. Talvez que sim, mas antes de tudo, esculptura. Pouco importa que Jacques Lipschitz passe como sendo um artista hermetico para certos olhos. Sem duvida, a sua contribuição esthetica reside no facto de organizar o espaço, servindo-se de elementos puros, e de sacrificar á realidade artistica a realidade visual. Ninguém pôde negar, de certo, que soube tirar partido de uma das mais importantes acquisições da arte contemporanea, dissociando o elemento figurativo e o elemento plastico. Mas não basta adoptar um modelo, para provar a mestria. Rogaria a todos, que considerem Lipschitz um innovador, que esquecessem, um instante, a sua qualidade de esculptor cubista, para abordar o estudo da sua obra, abstraindo o aspecto exterior

No inicio de sua carreira, Lipschitz praticou a esculptura espherica. Os seus volumes lisos, firmes, simples se encaixam perfeitamente, se fundem e se penetram de tal forma que mal a vista perspicaz se apercebe das ligações. Essas figuras de formas arredondadas e de contornos finos dão uma suave impressão de calma e de harmonia.

Foi, pois, de posse desses meios

tecnicos, que Lipschitz emprehendeu a sua obra de renovação. A forma espherica juntou a cubica, que quebra a unidade do rythmo, desequilibra as relações das massas e desagrega o organismo platonico. As directivas estão claramente indicadas, as estatuas de Lipschitz, que datam dessa época, se encontram numa encruzilhada de dous caminhos, como problemas complexos para serem resolvidos. A obra de deputação, assim principiada, proseguiu lentamente. A forma cubica foi pouco a pouco absorvendo a espherica e ovoidal. Austeras armaduras de formas exclusivamente architetonicas e reduzidas á sua mais simples expressão attestam o estado de espirito em que trabalha o artista, desejoso de pôr em prova os seus recursos, antes de enveredar por um caminho novo. Esculpe neste momento uma pequena estatua, por mais de um titulo edificante. As "chairs á vif", os volumes dos quadris e das pernas, francamente desconjuntados, os seios projectados impetuamente sobre um torso plano, schema esse que dá ao espectador uma noção das intenções e das inquietudes do esculptor, que tem, nessa obra, uma verdadeira profissão de fé.

Seguem-se numerosas estatuas, cada qual, ousemos affirmar, põe Lipschitz em risco de ser tomado por um theorico pedante e representa um problema novo.

Baixo-relevos, que se inscrevem em pentagono, alto-relevos, cujos elementos se destacam do fundo, encerrados num oval concavo, estatuas espiraes, que evocam esculpturas barrocas, estatuas frontaes construidas á maneira dos egypcios, todas as formas de expressão, em summa, são successivamente exploradas nessa ardente procura, aproveitando-se das conquistas antigas e conhecendo todos os menores segredos da arte.

Para que fallar aqui do talento pessoal de Lipschitz? Quanto a mim, renuncio a resaltar as virtudes intrinsecas de uma obra, a elogiar-lhe o estylo, a decifrar o assumpto. Limitar-me-hei a dizer que o seu valor está no seu caracter especifico. Lipschitz é um estatuario no mais absoluto sentido da palavra, e sua arte é uma tentativa ardorosa para dotar a esculptura de uma linguagem especial, que lhe seja particular.

WALDEMAR GEORGE

# A JORNADA DOS VASSALLOS

Honrando-me a "Associação Christã de Moços", nucleo gerador de vontades pragmaticas, com o convite para seu arauto nesta festa, simples nos seus atavios mas significativa nos seus propositos, em homenagem aos illustres officiaes da marinha portuguesa, que esta cidade hospeda tão carinhosamente, deume ainda a alegria de desempenhar-me de uma missão sobremaneira grata ao meu espirito e ao meu animo: porque, se sómente sei falar do que amo ou admiro, exprimir as alheias admirações como expressar os meus applausos a Portugal é tarefa que me enleva, me dignifica e me commove. Permitti-me, pois, que, numa cerimonia consagrada a marinheiros lusos, continuadores da tradição da escola de Sagres, que ensinou, com a arte do heroismo, a sciencia de navegar e "*commettier o grande Mar Oceano, entrar por elle sem nenhum receio e descobrir novas terras, novos mares, novos povos, e, o que mais é, novos céus e novas estrellas*", no dizer do celebre doutor Pedro Nunes, eu vos discorra ácerca de um feito que não deixará de tocar a vossa sensibilidade, do mesmo modo como exaltou, ha quasi duzentos annos, o peito dos nossos maiores, e por onde vereis que na historia de Portugal, opulenta de tantos lances epicos e de nobres proesas, palpitante de gloria e refulgente de belleza, ás vezes triste, mas sempre unvida de sublimidade, ontem como hoje, jamais se enfraqueceram esses elos inquebrantaveis que entrelaçam as duas grandes terras que o mar liga numa distancia que já se vence em horas e o céu confunde num immenso affecto que persistirá enquanto não tivermos perdido o instincto da raça. Quero narrarvos aquella esquecida *Jornada dos Vassallos*, como chamou o chronista, que se levou a cabo para nos reintegrar na patria, que já era, naquelle tempo, mais que uma aspiração — um anseio vehemente de liberdade e de amor ac solo natal, tanto que suscitou a épica reacção contra o fero jugo hollandês. Sem duvida, verificareis como Portugal, em dias angustiosos da sua historia, acudio ao appello desesperado do mundo novo, que o seu genio descobrira, que o seu sangue povoára, que o seu esforço edificára, que enriquecera com os cabadaes da sua cultura e da sua crença e embalára com a musica suave da sua lingua. Ides conhecer, então, de que modo repercutiu na outra banda do Atlantico, nas margens do Tejo e do Mondego, o nosso clamor deante de inimigos valentes, poderosos e crueis, que destruíram os nossos lares, os nossos templos e os nossos jardins, e pretenderam submeter-nos á mais dura vassallagem, e, portanto, aprender como Portugal, decaído e humilhado sob o jugo dos Felippes, correu célere, cheio de entusiasmo e sem temor, a salvar a honra, a vida e a riqueza da próle brasileira. Nessa postura digna, que lhe impunha a gloria da criação, comprehendereis que o amor de Portugal pelo Brasil é um impulso natural, e, pois, duradouro, que devemos honrar e enaltecer, porque se gerou na dôr e no sacrificio. Na verdade, entre todas as que nos tempos coloniaes vieram para a America, é incontestavelmente uma das mais famosas aquella expedição de 1625, que veio restaurar a Bahia. Notavel foi, com effeito, sob varios aspectos, a armada commandada pelo general de mar e terra D. Fradique de Toledo y Osorio, Marquez de Valdueza, "o capitão de maior fama que naquelle tempo tinha a nação castelhana", mas sobretudo, pelo valor militar e pela qualidade da gente que a formou, e que naquelle momento podia considerar-se como representação maxima do que havia de mais viril e de mais puro no sangue das Espanhas. Dir-se-ia, que, pela primeira vez, se projectavam no novo mundo o espirito cavalleiresco e as galas daquella mocidade, flôr da velha nobreza peninsular — a mais tradicional da Europa, a de mais pompa e galhardia, a mais altiva e mais ciosa do esplendor heraldico.

## A CONQUISTA DA BAHIA

Sabeis como o assalto e occupação da Cidade do Salvador, aos 10 de maio de 1624, re-

percutira na Europa e abalára o coração dos dois povos na península. O infeliz successo encheu não só Portugal, mas Castella, de lastima, tristeza e sobresalto, porque, se chegassem a ficar senhores de tal posição, teriam aquellos inimigos aberto uma porta para se apoderarem de todo o Brasil e até do continente, perdendo assim a Espanha riquezas e prestigio. Não foi só o receio desse perigo que commoveu principalmente a alma da gloriosa Lusitania, confundindo na mesma indignação animos portugueses e espanhoes. Havia, de certo, um nobilissimo intento nesse ardor bellico que arrastava ainda uma vez aos mares bravios do Brasil a nação mais cavalleiresca, emprehendedora e destemida dos extremos da Europa, e que já havia escripto as mais refulgentes paginas da historia. Na immensa grandeza desse esforço, surgia a mesma gente que, desde a batalha de Ourique e o *bafurdio* de Val-de-Vez, conquistára, palmo a palmo, a patria aos sarracenos, em rebates constantes e em lutas porfiosas pela independencia do antigo condado portugalense, ora com os musulmanos, levados, por fim, de vencida até ás costas occidentaes, ora com os castelhanos, cujo orgulho foi abatido em Aljubarrota; que obrigou a dymnastia affonsina a conceder-lhe com as cartas de foraes, os pergaminhos e as armarias da sua esclarecida nobreza; que bateu com os cantos de suas lanças luzidas ás portas de Ceuta, Tanger e Arzilla, forçando os bastiões africanos cederem aos seus impulsos; que desfraldou as quinas sagradas em Calcutá, Cochim, Gôa, Malaea e Ormuz, avassalando reis poderosos e principes fabulosos, e, mais, fazendo a arrogante Veneza dos inquisidores e dos doges, symbolisada no Leão de S. Marcos, fugir da vastidão do esplendido Oriente para immergir-se nos lagos do Adriatico. Era a mesma raça, formada por seis seculos de historia, e nascida, por um estupendo milagre da vontade, "onde a terra se acaba e o mar começa", que, naquelles dias tristes e apagados, apparecia cheia de pundonorosos alentos e energicos brios, para afirmar ainda uma vez não haver abandonado as tradições guerreiras da escola do Condestavel e de D. João II, onde se haviam formado os soldados de D. Manoel, em que expirára o rei moço e ostentava a cruz como o unico estimulo das mais nobres façanhas e dos feitos mais esforçados contra agarcnos e berbéres. Era a mesma estirpe energica e robusta, orgulhosa e magnanima, tragica e ardente, serena e firme na fé luminosa do seu destino, implacavel nos combates mas generosa com os vencidos, em cuja alma se confundem a candura de Nun'Alvares e a energia de Albuquerque, a lealdade estoica de D. João de Castro, a ternura de Bernardim e esse "desejo de honra" de que falla João de Barros, que refloresce, esplende e arrasta na torrente das suas energias renascidas tudo quanto na terra lusitana era gloria, sonho e belleza. O eminente Sauthey (*Hist. do Br. II*, 160), escreve que a côrte de Felipe IV, advertida do golpe, nada fizera para evital-o, e só o percebeu depois de todas as consequencias, inquietando-se provavelmente ainda mais com dizer-se que os ingleses, unindo-se aos hollandeses, pretendiam proclamar rei do Brasil ao eleitor do Palatinado, genro do rei de Inglaterra. Sem duvida, ao rei catholico cabe a responsabilidade do desastre, porque, enquanto a Companhia das Indias Occidentaes se aparelhava na Hollanda para a conquista do Brasil, o monarcha, até a suspensão da tregua de doze annos, assistia despreoccupado a ruina da grandeza peninsular e presidia, qual um Mecenas coroado, o admiravel desenvolvimento das artes e das letras espanholas. Seja como fôr, enquanto o côrte catholica organisava a grande armada do Oceano, como a chamavam os castelhanos, para retomar a cidade perdida, os governadores do reino, que eram D. Diogo da Silva, conde de Portalegre, e o integro e austero D. Diogo de Castro, conde de Basto, remettem, a 8 de agosto, de Lisboa para Pernambuco, o primeiro socorro de 120 homens de guerra, conduzidos em duas caravellas e capitaneados por Fran-

cisco Gomes de Mello, natural do Brasil, e dias antes nomeado capitão do Rio Grande do Norte, e Pedro Cadena de Villazanti, "ambos de experimentado valor e bem vistos." A Pernambuco, onde foram recebidos "com extraordinario alvoroço e repiques da cidade", chegaram nos ultimos dias de setembro, e por elles se teve noticia de que Portugal e Castella "ficavam fervendo" por ajudar o Brasil. Traziam elles o alvará que confirmava Mathias de Albuquerque, em virtude do impedimento do Diogo de Mendonça Furtado, deposto e preso pelos invasores, no governo geral do Brasil, dispensando-o da obrigação de residir na Bahia segundo estabelecia a carta regia de 19 de março de 1614, e bem assim ordem recommendando a Francisco Coelho de Carvalho, nomeado governador do Estado do Maranhão, e já em caminho para elle, que se demorasse em Pernambuco enquanto fosse necessario. Alguns dias depois, mandam ainda partissem para Bahia tres caravellas ás ordens de D. Francisco de Moura. Esse segundo reforço, composto de 150 combatentes capitaneados por Jeronymo Serrão de Paiva e Francisco Pereira de Vargas, chega a Olinda depois de cincoenta e dois dias de viagem, e dali parte a flotilha, augmentada de tres ou quatro caravellões, rumo da Torre de Garcia d'Avila, vindo ainda em companhia de D. Francisco de Moura os fidalgos Manoel de Souza d'Eça, capitão-mór do Pará, e Feliciano Coelho de Carvalho, filho do governador do Maranhão. Natural de Olinda e pertencente á melhor nobreza da terra, pois, era filha de D. Felipe de Moura e sobrinho de D. Christovam de Moura, faustoso favorito de Felipe II, Marquez de Castello Rodrigo e vice-rei de Portugal, D. Francisco de Moura antes militára nas Flandres e na India onde servira com zelo e valor, e acabára de governar em Cabo Verde. Estava já nomeado e prestes a partir, quando a Lisboa chega a parte de Mathias de Albuquerque informando á côrte haver nomeado a Francisco Nunes Marinho d'Eça, soldado veterano da India, e que exercera o cargo de capitão da Parahyba, para cuidar da defêsa da Bahia; mas o rei saiu do embarço dirigindo uma carta muito honrosa a Marinho d'Eça reconhecendo-lhe os serviços e pedindo-lhe assistisse ao novo *capitão-mór do Reconcavo* com o seu auxilio e conselho. Logo que tomou posse do seu officio, a 3 de dezembro de 1624, tratou D. Francisco de Moura de preparar-se para qualquer surpresa do inimigo, fortificando os principaes pontos do Reconcavo, onde innumerous cram os engenhos e fazendas, e organizando uma esquadilha de lanchas canhoneiras e barcos armados; e tão previdente e experimentado se revelou que os hollandeses, derrotados na primeira sortida que fizeram, com 180 homens, ordenaram, sob pena de morte, que nenhum soldado devassasse as muralhas da cidade. Por ultimo, dois outros auxilios são enviados: um para o Rio de Janeiro, com oitenta mosqueteiros sob o commando do brioso joven Salvador Corrêa de Sá e Benevides, filho de Martin Corrêa, governador do Rio de Janeiro e primeiro visconde de Asseca, e outro para Angola.

## PORFIADO EMPENHO DA NOBREZA

Essas expedições, porém, não eram mais que avançadas da empreza formidavel com que se devia vingar a honra das Espanhas, punindo de escarmento a ousadia dos aggressores. Tivera-se informação de que os bahianos, amparados pelas capitaniaes visinhas, principalmente pela nobreza de Pernambuco, só por si faziam reacção tremenda contra os intrusos, mas, ao mesmo tempo, tambem se recebera aviso de que na Hollanda se preparava uma poderosa armada para proteger a posição occupada na America, sendo, portanto, indispensavel atallar de prompto a ufania daquella gente, impedindo que se lhe augmentasse na Bahia os elementos de resistencia. Foram, com effeito, grandiosos aquelles dias em que o sentimento nacional e o orgulho da península pareciam emular em fervor de guerra á insidia

da Hollanda. Do rei ao ultimo fiel da Patria, "houve um só clamor" contra a temeridade affrontosa do batávio. A alma portugueza, como vibração luminosa, palpitava em cada peito e esplendia em todos os gestos. "Os governadores e fidalgos, os mais ricos negociantes, e até os plebeus rivalisaram uns com outros, competindo sobre qual daria mais provas de amor da patria", sendo que, quanto aos nobres, sobretudo, "se não tinham por taes os que não se embarcava naquella occasião", diz o chronista. "Em uma e outra parte (da monarchia) se preveniam armadas; na de Portugal se alistou grande numero de fidalgos da maior esphera, uns com praça de soldados, outros com o nome de aventureiros. Muitos titulos e primogenitos de casas illustrissimas, e os filhos segundos e terceiros de outras, com tal empenho tomaram a empreza que depois de terem occupado grandes logares e relevantes postos no reino e o de vice-rei na India, se embarcaram sem occupação alguma mais que o impulso bellicoso da nação, sempre vivo em todos (Pitta: *America Portuguesa*, 113)". Era tal o incendimento da mocidade lusitana, e tão vivo e porfiado o empenho com que tomavam todos aquella obra, que até casos houve em que foi necessario atalhar intentos pela força ou pela astucia. Em Vianna, por exemplo, uma senhora nobre, pertencente á familia Ferreira, viu-se na contingencia de ficar desamparada, porque os tres filhos varões, "cada qual allegando razões aos dois", faziam timbre de "correr á America, e foi preciso a interferencia do governador da terra, que, "sabendo a razão e louvando a porfia", inculcou que a sorte designasse um delles para ficar de "conforto á afflicta mãe." Outra honrosa porfia occorreu entre um pai e um filho que queria cada qual vir por soldado. "Assentando-se por soldado Gaspar Caminha Rego, se abraçou com o livro da matricula seu filho Affonso de Barros Caminha, que foi depois escrivão da fazenda, para que tambem o assentassem; e sem attender á autoridade do pai, obedecendo resistia, com lhe advertir, que a elle só tocava o amparo da casa e da familia. Gostosamente escandalizado, allegava o pai, em contrario, ter-se embarcado muitas vezes, com larga experiencia na guerra, de que elle a não tinha nenhuma, em tão pequena idade. Até que o general, apartando a pendencia, em que não cedendo nenhum, venciam ambos, ordenou: *que preferissem agora aos poucos annos aos muitos serviços.* (Brito Freyre: *Hist. da Guerra Bras.*, 107)." Ainda a chronica do magnifico successo regista a galante resposta de Pedro Lopes que, perguntando-se-lhe onde queria o alistassem, respondeu: "Que em três livros, ou num livro em três partes, para servir como tres homens, porque era bom marinheiro, bom piloto e muito melhor soldado." Brito Freyre, tão illustre general como estimavel historiador, comentando esses lances, escreveu que, "desprezado o trabalho, e o perigo, que resultava da viagem, e da empreza, em a qual primeiro de chegarem a servir, antecipavão a merecer, precedendo o desterro da patria ao risco da guerra, se alistara da fidalguia lusitana tão copioso numero, que podendo narrar antes as familias, que as pessoas, sem haverem ainda pelejado, mostravão que tinham já vencido, obrando todos como se tomara por si cada um (*Hist. da Guerra Bras.* 96)." Tudo quanto Portugal tinha de valoroso veio para o Brasil, e mais parece que partiam todos a um torneio maritimo do que a combater o flamengo perdido nos mares americanos. Era a renascença do genio das cruzadas.

#### A ALMA LUSITANA

Para que se comprchenda melhor aquelle extraordinario e grandioso movimento da alma portugueza, resta saber como é, e porque prodigios de amor da patria em poucos dias se conseguiu armar uma expedição de taes proporções, no meio da penuria cruciante em que estava o erario publico em Lisboa, tanto ou mais do que em Madrid, onde, com a expulsão dos mouros, quasi se estancaram as depauperadas fontes de renda e as crises de miseria e fome attingiam a proporções assustadoras com as monstruosas despezas militares. "Quando o primeiro Philippe veio ás côrtes de Thomar, escreve Oliveira Martins, a

nuvem dos pedintes era tal que se dizia não bastarem todas as riquezas da Peninsula para satisfazer a venalidade portugueza. Christovam de Moura sabia-o de perto; e ninguem ignora que essa mendicidade aristocratica trazia a penuria geral do reino, saqueado até ás ultimas pela expedição de Africa. As correrias aventureiras do prior do Crato, os bandos que o aclamaram em 1580, o simulacro de guerra, a invasão castelhana, e, depois d'ella, as associações dos ingleses com que D. Antonio veio mais de uma vez assaltar as costas de Portugal, tinham reduzido o paiz áquelle extremo de miseria e de afflicção que Áquaviva, no seu *Directorio*, acha conveniente e proprio para que o homem se converta a Jesus. Tãmanha era a penuria, que as guarnições castelhanas, condemnadas a viver do paiz occupado segundo as regras militares do tempo, não achavam que pilhar, e esmolavam, esfarpadas e famintas, pelas portarias dos conventos e pelo interior dos alcouces (*Hist. de Port. II*, 111)". Bastou, porém, que a exhortação viesse da côrte espanhola, que pela primeira vez mostrava tanto zelo e tanto carinho pelo povo que subjugára, e repercutisse em todo Portugal, onde a noticia da invasão flamenga causára maior indignação e assombro, não só pelo desastre em si como pela terrivel ameaça que envolvia o poder colonial das duas monarchias, reunidas então sob uma só corôa, que se inflammasse o peito da velha Lusitania rediviva. Nesse ponto, demos a palavra a D. Marcelino Menéndez y Pelayo, cujo depoimento é insuspeito: "Era a primeira vez que mercadores e soldados de uma potencia estrangeira invadiam, com proposito e apparatus de occupação definitiva, um ponto de littoral americano, que até agora só havia soffrido investidas de piratas, e essas mesmas com largos intervalos. Compreendeu todo o mundo a gravidade do caso, e mostrou-se disposto aos maiores sacrificios de dinheiro e de sangue. Castelhanos e portugueses emularam em patriotismo, desentresse e bizarría. E os governantes do tempo (diga-se em honra de Filipe IV e do conde — duque de Oliveiras) não se mostraram inferiores a quanto exigia este surto do sentimento popular, que se mostrou unanime tanto em Lisboa como em Madrid. Com inesperada rapidez fizeram-se os preparativos de uma poderosa expedição. A carta Régia de 7 de Agosto, em que Filipe IV annunciou aos governadores do reino de Portugal que dentro daquelle mez devia estar aparelhada para fazer-se de vela a armada do mar Oceano destinada á reconquista do Brasil, e na qual manifestava el-rei o sentimento de não poder

commandal-a em pessoa, pareceu tão nobre e magnanima como digna do monarcha de todas as Espanhas e foi acolhida pelos portugueses com jubilo indizível." Na verdade, a carta de Felippe IV, escripta do seu proprio punho, açulou o orgulho, o amor proprio e o patriotismo dos portugueses. No celebre documento, dizia elle não duvidar "que taes vassallos em similhante occasião por me servirem se sacrificuem, e que mais necessidade haveria de contê-los que não embarquem, do que incitá-los a fazerem-n'o" e concluia affirmando: "tanto os amo e estimo, que me alegrava de arriscar na jornada minha propria pessoa, provando-lhes o meu desejo não só de conservar essa corôa, mas de augmentá-la e engrandecê-la, como taes vassallos merecem." A resposta de Portugal á epistola filipina foi briosa, cavalleiresca, magnifica. "Vendo o rei tão decidido e o Conde de Oliveira tão fogoso, que pareciam zombar do tempo, dos obstaculos e dos proprios impossiveis, uma nova alma reanimou o corpo debilitado de Portugal e o velho reino, subitamente rejuvenescido, sentiu renovar-se-lhe todo o ardor dos dias de entusiasmo e de heroismo, escreve Rebello da Silva." Assim que falou, com jubilo indizível, afflicta mas confiante a Junta do Governo, todas as classes acudiram, como a supprir pelo socorro, uns da fazenda, outros do sacrificio, as urgencias do exaurido thesouro. "Porque conforme sua possibilidade, variando cada um nos serviços, se igualarão todos nas finezas. Até os moços ordinarios, faltando já poucas praças, por estar quasi completa a lotação, buscarão valias para as assentarem, como outros as costumão buscar para que os não assentem. E os generaes, que haviam deposto os bastões, pegarão em os piques; largando os velhos as moletas, para tornarem a cingir as espadas. O que fez esta expedição hu raro exemplar, não só applaudido, mas admirado, entre as nações. (Brito Freyre: *Hist. da Guerra Bras.*, 103)." A cidade de Lisboa fixou um donativo de 120.000 escudos, que, repartido pelos moradores, facilmente foi pago com moeda de contado. D. Theodosio, duque de Bragança, "o maior senhor vassallo portuguez", offereceu 20.000 cruzados para as despezas da guerra. D. Miguel de Menezes, duque de Caminha e marquês de Villa Real, contribuiu com 16.500 cruzados. D. Manoel de Moura Côrte Real, marquês de Castello Rodrigo e conselheiro do Estado, deu 3.350 cruzados. D. Carlos de Borja, duque de Villa Hermosa e conde de Ficalho, presidente do conselho de Portugal, pagou 2.400 cruzados. Outros muitos fidalgos e titulares do reino concorreram ainda com

#### LUTHERO E A HYPERTROPHIA DO "EU"

O que impressiona, antes de tudo, na physionomia de Lutero, é o *egocentrismo*: alguma coisa de muito mais subtil, de muito mais grave e de muito mais profundo do que o egoismo; um *egoismo metaphysico*. O *eu* de Lutero torna-se praticamente o centro de gravitação de todas as coisas, sobretudo na ordem espirital: e o *eu* de Lutero não é apenas feito das disputas e das paixões de um só dia, tem, antes, um valor representativo, é o *eu* da criatura, o fundo incommunicavel do individuo. A Reforma debrudou o *eu* humano na ordem espirital e religiosa, como a Renascença o libertára na ordem das actividades naturaes e sensiveis.

Em Lutero o sentimento hypertrophiado do *eu* é essencialmente um sentimento de vontade, de *realização da liberdade*, como diria, posteriormente, a philosophia allemã. Seria mistér insistir ainda sobre o seu egocentrismo, e mostrar como, no seu conceito, o *eu* é o centro, não á maneira de Kant, por força de uma pretensão da intelligencia humana de se tornar a medida de todas as coisas intellegiveis, mas por uma pretensão da vontade individual, scindida do corpo universal da Egreja, de se collocar inteiramente livre diante de Deus e de Christo, para assegurar, pela sua confiança, a absolvição e a salvação.

Justifica-se pois a busca, no pensamento de Lutero, da fonte dessas duas grandes idéas, que parecem collocadas juntamente na historia da philosophia: a idéa do *mal radical*, que atravessará a philosophia allemã, com Boehme, com o proprio Kant, com Schelling, com Schopenhauer; e a idéa do *primado da vontade*, que se imporá a essa mesma philosophia, principalmente com Kant, Fichte, Schopenhauer, — como si o Pessimismo e a vontade fossem, em metaphysica, as duas faces complementares de um mesmo pensamento.

Por outro lado, uma forte corrente do pensamento moderno, sobretudo francêsa e originada na Renascença e em Descartes, e não em Lutero, encaminhar-se-á em sentido opposto, para o *racionalismo* e o *optimismo*, com Malebranche, Leibiniz, a philosophia das luzes; Jean Jacques, a quem a metaphysica não perturba, achará um meio de conjugar o optimismo com o anti-intellectualismo; mas nunca, na philosophia moderna, a Intelligencia e a Vontade chegarão a se reconciliar e o conflicto dessas duas faculdades espirituas amargará, cruelmente, no fundo da consciencia dos homens deste tempo.

JACQUES MARITAIN.

quantias vultuosas, taes como D. Luiz de Souza, alcaide-mór de Beja, senhor de Brin-gel e governador que foi do Brasil; D. João de Athayde, conde de Castanheira; D. Pedro Coutinho, governador que foi de Ormuz; Francisco Soares; D. Pedro de Alcaçovas; Constantino de Magalhães, senhor da Ponte da Barra; e outros muitos, todos empenhados em resgatar a honra da nação. O alto clero também o correu pressuroso. D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisbôa, o arcebispo de Braga e primaz de Espanha D. Affonso Furtado de Mendonça, o metropolitano de Evora D. José de Mello, D. João Manuel, arcebispo de Coimbra, e bem assim D. Francisco de Castro, bispo da Guarda, D. Rodrigo da Cunha, bispo do Porto, e D. João Coutinho, bispo do Algarve, e tanto outros prelados accudiram com o que lhes era possível, como esportula sagrada naquelle instante devido á patria em afflicção, dando cada qual entre quatro e mil cruzados. Fóra da nobreza, muita gente se moveu para o bom exito da empreza, uns com dinheiro, outros com serviços, outros com munições de guerra ou mantimentos. Armadores e proprietarios de navios entregavam embarcações livres de fretes para serem incorporadas á armada. O marquês de Castello Rodrigo, grande de Portugal e de Espanha, fidalgo da velha estirpe e larga esphera, da tempera classica dos heróes de sangue e de espada, ainda se apresentou com uma luzida companhia de mosqueteiros, unica no exercito expedicionario. D. Pedro de Menezes, conde de Castenhede fez o mesmo com gente de sua casa, e á sua custa. Tristão de Menezes Furtado também armou por sua conta o navio que commandou, "com toda gente de mar e de guerra, artilharia e munições, sem soldo ou ração da fazenda real". Quem não podia offerecer dinheiro, nem armas, nem munições dava serviços. Foi assim que em escassos dias se reuniram todos os recursos indispensaveis para a parte com que Portugal ia entrar na expedição; navios, soldados, munições de guerra e de bocca, e uma caixa de cerca de 230.000 cruzados para custeio da armada. A fazenda publica não dispendeu um real. Nada mais era necessario para mostrar á Europa que no peito lusitano, em quarenta e cinco annos daquelle eclipse da soberania nacional, estava ainda bem vivo e palpitante o sentimento da patria estremecida. "Nunca, escreve um historiador, desde o cerco de Mazagão, na menoridade de São Sebastião, se notára nos fidalgos e senhores igual fervor de empunhar as armas em jornada dilatada de 1.500 leguas, tão perigosa pelo mar, pelo clima e pela fortaleza do inimigo. A expedição portugueza não passava de 4.000 homens, mas era tanta a nobreza nella, que não havia memoria de expedição mais lustrosa, nem de gente tão bem nascida, desde que a derróta de Alcaçer sepultára a flôr das esperanças de Portugal. El Rei, inspirado pela necessidade, quiz que se louvasse em seu nome collectivo e individualmente estes testemunhos de dedicação, e pediu os nomes dos melhores vassallos para os recompensar como recompensou depois. (Rebello da Silva: *Hist. de Port., III, 347*). Na verdade, desde a expedição de D. João I a Ceuta e da cavalgada sublime a Tanger do desventurado D. Sebastião, a "maravilha fatal da nossa idade", que fez rolar a corôa lusitana pelos areiaes d'Africa, não houve exemplo de outra mais entusiasta, mais garrida e mais brilhante. Portugal inteiro quer embarcar para o Brasil. Fidalgos de mais gentil sangue de entre Tejo e Guadiana, homens de prol d'daquen e d'além Minho, marquêses, condes, barões, conselheiros do rei, commendadores de Christo e da Calatrava, cavalleiros de Aviz e de Santiago, morgados, procuradores de cidades e villas, alcaide-móres de castello e praças, capitães de peleja, e outra muita gente grada da córte, formam a faustosa legião, tão garboza e tão intrepida que lembava a ala dos namorados que venceu em Aljubarrota, os soldados moços e alindados de D. João III e os denodados companheiros de D. Sebastião. Nesses senhores galhardos e ufanos, vestidos de trajos de guerra, com gibões de setim e ornados de alamares e rendilhas, capas de damasco e colletes de veludo, couras bordadas e calções enfeitados, meias de retroz, chapéus de plumulas, grossos

collares e cadeias cravcadas de pedras rutilantes, ostentando espadas de copos de ouro cinzelado mettidas em cintas ricas, corriam o sangue daquelles veneraveis batalhadores que haviam auxiliado os reis portuguezes a construir a patria e a firmar seu nome. Facil é reconhecer dentro elles os representantes dos Menezes, Noronhas e Albuquerque, fidalgos dos maiores de Portugal, ligados á casa real lusitana e parentes dos reis de Castella, cuja nobreza se espartelava em esmaltes e metaes

#### A FE' ACTIVA

Do discurso do Sr. Carlos Malheiro Dias, agradecendo uma manifestação que que lhe promoveram os "novos" de Portugal, do grupo da *Contemporanea*, transcrevemos estas palavras de crença e de aviso, de fé e de previdencia.

"A enfermidade portugueza não se cura com eloquencia. Ha mesmo palavras que, embora reputadas como talismans miraculosos, devem usar-se com parcimonia e prudencia. Mais do que tudo, uma grande fé é necessaria — preconizam os patriotas. Mas a fé (não me refiro á religiosa, applicada na adoração da Divindade) é arma de dois gumes, que conquista e mutila. Fé é uma encarnação da paixão. De todas as vezes que a paixão da fé se applicou cegamente aos assumptos terrenos gerou o delirio e a intolerancia. A fé é a força indomavel e furibunda, perante a qual abdica, impotente, a intelligencia. Sem duvida, a fé é necessaria — se bem que para alguns privilegiados não seja indispensavel — mas é a fé de olhos abertos, a fé que decorre dos convencimentos da razão e não das exaltações do instincto. Penso que se está difficul-tando a solução das afflicções nacionaes com uma falsa interpretação do papel que a fé desempenhou nos destinos do povo portuguez.

Nunca fomos um povo animado de um ardente espiritualismo. Raras vezes nos alçamos até á santidade. Sem negar que alguns mysticos, como o sublime Condestavel, tenham influido no curso da nossa historia, certo é que, mesmo nessa hora de poesia cavalheiresca, em que céo e patria se confundiram nas almas, o prosaismo utilitario de D. João I temperava, com o bom senso portuguez, o mysticismo archangelico de Nun'Alvares. O maior emprehendimento da grey, que os historiadores do romantismo qualificaram de heroica aventura, hoje sabemos que foi uma empreza meditada, organizada, inspirada por uma politica transcendental.

A fé que vos trago não é a fé cega, a fé sectaria, a fé que espera o milagre, mas a fé activa de um homem a quem a experiencia ensinou que nada de bom se produz sem esforço: a fé simplista que não distingue entre o trabalho do lavrador para transformar em pão a seiva da terra e o trabalho de um estadista para transformar em prosperidade a seiva de uma nação. Que succederia ao lavrador que semeasse sem lavar? Ao louco que lançasse para entre as urzes as sementes de trigo á espera do milagre? Nós estamos semeando um pouco entre as urzes. Por isso colhemos espinhos, e máo semeador attribue á aspe-reza da terra o que só devera attribuir á sua impericia".

ao pescoço do veado heraldico do timbre, ostentando nos seus escudos as barras de Aragão, as quinas sagradas de Ourique e os leões batalhantes de Castella. Os famosos Cesares de Menezes deram dois representantes, os filhos do illustre Vasco Fernandes Cesar, provedor dos armazens reaes, alcaide-mór de Alenquer e general de artilharia, descendente daquelle Sebastião Cezar de Menezes, o maior theologo de seu tempo e politico terrivel, con-

siderado pelo saber e pelo orgulho *sol cesareo, segundo uns, ou romano cesare major*, segundo outros, e que apparece naquella formidavel *Lucta de Gigantes* divulgada pelo genio de Camillo. Havia gente das linhagens dos Castros, dos Menezes, dos Tavoras, dos Souzas, dos Cunhas, dos Almeidas, dos Peireiras, dos Almadas e de outros muitos senhores. Quasi todos os titulos poderosos e dilatados, que figuram no *Livro Velho das Linhagens*, no *Nobiliario do Conde D. Pedro* e no tecto dourado da *Sala dos Brasões* do Paço de Cintra, ahi se encontram. Quanto á armada de Castella, diz Rocha Pitta (*Am. Port.* 113), que "não era de menor apparato, nem de menos espectação, antes superior em naus, gente e experiencia, conduzindo muitos cabos e soldados veteranos tão exercitados nas facções de terra como nos conflictos de mar. Traziam nella postos differentes, varios titulos e fidalgos italianos, vassallos del-rei de Espanha. Dos castelhanos vinham muitos de elevada esphera, uns já famosos na profissão da guerra, e outros que escolheram esta occasião do maior furor della para ensaio do seu novo militar emprego." Afinal, com desusado enthusiasmo e rara rapidez apparelham-se as duas esquadras que vão compôr a armada restauradora, constituída de 63 velas, entre galés, fustas, galeões, urcas, patachos e caravellas, dos quaes 26 de Portugal e 37 de Castella, inclusive os transportes, conduzindo 945 canhões, munições para dilatado cerco e cerca de 12.000 homens de peleja, sendo 4.000 lusitanos, 7.500 castelhanos e 500 napolitanos.

#### A ARMADA DE CASTELLA

A esquadra de Espanha tinha por almirante o insigne D. João Fajardo de Quevara e Tença, commendador de Montachuelos, senhor de Espinaredo, Conti e Monteagudo, e do conselho de guerra do reino, official pratico e esforçado, nome de "grande noticia das coisas do mar". Tratava-se de um velho servidor da monarchia, e commandava a armada de Gibraltar havia 18 annos, quando tomou o seu novo posto, e era filho de um outro grande general, D. Luiz Fajardo, cuja prudencia e disciplina passavam como proverbiaes. Na armada real de Castella vinham: Pedro Rodrigues de Santo Estevão, marquês de Crópani, mestre de campo do terço napolitano; o mestre de campo Carlos Caraccioli, napolitano, marquês de Torrecusa; Diogo Rodrigues, capitão e sargento mór, do conselho de guerra de S. M. em Flandres; D. Francisco de Faro; D. Luiz de Coutinho; João Girão de Cardenas, cavalleiro da Ordem de S. Tiago; o governador e sargento mór João Vincencio Sanfelice, da Ordem de S. Tiago, conde e mais tarde principe de Bagnuolo, e que tão relevantes serviços prestou ainda ao Brasil nas guerras contra a Hollanda, tendo derrotado o principe de Nassau na Bahia, em 1632, D. Francisco de Azevedo y Bracamonte; D. Francisco de Ribera; D. João de Orellana, capitão de infantaria, e da Ordem de Calatrava; D. Pedro Osorio; Martin de Valdecilla, cavalleiro do habito de S. Tiago; tenente general Pedro Cortez de Amentoros; D. Francisco Gracian; D. Francisco Ponce de Leon, do habito de Calatrava; D. Henrique de Aragão; D. Antonio de Tovar; D. Rodrigo Portocarrero; Hector de la Calche; D. Antonio Troncoso; D. Alonso Henrique; D. Alvaro de Valladares; D. Thomás de Iriarte; D. Antonio d'Eça e Peralta; D. João de Ojeda, e tantos outros. A presença de alguns grandes de Espanha fidalgos gascões, borgonheses, aragoneses, gallegos, davam maior luzimento á expedição, e eram os principaes D. Manoel de Gusmão, da Ordem de S. Tiago, tio do duque de Medina de las Torres, marquês de Toral e Heliche; D. Francisco de Sandoval, também da ordem de S. Tiago, tio do duque de Lerma; D. Pedro Velaz de Medrano; D. Gonçalo de Cordoba; D. Ambrosio Espinola; D. Pedro de Santo Estevão, sobrinho do conde de Crópani; D. João de Torreblanca; D. Pedro de Aguiar e D. João de Isunça, estes dois cavalleiros de S. João. Acompanharam ainda a armada espanhola o licenciado D. Jeronymo Quesada de Solosano e Tamaio, na qualidade de auditor geral de mar e terra, frei Alonso da Conceição e o pintor Felix de Castello.

## A ARMADA DE PORTUGAL

A armada de Portugal trazia por capitão general o "prático, estimavel e valoroso" D. Manoel de Menezes, chronista mór e cosmographo de S. M., tão illustre de sangue como respeitado pela sciencia e pelo character, o qual se fez acompanhar de seu filho o capitão D. João Telles de Menezes, que defendeu mais tarde Olivença, governou o Porto e foi embaixador na Hollanda em 1649, e por almirante D. Francisco de Almeida, promovido depois aos generalatos de Mazagão e da Ceuta, proximo parente do primeiro visor-rei da India, o heroe da batalha de Toro e do cerco de Granada, grande politico e maior guerreiro, o homem que el-rei sempre indicava para as grandes empresas. Na nau capitania da armada real, que era o galeão *S. João*, vinham com o general D. Manuel de Menezes, como soldados razos: D. Affonso de Portugal, conde de Vimioso; D. Duarte de Menezes, conde de Tarouca, terceiro neto de Duarte de Menezes, visor-rei da India e quinto de outro de igual nome, conde de Vianna; Antonio Telles da Silva, governador que foi do Brasil; D. Alvaro de Abranches da Camara, da mais alta nobreza do reino e que mais tarde occupou grandes postos, filho unico de D. Francisco Coutinho, herdeiro da opulenta casa de Abranches e neto do Conde de Villa Franca; D. Affonso de Menezes, depois senhor da Ponte da Barca, herdeiro da grande casa de seu pai, D. Fradique de Menezes; D. Francisco Luiz de Faro, depois conde de Odemira, aio d'el-rei D. Affonso VI, dos conselhos de Estado e guerra, filho do Conde de Faro, do conselho do Rei e vedor da fazenda real; D. João de Portugal, filho de D. Nuno Alvares de Portugal, conde de Vimioso, presidente que foi do Senado da Camara e governador do reino, descendente da casa de Bragança, e a cuja familia pertencem ainda os marqueses de Valença, os condes de Teutugal e os marqueses de Gelves, em Castella; Alvaro Pires de Tavora, filho de Rui Lourenço de Tavora, do conselho d'Estado e visor-rei da India e herdeiro de D. Nuno Alvares Pires de Tavora; D. Henrique de Menezes, filho mais velho do senhor de Lourical; D. Fernando de Menezes; D. João de Lima, marquês de Tenorio por Castella e filho do visconde de Villa Nova de Cerveira; D. Diogo de Vasconcellos e Menezes e seu irmão D. Sebastião, filhos de D. Affonso de Vasconcellos, senhor de Penella; Alvaro de Souza, primogenito de Gaspar de Souza, do conselho d'Estado e governador geral do Brasil; Duarte de Albuquerque Coelho, senhor e donatorio de Pernambuco, "que deu mesa a 300 vassallos seus, alem de 37 criados, e outros soldados mais, enquanto durou o sitio da Bahia"; Gonçalo de Souza, filho herdeiro de Fernão de Souza, senhor de Gouvêa e governador de Angola; João da Silva Tello de Menezes, que foi visor-rei da India e primeiro conde de Aveiro, e herdeiro da opulenta casa de seu avô D. João Tello, governador de Portugal; Nuno Gonçalves de Faria, irmão do almotace-mór Francisco de Faria, alcaide-mór de Faria, celebre por um acto de heroismo e de lealdade patriótica, no tempo de D. Fernando, de Portugal, feito este que Alexandre Herculano aproveitou nas *Leendas e Narrativas*; D. Nuno Mascarenhas, que pelejou mais tarde como mestre de campo na batalha de Montijo, e ahi morreu em defeza da patria; Antonio Carneiro de Aragão, senhor e primeiro conde de Ilha do Principe, de cuja familia é tronco em Portugal D. Pedro de Aragão, que acompanhou ao reino a rainha Santa Izabel; Sebastião de Sá e Menezes, commendador e alcaide-mór da casa de India; Pedro da Silva Cunha, que foi governador e capitão general da Madeira; Rodrigo de Figueiredo Alarcão, que foi governador das armas na provincia de Trazos-Montes, gentil-homem da camara do principe D. Pedro, de nobreza originaria de Castella, cujos varões figuram na historia da aristocracia portugueza com os appellidos de Figueiredo, Lencastre e Menezes, sendo ainda ligado a Pedro Alvares Cabral; Antonio de Figueiredo de Vasconcellos e dois irmãos, "todos tres destinados em diferentes lugares aos proprios sacrificios, deram as vidas

pela patria, igualando-se no sangue vertido e no herdado, ao nascimento da natureza, a fortuna da Morte"; Nuno da Cunha, filho do senhor de S. Vicente da Beira; D. Lourenço de Almada, filho herdeiro de D. António de Almada, que foi embaixador de Inglaterra; Antonio de Sampaio, filho de Manuel de Sampaio, senhor de Villa-Flor; Simão de Mascarenhas, do habito de S. João, filho de Pedro de Mascarenhas, senhor de Alcacer; e grande numero de outros da primeira nobreza do reino, cada qual mais entusiasta e mais orgulhoso daquela missão. No navio almirante *Santa Anna*, com D. Francisco de Almeida, embarcaram: Pedro da Silva, governador que foi da Mina, depois do Brasil e primeiro conde de S. Lourenço; D. Alvaro Coutinho, senhor da casa de Almourol; D. Francisco de Portugal, da casa dos Vimiosos, commendador de Fronteira, e estimavel poeta dos *Divinos e humanos versos*; D. João de Souza, alcaide-mór de Thomar; Antonio Corrêa, senhor de Bellas e da ilha de Boa Vista em Cabo Verde; Antonio de Castello Branco, senhor de Pombeiro e da linhagem do primeiro conde de Sabugal; Rui de Moura Telles, senhor da Povoas Meades, estribeiro-mór da rainha, e dos conselhos de Estado e de guerra; D. Lourenço de Almeida; Antonio Pinto Coelho, senhor de Filgueiras; D. Fernando Alvares de Toledo; Diogo Gomes de Figueiredo, general de artilharia na Bahia; e outros capitães já de fama no reino. No galeão *Nossa Senhora da Conceição*, commandado pelo mestre de campo Antonio Moniz Barreto, "primoroso na gentileza e nas maneiras, infeliz nas aventuras do mar, que por ultimo lhe abriu o sepulchro, e estimado pela intrepidez do animo e pela suavidade da lingua", seguiram entre outros, o moço D. Antonio de Menezes, primogenito de D. Carlos de Noronha, presidente da Mesa da Consciencia; Jorge de Mello, filho do monteiro-mór de Portugal; D. Lopo da Cunha, senhor de Sentar; Luiz Cesar de Menezes, depois alferes mór do reino, e seu irmão Pedro Cesar de Menezes, que foi do conselho de guerra, filhos de Vasco Fernandes Cesar, provedor de S. M.; Henrique de Miranda Henriques, senhor de Ferreiros e Tendaes; D. Francisco de Mello e Castro, que morreu general da armada portugueza e era filho do capitão-mór das náos da India; Pedro Cezar d'Eça, filho do provedor das armadas de S. M.; e outros fidalgos das primeiras casas do reino. A bordo do galeão *S. José*, sob o commando de D. Rodrigo Lobo, estava no posto de simples soldado raso, D. Affonso de Noronha, do conselho do Rei, famigerado capitão de Ceuta e Tanger, almirante da armada real, governador do reino de Algarve e visor-rei da India, um dos nomes mais gloriosos entre os da sua geração, tanto pelos seus feitos militares e serviços administrativos, como pelas virtudes pessoas ou, como diz o chronista, "um dos notaveis portuguezes, a quem deve o reino mais saudosa memoria" O caso de D. Affonso de Noronha merece especial menção. O velho fidalgo preparava-se para ir tomar o governo da India, como visor-rei, em companhia do filho D. Miguel de Noronha, conde de Linhares e governador de Tanger, quando, em alto mar, teve noticia da guerra na America Brasileira, e, então, com o peito a ferver em entusiasmo e querendo dar um exemplo de acendrado patriotismo, apresenta-se, embora velho e cansado, mas ainda para muito, e alista-se como soldado na heroica empresa, "exemplo não necessario, diz D. Manuel de Menezes, para a disposição de animo com que estavam os mais senhores e fidalgos, mas efficaç para os abrasar quando frios e esquecidos estivessem" Encontravam-se mais no galeão: D. Sancho de Faro, da Ordem de S. Tiago e filho do conde de Vimieiro; Dom Luiz Alvares de Tavora, conde de S. João, senhor da casa de Mogadoura e um dos mais opulentos fidalgos do reino, e seu filho primogenito Antonio Luiz de Tavora; D. Henrique Henriques, senhor de Alcaçovas; D. Rodrigo da Costa, filho de Julião da Costa, conselheiro d'Estado; D. João de Menezes, filho herdeiro de Diogo de Menezes, chamado o Roxo; D. Diogo de Noronha, filho; Lopo de Souza; D. Manuel Lobo, filho de D. Francisco Lobo; Manuel de Souza Mascarenhas, que foi governador e capitão general da Ma-

deira; D. Diogo Lobo, filho de D. Rodrigo Lobo, cujo appellido procede de D. Pedro Paes Lobo, primo da rainha D. Mecia Lopes de Haro; Rui Dias da Cunha; e Francisco Barreto de Menezes, que ganhou depois a victoria dos Guararapes e foi o restaurador de Pernambuco, todos fidalgos de alta linhagem. No galeão *N. S. do Rosario*, armado por seu capitão Tristão de Mendonça Furtado, que foi embaixador na Hollanda, embarcaram Francisco de Mendonça Furtado e Christovão de Mendonça Furtado, filhos de João de Mendonça Furtado, e bem assim Gaspar de Paiva Magalhães, D. Manuel Coutinho, D. Antonio de Mello, Pedro da Camara e Mello, os quatro irmãos Travassos, e outros, enquanto a bordo do *N. S. do Rosario*, maior, se encontravam, além de Rui Barreto de Moura e Menezes e seu filho João Alvares de Moura, D. Luiz Coutinho, filho do conde de Redondo, D. Alvaro e seu irmão, D. Francisco de Lencastre, filhos do marechal de Portugal, Simão de Figueiredo Castello Branco, Diogo de Souza Castro e varios outros. Nos demais galeões, caravellas e naus navegavam representantes da mesma nobreza, todos briosos e galhardos, podendo citar-se ainda os nomes de Esteves de Brito Freire, "que, tendo grossas fazendas, com dois dos melhores cunghios na Bahia, logo que se perdeu aquella praça, fez serviço a el-rei de 200 escravos, para ajudarem nas fortificações" e offereceu a D. Fradique muitos mantimentos; Diogo da Silveira, filho herdeiro de D. Alvaro da Silveira e neto do Conde de Sortelha; João Mendes de Vasconcellos; João Machado de Brito, senhor de Sanseris e Frietas; D. Rodrigo e D. Fernando da Silveira, filhos do senhor das Cercedas e Toveira Formosa; Lourenço Pires de Carvalho, filho do provedor das obras do reino; Martim Affonso de Oliveira de Miranda, morgado de Oliveira; Christovão Cabral, do habito de S. João; Lançarote da França; Estevam Soares de Mello, da casa dos Mellos; Duarte de Mello Pereira e dois filhos; Domingos Pereira d'Eça e Roque de Montarros; "além de outros quasi innumeráveis sujeitos de qualidade e valor, que com termos nomeados e muitos, ficam ainda tanto para nomear, que não permite a sua larga narração, o succinto da nossa historia, escreve Brito Freire.

## A RECONQUISTA DA BAHIA

A armada portugueza, poçando as brancas velas, palpitantes e triumphadoras, zarpo do Tejo a 22 de Novembro de 1624, com destino a Cabo Verde, onde devia esperar pela de Espanha, procedente de Cadiz, composta pela reunião das esquadras chamadas do Oceano, do Estreito, de Biscaya, dos Quatro Villas e de Napoles, e que saíra de Cadiz a 14 de Janeiro seguinte. Aos 6 de fevereiro reuniram-se as duas armadas na Bahia de Santiago. Ali assumio o commando geral da esquadra lusoespanhola o generalissimo D. Fradique de Toledo. Tendo levantado ferros de Santiago, cinco dias depois, veio a esquadra fundear no dia 29 de Março no porto da Bahia, tomando a barra de noroeste e suéste, afim de impedir que se escapasse a frota hollandesa, que, em numero de 25 navios, se limita a tomar posição sob as baterias da praça. E' conhecida a situação de angustia em que se encontram os hollandeses na cidade completamente sitiada. Ainda resistem, porque esperam a todo momento a chegada de auxilios da Europa, que, retardados por temporaes, só appareceram a 22, depois de rendida a praça, e eram representados por 34 náos, commandados pelo almirante Hendrikson, que, não se aventurando a um combate, velejou para a Hollanda; e com tanta certeza contavam os inimigos com esse socorro que, ao avistarem os navios da Espanha, em alto mar, muito se regosijaram suppondo que fossem elles flamengos. No dia 30 estabelece-se o circulo de ferro em torno da praça. Ahi então é que se sentio com que consciencia do seu papel e com que sentimento do seu valor operou aquella legião de fidalgos generosos e destemidos, e em cujo peito não se sabe o que havia mais — se o instinto da bravura, se o preconceito da honra. No dia 31 começa o desembarque. A primeira columna, de 2.000 castelhanos, 1.500 portuguezes



e 500 italianos do terço de Nápoles, salta na praia do Sul da cidade, entre S. Antonio e S. Bento, e sem encontrar resistencia por parte dos invasores. A essas forças logo se juntaram as tropas de D. Francisco de Moura, entre as quaes figuravam a gente conduzida do Rio por Salvador Corrêa de Sá, o futuro restaurador de Angola e que, dias antes, se batera contra o almirante Pieter Heyn na defesa de Victoria e os duzentos legionarios pernambucanos que Jeronymo Cavalcanti de Albuquerque Maranhão, filho do famoso conquistador deste nome, armou e conduziu á Bahia, á sua custa, assistidos de seus dois irmãos Felipe Cavalcanti de Albuquerque e João Cavalcanti de Albuquerque, Felipe de Moura, Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, Affonso de Albuquerque, Feliciano Coelho de Carvalho, Antonio Cardoso de Barros, Francisco Gomes de Mello e outros, todos de sua nobre parentella. Não é demais assignalar que, como sempre, esses Cavalcantis se mostravam bravos, generos, dignos da reputação que já haviam feito na patria. Fr. Vicente do Salvador (*Hist. do Brasil*, 567), registando o occorrido, escreveu: "Os Cavalcantis entraram na Bahia, donde foram bem recebidos de todos, particularmente do capitão-mór, D. Francisco de Moura, seu primo, e do senhor de Pernambuco, Duarte de Albuquerque, que havia vindo na armada por soldado, e Sua Magestade se deu do feito por bem servido, como o manifestou em uma carta que escreveu ao mesmo Jeronymo Cavalcanti" Ainda me permitto recordar o gentilhomen pernambucano Duarte de Albuquerque Coelho. Era senhor de Pernambuco, em cujos campos batalhou contra os flamengos, deixando dessa luta *As memorias diarias da guerra hollandesa*, e foi mas tarde marquês de Basto, titulo que pertencera ao sogro o conde D. Diogo de Castro, visorrei de Portugal nomeado pelos espanhões. Era filho, em segundas nupcias, de Jorge de Albuquerque Coelho, a mais bella e nobre figura que nos deixaram os tempos coloniaes, rico de bravura e de generosidade, heróe e enfermeiro-mór do exercito de D. Sebastião na derrota epica de Alcacer-Kibir, em que se fixou, como bem lembra Oliveira Lima, a lenda cavalleiresca do fidalgo "que, tendo por vezes recusado ao seu soberano um soberbo ginete, lh'o offerece na batalha, na occasião do maior perigo" De Duarte de Albuquerque Coelho foi cantor o nosso primeiro poeta, Bento Teixeira Pinto, que, na *Prosopéa*, escreveu:

Que eu canto um Albuquerque soberano  
Da fé, da chara patria firme muro,  
Cujo valor e ser que o Céu lhe inspira,  
Póde estancar a lacia e grega lyra...

Apoderam-se os pernambucanos de dois baluartes, artilhando-os com 37 bocças de fogo, e com os quaes repellem os flamengos que tentam obstar a fortificação dos postos tomados. Não demorou que se encetassem combates em torno da cidade amargurada. A peleja prolonga-se por muitas semanas, com grande assombro dos sitiantes, que não comprehendiam como o intuito daquelle heroismo absurdo consistia em retardar a queda da praça, porfiada e valorosamente defendida, até que cheguem as duas esquadras flamengas, armadas em Amsterdã pela Companhia para segurar a conquista. Na lida em volta dos fortes bastiões, tombam alguns daquelles nobres typos da aristocracia peninsular, que abnegadamente morriam na terra americana, a exemplo do morgado de Oliveira, "o qual se embarcou enfermo de Lisboa, e, advertindo-o parentes e amigos que não tratasse da jornada, respondeu que unguido havia de ir nella, tanto era o desejo que tinha do serviço do rei, não só em esta occasião mas em outras muitas já bem mostrado (Fei Vicente: *Hist. do Brasil*, 574)." Todos queriam andar na vanguarda, e preferindo sempre os postos de maior perigo. "Muitos fidalgos portuguezes, B. Freyre, (Ger. Br. 131), soffregos na competencia generosa de se avantajarem, sem alistar-se em nenhuma companhia, assistiam sempre diante dos que estavam na vanguarda, na cabeça das trincheiras. Até que chegando á noticia de Dom

## UM ESTERILISADOR — RENAN

Elle professava que nada é inteiramente verdadeiro nem falso. Era o philosopho do senso commum. Considerava a fé, o enthusiasmo, a sinceridade, a exaltação, como ingenuidade romanticas, e, assim como reduziu Jesus a proporções accitaveis e convenientes, apresentando-o como um sonhador distincto, mostrava que a paixão e o desejo do absoluto são os peiores inimigos da boa digestão. Toda generosidade lhe parecia uma deformação, de que sorria com uma displicencia. Detestava a "horriavel mania da certeza" e diante de cada acontecimento humano, murmurava com superioridade: "Que importa isso a Sirio?"

Foi assim que esse velho sagaz ensinou o pessimismo, o scepticismo, o menor esforço a toda uma geração de moços, alguns dos quaes, como Bourget e Barrés, depois do o terem adorado, libertaram-se de seu charco moral pela volta á fé ou ao ardor patriótico. Mas quantos ficaram comprometidos! Póde-se ver em Anatole France o typo do renaniano impenitente: ainda assim, embora tarde, fez-se bolschevista, para escapar á dissecação, tentando crer em alguma coisa, não importa em que. Renan foi o mais terrivel esterilizador moral. Sua obra perfumada acabou por cheirar tão mal, como as flôres de que se esquecem de mudar a agua. Foi preciso a guerra para varrer os derradeiros miasmas do renanismo, embora tenha já percebido que viver pela intelligencia pura é viver anormalmente. O homem, que ousou escrever esta phrase afrontosa: "A França morre, não perurbai a sua agonia", foi o principal representante do espirito de derrota, de indiferença, de obediencia ao germanismo em marcha para a conquista da Europa. Mas eu aposto como os discursadores officiaes esquecerão esta phrase. Ella os incommodaria. Depois do Marne, não nos importa mais.

CAMILLE MAUCLAIR.

Fradique, os obrigou a assentar praça, com ordem só de acudirem, e não excederem ás obrigações militares. Porque além de reservarem o valor de pessoas tão illustres, ao perigo das occasiões mais importantes, era tirar a honra aos outros fidalgos, que na esperança daquelles suores de maior credito, se animaram aos de mais trabalho". Por fim, a guerra assume um aspecto singular. Os sitiantes, depois de um mês inteiro de lutas, transpõem os baluartes já de brechas abertas, e as refrégas continuam dentro da cidade. Lutava-se nas ruas, como numa sanha inconcinda de bandos que se perseguem e se encarniçam á vista do sangue. D. Manuel de Menezes, num estylo colorido e sobrio, descreve esses tragicos dias, dando-nos a suggestão nítida daquelle inferno em que as furias se laceram como num hospicio invadido de terror. Até que no ultimo dia de abril os intrusos, não podendo mais resistir, pedem e assignam a capitulação, entregando elles a cidade, após um anno de posse, com todas as armas, seis navios, munições, presos, escravos e prisioneiros, e os vencidos, reduzidos a 1.912 homens, na maior parte aventureiros inglezes, francezes e flamengos de provado valor, embarcaram para a brumosa Hollanda. Tendo colhido todos os fructos da victoria, mostrou-se D. Fradique de Toledo generoso com o inimigo. Refere, porém, um historiador que ao entrar na cidade celebraram os religiosos a espantosa cerimonia de "açoitar os pulpitos profanados pelos hereges", e mais, "que se lhes desenterraram os corpos que haviam sido sepultados no recinto das igrejas, levando-os para terreno não sagrado fóra dos muros". Tinha-se, pois, desaffrontado com gloria a soberania das Espanhas, e principalmente graças á generosidade, á nobreza e ao destemor dos paladinos da fé lusa a Bahia foi restaurada.

## A DESGRAÇA DOS VENCEDORES

Por fim, aos 4 de agosto, depois de entregar o governo da cidade libertada a Dom Francisco de Moura, guarnecida apenas de um reforço de mil soldados, insufficiente para castigar o inimigo na sua nova investida em 1627, D. Fradique de Toledo, que foi "digno de louvor pelo que obrou, como pelo que deixou de obrar", se fez de véla para a patria com a luzida frota. O regresso, porém, foi um desastre que nos commove sobremaneira, o que levou o chronista a escrever que "têm tanto razão os vencidos de sentir a desgraça, como os victoriosos de temer a fortuna" A exemplo do que occorreu com as frotas gregas depois do maravilhoso e demorado cerco de Troya, galés, galeões, galeotas, caravellas e fustas das vistosas armadas foram dispersadas em combates com temivcis corsarios, destruidas por continuas e rigorosas tormentas, desviadas do seu rumo por varios accidentes, e chegam a Portugal e a Castella re-

duzidas a 15 náos. D. Manoel de Menezes entrou em Lisboa, donde partira tão ufano, conduzindo 26 náos empavezadas, num pobre galeão, o *Santa Anna*. Ao victorioso D. Fradique de Toledo, que ajuntára aos louros da guerra do Brasil outros não menos honrados ganhos em porfiadas lutas, estava reservado maiores angustias. Victima do despeito, da inveja ou da soberbia do fero Olivares, que não estimava os homens de guerra e de mar que ainda restavam á Espanha, veio a morrer em 1634 numa prisão de Madrid, procesado e condemnado pelo feio crime de, "desafiando o temivel desagrado do omnipotente valido", pretender evitar á patria o vexame de uma derrota na terra onde vencera com lustro e com honra a sua refulgente espada. A poesia castelhana, que lhe havia exalçado em vida a gloria pela tuba sonora do grande Carpio, inscreveu em seu venerable túmulo, com a pena de Quevedo, este conceituoso epitaphio, que é uma replica á clamorosa injustiça com que fóra tratado o heróe de tantas batalhas:

Al baston, que le vistes en la mano  
Com aspecto real y floreciente,  
Obedeció pacifico el tridente  
Del verde emperador del Oceano.

Fueron oprobio al belga y luterano  
Sus órdenes, sus armas y su gente,  
Y en su consejo y brazo, felizmente  
Venció los fados el Monarca hispano.

Lo que en otros perdió la cobardia,  
Cobró armado y prudente su denuedo,  
Que sin victorias no contó algún dia.

Este fué Don Fradique de Toledo,  
Y hoy nos da desatado en sombra fria,  
Llanto á los ojos e al discurso miedo.

D. Fradique de Toledo vive ainda para a posteridade na téla do pintor madrilenho Felix Castello, discipulo de Carducci, a qual representa o desembarque do Marquês de Valdueza na Cidade do Salvador, na Bahia, figurando nella retratados, além deste general, o mestre de Campo D. Pedro Osorio, D. Juan de Orellana e outros personagens, e se encontrava, com outro quadro do mesmo artista, que tambem reproduz uma victoria das armas castelhanas contra a Hollanda, no *Salón de Reys*, do palacio de Bueno Retiro, em Madrid. Delle, pode dizer-se, realmente, o que, em severo endecasyllabo, disse o poeta classico de outro espanhol que foi imperador em Roma:

Gran varón de la patria, honor de España.

## ORIGEM DA NOSSA NOBREZA

Ahi tendes, nuna narração sem brilho e sem colorido, quanto deveriam ser cantados em lingua camoneana, os feitos dessa cavalgada quasi mystica pelo grande oceano, os quaes valem, não só com lição do heroismo lu-

sitano, mas ainda como exemplo de sublime abnegação dos portentosos progenitores do nosso passado e dos gigantescos constructores da nacionalidade brasileira, que se gerou e floresceu no sangue que intemperados portugueses e brasileiros verteram no mesmo sólo contra a cubiça estrangeira. Ha mister consignar que a expedição restauradora, por uma circunstancia que tanto desvanece a terra rediviva, e principalmente a raça historica que se constituia, se tornou um forte argumento em favor dos pergaminhos da nobreza brasileira, e isto porque das duas arminas victoriosas ficou muita gente que se fixou em varias capitania, deixando prole numerosa, que não degenerou nem em sangue nem em fausto. O armonial da nossa fidalguia, que se contem quasi inteiro nas nobiliarchias de Borges da Fonseca e de Pedro Taques, ostenta os mesmos brasões d'armas desses varões assignalados pela bravura e pela honra, que foram os Menezes, os Sás, os Coutinhos, os Albuquerque, os Mouras, os Coelho, e outros, muitos outros. E é assim, fundado na historia e na tradição, que, perante a inconsciencia affrontosa, se reate os calumniadores da patria, apontada como obra de degredados e fructo ignomioso.

#### A MUSA DE LOPE DE VEGA

A magnifica victoria das armadas reaes foi celebrada festivamente no Brasil, na Espanha e em Portugal. Reconhecendo o zelo, a coragem e o esforço com que o dilacerado Portugal o havia servido, com contribuições de sangue e de dinheiro, e commovido pela dedicação dos seus vassallos, Felipe IV, o monarcha artista e letrado, "amigo de folgares", prodigalisou aos legionarios e fidalgos portugueses tão gradas mercês, tenças e dignidades, tamanhas regalias e privilegios de tal modo vultuosos, creando fidalguias novas, accrescentando senhorios, engrossando officios e poderes, e offerecendo ainda privilegios ás cidades e villas, que, em generosidade, excedeu a todos os reis portugueses. A proposito do procedimento de El-Rei catholico, que apenas praticava um acto politico muito habil, embora á custa do exaurido erario lusitano, adverte um historiador moderno que se elle houvesse attendido sempre aos perigos com a mesma presteza e premiado os sacrificios com igual magnimidade, teria conquistado o apoio dos nobres e, com o tempo e suavidade, até o animo do povo: e não o fez impedido pela politica unitaria, perfida e intrigante do conde duque. Seja como fôr, a reconquista da Bahia impressionára-o muito favoravelmente, tanto mais que para isto concorreu ainda o regosijo dos dois povos, que viviam envolvidos de infortunio e miseria. A triumphal *Jornada dos Vassallos* teve principalmente a ventura de inspirar a um dos genios mais floridos e ferteis da raça uma obra palpitante de flamma patriotica. Lope de Vega foi o cantor, e em versos castelhanos, limpidos e harmoniosos como todos os que compoz, teceu uma corôa de louros ao denodado restaurador da Bahia, que era tambem o herôe do Palatinado, o vencedor de Fleurus e o expugnador de Breda. A' comedia famosa chamou elle *El Brasil Restituido*, foi escripta em 23 de outubro de 1625 e teve licença superior para ser representada seis dias depois. Tendo-se conservado inédita até 1902, graças ao illustre critico espanhol D. Marcelino Menendez y Pelayo foi estampada pela primeira vez no tomo XIII das *Obras de Lope de Vega*, editadas pela Real Academia Espanhola, e conforme o original autographo que, depois de ter pertencido ao erudito D. Fernando de la Senra, autor de *Viajes de um espanhol por Levante* e de outros livros, fazia parte da opulenta collecção de documentos relativos á historia da America de Mr. O' Rich, que foi consul dos Estados Unidos em Espanha durante o reinado de Fernando VII. Falando da composição de Lope de Vega, escreve Menendez y Pelayo, nas observações preliminares do referido volume: "*El Brasil Restituido* é una especie de loa donde no se ha de buscar fábula dramática de ningún género, sino exactitud histórica, buen lenguaje, fáciles versos y mucho entusiasmo patriotico, cualidades

que nunca faltan en Lope. Como no era facil poner en acción todas las peripecias del sitio, se valió, como otras veces, del recurso de introducir personajes alegóricos, que unas veces profetizan y otras veces muestran, en una especie de panorama poético, lo que ha de pasar ó esta pasando fuera de escena. Algunas de estas personificaciones son curiosas: el Brasil aparece en figura de dama india, con una rueda de plumas y una flecha dorada. Con ella alternan el crinado Apolo, la Religión (en habito de dama española) y la Heredia, descubriéndose por final el retrato de Felipe IV". Enthusiasmado com a força da frota e enamorado do fausto da comitiva, o poeta cantou a restauração da Bahia para perpetuar a fama dos seus herôes na memoria dos posterios:

A' vosotras, dulces musas,  
Do que estoy viendo refiero.  
Desde mi eclíptica de oro,  
Medida que en verso ó historia  
Queda en la memoria impreso,  
Como en jaspes inmortales  
Y en hojas de bronce eterno.

Nos versos seguintes da segunda jornada, que recita o personagem Brasil, assim descreve com emphase e pompa, a organização e partida da armada luso-castelhana:

Pues óyeme atentamente:  
Sabiedo Su Majestad  
Del rey Felipe de España  
El notable atrevimiento  
De los rebeldes de Holanda,  
Nombró para General  
De mar y tierra, las armas  
De un generoso mancebo  
Que lo es desta misma armada;  
Nuevo Pirro, nuevo Aquiles,  
De ilustrisima prosapia  
De los Toledos y Osorios,  
A' quien don Fadrique llaman,  
Hijo de aquel gran don Pedro  
Que en Berberia, en Italia  
Y en Francia, tantas coronas  
Cifien las ilustres canas.  
Prometiendose el suceso  
De las victorias pasadas,  
De la bahia de Cadiz,  
Salieron rompiendo el agua  
Treinta naves de alto bordo  
Y la fuerte capitana,  
De cuya armada famosa,  
Que ya mi ribera aguarda,  
Es almirante don Juan,  
Que el Fajardo y el Guevara  
Tiene puesto en las estrellas  
Con tan heroicas hazañas.  
Son cinco mil y quinientos  
Infantes los que el armada  
Conduce, gente escogida  
De la mejor de Alemania,  
De Flandres y de Milán,  
Española, al fin, que basta;  
Des mil y quinientos hombres  
De mar, que todos alcanzan  
A' numero de ocho mil;  
Con que la fresca mañana  
De un martes dieron al viento  
Velas, y á los cielos gracias.  
Parte, al fin, la armada illustre  
Por olas saladas montañas,  
Abre camino en las ondas  
Que cicran espumas blancas,  
Gime el mar al grave peso  
Que le oprime las espaldas,  
Y con alegre zaloma,  
Licenzo tiende, escotas larga;  
Ella selva, ellos jardin,  
Pisando campos de plata,  
Ciudad portátil del viento,  
Fábrica de lienzo y tablas,  
Dieron vista á Tenerife  
Y á Cabo Verde, y la armada  
De Portugal descubrieron  
Que la de Castilla aguarda.  
La fidalguia y nobleza  
Que en esta ocasión se embarca,  
Pide portuguesas musas,  
Pide envidias castellanas.  
Por General della viene  
Un cabalheiro que llaman

Don Manuel de los Meneses  
Que dieron gloria á su patria.  
E's don Francisco de Almeida  
Su Almirante, á quien encargan  
El uno de los tercios,  
Porque en el otro señalan  
A' Antonio Muñiz Barreto.  
Aqui las alegres salvas  
Destas dos fuertes naciones,  
Que por nueva unión hermanas,  
La emulación de sus glorias  
Hace parecer contrarias,  
Fué, con notable alegría,  
Porque fuera Lusitania  
Unica, á no haber Castilla,  
Por las letras y las armas,  
Y si Portugal no hubiera,  
Castilla por Féniz rara  
Se celebrara en el mundo;  
Pero juntándose entrambas,  
Ni digo yo mi conquista,  
Pero aquella piedra santa  
Que fué sepulcro de Cristo,  
Fuera victoria de España.  
Dos mil y quinientos hombres  
Lucidissimos llevaba  
Esta armada, que á Castilla  
Juntó las quinas sagradas.  
Entran los dos en consejo  
Sobre la derrota; pasan  
Los pareceres que siempre  
En negocios de importancia,  
Resuelven que á la Bahia  
Y no á Pernambuco vayan,  
Y con generales vientos  
Parten, el agua embarcada;  
Que los tuvo detenidos  
Algunos dias su falta.  
Aqui las ninfas del mar  
Las duras quillas abrazan  
Para aligerar las naves,  
Que sobre el marfil levantan  
De sus cristalinos cuellos;  
Y otras, tejiendo guirnaldas,  
A' la victoria previenen  
Perlas, corales y nácar.  
Entretanto, fué forzoso  
Padecer algunas calmas,  
Pero refrescando el viento,  
Todas quedaron burladas;  
Que enamoradas de ver  
Tantas riquezas y galas,  
Tan lindos talles y brios,  
Fueron rémoras humanas.  
Pero al fin, un claro dia  
Que á Mercurio se consagra,  
Del tiempo que nuestra Iglesia  
Llama la mayor semana,  
Se descubre á barlovento  
De la Bahia, la playa  
De mi Brasil, que quisiera  
Salir de la tierra al agua.  
Y aquel celebrado dia  
Que fué la mayor hazaña  
De amor, dándose á si mismo  
El Redentor de las almas,  
Conpoco viento se acercan,  
Y en una chalupa manda  
Don Fradique, que de noche  
A' reconocerla vayan.  
Volvió un capitán diciendo  
Que estaba fortificada  
La ciudad, y que tenían  
Naves que su armada aguardan  
Con artificios de fuego.  
Pero el viernes; cosa rara!  
Que el Capitán de los cielos  
Venció á la muerte en campaña,  
Al silencio de la noche  
Dió fondo alegre á la banda  
Del Sur, y alargando ferros  
Sin disparar, vino el alba,  
Dando perlas á las flores,  
Que fué de flores la Pascua.  
Avisan los generales,  
Y puesta en forma la armada  
De media menguante luna,  
Ordenan que á tierra salga  
De don Pedro Osorio el tercio  
Y el portugués, que llevaba  
Almeida, mas ya Fajardo  
Echa su gente á las playas;  
Pero ya los generales  
Con sus banderas y cajas  
Salen á tierra, y los muros

De mi ciudad amenazan,  
Sube á este monte y verás  
La fe y el valor de España,  
Y que á un mismo tiempo tine  
Felipe cuarto sus armas  
En Indias, Italia y Flandes  
Para victorias tan altas.

A palma da victoria distribue igualmente entre Portugal e Castella, porque, se

La fama de César calla  
Con don Fadrique...

os portugueses se mostraram tão intrepidos soldados como nunca os ha vista:

Que gallardos, que valientes  
Muestran en esta ocasión  
Los portugueses, que son  
Dignas de laurel sus frentes:  
Don Alonso, honor y gloria  
De Noroña y Portugal,  
Merece nombre immortal,  
Merece eterna memoria.  
Don Alfonso de Alencastro  
Y don Martin de Oliveira,  
Cuya fama y nombre espera  
Letras de oro en alabastro,  
Qué no han hecho en la asistencia  
Desta guerra noche y día?

Portuguesa fidalguia,  
A' Marte hará competencia.

E termina a terceira e ultima jornada com estes versos, que ainda poz na boca do Brasil:

Con este laurel  
Oh! generoso Toledo!  
Corona tus dignos sienes  
Portantos gloriosos hechos  
De El Brasil Restituído,  
Principio de los deseos  
De serviros, dunque fin  
De tan heroico successo.

O facto de sa haver Lope de Vega inspirado nas lutas que sustentamos contra os invasores flamengos, dando-nos um poema dramatico, com ser tão pouco conhecido entre nós, constitue motivo de orgulho para o nosso patriotismo. Assevera Menendez y Pelayo, na analyse da comedia de Lope de Vega, que não foi elle o unico poeta que cantou a grandeza da façanha historica, porque, na parte XXXIII das *Comedias Varias*, publicadas em 1670, figura uma de Juan Antonio Corrêa, intitulada *Perdida y restauración de la Bahia de Todos os Santos*, e diz mais ser possível existir no theatro portuguez alguma outra sobre o mesmo argumento. Não seria, pois, tarefa ingloria para os estudiosos da nossa historia encaminhar suas pesquisas no sentido de outras revelações.

#### A LITERATURA DA JORNADA

Numerosa, tanto em castelhano como em portuguez, é ainda a literatura historica relativa ao famigerado episodio da luta contra os holandeses no Brasil. A contribuição de maior valor é a obra do padre Bartholomeu Guerreiro. Intitula-se *Jornada dos Vassallos da corôa de Portugal, pera se recuperar a cidade do Salvador, na Bahya de Todos os Santos, tomada pollos Olandezes, a oito de Mayo de 1624, e recuperada ao princiro de Mayo de 1625. Feita pelo Padre Bartholomeu Guerreiro, da Companhia de Jesus...* Lisboa, Mathews Pinheiro, 1625. No dizer de Varnhagen, quanto ao methodo de narração e á dignidade do estylo, leva muita vantagem ao proprio chronista mór do reino e capitão-general da armada de Portugal na empreza. D. Manoel de Menezes, autor da *Recuperação da Cidade do Salvador*, que publicou a *Rev. do Inst. Hist.* no seu Tomo XXII, 1859. Outra obra muito estimada, por fidedigna e copiosa, é a de D. Tomás Tamayo de Vargas, aliás traduzida para o portuguez por Accioly, que a publicou na Bahia em 1847: *Restauración de la ciudad del Salvador, i Baia de Todos-Santos, en la Provincia del Brasil. Por las armas de D. Felipe IV...* Madrid, Viuda de Alonso Martin, 1625. O opusculo, hoje muito raro,

*Relação verdadeira de todo o succedido na restauração da Bahia de Todos os Santos.* Lisboa, 1622, de Juan de Medeiros Corrêa, publicado anonymamente, é digna de menção, e encontra-se estampada na *Rev. do Inst. Hist.*, vol. XXXIII, que a trasladou de Barbosa Machado. A todas excede, porém, por ser além do mais o autor testemunha ocular dos successos, o *Compendio historial de la jornada del Brasil y sucesos della, donde se da cuenta de cómo quando el rebelde holandés la ciudad del Salvador y Bahia de Todos Santos, y de su restauración por las armas de España, cuyo general fué D. Fradrique de Toledo Osorio, Marqués de Villanueva de Valdueza, capitán general de la Real Armada de el mar Océano y de la gente de guerra de el reino de Portugal en todo lo que pasó, só publicado até agora no tomo VI da collecção dos Documentos inéditos para la historia de España, 1870.* Vem depois a obra de D. Francisco de Aveniño y Vilela, da qual, ao que parece, se valeu Lope de Vega para escrever a sua comedia, e que é a *Relación del viaje y successo de la Armada que por mandado de su Magestad partió al Brasil à echar de allí à los enemigos que lo ocupaban. Dase cuenta de las capitulaciones con que salió el enemigo, y valia de los despojos. Hecha por D. Francisco de Aveniño y Vilela, que se halló en todo lo sucedido, así en la mar como en la tierra.* Sevilla, por Francisco de Lyra, 1625. Seguem-se mais os seguintes, todos de 1625, e desconhecidos do nosso publico: *Escrito histórico de la insigne y baliente (sic) jornada del Brasil, que se hizo en España el año 1625, que é o quarto dos sete tratados incluídos no livro que Aguiar y Prado editou com o titulo de Compendio histórico de diversos escritos en diferentes asuntos, Pamplona, 1629, todos elles impressos em separado com portada e numeração distinctas; Verdadera relation de la grandiosa vitoria que las Armadas de España han tenido en la entrada del Brasil, la qual queda por el Rey don Felipe Quarto, nuestro Señor, que Dias guarde. Dase tambien aviso de la refriega de los Navios sobre la Baia, y los dias que duraron las batallas. Cadiz, por Juan de Borja, 1625; Relación del successo del Armada y Ejército que fué al socorro del Brasil desde que entró en la baia de Todos los Santos hasta que llegó à la ciudad del Salvador, que poseian los rebledes de Olanda. Cadiz, por Gaspar Vecino, 1625; Relación de la jornada del Brasil, escrita à Ivan de Castro, escribano público de Cadiz, por Bartolomé Rodrigues de Burgos, escriban mayor de la Armada. Cadiz, por Juan de Borja. Citamos ainda a relação de D. Fadrique de Toledo, que, com as citadas atrás, sommam onze, que se conhecem: *Relación de la carta que embió à su Magestad el señor don Fadrique de Toledo, general de las Armadas y poderoso Ejército que fué al Brasil, y del felicissimo successo que alcanzaron, dia de los gloriosos Apostolos S. Felipe y Santiago, que fué à primeiro de Mayo deste año de 1625. Dase cuenta à su Magestad de las capitulaciones que en su Real nombre trató con el enemigo, del modo que salieron de la ciudad y del grande interés que sua Magestad consionó en su recuperación.* Impresso com licencia del señor Teniente don Luiz Ramirez, en Sevilla, por Simon Faxardo, en la calle dela Sierpa, en la calleja de las Mocas. Año de 1625; e a *Annua da Companhia de Jesus em 1624, e 1625, escripta pelo padre Antonio Vieira, ainda ento adolescente, mas já notavel pelo brilho da narrativa e lucidez dos conceitos, e que iguala em autoridade aos mais reputados chronistas da jornada, sabendo-se que presenciou elle os successos do campo dos sitiados, narrativa esta que só em nossos dias foi impressa. Por ultimo, lembraremos outros autores, de data posterior, mas de reconhecida autoridade, que se occuparam permanentemente do assumpto, a saber: Frei Vicente do Salvador: *Historia do Brasil, 1500—1627*, inserta no numero XIII dos *Annaes da Bib. Nac.* do Rio de Janeiro e novamente editada, com commentarios de Capistrano de Abreu, por Weissflog Irmãos, S. Paulo, 1918, convindo assignalar que Fr. Vicente assistiu ao drama dentro da cidade sitiada; Francisco de Brito Freyre: *Nova Lusitania, Historia da Guerra Brasileira, etc.* Lisboa, na officina de Joan Gabram, Anno 1675; D. Gonzalo de Céspedes**

y Menezes: *Historia de Don Felipe III, rey de las Españas*, Barcelona, por Sebastián Cormellas, 1634; D. Cezareo Fernández Duro: *Annales de la Armada española desde la unión de los reinos de Castella y de Aragón.* Madrid, Rivadeneyra, 1898, Tomo IV, pags. 45 a 62; Netescher; *Les Hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays Bas et le Brésil, au XVII siècle*, La Haya, 1853. Sobre a conquista e reconquista escreveu tambem Severim de Faria um opusculo, que não foi possível conhecer. Todavia, o rôl não é completo: o Sr. Fernandez Duro, na obra citada, regista alguns escriptos mais. E caso é agora de inquirir, porque até hoje não se cantou em idioma portuguez, em prosa ou em verso, esse episodio tão formoso, que nos apparece como um desafio da raça á fereza dos povos de outro sangue, de lingua barbara e de pensar estranho...

#### A ALMA PORTUGUESA

Senhores:

Portugal nunca deixou de crescer para o nosso affecto. Arrancando das brumas de antanho o gesto encantador da *Jornada dos Vassallos*, que tanto nos fascina pela intrepidez e pelo cunho generoso, quiz tornar mais illustrativa a amizade latina, persistente através da fuga subtil do tempo e sempre igual máo grado as vicissitudes, as maguas e os dissabores. Quasi dous seculos depois, a alma portuguesa surge num fulgor de magia, esplende em rythmos de epopéa, floresce allegoricamente, na claridade do azul incommensuravel e sobre o mysterio ondulante das aguas, transluzindo num fremito de belleza nova e mais suggestiva, para annunciar-nos e exprimir-nos, na paixão abrazada pela gloria, o seu carinho pelo filho dilecto. Assim, pois, se a proeza de Gago Coutinho e Sacadura Cabral scientificamente e historicamente é um feito da mais alta significação, em que se concentram as virtudes e os predicados da raça, valor maior representa elle para o Brasil, porque veio sobretudo alimentar essa liga sagrada das duas patrias irmãs, comunicando ao mundo a fé invicta, a perseverança heroica e a coragem de que nascemos. Meditando neste maravilhoso lance da fortuna, ha-de a patria de Camões volver todo o seu espanto para o grande mysterio do destino, e inquirir, aturdida, os profundos arcanos do tempo para explicar as maravilhas que fazem della — tão pequena no seu assento geographico — a terra para a qual, dir-se-ia, se reservam os successos mais imprevisos da sua inexaurivel mumificencia. Basta reflectir que foi ella que integrou no mundo o dominio do homem, tornando no seculo XV duas vezes maior o theatro da vida no planeta; que foi ella que desvendou, pelo feito de Colombo, que é seu filho espirital, o novo orbe que ficára durante cincoenta seculos insulado do antigo como para entrar, no momento opportuno, neste formidavel drama da historia; que foi ella que, com Fernão de Magalhães, realisou a primeira viagem de circumnavegação, completando com um fecho de epopéa aquelle heroismo que havia assombrado tres ou quatro gerações. E como se os numes que protegem a terra não quizessem tirar da grande raça o condão com que a marcaram, levaram o seu capricho a entregar a dois portuguezes a iniciativa de realizar o mais espantoso feito de aviação que até hoje se verifica. Ha, portanto, nesse prodigio quasi imaginavel, alguma coisa da indefectivel lei de constancia vital dos povos. Devia caber a filhos da Lysia veneravel essa tarefa titanica e immortal de sulcar com segurança os espaços. Era natural que se não confiasse a nenhum outro povo a gloria de coroar com similhante maravilha aquella obra gigantesca que foi até hoje a de mais vasto alcance para a civilização do mundo. E o que particularmente commove o coração das duas patrias que representam o genio luso (uma, lá, fiel aos velhos deuses e a outra, aqui, transfigurada sob os céos da America) é a demonstração, que a travessia do oceano lendario deixou evidente, de que o portuguez, na sua aparente exhaustão do antigo vigor moral, conserva ainda uma valiosa provisão daquelle incomparavel heroismo que domou oceanos e ventos rugidores. Incontesta-

velmente, essa reserva de força e de coragem, guardada através de quatro seculos, prova que a raça portugueza está ainda muito longe de perecer.

Portugal está tão sadio, tão vivo, tão forte como outróra. Os seus momentos sublimes se renovam com o mesmo irreprimivel entusiasmo, com a mesma ignea exaltação, com o mesmo brilho épico dos tempos esplendidos do Infante Henrique ou de Nun'Alvares. Na vibração das azas possantes do veloz avião lusitano, voando sereno e triumphante na luz siderea, lutando com os mais temerosos embaraços, vencendo com tenacidade humana accidentes imprevisos e pelagos insondaveis, palpitam os gloriosos anseios do genio portuguez, sempre renovado. De certo, mais do que simples porção inamissivel do seu patrimonio historico, o feito dos dous alados lusiadas revela que, pela propria essencia, pelo que demais alto é capaz a intelligencia humana, o portuguez é a mesma raça que desde D João I tomou posto nas avançadas em que vai a humanidade para destinos ignotos. A jornada dos dous heroes foi, não simples aventura de desporto, mas uma legitima victoria da intelligencia aliada á coragem consciente do sabio. Esta gloria ninguém arrebatará no mundo a Portugal. Nada, portanto, mais explicavel e mais justo do que essas expansões ruidosas de entusiasmo com que se receberam os inimigaveis vencedores do azul. Não foi o Rio de Janeiro que em delirio de alegria acolheu na amplitude do coração os dous representantes do povo irmão; foi o Brasil inteiro que os aclamou, porque não houve uma cidade, uma villa, um povoado nesta metade do continente onde todas as almas não vibrassem da sua loucura communicativa na tarde memoravel — como se de toda parte o avião da luz estivesse ao alcance de todos os olhos. Ainda mais: não foram só portuguezes e brasileiros que os victoriaram: foram as vozes de todas as raças, que vivem deste lado do oceano, que naquella momento ecoou diante dos mensageiros da paz luso-brasileira. E só resta agora que o historiador, ao inscrever este facto, não olvide de accentuar que a aeronave bem dita aqui desceu trazendo a mais significativa das manifestações que poderíamos, nós brasileiros, receber da terra sagrada dos nossos ancestraes.

### AMEMOS PORTUGAL

Senhores:

Não levarei a termo minha honrosa incumbencia sem que vos exhortem a fortalecer, prolongar e difundir o nosso enlevo, a nossa ternura e a nossa fé por Portugal. O patriotismo brasileiro se desfiguraria sem o culto da augusta progenitora, e, neste sentido, sou feliz em assignalar que, na vibração unanime dos entusiasmos agora produzidos, ha um accôrdo poderoso e sobremaneira expontaneo em correspondencia harmoniosa com a nossa predeterminação. Os laços que prendem o Brasil a Portugal são indestructiveis, inviolaveis e sagrados: porque são os vinculos imponderaveis do sangue, da intelligencia e da historia. Ha pouco, na outra banda do Atlantico, Carlos Malheiro Dias, que é um admiravel escriptor e um grande patriota, com voz eloquente e commovedora, exclamou na formosa *Carta aos estudantes portuguezes* "Moços da minha terra, amemos o Brasil, como amemos Portugal". Repitamos, pois, com elle: amemos Portugal, com a mesma flamma, igual ardor e identico devotamento com que queremos o Brasil, e, tratando com paixão extrema a que tem direito a geradora gloriosa da nossa grei e creadora da nossa pujante individualidade, nos integraremos na plenitude da consciencia de povo reconhecido aos desvelos, aos esforços, ás lagrimas e aos sacrificios da mãe patria, que, renascendo ao lampejo deste instante transfigurado pela guerra, surge ainda tocada de graça divina e aureolada pelo fulgor das glorias distantes. Amemos, adoremos, veneremos Portugal, porque, antes de tudo, somos os felizes e muitas vezes ingratos herdeiros da sua secular espiritualidade e os continuadores despreocupados do seu esplendido destino no mundo americano. Deste modo, praticando o triplice dever do amor, da gratidão e do respeito, nos mostraremos dignos desta patria forte e magestosa que nos legou o genio lusitano, patria que no dizer de Guerra Junqueiro é a 'eucharistia dos Luziadas'. Amemos Portugal, com exaltação mystica, com vehemencia affectiva, com orgulho, porque, ao mesmo tempo, com a fusão intima das duas grandes nacionalidades, a terra lusitana, com o fulgor incomparavel do seu passado e o seu anseio irreprimivel de renascimento, e o Brasil, com a sua opulencia, o seu

entusiasmo exaltador e a sua edificante crença no futuro, duplicariam a sua força creadora, cresceriam em beleza nas relações com o universo, se tornariam invenciveis e immortaes. Seria o maravilhoso momento da raça, que, magnifica e serena, transfundida na unidade ethnica e consciente do seu papel na historia, teria attingido á perfeição, suscitado a transformação de todos os seus valores e assegurado para sempre a sua deslumbrante finalidade humana. Não ha maior angustia do que a fragil separação de dous povos presos á mesma lei de constancia vital. Segundo percebeu um dos mais lucidos pensadores, Graça Aranha, a "união politica de Portugal e do Brasil, consequencia da unidade moral de duas nações, traria a grande expressão internacional da raça portuguesa e seria um grande bem para a immortalidade do pensamento brasileiro. Haveria a universalidade para o espirito brasileiro e maior aspiração humana para os destinos do

Brasil. Unido a Portugal, se tornaria uma nação europeia, realisando a fusão do Oriente e do Ocidente sob um só espirito nacional, que seria portuguez, como para outras ingles ou francês. Para Portugal um grande beneficio politico resultaria da sua união com o Brasil, nação americana, onde a cultura portuguesa obteve um rythmo mais accelerado e vivaz. Por toda a parte, no vasto e velho dominio portuguez, soprapria o espirito de mocidade vindo do Brasil, e uma nova vida recomecaria, mais ardente, mais poderosa e mais bella" Tal aliança se faria, no seu pensar, pela vontade esclarecida de cincoenta milhões de homens, inspirados por identico proposito nacional, que quer ser eterno, e sem que o Brasil perdesse o predicado de nação americana. Amemo-nos, pois, portuguezes e brasileiros, com intelligencia e com alma, para que esse amor fecunde o sonho de uma patria maior e indissolvel, em que floresça um unico pensamento e palpite um só coração. E a fé diz-me que não será impossivel o milagre fascinador da integração espirital do eu brasileiro no mundo lusitano, realisando-se assim, por obra e graça da idealidade, o prodigio da vida eterna de Portugal e do Brasil, exilados no mundo, como se fossem povos estranhos e desaffectedos.

Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1922.

Elycio de CARVALHO

## A ORCHESTRA MODERNA

No seu recente livro *Musiciens d'Aujourd'hui*, que a casa Crés acaba de editar, o Sr Emile Vuillermoz nos conta porque Igor Strawinsky, o grande musico russo, que Erik Satie affirma ser um dos maiores genios que têm existido na musica, teve de reorchestrar o seu fulgurante *Passaro de Fogo*. Simplesmente por economia... Poderá parecer ao leitor, prosaico, mas é a verdade actual e indiscutivel. Com effeito, Strawinsky, ao orchestrar a sua admiravel e impressionante *Suite*, utilizou-se de todos os multiplos recursos da sonoridade, a que desvendou tantos e tão largos horizontes, empregando, afóra os instrumentos communs na orchestra, 4 flautas, 3 oboés, o corne inglez, 3 clarinettes, 3 fagotes, o contrabaixo, 8 baterias, com celeste, xylophone ou glockenspiel, 3 harpas e um plano. "Isto permittiu, escreveu o citado critico, effeitos deliciosos, mas o factor economico, embora não comprehendido nessa rica instrumentação, começou a soar com tanta força e expressão, que foi preciso ouvir a sua melodia persuasiva..." E' que a orchestra não refoge ao imperativo economico que pesa sobre todas as

cousas, sejam bellas e nobres, ou vis e deprimentes. O artista, a figura da orchestra, que, em geral, se filia a uma sociedade de classe, impõe a "mão de obra" por um alto preço, valorizada pela união de todos, numa força imprevisita, quiça abusiva. Dest'arte, uma grande orchestra, que passe os limites do habitual, exige maiores despezas, não raro imprudentes, ou prejudiciaes, ao empresario, que recusa as partituras com "supplementares" Dahi a difficuldade do artista moderno. De um lado, a nova linguagem sonora se complica, por preciosos "achados", que transformam a harmonia classica, exigindo, porém, subtilezas e effeitos que só as orchestras variadas e completas podem satisfazer; do outro, a difficuldade de obter taes conjuntos, pelo alto preço da mão de obra, si o leitor permite repetir a expressão, quiçá grosseira, mas de todo justa. Basta lembrar que só a scena final do *Crepusculo dos Deuses*, de Wagner, informa o Sr. Vuillermoz, "custa uma despeza suplementar de cerca de 500 francos de sonoridades graves" O dilemma está no desaccôrdo entre as contingencias da vida actual e as necessi-

dades da symphonia moderna. Aquella encarecendo o material symphonico, esta augmentando-lhe o prestigio e alargando as suas perspectivas. O resultado de tudo póde ser restringir a orchestração, com o que muito perderá a musica symphonica, tanto mais quanto, si isso foi possivel a um Strawinsky, sem prejuizo e talvez com certas felicidades ineditas, não será tarefa possivel a qualquer musico, ainda que de real valor. A partitura do *Passaro de Fogo* ficou orchestrada para 40 musicos, tendo sido "o sacrificio ruue, por vezes heroico", com a suppressão de paginas vibrantes, modificando mesmo a estrutura da *suite*. Fê-lo, porém, sem nenhuma diminuição do merito artistico, pois o poderoso musico russo deu uma vida integral á nova orchestração, talvez lhe melhorando mesmo certos aspectos, e deixando sempre o traço de sua modelagem formidavel. O artista venceu, neste caso, mas persiste á ameaça á musica symphonica, pelos seus executores, blindados com as organizações syndicalistas protectoras e prepotentes.

Quem vencerá?

# R O N D O N I A

*Inaugurando a secção dos trabalhos da Comissão Rondon, na Exposição Internacional do Centenario, o illustre brasileiro, General Candido Mariano Rondon, desbravador intemperato dos nossos sertões e benemerito pacificador dos selvícolas, proferio, na presença do Sr. Presidente da Republica, o seguinte discurso, synthetizando a sua obra formidavel, da construcção das linhas telegraphicas de Matto-Grosso ao Amazonas e da civilização dos indigenas dessas regiões. Esse esforço patriótico, que realizou em mais de tres decadas de trabalho pertinaz e dedicacão sem par, através de todos os perigos e difficuldades, auxiliado por companheiros fieis e destemidos, muitos dos quaes pagaram com a vida o seu patriotismo, o General Rondon expôz neste discurso, com que honramos as nossas columnas e merece de todos os brasileiros a leitura mais attenta e carinhosa, pois representa um esforço de que temos o direito de nos orgulhar.*

"Exmo. Sr. Presidente da Republica. Os mappas, os livros, as photographias e os artefactos indigenas reunidos nestes mostruarios e cuja exposicão á curiosidade publica V. Ex. quiz honrar com a sua presença, lembram, resumidamente, 32 annos de continuos trabalhos no interior do paiz, a serviço de uma causa, de um ideal, de um vehemente desejo de contribuir para o engrandecimento da Patria Brasileira.

Esses trabalhos começaram em 1890, quando o actual Chefe da Commissão Telegraphica, como ajudante do então Major Antonio Gomes Carneiro, e na qualidade de Tenente do Estado-Maior de 1ª classe, vio abrir-se diante de si a ardua carreira de sertanista e de explorador.

Foi a primeira oportunidade que se lhe offereceu para a realizacão do projecto que formulara quando ainda alumno da Escola Militar, de construir um dia a Carta do seu Estado natal.

Em 13 mezes de trabalhos assiduos e esforçados, o futuro heróe da Lapa tinha concluido a sua obra, em consequencia da qual a linha telegraphica estendia-se de Cuyabá á margem esquerda do Araguaya, através de um sertão nesse tempo só habitado por tribus da nação dos indios Bororós.

Eram 580 kilometros de linha assentada e o levantamento de 600 kilometros de estrada que a Commissão chefiada pelo grande soldado republicano apresentava como resultado de sua curta mas brilhante campanha sertanista.

Foi essa a minha escola; foi esse o meu unico chefe e essa a primeira phase da carreira em que se havia de empenhar toda a actividade de minha vida e o meu inquebrantavel enthusiasmo pelo serviço da Patria e da Republica.

De 1892 a 1898, como Chefe do 16º Districto Telegraphico de Matto Grosso, reconstrui por completo a linha de Cuyabá ao Araguaya e rectifiquei o levantamento da região léste, numa faixa de mais de 60 kilometros de cada lado do rio.

Foram então levantados os dous divisores do Rio das Mortes, um principal, com o São Lourenço, e outro secundario, com o das Garças.

O anno de 1899 passei-o no Rio de Janeiro, ao lado de minha familia, como auxiliar tecnico da Intendencia Geral da Guerra, sob a direcção do General Francisco de Paula Argollo.

Aproveitei essa circumstancia para construir o mappa da região comprehendida entre os rios Cuyabá e Araguaya, com os detalhes que acabava de colher pessoalmente durante sete annos de continuas explorações daquelle trecho do territorio nacional.

Em 1900 voltei ao sertão, como Chefe da Commissão Constructora da Linha Telegraphica do Sul de Matto Grosso, cujos trabalhos se prolongaram até 1908, e attingiram as fronteiras do Paraguay e Bolivia, abrangendo Bella Vista, Porto Murinho, Coimbra, Corumbá e S. Luiz de Caceres, com o desenvolvimento de 1.656 kilometros de linha assentada.

Essa quarta phase de minha actividade, agora na campanha do Sul, e parte do Oeste, durou sete annos e foi mais proficua do que as anteriores, pela multiplicidade dos trabalhos emprehendidos, já propriamente telegraphicos, já especialmente topographicos e já astronomicos.

Em 1907 iniciava-se a quinta phase da minha acção de sertanista, com os trabalhos de construcção da linha telegraphica do Noroeste de Matto Grosso com ramaes para a antiga Villa Bella, Barra dos Bugres e Guajará-Mirim, na extensão de 2.686 kilometros de linha assentada.

Esta phase estendeu-se até 31 de Dezembro de 1914.

Nesse periodo teve lugar a expedição Roosevelt que, partindo da foz do Rio Apa, penetrou no sertão do Norte pelo Rio da Duvida, que de então para cá se illustrou com o nome do ardoroso estadista americano, sahio no Amazonas e attingio a cidade de Manáos, dando lugar a uma preciosa collaboracão scientifica em trabalhos diversos.

Foi este o periodo de mais ricas mes- ses dentro todos quantos constituem a vida das commissões telegraphicas nos sertões de nossa patria.

Foi então que iniciámos os estudos de Historia Natural, autorizados e animados pela esclarecida e firme iniciativa do Ministro da Viação, do fecundo periodo governamental do benemerito Presidente Penna, creador da Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas.

A exploração methodica dos sertões e o estudo da natureza de Matto Grosso foram levados a termo com esplendido resultado pela pleiade de brilhantes officiaes do Exercito e de engenheiros civis e militares, a serviço da Commissão e por dedicados professores do nosso Museu Nacional e do Serviço Geologico, os quaes prodigalizaram a essa obra todas as energias do seu saber e do seu grande amor patrio.

Como resultado dos trabalhos de penetração no Brasil desconhecido, surgiu a idéa republicana de protecção aos Indios, até então abandonados e entregues á sua triste sorte de raça vencida e espoliada.

O modo por que conduzimos as expedições através do Noroeste mattogrossense despertou a attenção do Governo e fez brotar o projecto de novo tentamen para o levantamento do Indio ao nivel da nossa civilização, da qual elle se conservava arredio e como que repellido, desde os tempos da conquista, depois de passado o breve fulgor das primeiras tentativas jesuiticas.

Tal directriz não se traçara ao acaso de uma imposição de momento; ao con-

trario disso, foi ella o fructo de um dever maduramente aceito como producto necessario de convicções e de sentimentos que nos conduziram a respeitar as indefesas populações fetichistas nas suas propriedades, nas suas pessoas e nas suas instituições politicas, sociaes e religiosas.

Os meus abnegados companheiros de desbravamento do sertão e de explorações geographicas aceitaram e sempre praticaram o lemma inflexivel que constituiu a bandeira destas expedições: "Affrontar todos os perigos, até á morte, mas nunca matar".

E foi assim que transformámos em amigas as nações de genio bellicoso dos Nhambiquaras, dos Barbados, dos Kepi-Keriáts, dos Parnauáts, dos Tacuatêps, dos Ipo-uáts, dos Urumis e dos Arikêmes, como em 1893 conseguimos em relação aos Bororós do Rio das Garças; e foi assim que implantámos no coração dos Parecis, dos Bacaerys, dos Jarús, dos Urupás, dos Caripunás, a inabalavel confiança na lisura das nossas intenções e no desinteresse de nossos projectos. E assim tem o Serviço de Protecção aos Indios, filho dilecto da Commissão de Linhas Telegraphicas, conseguido chamar ao campo de sua acção bemfazeja innumeradas tribus, umas ainda guerreiras, outras já pacificas. Os nomes de muitas dellas estão aqui representados; alguns são nomes que ainda resoam como notas de clarim e clamores de batalhas; os Caingans, os Botocudos, os Parintintins, lembram fulgores de vastos incendios de duração secular, ainda mal extinctos...

— A 1º de Janeiro de 1915 inaugurou-se a linha tronco de Cuyabá a Porto Velho, onde a ponta do fio ainda se acha á espera do verbo verificador que faça recommear sua marcha através do Amazonas, em busca do Acre e de Manáos para completar o programma do eminente estadista mineiro e o projecto patriótico do actual Director dos Telegraphos.

— De 1915 a 1919, ultima phase da grande campanha sertanista, inaugurada com o descobrimento do sertão do Juarena, empregámos os nossos esforços no levantamento geographico de pontos e regiões importantes de Matto Grosso.

Estudámos então o valle do Araguaya com travessa para o Xingú; do Tapajós, com transposição para o Sucundury e Cauman. Completámos o levantamento dos valles do Madeira e do Paraguay; traçámos o divisor das aguas do Paraná com Taquary e Aquidauana.

Levantámos as cabeceiras dos rios Correntes, Itiquira, Garças e S. Lourenço, como complemento de levantamentos anteriores dos cursos desses rios. Igualmente levantámos os cursos do Arinos, do Telles Pires, antigo S. Manoel; delineámos os divisores destes rios e do Xingú com o Cuyabá e Rio das Mortes. Amarrámos o nosso extenso nivelamento barometrico das regiões percorridas ás estacas de nivelamento da Commissão do Planalto Central, partindo de Goyaz, á da Construcção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em Porto Esperança, através do sertão intercalado entre aquella Capital e a de Matto Grosso e pelos rios Cuyabá, S. Lourenço e Paraguay.

Voltámos ao sector comprehendido entre o Gy-Paraná, Guaporé e o Madeira, para levantar o divisor do Machadinho com o Anary; deste com o Jarú; deste com o Urupá e seus respectivos cursos; bem assim as cabeceiras dos rios Branco e Preto do Juary; Preto do Gy-Paraná; Juruazinho; Juary, Canaan. Pardo, Quatro Cachoeiras; Urupá, Cautario, Cautarinho, S. Miguel e Ricardo Franco, assignalando neste ultimo trecho o divisor do Gy-Paraná com o Guaporé.

Quiz o creador do Ministerio da Agricultura que eu organizasse e dirigisse o novo serviço, como prova de apoio e dos applausos que merecera do Governo da Republica a directriz que seguirmos no tratamento das tribus indigenas do vasto sertão que acabavamos de abrir á actividade pacifica e fecunda do homem civilizado.

Caracterizámos então as diferentes serras desses divisores e a extremidade norte da cordilheira dos Parecis, determinando por intersecção a ponta oriental da Serra Pacahá-Novo, as quaes definem a grande garganta dos campos dos Urupás, nodulo geographico importante, de onde promanam aguas que vão para o Gy-Paraná, Madeira e Guaporé.

Mais para o sul patenteámos importantes contrafortes daquella cordilheira, aos quaes demos os nomes: Uôpiane, Aleixo Garcia, Pireu de Campos, Paschoal Moreira e Antunes Maciel; regiões habitadas pelos Indios Cabixis do Norte, Uômos, Aruás, Purús-Borás e Macurapes.

Estes estudos orographicos completaram a descoberta de 1908 e 1909, da origem da Serra do Norte, onde nascem os rios Nhambiquara, 12 de Outubro e Ikê, contribuintes do Camararé e onde vivem os Nhambiquaras-anunzés.

— De 1920 a 1922, finalmente, rectificámos levantamentos realizados no divisor do Arinos e Paranatinga com o Cuyabá; explorámos o Coluêne, formador do Xingú.

Estudámos a cabeceira principal do Paraguay e o varadouro que liga a estação telegraphica Vilhena á foz do rio Cabixi, que foi levantado, estabelecendo desde então a navegação deste rio segundo a qual começámos a prover o alto sertão da Rondonia com viveres e mercadorias importados de Manáos através do Amazonas e Madeira; Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e rios Mamoré e Guaporé.

Construimos a linha telegraphica de Aquidauana a Ponta-Porã, por Campo Grande; Campos da Vaccaria, Brilhante e Caiuás, com o desenvolvimento de 508 kilometros de linha assentada, completando assim o estabelecimento de linhas telegraphicas nas fronteiras de Matto Grosso.

Para aproveitar o immenso cabedal topographico, astronomico e chorographico, accumulado desde o advento da primeira Commissão Telegraphica, installámos nesta Capital o Escriptorio Central, com uma secção cartographica e de desenho, cujos trabalhos se resumem com eloquencia nestes diferentes mappas.

Construindo primeiramente as plantas dos reconhecimentos, explorações e levantamentos diversos, formulámos depois o projecto de iniciar a construção da carta de Matto Grosso com os elementos até então adquiridos e pacientemente colleccionados, na escala de réis 1:100.000, em projecção polyconica da Carta no Mundo e que está sendo publicada no Serviço Geographico do Exercito Francez, inestimavel collaboração de boa camaradagem daquella exercito amigo.

Para divulgação reduzimos essa carta á escala de 1:300.000 em impressão na lytographia Ypiranga, do Estado de S. Paulo.

Além dessas, construimos mais a Carta Synthetica, na escala de 1:5000.000 impressa no Gabinete Photographico do Estado-Maior do Exercito; carta essa que servio para indicação dos trabalhos sertanejos e descobertas realizadas pela Commissão e que foi aproveitada na construção do Mappa do Brasil, mandada publicar pelo Governo Federal em commemoração do Centenario.

Com o mesmo intuito desenhámos cartas para illustrar os trabalhos de botanica, de zoologia, de geologia e de ethnographia, dos quaes possuímos preciosas memorias escriptas pelos distinctos profissionaes e cientistas que se encarregaram de tão valiosas pesquisas.

Está tambem em construccão a Carta de Navegação do Brasil.

Para completar os nossos estudos cartographicos de Matto Grosso, pesquizámos dentro e fóra do paiz tudo quanto as instituições scientificas e bibliothecas possuíam da cartographia daquelle Estado, dos tempos coloniaes.

O resultado pratico consequente desse immenso labor technico foi a revelação das minas de sulfureto de ferro nas cabeceiras do S. Lourenço; o descobrimento das de ouro e diamante nas cabeceiras do Cabixi e Corumbiara; de manganez nas origens do rio Manoel Corrêa, Serra Pires de Campos e valle do rio Sacre; de gypsito nas cabeceiras do Cautario; de mica no corrego do Campo, contribuinte do Pimenta Bueno; de ferro no valle do baixo Garças; assim como o assignalamento da existencia abundante da ipéca cinzenta no valle do Pimenta Bueno e margens do Gy-Paraná até Urupá, nos valles do Jarú e Jamarý; do Urupá, do Cautario e do S. Miguel, muito ao norte da região onde essa rubiacea foi primeiramente conhecida e industrialmente explorada, na celebre matta da poaia do alto Paraguay. Do mesmo modo foram marcadas as regiões em que a Hevea, a Bertholetia e a Cas-

#### INACTUAES

Certos poetas de hoje, máo humorados contra a época e em triste embaraço para nella se adaptarem, voltam-se para antigas mocidades e "pasticham-nas". Acrescentam-lhes um "nada" de actual para se justificarem aos nossos olhos. Por isso não estão vestidos, mas fantasiados e parecem monomanicos passeiando com trajes de Luiz XIV, collarinho e chapéo côco, para se fazerem de modernos. Estes artistas (existem alguns de réal valor) e a massa dos ingenuos acreditam que se póde enganar uma época, ou que se enganaram de época, quando, a verdade é que, se vissemos naquella que amam por causa da sua distancia, suspirariam de saudade por uma mais antiga.

JEAN COCTEAU.

tillôa vivem em grandes associações no territorio ao norte do paralelo de Diamantino, e entre os rios Araguaya e Guaporé.

Tão grande somma de trabalhos não podia, infelizmente, ser levada a termo sem que pelo caminho ficassem cahidos muitos dos esforçados pelejadores.

A estrada a percorrer era longa e de arduo accesso; forçoso era que muitos tombassem para accender ao longo della o facho do martyrio, a cujo clarão a posteridade ha de rever a sombra dos sacrificios a que voluntariamente se votaram os novos exploradores dos invios sertões.

E' na invocação dessas memorias immortaes que revemos a cada hora o travo das privações passadas, o peso das grandes fadigas, a agonia da saudade e tambem os instantes gloriosos dos triumphos conquistados.

Ellas tinham, pois, de comparecer aqui, onde neste momento a Nação, pelos olhos do seu Chefe e natural representante, vê e aprecia a natureza e o valor da obra realizada.

Em primeiro lugar, vêde a imagem do immortal Gomes Carneiro; ella evoca a lembrança não só dos iniciadores das construccões telegraphicas pelo interior de Matto Grosso e de nossa Patria, como tambem a memoria dos grandes obreiros

da civilização dos nossos antigos sertões, desde o Capanema, os Pimenta Bueno, os Taunay, os Couto de Magalhães, os Leverger e tantos outros, até os Ricardo Franco de Almeida, o typo mais acabado de sertanista generoso, despretensado e humano, e de explorador intelligente, esclarecido e infatigavel dos tempos coloniaes.

Eis agora o saudoso republico mineiro, o clarividente Affonso Penna, em torno de cuja effigie grupam-se as memorias de todos os homens de Estado que, furtando-se á fascinação das grandes cidades do nosso littoral, dedicaram um pensamento e uma parte do seu esforço em beneficio do nosso "hinterland" e dos nossos sertanejos.

Por fim, levanta-se a figura que representa a pleiade brilhante dos que tombaram dentre as fileiras dos lutadores desta extensa campanha de 32 annos, que tem por theatro toda a vasta região do nosso territorio, de onde promanam as aguas das nossas duas grandes bacias fluviaes, do Sul e do Norte.

E' o Capitão Candido Cardoso, modesto e pertinaz collaborador desta obra ingente, á qual começou a servir quando ainda no seu primeiro posto de official, e na qual foi conquistando vagarosamente os seus gloriosos galões até cahir morto em 1913, em pleno sertão, em meio de fervida peleja.

Pela sua humilde origem, pela sua inquebrantavel constancia, pelo posto a que se elevou no sertão, elle conquistou o privilegio inestimavel de representar com toda a propriedade o conjunto dos mortos das commissões telegraphicas de Matto Grosso. Vendo-o, nós lembramos os que foram, como elle, os humildes obreiros, sem cujo braço e sem cujo devotamento não nos teria sido possivel lançar nem a primeira pedra deste edificio; é a turba activa, operosa, indispensavel e anonyma das praças de pret, dos trabalhadores nacionaes e dos empregados dos telegraphos, á qual nos reconhecemos de profunda gratidão.

Mas, tambem, como official, elle nos lembra esse punhado de nomes brilhantes, de cooperadores intelligentes, esclarecidos, dedicados, que tão alto elevam o merecimento da obra a cujo serviço se sacrificaram, desde essa grande esperança que foi o Alferes-alumno Francisco Bueno Horta Barbosa até Marques de Souza; Botelho, o ardoroso Lyra, geologo Cicero de Campos, Inspector dos telegraphos Salathiel Candido de Moraes Castro, canoeiro Simplicio, e até mesmo o valente cacique Tolôiri.

Associamos a esses vultos nacionaes, como homenagem á solidariedade humana, a figura energica do grande amigo do Brasil, que foi o ex-Presidente americano Coronel Theodoro Roosevelt, como o typo mais representativo de todos os collaboradores estrangeiros da obra realizada dentro do territorio nacional: a exploração da terra em beneficio da sciencia e da civilização.

Desde os tempos coloniaes até hoje tivemos preciosas cooperações nas investigações da Geographia Physica do Brasil, em cuja divulgação tomaram parte os Saint-Hilaire, os Castelnau, os Chandlers, os Von den Steine e tantos outros illustres geographos e naturalistas que perillustraram os sertões do Brasil e especialmente de Matto Grosso.

Foram esses os obreiros, Exm. Sr. Presidente da Republica!

E' esta a obra!

Nós almejamos, como recompensa maxima de nossa vida, que a Nação nos reconheça dignos de uma e de outra, depois de haver reconhecido uns e outra dignos de figurarem no mostruario da obra para a qual, ha cem annos, José Bonifacio e os seus collaboradores edificaram a liberdade politica da nossa Patria.

A vós, Exm. Sr. Presidente, dizer, pela Nação, se nos cabe esperar tal recompensa.'

# FESTA DE INTELLECTUAES

## HOMENAGEM A MATHEUS DE ALBUQUERQUE

Discurso de Ronald de Carvalho

Senhor Matheus de Albuquerque — Quizeram os vossos amigos, honrados com a presença do mais graduado e insigne dentre elles, o eminente estadista que preside esta hora feliz, fosse eu quem vos transmittisse os cordiaes sentimentos de quantos aqui nos reunimos para vos festejar. Não ignorais com que prazer e com que orgulho vos offereço o pão e o vinho desta ceia, onde, ao cabo de alongada ausencia, viestes encontrar, accrescidos em mais numerosa companhia, tantos e tão fieis corações que, embora apartados, nunca deixaram de bater no mesmo compasso do vosso em terras de exílio. E' que, Senhor Matheus de Albuquerque, sobre serdes modelo puro de escriptor, sois, por igual, amigo modelar. Possuis o segredo, já singular e raro, daquelles amadores de almas que augmentaram a alegria do mundo, na Florença ou na Veneza do *Quattrocento*. O homem, no vosso conceito, não é simplesmente um espectáculo divertido ou curioso, mas um instante da belleza universal. E' esse milagroso instante que sabeis surpreender em cada ser humano, com a discreção de quem avalia os perigos e travores proprios de empreza tão grave e subtil. Não me parece, pois, exagero despejado dizer que, junto de vós, os homens se tornam melhores, porquanto a gentileza e a limpida ternura do vosso convívio apuram naturalmente as qualidades mais altas de quantos tratam convosco. E quem assim deixa os homens vaidosos de vaidade tão formosa, justo é que os enfeitice e lhes perdue indelevel na memoria.

Essa mesma virtude que vos sagrou mestre na arte melancolica de viver, do mesmo passo fez de vós um mestre na arte de escrever. Pertenceis a uma linhagem de letrados infelizmente ainda pouco influente em nosso paiz. A João Francisco Lisboa, a Torres Homem, a Nabuco, a Machado de Assis, aos humanistas de risonha e polida expressão, podeis, sem favor, ser comparado. Sois um homem invejavel, porque não participais destes contagiosos tempos, senão dos porvindouros. Somos um povo que procura ainda a verdadeira fórmula ethica e esthetica. Não a encontramos, por mal dos fados. Eis porque a muitos se afigura estar nesse redemoinho de idéas e sensações, nesse rude mecanismo de estylos carregados e luxuosos, a indole da nossa arte e do nosso pensamento. Simplicidade, ordem e clareza não são requintes que qualquer possa effectuar, mas qualidades que o espirito adquire, depois de longa pratica. Cifra-se na campanuda eloquencia a maior porção da nossa litteratura. Pesa sobre nós essa fatalidade do falso grandioso, que o dogmatico Buckle, no seu lyrismo historico affirmou ser a causa da nossa incapacidade politica e social. Nossa admiração vai para o desmedido, na peor acepção do vocabulo, quando não, para um classicismo espurio, colhido ás pressas nos jardins sem viço das anthologias. Oscillamos entre a floresta de papelão pintado e as constellações empalhadas do arsenal romantico. Por via de regra, o que procuramos no escriptor é, principalmente, a emphase. Confundimos intelligencia com imaginativa, riqueza verbal confusa e despropositada com elegancia.

Somos todos, mais ou menos, como aquelle humilde professor de latim, que o velho Saint-Hilaire, em uma das suas excursões pelos districtos diamantinos, conheceu em Sabará:

"Outre son cours gratuit de latin, narra o benemerito chronista francez, il

en faisait un de philosophie rationnelle et morale, dont il était payé par ses disciples, et il eut bonté de me lire son discours d'ouverture. Le corps de l'ouvrage présentait une suite de lieux communs, assez bien arrangés, sur les avantages de la philosophie; mais l'exorde, dans lequel l'auteur remerciait les habitants de Sabará de l'hospitalité qu'il avait reçu d'eux, était d'une telle enflure, qu'en n'entendant, j'eus souvent de la peine à m'empêcher de rire. L'orateur aurait voulu avoir l'éloquence de Cicéron pour célébrer ses bienfaiteurs; il aurait voulu faire connaître l'accueil qu'il en avait reçu à l'univers entier, et avoir à sa disposition toutes les trompettes de la renommée."

Vosso mal, Senhor Matheus de Albuquerque, está em não desejar as cem bocas da fama, a exemplo do latinista das Minas Geraes. Formastes o vosso espirito na atmosphaera calma em que respiram

### OS DEUSES TÊM SEDE...

Conan Doyle, cuja fantasia criou toda uma sciencia de investigação, dirige hoje, para o mundo astral dos espiritos, a sua extranha perspicacia. Assim é que, quando se divulgava a morte do grande egyptologo lord Carnavon, o criador de Sherlock Holmes, declarou que o explorador inglês fôra victima do odio dos reis egypticos, cuja calma millenaria viera perturbar com excavações curiosas... Carnavon não morrera de qualquer enfermidade conhecida no quadro commum da pathologia, senão victima de espiritos adversos. Morrera de vingança de deuses... Como o leitor sabe, o Conde Carnavon era um archeologo notavel, e, ha pouco, emprehendeu, com successo, juntamente com Howard Carter, tambem illustre egyptologo, as excavações no tumulo ignorado do antigo rei, Tut-Ankh-Amen, que reinou 13 seculos antes de Christo. Foram encontradas preciosidades nas duas primeiras camaras desse tumulo ignorado do antigo rei Tut-Ankh-bastantes para esclarecer a historia de um dos mais bellos periodos da civilização egyptica. Antes, porém, de findar seu trabalho Carnavon adoce e, em duas semanas, morre de uma infecção. Que dizemos? morre victimado pela vingança de Tut-Ankh-Amen, que appellou os nunes sagrados do Egipto afim de punir o britannico ousado. Os deuses têm sede...

as raças do Mediterraneo. Vossos deuses são aquelles que os antigos adoravam sem temer e com quem se distrahiam, nas fabulas de Ovidio e Luciano, entre as latadas cheirosas dos pomares pompeianos, ou á sombra das oliveiras e dos limoeiros das ilhas douradas do mar jonico. Nas festas da vossa fantasia não ha lugar para os torokanás e os borés. Dissestes, certa vez, que natureza sem tradição é sem encanto. Nada explicaria tão seguramente o vosso caracter como esse conceito sincero e profundo. Para vós o Universo é o homem, ou, melhor, a Intelligencia.

Amáis sobre todas as cousas a disciplina. Sem ella, não comprehenderieis o creador e as creaturas, e verieis, na criação, um mosaico estéril de tumultos e contendas inuteis. E que exemplo, nesse particular, nos depara a projecção admiravel do vosso espirito! Vossa obra é um testemunho do continuo dominio que

exerceis sobre vós mesmo. Começastes por traçar balizas á imaginação do poeta com que nascestes para a arte. Apesar de haverdes queimado incenso, como brasileiro e nortista lidimo que sois, á musa patriotica, jámais perdestes o senso da proporção. Em vossos cantos, até nos de amor, resoam vozes de sereno idealismo; o corpo e o pensamento vão, nelles, de par e tão intimamente unidos, que seria impossivel destacar um do outro. Refreíastes, de igual modo, vossa ardente sensibilidade de filho do tropico e, sem artificio, puzestes as mais finas virtudes do vosso temperamento ao serviço da Razão.

A argucia com que penetraes as duvidas e os tormentos da consciencia, a rapidez da vossa analyse, a inquietante agilidade do vosso raciocinio, as directrizes geometricas da vossa energia creadora, a maneira por que sondais demoradamente as obscuras trajectorias da nossa vida interior, são a prova de que, em vós, quem manda e commanda é a intelligencia. E' que, antes de tudo, sois um Poeta. Os personagens da vossa galeria, os Anselmo Torres, os Guedes, os D. Rodrigo Villavende, os André Garcia, têm a vibração das idéas, quando poetas na luz da realidade. São humanos, sem duvida; mas não, na essencia, categorias da vossa razão, de onde se desprenderam espontaneamente, como os fructos maduros e saborosos da arvore fecunda.

Ha, certamente, um ar de nobre desencanto nas vossas creaturas. Todas ellas reflectem aquella doce melancolia dos que soffrem o prazer de pensar, prazer feito de sacrificios e pudores. Quem pensa, escolhe. E quem escolhe, experimenta o travo da hesitação. Mas o prazer de pensar é um jogo voluptuoso. Dá-nos, em suas varias e caprichosas encruzilhadas, a embriaguez das cousas discretas, dos perfumes insidiosos, dos vinhos seccos, dos entre-tons sobrios. Está nelle a melhor realidade, a realidade que nos provoca sempre uma surpresa. Quando pensamos, ao revés de quando sentimos, estamos simultaneamente fóra e dentro de nós. Quando pensamos, não descrevemos nem reproduzimos plasticamente os aspectos do ambiente exterior, mas procuramos ligar a vida mysteriosa dos objectos, por fios imponderaveis e immateriaes, á vida das nossas idéas. Os ephemerios seriam graves e desolados se pensassem, pois fomos gerados apenas para sentir. Contentamo-nos, em geral, com a instantaneidade amavel das nossas sensações. Ellas é que nos guiam, que dirigem os nossos actos, que orientam os nossos rumos. Cada ser poderia resumir assim o seu destino: *Biduo saltavit et placuit*. Duas voltas de bailado, um rumor de applauso: eis o homem! Alguns teimosos, porém, e sois desse numero, Senhor Matheus de Albuquerque, não se satisfazem com as aguas tranquilladas da bilha fragil que receberam. Querem-n'as crespas e sonoras. Complicam voluntariamente os accents da melodia ingenua. Quebram o espelho manso dos reflexos num marulhar de ondas breves e repetidas. Esses conhecem o triste prazer de pensar e, entre essas, os que melhor o praticam talvez sejam os artistas da vossa estirpe: os poetas. Não são estes, sómente, inventores de imagens; mas, sobretudo, creadores de relações e referencias. São os mais agudos e perspicazes mathematicos da especie. A todo momento propõem e resolvem problemas engenhosos, porque a materia de que se servem é em substancia numerica e formal. Cada poeta é uma fórmula viva do Universo. Fórmula subtil e voluvel, instavel e maravilhosa, vã

Quiz o creador do Ministerio da Agricultura que eu organisasse e dirigisse o novo serviço, como prova de apoio e dos applausos que merecera do Governo da Republica a directriz que seguimos no tratamento das tribus indigenas do vasto sertão que acabavamos de abrir á actividade pacifica e fecunda do homem civilizado.

Caracterizámos então as differentes serras desses divisores e a extremidade norte da cordilheira dos Parecis, determinando por intersecção a ponta oriental da Serra Pacahã-Novo, as quaes definem a grande garganta dos campos dos Urupás, nodulo geographico importante, de onde promanam aguas que vão para o Gy-Paraná, Madeira e Guaporé.

Mais para o sul patenteámos importantes contrafortes daquella cordilheira, aos quaes demos os nomes: Uôpiane, Aleixo Garcia, Pireu de Campos, Paschoal Moreira e Antunes Maciel; regiões habitadas pelos Indios Cabixis do Norte, Uômos, Aruás, Purús-Borás e Macurapes.

Estes estudos orographicos completaram a descoberta de 1908 e 1909, da origem da Serra do Norte, onde nascem os rios Nhambiquara, 12 de Outubro e Iké, contribuintes do Camararé e onde vivem os Nhambiquaras-anunzês.

— De 1920 a 1922, finalmente, rectificámos levantamentos realizados no divisor do Arinos e Paranatinga com o Cuyabá; explorámos o Coluêne, formador do Xingú.

Estudámos a cabeceira principal do Paraguay e o varadouro que liga a estação telegraphica Vilhena á foz do rio Cabixi, que foi levantado, estabelecendo desde então a navegação deste rio segundo a qual começámos a prover o alto sertão da Rondonia com viveres e mercadorias importados de Manaus através do Amazonas e Madeira; Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e rios Mamoré e Guaporé.

Construímos a linha telegraphica de Aquidauana a Ponta-Porã, por Campo Grande; Campos da Vaçcaria, Brilhante e Caiuás, com o desenvolvimento de 508 kilometros de linha assentada, completando assim o estabelecimento de linhas telegraphicas nas fronteiras de Matto Grosso.

Para aproveitar o immenso cabedal topographico, astronomico e chorographico, accumulado desde o advento da primeira Commissão Telegraphica, installámos nesta Capital o Escritorio Central, com uma secção cartographica e de desenho, cujos trabalhos se resumem com eloquencia nestes differentes mappas.

Construindo primeiramente as plantas dos reconhecimentos, explorações e levantamentos diversos, formulámos depois o projecto de iniciar a construcção da carta de Matto Grosso com os elementos até então adquiridos e pacientemente colleccionados, na escala de réis 1:100.000, em projecção polyconica da Carta no Mundo e que está sendo publicada no Serviço Geographico do Exército Francez, inestimavel collaboraçã de boa camaradagem daquelle exercito amigo.

Para divulgação reduzimos essa carta á escala de 1:300.000 em impressão na lytographia Ypiranga, do Estado de S. Paulo.

Além dessas, construímos mais a Carta Synthetica, na escala de 1:5000.000 impressa no Gabinete Photographico do Estado-Maior do Exército; carta essa que servio para indicação dos trabalhos sertanejos e descobertas realizadas pela Commissão e que foi aproveitada na construcção do Mappa do Brasil, mandada publicar pelo Governo Federal em commemoração do Centenario.

Com o mesmo intuito desenhámos cartas para illustrar os trabalhos de botanica, de zoologia, de geologia e de ethnographia, dos quaes possuimos preciosas memorias escriptas pelos distinctos profissionaes e scientistas que se encarregaram de tão valiosas pesquisas.

Está tambem em construcção a Carta de Navegação do Brasil.

Para completar os nossos estudos cartographicos de Matto Grosso, pesquisámos dentro e fóra do paiz tudo quanto as instituições scientificas e bibliothecas possuíam da cartographia daquelle Estado, dos tempos coloniaes.

O resultado pratico consequente desse immenso labor technico foi a revelação das minas de sulfureto de ferro nas cabeceiras do S. Lourenço; o descobrimento das de ouro e diamante nas cabeceiras do Cabixi e Corumbiara; de manganez nas origens do rio Manoel Corrêa, Serra Pires de Campos e valle do rio Sacre; de gypsito nas cabeceiras do Cautario; de mica no corrego do Campo, contribuinte do Pimenta Bueno; de ferro no valle do baixo Garças; assim como o assignalamento da existencia abundante da ipêca cinzenta no valle do Pimenta Bueno e margens do Gy-Paraná até Urupá, nos valles do Jarú e Jãmari; do Urupá, do Cautario e do S. Miguel, muito ao norte da região onde essa rubiacea foi primeiramente conhecida e industrialmente explorada, na celebre matta da poaia do alto Paraguay. Do mesmo modo foram marcadas as regiões em que a Hevea, a Bertholetia e a Cas-

da civilização dos nossos antigos sertões, desde o Capanema, os Pimentu Bueno, os Taunay, os Couto de Magalhães, os Leverger e tantos outros, até os Ricardo Franco de Almeida, o typo mais acabado de sertanista generoso, desinteressado e humano, e de explorador intelligente, esclarecido e infatigavel dos tempos coloniaes.

Eis agora o saudoso republico mineiro, o clarividente Affonso Penna, em torno de cuja effigie grupam-se as memorias de todos os homens de Estado que, furtando-se á fascinação das grandes cidades do nosso littoral, dedicaram um pensamento e uma parte do seu esforço em beneficio do nosso "hinterland" e dos nossos sertanejos.

Por fim, levanta-se a figura que representa a pleiade brilhante dos que tombaram dentre as fileiras dos lutadores desta extensa campanha de 32 annos, que tem por theatro toda a vasta região do nosso territorio, de onde promannam as aguas das nossas duas grandes bacias fluviaes, do Sul e do Norte.

E' o Capitão Candido Cardoso, modesto e pertinaz collaborador desta obra ingente, á qual começou a servir quando ainda no seu primeiro posto de official, e na qual foi conquistando vagarosamente os seus gloriosos galões até cahir morto em 1913, em pleno sertão, em meio de fervida peleja.

Pela sua humilde origem, pela sua inquebrantavel constancia, pelo posto a que se elevou no sertão, elle conquistou o privilegio inestimavel de representar com toda a propriedade o conjunto dos mortos das commissões telegraphicas de Matto Grosso. Vendo-o, nós lembramos os que foram, como elle, os humildes obreiros, sem cujo braço e sem cujo devotamento não nos teria sido possivel lançar nem a primeira pedra deste edificio; é a turba activa, operosa, indispensavel e anonyma das praças de pret, dos trabalhadores nacionaes e dos empregados dos telegraphos, á qual nos reconhecemos de profunda gratidão.

Mas, tambem, como official, elle nos lembra esse punhado de nomes brilhantes, de cooperadores intelligentes, esclarecidos, dedicados, que tão alto elevam o merecimento da obra a cujo serviço se sacrificaram, desde essa grande esperança que foi o Alferes-alumno Francisco Bueno Horta Barbosa até Marques de Souza; Botelho, o ardoroso Lyra, geologo Cicero de Campos, Inspector dos telegraphos Salathiel Candido de Moraes Castro, canoeiro Simplicio, e até mesmo o valente cacique Tolôiri.

Associamos a esses vultos nacionaes, como homenagem á solidariedade humana, a figura energica do grande amigo do Brasil, que foi o ex-Presidente americano Coronel Theodoro Roosevelt, como o typo mais representativo de todos os collaboradores estrangeiros da obra realizada dentro do territorio nacional: a exploração da terra em beneficio da sciencia e da civilização.

Desde os tempos coloniaes até hoje tivemos preciosas cooperações nas investigações da Geographia Physica do Brasil, em cuja divulgação tomaram parte os Saint-Hilaire, os Castelleau, os Chandlers, os Von den Steine e tantos outros illustres geographos e naturalistas que per-lustraram os sertões do Brasil e especialmente de Matto Grosso.

Foram esses os obreiros, Exm. Sr. Presidente da Republica!

E' esta a obra!

Nós almejamos, como recompensa maxima de nossa vida, que a Nação nos reconheça dignos de uma e de outra, depois de haver reconhecido uns e outra dignos de figurarem no mostruario da obra para a qual, ha cem annos, José Bonifacio e os seus collaboradores edificaram a liberdade politica da nossa Patria.

A vós, Exm. Sr. Presidente, dizer, pela Nação, se nos cabe esperar tal recompensa.'

#### INACTUAES

Certos poetas de hoje, máo humorados contra a época e em triste embaraço para nella se adaptarem, voltam-se para antigas mocidades e "pasticham-nas" Accrescentam-lhes um "nada" de actual para se justificarem aos nossos olhos. Por isso não estão vestidos, mas fantasiados e parecem monomanicos passeando com trajes de Luiz XIV, collarinho e chapéo côco, para se fazerem de modernos. Estes artistas (existem alguns de réal valor) e a massa dos ingenuos acreditam que se pôde enganar uma época, ou que se enganaram de época, quando, a verdade é que, se vissemos naquella que amam por causa da sua distancia, suspirariam de saudade por uma mais antiga.

JEAN COCTEAU.

tillôa vivem em grandes associações no territorio ao norte do paralelo de Diamantino, e entre os rios Araguaya e Guaporé.

Tão grande somma de trabalhos não podia, infelizmente, ser levada a termo sem que pelo caminho ficassem cahidos muitos dos esforçados pelejadores.

A estrada a percorrer era longa e de arduo accesso; forçoso era que muitos tombassem para accender ao longo della o facho do martyrio, a cujo clarão a posteridade ha de rever a sombra dos sacrificios a que voluntariamente se votaram os novos exploradores dos invios sertões.

E' na invocação dessas memorias immortaes que revemos a cada hora o travo das privações passadas, o peso das grandes fadigas, a agonia da saudade e tambem os instantes gloriosos dos triumphos conquistados.

Ellas tinham, pois, de comparecer aqui, onde neste momento a Nação, pelos olhos do seu Chefe e natural representante, vê e aprecia a natureza e o valor da obra realizada.

Em primeiro lugar, vêde a imagem do immortal Gomes Carneiro; ella evoca a lembrança não só dos iniciadores das construcções telegraphicas pelo interior de Matto Grosso e de nossa Patria, como tambem a memoria dos grandes obreiros



# FESTA DE INTELLECTUAES

## HOMENAGEM A MATHEUS DE ALBUQUERQUE

Discurso de Ronald de Carvalho

Senhor Matheus de Albuquerque — Quizeram os vossos amigos, honrados com a presença do mais graduado e insigne dentre elles, o eminente estadista que preside esta hora feliz, fosse eu quem vos transmittisse os cordiaes sentimentos de quantos aqui nos reunimos para vos festejar. Não ignorais com que prazer e com que orgulho vos offereço o pão e o vinho desta ceia, onde, ao cabo de alongada ausencia, viestes encontrar, accrescidos em mais numerosa companhia, tantos e tão fieis corações que, embora apartados, nunca deixaram de bater no mesmo compasso do vosso em terras de exilio. E' que, Senhor Matheus de Albuquerque, sobre serdes modelo puro de escriptor, sois, por igual, amigo modelar. Possuis o segredo, já singular e raro, daquelles amadores de almas que augmentaram a alegria do mundo, na Florença ou na Veneza do *Quattrocento*. O homem, no vosso conceito, não é simplesmente um espectáculo divertido ou curioso, mas um instante da belleza universal. E' esse milagroso instante que sabeis surpreender em cada ser humano, com a discreção de quem avalia os perigos e travores proprios de empreza tão grave e subtil. Não me parece, pois, exagero despejado dizer que, junto de vós, os homens se tornam melhores, porquanto a gentileza e a limpida ternura do vosso convívio apuram naturalmente as qualidades mais altas de quantos tratam convosco. E quem assim deixa os homens vaidosos de vaidade tão formosa, justo é que os enfeitece e lhes perdure indelevel na memoria.

Essa mesma virtude que vos sagrou mestre na arte melancolica de viver, do mesmo passo fez de vós um mestre na arte de escrever. Pertenceis a uma linhagem de lettrados infelizmente ainda pouco influente em nosso paiz. A João Francisco Lisboa, a Torres Homem, a Nabuco, a Machado de Assis, aos humanistas de risonha e polida expressão, podeis, sem favor, ser comparado. Sois um homem invejavel, porque não participais destes contagiosos tempos, senão dos porvindouros. Somos um povo que procura ainda a verdadeira fórmula ethica e esthetica. Não a encontramos, por mal dos fados. Eis porque a muitos se afigura estar nesse redemoinho de idéas e sensações, nesse rude mecanismo de estylos carregados e luxuosos, a indole da nossa arte e do nosso pensamento. Simplicidade, ordem e clareza não são requintes que qualquer possa effectuar, mas qualidades que o espirito adquire, depois de longa pratica. Cifra-se na campanha eloquencia a maior porção da nossa litteratura. Pesa sobre nós essa fatalidade do falso grandioso, que o dogmatico Buckle, no seu lyrismo historico affirmou ser a causa da nossa incapacidade politica e social. Nossa admiração vai para o desmedido, na peor acepção do vocabulo, quando não, para um classicismo espurio, colhido ás pressas nos jardins sem viço das anthologias. Oscillamos entre a floresta de papelão pintado e as constellações empalhadas do arsenal romantico. Por via de regra, o que procuramos no escriptor é, principalmente, a emphase. Confundimos intelligencia com imaginativa, riqueza verbal confusa e despropositada com elegancia.

Somos todos, mais ou menos, como aquelle humilde professor de latim, que o velho Saint-Hilaire, em uma das suas excursões pelos districtos diamantinos, conheceu em Sabará:

"Outre son cours gratuit de latin, narra o benemerito chronista francez, il

en faisait un de philosophie rationnelle et morale, dont il était payé par ses disciples, et il eut bonté de me lire son discours d'ouverture. Le corps de l'ouvrage présentait une suite de lieux communs, assez bien arrangés, sur les avantages de la philosophie; mais l'exorde, dans lequel l'auteur remerciait les habitants de Sabará de l'hospitalité qu'il avait reçu d'eux, était d'une telle enflure, qu'entendant, j'eus souvant de la peine à m'empêcher de rire. L'orateur aurait voulu avoir l'éloquence de Cicéron pour célébrer ses bienfaiteurs; il aurait voulu faire connaître l'accueil qu'il en avait reçu à l'univers entier, et avoir à sa disposition toutes les trompettes de la renommée."

Vosso mal, Senhor Matheus de Albuquerque, está em não desejar as cem bocas da fama, a exemplo do latinista das Minas Geraes. Formastes o vosso espirito na atmospheria calma em que respiram

### OS DEUSES TÊM SEDE...

Conan Doyle, cuja fantasia criou toda uma sciencia de investigação, dirige hoje, para o mundo astral dos espiritos, a sua extranha perspicacia. Assim é que, quando se divulgava a morte do grande egyptologo lord Carnavon, o criador de Sherlock Holmes, declarou que o explorador inglês fóra victima do odio dos reis egypticos, cuja calma millenaria viera perturbar com excavações curiosas... Carnavon não morrera de qualquer enfermidade conhecida no quadro commum da pathologia, senão victima de espiritos adversos. Morrera de vingança de deuses... Como o leitor sabe, o Conde Carnavon era um archeologo notavel, e, ha pouco, apprehendeu, com successo, juntamente com Howard Carter, tambem illustre egyptologo, as excavações no tumulo ignorado do antigo rei, Tut-Ankh-Amen, que reinou 13 seculos antes de Christo. Foram encontradas preciosidades nas duas primeiras camaras desse tumulo ignorado do antigo rei Tut-Ankh-bastantes para esclarecer a historia de um dos mais bellos períodos da civilização egyptica. Antes, porém, de findar seu trabalho Carnavon adoece e, em duas semanas, morre de uma infecção. Que dizemos? morre victimado pela vingança de Tut-Ankh-Amen, que apelou os numes sagrados do Egypto afim de punir o britannico ousado. Os deuses têm sede...

as raças do Mediterraneo. Vossos deuses são aquelles que os antigos adoravam sem temer e com quem se distraham, nas fabulas de Ovidio e Luciano, entre as latadas cheirosas dos pomares pompeianos, ou á sombra das oliveiras e dos limoeiros das ilhas douradas do mar jonico. Nas festas da vossa fantasia não ha lugar para os torokanás e os borés. Dissestes, certa vez, que natureza sem tradição é sem encanto. Nada explicaria tão seguramente o vosso caracter como esse conceito sincero e profundo. Para vós o Universo é o homem, ou, melhor, a Intelligencia.

Amais sobre todas as cousas a disciplina. Sem ella, não comprehenderieis o creador e as creaturas, e verieis, na creação, um mosaico estéril de tumultos e contendas inuteis. E que exemplo, nesse particular, nos depara a projecção admiravel do vosso espirito! Vossa obra é um testemunho do continuo dominio que

exerceis sobre vós mesmo. Começastes por traçar balizas á imaginação do poeta com que nascestes para a arte. Apesar de haverdes queimado incenso, como brasileiro e nortista lidimo que sois, á musa patriotica, jámais perdestes o senso da proporção. Em vossos cantos, até nos de amor, resoam vozes de sereno idealismo; o corpo e o pensamento vão, nelles, de par e tão intimamente unidos. que seria impossivel destacar um do outro. Refreiaestes, de igual modo, vossa ardente sensibilidade de filho do tropico e, sem artificio, puzestes as mais finas virtudes do vosso temperamento ao serviço da Razão.

A argucia com que penetraes as duvidas e os tormentos da consciencia, a rapidez da vossa analyse, a inquietante agilidade do vosso raciocinio, as directrizes geometricas da vossa energia creadora, a maneira por que sondais demoradamente as obscuras trajectorias da nossa vida interior, são a prova de que, em vós, quem manda e comanda é a intelligencia. E' que, antes de tudo, sois um Poeta. Os personagens da vossa galeria, os Anselmo Torres, os Guedes, os D. Rodrigo Villavende, os André Garcia, têm a vibração das idéas, quando poetas na luz da realidade. São humanos, sem duvida; mas não, na essencia, categorias da vossa razão, de onde se desprenderam espontaneamente, como os fructos maduros e saborosos da arvore fecunda.

Ha, certamente, um ar de nobre desencanto nas vossas creaturas. Todas ellas reflectem aquella doce melancolia dos que soffrem o prazer de pensar, prazer feito de sacrificios e pudores. Quem pensa, escolhe. E quem escolhe, experimenta o travo da hesitação. Mas o prazer de pensar é um jogo voluptuoso. Dá-nos, em suas varias e caprichosas encruzilhadas, a embriaguez das cousas discretas, dos perfumes insidiosos, dos vinhos seccos, dos entre-tons sobrios. Está nelle a melhor realidade, a realidade que nos provoca sempre uma surpresa. Quando pensamos, ao revés de quando sentimos, estamos simultaneamente fóra e dentro de nós. Quando pensamos, não descrevemos nem reproduzimos plasticamente os aspectos do ambiente exterior, mas procuramos ligar a vida mysteriosa dos objectos, por fios imponderaveis e immateriaes, á vida das nossas idéas. Os ephemerios seriam graves e desolados se pensassem, pois fomos gerados apenas para sentir. Contentamo-nos, em geral, com a instantaneidade amavel das nossas sensações. Ellas é que nos guiam, que dirigem os nossos actos, que orientam os nossos rumos. Cada ser poderia resumir assim o seu destino: *Biduo saltavit et placuit*. Duas voltas de bailado, um rumor de applauso: eis o homem! Alguns teimosos, porém, e sois desse numero, Senhor Matheus de Albuquerque, não se satisfazem com as aguas tranquilladas da bilha fragil que recebem. Querem-n'as crespas e sonoras. Complicam voluntariamente os accents da melodia ingenua. Quebram o espelho inanso dos reflexos num marulhar de ondas breves e repetidas. Esses conhecem o triste prazer de pensar e, entre essas, os que melhor o praticam talvez sejam os artistas da vossa estirpe: os poetas. Não são estes, sómente, inventores de imagens; mas, sobretudo, creadores de relações e referencias. São os mais agudos e perspicazes mathematicos da especie. A todo momento propõem e resolvem problemas engenhosos, porque a materia de que se servem é em substancia numerica e formal. Cada poeta é uma fórmula viva do Universo. Fórmula subtil e voluvel, instavel e maravilhosa, vã

# EINSTEIN

A figura empolgante do grande sabio, o "invernal Einstein", enche de preocupações e curiosidade todo o mundo, profundamente abalado com as theorias da relatividade, que vieram perturbar de um modo radical todo o conhecimento cosmogonico, derrocando velhos principios, tidos e havidos como inmutaveis. E' certo que Einstein não foi um phenomeno singular na sciencia; que o seu apparecimento fóra prenunciado por outros espiritos que prepararam o terreno para as suas conclusões; que as descobertas de Maxwell; as experiencias de Michelson-Morlay; a hypothese da contracção de Lorentz e Fitzgerald; as theorias de Poincaré, para só citar as de maior relevancia, justificam plenamente a relatividade, cujas fórmulas basicas Einstein encontrou; mas, por outro lado, é não menos certo de que o publico, o grande publico, não conheceu os primeiros iniciados, os trabalhadores obscuros, os que entreviram os horizontes por onde o sabio allemão navegou depois para a sua famosa descoberta. Cabe-lhe, aos olhos do mundo, a gloria unica da relatividade, e essa expressão, que nem todos (talvez bem poucos) saibam o significado, está definitivamente ligada ao seu nome. A proposito de Einstein, ha um pouco de capricho da moda, aquelle capricho que cercou, ha annos atraz, Bergson, fazendo as suas conferencias um motivo de encontros elegantes e de mundanismo puro, enquanto o philosopho da intuição divagava pelos terrenos singulares da sua metaphysica transcendente. O successo das doutrinas de Einstein, no mundo em geral, espantou grandemente o physico allemão, pois, como bem disse, trata-se de assumpto capaz de empolgar o cientista e philosopho, mas indifferente aos profanos. No entanto, tambem os profanos quizeram saber os mysterios profundos do universo einsteiniano. E a curiosidade cercou o sabio. Nas suas viagens aos Estados Unidos, ao Oriente e á Hespanha, não só tem sido recebido pelos intellectuaes desses paizes, senão pelo povo, que quer conhecer o homem phantastico, o revolucionario, o increditavel!... E Einstein, com sua bella cabeça e seu olhar profundo e sonhador, que bem denota um grande poeta, no mais alta sentido da expressão, que faz do rythmo dos algarismos a suprema eurythmia do universo, vê dilatar-se dia a dia o seu campo de gravitação...

O leitor, seguramente é um interessado em conhecer as doutrinas de Einstein e, por certo, já ouviu dizer, por muita gente que nunca versou o assumpto, que é impossivel ao individuo, não iniciado no mysterio dos numeros, das altas mathematicas, comprehender o significado das doutrinas da relatividade. Terá notado tambem que a bibliographia dos commentadores e divulgadores da theoria cresce de um modo assustador e, ha pouco, uma revista franceza, publicava uma lista de livros sobre Einstein, em algumas paginas... Fecundidade!... Depois de tudo isso, indagará: *E' possivel chegar a Einstein?* Como disse Nordmann, "si Einstein é um thesouro, uma horrivel quantidade de monstros mathematicos

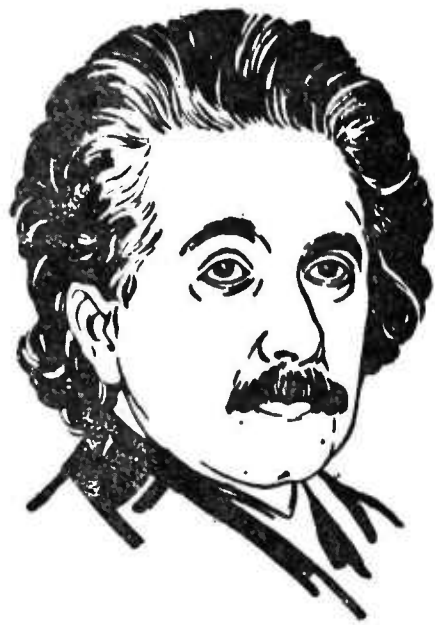
e innocente, fascinante e perigosa, como todas as fórmulas combinadas pela intelligencia. Não sei mesmo de nada mais semelhante aos rythmos de um estylo numeroso que um conceito de mecanica racional, seja o da massa, o do movimento ou o da força. E' que a poesia nos offerece um problema de equilibrio constante entre a razão, o sentimento e o spectaculo universal. De Anaxagoras a Einstein o leite da poesia tem jorrado

afasta os curiosos. Que ha nelles uma secreta belleza, como nas garguças gothicas, é indiscutivel". Como vencel-os? Pela exposição clara e precisa da doutrina, como fizeram Borel, Nordmann, ou Lucien Fabre, por exemplo, definindo sempre, em linguagem simples, as expressões scientificas, e, quando tiver de empregar fórmulas mathematicas, acima das que são de conhecimento vulgar de todo individuo que tem um curso razoavel de preparatorios, fazel-o de modo que o leitor profano siga a continuidade da exposição, prescindindo das equações e dos outros monstros mathematicos. Desta fórmula é possivel dar um conhecimento geral das doutrinas da relatividade, accessivel aos homens de cultura, embora fiquem sempre impedidos de comprehender a razão ultima dos phenomenos que conheceram. Esta será o privilegio dos mathematicos. Aos leigos, basta o conhecimento da doutrina, acreditando nas conclusões, fielmente, sem lhe indagar o *porque*. "Os que não são mathematicos, escreve Borel, pódem aceitar as consequencias dessas deducções e desses calculos, com a mesma confiança que habitualmente dispensam aos mathematicos".

Se o leitor quizer a indicação de alguns livros sobre a theoria de Einstein, poderemos enumerar os seguintes: Lucien Fabre, *Les Théories d'Einstein*; Charles Nordmann, *Einstein et l'Univers*; Ahbé Th. Moreaux, *Pour comprendre Einstein?*; Général Vouillemin, *Introduction à la Théorie d'Einstein*; F. Jean-Desthieux, *L'Incompréhensible Einstein*; Louis Rougier, *En marge de Curie, de Carnot et d'Einstein*; Bergson, *Durée et Simultanéité, a propos de la théorie d'Einstein*; Amoroso Costa, *Introdução à Theoria da Relatividade*. Deixamos para citar, em ultimo lugar, o livro de Einstein: *A Theoria da Relatividade, restricta e generalisada* (posta ao conhecimento de todos), traducção franceza da Senhorinha J. Rouvière, licenciada em sciencias mathematicas. Neste livro, o grande sabio escreveu o seguinte: "O fim deste livrinho é permittir áquelles que se interessam pela theoria da relatividade, sob o ponto de vista scientifico e philosophico, de conhecer-na, tantos quanto possivel, mesmo os que não têm o aparelho mathematico da physica theoria. Sua leitura exige uma certa madureza de espirito e, apesar do seu pequeno numero de paginas, requer do leitor um certo esforço de paciencia e de vontade. O autor teve o maior cuidado de apresentar as idéas principaes o mais claro e simplesmente que lhe foi possivel, na ordem em que se iniciaram. Para clareza da exposição, pareceu-me necessario repetir-me muitas vezes, sem me inquietar com a elegancia; seguindo, a esse respeito, o conselho do theorista de genio L. Boltzmann, que era da opinião de que se deixassem aos alfaiates e sapateiros as preocupações da elegancia. Acredito não ter occultado ao leitor as difficuldades que a questão levanta e foi, intencionalmente, que omitti as bases empiricas e physicas da theoria, afim de não desorientar os não iniciados na physica. Possa este livro proporcionar a muitos algumas horas interessantes. A. Einstein"

com abundancia e perturbado como um licor o entendimento humano. Continuamos a legislar sobre o Espaço e o Tempo, continuamos a forjar medidas para phenomenos da creação, com a ingenua serenidade dos santos e dos heróes. Divina Poesia!

O verdadeiro poeta, comtudo, é, dentre os sabios, o menos fallivel, o unico, mercê de Deus, que não acredita na perfeição dos seus instrumentos. Applica-os,



EINSTEIN

sorrindo, sobre a vaidade passageira das cousas. E o fazeis, Senhor Matheus de Albuquerque. Por isso vossa obra revê, tambem, um coração que sabe perdoar, como todo coração disciplinado pela intelligencia.

Conheceis os homens, Senhor Matheus de Albuquerque, e não os detestais. Acolhe-os a todos, sem orgulho nem maldade, vossa infulgente ironia. Sois um Poeta, no significado antigo desta formosa palavra. Perdôe-me a vossa modestia o agravo de tão justo louvor.

## Discurso de Matheus de Albuquerque

Meus amigos: — Nada seria mais grato ao meu coração de repatriado, em vespera, aliás, de refazer os alforjes para uma nova ausencia, do que "o pão e o vinho" deste agasalho. Festa de sympathy, festa de solidariedade intellectual e affectiva, é aqui que venho, trazido por vossas mãos dadivosas, colher o premio das longas horas de exilio, como se viesse da sombra e do silencio da solidão moral para o esplendor, a jovialidade, o encanto imperecivel das primaveras do espirito. Quiz a vossa amizade, triumphante de todas as contingencias humanas, que a mim me fôsse destinada "esta hora feliz". E, entre vós, aquecido ao calor dos vossos lares, o que mais me consola, meus amigos, é verificar que nem sempre é fundada aquella melancolica observação, por mim mesmo expressa certa vez, de que em toda separação ha sempre qualquer cousa de triste, que se póde explicar tanto pelo temor de não volvermos a ver-nos, como por uma especie de presentimento de que, se volvermos a ver-nos, talvez nos encontremos diferentes em nossos affectos.

Depois de longa separação, aqui me tendes como o mais humilde, é verdade, porém não o menos fiel dos vossos companheiros, e, sobretudo, aqui vos tenho na plenitude da vossa generosidade, que me dá a conhecer, ungido pela palavra sem macula do vosso bello interprete, o leite da ternura humana, tão amado entre os poetas. Nada mudou para nós, apesar dos annos, da distancia geographica e dos primeiros cabellos brancos, porque, mesmo em auxilio destes, trouxestes convosco, além da vossa juventude espiritual, o reforço de novos companheiros. Estamos juntos outra vez, repartindo o pão e o vinho da amizade, como se nunca nos tivéssemos apartado e em nossos labios ainda se sentisse a doçura da communhão da vespera.

Apenas, desta vez, quizestes honrar o vosso amigo com uma acolhida mais brilhante e mais affectuosa, que, se posso agradecer, não sei como explicar Levastes o vosso empenho generoso ao extremo

de me fazerdes ouvir o mais delicado dos louvores a que possa aspirar um homem do meu escasso merecimento intellectual, do meu feio moral e da minha vida sem brilho nem relevo. Se não fosse o receio de maguar a delicadeza dos vossos sentimentos, eu vos diria que, ás vezes, e para taes effeitos, a distancia é má conselheira. De longe, attenuados os angulos da convivencia quotidiana, vencidas as reservas da intelligencia pelas sanda-des do coração, os amigos se tornam mais indulgentes. E', talvez, uma formula nova, e mais gentil, e mais pura de reconciliação com o que de melhor existe na alma de cada um de nós, transformando as fontes mais reconditas da nos-sa bondade num manancial unico de amor e de belleza. Vivemos, assim, um momento de abstração consoladora, no qual, antes mesmo de attingirmos o alvo das nossas homenagens ou dos nossos cuidados de espirito e coração, nos senti-mos felizes com a alegria que produzimos. E não é tanto porque, objectiva-mente, nunca sahimos de nós mesmos, segundo uma reflexão que nos é familiar, senão tambem porque só a bondade, ma-xime quando a reveste uma formula de arte, tem o dom de approximar e aperfei-çoar os homens. Só a bondade é fecun-da; só a bondade é sabia; só a bondade é perfeita.

Para os que, como vós, possuem o segredo destas delicadezas, esta singela festa tem todos os encantos de uma festa de arte. Obra discreta da sympathia hu-mana, nella se descortina, a par da eu-rythmia dos vossos espiritos, o desejo de tornar a vida mais nobre e mais amavel. E', pois, para vós, antes de tudo, e para os vossos labios glorificadores que deve reverter o mel delicioso que distilla a pa-lavra da vossa offerenda. Haveis de me permittir que delle eu recolha sómente, e tanto me basta, uma gota subtil e cari-nhosa; e, adorado por ella, tocado da sua virtude reveladora, procure o vosso po-bre amigo acccitar, sem discutir, as ra-zões do vosso formoso gesto.

Creio que o que principalmente qui-zestes exalçar em mim foi esse esforço paciente, silencioso, não raro desajudado, que desde a primeira mocidade, já ali-nhando algarismos nas antigas sesmarias assucareiras de Alagoas e Pernambuco, já trazido para o Rio de Janeiro pela mão augusta de Rio Branco, já legalizando facturas consulares numa ilha ridente da Andaluzia, pude realizar em pról da arte de pensar e de escrever. Porque, como amigo, não fiz mais do que ficar fiel á pureza dos vossos affectos, cumprindo, e certo, um dever de artista que põe a sua melhor obra, nunca terminada, entre os maiores desvelos do seu coração. Se foi aquella face da minha vida de trabalho que deliberastes dignificar de preferencia com a vossa approvação commovedora, haveis de consentir que receba desvanecido, mas não deslumbrado, "o agravo do vosso louvor". Sou particularmente sensível a esse doce agravo. Conheceis, sem duvida, a somma de sinceridade que ponho na minha modesta obra literaria. Sinto que a isso me leva, unicamente, a minha vocação. Nunca obedeci, nesta obscura mas serena trajetória, senão aos appellos da minha intelligencia e da mi-nha sensibilidade. Pouco valho, pouco ou quasi nada tenho feito; mas posso af-firmar-vos, meus amigos, que, sempre, o que em mim influiu decisivamente foi o meu inconspicuo amor da arte, como uma lampada perennemente incendiada através de todos os ventos contrarios e de todas as amarguras inevitaveis. Ha, de certo, entre os meus livros, silencios alongados; mas nunca nasceram elles de factores inesperados ou estranhos á orbi-ta das minhas cogitações, á semelhança daquelle humorismo macabro de Edgar Poe, attribuido por alguns psychologos á circumstancia de não ter elle obtido certo emprego na alfandega de Philadelphia,

ou daquela passagem da soltura de cos-tumes para o culto da philosophia, ope-rada em Voltaire depois das bastonadas providencias do Sr. de Rohan... Nunca fui, literariamente, senão o que desejei ser. Jamais sacrifiquei as tendencias principaes do meu espirito, o meu con-stante amor da disciplina intellectual, ao tumulto, ainda que fascinante, das nos-sas glorias domesticas. Poder-se-ia ver em tal proposito uma attitude de renun-cia, ou incapacidade para a lucta, quando é apenas o recato de uma alma que se defende. E esta mesma singularidade do meu temperamento nunca seria advertida no turbilhão dos nossos dias corroidos pelo mais aspero e acido materialismo, se o vosso horror das falsidades encan-tadoras, unido á vossa varentia moral, não viesse salientar aqui uma virtude cada vez mais negativa.

Recebo, pois, com especial aprazi-mento, a parte do vosso elogio em que esta qualidade é posta em destaque. Não me considero de todo indigno della. E, já que estamos no caminho das confis-sões, deixae que pelo vosso órgão au-torizado eu formule um desejo. Vosso il-lustre orador, que é já um mestre entre os da sua geração, insistiu, generosa-mente, em accentuar o pudor literario como o traço essencial da minha insig-nificante obra. De facto, se outras qua-lidades não possuo, esta, ao menos, não me póde ser negada. Pois bem: é escuda-do nella que me valho desta opportuni-dade para, com permisão de vós, exprimir o meu desencanto ante o espectáculo de desordem mental em que venho en-contrar grande parte do meu paiz, e jus-tamente a mais nova e esperançosa. Após sete annos de ausencia, em que, mercê de Deus, me foi dado polir o meu nativo amor da ordem e da clareza sob a luz compassiva do Mediterraneo, observo com tristeza que ainda tacteamos, ainda nos exasperamos em vacuidade e confu-são. E o mais doloroso é que, quasi de subito, ás cabeçadas, nos evadimos da emphase lyrica, em que se intume cent de ingenua gloria a nossa adolescencia romantica, para o seio de Venus merce-naria ou de Venus clandestina, onde toda finalidade ethica e esthetica é dictada pelos semi-deuses da pantalha cinemati-ca. Ha mesmo, por ahí, ao que me asse-guram testemunhas resignadas, uma certa arrogancia no despudor, principalmente entre os leitores do sexo feminino. Em toda a parte, meus amigos, e em todos os tempos, houve sempre e haverá, com en-canzinados zelos, uma clientela remun-eradora para essa literatura de enxurro. Ainda ha pouco vi, em uma das maiores capitães europeas, numa esquina histó-rica, a dois passos da Camara dos Deputa-dos, um grande cartaz em que se annun-ciava o apparecimento de certa novella, e onde, por baixo do nome do autor, se estampava, á guisa de sello academico, este titulo de recommendação: "O mais libertino dos romancistas, o preferido das damas e semi-damas..." Ainda não chegamos, é certo, a esta perfeição no cynismo ou na impavidez profissional. Mas, se em toda parte ha um publico especial e talvez numeroso, para essa fei-ra frenetica de appetitivos literarios, pa-rece, segundo affirmam os proprios li-vreiros, que em nossa magnifica cidade, cada vez mais nas mãos do metequismo, não ha publico senão para isso. Ao lado disso, intermittente, um caboclistmo gro-tesco ou aggressivo na ficção, e, entre os mais novos, uma certa ingenuidade re-buscada, um jogo de imagens caprichosas e ficticias, onde a mysteriosa poesia da terra americana faz uma nova tentativa para encontrar a sua verdadeira expres-são. Longe vaç o tempo em que o ideal da nossa republica literaria se limitava a "fechar um soneto com chave de ouro". Se na cidadella do parnasianismo muitas esperanças se estiolaram, não seria de-masiada imprudencia duvidar dos resul-

tados que aguardam o actual movimento de arte moderna, appellidado de "futu-rismo" pelo bom humor anonymo das ruas.

Não sei se os meus jovens compatriotas, com affinidades, pelo menos de nome, com essa escola, conhecem a fundo o pro-gramma revolucionario do Sr. Marinetti, onde, aliás, num "salão de outomno" em Paris, por 1920, eu lhe vi despontar as primeiras cans. Nelle, o ponto essencia-mente, sem duvida, aquelle vibrante desejo de intervir efficazmente nos negocios publi-cos, fazendo da Italia alguma coisa mais do que uma empreza explorada pela Agencia Cook. E desta parte acaba de encarregar-se, com esperanças de exito, a energia governamental do Sr. Mussoli-ni. Não, meus queridos confrades; não nos detenhamos a recortar e a collar em nossos cerebros os figurinos extravagantes que a malicia dos velhos bo-tequins europeus, para di trair-se, in-venta muitas vezes entre um calice de vinho secco e uma pacifica par-tida de dominó. Lembrae-vos que nesse mesmo Mediterraneo, berço lumi-noso da nossa cultura, ha uma lição pe-renne de grandeza e harmonia. E, sobretudo, não vos esqueçae de que, estan-do o Brasil ainda na formação da sua mentalidade, todo o nosso esforço deve ser encaminhado no sentido de evitar que nessa mentalidade medrem os erros, as mentiras, os vicios, que, como chagas in-extirpadas, ainda hoje corrompem certos organismos mais velhos e aparentemente mais perfectos que o nosso. Sêde equili-brados, sêde justos, sêde berlos, evitando, quanto possivel, que a vossa intelligencia ponha muito raciocinio num verso alex-andrino, como, por exemplo, na França, ou que a vossa sensibilidade se caracte-rise por uma ternura excessiva pelos cães, á maneira dos inglezes.

Em synthese, meus amigos, era este o inoffensivo desejo que eu vos pedi li-cença para formular, suggerido, aliás, pela força irresistivel do vosso louvor. Temo agora que mais uma vez se con-firme aquelle conceito ironico, em virtu-de do qual uma bella acção póde ter con-sequencias desagradaveis. Chamastes-me a participar da vossa incomparavel hos-pitalidade, e só a suspeita de que viesse a abusar della me põe em afflicção. Mas, ainda quando assim fosse, a vossa bonda-de intelligente e vigilante me redimirá desse peccado mental. E, nesta convicção animadora, deixae que vos agradeça, com toda a minha alma, a captivante belleza da vossa festa, e que, erguendo a minha taça pela inalteravel felicidade de todos vós, resuma este brinde em quem nos acompanha, como amigo, nesta consagra-ção da amizade, o Sr. Estacio Coimbra, personificação da nobre gleba pernambucana em cujo contacto se formou o meu espirito.

Dissestes, senhor Ronald de Carval-ho, que, em mim, "quem manda e com-manda é a intelligencia." Com o risco, embora, de um desmentido momentaneo, não estranhareis que neste brinde de agradecimento eu ponha sómente cora-ção.



# VISÃO GERAL DO GRANDE CERTAMEN

## IDÉAS E SUGGESTÕES

Na área conquistada ao mar e em que se amplia a curva da Glória até encontrar o espigão do antigo Calabouço, estão projectadas, ao mesmo tempo, as perspectivas de força e emprehendimento com que a engenharia nacional faz a demonstração das suas capacidades, e, também, as altas virtudes de selecção e persistencia com que a energia dos homens, ao serviço da vontade realizadora, improvisou em alguns mezes uma nova cidade, uma especie de ante-sala litoranea da maravilhosa "urbs" que se desdobra, de praia a praia, em seu jardim coleante.

É a maravilha da Exposição do Centenario.

Em competição com seis ou oito nações de civilizações seculares e feição nacional característica, o Brasil para logo teve de mostrar, nos arrojados planos de conjuncto e na contribuição pormenorizada dos seus pavilhões e mostruários, a potencialidade dos seus destinos realizados, as seguranças do seu presente auspicioso e a antevisão miraculosa dos dias de amanhã.

A Exposição é, antes do mais, obra de ideação. Mas é, sobretudo, construção segura, em que se consolida o nosso gosto e em que se delinearam os arremessos gigantescos de um Brasil mais senhor de si mesmo, mais certo de seu querer, mais conscio das suas aspirações legítimas.

Como arrojado architectonico, a Exposição é surpreendente. A orla da cidade está agora collocada a sua maior riqueza cadastral.

O Palacio dos Estados, o Palacio das Festas, o Pavilhão de Musica e a allegoria terminal da Avenida das Nações são monumentos projectados em lances de força cyclopica, e apolinea graça.

Como se isso não bastasse, ha a architectura característica do Pavilhão das pequenas industrias, do Palacio de Pesca, a Torre da Exposição, as portas monumentaes, os arcos e arcadas, armados ou apensados com um *à propos* admiravel.

A Avenida das Nações representa a vanguarda do progresso mundial, na primeira hora que se seguiu à do *bouleversement*, geral do Planeta.

Não se trata de renovação ou resurreição.

A guerra, dir-se-ia, foi a pausa necessaria à consolidação melhor e mais completa.

Estão alli, lado a lado, as velhas nações *leaders*: a magestosa Britannia, com os seus pavilhões supplementares, que tantas são as suas lojas de especialização. Ha de tudo: dos chás da India às cutelarias de Sheffield; dos queijos e laticínios de Chester às fermentações de Oxford. E os prodigios de arte fabril, tecidos, tapeçarias, machinismos.

E, como a Inglaterra, apparece em Santa Luzia e no Cães do Porto, a França inexgotavel filha de tres civilizações: e mãe de todas as civilizações: mentora natural das nossas

primicias idéas e dos nossos primeiros passos: dictadora do gosto e da moda; do ideal e da graça; do entusiasmo e do sacrificio. Lá está ella expondo as suas joias e as suas rendas, os seus bronzes e as suas telas, as suas veneras e os seus motores.

E a Italia, e a Belgica; Portugal, Japão, Mexico, Argentina, Suecia, Tcheco-Slovaquia...

Será preciso relevar as exhibições minuciosas, os typos e os modelos da grande industria *Yankee*, a sua meticulosidade triumphante, os seus processos inconfundiveis?

Pois entre essas forças palpitantes, em que se abroquelam os novos destinos da civilização renascida do grande eclipse de 1914, poderia o Brasil mostrar-se menos seguro, mais hesitante, um tanto bisonho e canhestro?

Felizmente que não. Os nossos mostruários estão á altura da grande commemoração centennial.

Não. A exposição ainda não está sobejamente vista. E, pois, que ainda não a viram devidamente, é preciso fazer vel-a, como nos cumpre, aos brios patriotas e aos forasteiros de olhos argutos e intelligentes.

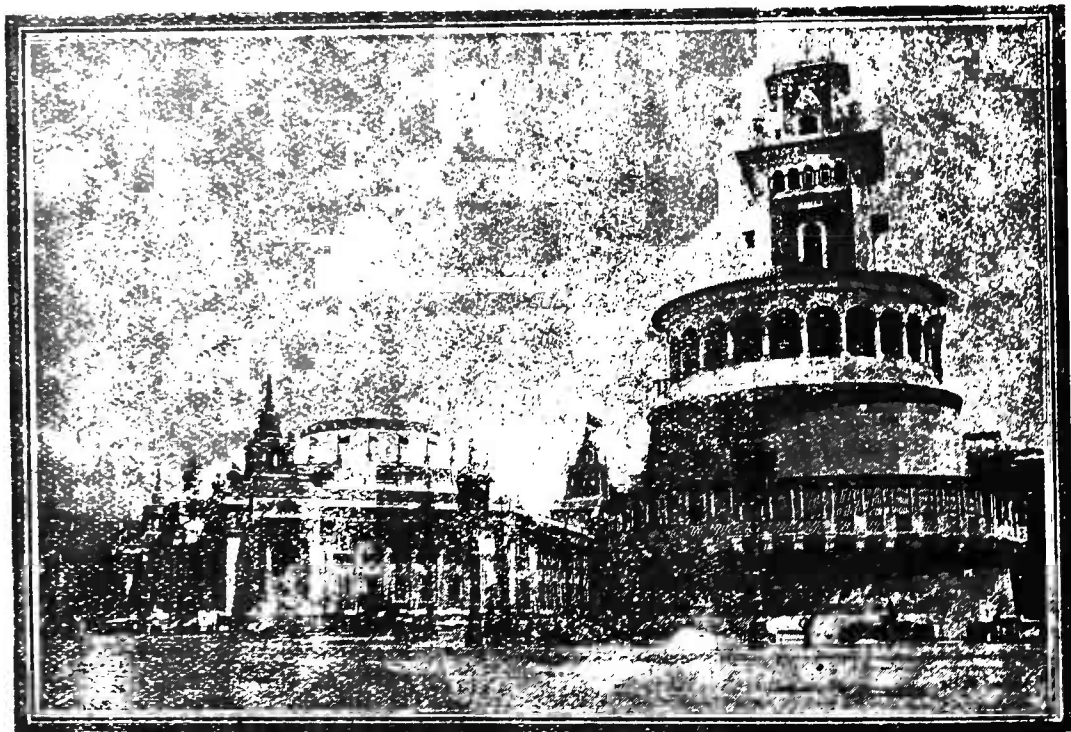
Não é possivel deixar morrer o que ainda não viveu quanto possivel e desejavel.

O que é necessario, é activar nesses tres mezes que lhe restam, uma propaganda bem orientada e segura, de modo a attrahir os indifferentes, que são muitos, e os incredulos, que não são poucos.

Alarguem-se, para isso, se fôr preciso, os recursos disponiveis para os festejos, numeroso ao ar livre, espectaculos caracteristicos, etc.

Facilem-se, barateiem-se os meios de transporte e instituem-se tarifas provisorias especiais para estes tres mezes.

Fé, confiança, actividade e *contrôle* — eis a questão.



Uma vista da Exposição

Desde o Monroe, onde se estabelece a *vis organisatrix* do certamen e que é, se nos permite a expressão, o quartel general da grande feira; desde o Monroe aos mostruários escolares do Palacio das Festas (ala direita). E mais a esplendente exhibição das secções paulistas, mineiras, paraenses, bahianas, riograndenses; o verdadeiro museu de artes architectonicas, com apparatus da rudimentar industria do gentio e dos seus remanescentes actuaes. E a secção de saude publica, laboratorios, culturas, em todos os desdobramentos e estadios especies. E a surpreendente demonstração do Districto Federal, com os seus estabelecimentos profissionaes e os seus cursos technicos e o seu assombroso desenvolvimento fabril...

O que seria pueril e, ao mesmo tempo, grosseiro e impatriotico, é esse falso alvitre de dar por findo o que ainda não attingio á sua plenitude.

Em verdade, a Exposição de 1922-1923 é a demonstração viva de um paiz que se afirma pujante, dadivoso e inspirado.

Póde-se dizer que dous terços do Brasil ainda não vieram contemplar este maravilhoso espelho da sua capacidade.

Agora, com os mezes de clima doce, europeus e americanos, *touristes* de toda a parte apontarão á Guanabara. Que o norte e o sul do paiz procurem também o centro e possamos verificar que o Brasil não se esquece de si mesmo, mostrando-se indifferente á sua cultura e ao seu progresso.

# OS SORRISOS E AS LAGRIMAS DE LEAL DA CAMARA

Aquelle homem moreno, de rosto raspado — Leal da Camara — não precisava da consagração do publico carioca. E apraz-me acreditar que veio aqui antes para ver a terra do que aquelles que a povoam. Porque a cultura "artística" de nosso publico se limita, até hoje, ás "estrellas" da Goldwyn e da Paramount, e, ao lado de May Murray e de Rodolpho Valentino, Gauguin e Lenoir positivamente nada existe.

Isto não impede que a exposição de Leal da Camara tenha sido muito visitada, muito admirada, muito louvada. Póde-se admirar sem comprehender, e houve mesmo quem dissesse, — se não me engano Anatole France — que e precisamente o que menos se comprehende que mais se admira. Feita esta restrição, convém dar á obra exposta pelo desenhista portuguez o lugar que merece entre nós: uma extraordinaria excepção. Vale para nós uma lição, lição cujo valor se realça a ser retrospectiva. E isto é mais uma cortezia para conosco.

Um artista que quer viver deve renovar-se. Leal da Camara mostrou-nos como tinha realizado, tanto na sua factura como na sua inspiração, e mesmo no seu temperamento, uma profunda e decisiva transformação.

Caricaturista e não humorista como se disse, Leal da Camara já recebeu, como tal, a melhor consagração que podia desejar: a de Paris. Foi com Jean Veber, o mais terrível balthador da aggressiva e feroz *Assiette au Baire*, revista illustrada hoje desaparecida. Os numeros da *Assiette au Baire* illustrados por Leal da Camara eram desenhados e escriptos com acido corrosivo, num delirio vermelho de socialismo, quasi anarchista, profligando todos os monarchas contemporaneos e quasi todos os chefes de Estado, desvendando debaixo da pompa dos mantos reaes e das faixas presidenciaes, a hypocrisia verde, a cobiça assassina, as digestões excessivas e as orgias senis, todas as miserias que medram á sombra das Magestades e das Excellencias, todas as taras physicas e moraes dos "grandes das terras". Foi uma bella época para os espiritos combativos, pois se a violencia, o arbitrio e o abuso se alastravam pelo mundo, se a Inglaterra, no auge da sua força, podia impunemente esmagar o pequeno e generoso Kruger, não havia censura para impedir que os homens livres erguessem o seu protesto indignado. Tristes tempos, como os de hoje, mas em que se podia pelo menos escrever sem que um censor viesse com a sua thesoura, muitas vezes acompanhada pela policia com a sua ordem de prisão, como acontece agora mesmo em paizes oficialmente republicanos. Leal da Camara foi o *Camará* dos parisienses, applaudido pelos artistas e amadores de arte e por todos aquelles que ainda podiam crer no socialismo. As caricaturas de

Leal da Camara indicavam mais um impulsivo do que um desenhista que tivesse estudado o manejar do lapis, mas havia nas suas "charges" um traço tão incisivo, tão pessoal, uma psychologia tão subtil ao mesmo tempo tão rude, um tal realismo, a uma vez direito e deformador, que bastava para que se estainpasse em sua menor producção o cunho de sua personalidade singular. E não me venha fallar em B. Pinheiro. Assim era o Leal da Camara daquelles já longinuos tempos, em que Paris se enchia do ruido das batalhas sociaes, — um daquelles lidadores apaixonados, ardentes, intolerantes, vendo tudo através da lente do preconceito politico, aguçando o lapis para ferir os inimigos em paginas definitivas, que se estereotypam na retina para sempre. Podemos rever, na exposição do outro dia, umas trinta capas da *Assiette au Baire*, de uma terrível e sobria eloquencia, em que o comico muitas vezes chega a ser tragico. Assim era Leal da Camara, caricaturista genial e feroçissimo.

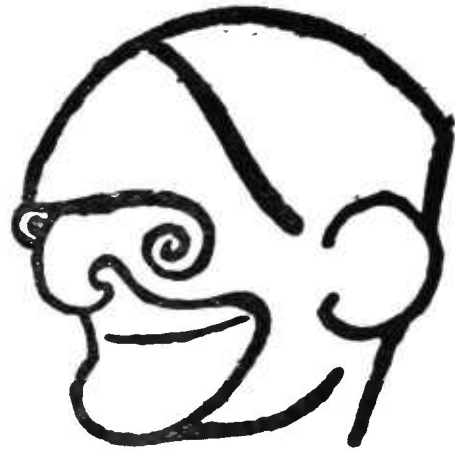
Mas isto, por volta de 1905.

Desde então muitos annos nevaram na cabeça de Leal. Desapparece o *sociolo*. O terrível pamphletario trocou a setta envenenada por uma inoffensiva fruta bucolica e evoca em semi-tons crepusculares, brandos e embaçados, scenas da vida de Pierrot, o eterno Pierrot, eterno como o amor e o soffrimento. Ha nessas evocações uma melancolia discreta e profunda, por vezes contrastada pelo cynismo sardonico de Arlequin victorioso da fragil Colombina. A serie de scenas equivoca e ligeira em que a recordação da leviandade da mulher parece diminuir o tragico da cerimonia, e a morte do irrisorio e lamentavel heróe, cujo cadaver na rubra alameda outomnal, toda de ouro vermelho e de ferrugem, é apenas uma pequena cousa branca desarticulada pela dor.

Mas não é este novo Leal da Camara na sensibilidade ou antes, no sentimentalismo dessas scenas, nem mesmo nas suas recentes paisagens, de uma vigorosa factura, (Porta secreta de Cintra, Santa Clara de Coimbra, Trecho do Mondego, As Ursulinas, Chão de Meninos, o SS. do Mondego, a bella e luminosa Seara Nova, Revista das Arcas, S. Pedro de Cintra e outros) em que se revela um verdadeiro moderno, que mais interessa. Foi nessas caricaturas politicas, como noutras da mesma época (*Actores e actrices francezas* e o extraordinario riso dos *Chefes de Estado* que possuo e que Leal não expoz) que o artista portuguez ha de permanecer na memoria dos homens.

Leal da Camara escreveu a lapis conté o seu nome na pequena historia.

L. A. F



tão estranhamente estylizadas nos bellos volumes de Samuel Taylor Coleridge: "The rime of the ancient Mariner", edição de John Lane, Londres; de Richard Wagner, "Parsifal", ed. de Harrap, de Londres; do mesmo, "Lohengrin", ed. de Harrap, de Londres; de Omar Kahyyam, os "Rubayat", ed. de Harrap, de Londres. Com illustrações de Arthur Rackham o prodigioso compositor em linhas e tons de Richard Wagner; "The Rhinegold and the Walkyrie", ed. de W. Heineman, de Londres; do mesmo, "Siegfried and the Twilight of the Gods", ed. de Heineman, 1911; de Lewis Carroll, "Alice's adventures in Wonderland", ed. de Haneman; de Motter Goose, "The old Nursery Rhymes", ed. de Heineman; de Thomas Ingoldsby, "The Ingoldsby Legend of Mith and Marvel" ed. de Heineman; de Washington Irving, "Rip oden Winckle" ed. de Heineman; de De La Motte Fouqué, "Ondine" ed. de Hachette, de Paris, 1913, publicado por Baltyne, de Londres; de Charles Dickens, "Christmas Carol" ed. de Heineman; "The Allié Fairy Book, ed. de Heineman; de Shakespeare, "A Midsummer Night's Dream", ed. de Heineman; de Swinburne, "The Springtime of Liff", edição de Heineman, e um volume de desenhos de Rackam; "Book of Pictures" com introdução de Sir Quiller-Couch, ed. de Heinemann, 1919. Alastair illustrou, com a sua sumptuosidade maravilhosa o "The Sphynx" de Oscar Wilde, que John Lane editou primorosamente. A collecção tem tambem publicado por Robert Ross, uma série de desenhos de Alastair, "Forty-Three drawings by Alastair", editados por John Lane, em 1914; Doris Palmer, com o seu talento luminoso e bem moderno illustrou uma das edições dos "Rubayat" de Omat Kahyyam, edição de Leopoldo Hill, de Londres. Desta celebre obra do poeta persa, existem na collecção de Elysio de Carvalho, além das edições illustradas por Beardsley e por Doris Palmer, já citadas, as seguintes: edições de Constable, 1910. Londres, illustrações por Ronald Balfour; de Leonconhecido humorista que se revela subtil desenhista B. Hill, de Londres, illustrações de Abamindra Neth Tagore; de Leopoldo Hill, illustrada por Edmund Dulac e duas edições sem illustrações de George Harrap e de Trek Trubner, de Londres. Convém notar, igualmente, as notaveis illustrações de Barry Clarke, das "Tales of Mystery and Imagination", de Edgard Poe, edição de George Harrap, de Londres; de W. Heat Robinson, o nhista na "Song of the English", de Rudyard Kipling, edição de Hodder e Stoughton, de Londres; de Jessie M. King, na "House of Pomegranates", de Oscar Wilde; de Charles Robinson no "Happy Prince and other Tales" de Oscar Wilde, edição de Duckorth, de Londres e de Evelyn Paul na bella traducção ingleza da "Vita ova", de Dante, por Dante Gabriel Rossetti, edição de Harrap.

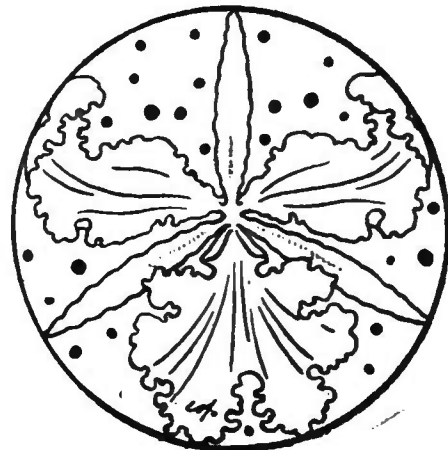
## A ARTE INGLESA DO LIVRO

Realizou-se no Pavilhão de Honra do Imperio Britannico, por iniciativa do Sr. Commissario Geral, uma exposição de bellas edições, que constituiu uma nota interessante de arte. A Inglaterra mostrou, mais uma vez, que occupa sempre um dos primeiros lugares na nobre industria do livro, continuando a bella obra dos editores da segunda parte do seculo passado, dessa geração de admiraveis artesões que criaram o livro moderno, considerando-o uma obra de arte. A Inglaterra tivesse somente produzido um William Morris, que já tinha direito, nesse particular, á nossa gratidão e á nossa admiração. E sabe-se que William Morris, o velho mestre da forma harmoniosa, foi acompanhado no caminho das formosas creações por toda uma pleiade de editores artistas, que os Harrap, os Constable, os Leopold B. Hill, os Duckworth e tantos outros de hoje procuram, em laboriosa emulação, continuar ou ultrapassar.

O Sr. Commissario Geral Britannico, afim de dar uma impressão mais completa do actual

movimento das edições de luxo na Inglaterra, fez appello ao Dr. Elysio de Carvalho que soube, como bibliographo de grande linhagem, reunir em sua vasta bibliotheca um maravilhoso conjuncto de volumes de arte, podendo assim emprestar ao Pavilhão Britannico sessenta volumes inglezes, quasi todos illustrados, editados pelos mestres britannicos do livro. Os artistas que illustraram esses preciosos volumes são conhecidos de mais para se procurar synthetizar-lhes a formula e a indole. Os livros da collecção Elysio de Carvalho, são os seguintes:

Illustrada por Beardsley que trouxe á illustração do seculo passado uma formula nova, harmoniosa e rythmica e que foi o grande precursor, nota-se a "Salomé", de Oscar Wilde, com deseseis desenhos do mestre, editado por John Lane de Londres. A collecção comprehende um bom estudo de H. C. Marillier sobre a obra de Aubrey Beardsley, John Lane, Londres, 1920. O bizarro e admiravel Pogany figura com as suas illustrações ardentes e



# NOTAS & COMMENTARIOS

## A minha defesa

Sob este titulo, o Sr. capitão Genserico de Vasconcellos, illustre escriptor e critico militar, acaba de publicar um folheto, em que pulverisa a insinuação desairosa que um official argentino fez á sua honorabilidade de escriptor, na *Revista Militar Argentina*, de Agosto do anno passado, num artigo sobre o livro *A batalha ao Tasso de Rosano*, do Sr. general Tasso Fragoso. O tenente-coronel Juan Beverina, autor da accusação, a meio do citado artigo, escrevia:

"Con un acto de delicadeza extrema, que mucho le honra, el general Fragoso ha sentido posiblemente escrúpulos en apropiarse, sin más, de la labor de los historiadores que le precedieron, para hacer una descripción propia de la batalla, evitando al mismo tiempo que en este episodio — el más discutido de toda la campaña por los historiadores argentinos e brasileños — las afirmaciones y deduciones del autor pudiesen herir falsas susceptibilidades, prefiriendo entonces dejar a cada cual la responsabilidad plena de sus manifestaciones."

"Este proceder llama grandemente la atención y, como hemos dicho, pone en relieve toda la hidalguia del distinguido jefe brasileiro, más cuando se compare este sistema con el observado por uno de sus camaradas, quien, en una reciente publicación sobre las campañas de 1851-1852 (Caseros), no ha tenido escrúpulos de apropiarse de la labor de un autor argentino, transcribiendo enteras páginas de su obra y agregando toda la cartographia que en ésta figura, cual si fuese trabajo original propio. Sin embargo, a veces tiene la *cortesía* (gryphado no original) de recordar al verdadero autor; pero esto sucede generalmente sólo cuando cree deber discrepar con las opiniones de éste, que el fácil autor considera injustas y arbitrarias sin mayor argumentación y porque sí."

A isto replicou o Sr. Genserico de Vasconcellos, na fórma seguinte:

"Todo esse longo arrazoado diffamatorio é um tecido de inverdades, como demonstrarei no capitulo seguinte. O tenente-coronel Beverina sentiu ferida a sua vaidade de autor. Aniquilei e destruí o seu livro em tudo o que se referia á nossa cooperação: demonstrei de modo irrefutavel, que a batalha de Caseros foi ganha, com factor decisivo, pela divisão brasileira, verdade que o Sr. Beverina negava, apesar de conhecer os depoimentos de officiaes argentinos, testemunhas de vista do recontro: Sarmiento, Esquibel e Indalecio Chenaut; provei que o Sr. Beverina foi pouco verdadeiro affirmando que a Divisão Brasileira retardou a sua entrada em acção e o 2º Regimento de Cavallaria, commandado por Osorio, nada fez na batalha; exaltei a nobreza da nossa politica exterior; repellí, com documentos incontestaveis, a insinuação de covardia ao Exercito Brasileiro e ao grande Caxias, quando o Sr. Beverina affirma na pag. 127 do seu livro que, *á no mediar un acontecimiento previo favorable á las armas de Urquiza, los Brasileños no se hubieran decidido á pasar la frontera*: declarei que o nobre povo argentino nos deve, em grande parte, a queda da tyrannia e a obra da sua cultura e constituição; expuz, sem exageros, os baixos relevos da personalidade de Urquiza, mas realçando sua providencial missão historica na Argentina; mostrei, finalmente, a superioridade das nossas armas e da nossa cultura naquelle tempo.

Nunca avancei uma affirmativa sem documental-a. E se combati as apreciações injuriosas do Sr. Beverina, tratei-o sempre com a fidalguia que me impunha a nobreza do uniforme que visto.

Não offendi tão pouco as susceptibilidades do bravo Exercito e do nobre povo argentino. Fiz historia com verdades, e defendi, como me cumpria, o povo brasileiro e o seu Exercito de injustas accusações e de apreciações tendenciosas que corriam mundo em livros como o do

Sr. Beverina, que, como eu aqui, professava taes lições nas Escolas Superior de Guerra e Militar de Buenos-Aires.

E' tudo isso que eu vou provar no capitulo que se segue."

Para esse fim, divide o Sr. Genserico de Vasconcellos a accusação em tres partes: na primeira, o Sr. Beverina diz que houve plagio de sua obra; na segunda, que só foi citado, quando delle discordava o official brasileiro e na terceira, que se aproveitou de sua cartographia. Para rebater a primeira, o capitão Genserico solicitou ao *Instituto Varnhagen* que uma commissão, presidida pelo seu presidente perpetuo, o illustre Sr. Rocha Pombo, respondesse aos quesitos seguintes:

1º — E' verdadeira a accusação do Sr. Beverina de que transcrevi paginas inteiras do seu livro?

2º — Tive ou não escrúpulo de citar o Sr. Beverina sempre que isso se fazia mistér?

3º — Apresenta ou não o meu livro profundas divergencias com o do Sr. Beverina em tudo o que se refere ás causas e consequencias da guerra de 1851-1852, á interpretação do phenomeno politico-social que é a guerra, e á apreciação dos homens e das cousas da epocha?

A Commissão, composta pelos Srs. Levi Carneiro, Jaguaribe de Mattos, Deodato Maia e Eurico Cruz, depois de estudar a questão em seus multiplos aspectos, chegou ás seguintes conclusões, em resposta aos quesitos acima citados:

## IN MEMORIAM — RUY BARBOSA

Somos muito agradecidos aos jornaes desta Capital e do interior pela maneira carinhosa com que noticiaram o apparecimento do nosso numero especial consagrado a Ruy Barbosa, cuja edição rapidamente se esgotou. Também nos chegaram innumeras felicitações pelo exito dessa publicação, que mereceu o melhor acolhimento publico, e, muito sinceramente, nos confessamos gratos a essas demonstrações de sympathia e a esses applausos, que recebemos enternecidamente, como estímulo e como incentivo.

Respondemos, pois, em consciencia, de accôrdo com o que fica exposto, e com o mais arraigado proposito de justiça e de verdade:

ao primeiro quesito — Não é verdade que o Sr. Genserico de Vasconcellos transcrevesse paginas inteiras do livro do Sr. João Beverina;

ao segundo — O Sr. Genserico de Vasconcellos teve o escrúpulo de citar o Sr. João Beverina sempre que se fazia mistér;

ao terceiro — O livro do Sr. Genserico de Vasconcellos apresenta profundas divergencias do do Sr. João Beverina em tudo o que se refere ás causas e consequencias da guerra de 1851-52, á interpretação do phenomeno politico social que é a guerra, e á apreciação dos homens e das coisas da epocha."

No segundo ponto, o Sr. Beverina diz que só foi citado, *por cortesía*, nas opiniões divergentes. Ora, o Sr. Genserico mostra que o citou quinze vezes e seis vezes, apenas, discordou do official argentino. Quanto a dizer que o Sr. Genserico não demonstra as suas divergencias, a documentação é esmagadora, com a transcrição dos trechos, em que discrepa do Sr. Beverina com solida argumentação. Por fim, quanto á cartographia, basta dizer que no livro do official argentino só ha dois map-

pas, que podem ser classificados como cartographia: o conjuncto do theatro de operações e a planta topographica da batalha de Caseros. Mas nenhum é trabalho pessoal do Sr. Beverina, como demonstra o capitão Genserico, illustrando os seus argumentos com varias cartas, que corroboram as suas asserções.

Ficou, portanto, destruida e pulverizada a inconsistente accusação do official argentino pela demonstração cabal, insophismavel e absoluta da correcção, lealdade e elevação de vistas com que o Sr. capitão Genserico de Vasconcellos escreveu o seu notavel livro, que é a *Historia Militar do Brasil*. A personalidade do escriptor militar brasileiro está acima de taes perfidias (não ha como definir de outro modo o procedimento do official argentino), pois seus trabalhos têm merecido os maiores louvores e applausos, não só no Brasil, como no estrangeiro e especialmente na Argentina, em cujos circulos militares goza do maior prestigio e é tido no melhor conceito.

Ronald de Carvalho

Embarca ainda este mez para o Mexico, onde vai a convite do seu respectivo Governo o nosso prezado collaborador e antigo director, Sr. Ronald de Carvalho, viagem cujo alto significado já tivemos ensejo de realçar. Queremos, apenas, nesta nota, desejar ao amigo e ao companheiro o maior exito na sua embaixada de intelligencia, levando ao paiz amigo, com o testemunho da nossa inalteravel cordialidade, o espirito novo do Brasil, o seu entusiasmo e a sua fé. Nas suas conferencias, que serão sobre a nossa formação politicosocial, litteratura, artes plasticas e folk-lore, o illustre escriptor dará ao Mexico uma synthese admiravel dessa ascensão magnifica do Brasil, na busca incessante de uma civilização propria, que consiga harmonizar o espirito de cultura universal com o ambiente prodigioso e barbaro da America nova. Elle dirá das nossas grandezas e das nossas lutas; do nosso esforço e dos nossos triumphos; de nossas pelejas e desillusões; de nossas conquistas e de nossas construcções. Desvenderá as forças do idealismo brasileiro e apresentará a nossa cultura vencendo as contingencias do caos ethnico e das reformas precipitadas, como uma força indomavel do espirito nacional, que caminha decisivamente para a luz. E, nessa missão, ninguem melhor se haveria do que o Sr. Ronald de Carvalho que representa com indiscutivel fulgor as energias novas da nossa mentalidade, como artista, como critico e como poeta. Entre os votos de boa viagem com que todos se despedem do poderoso escriptor, os da AMERICA BRASILEIRA serão dos mais sinceros e cordiaes.

Dr. Victor Viana

A escolha do nosso distincto collaborador Dr. Victor Viana para Redactor-Chefe do *Jornal do Commercio*, a que vem prestando de ha muito os mais notaveis serviços, foi um acto digno dos maiores encomios que não regateamos á direcção do importante orgão de nossa imprensa, não só porque premiou um trabalhador esforçado e illustre, como assegurou ao jornal o brilho inconfundivel de uma orientação intelligente e fecunda. Effectivamente, o Dr. Victor Viana salientou-se, desde logo, na nossa imprensa como um dos espiritos mais verataes, dotado de grande capacidade de trabalho, de uma argucia e penetração vivissimas, e forrado por uma solida e variada cultura. E' um desses jornalistas completos, capazes de desempenhar com o mesmo lustro todas as funções num jornal moderno, escrevendo em todas as secções e mantendo sempre o inalteravel espirito de intelligencia e segurança. O Dr. Victor Viana é um polygrapho de raros meritos e disso temos as maiores provas e as mais eloquentes demonstrações. O economista, o critico,

o pensador, o jurista e o chronicista se encontram simultaneamente na sua personalidade, e nenhum delles se diminui, antes avulta por igual, na mesma somma de uma cultura solida e efficiente. Ainda agora o seu bello livro — "A Formação Economica do Brasil" — é um ensaio de mais alto merito, que mereceu de quantos se interessam pela nossa sociologia o elogio franco e a mais sincera admiração. Como encarregado da parte commercial do *Jornal do Commercio*, onde, aliás, as suas attribuições sempre foram multiplas, á altura de seu espirito, revelou-se um organizador de merito, salientando-se as suas publicações estatísticas, estudos especiaes sobre mercados, e pareceres technicos de alta valia, fazendo tambem o "Retrospecto Commercial", que é trabalho digno de nota. Registrando a sua investidura na chefia da redacção do *Jornal do Commercio*, fazemol-o com o maior enthusiasmo e a mais justificada sympathia pelo homem, pelo escriptor e pelo jornalista.

#### Annuario do Brasil

Distractando a firma commercial *Sergio B. Pinto*, que explorava esta casa editora, assumio a sua responsabilidade o Sr. Alvaro Pinto, sob cuja direcção intelligente e activa essa empreza se fundou e prosperou no nosso paiz, a cujas letras já tem prestado os mais assignalados serviços. As suas edições, já numerosissimas, vieram, em grande parte, dar um impulso novo á arte do livro, tão descurada até então no Brasil. Caracterizam-se os livros do *Annuario do Brasil* pela sua factura aprimorada, pelo bom gosto e perfeito acabamento, tornando-os dignos de igualar com as melhores edições estrangeiras. Além disso, procurando divulgar a obra dos escriptores novos, libertando-se do preconceito infecundo dos medalhões e sem a preocupação exclusiva do maior lucro com sacrificio do livro, conseguiu o *Annuario* uma situação de grande relevo, devida ao carinho e esforço do Sr. Alvaro Pinto, que por ser tambem escriptor, e de bom quilate, soube tornar a industria do livro uma alta missão, ao revés de certos negociantes desse artigo, que o tratam como se vendessem batatas, cebola ou aguardente. Passando á propriedade exclusiva do Sr. Alvaro Pinto, o *Annuario do Brasil*, que aliás tem sido fructo do seu esforço pessoal, só terá que lucrar, crescendo e avigorando as suas energias, para tornar sempre e cada vez mais relevante a sua acção em beneficio das letras nacionaes.

#### Bazilio Telles, pensador lusitano

Está de luto a intellectualidade portugueza e, do mesmo passo, os mais puros principios da democracia. Morreu Bazilio Telles, essa figura do maior relevo mental da geração de homens illustres que está a extinguir-se — mas que marcou pelo valor do seu talento evi-

denciado nos varios ramos do saber — e em que Bazilio se destacou como prosador, como philosopho, como economista e como homem dos mais sãos e puros principios democraticos.

Bazilio Telles contava 67 annos completos, pois nascera no Porto, a 14 de Fevereiro de 1856. Tendo concluido os estudos preparatorios, diz o dictionario *Portugal*, matriculou-se na Academia Politica cujo estudo abandonou em seguida a um conflicto com um professor daquela escola. Dedicou-se ao professorado, leccionou litteratura, philosophia e sciencias naturaes ao mesmo tempo que collaborava em diferentes jornaes politicos e litterarios. Entrando mais tarde na vida agitada da politica filiou-se ao partido republicano, collaborando nos principaes jornaes que se publicavam em Lisboa e no Porto. Fez parte do Club de Propaganda Democratica do Norte, ao qual prestou excellentes serviços. Por occasião dos acontecimentos de 31 de Janeiro de 1891 homisiou-se, visto achar-se mais ou menos envolvido no movimento insurreccional, demorando-se no estrangeiro até que uma amnistia o fez regressar á patria. Tendo alinhado entre os mais activos combatentes do seu partido, afastou-se ha tempos, sem contudo deixar de defender os seus ideaes e de acompanhar os diferentes movimentos do partido em que se alistou e de que era uma das figuras de maior prestigio pelo seu talento e pelas qualidades do seu caracter. Além da sua collaboração em diferentes jornaes e revistas politicas e litterarias, publicou as seguintes obras: *Carestia da vida nos campos, Estudos historicos e economicos, Introducção ao problema do trabalho nacional, Problema agricola (credito e imposto)*, Porto, 1899; *Do ultimatum de 31 de Janeiro*. Parece que de ha tempo tem promptos a publicar mais dous livros: *A Agricultura e o trabalho*, e uma traducção em verso do *Livro de Job*, com um largo prefacio sobre o problema religioso em Portugal. Collaborador do "Primeiro de Janeiro", o seu ultimo artigo que este jornal estava ainda por publicar quando falleceu o grande pensador. Intitula-se: *O problema financeiro em 1911*.

"Como encarar agora, escreve o Sr. Trindade Coelho, a sua affirmacção de que a lei fundamental da energia é "o unico principio seguro e universal" para salvar a sciencia da crise que neste momento atravessa?

Não haverá aqui carregados e excessivos trapos de metaphysica, sobre as fracas nuances do espirito scientifico? A resposta encheria este jornal todo. E, neste momento em que escrevemos, o que é necessario, o que é urgente, o que é preciso é vincar o modo de ser especulativo desse cerebro notabilissimo que foi Bazilio Telles. Sim: o aspecto philosophico da obra de Bazilio, é secundario. Espirito profundamente *analytico e critico* — embora a sua preocupação em se nos entregar como *organico*, Bazilio Telles, antes de mais nada, foi um admiravel dissecador dos acontecimentos sociaes do seu tempo. E cremos bem que as paginas que melhor dão a medida da sua natureza intellectual e moral, são as que consagrou ao problema europeu durante a grande guerra. E escrevemos *natureza moral*, porque reside nestas paginas, a

inviolavel *inflexibilidade* do seu pensamento politico.

E agora, que amorosamente guardamos as duas cartas de Bazilio ao autor do *Manual Politico*, commovidamente nos inclinamos diante da sua grande memoria! E que n'0 *Primeiro de Janeiro* que elle honrou e esmaltoou com a sua penna, prodigamente honrando humildes e obscuros camaradas como nós, nos sejam permittidos os cinco minutos de reconhecimento e de dôr. na evocação de uma figura que illumina todo um cyclo historico e que continuará sendo o timbre, o estimulo e o ensinamento das gerações futuras. Outro rumo teria seguido a Republica e a geração de Bazilio, tão tolerante e tão respeitadora da tradição — haja em vista o elenco ministerial de 21 de Janeiro — a tivesse proclamado."

O Brasil intellectual associa-se á grande dôr que velo ferir o pensamento de Portugal, de que Bazilio Telles foi um dos mais nobres e altos representantes.

#### Sarah Bernhardt

Morreu em Paris, quasi com 79 annos de idade, essa artista excelsa que foi Sarah Bernhardt. Jamais uma actriz conseguiu alcançar no mundo inteiro maior fama e despertar mais fremente enthusiasmo.

A vida de Sarah Bernhardt foi um verdadeiro romance, ou para melhor dizer, um tecido de romances, em que sempre seguiu os impulsos de um temperamento exaltado, bizarro e irrequieto, em lances por vezes escandalosos. Sarah Bernhardt nasceu em Paris, em 22 de Outubro de 1844. Tendo obtido o primeiro premio de tragedia em 1862, Sarah entrou para o Odeon, donde sahio pouco depois, sem ter despertado grande interesse.

Voltou em 1867 para o Odeon e continuou a representar varios papeis com pouca notoriedade. Foi ahi que em Janeiro de 1869, creando *Le passant*, de Coppée, obteve o seu primeiro grande triumpho. Durante a sua estadia no Odeon citam-se ainda os papeis de Hortense Lehuchoir, em *Le testament de Cesar Girodot*; Aricie, na *Phèdre*, apparecendo ainda no *Drame de la rue de la Paix* e no *Batard*.

E' em 1872 que Sarah se encarrega da rainha do *Ruy Blas* e fica consagrada grande artista. Reentra para a Comédie Française em 1873, debutando na *Mademoiselle de Belle-Isle* e d'ahi por diante em cada personagem cada triumpho, até que, em 1875, foi nomeada societaria. Em Fevereiro de 1876 concluiu Dumas Filho a sua peça *L'étranger*, em que Sarah se revelou em toda a originalidade do seu talento.

Não satisfeita com os seus successos de comediante, Sarah apaixonou-se pela

## UMA PALHETA ENCANTADORA

Na esmaecida e languida luz da nossa pintura reverso do nosso ambiente tropical, o Sr. Edgard Parreiras é um caso raro, me merece ser destacado. E' um pintor inconfundivel, personalissimo, com um sentimento vivaz e innato da natureza, cujo esplendor plasma com um fulgor que é o da propria luz immortal. Discipulo do tumultuoso Parreiras, nem nas paisagens o seguiu na technica ou no colorido. Não segue tambem escolas classicas ou reformadoras. E' Edgard Parreiras na maneira, no corte, na luminosidade fulgura, na arte integra. Sua modestia contrasta com seu talento. Os seus motivos são banhados de uma luz sadia, radiante, encantada pela pincelada larga e expontanca e a vida que delles afflue, inquieta e magnifica. O Sr. Edgard é um pintor moderno, consciencioso, emotivo, um pintor que progride na ancia de transmittir com intensidade a emoção que apprehendeu, de reviver através da arte a verdade divina das cousas.

Na exposição que todo o Rio admira na Galeria Jorge não é outro o pincel do victorioso interprete da nossa luz, enriquecido agora de novos progressos, que se reafirmam um pintor seguro e distincto. Quantos admiram as suas tres dezenas de telas, fixando trechos de mar, aspectos da vida praieira, impressões da natureza, não deixam de louvar o pintor e de reconhecer nelle uma organização artistica pujante, um temperamento jovial e encantador, invulgar num meio de falhados e brochadores notaveis... A sua exposição tem valor e equilibrio. Os seus quadros emocionam. São *morceaux* magnificos. Lembram dias de verão, de ardente sol nos caminhos e nos casaes, mares revoltos e plácidos, barcos parados e casebres que o tempo torna em em ruinaría triste, contrastes de luz, solares avoengos, scenas da vida humilde, — tudo vivendo na exactidão dos motivos que a sensibilidade do artista e a harmonia chromatica das tintas esplendorosamente traduzem.

*Solar avoengo* é um bello trabalho com uma comprehensão larga da pintura moderna; *Manhã brumosa* é lindo na sua placidez e na sua poesia brumal; o *Godofredo* é bem interpretado na sua soli-

dão, sentindo-se a naturalidade das aguas e dos ceus; *Casebres* é bem feito na sua saliencia de valores, na sua justeza de desenho e de colorido; *Rochedos* é vigoroso e brilhante; *Manhã de sol* é maravilhoso na sua ardencia luminosa e nos seus verdes de arvores fecundas e amaveis; são dignas de admiração *Quintalejo*, *Casa branca*, *Reflexos*, *Dia sem sol*, *Máu tempo*, *Aspecto de Ponta d'Areia* e outros mais. O Sr. Edgard Parreiras não terá aqui o resultado material a que fazem jús sua operosidade e seu talento. E' brasileiro, infelizmente, sua pintura é brasileira e ademais feita com sinceridade e esplendor. Num meio onde a cultura artistica triumphou com o *snobismo* mais irritante, pintores como o Sr. Parreiras são quando muito admirados ás pressas e injustamente olvidados. Resta, porém, ao illustre artista, a certeza do valor dos seus trabalhos e a esperança de que talvez de hoje a um seculo a arte comece de ser, por estes brasis, comprehendida e amada.

Carlos RUBENS

sculptura. Alguns bustos foram expostos, os que se afiguraram a attenção.

Em Agosto de 1877 Sarah crea um dos seus grandes papeis: o de Dona Sol, do *Hernani*. Foi o papel em que a grande artista mais se incarnou, e tão completamente que o nome de Dona era inseparavel do seu. Ao proprio autor, Victor Hugo, ella commoveu, e a lagrima do poeta, representada em um lindo diamante foi-lhe offerecida.

Em 17 de Abril de 1879, após o fracasso da sua creação de Clarinda na *Apenturiere* de Emile Agier, Sarah Bernhardt deu a sua demissão de societria da *Comedia Franceza*, começando então a sua verdadeira vida de Theatro, representando somente aquillo que lhe aprazia, libertando-se de todos os preconceitos de escola que prejudicam tantos talentos da *Comedia Franceza*.

Em pleno esplendor do seu genio dramatico, Sarah foi a creadora de numerosas obras de valor, revelando e consagrando pela sua arte o talento dos melhores escriptores da época. Não ha em França, quem não se recorde da Sarah na *Dama das Camélias*, de Dumas Filho, na *Prinzeza lointaine* e no *Aiglon*, de Edmundo Rostand, a quem ella sempre dedicou uma grande amizade. O mundo inteiro conheceu-a e acclamou-a. Suas viagens eram cada vez um maior triumpho. O Rio, como todas as principaes capitães, recebeu-a e fez-lhe uma verdadeira apothecose.

Já velha, doente, amputada de uma perna, Sarah Bernhardt, despendeu as ultimas forças em novas creações, apparecendo no Theatro de Paris, que tem o seu nome, ha bem pouco tempo ainda, representando na *Gloire*, de Maurice Rostand, filho de seu saudoso amigo Edmundo.

A arte de Sarah Bernhardt era toda romantica. D'ahi a sua identificação perfeita com as heroínas de Victor Hugo, como *Dona Sol*, um dos seus maiores triumphos. D'ahi, tambem, o seu exito extraordinario junto á multidão, directamente accessivel aos sentimentos simples e um pouco exagerados das obras romanticas. O seu temperamento excessivo fazia de Sarah Bernhardt a mais vibrante interprete do amor juvenil, (*Dona Sol*); do desejo, (*Phedra*); do soffrimento, da paixão, (*Rainha de Ruy Blas*); do desespero doentio de uma alma irrequieta, (*Aiglon*). O seu successo era estrondoso no desempenho de papeis geralment convencionaes, em que podia dar livre carreira ao seu genio declamatorio. Sarah não era uma actriz subtil e intelligente como Réjane, por exemplo.

Os papeis complexos do theatro moderno, que exigem uma certa psychologia, não lhe podiam convir. A sua acção sobre o publico era devida á sua voz commovedora, um pouco surda e subitamente rica e vibrante, que Balzac chamou *voix d'or*, e ao seu talento, pôde-se dizer, decorativo na composição das suas attitudões. Sarah foi antes de tudo a rainha da attitude. Vejam todos os seus retratos: todos elles são verdadeiros quadros que parecem compostos pacientemente por um pintor genial. Foi nisso, principalmente, que Sarah pareceu inexcédível.

A França deve-lhe muito. Ella espalhou pelo mundo inteiro o brilho extraordinario do Theatro francez.

### O centenario do dois de Julho

A Bahia celebra este anno, com grande pompa e o mais effusivo jubilo patriótico, o centenario do Dois de Julho, a data augusta que marca o fecho das lutas pela independencia nacional. A glorificação dos heroes de 23 será feita por um grande programma de festejos, officiaes e particulares, que não só constituirão uma homenagem civica, mas tambem uma demonstração do progresso do grande Estado, um dos elementos basicos do organismo brasileiro. O governo do Estado muito empenhado em dar o maior brilhantismo ás festas centenarias, organisou uma grande comissão que, presidiada pelo actual secretario do Interior do Estado, conselheiro

Landulpho Medrado, tem como secretario o Dr. Braz do Amaral, presidente da Associação Bahiana de Letras, e o Dr. Bernardino de Souza, secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico. No dia 2 de Julho serão celebradas, como inicio ás festas, quatro missas, nas quatro faces do grande monumento 2 de Julho. Fogos de artifício no quebra-mar das Docas da Bahia, com as principaes figuras da Independencia, e uma festa veneziana na Bahia do Salvador.

Inauguração do monumento, na praça Castro Alves, em frente do Theatro São João, do grande poeta das "Espumas Fluctuantes"

Inauguração, na Lapinha, do monumento a Labatut e aos heroes da Independencia em 2 de Julho de 1923. — Baile no palacio da Acclamação, offerecido á sociedade bahiana pelo governador do Estado. — Exposição de productos bahianos. — Exposição pecuaria promovida pela Sociedade Bahiana de Agricultura, auxiliada pelos governos estadual e federal. — Publicação de um numero do "Diario Official", com 500 paginas, sob a direcção do Dr. Pacheco de Oliveira e relativamente aos cem annos de actividade da Bahia. — Publicação de varias obras historicas do professor Braz do Amaral. — Publicação de uma grande obra sobre a "Evolução da Medicina", pelo professor Pacifico Perreira. — Publicação do "Theatro na Bahia", pelo Sr. S. Bocanero. — Publicação da "Geographia na Bahia", pelo professor Bernardino de Souza. — Publicação de documentos existentes no Archivo Publico da Bahia, sobre a Independencia, trabalho organizado sob a direcção do Dr. Borges de Barros, secretario do governador da Bahia. — Publicação de "A religião na Bahia", estudo do conego Conrado Mulier. — O governo fará, durante dez dias, festas populares no Terreiro Barbalho, Santo Antonio, Lapinha, largo da Mardragão, Graça, S. Miguel, Itapagipe, Pharol da Barra, Rio Vermelho, como, entre outras, — curso para automoveis, foot-ball, bailes populares nos jardins, cinemas gratuitos, batallas de flores, "marche aux flambeaux" regatas, raids de resistencia, corridas de bicycletas, etc. O governador da cidade, engenheiro Epaminondas Torres, tem sido infatigavel nos preparativos das festas com que a Municipalidade commemorará o Centenario bahiano. Será publicado um grande livro com "fac-similes" das actas da Independencia na Camara Municipal. Uma interessante exposição de documentos, sobre a Bahia no dia 2 de Julho, será feita no edificio da Independencia. O arcebispo da Bahia, D. Jeronymo Thomé, promove a Proclamação Eucharística e a visita da imagem do Senhor do Bomfim, que, pela primeira vez, sahirá da Basílica á cidade. O Instituto Historico e Geographico da Bahia fará inaugurar, no dia 2 de Julho, o seu magestoso palacio, que denominou "A Casa da Bahia". A grande sociedade bahiana entre outras festas, promove uma série de conferencias sobre as grandes figuras da Independencia: Labatut, Miguel Calmon, Montesuma, Marquez de Abrantes, Pirajara, Silva Lima, Rebouças, Joanna Angelica. O Instituto fará um prestito civico, que transportará o cable da Lapinha á sua nova sede. Aos bahianos offerecerá uma recepção que terá inicio pelo hymno 2 de Julho, cantado em frente á "Casa da Bahia" por mil creanças acompanhadas pela celebre banda da policia bahiana, havida como a melhor entre as bandas militares do Brasil.

### A mais bella

Houve no Brasil uma eleição seria! Nella, os eleitores, os juizes, os candidatos e o publico em geral só se interessavam pela exacta representação da verdade, sem fraudes, sem subterfugios, sem intrigas e quesilhas. Bem sabe o leitor que essa eleição não foi para nenhum cargo electivo da nossa republica, nem para a Academia de Letras... Foi a eleição da mulher mais bella do Brasil. Depois de um concurso que empolgou todo o paiz, promovido pelos nossos brilhantes collegas da *Revista da Semana* e da *Noite*, com a collaboração de todos os periodicos do interior, depois da verificação rigorosa de trezentas mulheres formosas, o jury derradeiro, composto pelos professores Baptista da Costa, Corrêa Lima e Raul Pederneras, proclamou a mais bella mulher do Brasil a senhorinha Zézé Leone, da cidade de Santos. Não é preciso dizer a mansira admiravel por que se houve o jury, logrando que o seu veredicto seja incontestavel, acceto pela mais significativa unanimidade, quando se temia que as diver-

gencias do gosto pudessem prejudicar o resultado do concurso, tão bem inolado e conduzido. Ninguem pôde discutir o resultado, apenas delle se envaldecer, porquanto a figura fascinante da eleita honra o paiz, como um typo de absoluta perfeição, muito brasileiro, pois a senhorinha Zézé Leone é o aperfeiçoamento do commum das nossas patricias. O resultado do concurso estaria comprometido, em parte, si a escolha íbsse recair sobre qualquer belleza, cujos traços e cujo caracter plastico não fosse brasileiro, mas de qual quer das raças que se caldeiam entre nós. Até esse temor pode ser vencido e a mais bella brasileira é brasileira. Todo o paiz já conhece com familiaridade o seu retrato formosissimo e seu nome de rainha é repetido a cada hora por 30 milhões de boccas, que a acclamam e a exaltam. Nesse mar de applausos, *America Brasileira*, na mais gentil reverencia, saúda a magestade da belleza, a senhorinha Zézé Leone, e cumprimenta effusivamente a *Revista da Semana* e a *Noite* pelo exito do concurso.

### Uma festa de Intelligencia

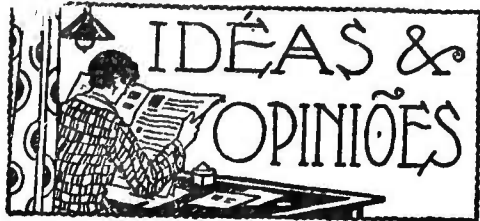
A homenagem que um grupo de intellectuaes, sob a presidencia do Sr. Estacio Coimbra, vice-presidente da Republica, offereceu ao Sr. Matheus de Albuquerque, o chronista brilhante e romancista poderoso, foi de uma rara significação e de uma grande belleza. Os dois discursos, que publicamos em outro lugar, não são apenas formosas orações, mas encerram valiosas suggestões sobre o momento intellectual, principalmente o do homenageado, de cujas idéas se pôde discordar, mas ninguem lhes negará o merito da sinceridade e o prestigio de uma opinião abalisada e firme. Foi igualmente de muito relevo o brinde de honra, feito pelo Sr. Estacio Coimbra, á mocidade intellectual do paiz nas pessoas dos escriptores novos ali presentes. Participaram dessa homenagem os srs.: Estacio Coimbra, vice-presidente da Republica; Graça Aranha-Rocha Pombo, Nestor Victor, Ronald de Carvalho, Araujo Jorge, Celso Viêira, Elyzio de Carvalho, Octavio Tarquinio de Souza, Renato Almeida, A. Carneiro Leão, Lindolpho Pessoa, Jackson de Figueiredo, Carlos Pontes, Armando Godoy, Veiga Lima, Luiz Barreto de Menezes, Theophilo de Albuquerque, Luiz Annibal Falcão, Balthazar Perreira, Francisco Alexandrino, Raul Moraes, José Maria Carneiro da Cunha, Carlos Rubens, Machado Dias, E. Izard, Moraes de los Rios, Francisco Solano Carneiro da Cunha, Joaquim Eulalio, Carvalho Azevedo, Sebastião Sampalo, Felinto de Almeida, Gastão Rio Branco, Mario de Vasconcellos, Perillo Gomes, Goulart de Andrade, Eurico Souza Leão, Ademar Tavares, Manoel Coelho Rodrigues, Paulo Coelho Rodrigues, Delphim de Barros, Gilberto Amado, Frederico Castelo Branco Clark, Academia Alagoana de Letras, representada pelo seu Presidente Sr. Dr. Demócrito Gracindo.

### Conde Von Hogendorp

O Sr. Goulart de Andrade acaba de concluir, com o melhor exito, a missão que lhe confiou o Pre-felto, solicitado pelo Sr. Ministro da Hollanda, e que consistia em descobrir o local onde residiu, em 1821, o Conde Theodoro Von Hogendorp, illustre titular hollandês e general dos exercitos de Napoleão, quando se refugiou nesta heroica cidade, depois da queda da Águia. Após pacientes investigações, feitas com o maior carinho, recorrendo aos preciosos subsidios do Archivo Municipal, conseguiu o Sr. Goulart de Andrade localizar a chacara onde viveu, bucolicamente, o general napoleonico, no meio de larangeiras, que cultivava, com mãos pacientes e cariciosas, soffrendo talvez, em face da natureza opulenta da terra americana, a nostalgia das batalhas fragorosas, das victorias fulgentes e a dôr da derrota, que abateu o chefe formidavel. Von Hogendorp residiu na ladeira do Ascurra, á margem do Trapicheiro ha pouco desviado do seu curso normal, para ser canalizado. Foi naquelle recanto delicioso, ás fraldas do Corcovado, que morou o titular hollandês. O Governo de Haya, prestando uma homenagem ao guerreiro illustre, mandou gravar uma lapide, que já se encontra nesta cidade, para ser collocada no local onde residiu Von Hogendorp, agora descoberto, depois de investigações e pesquisas do Sr. Goulart de Andrade, a quem o Sr. Pre-felto, em boa hora, incumbiu da ardua missão, levada a cabo com tanto exito.



# REPERTÓRIO



## Ainda o caso de "La Garçonne"

Ao General Dubail, grande chanceler da Legião de Honra, e outros membros da comissão de inquerito instituída para verificar se Victor Marguerite attentára, publicando "La Garçonne", contra os deveres da honra para ser excluído da ordem honorífica da Legião de Honra, dirige Anatole France a carta que a seguir transcrevemos:

"Senhores: Permitti que vos represente muito respeitosamente os perigos a que vos exporiais julgando uma causa que não pôde ser verdadeiramente discernida senão pela consciencia publica, na paz do tempo. Processos semelhantes já foram ter a certas jurisdicções, e a justiça não teve por que se felicitar de os ter avocados. Duas obras primas que honram a França e encantam o mundo, "Madame Bovary" e "Les Fleurs du Mal", foram perseguidas. Um poeta nobilissimo de que se honra a Academia Franceza, Jean Richepin, foi condemnado por uma obra que todos nossos letrados admiram hoje. Que vosso tribunal, senhores, instruido por esses exemplos e inspirado na vossa sabedoria, não junte "La Garçonne" á lista longa dos livros, que hoje condemna e para os seculos os juizes que o condemnaram no seu apparecimento. Victor Marguerite, senhores, é conhecido por grande numero de livros que testemunham um nobre talento e uma alta moralidade. Como se teria tornado de repente autor de uma obra infame? Isto não pôde ser, nem é. Nesse livro, que levantou tantos fingidos furores, encontram-se as idéas generosas que sempre inspiraram o autor. Julgae-o pelo assumpto. Uma moça, bem dotada e de caracter enérgico, acha, com razão, o mundo bem feio. Por um erro que Victor Marguerite de nenhum modo approva, essa moça desesperada perde-se nos vicios para os quaes não fora feita. Depois de alguns annos de erros, que ella presa muito pouco para querel-os amados, a moça entra numa vida honesta e regular, onde encontra a paz do coração e contentamento que em vão procurou alhures. Eis em substancia, a fabula de "La Garçonne". Ella é virtuosa, e autores ha que indignados estão a gritar contra este livro, e no entanto em livros seus têm talvez desenvolvido temas menos moraes. Na verdade, foram certas particularidades, detalhes, que mais chocaram na obra incriminada. Seria bem surpreendente que um escriptor tão seguro de sua fórma qual Victor Marguerite tenha perdido de um jacto o dominio ou governo de si mesmo. Não se desconhecera, em seu prejuizo, os direitos da arte, as justas liberdades do pensamento e as exigencias de um assumpto qual o estado de uma sociedade que ainda não tem igual em França? Victor Marguerite pintou, em "La Garçonne", a sociedade que a guerra fez; mostrou a depravação que tinha attingido, nos novos ricos, a extremo inaudito. Toda a gente o sabe, pois nestes tempos desavergonhados, o deboche transbordou até a rua. Eu sinto que o pintor, nestes quadros, ficou bem aquem da realidade. Os males incommensuraveis de uma longa guerra produziram costumes abominaveis, que o moralista devia pintar. Foi o que fez Victor Marguerite numa medida que revela o homem de gosto. Antes de condemnal-o, lembrai-vos do lapis vigoroso com que d'Aubigné pintou, no seu tempo, os que elle chama os Hermaphroditas. E' justo imputar a Juvenal os furores de Messalina? Ah! senhores, tendes a felicidade de viver em regiões

serenas, onde não podeis ver se formarem os ciúmes, as invejas, os odios que se quer sancionéis. Peço-vos, em vosso proprio interesse, não façaes o que vos não convem fazer. Abstei-vos num processo que excede infinitamente da vossa competencia. Temei censurar o talento. Foi o que fez, com relação a Gustave Flaubert, M. Pinard, que passava por homem de espirito e honesto magistrado, cuja memoria entretanto ficou para sempre ridicula. Respeitemos os direitos sagrados do pensamento, que encontram sempre no fundo vingadores implacaveis. Eis, senhores, as observações que julguei poder apresentar-vos respeitosamente, em favor de minha idade e das occupações que encheram minha vida. Aceitae, senhores...

ANATOLE FRANCE

Victor Marguerite, intimado para comparecer perante aquella commissão e explicar-se, recusou-se allegando que o caso não era para ser assim julgado, e sim perante a justiça commum, e que não reconhecia na referida commissão competencia para julgar da moralidade de uma obra litteraria, opinião que teve a solidariedade de Courteline, Rosny, Porto Rico e outros.

## HOMENS e COUSAS ESTRANGEIRAS

Clémenceau

O Sr. Franck H. Simonds escreveu para a *American Review of Review* o seguinte artigo sobre o "Tigre francês", a proposito da sua recente viagem aos Estados Unidos, que tanto ruido causou. Escreve elle — "Quando Clémenceau partiu para fazer as suas conferencias na America, não tinha nenhum encargo official. Ao contrario, era mal visto pelo ministerio Poincaré e não o podia approvar o presidente da Republica. Empreheu a viagem, ainda assim, encolerizado pela politica dos Estados Unidos, cujos ataques injustos feitos á França o revoltavam. Julgava que a America abandonára a sua antiga alliada, depois de ter virado as costas á Europa, a que recusava qualquer auxilio, substituindo uma cooperação util, por acerba critica.

Não era facil a situação de Clémenceau. E' preciso recordar que representou, na conferencia de Paris, o paiz que mais soffreu com a guerra, que derramou mais sangue e supportou o maior peso. Seus compatriotas lhe pediram que obtivesse duas coisas: a segurança contra uma nova aggressão da Alemanha e a reparação dos danos causados no Norte da França. Quanto á sua segurança, os francezes pediam a fronteira do Rheno, não a sua annexão, mas uma occupação militar que permitisse, em caso de ataque, preparar a mobilisação, por detrás da barreira do Rheno e, si essa barreira fosse rompida, teriam a certeza de que as primeiras phases da guerra seriam em territorio allemão e não francês. Queriam igualmente garantias para os pagamentos allemães e que a França occupasse regiões germanicas, como Guilherme I fizera, em 1871, até regula-

risar-se a indemnisação. Eis os pontos principaes que Clémenceau deveria ter obtido, para conservar a sua immensa popularidade.

Deparou com a má vontade de Lloyd George e Wilson, pretendendo estes que, para satisfazel-o, seria necessario renunciar aos 14 principios, com o risco de criar uma nova Alsacia-Lorena. Em troca, pelo abandono do projecto, offerciam as garantias de seus respectivos paizes no caso de nova aggressão allemã, com a obrigação, está claro, de obterem para isso o consentimento de seus parlamentares. Clémenceau preferia essa garantia á do Rheno, do qual não era, allás, partidario, contra a opinião do marechal Foch. O "Pae da Victoria" pediu então a occupação da margem esquerda do Rheno para todos os alliados, zona que seria evacuada á medida que os allemães fossem amortizando a sua divida.

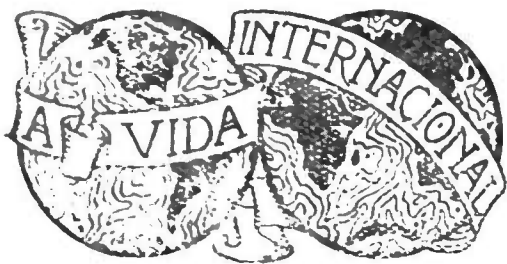
Quando a America repudiou o Tratado de Versalhes, reregou o pacto de garantia, que a Grã-Bretanha recusou depois de ser a unica a prometter, a carreira politica de Clémenceau se abalou profundamente, porque não accitou as idéas de Wilson e Lloyd George, sinão pela esperanza de obter garantias essenciaes para a França.

Explica-se assim a sua viagem aos Estados Unidos. Queria fazer comprehender aos americanos o espirito real da França e destruir a lenda do militarismo e do imperialismo francês. Era, por assim dizer, o apello supremo dos que ganharam a guerra aos que, só entrando depois, repudiaram a paz e comprometteram a victoria. A visita teve, ao menos, o merito de demonstrar claramente que si, apesar dos desaccprdos passageiros, a America continúa a amar a França, está decidida em absoluto, a não se occupar mais da Europa, ainda que reservando o direito de lho criticar a politica".

## "RECORDS" DA VELOCIDADE

Um jornal pariziense publica a seguinte tabella dos "records" de velocidade em avião, desde as primeiras competições, iniciadas por Santos Dumont com o aparelho de seu invento:

Datas dos records	Nome de piloto	Velocidade horaria em kilometros
12 Nov. 1906	Santos Dumont	41.292
26 Out. 1907	Farman	52.700
20 Maio 1909	Tissandier	54.810
28 Agosto 1909	Bleriot	76.955
23 Abril 1910	Latham	77.579
10 Julho 1910	Morane	106.508
12 Abril 1911	Leblanc	111.801
21 Junho 1911	Nieuport	133.136
13 Julho 1912	Védrines	170.777
29 Set. 1913	Prévost	203.850
28 Fev. 1920	Casale	283.464
4 Nov. 1920	Romanet	309.012
8 Out. 1922	Maughan	355.012
18 Out. 1922	Gen. Mitcheli	358.836
15 Fev. 1923	Sadi Lacointe	375.132



### Indisciplina e Immoralidade

Diz uma decisão recentemente proferida por um tribunal russo, em materia de bigamia: — "A monogamia é um phenomeno profundamente enraizado nos costumes dos povos civilizados. Mas, isto não quer dizer que a bigamia ou a polygamia sejam puniveis segundo nossas leis. Ainda menos se pôde fazer depender a solução da religião professada pelas partes em causa. Se os musulmanos podem ser polygamos, não se vê razão pela qual os outros cidadãos sovieticos não possam gozar do mesmo privilegio." Vê-se, portanto, que o bolchevismo não quer apenas uma reforma economica e administrativa, mas social e moral, abalando profundamente os alicerces da sociedade christã, pelo imperio da libertinagem, com a indisciplina dos costumes, sob a mascara falsa da liberdade. Ao que se diz, toda a noção de familia desaparece e basta o instinto procriador... Bigamia, incesto, filiação anonyma, aniquilamento da familia, o mais hediondo e feroz individualismo, eis algumas das formas desse desregramento, em que a valdade dos homens pretende supplantar as leis eternas e irremessiveis.

### A opinião européa sobre o Rhur

As opiniões externadas nos principaes paizes europeus acerca da questão do Rhur, embora apresentando modalidades diversas, são unanimes em dar razão á França e affirmar que a Alemanha pôde pagar.

Uma alta personalidade do mundo politico belga, entrevistado pelo correspondente do jornal parisiense *l'Oeuvre*, depois de declarar que o governo belga não diria nada a respeito do Rhur antes do Reich fazer suas propostas e não acataria nenhuma mediação, mesmo a da Liga das Nações que o proprio Sr. Branting julga impossivel, fez as declarações seguintes:

"Não temos um plano detalhado, mas os pontos principaes são conhecidos. Primeiro, ha-de se exigir que a Alemanha ponha as suas finanças em ordem e que ella aceite o "controle" do Comité de garantia ou de um outro qualquer organismo interalliado. O exemplo da Austria mostra o que se pôde fazer nesse particular. Uma vez o "controle" aceito conceder-se-ha a retirada gradual das tropas de occupação do Rhur, a medida que a Alemanha executar as prestações em natureza que elle deve. É o plano do Sr. Poincaré. Não existe outro."

Na Inglaterra o Sr. J. R. Clydes, que na Camara anterior foi o leader do partido trabalhista, — numa conferencia realizada na União pela Liga das Nações, em Londres, entre outros conselhos á França e os protestos da amizade do povo inglez, aconselha ao governo francez procurar melhor a boa vontade das outras nações e o concurso das grandes potencias que nunca hão de faltar. "Temos a mais viva sympathia pela França, disse o orador. Temos por ella tambem o maior respeito, porque reconheço que foi ella que mais soffreu dentre todos os paizes alliados.

Quatro representantes da Escocia na Camara dos Communs, fizeram ultimamente um inquerito no Ruhr. De volta da zona occupada, os deputados inglezes constatarem que os industriaes allemães pôdem perfeitamente financiar as reparações, e que enganam os operarios quando pretendem o contrario; reconhecem que a situação economica do Rhur é muito melhor do que a dos districtos industriaes inglezes e escossezes, emfim que a reunião do ferro da Lorena e do carvão do Rhur constitue uma necessidade economica. Concluimos propondo que "a França, a Inglaterra, a Belgica, a Italia e a Alemanha internacionalisem a bacia carbonifera do Rhur em beneficio das reparações."

Na Italia, emfim, os grandes jornaes iniciaram uma grande campanha em prol de um accordo economico da Italia com a França. Essa campanha é promovida pelo proprio Mussolini, que procura incentivar a siderurgia italiana principalmente o grande grupo de aço de Genova, para que são indispensaveis o carvão do Rhur e o ferro da Lorena.

Essas diversas opiniões que resumimos mostram que os elementos vitales das grandes potencias europeas isto é, tanto os grandes industriaes como os proletarios, estão ao lado da França na questão do Rhur. A proposta dos quatro deputados inglezes que transcrevemos acima e que, segundo a opinião americana que, relatamos nesta sessão e parece dever ser aceita pela França, foi formulada pela primeira vez por um francez, o sr. Sch-wof.

Com effeito, essa solução que viria crear um estado autonomo entre a França e a Alemanha, além de evitar qualquer competição a seu respeito dessa zona, viria afastar qualquer possibilidade de conflicto no futuro entre esses dois inimigos seculares.



Oswaldo Orico: **Dansa dos Pylampos**. Ed. Monteiro Lobato & C. — S. Paulo. — 1923. O Sr. Oswaldo Orico está recebendo, com juros, o premio da sua independencia. Escrevendo em um paiz onde os criticos, por via de regra, pertencem á linhagem incontavel dos homunculos de Wagner, o autor da *Dansa dos Pylampos*, não poderia encontrar, facilmente, homens de imaginação bastante livre para comprehendel-o. Se o sr. Oswaldo Orico fosse um fabricante de sonetos confeitados ou de poemas cristalizados, se os seus versos tivessem a rigidez de cavallinhos de feira, e marchassem como pautados batalhões ameaçadores, estaria, hoje, consagrado e reconagrado pelos bufarinheiros divertidos da criticalitaria literaria. Mas o Sr. O. Orico é um espirito moderno, uma sensibilidade do seu tempo, um poeta que ama a poesia e não os versos e as artes poeticas.

Seu caso é mesmo singular. Quando aqui chegou, o Sr. Oswaldo Orico praticava, como todos os brasileiros de menor idade, o acrobatismo das rimas ricas, dos metros congelados. Escrevia balladas, rondeis, madrigaes e sonetos orthodoxos. Escrevia, como todo mundo, sobre o crepusculo, o mar, o amor e a morte. Colhido de surpresa pelo movimento moderno, seu primeiro impeto foi o de resistir contra a avalanche, apoiado nas lanças de pau e nos escudos de papelão pintado, com que os arsenaes parnasianos e symbolistas entulham ainda a nossa literatura. Cedo, porém, reconheceu o erro em que andava, e, no calor dos seus vinte annos, investiu contra a mascarada petulante e ridicula dos pharizeus coroados... E, então, elle cantou:

Deixa o passado; enxuga a lagrima vertida,  
era tua, era linda, e, entretanto, a perdeste.  
Abre este livro, lê, que miragem sentida,

Deixa o passado; enxuga a lagrima vertida,  
era tua, era linda, e, entretanto, perdeste.  
Essa lagrima era um motivo de alegria...

*Dansa dos Pylampos*, apesar das claras qualidades que revela o seu autor, é ainda um livro de transição, porquanto, se incluem nelle algumas composições de sabor passadista ou archaizante. O saldo numeroso dos poemas de feitiço pessoal é, não obstante, decisivo e definitivo nessa obra. O Sr. Oswaldo Orico se filia aos poetas modernos, principalmente aos italianos, de quem parece ter herdado a harmonia subtil das dissonancias e a velada eloquencia dos rythmos. O segredo da sua poesia está justamente na simplicidade com que elle desenha e mostra as cousas mais humildes da vida e no colorido discreto dos seus matizes. Embora haja aqui e ali notas puramente descriptivas, como em *Ouro Preto* e *Olinda, cidade Morta*, ou ainda fortemente impregnadas de romantismo, como *Torneio de*

*Metrificação*, os seus poemetos são, em geral, ricos de imagens e formas atrevidas. Veja-se *Ruskin*, por exemplo:

Brinca entre os ramos una cereja.  
De longe um passaro a namora.  
Ah, o idyllio entre um passaro e uma fructa,  
esse idyllio entre os seres naturaes.  
Todas as outras cousas me sorriam...

No subtil esoterismo desses versos ha, sem duvida, uma idéa symbolica da philosophia naturista de Ruskin, para quem uma pay-sagem era mais bella que toda a metaphysica. Já em *Debussy* não foi tão feliz o Sr. Oswaldo Orico, porquanto, o artificialismo voluntario e o cerebralismo consciente da sua arte se afastam muito daquella concepção do "vento que passa nas arvores e canta..." A arte do mestre de *Pelléas et Melisande* é essencialmente impressionista, de um subjectivismo imperioso e transcendente. Debussy não acreditava na natureza.

Do impressionismo delicioso desse livro, dá perfeito testemunho o seguinte poemeto:

Na tarde triste que vae desmaiando,  
chega-me aos labios uma phrase de Montaigne.  
Vestido negro... crepe ao rosto... uma senhora lá vae muito grave e muito solemne.  
O seu vestido é triste, o seu vestido sobre uma pelle assetinada chora...

Na manhã clara, na festa de algum passeio,  
ha qualquer cousa que me desperta o sentidio.  
Vestido roseo, mal cobrindo a flôr do seio,  
meninas passam, rendas no ar tremeluzindo.  
Como os vestidos nesses corpos vão sorrindo...

Em *Dansa dos Pylampos* as annotações mais caracteristicas são todas assim: intimas, inquietas, veladas e indecisas entre a alegria das cousas e a melancolia de um espirito desencantado.

Agrippino Grieco: **CAÇADORES DE SYMBOLOS**. Ed. Leite Ribeiro (Rio, 1923). — Ha neste livro um espelho consideravel das tendencias ultimas nas nossas letras, do passadismo do Sr. Luiz Carlos ao modernismo do Sr. Ronald de Carvalho, vistos através do temperamento inquieto e subtil do Sr. Agrippino Grieco, que se revela um excellent critico. Porque essa critica é pessoal e livre, desabusada mesmo, procurando, na actividade mental dos poetas e escriptores de suas preferencias, um espirito de força e intensidade, no pensamento ou na arte de sentir e justificar essa renovação das nossas letras, que é uma magnifica aurora de liberdade e emancipação. O Sr. Agrippino Grieco se procura entre os seus "caçadores de symbolos" e a differença dos seus criticados revela bem essa ancia multipla do artista, que despreza as fronteiras, os muros e os cercados. Este livro é um livro de arte e de emoção e, si ha paginas de analyse directa de qualidades e defeitos, preconceito de que se precisa libertar, o autor em regra se eleva numa intensa observação psychologica, de um advinho de coisas que se não revelam. Afinal, é um artista da critica, a que empresta o fulgor de sua formosa cultura, que não é uma dessas contrafacções correntes, mas solida e orientada, para maior exaltação e universalidade do Esprito. Praticando essa critica impressionista, que é muito luminosa e feita de annotações incisivas, cuja unidade só o conjunto revella, o Sr. Grieco nos deu um livro de emoção e sympathia, elevando nomes de sua geração (ha alguns que a precedem) com fulgor e entusiasmo. Este livro admiravel não é só um magnifico documento literario, mas em uma forte significação moral, quando as competições mesquinhas perturbam tanto as intelligencias. O Sr. Grieco collocou-se acima do bem e do mal, em nosso meio literario, saltando, ás vezes, boas gargalhadas "nas bochechas destes graves brasileiros, destes amigos da litteratura brutal, de critica em mangas de cam.sã e de genialidades cuja apparente prenhes intellectual é quasi sempre hydro-psia..." O Sr. Grieco irrita a muita gente, porque tem bom humor, essa frescura de espirito, que esclarece e illumina, como se pôde ver nas suas satyras, ou na critica sympathica, destes "Caçadores de Symbolos", vislumbrados com acuidade e vibração. O Sr. Grieco é o critico que, criticando, se cria, dominando com o espirito as obras admiradas, numa sorprendente exaltação pela belleza, justificativa derradeira do mundo, no seu temperamento de mediterraneo, isolado no fulgor deste mundo tropical.

**Amiel: JOURNAL.** — O Sr. Bernard Bouvier, professor de Genebra, acaba de publicar uma excelente edição do precioso "Journal" d'Amiel, dando-lhe sua verdadeira physionomia, que, talvez por excesso de zelo, tivesse sido deformada. Os dois volumes publicados em 1882, por Edmond Schérer, por indicação de Mlle. Mercier, até aqui tidos como o verdadeiro "Journal" d'Amiel, delle não contém mais do que um pequeno fragmento. Para dizer da authenticity dessa edição, é bastante referir o facto de possuir o professor Bouvier um original manuscrito por Amiel desde a morte de Mlle Mercier, a quem fôra legado pelo proprio autor. Dando essa noticia auspiciosa aos admiradores do grande espirito de Amiel, esperamos que a nova contribuição lhes permita preciosos achados na sabedoria amavel do bello escriptor.

**Julia Lopes de Almeida. A ISCA.** Liv. Leite Ribeiro, ed. Rio-1923 — Neste livro de contos, D. Julia Lopes de Almeida nos dá algumas paginas de emoção suave e de grande encanto, feitas com aquella simplicidade e harmonia, que são o segredo do seu bom gosto litterario. Em terra de gente imaginosa, amiga das imagens campanudas e dos floreios vistosos a romancista nos ensina, com a sua obra, uma lição de simplicidade e medida, olhando a vida, como ella transcorre, sem escandalo, sem desregramento. Por via de regra, a nossa litteratura feminina se compraz numa volupia requintada, por vezes fremente, como já observou com argucia um dos nossos melhores criticos. D. Julia Lopes de Almeida, ainda nesse particular, refoge á regra commum, sendo o seu romance um dos melhores flagrantés da nossa sociedade, que observa com profunda penetração e um grande equilibrio, de sorte a lhe notar virtudes e defeitos, sem carregar numas ou noutras tintas. E' a grande romancista do nosso meio, sentindo tambem a terra com uma grande ternura e notas de accentuado lyrismo, a exemplo das *Cartas da Roça* que é um livro delicioso. Ao noticiario desta secção, de simples annotação e sem penetrações criticas, basta o registro do novo livro de Dona Julia Lopes de Almeida, *A Isca*, com que augmenta o brilho que lhe cerca o nome aureolado de escriptora, da maior escriptora brasileira.

**João de Castro. REVOLUÇÃO NACIONALISTA.** — Lisboa-1922. — Ha neste livro ao mesmo tempo pamphletto e ensaio sociológico, o estudo da crise portugueza, cuja solução depara ao nacionalismo, traçando-lhe o programma. As bases deste são — contrucção da autoridade, "problema fundamental da renovação da vida portugueza"; organização do Estado, sob uma dupla tendencia: a) concentração unitaria do poder administrativo já no Governo central, já pela fusão dos districtos em provincias; b) descentralização de actividades pela autonomia administrativa já nos Governos das provincias, já nos municipios; organização militar, sobre a qual se constroem o estado, propulsiando as suas forças expansivas e assegurando as qualidades defensivas; organização religiosa, pois "a religião é uma necessidade social absoluta, presa a todas as actividades da Nação"; organização social, com as bases seguintes: organização syndical, tribunales de trabalho, código de trabalho; assistencia social, organizado com um instituto de previdencia social, outro de assistencia, um terceiro de socorros mutuos, bem assim a reorganização e desenvolvimento do monte-pio, tornado obrigatorio, responsabilidade da crise syndical na miseria social, cujas victimas devem ser socorridas, etc.; ordem publica, mantida a todo o transe, com a prohibição do greves e propagandas anti-nacionais e communistas; organização economica, condição de vida e de prosperidade do paiz; organização do imperio colonial, sob um programma que apresenta; instrucção e organização social, com uma reforma completa nos moldes e methodos de ensino; por derradeiro, a função internacional, que permittir "o fim por que tendemos, escreve o autor, encerrando seu livro — uma civilização portugueza num forte imperio politico". E' um largo programma, de renovação e revalidação de valores, á juizo do fascismo italiano, que o autor advoga para o seu paiz, nesse livro de entusiasmo e patriotismo, através de sua alta concepção de nacionalismo, como "uma corrente de vida, uma qualidade de vida nacional".

**Barreto Filho. CATHEDRAL DE OURO.** Schettino, editor. Rio-1922. — Ha no livro deste adolescente uma emoção sincera e ardorosa, de que é licito esperar os melhores frutos, sobretudo quando a sua personalidade se desnudava das influencias e, inteiramente livre, dominar a materia poetica, pelo seu estro.

### "AMADIS", DE GAULA

Apontemos Affonso Lopes Vieira, a sua saude mental, a coragem portugueza das suas opiniões, a intransigencia honrosa das suas attitudes, e vamos ao seu encontro, ali na "Portugal-Brasil", o interroguemo-lhe sobre o seu "Amadis" — Evangelho do amor deverá ser tida esta velha e nobre novela de cavallaria. E hoje, que tão mal se ama, môrmente nesta Lisboa, especie de caricatural Sodoma, a sua leitura servirá de consolação para os corpos não corrompidos ainda, e de anjo da guarda para os que estejam prestes a transviar-se.

Mas, sem demora, deixemos que o Poeta falle.

— O meu trabalho do "Amadis" foi-me suggerido pelo que, como artista e philologo, Bédier fizera com o "Tristan et Iseut" — Sómente, os casos eram totalmente differentes Bédier tinha material a menos, e teve de procurar. Eu tinha material a mais, e tive de reduzir.

— Eliminando tudo que lhe parecesse castelhano?

— Sim, tudo que o redactor de fóra accumulára ás primitivas redacções portuguezas dos dois Lobeiras, nos seculos XIII e XIV.

— Quanto tempo gastou nesse trabalho?

— Quatro annos. Mas só no verão passado a construcção logica e lyrica do "Amadis", me appareceu emfim, simples e intensa, como um dos mais adoraveis contos de amor — e, então, escrevi em um mez o romance que ha quatro annos preparava.

— Está contente com a sua obra?

— Com o que fiz decerto que não, embora a benevolencia da minha eminente prefaciadora e as opiniões de alguns amigos, a quem li o meu trabalho, fossem animadoras; mas contenta-me, pelo menos, a realização do desejo que me animou de restituir á nossa patria o "espirito" de uma obra que é das mais bellas do mundo.

— E' o "Amadis", pois, indubitavelmente portuguez?

— A opinião da Sra. D. Carolina Michaelis é decisiva. Mas como agora apparece, pela primeira vez na nossa lingua, este facto abstraindo de que fui eu que o reescrevi, alegre como um factor de ordem nacional, tão importante para os que adoram a Terra.

— O que representa este "romance" para a sua sensibilidade?

— Uma canção heroica, um código de honra e um idyllo encantador. Todo o perfume da nossa poesia e da nossa tradição se reflecte nelle.

Agora, que o Poeta fallou, voltemos a apontá-lo como um exemplo, exemplo rarissimo a seguir. Os factos provam o que as palavras apenas promettem. E Affonso Lopes Vieira, poeta portuguez, por varios factos tem provado que é sinceramente de Portugal: "A Campanha Vicentina", "O Livro d'Amor", de João de Deus, "Em demanda do Graal", tantos outros, recentemente este "Romance de Amadis" e, acima, perto das estrellas, a flôr, melhor, a essencia do seu descomplicado lynismo. A par, ainda feição muito lusa, aquella independencia altiva semelhante á de "Sigfred" — segundo a sua expressão — e herdada, directamente, do "pinhal de Leiria e do mar!"

ALVES MARTINS,

Essa busca incessante de si proprio, que é a tortura maior do artista, apenas se inicia para o joven poeta. Não acredite demasiadamente no louvor facil e insincero, nem tema os criticos de regua e compasso, mas procure libertar-se de todos os entraves da "arte" e realizar a sua poesia. Ha um contraste entre a frescura de sua emoção e o passadismo de sua forma. Não olhe para traz e lembre-se de que o tempo não respeita o que é feito fóra do seu tempo e de que não vingará os inactuaes. Se se tratasse de um velho, ou de um livro já definitivo, não caberia o reparo, por falta de esperanças, mas numa estréa brilhante e auspiciosa, de um joven de quinze annos, num momento de renovação de sensibilidade e de esthetica nova, é justo dizer que no Sr. Barreto Filho ha um verdadeiro poeta, se o seu estro não se fanar nas estereis repetições de nosso lyrismo e nos infecundos pre-conceitos de meia duzia de formulas, ou talvez de fórmulas... Não esqueça a palavra de Goethe — a arte é uma libertação!

**Cruz e Souza. OBRAS COMPLETAS.** Ed. 1. Ed. do Anuario do Brasil. Rio-1923. Comemorando o vigesimo quinto anniversario de Cruz e Souza, que foi um attestado vibrante de toda a intensa admiração do paiz, pelo poeta negro, o Sr. Nestor Victor promoveu com o *Anuario do Brasil*, que mais um assignalado serviço prestou ás nosas letras, a publicação das obras completas de Cruz e Souza, que annotou e commentou, precedendo-as de uma introdução critica digna de maior estima. Neste primeiro volume reunio as obras poeticas *Broquéis*, *Pharóes* e *Ultimos Sonetos*, exparsos e de acquisição difficilima. A introdução do Sr. Nestor Victor é um encaio de penetrante argucia e nos permittir um admiravel retrato psychologico do poeta. Por fim as suas annotações accrescentam á obra o maior interesse. O 2º volume será o das *Paginas de prosa*, com *Missal* e *Evoluções*.

**Eduardo Ramos: RETALHOS E BISALHOS.** Ed. do Anuario do Brasil, Rio, 1923 — O Sr. Eduardo Ramos é um ironista amavel, que sabe envolver a realidade com um véo de zombaria, sob o qual as cousas perdem um pouco de rudeza e se somem as arestas. E' uma illusão, dirá o pessimista, mas da mentira vivemos nós, buscando pelo engano das apparencias minorar a agrura irremediavel do mundo. Os humoristas sabem que o soffrimento é perpetuo, mas amortecem pelo sor-

riso displicente os embates desagradaveis do destino. Ao revés de insensíveis, são homens de bom coração, porque, no fim, ironia é piedade, como disse o nosso Machado de Assis. O Sr. Eduardo Ramos pratica dessa ironia — "douce et bienveillant" — de que fallia Anatole France, e no seu elogio á mentira — a doce mentira — temos, por exemplo, uma pagina deliciosa de indulgencia, em que louva as mentiras uteis, ás quaes "está confiada a função de preservar do nosso desdem, ou do nosso enjôo, o inexpremivel reverso das apparencias..." Não estará ahí uma admiravel definição da arte subtil do Sr. Eduardo Ramos? Elle não é esse chronista complacente que tece um véo de mentiras amaveis "sobre as cousas merecedoras de ser veladas?" Mas, para que esse manto não seja deformador da realidade, é preciso que seja tecido pelo artista, commovido diante da vida. E' uma obra de interpretação. "O segredo da vida está no commoção" escreveu o Sr. Eduardo Ramos, que sabe nella se encontrar a transfiguração das apparencias, para nos apontar o segredo irremediavel das cousas. A solução para o homem está na arte, para resolver a contingencia, na fé para presentir a immortalidade. Neste livro do Sr. Eduardo Ramos, em que o artista é um pensador subtil, ha paginas de grande emoção e muitas que fazem meditar. A ironia ainda é uma lição maravilhosa, porventura a mais fecunda.

**Antonio Austregesilo: LIVRO DOS SENTIMENTOS.** Liv. Leite Ribeiro, editora — Rio, 1923. — O professor Antonio Austregesilo reuniu neste livro, que acaba de publicar, varias maximas e sentenças dedicadas aos que soffrem, para os quaes a sua piedade tem palavras de conforto e de exaltação, pois seu esforço é tornar a vida melhor. "Viver, escreve no prefacio, é cultivar as energias espirituales, para o homem superar os embaraços materiaes e moraes e chegar á conclusão de que em ultima analyse, dado o balanço absoluto, a vida é boa." A estrada da purificação é o caminho a trilhar, ensina-nos o illustre professor, pelos que pretendem gosar o mundo. Este livro é um livro de claro optimismo e de sinceridade, meritos indiscutíveis nos escriptores dos paizes novos como o Brasil. "Não ha mal permanente". Para o Sr. Austregesilo a vida é um esforço para dominar o mal, vencendo pela alegria e pela confiança no destino.

todas as provações, todas as dôres. Por isso o homem deve lutar e amar. "O homem que luta resume o exemplo de vida universal. O homem que ama, synthetiza a alma da Natureza". E com esse conceito se encerra esse livro, de um professor de optimismos.

Jesus Maria Henao: **LOS ULTIMOS DIAS DEL GENERAL BONTANDER**. Bogotá. — Trata-se de um interessante estudo lido pelo autor perante a Academia de Historia de Bogotá, em que evoca a figura do grande general colombiano que, com Bolívar e Sucre, foram grandes heróis de sua patria. Escripção com elegancia, elevação e entusiasmo, essa memoria de exaltado patriotismo, é um interessante documento de historia e merece a attenção de todos os americanos, que fremem com a gloria dos grandes predestinados das patrias novas. O illustre Presidente da Academia da Colombia merece os melhores applausos pela sua publicação, digna do melhor apreço e que teve tão grande repercussão em todo o continente.

#### Livros a sair em França:

— De Paul Bourget, um romance: *La Gléole*.

— De Anatole France, uma nova obra, que será publicada primeiro em revista: *Sous la rose*.

— Mirbeau tinha escripto a "628—E—8" O Sr. Didier le Roux vai publicar brevemente uma "629—E—9"

— De André Salmon: *Saint-André*, poema; *Archives du Club des onze*, romance e *Propos d'atelier*, notas sobre pintura. (Já publicado por Crés.)

— De Paul Reboux: *Colin*.

— De René Bazin: *Il était quatre petits enfants*.

— De René Boylesve: *Rosalinde*.

— De Edmond Jaloux: *Le nom de l'étoile est absinthé*.

— De Alexandre Arnoux, os ultimos serão os primeiros: *Petit lumiere et l'oursé*.



#### Instituto da Ordem dos Advogados

Na primeira sessão deste Instituto, o Dr. Levy Carneiro apresentou a seguinte indicação, que já foi approvada:

"O Instituto dos Advogados com o intuito de enaltecer a memoria gloriosa do seu antigo presidente effectivo e presidente honorario perpetuo, Ruy Barbosa, e a cultura juridica do paiz, de que elle foi a mais alta expressão, e os seus inextinguíveis serviços á causa liberal, em mais de cinquenta annos de vida publica — resolve:

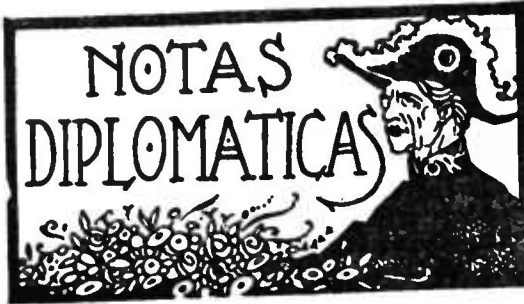
1º — mandar collocar-lhe o retrato na propria sala das sessões, onde actualmente se encontra apenas o de Teixeira de Freitas, inaugurando-o solemnemente no proximo dia 13 de Maio;

2º — effectuar, nesta data, sessão solemne commemorativa do grande brasileiro;

3º — autorizar a Directoria a constituir-se em comissão especial, a qual fará incorporar representantes de outras associações e de todas as classes sociais, afim de promover o levantamento da sua estatua nesta cidade;

4º — organizar, na Bibliotheca, uma secção especial de obras, artigos, memorias judiciais, e mais escriptos de sua lavra;

5º — realizar um concurso sobre o thema "A influencia de Ruy Barbosa no direito", ficando a Directoria autorizada a regular-o e cabendo um premio á monographia classificada em primeiro lugar"



O editor L. Veggia, de Buenos Aires, acaba de publicar em brochura os discursos pronunciados por S. Ex. o Ministro Plenipotenciario do Brasil na Argentina Dr. Pedro de Toledo, por occasião dos festejos do Centenario do Brasil na republica platina, e em outras festas officiaes.

Já conheciamos estes discursos no Brasil por despachos telegraphicos transmittidos para aqui na occasião em que foram proferidos. Poudemos ver que foram inspirados pelo mais puro e nobre patriotismo, marcados ao cunho de uma personalidade forte, em que a cultura se allia com a arte da palavra. Entre tantas paginas notaveis pela sua eloquencia vibrante, notamos este bello trecho sobre o patriotismo, no discurso á colonia brasileira de 7 de Setembro:

"Os que sustentam, que se deve substituir a idéa de patria pela de humanidade, ou não são sinceros ou sonham com uma utopia. E' tão difficil supprimir as fronteiras da patria, como destruil os laços de familia.

Por occasião da grande guerra, os mais ardentes propagandistas da famosa doutrina, quando viram invadido o seu territorio atiraram para longe o programma do partido e impellidos por uma força irresistivel, foram se collocar debaixo do seu pavilhão, pedindo armas para a defeza da patria. Isto quer dizer que quando a patria periga, ha uma verdadeira transmigração das almas individuaes para uma alma collectiva, que será a alma da patria. E' ella quem nos dirige nos combates, quem nos fortalece a bravura e quem nos ensina a soffrer com paciencia e a morrer heroicamente nos campos de batalha."

Mais adiante, no mesmo discurso, o Sr. Pedro de Toledo, referindo-se a Portugal. "a nossa mãe-patria" disse: "Mas não só isso ella nos deu: deu-nos o seu sangue honrado, que constitue a base do caracter brasileiro, o seu espirito de aventuras herolcas de que se formou a alma dos bandeirantes paulistas, desbravadores do sertão e finalmente deu-nos as suas tradições, que se ligam e se incorporam á nossa historia."

Os outros discursos de S. Ex., notadamente o que foi pronunciado no banquete que lhe foi offerecido pela colonia portugueza de Buenos Aires, são igualmente ricos em idéas originaes e pensamentos esclarecidos, engastados em lances eloquentes e harmoniosos. O Sr. Pedro de Toledo continua, mantendo bem alto, o velho prestigio da nossa diplomacia.



#### As novas escolas de Intendencia e administração

Presentes, chefe do estado-maior do Exercito, chefe da missão militar franceza, representantes do Sr. Ministro da Guerra e mais autoridades militares, teve, no principio do mez passado, solemne inicio o anno lectivo das Escolas Superiores da Intendencia e Administração do Exercito.

A sessão foi aberta e presidida pelo Sr. general Azeredo Coutinho, que deu a palavra ao Sr. coronel Buchalet, da missão militar franceza e director tecnico do ensino daquellas escolas. Depois, falou o Sr. general Abralino Bandeira, director geral da Intendencia da Guerra, que discorreu sobre a funcção dos officiaes dos corpos de intendentes de Guerra, administração e contadores.

Explicando o fim dessas escolas, disse o coronel Buchalet: "Todos os nossos esforços tendem um fim: cumprir a nossa tarefa na obra immensa por nós iniciada ha já tres annos. E' esta, com effecto, a terceira vez que a Escola Superior de Intendencia e a Escola de Administração Militar se abrem para uma terceira turma.

Pela primeira vez se inaugura o Curso Especial de Contadores. E é pela primeira vez que comparece como autoridade o general Intendente da Guerra, director da Intendencia da Guerra, o mais antigo official no posto mais elevado da primeira turma da Escola Superior da Intendencia que eu vejo a meu lado. Elle veio afirmar com a sua presença, uma fé constante no successo da parte que tomamos em commum na grande obra da reorganização das forças de terra da Republica. Chefe do corpo e Inspector geral dos novos quadros administrativos do Exercito, é elle a affirmação viva de que a Intendencia da Guerra nasceu bem e nasceu viavel. É a sua nobre figura de official profundamente patriota e de funcionario militar illustrado, benevolente e integro, personifica uma classe inteira de officiaes e incarna todas as nossas esperanças.

Ainda que em attenção á sua pessoa e a tudo que ella representa, estas escolas devem formar pessoal instruido technicamente e orientado intellectual e moralmente pelos nossos ensinamentos. Por outro lado as mesmas examadoras do concurso tomaram como dever de consciencia fazer da competição real entre os numerosos candidatos, a melhor selecção.

Aos olhos daquelles que não têm sob seus hombros a carga de responsabilidades que o futuro do Exercito nos impõe nas commissões do exame pareceram severas. Entretanto, quando a benevolencia se pode exercer ella ahi surgiu. E foi assim que a autoridade superior pôde decidir que a Escola de Administração Militar receberia 23 alumnos ao invés, de 20 e o Curso Especial de Contadores 50 ao invés de 30.

Agora precisamos trabalhar. Primeiramente para atravessar o ponto perigoso do exame da selecção do quarto mez; depois para sair dignamente no fim do curso. Na saída da escola, vos faltarão, sobretudo aos alumnos da Escola Superior de Intendencia e Escola de Administração militar, os estagios verdadeiramente praticos nas organizações projectadas, e cuja execução está suspensa — momentaneamente eu espero.

Tambem nas vossas funcções encontrareis dificuldades supplementares, difficuldades que não acreditamos dever encarnal-as aquil.

Não ficareis desanimado por isto, pois os vossos corações de patriotas vos manterão firmes no caminho que vossos chefes já percorreram, armados de uma perseverança e de uma fé que coisa alguma podia enfraquecer. Avante! Pelo trabalho!"



L'AMERIQUE LATINE, de Paris. Convem assinalar neste interessante e bem redigido semanario um artigo do Sr. Hugo Barbagnata, o eminente historiador uruguayo, sobre o Congresso da Imprensa latina; um interessante estudo sobre o futuro da capital do Brasil do Sr. Louis Guilaîne, *La vie intellectuelle* por Gustave Manson; um *Billet d'une sud-americaine* de Max Daireaux e um bello artigo do Sr. A. de Lapradelle, o conhecido professor de Direito Internacional na Faculdade de Direito de Paris, sobre Ruy Barbosa, que foi, diz o Sr. Lapradelle "desses homens cuja acção, a principio restringida á sua patria, pouco a pouco se estende ao seu continente, em seguida ao mundo, porque alimentada desde a infancia pelas letras gregas e latinas, e desenvolvida pela pratica das linguas e das letras estrangeiras, a sua sensibilidade intellectual não deixa de aprofundar nelles o sentido do universal e o culto do humano."

SIMPLE REVUE, de Paris. Dirigida por Georges Regnal. Esta revista que se diz de salão publica em seu numero de Outubro-Dezembro passados um conto ligeiro de Hebbé, uma

poesia de Ch. d'Eternod, um artigo de critica poetica de J. Vassivière, um poema de L. Gendreau, chronicas da Condessa Laetitia, condessa L. e de Jean Sanit-Crépins. Merece especial menção o artigo de René Virard sobre Murger, cujo centenário passou no anno findo. O Sr. Virard recorda com saudade e emoção a vida dolorosa do escriptor da bohemia de Paris, o seu obscuro nascimento, a sua mocidade com o conde de Toistoi, de quem era secretario por 40 francos por mez e as tristes attribuições de sua existencia miseravel e faminta, até o exito que só chegou para elle quando o soffrimento e a doença lhe tinham tirado todo o enthusiasmo e a fé na arte.

**LES PAYS DU DANUBE**, de Budapest. Esta revista hungara, dirigida pelo Dr. Alexandre Krisztics, apresenta o seu numero de Dezembro de 1922 com o seguinte summario: Charles Tejsseyre, *Na Hungria*, André Andor; *O problema mundial do chomage*; Dr. Adolpho Pechamy: *A questão tcheco-slovaca*, que, diz o autor, não existe; Dr. Bela de Horvath: *Uma Croacia independente*; Alexandre Potifi: *O desenvolvimento da litteratura hungara e outros artigos de interesse danubiano*. O fim desta revista é defender as aspirações da Hungria desmembrada. N'uma carta que nos dirigiu, o Sr. Bela de Horvath, administrador-gerente, escreve: "Queremos demonstrar as inauditas injustiças causadas á Hungria pelo tratado de Trianon que arrancou ao nosso paiz millenario os 3/4 do seu territorio para dar-os aos povos semi-barbaros balticos, sob o dominio dos quaes se destruirá e se destróe a antiga cultura da Europa Central. O modo com que são tratados milhões dos nossos compatriotas é sem exemplo na historia mundial. E' um attentado aos principios wilsonianos contra os quaes se deve reagir." Tendo por objectivo informar syntheticamente os seus leitores, a *America Brasileira* reproduz este appello de um patriota sem querer julgar o caso, pois não só nos faltam os indispensaveis elementos para assentar o nosso juizo, como achamos do nosso dever não nos solidarizar com o nosso correspondente hungaro no que toca aos ataques que dirige contra nações que se têm mostrado amigas do Brasil.

**LA VIE UNIVERSITAIRE**, de Paris. Este excellente revista destinada aos estudantes de todos os paizes que se acham na Universidade de Paris apresenta, em Março, um numero igual aos demais que tem publicado: claro, variado, interessante, completo. O numero comprehende os seguintes artigos: G. Dupont Ferrier: *O velho bairro latino*; John L. Gerig: *as relações intellectuaes entre as Universidades da França e da Columbia*; Stephane Lascar: *Maurice Long*; J. Adam: *a cultura physica não existe*; Edme Tassy e P. Leris: *os recursos do trabalho intellectual* e opiniões, informações, noticias diversas e igualmente proveitosas.

**REINE DE L'AMERIQUE LATINE**, de Paris. Sempre interessante e de proficua leitura, esta revista amiga do Brasil apresentou um excelente numero de Março. Compõem este numero umas visões modernistas de Ramon Gomez de la Serna que intítula novas paizagens imaginarias da America, um estudo sobre a Perichole, segundo Prosper Mérimée e Richard Palma por Ventura Garcia Calderon em que o eminente escriptor peruano nos retrata Mérimée, apaixonado de exotismo e fervente das cousas hespanholas, procurando na volupia os relampagos que sublinham os contornos das almas; *"a alma de Ruben*

*Dario*, por Jean Cassou; um inquerito, já iniciado no numero anterior, sobre a *America e a felicidade da humanidade*, que esperamos seja concluida afim de synthetisa-la para os nossos leitores; uns fragmentos do diario de um pintor em que Léon Gauthier descreve impressões da cordilheira e dos pampas. Segue-se a *anthologia americana* que comprehende tres traducções de autores latino-americanos: *A estatua de sal* de Leopoldo Lugones, *Os extases da montanha* de Julio Herrera Reissig e poemas de Juana de Harbouru, cuja volupia ardente e desesperada está superiormente transporta em francez por Francis de Miomandre. Termina este numero um noticiario farto e variado.

**LE REVUE MONDIALE**, de Paris (Numero de 1º de Março de 1923).

Após um inquerito sobre o futuro do theatro em que não aprendemos grande cousa, o Sr. Claude Berton publica um estudo sobre *os Estados Unidos em frente da Europa*, o Sr. Lacaze Duthiers um sobre a renovação da esthetica. De Edouard de Keyser um romance: *Les passionnés*, estudos de Jacques Normand sobre Mounet Sully et Coquelin, duas glorias do palco francez; de Waldemar George sobre o Salão dos Independentes de Pariz; de Jean Esstein sobre a decoração no cinema, de Nicolas Segur sobre Ernest Renan e varias chronicas.

**A AGUIA**, organ da Renascença Portuguesa, do Porto, nos dá em seu numero de Janeiro (o ultimo por nós recebido) uma série de bellas paginas em prosa de Leonardo Coimbra, Raul Brandão, Alberto Pimentel, A. A. Mendes Corrêa e Claudio Bastos e versos de Luis Cardini: uma commovente e singela transposição do *hymno de São Francisco de Assis*; de Teixeira de Pascoais, um soneto allucinante: *Espectro* e um harmonioso poema de Domingos Monteiro: *Quando rompe a manhã*. Bibliographia interessante; um notavel retrato de Antonio Carneiro.

**A ORDEM**, 2ª série, Ns. 6, 7 e 8. Janeiro a Março de 1923: Esta revista de cultura, que dirige o escriptor Sr. Jackson de Figueiredo, com orientação catholica, é uma das nossas mais estimaveis publicações, onde se debatem questões de alta indagação philosophica, religiosa social e critica, conseguindo, através de grandes esforços, manter uma linha de conducta e um criterio, honrosissimo para a nossa imprensa. Ainda neste ultimo fasciculo, que temos sob os olhos, encontramos artigos da melhor valia, subscriptos não só pelo seu director, bem como pelos Srs. Alexandre Corrêa, Perillo Gomes, Durval de Moraes, Dona Amelia Rodrigues, Jonathas Serrano, Hamilton Nogueira, Mario Sette, Mario Serrano, Padre Manoel Tobias e outros, além de varios artigos de redacção e copioso noticiario. No meio da incontinencia dos nossos costumes, por entre uma imprensa que agora se povôa de revistinhas immoraes, a *Ordem* é um attestado das forças da reacção, que vingarão por certo, para salvar o paiz desse remoinho de residuos decadentes, que nos deu a hora inquietada do presente.

**MERCURE DE FRANCE**, de Paris. O numero de 1º de Março, apresenta-se rico em collaborações de valor. Convem notar: "Renan", excellent estudo de Gabriel Brunet; do Dr. Pierre Maurice, um artigo scientifico documentado sobre o "Rejuvenescimento"; uma novella de Claude Gével: "L'aveugle et la paralytique"; "Poemes", de R. R. Bertrand; "O enigma de Jesus, por P. L. Couchoud; "Lekain", por Georges Lote; "Le ju-

gement des Buchettes", por Pierre Vigou; um romance da autora Rachid: "Le chateau des deux Amants", e um vasto noticiario sobre theatro, litteratura franceza e estrangeira, sciencias, geographia, arte, historia, etc.

**LE MONDE NOUVEAU**, de Paris, sob a direcção do Sr. Van der Vlugt e do Sr. Gustave Louis Tautain. Esta revista alcançou um dos primeiros logares entre as publicações congeneres do mundo intellectual. O seu numero de 15 de Março não está abaixo dos outros. Notamos um sério estudo de Henri Bachelin sobre o romancista tão discutido hoje Louis Dumur; um outro sobre o artista Cappiello, por Ugo Ojette; mais um de Hans Kohn sobre André Spire e um bello artigo de André Lebey, sobre "Isis e Pallas"; um inquerito de Constant Bourquin; uma visão do "Declínio da sociedade burgueza", que caracteriza a actual phase historica do mundo civilizado, dois contos ineditos de Louis Perpaud e a traducção franceza de um romance do celebre escriptor hollandez Louis Couperus: "O Cavallo Alado", originalmente publicado em "hors texte", formato de livro. Um noticiario sobre a quinzena internacional (pois o "Mondé Nouveau" é publicado todos os quinze dias) completa este numero interessante.



A "Seara Nova"

O grupo literario que fundou a revista "Seara Nova" — publicação com intuitos de reconstruir a moral litteraria e social — acaba de dirigir ao paiz um manifesto que denominou "Appello á nação". E' um escripto bem feito, aparte das correntes politicas, partidos ou systemas com que se encaram os problemas graves que agitam a nacionalidade. Abre com uma resenha interessante das deficiencias actuaes do Estado; tem pinceladas carregadas a avivar erros, e, apontando o passado glorioso luso, appella para o esforço reorganizador e patriótico da grey. A vida nacional — affirma — só pôde seguir bom caminho com um "governo nacional", em pleno exercicio das suas funcções, sendo-lhes concedido o adlamento das secções parlamentares. Cuidadosamente, em artigos e paragraphos, o "Appello á nação" traça o programma governativo de reorganização nacional. No capitulo de politica geral, como em todos os outros, o "Appello" apresenta idéas claras. Algumas: ministerio de salvacão publica, com facultades excepcionaes; reorganização da força publica, reduccão dos ministerios a oito e seguimento da actual politica externa. Quanto ás finanças, o "Appello" é pobre. Diz os erros passados, mas não aponta alvitres. Na politica orçamental, e pela reduccão das despesas do Estado. Desenvolve ainda a politica fiscal, agraria, bancaria, cambial, etc., etc. Todas estas idéas são excellentes e não muito difíceis de exprimir. Com

# PARC ROYAL PARA HOMENS

## ROUPAS BRANCAS

Sortimento composto de todos os artigos necessarios á toilette masculina, desde o mais vulgar ao mais raro, do despendioso ao mais modesto.

**PREÇOS CONSCIENCIOSOS  
PREÇOS DO**

# PARC ROYAL

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

muito menos trabalho e erudição do que o manifesto do grupo que dirige o "Appello", todos os portugueses, estão há muito convencidos de que são estas idéas que os podem salvar.

Mas se dizer é fácil, realizar é difícil. Se tributar, se apresenta facilmente ao espírito das populações das cidades; nas do campo já a questão muda de figura. Todos os programas governamentais são velhos apelos à nação. Não queremos dizer com isto que este seja uma copia fiel dos outros. O que apenas queremos significar é que muitos homens que, fóra do poder, blasonavam de "salvadores", apenas no governo, sentem os effeitos dos mil erros commetidos; quasi um seculo de desregramentos. Para se conseguir pelo methodo de bom caminho, são precisas lutas titânicas em que muitas vezes ficam esmigalhados os que as promovem com boas intenções. O "Appello à nação", que é assignado por Basílio Telles (fallecido ha dias), Leonardo Coimbra, Raul Proença, Camara Reis, Jayme Cortesão, Pina de Moraes, Augusto Casimiro, prova, no entanto, que os escriptores portuguezes se preocupam com o problema de governar bem.

### Conferencia sobre Camillo

Na Associação dos Archeologos realizou em 16 de Março passado uma interessante conferencia sobre "Camillo atravez dos registos parochiaes", o Sr. Paulo Ferreira, funcionario do Registro Civil, que foi apresentado pelo Major Sr. Ferreira de Lima, que presidiu. O conferente, depois de afirmar que Portugal foi o primeiro paiz da Europa que instituiu o registro parochial catholico (isso devido ao arcebispo D. Affonso, que o estabeleceu em 1536) refere-se longamente ao livro em que se encontrava exarado o assento de baptismo de Camillo Castello Branco e acrescenta: "Era este um dos livros do registro parochial da freguezia dos Martyres, de Lisboa, onde logo na capa, embora em caracteres quasi apagados, notei a indicação, como refulgente seta em directriz, de que adiante figurava o nome de Camillo. E como antes tivera lido, tanto em jornaes de que mal me recordava, como no interessante livro do Sr. Antonio Cabral — *Camillo de Perfil* — que a lápide do Largo do Carmo — referente à data do nascimento estava errada, embora modificada — tal opinião em um outro seu livro depois publicado — *Camillo Desconhecido* — foi com natural curiosidade que li o assento de baptismo do qual se têm extrahido e publicado certidões, mas quasi sempre erradas. Li, porém, com espanto, a data que no assento figura como sendo a do nascimento de Camillo — 16 de Maio, depois de verificar que o assento tem a data de 14 de Abril do mesmo anno, dia em que, effectivamente, fóra baptisado.

"Como era possivel que Camillo tivesse sido baptisado antes de nascer? Tratava-se, não havia duvida, dum grosseiro engano. Mas as duvidas nasceram e por toda a parte se formularam hypotheses sobre a data certa do nascimento. Teria Camillo nascido em Abril e sido baptisado em Maio, como seria logico, ou nasceria, porventura, em Maio, e fóra baptisado, no mez seguinte? Publicar-se é certo, o *Romance do Romancista*, do Sr. Alberto Pimentel, e alli se transcreveu a certidão de baptismo de Camillo, mas com tal precipitação ou proposito que não se fez caso do engano existente no livro de baptismo e se publicou a certidão como se Camillo tivera nascido em Março (como de facto nasceu). Isso mesmo se averiguou pelo primitivo assento inutilizado, ao qual se refere tambem o Sr. Alberto Pimentel.

"Li attentamente o primeiro assento de baptismo que havia sido inutilizado e do qual, portanto, se não tiravam certidões, tentando decifrar todas os seus dizeres, visto estar cheio de razuras, e borrões de tinta igual à empregada no registro. E uma pergunta suggeriu logo ao meu espirito: Porque fóra inutilizado o primeiro assento baptismal de Camillo? Teria havido apenas a intenção de omitir o nome da mãe — Jacintha Rosa — que no ultimo não vem mencionado, (e segundo affirmou o Sr. Ludovico de Menezes) por motivos ponderosos respeitantes ás convenções sociaes ou de familia? Eis aqui a pagina interessante de um romance cujo thema nunca foi aproveitado pelo tragico escriptor portuguez. Com effeito, pela reconstruição do primitivo assento e do seu confronto com o segundo, parece que fóra aquelle o unico motivo da repetição. Após algum trabalho, conseguí essa reconstruição e da sua leitura uma certeza resultou logo: "A data do nascimento de Camillo, pois o equivoco do segundo assento estava aclarado, sem sombra

de duvida, no primeiro; Camillo nascera em 16 de Março, e foi baptisado em 14 de Abril de 1825."

Depois de esmiuçar com erudição o conteúdo dos dois assumptos baptismaes, o conferente analysa uma affirmação do Sr. Ludovico de Menezes — a de que "residindo os paes de Camillo, em 1825, numa casa da rua da Rosa, é licito concluir que Camillo deve ter nascido na freguezia das Mercês" — e diz:

"Esta singular e inesperada revelação veio avolumar mais ainda o mysterio do baptismo de Camillo, pois vem desmentir os registos parochiaes. Não seria absolutamente incrível o facto, aliás extravagante, de o pai de Camillo ir baptisar seu filho a uma freguezia que não fósse aquella onde nasceu. O Sr. Ludovico de Menezes decerto tentará fazer a demonstração piena desse nebuloso e hypothetico acontecimento. Mas até lá, permittam-me que eu tenha a vaidade de sustentar a minha opinião contra tudo e contra todos. E esta duvida que eu agora levanto vem tanto mais a proposito quanto é certo que, segundo informações da Arcada, se pensou já em mudar o nome de freguezia de Sacramento para freguezia de Camillo Castello Branco, havendo chegado essa pretensão ao Ministerio do Interior.

"E' mais um erro a juntar aos que existem, a não ser que se justifique a pretensão no facto de Camillo ter lá morado. Repetindo, accentuarei que Camillo, o glorioso autor desse formosissimo poema que é o *Amor de Perdido* — nasceu na freguezia dos Martyres. Assim o demonstrem os documentos officiaes e se nos fósse dado tirar do assumpto razões de ordem sentimental e psychologica, em dizia que assim deve ser. O Destino que o predestinou para a Dór e para o Martyrio, marcou-o desde o berço com o seu sello: Camillo — o grande Martyr da Vida, de cujo soffrimento só pôde libertar-se dando-se a morte, não podia pertencer a outra freguezia que não fósse a dos Martyres — talvez para conservar e justificar através dos seculos — essa caracteristica e expressiva denominação christã.

E já que é nosso desejo prestar ao glorioso martyr todo o culto de uma sentida admiração, venho repisar uma idéa que eu queria vêr effectivada: é a da collocação de uma lápide na igreja dos Martyres, commemorando o nascimento e baptismo de Camillo, como se fez no atrio da entrada principal de Sé, com o padre Antonio Vieira. Alli diz-se que o grande orador nasceria naquella freguezia sem indicar o lugar do nascimento. E' o que se deve fazer a respeito de Camillo, quer se venha a descobrir de facto, quer não, o lugar certo em que nasceu. Assim, prestariamos a nossa homenagem ao grande escriptor, sem receio que mais tarde nos vissemos na contingencia de transferir a lápide como ha de succeder naturalmente com a do largo do Carmo.

A assistencia, entre a qual se viam muitos camillianistas, applaudiu calorosamente o orador, que recebeu cumprimentos após terminar a sua interessante conferencia.

### A Antologia Luso-Brasileira

As quintas-feiras litterarias e elegantes do Theatro Nacional em proi da anthologia luso-brasileira na Alemanha têm marcado um acontecimento notavel em Lisboa. E' de louvar esta bella iniciativa e a maneira gentilissima como o publico tem correspondido aos nobres e patrioticos intuitos dos seus promotores.

No salão de festas do Theatro Nacional reuniu-se uma assistencia muito selecta, para ouvir a palavra elegante do Dr. Trindade Coelho, que fallou com notavel brilho sobre "O cyclo poetico de Junqueiro". Homens de letras, artistas, estudantes e muitas senhoras encheram completamente a sala, que ouviu com religiosa attenção, durante uma hora, a interessantissima conferencia do illustre jornalista e escriptor.

Fez a apresentação do conferente o Dr. Cardoso de Oliveira, illustre embaixador do Brasil, que tem prestado o seu melhor concurso à obra que se pretende levar a cabo de divulgação da "Anthologia Luso-Brasileira" na Alemanha.

O insigne diplomata, que é ao mesmo tempo um poeta distinctissimo, traçou num breve discurso, de uma grande perfeição litteraria, um elogioso perfil do Dr. Trindade Coelho, referindo-se com palavras de louvor à sua obra jornalística e litteraria. Recordou a personalidade interessantissima de Trindade Coelho, pae, cuja perda representou uma grande perda para as letras nacionaes.

Fallou da preocupação constante que o autor de "*Os meus amores*" mostrava pela

perfeição da forma, contando como mandou queimar a edição de uma obra sua, em que havia algumas paginas que lhe não agradavam.

Mas em Trindade Coelho essa preocupação traduzia-se numa duvida, que lhe atormentava o espirito: a duvida de que mais tarde, a sua obra não satisfizesse o espirito de seu filho. Disse depois, com notavel brilho, como o Dr. Trindade Coelho é o legitimo principe-herdeiro de uma riquissima fortuna em virtude e em talento. As suas palavras foram sublinhadas com o mais caloroso applauso da assistencia.

Subiu, depois, á tribuna o Dr. Trindade Coelho, que a sala inteira saudou com viva sympathy. O conferencista, depois de agradecer ao Dr. Souza Costa a amabilidade do convite, disse que a sua conferencia era pequena de mais para poder abranger a obra enorme de Junqueiro. Fallou das tendencias litterarias da sua geração de Coimbra, a que o Dr. Souza Costa pertenceu, affirmando com sincera modestia, que essa geração fallou na arte, nas letras e na politica.

A conferencia que vae dizer não é inteiramente inedita, affirma, porque já teve occasião de se referir, no Porto, á obra magistral do grande poeta.

Todo o sentido pantelista e lyrico da obra de Junqueiro passou na conferencia scintillante do illustre escriptor, em phrases perfectas, de uma grande belleza litteraria e do mais puro lyrismo que em prosa se pôde conseguir.

A sua analyse da obra genial do grande poeta incidiu particularmente sobre "*Os Simples*", a mais portugueza, a mais perfeita e a mais sentida das obras de Junqueiro. O Dr. Trindade Coelho fallou depois sobre a simplicidade na arte, que é tão difficil conseguir, recitando algumas quadras populares do mais perfeito sentido lyrico; são pequenas obras primas, de ingenuidade, algumas, e outras de uma ironia graciosa e modelar. Lembrou o lyrismo ingenuo e perfeito de João de Deus, e, fallando das satyras de Guerra Junqueiro, não esqueceu o nome glorioso de Gomes Leal.

Dirigindo-se ao embaixador do Brasil, recordou tambem o nome que hoje se tornou querido e popular na grande Republica irmã: o de Catullo da Paixão Cearense. Deve-se a este extraordinario poeta a definição mais perfeita de saudade que existe em lingua portugueza.

O Sr. Trindade Coelho, e esta foi um das partes mais interessantes da sua conferencia, referiu-se em seguida ao sentido mystico e religioso da obra de Junqueiro. Ha pouco tempo ainda, duma visita que fez ao poeta, e em que este lhe deu o mais caloroso e amavel incentivo á sua campanha jornalística a favor do ensino religioso nas escolas. Guerra Junqueiro declarou-lhe que uma escola sem Deus era o maior attentado que se podia commetter contra a liberdade de consciencia. O poeta sente-se cada vez mais apaixonado da idéa de Deus.

Quando tem a sensação de que está proximo d'Elle nada o preoccupa, ao contrario do que succede quando se sente longe da idéa de Deus: um grão de areia é o bastante para o abalar. O conferencista leu algumas phrases lapidares de Junqueiro que a assistencia ouviu num recolhimento de Cathedral.

Terminando, referiu-se em palavras de sentido e caloroso elogio ao desaparecimento de Ruy Barbosa, esse grande espirito que se formou no culto disciplinado do direito. E como elle, orador, educou o seu espirito na obra monumental de Ruy Barbosa, não podia deixar passar a oportunidade que tinha de se referir á morte do eminente brasileiro, dada a circumstancia de estar presente o illustre representante do Brasil em Lisboa.

Agradeceu a maneira gentilissima como a assistencia ouviu a sua conferencia e terminou por entre os mais vivos applausos, sendo muito felicitado por amigos e admiradores.

### LIVRARIA VICTORIA

Compra e vende livros sobre todos os assumptos. Avalia, cataloga e encarrega-se da conservação e reforma de bibliothecas.

**R. A. MOURINHO**

ESTABELECIDO DESDE 1899

Rua General Gamara, 190

Telephone, Norte 6261

RIO DE JANEIRO

# BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

**Casa Matriz : AMSTERDAM**

FILIAES NA AMERICA DO SUL :

Rio de Janeiro --- S. Paulo --- Santos --- Buenos-Aires --- Santiago do Chile --- Valparaizo.  
Na Allemanha --- HAMBURGO.

**Capital autorizado..... Florins 50.080.000**  
**Capital realizado e reservas..... Florins 22.680.000**

*Fundado pela Rotterdamsche Bankvereniging  
Amsterdam -- Rotterdam -- Haya*

*Cujo capital realizado e reservas montam em florins a 114.000.000*

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

**11, RUA BUENOS AIRES, 13**

TELEPHONES: NORTE 5356, 5357 E 5358

# Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

**CAPITAL. FRs. 50.000.000**

**CAPITAL REALISADO**

**Acções Frs. 50.000.000 e Obrigações Frs. 65.000.000**  
**Fundo de reserva: Frs. 12.500.000**

Emprestimo sobre primeira hypotheca a curto e longo  
prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por  
amortisações semestraes  
com direito de reembolso antecipado.

Contas correntes garantidas por hypothecas  
e de movimento.

**DINHEIRO PARA CONSTRUÇÕES**  
Abertura de crédito para construcções de predios  
até 50 % do valor dos mesmos  
e terreno.

Adiantamento sobre titulos, mercadorias  
e warrants.

Gerencia de immoveis, cobrança de juros sobre apolices, acções  
e debentures, guarda de valores, etc.

SÊDE SOCIAL EM PARIS:

**39, BOULEVARD HAUSSMANN 39**

Sede de Operações e Direcção Geral:

**44, AVENIDA RIO BRANCO, 44 — RIO DE JANEIRO**

Endereço Telegraphico-FRANCO

CAIXA FCSTAL 307

TELEPHONES

Directoria N. 4.116  
Secretaria N. 2.085  
Expediente N. 3.750

AGENCIA:

**24, RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO**

# Livraria Garnier

Rua do Ouvidor 109

Caixa Postal, 618

Rio de Janeiro

## PEÇAM CATALOGOS

### COLLECÇÃO "AUREA"

(Paginas escolhidas dos maiores escriptores)

Machado de Assis, por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.	10000
Os Poetas 2 volumes enc.	20000
Contos Brasileiros, Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.	10000
Visão de Tântalo, por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.	10000
José de Alencar, por Mário de Alencar	10000

### BIBLIOTHECA SCIENTIFICA

Le Bon	As Dândocs e as Crenças, enc.	8000
"	Psychologia das Multidões, enc.	8000
"	Psychologia dos Novos Tempos, enc.	8000
"	Psychologia Política, enc.	8000
"	A Revolução Franzeza e a Psychologia das Revoluções, enc.	8000
Smiles	Ajuda-te, enc.	8000
"	O Character, enc.	8000
"	O Dever, enc.	8000
"	A Economia, enc.	8000
"	O Poder da Vontade, enc.	8000
"	Vida e Trabalho, enc.	8000

LITTERATURA NACIONAL E ESTRANGEIRA, DICCIONARIOS, VOCABULARIOS, GUIAS, ESPIRITISMO, ETC.

## "SUL AMERICA"

### SEGUROS DE VIDA

Vinte e sete annos de constante progresso

Resultados obtidos durante o anno de 1922 - 1923

NOVOS SEGUROS realizados em prêmios pagos.	106.791	Contos de réis
SEGUROS EM VIGOR em 31 de Março de 1923	350.000	Contos de réis
RECEITA de anno de 1922—1923	23.790	Contos de réis
SINISTROS.	3.493	Contos de réis
A SEGURADOS sobreviventes, em liquidação de apólices vencidas e resgatadas.	3.343	Contos de réis
SOBRAS DOS SEGURADOS.	1.166	Contos de réis
EMPRESTIMOS A SEGURADOS, sob caução das suas apólices	8.936	Contos de réis
Em resumo a Companhia tem pago a segurados beneficiarios, até 31 de Março de 1923:	91.169	Contos de réis

Para mais informações consulte as apólices da "SUL AMERICA"

109 DO OUVIDOR - RIO DE JANEIRO

Matriz—Rua Bethencourt da Silva N. 15



# AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR: Elysio de Carvalho



# BANCO ALLIANÇA

SÈDE NO PORTO

RIO DE JANEIRO

146, Rua do Rosario, 146

Caixa do Correio, 924

Telephones: Norte 3376 e Norte 6329

Saques sobre todos os paizes do mundo  
 —Descontos—Operações bancarias  
 em geral—Administração de  
 propriedades—Cobrança de juros e  
 dividendos—Inventarios —  
 Correspondentes em todo o territorio  
 dos Estados Unidos do Brasil.

## DEPOSITOS

A' ordem. . . . 4 % ao anno

DEPOSITOS A PRAZO E LETRAS A PREMIO

A prazo de tres mezes.	4 1/2 % ao anno
A prazo de seis mezes.	5 1/2 % ao anno
A prazo de nove mezes.	6 % ao anno
A prazo de doze mezes.	6 1/2 % ao anno

As melhores tintas do  
 Brasil.

SÃO AS

# HORLID

VENDA GERAL

Rua Theophilo Ottoni, 102

RIO DE JANEIRO

# GRUTA BAHIANA

ABERTO ATÉ 1 HORA DA MADRUGADA

Especialidades em comidas á Ba-  
 hiana e á Portuguesa

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TODOS OS DIAS:

Vatapá,  
 Carurú  
 e Muqueca

## M. SERAPHIM & C.

61, rua Visconde Rio Branco, 61

TELEPHONE 2178, CENTRAL

RIO DE JANEIRO

# BANCO HYPOTHECARIO DO BRASIL

50 -- AVENIDA RIO BRANCO -- 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes  
 á vista e á prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS

# Banco Português do Brasil

CAPITAL.... RS. 50.000:000 \$000

SÉDE: RIO DE JANEIRO



Abre Conta Corrente  
de movimento,  
CONTAS CORRENTES  
LIMITADAS COM  
TALÃO DE CHEQUES,  
Conta Corrente a  
prazo fixo e  
encarrega-se da adminis-  
tração de  
propriedades

**FILIAES EM S. PAULO E SANTOS**

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal: 479

**24, Rua da Candelaria, 24**

**RIO DE JANEIRO**

# AMERICA BRASILEIRA

RESENHA DA VIDA NACIONAL

Director : ELYSIO DE CARVALHO

Secretario da redacção : LUIS-ANNIBAL FALCÃO

## SUMMARIO DESTE NUMERO

A GUERRA DA INDEPENDENCIA NA BAHIA.....	BARÃO DE LORETO.
A HEROINA DA BAHIA.....	REDACÇÃO.
RUY BARBOSA .....	FERNANDO DE MAGALHÃES.
SOROR JOANNA ANGELICA DE JESUS.....	REDACÇÃO.
DOIS DE JULHO (Peroração).....	AFRANIO PEIXOTO.
UM GRANDE PINTOR BAHIANO.....	ACÁCIO FRANÇA.
A FORMAÇÃO MODERNA DO BRASIL.....	RENATO ALMEIDA.
AS MULHERES NA ARTE DE DI CAVALCANTI.....	FRANCISCO GALVÃO.
UMA TRADIÇÃO RELIGIOSA NA BAHIA.....	XAVIER MARQUES.
O THEATRO SÃO JOÃO.....	REDACÇÃO.
1823 — CENTENARIO DA BAHIA. ....	PEDRO CALMON.
PASCAL .....	REDACÇÃO.
PRESCILIANO. ....	RAFAEL BARBOSA.
NOTAS E COMMENTARIOS.....	REDACÇÃO.
CALCANDO PRECONCEITOS .....	ZORAYDA BRAGA.
NOTULAS .....	REDACÇÃO.
PORTUGALIA. ....	REDACÇÃO.
REPERTORIO .....	REDACÇÃO.
A BAHIA EM ALGARISMOS.....	REDACÇÃO.

## EXCERTOS DE

Manoel Querino, Alberto Rangel, Afranio Peixoto, Sebatião da Rocha Pitta, Constancio Alves,  
Guglielmo Ferrero, Joseph Bertrand, Guilherme de Mello Souza Costa,  
Jorge Monjardino e Julien Benda.

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURA ANNUAL

Para o Brasil. 10\$000  
Para o Exterior 12\$000

### VENDA AVULSA

Numero do mez 1\$000  
Numero atrasado. 2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96, 3.º

Tel. Norte 6011

R. O DE JANEIRO - BRASIL

Caixa Postal 1223

# AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 19



RIO DE JANEIRO - JULHO, DE 1923



ANNO II

## A GUERRA DA INDEPENDENCIA NA BAHIA

*A pagina, que damos abaixo, de Franklin Americo de Menezes Doria, Barão de Loreto, (1836-1906), historiador, poeta e politico notavel no Imperio, é uma fiel e viva narrativa da guerra que os bahianos sustiveram, até a aurora de 2 de Julho de 1823, pela libertação da Patria, do jugo estrangeiro. E' justo divulgá-la nesta hora de jubilo civico e de exaltação patriótica.*

Proclamada a Independencia do Brasil pelo grande principe que esposára a causa della, não ficaram logo emancipadas politicamente as provincias, onde as autoridades superiores, civis e militares, continuaram a obedecer ás Côrtes constituintes e ao governo de Portugal. Essas provincias foram: o Piauí, o Maranhão, o Pará, a Cisplatina e a Bahia. Todas, portanto, mais ou menos, tiveram de lutar pela sua separação definitiva da metropole.

Afim de abater o predomínio do governador portuguez João José da Cunha Fidié, tomou as armas o Piauí, e muitos de seus filhos, em temerario recontro, pagaram com a vida o patriótico arrojo. No interior do Maranhão deu-se mais de um combate, por motivo do novo regimen, e tornou-se notavel o sitio que em Caxias aquelle official soffreu com a sua gente, obrigando-o a capitular. Na cidade de Belém do Pará tramou-se, a favor da nossa autonomia, uma conjuração, que se mallogrou em consequencia de aleivosa denuncia, sendo os seus autores duramente punidos. Para expellir de Montevidéo as tropas lusitanas, o Governo brasileiro impoz áquella praça rigoroso assedio e bloqueio.

Mas foi na provincia da Bahia onde a independencia nacional encontrou a mais viva resistencia, que ateou prolongada guerra.

Esboçarei este bello e preeminente capitulo da historia patria.

Desde que naquella provincia o brigadeiro Ignacio Luiz Madeira de Mello, tomára illegalmente posse do cargo de Governador militar, concentrou nas suas mãos toda a autoridade, arrogando-se as funcções da junta administrativa. Subserviente ás Côrtes da nação portugueza, de accordo com ellas exercia a dictadura. Longe, pois de cumprir a carta regia de 15 de junho de 1822, pela qual D. Pedro lhe ordenára que se recolhesse a Portugal com as tropas do seu commando, Madeira de Mello persistiu em oppôr-se a que o Principe fosse reconhecido então como regente, depois como imperador.

A provincia da Bahia, porém, determinou-se a reagir, appellando para a revolução.

Esta revolução teve origem na villa de Santo Amaro, onde foi delineada por varões protestantes, convocados pelo corregedor Antonio José Duarte de Araujo Gondim em cuja casa se reuniram. Outras pessoas gradas, breve, lhe coadjuvaram a iniciativa, na vizinha villa de São Francisco, sob a direcção do juiz de fóra Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos — Visconde de Monserrate. A todos animou, então, com a sua eloquente palavra, Miguel Calmon du Pin e Almeida, Marquez de Abrantes, o qual acabava de chegar de Lisboa e fóra portador de uma carta que Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra-Branca, e outros deputados pela Bahia ás Côrtes de Portugal endereçaram em commum ás municipalidades da provincia, consultando-as acerca da conveniencia e do modo de delegação do poder executivo no Brasil, assumpto pendente de deliberação daquelle Congresso.

Rompeu a revolução na villa da Cachoeira, promovida, além de outros cidadãos, pelo Coronel José Garcia Pacheco e o Tenente-Coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão, Barão de Belém. A Camara Municipal daquelle villa em sessão de 25 do mencionado mez de Julho, presidida pelo juiz de fóra Antonio Cerqueira Lima, acclamou, com o povo, D. Pedro de Alcantara regente constitucional e defensor perpetuo do Brasil.

Provocou este successo as hostilidades do commandante e tripulação de uma canhoneira de guerra, por ordem do General Madeira de Mello, estacionada no rio Paraguassú, defronte da

villa, afim de vigial-a; mas, depois de um tiroteio de tres dias, bateram os nossos o navio aggressor, que se rendeu á discreção. O exemplo da Cachoeira foi seguido successivamente pelas villas de Santo Amaro, de São Francisco, e as demais da provincia. Nesta, por conseguinte, não tardou em tornar-se geral a adhesão á regencia de D. Pedro, ficando circumscripta á capital a denominação portugueza.

Desde a primeira phase da luta, o desejo de revindicta abrazava a todos os corações. As mães mesmas embalavam os filhinhos com a popular cantilena:

"Acalenta-te, ó menino.  
Dorme já, para crescer;  
O Brasil precisa filhos;  
Independencia ou morrer!"

Entretanto, os habitantes da Bahia, aos quaes D. Pedro em uma proclamação havia exhortado á resistencia, dispuzeram os primeiros meios de levá-la a effeito. Fortificaram-se alguns pontos do littoral, desde a entrada da Bahia até o reconcavo; ergueram-se presidios na ilha de Itaparica, reductos na villa de São Francisco, baterias nas margens do Rio Sergy, na ilha de Canaíba, na ilha dos Frades e noutras dos arredores, como ainda na costa da Saubara. Tamanho era o ardor com que se entendia em taes aprestos, que até os frades franciscanos do convento daquelle villa ajudavam ahí a carregar materiaes para construcção das obras de defesa.

Tinhamos carencia absoluta de armas e munições de guerra, mas os senhores de engenho suppriram em parte esta falta: fizeram arrancar as peças de bronze empregadas nas suas fabricas e montal-as em carretas, assim como fundir em projectis o ferro, o cobre e o chumbo das suas machinas e apparatus industriaes. Succedeu muitas vezes que as balas arremessadas pelos canhões das barcas portuguezas contra os defensores da ilha de Itaparica foram por mulheres e meninos extrahidas da areia da praia, onde se enterravam, e cambiadas pelos nossos artilheiros no meio de um nutrido fogo.

Na ausencia de qualquer tropa nossa, o Tenente-Coronel Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, Visconde de Pirajá, depois de ter proclamado aos seus conterraneos, reuniu com a possível feição militar, os milicianos do districto do seu commando. A elles aggregaram-se

os magotes de indios, arrebanhados de aldeas diversas da provincia, e cujas mulheres os acompanharam nas refregas, como lembra o poeta-soldado, testemunha presencial da campanha:

"Occorre-lhe tambem falar d'aquelles.  
Tupica multidão, nas flechas destros,  
Que do arco teso, com vigor, travando,

As tabas deixam, mais que muito amadas.  
E em tribus varias a reunir-se marcham  
E a todos, quais na paz, seguem nos prelios.  
Oh conjugal ternura! — as leaes consortes.  
Que a estremos dados ancia põem inteira  
Em ir com elles ao triumpho, á campá."

Apezar de bisonha e pouco numerosa, aquella rustica phalange sahia ao inimigo enriqueirado na capital. Distribuida em guerrilhas, frequentemente o accommetia e dispersava até junto ás fortificações dos suburbios. Manejando o arco e a flecha, vantajavam-se ás demais as guerrilhas dos indios. Guiava-os um delles, de nome Bartholomeu, e appellidado Jacaré pela sua gente, o qual, não só então, mas até o derradeiro combate, mostrou o valor indomavel propria da sua raça.

Taes foram os preliminares da guerra da Independencia na Bahia.

Referindo-se á situação politica desta provincia, disse D. Pedro no seu manifesto de 1º de Agosto de 1822, dirigido aos brasileiros:

### AO POVO BAHIANO

Recordando a quebra da resistencia do general Madeira, pela pressão da coragem heroica dos defensores de nossa independencia, a data de 2 de Julho, tão justamente cara á Bahia e uma das mais bellas da nossa historia, falla ao coração dos brasileiros como a gloriosa e decisiva affirmação dos nossos brios patrióticos. Que os descendentes dos bravos dessa jornada saibam sempre amar o Brasil com a mesma dedicação e espirito de sacrificio revelados pelos combatentes de 1823. Tal deve ser o nosso voto constante, especialmente opportuno hoje, neste momento em que a patria reclama de seus filhos a maior subordinação dos egoismos á preponderancia necessaria dos interesses da collectividade.

ARTHUR BERNARDES.

# RUY BARBOSA

(Discurso proferido na sessão solenne da Universidade do Rio de Janeiro, em homenagem ao grande brasileiro)

Vivemos em um mundo maravilhoso, marcado pela violencia das contradições. Paiz grande, de grandes desertos, nabado de riquezas occultas, formoso de scenarios desconhecidos, risinho de alegrias mortas, farto de fertilidades abandonadas, poderoso de forcas divindas, consiente de vontades torpidas, vigoroso de energias des-encontradas, douto de sabedorias minimas. "Paiz do absurdo, no conceito do primoroso ovelho Netto, fundado em minas opulentas, é pobre; emoldurado de ouro e prata, com dias de radioso sol e noites de argenteo luar, é triste; cortado de rios caudalosos, estala de sêde; coberto de florestas densas, pede o lenho de selvas extranxeiras; as suas terras ferazes não produzem para o seu sustento".

Era impossível assim livrar-se do peso doloroso do mais fúnesto dos contrastes vindo emmudecer, entre os ecos terminaes e ainda murmurejantes das ovações ao centenário da sua vida livre, justamente aquella voz apocalypticica que, em toda a patria, fôra a que mais pelejou pela liberdade, a que mais resplandeceu na justiça, a que mais aformoseou o direito, a que mais demoliu a oppressão, a que mais illuminou a verdade.

Por seu lado, esse homem unico, maior do que o seu povo, do que o seu tempo, até do que as suas ambições, foi um continuo, um admiravel, mas tambem um incomprehendido e um inadmissivel contraste na vida da nação que, succumbida no negrume da enorme e extensa ignorancia, surpreendeu o mundo, gerando de si a maior cerebração universal. E esse homem, minguado no aspecto e gigante no entendimento, capaz de desaparecer pelo reduzido de suas formas num pequeno ajuntamento de porte commum engrandecêra tão mythologicamente que transbordou do immenso territorio em que nasceu, nelle não poude caber e, por ironia do destino, apodado e victorioso, alcançou elle só povoar um paiz des-povoado, criando com o lustre da sua vida a alma nacional.

Excelsa verdade esta de que o antagonismo entre o individuo e o tempo que o viu, mas não apreçou; o desacordo entre as idéas e o ambiente que as inspira, mas não as recebe; a desharmonia entre o apostolo e a turba que o admira, mas não o segue; o divorcio entre o libertador e o opprimido que o reclama, mas não o recompensa, justificando o julgamento rude que o explorador famoso formulou num calculo depreciativo de grandezas comparadas, affirmam bastante que da reverencia especial aos raros typos de immortalidade humana resulta o proveito de um exemplo impressionante e de uma lição profunda.

Pouco mais de quatrocentos annos têm dado ao Brasil diversos vultos de excepção; raros, porém, conquistaram as honras de patri-dões da nacionalidade. Se o patriarchado historico, pelo consenso dos contemporaneos e dos posterios, fixou-se no luctador pela independencia, a justiça reclama que o procuremos tambem em outros momentos da vida do paiz.

Tanto quanto José Bonifacio, cabe o titulo de patriarcha da Independencia, ao bandeirante Gaspar Rodrigues compete o de patriarcha da conquista, ao intrepido Jeronymo de Albuquerque o da bravura, a Euzebio o da Redempção, a Rio Branco o da Integridade territorial, a Pedro II o da dignidade politica. Mas, Ruy Barbosa nesta terra desbravada, nesta terra integra, nesta terra indomavel, nesta terra redimida, nesta terra livre, e nesta terra dignificada, é igualmente o patriarcha da intellectualidade que elle criou e levantou ao primor e á perfeição mysteriosa, essa irradiação deslumbrante, essa acção estupefactiva, que, sobre os da sua época tiveram todos quantos personificaram os attributos patrioticos.

Entretanto, aclma de qualquer dos outros, Ruy Barbosa viveu o pensamento da nação, para que ella comprehendesse os seus pro-ceres, glorificasse os seus feitos, defendesse os seus principios, fruisse as suas realizações. Para tanto, fulgurou na genialidade, embóra doendo nos que a sentlam sem a explicar, sem a permitir, sem a proclamar. Triste e dolorosa lição a das figuras que perturbam pelo colosso das proporções a mediocridade dos enfezados.

O ensinamento com que a solenne oportunidade de agora adifica os discipulos e obriga aos mestres, é mais uma hora de recolhimento meditativo e aperfeiçoador do que uma rememoração galar-doante. Não se necessita replicar ás restricções com que o arrojo dos atrevidos tenta depreciar a acção formidavel deste homem impar, que pagou á mesquinhez de sua éra o peccado da sua grandeza.

Ainda correrão, por muito, os tempos, até que seja bem julgada essa figura incomparavel; agora, pela sua fajta, alcançar-se-ha o quanto ella representa, maxime para uma collectividade ator-dada, empobrecida de idéas e embrigada de desejos. Os do hoje, não estimarão bastante o quilate das suas excellencias, tão pouco, apesar do seu poder de illuminado, penetrou elle na indifferença da sua época. Em quarenta annos de palavra trovejante, de acção indomita, de exemplo fecundo, de vida batalhada, de principios avançados, de fé profunda, não acertou transformar a feição de sua gente.

Em 1885, já adiantado precocemente na sua trajetoria de arrebol Ruy Barbosa fulminava: "o campanario sem escola, com o seu horizonte de legua e mais, a sua ignorancia de patria, as suas intrincas de zoalheiro, a sua politica de comadres, o seu pessoal de rábulas, a sua medicina de emplastros, a sua consciencia de feitiços, a sua religião de manpanços, a sua litteratura de folhinha, a seu commercio de cevados, a sua industria de tamancos, as suas finanças de meia pataca, os seus partidos de confrarias, as suas idéas de cartilha". Em 1920, transportando o occaso purpurado de sua existencia peregrina para junto da mocidade de que era o padroeiro profissional, balanceando os servicos e os esforços relembrados com a melancolia dos desilludidos, exclamou amargamente: "Preguel, demonstre!, honrei a verdade eleitoral, a verdade constitucional, a verdade republicana... as tres verdades não podiam alcançar melhor sentença no tribunal da corrupção politica do que o Deus vivo no de Pilatos". Assim, como uma inutilidade, consumiram-se os 40 annos de predicação luminosa do inspirado cujas convicções debatiam-se no tumulto da paixão politica, a politica que o buscava para o abandonar, que o seduzia para o molestar, que se adornava com os seus prestimos para retribull-os com as suas miserias, e que o martyrizou, desprezou, exgottou, golpeou de morte, naturalmente porque aqui, como em toda a parte, na definição de Agostinho de Campos, essa politica sempre foi a arte de fazer passar o contrabando dos interesses sob a bandeira dos principios.

Então, resoando pelo ambiente suffocante de conveniencias, o seu verbo dardejou em pleno Senado contra o dedo intimidativo do tyrano que promulga ordens, mas nunca confundido pelo mundo "com o dedo austero do pregador que annuncia a verdade, com o dedo bemfazejo do semeador que semeia as idéas, com o dedo vigilante do piloto que mostra os escolhos".

O acaso generoso, na prodigalidade com que cumulou de dadas a nossa terra esplendorosa de natureza, antecipou de muitos annos o dom admiravel que foi essa excelsa cabeça, cuja aureola de genio offuscou para muito além das fronteiras da patria. Não importa que a não tivessesmos comprehendido; não pudessesmos aproveitar as regalias de liberdade e de direitos que a sua predestinação traçou como um estuario do futuro no texto da nossa carta fundamental; não alcançassemos todas as idéas; esta federação emancipando unidades infantis sem perceber as parcelas robustas entumescendo na independencia; essa direito de opinião tocando á anarchia das doutrinas e á corrupção dos costumes, esse suffragio universal construindo, com a argamassa do analfabetismo, a democracia dos incapazes. Não importa; o que elle pensou, o que elle disse, o que elle exerceu, o que elle fez, o que elle campeou e o que elle impoz já entrou para o patrimonio das nossas maravilhas.

Mesmo que a usura dos seculos ou a insanía dos homens arraste a nação para a decrepitude e a leve ao marasmo dos povos agonizantes, do Brasil se dirá eternamente que é a terra dos encantamentos e das magnificencias naturaes, a terra dos grandes rios, das grandes montanhas, dos grandes horizontes e dos grandes céos e que por sobre toda essa terra, na evocação de Ruy Barbosa, nunca deixará de viver a fulgida lembrança de uma palavra mais fragorosa do que aquelles rios, de um pensamento mais elevado do que aquelles montanhas, de um espirito mais largo do que aquelles horizontes, de uma fé mais pura do que aquelles céos.

Fernando de MAGALHÃES.

## SOROR JOANNA ANGELICA DE JESUS

Não esqueçamos nas commemorações desta hora de jubilo, a gloriosa martyr da nossa independencia, Soror Joanna Angelica de Jesus, victima do brutal attentado do Convento da Lapa, a 20 de Fevereiro de 1822. Já andava accessa a luta entre o partido nacional e as tropas portuguezas na Bahia, chefiadas pelo famoso general Madeira de Mello, que, em 2 de Julho do anno seguinte, haveria de fugir, derrotado e humilhado, depois de ter marcado com uma triste fama o seu nome, quando o brigadeiro lusitano implantou um regimen de terror, com que acreditou talvez estrangular o patriotismo dos bahianos, sujeitando-os a um jugo ferreo. Não conseguiu mais do que exaltar o espirito nacional, numa ansia que se media pelo sacrificio. Foi num desses conflictos, em que a soldadesca desenfreada se entregava a toda sorte de desmandos, insultando, depredando e injuriando, que a tropa, sob a falsa allegação de que atiravam de dentro do convento da Lapa (falsidade que Madeira repete no officio de 7 de Março de 1822 ao governo de Lisboa) entrou nessa casa sagrada, arrombando as portas do edificio. Parou ante o postigo, que se abriu, apparecendo então a figura da Madre Abadessa, Joanna Angelica, que, num gesto de serena energia falou áquelles soldados possessos: *Delende-vos, barbaros! Aquellas portas cairam aos vaires das vossas alavancas, mas os golpes dos vossos machados, mas esta passagem está*

*guardada pelo meu peito, e não passareis senão por cima do cadaver de uma mulher!* Mal não proferira essas palavras, uma baionetada lhe varou o peito e rolou ensanguentada, emquanto a tropa furiosa penetrava na clausura. Accorreu, espantado, o capellão do convento, Daniel da Silva Lisboa, tambem maltratado a baionetadas, emquanto os barbaros de-vassavam a Casa santissima. Naquelle local, cairá a primeira heroina da nossa independencia e, para sagral-o, o Instituto Geographico e Historico da Bahia fez inaugurar, no centenário do seu martyrio, uma placa com os dizeres: *Urbi et orbi*, 20-2-1822. Neste dia e neste logar tombou heroicamente a madre Joanna Angelica de Jesus. Homenagem do Instituto Geographico e Historico da Bahia, em 20-2-1922. *URBI ET ORBI*. Publicou então o prof. Dr. Bernardino de Souza, benemerito secretario perpetuo desse Instituto, uma interessante monographia sobre Joanna Angelica, em que estuda o nefando crime sob todos os seus aspectos, refutando definitivamente os historiadores portuguezes, que pretendem attenuar o attentado, sob falsas allegações, cuja improcedencia demonstra de um modo irrefutavel.

Corrige tambem as varias versões mais ou menos fantasistas que correm nas nossas historias sobre o factó, que relata-mos acima, extraído das conclusões desse estudo, que é uma das melhores homenagens á gloria perpetua da santa Heroína, que glorificamos nesta data, entre os demais que soffreram e morreram pela Patria livre.



# 2 DE JULHO

## UMA PERORAÇÃO

(Do discurso no Instituto Historico e Geographico)

Logo que os sitiados souberam da evacuação da praça, dispuzeram-se a entrar na cidade. Por volta do meio dia, dia 2 de Julho, faz hoje um seculo, pela Lapinha, uma das divisões, outra pela estrada dos Brotas, outra pelo rio Vermelho, penetram na Bahia. Lima e Silva commandava na frente da primeira divisão. Arcos de folhagens armados ás pressas, pelas freiras da Soledade, vingaram a afronta que receberam, no martyrio de Madre Joanna Angelica. Os soldados vinham da campanha, cansados, maltrapilhos, doentes de sezões, para encontrar uma cidade privada de socego, de viveres, de protecção. A ordem e a disciplina não faltaram aos vencedores, a resignação e a alegria aos que os recebiam. Todos venciam porque a causa da liberdade prevalecera, conseguida com muito esforço de vontade, fadigas e privações sangue e morte.

Esse 2 de Julho marcava uma era nova para o Brasil, que na paz se ia refazer do cansaço e das feridas e ia fazer, na vida nova, a nacionalidade pela maioridade politica que começava. A Bahia encerrava o ultimo acto doloroso; ajudara a Pernambuco, a Parahyba, o Rio de Janeiro, até Minas, embora chegasse tarde o seu batalhão. Delamare e Lord Cochrane, foram auxilios efficazes, barra fóra; Labatut, Lima e Silva, Barros Falcão, representam os grandes auxilios do centro e das provincias irmãs... Resta o que foi dos bahianos, que é o mais e o melhor. Essa Junta de Cachoeira, organiza um cháos e faz um Governo e um Exército uma revolução e uma victoria. Esses municípios bahianos, Cachoeira, Santo Amaro, S. Francisco, Maragogipe, Inhambupe, Abrantes, Nazareth, Jaguaribe... se revelam com tal força de cohesão solidaria, para o bem commum que lembram as cidades gregas reunidas no mais admiravel prodigio antigo contra essa Trova, poderoso symbolo da Asia ante a Europa futura, representada por alguns isolados burgos helenos que se congregam para esse triumpho da "Hilada". A intelligencia de acção cabe a esses Cyprianos Barata, Antonio Ferreira França, Lino Coutinho, Acavaba de Montezuma, Miguel Calmon... representativos de tantos demolidores e reconstructores de instituições politicas e moraes. São a "mens agitat molem" virgilianas. Os potentados e chefes, os senhores de engenho, os ricos homens, rivalizam de ardor, de abnegação, de generosidade, de desprendimento a haveres, dando viveres, fazenda, equipando, commandando, combatendo, com a arrua miuda que, sem roupa, sem armas, sem instrucção militar, sem saude ás vezes, tremendo de sezões... chegam em ceroulas, tanto não têm roupa, desaparecidos, tanto não tem meios de lucra, chegam a esperar que morra um companheiro, para se apoderarem da arma abandonada e entrar em combate, dando então o sangue e a vida á Patria, pois que não têm mais que lhe dar! São as mulheres que dão as suas joias á Imperatriz, para as despezas da guerra, como as crianças que querem dar tambem o seu animo, quando ainda não têm forças... é todo um povo sem distincção de sexos, idades, condições, raças, riqueza, posição... que essa guerra de Independencia, congrega no seu primeiro esboco o Povo Brasileiro... Teria mostrado sua existencia já, na invasão hollandeza, mostrará sua dignidade na provocação paraguaya... é ahi, porém, que se revela sua maioridade civil... a maioridade nacional!

Os factos impressionantes avultam na memoria... E' o martyrio de Madre Joanna Angelica que abre corajosamente as portas do seu claustro para impedir que a impiedade o profane, e tomba victima da sanha da multidão, impedindo os outros previstos sacrificios... São os Doze de Itaparica, os heroes que no Funil de têm 200 homens, barcas, canhões, mosquetes e lembram que não ha sómente "doze de Inglaterra", apenas lhe faltou um cantor de sua bem maior proeza. E' Pedro Jacome, de espada nua, perdida a fórma, penetrando até á linha inimiga, no encontro da morte... E' José Constancio Coelho, um menino quasi, sem farda, sem arma, que põe o talabarte sobre a baeta paizana e com um mosquete apanhado no campo, bate-se como um bravo. E' o sargento Felix Mendes, com a fronte aberta, que fica no seu posto e insiste em commandar o seu pelotão... E' Argollo Ferrão, é Pedro Ribeiro que cumprem ordens arriscadas ou tomam ousadas iniciativas, das quaes dependem a sorte dos combates. E' Maria Quitéria de Jesus, menina honesta, de boa familia sertaneja, lida em cavallarias andantes, que se alista soldado, sabe respeitar-se e bater-se, a ponto de ser promovida a Alferes por Labatut, no campo de batalha... depois condecorada pelo Imperador... animosa bastante para escalar uma trincheira, fazer prisioneiros, desarmar-os e os recolher ao acampamento... E' o clarim Luiz Lopes que vence uma batalha com essa cavallaria ficticia, que um toque de avançar e degolar chamam para a nossa gloria. São os homens de côr, de Manoel Gonçalves da Silva, que só desejam e conseguem as posições arriscadas na frente, durante a guerra, e que no dia da victoria entram na Bahia na retaguarda, os ultimos, porque os heroes que não temeram a morte na batalha, temem na paz a humilhação de

passar sob o arco de triumpho descalços e maltrapilhos. E' João de Oliveira Botas, cujos feitos obrigam a promoções por bravuras consecutivas, tornado o lendario heroe do mar, que no dia 2 de Julho irrompe pelo forte de S. Marcello para salvar com 21 tiros a bandeira nacional, que os presos do forte de S. Pedro ahi recolhidos, no segredo dos seus calabouços, fizeram longamente pedaco a pedaco, dando ao pendão auri-verde — não tinham mais que lhe dar... a luz das suas enxovias, a côr de sua esperanca... São todos os heroes e bravos que a Ordem do Cruzeiro, criada para recompensar ao Imperador, commovem, a ponto de criar valor militar e patriotico na guerra de Independencia da Bahia... São outros muitos ainda, como esses, cujos nomes se recordam, como aquellos que foram condecorados, os soldados sem nome, os heroes desconhecidos, brasileiros, tapuyas, africanos, portugueses, que serviram e sofferam e deram o sangue e a vida para que nós tivéssemos uma Patria...

Foi tal a nossa lucta pela Independencia. Os successos posteriores, de um seculo, o surto economico de S. Paulo, a preponderancia que Minas, São Paulo, Rio Grande, adquiriram na Republica, nos perturbam agora a visão exacta dos acontecimentos... Miguel Calmon, o III, aqui mesmo nos mostrou que, em 1822, o norte era o principal do Brasil, dous terços da sua actividade util... e a Bahia era a primaz do Norte: seu commercio exterior era maior que o do Rio, onde Minas vinha ter, e dez vezes superior a São Paulo, que ainda esperaria o fim do segundo Imperio, para a ascendencia... Era pois ahi que os Lusitanos accumulariam seus elementos de resistencia: ahi, chegada a hora de necessidade, isolaria a parte principal do Brasil a defender, perdido o sul, onde o proprio Governo conspirava contra a corôa e ia fazer uma revolução governamental...

Os povos das capitaniaes do sul teriam apenas de adherir ao movimento, que foi feito de successivas aclamações... Os povos da Bahia tiveram de luctar contra e dentro de si mesmos: a campanha da independencia teve ao norte um aspecto doloroso de guerra civil. Eram irmãos contra irmãos, pais contra filhos, que luctavam. Do nosso lado tivemos portugueses, que tomaram a nossa causa e foram nas suas convicções, a que deram sangue e vida, dos mais heroicos e dos mais bravos. Do lado opposto, ficaram brasileiros, a quem não renegaremos, pois que ainda contra a liberdade e o patriotismo rendiam preito á constancia e á lealdade. Do nosso character de Bahianos está á frente essa virtude, a primeira das virtudes moraes, porque presuppõe a memoria do coração... e a memoria é toda a vida moral... é a tradição, é historia, é gratidão... é a raça, e a familia, são nossos pais, é a nossa Patria... é Deus, que se não esquece nunca...

Nós Bahianos, sempre e até contra o nosso interesse, e contra o perigo até da força, nós não esquecemos, nós somos fieis. José Bonifacio é exilado do Governo, do Parlamento, da Patria, levam-no no mar em fóra numa phalua que, de agua tanta que fazia, de via deixal-o no oceano... O Brasil amaldiçoado e o esquece, a esse Andrade que lhe deu a Independencia... mas a Bahia lembra e, duas vezes, nos comícios eleitoraes duas vezes Bahia, que de tanto Bahiano illustre não recorre jámais a outros patricios que a representem, a Bahia arrosta a prepotencia do despota imperial e dos ingratos que o impellem a elege seu José Bonifacio. A proclamação da Republica, no Rio, é uma parada; na Bahia, será uma victoria; nós não adherimos, nós vencemos ou somos vencidos. A politica decreta a exclusão de Ruy Barbosa, e, embora custe sair de um partido omnipotente, esse Partido unanime de vinte e uma brigadas politicas, o Partido Republicano Federal, a Bahia se isola, dispõe-se ao ostracismo, mas guarda Ruy Barbosa. Não leviana, mas reflectida, leal, constante, fiel; não adhesista, sem memoria nem convicções, mas tradicional, mas agradecida, mas sempre lembra...

Como nos custaria a nós esse drama pungente da Independencia! Só nos consola é que foi para nós uma guerra civil e havia Portuguezes entre os que desejavam uma Nação Brasileira, e Brasileiros entre os que amavam até o martyrio a patria da sua patria, esse Portugal que nos criou e ainda e sempre paternalmente nos ama... Tivemos de luctar contra os outros; na Bahia, tivemos de batalhar dentro de nós mesmos, dilacerando o coração.

Derramamos sangue, o nosso sangue... só por isso que nos tiramos no caminho, só por isso chegamos tarde á festa... Mas tambem, Brasileiros do Brasil inteiro, que me ouvir, mas tambem se depois de 2 de Julho de 1823 é que sois livres... completamente, realmente livres... E isto, isto foi dada da Bahia á Independencia do Brasil.

Afranio PEIXOTO

# UM GRANDE PINTOR BAHIANO

*Este trabalho foi escripto, quando da exposiçào do grande mestre, em 1918, e encerra um criterioso estudo sobre a sua obra de indiscutivel merito:*

Tenho frequentado, diariamente, a exposiçào Lopes Rodrigues.

Alli, passo horas a fio, em mudo recolhimento, entregue a reflexões.

Sucedem-se os visitantes, o escòl da Bahia não tem faltado, felizmente, a essa homenagem posthuma, que se tributa no coripeu dos nossos artistas. E para maior encanto daquelle santuario de arte e espiritualidade, bandos e bandos de gentis senhoras enchem o ambiente do perfume da sua graça.

Ponho-me a escutar attentamente tudo o que dizem os commentadores. Esses, na mór parte criticos por intuição, registram, sem reboços nem arrebiques de erudição pedante, apenas quanto lhes vai n'alma, ante as diversas télas. Esse juizo é dos mais sinceros, mais proficuo que o de certos pedagogos, a quem, em taes lugares, uma cousa, unicamente, preoccupa: fazerem constar a toda gente que leram Taine, manusearam Ruskin, compulsaram Winkelmann. E, afinal, não dizem nada porque nada sentem.

A opinião popular, nessa materia, mede-se com a dos sabios, que é magico pendor da arte communicar-se, não sómente a iniciados, mas a profanos, tambem. As virgens de Raphael ou de Murillo dão que pensar aos philosophos, fazem orar os incultos.

Falho de meios para julgar melhor que o povo, por sua cravelha afino os proprios conceitos.

• • •

E' grande a exposiçào: maior jámais vio a Bahia de trabalhos de um só pintor. Oitenta e tres quadros, além de 20 "pochades" e desenhos, são o bastante para que se possa avaliar, á justa, o quilate do artista, no engenho das concepções, possança da technica, variedade de genero.

Conhecia da pintura os mais intimos areãos, praticando, com talento e a primor, o retrato e o nú. A paizagem, a natureza morta não lhe eram assumpto de especial dedicação: quando as tratava, porém, com felicidade o fazia.

A primeira inspecção, verifica-se que Lopes Rodrigues era, acima de tudo, retratista. Sua obra é uma vasta galeria de retratos.

A representação da fôrma humana tem sido a constante aspiração dos mestres, em todas as idades. O homem é o fim da arte, o mais: accessorio, meio, fundo. Cellini affirma, até, que "o ponto importante da arte do desenho é o fazer bem um homem e uma mulher nus. O nú, entretanto, não constitue só, por si, a arte mesma, carece de algo mais: "Sobre a nudez forte da verdade o manto diaphano da fantasia.

Era Lopes Rodrigues de impecavel minúcia na cópia dos modelos, com esse esmero de traços, que vão além da anatomia, chegam a psychologia. Hajam vista aquelles admiráveis estudos, cabeças e perfis: *Velho Martelais, Retrato do amigo Fernando de Carvalho, Baccho, O Velho Gasparado, S. Jeronymo, Cabeça de Velho, Cabeça de velho, Perfil de mulher*, e muitos mais, joias de expressão.

Superiormente inspirado, de irreprehensivel factura revela-se no genero "composição". *Dous néos* desperta-nos tamanha emotividade que nem sequer temos tempo para examinar o valor da execução. Quem se não sente tocado ante aquellas duas creaturas, viuva e filha, que vem de receber a communhão, a primeira a seismar, a segunda rezando, á sepultura do esposo e pai. Isso e mais a suavidade da paizagem, sob calmo céu gris, são de um sentimento inimitavel.

De não menor excellencia, *Sans Soucci e Orchestra ambulante*, onde o artista, sem o querer ou, talvez, de industria, fez o contraste de duas juventudes. *Sans Soucci*, garoto bretão, de dez annos presumiveis, aspecto saudavel, confortavelmente vestido, gorro á bandada, mãos nos bolsos, é a pessoa mais feliz deste mundo, ali sentado sobre os restos de um carro de mão; sem cuidados, tem o ar sadio das crianças fartas e bem tratadas ressaé, á maravilha, do fundo de uma linda coloração de sol. Em *Orchestra ambulante* depara-se-nos, tambem, um rapaz, mas, como é differente de *Sans Soucci*! Pelo semblante valetudinario, anteparece um ancião cansado de soffrimentos. Trabalha para viver, ou, antes, (quem sabe?) para o ócio dos outros. Esgotado, faminto, atrai-se áquelle passeio, cedendo á fadiga, ao peso do bombo, dos pratos, da macêta, da sanfona. Um desses typos, muito communs, na Europa, de pequenos desgraçados, victimas de exploradores, que, não raro, são os proprios pais. O cão, festeiro e amigo, que parece estar a apetecer um naco da brôa endurecida, é uma nota consoladora em meio de tanta desventura.

Tonalidade discreta, muito a par da idéa.

Os "interiores", não são muitos. esses poucos, porém, bastariam para firmar uma reputação: *Interior de cozinha, Antiga capella do Castello de Vitré, Prisoões do Castello de Clisson, Domingo de manhã*.

Aos dessa qualidade, sobreleva, em perfeição, *Meu atelier de Paris*, premiado, com medalha de ouro, no "Salon", de 1895. E', realmente, notavel, pela rigorosa perspectiva, exactidão, intelligencia no arranjo, riqueza de colorido;

Tive impetos de abraçar o Sr. Governador, quando o vi adquirir *Meu atelier* para o Estado.

Só á Bahia compete guardal-o, como documento flagrante da vida do illustre filho; foi naquelle recanto sagrado que mais inspirações tivera o seu talento; é bem o capitulo mais eloquente das memorias d'elle.

"There are more things in heaven, in earth Horacio, than are dreant, in your philosophy."

Não sei explicar por que, mas recito Shakespeare todas as vezes que contemplo *Adieu*. Tenho, para mim, que é a obra prima de Lopes Rodrigues. Ali, extravasou-se a quinta-essencia da sua esthesia. Aquella dama vestida de roxo, de olhar incerto, a descalçar a luva negligentemente, o mesmo titulo *Adieu* estão a mostrar como entendia a belleza e o mysterio.



Comprehendia-os á Emerson. A belleza não se confunde com o que vulgarmente chamamos bonito, elegante, chic. Só é bello o que nos fala á imaginação. A belleza é o proprio mysterio, por isso que é intangivel, escapa a analyses.

Diz o nosso João Ribeiro que "Nasce, por vezes, da contemplação de um quadro, um sentimento indefinido e subtilissimo para o qual não se acha expressão nem geito, que o traduza." E' assim *Adieu*. Que nos diz aquelle olhar? Amor, saudade, doces recordações, esperança? Dôr, queixas, amargas lembranças, desillusão? Arrependimento, remorso? Responde a tudo, sem dizer nada... *Adieu!*

Se me não fallecera autoridade, eu ousaria dizer que *Adieu* é a *Gloconda* do mestre.

Lopes Rodrigues, com verdade, foi um dos maiores pintores do Brasil e o primeiro na Bahia, em todos os tempos.

Acácio FRANÇA.

## Industria fabril na Bahia

Artigos:	Numero de fabricas
Fumos	208
Bebidas	372
Sal	14
Calçados	351
Perfumarias	25
Especialidades pharmaceuticas	59
Conservas	10
Vinagres	97
Velas	16
Tecidos	58
Café torrado e moldo	159
Cartas de jogar	33
Louças	1
Ferragens	1
Espartilhos	1



# A FORMAÇÃO MODERNA DO BRASIL

Conferencia realizada no "Instituto Varnhagen", na sessão solemne de  
2 de Julho de 1923

A data memoravel de 2 de Julho de 1823, que celebramos gloriosamente nesta hora, é a festa inicial da nacionalidade independente. Sete de Setembro foi o gesto dramático e vigoroso, que empolgou e espantou pela rápida transformação operada; Dois de Julho, o termo vencedor do primeiro sacrificio da nação, para conquista absoluta da sua liberdade. Numa o desafio altaneiro — *Independencia ou Morte!*; — na outra, a luta, a refrega, a victoria radiante de Pirajá, a fuga do inimigo sitiado e a sua perseguição pelos mares afóra, desilludido de manter na Bahia, "o bauarte do imperio portuguez na America". Era a primeira gloria da nação constituída, porque o espirito nacional já vinha formado desde a luta epica contra os hollandezes, na qual, apesar da diplomacia solerte da metropole nos ter entregue ao conquistador, defendemos o paiz e revelamos a nacionalidade. É' innegavel que, no Brasil, foi a terra que fascinou o homem. Nem o Oriente deslumbrante e prodigioso, nem "as terras viciosas de Africa e de Asia" perfilharam o navegante audaz e destemido. Foi a natureza luzente e formidavel a milagrosa criadora da Patria nova, exaltando o realismo portuguez até alçar-o a um poderoso idealismo, através do qual sentia a predestinação da terra. Foi essa allucinante miragem, que enfeitou desde logo o escrivão Caminha, da armada cabralia, e conquistou para o Brasil os primeiros filhos. Filhos por adopção, é certo, mas cuja descendencia, nascida neste scenario barbaro e exuberante, de luz, de cor e de força, já traria a marca do deslumbramento. Seria imaginosa e sentiria no fogo do sangue novo a energia indomavel para conquistar e vencer a terra, a terra fecunda mas esquiva. Foi ella a deidade superior da theogonia brasileira. Criava, mas sacrificava, e essa imaginação fremente recriava sendo a fonte inesgotavel da eterna melancolia. Nella reponta o tributo á dor dos nossos pais, em cujos corações de navegantes a saudade era uma magia perpetua, uma contingencia do destino, sobre os oceanos lúrenes e infinitos. Mais uma vez a terra se vingava do seu desvirginador. Aguçava-se em nós o desejo idealista, mas, á minima decepção, quedamo-nos melancolicos, não raro desilludidos. O impeto se esvaece, mas não se apaga a chama, que, de novo, rebrilha e é labareda, e é claro, e é incendio. Toda a nossa historia e a nossa vida mesma, repetem esses movimentos fulgurantes de exaltação e quedas rapidas de desanimo, o que as torna irregulares, sem duvida, mas de uma força admiravel, buscando, por uma impetuosa ascensão, a forma definitiva de sua psyché.

O movimento da independencia não refoge a esse imperativo categorico do nosso meio physico e espiritual. Novamente, o magre da terra. Si o principe não tivesse visitado as provincias de Minas Geraes e de São Paulo não se teria convencido da grandeza do paiz e não se empolgaria pelas suas forças prodigiosas. A natureza dominou-lhe o espirito, levando-o a chefiar a onda independente e apressar a libertação, que se faria, aliás, sem elle, ou mesmo contra elle. Incorporado á terra, D. Pedro se tornou o symbolo ardente do movimento criador. Audacioso e theatral, valente e apaixonado, foi o principe ideal para a fantasia da época, incandescida pelo nosso lyrismo e pela nossa revolta. Conseguiu assim dominar os anseios republicanos e, merce da influencia forte e benemerita do Patriarcha, implantou um regimen de sabedoria politica e larga tolerancia. O seu espirito irrequieto e turbulento, porém, se não adaptou ao meio e, quando pretendeu transformar a monarchia num caudilhismo, teve que ceder e encerrar no 7 de Abril uma serie de funestas e desabusadas experiencias.

A victoria dos patriotas de Labatut e Lima e Silva, auxiliados pela esquadra de Cochrane, foi o tributo de sangue a independencia nacional. Ninguém contesta que não fossem pueris as pretensões portuguezas de assentar na Bahia a sede do seu imperio para recolonizar o Brasil, mas é inquestionavel que se não fossem aquelles duros mezes de sitio vigilante e de sortidas victoriosas, a guerra se teria prolongado e reaparecido em outros pontos do litoral, perturbando a unidade e a vida do paiz. A luta se desenvolvia numa hora perigosissima, na hora das primeiras discordias, pois, como observa o nosso illustre historiador, Sr. Rocha Pombo, enquanto a independencia era uma aspiração estavam todos fraternizados, mas, no dia seguinte ao da aclamação do imperador, os homens ficaram divididos e as ambições latentes. Ao tumulto politico, que embaraçava o governo, accrescia a necessidade que teve de "attender á situação das provincias, sobretudo á da Bahia, que era o motivo de suas mais ansiosas preocupações". Na cidade do Salvador, o General Ignacio Luiz Madeira de Mello, de sombria recordação na nossa historia, com 10.000 homens de exercito e 20 navios de guerra, assentara a bandeira lusitana e esperava, dilatando a sua occupação militar e attingindo outras provincias, tentar a restauração do imperio portuguez no Brasil. Cercava-o o Exercito Paci-

ficador, formado de patriotas e abnegados bahianos, que, desde Junho de 1822, se congregaram em torno do Principe, reagindo contra a attitude insolta do lugar-tenente lusitano. O sitio apertava-se vigilante e todas as sortidas de Madeira cortadas, em terra e no mar, onde a esquadra de Cochrane, desde Maio de 1823, se postara alerta. A luta era denodada, com episodios empolgantes e grandiosos, como aquella defesa memoravel da foz do Paraguassá, em que as mulheres bahianas, com a agua até os peitos, tendo á frente Maria Quitéria de Jesus, a nossa heroína surprehendente, combateram até o triumpho.

As divergencias, porém, no Exercito Pacificador, dificultavam a sua eficiencia, até que Lima e Silva substitue Labatut, resolvendo-se assim a pertinaz crise no commando brasileiro. Por fim, desilludido dos recursos esperados de Lisboa, convencido da inutilidade de sua permanencia na Bahia e, na perspectiva de uma inevitavel derrota, Madeira resolveu abandonar a cidade, depois de assegurado o embarque da sua gente, mas com o intuito perdido de armar, sob a capitulação honrosa da Bahia, o ataque ao Maranhão e ao Pará, o que fracassou pela vigilancia da esquadra, tendo o Capitão John Taylor, por ordem de Cochrane, perseguido o general portuguez até á barra de Lisboa, fazendo ainda presas. É a victoria radiou em 2 de Julho, quando, ha cem annos, os bravos do Exercito Pacificador, tendo á frente o General Lima e Silva, entrou na Bahia, entre o entusiasmo de uma população liberta e sob a aclamação de todas as boccas brasileiras num jubilo exaltado e tremente victoria!

Com a fuga de Madeira, consumára-se a independencia. Estava liberto o paiz, do inimigo estrangeiro, contudo a luta se perpetuava. Era essa luta continua e infatigavel, que ainda sustentamos, um seculo depois do triumpho da causa independente, para encontrar a expressão propria do nosso espirito.

O brasileiro, não sendo filho da terra e vindo de tres sangues diversos e extranhos, em cujas taras dia a dia se multiplicam as influencias alheias, sofre o desequilibrio de uma lenta adaptação, perturbada a cada hora por contingencias imperiosas, de resultantes não raro desconhecidas. Não traçamos por isso o nosso destino e proseguimos na vida, como esses desbravadores das nossas florestas, que caminham sol a sol, por densas matas, por entre capoeiras e capoes, derrubando arvores seculares e abrindo invias picadas, ignorantes onde darão, por fim, naquelle oceano verde. Guardamos, porém, uma consciencia de grandeza, que é fé e confiança, inspira e fortalece, evitando o infecundo scepticismo onde naufragam as temperas melhor batidas. "A suprema belleza do paiz — escreveu o nosso grande pensador, Sr. Graça Aranha — deslumbra o homem nascido no seu mysterio, enfeitado pelo seu quebranto. Não estará nesse amor physico do homem e da terra o segredo do patriotismo brasileiro, que tem o sabor capitoso de uma união voluptuosa?" A primeira e mais decisiva manifestação dessa força está na unidade nacional. Essa mysteriosa união, que se não pôde explicar simplesmente pela mesma lingua, porquanto também a finham as colonias hespanholas da America e se subdividi-

## O VERBO DE CASTRO ALVES

E sempre assim, para falar como ele, proceloso, magnifico, divino! Com esse verbo heróico e genial fez a campanha da abolição, maior que Pedro II, que Paranhos, que Nabuco, porque falas do trono, leis preparatórias, arengas parlamentares, não moveram tanto a opinião nacional, de adultos endurecidos no egoismo do interesse, como esses versos martelados em bronze, essas rimas estreladas de pranto, que se dirigiam aos adolescentes e ás mulheres, idade e sexo de entusiasmo e da generosidade, preparando então essa aspiração nacional — que não o era então — a abolição da escravatura, — mas que viria a sê-lo, de facto, dez a vinte annos depois. Os jovens brasileiros do tempo de Castro Alves, e depois dêle, tocados de sua graça, contaminados de seus arroubos liberaes, formaram duas décadas após, a geração dos libertadores.

Depois de servir á causa nacional com que foi o único poeta heróico que possuímos, ainda o genio lhe sobrou para servir á propria causa, coroando-se o maior dos nossos poetas liricos.

AFRANIO PEIXOTO.

ranas todas, tem talvez a sua razão de ser num phenomeno de ordem psychologica, antes que em motivos ethnicos, politicos ou sociaes. Tenho, senhores, que reside na idéa da grandeza da patria, que nenhum outro sentimento regionalista consegue sobrepujar, ou dominar. Reside na noção profunda e instinctiva, que tem o brasileiro, de que é filho de um paiz immenso e formidavel, fascinante na sua belleza sem par e epulento na sua fortuna prodigiosa, e ao qual consagra um extranho amor, feito de vaidade e de mysterio. Não se contentaria nunca em ser simplesmente amazonense, sertanejo, ou gaúcho, mas precisa manter inquebrantavel a harmonia, para unidos periclitante, mas que em creio solida, entre esse espirito de grandeza e os pendores das regiões onde cresce e se desenvolve. Vêde bem: a nossa ordem politica, desde que D. João III dividio a colonia em capitánias, tendeu sempre à federação, que a Republica consagrou, porquanto o regimen unitario, quer dos governos geraes, quer do reino e quer do imperio, não foi senão uma fórmula administrativa, incapaz de apagar os traços da delimitação regional. A idéa de estado se formou entre nós no dominio rural, onde não se procurava apenas o lucro, mas "antes de tudo, assegura o Sr. Oliveira Vianna, a situação social que da posse de um latifundio decorre, as regalias que delle provêm, a força, o prestigio e respeitabilidade. Deffrontada por uma burocracia limitada e obscura e um commercio mal cotado e rudimentar, a alta classe colonial volta-se naturalmente para a lavragem das terras. Outro campo mais condigno não se abre á sua actividade". E, ainda hoje, a cellula da nossa vida publica, está no clan rural e "desses pequenos grupos sociaes, continúa o ecriptor, que têm como base physica as vastas sesmarias, os vastos campos cerealiferos, os grandes engenhos assucareiros e as grandes fazendas cafeiras, e que são os elementos estruturales e anatomicos da sociedade brasileira; desses pequenos grupos, estaveis, cohesos, organizados, vivazes, e não dos "municípios" e das "cidades", e que depende todo o machinismo da nossa vida publica e da nossa democracia". Sobre essa base, a centralização iria apenas torçar a desagregação reaccionaria. O maximo de autonomia dentro de uma soberania parece o unico meio de manter uno o paiz immenso, matando os pruridos separatistas, pela necessidade de uma grande nação, mas sem o sacrificio do esforço particular de cada unidade.

A grande victoria do Brasil, que conquistamos dia a dia, numa peleja continuada, tem que ser obra de cultura. Precisamos transmutar essa vaga e singular expressao de grandeza, vinda da terra, que domina o homem, num sentimento superior e consciente, mais realista e menos lyric. Não consiste no esforço impossivel para estirpar o idealismo, senão na disciplina do espirito para evitar as conclusões extremas e imprecisas, em que tudo se transforma numa miragem, num engano e por fim numa melancolia. O proprio sentimento da immensidade apavora e essa grandeza geradora é rude e crudelissima. Pela cultura o homem se adaptará á terra, conseguirá desvendar-lhe todos os mysterios e apenas a belleza dominará, além da intelligencia, no seu perpetuo e seductor enigma. Conquistou-se a terra, mas o homem permaneceu escravo da fantasia instinctiva, abatido pela monstruosidade das cousas circumstantes, de cujo dominio o pessimismo e o exaggero de Burekle nos julgaram incapazes de libertação. Se não ha uma exacta realidade nos conceitos do sabio inglez, e incontestavel que para reagir contra essa "abundancia de vida" temos que vencer o instincto e fazer uma obra de intelligencia. So por ella conseguiremos uma civilização propria, que, gravitando no mais largo universalismo, guarde o caracter e os indices inconfundiveis do nosso espirito.

Até o presente, o esforço brasileiro, fecundado pela mais intensa fantasia, se tem desenvolvido numa continua progressão, incoherente todavia, e pela qual se busca, ora uma extrema perfeição, ora se deixa ficar num atrazo primitivo e inexplicavel. Para isso dous elementos perturbam intensamente a obra: a influencia estrangeira, e a influencia brasileira. Aquelle se desenvolve na má execução das leis e dos regimens; na pratica instinctiva da arte de governar; na distribuição errada da justiça e nesse despotismo dos chefes de provincias, donos de todo o municipio e cidade, onde a lei é a sua vontade, o imperio irracional do seu capricho. Não cabe referir aqui todo o mal politico no Brasil, que, num seculo de independencia, ainda se não conseguiu vencer e que, mal esconde, no bovarismo das pomposas apparencias, a mesquinha realidade. Ao lado dessa corrupção, que temos forçosamente de dominar, não por meia dúzia de panacéas inuteis e empolladas, mas pela educação basica do povo, até desaparecer essa desalentadora percentagem de analfabetos, que nos ultraja e humilha; a par disso, o preconceito estrangeiro nos afasta das fontes verdadeiras da nacionalidade e seduz a nossa fantasia para esse ou aquelle momento de um dado paiz, cujas expressões vamos copiando apressados e inconstantes, por mais difficil que seja a enxertia, por maior que seja a aberração. Vêde, por exemplo, o que acontece com a architectura das nossas grandes cidades. Nada é nosso; nem estylo, nem adornos, nem caracter, nem motivos ornamentaes. Tudo, absolutamente tudo, é estrangeiro e só agora, numa feliz adaptação do colonial, se esbo-

## A BASILICA DO SALVADOR

Elevada a Basilica, pelo breve de 16 de Janeiro deste anno, foi a Cathedral da archidiocese da Bahia, primeira do Brasil e da America do Sul, sagrada a 26 do mez passado, numa magestosa solemnidade, em que officiou S. Ex. Reverendissima Don Jeronymo Thomé, arcebispo primaz do Brasil, acolytado pelos bispos de Barra, Crato, Sobral e Garanhuns. Foi a velha Sé da Bahia, installada primitivamente, na capellinha de taipa, coberta de palha, construida no terreiro de Jesus, no anno da fundação da cidade, por Thomé de Souza, em 1594, pelo Padre Nobrega e seus companheiros da Companhia de Jesus. Não permaneceu ali, por muito, a Sé, pois os Jesuitas lhe cederam, a sua igreja, elevando depois á Cathedral e sede do Cabido. A igreja do Collegio dos Jesuitas, segundo nos informa Anchieta, construida por Mem de Sá, á sua custa, nella estando sepultado, é um dos grandes monumentos da nossa arte religiosa, toda feita em marmore e cantaria, de severa e imponente fachada, cujas pedras foram, como as dos Campos, tiradas da corôa de Itapatinga (Ilha de Maré). Sobre o arco cruzeiro, uma grande imagem de Christo, *Salvador do Mundo*, a quem Thomé de Souza consagrou a cidade que lhe tem o nome. No tecto, o emblema dos Jesuitas, com as iniciaes — I. H. S. — (*Jesus Hominis Salvator*) brasão dessa companhia religiosa, de tanta benemerencia na formação brasileira. No correr dos annos, soffreu varios reparos e ainda hoje não está terminada. Em 1706, o Marquez de Angola, temendo destruição mandou reforçar as paredes e demolir a torre até a cimalha; em 1754, o Conde de Anteguia fez construir novo paredão de sustento do adro, por ter o antigo fendas perigosas.

Para terminar o templo, faltam as torres e complementos ao frontespicio. No fim do seculo XVI, Gabriel Soares, assim a descrevia: "A igreja é de tres naves, de honesta grandeza, alta, bem assombrada, a qual tem cinco capellas muito bem feitas e ornamentadas e dous altares nas umbreiras da capella-mór. Está esta Sé em redondo cercada de terreiro, mas não está acabada da torre dos sinos e da do relógio, o que lhe falta e outras officinas muito necessarias, por ser muito pobre e não ter para a fabrica mais do que cem mil réis cada anno, e estes muito mal pagos".

Nesta igreja professou e morreu o grande Antonio Vieira, que esteve sepultado numa catacumba da Sacristia, até 1720, quando os seus restos foram exhumados e guardados numa urna, cujo paradeiro se ignora. Mas a sua cella é ainda hoje conservada religiosamente, tendo o Instituto Geographico e Historico da Bahia collocado uma lapide, evocando a gloria do maior orador sacro da lingua e que, ao Brasil, dedicou o maior vigor do seu genio incomparavel.

Jazem nas catacumbas da Basilica, Diogo Alvares Correia, o Caramurú, heroe das primeiras lendas brasileiras; Mem de Sá, "homem de grande coração, zelo e prudencia acompanhado de letras e experiencias em paz e guerra", terceiro governador general da Bahia e tio de Estácio de Sá, o fundador do Rio de Janeiro; Antonio Guedes de Brito, fidalgo portuguez, que foi mestre de Campo e governador da Bahia; o arcebispo Don Francisco de S. Damazo de Abreu Vieira; o Coronel Felisberto Gomes Caldeira, heroe da guerra de 1823, que entao commandou a Brigada da Esquerda; D. Romualdo Antonio de Seixas, conde e depois marquez de Santa Cruz, um dos maiores e mais sabios prelados brasileiros, tendo sagrado D. Pedro II, imperador do Brasil.

Quando os Jesuitas foram expulsos de Portugal e das suas colonias, pelo Marquez de Pombal, deixaram o Brasil e a provisao de 26 de Outubro de 1756 mandou passar para a Igreja do Collegio as attribuições da Sé, e desde então serve de Cathedral, sendo agora sagrada Basilica, a Basilica do Salvador.

cam as primeiras tentativas de liberdade. No entanto, é um prodigio de inspiração a nossa natureza, com as suas massas formidaveis, as suas disposições majestosas, as suas formas imponentes. A abundancia de motivos na flóra e na fauna é inestimavel e, apezar de tudo, continuamos curvados diante das plantas dos "ateliers" europeos. E a nossa arte, senhores? Algum preconceito lhe tem sido mais funesto, do que esse estrangeirismo avassalador e esteril? Aquella velha e prosaica comparação de Eça de Queiroz, de um jardim florido sobre o qual se tivesse estendido um tapete empoeirado, não é, para o nosso mal, exaggerada sequer. E, como somos imaginosos, vivemos elaborando sobre as leituras, os informes e as impressões superficiaes de viagens, certos de que estamos fazendo construcção perfeita.

Vencido o temor do homem, inspirado pela natureza, e conseguida a harmonia entre as suas forças intimas e imponderaveis, começaremos a fazer uma obra fecunda de cultura. Ainda não cessou o momento de assombro, sobretudo para o homem do interior, que vive numa luta tragica contra o deserto verde das espessas mattarias, contra as fortes correntes d'agua que, nas cheias, enxarcam a terra, contra os pantanos

e as feras, contra a gafeira do meio insalubre e barbaro. Vencido o espanto e vencida a melancolia, o que já deve ser esforço da intelligencia dominando o instincto, vingará então a cultura, sobre a qual temos que construir a nação. O seculo de independencia, cujo fecho celebramos hoje, com a mais ineffavel alegria, foi uma lenta conquista dos elementos dominadores do paiz, que agora nos cabe adaptar, fazer uma civilização propria, conjugando as suas forças vigorosas ás resultantes da cultura universal, numa grande e perfeita harmonia. Essa união será a victoria do nosso genio, contribuindo para a obra collectiva da humanidade e integrando-se no seu rythmo absoluto. Esse é o esforço que se apresenta aos nossos olhos de homens de estudo e de acção, desafiando, perigosamente, a nossa argucia e capacidade, para fazer uma patria, que represente uma civilização. Foi isso que faltou a Portugal, mas nós temos o dever de crear para a lingua admiravel que nos herdou, mesmo porque sobre nós pesa o maravilhoso destino americano. Embora nao sejamos autochtones, não é possível deixar de agradecer a Deus o presente desta terra deslumbrante, terra que é nossa, porque nós a conquistamos, porque nós soffremos o seu despotismo e porque nós a amamos enternecidamente. E, sendo americanos de uma parte do continente, onde o povoador era o homem primitivo e inculto, que não podia deixar, como as civilizações indigenas superiores dos Incas e dos Aztecas, monumento algum de cultura, temos nós de moldar com as proprias mãos a estatua de nosso espirito, ainda adormecida na materia descommunal, que começamos apenas a tocar. Mas, mesmo assim, já a marcamos indelevelmente e nesses traços se podem deparar indícios de nossa autonomia espiritual, forçando-nos a acreditar nella, com um sadio optimismo e, nas palavras do Sr. Jackson de Figueiredo, "mão grado a epopéa de pessimismo em que alguns de seus filhos, e, ás vezes, dos mais notaveis, julgam de seu dever patriótico, enquadrar todas as suas lutas, todos os seus esforços, todas as suas realizações"

A realidade brasileira, despida de qualquer exaggero, se nos depara como um espectáculo consolador. Ha uma busca desordenada, mas incessante, de grandeza e de aperfeiçoamento; ha um surto prodigioso de actividades e uma floração intellectual decisiva e forte. A nossa intelligencia e a nossa sensibilidade procuram se desprejar do artificialismo, para crear livremente dentro do meio admiravel que as fecunda. Volve-se, depois de perigosas experiencias, ás origens tradicionais da terra e se procura, por toda parte, reatar a continuidade historica e espiritual do povo, que a mania estrangeira tanto compromettera. E' certo que ha obices e ha arestas, que ha a temer a constante insidia de nossa melancolia, erros passados e actuaes, desequilibrios profundos e latentes, embaraços e dificuldades. Bastaria citar o contraste entre o admiravel surto economico do paiz e a sua perturbadora situação financeira. Convençamo-nos, portanto, que ha inimigos a cada passo, promptos a nos roubar a conquista alcançada, se não ficarmos vigilantes e atilados. Remover esses obscuros pedrouços, com que esbarramos no caminho livre, tem de ser a longa paciencia deste momento, que está a exigir sacrificios. A obra politica se orientará num sentido mais nacional, do contrario vai crear uma funda divergencia entre o estado e a nação, na qual a unidade directora do paiz será sacrificada. Ao revés de outros povos, cuja iniciativa particular é a mais absoluta, como acontece com os norte-americanos, para citar o exemplo mais significativo, fazemos depender sempre da protecção official, directa ou indirectamente, os nossos trabalhos. E, não sendo possível, ou pelo menos facil, evitar essa pendencia, precisamos manter constante a harmonia entre os dous elementos constitutivos da nacionalidade. E esse desequilibrio, entre nós, seria a confusão, que é preciso evitar. Não devemos exaggerar os nossos males politicos, com uma loquacidade romantica, mas procurar adaptar ás contingencias da época a nossa imprecisa ordem estatista, guiados por um criterio pragmatico, o mais razoavel em paizes novos e com directivas a definir. Só pela intelligencia conseguiremos uma critica exacta de taes valores e uma serena actividade para renovar-os. A monarchia, que se organizou sob os mais admiraveis moldes da época, não pode executar integralmente a ordem estabelecida, o que, afinal, era menos por sua culpa, do que pela irremediavel contingencia de um povo que evolue e transvia as normas talhadas pelos homens de gabinete. Na Republica se repetio o facto com intensidade ainda maior, por ser talvez mais rapido o desenvolvimento do paiz, resultando dahi a necessidade da revisão constitucional, que é hoje o mais sério dos problemas da nossa politica.

Vemos, pois, que a obra brasileira não é só um esforço de estadistas e letrados, mas tem que aurir as suas melhores energias no consciente nacional, no recondito do povo, diferenciado pelas estruturas regionaes, pelos centros economicos em que gravitam, pelos factores geographicos, ethnicos e sociaes. Essa larga construcção de elementos heterogeneos e esparsos, sob a ficção sagrada da unidade nacional, se tem de elaborar como obra de cultura, neste novo cyclo da historia do Brasil, que ha de ser o periodo do engrandecimento. Nem o unitarismo monarchico, nem o federalismo centrifuga da nossa constituição, mas uma harmonia que me-

lhor corresponda ás necessidades nacionaes, entre o poder central e as forças locaes, assegurando um equilibrio mais estavel para o futuro, eis a base sobre a qual o constituinte de amanhã terá de elaborar a organização do estado. A rapida conquista material e o crescimento do paiz é que estão nos ensinando a lei a seguir, e a progressão das forças creadoras tem que ser o rythmo de toda a ordem social. O erro das implantações e das cópias apressadas está demonstrado e a sua reparação nos dara um testemunho formoso da consciencia brasileira, exigindo que a obra politica seja a synthese dos seus pendores e das suas directivas. Já não é uma suggestão, é uma imperiosa vontade, que se faz disciplina, para vencer.

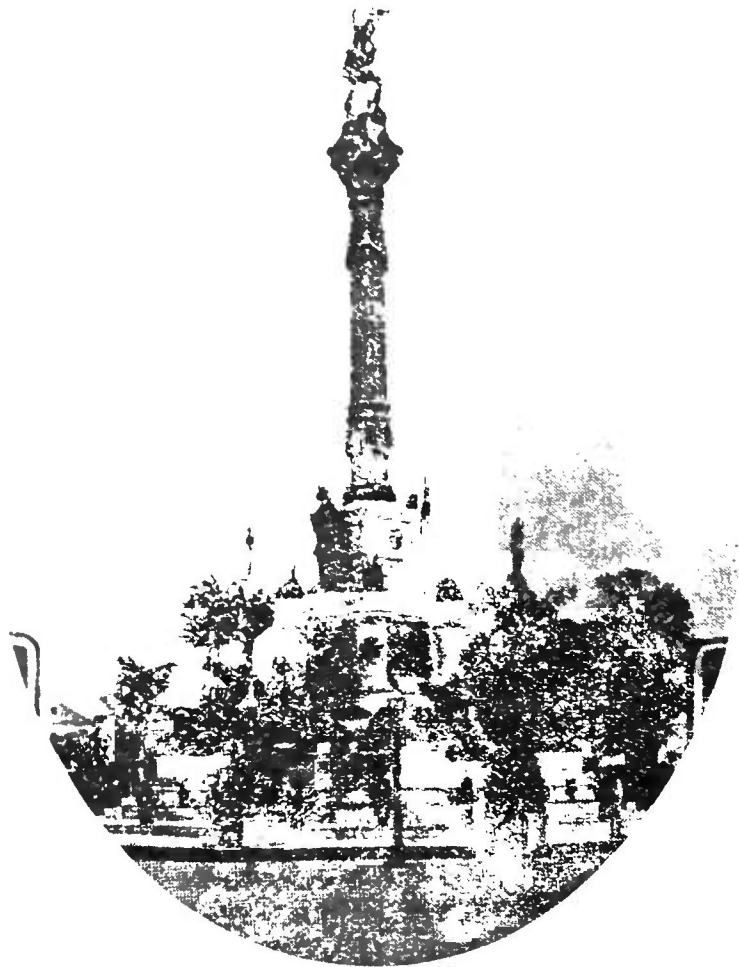
O valor homem precisa ser realçado no Brasil. Aquelle conceito de que o esmaga a natureza parece que muito o amesquinhou e, se se eleva, por vezes, num ardente mysticismo. logo se abate nostalgico e o retardo na acção contrasta com a fantasia fremente e vivaz. Ha uma volupia pela miragem e um certo desamor ao trabalho, um idealismo que só poderá ser proveitoso se servido por um constante realismo. A nossa criação, posto variada e excitavel, é, por via de regra, incerta e o descaso pelo fruto esmorece o cultivo da arvore. Não que haja nisso uma incapacidade psychologica para criar, que temos altos e significativos exemplos em contrario, mas porque necessitamos de uma permanente emulação, que será a obra collectiva da nacionalidade, num esforço supremo e decisivo. A victoria pelo impeto nos ha de empolgar sempre mais do que a pertinaz e demorada paciencia. Se somos assim, impulsivos e delirantes, se assim temos feito a nossa historia e creado o paiz, mercê da formação psychologica da raça e do meio physico abraçador; se somos descon-

### A GRUTA DO BOM JESUS DA LAPA

Teve o Autor da Natureza, desde que creou o Mundo, ou depois que fez crescer as aguas do Diluvio, occulta até esse tempo, por seus incompreensíveis juizos ao trato dos racionaes, e só permittida á fereza dos brutos huma admiravel e grande lapa no robusto corpo de huma dilatada penha, que occupa um quarto de legoa e, circumferencia, cuja nascenhamão as abundantissimas correntes do estupendo rio S. Francisco no seu interior Certão, duzentas leguas da Povoação mais visinha, não mostrando rasto, ou signal que fóra pizada, nem do Gentio barbaro daquelle inculto Paiz, que está na jurisdição da provincia da Bahia. Hé fabricado esta prodigiosa lapa de natural estrutura em forma de hum perfeito Templo com Capella mór, e collacteraes, tendo o Cruzeiro trinta e tres passos de largura, oitenta de comprimento toda estancia. Nos lados se veem cubiculos proporcionados, que formão vistosas Capellas, mettidas nas fortissimas paredes, as quaes com primorosas columnas sustentão em competente altura a pesada machina de sua aboboda. Abre este formoso concavo sobre o rio numa varanda descoberta de cincoenta palmos, por onde, penetrando a luz, lhe faz todos os logares claros.

A este todo se entra por huma portada igual a de huma cidade, e por mayor assombro, e prova de que esta mysteriosa lapa destava destinada para Templo Catholico, tinha pendente do tecto, e nascido na aboboda hum sino de pedra, obra do pela natureza em forma de columna com braço e meya de comprimento e o instrumento que o toca, tambem de pedra, com meya braço, o qual estando pegado ao sino pela parte de fóra, foi por este desunido delle para o poder tocar, e prezo a huma corda, passada a hum buraco, que a columna ou sino tem no alto, ferindo-o faz soar com tão retumbantes e sonorás vozes, como os de metal mais fino, ouvindo-se partes muy distantes. A materia de toda esta fabrica são brilhantes jaspes de côres diversas, que reflectindo a beneficios de luz, representão o Céu. No tecto parece, que descobre a fantazia como resplendores, em que a vista se emprega, entre formosas nuvens luzentes estrellas, dispostas em ordem de constellações varias e diferentes figuras. Por fóra, na eminencia da penha, em que se entranha a lapa, se descobrem muitas arvores entrechaçadas com innumeraveis e altos corpos da mesma rutilante pedra, que mostrando ao perto, informes imagens de torres, pyramides, campanarios e castellos, formão ao longe a perspectiva de huma perfeita e bem fabricada Cidade. Naquelle alto e por toda a circumferencia da pedra, a que chamam Etaberaba (que no idioma do paiz quer dizer pedra que luz) estão abertas covas, e estancias proporcionadas á vida e profissão eremitica e contemplativa, não se achando em nenhum dos logares descobertos, e aqui descriptos, sinal de habitação humana; e não hé menor maravilha estar o Templo metido na lapa, e ter o pavimento de terra solta para sepultura dos mortos. Ao sitio chamão Rio Verde, porque sendo o mesmo de S. Francisco, que o fertiliza no grande espaço, que o rega, leva aquella côr, retratando em si a verdura do arvoredado, que alli por ambas as margens o acompanha.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA.



Monumento ao 2 de Julho na Bahia

fiados como o caboclo; melancolicos como o portuguez e abatidos como o negro, e se, sobre taes qualidades, temos uma fervente imaginação que a todas ellas transforma para lhes accentuar ou esmorecer os traços, não devemos proseguir noutra estrada que não naquella que as suas directivas nos tiverem traçado. Sobre esse caminho, então, temos que disciplinar o espirito, evitando os excessos prejudiciaes, mas nunca tentando o abandono de suas forças imperiosas, para exóticas imitações. Ouçamos as vozes da terra! As enxertias so produzem monstros! Sejamos os artistas commovidos do nosso *habitat* maravilhoso, onde o espirito de cada um de nós deve ser livre e sincero, sentindo intensamente o mysterio da *anima rerum*. Que a lição que tivermos de aprender não nos tolde a frescura da voz, não nos encadeie em preconceitos, não nos escureça os olhos. O temperamento não refoge ao meio, mas em todas as fórmulas que tomar o seu calor terá auxiliado a modelagem. E' uma categoria inseparavel do nosso espirito.

Somos, antes de tudo, um povo que se ignora. Na immensidade do territorio, onde kilometros e kilometros sepa-

ram os centros de actividade, os agrupamentos agricolas e pastoris, com uma divisão absurda e monstruosa de Estados, que nada justifica, nem poderia justificar, o brasileiro não sabe do irmão de outro lugar e cidades ha, de relevo até, que ao ouvirmos pronunciar o nome, indagamos: onde será? Como observou José Verissimo, o que a obra de geographia fez, pelo relevo accidentado da terra, que isolou os grupos nella formados, a obra de historia aggravou, separando ainda mais os nucleos, sem relações reciprocas e gravitando apenas em torno do centro, a principio a metropole, depois o governo geral, a côrte e a União, por fim. O littoral, longe do sertão, "em doloroso separatismo ethnico, politico e social, as mattarias, os rios e as montanhas dificultando as construcções de estradas de ferro e de rodagem, o absurdo economico que dá a um só producto quasi dous terços do valor da exportação do paiz, tudo isso fez com que uma desigualdade enorme deformasse a physionomia politica e social do Brasil, exigindo sempre soluções particularizadas e especialistas. Reside nisso um dos maiores embaraços á formação nacional, que exige a boa vontade e o desassombro de todos os brasileiros, facilitando o desenvolvimento colectivo das actividades do paiz e formando um espirito de escol, que o dirija superior e intelligentemente. Não é só a obra de governo, que se reclama, mas todas as manifestações de nossas energias culturaes, economicas e sociaes. A nação é a suprema orientadora do estado, que se illumina na projecção da sua vontade.

O brasileiro defendeu a terra. O brasileiro conquistou-a num esforço selvagem e deslumbrante de epopéa. O brasileiro libertou-a com a sua vontade e o seu sangue. O brasileiro engrandeceu-a pelo trabalho fecundo e pelo atrevimento audaz. Agora, tem que eleva-la. E' essa a obra de fé, em que não é dado esmorecer, em que se appellam todas as energias e todas as actividades, para, reunidas num só molho, susterm o embate vigoroso e decidido. "O brasileiro vive o poema da aspiração" e esse poema, feito das notas estridentes do desejo, dos sons graves da vontade e da aguda perspicacia, havemos de realizar, para clarear o futuro e sermos dignos do passado. A formação brasileira, que veio dos Guararapes e se consumou em Sete de Setembro e Dous de Julho, ainda não está terminada. Fizeram os nossos pais uma nação immensa e formidavel, uniram todo o seu territorio num Estado, deram-lhe o caracter politico e social, transformaram a lingua dos maiores em instrumento mais doce, mais bello e de maior plasticidade, crearam o sonho do Brasil, como o paiz maior do mundo, e nos entregaram o presente maravilhoso do destino, ainda com o perfume de terra virgem. Nem tudo está feito. O paiz marcha para a luz e nós é que temos de guiar a caminhada. Essa tarefa devemos receber com serenidade e firmeza. Lembremo-nos dos que nos descobriram, na epopéa radiosa das caravellas, lutando contra a insidia dos oceanos vorazes; lembremo-nos dos que conquistaram a terra, com as bandeiras, mais épicas ainda, movendo-se pelas brenhas a fóra, guiados por homens possessos dos sonhos verdes; lembremo-nos dos fundadores do paiz, das energias dos senhores da terra, agricultores e criadores; dos politicós e dos guerreiros, de todos os heróes e soldados obscuros dessa victoria contra a natureza e contra o destino. E, nessa suprema evocação, que nos illumina o futuro, tenhamos confiança e fé. Tenhamos a alegria do Brasil!

## Renato ALMEIDA

### AS MULHERES NA ARTE DE DI CAVALCANTI

Di Cavalcanti, ao contrario de Burnes Jones e Vandowich, não explora os sorrisos suaves das mulheres. Sabindo do thema commum, a suggestionadora concepção artistica do admiravel creador do rythmo novo na arte colorida dos pinceis, vê nas creaturas do outro sexo nada mais que extranhas figuras de mysterio e melancolia dolorosa. Dir-se-ha que os seus olhos, á força de contemplar a Belleza, dá-nos nas suas creações singulares, novos motivos de plastica feminina.

*Rosa Branca*, é um symbolo humano do peccado e da luxuria, mysticas. Perdoem-me o paradoxo. Assim como o estheta maravilhoso do *De Profundis*, elle nos mostra os requintamentos de sua fina sensibilidade. Dahi a originalidade do quadro; a elegancia espiritual do talhe régio do corpo fluído que vive no milagre fascinante do pincel nervoso do encantador exegeta do *Cordão*.

Ha em *Rosa Branca*, volupia e mysterio. O seu corpo possui a ondulação da vaga, e o perfil suave de um *l'oiseau* perto á margem de um lago verde. Vendo-se-lhe, a gente dorme na impressão de ter visto uma mulher violada que não comprehendesse o vício, creada num ambiente de mundanismo exagerado, mas no silencio de um claustro. Uma creatura que nunca ouvisse os sons lascivos de um tango argentino muito embora tives-

sem na eurythmia do seu ouvido, os accordes muito tristes de um órgão em silencio.

Para elle, a belleza deve sahir no extase contemplativo. Ver uma paysagem alegre para uns olhos mediocres é agradável, porém, o mesmo recanto sombrio, visto pela concepção doentia de um creador de emoções, não nos deixa a mesma impressão.

Di, é antes de tudo um creador de emoções, um clarividente da Belleza invisivel.

Na maravilhosa concepção do *Rythmo*, novamente a figura que o sugere é a mesma, um pouco da melancolia cinzenta de um nocturno emocional num ambiente cheio de perfumes orientaes. Longinquamente, a gente vê uma nota menos triste vivendo nos reflexos escuros do quadro. O movimento de musculos é alli intensissimo. Têm-se a impressão de que aquella mulher fosse como um arco de violino vibrando sobre todos os nervos humanos suspensos.

A nota singular é vista em *Ironia*. Ahi vivem todos os motivos superiores do desprendimento e da Vida. O fundo da paysagem é como uma pagina ao vivo de Anatole. Veja-se, entanto, o olhar indifferente da creatura que centralisa os efeitos melhores do sonho perturbante do pintor. Que enorme visão das cousas, que profundo conhecimento da comedia trivialissima da Vida!

*Vestido Rubro*, como *Serenidade*, é outra modalidade do seu temperamento bizarro. Assim, o *Segredo*, que é um estudo de almas. Reina alli a cumplicidade do silencio, o mysterio do sonho, e a volupia entontecedora de uma confidencia.

Mas, sobretudo onde mais se estudam e definem as mulheres de Di Cavalcanti são nos seus trabalhos de superior emoção, nas suas creações choreographicas. Dos requebros tentadores do maxixe, aos passos selvagens da *Dansa Barbara*, como nas suas *Dansarinas*, deslumbradoras. Parece que a movimentação rythmica das ancas, os menelos rapidos dos quadris, a curva ondeante dos seios, é uma fonte de personalidade flagrante nas figuras femininas do artista bizarro dos *Fantoches da Meia Noite*. O rebolar luxurioso da *Bahiana*, como a desarticualção viva do *Sambando* fornecem aos nossos olhos uma observação nítida da arte maravilhosa de Di Cavalcanti, nova porque fóra dos velhos preceltos academicos, independente porque rebelde e emotiva, pessoal, porque authenticamente sua, como a de Angelus e Correia Dias.

As mulheres na arte original de Di Cavalcanti são um symbolo encantador de volupia mysteriosa, como as de Bauli Gabriel Rossetti o são, no sentido da contemplação, para a suavidade muito branca do infinito.

Francisco GALVÃO

# UMA TRADIÇÃO RELIGIOSA NA BAHIA

## O culto do Senhor do Bomfim

O culto do Senhor do Bomfim, uma das mais vivazes tradições do Brasil, basta por si só para documentar a maneira como o povo bahiano entretém as suas relações com o divino e cultiva as suas crenças catholicas.

Já estamos, é verdade, um pouco longe dos pomposos oitavários em que o bairro do Bomfim, e toda a península por elle dominada, se povoavam de caravanas vindas do Reconcaço, dos altos sertões da provincia e de além do S. Francisco, para tomarem parte na representação do estupendo martyrio que tinha por theatro a airosa collina de Itapagipe. Ainda em 1881 podia escrever, sem exaggero, um chronista local: "Acódem á importante festa do Senhor do Bomfim, a primeira da Bahia e talvez de todo o Brasil, mais de 30 mil pessoas de todas as classes da sociedade e de toda parte"

Hoje o sertanejo contenta a fé, indo mais perto dos seus campos geraes e das suas serras, á gruta do Bom Jesus da Lapa. O habitante da matta e dos Engenhos vai ao santuario de Nossa Senhora das Candeias, a Lourdes bahiana. As peregrinações de Itapagipe diminuiram de volume; as "casas dosromeiros", as que restam de pé, já se alugam a familias da capital para estações de verão e mudança de ares.

O programma da festividade externa tambem sofreu modificações que a grande massa dos crentes não approvou, mas a que afinal se resignou, coagida pelas reiteradas prohibições ecclesiasticas, a que todavia foi preciso o reforço da policia armada.

Na quinta-feira da oitava do Bomfim era costume antigo da plebe fazer a lavagem do templo. Essa lavagem, á parte a sua intenção inicial, excedia tudo quanto no correr de 1534, interdizia nestes termos o Bispo de Evora:

"Defendemos a todas as pessoas ecclesiasticas e populares, de qualquer estado ou condição que sejam que não commam nas igrejas, nem bebam, com mesas nem em mesas; nem cantem, nem bailem em ellas, nem em seus adros, nem os leigos façam seus ajuntamentos dentro dellas sobre cousas profanas; nem se facam nas ditas igrejas ou adros dellas jogos alguns, posto que sejam em Vigilia de Santos ou de alguma festa, nem representações, ainda que sejam da paixão de Nosso Senhor Jesus Christo ou de sua Ressurreição, ou nascença, de dia nem de noite, sem nossa especial licença, porque de taes actos se seguem muitos inconvenientes, e muitas vezes trazem o escandalo no coração daquelles que não estão muy firmes na nossa Santa fé catholica, vindo as desordens e excessos que nisto se fazem"

A "lavagem do Bomfim", tantas vezes suspiciada de africanismo e selvagismo, tem, como se vê, os seus antecedentes ou, pelo menos, os seus precedentes historicos na velha e civilizada metropole portugueza. Era, na verdade, um pandemonium ás portas do céu, uma assombrosa bambochata, cujas liberdades com o sagrado chegaram ao delirio da irreverencia. E perdem-se por isso aquelle pittoresco e eloquentissimo quadro vivo de costumes.

Quem se não recorda na Bahia dos longos sequitos de aguadeiros e carroceiros, a guiar cavallos enramados com folhagem de pitanga e barulhentas carroças atacadas de lenha, pela Calçada do Bomfim até o adro da igreja, onde já tripudiavam creoulas e mulatas, gente de todas as castas e matizes, com a bateria de tinas, bacias, esfregões e vassouras? Quem a viu, que a esquecesse, aquella extraordinaria festa dagna e alcool, aquelle enorme disparate de "bemditos" e chulas, de rezaes e gargalhadas, de gestos constrictos, e bamboleios desonestos? A Venus hottentote lá exhibia as suas opulencia carnaes e os seus rebolados de dançarina; os ranchos de aguadeiros despejavam os barris e sambavam com garganteios estentoreos. Soavam bacias como sinos rachados; o estrepito das palmas formava um matraquear ensurdecedor. Num mesmo instante joelhos que se dobravam diante dos altares estiravam-

se agilmente nos passos e voltas do mais atrevido fandango. Emquanto as vassouras chapinhavam nas lages da nave, olhares caprinos incendiados em chammas alcoolicas, devoravam collos negros e infantes, onde as contas do rosario vibravam como guizos de mascarados.

Não faltavam ao spectaculo nem as gaitices do espirituoso capadocio, nem musicas ao tom da colossal pagodeira.

### Proclamação

Fol a seguinte a proclamação que o Governo da cidade de S. Salvador dirigiu aos seus municipes com referencia a 2 de Julho.

"Cidadãos, cohorte de gloriosos Instituidores da nossa raça, que surge, reditando a mensagem dos nossos destinos e traçando a directriz do nosso convivio! Pelejar, avançando sem esmorecimento e sem treguas, sob o fraterno influxo promissor de um ideal nativo, foi a parte valiosa e sagrada da incumbencia dos que nos antecederam.

Secundal-os na presente phase da vida nacional, é o dever que se impõe, ante a memoração dos seus grandes feitos de patriotismo e de seus largos gestos modelares; cumpril-o, é iniciar uma prodigiosa acção tonificadora do organismo moral, social e politico da Patria, em parte combatido pela intermitencia da febre da politicagem; urge expurgar o das toxinas resultantes das ambiciosas machnações absorventes.

Cidadãos! Solemnemente, ainda uma vez, cumpramos o inalienavel dever civico tido para com os Infantes da nossa Patria, lembrando a edificante attitude dos nossos avós, a qual constitue o maior factor preponderante e de mais significativo relevo na consolidação do inenarravel feito da Independencia do Brasil.

Provavelmente, sem esse gloriosissimo empenho vitalizador, os haustos do ambiente do Ypiranga, a 7 de Setembro de 1822, não produziriam esse effeito iniciativo da mais liberal das nossas conquistas de povo fadado ao convivio das nações norteadas pela Democracia e ávidas sempre de maior somma de civilização.

Cidadãos! A inteireza moral dos ancestraes nos saneou, evitando que continuassemos atascados no lodaçal e despotismo, e está a enaltecer a frente das novas gerações, intensamente reveladoras da capacidade, das vocações nacionais, da tenacidade dos nossos esforços realmente productores do poder inegualavel da nossa mentalidade.

O Brasil, sem o glorioso commettimento de 1823, decisivo do seu futuro, devido ao sacrificio da valorosa Bahia, certo teria continuado exposto ás investidas que, anteriormente, levaram os nossos maiores a continuas e ingentes mortificações, com exemplos inimitaveis de paciencia, firmeza e coragem.

Os feitos mais concretos do heroismo da velha raça Sul-Americana, foram pensados e sentidos pelo cerebro e pelo coração da idolatrada Athenas brasileira, e nella praticados por leaes e denodados combatentes, imperterritos até á effusão do sangue em luctas tremendas, bafejadas pelas auras da justiça e da liberdade. Entre esses feitos, tão notaveis, culmina o da mais ruidosa victoria de antanho, cuja gloria nos foi legada com os clarões reivindicadores da aurora do immortal 2 de Julho, symbolo maior da acção e da reacção da nossa gente, na eminencia mais augusta da nossa historia, ao influxo de verdadeira fraternização de brasileiros e portuguezes incendiados pelo mesmo ideal, afagados pelas mesmas aspirações democraticas, impetuosas e soberanas que fundaram e consolidaram a Independencia do Brasil."

Viva o centenário immortal do dia 2 de Julho de 1823! Viva o povo bahiano e a memoria de seus maiores! Vivam as autoridades do paiz! Viva a Republica do Brasil! Bahia, 26 de Junho de 1923."

O excesso provocou a hostilidade systematica do clero e da imprensa. Mas tiveram que suar o topete antes que "a lavagem" se curasse dos seus desatinos e loucuras de Entrullo. Anos houve em que as portas da capella, traucadas por ordem superior, escancaravam-se momentaneamente, e como por encanto, á invasão das hordas devotas. E o diluvio repetia-se.

E' assim que se expande o catholicismo do mestiço bahiano: a sua religião não dispensa, por nenhuma consideração, o aparato e o estrondo carnavalesco. Elle cre e ora, ouve missa e communga, mas não faz voto de renunciar o rico prazer de dar vivas ao Santo, como os dá ao carro do caboclo em 2 de Julho e ao estandarte dos *Fantoches* e do *Crus Vermelha*. Murmurou-se muito, aqui ha tempos, contra certas medidas restrictivas tomadas pela autoridade archiepiscopal acerca das procissões, e contra a ordem, emanada do mesmo poder, que vedou ás philarmonicas e bandas marciaes tocarem no recinto das igrejas. Tudo isso é necessario ao temperamento religioso deste alegre povo. Com elle nerdem o seu tempo os zelosos pastores evangelicos que tanto se afadizam por attrahil-o ás ceremonias frias, simplissimas e severas das suas seitas protestantes.

O bahiano quer entrar no céu, mas com alardo e fanfarra.

A festa do Bomfim continua a congregar no formoso bairro a maior massa de gente que para essas devocões costuma arrojarse de fóra e dentro da cidade. Ou porque o Senhor daquelle outeiro lhe prodigaliza mais graças, ou porque o outeiro onde se eleva a casa do Senhor offereça campo mais propicio aos folguedos do povo, nesta terra de tantas igrejas, ha seculo e meio, tem logrado intensa popularidade. Não ha invocações novas ou antigas que consigam abalar o throno de ouro do divino Bom Jesus; não ha milagres que escurecam a fama dos seus milagres, nem para os convalescentes, ligados por promessas, ha ladeira mais suave de subir do que essa que em dous lancos conduz ao adro do Bomfim. A cêra e os obulos de que se sustentam o culto, sejam quaes forem as crises das finanzas profanas, multiplicam-se como os pães da escriptura. *A casa dos milagres* já se estende por duas celas da capella.

O officio annual é sempre rico e deslumbrante, mas a grande, a incomparavel festa é cá nos fóras, ao ar livre. Reprimida a licença da *lavagem*, este povo tão interessante na manifestação da sua religiosidade quanto engenhoso no prazer, instituiu a *Segunda-feira do Bomfim*, que é um supplemento á semana festiva. Paralisa-se o commercio, fecham-se officinas, amortece a actividade nas fabricas, os jornaes apressam ou suprimem as tiragens, a criadagem deserta da casa dos amos, a cidade inteira cahe num silencio de tapéra... E' a "*Segunda-feira*". Todo o movimento, toda a vida bahiana se desloca para o arrabalde com a sua alegria atroadora. A companhia *Carris Electricos* foi uma obra da Providencia. As leviões da folia marcham e contra-marcham resolvendo a poeira de Itapagipe, banqueteadose nas ruas; ha musicatas, violões, modinhas, sambas, concertos, côros ambulantes, uma inferneira. Cada anno a musa da jogralidade reventa em novas e desopilantes produções. Ha uns dous annos cantou-se no Bomfim, e depois na Bahia inteira, uma especie de aria burlesca muito expressiva. Depois de uma quadrinha qualquer disparatada, vinham alguns disticos neste gosto:

Macaco tua mãe tem rabo;  
E' o diabo, é o diabo.

Macaco, tua mãe é morta,  
Eu que me importa, eu que me importa.

Macaco tua mãe morreu;  
Antes ella do que eu.

# O THEATRO SÃO JOÃO

Violento incêndio destruiu completamente, na madrugada de 6 de Junho findo, o Theatro São João, da Bahia, que era a mais antiga casa de espectáculos do Brasil. Eruido numa elevação pittoresca da praça Castro Alves, o velho São João teve a sua edificação começada em 1808, abrindo solenemente as suas portas quatro annos depois, a 14 de Junho de 1812, com o drama "A escocesa".

Construído sob os moldes da colonia, durante o governo do conde dos Arcos, com grande muralha de segurança ao longo da sua banda occidental, com espaçoso foye, salões e amphitheatro, servido de quatro ordens de camarotes, o São João abrigou no seu palco todas as sumidades scenicas que apontaram á Bahia. All, saudada pelo verbo inspirado de Murtz Barreto, o famoso poeta repentista, representou Emilia das Neves, a grande tragica portugueza, "A dama das camelias", "Joanna, a doida" todas as heroínas do seu repertorio. Tambem pisou as suas taboas João Cuetano, o principe dos nossos artistas dramaticos. Até a inauguração do Polytheama, no São João trabalharam todas as companhias de drama e opereta, quer aqui organizadas, quer procedentes do estrangeiro. Ha pouco, o engenheiro Virzi lembrou varias alterações na fachada do theatro e mesmo na sua parte interna, quebrando o rigor das suas regras, e a Secretaria da Agricultura do Estado pensava em levar a termo algumas reformas, dando-lhe um terraço elegante, envidraçado, estabelecendo uma "marquise" para o transito das carruagens na occasião das chuvas. O tradicional theatro ardeu quando soffria reparos para funcionar nos festejos commemorativos do centenário de 2 de Julho.

Num interessante artigo, a proposito do velho theatro, o illustre Sr. Constancio Alves, da Academia Brasileira, nos deu algumas notas historicas e reminiscencias pessoais, que valem transcrever. Escreveu elle:

"Nasceu o theatro São João antes da Independencia. Começou a sua construcção em 1809, quando governador da Bahia o Conde da Ponte, e terminou em 1812, sob o governo do Conde dos Arcos. Onze annos depois, já independente o Brasil, mostrou-se o theatro São João decedidamente brasileiro. As commemorações do dia Dois de Julho, que tinham inicio em parada de todas as forças da guarnição e de batalhões patrióticos e continuavam em solenne *Te-Deum* na cathedral, renatavam em espectáculo de gala, no theatro São João. Durante meio seculo mais ou menos, essa noite de theatro ostentou o fervor e o enthusiasmo das grandes festas civicas. Como expressão do sentimento reinante nesse tempo, ficou o que pode denominar-se a literatura do *Dois de Julho*: dramas expressamente feitos para serem representados no theatro São João, e numerosas poesias, a maior parte das quaes

foi all recitada. O intervallo dos actos era occupado pelos poetas. Não dois nem tres, porém muitos, que se succediam, sem que o publico se fartasse de os ouvir nem se cansasse de os acclamar! Destacavam-se desse grupo Francisco Moniz Barreto, o repentista, e Laurindo Rabello. O enthusiasmo iulbioso era a nota dominante nesses espectáculos, uma só vez perturbada pela descortezia do poeta Manoel Pessôa da Silva, no Dois de Julho de 1846. Logo no começo do espectáculo, depois de cantado o hymno, perante a effigie do Imperador, assomando a um camarote de ordem nobre, o poeta glosou a seguinte estrophe do referido hymno:

*Nunca mais o despotismo  
Receá nossas acções,  
Com tyrannos não combinam  
Brasileiros coraçãoes.*

A glosa era toda ella antes uma aggressão violenta ao presidente da provincia, general Soares de Andréa, barão de Cacapava, do que glorificação do Dois de Julho. Andréa ouviu impassivel os insultos, mas seu filho e seu ajudante de ordens, mal o poeta acabara de recitar, chicoteou-o publicamente. Essa repulsa levantou grande clamor no theatro. Mas até aquelles que censuravam o official, por ter replicado com violencia ao aggressor de seu pae, desapprovavam a grosseria do poeta. Mas a agitação cessou logo que o general presidente communicou ao publico que mandara prender o seu ajudante de ordens. Caso mais grave do que esse occorreu na noite de 23 de Setembro de 1854, por causa do panno de bóca. O theatro acabara de passar por uma reforma. O panno antigo fóra substituído por outro em que estava representado Thomé de Souza, na Bahia, empunhando o estandarte de Portugal e recebendo as homenagens dos indigenas. Inimigos politicos do governo começaram a expor a pintura, descobrindo nella o intuito do presidente da provincia, que era João Mauricio Wanderley, mais tarde Barão de Cotejipe, de adular a colonia portugueza, em detrimento da dignidade nacional. A imprensa opposicionista aproveitou o assumpto, fazendo intrigas que produziram effeito. Protestou com furia a multidão que enchia o theatro, na estréa do panno. O tumulto tocou o auge quando o capitão Alves, irmão do pae de Castro Alves, homem de indomavel bravura e de impetuoso patriotismo, subiu ao palco para rasgar o panno a punhal. A vozzeria, que chegava até á praça, correspondiam os hrados do povo que cercava o theatro e queria entrar. Foram baldadas as tentativas de Wanderley para acalmar os animos, fallando ao povo irritado, quer do camarote presidencial, quer do terraço do theatro.

O que a muito custo o conteve foi a tropa de linha, que compareceu toda, reforçada pela policia então sob o commando de Argollo, o futuro visconde de Itaparica. Essa

desordem, que foi quasi uma revolução, ia tirando a vida a Wanderley e retirou Thomé de Souza, definitivamente, da scena. Trinta annos depois desse espectáculo o theatro São João dava ao illustre Cotejipe novo motivo de inquietação. Foi all que em 29 de Abril de 1888, pode dizer-se na vespera do 13 de Maio, a eloquencia de Ruy Indigitava as idéas que o liberalismo devia propugnar: "a liberdade religiosa, a democratização do voto, a desenfeyudação da propriedade, a desoligarchisação do Senado, a *federação dos Estados brasileiros*... com a corôa, se esta lhe fór propria, contra e sem ella, se lhe tomar o caminho." A clarividencia do senador pela Bahia descobriu nesse programma uma ameaça ao regimen. E tão perigoso lhe pareceu aquelle discurso que o commentou no Senado, com as apprehensões do seu espirito de conservador e monarchista. Foi nesse discurso que Ruy Barbosa apresentou a futura denominação do Brasil, como recordou em outra oração memoravel, tambem de grande alcance politico, pronunçada igualmente no theatro São João em 7 de Fevereiro de 1892. Nesse mesmo theatro, a 2 de Agosto de 1874, com 25 annos incompletos, Ruy Barbosa pronunçou o primeiro, na ordem chronologica, dos seus grandes discursos, em favor da eleição directa, um dos lemmas do partido liberal. Discurso de combate, onde já se mostra o adversario, que nunca deixou de ser, da monarchia. E' ainda no theatro São João que Ruy Barbosa faz o admiravel elogio de Castro Alves em 1881, por occasião do decennario da morte do poeta. Não foi essa a unica vez que o velho theatro estremeceu á vibração dos applausos ao estro de Castro Alves. Essa homenagem posthuma era o corôamento de seis triumphos estrondosos, conquistados pelo grande poeta. All recitou elle duas poesias: *Aos Dois de Julho* e *Quem dá aos pobres empresta e Deus*, na festa promovida pelo Gabinete Portuguez de Leitura, em favor dos orphãos da guerra do Paraguay. Para ser recitada no theatro São João, escreveu, a 14 de Outubro de 1870, *A Deusa incruenta*. Mas molestou que o mataria, em Julho do anno seguinte, já lhe diminuiria a sonoridade da voz maravilhosa. Um amigo seu, o Dr. José Joaquim da Palma, disse aquelles versos magnificos. Castro Alves dramaturgo alcançou assignalado triumpho, naquelle theatro, a 7 de Setembro de 1867, quando se representou pela primeira vez o *Gonzaga*. Duas vezes mais foi á scena aquelle drama, no theatro São João. A representação effectuada em 19 de Julho de 1876, por estudantes, entre os quaes Manoel Victorino Perelra, no papel do escravo Luiz, foi objecto das zombarias da actriz Ismenia dos Santos, que então occupava o theatro, com a sua companhia. Elles vingaram-se com a mais estridente patcada que o São João ouviu no seu seculo de existencia. E tão famosa foi que, por muito tempo, no vocabulario dos actores que representavam no Brasil, *uma Ismenia* era synonymo de valia extraordinaria. Patear repugna á cortezia do publico bahiano, que é commedido na censura e vchemente nos applausos. Os annos do theatro São João registram o enthusiasmo de noites gloriosas em que foram cobertos de flôres e celebrados em poesias arrebatadas tantos artistas nacionaes e estrangeiros. Ninguém esqueceu as manifestações feitas a Carlos Gomes, quando all regeu o *Guarani*, e quando se executou, em sua presença, na commemoração do tri-centenario de Camões, o hymno que escreveu para essa solennidade. A glorificação de Camões lembra a de Alexandre Herculano, realisada no theatro São João que foi, nessa occasião, templo civico. A autoridade ecclesiastica da Bahia prohibia missas por quem escrevêra *Eu e o clero*. Os admiradores do grande escriptor celebraram, então, em 18 de Outubro de 1877, sessão litteraria, em que foi lida uma pagina de Guerra Junqueiro e em que fallou, alem de outros oradores, Ruy Barbosa. E já que fallo em Ruy Barbosa, a proposito do São João, lembro que elle fez parte do Conservatorio Dramatico que funcionava naquelle theatro e leu all, a favor da representação do drama *O Jesuita*, um parecer notavel e pouco conhecido. O Conservatorio Dramatico foi creado em 1857 por escriptores de merecimento, entre os quaes Agrario. Occupava elle o cargo de administrador do theatro, e lá morreu aos 29 annos de idade, victimado por uma congestão pulmonar em 23 de Agosto de 1863, quando, do seu camarote, assistia a um espectáculo".

Ao findar a série respondia o côro:

Ai! Ai! Ai!  
Eu não era assim.  
Foi cousa que me fizeram  
Segunda-feira de Bomfim.

Rezam as chronicas da cidade que no Governo do Vice-Rei Conde de Anteuquia, o Capitão de Mar e Guerra Theodosio Rodrigues de Faria, sendo grande devoto do Senhor Crucificado, que veneram em uma capellinha nas proximidades de Setubal em Portugal, trouxe de Lisboa para aqui uma imagem do Senhor, feita pelo modelo e á semelhança daquella.

Corria o anno de 1745, e era o Arcebispo da Bahia D. José Botelho de Mattos, quando pela Paschoa da Ressurreição foi a imagem collocada na igreja de Nossa Senhora da Penha, em Itapagipe. O acto revestio-se de solennidade e pompa, e as multidões começaram a peregrinar para a Penha, afervorando a devoção.

Havia o capitão de mar e guerra prometido edificar um templo consagrado ao seu Crucificado, e não descançou. O sitio escolhido foi essa graciosa collina que tantas gerações deromeiros tem perlustrado ha cento e cinquenta annos. Cerca de um decennio depois de iniciada a devoção na Penha erigia-se naquella cima a capella do Senhor do Bomfim, sendo a imagem para lá conduzida professionalmente

em 24 de Julho de 1754. Occorridos tres annos fallecia Theodosio Rodrigues de Faria, cujos despojos tiveram sepultura rasa junto ao presbyterio da capella.

A orientação do edificio obedece ao typo classico: "abre onde se põe o sol e contra o nascente," segundo a postura das igrejas antigas." Do seu adro goza-se o mais bello panorama da cidade e da bahia.

Os mais importantes melhoramentos que tem recebido desde a sua fundação foram: as pinturas do tecto e dos paineis dos altares, onde o artista Franco Velasco representou os passos da Paixão; os quadros da sacristia e os corredores sobre themas da Escripura, trabalho de outro pintor bahiano, José Theophilo de Jesus; os dous vastos paineis de Bento Capinam á entrada da capella, representando a "morte do justo"; a construcção dos corredores, que foram antigamente alpendres; e o chafariz de marmore de Carrara, a pouca distancia do adro, encimado pela estatua do Salvador.

Estas ultimas obras, e outras externas, como a reforma do calçamento e o parque, foram promovidas pelos Drs. Freire de Carvalho, pai e filho, que se têm succedido na mesa e thesauraria da irmandade, zelando essa devoção tradicional dos seus avós.

Bahia, 1905.

\*Xavier MARQUES

## O CENTENARIO DA BAHIA

Realizava-se a Independência nacional por partes, com a lentidão de uma conquista perseverante e sabia, desde os tempos longínquos do primeiro extase do nativo, deante das galas sumptuarias do seu sertão. O seu primeiro vagido é no norte do país, quando as tres raças se conjugavam para guardar de mãos extranhas o patrimonio do seu suor e as visões dos seus sonhos.

Isso fóra na era de Mathias de Albuquerque, coincidindo com o protesto brasileiro contra a invasão estrangeira a guerra da restauração lusitana. E as insurreições de africanos abrem outro periodo na historia da nobre sentimentalidade local. Logo, é uma noção economica de liberdade que resoa no extremo septentrional, emquanto refere no centro a rivalidade entre os exploradores do solo e a luta barbara ferida no silencio das florestas assume o transitivo aspecto das sagradas carnicerias. Os homens que se batem pelo respeito á terra que os paes conquistaram marcando as estradas com seu sangue, têm confusamente sobre as armas cavalheirescas um symbolo de amor ao céspede e de instinto patrio que a lava das composições não sepulta, antes reenraiza nos mesmos locais do sangrento sacrificio, e aos céus limpidos arremessa depois a gloriosa dicotomia, da alma eternizada — Felipe dos Santos e Silva Xavier. Também em Pernambuco a semente do século 17, recolhida ao sarcophago da Historia e das almas com a idéa e a carne de Henrique e Negreiros, ahi silenciosamente fecundava, e sorri successivamente os brotos de 1710 e 1801. Na Bahia, também, a sombra do pensamento se desenrola das lavras onde aporfiavam os britadores do ouro á cidade das pompas severas e serenas: a chuva de 1798 é cataclysmo em 22. Por toda a parte os homens aprendem a amar a liberdade; um intenso carinho pelo torrão commum extravasa na litteratura, enche de orgulho a poesia popular, alimenta nos gremios da gente illustrada a chama de um canoro enthusiasmo e nenhum braço se recusará mais a cair em tempo, sobre a guarda da espada. Forma-se o ambiente historico como o meteorologico: a propagação da idéa copia a tranquilla insistência das communicações subterraneas, onde o epiceno varia de Villa Rica á Bahia, de Recife a S. Luiz, de Belém ao Rio. Faz lembrar a mina que um choque deflagrará, a tempestade que se desencadeará a um sópro, o volume d'agua de um rio, que é agora fecunda intumescencia e á menor vibração espralamento, catastrophe, extermiação.

Não havia para esse resultado como os rigores de uma politica rectilínea. O que n'outro tempo era a expressão de um sabio descortino, era agora a mais crassa necessidade administrativa. O aprumo imperturbavel do piquiá na serenidade dos dias ensoladores é uma gloriosa majestade; no vortice do tufão é a victima imbellé. Reina então o arbusto que sabe dobrar.

A politica portugueza, porém, concebeu simpliciormente um absurdo. Arbusto que fingiu de carvalho, quando a sua fortaleza era a sua fragilidade, intentou comparar o ramalho com a opulenta galhada e resistir ao seu fatal destino: que era vergar. Desarrraigou-o o tufão. E, já no ar, levantado na columna impetuosa que o atirava para o passado, tardiamente, inutilmente, se lembrou do velho segredo de suas victorias... Mas tudo se fizera.

Um país era livre, um Estado era constituído, um exercito aprendia a arte suprema de morrer lutando e vogava na onda verde dos largos mares uma armada heroica.

Madeira de Mello, no seu castello á beira d'agua e 8.000 homens de sentinella a um cadaver — o sonho desfeito de seu país — Fidé no Maranhão, Moura no Pará e D. Alvaro da Costa em Montevidéo, são os ultimos arranços dessa luminosa agonia — o passado sob o joelho do futuro.

O soldado da Independência é o civil da Independência com mais coração e menos letras, com mais naghô e menos francez, mais nacional e tão sincero, do tamanho de Hoche em relação a Mirabeau. Ninguém como elle, soube melhor amar a terra em que nascera. Não na tomariam, pois. Tres poderes sobrenaturaes velavam por ella: patria, religião e familia. Tinha a alma de Roldando em andança pela dama, o coração de

Godofredo em peleja pela cruz e toda a fibra de Leonidas trancando com a vida o accesso do seu país. Por tres causas se batia: pelo Brasil seu muito querido; pela esposa, noiva, mãe, irmãs, lar, todo o laço que ao chio prende uma alma como a uma arvore uma liana — e pelo respeito dos seus mortos, pelos santos do seu altar, pela inviolabilidade do patrimonio, pelo seu direito á felicidade, pela herança dos seus filhos, pelo amor de si mesmo. — O homem que se reveste dessas forças nunca é vencido; a nação que essas forças enfeixa não morre nunca. Aquelle se torna Bolívar; esta foi Portugal contra os serracenos e contra os hespanhoes; e foi o Brasil contra os batavos e contra os portuguezes.

A tactica de se guerreiro não se confunde com a dos outros guerreiros; o aspecto de suas batalhas é diferente, varia a duração de suas marchas, d'instincto o impeto das arremettidas e contradictorios os movimentos de retrocesso; é um heroe que a si mesmo se excede; que não rufa no tamhor as retiradas porque retirar é morrer; no caminho da derrota é baleado de frente; succumbe cantando e zomba do inimigo; sosinho resiste a um exercito; reza antes das pelejas e em meio dellas blasphema; só teme a si, só em si confia; prefere a arma branca á fulmi-

### A Europa na Asia

No outomno de 1922, quando os Gregos foram obrigados a abandonar a Asia Menor, pareceu, por um instante, que a Inglaterra queria declarar guerra á Turquia. Não sei se tinha forças para fazer essa guerra e vencer-a, mas se tivesse vindo, os que a queriam, tinham razão no ponto de vista inglez. Mais tarde reconhecer-se-ha que nesse dia do outomno de 1922, em que a Inglaterra reconheceu a victoria de Kemal-Pachá sobre os Gregos, comprometteu todo o seu imperio asiatico. Tudo que aconteceu e acontecerá promana do primeiro gesto. Tendo reconhecido a victoria dos Turcos, é necessario que a Inglaterra, depois de ter cedido em Lausanne, ceda pouco e pouco em toda a Asia, restringindo as linhas de sua defesa, hoje muito vastas. Houve na Inglaterra um grande partido para abandonar a Mesopotamia. Hoje tem razão, como tinha em 1922, o que queria partir para a guerra contra os Turcos. Porque não fez a guerra, no anno passado, a Inglaterra não se poderá manter, por muito tempo, na Mesopotamía e irá se enfraquecendo cada vez mais na Palestina, no Egypto e na India.

GUGLIELMO FERRERO.

nante, prefere aprisionar a matar e matar a ferir; adora a temeridade e aborrece a trincheira; escolhe a carga á evolução, o choque ao contorno, o duello ao combate e a rapidez á prudência.

Creou na militaría um typo novo de soldado. Ensaíou-o Bonaparte em Montenotte e venceu a Italia. Exercitou-o Garibaldi, que o estudou nas "cochillas" do Rio Grande e a Italia se unificou. E' a sua historia toda a Independência da America, e ella tem em suas paginas Chacabuco, Maipú, Ayacucho, Pirajá. Foi esse soldado que leva ás casernas onde se versa o problema da segurança das nações o typo movel e semi-autonomo que inspirou a organização prussiana e depois todos os exercitos, negando as fórmulas tradicionais da disposição das batalhas.

Formação espontanea do momento historico, a unidade de guerra da revolução nacional não podia imprimir á campanha, em que concorria com os vencedores dos vencedores da Europa — segundo uma expressiva phrase do tempo — a orientação mathematica e theorica da guerra instruida. Existira ella e seria outro o aspecto da lucta que se travou nas cercanias da Bahia. Não era, entretanto, um verdadeiro exercito que entestava com o brigadeiro luzitano. Tinha a mobilidade de um toro sem plastica e uma cohesão de cor-

po sem partes. Só o extremo patriotismo, peculiar aos grandes trances nacionaes era a contradicção assim. Tolo o calculo experiente de Madeira, veterano de Burros e Navas discipulo de Wellington, se desfez nesse imprevisto.

O seu erro em Pirajá, aos 8 de Novembro de 1822, foi considerar como uma massa homogenea as forças libertadoras, e suborinarem ellas sublydir-se até o bando e resolidificarem-se até á avalanche, consonte as vicissitudes do embate.

Nas raias da cidade em Dezembro Marco, em Fevereiro e Junho, repete-se o milagre.

O ataque é harmonico, o combate fraccionario, o conflicto individual. Porém, porém a noção do conjuncto, e é isso que empresta ás legões bisonhas dos sertanejos um assombroso nexo a que nunca resistiu o inimigo!

Lebatut, no entanto, estrangeiro como Madeira, familiarizado como este a um apreço muito diverso do soldado e do exercito, não soube tirar da superioridade dos nossos voluntarios todos os beneficios que ella representava. E' assim que os poupou sempre que se tratava de forçar o caminho da capital, preferindo a guerra prudente e de resultados infalliveis á brilhante e alleatoria aventura. Mas é indubitavel que rethasariam de um impeto o occupante se persistissem nas provas de 29 de Dezembro, de 3 de Março ou de 3 de Junho. Em todas ellas, sabe-se que Madeira se dispoz a embarcar ao primeiro signal.

Abrusco que a desmoralização abatera profundamente os moços europeus, acudados nas trincheiras urbanas sem o fogo de um estimu'o nem a luz de uma idéa que clareando a sua penosa missão, fosse também consolo e conforto ás privações do sitio. Emquanto que do lado do adversario antigas patrioticas rythmavam com os disparos das rondas, homens tinados e em farrapos gritando um viva ao imperador, desafiavam as balas de pé sobre os abrigos e nos "bivacs"; ás noites tranquillas hanhados de luar, uma alegria festiva e sã, repassada de gemidos de v'lta e bemões de "tyrana", indicava o pouso abençoado da forte gente que defendia o chão da patria.

Esse miliciano de Portugal seismador á beira do reducto, na tréva risonha palhetada de luar, escutando serenamente apolado á bayoneta o longinquo vozerio feliz do acampamento dos nativos, ardente e melodioso como o clima daquelles remansos, hiveria de lembrar que avós seus, remotos, se bateram, como aquella gente, pela integridade do seu país e Deus a elles se allia. Então peñam as mãezinhas de joelhos á doce Senhora do Amparo, á gloriosa Virgem da Victoria, a todos os santos portuguezes, que os filhos voltassem cobertos de loiros dos encarnicados prelhos; e se cobertos de opprobrio, que lá ficassem, no campo de sangue, em pasto aos corvos e ao esquecimento. E cheios de alegria tornaram...

Nem que — arrogantemente declamavam os nossos estadistas da época — se derramasse Portugal no Brasil, esgotando nelle, ao derradeiro borboto, a sua seiva.

Aprisiona-se um guerreiro, vence-se um exercito, empluma-se uma posição e vareja-se uma cidade, mas um povo nunca é batido.

Bem-dita, no entanto a guerra que se feriu na Bahia e prolongou-se até depois de installada a Constituinte do Imperio. Parecera ao centro do país que melhor fóra se accordasse a retirada pacifica dos recalcitrantes; mas o destino superior da patria, invisível predestinação de divinos feitos que lateja na historia inteira do Brasil, quiz que nesse duello de gigantes, abreviatura de um choque de idades, onde com sangue se escreveu a certidão de vida do nosso povo, tivesse luminosa e definitiva sanção a liberdade nacional. E que fosse a mais veneravel porção do país berço da nacionalidade e constante reservatorio das virtudes essenciaes da nossa gente que, com a autoridade das cãs augustas sobre o campo antiquariano do torneio dos principios armasse cavalleiro com a pranchada de honra para a gloria e a immortalidade o Brasil brasileiro.

Pedro GALMON.

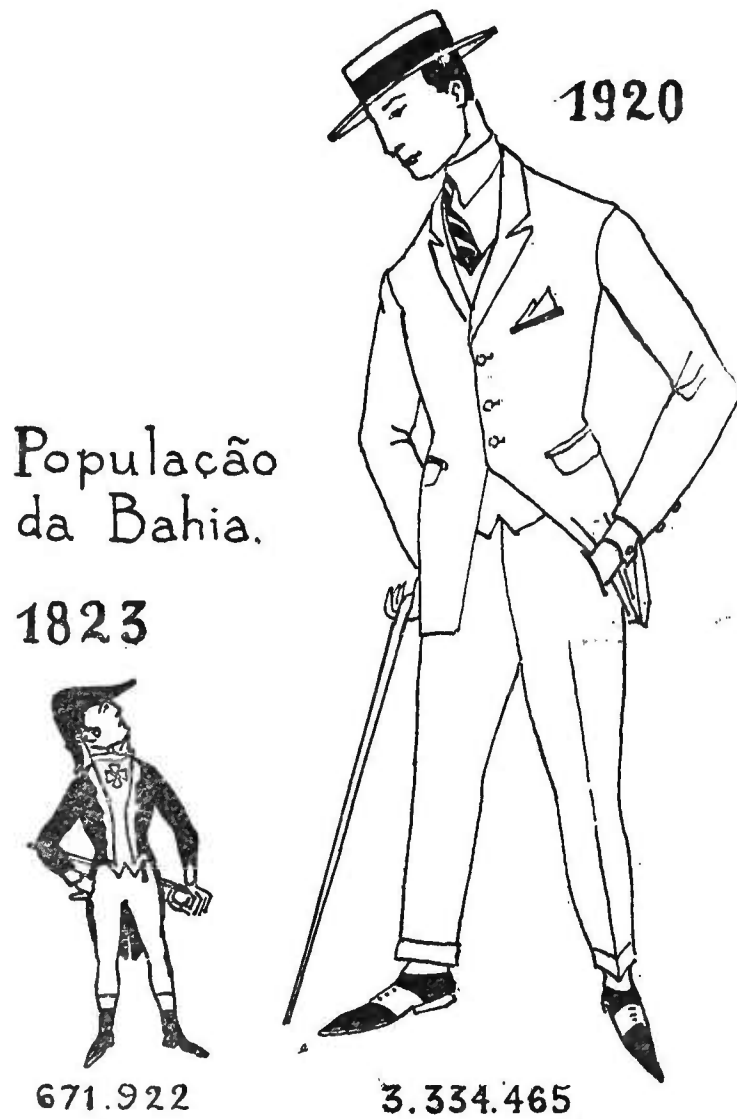
# O GRANDE PROBLEMA

De um interessante artigo de nosso distinto collaborador, Sr. Mario Pinto Silva tiramos os dados estatísticos abaixo cuja significação não é preciso encarecer:

QUADRO DA MATRÍCULA ESCOLAR NOS DIFERENTES ESTADOS DO BRASIL, COMPARADA COM A DE ESTADOS DE PAÍSES ESTRANGEIROS DE IGUAL POPULAÇÃO

Estados ou países:	População	N. de alumnos matriculados em escolas
1º — Amazonas . . . . .	363.166	4.772
New Mexico . . . . .	360.350	85.269
West Australia . . . . .	332.213	52.546
2º — Pará . . . . .	983.507	17.542
Florida . . . . .	968.470	225.160
Colorado . . . . .	939.629	224.289
3º — Maranhão . . . . .	874.337	9.779
Oregon . . . . .	783.389	190.159
Queensland . . . . .	757.634	94.602
4º — Ceará . . . . .	1.319.228	19.360
Connecticut . . . . .	1.380.631	258.389
5º — Piauí . . . . .	609.000	3.068
Rhode Island . . . . .	604.397	94.501
6º — Rio Grande do Norte . . . . .	537.135	9.460
Montana . . . . .	548.889	126.238
New Scotia . . . . .	524.578	109.525
7º — Paraíba . . . . .	961.106	15.300
Colorado . . . . .	939.629	224.289
Maine . . . . .	768.014	138.064
8º — Pernambuco . . . . .	2.154.835	61.500
Oklahoma . . . . .	2.028.283	586.347
New South Wales . . . . .	2.099.763	304.373
9º — Alagoas . . . . .	978.748	8.496
Florida . . . . .	968.470	225.160
Oregon . . . . .	783.389	190.159
10º — Sergipe . . . . .	477.064	10.201
New Hampshire . . . . .	443.083	77.260
New Brunswick . . . . .	388.092	71.000
11º — Bahia . . . . .	3.334.465	48.813
Missouri . . . . .	3.404.055	682.954
Cuba . . . . .	2.889.064	334.674
12º — Espírito Santo . . . . .	457.328	12.828
Idaho . . . . .	431.866	156.836
South Australia . . . . .	495.336	75.991
13º — Rio de Janeiro . . . . .	1.559.371	30.841
West Virginia . . . . .	1.463.701	360.549
Uruguay . . . . .	1.494.953	130.177
14º — Districto Federal . . . . .	1.157.873	82.703
Colorado . . . . .	939.629	224.289
Florida . . . . .	968.470	225.160
15º — S. Paulo . . . . .	4.592.188	190.000
Texas . . . . .	4.663.228	1.035.648
Chile . . . . .	3.754.723	454.147
Suissa . . . . .	3.880.320	604.223
16º — Paraná . . . . .	685.711	23.462
North Dakota . . . . .	646.872	169.669
17º — Santa Catharina . . . . .	638.743	41.753
South Dakota . . . . .	636.547	91.440
18º — Rio Grande do Sul . . . . .	2.182.713	127.350
Oklahoma . . . . .	2.022.283	586.347
New South Wales . . . . .	2.099.763	304.373

19º — Minas Geraes . . . . .	5.888.174	230.150
Ohio . . . . .	5.759.394	989.987
Suecia . . . . .	5.903.762	737.393
20º — Matto Grosso . . . . .	246.612	8.980
Wyoming . . . . .	194.402	47.553
Delaware . . . . .	223.000	40.180
21º — Goyaz . . . . .	511.919	8.149
Idaho . . . . .	431.866	156.836
South Australia . . . . .	495.336	75.991



## COMMERCIÓ EXTERIOR DO BRASIL NUM SÉCULO

**EXPORTAÇÃO TOTAL DO BRASIL:**

1821 a 1830 . . . . .	243.263:000\$000
1861 a 1870 . . . . .	1.537.175:000\$000
1891 a 1900 . . . . .	7.349.258:000\$000
1911 a 1920 . . . . .	12.300.768:000\$000

**IMPORTAÇÃO TOTAL DO BRASIL:**

1821 a 1830 . . . . .	265.164:000\$000
1861 a 1870 . . . . .	1.347:514:000\$000
1891 a 1900 . . . . .	6.397.324:000\$000
1911 a 1920 . . . . .	9.960.223:000\$000

**Exportação de café:**

1821 a 1830 . . . . .	45.308:000\$000
1861 a 1870 . . . . .	695.352:000\$000
1891 a 1900 . . . . .	4.691.906:000\$000
1911 a 1920 . . . . .	6.446.400:000\$000

**Exportação de algodão:**

1821 a 1830 . . . . .	48.546:000\$000
1861 a 1870 . . . . .	186.664:000\$000
1891 a 1900 . . . . .	182.210:000\$000
1911 a 1920 . . . . .	243.220:000\$000

**Exportação de cacão:**

1821 a 1830 . . . . .	1.076:000\$000
1861 a 1870 . . . . .	14.182:000\$000
1891 a 1900 . . . . .	112.204:000\$000
1911 a 1920 . . . . .	454.443:000\$000

**Exportação de borracha:**

1821 a 1830 . . . . .	156:000\$000
1861 a 1870 . . . . .	48.943:000\$000
1891 a 1900 . . . . .	1.163.334:000\$000
1911 a 1920 . . . . .	1.406.769:000\$000

**Exportação de assucar:**

1821 a 1830 . . . . .	78.385:000\$000
1861 a 1870 . . . . .	185.151:000\$000
1891 a 1900 . . . . .	416.327:000\$000
1911 a 1920 . . . . .	392.168:900\$000

**Exportação de couros e pelles:**

1821 a 1830 . . . . .	33.489:000\$000
1861 a 1870 . . . . .	92.382:000\$000
1891 a 1900 . . . . .	182.210:000\$000
1911 a 1920 . . . . .	788.790:000\$000

**Exportação de mate:**

1831 a 1840 (1) . . . . .	1.718:000\$000
1861 a 1870 . . . . .	19.078:000\$000
1891 a 1900 . . . . .	104.913:000\$000
1911 a 1920 . . . . .	375.097:000\$000

**Exportação de fumo:**

1821 a 1830 . . . . .	5.759:000\$000
1861 a 1870 . . . . .	46.949:000\$000
1891 a 1900 . . . . .	172.078:600\$000
1911 a 1920 . . . . .	319.474.000\$000

(1) Figuram os algarismos de 1831 a 1840, porque não ha dados de 1821 a 1830.



# PASCAL

A celebração do tricentenário de um dos maiores genios da humanidade e, sobretudo, um daquelles cuja influencia é, nesta hora de tumulto contemporaneo, dos mais penetrantes, nos leva a profundas meditações. Pascal, o inebriado do infinito, o sabio e o philosopho, o homem que mais temeu e mais acreditou, é todo o reflexo da inquietação moderna, como mostrou num admiravel ensino o pensador brasileiro, Sr. Jackson de Figueiredo, fixando a tortura de Pascal e a crise actual, que tanto refaz a curva pascallana para attingir a um espiritualismo consolador. "Pascal, escreveu o citado escriptor, é como uma onda gigantesca de amargura e de crença, assaltada pela nostalgia divina, em pleno oceano, no mais longinquo da dôr humana, rolando até nossos dias, com a mesma força, o mesmo espanto, a mesma grandeza, pelas fundas cavernas da nossa melancolia." Ainda agora, publicando as conclusões do inquerito feito pelo Sr. Goston Picard, sobre a influencia de Pascal e de Renan, na mentalidade franceza hodierna, vimos que a de Pascal sobre ser muito mais intensa, era bem mais larga do que a do autor da *Vie de Jesus*. E, um seculo que procura, depois de mais acirrado scepticismo, desde o racionalismo de Kant ao instinctivo de Renan, a fórmula para sua tortura de unidade, a inquietação de Pascal, voltando a fé, é o mais confortador e mais fecundo exemplo. O physico e o mathematico, que dominava a materia pela logica dos algarismos, não se illudia com a fragilidade de sua sciencia — sentia de perto o abysmo. "La dernière demarche de la raison, c'est de connaître qu'il y a une infinité de choses qui la dépassent. Elle n'est que faible, si elle ne va pas jusqu'à connaître cela." Reagindo contra o intellectualismo, elle que via no homem o franco cario pensante, cuja dignidade unica está em pensar, não cria um scepticismo, mas limita a intelligência, acima das quaes ha o coração, que tem razões, que a propria razão ignora. "A sua philosophia é a philosophia em que o amor tem o primeiro lugar como regra imposta pelo coração e livremente aceita pela razão, para que melhor se orientem todos os espiritos e sejam mais firmes na humanidade com que se deve amar a Deus, sobre todas as cousas", para novamente citar o Sr. Jackson de Figueiredo.

Não exaggerou Anatole France quando disse que "Não houve no mundo genio mais poderoso do que o de Pascal.

Não houve tambem mais miseravel. Geometra, é igual aos maiores, embora tenha desviado o espirito o mais possivel da geometria. Faz importantes descobertas em physica, sem a menor curiosidade em penetrar os segredos da natureza. Só se interessa pelos que descobre, e não se importa absolutamente com os que os outros descobriram. Escreve sobre extractos que lhe fazem os amigos, um livro de circunstancias, (as "Provinciales"), que não devia sobreviver á querella de monges de que trata, e que a perfeição da arte torna immortal. E despreza todas as artes, mesmo a de escrever, e não ha um só genero de belleza que não lhe cause horror, como principio de concupiscencia. De noite, enfermo e sem somno, lança em pedaços de papel notas para uma apologia da religião christã; e essas notas que se publicaram depois da sua morte, fazem ha duzentos annos a delicia dos livres pensadores e dos scepticos..." A sua vida foi uma ansia em que procurava, não se consumir, mas se aperfeiçoar, com o horror á materia e ás cousas ephemeras, volvido apenas para Deus, num amor mystico.

Um escriptor brasileiro assim fixou uma impressão do grande philosopho: "A dôr perpetua de Pascal, torturado pelo espectaculo do homem decaido, mas nobre, marchando á beira de um abysmo infinito, enganado pela razão, que o illude sem cessar, mas acalentado pelo calor intimo do coração, por onde possuía os primeiros principios, essa expressão suprema do maravilhoso e do mesquinho, que o genio procura conter, pelo amor tornado fé, afim de chegar até Deus, essa sublime ansia pelo infinito esse sentimento vago e abstracto de confiança em extrema fraqueza, eis a imagem do grande philosopho". Não é possível, nesta simples nota alongar esse commentario desalinhavado, do correr da penna.

Nasceu Blaise Pascal em Clemeat-Ferrend, em 19 de Junho de 1623 e morreu em 19 de Agosto de 1662. Foi grande sabio, e, aos 16 annos publicava o *Tratado sobre as secções cónicas*. Como physico, a sua obra é notabilíssima, tendo feito grandes descobertas, ou, na época, causaram o mais vivo espanto. Foi

## Leibnitz e Pascal

Para Pascal, como para Leibnitz historia das sciencias, a nomeada é superior á obra, o que é justo, porque o genio é superior á nomeada: a abundancia de nomes não iguala á riqueza. Nas mathematicas tiveram uma simples duração e um exercicio, nunca a occupação principal dos seus espiritos e muito menos a tendencia fria de suas vidas. Com igual profundeza e igual attenção, os seus espiritos eram sem semelhança. Leibnitz curioso de tudo, excepto dos pormenores propunha methodos novos, deixando a outros o cuidado e a honra de applical-os. Pascal, ao contrar o, quer precisar tudo, interessado apenas pelos resultados. Leibnitz descobre a arvore, descreve-a, e afasta-se. Pascal mostra os frutos, sem dizer a origem. Se os difficéis problemas resolvidos por Pascal se tivessem apresentado ao espirito de Leibnitz, este, depois de ter resolvido alguns, os mais simples sem duvida, não deixaria de assignalar um grande passo feito no calculo integral. Pascal promette soluções, mostra-as sem nada occultar, mas sem fazer valer o seu methodo, muitas vezes sem o deixar apparecer. Se Pascal, cujo genio foi sem superiores, tivesse, como Leibnitz, encontrado o calculo das differencias teria escolhido, para produzil-as, as consequencias precisas menos vizinhas da evidencia, se como fez muitas vezes não preferisse deixar desaparecer consigo o traço das suas meditações. Poderse-ia comparar Leibnitz a uma montanha onde não param as chuvas, e Pascal a um valle que reúne as suas aguas, acrescentando-se que a montanha é imensa, o valle profundo e occulto."

JOSEPH BERTRAND.

por igual um philosopho. Teimam certos historiadores de philosophia em occuparem com elle, á margem, como simples discipulo de Descartes, talvez por não ter dado ao seu pensamento a estrutura de um systema. Que importa porém? Ninguém fallou mais de Deus ao coração — "Dieu sensible au cœur — eis como definiu a fé, e ninguem foi mais doloroso e miseravelmente humano do que elle

## PRESCILIANO O COLORISTA DO SILENCIO

Não reside a originalidade no convencionalismo destruidor das fórmulas estabelecidas como revoltas estudadas. Está antes na victoria da expressão real, nua e justa, na perfeita representação exterior do sentimento proprio. Quem for sincero consigo mesmo será fatalmente original. Mas é necessario lutar, não sentir os pés que sangram nas pedras do caminho escarpado, o cerebro em fogo e ter os olhos sempre firmes na luz que desce do alto como um aceno de consagração, uma promessa feliz de bemaventurança... Não basta a consoladora reflexão de Rodó: "Cuando el pensamiento de tu pequenez, dentro del conjunto de lo creado, te angustia, defléndete con esta reflexión, tal vez consoladora: tal como seas, tan poco como vivas, eres, en cada instante de tu existencia, una unica, exclusiva originalidad, y representas en el inmenso conjunto un elemento indestituable; un elemento, por insubstituible, necesario al orden en que no entra cosa sin sentido y objecto." Não basta. E' preciso lutar e produzir, possuido do desejo absoluto de perfeição, na angustia de dar corpo á realidade invisivel de um mundo intimo.

Ha artistas, desses em cuja alma roçou vôo de uma inspiração suprema, que desconhecem as injunções de estatutos ou programmas para a concepção de suas obras. Fazem Arte por um dom natural, uma espontaneidade dominante do espirito. Dahi, unicamente, a sua originalidade, pelo cunho pessoal, inconfundivel, que imprimem ao que produzem.

Presciliano Silva, na multidão de artistas brasileiros, tem já a personalidade definida a largos traços, sobressahindo num plano separado, não só por causa da feição particular de sua palheta, como principalmente porque no Brasil, talvez pela ausencia de educação inicial capaz de despertar afinidades para o genero, não ha pintor de "interiores"

Lopes Rodrigues, o bahiano illustre, cujo final de vida foi um grito surdo de desespero contra a Indifferença dos conterraneos, e que

só depois de morto foi aqui comprehendido e glorificado. Lopes Rodrigues ficou sendo o unico pintor nosso conhecido e verdadeiramente notavel nesse genero. Mas todas as suas telas foram feitas na Europa: *A Porta* e *As Prisões do Castello de Clisson*, na Bretanha; o *Meu Atelier*, em Paris e um *Interior de Cosinha*, em Roma, foi elle um pintor brasileiro de interiores, mas não de interiores brasileiros. Isso, de modo nenhum, é motivo contrario ao alto merito de sua arte. Não passa de um falso ponto de vista o dizer-se como actualmente se tem dito entre nós, que o artista que fixa nossas paisagens, cabocos e matutos, possui mais direito de admiração e amor do que aquelle cuja obra é filha das influencias de um centro diverso. Não. Seria renegar todo um passado honoroso. Os valores e a gloria são equivalentes em ambos. Em toda parte o que faz o artista não é a possibilidade commun dos temas escolhidos, mas o grau de sinceridade e emoção transmittidas. Pedro Americo, pelo erro só que lhe aponta o nacionalismo intolerante, ainda não deixou de ser o nosso maior pintor. Uns apenas merecem mais o nosso reconhecimento.

Desse grupo é Presciliano Silva.

De ta'ento exuberante e claro, não se deixou ficar, forçado pelas contingencias dispendiosas do meio hostile, improductivo ou menos brilhante. Reconheceu que nos interiores coloniaes de nossos conventos se encontra o patrimonio mais forte da beleza artistica da terra.

Ha tempos, todos lhe admiramos o pincel magnifico que criou a *Oração da Tarde*. A claridade de um fim de dia entrando, como uma bengam, pelos vidros e frinchas da porta ao lado, envolve o ambiente num véo mystico de serenidade e silencio; reflecte-se, fugindo, na mancha escura, vagamente violacea, do frade em recolhimento; coa-se, como um sopro de debilidade agonizante, pelo arredado da toalha do altar; sóbe, com uma doçura de adoração até o vulto do Christo

Crucificado; depois desce ondulado em scintillações de ouro velho, esbatendo-se nos relevos das paredes, e vae morrer longe, nas lages frias, num tremor de azas feridas, como um fremito exaustivo, um halito que se extingue... E' a projecção mysteriosa da luz sobre um fundo esbatido de silencio.

Agora Presciliano Silva nos offerece outra obra prima, tambem feita no Carmo: — *A Ultima Porta*. Quasi o contrario da primeira, esta sua tela é a encarnação do maior triumpho que se pôde conseguir sobre a simplicidade. O silencio, em outros, é quasi sempre monotono, mas em Presciliano é a grande voz das coisas mudas. Uma porta de convento entreaberta, que dá a idéa perfeita de a terem deixado ha pouco, por onde se vê, ao fundo, a claridade esvoaçante do céu longinquo, penetrando pela janella. A' direita, um banco rustico. Um velho está sentado, e adormeceu. Na parede nua, a nevoa de um quadro, em que se adivinha uma Conceição. Um chapéo solto no banco. A luz cae suave e se estende como um manto sem dobras. Pouca sombra...

Mas porque, nesse scenario tranquillo de santidade primitiva, onde não ha sequer a aggressão de um movimento calculado todos sentem a realidade soberana? Porque alli está o sentimento intimo do artista, que teve a sua expressão exacta. Por ser sincero, é um original. Outro poderiam aproveitar o mesmo thema. Nenhum, talvez, conseguisse a vibração sem voz das tintas de Presciliano. E' que elle é o emolivo da solidão, o colorista do Silencio. Um symbolista por indole, pôde ser.

Eu de mim soffro uma atracção irresistivel por este seu segundo trabalho. Parece que vejo na figura humilde daquelle velhinho que a miseria das ruas prostrou, depois de pedir a fortuna de uma esmola, a imagem dos que seguem no encalço da felicidade impossivel, do sonho irrealizavel, daquelles a quem a conquista enganadora do ideal deruba e estacam, martirisados e vencidos, quasi mortos, ante a ultima porta das illusões da Vida...

Rafael BARBOSA

Bahia.

# NOTAS & COMMENTARIOS

## A visita do nosso director á Bahia

Metivo de força maior impediu que o nosso director Sr. Elycio de Carvalho accedesse ao convite que lhe foi feito, pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, pela Academia de Letras Bahianna e pelo Centro Academico desse Estado, para visital-os por occasião das festas do centenario de Dois de Julho. Desejoso, porém, de corresponder a tão alta gentileza e para satisfazer ao pedido de realizar ali algumas conferencias, acredita o nosso Director lhe ser possível muito em breve visitar a Bahia. Não precisamos dizer o muito que nos sensibilizou esse gesto captivante das mais altas associações literarias bahianas para com o nosso Director, que recebemos como mais um applauso á orientação desta revista, no seu programma esforçado pelo Brasil. Porquanto toda a obra do Sr. Elycio de Carvalho se cristaliza nesta publicação, que é uma synthese viva do seu poderoso idealismo de combatente e de historiador. Para premio desse esforço e para compensar as amargas decepções dos que não transigem, convites dessa significação constituem o melhor incentivo a que podem esperar os que trabalham pelo seu paiz.

## O ensino primario obrlgatorio

O Sr. Tavares Cavalcanti, Deputado pela Parahyba, fez na Camara um vehemente appello, para o andamento do projecto que estatue a obrigatoriedade do ensino primario, questão que disse ser nacional, "porque é de toda humanidade, por assim dizer, que é interessada no desenvolvimento do espirito dos povos, no progresso das luzes da civilização, desenvolvimento e progresso que não se attuam sem uma perfeita diffusão do ensino, e, acima de tudo, o ensino primario".

Ninguem contesta que o projecto do ensino primario obrlgatorio seja salutar, mas todos sabem que a lei em questão não é, nem pôde ser, a panacéa ideal para o grande mal brasileiro.

Por isso que, num paiz como o nosso e processo de educação ha-de ser muito mais amplo e demasiadamente complexo, pois não só escolas primarias temos de fundar, senão escolas rurales, especializadas segundo as differenças regionaes, de sorte que o ensino seja systematico e racional. Não é preciso tão somente collocar a cartilha do A. B. C. na mão de cada brasileiro, mas ministrar uma instrução salutar, fazendo homens uteis e trabalhadores.

Só pela fusão do ensino primario com o profissional e rural obteremos o exito almejado. Como quer que seja, é de todo justo o appello do Sr. Tavares Cavalcanti, no seu discurso, do qual resumimos as considerações fíneas: "a obrigatoriedade do ensino desde já fica consagrada em these; mas o projecto estabelece, desde logo, causas de isenção, entre as quaes se encontra a da falta de escolas dentro de determinado perimetro.

A nossa primeira necessidade é de legislar sobre o assumpto, mas legislar com prudencia, com cautela, e sobretudo, com espirito decidido e não retrogradar, de não parar mesmo na consecução desse importante alvo.

É necessario que o Brasil conserve a sua posição no meio das nações civilizadas; e esta posição irá sendo perdida, se não tivermos a coragem e a firmeza necessarias para

encarar o problema da instrução. Porque é preciso não alimentarmos illusões sobre esta materia: é tão vertiginosa a marcha do espirito humano, são tamanhos os progressos de outros povos, desse ponto de vista, que o Brasil, só por não dar um passo, em um [anno pôde ficar atrazado dezenas de annos. Isto sabem todos que se preocupam com o importante problema.

O appello, portanto, que ora me coube dirigir á Camara, e, principalmente, á Commissão de Finanças, é feito com o intento que, estou certo, é o de cada um dos nobres membros desta Casa, é feito com o empenho que é o de todos os patriotas brasileiros com o ideal, que é o de todas as nações, desde suas fronteiras de norte até suas fronteiras do sul. É um appello que obedece aos sentimentos das nossas necessidades effectivas e, sobretudo, ao interesse pelo desenvolvimento desse espirito de solidariedade nacional, que deve fazer de cada brasileiro um operario do progresso e da grandeza da Patria.

É innegavel que todo o patriotismo nacional, sem as necessarias luzes para encaminhar, para dirigir a acção de cada um dos nossos concidadãos, não será sufficiente para que o Brasil atinja seus gloriosos destinos.

Confio que, antes de se findar a presente legislatura, este passo decisivo terá sido dado, no caminho do progresso nacional; terá sido organizado o ensino publico brasileiro, estabelecendo as bases para a cooperação de todas as forças vitais da nacionalidade.

## Sociedade de Concertos Symphonicos

O Senado Federal, rejeitando o "veto" do Prefeito Carlos Sampaio, á resolução do Conselho Municipal, que concedia uma subvenção a essa Sociedade, fez um beneficio á nossa arte, de todo indiscutivel. O esforço dispendido até hoje, pela "Sociedade de Concertos Symphonicos" é simplesmente admiravel, pois tem conseguido, com poucos auxilios e vencendo todas as difficuldades, constituir uma orchestra symphonica valiosa que, si não tem logrado maior exito, é pelo desamparo em que vive, impedindo seus professores de lhe dedicar maior numero de horas para ensaios. O facto é que, ao nascer, duvidaram tolos de seu successo, hoje inteiramente assegurado. Não se comprehende a negação do ex-Prefeito, que aliás, não se celebrizou por uma grande economia, na sua administração de "iniciativas", sobretudo quando a idoneidade da Sociedade estava a toda a prova, numa existencia, já longa e brilhantissima. Graças a ella, temos tido um aperfeçoamento da nossa cultura musical, favorecendo-nos a audição constante de grandes obras, algumas ainda desconhecidas á nossa platéa, bem como a inclusão nos seus programmas, das

partituras nacionaes, muitas das quaes tiradas do pó dos archivos. Bem haja pois o Senado pelo seu voto, que restabeleceu a decisão patriótica do Conselho Municipal.

Para gozar desta subvenção, a Sociedade de Concertos Symphonicos obrigou-se á executar, em cada um dos dias 20 de Janeiro, 7 e 20 de Setembro e 15 de Novembro, em praça publica, a ser indicada pelo Prefeito, concertos com 150 professores de orchestra, em que serão ouvidas sómente composições de autores nacionaes de reconhecido merito, organizados os programmas de accordo com a autoridade designada pelo governador da cidade. Obriga-se ainda a Sociedade a abrandar os actos solemnes do Conselho Municipal e da Prefeitura, fornecendo a orchestra para esse fim, sem onus para os cofres municipaes e a organizar quatro grandes concertos na abertura da temporada official do Theatro Municipal.

## Os chefes municipaes de Minas Geraes

O "Diario de Minas" publicou uma interessante estatística dos presidentes das camaras dos 178 municípios de Minas Geraes, segundo a profissão de cada um. Esses dados, colhidos por um dos secretarios do Congresso das Municipalidades, deram o seguinte resultado:

Lavradores.....	43
Commerciantes .....	24
Médicos .....	27
Advogados bachareis.....	28
Pharmaceuticos .....	21
Advogados provisionados.....	4
Sacerdotes .....	4
Proprietarios .....	3
Lavradores e commerciantes.....	3
Engenheiros agronomos .....	3
Professores .....	3
Engenheiros civis .....	2
Industriaes .....	2
Capitalistas .....	2
Cirurgião-dentista .....	1
Professor de Escola de Pharmacia.....	1
Agrimensor .....	1
Jornalista .....	1
Militar reformado.....	1
Lavrador e industrial.....	1

Total..... 178

É interessante observar que já se vae accentuando a tendencia de entregar os governos locais aos lavradores e commerciantes e, embora a percentagem ainda não seja decisiva, já significa o começo de libertação do politico profissional, que representa a entidade mais malefica e pernicioso do nosso paiz. Só os homens de trabalho têm capacidade para administrar, prevendo e provendo as necessidades publicas.

## Exportação da Bahia.



José Carlos Rodrigues

Foi um brasileiro illustre e que prestou ao seu paiz assignalados serviços. As homenagens que se lhe prestam nesta hora lutuosa são um preito sincero de agradecimento, ao mesmo tempo que lhe gravam indelevelmente a memoria, entre os que muito se dedicaram e só viveram pela sua Patria. Essa foi a feição dessa longa existencia, que se findou em Paris, a 28 do mez passado. Os traços biographicos que resumimos, são bastante significativos de seu grande merito.

Nascido em Cantagallo, cedo ainda, quando cursava o Collegio Pedro II, nesta Capital, fundou um jornal intitulado "O Genio", passando logo a collaborar em outros. Estando em S. Paulo, em cuja Faculdade de Direito se diplomou em sciencias juridicas e sociaes, pertenceu ao corpo de collaboradores do "Correio Paulistano" e de outros jornaes da capital do grande Estado.

Com 23 annos de idade, partio para os Estados Unidos da America e, alli, como correspondente do "Diario Official" e, logo depois, collaborador do "Jornal do Commercio", entregou-se inteiramente ao jornalismo, escrevendo em jornaes de Nova York e de Londres.

Sua primeira correspondencia para o "Jornal do Commercio", data de Março de 1868.

Redactor do "New York Herald", em 1870 fundou alli uma revista, "O Mundo No-

vo", que durante muitos annos dirigio e em cujas paginas escreveram diversos vultos de proeminencia, brasileiros e estrangeiros.

Dom Pedro II, quando visitou Nova York, em 1876, por occasião da Exposição Internacional de Philadelphia, subio as escadas do "Mundo Novo" para conversar com seu director.

Familiarizado com a lingua ingleza, conhecedor de finanças e versado em muitos outros assumptos, prestou numerosos serviços ao Brasil, encarregado de importantes e delicadas missões.

Entre estas, cita-se aquella que lhe confiou o Presidente Campos Salles, de um emtendimento com os capitalistas inglezes, do qual resultou a operação feliz que deu em resultado a encampação da estrada de ferro com garantias de juros.

Em Londres, collaborador do "Pall Mall Gazette", e de outros grandes orgãos, no "Times" escreveu ainda brilhantes artigos sobre o caso da escravidão brasileira, então em foco. Foi quando defendeu o Brasil de accusações que lhe foram feitas pelo então principe de Galles, depois rei Eduardo VII, em um discurso que este soberano proferio na "Anti Slavery Society".

Nesse celebre artigo o Dr. José Carlos Rodrigues, occupou tres columnas do "Times", pulverisando a argumentação do joven principe.

Lutador, desde o inicio de sua vida, o venerando morto tinha por lemna que o "tra-

balho sério e bem sustentado é o unico caminho ás posições eminentes em que nos possamos sentir felizes".

Em um memoravel discurso que proferio despedindo-se de seus companheiros e auxiliares do "Jornal do Commercio", que adpuz para a propagação de alveas e para a obtenção de negocios "...".

Nesse discurso exhortou os que ficaram no "Jornal", disse:

"Minha experiencia deve alertar a vós todos que trabalhaes no jornalismo como profissão insigne e que não abuseis dessa aura já para a propagação de alveas e para a obtenção de negocios...".

Um trecho do seu discurso vale por uma lição de moral e define o exemplo de energia que foi toda a sua vida. Esse trecho é o seguinte:

"Se eu subi á posição, que nunca me recl. de vosso director, foi pelo auxilio de Deus e de meu trabalho, do meu amor sincero pela profissão. Bemdigo sempre as terriveis afflicções que tive nos nove annos e tanto em que, sózinho nos Estados Unidos publiquei o "Novo Mundo". Quando, sem jornal nos oito annos de residencia em Londres, eu escrevia alli artigos que podia, mais sabia eu que cada vez que mandava aos meus patões os respectivos retalhos, accumulava eu, cada vez mais, a sua estima e o respeito que se manifestaram primeiro em 1868, quando

CALCANDO PRECONCEITOS

Assigna o trabalho abaixo a Sra. Zorayda Braga, que na Bahia é uma das abnegadas lutadoras pela emancipação da mulher. A "America Brasileira" honra-se em publicar a pagina da distincta senhora, especialmente

escripta para o presente numero.

Mão grado nosso, fomos interrompidos no principal ponto da nossa conversação — a queda da mulher por falta de recursos.

Reclamavam a minha presença na sala de danças, fui forçado a me retirar, promettendo, na primeira oportunidade, voltar ao thema da palestra tão calorosamente enctada, e agora o venho fazer por escripto.

Apresento-lhe um estudo:

Ha um mez, precisamente, fui informada de que uma menina descendente de boa familia fôra desviada (como geralmente se diz) do caminho da honra.

Entre duvidosa e penalizada dei-me pressa em visital-a.

Recebeu-me com affecto, e, logo após os primeiros saudares, com a maior simplicidade, interrogou-me:

— Já soubeste do meu novo estado?

A' singeleza da pergunta impunha-se a mais respeitosa sinceridade. Respondi-lhe:

— Sim, falaram-me algo sobre a tua amizade com F..

— Pois é a verdade.

— E como foi isso?

— Do modo mais simples — confiança e interesse..

— Oh!... assim?...

— Admiras-te? não sei porque...

Bem sabe a vida que tenho supportado desde os meus quinze annos. Perdi meu pai, ficando na penuria, sem recursos e sem amparo, minha pobre mãe invalida, completamente paralytica, atirada a um estrada, lastimavel...

— Mas, intelligente como és, instruida...

— Nada, minha amiga... Quiz trabalhar, pedi empregos, perdi tempo, foi tudo em vão. Orphã, sem arrimo,

exhausta de esperar melhores dias, achei que faria bom negocio entregando-me a F., a quem nem sequer tinha a felicidade de amar!...

— Deves ter soffrido muito!...

— Não... estou satisfeitissima...

Elle está em optimas condições financeiras, cerca-me do preciso conforto, a mim e a minha adorada mãe, por quem padeci as maiores torturas d'alma, vendo-a quasi morrer á mingua...

Nem quero pensar; o que passou, passou...

— Foste precipitada talvez... devias ter persistido mais, tentado um meio de vida qualquer...

— Qual? Ser creada?... Mesmo assim, a quem confiar a pobre martyr?

— E por que não recorrestes aos teus primos, o Evandro e o Luiz? Estão bem, ambos collocados...

— E's ingenua... Tentaram seduzir-me e eu preferi entregar-me a um extranho. Ah! um horror a minha triste vida!...

— E a pobre velhinha?

— Coitada! A principio chorou... chorou muito... mas já está conformada; procurei convencel-a de que a vida é isso mesmo — cada qual cuida do que melhor lhe convém e cumpre o que lhe está prescripto pelo destino. Olha, já parece outra, as côres lhe voltam e o olhar tem outra expressão de vida! Nada lhe falta...

O nosso mal, tem sido, filha, o que-remos alterar a face das cousas — transformar o mundo... A mulher deve ser amparada pelo homem — isto deve constituir lei — deve elle trabalhar para que nós gozemos o producto do seu labor... principalmente se temos encantos. E' csse, a meu ver, o papel que deve representar a mulher na vida social. O mais são utopias irrealizaveis e nós seremos sempre burladas se pensarmos e procedermos de outro modo.

— Estás enganada! — retruquei-lhe.

— Quando m'ô provares ao contrario!...

— Lastimo esse teu modo irreflectido de pensar e de agir, mas comprehendendo que a dôr tenha produzido taes

descalabros no teu character. Vejo, entretanto, que no amago continua a mesma a tu'alma de escol, apenas turbada pelo infortunio.

— Nenhuma almejou mais do que eu ser pura, honesta, e desfructar das homenagens dessa sociedade hypocrita que hoje considero execranda e miseravel!...

— Tens razão! Mas não pccas no futuro?

— O futuro, sempre ouvi dizer — *Deus pertence!* Quando este se aborrecer de mim tomarei outro, — isso é o menos...

— E's uma revoltada!...

Despedi-me consternada, dizendo-lhe — Deus te ampare!

Subito, duas torrentes de lagrimas da mais intensa emoção, cavando profundos sulcos, deslisaram pelas rosadas e setineas faces da mais bella e delicada das minhas camaradas de infancia.

De volta, pelo caminho, reclinada nas almofadas do "phaeton" vinha eu absorta, scismando, a recordar o brocardo:

"Bem creada e malfadada!"

Diga-me agora o bom amigo se diante de provas taes poderá contestar quanto lhe hei affirmado... A mim não seria difficil citar-lhe uma infinidade de casos congeneres.

Transcorridos alguns dias tive a ventura de receber do meu distincto delicado amigo Dr. C., uma carta do seguinte teor:

"Minha senhora,

Começo a sympathizar e a tomar interesse pela causa que defende com tanto ardor

A narrativa da vida da sua desditosa amiga me sensibilisou sobremodo, principalmente no topico em que ella diz: — A quem nem sequer tinha a felicidade de amar!...

Adopto a sua opinião: — A mulher deve ser independente, trabalhando como nós homens o fazemos, — o que de modo nenhum a inibe de consagrar o seu amor a quem mais lh'o mereça.

Estarei comtigo e luctarei pela victoria social da soberana do mundo pela graça e pelo amor — A Mulher."

Zorayda BRAGA

Bahia.

pensaram em substituir por mim o Dr. Luiz de Castro, então fallecido, e em 1890, quando propondo Eduardo Prado a aquisição do "Jornal do Commercio" para mim e amigos meus, elles desde logo com muito gosto me deram o seu preço e informações que desajava ter, de caracter reservadissimo.

Foi pois, pelo trabalho que me elevou. Não forcei portas, não saltel janellas, da casa a se não tinha, pelo seu tirocinio, entrara franca"

### Os grandes centros yankees

As novas estatísticas publicadas pela repartição competente dos Estados Unidos indicam que a população das principais cidades vai sempre em augmento. A America do Norte conta 68 cidades de mais de 100.000 habitantes, das quaes 12 ultrapassam de 500.000. Estas doze são: Nova-York, com 5.295.625; Chicago, 2.886.121; Philadelphia, 1.922.788; Detroit, 995.668; Cleveland, 888.519; São Luiz, 803.853; Baltimore, 773.850; Boston, 770.400; Los Angeles, 666.853; Pittsburg, 613.442; São Francisco, 539.058; Buffalo, 536.718. No Brasil, as grandes cidades estão longe de attingir a esse numero collossal de habitantes, pois os mais povoados accusam estes numeros, segundo o recenseamento de 1920: Rio de Janeiro, 1.157.875; S. Paulo, 579.033; S. Salvador, 283.422; Recife, 238.843; Belém, 236.402; e Porto-Alegre, 179.263. A população de Nova York é quasi igual á do Estado mais populoso do Brasil, que é o de Minas Geraes, pois a cidade americana tem 5.293.625 e o Estado brasileiro, 5.888.174, e é superior á população de todo S. Paulo, de 4.592.188. Chicago tem população superior ao Rio Grande do Sul e Pernambuco, e Philadelphia a tem superior ao Ceará e ao Rio de Janeiro. Mas, havemos de chegar até lá...

### A orthographia portugueza

O Sr. Oliveira Lima já ergueu a voz contra a orthographia official portugueza. Insurgiu-se, por seu lado o Sr. Agostinho de Campos contra aquillo que chama de chaos graphico, reclamando a applicação da orthographia decretada officialmente em 1911.

A comissão reformadora, porém, não foi capaz de contentar a todos. Pelo contrario. Um dos seus membros, o professor Adolfo Coelho chegou mesmo a escrever que reconhecia "a necessidade de uma reforma orthographica, mas difficuldades praticas são tão grandes que só um espirito temerario pôde julgar que é facil dictar leis sobre a materia". Outro membro da comissão reformadora, o notavel professor Sr. J. J. Nunes, no seu *Compendio de gramatica historica portugueza*, (pag. 189) divide a historia da orthographia portugueza em dous periodos: o periodo phonetico desde os principios da lingua até o seculo XVI e o periodo pseudo-etymologico, desde o seculo XVII até agora.

A opinião do Sr. Oliveira Lima é que "há toda, absoluta conveniencia em que a orthographia seja identica entre portuguezes e brasileiros, e com pequenas modificações, que-ro dizer simplificações, a orthographia ety-

mologica que foi a de João de Barros, a de Vieira e a de Herculano, podia ter continuado a servir-nos a todos, assim mantendo e robustecendo a continuidade philologica"

Commentando essas diversas opiniões, o Sr. Alfredo Pimenta, pondera:

"A orthographia official portugueza nem é sonica, nem etymologica: mas tem mais tendencias sonicas do que etymologicas. E é o proprio Sr. José Joaquim Nunes que me dá razão quando escreve a pag. 194 dessa obra: "por meio dellas (as regras de orthographia apresentadas pela comissão de 1911), resuscitou-se a antiga graphia, genuinamente portugueza, e acabou-se com o deslumino do latim e do grego, todavia, escriptas conserva ainda a orthographia ultimamente assente que se afastam das seguidas antes e

conformes com a etymologia. Terminando as suas considerações fundadas em boa logica, o Sr. A. Pimenta preconisa a orthographia rigorosamente etymologica, — "que é ainda a que menos fere as tradições" e é capaz de conquistar mais adeptos"

A orthographia simplificada não obteve grande exito no Brasil, raros são os escriptores brasileiros que a adoptaram, e aos argumentos do Sr. Alfredo Pimenta pôde-se acrescentar que o maior numero de lettrados dos dous paizes, após mais de dez annos, não parece querer seguila. Isto não é sem valor. Quanto a nós, os nossos leitores terão visto que a *America Brasileira*, sempre eclectica e liberal, tem respeitado ambas as orthographias, não se considerando autorisada a rectificar os textos dos seus collaboradores dos dous paizes.

## O HYMNO DE DOUS DE JULHO

Além dos hymnos da Independencia e o Nacional, temos ainda o Hymno 2 de Julho que celebra a entrada triumphal do exercito pacificador na Bahia, cuja composição musical pertence a José dos Santos Barreto, tendo também cahido infelizmente nas trevas do incongnito a autoria literaria.

O hymno 2 de Julho, que é mais um hymno de victoria do que um canto de guerra, é também uma composição de grande folego e de uma urdidura altamente artistica.

E' realmente bello e edificante ouvir-se annualmente no dia 2 de Julho, após a chegada dos emblemas da independencia bahiana, conduzidos por dezenas de batalhões patrioticos, symbolizando a entrada triumphante do exercito pacificador na Bahia, este hymno cuja introdução em *crescendo* parece uma cata-dupa formada pelo sangue derramado pelas victimas heroicas da Independencia e cujo canto bello, sublime e adoravel parece mais um hymno de graças, ou por outra, um d'aquelles *Te-Deum* attribuidos a S. Agostinho e S. Antonio, no qual debaixo de toda a solemnidade se rendiam graças a Deus por uma victoria alcançada.

Dir-se-á um canto inspirado pela luz do Divino Espirito Santo e portador das bênçãos celestias aos martyres de nossa Independencia.

Nasce o sol ao Dous de Julho  
Brilha mais que no primeiro  
E' signal que n'este dia  
Até o sol é brasileiro.

Nunca mais o despotismo  
Regerá nossas acções  
Com tyrannos não combinam  
Brasileiros corações.

Salve, oh! rei das campinas  
De Cabrito e Pirajá  
Nossa patria hoje livre,  
Dos tyrannos não será.

Cresce, Oh! filho de minha alma  
Para a patria defender,  
O Brasil já tem jurado  
Independencia ou morrer.

Guilherme de Mello.

## PARC ROYAL

### ARTIGOS PARA HOMENS

Vasto sortimento de casimiras de todos os padrões — Roupas brancas — Collarinhos, Punhos, Meias e Gravatas — Artigos de viagem e accesorios de toilette — Chapéos, Calçados, Guarda-chuvas, Bengalas, etc.

## PARC ROYAL

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

# NOTULAS

Em 23 de Abril deste anno, foi celebrado na Inglaterra, o terceiro centenario do aparecimento do primeiro volume das obras de Shakespeare, conhecido no mundo inteiro como o "First Folio", e intitulado *Mr. William Shakespeare's Comedies, Histories, and Tragedies*. Acredita-se que essa edição tivesse sido de 500 exemplares, tendo mil paginas, em volumes duplos. Ha o retrato do grande Will. por Droueshout, que hoje é muito conhecido pelas numerosissimas reproduções. Quanto ao texto, está muito viciado, com varios erros e uma pontuação absurda. Restam hoje 172 exemplares dessa edição preciosissima, sendo 105 na Inglaterra, 60 nos Estados Unidos, 3 nas colonias ázias e 2 na Europa. O exemplar pertencente á celebre Bibliotheca de Oxford, tem ainda a sua historia. Em 1623 foi-lhe offerecido, um volume, e, em 1624, apparecendo uma melhor edição o exemplar *princips* foi vendido. Por quasi tres seculos esteve perdido e, em 1905, foi encontrado numa bibliotheca particular, a que foi adquirido por 3.000 libras esterlinas ou 48.000\$000, ao cambio brasileiro de então, sendo que, ao cambio de hoje, seria cerca de 135.000\$000.

O Governo da Italia propoz o nome do Sr. Epitacio Pessoa, para succeder Ruy Barbosa no Tribunal de Justiça Internacional, da Liga das Nações.

Discute-se a possibilidade de levantar o "Lusitania", o grande transatlantico, que a guerra submarina, num requinte de barbaria, afundou. O navio, cuja carga é preciosissima e se avalia em 6 milhões de dollars, ou 54 mil contos de réis, está a oito milhas da costa irlandeza e a 73 metros de profundidade, o que torna possível o projecto de levantamento, cu, pelo menos, de salvar o casco, em cujo bojo ha tamanha riqueza. O engenheiro americano Sr. Bliss Leavitt concebeu um plano de escaphandros espediaes, que serão em bronze, devendo pesar 175 kilos na superficie e 40 na immersão. O ar será fornecido de sorte que o escaphandrista possa permanecer 3 horas mergulhado e será ligado, telephonicamente, ao navio soccorro. O Sr. Leavitt conta destruir, a dynamite, os armozes que estão sobre a caixa forte de bordo, onde estão os valores, metaes e joias de grande preço. A caixa forte e o seu conteúdo seriam retirados por um guindaste de 30 toneladas.

O jury francez do concurso de litteratura espiritualista deu o "Premio Claire Vrenque" de 3.000 francos, ao Sr. André Dumas, autor do livro *Ma petite Vierge*, e á senhora Marie Gasquet, autora do livro *Une fille de Saint François*.

No dia da morte de Sarah Bernhardt todos os theatros francezes trabalharam. Trabalharam pela sua gloria. Por proposta do Sr. Sacha Guitry os autores e actores deram uma parte dos seus vencimentos e proventos para a estatua da gloriosa Sarah. Abriu a subseripção a actriz Mistinguett, que subscreveu todos os seus honorarios dessa noite de luto para o teatro mundial e muito especialmente para o francez.

Para commemorar o tricentenario da morte de Cervantes, o Governo hespanhol fez publicar uma edição especial, em quatro volumes, do "Don Quixote" Essa edição é limitada a 125 exemplares e illustrada com cerca de 200 gravuras, trabalho do artista hespanhol D. Ricardo Marin. Os exemplares serão distribuidos apenas entre as personalidades mais distinctas da Hespanha, ao Papa Pio XI, ao Rei Jorge e ao Rei da Italia. Os exemplares do Papa, do Rei Jorge e do Rei Victorio Emmanuel serão entregues com uma dedicatória autographa do Rei Affonso.

Foi o seguinte, o custo da grande guerra, em milhões de dollars: Franca, 37.581; Italia, 14.794; Russia, 20.500; Grã-Bretanha, 48.944; Allemanha, 49.362; Estados Unidos, 33.456. Dividas inter-alliadas, 23.658; varias, 42.485; total, 270.780. Reduzindo-se essa cifra monstruosa a dinheiro brasileiro, pelo cambio actual, temos que o custo da guerra, em mil réis, foi de 2.672.410.000:000\$000! Eis um algarismo que é de todo impossível conceber, mesmo pelos Fords e pelos Rockfellers.

"El Sol", de Madrid, num artigo sobre a America do Sul, diz que se accentua a intervenção do Brasil e da America Hespera.

nhola nas assembléas internacionaes. A Europa sorprehendeu-se com a existencia de personalidades sul americanas de forte mentalidade e vasta cultura, que em muitas occasiões superaram prestigiosos nomes europeus. Diz que a Hespanha deve tomar o exemplo da vida americana e procurar solucionar todos os seus problemas legais e sociaes.

Na primeira sessão da Corte Permanente de Justiça Internacional, na qual tinha assento Ruy Barbosa, o seu presidente, Sr. Lodge, fez um empolgante necrologio do Mestre, em palavras honrosissimas para o Brasil. Assim findou: Teve assim termo essa vida tão fecunda e tão cheia, que fazia exclamar: "Ha em Ruy Barbosa a força de muitos homens, dos quaes, cada um é por si um homem de primeira ordem". Se essa perda foi grande para o Brasil, igualmente o foi para o mundo".

O aperfeiçoamento da educação do povo e dos conhecimentos medicos tem contribuido para diminuir o numero de cegos nos Estados Unidos. De 57.272, que existiam em 1910, estão reduzidos a 52.617, ou sejam 50 para 100.000 habitantes, o que dá uma média de 1 para cada 2.000 habitantes. Os homens predominam sobre as mulheres, na proporção de 3 por 2. A cegueira mais commum é entre os indios, 200 cegos por 100.000 habitantes, e depois, entre os negros, 60 por 100.000 habitantes.

As ultimas estatisticas da construcção naval, nos diversos paizes, se referem a 1921 e accusam os seguintes algarismos totaes:

PAIZ	NAVIOS	TONELADAS
Inglaterra, . . .	804	1.596.272
Estados Unidos	292	1.303.735
Allemanha, . . .	241	622.762
Japão, . . . . .	119	424.284
Hollanda, . . . . .	292	292.586
França . . . . .	119	223.974
Italia, . . . . .	62	205.592

O maior surto é accusado pela Allemanha que, em Maio de 1922, tinha em estaleiros 230 navios, com 1.250.000 toneladas. Pelas novas combinações, a Allemanha reconstituiu

sobre seu pavilhão, em 1° de Janeiro de 1922, 2.438.000 toneladas, quando, em 1910, depois do tratado de Versalhes, só lhe sobravam 419.000 toneladas.

O Sr. Raiberti, Ministro da Marinha da Franca, organizou o seguinte programma naval para a Franca, de accordo com as decisões da Conferencia de Desarmamento de Washington: 117.800 toneladas de navios de linha; 360.000 toneladas de cruzadores e torpedeiros; 60.000 de navios porta-aviões; 65.000 de submarinos.

O ultimo senso procedido nos Estados Unidos, com referencia a criação, accusa os seguintes algarismos: Animaes domesticos, 200.000.000 de cabeças; aves, 400.000.000; gado vaccum, 68.000.000; suino 62.000.000; ovino e caprino, 39.000.000; cavallar e muar, 27.000.000. O Estado de Texas, sómente tem 6.362.709 cabeças de gado vaccum; enquanto que o de Iowa tem 7.945.620 cabeças de gado suino. O numero de gallinhas criadas em 1919, foi de 473.301.959, e a produção de ovos foi de 1.654.044.932.

Durante o anno de 1922, importámos 2.772 automoveis, no valor de . . . . . 20.997.988\$000. Os paizes que maior numero nos remetteram foram: Estados Unidos, 2.265; Italia, 243; Allemanha, 121. Desses 2.772 automoveis, 1.171 desembarcaram no Rio de Janeiro, 930 em Santos, 280 em Porto Alegre, 216 no Rio Grande, 88 em Fortaleza, 21 em Recife, 17 na Bahia, 14 em Natal, 9 em Cabedello, 7 no Maranhão, 5 em Sant'Anna do Livramento, 4 no Pará, 3 em Jaguarão, 2 em Porto Murtinho, Pelotas, Florianopolis e 1 em Maceió.

O numero de cigarros norte americanos vendidos em 1922 foi de 12 bilhões, contra 2 bilhões vendidos antes da guerra, em 1913. A exportação no anno passado foi para 80 paizes, enquanto em 1913 não ultrapassou de 50. O valor dos cigarros exportados em 1922 foi de 24 milhões de dollars, approximadamente, enquanto o dos exportados em 1913 foi inferior a 3 milhões. O maior consumo de cigarros yankees se faz no Oriente, tendo a China importado em 1922 8 bilhões e meio, ou seja mais de 2/3 da exportação total, constando cerca de 17 milhões de dollars.

## ALTERAÇÕES DA DIVIDA EXTERNA FEDERAL

	Augmento	Diminuição
	£	£
1888 a 1897.....	11.745.600	—
1897 a 1898.....	1.033.989	—
1898 a 1900.....	2.962.022	—
1900 a 1905.....	31.368.186	—
1905 a 1909.....	8.571.944	—
1909 a 1910.....	8.313.835	—
1910 a 1913.....	16.821.563	—
1913 a 1914.....	—	1.283.033
1914 a 1915.....	6.139.938	—
1915 a 1916.....	3.703.530	—
1916 a 1917.....	—	132.893
1917 a 1918.....	4.223.470	—
1918 a 1919.....	—	150.260
1919 a 1920.....	—	356.504
1920 a 1921.....	10.060.629	—
1921 a 1922.....	3.829.140	—
<b>Totales</b> .....	<b>108.673.832</b>	<b>1.922.692</b>

### RESUMO

Total da divida em 1888 .....	22.951.700
Augmento de 1888 a 1922 .....	108.673.832
	<b>131.625.532</b>
Diminuição de 1888 a 1922 .....	1.922.692
Divida actual (1922) .....	<b>129.702.840</b>

(Serviço especial e exclusivo da "S. A. Monitor Mercantil".)

# Portugal

Julio Dantas

Têm sido tantas e tão significativas as homenagens que a intellectualidade brasileira tem tributado ao illustre escriptor português, Sr. Julio Dantas, num effusivo tributo de admiração, que parece desnecessario realçar-lhes o brilho incomparavel e o desusado fulgor. O seu nome de poeta, de chronista e de historiador, sem esquecer por igual os meritos de politico do maior destaque, nos é tão caro e tão familiar, como de nossos escriptores predilectos, e o ensino de sua vinda ao Brasil, apenas permittiu que ouvisse o rumor dos applausos e das aclamações das bocças brasileiras. Realmente, como observou o Sr. Afranio Peixoto, entre nós, depois do principado de Eça de Queiroz, veiu o de Julio Dantas e desde o triunfo da Ceia dos Cardeaes, nenhum escriptor lusitano logrou mais exito e leitores de maior estima. A sua vinda ao Brasil, porém, liga-se aos mais altos intuitos, quaes sejam os de convidar a Academia Brasileira para colaborar com a Academia de Sciencias de Lisboa, de que é presidente o nosso illustre hospede, no dictionario da lingua portuguesa, que de ha muito (antes de existir a nossa Academia) tomara a si a realização. A immediata acquiescencia do nosso alto cenaculo literario, accetando em principio o convite, e a nomeação de uma commissão technica para se entender com a associação Lisboa sobre a manciã de effectivar esse trabalho conjunto, demonstrou de um modo absoluto o interesse e o carinho com que foi recebida a honrosa solicitação da Academia de Sciencias de Lisboa. Constitue esse, mais um traço significativo de cordialidade intellectual entre os dois paizes, de agora marcado pelo alto espirito do Sr. Julio Dantas. Explicando em linhas geraes, o dictionario projectado, disse o illustre escriptor:

"Dispõe a Academia de uma verdadeira montanha de vocabulos que têm sido colligidos e trabalhados desde os fins do seculo XIX. Isto representa uma formidavel riqueza, que mercê de circumstancias varias, não pôde, até agora, ser aproveitada.

Mas a Academia de Sciencias de Lisboa conta, hoje, em seu seio, philologos innumerados e eminentes, que por minha instancia e por meu incitamento, se resolveram, finalmente, a trabalhar e comprehender que não é possivel prolongar por mais tempo essa indifferença daquella Academia pela sua principal funcção, qual a de organizar o grande dictionario da lingua. Nomeou-se uma commissão e esta trabalha activamente.

Pouco importa que esse dictionario seja lexicologico ou seja um dictionario etymologico.

A commissão etymologica é presidida pelo eminente philologo, Sr. Leite de Vasconcellos, que se encarrega principalmente de etymologia. Faz parte della o professor de grego da Faculdade de Letras, Dr. José Maria Rodrigues, que se occupou de etymologia grega. O professor Dara, da mesma Faculdade, occupou-se da etymologia arabe; e Esteves Pereira, que se occupou da etymologia das palavras derivadas das linguas orientaes.

Ha, tambem, uma commissão de distincção dos vocabulos vulgares, que é presidida por Candido de Figueiredo e que é constituída por mais quatro academicos.

Outra commissão é a de definição dos vocabulos technicos que é presidida pelo Dr. Virgilio Machado, encarregado especialmente de attribuir uma nova lexicologia, uma attribuição exacta e preciosa de todas as palavras technicas. Sabem v. r. e. r. que, em geral, em todos os dictionarios portuguezes, as palavras technicas têm uma definição precaria.

Ha, ainda, uma commissão, presidida por Henrique Lopes de Mendonça, que se occupa especialmente dos vocabulos obsoletos e seu ensino. E, por ultimo, uma secretaria geral, que centralisa e synthetisa os trabalhos realizados pelas varias comissões.

Não é pois um simples ensejo que se nos apresenta para applaudir o poeta, esse que nos favorece a visita do Sr. Julio Dantas, mas representa a sua vinda ao Brasil uma feliz oportunidade para a contribuição brasileira

numa obra gigantesca e que marcará para o futuro um dos grandes esforços pelo patrimonio commun, do mesmo idioma. Não é preciso ajuntar muito mais a essa simples noticia, em que a America Brasileira desce apenas significar ao notavel escriptor português o entusiasmo com que se congrega nesse ambiente de sympathia e de calorosa admiração por um dos expoentes maximos da intellectualidade da Patria irmã.

## Afranio Peixoto e Portugal

O Presidente da Academia Brasileira enviou á Academia de Sciencias, de Lisboa, por intermedio do illustre escriptor e diplomata Alberto d'Oliveira, uma communicacção sobre poesia popular, communicacção interessantissima e em que mais uma vez se demonstra, de maneira indiscutivel, as profundas raizes de que o Brasil deixou o sentimento portuguez. O facto é digno de registro, não só pelo assumpto pelo valor dessa communicacção.

## O mar algarvio

Foram as aguas do mar algarvio, faldadoras desde nascença, que revelaram ao Infante o mysterio das aguas do caminho da India; foram as aguas do mar algarvio, amigas de conversar, que disseram ao Infante o segredo das aguas da grande America. Por isso, foram ellas, rutilas e azues — azues como o céu e rutilas como o sol — que trouxeram ao velho mundo a convivência fraternal dos mundos novos. A ellas deve a Europa do Renascimento as maravilhas das terras de Pretes-João e o esplendor das gemas de Ophir. A ellas, e esta é a sua maior gloria, deve a humanidade dos tempos modernos a prodigiosa opulencia das terras de Santa Cruz, corpo fecundo da alma brasileira — corpo bemdito, alma de luz em que o suor e o espirito do Portuguez floresceram em immortalidade. Na immortalidade, que é a abundancia eterna, a eterna juventude do sólo de prodigio que do Amazonas desce ao Paraguay. Na immortalidade, que fez da lingua dos Lusíadas, do lyrismo de Bernardim, do colorido de Nuno Gonçalves, da eloquencia de Antonio Vieira, os irmãos gemeos do cruzeiro do Sul, os que hoje, e amanhã, e por todo o sempre, invocando só alguns dos mortos, hão de chamar-se José Bonifacio, José do Patrocinio, Castro Alves, Gonçalves Dias, Fagundes Varella, Pedro Americo, Rio Branco, Ojavo Bilac, Ruy Barbosa — o formidavel, o universal Ruy Barbosa!

SOUZA COSTA.

como ainda pelo intuito que o determinou — estabelecer intimas relações de camaradagem entre as duas instituições, que de qualquer modo representam a mentalidade dos dois paizes. E deve-se ao convicto e sincero lusofilismo do Presidente da Academia Brasileira, Afranio Peixoto, que, pouco depois de eleito para esse cargo, immediatamente quiz accentuar o seu amor e o seu respeito a Portugal.

Em um bello artigo, João de Barros reclama para Afranio Peixoto a situação que elle merece nas lettras portuguezas, sendo ainda pouco ou mal conhecido em Portugal. O grande escriptor lusitano, depois de estudar e louvar a *Fructa do Mato*, que compara com certas heroínas de Camillo e de Malheiro Dias, caracteriza *Bugrinha* como segue: "*Bugrinha* é um livro de incomparavel, de seductor encanto. E é um typo de mulher de inesquecivel educação. Della diz Afranio Peixoto: "*para descrevê-lo extravasei o coração cheio. Na rudeza do nome quiz exprimir a primitiva simplicidade de coração que, de mulheres, ainda quando encoberto por conveniências, apparatus, temores, urbanidades e civilização é*

sempre bello, e que ha de mais bella na vida." *Bugrinha* é uma flôr do sertão, uma alma primitiva e doce, que se perdeu por muito amar, e que tudo sacrificou ao seu amor impetuoso e simples. Mas, assim medrando e morrendo no interior do Brasil, ella surge-nos, na immortalidade que o supremo milagre do genio lhe conferiu, no mesmo cantinho do céu em que já se abrigam as suas irmãs daquem Atlantico".

## O Brasil e os brasileiros em Portugal

A amizade de Portugal para o Brasil é hoje um facto tão comprovado que inutil se torna voltar a lembrar as suas manifestações. E' nos todavia um prazer sempre novo citar as declarações dos grandes portuguezes a esse respeito. Eis mais uma nova prova: as declarações feitas pelo notavel romancista Lusitano Souza Costa, quando chegou ao Rio, que só pôdem nos encher de justo orgulho: "A' minha despedida, disse o Sr. Souza Costa, quando embarquei para aqui acudiram dezenas de dezenas de amigos, que me foram levar o seu abraço de boa-viagem. Dentre essas pessoas, desde o Sr. Presidente da Republica, ao meu querido amigo Mario de Almeida, o emotivo prosador da "Cidade Formosa" havia muitos que tinham vindo já ao Brasil. Pois nenhuma dellas me lamentou, por eu vir ao Rio, antes todas se lamentaram por não virem commigo. O Sr. Dr. Antonio José de Almeida affirmava-me, na sua voz quente de tribuna, que eram tão grandes as suas saudades pelo Brasil, e tão grande a sua gratidão pelos carinhos de que o cercaram, que nunca poderia exteriorizar sufficientemente uma e outra. A Sra. D. Branca de Gonta Colaço, a dona patricia e poetisa admiravel das "Horas de Sésta", que aqui esteve, ha annos, dizia-me o seu encantamento pelo Rio e por S. Paulo, a sua magua por não poder voltar tão cedo a renovar-o. A Sra. D. Margarida Tavares, escriptora de vastos recursos, que sahio do Rio onde viveu oito annos ha de haver tres annos, não fazia senão carpír-se pela dôr de não vir connosco — commigo e com minha mulher. Carlos Malheiro Dias que nessa mesma manhã, no "Diario de Noticias", publicára um formosissimo artigo enaltecendo os progressos desta cidade, apontando-a á vereação de Lisboa como exemp'o do que vale o esforço e a vontade dos homens orientados no sentido do verdadeiro patriotismo, affirmava-me com desusada emoção: — Você vae encontrar uma das mais bellas cidades do mundo. E era Carlos Reis, o eminente pintor da natureza e da vida, que não lembra o Brasil sem lagrimas nos olhos, e era o seu filho, o lyrico pintor João Reis, e o insigne aguarelista Jorge Colaço, e seu filho, o forte possuidor do "Através do Oceano", Thomaz Ribeiro Colaço, que passou pelo Brasil no anno passado, eram os fulgurantes jornalistas Lorrjô Tavares e Jayme Victor, era Mario de Almeida, que viveram no Brasil alguns dos seus melhores dias, eram todos, mesmo os que o não conhecem senão pelo que delle têm ouvido, a felicitarem-me pela minha viagem, a lamentarem-se por não lhes ser possivel tomar a meu lado um camarote do "Andes".

Em Portugal, nesta data, um brasileiro, para ser recebido em toda a parte com deferencias de excepção, não precisa levar cartas credenciaes. Basta apresentar-se e declinar a sua qualidade nobiliarchica de filho do Brasil: todas as portas se lhe abrem, abrem-se-lhe todos os braços.

## Os novos contos de Joaquim Leitão

Joaquim Leitão acaba de publicar um novo livro de contos, *Corpos e Almas*, em que o illustre escriptor e academico conserva o pittoresco vigor do esty'o, toda a riqueza do vocabulario, todo o fogo da concepção, todo o poder de dramatizar os seus enredos, — numa palavra, todas as qualidades de novellista que fizeram a reputação litteraria do autor de *Cabeça a Premio* e de *Varre-Canêlhas*.

**Os estudos anthropologicos do professor Mendes Correia**

A Academia de Ciencias de Paris acaba de publicar em *compte-rendu* mais uma interessante communicação feita á mesma Academia pelo illustre professor das Faculdades de Ciencias e Lettras da Universidade do Porto, Sr. Dr. Mendes Correia, a qual representa um estudo notavel sobre o osteometria portugueza. O mesmo eminente professor, que é sobejamente conhecido nos meos scientificos do estrangeiro, acaba de ser citado com muito louvor num trabalho de alto valor scientifico do illustre professor da Academia Real de Ciencias de Amsterdam, Sr. Kleiweg de Zwaan, que, tratando da "Antropologia physica no archipelago indiano e regiões adjacentes", se refere ás investigações do notavel anthropologista portuguez feitas directamente em alguns esqueletos de Timor, ficando distinctamente provada a existencia do elemento malaio e papreano na população da ilha. O trabalho do professor Kleiweg de Zwaan que é uma contribuição importante sobre a "Historia e estado presente da investigação scientifica nas indias orientaes holandezas", acha-se escripto em inglez e é illustrado com retratos de anthropologistas eminentes, figurando tambem nessa galeria o Sr. Dr. Mendes Correia.

**Uma missão scientifica visitou a França**

A convite das principaes universidades francezas, uma missão scientifica portugueza foi visitar a França em Maio. Presidida pelo professor Gomes Teixeira, o illustre mathematico, a missão portugueza, composta tambem dos professores Dr. Eugenio de Castro, da Faculdade de Lettras de Coimbra, e Dr. Celestino da Costa, da Faculdade de Medicina de Lisboa, recebeu o mais significativo acolhimento por parte das Universidades de Paris, Bordeaux, Lyon e Toulouse.

Sob a presidencia do Sr. Appell, reitor da Universidade, a *Société des Rapprochements Universitaires* offereceu na capital franceza um banquete á missão scientifica portugueza, tendo comparecido todos os mais illustres representantes das ciencias francezas. O primeiro brinde foi levantado pelo reitor M. Appell, que saudou Portugal, o ministro portuguez e os tres professores actualmente em Paris. Destacou com grande elogio a obra de Gomes Teixeira, em especial o seu tratado das curvas, conhecido em todo o mundo, e referiu-se aos "Annaes Scientificos da Academia Polytechnica do Porto", importante publicação onde têm collaborado numerosos francezes.

Respondeu o professor Gomes Teixeira, que agradeceu a captivante recepção feita á missão portugueza, saudando as universidades francezas na pessoa do illustre reitor da Universidade de Paris. Fallou largamente sobre a influencia da cultura franceza no seu espirito e em Portugal. O discurso do sabio portuguez, ouvido com muita attentão, causou a melhor impressão.

A Universidade de Toulouse fez o professor Gomes Teixeira doutor *honoris causa*.

**Congresso Medico Luso-brasileiro**

O Dr. Jorge Monjardino acaba de realizar uma conferencia na Sociedade de Ciencias Medicas de Lisboa. Foi a muitos titulos uma notavel dissertação, escreve um jornal lisboeta, durante a qual o espirito observador desse homem de ciencia teve occasião de se paten-tear, na explanação do thema "A Medicina Social no Rio de Janeiro"

Depois de aberta a sessão, e antes que o professor Monjardino começasse a sua conferencia, o Dr. Costa Sacadura fez uma calorosa saudação ao Brasil, congratulando-se com a presença do seu embaixador, na pessoa do qual saudou a intellectualidade brasileira.

Mostrando a necessidade do melhor conhecimento da ciencia medica brasileira, o Dr. Jorge Monjardino referiu-se pormenorizadamente á organização dos serviços da Saude Publica e da Assistencia Municipal do Rio de Janeiro, á luta anti-tuberculosa.

Descreveu a intensa prophylaxia anti-venerea que, com o maior desvelo, se leva a effeito no Brasil, e mencionou os serviços admiraveis da Assistencia Municipal.

Fez tambem interessantes explanações sobre a assistencia infantil, a fiscalização dos

generos alimenticios, a hospitalização, a enfermagem, a importancia da imprensa medica, as associações scientificas de medicina, os congressos ultimamente realizados com o maior brilho e proveito.

No seu estudo, o Dr. Jorge Monjardino apresentou os cartazes e folhetos de propaganda usados em grande cópia no Rio, bem como exemplares dos muitos jornaes medicos que se publicam nessa grande cidade.

**A modernização da Cidade do Rio de Janeiro**

No Brasil, o Rio de Janeiro é um dos nucleos brilhantes de onde irradia, para um vasto territorio, a civilização. Os ultimos vinte annos da sua historia reflectem, á face da hygiene e da engenharia, uma intensa manifestação de vitalidade que é mister conhecer e admirar. Desapparece, a olhos vistos, a velha cidade colonial e surge a cidade moderna, emoldurada de encantos naturais. Realizam-se as previsões e os projectos esboçados, no ultimo quartel do seculo XVIII, por medicos portuguezes illustres, e o novo Rio naravilhoso occulta já o antigo Rio pantanoso, de vielas tortuosas e poeirentas. Ainda hoje podemos apreciar o contraste e avaliar o esforço colossal dos homens. Amanhã será tarde porque um paiz novo, cheio de vida nova, onde nem a tradição é uma força, tudo se arraza. O homem, nessas terras americanas, não se arreceia dos obstaculos naturaes. E essas ruas, rasgadas na Capital do Brasil a poder de picareta, têm de seguir a directriz que lhes marca, no papel, o esquadro e o tira-linhas. Arrazam-se morros, escavam-se rochas, conquistam-se um espaço ao mar. No lugar daquelles traçam-se ruas amplas e constroem-se bairros. Por cima das rochas sobre o mar, contornando montes, abrem-se avenidas. Sobre os aterros edificam-se palacios. Sem olhar a dispendio, mas procurando, acima de tudo, o bem geral, alizam-se as ruas, asphalando-as. Illuminando-as em extensão e intensidade, procura-se dar á cidade, arrancada ao sertão, o aspecto de vida moderna. Facilitando o conforto, facilita-se a adaptação ás asperezas do clima e torna-se facil viver, num meio onde se trabalha intensamente, mas onde se vive agradavelmente. Para conseguir o milagre, a hygiene faz distribuir os seus favores. E' bem notorio que as cidades, erguidas em paizes onde o clima admiravel ainda não foi estragado, perdem os seus encantos se, em nossos dias, nellas se vive em desconforto. O culto da tradição não impede nunca o culto da hygiene. Devemos admirar o passado, mas não devemos, em pleno seculo XX, viver em cidades medievas, onde abundam o desleixo e a poeira e onde á luz brilhante de um sol magnifico se succede a tréva de um imperdoavel desleixo. Não procuremos, porém, o contraste, a não ser que na comparação provenha estímulo. O estímulo é, porém, necessario e necessario se torna que nós, Portuguezes, possuidores de uma intelligencia de que exageradamente alardeamos, olhemos, com olhos de ver, o que de bom se passa em paizes extranhos em materia de hygiene. E' preciso, de uma vez para sempre, desfazer essa commoda illusão de que em tudo somos os melhores, mesmo quando, em muitas cousas, somos os peores.

JORGE MONJARDINO.

(Sociedade de Ciencias Medicas de Lisboa.)

Passando a fallar nas relações existentes entre as Academias de Medicina de Lisboa e do Rio de Janeiro, o Dr. Jorge Monjardino repete o que já disséra em discurso anterior: "Sob o aspecto medico, o Brasil quasi desconhece Portugal e Portugal quasi ignora o Brasil" Afim de pôr termino á essa situação illogica entre dois paizes irmãos, possuidores da mesma lingua e da mesma cultura, o eminente professor portuguez alvitrou a reunião de um congresso medico luso-brasileiro, que

poria em contacto os sabios das duas nações para o maior proveito da ciencia. O Dr. Azevedo Neves, director da Faculdade de Medicina, propoz que o congresso se realizasse na época do centenario da velha Escola Medica.

O alvitro do professor J. Monjardino já teve seguimento numa recente sessão da Sociedade de Ciencias Medicas.

Depois de fallarem sobre o assumpto os Srs. Drs. Azevedo Neves e Francisco Gentil de se ler uma carta do Dr. Victor Fontes, eleita por aclamação a comissão portugueza que se compõe dos Srs. Drs. Azevedo Neves, Gentil, Cabeça, Irmãos Monjardino, Rebello e pelos presidentes das Sociedades Medicas de Lisboa, Porto e Coimbra com a facultade de aggregarem as pessoas que julgarem necessarias. Esta comissão tem por fim entender-se com as entidades e associações officaes e academicas do Brasil para tratar do local, condições e data em que se ha de realizar o Congresso.

Terminados os trabalhos foram eleitos por unanimidade socios correspondentes os distintos professores e medicos brasileiros Srs. Drs. Afranio Peixoto, Fernando de Magalhães e Antonio Aus regesilo.

**A concepção cosmographica no descobrimento**

Em substancial artigo, Carlos Malheiro Dias estabelece a existencia de uma ciencia cosmographica exacta em Portugal, na época dos descobrimentos. A visita de Cabral á Vera Cruz não foi senão um episodio da viagem á India, e o almirante portuguez nunca acompanhou Colombo no erro de considerar a terra descoberta uma parte da costa asiatica.

E' deveras com esta viagem á India com escala pelo Brasil, que a ciencia portugueza estabelece experimentalmente a não identidade das duas massas continentaes. Colombo vai á America apregoando ter attingido Asia. Cabral vai á Asia tocando na America. Tocando em Vera Cruz, Cabral esclarece-nos as passagens sibilinas do *Esmeraldo*, confirma a existencia de um novo mundo independente do mundo asiatico, emenda Colombo, demonstra a veracidade das concepções a que se subordinava o programma maritimo portuguez. Uma mesquinha e myope visão tem impedido que até a semana memoravel da cneada da Corça Vermelha fosse integrada na historia da America como a primeira e genuina revelação do continente. Até essa viagem demonstrativa, as caravellas hespanholas ainda navegavam para o occidente na persuassão de chegarem a Cipango, a Catal e ao Ganges. Tocando as terras occidentaes na proximidade dos 17° de latitude austral e proseguindo na rota de Vasco da Gama para a India pelo oriente, acompanhado de Bartholomeu Dias, Nicoláo Coelho e Pedro Escobar, Cabral demonstra irrecusavelmente que a ciencia cosmographica portugueza já attingira sobre o diametro da terra, no fim do seculo XV, noções que corrigiam os calculos empiricos em que se basearam as navegações do cyclo colombino.

**"O canto do cysne", de João Penha**

Foi agora posto á venda o ultimo livro de João Penha. E' sem duvida, um acontecimento litterario, porque o poeta das *Rimas* e das *Novas rimas* occupa na litteratura do nosso tempo um lugar de raro destaque. *O canto do cysne*, agora publicado, avulta como um dos seus melhores volumes. Albino Forjaz de Sampaio prefacia-o, traçando em termos justos o perfil magnifico do poeta.

**Um livro de Jayme de Magalhães Lima**

Subordinado ao titulo "A lingua portugueza e os seus mysterios", publicou agora o Sr. Jayme de Magalhães Lima um formosissimo volume, em que reuniu alguns estudos sobre a obra de varios escriptores portuguezes e as bellezas da nossa linguagem. O volume agora apparecido confirma inteiramente a fama de que justamente goza o Sr. Jayme de Magalhães Lima, que, arredado dos grandes meos, vai serenamente fazendo a sementeira de idéas nobres, numa obra de reconstrução devéras notavel. Dentre os estudos agora reunidos em volume, destacaremos os que se referem ao canto e á letra na linguagem e á figura tão pouco conhecida do escriptor portuguez do seculo XVI, Gonçalo Trancoso. A edição é da livraria Aillaud.

Fernão Lopes disoutido

Fernão Lopes, considerado o pai dos historiadores portugueses, tinha chegado até nos dias sem uma reputação ou mácula. Numa recente sessão da Academia de Sciencias de Lisboa, o Sr. general Moraes Sarmiento, em interessante communicação, deu Fernão Lopes como fallivel e poz em duvida a veracidade da chronica de D. Pedro I, visto que o seu autor não foi coevo daquelle rei. O Sr. Julio Dantas respondeu vivamente. O general prometteu fornecer provas e poucos dias depois voltou á Academia realizando uma conferencia muito commentada em Portugal. Faltou-nos espaço para acompanhar a conferencia do general em todos os pontos que tocou, com uma erudição e uma clareza notaveis. Vejamos as criticas do general Sarmiento á Fernão Lopes. O celebre chronista não haure a sua locumtatação na mais suspeita e apócrifa de todas as fontes: aos mosteiros e ás igrejas da epocha, cujos clérigos provocaram, pelos seus abusos contra o povo, a dura, rapida e implacavel intervenção de D. Pedro I, que não queria que "o povo recebesse dano sem razão." A igreja passou do assombro á indignação surda e d'ahi á luta aberta. Foi atravez desses depoimentos suscitados, desses convívios rancorosos e dessa luta constante em que o rei, symbolo interprete e salvaguarda do seu povo levou afinal o melhor — que Fernão Lopes teceu a sua debatida chronica. O general Moraes Sarmiento vai publicar um livro a respeito. Os seus estudos trarão em todo caso o beneficio de rehabilitar a memoria de um grande rei.

A data da descoberta do Brasil

Como tem sucedido quasi sempre, a celebração de 3 de Maio como anniversario da descoberta do Brasil trouxe de novo a lume o erro em que muitos escriptores e historiadores antigos e modernos incorreram na fixação dessa data, em vez da verdadeira que é a de 22 de Abril, como claramente a communicou na sua celebre carta a el-rei D. Manoel I um dos companheiros de Pedro Alvares Cabral.

Sobre essa carta não pôde haver duvida. Existe no archivo da Torre do Tombo ( gaveta 8ª, maço 2, n. 8) e firma-a Pedro Vaz de Caminha. Tem 26 paginas e mais com a descripção da viagem e do que se passou em terras de Vera Cruz, algumas com episodios interessantes e outros com scenas pittorescas. E foi publicada com outros documentos, quando se commemorou o Quarto Centenario da descoberta da America, em 1892.

Caminha abre a carta dizendo que o capitão-mór tambem escreve ao rei relatando a descoberta, e narra a viagem, desde a partida de Belém, na segunda-feira, 9 de Março, até a terça-feira, oitava da Paschoa, "que foram 21 dias de Abril" em que toparam alguns signaes de terra, vindo a avistar, na quarta-feira seguinte, pela manhã, "primeiramente, um grande monte mui alto e redondo e de outras serras mais baixas ao sul deste e da terra chã, com grande arvoredor." No resto dessa formosa carta, Caminha relata o desembarque, o primeiro contacto com o gentio, a quem chama de preto, e a celebração da primeira e da segunda missa, sendo a carta datada de sexta-feira, 1º de Maio. O Brasil entendeu fazer passar a festa a tres de maio por um erro da Assembléa Constituinte de 1823. A verdade historica exige que a descoberta seja commemorada em 22 de Abril.

A Torre do Tombo

Referimo-nos, na nota acima, á Torre do Tombo. Por certo, poucos a devem conhecer no Brasil, pois em Portugal muitos a ignoram. A Torre do Tombo é o Archivo Nacional Portuguez. Esse archivo é dos mais ricos do mundo. A Torre do Tombo tem o seu chronista, o seu estudioso que é o Dr. Mesquita de Figueiredo, que nella passa todos os dias desde ha annos. O resultado desse labor ex-

Tabella de pesos normaes á idade de 30 annos segundo a estatura

		Homem		Mulher	
1 metro 52 centimetros.....		56 kilos	140 grammas.....	54 kilos	420 grammas
1 " 54 " .....		57 "	920 " .....	55 "	320 "
1 " 56 " .....		60 "	300 " .....	57 "	590 "
1 " 58 " .....		61 "	670 " .....	59 "	410 "
1 " 63 " .....		63 "	500 " .....	60 "	800 "
1 " 66 " .....		65 "	300 " .....	62 "	500 "
1 " 68 " .....		67 "	120 " .....	64 "	400 "
1 " 72 " .....		68 "	900 " .....	66 "	200 "
1 " 74 " .....		70 "	750 " .....	68 "	20 "
1 " 77 " .....		72 "	500 " .....	69 "	800 "
1 " 79 " .....		75 "	300 " .....	71 "	200 "
1 " 82 " .....		80 "		73 "	

traordinario de pesquisas é o *Roteiro Prático do Archivo Nacional da Torre do Tombo*, dividido em quatro secções. Na primeira se contém o preambulo, a historia do Archivo sob o Antigo Regimen, o Constitucionalismo e a Republica — os inventarios e catalogos existentes no Archivo: os manuscritos e impressos. Na segunda descreve-se, summariamente, o conteúdo de algumas das principaes salas: a "sala dos indices", a "sala da livraria", a "sala do refeitorio", a "sala A" (ministerio do Reino); a "sala B" (corporações religiosas e conselho de guerra); a "sala C" (provedoria); a "sala D" (intendencia geral da policia e corporações religiosas); a "sala E" (corporações religiosas); a "sala dos Tratados", o Deposito, "sala A B C". Na terceira vemos a noticia summaria de alguns dos mais importantes corpos da Torre do Tombo. Esta parte é riquissima e nella se verificam as riquezas existentes no Archivo Nacional: 1º, "collecção especial"; 2º, leis e regimento; 3º, foraes; 4º, "inquisições"; 5º, "côrtes"; 6º, "leitura nova (D. Manoel I. João III); 7º, "corpo criminologico"; 8º,

perseguiu os gatunos dos destroços, tinha que castigar os que aproveitando-se do mal geral, tratavam de especular com a miséria do povo. Ao marquez de Alegrete fez então expedir uma ordem, dizendo que tendo chegado ao conhecimento do rei que os "padroes, tendeiros, artifices e homens de ganhar abusavam impiamente da calamidade actual, extorquindo ao povo preços exorbitantes pelos generos de indispensavel necessidade que lhe vendem e serviços que lhe prestavam" mandou affixar editaes em todos os suburbios de Lisboa e lançar prégões estabelecendo que todos e cada um que excedessem os preços do mez de Outubro anterior teriam de pagar o que extorquirem a cada uma das partes, e seriam condemnados a trabalhar em ferros pelo tempo de quatro mezes nas obras do desentulho da cidade, quando a extorsão não excedesse dez tostões, crescendo a pena corporal d'ahi para cima á proporção. Os preços baixaram immediatamente. Els um remedio que valia a pena de se applicar no Brasil.

Estatua a Camões

O Sr. José Augusto deixou sobre a mesa da Camara o seguinte projecto:

"Art. 1º — Fica o poder executivo autorizado a abrir um credito de tresentos contos para que seja levantado, nesta capital, um monumento a Camões.

Art. 2º — Essa somma será entregue á Academia de Lettras para que se encarregue de levar a effeito o referido monumento.

Art. 3º — Para constituir a commissão organizadora do monumento, a Academia eleggerá tres membros e a Escola de Bellas-Artes tambem tres.

Art. 4º — Feita a escolha, por eleição, a presidencia dessa commissão julgadora, caberá ao presidente da Academia de Lettras, que terá, além do seu voto, o de qualidade, em caso de empate.

Art. 5º — Ao concurso só poderão concorrer artistas brasileiros.

Trata-se de fazer o governo tomar a iniciativa do movimento nacional, que reclama essa homenagem ao grande épico, o creador da lingua prodigiosa e que é nossa. Além disso é a consagração ao genio da raça, cuja epopéa, fixou no seu poema, criando uma obra perpetua para o patrimonio colectivo da humanidade. E', pois, muito justo ao coração brasileiro applaudir a iniciativa, do illustre deputado, confiando que o Congresso não deixará adormecer o projecto nas pastas das commissões, mas, cheio de enthusiasmo, o approvará, num preito commovido á gloria do nosso idoma.

"Republica Lusitânica", de Ricardo Severo

Ricardo Severo publicou a conferencia que realizou no Gremio Republicano Portuguez, do Rio, para celebrar o anniversario da revolução de 31 de Janeiro. Commentando-a, João de Barros, qualifica Ricardo Severo de "mentre do patriotismo portuguez" e de "creador d'uma ideologia republicana".

LIVRARIA VICTORIA

Compra e vende livros sobre todos os assumptos Avulsos, cataloga e encarrega-se da conservação e reforma de bibliothecas.

R. A. MOURINHO

ESTABELECIDO DESDE 1899

Rua General Camara, 190

Telephone, Norte 6261

RIO DE JANEIRO

"gavetas"; 9º, "chancellarias reaes". Na quarta e ultima parte, o Dr. Mesquita de Figueiredo faz as suas "considerações finais"

Pombal e os altos preços dos generos

Realizou-se, ultimamente, em Lisboa, a trasladação dos restos mortaes do Marquez de Pombal, apezar da opposição do actual representante da familia, o Marquez Antonio de Carvalho Daun e Lorena. Em 1856, 74 annos após a morte do famoso marquez, a familia já tinha trasladado o feretro para a capella particular de N. S. das Mercês. Os restos acham-se agora na igreja de Memoria, no alto de Belém, sendo provavel que lhes será feito um tumulo condigno nos Jeronymos. Visto que falamos no grande marquez, lembremos aqui o que elle fez para lutar contra a carestia da vida em Lisboa e fazer baixar os preços excessivos dos generos.

Haviam apenas decorridos dez dias do terremoto de 1755. Sebastião José entrou em plena energia de toda a sua actividade. Tratará de enterrar os mortos e cuidar dos vivos,

Loteria só da Bahia



# REPERTORIO

## HOMENS e COUSAS ESTRANGEIRAS

### A vida intima do Papa Pio XI

A habitação de Pio XI é a mesma que foi de Benedicto XV. Tem um caracter frio, sacerdotal, isento de riqueza ou de qualquer aspecto suggestivo.

Nos commodos occupados pessoalmente apenas existe o estritamente necessario numa casa burgueza; as paredes simplesmente forradas de papel, inclusive aquellas do quarto de dormir.

Sómente a capella é revestida de damasco vermelho. O alojamento reservado é composto de sete commodos, ante-sala e banheiro. No segundo andar fica, na mesma posição, o apartamento-official. Os sete commodos de baixo são assim dispostos: ingresso, duas ante-salas, sala de jantar, studio, capella, dormitório, ficando esse exactamente no angulo e tendo duas janellas; segue-se-lhe, na fachada oriental, o banheiro.

Pio XI não modificou sensivelmente a antiga morada de Benedicto XV. Logo após a sua eleição, limitou-se a visitar o apartamento e a ordenar uma limpeza geral, criando o novo banheiro.

Uma só mudança foi executada depois de habitado o alojamento. Como signal de respeito pela memoria do seu antecessor, o novo Pontífice mandou transformar em capella o dormitório onde morreu Benedicto XV, adaptando a antiga capella ao novo dormitório. Este é espaçoso, mais ornado com a máxima simplicidade: papel branco nas paredes, cortinas da mesma cor nas janellas.

No chão sómente um pequeno tapete á beira do leito. A cama lisa e simples, destituída de qualquer ornamento especial, tendo apenas a imagem de N. S. do Bom Conselho, de quem Pio XI é extremamente devoto. Ha um movel lizo, de mogno escuro e uma escripturinha da mesma madeira aproveitada sómente para escrever cartas.

Em cima da escripturaria, além do necessario para escrever, um grande crucifixo de ebano e marfim e algumas folhas de papel. Sobre o outro movel um espelho pequeno, o unico existente em todo o apartamento. Uma unica nota senhoril: a coberta da cama, que é de damasco vermelho.

No conjunto o quarto é mudo e nú. Dir-se-lia um commodo deshabitado e não deixa de sel-o, em parte. Pio XI alli se recolhe a tardias horas, passando unicamente as poucas horas, que lhe deixam os seus afazeres incessantes, isto é, entre ás 11 horas da noite e ás 7 da manhã. Rarissimas vezes volta ao quarto durante o dia, nestas occasiões não se faz acompanhar de ninguém. Tambem não admitta ali pessoa alguma.

Os unicos individuos que tem entrada no dormitório são o criado e o arrumador e assim mesmo só depois que o Papa o deixou.

O studio e a sala de jantar tem o mesmo aspecto frio e solitario. O studio contém apenas uma grande escripturinha, uma cadeira analoga e uma poltrona destinada a algum interlocutor.

Sobre a escripturinha um pequeno quadro em que se representa a Madona e um crucifixo de pequena dimensão.

Quer no dormitório, quer no studio particular, não se vêm livros, jornaes ou revistas. O Papa conserva todo o seu material litterario ou de estudo na sua bibliotheca, no segundo andar, e sómente retira alguma obra para levar consigo quando della precisa, voltando a pô-la no seu logar tão depressa não lhe seja mais necessaria, e faz isto com aquella ordem que só os bibliophilos costumam ter. O mesmo processo é empregado em relação á correspondencia e aos documentos.

S. S. recebe, expede e manuseja uma quantidade enorme de papéis diariamente, mas cousa alguma se accumula sobre as mesas; tudo é collocado nos seus respectivos logares e quem visse aquellas escripturinhas

### A Casa da Bahia

Uma das maiores solemnidades, de 2 de Julho, na Bahia, foi a inauguração da *Casa da Bahia*, como se denomina o novo predio edificado para sede do Instituto Geographico e Historico da Bahia, a notavel e doutissima instituição, que tem prestado aos estudos brasileiros os mais assignalados serviços. A obra da *Casa da Bahia*, devido aos esforços benemeritos dos Srs. Bernardino de Souza e Theodoro Sampaio, foi realizada pelo concurso de todos os Bahianos e amigos da Bahia, num grande tributo de admiração e entusiasmo pelo berço de nossa Patria. A inauguração foi feita pelo representante do Presidente da Republica e pelo Governador do Estado, constando o acto do descerramento de uma grande e artistica lapide de marmore, em que se lêm, abertas em relevo na pedra, as seguintes palavras.

“Esta casa é uma arvore de remotas raizes, de ampla ramagem e de inegotaveis frutos, feita medrar pela propria alma da Patria, que ha de mantel-a impercível.

A sua sombra sentir-se-hão sempre ligados indissolavelmente, o passado, o presente e o futuro.

Templo votivo e tenda de trabalho, relicario de tradições e abrigo de esperanças — com elle se celebram os primeiros cem annos de emancipação e se commemoram os feitos que asseguraram a independencia do Brasil, consummada na Bahia e cimentada pelo sangue dos Bahianos. 1823 — Dois de Julho — 1923”

nãas seria capaz de julgar que Pio XI não trabalha.

Poucas horas passa no studio, mantendo-se por maior espaço de tempo á mesa do seu quarto, onde trabalha á noite. O Papa vive inteiramente isolado no seu apartamento e nenhuma sentinella vigia o ingresso, quer de dia, quer durante a noite, assim como nenhum criado dorme junto ao quarto de Pio XI.

Mal terminam as ceremonias e a multidão vistosa e multicolor principia a retirar-se, volta o Papa tranquillamente ás suas occupações. Ao seu serviço tem apenas tres pessoas que equivalem, titulos á parte, a um arrumador de quarto e dois creados, que servem no terceiro andar.

Mesmo assim, dois delles só estão de serviço em turnos de 24 horas, havendo sómente um que trabalha diariamente. Este pessoal é o mesmo do regimen passado.

Contra a praxe reside agora no Vaticano uma mulher, a senhora Linda, governante do Papa. Por mais de quarenta annos foi ella a assidua collaboradora da senhora Ratti, mãe do Pontífice em todas as suas occupações domesticas.

Era orphã e foi por ella retirada de um mosteiro, tendo vivido em sua companhia até os seus ultimos momentos de velhice. Acompanhou-a no apartamento do bibliothecario da Ambrosiana e depois a Roma, no da bibliotheca do Vaticano onde, então, o monsenhor Achilles morava com a sua mãe, que adorava.

Foi ella ainda, quem lhe recolheu o derradeiro suspiro, no leito de morte, enquanto o novo nuncio se achava, obrigatoriamente em Varsovia. Após o fallecimento de sua protectora nada mais lhe restava fazer do que, completamente só no mundo, voltar para um convento; enrou no de Milão.

Mas alguns mezes apenas eram decorridos quando o novo cardeal foi convidado para governar a sua casa e ella, de facto, transferiu-se então para o Arcebispo. E eis que, pouco depois, surgem o conclave e a eleição do Pontífice.

A boa e fiel velhinha já estaria talvez prompta a voltar mais uma vez para o convento solitario, mas um telegramma chamou-a a Roma. Monsenhor Confalineri transmittiu-lhe o desejo do Papa. Pio XI, teve que vencer a admiração e as respeitosas observações de toda a sua “entourage” para fazer triumphar a sua vontade. Diz-se tambem á socapa que elle resistiu, afim de abrir um precedente assim excepcional, a muitas exhortações delicadas mas insistentes.

Conta-se, outrosim, que uma das mais altas autoridades da Santa Sé, logo abaixo do Papa, interveiu directamente, tentando dissuadi-lo: — Vên. Santidade, o regimento do Vaticano não comportaria... — E nós iniciaremos um novo regimento! — respondeu-lhe Pio XI.

— Mas, nenhum dos antecessores, fez isto!

E Pio XI respondeu-lhe com toda a tranquillidade:

— Agora o Papa somos nós, e para acabar com isto, quando a gente é velha tem que afrontar uma vida cheia de sacrificios, responsabilidades e de trabalho e necessidade de conforto dos velhos habitos, pelos nomes. Esta pessoa existe e esteve em nossa casa por mais de quarenta annos. Agora, mais do que nunca, reclamamos os seus serviços.

E monsenhor Confalineri não teve nada a fazer senão telegraphar para Milão:

A “signora Linda” habita no terceiro andar, na ala do lado do Monte Mario. Já passou dos sessenta annos. Tem o título de encarregada do guarda-roupa. E' ella quem manda preparar diariamente as refeições do Papa, que são muito frugaes.

### As memorias de Siegfried Wagner

Transcrevemos alguns topicos do ultimo capitulo das memorias que o Sr. Siegfried Wagner, *kapellmeister* em Beyreuth e filho do grande Wagner, acaba de publicar. “Ha pessoas — escreve elle — que me desejariam fazer uma personagem tragica. Consideram-me com um sorriso complacente pensam mais ou menos o seguinte: Pobre homem, como te deve pesar a gloria de teu pai! Como te lastimamos! E como tiveste, além disso, a ambição de compôr operas, como tu és ingenuo acreditando no successo. Pobre homem digno de piedade! A isso responderei: Tenho realmente um ar tão inferior, leitor amigo? Lamento muito vos causar uma impressão tão penosa, no entretanto, sinto-me perfeitamente bem. Concedo, todavia, que isso não foi facil. E' preciso não pequena pacien-

ola para se desvencilhar de um grande numero de preconceitos, que cercam o filho de um grande homem. Não sei o que acontece nos outros países, mas na Alemanha, é um dogma que esse filho não pôde deixar de ser, pelo menos, um burro, senão um perfeito idiota. Se alguém não se conforma com isso, causa espanto. Ficando fiel a mim mesmo, o meu esforço foi para me igualar a homens como Hans von Wolzogen, que sofrem e se fazem aviltar, porque obedecem ás suas convicções. Assim, digo, tranquillamente, a essas pessoas misericordiosas: — "Não me sinto em absoluta uma personagem trágica; todos os dias rejubilo-me por ter tido a felicidade de ter um pai como aquelle e de poder nomear uma mãe como foi a minha e um avô como o meu. Felicito-me pelas minhas irmãs, que só tiveram bondade e affecto pelo irmão; felicito-me pela minha mulher, bella, alegre e virtuosa, e felicito-me pelos meus quatro filhos, por ter nascido na bella, e agradável cidade de Beyreuth, cuja população, em todos os ensejos, me testemunha uma nobre sympathia; orgulho-me da confiança que me demonstraram o publico das *Festspiele* e os nossos artistas e alegro-me de não ser de todo sem talento e de ter recebido dos meus pais uma boa dose de bom humor."

Achas, caro leitor, que um homem, que tem tanta cousa por que se felicitar, pôde ter um ar trágico e inspirar compaixão?

### A capacidade de trabalho do Sr. Poincaré

Raymond Poincaré, advogado, jornalista, presidente do Conselho, ex-presidente da Republica, tem actualmente uma preocupação muito séria: a redução de uma hora no seu dia de trabalho, se for approvada na Camara a modificação da hora de verão. Isso lhe deixaria apenas vinte e tres horas para trabalhar, o que não lhe permitiria dar conta do seu recado. Diz-se que o Sr. Poincaré dorme ás vezes, mas não ha quem o tenha visto em somno. Desde que assumio as funcções de primeiro ministro, não gosou um só dia de férias. Para elle o domingo não tem significação alguma, excepto a não se ver elle assaz assediado por pessoas que lhe querem falar durante as horas de expediente, isto é, a qualquer momento entre as 8 da manhã e 17 horas da noite. Ninguém sabe o que fazem os seus secretarios além de, talvez, abrir a sua correspondencia, porque Poincaré responde pessoalmente a todas as communicações de natureza privada ou official. Elle conhece o tratado de Versalhes e todos os seus addendos e annexos de diante para traz e de traz para diante. Se um deputado, na Camara, ou um jornalista, no correr de um "interview", formula uma pergunta qualquer, a resposta não se faz esperar: "Oh! isso está no artigo tal, secção tantos do Tratado" E nunca se engana. E como consegue o Sr. Poincaré, essa coisa? Primeiramente pelo vigor no trabalho — elle é, provavelmente, o mais infatigavel trabalhador a serviço da causa publica em todo o mundo. Em segundo lugar, porque é um jurista — vê tudo com olhos juridicos. Possui um grande espirito de logica e nunca mais esquece o menor detalhe do problema que uma vez estudou. Quando elle escreve os seus artigos para jornaes e revistas, taes como os da serie que elaborou para a "United Press" antes de ser primeiro ministro, traça-os com a sua propria mão, numa calligraphia apressada, microscopica e

### COMO DEVEM ESCREVER OS PHILOSOPHOS

Como devem escrever os philosophos? Têm o direito de usar termos especiaes ou devem falar a linguagem de toda a gente? Parece-me que basta considerar o menor assumpto precisamente philosophico, para evitar a questão. Não sei porque o autor que trata do fundamento da inducção, ou da genese da idéa de força deva se collocar ao nivel de salão de conversas, differentemente do que trata das equações binomias ou do tecido conjunctivo. Parece-me que erraria tanto mais em pretendel-o, quanto nunca seria bem succedido, sobretudo dada a complexidade dia a dia crescente do pensamento sobre taes materias. Estou persuadido que *A Sciencia e a Hypothese*, para tomar um illustre exemplo de ensaio de vulgarisação nesse genero, é, em mais de tres quartas partes, incompreensivel áquelle que não tem uma educação philosophica bem desenvolvida. Replicam que homens como Taine, Renan, Anatole France acharam meios de serem philosophos falando a linguagem corrente. E' um jogo de palavras. Esses homens não são philosophos, são historiadores, criticos, moralistas dotados de espirito philosophico. O seu assumpto não lhes impunha em absoluto termos especiaes. Ademais, Taine os usou em *Da Intelligencia*, onde o assumpto o exigia, e Renan, nas suas paginas de theologia. Mas esse moralismo impregnado de espirito philosophico, exclamam os profanos, é a unica philosophia que nos interessa, a unica verdadeira!... Talvez. Mas, ainda assim, seria necessario admittir a existencia de uma outra, com outros fins e outras leis.

JULIEN BANDA.

(Resposta ao inquerito organizado pelo *Le Monde Nouveau*).

precisa. Corrige as provas da mesma maneira e nunca deixa o trabalho ser impresso sem que o julgue o mais perfeito possivel. Quando depois de uma tarde estafante na Camara, attendendo a algum problema difficil de politica internacional, conferenciando com os chefes dos partidos politicos, recebendo jornalistas estrangeiros e nacionaes, elle corre á sua casa, á rua Marbeau, é apenas para mastigar apressado o seu jantar e voltar no mesmo passo para o Ministerio do Exterior — que é a sua pasta — afim de estudar um problema por todos os seus aspectos e preparar o memorandum que será submittido no dia seguinte ao Conselho de Ministros, se o Gabinete se reunir, ou redigir uma nota para ser remetida ás chancellarias europeas. O automovel do Sr. Poincaré está habitualmente postado no pateo do Quai d'Orsay quando o pessoal da secretaria chega. E o pessoal se apressa, porque "monsieur le Presidente" não gosta que o façam esperar. Elle exige dos seus ministros e dos seus subordinados a mesma pontualidade que elle proprio observa nos seus deveres. Aquelles gastam duas horas para almoçar, o seu chefe apenas trinta minutos. O Sr. Poincaré tem um methodo em tudo, até nos menores detalhes, elle submittete ao seu espirito de ordem. Quando elle trabalha, os minutos e os segundos são contados. Conta o seu chauffeur que o Sr. Poincaré sabe exactamente quanto tempo deve gastar o seu auto para ir do Ministerio do Exterior, digamos á gare do Norte. Elle dá mais tres segundos para os accidentes e cumpre ao chauffeur chegar á hora calculada. Se a viagem é de Paris ao departamento da Meuse, que é o circulo eleitoral do Sr. Poincaré, o processo é o mesmo. Tres minutos para os accidentes, nada mais. Se o Sr. Poincaré tem alguma coisa a dizer e que pôde ser dita em setenta e tres palavras, não emprega setenta e quatro. Quando viaja, elle prepara todas as noites uma pequena nota para o seu chauffeur, ao qual muito poucas vezes dirige a palavra, em que assenta o itinerario do dia seguinte em estylo de horario de estrada de ferro. "Dep. X 6.30. Arr. Y 9.06. Dep. Y 9.17. Arr. Z

11.33. Lun. A 12.18. Dep. 12.34. Arr. Paris 16.19" E assim por diante. Uma colza elle deixa ao cuidado de seu chauffeur — é o seu cargo de dar gorgetas. Apenas o primeiro ministro lhe recommenda que seja generoso. Cerca de meia noite, elle se recolhe á cama. Nada mais tendo a fazer até o dia seguinte — a não ser pensar no "menu" do trabalho de amanhã.

Pierre Loti

Pierre Loti, ou antes Julien Viaud, acaba de fallecer em Hendaye, aos 73 annos de idade.

A França perde, com Pierre Loti, um dos seus escriptores mais lidos. Criticos illustres e que foram rigorosos para com a obra de Loti indagaram, muitas vezes, das razões de preferencia publica pelos seus livros onde elles não encontravam nem a profundeza psychologica typica dos melhores romancistas, nem creações excepcionaes que lhe pudessem attrahir a fama de genial. Entretanto, as suas edições repetiram-se sempre, com uma procura admiravel, em França e fóra della, fazendo com que os primeiros dos seus trabalhos continuassem a suggestionar o espirito publico com o mesmo sabor das obras novas e tendo sobre essas a vantagem da reclame espontanea dos seus leitores.

Alguns destacaram o arcabouço de varios dos seus livros e o apontaram como conjunto chronico de lugares communs, para destacarem, no final do julgamento, a harmonia das descripções, as imagens fugidias e illusorias, muito de poesia e de pintura... Assim se fez com um dos mais celebres, senão o mais entre todos, dos livros: "Pêcheur d'Islande, de 1886", que ainda hoje se lê com tão inexcedível prazer. Amando o Oriente, onde encontrou fontes permanentes de inspiração, Loti sentio no ambiente fascinador em que o seu espirito se rad'cou a afinidade electiva que havia de lhe revigorar a personalidade litteraria, implantando-lhe nos seus trabalhos o cunho indefinivel que elles de facto têm.

Os seus romances são, por ordem chronologica os seguintes: "Aziyadé" — 1879, "Le mariage de Loti" — 1880, "Le roman d'un



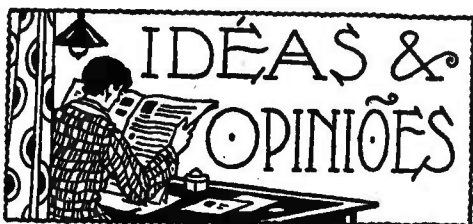
spahi" — 1881, "Mon frère Yves" — 1883, "Pêcheur d'Islande" — 1886, "Madame Chrysanthème" 1887, "Le roman d'un enfant" — 1890, "Le livre de la Pitié et de la Mort" — 1891, "Fantôme d'Orient" — 1892, "Matlot" — 1893, "Le Desert. Jerusalem, la Galilée" — 1895, "Ramuntcho" — 1897, "Les derniers jours de Peking" — 1902, "L'Inde sans les anglais" — 1903, "Vers Ispahan" — 1904, "Les Désenchantées" — 1906, "La mort de Philae" 1909.

Nesses ultimos annos, Pierre Loti tinha-se dedicado á defesa do Imperio Ottomano, tendo publicado varios volumes desde "La Turquie agonisante" de 1913.

**Madame Colette**

Em significativa homenagem de admiração, mais de vinte escriptores dos mais illustres da França contemporanea, collaboraram no numero especial que a revista pariziense "Le Capitole" dedicou á Madame Colette.

A antiga Colette Willy, que com esse nome assignou a deliciosa série de "claudine", hoje Colette de Jouvenel, conhecida todavia apenas por Colette, é um dos mais bellos, mais finos, mais brilhantes escriptores francezes. Colette soube, nos seus livros, condensar na phrase aerea, elegante e singela que lhe é peculiar, a sua fremente sensibilidade, o seu "gosto de viver", a sua receptividade extraordinaria, a sua visão originalissima. O numero especial do "Le Capitole" não enriquece a gloria da autora da "Vagabonde", mas traz essa cousa rara e preciosa: a admiração patente dos outros escriptores da sua geração. E isto, na republica das letras, não é pouca cousa...



A America Latina e a Liga das Nações

A America latina se compõe de vinte nações da mesma origem. A emancipação dessas vinte nações não pode, naturalmente, se fazer em alguns annos. A exaltação um pouco mystica e um pouco romantica dos povos latino-americanos determinou uma longa série de lutas intestinas, que outra cousa não significam do que um profundo amor pelo ideal. As revoluções sem numero nas republicas latino-americanas não manifestam appetites vulgares como acreditaram muitas vezes outros povos do mundo, victimas de uma observação superficial ou de uma compreensão enganadora da psychologia collectiva ou mesmo esquecidos do que foram, tambem elles, nos primeiros tempos de suas vidas já seculares.

Vinte nações, pois, que na vida economica e social representam hoje uma força material em rapido crescimento, e que em breve será uma realidade formidavel, se acham em condições de contribuir para o triumpho diffinitivo da Sociedade das Nações.

A obra de aproximação é menos difficil do que pôde parecer á primeira vista. A tendencia idealogica da America latina está muito impregnada desse romantismo acima referido. Certas declarações, em apparencia hostis á Sociedade das Nações, nascem dessa tendencia, e isso explica por igual o enthusiasmo immenso e geral que acolheu a enunciação dos quatorze principios do Presidente Wilson, na America latina. As exigencias de depois da guerra, agravadas por uma politica de egoismo politico arraigado em alguns grandes paizes, determinaram uma parada na marcha para o ideal. As ingenuas illusões de muitas pessoas na America latina

**O ESTUDO DO PORTUGUEZ NOS ESTADOS UNIDOS**

*The American Association of Teachers of Spanish*, na sua sexta reunião annual, approvou, por proposta do professor M. B. Jones, do *Pamona College* seguinte resolução:

*Tendo em vista, e para estreitar ainda mais as relações commerciaes e intellectuaes entre os Estados Unidos e a America do Sul; tendo em vista a importancia da Republica do Brasil na fraternidade das nações hispano-americanas, e que o uso da lingua hespanhola, nesse paiz, pelos estrangeiros, não só é inadequada para o éxito dos negocios, como, muito justamente, por esse facto resentirão os brasileiros; tendo em vista a importancia e o merito da litteratura America do Sul, neste e no seculo passado:*

**RESOLVE esta corporação estimular e encorajar o estudo da lingua e da litteratura portuguesa nos Estados Unidos.**

*"The American Association of Teachers of Spanish" reunida em assembléa, recommenda, pois, que a lingua portuguesa tenha lugar entre as suas congeneres, francez, hespanhol e italiano, entre as cadeiras de nossas universidades e collegios, que, tão rapido quanto permittam o professorado e outras condições, classes de portuguez devem ser criadas em nossas escolas secundarias e normaes, para o ensino pratico da lingua, muito especialmente nas escolas e collegios de commercio, para o preparo de nossa mocidade, afim de desenvolver a sua capacidade commercial e representativa na America Latina.*

soffreram uma decepção; e acreditaram que a parada fosse uma derrota sem levar em conta a realidade. A Sociedade das Nações pôde coincidir dous elementos de essencia differente, fazendo comprehender á America que não houve fallencia e lhe communicando um impulso de ordem pratica. Porque se a America Latina constata-se que a Sociedade das Nações obtinha resultados uteis, desceria um pouco do seu idealismo intransigente e aceitaría o contacto com a realidade. — B. A. L.



**A occupação do Ruhr**

A União dos Advogados Allemaes, com séde em Leipzig, dirigiu aos advogados do mundo inteiro um appello, contendo violentos protestos contra a occupação do Ruhr, "que viola, diz esse documento, não só o direito da Allemanha, mas tambem do mundo inteiro."

A directoria da Associação Nacional dos Advogados, inscripta nos auditorios da França, a quem esse appello fôra dirigido, passou ás mãos dos advogados allemães a seguinte resposta:

"O estudo do direito nos habituou a basear as nossas opiniões em solidos alicerces, a justificar-as com provas e argumentos. Ora, vosso manifesto só contém affirmações. Suppõe demonstrado que a occupação do Ruhr pela França e pela Belgica não pôde achar justificação alguma no direito natural, nem no direito das gentes; parte dahi para affirmar que se commetteu grave attentado aos direitos da Allemanha e concluir que o infortúnio da Allemanha é a violação do seu

direito interessam a todos os povos e devem ser por todos resentidos.

Seja-nos licito reportar-nos á resposta dada pelo ministro dos Negocios Estrangeiros da França ao memorial allemão de 15 de fevereiro ultimo.

Como juriconsultos, não podeis deixar de achal-a perfeitamente conforme ao direito.

Antes de tudo, é principio reconhecido em direito natural, que os direitos de credito de nação a nação, como de individuo a individuo, não devem ficar sem sancção. Dentre essas sancções, uma das mais simples e mais universalmente admittidas é o sequestro de bens pelo credor para garantir o reembolso do que lhe recusa pagar o devedor.

E outra coisa não fizeram a França e a Belgica, occupando o territorio do Ruhr.

No campo do direito das gentes, a carta commum das nações outróra belligerantes é o Tratado de Versailles.

O paragrapho 18, annexo III da parte VIII do tratado de Versailles, confere a cada uma das potencias alliadas e associadas o direito de tomar as medidas que julgar avisadas, no caso de inadimplemento voluntario por parte da Allemanha; e a Allemanha obrigou-se a não considerar taes medidas actos de hostilidade.

Ora, no artigo 231 do Tratado de Versailles, a Allemanha reconheceu que era responsavel por todos os prejuizos que causára á França e aos seus nacionaes em consequencia da guerra que a aggressão da Allemanha e seus alliados lhes impuzera.

Esta disposição obriga a Allemanha, em face do direito das gentes — como todas as outras disposições do tratado de Versailles; a França não exigiu sequer que a Allemanha pagasse as despezas da guerra; Allemanha obrigou-se, simplesmente, a reparar os estragos materiaes de que foram victimas as regiões invadidas, e a reembolsar as pensões devidas aos feridos, ás viúvas e aos orphãos.

Seria contrario ao direito natural, ao direito das gentes, evidente equidade, que o encargo dessas reparações recaísse sobre a nação que nunca quiz a guerra e que aquella cujo governo commetteu a aggressão delles fosse isento.

Todavia, depois de pedir repetidamente e de obter muitas vezes reduções de encar-

**OS CHARUTOS DE**

**COSTA, FERREIRA & PENNA**

**HONRAM A BAHIA**

que que impunham o tratado de Versalhes. O governo alemão faltou deliberadamente ao cumprimento das suas obrigações, como offensivamente o comprovou a Comissão das Reparações; a contar desse momento, os governos francez e belga tinham direito de applicar as sanções que julgaram impostas pelas circumstancias.

O governo alemão, bem que se houvesse formalmente obrigado a não considerar essas sanções actos de hostilidade, suspendeu desde essa época as entregas que devia fazer por força do tratado de Versalhes, aggravando destarte por forma indiscutivel, o inadimplimento de suas obrigações.

Essa attitude fere tanto mais fundo o direito porquanto a reparação das ruínas causadas pela Alemanha é a consequencia natural de uma das mais graves violações do direito das gentes que jámais se hajam committido nos tempos modernos — a invasão do gran ducado de Luxemburgo e da Belgica, cuja neutralidade perpetua fora reconhecida e assegurada pelo proprio rei da Prussia. O mundo inteiro verberou essa violação do direito e ella que a França e a Belgica devem o haverem assistido á invasão de suas mais ricas regiões, devastadas e submettidas que foram, durante mais de quatro annos, á lei do conquistador.

Apesar disso, não acreditamos que a Associação dos Advogados Allemaes tenha jámais reconhecido, nessa occasião, que a violação do direito committida em prejuizo da França e da Belgica, ferisse a todas as nações.

Como a mór parte dos juristas, desejamos ardentemente e que o reinado do direito, se institua definitivamente no mundo, mas cumpre que reconheçamos que os actos do governo alemão e de multos dos seus subordinados não tornaram facil a tarefa dos que trabalham pela paz e pela concordia.

Crêe-nos: o unico meio que resta á Alemanha para voltar á prosperidade, e readquirir, ao mesmo tempo, o seu lugar no concerto das nações, é repellir sem mercê as ovelhas más que querem convencel-a de que conseguirá esse "desideratum" fugindo ás suas obrigações, negando suas responsabilidades, seguindo cegamente aquelles que a exploram e educando sua mocidade no culto da guerra e do odio.

Sem queremos reviver lembranças demasiado cruéis para nós, não podemos esquecer que ha cincoenta e dois annos a vontade de nossos concidadãos assegurou a prompta libertação do nosso territorio.

Nosso paiz só pode duas cousas: a justa reparação de suas ruínas passadas; a segurança de paz no futuro. Quizeramos poder esperar que juriconsultos como vós concegulsem um dia fazer comprehender áquelles que vos governam que a reconciliação de nossos dois grandes paizes, necessaria á paz universal, só se pode conseguir a esse preço."

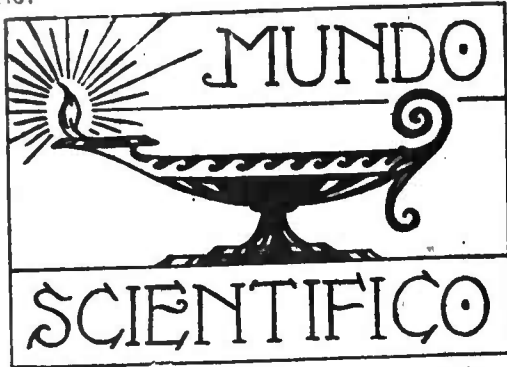
**Paraisos artificiaes**

Em Washington, uma Commissão encarregada de fazer um inquerito sobre o uso de drogas estupefacientes, nos Estados Unidos, publicou o seu relatório, no qual se vê que o numero de norte-americanos que as usam é de 1.350.000, ou seja igual á população inteira do Rio de Janeiro! O numero de cocaineomanos, asylados, cresceu, de 1919 a 1922, de 900 %, o que é um algarismo alarmantissimo. Dessas drogas, que importam os Estados Unidos, 90 % são usados por vicio, clandestinamente, e só 10 % servem ás necessidades pharmaceuticas. Analogamente, é preciso não esquecer que bastariam 100 toneladas de opio para os fins therapeuticos, em todo o mundo, e, no entretanto, a produção global de opio é de 1.500 toneladas, da qual mais de metade é consumida na Turquia, na Persia e na India. Os contrabandistas americanos têm lucros espantosos, vendendo por 1.000 aquillo que compraram por 50. A commissão chegou á conclusão de que 10 % dos chauffeurs dos autos de praça de Chicago são vendedores de taes excitantes.

**A casa ibéro-americana de Berlim**

Subvencionada pelos Governos da Hespanha, de Portugal e de alguns paizes da America Latina, acaba de ser fundada em Berlim uma "Casa ibéro-americana", que vai construir um enorme edificio de 14 andares. O seu intuito é estreitar as relações commerciaes e intellectuaes com os paizes ibéro-americanos. Manterá a "Casa" uma exposição permanente de productos naturaes dos paizes congregados; escriptorios de informações commerciaes, com catalogos das casas importadoras e exportadoras; bibliotheca scientifico-literaria, museus artisticos, etc.; uma secção de propaganda e turismo e outra de imprensa para divulgação dos varios pai-

ses que tiverem adherido a "Casa". Haverá ainda uma sala de conferencias, de festas e uma capella. No escriptorio central da casa todos os hespanhoes, portugueses e americanos, que se encontrarem na Europa terão um centro de reunião e informações, cujo valor não é preciso encarecer. Ignoramos se o Brasil foi convidado a participar dessa organização, que sera utilissima, ao nosso paiz, a todos os brasileiros que tiverem de demandar a Europa, para negocios ou a simples passeio.



**Confirmando a theoria da relatividade**

Como se sabe, as observações feitas pelos astrónomos inglezes, de Greenwich e Oxford, por occasião do eclipse total, visivel em Sobral, no Ceará, a 29 de Maio de 1919, confirmaram as theorias de Einstein, pois as photographias feitas mostraram que as estrellas situadas na proximidade do sol parecem mais proximas umas das outras, do que nas chapas tomadas na ausencia da influencia solar. Isso prova a affirmação einsteiniana, de que os raios luminosos, propagando-se no vazio, são attrahidos pelas massas situadas nas proximidades. Portanto não se propagam em linha recta, mas em hyperbole. A 20 de Setembro, na Australia, foi visivel outro eclipse total do sol, e, de novo, a deflexão dos raios estrellares no campo de gravitação do sol veio confirmar a theoria, de um modo perfeito, *very good*, como o professor Campbell, do Observatorio da California, mandou dizer ao professor Pio Emmanuelli. O telegramma foi concebido nestes termos: *The accordance between the calculated and observed displacement is very good.* O professor Campbell dirigiu a expedição astronomica que observou o eclipse da Australia, em 20 de Setembro ultimo. O tempo foi favoravel e conseguiram optimas photographias da região estrellar circumstante ao sol. A theoria da relatividade de Einstein diz que o desvio do raio luminoso no campo de gravitação solar é de 175 centesimos de segundo de arco, o que as observações feitas em 1919 confirmaram e agora as de 1922.

**Os colloides**

O Sr. Georges Bohn, no *Mercur de France*, refere o apparecimento do livro de Jacques Loeb, intitulado: *Proteins and the theory of colloidal behavior* e, a proposito dos colloides, escreve: Os seres vivos são em grande parte formados por colloides, suspensões de particulas solidas infinitamente pequenas nos liquidos. Ora, essas particulas possuem cargas electricas variaveis segundo as circumstancias. Sob a influencia dessas cargas, as grandes colloides se movem em tal ou qual direcção. Encontrando-se num meio acido, tendem a se dirigir para as regiões mais alcalinas; mas chegando ahí, manifesta-se uma tendencia opposta. Da mesma forma muitos organismos inferiores tendem a se dirigir para a luz, quando estão na sombra, e para a sombra, quando estão na luz. Ha analogias perturbadoras. Os movimentos dirigidos dos animaes e das plantas, ou *tropismos*, não são o resultado das mudanças sob a influencia das forças electricas dos colloides, que constituem esses organismos?

**As variações periodicas annuaes dos relógios de pendulo**

Os relógios de pendulo, escreve o Sr. Henry de Varigny na *Bibliothèque Universelle*, não são sempre regulares. Mesmo os melhores, os astrónomicos, e collocados em ambien-

te invariavel, têm experimentado variações inexplicaveis. R. Goudey quiz estudal-as, no observatorio de Besaçon, num dos pendulos do estabelecimento, não subtrahido ás variações da pressão, mas guardando numia caixa envidraçada, na qual a temperatura varia lentamente. Observou que o pendulo retardava, em comparação com sua marcha média annual até 10 de Abril. Dessa data até 11 de Setembro, apresenta flutuações indecisas e, daí até o fim do anno, adianta-se sempre. Porque esse phenomeno? Se dependesse da temperatura, a curva da variação deveria apresentar o maximo e o minimo, nos periodos de maxima e minima temperatura. Ora, essa concordancia acontece com o minimo, mas não com o maximo, que se verifica quasi 50 dias antes do maximo da temperatura. Não é tambem devido á pressão: numa observação de 12 annos, não se encontra uma periodicidade assim manifesta. Existe pois uma outra causa e o pendulo, subtrahido á pressão e ás variações thermicas, apresenta a mesma curva annual. Mas não se sabe a causa verdadeira. Conhecel-a-ha o leitor?

**A nova theoria de Einstein**

Einstein, o famoso scientista allemão, annunciou com as seguintes palavras a sua ultima theoria — uma extensão da theoria da relatividade:

"Posso expôr em poucas palavras a minha nova theoria. Trata da relação entre electricidade e gravitação. É baseada nas descobertas do astrónomo inglez — Eddington. É uma theoria puramente mathematica, impossivel de ser vulgarizada. A relação entre electricidade e gravitação poderia ser assim estabelecida: mathematicamente, os dous campos — o da electricidade e o da gravitação — estão collocados em um mesmo ponto de vista. Ou, em outros termos, os dous campos são, mathematicamente, um só. A theoria é um desenvolvimento da theoria da relatividade."

**As explorações biologicas na baía do Amazonas**

O "Smithsonian Institute" publica um relatório especial, descrevendo as explorações e os trabalhos realizados durante o anno de 1922, revelando ampla actividade scientifica, quer na America do Sul quer no norte do continente americano. Um dos pontos principaes do relatório é o que se refere ás explorações biologicas de Mulford, na baía do Amazonas, realizadas em 1921 e 1922. Em virtude dessa expedição, encontra-se agora no parque zoologico nacional para mais de 100.000 specimens de animaes vivos, passaros, reptis e insectos. Durante o anno passado, as investigações do Instituto foram muito amplas, visitando os seus membros as mais famosas colleções de hervas da Europa, entre as quaes a do professor Edward Hakles, de Vienna, que comprehende 1.200 especies das quaes a metade da America do Sul. Os investigadores descobriram em Pisa a importante colleção de Joseph Raddi, que publicou em 1823 a "Agrostographia brasiliensis", o primeiro trabalho dedicado ás hervas sul-americanas. O relatório faz tambem o historico do Congresso de Americanistas, realizado no Brasil, o qual, na opinião dos delegados americanos, produzirá importantes efeitos no sentido de promover a sciencia anthropologica. O documento faz elevados elogios á obra do general Rondon, sobre a ethnologia dos indios.



**OS ATLANTES**

Platão como os seus contemporaneos acreditaram que além das columnas de Hercules nunca existido um continente que unia o novo ao velho mundo, e que fosse habitado por um grande povo, civilizado e governado pela dynastia de Atlas, filho de Possidon e de Cleito, que era uma pobre mortal. Apesar da sciencia moderna ter mostrado a impossibilidade da existencia da Atlantida, pois como pondera o affamado americanista H. Beuchat, escreve o Sr. Ronald de Carvalho: "hoje, depois das

**Tarantula**  
Contos de Carlos Rubens  
- - -  
NAS LIVRARIAS

sondagens feitas nos arreltores dos Archipelagos dos Açores, das Canárias e da Madeira, sondagens que accusaram profundidades enormes, ninguém poderá acreditar na existência de um continente ligado à África e América Meridional; apesar da natureza vulcanica das mhas dos referidos archipelagos não deixar logar a duvidas", teimam os theosophos em accertá-la, não só como plausivel, mas mesmo como verdadeira. Afirmam que os Atlantes teriam possuido poderes quasi diabolicos, conhecendo os segredos da natureza. Teriam tido aeroplanos que, si os vissemos, envergonharmo-nos-jamos dos nossos, porque eram movidos por forças naturaes e não a motores de explosão. Os animaes da Atlantida, como os sabios bichos da fabula, fallavam e os homens eram quasi immortaes (enfoncée a Academia de Lettras...); enfim, como os cyclopes, só tinham um olho ao meio da frente. E' curioso referir, a proposito disso, que ha sabios que affirmaram, não ha muito tempo, que a disposicao dos nervos opticos torna verosimil que em época assás remota, nossos maiores tivessem tido uma só vista. Ha tambem quem encontre nas Piramides do Egypto productos da America do Sul — que não se poderiam encontrar lá. Para verificar esse ponto, partiu para o Mexico o Sr. Mitchell Hedges, afim de estudar a raça dos Astecas, cujos dolos de pedra offerecem extranha similitude com os do Egypto antigo. Espera ainda esse explorador sondar o fundo do Pacifico e encontrar algumas provas das origens communs dos Astecas e dos Egypticos.

A Mesopotamia ha cinco mil annos

As excavações que estão sendo feitas na antiga cidade babilonica de Ur, séde do Templo do Deus da Lua e considerada o berço de Abrahão, deverão fazer alguma luz, ao que se espera, sobre a historia obscura do Velho Mundo ha cinco mil annos atraz. A expedição conjunta mandada á Mesopotomia pela Universidade de Pennsylvania e pelo Museu Britannico, acaba de fazer o seu relatório sobre os trabalhos já realizados em Ur desde Novembro ultimo. As investigações feitas em Luxor referem-se, principalmente, á arte egypcia e não era de esperar que pudessem ellas contribuir de qualquer modo para o esclarecimento de determinados pontos da historia antiga. Na Mesopotamia, todavia, os excavadores britannicos e americanos já descobriram muitos documentos, escriptos em cylindros ou em taboas, e, com o auxilio de novas outras descobertas quasi certas, espera-se que sejam conseguidos inestimaveis apontamentos sobre a historia da civilização primitiva bem como sobre a religião do povo e suas artes: — a ceramica, a joalheira e a esculptura.

Sabe-se que a primitiva adoração religiosa dos babilonios era para com divindades animaes dos egypcios. Por este motivo, tem grande importancia as excavações de Ur que visam a exhumação das paredes de um grande templo que se diz ser o do Deus da Lua, provavelmente construido tres mil annos antes de Christo. Os excavadores, ainda recentemente, conseguiram descobrir os nomes de varios dos antigos reis, apanhando informações preciosas até ao meiado do terceiro milenio, isto é, 2600 annos antes da era christã. Isto mesmo contribuirá para uma avaliação exacta da data da construcção do templo do Deus da Lua.

Ficou devidamente comprovado que as lendas da creação e do dilúvio eram correntes em Ninive, no nono século antes de Christo, e como tambem foi verificado que o Templo do Deus da Lua, em Ur, ficará em ruinas e não fóra mais utilizado do anno de 1500 ou 1600 A. C. para cá. a descoberta das taboas será de grande importancia como um novo elemento para a verificação da verdade sobre o passado e provavelmente contribuirá para completar a documentação de inscrições do mesmo genero encontradas em grande quantidade em Nippur, antes da guerra.

Presentemente ninguem sabe dizer se a civilização que existiu entre o Euphrates e o Tigre teve qualquer ligação com a do Nilo ou ainda de qualquer dellas proveiu da outra. Está assentado que o rei Nabuchodonosor, que se acredita haver sido um caracter singularmente religioso, concertou e reconstruiu parcialmente o famoso templo de Ur, cerca de mil annos depois de haver sido elle abandonado. Como Ninive se fazia notar pelo seu templo da Deusa Ishtar, assim tambem Ur se nobilizara pelo seu templo a El-Nanna, o Deus da Lua.



Sr. Villa Lobos

Partiu para a Europa o maestro Villa Lobos, uma das mais fortes expressões da nossa cultura musical e que vae, na fórma do decreto 4 555, de 10 de Agosto de 1922 reallzar em Paris, Berlim e Roma e, sendo possivel, em Londres e Madrid concertos com produções suas e dos mais notaveis compositores brasileiros. Não é possivel deixar de referir esse facto tão auspicioso para o nome do nosso paiz que Villa Lobos já vem honrando, pois, como tivemos ensejo de noticiar, tem sido ouvido com os maiores applausos em Paris e Madrid, onde suas musicas foram executadas pelo pianista Rublnstein, obtendo o melhor exito. Não nos cabe aqui referir a grandeza da obra do nosso poderoso artista, mas temos a mais absoluta convicção de que a sua ampla revelação na Europa testemunhará a força e o fulgor invulgar da nossa arte. A musica de Villa Lobos não se diminuirá no confronto com a dos mestres modernos.

Chronica de musica franceza

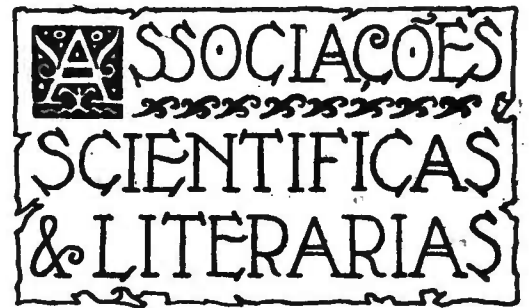
Ha, no Salão dos Independentes, uma série interessante de bonecos consagrados ao mundo musical. Lá estão os retratos, ou caricaturas, como vos agrade, de Maurice Ravel, de Albert Roussel, de Maurice Delage, de Florente Schmidt, de Ricardo Vinés. Se se tratasse de uma curiosidade engraçada, não cuidaria della; mas a autora, Mme. Roland Manuel, observou muito bem o caracter dos seus modelos, vio as silhuetas, os traços distinctos, as expressões, e os seus bonecos são cheios de vida. Tambem, — porque atrevido que uma correspondencia secreta se estabelece entre o mundo moral e o mundo physico, — se pôde observar que a autora dos bonecos nos mostra não só os homens, como os musicos. O aspecto casmurro de Florent Schmidt explica as suas coleras musicas e sentimos que essa personagem delicada e quasi preciosa é bem o autor do *Pevane pour une infante defunte*.

Encontramos Ricardo Vinés, este Philippe IV moderno, tanto nos concertos Pasdeloup como nos concertos Calonne, na interpretação de uma *Bailada* para piano e orchestra de Mlle. Germaine Taillefevre, e das *Noites nos Jardins de Hespanha* de Manuel de Falla. Mlle. Germaine Taillefevre pertence ao grupo dos "Seis". Mas é uma socia bastante independente. Ella diverte-se em empregar a biltonalidade, porque gosta de nos surprender. Possui raros dons de frescura e de graça. Seu *Quatuor*, executado não ha muito na Sociedade Musical Independente, é uma obra cheia de "verve" e de graça. As mesmas qualidades, talvez mais amadurecidas, se encontram na *Bailada* e tambem em uma *Sonata* recente para violino e piano, que foi tocada em diversos lugares e que Mme. Jourdan Moshangé, a interprete festejada dos modernos, fez muito bem apreciar nas quartas-feiras musicas da obra inédita. As partes vivas pareceram-me as mais felizmente realizadas, so-

bretudo a segunda, em que a compositor soube aproveitar o agrado do rythmo ternario, sem nunca cahir na banalidade para a qual este rythmo facilmente predispõe. E visto que estou tratando das paginas de violino, aproveito para assignalar que na Sala Pleyel, o Sr. Hermenn e Mme. Marty Zipélius deram uma primeira audição da *sonatina* de Honegger para dous violinos.

Manuel de Falla é um musicista dos mais representativos da escola hespanhola contemporanea. Tem o dom do rythmo e da dór. Suas *Noites nos Jardins de Hespanha* já tinham sido executadas com dous pianos na Sociedade Musical ha dous annos; deu-se no concerto Calonne a versão original que foi muito bem acolhida. Naquelle mesmo dia, o Sr. Arbos, chefe de orchestra energico, dirigio obras de Turana e de Albeniz, e fez-lhes valer a rica instrumentação.

Mais uma palavra a proposito, agora, de musica de theatro. Já faz muito tempo que elle se enlisa no recitativo, e parallelamente a musica de camara fornece um impressionismo harmonico sem sopro. Satie, Honegger, Milhaud, Mille, Tailleferre, F. Poulenc reagem e procuram dar novo interesse á linha melódica. Mas é-lhes necessario contrastes de tonalidades nunca empregados até então. André Messager, de quem se acaba de dar no Theatro Eduardo VII o *Amour Masqué* é mais tradicional. Sobre os versos livremente rimados do Sr. Sacha Guitry, escreveu uma musica leve, viva, expressiva, habll no mesmo tempo que bem inspirada. Sabe tirar do simples "quatour" de cordas os mais lindos efeitos. O contrapontista não é inferior, nelle ao harmonista. El possui tão perfeitamente a sua lingua que pôde seguir naturalmente a inspiração. Ademais, não envelhece. Nenhum traço de cansaço na sua obra. O *Amour masqué* vai tomar lugar na série de *Veronica* e da *Basoche*, e talvez seja nelle que se vá encontrar um dia o melhor da tradição musical franceza. — *Tristan Ringbor*.



A comemoração de 2 de Julho no Instituto Varnhagen

Entre as grandes celebrações da data de 2 de Julho, avultam as do Instituto Varnhagen, que não só se associou ás festas realizadas, na Bahia e aqui, como promoveu uma grande sessão solenne, revestida do maior brilho. Realizou-se esta, ás 21 horas, no salão nobre da Associação dos Empregados no Comercio, tendo a ella comparecido elevado numero de pessoas de mais alta representação social, representantes de altas autoridades do paiz, associações scientificas, litterarias e civicas, diplomatas, escriptores e grande numero de pessoas gradas. A's 21 horas, constituída a mesa, o presidente perpetuo do Instituto, Sr. Rocha Pombo, abriu a sessão e deu a palavra ao Dr. Ribas Carneiro, que leu telegrammas de congratulações passados pelo Instituto ao Presidente da Republica, ao Governador da Bahia e ao Instituto Historico Geographico da Bahia, pelo centenario da grande data. Depois o presidente explicou, em breves e significativas palavras, o alto valor do feito de 2 de Julho e mostrou que a nossa independencia, ao revés do que affirmam certos historiadores apressados, não foi um simples gesto dramatico, mas uma demorada luta, a maior parte da qual não foi travada nos campos de batalha, mas contra o temperamento do príncipe, que esposara a causa e depois pretendeu trahil-a, ou pelo menos compromettel-a. A seguir, deu a palavra ao Sr. Renato de Almeida, para proferir a sua conferencia sobre "A Formação Moderna do Brasil", que publicamos em outro local. Mal havia cessado o rumor dos applausos, que encerraram as palavras do conferencista, foi executado o Hymno Nacional, ouvido de pé, pela assistência, e encerrado com uma vibrante salva de palmas. O presidente agradeceu a brilhante assembléa daquela noite memoravel, encerrando a sessão.

O MELHOR AUTOMOVEL DO MUNDO É

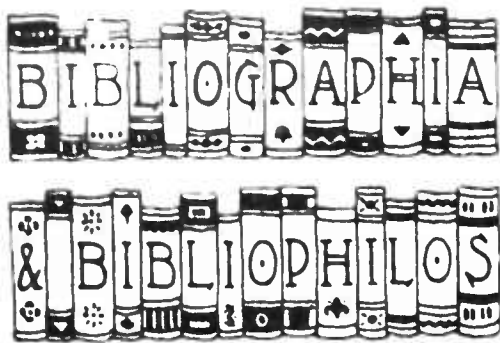
**BUICK**

DEPOSITARIOS

MESTRE & BLATGE

RUA DO PASSEIO, 48-54

Rio de Janeiro



### Bibliotheca de cultura nacional

Por iniciativa do Sr. Afranio Peixoto, Ilustre Presidente da Academia Brasileira de Letras, foi iniciada a publicação da *Bibliotheca de Cultura Nacional*, para editar e reeditar trabalhos de Literatura e Historia, referentes ao nosso país e cujas edições estejam esgotadas, ou sejam raras. O significado dessa realização é tão claro que seria inútil accentuar-lhe o merito de divulgação e o instrumento de cultura, que representa. Bem haja, o Ilustre escriptor, que em boa hora preside os destinos do nosso mais alto Conselho, por mais esse serviço ás nossas letras, que já lhe devem tão assignalados. Dessa Bibliotheca, já appareceram, admiravelmente bem editados pelo Sr. Alvaro Pinto (*Anuario do Brasil*), a *Prosopopéa*, de Bento Teixeira Pinto, o "primeiro" dos nossos poetas, e as *Primeiras Letras*, de Anchieta, Jean de Léry e outros, estando em publicação os seguintes: *Dialogo das Grandezas do Brasil*, Musico do Parnaso, de Botelho de Oliveira; *Obras*, de Gregorio de Mattos, em 5 volumes (*Sacra*, *Lirica*, *Graciosa*, *Satyrico e Licenciosa*.) Estão em preparo as *Obras* de Euzébio de Mattos e de Antonio de Sá e os seguintes livros de Historia do Brasil: *Primeiros Documentos*; *Roteiro* de Pero Lopes de Souza; *Sans Staden*; *Pero de Magalhães Gandavo*; e *Fernão Cardim*. Vê-se, pois, a amplitude do programma, que a Academia, tomou a si realisar e que tem um inicio tão auspicioso, nas primeiras edições, de capa simbolicamente guarnecida por folhas de louro. E' essa uma contribuição magnífica aos estudiosos de cousas brasileiras, cuja maxima difficuldade era consultar livros, cujo alto preço os tornava monopolio dos ricos.



Alberto Pimentel: *IDILIOS DOS REIS*, (2.<sup>a</sup> edição) Alvaro Pinto (*Anuario do Brasil*) editor. Rio — 1923 — Este livro de poemas, agora em nova edição, prefaciado por Camillo Castello Branco, é feito de historias galantes de reis estrangeiros e portuguezes, amores romancescos, ou canalthas, contados com finura e elegancia, por um poeta de excellente quilate. O A. assim explica as suas intenções ao leitor: "Fomos procurar a alma humana sob a purpura, como outros a tem ido procurar sob os andrajos. Não subimos os degraus do throno para genuflectir nem para motejar. Fica esse papel aos cortesãos e aos jograis. Fomos até onde a psychologia, auxiliada pela historia, nos podia guiar. Não quizemos ascender até ao lirismo impeccavel nem profundar

até a pornographya asquerosa. Lê-se esse livro com o maior prazer, encontrando-se em notas explicativas as referencias historicas que illustram os episodios, pois o A., além de poeta é um chronista de historia do melhor merito.

**PRIMEIRAS LETRAS:** Este livro inicial da colleção dos *Classicos Brasileiros*, sahido em-hora em segundo lugar, contém cantos de Anchieta, o Dialogo de João de Léry e *Trovas Indigenas*, precedidas todas as partes de advertencias explicativas do Sr. Afranio Peixoto. São revelações magnificas de nossa historia e das nossas primeiras tentativas, que se divulgam com grande utilidade, em edições feitas com todo o primor e por preços accessiveis a todos. A parte mais interessante é a das trovas indigenas. Vêde, por exemplo, que maravilha é essa invocação a Rudá, a deusa do amor:

Ruda, Rudá  
Juaka pinaté  
Amana reaiçu...  
Juaka pinaté,  
Aiuaté Cunhá  
Puxiuera Oikó  
Ne manuara ce rece  
Quanha Caaruca pupé.

O Couto de Magalhães explica: "A jovem india que se sentia opprimida de saudades pela ausencia do amante naquellas perigrinações continuas em que a caça e a guerra traziam os guerreiros, a jovem india dizemos, dev'a dirige-se a Rudá (divindade do amor) ao morrer do sol ou nascer da lua, e estendendo braço na direcção em que suppunha o amante devia estar, cantava: *Oh Rudá, que estaes no céu, e que amais as chuvas... Rudá que estais no céu... fazei que elle, o meu amigo, por mais mulheres que tenha os ache, todas feias; fazei que elle se lembre de mim esta tarde quando o sol se esconder no poente...*" Tem razão o Sr. Afranio Peixoto, este encanto bem merecia ser um numero do *Intermezzo* de Heine. Ha uma outra quadra, que tem um sabor amargo do *Rubayat* e assim se traduziria versificada (pag. 257):

Cada qual que ria e beba  
Emquanto está forte e são  
Pois quando ficar doente  
Canto e risos cessarão.

Em summa, quanta suggestão nesta ingenua poesia em que o grande Montaigne encontrava o mesmo valor na que é feita segundo a boa arte! Andou bem em reunir essas trovas, o illustre presidente da Academia pois nellas ha revelação de uma das melancolias da alma brasileira.

Bento Teixeira: **PROSOPOPEA**, com prefacio de Afranio Peixoto. Alvaro Pinto, editor — Rio, 1923: Com este livro, reedição do velho poema de Bento Teixeira Pinto, iniciou a Academia de Letras a publicação da sua *Bibliotheca de Cultura Nacional*, num esforço meritório, que exaltamos noutro local desta revista. Nada mais ha a dizer sobre a obra do "primeiro" dos nossos poetas, que teve agora a ventura de encontrar no Sr. Afranio Peixoto um pouco de sympathia que, por via de regra, tem faltado a todos os seus criticos anteriores. "A *Prosopopéa*", escreve o Sr. Afranio, é um poemeto epico, em versos endecasyllabos, oitava rima, noventa e quatro estancias, entoado em louvor de Jorge de Albuquerque Coelho, Governador de Pernambuco, no qual a imitação, as reminiscencias, imagens e talvez versos dos *Lusiadas* de Camões, constituem como que a intimidade mesma da obra." Depois de mostrar que a critica nacional não tem sido benigna com o autor, citando os conceitos de José Verissimo e do Sr. Ronald de Carvalho, que o diz de "mediocre feitio", realça o conceito de Sylvio Romero, que attribue ao poema a origem do nosso nativismo e escreve que "bastaria o lugar que tem assim, e de primeira hora, nesse nativismo, além da primazia no tempo, entre os nossos poetas" Encontra-lhe mais porém. Encontra-lhe merito na imitação de Camões, que soube fazer de modo invulgar, deparando lance que honraria ao mesmo Camões. E'

quando, em Alcacer-Quebr, destroçados, os Portuguezes, outr'ora invictos, debandam esparvidamente, abandonando Rei e Patria á mourisma triumphante, o velho Duarte de Albuquerque, que em vão os quer deter, exorta-os, antes que, para não sobreviver á vergonha, procure a morte:

Assim dirá. Mas elles sem respeito,  
A honra e ser de seus antepassados,  
Com pallido terror no frio leito,  
Irão por varias partes derramados.  
Duarte vendo nelles tal defeito,  
Lhes dirá: "Corações efeminados,  
Lá contareis aos vivos o que vistes,  
Porque eu direi nos mortos que fugistes."

A sublimidade da Idéa — continua o Sr. Afranio Peixoto, destes dous ultimos versos vale um poema: só elles bastam para fazer da *Prosopopéa* mais que um canto bastardo camoneano. Em qual dos nossos epicos — no *Uruguay* de Basilio da Gama, na *Confederação dos Tamoyos* de Gonçalves Magalhães, n'Os *Tumbiras* de Gonçalves Dias, ha idéa heroica que valha esta? Fica a pergunta, para devida revisão do julzo summario, injusto, que desfructa a memoria de Bento Teixeira." A presente edição é feita pela edição de 1601, reproduzida pelo Sr. Ramiz Galvão, numa edição fac-similar, em 1873, sendo apenas modernizada a orthographia. Diante dos julzos de nossos criticos e da rehabilitação que o Sr. Afranio Peixoto faz de Bento Teixeira, os leitores, com poema sob os olhos, podem estimar com quem está o melhor julgamento sobre o poeta.

Teixeira de Paschoaes: **VERBO ESCJRO**, — 2.<sup>a</sup> edição — Alvaro Pinto (*Anuario do Brasil*) editor. Rio, 1923 — Não se pôde diante de um livro como este, quando não ha espaço, nem ensejo de critica, fazer mais do que noticiar o seu apparecimento. Simples registro bibliographico e nada mais. Porque não havemos de atropelar neste columna de noticias, as sombras amiguis e suggestivas desse jardim silencioso, e que são os pensamentos do artista. A suavidade e a intensa penetração psychologica que nelles se depara, obrigam a meditação e ao recolhimento, para se perceber toda a beleza e todas as intenções. Procure o leitor o convívio com esse espirito admiravel, que se conta entre os mais significativos da moderna literatura portugueza, em cuja intelligencia desencantada e melancolica ha uma grande força de percepção das cousas. Livro para as horas doces de pensamento, mas que, não raro, vos deixa o travo na bocca. E' que "a visão intellectual definha as cousas sobre que incide; rouba-lhes a cor e o perfume."

Leonardo Coimbra: **A RAZÃO EXPERIMENTAL**, Ed. da "Renascença Portuguesa" Porto, — 1923 — Neste livro reuniu o A. varios estudos seus sobre logica e metaphysica, que revelam as suas qualidades de pensador e critico philosophico, tão justamente apreciadas, no seu como no nosso país. Depois de estudar a philosophia, sob os seus multiplos aspectos, como critica, como sciencia, como pratica, como processo do conhecimento e como orgão da liberdade, passa a tratar da actividade scientifica, detendo-se esse capitulo no estudo da theoria de Einstein. Analisa o problema da verdade e da certeza scientifica e, por fim, a Dimensão Espiritual. As suas conclusões são de um deísmo emanente, em que as almas são emanções de Deus, que delle tiravam o seu alimento. Com o peccado original houve a confusão (renova a queda) que é a separação, procurando as almas volverem a Deus, de cujo amor infinito recebemos raios de luz espiritual, que nos atrai para a eterna gloria. Livro de erudição e de meditação, merece o estudo mais detido de todos os que se occupam com as cousas do pensamento, infelizmente tão desprezadas ainda em nossa terra. O Sr. Leonardo Coimbra, que é um pensador de envergadura, confirma neste livro a sua solida reputação. Para nosso mal, não nos cabe fazer mais do que uma simples noticia.

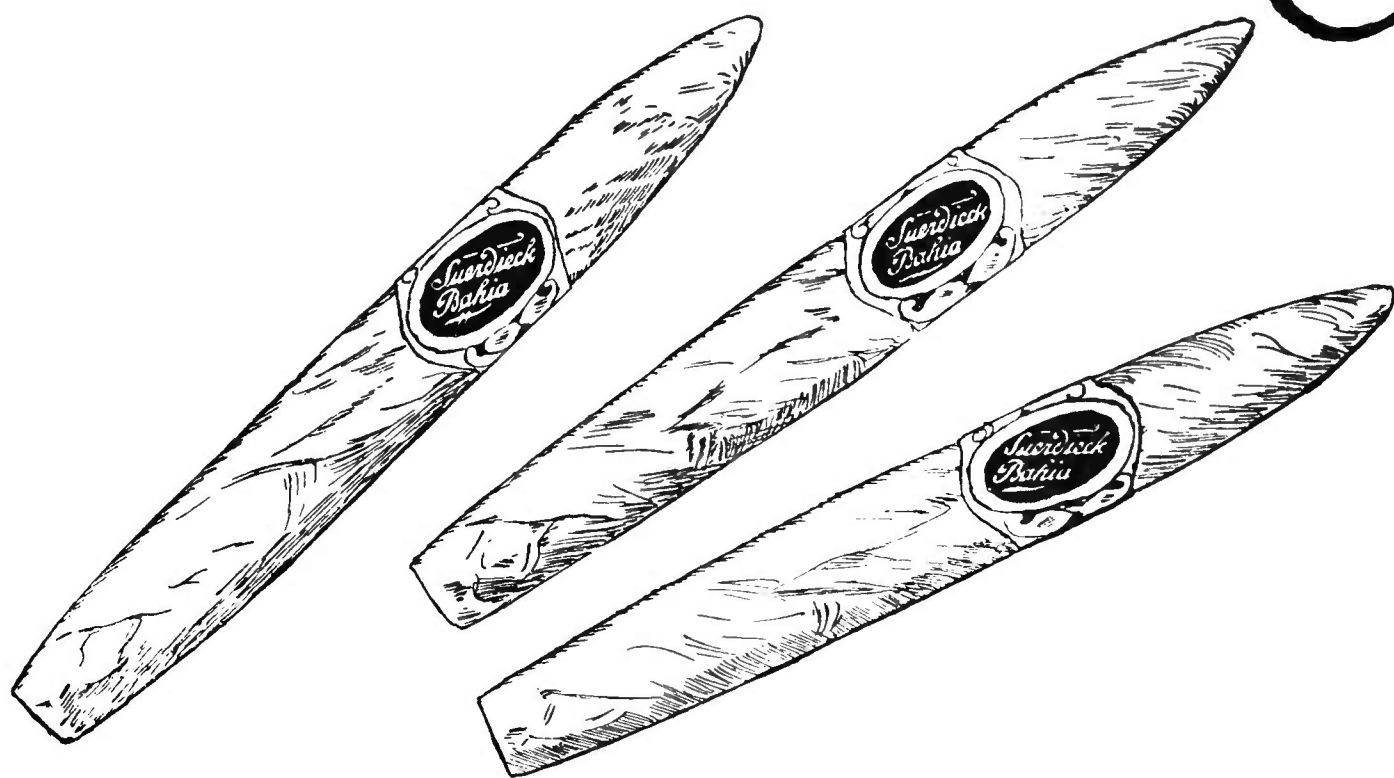
## BREVEMENTE HISTORIA DA MUSICA BRASILEIRA

DE RENATO ALMEIDA

Editor: ALVARO PINTO

ANUARIO DO BRASIL

# Charutos Swerdieck



*Recommendados por todos os  
fumantes devido à sua quali-  
dade superior.*

# LIVRARIA GARNIER

Rua do Ouvidor, 109

Caixa Postal, 618

Rio de Janeiro

## PEÇAM CATALOGOS

### COLLECÇÃO "AUREA"

(Paginas escolhidas dos maiores escriptores)

<i>Machado de Assis</i> , por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc. ....	10\$000
<i>Os Poetas</i> — 2 volumes enc. ....	20\$000
<i>Contos Brasileiros</i> , Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc. ....	10\$000
<i>Visconde de Taunay</i> , por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc. ....	10\$000
<i>José de Alencar</i> , por Mario de Alencar. ....	10\$000

### BIBLIOTHECA SCIENTIFICA

Le Bon — <i>As Opiniões e as Crenças</i> , enc. ....	8\$000
" — <i>Psychologia das Multidões</i> , enc. ....	8\$000
" — <i>Psychologia dos Novos Tempos</i> , enc. ....	8\$000
" — <i>Psychologia Politica</i> , enc. ....	8\$000
" — <i>A Revolução Franceza e a Psychologia das Revoluções</i> , enc. ....	8\$000
Smiles — <i>Ajuda-te</i> , enc. ....	8\$000
" — <i>O Character</i> , enc. ....	8\$000
" — <i>O Dever</i> , enc. ....	8\$000
" — <i>A Economia</i> , enc. ....	8\$000
" — <i>O Poder da Vontade</i> , enc. ....	8\$000
" — <i>Vida e Trabalho</i> , enc. ....	8\$000

LITTERATURA NACIONAL E ESTRANGEIRA, DICCIONARIOS, VOCABULARIOS, GUIAS, ESPIRITISMO, ETC.

## COMPANHIA ALLIANÇA DA BAHIA

De Seguros Maritimos, Terrestres e Fluviaes

### SÉDE NA BAHIA

#### DIRECTORES:

Francisco José Rodrigues Pedreira, José Maria Souza Teixeira e Bernardino Vicente d'Araujo

Com 216 agencias e sub-agencias em todos os Estados do Brasil, e em Montevidéo

Capital realizado — reservas. ....	16.161:767\$611
Deposito no Thesouro Federal. ....	200:000\$000
Deposito no "Banco da Republica Oriental do Uruguay", em Montevidéo. ....	70:124\$000
Receita em 1922. ....	10.293:751\$598
Sinistros pagos em 1922. ....	5.578:437\$075
Lucro líquido em 1922. ....	2.360:099\$156

Esta Companhia, em caso de reconstrução ou concertos, por sua conta, de predio sinistrado, se obriga a indemnização do respectivo aluguel **integral** pelo tempo empregado nas obras.  
De 6 em 6 annos, é gratuito o anno seguinte (7º anno), dos seguros terrestres aos clientes que conservarem apolices contra fogo, durante 6 annos sem interrupção ou prejuizo.

Premios dispensados em 1922 (7º anno gratuito) ..... 242:363\$380

É a primeira companhia de seguros maritimos, terrestres e fluviaes, nacional, em capital e reservas, e receita.

#### AGENCIA GERAL NO RIO DE JANEIRO

## AVENIDA RIO BRANCO, 117

Telephone Norte 3883

Telephone do Gerente: Norte 4032

1º Andar — Salas 9 a 12 — do edificio do "Jornal do Commercio"

Esta agencia aceita seguros maritimos e terrestres em condições vantajosas para os segurados nesta Capital e em todos os Estados do Brasil.

Os sinistros são pagos nas agencias em que os seguros tiverem sido effectuados.

Gerente: **ALEXANDRE GROSS.**



# A BAHIA EM ALGARISMOS

Superfície { .....	529.379 kms. quads.
Percentagem sobre a superfície do Brasil.....	6,23 %
População .....	3.334.465 habitantes
População da capital .....	283.422 habitantes
Cidades .....	58
Villas .....	78
Districtos .....	388
Area agricola .....	8.451.440 hectares
Percentagem da area agricola sobre a superfície total.....	16,0 %
Numero de estabelecimentos ruraes.....	65.181
Valor da area agricola.....	559.954:034\$
Numero de estabelecimentos pertencentes a nacionaes.....	63.305
Numero de estabelecimentos prtencentes a estrangeiros.....	459
Valor médio dos estabelecimentos por habitante.....	392\$
Valor médio da produção agricola.....	302:293:004\$
Receita .....	34.128:500\$
Despeza .....	26.655:036\$
Extensão da linhas ferreas. . . . .	2.809,342
Commercio exterior em 1922 { Importação .....	64.378:000\$
{ Exportação .....	174.722:000\$
Porto da Bahia, capital empregado.....	23.034:773\$ ouro
Movimento do porto { Entradas .....	1.609 embarcações
{ Saídas .....	1.341 embarcações
Escolas publicas e particulares (primarias).....	946 estabelecimentos
População escolar (de 7 a 12 annos).....	666.744 alumnos
<b>POPULAÇÃO PECUARIA:</b>	
Bovina .....	2.698.106 cabeças
Equina .....	381.127 cabeças
Asina e muar .....	250.314 cabeças
Ovina . . . . .	954.617 cabeças
Caprina .....	1.419.761 cabeças
Suina : .....	784.155 cabeças
Valor do gado existente.....	446.355:930\$

## LIVRARIA E PAPELARIA AZEVEDO

CASA EDITORA DOS ROMANCES DA COLLECÇÃO CHIC

**A. DE AZEVEDO & COSTA**

Livros Colegiaes e de Literatura

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA

SECÇÃO DE IMPORTAÇÃO  
ESCRITÓRIO

Rua Senador Dantas, 120

Telefóno, Central 3079

DEPOSITO

Rua Senador Dantas, 104

SECÇÃO DE VAREJO

**LIVRARIA E PAPELARIA**

Telefóno, Central 5238

Rua Uruguaiana, 29

RIO DE JANEIRO

## NAÇÃO PORTUGUÊSA

REVISTA PORTUGUÊSA DE CULTURA NACIONALISTA

Director: **ANTONIO SARDINHA**

Editor: J. FERNANDES JUNIOR

Secretario: DOMINGOS DE GUSMÃO ARAUJO

Rua Sêrpa Pinto, 38 -- 3.º LISBOA

PUBLICA-SE TODOS OS MEZES

Assignatura annual para o Brasil: 48 escudos (Adiantado)

Póde-se assignar ou annunciar por intermedio da AMERICA BRASILEIRA  
que fornece todas as informações

**CLICHÉS**

PHOTOGRAVURA MODERNA

**TEL. NORTE 462**

RUA DA QUITANDA, 161.

# BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

**Casa Matriz: AMSTERDAM**

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro -- S. Paulo -- Santos -- Buenos-Aires -- Santiago do Chile -- Valparaizo.  
Na Allemanha -- HAMBURGO.

**Capital autorizado..... Florins 50.080.000**  
**Capital realizado e reservas..... Florins 22.680.000**

*Fundado pela Rotterdamsche Bankvereniging  
Amsterdam -- Rotterdam -- Haya*

*Cujo capital realizado e reservas montam em florins a 114.000.000*

SUCURSAL NO RIO DE JANEIRO

**II, RUA BUENOS AIRES, 13**

TELEPHONES: NORTE 5356, 5357 E 5358

# Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

**CAPITAL: FRs. 50.000.000**

CAPITAL REALISADO.

**Ações Frs. 50.000.000 e Obrigações Frs. 65.000.000**  
**Fundo de reserva: Frs. 12.500.000**

Empréstimo sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por amortisações semestraes com direito de reembolso antecipado.

**DINHEIRO PARA CONSTRUÇÕES.**  
Abertura de credito para construcções de prédios até 50 % do valor dos mesmos e terreno.

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento.

Adiantamento sobre titulos, mercadorias e warrants.

Gerencia de immoveis, cobrança de juros sobre apolices, ações e debentures, guarda de valores, etc.

SÉDE SOCIAL EM PARIS:

**39 BOULEVARD HAUSSMANN 39**

Séde de Operações e Direcção Geral:

**44, AVENIDA RIO BRANCO, 44 — RIO DE JANEIRO**

Endereço' Telegraphico-BRESIFONCI  
CAIXA FCSTAL, 307

TELEPHONES { Directoria N. 4.116  
Secretaria N. 2.085  
Expediente N. 3.750

**AGENCIA:**

**24, RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO**

# AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR. Elysio de Carvalho



Anno II.

N. 21

Setembro de 1923.

Preço 1\$000

# BANCO ALLIANÇA

SÊDE NO PORTO

RIO DE JANEIRO

146, Rua do Rosario, 146

Caixa do Correio, 924

Telephones: Norte 3376 e Norte 6329

Saques sobre todos os paizes do mundo  
—Descontos—Operações bancarias  
em geral—Administração de  
propriedades—Cobrança de juros e  
dividendos—Inventarios—

Correspondentes em todo o territorio  
dos Estados Unidos do Brasil.

## DEPOSITOS

A' ordem. . . . 4 % ao anno

### DEPOSITOS A PRAZO E LETRAS A PREMIO

A prazo de tres mezes.	4 1/2 % ao anno
A prazo de seis mezes.	5 1/2 % ao anno
A prazo de nove mezes.	6 % ao anno
A prazo de doze mezes.	6 1/2 % ao anno

# BANCO HYPOTHECARIO DO BRASIL

50 -- AVENIDA RIO BRANCO -- 50

RIO DE JANEIRO

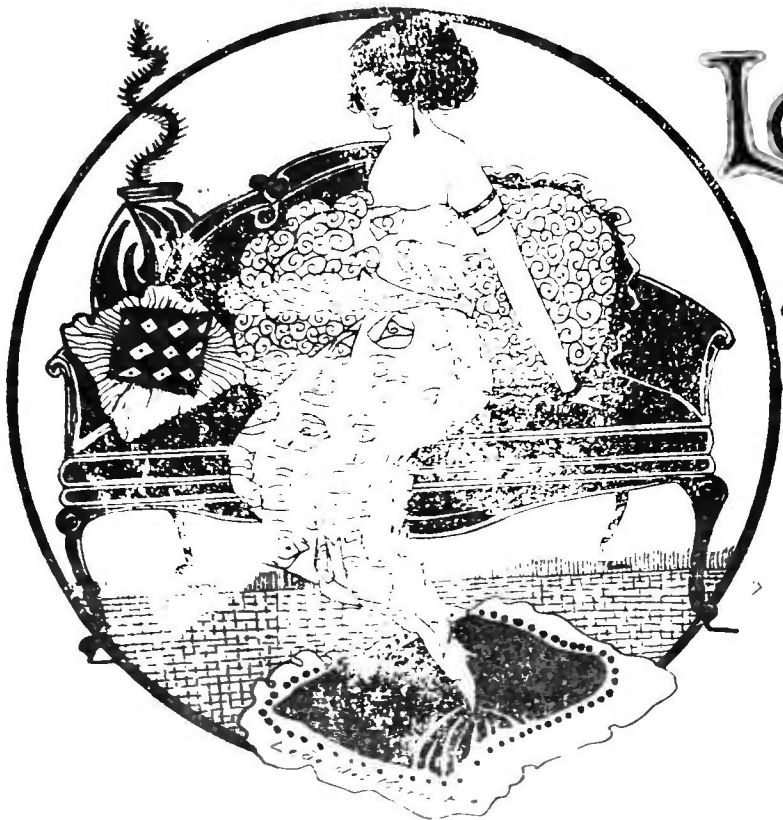
Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes  
á vista e á prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS



# Leão dos Mares

Phone Central  
822

Quereis adquirir **Movéis** e **Tapeçarias**  
os mais artisticos e confortaveis ?

Sem hesitar procure V. Ex. o **LEÃO  
DOS MARES** que vos proporcionará o  
maximo de economia.

## Mourão & Americo

RUA DO PASSEIO, 110 — (LAPA)

Uma bella sala de jantar holiandeza, poderá ser adquirida por 1:000\$ e um rico  
dormitorio completo e embutido por 1:050\$000.

# Banco Português do Brasil

CAPITAL.... RS. 50.000:000\$000

SÉDE: RIO DE JANEIRO



Abre Conta Corrente  
de movimento,  
CONTAS CORRENTES  
LIMITADAS COM  
TALÃO DE CHEQUES,  
Conta Corrente a  
prazo fixo e  
encarrega-se da adminis-  
tração de  
propriedades

**FILIAES EM S. PAULO E SANTOS**

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal: 479

**24, Rua da Candelaria, 24**

**RIO DE JANEIRO**

# AMERICA BRASILEIRA

RESENHA DA VIDA NACIONAL

Director: ELYSIO DE CARVALHO

Secretario da redacção: LUIS-ANNIBAL FALCÃO

## SUMMARIO DESTE NUMERO

A ANTHROPOSOCIOLOGIA NOS ESTUDOS BRASILEIROS.....	OLIVEIRA VIANNA.
PATRIOTISMO BRASILEIRO .....	JOÃO DE BARROS.
A LIBERTAÇÃO DO MARANHÃO.....	GUSTAVO BARROSO.
SANTANDER .....	MAX GRILLO.
MARCEL PROUST E GOMEZ DE LA SERNA.....	CARLO BOSELLI.
A SALVAÇÃO DE FAUSTO.....	MESQUITA PIMENTEL.
CLEMENCEAU. ....	CAMILLE MAUCLAIR.
MAUCLAIR E A LITTERATURA FRANCEZA NO SECULO XX....	L. A. F.
A ALMA DE ESPANHA.....	JOSÉ OSORIO DE OLIVEIRA.
NACIONALISMO .....	MOTTA TRIGUEIROS.
VIRGO PRÆDICANDA .....	CARLOS D. FERNANDES.
MENTALIDADE ARGENTINA.....	JOSÉ INGINIÊROS
POTENCIALIDADE ECONOMICA DE MINAS.....	REDACÇÃO.
IMPRESSÕES DO "SALÃO" .....	CARLOS RUBENS.
NOTAS & COMMENTARIOS.....	REDACÇÃO.
NOTULAS .....	REDACÇÃO.
PORTUGALIA .....	REDACÇÃO.
REPERTORIO .....	REDACÇÃO.

## EXCERPTOS

DE

Machado de Assis, Graça Aranha, Renato Almeida, Metzinger, Gabriel Brunet, Guerra Junqueiro e  
Elle Faure.

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURA ANNUAL

Para o Brasil. .. 10\$000  
Para o Exterior 12\$000

### VENDA AVULSA

Numero do mez 1\$000  
Numero atrasado. 2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96, 3.º

Tel. Norte 6011

RIO DE JANEIRO - BRASIL

Caixa Postal 1228

# AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 21

==

RIO DE JANEIRO — SETEMBRO, DE 1923

==

ANNO II

## A ANTHROPOSOCIOLOGIA NOS ESTUDOS BRASILEIROS

Esta bella sciencia, de tão recente criação, está sendo victima de uns certos equívocos, que fazem parecer, nos olhos de muita gente, falsos ou tendenciosos os seus fundamentos. É uma sciencia essencialmente franceza, que teve como iniciadores duas poderosas organizações caracteristicamente latinas: Durand Le Gros e Gobineau. Os seus grandes systematizadores foram porém, allemães e chamavam-se Ammon, Woltmann, Relmer e Chamberlain — e dahi a fonte de todos os equívocos.

Os dous primeiros eram homens de sciencia authenticos e entraram nos domínios da anthroposociologia com a sincera intenção de encontrar a verdade: mas, os dous ultimos foram buscar nas investigações anthroposociologicas as bases scientificas do imperialismo pangermanista — e fizeram, não obra de cientistas, mas obra de partidarios, transformando a bella sciencia dos Gobineau e dos Lapouge em instrumento para a propaganda de um programma politico. Não eram, como observa Lapouge, anthroposociologistas, mas "caricaturistas da anthroposociologia." Deformaram a anthroposociologia aos feitos dos interesses germanicos, como os Houzé, os Finot, os Manouvrier, que os contrabateram, a deformaram ao geito dos interesses francezes, ameaçados pelas conclusões aggressivas dos pangermanistas, à maneira dos Reimer e dos Chamberlain. Chegado o ardor dos contendores ao ponto da temperatura branca, a serenidade desapareceu inteiramente dos debates, perdeu-se completamente a noção dos interesses da sciencia e a discussão dos argumentos se revestiu da feição irritada dos pamphletos.

Homens de cultura fundamentalmente franceza, os nossos letrados souberam desses debates apenas atravez dos oppugnadores francezes e, tendo assim uma visão parcial da questão, concluíram que a anthroposociologia está morta e que os materiaes colhidos não teriam outra utilidade senão a de servirem para entrecchos de romances de fantasia, sinão do genero dos de Julio Verne, pelo menos do genero dos de Pierre Loti...

Eu não quero, de modo algum, entrar no exame do ponto que deu motivo à formidável algazarra dos sociologos e anthropologos francezes: a questão da superioridade dos povos germanicos sobre os povos chamados latinos ou, em technica de antropologia, a superioridade do *Homo europeus*, de Lapouge, sobre o *Homo alpinus*, de Linneu, isto é, do dolicocephalo louro sobre o brachicephalo moreno — o que, em ultima analyse, redundou na affirmacão da superioridade do germano sobre o celta, ou, mais particularmente — para collocar a questão no terreno incandescente da politica pangermanista — a do allemão sobre o francez. Estou absolutamente convencido que houve muito exagero, muita conclusão precipitada, muita inferencia sem

razão de ser da parte de Lapouge, de Ammon e de Woltmann — para falar unicamente dos mestres, que deram às suas investigações a severidade e imparcialidade da sapiencia. É possível que tenham de ser revistas e refundidas muitas daquellas "leis fundamentaes da anthroposociologia", taes como appareceram formuladas numa obra de Lapouge, pois data de 1909 (— *Race et milieu social*, pag. 169). Nada disto diminue o immenso valor da nova sciencia social e a enorme importancia pratica das suas conclusões.

Mesmo naquellas suas affirmacões sobre a superioridade do dolico-louro nem tudo está errado. Ha, sem duvida, um solido fundo de verdade nessas conclusões, que, embora exaggeradas na sua significacão e importancia, estão muito bem separadas por dados objectivos, extremamente copiosos, para serem totalmente errados. O que é certo é que os anthroposociologos de verdade, como

pouge e de Amon se restrinja exclusivamente a isto.

Não; o dominio da anthroposociologia é incomparavelmente mais vasto: é o estudo das reacções reciprocas da raça e do meio social. Qualquer aggregado humano, seja qual for o *habitat* em que viva, está sempre sujeito a duas ordens de influencias: as que lhe vem da sua base physica, e as que lhe vem da raça.

Dos reflexos do meio cosmico sobre o grupo social e deste sobre o meio cosmico cuida a "anthropogeographia"

Dos reflexos da raça sobre o grupo social e do grupo social sobre a raça cuida uma outra sciencia, que é a "anthroposociologia"

O fundamento desta ultima sciencia, o seu postulado basico é o principio da hereditariedade dos caracteres ethnicos. Por isso mesmo ninguem póde discutir questões de anthroposociologia sem conhecer heredologia a fundo — pois, toda questão de anthroposociologia, como de ethnologia, se reduz, afinal, a um problema de hereditariedade. Estamos diante de uma sciencia, que marca, como se vê, o ponto de transição entre as sciencias naturaes e as sciencias sociaes. Os que entrarem nos seus domínios tem que ir preparados para jogarem, ao mesmo tempo e com a mesma segurança, com os dados da biologia e os dados da sociologia.

Entre nós, a anthroposociologia encontra um campo admiravel para investigações. Presumo que ninguem haja até agora cultivado aqui esses estudos, tão cheios de seducção e interesse, devidos exclusivamente à prevençao existente contra o mais notavel representante da nova sciencia no mundo latino: Vacher de Lapouge. O poderoso pensador de *O aryano* passa por ser o maior pregoeiro da superioridade dos povos germanicos sobre os povos latinos — e dahi a prevençao contra a sua obra e, consequentemente, contra a anthroposociologia. Entretanto, a obra fundamental de Lapouge não é *O aryano*; mas sim, as *Seleccões sociaes*. Este livro, embora opine pela superioridade da raça dolico-loura, é uma soberba construcção scientifica, que bastaria para mostrar a complexidade dos problemas versados pela anthroposociologia — tal como o livro de Amon: *A ordem social e as suas bases naturaes*.

Entre nós, os problemas da anthroposociologia offerecem o interesse mais vivo, porque a nossa massa social soffre a influencia de tres racas differentissimas, duas das quaes exoticas: a branca e a negra; e, além disso, duas dellas, a negra e a vermelha, vivendo num clima social muito diverso dos climas sociaes da sua formação originaria. As reacções reciprocas destas tres racas sobre o nosso meio social e do nosso meio social (que, aliás, não é o mesmo ao norte e ao sul do paiz) sobre estas tres racas são

### O INSTINCTO DE NACIONALIDADE

Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão alli farto manancial de inspiração e irão dando physionomia propria ao pensamento nacional. Esta outra independencia não tem Sete de Setembro, nem campo de Ypiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sahir mais duradoura; não será obra de uma geraçao, nem duas; muitas trabalharão para ella, até perfazel-a de todo.

MACHADO DE ASSIS.

Lapouge, por exemplo, têm sempre o cuidado de accentuar que as leis que regem, segundo elles, a distribuicão social das racas, e que deram motivo ao protesto dos Finot, dos Houzé e dos Manouvrier, só têm verificacão nos meios sociaes, compostos exclusivamente de *H. europeus* e *H. alpinus*. As leis que regem o comportamento do *H. europeus* em relação a outros typos ethnicos, como por exemplo, o *H. meridionalis*, que é o typo dominante da Italia do sul e na peninsula iberica. — não estão ainda perfectamente definidos.

Errado, porém, andar quem confundir anthroposociologia com apologia do homem dolicocephalo louro. Os anthroposociologos allemães, de compareceria, aliás, com alguns bellos espiritos francezes, chegaram à conclusao da superioridade dos dolico-louros: mas, seria evidentemente reduzir de uma maneira injusta o campo da anthroposociologia, julgar que a formosa sciencia de La-

# PATRIOTISMO BRASILEIRO

ELYSIO DE CARVALHO E OS BASTIÕES DA NACIONALIDADE

O artigo, que transcrevemos, data venia, do "Primeiro de Janeiro" de 1 de Julho de 1923, do illustre escriptor Sr. João de Barros, é uma admirável synthese do nativismo brasileiro, que se não deve isolar, mas, ao revés, se fecundar nas tradições gloriosas da raça commum.

Enquanto, por vezes, nós em Portugal discutimos se temos ou não uma origem ethnica que nos permita considerar a nacionalidade um todo uno, eterno e diferenciado dos outros da população iberica — o Brazil, pela pena dos seus mais altos escriptores e sabios, afirma-nos essa crença e justifica-nos essa certeza. Para eles, uma das causas mais fortes da união e da cohesão do seu vasto paiz, é, precisamente, a ascendencia luzitana — e dessa ascendencia se honram e orgulham como sendo duma das mais antigas e vigorosas raças da Europa. A memoria recente do que foi a formação do Brazil pela persistencia e pelo genio portuguez, creando uma Patria tão diversa das outras patrias da America do Sul e a elas tão superior, ensina aos brasileiros essa attitude de justiça e de verdade para com os luzitanos, e faz-lhes sentir a profunda originalidade e a personalidade indestructivel desse antigo povo, que aonde vive ou passa edifica e levanta construcções immorredoras.

estudos do mais alto interesse scientifico e cheios de fecundas consequencias practicas. Na *Evolução do povo brasileiro*, ao estudar a evolução da nosa raça, bosqueja, em traços ligeiros e genericos, alguns problemas mais interessantes da nosa anthroposociologia; mas, o que digo alli está longe de representar um estudo exhaustivo das questões abordadas. Num outro ensaio, de menores proporções, sobre *O typo ethnico brasileiro e os seus elementos formadores*, que vem no volume introductorio do *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, publicado pelo Instituto Historico, eu accentuo um pouco mais a analyse de alguns aspectos da nosa psychologia ethnica, especialmente dos modernos typos europeus, confluentes ao sul do paiz. Mas, o problema do eugenismo desses typos e dos nossos mestiços indocarios — apparece estudado muito succintamente e está exigindo uma analyse mais demorada e exhaustiva. Pretendo fazel-a em trabalho mais especializado e de maior tomo — *O Aryano no Brasil* — para que estou carreado materiaes, de modo a poder discutir esses problemas ethnicos e anthroposociologicos com o possivel rigor scientifico.

No Brazil, o problema das influencias ethnicas tem uma importancia muito consideravel, porque não existem aqui certos preconceitos de casta ou de

Estas reflexões fazia eu lendo o magnifico livro de Elisio de Carvalho, que se chama "Os Bastiões da Nacionalidade". Elisio de Carvalho é um dos mais lusofilos entre os lusofilos escriptores brasileiros, e é um dos mais belos e elevados espiritos da sua geração. Entusiasta, mas refletido; artista de vibrante sensibilidade, mas pensador de sereno raciocinio; critico e poeta, historiador e economista, — todas estas multiplas facetas do seu nobre talento se subordinam a uma mesma orientação patriótica. Desde muito que propaga, defende e explica as ideias e as acções que mais uteis lhe parecem á grandeza e á prosperidade da sua terra. E tal é o poder de convicção que anima as paginas dos seus livros, ou da sua revista "A America Brasileira"; e tão cheios de logica e de razão e de probidade mental são os seus argumentos que bem pôde dizer-se ter conquistado já, pela influencia da sua obra, um logar de conductor e de professor de fé nacionalista entre a mocidade do Brazil.

Essa fé nacionalista afirma-se com especial insistencia em "Os Bastiões da Nacionalidade" — livro todo consagrado á gloria e ao futuro do Brazil, livro em que se encontra esta frase orgulhosa: "tudo, em nós, é antes de tudo, brasileiro"; e que, no entanto, pelo amor e pelo apêgo que denuncia ás coisas portuguezas, bem poderia trazer na capa uma epigrafe significativa, uma epigrafe que é a divisa do

apostolado de Elisio de Carvalho: — "pelo Brazil e por Portugal", como já foi a divisa do apostolado inesquecivel do inesquecivel João do Rio...

"E' assim que o Brazil, no pensar do admiravel escriptor (Graça Aranha) se tem de afirmar como o continuador do genio portuguez no mundo americano, dando á alma antiga mais vigor, mais entusiasmo e mais agilidade, e á America mais clareza, mas intelligencia, mais beleza nas suas relações com o universo", escreve Elisio de Carvalho.

Neste periodo incisivo e claro contém-se todo o pensamento do prosador illustre sobre o magno problema do destino brasileiro, que ele assim entrelaça, intimamente, ao destino portuguez: "Quer mais brasileiro que o transmoutano ou o alfaeinha que levou a sua paixão da terra até ao sacrificio de defendel-a com a própria vida?" — continua Elisio de Carvalho. E, mais adiante: — "aos portuguezes devemos, digamos sem enfatismo, a grandeza da terra, unida e identificada pelo sangue e pelo espirito da patria, e a opulencia da nacionalidade".

Não teriam importancia estas afirmações se viessem dum brasileiro que não consagrasse a actividade da sua vida ao culto e ao engrandecimento do Brazil. Mas Elisio de Carvalho é supremamente, ardentemente patriota. Fala, portanto, com uma autoridade maxima — e foi por isso que a sua defeza dos portuguezes, quando se deu o ataque nativista, produziu tão funda impressão. O seu amor a Portugal não é um sentimento, postico: — é a consequencia directa do seu amor ao Brazil, cujas tradições e passado são os mesmos que nós reivindicamos para nós, e que nos pertencem tanto como aos proprios brasileiros.

"Os Bastiões da Nacionalidade", pelos assuntos tratados nos seus varios capitulos, pela condição do seu autor, e pelo seu estilo vehemente e moço, merece a atenção de todos os espiritos descejosos de estudar e comprehender o Brazil. E para os portuguezes possui este livro um interesse particular: — mostra como o patriotismo da élite brasileira não é adverso nem hostile ao patriotismo luzitano. Muito pelo contrario. Um e outro se fundem, na evocação e na religião do Passado. Um e outro se approximam na legitima ambição de continuar, em nações diversas, os exemplos desse Passado heroico e as victorias sempre renovadas duma raça comum.

sangue, que embarçam e perturbam, em outros povos, a plena actuação das tendencias ethnicas.

Dada a ausencia de preconceitos sociais; dada a ausencia de interdições legais; dada a egualdade de oportunidades para os individuos de todas as raças; é claro que a orientação de cada um delles será uma resultante exclusiva das hereditariedades trazidas por cada um. Ora, entre essas hereditariedades, conta-se, principalmente a hereditariedade ethnica. Havendo aqui tres raças em confronto, pergunta-se: — em que sentido as tendencias hereditarias de cada uma impellem os individuos, em que ellas predominam?

Certo, numa dada orientação, numa certa direcção.

Qual, para cada uma das tres raças?

— Determinar essas direcções e as leis que as regem — eis-nos em pleno campo da anthroposociologia brasileira.

Evidentemente, as conclusões nossas, as que havemos de chegar, não poderão coincidir com as conclusões da anthroposociologia dos grupos europeus — porque aqui o dolico-louro está fóra de questão. Ha de se ver, porém, que onde parece reinar apenas o acaso, dominam leis surprehendedentes, que transformam a aparente desordem do nosso caos ethnico numa ordem magnifica.

Oliveira VIANNA

João de BARROS



# A LIBERTAÇÃO DO MARANHÃO

Conferencia realisada no Instituto Varnhagen em 28 de julho de 1923

O Maranhão foi um dos maiores baluartes da resistência portugueza á emancipação do Brasil. Não que lhe faltasse aos filhos o mesmo ardor patriótico que agitava o paiz de sul a norte, nem que entre elles alguns não tenham sido dignos de hombrar com os mais altos vultos da formação da nossa nacionalidade. Mas as condições do momento, resultantes do seu afastamento da capital, da sua vida economica quasi independente, das suas relações directas com Lisboa, da sua representação fiel ás Côrtes do Reino, do numero, prestigio e fortuna do elemento portuguez no seu seio, tornaram-no numa como base da repulsa lusa ás legítimas aspirações da nossa gente. No entanto, no momento de declarar-se a luta aberta, os independentes do Maranhão, souberam com coragem pegar em armas.

Quando o rastilho da insurreição despertada pelo grito do Ypiranga crepitou pelo Ceará e pelo Piahy, a organização lusitana daquella provincia onde nasceu Gonçalves Dias appareceu aos olhos ansiosos dos *carcundas*, que assim se appellidavam os brasileiros, como um terrivel espantinho. Por isso, ao historiar, desenvolvida e pormenorisadamente, os factos desenrolados após a celebre proclamação da Parnahyba, o illustre sr. Abdias Neves chama no livro, tão interessante quanto bem documentado, a "Guerra do Fidié", a essa ameaça o *perigo maranhense*.

Desde 1821, o Brasil todo estremecia, aqui e alli, como se lhe percorressem o vasto corpo calefrios denunciadores de grande crise. E ás proprias provincias mais distantes do foco de nacionalismo, que era a região do Centro-Sul, sentiam fortes abalos. Não só nas cidades do littoral se agitavam as idéas e os homens. As noticias da effervescencia percorriam os sertões asperos e distantes. Por toda a parte, um fremito entrecortado de rebeldia, como os fugazes clarões que perpassam por entre as nuvens amontoadas, pouco antes do aguaceiro despejar-se e de roncar a tempestade.

Sae-se da agitação a prol da organização constitucional para a dos decretos que chamam D. Pedro a Lisboa e convocam os procuradores das camaras. Movimentam-se Lédos e Andradas, José Clementes e Januários, Nobregas, Sampaio, Rochas, tantos outros. O Rei torna ao outro lado do Atlantico e, na anarchia nacional, enquanto o Principe procura enfeixar nas violentas mãos os destinos do joven povo, algumas provincias só escutam as vozes e só cumprem as ordens das Côrtes portuguezas. Entre ellas o Maranhão.

Raia o anno memoravel de 1822 e o echo do FICO repercute no paiz inteiro. É a grande reaccão nacional que se despenha. Guarnições lusas já capitulam. D. Pedro percorre Minas e S. Paulo. Ferve o movimento libertador. Ha tanto sonho nas almas, tanta luz, tanta esperança nos olhos de todos quantos se pressam de ser brasileiros e tão somente brasileiros. E, á soupra, formidavelmente, a Maçonaria age sem treguas, em defesa dos melhores destinos da grande patria que desperta para o grande futuro.

Borbulham levantes, como solfataras, pela vasta face da terra brasileira. As

canções do povo ridicularizam o filho de outra banda:

"Marinheiro pé de chumbo,  
calcanhar de frigideira,  
quem te deu a ousadia  
de casar com brasileira?..." (1)

Travam-se os particulares, nascidos em solo diverso, de razões a cada passo. Nossos patricios de então sentem correr-lhes nas veias como que um sangue novo. E, afinal, á margem do arroio paulista, o grito definitivo estruge, acordando mais uma nação neste portentoso continente.

Ergue-se o Brasil á voz luminosa da liberdade, porém não todo. Alguns de seus membros continuam acorrentados ás algemas coloniaes. Não faltarão energias para quebral-as e atiral-as longe. Depois de porfiada peleja, a 2 de julho, rompem-se os ferros vis da Bahia gloriosa. Em seguida, liberta-se o Piahy, liberta-se o Maranhão e liberta-se o Pará. E, assim, o gigante pode espreguiçar-se ao sol, livre para todo o sempre.

O echo do brado "Independencia ou Morte!" leva quasi um anno para attingir essa Athenas Brasileira, que tem sido a

## A SIMPLICIDADE DE DEBUSSY

Quando se lança pela primeira vez os olhos sobre uma partitura da orchestra de Debussy, ficamos sorprendidos com a complexidade da escriptura. Rythmos e motivos se entrelaçam e se superpõem numa atmosphera cambiante. Instrumentos se associam em combinações inesperadas, segundo dosagens imprevisitas. Poder-se-hia suppôr que este conjunto de tão extraordinaria instabilidade não vai soar bem: muito ao contrario, na execução tudo entra em ordem. Os themas principaes emergem, os rythmos se accusam contrariando-se e a sonoridade é a mais bizarra caricia para os ouvidos. A impressão que se tem desse conjunto tão complicado é a da maior simplicidade. Só o que se precisa para que este effeito se produza, é que um habil regente de orchestra tenha cuidado de pôr cada cousa no seu lugar. Também é preciso que esse regente de orchestra comprehenda e sinta profundamente as bellezas da arte debussysta...

HENRY PRUNIÈRES.

mais dadivosa mãe de intelligencias para a nossa gloria intellectual. Resoara, fraco, em outubro, na cidade piauhyense de Parnahyba, onde o juiz João Candido e o coronel de milicias Simplicio Dias da Silva proclamam a adhesão da provincia ao novo estado de coisas. Mas a junta do Maranhão, aluna e corpo ligados á metropole, apoiada nas bayonetas e na artilharia da forte guarnição, escudada no prestigio moral da Igreja, representada pelo bispo Nazareth, oppõe-se á marcha, ao alastrar do movimento revolucionario e atira sobre o Piahy o seu anathema, enquanto o brigadeiro Didié, commandante das armas, que se achava em Oeiras, prepara-se para atacar os sediciosos.

Era preciso suffocar logo aquelle impulso de patriotismo. E, como diz o emi-

(1) Esta quadra tinha a seguinte variante no Maranhão:

"Marinheiro pé de chumbo  
calcanhar de requieirão,  
quem te deu a ousadia  
de casar no Maranhão?"

nente historiador, Sr. Rocha Pombo, na sua monumental "Historia do Brasil", afim de melhor combater o nacionalismo revoltoso dos brasileiros, a junta maranhense pôz-se de concerto com a do Pará "no sentido de se manterem fieis ao governo de Lisboa"

Avança Fidié, arrantando as suas peças de artilharia e carretas de municao com bois, pelos sertões inhospitos afóra, talando campos e saqueando fazendas. Fogem, assombrados, os patriotas da Parnahyba, atravessando as fronteiras cearenses, rumo de Sobral e Granja, nucleos de victorioso nacionalismo.

Todavia, as fagulhas destinadas a atear o incendio naquellas regiões não se apagam. Mantêm-nas accésas o vento de rebeldia e liberdade que sopra de todo o interior do Ceará, onde os independentes piauhyenses refugiados buscam apoio moral e reforços.

Fidié faz da Parnahyba, conquistada com pouco esforço, a sua Capua, sem as delicias da classica, bem entendido, mas identica, como demora, á do outro, embora não se possam comparar os tamanhos historicos de ambos. Sua ausencia prolongada da capital do Piahy permite que ella se torne tumultuaria. Lavra a agitação pelos sertões em fóra. Ha qualquer coisa no ar, dizem todos. Sentem mais do que dizem. E a junta lusophila de Oeiras manda apressadamente chamar o Fidié.

Antes que elle chegue, porém, premidos pela medrosa tyrannia da tal junta, os independentes se desmascaram, chefiados pelo brigadeiro Souza Martins. Proclama-se a independencia. "De mãos dadas com o Ceará", reza um documento coevo, está o Piahy preparado para a luta.

E os cearenses com os seus guritões de couro das velhas milicias e ordenanças, de fundo largo e achatados, differentes dos da tropa portugueza, afunilados e altos, o que lhes deu a alcunha de *cabecas chatas*, pois o cranio achatado é commum a todo habitante do Nordeste e não peculiar somente aos de minha terra; com os cearenses, em bandos quasi sem disciplina, mas armados e peor commandados, entram pelo territorio da provincia vizinha, a depredar a pecunia alheia e a saquear os povos, como o faziam os avidos e brutaes soldados da metropole. João Brígido chamou a essa entrada "aladroada expedição de Caxias".

Chefiavam-nos homens de rija tempera e velha experiencia de caudilhismo sertanejo: Tristão de Alencar, destinado a ser um dos heróes tardios de revolução de 1824 e promettido á morte pela mão raivosa dum sequaz dos Cunhas do boqueirão, nos campos ensanguentados de Santa Rosa; e o afamado José Pereira Filgueiras, ou Felgueiras, especie de Panchó y Villa diminuido pela diminuição do proprio ambiente, um dos homens agigantados de maior força que o folk-lore sertanejo perpetua, contando o povo que, sosinho, desatolava da lama um carro de bois, que seu braço era duma cana só, dum só osso, e que disparava com elle estendido, sem que fugisse do logar, mau grado o formidavel recuo, qualquer um dos seus dois bacamarte: o Bôcca da Noite ou o Estrella d'Alva!

É ainda o folk-lore que perpetua a lembrança da *mitriaga* espantosa, a metralha da artilharia portugueza do Fidié, que, no campo do Retiro do Genipapo, varreu essas hostes bravias e estontendas, hordas de sertanejos mal armados, derrotando-as. Contra onze canhões e mais de mil homens de boa tropa de linha lusitana, os pobres matutos bisonhos pelejaram

# SANTANDER

proposito do um livro do General Abreu e Lima

O Governo venezuelano, presidido pelo Sr. General Juan Vicente Gomez, "austero e simples", que, segundo o conceito do seu ministro do Exterior, sente pelo Brasil a admiração do homem do trabalho por aquelle que possui em um grão eminente a mesma fecundadora virtude" pensou render uma homenagem exultante e digna da grandeza do Brasil no primeiro Centenario de sua Independencia, ao ordenar que o intelligente diplomata Dr. Diego Carbonell publicasse os manuscriptos do livro *Resumo historico da ultima dictadura do libertador Simon Bolivar, comprovada com documentos, por Ignacio de Abreu e Lima*.

Este pamphletto, escripto com o particular proposito de exaltar o nome de Bolivar e offender a memoria de Santander, chamado pela posteridade o Organizador das Victorias da Guerra da Independencia, permaneceu inédito até que o illustre medico e diplomata Dr. Carbonell, o viesse tirar do olvido para presental-o como homenagem da Venezuela ao Brasil. O livro de Abreu e Lima, que com certeza não agradou a Bolivar pois não foi publicado em seu tempo soffre de um lado, de excessos dythrambicos a respeito de feitos os menos memoraveis do grande homem e, de outro, é um terrivel amontoado de juizos apaixonados contra Santander, o Homem das Leis, o estadista que luctou para que prevalecessem sobre os louros da victoria, a Repu-

tres horas a fio, como leões! Heroismo desnorteado e barbaro!

Fidié foi um capitão que poderia dizer, consoante o verso celebre: "eu não cuidei" Camões não o louvaria. Triunphante, esqueceu a impedimenta. Alongou-se da sua çaga, como o diria um chronista medieval. O regimento de cavallaria de milicias de Sobral, ás ordem do capitão Nereu, que tambem invadira o Piauhy rebellado e convulso, surpreendeu-a, matou-lhe a guarda e levou-a eomsgo. E o chefe luso foi acampar no Estanhado, hoje União, sem munições, que, assim, as perdêra todas!

Dalli retirou, depois, para Caxias, no Maranhão.

Então, todo o Piauhy agitado proclamava a libertação e o Ceará acode-lhe continuamente com soccorros de homens e de arma. A situação dos portuguezes no norte não é mais tão importante e segura como fóra. Começa-se a sentir que o Maranhão, apesar de meio asphyxiado, vibra. A sua junta fortifica-se na capital e pede soccorros urgentes a Lisboa, enquanto por varios logares do interior vaese acclamando o nome imperial de D. Pedro I.

"Alli só se espera a voz dum chefe", diz Rocha Pombo. Em S. Luiz, soffrem os brasileiros nativistas temores e vexames de toda a ordem; agem, no emtanto, em outros pontos. As apprehensões da junta cortam-lhe até a voz. Nem responde aos officios em que Fidié lhe pede soccorros, de Caxias.

Isolada da capital pelo movimento geral de insurreição dos maranhenses, Caxias é assediado pelas tropas do Ceará e do Piauhy. Fidié demitte-se do commando e a cidade capitula. Toda a provincia estava ás mãos dos patriotas e a capital certamente não poderia resistir muito tempo. Lavrara alli certa anarchia, que dia a dia se accelerava. Não se deve esquecer que até officiaes da tropa de linha, como os tenentes Barradas e Raposo, acompanhados do alferes milieiano Reis, revoltaram-se de armas na mão contra o dominio portuguez, combatendo na rua os soldados do marechal Faria.

Emfim, lord Cochrane, conde de Dundonald e Marquez do Maranhão, commandando a nau de guerra *Pedro I* seguida de brigues, surge no porto de S. Luiz, apossa-

blica e as instituições que se tinham dado aos povos libertados. O livro de Abreu e Lima, composto ao calor da inimizade com Santander, em dias em que as paixões cegavam o juizo dos homens, está cheio de erros, é injustamente apaixonado contra Santander e, por conseguinte, deve ser lido com desconfiança. A imprensa brasileira, com a agilidade de comprehensão que a distingue, quasi nenhuma importancia concedeu ao livro editado pelo Governo Venezuelano, embora se achasse entre as suas paginas a traducção de um Goulart de Andrade do formoso panegyrico composto por José Enrique Rodó sobre Bolivar.

Os juizos do General Abreu e Lima são hoje revistos pelos historiadores, que tiveram o cuidado de estudar em archivos e documentos authenticos o periodo da historia colombiana de 1825 a 1830. A segunda dictadura de Bolivar á qual se refere Abreu e Lima, acha-se perfeitamente julgada. As tremendas accusações contra Francisco de Paula Santander, principalmente, toda a supposta participação do Homem das Leis na conspiração de 25 de Setembro de 1828, foram desvanecidas de um modo sereno e bem fundado.

Embora o autor destas linhas tenha dedicado numerosos dias ao estudo na personalidade historica de Santander e não ob-

se de navios portuguezes, arria de todos os mastros, em terra e no mar, o pavilhão das quinas, substitue-o pela bandeira auri-verde, desembarea marinheiros para conter aqueles renitentes a que se refere Vieira da Silva, proclama de vez a independencia e acclama o Imperador e Defensor Perpetuo do Brasil a 28 de julho de 1823.

Este resumo, feito sem graça e sem valor, dos factos de que decorreu a independencia do Maranhão, cujo centenario o Instituto Varnhagen commemora, mostranos que, para tal resultado, se contribuiu a acção vinda de fóra, do Piauhy directamente e do Ceará, através do Piauhy, tambem concorreu a agitação interna, creadora de anarchia provisoria, necessaria á eclosão dos bons frutos, fonte das energias possantes que ajudaram a desmantellar a machina preparada para matar alli o movimento libertador.

Nessa luta, não conseguiu a força que se oppunha á generalização da nossa independencia separar do corpo do paiz a grande provincia de Odorico Mendes e dos Azevedos. Outras lutas em outras paragens, mesmo idéas separatistas, até agora não conseguiram tambem fazer desunir-se parte alguma deste territorio immenso, patrimonio que nos legaram descobridores, bandeirantes, colonizadores, independentes, o indigena regressivo, o negro que arroteou as terras virgens e hostis, ao sol, e á chuva, o luso bravo, patrimonio que devemos legar intacto ás gerações do futuro, se quizermos ter o orgulho nobre de havermos, em verdade, constituido uma nação.

Nesta data centenaria e augusta pela sua significação e pela sua velhice, rendendo homenagem á memoria daquelles que trouxeram o Maranhão aos braços dos seus irmãos já libertos, façamos votos para que, no meio das desunidas nacionalidades, geradas na fragmentação espontanea dos antigos vice-reinados espanhões da America do Sul, continue o Brasil a ser a excepção que é, pela homogeneidade de seu todo, pela união de suas varias partes, pela manuteneção sob as estrellas da mesma bandeira duma das maiores areas concedida ao povo, que nos foi entregue inteiriça, una, pela admiravel força de cohesão da nossa Raça, — Raça mãe de prodigios!

Gustavo BARROSO

stante achar errados os conceitos de Abreu e Lima na sua obra, absteve-se de commental-a: não para contribuir na conspiração de silencio com que foi acolhida no Rio de Janeiro, mas por consideração de outra especie entre as quaes avultou principalmente a estima que professa pelo Dr. Carbonell. Ademais, o organizador das Victorias que libertou o Equador, em Pichincha, a Venezuela em Carabobo e o Peru e a Bolivia em Ayacucho, bem pode desafiar só com a sua obra os embates de seus inimigos, passados e presentes. Commetteu erros e faltas, uma delias, não só no conceito de Abreu e Lima como no dos escriptores de Avila, consistiu em ter defendido á lei contra a dictadura. Mas a sua obra, as bases democraticas e livres que pos como fundamento da Republica na Colombia elevaram Santander no decurso dos tempos até o cume da maior admiração entre os estadistas e os povos da America. No discurso que pronunciou no dia 4 de Janeiro deste anno o Eminentissimo Secretario de Estado dos Estados Unidos, Mr. Hughes, traçou a figura de Santander nos sobrios traços que seguem: "Em uma epoca em que o processo do governo republicano se achava ainda em estado de formação, Santander fez comprehender ao seu povo a importancia de formar um governo de leis e não de homens, e foi devido ao seu trabalho infatigavel que se lançaram os cimentos dessas garantias de liberdade pessoal nas instituições de justiça, sobre as quaes deve descansar, infallivelmente, a grandeza de vosso paiz. A licção que elle ensinou é a que o mundo ainda precisa. E, porque não se limitou a ensinal-a, mas tambem consagrou a sua vida ao estabelecimento dos principios essenciaes da liberdade, rendemos altas honras ao seu nome e comparatilhamos convosco do orgulho que tendes da sua obra."

Na guerra da Independencia colombiana assignalaram-se muitos guerreiros. Basta lembrar em Cordoba, o herde de Ayacucho, elevado a general por Sucre, no campo de batalha. Santander foi tambem guerreiro e um dos principaes estrategistas de seu tempo na America. Mas não são precisamente as glorias militares que nos empolgam, na Colombia. Nossos militares, desde Santander até o actual presidente da Republica, engenheiros militares, são, antes de tudo, homens civis que estudaram em universidades nacionaes ou estrangeiras. Desde tempos immemoriaes o povo colombiano repete esta trova:

En Colombia, que es la tierra  
de las cosas singulares,  
nos dan paz los militares  
Y los civiles dan guerra.

Se Santander não tivesse sido o estadista que praticou o principio por elle formulado e seguido (as armas vos deram independencia, as leis vos darão liberdade), citado por Mr. Hughes; se não tivesse sido o estadista que, depois dos combates, e ainda no meio da guerra, fundou collegios e estabeleceu as bases da administração publica, não seria o varão eximo e a figura representativa da patria que edificou e educou para a vida republicana.

Mas, dirá o leitor, porque escreve agora este colombiano, a respeito do livro de Abreu e Lima, quando se absteve de julgar ao ser publicada? Responderel simplesmente; porque o livro do procer pernambucano influiu seu duvida, no juizo que um escriptor brasileiro estampou acerca de Santander; juizo synthetico, no qual, sem attenuações de especie alguma, nega-se toda virtude e todo merito ao homem eleito pela Colombia para represental-a em effigie no recinto da União Pan-Americana de Washington. Na serie de artigos, de amena leitura, que vem publicando o "Imparcial" sob a epigraphe "Do meu balcão sobre os Andes", um escriptor, que assigna as suas chronicas em Santa Fé de Bogotá, o Snr. Anthero Gama, pseudonymo de um illustre brasileiro, diz, o seguinte, na chronica intitulada "Pernambucanos na Colombia": "Abreu e Lima fez toda a campanha da independencia colombiana. Mereceu de Bolivar o epitheto honrosissimo de "el guapo, el valiente". Gozou da confiança de varios chefes, como Paez, Soubllette, Santander. Deste ultimo foi amigo intimo, escreveu-lhe numerosas cartas que estão reproduzidas no "Archivo Santander", mas depois reformou o juizo sobre esse caudillo, formulou-lhe graves accusações. (1) Por isso os historiadores amigos de Santander, consideram o nosso patriota, um "vil aventureiro miseravel discolo, apostata e traidor". Em compensação todos quanto framente estudaram a personalidade de Francisco de Paula Santander, são unanimes em imputar-lhe felonias

desonestidades. O antigo vice-presidente da Nova-Granada, de facto, é por muitos considerado um baixo demagogo, e por duas vezes tentou assassinar o mesmo Bolívar traiçoeiramente, desmentindo a confiança que lhe dispensava, de boa fé, o insigne chefe. De modo que os detractores do nosso Abreu e Lima estão caracterizados e conhecidos; são os endeusadores desse verdadeiro diabo que se chamou Santander; não merecem maior atenção". (2) Chamo a atenção que o Sr. Anthero Gama, tenha formado um juízo tão pouco benevolento sobre os feitos e os meritos de Santander. Verdade é que muitos dos detractores do Homem das Leis, de evidente parcialidade, têm repetido as acusações violentas que lançaram contra elle os amigos das dictaduras e mesmo das tyrantias, em tempos passados, quando o processo se achava vencido e prisioneiro, por ter defendido a constituição e as prerogativas do regimen civil. Posteriormente, essa escola chamada "cesarismo democratico" por um dos seus corypheus, repete pela bocca de seus escriptores, as accusações que se fizeram em 1828 contra Santander por se ter opposto a dictadura bolyviana. É certo, tambem, que o mais grave o illustrado dos escriptores venezuelanos, Gil Fortoul, defendeu Santander, de que appareceram até hoje 17 grossos volumes — provavelmente não estudados pelo Sr. Gama, — contribuiu para que se analysasse e ponderasse qualificasse em seu genuino valor os feitos e a conducta de Santander em relação aos actos dictatoriaes de Bolívar. Para o autor destas linhas, o homem, chamado por antonomasia, o Libertador, é um dos genios mais extraordinarios que tem toda a humanidade, o que não impede todavia que no quadro da historia, que é e só deve ser mestre de justiça e lampada de verdade, se defenda com consciencia o Homem das Leis, a quem o proprio Bolívar diz desde o Peru: "O exercito, no campo, e V. Ex., na administração, são os autores da existencia e da liberdade da Colombia. O primeiro deu vida ao sólo dos seus paes e dos seus filhos, e V. Ex. a liberdade por que fez imperar as leis no meio do ruido das armas e das cadeias. Resolveu V. Ex. o mais sublimo problema da politica se um povo soberano pode ser livre. V. Ex. merece, pois, a gratidão da Colombia e do genero humano. Aceite a minha como soldado e como cidadão (Archivo Santander, tomo XIII pag. 27) Não me é possível em tão curto artigo demonstrar sufficientemente quão apaixonado e leviano o julgo que, em tom dogmatico, nos dá do procere colombiano o Sr. Gama. Tentai-o, todavia.

O "baixo demagogo" ao qual se refere o Sr. Gama, exerceu o Governo da Colombia durante os nove ultimos annos da guerra de Independencia. Seu temperamento severo, que chegou a actos de uma rigidez apenas perdoavel nas circumstancias anormaes da guerra, carecia dos impulsos e das aptões do demagogo. Muito o contrario foi o grave estadista e militar; character frio, previdente, ini-

(1) É aventurado affirmar que Abreu e Lima tivesse sido amigo intimo de Santander. Na carta daquelle para este, datada de 5 de Janeiro de 1822 queixa-se de que o estadista não respondeu ás suas repetidas missivas, do que o vice-presidente da Colombia "nem sequer lhe mande lembranças em algumas de suas cartas ao General Paes y Soublatte". Na mesma carta lhe pede um serviço que fora difficil a Santander fazer naquele momento. "Por Deus, meu General, termina Abreu e Lima, escreva-me e diga-me algo". Em carta de 14 de Abril do mesmo anno o procere pernambucano mostra-se muito grato ao grande republicano. Sem duvida, Santander tinha acolhido favoravelmente o seu pedido. "Os qu'lates de sua amizade, diz elle, estão a prova de toque". Na carta de 7 de Julho, do sitio de Maracaibo, accusa-lhe o recebimento dos documentos nos quaes Abreu e Lima funda o seu pedido. Na de 14 de Junho de 1823, conta-lhe que ao imperio do Brasil se deu uma constituição e finalmente solicita que o nomeie Secretario da Legação que a Colombia deve enviar ao Rio de Janeiro. Estas cartas que o auctor leu em seus originaes, foram algumas respondidas por Santander. Mas este não deixou copias das respostas no seu archivo. (V Archivo Santander, tomo V a X inclusa).

(2) — Ignora em absoluto se na Colombia se escreveu alguma cousa contra Abreu e Lima. O que posso assegurar, sem temer nenhum equívoco, — é que nenhum escriptor de merito no meu paiz, se atreverá a chamar de "vil aventureiro" a quem nos levou o concurso de seu valor na guerra de Independencia. Sou levado a crer que o Sr. Gama exaggera demasiado.

## O LIBERTADOR

O libertador sente o Universo em si. Para elle tudo é imagem e a funcção essencial do espirito humano é a funcção esthetica. Este poder de transfigurar é a essencia da arte. Tudo se transfigura e em cada transfiguração ha uma imagem que muda. A imagem que passa chama a que ha de vir. Este perpetuo fieri de imagens é a suprema esthetica. O movimento é eterno. Nada é estatico e tudo é extase. O pantheismo é emanente e não transcendente. A transfiguração é a causa e o fim; é o universo inatingível. Explica-nos a nós mesmos e conserva o nosso perpetuo mysterio. É uma divina allucinação. O abysmo está em cima, no alto, e o Ser sobe, perde-se, transfigura-se. Sente a Unidade absoluta; é a imagem. É o maximo da ascensão. É a beatitude além da alegria. É o extase além da imagem. É a transfiguração que se detém. Eternidade. Recomeça a descensão, e a imagem renasce. Multiplica-se a transfiguração, prodigam-se os extases, a vida define-se, o absoluto explica-se, a Unidade desune-se. É a volta á ansia da fusão do ser no Todo infinito. A ascensão recomeça. Tudo se transforma. Tudo é imagem. Transfiguração, perpetuo jogo esthetico do Universo, e que se transporta ao infinito espiritual. A alma transporta-se e é o extase. O Homem imagina-se, é o Idéal. A Dôr transfigura-se, é a Illusão. O Amor realiza-se, é a Magia. A Vida exalta-se, é a Alegria.

GRAÇA ARANHA.

migo das exhibções: orador de raciocinios commedidos, desdenhára as metaphoras deslumbrantes; n'uma das suas cartas a Bolívar, censura, entre zombarias e verdades, o uso de imagens estupendas, com as quaes o insigne heroe revestia os seus discursos. No discurso que proferiu recentemente em Washington o Ministro da Colombia, antigo Ministro do Exterior, Dr. Olaya Herrera, disse ao esboçar a figura de Santander: "Serva ao povo, mas não o lisonjeava. Era um servido, desinteressado da democracia, mas o seu temperamento e o seu character sempre o deixavam longe de toda inspração demagogica. Sua constituição espirital mostra-o, na guerra como na paz, com o aspecto da mais perfeita austeridade. Suas mensagens são papeis de estado: nunca falhos de entusiasmo, que é o dom das convicções profundas e sinceras, animados porem pelo raciocinio e pela analyse, sobre as quaes fundava os actos de sua vida e os conselhos ao seu povo. Tinha a dignidade do mandatario que representa a magestade nacional e a modestia de quem sabe que um cidadão collocado nos altos postos do governo, é mero servido da liberdade do seu paiz. Teve sempre ante os olhos as responsabilidades historicas, e nos mais graves conflictos possuiu todo o valor civil necessario para assumil-as. Apertava para julgar os seus actos as aims que contra elle usava a paixão, mas a lisonja não mesclou o ouro finissimo de sua idiosyncrasia".

### O homem das Leis

Durante o tempo que exerceu o governo, Santander esforçou-se por merecer, antes de tudo, o nome de legislador consciencioso, que respeita as normas constitucionaes e somente ás leis attende. Se Bolívar era o Heroe, o caudillo dos impossiveis, Santander tambem possuia uma ambição de gloria: a de organisador da liberdade. Alguns lances de sua vida darão uma clara idéa do seu temperamento legalista. Nunca quiz perseguir a livre manifestação do pensamento. Foi esta decisão inquebrantavel de seu procedimento como governante um dos motivos de suas desavenças com Bolívar. Santander acreditava, com toda sinceridade, que não seria precisamente a gloria militar, e ainda menos as dictaduras, que fariam respeitadas as novas republicas, mas sim o exercicio continuo e sereno da Lei dentro da Liberdade. Compreendia isto com perfeita clarividencia; sabia que os espiritos selectos do velho e do novo mundo esperavam, isso das democracias que iam surgindo na America. Se Bolívar via longe, não menos vasta era a visão de Santander. "Sou amigo das leis por convicção e sustental-as-hei como cidadão: sou militar e devo sustentál-as nessa qualidade. — dizia a Bolívar, — sou o primeiro magistrado da Republica e é meu dever morrer na lucta, defendendo o regimen constitucional." Era um demaggo quem fa'ava assim em principios do seculo XIX? Os jornaes de Caracas e de outras cidades atacavam -no sem treguas, no momento em que a Republica levava suas armas triumphantes até o Perú. Santander nunca pensou em suspender esses jornaes. Parecia-lhe util que, embora erradamente se exercesse o pensamento em toda liberdade. Um rasgo verdadeiramente typico pinta esse respeito pela liberdade que era um principio fundamental do grande republicano: ao sahir do palacio do Governo encontrou ele, pregado

á porta, um libello impresso. Leu-o. Tudo era contra elle. Tomando o seu lapis, o procere escreveu simplesmente, em baixo da folha: — "inteirado. Santander." Tal era o baixo demagogo. Sendo presidente da Nova Colombia, em 1839, Santander não occultou a sua sympathia por José Maria Ohando, que disputava a primeira magistratura a José Ignacio de Marquez. Mas não interveiu em absoluto nas eleições. A prova disso foi cabal: Marquez foi eleito. Demagogo quem, já em 1839, dava semelhante exemplo ás democracias americanas? Uma vida tão intensa, uma personalidade tão relevante, teve, — e ainda os tem, — inimigos irreconciliaveis. Ha espiritos ingenuos que estão convencidos de que, denegando Santander, vão sentar-se ao lado de Bolívar nos Campos Elyseos. Desde 1830 até nossos dias alguns dos panegyristas de Bolívar procuraram escurecer a figura do Homem das Leis, unico grande adversario que nas horas de desastrosa dictadura do genial caraqueno, podia medir suas forças com a fulgurante figura de Bolívar. O triumpho momentaneo foi para o Libertador. Mas a victoria definitiva foi para os vencidos. As dictaduras não fundam nada de estavel. São monumentos de barro que o sopro do tempo desfaz. A Historia collocar-se-ha, — se já não está collocada, — ao lado daquelles que, como Santander, só confiam na Lei posta ao serviço da democracia. Certos escriptores para quem Bolívar é um semideus, (eu o admiro como poucos entre os heróes) querem a todo transe offercer-lhe uma victimna em seus altares, a mais augusta, a que representa o genio civico, o homem que não se deixou perturbar pelos esplendores da gloria militar, mas sim a luz serena da Republica, assentada em bases de justiça. E um escriptor brasileiro que sem duvida, terá tido o tempo sufficiente de estudar a vida de Santander, chamou-o de "baixo demagogo." Exactamente o contrario é que elle foi: um homem de governo, um severo republicano. "Em Santander, disse L. Garcia Ortiz, ex-ministro do Exterior e historiador distincto, a arte do governo, os dotes de commando foram ingenitos. No anno de 1866 dizia em Paris o Principe Pedro Bonaparte ao nosso Ministro plenipotenciario, Don Manoel Maria Mosquera e ao seu Secretario Don Anibal Galindo: — "Conheci todas as Magestades da Europa e posso lhes assegurar que não conheci ninguem em que a natureza tenha impresso com caracteres mais fortes o dom de mando do que no general Santander."

### Attentado contra Bolívar

"Por duas vezes, diz Anthero Gama, tentou (Santander) assassinar o mesmo Bolívar traiçoeiramente, desmentindo a confiança que lhe dispensava, de boa fé o insigne chefe". Assim se escreve a historia. Ninguem ignota na Colombia que Santander salvou uma vez Bolívar de ser ferido, talvez assassinado, ao sahir de uma festa publica. Na conspiração de 25 de Setembro de 1828, quando se achava deposto do mando pela dictadura, foi julgado e absolvido da accusação que, naturalmente, os seus inimigos se empenharam em fazer. Os conspiradores da "nefanda noite setembrina, que foram numerosos, nunca accusaram Santander como cúmplice do attentado. Na "representação" que o famoso procere dirigiu da fortaleza de Bocachina a

Bolívar, Santander escreveu: Aos olhos da piedadade todos os meus padecimentos parecerão pequenos, ao lado da condenação de que devia perder a vida como grande criminoso, dirão elles, devo ainda soffrer mais. Praeclama de examinar se esta maneira de pensar offende a honra. Não me a ultraja a philosophia. Limito-me a dizer que nem o testemunho de minha consciencia, nem o numero dos criminosos, não fui conspirador; não dirigi, aconsehei, auxiliéi nem executei a conspiração de 25 de Setembro; e reprovei o projecto logo que o conheci no seu inicio; procurei afastal-o, dissuadindo aquelles que eu sabia adoptar-o; ignorei o que ha acontecer em 25 de Setembro; e enfim é isto que me enche de satisfação e de gloria: *salvei a vida de V. Ex.* do punhal fatidico dos conspiradores; *não consta isso tudo do processo?* Houve por acaso contra esses factos notorios outra coisa alem de declarações infundidas, conjecturas debéis e miseraveis referencias, nascidas do espirito partidario? Pois se tudo é assim como demonstra o processo, se não ha delicto senão onde ha vontade deliberada de quebrantar a lei, porque hei de me julgar criminoso e merecedor das penas que padeço? E mais adiante, no mesmo memorial, acrescenta o grande virão, como para recordar Bolívar, prepotente Dictador, as razões de suas desavenças: "Magistrado supremo, fui independente nas minhas opiniões e constantemente guiado pela lealdade a mais firme, porque a verdadeira lealdade," segundo um profundo philosopho, "é uma firme e leal adhesão á constituição e ás leis da sociedade de se que se faz parte." Assim reafirmava Santander da prisão, os principios que tinha sustentado desde o começo. Se um homem que assim procedia e assim se expressava não

for um grande caracter, que o Sr. Gama nos mostre um outro que lhe seja superior na America para se lhe preste homenagem. Po-

### PASCAL E ESCHYLO

Porque Pascal nos faz pensar em Eschylo? Porque a palavra tragica se nos apresenta para qualificar a poesia pascaliana? E porque temos a impressão que Eschylo no *Promethen encadeiado* nos deu o poema do Homem, tal qual devia ser feito por um grego dos tempos heroicos e Pascal o poema do Homem, como deveria ser feito por um cristão, que era ao mesmo tempo uma natureza aspera e viril? Porque temos a impressão que, de modos differentes, Eschylo e Pascal nos deram o mesmo poema: o poema da humanidade esmagada?

GABRIEL BRUNET.

deria citar numerosos testemunhos e documentos para defender o organisador das victorias da Independencia da accusação que

um pouco levianamente lhe dirige o escriptor brasileiro. Mas não os tenho em mãos. Bastam as seguintes linhas da *Historia de Colombia*, por Henao e Arrubla, obra coroadada pelo Governo da Republica: "O general Santander foi julgado e sentenciado á morte como responsavel na conspiração, mas apesar de suas idéas politicas e de sua opposição firme e franca á dictadura, nunca se compromettera a sua participatione no attentado." (ob. c. pag. 394, t. 11-1-1912). Como defensor da Constituição, nosso heroe não podia ser partidario da dictadura exercida por Bolívar. Disto não se pode deduzir com boa logica que approvasse um attentado contra a vida do Libertador, que Santander admirava com a convicção que os grandes caracteres sentem pelo genio. Quando um dia de 1831 chegou ao desterrado a infausta noticia da morte de Bolívar, um servidor do proscripto pensou dar-lhe uma boa nova ao communicar-lhe o fim do grande homem. Santander, levantando-se de sua cadeira, indignado, fez calar o imprudente, e, em mudo colloquio com o mesmo, chorou o desapparecimento daquella immortal entre os mortaes. É cousa facil negar-se os meritos e as virtudes de um varão extraordinario. Bastam umas poucas palavras. Ao contrario, para fazer-se a defesa do mesmo homem é preciso mais tempo e mais estudo.

"A virtude dos homens publicos, escreveu Santander, é uma propriedade da historia imparcial." Mas é indispensavel, digo eu, que se conheça essa vida em cada caso; examinar a fundo os factos e proceder com muito cuidado quando se as conhece apenas por ouvir dizer.

Max GRILLO

## MARCEL PROUST E GÓMEZ DE LA SERNA

Um critico madrilheno, Ballesteros de Martos, juntou opportunamente os dois autores para estabelecer um paralelo entre as respectivas obras. Ambos representam, sem duvida, uma nova tendencia nas literaturas dos dois paizes. Julgando as produções literarias da França e da Hespanha de um modo synthetico, Proust não parece francez e Gómez de la Serna — funambulo da linguagem, que joga com as palavras como os malabaristas dos circos os pratos, as bolas, os circulos e as chammas — não parece tambem hespanhol.

Proust se diria uma consequencia franceza da literatura russa, como Baroja não é uma consequencia espanhola. A' maneira da literatura russa contemporanea, Proust concebe o romance mais do que o desenvolvimento de um argumento em que intervêm determinadas personagens ás quaes acontecem determinados factos para chegar a uma determinada solução, como um pretexto para contar as sensações mais intimas, analisar personagens e descrever minuciosamente os acontecimentos de suas vidas, os mais significativos e os mais triviaes. Tambem Gómez de la Serna faz o mesmo nos seus romances, mas não seria justo classificá-lo como um producto da literatura russa. Nada de mais differente deste originalissimo e excentrico escriptor espanhol, que se não parece com nenhum, e cuja filiação artistica seria difficil, senão impossivel, determinar.

Gómez de la Serna foi sempre o mesmo, desde os seus primeiros escriptos. O tempo robusteceu, mas não modificou o seu modo de ser, a sua tendencia caracteristica. Se a uma fonte se pode attribuir parte do seu espirito, é a dos escriptores de genero e chronicistas do

ultimo terço do seculo XIX, misturada porem com o puro humorismo espanhol e á propria ironia exotica.

Enquanto Proust pôde agradar ou não, sem alternatva, segundo o gosto dos leitores, Gómez de la Serna agrada e desagrade, maralha e irrita, atrae e repelle ao mesmo tempo. Proust produz uma só emoção e uma só sensação; de la Serna produz as mais variadas e contradictorias emoções, comprazendo-se em divertir-se com a paciencia e a serenidade do leitor. Ao meio de uma coisa seria põe uma brincadeira, uma insensatez ou um gracejo, acaba-se sem saber se está caçoando ou falando a sério.

Para elle não existe mais do que um respeito "sui generis, para o seu uso pessoal. Deforma tudo. As noções normaes do gosto da propriedade, da seriedade, as leis da arte reputadas intangiveis, não as leva em conta. Substitue tudo isso por outras coisas, vindas do capricho do seu humor, do seu temperamento e da sua vontade.

Proust é um escriptor homogeneo; Gómez de la Serna é difficil de julgar, não faz romances sobre este ou aquelle modelo; é um escriptor personalissimo, de um valor literario positivo, ainda que d'scutivel.

Tambem, no que diz respeito aos estylos, ha differenças radicaes. Enquanto Proust é respeitoso para a sua lingua, parece que de la Serna é que inventa a delle.

Apesar de tantas e tão grandes differenças espirituaes, é incontestavel que ambos são grandes renovadores das normas e dos valores das respectivas literaturas.

Carlo BOSLELI

## EMERIC MADÁCK

Neste anno de centenarios litterarios, celebrou a Hungria o de Emeric Madách, uma das figuras mais insignes de sua litteratura, e cujo nome é glorioso em toda a Europa. Nasceu em 21 de Janeiro de 1823, em Also-Sztrégova, de uma familia de antiga nobreza e, tendo perdido seu pai muito cedo, foi sua mãe, mulher de grande espirito, que se occupou com a sua educação. Depois de seus estudos basicos, feitos no proprio castello de Also-Sztrégova, fez o seu curso na Universidade do Port, revelando-se logo um nacionalista exaltado, recusando todos os empregos publicos, por se bater contra a oppressão austriaca. Foi em 1840, que publicou, numa edição para amigos, o seu primeiro livro *Lontirágok*, tendo, por esse tempo, produzido varios trabalhos litterarios e estheticos, feito versos e discursos e escripto, sob pseudonymo, em varios jornaes húngaros. Quando da revolução de 1848, embora uma grave doença o impedisse de tomár papel saliente no movimento de libertação, acompanhou-o com fremente enthusiasmo, tendo sido mesmo preso, por um anno, por ter assubido um prescripto. Sahindo da prisão, em 1853, em golpe terrivel quasi o anniquilou: a sua mulher abandonára os filhos, fugindo com um seductor. A custo reequilibrado, dedicou-se a estudos de philosophia e de historia, escrevendo a *Tragedia do Homem*, terminada em 1860, que é a sua obra prima. Foi eleito deputado e na Dieta húngara seus discursos fizeram o maior successo, revelando-o, por assim dizer. Varias sociedades litterarias o chamaram a seu seio e foi a época do seu apogeo. Mal o gozou, pois em 5 de Outubro de 1864 morreu, de uma molestia de coração. Escreveu uma tragedia — *Moyseés* e um fragmento *Tundérátom (Sonho de Fada)*, além poesias lyricas e satyricas. A *Tragedia do Homem* foi recentemente traduzida para o francez pelo Sr. Ch. de Bigault de Casanova, que, sobre ella, assim se manifesta: "Acreditamos que nunca a eterna queixa do homem vibrou com accents mais plangentes, do que sob a fórma impessoal, de que damos aqui a traducção. Sente que o seu autor a escreveu com as lagrimas e o sangue do proprio coração. Ademais, o grito de angustia que se escupa ininterruptamente dessas duzentas paginas resôa tanto mais profundamente quanto o poeta abstrae completamente a sua individualidade, assimula no mais intimo os desejos egoistas e nacionaes: por isso a obra pessimista de Madách é unica na litteratura húngara, e talvez o seja tambem na litteratura universal."

# A SALVAÇÃO DE FAUSTO

O Sr. Renato Almeida publicou sobre o *Fausto* um livro de feição pouco vulgar em nossas letras: erudito, consciencioso, completo e bem ordenado. Commentou ali toda a fragmentaria, diffusa e, no entanto, possante tragedia goetheana; e, para fio conductor atravez dessa brenha espessa, tomou a ideia da salvação de Fausto, desenvolvendo-a e alargando-a numa theoria geral do Destino Humano. Desta sorte ostenta o seu commentario a cupula de uma ampla significação philosophica ao mesmo tempo que se firma sobre os alicerces de um minucioso trabalho de exegese litteraria. Neste ultimo aspecto, e mesmo para os leitores familiarizados com os processos dos glosadores e dos criticos do 1º e do 2º *Fausto*, dos *Fragments* de 1890, e do *Urfaust* achado em 1887 por Erich Schmidt entre os papeis de Luisa Gröschhausen, apresenta este livro do Sr. Renato Almeida explicações elucidativas, como por exemplo, a interpretação subjectiva das Madres — quebra-cabeças de tanto Eckermann imprudente —, e a interpretação Spinosista da palavra “acção” na celebre paraphrase ao Evangelho de São João no monologo do 1º acto. — Não vou agora empenhar-me na obra subtil e improficua de commentar este commentario. Quero apenas servir-me da oportunidade da sua publicação para conversar com o seu Autor e os seus leitores sobre o problema do Destino e sobre as razões que podem justificar a salvação final de Fausto, encarado a um tempo como individuo e como symbolo representativo da creatura humana em geral.

## § I

Creio que foi Th. Jouffroy nas suas *Mélanges philosophiques* e no seu *Cours de Droit Naturel* o philosopho que com mais vivacidade, mais calor, ao mesmo tempo que com mais exactidão ordenou os termos essenciaes desse problema do destino que angustiosamente tem atormentado tantas gerações de homens de espirito inquieto e de coração affectivo. Elle miudamente analysou os motivos que levam o homem a interrogar o universo em busca da resposta que lhe dê a chave do enigma da sua vinda ao mundo, e enumerou os factos que impõem ao homem a duvida dessa pergunta e a ansia por uma solução que lhe asseverne para sempre a alma inquieta. Effectivamente, os prazeres que o homem persegue com tanto ardor na esperança de obter com elles essa felicidade constante cuja sede o aguilhõa; mal alcançados se dissipam em fumaça deixando-lhe apenas na bocca aquelle saibo amargo de cinza a que se referem as Escripturas. Si desilludido dessa perseguição elle se afasta das cidades tumultuosas onde vive e busca um allivio no espectáculo da natureza, esta lhe accresce o tormento, porque ante a grandeza das montanhas, a largura dos valles, a profundidade insondavel do céu, a multiplicidade infinita dos astros, o homem se sente de uma pequenez miseravel e lhe parece que a sua vida, as suas paixões, as suas preocupações são mesquinhas e insignificativas no meio desse cõro descomunal de cousas grandes. Si horrorisado por essa contemplação o homem volve os olhos para os seus semelhantes não achia melhor consolo: a historia mostra-lhe uma successão intermina de gerações humanas que desde a noite dos tempos até a era actual avançam umas atraz das outras, agitam-se por um minuto sobre uma pequena superficie da terra e logo se abatem, calcadas pelas gerações que lhes sobrevêm no encalço, e se desfazem successivamente no esquecimento — até á presente geração que se agita no minuto presente e já começa a ceder o espaço onde pisa á geração que lhe ha de succeder... E si consultar ainda a biologia e a geologia verá o mesmo espectáculo em ponto maior e repetirá a mesma pergunta desolada, porque as raças animaes, como os povos, se succederam sobre a terra, e antes dellas desfilaram as especies da fauna e da flora nos grandes periodos geologicos que precederam á vinla do homem; e as camadas mesmo dessa terra sobre a qual a vida surgio e proliferou-se superpuzeram umas ás outras, e dessas revolu-

ções enormes, de que o homem apenas pôde conceber uma ideia imprécisa, quasi não restam vestigios, e especies e raças e familias inteiras vicejaram e desapareceram sem deixar sequer memoria de sua passagem sobre a terra... Nessa transitoriedade universal que vale o homem, para que vive, que destino tem, si é que tem algum?

A essa pergunta ansiosa differentes respostas têm sido formuladas pelos homens em todas as epochas da civilização, competindo os philosophos com os theologos e os scientists no esforço para estancarem, no manancial das suas doutrinas, a sede espirital de certeza que afflige tantos corações. O Sr. Renato Almeida, sempre bem informado, recordou, no ultimo capitulo do seu livro, as principaes dessas soluções resumindo-as ás vezes com exactidão e elegancia.

Essas theorias philosophicas sobre o destino do homem podem ser agrupadas, grosso modo, em duas vastas categorias: as doutrinas mecanistas e as doutrinas finalistas.

Para os mecanistas o universo é o effeito necessario de uma Causa Primeira, espirito, materia, ou incognita que transcende dos limites do nosso conhecimento, effeito que se desenvolve em virtude da impulsão inicial sem plano preconcebido, sem fim previamente visado; o homem, nessa evolução do universo, é um effeito, um objecto contingente como os demais que o cercam, e o seu destino, como o dos animaes e das plantas com os quaes convive, é unicamente satisfazer as tendencias diversas do seu organismo de accõdo com as leis do meio physico e social onde vive. A sua felicidade é satisfazer aquellas de suas tendencias que lhe proporcionam prazer maior e mais duradouro, isto é, que lhe permittem viver sadio e respeitado entre os seus semelhantes; e o facto de sentir elle tendencias para realizar determinadas acções significa unicamente que o seu organismo vive e nunca que o seu destino seja satisfazer necessariamente essas tendencias ou que não as podendo satisfazer, por ser contrariado pelos outros homens, pelas molestias, pela morte, pelos limites dos seus sentidos, e do mundo em que vive, lhe seja concedida uma vida complementar na qual ellas sejam então plenamente satisfeitas. Os homens desejam porque tem sentidos, intelligencia, imaginação; mas disso não se pôde deduzir que haja necessariamente no mundo objectos correspondentes exactamente a todos os desejos humanos nem que os homens só sintam desejos para se apropriarem effectivamente dos objectos de seus desejos. Viver satisfazendo, no logar e no tempo em que vive, as tendencias do seu organismo e, si for obestado nisso, remover os obstaculos ou, não o podendo, contentar-se com o que lhe é dado alcançar, e esperar, o mais socegada e alegremente que puder, a morte inevitavel, é no que se resume, para os mecanistas, todo o Destino do Homem — consequencia logica da sua propria natureza e não desempenho de alguma ordem superior e alheia a elle.

Para os finalistas o universo é a criação de um Ser Supremo, materia ou espirito, que nós podemos conhecer ou que jámais conheceremos, mas não é uma criação necessaria, resulta de um acto voluntario do Ser Supremo que o executou para dar existencia a uma obra de arte ou de mecanica, ou, quando menos, a um brinquedo, um espectáculo em summa, para a sua vista ou um campo de experiencias para a sua curiosidade. Assim sendo cada cousa existente no universo poderia não existir: si existe é porque deliberou creal-a o Ser Supremo e como este, como ser absolutamente intelligente e poderoso que é, tem sempre um objectivo em mira quando age, cada cousa que existe foi creada para attingir determinado fim, previsto pelo Creador, e é dotada dos meios requeridos para poder alcançar esse fim. Portanto, si o melão tem gomos, é para ser partido e comido em familia; si a espuma do mar é branca é para que de longe os marinheiros a avistem destacada sobre o dorso negro dos escolhos; si a pulga é parda é para que os homens facilmente a possam descobrir sobre a alvura da pelle

## A REDEMPÇÃO DE FAUSTO

A vida de Fausto foi obra da regeneração, não inconsciente, como poderia parecer aos menos avisados, mas effectiva, porque sempre que o demonio tentava desviar-o do caminho recto para invios atalhos, recusava com repugnancia e horror. Fausto venceu a razão com a propria razão, conseguindo conhecer seu diabo e evital-o. O passeio na caverna de Auerbach, a ida a cosinha da Feiticeira e a noite de Waipurgas não conseguiram, na laseinação reluzente e suggestiva de seus motivos, seduzir-lhe o espirito, avido pelo mais alto e mais perfeito. Seu desejo foi a sabedoria, ou seja chegar ate o Eterno: pela razão, como doulor; pelo sentimento, como amoroso; pela belleza, como contemplativo; pelo trabalho, como governante. A posse da verdade, do amor, do rythmo, ou da felicidade, foram as etapas, pelas quaes procurou Deus, no universo immenso. Seu estorço foi sublime, sua accão, grandiosa de fe, de te no destino da creatura, por mais que a vida lhe seja hostil e precario o seu ser na terra. A ventura a mejada, não era o prazer, era a perfeição, que é Deus. Mas a criação para ser fecunda precisa elevar o homem e collocal-o em sympathia com os semelhantes. Portanto é obra de amor. *In Anfang war die Tat*. A criação foi um acto de amor e a vida seu reflexo, ligando os homens entre si e levando-os até Deus. So o amor explica o universo, só elle nos revela essa intelligencia superior que tudo creou e essa vontade suprema que tudo quer, só elle nos justifica, elle é o começo e o fim da existencia, como emanção inelavel de Deus.

RENATO ALMEIDA.

ou das roupas; e si os homens sentem determinados desejos é para que os satisfaçam alcançando os objectos que os despertam. Esses objectos existem e podem ser alcançados pelos homens, porque resultando tudo da criação voluntaria e perfeita do Ser Supremo este não iria criar os homens com desejos por determinados objectos si correlacionadamente não creasse taes objectos destinados a serem attingidos pelos homens que o desejam e não desse aos homens os meios efficazes para os alcançarem. Si o homem procura a felicidade perenne é porque ella existe, si elle tem horror á morte é porque essa morte é apenas apparente e o seu *Eu* subsiste em uma vida ulterior e perfeita... Desta sorte, apesar de todos os soffrimentos que o atormentam e de todos os mysterios que o cercam, o homem, creatura de um Deus providente, sorri ao seu destino que, atravez de todos os óbices, elle prevê e está seguro de alcançar: a eterna felicidade.

Aqui, por maior que seja o meu empenho de ser breve e claro, não posso deixar de notar que as doutrinas finalistas se repartem em varias modalidades discordantes entre si a respeito do modo pelo qual o homem cumpre o seu destino e sobre a natureza mesma dessa felicidade perfeita ou beatitude a que elle está destinado. E' assim que para alguns philosophos a vontade de Deus é que conduz o homem ao seu destino e para outros Deus apenas lhe dá a liberdade e os meios de se salvar; para uns todos os homens alcançam a Beatitude, mas para outros só a alcançam alguns, aquelles que a mereceram por suas virtudes ou a ganharam por uma Graça arbitrarria de Deus; para uns ainda o destino do homem se cumpre todo neste mundo na vida presente, em quanto para outros elle se perfaz em vidas successivas, neste ou noutros mun-

dos, ou em Paraísos Supraterrenos; enfim, para uns a beatitude a que se destina o homem é a satisfação das suas tendências em uma vida pessoal e consciente posto que eterna e suprasensível, enquanto que para outros essa beatitude é a confusão da individualidade com o Creator, ou é mesmo a desagregação, a aniquilação definitiva da individualidade...

Receto muito que por amor à brevidade eu me tenha tornado obscuro, e que tendo encantado às pressas e um pouco brutalmente — as numerosas e malsadas theorias sobre o destino humano nesses dois compartimentos do mecanicismo e do finalismo, estreitos demais para essa multidão pullulante, eu as tenha inadvertidamente deformado ou truncado. Essa minha insuficiência, aliás, pouco importa agora; não estou fazendo um curso sobre o problema do destino; quiz apenas lembrar as suas diversas soluções para resumir a questão no seu estado actual — e eterno — e indicar as diferentes estradas que se abrem diante do espirito curioso que se dispõe a viajar nesse paiz. Quanto ao resto, e como se usa dizer em estylo forense, invoco os aureos supplementos do benevolo leitor.

Interessado pelo problema do destino de frontando as variadas soluções propostas pelos philosophos de toda especie, o Sr. Renato Almeida, orientado pelo seu temperamento affectivo, inquieto, seqüioso de certeza, escolheu uma das theorias finalistas e homologou-a no seu livro. É uma fatalidade inherente à imperfeição do nosso organismo; as nossas ideias se tingem com a cor das nossas sensações e muitas vezes a escolha de um thema de estudo implica a direcção em determinado sentido desse estudo. "Il avait un besoin passionné de connaitre la destinée de l'homme; — il établit comme axiome que tout être a une destinée et de là il dérive le reste". (Taine — Philosophes Classiques — p. 265). O que disse Taine de Jouffroy applica-se ao caso vertente...

Não juro (Não jurarás, S. Matheus, V, 34) que a doutrina adoptada pelo Sr. Renato Almeida seja a catholica orthodoxa; e, de resto, não me parece que elle, no encontro das opiniões que refere, se tenha occupado a definir e estabelecer muito claramente a sua; penso que elle não desdenharia de partilhar neste assumpto a opinião de Santo Thomaz de Aquino — combinando-a com a de Santo Agostinho; entretanto estimaria — para segurança do meu espirito — que mais de espaço elle se houvesse demorado a explicar as razões da sua preferença.

Essas razões, si não as encontramos por elle expostas *ex-cathedra*, deparam-se-nos, comtudo, dispersas pelo livro e, sobretudo, nas criticas feitas pelo autor a differentes doutrinas. É' assim que, demorando-se particularmente no exame das theorias modernas concernentes ao destino humano, o Sr. Renato Almeida recusa sua adhesão à maioria dellas: — ao materialismo porque lhe repugna dar à materia vontade e consciencia creadoras e porque a geração espontanea ainda não está provada; — ao positivismo porque este não responde á sua pergunta sobre a finalidade da vida e assegura mesmo que tal pergunta é ociosa por irrespondível; — ao néo-vitalismo e ao bergsonismo porque estas doutrinas subtile diluem na materia e na "evolução creadora" as ideias de finalidade e consciencia divina que lhes servem de fundamento... Dessas theorias apenas uma agrada ao seu espirito prudente, é o pragmatismo de William James, que não affirma nem nega categoricamente a finalidade da existencia humana, mas que aconselha a vida, a acção, a pratica moral e, provisoriamente, sob beneficio de inventario, affirma certos axiomas convenientes para facilitar a cada homem a tarefa presente de viver e agir.

O Sr. Renato Almeida é francamente sympathico ao pragmatismo: "Na enorme crise presente que atravessa o mundo, escreve elle, caracterizada por um negativismo despotico e por uma anarchia verbal em que se pretende sujeitar a razão ao instincto, depressimindo-se o sentimento para abolir a fé, o primeiro estylo que se ha de fazer, para reatar a harmonia da acção" (pag. 365). — Entretanto essa sua parada no pragmatismo inseguro e dubitativo é de curta duração. Se-

dento de certeza busca doutrinas mais affirmativas, e não encontrando satisfação nas respostas restrictas dos scientistas e hypotheticas dos philosophos entrega-se resolutamente ao instincto, ao sentimento para ouvir da religião, com o ouvido da fé, a resposta absoluta que lhe contente definitivamente o espirito ansioso. — Creio que os seguintes períodos, recortados do seu livro, exprimem exactamente o seu pensamento: "No correr desorientado pela terra, escreve elle, procuramos um fim, mal suspeitado, em cuja intenção dirigimos a prece mais intima do coração afflicto, no limite ultimo do conhecimento. Esse termo da intelligencia que, por força, ha de ser a causa universal, portanto Deus, constitúe para o homem a tortura da sua razão..." (pag. 291) — "Fechemos os ouvidos aos philosophos e aos scientistas, certos de que pouco havemos de perder perdendo a sua sabedoria fragil, pretenciosa e ridicula, como aquella homunculo de Wagner..." (pagina 294) — "A razão, o sentimento e o instincto, disputam-se como o meio mais perfeito de penetrar no supremo conhecimento, o qual permanece inacessível aos elementos de verificação que temos como realidade. O limite ultimo, só nos pode dar a fé, manifestação derradeira e suprema da psyché humana" (pag. 292) — "Nesse ponto a intuição de Secrétan é profundamente humana e o mais certo meio da creatura humana chegar até Deus, como no symbolo de Fausto, é pela intelligencia tornando-se fé para sentir os primeiros principios. A impossibilidade da razão é que nos induz a procurar uma força mais alta que nos solicita, como inspiração divina e é o sentimento." (pag. 370). Porque — conclúe elle, "na vida uma ideia se impõe à creatura como solicitação intima de seu espirito e sua mais imperiosa necessidade — a ideia de Deus, *causa causarum*. Não é possível afastal-a por mais que a contingencia queira resolver a existencia e, se é hypothese, é a unica sobre a qual se póde razoavelmente construir o ser" (pag. 368). "Não abandono a hypothese salvadora cuja crença, afinal de contas, não trará mal maior" (pagina 293).

Em resumo, o Sr. Renato Almeida opina que o homem não é um méro accidente no universo e que a sua vida é o desenvolvimento de um Destino concebido por Deus, porque ao seu coração generoso repugna acreditar que assim não seja e porque essa hypothese lhe parece a mais consoladora de todas. A sua attitude é a mesma aconselhada por Pascal na sua conhecidissima theoria da aposta. O facto é que o seu temperamento que o levára a escolher esse problema do Destino para thema das suas cogitações já previamente, tambem, lhe ditára a solução a que haveria de chegar: a sua erudição só lhe trouxe argumentos para confirmal-o na acceitação do theorema que o seu sub-consciente formulára... "Tu ne me chercherais pas, si tu ne m'avais déjà trouvé"...

Posta nestes termos a questão evidencia-se a superfluidade de qualquer discussão puramente logica. A solução adoptada pelo Sr. Renato Almeida sobre o problema do destino não é uma theoria, é uma crença, não procede da razão, procede do coração e, para citar novamente Pascal, "le coeur a ses raisons que la raison ne connait pas" e que, portanto, não podem ser discutidas só racionalmente. No seu modo ironico e sarcastico, o Sr. Renato haveria de superiormente rir-se do meu afan si eu me entretivesse aqui a alinhavar syllogismos frios e claros para demonstrar que a sua doutrina é ou não é logica. *Facile et solus credimus quod volumus*, redarguiria elle... Porque, neste passo, a sua attitude de intellectual, abrazado de fé e menosprezador da intelligencia, é a inversa exacta de de Santo Agostinho que, no dizer de Santo Anselmo, era, justamente, a fé tornando-se intelligencia, "*fides querens intellectum*", e que achava proveitoso esforçar-se por comprehender e explicar os dogmas da sua fé. "*ut intelligamus quod credimus*"

Cumprimentemos, pois, o Sr. Renato Almeida por ter alcançado em tão boa hora, seguindo a estrada lisa da Fé, a certeza suprema que outros, caminhando por veredas mais asperas, levam tantos annos a procurar

e só alcançam tardiamente — como aquelle vigoroso Brunetière — quando a alcançam; — e antes que, excedido pelo meu nefario intellectualismo, elle me compare a Wagner, ao Homunculo, ao Bacharel presumido que "deante do diabo nelle não cre" (pag. 195); concordemos com elle que a fé, mais do que a dialectica, é a autoridade competente para decidir, sem recurso, esse litigio secular sobre o destino dos homens e sigamos em sua companhia, atravez a "selva selvaggia" do drama goetheano, as pegadas do Doutor Fausto a fim de verificarmos, no destino deste personagem, a comprovação e a pratica das doutrinas do Autor.

## § II

Não vamos aqui realizar a tarefa ingrata e esteril de autopsiar o Fausto e, comparando a nossa analyse á que nos apresentou o Sr. Renato Almeida, notar minuciosamente o que elle omittio e o que elle ajuntou na sua descripção do personagem de Goethe.

Estando certo, como acabamos de ver, que cada homem, vindo ao mundo tem um destino certo a cumprir, que é tornar ao Deus que o criou (pag. 369), é natural que o Sr. Renato Almeida observasse á luz dessa philosophia a acção dramatica do Fausto e só se deixasse impressionar pelos episodios do poema que confirmassem ou illustrassem a sua ideia. Como é sabido, nós só extrahimos de um livro o que lá previamente depositamos, isto é, em qualquer obra, — e melhor ainda numa obra cahotica, ampla, irregular e suggestiva como o Fausto, — nós só vemos, como nesse espelho magico da feiticeira, a nossa propria imagem com feições alheias, quero dizer, os nossos desejos escondidos sob o aspecto dos objectos do mundo externo. Desta sorte, no Fausto, o Sr. Renato reconheceu o seu proprio espirito inquieto, ansioso, torturado pelo desejo de comprehender o absoluto, descrente das sciencias que só revelam o contingente, acalentado pela acção que distrae o espirito na perseguição de um ideal, salvo, enfim, pela Fé religiosa que sossega o coração revelando-lhe Deus fim supremo e suprema aspiração do seu ser; — e no desenvolvimento do drama goethano elle descobriu a comprovação da sua theoria da vida, pois — "a vida de Fausto, — escreveu — foi a obra da regeneração, não inconsciente, como poderia parecer aos menos avisados, mas effectiva, porque sempre que o demonio tentava desviar-o do caminho recto para invios atalhos, recusava com repugnancia e horror. Fausto vence a razão pela propria razão, conseguindo conhecer o seu diabo e evital-o. O passeio na caverna de Auerbach, a ida á cosinha da Feiticeira e a noite de Walpurgis não conseguiram, na fascinação relutante e suggestiva de seus motivos, seduzir-lhe o espirito, avido pelo mais e mais perfeito. Seu desejo foi a sabedoria, ou seja chegar até o Eterno: pela razão, como doutor; pelo sentimento, como amoroso; pela belleza, como contemplativo; pelo trabalho, como governante. A posse da verdade, do amor, do rythmo, ou da felicidade, foram as etapas pelas quaes procurou Deus, no universo immenso. Seu esforço foi sublime, sua acção grandiosa de fé, de fé no destino da creatura, por mais que a vida lhe seja hostil e precario o seu ser na terra. A ventura almejada não era o prazer, era a perfeição, que é Deus" (paginas 272-3).

Essa interpretação que nos deu da figura de Fausto o Sr. Renato Almeida é seguramente das mais nobres que se podem formular; eleva, consola, revigora o espirito de todos aquelles que se habituaram a mirar-se na obra de Goethe como num espelho e a afivelar ao proprio rosto a mascara de Fausto.

Que o Sr. Renato me perdõe, comtudo; apezar da sua capitosa dialectica não conseguí ver o Fausto como no seu livro o mostra: um caracter de arestas definidas, uma alma forte (pag. 326) que, embora transviada algumas vezes, aspira sempre a elevados ideaes e se esforça tenazmente por attingil-os (paginas 137, 372, e *passim*); ao contrario, elle continuou sempre a me parecer um caracter indeciso, quasi amorpho, debil e inquieto como o seu irmão Wether, preocupado comsigo

mesmo como o seu illustre progenitor, sempre insatisfeito porque os seus nervos são doentes e o seu espirito ávido pede ás cousas externas mais do que ellas lhe podem dar, dominado sempre por suggestões extranhas, peteca de Mephistopheles que o leva para toda a parte, mesmo contra o gosto delle, falador e tagarela impemittente que nas occasiões decisivas de sua vida, quando deve resolver e agir para demonstrar que é um homem e não um títere, — abandonar Margarida ou casar-se com ella, por exemplo, buscar Helena, dirigir a batalha do Imperador, adquirir a cabana de Philemon e Baucis — entrega-se totalmente ao arbitrio de Mephistopheles e segue os conselhos deste, quites a lamuriar-se depois por não ter realiado os seus desejos — que elle não formulou, e por não ter encontrado satisfação nos acontecimentos — que elle não se esforçou por orientar no sentido da sua vontade...

Quanto á redempção ou salvação de Fausto — pois que no continuar a tragedia determinou Goethe de salvá-lo — ella não se explica satisfactoriamente, a meu ver, nem como recompensa aos esforços virtuosos de Fausto, pois estes não se observam no correr do drama, nem como o cumprimento de um decreto imprescriptivel do Senhor e independentemente das accões de Fausto, pois isto não se concilia com o criterio de salvação affirmado no Epilogo pelo Côro dos Anjos. Só explica inteiramente uma tal salvação, penso eu, aquella doutrina da reversibilidade das penas e dos meritos, tão cara a Paul Bourget tradicionalista e catholico. A redempção de Fausto, dest'arte, não é obra da Fé, é obra do Amor; e não dos amores que Fausto sentio por Margarida ou pela fantastica Hellena, amôres frouxos e curtos, maculados demasiadamente de egoismo. — mas do Amôr que por elle sentio Margarida, a unica pessoa inteiramente viva e integralmente humana de toda essa confusa obra, amôr absoluto, completo, incondicional, eterno, que persiste mesmo atravez da Morte, e que induz Margarida, quando chega para Fausto o momento supremo, a interceder por elle junto da mais piedosa das Santas e a obter que a alma daquelle peccador se cleve no Céu em seguimento da sua que o attrae, sempre para mais alto, pela força do seu radioso Amôr. — Fausto não é salvo porque luctasse constantemente pelo bem, nem porque o Senhor assim o houvesse predeterminado; elle é salvo porque uma creatura humilde e piedosa, forte pelo grande amôr que a animava, penitenciada duramente dos seus peccados que eram apenas a consequencia desse amôr, tomou sobre seus hombros, frageis mas corajosos, a responsabilidade das culpas desse pobre homem a quem tanto amava e repartio com elle o beneficio divino que os seus soffrimentos, a sua contricção, e a sua fé nunca abalada lhe haviam grangeado.

Margarida, na sua simplicidade tosca, no seu amôr ingenuo e ardente, na sua fé constante é a grande figura desse drama; quanto a Fausto pessoalmente, elle inspira-me sympathy e piedade, mas não admiração; elle me parece humano, mas humano demais. — diria Nietzsche; é uma alma vulgar, não um caracter superior; é uma existencia falhada, não uma vida perfeita. Fraco, incerto, balôco em excesso elle me parece improprio para symbolizar um destino completo que ha de ser, forçosamente, superior ao da média vulgar humana, e deve-se desenvolver, atravez de luctas, erros e emendas, por ventura, mas consciente do seu esforço e tendendo vigorosamente para um determinado fim previsto claramente ou obscuramente presentido.

Retraçando a figura de Fausto indubitavelmente o Sr. Renato Almeida se deixou em absoluto dominar — porque isso convinha ao seu systema philosophico — por aquella sentença do Senhor no Prologo, confirmada no Epilogo pelo côro dos anjos, a qual sentença impõe — exteriormente — á vida de Fausto uma significação superior e uma orientação continua, significação e orientação que de facto não se encontrâem ou foram totalmente esquecidas no tecer da trama mesma dessa vida. — Foi deste modo, salientando no drama o que confirmava a sua theoria e deixando em penumbra o que a contrariava ou

lhe era indifferente, que o Sr. Renato Almeida conseguiu apresentar-nos um Fausto forte e persistente — ein strebende Mensch —, enquadrado entre aquella sentença fatalista do Senhor:

“Ein guter Mensch in seinen dunkeln Dingen Ist sich des rechten Weges wohl bewusst.”

e aquella affirmativa dos Anjos:

“Wer immer strebend sich bequht, Den können wir erlosen”...

Como quer que seja essa interpretação da personalidade de Fausto apresentada pelo Sr. Renato Almeida é razoavel; pôde-se mesmo assegurar que ella é das mais rasoaveis que têm surgido, e basta ler o livrinho de H. Lichtenberger sobre o Fausto (Ensaio de Critica Impessoal) para se formar uma ligeira ideia do delirio de imaginação a que se entregaram numerosos commentadores do Fausto interpretando-o nos sentidos mais abstrusos, mais contorcidos, mais distanciados da lettra do poema e do bom senso.

Naturalmente cada leitor interpretará o Fausto consoante as idiosyncrasias do seu temperamento e as conclusões da sua experiencia pessoal, aceitando ou regeitando os esclarecimentos dos exegetas. Sómente no que elles comprovarem ou infirmarem da sua propria concepção. Ultimamente, discutindo em Paris com o philosopho Bergson a respeito da obra

Kantiana, o relativista Einstein — que é preciso citar antes que passe de moda — resumio o debate assegurando que assim como cada individuo tem o seu tempo proprio, p' soal, também “cada um tem seu Kant proprio”. Analogamente se dirá que cada um tem o seu Fausto proprio, isto é, interpreta pessoalmente essa obra de Goethe sem que os melhores commentarios alheios alcancem modificar essencialmente os lineamentos da sua interpretação. Foi o que Anatole France exprimio finalmente assegurando que “une argumentation suivie sur un sujet complexe ne prouvera jamais que l'habilité de l'esprit que l'a conduit.”

Desta sorte cada pessoa verá sempre o Fausto com os seus proprios olhos e o julgará fatalmente pelo estalão do seu gosto individual, attribuindo-lhe taes ou taes intenções nos seus actos, salvando-o em attenção a taes ou taes preferencias da sua philosophia. Mas todos poderão buscar no livro do Sr. Renato Almeida elementos para aperfeiçoar ou corrigir sua propria interpretação, sinão mesmo argumentos para contrariar interpretações alheias, e todos poderão admirar a habilidade litteraria, philosophica e hermeneutica com que o Autor logrou integrar a figura de Fausto — symbolo do Homem — salvo a um tempo pela Graça do Senhor e pela constancia de suas aspirações idealistas — na solução religiosa que aceitou como unica definitiva do problema do Destino Humano.

## Mesquita PIMENTEL.

### A potencialidade economica de Minas

A actividade economica do Estado de Minas Geraes, nos varios ramos da produção animal, vegetal, mineral e manufactureira, não tem soffrido descontinuidade, conforme os algarismos da estatistica da exportação.

No anno de 1922, o valor da exportação, incluindo-se o valor da exportação isenta de impostos, elevou-se a 512.826:156\$, contra 524.544:492\$ em 1921, com a differença para menos de 11:718:836\$ no anno findo.

São os seguintes os numeros apurados:

#### 1. — VALOR DA EXPORTAÇÃO TRIBUTARIA:

Animaes e seus productos	135.726:029\$000
Vegetaes e seus productos	306.463:355\$000
Mineraes	38.670:226\$000
Artigos manufacturados	31.966:540\$000
<b>Total</b>	<b>512.826:157\$000</b>

#### 2. — VALOR DA EXPORTAÇÃO NÃO TRIBUTARIA:

Animaes e seus productos	3.497:516\$000
Vegetaes e seus productos	11.827:040\$000
Mineraes	437:996\$000
Artigos manufacturados	7.962:918\$000
<b>Total</b>	<b>23.635:470\$000</b>
<b>Valor total da exportação</b>	<b>536.461:627\$000</b>

São as seguintes, em contos de réis, as sommas com que contribuiram os principaes productos para esse total:

#### 1. — ANIMAES E SEUS PRODUCTOS:

Bovinos	53.954:000\$000
Queijos	23.535:000\$000
Áves	10.995:000\$000
Manteiga	10.974:000\$000
Carnes de bovinos	9.109:000\$000
Suínos	8.013:000\$000
Productos de suínos	7.568:000\$000
Leite	7.212:000\$000
Seda	3.267:000\$000
Ovos	3.093:000\$000
Couros seccos e salgados	2.351:000\$000
Muares	1.469:000\$000

#### 2. — VEGETAES E SEUS PRODUCTOS:

Café	269.846:000\$000
Tecidos de algodão	15.496:000\$000
Arroz	5.580:000\$000
Feijão	5.780:000\$000
Milho	5.650:000\$000
Fumo	5.431:000\$000
Batatas	4.895:000\$000
Madeiras	4.429:000\$000
Carvão vegetal	4.072:000\$000
Assucar e rapaduras	2.572:000\$000
Fructas	2.713:000\$000
Algodão	2.303:000\$000
Vinho	2.164:000\$000
Cascas taniferas	1.633:000\$000

#### 3. — MINERAES E SEUS PRODUCTOS:

Ouro	16.627:000\$000
Manganez	12.555:000\$000
Ferro e artefactos	6.651:000\$000
Aguaes mineraes	6.435:000\$000

# NACIONALISMO

Nos seus este grande pensador argentino numa carta dirigida a um illustre homem de letras do Brazil, faz notar, cheio de inquietamento essa "crise de exaltação nacionalista que se tem manifestado em todos os paizes depois da guerra", lamentando, todo enlelado na aspiração utópica de um sopro de concórdia infinita ligando a America Latina, lamentando esse alvorecer do nacionalismo como um entrave forte e lamentável ás doutrinas mysticas do seu sonho pacifista.

O illustre publicista vê no nosso movimento cogenerador talvez, na expansão notavel da nossa actividade nestes últimos annos uma ameaça temivel de pan-brazileirismo.

Estamos effectivamente num grande periodo de transição.

O phenomeno, porém, é universal. Sentimos que um grande vento de revolução passa abalando as nossas velhas instituições.

Eu não sei, meu Deus, perdido neste recanto obscuro do Brasil, neste rincão formoso do S. Francisco de um céu tão azul e tão puro, eu não sei o que surgirá dos escombros da hecatombe que ensanguenta a velha Europa, mas creio firmemente que daquelle choque terá vel resultados idéas e idéas mais verdadeiras, concepções mais reaes em proveito da civilização.

E para nós realmente, ella trouxe a lição incisiva de que a vida de um povo está no aproveitamento intelligente de suas energias. Foi de facto ella que nos despertou, que nos accendeu o ardor da nacionalidade, não o ardor guerreiro, trescalando á césena mas amor da patria, trabalhador e pacifico.

Ingenieros não observa bem quando colloca o nacionalismo emparelhado synonymicamente a patriotismo, militarismo ou prussianismo. No velho mundo, onde as instituições e os usos modernos estão profundamente vinculados ao passado historico — nacionalismo manifesta-se, incontestavelmente, por um forte sentimento de "egoismo nacional". Não se concebe o principio de patria sem a sua correlativa defesa militar e isto pela razão simples de que a patria foi adquirida por conquista, já foi retalhada pelo invasor brutal e está sempre ameaçada por pretensões eternas e insubmissas. Acresce ainda a circumstancia de habitarem a Europa povos de indole guerreira o que não acontece nos vastos campos do novo mundo.

Não ha na America o terror permanente do invasor ambicioso mercê da sua vastidão territorial, das immensas riquezas disseminadas e do profundo espirito de democracia e liberdade de que fomos o berço. Penetramos, depois da guerra como que num forte e brilhante periodo de trabalho intenso, de acção e de estado. Sente-se por toda a parte, nas cidades, nos campos, nos sertões invios um verdadeiro despertar com todos os seus deslumbramentos.

Posso mesmo dizer que a era do descaso tombou e que raiou enfim para o Brasil o sol fecundo de uma nova Renascença, illuminando horizontes mais amplos e mais promettedores.

E foi indubitavelmente a guerra que nos fez acórdar para a vida intensa; foi ella que nos fez erguer do marasmo pusillanime do "que-me-importa-lá" em que viviamos.

O espirito novo sahido desta geração opulenta de idéas tão robustas; o ardor sympathico de uma imprensa sã, bafejando, guiando com o seu vigoroso poder divagador as novas aspirações da nacionalidade; a penetração cada vez mais intensa do espirito regenerador pelos sertões longinquos — toda essa exaltação brilhante é, não ha duvida, a mais lidima manifestação de um resurgimento do alvorecer de uma nacionalidade.

A *quelque chose malheur est bon*. A conflagração do velho mundo veio delinear-nos poderosamente o sentido das actividades nacionaes no tocante ao seu desenvolvimento. E' certo tambem, lamentavelmente verídico, que não trouxe, como esperava a ingenuidade dos pacifistas, nenhum ensinamento aos governos das grandes potencias militares no sentido de se pôr termo ao delirio macabro dos armamentos. A Europa é ainda hoje como ha cinco annos, um grande acampamento onde um exercito formidavel bivaqueia com sentinelas vigilantes nos postos avançados.

Viram desalentados os pacifistas orthodoxos o ruir inesperado de um sonho antigo, dessa deliciosa chimera tão irrealizavel quanto a ancia da Perfeição nunca alcançada, do velho Ulisses.

Ingenieros participa desse amargo desalento quanto condemna essas manifestações de nacionalismo.

O nacionalismo não é obsessão do amor da patria.

Nacionalista não é aquelle que cerrando as vistas para o resto do mundo num grande desdém, concentra-se irredutivelmente dentro da muralha chinesa do preconceito de que só a sua patria é grande e capaz de lhe proporcionar todo o bem, desprezando incondicionalmente tudo que não estiver sob o seu céu. Isso poderia ser nativismo retrogrado, buirrisimo inconsequente, absurdo, nunca nacionalismo.

Pode perfeitamente harmonizar-se o mais doce pacifismo. Os dous sentimentos, são antinomicos; não se repelem portanto. Seria, antes, a formula ideal da democracia latino-americana, — um produtor nacionalismo irmanado a um grande espirito de concórdia — guiar os nossos destinos.

Este seria o ideal politico da America-latina.

Mas porque recuar de um sentimento tão justo e tão nobre? O nosso passado historico não é uma grande lição de amor á Justiça e á Paz? Não é uma garantia notavel dos nossos intuitos? Isso não basta então para assegurar e reafirmar o nosso grande desejo de uma operosidade pacifica? Pacifistas sempre o fomos. A nossa historia exuberantemente o demonstra a cada passo. Se as aspirações pacifistas alguma vez foram defendidas com valor e brilhantismo o foram por nós em Haya, quando os potentados procuravam velar com falsos adereços as suas ambições em detrimento da liberdade das pequenas nações de paz garantidora da civilização.

Pacifistas sempre o fomos. Não temos o espirito guerreiro dos anglo-saxões ou dos germanos. Seria crime revoltante o estorvar, de qualquer maneira, esse cáldo e confortante bafejo de soerguimento que nos anima na hora presente, só porque entre os povos d'além-mar na velha Europa, tão gasta e exgotada, o amor da patria, o ardor nacionalista não é um sentimento pacifico, sahido de uma visão mais ampla e altruista e progressiva — é antes um dever emanado dos quartéis, do espirito da disciplina e veste, quasi sempre, para sahir á rua, a fardeta prussianana.

Como e porque reprimir um sentimento que não nasceu espúriamente de nenhum decreto, mas que é proprio do homem, que nasceu com elle, que adormecido ás vezes, já existia, latente em seu coração?

\* \* \*

O amor da nacionalidade é a modulação ampliada do amor da familia. E' o mesmo sentimento que restricto, quasi mesquinho no berço das associações humanas, á medida que ellas crescem e se ampliam e ganham em proporção elle as acompanha, crescendo, ampliando-se tambem, vinculando-se profundamente nalma humana. Começa no lar, ascende ao *plan*, á tribu, á cidade, á nação.

O homem deixando as cavernas, associando-se á mulher, constitue a familia primitiva e num bocado de terra funda a sua primeira

pequena patria (1) com o seu timúio, o seu deus lar, o seu fogo sagrado. Aquella terra receberá o seu pal e a elle proprio; nella viverão as almas de seus antepassados; e manifestada por isso. Elle a defenderá sobretudo contra o linigo que a profanar porque lá está o seu deus, a sua fé; é ella que o alimenta e abriga, é a terra *patrum*, terra dos pais. Dessa veneração, desse apego quasi inconsciente, vago, mesclado de superstições, de creanças rudimentares, surgem as primeiras manifestações do amor da patria. E' ainda um sentimento de uma estreiteza e mesquitez verdadeiramente primitiva, mas é já uma manifestação evidente de um sentimento forte e bem nascido.

Mas tarde, em Roma, o sentimento do amor da patria atela o vóo, ampara-se ganha em robustez e em fé civilica; — a patria é a cidade, é Roma ativa e opulenta, com os seus heróes e o pytanado, (2) é a "Terra sagrada da patria" *sacra terra patriae*. O patriotismo estriba-se então num mundo de fortes convicções, é um sentimento energico potente, enrijado de supremas virtudes civicas.

A patria era para o cidadão de Roma o bem supremo, o unico bem porque nella encontrava a segurança protectora das leis, a homogeneidade da fé, da lingua, da raça, dos costumes, da arte de todo esse acervo de sentimentos e qualidades communs que caracterizam uma nação. O exilio era a mais cruel punição que se lhe podia infligir. Amava portanto acima de tudo a terra que lhe dava o sol e que o vira nascer, os seus campos e as suas searas, os heróes do passado, os seus deuses, as suas lendas. Estava preso á ella como o avarento ao seu thesouro, por ella iria ao sacrificio dos sacrificios.

O sentimento entretanto, vai crescendo com o desenvolver da civilização. O Imperio romano baqueia pela infiltração irresistivel e assoberbadora das tribus irrequietas e insubmissas do norte; a velha fibra, rigida do romano está gasta pelas dissipações e desatinos da decadencia. A civilização penetra, com a quédia do fulgor de Roma, no crepusculo, no obscurantismo, na asphyxia do feudalismo medieval. E' como que se perde na escuridão dolorosa e suffocadora da Edade-Media todo o antigo ardor da patria...

Mas, é que, na sombra se estão formando novas nacionalidades, resquícios do velho mundo romano. A Renascença é a apresentação no palco do mundo, dos novos povos, sahidos como que por milagre, dos escombros de uma civilização morta.

E' o estado agora a grande patria, patria maior, com os seus governos, a sua aristocracia e os seus exercitos. A theocracia militar impéra. A patria está encarnada na rei. A nação ainda não surgiu para arrancar de suas mãos o direito divino. Approximase porém, imperturbavelmente do ponto culminante. A analyse racionalista surge com

(1) — F. de Coulanges — A cidade antiga.

(2) — F. de Coulanges — A cidade antiga.

## HARDING

A figura do Presidente americano que desapareceu, antes que tivesse ensejo de caracterizar o seu governo por qualquer gesto universal, é uma personalidade admiravel de *self-made man*, pois de simples agricultor, typographo e conductor de bond, conseguiu attigir a uma das mais altas posições no mundo, como seja governar a grande republica norte-americana. Harding era um representativo da politica yankee e a sua indicação para combater e vencer o idealismo de Wilson, significou bem o desejo do povo de seu paiz, de entregar o governo a um homem que, embora sem ser figura de elite como o seu antecessor, fosse o *plain American* (um simples americano), sem a perturbação dos elementos extranhos, que o paiz não concorda em conjugar ao rythmo poderossissimo de sua grandeza. Praticando a politica de isolamento, evitando immiscuir-se nas contendas da Europa, até onde só foi, quando sentia que o militarismo ameaçava subverter a ordem mundial, a America do Norte não se desinteressa do bem estar da Humanidade e o seu idealismo está sempre prompto a servir tão nobre causa. Harding, nessa orientação geral, promoveu a conferencia de Washington, para cuidar da limitação geral dos armamentos, principiando por dar o exemplo nas forças armadas de seu paiz; e celebrou o Tratado do Pacifico, cuja significação não é mistér encarecer. Entre os chefes da poderosa Republica Norte-Americana, que desde Washington têm governado o paiz, em 150 annos, Harding tem um lugar assinalado, pela sabedoria politica com que o dirigiu, num dos periodos mais tumultuosos para o mundo, ainda atordoado pelo fragor da grande guerra.





firmado que os livros e revistas da Europa chegam a Buenos Aires, 20 dias depois de apparecidos. O seu paiz julga que a actividade intellectual da Europa esta em crise e a sua produçao inferior á de antes da guerra. Para que a informaçao fosse ainda mais completa, buscava mais dinheiro. Quando ás relações intellectuaes com pessoas e organizações estrangeiras, assim como a possibilidade de melhorias ou de estabelecer uma organização intellectual, diz que diminuem, apesar dos esforços feitos pela França e pela Alemanha para estimular seus partidarios mais por motivos politicos do que por estimo intellectual. A proposito de uma organização internacional de alta cultura, acha que isso depende da "desmobilisação dos espiritos". Declara que o predomnio das paixões politicas produziu uma morbida xenophobia paralela ao proteccionismo economico. Os intellectuaes de cada paiz põem-se a escrever tendenciosamente, descobrindo genios nos seus compatriotas e exaggerando-lhes os meritos. obra que os governos incentivam, o que difficulta em absoluto essa cooperaçao, que o Sr. Ingenieros não acredita poder ser feita por Comissao da Liga das Nações, a que

responde, porque seria um novo instrumento de propaganda politica dos aliados, sem vantagens para o progresso intellectual. Só com o tempo isso se conseguira, depois de passados os intellectuaes perturbados pela guerra. Algumas sociedades e fundações ricas dos Estados Unidos, tentaram se ramificar na Argentina, mas pouco conseguiram pela aversão crescente contra o imperialismo politico do seu paiz de origem. A oitava pergunta, sobre as tendencias e orientaçao que se podem prever, teve como resposta o seguinte: em ciencia, nada tipicamente autonomo; nas letras e nas artes, parece accentuar-se o espirito regionalista; na politica, uma certa renovação, cujo caracter se irá definindo á medida que na Europa se extenda a revolução social, começada no fim da guerra; na philosophia, domina os jovens um accentuado espirito pragmatico. Sobre a influencia da actividade intellectual na moral publica, reconhece o Sr. José Ingenieros, que, na Argentina, como, aliás, em toda o mundo, ha um ambiente de immoralidade dominante, uma licença nos costumes, nas relações sociais, na economia e na imprensa, que perturba o rythmo de

crescimento dos povos. Tal meio, ao contrario, não pôde contribuir para o desenvolvimento intellectual. Em resumo, conclue, o adtre publicista portenho, podemos dizer que na vida intellectual argentina se observam os mesmos phenomenos negativos que na Europa, a causa foi a guerra, mas não diminuíram com a sua terminaçao; o publico se interessa menos do que antes pelas altas actividades intellectuaes, dispensando maior atençaõ ao theatro e novela; toda a vida scientifica gira em torno das universidades officiaes, não existindo institutos privados que cooperem na produçao intellectual; as relações scientificas com o extrangeiro diminuíram apesar da tendenciosa propaganda com fins politicos, os meios de informaçao são bons e proporcionaes aos recursos; a organização internacional da actividade scientifica está agora difficultada pelas paixões xenophobicas excitadas pela guerra, o nacionalismo e o imperialismo; as unicas orientações renovadoras se manifestam no terreno da reforma social; a moralidade publica soffreu uma depressão desfavoravel ao progresso da actividade intellectual.

## VIRGO PRÆDICANDA

A ELYSIO DE CARVALHO.

zelador e vedeta dos "Bastiões da Nacionalidade"

Nas plagas do Reconcavo nasceste,  
Morena filha do sertão agreste,  
Moça destemerosa e varonil;  
Quiteria de Jesus, virgem bahiana,  
Que evoluisse de gracil Diana  
Em defensora estrenua do Brasil.

Dera o seu brado o Principe Regente,  
Fazia-se mister que a nossa gente  
Consolidasse o feito desse heróe.  
Accende-se a peleja na Bahia,  
Onde Madeira em tactica porfia,  
A conquista pacifica destróe.

Então, afluem de districtos varios  
Fogosos contingentes voluntarios,  
Para a obra commum de defensão.  
Entre esses taes Quiteria se apresenta,  
Desfarçando na impropria vestimenta  
Seu feminino e bravo coração.

Examinado, inscreve-se artilheiro  
O camponez intrepido, trigueiro,  
De membros e maneiras tão gentis,  
Que para logo desconfiam todos  
Da sua compostura, dos seus modos,  
Do seu porte e seus trajas varonis.

Eis se descobre a civica fallacia  
E o bello ardil, a temerosa audacia  
Abre um sulco de augurios no porvir  
Cinge um curto saiote a vivandeira,  
Que, agora, de espingarda e cartucheira,  
Nos "Periquitos" lesto vae servir.

Encarniça-se a lucta horrendamente.  
Quiteria, sempre indomita e fremente,  
Caminha na vanguarda das legiões.

Salta impecilhos, mofa de emboscadas,  
Accommette trincheiras, paliçadas,  
Quadrados, contingentes, esquadrões.

Quando, em Paraguassu, varias senhoras  
Se fizeram da Patria defensoras,  
Num arremesso insolito e feroz;  
Lá estava Quiteria, desgrenhada,  
A tiros de fuzil, golpes de espada,  
Guardando as aguas da patricia foz.

Com Labatut, na arena de Cabrito,  
Correndo aos chamamentos do seu grito,  
Quiteria de Jesus presente está.  
Garbosa pelejou sete batalhas  
E esteve na refrega, entre as metralhas,  
Que a sagraram cadete em Pirajá.

Joven, galharda, deslumbrante heroína!  
Triumphaste da horrifica chacina,  
Calma, ascendeste ao Capitolio, a pé.  
Bem haja a Communhão da Soledade,  
Que a tua frente de epica deidade  
Ornou com ramos floreos de café.

Ficaste sendo o symbolo da gloria  
E entraste, eximia, os porticos da Historia,  
Nascida embóra em asperos confins.  
Fôste, naquella hora alviçareira,  
A imagem da patria brasileira,  
Toucada de esmeraldas e rubins.

Agraciou-te emfim, Pedro I  
Com a merecida cruz de cavalheiro,  
Insignia do brasilico valor;  
E em vez de marechal só fôste alferes,  
Enlevo e orgulho de homens e mulheres,  
Pomba custodia de bravura e amor.

Carlos D. FERNANDES.



# IMPRESSÕES DO SALÃO

Admirada, em conjunto, a nossa exposição official de bellas artes causa uma agradável impressão. Ha como em todas as mostras, o que satisfaz e o que não entusiasma; o que deixa o espectador indifferente e o que commove. Póde não ser um "Salão" á altura da nossa capacidade ou como querem os que diante da nossa produção artistica se abstrahem das condições do meio, da nossa educação esthetica, do estímulo popular ou official que os idealistas d'arte possuem. Acresce que o actual certamen fez-se logo após o do Centenario, o que denota esforço e dedicação dos nossos artistas.

Não podemos dizer que é inutil uma exposição de artes plasticas, mesmo quando nella não figurem, como na deste anno, pintores como Parreiras, Baptista da Costa, Visconti, Theodoro Braga, Lucilio e Georgina de Albuquerque, Bracet, Bruno e esculptores como Antonino de Mattos, Francisco Andrade, Kanto, Leopoldo Silva e Mazzucchelli e que ahí falta sinceridade, quando o que se expõe, se não foi realizado com perfeição, o que em nenhum centro de arte do mundo já se encontrou, foi feito com intelligencia e com alma e com a honestidade rara do artista brasileiro.

Ha obras interessantes e de valor no "Salão" de 1923. Veja-se, por exemplo, esse tumultuoso e singularissimo Antonio Parreiras, de uma capacidade de trabalho formidável, de uma palheta rica de cor e luz, fremente e tropical. As suas telas, mais de setenta, ornamosinhas uma sala enorme. E a Natureza, varia e linda, placida, dormente, auroral, evocadora e pulhara de França, Suíssa, Normandia como a do Brasil, ahí vive numa transplantação emocional poderosa e numa gloria fulgente de belleza.

E' verdade que a critica sabia e exigente não vê nessa opulenta realização pictorica motivos para ficar embasbacada como ficou diante da pintura de effeito do Sr. Koek-Koek, mais cabotino que "pintor de amargura y pesadilla", renovador e das paisagens vulgares de Monsieur Louis Tinayre. Mas, apesar disso o Sr. Parreiras é um mestre incontestavel, Ninguém o supera na paisagem, onde queríamos que concentrasse todos os primores do seu talento.

Pintor individual, possuidor de uma technica admiravel, colorista audacioso e justo, Parreiras traz consigo o sentimento da Natureza universal, interpretando-a com grande alma, de cada região traduzindo a formosura o a dôr, a alegria e a graça, de subito apprehendendo e traduzindo o caracteristico deste ou daquele lugar. Encanta na França como deslumbra no Brasil. E' maravilhoso em *Vallée de la Dala* (Suíssa) e em *Aurora nas planicies da Normandia*, como nos aspectos encantadores da Corsega e nos do Brasil, de tão intensa exuberancia.

Porque não vêr coisas harmoniosas e de profunda existencia pantheistica como *Castanhheiro de ouro* (França), de uma grande, inarravel belleza; *Velho Parque*, tão cheio de antiqguas na solitaria morada e nas arvores outomnaes revelando ermo e abandono? Como esquecer *Outomno florido*, de tão enorme desalento na paisagem, que é nossa, na maravilha d'ouro das arvores em efflorescencias lucidas? *Ultimo clarão* (Suíssa), um trecho de rua que era que os ultimos clarões do sol tocam a irregularidade do casario e que é um trabalho sobrio e solido — e *Piratininga*, admiravel de encantamento nas arvores e de esplendor na luminosidade alacre do dia?

Se nenhuma dessas telas valessem como arte, nem *Inferno verde*, que é uma das provas mais vigorosas da Natureza brasileira, nem *Salgueiros*, nem *Champfleuris*, ahí estaria

esse grandioso triptico *Terra natal*, onde tão bem se sente a grandiosidade da matta que tão raros perlustadores tem tido, onde a Terra é um hymno gloriosissimo de melodia e luminosidade.

Só os quadros desse portentoso Parreiras despertariam o louvor de quantos sabem apreciar as bellas coisas patriicias, como têm despertado o entusiasmo vivaz dos estrangeiros. Como o emotivo do *Solitude*, apparece esse outro mestre da paizagem lyrica do Brasil que é o Sr. Baptista da Costa. Das suas quatro telas é bastánte vêr *Nevoas da manhã*, de tão doce poesia nas arvores distantes que a nevoaça da manhã envolve sob o céu calmo, sobre o lençol da agua dormente. Tudo nesse pequeno quadro é serenidade, luz melguiceira, sereno amanhecer. E' uma tela valiosa, um pouco differente de quanto temos admirado do notavel paisagista brasileiro.

O Sr. Pedro Bruno tem: *Yara, A pescadora*, *Symbolo das praias* e *Repouso* e mostra que o premio de viagem lhe foi um bem apreciavel. Evoluiu. Sua pintura é agora mais fresca, mais expontanea e mais bella. Póde-se elogiar com prazer o *Repouso*, nú de justa e vigorosa carnção, interpretado com justeza e boa technica e louvar, com sinceridade, o *Symbolo das praias* — uma das obras mais importantes do "Salão" reveladora da nova manéira do artista. O typo louro de mulher que sahe do mar trazendo no braço uma criancinha é de muita frescura e muita simplicidade, como o ambiente é harmonioso e sympathico.

Ao Sr. Theod. Braga de quem se não póde deixar de elogiar os trabalhos constantes e apreciaveis de estyllisação da flora e fauna do ruz, na ancia de crear, como evidentemente creou, uma esthetica puramente brasileira, cabe muitos louvores pela sua tela *Senhora*, um esbelto typo de mulher pintado com sobriedade, elegancia e leveza de tons, vivendo num ambiente calmo e de muita harmonia. A mulher loura, com um grande chapéo escondendo a farta cabelleira, de pé, tendo no braço direito a "boa" branca, voltada para o espectador, olha direito, numa expressão serena e numa *allure* natural e distincta. E' uma obra de arte brilhante, digna de ser vista com affeição e intelligencia.

Uma paisagem de immensa belleza é *Mangueira*, desse novo eminente que é Edgard Parreiras. O caminho á esquerda, a grande arvore á direita, os planos seguintes e o marmais além, são feitos com expontaneidade e conhecimento de valores e planimetria — todo o quadro sendo rico de colorido e de ar.

O Sr. Elyseu Visconti é o pincel sempre brasileira. Seis são os seus bellissimos trabalhos, feitos com aquella segurança technica que tanto se louva e aquella simplicidade intelligente, cheios de rythmo e de expressão cariciosa. De todos se destaca *Affectos*, de tocante sentimento e agradável maneira, como de sua obra se destaca uma alegre, festiva orchestração de côres e sonoridades.

O Sr. Paula Fonseca (João Baptista de), vai se distinguindo como paisagista, tornando-se senhor dos motivos, sentindo melhor a Natureza, com melhor conhecimento de perspectiva aerea, de planimetria, mais espontaneidade e graça. E' o que revela *Recanto de Fazenda*, bem sertido, de agradável corte e boa luz, traduzindo a grande poesia e solidão

campestra. *Retrato* (aguarella) *Duna ensolarada* *Midnight* são o envio do Sr. Gaspar Magalhães, o laborioso e estudioso pintor. Bem feito, com muito caracter e conhecimento do genero é *Retrato*, como digno de menção é *Duna ensolarada*, trecho de praia de Ipanema toucado de sol e de rumor de ondas verdes.

O joven Sr. Garcia Bento, marinheira, como na He-panha Javier de W. Athuisen, é o "pintor de los jardines" não nos poude dar os seus juvenis aspectos praieiros, as suas lhas solitarias e dá-nos apenas *Tarda de sol*, que confirma o seu renome. O joven Sr. Oswaldo Teixeira, por quem se deslumbra o Jury do "Salão" é a mesma revelação pictorica singular, inquieto, procurando a sua maneira caracteristica, a sua luz, a propria individualidade. Cada trabalho seu revela essa inquietude, fala da sua indecisão diante da arte eterna e divina, do cahos de que procura sahir, tomando rumo direito á belleza. Sua tela melhor devia ser *Sinit párrulus contra ad me*. E' a mais fraca. Preferimos *Recostada* de muito vigor e naturalidade e os dois retratos.

Do saudoso pintor que soube ser Arthur Timotheo o "Salão" se honra com um *Retrato*, que é um primor d'arte, mostrando a intelligencia sadia que tão cedo enlutou a nossa pintura. João Timotheo figura com duas palzagens e uma mancha, esta sendo de muita belleza e colorido agradável e confirmaçora dos meritos do pintor.

A senhora Sarah Figueiredo merece incent vos com *Maruj* *Retrato da senhorinha L. B.*

Manoel Santiago, que appareceu prometedormente ha tres annos expõe *Yara*, que o não recommenda. Candido Fortunari fez o *Escultor Paulo Mazuchelli*, cujo caracter soube fixar. O joven Dakir Parreiras está representado com uma tela — *No quintal*, evidenciando a sua maneira moderna de ver e sentir as coisas. E' na feição que revela um bom trabalho.

A secção de esculptura diz que não temos esculptores... o que Bernardelli, Corrêa Lima, Eduardo de Sá, Moreira Junior e outros podiam desmentir. Tem uma duzia de expositores, sendo de justiça que salientemos Leopoldo Silva, com *Piedade*; Kanto, Andrade, Antonino de Mattos e Mazzucchelli. Seis são os gravadores de medalhas, á cuja frente notavelmente se salienta o mestre Augusto Girardet, os melhores sendo Leopoldo Campos. Sobre e Arlindo Bastos. Dos novos expositores da secção de architectura destacam-se: Berna, Dubugras e Francisco Santos.

A secção de artes applicadas teve apenas quatro expos tores: Helios Seelinger dá-nos dous azulejos nos quaes reproduz *Carrollas* e *Nossa esquadra em evoluções*; Theodoro Braga, que mostra varios trabalhos de estyllisação da flora e fauna brasileiras tão desprezadas diante das suas pobrissimas rivaes-estrangeiras e uma interessante frisa decorativa animando a lenda do *Veado e o aboty*. Ludovico Berna expõe um *vitral*, em estylo Luiz XV e duas taças e a senhora Wanda Marie mostra um tapete bordado á mão, trabalho de gosto e habilidade, feito em anjagem e lã-brasileiras sobre um desenho de Raul Peierneiras, que na secção de pintura assigna tres caricaturas a aguarella e que muito fazem rir.

E outros trabalhos ha no Salão e que nos escaparam neste relato ligeiro e pallido.

Carlos RUBENS

firmado que os livros e revistas da Europa chegam a Buenos Aires, 20 dias depois de apparecidos. O seu paiz julga que a actividade intellectual da Europa está em crise a sua produçãõ inferior á de antes da guerra. Para que a informaçãõ fosse ainda mais commo he, bastaria mais dinheiro. Quando as relações intellectuaes com pessoas e organizaçãõ estrangeiras, assim como a possibilidade de melhora-las ou de estabelecer uma organizaçãõ intellectual, diz que diminuem, apesar dos esforços feitos pela França e pela Alemanha para estimular seus partidarios mais por mot vos politicos do que por estima intellectual. A proposito de uma organizaçãõ internacional de alta cultura, acha que isso depende da "desmobilizaçãõ dos espiritos". Declara que o predomnio das paixões politicas produz u uma morbida xenophobia paralela ao proteccionismo economico. Os intellectuaes de cada paiz põem-se a escrever tendenciosamente, descobrindo genios nos seus compatriotas e exaggerando-lhes os meritos, obra que os governos incentivam, o que difficulta em absoluto essa cooperaçãõ, que o Sr. Ingenieros não acredita poder ser feita por Commissãõ da Liga das Nações, a que

responde, porque seria um novo instrumento de propaganda politica dos aliados, sem vantagens para o progresso intellectual. Só com o tempo isso se conseguira, depois de passados os intellectuaes perturbados pela guerra. Algumas sociedades e fundações ricas dos Estados Unidos, tentaram se ramificar na Argentina, mas pouco conseguiram pela aversão crescente contra o imperialismo politico do seu paiz de origem. A oitava pergunta, sobre as tendencias e orientaçãõ que se podem prever, teve como resposta o seguinte: em sciencia, nada tipicamente autonomo; nas letras e nas artes, parece accentuar-se o espirito regionalista; na politica, uma certa renovação, cujo character se irá definindo á medida que na Europa se extenda a revolução social, começada no fim da guerra; na philosophia, domina os jovens um accentuado espirito pragmatico. Sobre a influencia da actividade intellectual na moral publica, reconhece o Sr. José Ingenieros, que, na Argentina, como, aliás, em toda o mundo, ha um ambiente de immoralidade dominante, uma licença nos costumes, nas relações sociais, na economia e na imprensa, que perturba o rythmo de

crescimento dos povos. Tal meio, ao contrario, não pôde contribuir para o desenvolvimento intellectual. Em resumo, concide, o liberte publicista portenho, podemos dizer que na vida intellectual argentina se observam os mesmos phenomenos negativos que na Europa; a causa foi a guerra, mas não diminuiram com a sua terminaçãõ; o publico se interessa menos do que antes pelas altas actividades intellectuaes, dispensando maior attençãõ ao theatro e á novela; toda a vida scientifica gira em torno das universidades officiaes, não existindo institutos privados que cooperem na produçãõ intellectual; as relações scientificas com o estrangeiro diminuiram apesar da tendenciosa propaganda com fins politicos, os meios de informaçãõ são bons e proporcionaes aos recursos; a organizaçãõ internacional da actividade scientifica está agora difficultada pelas paixões xenophobic crecidas pela guerra, o nacionalismo e o imperialismo; as unicas orientações renovadoras se manifestam no terreno da reforma social; a moralidade publica soffreu uma depressão desfavoravel ao progresso da actividade intellectual.

## VIRGO PRÆDICANDA

A ELYSIO DE CARVALHO.

zelador e vedeta dos "Bastões da Nacionalidade"

Nas plagas do Reconcavo nasceste,  
Morena filha do sertão agreste,  
Moça destemerosa e varonil;  
Quiteria de Jesus, virgem bahiana,  
Que evoluiste de gracil Diana  
Em defensora estrenua do Brasil.

Dera o seu brado o Principe Regente,  
Fazia-se mister que a nossa gente  
Consolidasse o feito desse heróe.  
Accende-se a peleja na Bahia,  
Onde Madeira em tactica porfia,  
A conquista pacifica destróe.

Então, afluem de districtos varios  
Fogosos contingentes voluntarios,  
Para a obra commum de defensão.  
Entre esses taes Quiteria se apresenta,  
Desfarçando na impropria vestimenta  
Seu feminino e bravo coração.

Examinado, inscreve-se artilheiro  
O camponez intrepido, trigueiro,  
De membros e maneiras tão gentis,  
Que para logo desconfiam todos  
Da sua compostura, dos seus modos,  
Do seu porte e seus trajas varonis.

Eis se descobre a civica fallacia  
E o bello ardil, a temerosa audacia  
Abre um sulco de augurios no porvir  
Cinge um curto saiote a vivandeira,  
Que, agora, de espingarda e cartucheira,  
Nos "Periquitos" lesto vae servir.

Encarniça-se a lucta horrendamente.  
Quiteria, sempre indomita e fremente,  
Caminha na vanguarda das legiões.

Salta impecilhos, mofa de emboscadas,  
Accommette trincheiras, paliçadas,  
Quadrados, contingentes, esquadrões.

Quando, em Paraguassù, varias senhoras  
Se fizeram da Patria defensoras,  
Num arremesso insolito e feroz;  
Lá estava Quiteria, desgrenhada,  
A tiros de fuzil, golpes de espada,  
Guardando as aguas da patricia foz.

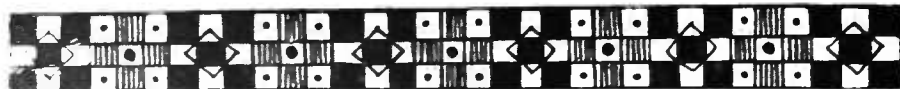
Com Labatut, na arena de Cabrito,  
Correndo aos chamamentos do seu grito,  
Quiteria de Jesus presente está.  
Garbosa pelejou sete batalhas  
E esteve na refrega, entre as metralhas,  
Que a sagraram cadete em Pirajá.

Joven, galharda, deslumbrante heroína!  
Triumphaste da horrifica chacina,  
Calma, ascendeste ao Capitolio, a pé.  
Bem haja a Communhão da Soledade,  
Que a tua frente de epica deidade  
Ornou com ramos floreos de café.

Ficaste sendo o symbolo da gloria  
E entraste, eximia, os porticos da Historia,  
Nascida embóra em aspero confins.  
Fôste, naquella hora alviçareira,  
A imagem da patria brasileira,  
Toucada de esmeraldas e rubins.

Agraciou-te emfim, Pedro I  
Com a merecida cruz de cavalheiro,  
Insignia do brasilico valor;  
E em vez de marechal só fôste alferes,  
Enlevo e orgulho de homens e mulheres,  
Pomba custodia de bravura e amor.

Carlos D. FERNANDES.



# IMPRESSÕES DO SALÃO

Admirada, em conjunto, a nossa exposição oficial de bellas artes causa uma agradável impressão. Ha como em todas as mostras, o que satisfaz e o que não entusiasma; o que deixa o espectador indifferente e o que commove. Póde não ser um "Salão" á altura da nossa capacidade ou como querem os que diante da nossa produção artistica se abstrahem das condições do meio, da nossa educação esthetica, do estímulo popular ou official que os idealistas d'arte possuem. Accresce que o actual certamen fez-se logo após o do Centenario, o que denota esforço e dedicação dos nossos artistas.

Não podemos dizer que é inútil uma exposição de artes plasticas, mesmo quando nella não figurem, como na deste anno, pintores como Parreiras, Baptista da Costa, Visconti, Theodoro Braga, Lucilio e Georgina de Albuquerque, Bracet, Bruno e esculptores como Antonino de Mattos, Francisco Andrade, Kanto, Leopoldo Silva e Mazzucchelli e que ali falta sinceridade, quando o que se expõe, não foi realizado com perfeição, o que em nenhum centro de arte do mundo já se encontrou, foi feito com intelligencia e com alma e com a honestidade rara do artista brasileiro.

Ha obras interessantes e de valor no "Salão" de 1923. Veja-se, por exemplo, esse tumultuoso e singularissimo Antonio Parreiras, de uma capacidade de trabalho formidavel, de uma palheta rica de cor e luz, fremente e tropical. As suas telas, mais de setenta, ornamosinhas uma sala enorme. E a Natureza, variada e linda, placida, dormente, auroral, evocadora e pulchra de França, Sulssa, Normandia como a do Brasil, ali vive numa transplantação emocional poderosa e numa gloria fulgente de belleza.

E' verdade que a critica sabia e exigente não vê nessa opulenta realização pictorica motivos para ficar embasbacada como ficou diante da pintura de effeito do Sr. Koek-Koek, mais cabotino que "pintor de amargura y pesadilla", renovador e das paisagens vulgares de Monsieur Louis Tinayre. Mas, apezar disso o Sr. Parreiras é um mestre incontestavel. Ninguém o supera na paisagem, onde queríamos que concentrasse todos os primores do seu talento.

Pintor individual, possuidor de uma tecnica admiravel, colorista audacioso e justo, Parreiras traz consigo o sentimento da Natureza universal, interpretando-a com grande alma, de cada região traduzindo a forma e o dór, a alegria e a graça, de subito apprehendendo e traduzindo o característico deste ou daquele lugar. Encanta na França como deslumbra no Brasil. E' maravilhoso em *Vallée de la Dala* (Suissa) e em *Aurora nas planicies da Normandia*, como nos aspectos encantadores da Corsega e nos do Brasil, de tão intensa exuberancia.

Porque não vêr coisas harmoniosas e de profunda existencia pantheistica como *Castanhão de ouro* (França), de uma grande, inarravel beileza; *Velho Parque*, tão cheio de antiguras na solitaria morada e nas arvores outomnaes revelando erno e abandono? Como esquecer *Outomno florido*, de tão enorme desalento na paisagem, que é nossa, na maravilha d'ouro das arvores em efflorescencias lucidas? *Ultimo clarão* (Suissa), um trecho de rua que em que os ultimos clarões do sol tocam a irregularidade do casario e que é um trabalho sobrio e solido — e *Piratininga*, admiravel de encantamento nas arvores e de esplendor na luminosidade alacre do dia?

Se nenhuma dessas telas valessem como arte, nem *Inferno verde*, que é uma das provas mais vigorosas da Natureza brasileira, nem *Salgueiros*, nem *Champsleuris*, ali estaria

esse grandioso triptico *Terra natal*, onde tão bem se sente a grandiosidade da matta que tão raros perlustradores tem tido, onde a Terra é um hymno gloriosissimo de melodia e luminosidade.

Só os quadros desse portentoso Parreiras despertariam o louvor de quantos sabem apreciar as bellas coisas patriicias, como têm despertado o entusiasmo vivaz dos estrangeiros. Como o emotivo do *Solitude* apparece esse outro mestre da paisagem lyrica do Brasil que é o Sr. Baptista da Costa. Das suas quatro telas é bastante vêr *Nevoas da manhã*, de tão doce poesia nas arvores distantes que a nevoaça da manhã envolve sob o céu calmo, sobre o lençol da agua dormente. Tudo nesse pequeno quadro é serenidade, luz meiguiceira, sereno amanhecer. E' uma tela valiosa, um pouco differente de quanto temos admirado do notavel paisagista brasileiro.

O Sr. Pedro Bruno tem: *Yara, A pescadora*, *Symbolo das praias* e *Repouso* e mostra que o premio de viagem lhe foi um bem apreciavel. Evoluiu. Sua pintura é agora mais fresca, mais expontanea e mais bella. Póde-se elogiar com prazer o *Repouso*, nú de justa e vigorosa carnação, interpretado com justeza e boa tecnica e louvar, com sinceridade, o *Symbolo das praias* — uma das obras mais importantes do "Salão" reveladora da nova maneira do artista. O typo louro de mulher que sahe do mar trazendo no braço uma criancinha é de muita frescura e muita simplicidade, como o ambiente é harmonioso e sympathico.

Ao Sr. Theod. Braga de quem se não póde deixar de elogiar os trabalhos constantes e apreciaveis de estylisação da flora e fauna do viz, na ancia de crear, como evidentemente creou, uma esthetica puramente brasileira, cabe muitos louvores pela sua tela *Senhora*, um esbelto typo de mulher pintado com sobriedade, elegancia e leveza de tons, vivendo num ambiente calmo e de muita harmonia. A mulher loura, com um grande chapéo escondendo a farta cabelleira, de pé, tendo no braço direito a "boa" branca, voltada para o espectador, olha direito, numa expressão serena e numa *allure* natural e distincta. E' uma obra de arte brilhante, digna de ser vista com affeição e intelligencia.

Uma paisagem de immensa belleza é *Mangueira*, desse novo eminente que é Esgard Parreiras. O caminho á esquerda, a grande arvore á direita, os planos seguintes e o marmais além, são feitos com expontaneidade e conhecimento de valores e planimetria — todo o quadro sendo rico de colorido e de ar.

O Sr. Elyseu Visconti é o pincel sempre brasileira. Seis são os seus bellissimos trabalhos, feitos com aquella segurança tecnica que tanto se louva e aquella simplicidade intelligente, cheios de rythmo e de expressão cariciosa. De todos se destaca *Affectos*, de tocante sentimento e agradável maneira, como de sua obra se destaca uma alegre, festiva orchestração de cores e sonoridades.

O Sr. Paula Fonseca (João Baptista de), vai se distinguindo como paisagista, tornando-se senhor dos motivos, sentindo melhor a Natureza, com melhor conhecimento de perspectiva aerea, de planimetria, mais espontaneidade e graça. E' o que revela *Recanto de Fazenda*, bem sentido, de agradável córte e boa luz, traduzindo a grande poesia e solidão

campestres. *Retrato (aguarella)* *Duna ensolarada* *Midinette*, são o envio do Sr. Gaspar Magalhães, o laborioso e estudioso pintor. Bem feito, com muito caracter e conhecimento do genero é *Retrato*, como digno de menção é *Duna ensolarada*, trecho de praia de Ipanema toucado de sol e de rumor de ondas verdes.

O joven Sr. Garcia Bento marinista, como na He panha Javier de Wethuysen, é o "pintor de los jardines" não nos poude dar os seus juvenis aspectos prafeiros as suas ilhas solitarias e dá-nos apenas *Tarde de sol*, que confirma o seu renome. O juvenil Sr. Oswaldo Telxeira, por quem se deslumbra o Jury do "Salão", é a mesma revelação pictorica singular, inquieto, procurando a sua maneira caracteristica, a sua luz, a propria individualidade. Cada trabalho seu revela essa inquietude, fala da sua indecisão diante da arte eterna e divina, do caos de que procura sahir, tomando rumo direito á belleza. Sua tela melhor devia ser *Sinit párrulus contre ad me*. E' a mais fraca. Preferimos *Recostada*, de muito vigor e naturalidade e os dois retratos.

Do saudoso pintor que soube ser Arthur Timotheo o "Salão" se honra com um *Retrato*, que é um primor d'arte, mostrando a intelligencia sadia que tão cedo enlutou a nossa pintura. João Timotheo figura com duas palzagens e uma mancha, esta sendo de muita belleza colorido agradável e confirmaçora dos meritos do pintor.

A senhora Sarah Figueiredo merece incentivos com *Maruf* e *Retrato da senhorinha L. B.*

Manoel Santiago, que appareceu promettedoramente ha tres annos expõe *Yara*, que o não recommenda. Candido Fortunari fez o *Escultor Paulo Mazzucchelli*, cujo caracter soube fixar. O joven Dakir Parreiras está representado com uma tela — *No quintal*, evidenciando a sua maneira moderna de ver e sentir as coisas. E' na feição que revela um bom trabalho.

A secção de esculptura diz que não temos esculptores... o que Bernardelli, Corrêa Lima, Eduardo de Sá, Moreira Junior e outros podem desmentir. Tem uma duzia de expositores, sendo de justiça que salientemos Leopoldo Silva, com *Piedade*; Kanto, Andrade Antonino de Mattos e Mazzucchelli. Seis são os gravadores de medalhas, á cuja frente notavelmente se salienta o mestre Augusto Girardet, os melhores sendo Leopoldo Campos. Sobre e Arlindo Bastos. Dos novos expositores da secção de architectura destacam-se Berna, Dubugras e Francisco Santos.

A secção de artes applicadas teve apenas quatro expositores: Helios Seelinger dá-nos dous azulejos nos quaes reproduz *Caravellas* e *Nossa esquadra em evoluções*; Theodoro Braga, que mostra varios trabalhos de estylização da flora e fauna brasileiras tão despreczadas diante das suas pobrissimas rivas estrangeiras e uma interessante frisa decorativa aninçando a lenda do *Veado e o jaboty*. Ludovico Berna expõe um *vitral*, em estylo Luiz XV e duas taças e a senhora Wanda Marie mostra um tapete bordado á mão, trabalho de gosto e habilidade, feito em antigagem e lâbras brasileiras sobre um desenho de Raul Pederneiros, que na secção de pintura assigna tres caricaturas a aguarella e que muito fazem rir.

E outros trabalhos ha no Salão e que nos escaparam neste relato ligeiro e pallido.

Carlos RUBENS

# NOTAS & COMMENTARIOS

## A reforma da justiça local

Tem sido muito debatido o projecto de reforma da Justiça do Districto Federal, e varios advogados têm manifestado as suas opiniões a proposito, naturalmente cada um pensando de sua maneira e julgando erroneas as opiniões alheias. A reforma nem merece esse nome; pois não se reforma, mas se altera em alguns pontos o machinismo processual, o que se póde ter beneficios, não parece concorrer para melhorar a nossa justiça. O que ella precisa é de uma reforma, mas reforma na extensão perfeita da palavra essa só com a revisão constitucional. O processo no Brasil é uma cousa inaudita.

Basta que o leitor saiba (se já não sabe) que, afóra as 20 justicas locais dos Estados, o Governo Federal tem tres justicas, absolutamente autonomas, como se não fossem mantidas pelos mesmos cofres e nomeadas pelo mesmo poder, naturalmente com certas variações. Ha a justiça federal, propriamente dita, ou seja o poder judiciario, de que trata a Constituição; ha a justiça do Districto Federal, também federal, com a denominação de local; e ha a justiça, ainda federal, do Territorio do Acre. Isso é um absurdo que salta aos olhos e por que se ha de manter essa cousa exdruxula e incompreensivel? Aliás, uma das maiores necessidades para o bom funcionamento da justiça é a sua unidade. O federalismo centrifuga a Constituição deu a cada Estado a competência para regular o direito adjectivo e a distribuição da justiça, salvo nos casos de competência federal expressa, resultando dahi uma série de abusos, que a pratica de mais de 30 annos já deve ter mostrado o inconveniente de manter o systema. Desde os Estados, em que a magistratura é esolotada, portanto, não podem os juizes exercer a sua noble profissão com a necessaria independencia, ou se sujeitam a vexames horribes, como acontece nesse longinquo e fantastico Amazonas; ou vivem subordinados ao imperio despótico da politicalha, que os ameaça sempre que lhe contrariam os abusos, findando por perseguil-os abertamente, sempre que não conseguem a sua subserviencia absoluta. E' uma verdadeira lastima o que vai por certos Estados, onde se reduz a justiça a um papel desprezível e humilhante. Essa é a maxima questão, para a qual se devem volver as vistas. Que utilidade póde haver em crear na justiça do Districto um juiz mais, ou fazer mais uma instancia? Modificações no aparelho judiciario, exactamente onde melhor e mais perfeitamente funciona? Em materia de justiça, temos muito a fazer. Mas, só o poderemos fazer, reformando a Constituição. E, agora que se agita a idéa, é licito chamar a attenção para esse ponto capital. Nem o Supremo Tribunal, apesar do esforço e do trabalho intenso que têm os ministros da nossa alta corte, póde ter reguladas as suas funções, pelo accumulo de serviço, nem ha meios de resolver. Os tribunales regionaes morreram no nascedouro, porquanto tendo o Supremo considerado inconstitucional a sua criação, e cabendo-lhe indicar os candidatos a sua composição, nunca o fez, nem o executivo póde levar a termo a sua idéa, caprichosa até. Portanto, não de reformas por secção não nos póde interessar, nem vemos porque essas alterações periodicas, cuja unica vantagem é crear lugares para os felizes apadrinhados, possam beneficiar a justiça. Só uma reforma radical, unificando a justiça, facilitando o seu funcionamento, barateando o seu custo, apresentando a marcha dos processos, seria um serviço real ao paiz. Mas essa depende da revisão e, agora que a questão está em ordem do dia é justo que os nossos juristas promovam a realização desses desiderata, com o que farão obra de são patriotismo.

## "America Brasileira"

O Sr. Elviseo de Carvalho, um dos nossos mais famosos e prestigiosos escriptores, que póde ser autônomo pela efficaz exploração da propria industria, continúa brilhantemente a cumprir o seu fecundo

programma civico e cultural da sua primosa revista *America Brasileira*. O ultimo numero desse lustroso magazine, que se subintitula devidamente "resenha da vida nacional" é consagrado ao 2 de Julho, o grande ephemeride bahiana, que assignala em a nossa historia a consolidação da independencia nacional.

O director da *America Brasileira*, continuando a galhardia com que summariou os episodios do Centenario, acaba de enfeixar no presente numero uma curiosa e profusa documentação historica referente aos feitos bahianos. Essa obra de serena e imparcial indagação foi realizada com infrangível criterio, trahindo a cada passo o senso de selecção esthetica do seu abnegado e comprehendedor.

Variando e duplicando o interesse desses valiosos depoimentos de coetaneos e posteriores de 2 de Julho, agrupam-se na *America Brasileira* diferentes escriptos de collaboração autorizada, todos convergentes para accentuar o relevo, a graça e o influxo instructivo da insinuante revista.

Agradecemos a visita e encarecemos a pontualidade da *America Brasileira*. (D'A União, da Parahyba.)

## CARLITOS

Carlitos foi o primeiro dos homens que soube realizar um drama cineplastico, — e nada mais do que cineplastico —, em que a acção não illustra uma ficção sentimental ou uma intenção moralista, mas faz um conjunto monumental, projectando do intimo do ser, na sua forma visível e seu meio material e sensível, sua visão propria do objecto. Eis ahi, segundo me parece, uma grande coisa, um grande acontecimento, analogo á concentração nelles mesmos de todos os elementos coloridos do espaço por Ticiano, de todos os elementos sonoros por Haydn para criar as suas almas e no-as esculpir em nossa frente. Ninguem se apercebe disso, evidentemente, porque Carlitos é um palhaço e um poeta, por definição, é um homem solemne que vos introduz no conhecimento pela porta do tedio. No entretanto, Carlitos me apparece também como um poeta, e mesmo, um grande poeta, um criador de mythos, de symbolos e de idéas, dando á luz um mundo desconhecido...

ELIE FAURE.

## A nossa situação julgada pelo Presidente de Minas

O valor da exportação geral do Brasil, nos seis ultimos annos, expressa-se do seguinte modo, em numeros redondos, em papel-moeda, com o seu correspondente em ouro:

Anos	Peso em 1.000 toneladas	Valor papel 1.000 contos
1917.....	2.017	1.192
1918.....	1.772	1.137
1919.....	1.908	
1920.....	2.101	
1921.....	1.919	
1922.....	2.121	

1919.....	2.178
1920.....	1.752
1921.....	1.700
1922.....	2.332

Valor ouro 1.000 contos

1917.....	544
1918.....	538
1919.....	1.034
1920.....	689
1921.....	403
1922.....	553

Ora, commentando a nossa situação economica, o Sr. Raul Soares, na sua ultima mensagem, externa commentarios dignos de reflexão e divulgação, pois colloca o Presidente de Minas a questão no terreno da realidade. Diz elle que, tirante o anno de terminação da guerra européa, em que houve recrudescencia de preços pela abertura de mercados de consumo até então cerrados, ultimo decennio, encarado sob os aspectos reais do volume e do valor ouro da exportação, foi para o paiz um periodo de retardamento economico e de depreciação dos seus productos, apesar das apparencias de uma prosperidade vertiginosa, traduzida no volume dos negocios em papel-moeda. "E' este um phenomeno que se observa em gráo maior ou menor mas, invariavelmente, em todos os paizes affligidos pela inflação monetaria. A inflação, na ordem economica desenvolve a força centrifuga, fomenta a periphéria a actividade dos negocios, a especulação sobre terrenos urbanos, as transacções a termo sobre um volume muitas vezes superior ás possibilidades da produção, a conversão accelerada de outros capitaes em capitaes fixos (construcções civis, obras publicas), a affluencia para as cidades, a multiplicação dos bancos, sem fomenta a actividade productora, na mesma proporção da actividade especuladora, antes abatendo aquella pelo desequilibrio dos factores da riqueza. Aviltando a moeda do paiz, a inflação enfraquece a resistencia do productor contra a pressão natural do comprador externo. Se o mercado exterior offerce lb. 10 por uma mercadoria nacional cotada a 200\$ com o cambio de 20\$ a libra, no primeiro desnivelamento da taxa, se a libra subir a 25\$, aquelle passará a offercer pela mesma mercadoria lb. 9, isto é, 225\$, que o productor aceitará na illusão de que o seu producto se valorizou."

Na verdade, ao passo que a produção decresce em algumas partes do Brasil e apresenta, no conjunto, um augmento inferior á média dos paizes de economia cansada, recrudescer o movimento de negocios, expresso em papel-moeda cada vez mais depreciado. No ultimo quinquenio, o encaixe dos bancos que operam em nossa patria elevou-se de menos de meio a mais de um milhão de contos; o desconto de letras triplicou: quasi triplicou a somma dos depositos á vista. Se é verdadeira a lição dos economistas e da experiencia de todas as nações, devemos acreditar na gestação de uma crise, cujo desenvolvimento poderá ser abreviado ou retardado, attenuado ou aggravado, conforme o caminho que fór escolhido: ou alargamento da circulação fiduciaria, augmento das despesas publicas e dos "deficits", ou reforçamento das comportas da inflação, das economias e do equilibrio dos orçamentos.

O café, que durante a guerra européa e no periodo immediatamente posterior, alcançava preços compensadores, entrou a experimentar nos mercados externos uma baixa em progressão mais rapida do que a que podia ser compensada pelo alteamento do seu preço interno, proveniente da depreciação da moeda nacional. O Presidente de Minas Gezaes acha que a explicação natural do phenomeno se encontra nas variações da produção aggravadas com a retratação do credito pelos "Federal Reserve Banks" dos Estados Unidos que, em 1920, elevaram as taxas de desconto de modo a impedir a retenção dos "stocks" alli existentes e a formação de novos. Ao mesmo tempo, o declinio do cambio, dissimulando a depreciação

do producto, entibou a resistencia do mercado interno, até o ponto de tornar necessaria a intervenção official da União, á qual Estado prestou, na medida dos seus recursos, a coadjuvação solicitada, por se tratar de uma mercaderia basica da economia nacional e em particular da de Minas. Mas, para executar a defesa do café, para conseguir na Europa e nos Estados Unidos preços apenas razoaveis, foi necessario que o preço interno se alteasse até atingir, senão ultrapassar, a capacidade acquisitiva do consumidor nacional, das classes menos providas de recursos.

Entende o Presidente de Minas que se este facto acarretar a redução do consumo do café, em vez do seu alargamento, que seria o recurso natural de defesa desse producto, provará apenas a difficuldade da solução do problema, sobre a qual tanta divergencia reina entre os entendidos. No primeiro trimestre de 1920, segundo os dados da Estatística Federal, a sacca de café custava no Rio, posta a bordo, em média 88\$, que valiam £ 6.10 sh. No mesmo periodo de 1921 cahio a 59\$, que valiam já apenas £ 2.7 sh. No primeiro quartel de 1922, para obter a sacca £ 3.6 sh., isto é, metade do valor de 1920, mistér foi que o preço subisse não lá a 44\$, metade daquelles 88\$, nem mesmo a esta somma, mas a 105\$000. Para conservar o mesmo valor ouro ou pouco mais, no primeiro trimestre do anno corrente, teve de galgar a altura desconhecida de 147\$ por sacca.

“O problema do café, escreve o Sr. Raul Soares na sua mensagem, é uma equação economica, cujos termos são o productor e o consumidor, ambos com interesses igualmente attendíveis. Baixae o preço de uma mercaderia e teres desalentado a sua produção; deprimil-o um tanto mais, e o teres estancado. Do mesmo modo com o consumidor. Altee o preço do genero, e tornal-o-heis inaccessible á bolsa do povo. Eleval-o ainda, e começará a escassear a freguezia mediana. Exalçae-o : artigo de luxo, e só terá a clientela dos abastados, que são o menor numero. Foi o alto preço da borracha do Amazonas que abateu essa riqueza nacional, suscitandolhe a concorrência irremediavel da Asia.”

A área productora do café dilata-se por tres continentes, numa grande extensão. E' certo que no Brasil a sua cultura encontra condições mesologicas inegalaveis, alhures, mas, em compensação, regiões ha no nosso e em outros continentes onde o braço o transporte são consideravelmente mais baratos. Desde que se mantenha o preço estabilizado em alto nivel, o concorrente não deixará de adoptar para com esse producto o processo que applicou á borracha. Vêde estes numeros da produção do café nos outros paizes, fóra do Brasil:

Annos	Saccas
1889-90.....	3.965.000
1899-900.....	4.842.000
1909-910.....	4.181.000
1919-920.....	8.463.000

Produção esta que proveio principalmente da Colombia, da Venezuela e das possessões holandesas. No entanto, para compensar essa circumstancia, o uso do café desde alguns annos se alarga progressivamente no paiz maior consumidor desse producto, os Estados Unidos, onde vem substituindo gradativamente ao chá e, agora, ás bebidas espirituosas, depois da ultima reforma constitucional que prohibio o fabrico, commercio e ingestão do alcool.

Conclue o Sr. Raul Soares que a sorte da industria cafeeira depende do resultado da luta entre a produção e o consumo. Se est- avançar mais rapidamente que aquella, será a prosperidade e a riqueza. Se aquella se accelerar sobre este, voltarão os mãos dias e o desaparecimento dos concorrentes mais fracos. “Tenho confiança na preservação desta riqueza publica e na prudencia dos homens a quem está confiada a sua defesa. Não devemos, porém, dissimular os riscos desse empreendimento, inspirado por um patriotismo esclarecido e realizado com a maior competencia. Querer encobril-os seria adoptar a tactica do avestruz, que cuida evitar o perigo, encobrendo a cabeça para o não ver. O verdadeiro optimismo, condição essencial de progresso dos povos e de successo das administrações, não consiste em fechar os olhos ás circumstancias adversas, mas em pesal-as com exactidão, reconhecel-as com franqueza e enfrontal-as resolutamente, para prevenir as suas consequências. Não podemos dormir sobre a bonança do café. Mau-

## EMPRESTIMO EXTERNO DO MARANHÃO

As recentes discussões sobre o emprestimo externo do Maranhão eram provar que essa operação foi feita em condições muito pouco favoraveis. O emprestimo é de 1.500.000 dollars a juro de 5%, tipo 85 amórtizacão em 20 annos. E do total serão, off-ctivamente, empregados nas obras a que se destina a transacção, apenas 76.440 ou seja pouco mais da metade. A outra metade é consumida, logo de inicio, da seguinte fórma:

	Dollars
Differença de tipo .....	225.000
Despezas de emissões de apolices na America .....	25.000
Remuneração da Casa Ulen .....	187.500
Idem adicional por despezas preliminares, (2,5 %) .....	37.500
Para pagamento da amórtizacão em quatro annos .....	119.280
Idem de juros em 1923 .....	60.000
Idem de juros em Maio de 1924 .....	59.280
<b>Ou seja .....</b>	<b>713.560</b>

Em garantia dessa operação deu o Estado os impostos não gravados: obrigou-se a depositar as receitas arrecadadas até completar quantia necessaria ao serviço de juros e amórtizacão; comprometteu-se a não contrahir novo emprestimo sem resgatar um terço deste, tendo a casa Ulen preferencia, em egualdade de condições, caso se faça novo emprestimo, e assumiu a obrigação de não alterar, para menos, durante a vigencia do contracto, os impostos dados em garantia.

tenhamos-nos despertos, preparados para oscillações de preço, que são contingencia inevitavel de todos os productos agricolas, empenhados em baixar-lhe o custo de produção, pelo aperfeiçoamento da cultura, e em melhorar-lhe os typos.”

### A situação de Santa Catharina segundo a Mensagem do Presidente do Estado

Segundo a mensagem do Governador Hercilio Luz, é a seguinte a situação do Estado, nos elementos principaes de sua vitalidade: na instrucção publica se notou um crescimento animador nas matriculas e no numero de escolas isoladas. Funcionaram, em 1922, todas as escolas publicas, com 31.097 alumnos, sendo essa frequencia de 7,8 % superior a de 1921. As escolas isoladas, de 450, passaram a 509, e a matricula nessas escolas de 23.671, em 1921, ascenderam a 25.502 em 1922. Nas escolas federaes, municipaes, subvencionadas pelas Municipalidades, e particulares, a matricula foi de 14.553 alumnos, numero que, somado ao de alumnos das escolas estadoaes, totaliza a população escolar do Estado em 45.650 alumnos, o que representa um augmento de 5,9 % sobre a matricula de 1921. O Estado de Santa Catharina é o que gasta maior porcentagem da sua renda com a instrucção. Cuida, depois, da situação das obras do Estado, especialmente dos melhoramentos de Florianopolis. Passando a tratar das concessões de terras, em numero de 206, representando 292.476.554 metros quadrados, fóra as terras concedidas em virtude de contratos especiaes. O movimento immigratorio em 1922 se reannou, entrando 1.615 familias, com 9.731 pessoas. A receita do Estado foi de 9.979.445\$278, o que representa mais de 37 % sobre a estimativa orçamentaria, e a despesa realizada, de réis 11.344.141\$440. A divida passiva do Estado assim se representa: emprestimo externo de 1922, 4.843.028 dollars; emprestimo externo de 1919, 9.533.18 esterlinos e emprestimo externo de 1911, 35.613 libras; divida interna consolidada, 5.217.700\$ e divida fluctuante 3.504.298\$480. A divida activa do Estado é de 1.500.924\$580. Em 1922, o Estado exportou 42.891.807\$374, ou seja mais réis..... 11.880.309\$574 do que em 1921. O intercambio commercial com o estrangeiro foi de réis 8.736.197\$818, tendo sido a maior exportação feita para a Argentina, no valor de réis 5.931.950\$014.

### Homenagem ao Mexico

Foi recebida com os maiores e mais sinceros applausos a idéa do Deputado Domingues Barbosa, apresentando á Camara de que faz parte um projecto de lei, mandando que se offereça ao Mexico uma estatua de Gonçalves Dias, com o duplo intuito de render uma homenagem ao grande poeta na America e de retribuir ás innumeradas gentilezas que, de algum tempo a esta parte, temos recebido continuamente do Mexico. A elevação da Legação á Embaixada, a sua repre-

sentação por ocasião do Centenario, a offer- ta do monumento do Cautemoc do pavilhão na Exposição e o convite a escriptores brasileiros para visitar esse paiz, onde têm sido recebidos com as mais carinhosas e excepcionaes demonstrações, tudo isso tornou o Brasil devotor de altas provas de affecto do Mexico, que, em boa hora o deputado maranhense cuidou, não retribuir, mas agradecer, offerecendo a estatua do nosso grande poeta, aquelle que mais vibrou a sua lyra, cantando a gente autochtone da terra americana. Estamos certos de que o projecto não dormirá o somno do esquecimento nas pastas das commissões, mas virá em breve ao plenario receber a approvação enthusias- tica do Congresso, a que se apresenta esse ensejo feliz para tostemunhar ao Mexico o muito que nos têm tocado as suas provas de cordialidade e arraigado desejo de approxi- mação, não só economica, mas tambem intellectual entre as duas nobres patrias. A maneira por que foi acolhido o escriptor Sr. Ronald de Carvalho, na sua recente visita a esse paiz amigo, as multiplas manifestações que recebeu, não sómente da intellectualidade mexicana, senão do Governo, principiando pelo illustre Presidente Obregon, que lhe prestou varias homenagens, é mais um indice do alto apreço que nos consagra essa admiravel Republica, em cujo sólo, plantando a estatua de Gonçalves Dias, testemuharemos um agradecimento sincero, vindo do coração.

### A questão siderurgica

A questão da siderurgia nacional não teve ainda uma solução favoravel, como constitue ella um dos problemas fundamen- taes da nacionalidade, é interessante conhecer a opinião do Sr. Presidente de Minas a respeito desse grande problema economico. Na sua ultima mensagem, o Sr. Raul Soares declara que não é contrario á exportação do minerio, porque, possuindo o Estado cerca de 3.500.000.000 de toneladas dos mais ricos minerios, não ha nenhum inconveniente para o futuro encaminhar uma porção de tão opulento deposito ás nações que delles necessitam, mas acha que devemos em primeiro lugar cogitar da nossa siderurgia, assentando-a em bases nacionaes e impedindo se estabeleça o monopolio numa industria a que se ligam o progresso economico e a defesa do paiz.

A respeito do contracto da “Itabira Iron Ore Company”, diz o Sr Raul Soares que se recusou a assignal-o por considerar sobremaneira desvantajosos as suas clausulas. Assim se exprime o Presidente de Minas: “A victoria a Minas estava obrigada a melhorar as condições technicas de sua linha e electrical-a afim de transportar minerio de ferro a oito réis por tonelada kilometro. Pelo contracto com a “Itabira Iron” aquella obrigação passa a esta empresa, que, em compensação, terá o direito de fazer trafegar seus trens pelas linhas da Victoria a Minas “gratuitamente”. Desappareceria assim por completo qualquer esperança de ficar a União exonerada do pagamento da garantia de juros a Victoria a Minas muito menos de

o ter restituição das garantias a pagar Ora, a principal razão de ser da Victoria a Minas é o transporte de minério. Das rendas deste transporte é que deveria viver. E justamente de dessas rendas ficaria privada. Alias, parece que o intuito de "Itabira Iron" é substituir-se ella ou absorvel-a, em vista da concessão que lhe dá o contracto de fazer as linhas Itabira a Santa Cruz, entroncando nos pontos convenientes da Victoria a Minas e de collocar trilhos parallellos na zona privilegiada da mesma estrada. Os prejuizos da Estrada de Ferro Victoria a Minas que é feita com garantia de juros, portanto, com dinheiro da Nação parecem evidentes. Que a consequencia do contracto seria o estabelecimento definitivo irremovivel de um monopollio é coisa inacceptivel de discussão uma vez que ficariam fechadas a entrada e a saída do minério pelas estradas da "Itabira Iron" a qual nem sequer teria a obrigação de transportar minérios alheios. E é essencial que a linha de Victoria a Minas seja absolutamente livre, por ser o caminho natural in substituível do minério do Estado para o oceano. Sem uma revisão attenta do contracto com a União, em que sejam salvaguardados tão grandes interesses, não pode, pois, o Estado facilitar o estabelecimento da "Itabira Iron".

Ao mesmo tempo encontramos na menagem informações confirmando que a nossa incipiente industria siderurgica apresenta, de anno para anno, sensivel progresso e vai marchando lenta mas seguramente para a nossa independencia da importação estrangeira. A produção do gusa em breve supprirá todas as necessidades do consumo interno e já se tem feito com successo algumas remessas para a Argentina e Portugal, onde o gusa mineiro foi experimentado com exito completo, pelas suas qualidades excepcionaes. Por outro lado, a esperança de podermos, em dias não remotos ver empregado em fornos altos o carvão nacional, parece que se tornará realidade mais cedo do que se suppunha. Com effeito, as experiencias realizadas na Europa por um competente professor da Escola de Minas, expressamente commissioned pelo Governo Federal, demonstraram que, se a hulha de Rio Grande do Sul não se presta á produção de coke para o forno alto, os carvões mineiros de Santa Catharina o produzem e da melhor qualidade. Assim sendo, a questão do combustível nacional ficará dependendo sómente de transporte facil e barato.

Finalmente, a electro-siderurgia vai apresentando resultados promissores no paiz, e principalmente em Minas. De facto, o exito da Companhia Electro-Metallurgica de Riberião Preto, que está fazendo aço de primeira ordem com o minério de ferro levado de Minas, abre largas perspectivas á nossa industria siderurgica, que, ao lado das montanhas de ferro, encontra quédas d'agua poderosas e as florestas necessarias. Dentro do Estado de Minas já funciona a Companhia Electro Siderurgica Brasileira, que tem em Juiz de Fora um forno com capacidade de 12 toneladas diarias de aço, dous trens de laminadores e installações para segunda fusão de ferro e aço. A Usina Queiroz Junior Limitada dispõe de dous altos fornos na antiga e tradicional Usina Esperança e outro na Estação Burnier, todos em actividade. A Companhia Siderurgica Belgo-Mineira, com usina em Sabará, tem em serviço um alto forno e outro em estudos. Dispõe de fundição de ferro e cobra e de uma boa fabrica de cimento para o aproveitamento da escoria. Começa a Companhia a montagem de um forno Martin, pra fabricação de aço, e bem assim de dous trens de laminadores. A firma Gerspacher & Glanetto mantém em Rio Acima um alto forno de boa capacidade. Igualmente a Companhia Nacional de Altos Fornos está montando na estação de Gagé um alto forno com capacidade para 50 toneladas de gusa, que será transformada em aço por processo electrico. Serão igualmente installados alli laminadores para aço de varios perfis. A nossa siderurgia e carvão vegetal soffre actualmente o embargo oriundo do alto preço de combustível nas regiões onde estão situadas as usinas. As Companhias interessadas estão enveredando para o bom caminho, com plantação de eucalyptus e outras essencias, de que a Usina Esperança já tem 20.000 pés e a de Gagé 60.000. A siderurgia e carvão de madeira anda bem, com tudo, uma vez que a zona para o seu desenvolvimento, pois nas margens do Rio Doce encontra abundante minério rico fundente e combustível.

## Estudos brasileiros

Da *Tribuna*, de Santos, transcrevemos, com a devida venia, a seguinte local, sob a epigraphie supra:

Ha um aspecto da moderna litteratura brasileira — notadamente da em que se especializam os escriptores centralizados no Rio de Janeiro — que não pôde passar despercebida: é a maneira com que se volta para a nossa vida, para a vida do paiz, naquillo que ella tem de mais característico, de mais íntimo, de mais apreciavel, deixando para além de uma época de desânimo e pessimismo os resabios do negativismo em que nos fomos afundando.

E' ler essa forte geração de estudiosos das nossas particularidades sociais e historicas em que, posto ao de cima Rocha Pombo, é licito destacar os nomes de Elyso de Carvalho, Tasso da Silveira, Ronald de Carvalho, Oswaldo Orico, Nestor Victor, Renato Almeida, Andrade Muricy, Mario Simonsen, Graça Aranha.

Com a recente fundação do Instituto Varanhang, graças aos esforços dessa pleiade pujante, vão os estudos brasileiros constituir, não só a preocupação dos altos espiritos acima apontados, além de outros muitos, como receber uma directriz, uma ordem, uma feição harmoniosa que os tornem accessiveis aos espiritos de menor alcance.

Porque a verdade em tudo isso é que tal surto espiritual, em torno da vida do paiz, não procede de outra causa senão esse despertar da consciencia nacional que se verificou aqui desde o inicio da Grande Guerra. O terrível quadro europeu obrigou-nos a trocar a attitude passiva de espectadores de tudo quanto se passava além-Atlântico — nunca é demais frisar esse ponto — por uma outra bem mais util: a de espectadores do nosso proprio drama historico e social.

E ahí estamos a ver com que ardor, com que desassombrado enlevo, os nossos escri-

## O CUBISMO

O cubismo não é simplesmente uma fria enumeração mathematica. E' o corpo material que reconstruiu com logica, obedecendo aos principios do Universo, onde tudo é harmonia. Fôra do realismo e das suas monotonias sentimentaes, é que reconquistou normalmente a verdade espiritual, unica razão de ser da obra de arte.

METZINGER.

ptores dedicam livros e livros aos nossos phenomenos, indagando, perquerindo, analysando. E' ha em tudo isso um facto singular: São Paulo, que é a acção, São Paulo, que é a força realizadora, São Paulo, que é o exemplo da energia constructiva, e possui um nucleo intellectual respeitavel, permanece, no tablado das letras, indifferente, quasi, ao movimento que se observa no Rio. A litteratura de São Paulo continua puramente especulativa, não se contendo aqui, em numero superior a cinco ou seis escriptores-publicistas de merito real.

Os prélos na paulicéa estão diariamente despejando aos azares da publicidade volumes e volumes; poucos os que se prendem a assumptos praticos. Na quasi totalidade, obras de ficção. Eis aqui um phenomeno que está desafiando uma analyse mais detida, que a natureza deste "suelto" não comporta.

## A sala Azteca

O Museu Nacional, em breve, augmentando o seu patrimonio, terá enriquecida a sua secção de assumptos americanos. O governo do Mexico, acrescentando uma nova demonstração de affecto ás innumerables provas que nos deu por occasião do Centenario da Independencia, doar-lhe-á uma rica colleção de trabalhos biologicos e archeologicos, constituindo, assim a Sala Azteca. O pretexto que a acompanha — se pretextos são necessarios para os testemunhos de amizade — é a retribuição ás attentões que affirmamos aos representantes do paiz irmão nas festas de 7 de Setembro. Assim é que a secretaria de Agricultura e Fomento, conforme resolução do presidente Alvaro Obregon, entregará ao Museu, por intermedio do embaixador Torre Diaz, entre outros, os seguintes objectos. Se-

cção de Anthropologia — "Maquettes" da zona archeologica do valle de Teotihuacan, ao tempo de Omotzalcate (Ano dos Ventos) e da igreja de Accomin, reproducção exacta de um altar do templo de Omotzalcate; cerâmica peculiar da região de Teotihuacan; typos ethnographicos, em gesso, e objectos dessa região: cerâmica Muyn; album de photographias de ruínas archeologicas e colleção de photographias murnas: "A população do valle de Teotihuacan", importante trabalho em tres volumes, de autoria do engenheiro Manoel Gaucho, Secção de estudos biologicos. 64 exemplares da fauna e flora mexicana e quinze telas, aquardela. Constituirá ainda patrimonio da Sala Azteca uma rica variada colleção de "specimens" do Museu Nacional do Mexico.

## A esthetica da cidade

E' este um problema no qual se deve sempre insistir. O Rio de Janeiro é uma formosa cidade, mas sempre victima de administradores sem gosto, de provincialismos injustificaveis, de imprevidencias de toda ordem. Assim, temos encravadas na arca monumental da cidade, por exemplo, na Avenida Rio Branco, entre os palacios do Supremo Tribunal e do Club Militar, algumas casinhas de fachadas modestas e arburguez, que prejudicam sobremaneira a imponencia da nossa principal via publica. Por outro lado, em ruas estreitas installam-se grandes bancos, construindo predios admiraveis, como o feito para o Banco Italiano de Desconto, que é um dos mais bellos edificios da cidade, mas posto em lugar sem perspectiva sequer para se lhe contemplar a fachada. Os nossos prefeitos nem sempre têm o gosto aprimorado e o conhecimento de grandes cidades, de modo que administram o Rio como se fosse qualquer cidade do interior, resentindo-se, sobretudo, essa administração de unidade. Cada prefeito, cada orientação. Além do mais, nota-se uma grande ausencia de previsão, sendo que os melhoramentos são feitos, por via de regra, para um dado momento sem se contar com o vertiginoso desenvolvimento da capital, resultando d'ahi a sua deficiencia tempos depois. Acontece, destarte, que o Rio tem a sua esthetica comprometida em multiplos pontos, sobretudo pela construção, mestres de obra gananciosos e sem o minimo gosto, que entulham com monstruosas as nossas ruas e estragam até a paisagem deliciosa da cidade. A Prefeitura se limita a verificar a segurança das obras, completamente indifferente á esthetica.

Agora, ao que se annuncia, já se estuda o plano de construção da grande área do morro do Castello, dizendo-se que uma comissão delinha o projecto. E' momento, pois, de chamar a attenção das autoridades para a importancia desse novo perimetro, que, pela sua situação admiravel, se destina a ser um grande centro da vida urbana. E' preciso evitar que o primeiro individuo, que comprar um lote de terreno, tenha o direito de ali edificar a casa que lhe aprouver, de um só ou de dois pavimentos, com uma fachada simploria, de accordo com o aprazimento de qualquer mestre de obra imbecil. E' preciso organizar um plano de conjunto, fazendo-o executar rigorosamente, no qual se devem cuidar das exigencias do embelezamento, das condições da viação e transito (outro problema insolúvel e que dia a dia mais se complica), afóra as imprescindiveis necessidades de segurança, conforto e hygiene. O que não se pôde continuar a ver é esse sacrificio de uma cidade formosissima, ao máo gosto de seus dirigentes. A cada hora ha lastimaveis decepções. Em lindos jardins, collocam-se estatuetas horriveis, compradas em qualquer marmorista estrangeiro; em ruas distinctas permite-se que um senhorio em briga com o inquilino pinte de vermelho a fachada da casa, inclusive as cantarias; ao lado de palacos se da licença para uma casinha pittoresca. O resultado é que o Rio, de surpreendente natureza, offerece um deploravel espectáculo de esthetica urbana a quem o visita, admiradissimo por certo do descaço da Prefeitura por esses assumptos. Não sabemos se existe alguém que fiscalize a belleza da cidade (si existe devemos duvidar do seu bom gosto), mas o certo é que precisamos tornar uma realidade essa fiscalização, no caso de já haver, qucria-a, quanto antes, se não existe, como parece. Agora, no Castello não pode haver a justificativa de que o conjunto saiu prejudicado pela diversidade de épocas, em que se cuidou da remodelação. E' preciso traçar um plano e executá-lo fielmente. Confiamos que o Sr. Prefeito Alair Prata tenha a necessaria energia para salvaguardar a cidade de quaisquer aventuras, porquanto as que ahí estão já bastam



**Ruy Barbosa**

Inaugurando na sua sala de sessões, e sob a tribuna dos oradores, o retrato de Ruy Barbosa, o Instituto da Ordem dos Advogados não rendeu, apenas, homenagem a uma memória insigne, mas cunctou o próprio Direito, que teve em Ruy Barbosa, na palavra e na actividade, a sua mais alta e formidável expressão. O grande advogado, será o symbolo mais augusto da perseverança na justiça, através todos os embates da força e da insidia; da crença no direito, contra os potentados e os arbitrios; de fé na liberdade "omnipotente creadora das nações robustas".

Essa homenagem foi como que uma canonização ao Mestre perpetuando-lhe a gloria immortreoura. Da oração que produziu o Professor Pinto da Rocha transcrevemos alguns trechos de grande brilho:

"Em um dado momento da sua evolução politica, cada povo tem um nome que o representa e o synthetisa.

Dentro do segundo metade do seculo XIX, a Italia teve Cavour; a Hespanha teve Castellar; a Franca teve Thiers; a Inglaterra teve Gladstone; a Allemanha teve Bismark; Portugal teve Fantes Pereira de Mello; o Brasil teve o Visconde do Rio Branco.

Dentro do seculo XX, Crispi representa a Italia; Canovas del Castillo, a Hespanha; Clemenceau personalizou a Franca; Lloyd George, a Inglaterra; Bethman Holweg personificou a Allemanha. Theophilo Braga, a transição portugueza; Mitre foi o expoente argentino; Woodrow Wilson, synthetizou o espirito dos Estados Unidos; Ruy Barbosa symbolisa a evolução do Brasil e do Continente sul-americano.

Esse nome foi condão da nossa Patria e, desde 1906, foi a vara magica da America.

Essa vida, Ruy Barbosa, depois dos dias luminosos de Haya, foi o oraculo dos Delphus, resurgido no Brasil.

Depois de morto, a casa de São Clemente vai ser, não o templo de Jupiter, mais o rellario de Mount Vernon. A casa da Virginia e casa de Botafogo serão para as duas Americas, os focos do grande eclipse da evolução continental.

Desde 1868, esse nome appareceu no horizonte; subiu como o sol, mas ao contrario deste, apesar de desaparecido da nossa vista, ainda não desceu, e, assim, a nossa terra, desmentindo a fatalidade das leis cosmicas, parece haver parado os seus movimentos de rotaçào e translaçào, para se deixar ficar, como extasiada, à frente do astro, embebida na luz que delle ainda emana e aquecendo-se ao calor que o seu genio esparge prodigamente, em torno.

Esse nome viveu na dispersiva movimentação da Babylonia Carioca, sem se deixar empolgar por ella; ora, como um centro de convergencia e cohesào; ora, como um ponto de onde emanava a força de repulsào, mas alentando sempre a solidariedade deste formiguetiro humano, erguendo uma vasta officina de labuta, rasgando uma arena immensa de justas incruentas, accumulando energias, actividade, iniciativas, musculos, vontades e ciencias, embora isolada na tepida serenidade da sua maravilhosa bibliotheca, tempo onde ia a romagem dos crentes beber inspiração e conselho, nas horas amargas da vida; onde acudiram, de toda parte, os que tinham sede de Direito e fome de Justiça; onde os amigos se concentravam, enquanto Elle discorria; onde os inimigos emudeciam quando

Elle surgia na clamyde da sua bondade augmenta; onde os filhos encontravam em beugões da alma paterna os effluvios exaltados do amor que os enlaçava; onde os netos lhe brincavam sobre os joelhos, como raios de sol que entrassem pelas janellas, para se descompor em sorrisos alacres no crystal da sua grande alma, asylada num organismo pouco menos debil e quasi, tão pequeno, como o dos netinhos, tal qual, na delicata contextura de uma gemma de ovo, habita em germen a poderosa musculatura de um Condor.

Na labutação interminavel da intelligencia, viveu apenas pela cerebro, como as velas vivem pela chama que se consome, dando luz; na constante elaboração das idéas, estudando, nas fontes da vida, as transformações do Direito, através dos seculos, as conquistas da Liberdade, através da Historia, e os triumphos da Justiça, sob os escombros das gerações; accumulou, em livros preciosos, thesouros inesgotaveis e impereciveis, para que todos nós possamos ter, no recanto dos nossos lares, o direito de trabalhar, aspirando livremente o oxygenio que Deus distribuiu com igualdade entre os homens, e os homens pretendem monopolisar entre os privilegiados das seitas e das facções; transformou a eloquencia em catapultas contra a oppressào, fazendo de cada palavra um virote contra a violencia, de cada phrase um thermo-cauterio contra a prepotencia; pleiteou na tribuna do Senado, dos tribunaes e das Academias, a liberdade dos opprimidos e o castigo dos oppressores; acudiu a todos os perigos; estendeu a mão a todos os naufragos soccorrendo os encarcerados, abrindo horizontes novos ás almas dos moços que tentam penetrar na vida, defendendo o lar dos que, pelo trabalho, fecundam a terra da Patria; garantindo aos velhos a certeza de poderem dormir o sono ultimo da vida na terra livre do Brasil redimido e grande; poz uma aureola de glorias incruentas sobre o busto branco da Liberdade republicana, em troca da corda de espinhos e punhaes, com que a caudilhagem de todas as precedencias, lhe compensou a abnegação liberal dos serviços prestados á grandeza da Patria; cimentou a paz, quando outros incitavam á guerra; ergueu a consciencia humana acima das imposições brutaes da força, alcançando a soberania do povo acima da vontade dos potentados, vencendo a espada com a penna, fazendo calar, com a voz da sua garganta, a trovoadã dos canhões; evangelizou pela imprensa, como os apóstolos evangelisavam na Judéa, levando a todos os pontos da terra brasileira a sublimidade das suas doutrinas concretisada na trilogia suprema do respeito, do amor e da honra; respeito á lei, respeito á Justiça, respeito ao Direito; amor á Familia, amor á Patria, amor ao Trabalho; honra ao Povo, honra á Consciencia, honra ao Dever; finalmente, ergueu o nome da nossa terra ao conceito do mundo culto, muito acima da culminancia que attingiu a Libellula de Santos Dumont, porque soube revellar e affirmar á consciencia mundial, na memoravel conferencia de Haya, um Brasil até então desconhecido, um Brasil novo que surgiu para o Direito internacional, como a luz emergiu do cahos ao "fiat" mysterioso e omnipotente do verbo de Deus; porque soube despertar da catalepsia perigosa da inconsciencia, para a gloria responsavel da neutralidade nova, na Cathedra da Universidade de Buenos Aires, a alma ensomnada de um Continente que se deixava dominar pela indolencia intertropical, enquanto se infiltrava sorradeira-

mente no organismo das Republicas Americanas o microbio da espionagem.

Viveu amanhado ás camadas sociais arrastando ás consciencias humanas a luta das luctações; nababo de talento millionario de serviços á Patria perdulario da magnanimidade prodigo de perlião desceu ao tumulo, para subir á immortalidade, legando aos seus, apenas o maior nome que o Brasil já produziu em toda a sua historia"

**O patrimonio da Viação**

Acaba de ser publicado a estimativa do patrimonio da Viação, onde ha a avaliação dos mais valiosos bens do país como as estradas de ferro federaes, o Lloyd Correios, Telegraphos, etc

Edificio da S. de Estado...	2.753:649\$986
E. F. Madeira Memoré...	59.157:787\$779
E. F. S. Luiz a. Therezina...	39.076:227\$385
E. F. Central do Piahy...	7.509.970\$358
Rêde de Viação Cearense...	92.184:035\$174
E. F. C. Rio G. do Norte...	37.928:643\$362
Great W. of Brasil Railway	188.839:199\$777
Este Brasileiro .....	189.233.753\$572
E. F. Therezopolis .....	9.025.826\$757
Prolongamento da E. F. Maricá .....	3.392:113\$384
E. F. C. Brasil.....	623.692:000\$000
E. F. Rio d'Ouro (Repartição de Aguas Obras Publicas). . .	6.101:956\$694
E. F. Lorena-Piquete-Itajubá. ....	9.000:000\$000
Rêde Sul-Mineira .....	135.643:087\$333
E. F. Oeste de Minas.....	192.866:623\$504
E. F. de Govaz.....	25.344:311\$554
E. F. Noroeste do Brasil...	90.823:777\$441
E. F. Paraná.....	71.500:000\$000
E. F. Barra Bonita a R. do Peixe .....	6.477:086\$939
E. F. Santa Catharina.....	6.212:933\$105
E. F. D. Thereza Christina	9.869:045\$083
E. F. Tubarão a Araranguá	5.122:938\$943
Ramal Urussanga .....	2.005:245\$735
V. F. Rio G. do Sul.....	233.479:102\$926
E. F. Jacuhy .....	3.118:731\$386
E. F. S. Pedro a S. Luiz...	5.663:241\$364
Ramal de S. Borja a Santiago .....	2.981.863\$493
E. F. Itaqui a S. Borja...	8.783:953\$440
E. F. Alegrete Quarahy...	2.058:357\$471
E. F. S. Sebastião a Santa Anna do Livramento....	4.587:334\$240
E. F. Bazilio a Jaguarão..	4.041:808\$401
Directoria Geral dos Correios. . .	32.000:000\$000
Repartição Geral dos Telegraphos .....	74.146:942\$700
Inspectoria Federal de Obras Contra Seccas (exc. V. Cearense). ....	154.659:225\$659
Inspectoria de Portos, Rios e Canaes .....	524.179:347\$342
Repartição de Aguas e Obras Publicas (exc. E. F. Rio d'Ouro).....	183.095:163\$105
Inspectoria de Illuminação.	100:064\$000
Inspectoria Federal de Navegação. . .	130:370\$000
Lloyd Brasileiro (P. N.)...	99.220:111\$164
Total .....	3.146.977:835\$050

**ROUPAS BRANCAS PARA HOMENS**

Sortimento completo de todos os artigos necessarios á toilette masculina, desde o mais vulgar ao mais raro, desde o mais dispendioso ao mais modesto

PREÇOS CONSCIENCIOSOS

**PARC ROYAL**

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

HABILITEM-SE AO  
NOSSO SORTEIO DIARIO  
DE MERCADORIAS NO  
VALOR DE CEM MIL RÉIS

# N O T U L A S

— O Ministro das Relações Exteriores, em nome do Presidente da Republica, resolveu incluir na lista de precelecencia, de que trata o capitulo X do ceremonial diplomatico do mesmo Ministerio, com a categoria de príncipe de sangue, os cardeaes da Igreja Catholica, como membros do Sacro Collegio de Roma e, consequentemente, herdeiros eventuaes do Throno Pontificio.

— A produccao de petroleo no Mexico em 1922 foi de 951,904,151 barris, tendo sido a renda bruta das emprezas petroliferas de 2,000 milhões de pesos mexicanos. Ora, considerando-se que os capitães investidos nessas companhias é de 1,000 milhões de pesos, e tendo sido de igual quantia os seus rendimentos líquidos, vê-se que produziram 100 %

— Os vencimentos do Presidente da Republica franceza, antes da guerra, eram de Frs. 600 000 annuos, afóra somma igual para a representação. Agora permanecem os Frs. 600 000 annuos mas se lhe juntam Frs. 1 400 000, divididos em duas verbas: *despesas de casa e despesas de viagem e representações*. Está claro que não se incluem as despesas com as grandes viagens. Os ministros ganhavam, em 1914, Frs. 60 000 annuos tendo hoje Frs. 80 000 e mais 20 000 para automovel. Os sub-secretarios de estado, que tinham Frs. 25 000, ganham agora Frs. 45 000 e mais 20 000 para automovel, como os ministros. Os senadores e deputados percebiam Frs. 15 000 e, hoje, 45 000.

— O haiz de mais forte emigração é a Italia, seguindo-se a Inglaterra, a Heppanha, Portugal, Alemanha, Suecia, Suissa, Dinamarca, Belgica e Finlandia. No quinquennio 1916-14, emigraram, annualmente, cerca de 562 000 italianos, em 1920 412 000; em 1921, 279 000 e, em 1922, 276 960. O paiz mais procurado pelos italianos era os Estados Unidos, mas devido ao rigor das leis federaes, as correntes diminuíram. A emigração continental euronéa duplicou, baixando a transoceanica.

— Por occasião do recente Congresso de Bibliophilos, reunido em Paris, houve uma interessante exposição do livro francez, desde os preciosos manuscritos monasticos, taes como o Evangelista de Carlos Magno, que é do seculo IX, até obras modernas illustradas por Galois, Hermann Paul e Bonnard. Entre as raridades, citam-se um *Apocalypso*, de seculo XIII; a *Historia Romana*, de Tito Livio, do seculo XIV e os *Simulacros da Morte*, do seculo XVI.

— O Sr. Lou-Kao, director do Observatorio de Pekin traduziu para o chinez a theoria de Einstein (não sabemos se em livro ou se foi um apanhado geral da doutrina), tendo sido a obra apresentada na Academia de Sciencias de Paris, onde, por certo, foi muito admirada...

— Foi inaugurado em Paris um theatro norte-americano, por iniciativa da colonia de-se paiz na capital franceza. Fundou-o o actor Edwin R. Wolfe, com o grupo chamado dos "seis americanos", tendo sido a estrêta feita com a comedia de A. E. Thomas: *His Husband's Wife*.

— Por occasião das festas de Pasteur, o professor Calmette fez uma estatística da mortalidade em França, concluindo que passou de 228 a 179, por 10 000, de 1890 a 1910, o que representa uma salvaguarda annual de 90 000 pessoas. No que concerne, particularmente, ás molestias microbianas, a mortalidade nesses 20 annos diminuiu de 2 terços. Também a mortalidade infantil diminuiu de 167 para 127 por 1 000 nascimentos.

— Escrevendo na *American Medicine*, o Dr. Royal S. Copeland affirma que, segundo os documentos mais autorizados na Commis-são Sanitaria da Liga das Nações, o numero de casos de typho registrado na Russia, nos ultimos 4 annos, attinge ao algárisimo incrível e terrível de 45 milhões, numa população de 130 milhões de almas. Como é na-

tural a intensidade da epidemia cresce dia a dia, de um modo assustador.

— O Ministro Arthur Ribeiro, ao tomar posse do seu posto no Supremo Tribunal Federal, ao prestar o compromisso regimental, o fez sob juramento: *Juro por Deus cumprir os deveres de meu cargo de accordo com a Constituição e as leis de Republica, tendo feito questão que, nesses termos, constasse, do compromisso lavrado pelo Secretario do Supremo Tribunal, o que foi feito.*

— Formou-se no anno passado em Madrid, um club de escriptores que leva o nome de P. E. N., club calcado sobre um semelhante existente em Londres. As tres iniciaes significam Poetas, Ensaistas, Novelistas. O presidente do P. E. N. de Madrid é Azorin, sobre quem a *America Brasileira* já publicou um estudo e de quem traduziu um trecho. O comité compõe-se de cinco dos mais notaveis escriptores de Hespanha: Ramiro de Maeztu, Ramon Perez de Avala, José Maria Salaverría, Henrique de Mesa e Henrique Diez-Canedo. Na reunião de 10 de Fevereiro, foram nomeados socios honorarios os mexicanos: Salvador Dias Miron e Francisco de Icaza, o Inezel John Golsworthy, os portu-guezes Guerra Junqueiro e Eugenio de Castro, os hespanhões Armando Palacio Valdes, o dramaturgo Guimerá e o pensador Unamuno, os hispano-americanos Juan Zorrilla de San Martín, Leonoldo Lugones, Santos, Chocano, Gabriela Mistral, Guilherme Valencia, Henrique Larreta, Blanco Fombona, José Verona, Ureña. Nenhum brasileiro foi escolhido para socio correspondente.

— A 2 de Agosto findo, Clemenceau, completou 90 annos. Diz um telegramma que passou esse dia trabalhando num livro de philosophia, que espera acabar nesses 15 annos... O "Tigre" levanta-se ás 5 horas e, depois de seus affazeres matinaes, começa a trabalhar no livro. Que philosophia nos legará Clemenceau, depois de uma vida empolgante de acção?

— O Presidente Coolidge prestou o juramento constitucional, perante seu Pai, que é notario publico, no salão de visitas da casa particular deste, usando uma velha Biblia de familia. Como não havia luz electrica, a cerimonia foi feita á luz de um lampeão. Contrastê singular: no paiz que gasta mais electricidade, não houve uma lampada electrica para o juramento presidencial...

— Pela Constituição dos Estados Unidos, o Vice-Presidente preenche o tempo do Presidente que morre, é destituído ou resigna. E' o que diz o n. 6, da secção 1 do art. 11, da Constituição de 1789: "In case of the removal of the President from office, a this death, resignation, a inability to discharge the power and dutie of the so a office, the same shall devolve on the Vice-President..." Cabe portanto ao Sr. Calvin Coolidge desempenhar a presidencia dos Estados Unidos até o termo do periodo para o qual foi eleito Presidente Warren Harding.

— Em Madrid, a CALPE (*Companhia Anonima Libreria Publicaciones Ediciones*), acaba de erigir o Palacio do Livro, em edificio expressamente construído para servir de livreria e onde, além de se encontrarem os mais completos sortimentos de livros de todos os paizes e em todas as linguas, haverá sempre uma exposição dedicada a um livro, tendo sido a primeira, ao livro francez, seguindo-se o livro italiano, o livro hispano-americano, o livro allemão, etc. Haverá também o livro luso-brasileiro? Eis a questão. Annexo á grande livreria, ha um serviço bibliographico o mais completo possivel.

— A casa de Edmond Rostand, em Cambou, nas proximidades de Biarritz, foi recentemente adquirida pelo Sr. Francisco Costa, pela importancia de um milhão de francos. O novo proprietario daquella famosa vivenda é um dos mais conhecidos commerciantes portuguezes no Brasil.

— Uma companhia franceza explora em Paris 47 linhas de auto-omnibus, com 1.050 vehiculos, que representam 42,000 H. P. tendo em 1922, transportado mais de 3 milhões de passageiros.

— A famosa Biblia do Borso d'Este, avaliada em 250.000 dollars e que pertenceu ao ultimo Imperador da Austria, foi adquirida por um rico industrial de Milão. A Biblia é illustrada por artistas do 15º seculo e é considerada pelos conhecedores o mais bello espécimen existente. Durante a estadia do mallogrado Imperador Carlos na Sulassa, no meio de difficuldades, teve que vender essa obra preciosa a um alfarrabista de Londres.

— A Academia Franceza concedeu o seu grande premio de Litteratura ao Sr. Francois Porché, por 14 votos, contra 9 dados ao Sr. Paul Valery e um ao Sr. Camille Mauclair. O grande premio de romance foi dado ao Sr. Alphonse de Chateaubriand, com o romance *La Bière*.

— A fortuna de William Vanderbilt foi de 50 milhões de dollars, sendo herdeiros os seus filhos William e Harold, afóra forte doação feita á filha que se casou com o Duque de Marlborough. Determina o testamento, que sejam doados quadros ao *Metropolitan Museum of Art*, quadros no valor de um milhão de dollars, entre os quaes incluem um Rembrandt, um Holbein e um Gainsborough. Tres quartos dessa colossal fortuna eram títulos do *trust* ferro-viario.

— Calculam as estatísticas em 100.000 o numero de radios trocados, mensalmente, entre a Europa e a America, em 1922, expedindo 37.000 a Alemanha; 31.000 a Inglaterra; 14.500 a Noruega e 14.500 a França. Este ultimo paiz, convem observar, augmentou muito o seu serviço radiographico de Novembro para cá, expedindo a grande central de Paris, diariamente, mais de 9.000 palavras pelo sem fio.

— O actual decano da Academia Franceza é o Sr. Georges Clemenceau, que está com pouco mais de oitenta annos, pois nasceu a 28 de Setembro de 1841. Segue-se o Conde de Haussonville, que é o decano de eleição e nasceu em 1843. Vêm após Anatole France, de 1844; Jules Cambon, de 1845; Pierre de La Gorce, de 1846; Jean Richepin e George de Porto Riche, de 1849. Preside actualmente á Academia o Sr. René Boylesve, que, nascido em 1867, é um dos mais moços do illustre concilio, só tendo abaixo Georges Govan, de 1869; Henry Bordeaux, de 1870, e Robert de Flers, de 1872. Ha seis vagas na Academia: de Loti, Freycinet, Masson, Rihot, Capus e Jean Alcard. A cadeira deste é a de n. 10, numero igual á de Ruy Barbosa na Academia Brasileira, e acha-se vaga ha mais de dous annos, por não haver ainda nenhum dos candidatos que a disputam obtido a maioria necessaria. Além de Louís Madelin, que perdeu a eleição por um voto anenas, são candidatos Abel Hermant, Maurice du Plessis Flandre-Nohlesse, Paul Vigné d'Octon, Auguste Dorchain e o Duque de La Force.

— Segundo telegramma de Londres, o Sr. Philips Pritch, Presidente da Comissão de Estudos Sul-Americanos, da Camara dos Communs, declarou aos representantes da imprensa que toda a actividade da commissão no decorrer do anno passado foi consagrada ao estudo de questões economicas e, sobretudo, á exposição internacional do Rio de Janeiro. No proximo anno, a commissão tratará da incorporação, no orçamento, de disposições que isentem do duplo imposto de rendimento os particulares ou casas commerciaes estabelecidas na Inglaterra e na America do Sul. Tudo leva a crer que a commissão conseguirá da Camara a votação dessas medidas. O Sr. Philips terminou declarando-se, em nome da commissão, satisfeito com a elevação, ao gráo de cavalleiro, do Sr. Henry Lynch, um dos mais profundos conhecedores dos interesses do Brasil.

# Portugal

## Guerra Junqueiro e a sua obra

*... Nunca discuti, nem jámais discutirei com quem quer que seja o valor literário duma obra minha.*

*Um livro atirado ao publico equivale a um filho atirado á roda. Entrego-o ao destino, abandono-o á sorte. Que seja feliz é o que eu lhe desejo; mas, se o não fór, tambem não verterei uma lágrima.*

*Não faço versos por vaidade literária. Faço-os pela mesma razão por que o pinheiro faz resina, a pereira peras, e a macieira maçãs: é uma simples fatalidade orgânica. Os meus livros imprimo-os para o publico, mas escrevo-os para mim.*

*Comtudo, desde o momento em que eu ponho todas as minhas ideias á venda em todas as livrarias, equiparo-me a qualquer producto que manda os seus productos para o mercado*

*Com uma differença no entanto. O artifice e o industrial, podem eucher de reclames bombásticos, de elogios próprios as esquinas das ruas ou a quarta pagina das gazetas. E' esse o seu interesse. O artista, pelo contrario, perante os applausos ou perante as invectivas, deve manter-se absolutamente digno e silencioso. E' esse o seu dever. Um poeta não é um merceneiro. Emquanto a critica, no uso dum legitimo direito, avalia livremente os meus versos, julgando-os optimos ou mediocres ou detestaveis, eu em vez de ir para os jornaes defender a minha obra, provando que ella é uma maravilha e o seu autor um homem de genio, acho um bocadinho mais sensato e mais util esquecer-me do livro feito para me lembrar unicamente do livro a fazer. Cortada a seara e recolhido o trigo, arroteia-se o campo e semeia-se de novo.*

*Cheio de luz ou cheio de sombra alegre ou triste, que importa o dia de amanhã? E' um cadaver. Deixal-o em paz. Fensemos no dia que ha-de vir, fitando o azul na direcção da aurora. Só os viandantes exaustos é que se sentam de tarde á beira das estradas, medindo em silencio, melancolicamente, o caminho percorrido.*

*Nós, os que temos ainda força, não descansemos um minuto. O dia é breve e a jornada é longa. E os que se quedam contemplativos a olhar para traz, ficaram muitas vezes, como a mulher de Lot, inpedernidos em estatuas.*

*A nossa obra é o nosso monumento.*

*Não o cerquemos de grades de ferro com sentinelas armadas para o proteger, nem desperdicemos a existencia a dorra-lo constantemente de novo a oiro fino, a brunir-lhe as asperezas com o esmeril dulcissimo do amor proprio, e a sacudir-lhe as teias de aranha irreverentes com*

*um espanador olimpico, feito de grandes caudas de pavão.*

*Ao contrario. Levantemos a nossa obra com toda a coragem, ao ar livre, na praça publica, sem muros que a vedem e sem granadeiros que a defendam.*



*Bata-nos os ventos, crestem-nos os sóes, lasqueiem-nos os raios, a ferrugem que a vernine, a lama que a conspurque, os cães que a mordam.*

GUERRA JUNQUEIRO

## O novo Presidente

O Dr. Manoel Teixeira Gomes nasceu em Villa Nova de Portimão a 27 de Maio de 1862. Estudou preparatorios no Seminário de Coimbra, naquelle tempo um dos estabelecimentos de ensino mais notaveis de Portugal, matriculando-se em seguida na Universidade que abandonou depois de perdido o anno. Indo para Lisboa, alli se relacionou com alguns homens illustres nas letras, vivendo na intimidade do grande poeta João de Deus e do critico Filho de Almeida. De Lisboa partiu para o Porto, onde acamaradou com os rapazes em evidencia na bohemia litteraria, pertencendo ao grupo que invariavelmente se reunia em casa de José Sampaio (Bruno), á rua do Bomjardim, grupo de rapazes cheios de talento e de irrequieta e audaciosa mocidade cuja historia, decerto, alguém fará um dia, aproveitando os episodios em que tão fértil foi essa época de que com tanta saudade se recordam os que a ella pertenceram. Com Queiroz Velloso, hoje conselheiro, politico e professor do Curso Superior de Letras, e Joaquim Coimbra, o jovial Raul Didier que, serenando, das tumultuosas paixões que o abraçaram nos tempos felizes em que cantava as maravilhas das Polmyras loiras, se converteu no solícito negociante que hoje é, fundou o jornaizinho de theatros pomposamente denominado "Gil Vicente", que, como todas as publicações analogas, teve vida ephemera.

Collaborou tambem na "Folha Nova", o esplendido jornal que tão especial lugar occupa na historia do jornalismo portuguez, na "Folha de Hoje", no "Primeiro de Janeiro", e em varias revistas litterarias que então se publicavam e que, como as celebres rosas,

viviam apenas o espaço de um dia. Desta bonhemia a que se entregara, cediendo á irreflexão dos annos juvenis, entendeu dever sair quando uma hora de mais recolhido pensar, se convenceu de que a vida tem exigencias imperiosas e que, para se viver nella com de-afoço e nobresa, é preciso adoptar um rumo que conduza a um destino certo. Estas reflexões feitas aos vinte annos, de sobejo demonstram o são criterio do moço litterato. Assim, um bello dia abalou para Portimão, onde a sua chegada encheu de alegria os extremos paes e, decidido a trabalhar, dedicou-se á exploração de uma industria que desenvolveu com a maior habilidade e o mais completo exito aproveitando os mezes de mais descanso em viagens pelo paiz e pelo estrangeiro. Espirito de larga cultura e cada vez mais desejoso de ver e conhecer o que por esse vasto mundo existe, viajou durante o largo espaço de vinte annos, percorrendo a Europa e estudando minuciosamente toda a costa do Mediterraneo. Possuindo a paixão das viagens si não pousou nas arinjas da terra dos Matebeles, entre capulhões de elephantes, como Fradique Mendes, do Eça de Queiroz, frequentou, na ancia de conhecer costumes ineditos, as tribus dos Touareghs, ao lado dos quies galopou sobre camellos ageis com a perlicia e a tranquillidade de quem se reconhece familiarizado com o deserto. Visitou tambem com vagares e attenção de artista as grandes e sombrilas cathedraes, os vastos e solemnes museus, as galerias admiraveis e os palacios sumptuosos onde se reúnem as obras primas dos seculos. Dessas visitas sollicitadas por um alto interesse espirital, adquiriu conhecimentos tão vastos sobre a arte e a sua historia que o infatigavel e atento viajante é hoje, sem contestação alguma um dos mais finos e subtis criticos de arte que possui Portugal. Escolhendo á paz á alegria da sua casa de Portimão, principiou a escrever para dar, com esse trabalho tão grato ás nobres almas, uma grande alegria ao seu claro espirito. São desse periodo de fecunda actividade mental os bellos livros: "Inventario de Junho", "Cartas sem moral nenhuma", "Agosto Azul" e o drama "Sábina Freire" de que a imprensa portugueza se occupou com largueza e que são, de facto, do melhor que tem apparecido recentemente no mercado litterario de Portugal. Ultimamente, envolvido em outras explorações industriaes e agricolas, poz de lado a penna, que muito em breve retomou para concluir outros trabalhos já principados e alguns bastante adelantados. Teixeira Gomes é, realmente, um bello e primorosissimo espirito e um dos homens de letras mais notaveis de Portugal pela sua originalidade, pelo rythmo e pela cõr de seus pensamentos e pela graça dos seus conceitos.

Filho dum homem educado em França, onde assistiu á revolução de 1848, neto dum servidor de Napoleão que fez a campanha da Russia e commandou um esquadrão em Waterloo, e que, no regresso á patria, só encontrou desamor e odio, sendo atirado para o Limoeiro onde appareceu morto, exactamente na vespera da Terceira entrar em Lisboa, com as tropas constitucionaes, Teixeira Gomes é tambem um grande liberal, tolerante, progressivo, com um austero e nobre culto pela justiça. Esta fórma de seu character completa a sua personalidade tão sympathica e tão attrahente. E' um algarvio com todos os caracteres da sua raça, dominadora e forte, embalada pelo mar rumoroso e immenso, esse mar donde outr'ora, em dias mais claros para a alma portugueza, sahiram as caravelhas do Infante na ancia infinita de alargar o mundo. Descendente dos celtas, idealistas e apaixonados, o autor do "Agosto azul" é, como elles, uma alma varonil e um espirito delicado e affectivo a que as viagens e o convívio com civilizações mais apuradas deram um encanto mais superior e uma harmonia mais perfeita.

Com o advento da Republica em Portugal, a 5 de Outubro de 1910, o Dr. Teixeira Gomes, que foi dos que mais cooperaram para a implantação da Republica no seu paiz, foi nomeado Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario na Grã-Bretanha, por decreto de 23 de Março de 1911, tendo sido considerado diplomata de carreira por decreto de 7 de Abril de 1919.

### O programma do novo Presidente

O Sr. Teixeira Gomes, Presidente eleito de Portugal, entrevistado pelo representante da "Associated Press" expoz em linhas gerais seu programma de Governo, começando por dizer textualmente: "Tenho absoluta fé no futuro de Portugal. Irei para o governo certo de que poderei contar com o apoio e a colaboração dos meus concidadãos, pois que o meu programma não é outro senão o de todos os portugueses: trabalhar pelo engrandecimento da patria. Não sou politico, não sou partidario, orgulho-me sómente de ser portuguez de ter sido honrado com a confiança dos meus compatriotas. Sou um admirador sincero da obra realizada pelo illustre Presidente Antonio José de Almeida, obra de amor e de congraçamento de todos os portugueses"

### O Fascismo em Portugal

O "Conselho Supremo no Nacionalismo Lusitano" publicou o seguinte documento:

1.º — Está organizado o movimento fascista em Portugal no chamado Nacionalismo Lusitano. A sua organização é feita dentro das leis não pôde ser desconhecida a ninguém, desde que se espalharam entre todos os elementos de ordem os boletins de inscrição, que se lançaram a publico manifestos contendo afirmações collectivas.

2.º — O Governo conhece essa organização que lhe foi devidamente participada.

3.º — A campanha que se vem levantando entre os elementos radicais, auxiliada pelo Governo, é exactamente devida á força já adquirida pelo Nacionalismo Lusitano. A doutrina do artigo de V é louvável quando aponta aos portuguezes o erro e o crime do Governo em inclinar-se para os elementos da desordem. Mas seria um erro que não aproveitaria a ninguém senão aos elementos da desordem que procuram espalhar o terror antes de tentar o golpe, e afirmar-se que não existe essa organização de resistencia á anarchia social.

4.º — A organização Nacionalista, o fascismo portuguez se quizerem, não é um agrupamento feito em volta de nome nenhum. É uma causa que todos servem. A elle pertence o Sr. João de Castro, como um dos seus mais valiosos e nobres elementos. Não nos sentindo diminuidos pela affirmação da sua chefia devemos dizer que tal não é por amor da verdade. O Nacionalismo Lusitano não tem chefes pessoas. É dirigido por um Conselho Supremo a quem todos devem obediencia.

5.º — Do Nacionalismo Lusitano faz parte o Sr. Coronel João d'Almeida que abandonou toda a luta politica pela causa Nacionalista. Por isso mais odiosa foi a sua prisão, apenas motivada pela sua adhesão á organização Nacionalista, e aos principios que o Conselho Supremo redigiu e fez adoptar.

Assim ficam rectificadas os erros que possam correr sobre o Nacionalismo Lusitano e que malevolamente poderão ser aproveitados para diminuir o movimento de Reorganização Nacional. — Lisboa, 8 de Junho de 1923. — O Conselho Supremo do Nacionalismo Lusitano.

### Litteratura portugueza

A interessante revista *Minerva*, que se edita em Turim, publica no seu numero de 1 de Junho um artigo sobre "Alguns aspectos da litteratura portugueza". A litteratura portugueza, diz o autor anonymo do artigo, é a maior que tem sido produzida por um pequeno Estado, exceptuando-se a Grecia. O autor cita todos os grandes nomes lusitanos, Camões, Sá de Miranda, João de Barros, Lopo de Almeida, Gil Vicente, Guerra Junqueiro, Eça de Queiroz, etc., qualificando-a de "litteratura essencialmente lyrica".

### A obra do grande poeta

Guerra Junqueiro deixa a seguinte obra:

Poesia — *Lira dos quatorze annos*, 1866; *Mistica Nuptial*, 1867; *Voz sem eco*, 1867; *Victoria da França*, 1870; *A morte de D. João*, 1874; *O crime*, 1875; *Tragedia infantil*, 1877; *A fome no Ceará*, 1878; *O melro*, 1879; *A veallice do Padre Ezequiel*, 1885; *A lagrima*, 1888; *A marcha do onio*, 1890; *Fanis Patrias*, 1891; *Os simples*, 1892; *A Patria*, 1896; *Oração ao ção*, 1892; *Oração á Mãe*, 1894; *Poesias dispersas*, 1920.

Prosa — *Via 2 m a roda Parronia*, de colaboração com Guilherme de Azevedo; *Contos para a infancia*, 1882; *A festa de Camões*, 1912; *Miss Cancell*, 1914; *O monstro allemão*, 1919; *Poesias dispersas*, 1922.

## UM INEDITO DE GUERRA JUNQUEIRO

Viver é amar, e amar é padecer. Deus é o infinito amor infinitamente vendendo a infinita dor. Todos os grandes homens, santos, heroes, filosofos ou artistas são expressões sagradas, religiosas. A mais alta é o Santo, porque na suprema bondade está incluída a verdade suprema e a suprema beleza. Mas, quer o sabio, quer o poeta, immortalizam-se como o santo, vivendo na vida instantanea, — da hora e do lugar, com alma de eternidade e de infinito. Não mexendo num grão de areia sem abalar o mundo, não arrancando uma folha de arvore sem que o Universo lhe venha preso.

É dessa familia augusta o vulto nobre de Herculano. Encarnou esplendidamente a sua existencia individual na existencia da patria, a ideia de patria na ideia humana, e esta na ideia cosmica e divina. A mascara robusta e grave do historiador emerge de uma penumbra ascetica, dum fundo de luz e de misterio. As linhas duras idealizam-se, tocadas de sonho transcendente. Descobre-se o monge, o cavador, o soldado, o sabio, o profeta. Sente-se a visão magnifica do homem heroico e religioso.

Osculemos todos a sua memoria, para exaltar o nosso espirito e purificar os nossos labios.

GUERRA JUNQUEIRO.

### Os funeraes de Guerra Junqueiro

A decoração dos Jeronymos para os funeraes do Poeta foi feita pelo pintor Columbano, o grande mestre portuguez, tendo a orchestra do maestro Francisco de Lacerda executado no côro do templo-pantheon o "adagio" da Terceira Symphonia, de Beethoven (*Heroica*), que é a marcha funebre do Heroe. Foi essa a unica voz que se levantou para celebrar a gloria do grande Poeta, que repousa ao lado de Camões, Herculano, Garret e João de Deus.

### ORIGENS DA NACIONALIDADE PORTUGUESA

Numa notavel conferencia, realizada em S. Paulo, o Sr. Ricardo Severo, fallando sobre as origens da nacionalidade portugueza, sustentou, com copiosa documentação alheia e propria, em valiosos trabalhos originaes, a existencia de uma raça lusitana com uma civilização propria e com caracteres essenciaes bem definidos que ainda hoje persistem, apesar de todas as influencias de alguns povos sobre outros, mercê da aproximação e do cruzamento inevitaveis nas actuaes condições do mundo civilizado. Desse facto decorrem varias consequencias que explicam a historia da nacionalidade portugueza á luz de um novo criterio, e justificam o culto das tradições nacionaes, como uma força propulsora de altos ideaes de democracia e de progresso no concerto pacifico das nações. Esse excellento documento de sciencia e de patriotismo, acaba de ser reimpresso e largamente distribuido pelo Governo Portuguez, por iniciativa do Ministro da Instrução Publica.

Commentando a deliberação do Governo de Portugal "O Mundo", de Lisboa, publicou as seguintes linhas, que reproduzimos com a devida venia:

"O Sr. Dr. João Camoesas, Ministro da Instrução Publica, resolveu mandar imprimir e distribuir pelas escolas o opusculo de Ricardo Severo sobre as "Origens da Nacionalidade Portuguesa". Passou quasi desprecebida esta patriotica resolução, pela qual, no entanto, o Dr. João Camoesas demonstra effizamente o seu intuito de criar em Portugal um forte e duradouro sentimento civico. de que tanto carecemos e para cuja eclosão a Republica nada ou muito pouco tem contribuido. E essa falha é a maior e a mais grave da sua obra educativa. Não conseguimos ainda, com effeito, libertar-nos do commodo scepticismo e da indifferença covarde que, desde o meiado do seculo XIX, divorciou os portuguezes da vida e do futuro da sua patria. São por demais conhecidas as razões desta perigosa attitude. Mas as suas consequencias surgem-nos com nitida virulencia na educação e no ensino publicos. Não ha um ideal colectivo a orientar os professores, não ha uma doutrina civica para transmitir aos alumnos.

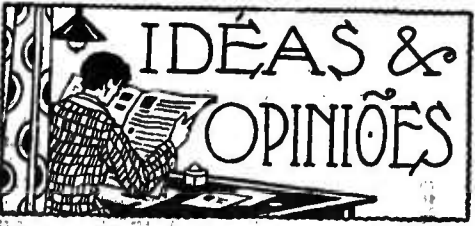
Permanece mas nossas classes dirigentes a noção falsa de que a formação da nacionalidade se deve attribuir apenas á vontade de um rei destemido e audacioso, e runca a um mandato imperativo da raça. Portugal apparece-nos assim como um paiz sem justificação ethnica e geographica, uma patria de acaso, sujeito só ás fluctuações de caracter e ás aventuras politicas dos seus governantes. Por isso, é frequente a opi-

nião, tantas vezes defendida por gente culta, de que a revolução de 1640, separando-nos outra vez da Hespanha, foi um caso historico, a que a nossa grandeza e prosperidade seriam infinitamente maiores se não tivessemos readquirido a independencia e a autonomia da nação livre. E, na verdade, a acreditarmos que Portugal é uma "invenção" de D. Affonso Henriques, torna-se logico suppor que nenhuma causa mais profundas e mais sérias de qualquer modo condiclonam e garantem essa independencia e essa autonomia. A multidão inculta, obscuramente, no seu instincto rude, mas seguro, reagiu sempre contra este criterio, sobretudo nos momentos de perigo. Não podia, nem sabia, porém, como é natural, exteriorisar em orientação firme e constante o seu insensiente protesto. De resto, qual a força a que se apoiaria uma acção orientada da alma collectiva, se, precisamente, a essa alma collectiva se não davam fóros de personalidade importante e indispensavel na historia de Portugal?

Sem ella, no entanto, sem a sua permanente intervenção de que nos teria servido a iniciativa isolada dos nossos grandes homens? Não perdurarla além da existencia de cada um... Não ha, com effeito, genios individuaes que inventem patrias. Nem energia alguma, por maior que seja, leva um povo a expandir-se e a multiplicar-se pelo mundo afóra, durante tres seculos, como nós fizemos, plasmando tantas raias e populações ao nosso impulso criador. Mas esta verdade axiomática foi posta em duvida de tal maneira que os portuguezes se julgavam um proprio, sem características fixas, e, portanto sem ascendencia definida, sem passado tanto, sem um destino seu a realizar. Portugal surgindo por vontade de um homem, isto é, por um artificio — que liame indistinctivel poderia ligar os seus habitantes num ideal commum, num ideal de futuro que torrasse coercivas as aspirações, os interesses moraes e materiaes, e as ambições dos portuguezes? Nenhum, decerto. Dahl esse aspecto somnambulo do povo, que muitos observadores notaram, e que não era senão o resultado da nossa anciedade em procurar de novo a palavra magica, e perdido, capaz de dizer o segredo do nosso antigo poder, as causas da nossa gloria passada, e por consequencia, a finalidade da nossa existencia presente.

Ora, é esta palavra reveladora que Ricardo Severo nos trouxe estudando e explicando as "Origens da Nacionalidade Portuguesa". E, por que? Porque demonstrou que sendo o nosso territorio "uma unidade geographica independente, como o illustre Siva Telles minuciosamente e irrefutavelmente o prova e justifica, tambem, dentro da Peninsula Iberica a gente portugueza conservava-se em uma formula ethnica com feição distincta dos outros nucleos de população peninsular". É sempre o povo lusitano "localizado como no tempo do geographo Strabão" E delle descende, directamente, a "nacionalidade portugueza", proveniente de um anterior composto lbero-ligure que, apesar das suas diminutas proporções, resiste e constitue-se sob os grandes cataclysmos historicos que assolam o paiz, e luta heroicamente pela sua independencia, occupando algumas paginas da historia da humanidade com as suas epopéas de immorredoura e universal gloria".

# REPERTORIO



## "A revelação de uma consciencia nova"

"Assistimos, diz o Sr. William Speth, em *La vie des Lettres et des Arts*, ao que parece, em França como nos demais paizes, a revelação de uma consciencia nova. Preferimos a acção ao pensamento e os escriptores admittem a superioridade do pensamento sobre as paixões; ligam mais importancia ás manifestações de uma do que de outra.

Um sopro vivificante varre os miasmas do materialismo e do racionalismo. Os conductores de homens que fixam a evolução da intelligencia glorificam a victoria da idéa pura que domina enfim as nossas sensações, nossos gostos e nosso espirito instaveis.

A principio, a idéa não era senão um germen num espirito e eis que ella desabrocha, que ella convence mesmo seres que não a comprehendem mais inteltramente, porque ella sabe dissimular as suas fraquezas e as suas loucuras, e occultar a sua severidade sob o manto da paixão. De costume, ella nasce pelo raciocinio e propaga-se pela sensação conquista-nos pelo coração. Ella sóbe, avulta até ao mysticismo onde, finalmente, attinge ao ponto culminante da sua força e ao maximo da sua efficacia.

Nascida da observação imparcial, a idéa, na sua marcha regular, alimenta primeiro a necessidade especulativa dos sabios; ella volta em seguida para a vida donde sahio, onde, como uma semente atirada ao acaso dos ventos, ella germinará, crescerá, e entenderá seus ramos por sobre o mundo.

Assim se verifica o phenomeno o mais estranho e o mais mysterioso; a humanidade não se deixa guiar pela razão, ella obedece raramente a sensações espontaneas e a sua marcha é allumada pelos homens de sensibilidade super-aguda que sabem amar as idéas como nós amamos uma mulher e cujo raciocinio é sustentado por uma convicção que guia e estimula a sua intelligencia sem deturpala.

Sómente estes foram ouv'idos da multidão que se exalta e que ama; são os grandes mysticos cuja fé vivificam as theorias,

cuja razão domirou pela inconsciencia, cujo verbo repercutiu-se pelo mundo porque elle se impunha pela certeza da verdade e a magia do amor.

Se o mysticismo esclareceu algumas intelligencias, elle precipitou muitas outras no absurdo e no nada. Assim, jamais elle conseguirá substituir a razão e é pouco provavel que forças sufficientes nos envolvam para nos dirigir, máo grado nós mesmos, sem o sabermos, para a verdade e a luz. Tambem no impeto da inconsciencia ou da revelação, os espiritos superiores sentem-se quasi sempre levados para uma fé existente e theorias conhecidas. O impeto das idéas deduzidas não será jamais proporcionado á força da evocação mystica, mas sim á altura da intelligencia e ao rigor do raciocinio.

Pelo contrario, o ruido dessas idéas no mundo, as conversões que hão de operar na multidão, a violencia com que se imporão, não só á nossa intelligencia, como tambem ao nosso coração, dependerão dessa illuminação inventivel e espontanea."

O Sr. William Speth tocou num dos aspectos mais curiosos da grande evolução que se prepara no espirito humano. O factor inconsciente, a que elle confere o papel tão importante, parece nos o essencial nessa gigantesca transformação que preoccupa os pensadores e apavora muitos espiritos. De facto, o materialismo e o racionalismo parecem bem mortos. A fallencia da sciencia não é uma palavra vã. Mas a fallencia da intelligencia tambem é cabal. Debalde o mundo de-nortendo procura uma nova disciplina. O inconsciente domina. Rehabilitem-se os instinctos. O espirito humano inhibido, põe-se em marcha, sequioso de intensidade. Nesse transe dramatico podem surgir as trévas ou um novo rythmo de vida. Qual dos dois ao certo? O segundo com certeza. A vida é movimento eterno...

### O momento francês

A proposito da França de hoje, lemos o artigo seguinte, que vale transcrever: — Muito se falou do desenvolvimento do fascismo na França. Parece que esse ter a difficuldade em se acclimatar ali. O fascismo suppõe e implica a dictadura, e a França de hoje permanece fiel ás suas idéas republicanas e ás suas doutrinas democraticas. Admittindo mesmo a possibilidade de um golpe de estado anarchista contra a republica, ha grandes possibilidades que os realistas não adoptem methodos de combate semelhantes aos dos fascistas. Com effeito, a propria divisão e a força respectiva dos partidos da direita e da esquerda parecem assegurar á França um equilibrio politico, ainda firme no presente.

Outros problemas de interesse immediato preocupam o paiz. Em primeiro lugar, o da reconstrução dos territorios devastados. E' preciso não esquecer que, segundo os dados mais recentes, o numero de communas destruidas se eleva a 3.255, o que representa uma superficie de 3.337.000 hectares e uma população de 4.000.045 de almas (1º de Abril de 1922). As despesas que exigem as reparações são consideraveis e o numero de operarios empregados não faz mais do que crescer.

A questão do equilibrio orçamentario deve merecer toda a attenção. O deficit previsto para 1923 ultrapassa de um milhão o de 1922 e vai a 6 bilhões. As despesas militares aggravam sensivelmente as finanças.

A população da França é ainda um factor que se deve levar em conta, se se quiser lutar efficazmente para o seu desenvolvimento. Apesar da volta da Alsacia-Lorena, e do computo dos tres departamentos do Mosella, do alto e do baixo Rheno ha ainda na França, neste momento, 500.000 habitantes a menos do que antes da guerra. E' certo que as perdas de homens durante o conflicto, devem ser tomadas em consideração, mas convem notar que, em 1920 e 1921, annos que se registaram mais casamentos e em que houve um excesso de nascimentos sobre mortes na população de 327.000, essa porcentagem foi abdu inferior á do periodo decenal de 1911-1910. Por outro lado, em 1922 e 1923 de novo se manifestaram os symptomas de despovoação. Durante esse tempo a Alemanha registrou em 1920, um excesso de nascimentos de 623.000 almas ao passo que na Inglaterra se eleva a 491.000.

A infelicidade da França é de permanecer hoje num isolamento quasi completo, onde a relegam, de um lado a politica egocentrica da America e da Inglaterra e, do outro lado, a attitud quasi passiva da Italia, nas questões concernentes á paz da Europa.

### Publicidade e Litteratura

O Sr. Jean de Bennefon, respondendo á enquete de *La Revue Mondiale*, sobre a publicidade e as letras, disse apenas: — "A publicidade matou a critica! Só Deus pôde resuscitar os mortos".

Terá, de facto, o reclame, contra cujo mercantilismo ainda agora se levantam as iras do Sr. Camille Mauclair, o poder de matar uma das mais altas expressões da intelligencia humana? Si assim o fór, poderia a critica esperar a sorte de um novo Lazaro? E's duas perguntas que o leitor bem nos poderia responder e, se se desse ao trabalho, muito nos honraria.

# Januario

ALFAIATE

Rua Rodrigo Silva, 18—1.º andar

# HOMENS e COUSAS ESTRANGEIRAS

## O Presidente dos Estados Unidos

O Sr. Calvin Coolidge, eleito com Harding, substituiu o seu companheiro de chapa, quando não esperava. Passando a primeira plana da politica norte-americana, quando se vai abrir a campanha presidencial, o Sr. Coolidge vai desempenhar agora uma função importante na solução dos problemas partidarios provenientes do desaparecimento prematuro e inesperado do Presidente Harding. Tudo indicava que o grosso do partido acabaria por concordar com a reeleição do Sr. Harding, e toda a difficuldade ficaria para os demócratas. Os republicanos intransigentes ou ultra moderados, deviam ceder diante da conveniencia da unidade do partido. Agora, tudo mudou e a influencia do Sr. Coolidge, que já era grande, tomou outra feição. O novo Presidente dos Estados Unidos é um homem de cinquenta e um annos, e se pôde considerar um novo, apesar de seu largo tirocinio de mais de vinte annos de vida politica. Nascido a 4 de Julho de 1872, o Sr. Calvin Coolidge, estudou em Plymouth, sua terra natal, e depois em 1895 graduou-se em leis pelo Collegio Amherst, abrindo banca de advogado mezes depois em Northampton. O seu feitiço de batalhador causou sempre impressão em Massachusetts e assim, entrando na politica, o joven advogado ganhou fama pelo seu espirito resolutivo, combatendo com igual calor os excessos do argentarismo e do syndicalismo. Assim foi eleito para a Camara de Representantes de seu Estado, onde occupou posição de destaque de 1907 a 1908. Depois foi *mayor* de Northampton, de 1910 a 1911, tendo realizado varias reformas importantes. Ser *mayor*, chefe do poder executivo municipal nos Estados Unidos, é exercer uma acção poderosa e pratica em todos os ramos da administração porque la as attribuições das municipalidades são muito extensas, indo até a policia, etc. Depois, foi membro do Senado Federal, de 1911 a 1915. Era, no começo da guerra, e apesar de seu americanismo, primo do professor cujas doutrinas sobre o monroismo fizeram tanto successo na Europa e no Brasil, o Sr. Calvin Coolidge, Senador, depois Vice-Governador de Massachusetts sobresahio-se logo pela sua attitude diante das perturbações resultantes da liquidação da guerra. Foi dos que mais profligaram os elementos dissolventes, contra os que exaggeravam a crise de trabalho. Eleito Governador em 1919, reeleito em 1925, elle foi um elemento de ordem e de pacificação moral. A parede de policiaes de Boston pareceu á opinião publica, sempre vibrante e entusiastica nos Estados Unidos, como um caso tipico do estado de espirito produzido pela guerra. O sobresalto foi grande, varendo a uma corrente impressionada que o mal poderia alastrar e que convinha contê-lo. O Sr. Coolidge mostrou, no momento opportuno, que, sabendo respeitar a liberdade de cada cidadão, não poderia permittir nenhum abuso dissolvente e desorganizador. E o advogado, o politico de combate soube reprimir com energia a parede de policiaes e outras que se tentaram alastrar. O seu nome deixou de ser de uma celebridade local e ganhou logo a fama em todos os Estados Unidos e foi analysada pelos grandes jornaes da Europa. Era um representante de uma geração moça, mas que releva acima de tudo a ordem. O Sr. Coolidge passou a ser o homem do dia, e assim na Convenção Republicana o seu nome reunio todos os suffragios para o segundo lugar na chapa. É um bello typo de americano moderno, anglo-saxonio sem mescla, homem de leis, politico de rapido prestígio, conhecedor dos negocios administrativos, homem de negócios, que em todas as suas campanhas politicas sempre demonstrou acompanhar as grandes linhas de orientação do Sr. Harding. Pro-americano, é o typo do advogado anterior, facto politico como o Presidente fallecido era do jornalista. Como Harding é, porém, um velho meditante do

seu partido e toda a politica dos Estados Unidos não tem segredos para elle, e a sua o mundo, a America, como os norte-americanos, pôdem confiar na efficiencia da acção do novo presidente, que passa a ser em virtude de ter fallecido o seu companheiro de chapa depois de completar mais da metade do tempo de seu mandato. Em 1919, nos Estados Unidos, repercussão da confusão da guerra, a Federação Geral do Trabalho queria tomar uma attitude revolucionaria e subversiva, e chegou a attrahir funcionarios e até policiaes. A parede dos policiaes de Boston era um resultado desse trabalho demofidior. O Sr. Coolidge disse então, numa phrase que ficou celebre, que admittia todas as liberdades, menos a de ser contra a ordem. A sua figura passou a ser representativa da resistencia conservadora ás reivindicações socialistas e communistas. Dahl a sua popularidade. Orador agradável, conquistou depois legítimos successos como tribuno e é considerado, como dos que fallam com mais bom senso e calma no partido republicano. No momento daí, o Sr. Coolidge representou a ordem, quando pela crise depois da guerra elementos subversivos tentaram abalar a estrutura conservadora da sociedade norte-americana. Por isso, adquiriu rapidamente uma nomeada justa e representativa.

## O Sr. Stanley Baldwin e o seu avô

É sempre interessante conhecer a vida do chefe do gabinete ing'ez, um dos homens que concentram nas mãos maior somma de poder, governando as Ilhas Britannicas e, de certo modo, todo o Imperio. Equivale a dizer, pensando nas decisões da Europa e do mundo inteiro. Pois bem, o homem que reúne agora essa somma consideravel de mando e de responsabilidade é neto de um clérigo, o reverendo George Browne Macdonald, que exerceu seu ministerio em Wolverhampton e que é tambem avô de Rudyard Kipling sendo o primeiro ing'ez primo irmão do primeiro romanista britannico. Esse avô de ambos foi um pamphletario, com a ingenuidade de todos os destruidores e prégadores, dizendo que tudo está viciado e perdido e que só nas suas receitas está a felicidade. Escreveu um livro contra o romance, em 1832, e, em 1841, uma brochura com esse titulo: *Da obrigação para os christãos de se absterem das bebidas alcoholicas*. Dizem que o Sr. Baldwin é partidario da lei secca na Inglaterra, com o que muito honrará a memoria puritana do seu reverendo avô.

## Hugo Stinnes

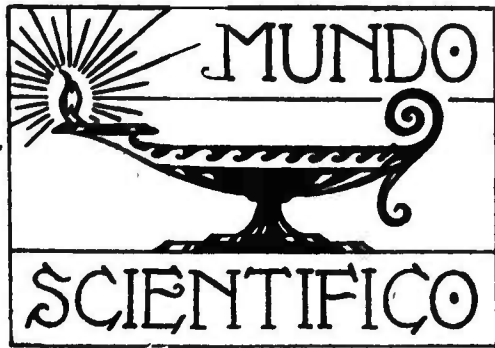
Passou, ha pouco, pela nossa capital, um filho de Hugo Stinnes e logo se disse que esse poderoso industrial volvia as vistas para o Brasil, o que, embora desmentido pelo nosso hospede, não se desfez. Diz-se que Stinnes se interessa pelo carvão nacional e tencionaria adquirir jazidas em Santa Catharina, havendo mesmo quem affirme a existencia de negociações nesse sentido. É, pois, interessante lembrar quem é Stinnes. As variadas empresas á frente das quaes se encontra esse grande cerebro, exercem em toda a Europa central uma actividade assombrosa, nos diferentes ramos da sua especialidade, com uma technica e uniformidade de acção sorprendente. Raros são os intimos de Stinnes que ignoram esse admiravel systema economico que funciona com uma precisão cronometrica. Nos agrupamentos dos "trusts" Stinnes, com uma excellente imprensa á frente, estão comprehendidas companhias de navegação, hotéis, empresas florestaes e agricolas, na Hungria, Russia, China e Mandchuria. É sobretudo nas industrias carboníferas e siderurgicas que a ramificação é mais completa. Na alta Siberia, foram adquiridas pelo "trust" do aço e ferro, as minas Bismarckshutte e Katowise (sociedade mineira) com as importantes fundições da Westphalia e as ultimas aquisições realizadas na Alemanha occidental e federada sob o nome de Rhein Elbe Union, a Siemens-Schuckert e as carvoarias de Brunswick. Stinnes conseguiu dominar a maior parte da industria germanica, methodicamente, desde o Reno á Polonia. Anteriormente á organização da Rhein Elbe Union, as industrias Stinnes dispunham das seguintes e formidaveis riquezas: Produção annual: hulha 21 milhões de toneladas; coque 4 milhões; aços e ferro 5 milhões, isto sem contar as empresas no estrangeiro, taes como a "Alpine Montangesellschaft" na Austria, as fundições Liptak & Co. na Hungria e as industrias balticas da Luger Gruppe. No entanto, estas indicações não dão uma idéa exacta do colossal esqueleto do grande Imperio Stinnes. O seu formidavel poder de aquisição e controle escapa a mais minuciosa estatística. Nessas paisagens apocálicas do Ruhr, centro da maior organiza-

ção industrial do mundo, desde a hulha aos altos fornos, até aos laminadores e ás fabricas de munições, movimentam-se diariamente 35.000 operarios e produzem-se annualmente 85.000 toneladas de ferro só nas gigantescas fabricas Stinnes, cercadas por florestas de chaminés recortadas por contornos de luhãs ferreas e canaes. Esta estranha figura de politico e industrial, o novo imperador allemão que, segundo Reichberg, a sua autoridade dentro da Alemanha é tão excepcional que, de facto, ultrapassa do governo, acaba de adquirir mais dous grandes diarios allemães, elevando assim a 140 o numero de quotidianos da imprensa Stinnes. Agora, ao que se annuncia, Stinnes está desenvolvendo dous novos "trusts" — o do óleo e o dos annunciões. Annuncia-se que projecta adquirir o monopólio do petroleo da Tcheco-Slovaquia, tendo já se apoderado de grande parte das acções da chamada Companhia Industria de Petroleo, como tambem das usinas de óleo mineral "Olea" de Frankfurt e das companhias de óleo de Hamburgo e de Stuttgart. Annuncia-se tambem que Stinnes possui interesses na Argentina e que até agora não procurou dar maiores desenvolvimentos. Ao mesmo tempo informa-se que elle adquiriu direitos de "controle" na "Aiz", grande empreza que exerce a sua influencia numa larga parte do serviço de collocação de annunciões nos jornaes de toda a Alemanha.

## Os Presidentes e Vice-Presidentes dos Estados Unidos

Num artigo de *Bassanio*, colhemos as seguintes notas interessantissimas, feitas a proposito da successão de Harding pelo Sr. Coolidge:

Dos vinte e nove Presidentes dos Estados Unidos, Washington, re-eleito, Adams, Jefferson, re-eleito, Madison, re-eleito, Monroe, re-eleito, J. G. Adams, Jackson, re-eleito, Von Buren, Polk, Perce, Buchanan, Grant, re-eleito, Hayes, Cleveland, Cleveland outra vez, Roosevelt, eleito depois de ser vice-presidente em exercicio. Taft e Wilson re-eleto preencheram o tempo de seu mandato presidencial. Harrison, que tomou posse a 1841, foi presidente só um mez, morrendo aos 68 annos, de complicações hepáticas. Taylor, inaugurado em 1849, governou um anno e 4 mezes, fallecendo com 65 annos de febre biliosa. Lincoln foi assassinado com um mez e 11 dias de segundo periodo presidencial; Garfield com dous annos e tantos, McKinley, com 6 mezes e 10 dias. Assim dos seus presidentes que morreram no posto, tres foram assassinados. O Sr. Coolidge é o sexto Vice-Presidente feito presidente. O primeiro foi Tyler, democrata, que succedeu a Harrison em 1841, governando 3 annos e 11 mezes. O segundo Fillmore, que substituiu em 1850 a Taylor, presidindo a republica dous annos e sete mezes. O terceiro Johnson, successor de Lincoln, republicano, governando 3 annos e 10 mezes. O quarto Asthor, que continuou o tempo que faltava a Garfield, tendo uma presidencia de 3 annos e 5 mezes. O quinto Roosevelt, que succedeu a Mac Kinley governando dous annos e 5 mezes. Depois eleito Presidente para o quadriennio seguinte. O Sr. Calvin Coolidge é o sexto, portanto. O novo Presidente chega ao Governo supremo com 51 annos. Washington quando tomou posse, tinha 57, Adams 61, Jefferson 57, Madison 57, Monroe 58 T. S., Adams 57, Jackson 61, Van Buren, 59, Harrison 68, Tyler 59, Polk 49, Taylor 64, Fillmore 50, Rince 48, Buchanan 65, Jackson 56 Grant 46, Hayes 54, Garfield 49, Arthur 50, Cleveland a primeira vez 47 e a segunda 56; Harrison 55, Mac-Kinley 54, Roosevelt 42, Taft 51, Wilson 56 e Harding 55. O Sr. Coolidge foi e é um advogado e homem de leis, como Adams, Jefferson, Madison, Monroe, o segundo Adan, Jackson, Von Buren, Taylor, Fillmore, Pierce, Buchanan, Lincoln, Garfield, Arthur, Cleveland, Harrison, Mac-Kinley, Taft, Adams começára, porém como professor primario, Fillmore e Johnson como alfaiates, Lincoln com lenhador, Garfield, Arthur, Cleveland, como professores; Washington era proprietario agricola; Roosevelt publicista, Wilson professor, publicista, historista e constitucionalista; Harding, jornalista e director de jornal, Harrison tinha sido militar e era proprietario agricola quando foi eleito e Gant militar. O Sr. Coolidge é o 21º homem de leis, jurista, advogado ou juiz, que sóbe á Presidencia dos Estados Unidos. Assim só oito não foram o que nós chamamos bachareis, tres agricultores, um General, um alfaiate e tres jornalistas e publicistas. Contamos 29 Presidentes antes do Sr. Coolidge dando duas vezes o nome do Sr. Cleveland como Presidente, porque exerceu dous mandatos com o intervalo de um periodo presidencial.



**O mysterio do homem equatorial**

O Dr. Muraz, medico francez, é um homem paradoxal. Durante quinze annos elle correu os sertões africanos, armado da sua seringa hypodermica e de uma Kodak, para tratar as victimas da molestia do somno e fixar na pellicula os mais estranhos espectaculos que os olhos do homem possam vêr. O paciente Dr. Muraz voltou a Pariz para publicar um livro em que resume os problemas mais importantes da Africa Central. Livro sobre o qual o Sr. Pierre Mille chama toda a nossa attenção. Segundo a opinião do Dr. Marcelin Boule, professor de anthropologia prehistorica no Museu de Pariz, é no centro africano que se encontrará, com toda certeza, exemplares vivos da humanidade prehistorica. O Dr. Muraz accrescenta que encontrou na grande selva equatorial, primitivos cujo aspecto simiesco era extraordinario. E' interessante tambem notar as semelhanças existentes entre os primitivos da Africa e os da Oceania e da America, porque se a evolução pôde explicar que no Congo como na Polynesia os homens fabriquem tecidos com cascas de arvores batidas e usem as mesmas tangas com cascas de folhagens, como interpretar a similitude de costumes entre mulheres saras-jingés e as Aymorés do Brasil, que usam a mesma taboa enfiada no beico? E' duvidoso que se encontre jámais o individuo traço-de-união entre o macaco e o homem actual, pensa o Sr. Pierre Mille. Talvez tenha existido a especie intermediaria (mas será talvez num continente desaparecido, como aquelle que unia a Africa ao Brasil, e que se afundou ha milhões de annos, antes que fosse submersa a Atlantida quaternaria. O que faz que não só ignoramos hoje, como sempre ignoraremos essas origens. E todavia se o descobrissemos um dia, mais evoluído do que o gorilha, menos evoluído do que o homem, verdadeiramente homem mas tão perto do gorilha quanto o Dr. Muraz nol-o mostra, num canto da floresta equatorial?...

**Confirmando a theoria da relatividade**

No *Journal of the Royal Astronomical Society of Canada* (numero de Maio ultimo) vem publicado um artigo do professor R. K. Young, do Observatorio de Victoria (Canada), em que expõe pormenorizadamente o methodo de medição empregado para o estudo das chapas photographicas tomadas na Australia, quando da recente expedição canadense, durante o eclipse do sol, em 20 de

Setembro ultimo. Foram duas as photographias tiradas, em cada uma das quaes se veem a coroa solar e cerca de 25 estrelas, das quaes, porém, apenas 19 poderam ser medidas. As photographias de contrólo foram conseguidas na ilha de Tahiti, em condições astronomicas e meteorologicas semelhantes ás tiradas na Australia, durante o eclipse. Depois de preparadas as chapas e verificados os erros e desvios, foi feita a medição, no Observatorio de Victoria, incumbindo-se desse trabalho os professores Young e Harper. As medidas foram repetidas 7 vezes por cada observador, sendo depois corrigidas, devido aos desvios da refração, da aberração e da superposição das chapas. Os valores assim obtidos foram introduzidos em 38 equações com 7 incognitas, que foram resolvidas pelo methodo do minimo quadrado. O resultado é que a deflexão, assim medida, está accorde com os calculos de Einstein, oscillando entre um segundo e quatro decimos e dous segundos e um decimo; o valor medio de um segundo e sete decimos é igual ao predio pela theoria da relatividade, assim confirmada, mais uma vez.

**Um inquerito sobre Einstein**

A revista "Scientia" iniciou um inquerito internacional, a propósito da theoria de Einstein, com o duplo intuito: primeiro, de tornal-a accessivel a todos os homens de cultura geral, mas sem uma cultura mathematica intensiva; segundo, submeter a theoria a uma critica objectiva, para lhe apreciar o valor, importancia e logar no conjunto do progresso scientifico. A primeira resposta foi dada pelo professor Bouasse, de Toulouse, que o fez com o melhor "humour", por ser daquelles que não se impressionaram com a doutrina do insigne sabio, julgando-a mesmo uma simples diversão para dias de chuva... Principia dizendo que nem Fresnel, fundando a optica moderna, nem Faraday, achando as bases da telegraphia sem fio, nem J. J. Thompson propondo a theoria dos electrons, que renovaria o estudo da conductibilidade dos gazes, nenhum delles mereceu essa gloria tão retumbante, essa fama tão difundida, essa curiosidade, que Einstein despertou. "Os jornaes estão cheios de seus retratos, escreveu; as mulheres formosas formam circulo para velo; annuncia "tournées" como uma atriz e a gente briga em seu favor ou contra elle. Está claro que ha aqui, como se diz em Toulouse, alguma coisa de mais ou de menos.

A razão dessa gloria, que reputo ephemera, continúa, está no facto da theoria de Einstein não entrar no quadro das theorias physicas: é uma hypothese metaphysica, que, por ser incompreensivel, é perfectamente digna do grande exito." Depois defende a hypothese do ether, que embora extranha á realidade, explica milhares de phenomenos. Todo o tumulto levantado pela theoria de Einstein gira em torno de uma experiencia negativa de Michelson e Morley, isto é, de um phenomeno de optica. Pois bem: já se publicaram bibliothecas inteiras de comentarios, já se desbaratou toda a optica, quer-se abandonar o ether, no entretanto ainda não se pensou em fazer um trabalho de optica, baseado nos principios maravilhosos da relatividade. Se a pedra de toque da theoria é uma applicação, temos que convir que os relativistas são homens sem apuro. Além do mais, observa

que os partidarios de Einstein, com a sua leia a alguns raciocínios quanto repellent outros, o que o leva a perguntar se os dados intuitivos são um só bloco, ou se pôdem ser separados, e, nesse caso, adoptada uma parte sem detrimento de outra. Depois, a respeito sobre a explicação do sucesso da theoria entre os mathematicos, disse a uma nova geometria não euclidiana. Os mathematicos se voiem satisfeitos por terem que delimitar uma hypothese qualquer que seja. Aceitemos essas premissas, nos dizem elles, contradictoria ou não com a evidencia vejamos por diversão, o que sahe dahi de accordo com as regras da logica tradicional. A theoria de Einstein é um inutil passatempo... Tal é a opinião do Professor Bouasse, que entra em desacordo com as tendencias modernas, pendendo todas á relatividade, em que vêm, mais do que uma diversão para noites de chuva, uma larga perspectiva de sabedoria, que se abre aos nossos olhos assombrados.

**Premio Orlando Rangel**

O pharmaceutico Orlando Rangel, sem deixar um dos mestres da therapeutica brasileira, acaba de instituir na Academia Nacional de Medicina, um premio, que não terá o seu nome, ao menos enquanto S. S. viver, para incentivar os estudos de therapeutica no Brasil. Esse premio, que será distribuido pela primeira vez em 1929, por occasião do centenário dessa doutissima instituição, com a denominação "Premio Soares Meirelles", conta dos juros accumulados, durante 4 annos, de 50 apolices de conto de réis que o Sr. Orlando Rangel entregou ao Presidente da Academia, para o fundo do dito premio. Poderão concorrer medicos e pharmaceuticos, ainda que não sejam membros da Academia, inclusive estrangeiros desde que residam há mais de 4 annos no Brasil. Os trabalhos serão entregues a 29 de Fevereiro (annos bissextos) data do anniversario do seu instituidor, devendo a sua entrega ser feita na sessão anniversaria da Academia. Julgará os trabalhos uma commissão presidida pelo Presidente da Academia e composta pelos diversos presidentes das varias secções da mesma.

**Visão extra-retiniana**

O escriptor Jules Romains, que é um dos nomes mais em voga nas modernas letras francezas, annunciou ha cerca de 3 annos a sua descoberta maravilhosa: pôde-se ver sem os olhos, pela pelle. Os sabios pouco se interessaram com a descoberta, que chegaram a affirmar pouco ser, mas ultimamente numerosos trabalhos têm culpeido do assumpto e dizem que as experiencias feitas são as mais favoraveis, para confirmar a doutrina ocellar. No ultimo numero do "Monde Nouveau", o Sr. René Maublanc descreve uma experiencia feita com exito por Jules Romains, para affirmar que essa nova descoberta, cujo realce por se mesma, renova os valores sociaes, pela educação dos cegos; os biologicos, pela modificação dos problemas paropticos e os philosophicos, pelas suggestões e alterações nas theorias psychologicas do conhecimento, da percepção, do espaço, dos regimens de consciencia, dos estados hypnoticos, do parallelismo psycho-physico e outros mais. Ainda não se pôde affirmar até que ponto essas experiencias são positivas, pois, embora os seus autores afastem



**A VICTOR VICTROLA**

REPRESANTA UM THEATRO

Adquirindo um destes instrumentos fechará um contrato permanente com os mais afamados artistas do mundo. Peça uma demonstração pratica.

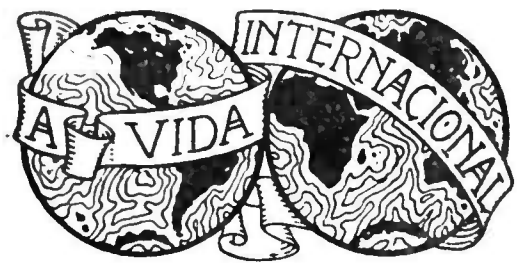
UNICOS REPRESENTANTES PARA O BRASIL

**PAUL J. CHRISTOPH & C<sup>IA</sup>**

98. RUA DO OUVIDOR, 98.

RIO DE JANEIRO

sempre a hypothese de uma transmissão da vida a partir da acção hypnotica é preciso para as despesas sendo depois de prova absoluta e radicaes. Quem ousará duvidar da possibilidade de uma visão extra-retiniana? Mas, o que não se póde é aceitar essa hypothese, cuja apparencia repugna ao senso commum, sem que esteja romprada de um modo completo e irrefutavel.



### Anatole Franco prophotiza uma nova guerra

O grande Anatole Franco, cujas idéas libertarias succederam, na velhice, ao suave epicurismo de sua vida, fallando na inauguração da estatua de Jaurés, em Carmaux, verberou a burguezia e previo o mais tragico futuro para os homens, terminando a sua inflamada oração com esse calor, que Jérôme Coignard acharia talvez imprudente:

"Estamos em vespervas de uma guerra igual á de 1914. Aliás, todos os grupos que governam a França confessam e declaram isso.

Entretanto, ainda ha pouco, quando já iam além do razoavel, os horrores da guerra, nos diziam: "serão os ultimos"

Hoje, elles nos dizem: "preparemo-nos para a guerra: haverá guerra dentro de vinte annos, de dez annos, talvez até antes; é possível que ella estale se abandonarmos o Ruhr, região que fornece munições aos allemães".

Não sei, mas não me atrevo a dizer que isso seja impossivel.

Mas, quem tem a culpa? Não foi a nossa politica quem fez tudo para provocar e para apressar essa nova guerra que se annuncia?

Não flizemos a paz. E eu já disse — a burguezia franceza não póde, não quer, não sabe fazer a paz.

A guerra não cessou. Bem vedes que estamos em guerra desde o proprio dia do armistício. E que acto mais característico de hostilidade poderíamos imaginar que esse da occupação do Ruhr?

Com engenho e subtileza, arguir-me-hão que era um acto indispensavel para cobrar o que nos deviam. E não acreditaes que uma acção firme e pacifica teria resultado melhor e que, por outro lado, o rentamento de negocios com uma nação vizinha, importante em população, na industria e no commercio, nos teria enriquecido mais que uma reclamação a mão armada e que até agora nos tem custado tanto?

Que povo é o nosso? Em que sonho cobarde nos sumimos? Perdemos até o instincto de nossa conservação, para entregar a gestão de nossos negocios a uma Camara de Deputados que nos conduz á ruína, não já pelos prestígios de seus brilhantes erros e pelas loucuras do genio, senão, também, pelas sugestões da ignorancia e da estupidez. E a deixaremos por mais tempo decidindo dos nossos destinos?

Cidadãos, despertemos á voz de Jaurés! Cinco annos antes da guerra, esse grande homem disse: "Tenho fé na possibilidade de um congresso europeu de paz e, mais, tenho fé na possibilidade de uma aproximação entre a Alemanha, a Inglaterra e a França."

Jaurés — não te quero contemplar hoje, em bronze ou em marmore, numa solemne immortalidade. Estarias demasiado longe de nós e eu te quero ver vivo, tal como te conhecemos!

Nesta hora critica, ameaçados dos mais temíveis perigos, precisamos das lições da tua prudencia e te imploramos, mestre e amigo, a tí que foste o melhor dos homens, que nos guies e nos consoles.

Fallando em Lyon, a 27 de Julho de 1914, nas vespervas da guerra, Jaurés disse: "Jamais nos encontramos em situação mais ameaçadora e mais tragica do que a actual."

Ouvi d'elles, ouvi o homem que vieses honrar e cuja previsão nunca falhou.

Nunca estivemos em uma situação mais ameaçadora e mais tragica do que a que nos

crearam a imprudencia e o erro dos nossos "camões" de hoje "

### Lei de imprensa na Italia

O Conselho de Ministros da Italia approvou uma nova lei de imprensa. Agora, que se discute, entre nós, o assumpto, é interessante referir as bases da lei italiana. Entre as medidas tomadas, estabelece-se que as funções de editor responsavel devem ser exercidas pelo director ou por um dos principaes redactores. Os senadores e os deputados não podem ser gerentes de jornaes. O prefeito, depois de ter ouvido uma commissão especial, na qual se encontra um representante da imprensa, tem o direito de acabar com a publicação de noticias falsas ou tendenciosas e de aquellas que possam entrar a acção diplomatica do governo, combater o credito nacional, lançar o alarme entre a população ou perturbar a ordem publica. Podem ser tomadas medidas violentas contra os editores dos jornaes que por meio de artigos ou desenhos levem ao odio de classes, ao desprezo das leis, etc. Isto sem prejuizo da acção eventual dos tribunaes. Se o editor de um jornal soffreu duas condemnações no espaço de dois annos, o prefeito pode deixar de o reconhecer. Esta lei de imprensa, que contém disposições absolutamente d'atualidade, está sendo objecto de acerbos commentarios, tanto dentro como fóra da Italia.

### A agonia do bolschevismo

Sob esse titulo acaba de apparecer um livro do Sr. Italo Zingarelli, editado por Fratelli Treves, de Milão, que é um depoimento da situação da Russia, fascinada ou dominada pela loucura bolschevista. O escultor italiano visitou a terra, onde Lenine impera, para ver *in loco* a acção dos *soviets* e trouxe de lá o mais vehemente libello, na simples narração do que vio de miseria, de torpeza, de destruição e morte. Por toda parte, a fome, a fome terrivel, chegando ao cannibalismo, pois os casos de antropophagia não são raros e "medicos compilaram depoimentos de maridos que mataram as mulheres, para comer, de pais que se sustentaram com a carne dos filhos". A esse proposito, conta-se o seguinte episodio, de uma buffoneria tragica; dous palhaços de um circo de cavalinhos, *Bim* e *Bom*, diziam cynicamente — *Na republica dos soviets progredimos tanto, que uma criança de peio sustenta os seus pais durante uma semana.* Não é preciso juntar mais. Essa constatação macabra e horripilante é um symbolo de soffrimento e miseria, que edifica o mundo. Onde o remedio? Como conjurar a crise tremenda? Não se luta contra o vendaval, espera-se que passe a insania do vento.

### A Estrada de Ferro do Bagdad

A recente aquisição, por financeiros britannicos, da parte anatoliana da estrada de ferro de Bagdad e seus ramaes de Angora e Konia, representa um dos maiores acontecimentos commerciaes destes ultimos annos. O syndicato encabeçado pelo Barão Rothschild, Barão Schroder, Baring & C., e Lloyds bank, que adquirio os titulos da Banque des Chémains de Fér Orientaux, vai fazer immediatamente um adiantamento de 25 milhões de dollars para o inicio das obras de reconstrucção das linhas. Pelo accordo feito com o banco, os capitalistas britannicos deverão levantar o capital para a reconstrucção não sómente para a construcção de grande parte das 900 milhas da estrada de ferro da Anatolia, destruida durante a retirada grega, mas também para construir mais de 1.200 milhas de novas linhas, conforme ex'igia o contrato original transferido, notadamente a linha Berlím-Bagdad. O total em dinheiro necessario a essas obras será, portanto muito superior aos 25 milhões de dollars acima referidos. Nos circulos britannicos considera-se essa aquisição feita pelos capitalistas britannicos muito mais importante do que as famosas concessões cuja ratificação era pretendida pelo grupo de industriaes norte-americanos chefiado pelo Almirante reformado Colby M. Chester.

### A futura guerra Tcheco-Poloneza

Ao que parece a grande guerra europeá, longe de ter acabado com a guerra, como esperava o Sr. Barbusse quando escrevia a sua famosa phrase: "guerre á la guerre", vai pelo contrario motivar innumerous outros conflitos entre nações. O céu da Europa Central e Oriental é o que apparece o mais

carregado de nuvens ameaçadoras. Eis agora que um artigo notavelmente documentado, publicado pelo jornal "L'Éclair (Poznań)", nos annuncia uma proxima guerra entre a Tcheco-Slovaquia e a Polonia. A incorporação da Galicia oriental á Polonia constitue um serio obstaculo para a politica tcheca cuja base fundamental é o desejo ardente de possuir essa provincia. O intuito secreto dos Tcheco-Slovacos, segundo dizem os Polonezes, vai mais longe. Seria de dividir entre a Alemanha e a Russia os territorios Polonezes que se estendem até os rios Klirka e Nurva, guardando para si Cracovia, Wlislek e Rochina, recompensando ainda a Russia com o abandono dos territorios Ruthenos arruados á Hungria. Seria o meio de realizar o seu desejo de crear uma fronteira commum entre a Tcheco-Slovaquia e a Russia, dos dous lados dos Carpathos. O autor do artigo, depois de assignalar a imminencia da conclusão de um tratado Germano-Tcheco, chama a attenção da França e da Italia sobre os perigos de uma guerra entre a Polonia e a Tcheco-Slovaquia que viria romper o equilibrio na Europa Central, abrindo as portas do niundo civilizado á influencia bolchevista. Falta-nos para firmar o nosso juizo a opinião dos Tcheco-Slovacos.

### As difficuldades da Hespanha

O que falta a Hespanha e o que ella poderia inventar é uma grande politica externa que a libertasse das suas mesquinhas dissensões internas, indignas do seu grande engenho. Entre os embaraços de toda especie, a rotação liberal e conservadora continua a sua pequena manobra, enquanto a Europa toda se renova. Alguns espiritos querem limitar a Europa, mas o communismo, apesar de toda a agitação creada na Caltacena, não consegue ganhar o povo. O fascismo não lograria melhor exito, porque se este ideal nacionalista seduz muitos hespanhóes e conseguiu implantar-se no Mexico, cujo exemplo é muito admirado na Hespanha, falta aos hespanhóes um sentimento unanime de reacção. A Hespanha vive sonhando, enquanto as suas possibilidades são grandes, bem inimigas exteriores, sem duvida exaggerada (150 pesetas por habitantes quando a Italia tem 415, a Belgica 484, a Inglaterra 561, França 593), a Hespanha tem deante de si uma tarefa positiva de exploração e de renovação, que deveria reter melhor a attenção dos seus politicos e dos seus pensadores.

### O calendario Juliano

Noticiam de Constantinopla que o Congresso Pan-Orthodoxo, allí recentemente reunido, resolveu abolir o calendario Juliano e adoptar o calendario gregoriano, a partir do proximo 1 de Outubro. Essa noticia, diz Ch. Nordmann, que nela refere, val emocionalmente os observatorios, chancellarias do Infinito; os astrónomos têm também elles sua "questão do Oriente", a qual reside precisamente na "unificação dos calendarios". Os actuaes calendarios apresentam muitos inconvenientes. O mais grave delles é justamente o serem varios: na Europa, estão em uso nada menos que 3 differentes. De forma que, por exemplo, o dia que para nós e para o europeu do sul e do occidente, se denominou 15 de Julho de 1923, para os orthodoxos avos foi o 2 de Junho do mesmo 1923, e para os musulmanos 1 dzel-i-kalch de 1341. Ha alguns annos, quasi metade da Europa empregava ainda o calendario Juliano com seu atrazo de 13 dias sobre o nosso. Ha pouco, o Governo Bolchevista o substituiu por este, o que prova que ás vezes os soviets têm juizo. Algumas nações balticas, porém, insistiam em manter-se fieis ao outro, e apesar de que a Bulgaria, em 1915, logo após a visita que Guilherme II da Alemanha então fez a Sofia, adoptou também o calendario gregoriano. Fizeram-n'o, aliás, por uma razão pittoresca: para provar que... os bulgaros não são slavos, tanto que movendo a guerra contra os slavos russos, de logo repudiaram o calendario juliano que esses slavos russos observavam. Como fez em 1915 a Bulgaria, e fez depois a Russia bolchevista, vão agora fazer todos os outros paizes orthodoxos, o que demonstra que o amor proprio religioso naquellas regiões acaba, por ceder ao bom senso. Vale, porém, aqui um pequeno mas importante registro: a China e o Japão, que não são orthodoxos, nem sequer longinquamente christãos, já adoptaram, ha muito tempo, o calendario gregoriano.





A temporada theatral de 1923

Felizmente, aplainadas as dificuldades, foi possível á Empresa Walter Mocchi nos dar este anno a temporada do Municipal, não só com uma magnifica Companhia, Dramatica Francesa, de que já tivemos ensejo de fallar, bem como a estação lyrica symphonica, iniciada com os maravilhosos concertos da "Wiener Philharmoniker", dirigida pela batuta do eminente "kappellmeister" Ricardo Strauss. Ao entrar em circulação o numero desta revista, estará occupando o nosso Theatro Municipal a grande Companhia Lyrica, em cujo elenco artistico se incluem nomes do maior relevo na scena moderna e cuja vinda a esta Capital, na crise presente de cantores, representa um esforço inaudito, que não podemos deixar de registrar. Por outro lado, o repertorio é admiravel, com peças novas para a nossa platéa, como "Debora e Jaele", de Hildebrando Pizzeti; "Sakuntala", de Franco Alfano; "Electra", de Strauss; "Vida Breve", de Manuel Falla e "Compagnacci", de Primo Ricottelli; com duas peças brasileiras: "Saldunes", a grande opera de Migucz, e "Júpiter", do maestro Franceseo Braga; com as operas de Wagner: "Tristão e Isolda", "Lohengrin", "Walkyria"; "Boris Godounof", essa obra impercível de Moussogsky; "Damação de Fausto", de Berlioz; "Salomé", de Strauss, afóra as peças mais communs do repertorio italiano e francez, que tantas predileções tem no nosso publico. Agora, uma ligeira referencia ao elenco. O primeiro lugar cabe ao illustre maestro Cav. Giu Marinuzzi, que é um regente do melhor quilate, com qualidades admiraves e um alto poder artistico, tornando a sua interpretação de um fulgor desusado. Citaremos depois os nomes, que já dispensam louvores, tão applaudidos têm sido de nossa platéa, das senhoras Claudia Muñoz, Ninon Valin, Toti Dalmonte, Carlota Dahmen, Flora Perini, Elsa Bland, Elena Hirn e das artistas brasileiras, senhoras Lydia Salgado e Antonietta de Souza. Dentre os cantores citaremos Carlos Galeffi, Armand Crabbe, Aureliano Pertile, Walter Kirchoff, Miguel Fleta, Marcel Journet, Giulio Cirino, José Segura Tallien, John Sullivan, e Asdrubal Lima, este ultimo nosso patrio, do grupo de artistas brasileiros. Essa simples indicação, basta para mostrar ao leitor a garantia de exito da Companhia que hospedamos neste momento.

Mais uma vez vingaram os esforços do Sr Walter Mocchi, que, conforme já tivemos ensejo de assgnalar, tem procurado, através innumeradas dificuldades, dar ao publico carioca temporadas dignas de sua cultura e bom gosto, merecendo portanto que os poderes locais, se interessarem com elle, conjuntamente, pelo exito da sua iniciativa, tornando o contrato, não um instrumento rijo a impedir as estações, mais perfeitamente maleavel, para attender ás contingencias variaveis anno a anno. Aliás, tudo indica que as modificações pleiteadas pela empresa, e de que já tratamos longamente, serão attendidas, como de justiça.

O actual concessionario do Theatro Municipal, como se sabe, não é um improvisador, como insinuam malevolamente certos individuos de má-fé e ignorancia respeitavel, mas, não só já occupou cargos politicos em

seu palaz e exercio o jornalismo, como director de jornal, como tambem e hoje um dos "leaders" dos emprezarios de todo o mundo, por enfiar varias concessões, numa poliberosa organização, que bem de perto conhecemos pela amostra do nosso Municipal. Não predomina a ganancia (e se fosse assim já não o teriamos no Municipal) mas o desejo de contribuir para o cultivo do povo, variando os repertorios e pondo em scena operas de monozem difficilissima, como as de Wagner, e muito especialmente a Tetralogia do Nibelungen trazendo quadros espedaes, com artistas insguens, enfim tornando o nosso theatro um centro de arte e de belleza. Convenhamos em que trazer uma companhia em época de crise cambial, em que o mil rês da a dia se desvaloriza, é um empreendimento audaz e só o interesse e amoloso intento de cumprir o contrato podem justificar. Foi o Sr. Walter Mocchi, cuja operosidade é digna do maior relevo. Aliás basta lembrar o papel que teve, no Congresso Nacional do Theatro Lyrico Italiano, reunido em Roma em Março deste anno, para mostrar o seu prestigio indiscutivel. Nesse certame, a que o chefe do Governo italiano, Sr. Benito Mussolini deu a maxima attenção, representantes do-se pelo Ministro das Belas Artes, o Sr. Walter Mocchi foi o "leader", conseguindo ver approvadas as suas conclusões, firmadas num conhecimento profundo das coisas do theatro, na v.são esclarecida da situação moderna dramática e lyrica, na sua brilhante intelligencia. Se referimos esses factos é apenas com o intuito de fazer justiça e esclarecer os leitores sobre o esforço que representam as nossas temporadas do Municipal. São momentos de infinito gozo artistico e de optimo cultivo espirital e temos o dever de velar por ellas.



Vincenzio Gaudio, o architecto illuminado

Barcelona é talvez a unica cidade que possui um architecto illuminado. Imaginae um sonhador fanatico para quem as formas tradicionaes são perimidas e que combina novas formas, pretendendo copiar a natureza na pedra. Tal inventor de palacios bizarros parece escapado de um livro de Villiers de l'Isle Adam. Qualquer cidade do mundo o teria affastado; Barcelona protegeu-o e encarregou-o de realzar os seus sonhos.

Vincenzio Gaudio hoje está velho, mas, durante annos e annos edificou como possuido de uma furia sagrada. Se trechos inteiros dessa cidade apparecem inconsistentes, se o estrangeiro recua espavorido deante das columnas obliquas, das chaminés serpentinadas, das casas de proporções e invertidas que parecem animaes ou plantas fantasticas, é a Gaudio que se deve essa impressão extraordinaria. Ninguem detestou mais a linha recta e o gosto. O edificio gigantesco do Pasado de Gracia é um bloco pavoroso, furado de orificios irregulares, chapado de ferro, propositalmente inhabitavel e absurdo. O Parque Guell é a realização de um pesadelo. Mas é a Saorada Familia que manifesta melhor esse genio louco.

Essa cathedra inspirada pelo desejo sombranheiro de ser a unica no seu genero, é enorme. Tres vezes mais alta do que São Paulo de Venezia e a ultrabassa S. Pedro de Roma, doze torres nas quaes retumbam placas de bronze representam os Apostolos, quatro os Evangelistas e uma, de 170 metros, o Christo. Centenas de personagens e de

monstros animam as suas fachadas onduladas, pintadas em certos lugares com cores violentas, de onde pendem esculturas e que encenam pesadas navens de pedra. Presididos pelos electricos acendem toda a noite, de baixo para cima do edificio, e as de ouro e de prata de inscrições sagradas.

Todavia, essa cathedra mystica e curiosa, começada em 1882, e que custará centenas de milhões, ainda não existe. Só se vê por enquanto uma unica fachada, de pé como uma decoração de theatro em um vasto terreno baldio. Aberto sobre o espaço, esse muro desmedido parece um grande grito solitario. Gaudio não verá o fim da sua obra. Sombrio, rude, ascetico, obstinado, cego e surdo para tudo o que não toca no seu orgulho, elle se cansa para erigir, num côo demarcado alto para os architectos a sua basilica impossivel, novo Solness possuindo do desejo do infinito.

Paul Landowski

A medalha de honra do Salon de Paris deste anno, coube ao escultor Paul Landowski, com o grupo "Fantômes", cuja descripção fez Camille Mauclair, escrevendo para "La Nación", de Buenos Aires, nestes termos: "Em escultura não citarei senão uma obra que domina todas as outras. O autor é Paulo Landowski e se intitula "Les Fantômes". São oito figuras de soldados que surgem do tumulto commum para formarem uma unica muralha contra o invasor do solo patrio. Estes homens, apesar dos detalhes, das vestimentas e armas, são seres de todos os tempos. Suas expressões, suas attitudes, são de grande força pathetica e, no conjunto, lembram os calvarios bretões da Idade Média. Observa-se essa criação com uma elevada admiração e piedade. Esse monumento será erigido sobre uma das collinas da Champagne, de onde se desencadeou, em Julho de 1918, o ultimo ataque allemão, perto de Reims. E estas oito figuras de irmãos e martyres se destacão solitarias do céu, enquanto que os seus corpos de bronze parecerão surgir da terra vivendo na mesma coloração. Faz muito tempo que Paris não admirava uma obra de tão grande valor artistico."



A joven musica norte-americana

A joven America vive actualmente uma época de nacionalismo musical. No entretanto, os mais valorosos compositores da America não recusam a assimilação da grande cultura musical europeia, criada na idade de ouro da musica, no velho mundo. Sobre os diversos grupos e circulos dos jovens americanos perpassam as influencias as mais variadas, ora as de Ravel e Debussy (em Frederico Jacobi, Emerson Whithorne) ora de Scriabine e Stravinsky (em Deems Taylor ou Leo Ornstein), ora de Strauss e Busoni (em Louis Gruenberg), etc...

Mas os autores americanos de nosso tempo se servem dos processos musicaes curtos de um modo mais logico; tratam unicamente de adoptar a technica da alta composição europeia, sem se escravizarem ás idéas musicaes que dominam a formação psychologica dos povos transoceanicos. Essa tendencia para se emancipar do dominio de espirito musical europeu criou um passado muito pro-

Loteria só da Bahia



cuja palheta possui coloridos singulares e imprevistos, de vibração e calor. Que delicado esse soneto, *Velho Motivo*, em que retorna o motivo do mais bello soneto de aior de nossa lingua:

Soneto de Jacob, pastor antigo,  
-- Soneto de Rachel, serrana bella...  
Oh quantas vezes o relembro e digo,  
pensando em ti, como se fôras ella;

O que eu servira, p'ra viver contigo,  
— tão doce, tão alrosa e tão singela!  
Assim, distante do teu rosto amigo,  
em torturar-me a ausencia se desvela!

E vou soffrendo a minha pena amarga,  
— pena que não me deixa nem me larga,  
bem mais cruel que a de Jacob pastor.

Rachel não era delle e sempre a via,  
enquanto que eu não vejo noite e dia  
aquella que me tem por seu Senhor!

Esse soneto é um formoso exemplo desse livro de cantos de amor, unidos de uma doce emoção e repassados de um lirismo commovido, que o tornam de merito pouco vulgar. O Sr. Antonio Sardinha é um dos artistas mais representativos de seu país, cujo espirito se reflecte no seu temperamento e na sua sensibilidade de um modo incisivo, para que o faça reinar no seu estro, como um raio de luz que o crystal irisa. Já o chamaram com razão: o poeta do lusitanismo.

Adolfo Bonilla y San Martín — **LOS MITOS DE LA AMERICA** — Editorial Cervantes, Barcelona, 1923. — Este ultimo livro do eminente membro da Real Academia Hespanhola não é só uma preciosa contribuição á historia da America precolombiana, como também uma série de interessantes ensaios, finalmente analysados, sobre os assumptos os mais diversos da America hespanhola. O seu ensaio sobre a litteratura hispano-americana, por exemplo, é um solido e luminoso estudo no qual o autor proclama a necessidade de uma cultura mais unitaria e mais directamente hespanhola nos países hispanos do Novo Continente. Outros estudos, como os ensaios sobre Ramos Megia e o philosopho cubano Felix Varela, revelam o mesmo profundo senso critico do autor, cujo nome, aliás, já conquistou a merecida posição na admiração dos hispano-americanos.

Pierre Loti: **LA INDIA** — Editorial Cervantes, Barcelona, 1923. A Editorial Cervantes teve uma feliz idéa em publicar a excellente traducção do Sr. Vicente Diaz de Tejada. O estylo de Pierre Loti não perde, traduzido em castelhano, esse sabor evocativo que fez a fama do autor de "Madame Chrysanthe", e a *India* é desses livros de Loti que se lê sempre com o mesmo prazer.

Marcello Fabri: **LE VISAGE DU VICE**. Edições do Monde Nouveau, Paris, 1923. — O vigoroso autor do romance das multidões modernas, que já registrou a sua visão implacavelmente aguda no *Inconnu sur les Villes*, cuja ambição, "supprimndo o individual, era de procurar além das suas degenerescencias, o romance e as suas fontes proprias, isto é o Poema Epico", acaba de publicar

um novo livro, *Le Visage du Vice*, em que se firma mais uma vez o seu robusto talento. Começado em Abril de 1912, este livro foi abandonado e retomado varias vezes, e devemos felicitar o autor por tel-o terminado, pois, conseguiu realizar nelle uma bella pintura da vida contemporanea. Os Herschall, terríveis polvos das cidades modernas, que jogam com a vida e o destino dos fracos que os cercam, como o Le Poitevin, esse degenerado avassalado pelo vicio, são personagens que o Sr. Marcello Fabri sabe animar de uma vida intensa, collocando-os sob a luz crúa da sua observação impiedosa, dissecando-os com uma frieza systematica de cirurgia, e communicando-nos, ao mesmo tempo, pela sua narração directamente suggestiva, uma sensação elevada de arte. *Le Visage du Vice* é um dos livros que dominam a produccão destes ultimos annos.

Henri Massis: **JUGEMENTS** — Paris, 1923. — Com este titulo um pouco aspero, um pouco definitivo, apesar da segunda epigraphe que elle põe na capa do seu livro, o Sr. Henri Massis acaba de reunir tres curiosos e finos estudos sobre Renan, Anatole France e Maurice Barrés. A intolerancia do autor é um pouco rigida e o Sr. Henri Massis parece mais condemnar do que julgar esses tres mestres. Renan, France e Barrés são, no conceito do autor, os tres malfeteiros da intellectualidade contemporanea. Por acaso o Sr. Henri Massis não exaggera um pouco a influencia ou melhor os perigos da influencia desses escriptores? Para elle, a interpretação poetica, o espirito critico, a curiosidade esthetica, são liberdades e ousadas perniciosas, sybaritismo desprezível. O orgulho e a duvida de Renan, o scepticismo requeintado de France são escolas de destruição. Uma disciplina do bello, ou melhor, uma utilidade do bello conforme uma certa disciplina, va lá — para a ethica do autor, mas para toda ethica? E preferir a esthetica á moral, como Renan, é então um erro tão lastimavel? Também, se o thema poetico e a duvida confundem, momentaneamente, o pensamento, ellas não deixam igualmente de o repousar e de o tonificar. Outros homens hão de vir que farão outra cousa, com toda certeza, — contra Renan, France e Barrés, mas ha de ser graças a elles.

**CARTILHA DE HYGIENE**, organizada pelo Instituto de Hygiene e publicado pelo Estado de S. Paulo — Monteiro Lobato & C., Editores — 1923 — Essa interessante publicação para uso das escolas primarias, e que nos foi gentilmente enviada pelo Sr. Director Geral do Serviço Sanitario de S. Paulo, comprehende uma série de conselhos hygienicos, illustrados com desenhos, de modo a impressionar a criança e demonstrar a effiacia dos preceitos. Quer a linguagem, quer as gravuras são feitas singelamente, mostrando as vantagens da boa pratica das regras comensinhas de asseio, de alimentação e de prudencia, illustradas, não com o pavor de doenças, mas com exemplos de meninos sadios ou robustos, em contraste com outros amarellos e doentios. E' esse um serviço admiravel, que muito honra o Serviço Sanitario de S. Paulo e que deve ser imitado, em toda parte, pelos beneficios incalculaveis que

póde produzir, como elemento de instrucção intuitiva.

Ricardo Jorge: **O OBITO DE D. JOAO II** — Portugalia editora, Lisboa, 1922. — Sobre a morte do monarcha portuguez que "lançou Portugal no caminho da supremacia do orbe, propulsor de um imperialismo desventuradamente ephemero", o Sr. Ricardo Jorge publicou um interessante trabalho, em que estuda todas as circumstancias da molestia de que falleceu D. João II, que tulo indica ter sido uma *nefrite chronica*. Com uma solida documentação, dá-nos ao mesmo tempo um interessante estudo psychologico do meo de então, d'scorrendo sobre as possibilidades de envenenamento do monarcha e sua autoria.

Conde de Sabugosa: **OUTRA RAINHA** — Portugalia editora, Lisboa — 1922. Numa elegante *plaquette*, a casa editora *Portugalia* publica a conferencia que, sob esse titulo, proferio o Conde de Sabugosa, na Liga da Acção Social Christã, em homenagem á Rainha D. Amelia. A figura da antiga rainha de Portugal nos apparece, nessas paginas de emoção, cercada do maior fulgor, que mais reluz ainda no sacrificio. Diz-nos que foi "Uma que espalhou a boa semente e só conseguiu o ceifar espigas amarelas."

Mercedes Blasco: **OS BASTIDORES DO AMOR**, Portugalia, Lisboa, 1922. A Sra. Mercedes Blasco, conhecida actriz portugueza, que já publicou anteriormente as suas *Memorias de Actriz*, dois curiosos livros: *Musa hysterica* e *Vagabunda*, reuniu nos *Bastidores do Amor* uma série de historietas, que bem podem ser veridicas.

Nesses diversos amores, que se succedem ao correr do livro, aparentemente diferentes, contradictorios quasi, a autora mostra a eternidade do amor, sempre igual na sua força dominadora. Escripto com singeleza, num estylo direito e escoreito, o livro agrada e interessa.

Mercedes Blasco: **CARAS PINTADAS**, Portugalia, Lisboa, 1923. E' toda uma pleiade de caras pintadas, isto é, de actores e actrizes, que passa nesse livro ligeiro, amavel, por vezes commovido. As celebridades do theatro lisboeta disfilam, desenhadas com um traço incisivo: Ignacio Peixoto, Cynira Polonio, Eduardo Brazão, Anna Pereira, Sylvestre Alegria, Pepa Ruiz, outros mais, numa atmosphera exactamente sentida.

Adrien Timmermans: **L'ARGOT PARISIEN**, Victorion Frères et Cie, Paris, 1922. — O *argot* ou gíria parisiense existe ha tanto tempo que é hoje uma verdadeira lingua, tendo já suas regras fixas. O Sr. A. Timmermans, que foi professor de linguas e litteraturas franceza e ingleza, na Hollanda, procurou nesse livro completo e bem documentado estabelecer a ethymologia do vocabulario *argot*. Não é sem surpresa que se vê, pelo estudo do Sr. Timmermans que muitas palavras do *argot* derivam directamente do grego antigo, sendo que a maioria dellas vêm de linguas vivas. Assim se percebe os laços mysticos que unem ás vezes os idiomas os mais diversos por intermedios imprevistos. O livro do Sr. Timmermans parece tratar de um assumpto futil, mas constitue na realidade uma *synthese* instructiva e digna de louvores.

LEVES COMO BORBOLETAS

os deliciosos



CAPRICHOS

torradas especiaes para estomagos debeis da

F.A.D.A. do Alto da Serra - Petropolis.

# JOSE' CONSTANTE & CIA

MATRIZ: RIO DE JANEIRO

**91, Avenida Rio Branco, 91**

BAHIA E PERNAMBUCO

**Commissões-Representações**

REPRESENTANTES DE:

Adriano Ramos Pinto & Irmão, Ltda  
 Antonio Pardo  
 Ass s & Cia, Ltda.  
 Brandão Gomes & Cia, Ltda.  
 Estabelecimentos Herold, Ltda.  
 Garona, Laporte & Ca.  
 Gross Hermanos  
 Manoel Costa & Cia., Ltda.  
 R. Singfehurst & Co. (1918) Ltda  
 Werr ng, Jue & Co.  
 Peter Skarbvig, Ltda  
 Vicente, Merguza

Porto  
 Murcia  
 Lisboa  
 Espinho  
 Lisboa  
 Paris  
 Malaga  
 Lisboa  
 Liverpool  
 Cris iania  
 Aalesund  
 Malaga

e outras firmas estrangeiras e nacionaes.

AGENTES NO RIO DE JANEIRO

*Do: Banco Commercial do Porto*

**SAQUES - SI PORTUGAL E OUTROS PAIZES**

Cartas de Credito - Abertura de Creditos Mensaes

Ordens de pagamento: por telegramma e por carta.

*Caixa Postal, 373*

*Telephone, N. 1659*

*End. Telegraphico: CONSTANTE*

**RIO DE JANEIRO**

## BREVEMENTE

Historia da Musica Brasileira  
DE  
RENATO ALMEIDA

ALVARO PINTO - EDITOR  
(ANUARIO DO BRASIL)  
RIO DE JANEIRO

## S. A. Monitor Mercantil

FUNDADA EM 1912

*Para defesa do Commercio  
contra os mãos negocios*

Apparelho regulador do credito  
e multiplicador  
das transacções mercantis

ESCRITORIOS:  
RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96  
(TERCEIRO ANDAR)  
RIO DE JANEIRO = BRASIL

## LIVRARIA E PAPELARIA AZEVEDO

CASA EDITORA DOS ROMANCES DA COLLECCÃO CHIC  
A. DE AZEVEDO & COSTA  
Livros Colegials e de Literatura

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA

SECÇÃO DE IMPORTAÇÃO  
ESCRITÓRIO  
Rua Senador Dantas, 120  
Teléfono, Central 3079  
DEPOSITO  
Rua Senador Dantas, 104

SECÇÃO DE VAREJO  
LIVRARIA E PAPELARIA  
Teléfono, Central 5258  
Rua Uruguaiana, 29  
RIO DE JANEIRO

## NAÇÃO PORTUGUÊSA

REVISTA PORTUGUÊSA DE CULTURA NACIONALISTA  
Director: ANTONIO SARDINHA

Editor: J. FERNANDES JUNIOR  
Secretario: DOMINGOS DE GUSMÃO ARAUJO  
Rua Serpa Pinto, 38 -- 3.º LISBOA  
PUBLICA-SE TODOS OS MEZES  
Assignatura annual para o Brasil: 48 escudos (Adiantado)

Pode-se assignar ou annunciar por intermedio da AMERICA BRASILEIRA  
que fornece todas as informações

CHARUTOS



# Stender

# BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

**Casa Matriz : AMSTERDAM**

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro --- S. Paulo --- Santos --- Buenos-Aires --- Santiago do Chile --- Valparaizo.  
Na Allemanha --- HAMBURGO.

**Capital autorizado..... Florins 50.080.000**  
**Capital realizado e reservas..... Florins 22.680.000**

*Fundado pela Rotterdamsche Bankvereiniging  
Amsterdam -- Rotterdam -- Haya*

*Cujo capital realizado e reservas montam em florins a 114.000.000*

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

## II, RUA BUENOS AIRES, 13

TELEPHONES: NORTE, 5356, 5357 E 5358

# Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

**CAPITAL. FRs. 50.000.000**

**CAPITAL REALISADO**

**Acções Frs. 50.000.000 e Obrigações Frs. 65.000.000**  
**Fundo de reserva: Frs. 12.500.000**

Empréstimo sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por amortisações semestrais com direito de reembolso antecipado.

**DINHEIRO PARA CONSTRUÇÕES**  
Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos e terreno.

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento.

Adiantamento sobre titulos, mercadorias e warrants.

Gerencia de immoveis, cobrança de juros sobre apolices, acções e debentures, guarda de valores, etc.

SÉDE SOCIAL EM PARIS:

**39 BOULEVARD HAUSSMANN 39**

Séde de Operações e Direcção Geral:

**44, AVENIDA RIO BRANCO, 44 — RIO DE JANEIRO**

Endereço Telegraphico-BRESIFONCI

CAIXA POSTAL, 307

TELEPHONES

Directoria N. 4.116  
Secretaria N. 2.085  
Expediente N. 3.750

**AGENCIA:**

**24, RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO**

# AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR Elycio de Carvalho



Desenho de ZINA AITA

Anno II.

N. 23.

Novembro de 1923.

Preço \$000.

# Banco Português do Brasil

CAPITAL.... RS. 50.000:000\$000

SÉDE: RIO DE JANEIRO



Abre Conta Corrente  
de movimento,  
CONTAS CORRENTES  
LIMITADAS COM  
TALÃO DE CHEQUES,  
Conta Corrente a  
prazo fixo e  
encarrega-se da adminis-  
tração de  
propriedades

**FILIAES EM S. PAULO E SANTOS**

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal: 479

**24, Rua da Candelaria, 24**

**RIO DE JANEIRO**



# Obras de Elyσιο de Carvalho

- PRINCIPES DEL ESPIRITU AMERICANO.** Ensaio de critica literaria. Traducção castelhana e prologo de César A. Comet. Vol. de 258 paginas, edição de Editorial-America, Madrid, brochura. . . . . 6\$000
- OS BASTIÕES DA NACIONALIDADE.** Estudos de historia, sociologia e critica, etc. Edição do Anuario do Brasil. Vol. de 400 paginas, brochura . . . . . 6\$000
- BRAVA GENTE.** Episodios nacionaes. Prefacio de Carlos Malheiro Dias. Vol. de 298 paginas, com capa colorida, edição da S. A. Monitor Mercantil, brochura. . . . . 5\$000
- BRASIL, POTENCIA MUNDIAL.** Inquerito sobre a industria siderurgica. Vol. de 182 paginas, com capa colorida, varias estampas e mappas, edição da S. A. Monitor Mercantil, brochura . . . . . 3\$000
- A REALIDADE BRASILEIRA.** Estudo sobre a potencialidade economica e a finalidade da politica brasileira. Vol. de 56 paginas, edição da S. A. Monitor Mercantil, brochura. . . . . 2\$000
- SHERLOCK HOLMES NO BRASIL.** Estudos sobre os crimes e os criminosos e os metodos scientificos de investigação policial. Vol. de 230 paginas, com capa colorida, edição de A. Moura, brochura . . . . . 4\$000
- POEMAS EM PROSA.** Traducção do inglez de Oscar Wilde e prefacio de Ronald de Carvalho. Edição de luxo, tiragem limitada e illustrações de Corrêa Dias, brochura. . . . . 5\$000
- LA FRANCE ETERNELLE.** Discours prononcé au banquet à Paul Fort. Edição de luxo e limitada, com capa colorida. . . . . 3\$000
- AFFIRMAÇÕES.** O patriotismo e o nacionalismo num ágape de intellectuaes. Vol. de 54 paginas, edição da S. A. Monitor Mercantil, brochura . . . . . 2\$000
- MODERNAS CORRENTES ESTHETICAS NA LITTERATURA BRASILEIRA.** Ensaio. Vol. de 284 paginas, edição de A. Garnier, brochura 4\$000
- FIVE Ó CLOCK.** Diario de um estheta. Vol. de 186 paginas, com capa illustrada de Julião Machado, brochura . . . . . 4\$000
- BARBAROS E EUROPEUS.** Ensaio de philosophia e critica literaria. Prefacio de Victor Vianna. Vol. de 172 paginas, edição de A. Garnier, brochura . . . . . 4\$000
- ESPLENDOR E DECADENCIA DA SOCIEDADE BRASILEIRA.** Estudo sobre a sociedade brasileira desde os tempos coloniaes até hoje. Vol. de 244 paginas, edição A. Garnier, brochura . . . . . 4\$000
- O FACTOR GEOGRAPHICO NA POLITICA BRASILEIRA.** Discurso de recepção na Sociedade de Geographia. Vol. de 70 paginas, edição da S. A. Monitor Mercantil, brochura. . . . . 2\$000
- EM CAMINHO DA GUERRA.** A cilada argentina contra o Brasil. Estudo acerca das relações entre o Brasil e a Argentina. Vol. de 174 paginas, com varios mappas e um appendice, edição da S. A. Monitor Mercantil, 3º milheiro. Ultimos exemplares . . . . . 10\$000

**A' VENDA NESTA REDACÇÃO**

Rua Primeiro de Março n. 96, 3º — Rio de Janeiro  
Pelo correio, registrado, mais \$500 por cada volume.

## BANCO HYPOTHECARIO DO BRASIL

50 -- AVENIDA RIO BRANCO -- 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes á vista e á prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS

## BANCO ALLIANÇA

SÈDE NO PORTO

RIO DE JANEIRO

146, Rua do Rosario, 146

Caixa do Correio, 924

Telephones: Norte 3376 e Norte 6329

Saques sobre todos os paizes do mundo —Descontos—Operações bancarias em geral—Administração de propriedades—Cobrança de juros e dividendos—Inventarios—

Correspondentes em todo o territorio dos Estados Unidos do Brasil.

DEPOSITOS

A' ordem. . . . . 4 % ao anno

DEPOSITOS A PRAZO E LETRAS A PREMIO

A prazo de tres mezes. . . . . 4 1/2 % ao anno  
A prazo de seis mezes. . . . . 5 1/2 % ao anno  
A prazo de nove mezes. . . . . 6 % ao anno  
A prazo de doze mezes. . . . . 6 1/2 % ao anno

# AMERICA BRASILEIRA

RESENHA DA VIDA NACIONAL

Director: ELYSIO DE CARVALHO

Secretario: LUIS-ANNIBAL FALCÃO

Gerente: CARLOS RUBENS

## SUMMARIO DESTE NUMERO

PROBLEMAS DE VIAÇÃO BRASILEIRA .....	REDACÇÃO.
A PRONUNCIA DO DIRECTOR DO "RIO-JORNAL" .....	REDACÇÃO.
A EUROPA TUMULTUARIA .....	REDACÇÃO.
A QUESTÃO SHAKESPEARE .....	F. DE MIOMANDRE.
VIUVINHAS D'ALEM .....	ALBERTO FARIA.
GRAÇA ARANHA Á PROCURA DA TERRA PROMETTIDA.....	ISAAC GOLDBERG.
TRANSFORMAÇÕES DO PAN-GERMANISMO .....	ELYSIO DE CARVALHO.
GABRIELLE D'ANNUNZIO, compositor .....	REDACÇÃO.
A LEI DE IMPRENSA .....	REDACÇÃO.
A CONSAGRAÇÃO DE UM SABIO .....	REDACÇÃO.
A ARTE DE JEAN BARD .....	RENATO ALMEIDA.
CHRONICA DE MALAZARTE .....	MARIO DE ANDRADE.
A EUGENIA E O PROBLEMA IMMIGRATORIO .....	CANDIDO M. FILHO.
GRAMMÁTICA .....	RUBENS MORAES.
ALEGRIA HESPAÑHOLA .....	ANTONIO ZOZAIA.
GUERRA JUNQUEIRO .....	LEONARDO COIMBRA.
A CAMINHO DAS DICTADURAS .....	REDACÇÃO.
NOTAS & COMMENTARIOS .....	REDACÇÃO.
PORTUGALIA .....	REDACÇÃO.
NOTULAS .....	REDACÇÃO.
REPERTORIO .....	REDACÇÃO.
F — 1. ....	SERGIO B. DE HOLLANDA.

## EXCERPTOS

DE

Coelho Netto, Afranio Peixoto, Mario de Alencar, Francisco Eiras e Carlos Rubens.  
-Desenhos de Zina Tita, Corrêa Dias e Di Cavalcanti.

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURA ANNUAL

Para o Brasil. 10\$000  
Para o Exterior 12\$000

### VENDA AVULSA

Numero do mez 1\$000  
Numero atrasado. 2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96, 3.º

OFFICINAS: Avenida Rio Branco, 117/21

Tel.: Norte 6011

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Caixa Postal : 1223

# AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 23



RIO DE JANEIRO — NOVEMBRO, DE 1923



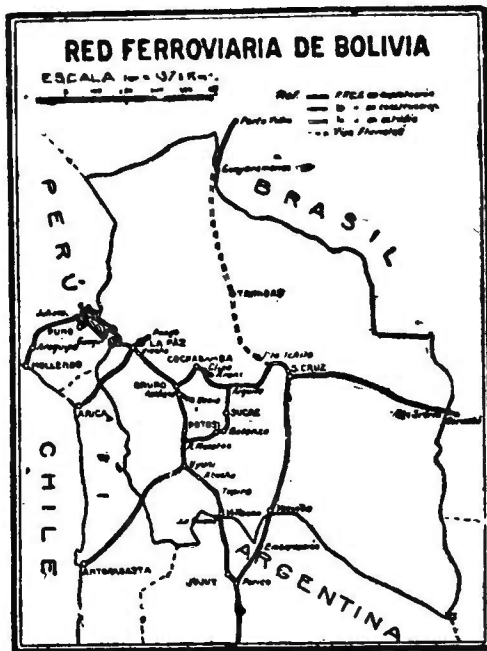
ANNO II

## PROBLEMAS DE VIAÇÃO BRASILEIRA

O illustre Senador Paulo de Frontin, com a sua autoridade indiscutível de mestre no assumpto, desenvolvem no Senado, a proposito da lei de imprensa, uma série de considerações sobre as nossas dificuldades de comunicações, através do enorme territorio nacional, dentre as quaes salientaremos as referentes ás nossas ligações com o Paraguay e a Bolivia, que merecem o mais acurado estudo por parte do Governo, uma vez que estamos seriamente ameaçados nos nossos interesses. Sem duvida a culpa maior reside na falta de unidade, o que equivale a dizer, na orientação deficiente do problema viario brasileiro, nos seus multiplos aspectos, sobretudo quanto ás estradas de ferro. Temos feito verdadeiros paradoxos e ha flagrantes absurdos no proprio tracado de varias rêdes, feitos em desacordo com as necessidades essenciaes de economia e defesa do paiz; ora para proteger interesses menos justos, outras vezes para satisfazer pretensões regionaes, em detrimento do bem commum. Não se comprehende facilmente, porque ficou no esquecimento, com os mais graves prejuizos para o Brasil, a ligação das estradas de ferro de Assumpção, com o nosso systema viario, como planejou Rio Branco, segundo o depoimento do Sr. P. de Frontin, ligação que "descendo pelo valle do Iguassú e atravessando o ponto mais conveniente do Paraná em trecho de largura excessivamente limitada e procurando ligar as estradas de ferro de Assumpção, em Villa Rica, viria trazer um beneficio ás nossas relações internacionaes, todas ligadas ao Brasil, quer pelo porto de S. Francisco, quer pelo porto de Paraná, passando por Curityba, quer pelo porto de Santos." Não levamos a termo o projecto, que a visão aguda do grande chanceller planejou, permitindo que o Paraguay se tornasse esfera de influencia economica da Argentina, pois ficou tributario do Porto de Buenos Aires, quando poderíamos, pelo menos, como observou o senador carioca, concorrer com aquelle porto, "conforme a natureza

dos productos e dos consumidores e o destino que tivessem essas mercadorias para a exportação. Ha tempos, renovou-se o projecto dessa ligação, cujos estudos já estão feitos, mas não parece que por ora se cogite de effectual-os. Sendo que será depois muito tardio, pois os interesses paraguayos já estarão radicados á Argentina em definitiva.

Em relação ás nossas ligações com a Bolivia, o protocollo Carril-Gutierrez, que concedeu á Argentina a construção da linha Santa Cruz de la Sierra e Puerto Suarez, constitue uma séria ameaça á nossa economia e viola o tra-



A concessão boliviana á Argentina

tado de Petropolis, pelo que se sabe, pelos jornaes argentinos, que o Itamaraty tem procurado defender os nossos interesses, grandemente feridos por esse accôrdo, aliás gesto intelligente e habil da Argentina. Pela construção do ramal Tupiza-Lo Quiaca, La Paz se liga a Buenos Aires e tambem a Bolivia cõe sob a exclusiva influencia economica da Republica vizinha, apesar do Brasil ter dado á Bolivia 2 milhões de esterlinos para a construção de estradas de ferro ligando-se com as nossas, dinheiro esse que não teve até hoje a devida applicação.

Não precisamos explicar aos leitores o significado economico e militar da nossa ligação com a Bolivia, desde que a Noroeste chegasse a Corumbá, de onde se encontraria com a estrada de ferro boliviana que demandasse Santa Cruz de La Sierra, pelo Porto Suarez, cidade que dista apenas 7 kilometros de Corumbá. De um lado a attitude da Bolivia, deixando de cumprir as obrigações do Tratado de Petropolis, do outro, o nosso descaso pela solução do problema, preso a interesses de maior importancia para o Brasil. Ao que se sabe, o governo boliviano teve o maior empenho, e hoje grande alegria, em fazer essa concessão ferro-viaria á Argentina, concluida pelo protocollo Carril-Gutierrez, negociado em La Paz, entre o ministro plenipotenciario argentino Carril e o ex-chanceller boliviano Gutierrez, e cuja aprovação foi solicitada ao Congresso da Bolivia, pela mensagem do Presidente Saavedra, de 9 do mez passado, concessão que, como disse o Sr. Paulo de Frontin, "affecta profundamente os interesses brasileiros e é tanto mais sensível quanto ha quatro annos, mais ou menos, o ministro boliviano, acreditado junto ao Governo brasileiro, Sr. Carrasco, teve oportunidade de apresentar uma proposta para que, em vez da construção da ponte Guajará-mirim sobre o rio Mamoré e o ramal de cerca de 30 kilometros que vae até a cachoeira Esperança, fosse esse substituido pela construção da linha até Corumbá-Puerto Suarez"

O que não sabemos é qual será a attitude do Governo brasileiro, mas esperamos que a acção, annunciada em Buenos Aires, da nossa diplomacia em La Paz seja bastante energica para defender os altos interesses nacionaes, que, aliás, não estariam em jogo neste momento, si tivéssemos prosseguido um rumo mais certo na nossa politica ferro-viaria, guiada sempre ao acaso, sem a imprescindivel continuidade, que lhe garantiria o exito necessario e a integridade na sua função propulsora da economia brasileira.

# A PRONUNCIADA DO DIRECTOR DO "RIO-JORNAL"

Tendo o "Rio-Jornal" publicado, em Dezembro do anno passado, editoriaes denunciando um supposto *complot* armamentista e incluindo entre os agentes dessa phantastica conspiração o nome do nosso director Sr. Elycio de Carvalho, este apresentou queixa-crime de calúnia e injúria contra o Sr. Georgino Avelino, director do mencionado jornal, ao Juiz da Segunda Vara Criminal. Processado o feito foi o querellado impronunciado, tendo o querellante recorrido desse despacho para a Terceira Camara da Corte de Appellação, que deu provimento ao recurso para pronunciar o Sr. Georgino Avelino. O theór do acórdão é o seguinte:

## ACÓRDÃO

Vistos e relatados os autos de recurso-crime n. 914, em que é recorrente Elycio de Carvalho e recorrido Georgino Avelino:

Acórdam os Juizes da Terceira Camara da Corte de Appellação em dar provimento ao recurso para, reformando a decisão recorrida, pronunciar, como pronunciamos, o recorrido nos artigos 317 letras b e c, 319 § 2º e 22, letra c do Código Penal, entre si combinados, sujeito a prisão e livramento na forma da lei. A qualidade de editor do respectivo "Rio-Jornal", attribuída ao recorrido na certidão de fls. e porque elle responde no presente processo, não foi impugnada nas suas razões de defesa a fls. e do recurso a fls., tendo ao contrario o recorrido implicitamente a confessado, affirmando della não decorrer responsabilidade penal, como pretende o recorrente equiparando-a ao editor. No entanto, não procede a defesa do recorrido conforme em mais de um acórdão se tem manifestado esta Camara. No citado acórdão do recurso-crime n. 827, se pondera que tendo o nosso codificador penal procurado punir com efficiencia todos os que cooperam na produção e distribuição de impressos, inserindo injurias e calumnias, estabeleceu uma forma especial de responsabilidade, abstrahindo da cumplicidade, tornando-a solidaria e necessaria na alternativa e facultativa, como no citado dispositivo do artigo 22, ora suppletiva, como no § 2º. E nesse presupposto: sendo identicas as funções do director e do editor de um jornal, competindo a ambos a vigilancia e autorização das publicações, a mera differença de nomenclatura não é de molde a importar em conferir ao primeiro uma inviolabilidade, contraria ao fim que teve em vista o legislador e altamente perigosa á orden social, assim exposta aos abusos naturalmente defluentes dessa impunidade nos delictos de imprensa. A doutrina de Garronet, que faz independet do nome adoptado, director, redactor, chefe ou editor — a responsabilidade penal daquelle que é o chefe encarregado de vigiar a sua confecção, de dar á obra collectiva essa unidade de direcção e pensamento que faz a sua força, bem corresponde, como elle assignala, á realidade das cousas, não sendo licito, como também pensa o eminente Flaoro, "que ninguem que tome parte na publicação se esconda sob o manto de director, em nome dessa liberdade de que abusa, pretendendo uma immunidadé tão extranha quão perigosa". Juridica é, portanto, a interpretação do referido acórdão, e conforme a jurisprudencia dos tribunales italianos, a que se reporta o mencionado escriptor Flaoro, os quaes, estabelecendo a presumpção da responsabilidade penal como já disse, permitem, entretanto, que o incriminado director de u prova em contrario, de não conheci-

mento da publicação diffamatoria e da sua consciencia — não ha, pois, como assistir-se em que essa interpretação não é extensiva por força de comprehensão e sim analogica ou por paridade, prohibida pela lei penal, como faz o despacho recorrido. Provada como ficou a distribuição do periodico por mais de 15 pessoas, pelos depoimentos das testemunhas do sumario de culpa, e nenhuma controversia podendo suscitar o caracter contumelioso das expressões empregadas contra o querellante nos artigos incriminados, e por elle indicados, na queixa inicial, contendo, como ellas contém, palavras e factos insultantes na opinião publica e offensivas da reputação e da honra do recorrente, e o *animus injuriandi* na sua propria natureza se revela desnecessaria que era a precipitada divulgação dos factos apontados nos artigos quando fossem verdadeiros, nos termos em que foram feitos.

Excluida dest'arte a dirimente do *animus narrandi*. Assim entendendo, repelle esta Camara a pretendida existencia do crime de calúnia conjuntamente

com o de injúria, em que incidio o querellado — recorrido, por não envolverem os factos constantes dos artigos incriminados uma imputação precisa, nos termos dos arts. 317 e 88 do citado Código Penal, exigindo, como exige, este último que a provocação dirigida a uma nação estrangeira para esta declarar Guerra á Republica seja levada a effeito directamente por factos. Ora, tal não succede nas publicações incriminadas que se reportam á descoberta feita de um "complot" para provocar a Argentina a declarar guerra ao Brasil, achando-se o recorrente entre os agentes para compra de armamentos. Inseneva-se o nome do recorrido no rol dos culpados, expedindo-se contra o mesmo mandado de prisão, arbitrando-se a fiança a que tem direito na quantia de um conto de réis. Custas a final. Rio de Janeiro, 12 de Setembro de 1923. Sá Pereira P., Machado Guimarães, Relator. — Carvalho de Melho, Angra de Oliveira, vencido de acórdão com o meu voto no recurso crime n. 827. Ful presente, Moraes Sarmiento, Procurador Geral.

## A EUROPA TUMULTUARIA

Quando o leitor puzer os olhos sobre esta carta da Europa, é possível que não esteja ella, mais de accordo com o momento, pois não sabemos os resultados das revoluções separatistas na Allemanha, nem até que ponto se effectivarão essas tendencias, da Rhenania e já agora da Baviera. Diante do mappa, vemos a península iberica manter o seu "statu quo", de um lado a Hespanha e do outro o pequeno e admiravel Portugal, que daquella nesga de terra deliciosa soube partir para se dilatar pelos mares immensos, para a descoberta de novos mundos. A França voltou a ter o traçado geographico de 1870, pela reincorporação da Alsacia-Lorena, ficando a Suíssa, a Belgica e a Hollanda, bem como os estados nordicos sem modificações, salvo a Dinamarca que incorporou o Schleswig. Também a Gran-Bretanha manteve a sua situação geographica. A Allemanha soffreu certos recortes, mas si não vingar a scissiparidade continua a ser uma das grandes extensões territoriaes da Europa. A Austria, toda poderosa, foi a mais sacrificada e é hoje um paiz pequenissimo e sem maior importancia. A Hungria separada é também um estado menor mas a Tchecoslovaquia se tornou um paiz

respeitavel e de dimensões estimaveis. A Yougoslavia cresceu; a Italia incorporou os territorios irridentos; a Rumania dilatou os seus dominios, quer do lado da Russia, quer do da Hungria; a Polonia redimida é quasi dois terços da Allemanha; a Estonia, a Lettonia, a Lithuania resultaram do fracclonamento da fronteira occidental da Russia, que, apesar disso, e da independencia da Finlandia, mantém a sua enorme massa no oriente europeu. No entanto, perdeu territorios que equivalem á superficie e meia da França. A Grecia pouco variou, e a Albania ficou para decisão ulterior... A Turquia hoje, depois das victorias sobre os gregos, augmentou a sua nesga europeia. Pelo mappa se verá a Europa em 1914 e o "Statu-quo" actual a menos que novas modificações surjam nesse espaço de tempo, medelando entre a hora que escrevemos e a que circulará esta revista. Mas, até que ponto esse traçado será firme? Ainda não cessaram as competições e as quelxas de ultima hora, contra os tratados que mudaram as fronteiras dos estados europeos. Os espiritos irriquetos e excitados ainda não aceitaram como definitiva a obra dos diplomatas e ninguem sabe a solução dos conflictos latentes.



Carta geographica da Europa actual

# A QUESTÃO SHAKESPEARE

ESPECIAL PARA A "AMERICA BRASILEIRA"

O que mais me impressiona na "questão" Shakespeare é que se tenha tido a idéa de inventá-la.

Sim, confesso, isso me aborrece.

O leitor dirá que não tenho razão, e que meu descontentamento indica um espirito pouco objectivo. Dir-se-ha ainda que no dia em que a erudição tiver demonstrado que o autor das peças attribuidas a Shakespeare não é o personagem até então chamado Shakespeare, mas um outro senhor, serei obrigado a acreditar.

Sim. Inclinar-me-hei diante desse facto brutal, mas com uma perfeita indiferença. O que me interessa aqui, e com toda certeza ha de sempre me interessar, é a obra e não o homem, são as peças (que eu as admiro no palco ou simplesmente lendo-as), os dramas e não a identidade mundana do seu autor. Percebe-se alcance desta distincção. Respeito o autor, pois tenho-o por um dos genios mais completos e harmoniosos da humanidade, tendo sido a fonte donde nasceu o rio immenso de tragedias, dramas, "feerias", esse jorro infinito de lyrismo. Mas ao estado civil desse autor, seu traje humano, se assim posso dizer, ás apparencias corporaes em que o Destino encerrou essa alma prodigiosa, não presto nenhuma attenção, não dou nenhuma importancia. Os eruditos, que, com uma paciencia pasmosa, estão, desde muitos annos, a chicanar sobre os textos para estabelecer que Shakespeare não era Shakespeare, parecem-me desprovidos, num gráo elevado, de senso litterario. Evidentemente esse trabalho lhes é um divertimento, faz-lhes passar o tempo, esse tempo que têm de sóbra, não tendo mais que fazer senão classificar fichas. Mas nós, o publico, o que nos importa no fundo?

E, em primeiro lugar, nada ha de menos provado de que essa não-identidade de Shakespeare. Eu bem sei; existe uma copia formidavel de argumentos. O seu conjunto, porém, impressiona sem convencer. Ha algo de intencional em tudo isso, uma especie de intimação. Querem nos envergonhar da nossa opinião, da nossa boa velha opinião, candida e tradicional, como se fosse completamente idiota o facto de pensar que um simples actor podesse ter um tamanho genio poetico.

Entretanto, não se chega a um accôrdo sobre a individualidade que convém substituir ao illustre comico. A these Stanley, habil e minuciosamente defendida, permanece plausivel e nada mais. A these Bacon, extraordinaria de complicação como um romance-folhetim, conclue de modo tão absurdo que nos põe estupefactos.

Não é por preguiça de espirito que me inclino para a hypothese tradicional. Eu a rejeitaria de boa vontade se a reconhecesse falsa. Todavia, até hoje, é pelo menos tão provavel quanto as outras.

Julgo que se proporciona grande prejuizo a Shakespeare actor, contestando-lhe a paternidade das suas peças, sob pretexto de que, socialmente, não era digno dellas. O genio sópra onde quer. Porque não teria visitado aquella cabeça?

E' um mysterio profundo nascer-se genio, mysterio analogo ao do primeiro fremito da vida. Em Stanley ou em Bacon, elle é tão admiravel, tão incomprehensivel como em Shakespeare; nem mais nem menos. Que papel representam no caso as considerações acerca da fortuna, da posição, das viagens diplomaticas? Tudo isso não passa de infantilidades. O genio tudo advinha, sem precisar ver cousa alguma. Não temos ainda, quasi sob os olhos, o exemplo empolgante de Balzac, a quem um trabalho esmagador e uma vida irrequieta não permitiam frequentar a decima parte dos personagens que creou, com tão flagrante realidade? Os homens de simples talento sim, são obrigados a verificar por elles mesmos aquillo que vão descrever... sob pena de fazerem obra incolor, incerta, artificial. Quanto aos homens de genio, é nisso precisamente que reside a sua força. Sabem tudo desde o berço, e o mais furtivo relance lhes basta para abranger um facto em conjunto ou comprehender um sêr até as profundezas.

O erro fundamental dos exegetas da questão Shakespeare, consiste em tratar um genio com os methodos ordinários com que se explica as manifestações dos simples talentos.

Não pretendo estar seguro de ter sido Shakespeare o autor do Theatro da Rosa, mas affirmo que ainda não se provou que não o tenha sido. E persisto em acreditar que possue as maiores probabilidades de conservar o nome ao mesmo tempo que a gloria, porque o genio escolhe mais raramente os palacios do que as choupanas para morada. Sabe-se o que era Francisco Bacon? um triste individuo, apesar (ou talvez por causa) do enigma real da sua origem, um triste individuo e um philosopho cuja fria doutrina está nos antipodos da concepção radiosa do mundo que nos revelam as peças de Shakespeare. Quanto a Stanley, é presumivel que fosse um fidalgo encantador, culto, requintado — um europeu, se quizerem, um perfeito humanista. No entretanto, entre tudo isso e o genio ha um abysmo, que nada nos autoriza a considerar desaparecido. E, como no caso, tudo é probabilidade, que me seja permitido suggerir a minha. Sabe-se que, ao ponto de vista do lyrismo e da psychologia,

os viajantes extrahem pouca cousa da sua experiencia, por mais vasta que seja. Stanley não passou de um encantador, e justamente por isso está condemnado como creador.

Pobre Shakespeare! Amava-o muito. Tornou-se ainda mais querido desde que se procura arrancar-lhe a propriedade ideal. Assignalou-se muitas vezes que nelle havia algo de fidalgo. Ninguem, porém, achava essa distincção espiritual contradictoria com a humildade de sua origem e do seu officio. Não se quer mais agora admittir que esse puro aristocrata tenha sido um simples comico. Foi preciso o nosso seculo democratico para chegar a esse extremado aulicismo, e aulicismo ingenuo ou estulto, porque, não contente em limitar-se exclusivamente ás grandezas materiaes, ainda quer respeitar as que foram abolidas ha tres seculos.

Amavel Shakespeare! Tu, cuja cultura e finos modos os amigos elogiavam. Gentil-homem Shakespeare, como elles ficariam espantados sabendo que te transformaram, para melhor te fraudar, num labrego ganancioso, num palafreneiro, num histrião analfabeto!

Nun livro lucido e fervoroso que acaba de dedicar-lhe, *Essay sur Shakespeare* (Amiens, Livraria Maltère), o Sr. Faguz, com o bom senso superior que caracteriza os verdadeiros poetas e lhes dá sempre razão contra os eruditos os mais documentados, afasta com um simples gesto essa nuvem vã. Diz: "E, todavia, se elle não fosse Shakespeare? Pergunta ociosa mas obsecante

Palavra soberana, definitiva! A questão é ociosa. Como o destino de todo creador é envelhecer e morrer, enquanto a sua criação, libertada do tempo, permanece eterna, que importa o que foi esse despojo? Shakespeare, para nós, é um nome. E esse nome é, não o de um personagem (com seus costumes, sua biographia, seu vestuario), mas de um espirito. Shakespeare é o que imaginamos.

O mais provavel, o mais proximo da verdade, é que Shakespeare foi Prospero. Que os inimigos do comico do "Globo" se riem quanto quizerem! Mas esse comico pertencia a raça daquelles que Gobineau chamou os "kalenders fils de rois" na sua famosa pagina da *Pleiades*. Esse farçante, só pelo facto de tel-o sonhado, era o magico da "Tempestade", o príncipe iniciado que, pela sua sabedoria, tinha renunciado o poder... Eis o que esse palafreneiro occultava no seu sêr, essa luz poderosa (cujos effluvios os roevos (esse testemunho vale bem o dos outros) percebiam através da pessoa, que chamavam o gentil Shakespeare"

Francis de MIOMANDRE



# VIUVINHAS D'ALÉM

Em certa missa cantada com epistola da *mulher forte*, deu-se a pèrros o subdiácono que devia então-lhe, por saber-lhe de cor unicamente a phrase: *Mulierem fortem quis inveniet?* Para illudir, entretanto, o auditorio ingenuo, á medida que voltava as páginas do Missal, na busca do texto necessario, repetia-a engrolando o latim: *Quis inveniet fortem mulierem? Quis mulierem inveniet fortem?* Transposta nos vocabulos, quiçá pareceria exprimir cousas diferentes... Afinal, desesperançado de achar o que procurava, cerrou o livro, confessando a verdade, mas ainda como si dicesse proverbio salomónico: *Mulierem fortem non invenio.*

Assim tambem acontece, algumas vezes, a *folk-loristas*, em ansia de curiosar, baldadamente manuseando instrumentos de officio. Oxalá não seja esta uma dellas, em que o leitor haja de perdoar-me logração menos engenhosa! Pelo sim, pelo não, desde já fica impetrada a graça...

*Quem encontrará mulher de virtude*, sendo viuva bella e moça, ao lêr hoje contos antigos, cujo sentido religioso se obliterou? As lindas viuvinhas d'Além, figuras centraes de muitos, apparecem sempre em conflicto com a moral. Creio typicos da espécie dous tragicómicos, que estudarei cada um de per si: o da *Matrona d'Épheso* e o da *Matrona de Larissa*.

Não só por effeito de symetria, talmente designo aqui o segundo, falho de nome nas *METAMORPHOSES*, de Apuleio; é que o proprio redactor chamou á protagonista, uma *larisséa* — *matrona*, em significação exacta: "Aurum in gemmis, est in tunicis, ib inflexum, hic in textem, matronam profecto confidebatur." (O ouro scintillante ao redor das pedrarias, num ponto em bordaduras, noutro entretessido, indicava assás uma mulher de qualidade.)

Exame de superficie tem levado a suppôl-os fábulas milesiannas, pelo mesmo espirito faccioso que se communicou a ambos, na corrente oral da tradição grega. Recolhendo-os escriptores latinos, preoccuparam-se em *fazer literatura*, o que melhor evidencia a redacção do primeiro, na qual a prosa de Petrónio engasta versos de Vergilio. Ora, tudo isso concorreu para a desnaturação dos dous, na essencia e na fórma.

Eis o do SATYRICON, em linhas geraes, furtivas de particulares escabrosas:

Havia em Épheso uma dona tamanha na fama de castidade, que mulheres de terras vizinhas iam vê-la, como si fóra a outava maravilha.

Fallecendo-lhe o cônjuge, não se satisfez com ordinarias manifestações de dôr: desgrehnar-se inteiramente e ferir-se no peito desnudo, em meio de cortêjo funebre; quiz ainda custodiar os despojos amados, chorando perennemente junto do hypogéo, onde era de regra depositar os cadaveres. Tal afflicção a dominava, que inuteis se tornaram os esforços da familia, de amigos e até de magistrados, no empenho de demovê-la.

Voluntaria companheira no triste retiro, em que fundia suas lagrimas com as da senhõra, dedicada serva avivava uma lampada sobre o ataúde no curso das longas noutes de amargura.

Embora cheia de admiração por aquelle raro modelo de fidelidade, toda a gente lamentava o genero de suicidio escolhido, pois nenhum alimento provara alli, durante cinco dias.

Ainda fervilhavam na cidade os commentarios piedosos, quando o governador provincial mandou crucificar tres ladrões, proximo do maguado encerro. Devendo este espectáculo servir de escarmento a criminosos, um homem d'armas guardava os corpos, porque os não arrebatassem camaradas, ou parentes, enterrando-os a occultas.

De uma feita, o guarda ouviu gemidos, procedentes do local onde vasquejava a lucerna, para lá se encaminhando a verificar o que occorria de extranho. Como appareção

sobrenatural, avultou a seus olhos deslumbrados a viuva, pulcherrima e chorosa. Mas a acompanhaira deu-se pressa em tiral-o do assombro, explicando a realidade da situação, o que lhe infundio sentimento de ternura. Saiu a buscar uma ceia, com a qual mitigasse a fome ás desventuradas; só depois de grande reluctancia, a castissima senhõra annuiu em quebrar o jejum fatal, seguindo o exemplo da boa serva, já seduzida pelo aroma do vinho. Durante o repasto, o guapo militar pôz-se a consolal-a da perda do marido, convencendo-a alfim de que um amor substitue sempre outro amor... Tambem, a viuva do extremecido Sycheu, rainha Dido, não foi amante de um soldado? Para encurtar razões do conto: consumou-se a bôda, qual a da phenicia e do trojano, albergados na caverna descripta pelo Poeta.

Como não ha mel sem travo, breve se inteirou o novo Enéas de que, emquanto abandonara o posto, haviam levado um dos ladrões, em cujo logar o poriam, de castigo á negligencia. Referindo o caso á bella da gruta mysteriosa, asseverou não esperar a sentença do costume, fazendo justiça com a propria espada; apenas lhe rogava que, uma vez exânime, o reunisse ao primeiro defunto, na mesma tumba, em prova de equal affecto.

— Não me sobra coração para chorar, juntamente, dous homens tão queridos. E' preferivel collocarmos na cruz vacante o que já expirou, porquanto nada mais soffre.

De accordo com a réplica, prompta e vivaz, assim fizeram. E, na seguinte manhã, o povo acreditava num milagre: o ladrão morto, escapo ao madeiro, a elle tornara espontaneamente!

Agora, o historico da *Matrona d'Épheso*, na França.

Deparando-se o respectivo munuscripto, considerado do início da era christan, a um clérigo Hébert, este versificou-o meta, ou paraphrasticamente, cerca de 1200, vindo o trabalho a figurar, sob o titulo *Fable du chevalier et de la femme veuve*, entre peças de Esôpo e de outros, num repositório miscellanico, que editou fr. Julien, da Ordem dos Agostinhos, no anno de 1475, um antes de impresso qualquer fragmento do SATYRICON.

Desse *fabliau* resultaria a narrativa, anonyma e popularizada, com pódas e enxêrtos, centenário após transmittida por d'Aurat a Brantôme, que a incluiu nas *VIES DES FEMMES GALANTES*. Na passagem do anecdotário, como que se cruzam os espiritos de Rabellais e Swift, havendo ahi um traço que não lembrou á alegre malícia de Petrónio, em aggravo da heroína: "encor dit-on que le pendu de devant avoit un'oreille coupée; ell'en fit de memes pour le représenter mieux"

Corrido um século mais, dito conto se incorporou á literatura artistica, na versão de La Fontaine, assim prologada:

— S'il est un conte usé, commun et rebattu,

— C'est celui qu'en ces vers j'accomode á ma guise.

Et pourquoi donc le choisit-tu?

Qui t'engage à cette entreprise?

N'a-t-elle point déjà produit assez d'écrits?

Quelle grâce aura ta matrone

Au prix de celle de Pétrone?

Comment la rendras-tu nouvelle á nos esprits?

Sans répondre aux censeurs, car c'est chose infinie,

Voyons si dans mes vers je l'aurai rajeunie.

Versando o assumpto, ao aspecto bibliographico e critico, disse Héguin de Guerle:

"Il est facile de reconnaître, dans la *Matrone d'Éphèse*, l'origine d'un charmant épisode du conte *Zadig*, par Voltaire, celui de la prude qui, croyant son mari décédé, consent á lui couper le nez dans son tombeau, pour guérir son amant d'une douleur de côté."

Sómente no acresceto do registo brantômico ter-se-ia inspirado Voltaire, para construir a moldura franceza de uma telazinha oriental, como veremos de *Le nez* (cap. II, do conto em questão).

Por este mais facil é reconhecer, antes — presentir, a origem da *Matrona d'Épheso*, sabido que o patriarca de Farney accumulou em *Zadig* materias *folk-loricos*, na maior parte arabes, persas e chinezes.

Vejamos o trecho de interesse immediato.

De um passeio tornava Azora, colérica e vociferante.

— Que tens, minha cara esposa? Quem te poz tão fóra de ti mesma? Indagou *Zadig*.

— Ah! Eguualmente indignado estarias, si houvesses assistido ao espectáculo que presenciaste. Fui consolar a viuvinha Cosru, a qual, dous dias ha, erigiu um sepúlro a seu joven esposo, junto do ribeiro, que orla esta campina, promettendo aos deuses não se afastar do mesmo, emquanto as aguas lhe humidecessem a base...

— Estimavel mulher, que ao marido tanto amava!

— Ah, si tu souberas em que ella se occupava, quando agora a visitei!

— Em que?

— Em desviar a liquida corrente.

E continuou Azora a deblaterar contra a viuva Cosru. Mas esse alarde de virtude enfadou o paciente *Zadig*.

Buscando o amigo Cador, em quem sua esposa distinguia probidade e méritos, que não enxergava nos outros mancebos, depois de confiar-lhe a scena passada, associou-a a uma prova, mediante grande presente...

Regressa Azora do campo, onde fóra passar dous dias com outra amiga, soube dos fâmulos que na ultima noute fallecera repentinamente *Zadig*. Sem coragem para o infausto aviso, naquella manha o enterraram ao fundo do jardim, no jazigo da familia. Descabellou-se toda e rompeu em pranto copioso.

Ao entardecer, Cador pediu licença para fallar-lhe. Admittido a sua presença, disse que *Zadig* lhe testara muitos bens, herança que desejava fruir com ella. Azora carpiu; mas foi abrاندando. E já a ceia durou mais que o jantar. Reinou a confiança na conversação. Azora elogiou o defunto: apenas lhe achava alguns defeitos, de que Cador parecia isento...

Subito, o hospede queixa-se de uma dôr agudissima no ventre. A dona de casa ordena que lhe tragam do toucador as essencias, para tentar com alguma allivial-o do mal. Sentindo não se achar ainda em *Babylonia* o famoso *Hermes*, permittiu-se de afagar-lhe a parte molésta.

— És sujeito a tão cruel doença? inquireiu.

— Põe-me as vezes á beira da sepultura. Um unico remedio me vale: o nariz de um morto da véspera, applicado no ponto.

— Exquisito remedio!

— Não é mais exquisito do que os saquinhos do senhor Arnu (1) contra as apoplexias. Este motivo, adjuntado á probidade e aos meritos do mancebo, determinaram emfim a senhõra, que dizia de si comsigo:

"Acaso, quando meu marido atravessar do mundo de hontem para o de amanha, pela ponte *Tehnavara*, vedar-lhe-á a passagem o anjo *Asrael*, porque elle leva para a segunda vida o nariz menos comprido do que tinha na primeira?"

Toma de uma navalha e dirige-se ao jazigo da familia: orvalhado de lagrimas o tumulo do marido, dispõe-se a cortar o nariz deste..

Em tal momento, ergue-se *Zadig*, ampa-

(1) Havia então um *babylonio*, que, com um saquinho, dependurado ao pescoço, prevenia e sarava — nas gazetas, já se vê — todas e quacsquer apoplexias...

rando com uma das mãos o nariz e com a outra afastando a navalha.

— Senhora, diz-lhe, não mais clameis contra a viuva Cosru; pois o projecto de cortar o nariz equivale ao de arredar o ribeiro.

De fóra parte sensíveis allusões e ironias do adaptador europeu, essa leitura impressiona como a de um conto longínquo, de sua patria budhica passado ao mundo mussulmano e de lá ao Occidente christão, tendo perdido a primitiva moralidade ascética, para servir-me de expressões abstractas do Sr. Gustavo Lanson, justamente applicaveis ao caso concreto.

E para nortejar pesquisa util, conducente á descoberta da fonte genuina, demos indicação no prefácio da *Histoire de la dame à l'éventail blanc*, que o Sr. Anatole France, extraiu de *Dame du pays de Soung*, versão de um conto chinez feita por Abel Rémusat (2)

O principal da mesma é o relato de velha mendiga ao philosopho Tchuang-Tsen, num encontro de cemitério, que traslado a seguir.

Esta mulher, que acabais de vêr sobre um túmulo, é a Sra. Lu, viuva de um letrado, por nome Tao, que morreu vai para quinze dias, depois de longa enfermidade, e aquelle túmulo é de seu marido. Amavam-se mutuamente, de um terno amor. Até expirando, ao Sr. Tao custava perdê-la; a idéa de a deixar no mundo, em plena flôr da idade e da belleza, era-lhe verdadeiramente penosa. Todavia, resignava-se pela natural doçura de caracter: sua alma submettia-se de bom grado á necessidade. Chorando á cabeceira do leito do Sr. Tao, da qual não se despegara durante a molestia, a Sra. Lu protestava aos deuses que lhe não sobreviveria e que partilharia de seu esquife como havia partilhado de sua cama.

Mas disse-lhe o Sr. Tao:

— Senhora, não jureis isso.

— Ao menos, contraveiu ella, si devo sobreviver-vos, si estou condemnada pelos Genios a vêr ainda a luz do dia, quando já não a virdes; ficae sabendo que jamais serei esposa de outro, que não terei senão um marido, como não tenho senão uma alma...

Mas, disse-lhe o Sr. Tao:

— Não jureis isso.

— Oh! senhor Tao, senhor Tao! deaxae-me jurar, ao menos, que cinco annos inteiros eu não me casarei.

Mas, disse-lhe o Sr. Tao:

— Senhora, não jureis isso. Jurae apenas guardar fielmente minha memoria, emquanto a terra não tenha seccado sobre minha sepultura.

A Sra. Lu fez, então, um juramento solenne. E o bom Sr. Tao cerrou os olhos, para não mais abril-os. O desespero da Sra. Lu ultrapassou quanto se possa imaginar. Seus olhos eram consumidos por lagrimas ardentes. Dilaecerava com as pontas das unhas, pequeninas, a face de porcellana...

Porém tudo passa. Tres dias após a morte do Sr. Tao, a tristeza da Sra. Lu tornou-se mais humana. Soubera que um joven discípulo do Sr. Tao desejava testemunhar-lhe a parte que tomava em seu luto. Julgou, com razão, que não podia excusar-se de recebê-lo. E o recebeu, suspirando. Elle tinha bella presença, sobre muita elegancia.

Falou-lhe um pouco do Sr. Tao e muito della. Disse-lhe que era encantadora e que já a amava. Ella deixou-o dizer... Elle prometteu voltar. Em esperando-o, a Sra. Lu, assentada ao pé da sepultura do marido, onde

(2) Provavelmente n'um dos volumes do sinologo, publicados em 1825 e 1828, *MÉLANGES ASIATIQUES* e *NOUVEAUX MÉLANGES ASIATIQUES*.

## CONSAGRAÇÃO DE UM SABIO

As homenagens excepçionaes com que se celebrou o jubileu de magisterio do eminente mestre da medicina brasileira, Miguel Couto, foi uma surpreendente glorificação, de justiça e desinteresse, em que se exaltava um sabio e um apostolo, cuja vida inteira tem sido consagrada á nobre profissão de medico e de professor. De toda a parte do paiz e de todas as espheras, partindo do Governo, pela palavra do Ministro do Interior, pelas Casas do Congresso, pelo Conselho Municipal, pelas associações intelle-

dico, em quem o carinho não é dos sabios que a sciencia mesma. Miguel Couto conseguiu a mais invejavel situação, de ser o mestre incontestado da medicina brasileira e são os seus proprios collegas que mais o exaltam e veneram, posto acima de todas as competições, obtendo aquillo que mais raro se vae tornando entre os honens — a Justiça. Não faltaram pennas e vozes que escrevessem e falassem das virtudes e dos meritos do insigne professor, num culto ao seu espirito e á sua sabedoria.



O professor Miguel Couto

ctuaes, pela classe academica e pela imprensa unanime, surgiram os louvores, os applausos e os agradecimentos ao grande sabio, que tem elevado o nome brasileiro, pois é largamente conhecido no estrangeiro, onde tem chegado a repercussão de sua obra medica. Essa apothese mais honrosa ainda para os que a fizeram, uma vez que significa um acto de justiça e admiração, a quem não dispõe de parcelas fascinantes de poder, mas soube se impor pela sabedoria e bondade, marcando o prototypo do me-

Não ha mais como pôr brilho em derredor, nem nós o pretenderiamos, neste simples registo, uma nota apenas nesse hymno magestoso de consagrações. Mas para os espiritos como o de Miguel Couto, habituados a ouvir todas as palavras, sejam de grandes ou pequeninos, não será a eloquencia o estalão da sinceridade. Procurando servir á cultura nacional, a *America Brasileira*, partilhando das homenagens ao mestre, apenas exalta a sua figura modelar, para maior gloria do espirito brasileiro.

a vistes, passa todo o dia a seccar a terra do respectivo cómodo, aventando-a com o leque

matronas orientaes, senão burlar idéntico juramento de felicidade conjugal e póstuma?

As viuinhas d'Além

Só queriam casar...

E acertavam com quem.

Seccando a terra ao túmulo ou do túmulo desviando o ribeiro, modalidades graciosas de um unico thema remoto, que faziam as duas

A tercina vulgar, negando esse final, parece obra de alguma viuinha d'Aquém...

**Alberto FARIA**

(Da Academia Brasileira de Lettras).

# GRAÇA ARANHA Á PROCURA DA TERRA PROMETTIDA

O DRAMA E A PHILOSOPHIA DO AUTOR DE "CHANAAN"

Creio que foi esse incansável polemista brasileiro, Sylvio Romero, quem escreveu que o ser escriptor em seu paiz era um verdadeiro triumpho do espirito sobre a materia. Entretanto, depois de se percorrerem as suas centenas e centenas de paginas — 'folk-lore', philosophia, critica litteraria, discussões pelos jornaes, etc. — conhece-se que o triumpho de Sylvio Romero, se não foi completo, foi indubitavelmente decisivo. Além das desvantagens do clima e methodo empregado, elle trabalhou debaixo de uma necessidade premente para todos os escriptores que buscam interpretar uma 'minor litterature': teve de tornar a escrever a historia da cultura moderna para os seus patricios, afim de que os conhecimentos delles pudessem ser encarados pela sua propria perspectiva.

Entretanto, depois do apparecimento da sua 'Historia da Litteratura Brasileira', a sorte dos escriptores latino-americanos, que nunca foi uma sinecura, alterou-se para melhor. Alguns homens das republicas espano-americanas e do Brasil estão tratando de ganhar a vida sómente pela penna. Embora a consagração ainda dependa da approvação estrangeira, o espirito de autonomia litteraria torna-se evidente cada vez mais, desenvolvendo em certas cousas — sem duvida como reacção — uma tendencia notavel para o regionalismo. Nem faltam Menckens locais para proclamarem a emergencia de linguas distinctas da linguagem das mães-patrias. Poucos escriptores brasileiros são conhecidos na França — e é em França e não em Portugal que o Brasil intellectual tem procurado de ha muito a direcção — e esses poucos são particularmente conhecidos por especialistas como Lebesgue, Cahiso, Orban, Martinenche ou por espiritos curiosos como A. France, que deve remar em todas as aguas, e C. Mauclair, cuja torre de marfim está calçada com pedras preciosas dos quatro cantos do mundo. Foi A. France que presidiu na Sorbonne a sessão em memoria de Machado de Assis, por occasião da morte deste escriptor. Raro espirito era elle e da propria estirpe de France. Foi o proprio France quem saudou 'Chanaan' de Graça Aranha como "a grande novela americana" (esquecimo-nos de que houvesse outra America além do sul do Panamá). Foi Mauclair quem acolheu o drama philosophico de Graça Aranha, 'Malazarte', após a sua representação por Lugné-Poë no Theatre de l'Oeuvre, reunindo á edição impressa uma excellente interpretação. E por fim o proprio "Malazarte" foi escripto originariamente em francez.

Graça Aranha é uma das personalidades representativas do Brasil contemporaneo. Desempenhou importante papel na vida diplomatica de sua patria, tanto no interior como no exterior, e o que é ainda mais interessante, sua obra creadora está livre de quaesquer referencias a taes temporalidades. Embora não seja mais um moço, tem sido recebido por uma consideravel parte da mocidade brasileira como o symbolo de suas aspirações, e isto por causa do vigor dos tres livros, o primeiro dos quaes "Chanaan", remonta aos primeiros annos do seculo; o segundo, "Malazarte", é doze

annos mais velho; o terceiro, "A esthetica da Vida", collecção de ensaios em que se ostenta a philosophia do Grande Inconsciente de Graça Aranha, apparecen ha já dois annos. Entretanto, tão lenta é a diffusão da litteratura na America do Sul que isto parece uma inteira novidade; actualmte, em sua terra de origem, escreve-se sobre "Chanaan" — e pelos mais ardentes moços — como se fosse um livro novo. O segredo do seu continuo interesse reside em ter-se a novella do cadinho brasileiro tornado parte da historia espiritual da nação.

O lugar de Graça Aranha, no coração da mocidade brasileira, foi recentemente assignalado pelo apparecimento de um duplo numero de "Klaxon", revista mensal de arte moderna quasi que lhe exclusivamente dedicado. Houve mesmo a reproducção de uma pagina de motivo musical — um sexteto mystico do compositor nacional, H. Villa-Lobos, para vozes masculinas, saxophones, celeste, violas, harpa e cythara, em que as vozes devem trillar com a lingua. Porque "Klaxon"? Porque klaxon é uma busina poderosa. No entanto nada ha de klaxonico em Graça Aranha — um pouco do "modernismo" espasmodico e do obscuro intencional desses jovens admiradores. O estylo de Graça Aranha é limpido, melodioso, fazendo mesmo da sua "Esthetica da Vida" um volume de leitura agradável, estimulante e mesmo facil. Póde ás vezes ser difficil, mas nunca obscuro; é-se levado a crer em suas visões de belleza, desde que o autor transmite a suggestão dellas em linguagem de correspondente substancia, cor e musica.

De "Chanaan" precisa-se falar, mas brevemente; foi ha poucos annos traduzido para o inglez. (1). No fundo ella está para a novella o que "Malazarte" está para o drama e o que a "Esthetica da Vida" está para a philosophia. A vida de Graça Aranha, no seu aspecto ideal, é a procura dessa terra promettida do seu primeiro livro — terra em que aquelle que procura e o procurado, abandonando a dor, o terror e o incompleto de suas identidades separadas, se confundem no vasto Inconsciente, onde só reside a verdadeira felicidade, porque é a unidade verdadeira, primaria. Entretanto, ha pouco de evasivamente mystico em Graça Aranha; sua philosophia de "self-completion" no inconsciente não é, como muitos dos cultos quasi hindus, que ella sugere externamente, uma fuga da realidade. Procura antes ser um enriquecimento, um embelezamento da vida pela realização do logar proprio do homem na natureza. Em "Chanaan" a fusão no cadinho fica incompleta; dali a felicidade escapa aos seus perseguidores. Em "Malazarte", situação analogá, desta vez entre amantes, conduz a essa separação que para Graça Aranha é sempre dor, porque é o symbolo vivo da fallencia da união do homem com o grande inconsciente da natureza. Em "A Esthetica da Vida" esta deu de dez annos.

(1) Isaac Golberg occupou-se largamente de "Chanaan" no seu livro recente: "The Brazilian Litterature — anterior a este estudo, philosophia torna-se explicita. Está mais accessivel no drama que a prece-

"Malazarte" é um drama philosophico enxertado em uma ou duas figuras do "folk-lore brasileiro. Originariamente um espirito de que, as creanças ouviram falar, com os tremores deliciosos dessa idade, quando as historias de fadas parecem verdadeiras, elle foi elevado por Graça Aranha á importancia de um symbolo philosophico. E' de algum modo, uma contraparte da rainha Mab, a "parteira das fadas" ("fairies' midwife"), orgulhoso como ella de galopar "sobre um nariz de conteeção" ou de "fazer coegas no nariz de um padre enquanto dorme". Mas elle é mais. Nas palavras de Mauclair:

"Malazarte é ao mesmo tempo um espirito e um mortal. Tem em si algo do diabo tal qual foi concebido pelos contistas philosophicos do seculo XVIII. E', como Asmodeu, um motejador. Tem o espirito inventivo de Scapino e de Figaro, e o genio inextinguivel delles para o logro; tem a velharia dum e o encanto do outro. Lembra tambem um dos muitos irmãos do norte, o flamengo Till Ulenspiegel... Ha um pouco de Mephistopheles em Malazarte... Entretanto, ha qualquer cousa de D. Juan, não em casos de amor, mas nos logros que prega aos maridos caçados e ás donzellas affectadas."

Mais importante sob o ponto de vista do drama de Graça Aranha, é a significação de Malazarte como um liame entre o mundo da realidade e o mundo da imaginação; Malazarte torna-se não só o arauto das opiniões do dramaturgo, mas tambem a encarnação dellas. Elle é, em resumo, a philosophia do inconsciente em acção; elle mima de Mephistopheles para o Fausto-Hamleto de Eduardo, e para a Ophelia-Gretchen de Almira Eduardo, symbolizando a humanidade, após a morte de Almira, enamora-se de Dyonisia. Por ella é levado a deixar sua mãe viuva, a esquecer o seu primeiro amor, a abandonar os laços que o ligam ao mundo que elle conheceu. No entanto, lhe é difficil tomar a decisão final, engana-o esta Lorelei brasileira. E eis Malazarte illimitado pelas considerações materiaes que estão nas mãos de Eduardo. Elle é o pretendente nietzschiano desta rapariga nitzschiana, que, como elle, é uma elaboração philosophica de uma simples figura do "folk-lore" brasileiro, a "mãe d'agua", ou espirito d'agua da lenda popular. Sómente estas naturezas, livres dos estorvos do artificio social, podem achar uma união que é negada a taes como Eduardo. A terra promettida delles é a ilha das palavras de Dyonisia — uma ilha, onde C. Mauclair vê o retiro de Prospero, a mysteriosa Thule dos nevoeiros, a radiante Paphos, ou essa "ilha feliz" para onde "o nostalgico, divino Watteau embarca os seus peregrinos para Cytherea. Todas estas ilhas talvez nada mais sejam que uma só, para onde Malazarte e Dyonisia se fazem de vela, voltando as costas para a vida — enquanto nosso espirito consciente, atormentado por toda a tristeza de Eduardo, perseguido pelo antigo côro de lamentos da familia e da sociedade, os enxergera da praia numa inveja muda e sombria"

Eduardo entrevê — e mais do que entrevê — a verdade, mas é impotente em segui-la. "Ha uma vida universal", affirma elle, "que se reflecte na arte, na



philosophia e na religião. E' a consciencia do infinito, a vida suprema acima dos codigos e dos gestos de terror e que faz do mundo uma maravilha... A minha vida é esta tortura: comprehender a inutilidade de todo o esforço... Como poderei salvar este patrimonio de fumilla, que se terá de perder em minhas mãos?

E' muito pesado o fardo que nos lega o passado. "A grande pergunta central de Malazarte elle mal pôde oppôr o seu raciocinio caracteristico. "Porque comprehender a vida?" pergunta o espirito pantheista. "Basta viver-a". E' esse o meu quinhão. Posto em face de gente triste, enferma e pusilânime e ser responsavel pelo seu destino! Por toda a parte, essa maldição dos covardes que precisam responsabilizar alguém pelas misérias que lhes vieram da propria natureza... A minha presença é funesta! Sou eu que altero as coisas e tollo em maldades. os beneficios que elles esperavam para a sua vida mesquinha. Sou eu que faço nascer o soffrimento e a expiação. Eu sou a praga! Sou o personagem sinistro que tudo ceita como um flagello formidavel. Se o sol os abraza, eu sou o sol; se o vento os derruba, eu sou o vento; se o raio os fulmina, eu sou o raio; se o mar os traça, eu sou o mar... Ah! miseraveis, que elles olhem para si mesmos e vejam se são dignos de viver. O proprio mal que trazem em si, revolta-se e os destrõe. E o odio delles se ergue contra a minha serenidade... Eu continuo impassivel e zombo dessa colera que me amaldiçoa. Outros se alegram em mim, os fortes, os grandes, os que não temem e sabem que tudo é fatalmente bello, e fazem do mundo um encanto e um prodigio. Para esses é que eu existo, e toda a minha energia, o meu sangue, a minha alma é para lhes dar a alegria e a belleza."

As palavras de Dyonisia e Eduardo estão da mesma forma cheias de uma extraordinaria poesia.

"Lá nós somos um com tudo o que existe. Os meus homens são rochedos, toscos, asperos, e os rochedos são como os homens do mar, rudes, calados, mediatubundos. A's vezes, dentro da luz, sobre o mar calmo, os barcos parecem passaros de azas abertas, são gaiivotas ou cysnes; outras vezes os cysnes e as gaiivotas abrem as azas e são barcos..."

Em Malazarte, Dyonisia vê a bella mentira que é a mais bella, mais verdadeira do que a verdade que o homem conhece.

"Não sei me explicar, elle tem mais vida, mais sangue, mais cor. Vale mais do que a verdade, porque representa as cousas que deviam ser o que não são por culpa nossa"

Eduardo fica vencido pela nova e perigosa opinião.

"E a inconsciencia suprema (diz elle a sua mãe) que dá o amor... A sociedade nos occulta a natureza, e o amor a revela... E' o extase e o esquecimento... A consciencia fez-nos monstros a ti e a mim. Estumos em frente da natureza como phantasmus amedrontados. Tudo nos espanta: as forças do Universo, a belleza, a vida, a alegria, e nós fizemos da sociedade uma organização contra a natureza... E' preciso matar a vida! E' o pacto de aliança... Oh! os seres livres!... Vê Malazarte, vê Dyonisia; eu quero a inconsciencia delles"

Entretanto, é em vão que elle pergunta: "Oh, quando seremos nós, verdadeiramente, as simples expressões da vida?" Permanece aterrorizado por esse mesmo desconhecido, cujas bellezas cantou. As Dyonisias pertencem aos Malazartes, enquanto que os Eduardos ficam na praia, apoderados pelos pensamentos que estrangulam a acção, igualmente separados do passado que elles renegaram

e do futuro que não podem vencer. "Tudo é separação e dor"

"Malazarte" é a philosophia de Graça Aranha escripta em imagens em vez de palavras. Mauclair denomina-o "immaterialismo philosophico". Desde que um nome é tão bom quanto o outro, eu escolheria antes alguma designação composta como amoralismo pantheistico, nirvanista. Quanto á procura do vasto Inconsciente, parece que Graça Aranha seria consciente de sua fusão no infinito.

Considerando de pouca importancia a questão do interesse do leitor pelo drama, ficar-se-á admirado do que seja o seu effeito no palco. Não é, como se poderia ter tornado hoje tão facilmente, uma obra "expressionistica"; lê-se com clareza crystallina, a sua acção é uma mistura estranha do real e do irreal, com uma situação tão convencional como uma ameaça

MIGUEL COUTO

Poesia não é tudo o que nos falta, nosso desejo, ou pesar, quando encontra uma expressão? A vossa porém traz o remedio, que cura ou alivia, e no mel, que embevece. Um grande medico é isto: um sabão que investiga, atina e trata, e um poeta que acolhe, consola ou faz esperar.

Vós sois, senhor Miguel Couto, esse grande medico, sabio e poeta num só genio. A Academia Brasileira fazendo-vos dos nossos, apenas distinguio esse toque do nosso ingenho, repetindo na predlecção da escolha daquelle symbolismo grego que faz do mesmo Apollo, comparsa das Musas e mestre da Medicina.

Já de uma occasião, para traduzir o vosso affecto filial, dissestes, de Vossa Mãe, que lhe foreis mais que um filho, uma filha, que se privara de constituir familia, enquanto ella viveu, para não dividir-se o affecto que lhe querieis; tambem para os vossos doentes, alumnos, collegas e confrades sois mais que um amigo, no delicado e carinhoso do vosso sentimento, sois uma irmã, irmã de caridade e de ternura, no conselho e no amparo; de fé, na sciencia de que sois mestre insigne e de esperanza, na bondade com que sois um poeta delicado; está porque, senhor Miguel Couto, a Academia Brasileira por uma festa tão fóra de seus habitos, vos quer dizer que vos ama, tanto como vos admira."

AFRANIO PEIXOTO

cada prorogação de prazo de uma hypotheca para mover a vivacidade de uma Dyonisia, enquanto que Malazarte ora é mortal, ou espirito de accordo com o papel intermediario para o qual o designou o autor. Entretanto, como symbolos victaes da profunda tendencia para essa "all-consciouness", esse Inconsciente, os caracteres parecem muito conscientes da sua importancia philosophica. Esta, creio, é a principal objecção a peça como drama vivo. No entanto, ha nelle algo de diferente que o coloca de algum modo á parte no drama deste seculo.

"A Esthetica da Vida" é a flor do pensamento de Graça Aranha; é a sua proclamação da vida como esthetica. Entretanto, não num sentido estreito, "wildista" A separação inicial do homem da natureza, resultando em consciencia, foi

producto da dor e do terror. O problema então se transforma em indagar como atingiu uma vez mais a essa união primeira, onde somente reside a verdadeira felicidade? Ha tres caminhos, illusorios todos, conduzindo por fim á maior de todas as illusões. A religião dá a illusão de uma união extatica com Deus; a philosophia desempenha o mesmo papel no reino do pensamento; o amor, fundindo dous seres, representa numa escala humana essa fusão cosmica que se acha na religião e na philosophia. Por todos tres o homem lança uma ponte sobre esse abysmo de separação do resto da natureza que é o abysmo do seu isolamento consciente e o seu mysterioso terror. Agora como converter estes elementos numa esthetica da vida? O homem deve, pois, fundir a sua personalidade com o resto da natureza de tal modo que se considere apenas um simples elemento do todo.

"Façamos de todas as nossas sensações, sensações de arte. E' a grande transformação de todos os valores da existencia. Não só a fórmula, a cor, o som, mas tambem a alegria e a dor e todas as emoções da vida sejam comprehendidas como expressões do Universo. Sejam para nós puras emoções estheticas, illusões do espectáculo mysterioso e divino, que nos empolguem, nos arrebatem, nos confundam na Unidade essencial de todas as cousas, cujo silencio augusto e terrivel perturbamos um instante pela consciencia que se abriu, como um relampago nas trevas do acaso..."

A attitude de Graça Aranha torna-se então uma retirada, não essa volta freudiana ao seio da mãe natureza com que ella facilmente se pôde parecer, mas antes uma profunda e mais universal participação na vida. E' em tal estado inconsciente que Freud encontra os sonhos reveladores que Rémy de Gourmont vê a origem do verdadeiro estylo do escriptor, que Benedetto Croce descobre a intuição. Sou levado a encarar "A Esthetica da Vida" como um poema. "O pensamento projecta-se na arte para existir. A philosophia, que não se faz arte, não será vida" E se pôde acrescentar que a vida que não se faz arte, não será vida. "It has always been difficult for Man to realize that his life is all an art", escreve Havelock Ellis como palavras iniciais da sua nova "Dance of Life"

Eis Graça Aranha o artista, o poeta. E ainda — ha nelle o humano, o eu humanissimo, o Eduardo que deve ter a sua opinião. "Porque?" pergunta elle a si proprio numa pequena composição chamada "Inexplicavel Tristeza"— "Porque me compadeço dos outros seres e das cousas? Porque sinto o que se denomina tristeza? E porque para um ser como eu tudo não é indifferente, excepto o gozo esthetico?"

Onde a fonte da minha compaixão? As raizes da minha tristeza?

Porque soffro e porque desejo? E porque não existo somente para a contemplação e o arrebatamento do espectáculo universal, e o meu espirito é carregado de dor extranha á belleza?

Explica-se o soffrimento do amor, que é a necessidade fundamental do ser que aspira pela confusão de toda a sua individualidade desapparecer no todo Universal e abysmar-se no infindavel silencio da Inconsciencia. Mas porque esse soffrimento que vem da sympathia e se chama compaixão?"

Pôde a sua philosophia ser um esforço da parte do intellecto de Graça Aranha para subjugar os seus sentimentos? Entra Eduardo para explicar Malazarte encarcerado. E a vida continua a ser a cousa embaraçosa que era dantes.

Isaac GOLDBERG

# TRANSFORMAÇÕES DO PANGERMANISMO

Este é o primeiro de uma série de quatro ensaios, que aqui serão estampados, acerca das tendências philosophicas e politicas predominantes na Allemanha de hoje, e os demais versarão sobre Spengler, o declínio do Occidente, Nicolai e a biologia da guerra e a Cultura contra a Civilização, sendo que o ultimo pretende ser uma synthese critica ou analytica das idéas e doutrinas spenglerianas.

1

A philosophia bellicosa que se inspirou da implacavel dialectica hegeliana parecia ter sobrado com a Allemanha vencida. Despedaçada a taboa de valores que a cultura germanica oppôz à civilização mediterranea, nada mais natural que a mentalidade tudasca procurasse desembaraçar-se dos imperativos categoricos, postulados e preconceitos que a fizeram perder a guerra, pela critica historica considerada antes de tudo como um conflicto entre dois principios fundamentaes antagonicos, e, ao mesmo tempo, se decidisse recompor a sua estrutura ideologica mediante revisão de todas as idéas nacionaes. Commetteriam grande erro quem concluísse ter a Allemanha abandonado as formulas truculentas com que sonhou loucamente apossar-se do mundo, depois da parábola de sangue e fogo que terminou no desastre. A realidade é menos risonha. Como fatalidade do seu entendimento, a ideologia que pretende refazer a nação prussiana conserva os inquebrantaveis moldes teutonicos, continúa a florescer no mesmo quadro traçado pela sua falsa concepção da vida, (*Weltanschauung*), persiste inalteravel, tenaz, immorredoura, com as illusões e as ameaças de outróra. De varios modos e por toda a parte, o espirito allemão se affirma o continuador da *Kultur*, que tão profundamente alterou a curythmia da secular espiritualidade greco-latina e os destinos do Occidente. Entre as angustias que nos atormentam e os perigos que nos espreitam, o allemão, numa postura que é um desafio, julga-se ainda uma creatura viva no centro do universo.

2

Não ha duvida que só aparentemente a Allemanha rompeu a moldura em que guarda o seu pensamento. A guerra prostrou o Estado prussiano, mas não abateu o orgulho teutonico, nem tão pouco destruiu a metaphysica allemã, quando a historia ou a experiencia exigia que o imperialismo encerrasse definitivamente o cyclo das suas devastações. De feito, os allemães se mantêm identificados com o seu longo, tenebroso e enigmatico passado, mais do que nunca se mostram fieis aos antigos dogmas, em flagrante contraste com a forte e predominante corrente dos sentimentos da nossa epocha, permanecem no absurdo dualismo separador da patria germanica e do cosmos. Por um phenomeno talvez explicavel pela hereditariedade psychologica, não se curvou a Allemanha a nenhuma divindade estranha aos seus mythos seculares, que são representações do ideal da força escravizadora. Oswald Spengler, Herman Keyserling e Thomas Mann, por exemplo, são curiosos testemunhos deste magno facto da consciencia metaphysica allemã, fôr da qual, segundo continuam affirmar, o mundo não se realiza e só pela sua manifestação o universo se pôde explicar. Deante dos nossos olhos attonitos, surgem elles discutindo, defendendo e renovando as théses perturbadoras que os germanos da antiguidade, os *Meistersinger*, haviam implantado na Europa e os prussianos do seculo XIX tentaram impôr á humanidade. Os três reclamam a doutrina da cultura contra a civilização, que, tendo raizes em Fichte, Hegel, Treitschke e outros philosophos,

nada mais é do que cambiante do pangermanismo e do idealismo guerreiro daquelles terriveis paladinos da cruz de ferro, cujos gladios ostentavam, gravada em letras gothicas, a famosa legenda *Ich dien*. E esta "nova" philosophia, que pretende crear novas forças culturaes, pôde assim ser traduzida: a Allemanha contra a França, conquanto a pesada lança de Wotan, que tantos golpes vibrou e tantas hostes venceu, fosse despedaçada afinal pela flexivel espada gauleza.

3

Spengler, Keyserling e Mann são os actuaes mestres e mentores, ou *Führer*, da Allemanha. As suas obras suscitaram a mais profunda impressão nos meios intellectuaes tudescos, e as novas gerações (a *Jugendbewegung*) têm com avidéz e irreprimivel entusiasmo esses catecismos do teutonismo revigorado por não dissimulada vontade de luta, de poder e de dominio. Thomas Mann, o menor dos três prophetas, declarado discipulo de Schopenhauer, é autor da *Considerações de um apolítico*, publicado em 1919. Ensaio notavel, mas obscuro e pedante, ostentando opulento cabedal de proposições, paralelismos e paradoxos, o systema algebrico de idéas que exhibe resume-se no estudo de certas antinomias com o objectivo de mostrar que a cultura, idéa germanica, e a civilização, conceito greco-latino, são coisas diametralmente oppostas. A cultura, a *these*, é protestante, pessimista, ironica, aristocratica, solidarista e musical — é "o eterno protesto do espirito allemão contra os herdeiros de Roma", e a civilização, a *antithese*, é pagã, optimista, radical, democratica, individualista, eloquente — o contrario da primeira. Fundando-se em affirmativas de significação universal e contradictorias entre si, e sendo impossivel toda synthese, a cultura protestante e a civilização latina pelejarão necessariamente até a morte. Até aqui o schema da luta tem sido este — os Germanos contra os Cezares romanos, Luthero contra o Papa, chefe da igreja catholica, a Prussia contra Napoleão, os Imperios Centraes contra o ideal humanitario dos Aliados e agora o socialismo prussiano contra a democracia. Mann conclue que a "cultura" triumphará á proporção em que fôr exterminando o radicalismo e o catholicismo que caracterizam a civilização romana. A doutrina apolítica de Mann é, como se vê, de pura essencia germanica. Sente-se nas suas considerações e nos seus postulados, sem disfarce, a alliança inquebrantavel do velho ideal prussia-

no com a falsa concepção racial a que continúa emprestar fundo mystico e reconhecer origens de pura nobreza.

4

Nas obras do conde Hermann Keyserling, o futuro político e a missão social da nova Allemanha apparecem tratados com eloquencia mais impressionadora e, ao que parece, *Das Reisetagebuch eines Philosophen e Politik, Wirtschaft, Wissenschaft*, esta apparecida em 1922 e aquella em 1919, reflectem todavia os anseios do pensamento allemão. Affirma Keyserling, cujos escritos têm caracter messianico, que a Allemanha tem uma grande tarefa a realizar, não mais de accordo com as idéas correntes na *Wilhelminische Epoche*, mas inspirada por outros e poderosos estimulantes que levarão o país "a pensar nas categorias do futuro e não do passado", abandonando tudo o que é essencialmente votado a desaparecer. A nossa epocha é marcada por um forte traço separando os antigos tempos, a civilização demodada, o passado historico, a fallencia do mundo occidental do futuro enigmatico. O objectivo da obra de Keyserling é a reforma da ordem social vigente, e nella, fazendo a critica das suas imperfeições e incoherencias, mostra a possibilidade de uma transformação fecunda. Das suas conclusões resulta que o problema economico, social e politico só o socialismo poderá resolver, tanto mais que a guerra engendrou uma mentalidade capaz de favorecê-la. O movimento que, em 1918, se apoderou do Estado prussiano, não foi obra casual e irreflectida, como em certos paizes vizinhos, mas, ao contrario, effectuou-se por phases successivas, desde as sublevações locais e os debates parlamentares até a guerra civil. Todo o esforço dos constructores da nova Allemanha, depois do frágil revêz do ideal que a inspirára durante meio seculo, deve consistir em estabelecer outra base ideologica para o desenvolvimento da sua actividade creadora. No entender de Keyserling, as catastrophes pouco influem na existência de um organismo dotado de grande energia, e, por isso, a tragedia militar nao annullou a finalidade politica da Allemanha, annulou a finalidade politica da Allemanha, derrotada, mas não supprimida, guarda as suas qualidades ethnicas e moraes, que não poderiam desaparecer num dia. As forças motoras da vida representam valores absolutos, e não se eliminam facilmente. Tem ella uma alta missão no mundo, que é ainda o programma de Bismarck, desvirtuado pelo ultimo Hohenzollern, cujo imperialismo egoista

## GABRIELE D'ANNUNZIO, COMPOSITOR

Parece que Gabriele d'Annunzio nunca deixará de reservar novas surpresas ao mundo. Pensava-se no anno passado que o ex-dictador de Fiume fosse fazer opposição ao Mussolini e levantar legiões por sua vez. Falou-se em seguida na sua entrada por um mosteiro. Eis agora que o celebre poeta ambiciona ser um grande compositor. Está actualmente escrevendo uma opera, cujo titulo provisório é *Frate Sole* e que será levada, talvez no anno que vem, no amphitheatro do castello de Brescia. Até hoje Gabriele d'Annunzio nada quiz dizer a respeito da sua futura obra musical nem onde e como elle estudou a harmonia e o contra ponto. Qual foi o seu mestre? Ildebrando Pizzetti talvez, que escreveu varias partituras para tragedias e illustrou com sonoridades originaes as concepções grandiosas do poeta? Um outro, quem sabe? D'Annunzio gosta do mysterio. Entende que *Frate Sole* seja uma revelação. Sonha ser tambem sagrado mestre no imperio dos sons. Jean Jacques Rousseau não escreveu o *Devin de Village*? Esperemos curiosamente a musica dannunziana. O autor do *Triumpho da Morte* sempre teve uma adoração pela musica. A analyse que elle fez de *Tristão e Isolda* nesse romance ha de ficar entre as suas mais bellas paginas e as que consagrou ao mestre de Beyreuth no *Fuoco* são symptomaticos do grande frenesi lyrico, que anima constantemente o autor dos *Laude*. Não escrevia um dia a Pescara: "Que tortura. Eu, o assiduo apaixonado de todos os concertos de Roma, eu o fanatico das mais puras e altas emanações da arte musical, eu que tive horas de esquecimento total ouvindo tocar obras de Chopin, de Beethoven e de Schubert, não ouço musica ha sete mezes. Só ha aqui a banda local e odeio essas bandas que são antes bandos de bandoleiros." A paixão do poeta italiano pela musica italiana não é uma indicação do modo de inspiração que o guiou, inspiração em opposição ao actual *verismo* dos maestros italianos?

e brutal, que arruinou a nação, não correspondia à verdadeira vontade ou à tendência interior do povo germanico.

5

No intuito de persuadir a gente allemã, ferido no amor proprio nacional, de que a derrocada da Allemanha teve por causa uma concepção erronea do seu verdadeiro papel, esforça-se para demonstrar que o conceito da força material determinando o direito e a fé imperialista que delle decorria, nas quaes muitas gerações foram educadas, deixaram de ser idéas nacionaes. O Estado prussiano transformára-se gradualmente numa especie de sociedade de responsabilidade limitada (*Gesellschaft mit beschränkter Haftung*), composta de milhões de organismos mais ou menos autônomos e funcionando com precisão automatica: a estrutura militarista e feudal do antigo Imperio não passava de uma fachada. A prova está no facto da revolução triumphante, que nada inventou, e apenas adheriu ao estado de coisas existente. "O Estado allemão, diz elle, era, na essencia, desde muito tempo, uma republica social." Keyserling crê então que para crear a nova Allemanha, para abreviar o advento do "inevitavel", que é a futura grandeza allemã, é mister estabelecer um Estado autoritario, que, evitando o predomínio de uma classe sobre as outras e liberto do humor variavel das massas, assegurasse o direito de governar aos technicos, aos capazes, aos mais competentes, e preteride que a mesma esteja melhor preparada que as nações occidentaes para semelhante reforma politica. Essa obra só será realizada pela *idéa socialista*, hoje tão universal como outrôra o christianismo, mas adaptado o principio de solidariedade ás condições ethnicas, historicas e politicas. Keyserling crê que as grandes corporações economicas destinam-se a um papel decisivo na vida social allemã. Neste sentido, professa a opinião de Rathenau, que é tambem a de Ostwald e de outros philosophos seus compatriotas que emprestam á Allemanha o merito de ter descoberto o factor da organização, a que deve a riqueza. "A ideologia marxista, inculcada como dogma no cerebro e na alma de milhões de individuos, subsistirá ainda por muito tempo, mas a nova ordem social será effectivada pelo espirito de corpo, hostil ao marxismo e representando uma adaptação moderna da sociedade dividida em casta, tal como existia na Idade Média."

6

Observa ainda que o sentimento de disciplina, sendo innato á natureza ou á cultura allemã, inimiga das idéas igualitarias, a Allemanha nunca será um país democratico no significado occidental da palavra. Da antiga casta dominante, em grande parte absorvida ou submergida, subsistem, notadamente na Prussia, nucleos reduzidos mas poderosos, que conservam as suas qualidades superiores, a experiencia secular da raça, ao lado da classe dos funcionários, dos burguezes e dos operarios, conscientes da distancia que os separa dos homens qualificados pela pureza do sangue e aos quaes se acham presos por obediencia hereditaria. A ascensão dos revolucionarios á notoriedade historica e ao poder, não destruiu o caracter essencialmente patriarchal dessas relações entre o inferior e o superior, que persiste attestando que o respeito á autoridade e a subordinação (*Befehl und Gehorsam*) são qualidades germanicas, infiltradas nas massas e aperfeçoadas pela intuição de ordem, o desejo de crear e a vontade mystica do poder. Walter Rathenau, escreve no *Von kommenden Dingen* que o proletariado e a pequena burguezia vivem numa perpetua dependencia: um e outra obedecem ao funcionario na vida civil, ao patrão, ao engenheiro e ao contra-mestre na fabrica, ao official e ao sub-official durante o serviço militar, e se o inferior algumas vezes se revolta, seu acto não é a arrogante reivindicacão de um direito, mas simples rebeldia, e elle por fim acaba submettendo-se ao chefe. O tedesco é fiel á supremacia do Estado, como

prova ainda, e de modo eloquente, a permanencia das duas organizações prussianas, o exercito de origem rural e primitiva, e o socialismo, nascido nas cidades sob o influxo da industria.

7

Graças ao instincto hierarchico, o autor de *Politik, Wirtschaft, Weischaft*, não julga o systema monarchico definitivamente relegado por longo tempo. O actual regime é ainda sem duvida muito imperfeito para que pretenda servir de exemplo ao mundo. Ao contrario, é urgente que se proceda á revisão dos valores sobre os quaes se apoia a vigente organização e se procure realizar a idéa do Estado nacional. Entende, porém, que o chãos reinante será substituído, não por uma ordem completamente diversa, mas por um ajustamento do regime antigo ás condições da vida moderna. "É provavel, escreve Keyserling, que a Allemanha se torne um Estado monarchico, mas a nova monarchia tomará o caracter de cesarismo, que effectuará a unidade da Allemanha socializada." Vê, então, em Bismarck um verdadeiro Cezar, porque, do mesmo modo que Cezar, mantendo a formula republicana, lançou as bases do futuro Imperio romano, Bismarck, preso ao antigo conceito prussiano, creou um principio que deveria abolir a tradiçã logo que se manifestasse prejudicial ao *Reich*. Julga ainda que, achando-se comprometido o principio dynastico pela politica de Guilherme, a futura monarchia renascerá sob fórmia electiva.

8

Por fim, Keyserling insinúa que os erros de passado não seriam mais praticados pelos que forem dirigir os destinos allemães, porque respeitariam elles as "conquistas da revolução" e as aspirações das massas operarias, que, embora irrealisaveis no conjuncto, constituem elementos de grande importancia que não podem ser mais esquecidos ou desprezados. Povo dotado de maravilhosa organização economica, e sabendo hoje que a diagonal do poder é resultante de muitas forças, o que lhe assegura a superioridade no sentido indicado, o novo regime será consequencia natural do determinismo historico da Allemanha, mediante o esforço de sessenta milhões de indi-

viduos dispostos a restituir-lhe o logar preponderante no mundo. A transformação do *geschlossener Handelsstaat* de Fichte em Imperio socialista unificado, tal como concebeu Bismarck, é o que annuncia a tentativa da primeira Republica germanica. E precisamente a derrota da Allenanha, conclue Keyserling, contribuirá para que o rythmo dessa evolução se accelere, libertando-a da deploravel e dolorosa desordem em que presentemente se debate.

9

As idéas de Mann ou de Keyserling acerca da missão da Allemanha no futuro coincidem em muitos pontos com as theorias de Spengler. Oswald Spengler é vulto de grande relevo, talvez, no momento, a mais robusta e brilhante mentalidade de pensador entre os germanos, e todavia quem melhor traduz e compendia as tendências politicas e as inquietações moraes da "élite" intellectual do seu país. O apparecimento em 1918 de *Der Untergang des Abendlandes* (O declínio do Occidente), livro provocador que obriga a pensar, grangeou-lhe exito excepcional, só comparavel, na sua essencia e significação, ao que alcançou H. S. Chamberlain com *As origens do XIX secolo* (*Die Grundsätze des XIX. Jahrhunderts*). Mas é no *Preussentum und Sozialismus*, editado em 1921, que se encontra a sua verdadeira profissão de fé na resurreição da Allemanha. Spengler, que conjuga o pessimismo protestante, o delirio hegeliano, o historismo de Treitschke e a politica de Bismarck, na affirmacão da Allemanha resurgida para imensos destinos, impõe-se á consciencia moral do tempo.

10

Spengler, como o conde de Keyserling, proclama que o socialismo terá a virtude de operar o milagre da renascença da Prussia, e affirma que a idéa socialista se identifica perfeitamente com o antigo espirito prussiano, mas sustenta que deve libertar-se das superstições, dos erros e dos absurdos do marxismo, que é tudo quanto ha de mais opposto ao instincto, ao espirito, á cultura allemã. Na critica cerrada, e ás vezes original ou profunda, que faz do materialismo economico marxista, declara que a revolução republicana re-



Desenho de Di Cavalcanti

presenta um dos formidáveis erros políticos que assinalará a philosophia da historia. Não só acha espantoso e lastimavel esse equivoço, mas considera-o ridiculo, porque os revolucionarios destruíram um regime que representava precisamente a organização que ambicionavam, para substitui-lo pelo despotismo partidario. A revolução allemã, diz Spengler, procede de uma idea que pertence, não a Karl Marx, mas ao grande Frederico, que, declarando-se "o primeiro servidor do Estado", se revelava o mais completo revolucionario. Desde o XVIII seculo, o instincto prussiano havia comprehendido que o Estado, obra de utilidade e de bem publico, é tudo e que o individuo existe para servir à sua soberania de accordo com as aptidões de cada um. Esse socialismo autoritario, essencialmente anti-liberal e anti-democratico, opposto ao liberalismo inglês e à democracia franceza, em perfeita identidade com a idea germanica anti-revolucionaria, existe nas grandes linhas fundamentaes no Estado prussiano. A revolução victoriosa tinha apenas uma tarefa: adaptar o organismo saído da doutrina do seculo XVIII ao espirito do seculo XX. Na sua furia destruidora, esquecidos de que a Alemanha é um povo de camponeses e de funcionarios, os radicaes praticaram o contrasenso de dividir a nação, mantendo o egoismo ou a disputa das classes. Creou-se o privilegio do quarto Estado com uma parte minima do povo, ao mesmo tempo que a idea socialista assim desvirtuada se distanciava da maioria nacional, composta por inumeras profissões, submettida a intoleravel dictadura. O Estado deve ser o centro da vida economica, dispôr de todas as forças e meios de exercicio da nação, personificar a consciencia do pais. Toda a actividade social se realiza por elle e para elle. Ora, o Estado, que apparece como a materialização da vontade creadora do povo inteiro, nunca será um Estado de classes, mantendo divisões arbitrarías, o que é absurdo. O systema capaz daquella funcção é o Estado nacional, constituído conforme o principio de que nenhuma das partes da collectividade não será dominada ou explorada em beneficio de outras, que todas as qualidades distinctas se reflectirão no seu desenvolvimento e toda força intellectual disponivel será empregada convenientemente. Nesse regime reinará harmoniosa distribuição e coordenação do trabalho, mantida pela autoridade. Assim concebido, o Estado é o eterno nacional, ampliado, immortal sobre a terra que lhe serve de moldura. Ao mesmo tempo, um profundo sentimento de responsabilidade deve unir o homem à actividade funcional do Estado e revelar-lhe que todos os seus actos são acções do Estado, pois, assim como no dominio transcendental nada é desprezível ou indifferente, do mesmo modo na estrutura do Estado não existe nenhum ramo que não se integre na responsabilidade. A proporção que se affirma em nós a idea dessa sciencia estadística, tão perfeitamente que se torne uma segunda natureza, creámos em nós uma mentalidade que considera a nação um todo superior ao individuo e a luz eterna. Essa dupla directriz ou parallelismo produzirá o maravilhoso equilibrio necessario à liberdade e ao poder. Ora, desde que o Estado germanico se constituiu em desaccordo com o socialismo prussiano, a Republica não poderá realizar a verdadeira tarefa historica da Alemanha, porque o marxismo, como idea e organização, não é de essencia allemã, mas inglesa. Neste sentido, Spengler, quasi sempre tendencioso, explana uma série de argumentos ineditos e subtilezas, ás vezes paradoxaes, para condemnar o actual Estado allemão e mostrar a accentuada differença entre o espirito britannico, inspirador da ideologia marxista, e o espirito genuinamente prussiano.

11

Segundo Spengler, os espanhòes, os ingleses e os prussianos são os três povos europeus dotados da tendencia para a hegemonia mundial e de *Wille zur Macht* faustiano, ao passo que os italianos e os francezes repre-

zentam o opposto. Nos italianos e francezes o poder politico se reduz a meras questões de fronteiras. Leibniz tentou em vão convencer Luis XIV conquistar o Egypto, e bem assim Colombo inutilmente bateu as portas de Paris e de Florença para levar a termo a grandioza empreza do descobrimento da America. "Subjugar Piza, ganhar a fronteira rhenana, diminuir o vizinho, humilhar o inimigo" — eis o pensamento politico desses povos. Ao contrario, os espanhòes (Spengler esquece que os portuguezes mantinham o mesmo pensamento imperialista) aspiravam a conquista do mundo, a posse de um imperio onde o sol nunca se occultasse. Desde então, a idea de hegemonia não desappareceu da politica do continente, e, com a decadencia de Espanha, os ingleses a adoptaram no seculo XVII e os prussianos no XVIII. Pretende Spengler que foram esses povos que

### A LEI DE IMPRENSA

Durante a discussão da lei de imprensa, ou seja pelo espaço de um anno, esperava-se que os nossos publicistas, jurisperitos, escriptores, bem como as associações intellectuaes do paiz, abordassem o assumpto, ventilando-o e discutindo-o sob os seus multiplos aspectos, de sorte que a nação se orientasse, acompanhando a obra do congresso. Tal não aconteceu. O marasmo permaneceu e a propria imprensa, salvo excepções, apenas tratou do caso, ao sabor de suas intransigencias politicas. O Congresso votou a lei, sem que o paiz falasse claramente, e apenas os senadores Paulo de Frontin e Irineu Machado, numa attitude nobre e vigorosa, com um trabalho exaustivo e energico, não raro sobrehumano, discutiram artigo por artigo da nova lei, estudando-a em suas varias feições, comparativamente à legislação moderna e de accordo com as contingencias nacionaes. Lutando contra a maioria da Camara Alta, apressada em votar o projecto, tornado capricho, os senadores cariocas fizeram um trabalho herculeo, por si só bastante para justificar o silencio da opinião publica. A elles se deve a lenta elaboração da lei, a elles se deve a poda de varios absurdos e si mais não lhes foi possivel obter, ao menos não passou em silencio dispositivo algum. Honrando o mandato popular, fizeram uma obra de patriotismo e os seus discursos serão de futuro o unico repositório, onde o exegeta dessa lei se poderá inspirar, como elemento historico. Não mais é opportuno falar da lei ora vigente sobre a liberdade de imprensa. O tempo e a experiencia da sua pratica constituirão o melhor depoimento sobre a sua efficacia e beneficio, dizendo como se houberam os legisladores republicanos da época, na factura de uma obra desse alcance dessa magnitude. Inutil prolongar o debate.

emprestaram idéas universaes à civilização occidental, taes como o ultramontanismo, o capitalismo e o socialismo, encarados no mais alto sentido. No decurso do seculo XIX, a historia se resume na luta diuturna e implacavel entre o espirito inglês, ou o individualismo, e o espirito prussiano, ou o socialismo, pelega que deve terminar pelo triumpho de um ou de outro, visto ser impossivel a co-existencia das duas concepções de vida. A Inglaterra, continúa elle, encarna o espirito dos Vikings e a Alemanha o sentimento da ordem e da obediencia, e ambas obedecem, portanto, a imperativos moraes antagonicos. Explica esta opposição demonstrando que a divergencia psychologica entre os dois povos é

determinada principalmente pelo factor geográfico, enquanto o allemão, vivendo num territorio desprovido de fronteiras naturaes, está exposto a invasões inimigas. "A ilha substituiu na Inglaterra o Estado organizado, e sómente nestas condições a existencia de um país sem Estado é possivel. No lugar do Estado, o inglês collocou o individuo livre, cruento na luta pela vida, porque só por esse meio pôde dissimular o ancestral instincto de pirata. A politica inglesa é uma politica de pessoas privadas de grupos de taes pessoas". Muito diverso é o imperativo moral prussiano, que exige, antes de tudo, a submissão do individuo à collectividade, deixando-lhe apenas a *libertas obedientiae*. O individuo, perfeitamente consciente de que nada é fóra da collectividade, dissolve-se na communhão, no Estado, que é tudo. A esta idea, que é o desdobramento da formula inicial de Hegel deve-se, por exemplo, a existencia da organização militar, do corpo de funcionarios e da classe operaria, solidos alicerces do Estado prussiano. Tal discordancia de concepções envolve uma differença na estrutura social da Inglaterra e da Alemanha: "Na Inglaterra, é a riqueza, ou melhor, o exito na luta pela existencia, que estabelece a distincção entre as classes. Na Prussia é o *rang* que crea essa divergencia, quer dizer, não o resultado do trabalho, mas o proprio trabalho. Na Inglaterra, são a riqueza e a pobreza que apparecem como contrastes do organismo nacional. O operário deve esforçar-se para tornar-se rico. Esta tem sido a politica dos *trade-unions*. Ao contrario, na Prussia, o regime social é definido pela opposição entre a ordem e a obediencia numa collectividade disciplinada, seja o Estado, o partido, a classe operaria, o corpo de officiaes ou de funcionarios." Dahi, a existencia de duas ethicas differentes: a do exito e a do dever. A moral inglesa diz: trabalha para tornares rico, e para a conquista da riqueza, que é a finalidade para o inglês, a consciencia puritana justifica o emprego de todos os expedientes, os mais cruéis como os menos escrupulosos. A ethica prussiana ordena: trabalha afim de cumprir o teu dever, que é o bem da collectividade. Assevera Spengler que a ethica do país sem Estado, feita pelo instincto dos Vikings, sempre disposto para o combate, suppõe o direito do individuo assegurar a sua felicidade ainda mesmo em detrimento de outrem, contanto, que disponha da força necessaria para isso. O pensamento do inglês é enriquecer, accumular indifferentemente thesouros, exceder-se, dominar sempre, o individuo mediante os pequenos processos da astucia ou da violencia, e o Estado recorrendo á intriga diplomatica e ao augmento de suas armas em terra e no mar. É uma especie de darwinismo economico. "O instincto de pirata de um povo vivendo numa ilha, concebe a vida economica como ambição por uma presa e notadamente por uma presa individual. O fim é a creação de utilidades individuaes, o esforço contra a concorrência privada, o dominio nas relações entre a offerta e a procura — e não o desenvolvimento da riqueza nacional conforme um plano estabelecido. Isso determinaria a essencia da economia inglesa, identificando-a com o commercio, conquanto este seja uma forma civilizada do banditismo. Toda disputa entre os proprietarios de empresas industriaes e os trabalhadores gyra, a partir da metade do ultimo seculo, em torno da mercadoria "trabalho", que uns querem comprar ao mais baixo preço possivel e outros vender tão caro quanto possivel. O termo "liberdade de trabalho" provém de uma concepção economica de piratas. A doutrina prussiana, ou socialista, reclama uma regulamentação da troca pelo Estado, que reserva ao commercio papel subordinado e não dominante." A ethica prussiana, que reconhece como dever individual o destino da raça, nada mais é que o proprio socialismo, que remonta a Frederico o Grande.

12

A significação da democracia inglesa é a possibilidade de cada um tornar-se rico, e

a base da sua organização social é a riqueza, o capitalismo. O socialismo prussiano tem fundamento no principio de autoridade, supõe um regime legal, em que a conquista do *rang* se faz sem atropellos nem obstaculos, é profundamente influenciado pelo sentimento de hierarchia. A este respeito escreve Spengler: "A França, como a Italia, nunca conheceu uma divisão natural em classes, nem mesmo antes de 1789. A anarchia social era a regra. Existiam grupos de privilegiados de todos os generos e de differente importancia, sem que houvesse determinada relação social entre elles. Basta lembrar a existencia da nobreza da magistratura ao lado da corte, o *typo* do *abbade*, o *rendeiro*, a distincção entre os burguezes da cidade. O espirito nitidamente francês da igualdade, manifestou-se sempre em todos os tempos incapaz de gerar uma ordem hierarchica. Na Inglaterra, a nobreza transformou-se pouco a pouco numa classe baseada na riqueza, ao passo que na Prussia se tornou militar. A nobreza franceza jámais conheceu essa unidade social. A revolução ingleza era dirigida contra o Estado, quer dizer, contra o "regime" prussiano na Igreja e na vida publica, enquanto a revolução allemã foi contra o systema "inglês", baseado na differença entre rico e pobre, que havia penetrado na Allemanha no XIX seculo com a industria e o commercio e se tornára o centro das tendencias anti-prussianas e anti-sociaes. Só a revolução franceza se insurgira, não contra um estatuto estrangeiro e, portanto, immoral, mas contra a propria ordem em geral; e a isso é que se chama democracia no sentido francês." A antinomia que apparece nas idéas nacionaes dos dois povos, Spengler assignala com argumentos fortes, embora discutiveis, e até muitas vezes falseando a historia da evolução espiritual da nação ingleza ou franceza.

13

Filiando os preceitos marxistas á concepção ingleza da vida, pretende Spengler que Marx errou grosseiramente quando confundiu um Estado como a Prussia, onde cada individuo é considerado servidor da collectividade e funda o conceito de sua dignidade na consciencia dessa submissão, com um país de piratas como a Inglaterra, onde toda a luta economica se desenvolve entre rapinantes e saqueados. "O erro de Marx foi transformar a opposição do instincto das duas raças anglo-saxonias em divergencia material de duas classes, attribuindo ao "proletariado" a idéa prussiana do socialismo e á "burguezia" a idéa ingleza do capitalismo." A existencia dessas duas classes antagonicas, é inconcebivel em relação á Prussia. A ethica do marxismo, que erige em principio o egoismo de classe, tambem em cada formula revela a sua procedencia ingleza, e, portanto, anti-prussiana. A começar pelos termos "socialismo" e "capitalismo", que correspondem na theologia marxista ás idéas religiosas do bem e do mal, representando o burguês o diabo e o operario o anjo, vê-se que Marx raciocina á ingleza. Marx ensina ao povo o desprezo do trabalho, concebendo-a, á semelhança dos inglezes, como um caminho que conduz á riqueza e não como um dever, ao modo prussiano. Considerando o trabalho como maldição, odêa, por isso mesmo, a todos quantos não são obrigados a trabalhar, e incita insidiosamente a luta de classes. O trabalho é para elle simples mercadoria: o industrial vende a mercadoria "dinheiro" e o operario a mercadoria "trabalho". Nos calculos de Marx não entra o Estado, pois para elle existe apenas o conflicto entre o operariado e o partido capitalista, e o que préga é a dictadura daquelle, revelando-se tudo quanto ha de mais opposto á idéa prussiana. No Estado socialista prussiano, o povo inteiro identifica-se com o *Reich*, e os partidos de classe servem á causa commum. O operario considera-se antes um funcionario que um commerciante, e esse é igualmente o sentimento do industrial. Spengler mostra como o conceito allemão de propriedade é differente da concepção dos francezes ou italianos. A idéa corrente nesses

povos intrigantes e ambiciosos de que a propriedade é conforto, bem estar, posse restricta de certos bens, differe da noção do homem faustiano que só a aprecia ou estima enquanto força productiva ou exerce acção dinamica. A posse nada é fóra da vantagem momentanea do dinheiro, da satisfação material, da felicidade ordinaria. A propriedade deve ser uma coisa verdadeiramente viva. O orgulho do conquistador, do negociante, do especulador e até do colleccionador de obras d'arte, é inspirado pelo pensamento de que a propriedade lhe assegure a alegria perpetua do poder "A Renascença italiana e a França, diz ainda Spengler, oppõem a essa concepção energica da propriedade o ideal do *rendeiro*, cuja essencia não é a acção, mas o prazer. O italiano ou o francês, na sua ambição, aspira não tu-

## MIGUEL COUTO

As qualidades e maneiras do escriptor e do homem fazem-me crer que o professor Miguel Couto seja differente desses que nas faculdades superiores, de curso mais ou menos livre, têm as aulas frequentadas de auditorio numeroso e espontaneo por prazer de escutar a suggestão de fama transmittida, de geração a geração, entre os estudantes. De outros que taes tenho ouvido fallar; não delle; e por mim mesmo, em conjectura, já eu o excluirei da classe dos oradores de cathedra, á qual não pertencem os vendadeiros mestres que "lêem" aos alumnos as suas lições de sciencia. E é o que justamente parece demonstrar essa commemoração do meio jubileu do seu professorado.

Descontada mesmo a parte de influencia social do clinico, primeiro entre os do seu tempo, no Brasil, significa esta festa que, onde outros com eloquencia deleitam os ouvintes, ensina este mestre aos seus discipulos o saber que forma os mestres: e agora, discipulos e mestres, reconhecidos e congregados dentre os que em 25 annos não definharam ou desapareceram, representam a solidez, a continuidade, o valor, a repercussão do trabalho da sabedoria, menos scintillante, porém mais proficuo, mais consciencioso, mais duradouro, de que as galas da eloquencia e as forças da loquacidade, que levantam a popularidade ephemera.

Em Miguel Couto o mestre não podia ser senão o que é o homem e o que é o escriptor.

MARIO DE ALENCAR.

do possuir, mas possuir muito. Os "condottieri" só prezavam a riqueza na proporção em que lhes permittia usufruir plenamente a cultura ociosa do seculo. O banco dos Médicis, um dos primeiros da Europa, não ambicionava a conquista do predomínio no mercado mundial. Luiz XIV occupava seus generaes em assegurar uma base solida á existencia olympica do Rei Sol. A nobreza franceza de Versailles era inteiramente dominada pelos sentimentos da Renascença, e sua cultura não tinha character dinamico. Essa aristocracia do XVIII seculo era o contrario da nobreza ingleza ou prussiana, activa, laboriosa e conquistadora. O "grande senhor" de 1750 era o precursor do burguês de 1850" Ao mesmo tempo que a idéa prussiana da propriedade se approxima do conceito inglês da riqueza, aquella se differencia substancialmente deste, porque, como já vimos, o inglês considera a propriedade como uma presa individual e o prussiano como um bem que

lhe é confiado em nome da collectividade e cuja administração exerce no interesse do Estado. A riqueza nacional, para o prussiano, não é a somma das propriedades individuais: estas, ao contrario, representam para elle funções do todo economico.

14

Por fim, chega Spengler ao termo extremo da questão. No seu entender, debatem-se no mundo duas concepções economicas irreconciliaveis, o socialismo, ou o prussianismo, e o capitalismo, ou o individualismo inglês, e o problema consiste em saber se o universo será uma exploração capitalista ou uma organização socialista. Não seria talvez prematuro definir o Estado através da visão spengleriana como um agrupamento armado de produção sobre base nacional. Quanto á sua natureza intima, o ideal não é mais "governar", no sentido de uma só vontade dirigindo o povo para determinado fim, mas "administrar", significando que uma autoridade suprema, que se impõe aos individuos e á vida collectiva, se esforce por bem gerir os negocios publicos, regulando os numerosos interesses contradictorios, organizando todas as fontes de energia submettidas a methods identicos, unificando os trabalhos da collectividade. Nenhum systema exerceria influencia mais benefica em favor da unidade nacional do que este, para cuja realização Spengler declara necessario todo o entrave que facilite attingir o fim fixado e inutil, inorganico, o que não contribua para alcançá-lo. O Estado nacional seria dirigido por homens de experiencia superior, que se inspirariam de um conjuncto harmonico de crenças com profundas raizes no genio da raça, e não mais pelos inventores de dogmas e politicos profissionaes, que servem a doutrinas superficialissimas ou a interesses immediatos. Nelle, o problema da liberdade seria moral e transcendente, e o bem collectivo decidiria o que é oppressão ou liberdade. O equilibrio permanente entre dirigentes e dirigidos se estabeleceria, como num organismo vivo, pelo fluxo e refluxo continuo dos espiritos e das forças, porque todo membro da nação, valor ponderavel, poderá governar e servir, dirigir e trabalhar, tudo dependendo de sua capacidade, cultura e intelligencia. O advento de tal systema, que, valendo-se da propria terminologia allemã corrente, se poderia chamar *organocracia*, no pensar de Spengler, está longe de ser utopico, porque o povo allemão encontraria um corpo de poderosas individualidades para constitui-lo.

15

Examinando a luta entre os dois principios na Allemanha, considera que entre conservadores e socialistas existe um simples equivoco, porque estes como aquelles são partidos essencialmente prussianos, que, embora divergentes, se oppõem ao principio economico inglês do capitalismo. Ambos, com o character anti-liberal e anti-parlamentar, concebem o Estado baseado na ordem e na obediencia dos individuos, supprimindo a differença entre operarios e funcionarios, diversamente do que pratica a Inglaterra. O inimigo do socialismo prussiano não é o capitalismo allemão, porque este se nutre da idéa social prussiana, mas o marxismo, que oriundo do capitalismo inglês, deve desaparecer como forma social da vida economica, por contrario ao velho espirito prussiano (*Preussentum*), donde procede o verdadeiro socialismo, que significa poder. Ha mister, pois, que os dois partidos comprehendam, que não deve subsistir a opposição entre conservadores e socialistas, porque elaboram num engano julgando o espirito prussiano hostil ao socialismo, mas, ao contrario, colligarem-se para combater o marxismo, que corrompeu e paralyzou a vida economica allemã, inculcando um falso socialismo, e fazer do trabalho organizado uma força da nação. A odiosa guerra de classes perderá o character aviltante e seu aspecto doloroso, porque o trabalho commum,

enobrecido pelas leis que regem toda produção de ordem superior, científica ou artística, terá sua finalidade em si mesmo, será realizado com amor e libertado das condições de miséria ou sofrimento. Trata-se de escolher entre a ideia prussiana e a concepção inglesa, entre o socialismo e o capitalismo, entre o Estado e o Parlamento. O salvamento da Alemanha está, conclue Spengler, num Estado, que, na sua essência, seria uma monarquia, não hereditária, mas socialista e democrática no sentido prussiano.

16

A despeito de algumas divergências, repetimos, ha intimo accordo entre o pensamento de Spengler e a doutrina do conde de Keyserling. Ambos possuem lastro philosophico de identica origem, procedem da mesma ideologia e crêm na grandeza futura da Alemanha pela reorganisação das suas forças vitaes sobre iguaes bases politicas. Os dois são adversarios do liberalismo occidental, representado pelo regime democratico e parlamentar praticado na França, na Inglaterra e na Italia, e, allemães de boa polpa, confiantes nas virtudes da raça e no poder da tradição historica, reclamam para a vida social e o desenvolvimento economico do país as formulas do socialismo prussiano, com a differença de que o primeiro opta pelo Estado e o segundo acredita no papel das fortes corporações independentes regulando a economia nacional, do mesmo modo que Rathenau, para quem era um postulado fundamental o poder da organização. Tanto Spengler como Keyserling defendem e aconselham a união dos partidos conservadores e operarios allemães para o estabelecimento da monarchia autoritaria e socialista, baseada numa estricta hierarchia e no principio da ordem e da obediencia prussianas. Assignalando essa afinidade de idéas entre os dois pensadores, Regina Zablouodovsky, a subtil divulgadora e commentadora das novas fórmulas do pangermanismo, e que muito nos valeu para comprehensão da obra de Spengler, escreve: "O exercicio, o funcionalismo e a social democracia (tal como a concebêra Bebel) são tres principios analogos, mediante os quaes Spengler e Keyserling pretendem organizar a vida social allemã. Uma combinação da antiga ordem prussiana e de um socialismo que não reconhece os interesses de classe, eis os contornos por elles traçados do desenvolvimento futuro da Alemanha. Desse arranjo surgem, de um lado, o culto de Bismark, que apparece nos dois autores e é presentemente o leitmotiv da ideologia dos intellectuaes allemães, e, de outra margem, a approximação aparentemente paradoxal de Bismark e de Bebel, do fundador do Imperio Allemão e daquelle que organizou a classe operaria modelada pelo exercito e pelo corpo de funcionarios prussianos." Bismark e Bebel, eis a synthese preconizada no momento.

17

Observa Zablouodovsky que Keyserling e Spengler, podem facilmente se entender, máo grado os matizes que os façam divergir, mas que entre as idéas de ambos e as da democracia occidental existe profunda divergencia, derivada de uma concepção essencialmente differente da vida, que as torna irreconciliaveis. É por isso que os creadores da nova ideologia allemã condemnam o regime politico instituido pela Constituição de Weimar, que, aliás, não deixou de manter a unidade nacional, que, consagrada no dia seguinte á victoria de 1870, se achava ameaçada com a derrota de 1918, e bem assim de reduzir as attribuições do Parlamento, creando um conjunto de direitos e garantias chamadas democraticas, idéas que sempre inspiraram, desde 1849, a politica de Francfort ou de Berlin. Segundo elles a revolução desvirtuou o papel indicado á Alemanha por seu desenvolvimento historico e pelas qualidades nacionaes.

a qual seria a criação de "um estado prussio-socialista, cujo centro de gravidade seria deslocado da esfera politica para o dominio economico, organizado este, como o corpo de funcionarios allemães, segundo o schema da ordem e da obediencia". No novo systema preconizado para a Alemanha por Spengler e Keyserling, a direcção suprema pertence exclusivamente á minoria designada pela sua competencia para governar o país, ao contrario do regime democratico, onde todos se julgam no direito de participar da administração publica, mas Keyserling vae até a aconselhar que o melhor seria confiar as funções de director a um monarcha eleito. Vem a proposito lembrar que Walter Rathenau, o mal-aventurado autor de *Zur Mechanik des Geistes*, e que tão relevante tarefa executou na Republica allemã, tambem prégava a transformação do Estado allemão num Estado nacional allemão e opinava que para assegurar a boa direcção do Estado era preciso recorrer ao principio monarchico. "Tenho a convicção, escrevia elle, que é preciso collocar á frente do Estado um homem profundamente responsavel, ao abrigo de todos os desejos, appetites e tentações da vida commum, um homem consagrado, e não um ambicioso vulgar." Tal homem, pelo facto de ser por todos reconhecido como autoridade superior, não precisaria ser subnietido á lei do renouamento perpetuo a que estaria sujeitas todas as outras forças da nação. O antagonismo entre o soberano e o povo, até então mantido pelas dynastias decaídas, desapareceria numa organização cujo poder se fundasse na totalidade da nação e na autoridade nascida da confiança reciproca entre o monarcha e o povo, não a massa, enquanto povo elevado ao poder, mas um povo educado politicamente, capaz de reflexão e de pensamento, espiritualizado nos partidos, que seriam, representados pelos seus chefes, seus homens d'Estado e seus pensadores. A vontade desse povo, vontade consciente e creadora, expressa pelos seus melhores elementos, e que faria viver o Estado, a sua essencia espiritual. Sobre a base desse accordo natural e franco, julgam elles possivel uma monarchia viva e robusta, em que o principe não somente seria "o primeiro servidor do Estado, mas tambem membro da grande associação nacional". Apenas, os mais scepticos objectam que ha mister purificar o ambiente deleterio em que se desenvolve a mentalidade allemã para que se funde o Estado nacional. Se as grandes lições da guerra são aproveitaveis, o passado politico da Alemanha é formidavel carga de que facilmente não podem desembaraçar-se as gerações novas. A intelligencia allemã e a força prussiana, realisando a mais immoral das alianças, aviltaram-se mutuamente.

18

As idéas dos prophetas da nova Alemanha estão muito longe de ser originaes. O entusiasmo que despertaram, explica-se pela força de convicção dos systematisadores, que souberem dar novo envoltorio a velhos dogmas tão caros ao orgulho dos allemães de antes de 1914, nisto residindo, talvez, o segredo do exito alcançado. Com effeito, a sua philosophia da historia e a sua doutrina do Estado, expostas de accordo com o temperamento pessoal de cada um, conservam-se fieis á tradição allemã, devem muito ao socialismo, resentem-se da influencia dos theoreticos do seculo XIX, sobretudo de Hegel e de Treitschke, creador e codificador da ideia do Estado — Força. Hegel, engendrado por Fichte e tendo na memoria as proezas do Santo Imperio romano-germanico, combateu as doutrinas classicas do direito natural e do romantismo politico para conceder ao Estado uma omnipotencia com que ninguem nunca sonhára — divinizou-o. Consoante á dialectica hegeliana, que ultrapassou o proprio christianismo, a unica realidade objectiva suprema no mundo da existencia é o Estado, e realidade que existe em si e para si. O Estado é a ideia maxima da Razão, é o espirito visivel e tangivel, é a vontade substancial que se co-

nhece como tal e que se realiza tal qual é conhecida. Sendo a superior affirmação da Idéa, é tambem o poder incontrastavel e o soberano direito. O dever do individuo é ser membro do Estado e, diz Hegel, adorá-lo como Deus. Hegel porém, foi mais longe, porque a sua concepção perdeu o caracter de doutrina geral para tornar-se um conceito puramente especifico e só applicavel ao Estado prussiano. "Hegel, escreve Treitschke, foi o primeiro que, justificando scientificamente a rica actividade civilizadora que a Prussia já exercia ha muito tempo, creou o pensamento prussiano do Estado, fornecendo ao historiador o criterio para aferir a moral politica dos heróes sem a mesquinhez burgueza." É o Estado absoluto, guerreiro e amoral, collocado acima do bem e do mal, que só conhece uma lei, a força, que só tem uma moral, a vontade de poder, e que só possui um objectivo, o desenvolvimento do seu eu. E a guerra vem a ser um momento essencial no desenvolvimento da Idéa. A Hegel deve o germanismo seu dogma fundamental, o culto do Estado, que tem ainda a coroa-lo a mythologia da raça.

19

Treitschke, que singularmente contribuiu para formar a mentalidade allemã contemporanea, continúa a exercer malefica influencia. Historiador apaixonado, servido de grande talento e de temperamento rude, sempre se mostrou um caracter de tempera nobre, e por ter sido um homem integro, austero, intransigente, é que o ardoroso apostolo da hegemonia prussiana e ao mesmo tempo obstinado reacionario, mais facilmente actuou sobre os espiritos. O mestre de Spengler, Keyserling, Reimer, Moritz Aindt, Mann e Hoetzch, como fóra o mentor de Lamprecht, Schiemann, Delbruck, Droysen e Sybel no tempo da *Realpolitik*, é a figura primacial dessa escola de historiadores germanicos que puzeram sua mentalidade, seus methodos de pesquisa e seu cabedal de erudição ao serviço de um ideal politico exclusivista, violento e cruel. Inspirado por Hegel, tomou da chaotica historia germanica o conceito do Estado prussiano. Sustentando cynicamente o postulado de que a historia não tem finalidade em si mesma, contra os que emprestam á historiographia função generosa e cavalleiresca, transformou essa nobre sciencia em vilissimo instrumento de combate para justificar cégos rancores, odiosos preconceitos e illimitadas ambições. "A historia imparcial é coisa que não convém a uma nação viril, apaixonada e batalhadora", e escreveu a *Deutsche Geschichte*, para uso do povo no tórpe estylo prussiano, indo até ao descaramento de deturpar textos no intuito de divinizar a Prussia e denegrir os seus inimigos. O famigerado apologistas do Estado prussiano, que se tornou celebre na primeira phase do Imperio, em plena vertigem oriunda das victorias de Sandowa e Sedan, não era historiador conforme o classico modelo de Thucydide ou de Tacito, mas um pamphletario da historia, terrivel forjador de immoralissimos paradoxos, grosseiros subterfugios e funestas superstições, conquanto possuísse meritos excepcionaes como letrado. Antes e depois d'elle, nenhum tratador de factos historicos foi mais fanatico do que esse palafreineiro da "imponente experiencia da verdade prussiana". Nenhum levou tão longe o desprezo das noções seculares da justiça, do direito e da humanidade do que esse adversario irreductivel do liberalismo e defensor da theoria de que o mundo só pôde ser constituído pela força. Nenhum tambem desfigurou com tanto despudor o sentido da historia. Ninguem, por fim, celebrou a guerra com igual furor mystico. A guerra, no seu conceito, era uma necessidade, um instrumento indispensavel de cultura. "A guerra, escreveu, com ser inevitavel, é moral e santa. A paz é a renuncia preguiçosa aos grandes designios e ás grandes ambições. O ideal da paz perpetua não só é irrealizavel, mas ainda um escandalo moral, verdadeira maldição. O Estado é poder, e só existe enquanto poder, e é pela força organizada que realiza sua essencia. A força do Estado supõe, é verda-

de, certas qualidades moraes, que não representam senão meios em vista de comunicar à sua organização militar o maximo de effi-ciencia. Os Estados que procuraram a grandeza e a gloria nas artes, nas letras ou nas sciencias faltaram á lei da natureza e caro pagaram seu erro. O Estado não é uma academia das artes. Quando sacrifica seu poder a aspirações ideaes da humanidade, elle se contradiz e condemna-se á ruina. Não foi Fichte, Pfi-zer ou outros professores que fizeram a Allemanha, mas Guilherme I e Bismarck. O homem de Estado deve possuir ambição, intelligencia realista, vontade intransigente, caracter de ferro." Tal é o ensinamento de Treitschke, o Machiavel dos principes allemães, que emprestou ainda á doutrina da força uma forma mystica que muito bem corresponde á alma allemã. Póde-se dizer que o pae espiri-tual da geração allemã contemporanea, dando ao pangermanismo fundamento philosophico e justificando a idéa de conquista pelo direito politico, constituiu os alicerces theoreticos do furor guerreiro dos prussianos. Sem sua dou-trina o Imperio allemão não teria se organi-zado como systema de forças aggressivas. Quando von Bernardi e o principe de Bulow fazem a apologia da Prussia, evocam seus principios e aphorismos, e confessam-se seus discipulos fieis. Ora, o pangermanismo, movimento de idéas muito complexo por suas causas e por sua origem, mas facilmente com-prehensivel em seus efeitos, é producto mons-truoso dessa grosseira materialisação da histo-ria, iniciada por Treitschke e continuada até os nossos dias, é fructo da *Realpolitik*, revigorada pelo culto idolatrico da força e do ideal do exito, é obra da systematizaçáo do orgulho prussiano. E o néo-pangermanismo spengleriano é ramo florescente dessa arvore malsan, que envenenou a Allemanha de Lessing, Leibniz, Herden, Kant, Goethe, Schil-ler e Beethoven.

20

Antes de tudo, os néo-pangermanistas crêm na supposta superioridade da raça allemã sobre as demais, por ser a unica detentora das qualidades extremas do aryano, e pregam a germanizaçáo do mundo. Neste particular, nada mais fazem que repetir os sophismas de Lamprecht, Ammon, Chamberlain, Driesmans, Woltmann, Wolff e outros muitos pedantes theoreticos do "teutonismo tentacular". Se a idéa de raça que serviu de base a uma philosophia geral da historia e a um ambicioso programma politico, submergiu nos escombros da derrota militar, o sentimento racial conserva-se intacto, vivo e palpitante. Os germanos, expressamente concebidos como a raca eleita, julgam-se ainda destinados ao imperio do mundo, porque dizem, conservando-se incorruptiveis e fortes, continuarão a desenvolver a pura tradiçáo aryana, enquanto os latinos e os anglo-saxões, em adeantado estado de degenerescencia, apressarão a obra do cháos ethnico, em que se afundará o Occidente. Fundada sobre um conjuncto apparatuso de falsas noções scientificas, a mythologia da raca germanica só subsiste como uma das manifestações mais typicas do fanatismo allemão, o que nos dispensa examinar detidamente essa doutrina.

21

A critica ás idéas fundamentaes do povo inglês deflue do irreductivel odio germanico á patria do liberalismo politico. Spengler valeu-se dos mesmos factos, argumentos e diatribes de Treitschke para rebaixar a Inglaterra ao raso da vileza. No seu rancor pelo inglês, Treitschke, como Spengler, vae até á offensa, á falsidade, á mentira. Na obra de ambos os sarcasmos se atropellam com as injurias. Quando se lê o *Prussianismo e Socialismo*, tem-se a forte impressáo de que se está diante do arrogante autor da *Deutsche Geschichte*, tão flagrant e é a identidade de sentimento e até de expressões. Para Treitschke, o inglês não passa de "um baconiano, um vulgar utilitario, um insular egoista e pequenino, um hypocrita, que, com a biblia numa mão e o cachimbo de opio na outra, defunde sob pomposas phrases de unctuosa theologia"

Sentenciaja ainda que "o amor do dinheiro apagou no inglês o sentimento da honra e toda distincção entre o justo e o injusto", e que elle, "disfarça a covardia e o utilitarismo pelo universo os beneficios da civilizaçáo". A hypocrisia ingleza, o *cant*, é o objecto de aguçadas ironias. Ainda de accôrdo com a lição do theoretico do absolutismo prussiano, historiador eminente mas intolerante, que nunca manifestou o menor respeito pelas convicções alheias, a politica ingleza é um expediente monstruoso de dominio, "a mais immoral de todas", e o inglês só faz guerra com o unico objectivo de conquistar mercados. O preconceito anti-inglês de Treitschke expressa-se com mais violencia no ensaio intitulado *Dois imperadores*, em que o autor accusa o celebre cirurgião britannico Morell Mackenzie de haver intencionalmente morto o Imperador Frederico III, calumnia que se tornou crença popular graças a esse prussiano furioso. Assim, pois, se nada tem de estranho a animosidade de Spengler á Inglaterra, tambem pouco original é o exame que faz das idéas politicas, sociaes e moraes do povo britannico, revelando, ainda, sinão incapacidade philosophica, pelo menos lastimavel má fé e completa ausencia de imparcialidade, postura impropria de um philosopho para quem os admiradores reclamam o titulo de continuador de Goethe. Tambem não é novidade a aversão á França revolucionaria e aos principios que guiaram os creadores da França contemporanea. Como o autor da *Deutsche Geschichte*, Spengler maldiz as idéas da revoluçáo franceza, "obra demoniaca do genio celta" (quer dizer francêz), e assevera que a paixáo pela igualdade apenas conseguiu destruir, anarchisar e corromper, enquanto a monarchia prussiana gerou bellas coisas.

22

A Spengler o catholicismo inspira o mesmo horror que ao sophista Treitschke. Para elles, catholicismo e latinismo se confundem, são uma e a mesma especie odiosa, e assim se explica porque a civilizaçáo mediterranea, sempre fiel á Roma, lhes provoca invencivel repugnancia. Admiram e veneram Luther, não só porque foi reformador genial, proclamando o livre exame, mas principalmente por ter se revelado um authentico allemão, ou melhor, um verdadeiro propheta prussiano. Não preconizam o protestantismo como idéa religiosa. A reforma libertou o Imperio do dominio da Igreja, tornou possivel o advento da Prussia e robusteceu a unidade nacional allemã: ahi está a principal razão, exclusivamente politica, que justifica o culto tributado ao lutheranismo. O Estado, livre de toda opposição interior, emancipado de qualquer limite ou reserva, poderá assim reservar as energias para a expansáo dos appetites de conquista, ser um agente da ambição e da cultura prussiana. A consciencia religiosa na Prussia cõe sob o dominio do principe, que reúne em mãos o poder espiri-tual e a autoridade civil e politica. Ligada ao Estado por mil laços moraes e materiaes, a intelligencia prussiana professa que a vontade do Estado é a lei suprema. A igreja lutherana é incontestavelmente um elemento de força, transformada pelo mysticismo germanico em religiáo imperialista, em correspondencia intima e directa com o Estado prussiano. Por isso, do mesmo modo que catholicismo e romanismo se identificam, o protestantismo e o germanismo completam-se, e uma Allemanha não protestante é inconcebivel, por constituir anomalia contraria á hegemonia prussiana. Tão só por ser o lutheranismo uma religiáo de character politico, é que Spengler e seus adeptos, como os Hohenzollers e Bismarck, Treitschke e os pangermanistas, pregam a conversáo de todos os allemães ao protestantismo, inimigo da democracia e força preservadora contra a orgia revolucionaria.

23

Ainda com a abominável sophistica de Treitschke está Spengler quando combate com violencia os progressos da democracia e o

exitto do maxismo, que representam perigo para a idéa prussiana. Affirma Treitschke que irreparavel falta foi Bismarck ter introduzido na Allemanha o suffragio universal, porque, "num Estado de cultura nobre como o Imperio allemão, o direito popular de voto é a indisciplina organizada". Ha, segundo elle, contradicção fatal entre a igualdade democrafica, consagrada pelo suffragio universal, e a formaçáo, necessariamente aristocratica, de uma sociedade superior. Os Estados monarchicos e aristocraticos levam vantagem sobre a democracia pura no desenvolvimento pacifico e permanente das forças vitaes da nação. "Sabem respeitar a aristocratica formaçáo da sociedade e empregá-la em beneficio do Estado, o mesmo não aontecendo com a democracia que aspira apenas destruí-la, perdendo a solidez das tradições politicas e moraes". Spengler pensa como o historiador pangermanista quando este escreve que existe na Allemanha forte linha de demarcaçáo separando os individuos em duas categorias: a dos que nasceram para ordenar, formada pela nobreza prussiana, e a dos que foram gerados para obedecer, representada pelo resto da nação. A igualdade não existe nem no cosmos nem na historia: Ambos entendem que a desigualdade de classes procede tão necessariamente da natureza, como a opposição entre dominadores e dominados deriva da propria essencia do Estado. Ora, facilitar a classe popular a conquista do poder, que é privilegio exclusivo dos nobres, é rematada loucura. Dest'arte, o socialismo marxista, que para Spengler é de invencáo ingleza e para Treitschke é de origem franceza, constitue para a ordem e para a verdadeira cultura prussiana immenso obstaculo. Treitschke professa desde pelo dogma da "guerra de classes", dizendo que Lassalle e Marx eráo judeus, e não allemães, e que o allemão, por si só, não era capaz de inventar a perversão democrafica. Não differe, repetimos, da doutrina politica de Treitschke a these que com tanta eloquencia e convicção sustentam os néo-pangermanistas, que persistem na antiga opposição contra a democracia, a liberdade e o espirito revolucionario.

24

Do mesmo modo os principios economicos que pretendem fazer admittir não são novos. A despeito de que muitos de seus conceitos não se confundem com outras theorias conhecidas, e provoquem certas hesitações e protestos, procedem de Bebel e outros. Do socialismo marxista elles se separam pela sua concepção do capital, pela emancipação espiri-tual da classe operaria e pelo seu individualismo, para acceitarem a absoluta autoridade do Estado ou o principio da socializaçáo systemática de todas as forças productivas. A noção do Estado nacional e de seus fins, ardentemente defendida por Spengler, era moeda allemã que teve curso durante toda a metade do seculo XIX. Depois de Fichte, Hegel e Treitschke, os philosophos, os sociologos e os historiadores haviam abandonado o conceito racionalista do Estado como simples e artificial associaçáo de interesses, fundada sobre o contracto social, para affirmarem a doutrina que, emprestando ao Estado origens historicas, o considera organismo infinitamente superior aos individuos que compõem a sua unidade e susceptivel de só ser modificada no sentido da evoluçáo historica. Sabemos que se para Fichte "a noção do homem não é a dum ser insulado, porque é inconcebivel, mas a de uma especie", para Novalis o Estado "é uma individualidade mystica", e "para Hegel representa "a realizaçáo da idéa moral, a vontade moral realizada". Por fim, Adam Muller e os demais definem o Estado como "a totalidade das actividades humanas, a fusáo intima de todas as necessidades physicas e moraes, de toda a riqueza material e espiri-tual, de toda a vida exterior e interior de uma nação num grande todo organico, dotado de energia e vitalidade infinitas". O postulado do homem inconcebivel fóra do Estado, foi acceito pelos promotores do socialismo de Estado Rodbertus, Lassalle, Wagner e Schmoller, que ajunta-

ram a missão de Estado o papel de educador moral e supremo da nação. O Estado é um fim em si, que não precisa ser demonstrado, e se afirma pela força inexpugnável de sua soberania, remata Treitschke. Todas estas idéas que proclamam a divinização da história, e a identificação do facto e do direito que della resulta, não cessaram de viver no cerebro allemão, de Bismarck aos menos graduados dos funcionarios, e dellas está imbuida toda a politica prussiana. Foram estas formulas abstractas que inspiraram a Spengler e a Keyserling a concepção do Estado prusso-socialista, monarchico, detentor de uma autoridade absoluta e perpetuo regulador dos valores da vida economica nacional, em completa incompatibilidade com o idealismo latino, e em nome dellas é que exhortam a nova Alemanha a tomar consciencia de sua missão no universo. Não desapareceu no naufragio em que se afundou a Alemanha imperial, a metaphysica delirante de Hegel ou de Treitschke.

25

O néo-pargermanismo é a bandeira do actual partido nacionalista allemão. Organizado com os antigos elementos conservadores, comprehende a casta aristocratica dos grandes proprietarios então dominante, os altos funcionarios do regime decaido, os officiaes, que perderam sua situação, e, despeitados, mantem-se em postura aggressiva, batalhadora, disposta a tudo arriscar, os professores e estudantes das universidades, educados na escola da "politica de poder", os camponeses, conservadores por tradição e anti-collectivitas, e mais a massa de descontentes que se sentem lesados em seus interesses ou ambições pela guerra. Toda essa gente, em cuja mentalidade, máo grado o espectro da guerra, floresce ainda o orgulho prussiano, explora em nome da idéa nacional, monarchica e germanica, o rancor das antigas classes privilegiadas, o resentimento do exercito dissolvido, o pavor do bolchevismo e do comunismo, a paixão anti-semita e o odio á França e seus alliados, e no seu programma figura a restauração do poder allemão, com todos os vicios e illusões. Desesperados pela derrota, mas acreditando que a catastrophe mundial lhes deu uma nova fé na efficacia da força, procuram os nacionalistas subtrair a Alemanha das consequencias de uma "paz inaceitavel", reclamam a revisão do tratado de Versailles, accusam de pusilanimidade os socialistas, demócratas e todos quantos pretendem consolidar o regime republicano e preconizam uma politica externa de conciliação, forcejam por manter vivo o espirito guerreiro entre os compatriotas e concitam o povo allemão a resistir a todas as medidas e iniciativas tendentes a tirá-lo da desordem em que se encontra. A convicção intima dos nacionalistas allemães, é que a Alemanha, reconciliada com as nações anglo-saxonias e ligada estreitamente com a Russia, possa mais tarde voltar-se contra a França e arrebatá-lhe a hegemonia que se arroga neste momento sobre a Europa continental: é a *revanche* pela força que quere.

26

Não ha, pois, como illudir-se: o pargermanismo não está morto. O allemão é sempre germano, com os seus instinctos sequiosos e bravios. Em Berlim, atraz da fachada republicana, o espirito de junker é mais vivo do que nunca. A idolatria da força impera sobre as almas. A sombra de Thor reinam agora irmanados Bismarck e Bebel. Os deuses combatentes, que pareciam succumbidos na poeira das reirégas e foram desbaratados pelas legiões latinas, reivindicam para futuro não muito distante o advento de Odin, mais furioso do que outrora e sanguinario como sempre. O velho imperialismo germanico, que tem por fundamento psychologico o orgulho desmeado e por dogmas principaes a delirante vontade de poder, a absorção do individuo pelo Estado e o culto da guerra, vive, vibra e se desenvolve com mais virulencia no

## MIGUEL COUTO, INTIMO

Miguel Couto — uma das religiões do Brasil, parodiando o que se pôde dizer de Bossuet — tem a intimidade feita de um sorriso espontaneo.

Elle o constróe na alegria da phrase que brota simples como qualquer cousa que a gente encontra entre as cousas simples, as que são da maior naturalidade. Por exemplo, quando procuramos no tufo pequeno da folhagem propria, a nobreza espontanea da violeta. E' da mesma maneira, certa, que a gente já sabe que ali se acha a flor classica da modestia, já sabemos, tambem, que, em Miguel Couto, a gente encontra o sorriso da bondade espontanea, que é delle, só, como della é a folhagem caracteristica.

O homem simples que, ha vinte annos, já celebrisado, fechava, todas as tardes, conmigo, ás janellas do seu velho consultorio da rua da Quitanda, em vez de entregar esse mistér, ao seu enfermeiro, é o mesmo homem simples que temos sempre visto, ás onze horas da noite e ás tres da madrugada, a servir aonde ha um amigo enfermo. El está ainda aquella hora, sem jantar ou dormir, porque parece que elle não janta nunca a não ser quando dorme, quando janta — o que para muito intimo é ainda uma enigmatica interrogação.

Se a gente o procura no seu gabinete, elle se encosta no braço da cadeira e nos senta na melhor poltrona, mas isso é raro, porque, quasi sempre, é elle que nos procura no quarto nosso. Então, senta-se na cama de um de nós, enfermo, que somos do seu reino, para saber qual é o mal que a gente sente. Ainda que a gente já mal não sinta, pela sua presença vivificadora, elle se sente mal se a gente se sente bem, porque não nos pôde fazer bem que é todo o seu desejo.

Se acaso, estamos de perfeita saude, quasi o diríamos a pensar a nosso respeito: "Não teria a bondade este querido amigo de ficar doente para que eu lhe possa fazer alguma cousa de bom?" E o peor é que tão ligado está o nosso pensamento á sua vocação de servir, que a gente não o vê sem que venha o espanto de não estarmos a solicitar a sua benevolencia. Mas, o curioso é que elle advinha o que pensamos, e antes de o pedirmos já elle vae dizendo que sim, ainda que não saiba o que é, e nós mesmos não tenhamos ainda pensado o que ha de ser.

Elle fica encantado quando um amigo do peito o importuna. Mas, para os indifferentes, o seu espirito malleavel baixa logo a pressão ou a eleva, de modo a restabelecer sempre o equilibrio de intelligencia, identico ao do seu interlocutor, que, assim, não percebe nunca a superioridade delle, na demonstração dessa hydraulica social de finissima delicadeza.

Elle é bondoso e igual para todos, como um de nós é... brasileiro. E' sem querer. Mas elle é grandemente responsavel pela farta messe de beneficios profissionaes que dispensa a todo o mundo, e disso quasi nos pede desculpa.

Emfim, só ha um homem que o pôde egualar em trato, em distincção, em discernimento, em visão psychologica da sua época, em procedimento de rectidão, em serenidade... é Miguel Couto.

Por isso, a religião do "Miguelcontismo", que se desenvolve ha vinte e cinco annos para atingir, no dia de hoje, á apothose da enthronisação, tem o sacramento no dogma do naturalismo da Amizade, que fez Diderot, referindo-se ao grande Van Loo — exclamar a phase sacramental: "Moi, j'aime Michel..."

Este é o preito de solidariedade ao homem intimo, a quem todos nós votamos a grande consagração da estima. Até eu, que sou o antipathico irreverente, por temperamento, me presc de ser o mais moçesio dos innumerados fundadores dessa religião.

Ha vinte e cinco annos, tambem, ininterruptamente: "Moi, j'aime Michel..."

**Francisco Eiras**

espirito de uma minoria activa, apaixonada, fanatica, que, reflectindo o pensamento das gerações anteriores e falando como os mestres de 1813 ou 1870, aspira com energia restabelecer sua ascendencia sobre as massas desorientadas. A doutrina prussiana, sem alterar a essencia, faz apenas como a serpente que muda de pelle para não morrer: procura adaptar-se ás novas exigencias dos tempos modernos. No dia, pois, em que a politica nacionalista allemã apoderar-se do poder, a paz mundial será ainda uma vez ameaçada pela Alemanha cruenta, obstinada e recalcitrante. Assim sendo, o dever da civilização é combater, vencer e destruir essa philosophia que pretende idealizar a violencia, o odio, o desprezo de todas as formas suaves e requintadas do espirito, continuando, no dominio das idéas, a guerra contra o *Alldeutschtum*, até que a Alemanha se convença de que, por maiores que sejam seus meritos e virtudes, não é verdade ser o

povo escolhido por Deus para dominar o mundo, modelando-o á sua imagem e semelhança, e que a unica grandeza humana é feita de liberdade, de sabedoria e de belleza, fóra deste conceito nada existindo de bom e perduravel. Sem esse acto de fé e de amor, enquanto não demolir seus falsos idolos, adoptando as idéas moraes de paz e de solidariedade, jámais poderão os máos europeus aspirar o respeito dos povos e obter a salvação.

Die Labung, die dein Leiden endet,  
Beut nicht der Quell, aus dem es fließet.  
Das Heil wird nimmer dir gespendet,  
Wenn jener Quell sich dir nicht schließet.

Assim canta Parsifal, repellindo, entre sortilegios e evocações, a tentação diabolica de Kundry, redimida alfim pela piedade, e tambem deste modo é que se curará a Alemanha das mortaes ficções da *Kultur*.

**Elysio de GARVALHO**



# A ARTE DE JEAN BARD

Foi uma formosa festa de arte o recital de declamação do Sr. Jean Bard, o applaudido professor do Conservatorio de Genebra e do Theatro Pitoeff, de Paris. Para dizer da sua admiravel interpretação, trancrevemos o discurso com que o Sr. Renato Almeida apresentou-o ao nosso publico:

Será sorprendente e forte a emoção que vos dará a arte do Sr. Jean Bard. Por ella, se transforma a poesia numa maravilha nova do seu estro creador. E a arte é uma suggestão permanente. A essencia é una. Multiplicam-se as impressões, variam as formas, succedem-se os momentos, os artistas passam, tudo transcorre no seu fluido interminavel, mas subsiste o espirito inquieto e insatisfeito e dessa ancia, desse desejo frenemente e louco de uma vida mais intensa e mais perfeita, que transfigura a realidade — eis a arte perenne. Cada qual realiza á sua maneira o seu perpetuo sonho. E como a ascensão espiritual, finita para os ephemeros, é infinita na sua imaginação. o sentimento artistico é da essencia humana. Tudo que nos permittir esse momento de contemplação, em que a vida jorra mais abundante, e nos communicar a esse fluido interminavel de força e de belleza, será arte. Qu'importam formas e modelos? Escolas e preconceitos? O homem domina a sua criação e não se escravisa a ella. O artista é o homem livre e universal

Vereis em breve como o Sr. Jean Bard transformará, pela sua emoção intensa, a poesia, e da palavra e do gesto vae surgir toda uma theoria de estatuas, de sons, de imagens, sorprendente e extranha. O interprete não tem leis. Elle as crea ao seu entender. ao toque da sua sensibilidade livre. O Sr. Jean Bard realiza uma arte inteiramente pessoal. Sonhou em dar á poesia uma representação", e, partindo do principio de que toda arte deve procurar o movimento, seja subjectivo, ou objectivo, a sua interpretação é plastica por excellencia. Não só a musica do verso, mas a sua imagem, o seu lado visivel, busca traduzir, para dahí revelar o motivo interior, que não se esconde, antes avulta translucido. "Todas as artes, escreveu o Sr. Jean Bard, numa lucida explicação. têm o movimento como base, mas esse movimento é apenas indicado e logo se neutraliza. O movimento é um producto de dois factores, o espaço e o tempo. As artes visuaes não desenvolvem senão o primeiro, as auditivas o segundo. A arte do gesto, que reúne os dois elementos, dá ao movimento a sua liberdade e faz obra de synthese. — E' a melodia plastica.

Deformação! Bem sinto o vosso temor. Mas elle é um preconceito, porque nenhum de vós poderá dizer até onde o artista é livre e até onde é conforme a natureza. O espectáculo das coisas é monstruoso, foge aos nossos olhos no seu "fieri" continuo e o movimento, bem o sabeis, deforma todos os objectos e as suas proprias dimensões — prova-o o sabio Einstein — variam na sua fuga interminavel. Portanto, o artista que movimenta, não se póde aperceber si os aspectos variaveis e multiplos seguem os canones da medida commum, procura e quer traduzir o mysterio da arte e não se detem nessa ardente indagação. Quando o Sr. Jean Bard recitar "La Pluie", de Verharen, por exemplo, sentireis o seu esforço para vos dar, aos vossos olhos, a imagem do que ouvem vossos ouvidos, e fundindo as duas impressões, vos suggerir a poesia na sua realidade. Não declama versos, vive nelles, busca a essencia e, porque é um creador, transforma-os pela sua esthesia.

Nem toda poesia poderá ser assim representada, diz uma objecção. Na poesia intima e subjectiva, na poesia lyrica, não haverá materia para a arte do Sr. Jean Bard. Sem desconhecer a necessidade objectiva da sua criação, que procura o dynamismo, tenho que a poesia interior não se abysma nessa interpretação e terieis commigo, ouvindo-o em Verlaine ou em Samain. Porque o Sr. Jean Bard, que é um sorprendente colorista, sabe tratá-la com singulares effeitos de claro-escuro, onde o accento intimo, as vozes do coração, vibram e repercutem mais intensas ainda, mais agudas e penetrantes.

Colorista disse e, por extranho que pareça, devo insistir. Na *Chanson de la vie quotidienne*, do Sr. Ronald de Carvalho vereis effeitos de luz maravilhosos, toques de sol, incidencias faiscantes, verdes, doirados, vermelhos, nesse epigramma admiravel a que o Sr. Jean Bard emprestou um raro fulgor. Procurando a essencia pela realidade, vivificando as imagens e movendo-as, o artista, que tenho a honra de vos apresentar, não dá apenas ao verso a plastica da sua expressão. No exemplo do epigramma do Sr. Ronald de Carvalho, sentireis em breve que toda a objectivação é intencional, não para apresentar a figura poetica, mas, independente della, para attingir ao motivo, para traduzir a emoção esthetica. Luz, movimento, desolação, perdura o contraste entre a "rua pobre e pequenina" no quadro maravilhoso da natureza, gerando a melancolia. E a melancolia é a suggestão que vos dará o Sr. Jean Bard: A plastica não trahe, confirma.

O mysterio é o motivo permanente da arte. Para que haja arte é preciso, bem o sabeis, que perdure o vago, onde o espirito transforma a realidade, gerando a emoção, que apreende o Universo e o sente integralmente. O material póde ser a propria arte e o interprete é um creador, sempre que procura livremente o seu sonho, a sua idéa, ou a sua fantasia, através da obra que traduz. Assim o Sr. Jean Bard. Não ha que indagar se exprime o verso tal como elle é — e isso que o saberá? — porque o interprete segundo o seu temperamento, dentro da sua vontade e do seu subjectivismo. Na arte procura a arte, transformando em imagens, em sons, em expressões, a emoção que lhe causou a obra revelada. O movimento, a forma, o gesto, são apenas elementos pelos quaes nos elevamos á contemplação, onde a arte se realiza pelo milagre do rythmo e o Universo se transfigura.

Ides ver e ouvir esse poderoso artista, cujo renome na Europa já é notavel, sendo louvado, e o que é muito mais, discutido e atacado. Tambem actor, tendo trabalho ao lado de Pitoeff, o Sr. Jean Bard percorreu a Europa com pequenos grupos de artistas, alcançando um exito extraordinario, o que o anima a tentar no anno proximo — e não lhe negareis o vosso apoio, a vinda até esta Capital com um desses magnificos conjunctos.

Não preciso continuar. Diante da maravilha da arte do Sr. Jean Bard e perante um auditorio tão illustre, a minha modesta apresentação é apenas uma alegria, a alegria de vos annunciar um grande artista, alegria de vos assegurar, Sr. Jean Bard, os applausos e o entusiasmo do nosso publico.

Renato ALMEIDA



Desenho de Zita Aita

# CHRONICA DE MALAZARTE

## II

Deixe-se agora um facto muito importante na minha vida: fiz trinta anos. Que tenho eu com isso! dirá o leitor que sabe livros e se presa. Com effeito: não tem nada. Eu é que tenho. Não basta? Malazarte sempre me repete: Intelectual, nunca te preoccupes com preceptuario dos leitores. São vaidades. Leitor que se presa é absolutamente desprezível.

Esta maneira de pensar de Malazarte me agrada, embora lembre Wilde — e eu não seja grande admirador das "Intenções". Para mim Wilde é artista eminentemente caduco. Pensando bem só me ficaram o "De Profundis" e a balada. O resto envelhecerá. Já envelheceu. Não se lê tres vezes. — Cale-se! — Hei de falar. Não se lê tres vezes. Todo esse artificialismo sem dôr, aquella idolatria sem critica pela Grecia, o paradoxo á força, a colecção das suas personagens de estufa, etiquetadas como avencas raras... Wilde reeditou essa coisa curiosa, que ás vezes é moda, mas não é fonte: o dandismo artistico. Outros leões houve na historia das letras. Faceis exemplos Camões, Gœthe, Nabuco. Ha distincção. Wilde transplantou o almofadismo para a região das letras; e si Byron e Musset foram leões entre a elegancia do tempo, leões foram tambem na poesia. Mas este leão derradeiro não é significado extensivo da palavra. Faz metáfora. Foram leões de lirismo pelos attributos que do leão animal transladaram para o verso: potencia viril, tumultuaria belleza, generosidade. Ha generosidade nos leões? Foram leões na poesia, como Napoleão é *foudre* masculinizado, *le foudre* — exemplo invariavel de gramaticas francesas.

Abandono Wilde. Si continuo nesta parolagem associativa será não acabar mais. Ora eu ainda tenho assunto e penso que crónicas devem ter fim, embora se qualifique de crónico isso que nunca mais acaba, como por exemplo insultar modernistas. Eis ai crónica doenga que a milhares de milênios perdura, com a mesma agitação e ararice. Para esta última não ha remedio. E' ingenita. Agitação no entanto é coisa que a velhos não fica bem. Uma certa calma prudencial, apesar de realmente não existir por dentro, pôde esconder essa agitação. Deve fazel-o. Sobre isso, com seu pacato e delicioso dizer, Baltazar Castiglioni deixou-nos boa advertencia no "Cortesão". Aos velhos a serenidade assenta, avisa o italiano, e aos moços é certo que leveza e jovialidade vão bem, como predicados de juventude que são.

Eu, por mim, preferi sempre a companhia dos moços. Aprendo nela muito mais. A velhice espeta no canavial da conversação o espantinho da experiencia. Afugenta. Ninguém aprende pela experiencia dos outros. Isto é certo. Doutra fórma a Historia não seria um eterno repetir-se e os homens uma continuada lamentação. Que cabeça, examinando os actos passados dos membros que lhe obedeceram, não dirá: Si me fosse dado voltar para trás, agiria doutra maneira? Mas si toda a vida a experiente velhice andou a avisar essa cabeça que a estrada real perlustrada era notoriamente um descaminho!... Qual! a experiencia só de nós nos vem.

Ainda por cima os velhos nos apresentam o espantinho sob um aspecto didatico, unica maneira de fazer a experiencia para sempre aborrecida. Raro homem volta aos estudos de escola. Vergilio muito pouco é lido, por causa duma tempestade latina e umas "horrentia Martis arma" engolfados malbaristamente aos escolares 13 annos de nossa vida. Já li na escola!... Então a gente compra Macedo, Wilde, Fogazzaro e outros ineditos franceses.

Tenho um ginasio imaginario na cabeça em que os alunos estudam philosophia em Nietzsche, latim em Petronio, psicologia em Gerdely e Bourget. As tragedias que adopto são de Bataille, Ibsen, Maeterlinck e Sudermann. Ali se aprende o português em Guerra

Junqueiro, em Silvio Romero e na Revista da Lingua Portuguesa. Deste geito meus alunos se aborrecem de coisas pernesticas, de coisas inutilmente nebulosas e simbolicas, de maus versos, maus romances, e nunca mais quererão escrever mal o português. Mas é um ginasio apenas imaginario. Não tenho inclinação para director de consciencias, como se vê

Pensas que isso me entristece? Ao contrario! Sou aluno. Inveterado aluno. Escolhi para me bacharelar nas sciencias e nas letras as doudas prelecções dos moços. Adoro a mocidade! Principalmente a minha. Apeguei-me a ela. Agarrei-a com tais unhas que agora, creio, não me deixará nunca mais. Assim seja! Respeita-se a velhice... Porquê! Nada vejo de respeitavel nessa máquina que já não sofre e sentença. Eminentemente repleta de si e incapaz de errar. Admiro os erros e os que sofrem de seus proprios erros. Admiro a mocidade que erra e sofre. Eu canonizei a mocidade — essa martir dos entusiasmos.

Estou a afirmar todas estas verdades irritantes por uma razão capital para mim: fiz trinta anos. Considero esta idade importantissima. Comparam-na ao verão... Chamam-na de outono... Que embrulho essa baldeação trimestral de estações! Não entendo dellas neste Brasil primaveral. E positivamente não quero saber si colheitas se fazem no verão ou no outono... Isto são metodizações europeas, que muito bem mostram o depauperamento muscular e espirital do velho mundo. D'ahi essa necessidade de metodizar os actos, propria de velhos e depauperados. A Europa é um sanatorio onde por meio de termas e hormone, artes e homens buscam se revigorar em vão. Ora, apesar de sete anos mais moço vivo a cantar como Whitman:

"I, now thirty-seven years old in perfect health..."

Em pletorica saúde, pois não! Graças vos sejam dadas, Higea, filha de Esculapio! Por tudo isso não gosto mais da Europa, que é sanatorio e tem 4 estações.

A idade não deve ter estações, nem trinta anos é outono ou verão. Isso de infancias, juventudes, idade adulta, velhice... prétricas de sanatorio! Ha sómente mocidade. Porção delias! Cada nova decada é uma... Primeira mocidade... Segunda mocidade... Isso me comove. Comove, porquê uma era nova desperta para mim, nesta quarta mocidade em que Outubro me transporta. "Era nova" a muitos se antojara palinodia... Que palinodia essa! Não dei para neo-classico nem para arrependido. Vou para diante, apenas isso.

Dirão tambem que estou a falar de mim? Estou. Mas, embora já me aborrea o paradoxo, falar de mim é falar dos outros tambem. Mas creio que não sou lá muito são de espirito. Volto a afirmar essa verdade, porquê me lembro das palavras de Shestov: O homem são de espirito, inteligente ou imbecil, na realidade não fala de si, mas do que pôde ser necessario e util aos outros. Mas, pergunto eu, quem é são de espirito? Que coisa é util na Terra? A demais falar de si, falar dos outros... Tudo o mesmo. Nem nós, homens diferentes deste mundo, somos tão diferentes assim. A questão se limita a volumes de narizes e morais. Qual a diferença entre os homens? Um tem dois milímetros quadrados menos de nariz, outro maior cubagem na moral. Mas todos nós temos nariz e moral. E é por causa d'estes recipientes que quando digo Eu, o leitor entende tratar-se dele. Por causa de termos sem excepção, moral e nariz, homens somos todos —

um universal, como aprendi a dizer nessa fantasia linda e inutil, posta por vocês no departamento das sciencias e por mim no departamento das malazartes, a Filosofia.

E' verdade que nas minhas crónicas se mede o tamanho de meu nariz. Mas não posso andar por ai medindo narizes de leitores. Seria indiscreto. Mostro o meu, aos 30 anos. O leitor que observe si éle é maior ou menor que o seu. Vá lá! Quanto? Dois milímetros? Pois sejam dois milímetros. Mas o leitor aprendeu por si, e por comparação, que é ainda a melhor maneira de pensar. Substituamos o verbo *pensar* por *experimntar*, que tambem é da primeira conjugação. Tantas coisas e tão contrárias se têm pensado, que não tenho mais nenhum gosto em conjugar o verbo. Ponho decidido: EXPERIMENTAR.

Talvez isto seja culpa do seculo, que pela sciencia experimental se conduz. Epstein lançou agora a Lirosafia, segundo éle, o *dernier bateau* abordado em plagas de humanidade, para substituir pensamento e experiencia. Mas eu ainda não me dou bem com a nova mézinha do sanatorio francêz. Sou passadista — confesso, desde os tempos eruptivos do desvaírisimo. Ainda continuo no verbo experimentar e digo ao leitor: Mediste os dous narizes. Adquiriste experiencia e por ti mesmo a adquiriste. Pois que te faça bom proveito! E continuo a lembrar os meus 30 anos.

Entrei para a quarta mocidade! Um sem-número de imagens comovidas ronda no meu ser profundo. E' uma poracé maravilhosa na clareira da mata. São geruparis, caaporas e uiaras a bailar. Saltam anhângas das moitas, surgem maraguingas das fumaças odorantes da fogueira. Filtra-se a Lua através da folhagem, adensando nos troncos e nos festões dos cipoais architecturas invisas. Que Partenões de marmore e ardentes policromias! Que Santos Apolinarios do oiro e ultramarino! Oca rupestre onde sapatea o guau do passado, do presente e do futuro. Vitorias, nobrezas, bondades e... Ambigões imorredouras, orgulhos imorradouros, erros morituros e amores dum só dia... Tudo surge, dansa e volve e volta, numa fantastica orgia de entusiasmos. Eu treino. Ambições imorredouras me constingem! São elas que me fazem viver. Sufocam-me os orgulhos? Mas são éles que, emquanto a carne faz o seu officio e me traz melancolizado e desgostoso, como diria Frei Luis de Souza, me dão esse pincel que agora anda a pintar sorrisos nos meus proprios labios. Amores dum só dia? Como as rosas. Que trocará os rosais de Paulicea por flores artificiais? A rosa seca. Outra nasce. "Improbe amor, quid non mortalia pectora cogis!" Os erros morituros me saúdam... A luta principia. Escorre sangue. Rubro agora. Negro adiante. Gritos. Cadaveres, num acervo de redes, poeiras e lagrimas. Morrem os erros. Mas que punição maior para este cesar enfatiado! O spectaculo vai recomçar. Os erros, sei que renascerão! Alimpam-se da lama ensanguentada, curam-se das chagas, apagam o sulco das lagrimas; e novamente belos, apraziveis, convidativos voltarão! E eu sei que voltarão! Oh!...

Meu Deus! sou a mais discutível das tuas obras-primas!...

Qual! Tudo isso é mentira! fantasia! Sou crónista e escrevo coisa leves. O leitor risoune essas linhas que falam de anhângas impossíveis e de reciaris erros. Tudo isso é dominio de lenda. Imaginações! Malazartismo!

Malazartismo? Belazarte me olha e me saúda. Ergue aquele chapeuzinho duro de Carlito, que deu para usar. — Mario, um cigarro. — Perdoa Belazarte, ainda não te vira! Ele acende o cigarro. Atira-o fóra, distraído. Queima o dedo e fuma o pau do fosforo. Saúda outra vez. Sacode os ombros. Vai-se embora.

Penso: Belazarte nunca fuma... Porquê agora fumou?...

Mario de ANDRADE

# A EUGENIA E O PROBLEMA IMMIGRATORIO

A vida é uma conquista, como a civilização é uma violência. A civilização é o ambiente que a vida tece para viver.

El nem é outra cousa o que se aprende nas eglogas sabias de Virgilio. "Hactenus arborum cultus, et sidera cœli": Cantando a agricultura, louvou a terra, porque a semente dura antecede a colheita e, antes daquela, está o custoso trabalho de preparação.

E' preciso predispor a terra, é indispensavel seu preparo para que, sob os banhos do sol, amadureçam as espigas. A terra ha de ser boa para que produza o bom trigo, "fractum centuplum", no dizer do sementeador evangelico.

Na continua movimentação dos povos, os egypcios crearam o Egypto, cultivando-o, como os holandezes crearam a Hollanda. E' sempre assim. Os povos fundam seu paiz. A civilização é o dominio do homem sobre a natureza.

Por isso, parece um contrasenso a formação brasileira.

Ella desnorteia os mais doutos. E' extranha e paradoxal. Num paiz formidavel de riqueza e tamanho perde-se uma população. Tobias Barreto sentia essa disparidade e synthetizava-a num desolante sarcasmo:

"que gloria é essa de mostrar ao mundo em vez de grandes homens, grandes rios.

Emtanto, pôde-se afirmar que o passado garantirá o futuro. E os brasileiros cultivarão o Brasil como um "presente da Terra", na phrase admiravel de Ronald de Carvalho, assim como ha millenios, os egypcios cultivaram o Egypto, como um "presente de Nilo", na phrase conhecida de Herdoto.

Temos, desse modo, um problema em vista a realizar: fixarmos, de modo seguro, a politica nacional de povoamento, evitarmos a immigração absorvente e adoptarmos, como elemento colonizante, aquelle mais adequado e mais amoldavel que, sendo estrangeiro, torne-se gentio, que, sendo immigrado, torne-se nacional.

O caracter especial da vida brasileira tem, como reflexo, o dominio integralizador da terra sobre o homem.

A civilização aqui é uma vencedora vencida.

Auxiliados pela nossa formação originaria possuímos a esperança fortissima de ter na America a primazia da unidade e sanidade racial, desmentindo a Le Bon e a outros sabios da cobiça alheia.

Quem avança pelo sertão do Norte do Brasil, pelos seringaes da Amazonia, pelas zonas cultivadas do Ceará e Bahia, tem a impressão que todos os habitantes são filhos da terra.

O meio transforma-os. dá-lhes feição unica, uniformiza-os.

Pelas bandas de S. Paulo, a mesma cousa. Percorrendo o interior do Estado, tive o prazer de verificar a perfeita nacionalização dos elementos estrangeiros. Aliás, na vida agricola, isso é communmente observado. Occorre-me o exemplo historico da formação das diversas colonias romanas.

Ha excepções. E com os avisados sabios da Grecia, precisamos ter medo das excepções. Ha raças que, pela sua conformação etiologica, não se deixam vencer. Nunca perdem o caracter proprio. E quando chegam a perder, transformam-se em elemento dispersivo e maisão.

Caracteriza-se, pois, o ponto de vista brasileiro: evitar raças fortes que nos façam fracos, raças que nos hão de levar para a morte ou para a escravidão. Assim, allemães de certas zonas do seu paiz, assim polacos, assim americanos. Para os arredores de Curitiba, como me coube observar, os calones polacos transportaram seus modos de vida, seus costumes, seus methodos de trabalho. Na cidade formosa do Paraná, ao sol dos tropicos, andam carros de rodas enormes, com grandes arcos, puxados por um cavallo e guiados por mulheres de trages de côr viva, como que houvesse um transporte mysterioso de scenarios nos bairros quietos de Varsovia. Os americanos do norte, nas diversas cidades do Estado de S. Paulo, não só conservam suas tradições como até o regimen legal do seu paiz. Os

allemães do sul, quasi todos, são desse mesmo quilate. Numa das ruas de Blumenau foi exposto numa "vitrine" um retrato de Floriano Peixoto. Mostrando-o, dizia um pequeno a outro: — "Olha o retrato do Kaiser."

Os japonezes não se misturam com os nacionais. São uma força ethnica insulada. Constituem-se em grupos isolados nas colonias das fazendas e nas cidades geralmente, tomam conta de um bairro...

Lembram todos estes exemplos a figura symbolica de Lentz que o admiravel estylo de Graça Aranha pintou em "Chanaan": — o colono conquistador e autoritario, o immigrante que traz consigo a arrogancia perigosa da supremacia de sua raça.

O problema eugenico da immigração tem, pois, essa feição magna: — O typo racial, forte, o heróe de Gobineau, é desintegrador e anarchico entre nós. Se mantém a sua força ethnica é elemento intransigente de conquista, se confunde e se mistura com os naturaes da terra, degeneram, retrogradam, tornam-se o typo classico do mestiço ignaro e parvo, o indolente dos grandes centros, o inutil das zonas rurales. Grande numero de ladrões que infestam nossas cidades, uma significante porcentagem dos alcoolicos, de amoraes, idiotas, emfim, perfeitos degenerados, trazem consigo, como factor determinante de seu estado, o elemento racial.

Observe-se, por exemplo, a prostituição. Ella é formada, em sua grande maioria, de elementos raciaes que se não misturam ou da mestiçagem destremblehada. Isso apparece como uma decorrença fatal, obedecendo a uma ordem logica. Individuos de organização physica especial, inadaptable ao meio, ou torna-se superior a elle, e nesse caso o domina; ou torna-se-lhe inferior, e então se degenera. Não podendo aceitar o trabalho do campo, como operario, torna-se o factor das grèves, o perturbador contumaz da vida agraria. Na cidade dá-se o mesmo:—ou domina, tornando-se proprietario, commerciante ou industrial; ou perverte-se, tornando-se criminoso e viciado.

Nos estudos das raças no ultimo seculo, nasceu, naturalmente, muito exaggero e muita confusão de valores. Das experiencias fel-

tas pelo padre Mendel, Brown Secquard e outros, das theorias das gemulas de Darwin, das plastides de Le Dandec, das moneras de Hæckel, das theorias de Roux e Devrie, das theorias complicadas de hereditariedade e dos caracteres adquiridos, resultou por erros de methodo e de interpretação, na exaltação que muitos autores falam, de "um romantico materialismo", um pavor allucinado pelos mestiços. O dogma da "raça pura" nos dytiram-bos de Nietzsche, na elevação do lyrismo sonoro de Ricardo Wagner, constituiu época. A sciencia poetisava... O mestiço era o estigmatizado pelos criminalistas, era o ser impulsivo e ciumento, rebelde e nomade. Le Bon, imbuído dessas idéas, vaticinou, por isso, a desgraça americana e a morte do Brasil.

Evidenciou-se esse desarrazoado ultimamente.

O mestiço é degenerado physico e moral, cultiva as eclosões criminosas quando, dentro de si, ha o antagonismo ancestral, ha a diversidade somatica, a briga violenta de sangue. Estudando-se bem o assumpto, verifica-se que existe:— 1º, o mestiço com tendencias para o aperfeiçoamento. E, o mestiço com tendencia para a degeneração. A Historia ensina que a população do Brasil foi formada e constituida pelo typo primeiro.

O cruzamento das raças, dispostas pelo paiz a dentro, conforme a importação successiva de, em seus periodos distinctos, uma combinação antropologica que tem garantido, até hoje, a unidade estratificada da nacionalidade: Dado o tamanho desmedido do paiz, com meios diversos, surgiram typos diversos, taes como o sertanejo, o matuto e o gaúcho, os praiheiros do littoral. Mas, todos esses typos tiveram em quasi sua totalidade, como sedimento originario, como fonte unica, o elemento portuguez, sadio e forte, de afidalgada e nobre estirpe. O elemento aborigem, devido á sua organização anthro-psycho-logica, não podendo aguentar a força da raça civilizada, foi facilmente vencida. A raça negra chamada como uma necessidade para vencer as agruras sertanejas e a manutenção dos latifundios rendosos, não constituiu, como sustentam muitos, um entrave formidavel ao desenvolvimento brasileiro. Em Frei Vicente



Desenho de Jorge Barradas

Salvador e Pedro de Tiques, verifica-se o caminhar heroico das bandeiras, semeando a raça de um modo original e audaz, furtando-se, por um natural instinto de conservação, do abastardamento que lhe surgia. Claro está a existência da bastardia, como excepção. Num paiz, cuja população inelante era feita e dirigida por imigrantes aventureiros livres das leis de sua patria de origem, com uma organização exitante, era evidente a expansão sexual e mesmo certa desordem moral. Esse phenomeno entanto, constituindo uma excepção, é admiravel.

Além disso, como se pôde concluir dos abalizados estudos do Dr. Nina Rodrigues, o elemento negro, não pôde ser encarado de conjuncto, como elemento retrogrado e venenoso. Como explicar a epopéa de Palmares, a "Troya negra", no dizer de Oliveira Martins? Como explicar a influencia benéfica e decisiva de certos mestiços, oriundos da raça negra, na politica e na arte brasileira?

Finalmente, organizada e livre a administração politica do paiz, constituiu-se a imigração collectiva de diversas correntes de povos europeus, principalmente para as zonas praiieras do sul.

No amago do sertão ficou o cerne da raça garantindo o seu predominio, em reflexos positivos pelo littoral. Perdura na zona rura, o typo fixo do sertanejo, senhor do "inferno verde", do matuto, senhor das culturas café-eirás, e o gaúcho, senhor dos pampas rio-grandenses; typos esses, que de cumplicidade com a terra, com o apoio incondicional do deserto, das matias serradas, das infindáveis savanas, servem de amurada para defesa da nacionalidade. De feição visceralmente conservadora e renitente, são elles a fonte perene da seiva brasileira, contrapondo á fraqueza dos habitantes praieiros, atacados de rijo pela expansão immigradora.

Os elementos mestiços retrogrados que possuímos hoje, não constituem uma sequencia da formação historica. Elles surgem mais da descuidada politica immigratoria de certos ultimos tempos, ao sabor de certos exploradores inconscientes...

A diversidade dos componentes ethnicos, o cruzamento de forças antagonicas, é cultivado, dando campo á degeneração. Ora, portanto, ao nosso meio, e contraria aos nossos interesses; ora, o avultado numero de elementos corrosivos, productos caçados e exhaustos das velhas civilizações, typos extranhos, cultivados na "mala vita", "scapatos di galera" os manganês da politica de al-furja, os "sem eira nem beira", os "que nada têm a perder"... Essas imigrações então, tornam-se um peso sobre a Sociedade, uma carga de preocupações terriveis sobre a collectividade, um verdadeiro "stock" deletério de uma população.

No Estado de S. Paulo, onde o serviço de imigração está melhor organizado, verifica-se a adaptação de certas raças, que, favorecendo o serviço da lavoura, normalizando, aos poucos, a crise do braço, integram-se com o elemento nacional, tornando-se um todo uniforme.

Ponham-se de lado os preconceitos a olhe-se o problema de frente. Não precisamos sonhar com os ideaes eugenicos de Galton, com os divinos melhoramentos da especie. Precisamos ajudar o evoluer eugenico da raça na medida da realidade para a garantia do futuro da nação.

El, para tal coisa, é preciso que os estadistas saibam que governar é povoar bem; é fazer guerra violenta aos que olham o Brasil com olhos de cubica ou como um grande estuario dos refugos esbaldalhados que vivem a estorvar as civilizações.

## Gandido Motta FILHO

## GRAMMÁTICA

A grammatica é como essas colleções de plantas colladas em albuns, que existem, pelo menos assim me disseram, nas secções de botanica dos museus.

A syntaxe e a grammatica são perfeitamente inúteis. Primeiro nasceu a lingua e depois o cavalheiro calvo que, escondido atraz de um par de olhos, catalogou a lingua e fundou a grammatica. Condemnar uma phrase, porque Bernardes ou Vieira não a teriam escripto, é condemnar as evoluções da lingua.

A lingua e a grammatica variam em função do individuo. Duas pessoas que vivem juntas creem uma lingua differente da dos seus patricios. Do convivio de um grupo de amigos nascem expressões oriundas de factos que elles presenciaram, de pilherias que disseram, etc.

A lingua não varia só de um paiz para outro, mas de individuo a individuo. Dahi o facto de certos homens empregarem certas palavras em sentido differente do commum. Dois homens que não se conhecem e são apresentados, nos primeiros minutos sentem uma certa difficuldade em se entenderem. Não dão o mesmo valor ás mesmas palavras e não empregam o mesmo vocabulario.

Os antigos já conheciam essa verdade. Cada escriptor impunha ao leitor seu vocabulario, sua phrase, seu "estilo".

Ora, o estilo é a época. Os modernos, scientes dessa verdade, ampliaram a noção do estilo. Fizeram mais: transformaram a grammatica. Os mais corajosos supprimiram-na, francamente, como um impedimento inútil, em beneficio da sinceridade.

A phrase moderna, desarticulada, maleavel, salta por cima das barreiras da syntaxe. A pontuação tinha tomado ares de dogma irrefutavel. Perante tal impertinencia alguns modernos supprimiram-na! O leitor colloca-a mentalmente, como entende.

A pureza da lingua é hoje uma cousa impossivel. Outrora, nos bons tempos em que o homem sabia no maximo duas linguas, a sua e o latim, era possivel zelar pelo vernaculo. Hoje, que os jornaes e os livros de qualquer paiz são lidos em toda a parte, neste seculo admiravel em que os povos parece que se acovelam, é impossivel ao homem culto não deixar transparecer no seu falar a influencia da lingua de seus irmaos. Tenho certeza de que o progresso corrente do intercambio entre os povos levar-nos-á á adopção de uma só lingua para todos os homens.

Essa lingua nunca será o Esperanto. A formação de uma lingua obedece a milhares de phenomenos complexos que desconhecia talvez o idealista polyglotta, sentado atraz de uma pilha de dictionarios sonhando com o idioma universal. Uma lingua não se impõe aos povos, como o vicio util de tomar café.

Quando a humanidade falar uma só lingua, com pequenas variações de pronuncia e vocabulario, então o portuguez, o francez, o inglez, tomarão o lugar dos dialectos de hoje. Em casa pôde ser que os meninos de amanhã falem a lingua materna, mas nas escolas de então só se ensinará a lingua universal.

Em São Paulo, a lingua esquisita que fala a colonia italiana, mistura de italiano e de brasileiro, está tomando aspecto de verdadeiro idioma.. Possui até seu poeta: Juô Bananére.

A linguistica é uma sciencia incompleta, uma blague, nascida do orgulho humano de querer explicar e determinar tudo, quando não podemos conhecer a verdade por falta de elementos.

Hoje o dever de todo homem civilizado é corromper o mais que puder a lingua materna. Essa corrupção voluntaria virá apoiar o desenvolvimento da lingua creança, será uma especie de gymnastica sueca.

## Rubens MORAES

(Do Domingo dos seculos, no prelo.)

## A ALEGRIA ESPANHOLA

Choramos muito, dizem muitas pessoas que só riem no theatro ou no cinema. A lamentação é esteril: é dos individuos e dos povos decrepitos. Se queremos nos regenerar, devemos voltar á antiga alegria hespanhola.

A alegria hespanhola? mas qual? Não é por certo a dos guerreiros da Reconquista, famintos, descalços, arrastados á luta em rebanhos, para satisfazer aos nobres e aos monges; nem a dos Mouriscos e dos Judeus, expulsos ou queimados em massa; nem a dos tempos de Torquemada, nem a do reinado de Carlos Quinto, perseguidor das municipalidades e enchendo o paiz de estrangeiros famintos; nem a Hespanha de Philippe II, o Rei sombrio sob quem a nação inteira se vestio de luto; e ainda menos a dos seculos em que tudo foi guerra e miseria e durante os quaes as lamentações dos povos foram tão grandes, quanto a frivolidade dos cortezaos. Então, qual é a alegria hespanhola? a do povo do monarcha enfeitado e dos autos de fé? a que acompanhou a queda do imperio da America ou a do tempo dos guerrilheiros e dos cabecilhas? por certo, quando se revê a historia do povo hespanhol, não se encontra em parte nenhuma essa famosa alegria.

Citam-se os nossos classicos. Desde Jorge Manrique até o fim da Renascença não encontramos nelles senão suspiros e lagrimas. Nosso theatro é lugubre e suas situações se resolvem sempre, não pela habilidade, mas pelo córte do aço. Os pais desconfiados, as senhoras hystericas, as aias impertinentes e os aventureiros galantes emprestam á nossa arte dramatica tintas sombrias que o escudeiro apenas se atreve a dissipar de quando em quando com as suas pilherias macabras. Cervantes poderá fazer rir as crianças e os igno-rantes; mas elle faz suspirar aquelles que reflectem, pois na sua obra principal se encontram a saudade de um ideal sempre perseguido, jámais alcançado, a amargura da justiça sempre vendida e condemnada a brilhar perpetuamente entre a poeira e a lama.

Resta... a musa anonyma, a que reflecte o sentimento da massa, a que são do espirito do povo e que se conserva no seu seio doloroso. Onde está a alegria do Romancero? Vamos

Os costumes... E' outra cousa. Não ha festa em que não nos fallem em Purgatorio, nem grande alegria que não deva primeiro passar pela caixa de esportulas das pobres almas. Para contemplar o sol nos campos, é preciso antes vêr as Sete-Dores. E a distracção do hespanhol é a arena, a arena onde a féra enterra o chifre na barriga sangrenta do cavallo ou do combatente. Temos além disso as festas da polvora que lembram as lutas passadas e excitam-se os instinctos guerreiros. Afóra isso, só restam os cantos *Mudejores*, que parecem lamentação de queixas e cujas palavras evocam a imagem da mãe morta ou do amor impossivel. A alegria meridional é assim: um phantasma que se esvaece no fumo dos altares e nos perfumes das laranjeiras.

Em quasi todas as festas, alguma cousa rutila ao sol: a *navaja*, a *navaja* tremente e covarde que golpeia sem perigo entre um coxicho amoroso e a cadencia de um estribilho dedicado á Virgem; a *navaja* que leva gravado o nosso grito de alegria: *olé!* como se todas as nossas venturas, todas as nossas alegrias desvessem, para ser hespanhões, se tingirem de sangue.

A alegria hespanhola encontra a sua justa interpretação nos quadros de pesadelo de Ignacio Zuloaga e dos Irmãos Zubiaurre. Tal é o segredo do seu successo.

Ella é bella a alegria, a alegria sadia, a que nasce da tranquillidade da consciencia e da altivez do coração. Por isso é possivel se fallar em alegrias nacionaes nos povos que quebraram o jugo do erro, o peso da tyrannia, os ferros da barbaria. Mas vir fallar-nos da alegria hespanhola tradicional, é esquecer aquillo que fomos e o que somos, repetir um lugar commum desacreditado e não ouvir o gemido da cantora sob o estalar das castanholas.

Antonio ZOZAIÁ

# O GOLPE DE PRIMO DE RIVERA

E' indiscutível que, na transição violenta que sacode a Europa, ha uma tendencia clara para a dictadura, ou porque as velhas formas constitucionaes não podem mais moldar as irremessiveis contingencias modernas, ou porque degenerou a sua politica, a ponto de exigir forças mais imperiosas no exercicio do poder. A dictadura do proletariado, na Russia; a dictadura empolgante de Mussolini e, agora, a dictadura militar de Primo de Rivera, para não falar em outros paizes onde se mascara ainda sob o ritual antigo, são exemplos incisivos e que devem fazer pensar aos sociologos e publicistas, que não encontraram ainda a explicação da hora presente.

O golpe de estado da Hespanha, levado a cabo pelo General Primo de Rivera, na noite de 12 de Setembro findo, teve como motivo a, campanha de Marrucos e sua manifestação foi a rebeldia das tropas, deixando de cumprir as ordens do governo de Alhucenas, e não partindo para Mellila. E' conhecida a entrevista do General Rivera com o então Ministro da Guerra, General Aizpuru, em que este demittiu o chefe insubordinado e teve como resposta que o demittido era elle... Colocado em choque o gabinete, o seu chefe pediu ao Rei a repressão immediata do movimento, mas o soberano, prudentemente disse que ia pensar no caso, ao que respondeu Alhucenas com a demissão colectiva, logo aceita. Chamado Rivera, este, ao invés de organizar gabinete e como Mussolini manter intacta a vida constitucional do paiz, preferiu assumir a dictadura, sob a forma de um directorio militar que preside e de que fazem parte mais oito generaes — Berenguer, Sansurgo, Muñoz Cobos, Saró, Cavalcanti, Dabon, Lossana e o Duque de Tetuan. Prestigiado pelo Rei, que aceitou esse colapso na vida nacional, Primo de Rivera declarou que só deseja preparar o paiz, sacrificado pela politica, para entregal-o de novo ao governo civil. E nessa proclamação explicou ao povo e ao exercito as suas intenções:

Espanoles: Ha llegado para nosotros el momento más temido que esperado.

Hubiéramos querido vivir en la legalidad y que ella rigiera la vida española; recoger ansias para atender el clamoroso requerimiento de cuantos, amando la patria, no ven para ella otra salvación que libertarla de los profesionales de la política y de los hombres que por una o otra razón nos ofrecen el cuadro de las desdichas e immoralidades que empezaron el año 1898 y amenazan España un próximo fin trágico y deshonoroso.

La tupida red política de concupiscencias, tomó en sus mallas, secuestrándola, hasta la voluntad real. Con frecuencia repitieron la conocida frase: "Qui gobiernen los que no dejan gobernar", aludiendo a nosotros, que hemos sido su unico aunque debil freno y hemos procurado que las leyes y costumbres de la época tuviesen una ética sana y un tenue tinte de moral y equidad; pero en realidad se avienen contentos al turno y al reparto y se designan luego sucesores.

Pues bien: ahora vamos a recabar todas las responsabilidades y a gobernar nosotros con os hombres civiles que representen nuestra moral y nuestra doctrina. Basta de rebeldias mansas, que sin poner remedio a nada, dañan más la disciplina que esta actitud recia y viril a que nos lanza el amor por España y por su rey.

Este movimiento es de hombres. Viva España! Vivi el rey!

No tenemos justificar nuestro acto, que el pueblo sano lo demanda y que lo imponen los asesinatos de prelados, ex gobernadores, agentes de la autoridad, patronos, capataces y obreros; los audaces atracos impunes; la depreciación de la moneda; la franquichela de millones, gastos reservados; la sospechosa política arancelaria y porque con rastreras intrigas políticas, se ha comado como un pretexto la tragedia de Marrucos.

La incertidumbre ante este gravísimo problema nacional, provoca la indisciplina social y hace que el trabajo sea ineficaz y nulo y precaria y ruinosa la producción agrícola e industrial. Por otra parte, la propaganda comunista impone la impiedad y la

incultura. La justicia se halla influida por la política y se hace cada vez más descarada la propaganda separatista, con sus pasiones tendenciosas.

No venimos a llorar lastimas y miserias, sino a ponerles un pronto y radical remedio. Requerimos el concurso de todos los buenos ciudadanos para ello, en virtud de la confianza y del mandato que en mi han depositado.

Se constituirá en Madrid un directorio con un inspector militar con carácter provisional, encargado de mantener el orden publico y asegurar el funcionamiento normal de los ministerios y de los oficiales, pidiendo que el país nos ofrezca hombres rectos, sabios, laboriosos y probos que puedan constituir un ministerio bajo nuestro amparo, pero en plena dignidad y con la facultad de ofrecerlos al rey si se digna aceptarlos.

Queremos servir a España. Somos el somatén de la legendaria y honrosa tradición española. Traemos por lema: "Paz, paz, paz!"; pero una paz fundada en un saludable rigor y justo castigo en el interior y sin claudicaciones, ni impunidades. Queremos el somatén de la reserva, hermano del exercito para todo, inclusive para la defensa y la independencia de la patria si corriera peligro. Pero queremos más que los hombres de bien nos fortalezcan con su adhesión. Tardarán sólo horas para que salga el decreto de la organización del gran somatén nacional.

Nos proponemos evitar el derramamiento de sangre, aunque lógicamente no habra

nadie, si se siente en realidad el patriotismo, que se nos ponga en contra.

Anunciamos que tenemos fé en el ideal, y que no nos llevará animosidad contra nadie, ni emplearemos más rigor del que exijan las circunstancias contra quienes nos combatan.

Queremos vivir en paz con todos los pueblos y merecer para el Español, hoy, consideración y respeto, y mañana, admiración por su cultura y sus virtudes. No somos imperialistas ni estamos obcecados por un terco empeño.

Respecto a Marrucos, el exercito ha vindicado ya su honor, con su conducta valerosa, y continúa diariamente manteniendo en alto su prestigio. Le buscaremos a este problema una solución pronta, digna y sensata.

Por lo que se refiere á las responsabilidades, estamos convencidos de que el país no desea estar hablando continuamente de ellas, sino que quiere exigir las con rapidez, y con estricta justicia, y de ello nos encargaremos nosotros, confluendo el asunto a tribunales desapasionados y de alta autoridad moral, dándoles un plazo determinado para que se expidan.

A cuantos merecieren la sanción pública del repudio por sus ambiciones, se la aplicamos nosotros con el apartamiento total y los condenamos, aun reconociendo que algunos fueron bien intencionados, pero débiles para purificar y dignificar el medio en que han vivido.



O capitão-general Primo de Rivera, emulo de Mussolini e de Mustapha Kemal

Salvador e Pedro de Toques, verifica-se o caráter heroico das bandeiras, semeando a raça de um modo original e sadio, furtando-se, por um natural instinto de conservação, do abastardamento que lhe surgia. Claro está a existência da bastardia, como excepção. Num país cuja população inelante era feita e dirigida por linhados, aventureiros livres das leis de sua pátria de origem, com uma organização exitante, era evidente a expansão sexual e mesmo certa desordem moral. Esse phenomeno emtanto, constituindo uma excepção, é admirável.

Além disso, como se pôde concluir dos abalizados estudos do Dr. Nina Rodrigues, o elemento negro, não pôde ser encarado de conjuncto, como elemento retrogrado e venenoso. Como explicar a epopéa de Palmares, a "Troya negra", no dizer de Oliveira Martins? Como explicar a influencia benéfica e decisiva de certos mestiços, oriundos da raça negra, na política e na arte brasileira?

Finalmente, organizada e livre a administração politica do país, constituiu-se a imigração colectiva de diversas correntes de povos europeus, principalmente para as zonas praticas do sul.

No amago do sertão ficou o cerne da raça garantindo o seu predomínio, em reflexos positivos pelo littoral. Perdura na zona rural, o typo fixo do sertanejo, senhor do "inferno verde" do matuto, senhor das culturas café-eirás, e o ganho, senhor dos pampas rio-grandenses; typos esses, que de cumplicidade com a terra, com o apoio incondicional do deserto, das matas serradas, das infundáveis savanas, servem de amurada para defesa da nacionalidade. De feição visceralmente conseradora e renitente, são elles a fonte perene da selva brasileira, contrapondo á fraqueza dos habitantes praiheiros, atacados de rijo pela expansão immigradora.

Os elementos mestiços retrogrados que possuímos hoje, não constituem uma sequencia da formação historica. Elles surgem mais da descuidada politica immigratoria de certos ultimos tempos, ao sabor de certos exploradores inconscientes...

A diversidade dos componentes ethnicos, o cruzamento de forças antagonicas, é cultivado, dando campo á degeneração. Ora, portanto, ao nosso meio, e contraria aos nossos interesses; ora, o avultado numero de elementos corrosivos, productos cansados e exhaustos das velhas civilizações, typos extranhos, cultivados na "mala vida", "scapatos á galera" os maganões da politica de al-furja, os "sem eira nem beira", os "que nada têm a perder"... Essas immigrações então, tornam-se um peso sobre a Sociedade, uma carga de preocupações terriveis sobre a collectividade, um verdadeiro "stock" deletorio de uma população.

No Estado de S. Paulo, onde o serviço de imigração está melhor organizado, verifica-se a adaptação de certas raças, que, favorecendo o serviço da lavoura, normalizando, aos poucos, a crise do braço, integram-se com o elemento nacional, tornando-se um todo uniforme.

Ponham-se de lado os preconceitos a olhe-se o problema de frente. Não precisamos sonhar com os ideaes eugenicos de Galton, com os divinos melhoramentos da especie. Precisamos ajudar o evoluer eugenico da raça na medida da realidade para a garantia do futuro da nação.

E, para tal coisa, é preciso que os estadistas saibam que governar é povoar bem; é fazer guerra violenta aos que olham o Brasil com olhos de cubica ou como um grande estuario dos refugos esbandalhados que vivem a estorvar as civilizações.

## Gandido Motta FILHO

## GRAMMÁTICA

A grammatica é como essas colleções de plantas colladas em albuns, que existem, pelo menos assim me disseram, nas secções de botanica dos museus.

A syntaxe e a grammatica são perfeitamente inúteis. Primeiro nasceu a lingua e depois o cavalheiro calvo que, escondido atraz de um par de olhos, catalogou a lingua e fundou a grammatica. Condemnar uma phrase, porque Bernardes ou Vieira não a teriam escripto, é condemnar as evoluções da lingua.

A lingua e a grammatica variam em função do individuo. Duas pessoas que vivem juntas cream uma lingua differente da dos seus patricios. Do convivio de um grupo de amigos nascem expressões oriundas de factos que elles presenciaram, de pilherias que disseram, etc.

A lingua não varia só de um país para outro, mas de individuo a individuo. Dahi o facto de certos homens empregarem certas palavras em sentido differente do commum. Dois homens que não se conhecem e são apresentados, nos primeiros minutos sentem uma certa dificuldade em se entenderem. Não dão o mesmo valor ás mesmas palavras e não empregam o mesmo vocabulario.

Os antigos já conheciam essa verdade. Cada escriptor impunha ao leitor seu vocabulario, sua phrase, seu "estilo".

Ora, o estilo é a época. Os modernos, scientes dessa verdade, ampliaram a noção do estilo. Fizeram mais: transformaram a grammatica. Os mais corajosos supprimiram-na, francamente, como um impecilho inútil, em beneficio da sinceridade.

A phrase moderna, desarticulada, maleavel, salta por cima das barreiras da syntaxe. A pontuação tinha tomado ares de dogma irrefutavel. Perante tal imperfinencia alguns modernos supprimiram-na! O leitor colloca-a mentalmente, como entende.

A pureza da lingua é hoje uma coisa impossivel. Out'ora, nos bons tempos em que o homem sabia no maximo duas linguas, a sua e o latim, era possivel zelar pelo vernaculo. Hoje, que os jornaes e os livros de qualquer país são lidos em toda a parte, neste seculo admiravel em que os povos parece que se acotovelam, é impossivel ao homem culto não deixar transparecer no seu falar a influencia da lingua de seus irinãos. Tenho certeza de que o progresso corrente do intercambio entre os povos levar-nos-á á adopção de uma só lingua para todos os homens.

Essa lingua nunca será o Esperanto. A formação de uma lingua obedece a milhares de phenomenos complexos que desconhecia talvez o idealista polyglotta, sentado atraz de uma pilha de dictionarios sonhando com o idioma universal. Uma lingua não se impõe aos povos, como o vicio util de tomar café.

Quando a humanidade falar uma só lingua, com pequenas variações de pronuncia e vocabulario, então o portuguez, o francez, o inglez, tomarão o lugar dos dialectos de hoje. Em casa pôde ser que os meninos de amanhã falem a lingua materna, mas nas escolas de então só se ensinará a lingua universal.

Em São Paulo, a lingua esquisita que fala a colonia italiana, mistura de italiano e de brasileiro, está tomando aspecto de verdadeiro idioma. Possui até seu poeta: Juó Bananère.

A linguistica é uma sciencia incompleta, uma blague, nascida do orgulho humano de querer explicar e determinar tudo, quando não podemos conhecer a verdade por falta de elementos.

Hoje o dever de todo homem civilizado é corromper o mais que puder a lingua materna. Essa corrupção voluntaria virá apoiar o desenvolvimento da lingua creança, será uma especie de gymnastica sueca.

Rubens MORAES

(Do Domingo dos seculos, no prélo.)

## A ALEGRIA ESPANHOLA

Choramos muito, dizem muitas pessoas que só riem no theatro ou no cinema. A lamentação é esteril: é dos individuos e dos povos decrepitos. Se queremos nos regenerar, devemos voltar á antiga alegria hespanhola.

A alegria hespanhola? mas qual? Não é por certo a dos guerreiros da Reconquista, famintos, descalços, arrastados á luta em rebanhos, para satisfazer aos nobres e aos monges; nem a dos Mouriscos e dos Judeus, expulsos ou queimados em massa; nem a dos tempos de Torquemada, nem a do reinado de Carlos Quinto, perseguidor das municipalidades e enchendo o país de estrangeiros famintos; nem a Hespanha de Philippe II, o Rei sombrio sob quem a nação inteira se vestiu de luto; e ainda menos a dos seculos em que tudo foi guerra e miseria e durante os quaes as lamentações dos povos foram tão grandes, quanto a frivolidade dos cortezaos. Então, qual é a alegria hespanhola? a do povo do monarcha enfeitado e dos autos de fé? a que acompanhou a queda do imperio da America ou a do tempo dos guerrilheiros e dos cabecilhas? por certo, quando se revê a historia do povo hespanhol, não se encontra em parte nenhuma essa famosa alegria.

Citam-se os nossos classicos. Desde Jorge Manrique até o fim da Renascença não encontramos nelles senão suspiros e lagrimas. Nosso theatro é lugubre e suas situações se resolvem sempre, não pela habilidade, mas pelo corte do aço. Os pais desconfiados, as senhoras hystericas, as aias impertinentes e os aventureiros galantes emprestam á nossa arte dramatica tintas sombrias que o escudeiro apenas se atreve a dissipar de quando em quando com as suas pilherias macabras. Cervantes poderá fazer rir as crianças e os ignorantes; mas elle faz suspirar aquelles que reflectem, pois na sua obra principal se encontram a saudade de um ideal sempre perseguido, jámais alcançado, a amargura da justiça sempre vendida e condemnada a brilhar perpetuamente entre a poeira e a lama.

Resta... a musa anonyma, a que reflecte o sentimento da massa, a que são do espirito do povo e que se conserva no seu seio doloroso. Onde está a alegria do Romancero? Vamos

Os costumes... E' outra coisa. Não ha festa em que não nos fallem em Purgatorio, nem grande alegria que não deva primeiro passar pela caixa de esportulas das pobres almas. Para contemplar o sol nos campos, é preciso antes vêr as Sete-Dores. E a distracção do hespanhol é a arena, a arena onde a fera enterra o chifre na barriga sangrenta do cavallo ou do combatente. Temos além disso as festas da polvora que lembram as lutas passadas e excitam-se os instinctos guerreiros. Afóra isso, só restam os cantos *Mudejores*, que parecem lamentação de queixas e cujas palavras evocam a imagem da mãe morta ou do amor impossivel. A alegria meridional é assim: um phantasma que se esvaece no fumo dos altares e nos perfumes das lorangeiras.

Em quasi todas as festas, alguma coisa rutila ao sol: a *navaja*, a *navaja* tremente e covarde que golpeia sem perigo entre um coxicho amoroso e a cadencia de um estribilho dedicado á Virgem; a *navaja* que leva gravado o nosso grito de alegria: *olé!* como se todas as nossas venturas, todas as nossas alegrias desvessem, para ser hespanhões, se tingirem de sangue.

A alegria hespanhola encontra a sua justa interpretação nos quadros de pesadelo de Ignacio Zuloaga e dos Irmãos Zubiaurre. Tal é o segredo do seu successo.

Ella é bella a alegria, a alegria sadia, a que nasce da tranquillidade da consciencia e da altivez do coração. Por isso é possivel se fallar em alegrias nacionaes nos povos que quebraram o jugo do erro, o peso da tyrannia, os ferros da barbaria. Mas vir fallar-nos da alegria hespanhola tradicional, é esquecer aquillo que fomos e o que somos, repetir um lugar commum desacreditado e não ouvir o gemido da cantora sob o estalar das castanholas.

Antonio ZOZAIA

# O GOLPE DE PRIMO DE RIVERA

É indiscutível que, na transição violenta que sacode a Europa, ha uma tendencia clara para a dictadura, ou porque as velhas formas constitucionaes não podem mais moldar as irremessiveis contingencias modernas, ou porque degenerou a sua politica, a ponto de exigir forças mais imperiosas no exercicio do poder. A dictadura do proletariado, na Russia; a dictadura empolgante de Mussolini e, agora, a dictadura militar de Primo de Rivera, para não falar em outros paizes onde se mascara ainda sob o ritual antigo, são exemplos incisivos e que devem fazer pensar aos sociologos e publicistas, que não encontraram ainda a explicação da hora presente.

O golpe de estado da Hespanha, levado a cabo pelo General Primo de Rivera, na noite de 12 de Setembro findo, teve como motivo a campanha de Marrucos e sua manifestação foi a rebeldia das tropas, deixando de cumprir as ordens do governo de Alhucenas, e não partindo para Mellilla. É conhecida a entrevista do General Rivera com o então Ministro da Guerra, General Aizpuru, em que este demittiu o chefe insubordinado e teve como resposta que o demittido era elle... Colocado em choque o gabinete, o seu chefe pediu ao Rei a repressão immediata do movimento, mas o soberano, prudentemente disse que ia pensar no caso, ao que respondeu Alhucenas com a demissão collectiva, logo aceita. Chamado Rivera, este, ao invés de organizar gabinete e como Mussolini manter intacta a vida constitucional do paiz, preferiu assumir a dictadura, sob a forma de um directorio militar que preside e de que fazem parte mais oito generaes — Berenguer, Sansurgo, Muñoz Cobos, Saró, Cavalcanti, Dabon; Lossana e o Duque de Tetuan. Prestigiado pelo Rei, que aceitou esse colapso na vida nacional, Primo de Rivera declarou que só deseja preparar o paiz, sacrificado pela politica, para entregal-o de novo ao governo civil. E nessa proclamação explicou ao povo e ao exercito as suas intencões:

Espanoles: Ha llegado para nosotros el momento más temido que esperado.

Hubiéramos querido vivir en la legalidad y que ella rigiera la vida española; recoger ansias para atender el clamoroso requerimiento de cuantos, amando la patria, no ven para ella otra salvación que libertarla de los profesionales de la política y de los hombres que por una o otra razón nos ofrecen el cuadro de las desdichas e immoralidades que empezaron el año 1898 y amenazan España un próximo fin trágico y deshonroso.

La tupida red política de concupiscencias, tomó en sus mallas, secuestrándola, hasta la voluntad real. Con frecuencia repitieron la conocida frase: "Qui gobiernen los que no dejan gobernar" aludiendo a nosotros, que hemos sido su unico aunque debil freno y hemos procurado que las leyes y costumbres de la época tuviesen una ética sana y un tenue tinte de moral y equidad; pero en realidad se avienen contentos al turno y al reparto y se designan luego sucesores.

Pues bien: ahora vamos a recabar todas las responsabilidades y a gobernar nosotros con os hombres civiles que representen nuestra moral y nuestra doctrina. Basta de rebeldias mansas, que sin poner remedio a nada, dañan más la disciplina que esta actitud recia y viril a que nos lanza el amor por España y por su rey.

Este movimiento es de hombres. Viva España! Vivi el rey!

No tenemos justificar nuestro acto, que el pueblo sano lo demanda y que lo imponen los asesinatos de prelados, ex gobernadores, agentes de la autoridad, patronos, capataces y obreros; los audaces atracos impunes; la depreciación de la moneda; la francachela de millones, gastos reservados; la sospechosa politica arancelaria y porque con rastreas intrigas politicas, se ha tomado como un pretexto la tragedia de Marrucos.

La incertidumbre ante este gravissimo problema nacional, provoca la indisciplina social y hace que el trabajo sea ineficaz y nulo y precaria y ruínosa la producción agricola e industrial. Por otra parte, la propaganda comunista impone la impiedad y la

incultura. La justicia se halla influida por la politica y se hace cada vez más descarada la propaganda separatista, con sus pasiones tendenciosas.

No venimos a llorar lástimas y miserias, sino a ponerles un pronto y radical remedio. Requerimos el concurso de todos los buenos ciudadanos para ello, en virtud de la confianza y del mandato que en mi han depositado.

Se constituirá en Madrid un directorio con un inspector militar con carácter provisional, encargado de mantener el orden publico y asegurar el funcionamiento normal de los ministerios y de los oficiales, pidiendo que el país nos ofrezca hombres rectos, sabios, laboriosos y probos que puedan constituir un ministerio bajo nuestro amparo, pero en plena dignidad y con la facultad de ofrecerlos al rey si se digna aceptarlos.

Queremos servir a España. Somos el somatén de la legendaria y honrosa tradición española. Traemos por lema: "Paz, paz, paz!"; pero una paz fundada en un saludable rigor y justo castigo en el interior y sin claudicaciones, ni impunidades. Queremos el somatén de la reserva, hermano del exercito para todo, inclusive para la defensa y la independencia de la patria si corriera peligro. Pero queremos más que los hombres de bien nos fortalezcan con su adhesión. Tardarán sólo horas para que salga el decreto de la organización del gran somatén nacional.

Nos proponemos evitar el derramamiento de sangre, aunque lógicamente no habra

nadie, si se siente en realidad el patriotismo, que se nos ponga en contra.

Anunciamos que tenemos fé en el ideal, y que no nos llevará animosidad contra nadie, ni emplearemos más rigor del que exijan las circunstancias contra quienes nos combatan.

Queremos vivir en paz con todos los pueblos y merecer para el Español, hoy, consideración y respeto, y mañana, admiración por su cultura y sus virtudes. No somos imperialistas ni estamos obcecados por un terco empeño.

Respecto a Marrucos, el exercito ha vindicado ya su honor, con su conducta valerosa, y continúa diariamente manteniendo en alto su prestigio. Le buscaremos a este problema una solución pronta, digna y sensata.

Por lo que se refiere á las responsabilidades, estamos convencidos de que el país no desea estar hablando continuamente de ellas, sino que quiere exigir las con rapidez, y con estricta justicia, y de ello nos encargaremos nosotros, confiando el asunto a tribunales desapasionados y de alta autoridad moral, dándoles un plazo determinado para que se expidan.

A cuantos merecieren la sanción pública del repudio por sus ambiciones, se la aplicamos nosotros con el apartamiento total y los condenamos, aún reconociendo que algunos fueron bien intencionados, pero débiles para purificar y dignificar el medio en que han vivido.



O capitão-general Primo de Rivera, emulo de Mussolini e de Mustapha Kemal



O directorio militar espanhol

Nosotros, queremos, por considerar que esse es nuestro deber, que ante toda denuncia de prevaricación, de cohecho e immoralidad debidamente fundamentada, se abra un proceso, para se castigar implacablemente a aquellos que delinquieron contra la patria corrompiéndola y deshonorándola.

"Garantizamos absoluta reserva para toda clase de denuncias, aunque sean contra los de nuestra profesión y casta, y aunque sea contra nosotros mismos. Hay acusaciones que honran.

"Queda abierto el proceso contra Santiago Aiba, porque lo denuncia unánime el voto del país, y queda procesado también el jefe del gobierno por haber sucumbido a su influencia funesta, ya que no puede excusarlo la carencia de energía y carácter para apartarlo del gobierno.

Nuestra labor será pronto conocida por el país, y a su fallo y el de la historia nos sometemos. Nuestra conciencia está tranquila, porque son leales nuestras intenciones y nuestros propósitos.

## PARTE DISPOSITIVA

Al declarar-se cada región en estado de guerra, el capitán general o el que haga sus veces destituirá a todos los gobernadores civiles y encomendará sus funciones a los gobernadores y a los comandantes militares.

Se incautará de todos las oficinas centrales de comunicaciones, y no permitirán, aparte de los despachos familiares y comerciales, los de ninguna otra autoridad que no sirva lealmente al nuevo régimen.

De todas las novedades importantes que vayan ocurriendo darán conocimiento rápidamente, para subsanar las dificultades que se presentaran.

Se ocuparán los sitios más indicados, tales como los centros de carácter comunista y revolucionarios, las estaciones, las cárceles, los bancos centrales, las empresas de iluminación, los depositos de agua, etcétera, y se procederá a la detención de los elementos sospechosos y de mala conducta.

En todo lo demás se procurará dar sensación de vida normal y tranquila.

Mientras el orden no esté asegurado por el régimen naciente y triunfante, serán de su preferente atención los militares de todos los grados, los planes de los servicios de organización y la vigilancia del orden pública, debiendo-se suspender toda instrucción o acto que entorpezca su fin y sin que ello signifique entregar las tropas a la molición ni abandonar la misión profesional.

Por encima de toda advertencia están las medidas que el patriotismo, la inteligencia y el entusiasmo por la causa sugiera a cada uno em momentos que no son de vacilar, sino de jugarse el todo por el todo, es decir, dar la vida por la patria.

Unas palabras más solamente. No hemos conspirado; hemos recogido a plena luz el ambiente y el ansia popular. Hemos dado algo de organización para encauzarla a un fin patriótico, exento completamente de ambiciones.

Creemos que nadie se atreverá con nosotros, y por eso hemos omitido solicitar uno a uno el concurso de nuestros compañeros subalternos en esta noble empresa, y hemos asociado en primer lugar al pueblo trabajador honrado en todas sus clases con el ejército y nuestra gloriosa marina, aun

en sus más modestas categorías a los que no habíamos de haber consultado previamente sin relajar los lazos y la disciplina, porque es bien conocida su fidelidad al mando y su sensibilidad a los anhelos patrióticos que nos aseguran su valioso y eficaz concurso.

Estamos representados por la verdadera disciplina, es decir, la debida a nuestro dogma: el amor a la patria, y así lo hemos de practicar y exigir, no olvidando que como no nos estimula la ambición, sino por el contrario, el espíritu de sacrificio, tenemos la máxima autoridad. Y ahora, nuevamente: ¡ Viva España! ¡ Viva el rey!

Recibid todos el cordial saludo de un viejo soldado que os pide disciplina y unión fraternal, recordándoos los días que compartió con vosotros su vida de militar en paz y en guerra, y pide al pueblo español su confianza en nombre de los desvelos dedicados a la gloria de la patria. — (Firmado): Miguel Primo de Rivera, capitán general.

Como recebeu o povo essa transformação? Para explicito-o seria preciso fazer um quadro fiel de Hespanha, descrever as suas dificuldades, o problema de Marrocos, o separatismo da Catalunha, os excessos partidarios, a desorganização política, cousas de que já tivemos, aliás, ensejo de fallar nesta revista, mas não podemos agora nos determos nesses assumptos. O certo é que parece ter sido de espanto e expectativa a attitude da nação. Naturalmente cada grupo busca primeiro sentir esse extranho governo e ver o partido que lhe será possível tirar da transformação operada. Ninguém sabe ao certo o que fazer e talvez nem o proprio General Rivera, como se verá desta sua declaração:

"O nosso programma consiste em trabalhar muitas horas para não termos de renovar uma letra aceite a noventa dias de vista. O directorio é constituido por nove homens de boa vontade, que se dispõem a trabalhar dez horas por dia, durante tres meses. Se depois de cada um de nós ter trabalhado essas novecentas horas, virmos que conseguimos renovar a vida publica hespanhola, aconselharemos o regresso á normalidade, a não ser que o povo signifique o seu desejo de nos ter á frente dos negocios publicos."

Sabem que é preciso renovar, sentem a necessidade premente que os levou á revolução, mas parecem que ainda apalparam o terreno e procedem a verificação inicial. Dahi o silencio dos proprios jornaes, obrigando o General Primo de Rivera a procural-os, afim de não perder o contacto com a opinião publica, de resto enigmatica e talvez desconfiada. Os politicos, duramente accusados, levantam o seu protesto e o do Conde de Romanones já tivemos ensejo de ler, transcripto num dos nossos matutinos.

Ha um gesto do Directorio, ou, mais propriamente, do General Rivera que merece especial destaque. Foi a nomeação do General Aizpuru, Ministro da Guerra do Gabinete Alhucenas e perante quem Rivera se insubordinou, para alto commissario em Marrocos, como justiça ás suas altas qualidades de militar, reveladas nessa mesma campanha de Marrocos, onde se distingue desde o seu inicio em 1909. Não precisamos insistir na organização militar nacional, á guisa de fascismo, e que será o "somatens", pois delle trata a proclamação acima, esperando Rivera que, quando estiver organizado, "será muito difficil que a má semente volte a apparecer na terra hespanhola".

## GUERRA JUNQUEIRO

O Poeta evolucionou. A crise não foi até erguer á luz da sua Consciência os postulados implicados na sua interpretação da Vida.

Continuará a ser optimista, mas o seu optimismo será agora temperado e dirigido pelo criterio da evolução.

Esse criterio da evolução dá-lhe, apenas e por agora, um maior contacto, uma maior convivencia com toda a Natureza.

A Natureza (a Ana Tereza de Camilo) deixa de ser omnipotente em acto, para apenas o ser em virtualidade a realizar por um "incessante" esforço.

E, assim, tudo aspira e se eleva, e, assim, uma grande humildade nos vai unir com todo o esforço espalhado, em metafisicos pontos de ser, pelo Infinito.

O deista fez-se panteista — o que já foi alguma coisa.

Deus passou duma abstracção vazia para um esforço emanente; a Natureza, desdobrou-se, á Espinoza, em natureza naturada e naturante.

E' esse esforço criador, atracção por um Ideal, que será a verdade, de que o pensamento cristão é o simbolo nos "Simples".

O Poeta dirá em nota final que continua cada vez mais irreductivel com o "catolicismo", mas nós bem o vemos a aceitar o "cristianismo" como uma grande verdade simbolica: está, portanto mais proximo a despeito dos seus proprios juizos.

"Os Simples" eis uma obra eterna.

O Junqueiro de "Os Simples" é o mesmo Junqueiro de eternidade, aumentado das novas luzes da doença e da morte.

Imortal em relação aos homens, porque será um livro lido e amado por eles, emquanto no planeta existir vida humana.

Eterno; porque, pela sua bondade comunicativa, pela sondagem até ao intimo de cada alma, até ao ponto onde começa o "outro mundo," eis attingiu a pura vida espiritual.

Quem veio esperar Junqueiro ao porto onde desembarcam as almas?

Por certo que a Virgem das "brancas ermoadinhas" lhe mandou ao encontro os "Cavadores", a "Moieirinha", o "Ti Zé-Senhor" e em romaria de bençãos grandes bandos de "Pobresinhos"...

Sim; logo ao receber a noticia da sua Morte se me ofereceu a visão dum Junqueiro, de bordão e sacola, a dobrar, lá ao longe a ultima montanha de terra e vendô do "outro lado" o bando de pobresinhos que o esperam, cantando.

Junqueiro atinge aqui; "pelo favor dos humildes", um naturalismo transcendente.

Ele pelo pensamento intelectual é ainda um homem da Renascença; mas, pela simpatia humana e cosmica com que se une a todos os seres, recebe dos humildes o amor duma Natureza, purificada pela redenção cristã.

Aquelas romarias d'almas que visitam as ermidas são mais presenças espirituais que meras abstracções artisticas.

E até as estrelas vão pelo Ceu abrindo ao som da rude frauta de Pastor.

A Natureza é outra vez edenica, de amigo acordo com o homem, porque este homem é uma pura alma cristã.

O "Ti Zé-Senhor" liberto das "ilusões do mundo" é, no além, um anjo branco, ainda outra vez pastor.

Não deixariamos "Os Simples" se tivessemos tempo e espaço; mas a eles voltaremos em artigo especial.

Conclusão: "Os Simples" é um livro eterno, não é melhor nem pior que os outros livros de eternidade.

E' a palavra humana saindo dum coração, que "contactou" Deus.

Eis porque Junqueiro não é o maior Poeta, porque o criterio de quantidade se não applica ao espirito, mas é um Poeta, na alta e completa significação da palavra.

Um Poeta como Eschylo, Dante, Shakespeare, Camões e todos que uma onda de amor divino subiu, por momentos, até á pura visão espiritual.

Os livros anteriores são como a escoria saída da fusão espiritualista da sua alma.

A escoria sobrenadou e, por isso, foi vista primeiro; mas o liquido ia referendo na profundidade.

E já nos livros anteriores pelos intervallos das escorias a limpidez do liquido se tinha revelado.

Leonardo COIMBRA



## F. 1

Todo o mundo sabe quem foi o professor Smith. Ainda se não passaram os sete dias regulamentares, desde que uma alma deixou este mundo e ninguém se esqueceu das ironias em letras maiúsculas que os jornais publicaram a seu respeito. Quem não via nas entrelinhas das notícias tudo quanto os cronistas pensavam e não escreviam?... etc... Mas é possível que algumas vezes alguém houvesse suscitado da verdade. "Eu... um canalha... um bandido... terminaria mantido para salvar a minha reputação, já duvidosa, eu não teria escrúpulos em negar um facto de que fora testemunha. Tudo isso é verdade. Mas hoje, venho livrar-me de um compromisso de honra que eu tomei commigo mesmo. Ninguém acreditará no que eu vou dizer. Passarei por um pateta tal qual o prof. Smith. Pouco importa. Mas ao menos ficarei livre deste pezo que ha não sei quanto tempo está sobre os meus hombros. Vou contar a miúdo toda a historia desde as suas origens. O professor Alberto Smith, um dos 350.000 Smiths de Inglaterra, velho empregado da Light, derrubou durante quarenta e sete annos prateleiras e prateleiras de livros sem perder tempo. Uma idéa fixa guardara-se no seu cerebro como uma gotta de tinta num matta borrão. "Hei de chegar lá haja o que houver, custe o que custar", repetia elle centenas de vezes por dia. Conhecía as equações de Lorentz, sabia do cór e saltado as experiencias de J. J. Thomson e metterá a cabeça na theoria do espaço-tempo de Ninkowski. Havia de sahir alguma cousa. Sahiu. Depois de vinte annos de trabalho insano e de esforços aparentemente inúteis, uma idéa foi coroada de exito. Um dia um jornal da tarde estampava um retrato na primeira pagina e uma reportagem sensacional trazia títulos provocantes: *Novas revelações no mundo da sciencia — Um novo Edison em terras Sul-Americanas — O sonho de Wells que se realiza.*

No dia seguinte todos os matutinos estampavam o retrato do novo Edison, seguido de interessantes reportagens e entrevistas muitas das quaes authenticas. Além disso corrigiam o nome do autor (Smith e não Smyth como dissera o vespertino do "furo"). Um jornal celebre pelos seus elogios discretos e cujo secretario recommendava infalivelmente todas as noites aos redactores economia de adjectivos, chegara mesmo a dizer do novo invento: "que era uma descoberta assaz engenhosa, fructo de um ingente esforço que honra sobremaneira seu intelligente autor."

Nas "manchetes" dos jornaes, nos cantos dos cafés, nas portas das padarias e dos açougues, Smith era o assumpto do dia.

— Você leu o "Tempo" hoje?

— O Magalhães falou-me. "Descoberta assaz engenhosa...", "intelligente autor..." Fantastico!

Nas aulas de litteratura, quando as professoras declamavam com solemnidade "Diogenes, philosopho cynico...", "as meninas indagavam curiosas: "elle era mais intelligente que Smith?"

Emfim, Smith era um "caso" o "caso Smith".

Mas para fallar a verdade, o caso Smith devia dar razões a controversias. Nem os secretarios dos jornaes nem as possuidoras de autographos, nem as professoras do grupo escolar, nem o povo, sabiam de que se tratava o "caso".

No fundo, nós todos somos mais ou menos metaphysicos. Quando se perguntava a alguém porque considerava genial o invento de Smith esse "alguem", homem ou mulher respondia invariavelmente: "negal-o, seria procurar tapar o sol com uma peneira", na mesma inconsciencia com que uma criança responde na aula de catecismo:

— Sou christão, pela graça de Deus.

Mas Smith valia essa popularidade, infelizmente passageira. O povo, como já disse, detesta o "facto concreto". Quando appareceu o seu invento, quando todos ficaram certos de que não se tratava de uma nova geometria não euclidiana e nem de uma nova theoria sobre o ether, a decepção, pode-se dizer, foi geral. Dizia-se ainda "descoberta

assaz engenhosa" na feliz expressão do "Tempo", mas a celebridade do autor decahia a olhos vistos. E, no entanto, quão aquiem do que elle acabava de descobrir não estavam todas as geometrias, não inclidinas a todas as theorias sobre o ether! !

\*\*

O primeiro aparelho para viajar no tempo só exploraria o futuro e por esse motivo Smith denominou-o F. 1. Estava em

## UM PINTOR GAUCHO

Foi uma nota agradável a que nos deu a Galeria Jorge expondo duas paisagens do Sr. Libindo Ferrás, distincto pintor que dirige a Escola de Bellas Artes de Porto Alegre. São dois aspectos da natureza riograndense, feitos na estação invernal, com uma característica admiravel da natureza, differente da que estamos habituados a admirar. É a terra gaucha dos immensos ermos, das campinas que a perspectiva alonga e dos verdes humidos, o que se vê com emoção nas duas téias sem modernismos affoutos, sem impetos e audacias, mas fixando dous trechos da terra dos pampas com a alma enamorada de artista, com honestidade e sentimento. Afastado dos grandes centros ha seguramente vinte annos, sem influencia que dê melhor ou peor feição á sua arte, o Sr. Libindo Ferrás tem no seu da natureza sentido melhor o seu encantamento, interpretando-a com beleza e sem pieguismos, antes com desembaraço e fulgor. E disso são provas *Manhã de Nevoas* e *Depois do aguaceiro*. Neste a natureza é languida e de amanhente alegria no ar calmo. No primeiro plano uma elevação petrea, verdejante de limo que o aguaceiro humedeceu e avelludou, depois as arvores frescas, cheios de volume e naturalidade, nos planos seguintes estendendo-se a campina rasa e enorme, até os montes azulados lá longe. Uma clariidade suave, pronunciando o dia que vai ser limpo, banha os descampados verdes. É um quadro feito com muita naturalidade e sentimento das coisas. Ha nella largueza, perspectiva technica desenvolta e modesta, boa distribuição de valores. E acima de tudo uma sadia belleza campezina e uma característica local digna de relevo. No outro quadro, *Manhã de brumas*, admiram-se as mesmas qualidades picturaes, sendo outra a emoção da natureza, que é mais fria, de verdura humida e enevoados céos de luz baixa. No primeiro plano pedreços, vendo-se á esquerda uma estrada que desaparece numa curva breve e á direita o vão de um riacho que passa. Depois um arvoredado que se afunila para o horizonte, sob a massa da nevoa que envolve o ambiente, sob o céu plumbeo e carregado. Ha nesse quadro trechos encantadores, pedaços feitos com maestria pictorica, como por exemplo as arvores cheias de graça e frescor, finas na folhagem verdoenga. A luminosidade diz bem com a expressão atmospherica e revela uma palheta costumada, a todos os estados da natureza. A Galeria Jorge expondo *Manhã de brumas* e *Depois do aguaceiro*, mostrou ao Rio um novo aspecto da paisagem brasileira, ao mesmo tempo que o poz em contacto com o Sr. Libindo Ferrás, um artista consciencioso, modesto e de qualidades incontesteis.

R

construcção na Inglaterra e devia demorar-se por lá uns tres mezes. O Governo brasileiro dera-lhe uma subvenção, os jornaes fizeram subscripções, etc... De modo que isso tudo parecia cobrir o orçamento. Mas não cobriu. Smith resolveu pôr um annun-

cio nos jornaes. Isto mais ou menos: "faltando ainda precisamente 118.000\$ afim de que se complete a quantia necessaria para a projectada viagem ao anno 3.024, da Era Christã, o professor Smith aceita um passagiero para o acompanhar desde que disponha daquella quantia, tenha bons costumes e saude perfeita."

Mais uma decepção. A cidade leu o annuncio com um "Oh!" em que se misturavam em iguaes porções descontentamento, ironia, piedade e desconfiança. Smith desceira mais um degrau no conceito de todos. De todos, bem não, porque duas pessoas, ues commigo, se offereceram proptamente. Os outros eram, um senhor calvo, de olhos pequeninos, azues ou esverdeados, não me recordo bem, sem bigode nem cavaignac — antipathico; e um de cabellos negros, olhos expressivos, bigodes fartos e cavaignac, — sympathico.

Devo confessar que eu, de minha parte fiz verdadeiro sacrificio para auxiliar Smith, desde que soube ter sido o escolhido. Vendí as minhas accções do Banco do Brasil, dois terrenos em S. Paulo e a casa onde moro, quer dizer, pouco mais do que os 118.000\$ do annuncio — toda a minha fortuna.

Os preparativos para a viagem foram rapidos. Smith contractou um negro para gritar o nome das estações mais importantes. Por exemplo; 1928, 2714, etc... O aparelho que nos conduzia a 3.024 era bastante simples. Smith complicava-o mais, isto é, para lhe dar mais importancia aos olhos do povo munio-o de diversos mecanismos cujo unico papel era fazer barulho nas occasiões opportunas. Feito isso foi marcado o dia da viagem. Posso dizer que a cidade toda compareceu ao nosso embarque. Representantes do Governo, officiaes de destaque no Exercito e na Armada, chefes da missão militar franceza, embaixadores estrangeiros...

Os mais curiosos eram sem duvida o homem de cavaignac e o homem calvo, que foram os primeiros a comparecer ao local. O embarque correu na maior harmonia, não faltando nem os discursos, nem os presentes, nem as flôres.

É impossivel descrever a impressão da viagem até 3.024. Nada do que conhecemos neste mundo, se pode comparar, mesmo de longe, á sensação que eu experimental. Não posso dizer que fosse má ou boa, foi simplesmente isto, differente de tudo quanto á nossa mente é dado imaginar. Smith contou-me então reservadamente que aquella era a decima sexta viagem que elle fazia ao futuro. As primeiras, feitas em aparelhos rudimentares nunca sonharam chegar, é verdade, a época tão afastada. Em outra occasião eu rir-me-hia de semelhante affirmacão. Naquelle momento, porém, diante do que eu via, fui obrigado a acreditar.

André, o negro chamava-se André, gritava o nome das estações tão solemnemente como se fallasse para multidões. E não perdeu a linha nem quando nos vimos em uma avenida apinnada de homens e de andaimes, cercados como se fossemos animaes raros. Estavamos em 19 de Janeiro de 3.024 da era Christã. Os homens, na sua maioria andavam completamente nus. A quantidade de corpos que nos expremiam por todos os lados era invencível. Homens e mulheres, crianças e velhos, nasciam em todos os cantos com uma rapidez difficil de se imaginar. Ensandwichado entre André e Smith eu mal continha o instincto de conservacão que me berrava: não se mova!

Smith, porém, que já conseguira ficar livre da multidão embarafustando-se por dentro do primeiro edificio que encontrou, gritava precisamente o contrario: siga-me!

Segui-o, no que fui secundado pelo negro. Por felicidade tinhamos ido parar a um hotel. Não foi difficil a Smith entender com o porteiro em esperanto. Soubemos mais tarde que todos os paizes, a não ser a Inglaterra e algumas ilhas da Oceania, haviam adoptado officialmente a lingua de Zamenhoff. Foi-nos indicado um dos ascensores composto de uma serie de apartamentos, biblioteca, sala de leitura, "fumoír", etc. Dahi a um nada um empregado trouxe-nos tres balões de oxygenio que nos foram applicados. Temendo alguma gaffe sujeitamo-nos prudentemente á operacão. O ascensor deixou-nos no andar 812 onde um guia, avisado por telephones, conduzio-nos aos novos apartamentos sem dizer uma palavra e sem nos responder a nenhuma das perguntas que lhe fizemos.

A fadiga era enorme e resolvemos repousar da viagem. Mal, porém tivemos essa

Idéa, chegaram as primeiras visitas. Alguns homens cujas intenções não comprehendemos imediatamente, viam nos projectos negócios. Suppunham-nos representantes de fabricas de tecidos — o vestuário era então, simplesmente, um distinctivo dos fabricantes de tecidos. Dissipado o primeiro engano vieram os jornalistas que queriam saber de onde vinhamos e a que vinhamos. Responde-mos-lho pacientemente contando a verdade, o que suscitou entre elles gargalhadas tempestuosas. A novidade de que não eramos agentes commerciaes de fabricas de tecidos aguçou ainda mais a curiosidade do povo. Desejava-se a todo o preço saber quem eramos. Os numeros especiaes dos jornaes e revistas diarias traziam a novidade sensacional e reproduziam o cartão de Smith:

O Governo resolveu então tomar elle proprio informações sobre o nosso objectivo, o nosso modo de encarar a vida, etc... Foi organizada uma comissão, da qual fazia parte o sabio Pontapud, o homem do momento, celebre por ter inventado um aparelho complicadissimo destinado a lembrar de que se deve fechar a janella durante a chuva.

Pontapud logo que nos avistou perguntou num sorriso mal disfarçado:

- São os senhores que vieram de 1923?
- Precisamente, respondeu Smith.
- E' uma novidade para nós.

Até ha pouco tempo a existencia de uma época tão afastada ainda era discutidissima. Hoje sabemos afinal que não só a Terra já era habitada, como que as fabricas de tecidos não faltavam. Isso é simplesmente maravilhoso, senhores.

E ao mesmo tempo que dava gostosas palinadas nas coxas soltava uma tremenda gargalhada. Tres soberbos "Ah!" "Ah!" ecoaram sonoros em toda a extensão do enorme appartamento. Diante disso achei prudente não intervir. Smith, mais calmo, teve a ingenuidade de fazer uma prelecção da qual guardei algumas palavras:

— Senhor, disse elle, não se trata aqui nem de fabricantes de tecidos nem de agentes commerciaes de qualquer especie. Nada disso. Nós somos simplesmente tudo isto: dois sabios, "é preciso ser mais modesto", dois curiosos, digo, que conseguiram achar a solução de um problema que durante muito tempo preocupou os cientistas da nossa época, essa época que lhe parece tão obscura. Falo-lhe o mais seriamente possivel. A descoberta de um aparelho destinado a explorar o tempo veio revolucionar profundamente os conhecimentos que a humanidade, á custa de tantos esforços, conseguira adquirir. E é por isso que essa descoberta, posso dizer sem vaidade, não faz má figura ao lado das de Copernico, Newton, Gallileu e Einstein...

Esses nomes nos são desconhecidos, disse Pontapud, cujo olhar tomava a fórma das palavras de Smith. "O senhor é um personagem deveras curioso" continuou elle "o senhor é tão mysterioso em suas palavras como se falasse consigo mesmo. Eu não pude comprehender nada do que o senhor disse. Se o senhores não são fabricantes de tecidos nem agentes commerciaes de qualquer especie, porque razão usam esses vestuários que me parecem tão incommodos?"

— Por muitas razões, respondi-lhe eu. Por muitas razões, o pudor, por exemplo. ...O senhor não sabe o que é o pudor?

— Essa palavra não tem nenhum sentido para nós.

Dito isso, Pontapud voltou-se para Smith, fez-lhe algumas perguntas absurdas e em seguida despediu-se.

Infelizmente, Pontapud apesar de toda a boa vontade, não soube encontrar argumentos para provar a authenticidade das nossas afirmações e os geologos tomaram a dianteira. Os jornaes estavam cheios de artigos a nosso respeito assignados pelos sabios mais competentes da época. Para alguns de accôrdo com a espessura das rochas sedimentares a terra não teria mais de trezentos milhões de annos. Outros, baseados nos mesmos calculos, davam-lhe cem a cento e cinquenta milhões. Outros ainda, examinando certos rochedos pelo methodo radiactivo, chegaram á dar de sessentos milhões a dez bilhões de annos. Todos porém concordaram em que em 1923 a terra se era habitada por homens, esses homens não poderiam ter attingido a uma civilização tal que fosse possível a existencia de fabricas de tecidos. Passamos assim de homens celebres a impostores com uma rapidez incrível.

Esse e outros desgostos que soffremos, cuja relação poderia parecer inverosimil, o que não convém aqui, decidiram Smith a voltar para este bom anno de 1923.

A volta foi desastrosa. A falta de André que fora internado num Jardim Zoologico, Smith decidiu que eu gritasse o nome das estações mais importantes até que ficasse fatigado. Então elle proprio me substituiria. E assum se deu.

A chegada um facto extranho excitou-me a curiosidade. As pessoas que nos tinham acompanhado estavam alli e o que é mais interessante, nenhuma havia sahido do seu logar. Smith explicou-me que esse facto era devido a termos voltado para o momento de nossa partida.

Mas alguma cousa do anormal havia acontecido. Ninguem pronunciou uma palavra ao deixarmos o aparelho. O que seria?



Smith imprudentemente começou a dar as suas impressões de viagem ao primeiro reporter que encontrou. Foi então que a bomba explodiu. Ninguem acreditava. Todos se riam.

— Eu bem dizis. Esses estrangeiros vêm aqui só para nos explorar, — mastigava um.

E outro que sabia francez:

— "Faire l'Amérique"...

O homem de cavaignac, o unico que não riu, exclamou:

— Mas o aparelho não sahio do lugar!

— Os senhores... ras... res não comprehendem! gaguejava Smith. Nós não viajamos no Espaço e sim no Tempo. A prova é que André ficou lá pelo futuro, internado num jardim zoologico.

As risadas não se faziam esperar.

— O negro sahio para comprar os jornaes, informou um.

Amedrontados com os risos e as ameaças do povo, tive um momento de covardia de que terei remorsos por toda a vida:

— Os senhores tem razão, disse eu. André foi comprar jornaes e ainda não voltou. Os senhores têm razão, nós não saímos deste feliz anno de 1923. Os senhores têm razão. Viva a Republica.

O povo delirou alguns momentos. E como as cousas perdessem o seu desenho, e eu não enxergasse mais que os meus sapatos, resolvemos voltar para casa.

Nas trevas ainda se ouviam algumas vozes retardatarias:

- Viva a Republica.
- Pobre doido.
- Explorador.
- Impostor.

Duas horas depois, ás 10 horas da noite um amigo telephonava-me avisando que Smith morrera de um ataque de angina pectoris. E só hoje, depois de quasi sete dias de silencio venho fazer uma confissão que é ao mesmo tempo uma homenagem, ainda que tardia, a um dos sabios que mais alto elevaram o engenho humano. E de hoje em diante saberei sustentar isso de cabeça erguida até que me falem as forças para tanto.

## Sergio Buarque de HOLLANDA



# NOTAS & COMMENTARIOS

## Zeballos

Zeballos era sem duvida uma das figuras de grande relevo na America. Não é o elogio fingido dos necrologios, e a prova de que assim sempre o reconhecemos, está no facto de julgarmos a sua acção perigosa e de encontrarmos nelle um serio e temeroso adversario. São qualidades estas que não se podem attribuir aos mediocres, senão aos grandes homens, aquelles que pelo seu espirito e pela firmeza do seu temperamento, são capazes de exercer uma influencia decisiva no seu paiz e na mentalidade do seu tempo. Julgamos Zeballos lealmente, vendo nelle um adversario, cuja politica tendenciosa falhou, em boa hora, vencida pelo nosso grande Rio Branco, mas que representava um ideal forte de imperialismo do seu paiz. E' certo que tudo isso perturbou os horizontes da politica sul-americana e Zeballos teve que ceder, deixar o primeiro plano da politica de seu paiz, actuando, contudo, e poderosamente, sobre o meio que nelle via um men-



Zeballos

tor. Fomos dos que nunca acreditaram nas suas tardias demonstrações de amizade pelo Brasil, que, alás, estavam fóra do ambito de sua actuação. Além disso, admiramos em Zeballos um jurista do mais alto merito, um jornalista vibrante e um homem de grande saber. Ao adversario que desaparece deve-se prestar a homenagem sincera e essa consiste em reconhecê-lo tal como era.

Não falsearemos a sua acção, para este louvor. Ajuntamos, a título de gratidão, que Zeballos, quando foi do apparecimento da "America Brasileira", lhe dedicou um longo ensaio na sua conceituada "Revista de Derecho, Historia y Letras", estudando os seus fins moraes, politicos e sociaes, no qual apesar de algumas considerações erroneas, attribuindo-lhe intuitos de propaganda contra a sua Patria, trata esta revista com a mais alta consideração e o maximo interesse.

## O momento inquietante

Em face da situação actual do paiz, afastada qualquer idéa partidaria, que nunca abraçamos, é inquestionavel que um forte temor deve perturbar o espirito brasileiro, pois, mais do que nunca, se lhe offerece á vista um quadro sombrio, mesmo olhado sem pessimismo algum. E' uma questão simples de algarismos, não manejados com essa habilidade moderna, que indica saldos em caixas vazias e cria *superavit* onde apenas existe *deficit*. O Governo, sem reservas, confessa a penuria

das finanças nacionaes; sabemos que o credito está exgotado, as reservas são nullas, a crise cambial intensa e perturbadora, sem que mais possamos recorrer aos expedientes habituaes dos emprestimos. Resta a emissão, mas seria injusto attribuir aos nossos dirigentes a insensatez de nellas ainda pensar, o que, de resto, apressaria a derrocada, que é mister evitar. Diante de taes difficuldades, não sabemos de certo o programma do Governo, a não ser o annuciado rigor nos orçamentos. Não será tudo, nem mesmo muito, mas já é alguma cousa e devemos nos alegrar com ella. E' preciso, porém, antes dos applausos, certificarmos-nos da verdade. De ha muito, ouvimos todos os annos, todos os Governos prometterem essa "politica de rigorosa economia" annunciando pelos jornaes officiosos, e todos os annos, todos os Governos faltarem aos seus propositos. Já se diz que desta vez não se abrirá a almejada excepção. Todavia, seja-nos licito, confiar ainda.

Esperamos que o Presidente da Republica, senhor da gravidade da situação e divisando os escolhos por onde navega, tenha a energia necessaria para contrariar interesses e pretensões, exigindo do Congresso orçamentos serios e rijos, moldados dentro da mais severa economia, de sorte que possamos nos apparellhar para resolver as difficuldades antevistas para 1927, quando teremos de retomar o serviço da divida externa, interrompidos pelo ultimo *funding*, de 1914. Essa perspectiva deve preoccupar seriamente o Governo e só uma severa economia, impiedosa se fôr preciso, poderá contribuir para resolver a situação, apparellhando o Thesouro a retomar o pagamento dos seus compromissos, honrando o nome nacional. Por outro lado, esse equilibrio orçamentario viria reflectir beneficemente sobre toda a economia do paiz, jungido a essa crise financeira, cada dia mais forte e mais intensa. Precisamos encarar frente a frente esse momento, não para continuas lamentações, senão para adoptar uma vez por todas a politica severa e precisa, acabando com essas leis de emergencia e recursos que taes, que longe de resolver, complicam e mais atrapalham as cousas. Sentimos é certo, que o Governo ainda não indicou á nação o seu programma financeiro, que, de um lado, deve procurar amparar e defender o Thesouro e, do outro, proporcionar a riqueza do paiz, permitindo-lhe um surto animador e progressivo.

Não parece que tenha adiantado muito a esse respeito a nota official do Governo, que contém poucas idéas precisas quanto á sua acção, afora as ditas promessas de rigorosa economia, insufficiente, todavia, nas medidas apresentadas para cortar o "deficit", permanente embaraço ao equilibrio financeiro e, portanto, á estabilidade economica. Appellando para o patriotismo do Congresso, mas sem lhe indicar os meios para "a debellação das difficuldades que nos atormentam" não é de crêr que surjam dahi iniciativas proveitosas; fazendo economia nos gastos e velando pela arrecadação dos impostos, o que aliás é dever elementar do Governo, não resolveremos tambem a situação, que exige uma medicina mais radical e esses são simples preceitos de hygiene administrativa; pugnando pela verdade orçamentaria e organizando a contabilidade, tambem não teremos adiantado muito, uma vez que, com essa moralisação necessaria, apenas poderemos melhor ajuitar de um estado de cousas, mas não remedial-o. Vemos, portanto, que por ahi não encontramos como resolver a crise, que exige uma acção energica e decisiva, orientada no mais alto descortínio. O fomento das actividades economicas, de que falla a nota presidencial, comquanto util e benefico, não poderá produzir resultados sensiveis, persistindo a crise financeira, que avilta a moeda e desvaloriza os productos nacionaes, além de

estabelecer a desconfiança, portanto retrahir o credito, sem o que é impossivel haver surto economico.

Neste momento inquietante, de embaraços e difficuldades, seja-nos licito esperar que os homens de responsabilidade no paiz, appellando o seu patriotismo, encontrem um meio effectivo de solver o grande problema nacional, o que sendo possivel saber começar, pela pratica de uma politica financeira de violenta economia dos dinheiros publicos, cortando o *deficit*, á custa de qualquer sacrificio, pois desse inicio depende toda a acção futura. Em 1927 não poderemos humilhar o paiz e comprometter a sua honorabilidade.

## O ensino primario

Entre as promessas do Governo figura a solução do problema do ensino primario, mediante accôrdo com os Estados, á guisa do que se fez com a Saude Publica, afim de ser estabelecido com unidade um programma benefico e efficiente de acção. Não é preciso relembrar a humilhante percentagem de analfabetos, que tanto nos envergonha ao lado dos paizes civilizados, para nos obrigar a um trabalho severo e pertinaz, em beneficio do ensino primario no Brasil. Foram, ultimamente, apresentados á Academia de Letras varios trabalhos sobre o meio de diffundir o ensino primario entre nós, entre os quaes ha varios conclusões judiciosas de pessoas competentes no assumpto e que o versam de ha muito. Não basta que se decrete a instrucção obrigatoria, mas é preciso tentar a systematização da campanha contra o analfabetismo, de accôrdo com as contingencias locais, de densidade de população, de riqueza e desenvolvimento, tão diversos no nosso paiz. Por exemplo — Alagôas e Pará são dous Estados de população quasi igual, pois aquelle tem 978.748 e este, 985.502, mas, como a superficie do primeiro é de 58.491 kilometros quadrados e a do segundo, de 1.149.712, ha uma differença notavel de densidade, que, em Alagôas, é de 16.733 habitantes por kilometros quadrados, e, no Pará, de 0.855. Mas, como outros tem uma população escolar (de 8 a 11 annos completos) quasi igual, de 82.615 para o Pará e de 82.215 para Alagôas, o numero de escolas tem que ser differente, como differente será a sua frequencia, devido á disseminação diversa da população. Temos depois tambem de attender ao genero dessas escolas. Não se trata apenas de collocar a cartilha na mão do aluno, mas de lhe ministrar a instrucção util, devendo ser as escolas primarias ruraes, profissionais, etc. para que a sua utilidade seja comprovada e efficiente. O que precisamos é estudar pormenorizadamente e *in loco* o problema, evitando pressas injustificaveis e de longas inuteis, afim de que possamos dar ao Brasil a garantia essencial de sua grandeza.

## O ensino do latim

Andou com muito acerto o Presidente da Republica vétando a resolução do Congresso Nacional que permite aos candidatos á matricula na Escola Polytechnica e estabelecimentos equiparados, no anno de 1924, prestar o exame vestibular, independente do certificado de approvação em latim. São tres as considerações que motivaram o véto e que foram devidamente apreciados nas razões com que o Presidente o expoz ao Congresso. Primeiro, o Governo está autorizado a reformar o ensino e uma medida parcial dessa ordem, seria uma perturbação, pois o ensino deve ser uniforme e seguir um criterio inflexivel, fóra do qual todas as iniciativas fracassarão. Por esses abusos inominaveis, de que o exemplo mais humilhante foram os escandalosos exames por de-

creto, temos prejudicado enormemente a instrução, resultando, não raro, o facto de alumnos de escolas secundarias superiores receberem os titulos respectivos, sem terem cursado todas as disciplinas exigidas por lei e de que são dispensados por favores e concessões especiaes. Segundo, o descurido do estudo do latim, que se não comprehende, na formação de cultura, como é indispensavel, trisam as razões do veto, na "preparação para o bom conhecimento da lingua vernacula". Em paiz nenhum isso acontece, mesmo naquelles em que o estudo de linguas vivas é inteiramente relevado ao segundo plano. Não é necessario adduzir razões que o justifiquem e nos rejubilamos em ver o Governo declarar a importancia desse estudo, que não será esquecido ou menosprezado na reforma a fazer dos cursos secundarios. Terceiro, a uniformidade do curso preparatorio, que deve ser ministrado "integral e igualmente", sem indagar da futura carreira do estudante: Os estudos de humanidades visam a formação basica de cultura, devendo se evitar essa mania muito nossa de fazer especializações para essa ou aquella profissão e "não se comprehende que se dispense ao engenheiro ou ao pharmaceutico e se o exija ao medico e ao advogado, tanto mais que organizado o ensino secundario, não pôde, nem deve o Estado se preoccupar com o uso ulterior que delle façam os estudantes, mas tão sómente em ministrá-lo a todos". Temos muita alegria em louvar o gesto e as palavras do Presidente da Republica, menos pelo que representam no caso concreto, mas porque revelam um nobre empenho em moralizar o ensino, com o que prestará ao paiz um dos mais inestimaveis serviços. Ha pouco o Ministro da Justiça, respondendo á critica de um de nossos mais prestigiosos jornaes, declarava que a demora na reforma do ensino era motivado pelo empenho do Governo de estudar e pesar devidamente todas as idéas e suggestões que lhe foram feitas, afim de que a obra futura pudesse realmente satisfazer aos altos interesses da nação nella envolvidos. Oxalá, assim aconteça, para o que o veto a que nos referimos, só constitue indicio animador.

### Os conflictos de dupla nacionalidade

O illustre Deputado Adolpho Konder, em notavel discurso proferido na Camara Federal, discutio com proficiencia e brilho, a extranha e absurda doutrina consubstanciada pelo Itamaraty, no Governo passado, em dous tratados de dupla nacionalidade, concluidos com a Inglaterra e Portugal. Não se poderia imaginar maior erro e mais infeliz iniciativa do que a desses accórdos, que violentam os principios de nacionalidade, taxados no art. 69 da Constituição, facilita a obra dos transfugas de nossa Patria, perturba a acção do Estado para com subditos seus e estabelece uma doutrina imprudente, sobretudo para um paiz de imigração. Essa materia, que tem sido tão detidamente estudada pelas chancellarias e cujo accórdo só se poderia fazer por um entendimento entre todos os paizes, possibilidade aliás remotissima, dadas as condições actuaes, quizemos nós resolver por um golpe audacioso e desastrado. O Sr. Azevedo Marques reclamou a gloria de ter cortado o nó gordio, mas não se lhe negará tambem a de ter concluido os mais funestos tratados a esse respeito, os quaes, como bem disse o Deputado Konder, devem ficar nas pastas das commissões e jamais apparecer em plenário, pois o Congresso não os poderia ratificar.

A politica brasileira, nesse particular, é a do *jus soli*, como convém á sua condição de paiz novo e para cuja formação ethnica têm contribuido varias raças, attrahidas pelas correntes immigratorias, portanto as prerogativas, direitos e deveres de brasileiro não podem ser perdidas senão nos casos restrictivos da Constituição. Pelos tratados de Julho a Setembro do anno passado, esse principio fica derogado, pois os brasileiros podem prestar obediencia a outra soberania (o que aliás contraria o proprio Código Penal, que no art. 103

pune com pena de prisão de 4 mezes a um anno, o cidadão brasileiro que reconhecer algum superior fóra do paiz, prestando-lhe obediencia) bem como permitindo-lhes adquirir a nacionalidade dos paiz. Ora, o art. 69 da Constituição chrisma e insophismavelmente, brasileiros, todos os nascidos no territorio nacional, ainda que de pai estrangeiro, salvo se este fôr agente official do seu paiz. Portanto, a intempestiva innovação fere de frente a Carta nacional, facilitando a desnacionalisação de brasileiros, absurdo que não merece maiores commentarios. O simples enunciação descobre toda a sua monstruosidade. O discurso do Deputado Adolpho Konder, foi uma analyse serena e logica, á luz da Constituição, dos principios dominantes e tradicionaes do nosso direito no attinente ao assumpto e serve como aviso á leviandade de accórdos dessa ordem. O final dessa importante oração, que transcrevemos, crystalisa bem o protesto de todos quantos se interessam pelos destinos nacionaes, comprometidos por esses tratados.

A iniciativa do Itamaraty foi, portanto, disse o Deputado por Santa Catharina, infeliz e inoportuna, tentando resolver, fóra de tempo e parcialmente, um problema cuja solução unica, na autorizada opinião de Weiss, só poderá ser obtida mediante um entendimento perfeito entre todos os povos civilizados.

Promovendo e facilitando a desnacionalisação dos filhos de estrangeiros, nascidos em territorio nacional, os Tratados de Julho e de Outubro contrariam os mais sagrados direitos da nacionalidade brasileira.

São, pois, actos que não merecem vir a plenário, devendo morrer, archivados, no seio da Commissão de Diplomacia, e ninguem (S. S. está disso seguro) verá nessa attitude do Congresso um gesto de descortezia para com povos amigos que tudo nos merecem, e sim o desejo muito nobre e muito legitimo de não abandonar imprudentemente uma politica ne-



Deputado Federal Dr. Adolpho Konder

cessaria e que os nossos maiores, num Brasil pequeno e fraco, souberam sempre manter, com galhardia e firmeza, repellindo as exigencias em contrario das chancellarias estrangeiras; e sim a obrigação de salvaguardar interesses cujo sacrificio importaria em perigo para a nossa existencia collectiva: e sim a conveniencia, e sim o dever e sim a necessidade indeclinavel de defender principios que constituem patrimonio commum de todas as nações da America"

Não precisamos salientar a oração do illustre Deputado Adolpho Konder. Trazendo á Camara assumpto de tão alta relevancia e versando-o com grande competencia e brilho visou uma excepção no commum dos nossos trabalhos parlamentares, por ultimo tão pouco interessantes e sobremaneira banaes. Se, em outros ensejos, o Sr. Adolpho Konder não tivesse revelado no seio do Congresso, o seu espirito de escol e suas qualidades excepcionaes de patriota e de orador, bastaria esse discurso para lhe cercar o nome de brilho inconfundível.

### "America Brasileira"

Tivemos ensejo de referir no numero passado, á nova orientação desta revista, no sentido de desenvolver sempre e cada vez mais, a sua actuação intellectual no paiz, para o que organisou um corpo de colaboradores especiaes, no qual se salientam os nomes de Francis de Miomandre, cujo primeiro artigo publicamos neste numero, e é um interessante estudo de psychologia sobre a questão Shakespeare; de Ramon Gomez de la Serna, o poderoso e forte descriptoe hespanhol, que é um renovador nas letras modernas do seu paiz e cuja collaboração iniciaremos no proximo numero; de Fidelino de Figueiredo, o illustre critico portuguez, a cuja nomeada não precisamos juntar mais fulgor; de Capistrano de Abreu, mestre da nossa historia, e de Celso Vieira, o brilhante estylista do "Endymião". Assim, esta revista correspondendo ao apoio que sempre lhe dispensou o publico e na qualidade de orgão de cultura, reúne em suas paginas alguns nomes de grande relevo, nas letras nacionaes e nas dos demais paizes, como Camille Mauclair, La Serna, Miomandre, Blanco Fombona, Fidelino de Figueiredo, Aarão de Lacerda, dentre muitos outros dos quaes aguardamos respostas aos nossos convites, para annuncial-os aos leitores.

No empenho constante de bem servir, é justo registrar o acolhimento admiravel que tem tido a *America Brasileira*, o que tem sido o melhor estímulo aos que nella trabalham.

### A riqueza paulista

A maior riqueza de S. Paulo e do Brasil é o café. S. Paulo possui hoje cerca de 826.000.000 de cafeeiros, os quaes produziram, em média, 10.202.482 saccas de 60 kilos, no decennio de 1910 a 1919. No quinquennio de 1905-1910 a média annual da produção no mundo foi de cerca de 16.000.000 de saccas de 60 kilos. Deste total, 13.000.000 de saccas correspondem ao Brasil e 3.000.000 apenas ao resto do mundo, e da produção brasileira attribuida ao Brasil 10.000.000 de saccas sahiram de S. Paulo. Pelo porto de Santos, em 1922 foram despachadas 8.827.384 saccas de café, das quaes pertenciam ao Estado 7.779.922 saccas. Nesse anno, pois, o café concorreu para a fortuna paulista para os recursos fiscaes, para o desenvolvimento economico de São Paulo e para a riqueza do Brasil, com a quantia de 913.191:043\$400. Depois do café, vem a pecuaria, que conforme o ultimo censo, apresentava em 1919 o seguinte resultado: bovinos, 3.108.205; equinos, 551.005; asininos 428.348; suínos, 4.989.574; ovinos, 106.061; caprinos, 362.048, sendo que o total das seis especies attinge a 9.545.241 cabeças. Pelo referido censo, o numero de propriedades de criação é de 86.979, occupando uma área de 2.032.933 alqueires de 2,5 hectares, a qual extensão representa 19,45 % da área total do Estado, computada em 252.886 kilometros quadrados. O valor das propriedades agricolas, que occupam cerca de 681.712 trabalhadores, foi avaliada em 1919 em 1.539.316:000\$, e o valor da produção agricola, na safra de 1919-1920, attingio a 818.377:628\$, sendo que essa safra fóra prejudicada pelas geadas e pela baixa dos preços. Na produção agricola de São Paulo, em 1919-1920, o café figura com 4.154.700 saccas, no valor de 378.908:640\$; o milho com 15.963.900 saccos, no valor de 183.584:850\$; o arroz com 4.686.915 saccos, no valor de 82.605:262\$; a aguardente e alcool com 95.388.042 litros, no valor de réis 49.406:877\$; o algodão com 4.588.299 arrobas, no valor de 43.588:840\$; o assucar com 528.821 saccos, no valor de 33.971:161\$; o feijão com 2.856.377 saccos, no valor de 40.031:278\$, etc. No Estado existem quatro grandes Emprezas frigorificas, com o capital de 36.000:000\$ e 2.497 operarios, tendo sido de 42.144:000\$ o valor da produção em 1921. A industria fabril, em 1921, possuía 2.715 estabelecimentos industriaes, com o capital de 464.689:000\$ e cerca de 82.221 operarios, excluidos destas totaes numerosas pequenas officinas, e o valor da sua produção, no mesmo anno, foi de 804.378:000\$. Por fim, quanto ao seu commercio exterior, a sua exportação para o estrangeiro attingio a 1.106.896:440\$000.

# Portugal

## Henrique Lopes de Mendonça

A Academia Brasileira de Letras elegeu o escriptor portuguez Henrique Lopes de Mendonça, para seu socio correspondente, na vaga do grande Guerra Junqueiro. O novo membro do nosso mais alto cenaculo literario é um dos mais fortes dramaturgos portuguezes e a sua figura literaria tem especial relevo, bem merecendo mais essa consagração justissima. Estréou, como autor theatral, em 1884, no Theatro Dona Maria representando com exito a comedia em 1 acto "A noiva". Dois annos depois publicou a peça historica "O duque de Vizeu", em verso, que lhe valeu um justo renome. São ainda de sua lavra: "A estatua", representada no theatro Dona Maria; "A morta", drama historico em 5 actos, tendo por thema a morte de D. Ignéz, "O salto mortal", em 1 acto; "Joanna", drama em 4 actos; "As cores da bandeira", quadro maritimo, representado no theatro da rua dos Condes; "Amor louco", em 3 actos; "Nó cego", representado, em 1905, no theatro Dona Maria; "Affonso de Albuquerque", drama, e a letra do hymno "A Portugueza". O theatro lyrico tambem não lhe é estranho. Deve-se-lhe o libreto da opera "Tição Negro", musica de Augusto Machado, representada, com grande exito, no Theatro Avenida, pela Companhia Souza Bastos. De sua lavra é ainda a novella "Alma que volta". Trata-se, pois, um illustre homem de letras, digno, por todos os titulos, de ocupar a cadeira que pertenceu a Guerra Junqueiro. Foi o seguinte o parecer academico, unanimemente approved, recomendando a sua eleição: "A commissão encarregada de examinar as propostas indicativas de um nome de escriptor portuguez que deva occupar na Academia Brasileira de Letras a cadeira de socio correspondente vaga pelo fallecimento de Guerra Junqueiro, tendo estudado as obras dos escriptores que lhe foram indicados. Anthero de Figueredo, Aquilino Ribeiro, Raul Brandão, Augusto de Castro e Henrique Lopes de Mendonça, considerando-as todas trabalhos de subido valor e os seus autores homens eminentes que muito honrariam a nossa Academia, opina que seja suffragado o nome do decano das letras lusitanas Henrique Lopes de Mendonça, no qual concorrem maior numero de condições exigidas pelo nosso regulamento. — (aa.) Alberto de Oliveira, Constancio Alves, Silva Ramos."

## O Papa aos Prelados Portuguezes

Em resposta á carta que os Prelados Portuguezes dirigiram ao Pontifex em 17 de abril ultimo por occasião da sua reunião annual, mandou Sua Santidade a seguinte, agora inserta nas "Acta Apostolicæ Sedis":

*A Sua Eminencia D. Antonio, do Titulo dos Santos Marcelino e Pedro, Presbytero da Santa Igreja Romana, Cardeal Mendes Bello, Patriarcha de Lisboa, e aos outros Arcebispos e Bispos de Portugal: respondendo á sua carta collectiva.*

Amado filho Nosso e veneraveis irmãos: saúde e benção apostolica.

Com verdadeiro agrado recebemos a carta, datada de 17 de abril passado, que, reunidos em Lisboa, Nos enviastes; pois n'ella perfeitamente reconhecemos não só a vossa manifesta solicitude em procurar o bem da Igreja e da sociedade, mas tambem um novo documento de piedade para Comnosco e para com a Sé Apostolica.

Já na pastoral commum, que no dia 29 de setembro do anno findo d'estes aos vossos fieis, vós prestastes não pequeno serviço á causa catholica em Portugal, segundo verdadeiramente as normas d'esta Sé Apostolica. Porquanto se estas normas forem postas em pratica sob a direcção dos Bispos, com fiel e sincero animo, abundantissimos fructos ha que esperar, não só para bem da Igreja, mas para firmar no animo dos portuguezes a verdadeira paz. E Nós acima de tudo confiamos — e é esse o Nosso mais ardente desejo — que n'aquellas coisas que dizem respeito á religião, os catholicos portuguezes, pondo de parte quaesquer causas de divisão, se juntem felizmente na maior união e concordia. Animados com esta esperança, como auspicio dos dons divinos e em signal da Nossa paternal benevolencia, Nós vos damos affectuosissima-

mente a benção apostolica, a vós, amado filho Nosso e veneraveis irmãos e a todo o clero e povo a cada um de vós confiado.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, no dia 14 do mez de maio, do anno de 1923, segundo do Nosso Pontificado.

PIO PAPA XI.

## Homenagem ao Dr. Ricardo Severo

Foi uma formosa e significativa consagração, a que fizeram, portuguezes e brasileiros, ao illustre publicista Dr. Ricardo Severo, offerecendo-lhe a salva "A Batalha", da Ourivesaria Reis, do Porto. Foi saudado o "sincero republicano, o grande cidadão, o insigne artista e o leal patriota, pois essa obra d'arte, que nos recorda o mais bello monumento architectonico portuguez, evocação feliz de todo o nosso grandioso passado; synthese maravilhosa dos nossos melhores feitos, nave grandiosa onde se abrigam as conquistas realizadas e onde ha espaço para as aspirações que hoje norTEAM o povo portuguez, ansioso de recuperar todo o antigo prestigio com que



Dr. Ricardo Severo

Portugal se affirmou das mais heroicas e progressistas nações, não poderia ter melhor e mais fiel depositario", nas palavras brilhantes do interprete dessa manifestação, o Sr. Dr. José Augusto de Magalhães, consul de Portugal. Essa homenagem de justiça e de entusiasmo, visando uma das personalidades portuguezas de maior relevo, modernamente, e das que mais se têm distinguido no nosso paiz, foi tambem ensejo feliz de uma festa de confraternização, em que brasileiros e portuguezes applaudiram a conducta de um esforçado paladino desse credo, que tem ensinado "com o exemplo e com a palavra", como os filhos dos dois paizes "se devem amar para o engrandecimento da raça commum e das suas Patrias distinctas"

\*  
\*\*

O discurso com que o Dr. Ricardo Severo agradeceu essa homenagem, é uma oração formosa e brilhante, de vibração, de entusiasmo e de crença. Honramo-nos em transcrevel-o:

"Devia estar agora numa outra reunião de portuguezes, a fallar de Portugal. Quer,

porém, a vossa gentileza trazer-me até aqui, para enredar-me em um amplexo de estima e prender-me cada vez mais á vossa amizade.

Aqui me tendes, pois, escravo duma gratidão sem limite, prestando-me a ser o idolo duma homenagem, que tanto a fazeis pessoal, na fórma, quanto ella é, na essencia, impessoal — como o pôde ser uma ideologia ou uma crença.

Enfeitaes-me com adornos de brilho e riqueza como a um feitiço, attribuindo-me virtudes que não têm fórmas humanas, excelsas pela santidade, e proprias de espiritualizações, que apenas são mythos ou symbolos

São tambem "centenas de amigos" que o vosso primoroso interprete, melhor burlesco com finas delicadezas de affectuosa estima

Prestar-me-hei a ser essa momentanea encarnação da vossa festiva e honrosa homenagem, symbolo de acaso, eleito, pela vossa generosa admiração, que é cega, porque é cordealmente sincera.

E tão cega que não enxerga a inanidade do proprio idolo, o qual, a sumir-se do centro deste ceremonial pagão, deixaria apenas, suspenso nos ares perfumados destas salas, o resplendor das vossas homenagens.

Ficará no espaço a mesma allegoria, sem corpo, como um arco irisado com todos os matizes da luz — aureola translucida, só vista pelos olhos da vossa imaginação e da vossa crença.

Deixarei apenas no foco dessa paveia de irradiações luminosas, o meu simples coração, pulsando com os vossos corações na harmonia da mais perfeita fraternidade, na expressão sentimental do mesmo amor. Amor de um lyrismo melancolico, profundo como a saudade, que não é só preto d'alma á pequena lareira de Portugal, mas que é para nós sagrado, uma veneração abstracta pela patria infinita da nossa raça.

E dizei-me agora se não são estes os sentimentos que animam a nossa festa, perguntae ás donas que aqui vieram, portuguezas e brasileiras, amorosas crystalizações das primicias da raça.

Perguntae-o a ellas — mulheres da nossa grei — cuja formosura gerou uma nacionalidade gloriosa, cujos encantos espalharam pelo mundo, em epopeias cavalleirescas, um povo errante de heroes e de poetas.

Evocae essas mulheres seductoras da nossa terra — fados do nosso destino — as da beira-mar, dos valles e das montanhas; de formas ondeantes como as vagas do oceano ou os areaes das nossas praias; com linhas de esquiua graça, serpenteantes, como as ribeiras em devaneios bucolicos pelos jardins dos nossos valles; de perfis hieraticos de elegante nobreza, como os alcantins e as serras são as torres de menagem dos solares ancestraes da nossa raça.

Se ellas todas formam com os pedacos feminis do seu espirito e da sua belleza a grinalda florida que é o esplendor desta festa, em seu seio bendito, deixemos acalentar o nosso coração como em um berço de infantis recordações; o seu amor divino nos inspira e ensina o mysterio das origens, a crença no lar natal e da tradição, a religião da patria.

Pode bem ser um devaneio esta evocação; e se, porque assim devaneamos, a vida da nacionalidade é ainda um sonho, continuemos esse sonho que nos levou antigamente ao dominio do mundo, e que nos levará hoje em feitos de heroismo a dilatar a nossa fé na patria da nossa raça.

Desappareceu de vez o vosso idolo, diluiu-se na aureola irisada desta consagração.

Porque o dia é uma gloria do nosso povo, conservae ainda suspensa no espaço, a allegoria principal desta commemoração patriótica, triumpho da democracia; mas, de democracia que não é dos dogmas, dos governos, das leis, e sim da alma popular — do povo de Portugal e do Brasil, cuja intima união racional é a mais brilhante das consagrações deste saíu.

Sendo esta a expressão moral da nossa reunião, amigos meus, accetaes os parabens

de um velho combatente e os protestos de inexpressível gratidão, latente no coração de um humilde democrata, sempre inspirado na alma do nosso povo, no espirito da nossa raça.

O seu resurgimento glorioso deve ser o ideal colectivo da democracia portugueza que é o ideal de cada um de nós, correligionarios e patriotas.

A reconstrução tradicional de democracia, será a obra final do renascimento da nossa patria."

### Intercambio artistico Portugal-Brasil

O artigo abaixo, da autoria do nosso companheiro, Sr. Carlos Rubens, foi publicado na "A Capital" de Lisboa e estuda as condições de intercambio artistico entre o Brasil e Portugal, que devem merecer o maior carinho nos dois paizes:

"Sempre que no Brasil se fala em intercambio intellectual com paizes americanos ou europeus, eu accentuo a necessidade que entre nós mesmos, brasileiros, temos de um reciproco entendimento de idéas e de acção em pról dos pensamentos que elevem e dignifiquem a nacionalidade. Porque não se comprehende intercambios com estrangeiros, quando de nós mesmos não podemos falar com desembaraço e enthusiasmo, visto como nos desconhecemos a nós mesmos, quando de Estado a Estado somos ignorados mutuamente. Acresce que o intercambio só deve ser feito havendo de lado a lado uma retribuição compensadora de interesses, uma troca igual de beneficios e favores... o que nem sempre tem acontecido com o Brasil. O nosso intercambio artistico, com a Argentina, por exemplo, tem sido uma "blague" encantadora. Recebemos os artistas argentinos que nos visitam com a mesma frieza com que elles recebem os nossos. Isso porque não cuidamos antes de uma troca amistosa de correspondencia com as associações e institutos de arte dos paizes com os quaes desejamos amizade. Nestas condições têm fallido todos os nossos propositos de intercambio. Com Portugal, ao contrario do que acontece com os outros paizes, o caso deveria ser outro. Tem sido peor... para o Brasil. Nós vivemos a par do movimento intellectual da velha nação luzitana, aqui têm vindo Souza Pinto, Malhóa, João Vaz, Carlos Reis, Antonio Carneiro, dos ultimos, dos demais os brasileiros tendo o que diz a critica portugueza. Dos nossos pintores nada se sabe em Portugal. Ignora-se tudo. Um extraordinario Pedro Americo e um maravilhoso Almeida Junior, Amosó e Baptista da Costa. A viagem de um artista luzitano ao Rio é sempre um successo certo. E' uma viagem de victoria. O mesmo merece que se dê com um artista brasileiro que vá a Portugal. Não se dará, porém, o caso de Fausto Gonçalves, que em poucos dias viu vendidos quasi todos os sessenta e tantos quadros da sua exposição.

Acha o pintor coimbrão que isso é falta de um intercambio, de um mutuo, effectivo conhecimento entre artistas portuguezes e brasileiros. Dahi tentar Fausto Gonçalves, que tantos applausos aqui conquistou com a sua arte joven e delicada, uma permanente troca de correspondencia não só entre artistas como entre criticos de arte de um e outro paiz, afim de melhor se conhecerem e de se identificarem com o publico das duas nações.

A esse ideal generoso e amavel do joven pintor do "Trindades" não ha como applau-

dir, na esperança de que seja bem comprehendido em Portugal, onde os nossos artistas podem ser recebidos da maneira como acolhemos a quantos de lá nos chegam — poetas, prosadores, cientistas, politicos ou artistas. E' o que é mister acontecer."

### Archivo de Simancas

Existe neste Archivo documentação riquissima referente a Portugal e que sem o estudo della não se poderá escrever uma historia do paiz que satisfaça as exigencias modernas de critica. Para facilitar o estudo destes documentos, pela maior parte desconhecidos entre nós, não ha outro caminho a seguir senão mandar lá pessoa competente que os leia e indique quaes devem ser copiados.

Na ultima metade do seculo XIX o Governo Inglez mantinha em Simancas varios eruditos para transcrever os documentos que interessavam á historia de Inglaterra e mandou publicar estes documentos depois de traduzidos.

Em 1862 e 1899 imprimiram-se em Londres 21 grossos volumes cujo conteudo abrange o periodo de 1485 até 1603, sendo os coordenadores Bergenroth, Pascual de Gayangos, Royall Taylor e Martin Hume. A collecção é intitulada "Calendar of Letters and State Papers relating to the English affairs preserved principally in the Archives of Simancas" e incluye papeis de outros archivos, taes como os de Vienna d'Austria. Ora, nestes volumes ha muito que toca a historia portugueza e elles podem ser consultados com proveito para a historia diplomatica. Por exemplo, o volume III do reinado da Rainha Izabel, que abrange os annos de 1589 a 1586, têm muitas referencias ao embaixador Antonio de Castilho, e á pag. 113 ha uma curiosa descripção do seu caracter, capacidade e conhecimentos. Os volumes têm optimos indices.

### Congresso Medico Luso-Brasileiro

A proposito deste Congresso, a que já tivemos ensejo de nos referir, disse o seu iniciador, o Dr. José Monjardino, illustre medico portuguez e que, ha annos exerce entre nós a sua profissão, tendo assento na Academia Nacional de Medicina, o seguinte, que merece a mais ampla divulgação, por encerrarem essas palavras as solidas e fecundas idéas sobre as quaes poderemos assentar confiantes a obra de aproximação dos dois povos irmãos. Assim se expressou o Dr. Monjardino aos nossos collegas de "A Noticia".

"Temos de nos approximar, trabalhando. Eis porque este congresso medico se realizará, será, sob tal aspecto, um exemplo e um incentivo. Os medicos brasileiros e os medicos portuguezes apresentarão, sobre lados assumptos, as suas theses, e assim, terão, de parte a parte, uma noção da cultura, do interesse scientifico, do indiscutivel adiantamento existentes nos dois meios. Assim se olharão com respeito, com mais confiança e sem recatada admiração. De tal sorte, abre-se o caminho, alargam-se os horizontes, para os ensaios e pesquisas experimentaes, pois da confiança das conclusões adduzidas pelos investigadores que se preocupam, tantas vezes em resolver os mesmos ou differentes aspectos de uma dada questão. E depois é necessaria, na lingua portugueza, a homologação dos termos medicos; é justo arrancar de um indesculpavel esquecimento os nomes, e houve-os tão interessantes, dos naturalistas e medicos portuguezes ou brasileiros, mas por-

tuguezes de lei, que, em todo o periodo colonial desenvolveram a sua actividade e a sua sciencia nos vastos sertões brasileiros; é conveniente permuta intensa de idéas, da imprensa medica, das conclusões laboratoriales, das observações clinicas, de lições e optimo seria, de vez em quando, a ida dos professores brasileiros a Portugal e a vinda dos portuguezes ao Brasil."

### Edgar Prestage

O Sr. Edgar Prestage é um typo completo de erudito. Pela sua vasta cultura, pelo seu estylo simples, colorido e expressivo, pelo extremado escrupulo como trata todos os assumptos e pelo seu alto senso critico, conquistou elle desde muito tempo a estima e o apreço de quantos conhecem os seus trabalhos, entre os quaes destacamos o ensaio biographico sobre D. Francisco Manuel de Mello, que é, no genero, obra definitiva, ácerca de um dos maiores mestres das letras lusitanas. Inglez de nascimento, mas portuguez de coração, e ligado á familia luso-brasileira pelo seu matrimonio com uma filha da illustre escriptora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho e do delicado poeta brasileiro Gonçalves Crespo, do estudo da literatura e da historia de Portugal tem dado o melhor da sua energia. Agora mesmo foi encarregado de um curso sobre a literatura portugueza na Universidade de Londres, no qual não será esquecida a nossa, que elle conhece com vantagem e estima sinceramente. O Sr. Edgar Prestage, que é um dos membros mais acatados da Academia das Sciencias de Lisboa, conta no nosso meio innumerados admiradores e dedicações.

### Uma carta de Alberto Rangel

A proposito do livro "Viagens Aventurezas de Felicio e Felizardo, recebeu D. Anna de Castro Ozorio, a seguinte e muito honrosa carta do Sr. Alberto Rangel:

"Por me haver distrahir em Eu, onde summamente me preocupava a ordenação do archivo da Casa Imperial do Brasil, venho tardeamente, do que me desculpo, agradecer a V. Exa. as noticias de sua chegada a Lisboa e bem assim o envio dos seus dous volumes de viagens infantis ao morgadinho e seu amigo. O Bênto interessou-se iminensso á excursão dos pirralhos de sua maternal invenção, sendo-lhe naturalmente subornado o interesse pelo sopro da brisa salina do Tréport, vizinho d'Eu a aplastrar as velas dos barcos que poderiam na occasião conduzir ao Polo ou ao Brasil o par de aventureirozinhos ozorianos. Suas impressões do Brasil approximado não o diminuíram a sympathia dos olhos de transeunte! Ora, inda tem. Que a terra é grande e pode-se topar no que tem de peor. Explica-se a critica de certos anõesinhos tombados numa verruga do gigante, julgam-no logo todo uma só ex-crescencia. E' verdade que ás vezes se julga de uma metropole pela primeira attitude de um cocheiro na estação. Somos todos pelos preliminares. A mim me impressiona em geral não a aspecto do automedonte, mas as suas opiniões. Lembro-me que em Napoles deu-me elle um resumo de impressões que me dispensava de ir mais por deante. Apontando ao casario o typo me exclamou: Sporca ma bella! Um volume de impressões com dous adjetivos de holéa... Meus respeitos á V. Exa. e ao senhor seu filho, a quem muito agradeço a attenção de me enviar o seu magnifico jornal. Sou com os protestos de todo o reconhecimento e admiração seu confrade muy attento. (a) Alberto Rangel.

## OFFERECEMOS AOS HOMENS:

Uma Alfaiataria que talha e coze com perfeição e rapidez, e por preços ao alcance de todos.

Uma secção de roupas brancas com todos os artigos, desde o mais fino ao mais vulgar, desde o mais dispendioso ao mais barato.

**CHAPÉOS, CALÇADOS, ETC.**

VISITEM TODOS O **PARC ROYAL**

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

# N O T U L A S

— Segundo o *Catholic Press Year Book*, que acaba de apparecer em Chicago, ha nos Estados Unidos 20.103.761 catholicos. Contam-se, na grande Republica, 59.347 religiosas; 21 seminarios, collegios e universidades catholicas; 207 abbasias, mosteiros e escolas apostolicas; 586 conventos e noviciados; 608 escolas livres e pensionatos; 599 escolas superiores; 559 hospitaes e sanatorios; e 594 estabelecimentos medicos. Tal é a força catholica nos Estados Unidos.

— Annuncia o *Exchange Telegraph* que os commissarios dos Soviets prepararam um grande film, representando a revolução russa, no qual representarão Trotsky, Sinouwieff e outros proceres maximalistas. Quanto a Lenine, devido ao seu estado de saúde precario, será substituido por um sosio.

— O preço barato dos automoveis nos Estados Unidos vai pondo de lado a motocyclette, cujo uso decresce, pois em 1º Julho ultimo havia no territorio norte-americano apenas 127.035 destas machinas contra 150.000 no anno precedente. Na Inglaterra, porém, onde os autos são ainda caros, o numero de motocyclettes augmentou de 337.796 em Maio de 1922 para 387.274 em Maio deste anno.

— A Sociedade dos Autores de Roma, sociedade que acaba de se fundar na capital italiana, concedeu o premio de romance para 1922 a Achille Jermicca, pelo livro, *Os Fantasmas de minha vida* e a Alfredo Petrucci, pelo livro — *A Casa da Sabedoria*. Os laureados são nomes novos nas letras italianas, onde estream com o melhor exito.

— O multi-millionario norte-americano Barnes, grande fabricante de productos chimicos, fez construir nos arredores de Philadelphia um grade edificio, para Museu de arte franceza. Adquiriu na Franca, a peso de ouro, as pedras para a construcção e comprou obras preciosas, no meio das quaes, porém, lhe foram impingidas como arte franceza, muita mercadoria negra e russa, pelos expertos vendedores de Montparnasse.

— Lucien Dubeck, criticando na *Revue Universelle* o theatro de Pirandello, a proposito de *Seis Personagens em busca de um autor*, peça que não julga bem feita, mas bizarra e construida sobre uma confusão entre a vida real e a vida das personagens imaginarias, reconhece uma sensibilidade forte no dramaturgo italiano, que diz ser um autor que procura patheticamente o seu eu.

— Sabe-se agora que os famosos "Bertha" que bombardearam Paris em 1918, eram canhões electricos, construidos por Krupp, em numero de 7, dos quaes 3 foram para o "front" ficando os outros 4 em Essen. Como estes não pudessem mais ser utilizados contra Paris, por causa da retirada allemã, 2 foram destruidos e os outros 2 transformados em canhões pequenos. Os 3 do "front" foram carregados na retirada e destruidos em 1919.

— O Ministerio da Marinha dos Estados Unidos annunciou que um motor de aeroplano Wright, modelo E-4, funcionou durante 573 horas, numa prova feita na estação aerea naval de Anacostica e, durante esse espaço de tempo, nenhuma de suas peças essenciaes soffreu avaria. O chefe do Bureau of Aeronautic ajuntou que, no tempo que durou a prova, esse motor teria feito cerca de 108.000 kilometros, ou sejam duas voltas e meia do globo no Equador, num periodo de mais de tres annos.

## MIGUEL COUTO

Se assim é, como penso, esse homem, do qual hoje a Cidade commemora em festa, o jubileu scientifico, o Dr Miguel Couto, é verdadeiramente, um thaumaturgo.

O que elle vale como sabio apregoam-no, em louvores, as vozes dos seus pares e hontem soou em coro no sodalicio dos seus alumnos. O genio teve a merecida apothose com as laureas e os hymnos, cabe-me a vez de falar e falarei, como se tivesse mandado da Pobreza, do coração do santo.

Quem vê esse homem, culminando no acume da gloria, mestre consagrado pelos que, com elle, cultivam a flora benefica de Hygia, pensará, de certo, como aquella mãe que, solicitada pelo filho enfermo, que desejava a presença de Jesus, que não descerá aos baixos da miseria quem assiste nas alturas. Engano.

Como os rios que, nascendo nos pincaros, descem precipitadamente e ageis para abeberar as terras rasas e nellas se fazem brandos, fertilizando leiras e dessedentando rusticos e rebanhos, elle baixa a todos os reclamamos.

A maneira dos deuses e da luz aonde o invocam acodem, onde encontra sombra dissipa-a: desce a escaleira do palacio, onde esteve á cabeceira do leito nobre e outra no tugurio abeirando-se do estreme.

Se ao cliente rico, ao qual não falta conforto, fala como amigo, ao pobresinho dirige-se como pai e, quanta vez, na indigencia de um lar, ao retirar-se, como a luz deixa o calor, á receita que faz ajunta o custo do aviamento e ainda sobras que dêem para a dieta.

Quanta vez, na tristeza de uma pobre mãe, que chora, deixa elle ficar uma lagrima do seu coração piedoso, boia da caridade!

Quando elle entra no casebre humilde os corações levantam-se: elle é o *Sursum corda!* dos desventurados.

COELHO NETTO.

— No ultimo trimestre de 1922, os bondes e omnibus de Paris, percorreram 34.333.339 kilometros, conduzindo 239.385.297 passageiros, sendo 48.054.452 de primeira classe e 191.339.845 de segunda. A venda das passagens foi de 76.356.292 francos.

— O capital da *United States Steel Corporation*, o grande syndicato fundado por

John Pierpont Morgan e Andrew Carnegie, representa mais de metade da riqueza de todos os Estados Unidos. Dirige hoje essa formidavel empreza o filho de Pierpont Morgan, que tem o mesmo nome do rei do aço.

— Mme. Marie Laparcerie accusou Victor Marguerite de se ter aproveitado de ideias e planos seus, que lhe communicara sob reserva, para escrever os seus dois ultimos e formosissimos livros. A resposta do autor de *La Garçonne*, foi a seguinte: — Sr. Director. — Não estou disposto a acompanhar Madame Marie Laparcerie, na sua ancia de publicidade, mas não me dispense. — e faço-o com muito gosto — de por V. Ex. ao corrente duma reflexão que a carta della me sugere: — Devemos evitar, com todo o cuidado, que os monomanos se sentem á nossa mesa. — De v., etc., *Victor Marguerite*.

De 1821 a 1921 entraram no territorio brasileiro 3.700.166 immigrants, das seguintes nacionalidades: italianos, 1.899.660; portugueses, 1.075.135; hespanhóes, 520.037; allemães, 139.356; russos, 106.996; austriacos, 80.819; turco-arabes, 60.816; francezes, 31.136; inglezes, 19.948; suissos, 12.225; suecos, 5.572, belgas, 5.538, e diversos, 251.928.

— O consumo de algodão nos Estados Unidos está avaliado em mais de 13 milhões de fardos de 227 kilos. A producção deste anno está estimada em 11 milhões de fardos. Accresce a circumstancia de que o *boll-weevil* está damnificando as plantações, reduzindo as colheitas e provocando o exodo dos trabalhadores. E a *wing-boll-worm* foi observada novamente no sudoeste e no Texas. O Departamento da Agricultura dos Estados Unidos annunciou que a producção de algodão do corrente anno é calculada em fardos 11.516.000, o que corresponde a 67,3 por cento da producção normal.

— Em 29 de Janeiro de 1923, foi calculado que as despesas dos Estados Unidos excederiam a receita por cerca de \$92.000.000. No entanto, em uma reunião dos chefes do Departamento do Governo e seus auxiliares e pessoas interessadas na direcção financeira dos Estados Unidos, effectuada em Washington em 18 de Junho, o ex-presidente Harding declarou ao seu auditorio que haveria um excesso de \$200.000.000 no fim do anno fiscal em 30 de Junho de 1923. Houve uma redução effectiva de cerca de \$256.000.000 das despesas correspondentes ao anno fiscal anterior. Espera-se que no anno proximo haja novas economias com eficiencia igual, de maneira que o "deficit" indicado de \$30.000.000 terá desaparecido. O orçamento das despesas para 1923-1924 é de a redução da divida publica.

— Segundo um communicado do Sr. Stefani, a politica do Governo Mussolini já obteve que 190.000 italianos emigrassem durante os seis ultimos mezes, sendo que 61.171 passaram os mares e 125.000 ficaram no continente. Os tres quintos destes ultimos 43.225, dirigiram-se para a America do Sul. A America do Norte só pôde receber 42.075 italianos, por anno. O melhor mercado é o da Republica Argentina. Diz o communicado que o Brasil offerece empregos nas fazendas, mas poucos italianos aceitam as condições. O commissariado collocou durante esses seis mezes cem mil operarios no estrangeiro, e forneceu mais de 50 milhões de liras ouro a emprezas de construcções.

# REPERTÓRIO

## HOMENS e COUSAS ESTRANGEIRAS

Mauricio Jókai

Emquanto a imaginação de Kemény, seu antagonista litterario, se comprazia no mundo dos levantes nacionaes que agitaram a Hungria numa certa época, a imaginação de Mauricio Jókai (1825-1904) percorria toda a terra, do Leste fabuloso e do Sul resplandecente ao polo Norte, da antiguidade longinqua ao futuro remoto. Se por alguns vinculos frageis, Kemény se liga a Walter Scott e a Balzac, Jókai, por seu lado, está mais perto de Dumas, o pai, e de Eugenio Sue, mas a sua imaginação é incomparavelmente mais rica que a desses dous autores. Suas experiencias, suas recordações e suas leituras amontoavam na sua alma uma vastissima materia, que o ajudava depois a compôr com uma facilidade maravilhosa, contos deliciosos, phantasistas e brilhantes. Sua invenção é inexgotavel, em seus cento e cincoenta volumes nunca se repete. Cada uma das suas historias é nova e original. Como verdadeiro poeta romantico, o seu unico fito é fazer-se apreciar, sem a menor preocupação de verosimilhança. Tem romances que não são senão um tecido de aventuras incríveis, outros são mais reaes, porem tornados maravilhosos pela composição. O facto é que a rapidez na successão dos acontecimentos, a habilidade no emmaranhar dos fios do enredo são taes que o leitor, interessado ao mais alto ponto até o fim do romance, não percebe a varinha do magico. Esta illusão, só pôde ser mantida com excellentes personagens do segundo plano, com typos bem desenhados das aldeas e das pequenas cidades húngaras; as personagens principaes, pelo contrario, para serem dignas do vertiginoso conto romantico, são typos do bom e do máo, do bello ou do feio sempre exaggerados, personificações da virtude e do vicio, homens dotados das mais brilhantes e temiveis qualidades do corpo e da alma. Elles entendem de tudo, conseguem tudo, porque possuem ao mesmo tempo a coragem de Ricardo sem Medo (coração de Leão), o espirito de Voltaire, a sciencia de Leibnitz e a força de Sansão. Não se trata, pois, na obra de Jókai, de uma exposição dos motivos, de uma analyse psychologica, mas a inegualavel arte de contar suppre a tudo. Jókai é o melhor narrador da Hungria. Sua palavra corre como uma fonte, com uma facilidade, uma espontaneidade maravilhosas; o autor traduz o prazer ingenuo, commum aos narradores populares, de gosar da sua propria voz. Seu "humour" um tanto singular, meigo e empolgante, sua serenidade privada de qualquer amargura, accrescentam tambem alguma coisa, ao encanto da narrativa. Sob o ponto de vista da arte, suas novellas são superiores aos seus romances. São mais simples e mais verosimeis e lembram o quadro de genero, emquanto que os seus romances, concepções fabulosas de uma rica imaginação, são mais deliciosos, principalmente essas obras gigantescas que pintam a transformação da nação, o estabelecimento da nova Hungria sobre as ruínas da Hungria feudal. Taes são, na ordem

historica: "Um Nabob magyar", "Karpati Zoltan", "Deus é unico", "Os filhos do homem de coração duro", "O novo Senhor" e a "Rosa Amarella", cujos assumptos são tirados da vida popular moderna. O quadro historico serve apenas para divertir e fazer effeito, como as brilhantes imagens da natureza. Se o tempo decorrido desde o apparecimento desses romances não apagou os protestos justificados da critica, elle não conseguiu tão pouco diminuir a sua popularidade. Ainda hoje, Jókai é o romancista mais querido na Hungria e o mais conhecido no estrangeiro.

Os romancistas húngaros contemporaneos gruparam-se em torno de Jókai, todos elles soffrendo mais ou menos a sua influencia. Foi elle quem lhes ensinou a arte do conto, os meios de captivar o interesse. Sua acção sobre elles mostrou-se por vezes muito profunda. Se nos seus contos fantasticos, sobre assumptos orientaes, Jókai recebeu a influencia de Pedro Yajda, foi sob a influencia de Jókai que se multiplicaram obras analogas. Jókai creou uma segunda escola para os seus quadros do passado longinquo, quadros românticos, brilhantes, mais bellos que verdadeiros.

Siegmund Bosel

A proposito dessa interessante personalidade, o sr. Ferdinand C. M. John escreve: Siegmund Bosel, o Hugo Stinnes da Austria e que sustenta financeiramente o partido socialista anti-capitalista, representa, certamente, o typo mais extraordinario de "profiteur" que o mundo conhece.

Ha sete annos atraz, o joven Bosel, que contava apenas 25 annos de idade e recém-chegava da Galicia, era o pobre empregado de uma loja de roupas de Vienna. Em 1916 a capital austriaca regorgitava de judeus da Galicia, que haviam fugido ante a invasão russa. A proposta de Bosel, para fornecer vestes a esses refugiados, seus conterraneos e correligionarios, foi aceita pelo governo, visto que elle pedia tres por cento de lucro para si, ao passo que os seus concorrentes exigiam percentagem muito mais elevada. E' verdade que o gabinete, a principio, mostrou alguma hesitação, pelo facto de ser o nome de Bosel completamente desconhecido no mundo dos negocios; mas ambas as partes afinal, portaram-se a contento reciproco, tendo o governo poupado muitos milhões, em um momento em que os meios já começavam a lhe escassar, e Bosel realisado o lucro liquido de dois milhões de corôas — que então ainda valiam 350.000 dollars.

Depois desse começo propicio, Bosel não tardou a obter encomendas para fornecer ao exercito calçado e outros artigos de vestuario. Quando yeiu o armistício, a sua situação de fortuna era conspicua. O seu capital, entretanto, parecia seriamente ameaçado pelo governo socialista extremado, que substituiu a Monarchia e que ameaçava proceder á confiscação dos lucros de guerra.

Nessa emergencia, Bosel adoptou alvitre habil e intelligentissimo, o qual lhe valeu uma posição de grande vantagem sobre os seus competidores. Procurando o inimigo dentro dos seus proprios arraiaes, elle offereceu aos socialistas o seu auxilio financeiro, e teve á satisfação de ver aceitos os seus serviços de forma captivante. A "Arbeiter eitung", o orgão central do partido socialista, então em situação financeira bem difficil, foi muito especialmente auxiliada por Bosel, e de tal forma que hoje o maior capitalista da Austria é praticamente, o dono desse jornal radicalmente anti-capitalista.

Como consequencia logica dessa união hybrida, Bosel nunca é atacado, nem mesmo mencionado pelos socialistas no Parlamento e na imprensa, que, ao mesmo tempo tropeçam contra outros capitalistas e aproveitadores, especialmente contra Castiglione, o filho do rabino de Trieste, que conquistou a sua fortuna por processos analogos aos de Bosel, e é o mais perigoso rival de negocios deste ultimo.

Perfeitamente consciente do valor da imprensa como arma de propaganda em geral, Bosel não se limita aos jornaes socialistas, mais fundou dois jornaes burguezes em Vienna: "Der Tag" e "Die Stunds"; comprou ou fundou varios orgãos na Hungria, Yugo-Slavia, Tcheco-Slovaquia, emfim, em todos os lugares em que elle tinha interesses mercantis, e ultimamente se annunciou haver elle adquirido um novo jornal em Berl'm, o "Montag Morgan".

O ultimo golpe desse homem astucioso foi a aquisição da maioria das accções do Union Bank, que é um dos mais importantes bancos da Austria e com isso elle conquistou uma posição dominante em grande numero de empresas financeiras e industriaes. Fez-se immediatamente, eleger presidente do Banco, e, tres dias depois, o antigo presidente destornado, Minkus, que dirigira o Union Bank durante um periodo de mais de quarenta annos morria repentinamente, de uma syncope cardíaca determinada pelo golpe, segundo correu na Bolsa.

Os facistas austriacos consideram Bosel como inimigo, e por duas razões — porque sustenta os socialistas e por ser judeu. Descobriu-se, recentemente, em Vienna, um complot fascista cujo objecto principal era o assassinio de Bosel e de Deutsch, ex-ministro da Guerra, socialista e chefe da ala esquerda do partido.

Bosel é solteiro. Pouca attenção, ou nenhuma dá elle ás mulheres, pois ellas, segundo a sua opinião, só servem para perturbar as idéas dos homens e tornar-os imprestaveis para os negocios "serios".

Como Stinnes elle é um espirito reservado. Não gosta de ser visto nem ser ouvido em publico. Seus jornaes têm estricta ordem de não mencionar o seu nome tanto quanto for possivel.



A Cidade de Patagonia

Afim de reparar a injustiça historica, que riscou do mappa da Argentina o nome de Patagonia, foi apresentado á Camara dos Deputados desse paiz, um projecto de lei, criando uma cidade, que será situada no territorio em que Fernando de Magalhães pisou pela primeira vez e que terá o nome de "Patagonia". O projecto parece que conta com o apoio da opinião do paiz visinho, não só pelo lado historico, como pelo economico, pois irá concentrar os multiplos interesses mercantis da zona meridional argentina, hoje disseminados, como praça central de ricos e extensos territorios. Ao mesmo tempo que evoca o passado dos navegantes maravilhosos, serve ao futuro do paiz, sendo um grande emporio de actividade e força que se estabelece no sul da Argentina. Era de facto, indício de desamor á tradição do desaparecimento da denominação de Patagonia, evocadora da descoberta de Magalhães, a quem só essa região parecia um continente inteiro. Por taes e justissimas considerações, o projecto foi acolhido numa atmosfera de sympathia, que lhe assegura desde logo a approvação.

Box e nacionalismo

Levantaram-se em Buenos-Aires varias vozes de protesto contra o que se chamou o "symbolismo de Firpo". E' que se pretendeu fazer desse possante pugilista um representante do paiz, nelle se fixaram as qualidades do



povo e se quiz fazer de seus musculos de ferro uma garantia de renome e de prestigio da nação. A multidão, que recebeu contristada, na Avenida de Mayo, em 14 de Setembro ultimo, a noticia do "Knock-out" da Firpo, dava a impressão de ter sahido de um agravo á soberania nacional, como se os seus anhelos de triumpho de "boxeur" fossem ardores do lidismo patriotismo, esmagados no "rink" de Polo Grounds. Não nos espanta. Temos assistido, e ainda vimos no anno passado, partidas de "foot-ball" do campeonato sul-americano, nos quaes se symbolizam as cores nacionaes nos valentes ponta-pés dos "pleyers" de cada paiz. E esses encontros desportivos, ao invéz de ensejo de amigavel competição, se transformaram em aggressivas e irritantes disputas, que devem findar. Por isso, se explica o entusiasmo argentino pelo "touro dos pampas" e a desolação pela derrota. Mas, é preciso reagir contra essa ingenuidade do povo, evitando esses excessos, como se as nações fossem grandes pelos musculos ou agiliidade de alguns individuos excepcionaes, mas cuja força e dextreza apenas lhes favorecem ensejo de grossas fortunas. Ninguem contesta as vantagens da educação physica e do amor pelo desporto, mas entre a obcessão, hoje dominando todo o mundo, e a medida vai um abysmo. Se não fosse uma anomalia da época, seria ridiculo fazer de pugilistas e athletas symbolos do vigor de um povo.



**A solidariedade feminina na America**

E' do teor seguinte a carta que a Sra. Charles Evans Hughes, esposa do Secretario de Estado dos Estados Unidos, dirigio á Commissão Auxiliadora de Senhoras do Segundo Congresso Scientifico Pan-Americano, a proposito dessa data memoravel:

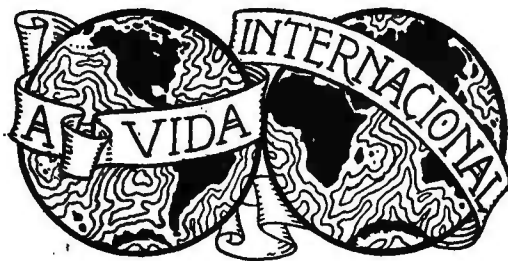
"Considero um verdadeiro privilegio, trazer, na qualidade de Presidente da Commissão Auxiliadora Feminina, cumprimentos a todas vós que hoje commemoraes, não obstante as differenças da lingua e da raça, uma data que irmana os corações femininos de toda a America.

Esta bella iniciativa faz desaparecer as differenças que nos separam. Inspiradas as mulheres de todos os paizes amigos a reunirem-se simultaneamente nas capitães dos mesmos, pela primeira vez nos annos da historia da America, equivale á celebração desta data ao primeiro passo do advento da mulher no estreitamento da amizade continental.

Faço votos mui sinceros para que da solidariedade feminina ora estabelecida, surja o desejo de auxilio mutuo e de coordenação continua do labor.

Unidas, elevemos bem alto as nossas aspirações, descortinemos horizontes vastos aos nossos ideaes, levemos a fructificação abundante ás novas oportunidades offerecidas á mulher.

Saudo-vos, irmãs. (A) Mers. Charles Evans Hughes, Presidente da Commissão Auxiliadora Feminina dos Estados Unidos, no Segundo Congresso Scientifico Pan-Americano".



**Como a França encara os problemas internacionaes**

Falando em Evresse, em dias do mez passado, o presidente Millerand proferiu um importantissimo discurso, em que fez uma exposição completa dos diversos problemas de ordem internacional que occupam, neste momento, a attenção dos homens de Estado e entendidos, principalmente a posição actual da França, tanto no que respeita ás questões de ordem interna, como no que concerne aos assumptos de caracter internacional.

A guerra — disse Millerand — transformou a face da Europa, e creou situações extremamente delicadas a que é preciso dar, quanto antes, solução justa e equitativa.

Referindo-se á Russia, o chefe do Estado lamentou a situação em que se encontra, presentemente, o referido paiz, e declarou que o mundo inteiro e o povo francez em particular desejavam, ardentemente, que a grande potencia, que no principio da conflagração tão efficaz auxilio prestou á França e aos allia-dos, saia, o mais rapidamente possivel do chãos em que se encontra.

A proposito da dissolução do imperio austro-hungaro, disse o presidente:

"O objectivo primordial dos allia-dos, ao entrarem na luta preparada e provocada pela Alemanha, era a reincorporação da Alsacia-Lorena no seio da mãe-patria, a reconstituição da Polonia e a libertação das nacionalidades opprimidas pelos Habsburgos. Nunca a idéa de nacionalidade pareceu mais forte do que então, e nunca os politicos deveriam desprezar-a, nos seus sonhos de um futuro melhor. Em vista da amplitude que vem tomando a cooperação internacional — accrescentou o Sr. Millerand — essa idéa não constitue apenas uma promessa: está plenamente justificada pelos beneficios que a sua realização trará a todas as nações. A primeira necessidade dos novos Estados é a sua segurança externa. Esses Estados sabem perfeitamente que a França, respeitadora, como é, dos tratados que firmou, nunca permitiria que a ordem de coisas creada por esses pactos seja modificada ou perturbada. A França, ao demais, não reclama senão aquillo que lhe é devido, e o seu mais ardente desejo é tornar cada vez mais estreitos e intimos os laços de amizade e alliança com os povos cujos sacrificios jamais esquecerá. Respeitando o direito e a vontade dos povos, a França levou os seus escrupulos até ao pon-

to de sacrificar as garantias mais importantes da sua segurança. Esperou durante tres annos e talvez tivesse ultrapassado os limites das concessões, antes de se resolver a lançar mão, juntamente com a Belgica do direito de compressão que o Tratado de-Versailles lhe reconhecía.

A França adeantou mais de cem billões, por conta do devedor contumaz, e por isso foi obrigada a crear novas fontes de renda para fazer face aos seus espantosos encargos."

O presidente lembra, a seguir, a obra do Parlamento, e exalta o patriotismo do contribuinte francez, que accitou com satisfação novos e pesados impostos, consolidando assim, os resultados da victoria.

Passando ás questões de caracter particular, o chefe do Estado faz um estudo aprofundado da politica interna da França, e salienta, sobretudo, o restabelecimento das relações com o Vaticano, a terminação das desordens economicas de 1919 e 1920; frisa a grande importancia dos numerosos projectos governamentais, de ordem social discutidos e votados pelas Camaras, o restabelecimento do equilibrio orçamentario e declara que a mais segura garantia do Tratado de Paz é que ninguem possa nem sequer abalar a ordem de coisas estabelecida.

"A Nação Franceza — proseguiu o presidente — comprehendeu, depois da lição de agosto de 1914, que as esperanças pacifistas tinham sido radicalmente desmentidas com a apologia da propriedade privada, offerecida pela Russia, inaugurando a dictadura." O Sr. Millerand faz votos para que todos os francezes collaborassem na ampla politica social que se propõe edificar e não destruir, na mais intima solidariedade de todas as classes.

"Orgulhos, da victoria, com tantos sacrificios obtida, resolvida a não deixar escapar nenhum dos seus fructos legitimos, a França sabe que a paz civil como a paz externa, a concordia dos cidadãos, como a "entende" com os outros povos, são as condições primordiales do trabalho fecundo e do progresso social. Nada prevalecerá contra a sua vontade clara e avisada."

**O custo da vida**

As estatísticas mundiaes sobre o custo da vida, baseadas nos preços por atacado e a varejo, mostram pelo menos uma tendencia decididamente favoravel á baixa. Essas estatísticas que foram colhidas mensal e trimestralmente nos principaes paizes do mundo pelo "Bureau" Internacional do Trabalho, ainda continuavam a demonstrar no primeiro trimestre deste anno a mesma tendencia ascendente do custo da vida observada desde a terminação da guerra. Sómente durante o segundo trimestre de 1923 é que se começou a notar a baixa, que continuou nos dou primeiros mezes do terceiro trimestre. Os peritos do "Bureau" Internacional do Trabalho, julgam, portanto, ter-se definitivamente affirmado a tendencia descendente até chegar á base normal. Os principaes paizes onde os preços se inclinaram para a baixa no correr dos ultimos cinco mezes, são: Sul Africa, Austria, Belgica, Egypto, Estados Unidos, India, Hollanda, Inglaterra, Suecia, Suissa e Tchecoslovaquia. As nações que não experimentaram alteração especial, mas onde em todo o caso os preços dos generos ficaram estacionarios, são a Hespanha, o Japão e a Nova Zelandia. Nos unicos paizes onde ainda se ob-



**A VICTOR VICTROLA**  
 REPRESENTA UM THEATRO  
 Adquirindo um destes instrumentos fechará um contrato permanente com os mais afamados artistas do mundo. Peça uma demonstração pratica.

UNICOS REPRESENTANTES PARA O BRASIL

**PAUL J. CHRISTOPH & C.<sup>IA</sup>**

98, RUA DO OUVIDOR, 98.

RIO DE JANEIRO

serva a alta nos preços são a Alemanha, França, Austrália e Dinamarca. Nos dois primeiros acredita-se ser devido à situação do Rhin. No Camêla, Finlândia, no Reino Unido, desde há muito mezes que os preços dos generos de consumo vêm melhorando. A baixa nos preços nos Estados Unidos, segundo se affirma, é devida a grande actividade industrial que predomina nesse país. Na Rússia, entretanto, ainda sobem as cotações dos generos, mesmo nesta época, na proporção de 50 por cento por meza.



Ariel

O primeiro numero desta revista musical, que appareceu em S. Paulo, é uma admiravel tentativa do maestro Sá Pereira, para dotar as nossas lettras musicaes com um vehiculo de cultura e divulgação, de que tanto necessitamos. A revista, como apresentação, é uma obra de arte, trazendo uma capa suggestiva de Palm e outras illustrações do mesmo, feitas como se fossem sobre madeira. O texto tem artigos firmados por A. de Sá Pereira, Mario de Andrade, Serge Müllet e outros, afóra notas interessantes, de commentario e divulgação. Ha uma pagina com idéas de Busoni sobre a musica moderna, cujo merito não precisamos encarecer. Em summa, Ariel, que se apresenta com a pagina de Bodo sobre a figura ideal será, entre nós, uma força de cultura e de ascensão espirital.



Antônio Muniz: **A BAHIA E OS SEUS GOVERNADORES NA REPUBLICA.** Bahia, 1923. Nesse alentado volume, o ex-governador da Bahia faz um retrospecto de toda a vida politica do Estado, na qual tem tido, ultimamente, papel preponderante, procurando descrever-a com notas e documentos interessantes. E' esse um subsidio valioso, para a historia da Bahia e, posto rege o inevitavel parcialismo no tratar as campanhas em que tomou parte salientissima ás vezes, o livro offerece um repertorio consideravel de documentos, mesmo de seus adversarios, o que orientará sobremaneira os que delle se servirem. Estudando desde a nomeação do grande Manoel Victorino, na proclamação da Republica, para governar o Estado, até os successos que occorram na ultima eleição do Dr. Seabra, abrange até os nossos dias, essa estimavel noticia historica, do melhor merito.

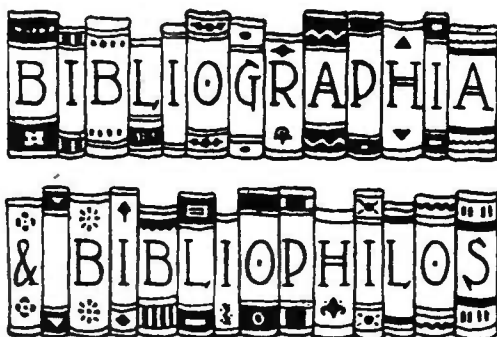
Marques Pinheiro: **CONTRA O ANALPHABETISMO.** Rio, 1923. Esta é a the-se que o Sr. Marques Pinheiro enviou á Academia Brasileira de Letras, sobre o melhor meio de divulgar o ensino primario no Brasil. Versando o assumpto com competencia procurando o lado pratico de resolver o grande problema, o A. se revela um estudioso attento e lucido, propondo o ensino obrigatorio, decretado pelo governo, que manterá escolas, por um lado, e favorecerá a manutenção del'as por terceiros, de outro, de sorte a entrarmos no "caminho das realidades". Este trabalho merece o estudo attento de quantos se interessam pela benemerita cruzada, de que depende a grandeza nacional.

Honorio de Souza Silvestre: **ASPECTO PHYSICO E BACIAS HYDROGRAPHICAS DOS RIOS AMAZONAS E PRATA.** Rio, 1923. São separatas que o Sr. Honorio Sylvestre, nosso distincto collaborador, fez de sua collaboração na grande Geographia do Brasil, que edita a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, commemorativa do Centenario da nossa independencia. Professor dessa disciplina no Collegio Pedro II, o A. é sem duvida uma das nossas mais conspicias autoridades no assumpto, sendo esses trabalhos por varios aspectos do maior valor. Registrando o seu apparecimento, chamamos a attenção aos leitores para os mesmos, pois são dignos de grande apreço.

General Moreira Guimarães: **BATALHA DE TUYUTY.** (Rio-1923). É uma conferencia que o Auctor proferiu no Instituto Historico e Geographico, em 24 de Maio ultimo, a proposito da batalha de Tuyuty, estudando o seu desenvolvimento e as suas consequencias, que julga, e de modo muito razoavel, se revestir apenas "de simples physionomia tactica" posto pudesse assignalar o termo da guerra. Seja como for, essa batalha deu novo rumo á campanha, neutralizando a offensiva de Lopes e o reduzindo á resistencia, que foi, todavia longa e formidavel. O trabalho do general Moreira Guimarães, feito com criterio e segurança, está pontado de considerações do mais alto interesse para o estudo da guerra contra Lopez.

Dyonelio Machado: **POLITICA CONTEMPORANEA,** Porto-Alegre, 1923. Neste livro, estuda o Auctor tres aspectos da politica contemporanea, a saber: Relações Economicas da Faz, Posição Militar do Brasil e sua repercussão na Vida Continental Americana, A Revolução, esta ultima parte a proposito dos acontecimentos politicos e militares da ultima campanha presidencial. Esses ensaios são feitos com vivacidade e suggestivos, mostrando o Auctor empenho de sujeitar á analyse sociologica os diversos factores da politica moderna que fixa. Registrando o apparecimento deste livro, é auspicioso observar o interesse crescente que vão despertando nos estudiosos os phenomenos politicos e sociaes, vistos sob uma analyse superior e no ponto de vista das idéas geraes.

**GEOGRAPHIA DO BRASIL:** Commemorativa ao 1º Centenario da Independencia. Vol. X — O volume X, segundo apparecido desta grande obra, a que já nos referimos pormenorizadamente, e que é publicada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, é a chorographia do Estado de Minas Geraes e que foi elaborado pelo Sr. deputado Nelson de Sena. É um trabalho notavel, em que se estuda o sólo, o homem e o estado, ou seja o triplice aspecto da geographia — o elemento physico, o ethico e o politico. Pela sua documentação, pela maneira perfunctoria com que aborda e discute os problemas e pela clareza na exposição, este livro merecerá dos estudiosos o melhor apreço. Do seu alto merito, dirão os entendidos no assumpto, sendo este trabalho digno da obra em que figura. É esse o maior louvor que se lhe pôde fazer.



Letras francezas

Francis de Miomandre, o notavel romanista cujo delicioso "Ecrit sur de leau" foi co-rodado ha annos pela Academia Goncourt, e que contamos agora como nosso collaborador effectivo, acaba de publicar um novo romance: "Le Greluchon sentimental". Francis de Miomandre como que condensou o que cada uma das suas obras anteriores tinha de particular, fina ironia, senso subtil dos homens e da vida, sentimento delicado, neste bello livro, vivo, alerta, elegante, aprazivel. E como elle conhece o coração humano de hoje! Dizemos hoje porque se se admite que elle é eternamente o mesmo na sua essencia, é preciso convir que a vida actual, a civilização, as transformações sociaes, o modificaram e so-

bretudo o complicaram. Francis de Miomandre sonhe, com arte verdadeiramente magistral, mostrar-nos esses seres a um tempo complexos e superficiaes, ferozmente egoistas e loucamente despendedores dellos mesmos e, no fundo, muitas vezes realmente e delicadamente sensiveis, movendo-se nessa vida "tão parisiense", que é tanta cousa e é tão pouca cousa.

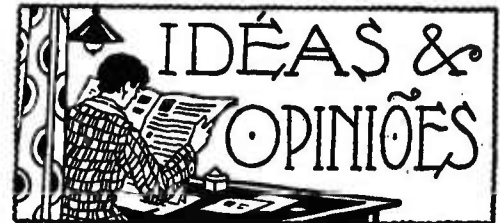
A ironia de Francis de Miomandre é amavel. Embora plute na sua realidade desalentadora os vicios, as fraquezas e as torpezas dos homens, a sua visão é optimista. Na meio das hypocrisias é baixezas de um melo decadente, florescem puros e singelos sentimentos; no brejo lodoso rutila a flôr do amor, coroadada de sol. E isto nos faz esquecer, como Miomandre, a fealdade da vida em cujo estrume putrido medram por vezes os sentimentos que fazem o homem grande.

Desse livro captivante, de uma amena leitura, escripto ao que parece unicamente para agradar e d'vertir, desprende-se uma doce philosophia da vida, indulgente, humana, bem franceza. Talvez se possa dizer que esse romance não é mais da nossa época atormentada e sombria e cujo espirito se afasta cada vez mais da medida para os excessos de toda especie. Diga-se mesmo que é um livro passadista. Mas deixae-nos descansar um pouco na sua amavel singeleza, saboreando-lhe o frescor juvenil, revivendo o que fomos, talvez levianos, superficiaes, instaveis, sybarita da vida, mas felizes e despreoccupados, e desvencilhar-mos um momento da ancla terrificante que surgiu do grande incendio de 1914 para o nosso tormento infinito.

França

Livros a sahir:

De Helene du Taillis um romance na livraria Flammarion: *Enterrons L'Adultère*, que pelo menos revela boas intenções. Jean Dor-senne prepara á sombra das palmeiras de Haiti um livro *Le Mariage de Rarahu*, que dizem não é senão o *Mariage de Lôte* encardido de ponto de vista indigena. Camido prepara um romance: *L'escalier des sept femmes*. De Jacques Boulenger, o *Saint Graal* e a *Mort d'Auritus*. De Pierre de Nolhac: *Versailles*, em que o autor não fala (felizmente) no tratado. De Ch. H. Hirsh *Eva Tumarchê et ses amis*. De Maurice Barrès: *Une enquête au Pays du Levant*.



A moeda

Um dos maiores obstaculos para a reconstrução economica da Europa — escreve o sr. Georges Valois, — é a espantosa desordem monetaria, em que se encontram as nações europeas em sua maior'a. Não é preciso mais explicar como a avaria das principaes moedas constitue um entrave a todas as trocas internacionais e um embaraço constante para a produção de cada país. Poder-se-hia pensar que os homens de dinheiro, que se apresentam como restauradores da Europa, dedicaríam o melhor da sua attenção á restauração das moedas. Mas é exactamente o contrario o que acontece. Salvo raras excepções, os grande homens de negocios e os financeiros, patrocinam nos varios países em que têm influencia uma politica de inflação. Isso não precisa ser demonstrado para a Alemanha. São dos meios de negocios e de finanças que têm vindo, de um anno a esta parte, todas as propostas tendentes á inflação mais ou menos encoberta. Desses mesmos meios vieram os golpes contra o credito do Estado (redução dos reembolsos do Estado ao Banco de França em particular). Emfim, são os chefes da finança internacional que ameaçam, ha um anno, essa offensiva contra a moeda franceza fazendo-a baixar de o franco de 0fr. 40 a 0fr. 25 ouro.

Assim os campeões da Economia unem os seus esforços contra as moedas agravando dali as dificuldades economicas das nações europeas, multiplicando as causas dos conflictos sociaes e internacionais. Não se comprehenderia uma tal loucura, que deixa a Europa em perigo extremo, se não se pensasse que essa gente tem vista curta para o que concerne os interesses da civilização e dos países, e que consideram as guerras e as revoluções como ensejo proprio ao crescimento do seu poder e da sua fortuna. Têm as perturbacões monetarias como abençoadas, porque lucram muito com as inflações, que fazem passar pelas suas mãos uma grande parte da fortuna movel e imobiliaria dos varios países da Europa.

ACABA DE APPARECER:

Elysio de Carvalho  
**PRÍNCIPES DEL ESPÍRITU  
 AMERICANO**

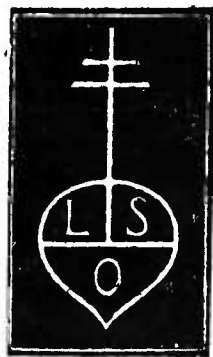
Traducción del portugués y prologo  
 de César A. Comet

Volumen de la "Biblioteca de Autores Célebres"

Ed. 'Editorial-America', Madrid.

1 Vol. de 257 paginas 6\$000

Pedidos á LIBRERIA ESPAÑOLA,  
 Alfandega, 47—Rio de Janeiro



**LEO S. OLSCHKI**

Publisher, Antiquarian

Book & Printseller

Large stock of Incunabula, early Americana,  
 Illuminated Mss., Aldines, Dante & Petrarch edi-  
 tions, Books on fencing, old Music, Bindings,  
 original Drawings by old Masters, Engravings, etc.

CATALOGUES ON APPLICATION

Books not in stock sought & reported  
 free of any charge.

**FLORENCE**

4, Lungarno Acciaiuoli, 4

For telegrams: OLSCHKI—Florence  
 Branch-house at Roma: Fontanella Borghese, 22

**MAGGS BROTHERS**

34 & 35, Conduit Street

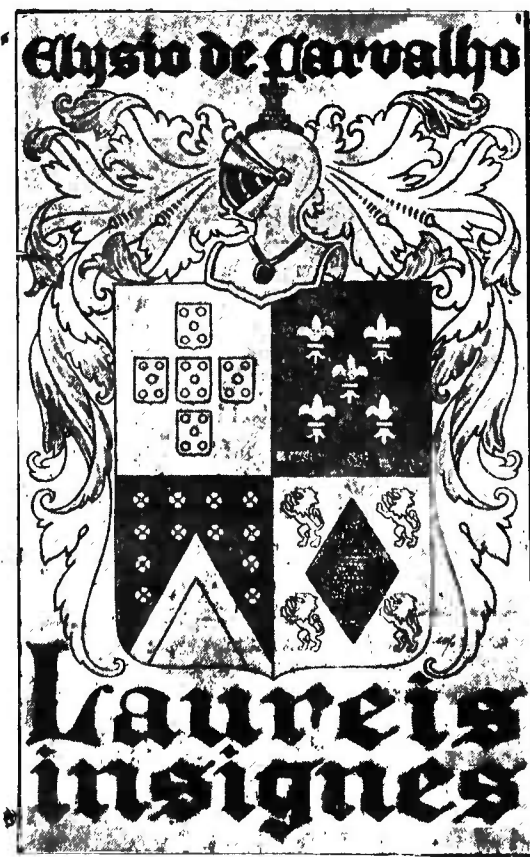
Neue Bond Street—LONDON. W.

Endereço Telegráfico: BIBLIOLITE, Londres

Compra e pede ofertas de livros raros,  
 com ou sem gravuras em madeira, livros  
 antigos sobre a América do Norte, o Japão,  
 a China, as Indias, História das Mis-  
 missões, Califórnia, Austrália; relações de  
 Colombo, Vespúcio, Cortez, etc.; e livros  
 impressos no México, Perú, etc.

Vende livros raros novos de todos os géne-  
 ros, e boas gravuras e autógrafos

A APPARECER BREVEMENTE



Edição do "Anuario do Brasil"

RIO DE JANEIRO

# BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

**Casa Matriz: AMSTERDAM**

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro --- S. Paulo --- Santos --- Buenos-Aires --- Santiago do Chile --- Valparaizo.  
Na Allemanha --- HAMBURGO.

**Capital autorizado..... Florins 50.080.000**  
**Capital realizado e reservas..... Florins 22.680.000**

*Fundado pela Rotterdamsche Bankvereeniging  
Amsteraam -- Rotterdam -- Haya*

*Cujo capital realizado e reservas montam em florins a 114.000.000*

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

## 11, RUA BUENOS AIRES, 13

TELEPHONES: NORTE 5356, 5357 E 5358

# Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

**CAPITAL: FRs. 50.000.000**

**CAPITAL REALISADO:**

**Acções Frs. 50.000.000 e Obrigações Frs. 65.000.000**  
**Fundo de reserva: Frs. 12.500.000**

Empréstimo sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por amortisações semestraes com direito de reembolso antecipado.

**DINHEIRO PARA CONSTRUÇÕES**  
Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos e terreno.

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento.

Adiantamento sobre titulos, mercadorias e warrants.

Gerencia de immoveis, cobrança de juros sobre apolices, acções e debentures, guarda de valores, etc.

SÊDE SOCIAL EM PARIS:

**39 BOULEVARD HAUSSMANN 39**

Sede de Operações e Direcção Geral:

**44, AVENIDA RIO BRANCO, 44 — RIO DE JANEIRO**

Endereço: Telegraphico-BRESIFONCI  
CAIXA FCSTAL, 3C7

TELEPHONES

Directoria N. 4.116  
Secretaria N. 2.085  
Expediente N. 3.750

**AGENCIA:**

**24, RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO**

# AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR Elysio de Carvalho



Desenho de JORGE BARRADAS

Anno II.

N. 24.

Dezembro de 1923

Preço . 1\$000.

# Banco Português do Brasil

CAPITAL.... RS. 50.000:000\$000

SÉDE RIO DE JANEIRO



Abre Conta Corrente  
de movimento,  
CONTAS CORRENTES  
LIMITADAS COM  
TALÃO DE CHEQUES,  
Conta Corrente a  
prazo fixo e  
encarrega-se da adminis-  
tração de  
propriedades

**FILIAES EM S. PAULO E SANTOS**

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal: 479

## 24, Rua da Candelaria, 24

RIO DE JANEIRO

# Obras de Elyσιο de Carvalho

- PRINCIPES DEL ESPIRITU AMERICANO.** Ensaio de critica literaria. Traducção castelhana e prólogo de César A. Comet. Vol. de 258 paginas, edição de Editorial-America, Madrid, brochura ..... 6\$000
- OS BASTIÕES DA NACIONALIDADE.** Estudos de historia, sociologia e critica, etc. Edição do Anuario do Brasil. Vol. de 400 paginas, brochura ..... 6\$000
- BRAVA GENTE.** Episodios nacionaes. Prefacio de de Carlos Malheiro Dias. Vol. de 298 paginas, com capa colorida, edição da S. A. Monitor Mercantil, brochura. .... 5\$000
- BRASIL, POTENCIA MUNDIAL.** Inquerito sobre a industria siderurgica. Vol. de 182 paginas, com capa colorida, varias estampas e mappas, edição da S. A. Monitor Mercantil, brochura ..... 3\$000
- A REALIDADE BRASILEIRA.** Estudo sobre a potencialidade economica e a finalidade da politica brasileira. Vol. de 56 paginas, edição da S. A. Monitor Mercantil, brochura.. 2\$000
- SHERLOCK HOLMES NO BRASIL.** Estudos sobre os crimes e os criminosos e os methodos scientificos de investigação policial. Vol. de 230 paginas, com capa colorida, edição de A. Moura, brochura ..... 4\$000
- POEMAS EM PROSA.** Traducção do inglez de Oscar Wilde e prefacio de Ronald de Carvalho. Edição de luxo, tiragem limitada e illustrações de Corrêa Dias, brochura. ... 5\$000
- LA FRANCE ETERNELLE.** Discours prononcé au banquet à Paul Fort. Edição de luxo e limitada, com capa colorida..... 3\$000
- AFFIRMAÇÕES.** O patriotismo e o nacionalismo num ágape de intellectuaes. Vol. de 54 paginas, edição da S. A. Monitor Mercantil, brochura ... 2\$000
- MODERNAS CORRENTES ESTHETICAS NA LITTERATURA BRASILEIRA.** Ensaio. Vol. de 284 paginas, edição de A. Garnier, brochura 4\$000
- FIVE O CLOCK.** Diario de um estheta. Vol. de 186 paginas, com capa illustrada de Julião Machado, brochura ..... 4\$000
- BARBAROS E EUROPEUS.** Ensaio de philosophia e critica literaria. Prefacio de Victor Vianna. Vol. de 172 paginas, edição de A. Garnier, brochura ... 4\$000
- ESPLENDOR E DECADENCIA DA SOCIEDADE BRASILEIRA.** Estudo sobre a sociedade brasileira desde os tempos coloniaes até hoje. Vol. de 244 paginas, edição A. Garnier, brochura ..... 4\$000
- O FACTOR GEOGRAPHICO NA POLITICA BRASILEIRA.** Discurso de recepção na Sociedade de Geographia. Vol. de 70 paginas, edição da S. A. Monitor Mercantil, brochura. ... 2\$000
- EM CAMINHO DA GUERRA.** A cilada argentina contra o Brasil. Estudo acerca das relações entre o Brasil e a Argentina. Vol. de 174 paginas, com varios mappas e um appendice, edição da S. A. Monitor Mercantil, 3º milheiro. Ultimos exemplares ..... 10\$000

**A' VENDA NESTA REDACÇÃO**

Rua Primeiro de Março n. 96, 3º — Rio de Janeiro  
Pelo correio, registrado, mais \$500 por cada volume.

## BANCO HYPOTHECARIO

### DO BRASIL

50 -- AVENIDA RIO BRANCO -- 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes  
á vista e á prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS

## BANCO ALLIANÇA

SÈDE NO PORTO

RIO DE JANEIRO

146, Rua do Rosario, 146

Caixa do Correio, 924

Telephones: Norte 3376 e Norte 6329

Saques sobre todos os paizes do mundo  
—Deseontos—Operações bancarias  
em geral—Administração de  
propriedades—Cobrança de juros e  
dividendos—Inventarios—

Correspondentes em todo o territorio  
dos Estados Unidos do Brasil.

DEPOSITOS

A' ordem. . . 4 % ao anno

DEPOSITOS A PRAZO E LETRAS A PREMIO

A prazo de tres mezes.	4 1/2 % ao anno
A prazo de seis mezes.	5 1/2 % ao anno
A prazo de nove mezes.	6 % ao anno
A prazo de doze mezes.	6 1/2 % ao anno

# AMERICA BRASILEIRA

RESENHA DA VIDA NACIONAL

Director: ELYSIO DE CARVALHO

Gerente: CARLOS RUBENS

## SUMMARIO DESTE NUMERO

AMERICA BRASILEIRA.....	REDACÇÃO.
MACHADO DE ASSIS E JOAQUIM NABUCO.....	REDACÇÃO.
POBRE LIBERDADE .....	FRANCIS DE MIOMANDRE.
UM BRASILIOPHILIC.....	ALBERTO FARIA.
BALANCETES .....	CARLOS ALBERTO DE ARAUJO.
O NACIONALISMO BRASILEIRO E O INTEGRALISMO PORTU- GUEZ .....	A NAÇÃO PORTUGUEZA.
CHRONICAS DE MALAZARTE .....	MARIO DE ANDRADE.
A ESTRADA DE FERRO PARACATU' .....	HONORIO SYLVESTRE.
O PAVILHÃO BRITANNICO .....	REDACÇÃO.
VARIAÇÕES SÓBRE O NOME DE MARIO DE ANDRADE.....	MANUEL BANDEIRA.
RUFINO BLANCO-FOMBONA .....	REDACÇÃO.
A NATURALIDADE DE FELIPPE CAMARÃO.....	MARIO MELLO.
O LIVRO DE OURO DO CENTENARIO.....	REDACÇÃO.
BERGSON E SHAW. ....	TEIXEIRA SOARES.
BANVILLE E RENAN .....	MICHEL PUY.
SOROLLA .....	REDACÇÃO.
MAURICE BARRÉS .....	REDACÇÃO.
PASSIONARIA. ....	CARLOS RUBENS.
NOTAS & COMMENTARIOS .....	REDACÇÃO.
PORTUGALIA .....	REDACÇÃO.
NOTULAS .....	REDACÇÃO.
REPERTORIO .....	REDACÇÃO.

## EXCERPTOS

DE

Henrick Mann, Marc Lorrain e outros

DESENHOS E PHOTOGRAPHIAS

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURA ANNUAL

Para o Brasil. . . . .	10\$000
Para o Exterior	12\$000

### VENDA AVULSA

Numero do mez	1\$000
Numero atrasado.	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96, 3.º

OFFICINAS: Avenida Rio Branco, 117/21

Tel.: Norte 6011

RIO DE JANEIRO -BRASIL

Caixa Postal : 1223



# AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 24



RIO DE JANEIRO



DEZEMBRO, DE 1923



ANNO II

## AMERICA BRASILEIRA

Com este numero encerra-se o segundo anno de existencia desta revista. O triunfo de agora consola das difficuldades vencidas, que, desde o inicio, nos cercaram, tentando perturbar a serenidade e a coragem com que nos dispuzemos a cumprir um programma de patriotismo sincero e a servir á cultura de nosso paiz. Foram postas em nosso caminho todas as armadilhas insidiosas e perfidas; a injustiça andou de braço com a injuria e guiadas pela parvoice, fazendo praça aos imbecis de quanta calumnia lhes brotavam nas cabeças ôcas. Intriga e mentira foram armas usadas e abusadas, de modo a cercar esta revista de um ambiente insupportavel, onde devesse cair asphyxiada, á mingua de ar para respirar. Mas, esqueciam-se esses cavalheiros que envenenavam a atmospheria onde proliferam e não o ambiente superior, limpido e tranquillo, acima de seus ataques e de seus botes, onde nos encontramos. O desdem e a severidade com que os tratamos, desafiando-os e reptando-os, sob pena de os ter como vis injuriadores e calumniadores vulgares, desencorajou-os, tendo-os mais desapontando ainda o desprezo do publico, a cujo apoio devemos o triunfo desta revista.

Agora, quebrados os dentes desses aggressores gratuitos, que poderão, aliás, retomar a sua actividade indigna, a *America Brasileira* procura, sempre e cada vez melhor, servir aos seus idéaes de patriotismo, de crença e de cultura. Não escrevemos nunca a palavra intransigencia e temos buscado, com confiança e coragem, ser justos e verdadeiros, nas contingencias possiveis, analysando, sem paixão e sem odios, os problemas politicos e sociaes do paiz, apoiando ou discordando, indicando ou combatendo, movidos sempre pela mais absoluto boa fé, sem a qual o patriotismo não basta.

Na hora de difficuldades agudas que atravessamos, é preciso acreditar no Brasil. Agora, apuraremos as qualidades de nosso character, melhor do que no momento de abastança e fartura. E porque acreditamos, precisamos ter coragem e energia, combatendo o bom combate, e este consiste na pacificação dos espiritos brasileiros. Ainda perduram, e ainda se acalentam os residuos de odios da ultima e funesta campanha politica, com que tanto retroagimos no progresso e na cultura civica. Fomos assistentes desinteressados, quanto aos nomes em jogo, mas assombrados quanto ás suas consequencias, que são as do quadro actual, de lutas, de descredito, de cambio a 4, de estado de sitio permanente. Os vencedores e os vencidos, ao envés de se lembrarem de que são brasileiros e de que as lutas politicas não são de extermínio, mantêm a mesma hostilidade, irrompendo a cada pretexto e alerta a todos os movimentos. Enquanto isso, a crise financeira, com seus angustiosos reflexos economicos, vae crescendo de intensidade, a moeda se desvaloriza, o preço das especies sobe, a vida encarece assustadoramente e a produção nacional se deprecia na concorrência dos mercados. A vida constitucional do paiz continúa perturbada em dois estados da federação e a capital permanece "sob grave commoção intestina", que é a justificativa do estado de sitio. No Congresso, a elaboração orçamentaria se faz sob o regime da "coragem fiscal", criando-se impostos sobre impostos, afim de minorar o deficit, que, por outro lado, se engorda com as autorizações de cauda e os favores e

concessões, ao apagar das luzes, na barafunda propicia. Ninguém pôde esconder as apprehensões do momento e todos indagam a solução. Respondam os avisados e sabios, mas não é mistér desusada experiencia e sabedoria prodigiosa para ver que a solução deve começar pela desmobilização dos odios. Sacrifiquem, de partê a parte, as prevenções, cessem as vinganças, calem as malquerenças, limpem os espiritos, por assim dizer, e verão que será possível trabalhar folgadoamente pelo paiz, com abnegação e confiança.

Notemos de passagem, que esse ambiente é criado pela nação indirectamente, aproveitado pela minoria dos politicos, que vêm dominando successivamente o poder, mas sem força e sem capacidade para enfrentar os problemas nacionaes. Seria ingenuo acreditar que tudo isso reflecte apenas a ultima luta politica. A sua genese é mais remota e as suas causas transcendem de phenomenos mais complexos, de que foi, ella mesma, uma consequencia, com toda a somma de suas funestas experiencias. E' na nacionalidade que reside o mal, na sua falta de vigor e energia, deixando-se levar á mercê dos abusos politicos de uma minoria, a cujas manobras assiste a maioria, indignada quasi sempre, mas de longe, sem pretender a acção. Basta confrontar a população do paiz, mesmo descontada a humilhante percentagem de analfabetos, com o collegio eleitoral e com o resultado das eleições. A interferencia nos negocios publicos do povo, ainda é muito limitada, sobretudo nas elites, ás quaes caberia, de preferência, lutar contra essa onda de decadencia. Mas, parece que essas, o mal é mais agudo ainda, pois, se manifesta num inqualificavel scepticismo, a mais grave das doenças de um povo novo.

Apontando os males, cuja evidencia é irrecusavel, não pretendemos esmorecer, antes revigorar as energias e multiplicar os esforços, afim de que possamos vencer a crise presente, que é uma crise da propria nacionalidade. Temos que nella mesmo aurir as forças para reagir, forças moraes e de intelligencia, animando essa imaginação incontida, que tem sido a nossa mais falsa companheira. Não se trata apenas de uma reacção conservadora, mas de conservação, porque do contrario perderemos o impeto de conquista e minguaremos como nação estagnada e sem finalidade historica. A verdade desta hora é dolorosa, mas, por isso mesmo, devemos encaral-a de frente, na consciencia do perigo tremendo.

A obra deste momento, não só dos governantes, como de todos os que intellectual ou materialmente trabalham e produzem neste paiz, tem que ser um esforço constante, heroico por ventura, de sorte a restabelecer o desequilibrio profundo, cujos indices temos em vista, assombrados e timidos. Para isso é preciso acreditar. E' preciso não esmorecer na peleja e ter no espirito a convicção firme de que todo o sacrificio será compensado pela grandeza de nossos destinos, cuja antevisão nos deve deslumbrar. A crença é o estímulo, o apoio e o alimento, que nos permittirão vencer, dominando todas as difficuldades e todos os entraves.

Na hora de entrarmos na terceira etapa de existencia, a nossa palavra é um appello pela pacificação dos brasileiros e a nossa affirmativa é de fé e de confiança no Brasil. Mais do que nunca o patriotismo é obra de sacrificio.

# MACHADO DE ASSIS E JOAQUIM NABUCO

Reunindo a correspondência entre esses dous grandes escriptores, o Sr. Graça Aranha acaba de prestar serviço assignalado ás nossas letras. Maior ainda do que esse, do que colleccionar e annotar as cartas que trocaram Machado de Assis e Joaquim Nabuco, foi de prefaciá essa correspondência, com um ensaio admirável, que se conta desde já entre as mais luminosas paginas de critica brasileira. O grande pensador e estheta marcou definitivamente as personalidades singulares e differentes de Machado e Nabuco, e através das suas cartas, as suas expressões psychologicas se fixam, numa analyse intensa e vigorosa. E' um trabalho de sabedoria, feito no dominio das idéas, buscando a origem remota dos escriptores em todas as circunstancias de seus caracteres e do meio que os creou, de sorte que se elevem na sua grandeza, mas sondadas as raizes seculares de onde promanam. Além da obra do pensador, este estudo do insigne escriptor brasileiro, é uma maravilha de estylo, com paginas rutilas e formidaveis, entre as quaes a descripção de "garden-party" de Lord Salisbury, que é uma criação inteiramente nova na lingua portugueza. Movimento e colorido, intensidade e penetração, vigor e sobriedade, tudo enfim se reúne nesse quadro, de uma intensa suggestão. Nessa pagina, disse bem o Sr. Ronald de Carvalho, a historia deixa de ser descripta, para viver no movimento perfeito do impeto vital." Outras são maravilhosas evocações, quaes os funeraes da Rainha Victoria, a visita de Nabuco a Copée, as festas de Nabuco em Roma, a morte de Machado de Assis. Mas, voltando á essencia do livro, vale transcrever as duas paginas em que marca os perfis dos dous escriptores, heroes ambos, um, separando-se da aristocracia e fazendo a Abolição; outro, em marcha inversa pela ascensão espiritual, da plebe á aristocracia, segundo o conceito ao Sr. Graça Aranha, confrontando as personalidades evocadas. "Já na adolescencia, escreve elle, Joaquim Nabuco ergue-se, por entre os excessos e desordens dos tropicos, com aquella expressão apollinea, que é uma libertação de toda a submissão cosmica e que exprime na perfeição da fórma o dominio do espirito sobre a materia universal. Aquelle que realiza esse maravilhoso triumpho contempla as cousas e não pertence a ellas. Durante toda a sua actividade, Nabuco permanece sereno e essa serenidade não o abandona mesmo na sarca da Abolição. José do Patrocínio, Luiz Gama e André Rebouças são o proprio soffrimento escravo, que pede, solicita, reclama a liberdade. Joaquim Nabuco é a razão que esclarece o sentimento. Os jovens daquelle instante tinham ainda a magnifica possessão do romantismo. Em 1863, como precursor de Castro Alves e de Tobias Barreto, havia Pedro Luiz na ode dos "Voluntarios da Morte", á Polonia, soltado o "rugido do leão", na phrase de Castilho. Forrossem retardatarios" pasadistas" como diriamos hoje, em relação ao movimento das idéas. Por esse tempo quando todos esses poetas condoreiros eram tributarios de Hugo, Byron, Musset e Lamartine, já Beaudelaire havia, em 1857, transfigurado a musicalidade da poesia. Verlaine dava rythmo a melancolia universal, Walt Whitman anticipava o fulgor dyonisiaco de Rimbaud. O irremediavel anachronismo da cultura brasileira da á nossa poesia e á nossa litteratura e a nossa arte a sensação singular de inspirar-se de uma sensibilidade. Póde perdurar a admiração pelo talento, mas não existirá a communhão retrospectiva com aquelles que não foram os interpretes do pensamento e da emoção da sua



GRAÇA ARANHA

(Quadro de Vásquez Diaz)

época. No Brasil quando um escriptor, ou artista apparece, em geral a sensibilidade que o inspira já passou. Joaquim Nabuco... permaneceu um classico pelo pensamento e um humanista, cuja visão se alargou pela esphera do incognoscivel até terminar no mysticismo poetico.

A sociabilidade no principio, a religiosidade no fim, são os polos do seu espirito. Os primeiros assumptos de Nabuco, ainda menino, são de ordem politica... ou de preocupação religiosa... A expressão intellectual de Nabuco provem das suas origens, e é por isso que nelle se accentua, mais do que o artista, o pensador politico. E' uma tradição espiritual que elle conserva e eleva a um grão superior, ainda que a essa vocação politica se allie a sensibilidade artistica. Elle não foi artista absoluto e exclusivo: a sua atracção pela historia e o culto do passado são manifestações de um temperamento politico. Nos estudos historicos Nabuco considerava sobretudo a evolução social a directriz politica das sociedades. Herdou do pai o amor da perfeição, o gosto do conceito, a fórmula expressiva e graphica a que elle ajuntou a modernidade do espirito, a curiosidade cosmopolita, o sabor da bondade e o ardor romantico."

Depois, Machado de Assis...

— "Machado de Assis não tem historia de familia. O que se sabe das suas

origens é impreciso; é a vaga e vulgar filiação, com inteira ignorancia da qualidade psychologica desses pais, dessa hierarchia, de onde dimana a sensibilidade do singular escriptor. E por isso accentua-se mais o aspecto surprehendente do seu temperamento raro, e divergente do que se entende por alma brasileira. Ha um encanto nesse mysterio original, e a brusca e inexplicavel revelação do talento concorre vigorosamente para fortificar-se o secreto attractivo, que sentimos por tão estranho espirito. De onde lhe vem o senso agudo da vida? Que legados de genio ou de imaginação recebeu elle? Ninguém sabe. De onde essa amargura e esse desencanto? De onde o riso fatigado? De onde a ineiguice? A volupia? O pudor? De onde esse enjoo dos humanos? Essas qualidades e esses defeitos estão no sangue, não são adquiridos pela cultura individual. A expressão psychologica de Machado de Assis é muito intensa para que possa ser attribuida ao estudo, a observação propria. Cada traço do seu espirito tem raizes seculares e por elle resistirá a tudo o que passa... A viagem espiritual de Machado de Assis foi bem secreta. Veiu do nada e venceu as suas origens modestas, tornou-se homem de cultura, de gosto, e creou a sua propria personalidade. E' um doloroso e bello poema o da elaboração do genio nesse obscuro heroismo. Machado

# UM BRASILIOPHILO

Aos Srs. Andrade Muricy e Tasso da Silveira

"Intima e indestructível antipathia separa portugueses e brasileiros", pése embora a "fingida rhétorica sentimental dos dous povos". Escreveu-o José Verissimo, aliás sem grande exageração (outros avançariam — nenhuma), considerando-se-lhes a psychologia collectiva, linguisticamente florejada em sangrentos apódos e revides. O mais vituperioso documentou-o Filinto Elysis, appendiculando á phrase "do lodo as filhas", na fábula *O sol e as rãs*: "Nascidas e creadas nos lameiros. Filhas, da maneira que dizemos: é filha do Brasil, filho da folha, etc. (1). Importa frisar, porém, que o sujeito real do dizemos não é o annotador, sim os *portugueses*, seus compatriotas de grossa pláda...

Por contra, registam-se casos individuaes, de cem em cem annos, com a brancura da flor do loto; e, entre elles, avulta o do proprio Filinto Elysis, nome poético do clérigo Francisco Manuel do Nascimento, a quem o discípulo Lamartine aprouve chamar *divin Manuel* (2), desaprosando-o da francesia onômico-ecclesiástica *l'abbé François Emmanuel du Noël*. De tamanho prestígio no último quarto do século XVIII e primeiro do XIX, além e áquem-Atlantico, esse português foi no tempo o mais caroavel de brasileiros. A prova de como desqueria ferir melindres genéticos, mediante a inconveniência de generalizações epigrammáticas, resulta do seguinte facto, característico de escrupulosa fineza.

Quando ligado apenas a dous patrícoes nossos, chalaceou em carta de 6 de Janeiro de 1788, alludindo a qualquer *dicção trivial, ouca harmonia*:

"Ou trouxe-a do Brasil fôfa e confeita,  
Num barril de melão, um cariôca." (3);

mas accudiu logo, em apostilla resalvadora:

"Sei que ha muitos brasileiros de bons estudos, que desprezam mômós, e affectações

(1) O abreviado latino concentra a essencia, caustica, ou dissolvente, de *filho das malvas e filho das ortigas*. Afinal, valem todos o mesmo que o consabido *filho... das hervas*, da botanica popular e toxicológica.

(2) Lamartine apprendera português com Filinto, cujas obras analysou em sua estréa na prosa, discurso lido á Academia de Macon, por volta de 1817. O *divin Manuel*, porém, encontra-se numas *Stances*, incluídas no t. V das *OBRAS COMPLETAS* do mestre (ed. Bobée). O classico ferrenho ter-lhe-la dado a illusão de um romantico incipiente, devido ás traducções de OBERON e do MARTYRES. Esta agradeceu-a Chateaubriand, em carta de 5 de Setembro de 1812, com amabilidade meo comica: "Eudore et Cymodocée paraitront beaucoup plus nobles et plus touchants sous les habits de Gama et d'Inés."

(3) Designação genérica dos brasileiros, no Continente.

de quatro bandalhos, (4) que por ellas cam-pam: com esses não falo; antes os louvo e estimo."

Havia já um decennio quasi cumprido que, escapo ás garras do Santo Officio, emigrara para a França, interrompendo o doce convívio de cerca de oito annos com José Basilio da Gama, em que conferiam a lição de seus versos. No processo inquisitorial contra o prófugo lisbonense, fr. Plácido de Andrade Barroco, depuzera que lhe vira em mãos a tragedia de Voltaire — МАНОМЕР, ou o FANATISMO, traduzida por "um José Basilio, hoje official da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino" O *hoje* do franciscano terceiro, em 1 de Março de 1779, faz crer anterior a 25 de Junho de 1774, data da investidura do mineiro no cargo, a — vista — da traducção, infelizmente perdida. O que não se perdeu foi o testemunho de admiração litteraria, annexo á lembrança affectuosa, do velho exilado pelo moço do "Canto altifloquo", ao qual imita e mesmo copia até n-*Os ultimos adeus ás Musas*.

Tambem o autor do URUGUAY, detractado soezmente na RESPOSTA APOLOGETICA, podia bradar aos jesuitas:

*Zoilos, tremel! Posteridade, és minha!*

Só um lustro depois da chegada de Filinto Elysis a Paris, que se verificou aos 13 de Agosto de 1778, alli appareceu António de Moraes e Silva, este legitimo cariôca, pois nascera no Rio de Janeiro, á rua da Gadelha (antigo trecho da actual do Ouvidor, entre as da Quitanda e dos Ourives, *apud* Vieira Fazenda). O diplomata lusitano estabelecido na capital da França, Vicente de Sousa Coutinho, confiou ao recém-vindo o secretariado da legação. Nos largos ócios burocráticos, pôde elle concluir a notavel obra lexicographica empreendida na da Inglaterra, onde se asylara fugindo á sanha dos inquisidores de Coimbra.

Os análogos trabalhos do presente, bem como os idênticos soffrimentos do pretérito, aproximaram os dous homens illustres, humilhados nos transes da evasão, o primeiro sob disfarce de carregador de laranjas, o segundo occulto numa carrada de feno ou capim... E, porque *duro com duro não faz bom muro*, facilmente se consorciaram o genio atrabiliário de Moraes e a gorda pachorra de Filinto. Este consagrou áquelle ode extensa, cuja estrophe inicial reza:

"Como fuge, Moraes, o veloz tempo,  
Unico bem que não sustem resgate:  
Das asas só lhe trava quem se arroja  
Da honra ao asp'ro cume;  
Só della tira lucro

Quem, como tu, em sério estudo o em-prega."

Ásperos são os versos, mas a intenção é macia...

(4) Synonimo de *pelintras*, ao tempo.

Rodados vinte-e-oito annos, aos outenta-e-dous de idade, quando acabara de refundir o OBERON (1816), invoca-lhe a autoridade philológica, do mesmo passo protestando bem-querença pessoal. Eis linhas do prefácio, na conjugação do texto e nota:

"Algumas expressões parecerão, a alguns críticos, pouco portuguesas, ou desusadas; não as condemnem, sem consultar bem os clássicos..." "E, por poupar leitura, a segunda edição do Diccionario do muito erudito e meu muito estimavel amigo António de Moraes e Silva."

O vácuo da amizade brasileira, deixado no coração do poeta pela ausencia do dictionarista, á volta de 1788, seria preenchido por José Bonifacio de Andrada e Silva, que no meado de 1790 largou do Tejo, demandando a metrópole da civilização onde permaneceu um anno, a aperfeçoar-se no conhecimento da botanica, com Jessieu; da chfmica, com Chaptal e Fourcroy; da mineralogia, com o abbade d'Holvy; todos, luzeiros da época ás margens do Senna. Reavivando e revivendo n'alma paisagem da terra natal, certa occasião descreveu *Uma tarde*, poemeto que agradaria sobremodo ao desterrado, cujos olhos buscavam sempre no horizonte a Ribeira das Naus, de Lisboa, como os delle procuravam agora os Outeirinhos, de Santos. Irmanados pela saudade, a que serviam de expoência as boas-letras, entregalisaram-se por laço duradouro.

Em 1791, insistindo num convite para comerem salada de morangos na floresta, advertia Filinto ao hospede moroso:

"Perdes, Andrada, com a tardia vinda  
O mais guapo lavor, os mais amenos  
Dias, que inda tesseu a Primavera  
Para brio dos campos.

Quanto receio, triste, te arrependas  
Das mallogradas horas, que não tornam;  
Dês-que escapam no carro despedido  
Do flammejante Phebo!

Com mão escassa espargue a Natureza  
Dourados dias de aprazivel face  
Neste ennuablado e frigido contorno  
Em que me poz a sorte." Etc, etc.

Nutria o receio de Horacio, manifesto na od. XI do liv. II:

*Non semper idem floribus est honus  
Vernis...*

Na primavera seguinte, José Bonifacio andava de longada, em excursão scientifica á Allemanha, á Italia, á Austria, á Inglaterra, á Suecia e á Noruega, voltando a Lisboa em principio de 1801, já com fóros de naturalista, o que lhe valeu despacho para crear cadeira de metalurgia na Universidade de Coimbra. Filinto Elysis, que lhe auscultara a vocação artistica, anestesiada pelos estudos positivos, tentou ainda excital-a numa carta de 125 decasyllabos, tendente a provar os defeitos da philosophia, erma de consolos poéticos. Abre desta guisa:

"Emquanto nossos paes, nossas avós,  
Encostados na fé do padre cura,  
Criam fadas, duendes, criam bruxas,  
Quão felices que foram! Que sossego  
Lhe atormentava então o entendimento!  
Não lhe davam tormento as barafundas  
Desse fiscal espr'rito, que aforôa,  
Que examina hoje tudo, e que amplos gostos  
De enfeitadas chimeras afugenta."

E fecha do teor:

"Assim, amigo Andrada, a minha Musa  
Em seu veio sagrado divertida,  
Com desenfado um dia assim traçava  
Esse embryão de ensossos destemperos,  
Aceitos com desdem, ou com sorriso,  
Segundo te achem, lépido, ou trombudo.

de Assis não revelou nunca esse arduo combate interior, não fez transbordar no odio e no despeito a sua humildade inicial. Aristocratisou-se silenciosamente. O seu heroismo está nesse trabalho de libertar-se da sua classe, nessa tragedia surda do espirito que se eleva, na distincção pessoal, no desdem de ser aggressivo aos poderosos e aos felizes. Da sua angustia intellectual transpira a perenne melancolia da luta. Das tristes fontes da sua intelligencia persiste para sempre o travo da amargura. Mas essa amargura da vida é nobre, é o desencanto do civilizado e não o rancor do escravo e o destempero do selvagem.. "

Está feita a critica aos dous grandes escriptores, fixadas as suas origens e tendencias, explicada a genese de suas idéas e pesada a influencia que têm tido e hão de ter sobre o meio. Além disso, é copiosa a parte informativa do livro, com notas do melhor valor e interesse, a que se junta um appendice com varios trabalhos sobre os dous escriptores, inclusive a conferencia do Sr. Graça Aranha *A mocidade heroica de Joaquim Nabuco*, proferida em S. Paulo, em 1915. E' um grande livro, dos que não passam na nossa litteratura. E para "resistir a tudo que passa" está o admiravel ensaio do Sr. Graça Aranha, que só um grande pensador e um poderoso artista escreveria.

O destinatário da epistola, cujas alternativas de humor, decorrentes da natureza de seu caracter, o epítolographo tão bem conhecia, talvez a recebesse com desdém, convertível em sorriso grato num futuro remoto, quando lhe bateu a porta o infortúnio político. E então meditaria sobre as palavras de Love-True, que inspirando bellas passagens, modestamente auto-ajuzadas *embryão de enossos destempores*:

"On a vu le monde tel qu'il est, et c'est un grand malheur; la fable le plus ingénieux de l'antiquité c'est celle de Psyché: elle voulut voir l'Amour qui la rendait heureux; mais à peine a-t-elle porté sur ses traits la fatale lumière, qui l'Amour n'est plus qu'un songe. La fable de Psyché est l'histoire du siècle dix-huitième.

Só ao ver-se deportado para Bordéas, quando dissolvida a Assembléa Constituinte Brasileira, isso percebeu o Patriarca de nossa Independência; e, no retiro de Talence, voltando ao trato com as feiteiras da imaginação, pseudonymou-se em Americo Elysio, como homenagem póstuma ao sonhador. Nas melhores composições métricas do momento, arguindo accentuado cunho subjectivo, José Bonifácio prenunciava o romantismo. Porém é de lamentar que nas de feição satirico, objectivando cousas e pessoas da patria, revelasse turbacão de animo geradora de injustiças. O labor philosophico, pelo qual abandonara a poesia, durante tantos annos, não o premuniu contra insinuações de orgulho despoletoso.

Parte de sua correspondencia de 1824 desconcerta os leitores, devido a incoherencias de ordem sentimental, reflectindo-se na moral; pois, si escreve ao visconde de Pedra Branca, em agradecimento de summo favor, não deixa de maldizer do fidalgo, alcunhando-o *Pedra Parda*, em carta a Menezes de Drummond. D'além-campa lh'o exprobaria a sombra de Filinto Elysio, que devéras prezara Domingos Borges de Barros, amigo devotado ao perto e ao longe...

Cabe aqui rememorar-lhes a mútua cordialidade.

O bahiano bacharelou-se, como o paulista, em Coimbra, pela Faculdade de Philosophia, no programma da qual figurava o ensino das sciencias physico-naturaes, recebendo gráu a 3 de Agosto de 1804. Como o paulista ainda, resolveu o bahiano ampliar o estudo dessas matérias em Paris, aonde se dirigiu no começo de 1805. Lá frequentou o Museu do Jardim das Plantas, assistindo a cursos de didactas conceituados, Cuvier, Desfontaines, Thénard e Vauquelin.

Mas, pisando solo de França, seu maior desejo, a breve prazo satisfeito, era conversar o mestre da arte poética, o restaurador da lingua camoniana. Filinto Elysio acolheu festivo a Borges de Barros, graciosamente instructo em vernaculo por Antônio de Moraes e Silva, quando juiz-de-fóra na cidade da Bahia, 1782 (anno da edição príncipe do respectivo dictionário). Que melhor carta de crença para "O immortal corypheu dos cygnos lusos", conforme a emphática retribuição de Bocage? E porque o visitante já dedilhava o alaúde, havendo-lhe mostrado incompleta versão de Reynal, cujo proseguimento aconselhou, logo se estreitariam as relações. Um éco dessa primeira entrevista, em que a familiaridade se esboçava risonha, guarda uma das odes ao Dr. Manuel Thomaz de Azevedo e Sousa, assás decantado por Filinto, como o fóra o padre Delphim por Garção:

"Chegou o Borges, que nos trouxe a nova  
Da tua lisa, accrescentada calva:  
Da calvissima calva, avessa imagem  
Da occasião que foge."

Borges de Barros fez uma viagem de instrução em 1807, percorrendo a Alemanha, a Hollanda e a Belgica; regresso a Paris no cabo do anno, sentiu difficuldades financeiras, devido ao Bloqueio Continental. Não podendo receber mesadas paternas, valeram-lhe auxílios do Marquez de Marialva, espostaneamente offerecidos. Mas a crise financeira, assim mincraha a princípio, não

era de matar o gosto da poesia, nem o amor da pátria, como attestam os episódios referidos a seguir.

Na tarde de 5 de Janeiro de 1808, apresentou-se em casa de Jacques Deille, insigne naturalizador francês das GEÓRGICAS e da ENEIDA, pelo que Voltaire o chrismará PUBLIO VERGILIO DELILLE. E tratou de convencelo da injustiça do autor da HENRIADE, na apreciação dos LUSIADAS, rasgo de juventude audaciosa e nobre, que lhe grangeou a sympathia do poeta, já cégo e paralytico.

A' saída, ouviu apregoar uma gazeta, noticiadora dos successos de Lisboa; lendo-a sofredamente, inteirou-se do embarque da Família Real para o Rio de Janeiro. Pela

#### A IDÉA — EUROPA

Não mais se póde conceber uma intellectualidade adiantada, aspirações simples e sinceras para a verdade, sem um certo internacionalismo. Não será uma consequencia do nacionalismo? Porque é evidente que a idéa nacionalista já deu tudo quanto tinha de dar, e não promete mais nada. O verdadeiro caracter do intellectual está na sua vontade de ir sempre mais longe, subir mais alto. O homem deve finalisticamente alargar o seu horizonte, admitir a idéa de justiça para com os seus semelhantes, augmentar conscientemente o numero daquelles que considera como taes. Europa: a idéa contém fins novos, meios novos, quicá uma nova humanidade e por certo novas lutas.

Como os intellectuaes concebem essa melhoria? Pelo desenvolvimento do pensamento. A actividade de nossos paizes deveria ser dominada pela idéa. Acreditamos, cada qual para o seu paiz, que isso lhe é absolutamente particular e necessário. E' que ha ahí um factor europeu. O pensamento e o acto, penetrando-se e determinando-se mutuamente, são europeus. Não se deveria nunca esquecer o e muito menos nos dous paizes que sem duvida foram destinados a se combater, porque estavam fadados a se engrandecer reciprocamente. Desde que as nossas lutas não attingem a fim algum, uma lição se impõe: "Acabemos com elles! Unamo-nos!"

Eis porque devemos, nós e os que nos acompanham — nos entender directamente com as massas, por sobre aquelles que nos têm governado até agora.

Encontral-os-emos promptos a abrir o coração para nelle collocar a verdadeira patria. Compreenderão que a verdadeira patria não quer o odio entre os homens e que, muito ao contrario, permite a cada qual de conquistar, avaliando as suas virtudes, as dos seus vizinhos. Compreenderão que a Europa é o factor que une os homens, que para cada um delles é um augmento de forças, e que saberá criar para todos uma patria nova.

HEINRICK MANN.

noute a dentro, escreveu uma óde celebratória do acontecimento, a que poz de epigraphe, com significativa modificação, um hexametro da écloga IV do mantuano: *Novus ab integro saeculorum nascitur ordo*. Recitada a um grupo de portugueses, dias após, tornou-o suspeito a galfarros napoleonicos, sem contudo deixal-o insuspeito a esbirros joaninos no Brasil, como além se verá.

Certo livreiro encomendou ao padre Corrêa da Serra e a Borges de Barros, mediante remuneração de 1.400 francos, divisíveis por ambos, a feitura de um dictionário portátil, em dous volumes, francês-português

e português-francês. Em Outubro de 1809 metteram mãos á obra, que ficou prompta em Março de 1810; mas arcando o segundo com toda a cansa, visto o primeiro ter logo adoecido, ou empregado...

A isso ajudia Filinto Elysio, numa outava jocosa, dizendo o com que *sonhavam* diversas pessoas:

..... Corrêa,  
Prazer de preguiçoso e algum bom dito;  
Borges, apoquentados dictionários;"

Terminada a árdua faina desses seis meses, o último pensou em rever o paterno Engenho, no reconcavo de Santo Amaro da Purificação; compenetrando-se, porém, de que não obteria o passaporte almejado, em face das circunstancias.

A 14 de Agosto chegava a nova á Thebáida de Choisy-sur-Seine, agitando a melancolica pluma do amigo:

"Com mágua ouvi que partes, caro Borges,  
Deixas-me nestes ermos  
Saudoso, velho! E ameaçadora a Morte  
Brande (não de mim longe!)  
A luzida fouce. Agra a Pobreza,  
De feia catadura,  
Co'as seccas mãos me aperta o peito ansiado.  
Emquanto o allivio tinha  
De receber teus versos, tua prosa,  
De, em cambio, remetterte  
As minhas, sossegava a seva frágua  
De atribuladas penas,  
Com que o futuro me ennegrece os dias.  
Mas tu, que óra te ausentas...  
Afasta-te de mim, acerba idéa!  
Vae, Borges: brandos Zéphiros  
Nas asas teu baixel contínuos tomem  
E á Patria te confiem:  
A' Patria, que, contente, os braços te abre,  
Para te estreitar nelles.  
Verás o Pae, que te ama e que respeitas,  
Os Irmãos, os Amigos,  
O tecto, o berço, onde com raio puro  
A ti, recém-nascido,  
Deu prima luz o sol. Quanto se prezam  
Os bosques, onde, infantes,  
Demos os tenros passos mal-seguros!  
Com que prazer não vemos,  
Depois de longos annos de apartados,  
Os que, na verde idade,  
Comnosco eram no estudo, eram no jogo!  
De tudo vás lograr-te:  
E eu, de pesar da dôr da ansiosa ausencia,  
Devoto aos Céos t'o imploro."

A resposta não tardou mais que tres dias, colhendo-se della a premeditação de innocente estratagemas, para burlar a desconfiada policia administrativa:

.....vou ver o berço  
De Franklin immortal; ficas, Filinto  
Eu parto .....  
Alheias terras deixo, alheias busco.  
Quando verei os bosques, onde, infante,  
Dei os tenrinhos passos mal-seguros,..."

Effectivamente, em companhia de João Pereira de Sousa Caldas, Sebastião e Vicente Navarro de Andrade, partiu de Lorient a 8 de Setembro, no brigue *Souvarow*, que a 25 de Dezembro aportava em New York. E a 16 de Março de 1811, a bordo do brigue *Galeno*, de lá rumaram os quatro para o Brasil. Desembarcando na Bahia, foram presos como bonapartistas, ou simplesmente infensos ao governo de arribação. Excepto um dos Navarros, conservado na cadeia local, todos passaram á do Rio de Janeiro, remetidos no brigue *Tamerlão*. Feito o necessario processo, pelo intendente geral Paulo Fernandes Vianna, apurou-se-lhes a nenhuma culpa, sendo postos em liberdade a 28 de Setembro, com officiaes excusas do incommodo...

Borges de Barros, permanecendo na séde do paiz até 1813, collaborou activamente n-O *Patriota*, quinzenario do conterraneo Manuel Ferreira de Araujo Guimarães, que lhe deu á estampa substanciosas monographias, de interesse pratico, reflectindo conhecimentos adquiridos no extrangeiro. Em 1814 já se achava na Bahia, onde casou com uma bella e rica viuvinha, cujo amor não o fez ovidiar

# BALANCETES

Toda theoria social é vã, porque se baseia em fundos instaveis que somos nós mesmos. Não devemos affirmar que, com a realização de uma tal idéa grandiosa, a vida da humanidade melhorará. Si não forem os outros homens que se modificarão com o advento da nova realidade, seremos nós mesmos. Acabaremos por guerrear o nosso proprio acto, porque nós somos o nosso maior inimigo.

Ninguem lucha para crear o bem geral, mas para destruir qualquer cousa, ou para vingar-se, readquirindo aquillo que perdeu ou adquirindo aquillo que nunca foi seu, mas que julga ter perdido. O mais puro dos constructores possui dentro de seu peito, mesmo inconscientemente, uns dentes miudos de intenções á espera do momento propicio para morder e excitar o seu coração.

E' um absurdo querer separar de nós, de nosso peso terreno, nossos ideaes. O egoismo é um outro nome do instincto e a nossa propria conservação é a unica força que movimenta nossos braços. E quando nós pensamos no bem de todos é o nosso desejo de gozo que alimenta aquelle pensamento.

Os chamados martyres, os que se sacrificam por uma idéa, não são homens de verdade, porque nada têm que os prenda vivamente á terra. O seu gesto é frio como uma fructa verde. Nada cream. Sómente destroem. E destroem a si mesmos, o que é a destruição mais desolante possivel.

Como é triste colher as bellas maçãs verdes!

Cada passo que damos destróe o que queremos, a nossa alegria quando o demos. A realidade que desejamos, mal chega, destroe o desejo. Logo é uma tolice querer avançar, porque é sempre querer ficar sem a deliciosa cançã de querer avançar.

O sonho collectivo é inutil, porque não alcança a felicidade individual. O individuo tem sempre de lutar contra o que desejou

ou deseja, porque só uns homens é que podem gozar o triumpho. E, talvez, dolorosa a visão do que existe, mas é muito mais doloroso o remorso ou a decepção de se ter revoltado contra o que se destruiu sem proveito.

Os grandes movimentos ideologicos dos homens têm sido para a descoberta de uma liberdade, senão absoluta, o que seria impossivel, como nem precisava provar Montesquieu, ao menos relativa á que se possui.

Ora, se essa liberdade viesse a existir, seria tão grande a parcella de melancolia e desinteresse de ser livre, que ella ficaria inutilizada.

E' necessario haver preconceitos e codigos para serem desobedecidos. A unica emoção de liberdade que podemos tirar de nossos actos não é nem a de agir livremente, nem a de movimentar-se sem constrangimento. E' apenas a emoção de desobedecer.

Todo o ideal nasce morto. Sua vida é apenas uterina. Desde que se realiza e se liberta do ventre materno das idéas, é já um morto.

O ideal é uma sêde. Quem a tem, procura agua, isto é, mata-a. Existe apenas emquanto soffre-se e procura-se agua.

Os socialistas revolucionarios só poderão ter um objectivo: matar o socialismo.

Só ha falta de equilibrio na sociedade, quando se procura equilibrar-a pelas revoluções. Porque, afinal de contas, é o desequilibrio das condições de vida social o unico equilibrio natural para a sociedade. Procurar remover uma situação, para aplinar as saliencias e igualar os beneficios, seria querer

tirar aos homens essa fórmula congenita e eterna de estabilidade desigual.

A injustiça nas condições de vida é uma perspectiva só attingida pelos olhares contentados dos que sabem vêr nos outros homens o bem que lhes falta. Si o homem conseguisse comprehender-se, não precisaria nunca soffrer de não comprehender a desigualdade social.

A idéa de Igualdade é nociva e desolante. E' ella que amollece as energias do homem novo, desvirtua suas tendencias, desvia seu espirito, para promessas sem sentido.

A Igualdade é um ideal que pesa demais. Para poder erguel-o, os homens fracos estragam seus musculos e perdem a agilidade para se mover e andar.

Todo homem luta para conseguir uma vantagem qualquer, intellectual ou material, sobre seus semelhantes. E assim a desigualdade torna os homens movimentados, engenhosos, creadores.

E' preciso, pois, systematizar a desigualdade.

## Desigualdade?

Todos os homens são iguaes. A Igualdade com I maiusculo, a Igualdade Revolução Franceza, a Igualdade praça publica é uma illusão dos que não chegaram ainda a sentir a verdadeira igualdade.

A interessante Fraternidade não pôde existir emquanto os homens acreditarem na Igualdade com I maiusculo. E' preciso que todos se convençam de que a outra, a verdadeira igualdade existe e não acreditem mais na eloquencia de praça publica.

Não seria tão mais commodo o mundo si os homens pudessem — não amarem-se, Jesus, que isso é um absurdo — mas comprehenderem-se uns aos outros, e admittirem-se mutuamente, por piedade ou por temor?

Carlos Alberto de ARAUJO

a amizade do vate solitario e pobre. Nesse mesmo ano, enviava-lhe o conforto de algum dinheiro, mascarando com extrema delicadeza a esmola, no improviso de uns versos saudosos e joviaes:

"Ainda viverá Filinto Elysió?

Dizei-m'o, 6 filhas do Parnaso!

A chelpa que a Filinto agora envio,  
M'mo de poucos, mas fieis amigos," etc.

Continuariam semelhantes beneficos, até 25 de Fevereiro de 1819, dia em que uma anasarca victimou Filinto Elysió, privando-o de ver a ascenção de Borges de Barros na diplomacia e na politica. Porém, desde Fevereiro de 1824, quando o segundo assumiu a legação do Brasil em Paris, ahí erraria tutelar o espirito do primeiro, influindo nos estudantes que a frequentavam. Maciel Monteiro, que era um delles, encordoou a lyra em 1826, para festejar o natal de Marilla (viscondessa de Pedra Branca (5)). Outro, Joaquim Caetano, adolescente de pouco chegado, breve encetarã pesquisas vocabulares e subsidiárias do dictionário de Moraes, exemplo do visconde de Pedra Branca, que acabava de enriquecer uma obra geographica de Adriano Balbi, embutindo-lhe o estudo inicial dos *brasileirismos*. Emfim, todos dilata-

tavam, a varios modos, directa e indirectamente, a tradição literaria de Francisco Manuel do Nascimento...

Inspirado quiçá na malevolencia de José Bonifacio, Sílvio Roméro tachou de "homem do Paço", como quem diz cortezaõ sobseviente, ao visconde de Pedra Branca. Mas tem-se prova documentária do inverso, emergente de um discurso que elle pronunciou no Senado Nacional, sessão de 21 de Agosto de 1833. Dous trechos de estilo lapidar, que fazem ao caso pela altivez irónica:

"Quanto á parte que se me dá no casamento do ex-imperador, tambem não me vestirei com roupas alheias. O plenipotenciário encarregado desse negócio não precisava de ajudante; elle tem as qualidades necessárias para o desempenho das cousas que toma a si. Eu nada mais fiz do que apontar-lhe a princeza que reúne o prestigio, que dá uma série não interrompida de avós, ao brilho da maior gloria de nossa idade.

Todavía, como quizeram attribuir-me serviços, fui *sugaz*, aproveitando o ensejo; e, no mesmo dia em que se assignou o tratado de casamento, dirigi a Sua Magestade, a ex-imperatriz hoje, uma carta, ou petição, primeira e unica que em minha vida enderecei a soberano qualquer. Nella pedi remuneração dos taes serviços, e foram meus pedidos: 1º) Que Sua Magestade mimoseasse o Brasil com a instituição das irmãs de caridade, esmero da virtude das mulheres; 2º) Que estabelecesse, no Brasil, um instituto como o, de S. Diniz, em França, para a educação das meninas brasileiras; 3º) Que creasse uma caixa de resgate para alforria progressiva dos escravos; 4º) Enviei-lhe um exemplar de nossa Constituição, supplicando

que fosse o livro por onde aprendesse nossa lingua. Tudo se me prometteu e nada se fez, e tive de faltar a meus ajustes com as senhôras que eu havia decidido a virem trazer-nos aquelles bens. Ora, parece que, em taes condições, não ha saldo contra mim; e, quando houvesse, eu pago as minhas dividas dos meus e não dos dinheiros alheios." (6)

Resentindo-se da escassez de éstro, Domingos Borges de Barros, alma nobilissima sem duvida, foi mais poeta na vida que na literatura. Assim pensaria tambem o velho *brasiliophilo* (7), embora aquinhoando-o invejavelmente no reparte do carinho, que me suggeriu estas páginas de justiça retrospectiva...

Alberto FARIA

(Da Academia Brasileira de Letras).

(6) Filinto Elysió, nascido em 23 de Dezembro de 1734, tinha mais 7, 20 1/2, 38 1/2 e 45 annos, respectivamente, que Basilio da Gama, Moraes e Silva, José Bonifacio e Borges de Barros, nascidos em Novembro ou Dezembro de 1741, 1 de Agosto de 1755, 13 de Junho de 1763 e 10 de Dezembro de 1779. Relativamente aos quatro últimos natalícios, erra a maioria dos biographos, descuidada e repetidora. D'ahi, a razão desta nota, quanto ás datas.

(7) O increpado titular batia-se pelo projecto que arbitrava a D. Amelia de Leuchtenberg, duqueza de Bragança, as arrhas prescriptas no contracto matrimonial com D. Pedro I.

(5) Trata-se de um soneto, que não figura entre os do barão de Itamaracá, publicados reunidamente em Recife, 1905, no volume POESIAS. Com as iniciaes A. P. M. M., vem no appenso ás NOVAS POESIAS, offerecidas ás senhoras brasileiras por Um bahiano, Rio, 1841.

# POBRE LIBERDADE!

(Especial para "America Brasileira")

Parece-me ver desenhada, de ha certo tempo, em nossa Europa occidental, um movimento nefasto de reacção contra a liberdade.

A culpa é do bolshevismo, ou antes da opinião que se formou, na crença de historias terriveis, aliás mais do que provaveis, em todo caso, porém, sem ter para nós o alcance que lhes emprestavamos.

Os partidarios da tyrannia, que sempre se dizem sustentaculos da ordem — é tão commodo! — aproveitaram-se do bolshevismo, como de um verdadeiro espantalho, para impressionar as multidões. Disseram: "Atenção! Em toda parte o homem é um animal selvagem. Não sentindo o freio, precipita-se e tudo destróe. A prova está no sovietismo. E esse perigo nos ameaça tambem, desde que por pouco vos deixardes embriagar pelo amor da liberdade".

E nós acreditamos e nos deixamos seduzir por esses sofismas e quasi teriamos caído sob o jugo de qualquer dictadura, se não tivéssemos sido defendidos contro nós mesmos, por alguns homens que lutam para salvaguardar as conquistas do liberalismo, mesmo correndo o risco de passarem por espiritos tendenciosos e máos. Um nada nos separa disso e não quero outra prova a mais do que a sympathia com que se encara a evolução do fascismo. A principio, rimos; depois, a pouco e pouco, habituamo-nos a pensar que essas formas violentas de governo poderiam bem passar do provisorio ao definitivo, e tornarem-se normaes e perfeitamente legitimas.

Cada dia, nos jornaes, lêm-se artigos que, sob uma forma humoristica, propõem o famoso problema da ditadura... O publico considera ainda essa cousa como uma utópia, uma fantasia, mas habitua o espirito nisso e, por tal fórma, que se amanhã surgisse um ditador, "um homem de pulso" como dizem no seu jargão popular, esse mesmo povo, que fez a revolução, diria por algum tempo: "Assim, se está muito bem. Vai-se viver na ordem".

Com effeito, o temor da ditadura está sempre na origem das tyrantias aceitas. Os povos ainda se não aperceberam, a despeito de tantas experiencias funestas, que a ditadura não assegura senão uma certa especie de ordem, toda exterior, mas que favorece uma anarchia moral que é um fermento de dissolução interna, bem mais grave mesmo do que certos excessos da liberdade. Por detraz dessa fachada symetrica e bem regular é que tod. tyrannia começa a sua constru-

ção, dissimulam-se os abusos innumeraveis e cada vez mais numerosos, até que o sentimento publico se revolta e então, para readquirir a liberdade, uma nação é obrigada, muitas vezes, a usar meios violentos, que depreciam o liberalismo aos olhos de outros povos, e servir de argumentos dos sustentaculos da tyrannia.

A historia do começo de todas as republicas sul-americanas illustra essa theoria. Foi no tumulto de uma convulsão incessante que nasceu a liberdade de que hoje disfrutam. Mas, essa liberdade, ainda que duramente conquistada, parece definitiva e ninguem põe em duvida a legitimidade do seu principio, e sobretudo ninguem acredita que a sua pratica possa ser perigosa. Para dizer tudo numa só palavra, meus caros amigos da America Latina, ignoraes o fascismo e não tendes no vosso meio esses sofistas, que pullulam deste lado do Atlantico, e que queririam nos fazer retornar, não ao sceptro, o que pôde ter a sua grandeza, mas á espada, o que é baixo e estúpido.

Eu vos invejo e vos admiro. Deveis por certo nos olhar com espanto, porque foi de nós outros que auristes o ideal que acabastes realisando, e deve vos parecer bizarro que se queira entre nós ridicularizar esse liberalismo, depois de se ter obtido tantas vantagens.

Sob esse ponto de vista, creio que estaes mais do que nós perto da perfeição. As rãs, entre vós, acreditam que mais vale viver tranquillamente no charco natal, do que chamar uma garça para fazel-a rainha. A velha fabula perdurará eternamente verdadeira. A garça a pretexto de salvar as pobres rãs, as engulirá muito commodamente.

Não me forceis a dizer o que não quero dizer, não creio que jámais cheguemos a commetter a loucura de acreditar numa ditadura. O que me choca, não é um facto, nem uma ameaça, é um estado de espirito. Não faço politica, mas psychologia, e observo que ha, na Europa occidental, um grande numero de pessoas que sonham com a ditadura, um pouco como uma mulher romanesca que

sonhasse ter um amante, por ser o seu marido enervante. São victimas de uma illusão de optica. Estão obsecados pelos inconvenientes de um regimen liberal e imaginam que, substituindo um pelo outro, á idade de ouro retornaria sobre a terra. Sempre o caso da mulher romanesca, mas essa se retrata singularmente, quando, depois de ter deixado seu placido marido, descobre em seu amante um cavalheiro bruto e feroz, que a surra todos os dias, e não é, por isso mesmo, muito divertido.

E' preciso tambem ajuntar que o verdadeiro amor da liberdade é cousa muito rara. E' certo que, quando se sente o peso da mão do tyranno, se encontram muitos homens furiosos com o jugo e avidos por supprimir as desigualdades sociaes que os humilham; mas esse sentimento é uma forma de egoismo e nada tem que ver com o espirito liberal dos homens promptos a se dedicarem aos seus semelhantes, afim de tornal-os dignos e felizes.

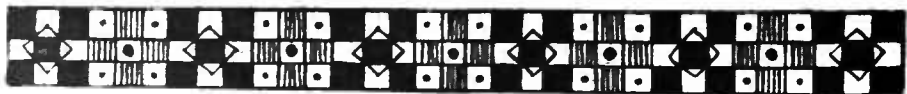
Triste é a lei da ingratição! Os povos pelos quaes esses homens se sacrificaram confundem rapidamente seus heroicos libertadores com immensas partidarios que buscam tirar proveito pessoal das desordens que sabem criar no seio da propria liberdade. A politica, a politica vil, com as suas baixas intrigas, o seu espirito cruel, a sua avidez, o seu cynismo, rapidamente perturbou tudo. Então, os partidarios da tyrannia exclamam: "Vêde bem". E a plebre, espavorida, está sempre disposta a volver ao jugo que a levará de novo ao caminho commum, que passa a se chamar — "a estrada recta..."

Ao fundo, muito ao fundo, talvez o homem não goste de ser livre. O que ama é satisfazer os instinctos. A tyrannia lhe promette a alegria. A liberdade lhe não esconde que exige um esforço moral maior, e para dizer tudo, um ascetismo.

(Então... então as rãs não hesitam. Chamam a garça, cada uma acariciando a esperanza de evitar seu bico terrivel.

Pobre liberdade tão bella e tão querida! O teu reino não pôde ter chegado ainda.

Francis de MIOMANDRÉ.



# O NACIONALISMO BRASILEIRO E O INTEGRALISMO PORTUGUEZ

Sob o título acima, publicou, no seu numero 9 deste anno, a Nação Portuguesa, o artigo que adiante se estampa com a devida venia. Sabem os leitores que se trata da revista de Antonio Sardinha, uma das mais fascinantes afirmações do consciencia portugueza neste momento agitado da historia do povo irmão, apostolo da obra de renovação da estrutura ideologica de Portugal e poeta que exprime maravilhosamente no rythmo de seus cantos e de seus dizeres a ternura, a melancolia, a fé e o destemor da alma luza. Na actualidade, elle e esse admiravel Afonso Lopes Vieira, orgulho da raça e espelho da sensibilidade lusitana, que entezoura joias modernas buriladas na antiga medida, são, com effeito, duas formosas expressões da intellectualidade peninsular. Transcrevendo as palavras da Nação Portuguesa, tão sobremaneira excessivas na generosidade dos conceitos, nossa maior satisfação reside no facto da coincidência de nossas idéas e na afinidade de nossas aspirações.

“Conhecem os leitores por certo a importante revista do Rio de Janeiro — *America Brasileira*. Dirige-a o espirito brilhantissimo de Elyσιο de Carvalho e toda a sua bella actividade intellectual se desenvolve em torno da bandeira do nacionalismo. Autor illustre de livros como *Os Bastiões da Nacionalidade*, *Brava gente*, *A realidade brasileira* e tantos outros, Elyσιο de Carvalho representa hoje na agitado meio politico e litterario do Rio a personificação de um alto pensamento de grandeza e dignificação patrioticas. Ou pela palavra, ou pela pena, ninguém zela como elle o nome glorioso da terra em que nasceu, defendendo-a da diminuição e do enfraquecimento com uma energia de soldado a que se liga o mais profundo illuminismo de apostolo. Pois nas columnas da *America Brasileira* Elyσιο de Carvalho, apadrinhando a reprodução gentilissima do ensaio *O genio peninsular*, do nosso director Dr. Antonio Sardinha faz a tal respeito declarações que são para nós um estímulo honrosissimo e que cobrem de gloria as nossas campanhas incessantes em defeza do desbaratado patrimonio cultural e historico da raça portugueza. Oçamol-as. (Segue a nossa nota sobre Antonio Sardinha.)

Os leitores descontarão o que ha de amavel e de excessivo nas referencias de Elyσιο de Carvalho. Tambem a verdade manda que se rectifique a attribuição ao Dr. Antonio Sardinha da qualidade de “leader” primacial do Integralismo. Movimento de fé e de idéas, somos uma irmandade, — uma como que Tavola Redonda, a que falta... — porque não dizel-o? — o Rey Arthur. Supremacias pessoais não existem, por isso, entre nós. Existem apenas aquellas que se conquistam pela dedicação, pelo trabalho, pelo sacrificio. Ora em semelhante capitulo somos todos, graças a Deus, soldados de igual capacidade. A extrema generosi-

dade de Elyσιο de Carvalho será a primeira a reconhecê-lo, como reconhece em termos tão alevantados e tão sinceros a estreita afinidade do *Integralismo Lusitano* e o nacionalismo sustentado com tanta galhardia pela *America Brasileira*.

Comprehende Elyσιο de Carvalho toda a amplitude da nossa politica hespanica. Com um sentido perfeito do condicionalismo e tradições de Portugal, Elyσιο de Carvalho entende tambem que essa politica advinhada por Camões, é a politica do Atlantico, — *mare nostrum*, em que o Brasil tem uma acção, pelo menos, tão predominante e decisiva como a da sua antiga metropole. Alegria-nos que a *America Brasileira* nos acompanhe em tão ardente aspiração e que, na defeza da civilização hispanica, obscurecida pelas radiações materialistas do *dollar*, possamos contar com o seu apoio e collaboração valiosa. A *America Brasileira* e ao seu eminente director apresentamos as homenagens da nossa admiração e do nosso reconhecimento, considerando de festa este numero da nossa revista em que as suas declarações figuram como moral que mais ardentemente apeteçeríamos.

Mas porque falamos da *America Brasileira* e da posição assumida pela autorizada revista nacionalista em relação ao *Integralismo Lusitano*, justo é que acentuemos um pouco mais os titulos dominantes do alto espirito que é Elyσιο de Carvalho. Aproveitamol-o como autor de dois verdadeiros breviaros de nacionalismo: — *Brava Gente e Bastiões da Nacionalidade*. No discurso pronunciado por Ronald de Carvalho, — o penetrante critico da *Pequena historia da litteratura brasileira*, num significativo banquete de homenagem, offerecido por um grupo de intellectuaes a Elyσιο de Carvalho, disse o orador traçando com sobriedade classica o perfil mental do festejado: — “Tivestes, senhor Elyσιο de Carvalho, a originalidade de acreditar em nós. Cedo vislumbrastes, por entre as sombras em que pretendiam envolver os brilhaes do nosso passado, a riqueza do seu patriotismo. Soubestes ver que não eramos simplesmente um depósito de ouro e pedrarias, entregue a cupidéz dos aventureiros de toda a procedencia. Mostrastes, com infatigavel tenacidade e copiosa erudição, que o Brasil não foi o producto de caldeamentos bastardos, que não foi a escoria dos degradados, a ralé dos criminosos, os restos dos penitenciarios de além-mar que operaram o prestigio de fundar, aqui, uma nacionalidade. Affirmastes que o Brasil nasceu do esforço sincero e persistente de uma aristocracia. Fizestes reluzir ao sol dos nossos tropicos os brazões, os escudos, os sinetes armilares da gente voluntariosa e nobre que assentou os alicerces da nossa patria. Não considerastes os banderantes simples ambiciosos, levados pela miragem da pecúnia, attentos sómente aos guias fabulosos da fortuna. Appreciastes nelles a energia latente de uma

raça varonil. Não enxergastes nelles meros salteadores, escondidos nas forjas e boqueirões do sertão, promptos a trucidar o gentio incauto. Vistes nelle a primeira palpitação, o milagre inicial de um grande povo que surgia. Entre os da vossa geração, artistas requintados, pessimistas elegantes, casquilhos petulantes, fostes um homem. Dominastes os impulsos da imaginação, corrigistes os desvarios do sentimento, ordenastes a vossa vida pela disciplina da logica e da razão.

Tal é a essencia do nacionalismo brasileiro. Tais são as virtudes de Elyσιο de Carvalho, como pensador e como artista. O seu esforço ampla-se no sonho illuminado que o conduz: — acordar no Brasil a consciencia da sua personalidade pelo regresso ás fontes vivas da sua raça e da sua historia. Por isso, com nobre simplicidade Elyσιο de Carvalho respondia ás palavras de Ronald de Carvalho: — “De mim, direi que me sinto cada vez mais feliz em ser brasileiro e que um dos mais fortes motivos do meu orgulho é esta constancia, sem vacillações e sem alardes, que puz na defeza das tradições desta patria que o passado nos legou com o sacrificio dos seus heróes, o pensamento dos seus genios e o esplendor vibrante das suas glorias, e cujo maior encanto estaria em ser uma nação americana, possuindo com os attributos originaes todas as claridades mentaes da latinidade”.

Percorrer a obra já notavel de Elyσιο de Carvalho é abrir um roteiro de perfeito e equilibrado nacionalismo, onde reflecte com a mais dignificadora justiça o amor de Portugal. Na fremente impugnação que a Elyσιο de Carvalho arrancou o libello nativista, contra os portuguezes, a posição do Brasil perante Portugal é definida em termos, que, embora sejam os devidos á verdade, não dão, em todo o caso, a prova de quanto Elyσιο de Carvalho alia ao maximo heroismo das idéas o maior sentido das relatividades. O factor-Brasil apparece-lhe como uma criação constante, e nessa criação não nega ao elemento luziada o papel propulsor que naturalmente lhe cabe. Praticar o contrario importava negar as raizes do Brasil, realizando um acto de criticismo suicida tão condemnavel, pelo menos, como o dos nossos historiadores do seculo XIX, ao negarem-nos a menor identidade com os Lusitanos, — tronco e *substractum* fundamental da patria portugueza.

Senhor de um estylo cheio de retezamentos musculares, ha em Elyσιο de Carvalho, conjuntamente, uma enorme e communicativa capacidade lyrica. Aqui lhe deixamos, bem marcadas, as nossas saudações. Possa o seu labor crescer em scara magnifica, — e que nunca não nos falte com o seu concurso, para que a politica do Atlantico, tão brasileira e tão portugueza ao mesmo tempo, se torne em realidade consoladora para as duas nacionalidades que a lingua e o sangue reúnem no culto de Camões!

A Nação Portuguesa.



# CHRONICAS DE MALAZARTE

III

Então pensas que ele havia de ficar atrás! Nunca! Vive em perene transformação. O que não quer dizer renascimento. Não morre e se transforma.

Aquele personagem de Strindberg, que não quis mais ver a filha, não vista durante seis anos, teve alguma razão. "Minha filha é outra!" dizia... No corpo a menina era já outra, ninguém discute. Eu acho uma empolgante graça nisso do objecto humano ser um forno cremador onde as células se consomem. Cinco anos passam; e nenhuma célula viva ficou. A carne é outra, mas parecida com a de um lustro atrás. Que coisa bonita! Homem! fogareiro em perpetua devastação! O fogo crepita, lambe, tudo amesquinha enfim! "Bichinho que roi, que roi..." — Não se confunda! Bichinho que roi, não é o fogo do homem, mas o amor deste pelas suas semelhantes. — Não confundi coisa alguma. Fogo e amor: tudo o mesmo — Camaradas! O homem provem do amor, por ele vive e para ele vai. Amai-vos uns aos outros!

Nesse dia foi uma bacanal terrível na vila. Os coitados não compreenderam a prédica de Malazarte. Resultado: Em vez de amor, pandega. Temporários estupros, corníferos epitalâmios. Oh! minhas alucinações... N. 35: PENSÃO; n. 37: PENSÃO; n. 39: PENSÃO... Tudo virou pensão? Tudo. Si o bem intencionado autor do "Banquete" não disse que a pensão é ara do amor, só não o fez porquê naquele tempo não havia pensões, nem dona Jújú maternal e gordíssima. Ela assina Joujou, mas não vejo necessidade de insultar a lingua francesa. Ha Jújús em todas as linguas; e sou partidário da ortografia fonética. Em termos, entenda-se. Ortografia fonética em termos, que comodidade! Aliás o "em termos" é que é comodo. Extraordinariamente. Uma vez, na Faculdade de Filosofia, o lente perguntou ao discípulo:

— O senhor acredita em Deus?

— Sim senhor... Isto é... em termos.

Estão vendo? Convenço-me de que esse aluno genial não irá para o inferno, muito embora vá p'r'o diabo-que-o-carregue. Creio também que ele vai ás pensões. Em termos.

Pois na Grecia não havia pensões. Mas sobravam praias e jardins de Academus. Outra coisa bonita!! Oh! praias da Grecia e parques londrinos sem luz!... A excitação vai por conta dum dos caipiras que ouviram o "Ami-vos uns aos outros" de Malazarte. Deste e não de Deus. O Onnipotente já ficou muito longe e ninguém mais lê a Bíblia. Quando muito se percorre o "Cantico dos Canticos", pelo cheirinho de pensão que lá está. Não está! Mas permanece em nosso nariz. Isso basta para que o sintamos no poema de Salomão. Afinal a culpa nem é tão nossa! A intelligencia não manda no nariz. Você já entrou no Necrotério? Vá lá! E o dia se estraga. Estraga ou sublima, não sei; que ha necrofilos amadores por este mundo além. Mas lês Dickens. cheira a cadaver. Beijas uma mulher nova: beijo de cadaver. Engoles um whisky: bebes cadaver. Tudo: caro data vermidus! Mundo, ah! mundo, que lição de anatomia tu és!...

Malazarte não gosta de Rembrandt nem das luzes artificiais do mestre holandês. Ora bolas! eu quero a luz do Sol, que, mesmo sem falar de insolações, produz o mais estranho dos paraizos artificiais, o dia! E Rembrandt já passou. Eu me transformo. Pensas então que ficaria atrás? Qual! Sou modernizante. Não conto mais a historia da panela, conto a alegria muscular dos cow-boys e me fiz empregar cinematografico. Tanto falaram no "Gabinete do Dr. Galigari" que aluguei o filme. Porcaria! Rembrandt legitimo. Misterios, doenças, nenhuma insolação. Porcaria!

Malazarte não tem razão. Isso acontece ás pessoas que prégam teoria. Escravizam-se a ela e o carvalho enessa com as nuvens. Vem um desses tufões. Tomba o carvalho. Porquê? Porquê o canço não tem

rama e é flexivel. Esta fabula é de La Fontaine. Mas, sem nenhuma intenção pejorativa, digo que é tambem do Sr. Amadeu Amaral. Carvalho no Brasil traduz-se por palmeira; e uns nobres versos das "Espumas" contam-lhe o caso. E como cem vezes sem terror ela enfrentou o raio e jamais se curvou, percebe-se que o poeta gosta da palmeira e dá como exemplo a palmeira. Mas estou pensando que o sr. Amadeu Amaral gosta de canço tambem... Ha na maturidade que transmonta uma suave, sorridente piedade, que leva certos homens a olhar com olhos de luz melhor, a impaciencia, os excessos, as pesquisas dos jovens. Ora isto é propriedade do canço, que sabe a—tempo se curvar. Os vendavais passam. De novo em calma os ares, soergue o canço o hastil e guarda seu legitimo lugar. Nada perdeu, nem foi ridiculo. Ora, o sr. Amaral teve muito do canço quando escreveu aqueles dois artigos da *Gazeta de Noticias*, sobre os modernistas do Brasil. Isto vem aqui como elogio. Eu já admirava "Espumas" e "Dialecto Caipira". Com os tais artigos minha admiração cresceu. Não ha dúvida: o poeta de "Jardim fechado" soube realizar um "Estuário" muito mais intelligente que o de Bilac. Sofrer todo o infinito, universal, pezar é belo em decassilabo, mas quasi uma ararice. Como si não bastara o meu figado a reinar, essa que não me quer e o to-be-or-not-to-be!... Muito mais que sofrer pelos outros (que é inutilmente perder tempo) vale compreender esses outros. Isto praticou o sr. Amadeu Amaral na frutifera poesia dos seus artigos. "Frutifera" é o termo. Agora estou a pensar que o nobre academico foi habilitissimo ao traduzir carvalho por palmeira... A palmeira é tambem flexivel e sabe se amoldar á exigencia das ventâneas. Mesmo se o raio vem: queima-lhe a umbela, mas o estipe fica pelos seculos a gritar: Estou aqui! O carvalho quebrou. Desapareceu. Quando muito sobra uma raiz entre-escondida. Malazarte passa. Dá uma topada. Vira-se indignado. — E' uma raiz apenas, Malazarte! Ele gargalha e cospe na raiz: Arara! E segue para adiante seu caminho. Não haverá jámais, neste Brasil, raises que impeçam as avançadas de Malazarte. Amen.

Malazarte avança, mas erra ás vezes. Errou bastante não gostando do "Gabinete do Dr. Galigari". Uma das melhores obras até agora aparecidas no cinema. Representada por um grupo admiravel de artistas, que conseguem mover-se em scenarios augustos, atinge grande potencia de horror e misterio. Tanto misterio e horror... Algum de vocês ri: Misticismo alemão!... Nem tanto assim. Esse gosto do misterioso e de assombros nem é tão alemão assim; e quem melhor o expressou foi um americano.

Para indicar as paisagens e os tipos criados pela imaginativa do louco os enscenadores se serviram do expressionismo. Antes: imitaram o expressionismo. A cidade, por exemplo, é um mau arremedo da maneira de Kandlt. Arremedo ou sinceridade, atingem ás vezes grande fôrça de expressão. Numa iluminação extraordinaria. Infelizmente: objectiva fixa, anticinematica, sem dinamização fotografica. Muito de teatro, pouco de cinema. Al Cendrars teve razão. Mas a primeira das causas que o impediram de gostar do filme é impagavel. Diz que o emprêgo do expressionismo para dar idéa do que pensa um louco desacredita a arte moderna. E' verdade: desacredita. Mas si acaso aparecer uma obra-prima, um "Dom Quixote", por exemplo, ou "Seis Personagens a procura de Autor" (que a seu modo é um Dom Quixote tambem, metendo no ridiculo o teatro psicologico do sec. 19), si essa obra-prima apparecesse ridicularizando o modernismo, não gostaríamos dela só por isso? Razão sentimental.

Isso traz á balha um dos problemas mais importante da modernidade. Eu

justifico o emprêgo da deformação sistematica, tal como a usam expressionismo, futurismo, etc., para exprimir a fantasia dum louco. Essa utilização se justifica porque tais deformações, sob o ponto de vista vital, são inegavelmente alucinatórias. Vem mesmo d'al o mal-entendido, pelo qual os modernistas são chamados de loucos. A objectiva visual jamais nos deu o bandolim fraccionado de Picasso ou as confetizações de Severini. Questão de angulo de vista. O que nós buscamos e vemos numa obra de deformação não é a representação realistica visual do mundo exterior, sinão equilibrios plasticos de volumes, linhas, cores e sínteses, novas ordenações artisticas, arte pura enfim. As sensações procuradas e obtidas apresentam pois um caracter de inteiro interesse, verdadeiramente artistico; e cream a imagem prodigiosamente atrativa duma vida heroica ideal. Mas dessa deformação sistematica nasceu o mal-entendido que separa hoje o palco da platêa. O artista chega e mostra seu quadro ou recita seu verso. Mostra ou diz uma deformação. O espectador, hereditariamente conduzido por seculos de erronea visao e audição, imediatamente compara os cavallos de Brecheret com os favoritos do Clube Derby. Mas Brecheret deformou as pernas dos seus ginetes. Alongou-as, musculou-as em excesso. Produzem assim a sensação pura, artistica: síntese de velocidade e fôrça consciente. Brecheret recitou quasi em espiral o larguissimo péscoco dos seus cavallos. Poderá receber-se pois a sensação pura de graça e bizarria. João Bard quis recitar o "Vento" de Verhaeren e deformou. Fez do corpo uma lufada e fala soprando tais golpes de palavras que quasi não se entendem os versos. Quem quisesse receberia uma sensação pura de vento. Que vento? Certo: nem dos nossos alisos nem de brisas flamengas. Deformação que nos conduzirá para platôs hercolcos de planetas invisos, ninho de estonteantes eolos, nova rosa-dos-ventos, síntese de todos os simuns. Mas que foi feito das palavras do poeta e dos tufões de Copacabana? O espectador compara. Não viu seu favorito, nem se lhe crestaram os labios ao pluvigero noroeste. Que horror! Esta perna está errada e esta dicção falsa! Brecheret e João Bard são loucos! São. Não ha dúvida nenhuma. E o palco separou-se da platêa. O palco virou hospicio. A platêa viveiro. Viveiro de araras. — Sou arara, mas tenho senso comum, seu louco!

Malazarte pegou dum bandolim — não do bandolim de João Gris, que não dá sons terrestres — o bandolim de esquinla, nobre amigo do farrista. Pegou do bandolim, preludou e se pôs a cantar uns versos daqueles deliciosos tempos em que Osvlado de Andrade, Brecheret, Menotti e eu viviamos numa Cadillac verde:

"Eu tenho um orgulho louco  
De ser louco-varrido!

.....  
Quem é louco não canta versos broncos;  
Suas idéas têm o gemido  
Mais simples e mais vertical!  
Eu sou o mais louco dos loucos!  
Louco entre loucos, sou Parsifal!"

A confusão aumentava. Os espectadores fremiam de raiva. Gritos, insultos, ararices. A' saída um senhor lido em Mario Pilo e Guyau, pincenezmente pontificou: Tudo malquice! "O Gabinete do Dr. Caligari" é obra dum louco.

Teve razão. E o enscenador do filme tambem. A Musa Cinematica realiza a plastica da vida real com muito mais aproximação que suas irmãs mais velhas. Eminentemente vital, pois. Tomando como sistema, nessa fita a deformação expressionista conseguiu realizar a sensação desinteressada de loucura e objectivar as ficções alucinadas do louco. Essa a intenção. Alcançou-a. Muito bem.

Malazarte é que não teve razão de detestar o filme. Caçoando ele murmura: Não tenho razão, mas tive senso-comum. E nada mais delicioso que afogar-se na inconsciencia transcendental do senso-comum. Imaginem que nisso o meu amigo Graça veto encontrar no Brasil 30 milhões de adeptos precursores!...

Mario de ANDRADE.



# A ESTRADA DE FERRO PARACATU

As imprudentes concessões de estradas de ferro a certas entidades industriaes, sem que estas preencham todos os requisitos condizentes com a parte financeira, têm na maioria dos casos dado máos e funestos resultados, acarretando prejuizos economicos aos interesses geraes da nação. Os factos são patentes.

No entanto, não ha que condemnar de modo absoluto a acção legitima dos poderes publicos, quando as concedem em boa fé; porquanto taes actos são plenamente justificados pela necessidade imperiosa de attender ao desenvolvimento ferreo-viario, na immensa superficie do nosso paiz.

Todavia, é lamentavel que os governos sejam trabalhados por uns tantos elementos deleterios da condemnavel advocacia administrativa, que tudo conseguem, escondendo interesses secundarios com as roupagens dos interesses collectivos, isto é, prejudicando estes em proveito d'aquelles. São os eternos arranjadores de negociatas excusas, perturbando as administrações honestas.

Por isso as concessões, na generalidade dos casos, são dadas a umas tantas sociedades de falsos capitalistas que não as exploram directamente.

Apenas anhelam passal-as a outras mãos mediante preços absurdos, estabelecidos sob a allegação de privilegios de zona ou em troca de avultadas garantias de juros, decretados pelos governos interessados visando a uma finalidade superior.

Quando, porem, não logram vender as concessões pelo descabido das exigencias, surgem os impertinentes pedidos de successivas prorogações afim de iniciar os estudos dos traçados ou começar as construcções ligeiras que justifiquem a percepção dos juros das garantias. Esgotado, pois, o remedio das sedicões e prejudiciaes prorogações descabidas, não se demoram os pleitos alicerçados na deslavada chicana ou na desavergonhada rabularia, proprias da nossa desacreditada advocacia indigena, de conluio com a assáz conhecida politicagem de campanario que acoberta deshonestidades. Todos os pretextos apparecem, susceptiveis de justificação.

Ora, é a violação calculada de uma das clausulas contractuaes pelo governo; ora são os espertos e velhacos concessionarios entre si na eterna disputa da partilha dos interesses oriundos da possível exploração ou da problematica venda do privilegio e das garantias de juros.

Ora, é a difficuldade de importar materiaes pela alta do cambio; ora é a avelhacada espera de abusiva isenção de impostos alfandegarios, conseguida do congresso federal.

Ora, são os avarentos proprietarios das terras atravessadas pela linha, exigindo vultosas e inaceitaveis indemnizações por umas tantas nesgas de terrenos de minuscuro valor venal e de prestimo problematico.

Tal é, em regra geral, a sorte das concessões dadas de mão beijada e em paga de favores eleitoraes, em virtude de actos legislativos, a umas tantas empresas que, á mingua de grandes capitaes e desprovidas de credito nas praças nacionaes e nos meos financeiros do exterior, se aventuram a tamanhos empreendimentos como o de construcção e exploração de estradas de ferro nos territorios de futuro desenvolvimento economico.

Como é natural e os factos demonstram, a companhia da estrada de ferro Paracatu não podia fugir á quasi regra geral, estabelecida para umas tantas empresas de reputação duvidosa e credito limitado, operando dentro das fronteiras do nosso paiz em virtude, ás vezes, da tolerancia da nossa ultra liberal legislação. Conseguindo a concessão privilegiada da construcção do alongado trecho ferreo-viario de *Martinho de Campos a Paracatu*, cerca de 900 kilometros de extensão, era de esperar que em breve fosse jugulada a falta de transporte rapido de que tanto carecem as terras agricolas e pastoris das bacias hydrographicas dos rios *Lambary, Indaya, Abaeté e Paracatu*, graças ao racional systema de communicações por estradas de ferro.

Mas, infelizmente, as esperanças acalentadas durante tanto tempo não se realizaram e por alguns annos ficará como que entorpecido o progresso material das ricas regiões desta parte da bacia do rio S. Francisco, tão dignas das vistas interessadas e das attenções carinhosas dos esforçados governos de Minas Geraes.

Estabelecido o prazo certo e improrogavel para começar as construcções exigidas pela letra contractual, sobrevieram no entanto as ameaças dos inevitaveis pleitos e demandas baseadas em questiunculadas e sophismas de

somenos impertancia. Eram, como taes, fundadas tão somente nas interpretações sibyllinas desta ou d'aquella clausula, cousa aliás remediavel por via administrativa ou pela vontade de ambas as partes contedoras.

Mas, infelizmente, as cousas não se passaram assim, por isso que aos tribunaes foram parar os pleitos, demorando dest'arte a construcção da estrada de ferro tão necessaria aos interesses legitimos de importante zona do vasto territorio mineiro.

Procurava assim a companhia evitar a caducidade, ganhar tempo e vender a concessão com a proposição dos pleitos judiciaes.

Tal estado de cousas não podia continuar nem ser tolerado, visto que prejuizos enormes e irreparaveis sobrevinham á collectividade. Além do mais ficava, totalmente, manietada a acção directora e previdente do governo estadual todas as vezes que, usando de um direito incontestavel, pretendia ouvir e remediar as justas reclamações de tão notavel região territorial, atravessada pela estrada de ferro e em relação mediata com o tronco da *Oeste de Minas*. Felizmente chegou o momento decisivo.

O eminente Dr. Arthur Bernardes, quando com real tino administrativo dirigiu os destinos do Estado de Minas Geraes, conseguiu liquidar a irritante questão judicial entre o governo mineiro e a companhia concessionaria, assumindo por isso o difficil encargo de construir tão importante via de penetração aos invios sertões dessa parte da bacia hydrographica do rio S. Francisco, preparando tambem facil saída á producção do territorio goyano confrontante.

Avaliando com clara visão o extraordinario alcance economico e politico da estrada de ferro Paracatu e a necessidade urgente é inadiavel de recuperar o tempo perdido com os infundaveis pleitos judiciaes e compreendendo as vantagens da bem orientada politica dos caminhos de ferro em nosso paiz, não se demorou o digno estadista em ordenar a construcção immediata do primeiro trecho que se estende desde *Martinho de Campos até Bom Despacho*.

Iniciou, pois, com elevado criterio, a exploração economica de certa parte do trecho do alongado tronco *Martinho Campos — Paracatu*.

Ao deixar a suprema governança da terra mineira, logrou ver a estrada de ferro atingir quasi que as margens do magestoso rio S. Francisco, facilitando-se assim o transporte, para a linha da Oeste de Minas, de certa parte da producção agricola e pastoril da uberima e futura região occidental.

Passando a direcção do Estado de Minas Geraes ao eminente Dr. Raul Soares, forçoso é confessar que o programma, longamente traçado e estabelecido quanto ao proseguimento indispensavel das construcções de estradas de ferro, não teve solução de continuidade.

Foi em parte bastante ampliado, de accordo com as necessidades occasionaes e previsão calculada do futuro economico desta parte da terra mineira.

Atravessando a estrada de ferro, em construcção adiantada, o rio S. Francisco, cerca de alguns kilometros á montante da barra do pequeno rio do Veado, a linha já alcançou a cidade de *Dores do Indaya* e procura vencer os obices da região, alicerçados nos prolongamentos septentrionaes da serra da Saudade.

O accidentado do solo de feição geologica complexa tem embaraçado em parte a construcção de alguns trechos tornando-se de custo elevado.

No entanto, jamais foram sacrificadas as boas condições technicas á mesquinhez do barateamento da construcção da estrada.

Tem havido, pois, notavel equilibrio entre os gastos e a necessidade tecnica de se construir uma estrada de trafego efficiente e rendoso.

Ha, evidentemente, severa economia nas despesas relativas ás construcções já iniciadas com certa urgencia.

Norteado por este criterio consciente, passando a estrada pela garganta aboqueirada e asperrima do Quebra Cangalha, evita demasiado desenvolvimento á linha e a consequente perfuração de respeitavel tunnel, economizando assim avantajada quantia aproveitavel nos gastos dos prolongamentos, além do rio *Indaya*, em procura das margens fertéis do rio *Abaeté* e a quasi caminho da prospera cidade de *Patos*.

Apraz-nos ver que o avanço dos trabalhos preliminares continuará, com segura e proficua actividade.

Consoante as sinceras promessas do eminente homem de Estado, Dr. Raul Soares, exaradas em linguagem de lidima franqueza na sua patriótica mensagem "de 14 de Julho de 1923," os trabalhos de construcção continuarão sempre dentro dos recursos financeiros, até que a via ferrea possa servir de aparelho de comprovada efficiencia ao pleno desenvolvimento economico das terras d'além rio S. Francisco.

E' de esperar da clarividencia e do descortino superior do governo estadual que não haja fataes esmorecimentos em tão necessario empreendimento que, de futuro, engrandecerá o patrimonio da grande unidade politico-administrativa da União.

Acreditamos, sinceramente, nas firmes palavras patrióticas do illustrado presidente do Estado de Minas Geraes, por isso que a politica mineira actual é de larga visão administrativa, como que procurando resarcir os erros deploraveis e a inercia palpavel dos governos anteriores á presidencia Bernardes.

Minas Geraes atravessa, desde o quadriennio transacto, uma phase de flagrante e pleno soerguimento, caracterizada nas obras e empreendimentos de elevado alcance e na reconstituição da parte financeira, permitindo assim que se encare com sobrada confiança o futuro immenso desta unidade da nossa Federação.

Orientado por estas noções precisas e fundamentaes oriundas dos ensinamentos seguros da sã politica, mui bem andou o presidente Bernardes quando, em 1919, em boa hora enfrentou o vital e palpitante problema das communicações ferreo-viarias, decretando a construcção immediata dos primeiros kilometros da estrada de ferro Paracatu.

Conhecendo mui bem as necessidades de transporte rapido desta parte do sólo mineiro, percebeu que com o desenvolvimento da linha de *Martinho de Campos ao Paracatu* não só iria servir aos legitimos interesses da immensa e exuberante região mineira, como tranquearia á terra goyana commoda saída em procura das populosas cidades e dos centros commerciaes desta parte leste do Brasil.

Desta maneira, o empreendimento mineiro, nas suas linhas geraes, tambem serviria, generosamente, aos interesses economicos de avultada fracção territorial de Goyaz.

Não houve, pois, a pratica condemnavel da politica de egoismo e de exclusivismo, tão ao sabor de uns tantos agitadores que vivem criando incompatibilidades entre os Estados.

O entroncamento com a linha da Oeste de Minas na estação *Martinho de Campos* foi, tambem medida de alto alcance politico-administrativo, porque facilitou sobremodo as rapidas communicações das terras d'além rio S. Francisco com a cidade de *Bello Horizonte* e, por *Barra Mansa* ou *Sitio*, com as cidades do Rio de Janeiro e S. Paulo. Sendo a Oeste de Minas uma linha ferrea de avantajada kilometragem, com as imperiosas construcções dos *Ramaes de Lavras a Tres Corações* e de *S. Pedro de Alcantara a Uberaba*, ficarão estabelecidas francas, perennes e com-



modas communicações entre as populações sul mineiras, paulistas e do Triangulo Mineiro com as regiões que tem por centro de convergencia a cidade de Bello Horizonte e expansões pelos valles dos rios S. Francisco, das Velhas ou Guaicuby e do Doce.

Todo o conjunto formará um rigido systema ferro-viario, que ao lado das soberanas vantagens de ordem politica, administrativa e associativa, traz a importancia de ordem economica.

Va'orizará as terras atravessadas pela linha e facilitará sobremaneira o transporte dos productos agricolas e pastoris de uma immensa região de innegavel futuro, já em comecços de franca exploração.

No entanto, á conta do pequeno trecho ora em trafego corre o desequilibrio entre a despesa e a receita, facto explicavel na exploração dos caminhos de ferro dentro de certos limites da linha percorrida pelos trens, bastando para isso que se possuam apenas breves noções da materia pertinente á industria dos transportes ferro-viarios. Não ha que desanimar, porquanto a vasta zona atravessada é rica e pelo plantio extensivo dos cereaes nas terras abeirantes dos rios e do algodoeiro nos *carrascaes* e *caatingas*, fartamente poderá offerecer trafego de resistencia, permitindo a exportação lucrativa destes productos de facil consumo para os centros consumidores das l'nhas da Oeste de Minas, da Sul Mineira e da Central do Brasil.

Poderá o arroz, produzido nas margens do alto Paranyba e nos varzedós marginaes dos affluentes do rio S. Francisco, competir com a produção paulista no commercio do Rio de Janeiro.

Afim de corroborar as nossas asserções fundadas em elementos de apreciação numerica, tenhamos em vista a situação prospera e invejavel do commercio do arroz goyano no Rio, producto este procedente de Aragua'y, cerca de 1.300 kilometros da bahia de Guanabara, longe por'anto, do centro consumidor.

Os campos de boas e gordas pastagens facilitarão sobremodo o rapido desenvolvimento da pecuaria com a criação extensiva do gado Zebu, a exemplo do que se pratica, commummente, em identicas condições de meio geographico, nas terras sertanejas comprehendidas entre os caudalosos rios Grande e Paranyba, no assáz conhecido Triangulo Mineiro.

Não ha contestar que as terras d'além do rio S. Francisco são, evidentemente, sob o ponto de vista geologico e biogeographico, a continuação das terras ataboleiradas e dos chapadões acarrascados do vetusto sertão da Farinha Podre.

Ha, por isso, plena coincidência de condições mesologicas, permitindo por consequencia a adaptação da pecuaria lucrativa do gado indiano. Além do transporte intenso do gado bovino para os mercados consumidores do Rio e de S. Paulo, concorrerá como elemento de preponderancia no trafego de resistencia de toda a linha-tronco a exportação do gado suino e dos seus productos, em virtude da facilidade da engorda, graças á abundancia do milho plantado nas margens humosas dos seus affluentes da concha do rio S. Francisco.

É dest'arte a exportação dos suinos compensará, sem duvida, os possiveis prejuizos que por acaso possam recahir sobre o commercio do milho. Será um derivativo intelligente e aconselhavel, com o fim de amparar os preços baixos deste cereal.

Pesadas as cousas, ha por isso probabilidade de ser a estrada de ferro do Paracatú uma via de trafego intenso e de apreciavel interesse á economia do Estado de Minas Geraes.

Assim pensamos, escudados nos algarismos das estatisticas parciais.

Além desta face utilitaria, necessario nos parece en'larar a estrada de ferro Paracatú sob o ponto de vista do immenso futuro do solo mineiro, pois que não é uma via ferrea de interesses regionaes.

É, antes de tudo, um caminho de ferro de frisante penetração, e que, ao longo da linha vai fixando no solo fecundo o colono emprehendedor e progressista. Chamará as populações sertanejas ao gozo dos recursos da civilização nos centros de cultura.

Terá a função de distribuir as populações ruraes derivantes da immigração seleccionada.

Com o fim de attender aos interesses geraes, o Governo deve mandar estudar as possibilidades da immediata navegação do rio S. Francisco, desde a ponte da estrada de ferro Paracatú até os lagados areníticos da cachoeira de Pirapora.

### NÉO-OPTIMISMO

O néo-optimismo nos apparece como um systema ao mesmo tempo pratico, idealista e espiritalista, á maneira das grandes doutrinas empiricas que, longe das complicações da metaphysica allemã, vigorosos pensadores como Emerson e William James abriram caminho fecundo. Com effeito, o néo-optimismo é antes de tudo como demonstração do primado de idéa sobre todas as reacções physiologicas e psychologicas do ser humano. Ora, qualquer interpretação que se possa dar da natureza das forças espirituales implica reconhecer o seu dominio sobre a materia: é fazer obra altamente espiritalista. O néo-espiritalismo se apresenta por igual como uma moral muito pura fundada sobre a distincção essencial do prazer e da felicidade, sobre a pratica do altruismo e de todas as virtudes estimaveis que, impondo a felicidade em torno de nós, a reflectem em nós mesmos. Foi nesse sentido elevadissimo que Jean Finot pode falar com tanto acerto do "direito á felicidade", que se torna a mais humana das moraes. Fundamento de uma ethica completa, o direito á felicidade não se separando nunca de acção do progresso na consciencia individual e collectiva, torna-se, dest'arte, no néo-optimismo, a base de uma sociologia abrangendo todas as relações humanas. Destruindo os preconceitos de origem, de raça, de sexo, oppondo-lhes argumentos positivos tirados da faculdade de adopção e perfectibilidade commum a todos os homens, essa doutrina generosa dá a cada um o seu lugar mais amplo na vida, na sociedade e na familia.

MARC LORRAIN.

Será mais um meio que virá facilitar o intercambio economico, como via subsidiaria da estrada de ferro.

Assim permittirá as communicações commerciaes entre os dous extremos alcançados pelas ferro-vias.

Ficarão lançadas as bases dos melhoramentos de que por acaso careça a grande caudal potamica do Brasil Central.

Ao menos, os estudos serão as bases de futuros emprehendimentos referentes á navegação fluvial. Serão contribuições valiosas aproveitaveis em qualquer tempo.

Com os nossos sinceros votos de que o Governo mineiro jámais se entibie em meio das realizações praticas do seu immenso programma de sãs e progressivas medidas, apraz-nos dizer que, quando de futuro o Governo Federal emprehender a tão demorada e adiada mudança da capital da União para a área demarcada no planalto goyano, caberá indubitalmente á estrada de ferro Paracatú notavel função politico-administrativa, porque será a via de mais facil e pratico accesso ás terras das cabeceiras remotas do rio Tocantins, em pleno coração do Brasil.

Por isso alvitramos que, de futuro a estrada de ferro, seja prolongada da cidade de Paracatú. Atravessando a fronteira mineira e passando por Crystallina e S. Luzia, irá com a ponta dos trilhos até Planaltina, lugar que será escolhido, sem duvida, para sede da futura metropole de toda a nossa Federação.

Embora, presentemente, cogite o Governo Federal de unir e amarrar as estradas de ferro já construidas sem planos preconcebidos e orientados com o abandono provisorio dos planos do prolongamento da E. F. C. do Brasil do porto fluvial de Pirapora á barraçolodosa da bahia de Guajarã no Pará, forçoso é convir que pelo menos até Formosa, nas margens do rio Paranyba da bacia hydrographica do Tocantins, irá a grande ferro-via, tributando assim ao rio S. Francisco as ferreis regiões orientaes do planalto goyano.

É, pois, razoavel que a estrada de ferro Paracatú se conjugue á E. F. C. do Brasil no povoado sertanejo de João José, na confluncia dos rios Paracatú e Preto, a caminho das chapadas goyanas.

Deste modo, as regiões goyanas têm mais uma sahida em direcção ás terras orientaes descambantes em procura do littoral atlantico.

Aqui ficam expressos os nossos calorosos votos de pleno e justificado applauso ás iniciativas progressistas e uteis dos preclaros Presidentes Bernardes e Raul Soares que, rompendo com a rotina secular e com o comodismo condemnavel da inercia, encararam com desassombro e patriotismo o magno problema do soerguimento das forças vivas da terra mineira, preparando-lhes assim grandioso futuro economico com o notavel desenvolvimento politico, administrativo e social, de que tanto é carecedora esta parte immensa do generoso solo patrio.

Temos lidimas esperanças, sobejamente fundadas, nestes benemeritos administradores da terra de João Pinheiro, visto que as suas plataformas e mensagens, expondo iniciativas e realizações praticas, são documentos de alto valor e criterio que attestam a directriz segura e honesta dos que, eleitos pelos suffragios populares, dirigem os destinos desta importante unidade federativa com mão segura e visão patriótica.

Temos fé e absoluta confiança na obra iniciada, pelos preclaros estadistas, que em plena harmonia de vistas velam pelos destinos da terra mineira.

Por isso é de crer que, havendo continuidade de governos progressistas em Minas Geraes, em breve, com a valorização das suas colossaes riquezas em estado latente, poderá o grande Estado attingir a prosperidade economica da terra paulista.

Assim esperamos e assim auguramos.

Honorio SILVESTRE



# O PAVILHÃO BRITANNICO

A Inglaterra tornou uma realidade o gesto admiravel de cortezia e amizade, que tivera para com o Brasil, offerecendo ao nosso Governo o magnifico palacio que erguera na Avenida das Nações para seu pavilhão de honra na Exposição do Centenario. Em solemnidade que ficará tradicional na historia das relações anglo-brasileiras, S. Ex. o Embaixador Tilley fez entrega ao Governo brasileiro do sumptuoso edificio, um dos mais grandiosos e perfeitos entre quantos se levantaram para attestar os esplendores artisticos e a grandeza industrial dos diferentes paizes que concorreram ao alludido certamen. De accôrdo com o que se affirma, o majestoso palacio vai ser occupado pelo Serviço do Algodão, pensando o Governo que assim lhe dá o destino mais adequado, não só por se tratar de um departamento instituido para promover a defesa de um artigo do maior futuro em nossa vida economica, como tambem porque a Inglaterra é o nosso maior cliente desse artigo. Como quer que seja, porém, destine-se o bello palacio ao Serviço do Algodão ou a outro qualquer departamento do Governo, o que ha a fazer no momento é registrar o grande gesto de sympathia e amizade da velha e gloriosa nação ingleza, que, dessa fórma, mais aprofunda os laços seculares que a unem ao Brasil.

O discurso, com que o illustre embaixador de S. M. britannica offereceu o sumptuoso palacio, em cuja portada se lê — *Britannia Brasiliae* — foi uma peça invulgar, no commum das festas diplomaticas, e pela sua significação e pelo tom carinhoso como que rememorou nossa historia iniciada pelo sonho dos navegadores lusos, constitue uma prova eloquente e viva da amizade tradicional britannica, que, desde a Independencia, e mesmo antes della, cultivamos com sinceridade e devotamento.

Depois de mostrar que o Pavilhão offertado era não só obra do governo, como de amigos do Brasil, sir Tilley evoca o passado e, reflectindo na amizade das nações brasileira e britannica, pensa na antiga amizade de seu Paiz e de Portugal, povos de navegadores e creadores de patrias. Recorda a epopéa dos descobridores portuguezes e depois diz que os brasileiros não se contentaram com a costa maritima e, como os inglezes da America do Norte, avançaram para o interior de seus domínios, apesar das difficuldades e dos perigos immensos. "As proezas dos Bandeirantes, exclama, formam um soberbo romance"

Depois S. Ex. passou a rememorar, nestes termos, a amizade do seu paiz pelo nosso, quando da independencia:

"Durante as festas solemnes do Centenario, fallou-se muitas vezes da Histo-

ria do seculo passado. Lembrou-se o papel de Cochrane nas proezas das esquadras brasileiras e o papel de Canning na Historia politica da Independencia. A Grã-Bretanha foi, desde ha muito, um paiz de liberdade. Um estadista dos nossos dias, disse: "A influencia da Grã-Bretanha sustentou poderosamente, muitas vezes, no passado, a causa da liberdade humana, e ella não cessará de sustentar a mesma causa. Canning foi inspirado por esse sentimento e, para materializar as suas idéas, tentou sempre meios conciliadores. Elle quiz fazer comprehender á Europa, e ao proprio Portugal, como os brasileiros eram dignos de ser reconhecidos como povo soberano e independente.

Em Londres, durante as negociações de 1824, Canning esforçou-se por conciliar os interesses do Brasil e de Portugal. Graças em parte aos seus esforços, encontrou-se uma solução honrosa. Essa solução tornou possivel a leal amizade que une hoje, um ao outro, o Brasil e Portugal, e que justifica o entusiasmo notavel com que foi recebido aqui, ha um anno, o eminente Presidente da Republica Portuguesa

Não é sem razão, tenho a certeza disso, que a decoração principal do "bureau" do Sr. Ministro das Relações Exteriores, é um quadro que representa a audiencia concedida pelos Soberanos do Brasil ao emissario de Canning, Sr. Charles Stuart.

Agrada-me acreditar que, no futuro, o Brasil e a Grã-Bretanha, que já se viam aliados para fazer a guerra, se acharão aliados para manter a paz do mundo e para fazer respeitar os principios da justiça internacional, de que o Brasil é um dos defensores mais valiosos.

Não quero, hoje, fazer larga referencia a todos os momentos em que a Grã-Bretanha collaborou para o desenvolvimento do Brasil e de todas as multiplas fórmas sob as quaes essa collaboração se manifestou. É uma narrativa que já foi ouvida muitas vezes, a historia da collaboração no desenvolvimento das estradas de ferro, dos portos, das cidades, dos telegraphos, dos transportes maritimos. Fallarei de boamente da collaboração futura dos dous paizes, do auxilio mutuo que elles se poderão prestar no porvir. Possuis, no vosso paiz, riquezas naturaes, cuja abundancia é tal que a imaginação não as póde conceber, e, entre essas riquezas, ha muitas materias primas de que as grandes industrias do nosso paiz necessitam, a ponto de se acharem carecedoras dellas. Os peritos nos asseguraram, por exemplo, que a Inglaterra, por si só, poderia comprar 20.000.000 libras por anno de algodão brasileiro. Sem duvida, o Brasil será um dia um grande paiz industrial, mas o vasto commercio que elle



Embaixador John Tilley

poderá desenvolver com os seus productos manufacturados, não deve impedir que elle mantenha sempre relações estreitas com as industrias seculares do Imperio Britannico"

Mostra, a seguir, as possibilidades de intenso intercambio mercantil entre o Brasil e as possessões britannicas: o Canadá, as Indias, a Australia, a Africa do Sul, mas, para isso, para que possam ser mantidos e melhorados dia por dia os laços da velha amizade dos dous povos é mister que se conheçam mais intimamente. E accentua a necessidade das visitas frequentes de brasileiros á Inglaterra, com o que muito lucrariam as boas relações entre as duas nações. E faz um appello á opinião brasileira, principalmente á imprensa, para que volva com mais frequencia sua attenção para as cousas inglezas, seu progresso material e o seu mundo de idéas, não só incentivando as visitas de brasileiros á Inglaterra, como divulgando as obras e iniciativas do pensamento inglez: "Verieis, diz Sir John Tilley, que sobre multiplas questões que nos interessam, as opiniões de todas as nações do Imperio Britannico se approximam das vossas. A nação britannica pensa como vós em tudo o que se relaciona com a justiça, a liberdade e a humanidade, que devem prevalecer no governo do mundo"

A impressão causada por esse discurso foi a mais profunda e intensa, sendo a palavra justa para tão alta offerta. Sir John Tilley, cuja acção diplomatica tem sido tão efficiente no desenvolvimento das nossas relações com a sua grande Patria, no testemunho dessa oração revelou-se um grande amigo do Brasil, fiel interprete do sentimento de cordialidade que une o Reino-Unido á nossa Republica, num grande desejo de contribuir para o bem commum da Humanidade.



Andrade  
1923

# Variações sobre o nome de Mario de Andrade

Mário.

Inteligência.  
SABOR.  
SURPRESA.

As neblinas paulistas condensaram-se em ácidos sarcásticos  
E queimaram a epiderme azul dos aços virginiais.

Mas nas sombras mais fundas ficaram os docementes dos nanquins  
[mais melancólicos!...

Como será S. Paulo?...  
O Paraná com os pinhais intratáveis?  
(Não servem para uma exploração regular da industria do papel) —  
Goiás! Ilha do Bananal!  
Matas húmidas que são como os seios do nosso amor...  
Mas os índios? Os mosquitos?  
Os botocudos e os borrachudos...  
Como será o Brasil?...

Como será S. Paulo?

São Paulo era a Sé Velha  
Cercada, de sobradinhos coloniais...  
Na rua de S. João a escala cromática dos para-sóis dos engraxates:  
Progrédior. Politeama.  
A casa Garraux vendia também objectos de arte.  
Camilo Castelo Branco não sabia ainda da existência dos piraquaras  
[do Paraíba.

Não havia ainda Vasco Porcalho, livreiro-editor, encomendando  
[a todo mundo uma novela safada.  
Havia, sim, a Avenida Tiradentes, espapaçada como um feriado  
[nacional.

E o edificio do Liceu pedindo baixinho que o deixassem em tijolo  
[aparente.  
(Lá dentro eu, desenhando a bico de pena motivos architectónicos  
[do Renascimento...

As minhas architecturas corruídas!...)  
Duas vezes por semana, música no jardim da Luz.  
A banda do maestro Antão!  
(A primeira da América do Sul.)  
O samba de Alexandre Levi.  
(Bis! Bis!)  
O namorozinho nacional! passando cheio de dengue entre os zincos  
[lambusados de cerveja...

NÃO HAVIA GUARANA', bebida depurativa e tónico-refrigerante.  
(Seguem-se atestados medicos.)

Quem fazia o policiamento era a torre da Inglesa.  
O relógio grande batia os quartos, um, dois, tres, quatro, e recomen-  
çava, indefinidamente, sem compreender como aquela  
gente podia ainda ouvir Puccini.  
E em torno dele a garoa paulista, irônica, silenciosa, encharcava todos  
os minutos...

Mas as garoas condensaram-se em ácidos sarcásticos  
E queimaram a epiderme azul dos aços virginiais!...

Mário de Andrade!

Como será S. Paulo?

Não havia mais bandeirantes.  
Nem a lembrança de Alvares de Azevedo.  
O antigo Largo de S. Bento, com as arvores nuas e magrinhas,  
Pedia tanto um pouco de neve que lhe desse um arzinho de Paris...  
Os filhos de Bernardino de Campos faziam parte do cordão.  
Nem Teatro Municipal, nem Esplanada-Hotel.  
Só havia um viaduto.  
Anhangabaú dos suicídios passionais!...

Ponte Grande!  
Cambuci!  
E o cemitério da Consolação...

Mário, um cigarro!  
O punho forte do sub-consciente campeia e conjuga os relâmpagos  
mais díspares.

Os ritmos mais dissolutos.  
Raivas.  
Testamentos de Heiligenstadt.  
Amores. Fantasmagorias. Carnavais. Porrada.  
COUSAS ABSOLUTAMENTE INCOMPREHENSIVEIS.  
Como as obras de Deus.  
Dinheiro. Bond. Café. Cigarros.  
Inteligência. Afecto.  
Raivas. Raivas.

MAIS RAIVAS.

Bondade.

A girândola do ultimo dia de novena!  
Tudo. Para todos os lados.  
C A T Ó L I C O.

Mário, um cigarro.

Positivamente esta quarta-feira está quotidiana demais.  
O leite da manhã tinha mais agua...  
O sol está banal como uma taça de campeonato.  
Como os bronzes comerciais que representam O Trabalho.  
Eu não sei latim.  
Não sei calculo diferencial e integral.  
Não sei tocar piano, — por causa de uma sonatina de Steibelt!  
Não compreendo absolutamente Fichte, Schelling e Hegel.  
Victor Hugo é pau.  
Byron é pau.

Mário, um cigarro.

C A P O R A L L A V A D O !

Numa pia da igreja em Bisâncio estava gravada esta inscrição:  
NI(PS)ONANOMHMATAMHMONANO(PS)IN

Soletrada da direita para a esquerda recompõe o mesmo sentido:  
LAVA OS PECADOS NÃO LAVES SÓ A CARA.

Mário, eles não lavam nem os pecados nem a cara!

Os homens são horríveis.  
Por isso, — HA QUE OS AMAR.

Com os docementes dos nanquins mais melancólticos...

(As categorias gramaticais são artifícios didáticos.)

ALLE GUAP, GUAP, GUAP!  
ALLE GUAP, GUAP, GUAP!  
HURRA!  
HURRA!  
Os brasileiros bateram os paraguaios por 2 a 0.  
Pennafort é um assombro!

E' impossível fazer poesia no Brasil sem falar em foot-ball.

Brasil...

Como será o Brasil?...

E como será S. Paulo?...

M A R I O D E A N D R A D E.

Manuel B A N D E I R A

# RUFINO BLANCO-FOMBONA

Philéas Lebesgue, cuja forte e bella personalidade estudamos em um dos numeros anteriores desta revista, continuando a série de estudos sobre escriptores latino-americanos, consagra, na interessante *Revue de l'Amérique Latine*, um artigo vigoroso e profundo a Rufino Blanco-Fombona, nosso eminente collaborador

Reclamando, em primeiro lugar, justiça para o grande escriptor venezuelano, que conquistou, não só entre os escriptores de lingua espanhola, como nas letras mundiaes, situação de especial destaque, Philéas Lebesgue rende homenagem aos criticos que melhor souberam julgar Fombona, entre os quaes, segundo elle, se deve principalmente citar Mario Puccini, na Italia, e Elysio de Carvalho, no Brasil. Estes foram os primeiros a proclamar a impressionante grandeza do escriptor americano, cuja originalidade reside essencialmente no amor á liberdade e no culto heroico da verdade. "Eis porque, escreve Philéas Lebesgue, um Elysio de Carvalho, cuja carreira intellectual é toda uma obra de fé ardente, devia ratificar com toda a sua autoridade de pensador americano o juizo pronunciado a seu respeito pelos seus pares da America Hespanhola, os Garcia Godoy, os Delesito y Piñuela, os Francisco Valdés, que o compararam aos homens da Renascença italiana."

No dizer de Ruben Dario, Fombona tinha nascido para executar grandes cousas, graças á sua combatividade extraordinária, que tinha algo de explosivo. Fombona tem nas velas o ardente e generoso sangue peninsular que a sua vontade excessiva e intransigente de ser um homem da America não consegue fazer esquecer, lembrando antes, em cada linha que escreve, a indole atavica de Camões, de Cervantes e de Lope de Vega, cujo pensamento jámais se pôde separar da acção. A belleza para elle deve ser viva e dinamica. "Nelle, escreveu Elysio de Carvalho, resuscitam todos os

atavismos, todas as aspirações do espirito peninsular, modificadas pela influencia do meio americano."

Blanco-Fombona, no juizo de Philéas Lebesgue, é homem culto demais para não ter adquirido consciencia absoluta dos caracteristicos do seu temperamento. A experiencia da vida fê-lo o que é; e a sua obra não é senão uma esplendida transposição do pensamento e do sentimento deste homem destemido, que viveu varias vidas, em luta aberta com a natureza, nas selvas americanas, — e com os homens, no labyrintho equivoco da politica venezuelana.

Todavia, se o poeta vibrante de *Trovadores y trovos*, de *Pequena Opera* e do *Cancionero del amor infeliz* projectou em seus versos a vibração que nos vem das lutas do coração e das maguas da vida, se o infatigavel viajante resumiu em *Lámpara de Aladino* as sensações que colheu no correr das suas peregrinações, se o prisioneiro politico de Ciudad Bolivar clamou a sua indignação no *Hombre de hierro*, indignação que o tempo não pôde apagar e que se patenteia com renovada força no *Hombre de oro*, "seria injusto sustentar que Blanco-Fombona seja incapaz de outra cousa do que não um subjectivismo exagerado. Pelo contrario, a riqueza maravilhosa da sua sensibilidade torna-o apto a tudo comprehender, tudo reviver, tudo adinhar."

Seus *Contos americanos*, que foram traduzidos para o francez, são aguafortes de incomparavel realidade, evocações possantes da vida do rancho e dos llanos. Forçado pelos caprichos da vida politica a viver unicamente no dominio literario, Fombona, verdadeiro paladino do ideal, continúa sendo o defensor exclusivo da Justiça e da Verdade. Continuador do pensamento de Bolivar, sonha com a unidade intellectual e moral da America Hespanhola, proseguindo essa cruzada em grandes obras de critica literaria e social, como *Gran-*

*des Escriptores de America, Evolução politica e social da America Espanhola, Letras e letrados da America Espanhola*, chamando a attenção da Europa sobre esse mundo immenso e apenas conhecido pelos trabalhos conscienciosos de Felix Contreras.

"Não lastimemos muito as miserias politicas de Fombona, escreve ainda Philéas Lebesgue; ellas nos deram o interprete genial de uma America que o estadista, mesmo se tivesse vencido, não teria podido crear tão grandiosa, fosse o proprio Bolivar. Obrigado a abandonar a espada para dedicar-se exclusivamente ao verbo, Fombona engrandeceu-se pelo estudo."

Notamos no escriptor venezuelano uma transformação importante: no seu ultimo livro *O conquistador espanhol do seculo XVI*, já não é mais o lyrico ironico e fogoso que escreve. Fundando a *Editorial America*, Fombona revela novas preocupações; procurando elevar um monumento á gloria dos creadores do verdadeiro espirito americano, elle vai ás fontes em busca de uma explicação. Analysando os espanhóis do seculo XVI, Fombona defende a sua intransigencia, o seu orgulho excessivo e os seus crimes, pois, diz elle, "seria absurdo julgar os homens desse seculo pelo criterio do seculo XX."

Ao lado desses homens perigosos, mas varonis, como parecem mesquinhos os actuaes hispano-americanos, com suas preocupações miseraveis e suas baixas intrigas, Fombona põe um ferro em braza nessa chaga (*A mascara herofica*), e as perseguições recomeçam contra elle. Seu livro é prohibido em Venezuela e até na propria Espanha. Não importa. Fombona continúa a sua grande obra de saneamento.

"E' tempo de reconhecer nelle um grande homem do Universo, termina Philéas Lebesgue. E' um caracter."

O heroísmo de Blanco-Fombona resgata a covardia contemporanea.

# A NATURALIDADE DE ANTONIO FELIPPE CAMARÃO

O artigo que abaixo divulgamos é da lavra do historiador pernambucano Sr. Mario Mello, que reivindica para a sua terra a gloria do nascimento do bravo Felipe Camarão, que tanto se distinguiu na guerra contra os holandezes.

Desde 1860 se discute se o celebre indio Camarão, que tomou parte tão saliente na guerra hollandeza, teria nascido no Ceará, no Rio Grande do Norte, na Parahyba, em Pernambuco ou em Alagoas.

Em 1909 Pereira da Costa publicou uma exaustiva monographia, ampliação de um trabalho anterior apparecido na Revista do Instituto Archeologico, provando, sem deixar duvidas, que o indio Poty, mais tarde D. Antonio Felipe Camarão, era pernambucano. Fel-o fundamentado, além de outras provas, no depoimento do proprio Camarão, num processo em que figurava como testemunha e cujo original existe na Torre do Tombo, de Lisboa. Alfredo de Carvalho denominou esse trabalho de Pereira da Costa "ultima verba" sobre o assumpto.

Julgar-se-hia que a questão estava morta. Entretanto, como houve no Rio Grande do Norte um velho indio Potyguassú, que viveu ao mesmo tempo de Camarão, os potyguares continuaram a considerar como nascido na terra do Potyngy o grande cabo de guerra que tanto illustrou o seu nome.

Ainda agora, recentemente, o venerando padre Dr. Soares de Amorim publicou aqui uma monographia tendente a provar que Camarão — o grande — era filho do Rio Grande do Norte.

Quando iniciiei a leitura do exemplar desse trabalho com que gentilmente me distinguira o autor, fil-o na esperança de ter se enganado Alfredo de Carvalho em seu conceito, sobre a obra de Pereira da Costa. Ha poucos mezes o Padre Amorim discutira com o velho historiador pernambucano sobre a naturalidade de Frei Vital, e, embora possua o Instituto Archeologico uma carta do proprio Frei Vital dizendo-se pernambucano, nascido em Pedras de Fogo, e cujo original tive entre mãos, apresentou elle argumentação que me abalou, deixando-me na duvida se o grande bispo de Olinda teria sido conterraneo de André Vital ou de Henrique Dias. Ao terminar, porém, a leitura da ultima monographia do Padre Amorim, fiquei plenamente convencido de que o Camarão lendario é pernambucano. A documentação de Pereira da Costa não foi, sequer, abalada.

Varios foram os indios Poty que no baptismo christão tomaram o cognome de Camarão. Um delles, chefe da tribu Potiguar, do Rio Grande do Norte, conhecido entre os seus como Potyguassú e entre os civilizados como Antonio Camarão, já era citado na historia em 1598. Para ter façanhas dignas de renome, nessa época, como chefe de uma tribu, deveria conter, no minimo, vinte annos de idade.

Depondo como testemunha no processo a que foi submettido pela Inquisição o padre apostata Manoel de Moraes, o lendario Antonio Felipe Camarão, declarou a 23 de Março de 1647, que contava então quarenta e seis annos de idade, isto é, que nascera em 1601.

Vê-se, evidentemente, que esse Camarão de quarenta e seis annos de idade em 1647, nascido em 1601, não podia ser o mesmo Camarão que os portuguezes conheciam desde 1598, pela simples razão de que nessa época ainda não era nascido.

Diante disso não ha mais necessidade de demonstração de outra natureza. Está evidente que o Camarão do Rio Grande do Norte é um e o Camarão de

Pernambuco é outro. Esta distincção já fôra feita pelo Padre Simão de Vasconcellos, autor coevo, quando enumerara os chefes indigenas convertidos á fé christã:

"Da mesma maneira dos Potyguares, um antigo Potiguar Gkkráopina, Araruna, Cerobabé, Melruguaçu, Ibatatã, Abaijujá, todos famosos e principaes de grandes povos, dos quaes se affirma puzna em campo cada qual delles de vinte a trinta mil arcós; que foram grande presidio nosso na capitania de Itamaracá, Parahyba e Rio Grande.

Não fallo aqui doutro Potiguar, mais que todos estes assombro que foi dos holandezes, em nossos tempos, nas guerras do Brasil; porque para suas façanhas um tomo inteiro era pouco volume".

Vê-se, evidentemente, que o Padre Simão de Vasconcellos conheceu dous Potiguars; um antigo Potiguar, que é o da capitania de Rio Grande, que já figurava em contacto com os portuguezes,

desde 1598, quando ainda não viera ao mundo o indio heroe da guerra hollandeza, e outro, Potyguacú, maior do que o antecedente em façanhas guerreiras, assombro que foi dos holandezes e cujas proezas não poderiam ser contadas num volume. Dous Camarões bem distinctos, que o Padre Amorim, como seu coestadano Dr. Luiz Fernandes Sobrinho anteriormente tentara, quiz confundir num só, para attribuir ao antigo chefe Potiguar os rasgos de heroismo do outro, muito mais joven que aquelle.

Sinto-me perfeitamente á vontade para discordar do Padre Amorim quanto ao seu esforço sobre a naturalidade de Camarão nesta contenda com Pereira da Costa, porque, não obstante a minha veneração, acatamento e apreço pelo velho historiador pernambucano, a quem Oliveira Lima chamou "mestre de nós todos" confessei, linhas acima, terem me abalado os argumentos com que o venerando sacerdote disputou, para a Parahyba, a honra de ter sido berço de Frei Vital.

Mario MELLO.

## O LIVRO DE OURO DO CENTENARIO

Esta notavel publicação do *Anuario do Brasil* é uma das maiores contribuições para os estudos brasileiros, feitos no Centenario. Antes de dizer do texto, devemos uma referencia á factura material, que é maravilhosa e muito honra aos estabelecimentos graficos da casa editora, que o Sr. Alvaro Pinto dirige com rara competencia. Os annuncios, ao revés da banalidade commum e dos desenhos de carregação, são lindas trichromias, compostas com elegancia, bom gosto e simplicidade, além de serem da mais intensa suggestão. O trabalho de gravuras é modelar e as photographias da Exposição, sobretudo as feitas á noite, estão reproduzidas com uma nitidez e perfeição invulgares. A apresentação do *Livro de Ouro*, em summa, é magnifica sob todos os aspectos.

O texto divide-se em duas partes: a de collaboração e a chronica do Centenario, de 7 de Setembro de 1922 a 7 de Setembro de 1923, quando se encerraram as festas commemorativas da grande ephemeride. A primeira, confiada a escriptores illustres, contém varios ensaios, que traduzem a evolução intellectual, politica e material do paiz, nessa centuria de vida independente, sendo os assumptos versados com grande brilho e indiscutível competencia pelos Srs. Capistrano de Abreu (Vaz Caminha e a sua Carta); Mario de Vasconcellos (Confins Territorias do Brasil); Rocha Pombo (Noticia Historica); Julio do Carmo, pai (Propaganda Republicana); Ronald de Carvalho (Literatura Brasileira e Artes plasticas no Brasil); Raul Pederneras (Caricatura no Brasil de 1822 a 1922); Renato Almeida (Ensaio sobre a Musica Brasileira e O Pensamento Philosophico no Brasil); Nestor Victor (Evolução Religiosa no Brasil); Jackson de Figueiredo e Perillo Gomes (Organização Religiosa); A. Austregesilo (Escola Medica Brasileira); Moraes de los Rios (Resumo Monographico da Evolução da Architectura no Brasil); Afranio Peixoto (Ensino Publico no Brasil); Elycio de Carvalho (Aspectos da Sociedade Brasileira); Chrysolito de Gusmão (Bases Geneticas do Direito Constitucional e do Liberalismo Patrio); Heitor Lyrá (Como o Brasil entrou para o concerto das Nações); Hildebrando Accioly (Diplomacia na Independencia); Gustavo Barroso (Padre Cicero e o Folk-Lore); Victor Viana (Evolução Economica do Brasil); Elycio

de Carvalho (Finanças Brasileiras); Barbosa Lima Sobrinho (A Imprensa na Independencia); Raul Tavares (Synthese Historica da Marinha de Guerra Brasileira); e Rodrigo Octavio Filho (em 1822.) Ha ainda artigos confiados á redacção do *Livro de Ouro*, como sejam O Thesouro no Brasil, Cem Annos de Engenharia, Academia Brasileira de Lettras, A Viação-Ferrea no Brasil, Cem Annos de Commercio Exterior.

A chronica do Centenario é um resumo completo dos festejos, congressos, conferencias, publicações, enfim de todas as commemorações havidas na celebração da grande data brasileira, de sorte que nella se encontra a synthese de tudo quanto se fez nesse anno glorioso. Ha ainda artigos sobre os estados da Federação, de grande interesse e utilidade, pela copia de informações que trazem, firmados por pessoas illustres e conhecedoras da situação de cada uma das unidades brasileiras.

Felicitemos vivamente o illustre editor, que é o Sr. Alvaro Pinto, pela notavel obra que acaba de publicar, digna da reputação que cerca o *Anuario do Brasil*, casa que não procura ser apenas uma officina de fabricação e venda de livros, mas um centro de cultura e de trabalho intellectual, prestando os mais estimaveis serviços ás nossas lettras. O *Livro de Ouro*, mesmo em competição com as publicações officiaes, é o maior e o mais completo esforço para marcar numa grande obra a passagem do centenario de nossa independencia. E esse esforço o Sr. Alvaro Pinto transformou numa victoriosa realidade, nesse admiravel repositório de cultura, de informação e de belleza.

Maurice Barrés

Ao encerrarmos este numero, chega-nos a noticia de morte de Maurice Barrés, uma das mais poderosas expressões do espirito da França contemporanea. A influencia de seu pensamento e o prestigio de sua acção politica foram profundos e intensos em toda a mentalidade moderna, de que foi um dos maiores mestres. Afim de melhor estudar a sua empolgante personalidade, *America Brasileira* consagrará a Barrés o seu proximo numero.

Tenho um amigo exquisito e metaphisico que admira Shaw. Duvido que elle goste realmente. E isto por varios motivos uteis e inuteis como todos os motivos. Então, com o fim de lhe envenenar a admiração shaviana, escrevi estas phrases...

Bergson e Shaw são os dois grandes Mysticos do seculo. Tambem o podiam ser Ghandi ou o Sr. X., da Academia de Letras e Cheques. Póde ser que haja outros. Mas esses outros são importantes demais para que possam ser citados. Digo-os "mysticos" porque ambos acreditam ferozmente em muitas cousas. Bergson crê no "élan vital", na separação da memoria (alma) da materia, nos dados immediatos da consciencia, na evolução creadora e na mobilidade dos phenomenos (da Consciencia e da Evolução biologica) dentro do vir-a-ser continuo. Dizer-se em que B. Shaw acredita é muito mais difficil. Shaw nega quasi todos os systemas philosophicos, que lhe são reles embellecos ou que têm o valor da moeda de um paiz fallido, com a mesma facilidade das mulheres ingenuas (que não existem) e dos politicos serios (que tambem não devem existir). Na sua ultima obra, *Voltando a Mathusalem* ("Back to Methuselah"), faz-me acreditar no seu néo-vitalismo (evolução creadora de Bergson) como antes me fizera acreditar na sua evolução néo-darwiniana em *Homem e Super-homem*, no seu puritanismo tanto que declara — "outra observação que fiz foi que os homens benevolos desambiciosos são covardes quando não têm nenhuma religião" — *B. to M.*, pag. X), e no seu socialismo... Por isto Shaw ás vezes é o peor dos orthodoxos, porque abandona systemas para crer noutros com uma firmeza bem argamassada. A's vezes dá-me a impressão de não admittir a vida como systema tacito de axiomas e postulados, quer derrubal-os e se esquece de construir...

— Ambos são optimistas? — perguntou-me um cavalheiro, olhos confusos e redondos, alheado ao que escrevi atraz.

— Perfeitamente ou quasi. Bergson num esforço de optimismo restituiu-nos (a mim pelo menos) o livre arbitrio, que uns homens perigosos nos andavam negando com grande vilipendio, e com elle nos completou a liberdade moral. Shaw, como humorista, é um expansivo, um desses homens que, sentado num banco povoado de gordos e magros se põem a cotovellar inquietantemente o visinho, acabando por contagiar os outros do seu riso. Shaw tem um desses humorismos sonoros que ecoam tanto que dão a impressão de abalarem tunnéis.

Mas o cinzento cavalheiro meu amigo não se conteve que não me searedasse:

— Ambos não são immoraes?

— Decerto. Tremendamente immoraes. Demolem preconceitos, logo vão de encontro á moral commum, moral a 100 por cento ao alcance de todo o mundo. Um, com o dogmatismo abala e rue muralhas chinezas para erguer um muro de cimento-armado; outro, com o humorismo, destróe o muro e ri sobre elle. Em *Homem e Super-homem*, o Diabo diz a D. João: "a medida da força do homem é a sua capacidade de destruição... A forma mais elevada da literatura é a tragedia, onde todos morrem no fim". *Man measures his strenght by his destructiveness... The highest form of literature is the tragedy, a play in which everybody is murdered at the end*", acto III).

A "duvida" shaviana (existirá ella realmente ou será uma maneira lateral de mostrar o ridiculo das institui-

ções sociaes?) é uma manifestação de optimismo Shaw; ao contrario dos que duvidam ou não, transforma o que para outros é scepticismo numa intenção ironica de fé e de belleza. Quando Shaw se põe a martellar cyclopicamente uma certa instituição social ou certo preconceito — "a situação miseravel dos foreiros, o Amor livre doutrinario (pseudo ibsenismo), a prostituição e militarismo, o casamento, a historia, politica, christianismo, caracter nacional e individual, caça aos maridos, questões de consciencia (*B. to M.*, p. LXXXV)" — mesmo que elle não dê a solução apparente, subconscientemente ella nos vem á memoria com os seus contornos bem definidos. Porque? Por que elle talvez acredita mais em "valores" do que em logica: prefere o concreto ao abstracto (*Pygmalião*, p. ex., onde trata do problema da phonetica). Parece-se com um disparate logico. Tem-se ás vezes a impressão de que todo o shavinianismo de certas peças, como na *Outra ilha de John Bull*, é uma "maneira interina". Dá-me a falta de uma philosophia verdadeiramente shaviana. A que elle tentou levantar em *Homem e Super-homem* (1901) e que tinha algo de Schopenhauer e Nietzsche: o Super-homem dependendo da Vida-força, atravez de uma Evolução progressivamente melhoradora —, foi plenamente adoptada em *Back to Methuselah*. "I am not, I hope, under more illusion than is hurriedly inevitable as to crudity of this my beginning of Bible for Creative Evolution". (*Id.*, pag. LXXXVII). Isso por causa da necessidade de construcção que sente Shaw, como todos os optimistas. Ardendo em desejo de actividade, em vez de ser accumulativo e ascendente, elle é dispersivo e descendente. Os seus prefacios de peças são um modelo do quanto elle é fecundo dramatico na plenitude de sua acção.

Bergson reconhece que no estado actual da sciencia uma philosophia unificadora não é attingivel. A unificação será apenas um ideal de que nos aproximamos lentamente. Poder-se-á dizer que chegar á unificação é como querer furar uma muralha de cimento-armado com um prego rombudo... Espirito e materia continuarão separados apezar da sua interacção caracteristica no cerebro e systema nervoso; liberdade e necessidade oppor-se-ão sempre. Como resolver? Com o bom senso talvez... Mas Bergson suppor, atravez de longa evolução aceitavel ou não, pouco importa, que a relação e a interacção entre materia e espirito estão contidas na idéa de que ambos estes têm uma commum ancestralidade, estão relacionados tanto quanto os animaes ás plantas. A consciencia bruxoleante dos primeiros tempos e os rudimentos fundamentaes da materia — posteriormente divergentes como estão hoje, de modo que é surpreendente não haver relação alguma entre espirito e materia — poderiam ter sahido de coisa que não era nem consciente nem material, mas que tinha em si a potencialidade de ambos os attributos. Da separação de ambas as entidades ou constituintes do universo, liberdade e mechanismo, resultou o conflicto, isto é, appareceu a vitalidade neste planeta (Oliver Lodge). Para se admittir este ponto de vista é preciso ter em conta a Evolução com uma realidade a 100 por cento, o Tempo como outra entidade, e o terceiro elemento, a Duração ("durée"). Por ahi se vê que o Bergsonismo, como todas as doutrinas néo-vitalistas, é acção. Todas as construcções são efeitos

volitivos. A vontade é puro optimismo. O bergsonismo é optimismo.

Shaw parece ter applicado o bergsonismo (pelo menos a Evolução creadora com o seu "élan vital" em *Back to Methuselah*. Tendo começado como darwinista, em 1906 dirigiu-se aos néo-darwinistas da seguinte forma: "a Seleccion natural não tem nenhuma significação moral: trata da parte da evolução que não tem nenhum proposito, nenhuma intelligencia, e que podia ser chamada mais apropriadamente seleccion accidental, ou melhor ainda, seleccion innatural, desde que nada seja mais innatural do que um accidente. Se se provasse que todo o universo foi produzido por tal Seleccion, somente os doidos e os sacripantes podiam continuar a viver" (*Id.*, pag. LIV). Aliás a Evolução sob o ponto de vista shaviano já está exposta em *Homem e Super-homem*. Mas na sua ultima obra, adoptou a Evolução creadora: "A Evolução creadora já é uma religião, e é agora innegavelmente a religião do seculo XX, surgida recentemente das cinzas do pseudo-christianismo, do mero scepticismo e das affirmações desalmadas e das negações cegas dos Mechanistas e Néo-Darwinistas" (*Id.*, pag. LXXVIII). Mais adiante elle explica porque é que adopta a Evolução creadora: "porque sempre comprehendí-me toda civilização precisa de uma religião como questão de vida ou morte; e como a concepção da Evolução creadora se desenvolveu, vi que por fim atingimos uma fé que nos proporcionava a primeira condição de todas as religiões que se apoderaram da humanidade: isto é, que devia ser, primeira e fundamentalmente, uma sciencia de metabiologia" (*Id.*, LXXXV). Em *Back to Methuselah* elle explora o eterno interesse pela pedra philosophal que facilita aos homens viverem para sempre.

Donde concluo que o humorismo shaviano é uma funcção economica — porque explica e economiza theorias — do bergsonismo.

Shaw, ebrio de optimismo, ajustado com o seu diabo-razão, disse em *Homem e Super-homem* que "activity is the only road to knowledge." Actividade no elevado sentido goetheano, no sentido schopenhaueriano, ou no sentido pragmatista? Creio que no sentido schopenhaueriano do "Mundo como representação e vontade" isto é, o "querer viver". O encarecimento com que Shaw lisongeia a actividade é bem digno de um pragmatista. A vida não é um sonho endymionico nem uma inerte beatitude, é criação e renovação. A sua doutrina pretende, para usar de uma phrase da "Evolution creatrice", "remonter et resdescendre le cours de l'universel avenir". Mas todo o shavinismo se reduz a levantar ao céu — "Estar no Céu é viver e trabalhar", diz elle em *Homem e Super-homem*, acto III —, num mysticismo incansavel, um monumento de vontade acima desta pobre calmaria chamada civilização...

— Não ha lotus sem haste... A philosophia de ambas é apenas uma razão de optimismo, uma intenção incompleta que nos deixa insatisfeitos... E quem sabe se Shaw não fez a sua "religião" por blague? — Foi o que eu disse ao cavalheiro cinzento, tão nacional que ainda veste o fraque metrico, isto é, o soneto...

Rio, Novembro de 1923.

Teixeira SOARES.

## DOIS CENTENARIOS

# BANVILLE E RENAN

Theodoro de Banville nasceu em Moulins, a 14 de Março de 1823, alguns dias mais tarde do que Renan, nascido em Tréguier, em 27 de Fevereiro de 1823, tres annos depois de Leconte de Lisle — dous annos depois de Flaubert. Estes cinco escriptores ficaram, na historia da litteratura franceza, como os cinco principaes representantes do segundo romantismo.

Os primeiros românticos tinham sido educados num periodo inteiramente consagrado á accção. Transviados para a poesia, são tumultuosos e effervescentes. Vigny é um revoltado, Hugo um propheta, Lamartine só espera uma occasião para ser tribuno.

A attitude desses jovens, que abandonam as cousas da vida para se volver ás do pensamento, não é feita sem um grande desencanto. Leconte de Lisle e Flaubert, são profundamente pessimistas, não imaginam a felicidade senão em épocas remotas e longínquos paizes. Baudelaire, depois de uma fugida nos tropicos, soffredor, desabusado, se refugia em idéa, não importa onde, fóra do mundo. Renan e Banville, que não guardaram mais illusões sobre a vida, se inclinam diante da fatalidade e se resignam á renuncia. Esses dous filhos de marinheiros se contentam, de bom grado, com a vida sedentaria; sceptico um, ironico o outro, oham as cousas sorrindo.

Esse sorriso dissimula uma tristeza fundamental. Renan não é resignado assim, senão porque nada tem a fazer contra o destino. Banville recusa tomar ares tragicos e, voivendo-se para a graça e para a belleza, lhes pede um pouco de consolo para todas as amarguras. Ora, ambos estavam animados por uma mesma fé romântica, uma fé cujo catechismo se resumia nesta phrase de Renan: "E' mistér crear o reino de Deus, isto é, do ideal, dentro de nós, mesmos", ou nesta outra: "A felicidade é a dedicação a um sonho ou a um dever". Essas duas maximas parecem convir tanto a Banville como a Renan. No entanto, se o primeiro merece o titulo de romântico, estaríamos inclinados a recusar-o ao segundo. Mas, elle proprio o reivindica: "Realmente, tudo me predestinava ao romantismo, não digo ao romantismo de fórmula (compreendi rapidamente que o romantismo formal é um erro; que, se ha duas maneiras de sentir e de pensar, não ha senão uma unica fórmula para exprimir o que se pensa e o que se sente), mas ao romantismo da alma e da imaginação ao ideal puro."

O romantismo, assim entendido num sentido moral ou espirital, se alarga. Corresponde a essa exaltação dos espiritos, anciano para se elevar acima da realidade, que marcou a historia nos cem ultimos annos.

O romantismo, para Renan e para Banville, é antes de tudo o que o primeiro chama o idealismo e o segundo "l'ettrat du gouffre d'en haut".

Neste anno de 1923, em que cahe o centenario de seus nascimentos, parece que a philosophia de Renan seja muito sabida, a poesia de Banville muito natural, para não estar fóra da moda. Observa-se, constantemente, nos artistas e escriptores de hoje, um enorme desprezo pela arte. Trazem nas suas profissões as preocupações de homens de negocios ou de desporto, muito mais do que de homens de pensamento. A vida de estudo e de meditação de um Renan, ou de um Banville, lhes offerece um exemplo do que mais detestam.

A critica, de 30 annos a esta parte, julgou Banville, principalmente pelas *Odes funambulesques*. E' dar muita importancia a uma obra, sobre a qual escreveu: "Deveria ter deixado no jornal esses folhetins escriptos ás pressas e nunca impôr-lhes a uma prova de livro."

Os contemporaneos de Banville, mais perspicazes, o julgaram definitivamente. "De nascimento, disse Gautier, teve o dom dessa admiravel lingua que o mundo entende, mas não falla; e da poesia, possui a nota mais rara, a mais alta e mais alada, o lyrismo". Baudelaire tinha uma opinião analogá: "O talento de Banville é essencialmente, decididamente e voluntariamente lyrical". Em seus versos não tem um ar de festa e de innocen-

cia, mesmo a volupia. A sua poesia não é apenas uma saudade, uma nostalgia, é tambem uma volta muito voluntaria ao estado paradisiaco."

Além disso, Banville se definiu nesta *Ballada sur lui même*, que principiou com este verso:

*Assembleur de rimes, Banville, e assim termina:*

*Prince, voilà tous mes secrets,  
Je ne m'entends qu'à la metrique.  
Fils du dieu qui lance les traits,  
Je suis un poète lyrique.*

Os criticos têm por habito reprochar certos poetas de não pensar, de não terem idéas; reconhecendo o valor da fórmula, negam a do fundo.

O Sr. Lusson, no seu manual, acredita ter reparado essas injustiças passadas, proclamando que um poeta não é obrigado a pensar e que Banville é um verdadeiro artista.

Ah! é muitas vezes a ambição de se tornarem pensadores, que prejudica os poetas. O que resta do pensamento de um Victor de Lagnade, ou de um Sully Prudhomme? Que não quizeram ser unicamente poetas! Os seus bellos dons se teriam desenvolvido, ao invés de empobrecerem. As obras de um poeta verdadeiro como Banville trazem uma philosophia expressa indirectamente e por allusões; muito mais rica do que a que quizeram exprimir com precisão.

Jámais o fundo de tristeza que se discerna em Banville lhe tira a coragem de sorrir. Tem uma surpreendente constancia de espirito, um coração puro, chelo de innocencia. Não quiz olhar de perto a realidade, e é isso que diminue talvez o valor do seu romance, *Marcelle Rabbe* e dos *Souvenirs*. Mas na poesia, esse preconceito é de todo legitimo e Banville é poeta antes de tudo. Os seus versos não são mais do que effusão de ternura e "élan" para a graça e para a belleza. Diante das misérias e das durezas da vida, defende-se por uma zombaria ligeira e nunca cruel. Ao seu amor do bello, á sua ironia espirital, se junta uma extraordinaria virtuosidade da factura. Não ha poeta que maneje o verso com tanta facilidade e destreza. Salvo nos seus melhores poemas, os seus confrades, junto delle, tem um ar contrafeito, e mesmo as mais admiraveis paginas de Victor Hugo appare-

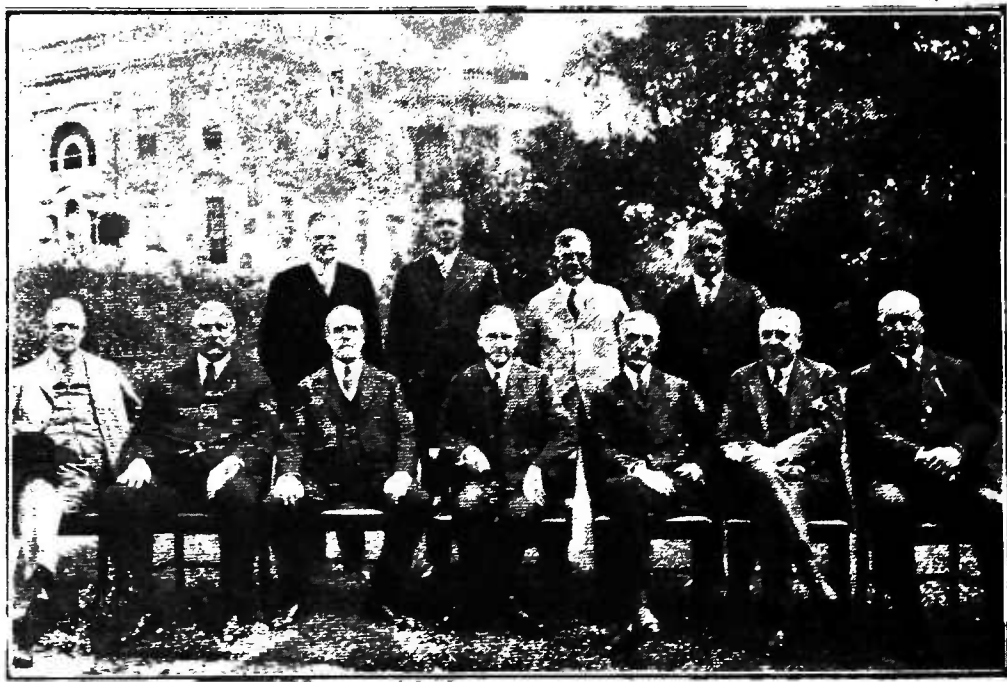
cem como exercicios poeticos. Talvez de nenhum poeta francez, mais do que de Banville, se possa dizer que a poesia é a sua lingua natural.

Pureza, espirito, ausencia de emphase, gosto, habilidade em apresentar as idéas e empregar as palavras, eis o que caracteriza Banville. Para convencer-se disso, basta lê-lo, ao mesmo tempo que Rostand, que, sem duvida, é visto como o seu melhor discipulo, ftostrand, que teve pelo menos o merito de se entregar inteiramente á poesia — tal como a concebia, perdeu de vista o céu, e, nelle, tudo é preparado para o effeito theatral da peça a representar, e procura impressionar os ouvintes tomados de sentimentalismo e sensíveis ao jogo das palavras. As intenções de Banville são muito mais altas: dir-se-hia que se dirige sempre a uma assembléa de poetas e o espirito, nos seus versos, se é servido pela habilidade no emprego das palavras, se subordina ao movimento rapido e gracioso do pensamento e a um juizo ironico das cousas, nascido de uma philosophia da vida, mais sabla e elevada, do que se acreditaria á primeira vista.

Os Goncourt, neste *Charles Demally*, talvez a sua obra prima, mostraram Banville, sob o nome de Boisgontier: "Négligeant et méprisant, escrevem, cette verve d'occasion, et cet esprit des mots, il éclatait et pétillait de ce meilleur de l'esprit de la France, l'esprit des idéés". E acredita-se vel-o, tal qual nos apparece, no Luxemburgo, no seu retrato de Renoir: "Son petit œil, vif, inquiet, clair, furetait comme le regard d'un acteur par le trou de la toile."

Em torno de Banville, ficou uma grande irradiação de sympáthia, e os editores francezes fariam bem se pensassem neste poeta admiravel, de uma leitura deliciosa, que tem esquecido nas suas colleções de bellos livros.

Renan foi visto como um dos mestres do pensamento moderno e essa fortuna lhe veio de ter sido combatido. Cada vez mais se lhe fez a injúria de misturar o seu nome ás lutas politicas e falla-se em transportar as suas cinzas para o Pantheon, cuja crypta é o mais triste dos tumulos e o ultimo dos refugios, a que póde aspirar um poeta.



O Presidente Coolidge e os membros do seu ministerio, vendo-se, sentados, da esquerda para direita, Harry S. New, ministro dos Correios; Jonh W. Weeles, da Guerra; Charles E. Hughes, secretario do Estado; Presidente Coolidge; Andrew W. Mellon, secretario do Thesouro; Heny M. Dangherty, ministro da Justiça; e, em pé, na mesma ordem, Herber C. Woover, secretario do Commercio; Herbert Works, do Interior; Henry C. Wallace, da Agricultura e James J. Davis, do Trabalho



Não seria inteiramente injusto, recusar valor scientifico á obra de Renan, como á de Sainte-Beuve. A historia, como a comprehendem, é de segunda mão. Mas, utilizando-se de investigações, que conduzem outros a descobrir ossaturas e destroços, tiveram a arte de dar uma nova vida ás idéas e aos homens de antanho. E' nos de todo indifferente que pouco se dê a Renan historiador. Para nós, o que interessa é o critico, no sentido mais lato da expressão, que é a de ensaista e philosopho familiar.

Como escriptor, se lhe pôde censurar a sua formação de escola, ou de seminario, que o leve a gostar de uma fórma convencional e preparada. A sua famosa *Prière sur l'Acropole* não é mais do que um perfeito exercicio de rethorica.

Feitas essas concessões aos seus detractores, pôde-se admirar-o á vontade. Pertence a essa familia de escriptores que, mesmo nos enganando, nos dão sempre prazer e proveito intellectuaes.

Escrevia, no começo do seu *Examen de conscience philosophique*: "Le premier devoir de l'homme sincère est de ne pas influer sur ses propres opinions, de laisser la réalité se réfléchir en lui comme en la chambre noire du photographe, et d'assister en spectateur aux batailles, intérieures que se livrent des idées au fond de sa conscience." Este preconceito de ser espectador lhe perturbou todo o espectáculo da vida.

Aquella, que quer avaliar a existencia por seu valor real, chega fatalmente á mesma conclusão de Ecclesiaste: *Vanitas, Vanitatum!* Mas, resta ao individuo uma inestancavel fonte de alegria nessa realidade segunda, creada por elle, que se fez com os seus sentimentos, os seus instinctos, as suas paixões e tambem com as suas idéas e crenças.

Nada é mais differente do Renan sceptico, reflectido, indulgente, que nós conhecemos, do que este mundo celta adormecido, immovel, vivendo com um unico pensamento, que evocou em seus *Souvenirs* e que encarnou em algumas mulheres do seu paiz, como a pequena Noémi e Emma Kosilis; e, no emtanto, nada lhe fica mais perto. Nada o impacienta mais do que o dogmatismo religioso, com as suas intolerancias e os seus erros, e ninguem prestou mais bella homenagem á fé, nem fallou com mais comprehensão do mundo religioso. Nega a divindade de Jesus e, quando o pinta, morrendo, no seu soffrimento sobre-humano, restitue-lhe a sua grandeza divina.

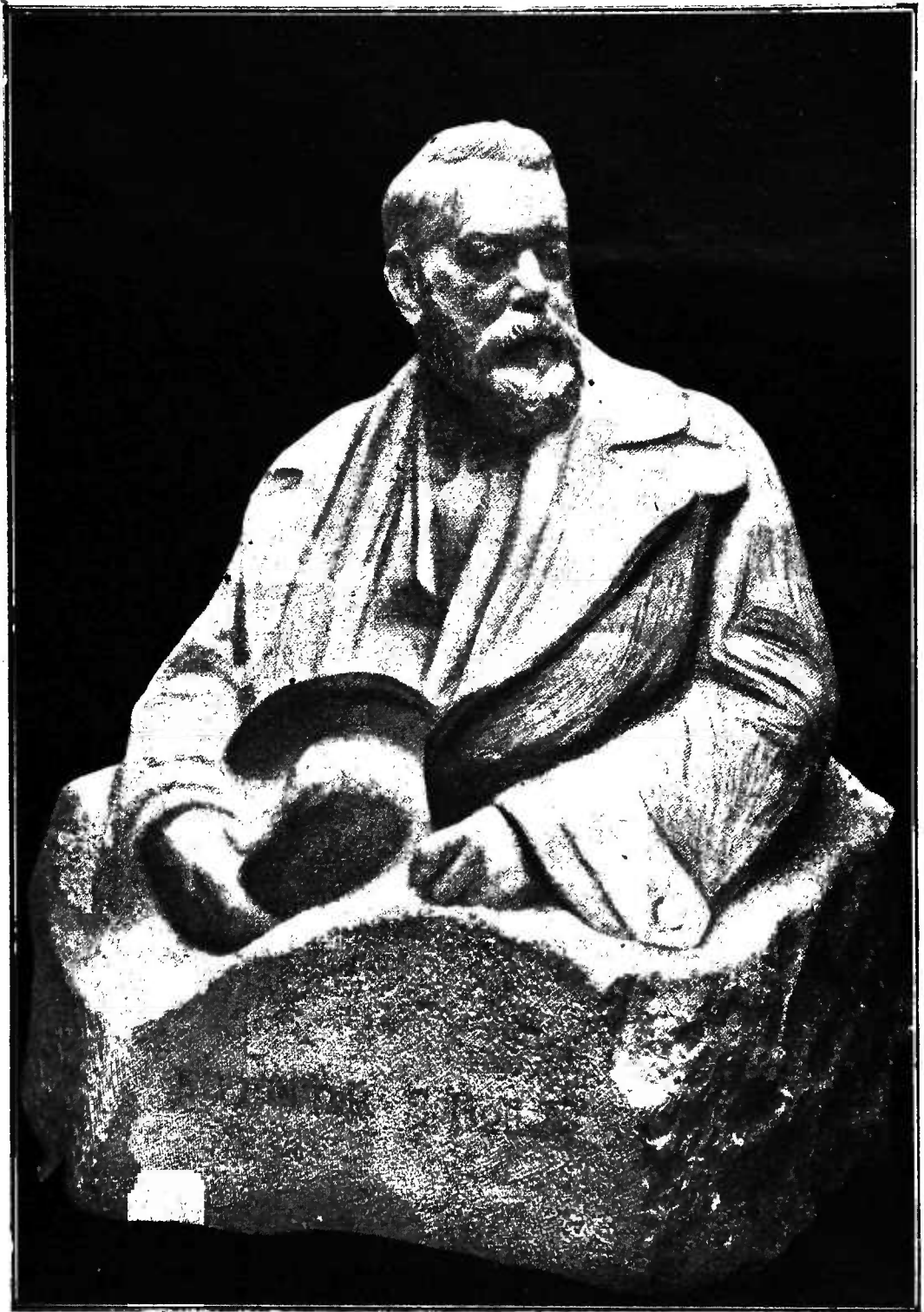
E' que, obrigando-se a viver na realidade, creou como que uma vida multipla. Cada caminho que trilhou o conduzio á estrada mais larga. Estudos estreitos do clero o levam á tradição; as suas indagações philologicas e historicas findam em visões philosophicas; e, enfim, as suas idéas geraes, desenvolvendo-se, cercam-se de poesia.

Este erudito historiador, este pensador attinge á expressão total do seu genio nos *Dialogues*, *Drames*, *Souvenirs*, isto é, quando se aproxima dos artistas e dos poetas.

Michel PUY



## SOROLLA



O grande artista espanhol, que morreu recentemente, cercado de gloria, como uma das mais altas expressões da pintura contemporanea, foi por excellencia um renovador. A sua visão pictorica e o seu colorido surpreendente chocaram o ambiente, quando appareceu, mas vencendo a hostilidade contra todo o artista independente, Sorolla triumphou, e rapidamente até. Em 1879 e em 1880 era premiado em Valencia e, quatro annos depois, obtinha a 2ª medalha na Exposição Nacional de Madrid, onde obteve o maior successo em 1892 com o quadro *Otra Bargarita*. Em 1895, no Concurso Nacional, impoz-se com o quadro — *Y aun dicen que el pescado es caro...*, que marcou o seu nome entre os grandes pintores do seculo XIX.

'Sorolla, escreveu Contreras y Cármino, foi o artista das scenas marinhas,

dos panoramas luminosos, dos nús fortes, da realidade sobria, como a luz nua apresenta, e por sua claridade e vigor não só surpreendia, como emocionava profundamente pela propria inspiração de natureza com todas as suas realidades como os seus contrastes incisivos" Em 1897, expoz *Cosiendo a vela* no Salão de Paris e obteve o mais completo triumpho, conseguindo, com o mesmo quadro, a medalha de ouro da Exposição de Viena. Já havia então conquistado a celebridade, que augmentou sempre, sendo um dos artistas mais admirados em todo o mundo, onde as suas tēlas, pelos museus ou pelos colleccionadores, são disputadas e vendidas a alto preço. Sorolla perpetuou o seu nome, como uma das glorias dessa surpreendente pintura espanhola.

# N O T U L A S

Foi concedido a Camille Mauclair o premio litterario das Bellas Lettras, de Outubro, pelos seus livros *Princes de l'Esprit e Grandeur et Servitude Litteraires*. O nome do homenageado, que temos a alegria de contar entre os nossos collaboradores, é um dos mais admiraveis na critica franceza, a que deu um brilho invulgar.

No grande inquerito litterario da revista norte-americana *International Book Review*, sobre os 10 melhores livros do seculo, ainda não encerrado, está em primeiro lugar o romance de Arn. Bennett, *Historia de Velha*. Entre os escriptores estrangeiros os mais suffragados são D'Annunzio, com *O Fogo* e Maeterlinck, com *O Passaro Azul*, citando-se ainda os nomes de Pierre de Coulevin, Rostand e Roman Rolland.

O Comité de Americanização nos Estados Unidos, verificando que é de 1.500.000 o numero de bolshevistas em actividade, envolvendo sua intensa propaganda no exercito, na armada, nos meios proletarios e escolas, com o que foram gastos mais de 3 milhões de dollars no anno passado, resolveu, de accordo com a indicação do Sr. Powell, seu presidente, propor a suppressão por cinco annos da immigração, o que permitiria *americanisar* os estrangeiros ainda não assimilados.

O Sr. William Acworth, perito britannico em assumptos de estradas de ferro, depois de ter estudado a situação da Austria, concluiu que Vienna readquire a sua posição de centro commercial para a bacia do Danubio e Sudoeste da Europa, bem como que se torna de novo um centro de intercambio para todo o antigo territorio do imperio austro-hungaro e dos paizes balkanicos. Acredita que, com o apoio do povo, o systema ferroviario austriaco em 2 annos estará solvente.

O Visconde de Burnham, que esteve recentemente nas Indias Occidentaes inglezas, communicou á Camara dos Lords

serem pessimos os serviços de communicações, telegraphico e jornalístico, sendo que este era feito por americanos. Pedin que o assumpto fosse levado á Conferencia Imperial. O Duque de Devonshire, replicando, disse que estava tranquillo quanto á lealdade das colonias, a qual não seria quebrada por qualquer influencia extranha. Quanto ao estado dos serviços de communicações, estava certo que a Conferencia Imperial lhe daria a maior attenção.

O nascimento de um filho dos Reis da Yugoslavia, Alexandre I e Maria, assegura a successão do throno da dynastia Karageorgevitch.

A producção do papel de impressão, no Canadá, foi nos annos abaixo, a seguinte:

Annos	Tons.
1910.....	215.000
1913.....	350.000
1914.....	415.000
1915.....	489.000
1916.....	608.000
1917.....	684.289
1918.....	734.783
1919.....	794.567
1920.....	875.696
1921.....	805.134
1922.....	1.086.551

Está convocado para Maio de 1924, o primeiro Congresso Internacional de Auto-Transportes, que se reunirá nos Estados Unidos, em Detroit, sob os auspícios da National Automobile Chamber of Commerce. Os convites foram feitos a todos os funcionarios de governos no estrangeiro, associações de auto-locomoção, representantes de fabricas de automoveis no estrangeiro e redactores de jornaes e revistas commerciaes, que se dedicarem a transportes a motor, nos 114 paizes que usam automoveis.

O Dr L. Cose annuncia, na *Revue Mondiale*, que o Corpo de Bombeiros de Paris possui a mais formidavel bomba de incendio, feita por engenheiros francezes. O seu aspecto é de uma grande *limousine*, na qual ha lugar para 11 bombeiros. Entre as rodas trazeiras está corpo da bomba, que pôde aspirar e expelir, com a pressão de 5 a 12 kilogrammas 300 metros cubicos de agua por hora, ou 86 litros por segundo. A auto-bomba pôde alimentar, ao mesmo tempo, 24 mangueiras de 14 m/m de diametro; 12 de 18 m/m, 3 de 30 m/m e uma de 50 m/m.

Durante o primeiro semestre do corrente anno, registrou a Directoria do Serviço de Povoamento a entrada, pelo porto do Rio de Janeiro, de 18.032 immigrantes, como taes considerados os passageiros de segunda classe e de terceira, sendo 3.730 em Janeiro, 2.202 em Fevereiro, 3.267 em Março, 3.439 em Abril, 2.789 em Maio e 2.605 em Junho.

Esses immigrantes eram das seguintes nacionalidades: allemães, 2.003; argentinos, 115; armenios, 42; austriacos, 409; belgas, 26; bolivianos, 3; brasileiros, 557; bulgaros, 17; chilenos, 18; chinezes, 3; dinamarquezes, 22; egypcios 15; equatorianos, 2; estonianos, 25; finlandezes, 11; francezes, 208; gregos, 19; hespanhoes, 683; hollandezes, 35; hungaros, 148; inglezes, 191; italianos, 1.791; japonezes, 23; lettões, 61; luxemburguezes, 7; marroquino, 1; mexicanos, 7; noruegueses, 41; norte-americanos, 133; paraguayas, 3; panamaenses, 6; peruanos, 5; polonos, 354; portuguezes, 9.205; rumenos, 125; russos, 306; servios, 20; suecos, 12; suissos, 217; tcheco-slovacos, 206; turco-arabes, 773; ukrainianos, 106; uruguayos, 48; venezuelanos, 5, e yugoslavios, 19.

Está em construcção o primeiro dirigivel destinado ao serviço entre Nova York e Hamburgo, dispondo de uma locação para 300 passageiros, com salões, salas de jantar, fumoirs, tombadilhos, cabines, etc.

A illuminação e a cosinha serão electricas. Foram tomadas providencias especiaes contra incendio e explosão e cada balão de hydrogenio será separado do

## OFFERECEMOS AOS HOMENS:

Uma Alfaiataria que talha e coze com perfeição e rapidez, e por preços ao alcance de todos.

Uma secção de roupas brancas com todos os artigos, desde o mais fino ao mais vulgar, desde o mais dispendioso ao mais barato.

**CHAPÉOS, CALÇADOS, ETC.**

VISITEM TODOS O **PARC ROYAL**

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

exterior por um segundo envolvero, cercando uma espessa "couche" de azoto. A propulsão será feita por 12 motores de 260 H. P., com commando independente. Calcula-se a duração da viagem Hamburgo-Nova York em 45 horas. O autor dos planos é um engenheiro hollandez Borner

De accôrdo com o ultimo Boletim relativo ao movimento mundial do café, publicado pela Casa Mortz & C., de Nova York, o "stock" mundial visivel, do café, subia a 5.792.000 saccas, tendo sido de 5.889 a 1 de Setembro findo. Em igual periodo do anno passado, porém, este "stock" attingia a 8.579.000 saccas. No começo de Outubro, a que se referem as noticias do Boletim os preços que vigoraram em Nova York eram de 8.92 a 7.92. O boletim annuncia igualmente que a futura safra em Santos está calculada em cerca de 16.000.000 de saccas.

Segundo as declarações, em Paris, do Ministro das Finanças, Sr. de Lasteirt, feitas á Comissão de Finanças da Camara, a receita produzida peios impostos geraes augmentou em 1921, comparativamente ao exercicio de 1920, de 14.000.000.000 de francos, a que devem ser accrescentados 2.000.000.000 da receita ordinaria. O papel moeda em circulação no paiz elevava-se em 1920 a 39.645.000.000 de francos, baixando em 1923 para 37.850.000.000. No tócate ao orçamento especial das despesas com a reconstrucção das regiões devastadas, ou sejam despesas reembolsaveis, o Ministro acredita que dentro de tres annos elle estará completo, necessitando ainda mais a despeza de 24 billiões de francos para restauração de diversas propriedades. Esses 24 billiões reunidos aos..... 52.580.000.000 já empregados nas reconstrucções sobem a um total de cerca de 80 billiões que representam o montante dos adiantamentos feitos pelo Governo francez por conta da Alemanha para os trabalhos de reparações, não incluídas, porém, as sommas emprestadas para o serviço de pensões.

A Russia continua a estender os seus tentaculos commerciaes para o Sul. Uma empresa mercantil — a Trans-Caucasion Trading Company, — acaba de organizar-se com o fim declarado de estimular o commercio entre a Russia e a Persia. O controle persa da companhia está nas mãos de commerciantes particulares. O controle russo pertence a uma sociedade dirigida pelo Governo. Em antecipação do apogeo commercial, que se espera dessa e de outras aventuras, a marinha mercante de propriedade do Estado, enviou uma commissão ao occidente, afim de adquirir oito navios de carga. Os russos allegam que o seu é o unico Governo capaz de empregar maior tonelagem maritima.

### AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Pedimos aos nossos assignantes a fineza de mandarem reformar suas assignaturas para o anno de 1924 até o dia 10 de Janeiro vindouro, afim de que não lhes seja suspensa a remessa desta revista. A importancia da reforma da assignatura (dez mil réis), póde ser enviada em vale postal, cheque, ordem, etc., dirigida á S. A. Monitor Mercantil, rua 1º de Março, 96-3º andar — Rio de Janeiro.



Reproduzimos aqui o admiravel retrato que Van Dongen fez, e expoz no Salon de Paris, de Geneviève Vix, em *Salomé*. Conhecemos a extraordinaria criação da artista franceza, na opera de Strauss, e dahi podemos avaliar a prodigiosa obra do grande mestre. A gravura sacrifica o colorido e dá apenas idéa pallida do quadro desse pintor surpreendente, cujo triumpho foi conquistado pelo prestigio de sua estranha personalidade, lutando contra os preconceitos e as fórmulas passadistas Segundo Max Da-

neaux "este retrato merece uma época na carreira de Von Dongen. Até agora o pintor preferia pintar as figuras varonis. Parecia temer a sua propria crueldade; e pensava que não basta augmentar o volume das perolas e o esplendor dos brilhantes para agradar as mulheres pintadas por elle e por ellas. Mas, em vista do entusiasmo com que as senhoras americanas sollicitam ser retratadas por elle, Von Dongen perdeu um pouco de sua timidez e se deixa dominar pelo furor da moda"

# NOTAS & COMMENTARIOS

## O discurso do Sr. Altino Arantes

Teve grande repercussão o discurso com que o illustre Sr. Altino Arantes, na Camara dos Deputados, analysou as condições geraes do paiz, nos seus aspectos economico e financeiro. A autoridade incontestavel de ser um dos nossos mais esclarecidos estadistas, que na administração do maior Estado da Federação impoz seu nome ao conceito de toda a Republica, e a circumstancia de alliar a isso uma intelligencia forte e uma solida cultura, deram á sua oração um enorme prestigio, quer na parte de analyse, suscita e firme, quer na apresentação da defesa das medidas que reputa urgentes e necessarias á solução da crise actual. Com effeito, tendo vindo da administração de um Estado, que é como uma nação, e no trato de cujos negocios revelou qualidades excepcionaes de estadista, resolvendo problemas economicos e financeiros que pouco differem, pela amplitude, dos nossos problemas maiores, o Sr. Altino Arantes tem a situação de quem, pela autoridade e valor, imprime aos conceitos que emite toda a significação, real que elles possam ter. Por taes factos, a que traz inestimavel esforço a circumstancia de se tratar de um politico de verdadeira mentalidade, que se especializou, desde cedo, no estudo das questões financeiras, de cujo sentido nunca se desviou a sua cultura, nem antes nem depois de ser governo, a sua palavra é sempre ouvida com o maior acatamento e as suas observações são sempre encaradas como as que nunca deixam de reflectir, com fidelidade, a face perceptível e exacta dos assumptos. Dahi o grande exito e a grande impressão, no Congresso e na imprensa, do seu notavel discurso, que ficará nos annos do Parlamento como um dos trabalhos mais eloquentes e completos em que se faz o estudo das condições geraes do paiz.

No meio corrente de nossa depredação politica, que os discursos apaixonados e inuteis do Congresso reflectem como espelho fiel, a oração ponderada e serena do illustre estadista ecoou profundamente na mentalidade do paiz. Delle pôde se discordar em principio, mas é irrecusavel a segurança de seus altos conceitos, o prestigio de suas opiniões, o acção esclarecida com que aborda e versa os problemas de maior interesse nacional. As bases de toda a politica financeira do paiz reduzio a duas: — economizar e produzir. Devem essas duas preoccupações guiar os homens de governo, oriental-os e a elles serem fieis, uma vez que trilhar caminho opposto, ou ladeal-as timidamente é comprometter os destinos nacionaes. Reduzir os males causadores da crise ao desequilibrio orçamentario e ao "deficit" das contas internacionaes, porquanto a inflacção do papel-moeda não é mais do que uma consequencia do proprio equilibrio orçamentario, chegando o governo a buscar nesse expediente o meio de supprir as deficiencias da receita. Economizar, sem duvida, é tudo, mas precisamos meditar no aviso prudente do illustre representante de S. Paulo, porquanto sem essa politica energica e vigorosa, não conseguiremos nunca remediar essa persistente crise que nos assoberba.

"Pratiquemos, sem tergiversações, a politica methodica dos cortes profundos nos dispendios, de forma a reduzi-los ao minimo possivel e a applical-os exclusivamente aos serviços indispensaveis e ás obras de caracter urgente e inadiavel.

Libertemos a União, que já não teve o melhor quinhão na partilha constitucional das rendas da Federação, de um sem numero de encargos e de subvenções que, evidentemente, escapam á orbita de suas attribuições. Suspendamos todas as obras em andamento e que não se relacionem com as necessidades mais impozias da vida e do desenvolvimento nacional. Ponhamos de parte, resolutamente, tudo quanto é sumptuario ou de resultados duvidosos

para o interesse publico. Sejam rigorosos, sem injustiças, na reducção dos quadros do functionalismo publico, cujo estipendio — já houve quem frizasse esta clamorosa, insupportavel anomalia — consome, quasi integralmente, a renda-papel do paiz, ou cerca de seiscentos mil contos de réis. Deixemos o fausto as liberalidades, as installações luxuosas, as representações deslumbrantes para épocas de menor abertura para o Thesouro e de menores privações para o povo.

Precizamos não perder de vista taes condições, por cuja realidade devemos nos empenhar a todo custo. Não sabemos até que ponto o Congresso ouvirá essas palavras do Sr. Altino Arantes e acreditamos mesmo que se percam, na base dos favores e da disputa do eleito. Mas, ainda assim, a semente ficará e mesmo entre pedras a planta brota, muitas vezes para arredar depois as proprias pedras e se libertar. Quanto á necessidade de produ-



Dr. Altino Arantes

zir, o Sr. Altino Arantes explicou que a moeda sendo padrão, se representa pelas especies e seria rico o povo que pudesse pagar mercadoria com mercadoria e não com papel usado. Pela harmonia desses dous principios — economizar e produzir — poderemos estabilizar o cambio, cujas oscillações reflectem os "deficits" orçamentario e das contas internacionaes. Ao invéz de procurar uma medicina de symptomas, busquemos resolutamente atacar na raiz os males perturbadores de nossa vida e de nossa prosperidade.

Em taes principios, expostos no seu brilhante discurso, o Sr. Altino Arantes resumio a politica a seguir. Não ha outros rumos e S. Ex., com a sua capacidade de estadista, experiencia de governo e tino politico, mostrou e demonstrou que fóra delles toda a caminhada será perdida. Mas, para trilha-los é necessario resolução e coragem e esperemos, se não é utopia ou ingenuidade, que os nossos governantes, pesando as palavras do illustre ex-Presidente de S. Paulo, se decidam a enveredar por elles. Felizmente, nesta hora inquietante da vida nacional, em que as difficuldades se reúnem para desafiar a argucia e capacidade de nossos dirigentes, a voz do Sr. Altino Aran-

tes se apresenta como a de um seguro e esclarecido mentor.

Outro ponto de especial relevancia do discurso do ex-Presidente de S. Paulo é o referente á operação da valorização do café e transformação do Banco do Brasil em banco emissor. Os dous assumptos são ahi altamente discutidos, sob aspectos novos, firmando-se a sua defesa em argumentos que se podem contraditar, mas cuja legitima procedencia não é licito desconhecer. O pensamento do Sr. Altino Arantes chega á conclusão de que tudo favorece a instituição do banco emissor, até mesmo a circumstancia de não termos sido felizes, na pratica, com essa instituição, em tentativas anteriores, porque ainda ha a lição do passado, que nos aproveita, evitando que cheguemos a erros perniciosos. E quanto á defesa da valorização, o eminente representante de S. Paulo a faz demonstrando que com essa operação nos livramos da possibilidade de um prejuizo de 16 milhões na safra actual, e que a restricção das entradas regulariza, pelo menos, a existencia de letras da exportação, evitando a sua plethora nos primeiros quatro mezes da colheita, e verdadeira penuria nos mezes subsequentes.

Registrando, sem pretender commentar, esse discurso, cujo valor não precisamos accentuar, queremos mostrar que não será por falta de conselhos prudentes que errará o Governo. Volva-se quanto antes á pratica resoluta de que prescreveu o Sr. Altino Arantes — economizar e produzir — e verá que muito contribuirá para de um modo decisivo e forte, restabelecer o equilibrio financeiro, imprescindível ao desenvolvimento da grandeza do Brazil.

## Obra de cultura

Ha pouco um dos nossos jornaes chamou a attenção para o facto do governo argentino, por intermedio da Universidade de Buenos-Aires, distribuir premios ás obras scientificas apparecidas nesse paiz, como incentivo á cultura, sendo que esses premios constam de quantias avultadas, o primeiro delles de 30.000 pesos, ou 150.000\$000, em nossa moeda. No entretanto, entre nós, o estímulo aos intellectuaes é nullo, por assim dizer, não encontrando os scientists e escriptores facilidades, para não falar em auxilios, por parte do Governo. Brasileiros illustres, com publicações notaveis, não têm conseguido sequer que o Governo as imprima e divulgue, deixando-as no mais lastimavel olvido. Ainda agora, se promoveu um concerto em favor de publicação das obras musicas desse poderoso artista, que foi Glauco Velasquez, as quaes, apesar do Congresso ter autorizado, não conseguiram a publicação, sobremaneira honrosa para a nossa cultura artistica. Outro caso, e quantos poderíamos citar? — é o do eminente mestre de nossa historia, Sr. Rocha Pombo, a quem o Governo nunca premiou, apesar de ter escripto o mais notavel repertorio da historia patria, num tratado digno da maior estima. As concessões e os favores para sociedades vagas de philanthropia mais vaga ainda, enchem todo o anno os orçamentos, mas, quando se trata de auxiliar á obra dos escriptores, dos scientists e dos artistas, a costumada liberalidade se transforma em avara prudencia.

Emquanto a Argentina incentiva os seus homens de saber e artistas, nós os esquecemos. Não se citam os premios de viagem, fruto dos cursos academicos, obtidos não sempre por um criterio de justicia, mas pelas notas aleatorias dos exames, onde triumpham os mais esportos, antes de que os mais preparados. Sobre os jures da Escola de Bellas Artes é preferível não fallar muito... Portanto, falta-nos esse estímulo aos estudiosos, no qual poderiam encontrar, muitas vezes, elementos para mais applicação, quando são enviados para affazeres diversos, afim de buscar os meios de subsistencia.

Nisso, como em outras cousas, temos muito que aprender e imitar...

### A Republica fez annos

Com as salvas de estylo, a 15 de Novembro, a Republica fez annos. Anniversario banal, em dia chuvoso, que pouca gente se apercebia, se não fosse um amavel feriado, quando se tem mais tempo para pensar na obra idealista dos homens de 89. Como a Republica é o mais definitivo dos factos, não pôde haver mais entusiasmo e o dia de seus annos passa, como um outro dia qualquer, ou antes, como um domingo qualquer. Este anno, pouca gente sahio á noite, para ver illuminadas as fachadas dos edificios publicos. Houve quem visstasse o Sr. Lopes Trovão, mas o culto dos symbolos tambem já vai diminuindo. Os jornaes se preocupam mais com o anniversario, no mesmo dia, do Governo, uns para dizer muito bem, outros para dizer muito mal... E, confundindo as cousas, aquelles se fizeram apologistas do regimen, estes o julgaram em máo caminho. Todos tem razão, porque estão todos com os seus interesses e não se os deve censurar por isso... Mas, pensando um pouco, nessas opiniões divergentes, lembramo-nos daquella phrase celebre de Joaquim Murtinho — "precizamos republicanizar a Republica" Porque não se aviva a chamma ateadada pelos propagandistas por um novo ideal, pois estamos tão longe delle, mais talvez de que no imperio, estavamos longe da Republica. Compare-se a propaganda e veremos quaes as accusações formuladas contra o regimen deposto. Qual dellas não se poderá repetir hoje? e quantas novas não ha que fazer? Se logo no começo, Benjamin Constant julgou que a realidade não correspondera aos seus sonhos, que diremos nós hoje, diante de tanta cousa que a lei de imprensa nos obriga calar! Se a Republica fez muito, dando sobretudo um admiravel feito progressivo ao paiz, é cousa incontestada, mas, noutros pontos, seus erros tem sido tantos e taes, que em nada nos honra o seu advento. O remedio não está em carpir, mas em trabalhar, procurando tornar a Republica uma fórma moderna e liberal de estado, para isso, o mais necessario é a revisão constitucional. Precisamos deixar a pasmaeira actual, ou a luta de interesses e competições, e procurar engrandecer o paiz. O dia 15 de Novembro deste anno foi um dia feio, de chuva e de lama. E necessario sol, muito sol, que é vida e alegria,

### Situação Instavel

E' uma desolação para quantos se interessam seriamente pelos problemas nacionaes e reconhecem a gravidade inilludivel do momento, assistir ao espectáculo de discordias internas, de rivalidades chocantes, odios intransigentes, cujas razões impiedosas são as seguidas e preferidas, tornando cada vez mais complicada a situação actual. Já dissemos que deveria partir do Governo, pela sua propria autoridade e por ser o contendor mais forte, a palavra de concórdia, que procurasse a pacificação dos espiritos, ainda alvoraçados pelas ultimas e irritantes lutas politicas. Não é demais que se insista. Em face de uma crise economica alarmante, quando o cambio cõe ás ultimas casas e a moeda se desvaloriza, encarecendo a vida, por um lado, e despreciando o valor do trabalho e da producção nacionaes; em face de perigos iminentes, necessario se torna uma acção forte e energica do Governo, appellando para a nação, afim de que nella firmado e nelle fiando, possa tentar a obra mascula, talvez herculea, do soerguimento das nossas finanças. Mas, como pôde o Governo achar esse firme apoio, se persiste o ambiente de mal-estar e desconforto, com a capital do paiz sob um persistente estado de sitio preventivo? Não ha de ser mantendo e fomentando as odiosidades, que deparará essa harmonia collectiva capaz de ambientar esse esforço inaudito, em que estado e acção têm de porfiar. Antes de reintegrado o povo na sua tranquillidade, por uma concessão mutua dos antagonistas e divergentes, não se poderá acreditar no exito desse tentame. A exigencia do sacrificio, aliás nobre e patriótico,

sobre ser humano, é imperioso e sem elle todo successo será precario, porque sem paz não ha meio de conjugar esforços para uma obra que necessita de todas as energias e de todas as vontades, sem vacillar, nem temer. E a base ha de ser a confiança. No entretanto, essa confiança é que desapareceu. Basta fixar um instante da vida actual, para que logo se verifique a sua inexistencia, testemunhada á evidencia tal, que dispensa provas e argumentos! Sentimos todos. No entretanto, já é tempo de nos lembrarmos que somos brasileiros e irmãos; que prolongar esse estado de cousas é obra impatriotica; que o Governo deve ser o primeiro a se interessar pela pacificação nacional, sem o que será inutil confiar na sua acção, pois que lhe falta o apoio da opinião publica, em sua totalidade retrahida e desconfiada. Esqueçam-se os homens do governo, da politica, da imprensa, das finanças de tantos odios e resentimentos e, pelo Brasil, reintegrem a nação no ambiente propicio de calma e de labor.

### Leão Velloso

O poderoso jornalista, recentemente fallecido, era uma das mais significativas figuras de nossa imprensa, onde deixou o traço vigoroso de sua passagem. Effectivamente, Gil Vidal foi um dos nossos mais brilhantes polemistas, tendo sido dos primeiros a innovar na imprensa brasileira, os artigos ligeiros e incisivos, com argumentação convincente e logica acessivel, em estylo simples e sem inu-



Gil Vidal

teis atavios literarios. Por largos annos, a sua columna num de nossos diarios teve as melhores preferencias do publico e Gil Vidal foi um dos grandes mentores da opinião publica. Na campanha civilista, quando Ruy Barbosa agitou a consciencia nacional, numa reivindicacão sem precedentes, Gil Vidal foi um dos mais insignes generaes dessa peleja admiravel, a que deu um brilho desusado. Os artigos e sueltos dessa época são depoimentos vivos da memoravel luta, que se contará entre um dos raros exemplos de civismo na nossa Republica quieta e despreocupada. Era Leão Velloso tambem politico e professor de direito, mas a imprensa é que foi o seu grande ambiente e nella buscou a floração de seu formoso espirito.

### A Industria em Sergipe

E' verdadeiramente promissor o desenvolvimento industrial em Sergipe. A industria extractiva no municipio de Aracajú, a fóra a dos oleos, é representada, sobretudo, pelas suas sa-

linas, as quaes, installadas, muito rudimentarmente permittem, mesmo assim, regular producção annual, como será facil verificar pelo quadro adiante exposto. As madeiras do municipio, sendo escassas, não permittem installações de serrarias, existindo uma unica, de propriedade do Sr. José Alcides Leite, com regular capacidade de producção, embora sejam as tóras e taboados importados de outros municipios e mesmo de Estados, principalmente do Paraná. A industria de tecidos é a que exerce influencia sobre a actividade dos habitantes, principalmente dos menos abastados. Dentre as principaes fabricas podemos destacar a denominada "Sergipe Industrial", com um capital de mil contos de réis. Esta fabrica, que emprega sobretudo, algodão do Estado, trabalha dia e noite, com cerca de 320 teares e 10.820 fusos, accionados por machina a vapor. Produz a "Sergipe Industrial" principalmente tecidos tintos e crus, occupando um total de 1.480 operarios. A fabrica "Confiança", com um capital de 1.800.000\$, distribuiu o ultimo dividendo á razão de 15 % Só trabalha em algodão e possui 300 teares, dos quaes, 260, com 8.300 fusos, occupando 600 operarios. As salinas resumem-se em pequenas barragens destinadas a reter as aguas das marés. São localizadas, sobretudo, nas margens do rio Sergipe e de seus braços, nos terrenos alcançados pelas altas das marés. No municipio existem 112 salinas, distribuidas em Getimana, Camarão, Toque, Barbosa, Candieiro, Cacimba, Sacco, Pouso d'Anta, Ilha do Rocha Bugio, Palame, Varzea Grande, Tramandahy, Gragerú, Raposa e Barra dos Coqueiros. Durante os ultimos quatro annos estas salinas produziram as seguintes quantidades de sal:

	Kilos
1918	8.000
1919	28.000
1920	5.100
1921	3.500

Durante o ultimo decennio o municipio e particularmente a cidade de Aracajú, capital do Estado, progrediu consideravelmente, contribuindo, para isso, entre outros factores, a alta dos productos agricolas e o augmento da exportação pelo seu porto, o de maior movimento de Sergipe. O porto de Aracajú exporta annualmente quantidade consideravel de productos agricolas, mas são productos vindos de outros municipios do Estado e não do municipio de Aracajú. Por esse porto são exportados: assucar, algodão em rama, arroz pilado e em casca, aguardente, côcos, couros, tabaco em corda, gado vaccum, oleos de algodão, de ricino e de côco, sabão, sal e tecidos de algodão, attingindo o valor do assucar e do algodão exportados a mais de quinze mil contos de réis. As feiras semanaes que existem no municipio são muito concorridas e nellas são expostos, desde os principaes productos de consumo forçado, até quinquilharias e artefactos curiosos.

### Concurso litterario

O Sr. Samuel Nunez López, proprietario da acreditada "Libreria Espanola" acaba de abrir um concurso litterario, cujas bases damos a seguir. Antes, porém, queremos dizer todo o nosso entusiasmo e expressar todo o nosso louvor, a essa iniciativa, que visa estimular os novos escriptores, cooperando nobremente para o maior desenvolvimento das letras nacionaes. São estas as bases do concurso:

Themas:

a) Trabalho de imaginação: — Novella de typos e costumes brasileiros.

Extensão: de 160 a 200 folhas escriptas a machina, por um só lado, em papel de 28 x 21 1/2 centimetros cada uma, com 30 linhas de duplo espaço e tendo ao lado esquerdo uma margem de tres centimetros.

No thema de imaginação não serão admitidos senão os novos escriptores iniciados ou inéditos.

b) Trabalho de investigação: — Estudo crítico-litterario a respeito de escriptor brasileiro dos ultimos cincoenta annos, que tenha exercido influencia positiva na evolução da mentalidade nacional.

Extensão: nunca maior de 80 paginas, escriptas a machina, nas mesmas condições determinadas para os "trabalhos de imaginação".

Idioma — Os trabalhos apresentados só poderão ser em lingua portugueza.

Prazo — Para ambos os themas encerrar-se-á o prazo ás 6 horas da tarde de 30 de Abril de 1924.

Admissão — Os trabalhos apresentar-se-ão:

1) Caracterizados por um lemma e encerrados num enveloppe que traga o mesmo lemma pertencente a um intelligivel, por fóra, além de um simples declaração que indique a qual dos themas pertence: se ao de imaginação, ou se ao de investigação.

2) Acompanhados de outro enveloppe fechado, onde se escreverá o mesmo lemma por fóra e que contenha o nome e o domicilio do autor. (Não se permitem pseudonymos).

Assim individualizados, os trabalhos receber-se-ão na "Libreria Espanola", á rua da Alfandega n. 47, em qualquer dia util, das 10 da manhã ás 6 da tarde, mediante recibo, em que figure o lemma distinctivo e a data da sua entrega.

Classificação — O proprietario da "Libreria Espanola" nomeará um jury, composto de brasileiros, ou de brasileiros e um hispano-americano ou hespanhol, para que sejam examinados os trabalhos apresentados e conferidos os premios a quem de direito.

Premios a) Imaginação — premio unico: um conto de réis.

Esta quantia não será conferida a ninguem se o jury julgar que nenhuma das novellas apresentadas o merece.

b) Investigação: Premio unico: quinhentos mil réis.

Não será conferida esta quantia a ninguem se o jury entender que nenhum dos trabalhos apresentados a merece.

O premio que não fôr entregue a alguns dos concurrentes, entretanto, distribuir-se-á entre o Hospital Pro-Matre e o Hospital Hespanhol.

Direitos — O proprietario da "Libreria Espanola", Samuel Nunez López, ao premiar o trabalho de imaginação adquire o direito de propriedade sobre a sua traducção para o idioma castelhano e o fará traduzir por um litterato hespanol. Esse direito de propriedade perd-o-á, se dentro dos 12 mezes seguintes á data em que foi entregue o premio não der ao publico a citada traducção.

O autor premiado pelo trabalho de imaginação obrigar-se-á a ceder ao proprietario da "Libreria Espanola" um exemplar da novella que apresentou, escripto á machina ou impresso, para a sua traducção.

Abertura de envelopes — Ao serem entregues os premios abrir-se-ão os envelopes que contenham os nomes dos autores dos trabalhos premiados.

Os lemmas desses trabalhos, nomes de seus autores e premios conferidos publicar-se-ão em parte da imprensa carioca, logo que o permitta definitivamente o jury.

Devolução de envelopes — Uma vez publicada a entrega dos premios, os trabalhos não

premiados poderão ser retirados por seus autores.

O direito de retirar os trabalhos não premiados caduca ao fim de seis mezes, a contar da data da publicação dos premios.

#### Os direitos autoraes

Ha tempos o Sr. Xavier Marques, escriptor, academico, deputado pela Bahia, offereceu ao projecto definindo os direitos autoraes, uma emenda no sentido de se amparar e proteger o proletariado intellectual do paiz, que tem vivido ao desamparo, á mercê de exploradores de toda a sorte. Num dos ultimos dias do mez findo, encaminhando a votação do referido projecto, o illustre homem de letras e legislador pronunciou um magnifico discurso em defesa dos direitos sagrados de quantos tentam viver da penna neste paiz.

Depois de se referir ás relações jurídicas entre autores e editores, pergunta o Sr. Xavier Marques: "Mas em materia de contrafacção, que é que a lei considera como tal, podendo dar lugar a indemnização por perdas e damnos e a applicação das respectivas penas do Código? Contrafacções, no regimen da lei n. 496, de 1 de Agosto de 1898, são apenas: a) traducções em lingua portugueza de obras estrangeiras quando não autorizadas; b) reproducções, traducções, execuções, representações de obras já cahidas no dominio publico, nas quaes se façam alterações, accrescimos ou suppressões sem o formal consentimento do autor."

Eis o maximo de protecção concedida aos direitos do autor prepuamente de autor estrangeiro; porque ao nacional, como está claro na disposição acima extractada, o que se lhe garante é simplesmente um direito moral contra qualquer alteração que ferindo a integridade de sua obra poderia sacrificar-lhe a reputação litteraria, scientifica ou artistica. E essa mesma garantia se não é um lapso de legislador é uma burla da lei: pretendeu-se com ella escudar contra alterações, accrescimos ou cortes não consentidos formalmente pelo autor de obras que já transpuzeram o prazo da garantia legal, o que só se verifica depois de cincoenta annos a partir de Janeiro do anno em que se fez a publicação, isto é, quando o autor provavelmente já não existe."

Diz em seguida que o "Codigo Civil, menos lacunoso, tem o defeito de abstrahir dos direitos do autor para zelar muito mais os interesses e direitos do editor. Não desconhece o contrato de edição, mas parece ignorar que "a publicação de uma obra litteraria interessa o mais das vezes não menos á fortuna que á fama do autor, e que os interesses deste são algumas vezes oppostos aos do editor". O Codigo Civil dilatou o prazo da protecção legal aos direitos autoraes. Reconhece ao autor o direito exclusivo de reproduzir a sua obra e aos herdeiros e successores o gozo desse direito pelo tempo de sessenta annos a contar do fallecimento do autor.

Arma o autor ou o proprietario da obra contra as reproducções fraudulentas, dando-lhe o direito de requerer a apprehensão dos exemplares reproduzidos sem prejuizo da indemnização de perdas e damnos. No conceito de reproducção fraudulenta não estão, porém, com-

prehendidas as fraudes que mais frequentemente victimam os direitos e interesses dos autores. Se a retribuição destes fica dependendo do exito da venda da obra, é obrigado o editor a apresentar-lhes a sua conta; e se esgotada a ultima edição, o editor com direito a outra, não a leva a effeito, póde o autor intermal-o judicialmente a fazel-o dentro de certo prazo, sob pena de perder aquelle direito.

Refere-se á partilha dos editores, um dos capitulos mais tristes das relações affirmativas que "não são essas as unicas vantagens asseguradas aos editores; a sua maior protecção está no silencio da lei. E' nesse silencio que se consummam os grandes abusos lesivos dos direitos autoraes. Affirma que o maior defeito da nossa legislação é não ter no devido apreço as garantias pecuniarias do autor." Diz que "ainda hoje, entre nós, verificam-se casos de cessão de direitos autoraes que são perfeitas trocas. Escriptores altamente reputados e pobres se despojaram assim do unico bem que lhes poderia mitigar a pobreza".

"Nem o Codigo Civil assegura aos autores os meios tendentes á verificação da tiragem das obras contratadas com o editor."

Refere-se ao registro das obras na Bibliotheca, lembrando uma entrevista de Pedro Lessa sobre o abuso das tiragens superiores ao ajustado nos contratos de edição, dizendo-se de accordo com o saudoso jurista.

Voltando a fallar do parecer de Pedro Lessa, que estava de inteiro accordo com o orador, o Sr. Xavier Marques estuda o que a respeito tem firmado a legislação comparada. E conclue: "Ainda não é tudo quanto a pratica, a doutrina e a jurisprudencia aconselham ao legislador actual em materia de propriedade litteraria. Haveria que regular outros pontos para que a nossa legislação especial correspondesse á importancia e complexidade do assumpto. Assim, dado que o objecto do contrato de edição é, não a obra, mas o direito de publicação com a obrigação correlativa de publicar, cumpriria impedir, para garantia do autor, que o editor cessionario daquelle direito pudesse procrastinar indefinidamente a publicação do manuscrito. Concedido o direito de publicar, conviria distinguir as varias formas de publicação, de sorte que uma edição popular, ainda quando inesgotada, não fosse obstaculo a que o autor contratasse uma edição illustrada ou uma edição de luxo. Nos proprios casos de venda da propriedade devia ficar estatuido que ao adquirente não assiste a faculdade de guardar a obra, de subtraí-la á publicidade, o que importaria a sua suppressão, e com isto, parece-me, a maior lesão que poderiam soffrer os direitos moraes do autor, que os não renuncia em caso algum

Mas seria avançar muito. E eu tinha que respeitar a seára dos competentes.

Acredito, entretanto, que no pouco a que se reduz a emenda com que me permite colaborar improvisadamente no projecto n. 256, está o essencial e o que mais urge, entre nós, no tocante aos direitos pecuniarios dos autores."

O discurso do Sr. Xavier Marques é uma peça notavel e que impressionou vivamente as rodas intellectuaes do paiz.



## A VICTOR VICTROLA

REPRESENTA UM THEATRO

Adquirindo um destes instrumentos fechará um contrato permanente com os mais afamados artistas do mundo. Peça uma demonstração pratica.

UNICOS REPRESENTANTES PARA O BRASIL

**PAUL J. CHRISTOPH & C<sup>IA</sup>**

98 RUA DO OUVIDOR, 98.

RIO DE JANEIRO

# Portugal

## Momento português

Do discurso de posse, perante o Parlamento, do Presidente Teixeira Gomes, extrahimos estes trechos, cuja importancia não é preciso encarecer:

"A politica externa, adoptada pela Republica, tem merecido o applauso da Nação inteira. A mais e mais nos temos approximado do Brasil, cujo povo, pela consaguinidade e pelo sentimento, é o mais afim do povo português. Não se têm poupado esforços para que as nossas relações com a Espanha se estreitem, como deve succeder entre nações limitrophes e amigas, sobretudo nos casos, como este, de reciproca e sincera estima. Com a França e a Italia a nossa participação na guerra creou essa nobre camaradagem que garante as amizades eternas. Mantemos excellentes relações em todas as nações do mundo e nos Estados Unidos da America os densissimos nucleos de emigração portuguesa consolidam a profunda sympathia que sempre nos ligou á grande Republica. Quanto á Inglaterra, cuja alliança tem por muitos seculos servido de base á nossa politica externa, as provas de estima, recebidas ultimamente pelo paiz, nas honras prestadas á pessoa do Presidente eleito bas-

pelo constitucionalismo e pela Republica, que a crise politica em Portugal nunca attingirá nem de leve, o exercicio das instituições parlamentares. Fio tambem desse mesmo povo que trabalhará sem descanso para fortalecer essas instituições, dignificando-as."

A proposito do novo presidente, a *United Press* forneceu o seguinte e interessantissimo communicado:

"Teixeira Gomes, o novo Presidente da Republica, marca um lugar á parte na galeria dos Chefes do Estado. A sua figura, sobre a qual politicos e jornalistas desenharam um grosso e talvez, negro ponto de interrogação, começa a ser conhecida pelo paiz.

A principal disposição do novo presidente, é intervir tanto quanto as funcções do seu cargo lhe permitem na vida politica do paiz!

Quer ser, supponho, não um presidente decorativo, bom para os dias de regosijo nacional, bom para os dias de gala, festas na Ajuda e vinda de Reis, mas sim como presidente que quer conhecer a vida do paiz, guiando-a, aconselhando-a, dirigindo-a.

A sua estada em Londres, junto da corte de S. James, deu-lhe aquella linha de elegancia diplomatica, de finura, de corre-



Julio Dantas, novo ministro dos Estrangeiros de Portugal

lo, procura-o em casa e tanto lhe disse, que um quarto de hora depois o ministro mudava de opiniao.

Recebeu já os directorios de todos os partidos politicos. Um delles — o radical — que não tem representantes no Parlamento, apresentou-se-lhe devéras numeroso, ainda que a maioria dos membros que o constituam, ignorassem da politica o que ella tem de mais profundo e de mais necessario. Teixeira Gomes não se satisfez com as explicações de um só delegado. Quiz que todos falassem.

Deram-lhe respostas interessantissimas, porventura, não despidas de comico e de ignorancia que elle annotou em canhenho.

Teixeira Gomes não deixou de ser diplomata. Apresenta-se sempre elegantemente vestido, falando como se ainda estivesse em Londres, nas Secretarias do Ministerio dos Negocios Extranjeros.

## Antonio José d'Almeida

Numa das suas chronicas enviadas para *O Imparcial*, o Sr. João de Barros escreve, a proposito da attitude politica do Sr. Antonio José d'Almeida, mostrando que Portugal reclama o estadista illustre que acaba de presidir os seus altos destinos, para governar e orientar a Nação. Desse interessante artigo extrahimos os seguintes trechos que bem fixam o ambiente que cerca o preclaro cidadão:

"O Dr. Antonio José d'Almeida, desde que deixou a presidencia da Republica, está mais do que nunca — ou, melhor, continúa a estar — em evidencia politica. A maneira como esse eminente cidadão dirigiu o paiz durante o seu difficil e arduo quadriennio, a sympathia unanime que a sua attitude conquistou em todas as classes sociaes, o carinho que envolveu o seu nome nos tempos da propaganda republicana e que não afrouxou ainda — collocam-no numa situação especial e excepcional. Elle demonstrou uma tão equilibrada e justa visao dos homens e dos acontecimentos, como Presidente da Republica, que não é de extranhar que desejem vê-lo outra vez numa posição de mando — governando e orientando a Nação. E' o que, segundo creio, acontecerá. E nada me admirarei se, em breve, dentro de tres, quatro, cinco mezes, o telegrapho para ahí levar a noticia de que o Sr. Teixeira Gomes encarregou o Sr. Antonio José d'Almeida de organizar ministerio, com plena liberdade para escolher os seus collaboradores e para trazer as directivas da sua accção.

A propheta, pôde, talvez, deixar de realizar-se. Mas as suas probabilidades de realizacção accentuam-se dia para dia, porque, de facto, o paiz reclama e exige um governo de altas personalidades republicanas, com um programma de rapidas soluções para a crise economica e financeira. E, para presidir a esse governo, ninguém, melhor do que o Dr. Antonio José d'Almeida, está indicado e é escolhido."



(«Croquis» de Menezes Ferreira)

## PRESIDENTE TEIXEIRA GOMES

(Desenho de Menezes Ferreira)

tariam, se outras razões não houvesse, para provar os excellentes termos em que os dous paizes vivem. E' esperanza minha, é certeza minha, que esta alliança continuará indefinidamente a servir de base á nossa politica externa e ufana-me que o meu paiz trabalhe para o progresso e a civilização da humanidade de mãos dadas com a Grã-Bretanha.

E' quasi angustiosa a crise que atravessam todas as nações europeas que entram na Grande Guerra: crise financeira, crise economica, crise politica; de todas essas crises padecemos nós tambem. Tão vastos são, porém, os recursos naturaes da nossa abençoada Patria, que se me afigura facil vencer as duas primeiras, por pouco que nos unamos para as debellar. Fio do patriotismo do povo português, do seu ardente amor á liberdade, da sua coragem em defender as regalias conquistadas á força de sacrificios e á custa de tanto sangue

ção, que o fizeram o digno successor de Soveral, que muito o ajudou no seu posto.

Para que o publico do Brasil comprehenda o novo presidente, necessario se torna analysar-lhe o feito em dous ou tres factos interessantes. Uma das caracteristicas do Chefe do Estado: é a pontualidade.

Nas festas de 5 de Outubro, houve uma recita de gala no theatro de S. Carlos. Era ás 21 horas. A essa hora, mathematicamente, o novo Chefe do Estado entrou, verificando que a pontualidade portugueza tem sempre mela hora de atrazo. A sala de espectáculo estava quasi deserta.

Teixeira Gomes gosta de andar sósinho. De manhã, dispensando os ajudantes que o protocollo lhe concede, sahe de Belém e vai para a Tapada da Ajuda, falar com os jardineiros, perder-se em longas meditações. Ha tempos, como um ministro quizesse comprometter o Governo com uma decisão forçada, Teixeira Gomes contra o protoco-

# REPERTÓRIO



## A frota mundial

O Lloyd's Register para o anno de 1923 a 1924, traz curiosas informações sobre a marinha das principais potencias maritimas. Em Junho de 1923, a frota commercial mundial compunha-se de 33.500 navios de mais de 100 toneladas brutas e deslocando 66.166.000 toneladas. Em 1922, o total da tonelagem era de 64.271.000 e em 1921 de 61.975.000. Assim, a frota mundial augmentou de 795.000 toneladas durante o anno terminado a 30 de Junho e de 3.191.000 nos ultimos dous annos. Na tonelagem total registrada a 30 de Junho, os veleiros não representavam senão 2.850.000 toneladas, havendo uma diminuição de 200.000 toneladas. Em 1914, a marinha á vela ainda era de 4.000.000 de toneladas; hoje é de menos de 1.500.000. Os Estados Unidos ainda possuem 1.260.000 toneladas de veleiros; depois vem a França com 284.000; a Noruega com 176.000; a Grã-Bretanha com 166.000 e a Italia com 153.000. Quanto aos navios a vapor e de motor, contando somente os de aço e ferro, o seu total é de 57.939.000 toneladas em 1923 contra 54.217.000 em 1920 e 42.514.000 em 1914. Assim, apesar de todos os prejuizos da guerra, o augmento total foi grande devido ao desenvolvimento das marinhas dos Estados Unidos, Japão, França, Italia, Hollanda e da Inglaterra, que manteve um total maior do que antes da guerra. Damos abaixo o quadro do total da tonelagem dos navios de ferro a vapor, de pelo menos 100 toneladas, antes da guerra e em Junho ultimo:

Em milhares de toneladas:

	Junho		Diferença
	1923	1914	
Grã-Bretanha e Irlanda	19.077	18.877	+ 200
Estados Unidos	12.416	1.837	+ 10.579
Japão	3.402	1.642	+ 1.760
França	3.265	1.918	+ 1.347
Italia	2.788	1.428	+ 1.360
Hollanda	2.606	1.471	+ 1.135
Allemanha	2.496	5.098	- 2.602
Noruega	2.299	1.923	+ 376
Dominios Britannicos	2.219	1.407	+ 812
Hespanha	1.169	883	+ 286
Suecia	1.092	992	+ 100
Dinamarca	920	768	+ 152
Grecia	743	820	- 77
Belgica	600	341	+ 259
Austria		1.052	- 1.052
Outros países	2.847	2.057	+ 790

A proporção do augmento da marinha inglesa foi apenas de 1%, quando a dos Estados Unidos atingiu a 575%. É preciso, entretanto, não esquecer que a Inglaterra teve de reparar os prejuizos da guerra submarina, tendo intensificado sua construção para não perder sua antiga posição. Um facto importante que merece um registro especial é o augmento do uso do petroleo e portanto, dos motores de combustão interna. A tonelagem dos navios de ao menos 1.000 toneladas

destinados ao petroleo em cisterna, elevava-se a 30 de Junho de 1922 a 5.160.973 toneladas, sendo 312 unidades, representando 1.691.257 toneladas registradas na Grã-Bretanha e 399 unidades e 2.497.625 toneladas nos Estados Unidos. Para avaliar a importancia crescente de uso do petroleo, o declinio da vela e a decadencia relativa do carvão, basta comparar as cifras reproduzidas a seguir:

## Porcentagem da tonelagem mundial

	1914	1923
Propulsão a vela	8.06	4.34
Navios de petroleo com motores de combustão interna	0.45	2.56
Combustivel liquido nas caldeiras	2.65	24.23
Emprego de carvão	88.84	68.87

Assim, ha uma transformação que se accentua e que esse confronto revela. Vê-se assim, o grande esforço de reconstituição e se registra o emprego crescente de novos combustiveis. O Brasil é tambem uma potencia maritima, a primeira da America Latina, com cerca de 500 mil toneladas. Isto mostra as nossa responsabilidades no fomento e protecção da nossa marinha mercante.

## A authenticidade dos Rembrandts

O critico norte-americano, John C. Van Dyke, professor de arte e de archeologia do Rudger College do Estado de Nova York, acaba de afiançar que dentre os numerosos Rembrandts, cuja posse enche de orgulho muitos paizes e colleccionadores, apenas 35 seriam authenticos, não passando os outros de quadros de discipulos, ou mesmo falsificações. Assim, o Museu Metropolitano de Nova York, dos seus 15 Rembrandts, só possuía um verdadeiro; a National Gallery, de Londres, 4 sobre 21; o Louvre, de Paris, 4 sobre 24. O Kaiser Friedrich Museum, de Berlim, não possui nenhum authentico. A opinião do professor yankee foi recebida com reservas, uns a julgam menos autorizada, outros a envolvem em zombaria. O problema não é sem difficuldades e a maior dellas está, porventura, na sinceridade com que os "logrados" confessariam o seu logro...

## Os partidos politicos na Allemanha

Emquanto nós brasileiros vivemos attribuindo muitos de nossos males á falta de partidos politicos, os allemães se queixam do excesso, confirmando mais uma vez a realidade de todas as cousas... No Reichstag, dos 469 deputados, apenas um não tem partido, dividindo-se ou outros 468 em 11 partidos, mais ou menos intransigentes, procurando os politicos mais cordatos fundir os grupos mais aproximados, de sorte que possa haver melhor harmonia e mais forte cohesão. Ha mesmo um constante appello para a "união das frentes", até agora perdido na diversidade dos grupos partidarios. Pela constituição actual do Reichstag, os partidos estão assim representados:

Nacionalistas allemães	3
Nacionaes allemães	67
Populares allemães	65
Allemaes de Hanower	2
Populares bavaros	20
Centro	72
Liga dos camponeses bavaros	4
Democratas	40
Socialistas unificados	180
Socialistas independentes	2
Comunistas	13
Sem partido	1
Total	469

Nenhum partido tem, pois, maioria no Reichstag, estando mesmo os socialistas unificados, que dispõe de maioria em relação aos outros grupos, em grande maioria, no computo geral. De sorte que os Governos, para se manter, precisam de uma politica de alliança, sendo-lhes impossivel viver com uma exclusiva cor partidaria.

## Potencialidade militar aerea

Em Julho deste anno, era a seguinte a força militar aerea das grandes potencias:

### França:

Aviões de primeira linha, 1.562; esquadilhas, 174; e pessoal, 37.730 homens.

### Estados Unidos:

Aviões de primeira linha, 630; esquadilhas, 48; e pessoal, 14.446 homens.

### Inglaterra:

Aviões de primeira linha, 408; esquadilhas, 34; e pessoal, 29.306 homens.

### Italia:

Aviões de primeira linha, 370; esquadilhas, 37; e pessoal, 8.000 homens.

### Japão:

Aviões de primeira linha, 330; esquadilhas, 33; e pessoal, 5.000 homens.

A esquadilha norte americana é de 12 aviões, no Exército, e de 18, na Marinha; a italiana, de 10; a inglesa, de 12; a japonesa, de 10; e a franceza de 9. Faltam dados sobre a Russia, mas sabe-se que a sua força é poderosa. São as seguintes as encomendas para 1924 e 1925, conhecidas:

### França:

Aviões de primeira linha, 1.800; esquadilhas, 200, para o anno de 1924. Para o anno de 1925, mais 2.000 aviões de primeira linha; esquadilhas, 200.

### Inglaterra:

Aviões de primeira linha, 600; esquadilhas, 50, para 1924. Em 1925, mais 1.000 aviões de primeira linha; esquadilhas, 84.

### Italia:

Aviões de primeira linha, 720; esquadilhas, 72, para 1924.

A França emprega quatro esquadilhas de aviões, ou sejam 36 aparelhos com a esquadra. A Inglaterra emprega quatro esquadilhas, ou sejam 48 aviões. Os Estados Unidos empregam 9 esquadilhas com sua esquadra, ou sejam 108 aviões. O Japão tres esquadilhas, ou 30 aviões. A Italia nenhuma.

## A revolução na Hespanha

Qual o seu significativo? Eis a ardente indagação em torno de cuja resposta os sociologos e politicos porfiam, nesta hora inquietante, em que os acontecimentos violentos e rapidos desconcertam todas as formulas pré-fixadas, numa aparente violação da theoria dos pactos historicos. É que ainda não se encontrou a resultante das forças esparsas e fortes que actuam sobre o mundo, na grande renovação moderna, que assistimos assombrados. A Italia, a Turquia, a Hespanha, a Allemanha, soffrem nesta hora transições violentas, na ancía de uma perfeição, que as deslumbra e apavora porque ha temor de que a visão do horizonte seja ape-



nas miragem... Que significa esse golpe de Primo de Rivera? que pretende o emulo de Mussolini e de Mustaphá-Kemal? Foram essas as perguntas que o Sr. Joaquim Manso, do *Diário de Lisboa*, formulou a Ortega y Gasset, o poderoso escriptor hespanhol, que é hoje uma das expressões mais fortes da mentalidade do seu paiz. Dessa interessante e suggestiva entrevista, transcrevemos esse trecho, que revela, aliás, a incerteza do illustre ensaista, quanto ás perspectivas do novo estado de cousas:

— Como vê este predomínio das espadas?

— Eu lhe digo... Os nossos generaes ignoram o alcance do seu gesto. O que elles fizeram excede talvez as suas intenções.

— Em vez de mandar, foram mandados...

— Aproximadamente. Julgam que obedeceram a uma livre determinação, revoltando-se, mas não é assim. Toda a Europa perdeu o seu equilibrio com a guerra. A civilização subverteu-se. Os povos necessitam de estabilizar-se noutras bases, por enquanto problematicas. O nosso movimento militar é um simples episodio, um arranque para vencer uma situação penosa, mas geral.

— Ainda ninguém me apresentou a questão sob este aspecto. Os seus generaes estão convencidos de que guardam nas suas mãos os destinos da Hespanha.

— Ilusões que depressa não de passar. A Biblia, dizem os theologos, é um compendio de toda a verdade — a verdade salvadora e eterna. No entanto, é necessario interpretar-a lentamente, para que a vida divina que nella dorme, desperte e illumine e fortifique os crentes. Com a nossa revolução, temos que fazer o mesmo. Os generaes trazem num programma a salvação de Hespanha. Nós, porém, os que não desejamos ser victimas de apparencias, devemos meditar o com attenção, pois só assim penetraremos o mysterio que está por detraz delle.

— E esse mysterio é?...

— A crise da democracia que evoluciona para formas mais adivinhadas que conhecidas. O parlamentarismo, as virtudes de suffragio universal, a obsessão dos direitos politicos sem garantia economica são fetiches ameaçados de ruina.

— Nesse caso, a Hespanha mussolinisa-se?

— Não affirmo tanto. Mas existe aqui a mesma inquietação que percorre a Italia, Turquia e outros paizes que se remodelam. Ninguém escapará ao mal do seculo. A propria Inglaterra, tão calma e prudente, padecerá as suas dores.

— Segundo o manifesto de Primo de Rivera, a Hespanha regressa á sua honrada tradição conservadora...

— Não se fie nisso, absolutamente. Entendo que as modernas revoluções não são esquerdistas nem direitistas. Traduzem simplesmente necessidades vitales. A democracia quer reorganizar-se não attendendo ás mesquinhas brigas e interesses transitorios dos homens.

— E como calcula que se fará a revolução? Pela violencia ou pacificamente?

— Nós avangamos para a suppressão gradual do capitalismo. Esta transformação virá a levar ainda muito tempo. Ha uma grande obra de preparação e educação a realizar. O exemplo da Russia convence os mais teimosos. Sem cultura, não ha revolução que triunphe. A acção directa, como meio de ataque ao existente e processo de propaganda, falliu ha bastantes annos. As baixas camadas encontrarão o seu lugar na cidade economica, mas depois de desbastadas da barbarie que as entrega ainda á cegueira do instincto

Mas, indagámos nós, como fazer a cultura da revolução? Será a revolução função de ordem, dessa ordem tão almejada, que tranquillizará os povos? A humanidade não se aperfeiçoa, mas precisa repouso depois das grandes crises, em que os homens se modificam, pelo amor ao movimento.

### As aspirações da mocidade allemã

Regina Zabloudowsky, estuda no *Mercure de France* o momento actual da mocidade allemã. Os annos que precederam a guerra, escreve a articulista, foram na Alemanha um periodo de tensão extraordinária e, ao lado

do desenvolvimento enorme da força allemã, notava-se o augmento da influencia do imperio no mundo. Observava-se, parallelamente, a tendencia do estado para tomar um lugar cada vez maior na vida do paiz e a pressão que exercia sobre o individuo para nascer um conflicto entre elles. Esta tensão se fazia mais particularmente sentir na mocidade, a parte mais facil de impressionar da população e que reflecte as tendencias mais variadas e muitas vezes contraditorias do meio. A guerra e a revolução que a seguiu augmentou ainda mais a fermentação dos espiritos. Viu-se a inefficiencia da machina social e dahi um grande esforço de renovação por toda parte.

E' na mocidade que se nota com mais força a influencia da catastrophe material e moral. Ha nella uma desorientação completa; não quer mais seguir o mesmo caminho e não existe nenhuma nova via por onde possa enveredar. Por isso vemos varios grupos sociaes rivalisarem os esforços para conquistar o espirito da geração que vem. Produz-se actualmente uma verdadeira batalha pela *Weltanschauung* (modo de conceber a vida). A noção que a reconstrução da Alemanha será obra aos jovens, que elles determinarão os destinos da Alemanha nos proximos lustros, empresta a essa luta um caracter singular de paixão e intensidade.

O movimento que ora vemos avolumar-se, nasceu em 1904. Começou pela mocidade burgueza, sendo depressa acompanhada pela mocidade operaria. Em 1913, os grupos pertencentes a esses dous grandes ramos reuniram-se numa immensa manifestação que deixou patente a unidade de vistas da mocidade allemã, num grande movimento. O seu objectivo era libertar-se da influencia avassaladora e deprimente das cidades, e levar-a para a natureza, para uma concepção mais sã da vida e principalmente para crear, ao lado do typo humano uniformizado pela tyrannia do Estado, que tudo nivelava, na intelligencia como na sensibilidade, typos pessoases, livremente desabrochados na expansão maior do individualismo. É a personalidade dessa especie que aspira a Alemanha actual e principalmente a mocidade allemã. Por toda a parte se nota o desejo de vêr, a frente do paiz, um verdadeiro chefe, que venha impôr a sua vontade ás massas desorientadas. Essa necessidade de ter um chefe, faz com que cada grupo tenha o seu, incondicionalmente obedecido, o que demonstra que o principio de ordem e de obediencia está tão fortemente enraizado na Alemanha, que mesmo esses innovadores não o afastaram.

A reacção da mocidade contra o systema de educação implantado pelo imperio é muito forte. A nação historica baseada sobre os factos dynasticos, ella quer mais larga, mais humana, que considere principalmente na historia dos grandes factos sociaes e moraes da vida dos povos. O governo comprehendeu a necessidade de reformar o ensino, mas um semelhante trabalho exige muito tempo e a mocidade é impaciente, não quer esperar. Dahi essa campanha energica dos governos.

Taes são as aspirações da mocidade allemã. A realização, todavia, parece ainda longinqua. Não ha um ideal que a dirija. Todas as tendencias se encontram juntas, num chaos formidavel. As novas vias que parecem descobrir são caminhos batidos. Uns seguem Rousseau, outros Tolstoi, outros Buddha. Alguns voltam ao romantismo, outros á idade média e mesmo á antiguidade. A tendencia profunda de todos é o desejo de descobrir um salvador, um Messias... mas o Messias não vem e a mocidade permanece na sua confusão anelosa.

Essas aspirações, lançadas na massa do paiz, têm o fim de todo movimento, cuja fonte é de elevada inspiração, perdem a sua elevação. Dahi uma série de experiencias disparatadas, muitas das quaes francamente desmoralizadoras. O que mais sobressae nesse movimento joven é o desperdicio de forças intellectuaes. Tudo é theoria, sonho, metaphysica. O que caracteriza, em summa, esse movimento, é que não é um fim, mas o inicio de algo que ainda não se delineou e continua obscuro e confuso.

### O consumo mundial do algodão

Tudo quanto se sabe e se publica a respeito do algodão, continua a indicar que o seu consumo cresce, sem que se manifeste um accrescimento correspondente, na produção.

Pelas estatisticas publicadas no "Annual Cotton Handbook", de Comtelbuco, Limited, Londres, 1923, é facil comparar o enorme augmento do consumo.

Nos ultimos treze annos, o consumo, não total, das 7.000 fabricas recenseadas subiu muito, prometendo maior procura quando os mercados se normalizarem. Tem sido o seguinte o consumo dessas fabricas:

ANNOS	FARDOS
1910	19.335.000
1915	22.574.000
1919	23.121.000
1920	21.564.000
1921	19.118.000
1922	19.335.000
1923	21.393.000

Nos paizes europeus que não tiveram augmento de territorio, esses dados accusam decrescimo, mas, como é provavel um recrudescimento, é essa situação que justamente prognostica um alargamento completo de procura.

A Grã-Bretanha, que consumia, em 1910, 3.282.000 fardos, passou a manufacturar 3.881.000, 1913, 2.725.000 em 1919, 3.434.000 em 1920, época de movimento ainda extraordinario, mas cahiu a 2.090.000 em 1921, 2.835.000 em 1922 e 2.668.000 em 1923.

Na França, pela readmissão das providencias perdidas em 1871, augmentou o consumo em 1923, pois foi de 1.060.000 em 1922, 899.000 em 1921, 732.000 em 1920, 666.000 em 1918, 1.120.000 em 1915 e 850.000 em 1910.

A Hollanda e a Belgica absorveram 245.000 fardos em 1910, 355.000 em 1915, 355.000 em 1915, 380.000 em 1920, 303.000 em 1921, 303.000 em 1922, e 325.000 em 1923.

A Alemanha fiou nas suas fabricas 1.980.000 fardos em 1910, 1.980.000 em 1915, 1.980.000 em 1919, 374.000 em 1920, 850.000 em 1921, 1.000.000 em 1922 e 1.082.000 em 1923.

Na Scandinavia, as fabricas empregaram 142.000 fardos em 1910, 142.000 em 1915, 75.000 em 1919, 152.000 em 1920, 85.000 em 1921, 106.000 em 1922 e 115.000 em 1923.

As fabricas da Polonia trabalham 252.000 fardos em 1910, 325.000 em 1915, 325.000 em 1919, 40.000 em 1921, 295.000 em 1922 e 360.000 em 1923.

Na Finlandia, o consumo passou de 46.000 fardos em 1910, de 30.000 em 1915, de 9.000 em 1919, de 25.000 em 1920, de 31.000 em 1921, de 31.000 em 1922, a 32.000 em 1923.

A Austria, que consumia com o seu territorio de então 841.000 fardos em 1910, 912.000 em 1915, passou a empregar 212.000 em 1919, 212.000 em 1920, 170.000 em 1921, 03.000 em 1922, 107.000 em 1923.

O consumo da Tcheco-Slovaquia, que foi de 700.000 fardos em 1919, 700.000 em 1920, e 209.000 em 1921, calculou-se em 273.000 em 1922 e 332.000 em 1923.

As fabricas suissas manufacturaram 97.000 fardos em 1910, 99.000 em 1915, 57.000 em 1919, 95.000 em 1920, 80.000 em 1921, 80.000 em 1922 e 80.000 em 1923.

A Italia absorveu 737.000 fardos em 1910, 850.000 em 1915, 1.000.000 em 1919, 880.000 em 1920, 800.000 em 1921, 800.000 em 1922 e 700.000 em 1923.

A Hespanha e Portugal trabalharam 360.000 fardos em 1910, 426.000 em 1915, 440 mil em 1917, 440 mil em 1920, 450 mil em 1921, 396 mil em 1922 e 380 mil em 1923.

Se na Europa as perturbações de mercados provenientes da guerra collocaram o consumo numa situação de inferioridade á de 1910, na America e na Asia isso não se verificou. As fabricas dos Estados Unidos precisaram em 1923 de 7.459.000 fardos, contra 6.275.000 em 1923, 6.216.000 em 1921, 6.457.000 em 1920, 6.775.000 em 1919, 5.981.000 em 1915 e 5.007.000 em 1910.

O Canadá, que consumio 124.000 fardos em 1910, cresceu a 185.000 em 1915, 202.000 em 1919, 222.000 em 1920, 158.000 em 1921, 201.000 em 1922 e 207.000 em 1923.

Na India, o consumo passou de 1.935.000 fardos em 1910, e 2.044.000 em 1920 a 2.209.000 em 1922.

O Japão, que necessitava de 881.000 fardos para as suas fabricas em 1910, absorveu 1.284.000 em 1920 e 2.403.000 em 1922.

# HOMENS e COUSAS ESTRANGEIRAS

## Os médicos na Alemanha

Accentua-se a crise para os médicos alemães. As dificuldades de vida no país, obrigam a todos se associarem em qualquer assistência médica, de sorte que a clientela particular mingua, obrigando os facultativos a diminuir os seus honorários, porque a retribuição das caixas de assistência é pequenissima. Os médicos-clínicos não podem acompanhar as flutuações do marco, daí a miséria. Além disso, o numero delles é enorme. Em 1921-22, formaram-se 3.876, contra 2.221 em 1920-21. Berlim tem 12 médicos por 1.000 habitantes. Munich, 20 e Wiesbaden, 35. As associações de classe não podem equilibrar a situação e varios escultores preferem o commercio e a industria á sua profissão. Os centros medicos, que têm estudado o assumpto, propuzeram varias medidas entre as quaes a constante do voto da Conferencia de Médicos do Partido Socialista, para adopção de um systema que tornaria os médicos funcionarios publicos, remunerados pelo Estado. No Landtag bavaro foi apresentado um projecto de lei, cogitando melhorar a existencia dos médicos, cuja situação cada dia se torna mais grave e mais precaria.

## Bonar Law

Andrew Bonar Law, o illustre homem politico inglez, teve grande influencia na alta administração e na vida parlamentar de seu país.

Nascido no Canadá a 16 de Setembro de 1858, mas negociante em Glasgow, onde se educou, depois de ter subido na sua carreira, de ser dos maiores metallurgistas de sua cidade, entrou na vida politica, sendo eleito *Mayor* e depois Deputado á Camara dos Communs. O que caracterizou desde logo a sua acção politica foi o novo aspecto que deu ás idéas dos Conservadores, a cujo partido se filiou.

Esse rude burguez, universitario que mais parecia negociante que aliás sempre fora, que era um *debater* frio e sizado, gostando mais dos algarismos, dos confrontos serios do que das explanações rhetoricas, impressionou na Camara, Adherio ás idéas proteccionistas de Chamberlain, entrou para o Governo pelo successo de seus discursos nesse sentido, tendo occupado cargos de Sub-Secretario. Depois da victoria dos liberaes, a sua importancia cresceu, passou a *leader* da opposição parlamentar, centralizou nas suas mãos a *machina* do partido, e em pouco tempo ficou dos homens mais notaveis da politica ingleza. Secretario das Colonias no Gabinete de colligação da guerra, occupou em 1916 a pasta das Finanças, a chancellaria do Thesouro, e nesse caracter teve de arcar com um dos periodos mais agudos da guerra.

A sua acção não desmentio as grandes tradições da politica britannica. Subsidiou todo o esforço militar e naval tanto quanto possivel com o producto dos impostos, apellando em proporção muito menor do que outro qualquer Governo para os emprestimos e as emissões de papel-moeda. Por isso, continuando essa politica, a Inglaterra restabeleceu rapidamente depois da guerra as suas finanças e o seu commercio, valorizando a sua moeda.

Doente, o Sr. Bonar Law abandonou o Governo em 1919 e depois a "leadership" da Camara dos Communs.

Entretanto, depois não se apartou com a politica de colligação formada durante a guerra e dirigida pelo Sr. Lloyd George.

Retirado quasi á vida privada, embora conservando a sua cadeira no Parlamento, o Sr. Bonar Law ancou então em discursos e cartas sensacionaes a politica do Sr. Lloyd George quanto ás finanças na Europa, ás questões da Irlanda, á diplomacia geral, e á politica interna.

Da política de supplicar a chegada o momento em que os conservadores governarem só-

zinhos, porque os liberaes do Sr. Lolyd George tinham outros methodos e eram a minoria. O Sr. Lloyd George teve de abandonar o Governo, o Sr. Bonar Law constituiu um gabinete puramente conservador, cuja direcção largou depois ao Sr. Baldwin por motivo de saúde.

Foi um estadista probo, sério, construtor. Foi dos que mais contribuíram para a lei de salvaguarda das industrias, para a politica financeira, para a deflaccão depois da guerra, para a solução do problema da Irlanda e para a nova ordenação da politica ingleza na Europa, no Oriente. A sua obra financeira foi um modelo de clareza e de eficiencia, mostrando como o antigo presidente do Glasgow Iron Trade Association se transformou facilmente no *debater* invencível, no Ministro das Finanças celebre, no delegado á Conferencia da Paz em Paris, no Ministro do Commercio, no *leader* de seu partido e num dos chefes de seu grande país.

A sua educação deu ao seu caracter aspectos modernos e fez com que encarasse com simplicidade franca todos os assumptos. Foi das primeiras figuras da politica ingleza nos ultimos quinze annos.

## A fortuna de Stambouliski

Uma comissão de inquerito, composta por um juiz de instrucção, um funcionario da fazenda, do representante do commando militar de Sophia e dois funcionarios do Banco Nacional da Bulgaria, fez uma apuração da fortuna deixada por Stambouliski, o famoso dictador agrario da Bulgaria. Terminados os trabalhos, verificou-se que, afóra papeis de credito, a fortuna de Stambouliski era de 57.000.000 de liras bulgaras, convertido em moeda desse país as sommas seguintes:

Francos suissos, 1.941.200; francos francezes, 187.050; corôas tcheques, 15.500; libras esterlinas, 620; dollars, 20; leis rumaicos, 19.660; marcos alemães, 3.672; corôas austriacas, 98.000; corôas húngaras, 909; marcos polacos, 340; liras ouro, 2.002.067.

Na residencia de Mouraview, ministro da guerra do dictador, foram encontrados um milhão de francos suissos.

## Duguay-Trouin

O nome ficou celebre na Historia do Brasil. Todo menino de escola, desde logo, trava conhecimento com o famoso pirata francês, que foi motivo de gloria para a sua Patria, dando seu nome a um cruzador ligeiro. Ainda agora, esta lhe presta nova homenagem de grande velocidade. Lembram os jornaes as suas grandes aventuras. Aos 36 annos, em 1709, quando foi feito nobre, já tinha, com De Le Bertinaiis apprehendido mais de 300 navios mercantes e 200 de guerra, ou correios. A sua maior gloria porém, foi a tomada do Rio de Janeiro, que teve de lhe pagar forte indemnisação para readquirir a liberdade. Esse feito o tornou digno de ser recebido por Luiz XIV, que lhe testemunhou seu agrado pela conducta que teve, recompensando-o com a nomeação, pouco depois, para chefe de esquadra, em 1715. Mais tarde, esse filho de negociantes já nobre pelo graça do Rei, foi feito logar-tenente general das forças navaes. Foi essa figura empolgante de cavalheiro do oceano, que a França acaba de evocar no costado de um dos seus novos cruzadores.

## O exercito vermelho

O *Times*, de Londres, publicou recentemente uma série de artigos sobre o exercito vermelho, a proposito de sua redução, cujas causas muito têm sido discutidas. Como se sabe, fracassou a Conferencia do Desarmamento em Moscou, porque os estados balticos e a Polonia s erecusaram a adherir á iniciativa, receiosos porventura de complicações futuras. Actualmente o exercito vermelho tem 800.000 homens, dizendo-se que será reduzido a 600.000. Os seus effectivos, de soldados e marinheiros, são de 710.000 homens., assim distribuidos: — infantaria, 280.000; formações irregulares, 280.000; cavalaria, 60.000; unidades technicas, 75.000; marinha, 30.000; regimentos de fronteira, de G. P. J., 50.000; forças do interior, 80.000. O Governo do soviet se apoia preferencialmente sobre as formações irregulares de operarios e communistas. Os regimentos de G. P. U. guardam as fronteiras, mais por motivos politicos do que militares, porquanto impedem os emissarios "contra-revolucionarios" de entrar no país. Tambem regimentos dessa guarda occupam os pontos de maior importancia, como Kremlim, Lubyanka, as usinas de munição, depositos de

artilharia, estações telegraphicas, etc. O exercito vermelho possui o seguinte armamento: 2.000.000 de fusis, de varios tipos, a maioria delles russos; 14.500 metralhadoras pesadas; 5.700 metralhadoras leves; 3.600 canhões; mais de 3.000.000 de obuzes e 1 bilhão de cartuchos. Uma divisão deve ter tres regimentos de infantaria, tres esquadroes de cavallaria, tres baterias de artilharia de campanha, tres baterias de mineiros e os competentes comboios de munições, e serviços annexos de engenharia, saúde, etc. Um *comité*, presidido por Trostky controla o desenvolvimento da aviação, que deverá ter, em 1924, 10.000 appões e o pessoal correspondente. Os aparelhos têm sido construidos em varios países e é duvidoso que aquelle numero de aeroplanos seja conseguido em tão breve tempo, tanto mais quanto na Russia ha uma grande deficiencia technica. Ha quatro escolas de pilotos, das quaes a melhor é a de Moscou, dirigida por Lenine.

Quanto aos officiaes, a grande preocupação está em tirar-os dos soldados e operarios, tendo-se estabelecido 30 escolas, onde se trabalha seriamente, com professores e material do regimen antigo. A disciplina é severa e rigorosa, como antes da revolução. Os officiaes trazem insignias nos punhos e houve apenas mudança dos titulos: general é *commandante de divisão*, coronel, *commandante* e assim por diante. A principio, pretenderam os bolchevistas abolir no exercito as distincções, insignias, em summa, a disciplina, mas cedo reconheceram o erro e restabeleceram os principios militares, inclusive condecorações, ou a Ordem da Bandeira Vermelha. Trostky é, mais ou menos, o ministro da guerra. Sua actuação é incisiva e forte, procurando melhorar as condições technicas do exercito, bem como a situação dos soldados. E' interessante observar que o exercito é antisemita e Trostky é judeu, mas tem-se a impressão de que ambos fingem ignorar tal coisa... Ao contrario, pois, do que se pensa, o exercito vermelho não é um ajuntamento desconforme, mas um exercito regular, embora defeituoso, mas sem duvida eficiente, como já deu abundantes provas.



Associação Opera Lyrica Nacional

Em S. Paulo foi fundada essa associação, para incentivar e desenvolver o gosto pela musica de opera, de sorte a facilitar o surto desse genero, cujo numero de cultores é significativo. Sem discutir até que ponto, na arte moderna se justifica essa fundação, queremos applaudir a idéa, que procura reunir esforços em torno da obra de nosso cultivo musical, ainda com muito por fazer. S. Paulo, mais uma vez, colloca-se na direita de nossa intellectualidade, num formoso movimento. De lá nos veiu, ha pouco, *Ariel*, essa revista admiravel de musica, de que já tivemos ensejo de falar. Agora, funda a Associação Opera Lyrica Nacional, da qual muito é licito esperar, dados os elementos que a compõem. São seus presidente e vice-presidente honorarios, respectivamente, o Dr. Washington Luis Pereira de Souza, comm. G. B. Delfini, consul geral da Italia, e coronel Domingos Quirino Ferreira, commandante geral da Força Publica do Estado da associação durante o anno de 1924, tado. A directoria que deverá dirigir os des- é a seguinte: presidente, Dr. Carlos de Campos; directores, coronel Christiano Kingelhofer, Dr. Julio Mesquita Filho, Dr. Reynaldo Porchat; Conselho: Dr. Frederico Vergueiro Steidel, Dr. Menotti del Picchia, Dr. Eusebio B. de Queiroz Mattoso, Dr. Luciano Gualberto, Dr. Altino Arantes; director tecnico, maestro Felipe Alessio; secretarios, major Francisco J. C. Alfieri e tenente Carlos D'Addio; thesoueiros, J. Lobo e Joaquim Leme da Fonseca Junior; comissão artistica permanente, maestro João Gomes de Araujo, Dr. Bento Camargo, maestro Savino de Benedictis, maestro João Gomes Filho e maestro Furio Franceschini.

# DOCUMENTOS

## Um velho poema de actualidade

O Sr. Paul Souday lembrou ultimamente no "Temps", a proposito da catastrophe do Japão, o poema de Voltaire sobre o "Desastre de Lisboa", escripto a proposito do tremor de terra que, em 1755, destruiu essa cidade com uma parte de Marrocos

Mas existe um outro poema, muito mais antigo e mais importante, que as circumstancias actuaes põem novamente de actualidade.

É um poema latino, o "Etna", em que se trata da constituição dos vulgões, das erupções vulcanicas e dos tremores de terra. A Sociedade Guillaume Budé publicava, este anno, essa obra e logo o Etna offerencia uma erupção que quasi degenera em catastrophe, enquanto um tremor de terra devastava o Japão. Como duvidar que os deuses estejam com esses senhores da sociedade Guillaume Budé?

Esse poema é interessante por mais de um ponto de vista. Offerce, em primeiro lugar, um dos problemas mais curiosos da historia litteraria; pois tem sido impossível, até hoje, determinar com exactidão qual o seu autor. Atribuam-no, no correr dos seculos, a Cornélius Severus, a Lucilius, o conhecido discipulo e amigo de Seneca, ao proprio Seneca, a outros mais e, o mais frequentemente, a Virgilio, de quem seria uma obra de mocidade. É para Virgilio que o Sr. Vessereau, o autor da nova edição, se mostra mais favoravel, sem ser, todavia, muito categorico.

Mas esse poema ainda é interessante por si só. É a obra de um espirito scientifico que trata com desprezo todas as fabulas da mythologia, sorri do papel que se dava aos deuses e fala mal dos poetas — attitude que contrasta, ao que nos parece, com o character e a obra de Virgilio — e só quer pedir a sciencia, com a mais louvavel prudencia, a explicação hypothetica dos phenomenos de que trata.

E o que ha de mais interessante é que sobre essas questões, os sabios de hoje não sabem mais que o poeta que escrevia uns cincoenta annos antes da nossa era, ha cerca dous mil annos...



## A renovação theatral

Charles Dullin, um dos actores mais originaes da nova geração em França, que realizou no "Teatre des Arts" creações verdadeiramente extraordinarias e que podemos ver no papel de Mephistopheles no "film" "O homem que vendeu a sua alma ao diabo", recentemente exhibido no Rio, foi convidado a fazer uma conferencia no Collegio de França sobre os ensaios de renovação theatral.

Dessa conferencia, curiosa sob todos os pontos de vista, pois é de um homem que conhece admiravelmente o seu "métier" e tenta um movimento novo no seu Theatro "Atelier", destacamos os seguintes trechos, mais substanciaes e significativos.

"Sejamos theatro; sejamos theatro e nada mais, theatro grosso mesmo se podermos; pois não ha muito perdemos o que chamarei a optica theatral? A litteratura psychologica, a psychologia litteraria, o manual philosophico dos autores de idéas, a preocupação de logica e de verosimilhança na phantasia e no sonho, suscitaram uma geração de jovens autores que são pelo menos centenarios na sua estréa."

"A réacção violenta do naturalismo era, penso eu, necessaria. Ella foi servida por um dos seus chefes que ao conhecimento profundo da sua arte juntava uma alma de forte tempera, uma probidade absoluta; André Antoine."

"Todo o exterior da "mise-en-scene" naturalista está fóra de moda; mas se hoje podermos empregar essa expressão tão justa "mais verdadeira" do que o verdadeiro" é certamente a volta ao verdadeiro que o devemos.

Assim creio que não ha grande movimento sem razão profunda, não é criticando que se progride, mas sim procurando, pelo contrario, comprehender as razões que suscitaram um semelhante movimento e aproveitando-se do exemplo.

Depois de se referir ao Sr. Jacques Coeau, que, no Theatro de Vieux Colombier, procurou construir uma obra solida e duradoura, o Sr. Dullin falla nos seus proprios ensaios de renovação tentados no Theatro do "Atelier" e faz a sua profissão de fé artistica.

"O que queremos, diz o Sr. Dullin, é um theatro de pura phantasia; isso agradecerá a alguns, desagradará a outros; não vos dizemos que somos o theatro de amanhã. Dizemos apenas que o "Atelier" quer ser esse theatro de excepção."

Terminando, o Sr. Dullin colloca o theatro moderno na sua verdadeira posição.

"O movimento dramatico moderno existe nas revistas de arte e na nossa cabeça, mas não existe na scena. Talvez possamos um dia subir a correnteza; espero-o; dia virá, certamente, em que triumpharemos, mas quando? Não o posso saber."



## Historiador desaparecido

Com a morte de Pereira da Costa (F. A.) perde Pernambuco o seu mais eminente historiador, aquelle que era a tradição viva da sua historia e a quem Oliveira Lima chamou num justo elogio o "mestre de todos nós." Pereira da Costa fez estudos primarios no Collegio de N. S. do Bom Conselho. Embora tivesse, desde menino, desejo de formar-se em direito, só muito tarde realizou seu ideal, pois, por difficuldades financeiras, interrompeu varias vezes seus estudos de humanidades.

Entrou para o commercio aos 16 annos de idade como caixeiro de uma livraria que era frequentada pelos literatos mais notaveis daquelles tempos, e entre estes, Abreu e Lima, Victoriano Palhares, Antonio Joaquim de Mello e Franklin Tavora.

O convívio com os livros e a presença de literatos inspiraram-lhe o pendore para as letras. Assim adquiriu uma "Synopsis da Historia do Brasil" de Abreu e Lima e uma "Galeria pittoresca dos homens celebres." A sua tendencia para as letras valeu-lhe alguns dissabores por que quando o rispido patrão soube que seu caixeiro andava ás voltas com livros dessa natureza, exprobou seu procedimento, ameaçou dispensal-o do serviço e por fim aconselhou-o a que despresasse semelhante leitura e preferisse livros de escripturação mercantil...

Em 1871 deixava Pereira da Costa o commercio, pelas difficuldades que encontrava em illustrar seu espirito e entrava para o funcionalismo publico, servindo nas Obras publicas, na Secretaria do governo e na Camara dos deputados, attingindo nesta o cargo de director da secretaria, em que se aposentou. No anno seguinte, a 5 de agosto publicava no "Diario de Pernambuco" o seu primeiro artigo — um alentado estudo sobre o "Numero sete", artigo que aquelle jornal reproduziu na integra cincoenta annos depois quando a 5 de agosto de 1922 foi comemorado o seu jubileu litterario. No anno de 1876, quando já era conhecido nas letras pelos seus trabalhos historicos, foi proposto e accedido socio do Instituto archeologico, onde, anteriormente, servira como amanuense, com o fito de illustrar-se. Seu discurso de posse, no Instituto archeologico, foi uma reivindicação a

memoria de Mauricio de Nassau, o fundador de Maritzad, a cidade Mauricia. No Instituto Archeologico de Pernambuco que lhe deve 47 annos de serviços, era Pereira da Costa o decano e poucos socios terão, como elle, uma somma tão avantajada em trabalhos.

"O Instituto foi a minha escola — disse elle quando o elevaram a benemerito e inauguraram seu retrato na galeria de honra — foi a minha tenda de trabalho, onde encontrei os mestres provetos nos seus ensinamentos que me prodigalizaram os thesouros da sua sabedoria, e que, sem indagarem mesmo donde eu vinha, que credenciaes trazia, e o que aspirava, me abriram, generosos e bons as portas deste templo da sciencia, encaminharam os meus passos vacillantes e me guiaram até formar-se a minha humilima individualidade litteraria."

Somente em 1891 a 10 de dezembro, depois de casado e com filhos, ponde o saudoso historiador pernambucano receber, na Faculdade de direito de Recife a laurea de bacharel. Em 1901 foi Pereira da Costa eleito deputado á Camara de Pernambuco e teve sempre renovado o seu mandato successivamente, através de todas as phases por que tem passado a nossa politica. Infenso á tribuna, o deputado Pereira da Costa raras vezes o frequentou, Era, entretanto uma especie de organo consultivo por que ninguem, melhor do que elle, conhecia a historia e as tradições de Pernambuco.

Fundador da Academia pernambucana de letras, membro do Instituto historico brasileiro, da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e de Lisboa, do Instituto Varnhagen do Rio de Janeiro, de varios Institutos historicos do paiz e de algumas associações estrangeiras, longa e vultuosissima é a sua bagagem litteraria. Além da copiosa serie de estudos historicos que legou ás letras Pereira da Costa deixou ineditos um "Vocabulario pernambucano" com todos os termos usados nesta regional e a sua historia documentada; e os "Annaes pernambucanos", a que dedicou, quarenta annos de trabalho paciente para concatenar nessa chronologia toda a historia de Pernambuco, desde 26 de Janeiro de 1499 a 31 de dezembro de 1850 — obra que o governo do Estado foi autorizado a publicar mas que ainda o não fez. Tendo ultrapassado os setenta annos de idade sem haver adquirido um pouso para descanso, Pereira da Costa dizia aos intimos, referindo-se a uma rua com o seu nome: "Tenho uma rua e não tenho uma casa..." Aproveitando o premio que lhe concedera o Congresso do Estado pela organização dos seus Annaes pernambucanos, o velho historiador comprou um velho sobrado na praça da Paz, e estava muito satisfeito por haver realizado esse seu ideal. Mas avaliava que ia ser a causa de sua morte.

No dia 17 do mez findo quando procurava descer a escada da parte posterior do seu sobrado, perdeu o equilibrio, rolou até o chão sobre 19 degraus de pedras mal dispostas e foi encontrado pela familia muito ferido e sem sentidos. Mau grado os soccorros medicos e os carinhos da familia, não pôde mais falar e falleceu na manhã do dia 21. Pereira da Costa foi um grande espirito e que assignalados serviços prestou não só á sua terra, que amava como ninguem, como ao Brasil.

## Renovação intellectual

O futuroso Estado do Espirito Santo atravessa uma phase promissora de evolução artistica e litteraria. Um surto novo agita a intellectualidade da terra capichaba, dando-lhe uma vida mental de relevo com os seus institutos de arte, suas revistas, suas idéas de grandeza nas letras e nas artes. Em Victoria, funda-se um instituto de musica, lembra-se a criação de uma escola de bellas artes, a que o illustre paisagista Levino Fanzeres, capichaba que não esquece a gleba distante, dignificaria, surgem revistas. Ainda ha pouco, fundaram a Academia Espiritosantense de Letras, grupando o escól da intellectualidade do Estado. A installação do novo cenaculo foi um alto acontecimento mundano e intellectual. O discurso inaugural, pelo distincto academico Sr. Alarico de Freitas, foi uma peça magnifica, cheia de louçania e encanto.

Fala sobre a arte e a litteratura que cada povo tem creado, diz ser inestimavel a collaboração das academias regionaes no concerto geral da litteratura nacional e afirma, que "fomos sempre um povo que guardou zeloso um relicario de tradições; temos uma historia que gravou nas letras de bronze as couraças de seus herões — as paginas mais rutilantes da luta contra a oppressão estrangeira, na ansia pela liberdade. Aqui é a expulsão, o aniquillamento dos batavos, a cóia o proprio sentimento da raça explodindo con-

tra o colonizador na surpresa das charúças do Cricaré afogando as tropas do filho de Mem de Sá. Pequeno território, coube-nos a sorte de sermos sempre um povo em vigília nos parapetos de seus muros, guardando os bastões da nacionalidade, com os olhos voltados para o Atlântico, a espreitar com as mãos de quintas — os galeões do estrangeiro invasor, ou barrando caminho à investida temerosa dos corsários, que vadeavam rios nas pesquizas das grupiáras, em procura do ouro nativo, entre pedrouços preciosos e seixos roliços, nas areias alvas dos remansos. Evoca o heroísmo capichaba, as arremetidas contra o invasor, as caravellas de Estacio, os claustros, dizendo: "Foi das Igrejas, ao toque dos sinos, que partiram legiões, levando à frente seus padres, empunhando cruzes de prata do officio liturgico e na dextra a espada, concitando pelo exemplo — o pugillo — a correr o estrangeiro, que aviltava a terra, enquanto tangia, nos espaços, o rebate das torres, como um brado clamoroso, despertando a consciencia adormecida do villarejo".

Terminando a sua formosa oração, disse o academico Sr. Alarico de Freitas, trechos assim:

"São estes, meus senhores — os foraes de vossa nobreza: eis ahi, em rapido bosquejo imprecizo, imperfeito, o painel da grandeza passada: do presente não tracejarei um contorno sequer — o presente sois todos vós — que representaes uma época de civilização, florindo á sombra de uma democracia".

Depois da Academia surgiu a *Vida Capichaba*, bem feita revista quinzenal, ilustrada, de que são redactores os nossos estimados confrades Srs. Elpidio Pimentel, Lopes Pimenta e Aurino Quintaes e que conta com a collaboração escolhida de escriptores de lá e daqui. E' nos grato, portanto, salientar esse renascimento intellectual da terra espirito-santense.



Garcia Bento

Na galeria Jorge, o Sr. Garcia Bento expoz novamente uma série de marinhas encantadoras. Pintor dos mais jovens, sentindo a natureza em cujo contacto tanto tem aprendido, o Sr. Garcia Bento é um apaixonado das praias, cuja vida amena interpreta com sinceridade e poesia; dos oceanos e dos barcos e dos céos altos e amáveis. Sua arte é feita de serenidade e de sonho, redolente de graça e naturalidade. Ha aspectos seus de grande encanto, interpretando trechos de cães, barcos que vão e voltam das pescarias em mar alto, neblinas de manhã, habitações praieiras, ilhas e arvóres que o ar salitroso do oceano envolve tonificador. E' um poeta do mar, um fixador amavel das praias, além de ser um estudioso e um trabalhador sem esmorecimentos. O exito que a sua mostra alcançou diz bem do quanto falam á emotividade da gente os seus quadros cheios de vida e formosura.

#### Justa aspiração

A senhorinha Anna Sampaio Duarte é pensionista do Estado de Alagoas na Escola Nacional de Bellas Artes. Um decreto da Camara mandou-a estudar por tres annos aqui. A senhorinha Anna Sampaio veio, matriculou-se e tem sabido com um esforço digno de louvor, aproveitar as lições dos seus mestres. Assidua ás aulas, applicada, vem desde o primeiro anno se distinguindo como uma alumna intelligente e exemplar. Ao começar obteve o primeiro lugar no concurso de desenho. Os seus mestres affirmam a sua

applicação e a sua tendencia. Sendo o curso da Escola de seis annos e não de tres, como é do decreto, a senhorinha Anna Sampaio será forçada a regressar á sua terra, interrompendo os estudos. Conveniente seria, pois, que o Sr. Governador de Alagoas, a quem não devem ser estranhos os progressos da jovem pensionista, prorrogasse o beneficio do Estado, dando assim occasião não só a que ella concluisse o seu curso, como a que pudesse dar melhor prova do seu talento a Alagoas, que com isso só se poderia orgulhar. E' uma aspiração justa e que certo não será negada á senhorinha Anna Sampaio Duarte.

#### Pintura brasileira

Noticiando com muito criterio e brilho a exposição de duas paisagens gauchas do distincto pintor riograndense Sr. Libindo Ferrás, director da Escola de Bellas Artes de Porto Alegre, aos quaes não regateamos, com muita justiça, os nossos louvores — a "A Noite" lembrou que "a nossa pinacotheca devera crear uma sala de paisagens regionaes do Brasil onde figurassem os panoramas typicos da Amazonia, do Nordeste, do Centro, dos pinhaes paranaenses e das cochilhas riograndenses. Enquanto não se realisa tal proposito, qualquer das duas excellentes telas desse talentoso artista riograndense poderia ser adquirida, afim de figurar, com brilho, na collecção nacional."

Nós estamos de pleno accordo com isso. Terra de uma natureza tão maravilhosa quanto varia, aos estudiosos não seria desagradavel ver, na pintura, a caracteristica da paisagem das regiões distinctas e de feição singular, como as que o noticiario perspicaz da *Noite* alludiu. E' sempre de lamentar que não tenhamos ainda uma arte genuinamente brasileira, se bem que tenhamos artistas capazes de interpretar a pujança do inferno verde, os pinhaes do Paraná e os pampas gauchos, bastando para isso citar Antonio Parreiras, Lange de Morretes e Libindo Ferrás. A idéa da *Noite* é digna de ser posta em pratica, tanto mais quando com poucos quadros pode-se dar uma expressão das paisagens typicas das regiões citadas na *Noite*. O Sr. João Luiz Alves ministro do Interior e o illustre professor Sr. Baptista da Costa, director da Escola Nacional de Bellas Artes, só podem ter recebido com muita sympathia a suggestão a que nos reportamos. Esperemos vel-a posta em pratica para jubilo da arte brasileira.



Perillo Gomes: **ENSAIO DE CRITICA DOUTRINARIA** — Ed. Alvaro Pinto — 1923 — Neste livro, o segundo da "Série Eduardo Prado", tão brilhante e auspiciosamente iniciado, com o poderoso ensaio sobre Pascal, do Sr. Jackson de Figueiredo, o autor, em estudos sobre escriptores nacionaes, fixa e desenvolve as suas convicções catholicas, através das obras que analisa: O prefacio mostra a sua preocupação com a critica doutrinaria tão mal cuidada entre nós, e que deve buscar nos livros a synthese do seu espirito, as suas intenções de pensamento. Esse é o criterio que norteou o Sr. Perillo Gomes e se houve da melhor forma, produzindo um livro sincero e suggestivo, que merece a maior attenção de quantos se interessam pelas letras philosophicas no Brasil.

Debora de Rego Monteiro — **MISSANGA** (contos) — off. Typ. da Noticia. Recife. 1922 — Já tivemos occasião de noticiar um livro da joven e talentosa prosadora pernambucana. Foi um punhado de contos cheios de vivacidade e cuidada observação, mostrando uma escriptora de merecimento. Agora recebemos da Srna. Debora de Rego Monteiro um novo volume — *Missanga*, onde ella reafirma brilhantemente as mesmas qualidades já observadas. Nas palavras do fecho do livro, que é dedicado ao illustre Sr. João Ribeiro, disse a Srna. Debora Monteiro:

"Das reminiscencias que me ficaram da meninice — uma meninice de garoto entre estudioso e traquinas — vive comigo, em todo quarto que vem a ser meu quarto, uma maleta ventrada, como dire' — exactamente na expressão das nossas avós — um bahú. Cego de côr, com uma cara decrepita, esta a mostrar que, por pouco ha de tomar o caminho do lixo. Bahú, porém, que não conhece que vem dando de si, cada dia que escorre, mais levanta o bojo, sem se importar se por ahi estourará ou não... E' que dentro delle se encontram cousas bem velhas; algumas mais novas, tambem, a que accrescento, de quando em vez, outras; maços de papéis cheios de arabescos á penna, escriptos mal alinhavados que em momentos de bom ou azedo humor ora leis, ora rasgo. Foi destes que eu lirei os contos atraz. Acredito, emtanto, que talvez ache alguns leitores a me perdoarem a irreflexão."

Nasceu assim o *Misanga* que é livro de boas e scitillante l'iteratura.

Nilo Ramos — **NO MIRADOURO DAS ILUSÕES** — Dos novos poetas alagoanos o Sr. Nilo Ramos se destaca como um cantor lyrico cheio de delicadeza e sentimento de inspiração vivaz e encantadora. O seu primeiro livro *Em decasyllabos* foi uma revelação promissora. No *miradouro das illusões*, cuja feitura material é simples e bem feita, o poeta resurge mais subtil e mais harmonioso, mais plastico e espontaneo no expressivismo da sua poesia inquieta e linda. No *miradouro das illusões* é um livro que ficará como poucas modestas letras de Alagoas.



#### "Revista Feminina"

Temos sobre nossa mesa o ult'imo numero, correspondente ao mez de Outubro, do magnifico "magazine" a "Revista Feminina".

Como todos os numeros anteriores vem este repleto de fina e escolhida materia, com bellissimas e numerosas gravuras e todas as secções do costume, extraordinariamente desenvolvidas. Traz, assim, o esplendido mensario de arte, literatura e de cultura geral, artigos, chronicas e estudos sobre os mais varios e interessantes assumptos, como chronica de modas; trabalhos femininos, varios; diversos bellissimos contos; poesias, variedades, paginas de arte, noticiario etc.

Emfim, por todos os titulos, um esplendido volume que não deve faltar em nenhuma estante que se prese.

A "Revista Feminina", segundo vemos pelo presente numero, por occasião do proximo Natal além do extraordinario e riquissimo numero comemorativo, que é, de resto, uma das suas bellas tradicções, offerecerá a todos os seus novos assignantes, como áquelles que reformarem suas assignaturas para 1924, exceptionaes vantagens e um brinde de 50:000\$000 em d'neiro.

E' assim, que, todas as familias brasileiras não devem deixar de assignar, quanto antes, este bellissimo, e, principalmente util, "magazine."



Collecção Carioca, da **LIVRARIA GARNIER** — Esta conceituada casa editora iniciou, a exemplo de sua magnífica collecção de classicos em francez, uma congere em portuguez, tendo já apparecido as *Cartas Persas*, de Montesquieu; *Obras*, de Vauvenargues; e *Reflexões, Sentenças e Maximas Moraes*, de La Rochefoucauld e o *Theatro* de Beaumarchais, traduzidos, respectivamente, pelos Srs. Mario Barreto, José Oiticica e Antenor Nascentes. Não precisamos dizer da utilidade e valor dessa collecção, que appareceu agora, muito bem apresentada em volumes elegantes e bem impressos. Será um novo serviço que as nossas lettras ficarão a dever aos esforçados editores, a elles tão intimamente ligados.

Cecilia Meirelles: **NUNCA MAIS... e POEMA DOS POEMAS** — Ed. Leite Ribeiro — 1923 — Causou uma emoção profunda esse livro de versos. A poetisa, no seu desencanto e na sua melancolia, enche a vida de belleza, de belleza contemplativa, porque a lição das cousas é amarga.

"Quem sabe, é tudo que existe,  
Loucura?"

Essa indagação perdura, como uma nota inquieta, de quem não pôde dominar a vida e prefere sonhar-a, embora triste no seu abandono. E a suggestão de arte, que eleva a vida ao extase ou a acção, é o consolo, embora nella trave o fei da renuncia. A Senhora Cecilia Meirelles, nos seus versos, persegue um sonho, cuja belleza estará porventura no seu encantamento. Talvez será preferível não tocá-lo nunca... A seducção é o mysterio. Ouçamos este soneto admiravel e de intenções modernas:

Leve... Pluma... Surdina... Aroma... Graça...  
Qualquer coisa infinita... Amor... Pureza...  
Cabello em sombra, olhar ausente, passa  
Como a bruma que vai na aragem presa...

Silenciosa. Imprecisa. Etherea taça  
Em que adormece luar... Delicadeza...  
Não se diz... Não se exprime... Não se traça...  
Fluido... Poeta... Verso... Flor Belleza...

Passa... — E' um mover de lírios... Olhos quasi  
Fechados... Noite... Somno... O gesto é gase  
A extender-se, a alongar-se... — E enquanto vão

Fugindo os passos teus, Visão perdida,  
Chovem rosas e estrellas pela vida...  
Silencio! Divindade! Iniciação!

A poesia da Sra. Cecilia Meirelles tem um sabor de lagrimas, mas as lagrimas lhe tornam os olhos mais brilhantes para o deslumbramento da vida. Esse contraste é a essencia da sua arte, sincera porque o mundo é tambem elle o mais divertido jogo de contrastes...

Luiz Xavier da Costa: **A MORTE DE CAMÕES** — Lisboa — 1922 — Neste interessante estudo, o atur mostra o valor de Domingos Antonio de Siqueira, autor da teta *A morte de Camões*, e que, tendo exposto, em 1824, no Salão de Paris, seu quadro *A Sagra da Família*, ao lado de obras de Ingres, Delacroix, Signelon e outros artistas consagrados, merecendo os maiores louvores da critica, entre os quaes se sobreleva o de Stendhal, que disse: "J'ai remarqué une *Sainte Famille*, de M. Siqueira: on dirait une copie du Corrége, tant les couleurs de ce tableau font plaisir à l'oeil; on sent que le peintre a songé à la nature, et non pas aux bas-reliefs antiques, en composant son tableau".

Possuindo dous estudos feitos para a *Morte de Camões*, o Sr. Luiz Xavier da Costa estuda pormenorizadamente esse quadro, extraviado e, ao que consta, no Brasil, conforme depoimento que o Sr. Elycio de Carvalho enumera na sua nota sobre Siqueira, apparecida nesta revista, na *Candêa de Argilla*, numero de Março deste anno. O quadro em questão, segundo a descripção que fez no *Courier de Paris*, em 20 de Setembro de 1824, o critico Senurs é o seguinte:

O espectáculo geral do quadro, perfeitamente de accôrdo com o espirito do objecto, é pouco proprio para atrahir as atenções. Observa-se uma camara francamente illuminada pela luz de uma candelê, a cuja claridade uma habitante de Lisboa lê a *Camões* a fatal noticia da perda da batalha de Alcacerquibir, na qual falleceu o Rei de Portugal, D. Sebastião, com a flor da sua cavallaria. O illustre velho sustem-se a custo, junta suas encarnadas mãos, e fita sua vista moribundas para o céu. O tom do quadro é horroroso e

obsкуро, os accessorios são os que devem ser, isto é, proprios para darem a idéa de um completo desenvolvimento... A figura do velho poeta neste quadro é com effeito mais bella, considerando-se poeticamente. Em seus membros devorados pela velhice, através das suas barbas emaralhadas, descobrem-se-lhe ainda vestigios dessa organzição superior que o constituiram ao mesmo tempo um poeta consumado e um soldado aguerrido. Este quadro, despojado de todas as seducções da arte e do prestigio da palheta, me arrebatou todavia a um grau pouco ordinario; o motivo disto é ser o objecto escripto com uma energica simplicidade; e finalmente porque esta tela encerra o que todos os pintores deveriam observar, assim em grande como em pequeno, e vem a ser o pathetico e o verosimil".

O livro do Sr. Luiz Xavier da Costa, afóra o que se relaciona ao quadro, para fixar a figura do celebre pintor, é de grande interesse e traz prodigiosa copia de informações, tornando-o um estudo de grande valor sobre o "Rembrandt lusitano".

Adelmar Tavares: **NOITE CHEIA DE ESTRELLAS** — Rio — 1923 — Neste poeta a emoção é suave e doce e a sua musa tem olhos ternos e cariciosos, de onde por vezes escorre uma lagrima, mas sem azedume no coração.

Vou vivendo a minha vida  
Como Deus quer e consente  
Sou como a folha cahida,  
Levada pela corrente

Assim o poeta vê o mundo, sem tentar decifrá-lo nem lhe adinhar mysterios, resignado á sorte do homem, folha cahida que o vento leva, como já disséra o grande Homero. Mas, ha uma redempção na terra -- é o amor. E o amor transfigura, como se verá nestes versos:

Olha-me bem nos olhos... Bem no fundo  
Dos meus olhos... Vê-te-ás no teu altar...  
E's meu tudo. E's a Santa do meu Mundo,  
Do meu destino, és o anjo tutelar.

Nô tû me concedeste sonho e calma.  
De como és vida do meu coração  
Não t'a diz minha voz, nem a minh'alma,  
Nem mesmo as minhas lagrimas dirão.

Mas, quando eu repousar em cova rasa,  
E Deus, estrella ou flôr, fizer de mim,  
Estrella, — fico sobre a tua casa,  
Flôr humilde, — abrirei no teu jardim...

O Sr. Adelmar Tavares nos deu assim um livro que fala ao coração, feita da sinceridade e do encanto de bellos versos.

Antologia Portuguesa — **EÇA DE QUEIROZ** (Selecta critico-literaria) e **CAMÕES LÍRICO** (Redondilhas) — São os dous ultimos volumes desta admiravel collecção organizada pelo Sr. Agostinho de Campos, que com ella vem prestando assignalados serviços ás lettras portuguezas. Além do valor intrinseco, ha a augmentar o merito da antologia; as introduções do Sr. Agostinho de Campos, de alto valor critico e copiosas fontes de informações. O estudo sobre Camões lirico é uma pagina vigorosa e brilhante, ao mesmo tempo que uma analyse perfeita da poesia lirica do grande poeta, que nella tem maior, senão igual grandeza á do épico, no conceito do illustre escriptor. A introdução ao 2º volume da antologia, de Eça de Queiroz, é "uma larga inquirição de prosadores e criticos portuguezes e brasileiros acêrca de seus altos meritos e significação litteraria". O enunciado basta para mostrar o valor desse trabalho, que nos dá uma synthese da critica feita ao grande romancista. São, pois, dos mais estimaveis estes dois novos volumes da *Antologia Portuguesa*.

Vicente Clavel: **EL FASCISMO. IDEARIO DE BENITO MUSSOLINI** — Editorial Cervantes. — Barcelona — Este livro, da Bibliotheca de Actualidades Politicas, que publica o *Editorial Cervantes*, de Barcelona, é uma exposiçào vivaz e brilhante do movimento fascista, de sua genese ao triumpho, na politica italiana, accentuando a figura empolgante de Mussolini, que julga, como Lenine, o producto mais interessante da grande guerra. Escripito em fórma simples e interessante, esse livro, pela copia de documentos e informações constitue uma das melhores syntheses do fascismo, nos seus multiplos aspectos e em confronto com as demais doutrinas politicas, mostrando que se destina, nessa hora inquietante, a harmonizar: "o que existe de sagrado e de forte no passado, com o que de sagrado e forte nos traz o futuro, no seu re-

gaço inexgotavel," segundo as palavras de Benito Mussolini.

Isimbardo Peixoto: **OASIS** — Com uma suggestiva capa de Correia Dias, o Sr. Isimbardo Peixoto acaba de publicar o seu volume de versos *Oasis*, cheio de suave melancolia e serena belleza e que é "o livro triste de quem ama e, que inda amando, por amor, padec". *Oasis*, que foi feito com carinho e editado pela Livraria Leite Ribeiro tem versos bem feitos, inspirados e lyricos, demonstrando o poeta de *Saibros e Rosas*, tão apreciado em nosso meio intellectual.

Agostinho de Campos: **AUGUSTO GIL**, de *Antologia Portuguesa* — Lisboa — 1923 — E' este o 13 volume desta Antologia, com que o Sr. Agostinho de Campos, vem prestando relevante serviço ás nossas lettras, sendo o primeiro que cuida de um escriptor deste seculo, ao mesmo tempo poeta e do melhor valor. Antecede a collectanea um prefacio do Sr. Agostinho de Campos, que nos revela o poeta e o prosador, sob as suas varias expressões, mostrando, por igual, o conceito em que o tem a critica, de sorte a justificar a escolha do seu nome para este volume da Antologia, de todo justissima. E' um admiravel ensejo em que nos é dado conhecer o poeta do *Luar de Janeiro*, cujo esforço tem sido, como observou o illustre organizador desta Antologia, de se universalizar, contrahindo "o vicio nacional atavio do lyrismo estreitamente amoroso" e sahindo "de si proprios ao mundo que os rodeia no tempo e no espaço"

Moysés Marcondes: **APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DO PARANÁ** — Rio — 1923 — O Sr. Moysés Marcondes, que é um erudito do mais alto valor, acaba de prestar á nossa historia um serviço assignalado, publicando uma cópia de documentos valiosissimos, tirados cuidadosamente dos archivos portuguezes, referentes á historia do Paraná. Lendo-os, é interessante reconstituir a sociedade e os costumes do tempo, sendo ainda para observar a procedencia da affirmativa do Sr. Graça Aranha, na sua admiravel *Esthetica da vida*, de que os documentos portuguezes revelam a sua perfeita obra de estudo na colonia. A preoccupação juridica é evidente, tendo sido essa uma magnifica e forte disciplina na organização de nosso paiz, como nacionalidade politica. O trabalho paciente e aperfeiçoado do Sr. Moysés Marcondes será acolhido com a maior symphathia por todos os que se interessam pelos estudos de nossa historia e, nos documentos, procuram a sua verdadeira expressào.

LEIA V. EX.

**TARANTULA**

LIVRO DE CONTOS

DE **CARLOS RUBENS**

Preço: 3\$000 o exemplar

EDITORE

**MONTEIRO LOBATO & CIA**

NAS LIVRARIAS

## EDITORIAL-AMERICA

Director e Proprietario:

R. Blanco-Fombona

A casa EDITORIAL-AMERICA, de Madrid, fundada em abril de 1915, publica nove colleccões:

- 1° — Bibliotheca Andrés Bello, que se compõe das melhores obras literarias dos melhores prosadores e poetas da America Espanhola;
- 2° — Bibliotheca Ayacucho: historia da America — cyclo boliviano;
- 3° — Bibliotheca de Sciencias Politicas e Sociaes;
- 4° — Bibliotheca de Autores Varios;
- 5° — Bibliotheca da Juventude Hispano-americana;
- 6° — Bibliotheca de Historia Colonial da America;
- 7° — Bibliotheca Porvir: socialismo, communismo, etc.
- 8° — Novela para todos;
- 9° — Bibliotheca de Autores Celebres: obras primas da literatura universal.

Estas colleccões são unicas no commercio de livros em lingua espanhola. Entre ellas ha muitas de celebridades portuguezas e brasileiras.

Traduções primorosas, edições cuidadas, livros elegantes, e de preços modicos.

GRANDES DESCONTOS PARA OS LIVREIROS

Peçam catalogos e informações á

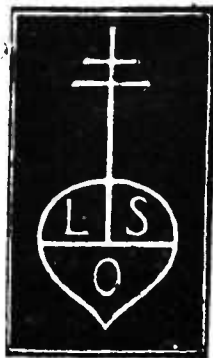
**EDITORIAL-AMERICA**

83, Calle Martin de los Heros, 83

(ou Apartado de Correos, 117)

HESPAÑA

MADRID



## LEO S. OLSCHKI

Publisher, Antiquarian

Book & Printseller

Large stock of Incunabula, early Americana, Illuminated Mss., Aldines, Dante & Petrarch editions, Books on fencing, old Music, Bindings, original Drawings by old Masters, Engravings, etc.

CATALOGUES ON APPLICATION

Books not in stock sought & reported free of any charge.

## FLORENCE

4, Lungarno Acciaiuoli, 4

For telegrams: OLSCHKI—Florence

Branch-house at Roma: Fontanella Borghese, 22

## MAGGS BROTHERS

34 & 35, Conduit Street

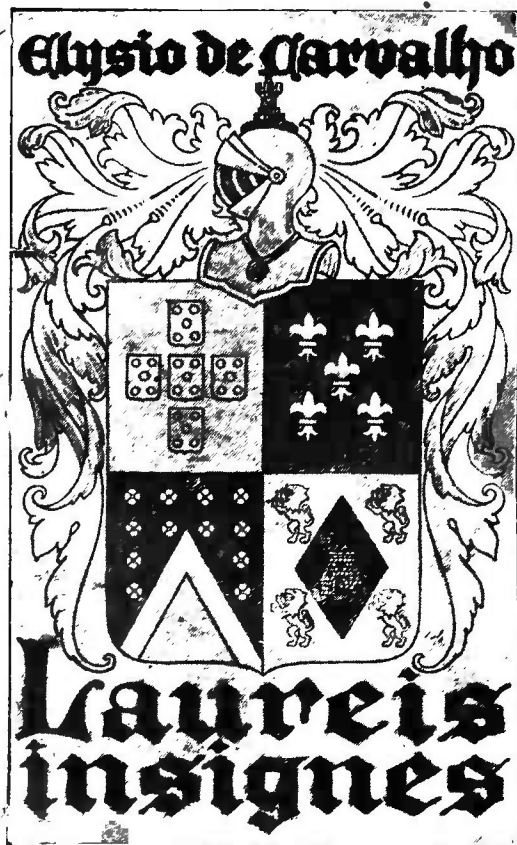
Neue Bond Street—LONDON. W.

Endereço Telegráfico: BIBLIOLITE, Londres

Compreae pede ofertas de livros raros, com ou sem gravuras em madeira, livros antigos sobre a América do Norte, o Japão, a China, as Indias, História das Missões, Califórnia, Austrália, relações de Colombo, Vespúcio, Cortez, etc., e livros impressos no México, Perú, etc.

Vende livros raros novos de todos os géneros, e boas gravuras e autógrafos

A APPARECER BREVEMENTE



Edição do "Anuario do Brasil"

RIO DE JANEIRO

# PASSIONARIA

Que infelizes que somos! que infelizes!

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Na poalha d'ouro da tarde diluindo-se perolada sobre o mar verde e manso, á feição de um imenso espelho a reflectir o céu limpido, Alda ficou a scismar, busto sobre o parapeito da janela, olhos ermos, fixa a visão na mobilidade intangível das cousas, como se estivesse a ver longe, no horizonte que o oceano infinito alongava no entardecer, o scenario de quanto errava-lhe na alma melancolisada e em tenebras.

Sobre o jardim, nas touças verdoengas e nas franças de sombras arabescadas e moveis no chão morno, vibravam cantos de passaros noivaes. E uma paz doce e monastica pairava no ambiente cheio do esplendor vespéral.

Alda continuava a olhar o mar sem fim, as roseas nuvens no Occaso colorindo o céu de turqueza á deliquescencia angelica da luz.

Não sabia como o destino fizera encontrar o homem que amava e a quem não podia amar sem crime. Ia por uma rua da cidade e ao dobrar noutra rua, vira-se ao pé do ser que era o desdramamento do seu ser, a sua propria alma transmigrada na pessoa do seu desejo. Empallidecera, sentira as pernas frias e em caimbras, os olhos turvos, uma agonia que a pôz tremula e infima. Não disse palavra e seguiu caminho.

Agora, momentos idos, em casa, voltava a cavalgata das illusões de outr'ora; o tropel dos sonhos resurrectos resoava-lhe na alma e o passado dealbava outra vez, auroral no principio, quasi epithalamico em seguida, depois...

Os labios desabrocharam vagamente num riso de consolação perdida e de tristeza.

— Como eu sinto a luz dos versos que fazes e o fluído das palavras que me dizes! Embebo-me na tua voz, aspiro-te a mocidade, quizera ser vinho e aroma para que me bebesses e eu te aromatisasse todo, vivendo em ti. E tu me desejarias assim?

— Loucamente. Não fosse da mais divina brancura o teu corpo que Venus invejaria na harmonia e perfeição das formas integras e a tua alma a mais encantadora e subtil alma que já guardou creatura humana. Como não te amar, vendo o crepusculo outomnal dos teus olhos em cuja poesia até as saudades despertam ao fluído luminoso e sereno, e sentindo a ardencia purificadora e immaterial do teu affecto?"

Tudó lá longe, no esfumino das distancias, perdido na nevoa sépia dos dias que não voltam.

— Quando será?

— Breve, talvez. Não ha impossivel quando se ama com entusiasmo e fremerencia. Viveremos ditosos, no conforto das grandes cidades, nas villas placidas ou nas mattarias profundas.

— Que importa logar quando se tem o amor, que é a felicidade? O mal vive onde ha incerteza e desanimo. E o impossivel somos nós que o creamos.

— Linda.

— Tua."

Como vae longe isso! Como esquecia que um compromisso que a sociedade não olvidara, prendia-a a outro homem, escravizava-a a outro ser. O que vivia a tecer era uma illusão, o que os dous viviam a crear era um sonho — illusão e sonho que os affastavam do mundo e os levavam em immaterial goso de nupcias atravez universos ignótos. Quando despertaram viram a puerilidade de tudo aquillo, a inanidade do prazer e a realidade pávida que diante delles se erguia como um impecilho intransponivel. E o rosto de um collado ao rosto de outro, os olhos quasi a se tocarem numa só angustia e num só desabafo, elle e ella choraram perdidamente, inconsolavelmente.

Resurgiam depois ardentes e viris na paixão que os allucinava. Certa vez, num canto de sala quieta, ambos lendo no mesmo livro o mesmo poema, ella ergueu os olhos para elle; junto, elle baixou a cabeça e sem saberem como, e attrahidos não sabem por que sagrado e infernal iman, as duas boccas, sem sofreguidão, mas com doçura, encontraram-se unidas...

— Não esquecerei mais nunca aquelle beijo.

— Ainda o tenho na alma, resoando como sinos de alleluia, resoando na delicia que elle trouxe do céu.

— Beijo ditoso e que não será unico...

— Oh! não. Minha bocca é uma rosácea feita para o mádido anseio do teu beijo. Beija-a sempre, sempre, que a vida vem de ti, minha vida."

E na exaltação do amor que a abraçava e tornava maravilhosa na voz tremula e meliflua, no olhar inquieto e velludico, nem presentia as horas que iam passando, nem lhe era dado ouvir que o Destino tocava, como num *De profundis*, o funeral das suas nupcias frustradas.

Um dia palpavam o irremediavel. Viram-se bem tarde. Ambos ao se encontrarem, ao se comprehenderem feito um para o outro, complementos naturaes de um ser unico, já se não pertenciam. Cada um trazia ao seu lado outra alma, vinha cada um em bonança, contente no amor que a mocidade lhes enchia de fulgores lucidos.

— E porque nos vimos tão tarde! Porque não vieste mais cedo, uma hora antes no meu viver! Agora...

— Esquecer. Cada um seguirá seu caminho.. sepultará o passado.. esquecerá...

— Esquecerá... Illusão. Como havemos de esquecer o que está em nós, o que é a nossa carne, a nossa fala, a nossa alma, o pulsar do nosso coração, nós mesmos na materialidade mesquinha! Oh! não. Seguiremos como dous desconhecidos... que se não devem encontrar nunca mais...

— E tu...

— Serei a mesma. A alma será tua na sua pureza. Que me possuam a gelidez marmorea do corpo, me poluam de beijos, façam de mim o que quizerem; a alma será tua, o affecto melhor será teu, porque é em ti que está a minha vida e foi de ti que me veiu a revelação bemfaseja deste amor "sem laureis"

E separados, como se nunca se tivessem visto, ambos com o peito a sangrar de magua lancinante, lá se foram vida fóra, tristes e mudos como duas sombras.

Distantes, que desejo de se falarem, de se tocarem, sentindo-se no amplexo estreito e no beijo amoroso! Mas não se viram mais. Não se veriam nunca mais.

Naquelle dia, porém, ao dobrar uma rua na cidade, dera com o homem que mais amara na terra, o primeiro e unico que amára de verdade, leal, sincera, allucinadamente.

Tudo isso ella recordava ao cahir da tarde punicea, nostalgica, maguada, vendo o mar verde como um espelho reflectindo o céu limpido. Um sino, perto, esflorou as Trindades. No oceano, ao ouro da hora crepuscular, distinguia-se uma vela que lá ia, mar fóra, tal um anhelito que desaparece. Só, sem testemunhas, balbuciou então uma prece — prece que o ar balsamico do Angelus levou na dolencia vespéral e envolvia aos dous, enlaçados, ainda numa esperança, como no sonho nupcial que a vida lhes destruiu, barbara e impiedosamente.

Carlos RUBENS.

# BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

**Casa Matriz : AMSTERDAM**

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro --- S. Paulo --- Santos --- Buenos-Aires --- Santiago do Chile --- Valparaizo.  
Na Allemanha --- HAMBURGO.

**Capital autorizado..... Florins 50.080.000**  
**Capital realizado e reservas..... Florins 22.680.000**

*Fundado pela Rotterdamsche Bankvereeniging  
Amsterdam -- Rotterdam -- Haya*

*Cujo capital realizado e reservas montam em florins a 114.000.000*

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

**11, RUA BUENOS AIRES, 13**

TELEPHONES: NORTE 5356, 5357 E 5358

# Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

**CAPITAL. FRs. 50.000.000**

CAPITAL REALISADO

**Ações Frs. 50.000.000 e Obrigações Frs. 65.000.000**  
**Fundo de reserva: Frs. 12.500.000**

Empréstimo sobre primeira hypotheca a curto e longo  
prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por  
amortisações semestraes  
com direito de reembolso antecipado.

DINHEIRO PARA CONSTRUÇÕES  
Abertura de credito para construcções de predios  
até 50 % do valor dos mesmos  
e terreno.

Contas correntes garantidas por hypothecas  
e de movimento.

Adiantamento sobre titulos, mercadorias  
e warrants.

Gerencia de immoveis, cobrança de juros sobre apolices, ações  
e debentures, guarda de valores, etc.

SÉDE SOCIAL EM PARIS:

**39 BOULEVARD HAUSSMANN. 39**

Séde de Operações e Direcção Geral:

**44, AVENIDA RIO BRANCO, 44 — RIO DE JANEIRO**

Endereço Telegraphico-BRESIFONCI  
CAIXA POSTAL, 307

TELEPHONES { Directoria N. 4.116  
Secretaria N. 2.085  
Expediente N. 3.750

AGENCIA:

**24, RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO**



# AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR. Elyσιο de Carvalho



Desenho de ZINA AIJA

Anno III.

N. 27

Março de 1924

Preço: 1\$000.

# A LIGA DAS NAÇÕES

A Liga das Nações, o sonho mais ardente de Wilson, desde que foi rejeitada nos Estados Unidos, perdeu como que o seu maior esteio, e começou a ser vista pelos diversos paizes como um dispendioso e inutil aparelho internacional.

Debalde os estadistas têm procurado desvanecer essa impressão, que perdura de um modo decisivo, sobretudo quando se vê as nações nella mais interessadas retirarem de sua competencia o problema mais grave do momento, que é o das reparações. O presidente Coolidge na sua ultima mensagem a ella se referiu como uma "foreign agency" e os *leaders yankees* a consideram inexistente.

O *The New York Times* intentou ultimamente um inquerito, entre 30 nações, por seus representantes na Liga, para saber da sua utilidade presente e futura, das vantagens da Côrte Permanente de Arbitragem, em beneficio da paz e tambem das alterações que seriam necessarias ao perfeito funcionamento da Liga. Na impossibilidade de reproduzir na integra essas respostas, vamos resumilas, reproduzindo apenas, em entrefios, as palavras do embaixador brasileiro, Sr. Mello Franco. O Visconde de Iskii, representante do Japão e então presidente do Conselho da Liga, declarou que a mesma vai gradual e seguramente progredindo, dependendo a extensão de seu valor do prestigio que lhe derem os Estados associados e aiuntou que em varios casos concretos a Liga já teve ensejo de agir, removendo causas de disputas internacionaes. O Dr. Gilbert Murray, delegado britânico pela Africa do Sul, disse que os varios casos resolvidos pela Liga, o auxilio á Austria, a repatriação de 482.000 prisioneiros de guerra, a defesa internacional contra o opio e outros, justificam a sua existencia, entrando depois em varias considerações sobre os demais questionarios, dizendo que a Côrte de Arbitragem será o arbitro natural das disputas internacionaes, muitas vezes motivadas pela falta de um direito legal para o qual podessem appellar as nações. O delegado francez, Sr. Gabriel Hannotaux, tambem julga que a reabilitação da Austria, sob os auspicios da Liga, constitue

uma forte realização, bastante para justificá-la. O delegado belga, Sr. Henry A. Rollin, limitou-se a mostrar que existe apenas um mal-entendido entre a Liga e os Estados Unidos, esperando porém que esse paiz, embora não entrando para a Liga, participe da Suprema Côrte. O Sr. B. Hyclmar Branting, da Suecia, acredita que si não fosse a Liga, muito peor seria ainda a situação européa e que a Côrte de Arbitragem pôde eliminar varias causas de conflictos internacionaes. O Sr. Fridtjof Nansen, da Noruega, acha que a instituição dos mandatos é a coisa mais original da Liga e tambem das mais bem-fazejas. Mostra que a Liga tem trabalhado com afinco pela paz e reconstrução da Europa e a restauração da Austria prova do que é capaz. O delegado dinamarquez, Sr. Haruf Zahle, tem que a Liga ainda não possui bastante autoridade para resolver os varios problemas internacionaes, mesmo porque, sendo um principio novo no direito das gentes, luta contra preconceitos historicos e politicos muito enraizados. Mas, uma vez modificada essa psychologia internacional, por uma altitude mental mais propicia, a Liga será de facto, como no sonho dos seus fundadores, um instrumento de justiça entre os povos e de garantia de sua liberdade. Disse o Sr. Nicolas Politis que a Liga se justifica pelos suas actividades humanitaria e economica. Politicamente, lembra a sua actuação no conflicto greco-italiano que, sem ella, bem poderia degenerar num conflicto, como em 1914 tudo decorreu da disputa austro-servia. O Sr. Tcheng Lob, da China, é um defensor convicto da Liga, onde espera ver em breve todos os povos. O delegado austriaco, Sr. Albert Mensdorff-Pouilly-Dietrichsteins, acha que o trabalho da Liga em relação ao seu paiz foi dos mais gloriosos capitulos de sua historia. O Sr. Agustin Edwards, do Chile, depois de mostrar os beneficios da Liga, conclue dizendo que os seus fins são perfeitamente realisaveis. O Sr. Francisco José Urrutia, da Colombia, acredita que só se conseguirá o desarmamento se todas as nações reconhecerem a jurisdicção da Côrte Permanente e della participarem.

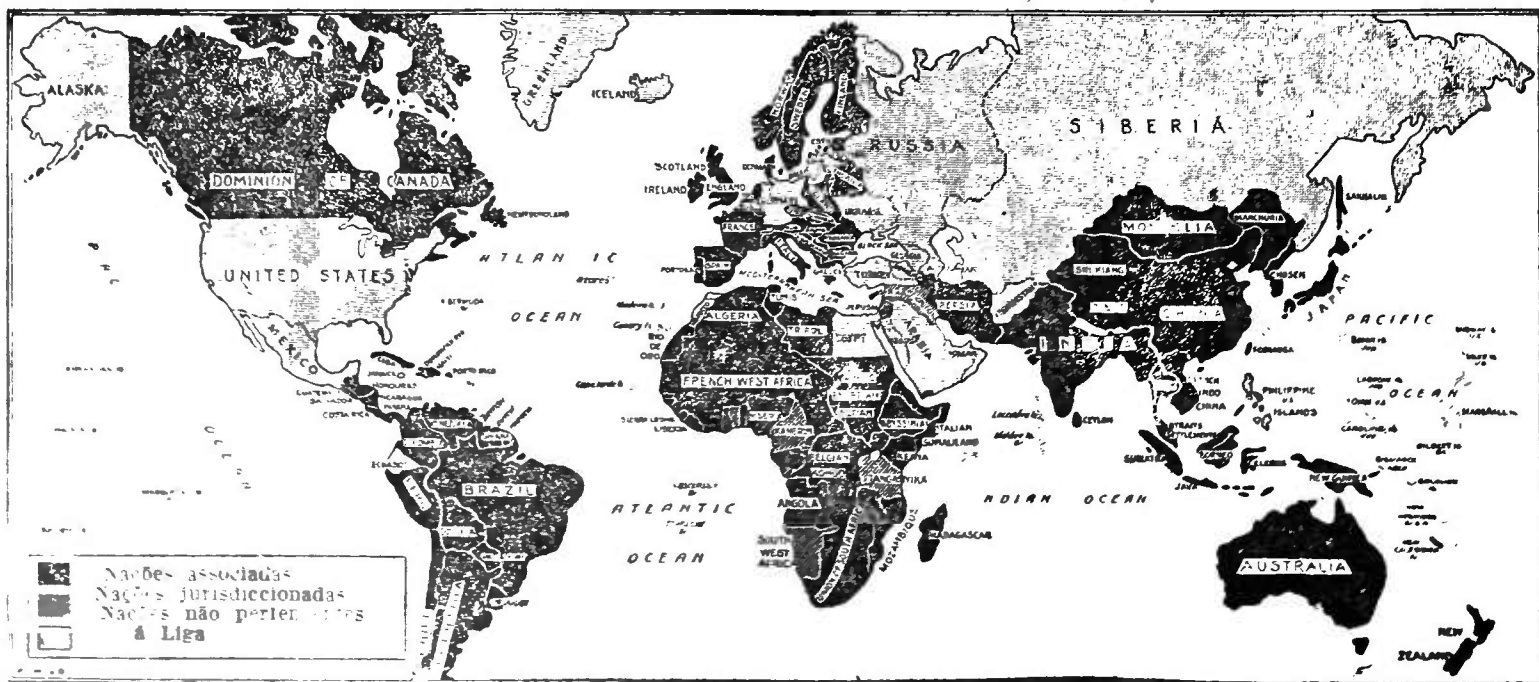
## A OPINIAO DO DELEGADO BRASILEIRO

O Sr. Mello Franco, respondendo ao inquerito do *The New-York Times*, de que tratamos nesta pagina, disse: "O principio de igualdade legal entre os estados soberanos está santificado pelos estatutos da Côrte Permanente de Justiça Internacional. E' a pedra angular do direito das gentes. Por esse principio o mundo justifica a existencia dessa Côrte, oriunda do pacto da Liga das Nações. O estabelecimento actual da Côrte é um grande passo dado na evolução do direito e no desenvolvimento da justiça entre os povos. Elegendo juizes para esse grande tribunal, a Liga não deve tomar em consideração a nacionalidade dos candidatos, porque os juizes são investidos em nome do estatuto internacional, que é a criação da Liga e do pacto que lhe deu origem. A assembléa da Liga escolhe os juizes livremente, guiada tão só pelos seus meritos individuaes. Todas as nações participantes tomam parte nas eleições com igual soberania.

AFRANIO MELLO FRANCO.

A Persia e o Canadá querem alterar o artigo X do pacto, para lhe dar uma interpretação liberal. Os representantes dos ouros paizes abundam em considerações identicas.

Esse inquerito aliás é suspeito. Que poderiam dizer os delegados a uma instituição, onde não compareceriam sem estar de accordo com a sua existencia, ou para cumprirem ordens de seus governos? O facto é que a Liga ainda está longe de representar a força com que sonharam os seus fundadores e de tornar a Côrte Permanente um órgão magestoso de justiça entre todas as gentes.



# A ARTE E O TEMPO

ESPECIAL PARA "AMERICA BRASILEIRA"

Atravessamos na França, como na Europa, um singular periodo de transição, no qual domina a mania illusoria e extranha da originalidade e da novidade. Um preconceito entre todos ingenuo é o que consiste em acreditar no Passado, seja para se referir a elle timidamente, em busca de uma "tradição", seja para despresal-o e amaldiçoal-o.

Espiritos desolados na confusão actual reclamam a volta á tradição, sem poder definil-a: lembram esses novos ricos que exigem um mobiliario "do tempo" sem se importarem de que tempo seja, mobiliario esse, aliás, que é sempre de um tempo — o em que foi feito. Os outros se gabam de nada vêr, nem ler, e desejariam que se incendiassem museus e bibliothecas, para melhor salvaguardar as suas preciosas personalidades. Ora, quando não se tem cultura e rejubila-se por ser autodidacta, acontece que, numa noite de inspiração, se descobre a lua, certo de ter sido o primeiro. Quando se repara de perto na tradição, vê-se que é constituída de uma série de personalidades contradictorias e negadas reciprocamente, até que um dia a critica retrospectiva põe em ordem todos os mestres, que o foram precisamente por terem ousado um passo a mais do que os mestres da vespera.

A obsessão do novo e do original perturba muitos cerebros e transforma talentos apreciaveis em genios falsos. É uma verdadeira phyloxera intellectual. Perderia sem duvida a sua virulencia si comprehendesse que a arte está situada numa região "einsteiniana" onde o tempo e a duração são apenas valores muito relativos. Para precisar melhor, direi que a arte não conhece datas. Todas as coisas bellas estão postas diante dos olhos dos que sabem penetrar a belleza interna, como sobre um plano infinito. Não são antigas nem modernas. São, simplesmente, segundo a palavra de Reats, "eternas elegias" Não pertencem ao passado nem ao presente.

Consideremos uma esculptura egypcia ou grega, gothica ou chineza, uma téla italiana, hespanhola ou franceza. Se se tratar de grandes obras primas, experimentaremos a sensação extranha e poderosa de esquecimento do tempo, observando contudo as referencias proprias ás datas e ás origens. Estas são da historia: mas as obras em si têm vida continuada. O que nellas nos emociona, é o sentimento da sua poderosa solidariedade. Foram criadas ha seculos; vivem comtudo no nosso presente a sua vida perenne e maravilhosa, independentes do presente, porque representam

um elemento espiritual inalteravel. A cada instante exclamamos: "Parece feito hontem", no entanto, revendo coisas do anno passado dir-se-iam já velhas. A marca da obra prima é a sua perpetua juventude. Quando a contemplamos enche-nos a alma o seu tempo, enriquecendo a nossa substancia viva.

Familiarizando-nos com essa visão da "vida continuada" as grandes obras, como o radio que emite indefinidamente sem desperdicio, libertar-nos-emos do maleficio do original e do novo. Porque essas duas idéas ôcas não podem ter sentido algum a não ser em relação ao passado, de distancia crescente

## CÉZANNE

É pelas suas qualidades de colorista obstinado que Cézanne se liga aos mestres antigos: Chardin, Vermeer, Veronese, e que nos conduz á verdadeira tradição da pintura. Eis o seu maior merito, em que não é demasiado insistir. Preocupa-se com o tom local, com a verdade geral da côr dos objectos e todo o seu esforço é para combinar esse tom local com as influencias que o querem destruir. A principio, é a luz que impoz a tudo a sua propria côr, depois, do interior principalmente, são os reflexos reciprocos dos objectos que acabam por fundir todos os tons, e disso Cézanne tem um sentimento muito vivo; no exterior, é a côr da atmospheria, esse bello azul da Provença, que toca todos os objectos e modifica tanto mais a sua localidade quanto mais estão afastados da vista. Assim, toda paisagem de Cézanne é uma luta harmoniosa entre os azues de um lado e, do outro, os alaranjados, tendendo aqui ao amarello, lá ao vermelho.

TRISTAN KLINGSOR.

entre as épocas. Se se supprimir, por hypothese, essa ultima idéa, veremos clareada uma verdade de experiencia que é a base logica de todo o estudo das artes. Quer dizer que não ha obras realizadas ou inadequadas; as primeiras são sempre actuaes, mesmo datando de cinco mil annos; e as outras nasceram mortas, ainda que inventadas hontem por innovadores originaes, que as acreditam progressos e achados, quando não passam ellas de caricaturas de um retorno eterno, as contorsões de uma serpente que morde a cauda.

Ha ainda uma outra coisa. Ha a solidariedade mental, consciente ou obscura, que nos liga aos autores das gran-

des obras do falso passado. Está agora em moda falar dos antigos mestres com um desdem brutal. É o caso do passaro sujando o proprio ninho. Não se comprehende por completo uma obra-prima, limitando-se a admiral-a friamente, como coisa passada, historica, defunta. O autor longinquo, que não é mais do que pó, soube comtudo nos prever. Trabalhou para cada um de nós, para o nosso enriquecimento futuro. E nós lhe devemos minutos de vida tão intensa em face da sua obra, que por esse beneficio se funde no nosso presente, e a força da sua criação se completa. Possui-nos a nós, está connosco, dentro de nós mesmos. Diante de um Rembrandt ou de um Watteau, desde os primeiros compassos de uma symphonia de Beethoven, o sentimento de relatividade do tempo nos domina; e a razão critica nos permite ver perfeitamente os caracteres technicos que enquadram a obra no seu tempo, mas a nossa consciencia penetrou em região sem data. A arte realiza o milagre de abolir a distancia e a morte.

Os artistas de genio sempre se guiaram por essa verdade. Os engenheiros calculam a resistencia de uma ponte pelos pesos que deverá supportar. Os grandes artistas, lançando por sobre as idades os arcos ideaes de suas obras, sob os quaes a vida continua a fluir, previram o peso de milhões de almas que as sobrecarregariam, e o fizeram de sorte que essas almas pudessem se unir indefinidamente á propria substancia das suas obras. A idéa do passado nunca existiu para elles, tampouco as de originalidade ou de novidade. Pensaram nisso tanto quanto aquella gente do seculo XII em exclamar, segundo a pilheria bem conhecida: "nós, homens da idade-média!" Tinham o passado como uma successão de presentes. A arte justifica os presentes aos nossos olhos. Não ha para ella senão duas idades: o bom e o máo e não será por isso que os mais violentos innovadores nos dão por vezes uma sensação de velhos timidos, mesmo dizendo-se futuristas?

Nunca olhei uma obra prima sem esse duplo sentimento. Admiro-a e estudo-a, actua sobre o meu espirito, consola-me e eleva-me. Mas tambem penso no ser que a criou e sinto que lhe devo alguma coisa, divida que não se pôde pagar senão pelo coração e pela piedade.

Gamille MAUGLAIR.

# KU-KLUX-KLAN

A proposito dessa mysteriosa e fantastica sociedade, que tanto rumor tem feito em torno de sua actividade, transcrevemos o seguinte artigo editorial de *The Coast Artillery Journal*, traduzido pelo Major Mario Barretto, e publicado no "Boletim do Estado Maior do Exército", a que solicitamos a devida venia.

A recente actividade do Ku Klux Klan empolgou pouco a pouco a attenção publica, que no começo julgou um tolerante divertimento as grotescas bufonarias do ritual — as exterioridades das assembleas da Ordem, mas gradativamente cedeu lugar a conjectura da possibilidade de ameaça pelas pretensões desta rapidamente agitada associação de "cavalleiros nocturnos vestidos de mulheres".

O estado a que chegou o Ku Klux Klan atingio a um ponto em que é de esperar que algumas reflexões sobre os designios e feitos da sociedade sejam trazidos a lume em franca discussão na Artilharia de Costa e em outros ramos do serviço militar.

E' sabido que pelo menos um ensaio tem sido feito a fim de formar uma organização local do Ku Klux Klan entre os soldados e os officiaes do serviço regular, ao mesmo tempo que esforços semelhantes tem dispendido o proselytismo dessa associação entre os membros da Guarda Nacional, por meio de ampla publicidade na imprensa.

Consequentemente, não ha que perder tempo para que os membros do serviço militar venham a ser informados dos significativos feitos da organização e da politica do Ku Klux e com circumspecção julguem se esses feitos merecem estimulo ou condemnação e, portanto, qual deverá ser a attitude pessoal de cada official e soldado dos Estados Unidos. Reguladas concisamente, as mais características feições da actividade do Ku Klux são as seguintes:

Primeiro — Como uma organização o Klan proclama-se o defensor de cento por cento de Americanismo, que interpreta desenvolver uma activa opposição á raça e á religião Hebraica, á Igreja Catholica Romana aos seus ramos, á raça negra e aos filhos dos estrangeiros nascidos neste paiz, cidadãos ou não. Certamente, o Klan tambem proclama-se empenhado em apoiar a constituição, os officiaes da lei, a conservação do Systema da Escola Publica e a protecção da castidade feminina.

Segundo — O Klan toma a seu cargo pesquisar junto aos seus membros a conducta privada e moral pessoal de todas as pessoas da Comunidade, manifestando o escolhido o methodo de segredo individual da espionagem daquella associação, exercendo as supraditas pesquisa e inspecção.

Terceiro — O Ku Klux adoptou não sómente o ritual secreto do Klan original, que foi organizado para um fim especial, no Sul, nos primeiros dias da Reconstrucção e voluntariamente dissolvido quando o seu destino foi realizado, mas como accrescimento estabeleceu o seu completo systema de actividade sobre a base da acção em massa, os membros delle occultando a sua identidade e assirando de lado a responsabilidade pessoal, pelo uso de vestes e mascaras adequadas a inspirar o mysterio e o terror.

Quarto — Os acontecimentos dos mezes recentes têm mostrado repetidamente que não sómente é a responsabilidade pessoal abolida pelas organizações locais por meio do seu emprego de mascaras, mas que adicionalmente os mais graduados officiaes do Klan tambem persistentemente annullam o assenso de qualquer responsabilidade, invariavelmente condemnando as actividades publicas das organizações locais do Klan quando estas actividades tornam-se o assumpto da investigação publica ou de desapprovação.

Quinto — Está já verificado, especialmente no Texas e no Oregon, que o Ku Klux Klan age de um modo cohesivo no exame das questões politicas.

Sexto — Em numerosas occasões o Klan assumio o papel de guarda e arbitro de suas bandeiras social e religiosa, conforme as suas demonstrações publicas, de approvação anonyma embora, de certos sacerdotes e officiaes civis.

Sétimo — Por numerosos exemplos de comunidades separadas por grande extensão, tem se tornado evidente que o Klan não hesita em lançar mão do emprego extra-legal da violencia, a qual pôde ser equiparada nada menos do que ao lynchamento e á justiça da plebe.

Oitavo — O juramento de fidelidade trechos do qual são citados adiante, prestado perante a Comissão dos Regulamentos, Casa dos Representantes, 67º Congresso, 1ª Sessão, mostra que os membros do Klan prestam uma fidelidade á autoridade do Klan que se sobrepõe ao dever de fidelidade ás autoridades civis constituídas, que revigorará o estado medieval em que a autoridade não é precisamente sujeita á pluralidade de inspecção dos membros da sociedade a qual igualmente exige dos seus membros a possibilidade de tornarem-se cúmplices de algum crime civil, excepto os que acarretem trahição contra os Estados Unidos, rapto e assassinio ignominioso.

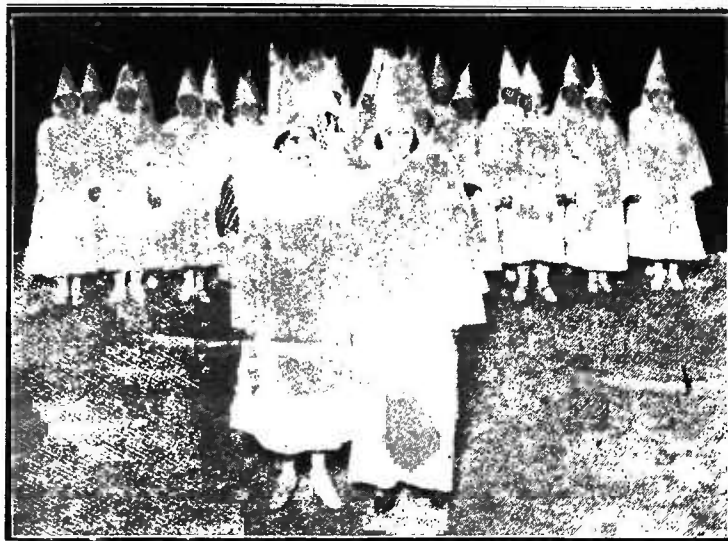
"Secção 3. Obediencia.

Vós direis "Eu" — pronunciae o vosso nome por inteiro e repeti depois de mim o seguinte: — No presença de Deus e dos Homens do modo mais solemne empenho-me, prometto e juro, incondicionalmente, que obedecerei fielmente á constituição e ás leis, e espontaneamente conformar-me-hei com todos os regulamentos, usos e requerimentos do... os quaes existam ou sejam de futuro decretados, e prestarei em qualquer occasião um respeito leal, firme apoio á autoridade imperial do mesmo e sinceramente estarei attento a todos os mandatos, decretos, edictos, regras e instrucções do Eu... W... delle.

Eu darei resposta prompta a todas as intimações, desde que eu tenha conhecimento dellas, e não seja impedido pela Providencia."

Secção 4. Obediencia.

Eu juro que guardarei seguramente comigo proprio um segredo dum... quando



Socias femininas auxiliares da Ku-Klux-Klan, aguardando a cerimonia de Iniciação em Dallas, Texas, em 24 de Outubro de 1923.

mesmo fôr confiado a mim no sagrado empenho de... o crime de violar este sagrado juramento, excepto sómente se fôr de trahição contra os Estados Unidos, rapto ou assassinio ignominioso."

Se como eu creio ser o caso, as características feições da politica e dos methodos do Ku Klux têm sido sinceramente louvados, é conveniente aos officiaes e aos soldados examinar a possibilidade de males e injustiças que podem produzir. Uma exame cuidadoso parece revelar que cada uma destas feições contem principios de injustiça clara e tyrannia, as quaes submettem o programma inteiro do Ku Klux a uma condemnação vergonhosa: é, como sempre tem sido, inquestionavel que alguns dos mais activos e leaes officiaes e soldados do Exército dos Estados Unidos bem como dos mais uteis cidadãos dos Estados Unidos são Judeus e Catholicos Romanos. Em lugar de favorecer os interesses do Americanismo, esse movimento para estimular a animosidade contra os Judeus e os Catholicos é mais decisivamente Anti-Americanismo. A essencia do Americanismo jaz na harmonia de todos os elementos da vida Americana, no passo que o inevitavel resultado da propaganda do Ku Klux seria produzir a desunião, a inimidade e o odio.

A asserção do Ku Klux Klan como uma justificação verdadeira, que os catholicos prestam uma elevada fidelidade ao chefe Italiano de sua Igreja, mais do que aos Estados Unidos ou que os Catholicos são unidos para terem influencia em fins politicos, é desprezivel e não os justifica de se valerem dum segredo e irresponsavel conspiração, para com-

bater aquella fórmula de actividade, a qual o Klan persevera imputar-lhes.

Além disso, a attitude do Ku Klux Klan presuma refrear a vida americana á obediencia ao Christianismo Protestante. Este empenho é, entretanto, opposto ás tradições estabelecidas da America, que outras não poderia ter. Se a guisa de nós resolver abjurar inteiramente o Christianismo estará no seu direito de proceder desse modo, assim como de abraçar o Protestantismo ou o Catholicismo, e quem quer que seja não poderá dizer que elle não possa ser tão sincero e leal cidadão dos Estados Unidos, como qualquer outro.

Do mesmo modo, temos no nosso meio o negro e os nacionaes filhos de estrangeiro.

Enquanto cada um pôde ter muitas qualidades physicas e intellectuaes as quaes são diferentes daquellas a que o Klan escolhe para cultivar, ainda quer queramos ou não, de qualquer fórmula e forçosamente, serão uns e outros factores da vida Americana. O interesse do Americanismo não é impedir-os, aterrorizal-os, humilha-os mas mais propriamente auxiliá-os na comprehensão e na conciliação, para habilital-os á adaptar-se harmonicamente nas comunidades das quaes fazem parte.

Uma organização com os designios collimados pelo Ku Klux Klan deve necessariamente ter um programma de methodo definido por meio do qual alcance os seus fins. Um exame da natureza dos seus propositos revelará o facto de que o Klan tem recorrido ao unico methodo logico pelo qual poderia possivelmente esperar realizar o seu destino. Este methodo é o da acção collectiva pela violencia mascarada, a qual por sua immanente natureza, é intangivel, secreta e irresponsavel.

Após ter pesquisado a conducta de qualquer individuo o Klan processa-o sem o seu conhecimento e necessariamente á sua revelia

e sem conceder-lhe o inalienavel direito Anglo-Saxão de apresentar a sua propria defesa, e, então, secretamente o pune por uma offensa contra um criterio, de cuja verdadeira existencia elle pôde ser depercebido. Aqui temos entre as luzes do 20º seculo uma retrudescencia da mais abominavel e sectaria tyrannia, uma completa repulsa a todos os rossos antigos direitos de homens livres e de cidadãos, uma sinistra irresponsabilidade e uma totalmente intoleravel usurpação da soberania civil. Não mais seria preciso para condemnar o Klan do que este recurso ao vil e cruel codigo dos ladrões que é bastante para excitar cada official e cada soldado Norte-Americano á eterna hostilidade para com aquella Ordem. Mas isso não é tudo. Cada official e soldado nos Estados Unidos jurou uma indivisivel fidelidade á Constituição dos Estados Unidos, ao Presidente e aos officiaes especificados por lei como seus superiores.

Podemos verdadeira e justamente sentir a desharmonia, a injustiça, a immoralidade e mesmo a venalidade que quotidianamente exhibem personalidades e comunidades do nosso paiz, que amariamos ver o povoado por homens e mulheres puros, nobres e religiosos, mas reconhecemos que não podemos considerar que o Ku Klux Klan melhorará algumas das nossas deploraveis condições e havemos de intentar, verdadeiramente somos a isso forçados, com firmeza, como uma classe coherente, nos oppôr por todos os meios dignos, dentro de nossos recursos, ás pretensões de uma tão horrivel e barbara associação, como o Ku Klux Klan se ha revelado.

# O MÁO THEATRO E O BOM PUBLICO

ESPECIAL PARA "AMERICA BRASILEIRA"

O Sr. Antoine solicitado para entrar em negociações com um empresario de espectaculos parisienses, foi forçado a rompel-as logo, porque ao invés de se lhe dar a direcção completa do theatro projectado, queria-se reduzir a sua parte a um nada quasi: um espectáculo por semana. Assim o nome do celebre actor, fundador do *Theatre Libre*, serviria ainda de pavilhão para a pacotilha de "boulevard" dos productores da moda.

São esses os costumes de hoje. Não só os artistas probos ficam afastados de todos os proventos realizados pelos "fabricantes", mas ainda queriam estes lhes tirar a vantagem suprema desse prestigio ideal e platonico, que gosam na opinião, para com elle se enfeitarem. Dessa situação paradoxal, deveriamos nos rejubilar, como de uma homenagem prestada ao talento e á honestidade artistica, o antes resentirmo-nos e não ver nisso mais do que um engodo da avidez de certos homens, despojando o pobre da suas ultimas vestes? Deixo-vos a escolha ante essas duas proposições: a primeira vos consolará um pouco, mas temo que a verdadeira seja a ultima. Vivemos numa epoca (quero crer que seja de transição) terrivelmente materialista. Só se respeita "o que dá dinheiro", expressão repugnante, que representa alguma coisa mais repugnante ainda. Não ha limites ás concessões feitas, tendo em vista este pretendido resultado positivo. Aterrorizado diante da idéa de que o publico poderia deixar de comprehender alguma coisa numa peça, o actual director de theatro procura, com uma especie de mysticismo, tudo aquillo em que não resta nenhum traço de lyrismo, de emoção verdadeira, de psychologia, de pensamento, de sensibilidade. "Isso não faz theatro", como diz no seu jargão. O infeliz acredita; e acredita tanto mais quanto não leva em seu theatro senão as mais lamentaveis tolices, as farças as mais baixas, os saynetes os mais lugubrememente convencionaes, e triumpho quando vê o publico correr em massa a essas miserias. E diz — "Vêde bem que tenho razão" Resolve-se, então, a dar no outro anno alguma coisa mais inexistente.

lidade está ali, sentado na obscuridade, para se recolher e fazer uma pequena provisão de ideal. Não tem culpa que se lhe dê falsificada e si, a custa de enganar-o sobre a qualidade da mercadoria, chega a perder todo o disernimento. Fazem-me pensar nesses infelizes habitantes dos bairros pobres, cujos estomagos inteiramente desorganizados pelos alimentos avariados, ficariam doentes se lh'os dessem sãos e frescos. Não teria senão mais raiva desses vendedores de coisas immundas.

Fala-se sempre nos Gregos para nos humilhar, dizendo-nos que os filhos desse paiz privilegiado tinham um gosto innato para comprehender as tragedias de Eschylo e Sophocles. Não posso acreditar num privilegio tão exclusivo permitido pelos deuses a um povo sobre a terra num dado momento da historia. Não somos, nós modernos, tão imbecis. Estou certo de que si os poderes publicos velassem mais attentamente pela qualidade de nossos espectaculos, seriamos igualmente aptos para comprehender as coisas bellas. E mesmo que as não comprehendessemos completamente, bastaria essa impressão massiça e confusa da belleza, para ennobrecer e elevar o espirito. O povo que, em 1914, se lançou sobre as fronteiras para defender a patria com a exaltação que se sabe, parece-me ter provado que é capaz de se elevar ás regiões ideaes do enthusiasmo. E' fazer-lhe uma grande injustiça, acreditar-o depois incapaz de só gosar ninharias e obscenidades.

Não ha razão de se deter essa marcha descendente, porque si, cada anno, se offerece ao publico peças mais vulgares, habituar-se-á e será depois incapaz de imaginar outras. Os directores de theatro se acostumaram demasiadamente a essa concepção extranha de seu papel

social: fazer com que digiram regularmente as pessoas que tenham jantado bem. Como si todos os que se sentam numa cadeira de theatro tivessem vindo de um bom jantar! O contrario é que talvez seja a verdade. Os sybaritas sabem muito bem que não se póde acabar regaladamente um jantar, quando se tem de ir ao theatro. Nunca, nunca mesmo, se termina numa sala de orchestra uma noite começada no "cabaret". Si se deseja realmente (depois dos licores e das palestras ao meio da fumaça dos charutos) estar num logar illuminado e alegre, é ao "music-hall" ou ao circo que se deve ir, porque lá, a qualquer hora que se chegue, ha sempre um espectáculo intelligivel. Raros são os "snobs" que, nesse caso, vão ao theatro encontrar um resto de terceiro acto. Não se deve contar. Em geral, o espectador é um cavalheiro que jantou ás pressas, por falta de tempo — e por essa razão é que se vae ceiar depois do espectáculo. Certamente deseja se distrair das preoccupações do dia, mas para isso lhe basta mudar de atmospheria mental. Pretendo mesmo que, se lhe mostrando sómente comédias, através das quaes a sua vida mediocre lhe pareça mais mediocre ainda, se acabará por mergulhar-o numa especie de tristeza e depressão moral. Para dizer tudo em duas palavras — fica roubado.

Não deveis concluir, por favor, que encaro com desespero o futuro de nosso theatro, depois dessas considerações pessimistas. Muito ao contrario, creio que se trata de uma crise, cuja intensidade maior, attingida uma vez, faz augurar cura rapida. Um bello dia o publico se aperceberá de que se está a zombar delle e como, por outro lado, já se vae fatigando de pagar quarenta francos por um logar de cem "sous", deixará de alimentar com o seu dinheiro as emprezas de tolice e pornographia e se volverá ás coisas bellas e desinteressadas. A historia nos prova que taes voltas não são impossiveis.

FRANCIS DE MIOMANDRE

Fazendo assim, não se apercebe, por um instante sequer, de que está a abusar simplesmente da inferioridade do publico. E' simples a psychologia de um espectador — é sempre a de um menino, qualquer que seja a sua idade ou condição de cultura. Pagou o seu logar e quer a recompensa do seu dinheiro. Quer divertir-se. Maravilhado em face do velário cerrado, espera uma revelação. Quanto a mim acredito que, se se aproveitasse essa boa-vontade miraculosa na qual se encontra nesse instante, e que é comparavel a um "estado de graça", se lhe poderia dar espectaculos magnificos, fazer-lhe comprehender as coisas mais subteis ou mais fortes, coisas que, na vida corrente, seria incapaz de perceber ou admittir. Ademais, isso é que é fundamentalmente o theatro: uma especie de templo, no qual o fiel vem ouvir uma palavra divina, superior ás da vida quotidiana, vem alimentar o seu ser superior. O theatro não póde nunca esquecer que nasceu dos mysterios religiosos e si o esquecer, o espectador não o esquecerá. Mesmo que não tenha nenhuma consciencia desse facto, mesmo acreditando que veiu ali para rir e digerir, engana-se quanto ao seu caso, desvaloriza-se a si mesmo. Na rea-

## THEATRO DE DUHAMEL

Estreei no Odeon, em 1911, graças a Antoinette, com *La Lumière*; graças ainda a Antoine, no anno seguinte, dei *Dans l'ombre des statues*; e não saberia nunca expressar como conviria a minha gratidão pela grande amizade que me testemunhou esse incomparavel animador, desde o primeiro instante e muitas vezes depois. Em 1913, no "Théâtre des Arts", dirigido por Rouché, representou-se *Le Combat* e, depois da guerra, em 1920, o *Vieux Colombier* deu *Louvre des athlètes*, comédia puramente comica e, ousado dizer, a primeira no genero representada de ha muito tempo, si, por comédia, se entende alguma coisa mais do que uma peça divertida. E' a grande tradição classica que se deve remontar no comico. A escola de Molière é uma boa escola. Sou mesmo partidario de uma volta ás tres unidades, na comédia (dramatica ou não) como na tragedia. Estou, aliás, convencido de que o successo crescente do cinema facilitará essa volta, com a selecção e a simplificação do theatro. Effectivamente, o cinema se applica a uma ordem de phenomenos que não se tentará mais pôr em scena; os phenomenos cujos quadros são o tempo e o espaço. O theatro será levado muito relativamente a só desenvolver os conflictos moraes e, assim alliviado, poderá nos offerecer um novo classicismo. Será ainda uma synthese, a fusão da alma moderna e dos processos de arte que fizeram a gloria do nosso seculo XVII dramatico.

GEORGE DUHAMEL.

(De uma entrevista com L. Lécour).

# TEÓFILO BRAGA E A SUA OBRA

ESPECIAL PARA "AMERICA BRASILEIRA"

"C'est de l'architecture, une construction élancée... Elle s'appuie sur de fermes assises, d'où, solidement échafaudée, elle s'élève d'aplomb, dans un stable équilibre, comme un haut observatoire."

C'est une tour, qui s'érige de plus en plus élégante et svelte et dont le couronnement dresse enfin vers le ciel nos couleurs nationales"

Sully-Prudhomme.

Acaba de falecer Teófilo Braga.

Desde os tempos distantes de Coimbra (1861-8), Teófilo Braga concentrou-se no estudo, creando uma Obra, que teve um intuito reconstrutivo — o resurgimento nacional.

Este pensamento — que bastaria para marcar-lhe a alta personalidade — foi o apoio e o móbil da sua vida.

Após um demorado exame ao território português, ao tipo lusitano, à tradição, à activa classe mosarabe e à resultante destes factores — a nacionalidade portuguesa, o eminente pensador observou-a profundamente no seu génio literário (*Biblioteca das tradições portuguesas* e *História da literatura portuguesa*) e na evolução intelectual (*História da Universidade de Coimbra*)

Com estas Obras, em que trabalhou sessenta anos, serviu desinteressada e levantadamente a Ciência.

À sua actividade estética, onde brilha soberanamente a concepção vigorosa e rasgada da epopéa cíclica da História (*Visão dos tempos*), devemos ainda os quadros e poemas da *Alma portuguesa* ("Viriato", "Frei Gil de Santarem", "Os doze de Inglaterra" e "Gomes Freire") — elaboração artistica das manifestações da psicologia do povo português, em que se pôs ao serviço da revivência pátria, reagindo poderosamente contra a desnacionalização, que tem quebrado todas as resistências e todas as iniciativas.

As esperanças optimistas, que, em Portugal, se conceberam, em 1910, não se realizaram. Mas Teófilo Braga não desanimou, porque trabalhava por um alto ideal.

E' por isso que, não se atentando nisto, fica sem explicação o labor infatigável, que o levava a colocar, dia a dia, pedras superiormente facetadas na cimalha do monumento levantado ao culto da nossa querida, desgraçada e gloriosa Pátria.

Como se vê, a característica capital de Teófilo Braga foi um ardor intelectual apaixonado, que o dominou durante toda a vida.

Muito novo, uma vocação decidida dirigiu para as investigações literárias o seu espirito, que uma forte cultura ia sazoadando.

Uma ardente curiosidade por todos os assuntos sociais explica a variedade, verdadeiramente enciclopédica, dos conhecimentos, que possuiu.

A paixão combativa, a falta de serenidade em varias apreciações literárias como as de Alexandre Herculano, Feliciano de Castilho e Antero de Quental; as interpretações hipotéticas e as hipóteses formuladas com que tentou explicar numerosos problemas da evolução histórica e literária de Portugal — collocaram-no frequentemente, em opposição com as idéas correntes.

Essas criticas alienaram-lhe simpatias e as hipóteses, que apresentou, fo-

ram muito discutidas, tendo, por vezes, por causa delas, polémicas violentas.

As coleras, que a sua pena incisiva suscitou, não de levar tempo a apagar.

Por isso, ele ha de ser apreciado, durante anos, segundo os meios literários e os homens, com critérios muito diversos.

Quando, mais tarde, as paixões se acalmarem e o tempo imprimir às figuras a verdadeira luz e as colocar no verdadeiro plano e Teófilo Braga for estudado na integralidade da sua vida e da sua Obra, só então será formulado o jul-

gamento sintético sobre a sua actividade estética, scientifica e social.

Para quem tiver lido a Obra de Teófilo Braga, o seu nome, quer como critico, quer como literato — quaisquer que sejam os dissentimentos, que nos separarem sobre a essencia das cousas — é dos que tem de ser pronunciados com respeito e sentimento.

Lisbôa, 30 de Janeiro de 1924.

Marques BRAGA

## O THEATRO EXPRESSIONISTA NA ALLEMANHA

Yvan Goll, um dos nomes mais em relevo entre os modernos francezes, deu à *Comédia* de Paris uma entrevista interessantissima sobre o movimento expressionista na Allemanha, especialmente no theatro, que vamos resumir para fornecer aos leitores uma synthese dessas tendencias do espirito germanico hodierno. Começa mostrando a dificuldade de definir o expressionismo, que reflecte na Allemanha o estado de espirito desse paiz na época perturbadora da guerra e da revolução. Diz que é inexacta a comparação entre o expressionismo allemão e o cubismo francez, pois enquanto este é

pelló á bondade dos homens, á piedade do destino — eis os principaes temas do expressionismo. Querem esses artistas melhorar o mundo e se revoltam contra o mal mais proximo, que foi a guerra. São anti-militaristas e pacifistas. No theatro o thema predilecto é a libertação do homem e mais de meia duzia de peças se intitulam *paixão*. Todo o theatro do communista bavaro Ernest Toller, preso ha cinco annos, exprime essa revolta e essa suprema esperanza no advento de uma ordem melhor. Antes d'elle, Wolter Hasenclever, em 1913, escrevia a primeira peça expressionista *O Filho*, cujo motivo é a revolta dos filhos contra os paes. Durante a guerra, Reinhard Golving fez representar *Seeschlacht*, uma série de scenas entre nove marinheiros num navio de guerra, dos quaes o sexto, o mais intelligente, fomenta uma revolução. Em outra ordem de idéas, a forma dos expressionistas está completamente modificada. Não ha actos, apenas uma série de scenas com um ponto culminante. Resultam como vantagens uma maior liberdade e uma sensível approximação do cinema, pela juxtaposição de varios e diferentes meios. O drama do homem moderno é assim materializado com maior facilidade. O homem que mais contribuiu para o rejuvenescimento do theatro contemporaneo — não diz somente allemão — foi Georg Kaiser, um innovador completo, sendo para o Norte, o que Pirandello é para os paizes latinos. Ambos, sem se conhecerem, atingiram a um fim identico — fazer o *theatro intensivo*. Têm achados muito semelhantes, não recuam diante de nenhuma novidade scenica, tiram os seus assumptos, tanto da historia quanto da vida moderna. O seu grande esforço é o movimento dramático, explorando em toda a plenitude a emoção tragica. Kaiser escreveu mais de vinte peças, pretendendo Lugne-Poe levar em breve em Paris uma dellas, aliás das rrenos originaes. Yvan Goll cita *Gaz*, que é o drama entre o homem e a technica que inventou. *Da manhã á meia-noite* é uma realização perfeita do theatro filmico, como diz, e que aborda o problema da philosophia intensa da vida moderna num movimento scenico endiabrado.

Taes são as idéas e as informações de Yvan Goll, na entrevista que concedeu ao Sr Raymond Cogniat, da *Comédia*. Reproduzindo-a o mais fielmente possível, divulgamos juizos e opiniões de um artista da "frente" franceza sobre o movimento artistico que apaixonou e absorve o espirito allemão, ainda tão pouco e mal conhecido entre nós.



YVAN GOLL (Desenho de Derain)

ordenado interiormente, reflectido e sobrio, resultado de um amor quasi ingenuo pelos objectos, aquelle é abstracto, desligado do solo, submettendo-se a ideologismos bizarros. Justifica esse movimento pelo pendor para os extremos do povo allemão, empobrecido intellectual e moralmente, com as perturbações actuaes. E ajunta: é uma arte morbida, doentia, convulsionada, que prophetizou a revolução na Allemanha e hoje está prestes a fallir com ella. Parece-lhe o Expressionismo um homem possesso e impotente, de punhos levantados furiosamente contra o céu. Imprecações, maldições e tambem profecias de um bello futuro, ap-

# AS BANDEIRAS

I

A seus amigos e discipulos de São Paulo, que o accusam familiarmente de antipathico ao movimento bandeirante, costuma Capistrano de Abreu responder, com a fina e tolerante bonhomia que lhe sorri dentre a barba hirsuta: ha bandeira e bandeira.

Do grande drama de diferentes ciclos que caracterizam o esforço paulista, elle nega a sua admiração e applauso ás descidas do gentio indefeso, e já catechizado, organisadas e realisadas pela gente de S. Paulo, e com as quaes se iniciam na capitania Vicentina a cultura e criação latifundarias, só possíveis com o braço escravo. Dessas expedições de caça ao selvícola pergunta o illustre mestre: "compensará taes horrores a consideração de que por favor dos bandeirantes pertencem agora ao Brasil as terras devastadas?" E' a interrogação para sempre ligada ao estudo e critica do chamado bandeirismo paulista.

Não durára muito o periodo idyllico dos primeiros annos do descobrimento, em que os fidalgos da expedição manuelina acolhiam com "muito prazer e festa" o gentio que lhes vinha ao encontro, e sobre os tupinaquins adormecidos no convéz da sua ná capitanea mandava Pedr'Alvares estender o manto symbolico de soberania e protecção. O indio ainda era o "papel branco", a que se referira Manuel da Nobrega, prompto para nelle se escreverem á vontade "as virtudes mais necessarias". A guerra, a gana de fortuna rapida, e sobretudo a ancia de catechese que procurava prisioneiros para os resgatar e livrar da anthropophagia — trouxeram a escravização do indigena.

No primeiro quartel desse rude seculo XVI a longa costa descoberta pela frota de Cabral e seus continuadores, estivera exposta livremente ás náos portuguezas, hespanholas e francezas, que, procurando refresco em caminho das Indias, ou á cata de páo de tinta, algodão, macacos, papagaios ou escravos, percorriam nosso litoral, deixando, em nucleos incipientes de trafico, degradados, naufragos e desertores. Em 1504 já se assignalam francezes na Bahia.

Depois do arrendamento da nova terra a Fernão de Noronha, o commercio se tornára livre, só exigindo Portugal o pagamento do quinto dos generos levados. Neste regimen, em 1511, a ná "Bretoa" vem de Cabo Frio e ahi carrega mil tóros de brasil, papagaios, gatos do matto e trinta e cinco escravos. Para o sul, antes da chegada da esquadra colonizadora, de Martim Affonso, portuguezes e castelhanos, morando em meio da indiada das futuras donatarias de S. Vicente e Santo Amaro, faziam occasionalmente o trafico de indios escravizados. Nas aguas do pequeno porto de S. Vicente, em 1527, Diogo Garcia, companheiro de Solis, negocia e contrata, na sua lingua travada "una carta de fletamento para que truxesse en España con la ná grande ochocientos (?) esclavos". Fez o negocio o enigmatico Bacharel, associado com os seus genros.

Chegado o donatario, e dadas a "todo los homes terra para fazerem fazendas", iniciou-se o povoamento e colonização da capitania, fundando-se nos arredores da nova povoação os primeiros engenhos de assucar. A escravidão do gentio foi logo tolerada e acceita pelas autoridades da colonia: em 3 de Março de 1533, Martim Affonso, já ausente, concede licença a Pedro de Góes para "mandar para Portugal, nas náos d'El-Rey, dezasete peças de escravos indigenas"

Ao mesmo tempo teve a incipiente colonia de repellar a incursão vinda de Iguape e Cananéa, chefiada pelo hespanhol Ruy de Moschera e seus socios; ao Norte as correrias dos Tamoyos, a que não eram extranhos os francezes do Rio de Janeiro, traziam em continuo sobresalto as bandas da Bertioiga na ilha de S. Vicente e na de Santo Amaro, da donataria de Pero Lopes. Serra acima, nos campos á beira das matas virgens, onde tinham suas roças os mamalucos de Ramalho e os indios amigos de Tibiriçá, a luta contra o gentio insidioso ainda foi mais viva e continua.

A mão de obra indispensavel para amanho das terras e os misteres da criação, e o indio amansado e arregimentado para a defesa dos colonos e suas propriedades, tornavam assim necessaria a escravidão, para a qual os prisioneiros de guerra forneciam o principal contingente. A bandeira surgiu dum conjunto de circunstancias como uma necessidade inelutavel, para amparo e defesa desse duro começo de vida civilizada.

## A ILLUSÃO DAS DICTADURAS

A illusão das dictaduras não tardará em desvanecer-se. São apenas admissiveis como testamentos passageiros de sociedades enfermas ou methodos heroicos para os momentos de perigo. O poder pessoal está provado á saciedade. Os povos da America regidos ou subjugados por poderes pessoaes, durante a primeira época de sua independencia, não foram melhor governados do que os europeos, sob os mais corrompidos dos governos parlamantares. A unica dictadura americana estavel e ponderada, como modelo, a de Porfirio Diaz, deixou atraz de si um rastro de anarchia e guerra civil, que não acaba. Não é preciso buscar exemplos nesses povos jovens nos primeiros periodos da sua existencia. Temos na época mais brilhante da Historia de Hespanha. Não ha demonstração mais dramatica de incapacidade de poder pessoal para explicar os multiplos problemas de governo, ainda no tempo em que os serviços publicos eram rudimentares, e a estrutura de Hespanha mais sensivel do que a actual, do que o caso de Philippe II.

E. Gomez de Baquero.

No litoral, logo após o inicio da colonização, já o braço escravo era abundante; em 1548, a carta de Luiz de Góes ao rei de Portugal assignala para a nova capitania mais de 3.000 escravos, numa população branca de 600 almas. No planalto, o indio escravizado, além dos serviços de lavoura — para o qual tinha pouca propensão — contribuiu com o seu arco e a sua flecha para o sustento e a defesa do branco. Colocado á porta do sertão ignoto, que se alongava pelo curso dos rios mysteriosos, o colono teve sem duvida como primeira preocupação o proteger as suas lavouras, pastagens e povoados contra o gentio inimigo que o rodeava. Santo André da Borda do Campo, onde se afazendaram os descendentes de João Ramalho, era um simples amontoado de "cabanas cobertas de folha de palma, feitas de taipa de mão a modo dos indios"—como as descreve Theodoro Sampaio — mas defendiam essas palhocas, muros, baluartes e guaritas. O bem do povo, rezam as actas da camara de Santo André, o exigia por-

que — consideravam no seu bronco falar quinhentista — "tynhamos novas que nobos hyndios vynhão escôtra nós".

Por sua vez, no alto da escarpa abrupta, a "pauperrima e estreitissima casinha" que foi o futuro collegio de São Paulo de Piratininga, certamente lembrava uma tosca cidadella dominando as varzeas e campos da redondeza, inda inchados de bugres suspeitos ou hostis. Dahi, como de um burgo de guerra, se dominava o largo horizonte, donde era sempre possivel uma surpresa ou um ataque.

As actas da camara revelam a cada passo os sobresaltos e as preocupações do pequeno nucleo de população branca que se installára em Piratininga. Em Maio de 1562, João Ramalho é eleito pela Camara e povo de S. Paulo para capitão da gente que tem de ir á guerra contra os indios do Parahyba; em Junho desse mesmo anno a villa tem de repellar os ataques de Guayanazes e outras tribus das circumvizinhanças. Em 1565, os camaristas dirigem longa representação a Estacio de Sá, capitão-mór da armada real, destinada ao povoamento do Rio, reclamando em termos energeticos providencias contra os assaltos de Tamoyos e Tupinaquins, que matam e roubam impunemente em todo o territorio da Capitania, "não lhe fazendo a gente desta Capitania mal nenhum". Essa representação ameaça, caso não venham auxilios immediatos, abandonarem os moradores a villa de Piratininga, "para irmos todos caminho das villas do mar". Mais tarde, em 1585, a situação exige a organização de verdadeira campanha, sob o mando do capitão-mór Jeronymo Leitão, loco-tenente do donatario, contra as tribus de Carijós, Tupinaes e outras que infestavam diversas regiões da Capitania. Seguindo-se ás expedições escravizadoras do litoral, foi talvez a primeira guerra de caça ao gentio, requerida e aconselhada pelos camaristas da villa de S. Paulo. "Requeremos — diz uma acta de Abril de 1585 — que sua mercê com a gente desta capitania faça guerra campal aos indios nomeados Carijós, os quaes a tem ha muitos annos merecida por terem morto de quarenta annos a esta parte mais de cento e cincoenta homens brancos, assim portuguezes como hespanhoes, até mesmo padres da Companhia de Jesus..."

Allegavam mais ou paulistas que "é grande a necessidade em que esta terra está, e em muito risco de despovoarse mais do que nunca esteve e se despovoa cada dia por causa dos moradores e povoadores della não terem escravaria do gentio desta terra como tiveram e com que sempre se serviram... que agora no hay morador que tão somente possa fazer roças para se sustentar quanto mais cannaviaes, os quaes deixam todos perder á mingua de escravaria..." Requeriam tambem que os indios prisioneiros não ficassem aldeados "sobre si", porque "estando o dito gentio sobre si nenhum proveito alcançam os moradores desta terra porque para irem a aventurar suas vidas e fazendas e pol-os em liberdade, será melhor não ir lá, e trazendo-os e repartindo-os pelos moradores como dito é será muito serviço de Deus e Sua Magestade..."

Não se fez de rogado o capitão-mór. Durante seis annos o seu pequeno exercito assolou as aldeias do Anhemby, que eram conforme os jesuitas hespanhoes, citados por Basilio de Magalhães, em numero de 300, com mais de 30.000 habitantes...

Estava iniciada e organizada em larga escala a escravização do indio. Com esse ardimento e afan, que sempre foram caracteristicas da raça, os bandos paulistas se atiraram ás expedições de resgate. Como mais tarde os dominou a vertigem do ouro, assanhava-os então o cheiro do sangue e a febre da caçada humana... Despovoou-se a pequena vil-

piratiniana com as continuas entradas pelo sertão. "Esta villa está despejada pelos moradores serem ido ao sertão" — queixavam-se os camaristas a 1º de Julho de 1623.

As peças aprisionadas, depois de partilhadas pelos sertanistas, deviam ser registradas na camara de S. Paulo. Esta prohibia a remessa de escravos fóra da villa para as povoações da marinha e para a capitania do Rio de Janeiro, visto — reza a acta da Camara de 8 de Abril de 1624 — ser "em prejuizo do serviço de Deus e de Sua Magestade e desfalque das minas"

Nessa faina terrível desbravaram os paulistas os invios territorios do sul; desbarataram as reduções jesuitas do Uruguay, Guairá e Tapes, nas incursões memoráveis de Manoel Preto e Raposo Tavares. Aos mais reconditos confins dessa região levaram o terror e a desolação.

Como sempre na sua historia economica esse excesso de actividade numa só preocupação trouxe para a Capitania a crise inevitavel da super-abundancia: o indio-escravo se desvalorizou, chegou a ser vendido por 4\$000.

E' essa talvez a pagina mais negra da historia das bandeiras. São homens munidos de armas de fogo atacando o selvagem que se defendia com arco e flexa — diz Capristano: é o choque inevitavel da raça forte e conquistadora, exterminando e escravizando o gentio imbelles, disperso e mal armado. Quando este, aparelhado pelos esforços de Montoya, oppoz resistencia com armas de fogo, o bandeirante retirou-se, abandonando o negocio que, além de arriscado, já poucos lucros produzia...

As narrativas desses sombrios episodios conhecidas até hoje, são quasi todas, porém, de fonte suspeita: vieram dos relatorios e informações jesuitas e hespanholas. E' difficil discriminar a paixão da verdade.

As acusações — assim como as calumnias e as injurias — estão resumidas num relatorio dirigido ao Geral da Bahia, de 2 de Outubro de 1629. Referindo-se aos paulistas diz o jesuita: "...Toda su vida dellos, desde que salen de la escuela hasta su vejez, no es sino yr e venir, y traer y vender indios, con que se visten de mangas y medias de seda; heven buen vino, y compran todo lo que les viene gana de tener... Pero (refiriendo-se aos indios) no bastando los engaños les hazen fuerza... hiriendo y matando con mucha crueldad, poniendo á vezes á espada á aldeas enteras de indios, no perdonando grandes ni á pequeños, matando ás veses más gente que no eran los que truxeron cautivos, como si no fuesen sino perros ó caballos, trazendolos en catenas, azotandolos y dandolos de palos y amenazandolos de matar y matando los que se hyessen: dexando solos por aquellos caminos tan esteriles, sin comida, á los que cayren enfermos, apartando los maridos de sus mujeres, hijos de sus padres, etc...". Assim, dizia o governador de Buenos Aires, D. Esteban Dávila, em carta de Outubro de 1637, só de 1628 até 1630 aprisionaram os paulistas e levaram captivos mais de 60.000 indios, pertencentes ás reduções dos governos de Buenos Aires e Paraguay...

Estas expedições, no entanto, vieram constituir um phenomeno dos mais importantes na integração da patria brasileira. O movimento paulista para o sertão occidental — assignala Capistrano — veiu chocar-se com o movimento paraguayo á procura do mar. A acta da Camara de S. Paulo de 2 de Outubro de 1627 já avisava ás autoridades da Metrópole que "os ispanois de Villa Rica e mais povoaçõs vinhão dentro das terras da crõa de Portuguall e cada vez se vinhão apossando mais dellas dizendo todo

## ARTISTAS E CABOTINOS

A RONALD DE CARVALHO.

A vaidade e a susceptibilidade de certos "artistas" são tão notorias quanto irritantes. Entre aquelles cujo amor proprio é mais sensível sobresaem os que se exhibem em publico — os cantores, os dançarinos, os actores, os virtuosos — isto é, exactamente aquelles nas manifestações dos quaes a Arte, a verdadeira Arte, menos figura.

Sem contestar a habilidade desses "exhibicionistas", eu acho que, em certas grandes capitaes, muito se exageram os seus meritos. E' um caracteristico das civilizações em decadencia e das incultas cobrir de applausos, de flôres e de ouro os pugilistas e outros "cabotinos", porque aquellas perderam o criterio do senso artistico e estas ainda não o adquiriram.

A Arte immorttal e creadora, — a que passa á posteridade nas paginas de um romance, nos coloridos e nas linhas de um quadro, nos arrebatadores enlevos de uma composição musical, na concepção, na elegancia ou na grandeza architectonica de um monumento, nas fórmãs estudadas ou idealizadas de um marmore ou de um bronze, nos versos cantantes de um poema em que a idéa, a harmonia, o metro e a rima soffreram todas as torturas para nelles se conterem e penetrarem-se — nada pode ter de commum com as "gambadas", os deslocamentos, os cantares, as tocatas, os recitativos e as declamações que provam apenas muito habito na pratica desses exercicios mais ou menos agradaveis, divertidos, prestigiosos, seductores, ou, no maximo, um certo sentimento, por parte de quem os executa.

Entre reconhecer-lhes qualidades incontestaveis de encanto, de habilidade e de intelligencia a uma actriz — muito embora se chame ella Duse ou Sarah Bernhardt — a um virtuose — tenha elle o nome de Paradowski ou de Kubelik — a uma dançarina — quer seja o seu appellido Mata-Hari ou Isadora Duncan — e dar-lhe o logar excessivo que se lhes dá, vai uma tão grande injustiça que consitue quasi um ultrage lançado aos genios de d'Annunzio e de Rostand, de Wagner e de Saint-Saens, de Carlos Gomes e de Guerra Junqueiro, graças a cujas excepções creações pretendidos artistas poderam demonstrar apenas notaveis talentos ou, no melhor dos casos, fino dilettantismo.

o gentio que está nesta coroa para seus repartimentos e servisos".

Não só a gana escravocrata animava essas levas de aventureiros. Além da ambição do lucro movia-os sem duvida o velho odio ao hespanhol. E ahí felizmente as expedições de morte e extermínio vieram corrigir a linha divisoria de Tordesillas e fazer recuar o avanço do dominio castelhano que se insinuava pelos grandes rios do sertão meridional.

Em Janeiro de 1691, bandos paulistas atravessaram o rio Paraguay, e, sob a chefia de Antonio Ferraz de Araujo, de Manuel de Frias e de Gabriel Antunes Maciel, preando indios e avassalando terras para a corõa portugueza, numa maravilhosa arrancada, chegaram a ameaçar Santa Cruz de la Sierra. Vieram-lhes ao encontro tropas hespanholas e mais de 500 indios chiquitos, armados de flechas. Aquartelada a bandeira na redução de S. Francisco Xavier, escreveu o cabo da tropa ao padre superior das missões hespanholas: "Reverendissimo Padre Superior da Nação dos Chiquitos. Aqui chegamos duas bandeiras de portuguezes, soldados nobres e fidalgos;

Não existe nisto o mais leve menoscabo dos meritos desses amaveis pelotiqueiros que tão agradavelmente nos deliciam por momentos. Não. Existe somente um desejo de classificação mais justa e de protesto contra certas incursões irreverentes e irritantes no sacrosanto dominio da Arte e dos artistas, contra certas usurpações a que prestamos leviana cumplicidade, confundindo na mesma admiração o declamador ardente e o auctor da obra que o anima, o sentimento de um interprete intelligente e o genio creador da torturada maravilha que despertou esse sentimento.

"Os cabotinos", que nós, por snobismo ou ignorancia, glorificamos, são, para a verdadeira Arte, o que os mercadores são para o Templo: vivem da sua exploração methodizada. O seu logar não é dentro delle — elles ahí são intrusos — mas a suas portas, nas barracas deslumbrantemente illuminadas que cercam as cathedras do Bello, como os antejoulados saltimbancos que tambem nos divertem, dos seus luminosos estrados, encantando cobras, engolindo espadas, vomitando fogo.

Eu vi extraordinarias e temerarias domadoras penetrarem em jaulas de fogo o evoluir entre as iradas fêras com uma linha, uma harmonia de movimentos e uma elastica elegancia em nada inferiores ás dos mais admiraveis modelos que os grandes pintores, idearam nas suas imorttaes creações; admirei toureadores magnificos, acrobatas assombrosos, pugilistas formidaveis, cavalleiros impressionadores, vertiginosas amazonas, comparaveis, nas suas fórmãs e posturas plasticas, aos mais soberbos marmores dos grandes esculptores; ouvi, sabindo das gargantas inconscientes dos inconscientes passaros, modulações e gorgeios que nenhuma Patti jámais reproduzirá, que nenhum Kubelik jámais arrancará ás doces cordas do seu precioso stradivarius.

Por que é, então, que não se concedoram e glorificam tambem os saltimbancos e os cantores empumados?!

Não. Artistas e interpretes formam duas classes absolutamente diversas que só o "snobismo" das sociedades decadentes ou o "rastaquerismo" das inscias pôde confundir.

### Demetrio de TOLEDO

não vieram fazer damno aos padres, mas somente recolher o gentio que anda por estas terras, e assim pedimos a vossa paternidade que volte á sua casa e que nos traga todos os seus filhos sem nenhum temor. Deus guarde vossa paternidade por muitos annos. Beijo as mãos de vossa reverendissima — O capitão Antonio Ferraz"

Travou-se a luta e o pequeno troço de aventureiros paulistas teve de se refugiar para aquem do rio Paraguay, onde se juntou a outros bandos que percorriam a região á cata de gentio para apresar. Dos chefes das bandeiras, um, Gabriel Antunes Maciel viveu nove annos nas prisões de Assumpção; só depois de longas peregrinações pôde regressar a S. Paulo.

E' a historia de uma bandeira, dentre centenas que por essa época trilhavam os sertões do Brasil. Desta se conhece com minudencias, pelos documentos do archivo das Indias, de Sevilha, o longo itinerario que, das margens do rio Tieté, a conduziu num esforço gigantesco até o coração do continente.

PAULO PRADO



# D. JUAN VALERA NO BRASIL

(A RAMÓN GÓMEZ DE LA SERNA)

O nome de D. Juan Valera, o creador de *Pepita Jiménez*, a primeira revelação do romance moderno na Espanha, e de outros prodigios, é duplamente caro aos brasileiros, como expressão artística e afectiva. Tendo sido nosso hospede durante quasi dois annos, ao seu peregrino engenho devemos algumas paginas muito estimaveis em louvor da nossa natureza e da nossa poesia. Não olvidou elle tambien o esforço dos nossos homens, os trabalhos ingentes para a formação do Imperio, o talento dos nossos politicos e a nossa fé inquebrantavel no destino da nacionalidade florecente. Foi assim um dos primeiros escriptores estrangeiros que acreditaram na realidade brasileira, reconhecendo o valor da nossa intelligencia, a nossa força imaginativa e as promessas da nossa cultura. D. Juan Valera publicou as suas impressões ácerca do Brasil em 1855, datadas de Madrid, e foram reimpressas muitos annos depois no tomo XIX das suas obras completas, constituindo o capitulo *De la poesia del Brasil*. Addido da legação de Espanha em Portugal, onde servira dez mezes, foi transferido para o Rio de Janeiro em 1851 na qualidade de secretario, regressando a Madrid em 1853, anno em que appareceram os seus primeiros ensaios. Tinha naquella época pouco mais de vinte e sete annos, constituição vigorosa, porte cavalheiresco, imagem seductora. Todo luminosidade e elegancia, não lhe desagradaria a brilhante sociedade fluminense de então, se bem que a côrte de D. Pedro II não possuísse nem o fausto nem o ambiente subtil de voluptuosidade que se respirava em Paris, Vienna ou Madrid. Havia aqui, porém, uma nota de severa distincção, apurada sociabilidade e discreto luxo, coisas sobremaneira gratas ao futuro autor de *Morsamor*, educado que foi na escola do Duque de Rivas.

Aqui desembarcou, em fins de 1851, tocado pela belleza da nossa luz e dos nossos horizontes. Evocando nas brumas atlanticas a longinqua e fascinante America Brasileira das selvas rumorosas, das montanhas de oiro e de esmeraldas, dos illimitados campos cheios de melancolia e dos rios fabulosos, entôa um hymno á terra de maravilhas ignotas. Ouçamol-o: "Quando á bordo de un barco de vapor pierde de vista el viajero que nunca ha estado en América las estériles y desoladas islas de Cabo Verde, y cuando, después de una navegacion de ocho ó nueve dias, llega á atravesar el Atlántico y la línea equinocial casi al mismo tiempo que descubre otro cielo más diáfano y brillante y más rico de estrellas, descubre asimismo y ve levantarse sobre las ondas azules y serenas de la mar, allá en el claro y bien perfilado horizonte, las costas hermosísimas del Brasil, no cabe duda que siente este viajero en el alma, si la tiene dispuesta y templada á armonizar con la hermosura de la naturaleza, la más grata emoción que ha sentido en su vida. Le parece que va á rejuvenecerse en el seno de una creación más joven; cree aspirar el aroma delicado de flores desconocidas, imagina escuchar el canto de aves más melodiosas que el ruiseñor, y se da á entender que el silbo de las auras y el ruido de las olas son más sonoros y dulces que hasta entonces lo han sido pa-

ra él. Tiende luego la vista en torno suyo, y ve que una luz más pura dora el ambiente, poniendo en todos los objetos indefinible encanto; y mira la tierra hacia la cual camina, y la ve cubierta de arboles gigantescos de perenne verdura, cuyas hojas, que nunca al parecer se marchitan, cuyas flores y cuyos frutos tienen sabor, olores y matices más vivos y agradables, que las hojas, flores y frutos de los otros climas. Embriagado con esto, por poca imaginación que el viajero posea, se extiende y avanza con la imaginación más allá de donde llega con la vista, y olvidandose de lo presente, se figura en lo pasado uno de los descubridores primeros de aquellas vastísimas regiones, y las puebla á su antojo, según lo que tiene leído ó averiguado de otro modo cualquiera, no sólo de pájaros de riquísimo y vistoso plumaje, de plantas admirables, de raros

## O VERDADEIRO CUBISMO

Não é o que se tem criado, nos quadros ainda discutidos dos Leger, dos Delaunay, dos Braque ou dos Glaizes, é o que se revela nas viagens aéreas — diz-nos Madame Louise Faure-Favier, na *Renaisance des Arts*. E ajunta: "Porque os pintores edificam as casas em obliquo, e as mulheres tremulas, acreditam-se cubistas. Mas o verdadeiro cubismo lhes será revelado pela aviação. O menor photographo-aviador é um innovador maior do que o dadaísta mais intransigente. Este não vê que uma photographia aérea em vertical é mais revolucionaria do que o quadro mais delirante. Nossos cubistas não suspeitaram nunca que a Torre Eiffel tomasse o aspecto de um ponto quadrado, que as crateras do Auvergne se viessem parecer com as rugas da sua palheta... Essa nova visão vertical da terra é o que marcará verdadeiramente a nossa época" O pintor André Huret trabalha, actualmente, no quadro "Vista de uma floresta nas imediações de Paris, tomada de um avião", segundo uma photographia apanhada a 2.000 metros de altura e na velocidade de 200 kilo metros por hora.

cuadrupedes, de terribles reptiles y mariposas de mil colores y formas, sino que pone allí y coloca, según mejor le viene en voluntad, tribus feroces de hombres selváticos, y les oye hablar en sus propios, diversos é innumerables idiomas, y piensa ya que apenas toque á tierra le saldrán á recibir los tupusambas, los tamoyos y los guaraníes, invocando á Tupán en su ayuda y cantando cánticos guerreros al son confuso y discordante de los maracás, de los inubias y de los espantosos muremurés, instrumentos hechos de osamentas humanas. Algo de esto, fuerza es confesarlo, les pasó por la mente á los que conmigo venían, cuando por vez primera divisaron la costa brasilica, y ya estaban ideando y trazando la mejor manera de vivir con los selvajes, y de ser otros caramurus y de tener por esposas unas paraguasús hermosísimas, y ya hacian propósito fir-

me de no comer carne humana aunque hubiesen de morir de hambre, resignándose en el ultimo apuro á comer carne de monos y de lagartos, que en el Brasil son muy apetecidos y codiciados manjares y delicadísimas golosinas, cuando nos sacó del embeleso y distracción en que estábamos la vista de las ciudades de Pernambuco y de Olinda, que allí se parecían muy cerca, no ya como tabas ó aldeas de salvajes, sino como dos hermosas y modernas poblaciones, la una comercial y universitaria la otra. Y no creas, lector, que yo me alegrase ni que se alegrasen todos mis compañeros de verse al desembarcar, como suele decirse, en tierra de cristianos, porque muchos notaban con dolor la falta de color local, y hubieran deseado ver al menos un par de salvajes, macho y hembra, con su canitar, enduape y arasoya correspondientes, en vez del sombrero, pantalones y anaguas que por aqui se usan y que allí encontramos en uso casi enteramente como por aqui. Porque verdaderamente es cosa muy dura andar toda la vida ó la mejor parte de ella peregrinando por esos mundos y pasando malos dias y peores noches para no poder, de vuelta á la patria, contar nada de nuevo ni de curioso á los amigos. Todo está ya sabido y resabido, contado y recontado, y no hay hombre, por ruin que sea, del que no se pueda decir como de Ulises... Ello es que nosotros nos afligimos y desillusionamos como el viajero francés que viene á España se desilusiona y aflige si no ve á las señoritas bailar el fandango, fumar el cigarrillo, sacar el puñal de la liga y plantarle un chirlo en la cara al lucero del alba. Los unos por exceso de imaginación y los otros por exceso de ignorancia, todos esperan ver algo más nuevo y extraordinario de lo que ven cuando viajan, y no quieren ó no pueden persuadirse de que al fin y al cabo todo el mundo es uno, hasta que por una reacción natural, aunque exagerada, vienen á caer, como caimos nosotros, en un extremo contrario de verlo todo idéntico, sin notar la multiforme variedad con que la naturaleza diversifica sus obras." Assim falou o lyrismo de Valera entre as suas primeiras visões.

No mesmo vapor vinham duas figuras impressionantes, um sabio espanhol, cujo nome silencia, e o celebre Conde de Castelnau, que perlustrou por largos annos a America do Sul a serviço da sciencia. Ambos deram-lhe larga noticia do país, referindo-se ao lendario e ao verdadeiro Brasil. O joven diplomata, que toda a vida se mostrou profundamente curioso, teve dos dois scientistas narrativa expressiva ácerca da vida, costumes e superstições da gente brasilica e, principalmente, dos indios. Castelnau, que escreveu a história de suas viagens em dois livros notaveis, *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud* (1843-1847) e *Histoire du voyage* (1850-1853), este em cinco volumes, e foi consul da França na Bahia, percorreu certamente com entusiasmo, serena condescendencia e grande experiencia das coisas brasileiras. "Por fortuna, venia á bordo con nosotros un sabio espanhol de los pocos que hay ahora, el cual no habia dejado rincón de la tierra

por visitar, ni ciencia por aprender, ni cosa creada por ver y examinar en el mundo; y este sabio no sólo nos explicó que el mundo es uno y vario y que por eso se llama *universo*, sino que nos hizo notar y considerar la diversidad de las cosas y muy singularmente la de las cosas brasilicas; y nos habló de pájaros y de cuadrúpedos americanos, mejor que pudiera hacerlo el mismo Azara, y de plantas y de flores de América, tan bien como pudieran Hernández Pavón ó Ruiz. El nos contó, entre otros prodigios, el de la reproducción de cierta planta llamada *herba da fortuna*, de la cual no hay más que esparcir en un cuarto algunas hojas por el suelo, cerrar luego el cuarto y volver al cabo de pocos días para hallarle transformado en un bosque impenetrable. Nos habló igualmente de una flor que tiene la mismísima figura de un ángel con las alas desplegadas y tocando la trombeta; y de la curiosa propiedad y apacible condición de la culebra de cascabel, que no muerde sino cuando le duelen las muelas, y esto por libertarse del dolor, que á no ser así no mordería; y nos refirió, por último, otras historias dignas de ser apuntadas y añadidas entre las que apuntó y escribió el famosísimo padre Valdecebro. Con esto nos fuimos ya persuadiendo de que la tierra del Brasil era por demás prodigiosa y nueva; y más aún nos confirmamos en esta creencia cuando oímos hablar y discurrir á uno que como nosotros venía, y cuyo nombre y gloria supimos todos con agradable sorpresa. Era el célebre Conde de Castelnaud, que, por espacio de cinco ó seis años había viajado por lo interior del Brasil y volvía entonces de Francia, donde acababa de publicar la larga relación de su viaje. El Gobierno francés había dado al Conde de Castelnaud, en premio de sus servicios á la ciencia, el Consulado de Bahía, y el Conde pasaba á la sazón á aquella ciudad á tomar posesión de su destino. Repetir aquí lo que él nos contó de maravilloso, sería prolijo y superfluo, puesto que sus obras están ahí que cualquiera las puede consultar; y aún por añadidura puede darse al estudio de las de aquellos dos grandes naturalistas alemanes, Spix y Martius, que apenas han dejado ya en el Brasil macaco ni murciélago vampiro que no hayan sacado á la vergüenza; ni pájaro ni serpiente que no hayan disecado; ni planta que no hayan descrito, dando á conocer á los amigos de la ciencia la flora y la fauna de aquel extensísimo imperio. Mas, á pesar de los trabajos de estos sabios peregrinos y de los que han hecho algunos sabios del país, queda aún mucho por explorar y conocer, de lo cual se originan mil fábulas y exageraciones que, si bien son perjudiciales á la ciencia, todavía se prestan soberanamente y dan pábulo á la poesía. Digalo, si no, la descripción del valle de las Amazonas, que, para despertar la codicia de sus compatriotas, ha hecho el anglo-americano Manry (*The Amazon and the atlantic slopes of South-America*, Washington, 1853). En este valle, verdadero Eldorado, el polvo resplandece en oro y piedras preciosas; el aire se llena de armonías por el canto de las aves que de sus matizadas y brillantes plumas le adornan y hermocean; el clima es templado y salubre, y sereno el cielo. Los hombres pueden vivir allí más luenga e dichosa vida que en los otros países: y no hay flor delicada, ni simiente nutritiva, ni yerba aromática ó medicinal, ni fruto sabroso, que no dé ó pueda dar aquel suelo de bendición: todo mejorado en abundancia y en hermosura. Allí la primavera es inmortal: donde una planta se marchita, aparece una nueva planta: donde una flor se seca, nace otra en seguida...” Não se podem referir com mais exaltação á terra

brasileira, mas, note-se, é sempre a originalidade da natureza tropical que lhe move a imaginação.

No Rio de Janeiro, “encantado paraíso y agradabilíssima morada”, residiu Valera vinte e um mezes, e da sua permanencia escreve: “He pasado dos años sin visitar más que los alrededores de la ciudad, y desde donde me he vuelto a Europa sin poder contar á nadie sino de oídas, las magnificencias que atesora el Brasil en su centro. No he visitado ni la catarata de Paulo-Alfonso en el río de San Francisco, ni el lago de las perlas, ni el distrito de los diamantes; no he bebido la leche del *palo le leche*, que es mejor que la de vacas, ni el vino de *palo de borracho*, que es mejor que todos los demás vinos; y se bien no me he expuesto á la mordedura mortal de la serpiente surucucú, ni a caer entre las garras de los tigres, tampoco puedo contar, como cuentan mil viajeros modernos, cosas más estupendas que las que vieron y notaron Fernán Mendez-Pinto y Simbad el Marino. Lo que sí he notado y visto por mis propios ojos es un Imperio naciente, que se levanta y florece bajo el cetro de un sabio emperador y á la sombra de un gobierno libre y bien ordenado. En este Imperio no hay esa agitación febril, ese rápido desarrollo, ese espíritu emprendedor hasta lo sumo, y esa sed de conquistas y de mayor engrandecimiento que en los Estados Unidos observamos con admiración y receo. En el Brasil, ya sea por la benignidad del clima, ya por el suave natural de la gente que le habita, ó ya por ambas causas, se camina más lentamente hacia esa perfección material que ahora se tiene por el bien supremo y por el último término á donde ponen la mira los pueblos civilizados... Y sin embargo, la riqueza y la prosperidad del Imperio son muy grandes.” Nada mais nos diz. Ao que parece, Valera fugiu ao contacto do mundo social, brilhante mas frívolo, para trancar-se no seu ideal e na sua arte, comprazendo-se, sem duvida, em seguir o desabrochar da flôr de seu genio. Avido de belleza e sedento de perfeição, cultivava o seu eu, e só lhe seduziam as imagens sensuaes, as sensações artisticas e as impressões sumptuarias susceptibles de enriquecer o seu proprio universo.

Foi aquelle o tempo que marcou o apogeu da sociedade carioca. Nessa época, com effeito, o Rio de Janeiro, com a opulencia da moda, o luxo dos theatros, o brilho excepcional da sua politica e o luzido corpo diplomatico, apresentava vida mundana requintada e assaz aprazível. Os bailes da côrte revestiam-se de esplendor, e, justamente, o de 31 de Agosto de 1852 foi o mais celebre de quantos se celebraram no paço real. Os salões, como o dos Marquezês de Abrantes, ostentavam, com o mais authentico cunho aristocratico, ambiente intellectual, realçado ainda por um grupo de bellezas profissionais impressionadoras, que tinham para cantal-as poetas inspirados e ardentes, e por elles porapeva á galanteria de Maciel Monteiro, radiante de mocidade e de petulancia amorosa. Havia uma pleiade verdadeiramente notavel de estadistas, legisladores e militares, a mais brilhante escola dos dois reinados, porque era a mais rica de talentos verbaes, de tradições politicas e de experiencia administrativa. Era a grande geração parlamentar que, tendo surgido com a Independencia, trouxe para as duas camaras do Segundo Impe-



MIGUEL UNAMUNO, o illustre escriptor hespanhol, que acaba de ser deportado para as Canarias, por ordem do Directorio Militar do General Primo de Rivera, cuja acção criticou em termos vehementes. A deportação do professor de Salamanca motivou varios protestos, que visam menos a questão politica em que se envolveu, do que prestar uma homenagem ao poderoso ensaista da Hespanha.

rio o esclarecido patriotismo, a eloquencia de punhos de rendas, as maneiras elegantes, a fidalguia e a reputação dos homens que trabalharam pela consolidação das nossas conquistas politicas. Governava em 1853 o gabinete presidido por Paraná, que se formara com Pedreira, Abaeté, Nabuco e Bellegarde e teve mais tarde Caxias, Cotegipe e Paranhos como figurás proeminentes, e no parlamento reinava a oratoria de Abrantes, Quarahim, Francisco Octaviano, Torres Homem, Paulino de Souza, Euzebio, Carvalho Moreira, Souza Franco, Zacharias, Saraiva, Sinimbú, Olinda e tantos outros. Tudo isto contribuia para tornar a vida da côrte assás attrahente. No entanto, não erraremos suppondo que essa situação não impressionou o joven secretario de Legação, que conservava bem vivo o prestigio das recepções reaes de Madrid e de outras capitales que visitára, e muito menos alterou as condições de espirito do artista. Facil é de imaginar o que poderia interessar a D. Juan Valera numa terra escassa de impressões de arte, de literatura e de pensamento. No Rio, a natureza era bella e tinha-se o prazer de viver, mas faltava á paisagem, ao horizonte, á architectura, á vida, a tudo que cercava os homens e os objectos, aquelle traço artistico, o fundo historico, a expressão humana que perpetua o encanto irresistivel de Paris, Roma, Londres ou Madrid. O Brasil, para a imaginação esthetica ou para o espirito historico era vasto deserto, que deformava as coisas e opprimia os mais fortes. Nascido para a arte, para as emoções do amor e para a gloria, Valera não podia encontrar sob o sol tropical senão sensações ephemeras e representações estranhas do mundo exterior que não correspondiam á sua esthesia de supercivilizado. A vida aqui era-lhe ainda uma estreita limitação, se bem que o mais remansado retiro para os grandes solitarios, que bastassem a si mesmos e se contentassem só de paisagem ou de luz. As paginas de Valera referentes ao Brasil respiram, sem duvida, entusiasmo pela floresta brasileira, deslumbrante, phantastica, esmagadora. A magia que emana da mysteriosa, indefinivel e

perturbadora grandeza da nossa terra apenas attenuou os efeitos da solidão asphyxiante. Devaneador e complacente, nutrido desde o berço com a cultura hellenica, o seu espirito era solicitado em direcções contrarias por idéas de outra ordem. Acariciava elle, na tranquillidade dos nossos jardins e na frescura das suas sombras, um sonho de arte que exigia ambiente cheio de outros encantamentos e outras fascinações, e o fazia indifferente ao espectáculo infatigavel da vida carioca, perturbador das suas visões interiores. Havia um singular contraste entre a sensibilidade profundamente artistica do poeta e a alma selvagem do nosso descommunal meio cosmico. "Que ha, com effeito, de commum entre mim e o Monte Branco?", perguntava um dia o ironista da *Reliquia*, commentando a celebre frase de Lord Beaconsfield que dizia só haver no mundo verdadeiramente interessantes Paris e Londres, e que todo o resto era paisagem. Não foi outra, certamente, a postura desse europeu, não se sentindo em communhão com a natureza americana, fonte barbara de poesia e de religiosidade. Nesse lado do Atlantico, é possível acreditar, soffria a angustiosa ausencia do mundo. Era um exilado que tinha a envolvê-lo uma languida, discreta e infecunda nostalgia.

Não ha negar que não lhe passaram despercebidos certos aspectos particulares da nossa gente. O genio brasileiro e as manifestações da cultura, foram as coisas que mais particularmente interessaram á sua curiosidade. Assim é que procurou comprehender a indole do nosso povo e apanhar as singularidades, as bizzarrias e a característica da *psyché* brasileira. "El pueblo brasileño, escreve, maravilhosamente dispuesto a admirar todo lo bello y lo sublime; alegre, festivo y apasionado; amigo de los placeres del espiritu; sensible á la hermosura de aquella rica naturaleza que le rodea y recibiendo de ella inspiraciones, es un pueblo artista y mui singularmente enamorado de la música y de la poesia, artes en que vence y sobrepuja a todos los otros pueblos americanos." Observador sagaz e atilado, procura destacar os traços principaes da *psychologia* do nosso povo, e conhecer os factores que mais concorreram para dar á alma brasileira essa feição inconfundível, nascida da influencia dos tres elementos ethnicos que a compõem. Antes de tudo, acha ser o brasileiro musical por excellencia. "Todas las damas cantan, más ó menos bien, y es un desatino el que tienen por estar siempre cantando. Las canciones populares del país se llaman *modinhas* y *londuns*, y las hay graciosas y delicadas por todo extremo... Los compositores del Brasil no son, con todo, muy notables hasta ahora; mas, con la afición y el ingenio que tienen, se ha de esperar que andando el tiempo alcanzarán la gloria de los grandes maestros de Italia y de Alemania. Entretanto, se canta tan sin tregua y tan desafortadamente, que es menester ser gran devoto de la musica para no hartarse." Valera verifica não ser menor a nossa aptidão para a poesia, porque, no dizer d'elle, o brasileiro verseja a proposito de tudo e sem proposito algum. "La afición á la poesia no es menos grande entre los brasileños. No hay muchacho que á los quinze años no escriba ya sonetos y letrillas, y no hay nacimiento, ni casamiento, ni defunción, que no se celebre con media docena de epitalamios, horóscopos, epitafios y *nenias*, en diferente clase de metros y por los más variados estilos. Estas composiciones de circunstancias se publican en los periódicos como entre nosotros los anun-

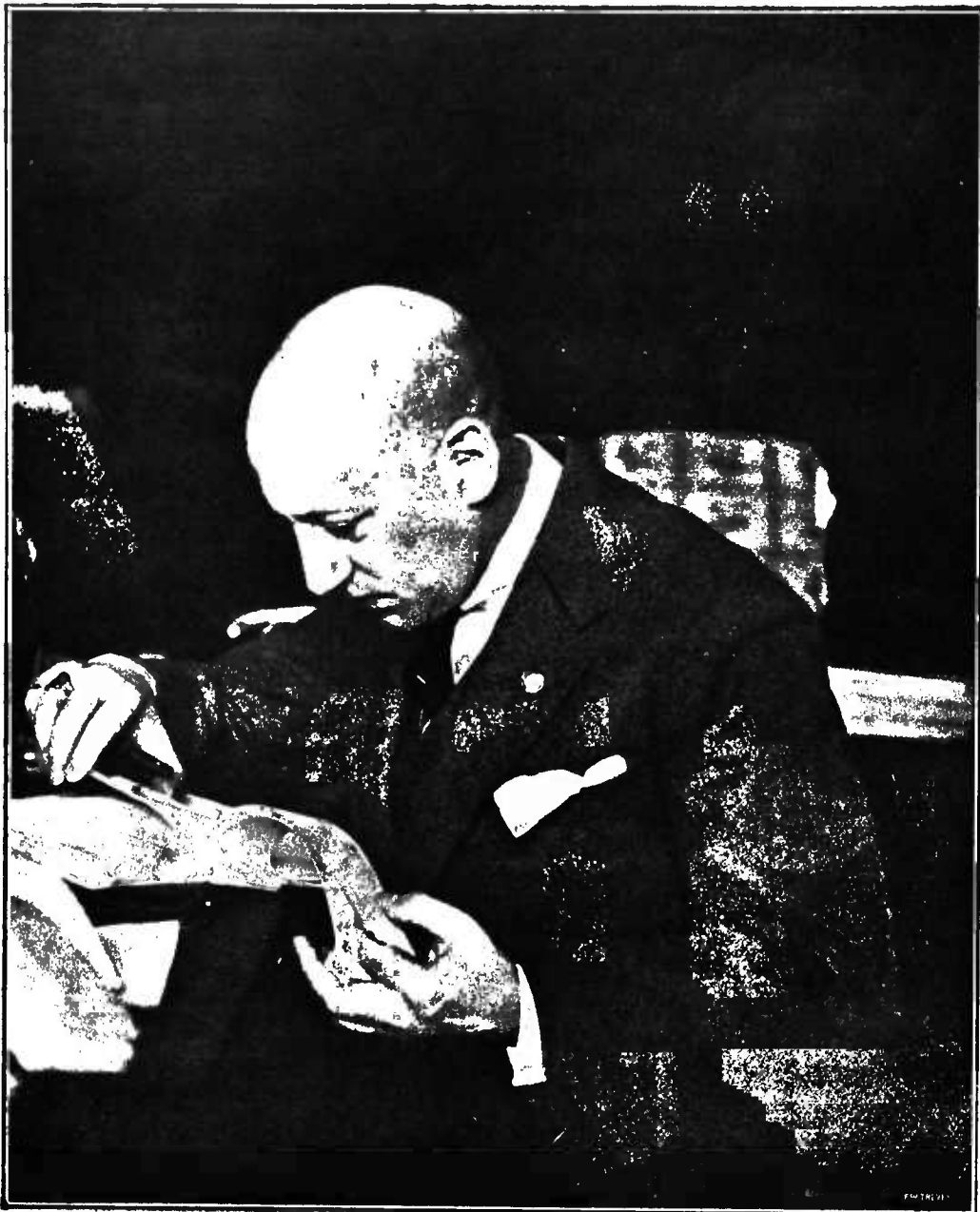
cios, pagando cierta cantidad por publicarlos; y periódicos hay que ganan mucho con tal industria y que dan á luz cada semana las suficientes coplas para formar un grueso volumen. Todas las señoritas tienen álbum en el Brasil, y en el álbum tienen en verso, si son medianamente hermosas, todo el fuego y todas las dulzuras que Erato puede inspirar bajo el sol de los trópicos. Estas poesias suelen ser más malas que buenas, pero se nota hasta en las más desaliñadas cierta ingenuidad de pasión y cierta candidez que enamoran, al par que se descubre en muchas lo castizo y puro del lenguaje, que los brasileños pretenden conservar mejor que los portugueses. Mas no por eso los brasileños han dejado de enriquecer la lengua que llaman nacional por no llamarla portuguesa, y que ya era riquísima, con infinito numero de palabras nuevas, tomadas de los dialectos americanos, y aunque no me atrevo á afirmar que hayan añadido también palabras de las lenguas de la costa de Africa, acaso de la lengua *buuda* y de la lengua del Congo, que son las más perfectas que hablan los negros, todavía, se puede sospechar que algunas palabras habrán tomado de ellas. Sin embargo, en el corte y giro de la frase conservan la forma y manera de los antiguos clásicos portugueses, y ni en los periódicos, ni en los discursos parlamentarios, ni en los pocos libros en prosa que hasta ahora se han escrito en el Brasil, se notan tantos galicismos como en los nuestros. Pero donde verdaderamente se admiran, no sólo el primor y riqueza del lenguaje, sino la fecundidad y agudeza del ingenio de los brasileños, es en la poesia."

Depois de ter posto em relevo o traço característico do nosso povo, Valera estuda a nossa literatura através de alguns de seus principaes poetas para ter um indice seguro da nossa sensibilidade. Sem possuir todos os elementos de informação e ignorando o que devíamos, por exemplo, ao genio de Gregorio de Mattos, que já no seculo XVII emprestava á nossa poesia cunho e significação nacionaes, viu, no entanto, que a nossa literatura, até meiado do seculo XVIII, era simples reflexo da portuguesa. A influencia lusitana era preponderante, e só mais tarde, com a escola mineira, os épicos e os indianistas, a poesia brasileira adquiriu originalidade, e começa ter existencia propria. "Los portugueses, que se sobreponían entonces por valor y fortuna á todas las naciones de Europa, y que se adelantaban á muchas en ingenio, trajeron al Brasil, con la civilización y la lengua de ellos, la poesia, en que, no sólo por la riqueza, número y concertada armonía de las palabras, sino también por la abundancia de los conceptos, tan dignos de elogio y aun de admiración se mostraron siempre. Mas, como los portugueses venidos al Brasil y los hijos de estos portugueses ya en el Brasil nacidos se hubiesen educado y siguiesen educándose en Portugal, los recuerdos de la madre patria ó del lugar donde se educaron se les ponían por delante de los ojos, impidiéndoles ver la hermosura de la nueva patria y quitándoles el deseo de cantarla. Por eso siempre que un poeta brasileño de los pasados tiempos pensaba en hacer versos, se trasladaba su espiritu á las márgenes del Mondego ó del Tejo y se olvidaba de todos los portentos del Brasil; por eso, extraviado el poeta con los resabios de la escuela, quería subir al Pindo y no se acordaba de la sierra de los Organos; describía el valle de Tempé y no el de las Amazonas; hablaba del pastor Alfeisibeo y no del indio Caitutú; se enamoraba de Filis ó de Nise, pastoras griegas ó lusitanas; y celebraba, por último, el

canto del ruiseñor y no oia nunca los del *sabiá* y del *gaturano*. En resolución, el poeta brasileño y la poesia brasileña no eran entonces sino un pálido trasunto de la poesia portuguesa. Por mayor desgracia, a poesia no comenzó a florecer en el Brasil sino cuando ya en Portugal empezaba á decaer y á perderse en las extravagancias del culteranismo; extravagancias que vinieron imitando los brasileños hasta mediados del siglo XVIII. Entonces la influencia de la literatura franceza predominaba ya en todas partes, y, aunque destruyese la originalidad de las otras literaturas, se ha de confesar que restablecía el buen gusto donde andaba perdido. La cultura, delicadeza y filosofismo de la corte de Luis XV pasaron á Lisboa, donde á la sazón imperaba el gran Marqués de Pombal, y desde Lisboa al Brasil. Allí, bajo la protección del ilustrado virrey Don Luis Vasconcellos y Souza, se fundaron *Arcadia Ultramarina* y otras academias literarias en que florecian (no poetas dramáticos, que hasta ahora no los ha habido en el Brasil dignos de memoria), sino líricos, horacianos y anacreónticos. Lo que es poetas brasileños, como dice el Sr Pereira da Silva, lo eran sólo por el nombre y el acaso de haber nacido en el Brasil. Varios poetas líricos del siglo XVIII se levantan y viven por la elegancia, primor y tesura de las composiciones; pero pocos por la originalidad de ellas. El más popular de todos estos poetas debe su fama más á sus amores y desgracias que á sus poesias. Hablo del malaventurado Gonzaga, uno de los primeros campeones de la independencia, desterrado á Africa por conspirador contra el Gobierno portugués, y separado para siempre de su adorada Marília, á quien dedicó todos sus tiernos y apasionados versos. Pero desejando de nombrar y de clasificar otros poetas brasileños que florecieron en el siglo XVIII, no porque no merezcan ser nombrados, sino porque no es nuestro ánimo hacer una historia de la literatura brasileña, diremos sólo de tres poetas épicos que por aquel tiempo tuvo el Brasil, y que, sepárandose más que los líricos de la imitación de los poetas de Europa, abrieron nuevo camino á los ingenios americanos y dieron origen á la moderna poesia brasileña, la cual, después de la proclamación del Imperio, ha tomado un caracter proprio, y ha dado con algunos sezonados frutos la esperanza de otros mejores y más ricos. Los brasilenos tienen un inagotable manantial de poesia en aquella virgen naturaleza que los rodea y donde hallan mil bellos y magnificos objetos nunca hasta ahora descriptos y mil nuevas imagenes de que revestir sus pensamientos y mil nuevas impresiones no sentidas por los poetas de Europa. No tienen una historia de la conquista tan novelesca como la del Perú ó la de Méjico, ni, como estos dos países, unas tradiciones tan maravillosas ni una mitología tan variada. En el Brasil no hay memoria de que existiese nunca una civilización indígena como la de los incas ó la de los aztecas, ni mucho menos de otra civilización más antigua, como la hubo en Méjico antes de la venida de los aztecas, y dando testimonio de ella soberbias y ciclópicas ruinas; pero no faltan tampoco tradiciones brasilicas ni leyendas de que se pueda apoderar la poesia, y de las que en efecto se van ya sirviendo los poetas contemporaneos. Entre estos poetas hay muchos que, ya por la perfección y corrección del lenguaje, ya por la elevación de las ideas, merecerian ser conocidos."

Valera estuda a corrente dos épicos patrios, mostra o cunho essencialmente brasileiro do nosso indianismo e percebe

# GABRIELLE D'ANNUNZIO



D'Annunzio, no seu gabinete em Corgnacco Sul Gorda

No momento em que a Italia firma com a Yugoslavia o tratado, que reconhece Fiume italiana, terminando com a situação hybrida de cidade livre, mediante concessões especiaes feitas ao reino de Alexandre I, todos os corações da Península vibrou, num sincero agradecimento ao poeta-soldado, a cuja aventura audaz, quebrando com as reservas diplomaticas, se deve a reintegração de Fiume á Italia. Ao que consta, os antigos legionarios *arditi* elegerão D'Annunzio deputado pela

cidade irredenta e o Rei agraciará o poeta com o titulo de Conde de Fiume. Talvez D'Annunzio recuse o mandato politico e a dignidade nobre, pois renuncia agora as pompas e se dedica á vida mystica, tendo se convertido ao catholicismo. Falou-se mesmo em que entraria para um convento, tomando o habito franciscano. As intenções do Poeta estão ainda veladas e recolhe-se no momento da gloria.

até que o indio é idealisação nacional. Admira o impeto genial do *Uruguay*, de Basilio da Gama, de "estilo tan natural y tan alto" embora lhe attribúa ingratidão para com os jesuitas, seus mestres e educadores, e acha que "este poeta es, sí no grande, muy estimable y digno de la immortalidade que él mismo con la conciencia cierta de su mérito se vaticina al acabar su obra", cujos ultimos versos são o *non omnis moriar* de Horacio, mais modestamente repetido. Louva em seguida a esplendida generosidade de Santa Rita Durão, autor do *Caramurú*, "poema de más interesante y variado argumento, de mayores dimensiones, y con más entusiasmo y delicada ingenuidad escrito, aunque, por desgracia, ni con mucho tan correcto y castigado en la forma." No parecer de Valera. Santa

Rita Durão é poeta inferior a Basilio da Gama, porque "carecia del exquisito buen gusto de éste", e era "á menudo desaliñado y flojo". Diz elle: "...Este poema de *Caramurú*, ingenioso en la composición, carece en la ejecución de bien concertado artificio; y su autor, más que delicadeza de gusto y entendimiento de hermosura, tenia inventiva y sensibilidad, los cuales dotes bastan por sí solas á ponerle en el Parnaso portu-gues, tan rico de epopeyas." De ambos poemas épicos dá Valera succinto resumo, destacando-lhe os episodios mais celebres, assignalando-lhe a belleza das estrophes e apontando a significação das

scenas mais impressionantes. A Basilio e Durão segue-se Gonçalves Dias, que "por su originalidad y por su fecundidad puede ser llamado el Zorilla del Brasil", escreve Valera. E', porém, para o autor de *Brasílianas* e de *Colombo*, Araujo Porto Alegre, que vão todas as preferencias e os applausos do escriptor espanhol, como se vê pelo seguinte trecho: "Gonzálves Diaz es el más popular de todos los poetas brasileños, pero hay otro poeta mucho más grande y digno de memoria. Hablamos del Sr. Araujo Porto Alegre. Este poeta es tão nuevo y tan extraordinario, asi en sus bellezas como en sus defectos, que no creemos que hasta ahora haya nacido otro mayor poeta en el Brasil, y consideramos que sus obras solas merecen capitulo aparte y muy detenido examen. Araujo Porto Alegre es el poeta americano por excelencia, y el que con más verdad y entusiasmo nos pinta y ensalza las grandezas y hermosuras de aquel Nuevo Mundo. En su poema de Colón canta además nuestras glorias, y las canta tan dignamente, que será ligereza de nuestra parte, y hasta irreverencia, el hablar de él como de paso, sin detenernos á examinar y ponderar todo su valor y merecimiento." Foi Valera subtil, penetrante e quasi sempre verdadeiro nos juizos e commentarios, e advinhou que o sentimento nacional é bastante forte para crear uma literaturá de inspiração e technica proprias, brasileira em todos os sentidos, se bem que difficilmente se liberte da exaltação racial.

A' hospitalidade do Brasil retribuiu Valera com o oiro destas paginas generosas, brilhantes de *humour* e cheias de poesia, em que esqueceu os nossos defeitos para só elogiar as nossas qualidades, as nossas inspirações e o nosso nobre destino, existindo ainda em *Genio y Figura* uma formosa descripção da bahia de Guanabara. Além do mais, possuem ellas maior encanto, por terem sido escriptas no tempo da fascinante mocidade daquelle que seria o glorioso artista de *Pepita Jiménez*, e cuja juventude, por singular coincidência, despontou com a aurora da nossa vida nacional. Adolescente quasi, mas cheio de superior saber, senhor de si e consciente do genio que se elaborava, Valera já se revelava o espirito livre, o observador malicioso, o moralista sceptico que foi durante a sua longa existencia, como prova a carta que a Garcia de Quevedo dirigiu do Rio de Janeiro em 1853, e na qual dizia: "Yo me siento incapaz de ser dogmatico en mis opiniones filosóficas; ando siempre saltando del pro al contra y dudando y especulando, sin atreverme á seguir doctrina alguna; y la poca ciencia que tengo me peza como si fuera mucha; tan debil es mi entendimiento, y te aseguro que, quando estoy en mí, le pido á Dios que me envíe su gracia y me quite la ciencia de encima." Este trecho define tão bem o espirito de Valera, que, asseguro, podia figurar na fachada das suas obras. Deante do inquietante problema da vida e em face do inexplicavel enigma do universo, o philosopho de *Asclepiade* sempre guardou a mesma attitude lúserena, amavel e maviosa ironia. Quando aqui aportou, não aparentava senão mocidade, mas o traço caracteristico de sua personalidade, que nunca mais se alterou, já se achava definitivamente fixado. Havia passado o periodo de receptibilidade ou de formação que tem cada escriptor, e chegára o instante da criação, avivado ainda por aquelle extraordinario instincto que fez envlhecer na claridade e na sabedoria o divino Valera.

Petropolis, 3 de Fevereiro de 1924.

Elysio de CARVALHO.

# SIGNIFICADO DO "AMADIS"

## II

Aos 24 dias do mês de outubro da era de Cesar de 1386 mestre Martim Domingues, tabellião de El-Rei na mui honrada vila de Elvas, foi chamado em razão do seu officio às casas de morada de João de Lobeira, mercador na dita vila. Ali, jazendo de cama o mesmo João de Lobeira, na presença das testemunhas do estilo, mestre Martim Domingues reduziu a pública forma com o seu sinal a cédula ou testamento que o enfermo lhe apresentou. Era o mercador João de Lobeira casado em segundas núpcias com Aldonça Annes, de quem lhe nasceu um filho, chamado Vasco. A este Vasco, de Lobeira como seu pai, se refere Fernão Lopes na sua *Chronica d'el Rey D. Fernando*, quando nos narra os motins ocorridos em Elvas, ao intentar o alcaide-mór Alvaro Pereira aclamar a princesa D. Beatriz como herdeira do Reino.

Durante largo tempo desconhecido, o testamento de João de Lobeira, exumou-o do fundo dos arquivos a persistência iluminada do folclorista António Tomás Pires, cujo labor incançavel fez da sua existência um alto exemplo de estudo e aplicação benedictina. A revelação de tão importante documento vinha confirmar inesperadamente a longa tradição erudita que, attribuindo a autoria do *Amadis* a Vasco de Lobeira, attribuía a Elvas, senão o berço, pelo menos a residência do conclamado cavaleiro. E' como se expressa Diogo de Barbosa Machado, ao dizer-nos na *Bibliotheca Lusitana* que Vasco de Lobeira "a mayor parte de sua vida assistio na Cidade Elvas, onde instituiu hum morgado que depois veyo aos Abreos de Alcaparinha."

Na verdade, o morgado não o instituiu Vasco de Lobeira. Instituiu-o seu avô materno Domingos Joannes Cabeça, homem afazendado de Elvas, da qual foi procurador com Rui Gonçalves, vassalo de El-Rei, às côrtes reunidas por D. Afonso IV no Ano de 1366, — era de Cesar —, ou seja no ano da Graça de 1331. Como se vê, Domingo Joannes Cabeça pertencia a essa velha burguesia afonsina, de tal maneira autorizada junto da Corôa, que, enquanto uma das filhas do procurador de Elvas em Côrtes, Aldonça Annes, se aliava ao rico mercador João de Lobeira, uma outra, Maria Annes, casava-se com Alvaro Gonçalves, *moordomo moor* que foy em tempo *del-rey dom afonso*. Importante, o morgado, instituido por Domingos Joannes Cabeça, não tardou a ser enriquecido com novos bens por seu genro João de Lobeira. Para isso mestre Domingues acudira a casa do mercador naquelle dia 24 de outubro do ano de Cesar de 1386,—ou de Christo de 1337,—, jazendo João de Lobeira de cama, em risco de vida corporal. Não historiaremos agora os transeos por que o morgado passou, vindo por fim a cair na casa dos condes de Vila-Flor.

Assentava ele em Santa Maria dos Açougues, na capela de Santa Suzana, onde Domingo Joannes Cabeça se mandou enterrar e onde se enterrou presumivelmente seu genro João de Lobeira. Ao templo de Santa Maria dos Açougues corresponde hoje a igreja da extinta catedral de Elvas e, à capela de Santa Susana, a capela de *Nossa Senhora das Candéas*, também conhecida por *capela dos Pessanhas*.

Tudo o que se expõe, o podemos afirmar com absoluta segurança, mercê das sólidas investigações do malogrado António Tomás Pires. E o valor dos documentos, trazidos por ele ao exame da crítica, não preciso eu de o salientar, desde que nos recordemos, 1º, que nos estabelecem em termos inidivisíveis o estreito parentesco de Vasco de Lobeira, certamente o presuposto autor do *Amadis*, com o mercador João de Lobeira, sem dúvida o poeta do delicadíssimo *lais* "Leonoreta, fin Roseta"; 2º, que, para a equação de tão debatido problema como o das origens e nacionalidade do *Amadis*, nos oferecem com fixidês um quadro cronológico, até ha pouco difficil de estabilizar"; e 3º, porque conferem credito absoluto à ligação insistente de autoria do *Amadis* a um Lobeira, com raizes em Elvas, — versão essa que sobe a Gomes Eannes de Azurara e reaparece no refohudo academismo do nosso século XVIII.

Não me cabe esmiuçar os documentos que devemos à laboriosidade culta de António Tomás Pires. O que me interessa é aproveitar-lhes a lição. E se, por prova indirecta, nós já sabemos que o *Lais* "Leonoreta, fin Roseta", sobrenadando graciosamente por entre as enxúndias verbalistas de Garcia Ordoñez de Montalvo, rodeara de extrema possibilidade o rumor que secularmente concedera a um Lobeira a paternidade do *Amadis*, o achado felicíssimo de António Tomás Pires appareceu a demonstrar-nos que existira de facto um João Lobeira, pai de Vasco de Lobeira, em quem se poderia encabeçar a gentil cantiga. Não carecemos assim de recorrer à solução proposta pela illustre mestra, que é a senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos quando procura identificar o João Lobeira da cantiga de "Leonoreta" com João Pires Lobeira Alvim, bastardo de Pero Soares de Alvim e pessoa figurante na côrte aí por entre 1258 a 1285.

A opinião da senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos retirava desta forma a génese do *Amadis* para o seculo XIII e o episódio das modificações do entrecho solicitadas ao redactor da novela pelo "senhor infante D. Afonso de Portugal" deslocava-se consequentemente do filho de D. Dinís, a cujo nome invariavelmente anda enlaçado, para o do seu homónimo e levantadiço tio, — o donatario, de Portalegre, Arronches e Marvão, que tanto acidentou com as suas pretensões os começos do reinado do marido da Rainha-Santa. Conhece-se o episódio a que aludo. E' conveniente, no entanto, que o relembremos.

Ao lado da "cantiga de Leonoreta", é outro indício da emmaranhada genealogia do *Amadis* a nótula que subsistiu no gorduroso texto de Montalvo. Reza essa passagem de Montalvo: — "*Briolanja a Amadis miraba e parecia el mas fermoso cabellero que nunca viera; e por cierto tal era en aquel tiempo, que no pasaba de veinte años, e tenia el rostro manchado de las armas; mas considerado cuán bien empuñadas en el aquellas maravillas eran, e como con ellas tan limpia e clara la su fama e honra hacia, mucho en su apostura y hermosura acrecentaba, y en tal punto aquesta vista se qmsó, que de aquella muy fermosa doncella, que con tanta afición lo miraba, tan amado fué que por muy largos e grandes tiempos nunca de su corazon la su membranza apartar pudo; donde por muy gran fuerza de amor constreñida, no lo pudiendo su ánimo sufrir ni resistir, habiendo cobrado su reino, como adelante se dirá, fué por parte della requerido que del e de su persona sin ningun intervalo señor podia ser; mas esto sabido por Amadis, dió enteramente a conocer que las angustias e dolores, con las muchas lagrimas derramadas por su señora Oriana, no sin gran lealdad las pasaba, aunque el señor infante don Alfonso de Portugal, habiendo piedad de esta fermosa doncella, de otra galsa lo mandase poner. Por esto hizo lo que su merced fué, mas no aquello que en efecto de sus amores se escribia.*"

O que ordenou então o senhor infante D. Afonso de Portugal ao trovador Lobeira, que persistia em guardar intacta a fidelidade de Amadis a sua dama Oriana? No seu fino e castigo paladar de bom letrado, Afonso Lopes Vieira que no-lo conte: — "Amigo, hei gran sabor dos feitos de Amadis e de tudo que haveis bem contado. Mas por minha fé juro que, por sua grande bondade e formosura, não ha-de ser Briolanja tratada de tal guisa!" — "Senhor, — torna-lhe sério o cavaleiro-poeta — mas vossa mercê bem sabe que até à morte será fiel Amadis á sua senhora Oriana!" — Pois, amigo, cobremos o remédio, e isto mudai na história que vos fará sempre louvado dos homens bons que agora vos lêem e lerão adiante!" E assim se concertou, — confiança o poeta —, que Amadis, preso em uma torre até que a Briolanja quizesse por amiga, enviara recado a Oriana, pedindo licença para se resgatar." E a licença veiu de longe e com tanta mágua demandada, porque "Oriana, outro modo não vendo de o livrar", permitiu que Briolanja houvesse "dois filhos dum só ventre" Remediava desta guisa a ambos o senhor infante D. Afonso de Portugal; — a Amadis, por não quebrar a

fé jurada; a Briolanja, por a servir no desejo." Eis como Afonso Lopes Vieira, num primitivismo cândido de linguagem, nos dá conta do despacho com que o trovador atendeu às instancias do condóido príncipe de Portugal.

Muito se tem dissertado acerca do sentido em que se deverá tomar a nótula que, a respeito de tal anedocta, prevaleceu no texto de Montalvo. Para uns, adversos à hipótese da origem portuguesa do *Amadis*, amparados demais a mais pelo parecer insuspeito de Walter Scott, que também se pronunciou sobre o assunto, — prova da universalidade apaixonante da imortal novela! —, o que se deduz de aqui é a existência duma redação anterior à redação executada por João de Lobeira. Para outros, é o sinal infosmável da naturalidade lusitana do *Amadis*. Observa a propósito Menéndez y Pelayo que "*el episodio de Briolanja, en que se fijó por primera vez Walter Scott... ha tenido la rana fortuna de ser alegado, ya en pro del origen portugués, ya en pro del origen castelano del libro. A nuestro entender — continúa —, no prueba ni una cosa ni otra, pero si otras tres muy importantes: 1º, que en Portugal era conocido el Amadis de Gaula á principios del siglo XIV, lo cual nos hace adelantar casi una centuria en el proceso historico de la famosa novela; 2º, que ya entonces fué refundida en un punto muy esencial, lo cual arguye la existencia de un texto anterior; y 3º, que los antiguos originales de que se valió Garci Ordoñez de Montalvo eran tres por lo menos, confirmando-se así lo que el dice de los diferentes escritores.*"

Manifestamente, nós não estamos debatendo em toda a sua amplitude o complexissimo problema do *Amadis*. Não investigaremos por isso dos "tres originaes", que, pelo menos, o regedor de Medina del Campo aproveitaria para concertar a sua anafada composição. Mas sem negarmos que o *Amadis* repouza sobre um tema britónico importado de fóra da Península, — e o onomástico empregado é até certo ponto eloquentemente demonstrativo —, o episódio passado entre Lobeira e D. Afonso de Portugal não supõe necessariamente uma versão anterior já fixada e que o trovador alteraria para agradar a tão valioso personagem. Sobre o próprio original de Lobeira essa modificação poderia ter lugar, em segunda leitura em que o trovador o comunicasse à curiosidade do príncipe, — isto quanto a nós —, discordando nós também dos que vêem brutalidade mediévia no desejo do nosso infante. Tocado pela paixão sem apelo de Briolanja, já que Amadis não quebrava as suas juras de cavaleiro leal, ao menos que Briolanja conhecesse dele as alegrias da maternidade! Se meditarmos um pouco no caso, acharemos sem custo que este episódio, — tão nosso, tão de Portugal! — marca a transparente *humanidade* do nosso lirismo, em contraposição ao *amor-fatalidade*, ao *amor-perdição* de Tristão e Iseu. Porque ha *sensibilidade* no pedido ingénuo do príncipe de Portugal! Pois que Briolanja nunca seria esposa do *Donzel do Mar*, que o seu granle desespero se consolasse na ventura relativa de ser mãe! Com um delicado artificio, em que se respira a frescura das emoções nativas dos nossos Cancioneiros, tudo se congraça: — Amadis permanece fiel a sua senhora Oriana e ainda, por obediência a ela, apazigua momentaneamente o tormento de Briolanja. Em todo o episódio, apalpa-se a *condição social*, e não *egotética*, da poesia do Amor em Portugal, e, consequentemente, a conformidade do nosso Romantismo literário com o nosso génio de povo. De nada mais se precisava para autenticar o *Amadis* como o desabafo duma alma portuguesa. E na ausência de toda a relação histórica de que enferma a singular novela, a nótula conservada por Garci-Ordoñez de Montalvo seria o bilhetinho identificador, descoberto nas faxas dum menino nascido, filho de algo, mas exposto aos acasos do caminho, por pecado ou dureza de seus pais. De resto, não ha immoralidade na interpretação que apresento! Imoralidade haveria, se, por ordem dos seus sentidos deliciados, Amadis quebrasse o juramento que o

prendia a sua senhora. Como perfeito cavaleiro, valendo à tristeza carnal da "hermosa niña Briolanja", quem restituira o seu reino de Sobralisa, Amadis cumpre apenas os mandados de Oriana, que de outra forma não dispõe para o libertar da torre em que por amor Briolanja o encarcerara. Enganava-se portanto, Menéndez y Pelayo opinando que "la consecuencia racional que de todo esto se saca es que la orden del infante don Alfonso fué dado a un mero traductor ó refundidor, que interpolo toscamente el cuento de los amores de Briolanja, sin cuidarse de salvar la contradicción que envuelve con todo lo demás de la fabula." Revela-nos nesta transcrição de Menéndez y Pelayo a já sublinhada incapacidade crítica que o levou, por defeito da segura dogmática da sua raça, a qualificar de "algo lorón" o Amadis. Porque, em evidência, a interpolação dos amores de Briolanja — se interpolação é! — não envolve contradicção alguma "con todo lo demás de la fabula" — antes a completa e assinala com maior vigor.

E não se repete de abstrusa a autorização tão ansiosamente enviada por Oriana para que Amadis pejasse o ventre virgem de Briolanja! João de Lobeira era contemporâneo dos Bastardos de D. Dinís, que a Rainha-Santa tão acolhedoramente amimou e protegeu.

Mas nós tocamos no episódio de Briolanja e na sua relação com a vontade do senhor Infante de Portugal, porque nos iam referindo às transformações que nos dados do problema do Amadis introduziram os elementos descobertos por António Tomás Pires. Para adoptar o João Lobeira da cantiga Leonoreta a qualquer personagem equivalente autenticado pelos documentos, a senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos recuara para o século XIII o âmbito cronológico em que a célebre novela se produziria, homologando o trovador do finíssimo *lais* galaico-português com personalidade de João Pires de Lobeira Alvim, filho bastardo de Pero Soares Alvim e que dispunha de situação na corte no período que decorre de 1258 a 1285.

Assim "el señor infante don Alfonso de Portugal" da nota que a sobreviveu no original de Montalvo de forma alguma se combinava como o futuro herói do Salado. Logicamente, a senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos recorreu para o irmão de D. Dinís, — o donatário turbulento de algumas vilas fortes da fronteira alentejana, que com tamanhas dificuldades se aquietou no atrevido fermento da sua ambição desenvolva. Parecendo ignorar o achado decisivo de António Tomás Pires que ageita de novo, pe a data da morte do mercador João de Lobeira, o episódio de Briolanja ao sucessor de D. Dinís, a senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos mantém-se na mesma convicção no elegante prefácio com que engrinalda o livro recente de Afonso Lopes Vieira. Escreve a ilustre senhora com motivo no *lais* "Leonoreta" que se manteve entre as mil e setecentas cantigas do Cancioneiro dito de Colocci-Brancuti e que, gaturalizado em castelhano, nós encontramos na redacção subsistente do Amadis: — "Pela epígrafe sabemos, de mais a mais, que o autor se chamava Lobeira, Joan Lobeira. Nome histórico de um vassallo do Infante D. Afonso de Portugal, irmão mais novo del-rei D. Dinís, senhor de Fortalegre e Lourinhã, e unico D. Afonso de Portugal, tanto da primeira como da segunda dinastia que durante toda a sua vida teve positivamente o titulo nobiliárquico de Infante!"

Ora a solução oferecida pela senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos não consegue resistir aos materiais tornados públicos pelo malogrado folclorista elvense. Critériosamente a insigne romancista a alvitara, para que, em face do *lais* "Leonoreta", nos apparecesse palpável a entidade do trovador João de Lobeira, constangendo-se assim o problema a sofrer uma deslocação cronológica sensível. Essa deslocação fornecia razões de peso à teoria de Gottfried Baist segundo a qual o Amadis data da juventude do chanceler Pero López de Ayala, reputando Baist a sobrevivência da cantiga "Leonoreta" no texto definitivo do Amadis como uma interpolação tardia e espúria efectuada pelo próprio Montalvo. Pronunciava-se assim Gottfried Baist pela origem castelhana do Amadis, partindo demais a mais da prioridade, por ele julgada incontestável, da Castela sobre Portugal nas obras escritas em prosa. Outra circunstância socorria também a teoria de Baist: com aspectos de irreversível invulnerabilidade — as referências a um Amadis, por certo

castelhano, que se nos deparam no Cancioneiro de Baena, anteriores a qualquer referência portuguesa conhecida.

A tais objecções responde (Cancioneiro da Ajuda) a senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos: — "A respeito de citações, é sabido que ha um vácuo enorme na literatura portuguesa de 1350 a 1445, carecendo nós das obras dos epígonos num cancionero que irmanasse com o de Baena. E é exactamente nesta compilação que abundam as referências aos romances bretónicos e ao Amadis." Quanto à precedência da prosa castelhana sobre a prosa portuguesa, declara a mesma ilustre senhora: — "Se entre os poetas líricos da época galaico-portuguesa ha castelhanos, porque não ha de haver portugueses entre os prosadores? Se foram os galegos-portugueses que exploraram e nacionalizaram as pastorelas, a baleta e os *lais* líricos de Bretanha, porque não haviam de explorar e nacionalizar também poemas diluídos em prosa? Não poderemos considerar novelas de amor como percententes à gaia-ciência?" E a eruditíssima romancista acrescenta: — "Se no reinado de Afonso X e Afonso III, os cantares de Cornoalha estavam vulgarizados na península a a ponto de um trovador se poder apropriar o seu *son*, sendo imitado neste procedimento por outros como o mestre cujos *seguires* Don Goncal'Eannes de Vinhal agride na cantiga C V 1007 (Cancioneiro da Ajuda), não ha motivo para se chamar arrojada à conjectura que no mesmo reinado, literariamente tão fecundo, houvesse quem juntamente com os sons bretónicos tentasse senhorear-se da *matier de Bretagne*, traduzindo os *lais* e a novela em prosa — talvez em alguma redacção relativamente curta, intermédia entre a primitiva e a longa vulgata? Perto de 1280, após uso quasi secular, os velhos moldes líricos estavam suficientemente gastos, e teriam sido postos de parte, creio eu, se o talento do reitrovador lhes não tivesse proporcionado nova efflorescência"

Contra a teoria de Baist, fundamentalmente baseada na prioridade da prosa castelhana sobre a prosa portuguesa, não repugna, pois, á senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos admitir que dentro do gosto e preferências britónicas se iniciasse entre nós o pequeno poema em prosa. Parece-me até que daí virá em Portugal a nossa instintiva inclinação para a Novela, fiel sempre, e com uma constância tão notável, à sua hereditariedade lírica. Mas trata-se duma afirmação de índole geral que não modifica sensivelmente os termos em que o problema se enuncia, desde que o arrastemos para os fins de século XIII, de maneira a que o trovador João de Lobeira coincida com o João Pires de Lobeira Alvim, da solução alvitrada pela senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos. Porque fica de pé a asserção de Baist, quan-

do data o Amadis da mocidade do chanceler Pero López de Ayala, se não recorrermos aos elementos trazidos à crítica pelas descobertas de António Tomás Pires. Semelhantes elementos justificam inteltramente tudo o que de essencial persistiu na lenda ou fama literária que ligava o Amadis a um individuo de apelido Lobeira e com assistência mais ou menos permanente em Elvas. Certifica-nos, para maior certeza, que um Lobeira, — o Vasco, tivera por pai outro Lobeira, — João, exactamente de nome igual ao do trovador da cantiga "Leonoreta". Depois, os dados cronológicos que os documentos publicados pelo malogrado folclorista tão preciosamente nos fornecem, permitem-nos verificar que a vida do mercador João de Lobeira, presumível autor do debatidíssimo *lais*, correu paralela à do rei D. Afonso IV, cujo mordomo-mór, Alvaro Gonçalves, fôra casado com uma irmã de Algodana Annes, segunda mulher de João de Lobeira. Embora não se explique como João de Lobeira convivesse com D. Afonso IV quando infante, para resultar completamente esclarecida a nóvula de Montalvo acerca do episódio de Briolanja, pelo parentesco do mercador-poeta com Alvaro Gonçalves não nos apparece muito difficil o seu contacto com a corte, acrecendo de mais a mais que a corte se deslocava então com rapidês frequência e que tanto D. Dinís como a Rainha-Santa estanciarão muito pelo Alto-Alentejo. Acontece ainda que, em presença dos aludidos documentos, não necessitamos, na esteira de gratuitas invenções nobiliárquicas, de buscar na Galiza a proveniência do apelido "Lobeira." Na região de entre Redondo e Évora já nos primeiros quartéis do século XIV se encontravam o Vale de Lobeira e a Herdade de Lobeira.

Mas ha mais: — os Lobeiras usam as mesmas armas que os Lobões. Ora os Lobões, conquanto assentes e ramificados sobretudo em Trás-os-Montes, são originários da vila e castelo de Lobon, nas margens do Guadiana, algumas léguas adiante de Badajoz.

Não nos esqueçamos também que Jorge Cardoso no *Agiologio Lusitano* nos dá o "livro do Amadis" como traduzido do francês para a nossa lingua por Pedro Lobeira, tabellião de Elvas. E' uma variante que mantém, em todo o caso, o Amadis ligado a Elvas e ao apelido Lobeira. Como variante, em nada afecta o fundo da questão, sendo para observar, no entanto, que no testamento do mercador João de Lobeira se destaca uma allusão a um Pedro Lobeira: — "mando que quitem a Pedro Lobeira o meu quinhão de quanto me deve." Assim, os detalhes convergem para um ponto central comum. Esse ponto accentua-se com inesperada claridade perante os documentos que devemos à benemerência esclarecida de António Tomás Pires. Sem ser

## 1924

O anno de 1924 — escreve Pio Emauelli no *Messagero* de Roma — é, na base das convenções historicas, o vigésimo quarto do século XX. E' bisexto, isto é, tem 366 dias. Não será inutil repetir, uma vez ainda, a razão dos annos bisextos, e sua occorrença de quatro em quatro annos. Fal-o-emos brevemente e em forma de todo intelligivel. Como se sabe, a Terra realiza a volta completa da sua orbita em derredor do Sol em 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 46 segundos; portanto o acrescimo de um dia todos os quatro annos é um pouco demais. O erro é de 11 minutos por anno, que se tornam 44 em quatro annos e 1.100 em cada século. Foi por essa razão que Gregorio XIII ordenou, em 1582, a suppressão de tres bisextos em quatro seculos, isto é, tornar communs os annos bisextos de 1700, 1800, 1900 e 2100, 2200, 2300, etc. Com essa correccão secular, a posição da Terra, a 1º de Janeiro e no dia do equinoxio da primavera, seriam mantidas rigorosamente exactas, ficando ainda a fazer uma correccão millenaria, cuja execucao podemos legar aos nossos longinquos posterios; consiste em um dia em quarenta seculos e basta fazer commum o anno, que deverá ser bisexto, de 6000.

Em 1924, a Paschoa christã será em 20 de Abril. A ultima vez que cahiu nesse dia foi em 1919 e será tambem em 1930, em 2003, etc. A Paschoa hebraica será em 19 de Abril. Neste anno haverã tres eclipses do Sol e dois da Lua. O 1º, total da Lua, foi a 20 de Fevereiro, visivel em parte em Roma; o 2º, parcial do Sol, a 5 de Março, visivel na Italia; o 3º, parcial do Sol, a 31 de Julho, invisivel na Italia; o 4º, total da Lua, a 14 de Agosto, visivel em Roma; e o 5º, parcial do Sol, a 28 de Agosto, invisivel na Italia.

Em 1924 não haverã nenhum eclipse total do Sol, sendo o proximo em Janeiro de 1925, visivel na America. Neste anno não se poderá pois repetir a experiencia para o estudo da reflexão da luz, segundo Einstein. Na manhã de 8 de Maio se verá em Roma a ultima phase da passagem de Mercurio perto do Sol, que não será visivel a olho nu. As ultimas passagens foram em 1907 e 1914. As passagens de Mercurio não são raras, mas rarissimas são as de Venus, a ultima das quaes occorreu a 6 de Dezembro de 1882 e a proxima será a 9 de Junho de 2004.

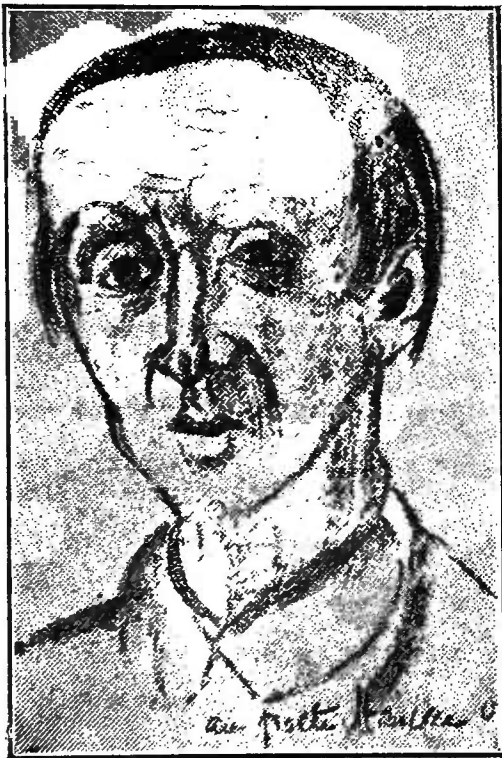
Os cometas periodicos esperados em 1924 são o de Encke e o de Tuttle, ambos muito pequenos e só visiveis com possantes telescopios. Com isso não se excite o apparecimento de um grande cometa, de cauda, como aconteceu em 1858, 1882 e 1910.

# MAURICE DU PLESSYS

*Ci repose Plessys qui, d'une souffle  
d'athlète,  
Entonna des buccins qui faisaient  
peur aux cieus  
Et qui, de l'éternel trophée  
ambitieux  
A fléchi d'un poing fort l'inflexible  
arbalète.*

Foi esse o epitaphio que o poeta Maurice du Plessys Frandre Noblesse escreveu, em 1896, para o seu túmulo, que acaba de ser aberto. Os amigos do poeta poderão gravá-lo, para perpetuar a sua memória. Maurice du Plessys, que morreu em Paris, no anno passado, era um descendente retardado da Pleiade e neto das musas de Ronsard. Foi, com Moréas e Ernest Raynaud, um dos fundadores da Escola Romana, tendo o ultimo evocado, ainda ha pouco, a sua ardente mocidade e traçado o seu retrato espiritual, dizendo:

"Le chevalier Maurice du Plessys de Lynan donnait alors l'illusion d'un con-



MAURICE DU PLESSYS

temporain de M. de Bernis attardé parmi notre civilisation d'ingénieurs... Je le vois encore, souple et fringant, glissant dans la rue, fuetant l'air d'un stick léger, auquel il imprimait, parfois, au risque d'éborgner les passants, un furieux mouvement de moulinets. Il s'en servait pour ponctuer ses discours, avec des gestes d'écrivain, criblant d'estafilades les malheureux arbres du Boulevard.

Maurice du Plessys não deixa obra muito abundante, tendo estreado com o *Premier Livre des Pastorales*, e, pouco depois, deu seus *Etudes Lyriques*. Inspirado pela Grecia e pela Renascença, foi um passadista, o que não impediu que os seus versos fossem admirados e queridos. Escreveu ainda *Pallas occidentale*, *Les Tristes* e *Olympiques*. É preciso ajuntar que Maurice du Plessys obstinadamente apresentava-se sempre, em vão, ás cadeiras vagas na Academia Franceza.

preciso alterar a posição do problema e corroborando inteiramente a tradição secular que prendia a autoria de *Amadis* a um Lobeira, os mencionados documentos introduzem na questão uma firmeza histórica, contra a qual se baterão debalde as mais engenhosas hipóteses. Escrito por um Vasco ou por um João de Lobeira, sejam de quem forem as suas primeiras redações, sabe-se enfim de sciência

certa que, na realidade, existiu em Elvas um Vasco de Lobeira, cujo pai se chamou João, reunindo-se neste todas as probabilidades de ser, pelo menos, o trovador do *lais* "Leonoreta". A sua condição de mercador, — e rico mercador —, consente que o suponhamos também viajante, não nos surpreendendo pois que no seu pequeno burgo raiano estivesse tanto em contacto com as tendências e modas literárias da época. Foi ele o verdadeiro autor da celebrada novela? Ou seu filho, que transportaria para o bailado de Leonoreta o finissimo *lais*, saído da inspiração paterna? Eis interrogações a que não respondo, porque só penso em traçar as linhas determinantes do problema. Aditarei que Aldonça Annes, enviuvando de João de Lobeira, passou a segundas nupcias com Miguel Sánchez, cavaleiro castelhano, residente em Badajoz. Em carta de 17 de março de 1904, comunicando as suas descobertas a Teófilo Braga, perguntava-lhe António Tomás Pires: — "Não seria o *Amadis* composto por Vasco de Lobeira na lingua castelhana? Ou se o compôs em português, não o passaria ele proprio para o castelhano? É que a lingua castelhana devia ser-lhe bastante familiar. Como se vê, na sentença, a mãe dela, Aldonça Annes, logo depois de viubar de *João de Lobeira*, casou com Miguel Sanchez, cavaleiro castelhano, morador em Badajoz, e se bem que *Vasco de Lobeira* era obrigado pela instituição do morgado a viver em Elvas, não passaria grande parte da sua existência junto de sua mãe e seu padrastrô, atenta a pequena distancia que ha entre Elvas e Badajoz?" Se alguma coisa ha de aproveitável nas suspeitas de António Tomás Pires, os especialistas que se pronunciam.

Considero sobejamente alargada em favor de Portugal, e pelos documentos referidos, a prova externa relativa ao processo, sempre pendente, da nacionalidade do *Amadis*. E como subsídio biográfico, repare-se ainda que, ao inverso da convicção corrente de que Vasco de Lobeira recebeu em Aljubarrota o sagrado grau de Cavalaria, — convicção, por certo, fundamentada em Duarte Nunes de Leão —, Fernão Lopes, na sua *Chronica d'el rey D. Fernando*, cap. CLXXVII nomeia-o já como cavaleiro. Narra-nos o Cronista os alvoroços que levantou em Elvas o facto de ter o alcaide-mór Alvaro Pereira, em seguida á morte de D. Fernando alçado pendão por Dona Beatriz. Revoltando-se o cabecilha do povo Gil Fernandes, foi preso pelo alcaide. Então "ca logo como souberom na villa que elle era preso, meterom mãos arrepicar os signos, e juntouss a gente da villa com a que andava fora, e forom todos combater ho castello; em guisa que ata as mulheres e moços, todos ajudavom com o que podiam. Vendo aquisto Alvaro Pereira fallou aos de fora, dizendo que o soltaria por arrefens, e logo Vasco Lobeira, cavalleiro, e Martin Vasquez, ficaram por elle, e foi solto."

Se conhecesse, pois, os documentos revelados por António Tomás Pires, Menéndez y Pelayo reforçaria como juízo definitivo aquellas suas palavras no monumental trabalho *Origenes de la novela*, ao inventariar os rumores e mais boatos concernentes á filiação lusitana do *Amadis*: — "Lo único digno de tener-se en cuenta que hemos encontrado hasta ahora es la antigua y persistente tradición acerca de Vasco de Lobeira, recogida atiadamente por Azurara, Jan de Barros, y Antonio Ferreriz. Los Poemas de éste, por la estimación en que fueron tenidos, contribuyeron a difundirla, pero ya antes de escribirse, ó a lo menos antes de publicar-se, el nombre de Vasco de Lobeira havia traspasado los límites de Portugal, y habia tenido el honor de figurar en los Diálogos de Medallas del grande Arzobispo de Tarragona Antonio Agustín, el cual no dice, como Teófilo Braga le achaca, que Vasco de Lobeira fue el primer autor del *Amadis*, sino que los portugueses se fiataban de que habia sido el primer autor de este género de fábulas, lo cual es bastante diverso: — "quarum fabularum primum fuisse auctorem Vascom Lobeiram Lusitani jactant." (1)

Pela transcrição de Menéndez y Pelayo, aprende-se que não só em Portugal durava e persistia a atribuição do *Amadis* a Vasco de Lobeira. Surgiram depois, é certo, outras

(1) La traducción latina de los Diálogos de Medallas es de Andrés Scalto. En el original castellano dice Antonio Agustín: "A los quales doy yo en esto tan o crédito como á *Amadis de Gaula*, el cual dicen los portugueses que lo compiló Vasco Lobera. Y replica el otro interlocutor: *Esse es otro secreto que pocos lo saben*". Nota de Menéndez y Pelayo.

versões, (2) mas não tantas que a dominante se não mantivesse com o aspecto que deixamos vincado, reco'hendo-a integralmente no seculo XVIII o douto abade de Sever, Diogo Barbosa Machado, para o seu abundante repositório da *Biblioteca Lusitana*. E não é desinteressante salientar que só assim se explica a bizarra resolução do quinhentista António Ferreira, ao vasar para a arquitetura modernista dum soneto a nótula que, a respeito do episódio de Briolanja e da intervenção do senhor infante de Portugal, subsistira em Montalvo. Principiada a graciosa affectação do clássico, como se quem falasse fosse o príncipe D. Afonso:

*Bom Vasco de Lobeira de oran sem  
de prím, que vós avedes bcm contado  
os feitos de Amadis, o Namorado,  
sem quedar ende por contar i rem.*

Mas se os documentos saídos dos arquivos alentejanos confirmam a longa e persistente tradição, harmonizando-a inclusivamente com as luzes projetadas sobre o problema pela identificação da cantiga de "Leonoreta" com o *lais* equivalente do trovador João de Lobeira, outras razões nos surgem — razões internas, razões de ordem psíquica ou moral, que neste terreno de acidentadas conjecturas nos socorrem com inabalável decisão. Apreciou-se já devidamente a idéa ou conceito do Amor, representado pelo *Amadis*. Não corresponde de maneira alguma á idéa ou conceito de Amor, dimanado das fábulas ou contos do "ciclo bretão" e posto a correr mundo por meio de novelas de Cavalaria. Quanto ao conceito ou idéa do Amor, — igualdade em direitos e deveres dos dois elementos humanos, Homem e Mulher —, personificado no *Amadis* se alheava do espirito ou genio castelhano como incompreensível e até aberrativo, Menéndez y Pelayo sinceramente nolo confessa, chamando "*algo llorón*" ao *Amadis* e declarando que na célebre novela prevalece "*un idealismo sentimental que tiene de gallego ó português mucho más que de castellano*" e que nele o crítico observa "*mucho de encrvante y muelle que contrasta con la ferrea austeridad de las gestas castellanas*." Insiste ainda Menéndez y Pelayo e com Menéndez y Pelayo insisto eu: — "El elemento épico-histórico no aparece por ninguna parte, lo cual seria muy extraño en un libro escrito originalmente en Castilla, donde la epopeya reinaba como soberana y lo habia penetrado todo, desde la historia hasta la literatura didáctica." Por onde, — pela circunstancia da acção do *Amadis* flutuar "en

(2) O desembargador João de Barros, autor do *Espelho de casados*, no seu manuscrito "*Libro das antiguidades e cousas de Antre Douro e Minho* redigido por 1549, e existente em Lisboa, na Biblioteca Pública, dá-nos sem mais razões Vasco de Lobeira como natural do Pôrto. Diz o desembargador, referindo-se á cidade do Douro: "*E daqui foi natural Vasco Lobeira, que fez os primeiros 4 libros do Amadis, obra certo muito subtil, e graciosa e aprovada dos galantes, mas como estas cousas seccão em nossas mãos, os castelhanos lhe mudarão a linguagem, e atribuirão a obra a si*". A última parte da transcrição tinha-se como um dos argumentos em favor da nacionalidade lusitana do *Amadis*, mas ultimamente ficou esse argumento, — que nenhuma falta faz! — inteiramente prejudicado. Oigamos a semelhante respeito o illustre crítico senhor Dr. Fidelino de Figueiredo no seu bellissimo ensaio *Menéndez y Pelayo e os estudos portugueses* (vid. *Estudos de literatura*, 3ª série, 1918-1920): — "Neste mesmo anno corrente (1919) publicou a Biblioteca Pública do Porto, na série iniciada pelo saudoso director Rocha Peixoto, um manuscrito inédito, intitulado *Geografia d'entre Douro e Minho e Trás-os-Montes, pelo Doutor João de Barros*. Na Biblioteca do Pôrto há cinco exemplares da obra, mas todos incompletos. O Sr. J. M. Augusto da Costa, que dirigiu a edição, escolheu o de n. 1109, que é o mais antigo e tem na catalogação do estabelecimento a nota "de que é o original do autor", o qual viveu no século XVI, e recorreu aos outros em casos de incerteza. Ora neste manuscrito agora publicado não há tal passagem sobre o *Amadis*. Comparando-o com o da Biblioteca Nacional, a nosso pedido, o Sr. Pedro de Azevedo observou que elle conferia em muitos passos, mas divergia completamente em muitos outros, e que era redigido em caligrafia do século XVII. Que valor tem pois tal testemunho, como sendo de João de Barros, se no mais antigo dos seus manuscritos não existe?"

una especie de *atmósfera lírica* que en los siglos XIII y XIV sólo existía allí", rematadamente conclui o eminente sábio que "se siente inclinado el ánimo á buscar en el Oeste ó Noroeste de España la cuna de este libro." "España" valia sempre para Menéndez y Pelayo com sendo a Península. Percebe-se assim que o autor de tantos trabalhos inidivélveis ajuda a Galiza e a Portugal.

Excluido consequentemente o *Amadis* da ética e da psicologia castelhana por mão do proprio Menéndez y Pelayo, — e excluido muito principalmente pelo seu conceito ou idéa do "eterno feminino", não haverá uma íntima relação entre esse conceito ou idéa, e as instituições consuetudinárias do povo português, referentes ao regimen matrimonial? Levanto com isto uma interrogação, que é já por si um novo e não menos apaixonante problema. Diz o nosso *Código civil*, — e aqui em completa concordância com o nosso passado jurídico e sociológico —, no artigo 1098: — "Na falta de qualquer acôrdo ou convenção, entende-se que o casamento é feito segundo o costume do reino..." E logo adiante, no artigo 1108, define-nos o que seja em semelhante matéria o "costume do reino" "O casamento, segundo o costume do reino, — reza o mencionado artigo —, consiste na comunhão, entre os conjuges, de todos os bens presentes e futuros não exceptuados na lei." Qual a origem de tão significativa como singular sobrevivência jurídica?

Falando da "comunidade dos bens" no regimen matrimonial, pondera o abalizado historiador de direito peninsular, D. Eduardo de Hinojosa, no seu *Discurso* de admissão à *Real Academia de Ciências Morais e Políticas*, dissertando acerca da "condição jurídica da mulher": — "La existencia del régimen de la comunidad universal en todos los Estados cristianos de la Reconquista induce a creer que existió ya, como consuetudinario, en el período visigótico." Depois, em seguida a demorado e consciencioso estudo sobre as diversas formas do regimen matrimonial e respectiva evolução, Hinojosa condensa-nos o seu doutíssimo parecer: — "Al investigar las vicisitudes del régimen de bienes de la sociedad conyugal en España, se observa la oposición radical entre los países donde impera el sistema de la comunidad de bienes, la libertad de donaciones entre esposos y la viudedad, persistiendo hasta nuestros días, con sus caracteres esenciales, no obstante las modificaciones debidas á la influencia romana, y aquellos otros en que, habiendo regido estas instituciones en los primeros siglos de la Edad Media, se modifican luego bajo la influencia del sistema dotal romano, singularmente en lo relativo á la incapacidad de la mujer casada. Puede asegurarse, — assevera o doutíssimo catedrático espanhol, recentemente falecido —, que el sistema genuinamente nacional, como lo demuestra el hecho de encontrarse en todos los Estados de la Edad Media española con caracteres más amplos ó más restringidos, es el régimen de la comunidad universal dos bens se mostrasse com características duma larga e perseverante prática consuetudinária. Penso tambem que, dado o papel da mulher na sociedade conyugal, surpreendido em alguns passos de Strabão, e olhando á condição monogâmica de família entre os primitivos habitantes da Península, o regimen da *comunidad universal dos bens* reflectia nos peninsulares uma tendência espontânea ou instintiva que o Cristianismo mais tarde apurou.

Correspondendo ao fundo indígena das instituições hispánicas, conseguiu subsistir nas apertadas zonas occidentais, onde as correntes legalistas ou innovadoras não penetraram tanto. É inubítil que no centro da Península, numa mancha ou noutra, o mesmo fenómeno se aponta, mas nunca com tanta pureza como entre nós. Compreende-se pois que, ao passar para o nosso *Código civil* o regimen da *comunidad universal dos bens*, varios publicistas o saudassem como uma curiosa manifestação de arqueologia ju-

## A EUROPA ACTUAL

Hoje a Europa conta 412,5 milhões de habitantes contra 465,5 da guerra mundial. É assim uma baixa de 23 milhões na sua população.

Países	Kilometros	Habitantes
Rússia (Europa)	4.131.600	93.195.000
Allemanha (inclusive o territorio do Sarre)	470.390	59.859.000
Inglaterra	244.000	44.318.000
França	551.000	39.402.000
Italia	313.500	18.836.000
Poíonia	385.300	27.160.000
Espanha	676.700	21.303.000
Rumania	294.200	16.232.000
Tcheco-Slovaquia	140.500	13.602.000
Jugoslavia	294.000	12.017.000
Hungria	92.700	7.646.000
Polónia	30.400	7.462.000
Hollanda	35.200	6.865.000
Austria	84.000	6.428.000
Portugal	91.900	6.399.000
Suecia	448.300	5.954.000
Bulgaria	103.200	4.861.000
Suissa	41.300	3.880.000
Finlandia	887.600	3.403.000
Dinamarca	44.400	3.289.000
Irlanda (dominio do Imperio Britannico)	69.400	3.216.000
Grecia	128.700	3.152.000
Noruega	323.807	2.650.000
Lituania	58.760	2.546.000
Lettonia	65.800	1.864.000
Turquia (Européa)	24.000	1.500.000
Estonia	47.600	1.109.000
Albania	80.800	890.000
Danzig (sob a administração da Liga das Nações)	1.900	357.000
Luxemburgo	2.600	357.000
Islanda (união pessoal com a Dinamarca)	102.800	95.000

Ha ainda a acrescentar os pequenos países: Fiume com 65.000, Monaco com 23.000, São Marinho com 12, Liechtenstein com 11.000 e Andorra com 5.000 habitantes.

Gibraltar e Malta, tendo juntos uma superficie de 300 kms. e ao todo 232.000 habitantes, são colonias inglezas. Rhodes está sob o protectorado italiano.

ridica. Torna o facto mais saliente a circunstância de existir igualmente com o nome de "fucro del Baylio" uma região bastante circunscrita da Estremadura espanhola, junto a Badajoz. Pratica-se ali tambem a comunhão de bens, pela simples efectivação do matrimonio, — tal como em Portugal, com o "costume do Reino" —, desde que não haja prévia disposição em contrário por parte dos nubentes.

Na curiosa monografia, *Fuero del Baylio*, o seu autor, D. Teófilo Borralló Salgado, "registrador de la propiedad en Badajoz", historia-nos na medida do possível o passado e situação actual do sobredito fuero. Identificando-o por completo com a nossa "comunhão de bens", considera-o um sistema de todo em todo diferente do regimen dotal, e ainda, do regimen matrimonial predominante em Espanha, que é o dos *gananciales*, ou comunhão nos "adquiridos". "Estos dos principales sistemas, que han influido e imperado en la legislación antigua de casi todas las naciones de Europa... eran, pues, conocidos y aplicados en nuestra península, cuando apareció el Fuero del Baylio, con ninguno de los cuales tiene relación, sin embargo, por cuanto aqui se trata de otro sistema distinto constituido por una perfecta comunidad de bienes, con virtualidad distinta de aquellos sistemas anteriores, nacido al amparo de otros costumbres y de otros sentimientos que la varonil entereza y energia de la mujer impuso con su actuación en la guerra y en la conquista del patrimonio familiar para igualar sus derechos con los del marido cuya influencia se manifiesta por esa fusión de bienes apartados ó adquiridos por ambos os conyuges, como una mayor extensión de las arras y gananciales visigóticos, y que en último caso no se presenta sólo en esta región del S. O. de la península pues tiene relación y parecido con tantos otros fueros y costumbres, como el régimen de ganancias ó conquistas de Castilla, Aragón y Navarra, y con el acogimiento de compras e mejoras de algunos territorios catalanes, diferenciándose no obstante de uno y otro régimen en que, al contrario de lo que ocurre en estas, donde se supone, reconoce y acepta un patrimonio privativo de cada conyuge, en el del Baylio todos los bienes deben ser comunes, sean cuales fueren su origen o calificación jurídica."

Afasta-se Borralló Salgado, — e com transparente erro! — do parecer de D. Eduardo de Hinojosa, quando, estabelecendo o regimen da *comunidad de bens* como regra geral nos primórdios da Reconquista, o reputa como herança e prática consuetudinária das velhas populações hispánicas. Persistiu ele em Portugal e na região da provincia de Badajoz como uma revivescência do antigo patrimonio institucional das raças peninsulares. Se por acaso o topamos no direito foral, ou de Castela, ou de Navarra, ou de Aragão, topamo-lo deformado já, como um recurso de excepção e nunca como uma norma assente no consenso colectivo, — segundo se guarda no fuero del Baylio. Esforça-se Borralló Salgado por lhe surpreender a ascendência official num diploma, numa lei. Baidado empenho, só próprio duma coesão restrita! Hinojosa sublinhou bem a pristinidade de tal instituição e Portugal conservou-a, como se fora um país ginococrático, porque não só aqui se acolheram os restos das gentes primelras das Espanhas, como tambem porque espelhava melhor a índole comunitária e lírica do nosso génio. Denuncia Hinojosa a oposição radical que se vincou entre os países peninsulares que se mantiveram fieis ao regimen da *universalidade dos bens* e os que desposaram a feição individualista dos *gananciales*, — ou participação nos *adquiridos*. É a oposição que se concretiza por causas da mais variada natureza no dualismo de Portugal e Castela, principalmente. É a oposição afinal, que leva Castela para a poesia heroica da Gesta e nos deixa a nós a poesia do Coração e da Má-gua. Assim se compreende como o *Amadis* se reveia totalmente alheio ás influências e temperamentos de Castela, enquanto que Portugal, transformando, mediante a festejada novela, a concepção egotética do Amor, recebida da *matéria de Bretanha* e dos romances de Cavalaria, cria no *Amadis* esse tipo de moral erótica, que revolucionou o sentir da Europa e immortalizou a alta capacidade afectiva da nossa raça.

Ora na igualdade perfeita de dois seres que se amam, — em Oriana e Amadis, personifica-se a compleição especiaíissima do lusitano, tanto a gosto seu traduzida na instituição social e jurídica da *comunhão de bens*. Não separemos tal instituição daquela psico-



logia que, retratada no *Amadis*, Menéndez y Pelayo confessava estrangeira à alma de Castela, a pátria no noroeste ou no ocidente peninsular. *Amadis* e "comunhão de bens" são aspectos concordes do mesmo sentir colectivo que se enamorou da grande revoada lírica e pelo lirismo se consubstanciou no mito sempiterno do *Encoberito*. Associe-mos agora a estas nossas considerações o resultado do autorizado arabista espanhol, D. Julian Ribera y Tarragó, — e a conclusão será plena e definitiva.

Analizando detalhadamente o cancionero dum poeta árabe de Córdoba — Abencuzman, o senhor Ribera y Tarragó convence-nos com poderosa soma de argumentos de que "la chave misteriosa que explica el mecanismo de las formas poeticas de los varios sistemas líricos del mundo civilizado en la Edad Media está en la lírica andaluza, a que pertenece el Cancionero de Abencuzman". Prova-nos D. Julian Ribera a prioridade do aludido Cancionero sobre as mais recuadas aflorações da lírica provençal. Afiança-nos ao mesmo tempo o criterioso sábio que a poesia de Abencuzman deriva dum pável fonte poética popular, em idioma romance, que D. Julian Ribera não duvida em atribuir mais a galaico-lusitanos do que a aragoneses ou castelhanos. Ele nos diz a razão nas palavras seguintes:

"La lírica gallega, por concesión de romanistas, es una de las más antiguas de Europa, lá más antigua de España; Jeanroy confiesa que la lírica portuguesa es rebelde o la tentativa de adjudicarle origen francés, sobre todo las cantigas ó cantares de amigo". Como reforço á sua tésse, o senhor Ribera y Tarragó recorda-nos a notável concorrência de escravos cristãos aos mercados de Córdoba, onde os do noroeste da Península eram preferidos pela sua intelligência e empregados depois em serviços superiores. Calcula-se a importância das revelações do illustre arabista espanhol. "Dados tales antecedentes, — escreve —, yo créo que para explicar el origen de la lírica de Abencuzman debe suponerse: ó una lírica andaluza romanceada, anterior al siglo X, más antigua que la que aparece en los cancioneros portugueses, ó una lírica gallega antigüisima, que la colonia gallega trajo a Andalucía, de donde procede la romanceada andaluza anterior a Abencuzman". Como a hipótese primeira não se verificou até hoje, a conclusão é só uma: buscar no noroeste da Península o tronco da frondosa arvore lírica que bracejou pela Europa e floriu no mundo inteiro. Permite-nos afirma-lo D. Julian Ribera, porque, ainda conforme o seu esclarecido pensamento, "los monumentos de la lírica europea en lenguas vulgares, provençal, alemán, de los Minnesinger y la italiana (y aún los latinos de los Carmina buranda, etc.) aparecen con posterioridad á la lírica vulgar de los musulmanes españoles".

E se para a supremacia lírica de galaico-lusitanos os ensinamentos de tão indiscutível autoridade constituem a mais nobilitante carta de nobreza, avançando no fio das nossas deduções, chega o momento de tocarmos o ponto mais imprevisito de todo o complexo problema em que andamos envoltos, — o leitor e eu —, e a cujo ambicionado desfecho tanto quizera trazer subsídios que o provocassem de vez. No seu formidável trabalho, *La escatología musulmana en la Divina Comedia*, outro arabista espanhol não menos insigne, o senhor Asin Palacios, assinala com impressionante documentação a paridade de muitos temas de Dante com os de Abenarabi, místico árabe, natural de Murcia, inclinando-se o senhor Asin Palacios para uma imitação, por parte de Dante, dada a anterioridade de Abenarabi. "Esta coincidência del Convito de Dante con los Tesoros de Abenarabi, — repara o mencionado senhor — tiene una fuerza sugestiva, que no puede escapar á la penetración de los dantistas, para explicar de un modo, quizá definitivo, los origenes tan oscuras, de la poesia lírica italiana conocida con el nombre de dulce stil nuovo. Guido Guinizelli, Guido Cavalcanti, y Dante Alighieri, contemporáneos los tres, son los creadores de esta nueva estola poetica".

Acrescenta depois o doutíssimo catedrático da lingua árabe na Universidade Central de Madrid: — "La mujer amada no es para estos poetas la hembra cuya unión sexual es lo unico en ella apetecible. Al contrario; se la mira sólo como una imagen etérea y espiritual, digna de ser amada platonicamente, con exclusión de todo apetito carnal, como medio de ennoblecer moralmente el alma de lo amante. Para ellos, por eso, el verdadero amor está fuera del matrimonio, en la virginidad perpetua que refrena el instinto sexual, mediante los celos, el temor, el desdén y el

pudor de los amantes. Esta imagen de la mujer amada adquiere, a los ojos de estos poetas, una doble idealización. Unas veces es un angel del cielo, otra es un simbolo de la sabiduria divina, de la filosofia. En ambas, la amada es el instrumento de que Dios se sirve para inspirar a los amantes ideas y sentimientos nobles y sublimes. Asi, el amor de la mujer y el amor de Dios se funden en uno solo".

"Vossler, — prosegue o senhor Asin Palacios —, ha puesto bien en relieve la falta de precedentes clásicos y cristianos para explicar la génesis de esta híbrida teoría del amor, que a la vez es divino o espiritual y corpóreo, de esta forma curiosa y nuevo — son sus palabras — de platonismo que no deriva inmediatamente de Platón. Ni la doctrina de la Iglesia, ni Ovidio, ni Aristóteles ofrecen nada que explique el nacimiento de tal concepto idealista y romántico de la mujer, de tal amor espiritual de la hembra, que, al decir de Vossler, debía aparecer como cosa monstruosa a los ojos de los filósofos y teólogos medievales. Y con un ingenio y erudición más admirables que convincentes, Vossler se esfuerza en llenar este vacío, recurriendo a la psicología de la raza germanica y a sus ideas cabalarescas, emancipadoras de la mujer; las cuales ideas se transforman en doctrina moral al comunicarse a las razas más cultas de la Francia meridional, y luego adquieren la forma de teoría psicológica y literaria en manos de los trovadores provenzales y de los poetas italianos del dulce stil nuovo".

Refuta o senhor Asin Palacios a interpretação do Vossler alegando que "mucho antes de las primeras etapas de esa larga y compleja evolución a que, según Vossler, se hubo de ver submetido en la Europa cristiana el concepto de la hembra y del amor, hasta llegar a la idealization de la mujer amada, convertida en angel o en simbolo de la filosofia, el islam oriental y especialmente el español habian dado de si obras literarias, prosaicas y poeticas, en que el amor romantico de la mujer ofrece identicos caracteres a los que ostenta la lírica de los poetas del dulce stil nuovo".

Não nos é possível acompanhar em todos os seus raciocínios o senhor Asin Palacios. Protesta elle contra a idéa que attribui correntemente aos mussulmanos um depressivo exercicio do amor sexual. El sumaria exemplos em contrario, — entre elles o da tribu dos Beni-dra, originária dos recessos do Yémen e cujo apelativo "Beni-dra" pretende significar "filhos da virgindade". "Sou dum raça em que se morre quando se ama", — cantava um dos Beni-dra. O monacato christão da Arabia talvez contribuisse para tanto, verificada a sua influencia sobre a mística e a ascética mussulmanas. Chega a sustentar-se entre os islamitas "que o que se casa e morre casto, morre mártir". "Muchos sufies, inspirandose en esta doctrina, dejan ejemplos heroicos de virginidad perpetua, — informa o senhor Asin Palacios. La esposa, idealizada así por el sentimiento religioso, deja de ser, para estos sufies, hembra e se convierte en compañera o hermana de ascetismo, amada solo en Dios y por Dios".

Depressa semelhantes tendencias alcançam expressão na litteratura. No século IX da nossa era, Abendaud de Yspahan no seu *Livro de Venus* faz a apologia desse conceito do amor, que Asin Palacios tem por "amor romántico". Mas é sobretudo Abenházam de Córdoba no *Colar da Pomba*, ou *Livro da Amor*, e ainda nos *Caracteres e a Conduta*, quem estuda, analisa e concede corpo a tão extraordinária concepção amorosa. O *Colar da Pomba* foi publicado recentemente, na mais perfeita integridade do seu texto, pelo arabista D. R. Pétróf, professor á data (1914) na Universidade Imperial de S. Petersburgo. Pétróf assinala-nos a identidade que há entre o *Livro do amor*, de Abenházam ou Ibn-Hazon, e a *Vita nuova*, de Dante. "Dozy a cu raison de souligner la sensibilité exquise d'Ibn-Hazon; vraiment en le lisant nous nous souvenons de l'auteur de la "Vita nuova" Comme Dante, Ibn-Hazon sait toucher les cordes romantiques de la poésie, apprécier le mysticisme et la délicatesse des vrais amants. Très souvent on lit chez lui de beaux passages qui nous rappellent l'histoire du poète florentin et de sa Béatrice. Dans ces passages nous trouvons réunis un psychologue attentif, un fin poète, un homme ému par des souvenirs lointains. La nature même qui nous environne n'est pas oublié. Ibn-Hazon sait montrer quelque charme secret qui existe entre elle et nos sentiments".

Apreciando a edição do *Colar da Pomba*, levada a effeito por Pétróf, o senhor Asin Palacios, comentava-a em termos elogiosos num pequeno artigo da *Revista de filologia española* (ano II. 1915). Notava o erudito arabista que Pétróf ajudava a compreender melhor "las doctrinas cortesanas de los trovadores y de los teorizantes medievales, que en Italia y Pro-

venza parecieron seguir, un siglo después, las huellas de los poetas y psicólogos musulmanes, cuyo tipo es Abenházam en su Colar de la paloma. El mis-editor — adita-se —, es quien se atreve a formular y a razonar estas hipótesis... Haciendo-se eco, en este interesante punto, de las ideas del Sr. Ribera sobre los origenes hispano musulmano de la poesia lírica medieval, el sr. Pétróf cree que seria utilissimo ampliar los estudios recientes de Vossler, Chichmaref, Anglade y Wechsler sobre da la poesia de los trovadores y su doctrina del amor, comparandolos con las ideas de Abenházam, cuyo código erótico procede más de un siglo al formulado por Madre Ermengaud, André le Chapelain e Guido Guinizelli." Atiugimos o nó vital da questão! Se ha que admitir a anterioridade da poesia lírica de Abencuzman sobre as mais recuadas manifestações poéticas do provençalismo, — conforme os estudos de D. Julian Ribera, dada tambem a anterioridade da "doutrina amorosa" de Abenházam, porque não a ligar ao patrimônio ético do lirismo peninsular, donde deriva a lírica de Abencuzmán?

A tal parece propender o senhor Asin Palacios, rejeitando as interpretações de Vossler acêra do critério do Amor e da Mulher que em Itália desponta com a renovação do *dolce stil nuovo*. Constatada pelo longo e exaustivo trabalho do senhor Asin Palacios a inspiração dos místicos e teólogos mussulmanos da Península, todos imbuidos da ascética cristã, no espirito altíssimo de Dante, claramente se aceita que das fontes líricas da Península descenda o lirismo excelso do *dolce stil nuovo*, tão sem raizes na terra sagrada da Itália. Como esse lirismo, — poesia do amor —, entroncava retintamente na velha lírica popular da Península, não islâmica, mas presumivelmente galaico-lusitana, não corresponderá o conceito da Mulher, enlaçado a elle, ao conceito social e moral que transparece na instituição jurídica da "comunhão de bens" e que tão intimamente se casa com todo o passado emotivo dos portugueses? Não é, de resto, o conceito que impôs o *Amadis* como um compêndio de inegalável idealidade e o marca, na feira das litteraturas europeias, com um selo inconfundível?

Eis uma nova questão que se suscita, já agora agarrada com afero ao problema apaixonante do *Amadis*. Não destoa em nada o símbolo de Oriana das teorias exalçadas por Dante até á transcendência máxima da sua Beatriz. Busca o senhor Asin Palacios no Oriente, — no seio do próprio mussulmanismo, a idéa amorosa que inspirou o *Colar da Pomba*, onde não ha duvida que se abasteceriam os teóricos italianos do *dolce stil nuovo*. Para transformarem tão fundamente o caracter islâmico, são decisivas as causas enumeradas: — a ascética cristã e o reflexo do doutrinarismo platónico. Não me convenço, contudo, que se modificasse tão espiritualmente a psicologia islamita. E assim nos casos invocados pelo senhor Asin Palacios, a virgindade no amor, a castidade no casamento, a mulher convivida com irmã, aparecem-nos como provas de sacrificio, — como violéncia da alma sobre o corpo, como excepção, e não como regra. O inverso succede no amor nitidamente peninsular, fixado, principalmente pelo *Amadis*. A humanidade dos dois seres que se amam nem por isso se mutila, — só se alonga e completa numa unidade espiritual maior. De maneira que não é aos árabes que a chave do enigma se deve pedir. Peça-se antes ao lirismo do ocidente da Península, modificado e intelectualizado mais tarde, ao contacto dos centros cultos do Sul, pelas importações alexandrinistas, como no coração do povo e na mente dos teólogos o houvera sido já pela acção depuradora do Cristianismo. Escutemos, porém, Menéndez y Pelayo sobre Abenházam e o *Colar da Pomba*.

Depõe o eminente crítico: — "Pero con ser tantos los géneros indicados hasta ahora (Menéndez y Pelayo falava da novela e do conto entre os árabes, sobretudo entre os árabes occidentais), no se agotó en ellos la actividad creadora del ingenio árabe, mostrando-se quizá en España con más brio y pujanza que en Oriente, hasta llegar á producir, aunque aisladamente, algunos libros que parecen modernos y cuyos rasgos cautivan por lo inusitado dentro de la cultura á que pertenecen. Tal concepción la sorprendente aparición (en que Dozy reparó el primero) del idealismo amoroso, de una especie de petrarquismo más humano que el de Petrarca en el bellissimo cuento de los Amores, del cordobés Abenházam, primera novela íntima que en los tiempos modernos puede encontrarse; una especie de Vita nuova escrita siglo y medio an-

tes de Dante, y que ofrece testimonio, contra vulgarces y arraigadas preocupaciones, del grado de fuerza y profundidad afectiva á que si bien por excepción, podían llegar, no ciertamente los árabes puros sino los musulmanes andaluces de origen español y cristiano, como lo era este gran polígrafo Aben-Hazam. El mismo Dozy, tan poco sospechoso en este punto, explica por el origen de Aben-Hazam su galantería delicada y sensibilidad exquisita. "No hay que olvidar, escribó, que este poeta, el más casto, y estoy por decir el más cristiano entre los poetas musulmanes, no era árabe de puro sangre. Bisnieto de un español cristiano, no había perdido por completo la manera de pensar y de sentir propias de la raza de que procedía. Estos españoles arabizados sabían renegar de su origen y acostumbaban perseguir con sarcasmos á sus antiguos correligionarios; pero en el fondo de su corazón quedaba siempre algo puro, delicado, capritual, que no era árabe."

Tudo se congreja, como se vê, para conferir possibilidades estranhas à identificação da "doutrina do amor" sublimada por Dante, com o primitivo fundo lírico do ocidental da Península. De petrarquismo mais humano que o de Petrarca capitula Menéndez y Pelayo a história amorosa de Abenhamaz. Prova de que ela se achava ainda perto da nascente, sem as intromissões filosóficas que a complicaram depois, misturando-lhe resíduos abastardados de neoplatonismo. A ascendência cristã de Abenhamaz ajuda-nos a fortalecer as nossas suspeitas. E se nos lembrarmos que o Colar da Pomba nos narra a paixão do seu autor durante mais de trinta anos por uma dama de Córdova, sem que de longe fosse correspondida, sentimo-nos logo próximos da fidelidade desinteressada de Amadis a Oriana e bem distanciados dos desesperos e das violências sentimentais do romance de Cavalaria. Não passe também sem reparo que o árabe siciliano Aben-Zafer na sua obra *Salwán* incluiu uma novela, intitulada o *Cavaleiro Galego*, — novela de amor, detalhe-se. "La elección de un gallego para protagonista de dicha novela, — observa Garcia de la Riega —, puede acusar la fama que en el siglo XII alcanzaban nuestros caballeros, ya en cuanto al amor, ya con respecto á la valentia, á la inteligencia y otras cualidades personales; y es de creer que Aben-Zafer no escogeria á la ventura un caballero de cualquier país para héroe de su novela, sino del que gozase renombre adecuado, a fin de que uno de sus naturales nobles figurase en ella justificadamente, y con mayor motivo si en ese país se rendía un terno culto a la mujer y al amor. No escogió a un bretón ni a un francés" Garcia de la Riega, exagerado no seu patriotismo galego, não é autoridade em que se haja de confiar. Em todo o caso, af registamos a indicação, a que não se nega nem lógica nem fundamento.

Eis, — desde os materiais trazidos ao problema do *Amadis* pelas descobertas positivas de António Tomás Pires até à coincidência de sua amorosidade com as características sociais e morais da nossa raça —, o que se me apresenta de irrefutável consideração, quando abordamos a questão sempre controvertida da nacionalidade da grande novela. Não importa averiguar que redacção prevaleceu, — se vier ou não de fora o tema desenvolvido pelo seu feliz autor. Com agudeza sintetiza a senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos: — "Sobretudo, foi o idealismo amoroso de *Amadis* que impressionou os Quinhentistas. Foi a admirável combinação que há nele de uma audácia e heroicidade a toda a prova, em perigos guerras, e, na paz, de mesura discreta, suave melancolia e sentimentalidade meiga, qualidades que estavam em contraste abençoado com a bárbara rudeza de costumes, documentada em numerosas façanhas registadas nos *Livros de Linhagens*. Por isso não acabam os louvores a *Amadis o Casto*, *Amadis o Ical*, a *Amadis o bom amador*."

Efectivamente, o valor do *Amadis* consiste no seu idealismo amoroso. Ferido pela impermeabilidade afectiva da alma castelhana, o chanceler Pero López de Ayala queixava-se ao cativo de Obidos de haver perdido a sua mocidade em "derrames e mentiras probadas". — Na leitura de "*Amadis*" e "*Lanzarote*". Mas séculos volvidos, um outro cativo, — Francisco I. conhece na sua prisão de Madrid o texto de Montalvo e contribui, ao contrário, para o prestígio da célebre novela. Prestígio literário? Não: antes prestígio sentimental. Herberay des Essarts tenta immediata-

## A SAUDADE PORTUGUEZA

Será a Saudade portugueza uma nostalgia antiga que as nossas almas ternas herdaram dos marinheiros que iam nas caravelas da Índia e deixavam os seus em aldeias estreminhas, minhotas, beirões ou para de trás os montes?

Será este apêgo a gostar só do que é seu e cujo afastamento logo causa nostálgicas dores, um gasto romanticismo amolentador da vontade, peando quem precisa e deve de palmilhar o mundo para o conhecer e conquistar?

Será um entorpecedor quebranto que nos açapa numa porção limitada da Terra, como concha colada ao seu penedo, ou como tourão contumaz no seu buraco, fazendo do mundo inteiro unicamente aquele bocadinho em que se vive?

Será pernicioso sedentarismo? Será habito inveterado? Será individualismo estreito, confinado em curto horizonte, onde o espirito se não dilata, por não se renovar o ar respirado? Será inaptidão para a desconmodidade que, por vezes, as viagens apresentam? Será pobreza da alma restrita de sympatia? Será impotencia de amor universal? Será incapacidade de expansão humana? Será uma alma em estacionamento de Tempo e em quedamento obstinado de Espaço?

ANTERO DE FIGUEIREDO.

mente a tradução. Escapava, porém, ao esr rito francês a delicadeza emotiva da novela dos Lobeiras, — e em mais dum episódio a sua espiritualidade branda torce-se em incen livo sensual, mascara-se num desejo inferior de carne mal reprimido. Não é inutil escutarmos Eugène Baret acêrca da adaptação de Des Essarts.

"Des Essarts, il est vrai, retranche ou abrège, quelquefois avec goût, certains gloses de Montalvo, évidemment étrangères á l'ancien écrit; mais lui-même gâte souvent et falsifie l'original, tantôt avec le pédantisme de son siècle, tantôt avec la plus bizarre affecterie, tantôt avec une licence d'imagination et de langage tout á fait digne d'un contemporain de Brantôme et de Rabelais. La convenance m'interdit de donner les preuves de ce dernier genre d'altérations; altérations d'autant plus graves, qu'elles défigurent complètement sur ce point le caractère de l'original espagnol, dont l'auteur, s'il touche quelquefois avec réserve certaines aventures romanesques, n'est du moins jamais, ni par l'imagination, ni par l'expression, de connivence avec le vice"

Pelo testemunho de Baret se averigua a contrafacção com que Herberay des Essarts correspondeu ao entusiasmo de Francisco I. Injustíssimas, pois, as reflexões de Ernest Sailliére no seu magnifico volume *Les origines romanesques de la morale et de la politique romantiques*, quando assevera, referindo-se ás traduções e edições successivas do *Amadis* em França: — "Le caractère de ces *Amadis*, qui ont prolongé de façon imprévue l'influence du roman de chevalerie sur la pensée de nos pères, est de faire peu de place á l'adultère, qui s'étalait au premier plan dans quelques-uns des plus célèbres romans bretons du XII siècle, mais d'instituer en revanche une véritable école de capitulation amoureuse á l'adresse des filles sollicitées par quelque chevalier courtois. (On sait que Jean-Jacques sera, lui aussi, fort indulgent á ce dernier genre de désordre passionnel). — De là les plaintes qui formulèrent bientôt des moralistes peu suspects de pruderie, tels que la Noue, devant les regrettables effets de ces lectures: — "J'ai oui dire á un bon gentilhomme, écrit le vaillant soldat des guerres ultramontaines, au sixième de ses *Discours politiques et militaires*", que ces livres avaient une propriété occulte á la génération des cornes, et je me doute que lui-même en avait fait l'expérience"

Achamo-nos em frente da grande bastardia sofrida pelo nosso génio lírico ao ser transposto o *Amadis* para linguagem francesa. De tal bastardia padecer hoje a Europa as consequências. A moral erótica, que gerou o Romantismo e abriu as portas á Revolução, eis donde procede. "Nous vivons depuis plus de deux siècles sous le signe de la femme", — lamenta Ernest Sailliére. Mas essa perversão ideológica e sentimental não é própria do *Amadis*. — como criação portugueza. Nós já acertuámos como a igualdade da Mulher e do Marido, vertida na instituição jurídica da "comunhão de bens", representa a base secular de familia entre nós. Aditaremos agora que, a caminho de Monserrate, ao ir oferecer-se á Virgem, o nobre D. Inigo de Loyola, depois fundador da gloriosa Companhia de Jesus, levava o *Amadis* de cór e só pensava em o imitar na fidelidade guardada por elle a sua senhora Oriana. Donde, por consequen-

te, o mal? Das generalizações peculiares da intelligência francesa, — do excessivo racionalismo da sua compreensão moral e social. De resto, o nosso lirismo manifesta-se tão estranho á essência do espirito tradicional da França, que Sismondi, ocupando-se de Jorge de Monte-Mór, não se conteve sem exclamar: — "Há em todos os seus versos uma moleza lidiana que poderíamos esperar dos italianos efeminados pela escravidão, mas que confunde em homens tão homens, como os guerreiros de Carlos V. Era, por outras palavras o que Maese Nicolas, — barbeiro daquele pobre senhor Alonso Quijada, queria dizer de "D. "Amadis", ao encontra-lo "algo llorón."

A face de tudo o que se trouxe para este sucinto estudo, avalia-se, pois, a magnitude do problema do *Amadis*. Apaixonou estrangeiros e nacionais. Na altivez das suas indeclináveis superstições étnicas, o conde de Gobineau chamava-lhe a mais alta flor da idealidade humana, — e tanto que elegeu o *Donzel do Mar* para herói dum poema seu, a que, se falta beleza, não faltam nem amplitude nem intenções. Os Judeus traduziram a nobre novela para a sua língua segrada, imprimindo-a em Constantinopla. Apesar dos seus aze-dumes, Menéndez y Pelayo reconhece que "sin el vértigo amoroso de *Tristán*, sin la adúltera posisión de *Lanzarote*, sin el equívoco misticismo de los héroes del *Santo Graal*, *Amadis* es el tipo del perfecto caballero, el espejo del valor y de la cortesia, el dechado de vasallos leales y de finos y constantes amadores, el escudo y amparo de los debiles y mcnesterosos, el brazo armado puesto al servicio del orden moral y de la justicia" Entende-se já porque D. Quichote o tomou para modelo, copiando-lhe até o retiro de Beltenebros, quando se foi a sóitário da Serra Morena. Percebe-se tambem que o cura e o barbeiro o salvassem do fogo expiatório. E já não nos admiramos que Goethe, — o olímpico Goethe! —, em carta a Schiller, se confessasse envergonhado de ter lido muito tarde a tão admirável livro.

Regressa hoje o *Amadis* na essência da sua elevação lírica á pátria donde andava desterrado. A restituição de Afonso Lopes Vieira mostra-no-lo bem digno da hereditariedade emotiva dos dois Lobeiras. O idealismo amoroso do *Amadis*, que cativou o desdem pessimista do conde de Gobineau, como perfumara de encanto o solitarismo aquilino de Goethe, devolve-se, enfim, no giro dos séculos, á nascente copiosa de que brotara. Não se trata dum successo literário ou dum facto de mera erudição. Trata-se, palpavelmente, dum acontecimento nacional. Importa, portanto, como comentário condigno, restituir o *Amadis* a todo o seu enorme significado. Duas vezes a Europa é filha de Portugal, — insistimos. Desviamos o eixo da civilização do Mediterrâneo para o Atlântico, — e assim lhe oferecemos o scetro da Idade Moderna. Transmittimos-lhe no conceito moral e affectivo do *Amadis* uma idéa ou noção do Amor, que é ainda hoje, desde os desvios affectivos do Romantismo ás virtudes fundamentais do Character, a directriz universalmente aceite da sociabilidade occidental. Resume-se assim na historia do *Amadis* a história da sensibilidade europeia. E, no entanto, o *Amadis*, meus senhores, por pequeninos que nós outros sejamos, não é mais do que um capítulo da história da nossa sensibilidade. — da história da sensibilidade do povo lusitano!

Antonio SARDINHA

# CHRONICAS DE MALAZARTE

VI

Oh, viajar! Cendrars me aconselha a não sair do Brasil... Verdade: não precisei me partir da terrinha para tornar brasileiro, mas... Não sei. Agora foi a *rentrée* quasi geral dos modernistas de S. Paulo que estavam no Oriente. A Sra. Tarsila Amaral, Oswald de Andrade, Paulo Prado, Sergio Milliet... Vocês pensam que eles vieram estrangeiros? Não, senhores! Mais indígenas que nunca. Tarsila enterrou-se, que entusiasmo! no estudo do mau gosto brasileiro. E anda a tirar dele combinações adoráveis de colorido para os quadros mais recentes. E Oswald então? Escreveu um livro que é a resenha de tudo quanto o brasileiro fala para maltratar a lingua portuguesa. Delicioso de bom humor. Sergio canta a decadência da Europa. — Ora, um brasileiro que escreve em francês! — Enganam-se. Já escreve em brasileiro. Tanto o "Milrés a duzia" como as "Naturezas Mortas" escreveu-as em brasileiro. Sim. Estão vendo? Belazarte não precisou sair do Brasil para se nacionalizar, mas a cada novo amigo que aqui chega, disse-me, do-lhe uma como que sensação de insuficiência propria. Não ha duvida: sempre é melhor ver com os olhos e apalpar com os dedos a ler nos livros e em quanta revista ha pela Europa. — Eu preciso viajar. Ao menos para voltar. Voltar viajado. E evitar duma vez esse argumento do cubistissimo Oswald, que, quando levado á parede nas discussões, lá vem com o irritante: "Belazarte, você não viu nada!" Ora bolas! Preciso conhecer o Oriente.

Para Belazarte oriente é a Europa. E creio que tem razão. Oriente é tudo que passa e se diferencia da civilização que mais corresponde ao momento da vida. O desprezo de Belazarte talvez seja um pouco antecipado; mas a Europa já não corresponde inteiramente ao momento de vida do universo, sob muitos aspectos. A politica, o comercio, o poder helico, a adaptação á época, por exemplo... Quando estiveram em civilização actual China, India, Egito, Grecia, compreende-se, tudo o mais era oriente. Pasmaceiras, exquisitices, morbidez, brilhos estranhos. Quando foi do momento da Italia, França, Espanha, aqueles países viraram oriente. Nêles a exquisitice. Dêles o sabor exotico. Agora a civilização, já tirou um dos seus pés da Europa e o lançou, gesto agilimo! através dos atlânticos. Pousou-o delicadamente nas Americas. Ah! pé de anjo... Derrubou florestas, esborrachou bisontes e jaboticabas, matou índio que não foi vida! Que penal Mas a Europa vai ficando oriente. Belazarte: — Não senhor! já ficou oriente. Aliás na geografia foi sempre oriente para nós. Que ha de mais exotico, por exemplo, que o cortejo das Panateneas ou uma manifestação trabalhista no país em que desfila, glorioso e nacionalissimo, o cordão Flôr do Abacate? Olhe você que simbolo maravilhoso do exotismo, (decadente, graças a Deus!) dos nossos homens de letras!... Que fez a França? Deu-lhes um Trianon que grita a sua extravagancia oriental entre a colonata das palmeiras e o pinote do Corcovado. A França fez muito bem. O orientalismo do Trianon ali na Avenida das Nações, exprime perfeitamente a nossa academia francesa. Si quizermos corresponder ao país e representar o 1924 do Brasil, havemos de trabalhar outros ideais que os do sanatorio europeu. Observemos-lhe a higiene. Sugue-mos-lhe a lição. Concorde. Mas como o estomago. O que tem de exotico, de inadaptable, que não pode ser digerido... para fóra! O Brasil, si quizer ser Brasil, tem de funcionar como um estomago. E si europeus

emigrarem para cá... Aceitemo-los. Mas é preciso digeri-los imediatamente, como já fazem os Estados Unidos! Santa Maria! a quifose admiravel dêses americanos do nortel... Assim temos de ser. Caso contrario: intoxicação. A Europa é sanatorio oriental. Ilha da Madeira para os americanos. Consinto que se vá lá. Homeopatia excelente. *Similia similibus curantur*. Escute o que dizem nossos amigos:

"La voice sur son declin l'Europe Mourant  
De vieillesse et de fain  
Partout coule son sang mauvais  
Et se traine misérable  
La pensée criminelle.  
Cctte épicière aux yeux malins  
Regarde grandir le nouveau monde  
Elle pose à la dame distinguée  
Et lui offre des suceries  
Mais qu'a-t-elle fait de son esprit?  
Et ne voit-elle pas que l'enfant devient homme?  
La pitié?  
Notre siècle Pignore  
Que ne meurt elle en beauté tout au moins!"

Noutro poema, tambem do mesmo "Le Coq et le Perroquet", Sergio Milliet exclama:

"Regardez notre adolescence  
Faites de joie et de confiance  
Tu te mets au régime ô France  
C'est mauvais signe  
Seuls les vieillars craignent le vin..."

Isso. Apenas em lugar de "vinho" eu teria posto pinga. Depois que Tarsila Amaral, nas reuniões famosas do seu *atelier* em Paris, onde desfilaram, amigos, os maiores nomes da mocidade francesa, Satie (60 anos!) Cendrars, Léger, Lhote, Gleizes, Picasso, Cocteau, Supervielle, Goll, tantos e tantos! junto de Brecheret, Villa Lobos, Anita Malfatti, João de Sousa Lima, Di Cavalcanti e os recémchegados de lá, depois que Tarsila lhes deitava nos calices a pinga generosa...

— Vinho de Hebe...

— Cale-se!... então Sousa Lima sentava-se ao piano. O samba bambeava as cordas sonoras. E, mãos dadas, todos cantavam, dansavam rejuvenescidos pela alegria da terrestre bebida. Claudel não aguentaria. Juro! Nem outros bacilos perniciosos...

— Tu! Belazarte, um melancolico! a prègar maxises!

— Vá tomar banho! Eu raciocino. Eu penso. Eis toda a minha melancolia. Sou escravo da inteligencia. Reconheço minha servidão. Mas tambem, "da lua ao clarô" junto da fogueira guinchante, por detrás das senzalas, os negros passavam a noite inteira a dansar. Eu reconheço o direito de dansa e a juvenildade da pinga, simbolo nacional. A Europa é oriente. Esfalfamento.

— Belazarte, verifico principalmente que estás nacionalista.

— Sempre fui. Mas nacionalista que não teme a concorrência estrangeira. Nós precisamos do estrangeiro e de estrangeirismos. A lição do oriente é necessaria. E ninguem vive sem ferias. Descansemos na Madeira! Mas voltemos rijos como Paulo Prado. Robusto, alegre, de vistas largas. Mas brasileirissimo. Até se meteu a estudar a tristeza nacional! E modernissimo tambem!

Pois não: Paulo Prado, como toda pessoa inteligente, é curioso. E facil. Mo-

dernizou-se rapido. Aliás já lhe deviamos o ter sido o mais seguro apóio na organização da Semana de Arte Moderna. E não está sozinho. Muita gente aceita já sem arripios nem medo de pecar os corpos de Brecheret e as melodias de Villa-Lobos. O Rio então moderniza-se com rapidez espantosa. Principalmente sob o ponto de vista literario. Em compensação S. Paulo, com o café a peso de ouro, age de outra forma. Hoje, em nossas colleções particulares já se encontram alguns dos maiores nomes das correntes modernas. Originaes de muitos dos mestres do cubismo, do post-cubismo e do expressionismo. Até obras celebres aqui estão. Assim o quadro de Delaunay "La Tour Eiffel", na coleção da nossa admiravel pintora Tarsila Amaral. Ainda com ela se guardam um esplendido Gleizes, chefe do cubismo integral e um Léger. Nos salões da Exma. Sra. O. P. grita a "Natureza Morta" de Léger, quadro que se considera um dos mais perfeitos do mestre. Paulo Prado por sua vez tem um delicioso Gris e um Duffy. Survage tem dois exemplares aqui; um dos quais, excelente, pertence a Oswald de Andrade. A familia Klabin guarda um Segall da ultima fase — artista russo, já representado em varias grandes pinacotecas alemãs. Contam-se ainda, só que eu sei, outros Légers, outros Gris, um delicioso Valmier, um Matisse, e brevemente tres Lhotes, entre os quais o "Foot-Ball", para cujo elogio Edmond Jaloux requeria meia pagina de jornal. Dos expressionistas alemães conheço assinaturas de Meidner, Unoldt, Zeewald, outros ainda. Muito já. E si eu disser que é quasi certo vir a S. Paulo a "Mise au Tombeau" de Brecheret... Minha divina alegria! Tambem sorris Belazarte? Pega o chapéu. E' hora do almoço a Paulo Prado. E fomos. Reunidos pela fidalga energia de Renée Thiollier já muitos do grupo se dispersavam pelos salões do Terminus. Malazarte fazia pandegas de morrer de rir. Foi êle que pronunciou a "Bateria de petardos festivos para comemorar a entrada de Paulo Prado na guerra" Eis a bateria:

"A paca sarapintada (sintese simbolica da curiosidade inquieta e do cochicho roedor) quis espiar muito para fóra das raizes avoengas, solarengas da seringueira amazonica. Que aconteceu? Escorregou na seiva liquida da borracha, ainda mais escorregadica porque lhe andava de mistura o azeite dos eternos namoros do luso com as Tetis de ignotas praias... Amazonia! Mas a paca escorregou apenas? Não. A paca sarapintada, num cadomhlê dobrado de retreta guerreira, degingolou do Amazonas pela carta geografica abaixo. Iria parar no estreito de Magalhães, si não lhe abatesse o impeto do tombo viageiro e racial o obelisco da Concordia de Ahaixo-ô-Piques. Mas a fôrça com que vinha degingolando, permitiu-lhe ainda escorregar pelas pedrinhas Duhugas de bugres da ladeira neo-colonial, arrastar-se pelos asfaltos novos do viaduto do chá e rua Libero Badaíando pelo largo de S. Bento a dentro, entrar, escorregando sempre, pelos ladrilhos de Bisancio da igreja abacial. Só parou no centro da nave, onde uma arca da aliança de Noé guarda sob a tampa circular, monoculo displicente de bronze elegantissimo, os restos mortais da semente duma velha e nobre familia paulista. Mal acordada ainda do susto do tombo da torre do Tombo de marfim parnasiano, simbolista, penumbriata, etc... a curiosa paca leu as letras do monoculo-epitafio, presidente da tradição paulistana.

Comoveu-se a paca sarapintada ante tal elegancia — passado — futuro e em voz lenta, pachorrenta... de outono? não: dês primaveras de Casimiro de Abrindo-a-boca alegre murmurou: Agarrei o monoculo bronzeo tradicional e moderno! Este me basta! Fico aqui!

# PAUL RENOUARD

Morreu em Paris esse desenhista famoso, que foi um dos mais vivos cronistas de seu tempo, tendo a sua obra, na *Illustration*, de Paris, e no *Graphic*, de Londres, sido das mais estimáveis como desenhista. Aguafortista, um pouco lithographo, também pintor, Renouard deixou uma obra considerável, da qual salientamos seus albuns *Moviments*, *Gestes*, *Expressions*, de 1905, em que ha mais de mil aguas fortés; *Croquis d'Animaux*, *L'Opéra*, *La Danse*, *Rome pendant la Semaine Sainte*, *Le Procès de Rennes*, *L'exposition de 1900*, *Commemoration du 75<sup>e</sup> anniversaire de l'Indépendance Belge*, *La Guerre*. Mas tudo isso, como escreveu o Sr. Clement-Janin é pouco junto dos seus desenhos, que são documentos de tal originalidade que nenhum historiador serio do periodo de 1890 a 1920 poderá esquecel-os, por tal forma são verdadeiros, e que os amadores disputarão, pelo seu nervo e pela sua sensibilidade.

Paul Renouard nasceu em 1845, em Com-Cheverny (Loir-et-Cher). Vindo para Paris entrou para o atelier de Pils e estreou no Salão em 1877, com uma série de desenhos. Depois entregou-se ao "jornalismo do lapis" e obteve sempre um grande successo. Como Constantin Guys, foi Renouard um dos melhores e mais subteis commentadores do seu tempo, julgando as coisas através dos desenhos com que as annotava ou fixava. Deu-nos

assim as principaes scenas do processo-Dreyfus, as grandes e apparatusas solemnidades inglezas, flagrantes dos bairros pobres de Paris e Londres, scenas banaes



PAUL RENOUARD

e quotidianas, a que seu lapis e seu buril davam incomparavel prestigio. Morreu aos 79 annos, deixando uma obra notavel, da qual não prescindirão os chronicistas futuros que tiverem de reconstruir essa quadra da vida de Paris e Londres.

Moralidade desta fabula:

*Uma flor procura outra.*

Senhores:

Isto é um geito gracioso e dadaista de dizer que a Oswaldo de Andrade devemos a definitiva camaradagem de Paulo Prado; por cuja gloria comemos juntos nesta quarta-feira. Juntos integralmente, palavral pois que as figuras de Graça Aranha e de Manuel embandeiraram esta comida com o desejado apóio de Mem de Sá.

Oswaldo de Andrade, último botão de amazonenses, é a paca degradingolada das raizes da seringueira — assim equiparado tão sómente pelas características morais da companheira de tatú-cotia-não, isto é: curiosidade inquieta e cochicho roedor. Curiosidade inquieta caraveleira a descobrir escultores eremitas e patricios de bom humor. Cochicho ciciosinho, proselitando entre os anuncios 14-de-Julho da Place Clichy a impassibilidade circumspecta do embaixador Sousa Dantas, ou roendo de permeio a dois baloçoos verdes de tombadilho a metalica indiferença dum senhor galvanoplastizado, mas finalmente estacando inerme na quietude das redacções paulistanas ante a suspicaz toleima dum passadismo sebento que bento - frade onde seu mestre mandar iremos todos, não é? oh! manadas de jabotis cascaduras, gente de andar troli em subida, contentada com a vaidade epidérmica de ser apenas filamento do biceps-bando do regionalismo Clube literario caixeiral Botucatu Leconte!

Oswaldo de Andrade, cochichadamente proselitando sempre, encontrou um dia em Paris o nosso amigo Paulo Prado; e, com a impetuosidade confiante que lhe roseia a esperança, atacou essa facil curiosidade em floração. Digo "facil" porque a inteligencia de Paulo Prado, alerta, livre e larga as amarras! não esperneia saudosista ao passar pelo marco de ouro do decimo segundo quilometro da rodovia existencia, mas está humanamente (caso raro!) disposta a alcançar o decimo terceiro, o seguinte e, si for possível, muitos mais. Ai! vida que passas, passas, passaditando o ridiculo finca-pé dos empacados numa paralisia infantil e espiritual. Não. Paulo Prado

é um brasileiro que traz o mundo na mão. Não importa boi-zebú, nem se importa em explorar as propriedades tintureiras do pau-brasil; antes reconhece que o durhan milhora a carne do curraleiro e que o café de Costa Rica inda é melhor que o nosso nos dai hoje assim mesmo como é, Senhor meu Deus! porque sem éle que seria de São Paulo (Prado) e das finanças do Brasil? Amem.

Paulo Prado, sobre o itinerario de Oswaldo, ia de Seca em Brankusi - Léger - Cocteau Medrano - e Fratellini, e, agilizado pela curiosidade vivaz e inteligencia 120 H. P., que não permite estagnação (character do brasileiro-equador) observou, comparou e logo compreendeu tudo. Então entrou gentilmente no Dancing de Montmartre da Verdade-Einstein e pelos duzentos autofalantes do bom-senso da actual Exposição de Fisica, concludentemente autofalou:

Cendrars! Cendrars, grande poeta de França! Gleizes rosenberguicia a nova comoção. Delicia! Não tenho escolas, não me prendo a nenhuma facção, nem me preocupam capelinhas de arte! Não sou cubista; mas quem não admite o cubismo é burro. E o meu Brasil, que atraso! Só alguns de S. Paulo-e-Rio são 1924. O resto pastoreia em violas gondoleiras os cisnes agonizantes de Bruges-a-Morte aos tolos! E mesmo aqueles que regionalizam em serie, atapardam-se modorrados no 40 graus á sombra, impressionistamente impressionados pelas unhas sujas do caipira e sentimental. Que diabo! E' muito mais brasileiro, país de America, sem tradição nem museus, devorar antropofogamente as cruas carnes dum Picasso ao picadinho tico-tico divisionista do impressionismo importado e sem importancia, oh, sabiá! Isso nos ensina a desretorica dos nossos progressos vertiginosos, quebras, riquezas de segundo, ilusões, esperanças, contrastes mais fortes que a multiplicação por dez mil de todas as antiteses de Vitor Hugo; terra do Brasil, de caudilhos ao sul e modorras ao norte, cem milreis por sessão para um

homem se deixar immortalizar e em que nas tardes languidas de Paulicea o pellencanamento cubista da Gazolina Montano dessedenta os fordes vindos de Araquara, Ribeirão Preto a Rio Preto. Esta gente se esquece que ainda sopra nas veias brasílicas a inubia de sons rectos, em nossos umbigos batuca o tantam cabinda em butantam de samba rijo, o abacaxi espeta alaranjado chaga o plaino verde — coisas modernissimas estas, contribuição nacional aos quatro pianos de Strawinsky e aos ballados jazz-band "Creation du Monde" de Dario Milhaud. E severo: Yes, we have no bananas today, observou; não melancolico, mas irritado com a bobagem do batalhão de cegos mulatos, mamelucos, caborés que segue o desnoriteio de "Les Aveugles" de Maeterlinck. Bateu com o punho na mesa e disse convictamente: Sêbo!

O dia em que foram pronunciadas por Paulo Prado as magicas silabas deste refrão, verificamos que éle era dos nossos, comprehendera a benefica... cruzada? não: cruzeiro-do-sul com que os submarinos modernistas brasílicos andavam a por no fundo os batelões calhambeques couraçados. De-in-ôdoros das artes nacionais. Isto verificado pusemo-nos a amar o novo extrema... direita apenas, não se assustem! do seleccionado Rio-S. Paulo e resolvemos, para glória do novo esportista, comer juntinhos nesta quarta-feira.

Mas não bastou ao conquistado livre arrebanhar o grupo itinerante para o ágape de confraternização dos brasileiros-de-hoje em Paris. Nem mesmo Paulo Prado se tarsilizou no encanto delicioso das artes puras e do cubismo integral. Em vez, não! Quando as Musas neo-brasílicas, pinchando gestos duma escultura admiravel, irromperam banquete a-dentro, gritando: "Paulo, meu Paulo, vingança!" éle não pôde mais e explodiu. Então se pôs a defender Brecheret. Palavra de duas mil velas, estilo cubista, energico e acúleo, apuou o cangote suino da estupidez. E' verdade: explodiu. Tanto é certo que desta vez Oswaldo de Andrade descobrira a polvora. Que aconteceu com a explosão? Feriu alguém? Matou? Não. Boliu apenas, que não vale a pena destrui-la, nem é possível, pois não! a teia de aranha da Arcadia dos Descansados, que nos dá felicidade e até mais alegria nos trás. Mas no figueiral figueiredo dos ainda-classicos rouxinolantes a grita aflita das araras começou. Bofé! Ratos paridos de Itatiaias lusitanos em ironias chorosas de Manuel bernarda! Mas o neofito estava batisado "Estadualmente"; e para contrastar tanta importação de agua-benta-ardente "Padre Vieira" (colheita de 1697, edição rollandiana) comemos juntos nesta quarta-feira. Mas será preciso que eu petarde ainda mais o nosso aplauso a Paulo Prado? Sêbo! Para que mais falar! Demos-lhe a mão, isso basta! Partamos juntos na "Fiat" O resto é liteira-atura!

Paulo Prado respondeu. Contou como lhe foi difficil conquistar a mocidade que hoje tem. E deu a receita dessa conquista: — Consiste ela, disse, na sabia e moderada dosagem dos componentes seguintes: cultura fisica, banho frio, futurismo, Carnaval do Rio, alegria, e convivencia com o entusiasmo de Graça Aranha. E a este ergueu o brinde de honra. Merecidissimo. A' saída, Belazarte pensativo deu-me o braço. — A frase que Paulo Prado glosou de Supervielle me comoveu. Nós nascemos velhissimos. Decrepitos. Velhissimos de milhares de annos. Hereditariedades, exemplos, passado, tradições. Quando penso em todos os esforços que gastei para ser moço me comovo. Mais me entristece ainda a infinita maioria dos que na vida apenas souberam caminhar da decrepitude para a caduquice. Ah...

MARIO DE ANDRADE

# NOTAS & COMMENTARIOS

## Eleições

Houve eleições no mez passado, em todo o paiz, salvo no Rio Grande do Sul, para formação da Camara e renovação do terço do Senado. Em toda parte, venceu quem devia vencer — o governo, excepto neste indisciplinado Districto Federal, cosmopolita e dissolvente, que teimou em não respeitar quem póde e manda, e elegeu exactamente os adversarios da chapa official, por maiorias irrecusaveis e incontestaveis. O órgão officioso do Governo, numa "varia" muito zangada achou que isso era indecente, mas não ficava assim, mesmo porque ha mais apparencia de victoria do que victoria mesmo. Nós não somos iniciados nessas questões politicas, dahi acreditarmos que um candidato eleito é o que obtem maior numero de votos. Mas parece que é engano, porque, segundo esse venerando órgão já citado, "em realidade essa opposição não venceu nada", isto é, essa opposição que foi mais suffragada nas urnas, "não venceu cousa nenhuma". Quer dizer que, toda vez que a opposição conseguir maioria, é uma "moxinifada eleitoral" que não póde e não deve ser reconhecida. Resta, felizmente, a esperanza de que o poder verificador, diante dessa audacia do Districto Federal, corrija com mão de ferro "essa indigna cavillação contra os interesses superiores do paiz" e reconheça o que julgar mais de accôrdo com esses ditos e elevados interesses. Logo, a ethica politica brasileira consiste em suffragar as chapas officiaes, porque o Governo é quem sabe discernir as necessidades de "ordem e de moralidade" do paiz. Dahi a "excepção vergonhosa do Districto dentro do espectaculo de ordem e de moralidade do paiz inteiro, para definir a situação de deprimente anomalia da Capital da Republica em materia politica e eleitoral, em relação aos Estados". Está perfeitamente claro. Aconselha tambem o referido órgão, que se tire aos cidadãos daqui, a guiza do que fez o Constituinte americano em relação a Washington, o direito de voto. Ahi nós discordamos. Evidentemente é pouco, pouco demais. O que se deve fazer é tirar esse direito a todos os habitantes do Brasil e assim os politicos poderão mais pessoalmente velar pelos supremos interesses do paiz. É uma garantia mais ampla e segura e evita surpresas dissolventes... A Republica é o Governo do povo pelo povo, mas povo é figura de rethorica!

## Partidos politicos

Diante das eleições e sobretudo depois do reconhecimento de poderes, não será possível deixar de sorrir da idéa de fundar um partido, de que o Presidente da Republica seja o chefe. Essa idéa é o que chama o povo *chover no molhado*. Partido do presidente... mas não é isso que temos ha 30 annos? mais ainda, culto do presidente, religião do presidente, fascinação pelo presidente. Ainda agora, se afirma que divergir do Governo é attentar contra os interesses do paiz. Para que votal-o? Raros são os nossos politicos em opposição e logo excomungados, o que os faz em geral andar ás bôas com o poder. Portanto, esse partido já existe, firme e forte, coheso e harmonioso. O Congresso é docil e ncle o Governo em absoluto soffre qualquer derrota, ou mesmo contrariedade.

O eleitoralo, salvo excepções, obedece e tudo se passa inteiramente ao

contento do Governo. Logo, partido do Presidente, temos nós e excellente.

Mas, partido politico, essa entidade que serve de motivo ao lyrismo politico brasileiro, em todos os discursos de sensação e fundamental hypocrisia, não se inventa. Nasce nos meios propicios, vive ao calor da educação civica dos povos e os guia e orienta nas contingencias de sua marcha evolutiva. Não se funda de um momento para outro. Veja-se o exemplo dos trabalhistas ingleses que se organizaram aos poucos, foram gradativamente progredindo até conseguir o poder, pelo prestigio auído no povo, derrotando o Governo. Vêja-se ainda o exemplo dos liberaes rehavendo o poder, por um accôrdo com os conservadores, porque — disse Asquith, se o povo elegeu os trabalhistas é porque o quer governando. Isso é questão de cultura e não se improvisa. Ora, partido do presidente... Até parece brincadeira.

## O problema da immigração

A chegada a esta Capital do novo Embaixador da Italia, o general Badoglio, veio pôr novamente em foco o problema da immigração, permitindo acreditar que vão desaparecer, dentro em breve, as difficuldades que ainda se nos antolham para a regular collocação dos italianos em S. Paulo. Segundo as suas proprias declarações, o novo representante de Sua Magestade o Rei Victor Manoel, tem como ponto principal de sua actuação diplomatica em nosso paiz a destruição de todos os mal-entendidos e de todos os obices a que se deve o retardamento do soluçionamento dessa questão, não comprehendendo o seu alto espirito que a situação irregular sobrevinda em tal caso ainda possa persistir por muito tempo, em face das disposições favorabilissimas em que se encontram os Governos italiano e brasileiro.

Esse é o pensamento do novo Embaixador da Italia sobre o problema da immigração entre o nosso e o seu paiz. E não ha duvida que esse pensamento tem para nós a maior importancia, porque incontestavelmente entre todos os problemas magnos, no Brasil, tem lugar precipuo o que concerne á attração e localização das correntes immigratorias. É habito entre nós pensar-se que resolvida a questão dos transportes, teremos encontrado a chave de todos os problemas de que depende a nossa grandeza. Ha nisso um engano patente, como com tanta oportunidade, acaba de demonstrar o illustre Sr. Dr. João Teixeira Soares. O aparelhamento indispensavel á evolução progressiva das nações, e, portanto, o crescimento da sua kilometragem ferroviaria — ensina-nos esse competente engenheiro e economista — depende immediatamente do maior ou menor gráo de densidade da sua população. Os meios de transporte, como os institutos de credito, de instrucção, etc., têm o seu desenvolvimento e o seu aperfeiçoamento ligados ao crescimento da densidade da população. Fóra da immigração regular e intensiva, não ha meio de supprir a falta de densidade nos paizes novos, cujo progresso, por isso mesmo, está intimamente condicionado ao concurso do elemento humano provindo de outras terras. Essa verdade, que é intuitiva, foi admiravelmente resumida na sentença de illustre sociologo argentino, tornada aphorismo popular: — Governar é povoar. Povoar um paiz novo e de vastissima extensão territorial como o nosso,

não é problema de facil solução. Estabelecida a corrente immigratoria, pelos attractivos naturaes que o clima e as riquezas exploraveis offerecem, e mantida, sobretudo, pelo exemplo da prosperidade dos primeiros vindos, a questão principal se cifra em não dispersar esses elementos, mas em agrupal-os em nucleos compactos, que tornem efficientes seus esforços e permitam, com a certeza de remuneração immediata, o emprego de capitaes em meios de transporte, asseguratorios do escoamento da riqueza produzida.

Esses conceitos dão a idéa da importancia do problema da immigração, e fazem vêr, sobretudo, a necessidade de procurarmos soluçional-o de accôrdo com as nossas condições economicas. O Dr. Teixeira Soares chama a nossa attenção para o exemplo dos Estados Unidos. Foram as regiões de clima mais favoravel e de riquezas mais facilmente exploraveis as que primeiro alli se povoaram, consoante as medidas acertadas e de intuitiva conveniencia, sempre postas em pratica pelos poderes publicos. As estradas de ferro chamadas de penetração economica só se construíram quando os terrenos áquem do seu ambito de acção povoadora já tinham o *quantum satis* de trabalhadores e quando o povoamento das regiões economicamente a explorar pelas ferro-vias estava de antemão assegurado por novas correntes de immigrantes. A Republica Argentina, graças ao facto de possuir apenas um porto de grande importancia e mercê, ainda de sua configuração physica, não teve necessidade de espalhar os seus immigrantes, que se foram localizando como que por camadas successivas. E cada região de população mais ou menos densa ia sendo ligada ao desembocadouro commercial, por estradas de ferro e de rodagem. No Brasil, infelizmente, não se tem dado a este problema a importancia que merece. A multiplicidade de portos foi, desde os tempos coloniaes, dispersando os recém-chegados. Os innumerados centros de producção que se iam criando só muito lentamente se desenvolviam, e foi preciso, para auxiliar o seu progresso, ou, melhor, para evitar a sua decadencia, recorrer aos recursos do braço africano. O resultado foi toda essa agricultura rudimentar e extremamente imperfeita que ainda hoje em dia se vê em quasi todos os Estados. Mais ainda: á medida que as terras assim occupadas se iam cansando, que a sua fertilidade ia desaparecendo, eram abandonadas, por preferirem os seus proprietarios as despesas da aquisição de novos lotes e da mudança ao trabalho de conservar, por meios artificiaes, a productividade desses trechos de sólo. Ainda ahi, encontramos, lamentavelmente, um factor de dispersão do trabalho nas lavouras brasileiras". O Dr. Teixeira Soares observa que em grande parte, as vias ferreas que se foram construindo facilitaram esse afastamento. Deu-se, pois, entre nós o inverso do que se déra nos Estados Unidos: lá as estradas de ferro foram elemento de conexão, de ligação, de aproximação; aqui, não raro, factor de dispersão, de desarticulação, de afastamento.

## A última Synopse do Recenseamento

A ultima synopse sobre o recenseamento de 1920 apresenta algarismos curiosos sobre a população do Brasil. Tem o paiz, segundo a operação feita,

30.635.605 habitantes, sendo homens 15.443.818; mulheres, 15.191.787.

Dos 15.443.818 homens, são brasileiros 14.506.679; têm nacionalidade conhecida 922.958 estrangeiros e 14.181 de nacionalidade ignorada.

Dos 15.191.787 de mulheres, são nacionaes 14.538.548; 632.767 estrangeiras com nacionalidade determinada e 10.236 de nacionalidade ignorada.

Vejamos o estado civil da população.

	Homens	Mulheres
Solteiros	11.023.060	10.294.327
Casados	3.988.743	3.885.084
Viuvos	386.959	986.251
Estado civil ignorado	35.056	26.125

Quanto á distribuição da população pelos Estados e Districto Federal temos:

	Homens	Mulheres
Acre	58.330	34.049
Alagoas	479.303	499.445
Amazonas	196.202	166.964
Bahia	1.646.104	1.688.361
Ceará	637.518	681.710
Dist. Federal	598.307	559.566
Esp. Santo	234.933	222.395
Goyaz	259.538	252.381
Maranhão	428.739	445.578
Matto Grosso	133.146	113.466
Minas Geraes	2.981.806	2.906.368
Pará	502.687	480.820
P. do Norte	468.580	492.526
Paraná	354.526	331.185
Pernambuco.	1.055.313	1.099.522
Piauhy	303.185	305.818
R. de Janeiro	791.310	768.061
R. G. do Norte	260.778	276.357
R. G. do Sul	1.103.986	1.078.727
S. Catharina	339.712	329.031
S. Paulo	2.381.740	2.210.448
Sergipe	228.055	249.009

Ha Estados em que os elementos não estão no mesmo pé de igualdade.

No Amazonas, Capital Federal, Espirito Santo, Goyaz, Matto Grosso, Minas Geraes, Pará, Paraná, Rio de Janeiro, S. Paulo e Acre, ha mais homens do que mulheres. Nesses Estados, ha 9.936.223 homens e 9.453.191 mulheres. O saldo de homens é de 483.032 individuos. Nos demais Estados, ha 5.738.596 mulheres e 5.507.595 homens; o saldo feminino é de 231.001 individuos. Cotejando-se os saldos, vemos que ha um deficit de 252.031 mulheres.

No Districto Federal ha 239.129 estrangeiros, sendo 155.130 homens e 83.999 mulheres. Portugal concorre com 117.604 homens e 54.734 mulheres; vem depois a Italia, 12.777 homens e 9.152 mulheres. Cotejando-se ainda a população da Capital Federal: 1.157.873 habitantes, temos: nacionaes 917.481 e estrangeiros 239.129 habitantes.

Dos nacionaes: 442.424 homens e 475.057 mulheres.

Quanto ao estado civil: homens: casados, 93.492; solteiros, 334.656; viuvos 10.788; estado civil ignorado: 3.488 homens; mulheres: casadas, 109.257; solteiras, 315.514; viúvas, 49.244 e estado civil ignorado, 1.042.

Ha no Brasil 986.251 viúvas e 386.959 viúvos. É interessante registrar que nesta capital como em alguns Estados, observa-se um curioso phenomeno social. O elemento masculino estrangeiro é sempre superior ao feminino, ás vezes no dobro, como ocorre de modo inverso com as colonias portuguezas, italiana, espanhola, etc.; entretanto, no Districto Federal ha 1.249 francezes e 2.289 francezas, ao passo que ha 117.604 portuguezes e 54.734 portuguezas, 4.018 turcos e 2.103 turcas; 86 paraguayos e 207 paraguayas.

**Zina e Nella Aita** — Partiram para a Italia, as senhoritas Zina e Nella Aita, aquella uma das nossas mais fortes organizações artisticas modernas de pintora

e desenhista, de quem temos dado varios trabalhos, inclusive capas, que se caracterizam pelo seu caracter pessoal e vigoroso, absolutamente inconfundivel; esta, escriptora dos melhores meritos e que será nossa correspondente na Italia, enviando-nos chronicas do movimento intellectual e artistico nesse paiz. Assim, apesar de afastadas de nós, as senhoritas Zina e Nella Aita continuarão a nos enviar os seus trabalhos, contribuindo assim para o brilho crescente desta revista.

#### As virtudes do café

O professor Samuel C. Prescott, do "Massachusetts Institute of Technology", por determinação do *Joint Coffee Trade Publicity Committee*, dos Estados Unidos, fez longas e porfiadas observações sobre as vantagens do café, rebatendo a affirmativa ligeira de ser o mesmo prejudicial á saúde e concluindo, ao revés, que é de um effeito estimulante admiravel e allivia a fadiga, devido á acção da cafeina, que actua sobre o systema nervoso central. Elle promove docemente a actividade cardiaca, augmenta a força para os trabalhos musculares e desenvolve o poder de concentração para os esforços mentaes, tornando-se assim um efficaç auxilio para os prolongados trabalhos intellectuaes. A acção da cafeina póde ser assemelhada, para os fins de percepção, á lubrificação das machinas, embora a analogia não seja bem perfeita. A não ser em dose excessiva, a cafeina não tem effeitos nocivos, não prejudica as reservas physicas do organismo e póde ser considerada em geral e sem objecção como suave estimulante. Seu effeito depressivo, differe nesse particular dos outros estimulantes. A actividade do organismo é augmentada por algum tempo, voltando em seguida, ao nivel normal anterior á acção do estimulante, não permittindo no emtanto, que o organismo decaia já-mais da sua actividade ordinaria. Todos sabem que, em outros tempos, todo aquelle que estivesse habituado aos estimulantes alcoolicos adquiriria um certo grão de depauperamento, mas só podia attender aos seus affazeres sob a actuação desse veneno. O alcool produzia o effeito depressivo, o que não se dá absolutamente com o café.

Ha dous pontos interessantes a frisar: primeiro, a utilidade estimulante do café; segundo, a sua acção reguladora do equilibrio do organismo, sem a depressão consequente, á guisa do alcool, cujo beneficio inicial se annulla ao segundo effeito. É essa uma nova demonstração, feita pela autoridade insuspeita de um professor de biologia, que demonstra ser o café um tonico de primeira ordem, regulando moderadamente as actividades organicas, num justo meio termo e sem o abatimento, ou a subtração emergetica dos demais estimulantes, por via de regra mais ou menos toxicos. Esses resultados muito nos devem interessar, não só porque somos habituaes e inveterados consumidores de café, mas tambem porque somos os seus principaes productores e maiores vendedores no mundo. De ha muito, uma insidiosa campanha sorrateira ou declarada, procura attribuir ao café supostos maleficios á saúde, incluindo-o entre os excitantes depressivos, cujo uso deve ser evitado. Foi attendendo a essas opiniões em falso, mas correntes, que o *Coffee Trade Publicity Committee* norte-americano solicitou o exame citado, cujas conclusões acima referimos. E são ellas tão radicaes e completas, depois de longos mezes de paciente estudo e continuada observação, que bem merecem a maior divulgação, em todo o mundo, reformando as opiniões porventura em contrario e presas ao preconceito infundado do maleficio do café.

Aliás, já deveriamos ter promovido essa verificação, posto que vinda de autoridade estrangeira seja mais insuspeita

e respeitavel, uma vez que somos os maiores interessados no caso. Mas, agora, de posse desse resultado, sem eiva de suspeição, precisamos divulgar-o, numa campanha systematica procurando novos mercados para o café e tornando-o grande substitutivo do alcool. A esse respeito, muito teriamos a fazer, se fossemos mais avisados em materia de propaganda commercial. Temos insistido nas fallhas e deficiencias desse nosso serviço, na necessidade dia a dia mais imperiosa de actual-o no estrangeiro, entrando corajosa e victoriosamente na concorrência dos mercados. Como, para o café, temos a supremacia, não procuramos desenvolv-la nem mesmo como precaução futura, como se já nos desinteressasse o maior lucro presente, de sorte que não alargamos devidamente o ambito das nossas possibilidades. É sabida a campanha contra o café, como deprimente e prejudicial, conhece-se agora um notavel e erudito parecer de professor illustre rebatendo e destruindo esse falso conceito; entretanto, estamos quasi certos, nada se fará por divulgá-lo, sujeitá-lo á discussão em outros paizes, provocando a opinião de outras autoridades no assumpto, de sorte a ficar de vez liquidado o caso e julgada em definitivo a questão. Somos, nesse ponto, de um estranho quietismo e de uma immensa confiança, desistindo da luta, pela certeza da victoria.

Mas, na situação presente da economia mundial, quando a disputa dos mercados se trava numa peleja sem precedentes e resultante do desequilibrio da guerra, não podemos permanecer naquella postura socegada e calma, displacente talvez. Temos de encarar resolutamente os problemas actuaes, para tratá-los com coragem e audacia, abandonando os falsos preconceitos e as erroneas theorias antiquadas. Precisamos mais do que nunca olhar de frente a realidade, sem devaneios nem incertezas, mas cheios de confiança e lucidez. Porque somos senhores do mercado de um producto, não podemos descurar de sua propaganda, deixar de incentiva-la vigorosamente, augmentando os centros compradores, em qualidade e quantidade. O parecer a que nos referimos, vindo agora dos Estados Unidos, deve ser conhecido por toda a parte, divulgado em todos os centros, numa propaganda intelligente e certa, que seja capaz de produzir os mais fecundos resultados e nos assegurar o maximo desenvolvimento da grande cultura cafeeira. A defesa do café não deve ser feita simplesmente por operações financeiras occasionaes, mas por uma campanha systematica de propaganda, que augmente os centros consumidores e assegure a sua aceitação sempre e cada vez maior

#### Os casamentos no Rio

Foi publicada a seguinte estatística, pela qual se verifica que os casamentos nesta capital têm augmentado constantemente, embora com ligeiras oscillações:

Annos	Total	Coef. por mil hab.
1904	3.792	4.91
1905	3.831	4.82
1906	4.002	4.89
1907	4.343	5.27
1908	4.826	5.84
1909	3.891	4.61
1910	4.631	5.32
1911	5.431	5.89
1912	6.014	6.16
1913	5.923	6.02
1914	5.224	5.41
1915	4.658	4.55
1916	5.215	4.97
1917	5.738	5.32
1918	5.019	4.53
1919	6.247	5.49
1920	7.619	6.50
1921	7.342	6.17

# N O T U L A S

Em Berlim, os peritos alemães em platina acreditam que os Estados Unidos possuem actualmente 5.000 kilogrammas desse metal. Faz-se observar que essa opinião está em flagrante contraste com a apreciação da Companhia Industrial de Platina, que calculou em 65.000 onças os "stocks" de platina nos Estados Unidos no começo de 1922.

Uma expedição de zoologistas anglo-americanos visitou as ilhas Calapagos, situadas a 800 milhas da costa do Equador. De volta trouxe exemplares extraordinários da fauna dessas ilhas desertas, entre os quaes uma tartaruga, da avançada idade de 350 annos, segundo os calculos, e pesando dois quintaes. Essa respeitavel "senhora" morreu em viagem, pois fez a greve da fome, recusando qualquer alimento na prisão. Citam-se ainda lindos papagaios de varios tamanhos e diversas cores.

Os admiradores de Zola collocarão uma placa commemorativa na casa n. 10 da rua 'Saint Joseph, em Paris, onde nasceu o celebre romancista. A certidão do nascimento de Zola está concebida nestes termos: "Préfecture du Département de la Seine — L'an 1840, le 4 avril, à deux heures un quart de relevée, par devant nous, Barthélemy, Benoist Decán, chevalier de la Légion d'honneur, maire du troisième arrondissement de Paris, faisant fonctions d'officier de l'état civil, a comparu le sieur François, Antoine, Joseph, Marie Zola, ingénieur civil, âgé de 44 ans, demeurant à Paris, rue Saint Joseph n. 10, lequel nous a présenté un enfant du sexe masculin, né avant-hier, à 11 heures du soir, en sa demeure, fils de lui comparant, et de François, Emélie, Orélie Aubert, son épouse, auquel enfant il a donné les prénoms Emile, Edouard, Charles, Antoine. E ont le père et les témoins signé avec nous après lecture, F. Zola, Norbert Lecerf, Aubert et Decan."

Foi feito um calculo interessante do tempo que se gasta para pestanejar normalmente. A palpebra para baixar leva 75 a 91 centesimos de segundo, permanece 15 a 17 centesimos de segundo fechada e em 17 centesimos de segundo novamente se eleva. Não se sabe se esse cavalheiro calculou o tempo em que o diabo esfrega o olho.

Morreu Charloun Rien, poeta provençal e grande amigo de Mistral. Era camponez e vivia na labuta da terra, a cujo contacto florescia a sua inspiração. Deixou as *Georgiques Provençales*, tendo morrido de um accidente, aos 77 annos.

Celebrou-se na Belgica com muito entusiasmo o vigesimo-quinto anniversario da morte de George Rodenbach, a 25 de Dezembro do anno passado. O culto do poeta de *Bruges-la-Morte* é hoje uma das mais definitivas expressões da literatura belga e a sua influencia sobre o movimento symbolista intenso e forte.

Por essa occasião o Sr. Pierre Maes publicou na *Revue de France* varias cartas do poeta ao seu amigo Emile Verhaeren, quando da sua primeira estadia em Paris, de 1878 a 1879.

O commercio do Canadá teve o augmento de 300 milhões, nos últimos 12 mezes, encerrados em 31 de Outubro findo. Durante esse exercicio, as exportações e importações se totalizaram em \$ 1.920.721.554, contra \$ 1.569.401.350, no exercicio anterior, o que dá o augmento exacto de \$ 351.320.204. As importações foram de \$ 912.459.274 e as exportações de \$ 1.008.262.280, sendo o saldo da balança, de \$ 95.803.006.

Dados estatísticos publicados recentemente em Washington, demonstraram que as exportações dos Estados Unidos para a America do Sul, durante os oito



Afonso XIII, Primo de Rivera e o Directorio Militar da Hespanha

mezes encerrados a 31 de Outubro, foram superiores em 33 % ás do mesmo periodo do anno passado, enquanto que as importações da America Latina foram augmentadas de 43 %. Esses dados, que foram tornados publicos pelo "Bureau" do Commercio Interno e Externo, especificam que as exportações para a Argentina foram de \$ 80.202.000, com um augmento de 33 %, e as importações, de \$ 97.162.000, com um augmento de 99 %. As exportações para o Brasil foram num total de \$ 29.298.000, com 1 % de augmento, contra uma importação total de \$ 83.179.000, com 21 % de augmento.

Cogita-se no parlamento inglez de alterar a idade para o casamento que, nesse paiz, é de 12 annos para as mulheres e 14 para os homens. A reforma será naturalmente para augmentar essas idades.

Uma estatística sobre o numero de automoveis, auto-caminhões e motocicletas so mundo, diz que ha 12.848.783 dos primeiros; 1.763.378 dos segundos e 893.627 dos ultimos, sendo que, nos Estados Unidos, 11.025.377 autos; 1.331.999 caminhões e 210.000 motocicletas. A Inglaterra possui maior numero de motocicletas, com 335.796. Depois dos Estados Unidos, os paizes que possuem mais autos são o Canadá, com 473.263; o Reino-Unido, com 353.271; a França, com 201.040; a Allemanha, com 82.505; a Australia, com 78.517 e a Argentina, com 77.637. O Brasil tem 25.634. Vê-se que nos Estados Unidos, ha um auto para cada 11 habitantes. E' preciso ajuntar que esses algarismos se referem a uma estatística organizada pela Camara de Commercio de automoveis dos Estados Unidos e, em geral, se refere a 1921.

Foi usada pela primeira vez, no Vaticano, uma machina de escrever. Essa machina foi offerecida pelo representante de uma fabrica allemã, de Nuremberg.

Telegramma de Paris, informou que o Ministro da Instrucção Publica mandou abrir o pedestal da estatua de Voltaire, recentemente encontrada, e que se acha na Bibliotheca Nacional. Procedendo-se á abertura do pedestal encontrou-se nelle uma urna contendo o coração do philosopho de Ferney, e cuja authenticidade se conseguiu estabelecer, lavrando-se uma acta, que foi assignada por todas as pessoas presentes. Voltaire teria coração?

No criterio do historiador futuro, quaes serão os nomes mais em evidencia em 1923? Foi essa pergunta que fez o director do *Independent* de Nova York, e respondeu, transportando-se pelo pensamento — como disse — ao anno de 1948. Eis a lista que nos fornece, onde ha alguns illustres desconhecidos, para nós brasileiros: Harding, Wilson, Henry Ford, Hughes, Mellon, Brandeis (?), Holmes (?), Bryan, Babe Ruth (?), Mary Pickford, Jack Dempsey, H. L. Mencken, Lloyd George, Principe de Galles, G. B. Shaw, H. G. Wells, lady Astor, Conan Doyle, Mussolini, Poincaré, Stinnes, Lenine, Trotsky, Smuts, Dr. Branting, Ghandi, Firpo, Mustapha Kemal, Amundsen.



# Portugalíia

## Estudos camoneanos

O quarto centenario do nascimento de Camões não passou despercebido no nosso paiz. Varias conferencias foram realizadas, e a mais notavel foi a que pronunciou Afranio Peixoto, no Gabinete Portuguez de Leitura. Para a celebração do terceiro centenario da morte do grande epico, em 1880, teve a referida instituição como orador Joaquim Nabuco, que nos deu depois um livro admiravel sobre os *Lusíadas*, e para a commemoração deste anno lembrou-se em boa hora de convidar o romancista de *Maria Bonita*, que é tambem um erudito, para falar sobre o cantor da raça lusa. O thema da conferencia foi *A camonologia ou os estudos camoneanos*. Afranio Peixoto defendeu a idéa da criação, em universidade portuguesa, de uma cadeira de estudos camoneanos, á semelhança do que se faz na Italia com Dante, que desde o seculo XIV tem em Florença cursos e conferencias, e do mesmo modo como se pretende fazer em Paris com Victor Hugo. Diz elle que, com a *Camonologia*, verdadeira encyclopedia, se ensinaria lingua, artes, letras, sciencias, moral, civismo, patriotismo, "através da vida do maior dos lusíadas e através da maior obra epica e lyrica do nosso patrimonio literario". A conferencia de Afranio Peixoto acaba de ser publicada em volume, editada pela Livraria Alves, como publicação da Sociedade de Estudos Camoneanos. Na mesma occasião, editorados pela Livraria Alves, appareceram: *Medicina dos Lusíadas*, por Afranio Peixoto; *A' margem dos Lusíadas*, por P. A. Pinto, e *Diccionario dos Lusíadas*, por Afranio Peixoto e P. A. Pinto. O *Diccionario dos Lusíadas*, obra de 616 paginas, é trabalho de vasta erudição e muito recommendavel, e que dispensa referencia elogiosa. No prefacio que escreveu o primeiro dos autores, dá-se conta do paciente, difficil e penoso labor que representa a iniciativa, realizada com proficiencia e brilho. A tarefa não era para mofinos escriptores. Facilmente se comprehende as difficuldades que ella encerra. Basta ver que se teve de inventariar um vocabulario de 5.000 palavras, com o encargo de, mediante cuidadosa analyse literaria e grammatical, mostrar como escreveu o mais alto dos nossos poetas — qual a riqueza, propriedade e perfeição da lingua do maior livro da raça. Sabe-se que *Os Lusíadas* compõe-se de 10 cantos, com 1.102 estancias de oito versos, ou 8.816 decasyllabos, com dois versos integralmente repetidos e um de Petrarca, o que reduz aqueelle numero a 8.813. O poema camoneano foi escripto com 5.000 palavras, dispersas e repetidas nas 55.000 que o compõem, conforme o calculo medio que dá 50 palavras para cada estancia. A obra que Afranio Peixoto emprehendeu, com a intelligente collaboração de Pedro Pinto, será, sem duvida, devidamente apreciada nos dois paizes que têm a ventura de possuir um poeta como Camões, e só merece applausos.

## As Eclogas de Bernardim

Marques Braga, professor do Lyceu Pedro Nunes, de Lisboa, acaba de realizar obra meritoria com a publicação das *Eclogas*, de Bernardim Ribeiro. Profundo conhecedor da literatura portugueza e dotado de penetrante espirito de analyse, deu-nos uma edição digna de todos os louvores, já pelo extremado cuidado com que ordenou o texto, que é o da edição de 1755, de Lisboa, confrontado com a de 1557, de Evora, estampada sob o titulo *Primeira e segunda parte do livro chamado Saudades de Bernardim Ribeiro, com todas*

suas obras, já pela grande copia de annotações e commentarios que inseriu para melhor conhecimento do fundador do lyrismo bucolico portuguez. Além de uma bibliographia bernardina, é trabalho de mestre a introdução que publica, acerca da psychologia portugueza na literatura, comquanto, aliás, quizeramos vel-o mais desenvolvido pelo talento do emerito erudito, e como requer o thema, que é vasto e profundo. A verdade é que não se trata de edição para letrados, mas, para leitores communs, o que não invalida a suggestão, que bem poderá ser aproveitada em trabalho á parte, por quem se revela com tãma capacidade para a tarefa. A literatura portugueza é o espelho em que fielmente se reflecte o character, a indole, o genio do povo lusitano. Nos sete seculos de actividade litteraria de Portugal, o que avulta, como bem mostrou o A., é a mais exaltada forma do subjectivismo lyrico, na poesia como na prosa. Desde os antigos cancioneiros, o *Amadis*, que é genuinamente luso, as chronicas de Fernão Lopes, a *Menina e Moça* de Bernardim o theatro de Gil Vicente e os *Lusíadas* até Garret, João de Deus, Quental, Eça, Fialho, Camillo, Nobre, Junqueira e Affonso Lopes Vieira, a alma lusitana não se alterou, nem na essencia, nem no rythmo, nem na forma, a despeito de certas influencias exteriores, cujos traços cedo se apagaram. Ora, traçar ou interpretar a sensibilidade dos poetas e dos prosadores portuguezes seria revelar a imagem desse eterno enamorado que é o lusitano, cheio de paixão e de suave melancolia. "O nosso natural, diz D. Francisco Manuel de Mello, he entre ás mais nações conhecido por amoroso." Bernardim ou Camões, Garret ou João de Deus, Affonso Lopes Vieira ou Pascoaes, o poeta é sempre a mesma alma apaixonada, força e genio da raça. Bernardim Ribeiro vem a ser chronologicamente o primeiro representante do lyrismo. A obra de Bernardim, como a de todos os grandes poetas e prosadores portuguezes, comprehendia ou resume toda a psychologia do povo lusitano. Com estas linhas outra cousa não pretendemos que chamar a attenção dos nossos letrados e estudiosos para o trabalho de Marques Braga, digno de todo apreço como obra de erudição e valioso como attestado de pujante intelligencia. Vem a proposito lembrar que Marques Braga é autor de um *Ensaio sobre a psychologia do povo portuguez*, que desconhecemos, mas que provocou applausos geraes e lhe valeu o titulo de "fundador dos estudos sobre a psychologia do povo portuguez". O conhecimento de autores deste quilate constitue immenso prazer nesta hora de tanta confusão mental e de tanta insinceridade.

## A ilha Fernando Noronha

No numero anterior desta revista, tratamos da interessante communicação feita ao Instituto Varnhagen por Frazão de Vasconcellos, da "Associação de Archeologos Portuguezes", acerca da falsa denominação da ilha Fernando Noronha. O ponto principal da these foi mostrar que á familia *Loronha*, e não *Noronha*, é que pertencia o descobridor ou primeiro senhor da referida ilha, até hoje erradamente designada por todos quantos della se occuparam. O autor, incansavel e arguto investigador, havia, no emtanto, aventado algumas considerações em relação á data do descobrimento. Já depois de impresso o trabalho, verifica elle que o historiador brasileiro Varnhagen, nas notas que acompanham o texto do *Diario da Navegação da Armada que foi á Terra do Brasil em 1530 sob a capi-*

*tania-mór de Martim Affonso de Souza, escripto por seu irmão Pedro Lopes de Souza*, impresso em Lisboa em 1839, occupou-se da ilha e do seu descobridor que resolveram o problema da data do descobrimento. Com effeito, Varnhagen escreveu: "É bem conhecida a ilha de Fernão de Noronha, achada, como todos repetem, pelo portuguez de seu nome, sem dizerem, porém, ate agora em que anno. Tinhamos emprehendido um trabalho para mostrar ter sido esta ilha descoberta pela Armada de seis vélas que foi ao Brasil em 1503, fundados sobre considerações nauticas e geographicas, quando encontramos no Real Archivo da Torre do Tombo documentos que nos tiram toda a duvida. Consistem estes documentos em doações desta ilha (chamada então de S. João) ao descobridor e seus successores, sendo a primeira a 16 de Janeiro de 1504, em que El-Rei diz que fazia doação a Fernão de Noronha da capitania da ilha que elle *novamente achara e descobrira*." Varnhagen, depois de reproduzir dois documentos e alludir a outros, conclue: "Fica portanto sabido que o descobrimento da ilha de Fernão de Noronha foi em 1503. Agora avançamos mais. Sendo, pelas combinações referidas na nota precedente (comparação que Varnhagen faz da relação de Americo Vespuccio sobre a posição da ilha, com outras relações e calculos nauticos) inquestionavelmente esta ilha descoberta em Agosto de 1503, pela Armada de seis vélas, das quaes, naufragando duas, se apartou o capitão-mór com duas da companhia de Americo, temos que o capitão-mór retrocedeu a Lisboa a dar parte deste achado, e que não pôde deixar de ter sido Fernão de Noronha, porquanto ao commandante é que sempre tocava a honra do descobrimento, e o tempo que medea antes de 16 de Janeiro de 1504, não mais que o sufficiente para fazer, naquelles tempos, a volta, contractar o arrendamento da ilha descoberta e por fim andar como pretendente a supplicar a doação e capitania pelos paços reaes." Ha a observar, porém, o seguinte: Varnhagen affirma que a ilha foi "inquestionavelmente" descoberta em Agosto de 1503, quando, segundo Frazão de Vasconcellos, existem memorias que dizem ter sido num dia de S. João e que por isso foi primeiramente chamada de S. João Baptista. Tambem Varnhagen, ao que parece, ignorava a graphia ou a verdadeira denominação da ilha, que dá sempre como sendo de Noronha, julgando, provavelmente, ser *Loronha* forma adulterada daquelle appellido. O illustre historiographo Antonio Baião, director do Archivo Nacional da Torre do Tombo, num dos capitulos da *Historia da Colonisação Portugueza do Brasil*, pretende referir-se a Fernão de *Loronha*, com grande cópia de documentos. E no livro que prepara sobre *Genealogias de Navegadores Portuguezes*, Frazão de Vasconcellos exhibirá novos elementos de informação, capazes de elucidarem definitivamente o caso.

## Cultura estrangeira

Alfredo Pimenta é um exquisito temperamento de poeta e de esthéta. Não se contenta em ser autor de formosos versos, compôr paradoxos, assignar ensaios de critica ou de arte. Talento capaz de todas as formas literarias, é fino chronista, commentador perspicaz, subtil analysta. No *Diario de Noticias*, de Lisboa, mantém elle uma secção *Cultura estrangeira*, em que divulga, aprecia e trata de tudo quanto de interessante ou notavel se passa no mundo das idéas ou do pensamento. Num dos ultimos numeros do diario lisboeta, occupa-se, em notas eruditas ou



cheias de observações pessoais, de varios assumptos, entre os quaes a psychologia de Freud, a doutrina da soberania de Hawmon, do poeta Maurice Du Plessys, de Walter Pater, etc. Não esqueceu tambem de referir-se á nossa revista, e em duas notas commenta assumptos versados pela *America Brasileira*. Sob o titulo *A antroposociologia brasileira*, escreveu elle: "No ultimo numero da importante revista do Rio de Janeiro, *America Brasileira* (Setembro, 1923), o Sr. Oliveira Viana chama as atenções para um problema muito complexo da Sciencia — o problema antroposociologico. Começa por lembrar que e nos trabalhos de Gobineau e de Durand de Gros, o primeiro um dilettante de genio, segundo um philosopho de segunda ordem, que se origina a Antroposociologia, a qual e, mais tarde, systematizada por Ammon e Chamberlain, entre outros. Não acompanhamos o Sr. Oliveira Viana neste juizo critico, nao so porque os trabalhos de Gobineau ainda nao são Antroposociologia, mas tambem porque a obra de Chamberlain não é systematização alguma de doutrinas antroposociologicas. A Antroposociologia é obra de dois espiritos — Vacher de Lapouge e Ammon. Não ignoro que Vacher de Lapouge diz que o homem de genio da Antroposociologia foi Gobineau. Cumprimento galante do sabio, mas contrario aos factos, pois que o Conde de Gobineau não foi homem de sciencia. Foi Bichat quem creou a Biologia, e Comte quem creou a Sociologia; no emtanto, antes delles, houve trabalhos biologicos e sociologicos. A Antroposociologia, sciencia, data de Lapouge e de Ammon. Depois, tem sido a abundancia. O Sr. Oliveira Viana considera o Brasil um campo admiravel para investigações antroposociologicas — pela concurrencia de tres racas: a negra, a vermelha e a branca. Estamos de accôrdo, e bom seria que a Sciencia brasileira se dedicasse ao assumpto. Parece-nos, porém, que o Sr. Oliveira Viana põe o problema simples e facil de mais, quando affirma que, no Brasil, dada a ausencia de certos preconceitos e interdições, a orientação de cada uma das racas será a resultante exclusiva das suas respectivas hereditariedades. Para julgarmos o seu comportamento local, de accôrdo. Mas para inferirmos a sua capacidade integral, não." A proposito de um livro de Oswald Spengler, o philosopho allemão que foi objecto de um estudo do nosso director, publicou ainda os seguintes commentarios: "No mesmo dia em que, por acaso, adquiriamos a traducção espanhola da 1ª parte do 1º volume da fundamentadissima obra de Oswald Spengler — *A Decadencia do Occidente* (Madrid, Calpe, 1923), chegava-nos do Rio de Janeiro o numero de Novembro de 1923 da *America Brasileira*, onde se lê um longo e erudito ensaio do Sr. Elysio de Carvalho, consagrado, a pretexto das transtomagens do pan-germanismo, aos tres grandes pensadores allemães — Spengler, Keyserling e Mann. O ensaio do Sr. Elysio de Carvalho trata mais de Spengler, ou mais desenvolvidamente do pensamento de Spengler, do que dos outros dois. E dahi o aproximarmos o conhecimento que fizemos do livro do conhecimento que fizemos do ensaio. A traducção castelhana do livro de Spengler é precedida de uma introdução ligeira, mas elucidativa, do Prof. José Ortega y Gasset, da Universidade de Madrid. Elle nos diz que a obra de Spengler é, antes de mais nada, uma philosophia da Historia. E explica: Se Einstein quer uma physica que não seja mathematica abstracta, mas só propria e puramente physica; se Uxkull e Driesch querem que a biologia seja só biologia e não physica applicada aos organismos; se Hegel dá como origem dos acontecimentos humanos a dialectica abstracta dos conceitos, e Buckle, Taine e Ratzel fazem derivar a historia da geographia, e Chamberlain da antropologia, e Marx da economia — Oswald Spengler deseja dar uma interpretação historia da Historia, vendo na "Cultura" o verdadeiro objecto historico. Está bem. Mas realizou Spengler o seu proposito? Elle diz-se discipulo de Goethe e de Nietzsche. De Goethe, no methodo, de Nietz-

che nos problemas. Mal tivemos tempo de folhear vagarosamente estas trezentas paginas da metaphysica sociologica e, quando Deus quer, de uma hiper-metaphysica nevoenta. Mas porque sentimos que alguma cousa de novo e profundo ha a colher do estudo das paginas de Spengler, tomamos o compromisso de voltar a ellas — numa das chronicas futuras. Por hoje, limitamo-nos a dar, em meia duzia de palavras, uma impressão do ensaio do Sr. Elysio de Carvalho na parte que se refere a Spengler. Spengler é anti-marxista, se bem que socialista. É um socialista autoritario, anti-liberal e anti-democratico. Para Spengler, ha tres povos, na Europa, de tendencias hegemonicas: os espanhões, os inglezes e os prussianos, e o seculo XIX é um campo de batalha em que se chocam dois espiritos — o espirito inglez, individualista, e o espirito prussiano, socialista. Porque para elle o latinismo se confunde com o catholicismo, condemna um e outro, abrangendo nessa condemnação a civilização mediterranea filha de Roma. Para elle, Luther, porque libertou o Imperio da influencia papal e tornou possivel o advento da Prussia, é uma grande figura. O Sr. Elysio de Carvalho encontra a cada passo pontos de contacto entre Spengler e o historiador celebre Treitschke. Tantos são esses pontos que escreve que quando se está a ler o "Prussianismo e o Socialismo", ultima obra de Spengler, se tem a impressão de se estar lendo a "Historia da Allemanha", a obra mais celebre de Treitschke." Alfredo Pimenta, de quem acabamos de ler uma entrevista na *Ilustração Portuguesa*, feita por João Amaral, é um espirito muito curioso e sobremaneira encantador, e delle nos occuparemos num dos nossos proximos numeros.

#### Comedia Eufrosina

Sobre a "Comedia Eufrosina" de Jorge Ferreira de Vasconcellos, publicaram ha tempos os "Anais das Bibliothecas e Arquivos", de Lisboa, as seguintes interessantes notas bibliographicas. Vêm a proposito da impressão que fez Aubrey F. G. Bell, conforme a edição de 1561, em 1918, publicada pela Imprensa Nacional de Lisboa, e dos opusculos "Comedia Eufrosina de Jorge Ferreira de Vasconcellos, notas á margem do recente estudo do Sr. Aubrey F. G. Bell, sobre a edição de 1561, por J. M. Teixeira de Carvalho, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922, e "Notas de um escrivão do povo", por J. Teixeira de Carvalho, com um prefacio de D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922. Da "Eufrosina" escrevem os "Anais" ha noticia de uma edição de 1560, impressa em Coimbra, a qual é citada concisamente por Brunet e minuciosamente descripta por Salvá (*Cat. n. 1.254*), e que nenhum portuguez a logrou ver. Além dessa existe a de 1561, Evora, a de 1566, duvidosa tambem até hoje, mas de que se descobriu uma copia manuscrita na bibliotheca da Universidade de Coimbra, e de que havia apenas menção nas preliminares da traducção castelhana de Don Fernando Balesteros y Saavedra, reedição de 1735, a de 1616 e a de 1786. Em tempo, D. Carolina de Vasconcellos formulou duas hypotheses: a de uma edição-principe de 1554, ordenada e custeada pelo principe D. João de Portugal, a quem é ridigido o proemio, e a de uma mera elaboração "manuscripta", nessa data, para original da impressão; e, destas duas hypotheses, parecia-lhe a segunda mais verosimil. O Sr. Aubrey Bell, no prologo de sua

edição de 1919, duvida da existencia da de 1590. suppondo ser de 1561 o exemplar visto por Salvá. O Sr. Teixeira de Carvalho, e com elle os "Anais", nega valor aos argumentos em que o Sr. Bell pretende apoiar o seu parecer. A edição de 1560 diz, segundo Salvá, "de nova revista; e em partes accrescentada. Impressa em Coimbra"; e a de 1561, "agora novamente impressa" o que a caracteriza como "segunda", pelo menos. Além d'isso, a vinheta da edição de 1560, descripta por Salvá, tem tres figuras, e a edição de 1561 só duas; na de 1560, o prologo termina na pagina 12 e na de 1561, na pagina 16; naquella a comedia conclue na pagina 347 e nesta na pagina 484. Além de tudo isto, Heredia (n. 2.397), catalogando o exemplar de Salvá que lhe foi parar ás mãos, repete a mesma data de 1560 na transcripção do rosto. A edição incompleta que existe no Museu Britannico não é, como suppoz Menendez y Pelayo, a de 1560, mas a de 1561, como supõe o Sr. Bell. Salvá, que não conferira esta ultima, julgou tratar-se da de 1566, que se cita na traducção castelhana de 1735; mas hoje, perante o de 1561, facil é demonstrar que se enganou. Faltava descobrir prova, em Portugal, da existencia da edição de 1566, o que fez o Sr. Teixeira de Carvalho, encontrando na bibliotheca da Universidade de Coimbra, um manuscrito de Joaquim Ignacio de Freitas, antigo revisor da imprensa da Universidade, no qual se achava uma confrontação, por ella feita, da edição de 1566 com a de 1786. Teixeira de Carvalho, attentando sobretudo na primeira das hypotheses formuladas por D. Carolina de Vasconcellos, inclinase para que não fosse a de 1560 a primeira edição do "Eufrosina", sem dar, porém, razão convincente de seu parecer. O problema ficou ainda por ser elucidado.

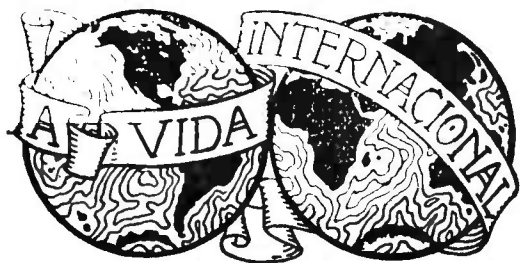
#### Livros novos

Acaba de apparecer, editorado pelos Sr. Aillaud & Bertrand, o XIX volume da *Anthologia Portuguesa*, que é dedicado a Antero de Figueiredo e contém uma introdução de Agostinho de Campos, seu organizador. Os mesmos editores publicaram ainda *Os Pescadores*, de Raul Brandão, o forte escriptor de *Humus*, livro este que, traduzido para o castelhana, alcançou brilhante exito. Annuncia-se para muito breve mais um livro de Aquilino Ribeiro, o *Romance da Raposa*, escripto para as crianças. Por fim, a Livraria Santos, do Porto, publicou sob o titulo *Camillo*, e prefacio de Alberto Pimentel, um livro de pensamentos e conceitos do celebre romancista ácerca do amor e das mulheres.

#### Livros recebidos

Recebemos os seguintes: Conde de Sabugosa: *Bobos na corte*, obra posthuma e prefaciada por Ayres d'Ornellas, Lisboa, Portugal, 1924; Rosa Sylvestre: *Diferença de raça*, romance, Lisboa, Portugal, 1923; André Brun e Carlos Selvagem: *Auspicioso enlucce*, comedia em tres actos, Lisboa, Portugal, 1923; Ricardo Jorge: *A proposito de Pasteur*, discurso, Lisboa, Portugal, 1923; Fidelino de Figueiredo: *Historia da literatura classica*, segunda época (1580-1756), continuação, e terceira época (1756-1825), Lisboa, Portugal, s[d]; e Antonio Botto: *Motivos de belleza*, verso e prosa, Lisboa, Portugal, 1923.

# REPERTÓRIO



## Como a Inglaterra reconheceu a Rússia dos Soviets

Podemos dar aos leitores o texto da nota do governo britannico, reconhecendo *de jure* o governo dos soviets, que foi subscripta pelo encarregado de negocios da Inglaterra em Moscow: "De accordo com as instruções do meu governo, tenho a honra de informar a V. Ex. que reconhece a União das republicas soviéticas como o governo *de jure* dos territorios do antigo Imperio Russo, que reconhecem a sua autoridade. Afim de criar tambem condições normaes de re-



**I. KALININ**, chefe do comité central executivo dos soviets, cargo que equivale ao de presidente da Republica. Não confundir com o cargo de chefe dos commissarios do povo, que exercia Lenine e foi substituido por Rykoff e que é uma especie de presidente do Conselho de Ministros.

lações completas, amigaveis e commerciaes, será necessario concluir accordos praticos em definitivo sobre diversas questões. Dessas, algumas não têm relações directas com a do reconhecimento; outras, ao contrario, lhe estão intimamente ligadas. Nessa ultima categoria, pôde ser collocada a dos tratados existentes. O governo inglez sabe que o reconhecimento do governo sovietico porá automaticamente em vigor, de accor-

do com os principios acceitos em direito internacional, todos os tratados celebrados entre os dois paizes anteriormente á revolução russa, salvo quando tiverem sido denunciados ou, juridicamente, deixado de existir. E' evidente que aos dois paizes será vantajoso regularizar simultaneamente com o reconhecimento a situação concernente a esses tratados. O problema da regularização das reivindicações existentes de um governo e seus nacionaes contra o outro governo e seus nacionaes, assim como o do restabelecimento do credito da Russia, não estão technicamente em relação com o reconhecimento, mas são da maior importancia. E' igualmente manifesto que as relações não se poderão considerar amigaveis e perfeitamente estabelecidas, enquanto qualquer uma das duas partes tiver razões para suspeitar que a outra se entrega a uma propaganda contra os seus interesses e as suas administrações. Nessas circunstancias, o governo inglez convida o governo russo a enviar a Londres o mais breve possivel representantes investidos de plenos poderes afim de discutir essas questões e assentar as bases preliminares de um tratado completo para regular todas as questões pendentes entre os dois paizes. Nesse interim, servirei na qualidade de encarregado de negocios, aguardando a nomeação de um embaixador. Estou incumbido de informar a V. Ex. que o governo inglez se sentiria feliz recebendo um encarregado de negocios russo, representando o governo da União das Republicas dos Soviets junto á côrte de St. James."

## Exposição Missionaria no Vaticano

Um communicado epistolar de Henry Wood, da *United-Press*, informa que a exemplo das grandes nações, que de tempos a tempos organizam exposições internacionais com o fim de demonstrar o seu progresso e os seus feitos, o Vaticano acaba de resolver a realização, no anno proximo vindouro, da sua primeira exposição internacional missionaria.

O certamen será installado nos famosos pateos do Vaticano e terá por fim demonstrar a todo o mundo tudo quanto a Igreja Catholica realizou nos modernos tempos no sentido não só de levar a religião catholica aos mais longinquos recantos do universo como de levar com a palavra religiosa a civilização moderna e a instrução.

A exposição se prolongará por quasi todo o anno de 1925, que por ser o anno do Jubileu e tambem a primeira vez que se reune o Conselho Economico, desde 1870, dará occasião a que se reuna em Roma grande massa de catholicos de todas as partes do mundo.

O Vaticano expediu instruções aos seus quatrocentos missionarios espalhados pelo mundo, pedindo-lhes material para a exposição, os quaes constarão não só da demonstração do progresso realizado na obra de conversão de indigenas á religião catholica, como tambem do trabalho efectuado pelos missionarios em desenvolver os meios de existencia dessas popula-

ções e inicial-as nos mysterios da civilização moderna.

De facto, o objectivo principal da exposição será demonstrar as modificações verificadas na obra missionaria nestes ultimos annos. Longe de afirmar pelo seu caracter puramente espiritual, esse trabalho tornou-se tambem de feição accentuadamente material, e a acção dos missionarios catholicos é hoje uma collaboração intima da religião com a civilização moderna, onde quer que esta ainda se faça ausente.

A exposição se dividirá em duas secções — a scientifica e a ethnographica.

Na primeira, por exemplo, serão expostos todos os mappas das regiões em que operam os missionarios. Taes mappas serão apresentados em escala bastante grande e detalhada, de fórma a dar completa idéa do paiz, dos obstaculos e difficuldades naturaes a vencer, da localização de todas as tribus e das instituições alli criadas tanto para as necessidades espirituas como para as materiaes.

Tão interessados se mostram os missionarios em exhibir convenientemente os resultados da obra que vão realizando, que só uma missão italiana na Africa pediu o espaço de tres mil metros quadrados. Mas em virtude da área limitada dos pateos do Vaticano, esse espaço solicitado teve de ser grandemente reduzido.

O mesmo interesse já se manifestou por parte de outros missionarios, taes como os das Philippinas e das ilhas do Pacifico Meridional em geral da Patagonia, Asia, Africa e America do Sul, com toda a bacía do Mediterraneo, especialmente a Asia Menor, a India, China, Australia, etc., emfim de todos os reconditos do mundo, os representantes da igreja respondem com entusiasmo ao toque de reunir para a grande revista.

E' muito provavel mesmo que os pateos do Vaticano não comportem tudo quanto os missionarios têm para mostrar e que os jardins do palacio se vejam invadidos.

Muitas das missões fazem grande empenho em mandar a Roma aborigenes das tribus por elles civilizadas, que serão exemplo vivo da obra de civilização e de progresso da igreja catholica. Parte tambem muito curiosa da exposição será sem duvida a ethnographica, que constará de informações sobre a vida primitiva das tribus antes da chegada dos primeiros missionarios, e será uma interessante revista de instrumentos, idolos, armas, moveis, utensilios de cozinha, vestes, barcos, etc., etc.

O Vaticano faz particular empenho que na exposição figure tudo quanto se relacione com a vida religiosa primitiva das tribus indigenas, antes que lhes fosse levada a palavra christã; e além dos idolos, os missionarios foram solicitados a enviar reproduções dos moveis, vestimentas e adornos usados pelos sacerdotes e chefes religiosos dos aborigenes por elles catechizados.

Por outro lado os missionarios exhibirão tudo quanto têm produzido nas suas colonias agricolas, escolas profissionaes e outras instituições por elles fundadas nas regiões em que realizam a sua obra de benemerencia.

## Os trabalhistas ingleses

Em nosso ultimo numero, a proposito da subida ao poder na Inglaterra dos trabalhistas, com o gabinete Macdonald, demos as origens desse partido e a sua crescente significação na politica britannica, até conseguir o poder. E' interessante referir agora aos leitores a synthese das suas doutrinas, consubstanciadas em programma: Macdonald, além de numerosos artigos, tem publicado muitos volumes onde expõe os principios em que se fundam as doutrinas que advoga. Entre esses volumes contam-se os da Bibliotheca socialista.

E' contra a guerra de classes e contra a revolução, isto é, contra Karl Marx. "O socialismo continental é um producto do materialismo dogmatico, que tem por ideia fundamental a guerra das classes; entre nós (refere-se aos ingleses) o caracter distinctivo do pensamento socialista é o humanismo; interessa a toda a sociedade"

Não é verdade (segundo Macdonald) que os interesses do proletariado e da burguezia se opponham tão radicalmente como se quer suppôr; não formam dois blocos independentes. Em cada um ha diferenças, opposições consideraveis, ao mesmo tempo que esses dois blocos se tocam e penetram noutros pontos. Mais importante é o conflicto entre consumidor e productor. A guerra de classes não conduz a nada; é puramente destructiva.

O socialismo britannico, diz Macdonald, é evolucionista e não revolucionario. Uma sociedade não se reconstrue de alto a baixo como um predio; é um organismo que progride segundo leis biologicas. Repudia o sindicalismo revolucionario, que teve certa voga entre 1910 e 1912. Não admite a acção directa nem a greve geral, que conduzem á anarchia e não ao socialismo.

*Ordem e legalidade* são as condições indispensaveis para garantir a *liberdade individual*, pelo menos nas condições de existencia moderna. Tampouco se concebe a existencia duma sociedade em que os varios grupos de trabalhadores, dado que possuam todos os instrumentos de produção de sua industria, se sobreponham simplesmente; os interesses dum grupo não podem ser considerados independentemente dos outros. E' necessario uma entidade superior que os harmonise: é o Estado. O Estado *parlamentar* é essencial ao socialismo. Os principios em que se baseia a Constituição britannica são perfeitamente conciliaveis com as doutrinas socialistas, mesmo no regimen monarchico (these defendida por Macdonald em duas brochuras, *Socialismo e Governo*).

Foi assim que em 1920 condemnou abertamente o programma do *Partido trabalhista independente*, que preconizava a acção directa, a violencia: condemnou-o porque nenhum regimen pôde dispensar a opinião publica. Foi assim também que sempre se oppoz á implantação do communismo em Inglaterra, que muitos proletarios britannicos (principalmente na Escocia) desejariam. A revolução bolchevista é inimiga do socialismo e por isso Macdonald tem usado de toda a sua intelligencia para contrariar a filiação dos socialistas ingleses na Internacional de Moscow. O que não quer dizer que não considera necessario

o reconhecimento do governo da Russia.

Se não admitta a guerra de classes, não admitta também um governo de classe ou uma legislação de classe. Se os capitalistas não são capazes de considerar o bem da collectividade, o trabalhador no poder mostrará a mesma parcialidade, occupando-se só de si. E' preciso equilibrar os interesses do productor e do consumidor.

Em materia de politica internacional, advoga o pacifismo integral. Os exercitos são os causadores das guerras. Em 1914 entendia que a Inglaterra devia conservar-se neutral, apesar da invasão da Belgica. Em 1917 (Abril), durante a guerra, desejava partir para Stockholm, para assistir ao Congresso socialista onde participavam os allemães; não partiu, porque o governo não lhe deu passaportes, nem encontrava quem o transportasse. Em Julho do mesmo anno, invocando certa moção do Reichstag, convida o governo a formular as condições de paz, entendendo-se com os alliados.

Condemna a diplomacia secreta. Condemna a politica exterior britannica: a continuidade da politica exterior é um embuste, destinado a cobrir o espirito de casta, de favoritismo, de intriga, de mysterio, de duplicidade que floresce no Foreign Office. Quem assim se exprimiu é hoje ministro dos estrangeiros da Grã-Bretanha. Irá pôr os seus actos concordantes com as suas palavras?

As relações franco-britannicas irão melhorar? Macdonald condemnou sempre a occupação do Ruhr; quer a redução das reparações (mas queria também reduzir ou annullar as dividas interalliasdas); quer a revisão do tratado de Versailles; mais largas attribuições á Sociedade das Nações (segundo o espirito de Wilson); o desarmamento geral, etc. Desconfia do imperialismo e militarismo da França (a nosso ver injustificadamente). Como se vê, não ha aqui materia para uma approximação. Mas confiemos na sinceridade dos seus propositos e na força da sua fé!

## O ouro no mundo

Um desses financistas theoreticos, estudioso e idealista, escrevendo ha pouco, num diario norte-americano, fez esta pergunta, realmente suggestiva:

— Que quantidade de ouro ha em circulação no mundo?

Desde o descobrimento da America, temos numa revista economica de Buenos Aires, — a quantidade de ouro que sahiu da exploração das minas para a circulação attinge, mais ou menos, a 19 mil milhões de pesos. Desta quantidade, as sciencias e as artes absorveram 10 mil milhões, restando, portanto, 9 mil milhões, para fins commerciaes e financeiros. Era este o *stock* total do ouro disponivel no mundo, em Julho e Agosto de 1923. Em 1913, isto é, antes da guerra, os Estados Unidos, segundo affirma o referido articulista americano, tinham 20 % de todo o ouro existente em circulação no mundo. Em 1923, essa percentagem subiu a 40 %. Isto é um indice de victoria, que se não computou na mesa de Versailles. Ainda de accôrdo com uma estatística levantada pelo financista "yankee", dos "stocks" de ouro existentes no mundo, em 1923, a Inglaterra tinha 9,5 %, a França 8,9 %, o Japão 7,7 %, a Allemanha 2,9 %, a Italia

2,7 % e a Austria 0,1 % Não desejamos adiantar opinião sobre a veracidade destes algarismos que, aliás, citamos apenas como curiosidade recreativa. Se, porém, dermos credito á asserção anterior, de que 10 mil milhões de pesos têm sido consumidos em joias ou artigos de joalheria, somos forçados a concluir que o ouro do mundo só tem servido para manter, através dos seculos, uma luta tenaz entre a vaidade e a avareza. E o peor é que parece ter a vaidade vencido a avareza. Tudo demonstra que o afan ornamental tem podido mais do que o afan commercial.

E' uma batalha interessante: o ouro do mundo está sendo eterno objecto de guerra entre a vaidade e o egoismo, talvez as duas maiores paixões humanas.

O ouro que nos decora e o ouro que nos enriquece têm, no fim de contas, nessas duas fórmas distinctas, o mesmo impulso essencial: — a dominação.

No estudo da sua missão social e commercial, não deixa pois, o ouro de dar motivo até a divagações philosophicas.

# HOMENS e COUSAS ESTRANGEIRAS

Bergson e William James

Bergson procede de William James, William James procede de Bergson? E' difficil de dizer, quando se acabou de ler a primeira parte do *William James bergsoniano*, do Sr. Floris Delattre, na *Revista Anglo-Americana*. Bergson diz, com effeito, que, pelo menos, tirou tanto do seu grande amigo quanto lhe emprestou. James, por outro lado, embora 17 annos mais velho do que Bergson, declarou publicamente em Oxford, em 1908, que Bergson é um "verdadeiro magico" e que foi, graças a elle, que ousou "regeitar a logica e como ella todos os methodos intellectualistas". Numa carta de 1907 ao autor da *Evolução Criadora*, lhe annuncia o seu engajamento no exercito bergsoniano, "vós o capitão, eu na fileira". O Sr. Delattre annuncia a sua intenção de publicar em breve um volume, na Casa Payot, de extractos da correspondencia Bergson-William James. Promette também a publicação de um trabalho sobre *Bergson e a Inglaterra*, no qual serão examinadas, de um lado, as fontes inglesas do pensamento de Bergson, e, do outro, as condições do exito e da influencia bergsoniana na Inglaterra.

Anne Garborg

Morreu em Christiania, com 72 annos, o notavel dramaturgo norueguez Arne Garborg, uma das mais formosas intelligencias litterarias do seu paiz, nos ultimos tempos. Romancista, dramaturgo, poeta e jornalista, teve uma forte in-

## BREVEMENTE HISTORIA DA MUSICA BRASILEIRA DE RENATO ALMEIDA

Editor: ALVARO PINTO

ANUARIO DO BRASIL

fluencia sobre o publico norueguez. A sua primeira mocidade foi sombria, não só pela severa educação puritana que recebeu, como pelo suicidio de seu pae, camponez de muita intelligencia mas cheio de preconceitos religiosos. Arne Garborg, no romance psychologico *Fred (Paz)*, contou a vida tragica do seu pae e num outro, *Bondestudentar (Estudantes pobres)* descreveu a vida miseravel de proletarios intellectuaes, dos estudantes pobres de Christiania. Em 1890, o espirito inquieto e profundamente religioso de Garborg pendeu para o neo-romantismo e em dois volumes de meditações religiosas *Don Burtkomme faderen (O pae perdido)* e *Jesus Messias*, assim como no drama *Laeraren (O mestre)* pregou uma doutrina muito semelhante á de Tolstoi. No poema epico *Haugtussa*, hoje livro classico na Noruega, descreveu magistralmente as suas lembranças de infancia e a natureza do seu paiz natal. Arne Garborg, que ha quarenta annos, era o principe das letras norueguezas, que enriqueceu tambem com notaveis traducções, inclusive uma de Homero, muito estimada, gosa-va de um prestigio extraordinario na Noruega e, ha dois annos, ao completar 70 annos, foram celebradas grandes festas em sua honra, sendo-lhe tributadas as mais altas homenagens.

#### Os super-homens

A Universidade de Washington destacou 18 vultos da Humanidade, que julga os maiores factores do bem e do progresso humano, sendo tres inglezes, um escossez, um rumeno, um francez, um hebreu, um hollandez e um norte-americano, os quaes figurarão, em bustos modelados pelo esculptor Allen Clark, de Tanoma, na Bibliotheca da dita Universidade e, em pequenas estatuas, na fachada do mesmo edificio. São os seguintes os nomes escolhidos pela congregação:

Homero (que floresceu cerca de 1.000 A. C.), poeta grego, autor da "Illiada" e da "Odyssea".

Dante (1265-1321), poeta italiano, autor da "Divina Comedia".

Goethe (1749-1832), allemão, poeta e philosopho.

Shakespeare (1564-1616), dramaturgo inglez.

Leonardo da Vinci (1451-1519), artista italiano, autor do famoso quadro a "Ceia do Senhor".

Beethoven (1770-1827), musico e compositor allemão.

Moysés, chefe religioso hebreu.

Platão (429-347 A. C.), philosopho grego.

Herodoto (484 A. C.), historiador grego.

Justiniano (483-565), jurisprudente e politico romano.

Grotius (1583-1645), hollandez, notavel jurista internacional.

Adam Smith (1723-1790), sociologo escossez.

Darwin (1809-1882), biologista inglez, autor da "Origem das especies".

Gallileu (1564-1642), cientista e astronomo italiano.

Newton (1642-1727), mathematico inglez.

Pasteur (1822-1895), physico e giologista francez.

Guttenberg (1400-1468), allemão, inventor da imprensa.

Benjamin Franklin (1706-1790), cientista americano, jornalista-editor e estadista.

#### Edmond Picard

Foi o poeta do direito. Não se tome em qualquer sentido menor essa expressão, que aqui deixamos no seu mais elevado significado, para dizer toda a emotividade que causa a leitura do seu *Droit Pur*, em que a idéa do direito ga-

nhu o fulgor de um temperamento de poeta. Escreveu Picard muitas outras obras, foi advogado de pleitos notaveis, jurisconsulto e literato, mas a sua grande obra é o *Droit Pur*, vertido para todas as linguas, e em cuja leitura se arrimam e vibram todos os jovens esrudantes de direito, diante da essencia pura dessa criação extraordinaria, cuja poetica tanto os desilludirá mais tarde, deformando-a ao embate dos interesses e circunstancias. O bem de Edmond Picard se tornou familiar em todos os centros de cultura, pois o seu grande livro não interessa apenas os juristas, mas a todos os que se dão aos estudos sociaes, através da indagação e psychologia. Entre as suas obras citam-se: "Essai sur la certitude dans le droit naturel" (Bruxellas, 1864; *Traité des brevets d'invention e de la contrefaçon industrielle*" (em collaboração com Olin Xavier, 1868); "Traité général de l'expropriation pour utilité publique", em duas partes: 1ª, "Code de l'expropriation" (1875); 2ª, "Traité de l'indemnité due á l'expropriété" (1876); "Bibliographie générale et raisonnée du droit belge" (1881-1885, 1887 e 1890), e muitas outras obras em collaboração com Larcier, Emile Picard, Hoffschmidt, ("Le code forestier belge dans ses rapports avec l'administration et le droit repressif"), Bonnevie, etc.

O jurisconsulto belga escreveu ainda varios trabalhos de literatura juridica e foi advogado celebre, notabilizando-se na questão Camille Lemonier, nos tribunaes de Paris, que lhe valeu a mais alta reputação de caudico.

#### Os Judeus

O *Anuario Americano Judeu*, publicado pelo Dr. Linfield, director do bureau de estatistica para o estudo social do povo judeu, contem uma estatistica fixando em 15.500.000 o numero de judeus em todo o mundo. Dois terços estão na Europa, um quarto na America; 8 % na Asia, Africa e Australia. Na Europa, 8.750.000 judeus estão num territorio que o Dr. Linfield chama "Europa judia-Central" e que corresponde á Ukraina, á Russia branca, á Lithuania, á Polonia, á Letonia, á Tchecoslavia, á Austria, á Hungria e á Rumania. Ahi estão 8% da população judia na Europa, contra 12 %, em média, nos demais paizes. Objecta-se que talvez esse calculo esteja hoje um pouco alterado,

pois os judeus refluíram, ultimamente, da Europa Central e Oriental para a Occidental. Na America ha, segundo o *Anuario*, 3.850.000 israelitas, sendo..... 3.600.000 nos Estados-Unidos; 126.000 no Canadá e 100.000 na Argentina. Na Asia, os judeus vivem sobretudo na Palestina (84.000) mas isso é apenas 11 % da população. Nos paizes arabes da Asia Menor (Syria, Mesopotamia e Arabia) ha cerca de 140.000, ou seja 1 1/2 % da população desses paizes. Na Asia Central e Septentrional, ha 350.000 e apenas 27.000 na Asia Oriental. Na Africa habitam 450.000, sendo que 50.000 na Africa do Sul. Na Australia ha 24.000 israelitas. As principaes comunidades judias são as de Nova York, com..... 1.643.000 israelitas, ou 45 % de população local, o que a torna a maior cidade judia do mundo, *Nova-Israel*; Varsovia, com 319.000, ou 48 % de população e Vienna, com 300.000, ou pouco menos de 15 % de sua população.



#### Conceitos de André Derain

De uma entrevista publicada em *La Revue Française* e obtida pelo Sr. F. Gilles de la Tourette, com o pintor André Derain, um dos modernos artistas francezes mais em voga e cujo obra poderosa impoz o seu nome numa atmospha de admiração e de entusiasmo, tiramos estes conceitos:

De *Cézanne* disse que já o estima menos. E' muito theorico, como se vê bem na sua obra, não realizando a fusão entre os diversos elementos. Numa obra de arte — ajunta — não se deve sentir a preocupação do meio e o pintor não deve mostrar o processo ou a estrutura da obra. E em *Cézanne* se sente o esforço que lhe custou cada realização. Pintar é um prazer e dos maiores. A obra de arte deve ser libertada, como que dis-

#### OS EXERCITOS DAS GRANDES POTENCIAS

Si a função das forças armadas é de assegurar a ordem interna e defender o paiz das aggressões estrangeiras, garantindo-lhe a soberania e a prosperidade, é interessante saber a riqueza que defende cada soldado das 5 maiores potencias. Segundo o calculo feito pelo capitão do exercito norte-americano Elbridge Colby, cada soldado yankee defende 2.560.000 dollars da riqueza nacional, o inglés \$245.000; o francès, \$ 133.000; o italiano, \$ 120.000 e o japonês \$ 90.000. Segundo os calculos do mesmo official, os maiores exercitos do mundo são, em effectivos, o russo, com 928.000 homens; o francès, com 750.000; o japonéz, com 227.000; o inglés, com 256.000; o italiano com 250.000; o norte-americano com 136.619 e o allemão, com 100.000. Dest'arte, por 1.000 habitantes, a percentagem de soldados é de 19.13 % na França; 7.05 % na Russia; 6.44 % na Italia; 5.43 % no Reino Unido; 4.80 % no Japão; 1.64 % na Alemanha e 1.24 nos Estados Unidos. Os gastos com os exercitos nesses paizes, sobre a renda total, é de mais de 33,74 % na Russia; de 18,66 % na França; de 16,19 % no Japão; de 14,90 % na Italia; de 9,52 % no Reino Unido; de 7,75 % nos Estados Unidos e de 3,02 % na Alemanha. Os gastos dos Estados Unidos, com a defesa militar são de \$ 509,096.799, ou 13,5 % sobre a despesa total do paiz, fixada para o anno fiscal a findar em 30 de Julho do corrente anno, em \$ 3.765.496.386. Só com o exercito, os Estados Unidos gastam \$ 318.439.555. A sua renda é de ..... \$ 4.109.104.150. E' o seguinte o quadro da renda geral das sete maiores potencias, em moedas nacionaes, e os gastos com os seus exercitos, cujas percentagens demos acima:

Paiz	Renda	Despesa com o exercito
E. Unidos	4.109.104.150	318.439.555
Reino Unido	1.216.650.000	115.870.500
França	22.450.900.000	4.190.000.000
Allemanha	92.220.816.000	2.786.000.000
Russia	2.197.000.000	741.000.000
Italia	17.497.409.000	2.607.043.000
Japão	1.563.000.000	253.000.000

farçada por esse dever. Não creio que se faça uma obra-prima senão quando se trabalha com alegria. Sobre *Ingres* disse que nelle encontra grandes defeitos. O geito de seus corpos não tem unidade com a carne. Quando se distende o braço, que se vê? A carne e o seu contorno fictício no escorço não formam senão uma massa na luz. Uma das coisas mais difíceis em arte é fazer tudo á imagem da natureza; ou envolver o corpo de luz, tal como elle exactamente o é. Não raro não o tenho conseguido e, dizendo isso, mostrou ao seu interlocutor um retrato, em que não ha harmonia entre o corpo e a sua massa, ajuntando que tinha sempre sob os olhos esse quadro, por castigo. Perguntado sobre a hierarchia entre os mestres, disse que ha grandes pintores e pintores de genio, entre aquelles, por exemplo, Van Dyck e Werner; entre estes, Rembrandt e Watteau. Diante das obras dos grandes pintores muito se pôde aprender, deante das dos genios não se aprende nada. A obra destes é o *rhythm*. Watteau é Shakespeare, concluiu Derain, nem de um nem do outro aproveitareis uma lição util. Ninguem penetra nos seus processos. Interrogado se tinha preferencias por um typo de belleza feminina, respondeu que em absoluto, tudo o que vive é bello e a belleza é a vida. A "Venus de Cnide" não é superior a uma excellente "femme de ménage" de Renoir ou a "Bethsabée" de Rembrandt.

#### Hans Paap

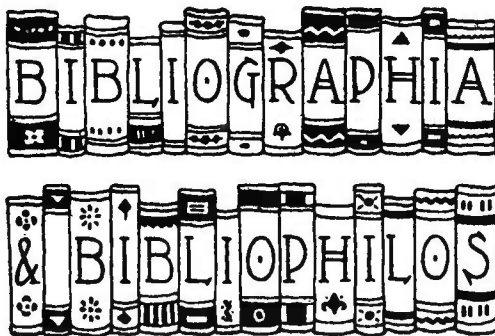
No *Salão* do anno passado expoz um pintor desconhecido, o que não é commum na monotonia igual da nossa amostra official: era Hans Paap, alemão. Revelou-se um pintor a que a nossa natureza eternamente fascinadora enchia de uma poesia nova, de uma nova sensação de vitalidade, vibrava numa radiancia inedita, por vezes barbara de cores. Montanhas, serras, mattas nosas surgiam sob as massas sempre verdes ou intensamente azues, a que faltavam esplendores de sol, luz vivida, longas perspectivas creando immensidades, diaphaneidades lucidas de céu, desenvolvimento planimetrico. Mas era incontestavel que havia em quadros taes um pintor de grandes recursos, um emocional. Tempos depois Hans Paap expunha no *hall* da Associação dos Empregados no Commercio. O mesmo artista do *Pedra bonita* que surgira no *Salão*, afóra nos quadros a carvão. Certa dureza em algumas de suas paisagens, ausencia de característica da natureza brasilica, erronea interpretação do motivo inspirador, tudo quanto já vira no *cnvio* do *Salão* se reproduzia na amostra individual, com excepção de telas em que o artista se mostrava mais identificado com a natureza, mais senhor do seu sentimento, mais fiel na apprehensão da sua psychologia varia e subtil. Hans Paap mostrava-se assim um pintor evolucionista, identificando o seu *eu* com a natureza e nos dando uma arte forte e belleza, reflexo do proprio temperamento, sem descer a modernismos exaggerados, a subjectivismos que no final de contas mais fixam incapacidade creadora e emocional do que habilidade manual e emoção. Nas paisagens de Paquetá a palheta de Hans Paap deunos com fidelidade e formosura, trechos felizes de bucolismo e de esplendor, mostrando-se o enamorado da natureza e o pantheista cheio de entusiasmo, que não sabe ser extranho ás bellezas da terra circumdante. Nas paisagens a carvão, Hans Paap provou ser um desenhista cuidadoso e elegante, como já provara ser um technico habilidoso nos trabalhos a oleo. Fechada a exposição que os nossos amadores não tiveram, infelizmente para elles, occasião de ver, Hans Paap voltou ao seio amavel da na-

tureza que o enfeiticava com a sua grandeza e a sua poesia fremente, buscando novos motivos de emoção e força. Já fizera Hans Paap o oleo e o carvão. Já revelara a sua arte estranha e suggestiva. E a natureza que tão encantadoramente se mostrava, que tão docil fôra ao oleo e ao carvão, agora veria resurgir nos pastéis de Hans Paap. Porque é de quadros a pastel e á aguarella que o vigoroso artista allemão vem de inaugurar uma exposição na Galeria Jorge, á rua do Rosario, 131.

Não precisa dizer que Hans Paap reafirma a sua sensibilidade subtil diante da natureza, que interpreta com fulgor, dando aos seus trabalhos uma nota pessoal, delicada e emotiva. Seu pincel vai cada vez apprehendendo mais a nossa luz, sentindo-a no encanto da sua esthesia joven.

Os seus pastéis e aguarellas que expõe fixando poentes e auroras da nossa natureza, revelam bem o grão de poesia em que se libra a alma desse pintor admiravel. Ha na exposição da Galeria Jorge trabalhos encantadores, feitos com mestria technica e luminosidade harmoniosa, como *Ilha Porchart* (Santos), de uma grande justeza de colorido, *Manhã cedo*, *Serra de Petropolis*, *Nuvens e céos* e *Bananeiras*.

Hans Paap maneja o pastel com grande habilidade e desembaraço, assim como a agua-tinta — generos em que a nossa terra, através da sua emoção, tem langores amaveis e exuberancias luminosas. Os desenhos que mostram aspectos mexicanos, como *Arvore mexicana*, *El Papocatepetl*, *Deserto mexicano*, dão a Hans Paap a recommendação de um forte temperamento artistico digno do melhor louvor.



Os jornaes revolucionarios de Marat

No catalogo da Bibliotheca do Conde de Nadailhac, tão rico de documentos da revolução, figura uma das tres collecções dos jornaes revolucionarios de Marat, estando uma das outras na Bibliotheca Nacional de Paris e a terceira na Bibliotheca do ex-Kaiser, em Berlim. Figuram: *Le Publiciste Parisien*, a mais importante das folhas revolucionarias, cujo primeiro numero trazia o sub-titulo: "Jornal politico, livre e imparcial, por uma Sociedade de Patriotas, e redigido por M. Marat, autor da *Offrande à la Patrie*"; esse jornal, succedido pelo *Ami du Peuple*, conta dos numeros um a cinco, para o *Publiciste Parisien* e de seis a 685, para o *Ami du Peuple*, impresso de 12 de Setembro de 1789 a 21 de Setembro de 1792; o *Journal de la République Française*, compreendendo 143 numeros, apparecido na Convenção e que substituiu o *Ami du Peuple*; o *Publiciste de la Révolution Française*, dos numeros 144 a 242, que deixou de apparecer no dia em que Marat foi assassinado pela celebre Carlota Corday. Essa collecção possui ainda numeros do *Oraleur du Peuple*, que Marat fez em casa de Freron, onde se refugiou, quando o comité das pesquisas resolveu accusal-o. Essa collecção teve

varios possuidores antes de chegar ás mãos do Conde de Nadailhac. Quem a possuiu em primeiro logar foi Simone Evrard, a amiga de Marat, sendo depois conservada por Albertine Marat, até 1835, quando a offereceu a Vuillaumé, historiador da Revolução que guardou com todo ciume, encadernando-a cuidadosamente. Em 1859 cedeu-a a Felix Solar. Este vendeu-a em leilão, por 1.500 francos, em 1860 ao principe Napoleão que, por sua vez, a revendeu vinte annos depois por dez mil francos, com o Voltaire de Saint-Maurice, á Livraria Fontaine. Foi dahi que veio ter ás mãos do bibliophilo Pochet-Deroche, e que foi na venda dos livros deste que o Conde de Nadailhac a adquiriu.

#### A maior bibliotheca do mundo

A Bibliotheca do Vaticano é hoje a maior bibliotheca depois que á mesma se reuniu a celebre bibliotheca Chingi. Essa livraria encontrava-se no Palazzo Chingi edificado por Alexandre VII e foi colleccionada por essa famosa e antiga familia romana. Entre os mais preciosos manuscriptos que ella possui, contam-se os sonetos do Tasso, vinte volumes do Tratado de Westphalia, um missal de 1459 e as chronicas de S. Bento e Sto. André. A collecção Chingi foi doada á Santa Fé pelo governo italiano. Consta que se vai organizar no Vaticano varias secções de literatura estrangeira, sendo a irlandeza, a chilena e a brasileira as primeiras que serão fundadas, estando muito empenhado pela organização da ultima o illustre embaixador Magalhães de Azeredo, que já teve ensejo de solicitar a todos os escriptores nacionaes o envio de suas obras á Bibliotheca do Vaticano, com a dedicatória manuscripta: "A S. S. Pio XI"

#### O index dos Soviets

Os soviets acabam de promulgar um decreto collocando no index todas as obras de philosophia, notadamente os livros relativos á religião e todas as Evangelhos, o Alkorão, o Talmud, as obras de Kant, Spencer, Descartes, Carlyle, Tolstoi, Kropotkine, Hégel, Nietzsche, etc. De Tolstoi são excluidos os romances. Essa resolução, que visa a reorganização das bibliothecas publicas, estende a sua prohibição ás biographias, criticas ou commentarios aos livros e philosophos postos no novo index. A circular relativa a esse decreto foi firmada pela senhora Kruskaya, mulher de Lenine, que estava então á frente dos serviços politicos dos soviets. Deus nos livre de commentar, com uma série de logares communs, a lista negra bolchevista, que noticiamos apenas, porque nos parece ridicula.

**Um romance norueguez:** O celebre escriptor norueguez, Knut Mamsun publicou um volumoso romance, intitulado *Siste Kapitel* (*O ultimo Capitulo*), em que conta a vida dos doentes num sanatorio das altas montanhas norueguezas, dando á descripção um fatalismo amargo e uma intensa piedade, caracteristicos do illustre romancista.

**Critica theatral:** O professor James Brander Matthews, um dos mais considerados criticos dramaticos norte-americanos, publicou *Playwrights on Playmaking and other studies of the stragl*, série de ensaios varios sobre theatro, anedotas, episodios interessantes, etc. Conta, por exemplo, no capitulo *Extranhas representações Shakesperianas* que, certa noite, numa mesma representação, o papel de Julietta foi representado por sete actrizes differentes.

**A venda veloz:** Segundo o "Chicago Tribune", as obras da romancista e naturalista americana, Gene Stratton-Porter, se vendem, há 17 annos, à razão de um exemplar por minuto.

**Shelley e a Italia:** Editado por Fratelli Treves, in-16, Giastosi de Courten, acaba de publicar um livro interessante e de grande emoção, segundo nos assegura o crítico das letras italianas em *I Libri del Giorno*, que diz não ser o livro apenas um limpido espelho de compreensão shelleyana na Italia, mas um excellentissimo instrumento de reconstrução critica e tambem de descoberta e conquista. E ajunta—Percy Bysshe Shelley deriva directamente dos nossos grandes, ha em todas as suas veias a inspiração italiana, fazendo o seu sangue o cauce que lhe deram os nossos poetas do seculo de ouro. Solicitou a essencia mais pura da nossa lyrica, é um cantor nosso, apesar das apparencias e das origens.

**Woodrow Wilson and the World Settlement** é o titulo de um livro que publicou o Sr Ray Stannard Baker, por suggestões de Wilson e com documentos fornecidos pelo proprio ex-presidente, o que torna o livro, sobretudo o seu terceiro volume, de um grande valor historico. O autor dirigiu o departamento de informações á imprensa norte-americana, na Conferencia da Paz.

**Uma viagem aos infernos:** Com este titulo, o Sr Curzio Suckert, do grupo dos jovens escriptores de Toscana, publicará em breve um livro, no qual contará todas as peripecias nas profundezas do Tartaro.

**A Cathedral Symbolista:** Trata-se de uma série de ensaios em que o Sr. Antoine Orliac estuda os escriptores que criaram esse grande movimento de lyrisimo e de arte, especialmente os que, perpetuando a tradição, enriqueceram-na com a sua contribuição pessoal. O primeiro volume trata de Mallarmé, Van Lerberghe, Rodenback, Gustave Kahn, Regnier e Viélé-Griffin.

#### Byron

Uma nova biographia do poeta será publicada pelo Sr. Rodocanachi, illustre critico italiano, por occasião do centenario da morte do creador de *D. Juan*, que passará este anno.



#### Valachische Musiekksp

É este o mais celebre musico da Tchecoslovaquia, agora nos Estados-Unidos, sob a direcção do seu regente, Sr. Seny Karel. Esses musicos, cantores e bailarinos, oriundos da Moravia, vestem as roupas nacionaes: o bonet de lã cinzento ou schapska, jaqueta bordada de flores (valaccka) e enfeitada com uma grande joia (contoulé). A sua ida á America, a pedido da associação catholica dos tchecoslovacos, visa fazer a propaganda da musica popular, pois esse conjuncto tem o mais vivo cuidado pela cõr local, que consegue dar de modo admiravel. Os programmas constarão de autores tchecos. Essa musica só possui cores e deve ser ouvida nas praças, sendo o seu repertorio não menos truculento

Encontram-se nella rythmos húngaros e melodias populares da montanhosa patria do grande Massaryk. Entre nós, a julgar pelo exito extraordinario dos maravilhosos coros ucranianos, seria estrondoso o successo de um tal conjuncto. Porque o illustre Sr. Ministro Haylasya não se interessa por essa visita do Musik-korps da Ukrania? Seria mais um favor que lhe ficariam a dever as relações entre os dois paizes.



Guilherme de Almeida: **NATALIKA** — Ed. da Candeia Azul. Rio — 1924. O poeta de *Messidor* nos dá em prosa um admiravel poema, ao mesmo tempo critica e interpretação esthetica. Neste livro o A. não só procura demonstrar que a arte é livre da natureza; mas ainda que e a sua negação. A argumentação é extremamente subtil e os paradoxos (que entende como "a verdade que ninguém ousou ainda afirmar") a conduzem, evitando os embaraços da prova que nos apresenta. Convenhamos em que essa não seria facil, sobretudo si dermos a natureza o seu sentido largo, e não o de paisagem. Se a arte é um phenomeno psychologico e se o homem e parte da natureza, como dissociar a natureza da arte? Fingar com o preconceito de imitação é indiscutivel necessidade e já se triumphou em absoluto, mas não importa tambem em tazer da natureza (mesmo no sentido restricto de realidades objectivas apparentes) função de nossa sensibilidade, o que parece uma aventura em psychologia, pois faz a compreensão preceder á percepção. *Nil in intellectu quin prius fuerit in sensu*. Mas, nesse livro, não é a these que interessa, e sim o desenvolvimento admiravel que lhe deu o poeta, através do seu estro. A arte é realmente livre e se realiza pelo espirito que se commove, independente da materia em que modela. Por isso *Natalika* é um livro delicioso, unido de uma grande emoção, essa emoção que fez do Sr. Guilherme de Almeida um verdadeiro poeta, cuja obra repercutiu tão intensamente em nossas letras. *Natalika* veio lhe dar mais fulgor, revelando, ao mesmo tempo, a preocupação do Autor em penetrar no espirito criador da arte, que tem quasi de especie eterna, para ser a negação da natureza.

Carlos Magalhães de Azeredo: **D. PEDRO II** — Ed. do "Anuario do Brasil" — Rio — 1924. — Trata-se de um estudo sobre a physionomia moral de D. Pedro II, que o illustre Sr. Magalhães de Azeredo publicou na *Revue de l'Amérique latine* e na *Antologia* de Roma, analysando, em seus multiplos aspectos, a figura empolgante desse monarcha, que, com sabedoria e justiça, governou por mais de meio seculo o Brasil. Admirador entusiasta do Imperador e das suas virtudes privadas, que mais realçaram na hora amarga do exilio, o Sr. Magalhães de Azeredo delle traça um magnifico perfil, fixando com justeza as linhas essenciaes de tão nobre character. Escripito com a sobriedade e o bom gosto, tão caracteristicos da feição intellectual do eminente autor, é um livro que merece ser lido com carinho por todos os brasileiros, que reconhecem, quaesquer que sejam as suas opiniões politicas, a grandeza de Pedro II.



O pintor Van Dongen

Vina Centi: **SEculo XX** — Alvaro Pinto, editor — 1923 — Livro amavel de chronicas, sobre o nosso meio, repondo varias de suas figuras representativas, feito com graça e malicia, cheio de observações, em que o bom senso procura com displicencia o seu logar, é escripto com verve e naturalidade, procurando reflectir multiplos aspectos de nossa vida social, em suas ninharias, inutilidades e degradações. *Seculo XX* nos dá um quadro movimentado e pittoresco, que se lê com agrado, esse agrado que ha sempre na maledicencia...

Amilcar Marchesini: **FOLHAS HISTORICAS** — Alvaro Pinto, editor — Rio, 1924 — Como o autor explica, este livro é uma série de chronicas, "simples narrativas, rapidos esboços de impressões de viagem, modestos estudos de psychologia social". Ha uma série de observações interessantes, anedoctas e commentarios opportunos feitos através de digressões historicas, a proposito das coisas europeas, suggeridas pelo contraste do destino dos povos e pela roda varia e incerta da fortuna de cada um delles. Sem pretensões literarias, diz o Autor, mas escripto com elegancia e discreção, este livro é de leitura agradável e atrahente.

I. Xavier Fernandes: **QUESTÕES DE LINGUA PATRIA** — Alvaro Pinto, Editor — Rio — 1924. — Deste livro falarão melhor os entendidos nesses mysterios de philologia, em cujo numero felizmente não nos encontramos... O assumpto é, para os iniciados, tão atrahente, que nelle se viciam e estamos certos de que este trabalho lhes dá grandes prazeres. Que sejam felizes...

Oscar Wilde: **O RETRATO DE DORIEN GRAY** — Ed. Garnier, 1923 — A Livraria Garnier, publicando a collecção de Autores Celebres das Literaturas Exrangeiras, em portuguez, á guisa do que já fez em francez, presta os mais estimaveis serviços á obra de nossa cultura, que já lhe deve tantos favores. O admiravel livro de Wilde, *O retrato de Dorien Gray*, nos dá, agora, através da brilhante traducção de João do Rio, feita com muito sabor e procurando não tirar ao dialogo, sobretudo, aquella cõr incomparavel, que foi o grande milagre da factura de Wilde. Nem sempre conseguiu o saudoso escriptor brasileiro essa fidelidade, não de traducção, que é honesta, mas de prestígio de expressão, de força e brilho das palavras. Isso, contudo, não chega a prejudicar o livro, que se lê com grande prazer, nessa versão de todo conscienciosa.

# O CINEMA NO LAR



O cinema adoptado ao quadro da familia, funcionando com a corrente electrica tomada em qualquer lampada e projectando films de pequenas dimensões cujo sortimento é variadissimo.

O aparelho completo	425 mil réis
Films, cada.	10 mil réis

## Pathé-Baby

Remette-se gratuitamente o catalogo dos films, cujos titulos se fazem em portuguez ou francez.

DEMONSTRAÇÃO GRATUITA E PERMANENTE

9, Rua Uruguayana, sobrado, Rio de Janeiro  
473, Avenida 15 de Novembro, Petropolis

Dirigi vossos pedidos a Pathé Baby, serviço E. C., caixa postal 1928, Rio de Janeiro

## BANCO HYPOTHECARIO

### DO BRASIL

50 - AVENIDA RIO BRANCO - 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes  
á vista e a prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS

## BANCO ALLIANÇA

SÈDE NO PORTO

RIO DE JANEIRO

146, Rua do Rosario, 146

Caixa do Correio, 924

Telephones: Norte 3376 e Norte 6329

Saques sobre todos os paizes do mundo  
—Descontos—Operações bancarias  
em geral—Administração de  
propriedades—Cobrança de juros e  
dividendos—Inventarios—

Correspondentes em todo o territorio  
dos Estados Unidos do Brasil.

DEPOSITOS

A' ordem. . . . . 4 % ao anno

DEPOSITOS A PRAZO E LETRAS A PREMIO

A prazo de tres mezes.	4 1/2 % ao anno
A prazo de seis mezes.	5 1/2 % ao anno
A prazo de nove mezes.	6 % ao anno
A prazo de doze mezes.	6 1/2 % ao anno

# BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

**Casa Matriz: AMSTERDAM**

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro --- S. Paulo --- Santos --- Buenos-Aires --- Santiago do Chile --- Valparaizo.  
Na Allemanha --- HAMBURGO.

**Capital autorizado..... Florins 50.080.000**  
**Capital realizado e reservas..... Florins 22.680.000**

*Fundado pela Rotterdamsche Bankvereiniging  
Amsterdam -- Rotterdam -- Haya*

*Cujo capital realizado e reservas montam em florins a 114.000.000*

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

**II, RUA BUENOS AIRES, 13**

TELEPHONES: NORTE 5356, 5357 E 5358

# Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

**CAPITAL: FRs. 50.000.000**

CAPITAL REALISADO

**Ações Frs. 50.000.000 e Obrigações Frs. 65.000.000**  
**Fundo de reserva: Frs. 12.500.000**

Emprestimo sobre primeira hypotheca a curto e longo  
prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por  
amortisações semestraes  
com direito de reembolso antecipado.

DINHEIRO PARA CONSTRUÇÕES  
Abertura de credito para construcções de predios  
até 50 % do valor dos mesmos  
e terreno.

Contas correntes garantidas por hypothecas  
e de movimento

Adiantamento sobre titulos, mercadorias  
e warrants.

Gerencia de immoveis, cobrança de juros sobre apolices, ações  
e debentures, guarda de valores, etc.

SÉDE SOCIAL EM PARIS:

**39 BOULEVARD HAUSSMANN 39**

Séde de Operações e Direcção Geral:

**44, AVENIDA RIO BRANCO, 44 — RIO DE JANEIRO**

Endereço Telegraphico-BRESIFONCI

CAIXA POSTAL, 307

TELEPHONES

Directoria N. 4.116  
Secretaria N. 2.085  
Expediente N. 3.750

AGENCIA:

**24, RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO**



# VIDA QUOTIDIANA

Silverio entrou em casa casmurro, o jornal da tarde debaixo do braço, fazendo, intermitentemente, com a língua, um estalinho de enfado. Leu sete vezes seguidas o annuncio de uma companhia imobiliária, que offerecia terrenos a preços modicos. Não entendendo palavra, atirou-se aos telegrammas da guerra e nelles se consolou durante cinco minutos. Viu-se, em imaginação, soldado francez, numa trincheira humida, suffocado pelos gazes asphixiantes. Repetiu alto o nome de Galieni, GA-LI-E-NI. "Quatro syllabas, tal qual o meu nome", pensou, nas profundidades do seu sêr, como si essa verificação tivesse alguma utilidade para a sua vida. Depois, cansado, possuido de raiva, amarrotou o jornal, atirando-o a um sofá.

— Silverio, disse-lhe a mulher, vindo do fundo da casa, o jantar hoje é mais cedo. Quero vêr si alcanço o sermão do padre Caldas, agora, na reza das seis...

Silverio olhou profundamente a mulher, estendeu a mão para o jornal amarrotado, remexeu-se um instante na cadeira e respondeu, fazendo aquelle estalinho de enfado. A mulher, entretanto, sorriu. Sorriu á maneira de alguém que sabe alguma cousa da felicidade. De facto uma palavra della bastaria para tornar o marido alegre, falador, brincalhão. Mas preferiu calar-se.

Silverio sente-se triste porque vê a ruina perto de si. Os bens que possui, um sobradinho no Braz e a casa onde mora, estão hypothecados a um agiota vizinho, por nome Rodrigues. Amanhã vence-se a hypotheca. Ha uma semana que Silverio anda de um lado para outro, indo aos bancos da praça, sem resultado, falando a uns e a outros, propondo, pedindo, investigando... E' que Rodrigues, finório, recusára-se a reformar a hypotheca, prorogando o prazo. Isto elle dissera á ultima hora, propositalmente, tendo antes dito o contrario, de caso pensado, afim de pegar de surpresa o devedor. Comtudo, pensava Silverio, esse Rodrigues era meu amigo. Muitas vezes jantou aqui em minha casa. Alice preparava-lhe, nos dias em que elle apparecia, um prato especial; punha sobre a meza a louça que ganhára no dia do casamento; jantava-se até mais tarde, o que tornava Verito impertinente. E Rodrigues sabia agradecer o menino. Suspendia-o ao collo, fazia "cavallinho", balançando uma das pernas magras e longas. E algumas vezes, quando os agrados habituaes eram de pouca efficacia para a alegria da criança, o agiota tirava do bolso, cuidadosamente, como si praticasse um acto de grande religiosidade, uma moeda de prata, que depunha na palma da mão de Verito. O menino ficava semi-atordado, a olhar a moeda. Verdade é que, depois, Rodrigues tornava-se preocupado, parecendo abstrahido nalgum pensamento remoto, não prestando mais attenção á conversa, que morria lentamente, á semelhança de um brinquedo mecanico, a que faltasse corda... Rodrigues acompanhava todos os movimentos de Verito, seguia, de olhar attento, a moeda, quando esta cahia ao chão, interrompendo a palestra para indicar, cheio de solicitude, que ella rolára para debaixo do guarda-louça ou que escorregára, subrepticamente, atraz de uma porta... Essa preocupação do agiota, Silverio sempre a interpretára no sentido de excesso de carinho em relação ao seu filho. A' hora da sahida (isso era indefectivel) a mãe chamava Verito e exigia-lhe que restituísse a pratinha ao "senhor Rodrigues", porque "era muito feio criança brincar com dinheiro"... O vizinho gaguejava umas recusas mollerengas pois que dizia, dera a moeda "de verdade", para que o menino comprasse bolas ou brinquedos. Mas acabava accei-

tando a restituição, ao mesmo tempo que armava uma attitude de vencido pela insistencia. Então, repentinamente, ganhava interesse pela prosa ainda ficava, na porta da rua, a discorrer sobre varios assumptos, durante dez, quinze minutos e, ás vezes, mais tempo... Silverio tomava aquelles modos por excentricidades do vizinho. Agora, porém, comprehendia tudo. Agora, certos detalhes, que lhes trazia a memoria, assumiam significação differente, nova, como si os nótasse pela primeira vez...

Subia do fundo do seu inconsciente uma raiva aguda, ponta de fogo a rasgar a serenidade de sua consciencia. Sentia uma vontade extranha de aniquilar o agiota, estraçalhal-o, reduzil-o a migalhas. Pouco a pouco, o odio cedeu, desde que recordou a indifferença da mulher pel seu soffrimento. Ella sabia de tudo. Principalmente, o seu sorriso enigmático, naquella tarde, deixava-o de todo desanimado.

— Deixo o Verito comtigo?

Silverio voltou á realidade circundante. Olhou a mulher e o filhinho e, decorrido algum tempo: "Não... acho melhor que o leves... acho melhor..."

Quería ficar só.

Seu sogro, contra cuja vontade se casára, bem poderia tel-o tirado daquella situação acabrunhadora. Posto que de relções cortadas, tudo se arranjaría, por influencia da mulher, si esta quizesse. Foi mesmo tendo em mente esse fito remoto, que lhe revelára a recusa de Rodrigues de reformar a hypotheca. Mas minha mulher, concluía Silverio, foi sempre assim: nunca deu importancia a negocios...

Durante o jantar, silencio completo. Apenas Verito fez tres ou quatro perguntas, que cahiram sem resposta. Em seguida, Silverio os acompanhou até a porta. Na porta, fazendo grande esforço sobre si mesmo, interpellou a mulher: — "Você falou alguma cousa a seu pae? — Falou o que? — Sobre a hypotheca... as hypothecas do Rodrigues..."

A mulher sorriu de novo e, replicando que o pae viajára, virou-se de pressa, desaparecendo.

Silverio estava prostado. Achava agora tudo exquisito, inexplicavel. Sentia-se um homem desligado de todas as realidades, de todas as apparencias, de todos os phenomenos universaes. Só completamente só. Seu pensamento, afastado do ambiente exterior e interior e que até então existira, debatia-se, inquieto e desordenado. Pensava vertiginosamente, indefinidamente, sem o atrito dos sentimentos habituaes, que, de algum modo, refreiam a correria das idéas, fixando a nossa attenção e dando áquellas um seguimento logico, normal. E assim, com melhor propriedade, podia-se dizer que Silverio deixára de pensar, por alguns instantes...

Elle era incapaz de reagir. — fraqueza de character que vinha de longe. Abandonara os estudos na Academia, por causa de uma "bomba". Esteve quasi a não se casar, porque enquanto cortejava a sua actual mulher, soube de outro que tambem a requestava. Uma chuva, que desencadeava na hora de um passeio, fazia-o retroceder, deixando-o aborrecido para o resto do dia. Elle era um recipiente cheio, prestes a transbordar a todo instante...

Da sala de jantar veio o ruido dos talheres, que a criada recolhia da meza. Este rumor domestico fel-o voltar ao seu ambiente psychico quotidiano. Uma funda tristeza tomou-o todo. Foi até o escriptorio. Ahi tentou pensar calmamente, mas não conseguiu. Um diabinho, lá

dentro do cérebro, descolava todas as suas idéas. Depois abriu a gaveta, onde costumava guardar a sua correspondencia de valor. No fundo, o cano voltado em direcção á parede, estava o revolver Smith and Wesson, muito polido, muito brilhante. A' vista delle sentiu um estremecimento, — o estremecimento de alguém que tivesse entrevisto, num relance, a solução de algum enigma sombrio e atormentador. Tirou o revolver, limpou-o com a manga do paletó, depondo-o sobre a secretaria. A seguir, quiz escrever. Apromptou o papel, pondo no alto: "Querida Alice" Mas não continuou: uma lufada de vento escancarára a janella. Levantou-se para fechal-a, lançando um olhar sobre a rua. Não viu ninguem, excepto o accendedor de lampeões, que começava o seu serviço. Passando em frente á janella, o homeni olhou e, tocando o chapéo, disse "boa-noite". Silverio não respondeu. O lampeão encheu-se de luz. Silverio, então, poude lêr, nitidamente o numero da chapinha de metal collocada sobre o vidro do lampeão: 1954. Não era a primeira vez que lia esse numero. Em outras occasiões, quando se debruçava á janella, nas horas de lazer, notára o numero. E, ao mesmo tempo fazia a si proprio a pergunta si chegaria a vêr aquelle anno longinquo de 1954. E então, fria e penetrante, uma tristeza resignada descia até o fundo de sua alma. Entretanto, actualmente, aquella chapinha de metal oxydado apparecia-lhe morta, insignificante, desprezível.

Fechada a janella, quiz continuar a escrever, mas os sinos da matriz bimbalharam, sobresaltando-o. Acabára-se a reza e, dahi a pouco, a mulher e o filhinho estariam de volta. De novo, pezava-lhe, como qualquer cousa materialmente sensível, a indifferença da mulher pela sua ruina proxima. Doia-lhe aquelle sorriso que aflorou aos seus labios, quando chegara em casa, e, sobretudo, a ligeireza e leviandade com que respondeu á sua pergunta, na escada. Revoltado, sentiu uma necessidade clara de vingança contra a sua mulher, uma necessidade imperativa de mostrar a ella que o seu soffrimento era realmente uma cousa séria. Seu pensamento, cmpolgado por essa idéa, vacillava. De repente, num gesto nervoso, empunhou o revolver e, apontando-o contra o peito, detonou-o.

Nesse instante chegavam a mulher e Verito. Ambos ouviram, distintamente o rumor abafado do tiro. Silverio estava estendido no chão, a cabeça presa entre as garras enormes do enorme tigre decorativo, que tomava toda a extensão do tapete. Olhos abertos, arfante, uma fita de sangue a escorrer pelo collete cinzento... Verito começou a chorar, agarradinho ás saias da criada. A mulher permanecia immovel. De repente, sahindo do torpor momentaneo, gritou nervosissima: "Meu Deus do Céu, Silverio... Meu Deus do Céu... estava tudo arranjado... tudo arranjado..." Mas Silverio apenas virava os olhos esbugalhados, sem entender. Parecia que uma surda e poderosa mão tapava-lhe os ouvidos, fortemente. Sentia-se no fundo de um mar imenso e torvo, soffrendo a compressão descommunal de sua massa liquida. A' custo as duas mulheres carregaram o corpo sobre um sofá. A criada sahiu correndo, para chamar um medico. Enquanto isso, a mulher foi ao quarto e de lá trouxe o traslado da escriptura de hypotheca, que seu pae, dias antes, adquirira do agiota Rodrigues. Tremula, apresentou a escriptura ao marido. Silverio, comquanto arfasse, tinha fechado os olhos para sempre. E antes que o medico viesse, Silverio expirou.

A. C. Couto de BARROS

# Banco Português do Brasil

CAPITAL.... RS. 50.000:000\$000

SÉDE: RIO DE JANEIRO



Contas Populares  
até Rs. 30:000\$000

Contas Limitadas  
até Rs. 10:000\$000

**Juros de 4 %**

Recebe também  
depósitos a prazo e com  
aviso prévio  
oferecendo as melhores  
taxas do mercado.

**FILIAES EM S. PAULO E SANTOS**

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal: 479

## 24, Rua da Candelaria, 24

RIO DE JANEIRO

# AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR Elysio de Carvalho



Desenho de JORGE BARRADAS

Anno III.

N. 28.

Abril de 1924.

Preço 1\$000.

# AMERICA BRASILEIRA

RESENHA DA VIDA NACIONAL

Director: ELYSIO DE CARVALHO

Redactor-chefe: RENATO ALMEIDA

Gerente: CARLOS RUBENS

## SUMMARIO DESTE NUMERO

NILO PEÇANHA.....	REDACÇÃO.
O ESCRIPTOR E O MEDICO.....	CAMILLE MAUCLAIR.
DOSTOIEVSKY .....	GRAÇA ARANHA.
SAUDAÇÃO AO BRASIL.....	AFONSO LOPES VIEIRA.
O NATURAL E O SOBRENATURAL.....	FRANCIS DE MIOMANDRE.
GANHOS E PERDAS LITERARIOS.....	LOUIS GONZAGUE FRICK.
ANATOLE FRANCE. ..	REDACÇÃO.
A DEFESA DO PATRIMONIO ARTISTICO DAS EGREJAS..	REDACÇÃO.
DE SATYRA SOTADICA.....	ELYSIO DE CARVALHO.
LIVROS ESTRANGEIROS .....	REDACÇÃO.
O NOVO RETRATO DE DANTE E LÉO OLSCHKI.....	ELYSIO DE CARVALHO.
A LIÇÃO DO BRASIL.....	ANTÓNIO SARDINHA.
PELOS INTELLECTUAES CATHOLICOS .....	D. SEBASTIÃO LEME.
O MOMENTO FUTURISTA NA ITALIA.....	REDACÇÃO.
LUGARES COMMUNS SOBRE BUENOS-AIRES.....	TEIXEIRA SOARES.
AS BANDEIRAS. ....	PAULO PRADO.
CHRONICA DE MALAZARTE. ....	MARIO DE ANDRADE.
A DEPORTAÇÃO DE UNAMUNO.....	REDACÇÃO.
O BOLSHEVISMO. ....	GREGORIO ALEXINSKY.
THEREZINA. ....	HONORIO SILVESTRE.
FLORIANO PEIXOTO E OS AMERICANOS.....	A. D. DE MIRANDEIRA.
NOTAS E COMMENTARIOS.....	REDACÇÃO.
NOTULAS.....	REDACÇÃO.
PORTUGALIA. ....	E. DE C.
REPERTORIO .....	REDACÇÃO.

## EXCERPTOS

DE

M. rbeau, Arrigo Cajumi, Paul Painlevé, Mussolini, Rabindranath Tagore, Bellesort  
Theophilo Braga.

DESENHOS E PHOTOGRAPHIAS

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURA ANNUAL

Para o Brasil. ..	10\$000
Para o Exterior	12\$000

### VENDA AVULSA

Numero do mez	1\$000
Numero atrazado.	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96, 3.º

OFFICINAS: Avenida Rio Branco, 117/21

Tei.: Norte 6011

RIO DE JANEIRO BRASIL

Caixa Postal : 1223

# AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

Redactor-Chefe: RENATO ALMEIDA

Gerente: CARLOS RUBENS

NUM. 28

=||=

RIO DE JANEIRO - ABRIL DE 1924

=||=

ANNO III

## NILO PEÇANHA

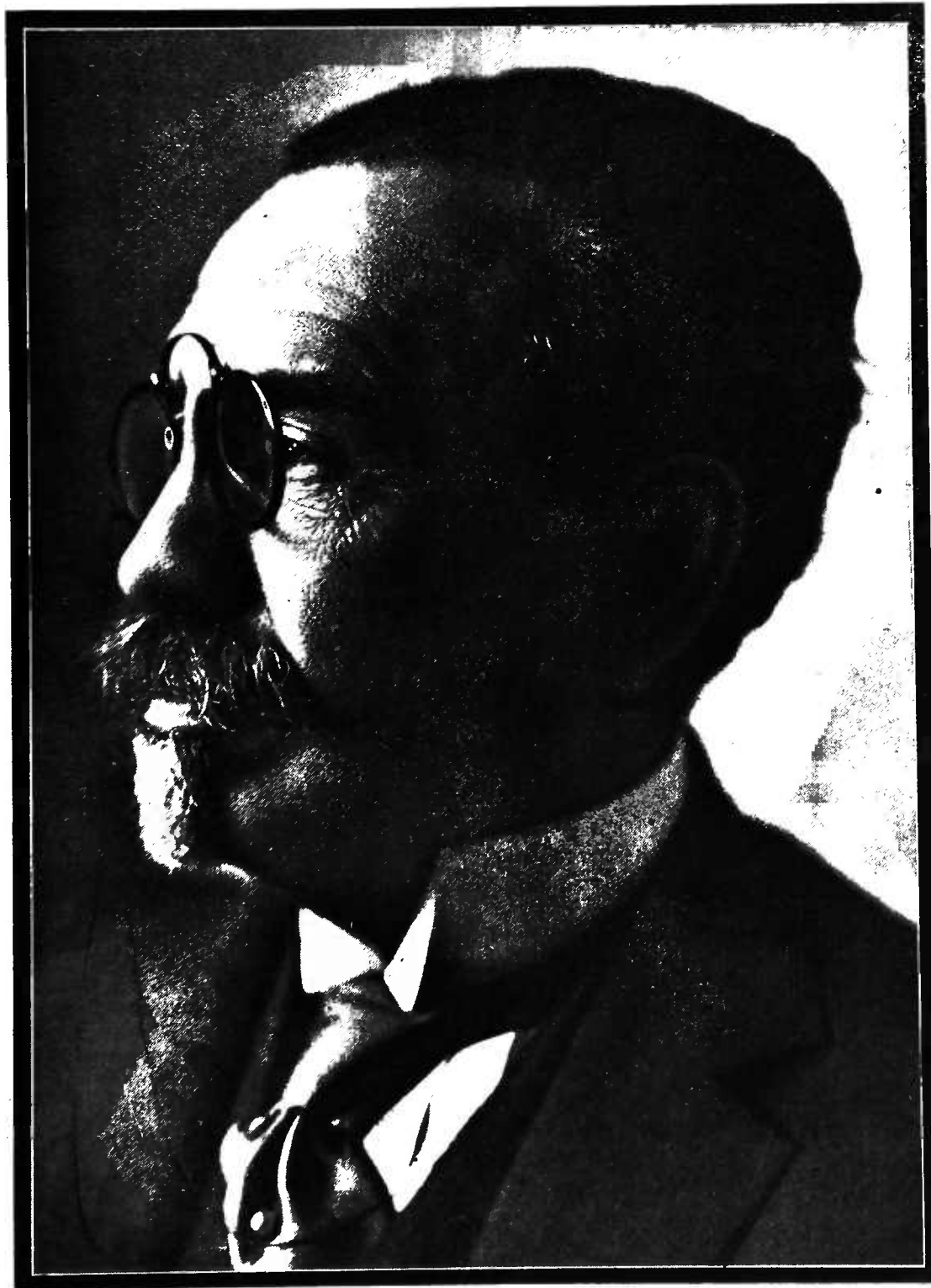
Sem a perspectiva do tempo, não será possível analisar com justeza a acção de Nilo Peçanha, cuja individualidade, exaltada com hyperbole, ou combatida com odio, sempre se manteve na vanguarda de nossos destinos politicos, tendo occupado os cargos de maior responsabilidade, inclusive o de Presidente da Republica. Reconhece-se nelle um combatente ardoroso e bem intencionado, um administrador de visão esclarecida e um temperamento de moderação, posto todas essas qualidades soffrêsem as contingencias do meio dissoluto de nossa politica, que, ao invés de apurar os caracteres, os deprime e deforma. Nestes sete lustros de regime, Nilo Peçanha foi sempre um elemento de grande relevo e em todas as questões nacionaes o seu nome e o seu prestigio se envolveram, conseguindo sempre destacar-se na administração e na politica. A sua vida é bem conhecida e não é mistér largas referencias. Saliendaremos os factos essenciaes, a que ligou o seu nome de um modo brilhante e talvez indelevel.

Republicano historico, deputado á Constituinte, lutador incansavel pela consolidação do novo regime, Nilo Peçanha foi desde logo um dos chefes politicos do seu Estado, que

em breve o levava ao Senado Federal, de onde saiu em 1903, para governar-o. Debatia-se então numa crise intensa e gra-

nistrativa do Estado, profundamente perturbadas, devido á crise economica do assucar e do café, o

que levou Quintino Bocayuva a dizel-o uma "massa fallida". Deixando a presidencia fluminense, Nilo Peçanha foi eleito vice-presidente da Republica, com o Conselheiro Affonso Penna, presidente, tendo substituido este, fallecido em julho de 1909. A grande luta presidencial de então, em que Ruy Barbosa levantava a bandeira gloriosa do civilismo, empenhava a Nação e Nilo Peçanha teve o erro (excusava-se com as contingencias politicas) de pender para o candidato militar, o que muito o afastou da opinião publica. Mas ainda assim, reconhece-se a benemerencia de sua administração, sobretudo na parte financeira, extinguindo o *funding* de 1899, que só terminaria em 1911, o que mereceu louvores do proprio Ruy Barbosa, então em vehemente opposição ao seu governo. Organizou o Ministerio da Agricultura; instituiu o ensino profissional; reorganizou varios serviços publicos, o Jardim Botânico, a Quinta da Boa Vista, o Museu Nacional; des-



vissima e Nilo Peçanha revelou a sua capacidade de governante, restabelecendo as finanzas e reconstruindo a vida administrativa. Foi no seu governo que o envolveu a nossa viação-ferrea e fomentou a agricultura, favorecendo meios de exportação.

(Este numero contem 40 paginas)

Brasil assignou o tratado da Lagoa Mirim, com a Republica do Uruguay, um dos padrões de gloria de Rio Branco.

Deixando o governo, depois de longa viagem á Europa, voltou ao Brasil, sendo eleito senador, de onde novamente foi chamado á presidencia do Estado do Rio, que, exerceu com brilho, até 12 de Maio de 1917, quando foi convidado a occupar a pasta das Relações Exteriores, no periodo mais agudo de nossa vi-

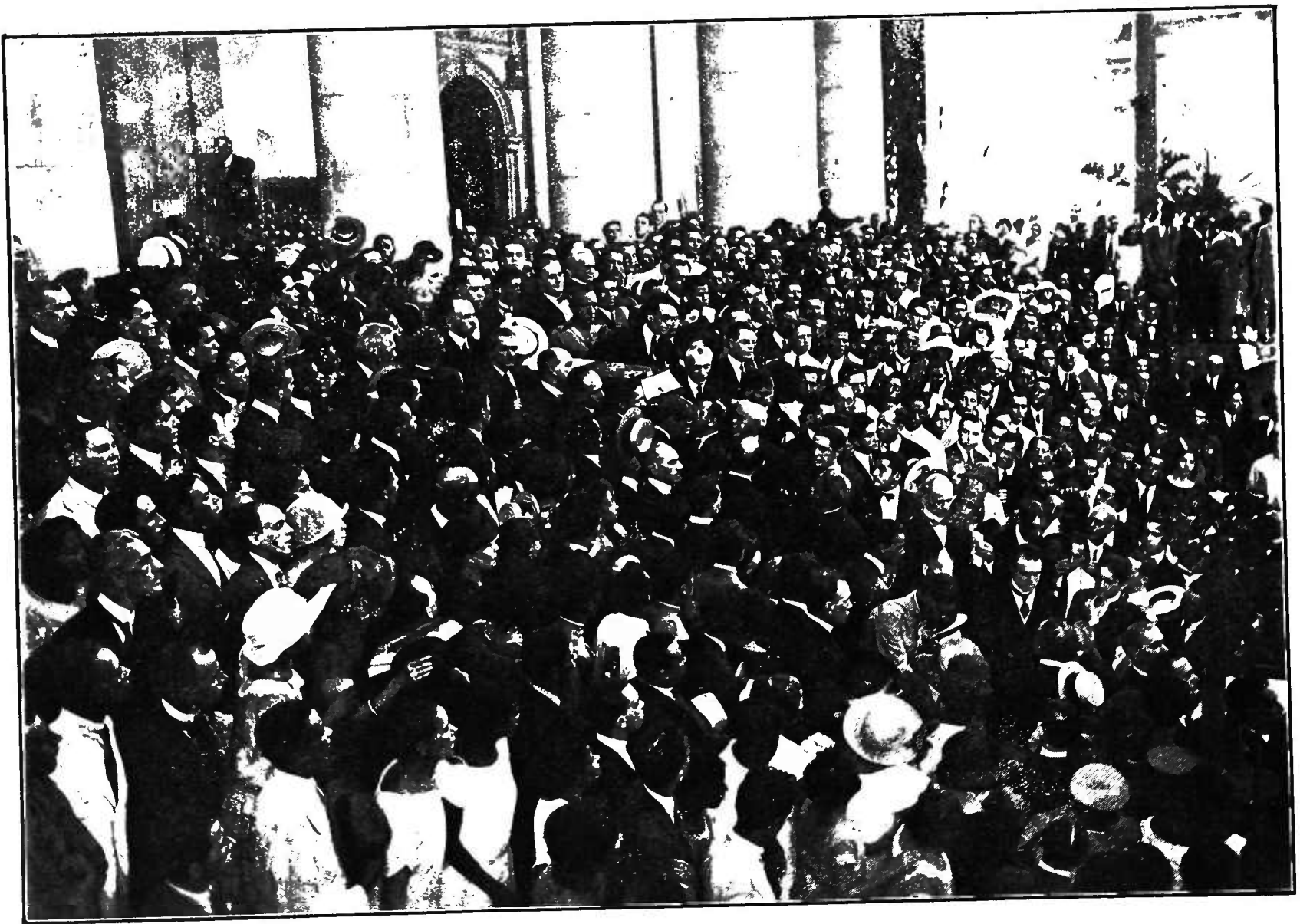
mo, por que batalhára com o maior ardor o genio de Ruy Barbosa.

Deixando a chancellaria brasileira, Nilo Peçanha visitou a Europa, recebendo as mais significativas homenagens e, de volta, foi reeleito senador pelo Estado do Rio, mandato que ainda exercia, na presente legislatura. Quando foi da ultima campanha presidencial, Nilo Peçanha candidato de quatro Estados e com grande parte da opinião publica, iniciou uma

sição dominante no Estado do Rio, que disfructou quasi ininterruptamente desde fundação da Republica.

Por certo, este homem teve erros e grandes muitos delles. No poder não foi alheio aos interesses partidarios, e usou de armas que depois o feriram. Mas, na terra de politicos sem convicções, ninguém lhes negará o merito do esforço e do patriotismo, perturbados, como dissemos, pela nossa desagregação social.

## OS FUNERAES DE NILO PEÇANHA



A saída do feretro da Matriz da Gloria

da internacional moderna. Uma politica de titubeios, Nilo Peçanha substituiu por normas seguras de acção, collocando o Brasil ao lado dos alliados e accetando o estado de guerra que nos impoz o Imperio Allemão, com o continuo torpedeamento de barcos mercantes brasileiros. A accção de Nilo Peçanha foi, nessa quadra difficil, animada de grande patriotismo e conduziu o Brasil ao seu destino legiti-

propaganda democratica e grangeou a mais extraordinaria popularidade. E' de hontem a historia e os odios ainda estão acesos. Mas, não se lhe póde desconhecer uma moderação no ataque e um comedimento na accção, evitando desregramentos e não usando de certos processos inferiores, de que abusavam os seus partidarios. Vencido, manteve-se em opposição discreta e lhe foi arrancada a po-

A sua intelligencia, embora nem sempre clara, era aguda e sabia manter o contacto com a opinião publica, cujo favor, no fim da vida, muito o teria consolado do ostracismo. Morreu estimado e considerado, cercado dos louvores de seus partidarios, do acatamento de seus adversarios e do respeito da Nação inteira.

# O ESCRIPTOR E O MEDICO

ESPECIAL PARA "AMERICA BRASILEIRA"

Um grupo de escriptores parisienses, desses que são os primeiros a se intitular "a alta litteratura", muito se maravilhou e deixou influir pelas theorias do viennense Freud. Esse sabio, que exige de seus adeptos o respeito devido a uma religião charlatanesca, decorou, como se sabe, com o titulo pomposo de "psychanalyse" o que os antigos chamavam modestamente o estudo do coração humano: e, por outro lado, deu á "libido", isto é, ao instincto sexual, o papel principal em todos os actos de nossa vida subconsciente. Os discursos de Freud determinaram na Europa Central uma verdadeira devoção pela sexualidade, considerada como o centro da vida mental. Começa-se a traduzir e lançar Freud em nossas capellas litterarias. As suas theorias parecem confirmar as intuições de Marcel Proust, que era um romancista notavel, mas um grande doente. Confirmam também a doutrina amoralista de André Gide, que funda o interesse litterario sobre a perversidade intellectual, e encontram muitos admiradores entre os "snobs", os artificiaes e os doentios. Varios fazedores de romances, servidos por uma habil publicidade, põem-se a "freudizar" os seus livros, e a compiar com um pedantismo scientifico o que os pornographos, no fim de contas, dizem com mais franqueza e simplicidade. Prevê-se o momento em que haverá necessidade de organizar, nas nossas lettras, uma prophylaxia contra essa nova peste de immoralismo e do freudismo: a França, em verdade, precisa de outra cousa.

O inventor do "libido", se examinarmos de perto os seus textos ambiciosos, se limitou a demarcar os principios do physiologista Pierre Janet, de quem foi discipulo, e a transportar-os arbitrariamente num outro dominio. Poderia muito bem applicar ao estomago os seus dados sobre a influencia capital dos órgãos reproductores, e talvez fosse menos inexacto. Quando Freud sustenta, por exemplo, que a criança que mamma e estende os braços á sua mãe já é um luxurioso inconsciente, pôde-se afirmar com mais razão, contra essa hypothese repugnante e indemonstrada, que o instincto unico e a necessidade fundamental da criação são de nutrição e que para ella vão todas as velleidades embryonarias da sua consciencia. Mas o "libido" está na moda, offerece themas escabrosos e complicados. Como o immoralismo, não é mais do que uma hypocrisia revoltada, ou a perversidade renovada das tristes personagens de Dostoievsky, do que não nos têm faltado exemplos.

Quando os litteratos pretendem introduzir a medicina nas suas produções, tornam-se duas vezes máos. Ao revez, não são menos desastrados os medicos querendo explicar o estado da alma dos escriptores e artistas. Salvo raras excepções, confirmando a regra, á sua incompetencia neste assumpto não iguala senão á sua pretensão. Inventaram uma figura do "homem normal", tão ficticia como a belleza academica, esse typo de perfeição feminina internacional, extranha a todas as raças e que nunca ninguem a vio. Se o homem normal dos medicos existisse seria a imagem do perfeito mediocre, uma especie de automato, mas não existe, senão como as Venus das escolas de bellas-artes. A esse typo abstracto, os physiologistas e psychiatras estão, ha um seculo, a comparar as grandes sensibilidades e as grandes intellectualidades. Disseram que o genio é uma nevrose e acreditaram ter estabelecido,

através das vidas de uma série de grandes artistas, que todos eram anormaes, semi-loucos e degenerados. Não se pôde imaginar a que ponto de ridicula incomprehensão chegaram, por essa trilha, os Lombroso, os Magnan, os Moreau de Tours, para citar entre os mais famosos manicos, que precederam ao maniaco da "libido". Nunca li nada que me desse melhor a impressão de uma locubração de louco logico, do que os trabalhos de Moreau de Tours. A gloria já diminuiu bastante para esse alienista, que merecia antes o nome de alienado, como alguns de seus confrades, porque a sua especialidade é perigosa e não é impunemente que se frequentam os loucos, sem risco de contagio. Acontece o mesmo com Freud. Declarar que a vida subconsciente e as suggestões hereditarias determinam toda a vontade, e que o instincto sexual é não só muito importante, mas o motor capital e unico da vida humana, é uma doutrina de demencia que pôde captivar to-

## UM INQUERITO DA "AMERICA BRASILEIRA"

No nosso numero de Fevereiro e no do corrente mez vem agitado o empolgante problema do genio, naquelle em artigo do Sr. Francis de Miomandre, neste em colaboração do Sr. Camille Mauclair. Sabemos que o assumpto é de enorme complexidade, mas, dirigindo-nos a alguns escriptores brasileiros para saber como o encaram, queremos apenas uma synthese de suas opiniões, que poderão esclarecer sobremaneira os estudiosos do assumpto. Não vamos formular questionario, mas desejamos saber qual a opinião de cada um de nossos entrevistados, sobre o phenomeno do genio, a applicação do seu apparecimento, se nelle a predominancia é do factor pessoal ou de resultante collectiva da raça, de cultura ou do momento, o que pensam da theoria do genio-nevrose e o que julgam do reconhecimento do genio.

Isso, comtudo, não implica limitações ás respostas que solicitamos aos illustres escriptores, a quem nos dirigimos e que são os Srs. Graça Aranha, Medeiros e Albuquerque, Afranio Peixoto, João Ribeiro, Antonio Austregesilo, Mario de Alencar, Ronald de Carvalho, Celso Vieira, Jackson de Figueiredo e Tristão de Athayde.

dos os degenerados verdadeiros, mas da qual um homem são rirá sempre com desprezo. Sabemos muito bem que os espectros e a sensualidade se dominam e que esse é o papel da cultura moral e da propria educação.

A esses psychiatras sempre dispostos a descobrir as provas de morbidez na menor phantasia de um poeta, a calumniar os artistas criadores, é facil responder que esses têm razões que a razão medica desconhece. Resultam não de uma degenerescencia em relação ao famoso "homem normal", mas de uma "progenerescencia", cuja superioridade nativa lhe dá certos direitos. A theoria do genio-nevrose é tão tola quanto a má fórmula romantica resumida no titulo de um melodrama de Alexandre Dumas, pai, *Desor-*

*dem e Genio*. Para os escriptores e artistas, não só os que trazem esses bellos nomes, mas os que delles são dignos, o genio é sempre a ordem, o genio é sempre são. Ha uma impertinencia burlesca em fazer o publico collocar na categoria dos nevropatras, dos anormaes, dos delinquentes, tornando assim essas qualificações sobremaneira honrosas, uma pleiade de seres inspirados, que legaram maravilhas á humanidade, e aos quaes esta admira sempre, a despeito dos pesquisadores de táras. Mas felizmente não se encontra o homem normal, composto insipido de todos os "lugares communs", e ao qual se pôde dizer que "pensa" como "chove". Não ha isso uma simples expressão. Se pudessemos ler no cerebro do primeiro imbecil que deparassemos, veriamos cousas mil vezes mais loucas e monstruosas do que as emprestadas a Baudelaire e a Poe pelos psychiatras. Não ha quem tenha sonhos mais desordenados e mais perversos de que os individuos incultos de condição baixa. Durante dez annos collaborei num grande jornal de Paris, com contos hebdomadarios, nos quaes estudava casos de psychologia amorosa. Recebi milhares de cartas dessa gente que, em Paris, lê os contos dos jornaes indo ao armazem ou almoçando, não tendo tempo nem o gosto dos livros. Essas cartas cheias de reflexões, confidencias, pedidos de conselhos, revelaram-me uma humanidade criada, cujas complicações imaginativas têm algo de terrivel. Não houve poeta ou romancista que jámais tivesse inventado desejos e perversidades, como as que sonna uma criada na sua mansarda.

É precisamente o exercicio intensivo de intelligencia que afugenta os phantasmas suggeridos pela loucura sexual e a nevrose nos chamados simples e que são, todavia, infinitamente complicados. O genio é o mais alto gráo de ordem e de saude intellectual. Ainda ha muito a esperar, até que os escriptores deixem de orientar os seus romances pela medicina, accumulando tantas tolices quantas os medicos dissecando a imaginação artistica. Creio que a applicação do systema de Freud á litteratura vai retardar o accordo racional e desejavel entre romancistas e physiologistas. Muitos alienistas são inferiores, como homens e como sabios, e esses admiraveis e humildes medicos de quarteirão ou do interior que, sem discursos, salvam as existencias e conhecem muito as almas. Se se conviesse em acabar com o homem normal, e com o genio nevrose, essa utopia indecente, muito interessante se tornaria a conversa entre escriptores e medicos. Poderse-hia, por exemplo, reformar completamente o estudo litterario do amor na mulher, estudo feito com uma ignorancia comica das realidades psychologicas femininas, pelo falso idealismo e pelas falsas conveniências. As obras dos artistas e dos philosophos não são resultados das suas suppostas nevroses, mas de suas substituições phisicas. Othaj bem os bustos dos intellectuaes celebres: fizeram arte ou ideologia com as suas proprias figuras, nellas tudo está escripto. Para dahi tirar consequencias justas e uteis, é preciso tacto. Esse tacto não tiveram até agora os psychiatras, vilipendiando o genio, cujo mysterio esplendido offuscava as suas vistas curtas.

Camille MAUCLAIR

# DOSTOIEVSKY

A figura extraordinária de Dostoievsky é um motivo de observação constante e aguda analyse de todos os criticos, que buscam na tragedia do escriptor russo não só o espectáculo singular de seu genio como o sentido de extranha psychologia de uma raça martyrisada e heroica. A pagina do Sr. Graça Aranha que transcrevemos, data venia, da brilhante revista "Pan, agora apparecida, é uma indagação profunda do mysterio interior de Dostoievsky, de sua tortura humana, do abysmo indefinivel de sua propria personalidade. Escreveu o mestre:

"O dualismo de Dostoievsky vae ao extremismo manicheu. Os dous eternos principios do Bem e do Mal perpetuamente distinctos, independentes um do outro, igualmente absolutos. Para esse dualismo a omnipotencia do Diabo é ao mesmo tempo benefica e funesta. Se ella é a origem do mal,



Féodor Dostoievsky

do peccado, o peccado é necessario á redempção, porque faz a alma passar pelo soffrimento, indispensavel á salvación. Para Dostoievsky e seus epigonos christãos evangelistas a esthetica é uma funcção diabolica. "Não ha arte sem collaboração do demonio", exclama André Gide. William Blake havia dito que Milton quando "pintara" Deus e os Anjos era constrangido, ao passo que "pintara" o Diabo e o inferno na liberdade "porque elle era um verdadeiro poeta, e do partido do Diabo sem o saber"

Atormentado pela idéa do mal, pela necessidade do soffrimento, Dostoievsky viveu preocupado pelo sentimento da justiça. O dualismo leva a Arte ao moralismo, ao julgamento dos actos, a pesar a vida segundo o criterio do Bem e o do Mal. A philosophia da Unidade leva o artista ao esthetismo, a considerar a vida indifferente ao bem ou ao mal.

Suppor a Arte uma expressão da concupiscencia, uma volupia, um fruto prohibido, é introduzir o elemento moral

## SAUDAÇÃO AO BRASIL

Para saüdar o Brasil, ergamos as almas com glória!  
Por um esforço de elegante e supremo comando sôbre nós próprios, esqueçamos a miséria do momento. Esqueçamos a ruina da Casa assaltada e a presença de quem no-la assaltou — sorte de bailarins ao modo dos do clássico, os quais na dança macabra cavam a mesma sepultura que os devora. Esqueçamos que a ficção de Estado que ai se nos depara, continúa a servir a mais escrava e anti-nacional das politicas, convertendo-se em caixeiro-viajante da Inglaterra e fazendo-nos assistir ao desmembramento espiritual da Península, que desloca para a Itália renascente uma das metudes do seu génio. Esqueçamos sobretudo a ignominia do verbo europeu de "portugalizar" — derradeira ignominia que os invasores da Pátria alcançaram, e a qual não attinge a alma da Nação, inacessivel, essa, á miseravel infamia, no castelo interior da sua dignidade histórica.

Para saüdar o Brasil, ergamos as almas com glória!  
E enviemos do velho solar ao imenso jardim impetuoso e lânguido as melhores galas do coração português, onde a chama do antigo affecto ardê bem pura. Saüdemos no Brasil o adolescente heroico nosso herdeiro, continuador da raça e lingua nossas, mantenedor da Lusitanidade e do seu ritmo imortal.

Saüdemos no Brasil a mais moça e mais bela de todas as Nações, destinada a levar para os confins dum futuro imensurável o espirito da Latinidade, afeiçoado ao esplendor das "novas estrélas".

Saüdemos o admiravel nacionalismo em que o Brasil se abrasa e purifica, e ao qual damos as mãos com o geito de irmandade das ordens da Cavalaria cristã, cujo idealismo em verdade representamos.

Saüdemos no Brasil, enfim, o aliado natural, filho do nosso orgulho, espelho e flor da nossa alma, quando Portugal, reaportuguesado um dia, lograr reintegrar-se na definitiva consciéncia do seu destino histórico.

Nesse dia — sem duvida longinquo mas de certa aurora — se há-de constituir no mundo, com a Espanha nossa irmã e a América das duas linguagens da Península madre, a Aliança fraternal e gigantesca — o novo "Quinto Império" do nosso mito nacional.

AFONSO LOPES VIEIRA.

(Da Nação Portuguesa.)

na funcção por excellencia do espirito humano, na esthetica, inteiramente alheia ao s nso ethico. A investidura do Diabo em creador da Arte é uma puerilidade medieval indigna de attenção em nossa época. Os Canticos de S. Francisco de Assis são pura obra de arte, cuja poesia pantheista annuncia o Renascimento. Que se entende por "santo"? E' sempre o conceito restricto, a porta estreita. Mas a arte é soberana, inseparavel do homem, que ella liberta e torna um deus creador.

O dualismo determinou em Dostoievsky o interesse profundo e exaltado pela natureza humana. Se o mundo é campo da lucta dos dous principios do Bem e do Mal, se todo o esforço do homem é livrar-se do mal pela redempção da alma, nada mais primordial do que estudar o homem e a sua capacidade de vencer o mal. Dostoievsky engrandeceu-se nesta analyse. Sondou os abysmos da alma humana e os revela e os expõe com uma audacia cruel e tragica. Pelo genio da observação e da expressão do insondavel e do inexplicavel tornou-se um prodigioso e pathetico artista. No seu processo de claro escuro ha mais escuridão do que claridade e nisto está o mysterio da sua arte. Seria o processo de Rembrandt, em que as figuras impressionam mais pelo que escondem nas sombras do que pelo que ostentam em plena luz. Dostoievsky não descobre os seus personagens. Deixa que lhes adivinhe-mos as monstruosidades e neste aspecto enigmatico está o segredo indefinivel do creador. Por nossa vez tambem compomos esses personagens; alguma cousa de nós mesmos os anima, dá-lhes um pouco da nossa essencia e por isso vivem em nós. Realiza-se a communhão esthetica entre o observador e a figura creada pelo artista, e esse goso ineffavel é a realidade transcendente da obra de arte.

Não ha duvida que a analyse e a revelação dos abysmos da alma humana dão á arte de Dostoievsky a eternidade. Mas não é toda a Arte. Para Dostoievsky os homens estão isolados no Universo, vivendo entre si e apenas em espiritual correspondencia com Deus ou com o Diabo. Não realizam a unidade cosmica. Vivem na perpetua dor."



# O NATURAL E O SOBRENATURAL

( A proposito de Toutankhamon )

ESPECIAL PARA "AMERICA BRASILEIRA"

Ha pessoas que negam o sobrenatural. Não só não os compreendo, mas também não posso explicar como pensam que entendem de qualquer coisa do "natural", do positivo, do normal, do quotidiano, negando o sobrenatural. Porque, afinal de contas, onde começa o "natural"? onde acaba? Muito habil será quem o disser.

Acontece com o "natural" no dominio das nossas percepções o mesmo que com o "presente" em relação á duração. O presente sómente, o presente puro não existe, para bem dizer. Si quizerdes isolar o passado que o precede e o futuro prestes a succedel-o, vereis que vos escapa, reduz-se a uma fracção extremamente minima, que não tem quasi realidade. Um segundo mesmo, aquelle em que nós vivemos, embora *divisível*, não nos pertence mais inteiramente, contem uma porção consideravel de passado. Assim o "natural"

Por todos os lados, cerca-o um ambiente de mysterio, que o comprime, o domina, o aniquila. Chamamos "natural" o conjunto de phenomenos a que estamos habituados e sobre os quaes não reflectimos mais. Os nossos maiores, á custa de grandes esforços e no curso dos annos, conseguiram arrancar-o ao immenso e tenebroso imperio do desconhecido, como pioneiros que abrem uma pequena clareira no meio da floresta virgem, para nelle se installar

O nosso orgulho é tal que negamos a realidade da selva, porque disputamos uma certa segurança no seio de nosso abrigo. Que preguiça! e quanta ingenuidade! Envaidecidos por algumas soluções provisórias e particulares do problema universal, ousamos chamar loucos aquelles que encaram a possibilidade de questões insolúveis e a existencia de uma immensidade de factos reaes fóra de nossa percepção. No entretanto, a todo momento, essas realidades nos tocam e nos advertem... O passaro do mysterio bate em nossa frente com a asa invisível. Estremecemos a principio, e depois damos de hombros... Hallucinações! exclamamos com um ar superior. E' que somos scepticos, espiritos fortes, positivos!... O além é um sonho de velhas!...

Quatro victimas já succumbiram no portico do tumulo violado do Pharaó Toutankhamon: Lord Carnawon, que iniciou as excavações; George Joy-Sould, que passeiava no valle funebre; Wolf Joël, que andava também como turista nessas paragens; e Sir Arehibald Douglas, no momento em que se aprestava para fazer passar pelos Raios X a mumia real. Tudo isso sem contar os accidentes sobrevindos aos operarios das obras e a epidemia da peste que se declarou na abertura do tumulo. Quanto a Mr. Carter, actual director das excavações, está presentemente muito doente, mas (tambem elle é um sceptico) não quer admitir que a sua doença tenha uma causa sobrenatural.

Essa malicia!

Evidentemente tudo é natural. Uma morte é sempre explicavel, por um encadeamento de causas physicas que é mais ou menos facil de achar. Mas a coincidência, que faz desaparecer, em algum mezes, todos os que se dirigiam á sepultura do Pharaó, constitue um facto novo, não menos difficil de explicar. Por certo, póde-se dar de hombros á idéa de que o cadaver de um homem, fallecido ha 3.300 annos, tenha ainda o



Busto de Toutankhamon  
(Photo da Rainha da Belgica)

poder de se vingar daquelles que violam o seu domicilio supremo. Mas isso não explica nada. Que não queiramos acreditar, a proposito do além, no que acreditavam os nossos antepassados, é uma coisa; mas nada nos autoriza a decretar que não existe esse além e que certas forças captadas pela arte de sabios que penetraram antes de nós, nos arcanos da natureza, são destruidas, pelo facto unico de nossa intromissão nessa caverna.

Admittimos perfeitamente que miasmas delecterios se tenham accumulado alli no curso das idades, proliferando sobre os varios objectos, provisões, moveis e aspectos amontoados nesse logar hermetico. Porque não admittiriamos que outros germens, mais subtis, tivessem também sido collocados pela vontade dos sacerdotes e que não esperassem senão a abertura do hypogeo, para se pôr em accção e se desenvolver?

O Dr. J. C. Mardrus, nos seus admiraveis artigos sobre essa questão, no *Matin*, nos dá o texto de maldição gravada sobre a estela chamada da Execração:

*"Oh! gente de cima! oh! gente de baixo! Phantasmas sentados sobre os peitos humanos, vós, das encruzilhadas e dos grandes caminhos, errantes da sombra nocturna.*

*"E vós, dos abysmos do Occidente, nos lados dos crepusculos, hospedes das cavernas da obscuridade, que suscitaes os temores e os medos, e vós sombras passantes que não nomeio, amigas da lua; e vós, povoadores imponderaveis do dominio da noite, oh! tribus, oh! gente dos tumulos, vinde todos e sede minhas testemunhas e fiadores:*

*"Que seja reduzida a nada a mão que se levantar contra a minha fórmula! A nada sejam re-*

*duzidos aquelles que offendem o meu nome, as minhas effigies, ás imagens em que me desdobro, á minha fundação!*

*"A real Uracus, que domina a minha frente, vomitará fogo contra as suas cabeças e as suas cabeças irão para onde ficam os seus pés.*

*"Serão privados de seus nomes, de seus corpos, de seus bens, de seus Ka, de seus Bai, de seus Khou!*

*"Cahirão no braseiro de meu pae Amon. Que tenham o meu pae Amon! Uma desgraça acontecerá desde logo.*

*Tal é a minha execração e a minha vingança, meditada e escripta ao fundo do meu peito, para toda eternidade"*

E não obstante — incorrigiveis Occidentaes que somos — sorrimos, acceitando que, "literariamente"; essas "formulas antigas", têm um accento extraordinario.

Mas se reflectirmos em tudo isso, não tardaremos a ver que o nosso sorriso é que não significa nada, que não é scientifico. Porque, finalmente, não temos o direito de julgar, na nossa mesquinhez, sob o pretexto de que usamos navios a vapor e aparelhos da T. S. F. (sem aliás conhecer coisa alguma da essencia do vapor e da electricidade), de julgar — dizia — uma civilização tão adiantada como a do Egypto. Porque, ha muito tempo, seja manifesto o divorcio entre os nossos padres e os nossos sabios, entre a metaphysica e a sciencia, não temos o direito de depreciar uma época onde acontecia exactamente o contrario. Os sacerdotes eram ao mesmo tempo philosophos, physicos e magos. Não sabemos até onde iam os seus conhecimentos, e se não tinham penetrado nesse universo mysterioso que se estende além da nossa visão normal, com meios que lhes permittissem dirigir forças obscuras que o governam, seres subtis que o povoam.

Os seus encantamentos não seriam mais do que formulas escriptas desse poder, o symbolo dessa auctoridade real. E, assim como os embalsamadores, por processos cujo segredo se perdeu, encontraram a maneira de conservar, durante seculos, os cadaveres, assim os magicos teriam encontrado meios de salvar a integridade das sepulturas. Collocamos cães em caniches para proteger as nossas casas, e então podemos dormir. Amestrados pela nossa educação, pelas nossas ordens, os cães não precisam de nossa presença para cumprir os seus deveres. Os magicos do Egypto teriam encantado, elles no apogeo de Toutankhamon, cães invisíveis e impalpaveis, não menos para temer: as forças desconhecidas que se lançam contra os violadores.

Tudo isso é plausivel, logico. Póde deixar-se de acreditar, mas não se tem o direito de declarar, *a priori*, que é absurdo.

No entanto, é o que fazem espiritos fortes, indignos mesmo do nome de scepticos. Volvendo o commutador de suas anti-camaras, põem em jogo, para ascender a lampada do tecto, a energia formidavel d'Aquillo que faz surgir nuvens, grandes como uma cidade... E recusariam aos sabios antigos o poder de captar algumas larvas!...

Francis de MIOMANDRE

# GANHOS E PERDAS LITERARIOS

ESPECIAL PARA "AMERICA BRASILEIRA"

Paris, Fevereiro — 1924.

Se os inqueritos se faziam frequentemente antes da guerra, é forçoso confessar que, de algum tempo a esta parte, elles se multiplicam em proporções vertiginosas. Com effeito, não ha dia em que um escriptor, notavel senão celebre, não receba um questionario, que deve responder immediatamente. Certas perguntas precisariam de ser estudadas com tempo, mas como os lazeres se vão tornando cada vez mais hypotheticos na nossa sociedade fremente, a phantasia suppre em geral a documentação e dahi muitos inqueritos não trazerem os esclarecimentos que delles seria licito esperar. Entre os mais activos e zelosos inquiridores, o Sr. Gaston Picard merece ser citado em primeiro logar. Ninguem apprehende com mais rapidez uma idéa, para apresental-a em forma de inquerito, do que o nosso sympathico confrade. Fala-se por tal forma numa direcção das letras, que seria para admirar que não se tivesse feito uma consulta a proposito. Mas o Sr. Gaston Picard velaria e pediu a 60 escriptores que lhe expuzessem seus programmas, se lhes fosse confiada o departamento das bellas-lettras. Muitos dentre esses têm ainda um espirito bastante independente para não adherir a semelhante organização. Já temos em demasia uma litteratura official e como não se ignora, seria difficil encontrar outra mais fastidiosa e soporifica, salvo naturalmente raras excepções. Muitos consultados do Sr. Gaston Picard expressam o seu programma ministerial, mas varios tiveram o bom gosto de dizer que se dimittiriam no dia immediato á da sua nomeação para ministro. Esse inquerito suggeriu aliás ao Sr. Sébastien Voivol, autor de obras curiosas e requintadas, a idéa de formar um grupo de escriptores independentes para contrabalançar a influencia que podem ter as litteraturas excessivamente ministeriaes...

O Sr. Marcel Sauvage fez no *Paris Journal* um inquerito sobre os "escriptores muito conhecidos", que, como era de prever, deu os resultados os mais phantasticos. São escriptores como Anatole France, Romain Rolland, Paul Claudel, Paul Valéry, etc., os julgados "muito conhecidos". Terá ainda o Sr. Marcel Sauvage illusões sobre a sinceridade e a seriedade de seus confrades?

A questão do classicismo e do romantismo retomada com um ardor sem duvida um tanto exaggerado, motivou um outro inquerito na revista *Belles Lettres* pelo Sr. Maurice Caillard. Trata-se de saber se o classicismo representa de facto a saude, como disse Gotthe, e se o romantismo corresponde a um estado morbido. A questão do romantismo se complica com o mysticismo e não se póde regular na resposta a um inquerito. Para nós, são dois estados mais ou menos antinomicos do pensamento e da arte e que não é preciso oppôr, pois no mesmo espirito podem coexistir elementos de uma e de outra cathogoria.

A revista *Renaissance* faz um inquerito sobre "litteratura e publicidade". Como se sabe, os methodos empregados pelos livreiros são muito mal acolhidos pelos criticos, que disseram num momento de máo humor: para que commentar minuciosamente um livro, se o editor se incumbem de elogiar-lhe os meritos em notas de tal hyperbolismo, que podem fazer escandalo? Evidentemente a pequena nota tende a tomar o logar da grande critica. Esta cada vez se torna mais

difficil, devido á superprodução. Quando um critico recebe uma média de 40 livros por semana, não póde guardar senão dois ou tres para analysar com todo cuidado. Alguns preferem isso, mas nos livros que são obrigados a deixar de lado podem estar mais de cem que mereçam uma resenha detalhada. Para escapar á critica, criaram-se com furor, nos diarios notas literarias, onde, sem se fazer critica propriamente dita, são assinaladas as novas produções em algumas linhas que dão um resumo mais ou menos exacto das obras em questão. E' uma solução rapida, mas não é necessario insistir em dizer que, nessas condições, os julgamentos são falhos de solidez e precisão. Mas é a nossa época que assim o determina, e é preciso andar tão depressa nas coisas do espirito como nos negocios praticos. Não é commodo prever, tanto mais quanto as prophcias não são mais de nosso tempo; mas devemos desejar que os nossos methodos duren menos do que os antigos e que sem voltar em absoluto a esses, possamos encontrar um meio de conciliar, na medida do possivel, a rapidez da informação com a competencia e a solidez do julgamento.

Prepara-se em Franca a commemoração com brilho do tri-centenario de Camões que, como o de Ronsard, cae este anno. Os jornaes francezes não deixarão de publicar em breve o programma das festas que serão feitas em honra do illustre poeta dos *Lusiadas*.

O movimento para a celebração de Ronsard já começou em conferencias e artigos de revista. Uma dellas, a *Muse*

*Française* consagra o seu numero de Fevereiro ao poeta dos *Amours*, ao gentilhomen da Vandéa, que se fez agora o "Principe do poetas", depois de dois seculos de olvido. Esse entusiasmo por Pierre Ronsard ultrapassa tudo quanto se poude ver até agora.

Esses movimentos de reaccão são caracteristicos do espirito dos francezes. Certamente, podemos gostar de Ronsard e seu *Verd Laurier*, conhecer de cor poemas seus, mas porque uma tão grande quantidade de imitadores deve reproduzir os seus pensamentos, as suas imagens, as suas expressões em obras sem mais encanto para os que desejam a poesia como outra coisa a mais do que deveres, embora muito perfectos?

E de Ronsard passemos a Voltaire, cujo coração foi encontrado na Bibliotheca Nacional, descoberta feita pelo seu novo administrador, Sr. Roland Marcel. A expressão é um pouco forte, porque, se o caso não fosse conhecido pelo publico, não seria demais recordar que Victor Durev, quando ministro da instrucção publica, fizera collocar a preciosa viscera do grande escriptor no pedestal da figura de Houdon, representando Voltaire. Mas, por certo, ninguem mais se lembrava bem desse facto.

Ao menos, essa descoberta valeu uma cerimonia official, presidida pelo Sr. Leon Berard, nosso actual ministro da instrucção publica. O coração de Voltaire renouisa agora no vestibulo de honra da Bibliotheca Nacional e poder-se-ia dizer com certo *humour* que é uma curiosidade a mais para os turistas.

LOUIS GONZAGUE FRICK

## RODIN VISTO POR MIRBEAU

No setimo anniversario da morte de Mirbeau, a *COMOEDIA* de Paris publicou a seguinte pagina inedita do poderoso escriptor do CALVAIRE, que reproduzimos, no original, para não lhe tirar a força e o vigor:

*Auguste Rodin a été, tour à tour, le supplice et l'exaltation de la volupté, la douleur de la Vie, la terreur de la Mort avec l'Enfer; la voix de l'Histoire, avec les Bourgeois de Calais; le fracas de l'Élément avec Victor Hugo; l'Humanité multiple avec Balzac. Et, avec l'Enfer, Victor Hugo, Balzac, les Bourgeois de Calais, il aura toujours été la Nature et la Beauté. Esprit tumultueux comme un volcan, imagination grondante comme une tempête, cerveau sans cesse en feu et dévoré de flammes comme une forge qu'on n'éteint jamais, il est sage pourtant, et prudent! Et jamais il ne lui arriva de chercher une expression de vie en dehors des lois primordiales et éternelles de la Beauté! Il sait que tout ce qui s'éloigne de la vie est fallacieux et vain, et que rien n'est mystérieux de ce qui va demander de lumière aux ténèbres, du mouvement au neant. Son symbole est clair, parce qu'il est dans la nature comme la forme impérissable et une qui se répète des nuées du ciel à la montagne, de la montagne au corps de l'homme, du corps de l'homme à la plante, de la plante au caillou. Et c'est pour avoir compris ce principe unique du dessin, pour l'avoir toujours respecté dans son œuvre, que son œuvre nous émeut, nous étreint et nous subjugué, plus que toutes les autres.*

*Terrible et formidable déchirant les chairs convulsées sous le fouet de la luxure et les morsures de la tentation. il est tendre aussi. et il est chaste, et nul n'aura fait rayonner du corps de la femme, plus de grâce, plus de jeunesse et plus de caresse!... Oh! cette chair blanche des statues où le marbre transfiguré s'anime, palpite, frémit et se soulève en mouvements d'harmonieuse respiration, où la chaleur de la vie, le mystère du sang, la fécondité adorable du sexe gonflent les seins: chair réelle et parfumée, où toute la peau, alanguie et souple, tendue et pâmée, que la lumière caresse, que les ombres satinent, semble modelée par les doigts divins du Créateur!...*

# ANATOLE FRANCE

A 16 deste mez completa Anatole France 80 annos e toda a mentalidade franceza celebra com jubilo essa data na vida gloriosa do artista insigne, celebração a que se associa o espirito latino, que no autor do *Le Lys Rouge* tem uma das mais altas expressões. Entre nós, tão intenso tem sido o reflexo da obra do mestre, talvez nem sempre benefico, que seria desnecessario, neste simples registro, maiores referencias ao poderoso escriptor. Quaesquer que sejam, porém as divergencias do seu scepticismo esterilizador, ou do seu fremito retardatario de anarchista, o que perdura é a obra de arte, que nos deu, na sua infinda suggestão. Já foi feita uma subtil e penetrante differenciação, ou classificação, dos tres mais altos espiritos litterarios da França



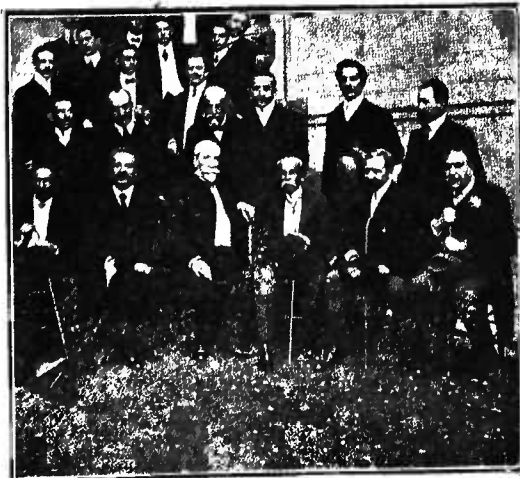
Anatole France (desenho de Leroux)

moderna, dous dos quaes recentemente fallecidos: Loti, Barrès e France. O primeiro seria os olhos, o segundo, o cerebro, e o terceiro, as mãos. O romancista de *Aziyadé* seria o artista visual, criador de deslumbramentos; o escriptor dos *Derracinés*, a cerebração mais viva e poderosa; o autor da *Histoire Comique* o artifice voluptuoso e intenso, bem ligado aos homens do renascimento italiano, de que espiritualmente descende em linha recta. Não se veja no artifice uma diminuição, mas uma fórmula do artista, nessa expressão symbolica e perfeita.

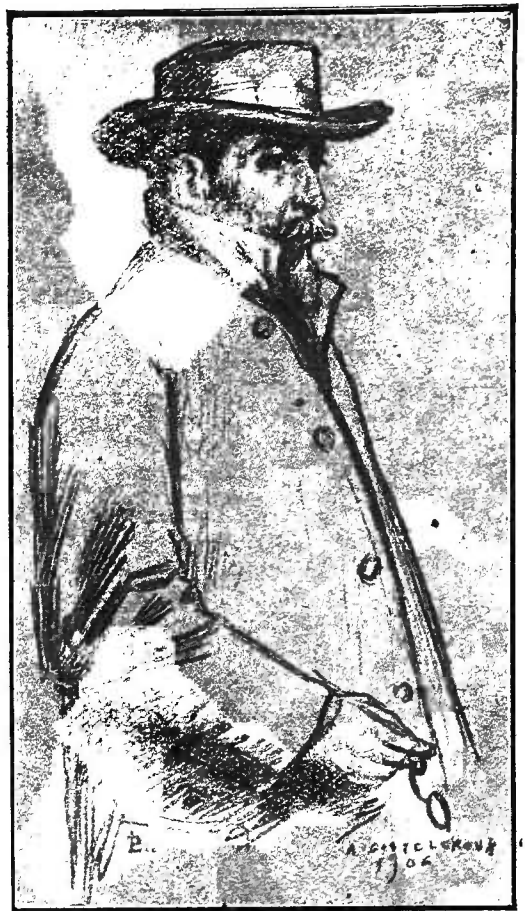
Anatole France entre nós tem tido uma influencia profunda, já o dissemos, bem como observamos que talvez nem sempre benefica. Sobre a nossa inquieta imaginação, o sorriso cynico de suas

figuras destruidoras seria um motivo de inquieto scepticismo, dissolvente em toda parte, de mais a mais entre temperamentos de fundo melancolico, como o nosso. Rebateu essa influencia, Ruy Barbosa na admiravel oração, com que o saudou, da cadeira de presidente da Academia Brasileira de Lettras, mas ajuntou, numa imagem justa, como poderiamos ter o goso da sua arte, sem o veneno de sua malicia. E' que o fumo, ditase o mestre brasileiro, só deixa marca nos pulmões do fumante e não affecta os que o aspiram no ambiente. Póde-se retrucar que o perfume da fumaça dá vontade de fumar e o mal então se propaga... Mas não é aqui o lugar de discutir esse assumpto de critica litteraria: queremos apenas lembrar a data natalicia de Anatole France, e evocar a grandeza de sua obra. Esta nos é tão commum, tão familiares nos são as suas figuras, o displicente Mr. de Bergeret, Sylvestre Bonnard, ou Pierre Noziere, seu proprio retrato, accentuado na *Vie en Fleur* e no *Petit Pierre*, que aos leitores só interessariam os estudos criticos e não é esse o nosso intuito, nesta simples noticia.

Anatole France, que se fez ardente patriota no curso da guerra, verberando o procedimento do inimigo destruidor e iconoclasta, é hoje um anarchista exaltado, de uma exaltação que faria rir o prudentissimo Jérôme Coignard... O mestre francez, depois de considerar a vida como uma successão da imagens divertidas e pittorescas, sem finalidade, pois o bem e o mal são (ou eram), para elle, sensações enganosas, pois a vida é indifferente, depois de demonstrar o seu puro amor ás fórmulas, sentindo talvez neces-



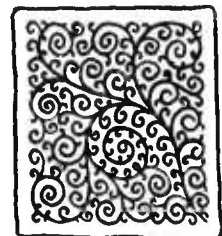
Anatole France, ao lado de Ruy Barbosa e outros membros da Academia de Lettras, em 1908



Anatole France (desenho de Leroux)

sidade de crer, como observou Mauclair, se fez anarchista. Terá vez por outra, em seus livros, deixado entrever certos pendores para essas doutrinas, mas sempre as envolveu na sua continua zombaria, que seria perigoso adiantar que dellas partilhasse. Só agora, na velhice, fez profissão de fé, passando-se das fórmulas para as idéas. Ora, o que caracteriza Anatole France é o lado contemplativo, porque tudo mais é ironia... Só a arte o commove e esse prazer pela fórmula é tão accentuado, no proprio estylo do escriptor, que nelle se sente uma intensa voluptia. Essa voluptia é que torna a sua obra um tanto feminina e é tambem o seu maior enlevo.

Diminuirá talvez o brilho da celebração do octagesimo anniversario de Anatole France, o estado de saude do mestre, que, de ha mezes a esta parte, se não é precario, tambem não é lisonjeiro. Mas por certo, na "Villa Saïd", cercado de seus livros (Anatole France é um eminente bibliophilo) e de seus objectos de arte, de que é grande colleccionador, o notavel escriptor receberá de toda a mentalidade moderna a homenagem devida ao seu genio, que é uma das mais puras glorias do espirito latino.



# A defesa do patrimonio artistico das Igrejas

Lastimamos sinceramente que a excludade de espaço nos impeça de transcrever na integra o notavel documento, que é a circular de S. Ex. Revma. D. Sebastião Leme, Arcebispo Coadjutor de nossa Archidiocese, recommendando aos vigarios e administradores ecclesiasticos a observação das leis canonicas que visam conservar e defender o patrimonio artistico de nossas igrejas. Mas, dando um resumo das idéas do illustre prelado, queremos accentuar a benemerencia e o a'cance de sua acção, afim de evitar, senão que desapareçam thesouros artisticos religiosos, muitos dos quaes já cahiram em mãos de estrangeiros e estão no estrangeiro, a menos que se dispersem, se estraguem, ou se percam. A acção ecclesiastica nesse caso é da maior importancia, tanto mais quanto essa defesa é prescripta em leis canonicas, não sendo mais simples interesse artistico, que se não pôde exigir. Mas a circular não se limita a chamar a attenção dos parochos para esses thesouros, e recommenda a organização de bibliothecas, archivos e museus, onde se poderão encontrar os meios mais authenticos de reconstrução historica, não só politica, social e religiosa, como artistica e litteraria.

Merece por igual todo re'levo a parte da circular, em que se refere á necessidade de dar ao nosso espirito um fundamento puramente nacional, fiel ás origens, evitando toda essa infecunda e esteril imitação, mal feita através de romances e de *films*, digeridos ás pressas e levanamente reproduzidos. São palavras profundas estas que transcrevemos:

"Cultivam-se litteratura, arte e estylos architectonicos que corporificam idéas e aspirações, pensamentos e sentimentalidade que não são da alma brasileira. E' uma incongruência sem nome, uma anomalia inconcebivel, mas, que se ha de fazer, se no ultimo romance francez e nos mais novos "films" americanos teimam os nossos em buscar as normas do bom gosto, a educação esthetica, os desportos e até o modo de vestir!

Quando até por longínquos povoados do interior, em lugares onde nunca se vio uma só farda do nosso Exercito e onde nunca resoaram os grandes nomes nacionaes, já são populares as apotheoses militares e as personagens belicas e artisticas de certas nações exportadoras de pelliculas cinematographicas, ao nosso coração de brasileiro e sacerdote se impõe imperativo e urgente o dever patriotico de gritar uma e mil vezes que se respeitem ao menos os unicos thesouros e caracteristicas nacionaes que nos restam — as igrejas e seus obiectos de arte. São reliquias da nossa fé, marcos da nossa nacionalidade, padrões gloriosos da nossa raça!"

Referindo-se á architectura. "arte social por excellencia" o eminente Arcebispo Coadjutor mostra que a architectura das igrejas, se não deve ser uma cópia de outras épocas, nem um retrocesso ao typo do chamado estylo colonial, passadismo que lhe não merece approvação, deve orientar-se no sentido do respeito ao espirito nacional, procurando exprimir em nossa terra e em nossos dias o pensamento christão.

"Igualmente julgamos escreve S. E., não exorbitar se, já não digo, pedirmos, mas exigirmos, que sejam quaes forem as nossas preferencias de estylo para as igrejas a serem construidas, em se tratando de igrejas antigas, não se attente nunca, por motivo algum, contra a belleza veneravel de suas feições architectonicas.

"Generalizando mais o nosso pensamento, queremos fazer aqui um appello vehemente a todos os homens capazes de influir na opinião publica, afim de que nos auxiliem a despertar e desenvolver na mentalidade popular sentimentos de culto affectuoso ás cousas e monumentos do passado.

"Com a palavra fallada e escripta, com o nosso exemplo, principalmente, levemos a todos os habitantes do Brasil a convicção profunda da seguinte norma de boa educação esthetica, patriotismo e cultura espiritual:

"Onde quer que se nos apresente um traço apreciavel da *physionomia nacional*, em sua historia, em suas crenças e tradições, em seus documentos de arte, a unica attitude que convem a um homem de espirito — é a de respeito e veneração."

Juntando a acção pratica á doutrinação, D. Sebastião Leme organizou na Archidiocese a commissão de Obras de

## O ROMANCE MODERNO

O romance hodierno (inteiramente volvido a esmiuçar as mais veladas intimidades, a perceber as relações mais extraordinarias e difficeis) ameaça de apoucar o sentido da realidade natural e da humanidade. E' a sua grande t'ara. Impressionismo, lyrismo, psychologismo e outros, uma ponta de phantasia morbida: eis, em summa, a formula. A' sua origem doentia correspondem uma fórma allucinada e retorcida e um estylo desarticulado e frenetico. Assim, esse modernismo pôde significar impotencia. O futuro dirá se as tendencias revolucionarias de hoje na arte do romance triumpharão, ou se um escriptor de genio, como fez Balzac no Ottocento, conseguirá abolir a desordem, resumindo e impersonalizando as caracteristicas de todo um genero. Além da surpresa que lhe é inherente, o problema está destinado a uma conclusão mais ampla. Veremos um novo classicismo (os signaes da aurora são incertos e o céu ainda velado não se desanuvia), ou assistiremos á victoria das mil degenerações romanticas que infestam actualmente a litteratura europea?

ARRIGO CAJUMI

Arte e, no Seminario, um curso de Archeologia e Bellas Artes. Não são demasiados todos os louvores a essa nobre iniciativa, cujos beneficios hão de ser os mais proficuos, para o desenvolvimento de nossa cultura artistica. O illustre prelado, presta assim á sua obra de dever religioso, um alto serviço de patriotismo, digno dos maiores encomios e de todo o nosso entusiasmo.

A Commissão de Obras de Arte terá as seguintes attribuições, nos termos da citada circular:

1) Dar os pareceres de que trata esta carta circular, toda vez que forem solicitados.

2) Zelar (vigiando, urgindo, esclarecendo, envidando, enfim, todo esforço) a conservação dos edificios, documentos e bens esclarecidos de valor artistico ou historico.

3) Promover a organização de um inventario ou catalogo de todos os do-



D. Sebastião Leme

cumentos e cousas de arte, archeologia e historia, confiados á guarda do clero e corporações religiosas. Esse inventario será feito de parochia em parochia, a começar pela Cathedral, abrangendo as igrejas, capellas, irmandades e outras instituições ecclesiasticas.

4) Promover a publicação de um guia artistico e historico das nossas igrejas, onde, com a planta da cidade venham indicados os edificios religiosos e, com o *cliché* de cada um, os dados que possam interessar á historia e ás bellas artes.

5) Promover a criação de um Museu Ecclesiastico para serem guardados os obiectos por acaso dispersos ou mal guardados.

VIII. Fica instituido ainda um Conselho Technico para construcção de igrejas e edificios ecclesiasticos, com as seguintes attribuições:

1) Dar pareceres escriptos sobre todas as plantas para construcção, reconstrucção, reformas de igrejas, capellas e outros edificios ecclesiasticos.

2) Fiscalizar, pelo lado technico, mediante solicitação do Conselho de Administração, todas as obras que se fizerem em edificios ecclesiasticos.

Sobre o curso de Arte Sacra, diz a respeitavel circular:

"Para despertar no clero maior apreço ás nossas preciosidades artisticas e archeologicas, será estabelecido no Seminario um curso de Archeologia e Bellas Artes.

Esse breve curso de bellas artes, cuja frequencia será aconselhada aos sacerdotes e obrigatoria aos ordenados, dará ao clero os meios para não ficar julgando mais tarde á incompetencia de não poucos constructores.

Serão ministradas noções exactas sobre a arte e belleza artistica, insistindo-se de preferencia na Arte Christã, quer em Architectura, como em Esculptura e Pintura, não só na parte theorica e artistica, como na historica.

Serão dadas noções de Symbologia Christã, Iconologia Sagrada, Mobiliario, Indumentaria, etc., não sendo esquecida a Archeologia Litteraria, para que alguma cousa fiquem os sacerdotes sabendo de Paleographia, Epigraphia, Bibliologia, Numismatica, etc.

Comquanto elemental, esse estudo ha de produzir beneficos resultados, fomentando o amor ás cousas de arte que nos legaram os antepassados e o cuidado com que havemos de zelar a sua conservação."

Queira Deus resultem desse esforço todos os beneficios que delle é licito esperar e nos quaes confiamos resolutamente.

# DE SATYRA SOTADICA

Apressou-se meu presado editor a confessar o desgosto que lhe proporcionára a composição dos *Laureis Insignes*, feita em typographia alheia, vagarosamente e com desassocegos. Não foi menor a tristeza do autor ao recensear, aturdido e cogitativo, as imperfeições, os enganos e os descuidos. As faltas são mais importantes que numerosas, e entre as emendas ainda a fazer uma existe que, não tendo sido incluída na errata, exige sem tardança ser apontada. Trata-se do título do último capítulo do livro, aquelle que me parece de confecção mais infeliz, por avultarem nelle os erros mais grossos. O escriba, pretendendo caracterisar com rigor a parte mais famigerada da obra do satyrista brasileiro, foi pedir de empréstimo á lingua estranha uma palavra bastante expressiva, embora só conhecida dos eruditos e talvez pela primeira vez estampada neste lado do Atlantico; mas o intento foi lastimosamente contrariado, porque a locução eleita com apurado estudo lá figura truncada, corrompida por um troca de letras, sem nenhum sentido. Não escrevi no original *satyra sodatica*, e sim *SOTADICA*; e, fosse qual fosse a causa desta incorrecção deploravel, a primeira graphia seria absurdez, injustificavel dislate, aborto vil. Nesta altura, permitto-me explicação minuciosa ácerca do uso que fiz, ou pretendi fazer, do vocabulo forasteiro, para estabelecer uma distincção, que julgo valiosa. Erradamente denomina-se erotica a poesia lasciva, impudica ou tórpe, quando, consoante o seu verdadeiro significado, o termo (como indica a raiz grega, *eros*) serve apenas para designar a poesia que canta as delicias do amor. Foi esse equivoco que entendi desfazer relativamente a Gregorio de Mattos, cujos versos são mais do que licenciosos, sobremaneira abandalhados e sordidos. O que os gregos chamam poesia erotica, não é a poesia libertina de Marcial, Aretino, Nicoló Franco, Boccage, Tomás Pinto Brandão ou Gregorio, mas a poesia fescenina, amorosa ou sensual de Anacreonte, Sappho, Clearco, Theophrasto e outros epigrammistas voluptuarios. Assim sendo, Catullo, Propercio, Tibullo, Ovidio, Jean Everaerts, Marot, Ronsard, Baudelaire e Renée Vivien são poetas eroticos, enquanto o autor dos *Sonnetti Lussuriosi*, Giorgio Baffo, Pacifico Massimo, Antonio Vignale, o *Panormita* e o Verlaine de *Femmes* são excluidos desta classificação por extremada obscenidade. Aos versos indecentes, recheados de pensamento lascivo e de expressão cloacina, deram elles a denominação generica de *sotadicos*, inspirada pelo alexandrino Sotades, que poetou na Thracia no III seculo antes da era actual. Sotades, poeta bandalho que Ptolomeu Philadelpho mandou afogar, cosido num sacco, compôz innumerados poemas luxuriosos, indecorosos e sarcásticos em versos jambicos irregulares, chamados *retrogradados* por uns ou *recorrentes* por outros. Esses ver-

sos, lidos em ordem inversa, apresentam as mesmas palavras e possuem identico sentido. Sirva de exemplo o seguinte de poeta latino:

Roma tibi subito motibus ibit amor.

ou ainda este:

Astra tenet cœlum, mare classes, area messem.

Ora, taes versos, que comprehendem diversas variedades (o tetrametro catalectico, o tetrametro e o pentametro), tomaram entre os gregos e os latinos a classificação de *sotadicos* (*sotadeum carmen*), em lembrança do inventor, que deve a celebridade mais á desenfreada pornographia que á engenhosa technica dos seus poemas. No entanto, se do verso jámbico se diz sotadico, sobretudo ás obras deshonestas, obscenas e abjectas, é que os gregos applicaram aquella definição, acceita e generalizada pelos eruditos francêses no seculo XVII, principalmente depois que Nicolas Chorier deu a lume em 1657 ou 1659 a celebre *Satyra Sotadica*, attribuida falsamente a Luiza Sigéa, dama toledana, erudita, sabia e virtuosa, cuja gloria se repartiu entre Portugal e Espanha. Foi meu proposito, aproveitando a lição antiga, dar á musa devassa de Gregorio moldura conveniente. Saiu-me manca, quedando-me, com o infausto exito, sem recursos para corrigir o aleijão. O livro, certamente, não merece immortalidade, e só o texto pede reparo, menos em attenção aos genuinos eruditos, sempre tolerantes, que para evitar a malicia daquelles criticos para quem o poeta escreveu:

Hæc mala sunt: sed tu non meliora facis.

A meu juizo, errata em livro não é coisa prestante ou serviçal, e raramente remedeia erros. De mais a mais, as *coquit-*

*les typographicas* são inevitaveis, e não me deterei agora a indicar exemplos, que andam correntes na noticia de todos. Nunca me dei ao exercicio de reler minhas semsaborias depois de impressas para catar lacunas de composição ou de linguagem. As primeiras sempre deixei correrem livremente e as demais sempre contaram com a generosidade christã dos doutos. Agora o faço arrastado pelo receio de immerecido reproche ás minhas magras letras, que, se em publico se apresentam desenfeitadas de estylo e sem luzimento, não costumam jamais apparecer ostentando deformidades ou incurias que offendam ao bom gosto e á esthetica litteraria. Os livros do eminente patrão dos *Laureis Insignes*, aliás tão maravilhosamente escritos como impressos a primor, trazem, invariavelmente, como nota de precaução, estas palavras do poeta fidalgo D. Francisco Manoel de Mello: "Da infelicidade da composição, erros da escritura, ou outras imperfeições de estampa, não ha que dizer-vos: vós os vedes, vós os castigais" A critica justiceira ou o leitor benevolo não imputa culpas a innocentes. Muita vez, porém, a incorrecção representa duro castigo para escritores esforçados ou pundonorosos, e, neste caso, a advertencia é desconsoladora explicação, desconsoladora e inoqua. Todavia não me considero dos mais desgraçados: no titulo do ultimo capítulo dos *Laureis Insignes* apenas entornaram soda... caustica, ao passo que no prefacio de uma das obras de Machado de Assis, autor pudico e casto, verteram coisa muito peor, porcaria nauseabunda. Tenho, pois, que não ha mais contas que pedir, nem mais esclarecimentos que dar.

Elysio de GARVALHO

## Por que Pascal não antecipou Newton?

Em face do genio de Pascal, uma questão se propõe naturalmente: porque, estando elle á beira de um campo maior de descobertas, não deu o ultimo passo? Pois lhe bastava, para antecipar Newton e Leibnitz, generalizar os problemas que resolveu, porque, então, elle o espirito synthetico por excellencia, elle que aos 16 annos, dominava com tanta elevação a theoria dos conicos, porque se absteve de um esforço tão natural? Se era mestre de calculo infinitesimal, se igualmente era mestre dos principios de mecanica então conhecidos, porque não explicou essa sabedoria ao mais grandioso problema que o *cosmos* propunha aos homens de seu tempo, ao systema de Copernico e de Kepler?

Criticos eminentes allegam a inaptidão de Pascal para se mover no abstracto. Não é duvidoso que Pascal, por temperamento intellectual, prefira ao automatismo do calculo symbolico o raciocinio intuitivo e directo que, do ponto de partida ao da chegada, contempla uma realidade precisa, geometrica ou physica. No manejo da algebra abstracta, não possui essa virtuosidade que o habito permite. Mas bastaria para conquistal-a de um esforço de vontade e não de genio.

Esse esforço, repetimos, porque não *quiz* fazer?

Em vão procuraríamos a resposta nos escriptos mathematicos de Pascal, porque o enigma permaneceria insolúvel se ignorassemos que, nelle, o sabio não é senão uma das faces da sua personalidade, que é antes de tudo um dos mais altos lyricos da ansia humana e que a sua grande alma atormentada proseguia, fóra da sciencia, a busca das certezas absolutas que a dessedentasse.

Contemplando o seu proprio genio, não olhará, de ora em diante, para os mathematicos senão como "um ensaio, não um emprego" de nossas forças. E mesmo que os numeros permittissem a demonstração da existencia de não sei que divindade insensível e abstracta, que socorro encontraria nisso?

Aos seus olhos, pois, a pesquisa scientifica não deve ter outro fim — não ser o de exercitar e fortalecer a nossa razão, ao mesmo tempo que a limitar, permitindo-lhe aceitar humildemente verdades mais altas e de uma ordem a que não attinge a sciencia.

PAUL PAINLEVÉ

(De La Revue de Paris).

# O CENTENARIO DE KANT (1724 - 1924)

A 22 do corrente celebra o mundo o segundo centenario do nascimento de Emmanuel Kant, o grande philosopho allemão, e um dos maiores pensadores do mundo moderno. Kant e Leibiniz são as mais insignes expressões da philosophia allemã. Nasceu Kant em 22 de Abril de 1724, em Königsberg, na Prussia oriental, cidade que, segundo o philosopho, no prefacio da sua *Antropologia*, como centro de vida politica e intellectual da região, como porto de mar e centro economico de uma extensa zona do continente com varias populações orientaes, era um logar muito indicado para procurar-se o conhecimento do mundo e dos homens. Emmanuel Kant era o quarto filho de Gian Giorno com Anna Regina Reuter, gente de pequena burguezia, sendo o seu pai selleiro. Aos oito annos, Kant começou a frequentar o *Fridericianum*, instituto onde esteve até 1740, quando entrou para a Universidade. Fez naquelle estudos religiosos e teve uma magnifica instrução da lingua e da litteratura latinas. Em 1737, morreu a sua mãe, a quem era muito affeçoado, della fallando como senhora de grande bom senso, coração nobre e sincera religiosidade. Em 1740, como se disse, entrou para a Universidade de sua patria e iniciou os seus estudos na faculdade de philosophia que, segundo a tradição vinda da Idade-Média, era uma especie de curso propedeutico para os cursos superiores. Nessa faculdade, as disciplinas verdadeiras eram oito: lingua hebraica, mathematica, lingua grega, logica e metaphysica, philosophia pratica, sciencias naturaes, poesia, eloquencia e historia. As predilecções de Kant foram para a mathematica, as sciencias naturaes e a cosmologia, interessando-o sobremaneira Lucrecio. Em 1746, apresentou ao decano da faculdade o seu primeiro trabalho *GEDANKEN VON DER VAHREN SCHATZUNG DER LEBENDIGEN KRAFTE* (*Pensamentos em torno da verdadeira avaliação da força viva*) que foi publicada. É um ensaio sobre a contenda entre Descartes e Leibiniz a proposito da medida de força e já revela o poderoso engenho que depois assombraria o mundo. Nesse mesmo anno, em 24 de Março, morreu o seu pai.

Depois da vida difficil que levou como universitário, Kant foi professor privado, mas sempre aspirou ao magisterio na Universidade, onde entrou em 1755, sendo feito *magister* graças ao seu escripto *De igne* e de ter sustentado uma discussão sobre a dissertação *Principiorum Primorum cognitio metaphysice nova dilucidatio*. No inverno 1755-56, principiou as suas lições, tendo na primavera de 1756 sustentado uma outra discussão sobre o thema *Monodologia Physica*, para obter um extraordinariato. Mas deveria esperar 15 annos para ser professor. Duas vezes pretendeu vagas existentes, mas sem exito. Na segunda vez, dirigio seu pedido á Imperatriz da Russia (Koenigsberg esteve dos fins de 1757 até a paz sob a jurisdicção russa). Vagando a Cathedra de arte poetica em Berlim, foi-lhe offerrecida; mas recusou. Em 1766 foi nomeado bibliothecario da Bibliotheca Real, com 62 talheres de ordenado. "Ao principio da sua carreira academica, escreve Paulsen, o seu interesse philosophico scientifico se dirige de preferencia, como revelam os escriptos e as lições, para o mundo exterior. Nas lições, afora a logica e a metaphysica que, por principio, estavam em primeiro logar, tratava ainda da mathematica e das sciencias naturaes. Um curso principal tornou-se, além disso, a *Geographia Physica* que Kant introduziu em primeiro logar no ensino universitário". Em 1755 publicou *ALLEGEMEINE NATURGESCHICHTE UND THEORIE DES HIMMELS* (*Historia natural geral e Theoria do céu*) ensaio de uma constituição e origem mecanica do universo, no ponto de vista newtoniano, publicado sem o nome do autor e offerrecido a Frederico II. Nesse trabalho, Kant explica genericamente com principios

puramente physicos a estrutura do cosmos, por uma emanação da força physica, no que precedeu, de certo modo, Laplace.

Em 1770 Kant, já então gosando de alta consideração do Governo, era feito professor ordinario, de logica e metaphysica, tendo em 1778 o Ministro da Instrução Von Zedlitz insistido em vão para que accitasse uma cadeira em Halle, a mais importante universidade prussiana. Mas Kant recusou, para não sahir de Königsberg. Em 1781 apparece a *KRITIK DER REINEN VERNUNFT* (*Critica da Razão Pura*), seu livro fundamental, offerrecido a Zedlitz. De 1780 inicia-se o periodo de sua grande actividade criadora. Em 1788



Kant

publica a *KRITIK DER PRAKTISCHEN VERNUNFT* (*Critica da Razão Pratica*) e em 1790 a *KRITIK DER URTEILSKRAFT* (*Critica do Julgamento*). Em 1786 falleceu Frederico II e seu successor Frederico Guilherme II, substituiu Zedlitz por Woliner, cuja intolerancia religiosa logo se caracterizou pelo edito de 9 de Julho de 1788 perseguindo o illuminismo na Prussia. Em 1793, reagindo contra essa intolerancia, escreveu sobre os confins da Religião na Razão, mas o segundo artigo foi censurado e depois admoestado pelo

rei, tendo o philosopho promettido não mais escrever sobre religião. A fadiga ia abatendo o grande pensador que em 1796 abandonava as suas lições, até que ficou impossibilitado de trabalhar. Em 1798, escrevendo a *Garue*, dizia que o seu estado physico era de discreta saude, mas o espirito estava impotente e assim via a sua philosophia incompleta, num suplicio de Tantalos. Afinal em 12 de Fevereiro de 1804 morreu Kant, sendo as suas ultimas palavras *Es ist gut* (Está bem). Em seu tumulo gravaram estas palavras da *Critica da Razão Pratica*:

*Der gestirnte Himmel über mir,  
das moralische Gesetz in mir.* (1)

\*  
\*\*

A vida de Kant era de uma systematização absoluta e o seu horario invariavel, o seguinte: levantava-se ás cinco horas, trabalhava até ás 7 ou ás 8, horas de aula, e depois, das 9 ou das 10, até a hora do almoço, uma da tarde. A' hora da refeição, uma unica nos ultimos annos, gostava de conversar duas ou tres horas. Passeiava uma hora, sempre com o mesmo itinerario, dedicando o resto do dia ao estudo ou á meditação. Deitava-se ás 10 horas. Tinha poucas relações, quasi todas no meio universitario. O mundo exterior não o preocupava, tanto que nunca sahio de Königsberg e jámais viu uma montanha. Mas gostava de ler descrições de viagens. O seu discipulo e amigo Krans diz que Kant escrevia com um livro aberto em frente, para distrair-se com a sua leitura, nos momentos de fadiga. Só possuia um retrato, de Rousseau, de quem soffreu forte influencia e a quem admirava profundamente.

Não é aqui, nestas breves notas sobre o homem, logar para se fallar desse grande philosopho, que já foi chamado Segundo Messias e diante do qual Schutz cahia em adoração. Herder escreveu que "a sua fronte aberta, feita para pensar, era sede de uma alegria perenne, de um prazer impertubavel". A philosophia de Kant exerceu uma influencia extraordinaria no pensamento moderno e não nos cabe aqui apontar as referencias. Maior do que Comte que delle procede, Kant foi o grande philosopho dos tempos contemporaneos. Se o seu scepticismo metaphysico foi infecundo e perturbador, a sua philosophia moral foi de uma excelsa grandeza.

(1) *O Céu estrellado sobre mim, em mim a lei moral.*



# LIVROS ESTRANGEIROS

## Os confins da sciencia e da fé

E' esse o titulo da nova obra do eminente sciencista, o Abbade Th. Moreux, cujo primeiro volume acaba de apparecer. E' uma analyse profunda e uma larga discussão em torno do pretendido antagonismo entre o dogma catholico e os principios, ou hypotheses, sciencificas, afim de mostrar que não existe esse desaccôrdo, senão na cabeça dos que, ignorando a religião, lhe emprestam falsas idéas. Para isso fixa alguns dos problemas essenciaes da sciencia, na hora actual, e estuda-os á luz das conquistas as mais modernas da intelligencia humana, claramente demonstrando que não existe conflicto algum entre sciencia e fé, nem tal poderia existir. E' um livro de alta cultura e divulgação, feito com uma claridade transúcida, de sorte que os não iniciados nos estudos especializados da sciencia, lhe podem acompanhar o raciocinio e seguir a logica, através desses intrincados meandros. Os problemas estudados são os seguintes: existencia de um plano do universo, o que acceta, pois os astrónomos não encontraram nenhum objecto fóra do nosso



Th. Moreux

Universo, representado pela Via lactea, sendo que o plano da Terra deve ser um plano médio da Via lactea, de uma distancia de cerca de 65.000 annos-luz de seu centro; o problema do universo infinito, que mostra ser absurdo, em face da logica sciencifica, que repelle o "espaço em si", sem o qual não se comprehenderia a extensão infinita do universo; o evolucionismo e o criacionismo, que estuda afim de provar que a evolução não é repellido pela Igreja, desde que deixe de ser, "necessariamente mecanista" para se tornar "a operação gradual de um desejo divino"; as theorias antigas e modernas de cosmogonia, cujas hypotheses ainda marcam a nossa impossibilidade em face do grande enigma; a genese dos elementos, mostrando o descuido dos que querem (como os positivistas) impedir a indagação do como foram feitas as cousas, sem limitar um dos mais justos anseios do homem; o estudo do atomo, de sua constifuição e propriedade; a materia e a energia, abor-

dados os problemas da Thermodynamica, de accôrdo com as doutrinas mais recentes, concluindo pela degradação constante da energia, cada vez menos utilisavel sob uma fórmula mecanica; e, por fim, a questão de eternidade do mundo, que mostra ser um conceito absurdo, porque um acontecimento produzido num tempo infinito e um acontecimento que nunca se deu, portanto nenhum fact real nelle se produziu, logo o mais remoto acontecimento real que houve foi num tempo finito e determinado e consequentemente o mundo teve começo. Eis, num rapido esboço, os varios problemas elaborados neste livro magistral, dentro de uma solida argumentação, construida em doutrinas fundamentaes. Noticiando o apparecimento deste livro do illustre Director do Observatorio de Bourges, queremos apenas recommendal-o ao leitor, pois a reputação de sabio do Abbade Moreux dispensa qualquer louvor.

## Um livro de Painlevé

O Sr. Paul Painlevé não é só o mathematico notavel, que todo o mundo conhece e admira e ainda agora, no Instituto da França, oppoz grandes objecções a Einstein, mas por igual homem politico e que teve papel saliente na grande guerra, passando pelo governo de 1915 a 1917, sendo que, nesse anno, de 13 de Setembro a 13 de Novembro, como Presidente do Conselho, com a pasta da Guerra, que já sobraçava desde o gabinete Ribot. Mas, foi no governo do Sr. Painlevé, na pasta da Guerra, que se deu o grande desastre da offensiva Nivelles (16 de Abril de 1917) cujo insuccesso deveria lhe valer muitos ataques. Relembremos os acontecimentos. O General Nivelles, que substituiu Joffre no commando francez, e falleceu recentemente, sonhára com uma offensiva violenta, numa escala sem precedentes, e a planejara estando decidido, diz o Sr. Painlevé, quando em Abril de 1917, assumio a pasta. Depois de algumas reuniões e mantido o ponto de vista do generalissimo, comquanto forte fosse a opposição, pois os allemães se haviam fortificado na "linha Hindenburg" e, oriente, para reforçar o "front" occidental, esperando, de resto, a offensiva, o Exercito francez, a 16 de Abril de 1917, ás 6 horas da manhã, se lançou, "num dos mais admiraveis impetos de que deu exemplo ao mundo" contra as linhas inimigas. Os allemães preparados e prevenidos receberam o golpe com um extraordinario vigor, annullando os choques, contratacando com exito e dizimando a infantaria franceza com fogos reunidos de innumeradas metralhadoras dissimuladas. Ao fim do primeiro dia, ao invéz dos 10 kilometros previstos no horario do ataque, o avanço fóra de 500 metros e prezadissimas as perdas. No dia seguinte, o generalissimo restringio os seus objectivos, contentando-se com operações parciaes. Era indiscutivel o desastre e enorme foi a sua repercussão sobretudo no seio do Exercito, onde se seguiram mesmo certas inquietações, que o governo teve de reprimir, com vigor. Nivelles, apesar da solicitado por Painlevé, não se demittio e foi posto em disponibilidade, sendo succedido por Pétain, que foi o grande remodelador do Exercito francez.

## Lewis et Irène

"E' uma festa para os olhos e uma delicia para o espirito" — escreveu um critico sobre o ultimo livro de Paul Morand *Lewis et Irène* (Ed. Grasset) que acaba de ser publicado e a critica recebe com grande entusiasmo. O enredo do romance é apenas motivo para os desenvolvimentos litterarios, seja na descripção de paisagens multiplas e fascinantes, da vida intensa e tumultuosa dos negocios, do fremito das viagens e das emoções de amores extranhos e vibrantes. A historia de Lewis e Irène é bem uma experiencia amorosa, como já foi chamada. Lewis é um audacioso *businessman*, que emprega toda a sua vida na conquista dos amores e de dinheiro, vivendo intensamente nos negocios, que o absorvem por completo, sem comtudo deixar de fugir, vez por outra, desse frenesi para respirar um pouco no campo e gosar de alguma liber-



Paul Morand

dade. A perspectiva de un grande negocio o obriga a ir á Sicilia, onde tambem o mesmo motivo levou Irène, grega, de 30 annos, *businesswoman*, viuva de um velho, que esposára por conveniencias. A sorte favoreceu Lewis, que deixou a Sicilia, com a lembrança forte de Irène, a quem deseja rever e vai encontrar afinal em Londres. Amam-se e casam-se.

Partindo em viagem, visitou Constantinopla, o oriente, e fixou-se por algum tempo numa ilha grega, de onde Irène é natural. Lewis, porém, já se enfastia. Em Pariz, mais se accentuam as divergencias e se separam, mas os bancos que dirigem se unem e uma fusão de firmas substitue uma fusão de espirito...

Como se vê, o interessante está nos motivos accessorios, que Paul Morand soube aproveitar para as suas pinturas suggestivas e cortadas de terras, ambientes das personagens, no movimento intenso que sabe dar ao romance.

# O NOVO RETRATO DE DANTE E LÉO OLSCHKI

O commendador Léo Olschki, o conhecido editor e livreiro de Florença, acaba de comunicar ao mundo uma noticia sensacional, e o facto não deve passar despercebido dos brasileiros cultos. Trata-se nada mais nada menos do descobrimento de um retrato de Dante. O quadro, que tem as dimensões de 26 x 29, foi encontrado em Berlim, é trabalho do seculo XV e possivelmente pertence á escola lombarda. O novo documento iconographico está suscitando entre os eruditos, criticos, artistas e amadores o mesmo forte movimento de curiosidade que provocou o apparecimento em 1842 da figura de Dante, pintada por Giotto no grande fresco paradisiaco da capella de Santa Maria Magdalena. O celebre historiador d'arte Bern. Berenson, o mais profundo conhecedor da arte antiga italiana, attribue a obra, com toda probabilidade a um discipulo de Andréa Mantegna, suppondo-a até copia fiel de um retrato perdido do poeta, trabalho deste mestre.

O Sr. Guido Vitaletti, em artigos publicados no *Giornale Dantesco* (II, 2, XXVI,) e na *Bibliofilia* (XXV, disp. 8ª e 9ª), dá uma descripção pormenorizada do preciosissimo achado e estuda a origem da pintura. O retrato foi executado em tela muito fina, collocada sobre madeira, processo caracteristico de Mantegna e seus discipulos, e os traços são feitos com tal precisão que fazem lembrar um miniaturista. O poeta, como se vê na gravura que estampamos, é representado de

perfil, pelo lado esquerdo, sobre fundo escuro. Fronte quasi occulta, ostenta na cabeça o nobre barrete vermelho e a corôa de louros, e na testa apparecem alguns cabellos, desenhados com nitidez, um por um. O nariz é robusto e carnoso, e o olhar vago e melancolico, com cilios longos e subtis. A bocca é mal fechada pelos labios estreitos, e, na sua singela linha obliqua, tem um ar estranho de amargura. O queixo é forte, bem como a face, e largo e forte o peito. Por baixo do barrete, cae ainda uma banda alva triangular, terminando em ponta que afina e desce além do pescoço. Entre a banda e uma das folhas de louro da corôa apparecem alguns cabellos negros. A orelha está encoberta: A tunica é vermelha e deixa ver em torno do pescoço uma lista branca. Possui o retrato todos os traços característicos da physionomia de Alighieri, o Dante da *Divina Commedia*—“il viso allungato, malinconico e pensoso, il naso aquilino, gli occhi anzi grossi che piccoli”, como a pinta Boccaccio no *Trattatello in laude di Danti* e apparece no Codice Riccardi 1.040. Guido Vitaletti é de opinião que o autor se inspirou para compor esse retrato de Dante na miniatura do Codice Riccardino 1.040, existente em Florença, onde o poeta é igualmente visto na mesma attitude de perfil esquerdo, se bem que lhe pareça que, para fixar a mascara profunda e intensamente subjectiva do Dante, o artista não tivesse seguido o referido modelo e sim qualquer outro documento iconographico

quatrocentista, muito commum na epoca. Escreve elle: “A quali documenti iconografici l'ignoto artista si sia ispirato, non é difficile dirle. A prima vista si risale, senza tema di andar troppo lontani, alla miniatura del Codice Riccardino 1.040, soltanto che il volto del Poeta é rivolto della sinistra. Nell'intonazione generale, nella sommaria ma decisa vigoria dei contorni, nell'asprezza del segno che dá alla fisionomia un'impronto rude e fal balzare dai lineamenti fizici la fiamma inferiore, le assonance sono molteplici e profonde: il nostro quattrocentista, però, per quel che mi sembra d'intravedere, non ebbe davanti a sé l'insuperato modello riccardino, ma qualcuno dei documenti che più o meno direttamente da esso erano derivato e che nel' 400 dovevano più diffusi di quanti oggi supponiamo. E infatti, mentre nella tavoletta a tempera di scuola fiorentina del seculo XV, attribuita un tempo falsamente all'Orcagna e che ora é nella collezione Trivulzio in Milano, troviamo un'immagine diretta ma più ragentilite della miniatura riccardina da cui derivò, qui il pittore si ispira ad un modello che ho ragione de credere, insieme al compianto Parodi, come un originale intermedio tra la miniatura riccardina e la tavoletta trivulziana, originale scomparso ma a cui fu ispirato evidentemente anche il bronzo del Museu Nazionale di Napoli. Di qui l'importanza del nostro quadretto: esso rafforza la tesi del Parodi in quanto che l'originale scomparso possiamo credere che sia stato, nel nostro dipinto, tenuto presente e tramandato.” Até aqui quanto á origem do quadro.

Acerca do autor, não foi possível, por enquanto, estabelecer-se a sua identidade. Não obstante as investigações de alguns sabios ou technicos dedicados, o problema ficou sem solução. Não estão longe da verdade os que, como Guido Vitaletti, attribuem a autoria a um artista lombardo da segunda metade do seculo XV, da escola de Mantegna, como se pôde verificar pelo vivo esforço esculptural com que está modelada a cabeça do poeta. A hypothese de Berenson, de que talvez seja uma cópia de um quadro feito por Andréa Mantegna, com ser de grande valor, encontra muitos adeptos. Seja como fôr, esse retrato de Dante, se bem que não traga novidade, em materia de retrato, é considerado precioso documento da iconographia dantesca, não só como execução artistica, mas ainda por traduzir um typo intermediario entre a miniatura riccardina e outros trivulzianos. E fortuna grande é a de quem o possui.

Não ficaria completa esta noticia se não deixassemos uma referencia especial ao descobridor do novo retrato de Dante. Léo S. Olschki, que é nome universal, não é muito conhecido no Brasil, onde, no entanto, conta alguns amigos e admiradores, entre os quaes o autor, a quem faz a honra de trazer ao corrente das suas aquisições e pesquisas. Na sua longa carreira tem alcançado ruidosos triumphos, como editor e como erudito, e o brilhante lugar que conquistou entre os primeiros livreiros europeus deve á sua lucida intelligencia, ao seu labor ininterrupto e á sua probidade. De origem prusiana e nascido em 1861, desde muito moço que se estabeleceu na Italia e ahi vive cercado de estima geral. Foi no começo, durante quasi dous annos, auxiliar da livraria Calvary & C., em Berlim, que era frequentada pelos mais doutos allemães, taes como Johannes Vahlen, Wilhelm Hirschfelder e Mommsen, e nesse ambiente de alta cultura formou o espirito e temperou o character. Transferiu-se



Retrato de Dante, da Escola de Montegna



definitivamente para a Italia quando lhe offereceram o logar em Verona, onde se estabelece, em 1886, com capitaes proprios, adquirindo as importantes bibliothecas privadas do marquês Fenaroli, de Brescia, e do abade Agostinho Zarella, de Verona. Em 1880, muda-se para Venezia e em 1895 para Florença, "sul soleggiato Lungarne degli Acciaoli", e dá grande impulso á sua livraria, que se tornou uma das mais ricas da Europa.

Ao mesmo tempo que desenvolve o commercio de livros, creando a figura do livreiro moderno, intelligente e erudito, dedicado e orgulhoso da sua missão, lança em 1888 a primeira revista consagrada exclusivamente aos estudos dantescos, *L'Alighieri*, dirigida pelo Professor Francesco Pasqualigo, e que em 1893 toma a actual denominação de *Giornale Dantesco*. Funda em 1899 *La Bibliofilia*, com a colaboração dos eruditos estrangeiros Delisle, Omont, Müntz, Duc de Rivoli e dos italianos Gnoli, Rostagno, Mazzi, Faloci-Pugliani, Marzi e outros, a *Revista d'Arte*, sob a direcção do com. Giovanni Poggi, superintendente da Real Galeria de Florença, e o *Archivum Romanicum*, dirigida pelo professor Giulio Bertoni, da Universidade de Friburgo.

Leo Olschki foi um dos primeiros na Italia que renovou os estudos bibliographicos, estimulou o gosto pelas edições originaes do primeiro seculo da typographia e muito tem contribuido para a expansão da cultura dantesca. Tem tomado parte saliente em quasi todos os certamens de character literario e scientifico celebrados nestes ultimos annos na Italia. Por ocasião do sexto centenario da morte de Dante, em 1921, promoveu e custeou um concurso para um ensaio de character popular acerca do divino poeta — *Dante spiegato ao popolo*, e publicou uma edição fac-simile do *Codice Landiano da Divina Comedia*, o mais antigo que se conhece, pois é datado de 1336, tres decadas depois da morte do poeta. Esse vetustó manuscrito foi composto por Antonio de Fermo por incumbencia de Beccario Beccaria, e é celeberrimo pelo lugar que occupa na classificação genealogica dos codices dantescos. A reprodução do insigne cimelio da Bibliotheca Communal de Piacenza, que ahí tem o numero 190, foi executada mediante processos phototypicos, infalliveis quanto á absoluta fidelidade do texto e das suas particularidades, e nella collaboraram os celebres impressores Danesi e Guintina. A obra appareceu com prefacio do professor A. Balzamo e introdução do professor G. Bertoni, e a tiragem limitou-se a 175 exemplares. Anteriormente, em 1911 havia estampado a edição monumental, acompanhada da exposição de G. Lando Passerini da Cortona, de *La Comedia del Divino Dante Alighieri da Firenze*, dedicada a S. M. o Rei da Italia.

Impresso a duas cores, negro e vermelho, o texto é enquadrado nos commentarios e illustrado com as tres figuras e as 97 vinhetas da edição de 3 de março de 1491. A encadernação é primorosa: "veau brun, les plats avec des jolis ornements a froid, quatre coins et deux fermoirs en bronze, au centre du premier plat le portrait du poete, en médaillon, en bronze, et au centre du second plat, la marque de l'editeur en bronze, tête dorée". Fez-se uma tiragem especial de seis exemplares, fóra do commercio, e mais 300 impressos em bello papel de Fabriano, fabricado á mão e, com a filigrana trazendo a effigie de Dante. Para maior luzimento da arrojada iniciativa escreveu Gabrielle D'Annunzio um prefacio, que é, sem duvida, uma obra prima de synthese erudita. A sua actividade em favor da obra de Dante é incessante, e além destas impressões especiaes publicou mais a edição facsimilada da *editio princeps*, de 1508, da *Questio de aqua et terra*, com uma intro-

ducção historica e a transcripção critica do texto latino por G. Boffito, o manuscrito de Grenoble do *Traité de l'eloquence vulgaire*, *De Monarchia libri III*, rec. Ludovicus Bertalot, *De vulgari eloquentia libri II*, rec. Ludovicus Bertalot e o *Almanach Dantis Alighieri rive Profhacii judaci Montispersulani*, *Almanach perpetuum ad annum 1300 inchoatum nunc primum editum ad fidem codicis Laurenti ant.*, etc.

Fóra da classificação dantesca, Léo Olschki tem estampado obras de alto valor, tanto de arte, literatura e historia, como de philosophia e bibliographia, que seria fastidioso aqui enumerar. Mencionaremos apenas a edição dos quinhentos *Disegni della Reale Galleria degli Uffizi in Firenze*, feita sob a direcção do professor N. Ferri, conservador do referido museu, do conde Gamba, inspector geral dos museus de Florença, Charles Loeser e G. Poggi, inspector chefe dos museus e galerias de Toscana. A reprodução fac-similar é de tal modo perfeita que difficilmente se distinguem os desenhos estampados dos originaes. To-



Léo Olschki

das as revistas technicas são unanimes em reconhecer o absoluto cunho artistico e o excepcional valor da corajosa empreza, realizada, seja dito de passagem, por conta e risco do editor, quando se sabe que taes empreendimentos em geral não prescindem do auxilio dos Estados e dos governos. A revista parisiense *L'Art et les Artistes*, occupando-se de alguns desenhos de Pontormo, escreve: "Le choix des dessins, l'exécution des planches, l'édition de l'ouvrage, enfin, remise aux soins de M. Leo S. Olschki, etc., garantissent la haute valeur artistique des volumes, la fidélité absolue des œuvres et la présentation superbe d'une publication qui sera le monument le plus glorieux élevé jusqu'à ce jour à l'art du dessin". A edição, que é apenas de trezentos exemplares, tem sido disputada pelos museus, bibliothecas e amadores do mundo inteiro, não obstante o alto preço da collecção, que é de dois

mil francos suissos. Taes publicações bastariam para constituir motivos de orgulho para um editor se não documentassem uma cultura individual.

Em summa, o commendador Léo Olschki possui outros titulos que o tornam merecedor da estima e do apreço dos letrados. Se como editor grangeou uma reputação invejavel, entre os mais autorisados eruditos da Italia e da Europa tem um posto respeitavel, graças ao seu robusto saber, ao genio pesquisador, á argucia profissional, á nobre paixão pelo livro e ao fervoroso culto tributado ao "altissimo poeta". Ahí estão as suas monographias sobre os incunabulos illustrados imitando manuscrito, o livro na Italia através dos seculos e o papel da Italia no desenvolvimento da arte typographica, e do mesmo modo os seus catalogos descriptivos ou commentados de codices italianos do XV seculo, livros com figuras de todas as escolas dos XV e XVI seculos, etc., representando tudo isso somma formidavel de trabalho paciente, sabio e probo. Não conheço actividade mais fecunda nem mais formosa consagrada á bibliographia e á erudição, e bem grata ao seu espirito devia ter sido a homenagem que, por ocasião da sua data jubilar, lhe prestaram admiradores e amigos, representada principalmente por um livro, editado por Rosenthal, de Monaco, em que collaboraram sabios, criticos e escritores italianos e estrangeiros. Do commendador Léo S. Olschki traçou este perfil Carlo Frati, na *L'Italia che scrive*, no numero de agosto de 1921: "Chi conosce l'Olschki personalmente sa poi che egli non è soltanto un editore coraggioso e geniale, e un accorto libraio, ma un bibliografo consumato, un umanista e un artista nel senso migliore di queste abusate parole: capace de intendere, di parlare, e di scrivere quasi tutte le lingue principali d'Europa; di giudicare con occhio sicuro qualsiasi manoscritto o libro raro; di interpretare e sentire un classico antico o moderno como di apprezzare e valutare un'opera di arte, o di discutere, con informazione e versatilità singolari, sui più svariati argomenti letterari, ed anche scientifici. E editore e collaboratore ad un tempo (insieme ai figli, cresciuti sulle orme del padre) delle riviste bibliografiche, letterarie ed artistiche, ch'egli ha fondato e dirige. L'espressione del suo viso, cortese ed arguta ad un tempo, è in lui (come non di rado accade) quasi specchio dell'animo: accorto senza doppiezza, idealista senza ingenuità, cortese senza piaggeria, entusiaste sempre per tutto ciò che può condurre ad una più elevata estrinsecazione e manifestazione di cultura e di civiltà". Nada mais preciso accrescentar a este retrato em que os traços moraes e intellectuaes do Olschki se fixaram com absoluta fidelidade.

Não me decidirei a pôr ponto final nesta noticia sem denunciar o gesto de Léo Olschki escolhendo de preferencia o Brasil para collocar o novo retrato de Dante. Com effeito, tendo já uma offerta do Japão, declara, em carta, que nos escreve, preferir ceder a referida obra d'arte ao Brasil, ainda que por preço mais baixo. O facto não deve passar despercebido á intellectualidade brasileira, porque revela mais um aspecto desse homem culto, gentil e generoso. A sympathia que lhe inspira o nosso país, onde elle sabe ter sido grande a influencia florentina sobre a formação do nosso espirito social e existir actualmente um forte nucleo de italianidade, e o seu nobilissimo empenho na difusão do culto pelo maior poeta do orbe latino, justificam exuberantemente esta attenção pelo nosso povo. A effigie de Dante, symbolo

# A LIÇÃO DO BRASIL

A JACKSON DE FIGUEIREDO

Do último numero da Nação Portuguesa, consagrado ao Brasil, transcrevemos este brilhante artigo do nosso illustre collaborador Sr. Antonio Sardinha.

Sempre que um português haja de escrever do Brasil, se esse português for nacionalista e se ao seu nacionalismo o coordena um prudente e mesurado tradicionalismo, logo a flôr da pena lhe acudirão razões que mais o confirmam na doutrina em que a sua intelligência se repousa. Hora grave do mundo a hora que se atravessa, ela tem, no menos, a admirável virtude de renovar as idéas-madres que criaram a Europa e lhe confiaram o primado da civilização! Nos últimos arranços, o filosofismo ignaro da Enciclopédia já não impede que resplandeam em toda a sua luminosa amplitude aquelas fortes verdades, a cujo claro Baizac tranquillamente escrevia. A Religião e a Monarquia regressam, com effeito, do longo desterro ideológico em que as havia sepultado o baixo carnaval naturalista do século XVIII. E regressam como âncoras seguras a que o espirito humano, desejoso outra vez de construir, solicita as certezas que lhe faltam, depois de nobre e corajosamente repellar os ídolos infames, a que, no desvaio do seu pecado negativista, rendera culto deprimente e suicida.

Ora, colocado em pleno coração da crise que a Europa padece e, particularmente, vítima de factores políticos e económicos que lhe estão provocando a ruína, Portugal participa da mesma tendencia geral e, na parte mais representativa da sua mocidade, acolhe-se também ao grande ancoradouro da aspiração nacionalista. Evidentemente, temperada semelhante aspiração pelas luzes severas do tradicionalismo como método e norma guadora, nada a aparenta, nem de perto, nem de longe, com os excessos arcaicos, mas perturbadores, do "princípio das nacionalidades". Herança tumultuária do Romantismo, elle ficou crepitando no rescaldo da guerra, não sendo outro o elemento corrosivo que desfez o antigo e sábio equilibrio da Europa, ameaçando de a balcanizar totalmente.

Contra o "princípio das nacionalidades", filho legítimo da Revolução, carece de se prevenir o verdadeiro nacionalismo, que, naturalmente orgânico, é por isso mesmo anti-democrático e anti-individualista. Assumindo na Europa um especial sentido contra-revolucionário, não visa senão a emancipar as velhas pátrias europeias das abstrações tirânicas do Liberalismo, restituindo-as, pelo regresso a si próprias, à posse plena do seu génio ancestral. Esta é a posição de Portugal no drama torvo em que cada nação da Europa corresponde um cruzeiro trágico, — um como que Calvário sangrando. Por onde o Liberalismo se espalhou, — preparada já a sua carreira de morte pelo advento do protestantismo em política, ou seja do Absolutismo, as ruínas acumularam-se, fumegando, como se nas encruzilhadas da História houvesse ressoado de novo a tropéada bíblica de Gog e Magog! Os cem últimos anos da vida portuguesa ensinam-nos cruciantemente o que significou entre nós tão desgraçada experiência!

Mas a transformação profunda que se opera no pensamento europeu ecoou depressa em Portugal, ajudando a reacção sentimental, que se desenhava, latente, no ânimo da colectividade. O nosso instinto nacionalista,

saído da resistência secular da nacionalidade portuguesa, não possuía uma teoria, — uma doutrina, por que se conduzir e nortear. Sofríamos as consequências da pior das invasões, — da invasão das idéas deformadoras do cosmopolitismo de 89, com o seu cortejo de indizíveis fobias contra tudo que, lançando raízes no Passado, tirasse o seu alento, ou da Igreja que se conformara a unidade espiritual da Nação, ou da Realeza que a mantivera e consolidara. Do antigo patriotismo, tão antigo e tão essencial como os motivos basilares da nossa existência imediata, nada restaria em breve, tomando-se a Pátria como uma simples expressão geográfica ou territorial, e, quebrado todo o elo de ligação das gerações entre si, Portugal como a soma aritmética dos cidadãos constantes do censo eleitoral. Uma escravização mais dura que a da perda política da soberania nos humilhava e sufocava, visto importar uma perda maior, — a perda da soberania moral, em que se radica a autonomia da consciência do indivíduo e a perfeita liberdade se fundamenta. Mais atrevido e nefasto que o estrangeiro do exterior, a nossa triste condição de autóctones arrastava-se debaixo da ditadura implacável do estrangeiro do interior —, inimigo de quanto se referisse às gloriosas instituições que haviam insuflado o ser à nossa sociedade e, deste modo, só empenhado em destruir o que dentro de nós subsistisse de fidelidade ao sangue dos Avós e à continuidade imortal da Tradição.

Corrompida inteiramente a compreensão da nossa história, é lógico que o ressurgimento começa, desenvolvendo-a ao seu significado exacto. Fôra larga e profundamente a desnacionalização levada a cabo pelo Liberalismo refletindo bem na sua pertinácia o selo diabólico que já Joseph de Maistre denunciara figuras de Portugal, como Alexandre Herculano, como Oliveira Martins, serviram como na Revolução. Algumas das mais erguidas ninguém essa conspiração contra o Passado, de que a mentalidade romântico-revolucionária avidamente se nutriu. Quando, na verdade, medito em algumas páginas de Alexandre Herculano ou Oliveira Martins, enchem-se para mim de dolorosa illustração as reflexões de Fustel de Coulanges sobre as responsabilidades dos historiadores francezes na decadência e declive do espirito patriótico no seu país. "Dans la longue lutte du sacerdoce contre l'empire — escreve o mestre insigne —, nous étions pour ceux qui pillaient l'Italie et exploitaient l'Eglise. Mais nous maudissions les guerres que Charles VIII et François I firent ou delà des Alpes... Nous étions pour la Réforme allemande, qui arrêta et ralentit l'essor de la liberté dans l'Europe entière... Nous accusions Louis XIV d'avoir fait a guerre à l'Allemagne, et nous négligions de voir, dans les documents authentiques, que l'était lui, au contraire, qui avait été attaqué trois fois par elle... Nous historiens ont tous été pour Frédéric contre Louis XV..." E num magnifico remate, Fustel resume-se com vigor e com eloquencia: — "Notre patriotisme ne consiste, le plus souvent, qu'à honnir nos rois, à détester notre aristocratie, à médire de nos institutions". Eis, sem paixão sectária, o que succede com Alexandre Herculano, obcecado em mais dum problema transcendente pelo seu anti-clericalismo de rabona-de-briche. Não acontece menos com Oliveira Martins que, valendo-se duma bem mobilizada erudição, nos deixou no pernicioso panfleto de partido que intitulou *História de Portugal*, alimento abundantíssimo, em que se refastelar o semi-

analfabetismo odiento da nossa jacobinocracia.

Infere-se daqui, sem dificuldades, a importância que o nacionalismo, na sua íntima natureza contra-revolucionária, atribui à rectificação e depuração da história. Igualmente se infere que um nacionalista português, ao occupar-se do Brasil, encontre no exemplo que lhe oferece a florescente nação de além-Atlântico, argumentos decisivos para se fortalecer na sua fé e redobrar de ardor no seu apostolado. E porquê? Porque, precisamente, o Brasil, — criação inconfundível do génio de Portugal, seu filho primogénito, seu morgado e esplendido continuador, resultou como nacionalidade da acção concorde das suas forças tradicionais que fizeram a nossa pátria e que o nosso nacionalismo se impôs defender e reabilitar: — a Igreja e a Realeza.

Como contra-prova do que valeram objectivamente para nós essas belas disciplinas sociais, o Brasil é por si só o desmentido de todas as calúnias com que o nosso passado sistematicamente se desacredita. Assim, dois dos nossos monarcas mais difamados, — D. João III e D. João VI —, conseguiram vencer a torpe novela urdida em torno dos seus reinados, graças ao Brasil que os restabeleceu para o justo juízo da posteridade. Também a "lenda-negra", de que entre nós é alvo a Companhia de Jesus, se pulveriza definitivamente perante a resposta que o Brasil lhe dá, ao enaltecer a obra colonial dos Jesuitas. E se entrarmos no capítulo do pessimismo dogmático dos compêndios e dos artigos de fundo, em reacção aos defeltos e taras insanáveis da nossa raça, o Brasil proclama bem alto os serviços prestados por Portugal à civilização. Se outro título de glória não possuísemos, o de descobridores e fundadores do Brasil chegaria sufficientemente para nos conceder as grandezas da immortalidade!

Não é cultivar com isto a hipertrofia do sentimento nacionalista, de maneira a torná-lo ressoante e pomposo, como o patriotismo retórico dos Românticos. No eclipse demorado em que parecem sepultas as qualidades positivas de Grey, é obrigação de bom português acordar na alma colectiva as qualidades ancestrais adormecidas. Por muito tempo se fez entre nós profissão pública de anti-nacionalismo. Urge que o erro criminoso se corrija — e só se pode corrigir acendendo, como convicção comum, a segurança nos destinos superiores de Portugal. E' imperioso que se sumariem, pois, os elevados serviços que outrora nos tornaram, com a Fé e o Império, em adais-mores do europeísmo. Não para nos incharmos com o prestígio morto das batalhas que ganhámos, recolhidas agora numa atmosfera decorativa de museu. Mas, — sem cairmos no brigadeirismo, com tanto de sonoro como de vazio, de que nos fala Eça de Queiroz —, para que se desdobrem diante de nós as avenidas misteriosas do futuro e um recelo ignóbil de desertores não nos impeça de lhes transpormos as entradas ainda virgens. Trata-se assim de reelaborar, pela intelligência da história, a finalidade da nação que se perdeu.

Quere pelo passado, nas suas raízes profundamente lusitanas, como pela função que Deus lhe reserva num amanhã já proximo e resplendente, o Brasil associa-se, conjuga-se à sorte de Portugal, porque, prolongando-nos no tempo e no espaço, é na sua maravilhosa adolescência o nosso natural complemento. Desviámos nós, com as Descobertas, da baía do Mediterrâneo para a do Atlântico o eixo da civilização. Mas ficaria infructífero para nós o esforço gigantesco da nossa raça, se o Atlântico não se volvesse, com o espraiar dos anos e das gerações, num verdadeiro "mare nostrum". A empresa realizada por Portugal excedia as suas possibilidades de pequeno povo. Eis que o Brasil, em vésperas de se afirmar com potência mundial, nos deixa adinhar o concurso que necessariamente prestará a essa bela e entresonhada política do Atlântico. Claro que factores novos entrarão em jogo. Ao lado da espontânea aproximação que apertará cada vez mais Portugal ao Brasil, formando os dois países um bloco indestrutível — o bloco do lusitanismo, o conceito envolvente do hispanismo revela-se-nos como forçosa conclusão, abrangendo consigo, além da Espanha, nossa irmã, vinte nacionalidades que ela intrêpidamente semeou por entre perigos e arrojões através da selva

maximo das virtudes creadoras da raça, avolumaria e manteria sempre accesa, nesta parte do novo mundo, a flamma do entusiasmo que, por toda parte, inspira o divino cantor

Il Risvegliatore, il Purificatore, il Intercessore.

Elysio de CARVALHO

E baixo, num profundo recolhimento, o intellecto, repetindo o canto glorioso, evoca:

Per la quercia e per il lauro e per il ferro lampeggiante,  
per la vittoria e per la gloria e per la gioia e per le tue sante speranze, o tu che odi e vedi e sai, custode alto dei fati, o Dante, noi ti attendiamol

americana. No diluir de todas as miragens do século findo, quando as "actas" da Hala não são mais que anónimos papéis rasgados e que a *Sociedade das Nações* mal disfarça na sua taboleta, cheirando a sinagoga, o concílio plutocrático a que serve de mascara, apenas nós, as raças e nacionalidades de origem hispânica, tuteladas até hoje ou por Londres ou por Washington, dispomos dum enorme capital de Espírito que o *dollar* não poderá desbaratar e que é o segredo da nossa inevitável reconstituição política e económica. Preparação dificultosa, — objectivo longínquo, obter-se-á. Na carreira doida dos acontecimentos, a previsão atinge o rumo e o desfecho em que elles se desenrolam, mas já não lhe é permitido julgar com certeza cronométrica do momento da sua verificação. Colocados numa época de transição evidente, cumpre-nos não sucumbir diante das reflexões derrotistas da previdência ou do bom senso, empenhando-nos por concretizar as nossas ideias num plano largo de realizações. Por cima da vozaria discordante dos parlamentos e dos grandes jornais — aspectos do mesmo aviltamento de inteligência a que a Democracia nos arrastou! —, já avisos sensatos se levantam, marcando os roteiros que conduzem à salvação e à prosperidade. "Las naciones de origen hispánico se decidiran talvez muy pronto a buscar en la unión efusiva y fraternal con las demás hijas de la madre común la fuerza misma que otros les ofrecen mediante artificiosas combinaciones diplomáticas ó económicas, — exclamava o illustre historiador espanhol conde de la Mortera, D. Gabriel Maura y Gamazo, no seu memorável discurso do *Teatro Real*, de Madrid, por ocasião da *Festa de la Raza* em Outubro de 1921. "Llegada la hora, requerirán todas España; y es estrecha obligación de buen español tener prevenida a nuestra Patria para la feliz realización de su glorioso destino". E logo o orador acrescentava: "No depende esa realización del hallazgo fortuito de estadistas geniales, ni del azar de la fortuna, ni del esfuerzo ajeno, sino de la resuelta voluntad de cada cual de nosotros, del adiestramiento que para entonces hayamos logrado en la práctica, tan difícil aquí, de la disciplinada obediencia colectiva. Sólo se logrará de seguro, si cada español se decide a emular, no tanto las glorias singulares de sus grandes héroes del pasado, como la oscura abnegación del buen ciudadano desconocido".

Embora respeitantes unicamente a Espanha e à América-Hispânica, as palavras transcritas, iluminadas demais a mais pela incontestável autoridade de quem as pronunciou, applicam-se sem necessidade de modificação, — porque de males familiares se occupam! —, a Portugal e às suas relações com o Brasil. Dentro da actividade de cada um de nós, cabe uma parcela decisiva, para se atingir a resultante ambicionada. Não é aos governos que compete agir, — trabalhar. Os governos, que sejam governos, somente coordenam e rectificam. Muito menos deponhamos a nossa esperança nas falsas embaixadas intellectuais que a todo o instante largam da foz do Tejo, confiadas nos favores do Elogio-Mútuu. Não! Se a desgraça da vida pública em Portugal deriva, primacialmente, do desterro a que votámos os direitos da nossa história, como é que, sem utilitarismos mesquinhos ou vanglórias inconscientes, saberemos em sinceridade amar e compreender o Brasil?

Amar e compreender o Brasil exige-nos que amemos e compreendamos a nossa história, — a história de Portugal, de que o Brasil é uma recapitulação, aumentada, indubitavelmente, pelo acréscimo de novos elementos criadores. De outra sorte, brasileiros e portugueses serão sempre estrangeiros uns aos outros, porque os separa a depravação mental que nos caracterizou a nós, rompendo os vínculos morais em que firmávamos, como Pátria, a persistência da nossa personalidade. Como irmos assim ao encontro das promessas do futuro, sem assegurar os alicerces do edificio que pretendemos levantar? Não! Não são os governos roídos da pior lepra jacobina, nem os letrados que se exportam constantemente na insignificância da sua literatura de postigos inqualificáveis, quem nos garantirá que, aliado a um Brasil senhor da sua grandeza, nós venhamos a ser aquelle Portugal-Maior, com que sonhamos, mas que, antes de tudo, é obrigação de misericórdia descer reverentemente da cruz!

Daqui o repellimos as vergonhas officiais e officiosas com que tão magna questão costuma ser encarada. Daqui o pôrmos como condição primeira a qualquer acercamento efe-

## LAUREIS INSIGNES

Numa formosa edição do *Anuario do Brasil*, acaba de apparecer o livro de Elysio de Carvalho, sob essa epigraphe, e cuja publicação já havíamos noticiado. Livro de emoção e de cultura, em que o historiador, o artista e o sociologo se reúnem, para a pesquisa e a revelação da historia, criada sob um criterio subjectivo, em que as figuras e os episodios, sem deformações da realidade, apparecem com raro fulgor, através da explicação dos phenomenos sociais, que synthetizam e das directivas que os conduzem e motivam e da indicação das suas forças renovadoras. O ensaio sobre Pombal, ou a Inclyta Trindade, dos grandes lidadores de nossa Independencia, Léo, Januario e Frei Sampaio, são estudos de grande merito sociologico, abordando-se, sobretudo naquelle, os factores determinantes do apparecimento do estadista, como heroe, as razões do imperio de sua vontade e a justificação da força que os guia. A *Jornada dos Vassallos* é um largo painel da nossa historia colonial, na luta epica contra os holandezes, que já havia dado a Elysio de Carvalho ensejo de fazer alguns admiraveis debuxos de paginas do heroismo nascente do Brasil. Por fim, os estudos sobre a sociedade brasileira, que o autor cultiva com o mais amoroso intento, são novas luzes sobre a nossa formação social, nos quaes os estudiosos do phenomeno brasileiro encontrarão motivos para analyses profundas e minuciosas, de onde surgirão razões para explicar numerosos acontecimentos de interpretação por fazer na nossa sociologia. O livro se encerra com o magnifico estudo sobre Gregorio de Mattos, mostrando como a sua obra "synthetisa a pornographia reinol e é espelho dos costumes da Bahia do segundo seculo."

Fazemos tão sómente uma simples apresentação do novo livro de Elysio de Carvalho, onde a par da cultura ha um accentuado lyrismo que empresta ás coisas um brilho mais fulgente e lhes tira um pouco da amargura, para que na admiração pelo passado heroico não haja laivo de malicia, de onde brota o scepticismo e a descrença. E esse livro, como toda a obra de historiador de Elysio de Carvalho, é de fé e de entusiasmo, portanto criador e fecundo. E' a renovação de nossa historia que, tão auspiciosamente, se inicia.

ativo com o Brasil o regresso de Portugal à posse plena da sua individualidade. Sem que entre nós a nação resurja, como representar um concurso válido, que nos dignifique e que na Europa compense o Brasil das responsabilidades que naturalmente uma aliança conosco lhe acarretará? Não nos iludamos com a garrulice salivosa dos retóricos nem com os logares-comuns, em grande estilo, dos pluitivos! Princípios por nos amar e compreender. Amarnos e compreender-nos, é amar e compreender a nossa história, — é amar e compreender a história do Brasil. O que nos ensina a nossa história? Que Portugal é filho da Igreja e da Realeza! O que nos ensina a história do Brasil? Que pela Igreja e pela Realeza o Brasil se formou e emancipou, safndo do coração de Portugal, como a flor mais formosa da nossa raça!

\* \*

Porque é a flor mais formosa da nossa raça, o Brasil, desenvolvendo em sólo feraz as possibilidades transplantadas da Metrópole europeia, manifestou-se bem cedo uma *nacionalidade*. Veja-se como a própria América-Espanhola não guardou, na sua rutura com a mãe-pátria, a unidade que o Brasil manteve. Donde veio ao Brasil essa unidade? Responder é traçar a linhas largas a sua curva ascensional. Responder, é assistir com scenário diverso, a uma segunda fundação de Portugal. Concordamos perfeitamente com Graça Aranha quando escreve: — "Sendo português, o Brasil não deixará de ser uma nação americana. A originalidade do Brasil é ser o continuador de Portugal, o herdeiro da espiritualidade latina no mundo americano. O privilégio do Brasil é o de fundir duas forças: a que vem do passado no sangue português e a que recebe do ardente meio físico em que se desenvolve essa transplantação da alma lusitana. Essas duas forças não se excluem, e enquanto a sua fusão se realiza suavemente e a impulsão americana move sem violência as ideias e a sensibilidade portuguesa, uma vida inflama o imenso país..." Acrescenta depois Graça Aranha: — "O brasileiro vive o poema da aspiração. A sua alma ilumina-se à ideia de que a pátria deve ser forte e magestosa, como a natureza onde elle se fixou. Na equivalência do mundo moral e do mundo físico, no esforço de adaptar a nação à natureza e de a edificar nas mes-

mas vastas dimensões desta, acha-se a célula primordial de toda a idealidade brasileira, herdeira de Portugal. Concentram-se as energias nesse plano duma grande nação. Para o realizar todas as forças espirituais se applicam na dominação do mundo material. Conquistase de novo a terra. Uma força indomita leva as gentes da beira do mar aos sertões do interior. Nas florestas de Mato Grosso, nas chapadas de Goyaz, nos rios do Amazonas, repete-se o ciclo dos descobrimentos". E comentando as nobres palavras de Graça Aranha, Elysio de Carvalho, — um dos chefes intellectuais do nacionalismo brasileiro, resume-os com a nitidez vigorosa de artigo de fé: — "E' assim que o Brasil, no pensar do admirável escritor, se tem de afirmar como o continuador do génio português no mundo americano, dando à alma antiga mais entusiasmo, mais vigor e mais agilidade, e à América mais claridade, mais inteligência e mais beleza nas suas relações com o universo".

Como "continuador do génio português no mundo americano", assim saudamos e queremos ao Brasil. Numa profunda adivinhação desse destino do Brasil acertadamente lhe chamou o seiscentista Francisco de Brito Freire "Nova Lusitânia". Em tão inolvidável designação ia envolto o reconhecimento de quanto o Brasil continha já dentro de si o germen forte duma nacionalidade em gestação. Quem lhe imprimiu o selo dos povos progressivos e lhe ministrou o batismo da civilização? Portugal. Com equilibrada justiça se insurge Elysio de Carvalho contra o *indianismo* que, principiando por ser literato e romântico no Brasil, pronto resvalou em baixa e repulsiva manifestação de farisaismo político. Pondera o autor brilhante de *Os bastiões da nacionalidade* e da *Brava Gente* — "Que outro erro (e atribuído principalmente a alguns dos nossos poetas e romancistas), é esse de enaltecer o *indio* como sendo o tipo nacional e legítimo brasileiro. Mas brasileiro não é o homem físico, e sim o individuo moral que se formou aqui na *sociedade histórica*. Brasileiro não pôde ser nem o *indio*, nem o africano, nem o Europeu. Só pôde ser o brasileiro, isto é, o tipo que saiu da fusão dessas raças. Brasileiro, portanto, é um fruto da civilização mediterrânea que se estabeleceu e desenvolveu neste lado da America".

Fruto, realmente, da civilização mediterrânea, o brasileiro, com toda a autonomia do

## PELOS INTELLECTUAES CATHOLICOS

suu tipo sociológico, representa a consequência feliz do desvio sofrido por ela do seu mar interior para o mistério rumoroso do Atlântico. Outra não foi a grande conquista das Descobertas! Outra não é a razão porque a história da Idade-Moderna se filia na história de Portugal como um seu incontestável capitulo. Graças a Portugal, de mediterrânea a civilização clássica, salva das ruínas do mundo antigo pelo Christianismo e acalenta-da durante a Idade-Média no regaço da Igreja, se tornou inteiramente em *civilização atlântica*. As mãos de Portugal transmitiram ao Brasil o encargo de a guardar e enriquecer debaixo de novos céus, contemplando novas constelações. Traiem, por isso, as responsabilidades sagradas da sua pátria aqueles que apelam para um *indianismo* sentimental e sem consistência, calcando, como um trapo vil, a magnífica hereditariedade que pôs o coração do Brasil batendo a par do coração do Universo.

"A vida do Brasil começou em 1500, antes existiu o seu sólo, mas com outro nome e povoado por outra raça, — esclarece Joaquim Nabuco. O domínio dessa desapareceu, bárbaramente perseguido é certo, e refugiou-se no interior ainda virgem do país. Nada ficou sobre o sólo atestando a antiga existência das tribus primitivas, nenhuma forma de sociedade estável havia entre elas, enquanto no Perú os Incas tinham o seu trono firmado no coração duma raça, cujos monumentos e construcções maravilharam os conquistadores". E em glosa às reflexões de Joaquim Nabuco, Elísio de Carvalho, esgotando o tema até ao irresponsável, diz com a singeleza enérgica da sua iluminada crença nacionalista: — "Afirma ainda ele que pertencemos á América pelo sedimento novo e flutuante do nosso espírito, e á Europa por suas camadas estratificadas, de modo que, desde que houve um raio de cultura, começou o predomínio destas sobre aquele: da primeira missa celebrada no Brasil até hoje assim tem sido. Ainda cabe aqui lembrar, adita a acuidade sóbria de Elísio de Carvalho —, a justa observação de H. A. Chamberlain, autor da célebre obra *Gênese do século XIX*, que attribui á influência do elemento português não ser o Brasil um caos étnico, como ocorre, por exemplo, com certos povos sul-americanos, que se formaram da mistura ilegítima de raças inassociáveis, originando esse cruzamento de índios e espanhóis, índios e negros, espanhóis e negros, uma promiscuidade que se traduz pela decomposição moral, — e da impossível união entre culturas ou estados de desenvolvimento mental diferentes na forma e na essência".

"Civilizar é espiritualizar", — declara alguns o filósofo Jacques Maritain. E a primeira Missa no Brasil, recordada como o início da nacionalidade brasileira, define bem o ritmo que presidiu á fundação da grande pátria de além-Atlântico. O português, que se atirava á descoberta, levava consigo a Cruz e com a Cruz um património de cultura e sociabilidade, por cuja virtude a Europa levantou por cima de tantos povos decaídos ou sonâmbulos o facho do seu primado universal. O índio desapareceu na hora em que a liturgia christã ergueu na selva brasileira a Hóstia immaculada. Com elementos importados e com elementos indígenas lançavam-se os fundamentos da *sociedade histórica*, que penetrantemente Elísio de Carvalho assinala como sendo laboratório em que o *brasileiro* se constituiu, não como homem físico, mas — e é o que caracteriza as nações! — como tipo sociológico.

Donde derivavam, porém, os valores fundamentais da sociedade que deste modo se formava? Derivava da Europa por função de Portugal: da Europa política, no prestígio da autoridade e no sentido orgânico da colonização; da Europa católico-romana, no zelo assombroso dos missionários, moralizando a luta árdua pela vida num clima cheio de seduções para o instinto e de convites irresistíveis para a cobiça. Donatários e embarcadiços, Jesuítas e *bandeirantes*, misturaram-se e amalgamaram-se num bloco genésico, de que o Brasil, — a *Nova Lusitânia*, no parecer avisado do seiscentista —, se destaca gradualmente, com feições tão próprias, sem que as atávicas se reneguem, que Elísio de Carvalho, auscultando os segredos íntimos da História, interroga criteriosamente, ao ordenar a genealogia espiritual do nacionalismo brasileiro: — "Quem mais brasileiro do que o jesuíta português ou espanhol que amou esta terra com entusiasmo e a ela dedicou todos os cuidados e trabalhos? Quem mais brasileiro que o transmontano ou o alfacinha que levou a sua paixão da terra até o sacrificio de defendê-la

Em reunião solemne do "Centro D. Vidal", organização social catholica, fundada e organizada pelo Sr. Jackson de Figueiredo, foi recitada a formosa e tocante Oração, composta por D. Sebastião Leme, pela intelligencia brasileira, a primeira que se faz, intencional e exclusivamente, em favor dos intellectuaes, em lingua portugueza. E' esse o seu theor: "Deus Omnipotente e bom, creador do céu e da terra, deixai que aos pés de vossos altares renovemos o preito humilde de nossa adoração e o protesto solemne de nossa fé.

Dignai-vos de acolher benignamente a homenagem pobre que vos rende a nossa intelligencia; não a recuseis, Senhor, porque é sincera, consciente e desassombrada.

Creemos firmemente nas verdades por vós reveladas e aceitamos com amor o magisterio infallível da Santa Igreja, catholica, apostolica, romana.

Nós temos fé, Senhor! mas, augmentai a nossa fé!

Augmentai a nossa fé, pedimol-a não sómente para nós, mas para todos os homens, de modo especial, para todos os brasileiros, nascidos, como nós, nesta patria que fizestes tão bella e tão grande.

Lançai um olhar de clemencia e misericordia sobre os nossos intellectuaes, publicistas, escriptores, homens de estudo, em geral, e sobre todos, enfim, os que habitam no campo das sciencias e das letras.

Vós que sois a Sabedoria Increada, Pai e Doador de todas as luzes, illuminaei-os para que tenham a visão da verdade e coragem para professal-a.

Não permittais que, longe das clari-dades magnificas do pensamento christão, tresmalhem dos caminhos immaculados da verdade e do bem.

Livrai-os das trevas mortiferas da descrença e do crime innominavel das negações sacrilegas.

Livrai-os das blasphemias que degradam e da duvida que atormenta.

Livrai-os, sobretudo, da cegueira voluntaria, desse agnosticismo contumaz que, impondo renuncias ao entendimento humano, paralysa os surtos da alma para o alto, para o ideal e para a immortalidade.

Reaccendei nas almas a chauma viva das aspirações elevadas. Acordai nellas os échos de sua vocação divina para o espiritual e o eterno.

Que não tarde, Deus de amor, que não tarde a restauração espiritual da intelligencia brasileira!

Refazei-a e disciplinai-a nos principios immutaveis da verdade, do bem e do bello, para que, incorporando-se á phalange gloriosa dos sabios christãos, a intellectualidade brasileira pareça acima dos interesses da materia e das phosphorencias da vaidade: Para os nossos intellectuaes e para nós, obreiros humildes do pensamento catholico no Brasil, instantaneamente supplicamos a esmola de um raio de vossa luz divina, afim de que, bem servindo á verdade, possamos servir tambem aos destinos espirituaes desta patria incomparavel.

E' por nós e pelo Brasil, meu Deus, que, invocando os merecimentos infinitos de Jesus Christo, nosso Mestre e Senhor, e a intercessão valiosa de sua Mãe Immaculada, Senhora e Padroeira do Brasil, aos vossos pés depositamos esta prece fervorosa da alma catholica do Brasil.

Illuminai a nossa intelligencia, para que trilhe sempre a senda da verdade, e fortalecei a nossa vontade, para que não vacille na pratica do bem.

Amparai a nossa fraqueza, inflamai o nosso coração, estendei e dilatai os horizontes da nossa alma, para que, libertos da escravidão dos sentidos e da materia, possamos desde já contemplar em esperanças a gloria eterna que nos prometestes. Assim seja!

100 dias de indulgencia aos que recitarem esta oração"

com a propria vida? Quem mais brasileiro do que aquele florentino que legou a nobreza do seu sangue e o esplendor da familia pernambucana?

Ao mesmo tempo que Elísio de Carvalho acentua com traços tão incisivos a interpenetração do *homem* e do *meio*, de que vigorosamente o Brasil resultou no seu esplendor actual, o douto escritor repete com Alberto Torres, visando a bastardia nativista, excrescência de desmiolados que, na sua aversão quasi irracional ao português, vão até a glorificar Calabar, um mestiço infiel á pátria", e repete-o, cheio da mais dignificadora coragem mental —, que "a ascendência portugueza é uma honra para o Brasil". E porque? Porque, no depoimento de Alberto Torres, — nenhuma raça deu jámais melhores provas de energia, de intelligência e de coração nos mais arrojados empreendimentos; poucas se lhe avantajaram na cultura e na produção literária, e muito raras possuem, ainda hoje, povo mais sábio, mais trabalhador, mais honesto, de mais cândida alma e sensibilidade moral mais delicada". Toca-se o ponto por onde o nacionalismo brasileiro se enlaça ao nacionalismo português. Para o brasileiro nacionalista a história de Portugal é sua até, pelo menos, a essa primeira Missa do desembarque da gente lusada na terra ainda enigmática de Santa Cruz. E' sua, em todos os primores da lingua que falamos e que põe no nome de Camões o expoente máximo duma civilização em que o Brasil se inclui no mesmo pé de igualdade que Portugal. Orgulha-se o nacionalismo brasileiro da sua ascendência portugueza. Orgulha-se a nação portugueza da sua descendência brasileira. E' nesta hora de "apagada e vil tristeza", que alto

e sugestivo incitamento nos chega da riba de lá do Oceano na justificação que Elísio de Carvalho vai pedir a Joaquim Nabuco, ao delinear um "bastião da nacionalidade" contra os frenesis regressivos do "nativismo"!

"Não foi o Brasil descoberto, colonizado, povoado por portugueses? — pergunta a sua consciencia patriótica o insigne homem público brasileiro. Não foi uma colonia portugueza durante três séculos, que se manteve portugueza pela força das suas armas, combatendo a Holanda, até que, pela lei de desagregação dos Estados, e pela formação de uma consciencia brasileira e americana no seu seio, assumiu naturalmente a sua independencia, e coroou como seu imperador o próprio herdeiro da monarchia? Depois, apesar dos preconceitos hoje extintos, não tem sido o Brasil a segunda pátria dos portugueses? Não vivem eles connosco em tal comunhão de bens, e entrelaçamento de familia, que se tornaria a separação dos interesses quasi impossivel? Não nos surpreendemos, em face do depoimento de Joaquim Nabuco, que Elísio de Carvalho, desancando a golpes de intelligencia a agressividade insultuosa do *nativismo* e, sem temer pela autonomia moral e espiritual da sua pátria, condense numa síntese inoidável que a dívida do Brasil a Portugal.

"Aos portugueses devemos, digamos sem eufemismo, — salienta o Barrês brasileiro —, a grandeza da terra, unida e identificada pelo sangue e pelo espírito da pátria, e a opulencia da nacionalidade. Tendo conquistado esta porção oriental da América e só á custa do esforço, coragem e tenacidade, perseverança e trabalho constante, eles nos legaram, após três séculos de sacrificios,

um Brasil grande, forte, íntegro e próspero. Quaisquer que fossem os seus erros e as suas faltas, que são muitas, é absurdo negar que, com o sangue generoso e heroico, eles nos transmitiram todas as qualidades primaciais da gloriosa estirpe que deu Nun-Alvares, o Infante Henrique, Camões e Vieira. Chega, portanto, a ser vilania essa injustificável postura dos falsos nacionalistas. É preciso que voltemos a nossa consciência para a história, e que façamos justiça aos nossos avós, aqueles de quem herdámos todos os impulsos e todas as qualidades que nos tornaram aptos para realizar na América esta grande obra de renovação da raça latina. A grandeza da nossa nacionalidade tanto enaltece o patriotismo dos brasileiros como justifica o orgulho dos lusitanos e o sentimento do nosso remoto passado, com os seus heroísmos, as suas gloriosas tradições, os seus sacrifícios e as suas virtudes, é indispensável à continuidade da nossa história e à permanência da unidade nacional".

Se tal é a dívida do Brasil a Portugal, com desvanecimento nós, portugueses, proclamamos também a amplitude da dívida de Portugal ao Brasil. Pelo desvio da nossa actividade para os basares amolecedores do Oriente, perdemos com a nossa natural expansão por Marrocos, — essa admirável escola de energia que, sem dúvida, foi para os homens de Quatrocentos, o "Algarve d'Além". Mas no Brasil ganhámos campo objectivo que o substituísem, sem nos deixar atolar de todo nos lameiros doirados de Ormuz e de Malaca. Deste modo se percebe que, mal aparecido nas scenas da história, o Brasil adquire logo cunho de individualidade própria, podendo observar-se nela, em relação a Portugal, o mesmo *processus* de diferenciação sociológica que, em relação à Espanha novi-gótica, se observa no condado portugalense, quando se destacou do bloco asturo-leonês. É certo que nós dispúnhamos de materiais já diversificados e preparados para a sua concretização numa nacionalidade autónoma. Não os possuía o Brasil. Mas possuía a força poderosíssima dum meio físico que, pela sua prodigalidade, actuava intensamente no elemento humano, que Portugal atrasasse para lá. Utilizando a célebre frase de Vitor Hugo sobre o Brasil a propósito da morte de Ribeyrolles, manifestavam-se assim, fecundamente combinadas, as vantagens recíprocas duma terra virgem e duma raça antiga.

A lenda do *Caramuru*, que inspirou depois o célebre poema do Padre Santa-Rita Durão, simboliza magnificamente os desposórios do Luso de velho tronco com as sgestões do continente moço a que se transplantara. Cedo as longas disputas de D. João III com a França por causa do Brasil, a defesa das suas costas e posições contra as cubijas francesas, — o carácter religioso que semelhantes pugnas assumiam, porque, dum lado estavam católicos, do outro o inimigo surgia no huguenote, fizeram do Brasil alguma cousa como um Portugal segundo, onde o nacionalismo da metrópole se enraizava para florescer com matizes já variados. A própria colonização, essentando sobre o sistema nobiliário das Capitánias, punha o Brasil nascente bem fóra das condições usadas em empresas congéneres. Para o Brasil ia-se para se ficar, — edificando, arroteando e povoando. Não se tratava, portanto, duma simples leva em massa de degredados. Como muito bem repara Elísio de Carvalho, "não houve senhor de capitania que não fôsse figura de proa na metrópole". E explica o ilustre mentor do nacionalismo brasileiro: — "Basta reflectir que o rei só fazia tais mercês como galardão a serviços de monta prestados á monarquia: não seria decerto nas balças camadas que se haviam de encontrar tipos, cuja fidelidade e cujo valor se recomendassem ao soberano, e no meio de uma corte illustre, onde não faltariam pretendentes á honra e á fortuna de concessões tão vultuosas. Os homens a quem se doavam na América verdadeiros reinos, — ins'te Elísio de Carvalho —, não podiam ser nem foram senão das primeiras classes da população portuguesa".

Pelo que respeita a Pernambuco, Oliveira Lima, — o insigne historiador, mantém a opinião que Elísio de Carvalho nos resume e salienta. "O donatário de Pernambuco — conta-nos elle — tomou a peito responder á munificência régia, sem desistir de pensar em aumentar os cabedais da sua casa. Cuidou, como homem prático, da ex-

pedição e seguiu no mesmo ano da doação (1534) para o magnífico domínio que a corôa lhe concedera, levando além da mulher e do cunhado, Jerónimo de Albuquerque, muitos gentishomens da sua parentela, alguns fidalgos e bons colonos. A verdadeira colonização de Pernambuco fez-se, pois, com gente nobre e gente limpa, porque o excedente da prostituição que não apodrecera, e o pior da criminalidade que escapara á força, mais ou menos remetidos da metrópole para ajudar a povoação da colônia, e até então aí abandonados, haviam desaparecido, aniquilados pelos selvagens, ou sumidos nas refregas de que fóra teatro a feitoria pernambucana. Certamente as remessas de degredados, — acrescenta Oliveira Lima —, continuaram em escala ascendente durante todo o século XVI, sendo Pernambuco largamente favorecido com tais levas, a ponto de numa das suas cartas a D. João III Duarte Coelho pedir pelo amor a Deus que lhe não enchessem a capitania de semelhante *peçonha*: mas não só a nobreza emigrada do reino e os honrados plebeus que a rodeavam desdenhavam alianças vergonhosas, como os criminosos tinham de mudar de vida sob a dura fiscalização do donatário, que não trepidava em usar das suas largas atribuições, como a da alçada de morte natural para os peões livres, com o fim de sustê-lo em casa a desordem. Instrumentos como as doações de D. João III, em que estavam exarados direitos absolutamente majestáticos, se perigosos eram nas mãos dum capi-

#### A ITALIA DE HOJE

Mussolini, concedeu uma entrevista ao "Saturday Review", em que fez a seguinte declaração:

"A Italia é hoje o paiz europeu que gosa da maior estabilidade. A Europa acha-se já em vias de restauração. Relativamente as pareces que se produzem na Inglaterra, devo dizer que é muito natural que os operarios desejem ganhar altos salarios, mas, no que diz respeito á Italia, a experiencia demonstra que quando um paiz é bem governado, os trabalhadores não fazem exigencias excessivas. Os problemas de após guerra, na Italia, assim como toda as crises espirituas, economicas e moraes, foram resolvidos e durante 18 mezes não houve paredes na Italia, porque o povo italiano tem agora uma concepção normal da vida, que significa costumes severos, intenso trabalho e serenidade de espirito"

tão propenso a aventuras, eram preciosos para um Duarte Coelho, espírito sério, reflectido e enérgico"

Deduz-se claramente de quanto se deixa asseverado que desde logo, nos seus lineamentos estruturais, o Brasil levava a direcção superior duma nacionalidade a constituir-se. Houve como que uma transplantação de Portugal e precisamente nisso consistiu para nós a virtude primacial que o Brasil trouxe, como campo de actividade construtiva ás energias da raça, ameaçadas de se perverterem sem remédio na orgia truculenta do Oriente. Graças á composição comunitária da grei portuguesa, Portugal não careceu, para se ordenar e estabilizar, de recorrer ás funções coordenadoras do feudalismo, porque neste recanto da Península as comunidades agrárias tinham radicado fortemente o espírito localista, de maneira que o Estado entre nós concretizou-se como o necessário traço de união dessas laboriosas células da vida social, da soma das quais resultou na sua qualidade de instituição complementária. Ao contrário, no Brasil, incapacitado o poder central de effectuar a colonização que se impunha, ressuscita sabiamente, — e tal é a glória de D. João III, — na orgânica das Capitánias a organica do regimen feudal. Comenta o mestre illustre que é Oliveira Lima: — "O feudalismo brasileiro, que, como todas as instituições humanas, durou emquanto aproveitou ao progresso, facilitou a povoação de toda a costa e, garantindo a independência dos donatarios de qualquer autoridade que não fôsse ime-

diatamente a do soberano, deu incremento ao espírito local, fortalecendo-o para repelir as invasões de estrangeiros. Este espírito local, desenvolvendo-se mau grado a centralização dos séculos seguintes, veio a constituir um traço saliente da nossa história". Tão saliente que ninguém ignora o papel decisivo que na obra da Independência desempenharam no Brasil as Câmaras Municipais, — exactamente, como entre nós, em tanta crise da acidentada existência politica de Portugal.

Por outra parte, a par dos moldes institucionais que a colonização principiava a entretecer, o apostolado dos Jesuítas imprimia ao embrião da futura pátria brasileira a unidade moral, que só a fé assegura e que é a certidão de batismo dos povos que merecem, com a independência, a dignidade suprema da civilização. Para que em poucas palavras se avalie da acção benéfica dos Jesuítas no Brasil, basta recordar o que deles dizia um protestante dos mais formalistas e intransigentes, Luccok, o qual não hesitava em confessar que "falando geral e desapaixonadamente, é lícito afirmar ser a obra da Companhia de Jesus tudo quanto no Brasil se encontrasse engehado e executado, havendo a prosperidade e felicidade comum declinado desde a sua dispersão". Não aludiremos ao grau de desenvolvimento a que elevaram as fazendas e as plantações, atraindo á sociabilidade dos colonos os índios arredios ou rebeldes. A defesa dos índios, para os quais alcançaram disposições de protecção pontificia, não influiu também pouco na legislação emanada de Lisboa acerca de tão debatida matéria, confere á gloriosa Companhia de Jesus títulos de justificado louvor, que a prendem indissolúvelmente ao nome não menos glorioso do Brasil. Depois, a morigeração dos costumes, os rudimentos de ensino humanista divulgados com a missão e a catequese, tudo contribuiu bem cedo para que o Brasil reelabore com aspectos novos os valores culturais que a metrópole lhe comunica. Quando, no desenrolar do século XVII o holandês ocupa o norte brasileiro e o tenta dominar, há um sentimento unânime de que se nutre a resistência nativa e com que se consegue, por fim, expulsar os estrangeiros. Impossibilitada a metrópole de lhe valer, como naturalmente tanto quisera, a luta do Brasil com os holandeses reveste-se dum cunho nacionalista. — como nos expressariamos hoje —, que, na verdade, impressiona quem nela atente e medite. Tão agarrado a nós, como prolongamento e terreiro de expansão criadora, o Brasil enche já as preocupações do nosso século XVII, — século tão português, século tão alto e tão fecundo, como modesto e caluniado! Na sua entrevista célebre com o *Chevalier* de Jant, enviado de Luis XIV, D. João IV enuncia, numa intuição genial, a politica do Atlântico, considerando a Índia como um encargo onerosissimo e chamando ao Brasil, na sua linguagem pitoresca e chã do morgado alentejano, a "nossa vaca de leite". Na Corte, e colaborando com o rei agita-se, mexe-se, compõe memoriais, inventa recursos, sugere a vitres, o Padre António Vieira. Ainda que nascido em Lisboa, a sua meninice passara-a no Brasil, onde cingiu a roupeta de Santo Inácio. Por discutida que seja a abtude e a intervenção do Padre António Vieira em tantos problemas tocantes ao Brasil, o que ninguém imputará com acerto e base é o carinho e o cuidado que ao admirável jesuíta sempre mereceram todos os temas que de perto se entrelaçassem com as terras de Santa Cruz. Na situação desesperada em que Portugal se debatia, apertado pelas tenazes de Castela, encorpora-se então na mente de D. João IV a idéa de se transladar ao Brasil e aí fixar a séde da sua realleza, abandonando, com o fim de ganhar um auxilio effectivo da França, o trono de Portugal a seu filho, o príncipe D. Teodósio, para quem se buscava noiva no sangue real francês. Este é o germen da resolução tomada cento e tantos anos depois, em situação igualmente difficil, por D. João VI e antes posta quasi em prática pelo marquês de Pombal, quando da guerra com Espanha, ao firmar-se o *Pacto de familia* entre as côrtes de Paris e de Madrid.

Nós nem de longe estamos esboçando a história do Brasil emquanto ligado á metrópole. Mas enumeramos aquilo que, se é a dívida do Brasil a Portugal, não deixa de ser igualmente a dívida de Portugal ao Brasil. Porque, saindo dos limites territoriais da nacionalidade, o nosso génio, trans-

placido à America, demonstrou a quanto ascendia o seu potencial de universalidade. Tudo, tirando o Brasil, na historia da nossa dilatada, e arrojada, sacrificada, não passando, contudo, ou de descobrimento marítimo, ou transitória occupação militar. O Brasil constituiu, porém, uma realzação. Realzação tão abonatória do sentido positivo do nosso esforço de pequeno povo que, ao declará-lo D. João VI "Reino-Unido", não fazia mais que conceder fórmula jurídica ou legal a uma situação de facto, que vinha já, na sua magnifica evidência, desde o século XVII.

Não nos admiramos assim que no século XVIII um brasileiro, Alexandre de Gusmão, seja na corte o Escrivão da Puridade de D. João V e que D. Luís da Cunha redija uma copiosa memória acerca das vantagens de se transferir para a America-Portuguesa o centro da monarquia. O Brasil vivia já associado a Portugal, não como uma colônia, mas como uma parte sua em outro hemisfério. Costuma declamar-se às vezes em escritos brasileiros contra a pressão e contra os erros da metrópole. Desforrando-nos de acusações tão levianas como ingratas, opina Oliveira Lima no seu monumental *Dom João VI no Brasil*: — "Uma das afirmações mais reproduzidas, mais exploradas e mais falsas da nossa historia é sem dúvida a da antiga opressão colonial, que se diz ter sido pouco menos do que uma desalmada escravidão. O Sr. João Ribeiro recompoz muito bem esta leição, suprimindo o que nela havia de desproporcionado. Seguindo este escritor nacional, dotado de personalidade de concepções e dum critério filosofico apurado na convivencia espirital dos mestres alemães, a famosa tirania à qual esteve sujeita a possessão brasileira não foi em nada maior do que a que pesou sobre a metrópole mesma. Numa e noutra vingavam pelo menos idênticas regalias e operavam idênticas restrições. A época na Europa, posterior às descobertas e ao Renascimento, pôde chamar-se de despotismo politico e, na própria America do Norte as tentativas para o seu estabelecimento por parte da mãe pátria... foram que provocaram a resistência e engendraram a separação". E Oliveira Lima adita: — "Tanta razão assistia ao Brasil para se queixar como a Portugal, e como prova de que o jugo da metrópole não era tão consumado como se pretende fazer acreditar, basta recordar o papel importante desempenhado na vida colonial pelos senadores das camaras, os quais às vezes até substituíam os governadores. E' de resto um axioma da historia da civilização peninsular que na luta contra os fidalgos a monarquia agiu de braço dado com o povo". Os progressos do absolutismo real favoreceram o bem estar do Brasil em mais ampla medida do que o faria o sistema feudal que nos primeiros tempos retalhou o país entre absolutismos minúsculos, mas dobradamente ferozes, dos donatários".

Em seguida, Oliveira Lima documenta-nos as suas asserções com o exemplo do Conselho Ultramarino. "No Conselho Ultramarino, — informa —, expressão a mais acabada da administração centralizada do trono, recebiam os interesses coloniais, o exame e sobretudo a proteção que tornavam indispensável os abusos dos governadores e os atentados dos agentes subalternos do poder, cometidos em sociedades ainda informes e variadas pelo sópro das paixões mal contidas. Se no século XVIII quasi se obliterou no Brasil a vida comunal, os motivos foram a descoberta das minas e a consequente decadência da vida agricola criando um estado de instabilidade e de desórden, o avesso do de equilibrio e legalidade com que tinham podido medrar as liberdades municipais. Quando mais tarde estalaram as revoluções emancipadoras, já não era a tradição nacional que se reatava, mas sim eram idéas estrangeiras que se adoptavam".

Porque, efectivamente, a emancipação estava atingida desde que em 1818 o Brasil se viu açado à categoria de "Reino-Unido". D. João VI, com isso, reconhecia ao Brasil a capacidade que durante perto de duzentos anos viera ganhando successivamente, a ponto de ingressar na assemblea das nações em igualdade de direitos aos da metrópole, — este "velho canapé da Europa", na frase pitoresca de D. João VI —, que o gerara e engrandecera com um todo uno na imensidão dum continente afastado e selvagem. Quando a ruptura se dá, não é já uma desmembração. O Brasil separa-se apenas do soberano comum às duas partes duma mesma raça e civilização, quebrando a união que não passava de ser simplesmente pessoal.

Ainda nas incertezas do lance a que se aventurava, o Brasil podia agradecer à mãe-pátria o beneficio que, em última dádiva, ela lhe dispensava: — a continuidade do Estado assegurada pelo penhor inestimável duma dinastia. Se rememorarmos as convulsões sangrentas que trágicamente alteraram a sociedade post-colonial das outras nacionalidades sul-americanas, melhor se abrange a amplitude de semelhante beneficio. Mais insuspeito que nós, tornemos a ouvir Oliveira Lima: — "No meio brasileiro a monarquia realizou plenamente a sua função protetora das regalias e liberdades duma grande massa inculta e portanto incapaz... Foi assim que conseguiu na America latina, num período anárquico para quasi todo o resto do continente, representar a paz doméstica associada à liberdade. O que o cessa-rismo de Bolívar não logrou alcançar com a sua repugnância pelo que o senhor Blanco-Fombona chama a "tentação liberticida..." alcançou-o completamente o Império de D. Pedro. A unidade do Brasil safu majestosa

da prova, comparada com o insuccesso da organização duma grande nação ou confederação hispano-americana, — insuccesso tanto mais sensível quanto, como muito bem diz o mesmo senhor D. Rufino Blanco-Fombona, "são as pequenas pátrias o calcenhar de Aquiles da America espanhola".

Deixou-se o Brasil invadir por um anti-portuguesismo politico e sentimental, sem ao menos reparar que o Império, como herança da formação portuguesa, o salvaguardou dos perigos dissociantes do federalismo. Só essa razão obriga os brasileiros que pensam a sério na grandeza e na supremacia do seu país a considerar Portugal através das altas e inspiradas razões porque se guia o nacionalismo de Elísio de Carvalho. Sofreu a America indevidamente chamada "latina", — porque apenas "hispânica" é —, aquilo que um notável publicista uruguaiano, Luis Alberto de Herrera, discorrendo acerca da Revolução Francesa e da sua influencia no Novo-Mundo, com raro acerto designou de "piagiato pernicioso". A sugestão inflamada

## O momento futurista na Italia

Esteve recentemente em Paris, Marinetti, o grande criador do movimento futurista, nome hoje em voga no Brasil, mas para significar, não a arte preconizada por esse alto espirito italiano, mas todas as tentativas modernas, ainda que oppostas ao futurismo propriamente dito. Afinal de contas, isso tem importancia secundaria e nunca os rotulos dos movimentos literarios tiveram um significado exacto e razoavel. Mas, estando em Paris Marinetti, o Sr. Robert de Thiac, pela *Comoedia* foi ouvido sobre o desenvolvimento futurista na Ita-

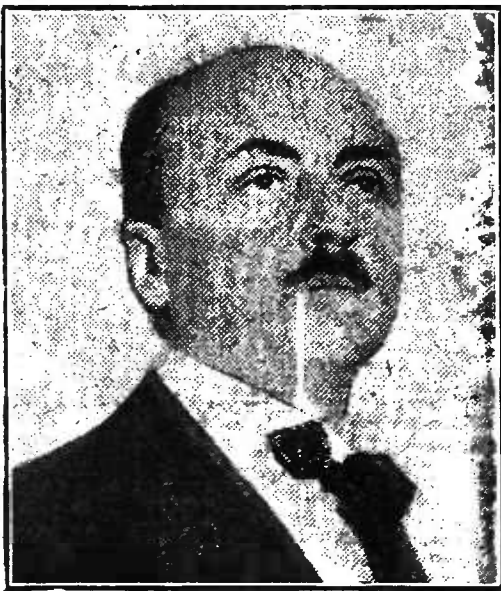
panha que iniciaram os futuristas contra a direcção do Scala, contada ao mestre Toscanini que, si é um eminente chefe de orchestra, tem uma aversão pronunciada aos moços. Mas em breve, espera Marinetti, que o publico exigirá a montagem das operas dos jovens musicistas.

Quanto á pintura, escultura, artes decorativas, a extensão do movimento futurista, segundo Marinetti, não é menor, como provam numerosas exposições. "Estou certo, disse o illustre artista, de que a nossa época terá um estylo muito pessoal. Não se o definira senão mais tarde, mas não é sempre assim, não é com o recuo do tempo, que as características dos estylos de todas as épocas foram definidas?"

Depois Marinetti chamou a atenção de seu interlocutor para um projecto deveras interessante, de fundar um banco para os artistas-criadores. E explica: "Cada industria é sustentada pelos seus bancos. Só os artistas, os literatos, são obrigados a produzir com os seus proprios meios, sem outro auxilio além de sua sorte... ou da sua fortuna pessoal. O pintor Prampolini se preocupou com a questão e tem a idéa de fundar um banco que auxiliaria eficazmente os artistas que tivessem feito as suas provas. O projecto approved e sustentado pelo Sr. Mussolini esta prestes a realizar-se. Depois explicou como seria, ou será, o processo do banco: um literato, um pintor, um escultor, levaria ao banco um manuscripto, um quadro, uma estatua, o banco lhe adiantaria uma certa quantia para garantir-lhe o trabalho, que tomaria a seu cargo commercialisar.

Depois de se reter rapidamente ao progresso do Tactilismo, lento nas seguras, Marinetti interrogado sobre o Fascismo, disse: "Foram os futuristas que lançaram os primeiros principios do fascismo, assim fomos os primeiros que applaudiram o seu triumpho. O jornal mais fascista de Roma, *L'Impero*, é dirigido por Mario Carli e Settimelli, dois futuristas. O Governo do Sr. Mussolini restabeleceu a ordem na nação, apasigou as paixões desencadeadas pela guerra, é perfeito! E' de futuristas, dissidentes é certo, mas apenas por questões religiosas, razões de consciencia, com as quaes nada temos que ver."

Vê-se, pois, que o movimento empolgante de Marinetti, embora combatido, negado e atacado impiedosamente, não decresce de intensidade e fulgor. Quaesquer que possam ser nossas divergencias com o futurismo, em sendo de boa-fé, não nos hão de impedir de olhar com enthusiasmo esse movimento de libertação, conduzido pelo alto espirito de Marinetti.



Marinetti

lia. Marinetti disse ter ido á França para tratar de representações futuristas e ajuntou "esses espectaculos, de uma concepção absolutamente nova, quer como decoração, quer como encenação, não constituem um ensaio, mas a continuação de um esforço, encorajado pelo successo formidavel que obtivemos na ultima estacção no *Independi* com varias obras, entre as quaes *Bianco e Rosso*". O theatro futurista, explicou a seguir, é extremamente synthetico, na apresentação como no espirito da peça. Falando sobre Pirandello, a quem chamou o primeiro autor dramatico italiano, disse que tem tendencias avançadas, mas não é futurista, porque o seu theatro procede do desenvolvimento psychologico.

No dominio da musica, disse Marinetti que o triumpho futurista é completo, já tendo os seus compositores o favor do grande publico. Ha ainda resistencias, ajuntou, mas são feitas por certos directores de theatros. Dahi a cam-

das ideologias do Oitenta-novismo desenhou na América-Hispânica uma verdadeira tempestade de sangue, excepto no Brasil, pelo refugio que elle encontrou na monarquia constitucional, segundo o citado autor. Mas, se o Brasil escapou ás violências desagregadoras derivadas dêsse "plagiatto pernicioso", não ponde, talvez pelas condições pacíficas do seu rompimento, evitar durante o século findo a desnaturação do vinculo tradicional que intimamente o ligava a nós. A culpa, reconhecamo-lo, não era sua unicamente. Era de Portugal também, desorganizado pelo romantismo politico e olvidado completamente das direcções superiores da sua história. A percebe-se enfim o Brasil da sua posição excepcional num continente reservado para amplos destinos e, ao elaborar a sua doutrina nacionalista, busca-lhe a genealogia no passado e no génio da raça lusitana. Este alvorecer do nacionalismo brasileiro coincide com o desenvolvimento do nacionalismo português e com a sua repercussão na idea orgânica do *hispanismo*, como síntese dos diversos nacionalismos gerados pela civilização, saída da Península Ibérica, envolveu o Atlântico e foi florescer na América, de mar a mar, como uma promessa de milagre. Praticando o seu exame de consciência patriótica, o nacionalismo brasileiro acha-se assim enlacado ao nacionalismo português e colaborador com elle nos trabalhos comuns do *hispanismo*.

Se o nacionalismo português ajuda o nacionalismo brasileiro no reconhecimento do papel que a este pertence na elevação do Brasil a potência mundial, — e só o conseguirá desde que participe da ardorosa tarefa de renovar a "civilização hispânica" e contribuir para a admirável politica do Atlântico "*mare nostrum*" — !. o nacionalismo brasileiro, sumariando e depurando as causas positivas que deram ao Brasil a posse duma nacionalidade, reforça-nos a nós, nacionalistas portugueses, na confiança e na defesa das instituições que nos conformaram e abriram lugar respeitoso no consócio dos povos. Se a dívida do Brasil a Portugal consiste em lhe agradecer o nascimento e a maioridade sasonada, a dívida de Portugal ao Brasil, no momento doloroso que se atravessa, consiste, sobretudo, em se verificar no desenvolvimento da grandiosa pátria americana a acção fecunda das duas disciplinas tradicionais. — a Igreja e a Realeza, que tão ingratamente repudiámos e caluniámos. Como o nacionalismo, para não perder no acaso dos tumultos da rua ou das improvisações salivas do *Forum*, carece de ser principalmente uma doutrina, sabem-se e justificam-se as conclusões contra-revolucionárias do nacionalismo português. Somos pela Monarquia. Somos pela Igreja. E' forçoso ao Brasil ser pela Monarquia? Respondo eu mesmo á pergunta com aquellas sensatas palavras de Charles Maurras no seu expressivo prefácio ao livro de Marius André, *La fin de l'empire espagnol d'Amérique*: — "*Je ne viens pas prêcher la monarchie à l'Amérique... Monarchie, République, ne sont que des moyens, comme la liberté ou l'autorité. Chacun vaut ce qu'il vaut pour donner aux peuples l'ordre, le progrès, la justice, la prospérité et la paix. Il y a des pays où la république est une nécessité nationale. Il y en a d'autres où, comme l'a observé notre Renan, ce mot est synonyme d'un certain développement démocratique malsain*" et y signifie un encouragement, une excitation à l'anarchie. Dans ces derniers pays la monarchie est autochtone. Elle y a longtemps assuré la sécurité, la force, l'influence et l'honneur..." Se, inversamen-

te, o sistema republicano é autochtone na América (não esquecer, no entanto, o persuasivo livro de Eduardo Prado, *A ilusão americana!*), isso não impede que a América se liberte do "plagiatto pernicioso" expellindo inteiramente das suas engrenagens governativas o morbo democrático. Tão pouco elle satisfaz as exigências do meio e correponde á realidade da situação, que nós vemos allí constantemente esfarrapada a ficção legalista pelo *caudilhismo*. "*El caudillo ó cacique impera; y sobre el cacique, á menudo, el rabula, el charlatan; á quien el intonso jefe admira, y el pueblo, analfabeto, aplaude*". Eis a fotografia que nos oferece Blanco-Fombona das democracias americanas.

Claro que o Brasil se exceptua. E exceptua-se pelas características que o Império lhe imprimiu: — a *unidade na variedade*, e a *concentração na descentralização*. "O Brasil imperial, — depõe a observação avisada de Oliveira Lima —, foi, em grande parte, com o seu soberano constitucional, a sua dinastia de aclamação popular, o seu Senado vitalício que serviu de escala aos homens de Governo do país, e com o seu espirito de administração, conservador e liberal a um tempo, a sábia realização das ideas de Bolívar. Estas ideas democráticas eram mais difíceis de realizar no seu meio falsamente democrático e dada a repugnância pessoal do grande Homem em se revestir das roupas e dos atributos de *Imperator*". Ajunta ainda Oliveira Lima: — "Accrescente-se que ao perpetuar-se no trono a dinastia tradicional, representante do passado português, mas cujo herdeiro se identificou com os novos destinos do país e até se fez agente decisivo da sua independência, não só se subtraía a coroa no Brasil ao conflito das ambições, como se dotava também a tradição nacional com um vigor e um realce únicos, comparado com o que sucedia nos países do Novo-Mundo espanhol. As revoluções de que o Brasil se viu teatro durante o primeiro reinado e a Regencia foram por isso mais representativas de ideas, não obstante traduzirem-se em paixões, do que da ambição do mando. Por estes motivos pôde dizer-se que a monarquia brasileira foi no século XIX o regimen politico verdadeiramente adequado ao *status social* da América latina".

Que concluir de todo o exposto? Concluímos que se a Monarquia não é autochtone na América, não o é também a democracia, tomada no seu significado europeu, — no significado de "plagiatto pernicioso", que o uruguaiano Luis Alberto de Herrera lhe confere. Cumpre, pois, aos Estados hispano-americanos pelo presidencialismo e pela constituição duma segunda Câmara, recrutada na representação moral e social, corrigir a tara democrática que os infama e que lhes perturba o funcionamento regular das suas instituições. O Brasil, corrigindo a herança que recebeu do Império, terá um modelo a imitar e aperfeiçoar. E assim se entenderá, debaixo de tal aspecto, se o *nacionalismo brasileiro* não é monarchico, como o nacionalismo português, carece de ser, pelo menos, abertamente *contra-revolucionário*.

Contra-revolucionario em politica, tenderá a rectificar as lutas dos partidos que enfraquecem a acção directora do Estado, proibindo-lhe todo e qualquer objectivo de ex-

pansão e de hegemonia exterior. Como o Brasil se dirige pela aspiração legítima de se afirmar potência mundial (vide os trabalhos e estudos de Elísio de Carvalho), de certo que o não obseca a miragem dum imperialismo, montado apenas no jôgo das forças materiais. A defesa do tipo de civilização em que o Brasil se insere e que tão nobremente enriqueceu, condu-lo, sobretudo, para um campo de natureza espiritual. Contra o bloco anglo-norte-americano, instalado no Atlântico, o bloco das nacionalidades hispánicas tarde ou cedo se constituirá, se o desejo de viver as anima e se desejam que se acerque a hora de se libertarem da tutela de Washington.

Eis, a traços sucintos, em que se condensa a "grande obra de renovação latina" que o nacionalismo brasileiro apetece para o seu país. Ora ainda al elle precisa de assumir a attitude contra-revolucionária. Porque "raça latina" supõe "Latinidade", — e a Latinidade não é mais que o Catholicismo, — o Catholicismo que amamentou a Europa e insuflou á America o hálito divino da existência!

A documentá-lo, pondera Charles Maurras: — "*Peuples latins, peuples catholiques, dit l'histoire, exception faite pour la lointaine Roumanie. Qui est-ce qui, a opté pour Léon X contre Luther? Est-ce la Saxe, est-ce le Brandebourg, est-ce l'Angleterre? Non: les peuples latins. Comment la Belgique en partie néerlandaise, s'est-elle séparée de la Hollande pour affirmer son âme, sa foi et sa nationalité? Par sa fidélité au catholicisme...*" E Maurras esclarece: — "*c'est à ce point de vue de fait que je me place pour demander par quelle abstraction monstrueuse on peut dissocier l'histoire des nations d'avec l'histoire de l'organisation religieuse née sous l'enseigne de Rome et qu'ils ont si fidèlement défendue contre les infiltrations et les assauts étrangers*" Não só por lei expressa do seu condicionalismo moral e historico o Brasil se emoldura no quadro geral da Christandade, como, quando, ao inflamar-se em zelos renovadores do Latinismo, é para a Igreja Católica que elle apela, — pátria comum de todas as inteligências e de todas as sociedades que amam a ordem, como fundamento primacial da civilização. De resto, é um encargo de espirito que vem dos alvares da nação brasileira, — alvares que despontaram na hora em que, sobre uma praia enigmática, a Missa se resou, entre o mar e a se'va, no ofertório a Deus de mais um povo que ia nascer á sombra da Espada e da Cruz.

Restauradores das admiráveis responsabilidades do seu passado, o Brasil e Portugal acordam desta forma para o resurgimento do conceito perdido de Christandade. Não há nacionalismo nenhum que se confine e seque na sua contemplação narcisista. Como desfecho lógico, tende a ampliar-se e a fixar numa expressão mais humana e mais duradoura de universalismo. Adversários tanto Portugal como o Brasil do cosmopolitismo ideológico da Revolução, o universalismo que a ambos se impõe é o da Contra-Revolução. Estendamos as mãos por cima do Oceano, — e a Lusitanidade, emancipada dos mitos ignóbeis que a prostituíram, há-de sorrir de novo com frescura singela e doce daquellas rosas que os marinheiros do Senhor Infante chamaram "rosas de Santa-Maria", ao colhê-las, enternecidos, para lá do Bojador!

António SARDINHA



# LUGARES-COMMUNS SOBRE BUENOS AIRES, OU BUENOS AIRES DENTRO DE UM BRASILEIRO

-- Ha tempo?

-- Perfeitamente... Poderá fallar a respeito da viagem. Um observador intelligente...

Obrigado.

-- E se quizer, empresto-lhe as impressões de Laforgue sobre Berlim. E' só mudar: onde se diz Berlim, ponha-se Buenos Aires.

-- Ha tres systemas de viajar: com dinheiro, sem dinheiro, e com philosophia. Segui o ultimo, mais commodo, mais aristocratico para quem não acceita os outros dois. Assim eu só pensava nos

*high angels that drive the horse of Time*

como está escripto em "King's Threshold" de W. B. Yeats.

-- Interessante...

-- Sem duvida. Ainda poderia citar um pouquinho de Shelley...

-- Ainda?

§

Eu não sabia como deveria estudar Buenos Aires. Podia mover-me num mundo de abstracções e de edificios. De antenção imaginára commigo este quadro:

a) artista = creação + divulgação.

b) critico = analyse — creação + divulgação.

c) jornalista = analysê + divulgação — critica.

Commodo. Quando deixei o Rio, um official aduaneiro, com uma cara entre o velho Rotschild e o Unamuno que tanto tem impressionado o Sr. Coelho Netto, ainda me gritou: — "não se esqueça da duvida-fecunda-do-artistaaaA! a duvida..." E de repente começou a chover. Lembro-me agora que se choveu, foi na volta.

§

O rio da Prata só tem uma utilidade reconhecida por todos os logarithmistas e pilotos: levar os navios para Buenos Aires ao baloiço de uma agua escura. Mais de uma vez fiquei ao léo das minhas hesitações, como as folhas sobre o dorso invisivel do vento. Poderia mentir como um advogado no jury. Poderia dizer que a agua era realmente de prata, em vez de dizer que é escura, poderia dizer que, o porto é enorme, quando é apertado, formado por uma especie de canal ligando duas bacias, *dársenas*, onde os navios ficam quasi que uns sobre os outros, erguendo os mastros, ao mesmo tempo banaes e estranhos. A neblina matutina velava a cidade plana e esbranquiçada que eu entrevia, seguindo o navio por um canal marcado de boias, que nessa manhã estava sendo dragado.

§

A aldeia do seculo XVI, atravez do tempo, transformou-se na grande cidade de hoje. O que chama a attenção do brasileiro é a imponencia da architectura, tanto publica como particular. Mas a mania da imitação, de que os sul-americanos estão tomados, é tal que prejudica tudo, principalmente entre os argentinos. Buenos Aires, sem natureza, enorme em seu movimento, cidade pouco ou nada prismatica de aspectos, dá a impressão de ser uma cidade allemã, italiana, espanhola, ingleza, menos argentina. Eu só sabia que estava em Buenos Aires, por causa do palacio do Congresso, da Casa Rosada (Palacio do Gover-

no) cercada pelos granadeiros azul-vermelhos e vistosos de San Martin. Não pelo espanhol, que eu podia estar por acaso conversando com um espanhol nas Marquezas, e não me consta a mim nem aos francezes que essas ilhas sejam castelhanas. Um amigo, em Buenos Aires, disse-me seriamente: "o cosmopolitismo — absorvente — e — enorme — de — Buenos-Aires..., deriva — dos — 60 ° — de — estrangeiros" Como é de praxe, não lhe agradeçi. Em Buenos Aires edifica-se, na minha opinião de não architecto, para o futuro; no Rio para o presente. Dahi a importancia, a sumptuosidade da architectura argentina. Mas a imitação norte-americana degenera em mau gosto: vi um edificio em cuja fachada existem espumas de cimento armado, pedacos de alguma symphonia que se immobilizou em pedra e cimento. O centro, de ruas estreitas, asphaltadas e desarborizadas, divididas em quadras symetricas de cem numeros, é de uma monotonia triste. De dia, dentro do movimento, pouco se percebe. Mas de noite, quando as ruas ficam um pouco vazias (porque o centro tem uma grande vida nocturna), é que se nota essa *aplantante simetria*. Buenos Aires, como todas as cidades tentaculares (a capital argentina não deixa de ser tentacular se bem que cresca para cima), que não têm o encanto da paisagem, é triste, e só se sente alegria, indo-se para os magnificos jardins de Palermo. Está claro que desprezo os céus azues, que para mim têm menos importancia que um peignoir de mulher. Os astrónomos são os unicos cavalheiros que ainda se podem interessar pelos céus que apenas nos mandam a velha novidade da chuva.

Ao meio-dia e uma hora, Buenos Aires é a cidade mais sombria do mundo. As ruas do centro cheias, fervilhantes de movimento, exhibem milhares de physionomias representativas do facto de que cada um é um Torquemada moderno torturando e caçando pesos. E essa tristeza mercantil notei tambem nos bondes, no subterraneo, por toda a parte. Nós, brasileiros, somos melancolicos, como dizem os nossos gratuitos professores de pessimismo. Mas em nossos bondes ainda se vêem physionomias — aguas — claras (raras, é verdade), ainda se ouvem conversas e risadas. Em Buenos Aires, nada. Toda a gente ensimesmada. A esthetica da vida — vae em minusculo para evitar confusões — ainda é desconhecida dos sul-americanos que, moços como são, deveriam rir, ter uma alegria barbara de super-homem. Lembrou-me aqui citar Nietzsche, mas salvo o leitor de um abysmo vadeavel. Cada um dos sul-americanos deveria pensar sempre em Dionysos, o deus da ebriedade de existir. Mas sem rhetorica, tal como eu escrevi essa phrase sem os preparados unctuosos dessa senhora estabelecida com o seu gabinete numa academia...

§

Buenos Aires é uma cidade de maior numero de monumentos que o Rio. As praças tem-nos até demais. Cheguei a ver Rodin. E no entanto, é preciso saber que lá não existe um bairro ajardinado e arborizado como a nossa Beira-Mar que poderia ter muitos e bellos monumentos. Escrevo e digo isto aos dois ou tres leitores mal-humorados que de-

verei ter na certa. Mas se o Sr. Prefeito me ler, e se quizer tomar nota. Mas cuidado com o plagio..

§

A tracção animal é muito maior do que aqui. Os auto-caminhões são raros. Ora, isso depois de escripto, me fez pensar na phrase de um celebre escriptor e diplomata brasileiro: "*le Brésil c'est un paysage: l'Argentine c'est un pesage*"

§

Por uma variação em bemol, eu poderia fallar de Helsingfors (que não conheço); mas o meu amigo contava-me a anedocta: "passa-se num baile. Dois homens conversam a respeito de uma mulher que dança. — "Deves desposar-a!" — "Talvez.. mas ella já gastou dois terços de sua fortuna com a costureira..." — "Então?" — "Então... caso com a costureira. Estamos na Avenida de Mayo" Esta avenida, que os argentinos consideram a mais bella da capital, é na minha opinião muito inferior á calle Callao, por exemplo. E' uma avenida mais estreita que a Rio Branco, desarborizada, mal illuminada, com um commercio muito mais sumptuoso que o nosso, mas que, ao lado de um edificio de dez andares, apresenta um de dois ou mesmo de um, typo francez de residencia, e em seguida um muro branco tapando algum terreno baldio. A denticulação, sem transições, é desagradavel. Ademais as ruas cheias de soldados, de capacete, enquanto que por toda a parte, até mesmo no Jardim Zoologico, se vêem annuncios (o que é altamente pratico e innocuo) contra os ladrões.

§

A Recoleta, o cemiterio dos ricos, onde cada metro quadrado, custa milhares de pesos, não resolve o problema da crise das habitações, nem o do socoço da immortalidade. Se um dia os herdeiros empobrecem, os restos são rapidamente desalojados e levados para os cemiterios pobres. A Recoleta, como todos os cemiterios do mundo, não vale um epigramma ou poema futurista, nem o desenho de umas pernas de mulher de Préjelan.

§

Buenos Aires não tem praças. Montevideo tem-nas bellas — Ramirez, Pocitos, Carrasco. Tive occasião de conhecer as duas primeiras: bellas vivendas, um "footing" extraordinario de senhoras e senhoritas lindas, mas uma agua escura, encarvoada, mansa, que se desfazia em "cock-tails" de carvão, cascas e gravetos. Depois de ter supportado um calor de trinta e poucos em Buenos Aires, e enquanto o sol acabava ao longe, uma mulher — ou antes, o melhor par de pernas do sul — impossivelmente esbelta, num displicente *je-m'en-fichisme*, fallava-me de muitas coisas: perguntou-me se eu sabia desenhar "peignoirs" e vestidos; mofando da minha ignorancia, fallou-me por fim do pan-americanismo de Bolivar. Sorri, e achei que era uma coisa tão paradisiaca como um ice-cream-soda ou o "I have no bananas..."

Teixeira SOARES



# AS BANDEIRAS

## II

O traço característico e admirável do bandeirante está na heroicidade da sua luta contra a natureza.

Os aventureiros hespanhóes do século XVI conquistaram o Mexico, a America Central e o Perú — numa sombria tragedia de sangue e crueldade — commandando exercitos aguerridos e armando grandes massas de indios para combater o proprio indio. Cortez invade o imperio asteca com cavallaria e até com canhões de bronze de grosso calibre e colubrinas de campanha: Pedrarias d' Avila chega a America com 20 navios e 1.500 homens; Balbôa, para conquistar as costas do Pacifico, ajunta a seus soldados e indios, toda uma matilha feroz de cães de fila. Só Pizarro inicia o ataque ao imperio dos Incas, com um pequeno troço de 180 hespanhóes, mas logo a rainha regente de Castella o subvenciona com 300.000 maravedis, e mais 200 ducados para o transporte de artilharia. Era pouco esse dinheiro hespanhol desvalorizado, mas significava o apoio da metropole que se associava á empresa.

O paulista, ao inves, palmilhou a maior parte da "terra inhospita e grande" dos sertões brasileiros quasi só, na rudimentar organização da bandeira, sem nenhum auxilio official, e muitas vezes infringindo ordens severas de Ultramar.

No heroismo quotidiano da luta contra o Obstaenlo, vivo ou inerte, que a cada passo lhe armava a natureza hostil e aggressiva, está a verdadeira grandeza do bandeirante, fosse elle caçador de indios, guerrilheiro do gentio revoltado, ou buscador de ouro.

O que foi esse combate constante e pertinaz contra as mil difficuldades da terra e do céu desconhecidos, conta-o com minudencia o relato de Antonio Knivet, marinheiro inglez do corsario Cavendish, naufrago e prisioneiro de Salvador Corrêa de Sá.

Em 1597, fez elle partê da bandeira de Martim de Sá, que partiu do Rio de Janeiro a 14 de Outubro, para combater tribus inimigas de Tamoyos. Essa bandeira, passando por Paraty, subiu a serra de Paranapiacaba, perto de Ubatuba, pelas veredas de indios que a levaram ao planalto. Ahi vagou um mez á procura dos Tamoyos invisiveis. Veiu afinal dar em S. José dos Campos, segundo o itinerario decifrado por Theodoro Sampaio. A fome e a doenca já começavam a dizimar os expedicionarios; nas aldeias de indios que encontravam só havia como mantimento batatas, e essas mesmo em pequena quantidade. Mais adiante, a bandeira enveredou pelos campos do alto da Mantiqueira, guiada por um bugre velhaco que a atraioava. Ahi viu outro mez, soffrendo horribes privações. "Quem tinha um sapo ou uma cobra para comer — diz Knivet — considerava-se feliz". A penuria era tamanha, accrescenta Sampaio, que se chegou a comer o corpo dos escudos feitos de nelle de anta e o couro que servia de cobertura aos paramentos do serviço religioso. A roupa do corno cahia aos pedacos, e teve de ser deitada fóra. Da expedição já tinham succumbido 180 homens. A desordem e a indisciplina completaram o desastre. Nas margens do January dispersou-se a expedição, e por outros trilhos começou a viagem de regresso...

Identica deve ter sido a sorte de innumerables expedições que se afundaram pelo sertão, durante perto de dois seculos. "Morto no sertão", é o sinistro estribillo dos inventarios daquella época. "Cegos pela ambição, refere um escripto mineiro, arrostavam os maiores

perigos; não temiam o tempo, as estações, a chuva, a secca, o frio, o calor, os animaes ferozes, reptis que davam a morte quasi instantanea, e, mais que tudo o indomito e vingativo indio anthropophago, que lhes devorava os prisioneiros e lhes disputava o terreno palmo a palmo, em guerra renhida e encarnicada. Para elles não havia bosques impenetraveis, serras alcantiladas, rios caudalosos, precipicios, abysmos insondaveis. Se não tinham que comer, roiam as raizes das arvores; serviam-lhe de alimento os lagartos, as cobras, os sapos, que encontravam pelo caminho, quando não podiam obter outra alimentação pela caça e pela pesca; se não tinham o que beber sugavam o sangue dos animaes que matavam, mascavam folhas silvestres e os frutos acres do campo..."

Para essa luta sobrehumana, as circumstancias do meio, da raça e da educação, tinham preparado e affeçoado admiravelmente o "heroe providencial" no typo do bandeirante de S. Paulo.

Do cruzamento do forte sangue portuguez quinhentista, dos francezes, castelhanos e flamengos, com as cunhães, o mameluco surgiu perfeitamente aparelhado para o seu destino historico. A montanha isoladora dos contagios decadentes do littoral; a attitudo sempre sobresaltada de quem vivia na orla das immensas mattas virgens, sombrias e espessas; a convivencia diaria e intima com o gentio da terra de quem fallava correntemente a lingua; a feliz situação geographica e topographica, que o locava á margem e nas proximidades de grandes rios, correndo para o interior das terras; a aspereza fortificante de um clima de bruscas variações, em que ás geadas das manhãs clarissimas succedem sóes abrazadores do meio-dia — todos esses factores conjugados criaram um admiravel exemplar humano, bello como um animal de raça, e que só puderam realizar nessa perfeição physica, os homens da Renascença italiana, quando Cesar Borgia seduzia o genio de Machiavelli.

A longevidade, expressão da sobrevivencia dos mais aptos, foi notavel nessa rude gente. O visitador Fernão Cardim, em 1585, dizia de Piratininga: "é cheia de velhos mais que centenarios porque em quatro juntos e vivos se acharam quinhentos annos". A excellencia do clima, dos ares e do temperamento — dizia o governador Antonio Paes de Sande — se infere bem de não haver até hoje alli medico algum. De Antonio Dias, Garcia Paes e Borba Gato sabemos que morreram mais que nonagenarios.

Em 1741, numa justificação de nobreza do Dr. Pedro Dias Paes Leme, se inquiriram seis testemunhas, das quaes 4 eram maiores de 80 annos.

O cruzamento com o indigena corrigiu de modo feliz a excessiva rigidez, a dureza, inteiriça e fragueira do colonizador europeu do século XVI; o indio, nesse amálgama, trouxe o elemento mais afinado, a agilidade physica, os sentidos mais apurados, a intensa observação da natureza quasi milagrosa para o homem branco. Um governador, em 1692, dizia: "Paulistas embrenhados são mais dextros que os mesmos bichos..."

Não tardou a se espalhar por toda a colonia, e até á Metropole, a fama paulista. A elles recorrem as autoridades para a pacificação das tribus inimigas do Reconavo da Bahia e do norte ao Rio S. Francisco, e para a destruição do quilombo de Palmares. A elles aconselha Antonio Paes de Sande, em 1693, que se appelle para o descobrimento das minas de Sabarábussú, Paranaguá e outros das

capitanias do Sul. O unico meio para se conseguir esse descobrimento — accrescenta o governador ao Conselho Ultramarino — é "servir-se S. M. de encarregar aos moradores de S. Paulo este negocio, pois a confiança que faz daquelles vassallos os empenha ao effeito das obrigações della"

E num trecho que bem frisa a independencia e susceptibilidade dos habitantes de S. Paulo nessa época longinqua, "a pessoa que S. M. nomear para ir a S. Paulo será um sujeito de cuja autoridade e prudencia se possa fiar negocio de tanto peso e não levará consigo mais que seus criados e as ordens e poderes reaes..."

Desses homens de acção tres ou quatro sentimentos deviam compor a rudimentar psychologia. Antes de tudo o aneio pela mais absoluta independencia, acima das leis divinas e humanas; a ambição do mando, o irrefragavel desejo de exercer a autoridade incontestada, de dominar sem neias — e o afan imperioso do lucro e da riqueza. Do fundo do subconsciente, das influencias atavicas da Terra e do Sangue, vinha-lhes sem duvida a activa inquietação, a que se devem os grandes descobrimentos e as grandes viagens da época, o irrequieto espirito de mudança, de levantar sempre o vôo, na curiosidade do desconhecido, e que fazia Ponce de Leon exclaimar na Florida: "Gracias te sean dadas, Señor, que me permites contemplar algo nuevo"

Esses sentimentos fortes fizeram o paulista tão temido quanto admirado. As lendas de Charlevoix e Vaissette, indignados diante dos excessos mamelucos, têm uma singular mistura de odio e respeito.

Quando em 1671, após o insuccesso das bandeiras bahianas de Roiz Adorno, as autoridades pediram a intervenção paulista para a pacificação dos tapuyas insubordinados, aos elogios á acção de Estevam Ribeiro Bayão Parente, succediram dentro de poucos annos, as queixas e lamentações dos habitantes do Reconavo. Em 25 de Maio de 1677 escrevia o governador a Bayão Parente: "S. A. não quer que seus moradores sejam vexados, nem ainda é justo que os indios se tratem como escravo... o fim das vossas ordens é trazel-os do certão para os domesticar, e se fazerem christãos... E se o intento de Vmçê é outro — pôde recolher-se logo..."

Annos depois, em 1692, o Capitão-Mór de Porto Seguro avisava o governador da Bahia das insolencias que faziam, havia tres annos, uns trinta paulistas, de que eram "cabeças uns Domingos Leme de Moraes, e seu irmão Verissimo da Silva, que como regulos se tinham levantado, sem o dito capitão-mór poder sahir fóra de sua casa, nem os officiaes de justiça poderem administral-a, sequestrando-lhes os bens, fazendo insolencias e tiranias que havia muitos tempos a esta parte se não accordava de outro excesso semelhante..."

Nunca, porém, essa actividade dominadora e indisciplinada attingiu os requintes de crueldade e aspereza dos conquistadores hespanhóes; a doçura portugueza temperou de certo modo o que Blanco-Fonibona chamou — a hyperrestesia de rapina e sangue dos aventureiros castelhanos.

Handelmann, referindo-se aos preadores de indios de S. Paulo, diz que para elles "não ha nenhuma desculpa" e que as suas conquistas constituem "uma das manchas mais negras da historia do Brasil". Que diria o historiador das terriveis expedições que devastaram o Mexico e o Perú? Os dezeseite annos de dominação allemã na provincia de Venezuela (de 1529-1546) excederam em sanha sangrenta e destruidora os mais negros relatos da conquista hespanhola. Ainda neste seculo, são conhecidas as façanhas da colonização allemã e belga no

# CHRONICAS DE MALAZARTE

VII

Este movimento modernizante de arte que se vem delineando cada vez mais altido e rico, teve em São Paulo o seu início. Quebrado primeiro trouxe uma sistematizada manifestação de arte moderna para o Brasil foi Anita Malfatti. Em 1915... Não. Parece-me que antes. Ou depois... Não me lembro mais da data em que ella abriu a exposição dos seus trabalhos na rua Libero Badaró. Só me lembro bem do escandalo publico e da fecunda importancia que teve para nós essa confissão de independencia. Dentre as criticas apparecidas uma ficou inesquecivel pela influencia que teve sobre o espirito da artista. Assignava a descompostura um nome feito: Montelro Labato. "Paranoia ou Mistificação" chamava-se a tollice; depois eternizada em livro pelo bilioso. E que dor me deu o artigo!... Naturalissimo. Era a primeira vez que eu sofria a injustiça, provinda da ignorancia organizada em sistema de valorização. Agora já me acostumei. Depois da exposição Anita se retirou. Foi para casa e desapareceu, ferida. Mulher que sofre. Todo aquele mascu o poder de deformação, que dirigira as pinceladas do Homem Amarelo, da Estudante Russa, desaparecera. Mulher que sofre. Quiz voltar para traz e quasi se perdeu. Começou, para contentar os selvícolas, a fazer Impressionismo colorido. Não nos encontramos mais. Ela ocultava-se. Só 4 ou 5 annos depois resolveu-se a fazer uma segunda exposição propicia aos aplausos da semi-cultura. Seu encontro com Malazarte foi divertido, lembro-me... O amigo desapontadissimo. Ela envergonhada. Ele dedicou-lhe um cumprimento com avesso; coisa barata. Anita revoltou-se. "Malazarte, você não tem direito de gostar destes quadros. Cale a boca!" "Fizeram as pazes. Anita vendeu alguns quadros, teve alguns elogios e fechou a exposição. Resoivida energicamente a ser o que era: mistificadora ou paranoica, segundo o juizo da divindade.

Ora Oswaldo de Andrade passando pelas ruinas em construção do Palacio das Industrias, soube por um operario que no segundo andar do prédio vivia um escultor. Subiu disposto a caçoar das academias. O hominho narigudo, com voz de baixo russo, abriu a porta. Brecheret. Este caso tambem é comico. Oswaldo olhou o artista, já divertido. Já desdenhando as náíades de carne que ia ver. Brecheret olhou desdenhosamente o intruso. Mais um idiota que vem procurar carne nas minhas náíades! se dizia. Inimigos. Uma hora depois: amigos intimos.

Mas Oswaldo sofreu golpe decisivo. Ficou doente. Doença deliciosa e gravissima, não registrada nos dicionarios medicos. Mania de descobrir genios. De repente todos nós viamos genios. Di Cavalcanti era genio. Menotti del Picchia era genio. Brecheret outro. Tambem Anita, Guilherme de Almeida e todos nós. Um limbo dantesco! Só que ti-

nhamos o semblante alegre. Foram momentos de gostosa obriedade. Que entusiasmo! Penada não sabia, nem pincelada ou golpe, que não fossem divinos. Malazarte tocava o membr. E a corea dansante das Illusões nos separava do mundo. Mas logo começou a luta por Brecheret, nosso estandarte. Oswaldo, Menotti e eu pelos jornaes, criticos improvisados, pagavamos a injustiça dos selvícolas com a injustiça, porventura menos cruel mas certamente mais irritante, do entusiasmo-clope, dum só olho, unilateral. Puxa! fi-



Brecheret

zemos uma barulheira danada. Divertimo-nos á farta. Dessa grita sincera, irreverente, anti-diplomatica, cujos males não mediamos, ninguém, senão algum raro espirito mais observador, podia perceber o intimo sofrimento. Mesmo tragico. Porquê essa é a verdade pouco percebida. O lançar-se em novas aventuras pôde ser belo. Entusiasmo facilmente. Mas é tambem trocar a certeza do presente e as riquezas adquiridas pelo odio dos que ficam, pelos descaminhos em terras ignoradas e sem generosidade. Perspectiva sem segurança, inquietação. Medo. Cabotinismo? Qual seria o cabotinismo de Guilherme de Almeida? Continuar o "Nós" e a "Dansa das

interior da Africa. O drama de horror e loucura criminosa, em que todas as más paixões dos homens do seculo XVI foram açuladas como matilhas de cães contra as velhas civilizações americanas, torna quasi innocente e livre de culpa a "furia paulista" nos seus mais exaltados desvarios.

A pouco e pouco, pela propria diminuição do seu dynamismo, foi a bandeira desaparecendo, como factor vivo e caracteristico, da conquista e povoamento do territorio da colonia. E' o phenomeno dispersivo da desagglomeração individualista.

O bandeirante transforma-se no colono e povoador das regiões do Sul, da ilha de Santa Catharina e da antiga Ca-

pitania de S. Pedro; ao Norte é elle o criador e fazendeiro dos catiungás bahianos, até o Piahy, Ceará e Maranhão, o gado como elemento estabilizador fixa-o nos latifundios desses sertões; para o interior profundo do paiz, a mina, em Goyaz e Matto Grosso, extingue por seu turno e pela sua riqueza o nomadismo tradicional do antigo piratingano.

Ahi, no primeiro quartel do seculo XVIII, se destacam as figuras dos irmãos Lemes — ultimos depositarios da ambição de mando e independencia do velho paulista: — um succumbe, acuado como animal feroz, nas mattas de Ararytaguaba, e outro degollado nas prisões da Bahia. Em 1740, num arraial goyano, morre miseravelmente o segundo Anhanguera.

Foram, talvez, os ultimos bandeirantes

Paulo PRADO

Horas". Mas escreveu a "Soror", que é o seu melhor livro. Onde o exito anterior? Essa previsão do insulamento futuro, porém, nós a escondiamos sob a gargalhada malcriada. Gargalhada que não era sinão mais um sintoma de inquietação. E, junto dela, as afirmativas mais arrojadas, os destampatorios mais inócuos. Tollice. Burrada. Quando vimos a inutilidade da nossa gritaria e que o Monumento das Bandeiras não se realizava, aumentamos o barulho. Não é engraçada! Recordo-me dum artigo, inscripto por Belazarte, horrendo! que elle ingenuamente queria publicar. Allí se insultava céo e mundos. O Governo, o Presidente do Estado, os millionarios paulistas eram tratados da maneira mais... sim: da maneira mais aviltante.

— Reconheço: fui injusto. E' preciso descontar as tres quartas partes de imbecillidade, que formam o lastro interessante das instituições humanas sejam ellas governos, classes de ricos ou de pobres, grupos de artistas ou de "sportsmen". O que faz a imponencia dos clans é a imbecillidade. Não ha duvida. A função dos agrupamentos é justa, humana e creio que de imposição divina. Mas essa função originaria desaparece. O que na pratica dentro das sociedades se vê, não é a origem que as constituiu, mas o character actual que as deforma e a directriz que as desnortea. O character não é determinado pelo espirito de justiça; a directriz não segue a estrada do bem commum. A igualdade intelligente trocou-se pela ambição. O sacrificio corrigiu-se pela fraude. O homem é o maior imbecil de todos os animaes.

— Cala a boca, Belazarte! Quero contar. Foi nesse delirio de profunda ralva que Paulicea Desvalrada se escreveu, no final de 1920, Paulicea manifesta um estado de espirito eminentemente transitorio: cólera cega que se vinga, revolta que não se esconde, confiança infantil no senso-commum dos homens. Estes sentimentos duram pouco. A colera esfria. A revolta perde sua razão de ser. A confiança desluda-se num segundo. Comigo duraram pouco mais que um defluxo. Passaram. Deveria corrigir o livro e apagar-lhe esses aspectos? Não. Os poemas foram muito corrigidos. Muita coisa delles se tirou. Alguma se ajuntou os exageros, tudo quanto era representativo do estado de alma, e não desfalecimentos naturaes em toda criação artistica, ahi se conservou. Uma obra de arte, não é expressiva só pelas bellezas que contém. Ou o Sr. Alberto de Oliveira seria superior a Castro Alves. Muitas vezes os defeitos são mais interessantes e comoventes que as bellezas. Direi mais: muitas vezes o defeito é uma circumstancia de beleza. Exemplo: O ser claro é norma aceita universalmente. Leia-se o abscrisissimo Dante. Veja-se a imprecisão de Vuillard. Escute-se. Aliás reconheço que antes de mais nada de ver-se-hia definir o que é ser claro.

Nesse tempo estava definitivamente estabelecido em S. Paulo um verdadeiro núcleo de modernistas. Menotti descobriu o architecto Antonio Moya. Eu descobri Haarberg, o escultor expressionista. John Gras, pintor suizo era então nosso amigo. Vejam bem que não falo de precusores. Outras vezes pôde haver surgidas antes. Mas viveram l'hadas; e realmente nenhuma influencia tiveram nesse grupo, do qual partiu todo o movimento de modernização, hoje espalhado; e que lutas de tão nobres proporções determinou agora no Rio entre Ronald de Carvalho e o Sr. Jackson de Figueiredo. Isso de precusores traz sempre discussões que não adiantam nada. O caso do verso livre. Sergio Milliet affirmou, num artigo publicado na França, que o introdutor do verso livre no Brasil é Guilherme de Almeida. Clamoroso injustiça. Lembro-me duma tarde em que o proprio Guilherme me assignalava os versos livres de Manoel Bandeira. Guilherme então metrificava inteiramente os seus poemas. E Manoel Bandeira será o primeiro? Malazarte propõe que se considerem como precusores de verso livre os admiraveis poetas recusados pelo Malho... Uma embrulhada!

O real movimento de modernização, antes: de actualização das artes brasileiras partiu do caso de se encontrarem um dia em São Paulo 7 ou 8 artistas paranoicos e mistificadores. Em meados de 1921, Oswaldo escre-

veu o seu artigo sobre Paulicea, intitulado "O meu Poeta Futurista". É o maior escândalo literário a que até agora assistiu. O espanto causado pelo poema reproduzido no artigo foi impagável. Mas, apesar de espantados, divertidos.

Toda a população ria. Toda, porque nós também riamos. Choveram as paródias. Engraçadíssimas algumas. Chiste pesado, sem ironia. Mas engraçadíssimas. O brasileiro raramente é irónico. Nisso não somos nada latinos. A chalaça é a ironia do brasileiro. Foi uma esculhambação fantástica. Mas nós também riamos. E diante das ararices, tive meu segundo dia de revolta. Produziu os *Mestres do Passado*. Este, sim, trabalho alegórico, que escrevi a rir sem intermitência. Lefeitos dos mestres do passado. Mas em geral as outras verdades, as boas, deixava proposadamente de as dizer, isso representam os *Mestres do Passado*, que já mais porei em livro.

O mal de tudo isso foi o batismo do grupo. Futurismo! Eu chamara a atenção de Oswald sobre isso. Elle insistira na palavra. Oswald impunha-lhe, não uma significação estreita de escola, mas a mais larga de renovação universal, em que se poderiam reunir as tendencias mais dispares. Comuniquei-lhe que recusaria o titulo. E o fiz. Poucos dias depois do artigo, publiquei pelo mesmo jornal a resposta em que regeitava a escola italiana. Tenho horror inato ás escolas e abomino aquelles que se imaginam condutores de artistas. E assim serei sempre. Só um orgulho eu tenho e só duma prerogativa não desisto. Orgulho do que fiz para mim mesmo, e a prerogativa de que ninguem me conduziu ou conduz. Quanto a religião e filosofia: sou catholico e sigo o expresso Aristoteles-Neoscolastica (com a formidável baldeação por Santo Thomás) que me trouxe ao país desassombrado da minha calma e completa felicidade. Mas sobre essa felicidade risca um rastro, luzindo estranhamente! Que é, que não é? É o scepticismo esse resíduo duma lagrima que secou. Mas não faz mal! é objectivo. Olha só para as coisas da vida.

E da mesma forma com que não sou cauteloso de ninguem, previ o perigo de um outro se deixar levar pela liberdade exagerada de Paulicea. Isso me ditou aquella "blague", de fundo verdadeiro, muito pensada, de crear uma escola e destrui-la no mesmo livro. E Klaxon? Pois não viveram nella, Graça Aranha, Guilherme de Almeida e Luis Aranha; Renato Almeida, Menotti del Picchia e Carlos Alberto de Araujo; Ronald de Carvalho, Couto de Barros? Sendo que muitos desses artistas nem se compreendem mutuamente. Onde a escola, pois? Onde o chefe? Onde os generais? E a nossa homenagem a Graça Aranha não significou jamais preito de acólitos, mas gratidão por quem desceu da sua altura para nos dar confiança, e a admiração pelo maior artista das letras vivas nacionais. Divago...

Aliás não precisava escrever essa recusa ao rótulo que me dá Oswald de Andrade. Desde 1919 eu atacara o futurismo numa conferencia sobre "Arte Religiosa Brasileira", publicada nos principios do ano seguinte pela Revista do Brasil. Também pelo *Jornal dos Debates* o fizera. Tudo inútil. O nome ficou para nós todos. Isso não tem a mínima importancia. Jamais as Urracas deixaram de ser belas porque eram Urracas. Quanto a corpo e alma do futurismo brasileiro, esses um dia se analisarão.

Guilherme de Almeida escreveu as *Cancões Gregas*. Ronald de Carvalho os *Epigramas Ironicos e Sentimentais*. Esquecia-me do nosso músico... Villa Lobos, numa evolução racional, compusera já numerosas obras em que, si alguns processos do impressionismo perduravam, principalmente na harmonização, acentuava-se, tanto na constituição formal das peças como na nitidez crua, incisiva dos temas, certa reacção contra o mesmo impressionismo.

Nesse tempo Malazarte já incutira em nós o proposito duma manifestação colectiva. A idea pertence a Di Cavalcanti. Chegando do Rio nesse 1921 guerreiro, comunicara-me o projecto, bem como a Oswald, Anita e outros. Pretendiamos abrir um salão de pintura e escultura, com tardes literarias em que se recitariam versos e conferencias. O

projecto mal sabia do local grandioso onde breve se realizaria. Sempre adiado. Inexequível, pela fraqueza das nossas forças. Graça Aranha chegou do Rio. Quis conhecernos. E imaginou então, sem que soubesse do nosso projecto, a semana de Arte Moderna. Auxiliado por Paulo Prado, René Thiollier e outros, organizou-a. Nessa inesquecível Semana, passaram-se em revista as forças da orientação. Bruta sacudida nas artes nacionais! Lembremos embora a revolução romantica e a reforma naturalista, recordemos a transição parnasiana: é indiscutível que jamais reviravolta de arte movimentou, apaixonou e enlouqueceu mais a monotonia brasileira que o chamado futurismo. Enchentes de tinta, vulcões de lama, saravada de calúnias. Muito riso e pouco sizo. De ambas as partes.

— A Semana de Arte Moderna foi um triumpho!

— Ainda repetes isso, Malazarte! Maluquice, imprevidencia é que foi. Disparatada, sem norma, contraproducente. Confusão e e cáos em que orientações quasi opostas, em vez de convizinharem, libertas umas das outras, se confundiam numa barafunda de estardalhaço. Oh! Semana sem juizo. Desorganizada, prematura. Irritante. Ninguem se entendia. Cada qual pregava uma coisa. Uns

pediam liberdade absoluta. Outros não a queriam mais Catilinas. O público vinha saber. Mas ninguem se lembrava de ensinar. Os discursos não esclareciam coisa nenhuma. Nem podiam, porque não havia tempo: os programas estavam abarrotados de música. Noções vagas; entusiasmo sincero; ilusão engraçada, ingenua, moça, mas duma ridiculez formidável. Muitos de nós poderíamos nos queixar do sacrificio que faziamos, si o sacrificio não fosse geral. A Semana de Arte Moderna não representa nenhum triumpho, como também não quer dizer nenhuma derrota. Foi uma demonstração que não foi. Realizou-se. Cada um seguiu para seu lado, depois. Precipitada. Divertida. Inútil. A fantazia dos acasos fez dela uma data que, creio, não poderá mais ser esquecida na história das artes nacionais. Eis a famosa Semana. A culpa não cabe a ninguem. A culpa é do idealismo brasileiro que mais uma vez manifestou a sua falta de espirito pratico. Maior defeito da alma nacional.

— Você está maluco, Mario.

— Malazarte, não me amole! Não sei o que tenho hoje. Ando macambúcio, brasileiro. Não repudio a Semana de Arte Moderna... Mas quis dizer umas sinceridades. E disse. Pano para as mangas dos araras.

Mario de ANDRADÉ

## A DEPORTAÇÃO DE UNAMUNO

A proposito da deportação de Unamuno, grande tem sido a onda de protesto nos meos intellectuaes de todos os paizes, prestando ao mestre hespanhol uma homenagem sincera e vibrante ao seu alto espirito. Foi o nosso illustre collaborador, Sr. Francis de Miomandre o primeiro a lançar no *Paris-Soir* o protesto contra o acto do chefe do Directorio Militar da Hespanha e foi seguido por Valery Larbaud, em nome dos escriptores francezes, a que se associaram a Condessa de Noilles, René Boylyne, da Academia Franceza, Paul Appell, do Instituto de França e reitor da Universidade de Paris; Ferdinand Brunat, da Faculdade de Letras de Paris; Lucien Descanes, da Academia Goncourt; Abel Hermant, Pierre Mille, em nome também da "Bureau des Compagnons de l'Intelligence"; Paul Souday, Fernand Vandérem, Henri Bérard, Jean Schlumberg, Eugene Montfort, Georges Pioch, André Soares, Jacques Riviere (director de — *Nouvelle Revue Française*), Ventura Garcia Calderon, Emmanuel Berl, Jules Supervielle, Max Daireaux, Jean Paulhan, Paul Reboux, Francisco Garcia Calderon, Gonzalo Zal Dumbide, A. Zérega-Fombona, Paul Monsegur, E. de Lascano Tegui, Léon Pacheco, Tomo Salazar, Cardenas Castro, Maribona, Di. Juan Calderon, Manoel Mantilla, Armando Godoy, Julien Guillemard e André Béarn.

O protesto de Valery Larbaud está concebido nestes termos:

"A sentença de deportação pronunciada pelo Directorio hespanhol, contra D. Miguel de Unamuno é uma injuria feita não só a uma das maiores figuras da Hespanha e da Europa, mas aos trabalhadores intellectuaes de todos os paizes. Francis de Miomandre fez contra esse acto um protesto justissimo, ao qual pu-

blicamente me associo e, sem duvida, o farão também todos os nossos confrades, sem distincções de opiniões politicas.

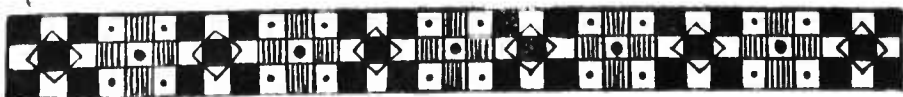
"Não se trata de criticar o Governo de um paiz estrangeiro pelo qual temos a mais viva sympathia e que consideramos como uma das primeiras nações intellectuaes do presente, mas de expressar o nosso despreso pelos homens que, depondo da força, trancam o pensamento e punem a expressão, e, neste caso, nenhuma insulto seria bastante forte para attingil-os.

"Se os nossos confrades regridirem um protesto nesse sentido, peço-vos, Srs. Directores de "Les Nouvelles Littéraires" o favor de incluir o meu nome entre os deiles."

Como se sabe, Gabriel d'Annunzio, em termos venenentes e com um desusado vigor, protestou contra o acto do General Primo de Rivera, a quem tratou com uma aspereza vivissima. Em outros paizes não menor foi a onda de indignação pelo castigo ao poderoso mestre, que não é politico e foi colhido no exercicio de seus direitos de pensador e escriptor.

Na Espanha, o Club dos Poetas, Ensaistas e Romancistas realizou um banquete de protesto, tendo á cabeceira da mesa uma cadeira vazia coberta de rosas e junto a cada conviva havia um cartão com o elegio de Barrès Unamuno. Foi Azorin quem falou, num breve e emocionante oração, saudando o vice-reitor de Salamanca.

A esse protesto estamos certos que se junta também o dos escriptores brasileiros e, embora sem delegação, acreditamos interpretar-o, rendendo a D. Miguel de Unamuno a homenagem da admiração nacional, nesta hora de degredo, mas que é também de merecido triumpho.



# O BOLSHEVISMO

## A Rússia bolshevista, vista na hora do desaparecimento de Lenine

Para dar aos leitores uma idéa da Rússia, quando desaparece o chefe bolchevista e um dos criadores do regimen novo, transcrevemos o trecho abaixo do interessante artigo Lenine e a Revolução Russa, apparecido no numero 46 de La Vie des Peuples, da autoria do Sr. Gregorio Alexinsky.

No fim de 1920, Lenine annunciou um discurso, a curiosa descoberta que fizera, depois de tres annos de seus estudos anti-capitalistas. "Em varias regiões da Rússia vemos um renascimento do capitalismo. Toda uma série de phenomenos elementares e fundamentaes do capitalismo ressuscitam. A economia capitalista se desenvolve entre nós e engendra uma burguezia como em outra qualquer sociedade capitalista."

Uma nova politica economica estabelecida em 1921 deu impulso a essa restauração capitalista, na qual se exprime a resistencia espontanea do organismo economico do paiz.

Na vespera da morte de Lenine, os seus collaboradores verificaram o mesmo. Segundo o *Ekonomitcheskaja Jim* (de 17 de Janeiro de 1924) no fim de 1923, no commercio interior da Rússia comunista o capital privado eclipsou quasi o capital do Estado: sobre um total de 3 bilhões de rublos-ouro de mercadorias, de que dispõe o mercado interior, a parte do capital privado já é de 1.290 milhões, isto é, cerca de dous terços. Ao mesmo tempo, observa-se a iniciativa individual e o "espírito burguez" na pequena industria.

Quanto á grande industria, que permanece "socializada", soffre hoje dous males extremamente graves: a alta dos preços, que se explica pelas más condições de sua organização sob o regimen comunista, e a crise da venda, dado o empobrecimento geral da população e a situação lastimavel dos camponezes. O

Governo sovietico, com impostos pesados, força o camponez a vender o seu trigo ao Estado que monopolizou o commercio de cereaes e aproveita a diferença entre os preços do trigo no interior do paiz e nos mercados estrangeiros, para se enriquecer.

Todos esses phenomenos economicos se manifestaram claramente na segunda metade de 1923 e tiveram immediatamente uma grave repercussão sobre o estado social e politico da Rússia dos Soviets.

A "renascença do capitalismo" provoca a colera de certos communistas "puros", que verberam a traição. A crise industrial, e o repouso crescente enervam os nossos operarios tanto quanto aos *Souboury* (burguezes sovieticos) que enriqueceram no periodo da "nova politica economica" e levam uma vida de luxo verdadeiramente imprudente. Uma "oposição operaria" se formou nas fileiras do proprio partido bolshevista, pedindo a volta ao "verdadeiro communismo"

O descontentamento dos camponezes se reflete na attitude de outros membros do partido bolshevista, accusando os dirigentes de espoliar a Rússia rural em beneficio dos "parasitas governamentais" e chegam a pedir a liquidação de toda industria estatista, que vive ás expensas dos camponezes, e a abertura dos portos á importação das manufacturas estrangeiras, menos caras do que as produzidas, a preços loucos, pelos "trusts" communistas.

Outros bolshevistas respondem, contrariamente, dizendo preferivel proteger sempre e cada vez mais a industria do Estado, porque ella e os operarios, que occupa, constituem o proprio fundamento do regimen sovietico.

No fim de 1923, todas essas questões foram objecto de violentas discussões nos meios dirigentes dos Soviets. Lenine, paralytico, não podia mais impôr aos seus camaradas em divergencia a sua autoridade reconhecida igualmente por todos os membros do partido. Alguns tyrane-

tes que o substituíam e agiam em seu nome queriam constringer a opposição ao silencio com medidas policiaes; o "grupo da opposição operaria" foi excluido do partido e os seus chefes foram presos. Mas o espirito de protesto já penetrou nos circuitos muito largos de militantes e, em resposta á violencia do "comité" central, lembrou-se a "democratização" do partido. Trostzky, aspirando uma situação de dominio, se enfileirou ao lado dos opposicionistas e foi immediatamente ferido pelo "Comité" central, que lhe deu uma licença forçada.

O começo de 1924 encontrou as circumstancias do partido governamental dos Soviets numa crescente decomposição.

Ninguem se espante em ter a discussão aos problemas chegado a tales conclusões. É preciso considerar, desde logo, que o partido bolshevista tem um programma marxista, baseado num "materialismo economico" e, por medidas de ordem economica, é que promettam "libertar os proletarios". O fracasso da politica economica do bolchevismo foi para elle um golpe mortal, que o compromette para sempre. Tanto mais quanto o Governo dos Soviets, Governo de repressão e de terror, não tem nenhum laço moral com o povo, que mantém sob o seu jugo. Se, ao menos, pudesse satisfazer certas de suas necessidades materiaes, seria possível esperar a salvação da séria situação abalada e prolongar a sua duração no poder. Mas é sobretudo no dominio economico e material, que a sua incapacidade se tornou de uma evidencia absoluta. A sua situação fica, consequentemente, insolavel.

Se Lenine vivesse, capaz de pensar e agir, saberia talvez, com o seu sangue-frio e a sua decisão rapida, encontrar uma solução momentanea e impol-a aos demais, para adiar a derrocada. Nos partidos tão centralizados, como o bolshevista, o papel do chefe, em momentos de crise, é particularmente importante. Mas Lenine não existe mais, está morto, deixando atraz de si as ruinas da Rússia e ao seu proprio partido.

Não se póde duvidar que o partido comunista na Rússia esteja em declinio. Os primeiros rugidos da colera popular já se fazem ouvir..



Os funeraes de Lenine

# THEREZINA

I

A pacata cidade de Therezina tem os seus fogões e lares assentados nas esquecidas lagoas requeimadas do velho e tradicional arraial do Poty, fundado nos fins do século 18 pelos indomitos e aventureiros criadores que, partidos das margens do rio S. Francisco e chapadas do Gurgueia e do Canindé, eram levados pela corrente magestosa do rio Parnahyba em procura do littoral oceânico. Fôra, consoante o conceito anthropogeographico, um como que especie de perdido poiso ou acampamento das populações semi-nomades dos primeiros annos do povoamento e da utilização economica do sólo plauhyense.

Atravessando periodo de crise duradoura e épocas de prosperidade passageira, o vetusto arraial plantado entre campos relvosos e horizonte vastissimo ás vistas dos sertanejos de então, tomou alento com a fundação e a localisação de avantajadas fazendas de criação que se estenderam e se ampliaram desde as margens do rio Parnahyba até os sopés das muralhas cretaceas das rudes ladeiras da chapada do Ibiapaba, nas fronteiras limitrophes com o Ceará.

Para o norte em franca direcção ás planícies e ilhas do curioso e avantajado delta do rio Parnahyba, as chapadas carrasquentas, os taboleiros cerrados e as lombadas agrestes se iam povoando com os elementos migratorios provenientes das terras meridionaes, despontando, consequentemente, em meio dos carrasquenhos rebeldes notaveis propriedades sertanejas que constituem, hoje, as sédes de uns tantos povoados e villas prosperas.

E' a era chronologica da formação de muitos centros populosos, dispersos entre os extremos occidentaes da chapada de Ibiapaba e a grandiosa e perenne caudal parnahybana.

Ao dobrar do século 19, salvo as terras dos carrasquenhos e caatingas mui afastadas dos cursos affluentes da bacia hydrographica do rio Parnahyba, toda a exuberante área territorial do Piauhy estava povoada e nella se apascentavam innumerables rebanhos que constituíam a principal riqueza de toda a região comprehendida entre as serranias austraes e as muitas ilhas lodosas do delta.

As estradas de rodagem, atravessando os vastos sertões se dirigiam ao Salvador e a Recife. Pernambuco e Bahia se supriam do gado necessario á fabricaço do xarque nos sertões do Piauhy, valorizando dest'arte todo o territorio além do rio S. Francisco e tributario do rio Parnahyba.

O homem civilizado estava, por consequencia, senhor da terra e explorava os seus recursos economicos fixando-se ao sólo profundo.

Possuindo economia propria e certa autonomia conquistada pelos seus esforços particularistas, foi elevado o vasto territorio de prospera pecuaria á categoria de provincia com o advento da nossa independencia.

Coube, pois ao sertanejo povoado de Mucha as honras de ser a capital da nova circumscripção politico-administrativa do Imperio. Mocha d'ahl em diante teve a denominação de Oeiras, em honra do celebre ministro de D. José I.

Oeiras está situada no alto sertão banhado pelas aguas do rio Canindé e respectivos affluentes, desfrutando magnifico scenario da natureza bella e encantadora da terra brasílica.

Constitue pela flagrante posição geographica um grande centro de pecuaria com varios negocios nas praças commerciaes do Recife e da Bahia.

Mas apesar desta face economica de facil apreciação, com o andar dos tempos tornou-se apenas conveniente aos interesses regionaes do alto sertão plauhyense.

Não consultava e nem podia superintender a intensa vida economica e politica que desabrochava, com intensidade, nas terras septentrionaes da nova provincia do Imperio.

Seria quando muito a cabeça da administração das terras povoadas pelos sequazes dos aventureiros Domingos Jorge Velho e Do-

mingos Affonso Mafrense, quando da jornada gloriosa de 1674.

A evolução natural da provincia exigia que a capital fosse mudada para logar melhor adequado e que melhor consultasse aos interesses geraes da população.

Com a elevação da capitania do Piauhy á categoria de provincia, já não havia mais razão accetavel de ser Oeiras a capital.

Continuou apenas por uma questão de arraigada tradição historica, que tomara pé e alento em 1811, com a separação total do territorio plauhyense da administração oscillante da Bahia para o Maranhão.

Os interesses primaciaes anhelavam que outro centro populoso fosse escolhido para capital da provincia.

Por isso, desde muito que o centro de convergencia dos interesses politicos da provincia estava deslocado e rodava na direcção do littoral ou do medio Parnahyba.

Bem avisado, pois, andou o conselheiro José Antonio Saraiva, quando em 1851, transferiu a capital da provincia do Piauhy da cidade de Oeiras para a de Therezina, construida e mui bem situada na chapada do Corisco.

Deste modo attendeu ás necessidades de ordem geral, visto que a cidade de Therezina está situada em ampla área capaz de immenso desenvolvimento urbano.

O logar escolhido pela perspicacia administrativa do notavel vulto politico do regimen monarchico é apropriado, porquanto além de ser saluberrimo fica relativamente mais proximo da sahida para o Oceano do que Oeiras encravada nos sertões dos longes das margens do Parnahyba.

Pela sua posição geographica, attende aos magnos interesses das regiões do norte e sul e se acha ás margens de um curso fluvial adaptado á navegação adstricta aos interesses de vasta região agricola.

Já é alguma coisa que justifica plenamente a politica de previdencia e alto descortino administrativo do notavel homem de estado do Imperio, o conselheiro Saraiva quando presidia a provincia.

Desde 1851 até os nossos dias, a cidade de Therezina tem continuado como capital do immenso e rico territorio plauhyense, sendo portanto o incontestavel centro da convergencia dos interesses de todas as regiões subordinadas a esta circumscripção administrativa do norte do Brasil.

Nos annaes da historia do Piauhy, se inscreverá que já fôra notavel arranco de fructificante progresso transportar a sede do governo provincial da sertaneja villa de Oeiras para o vetusto povoado do Poty.

Mas o Piauhy carece de mais alguma coisa.

As suas aspirações não se cifraram na mudança da capital de uma villa para a outra.

A evolução normal vai exigindo transformações de accordo com o espirito e condições medias da época.

Com o ser a cidade de Therezina a capital do immenso territorio do Piauhy, ha a necessidade imperiosa de se desenvolver e valorizar os recursos avultados do seu sólo.

Comparticipando Therezina da sorte e da fortuna da provincia do Piauhy sentia-se apixada, pois que lhe faltavam os meios facéis de communicações com o exterior, carecendo por consequencia de bons portos por onde pudesse escoar a sua producção que, de anno a anno, se ia avolumando e desdobrando.

Estava toda provincia num circulo de accidentes geographicos que, em essencia, impediam as communicações tão necessarias ao seu desenvolvimento economico.

De um lado, se erguia a barreira do Maranhão pelo eixo hydrographico da bacia do rio Parnahyba e, além, os vastos sertões e campos do Mearim e do Itapicurú; tendo pois de vencer avantajadas distancias para chegar ao desapparelhado porto de S. Luiz, na ilha do Jeviré.

Ao norte, avultam as terras incohesas do delta com o emaranhado de ilhas, de canaes

e de baixios perigosos, tendo apenas um porto de pouca efficiencia no fundo da pouco profunda bahia da Tutoya.

No sul, erguem-se as serranias divisorias com os territorios da Bahia e de Pernambuco, franjadas pela mals esteril e maninha de todas as regiões geographicas, a comprehendida entre a serra dos Dois Irmãos e a margem esquerda do rio S. Francisco.

A leste, constituem a linha fronteiriça as asperas ladeiras da chapada de Ibiapaba.

Analysados estes aspectos geographicos e deduzidas as consequencias sociaes e economicas, é facil concluir que o territorio plauhyense estava quasi que segregado da vida progressiva do exterior.

Era a estagnação acabrunhadora quanto ao progresso e o isolamento quanto a população.

Era uma como que China immobilizada na vasta superficie do Brasil. Não podia pois persistir tal estado de cousas tão prejudicial ao desenvolvimento economico e social do Piauhy.

Urgia, por isso, encontrar remedio efficaç para tão afrontosa situação que, com a criminosa continuacão, seria o eterno empecilho e pesado obstaculo ao seu progresso, tanto social como economico.

Tratava-se, pois, de arranjar portos e estradas de ferro.

Percebendo as cousas com a visão condoreira do futuro, mui bem procedeu o saudoso barão Homem de Mello, quando em 1890 na fixação dos limites orientaes, conseguiu que ficasse pertencendo ao Piauhy o porto da Amarração, situado na extremidade da barra velha do Igarassu', desonerando-o assim da tributação obrigatoria ao Maranhão no porto da Tutoya.

Era a conquista do Oceano, tanto da vontade dos dignos descendentes dos conquistadores d'antanho.

Quando ás estradas de ferro, somente em pieno regimen republicano conseguiram o Maranhão e o Piauhy que os seus respectivos territorios lograssem usufruir as vantagens destes meios de facéis e rapidas communicações.

Era de esperar, no emtanto, que com o desenvolvimento das vias ferreas no Sul do Brasil, houvesse a salutar preocupação dos governos em dotar o norte do paiz com estes meios de facil transporte.

Era pelo menos a applicação rudimentar dos principios de igualdade e de equidade.

Mas tal facto não se deu e, por isso somente uns seis decennios após, tiveram os Estados do Maranhão e do Piauhy uns tantos kilometros de estradas de ferro que estão quanto a insignificante quantidade, mui aquém das suas necessidades reaes e em pleno contraste na parte relativa as respectivas populações, superficies e producções do sólo.

Do terreno da apathla condemnavel os maranhenses e plauhyenses passaram a exigir os melhoramentos de que careciam e tinham direito na partilha dos beneficios da União ás suas unidades componentes.

A lucta travada fôra tremenda e persistente, visto que ás solicitações justas e honestas destas esquecidas circumscripções territoriaes, feridas nos seus interesses vitaes, havia a resposta negativa ou o adiamento calculado e desalentador.

O governo central só culdava das regiões do Sul; para estas tudo; para o norte, a União era a intoleravel madrastra.

Os altos interesses paulistas e mineiros, synthetizados num egoismo intoleravel e bafejados com calor pelos presidentes coestaduanos, creavam situações vantajosas em detrimento e prejuizo das outras unidades da federacão.

Afinal, tudo para o Sul e nada para o norte.

Mas a custo venceram os justos e são principios de justiça e equidade defendidos pelos nortistas sedentos de progresso.

Ja era tempo de cuidar das cousas e interesses do norte do Brasil.

O septentrião reclamava.

Era preciso attender.

Tratava-se agora de dar radical solução ao grave e vital problema economico dos transportes por via ferrea.

O governo da União, rompendo pelo carascal dos obstaculos creados pela politica

multa, voltou as vistas e esclarecida atenção para o inadiável problema ferro-viário do norte do Brasil, especialmente na parte concernente ao Piauí e ao Maranhão.

Procurou dar soluções compatíveis com os interesses em jogo e as necessidades prementes do momento.

Therezina estava sem comunicações seguras com a cidade de S. Luiz, porque com a vazante o rio Itapicuru não permitia que a navegação se tornasse desimpedida efectiva durante todo o anno.

Para obviar taes inconvenientes prejudiciaes nos interesses commerciaes, o governo federal ordenou a construcção da estrada de ferro S. Luiz á Caxias, atravessando assim vastas e prosperas regiões agricolas e cobertas de palmares de coco babassu', hoje tão procurado para variados fins industriaes.

Foi traçada e construída pelas margens do rio Itapicuru', não só para evitar os variados accidentes do terreno, como também para ter trafego resistente após a terminação da construcção.

O que foi a construcção desta estrada de ferro não são necessarios muitos esforços para narrar as peripecias.

Fôra uma fonte perenne de escandalos e deshonestidades que se tornaram proverbiaes.

Ficou a estrada de ferro ao governo federal por um custo, formidavelmente exagerado.

Mas, em todos os casos, regosijemo-nos porque se construiu a estrada de ferro, vindo pois facilitar, enormemente, as comunicações da capital do Maranhão com a cidade de Therezina.

Houve gastos escusaveis, mas a estrada de ferro ficou...

Lucta presentemente com umas tantas difficuldades.

Quando, porém, fô dotada de material rodante sufficiente para dar vazante ao trafego intenso exigido pela exportação das avultadas produções piauihyense e maranhense e tiver sido inaugurada a ponte metallica sobre o canal dos Mosquitos, lançada entre o continente e a ilha de S. Luiz ou Jeviré, será incontestavelmente notavel aparelho e vehiculo do progresso e da prosperidade das regiões atravessadas.

Assim esperamos.

Por enquanto, poucos serviços vai prestando em relação ás necessidades das duas unidades fronteiriças, embora outra seja no entanto a situação economica das fertes terras da bacia do rio Itapicuru'.

Basta que se tenha em vista as cifras globaes da exportação e importação de 1920 para cá.

Mas aos interesses reaes e tangiveis do Piauí não bastavam as vantagens offerecidas pela estrada de ferro de Caxias á Flores intelramente situada em territorio maranhense, pois que com tal dependencia sómente lucraria o porto de S. Luiz.

Novo problema de economia interna apparecia, exigindo immediata solução.

Havia necessidade immediata, palpavel e urgente de remediar os inconvenientes da navegação precaria no rio Parnahyba que, nem sempre, possui volume da agua capaz de dar franca passagem aos pequenos navios que, da Tutoya ou da Amarração, vão até a barra do rio Urussuhy-Assu'.

Sujeito o rio principal ao regimen das grandes cheias e extrema vazante, é bem de ver que os prejuizos causados, com a carencia do trafego fluvial durante certa parte do anno, são avultados.

Tratava-se da construcção de uma estrada de ferro que viesse annullar, em parte, os inconvenientes da navegação no rio Parnahyba. Era exigencia natural em nome dos altos interesses de grande parte do territorio capaz de proporcionar avultada carga á ferrovia. Subtrahia-se, assim, a producção piauihyense da tributação maranhense no porto da Tutoya.

Demonstrada a necessidade imprescindivel da construcção da estrada de ferro que partisse da Amarração, o unico porto piauihyense, em procura das terras altas, deliberou o governo federal metter mãos á obra e decretar a união de Therezina áquelle porto, no costão oceanico, por este meio de facil communicação.

Ficou, pois, deliberado que, com o fim de proporcionar relações economicas entre as laboriosas populações do interior, a linha se afastaria das margens do rio desde que tivesse atingido a cidade da Parnahyba.

Desta manelra, a navegação pelo rio Parnahyba continuaria, no entanto, a prestar os seus serviços ás populações ribelrinhas, facilitando assim a exportação vultosa das produções oriundas das fertes terras adubadas pelas alluviões das enchentes periodicas. Além d'isso, a curva descripta pela linha ferrea depois de construída, da qual é corda o eixo hydrographico da bacia do rio Parnahyba comprehendido entre a barra do rio Poty e o canal do Igarassu', fôra medida de alto alcance economico porque evita assim os ruinosos danos provenientes das formidaveis enchentes e vai servir á uma região de notavel fertilidade.

Foi uma medida tomada com muito acerto e prudencia pela administração federal.

Já temos o exemplo doloroso da linha de S. Luiz a Caxias, localisada e construída nas margens do rio Itapicuru', a qual ao governo federal tem custado milhares de contos só com a conservação e preservação contra as enchentes inundantes das baixas margens.

Deliberada a construcção da linha da Amarração á Therezina, justificado alento de progresso antegozou toda a generosa terra piauihyense, não só porque ficaria evitada a penosa navegação fluvial pelo rio Parnahyba como seria aparelhado o porto da Amarração para assim facilitar o escoamento das produções agricolas, florestaes e dos campos de grande parte do seu amplo territorio.

### MAHATMA GANDHI

Todo o fervor moral que representa a vida de Mahatmá Gandhi é que só elle, entre todos os homens do mundo póde representar, nos é necessario. Que um thesouro tão precioso seja posto sobre o fragil batel de nossa politica e lançada sobre as ondas interminaveis das re-eriminaçãoes irritadas é uma grande desgraça para o nosso paiz, cuja missão é reviver os mortos, pelo fogo da alma... O desperdicio de nossas energias espirituaes em aventuras que, no ponto de vista da verdade moral, são más, é doloroso. E' um crime transformar a força moral numa força cega.

RABINDRANATH TAGORE

Mas, infelizmente, as cousas não tem occorrido ao sabor dos justos interesses e conveniencias das populações sedentas de adiantamento a que, incontestavelmente, tem direito.

Têm apparecido uns tantos entraves a boa marcha de tão rotavel empreendimento.

A aparelhagem do porto da Amarração ha sido morosa e tudo quanto se ha feito, como preliminares ás obras de maior vulto, não tem sido de immediata applicação.

Tem havido desperdicio de dinheiro tempo que, applicados com rigor e seguro methodo, poderiam permittir que a população, tão carecedora de transporte e de facilidade de embarque, já gozasse das vantagens proporcionadas pelo unico porto que possui Piauihy na orla oceanica.

Identico facto se ha observado com a construcção da estrada de ferro, pois que já são passados alguns annos após o inicio das obras e a ponta dos trilhos ainda não logrou attingir a cidade de Campo Maior.

E' lastimavel que assim aconteça porque esta estrada vai servir ás importantes cidades da Parnahyba, de Piracuruca e da Barra transportando para o porto da Amarração a avultada producção de algodão, de coco ba-

bassu', productos estes que, presentemente, alcançam em todos mercados preços altos, capazes de incentivar novas plantações e compensar largamente o trabalho.

Infelizmente, no estado em que está a estrada com a sua construcção bastante atrasada, presta insignificantes serviços que não cobrem a avultada despesa do trafego entre a Amarração e Piracuruca e, demais, como elemento concorrente desta situação desoladora, sobrevem a falta de material rodante necessario ao movimento da producção do territorio tributario atravessado pela linha.

Concluida que seja a desejada construcção desta linha ferrea de interesses vitaes, ficará assim o Piauí a coberto da irritante tutela economica do Maranhão, porquanto os seus avultados interesses se deslocarão, muito naturalmente dos portos de S. Luiz e da Tutoya para o embarcadero da Amarração que, embora não offereça boas condições á entrada e permanencia dos navios, tem capacidade bastante para ser o escoadouro de grande parte do fertil territorio piauihyense.

Além do mais, urge terminar a construcção desta ferro-va de proclamado valor economico e de certo valor estrategico, visto que na cidade de Campo Maior se conjugará á linha cearense que, partindo do porto de Camocim, já atravessou a chapada do Iblapaba no boquelão apumado do rio Poty e procura attingir ás terras altas das cabeceiras do rio Longá.

A ligação, tão desejada e necessaria da cidade de Therezina aos portos da Amarração e de Camocim, facilitará sobremodo o intercambio commercial entre os Estados do Ceará e Piauí e irá valorizar o uberoso sólo dos vallas dos rios Longá, Poty e Camocim, sem olvidar a fatal subordinación de todo oeste cearense ás influencias da terra piauihyense.

Constituirá, sem duvida, um notavel sistema de estradas de ferro que irá concorrer para o total desenvolvimento economico das terras d'aquem e d'além da chapada fronteira entre as duas entidades da nossa federação.

Será também o porto de Camocim segura sahida á região agricola e de pecuaria, marginaes das ladeiras da chapada de Iblapaba. Pela cidade de Therezina passarão os viajantes e immigrants que, aos poucos procuraram penetrar nas fertes e inexploradas terras de matas virgens das bacias dos rios do Grajahu', do Pindaré e do Gurupy, em pleno territorio Maranhão.

Mas para que a terra piauihyense possa usufruir estas vantagens de real evidencia, torna-se inadiavel que a administração não fique inactiva.

A terminação das obras da estrada de ferro, que parte da Amarração e está estacionada em Piracuruca, é tarefa que poderá estar concluida dentro de uns dois annos, emquanto a que, partindo de Camocim e já atravessou a chapada, de Iblapaba, em menor prazo será entregue ao trafego publico.

E' mera questão de boa vontade.

E' bem verdade que uns tantos trechos de ambas as estradas já foram inaugurados, porém melhor fôra que não tivessem sido porque não tem dado resultados satisfatorios quanto á renda.

Torna-se evidente tão estranho facto economico, pois que são trechos desarticulados que não tem capacidade bastante para manter o trafego intenso de qualquer estrada.

No entanto, estudadas as cousas com certo e elevado criterio, balanceados os variados recursos do territorio sob o ponto de vista economico, pesada a avultada producção agricola do sólo; o calculo rigoroso nos mostrará que estas linhas ferreas são importantes e necessarias como elementos coordenantes de variados interesses e promettem auspicioso futuro com o trafego resistente dos seus inumeros productos transportados aos portos da Amarração e de Camocim.

Não nutrimos nenhuma duvida, que possa desmentir as nossas previsões, porquanto são innegaveis os valores numericos dos dados que entram no computo arithmetico das nossas cogitaçãoes.

**Honorio SILVESTRE.**

# FLORIANO PEIXOTO E OS AMERICANOS

## I

Em Nova York está prestes a sair do prelo um livro mais; e, pelo que delle já conheço, é muito interessante.

O seu autor, um homem de negócios, conta-nos lá, como levou a bom termo, uma enorme série de operações ora commerciaes, ora politicas, ora as duas cousas juntas.

Chama-se Charles R. Flint e deu ao seu livro o titulo: MEMORIAS DE UMA VIDA ACTIVA.

Ainda mesmo antes d'elle sair do prelo seu autor enviou para a imprensa ingleza do Sui America alguns capitulos, assim como que para *inglez vêr*; mas, se por acaso, algum mais o souber vêr, Mr. Flint sentir-se-ha il-songeiado com certeza.

Tenho presente os primeiros capitulos já publicados; o VIII tem por titulo: "Servindo belligerantes — Perú, Brasil.

Mr. Flint tem um estylo correntio; estylo de homem de negocios; fluente; espirituoso; ironico. A sua moral é a moral dos homens da *Wall street*; e é dentro desta moral que elle julga os homens; os governos; os povos...

A sua mentalidade é tambem a do rico negociante, feliz em suas operações, e que julga saber tratar de tudo o mais com a mesma habilidade com que adquirio seus milhões.

Principia este capitulo contando-nos que iniciou suas operações de fornecedor de artigos de guerra e seus annexos lá nos annos já distantes de 1869-70. Era empregado do Ministro do Perú nos Estados Unidos e por conta d'elle comprou dous monitores e tres transportes de guerra.

Depois, a sua firma forneceu, quando o Chile estava prestes a declarar guerra ao Peru, material bellico a este paiz, posto que elle individualmente fosse consul do Chile em Nova York e, porque o respectivo Ministro estava ausente, encarregado tambem da legação respectiva. Ser representante de um paiz posto que demissionario, fornecer o que com este está em guerra de material bellico, Mr. Flint diz que é estar em dous lados ao mesmo tempo.

Se isto não é ter espirito, então é cousa peor.

Ainda antes de entregar a legação e o consulado e respectivos archivos, a um chileño que lá appareceu, um empregado do telegrapho propoz-lhe a compra das segundas vias dos telegrammas que o Governo do Perú enviava a Nova York; Mr. Flint commenta dizendo que mal sabia elle, que estava tentando ensinar á sua mão esquerda, o que a direita já sabia!

Afim de apressar a entrega das armas que o Perú lhe comprava, elle enviava-as atravez da Colombia, como contrabando de guerra, porque previra que este paiz ficaria neutro.

Através d'elle e como encerados, elle enviou em caixões enormes, muitas toneladas de munições de guerra de toda a ordem; como caminhões enviou cincoenta barquitos a vapor de onze metros de comprimento e a que chama torpedeiros; como toucinho, milhões e milhões de cartuchos, etc, etc.

Para ensinar os peruanos a fazer uso das lanchas, enviou-lhes um machinista perito no seu manejo e que como soldado, fôra um bravo nas lutas civis dos Estados Unidos. Um verdadeiro heróe, diz elle; e a quem os officiaes peruanos despojaram, apropriando-se da gloria de varias proezas bellicas por elle levadas a effeito contra os chilenos. Foi por isto que elle foi pouco feliz no Perú!

Mr. Flint, neste ponto, apresenta-nos uma omissão assaz evidente: não nos explica a razão porque os officiaes aduneros da Colombia, nunca notaram que o Perú estava importando em quantidades tão extraordinarias, carros, toucinho e encerados.

Certo de que o Perú seria bloqueado, enviou tambem machinismos preciosos para montar uma fabrica de cartuchos; foi recebida e instalada pelos peruanos, no seu paiz, e funcionou regularmente.

Finalmente, o Perú estava bem preparado, mas a esquadra chilena era superior em tonelagem; as guarnições estavam tambem, muito bem exercitadas. Derrotado embora, elle teve no Almirante Gran um valente e a historia das lutas maritimas não tem encontro superior áquelle de Huascar, em acertos de commando e actos de valentia pessoal.

Muitos annos depois, coube ao Brasil a vez de ser freguez dos artigos bellicos do Sr.

Flint, e elle aproveita habilmente o ensejo para contar aos seus leitores como e porque cahio no Brasil o regimen monarchista.

Diz que o Imperador D. Pedro II ia ficando velho mas não ficava esperto na mesma proporção; e, se no Brasil ha mais tempo não havia republica, era porque o Imperador dava emprego a todos os que se mostravam capazes de a instituir, porque no Sul America é essa a maneira de evitar revoluções. Quando ha politicos de mais sem emprego, pôde-se contar na certa com revolução para breve.

Afinal, um grupo de revolucionarios bem organizado e decidido, poz um dia D. Pedro II, sua familia e seus amigos mais intimos, dentro de um navio, enviou-os para Portugal, desejou-lhes muito boa viagem e... proclamou a Republica. A acção foi tão bem conduzida que não houve, nem mortes nem sobresalto; correu tudo na melhor ordem.

O Imperador, diz Mr. Flint, pouco se importou de ser promovido a ex-Imperador, olhando até com prazer a perspectiva de terminar seus dias longe do seu paiz! (1)

### BALZAC EM 1819

O mundo onde viveu é estranho por completo ao movimento dos espiritos. O seu pae conhece melhor os chinezes, cuja longevidade como povo o interessa mais vivamente, do que os escriptores contemporaneos. Estamos em 1819. Balzac leu Chateaubriand? Leu Mme. de Staël? Leu *Adolphe* de Benjamin Constant, apparecido em 1816, e o primeiro livro sobre a *Indifferença* de Lamennais, publicado em 1817? As poesias de André Chénier, editado por Latouche nesse anno de 1819, lhe causaram uma emoção, que consignou mais tarde nas *Illusões Perdidas*. Mas 1819 é tambem o anno de *Manfred* de Byron que embriaga Michelet até a intoxicação — Michelet não se embriagava de outra fôrma — o que faz uma joven de Nohant, George Sand, perder a tramontana. O cenobita da rua Lesdignières não parece atingido por essa admiração contagiosa. Por seu lado, conhece Ossian, que estima muito pouco; possui Jean Jacques; colloca muito alto Richardson e sobretudo Sterne, cujo realismo minucioso o encanta e que, além disso, era apreciado e muitas vezes citado na familia de Balzac. Em summa, pertence ainda ao seculo XVIII.

BELLESSERT

Ao contrario do que acontece em outras partes da America Latina os revolucionarios mostraram certo desinteresse pessoal no manejo dos fundos publicos... Ruy Barbosa, afim de evitar embarços de caracter politico ao Governo Provisorio, propoz como Ministro da Fazenda, que a circulaçao fiduciaria fosse augmentada tanto quanto fosse necessario para attender a todas as exigencias de um periodo de evoluçao industrial tal, que a todos se patenteasse um modo facil de ganhar dinheiro desinteressando-se assim dos centros politicos e revolucionarios. E' assim que Mr. Flint dá aos seus leitores idéa do que foi no Brasil a época do *encilhamento*. Que o Governo Provisorio não teve os embarços que depois sobrevieram graças á sabia idéa do Ministro da Fazenda; que a Constituiçao brasileira tomou a americana por modo e que o primeiro Presidente eleito foi Floriano Peixoto!

(1) E' uma mentira clamorosa; mas o leitor não se espante: Mr. Flint nas suas narrações, tem muitas affirmações que estão longe da verdade como a que se acaba de ler.

Mr. Flint desconhece a figura saliente do proclamador da Republica e seu primeiro Presidente!

Segundo elle, o Dr. Salvador Mendonça teve-o como o guia mais valioso na sua missão nada facil, noutras circunstancias, de conseguir que a Republica lá fosse reconhecida; quem apresentou em Washington, ao Ministro do Exterior, o Ministro da novel Republica, foi Mr. Flint. E de tal fôrma lhe fallou na grandeza do Brasil e nas possibilidades economicas que elle representava, que o Ministro Blaine ficou atordoado. Depois, a sós, concluiu que o Governo Provisorio lhe seria muito grato se fosse logo reconhecido; e que o commercio e a industria americana poderiam ganhar assim no Brasil as vantagens que taes circunstancias proporcionavam. E, por isto, elle ficou com tanta vontade de reconhecer o Governo que derribára D. Pedro II do throno como este Governo tinha de ser reconhecido.

Apressou-se portanto a escrever a Mr. Flint, que voltára rapidamente a Nova York; por ser interessante e instructiva, traduzo na integra a carta do Ministro americano:

Prezado Sr. Flint:

A sua volta a Washington no menor prazo possivel é uma cousa importante, porque a sua presença na conferencia é tão necessaria, que nós constantemente precisamos de si: reconhecemos comtudo que seus negocios são tão importantes que lhe reclamam a maior attenção.

Mas agora tem que ser: patriotismo primeiro; negocios depois.

V. e o Dr. Mendonça teem razão, eu estou certo, quando garantem a estabilidade do Governo existente, e eu offereci-me para levar a effeito a sua recepção na Casa Branca como representante da nova Republica do Brasil, apenas os discursos possam estar regulados.

Seu amigo de sempre,

(Assignado) James G. Blaine.

Ora aqui está, segundo Mr. Flint, como a Republica do Brasil foi reconhecida pelos Estados Unidos.

Agora Mr. Flint vai contar-nos como salvou o Brasil da separação e concorreu para estabelecer a Republica e tornar impossivel a restauração do imperio, fornecendo ao Governo legal tudo o que foi preciso para derrotar Custodio de Melio, chefe da rebelião que, segundo elle, queria restaurar a monarchia, protegido pelas grossas couraças e poderosos canhões dos navios da esquadra.

Diz que os revoltosos aproveitaram a occasião em que o *encilhamento* demonstrava que era artificial tudo o que se apresentava ao povo como uma amostra de como a Republica sabia agir para tornar a nação feliz e prospera; então, em certo momento, resolveram abatel-a.

Revoltaram a armada e com o "Aquidaban" por capitanea abalaram do Rio e foram-se com todos os navios de guerra, todos, para o alto mar, deixando Floriano confuso e a pensar no que elles iriam fazer!

As cidades e demais povoações costeiras do norte corriam assim, um perigo imminente: Custodio de Melio, podia sorprendel-as; tomal-as; e, consequentemente, lá restaurar a monarchia, ajudado por elementos locais.

Assim o Brasil dividir-se-hia em dous. Floriano concluiu que era preciso aterrorizar as populações e esmagar as pretensões dos monarchistas antes que os rebeldes chegassem: mas, para tanto, era mister possuir uma esquadra. Telegraphou então ao Dr. Salvador Mendonça, para que lhe enviasse uma, com a maior rapidez; e, como elle não entendia de nada disto, forçoso foi recorrer á experiencia de Mr. Flint para a conseguir.

Este promptamente respondeu que para a obter necessario era que o nervo da guerra se patenteasse tentadoramente: lampeiro, seductor, elle appareceu logo a seguir, disfarçado em cheques da Casa Rothschild de Londres, contra August Belmont & C., seus agentes em Nova York!

Era indispensavel e muito importante que noticias desta armada e de sua efficiencia se fizessem circular no norte do Brasil, com a maxima intensidade; uma agencia de informações foi instituida em Nova York e á sua testa foi collocado um dos talentos mais bri-

lhantes da época: W. M. Ivins, aquelle advogado celebre que em Syracuse morreu esgotado de tanto trabalhar na questão Barnes-Roosevelt. Ivins era o advogado de Barnes.

Florianos mantinha a censura telegraphica no seu paiz; e, em Nova York, Ivins lançava em circulação interessantes e graciosas descrições da armada dynamite que em breve vigiaria as costas do septentrião brasileiro.

Logo que o dinheiro chegou, nada mais havia a fazer do que operar com decidez e rapidez, mas Florianos pedia uma esquadra, e uma cousa destas não se improvisa. Firmas particulares não constróem navios de guerra; e, os Governos só vendem os que não conveem.

Construill-os era tambem impossivel; um couraçado leva dous annos; um cruzador doze mezes; e, para construir um submarino ou um torpedeiro são precisos mezes e mezes.

Para manter uno o seu paiz, Florianos precisa immediatamente da esquadra que pedia: Mr. Flint resolveu então, enviar ao Governo brasileiro, rapidez e dynamite.

Estava aberta então em Chicago a Exposição Universal (World's Fair); havia lá mostruários de apetrechos de guerra: fallava-se de um canhão de dynamite, que revolucionaria completamente a arte de guerrear no mar.

Examinando os barcos á venda, Mr. Flint concluiu que arranjaria uma esquadra ligeira composta de navios mercantes armados á pressa em cruzadores. Procurou Mr. Huntington, poderoso constructor naval e pssuidor de barcos varios e sondou-o para tão extraordinario e imprevisito negocio; o constructor naval ficou desconfiado; pilheriu; Mr. Flint, habil, cauteloso, queria fechar o negocio sem explicar o fim da operação.

A perplexidade do constructor naval explica-se assim: era um grande accionista de varias empresas de navegação e não queria vender navios a entidades que fossem fazer concorrência ás empresas de que era socio. Por outro lado, se soubesse que o pretendente era o Governo de um paiz e não uma firma particular, o preço a pedir seria muito mais elevado. Afinal concordaram em entabolar negociações sob a condição de que os barcos não iriam fazer concorrência a varias linhas de navegação, nos dous oceanos — Pacifico e Atlantico.

Mr. Flint obteve assim de Mr. Huntington, por 600.000 dollars, um magnifico barco de 6.000 toneladas: era o EL CID que Florianos christou "Nitheroy"

Activamente, febrilmente levaram-se a cabo os serviços de adaptação do navio ao novo mister a que se destinava, incluindo a aquisição das munições e lança-torpedos. Em Iarrow Mr. Flint comprou um torpedeiro; a Armstrong e a Hotchkiss os melhores canhões que o navio comportava.

Zilinski, unico que tinha os taes canhões de dynamite, não vendia menos de tres, ou antes tres ou um, custava a mesma cousa: 180.000 dollars! E aqui, Mr. Flint conta-nos que discussão extraordinaria elle e seu advogado tiveram com o homem para o convencer a ceder-lhe um por 70.000.

Mas todas estas munições puderam ser obtidas devido á Exposição: ellas estavam lá expostas. Um simples e extraordinario acaso...

Ainda assim, como só a governos se vendem estas cousas, Mr. Flint teve que ter uma conferencia com a entidade official de que isso dependia. Ella cedeu; mas cedeu sómente ante o perigo que se corria, de ver restaurado na America, um Governo de systema monarchico.

Este argumento vencia todas as difficuldades; as confissões de Mr. Flint provam-no em demasia.

Entretanto a agencia de propaganda espalhava sobre o poder offensivo da armada em preparação, noticias fantasticas e tendenciosas.

Erielson vendeu um "destroyer", invento muito superior ao monitor do mesmo engenheiro naval; na Noruega Mr. Flint comprou o "Midnightsun", o navio de 4.000 toneladas a que Florianos chamou "America".

O Consul do Brasil no Canadá, passou por Nova York um dia e foi visitar e felicitar Mr. Flint pelo serviço extraordinario que estava prestando ao seu paiz; á sahida, um dos policias de serviço secreto de Mr. Flint, poz-se a observar a conducta desse personagem: elle era um partidario de Custodio de

Mello. Era o que mais tarde se conveio em chamar — espião. Perigos desta natureza mais de uma vez puzeram á prova a sagacidade esplendida do "florianista" Flint.

Mr. Flint conta-nos ainda as pretensões dos fabricantes de dynamite: confessa que não percebia nada do artigo. Pilheria a respeito de um dos aspirantes ao negocio; e pilheria com muita graça. Mas, para liquidar o assumpto, elle aceitou a proposta do mesmo que fornecia o Governo americano; o mesmo artigo e a mesma marca.

Tripular os navios foi a difficuldade maior que lá surgiu. Os agentes do almirante Mello agitavam-se e disputavam para si (?) os marinheiros que se propunham a vir mercenariamente servir nas lutas civis do Brasil; e elles convenciavam-nos porque lhes pagavam mais!

Triumphou-se afinal. Graças aos artigos do defensor da causa forianista, Ivins, um forte partido se formou na opinião publica americana. A mocidade "yankee" elle conseguiu fazer acreditar que repelir as pretensões dos monarchistas do Brasil era um dever que se lhe impunha: nada de monarchias na America.

Quando a hora de tripular os navios chegou, mil individuos se apresentaram, de uma fidelidade perfeita á causa da republica.

Os officiaes eram todos antigos alumnos da Escola Militar de Annapolis e della possuíam o respectivo diploma. Para tornar a expedição bastante imponente, havia mister que ella fosse commandada por um almirante; no Capitão Baker foi encontrado o homem talhado para tal missão. Elle era valente e era intelligente; e sabia sobretudo, infundir respeito aos commandados.

Na hora da partida, com a presença do Ministro do Brasil acreditado em Washington e a bandeira brasileira no lugar que lhe competia, só uma cousa lamentavel se notou: nem um dos homens engajados para combater a seccão revoltada da nação brasileira conhecia a lingua do paiz onde ia arriscar a vida!

Muitos jornalistas, artistas e amigos de aventuras se empenhavam para tomar parte na expedição: Mr. Flint julgou de bom aviso indeferir taes pedidos.

Lafontaine, um reporter americano, compoz um hymno contra Custodio de Mello, cujos primeiros versos — "Mello, Mello,

Where are you old fellow?  
A "yankee" ship  
And a yanke crew

Is out ou the sea

To look for you

To knock you all to hell-o

dão idéa não de um hymno de guerra mas sim de carnaval; a gaiatice que se nota nos versos que aqui deixo não é menos intensa no resto do poema: tem espirito; faz rir.

E assim zarpou de Nova York a esquadra dynamite, que segundo letra do seu hymno ia combater um inimigo cujo paradeiro constituia um enigma perturbador, disfarçado embora pelo bom humor de seu autor.

E Mr. Flint continua a narrar....

A propaganda fóra tão efficiente que a esquadra aterrorizou os habitantes das costas do norte do Brasil de modo tal, que elles todos fugiam leguas e leguas pelo interior affóra iogo que suspeitavam que ella se aproximava. Todos elles eram monarchistas: se conseguem o seu intento; se proclamam a monarchia nas provincias do norte do Brasil a Republica era uma vez — Cahia.

Um velho almirante que Custodio deixara em terra quando abalou com a esquadra, foi por Florianos enviado á Bahia para embarcar no navio capitanea. Apenas chegou a bordo, pediu para ver o canhão dynamite e que exercicios de tiro ao alvo fossem com elle effectuados.

O 2º Tenente Craven, filho do Almirante americano do mesmo nome, rectificou tão bem a pontaria que o alvo foi attingido; foi um milagre que ninguem soube explicar, commenta Mr. Flint!

O almirante brasileiro ficou animadissimo; ordenou sem demora que a armada partisse para o Rio onde ancorou na manhã do dia em que chegou.

Mas por uma destas coincidences inexplicaveis, Custodio rendia-se no mesmo dia e rendia-se sem combate!

E, orgulhoso, Mr. Flint adianta: "o Almirante em chefe da armada, desceu a terra e enviou-me o seguinte telegramma — Flint — Nova York — Ancoramos ás 9.30. Mello rendeu-se. A revolução terminou — (assignado) — Braker.

A ignorancia de Flint sobre o movimento revolucionario de 1893 e o estado da opinião publica brasileira de então é patente. Mas é por isso que se torna conveniente elucidar os leitores da "America Brasileira" da idéa que ficarão fazendo os leitores estrangeiros que não conheçam o Brasil e lerem o interessante escriptor "yankee" na sua parte referente a este paiz.

## A D DE MIRANDEIRA

### ESTATISTICA DAS EMISSÕES EM FRANÇA

(EM MILHÕES DE FRANCOS)

NATUREZA DOS VALORES	1919	1920	1921	1922	1º semestre 1923
<b>I — Empréstimos francezes:</b>					
Rendas .....	—	18.034	—	—	—
Bonus a prazo curto .....	24.293	14.484	22.947	8.898	3.361
Colonias e Protectorados .....	—	—	275	42	(1)
Departamentos e cidades garantidos por annuidades do Estado .....	—	—	365	131	(1)
Sem garantias .....	1.500	230	1.800	141	(1)
Credito Nacional .....	4.000	4.000	3.000	8.000	5.000
Sociedades ou grupos sinistrados .....	—	—	2.036	2.167	(1)
Estradas de ferro, inclusive a rede do Estado .....	1.397	1.211	3.207	2.561	977
<b>Total .....</b>	<b>31.190</b>	<b>37.959</b>	<b>33.630</b>	<b>21.940</b>	<b>9.338</b>
<b>II — Sociedades francezas e estrangeiras:</b>					
Acções .....	1.514	4.104	2.379	1.378	1.226
Obrigações .....	1.595	3.843	3.341	2.711	2.015
<b>Total .....</b>	<b>3.109</b>	<b>7.947</b>	<b>5.720</b>	<b>4.089</b>	<b>3.241</b>
<b>Total geral .....</b>	<b>34.299</b>	<b>45.906</b>	<b>39.350</b>	<b>26.029</b>	<b>12.579</b>

(1) O total dos empréstimos das colonias, departamentos, cidades e grupos sinistrados em 1923 está comprehendido no total das obrigações das sociedades privadas.



# NOTAS & COMMENTARIOS

## Homenagem ao nosso Director

O nosso Director, Sr. Dr. Elysio de Carvalho, acaba de receber mais uma homenagem do estrangeiro. Desta vez é a Republica da Venezuela, a florescente nação sul-americana, que decide premiar a obra de grande intelligencia e de extraordinaria operosidade do nosso chefe. O Sr. Dr. Elysio de Carvalho foi agraciado, pelo Governo venezuelano, com o grão de Cavalheiro da Ordem do Libertador. Junto ao respectivo diploma, que lhe foi dirigido, o nosso Director recebeu o seguinte officio firmado por S. Ex. o Sr. P. Itriago Chacin, Ministro das Relações Exteriores da Venezuela:

Caracas: 9 de Febrero de 1924. — 114° — 1 — 65°.

Dirección del ceremonial y de cancelleria — n. 156.

Señor: Tengo el honor de llevar a su conocimiento que, por disposición del ciudadano Presidente Constitucional de la Republica, previo el voto favorable del Consejo de la Orden del Libertador, i Resolución de este Ministerio, se le ha conferido a usted la Condecoración de la misma Orden en el Grado de Caballero. Espero que usted apreciará en todo su valor esta distinción con que Venezuela premia los servicios i méritos sobresalientes.

Acompaña a la presente nota el Diploma correspondiente i un ejemplar de las disposiciones legales sobre la Orden.

Válgome de la oportunidad para ofrecer a usted las seguridades de mi distinguida consideración. — P. Itriago Chacin."

## "America Brasileira"

A COMEDIA, de Paris, de 16 de Março ultimo, assim se refere á nossa revista: "Entre as revistas sul-americanas, mantendo os seus leitores mais ao corrente da literatura francesa, devemos mencionar de um modo particular a que dirige, no Rio de Janeiro, e sob o titulo *America Brasileira*, nosso distincto confrade Sr. Elysio de Carvalho, que nada ignora do nosso movimento intellectual. O numero de Fevereiro, que acaba de apparecer, apresenta-se, como os precedentes, de uma copiosa documentação, bella factura e de um grande bom gosto. Excellentes illustrações lhe augmentam o interesse."

## Jubileu do Cardeal Arcoverde

A 4 do corrente o Brasil celebrou o 50° anniversario da ordenação de S. Em. D. Joaquim Arcoverde Albuquerque Cavalcanti, Cardeal Arcebispo desta Capital, Principe e Presbytero da Santa Igreja Romana, dos titulos de S. S. Bonifacio e Aleixo, que dirige a familia catholica sul-americana e especialmente a brasileira, com inexcedivel bondade, vigilancia e sabedoria, sendo um dos mais insignes filhos do Brasil. A 4 de Abril de 1874 o venerando Cardeal ordenou-se em Roma, na Universidade Gregoriana, onde fizera o seu curso, sendo doutor em theologia, tendo, antes, estado em Paris, para cursar a Sorbonne, aperfeiçoando os estudos. Em 1875, o padre Arcoverde veio para o seu Estado natal, Pernambuco, sendo nomeado Reitor do Seminario, nomeado pelo inolvidavel Bispo D. Vital, sendo depois professor de chimica e de francez do Gymnasio estadual. Em 27 de Maio

de 1884 foi, pelo Papa Leão XIII, agraciado com as honras de prelado domestico de sua santidade, sendo logo apresentado para Bispo coadjutor do Arcebispo da Bahia, por decreto imperial de 9 de Maio de 1888.

Tendo renunciado a esta nomeação, foi eleito, no Consistorio de 1890, Bispo de Goyaz e, como tal, sagrado em Roma pelo notavel Cardeal Rampolla, a 29 de Outubro do mesmo anno. Tendo ainda uma vez renunciado nas mãos do santo padre o bispado de Goyaz, antes de tomar posse, foi eleito Bispo titular de Argos e coadjutor com futura successão do Bispo de São Paulo durante tres annos. Promovido a Arcebispo do Rio de Janeiro, por breve apostolico de 31 de Agosto de 1897, tomou posse do Arcebispoado por seu procurador, Monsenhor João Pires do Amorim, em 24 de Outubro de 1897.

Fez a sua entrada solemne na Cathedral e recebeu de D. Thomé da Silva, o recente fallecido Primaz do Brasil, a imposição do Pallio, em 16 de Dezem-



S. Em. o Cardeal Arcoverde

bro de 1897, succedendo o inesquecivel primeiro Arcebispo desta Archidiocese, D. João Esherard.

Foi no posto de Arcebispo da Archidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro que o venerando principe, cujo jubileu sacerdotal o Brasil catholico acaba de rememorar, foi creado e publicado Cardeal Presbytero da Santa Igreja Romana, no Consistorio Secreto de 11 de Dezembro de 1905, recebendo do Papa Pio X (cujo processo de canonização corre actualmente em Roma) a imposição do chapéo cardinalicio com o titulo dos SS. Bonifacio e Aleixo no Consistorio publico, de 14 do mesmo mez e anno.

Quando a nação celbra cheia de alegria o jubileu ecclesiastico de S. Eminencia, exaltando a sua figura nobre de pastor e de cidadão, pois tem sido um brasileiro eminente, velando com amor pelos destinos deste paiz, juntamos as nossas homenagens ao insigne principe da Igreja Romana e ao chefe espiritual da familia catholica brasileira.

## Sr. Elbert H. Gary

Acabamos de receber a visita de uma das figuras mais proeminentes no mundo financeiro norte-americano e cuja reputação é hoje universal, o Sr. Elbert H. Gary, presidente da *United States Steel*

*Corporation*, a maior organização produtora de aço do mundo, valendo ao seu illustre presidente o titulo de "rei do aço". O Sr. Elbert Gary é um typo empolgante de vencedor, á força de vontade energica e extraordinaria capacidade de acção, que logo impuzeram a sua pessoa no mundo financeiro "yankee", marcada com desusado fulgor. Advogado e juriconsulto, o Sr. Elbert Gary, sendo procurador, em 1898, da "Illinois Stell Company", foi convidado a organizar a "Federal Stell Company", que era um consorcio de emprezas de aço, de que foi nomeado presidente, com o apoio do millionario J. Pierpont Morgan, que prestigiava a organização citada. Foi então que a alta visão do Sr. Elbert Gary sonhou com a formação da "United Stell Corporation", cujo plano organizou minuciosamente, fundindo nella todas as companhias americanas de aço, o que daria á nova sociedade um formidavel prestigio, como de facto aconteceu. Foi, pois, obra do nosso illustre visitante essa poderosa empreza, que é uma das maiores organizações financeiras e industriaes do mundo. A par disso, o Juiz Gary, como é universalmente conhecido, se dedica ao estudo de todas as condições de melhoria e conforto da vida operaria, proporcionando aos trabalhadores as maiores vantagens e esforçando-se constantemente pelo seu bem-estar, o que lhe vale immenso prestigio nos circulos proletarios. É essa poderosa individualidade que ora visita o nosso paiz, onde tem recebido as mais gratas provas de admiração e as maiores homenagens.

## A nossa expansão economica

O movimento do nosso commercio exterior em 1923, já conhecido na sua totalidade e em torno de cuja significação a nossa imprensa diaria tem bordado tantos commentarios entusiasticos, póde ser encarado de dous modos, como, aliás, o poderia ter sido o de qualquer dos annos anteriores: do ponto de vista do restabelecimento de nossas forças productoras e do ponto de vista das nossas possibilidades no dominio da expansão economica. Na primeira hypothese, isto é, observado como manifestação do revigoramento da nossa capacidade de producção, não ha duvida que esse movimento póde ser classificado de auspicioso. Na verdade, as nossas remessas, em 1923, attingiram, em quantidade e em papel, a cifras ainda não registradas no quadro da exportação, indicando que se accentua de modo positivo a reparação da crise sobrevinda em 1920-1921. Por ahí só temos motivo para regosijo.

Mas o mesmo não se dá, segundo entendemos, se encararmos o movimento de nossa balança commercial em 1923 do ponto de vista de nossas possibilidades no dominio da expansão economica. É certo que o facto do valor papel de nossa exportação ter alcançado em 1923, cifras superiores ás dos outros annos, significa que o paiz se restabelece, de todo, da depressão soffrida, restaurando por inteiro a sua capacidade de trabalho. Mas dahi a concluir que reencetamos a marcha para os nossos grandes destinos economicos, vai uma enorme, uma formidavel distancia, que não se póde transpôr com palavras. É facil provar por que não reencetamos essa marcha: simplesmente porque não se póde reencetar aquillo que ainda não se encetou.

Repetimos conceitos já aqui formulados. Nos não somos pessimistas. O conhecimento que dia a dia procuramos fazer do nosso paiz, estudando os seus valores, computando as suas riquezas, medindo as suas possibilidades, si nos permite encarar a situação brasileira com o maior, o mais elevado, o mais consciente optimismo. Mas nem esse optimismo exige para se firmar, que cheguemos à sonogação da verdade, nem tampouco essa sonogação aproveita em casos como este, em que não ha meio de se attingir á comprovação senão pela realidade mesma. Desse modo, podemos negar a nossa voz ao hymno de enthusiasmos e louvores com que se celebra o resultado de nosso commercio exterior em 1923, sem que isso signifique que estejamos incluídos entre os descrentes de nosso progresso e de nossa grandeza.

E' muito facil, aliás, de expôr e justificar a nossa dissenção nesse caso. O total, em valor papel, do nosso commercio exterior em 1923, sobe a pouco mais de tres milhões de contos. A imprensa diaria entende que, chegados a esta cifra, só agora attingida, estamos no caminho da realização de nossas inmensas possibilidades. Pelo mesmo motivo, isto é, porque só agora attingimos a esta cifra, pensamos nós que o paiz ainda está muito longe de haver chegado á phase das grandes realizações compatíveis com os seus formidaveis elementos. Na verdade, que significa, para um paiz como o Brasil, a realização de um commercio exterior de tres milhões de contos, quando Cuba, que é apenas um punhado de terra perdido no oceano, realiza, annualmente, somma quasi igual, não com a totalidade de sua producção, mas apenas com dous dos seus artigos? Paiz imenso, com mais de quatrocentos annos de existencia, contando mais de um seculo de nação soberana e uma população superior a 30 milhões, possuindo todos os climas, capaz, por isso mesmo, de tudo produzir, o Brasil não se deve considerar em phase de perfeito desenvolvimento economico só porque o seu commercio de exportação tenha attingido a cifras que são pouco mais do que as do valor total da exportação de dous artigos da Republica de Cuba, uma pequena ilha de menos de dous milhões de habitantes, menor do que o menor dos Estados brasileiros.

Além disso, ha a considerar este facto: as cifras da exportação em 1923 sao grandemente superiores ás dos outros annos, apenas em valor papel. Em quantidade, o augmento não é de vulto a assignalar. Isso basta para fazer ver que a nossa expansão economica não apresenta novo grande surto. Sem uma maior exportação no sentido geral, isto é, sem a comprovação de que ao maior valor corresponde um consideravel augmento de volume, não ha razões para affirmar-se que o paiz alarga a sua potencialidade economica. E mesmo esse augmento no valor papel, verificado em 1923, não constitue facto com que nos possamos regosijar. O de que nós precisamos é que o valor da exportação augmente, não em papel, mas em ouro, pois é de ouro que carecemos para as nossas coberturas no exterior. Com todo o papel agora realizado, conseguimos adquirir pouco mais de metade do ouro que nos deu a exportação de 1919. Isso quer dizer, afinal, que todo o nosso trabalho em 1923 valeu apenas metade do de 1919.

Mas isso é apenas uma consequencia da baixa do cambio, e nós não precisamos chegar á baixa do cambio para provar o erro dos que vêm no resultado do nosso commercio exterior em 1923 a demonstração de que o paiz reenceta a marcha para a realização dos seus grandes destinos economicos. Esse erro está: primeiro, em que se não quer ver que a cifra de tres milhões de contos na ex-

portação não pôde nem de longe reflectir a grandeza de nossas possibilidades e valores; segundo, em que se não observa que, sendo pouco maior, em quantidade, á de outros annos, a nossa exportação em 1923 não pôde significar a maior expansão de nossas forças productoras.

#### A reforma do ensino

Parece que se inicia um outro anno lectivo, sem que o Governo resolva fazer a projectada reforma do ensino. E' certo que o Ministro do Interior, respondendo a collegas nossos que extranharam tambem essa demora, excusou-se com a necessidade de estudar o caso em seus multiplos aspectos, pois foram innumeras as suggestões recebidas pelo Governo, exigindo todas ellas detido exame e analyse minuciosa. Mas, sem pretender forçar a capacidade de trabalho do Governo, achamos que será prejudicial vir a reforma depois de abertos os cursos, tumultuando o ensino desequilibrado a sua marcha normal. Seria preferivel que viesse desde logo, evitando esses embaraços e perturbações, extremamente maleficos.

Já femos, por vezes, mostrado o nosso ponto de vista em relação ao assumpto. Somos partidarios da reforma, mas que seja digna desse nome, completa, absoluta, radical. Em ensino, andamos tão errados, que só se reformará com beneficio, numa alteração completa e basica dos cursos. De vez em quando, temos reformas, ou "leis organicas", mas em geral feitas para desorganizar e atrapalhar, todas sem espirito pratico, imbuidas de um theorismo avelhantado e, em absoluto, fóra do tempo e das correntes modernas de pedagogia. Por isso, são inúteis e se compensam, nos seus erros e defeitos, porque beneficios não costumam trazer. Essa reforma deve cuidar de um dos mais graves problemas nacionais, que é o ensino primario, constando que o Governo, á guisa do que praticou em relação á Saude Publica, entrará em accôrdo com os Estados, para resolver o caso. Sempre nos pareceu que a União prestaria os mais assignalados serviços ao paiz, avocando a si a instrucção primaria, mas as "vestaes" da Constituição, logo observam que isso seria uma indebita intervenção na autonomia estadual, coisa que faria o mundo vor abaixo, se fosse feito na nossa Republica. . . O meio encontrado é habil, mas depende das condições dos accôrds, variaveis conforme cada Estado, pois as circumstancias muito se differenciam.

Quanto ao ensino secundario, a reforma precisa ser completa, pois, nesse assumpto, o que temos é o maior absurdo, a complicação mais terrivel e a mais completa desorientação. O resultado é ser o nosso ensino basico totalmente falho, obrigando a um auto-didatismo, no qual só triumpham as intelligencias superiores, quando servidas por vontades firmes. Todas as experiencias têm provado mal, quer a seriação da lei Epitacio Pessoa; quer os exames vestibulares da lei Rivadavia e quer o systema actual, dos exames parcellados, da lei Maximiliano, e isso porque não visaram nunca a essencia do problema, que está nos programmas das materias e na sua seriação. Estuda-se em pouco tempo muita coisa e o resultado é que nada se aprende. O systema do curso gymnasial, não fallando na corrupção dos "equiparados", seria o preferivel, mas era preciso que melhor se fizesse a distribuição das disciplinas e em numero maior de annos. Mas exigir-se em 6 annos, dos 11 aos 17 annos, um conhecimeto de varias linguas vivas, latim e grego, de toda a mathematica elementar e parte da superior (algebra superior, trigonometria, mecanica e astronomia) de geographia, especialmente do Brasil; historia geral e

do Brasil, physica e chimica, historia natural e logica, em programmas completos e curso de oito mezes, é totalmente impossivel. O resultado é o superficialismo, quando não a ignorancia completa. Os professores nunca terminavam os programmas, de sorte que o alumno se via obrigado a saltos, pois, no anno seguinte, o novo lente retomava o curso, não no ponto em que o estudante ficara, mas naquelle que determinava o programma. Dahi toda série de absurdos, que avultam sem necessidade de demonstração. O exame de madureza é uma prova que não tem significado e a pratica mostrou quanto vale, ao menos como corrupção. O exame vestibular, que tem os defeitos da madureza, mas é um exame *sui generis*, porque o alumno é aprovado por maioria. Se faz exame de nove disciplinas, pôde ser reprovado em quatro, ainda que essas sejam portuguez, arithmetica, geographia e francez. O systema actual, melhor do que esse, até certo ponto, tem inconvenientes que por igual o invalidam. E' que com a nossa mania de nos formar cedo, vamos apressando os exames, e acontece, por via de regra, que aos 11 ou 12 annos, o menino presta o exame de portuguez, logo depois de arithmetica e assim por diante, como se fosse possivel, com essas idades, um estudo razoavel dessas disciplinas. Ha mais ainda: as mesas equiparadas, onde não pequenos são os abusos, que começam pela nomeação dos examinadores. Portanto, só uma longa seriação, no minimo de oito annos, resolveria o problema, emquanto uma fiscalização séria e sufficiente garantiria o bom funcionamento do machinismo.

Sobre o ensino superior, sem duvida, o melhor dos tres, ha muito a fazer, embora seja aquelle em que a iniciativa do estudante possa supprir as deficiencias do magisterio e do systema de ensino. Mas, resente-se sobretudo da falta de um caracter pratico, sobretudo o curso juridico, entre nós, pessimamente feito. Tambem o de engenharia e muito theorico e não ha, como em outros paizes, a separação entre o curso de mathematica e o de engenharia propriamente dito. O de medicina, o mais perfeito, ainda assim se resente de lacunas, que os technicos vivem a apontar.

Um ponto, porém, essencial na reforma é o rejuvenescimento do professorado. Seria necessario talvez uma compulsoria, não só porque é demasiado fatigante a profissão, como porque a mentalidade do professor não deve se afastar de muito da do tempo do estudante. O professor moço é um grande beneficio, ao qual o reformador do ensino deve dar a maxima importancia, pois do contrario não haverá como vencer velhos preconceitos enraizados na nossa instrucção e que só a mocidade extirpará. Não sabemos o que pensa a respeito o Governo, mas o actual Presidente sempre se apresentou á nação como um amigo dos mocos, disposto a terminar com a fossilização de nossas cousas, que contraria o ambiente novo e radiante da terra.

#### Um caso politico

Nesta nossa interessante democracia republicana, a politica é sem duvida um dos aspectos mais pittorescos, que seria delicioso contemplar da montanha de Lucrecio, se não envolvesse o nosso destino e seriamente o compromettesse. Mas, desde que nós não creamos a politica, nella não nos dão o direito de intervir, resta-nos o spectaculo e os seus ridiculos, através aos quaes muito se pôde aprender e os moralistas encontrarão nelles motivo de longas meditações. Vimos, agora, mais um "caso" politico. Quando foi na campanha presidencial civilista, a Bahia esteve ao lado de Ruy Barbosa, salvo um de seus proceres, que

ficou sendo *persona grata* do vencedor de quem foi ministro. Na successão governamental, esse político se candidatou, mas como o Governo estadual tinha a machina, não lhe seria possível, dentro das normas regulares, assumir o poder. Todos se lembram do que houve: bombardeio, conflictos, depredações, em summa, pela violencia lhe foi entregue o Estado. Os adversários clamaram em nome da moral federativa, e o artigo 6º da Constituição foi chorado e carpido, mas elles foram derrotados. Ha quatro annos, novamente perigou a situação para esse político, pois o grande Ruy levantára o povo contra a situação deveras lastimavel a que chegara o Estado. Foi pedida a intervenção federal e entre bayonetas, o mesmo político, entrou no Palacio Rio Branco, com os mesmos protestos da opposição, que decantou outra vez o artigo 6º da nossa complacente Constituição. Tudo muito bem. Na derradeira campanha, o então "dono" da Bahia foi contra o Governo Federal e contra a candidatura do actual Presidente da Republica. Todos lhe contaram os dias. Houve naturalmente eleições, resultados diferentes, duplicatas, o diabo, mas, na hora em que se approximava a posse, o Governo decretou o sitio e reconheceu eleito o seu partidario, homem dos opposicionistas de hontem. Houve então uma amnesia completa: os "intervencionistas" da vespera, hoje levantaram a bandeira da defesa da autonomia, com a flammula do tal art. 6º; e os "anti-intervencionistas" de hontem julgavam que o Governo exercia logicamente a lei, através das interpretações capciosas que davam. Logo, tudo está certo, as opiniões são relativas e dependem das coordenadas do poder. O erro é dos ingenuos, de hontem, de hoje e de amanhã.

No Brasil, as situações só cahem pela traição, ou pela violencia. Peio voto ou pela opinião, nunca se vio ninguem cair, porque o povo ainda é aquella figura de rhetorica, a que nos referimos num dos nossos ultimos commentarios. Emquanto não houver uma educação civica perfeita, o melhor é acabar com o art. 6º e tambem com o 72 da Constituição. O direito só se exerce com consciencia e nunca póde ser uma tolerancia. Mas, depois que o estado de sitio virou medida preventiva, quem disse que direito vale? Só se estiver no mundo da lua.

#### O problema da carestia da vida

O Governo da Republica no nobre intuito de attender á situação geral de encarecimento da vida, muito especialmente nas classes pobres depois de varias conferencias com os seus auxiliares, expedio o deocr. de 19 do mez findo, chamado de emergencia, no qual adopta medidas varias para a consecução de seus intentos. Antes de particularizar, estudemos o assumpto no seu ponto de vista geral, ou mais propriamente, theorico, de onde tiraremos as conclusões sobre a melhor pratica a seguir.

O encarecimento da vida, pelo custo elevado das especies e generos, decorre de leis economicas invariaveis, cuja solução não está na acção administrativa, senão na propria politica economica, buscando o equilibrio de forças de que resulta a harmonia. Seria preciso, pois, antes de estudar o phenomeno em suas manifestações, procurar a essencia e o movel determinantes. Resaltam logo como razões capitaes da vida cara: a baixa cambial e a falta de transportes. Aquella desvaloriza a moeda, e, como vivemos em grande parte de artigos importados, mesmo em generos de primeira necessidade, como acontece com o pão, temos que os

preços augmentaram para corresponder ao maior custo da moeda estrangeira; esta torna menores os *stocks* de generos do paiz e pela lei de procura e da offerta, os seus valores augmentaram invariavelmente e logicamente. Ora, a crise cambial, problema complexo que não temos que discutir aqui, não se resolve á custa de lei e sim de uma politica de prudencia financeira e de fomento economico, que não parece ser das preocupações primordiales do Governo presente. Quanto aos transportes, o decreto citado no seu art. 7º, se limita a essa impreciza referencia: "O Ministro da Viação e Obras Publicas fica autorizado a tomar as providencias que lhe competirem para execução deste decreto, inclusive as que facilitem por qualquer modo o transporte dos generos alimenticios". Não parece o bastante, pois a questão dos transportes, entre nós merece reflexão mais attenta e medidas mais definidas do que simples providencias de Secretaria.

Portanto, não ferindo os pontos capitaes do problema, não é de crer que muito consignam com as simples providencias administrativas do decreto, ainda que de extremo rigorismo. O caso do pão e tipico: esse aumento é fabricado com farinha de trigo importada da Argentina e dos Estados Unidos. Vendo-se o cambio com esses paizes, ter-se-ha idéa, sobretudo com o segundo, da desvalorização do mil réis, resultando dahi a dificuldade de baratear um producto dessa ordem. E' certo que o Governo restringio de 40% o imposto de importação de farinha de trigo, medida sabia e razoavel, mas insufficiente. Só a melhoria cambial operaria o milagre. Conjuntamente, de um modo geral, não nos parece efficaz a acção do Governo.

Particularizemos agora. O decreto, depois de estabelecer a instalação de entrepostos de leite e de peixe, e armazens de emergencia, amplia a acção das feiras livres, cousas cujo proveito depende da pratica, na certeza de que, perdurando os citados embarços de ordem geral, não se poderão diminuir as suas consequencias. E' certo que esses centros mercantis, não estando sujeitos aos pesados impostos e taxas que paga o commercio, pódem vender com uma relativa differença, mas, ao menos nas feiras livres, não tem correspondido á expectativa do publico. E sobre o governo-commerciante, cousa que não é nova, o exemplo tem sempre demonstrado a sua inefficacia absoluta em toda parte em que se o tem executado.

Ha um artigo, porém, que merece a maior attenção nesse decreto e é o seguinte:

"Art. 5º. Fica o Ministerio da Agricultura autorizado a requisitar e desapropriar, ou a adquirir no exterior, na fórmula das leis vigentes, os generos alimenticios a que se refere este decreto, para o que serão abertos os creditos necessarios, nos termos do art. 2º do decreto legislativo numero 4.034, de 12 de Janeiro de 1920, desde que taes providencias se tornem indispensaveis."

Volvemos a persistir num monstruoso absurdo. Em primeiro lugar, desde a acção do passado (Commissariado de Alimentação Publica, cuja inutilidade ficou comprovada, se vio o abuso dessas desapropriações, que o Judiciario reconheceu, dando depois ganho de causa a todos os negociantes que foram victimas dessa extorsão legalizada. Attentando directamente contra a liberdade do commercio, que a constituição garante em sua absoluta plenitude, essa desapropriação só comprehensivel nos casos extremos de calamidade publica, medidas de defesa ou salvação publica, não póde ser utilizada como recusa para torcer e desforrar as leis economicas, quando não se póde

resolver os problemas consequentes á sua actuação. Se o Governo precisa baratear a vida, o que repetimos ser um nobre intuito, porque não suspende os impostos excessivos e exorbitantes que obrigam o commercio a uma licita defesa de seus haveres? Como justificar leis de emergencia, se temos um imposto de viação, em paiz que luta com uma intensa crise de transportes? Porque o Governo não procurou, por esse lado, solver o problema ao invéz de se lançar á aventura de desapropriações, sempre caras ao Thesouro, que os pagará amanhã, por sentença judiciaria? Queremos crer que esse dispositivo não seja executado e o Governo, pensando melhor e mais maduramente sobre o caso, evitará esse erro funesto e, sobretudo, sem effeito algum benefico. Estamos vendo o caso sem interesses, mas fixando-o através de uma analyse rigorosamente logica, fóra da qual só restarão fantasias, preconceitos e erros. Se o Governo deseja sinceramente promover o barateamento da vida, comece por valorizar a moeda de cuja baixa procedem todos esses desvios economicos de que soffremos as pesadas consequencias.

#### Os nossos serviços postaes

Das informações prestadas pelo Director dos Correios ao Ministro da Viação, verifica-se que em 1921 a renda postal arrecadada e recolhida aos cofres foi de 17.212:000\$, emquanto que a do anno de 1923, se elevou a 25.774:000\$, não incluindo o periodo adicional, ou sejam mais 8.563:000\$, nos dous exercicios, com uma média de 4.281:500\$, por exercicio, augmento assás apreciavel e por onde se vê a somma de trabalho feito sem augmento de taxa.

A correspondencia ordinaria recebida da em 1921 foi de 30.842:096, a registrada de 10.252:625, a expressa de 344.113 e a de valor declarado de 779.955 objectos, com o valor de 272.449:000\$, e em 1923, respectivamente, de 369.022.545, . . . . . 12.980.437, 344.117 e 822.262, com o valor de 295.876:000, o que dá os seguintes augmentos: na ordinaria, de réis 68.180.449; na registrada, de 2.727.752; na expressa, de 55.738, e na de valor declarado, de 48.307 objectos com o valor de 23.427:000\$000.

Nessa mesma proporção foi o augmento das correspondencias expedidas e de transito.

Em vales postaes o augmento foi apreciavel: em 1921 foram emittidos 261.000, no valor de 33.856:000\$, e em 1923, a emissão foi de 268.992, no valor de réis 43.176:000\$, havendo assim um augmento de 6.300 vales, no valor de réis 9.320:000\$000.

#### Concurso para novellas regionaes brasileiras

*L'Amérique Latine*, de Paris, abriu um concurso para novellas regionaes brasileiras, recebendo até 31 de Julho deste anno os originaes, assignados por pseudonymo e tendo em envelope fechado o nome do autor. Deverão ter de 4 a 6 columnas desse jornal, cujo formato é semelhante aos dos nossos jornaes diarios. O 1º premio é de 500 e o 2º de 300 francos, sendo as novellas premiadas publicadas no dito periodico. Serão juizes do concurso os Srs. Luiz Guimarães, José Severiano de Rezende, Delgado de Carvalho, José Feliciano de Oliveira e Fonseca Montarroyos. A direcção da *L'Amérique Latine* é Avenue des Champs Elysées, 82, Paris.

# NOTULAS

Os peritos de Wall Street predizem que a renda do Sr. Henry Ford será em 1934, de um milhão de dollars, se a sua fortuna continuar a augmentar na mesma proporção que a até hoje seguida.

O commercio exterior francez soffreu consideravel augmento em 1923, tendo as importações attingido 32.614.560.000 francos contra 23.930.328.000 em 1922 e as exportações subido de 21.378.943.000 a 30.431.510.000 francos. O excedente de importações é de 2.183.050.000 francos. Na Inglaterra, tambem o commercio exterior augmentou no ultimo anno: as importações foram de £. 1.098.015.000 contra £. 1.003.918.000 em 1922, e as exportações de £. 885.901.000 contra £. 824.274.000. O "deficit" do balanço commercial é, pois, de £ 212.114.000.

Assumio o Governo do Egypto o patriota Zaghoul Pachá, que os inglezes tinham exilado para Seychelles e depois para Malta. Num discurso que pronunciou, pouco depois de ter assumido o cargo de Presidente do Conselho de Ministros, Zaghoul disse: "O nosso maior problema é a independencia nacional. Estamos promptos a conferenciar com o Governo britannico na base da realização dessa independencia, respeitando os seus razoaveis interesses e que, com ella, não sejam incompativeis"

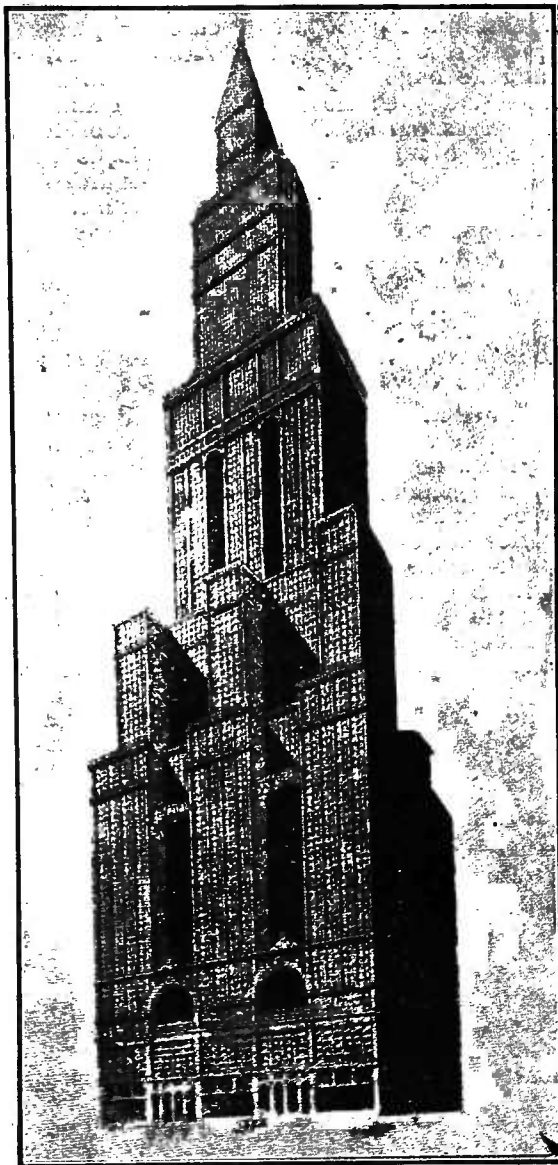
Foi observado que, na Academia Francaza, são numerosos os academicos, cujo nome começa por B: Bourget, Bordeaux, Boylesve, Brémond, Bazin, Bergson, Barthou, Bédier, Falleceram, não ha muito, Boutroux e Barrés. Entre os modernos, a letra mais commum é o M: Mauriac, Morand, Massis, Montherland, Maurois, Marx.

As estatisticas mostram que em 1923 a producção carbonifera em França cresceu de modo animador. Assim, a de hulha e de linhito attingio a 38.576.815 tons, contra 31.940.845, em 1922; a de coke a 1.985.735 tons, contra 1.030.735; e a dos agglomerados a 3.056.576 tons, contra 2.804.400. Tambem as exportações augmentaram: a de hulha e linhito a 2.364.172 tons, (2.147.435 em 1922), 496.398 tons, de coke (463.128) e 238.116 tons, de agglomerados (114.054). Para as importações, a de hulha cresceu 22.269.865 tons, contra 22.334.126, em 1922; mas baixaram as de coke e agglomerados, tendo sido aquelle de 3.628.393 tons, contra 5.140.153; e esta, de 776.267 tons, contra 1.422.374, em 1922.

O Sr. Jean Brunhes que obteve, com uma plaquette sobre Michelet, o premio de eloquencia em 1898, cita esse inesperado elogio aos jesuitas, que descobriu na obra de Michelet, em 1838: "On ne saurait assez louer le dévouement des jésuites. Leur héroisme en Europe nous est connu, mais il faut les suivre en Asie. Il faut voir la facilité, l'empressement avec lequel ils recoivent le martyr. Ce sont là des titres à la gloire. Chez nous, le dévouement ne meurt pas... Pour caractériser l'esprit des jésuites, ce fut un esprit monumental"

Em Beauvais foram encontrados, numa escavação, varios objectos e moedas, que se presumem pertencerem ao começo do reinado de Carlos V, de França.

O *Echo de Paris* fez uma estatistica da consumação de victualias por um homem normal, vivendo 70 annos: 225 a 250 kilos de pão; 18.000 kilos de carne; 10 a 15.000 ovos; 6.000 kilos de peixe; 25.000 litros de liquidos, sem fallar nas verduras, queijos, doces, fructos, etc. O sal consumido numa vida humana é de 1.750 kilos...



Projecto de 12 hotéis a serem construidos nos Estados Unidos, com 180 andares, cada um, custando mais de 200 mil contos por edificio.

O grande esforço de Pasteur, nos estudos de raiva, acaba de ser completado pela descoberta da parasita desse mal, feita pelo Dr. Monuchiene, do serviço do Dr. Roux, assistido pelo Sr. Viala. O parasito foi por fim isolado e recebeu o nome complicado de *encephalitozoon rabie*. Não é preciso encarecer o valor da grande descoberta, que foi um dos sonhos mais ardentes de Pasteur.

São os seguintes os feriados na Italia, de accordo com o decreto expedido a 30 de De-

zembro de 1923: Os domingos; o dia de Epiphania; 21 de Abril, fundação de Roma; o dia da Ascensão do Senhor; o dia de Corpus Christi; 29 de Junho, S. Pedro e S. Paulo; 15 de Agosto, Ascensão de Nossa Senhora; 20 de Setembro, anniversario da entrada em Roma do Exercito italiano; 1º de Novembro, Todos os Santos; 4 de Novembro, anniversario da victoria; 8 de Dezembro, Immaculada Conceição; 25 de Dezembro, Natal. Ha ainda as festas nacionaes do 1º domingo de Julho, celebrando a unificação da Italia e do "Statuto"; 24 de Maio, anniversario da declaração da guerra; e 11 de Novembro, anniversario do Rei.

Quem fará as honras de Downing Street? o Sr. Macdonald é viuvo e a sua filha mais velha tendo somente 20 annos, acredita-se que dessa missão será incumbida a senhora do primeiro lord do Almirantado, Lady Chelmsford. Outros jornaes designaram Mme. Sidney Wobb, filha do Presidente de uma grande companhia de estradas de ferro, em cujos cações, nestes ultimos tempos, se têm encontrado os socialistas de toda parte. Ficará porventura prejudicado o protocollo com o Ministerio socialista?

A proxima fita de Charles Chaplin (Carlitos), *The Gold sush* (A marcha para o ouro) será comica. O seu protogonista apparecerá na sua figura conhecida, passando-se a acção na California, em 1849, a idade do ouro nas minas.

Como fez recentemente com outros paizes, entre os quaes a Italia e os Estados Unidos, o Summo Pontifice Pio XI resolveu instituir a visita apostolica ás pessoas e cousas ecclesiasticas do Brasil. Para este fim, Sua Santidade acaba de nomear, pelo orgão da Congregação do Concilio, tres ecclesiasticos eminentes para fazerem aquella visita ás dioceses brasileiras. Os visitantes apostolicos, que já chegaram ao Brasil, são o padre Jose da S. Giovanni in Persiceto, superior geral dos padres capuchinhos; abbade Benedicto Lopez, da Congregação Benedictina do Monte Cassino; e Marcello Reinaud, da Companhia de Jesus.

Noticia-se em Londres que o professor Clarence Fisher, Director da expedição organizada pela Universidade da Pensylvania, que foi realizar pesquisas historicas, em Thebas, Egypto, descobriu um "papyrus", constando do mesmo um decreto de divorcio, datado de 236 annos antes de Christo.

Descobriu-se que existe em grande quantidade nas regiões inter-montanhasas dos Estados Unidos, uma especie de argilla muito propria para dar superficie ao papel dos livros. Applicada com outros cosimentos de papel, taes como o barro English China, ella melhora-lhes a retenção e o acabamento. As experiencias no Forest Product Laboratory indicam que o poder de suspensão do novo barro torna possível a sua distribuição de um deposito central para os batedores de um moinho de papel por meio de longos tubos, isso sem perigo de se emmaranhar ou de parar.

# Portugal

RAUL BRANDÃO

A obra literaria de Raul Brandão, augmentada agora com *Os Pescadores* (Aillaud & Bertrand, Lisboa 1924), é superiormente formosa, tanto pela harmonia e inspiração, como pela honestidade de processos. Tendo surgido, ha cerca de trinta annos, com a geração a que pertencem Cesario Verde, Antonio Nobre, D. João da Camara Abel Botelho, Eugenio de Castro, Carlos Malheiro Dias, Julio Dantas, Alberto d'Oliveira, João Barreira, Antero de Figueiredo, Correia d'Oliveira, Afonso Lopes Vieira, Julio Brandão e outros, revelou-se escritor de raça, sobremaneira pessoal, assaz independente, e até revoltado, e desenvolveu a individualidade consoante as leis de seu estranho temperamento e a indole singularissima do seu ingenho. "Sou talvez uma arvore, escreve no prefacio de suas *Memorias*, que cresce á sua vontade, pernada para aqui, pernada para acolá, á chuva e ao vento; e não admitto poda." Da *Historia de um palhaço*, que data de 1896, a hoje, ha um persistente sulco luminoso, definindo um prosador consciente do poder do seu peregrino talento, senhor dos meios de expressão e só preocupado com a finalidade de seu labor espirital. Artista no mais nobre significado desta qualificação, na sua grande espontaneidade, que é verdadeira, como na sua singeleza, igualmente genuina, logrou, desde o periodo inicial de sua inconfundivel carreira, afirmar-se pela originalidade das idéas, pela qualidade do estylo e pela mobilidade, perspicacia e agudeza da intelligencia. O estylo é elemento preponderante na obra de Raul Brandão, e iguala aos mais floresentes ou maiores da arte escrita. Não se escreve melhor por esse Portugal afóra. A sua linguagem é materia viva, e a palavra energica, nervosa, ductil. Antes de tudo, dotado de visão plastica do mundo, e conhecendo o valor e a virtude dos vocabulos, reproduz a côr, os gestos, as sensações e as imagens numa fórma verdadeiramente esculptural, metallica ou marmorea, que lembra ás vezes Balzac ou Mirbeau, sem a impetuosidade da inspiração de um e sem o crudelissimo realismo do outro, mas com um sentido agudo das coisas e de seu rythmo individual. O esplendor da lingua, o sentimento das fatalidades cósmicas, o sopro irresistivel da vida instinctiva, taes os traços característicos da obra do magistral prosador português, que é quasi auto-biographia ideal, uma confissão lirica. *Qui est Mme. Bovary? C'est moi!*, disse um dia Flaubert. Com effeito, cada livro desse creador de belleza que é Raul Brandão é transcripção directa, ainda que poetica, de uma existencia consumida e meditada fóra de toda consideração especulativa ou esthetica. Não ha nelles um plano abstracto em que os motivos, os actos e as figuras se derivem de uma theoria moral preconcebida ou se dissimulem sob o véo philosophico. O pensamento de Raul Brandão é producto da realidade humana, e pensar para elle é seguir pela intelligencia o curso natural da vida nos seus aspectos mais intimos, e sentir a vibração generica dos seres e das coisas. Ironico e sentimental, sarcastico extremado, analysta implacavel, a sua philosophia é livre de toda articulação abstracta, pois é inspirada pelo especta-

culo da experiencia quotidiana, em que o bem e o mal muita vez traduzem os mesmos valores e se confundem. Se a *História de um palhaço*, *Os Pobres*, *Humus* e *Memorias* dão a exacta medida de seu temperamento, *Os Pescadores* mostram o artista na plena posse de seus dons e recursos, no apogeu das

natureza. Destas paginas exalta-se um forte odor de terra. A bella região da Fóz do Douro o nutre, deu-lhe a robustez physica e o equilibrio moral, dotou-o do vigor rustico que se admira nos seus livros, communicou-lhe esse naturismo mystico que é fonte da grande inspiração lusitana. O artista traz quasi sempre o ar do torrão onde nasceu. A paisagem da Turena nunca deixou de impressionar Balzac. Aix viveu na memoria de Zola. Flaubert acariciava a imagem de Ruão e bem assim Mirbeau lembrava-se continuamente de Trevièrs. A imaginação de Barrès tem raizes na Lorena. "Fóz, declara elle na portada do seu livro, é para mim a Côguinha, o Castello e o Monte com o rio da vila a atravessal-o, e a rua da Cêrca até ao Farol. O que está para lánão existe... Só me interessa a villa de pescadores e maritimos que cresceu naturalmente como um ser, adaptando-se pouco e pouco á vida do mar largo. E ainda essa Fóz se reduz cada vez mais na minha alma a um cantinho — a meia dúzia de casas e de tipos que conheci em pequeno, e que retenho na memória com raizes cada vez mais fundas na saudade, e mais vivas á medida que me entranho na morte. O mundo que não existe é o meu verdadeiro mundo" Raul Brandão está inteiro neste livro, repleto de seiva, tão cheio do ambiente que lhe ensinou a amar a vida humilde, o heroismo obscuro e o fatalismo de seu povo, e lhe communicou o segredo do eterno lamento das arvores, das pedras e dos mares. Ahi surge a força rude aliada a uma doçura infantil, a uma ternura singularmente penetrante e voluptuosa, a uma bondade infinita. "Extraio ternura de uma pedra", diz elle. Identificado com a existencia e a história da gente simples do país, reconhece, louve e esculpe no bronze ou na argila da sua prosa evocativa, a coragem, a perseverança e a tradicional energia dos pescadores; seres que melhor summariam as qualidades da raça e symbolisam a actividade creadora da nação. Aliás, não se comprehenderia Raul Brandão sem as emoções de melancolia ou de saudade, exilado do commercio affectivo, despido dos predios e dos pendores ethnicos, fóra do amor da patria e principalmente dos limites do recanto caro ao seu coração, e desligado dessa sympathia profunda, piedosa e humana que lhe perfuma o espirito e illumina a obra. "E" saudade, mas não é só saudade. Isto vem de muito fundo. Os meus actos são copiados por mãos desaparecidas e a minha convivencia é com fantasmas. Este cheiro de alcatrão vou leval-o nas narinas para a cova; esta paisagem — mar, rio e céu — entranhou-se-me na alma, não como paisagem, mas como sentimento." E' isto que faz d'elle um maravilhoso escritor Solitario, nostalgico, apaixonado, nutrido da tradição amorosa e penetrado de extase pagão, fundamentalmente bom, estranho não só ás disputas literarias e á esterilidade das discussões estheticas, mas desinteressado da propria literatura contemporanea, com suas falsas posturas e sua accentuada insinceridade, é um dos espiritos mais capazes de comprehender, sentir e interpretar a poesia simples, espontanea, eterna, em que se envolve o uinverso. Por isso, a sua figura se eleva em violento contraste sobre o tumulto actual e o fundo anemico do mundo lite-

## UMA HOMENAGEM AO BRASIL

A brilhante revista de cultura, que se publica em Portugal, *Nação Portuguesa*, sob a direcção do nosso illustre collaborador Antonio Sardinha, dedicou o seu ultimo numero ao Brasil, publicando uma série de artigos, deverás interessantes, sobre o nosso paiz, a sua historia, as suas letras e a sua finalidade politica, assignados por nomes de grande relevo na mentalidade portugueza. Abre a revista a formosa saudação de Afonso Lopes Vieira, uma das mais formosas e lidimas expressões do genio lyrico de Portugal, a qual transcrevemos noutro local desta revista, e que é um hymno vibrante ao Brasil, "a mais moça e mais bella de todas as Nações, destinada a levar para os confins dum futuro immensuravel o espirito da Latinidade, afeiteado ao esplendor das *novas estrellas*" O artigo de apresentação *Definindo intenções* é pagina forte e suggestiva, mostrando quaes devem ser os elementos basicos da união das duas Patrias, analysando-se com clarividencia e nobre espirito de amizade. E assim termina esse artigo: "Sem nos alargarmos a construcções prematuras, comecemos pelo principio! E começar pelo principio é empenhar-nos sinceramente por nos conhecer e estimar, — longe dos mameluocos do jornalismo mercenario e fora dos agapes dos arrivistas e profissionaes da politica. Viva o Brasil! E que Portugal viva na sua lembrança com o doce carinho duma pessoa de familia, que, á imagem do pelicano symbolico, esfarrapou as veias, para que o seu filho morgado crescesse formoso, desenvolto e forte!" J. Lucio de Azevedo grande conhecedor da historia dos dois paizes, escreveu sobre o papel desempenhado pelas misões religiosas na obra da colonisação do Brasil. A Manoel Músiás coube dissertar acerca da lingua portugueza no Brasil. Luiz de Almeida Braga assigna um ensaio sobre a nossa evolução litteraria. Além de outros trabalhos, estampa o artigo *A lição do Brasil*, de Antonio Sardinha, que transcrevemos neste numero. A homenagem da *Nação Portuguesa* muito nos sensibilisa, a nós brasileiros, que amamos Portugal e reconhecemos a sua gloriosa ascendencia.

faculdades intellectuaes, por momentos transbordante de exaltação, simultaneamente realista e romantico, misturando os mais bellos accents da verdade ás virtuosidades da imaginação e aos jogos da phantasia. O livro é de muita emoção, poesia e realidade. O observador penetrante dos homens, é apaixonado da

rario dos nossos dias. Mercê da sinceridade artística, a sua obra difunde tão fortificante aroma vital. Em summa, é uma gloriosa consciencia de escritor que floresce fiel ao seu genio exuberante, são e exclusivamente sensível ás formas robustas da belleza. Raul Brandão reduziu o mundo ás mingnadas proporções de sua villa, "adormecida ha cem leguas do Porto e da vida", mas nesse recanto exiguo palpita elle com o rythmo mysterioso da vida universal...

#### A LIVRARIA DO CONDE DO AMEAL

Foi leiloadada no dia 31 do mês findo no Porto a livraria do illustrado bibliophilo português Conde do Ameal. O catalogo descriptivo e analytico dessa preciosa colleção que temos em mão, redigido com proficiencia pelo livreiro José dos Santos, na parte ds livros impressos, e pelo erudito Gustavo de Matos Sequeira, que teve a seu cargo a catalogação dos manuscriptos, e ainda lhe escreveu o prefacio, documenta copiosamente nas suas 768 paginas o valor da magnifica bibliotheca, composta na totalidades de obras de história, e principalmente portugüesa, de literatura classica e de arte. Abrange nada menos de 2.555 especies bibliographicas, sem contar os manuscriptos, que vão dos numeros 2.556 a 2.904, provenientes de quatro notaveis bibliothecas, que foram reunidas e completadas posteriormente pelo eminente colleccionador Conde do Ameal. O prefaciador destacou, em primeiro lugar, os livros de arte, em edições de grande luxo e encadernações sumptuosas, taes como a *Luz da Liberal e nobre arte de cavalaria*, de Manuel Carlos de Andrade, tambem denominada *Arte de Marialva*; *Les Paysans*, de Queyroy, Paris, com aguafortes; a edição badoniana dos *Pitture*, de Corregio; tres obras de Dalanne com preciosas aguafortes; *L'Etruria Pittrice*, de Pagni e Bardini, Florença, 1791, e a edição setecentista de *La conjuración de Catilina y la guerra de Jugurta*, de Sallustio, feita em Madrid. Ha, porém, obras de maior raridade e preço excepcional, e são, entre outras, *A vida e milagres da gloriosa rainha sancta Isabel*, de Diogo de Macedo edição conimbricense de 1546; o *Libro dela Cosmographia*, de Petrus Apianus, Enveres, 1548; a edição princeps (?) d'Os *Lusiados*, que é de 1572, a do Morgado de Matheus e a castelhana de Alcalá de Henares, feita em 1580; os *Commentarios*, do grande Afonso de Albuquerque, segunda edição, 1576; a rarissima segunda edição, 1549, do *Breviarium Bracharense*; os *Capitulos das Côrtes*, impressos em gothico, por Germão Galhardo, em 1539; as *Copias de las Cartas* escritas da China e do Japão pelos jesuitas missionarios e estampadas no seculo XVI, 1565; os *Dialogus Seraphice*, de Santa Catharina de Sena, famoso incunabulo impresso em 1496; a edição portugüesa de 1605 do *Don Quixote*, impressa por Pedro de Crasbeck, Lisboa; a *Chronica do Condestable*, de 1554, Lisboa; *Las Meditaciones*, de Augustinius, Valladolid 1515; a *Chronica de Nuremberge*, outro preciosissimo incunabulo, illustrado, de 1493; o *Tratado em que se contam as cousas da China*, de Fr. Gaspar da Cruz, impresso em gothico, Genova, 1569; a *Legenda dos Santos Martures*, rarissimo, Lisboa, 1515; a primeira edição da *Chronica de D. Manuel*, de Damião de Gões, Lisboa, 1566; o *Index Librorum Prohibitorum*, Lisboa, 1564; a *Cosmographia*, de Pomponio Mella, magnifico incunabulo de alto valor, edição de 1482; a edição de 1584 de uma *Regra de Santo Agostinho* e a edição, tambem quincentista, da de S. Thiago; o *Gracioso cõbite*, de Ossuna, Sevilla, 1537; o *Livro da Reza e Perfeçam da Conversaçam dos Mençes* que a infanta D. Catharina, filha

de D. Duarte, traduzio de Justinnus, Coimbra, 1531; o *Regimento Nautico*, de Lavanha, impresso em 1595, Lisboa; a *Cronica de Hispania*, de Diego de Valera, Salamanca, 1493; o *Descobrimiento e Conquista da India*, de Castanheda, Coimbra, 1554; o famoso livro de Raimundo Lullus *Ares Inveniva veritatis*, Valentia, 1515; e a soberba edição da *Cronice de Aragon*, de Lucius Marinius siculus, Valencia, 1524. Além destes e tantos outros livros preciosos e raros constantes da colleção Ameal, notamos ainda: a *Monarchia Lusitana*, de Bernardo de Brito, 1597; a rarissima versão, de D. Leonor de Noronha, da *Cronica Geral* de Marco Antonio Sabelico; o *Nobiliario do Conde D. Pedro*, edição de Roma, por Estevam Paolino, 1640; a *Portugalia Monumenta-Historica*; o célebre *Atlas* do Visconde de Santarém; a *Historia Genealogica*, de Caetano de Souza; a *Bibliotheca Lusitana*, de Barbosa Machado, 1741; as *Décadas*, a *Rópica* e a *Cronica do Imperador Clarimundo*, de João de Barros, em primeiras edições; o *Repertorio dos tempos*, de André de Avelar, na edição quincentista de Coimbra, 1590, cheia de curiosas xilografuras, e na de Lisboa, de 1602; uma colleção de 54 *Sermões* de autos de fé, quasi completa, etc. Dos livros mais importantes sobre o Brasil ou que interessam á nossa historia, notamos: *Coğrafia Brasilica*, de Avres do Casal, Rio de Janeiro, 1822, muito rara (n. 27); *Relaçam diaria do sitio e tomada da forte praça do Recife, recuperaçam das capitarias de Itamaracá, Parahiba, Rio Grande, Ciará e Ilha de Fernão de Noronha*, por Francisco Barreto, etc., etc., de Antonio Barbosa Bacellar, Lisboa, 1654, in-4. fls. 16 (n. 209); *Brasil Pitturesco*, de Ribevrolles, Paris, 1861 (numero 331); *Nova Lusitania, historia da Guerra brasilica*, de Brito Freyre, Lisboa, 1675 (n. 344); *Viaje da Armada da Companhia de Commercio e Frotas do Estado do Brasil*, de Brito Freyre, Lisboa, 1665 (n. 344); *O Valeroso Lucideno e triumpho da liberdade*, de Fr. Manoel Calado, Lisboa, 1648 (n. 369); *Memorias da campanha do senhor D. Pedro d'Alcantara, ex-imperador do Brasil, no reino de Portugal*, etc., de Cunha Mattos, Rio de Janeiro, 1833 (n. 757); *Descripção geographica da America Portuguesa*, de escritor anonymo, interessante e valioso para o estudo de geographia e cousas do Brasil, de que foi editor Fr. Conceição Velloso, sem data nem lugar de impressão (n. 802); *Quitubia*, poema de José Basilio da Gama, publicado anonymo, primeira edição, Lisboa, (numero 1.050); *O Uruguay*, de Basilio da Gama, Lisboa, 1769, estimada e muito rara (n. 1.051); *Memorias para servir á historia do Reino do Brasil*, de Goncalves dos Santos, Lisboa, 1825, muito rara (1.109); *Jornada dos Vassallos da Coroa de Portugal, para se recuperar a cidade do Salvador, na Bahia de Todos os Santos, tomada pelos olandezes, a oito de Mayo de 1624*, etc., de Bartholomeu Guerreiro, Lisboa, 1625, relação extremamente rara, interessante e mui estimada, e de muita valia para a historia das lutas contra os holandeses, tendo o exemplar do leilão Samodães (n. 1.472) sido adquirido pelos livreiros londrinos Magg Bross pelo preço de 1:000\$, que o cotam actualmente por £ 52.10 (n. 1.134); *Cas-trioto Lusitano, empreza, e restauraçam de Pernambuco*, etc., de Fr. Raphael de Jesus, Lisboa, 1679, muito raro, (1.222); *Diario da navegaçam*, etc., de Pero Lopes de Souza, publicado por Varhagen, em Lisboa, 1839, pouco vulgar (1.371); *Viaçens ao interior do Brasil*, de João Mawe, Lisboa, 1819 (n. 1.479); *Relaçam verdadeira de tudo o succedido na restauraçam da Bahia de Todos os Santos*, est., etc., por João de Medeiros Correia, Lisboa, 1625, estampada sem o nome do

autor, interessantissima e de muito valor para a historia dos acontecimentos que descreve, rarissima (n. 1.486); *Obras oratorias de Monte Alverne*, Rio de Janeiro, 1853; *Relaçam da aclamação que se fez na capitania do Rio de Janeiro do Estado do Brasil, e nas mais do Sul, ao senhor rey Dom João IV*, etc., Lisboa, 1641, interessantissima para o conhecimento historico dos acontecimentos que relata e muito rara (1.914); *Relaçam verdadeira da entrada que o governador das armas Mathias de Albuquerque fez em Castella neste mes de Abril do anno presente de 1644, e successo de Montijo*, Lisboa, 1644, curiosa e rarissima (n. 1942); *Resposta anologetica ao poema intitulado o 'Uruguay' composta por José Basilio da Gama*, etc., Lugano, 1786, publicado anonymo, mas attribuido ao jesuita Francisco Romão, estimado e pouco vulgar (numero 1973); *Historia da America Portuguesa*, de Rocha Pita, Lisboa, 1730, primeira edição, muito rara (n. 2.024); *Santuário Mariano*, de Fr. Agostinho de Santa Maria, Lisboa, 1707-1723, 10 volumes, edição unica e muito rara e obra muitissimo estimada por ser fonte (vols. 9 e 10) copiosa de noticias e cousas do Brasil, além de classica (n. 2.123); *Orbe serrafico*, etc., de Jabotam, Lisboa, 1761, rara (n. 2.128); *Istoria delle guerre del reano del Brasil*, etc., de Fr. G. Santa Tereza, Roma, primeira e unica edição, estimada e muito rara (n. 2.133); *Tratado discriptivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Souza, publicada por Varhagen, Rio de Janeiro, 1851, edição primitiva e rara (n. 2.267); *Chronica da Companhia de Jesus*, de Simões de Vasconcellos, Lisboa, 1563, primeira edição, rarissima (n. 2.456). A colleção canoneana, ns. 379 a 456, é rica de edições valiosas. Figura na segunda parte do catalogo porção consideravel de manuscriptos genealogicos, historicos, religiozos, etc. de real interesse, oriundos em grande parte dos celebres archivistas da casa dos Souzas Coutinhos, que foram governadores no ultramar, membros da Regencia, embaixadores, ministros, secretarios de estado, homens de cõrte e politicos, e de outras colleções afamadas. Dentre esses manuscriptos, são dignos de menção duas dezenas de *Executorias* illuminadas dos seculos XVI e XVII, uma Biblia do seculo XIV, um missal illuminado do seculo XV e varias arvores de costados. Ha varios escritos sobre o Marquês de Pombal e sua época, constituindo esta parte, sem duvida, secção importante do catalogo. Sob o numero 2.821, encontra-se uma série de vinte e tres peças relativas ao Brasil, sendo as mais interessantes as seguintes: *A extracção dos diamantes brutos*, 1802; *Relaçam da invasão feita em 1801 nas missões do Uruguay*; *Panel politico sobre o Estado do Maranhão, apresentado em nome da Camara ao Senhor Rey D. Pedro Segundo*, por seu procurador Manoel Guedes Aranha, 1685; *Mappa do movimento da escravatura para os portos do Brasil em 1807*; e *Memoria sobre a historia do estado de Pernambuco*, 1792. Tambem nos devem interessar alguns dos papeis concernentes á missão diplomatica do embaixador Souza Coutinho, que se occupou do tratado de paz e limites do Brasil em 1777, da questam da ilha de S. Catharina e outros assumptos nossos (n. 2.729), e a correspondencia particular de Lord Strangford dirigida do Rio de Janeiro a D. Rodrigo de Souza Coutinho em 1807 e annos seguintes (n. 2.745). Verificamos mais existir entre os papeis do lote n. 2.593 cópia, em letra do seculo XVIII, de uma 'Satvra de Gregorio de Mattos feita na Bahia'. Outras e muitas outras preciosidades regista o catalogo da livraria do Conde do Ameal, que, numa noticia succinta do seu conteúdo, tinham que escapar forçosamente á nossa analyse. Não obstante, ficam indicadas as princi-

paes especies bibliographicas nelle enumeradas, e assignalados aquelles dentre os livros que dizem respeito ao Brasil. E agora nos cumpre apenas tornar publico o nosso applauso aos catalogadores, que fizeram obra de escrupulosa, paciente e exhaustiva erudição, transformando um inventario bibliographico num excelente repertorio de informações, dados e commentarios para os estudiosos ou simples livreiros.

#### CAMILIANA

No Brasil, como em Portugal, tem Camillo Castello Branco innumerados admiradores e devotos, e até fanaticos, estes victimas da ganancia incontida de certos livreiros. O culto camiliano tem quasi accentos religiosos, e propaga-se não só entre intellectuaes, eruditos e letrados, mas, o que é sobremaneira singular, communica-se á classe modesta de amadores ou simples leitores. Ha ainda a assignalar que é principalmente no meio dos profissionaes da medicina e do direito que se encontram os mais ardorosos apreciadores do grande romancista português. Os camilistas são aqui sem conta, e as colleccões dos Srs. Coelho Neto, Simões Corrêa, João Marinho, Aloysio de Castro, Agenor Porto, Dionysio de Cerqueira, Francisco de Garcia Saraiva e Elycio de Carvalho passam por ser das mais opulentas, algumas, como as dos dois ultimos colleccionadores, enriquecidas de autographos originaes do mestre. O Sr. Garcia Saraiva por exemplo, acaba de adquirir precioso lote de autographos camilianos. Trata-se de cerca de 8 cartas do punho de Camillo e de 556 outras dirigidas na maior parte por escritores ao autor do *Amor de perdição* durante a longa carreira do eminente português. Destacam-se da referida collectanea 208 cartas de Antonio Feliciano de Castilho, o que já constitue thesouro á parte e muito cobiçado por quantos estimam ou admiram o opulentador e o mais castigo cultor da lingua, 7 de Alberto Pimentel, que foi grande amigo de Camillo, 4 do poeta Bulhão Pato, 4 de Custodio José Vieira, tão intimamente ligado á biographia do romancista, 3 de Gonçalves Crespo, 6 de Ignacio Pizarro Moraes Sarmiento, 16 do projecto bibliographo Innocencio da Silva, 7 de Silvestre Ribeiro, 5 de D. Maria Vaz de Carvalho, 2 de Pinheiro Chagas, 5 de monsenhor Pinto de Campos, traductor brasileiro da *Divina Comedia*, 3 de Ramalho Ortigão, 8 do padre Senna Freitas, e 64 do Visconde de Azevedo, erudito e dilecto da casa de São Miguel de Saide. Ha ainda uma longa carta de Lady Jackson, em inglês, com esta nota de Camillo: 'A authora do *Formosa Lusitania* queixando-se de mim que a encommodei nas notas á traducção'. Por fim, faz parte da colleccão, authenticando-a, uma carta de Camillo, datada de 20 de Setembro de 1882, que acompanhou os mencionados autographos quando cedidos ou offerecidos ao primitivo possuidor, cujo nome se mantem em reserva. Referindo-se ao genero e ao valor desses documentos intimos, que delles se desfez o destinatario oito annos antes de sua morte, escreveu: 'V. Ex. entre muitas cartas de interesse, encontraria inutilidades, que só decorridos 30 annos, quando V. Ex. volver olhos á juventude, lhe hão de parecer documentos ethnographicos e talvez sejam elementos nas paginas que V. Exa. escrever dos homens de letras desta quadra que a minha morte fechará *daqui a mezes*. As cartas mais antigas que conservava e lhe envio são as de Ignacio Pizarro, o tão preconizado author do "Romanceiro Portuguez", que foi o encanto das raparigas minhas contemporaneas. Fui muito amigo desse homem que morreu obscuro depois de vinte an-

nos gloriosos em Lisboa onde se distinguio pela formosura e pelo talento, — *talento* em relação a uma época de românticos muito ignorantes que esfervilhavam á roda de Garrett. Tambem lhe envio não sei que mais de mulheres letradas, e um fragmento da illustre *Suicida* cuja historia lhe mando impressa". Concluia Camillo dizendo: "Tem V. Exa. muito que lêr nas noites de inverno, quando o enfastiarem os theatros. Decerto encontrará nas cartas de Castilho, Antonio Augusto, etc., muitas apreciações de homens contemporaneos, cujo melindre na divulgação V. Exa. compreenderá. O certo é que alguém no futuro, os seus filhos, quando estudarem esta época, terão bons auxilios nesses papeis. O que elles e V. Exa. devem registrar é o que ahí encontrarem de louvor exagerado para mim" Traz ainda a carta em questão este *post scriptum*, assaz curioso, e não deixarei passar a oportunidade para aqui registá-lo. "Em 1860 queimei todos os papeis que possuia, resolvendo sahir de Portugal. Nesse incendio perdeu-se uma correspondencia que tive com Herculano em 1856 a 1859. Esse illustre e exquisito homem rompeu comigo as suas relações quando ao seu honrado pudor

#### ANTERO DE FIGUEIREDO

Na sua sessão de 3 do corrente, a Academia Brasileira de Lettras prestou uma significativa homenagem ao illustre escriptor portuguez, Sr. Antero de Figueiredo, elegendo-o seu socio correspondente, na secção portugueza, em substituição a Theophilo Braga. E' o autor de *Leonor Telles* um nome tão conhecido e admirado no nosso paiz, que se torna desnecessario ajuntar quaesquer referencias a essa nota, em que registamos o gesto da Academia de Lettras, para quem são as nossas felicitações, não só pelo acerto da escolha, como por ter vinculado por mais esse laço o illustre e poderoso escriptor á mentalidade brasileira. Ainda ha pouco tivemos ensejo de publicar um estudo sobre a sua personalidade litteraria, da autoria de nosso Director, no qual o perfil de Antero de Figueiredo é debuxado com firmeza e segurança, permitindo aos leitores um conhecimento exacto de sua obra e dos seus admiraveis valores. Em Portugal é considerado como uma das mais altas expressões intellectuaes modernas e, nessa qualidade, vem com muita justiça, succeder o grande Theophilo Braga.

chegou a noticia de que estava processado por adulterio! Os seus biographos ignoram esta virtude, digna de Fr. Antonio das Chagas e do Conselheiro Viale." Tal é o thesouro, preciosissimo e unico, que veio parar ás mãos do nosso amigo Sr. Garcia Saraiva, já agora nababesco camilista, perturbando o somno dos menos aquinhoados colleccionadores de obras e reliquias do insigne prosador. Quanto á outra colleccão de autographos de Camillo, existente no Brasil, compõe-se de perto de 40 cartas do romancista, mais da metade ineditas, e entre estas varias endereçadas ao poeta Faustino Xavier de Novaes, e outras já publicadas por Silva Pinto. A proposito, sabemos que se encontram no Rio de Janeiro os originaes do *Anathema* na posse dos quaes está conceituado negociante, e bem assim fomos informados de que foram recentemente offerecidos particularmente á venda os manuscritos do famoso romance

*Amor de perdição* pelo preço de libras 1.000 ou sejam 40:000\$ brasileiros. As colleccões camilianistas do Brasil cada dia se enriquecem, máo grado as cotações elevadas, e para varias especies não justificadas, a que atingem os livros, opusculos e impressos do celebrado autor. As vezes o alto custo da obra é provocada exclusivamente pela vulgar ambição de colleccionadores endinheirados aliada á ausencia de escrupulo do livreiro. Neste sentido poderíamos citar alguns exemplos documentando a parvoice blasonada de um amator retardatario.

#### Archivo literario

Delfim Guimarães, nome vantajosamente conhecido no Brasil, principalmente por sua interessante monographia ácerca de "Bernardim Ribeiro e o poeta Crisfal", tão controvertido, dirige e redige desde algum tempo o "Archivo Literario" A publicação está no terceiro tomo e apparece em Lisboa, editorada pela Livraria Guimarães & C. Traz sempre copiosa docommentação, commentarios e notas concernentes á historia litteraria portugueza antiga e moderna, e mais de um problema de erudição tem sido tratado ou agitado pelo seu director, com competencia, probidade e abundancia de factos. Para aquilatar-se da importancia da revista, basta ver a relação de alguns estudos insertos nos citados tomos, publicados, o primeiro no ultimo trimestre de 1922 e os outros dous no primeiro e segundo trimestres de 1923. No summario do unico fasciculo de 1922, figuram, entre outras cousas, *Um escandalo na corte no seculo XVII, Notas á margem dos "Novos estudos sobre Sá de Miranda" de Dona Carolina Michaelis, Diogo Bernardes e Agostinho Pimenta, Um romance apocripho attribuido a Bernardim Ribeiro, Os Tavoras na obra de Diogo Bernardes, "As Sentenças" de D. Francisco de Portugal e Frei Thomaz de Sousa. No tomo II, encontram-se O poeta da "Lyra Meridional", A data do nascimento de Sá de Miranda, No seio da Virgem-Mãe, Em prol de Bernardim Ribeiro, etc. No terceiro, destacam-se os seguintes artigos: Um livro de Theophilo Braga annotado por Camillo, Raul Soares e a lenda do Crisfal, Autos de Gil Vicente, O condestavel D. Pedro de Portugal e Lições de Castilho. O estudo intitulado Raul Soares e a lenda Crisfal, que será transcripto nesta revista, quando concluida a sua publicação, é trabalho que muito se recommenda pela sabia argumentação do autor, que defende a thèse contraria á que empresta existencia real a Christovam Falcão como poeta e autor da encantadora egloga chamada "Crisfal" e affirma que Christovam Falcão é Bernardim Ribeiro. Se a monographia de Delfim Guimarães sobre o assumpto é trabalho que honra a erudição portugueza, o referido artigo, embora não estampe facto novo que melhor esclareça o problema, reforça os argumentos anteriores e desfaz as objecções do contradictor brasileiro. Aos novos eruditos criticos e escriptores recommendamos o *Archivo Literario* de Delfim Guimarães, merecedor que é da estima e do apreço de quantos amam as boas letras.*

## LUSITANIA

Sob o patrocínio de D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, nome que dispensa referências, porque encarna uma das mais formosas reputações de erudita da península, appareceu em Lisboa a revista de estudos portugueses *Lusitania*. A iniciativa é de um grupo de conhecidos intellectuaes a cuja frente se encontra Afonso Lopes-Vieira, que, como poeta, rejuvenesceu o lirismo lusitano e, como escritor, orienta a consciencia nacional para as fontes tradicionalistas da historia, da politica e do pensamento que crearam a patria de Nunalvares, D. Henrique, D. João III, Gil Vicente, Camões e Garrett. Traçado em poucas linhas, breves mas energicas e expressivas, é o programma illuminado pela fé invicta no soberbo destino de Portugal, que renasce ao lampejo da intelligencia moça, vigorosa e destemida das gerações actuaes. "Aspira a *Lusitania* a ser um órgão da nossa cultura, pôsto ao serviço da Reconstrucção Nacional. Órgão independente, empresa espirital — pois nem sequer tem a Revista outro editor que não seja a sua própria redacção — vem esta publicação enquadrar-se no grande movimento de recreiação do Espirito da Pátria, para o servir com sinceridade pura, isenção honrada e fé ardente na verdade imortal e pairante sobre o mediocre, o contingente e o provisório. Amamos e queremos servir a Terra Lusa em todas as irradiações da sua alma avoenga e contemporanea. Eis o nosso programa. Condensaremos, indo buscá-lo fóra de Portugal, o tão importante (e tão desconhecido do público) movimento de Estudos lusófilos, cuja bibliografia achará nesta Revista o seu verdadeiro lar. Iremos arquivando e desenvolvendo o patrimônio da Cultura nacional, integrando-o, com seu carácter próprio, no da Cultura universal, de que êle foi tão decisivo elemento na civilização e na beleza do mundo. Com êste fim, pediremos a todos os valores autênticos da sociedade mental portuguesa que nos ajudem em nosso trabalho. Mas jamais mediremos o valor de cada um pela cotação official que o decorar no Estado. Desejamos em as nossas páginas todos os escriptores novos que revelarem antídotes de construcção. Na secção bibliográfica, a que daremos a mais larga e cuidadosa atenção, permitimo-nos fazer referencia apenas ás obras que interessarem ao plano literário, artistico e scientifico da nossa Revista. Queremos comunicar com o espirito do mundo; mas, por vastos motivos de intelligência e sentimento, elegemos por mais próximos e mais caros aos fins do nosso trabalho o Brasil — filho grandioso e gentilissimo da acção de Portugal — e a Espanha, nossa irmã peninsular. E ao depor nas mãos do Leitor o primeiro fasciculo da *Lusitania*, rogar-lhe-hemos que atenda com amorável cuidado ao animo que nos inspira, nos guarda e nos norteia." Ha tanta flamma, tanto fervor e tanto orgulho nestes periodos rutilantes que vale esse programma por um canto de esperanza, um poema de renascimento ou um hymno de alleluia. Nelle transparece, com a ansia de lutar e a paixão de epopéas ardentes, um ideal integralmente luso. Summula das aspirações da raça neste turvo periodo

da historia universal, *Lusitania* assignala o começo de um movimento de altissima belleza, que será fecundo e decisivo para a idealidade portuguesa.

## O CENTENARIO DE CAMILLO

Será dignamente celebrado no anno de 1926 em Portugal o primeiro centenario do nascimento de Camillo Castello Branco. Para esse fim, acaba de constituir-se em Lisboa uma commissão composta de homens de letras, jornalistas e notabilidades politicas. Ficou decidido que seria erigido um monumento á memoria do grande romancista, publicada uma edição popular das suas obras e or-

## OS MEUS LIVROS

Digo dos meus livros o que um pai diria dos seus filhos: gosto de todos; uns são mais intelligentes do que os outros, mas não tenho especial estima por qualquer. De resto os meus 150 volumes obedecem todos a um plano geral... a obra meditada e laboriosamente executada. Foram publicados, por acasos... Um dia o livreiro Moraes comprou em leilão da alfandega, muito baratos, quatro fardos de papel que tinham cahido ao Tejo; publiquei a "Introduccção á historia da litteratura portugueza"; noutra occasião houve uma crise de trabalho na industria typographica e os typographos não tinham que fazer: publiquei o "Sá de Miranda" e depois "O Gil Vicente". De 1870 a 1873, publiquei 14 volumes, porque Camillo inventara os livreiros editores e alguns delles, para se tornarem conhecidos, queriam publicar coisas. Só assim, por casualidade, se explica que eu pudesse publicar 150 volumes e mais de 50 folhetos, num meio accessivel apenas a obras pornographicas, a manuaes de civilidade e a cartilhas religiosas. Esses livros todos, embora de especialidades diferentes, obedecem a um plano e constituem uma obra. Posso dizer que estou contente com a minha velhice. A velhice não é a idade da decadencia, mas a da sublimação. Na minha idade, perdidos os impulsos de rapaz a gente pacifica-se e as intrigas já não molestam. E' uma idade nova, esta. E tem a vantagem de dar alegria; lembre-se você do velho Anachreonte e de Sophocles, que aos 80 annos representou a sua "Electra"

THEOPHILO BRAGA.

ganizada uma *Anthologia Camiliana*. No Brasil os admiradores do autor do *Amor de Perdição* não deixarão passar despercebida a data gloriosa.

## Iberismo

Lemos no *Diario de Noticias*, de Lisboa, uma interessante chronica que lhe enviou o seu correspondente de Pariz, Sr. Jorge Guerner, sobre o livro de Albert Mousset, agora apparecido na capital franceza, intitulado — *A Espanha na Política Mundial*,

em que o seu autor estuda a politica espanhola de 1873, quando se fez a restauração dos Bourbons até nossos dias. Dessa correspondencia extrahimos o seguinte trecho, sobre as relações luso-hespanholas e o iberismo:

"A parte referente ás relações hispano-portuguezas, na qual o autor teve o ensejo de citar algumas das importantes declarações do Rei de Espanha ao director deste jornal, é redigida com evidente conhecimento de causa e um sentimento justo das realidades e das possibilidades. Referindo-se a certas manifestações de "iberismo", produzidas durante a guerra em certa imprensa e em certos meios politicos hespanhóes, o Sr. Albert Mousset escreve:

"No fundo, o iberismo peccava mais ainda pela sua definição que pela sua subordinação arbitraria e circumstancial aos interesses allemães. Era uma utopia doutrinal sem valor pratico nem applicação concreta. Inspirava-se para alguns numa especie de imperialismo sentimental, em que sobreviria a velha lenda espanhola que prediz a unidade da Península sob a hegemonia de Castella. Para outros baseava-se nesse "nacionalismo geographico" em virtude do qual um espanhol que lance os olhos sobre uma carta se alarma ao ver a fronteira portugueza cortar perpendicularmente as grandes vias de communicacção fluv'aes do seu paiz. Mas essa inquietação é antes de ordem economica e não solicita uma intervenção politico-militar.

O publicista francez entende que para que uma collaboração economica seja possível entre os dous paizes peninsulares, é preciso que elles aprendam a conhecer-se melhor reciprocamente. E' preciso, sobretudo, e antes de tudo, segundo elle, "desenraizar as desconfianças instinctivas do lado de Portugal e as ambições desmedidas do lado da Espanha."

Esse, aliás, é o ponto de vista da mentalidade dos dous paizes, empenhada agora, mais do que nunca, num entendimento cordial, destinado a produzir os melhores e mais fecundos resultados.

E de C.



## BREVEAMENTE

## HISTORIA DA MUSICA BRASILEIRA

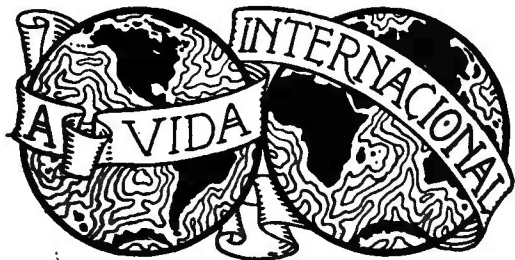
DE RENATO ALMEIDA

Editor: ALVARO PINTO

ANUARIO DO BRASIL



# REPERTÓRIO



## Uma doutrina de Nordmann sobre os continentes

O professor Charles Nordmann, cujo nome se tornou conhecido pela sua recente obra de divulgação da theoria de Einstein, teria fundamentado uma nova doutrina geologica, pela qual os continentes seriam massas fluctuantes. E' o que nos informa o communicado do Sr. O'Brien, na United Press. Diz elle: "A terra firme, como nós chamamos aos cinco continentes de que se compõe o nosso planeta, vai-se tornando uma palavra vã, pois ha nella quasi tão pouca firmeza quanto nas ondas revoltas dos sete mares que se quebram contra as suas costas. E' isso o que nos diz o professor Charles Nordmann, eminente astrônomo e geologista da Universidade de Pariz. Anuncia o professor Nordmann que as recentes tempestades e furacões no Atlantico reflectiram-se nos scismographicos do observatorio do Parc Saint-Maur como se fossem tremores de terra. Conclue elle dahi que a tremenda força das vagas faz estremecer a parte occidental do continente europeu, de forma tão apreciavel, que os seus effeitos são sentidos a centenas de milhas. Os continentes, segundo recentes theorias que o professor Nordmann examina, não constituem massas immoveis, ao contrario, são de certo modo fluctuantes sobre um stractum inferior, mais espesso do que a crosta terrestre. Esse stractum é o que constitue o leito dos oceanos. Torna-se assim possivel que a formidavel força dos mares possa fazel-os mover, embora ligeiramente. Modernos geologistas affirmam que os continentes, ha alguns milhões de annos, eram todos ligados. Basta olhar para o mappa-mundi, dizem elles, para se verificar este facto; os contornos da Europa occidental, por exemplo, ajustam-se exactamente aos da costa da America no Atlantico. Elles encaram mesmo a hypothese da "desapparecida Atlantis", que outr'ora teria formado o traço de união entre o Velho e o Novo Mundo, como uma hypothese perfeitamente scientifica."

## A questão romana

Ao que se annuncia, vão sendo feitas as primeiras tentativas para resolver a velha pendencia entre o Governo italiano e o Vaticano, resultante de incorporação á Italia dos estados pontificios, em 1871, por occasião da unificação da península num só reino. Desde então o Pontifice se considerou prisioneiro do Vaticano, voluntario já se vê, pois a chamada lei das garantias o reconhece como soberano, cujas honras lhe seriam tributadas, se atravessasse o territorio italiano, além de que é tambem reconhecida a extra-territorialidade do Vaticano. As nações evitaram to-

niar conhecimento da questão, que permaneceu aberta. Até Pio X nenhum passo foi tentado para resolver o *statu-quo*, mas Bento XV iniciou uma politica de aproximação, bem recebida e secundada pelo Quirinal. Quando a 6 de Fevereiro de 1922, o cardeal Ratti foi eleito Papa, pela primeira vez, depois de 1871, vem abençoar o mundo *Arbe et Orbi* da loggia central do frontespicio de S. Pedro. Quando S. S. appareceu, as tropas italianas, formadas em frente da Basilica apresentaram armas, em honras do Soberano. A repercussão desse gesto, mesmo no Vaticano, foi muito profunda, e desde então as possibilidades de resolver a pendencia passaram a um plano de cogitações mais immediatas. Com o advento do Governo fascistas, sabe-se que Mussolini declara com muita sympathia essa possibilidade,



S. S. Pio XI

annunciando que a formula de accôrdo será a seguinte: o Governo italiano entregará á Santa Sé a collina vaticana nos seus limites naturaes e com todos os seus edificios, e construirá um grande palacio, destinado aos cardeaes. A Santa Sé, por sua vez, entregará ao Governo italiano todas as propriedades que possue na cidade de Roma e em que se acham alojados os cardeaes. A Liga das Nações garante a independencia do Papa, que será considerado como soberano independente, sendo concedido á Santa Sé o estatuto de Estado independente. Quanto as formulas é de crer que a discussão não tenha chegado ainda a esse periodo, mas o certo é que a idéa de solução do clero entrou decisivamente nas cogitações dos dous Governos: o pontificio e o italiano, sendo de crer que cheguem a termo feliz. E assim, mais

uma vez, a prophesia de São Malaquias, em 1590, se confirmará, realizando o pontificado de Pio XI a sua definição lapidaria *Fides intrepida*, succedendo á *Religio depopulata*, do seu antecessor.

## Os maiores geradores hydro-electricos

O salto de Niagara, a mais celebre fonte particular de força hydro-electrica, nos Estados Unidos, aumentará ainda mais a sua transformação de energia electrica, por meio de dous gigantes geradores, os maiores fabricados até hoje, e que serão installados no lado americano do grande salto, produzindo cada um 87.000 H. P., ou seja uma energia equivalente á força muscular de 375.000 homens. Cada gerador pesará 700 toneladas e terá uma altura de 35 pés e terá um diametro tambem de 35 pés, o que os faz os maiores do mundo, tanto em tamanho, quanto em capacidade. Calcula-se que, com os novos geradores, a força produzida no Estado de Nova York seja de 4.2 milhões, contra 1.3 de milhão que tem sido produzidos. Os 4.2 milhões de H. P. a produzir, de energia hydro-electrica, em sendo produzidos, economizariam 40 milhões de toneladas de carvão mineral, ou seja mais do que o necessario para accionar todas as industrias, emprezas e ferro-carris, de sorte que o carvão se usaria apenas para aquecer as casas. Além disso, essa economia, deixaria para outros fins 500 toneladas e 15.000 wagons, destinados actualmente ao transporte de carvão e mais de 400 milhões de dollars de material ferro-viario. O custo mais reduzido de energia hydro-electrica economizaria por anno 140 milhões de dollars.

## Exposição do Imperio Britannico

Em dias do corrente mez, no Wembley Park de Londres, será inaugurada a Exposição do Imperio Britannico, que mostrará ao mundo todo o esforço, toda a grandeza e toda a magestade dessa grande sociedade de nações livres, que, sob a corôa de S. M. o Rei da Inglaterra constitue o maior imperio do mundo. Nesse certamen, haverá como que uma demonstração collectiva de todas as possibilidades britannicas, nas multiplas variedades de acção, de terras diversas, em todos os continentes, sob todos os climas, de innumeras raças. Será, de certo modo, uma manifestação visivel do que significa o Imperio, com as suas gentes varias, todas livres, vivendo numa larga cooperação, para a maior grandeza collectiva. Essa é que se exhibirá, em toda a propulsão de suas industrias e de seu commercio, realizando o formidavel poder economico britannico, alicerce de seu prestigio universal. A idéa dessa Exposição foi proposta em 1913 pelo fallecido Lord Strathcona e se a guerra impedia a sua realização a seguir, o plano não ficou em olvido. Em 1919, voltou o assumpto á ordem do dia e o *Board of Trade* o aprovou, e S. M. o Rei houve por bem tornar-se o Patrono da idéa. Não tardou que o gabinete, pelos R. H. Visconde Miller, secretario das Colonias, e Sir Robert Horne, presidente do *Board of Trade*, tambem a adoptasse. Por fim, por proposta de Hon. Thomas

Walt, quando Theoureiro da União da Australia, apontado pelo Hon. Sir George Perley, Alto Commissario do Canada, ficou resolvido, numa reunião na Mansion House, sob a presidencia de R. H. Lord Mayor de Londres, aceitar inteiramente o projecto de uma Grande Exposição em Londres, para propulsão commercial do Imperio, dando-lhe todo o apoio possível. Em 23 de Dezembro de 1923, um acto especial do Parlamento autorizou o Governo de S. M. a contribuir para a Exposição, sendo então feito o convite official aos dominios pelo Ministerio das Colonias e, por proposta do Alto Commissario da India, foi escolhido este anno para a sua realização. A Exposição que, como dissemos, será num dos mais bellos parques de Londres, no Wembley Park, terá varios pavilhões, salientando-se o Pavilhão do Governo Britannico, onde serão expostos os varios serviços officiaes e semi-officiaes, nos diversos ramos de actividade governamental. Os dominios coloniaes e dependencias do Imperio se representam por varios pavilhões, muitos delles em eslylos locais, dando um aspecto curioso e singular ao Grande certamen. Haverá ainda palacios para exhibições especiaes, salientando-se o da Engenharia, onde todos os seus progressos industriaes são expostos, em electricidade, viação, construcções navaes, mecanica, e o das Industrias, que merece especial referencia. Nessa exposição figura todo o esforço prodigioso da manufactura brillannica e se subdividem em varias secções; industrias chimicas, de fiação, textis, relojoaria e cutelaria, instrumentos de musica, de sciencia, de sapatos, chapéos, etc., ao todo 22 secções. Haverá ainda o modelo de uma mina de carvão, para dar uma idéa, incompleta embora, dos problemas da industria carbonifera e do seu extraordinario progresso, secções especiaes de agricultura, de arte, um grande stadium para 125.000 pessoas, parque de diversões, jardins, etc., tudo, porém, com referencias definidas ao progresso e desenvolvimento do Imperio. Destarte, a "British Empire Exhibition" que se realizará em Londres, em Abril a Outubro deste anno, será o espelho vivo de toda a grandeza e de todo o futuro do Imperio Britannico, na sua vertiginosa ascensão.

### O socialismo

Para demonstrar o progresso socialista na Europa, que parece o pensamento dominante na politica do velho Continente, foi feita uma estatística dos deputados socialistas nos varios parlamentos e a percentagem que representam. É preciso recordar que, em 1900, no parlamento inglez só se sentaram 9 trabalhistas e hoje o Governo é trabalhista, na Alemanha estavam, longe do poder, de que dispõem agora, enfim, que era minguada a sua representação, no entretanto em nossos dias é a seguinte:

PAIZES:	Dep.	%
Austria	67	40.2
Belgica	68	36.6
Tcheco-Slovaquia	82	28.
Dinamarca	48	32.
Inglaterra	192	40.
França	50	8.6
Italia	41	7.7
Hollanda	20	20.
Hungria	25	10.2
Polonia	41	10.
Noruega	8	5.3
Suecia	93	40.4
Suissa	43	21.7

Embora o numero de socialistas declarados na Camara franceza não tenha augmentado desde o começo do seculo, não deve ser esquecido que, além do partido socialista official, ha 48 membros, que constituem os grupos radical e radical-

socialista, 30 do grupo socialista republicano e 15 communistas, o que eleva a 179 a representação socialista, designando-se com isso todos aquelles que pretendem uma modificação mais ou menos radical do regimen capitalista da sociedade.

### O Presidente Ebert

Friedrich Ebert, a quem o destino confiou a suprema direcção dos negocios de Alemanha, depois da revolução triumphante de 9 de Novembro de 1918 e que foi eleito seu presidente em 11 de Fevereiro de 1919 até 1925, se não é uma figura empolgante, ou um estadista de meritos notaveis, tem tido a sabedoria de comprehender a situação de extrema difficuldades do seu paiz, ao meio das dissidias parlamentares e dos tempestades revolucionarias, orientando-a com prudencia e calma e isolando a sua autoridade suprema da enxurrada de tantas paixões delirantes. Não é um guia da nação, mas é um vigilante attento, procurando accommodar as situações, aplinar as difficuldades, resolver os embarços. Tem assim evitado maiores perturbações e seguido "uma politica honesta de conciliação".



Presidente Ebert

como definiu a sua acção o Dr. T. Heuss. Filiado ao partido social democrata, em 1905, foi feito membro da Comissão executiva desse partido, que, em 1912, o elegeu ao Reichstag, onde a sua acção sempre se caracterizou por uma grande moderação, mesmo durante a guerra, na qual perdeu dous filhos, dos v que nella combateram. Quando foi da revolução de Novembro de 1918, que derrubou a monarchia, Ebert aceitou a responsabilidade do poder, que lhe entregou o ultimo chanceler de Guilherme II, o principe Max de Baden, tendo merecido a confiança do povo, para ser o presidente da Republica, através do voto do Reichstag, que prorrogou, contra a sua vontade, o mandato até 1925. Pela constituição do Reich, o presidente deve ser eleito por suffragio directo, mas Ebert o foi pelo Reichstag, para evitar a exaltação popular, neste periodo de agitações, com uma campanha presidencial. O presidente Friderich Ebert nasceu a 4 de Fevereiro de 1871, filho de um artista de Heidelberg e conta portanto 53 annos.

### A radiotelephonia

A radiotelegraphia, nos Estados Unidos, já tem um capital investido superior a um bilhão de dollars. As 75 casas que produzem aparelhos e pertencem radiotelephonicos, têm um capital de cerca de \$ 1.900.000.000. Segundo as principaes autoridades da industria, mais de 100.000.000 de dollars foram investidos, de dous annos a esta parte, em construir aparelhos transmissores. Ha 600 estações transmissoras, gastando \$ 30.000.000 por anno, para uso da nação. Calcula-se que o publico gastasse, na compra de 3 milhões de receptores, \$ 100.000.000. A venda de petrechos para o fabrico de aparelhos feitos em casa é tambem um factor consideravel, tornando-se impossivel uma estimativa, tal a quantidade e variedade. O progresso nos demais paizes não é menos assombroso. Estações transmissoras de grande potencia se installam em toda parte na Europa. No Extremo Oriente uma empresa americana está construindo uma estação na China destinada a comunicar-se com as estações de Radio Corporation da America, no Haiti e California.

### Um homem extraordinario

Cousa rara hoje em dia, mas realmente o Sr Syiid Cheikk Achmed Abdullah Nadir Khan el-Iddrissich el-Durani, desde o nome, é extraordinario! Nasceu em Kaboul (Afganistão) em 12 de Maio de 1881 do Calendario gregoriano. Meio madchu pela origem, official boxer, depois capitão no exercito inglez nas Indias, acabou a sua vida militar como major-general do exercito turco. É escriptor e Mme. Clémenceau-Jacquemaire acaba de traduzir para o francez *The honourable gentleman and other*. Actualmente está em Nova York, onde fez representar, em 1921, o *Grand-Duc* de Sacha Guitry, que adoptou em collaboração com Lionel Atwill e prepara para o grande producer David Belasco uma peça, na qual o mar terá o principal papel. Em francez escreveu *Chansons couleur puce* (1900) e, no mesmo anno, uma peça *La carotte* representada em Pariz. Esse homem surpreendente tem 42 annos e ainda poderá nos espantar muito.

### Os maiores judeus

A *Jewish Tribune*, de Nova York, fez um inquerito para saber quaes os doze judeus contemporaneos mais eminentes e o resultado, pelos votos de seus leitores, foi o seguinte:

*Einstein*, (allemao) o maior physico do mundo, cujas theorias revolucionaram a Cosmologia; *Brandes*, (americano) (?) o grande critico literario; *Weizmann*, (inglez) o notavel chimico, chefe do movimento idealista do Sionismo; *Lord Reading* (inglez) adv gado de grande nomeada; *Marshall*, (americano), grande constitucionalista; *Braudels* (americano) Juiz da Corte Suprema; *Zangwill* (inglez), escriptor de alto merito e defensor da causa judia; *Nathan Straus* (americano) cujo nome de philanthrophi é assás conhecido; *Bergson* (francez) o maior philosopho contemporaneo; *Stephen Wise* (americano) rabino de reputação mundial; *Bialik* (russo) que faz reviver a antiga lingua do seu povo em poemas; *Schmitteter* (austriaco) um dos grandes escriptores modernos.

### Lenine

Na *Grande Revue*, Mme. Tatiana Alexinsky escreveu as suas impressões sobre Lenine e dellas extrahimos o seguinte: "Não tendo nunca visto Lenine de perto até a revolução de 1905, pois sempre viveu no estrangeiro, faziamos delle a idéa de um revolucionario "sans peur et sans reproche...". Assim, tive uma decepção ao vel-o, em 1906, num meeting nos arredores de Petersburg! Não foi somente a sua figura que me

impressionou desagradavelmente: calvo, coiu uma barba amarelada, maçãs mongoes e um olhar sem bondade, mas também a sua conducta durante o meeting. Quando se viu a cavallaria carregar a multidão e gritarem "Os cossacos!", Lenine foi o primeiro a fugir. Saltou por debaixo de uma barreira; seu chapeo côco cahiu, pondo a nu o seu craneo que suave e brilhava ao sol. Cahiu, levantou-se e continuou a correr... Experimentei um sentimento singular. Sabia muito bem que não tinha outra cousa a fazer senão salvar-se. Mas ainda assim... Penso em Baokounine e prefiro esquecer o meu primeiro encontro com Lenine." Outras anedoctas sobre Lenine revelam o seu caracter solitario e perfido, de uma grande firmeza, mas machiavelico.

#### Foch julgado por Henry Wilson

Lord Riddell que servio na Conferencia de Versalhes como intermediario entre Lloyd George e os jornalistas, acaba de publicar uma interessante opinião do general inglez Sir Henry Wilson sobre o marechal Foch. "Quasi todos os outros militares — diz Sir Wilson — procuram raciocinar até o fim. O proprio Foch raciocina até um certo ponto e ahi chegando mentalmente dá um salto, um salto que quasi sempre lhe é bem succedido. Foi o que fez numa das crises mais graves da guerra. Todos os outros chefes queriam seguir um certo plano e nós todos apoiavamos nossas opiniões em argumentos. Foch era de parecer contrario; seguia a nossa argumentação até certo ponto, e então, mentalmente dava um salto. Nesse momento, teve a coragem e a determinação de conservar-se fiel á sua opinião e os acontecimentos lhe deram razão."

#### O processo Hitler-Ludendorff

Depois de longos debates, que se prolongaram por mais de um mez, a Côte de Justiça de Munich proferiu o seu *verdictum*, no processo movido contra os "leaders" do movimento sedicioso da Baviera, de 8 de Novembro de 1923, a cuja frente estavam o Capitão Adolf Hitler e o feld-Marechal Eric von



Eric von Ludendorff

Ludendorff. Como se sabe, aquelle foi condemnado a cinco annos de prisão, e este declarado "não culpado", absolvido portanto, sendo os demais cumplices condemnados a penas menores. São conhecidos os pormenores do processo, através dos telegrammas, mas vamos dar o resumo do interrogatorio de Ludendorff perante a Côte Suprema, cujo pre-

sidente se dirigiu ao Marechal, sentado entre os réos, nestes termos:

"Posso solicitar-lhe a exposição da sua attitude no curso dessa questão?" Respondeu Ludendorff: "Fui levado á tentativa de 21 de Outubro, quando soube que o Estado bavaro obrigara juramento á Reichswehr, acto em que vi uma mutilação e uma violencia á Constituição. Posto não seja partidario da Constituição de Weiner, devo fazer essa declaração. Envelheci sob o peso da guerra e amo o povo. Ao que me parece, a decadencia do meu paiz e as desgraças sobrevindas ao meu Imperador e á familia Wittelsbach não são imputaveis ás violencias externas, mas á propria Allemanha. Sou inimigo do maxismo e do communismo; o judeu não pôde comprehender o que temos no coração e o povo não deve esperar delle a liberdade; é por isso que sou contra os judeus"

Se Ludendorff é antisemista, não sympathisa tampouco com os ultramontanos. Verificou, depois da guerra, que eram devidas, em grande parte, á politica do centro, as perdas territoriaes da Allemanha. Em 1918, a Baviera queria concluir uma paz em separado. Ludendorff entrou em relações com Von Kahr. Em 1920, cogitava-se nos meios de Von Kahr da questão da incorporação da Austria, sem a Baixa-Austria e Vienna á Confederação allemã, e Ludendorff combatu essa idéa como anti-allemã, porque os catholicos teriam então preponderancia na Allemanha e a Prussia protestante seria sacrificada. Mostrou-se irritado com o Papa, a proposito do discurso de S. S. na canonisação de Joana d'Arc.

"Para mim, Ludendorff, — concluiu o famoso cabo de guerra — os meios dirigentes do partido popular bavaro faziam uma politica que desviava a Allemanha do seu verdadeiro caminho"

Embora absolvido, por sentença cujas razões politicas parecem prevalecer sobre as judiciais, Ludendorff, ao que consta, será convidado a abandonar o territorio bavaro.

#### Bibliotheca Ibero-Americana

Inaugura-se em Washington a "Bibliotheca Ibero-Americana", na Universidade Catholica dessa capital, constante de 40.000 volumes e folhetos, e que foi offerecida a esse Instituto pelo Sr. Oliveira Lima, escriptor e diplomata brasileiro. A entrega dessa valiosa bibliotheca revestiu-se de grande solemnidade, tendo o Sr. Oliveira Lima, ao offertal-a, explicado a sua significação, pois "não está destinada a ser uma necropole de livros velhos, muitos delles embora raros e valiosos. Estabelecerá relações com os centros de cultura da America Latina, afin de obter novas publicações e assim permittir aos leitores uma vista contemporanea do seu movimento intellectual. Pretendo dedicar-lhe, bem como á minha cadeira, o melhor da minha experiencia e da minha diligencia." Agradecendo a bibliotheca, o Reitor da Universidade, o Bispo Shahon, abundou nas mesmas considerações dizendo que a ella "nenhuma outra ultrapassa para o fim do conhecimento do grande continente franqueado aos filhos da velha Europa pela fé de Colombo e pela generosidade de Isabel, elles (a Sra. e o Sr. Oliveira Lima) decidiram presentear a Universidade Catholica da America como um eloquente e permanente penhor da boa vontade do mundo ibero-americano para com os Estados Unidos da America. E' na verdade um singular privilegio assistir ao nascimento de uma instituição pacifica e humanizadora que pertence, justamente com o Christo dos Andes, o Canal do Panamá e as novas conquistas do espaço ao numero das mais beneficas agencias de paz no Novo Mundo." Não podemos deixar de registrar com muita sympathia

esse gesto do Sr. Oliveira Lima, com a collaboração valiosa da Sra. Oliveira Lima, que virá facilitar o desenvolvimento das relações intellectuaes da America latina com a grande Republica do Norte, exactamente aquelles em que ha mais por fazer. O Sr. Oliveira Lima, ao que sabemos, afim de ampliar a sua acção nesse sentido, pretende fundar uma cadeira de lingua portugueza e varias bolsas para facilitar o estudo do nosso idioma nos Estados Unidos, com o que terá acrescidos os beneficios que vem prestando á cultura latino-americana

#### O gabinete francez

A queda inesperada do Gabinete Poincaré, em França, por uma questão de somenos, causou a mais viva impressão e a maior surpresa, pois nada indi-



Raymond Poincaré

cava que houvesse qualquer desapprovação nacional á politica energica do emittente estadista que, ainda agora, na baixa do franco, revelára uma firmeza de acção decisiva e victoriosa. Depois foram as cousas melhor explicadas. Haveria certa inhabilidade politica no Ministro das Finanças e a votação fóra tumultuaria. Destarte, o Presidente Millerand encarregou de novo, o Sr. Poincaré de organizar Gabinete, encontrando este o mais completo apoio na opinião publica, de que a imprensa foi interprete unanime. De novo no poder, o Sr. Raymond Poincaré proseguirá na sua obra de reconstrução da França, da qual tem sido infatigavel e convicto obreiro, sendo que, no novo Gabinete, mais consistente é o apoio politico, com a entrada de elementos prestigiosos, como os Srs. Selves, Loucher e de Jouvenel.

#### Hugo Stinnes

O grande industrial, que falleceu na Allemanha, a 10 do corrente, com uma das maiores fortunas mundiaes, não atingiu essa prosperidade, como tantos outros, pelo acaso feliz, ou simplesmente por circunstancias propicias, mas por uma visão genial de negocios, e por uma capacidade vertiginosa de acção. O seu nome, de prestigio universal, era um symbolo de energia triumphante e, por isso mesmo, da sua pessoa muito se orgulhava a Allemanha, sobretudo na hora presente. Uma agencia telegraphica assim descreve a sua figura: grande, mas não alto. Erecto, mas não teso. Nem delgado, nem muito reforçado. Typo commum, na apparencia physionomica. Cabellos pretos e rentes. Barba espontada. Rosto palli-

do. Olhos pequenos, apertados e penetrantes. Mobil. Astuto. Sem grande profundidade. Firme em pontos de honra. A primeira vista, causava boa impressão. Não era orador. Elocução lenta, arrastada e balbuciante. Quando falava, entretanto, suas palavras significavam alguma coisa. Observador agudo. Considerava tudo como relativo. Interesses: seu trabalho, seus trabalhadores, sua patria e sua fortuna. Resoluto. Sua palavra era lei entre seus colegas e directores.

Hugo Stinnes nasceu no anno de 1870, a 12 de fevereiro, em Mulheim, no Rhur, filho do negociante Hugo Stinnes e de Adeline Coupierne Stinnes. Elle foi o mais frio obstinado calculador dos homens da Allemanha — o homem que reduzia o valor de todas as coisas a ouro, a serviço, a produção, a força, a fim politico. Estudou no gymnasium real e terminou o seu curso sem embaraços. Recebido o grão em 1888, seguiu para Coblenza, afim de praticar no commercio com Karl Saeter, mas pouco se demorou ali, por se ter depressa aborrecido com a iniciação. Durante alguns mezes, trabalhou como mineiro, no desejo de conhecer praticamente todos os aspectos da industria do carvão. Em 1889 matriculou-se na Acaademia de minas de Berlim. Em 1890 entrou para a firma commercial de seu avô, Mathias Stinnes, na qual a sua mãe havia conservado uma quinta parte. Hugo Stinnes mal demorou ali dois annos, resolvendo, então, fundar a sua propria casa, com o capital de 50.000 marcos. Contava nessa época 23 annos de idade.

Sua prosperidade foi phenomenal. Estendendo o seu primitivo campo de actividade, não tardou a adquirir mais carvão, mais companhias distribuidoras de carvão, jornaes, fabricas de tijolos, fazendo a aquisição de navios para a navegação interna e oceanicas. Antes da guerra, sua fortuna já havia attingido a 40.000.000 de marcos. Seu poder era uma coisa formidavel. Os membros do gabinete faziam-lhe confidencias. E o seu poder foi augmentando. Stinnes comprava para si tudo que lhe parecesse assegurar-lhe lucros compensadores. Hoteis, empresas de electricidade, todas as modalidades de industria caíram sob o seu contróle.

No correr da guerra as empresas de Stinnes expandiram-se com redobrado vigor. Dispondo de materiaes absolutamente indispensaveis ao exito da continuação da luta, Stinnes empolgou na esphera financeira e industrial da Allemanha. Stinnes passou á situação de personagem frequente no conselho confidencial do seu governo. Stinnes advogou a importação na Allemanha de trabalhadores belgas durante a guerra — medida esta que foi recebida com grande hostilidade pelos alliados. Sua fortuna cada vez mais avultava. Grande parte do seu dinheiro era collocada em banhos neutros, fugindo assim aos impostos sobre lucros de guerra.

Nos dias da revolução que poz por terra o governo monarchico Stinnes manteve-se quieto, deixando que passasse a tormenta. Quando as coisas voltaram á normalidade, elle se atirou de novo a prossecução da sua obra, comprando tudo quanto valia a pena. Diz-se que elle custeou sozinho toda a campanha de Volkspatei. Apresentado candidato, por esse partido, foi eleito para o Reichstag.

Stinnes representou a Allemanha na conferencia com os alliados em Spa, onde usou de linguagem franca demais contra a "entente" provocando essa sua attitude grande escandalo.

Em 1922 concluiu elle o famoso accordo Stinnes-Lubersac, para a reconstrução das regiões devastadas da França.



#### As conferencias da "Villa Kyrial"

O Sr. Freitas Valle, o brilhante escriptor e o magnifico poeta, que conhecemos sob o pseudonymo de Jacques d'Avray, continuará este anno, no encanto da "Villa Kyrial" que é um dos mais nobres centros intellectuaes de São Paulo, com aquelle grupo de artistas e escriptores que a frequentam, os seus ciclos de conferencias, devendo iniciarse em breve o de 1924, que será o quinto. Entre nós, se não faltam salões elegantes e mundanos, são ainda raros os que reúnem escriptores e artistas, como faz o Sr. Freitas Valle, em S. Paulo, que, na "Villa Kyrial", realiza todos os annos varias e suggestivas conferencias, com o melhor exito. No ciclo deste anno, falarão, entre outros, os Srs. Freitas Valle, Elysio de Carvalho, Mario de Andrade, Guilherme de Almeida, Martins Fontes e outros, o que garante o magnifico successo dessa nova série. Isso, aliás, reflete muito bem o alto espirito e a solida mentalidade do Sr. Freitas Valle, que conduz a vida como um estheta, cercando-a de belleza e de emoção. A "Villa Kyrial" é um exemplo formoso do seu temperamento de artista, desses artistas que dominam as coisas, gosando-as intensamente e transformando-as na sua esthesia. Nesse centro de espiritualidade é que o Sr. Freitas Valle reúne numerosos intellectuaes, para conferencias, leituras e palestras, tornando a "Villa Kyrial" um ambiente privilegiado de intelligencia e sensibilidade.



Onestaldo de Pennafort—**PERFUME**—Ed. de Pimenta de Mello & C.—Rio — 1924. — Este livro de poemas é triste. O perfume das flores que o poeta colheu no seu jardim interior, traz o veneno da melancolia e quem o aspirar terá a alma inquieta numa sombra de saudade e de renuncia. Não conhece a felicidade...

"Felicidade! sonho azul da mocidade!  
Amphora cheia de perfumes de mil boc-  
cas,  
perfume cheio de caricias loucas,  
eu só conheço a tua irmã Saudade...  
Não foste feita para mim... Felicidade!"

Tambem o amor lhe parece uma ilusão e toda a vida enganosa, e tudo

Palavras, palavras e palavras...  
Algumas sem sentido, sem razão  
de ser; outras, allucinadas como as lavas  
de um vulcão...  
Mas sempre as mesmas... palavras...  
(Ouve o meu silencio...)"

Mas o poeta se compraz nessa illusão com estranha volupia e esse mysterio constante, que o atordoa, tambem o delicia, porque a Esperança, mesmo que se desengane, é sempre esperança... Por isso na sua melancolia ha invocações e vozes de desejo

"Olha: ha muito que o sol fugiu da  
scena...  
Alguem caminha para nós, alguem...  
Abre esse cofre magico que encerra  
O teu amor... porque o luar já vem..."

Será talvez a magia da arte que o consola e enleva, na sua exaltação e na sua ancia. A sua poesia não é feita daquelle complicado arsenal de imagens e deidades, artificiaes e gastas, com que certo parnasianismo de segunda mão faz entre nós continuas passeiadas de carnaval litterario, mas vem de uma emoção intensa e commovida diante das coisas, transformando-se em arte pelas vozes interiores e sinceras, sem recursos e sem virtuosismo. A poesia do Sr. Onestaldo de Pennafort, na sua simplicidade, tem o mais delieioso encanto, fazendo da arte uma libertação e não um instrumento complicado de fórmulas e de fórmulas, falso, inutil e infeundo.

B. Morales San Martin: **FIDELIDAD CONJUGAL**—Ed. Cervantes, Barcelona. Uma nova novela acaba de ser editada pela Editorial Cervantes, que constitue um optimo repertorio de boas letras, sendo a presente do escriptor e academico Bernardo Morales San Martin, na qual fixa com profunda intensidade dramatica um episodio da vida dos homens humildes e simples da povoação maritima de Valencia, na Hespanha. Livro que nos desperta a mais viva emoção.

Rosa Silvestre: **DIFFERENÇA DE RAÇAS** — Portugalia editora. Lisboa. 1923 — Escripito com graça, penetração e força, esse livro nos offerece uma litteratura interessante e nova, na elegancia de seu estylo, na factura dos dialogos e na sua architectura de romance, revelando a mão segura de sua autora. As figuras são marcadas com vigor e a fabulação permite a discussão das idéas nesse interessante estudo de psychologia humana.

Dr. Joaquim Felicio dos Santos: **MEMORIAS DO DISTRICTO DIAMANTINO** — Liv. Castilho, 1924 — Nessas memorias referentes á Comarca de Serro Frio, em Minas Geraes, precedido de um estudo biographico do autor pelo Dr. Nazareth Menezes, ha um admiravel repertorio de informações e notas sobre a conquista e exploração do ouro do Serro Frio, desde as primeiras bandeiras que desvendaram esse serro, nos fins do seculo XVII, através de toda série de perigos e tormentas, até a ruina da estação, no começo do seculo passado. Nesse alentado volume ha uma copia preciosa de documentação, do maximo interesse e constitue um esforço significativo para o levantamento da historia do Brasil, no periodo das minerações, que foi das maiores revelações da Terra.

Antonio Botto: **MOTIVOS DE BELLEZA** — Portugalia editora. Lisboa, 1923. — Neste livro se reúnem versos, uma peça de theatro, uma conferencia e outros trabalhos de Antonio Botto, que nos revelam o artista requintado e subtil, de uma extrema sensibilidade, cujos versos, segundo Teixeira de Paschaes, "são expressões sentidas de dôr e de amor perturbado até á loucura". Sobretudo poeta, um dos maiores poetas portuguezes, no conceito de Aquilino Ribeiro, toda a sua obra é feita de intensa poesia, numa exaltação continuada e vibrante.



*Directora: D. Carolina Michaelis de Vasconcellos*

*Secretarios: Affonso Lopes Vieira e Reynaldo dos Santos*

*Editor e Reductor gerente: Camara Reis*

*Assignaturas por series de 6 numeros:*

Portugal.....	60\$000	Brasil.....	80\$000
Ultramar.....	70\$000	Estrangeiro.....	£ 0.12

Numero avulso ..... 10\$00 Escudos

*Administração: Praça Luis de Camões, 462*

# BANCO ALLIANÇA

SÈDE NO PORTO

RIO DE JANEIRO

146, Rua do Rosario, 146

Caixa do Correio, 924

Telephones: Norte 3376 e Norte 6329

Saques sobre todos os paizes do mundo  
— Descontos — Operações bancarias  
em geral — Administração de  
propriedades — Cobrança de juros e  
dividendos — Inventarios —

Correspondentes em todo o territorio  
dos Estados Unidos do Brasil.

### DEPOSITOS

A' ordem. . . . . 4 % ao anno

### DEPOSITOS A PRAZO E LETRAS A PREMIO

A prazo de tres mezes.	4 1/2 % ao anno
A prazo de seis mezes.	5 1/2 % ao anno
A prazo de nove mezes.	6 % ao anno
A prazo de doze mezes.	6 1/2 % ao anno

# BANCO HYPOTHECARIO DO BRASIL

50 - AVENIDA RIO BRANCO - 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes  
á vista e a prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS

ACABA DE APPARECER:



1 VOL., COM CAPA COLORIDA, DE 279 PAGINAS

Brochado.....	5\$000
Encadernado.....	7\$000

Edição do "Annuario do Brasil"

Rua D. Manoel, 62 — Rio de Janeiro

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

# Banco Português do Brasil

CAPITAL.... RS. 50.000:000\$000

SÉDE: RIO DE JANEIRO



Contas Populares  
até Rs. 30:000\$000

Contas Limitadas  
até Rs. 10:000\$000

Juros de 4 %

Recebe também  
depósitos a prazo e com  
aviso prévio  
oferecendo as melhores  
taxas do mercado.

FILIAES EM S. PAULO E SANTOS

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal. 479

## 24, Rua da Candelaria, 24

RIO DE JANEIRO

# AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR: ELYSIO DE CARVALHO



LUIS DE

CAMÕES

DESENHO DE CORREIA DIAS

Anno III.

N. 34.

Outubro de 1924.

Preço 1\$000.

# AMERICA BRASILEIRA

RESENHA DA VIDA NACIONAL

Director: ELYSIO DE CARVALHO

Gerente: CARLOS RUBENS

## SUMMARIO DESTE NUMERO

O ENDEREÇO D' "OS LUSIADAS" .....	AFRANIO PEIXOTO
VENUS CAMONIANA .....	CELSO VIEIRA
OS LUSIADAS, PADRÃO DE CULTURA .....	J. M. GOMES RIBEIRO
UMA ESTANCIA DOS LUSIADAS .....	RAUL SOARES
CAMÕES, GENTIL GARÇÃO .....	ELYSIO DE CARVALHO
CAMÕES COMO HEROE .. .. .	TEIXEIRA SOARES
A LIBERTAÇÃO DA REALIDADE .....	RAMON GOMEZ DE LA SERNA
LAUREIS DE CAMÕES .....	(POESIAS)
SOBRE O "LIVRO DOS AMORES" .....	ALBERTO FARIA
FORMAÇÃO DOS LIMITES DO BRASIL .....	CAPISTRANO DE ABREU
UMA ESPECULAÇÃO DE LIVREIROS DE IMPORTANCIA INTERNACIONAL .....	ISAAC GOLDBERG
CARTA DA ITALIA .....	N. A.
SMETANA .....	REDACÇÃO
PORTUGALIA .....	REDACÇÃO
NOTAS E COMMENTARIOS .....	REDACÇÃO
REPERTORIO .....	REDACÇÃO
PORTUGALIA .....	REDACÇÃO.
NOTAS E COMMENTARIOS .....	REDACÇÃO.
REPERTORIO .....	REDACÇÃO.

## EXCERPTOS

DE

Joaquim Nabuco, Sylvio Romero, José Veríssimo, Miguel Lemos e  
Annibal Falcão

DESENHOS E PHOTOGRAPHIAS

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURA ANNUAL

Para o Brasil.	10\$000
Para o Exterior	12\$000

### VENDA AVULSA

Numero do mez .	1\$000
Numero atrasado .	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96, 3.º

OFFICINAS: Avenida Rio Branco, 117/21

Tel.: Norte 6011

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Caixa Postal, 1223



# AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

Gerente: CARLOS RUBENS

NUM. 34



RIO DE JANEIRO — OUTUBRO DE 1924



ANNO III

## O ENDEREÇO D' "OS LUSIADAS"

"Empurrar a porta aberta", de uma certeza, que ha tres seculos e meio se discute... quando a evidencia nos está desde muito, saltando aos olhos seria obra descuidosa, se tratar de novo o assumpto não nos permittisse estudar as razões "artísticas" e "éticas", de duas ou tres, das duas grandes injustiças d'Os Lusíadas... São os casos de Vasco da Gama, de Bartholomeu Dias e de Fernão de Magalhães.

Começam os Portuguezes sua vocação marítima. A fé leval-os-ia á terra de Infiéis, perseguidos até ahí, depois de expellidos da Peninsula:

*E assi não tendo a quem vencer na terra  
Vai cometer as ondas Oceano. (II 48.)*

E' D. João I:

*Este é o primeiro rei que se desterra. (II 48.)*

Ceuta é tomada em 1415; o infante D. Henrique armado cavalleiro na Mesquita moura, transformada em Igreja christan, recebe ahí a iniciação das noticias e fabulas, de terras a descobrir, na costa d'Africa, caminho talvez das Índias, e além dessa, da Africa occidental, para as bandas da Ethiopia, do lendario Preste João das Índias, cuja piedade seria arri-mo das pretensões possiveis dos Portuguezes: a Fé de D. João I teria duas filhas heroicas, na Ambição e na Curiosidade do Infante de Sagres.

Porto Santo foi descoberto em 1418; a ilha da Madeira em 1419. Em 1432, completava-se a descoberta do archipelago dos Açores. Em 1434, dobrava-se o Cabo Bojador. A malograda expedição de Tanger, em 1437, se arrefece o ardor militar de D. Henrique, não diminuiu em nada suas aspirações marítimas. Para diante!

Em 1443, é vingado o Cabo Branco. O Senegal alcançado em 45; em 47 o Rio Grande; em 48 a Serra Leoa. Em 56 é a vez das ilhas de Cabo Verde; em 62 é a Costa de Guiné. Quando, em 60, morre o Infante, a impulsão para o ainda desconhecido seria irreprimivel, pois 1.700 milhas geographicas, de Cabo Não, ao Cabo Mesurado, ficavam reveladas ao mundo. O sonho do caminho marítimo das Índias realizava-se...

Em 71 é a Costa da Mina; em 84 é o Zaire ou Congo; em 1486, finalmente, Bar-

tholomeu Dias, com duas pequenas caravellas, alcança o Oriente, sem o saber, em meio de uma tempestade, e, só tornado, descobre que passara a meta antártica do continêntê Africano que elle chamou o Cabo das Tormentas, e que Dom João II, que via mais longe, na aspiração, mudou em Cabo da Bôa Esperança.. Proseguiu o sonho Português e este era o seu momento capital.. Agora, achado o caminho, era só alcançar a India.

Camões que não esquece D. João I, como vimos, rende a sua homenagem a D. Henrique: a fama "nos mares o pubrique por seu descobridor" (VIII 39), tendo já falado das "novas ilhas", "e os novos ares que o generoso Henrique descobriu". (V. 4) De Bartholomeu Dias,



porém, nem mesmo o nome, nem a façanha. Apenas "a meta austrina da esperança bôa" (IX 16), uma metaphora para designar o limite sul da Boa Esperança, personificado anteriormente no Adamastor,

*Eu sou aquelle occulto e grande cabo  
A quem chamaeis vós outros Tormentorio  
(V. 50.)*

"Vós outros", os Portuguezes, como são elles a quem se refere, na ameaça:

*Aqui espero tomar se não me engano  
De quem me descobriu summa vingança (V.44)*

E ainda quando começam as novas terras descobertas pelo Gama, além das que ficariam atrás e foram o limite de Bartholomeu Dias, diz o Poeta, pelo navegador:

*Aquelle ilheu deixamos onde veio  
Outra armada primeira que buscava  
O Tormentorio Cabo, e descoberto  
Naquelle ilheu fez seu limite certo (V. 65.)*

"Outra armada anterior"... nós teriamos dito: a de Bartholomeu Dias. Com tendencia a individualizar o esforço colectivo, Camões não o fez, por um proposito não dissimulado em todo o seu poema, em que celebra aos Lusitanos ou Lusíadas, de preferencia a alguns delles, nominaes heroes dos feitos de todo um povo. Mas, não o fez aqui, principalmente pela mesma razão que tendo de cantar um grande feito marítimo, que havia de ser o episodio central de uma epopéa nacional, seria diminuir o interesse deste, commemorar individualmente os outros heroes marítimos, que o precederam e lhe preparam a gloria.

Por isso Gilianes, Affonso Gonçalves, Nuno Tristão, Alvaro Fernandes, Pedro de Cintra, Sueiro da Costa, Azambuja, Diogo Cão, Aveiro, Bartholomeu Dias... e outra e outros, não são mencionados, sequer sem que a injustiça se faça, pois que estão incluidos nesses Lusíadas, que se cantam desde os primeiros versos da epopéa. Representando em Adamastor o maior perigo natural da travessia, aberta a porta do Oriente com a transposição desse cabo de Bôa Esperança, ficaria ao Gama apenas o que ficou — acabar de realizar o sonho Português, de chegar, as Índias, partidos de Lishôa, os Lusíadas. Aliás, isso mesmo não dissimularia o Poeta, reduzindo o Gama ás proporções justas da Historia.

A injustiça relativa de Bartholomeu Dias parece-me, pois, obrigada por um recurso de arte, o de não diminuir o feito central do poema, o pretexto mesmo da epopéa, que essa celebraria apenas, e tudo, os Lusíadas.

O caso de Fernão de Magalhães não parece apenas isto, mas o de uma severidade patriótica: por omissão, Bartholomeu Dias; por demasiado rigor

*O Magalhães, no feito com verdade  
Português, porem não na lealdade (X. 140.)*

Camões compreendeu que a gloria Portuguesa não seria insensível dar a volta à terra, completando o periodo do mundo, ainda que não fosse mais que por este verso immortal):

*E se mais mundo houvera lá chegara* (IX 14.)

E compreendeu tanto, que não recuou diante de um anachronismo... Jupiter invocado por Venus, durante a viagem do Gama, em 1497, refere-se ao estreito de Magalhães, só descoberto em 1520:

*Que nunca se verá tão forte peito  
Do Gangetico mar ao Gaditano  
Nem das Boreais ondas ao estreito  
Que mostrou o aggravado Lusitano.* (II 55.)

Retenha-se esse "mostrou", passado, e esse "aggravado Lusitano", que é a mesma linguagem de Thetis, quando, desta vez, prophetiza:

*Mas é razão também que no Ponente  
De um Lusitano um feito inda vejas  
Que de seu rei mostrando-se aggravado  
Caminho ha de fazer nunca cuidado.* (X 138.)

Que a façanha era bem digna de Lusitadas está na insistencia:

*Ao longo desta costa que teréis*

(isto é, desta costa do Brasil, que será vossa, depois de 1500)

*Irá buscando a parte mais remota  
O Magalhães.* (X 140.)

*E mais avante o estreito que se orrea  
Co nome delle agora o qual caminha  
Para outro mar e terra que fica onde  
Com suas frias asas o austro a esconde* (X 141.)

(este "agora" de Thetis, é anachronico, como o "mostrou" de Jupiter)

Depois, outro signal dessa importancia, é que o Poeta não esquece nunca de nomear ao Magalhães, devidamente de "Lusitano", e até com a justificativa da pecha que lhe imputa: "aggravado Lusitano", e por duas vezes (II 55 e XI 38)

E' o epitheto de João de Barros, "aggravado del-Rei" (*Decadas* III, liv. C. cap. VIII) e virá a ser Gaspar Corrêa, nas *Lendas da India* (t. II p. II), resumindo os autos do processo... "o qual Fernão de Magalhães indo ao reino allegando a el-rei seus serviços e pedindo em satisfação que lhe acrescentasse cem réis em sua moradia por mês, o que lhe el-rei denegou, por lhe não cair em graça, ou porque assim estava permitido que havia de ser; Fernão de Magalhães disto aggravado, porque muito pediu a el-rei e elle o não quiz fazer, lhe pediu licença para ir viver com quem lhe fizesse mercê, em que alcançasse mais dita que com elle. El-rei lhe disse que fizesse o que quizesse pelo que lhe quiz beijar a mão, que lhe El-rei não quiz dar"

Injustiça e severidade que iriam dar a Castella a gloria da circumnavegação do globo. A Camões, taes deslizes do poder real não deviam ser extranhos para não

falar das proprias injustiças que soffre-ra, aquellas que eram sorte geral:

*Culpa de reis, que as vezes a privados  
Dão mais que a mil que esforço e saber  
tenham* (VIII. 41.)

Como, apesar disso, de reconhecer a qualidade de "aggravado", exaltando a proeza, diz que o heroe era, "no feito, com verdade Português", "porém, não na lealdade"?

Evidentemente, uma injustiça. E' que, para Camões, acima dos agravos dos reis

*lando furioso, a Messiada, á Henriada, o poema podera ter um endereço pessoal; poderá ter o do fim a attingir, perdido ou recuperado, ou evocado, como a Iliada, a Pharsalia, a Jerusalém libertada, a Divina Comedia, o Paraiso perdido, a Lenda dos seculos: o poema de Camões podera chamar-se "Vasco da Gama", ou "As Indias". Não, — chama-se, inconfundivelmente, — "Os Lusitadas"*

Não precisaria de mais, se não fosse proprio do caracter humano a contradi-



Luiz de Camões

(Por Gérard, ed. Morg. de Math.)

injustos estava a Patria, sem culpa, e que se deve servir sem reserva e sem infidelidade, ainda a provocada: o homem não terá nunca razões contra o patriota; a deslealdade contra Portugal, implicita num serviço, e glorioso, a Castella foi causa da severidade.

Injustiça opposta seria attribuir o Poeta a Vasco da Gama toda a gloria portuguesa das navegações, por havê-las completado: o que evidentemente é sem razão. Como a *Odysséa*, a *Eneida*, o *Or-*

ção, até á verdade. Não é de um camoniano e dos maiores, de Epiphanio Dias, isto que clama á razão: "Negar que Vasco da Gama é o heroe dos *Lusitadas* e fallar de um "heroe colectivo" é fingir desconhecer o valor tecnico do termo heroe, e cerrar os olhos á evidencia!"

Entretanto, na pagina anterior, que o seu mau humor contrariante, até de si mesmo, inspiraria a este sabio, fugira, a esta evidencia, repetindo o que vinha

sendo visto de longe: "Pondo em effeito o intento de cantar:

*O peito illustre Lusitano*

*A quem Neptuno e Marte obedeceram.*

Camões"... etc.

Felizmente, o que esse lusiada contraditorio vê mal, outra grande autoridade, e de estrangeiro, não vacilla: "O poema dos *Lusiadas* contem, de facto, diz D. Carolina Michaelis, a historia poetizada das obras gloriosas do povo inteiro, tanto por terra como por mar. A confirmar esta definição temos declarações formaes do poeta. Logo no introito: "As armas e os

na monumental edição de 1817, e por um Whielm Storck, nesse outro monumento a "*Vida de Camões*", nos nossos dias...

Camões fez entretanto tudo para ser entendido. O endereço patriotico, tradicional, e o propheticó, nacional, antes que dynastico ou pessoal, mil e uma vezes está apontado no poema. Quando a Vasco da Gama, bem que seja immensa, a honra que lhe confere, pessoalmente, ha sombras no esboço de sua figura, como se o Poeta tivesse querido, e quis, marcar que elle ou outro lusiada, comtanto que fosse lusiada, seria capaz de levar a cabo a empresa irresistivel de conduzir os Portugueses ás Indias.

O final do Canto V no-lo revela, com meridiana clareza. Sim "estas navegações que o mundo canta", são inferiores, certo, a esta", "que o céu e a terra, espanta" (V 94); sim, mas ao envés, os outros tem tido reis e heroes, que sabem prezar "a quem os faz cantando gloriosos" (V. 82).. Os nossos não, duros e robustos apenas, não tem mais fama, porque não prezam as artes, e, sem Virgilios e Homeros, não ha Enéas e Achilles (V. 98). Assim tambem seria, e o Gama seria es-

"E' somente" e na bocca delle proprio, o Gama, define o Poeta:

*Que elle não era mais que um diligente  
Descobridor das terras do Oriente. (VIII. 59.)*

Injustiças, para menos ou para mais; a Bartholomeu Dias, a Fernão de Magalhães, a Vasco da Gama; é culpa so- menos, pois se trata apenas da Patria, que isto é tudo: "é somente" o que existe para um lusiada, tal qual Camões, ainda á revelia della, com a ingratição della, não importa:

*... amor da patria não movido*

*De premio vil, mas alto e quasi eterno (I.10.)*

**CAMÕES**

O que mais admiro em Luiz de Camões não é o sentimento profundamente e intimo da natureza, principalmente da natureza marítima; não é o seu entusiasmo épico pelo passado nacional; não é o seu respeito de artista do Renascimento e de cavalleiro pela mulher, pela dama; não é a sympathy do seu espirito pelo pantheismo hellenico; não é nem a sua graça inimitavel, o seu lyrismo suave, nem a sua "fúria grande e sonora": é a intuição positiva que reluz na sua obra, é a comprehensão genial da larga e funda influencia dos descobrimentos na historia da civilização. E' verdade que elle interpretou essa influencia no sentido do alargamento de fé catholica, e o fez como épico em cuja alma enlevada o sentimento do passado glorioso, em que a lei de Christo dominára fortemente, accentuava-se, enchendo-o d'assombros; é verdade que para elle a nova era iniciada, que o novo estado social que se formava resolver-se-hia na christandade, que os velhos reis portuguezes estenderam pelas "terras viciosas de Africa e da Asia" Mas o que é tambem certo é que no seu espirito illuminado pelas noções das sciencias astronomicas e phisicas, foi grandiosa e altamente sentida a impressão daquella renovação e genese social; o que é certo é que o movimento que impellia a humanidade, que a agitava, que lhe dava uma nova alma, uma nova comprehensão das coisas, presentiu-lhe Camões toda a grandeza e importancia. E essa intuição genial, que é o que constitue a força dos grandes espiritos, é precisamente o que forma a gloria maior de Luiz de Camões.

1880.

ANNIBAL FALCÃO.

barões" (I, 1). Barões no plural. E não *Arma virumque cano*. Depois: "Que eu canto o peito illustre lusitano (I 3).. Leitores discretos assim o entenderam em todas as idades. O censor da primeira impressão, Padre Bartholomeu Ferreira fala em dez cantos "dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia e Europa!"

Cita a insigne camonista outros documentos. Para a unanimidade não precisaríamos mais que ver esse "heroe colectivo", *Os Lusiadas*, apontados como a razão do poema por um Souza Botelho.

A Patria e o Amor foram as grandes inspirações do genio de Camões: todos os que amam sua terra, que soffrem por vel-a infeliz ou se gloriam de sua grandeza e seu poder, o admirarão sempre; todos os que amam, que soffreram as angustias do coração que não se pertence mais, e vivem apenas para as doces emoções que dá a adoração do ente amado, terão nelle interprete sincero e fiel. Adoração da Mulher, amor da Patria, não está ahí o que conduz a esse pleno desabrochar do coração, o culto da Humanidade?

MIGUEL LEMOS.

*Luis de Camões — Pariz, 1880 — pag. 22.*

quecido, se não fôra o amor da patria que fez a Camões cantar:

*As musas agradeça o nosso Gama*

*O muito amor da patria que as obriga*

*A dar aos seus na lyra nome e fama*

*De toda a illustre e bellica fadiga (V. 99.)*

pois que elle, nem os seus o merecem tanto, incapazes de estimarem essa gloria:

*Que elle, nem quem na estirpe seu se chame  
Caliope não tem por tão amiga*

*Nem as filhas do Tejo, que deixassem*

*As telas de ouro fino e que o cantassem.*

(V 99)

Mas, não importa:

*Porque o amor fraterno e puro gosto*

*De dar a todo o Lusitano feito*

*Seu louvor é somente o prosuposto*

*Das Tagides gentis, e seu respeito. (V. 100.)*

**GLORIA HUMANA E GLORIA NACIONAL**

*Os Lusiadas*, no ponto de vista de historia geral da Humanidade, não serão uma obra prima perfeita. Produção desigual, serão semelhantes a esses edificios em que collaboraram muitos architectos e que essa diversidade revelam na falta de equilibrio das partes. Aqui, surprehende a magestade dos porticos gregos; adiante um estylo ecletico, não sem graça e sem encanto, mas que denota pouca independencia; mais avante, entretanto, dir-se-hia que um genio original traçou o plano e fixou com a mão possante os ousados delineamentos de uma nova architectura. Mau grado dessas desigualdades, a obra será classificada sempre entre as grandes epopéas, e seu auctor merecerá o renome de altissimo poeta. E' talvez a ultima na hierarchia das grandes obras primas épicas, de Homero a Milton, mas está entre ellas.

Mas se tal é a sua collocação no conjuncto da historia do espirito humano, não se esqueça, entretanto, que ha detalhes que á comparação, podem affrontar tudo o que o genio esthetico produziu de mais bello. E, ao demais, para Portugal, *Os Lusiadas* são tudo. E enquanto viver o nome desse pequeno povo que tantas grandes cousas fez no mundo, permanecerão *Os Lusiadas* o livro sagrado da religião patriótica, o relicario benedito da gloria nacional.

MIGUEL LEMOS.

*Luis de Camões — Pariz, 1880 — pag. 259.*

Essa nobreza do Poeta tem tal sublimidade, que se duvidarmos, blasphemamente, que o heroe cantado n'*Os Lusiadas* como já o fizeram, com outra intenção, —, é o Povo Português, só um outro endereço condigno haveríamos de adoptar, tomando o Poeta pelo Poema.. "*Lusiada*" (\*)... de Camões.

Afranio PEIXOTO

(\*) "A ridicula deturpação "*Luisiada*" (obra de alemães), como se o titulo derivasse do nome do Poeta, não se propagou felizmente". (D. Carolina Michaelis de Vasconcellos.

# VENUS CAMONIANA

1

Eram cem os altares de Paphos, onde as rosas se entrelaçavam cada manhã, na sua opulencia e no seu frescor, celebrando a gloria carnal de Venus. Deante desses altares, que idealmente reverdejam sobre templos e mythos derrocados, toda a humanidade passou, continúa a passar, incendiada num só desejo, para a treva da mesma voragem. Nesses degrãos ainda hoje se prosterna, golpeada e vencida pelas armas de Eros, a soberania da intelligencia e da vontade.

Ahi resôam todas as festas de nupcias, todos os lamentos da viuvez, todos os gritos e coleras da paixão infeliz, e ardendo no fogo dos proprios corações humanos, desfolhando rosas matinaes sobre velhos altares carcomidos, a deusa invicta esplende. Um por um, sob o manto real, conduzidos pelo signo da Lyra ao culto de Paphos, acercam-se do oratorio os magos e os genios: Homero, saudando Aphrodite de ouro entre lanças e escudos, nas rhapsodias da "Iliada"; Virgilio, trazendo-lhe a offerta melodiosa dos cantos da "Eneida"; Shakespeare, humanizando-a em lagrimas candentes, allucinada pelo desejo incontentavel, soluçante, de "Venus e Adonis"; Camões, vestindo-lhe a nudez radiosa de perolas na ondulação espumea e salsa dos "Lusiadas". O proprio mysticismo de Alighieri, no "Paraizo", sobe pelos degrãos etheros da crença, ao terceiro céu — que é o céu de Venus illusoria, — em cujo brilho o poeta imagina mais formosa e adoravel a sua Beátriz.

Quantas vezes o nosso adolecer não mediu com tristeza, inflammado pelo sangue tropical ou embebido no sonho hellenico, essa distancia que ennevôa, esfuma os ritos claros de Venus! Como não desejaríamos galgar para a iniciação da antiguidade, mirando estatuas e colendros, as alturas fragrantas de Cythera, Amathonte, Idalia! Tarde chegamos, decerto, e melancolicamente vemos o dia esmaecer, declinar, como Renan viu o Passado entre as derradeiras sombras monumentaes da Acropole. Mas outras eminencias restam, accessiveis aos que tardaram: sobre a imagem do Capitolio ou a de Gnido os poemas votam á deusa um culto espirital. Reflorescem com elles, dest'arte, os velhos altares de Paphos, onde somos agora iniciados pelo genio.

Venus maternal, deslisa a primeira entre os carros de guerra e as flechas sibillantes da quinta rhapsodia, em Ho-

mero, quando o seu filho bem amado, Enéas, tomba ao peso da rocha deslocada por Diomedes, o bravo. Ella tenta esconder nas dobras aromaticas do peplos o vencido: ergue-o nos braços, os mesmos braços amorosos, niveos, que cingem e perfumam a divindade. Corre. Mas, através da batalha, o vencedor implacavel e ousado persegue a densa, fere-lhe a mão transparente, clama:

— Filha de Zeus, fuge da guerra e do combate. Pois não é bastante illudir frageis mulheres? Ainda que não tornes á liça, creio bem que só o nome de guerra te fará tremer

O sangue de Aphrodite orvalha os muros de Troya, subtilmente; crispase todo o alabastro do seu corpo, ennegrecido pelas dores; as suas queixas e lagrimas consternam Iris, commovem o proprio Arés, que lhe empresta os ginetes eolios, cujo vôo transporta a fugitiva ao Olympo, sob um fremito de plumas douradas. E a illustre Dione, afagando-a, narra-lhe a desventura de outros deuses na terra, o infinito Zeus aconselha a imprudente:

— Minha filha, não te cabem os trabalhos guerreiros, mas ao impeto de Arés e á Pallas Athene. Vive só para as doces alegrias dos Hymineus.

Aphrodite de ouro, gemendo, parece haver comprehendido o seu destino. Porque não volta ao campo de batalha, através da "Iliada", e na decima quarta rhapsodia apenas tem sorrisos amaveis para a inimiga Hera, confiando-lhe o cinto multicolor de todas as volupias e fascinações.

Tal é Venus homérica, na realidade tão indecisa, a empallidecer e desmaiar de susto, como intrepida e forte assoma a Venus virgiliana da "Eneida". O amor materno, cobrando animo sobre as ruinas fumegantes de Troya, não mais se arreceia dos venabulos, das chammias, dos gritos de carnagem, do tropear e elular com que as amazonas diffundem nos ares o panico. Assim a deusa invoca e persuade Jupiter, bemdizendo os troyanos; vigilante, a cada passo envolve e encoraja o filho; astuta, consegue para elle os beijos de uma rainha e as armas fundidas pelos cyclopes; infatigavel, adorna-o de todos os encantos, preserva-o de todos os embustes; e a sua magia cura-lhe instantaneamente as feridas; a sua benção renova-lhe a coragem para vencer o medonho Turnus. Sentimos o valor das romanas lendarias nesta segunda encarnação de Aphrodite, heroica e maternal. Advinhamos o bronze das armaduras,

chocando-se, retinindo, vibrando á luz, na impeccavel serenidade estatuaria.

Venus bellicosa revolve a natureza, subjuga os temporaes, desprende as setas arraigadas, quadrando-lhe bem o colthurno de purpura das virgens de Sidon, ainda melhor, sem duvida, a aljava do seu nobre disfarce. Guerreira, soffre, resplende... Só pela ventura do filho. Enéas, bate-lhe o coração ardente e presago de mãe. No lance formoso em que a tunica se despréga, vindo-lhe dos seios aos pés, e a cabelleira se desata, fulva, dando um olor de ambrosia ao rescaldo igneo de uma selva da Lybia, o andar manifesta a deusa, segundo o poeta. Mas a nudez symblica da Venus virgiliana, mesmo no leito aureo de Vulcano disforme, com a supplica de armas para o filho entre caricias, não é outra senão a da maternidade, evocada pela musa do Lacio, como já o fôra pela musa grega.

A essa Venus Genetrix do mundo greco-romano, fructificando em soberbos heroes, conforme as leis da sua harmonia procreadora, oppoz William Shakespeare a luxuriosa Venus Pandemos das cento e noventa e nove estrophes mais dionysiacas, mais crepitantes, mais rubras, que o desejo sexual tem produzido nas linguas europeas. Louca, estorcendo-se num chão adusto, requeimado pela febre e pelo suor do seu corpo, a Venus shakesperiana immobilisa, com vigor e olhar de "aguia faminta", o Adonis equestre, roseo, pueril, mas Adonis só ama os prazeres da caça ao javali. Não se inflamma o coral desses labios; esses beijos não desalteram, colhidos prematuramente; e echoam nos arredores os gritos da bacchante sequiosa, a errar sob um vinhedo sem uvas... Adonis fuge, para morrer, logo depois, caçando na espessura bravia. Inconsolavel, desilludida, Venus atrela ao carro as leves pombas argenteas e vôa por solidões glaciaes até ao seu oratorio de Paphos, onde se refugia, eternamente viuva, não sem haver primeiro amaldiçoado todos os amores:

— Pois que morreste — ai de mim! eis o que prophetiso. D'ora avante, os passos do amor serão os do soffrimento; escoltado pelos ciumes, elle ha de saborear todas as doçuras do começo, mas o travo final o espera; e os seus gosos serão apenas o reverso das suas angustias.

Nem a maternidade glorifica, nem a lubricidade exaspera o typo da Venus camoniana. Intellectual e abstracta, seguindo o curso dos povos no seu estellario, a Venus do primeiro canto irradia a mesma pureza da Venus de Milo, destacada pelo maravilhoso impressionismo

de Paul Saint Victor: "nesse marmore augusto não palpita um só atomo de carne" E' a deusa enamorada através da História, da Moral, do proprio Idioma, seduzida pela fortaleza de coração dos lusos, pelo seu heroismo contra os mouros, pelas suas viris qualidades romanas, pela sonora lingua vernacula:

... na qual quando imagina,  
Com pouca corrupção crê que he Latina.

Demais, no sulco espumoso das cavellas (tão penetrantemente a visão celestial descortina as edades) Cytheréa não acompanha só o roteiro de uma força descobridora ou emigratoria. Antevê as fusões intertropicaes de sangue luso, africano e mongoloide (para nosso bem ou nosso mal?), os cruzamentos de raças no amago virgem das brenhas, onde selvas borbotam, o captivo propiciando a fecundidade. E mais estima os lusos:

... porque das Parcas claro entende  
Que ha de ser celebrada a clara Déa.  
Onde a gente belligera se estende.

## II

Baccho, senhor das Indias, tendo as origens gregas do seu mytho desfiguradas na épopea christã, recapitula os numes asiaticos e oppressores, carregados millenariamente de trevas, enquanto Venus Cytheréa exalça os numes occidentaes, que são os da harmonia, da justiça, da liberdade. E' no segundo canto dos "Lusiadas" que ella, trespassando nuvens para acautelal da insidia do rei de Mombaça a frota portugueza, vôa do arco-iris como setta despedida por Zeus: "Vôa do céu ao mar como uma setta".

Que é esse corpo mythologico, assim vibrado, senão uma esguia frecha de luz, com que o divino arco se elastece, um desejo novo de espaço, um ideal de renascença e amplitude, ferindo o Mar Tenebroso pela primeira vez? Dupla significação a desse instante genial. Com a aguia da "Illiada" e o cysne de Mantua só andara Venus por florestas, vulcões, nuvens, longe das espumas de que nascera; com os *Lusiadas* reponta Venus Anadyomene, filha do oceano, quasi desconhecida na épopea greco-latina. E ao mesmo tempo a noiva sem igual do Mediterraneo — voluptia de homens e deuses, conforme Lucrecio — aventura-se por "mares nunca dantes navegados", fluctua á mercê de outras ondas, floresce á margem de outras plagas, boiando na esteira do genio lusitano.

Ao roçar o Atlantico espumejante, a primeira Venus Anadyomene da poesia logo se faz Venus "Victrix", suspensa no alvor e no azul das vagas, que aos seus pés, marulhando, se desembravecem e amainam. Triumphalmente, desvia ella as náos para Melinde, antepoando-lhes ao

rijo castello de prôa o eburneo peito das nymphas. Vai entre caudas argenteas, nos hombros de um tritão, orgulhosa como se houvesse, de feito, submettido e cavalgado Neptuno. Beijada pelas auras, pelas ondas, pelo sol, ganha, ao contacto do mar, entre sargaços, o esplendor e a eloquencia de uma inspiração transfugadora — a inspiração camoniana, toda em versos musicaes e aligeros, dealbandos os cimos, ou prateados e fluidos, correndo num longo murmurio para o seu destino. Venus Cypria, Venus Paphia,

### A INFLUENCIA DE CAMÕES NO BRASIL

De tudo quanto de grande tem-se dito de Camões — há um lado que não tem sufficientemente sido estudado, e que, para nós os brasileiros, é talvez o mais interessante. Quero falar da influencia do celebre poeta no Brasil. E' assumpto que não pôde agora ser discutido: *non est hic locus*. Contento-me com indical-o á critica nacional. Este paiz começou a ser colonizado quando se ia fechando o cyclo das grandezas, das victorias e do velho heroismo portuguez. Diante de raças barbaras e ferozes, como a negra e a vermelha, os portuguezes não podiam nem deviam apresentar-se como um povo decadente. Era necessario occultar, até certo ponto, a realidade e este prestigio deve-se aos... *Lusiadas*. Foi este livro que, mostrando os heroes da patria em todo o vigor de força e prestigio, espalhou entre os colonos o amor e a admiracão pelo *ninho seu paterno*. As novas gerações que se iam formando no Brasil eram alimentadas pelo mesmo espirito, e na lingua que com pouca corrupção *criam latina*, tambem memoravam grandezas luzitanas. Camões para o mundo colonial portuguez deve ser contado como um dos factores de seu progresso, sua cohesão e amor á *mãe-patria* durante tres seculos. Foi elle que, como a luz de um astro já onaco, já morto, ainda por muito tempo illuminou as colonias com seus brilhos posthumos. O Brasil mais que nenhuma outra, muito lhe deve a aos canticos de entusiasmo que tributa ao grande genio de Luiz de Camões, pôde juntar o hymno suave e consolador dos povos agradecidos aos seus benefactores!...

Rio, Maio de 1880.

SYLVIO ROMERO.

Venus Erveina, Venus Acidalia, mutaveis formas e nomes de Aphrodite, com que se recama e estrelleja o poema, desmaiam agora, confusamente, ao raiar da grande Venus Lyrica do segundo canto.

Nas telas da Renascença italiana e da Renascença hespanhola surgiam madonas imprevistas pompeando em belleza carnal, exuberantemente, não obstante a alma religiosa dos seus pintores.

Aqui, sob os traços pagãos, a deusa anadyomene reflecte o christianismo dos navegadores lusos. Vasco da Gama exora a Divina Providencia, a Guarda Divina

dos christãos, e é Venus que lhe ouve as preces, commovida — ou antes, aquella Venus-Dione, mãe e filha, distinctas uma da outra, mas consubstanciadas no mysterio das aguas e dos versos:

Ouvio-lhe estas palavras piedosas  
A formosa Dione, e commovida,  
De entre as Nymphas se vai, que saudosas  
Ficaram desta subita partida.

A grande Venus parte, deixando as nereidas saudosas num efflorescer de amores e desejos universaes: bebendo por ellas os ares perfumados, na vizi-nhança do Olympo, estremecem os deuses ciumentos; a fascinação abrange os céos, que se escurvam, cheios de astros rendidos ao miraculoso fulgor; incendeiam-se as geleiras do Norte; um calafrio passa na esphera solar... E tão deslumbradora magnificencia, perante Jupiter, acaba num effeito de suavidade angelical, entre soluços e lagrimas:

Co'o riso uma tristeza misturada,  
Como Idama que foi de incauto amante.  
Em brincos amorosos mal tratada,  
Que se queixa e se ri n'hum mesmo instante.  
E se mostra entre alegre e magoada!

Effeito de tal delicadeza é este, que outro mais requintado não o acharia em portuguez senão o proprio genio de Camões:

... os soluços e lagrimas augmenta,  
Como menino da ama castigado,  
Que quem o affaga o choro lhe accrescenta.

Dessas lagrimas vencedoras sae a deusa maior, encadeando Jupiter á promessa de um futuro oceanico e de novos mundos abertos aos lusitanos: vencem com ella os fios de ouro das madeixas, a neve humana do collo, neve e ouro em que se arnam os laços do amor, fatalidade suprema para os immortaes, como para os homens na replica do terceiro canto:

... quem pôde livrar-se porventura  
Dos laços que Amor arma brandamente  
Entre as rosas, e a neve humana para,  
O ouro, e o alabastro transparente?

Outra metamorphose reluz no canto sexto, porque a Aphrodite Camoniana é de todas a mais inesperada em suas transformações (de alto symbolismo). Tanto rebôam os mares procellosos, tanto assopram os ventos furibundos contra os lusiadas, que os proprios montes se despenham, como titans derribados por Eolo, e as arvores contorcidas baqueiam, voltando as raizes para o céu. Entre a celeuma da marinhagem, colhendo velas, quebram-se os mastros ás náos alagadas, no abysmo. De onde em onde, num zigzague instantaneo, rasga-se a caligem tormentosa, sulcada por meteoros, phosphorescencias, clarões. Os mareantes des-

esperam. E é quando Venus estellar scintilla no horizonte, fulmina com os seus raios de astro a ira cavernosa de Boreas. Aquilo, Noto

Acorrentando furias oceanicas, attraindo ventos domados, os seus raios de estrella d'alva são Oritya, Galathea, as nymphas engrinaldadas de rosas com que ella povoa o caminho tempestuoso das Indias, afasta do perigo e da traição as caravellas, orna toda uma ilha para deleite dos navegantes. E' depois de brilhar como estrella, fendendo o reino aereo, Venus Camoniana ainda uma vez se transforma em Venus saggitaria.

Nenhuma passagem dos "Lusiadas", interpretada para a humanidade, supera as estancias do canto nono, em que a deusa se aproxima dos montes Idalios, no seu carro tirado por cysnes. Todos os amores sublimes ahi estão — o do Bello, o do Direito, o da Fé, o da Verdade, o do Bem, forjando contra o mundo que os renegou as armas de uma campanha inexoravel. Ahi estão, por igual, todos os amores perversos, cujos tiros desordenados abatem as grandezas moraes e sociais. Rudes amores da plebe ahi desfecham as settas venenosas — settas de ferro em brasa — e uma dor sem esperança, que nos lembra a do inferno danresco, sobe das chammas onde outros retemperam os dardos":

Nas fragoas immortaes, onde forjavam  
Para as settas as pontas penetrantes,  
Por lenha, orações ardendo estavam,  
Vivas entranhas inda palpitantes:  
As aguas onde os ferros temperavam,  
Lagrimas são de miseros amantes...

Então, sorrindo na atmospheria tragica dos montes Idalios, cortejada pelos sylphos, que em redor tunultuam, Venus saggitaria quer divinamente feridas do amor dos lusitanos as nereidas. Repouse no jardim secreto e olente das Hesperides, á beira mar, o guerreiro invencível! Multiplique-se a especie em força e belleza, como Venus manda! Gigantea de cem olhos coruscantes, com mil boccas violentas, soprando a tuba, espalha nos antros maritimos o seu clangor, chovem as settas, desferidas contra as nymphas que tombam, escravas do igneo desejo de amar, da vontade ferrea do poder. E a ultima apparição da Venus Camoniana é a de Acidalia omnipotente, levando nos braços a Ilha dos Amores, cheia de nymphas, como um ramallete sobrenatural, ao encontro das náos e dos barões que voltam.

Zeus dissera na quinta rhapsodia da "Iliada", paternalmente, á ingenua Aphrodite de ouro: "Não procures os trabalhos da guerra, filha: vive só para as doçuras dos esponsaes". Com os sorrisos e as graças, que lhe deixara Zeus, com arrufos e prantos dominadores, o collo fragil das nymphas algumas rosas e boninas

entretrecidas, um delgado sendal vetando-lhe á florescencia da imagem os lyrios brancos e roxos, Aphrodite Camoniana vence o furor bacchico e o poder neptunio, ciladas, tormentas, escolhos. Tanto nos "Lusiadas", como na "Iliada", a soberba imagem fica eternizada em refulgencia de chrysoprasso, porque são helianthos desabrochados para o sol dos seus cabellos, os versos de Homero e de Camões. Singularmente, num paiz de mulheres trigueiras, Luiz de Camões não exalta senão as louras. O ouro crespo da sua Venus ondeia atravez das estancias: as nymphas que seduzem Boreas e Austro, sob o verdor e entre o aroma das grinaldas humidas, têm cabellos louros; Ephyre, o seu ideal de mulher, tão perseguido e requestado na Ilha dos Amores, levante a alma presa em fios de ouro reluzente.

Poeta de um só amor, embora outros lampejassem, ás vezes, para o ermo do seu caminho, e uma só ideação do Eterno Feminino, constantemente reproduzida sob as mesmas côres, no mesmo perfil, Camões aureolou a epopéa com reminiscencias lyricas de Natércia — a illustre D. Catharina de Atahide, que elle conheceu e adorou na côrte de D. João III. O peregrino vulto da phase outomnal e oriental, Dinamene, é já uma sombra melancolica, perpassando no desterro de Gôa, desapparecendo nas brumas do Oceano Indico. Acima de todas as nevoas e todas as Dinamenes, rebrilha a Venus incomparavel, dama do paço e deusa luni-solar, musa de seios lacteos e cabelleira flava, que está omnipresente nas odes camonianas.

Grandes formosuras constellariam, por certo, o Emypyreo lusitano de D. João III, descendendo muitas dellas do typo mosarabe, com o negror de olhos e cabellos em que se perdiam trovadores, soldados, principes, e antes de ser ferido pela radiante, unica senhora, o poeta galanteava sem escolha:

... agora livre, agora atado,

Em varias flammis variamente ardia.

Mas a flamma dos louros cabellos de D. Catharina de Atahide vem apriional-o e consumil-o: d'oravante, arde a poesia das estancias, dos sonetos e das canções num deslumbramento, que lhe não permite ver o reflexo de ebano, mesmo o reflexo louro cendrado a outras madeixas. E' como se uma onda luminosa, espraçando-se, tudo envolvesse, tudo sobredourasse. Cambiantes e contornos de esphynges, de sereias, de musas, enfeitam os poetas na sua generalidade, mas a flavescencia dos cabellos de Natércia dá o proprio matriz aos versos de Camões, lavrados agora em chrysoberyl, faiscando por dezenas os sonetos aureos, onde a cabelleira astral nos offusca. Se a dama põe um laço nos cabellos, já o

poeta murmura, encordoando a lyra, que os raios do sol não valem "aquellas tranças de ouro". A um franzir dos seus labios, já o poeta vislumbra sorrisos incrustados em perolas e rubis, "debaixo de ouro". E pelos quartetos, pelos tercetos, desprendem-se, rolam, fulgem camonianamente os "ondados fios de ouro", os "cabellos louros e escolhidos", os que alardeam o "valor do metal louro", os que lhe trazem o pensamento enredado nas scintillações, o diadema e os auneis, as pompas e os mimos, os véos côr de fogo e côr de ambar:

... do cabelo que inveja ao sol fazia,  
porque fazia o seu menos dourado.

Camões viveu e morreu nessa luz, reflectida e reenviada pelas tranças enleantes da sua naiade, que deveria chamar-se Fulvia: de ouro são para elle as aguas do Tejo, o arco do amor, os cabellos da aurora, as metaphoras predilectas. Quer no lyrismo, quer na epopéa, todas estas scintillas camonianas ressaltam do mesmo idolo — a excelsa e dourada senhora Catharina de Atahide.

Magnifica e louro, Venus Camoniana attrahe os navegadores a uma ilha, cujas areias brancas estão semeadas... de conchas ruivas. Inflamma-lhes a sêsta, decorrida em prazeres, soltando cabellos fulvos de nymphas ao vento, que os leva consigo, entre perfumes da Asia languida, sensual. E assim victoriosa, nua sob o ouro da coma, dourando os mares entenebrecidos pela barbaria, a dcusa faz relampear na onda curva e jalde o seu espelho de topazio, magneticamente voltado para a Gloria.

### III

No decimo canto dos "Lusiadas", como se volvessemos agora á idealidade transcendente do primeiro, o intellectualismo reabsorve o paganismo, com a Venus de ouro metamorphoseada pelo genio em duas figuras harmonicas, symbolizando a Historia e a Cosmographia. Ambas surgem do mar, o tão insondavel quanto inexaurivel mar, de onde provieram todas as cousas, segundo Homero, e todas as formas allegoricas nasceram, para Camões, num leve berço de algas. Sirena, porque tem a voz musical, Sibylla, porque tem a alma vidente, é uma Nympha reveladora da Historia, e a Cosmographia é a propria Thetys, deusa de pés argenteos sobre as ondas, magnificada acima dos orbes pelo estro de Camões.

Thetys camoniana, semelhante á Venus Urania dos antigos, desvenda ao heroe, num globo suspenso, illuminado, mobil, a propria imagem concentrica do Universo:

Vês aqui a grande machina do mundo,  
Etherea, e elemental, que fabricada



(Retrato por Columbano)

Assi foi do saber alto, e profundo,  
 Que é sem principio, e meta limitada.  
 Quem cerca em derredor este rotundo  
 Globo, a sua superficie tão limada,  
 E' Deus: mas o que é Deus ninguem o  
 entende,  
 Que a tanto o engenho humano não se  
 estende.

Metamorphose suprema! Venus ce-  
 lestial, descrevendo o Cosmos, ainda o  
 faz pelo systema ptolomaico, erro situado  
 no caminho da Verdade, conforme La-  
 place. A grande iniciadora astral do can-  
 to decimo folheara o "Tratado da  
 Sphera", de Pedro Nunes, versão da  
 "Sphera" de Sacrobosco, eruditissimo  
 frade inglez, que namorava as estrellas  
 no seculo XIII. Folhear talvez o ulti-  
 mo livro da "Margarida Philosophica"

Mas desconhecia, evidentemente, o "De  
 celestium, orbium revolutionibus", de Co-  
 pernico, publicado em 1543. O seu erro  
 necessario, modelo physico-mecanico de  
 Ptolomeu e de Purbachio, será destruido  
 no caminho da Verdade pelos continua-  
 dores geniaes de Copernico, desde Kepler  
 a Newton. Pouco inporta. A belleza  
 eterna das suas estancias revê constel-  
 lações:

Olha por outras partes a pintura,  
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo:  
 Olha a carreta, attenta a Cynosura,  
 Andromeda, e seu pae, e o Drago hor-  
 rendo:  
 Vê de Carsiopéa a formusura,  
 E do Oriente o gesto metuendo;  
 Olha o Cysne morrendo, que suspira,  
 A Lebre, e os Cães, a Náo, e a doce Lyra.

Venus Urânia, sob o pseudonymo de  
 Thetys, recita divinamente o systema de  
 Ptolomeu. Diriamos que o imprevisto des-  
 sa arbitraria mythologia resulta da natu-  
 reza oceanica do poema. Vacillam de  
 quando em quando as allegorias no seu  
 nevoeiro, esmaecendo; confundem-se os  
 hymnos pagãos no muralhar das suas oi-  
 tavas; atropellam-se os deuses no seu flu-  
 xo. Dentre a onda sonora, placida ás ve-  
 zes, outras empolada, resahem prôas e  
 mastros de náos, errando em busca das  
 Indias, com o sibilo do vento na enxarcia,  
 tritões e nymphas derredor, nuvens de  
 tormenta que se lastimam, penedos que  
 são gigantes infelizes. Quem não sentio  
 alguma vez, lendo Camões, a perfeita il-  
 lusão de navegar, correr para desconhe-  
 cidos horizontes, ir com elle á procura  
 de terras e gentes apartadas, não o com-  
 prendeu. Porque a inspiração creado-  
 ra dos "Lusiadas" é o mar, ondulado,  
 estremecendo, tudo mais cingindo na  
 fluidez potente dos seus braços, ou an-  
 tes, é como o alvor de uma vela que se  
 desprende, se enfuna, palpita sobre o  
 mar. Levantam-se do abysmo, para o  
 abysmo voltam, silenciosamente, as fi-  
 cções mythologicas da epopéa — nereí-  
 das, colossos, deuses irados, mesmo Ve-  
 nus. Só o adejar das náos, desferrado o  
 velame, continúa pela immensidade glau-  
 ca das aventuras, dos perigos, das subli-  
 mes descobertas — alma de um povo  
 medindo-se com as forças naturaes, se-  
 duzida por especiarias e thesouros no  
 intercambio das civilizações, mas lan-  
 çando ao tempo a sua palavra de eterno  
 vigor e eterna resonancia; christianismo  
 já ennobrecido pela cavallaria e afor-  
 moseado pela Renascença nos dez can-  
 tos de um poema.

Todas as nymphas e todos os numes,  
 todas as graças e festas da Ilha dos Amo-  
 res passam como bellezas irreaes, entre  
 a Cosmographia e a Historia, tanto vale  
 dizer, entre o céu e a terra. Dissipam-se  
 como Iris, Ceres, Juno, ceifeiros e nari-  
 des, visões e danças, com que a magia de  
 Prospero, na "Tempestade", ephemera-  
 mente celebra os esponsaes de Miranda  
 e Fernando. Sob um crepusculo de altos  
 sonhos pagãos finaliza a tempestade ca-  
 moniana, desde que as nupcias de Por-  
 tugal e da onda se completam no Ocea-  
 no Indico: estemmas de flores, véos de  
 espuma, canções e beijos sob as arvores,  
 tudo isso não era senão encantamento  
 illusorio e fugaz. Apenas, a magia insu-  
 lar de Shakespeare traduz chimericamen-  
 te o Nada, em que todas as pompas se  
 esfumam; a de Camões, desvendando-se,  
 põe a florir sob os astros mais uma con-  
 cepção heroica da Vida:

Que as nymphas do Oceano tão formosas,  
 Thetys, e a ilha angelica pintada,  
 Outra cousa não he, que as deliciosas  
 Honras, que a vida fazem sublimada.

Nessa transmutação de vultos e scenarios apprehendemos a finalidade esthetica do poema, esboçada em linhas dominantes: o culto do heroico e do justo, produzindo a Belleza, com ella se amplifica e se adorna; a Ilha verdejante e voluptuosa, onde os fortes repousam, converte se para elles numa escola de ousadia e trabalho, santuario em que se honram e se prophetisam esplendidos feitos.

Os triumphos, a fronte coroada  
De palma, e louro; a gloria, e maravilha.  
Estes são os deleites desta Ilha.

Antes das paginas illustres de Carlyle e de Emerson, muito antes das varias philosophias a que attribuímos reverentes, o prestigio dos mysterios de Eleusis, e que nenhum mysterio occultam na folheada espessura graphica dos seus tomos, Luiz de Camões interpretara o mundo como heroismo e vontade em sonoras estancias. Venus de ouro e marfim, a sua Venus rival da estatua-joia de Phidias, allegorisa todos os ideaes enfeixados na concepção aryana da raça, na pureza dos typos eleitos, no odio instinctivo dos amalgamas, procreadores de fealdade e fragilidade, ao conceber o enlace dos Barões herculeos e das alvas nereidas, que os esperam á orla do mar — "donzellas aquaticas", semelhantes ás terras moças e virgens por elles descobertas:

Quero que haja no Reino Neptunino.  
Onde eu nasci, progenie forte e bella...

Do elemento oceanico e poderoso, assim fecundado, é um raiar de aurora o que se annuncia e o que se eleva para outros mundos e outros reinos com o super-homem camoniano, autor de obras valorosas, mediante as quaes tornamos ao Olympo e ás estrellas como deuses. Não só o principio da nossa redempção — e tanto basta á Fé — mas o da nossa propria divinização — e tanto quer o Amor — consubstancia-os a vontade humana, segundo o poeta. Moldando soberbos padrões historicos, accendendo novos pharões aos vindouros, o homem avassallou o tempo, fez de uma chimera inimiga o seu corseil rutilamente ajaezado, ergueu sobre um despenhadeiro o seu arco triumphal — e as divindades pagãs, mercê de esforço e arte, sahiram do mesmo barro quebradiço, da mesma scintilha inapagavel.

Que as immortalidades que fingia  
A antiguidade, que os illustres ama.

.....  
Não eram senão premios, que reparte  
Por feitos immortaes, e soberanos,  
O mundo co'os Barões, que esforço, e arte.

Divinos os fizeram sendo humanos.  
Que Jupiter, Mercurio, Phebo e Marte,  
Enéas e Quirino, e os dois Thebanos,  
Ceres, Palas e Juno, com Diana,  
Todos foram de fraca carne humana.

São attributos dessa natureza solar, nos graves ensinamentos do poema, o destemor e o engenho, a equidade e a prudencia, a temperança e a virtude. Com a sua religiosidade pugnaz, desde o assalto de lanças enristadas contra os mouros á catechese do gentio, com o seu vivaz sentimento do direito, exigindo leis que não dêem aos grandes o dos pequenos, ou maldizendo a tyrania, o privilegio, o favoritismo, o inutil rigor, Camões idealisa o super-homem, num aspecto de força guerreira ou de força juridica, sempre deificado pelos valores do christianismo. Alma de tempos formosos e cavalleirescos, extrema-se a delle na

#### A LINGUA DE CAMÕES

Literariamente, Camões é o instituidor da lingua portuguesa, qual ainda a falamos e escrevemos hoje. Elle vale, disseram excellentemente, uma literatura inteira, e basta acaso a sua obra para definir o seu povo e o genio de sua raça.

A lingua que falamos, nós Brasileiros, e a literatura que escrevemos, derivam della. A superioridade da intelligencia é que nada se perde de sua acção. A impressão da obra de Camões na sua raça é talvez unica na historia das literaturas, e nós a experimentamos. O sentimento épico na nossa literatura as nossas epopéas, vêm directamente da sua. Todo o nosso pensamento literario, no que ha nelle de melhor, sentiu o influxo directo ou indirecto de Camões. Lendo *Os Lusíadas*, remontamos ás mesmas fontes da nossa lingua e da nossa literatura e conformamo-nos na idéa salutar e auspiciosa — um consolo e um estímulo — de que a nossa lingua e a nossa raça são capazes de obras immortaes.

JOSÉ VERISSIMO.

*Os Lusíadas*, ed. Garnier — Rio.

bravura e na gentileza, no culto da mulher e no serviço da patria, na lealdade ao rei, inquebrantavel como um juramento feito naquelles tempos sobre a cruz de uma espada. Mas pela serenidade altiva, que a miseria, a injustiça e a dor não logram turbar, pelo refreamento de instinctos e ambições, attinge os visos moraes da philosophia stoica, ensinando a coragem na desventura aos fortes, depois de suggerir entre os louros e os beijos de Cythera a conquista do mundo asiatico.

Inesperadamente, pois, á sombra do myrtho de Venus, patentea-se a musa celeste e elucadora, guiando-nos para jardins luminosos, onde se cultiva a perfeição. Os limpidos accents da sua voz, erguendo-se com o proprio dia no campo de rosas da alvorada, incitam o homem a deixar o *somno do ocio ignavo*, conter os vicios, fulgir para a liberdade.

Aponcam as honras vãs e os titulos imerecidos; reclamam leis egunes e constantes; dizem a omnipotencia do querer; elogiam a victoria das armas contra os infieis; sagram heroes os que enaltecem a vida e affrontam a morte:

Impossibilidades não façais;

Que quem quiz sempre pode; e numerados  
Sereis entre os Heroes esclarecidos,  
E nesta Ilha de Venus recebidos.

Os augurios de Thetys e da Sereia echôam pelos vergeis da Ilha. Metamorphoses de uma Venus oracular, tão diferente da Venus Cypria e da Venus Paphia, reinam agora as duas bellezas propheticas, mas um bando de torvos flagellos acompanha as glorias prophetizadas. A maneira de todos os genios embebidos na realidade essencial do Universo, teve Luiz de Camões o sentimento dessa infinita, mysteriosa dor, que povôa a Natureza e a Historia, multiplicando-se atravez da especie com os nossos desejos e os nossos destinos. Por isso, descobrindo aos navegantes os fados que pairam sobre as Indias, canta a Sirena melodicamente nas plagas acolhedoras, mas o seu canto de suavidade angelical revôa sobre a ira dos homens, a braveza das ondas, naufragios e pestes, cercos e fomes, o estrondear dos pelouros, o horror sangrento dos corpos mutilados. E ao revelar, depois, a fulguração das zonas estellares, climas e aspectos do globo em que soffremos, Thetys avista sob a influencia contrastante da Lyra e do Dragão a mesma fatalidade:

Neste centro, pousada dos humanos,  
Que não sómente ousados se contentam  
De soffrerem da terra firme os damnos,  
Mas ainda o mar instabil experimentam...

Espiritualizando as transfigurações, que nos aventurámos a seguir, Venus camoniana identifica-se com a propria musa dos astros, das nebulosas, dos remotos céos intangiveis. Semelhante á Venus Urania, que o platonismo idéou entre as harmonias cosmicas, perdura sobre o apogeu e o occaso das nações, intemerata, indefinivel, attenta ao curso das éras e dos orbes num halo victorioso de estrellas. Respira a eternidade, enquanto se desvanecem as imagens auriformes do tempo, sombras amadas de outras Natercias e Dinamenes, sombras gloriosas de outras nautas e cavalleiros. Os nossos olhos, porém, humanamente seduzidos, não buscam através do poema e através da vida senão aquella Erycina gentil, que abandona pelos homens os deuses, passa no mar das Indias com o sequito de nereidas, os louços cabellos desatados ao sol reverberante, as promessas de Venus enganadora... como todas as Venus.

CEL SO VIEIRA



# OS LUSIADAS, PADRÃO DE CULTURA

A Edade-Media, numa incubação dolorosa, creou o pensamento christão; a Renascença, dando-lhe a forma esthetica, civilizou-o, tornou-o mais humano. A Igreja comprehendeu, emfim, que a verdade não repugna a belleza; e Leão X viu que as opulencias da estatuaria grega não profanavam nem os museus, nem os templos.

O pensamento novo reconciliara-se com a forma antiga; e a corrente da civilização occidental incorporava ao seu patrimonio a cultura mediterranea, da Grecia e de Roma.

Houve como que uma nova encarnação do espirito divino; e o mysticismo deixou a feição barbara dos agiologios e dos primitivos, para hellenizar-se, para adaptar-se melhor ao progressivo adiantamento do homem novo, que Nietzsche deveria chamar o "bom europeu". Foi neste ruidoso periodo de penetração na historia moderna que nasceu Camões, o cantor do espirito aventureiro dos descobridores, dos guerreiros, dos missionarios, de todos aquelles que haviam de projectar em mundos novos as idéas amadurecidas do mundo antigo.

A Renascença é sobretudo a grande época da cultura occidental. A imprensa diffunde os velhos codices que dormiam na meia luz dos conventos e das universidades, e a ansia de perfeição e de saber pôde emfim saciar-se, e penetrar os mysterios de Athenéa.

Camões é justamente considerado, no mundo inteiro, como um dos grandes representativos, senão o maior dos filhos literarios dessa cultura.

O que no seu poema se nos apresenta, á primeira vista, como mistura de paganismo e de christianismo, não é mais do que a fusão dessas duas correntes; e, se alguma confusão havia no emprego dos velhos mythos, esse facto comprova o exaggero que acompanha todas as revoluções, e que serve tambem de melhor caracterizar-lhes o espirito.

Os "Lusiadas" são uma vasta encyclopedia do saber antigo e do saber moderno. Claro está que não devemos procurar no poema a sciencia contemporanea.

Na leitura meditada e silenciosa dos poetas latinos, assimilou Camões a forma classica dos seus versos, e a indole que os irmanou á epopéa de Virgilio, e ás de Homero por conseguinte, que serviram de modelo ao cysne de Mantua. Num dos capitulos de "Formação e Cultura", referi-me a este assumpto, ao tratar do latim. Ser-me-hia facil provar, com os "Lusiadas" na mão, que muitos de seus versos permanecem, intimamente, incompreensíveis, para aquelles que não tiverem

da syntaxe de Virgilio conhecimentos muito mais que elementares.

Isto, sem levar em conta as innumerables passagens que, ou por imitação, ou por simples recordação, evocam em nosso espirito os melhores versos dos poetas de Roma. Delles, ao menos dos principaes, fez o Conego Roquette um volume; mas do espirito da lingua e do pensamento latino, que anima todas as paginas de Camões, especialmente nos "Lusiadas", é impossivel fazerem-se quadros comparativos. Sente-o, do primeiro ao ultimo verso, quem se acostumou a admirar, na escola de humanidades, os hexametros, pentametros e os saphicos que os latinos copiaram dos gregos.

Não é raro vermos os commentadores dos "Lusiadas" luctando com esta falta de latim. Ainda outro dia, explicando eu



a estancia decima quarta do canto primeiro, notei que o terceiro verso soffria de uma variante um pouco avariada...

"Fizeram só por armas tão subidos  
Vossa bandeira sempre vencedora."

Ora, a leitura deste primeiro verso é: "se fizeram por armas tão subidas", sendo este ultimo participio-adjectivo um mero predicativo do objecto directo se.

Aconteceu, porém, que o commentador não entendeu o segundo verso, que para os conhecedores do latim é intuitivo, na syntaxe de um ablativo absoluto, podendo-se reduzir por esta forma: indo, ou estando, vossa bandeira sempre vencedora. E que fez elle? "Emendou" o verso de Camões, cuja syntaxe latina o embarçou!

Aconteceu mais ainda que o aliás digno professor Sr. Othoniel Motta, commentando uma edição de Camões, nos desse correcto o texto destes versos, pois a reproduziu de Epiphanio Dias.

Chegando, porém, ás notas sobre a alludida estancia, esqueceu-se de que a falsa interpretação corrente só poderia dar-se com o verso "emendado", e, em desaccôrdo com a propria edição, explicou de modo errado: "fizeram... vossa bandeira vencedora". E fiquemos neste simples panno de amostra. Mas, além do espirito, bebeu Camões, nas fontes classicas, todos os processos de ordem, de medida e de expressão da poesia greco-latina. A mythologia não representava para os antigos um simples jogo de fantasia, mais ou menos complicado. Em todas essas figuras e figurações, palpitava a imaginação inquieta, ao serviço de um pensamento ingenuo, mas subtil, na interpretação dos phenomenos da natureza e da vida. Os mythos eram para os gregos, ou symbolos, ou syntheses, de phenomenos, de acontecimentos, de theorias ou de empresas. Devidamente interpretados, poderão elles revelar-nos uma philosophia, ora singela, ora grandiosa, que será a demonstração de um pensamento já de si robusto, e envolvido sempre nos rendilhados da mais pura fantasia.

Na mythologia grega, applicada á literatura, attráe-nos mais o effeito artistico, porque, no estado actual da sciencia, pouco nos preocupamos com as idéas que symboliza a fabula. O mesmo se não dava, por certo, no tempo da Renascença; e os homens de então viam mais do que mera fantasia nesse mundo pittoresco, que ia desde a nympha e a creiade, até aos tritões, aos centauros, ás divindades terriveis do céu e do inferno. Elles, os gregos, tinham o segredo de tornar o homem Deus, e de fazer baixar os deuses até á categoria de homens; e alargavam, desta forma, amplos horizontes á vida, movimentando-a no infinito dos mundos e das aspirações.

Destas idéas aventurosas de semi-deuses e de heroes, nasceu a alma aventureira dos descobrimentos, que varios autores filiam ao humanismo, e com so-beja razão.

A historia dos argonautas fazia parte desse rosario de lendas symbolicas, em que se inspirou a Renascença.

Mas, se a literatura classica foi a base da cultura de Camões, nem por isso elle desprezou, ou pôs de lado, o patrimonio arabe e o medieval, este com a theologia christã, e aquelle com as sciencias da natureza. A astronomia, a botanica, a geographia, a historia, com to-

dos os conhecimentos annexos que constituíam o peculiar científico da época, eram familiares a Camões. De tal maneira os assimilara a cultura classica, que, sem rebuscamento algum, lhe acodem a penna, sempre que, ou a clareza do assumpto, ou a decoração do poema, os estão naturalmente insinuando.

Tratando-se de um poema de navegações e descobrimentos, a geographia é o seu forte; e nos "Lusiadas", como em muitas das chronicas portuguezas, estão desde seculos, resolvidos problemas geographicos, que, certos inglezes modernos julgaram ainda á espera da solução. Tal é o caso das nascentes do Nilo, descritas por todos os chronistas da Ethiopia, desde o padre João de Almeida, a cuja singela narração o padre Balthazar Telles soprou rhetorica empollada.

Camões collocou Ophir em Surmatra, seguindo a leitura de Josepho. Só modernamente os inglezes se inclinaram para a opinião que dá esta região como situada na Africa, depois dos trabalhos de Theodoro Bent e da novella de Haggard "As Minas de Salomão". E, não obstante, essas idéas datam de quatro seculos, na literatura portugueza. Assim o prova, com farta documentação, o Sr. Ottoniel Motta, num appendice á sua edição dos "Lusiadas". Ri-se, e com muita razão, das conclusões de Rendall, que dá ás ruínas de Sofala uns trezentos a quatrocentos annos, quando ha quatrocentos annos, já eram velhas, como as descrevem nossas chronicas. E os inglezes adoptaram, patrioticamente, a sciencia do Sr. Randall...

Camões teve os conhecimentos geraes do tempo, e a curiosidade scientifica, qual se mostra em descrições da natureza, como a da tromba maritima, a do fogo de S. Thelmo e a do maremoto.

A minucia na descripção, a insistencia na veracidade dos phenomenos de que elle foi testemunha, estão como que desafiando uma explicação racional, que elle não vê ainda, mas que presente será dada, mais cedo ou mais tarde.

"Vi claramente nisto o lume vivo que a maritima gente tem por santo"

E, referindo-se á tromba:

"Eu o vi certamente (e não presumo que a vista me enganava) levantar-se no ar um vaporzinho e sutil fumo."

Sua curiosidade de homem culto exaspera-se: fala com ironia dos sabios presumidos que estes factos da experiencia

"Julgam por falsos ou mal entendidos"; e lança-lhes finalmente o repto, sem esperanza de que elles lhe respondam:

"Vejam agora os sabios da escriptura que segredos são estes da natura!"

E, confiando mais nos antigos philosophos de seus estudos classicos, observa, com desalento:

"Se os antigos philosophos que andaram tantas terras, por ver segredos dellas, as maravilhas que eu passei, passaram, a tão diversos ventos dando as velas, que grandes escripturas que deixaram!"

A cultura de Camões não era, pois, um méro verniz de forma exterior do pensamento; elle tinha o espirito voltado para todas as curiosidades nobres, numa ansia de investigação que nos mostra bem o seu quilate.

#### A LEITURA APAIXONADA DOS LUSIADAS

Deve-se ler a mocidade. Disse alguém: "uma grande vida é um sonho da mocidade realizado na idade madura": é preciso, pois, que o sonho seja bello, para que, se se realizar, fique para o paiz mais uma gloria. E em que livro tem-se tantos elementos para crear um ideal de vida como nesse? Todos os sentimentos estão nelle insculpidos em versos eternos: o amor puro, a ambição desinteressada, o desejo de gloria, o sacrificio, o valor, o desprezo da morte e o amor da patria sem limites, todos os grandes sentimentos animam como o fogo sagrado a alma dos heroes do poeta. Que melhor lição para os que entram na vida do que a que lhes manda deixarem no limiar todo o egoismo, e dedicarem-se sempre pela pessoa a quem amam, pela idéa e pela patria?

JOAQUIM NABUCO.

Camões e os Lusiadas — Rio, 1872 — Pag. 8.

Não o preocupavam sómente os phenomenos estheticos; attraíam-n'o os mysterios da natureza e o seu espirito philosophico dispersava-se em conceitos de muita sabedoria, de quasi presentimentos do futuro.

Elle o sabia, porque uma das características do genio é conhecer-se a si mesmo. E pôde dizer de si:

"Nem me falta na vida honesto estudo com longa experiencia misturada, nem engenho que aqui vereis presente, coisas que juntas se acham raramente."

Esta exuberancia de pensamento e solidez de cultura intrigou os sabios alemães, que se perguntaram com espanto onde esse moço aventureiro pudera estudar tanto.

Responden Storck, o biographo do poeta, que frei Bento de Camões, neste, era bibliothecario da Universidade e que, por meio d'elle, poderia engolfar-se na leitura dos velhos alfarrabios.

A verdade é esta: Camões viveu e estudou numa época, em que as humanidades eram a base de toda a instrucção. Todo o saber que elle estadeia nos "Lusiadas" se adquiria, inicialmente, num bom curso de humanidades, nos estudos geraes, que se faziam em Coimbra. Camões é o expoente maximo da cultura geral do seu tempo, nas classes letradas de Portugal e é expoente, não porque soubesse mais que os outros, mas porque o seu genio literario soube pôr em valôr, em belleza esthetica, os conhecimentos que eram patrimonio de todos. Muito maior que o saber, é em Camões a sensibilidade, que o torna o reflexo espiritual do seu tempo e do seu meio. Elle sente o mundo grego, a alma grega, na frescura immortal da Ilha dos Amores; sente a fé religiosa, no fervor com que nos faz acompanhar aquelles que as "terras viciosas de Africa e de Asia andaram devastando"; sente o patriotismo, e sente-o desvairadamente, porque a idéa de uma patria invencivel e grandiosa, como a sua fé, tornara os portuguezes idolatras de si mesmos, na exaltada esperanza de um quinto imperio.

O sentimento que se revela em Camões, sentimento que os outros povos só alcançaram com o romantismo, deu que pensar á Villmain, o qual confessou não saber explica-lo.

Nem eu pretendo fazel-o aqui. Direi apenas que o sentimento, na obra de Camões, é ainda uma prova de como nelle se fundiram e assimilaram a forma classica e o espirito christão, constituindo um todo perfeito — corpo e alma unidos.

E é nesta fusão de elementos disparres, nesta harmonia completa de valores tão differentes, elevados á maxima potencia pela unidade do espirito, que mais brilha a cultura, ampla e concentrica, do poeta da raça.

Elle viveu em si dois mundos, enchendo-os ambos com o seu espirito, e unindo-os para a civilização.

Exactamente como fizeram os navegadores, na ordem geographica. Como elles, e acima d'elles, agiu Camões, na esphera intellectual. Ahi, tambem elle soube dar ao mundo novos mundos, ampliando as fronteiras do antigo, e illuminando-as com o seu genio.

E o sentimento humano a que se rendeu, em seus poemas, a severidade da linha classica, é o desabrochar de uma flôr nova, nos dominios da cultura, e a flôr dessa mesma cultura.

Petropolis, 30 de Setembro de 1924.

J M G o m e s R I B E I R O

# UMA ESTANCIA DOS "LUSIADAS"

A Alberto Faria.

E segue-se nisto o parecer de Augusto, que na commissão que deu a Vario e a Tucca para emendar a ENEDA lhes defendeu expressamente que nenhuma coisa mudassem nem acrescentassem; porque em effeito é confundir a substancia dos versos e conceitos do autor com as palavras e invenção de quem emenda, sem ficar ao diante certeza se o que se lê é proprio se emendado. — Lobo Soropita, Prol. das RIMAS.

Um dos passos de mais difficil intelligencia nos "LUSIADAS" é este:

Quantos rostos alli se vêm sem côr,  
Que ao coração acode (1) o sangue  
amigo!

Que nos perigos grandes o temor  
E' maior muitas vezes que o perigo!  
E se o não é, parece-o; que o furor  
De offender ou vencer o duro imigo (2)  
Faz não sentir que é perda grande e  
(rara

(3) Dos membros corporaes, da vida  
cara!" (IV 29.)

Na ed. Laemmert de 1866 (T. I., p. 224) tenta-se explicar esta oitava sem alterar o texto acima exarado, que é o tradicional, mas pelos modos sem grande confiança na explicação (aliás vaga e inintelligivel), porque se acaba por aconselhar a que decorre da pequenina ed. de Lisboa por Paulo Craesbeeck (1651), que se diz conter o quinto verso com esta pontuação:

"E se o não é, parece que o furor,"

(1) Forma moderna. Já é frequente em Camões ao lado da forma — "acode" — vencida na concorrência.

(2) *Imigo* não é liberdade poetica, como se supõe vulgarmente, mas a forma organica e popular, derivada de *inimicum* pela queda normal da consoante intervocalica — *n* — A forma que veio a prevalecer foi deduzida directamente do typo latino, por via litteraria.

(3) Note-se a suppressão do pronome ("dos membros corporaes", em vez "a dos membros corporaes"). E' construcção elegante, vasada nos moldes da latinidade classica, para a qual a relação do génitivo se explicava por si mesma.

o que, como se vê, transforma profundamente o sentido da phrase.

A ser assim (e saltêa-nos a duvida por não conhecermos directamente a lição de Craesbeeck e vir ella transcripta de modo inteiramente diverso á pagina 478 da ed. de 1846 por José da Fonseca), á dita lição se opporia uma objecção muito ponderavel em se tratando de Camões: e é que seria preciso attribuir-lhe um torneio de linguagem pouco portuguez. Da só leitura dos versos em ordem directa se vê o desconchavado da phrase: "o furor de offender ou vencer o duro imigo, "se o não é" parece que "faz" não sentir que é perda grande e rara..."

Mas o sentido da estancia se nos antolha radicalmente invertido na reputada ed. de Hamburgo, levada a effeito em 1834 sob a direcção de J. V. Barreto Feio e J. Gomes Monteiro, com a substituição do vocabulo *maior* do quarto verso pelo seu antonymo *menor*. Uma nota arguta á pag. 381 do T. I., corroborada por outra erudita á pag. 399 do F. H., diligencia longa e minuciosamente justificar a substituição.

Todas as edições posteriores que nos foi dado consultar, excepção feita da popular do Porto (*Livraria Chardron*), que adoptou a emenda, continuam a manter a lição primitiva e tradicional; mas ninguem, que nos conste, se deu ao trabalho de oppor a merecida contradita ás copiosas considerações, ao primeiro exame irrespondiveis, com que se pretendeu legitimar a innovação.

Os directores da ed. de Hamburgo cerram argumentos para demonstrar que Camões não escreveu que nos perigos grandes o temor é muitas vezes "maior" que o perigo, mas precisamente a proposição contraria, pois só esta se adapta ao que descreve nos versos anteriores e sobretudo nos seguintes.

Em nossa opinião o que os impressionou não foi a verificação de qualquer incompatibilidade entre aquella proposição e a ordem de idéas que a precede, mas a contradição, senão verdadeiro disparate, que haveria em affirmar a magnitude do temor ("maior que o perigo"), pelo menos aparentemente ("e se o não é, parece-o") e dal-o como effeito daquelle mesmo furor de vencer, que apaga o instincto de conservação, determinando, portanto, actos extraordinarios de heroismo e coragem.

Eis como elles se exprimem:

"Mas se pelo que o poeta disse antes se mostra a incoherencia de uma tal sentença, muito mais se mostra ainda pelo que diz immediatamente depois:

"E se o não é, parece-o":

E porque o parece? porque "o furor de offender ou vencer o duro inimigo faz não sentir que é perda grande e rara dos membros corporaes, da vida cara" Pois se o furor de offender o inimigo lhes faz ter em pouco as vidas, claro está que nelles podia mais o furor que o temor; e então necessariamente era o temor "menor" que o perigo: porque sendo o a que se achavam expostos aquelles poucos Portugueses o maior que se pôde encontrar na guerra, se o seu temor ainda fosse "maior" que o perigo, deveram os seus effeitos ser igualmente os maiores que o temor tem produzido: "portanto deveram largar as armas e fugir com a maior precipitação e desordem, que nunca exercito algum fugiu."

Para acabar com esta contradição, sobre a qual não se alongaram mais "por não fazer offensa a seus leitores", foi que os citados commentadores assentaram de substituir pela palavra "menor" a sua contraria, que, suppuzeram, teria sido introduzida por mão alheia, afigurando-se-lhes que a hypothese de uma falsificação do texto, como se deu em outros lugares do "LUSIADAS", se tornava tanto mais accetavel quanto a equivocação entre as duas palavras era facil.

Depois disto lhes veio naturalmente a necessidade de ajustar o seu texto com os versos anteriores, fantasiando incoherencias que não existem entre estes e o verso que corrigiram e alinhando argumentos de toda ordem, a que teremos occasião de nos referir nesta nossa demonstração de que os illustres editores trilharão falso caminho, porque a estancia em questão se interpreta e entende perfeitamente tal como se encontra nas primeiras eds. do poema cujo texto, se não deve merecer-nos um respeito que frise pela superstição, não nos é licito certamente modificar sem um trabalho de critica rigoroso e documentado.

A nossa opinião tem uma psychologia exactamente inversa da dos commentadores da ed. de Hamburgo, porque nós partimos de que a sua emenda fica em

colisão com o sentido dos versos anteriores e tratamos, portanto, de accommodar a proposição do texto aos seguintes, convencido de que melhor é, sem duvida, a interpretação que o deixa intacto do que a que altera, visto como a falsificação não se presume: *in dubio... pro texto*.

Não se perca de vista que a proposição contida no verso terceiro e no quarto da est. 29, é uma explanação dos dois primeiros, pois começa pela conjunção causal — "que". E a admitir-se que Camões tivesse exclamado ser o temor menor que o perigo, seria força aceitar que os dois primeiros versos não poderiam exprimir uma consideração sobre os corações amedrontados dos soldados, mas precisamente sobre a sua falta de medo, compreendendo-se então que passasse a explicitá-la como um caso que muitas vezes dá nos perigos grandes.

Mas é difficil não ver uma pintura periphrastica do temor nestes versos:

Quantos rostos alli se vêm sem côr,  
Que ao coração acode o sangue amigo!"

Alguns espiritos suspicazes enxergam aqui uma intuição genial da circulação do sangue: entre elles está José Antonio de Freitas.

Não seria um caso isolado, é certo, mas nesta intuição parece ainda a imaginação de criticos exercitados em elogios preciosos. O grande principio que revolucionou a physiologia e que se deve, como é sabido, a William Harvey, não se resume na simples affluencia do sangue ao coração. Elle se caracteriza por este movimento perpetuo do sangue, partindo do coração para todas as regiões do organismo, cujos tecidos recompõe e alimenta, para voltar de novo a renovar-se e assim continuar o seu circulo indefinido.

Harvey assignou ao coração a função, que não se lhe conhecia, de centro regulador e motor daquelle movimento, assentando as bases do seu mechanismo, o que é muito diverso do simples movimento do sangue ao coração, que elle não podia descobrir pelo singello motivo de que ninguém o ignorava.

Assim sendo, não ha lugar a esculpir no monumento "ære perennius" do grande epico mais este florão, que elle dispensa certamente...

Mas, se o movimento do sangue ao coração, ou a outras partes do organismo, esboça, ainda de modo vago, o principio de Harvey, neste caso hão de convir que isto era antes de Camões um lugar commum da literatura:

"Et in venas extremaque membra,  
concurrit

LUC., PHARS., L. VI.

... gelidus in viscera sanguis,  
"Percussa pietate coit"

Idem, VII.

"Frigidus Arcadibus coit in præcordia  
sanguis"

ENEID., X. 452

Para que neste ultimo exemplo (que é decisivo, tal a similhaça com os versos de Camões) e no antecedente não se tire alguma objecção, do significado do verbo *coit* (*coere*, geral), é bom lembrar que a idéa do movimento está indubitavelmente indicada pelo accusativo regido da proposição *in*.

Dissemos que aquella mudança de côr exprime o temor. Na literatura classica, em que tão profundamente se abeberava Camões, em regra assim era. É inutil citar muito, para não carregar este escorço do apparatus trivial da erudição



Luiz de Camões

(Por Gérard).

facil. Os passos são innumerous: na ENEIDA, por exemplo, temos nota do verso 212 do L. II; no *Inferno*, de Dante, lembra-nos o verso 1 do C. IX. Nas LUSIADAS mesmo, num trecho que reflecte a influencia da poesia, que já se exercitava entre os poetas palacianos do tempo, com seus trocados de mau gosto, "o mar Roxo de medo fica amarello" (II, 49; X, 62).

Feio e Monteiro, porém, encontraram para a mudança de côr um sentido sem relação com o temor; parecendo-lhes antes denunciadora de uma concentração do valor e da coragem; pois outra coisa não é, ao ver delles, aquella affluencia ao coração português do sangue, que em tão arriscada crise era aos soldados mais necessario do que nunca.

Ora, essa maneira de exprimir a coragem pelo acudir do sangue ao cora-

ção, dado pelo poeta com razão do empallidecimento, seria um fórma bem alheia dos moldes camonianos e da literatura classica.

Para justificar o novidade que emprestam a Camões, allegam os illustres editores que a idéa de frio sempre anda ligada á do medo na literatura antiga, como a de calor representava a coragem, deslembrados de que, se no passo em questão não se declara a temperatura do sangue, é gratuitamente que lhe emprestam calor, sendo, portanto, de todo ponto inefficazes os exemplos que adduzem.

Não é pois, nem pela idéa de frio, ou do calor, que fallecem no caso, que se ha de resolver a interpretação daquelle versos, mas sim pela da pallidez, que já se viu ser em geral característica do medo.

E a ordem de idéas em que vinha Camões, mostra com evidencia que outra coisa não quiz pintar por aquella mudança de côr.

Da fresca Abrantes saem os portuguezes sob o commando do mestre de Aviz para enfrentar com os castelhanos na famosa batalha de Aljubarrota (est. 23) Como na ENEIDA (VIII, 592), as mães, irmans, damas e esposas estavam debruçadas pelos muros, promettendo jejuns e romarias (est. 26) Mas o seu medo ainda é, como em LUC., PHARS., VI, um "alegre medo" (cit. est. 26), isto é, um medo misturado de esperanza.

Ao chegarem de frente dos castelhanos, estes os recebem com grandes gritos e todos concebem grande duvida sobre o resultado (cit. est. 26)

As trombetas, pifaros e tambores dos portuguezes dão a resposta áquelle gritos (est. 27). Ahi o poeta, como propositadamente para accentuar a sensação da gravidade do que vaee seguir-se, assignala o dia e o mês em fórma periphrastica e majestosa

"Era no secco tempo que nas eiras etc.  
Est. 27

Então deu o signal terrivel a trombeta castelhana: e as proprias coisas inanimadas se emedrontaram, á similhaça da ENEIDA (VII, 515—518), PHARS. (VII) e ORL. FUR. (XXVII, 101); o Guadiana remonta o seu curso, segundo a hyperbole vulgar entre os classicos; o Douro e as terras transtaganas se sobresaltam; o Tejo como que receia continuar a correr, e as mães, que pouco antes tinham alegre medo, ao ouvirem o som tremendo, aos peitos os filhinhos apertaram (est. 28), no mesmo bello gesto que se vê na ENEIDA e no ORL. FUR. (*in loc. cit.*)

Nada mais natural do que lembrar-se o poeta, que pôz em relevo a sensação de medo e exaggerou a de susto, de quantos rostos tinham a côr demudada e quantos corações tremiam amedronta-



Portada da 1ª edição

dos. no instante tragico de iniciar a peleja.

Não é um medo que pudesse envergonhar os portugueses, que não era muito o tivessem quando as proprias coisas naturaes foram por elle dominadas.

E' excusado recorrer aos chronistas e á tradição oral, como o fazem os directores da ed. de 1834, para repellir delles a vilta de medrosos antes e durante o seu mais glorioso feito de armas, pois não é necessario contestar isto para entender a est. de Camões: a maior confiança antes da batalha e o maior heroismo durante a acção não collidem com uma insopitavel impressão de temor no momento preciso de inicial-a.

Não ha lugar para o patriotismo abespinhado ditar interpretações a seu sabor, tanto mais quanto na est. 29 o que ha são considerações igualmente applicaveis aos dois exercitos, e não exclusivamente aos portugueses, como gratuitamente e sem discussão admittiram aquelles commentadores.

Dizem elles ainda que o descorar dos combatentes ao som da trombeta castelhana é o effeito ordinario da tuba sonora e bellicosa, que mesmo nos simulacros de guerra

"O peito accende e a cõr ao gesto muda."  
1, 5

A este respeito observaremos que se podem comprehender dois effeitos distinctos dos clarins de guerra: o de enthusiasmar e excitar para o combate ("o peito accende") e o de amedrontar ("a cõr ao gosto muda"), effeitos nesse passo reunidos, mas que no estilo camoniano são na maioria dos casos considerados isoladamente

Na est. 63 do C. VI:

... e o som da tuba inpelle  
"Os bellicosos animos que inflamma"

só se põe em relevo a funcção excitadora do enthusiasmo.

Na oitava II:

"Ouviste o som das tubas não suaves,"  
"Mas com terror horrifero soando,"

Camões só tem em vista o segundo effeito, é manifesto. E' o que se dá em o nosso caso. O signal da tuba castelhana é qualificado de "horrendo, fero, ingente e temeroso"; o seu som, de "terrivél"; a impressão que produz nas mãos é de terror e nas coisas é de pavor e espanto; nos homens é a mudança de cõr: isto é, sempre aidéa de temor, um dos effeitos das tubas de guerra, segundo o estylo classico excluida por completo a idéa de inflamar, de que não ha referencia alguma.

Num trecho do ORLANDO FURIOSO, do qual se não pôde duvidar que exprime o temor, pelo que se diz em seguimento seis estancias adiante, encontra-se exactamente a mudança de cõr como effeito natural da trombeta de guerra, o que illustra bem o nosso caso.

*Segue la tromba a daré, il signo presta,  
Che face a milli impalidir le guance.*

XXX, 47.

E na Elegia XII, falando do terror que ha de espalhar a trombeta biblica no valle de Josaphat, Camões o liga á pallidez dos semblantes

*De trombeta tremenda som terribil  
Ouvido, fará pallidas as frontes.*

Parece-nos, pois, fóra de duvida que a turvação pintada nos rostos dos combatentes de Aljubarrota, ao ser ouvida a tuba castelhana, outra coisa não exprime senão o terror

Comprehende-se, então, que o segundo verso não altera o sentido natural do primeiro: é apenas uma explicação daquelle pallor, que podemos entender, cingindo-nos ao sentido preciso de "acudir" e não desdenhando a adjectivação "amigo", como determinação pela fuga do sangue, alma da vida, em socorro do coração, sede de todos os sentimentos, ao primeiro rebate do temor. E' pois uma explicação literaria e pittoresca, fundada sem duvida na sciencia do tempo.

Com o atrás da physiologia de então, que se pôde dizer *uondum nata erat*, não fóra desrazoavel imaginar-se com o vulgo de hoje ainda suppõe, que o empalledecimento seria occasionado pela fuga precipitada do sangue para o coração.

D'ahi a idealisada explicação camoniana, idealisada e erronea, porque hoje se sabe que a mudança de cõr é

determinada pela impressão de surpresa que causa uma emoção; donde uma parada subita e ligeira do organ central. o que faz diminuir o fornecimento do sangue e, portanto, empallidecer o rosto, porque no cerebro é que primeiro se reflectem as modificações circulatorias.

Em seguida á sua exclamação sobre o temor dos combatentes, era muito logico que o poeta passasse a dar a razão delle.

E por isso diz explicativamente:

"Que nos perigos grandes o temor  
E' maior muitas vezes que o perigo".

Seria uma tparalogismo que elle accentuasse a existencia do temor, sobretudo em tom encarecedor como o faz, e depois desso como razão ser elle em regra "menor" que o perigo.

Os directores da ed. de 1834, apagam-se a um argumento especioso, tirado do adjunto adverbial "muitas vezes"; pareceu-lhes que Camões não podia dizer á guiza de excepção uma proposição geralmente verdadeira, qual a de que o temor é maior que o perigo, pois isto não "muitas vezes" mas "sempre" se dá. Eis como o empenho de cerrar argumentos em favor de uma hypothese preestabelecida faz esquecer até as contradicções palpaveis... Pois se o temor fosse "sempre" maior que o perigo, claro está que a emenda attribuiria a Camões uma proposição falsa, que seria o dizer que é "muitas vezes menor".

Em verdade nem sempre é maior; portanto, bem fez Camões em exclamar que o é "muitas vezes", isto é, frequentemente, o que está longe de significar excepcionalmente.

Para entender a proposição em litigio de harmonia com os versos se-



Portada da 1ª edição

Nos *Lusitanae* ha o sentimento vago, heroico e exaltado, duma era nova, em que a actividade industrial e pacifica presidirá ás relações universaes. Inicialmente, a escolha da expedição do Gama — cujos resultados foram decisivos neste duplo ponto de vista — para thema principal de seu poema, prova bastante que tinha Camões sentido a importancia de semelhante revolução. Compreendeu o Poeta perfeitamente o papel marítimo de sua patria no estabelecimento das relações entre o Oriente e o Occidente e a reacção commercial desse mundo novo que abriam para o futuro os navios do Gama.

MIGUEL LEMOS.

*Luis de Camões* — Paris, 1880 — pag. 222.

guintes, importa precisar o significado da palavra "perigo", em torno da qual gira, a nosso vêr, a confusão de Feio e Monteiro.

O sentido vulgar é o de males iminentes, damnos que pendem ou ameaçam; diz-se que uma pessoa está em perigo quando está sob a iminencia de um mal.

Este é evidentemente o sentido da palavra no terceiro verso.

Mas é visto que esta accepção não convém ao mesmo vocabulo no quarto verso.

Se dêssemos á palavra o sentido de mal, não mais imminente, mas real, effectivo — e este é em fundo o sentido que lhe attribuem os citados commentadores —, a proposição de Camões exprimiria este facto psychologico trivial: que a imaginação cria males que não existem, os quaes, depois que caem, se verifica quasi sempre serem menores do que a expectativa.

Em taes condições caberia approximar os versos de Camões dos de Ovidio (HER. XXI, 349) e de Vergilio (ENEIDA, VIII, 556-557). Mas a proposição se tornaria impossivel com os versos seguintes, como o demonstraram Feio e Monteiro e se vê do trecho que delles trasladamos.

Resta-nos o recurso de admitir que a palavra "perigo" do quarto verso tem, não a accepção objectiva de mal que se realisa, lance perigoso, mas um sentido subjectivo, isto é, a impressão que em nós causa dito mal ou lance, o que em summa não é, mais do que um caso de metonymia ("causa pelo effecto") de que tanto usa e abusa Camões.

Basta lembrar estes exemplos:

"Vereis este que agora pressuroso  
Por tantos medos o Indo vai buscando."  
II, 47

"Se tenh' novos medos perigosos  
D'outra Scylla e Charibdis já passados."  
VI, 82

"Outra vez commettendo os duros me-  
(dos  
Do mar incerto"  
IX, 16.

"E por entre estes horridos penedos  
A quem negou natura o claro dia,  
Entre tormentos asperas e MEDOS"

Eleg. II.

Não referimos o da est. 63 do C. III, porque, segundo Diez, não se trata alli de metonymia, mas de um reforço pleonastico da expressão do verbo ("medos não temia"), facto commum a outras linguas novilatinas. Mas nos trechos citados é indubitavel que "medos" está em lugar de "perigos" ("effecto pela causa"), o que é o inverso do nosso caso, porém com perfeita analogia com elle.

Acceto isto, os versos de Camões conteriam a observação de um facto psychologico diverso, qual o de que a impressão de temor na iminencia do mal desaparece logo que entramos em

luta com elle; de modo que a equação é estabelecida, não entre o medo do imminencia e o medo na acção do mal.

E esta intelligencia é tanto mais legitima quanto o restante da est. não é senão um desdobramento daquella observação.

Tudo o mais corre como *sur des roulettes*: se aquelle medo não é maior do que o experimentado no acto parece sel-o, visto como o furor de offender o inimigo, a ansia de vencer apaga no espirito aquella impressão de temor e faz que a gente sacrifique corajosamente a integridade physica e a vida.

Eis ahi interpretada a estancia sem violencia ao texto, ao bom senso, nem aos moldes camonianos.

Entretanto, ainda ha commentadores, posteriores á ed. de Hamburgo, que, mesmo ao achanarem em prosa o grande epico, nem sequer atinam com o disparatado da sua interpretação...

RAUL SOARES

Campinas, 1908.

(D'O Estado de S. Paulo, n. 11,034, de 24 de Fevereiro de 1909.)

## CAMÕES, GENTIL GARÇÃO

### O VOTO DE AFFONSO LOPES VIEIRA

Nuna conferencia feita na lendaria e nobre Coimbra, em 1915, perante os estudantes da Universidade, Affonso Lopes-Vieira suggeriu que se levantasse ahi o monumento de Camões. Lembrava, porém, o principe dos actuaes poetas portuguezes, com a intelligencia e a sedução que lhe ornava a figura aristocratica como dons singulares, que a estatua reproduzisse, não a face envelhecida e amargurada dos desenhos de Panhes, Villa Franca, Gérard ou Columbano, mas "a imagem de Camões adolescente, gentil escolar de artes e humanidades", a qual viria a ser ainda a unica em cujo rosto veríamos os dois olhos. Dizia então: "Erguendo esse monumento, tercis realizado a mais espiritual, a mais esthetica, a mais patriótica das obras academicas, por ser aquella que encerra, além de sua belleza propria, o mais nobre e perduravel caracter, prolongando-se através de gerações successivas". O mesmo formoso sentimento manifestou Barrés, quando, no louvor que teceu a Dante, na Sorbonne, em 2 de junho de 1921, por ocasião do sexto centenario da morte de Alighieri, exhortou a todos quantos ouviam a sua palavra cheia de estranha emoção a olharem sempre para as feições de Dante moço, e não para os retratos em que o florentino apparecia com o perfil enrugado, duro, austero, sombrio e com a alma de exilado, cheia de rancor e colera. "Il faut, falava Barrés, apercevoir la grace, l'élégance, le souvenir d'une jeunesse

aimable, active, ardente, jeunesse de jeune poete amoureux et de soldat, avec la chasse, la danse, les chevauchées, la musique, les jardins, les fleurs, la nature, le délice du paysage natal où tout se baigne de chaleur" Maurice Barres referia-se ao Dante do "Bargello" de Florença, modelo de equilibrio e de harmonia, obra de Giotto, em que o cantor maximo se mostra o joven victorioso que foi, antes de ser o velho abatido e desilludido, popularizado pelo busto de Napoles. Assim, precisamos crear o semblante de Camões gentil garção, bello e venturoso, com a physionomia perfeita, sem o signal da dôr, que deforma, exprimindo na pureza das linhas todo o desabrochar de sua alma lirica e apaixonada. Essa effigie de Camões mancebo, tocada pelos effluvios mysteriosos da graça divina e aureolada pelo sonho infindavel de gloria, revelaria harmonicamente a vida risonha, florente, cheia de esperanças e de ansiedades. Ideada pela visão esthetica do homem que lhe comprehendesse o encanto da adolescencia, a imagem de Camões ephebo, radiante de serenidade e enlévo, symbolizaria, afinal, o genio dominador, fóra das contingencias que nos impellem á dissolução, á ruína, á morte — porque, elle é a eterna mocidade, e a belleza immortal. E, dest'arte, o voto do mais lustrante dos aedos de agora teria deslumbrante realização, como fórmula e como pensamento.

ELYSIO DE CARVALHO

# CAMOES COMO HEROE

O heroismo é um escudo que o homem oppõe ao sol do destino. Isto não é definição nem será. É apenas photographia tirada por um espectador que está fóra do campo assistindo ao torneio incommuni. O heroismo é ter uma dor de dentes, perder dois ou tres ou quatro cheques preenchidos, e falar da alegria da vida. Um simultaneismo a tres instrumentos. Também não é definição. É um exemplo de auto-suggestão. O heroismo é a acção. Um homem que sócca as mandíbulas de um rival sportivo até certo ponto é um heroe. Se as sóccasse especulativamente, debruçado sobre uma chicara, nunca seria heroe, nem para lá estaria andando. Blake, no "Casamento do Céu e do Inferno", disse: "O Desejo não seguido de acção engendra a pestilencia" O caso mais serio de heroismo que conheci foi este: um rapaz fino como uma fumaça de cigarro ou buscapé ordinario, atroando um quarto fechado durante horas a fio. Nos andares inferiores, toda a gente estava alarmada com os trovões syntheticos, com os tombos, os gritos e os moveis percorrendo o ar em parabolias resumidas. O rapaz apparecia depois, ar sportivo, transpirado, cor de nicotina lavada, encostando-se aos mapas do Brasil (o andar era um instituto historico e geographico mantido pela União Rockefeller) e ás folhinhas de votos de felicidade da L. D. N.: "Lutei... doze rounds..." Descobriu-se que se metia no quarto sozinho phantasiando lutas de box. Nunca seria heroe. Quando Brummel inutilizava cem tiras de seda para dar um laço de gravata ("regardez, Jimmy, ce sont aos erreurs"), até certo ponto era heroe.

Mas a acção não póde ter uma precisão barometrica. Dizer, de + O do homem é heroe, de — O não o é, é um disparate. A acção é um turbilhão que se canaliza pelos nervos cerebraes e sexuaes. Uma especie de soro ultra-glucosado acelerando as veias. Camões é um heroe. D. João também o é. Carlito — que é a acção multipla — também.

Camões é um heroe da Renascença. O homem que disse ter deixado a vida "pelo mundo em pedaços repartida", é uma figura sympathica e abnegada. É dar muito de si. Ama D. Catharina de Athayde. Na côrte dizia de si "que andava farto, querido e cheio de favores e mercês de amigos e damas" Isto não é heroismo. O heroismo é dos amigos e das damas. Degredos. Ceuta. Espadachinadas. Sabia dizer finezas, engenhar trovas e tocar viola como qualquer soldado poeta de Arzilla. Os adversarios nunca lhe viram as solas dos pés, como dizia de si. Acutilou, no dia de Corpus-Christi, Gonçalo Borges, creado d'el rei. Carcere. Goa. Empregos militares que não lhe de-

ram, debentures nem dividendos. Mas Roxo e Golfo Persico. Malaca, Molucos, Macau: tres m perfidos. Sumatra, Ceylão e Malditos. Escreve o "Auto de Filodemo: As satyras finas como punhaes. "Os disparates da India". Entremeia o amor dos portuguezes sazoados pelos ares de Goa com eclogas funebres. Mas não fala em "escudero que se tornou pastor" e em "los pastores que se tornaram palaciegos" ao gosto de Juan de la Encina. Mandado para a China, ou como provedor dos defuntos e ausentes, para uma terra onde não morria ninguem dentro e fóra de portos. Os "Lusiadas" Recolhido a Goa debaixo de prisão. O naufragio. A scena cinematographica de fita em series. Cadeia. Restituído à liberdade. Total das prisões e batalhas: dezeseis annos na India e nem mais um real. Em 1569, de Moçambique vem para Portugal. Alcacerquibir. A morte em 1579. Os epitaphios — a unica reportagem do tempo.

Esta vida desarticulada mas logica em que cada ventura passageira vinha escol-

tada pelos infortunios, dois sujeitos inconversaveis e inconversiveis á alegria, conta que Camões, soldado e poeta, nunca cultivou os cogumellos da hypocondria. O genio não é uma euthanasia, é um delirio. Para os de senso communi o genio é mais incommodo que um cataplasma de um vesicatorio.

Camões não cedeu aos sonhos do Oriente. O Oriente é a imagem actual para que se voltam H. Mann, Curtius e R. Rolland. Mann já falla no "radicalismo todo sarmata que será o sinete da nova civilização porvindoura do Este — luz serena e igual como uma lampada num logar sem vento e que não vacilla. Keyserling busca a sabedoria millenaria, harmonia de todas as forças dissonantes do Oriente, resumida na infinita liberdade do Vuo, cantado por Tagore. "O coração, a essencia propria da experiencia indiana, reside na intuição constante da unidade de toda a vida e na convicção instintiva e inabalavel de que o mais alto bem e a liberdade suprema se acham

## OS LUSIADAS

O titulo do poema mostra sua intenção. Os que accusam Camões por ter esquecido o Gama e a expedição são inveridicos, e, além disso, não perceberam bem os dois momentos differentes da concepção do poema. A idéa foi a navegação, mas o espirito foi a patria. O heroe dos *Lusiadas* não se chama Vasco da Gama, chama-se Portugal; não é o navegante ousado que descobriu as Indias, são todas as gerações heroicas que o solo da Patria produziu, a primeira que o libertou, a segunda que venceu a Hespanha, a dos tempos de D. João II e de D. Manoel que partia sedenta de gloria

*A ver os berços onde nasce o dia.*

A primeira vez que elle pronuncia o nome do descobridor das Indias é na estancia XII e ahi depois de Egas Moniz e de D. Fuas, para cantar os quaes só *cubiçava a cithara de Homero*. Aparecendo nesse momento tem o almirante o alto elogio que lhe é devido:

*Dou-vos tambem aquelle illustre Gama  
Que para si de Enéas toma a fama.*

Esse tambem mostra que Camões não se propunha a cantar só um personagem; depois do Gama, que já tinha predecessores na estancia, vem os Almeidas, os Pachecos, os Albuquerque e os Castros. É o Pantheon portuguez essa invocação dos *Lusiadas*. A nação ganha com todas as glorias que a honram sem invejar nenhuma. Não é ella o pedestal dos heroes, como a Grecia homerica; os heroes são sua emanacão

Foi esse o pensamento do poeta, e é por isso que o seu poema é o mais nacional dos poemas modernos. Vasco da Gama é na verdade o chefe da expedição; o lugar de honra pertence-lhe mas elle só é grande porque é a viva representacão da patria. O infante D. Henrique, D. João II, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Magalhães, são outras tantas manifestações do genio da navegação, que linha a nação portugueza. Posta á beira mar, fechada com sua imaginacão e sua alma em uma lingua de terra, á mercê da Hespanha, no tempo das conquistas e da forza, Portugal sonhava o dominio de um novo mundo acreditando ter bastante vida para animá-lo. Essa idéa que entrou na intelligencia do paiz teve em certa epocha os mais illustres soldados e muitos martyres; todos que se sacrificaram por ella, e os que com ella venceram, cobriram-se de gloria, mas a gloria maior era da nação, que tinha feito desse sonho sua politica e que vivia d'elle.

Isso comprehendeu-o Camões com a intuição, que dá o amor. Escrevendo o poema da navegação sentiu que era preciso dar a seu paiz o principal papel. É assim que a gloria da nação torna-se mais pura e mais brilhante, á medida que se penetra no interior do poema; é um monumento nacional, em cujos baixos relevos estão esculpidas grandes batalhas, e que está cheio de estatuas de heroes. Nenhum feito notavel do mais remoto passado falta a esses Annaes da raca portugueza; nenhuma pedra preciosa falta a essa corôa de um povo forte adormecido no sepulchro de Alcacer. *Os Lusiadas* são o poema de Portugal.

JOAQUIM NABUCO.

*Camões e os Lusiadas*, Rio 872 p. 113-5.

Nos *Lusiadas* se reconhece a contribuição simultânea de tres influencias principais a que o Poeta obedeceu, dada a situação historica em que surgiu. Em primeiro lugar a influencia catholico-feudal, depois a influencia classica e finalmente o presentimento confuso, mas real do advento de um regime pacifico industrial, para o triumpho do qual eram preparaçõs necessarias as grandes navegações portuguezas, instituindo a exploração previa do habitat humano e a extensão das relações planetarias.

MIGUEL LEMOS.

*Luis de Camões*. Pariz, 1880 — pag. 209.

no reconhecimento desta unidade”, diz Ananda Coomaraswamy, na “Dança de Civa. Na supposta desintegração, no crepusculo dos deuses do Occidente, o homem europeu, fazendo gestos friaveis, para salvação sua, deve beber toda a luz do Este

Nenhum determinismo oriental deformou o espirito do Genio. Não porque ignorasse o Oriente. A literatura portugueza do Oriente, por mais empirica que seja em alguns dos chronistas e viajantes, provou que se conheciam muito bem os povos orientaes. A sua vida foi um derramamento da alegria de viver. A Asia não alterou a parabola do seu impeto para o infinito, nem lhe prejudicou o espirito universalista. Se a Asia possuia alguma cousa de seu, foram-nos os farrapos, as dividas e algumas irritações quotidianas que seriam facilmente curadas pela auto-sugestão. A este respeito, a sua vida é um espectáculo de heroismo biselado como um espelho maravilhoso, multiplo em paredes prismaticas. O soldado portuguez, mal chegado á Brasilia Sive Terra Papagalli, á Africa ou ás Indias soffria immediatamente a acção do meio como um corpo de cera exposto a um calor causticante. Nenhum mysticismo oriental o invadiu. Era bem Renascença. O terror não existiu nem na vida nem na obra. Os soldados entregavam-se ás realidades quotidianas, jogando com as proprias vidas como quem joga dados. Queriam apenas que a vida continuasse como um espectáculo que não pôde ser interrompido. Como todos os grandes espiritos da Renascença, procurou com paroxysmo o absoluto. Procurou a gloria temporal — falhou. Espreitou durante toda a sua vida a idéa do vir-a-ser na arte e na vida. Dahi Camões ser uma realidade movel. A sua duvida era provisoria e profunda ao mesmo tempo. Só lhe interessava a percepção da mudança dos dados da consciencia. O heroe da Renascença é um “idealista pratico”. É o ebriado da acção. É o especulativo da mecanica da energia.

O arcadismo não deu nenhuma interpretação de Camões. Se a desse, fal-

hia Corydon — qualquer — coisa, occupando uma sinecura tabeleonica, ou seria “assistente do Sufete, como se dizia no tempo, isto é, secretario do ministro. Camões, pelo contrario, teve de soffrer as iras de Vernev e M. Agostinho.

O romantismo deu a interpretação garrettiana e a de Castilho, ultra-romantica. A de Garrett apresenta-nos Camões nostalgico, indifferente ás rijas ceulemas que aos ares sobem e ferem o vento, mas volta para Lisboa. Tudo vê atravez da nevoa da saudade:

*no gesto senhoril, mas annuviado  
de sombras melancolicas, impresso  
tem o caracter da cordura ousada  
que os filhos ennobrece da victoria.*

TEIXEIRA SOARES

## A libertação da realidade e a invenção

ESPECIAL PARA “AMÉRICA BRASILEIRA”

Houve uma época na nossa litteratura em que aspirámos á libertação da realidade.

É uma época politica da vida dos novos escriptores cheios de rebeldia de imagens na vida prostrada e limitada pelas imagens antigas. Só se explica o realismo a que nos lançámos pelo desejo de redimir uma realidade sympathica ás renovações que assim se mostrou com caracter original.

É quasi um dever de gentes liberaes dedicadas á litteratura atacar os termos reaes em certo periodo e até volver a elles de vez em quando.

Devem ser estes termos reaes termos de muito caracter que por si sós representem uma originalidade.

Toda a nossa obra realista não representa mais do que essa época heroica de salvar uma realidade que não podia jámais com as suas dominações e as suas imagens

Cansou-nos lastima o ambiente moral das novellas e quizemos retemperar a realidade em um novo estylo.

Já acabou o nosso dever?

Este é o caso, este é o problema do momento. Ainda nos chama a realidade promettida, ainda nos dá gritos anciosos que veem a nós outros com as suas mãos enclavinadas, porém, que talvez vai sendo hora de se lhe não dar attenção e de crear uma super-realidade, a realidade da invenção.

Não é a invenção que supponho uma cousa arbitraria, feita de entretenimentos do estylo, nem desses jogos de dados com que se jogam com

Camões, modernista, correria o perigo de ler os banalissimos jornaes ou boletins de oto-rhyno-laryngologia internacional, ou as publicações da L. D. N. Mas não. Camões, modernista, voltar-se-ia para a Renascença e apreciaria mais o homem do que a obra. O mysterio é a ultima palavra da philosophia. A parte theorica do Genio é a sua obra litteraria; a pratica, é a vida. Nos estreitos limites da vida, quiz pôr, abrangendo de extremo a extremo, como uma abobada ideal, toda a grande curva da idéa do infinito. Esta idéa, indifferente á duração, como se a duração fosse imanente, extravasou da vida, em absoluta eontinuidade e foi animar, como o deseortino de uma perspectiva insondavel, toda a obra litteraria do grande Genio.

as palavras nos xadrezes do momento.

A invenção a que ha de se entregar, alguem é a invenção que vem depois da que estalou por ultimo depois da outra época de dedicação á libertação da realidade com respeito ás escravidões de outra época.

Todo aquelle que abomina o presente e que não abominou nenhum tempo deve deixar-se como detricto fertilizador nos campos e nas “mactas” da nova invenção. Nella hão de aproveitar-se como elemento secreto e prenatal todos esses elementos que encham o Bazar da vida.

As santas imagens que brotam dessa mistura são as phantasmagorias dignas da época.

Ha todo um mundo novo de invenções, novo porque se suspeita que não está na realidade nem estava, é o que se pôde chamar novo sem falsidade.

Porém tem que interessar a logica da nova invenção. E já estão bastante a salvo a realidade, as manhãs, a força da sua primavera, os vigores da vida, a subida da seiva do amor. Tudo tem sido posto em regra e é dado á vida a sua maxima autoridade e desprezo nos novos limites conquistados, agora necessita-se da phantasmagoria pura, nem scientifica nem de aventuras, nem sómente feita de imaginação nem sómente feita de fantasia.

Na margem de todos os romantismos novos, uma margem que seja a elegancia e a alegria realizadora dos que já fizeram uma revolução.

Ramon Gomez de LA SERNA



# LAUREIS DE CAMÕES

## A CAMÕES

Entre dois sonhos — lida mal sonhada —  
De phantasias mil a phantasia  
Viveu, como su'alma desvivia  
De seus fundos cuidados mal cuidada.

Em lembrança da patria deslembrada  
A gloria sua a gloria della erguida;  
Escura noite lhe surgira o dia  
Na viva luz da formosura amada.

Partido o coração, a alma partida  
Naquelles sonhos, vasta immensidade,  
Era-lhe a vida morte, e a morte vida!

Hoje renasce na immortal saudade:  
Tem nos versos a patria aos céos erguida,  
E o seu amor n'um templo — a eternidade!

JOSÉ BONIFACIO.

## CAMÕES

### I

Tu quem és? Sou o seculo que passa.  
Quem somos nós? A multidão fremente.  
Que cantamos? A gloria resplendente.  
De quem? De quem mais soube a força e a graça.

Que cantou elle? A vossa mesma raça.  
De que modo? Na lyra alta e potente.  
A quem amou? A sua forte gente.  
Que lhe deram? Penuria, ermo, desgraça.

Nobrememente soffreu? Como homem forte.  
Esta immensa oblação?... E'lhe devida.  
Paga?... Paga-lhe toda a adversa sorte.

Chama-se a isto? A gloria appetecida.  
Nós, que o cantamos?... Volvereis á morte.  
Elle, que é morto?... Vive a eterna vida.

### II

Quando, transposta a lugubre morada  
Dos castigos, ascende o florentino  
A' região onde o clarão divino  
Enche de intensa luz a alma nublada,

A saudosa Beatriz, a antiga amada,  
A mão lhe estende e guia o peregrino,  
E aquelle olhar ethereo e crystallino  
Rompe agora da palpebra sagrada.

Tu que tambem o Purgatorio andaste,  
Tu que rompestes os círculos do Inferno,  
Camões, se o teu amor fugir deixaste,

Ora o tens, como um guia alto e superno  
Que a Natércia da vida que choraste  
Chama-se Gloria e tem o amor eterno.

### III

Quando, torcendo a chave mysteriosa  
Que os cancellos fechava do Oriente,  
O Gama abriu a nova terra ardente  
Aos olhos da campanha valorosa,

Talvez uma visão resplandecente  
Lhe amostrou no fu'uro a sonora  
Tuba, que cantaria a acção famosa  
Aos ouvidos da propria e extranha gente.

E disse: "Se já n'outra, antiga idade,  
" Troya bastou aos homens, ora quero  
Mostrar que é mais humana a humanidade.

"Pois não serás heroe de um canto fero,  
" Mas vencerás o tempo e a immensidade  
" Na voz de outro moderno e brando Homero."

### IV

Um dia, junto á foz de brando e amigo  
Rio de extranhas gentes habitado,  
Pelos mares asperrimos levado,  
Salvaste o livro que viveu contigo.

E esse que foi das ondas arrancado,  
Já livre agora do mortal perigo,  
Serve de arca immortal, de eterno abrigo,  
Não só a tí, mas ao teu berço amado.

Assim, um homem só, naquelle dia,  
Naquelle escasso ponto do universo,  
Língua, historia, nação, armas, poesia,

Salva das frias mãos do tempo adverso.  
E tudo aquillo agora o desafia.  
E tão sublime preço cabe em verso.

1880.

MACHADO DE ASSIS.

## A LUIZ DE CAMÕES

### I

Emquanto ao fogo intenso, em que teu peito ardia,  
Do teu grande padrão fundias o metal:  
Emquanto o eterno molde a tua phantasia  
Riscava do poema enorme, colossal.

Emquanto o monumento acabado saía,  
Sellado por teu genio olympico, immortal:  
Emquanto a eternidade a tua obra envolvia,  
E punhas ante Homero o seu maior rival...

Emquanto se ebriava a terra ao ler teus versos,  
E vinham do horizonte ouvir povos diversos  
A epopéa do mar e da navegação...

Oh! Luiz de Camões, oh! grande sombra morta,  
Nas ruas de Lisboa um Jáu de porta em porta,  
Sem que seu amo o saiba, anda a esmolar-lhe o pão.

### II

Para servir, tiveste o braço ás armas feito,  
Para cantar, a mente augusta ás maisas dada,  
E preparaste assim o mais sumptuoso leito,  
Em que dorme inda hoje a tua patria amada.

A's armas do inimigo abriste o largo peito,  
Onde gemia um'alma immensa e angustiada:  
Achilles foste e Homero, e em cada qual perfeito,  
Unindo a lyra enorme á tua enorme espada.

Maior, que os capitães, que eternizou teu canto,  
Maior que os reis, maior que o seculo, em que déste  
Um novo Homero ao mundo, o que ganhaste entanto ?

A dor de Prometheu, — Em sóes te desfizeste:  
E deram-te a nudez, o exilio, a fome, o pranto:  
E nem na propria morte em paz um chão tiveste !

## III

Tu foste só. — Teu genio estava solitario.  
Junto ao teu coração não pulsou outro igual:  
E o teu grande infortunio e o teu destino vario  
Foram nuvens em torno a um astro colossal.

Oh ! Luiz de Camões, tu'alma era o sacrario  
Da mulher, a quem déste um diadema immortal.  
Foi para o amor da patria um fervido estuario  
Teu coração. — O amor foi teu genio e o teu mat.

Do teu largo idéal ardeste á propria chamma,  
Prendeste ao sol — da patria e da mulher a fama, —  
Que elle tein de levar a extrema geração.

Caíste abandonado após, na luta ingente,  
A' enorme ingratição, ó bom immensamente,  
Perdão, dizendo tu; — dizendo a historia: — Não.

## IV

Dae-me o vosso rumôr, indianos mares,  
Vosso arôma e verdor, mattas orientaes,  
Vossa voz, ó leões, vossa sombra, ó palmares,  
O' céus o vosso azul, e os sóes, com que brilhaes,

Fragancias de Ceilão, que volitae nos ares,  
Macáu, em cuja gruta inda echôa seus ais.  
Eu desejo sómente encher-lhe os seus altares  
Da luz, da voz, do amor com que inda o festejaes.

O' rei, maior que os reis da nação, que cantaste  
E que de eterna luz a cova alumiasse  
Da terra onde entendeste as estreladas mãos...

Ergueste o solio augusto em penhas de Calvario,  
O' poeta immortal, tres vezes centenario,  
Mendigo, que tiveste os sóes por teus irmãos.

## V

Como um Leão, que volta, e vem do firmamento,  
Tinta a bocca de luz dos astros immortaes,  
E que na fulva garra ousado e famulento —  
Arranca ao céu azul pedaços colossaes...

E sacudindo a crina, e as azas d'ouro ao vento,  
Como ás girafas dos seus patrios areaes,  
Das estrellas no collo — indomito e violento —  
Mette o dente... e revôa em procura de mais...

Seu genio assim — Leão alado da harmonia —  
Roubava as ideias estrellas da poesia,  
Pendurando-as da patria aos multiplos florôes...

Quem não houve o fremer dos mundos fulguerosos,  
Nos hombros carregando os versos sonorosos  
Do canto secular, que nos legou Camões ?!

1880.

LUIZ DELFINO.

## IGNEZ E CATHERINA

Duas mulheres chegam-se, medrosas,  
Para p' rto da Estatua, cuja fronte  
A Manhã que desperta no horizonte  
Enche de claridades jubilosas.

Vestem ambas as roupas gloriosas,  
Cujos fios de luz não ha quem conte.  
Mas quem são essas formas vaporosas,  
Como as nevoas que descem sobre o monte ?!

Uma traz as *hervinhas*, com as flores,  
Que ella colheu na Fonte dos Amores  
A quem *depois de morta a fez Rainha*;

A Outra, que era a Vida, era o Desejo,  
Que enchia a grande Alma que Elle tinha, —  
Noiva da sua Gloria, — traz-lhe um beijo.

1880.

JOAQUIM NABUCO.

## A LUIZ DE CAMÕES

Definha á mingua, só, desamparado  
Dos amigos, do rei, da patria indigna,  
O cantor dos Lusitadas...

GARRETT: CAMÕES, X.

Tu, cuja mão divina outr'ora mendigara  
Um bocado de pão, amargo e doloroso.  
A' Patria — ingrata e surda ao teu gemer piedoso...  
Ai delia ! ingratição que lhe custou tão cara,

Tu, para quem o mundo infando reservara  
Dos martyrios lethaes o drama angustioso:  
As torturas da fome... — o catre vergonhoso...  
E nem siquer teu corpo augusto amortalhara;

Oh Mendigo immortal ! Oh Victima sagrada !  
Exulta ! Exulta enfim dentro da campa fria:  
Vingaste-te, Camões ! — A patria ajoelhada

Humilde vem pagar-te os juro da quantia,  
que imploraste a morrer, na enxerga abandonada:  
Os juro desse pão — que ella negou-te um dia.

1880.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

## SONETO

Heroica Lusitania, em vão te escusas  
Ao julgamento universal, austero;  
Tardo tributo, posto que sincero  
Não bastava ao cantor das glorias luzas !

Não te lembrares, tu ! que o ferro cruzas  
Pela progenie despota de Nero,  
Que o fizeram, por ti, irmão de Homero  
— No corpo as armas e no genio as Muzas ?

E vistel-o rolar no humilde fôso...  
E não choraste, affectuosa e triste,  
Sobre o glorioso, olympico destroço !...

Nem siquer murmuraste, quando viste  
Desabar o estranhissimo colosso:  
"Alma minha gentil que te partiste"...

1880.

ARTHUR AZEVEDO.

## CAMÕES

Poeta, ás como Encelado cahido  
Do ceu, sob as montanhas fulminado.

LUIZ DELFINO.

Como Notus, Eolo ou Centimano,  
Ao largo sopro da petrina escura  
Convulsionaria essa Epopeia — Oceano,  
Rimando a luz da redempção futura.

Homem terrível que uma sorte dura  
Predeu-lhe ao peio um coração tyrano...  
Peito de ferro! que em tão ampla anchura  
Conteve apenas um polypo humano!...

Patria infeliz! como chegara ao termo  
Si, a febre, a insanía desse amor possessivo,  
Ceifasse a morte aqúele triste inferno!...

Ah! como aquilo fosse, não conheço!...  
E tu, Natércia, saberás dizer-h'o,  
Tra la spiga e la man qual mure á messo?

1880.

FONTOURA XAVIER.

## CANÇAM A CAMOENS

Gravei na mente essa visam celeste  
Clarissimo Camoens, me appareceste  
No cimo do Parnaso alcantilado,  
E eu, posto num enlêvo duradouro,  
Gravei na mente essa visam celeste  
Que em numeroso verso aqui traslado;  
Estavam ao teu lado  
Duas Musas de candido semblante,  
Caliope que sopra na canora  
Trombeta retumbante  
Cujo clangor os echos apavora;  
E Euterpe que da rude e agreste avena  
Tira uma melodia pura e amena

Esta afina o instrumento donde parte  
Um longo e suavissimo gemido  
Cuja tristeza eu tambem sinto e entendo,  
E de improviso Amor vem a esta parte  
E traz nas mams teu coraçam ferido  
Donde vermelhas gottas vam correndo.  
Com elle vem o horrendo  
E escuro Fado que jamais se cança  
De atormentar um generoso peito;  
Alevantando a lança  
Que atravessou teu coraçam desfeito —  
E enquanto lentamente vam passando,  
Ri-se o Fado cruel, geme Amor brando.

Emmudecendo a fruta, eis se derramma  
O som da horrivel tuba que o repouso  
Subitamente rompe do ar visinho:  
E eu vejo o Capitam Vasco da Gama,  
Aquelle gram Lusíada famoso  
Que descobriu das Indias o caminho;  
E (ó destino mesquinho!)  
Veio a misera Ignez tam meiga e amante,  
Longe de Pedro, saudosa delle,  
Lamentar-se diante  
Del-rei que ao duro sacrificio a impelle:  
De Vasco o Teio esta lembrando ainda.  
Chora o Mondego a Ignez languida e linda.

Eis se alça Adamstor fero e iracundo,  
Comó uma nuvem negra apparecendó  
A' frota, do naufragio ameaçada.  
Treme nos fundamentos todo o mundo,  
Quando elle em tom altissimo e tremendo  
Blasphema, grita, brama, ruge e brada:  
Eis surge a sublimada  
Venus superna que nasceu da escuma;  
De flores se matisam as campinas,  
A aragem se perfuma  
E serenam as ondas nepiuninas:  
Protege a deusa o peito lusitano,  
Conquistador da terra e do oceano.

Cessa o clangor e eu vejo ainda em sonho  
Descer do empyreo angelica figura,  
De ouro tingindo as nuvens e de rosa.  
E no semblante placido e risonho  
Leio a felicidade branda e pura  
De quem muito soffreu e agora gosa;  
E' Natércia formosa,  
O' bom Luiz, exemplo de amadores,  
E' tua alma gentil, encanto e vida,  
Amor de teus Amores,  
Sempre adorada e nunca possuida,  
Ei-la que vem da luminosa parte  
Para de verdes myrtos coroar-te.

Da baixa terra tambem sóbe a vêr-te  
Outra figura, envolta em negro luto,  
Que no passado mais ditosa viste.  
Do longo caminhar cançada e inerte,  
De lagrimas o rosto nunca enxuto,  
Suspira e nenhum peito lhe resiste:  
E' Lusitania triste,  
E' tua ingrata maen que ancia secreta  
De saudades sente dentro da alma,  
Mas vendo-te, ó Poeta,  
A magoa se lhe um pouco abranda e acalma.  
E para que o remorso menos dôa,  
De immarcessiveis louros se corôa.

Cançam, vôa ao Parnaso  
E ao Mestre amado meu que lá de cincia  
Me ouve cantar em venturoso enlêvo,  
Entrego o verso e rima  
Que em tributo offereço do que devo.  
E se durares qual lhe dura o nome,  
Fico que nunca e tempo te consome.

1912.

JOSÉ ALBANO.

## SOBRE O "LIVRO DOS AMORES"

DE PIERRE DE RONSARD.

Outr'ora, de Bourgueil nos troncos, muito amante  
Gravou da amada o nome. E muito coração,  
No Louvre, sob o altivo e dourado artesão,  
Estremeceu de orgulho a um sorriso brilhante.

Que importa? De sua magua, ou sonho deslumbrante  
Nada disse. Elles, entre o roble do caixão,  
Foram-se inteiramente. A' propria herva do chão  
Ninguem lhes disputou o inerte pó restante.

Serieis vós, tambem, Maria, Helena e acerba  
Cassandra, cinza vã de belleza e soberba  
(Não têm as rosas nem os lírios — *amanhã*),

Si Ronsard, para vossa aurea e doce memoria,  
Não houvesse tecido uma c'roa louça  
Com os myrthos do Amor e o loureiro da Gloria.

(Dos *Thophéos*, de Heredia).

ALBERTO FARIA.

# FORMAÇÃO DOS LIMITES DO BRASIL

Os papas Nicolau V, Calixto III, Sisto IV concederam à corôa portugueza as terras e ilhas do Atlantico novamente descobertas sob o influxo do infante D. Henrique e dos seus successores immediatos. Com surpresa de Portugal obtiveram os reis catholicos uma successão do mesmo genero depois de Christovão Colombo tornar de sua primeira viagem: em Maio de 1493 attribuiu-lhes Alexandre VI todas as terras e ilhas descobertas e por descobrir, situadas cem leguas a Oeste de qualquer das ilhas do Açores e do Cabo-Verde.

Protestou contra o acto pontificio D. João II, julgando-o lesivo de seus direitos. Depois do protesto entabularam negociações os monarchas e, proximos parentes, visinhos e afinal concluíram um accordo em Tordesilhas. O convenio assinado em 7 de Junho de 1494, manteve o principio promulgado pelo Papa: a divisão do mundo em dois hemispherios, pertencente um a Portugal, outro á Espanha: modificou, porém, o numero de leguas, elevando-as de cem a trezentas e setenta, e o ponto de partida para a contagem, que seria uma ilha, não especificada, então nem depois, do archipelago do Cabo-Verde. O accordo foi meramente formal e theorico; ninguem sabia o que dava ou recebia, si ganhava ou afinal perdia com elle.

O descobrimento do Brasil, cumprido alguns annos depois por Pedralvares Cabral, foi precedido da expedição de Vicente Yañez Pinzon; mas os espanhoes não allegaram prioridade nem duvidaram coubesse a terra dos Papagaios dentro na raia portugueza. Seus interesses estavam ao Norte, não ao Sul da equinocial, que só começou a valer com a armada de D. Nuno Manuel e o descobrimento de Vasco Nunez de Balboa.

As primeiras duvidas sobre a linha divisoria surgiram no mediterraneo austral-asiatico. Segundo o parecer de Fernão de Magalhães comprehendiam-se nos dominios da Espanha as Molucas, tão cobiçadas por suas especiarias. Para provalo empreendeu a viagem em que descobriu o estreito ainda hoje conhecido por seu nome, atravessou o oceano Pacifico, chegou pelo Poente ao Levante, como nebulosamente concebera e nunca realizou Colombo. Depois de sua morte Sebastian d'Elcano concluiu o periplo incomparavel. Na volta á patria, em Setembro de 1522, manifestou a mesma crença nos direitos de sua nação e a urgencia de reivindicálos.

A côrte espanhola deixou-se convencer. Entre ella e a de Portugal estabeleceu-se uma discussão enfadonha, allegando-se ora a prioridade do descobrimento, ora a legitimidade do dominio no archipelago prestigioso. Do debate resultou a capitulação de Saragoça, em Abril de 1529. Admittindo que as Molucas pertenciam legitimamente á corôa espanhola, D. João III comprou os direitos de Carlos I, rei da Espanha, imperador d'Allemanha, por tre-

zentos e cincoenta mil ducados. Si mais tarde verificassem a não existencia de taes direitos, o imperador-rei restituiria a somma recebida. A linha divisoria passaria naquelle hemispherio duzentas e noventa e sete e meia leguas ao Oriente das Molucas; a legua seria das de dezeseite e meia o grau no equador.

Um machado de metal levado á península pela armada de D. Nuno Manuel em 1514, do rio por este motivo ainda hoje chamado da prata, as expedições de Solís, Christovão Jacques, Cabot e Garcia, deram realce ás terras platinas, e levantaram a questão de limites no continente americano. Surgiram e artastaram-se os debates a proposito da expedição de Martim Affonso de Sousa (1530-1533), sempre sob a dupla face de prioridade do descobrimento proclamada por Portugal e de legitimidade de dominio, allegada por Castella. Em Setembro de 32, exprimiu D. João III a idéa de distribuir em capitánias hereditarias o territorio situado entre Pernambuco e rio da Prata; nas doações feitas mais tarde, avançou apenas até 28° 1/2, á vista das reclamações espanholas? ou, segundo parece, de observações astronomicas de Martim Affonso? Assim reconheceu *ipso facto* que seus dominios não iam além das terras de S. Anna na Laguna. Os espanhoes estendiam, porem, suas pretensões mais para o Norte. Em 534, Ruy Mosquera estabelecido no Iguape, repelliu com vantagem um ataque de Pero de Goes e saqueou S. Vicente. Diversos documentos officiaes contemporaneos traçam a linha divisoria desde Cananéa e até desde S. Vicente.

Em compensação Magalhães antes de partir deixou escrito: ten el cabo de Santa Maria que es en la mesma terra del Brasil de Portugal estan en trezentos e cinco graus de latitude.

Com a união das duas corôas peninsulares em 1580 decresceu a importancia da fronteira renovada e a attenção concentrou-se na Amazonia. Ante as incipientes incursões de flamengos e inglezes, conhecidas apenas no Pará se estabeleceu Castello Branco em 1616, pareceu acertado confiar as novas conquistas á guarda dos portuguezes, mais proximos e melhor preparados para defendelas.

A criação de um governo separado no Maranhão em 1622 representou o primeiro passo neste sentido.

Ainda mais decisiva foi a criação de duas capitánias hereditarias, sujeitas ambas á corôa portugueza, em terreno indiscutivelmente espanhol pelo espirito e pela letra de Tordesilhas: a de Cameté, concedida a Feliciano Coelho de Carvalho, limitada a Oeste pelo Xingú na margem direita, a do cabo do Norte na margem esquerda do Amazonas, concedida a Bento Maciel Parente, limitada a Oeste pelo Parú.

Em 1639, Pedro Teixeira voltando de Quito, tomou posse em nome del rei de Portugal das terras situadas entre o rio Aguarico, affluente do Napo, e o mar. Faltava-lhe autoridade para tanto; mas seu acto foi mais tarde e muitas vezes invocado e acceto como titulo de posse.

No Sul, o movimento colonizador se operou com muita lentidão por parte de Portugal, acompanhando o littoral dos actuaes estados do Paraná e em Santa Catharina, e continuou do mesmo modo ainda depois de 1640, sacudido o jugo espanhol. Por sua parte os espanhoes não curaram de occupar a margem esquerda do Prata. Seus interesses não urgiam no Atlantico, mas além dos Andes, no Pacifico.

Si persistissem as reduções de Guairá fundadas pelos jesuitas avançariam naturalmente para o Oriente e chegariam á marinha. Os jesuitas perseverantes crearam as missões do Uruguay depois que as bandeiras destruidoras talaram as do Paraná e as relações dellas gravitavam para Buenos Aires e Asuncion, como estas capitaes só se entendiam com a região transandina.

Autores e cartographos portuguezes discutiam entretanto o meridiano de Tordesilhas, traçando-o uns pela foz do Prata, outros pelo golpho de São Mathias, na Patagonia. Taes ideas tornaram-se correntes. Depois de ratificada a paz que reconheceu sua independencia da Espanha, o monarcha de Portugal outorgou uma capitania a um dos netos de Salvador Correa, balisando-a pelo estuario platino. Em 1680 mandou fundar na margem septentrional do Prata, a dez leguas de Buenos Aires, a Colonia do Sacramento.

Apenas certificou-se de sua existencia, José Garro, governador espanhol da margem fronteira, atacou-a e tomou-a. A noticia transmittida a Europa quasi desencadeou nova guerra. Procurou-se ainda uma vez, e agora com mais veras, apurar o verdadeiro alcance da linha de Tordesilhas. Não se conseguiu. A Espanha condescendeu em reconstruir a fortaleza, tomada e restituir provisionalmente o territorio, para afastar qualquer motivo de irritação do debate, que deveria correr no terreno diplomatico.

Ao rebentar a guerra da successão da Espanha, el rei de Portugal esposou a causa do duque de Anjou, que por isso lhe cedeu o territorio disputado no Prata. Mais tarde mudou de partido e alliou-se á Inglaterra, sem a qual não poderia continuar potencia colonial, a favor do pretendente austriaco. Dahi resultou novo ataque e nova tomada da colonia do Sacramento, que permaneceu em mãos do inimigo de 1706 a 1715.

Levara até então vida bem singular o estabelecimento portuguez. "A nova colonia do Sacramento por mercê de Deus se conserva, escrevia alguém pouco depois de 1690, por metterem nella um presidio fechado sem mulherio que é o que conserva os homens, por-

que se não tem visto em parte alguma do mundo fazerem-se novas povoações sem caes"

Este ninho, antes de contrabandistas que de soldados, foi talvez o berço de uma prole sinistra, os gaúchos ou gauderios, originarios da margem esquerda do Prata, segundo parece, famosos durante largas decadas e ainda não assimilados de todo á civilização. A quantidade de meios de sola attestada por Antonil Arden exportados do Rio no começo de seculo XVIII não se explica pela simples producção indígena nem por contrabandos dos portenhos: implica o processo summario dos gaúchos na matança das rezes, resultante da superabundancia e depreciação do gado vaccum, do esbanjamento da cavallada e do espaço indefinido e livre para as correrias.

O tratado de Utrecht mandou restituir a colonia a Portugal e restituila com o seu territorio.

Qual era seu territorio? Toda a margem esquerda do Prata, pretenderam os portuguezes: o espaço alcançado por um canhão da fortaleza, entendiam os espanhoes. Triumpharam estes. Aquelles tentaram estabelecer-se em Montevideo, mas seus esforços foram perdidos. Também os espanhoes em 1735 tentaram apossar-se da colonia sujeitando-a a um assedio asperrimo de vinte e dois mezes. Antonio Pedro de Vasconcellos, commandante da praça, resistiu heroicamente e obrigou o inimigo a retirar-se.

A fundação da colonia do Sacramento devia servir de ponto de partida para um povoamento que, partindo do Prata, iria ter á beira mar, plano analogo ao das missões destruidas do Guairá. Este plano falhara: restava o plano contrario: estabelecer-se na marinha, estender-se para o interior até chegar ás aguas platinas, em outros termos, povoar o rio de S. Pedro, mais tarde chamado rio Grande do Sul. Varias tentativas anteriores de effeito insignificantes ou nullos são conhecidas.

Em Fevereiro de 1737 entrou José da Silva Paes pelo canal que sangra a lagoa dos Patos e a Mirim. No local que lhe pareceu mais apropriado desembarcou, fortificou-se. A sombra da fortaleza adensou-se pouco a pouco a população. Dos Açores vieram varias familias agregaram-se a este nucleo primitivo; as capitania do Norte por força ou por vontade forneceram não poucos colonos.

A rapida expansão do Brasil pelo Amazonas até o Javary, facilitada pela direcção uniforme da bacia, sempre emparelhada á linha equinocial no rumo aproximado de E-O, pela ausencia de empecilhos á navegação num rio de profundidade maxima e declive minimo, favorecida pelos ventos que demandam as terras andinas, o avanço vertiginoso decorrente das descobertas de Cuyabá e Mato Grosso até o Guaporé, o incremento vigoroso do Sul, intimaram a necessidade de atacar de frente a questão de limites entre possessões portuguezas e espanholas, no velho e no novo mundo, sempre adiada, sempre renascente, de interpretar authenticamente o convenio de 1494. Com

este fim, os dois monarchas da peninsula assinaram um tratado em Madrid a 13 de Janeiro de 1750.

Ambas as partes contratantes reconheceram neste documento ter violado a linha de Tordesilhas, uma na Asia, outra na America. Começaram, portanto, abolindo "a demarcação acordada em Tordesilhas, assim porque se não declarou de qual das ilhas do Cabo-Verde se havia de começar a conta das trezentas e setenta léguas, como pela difficuldade de assignalar nas costas da America Meridional os dois pontos ao Sul e ao Norte donde havia de principiar a linha, como também pela impossibilidade moral de estabelecer com certeza pelo meio da mesma America uma linha meridiana". Na mesma occasião aboliram quaesquer outras convenções anteriores referentes a limites, que exclusivamente seriam regidos pelo tratado agora assinado.

A linha meridiana, até então vigente pelo menos nos instrumentos publicos, seria substituida por limites naturaes, tomando por balizas as paragens mais conhecidas para que em tempo nem um se confundissem, nem dessem occasiões a disputas, como são a origem e curso dos rios e os montes mais notaveis. Salvo mutuas concessões inspiradas por conveniencias communs para os confins ficarem menos sujeitos a controversia, caberia a cada parte o que actualmente possuísse.

Maior importancia que ás terras prestou-se ao aproveitamento dos rios. Estabelecer-se que a navegação seria commum quando cada um dos reinos tivesse estabelecimentos ribeirinhos; si pertencessem á mesma nação ambas as margens, só ella poderia navegar pelo canal. Para ficar com a navegação exclusiva do Prata, a Espanha trocou a colonia do Sacramento pelas missões do Uruguay. Encarregadas de assentar os limites iriam duas tropas de commissarios, uma pelo Amazonas, outra pelo Prata.

Da comissão do Amazonas foi plenipotenciario e principal commissario portuguez irmão do marquez de Pombal, que já exercia Francisco Xavier de Mendonça Furtado, o cargo de capitão general do Maranhão, quando foi nomeado para trabalho das demarcações.

A 2 de Outubro de 1754 sahiu para o rio Negro, levando em sua companhia setecentas e noventa e seis pessoas, distribuidas em vinte e cinco barcos. Escolheu para residencia a aldeia de Mariuá, chamada mais tarde Barcellos, e nella mandou construir aposentos para accommodar a partida espanhola. A frente desta, de estado maior ainda mais pomposo, partiu de Cadix D. José de Iturriaga, a 13 de Janeiro do mesmo anno, e chegou ao Orinoco aos fins de Julho. Em 1756 fundou São Fernando de Atabapo, para escala da grande peregrinação e caixa de viveres. D'ahi por diante, arcando com o aspero sertão despovoado, taes embarços encontraram, apesar das ordens mais expressas e das facilidades extraordinarias proporcionadas pelo governo absoluto, que gastou annos no caminho.

A partida de Mendonça tinha de se occupar de tres questões principaes: a do rio Negro, a do Japurá e a do Madeira e Javary; a cada qual caberia uma tropa.

O plenipotenciario portuguez tomou as providencias necessarias para organizal-as, e como Iturriaga continuasse ausente voltou em 1756 para Belem com os engenheiros da demarcação. Ali absorveram-no outras preoccupações mais intantes.

Em Janeiro 1758, recebendo aviso da proxima chegada dos commissarios espanhoes, dirigio-se novamente para Barcellos. Com effeito no anno seguinte ali se apresentaram D. José de Iturriaga e seu grandioso sequito de commissarios, mathematicos, engenheiros, desenhistas. Quasi ao mesmo tempo chegou a noticia da substituição de Mendonça na capitania do Pará e no trabalho dos limites, que dahí em diante dirigiria da parte de Portugal por Antonio Rolim de Moura, governador de Matto-Grosso, mais tarde vice-rei do Brasil e conde de Azambuja. No mesmo dia e hora da partida de Mendonça Furtado para a capital os commissarios espanhoes volveram ao Orinoco. Tal é pelo menos a versão referida por Baena. Os escritores venesolanos e colombianos contestam o encontro dos dois commissarios e, parece, com melhores fundamentos.

Depois de tantos annos e de tantas cabeceiras nem um passo se dera na Amazonia para realizar o ideal afagado pelo tratado de Madrid. Para os interesses territoriaes de Portugal a solução não foi desvantajosa; estribado no *uti possidetis*, dando-lhe uma extensão difficilmente conciliavel com o tratado de Madrid, pode agora satisfazer a sua avidez de terras.

No tempo de Mendonça installou-se a capitania de S. José de Javary. Mandara-lhe a corôa assentar a séde da nova fundação proximo dos limites occidentaes; elle achou mais conveniente situála no rio Negro, donde os espanhoes estavam muito afastados, como o provára a lenta marcha de Iturriaga. Ahi, portanto, a expansão portugueza se faria sem tropeços. Além disso a proximidade relativa de Belem e de Portugal garantiam uma superioridade csmagadora. Em seu tempo foram fundados o forte de Marabitanas no rio Negro, e de S. Joaquim na confluencia do Uraricoera e Tacutú, cabeceiras do Branco.

Pelas instrucções dos governos das metropoles, a força de commissarios destinados á demarcação do Sul devia subdividir-se em tres troços: um reconhecera o terreno desde Castilhos Grandes até a barra do Ibicuby, no Uruguay; outro o Uruguay desde o Ibicuby até o Pepiryguacú e, passada sua contravertente, descera o Iguacú até marcar a barra do Iguerey, aquelle affluente oriental, este occidental do Paraná; a terceira deveria demarcar o Iguerey em todo o curso, por seu concabeçante descer para o Paraguay e subir por este até á barra do Jaurú.

As duas ultimas tropas deram conta de sua comissão pacificamente; a primeira andou com menos fortuna. Em troca da co-

lonia do Sacramento para garantir a navegação exclusiva do Prata, a Espanha ceder a Portugal a navegação do Uruguay com os sete povos das missões jesuíticas: São Nicolau, São Miguel, São Luiz Gonzaga, São Borja, São Lourenço, São João e Santo Angelo fundados entre 1687 e 1707, alguns com os restos de reduções quarenhas escapos à braveza leonina dos mamalucos.

Ceder terras com seus habitantes sempre se fez e está fazendo; evacuar territorio, deixando os bens de raiz, levando os moradores apenas os moveis e semoventes reporta à cruzada dos Assyrios. Entretanto as duas côrtes julgaram consummar facilmente este ultraje à humanidade si os jesuitas as ajudassem, pesando sobre o espirito dos Indios. Os jesuitas acreditaram-se poderosos para tanto e bem caro pagaram este accesso de fraqueza ou de vaidade: quando os Indios se levantaram, desmentindo ou antes engrandecendo seus padres, mostrando que a catechese não fôra méra domesticação e a vida interior vibrava-lhes na consciencia, aos jesuitas foi attribuida a responsabilidade exclusiva em um movimento natural, honesto, humano, por isso mesmo irresistivel.

Os chefes da missão demarcadora do Sul, Gomes Freire de Andrade por parte de Portugal, o marquez de Valdelirios pela de Espanha, encontraram-se na fronteira marítima do Rio-Grande do Sul em começo de Setembro de 1752, e no mez seguinte iniciaram os trabalhos. Em Janeiro, assentado o terceiro marco, Gomes Freire ausentou-se para a colonia do Sacramento e o marquez para Montevideo. A primeira partida luso-espanhola continuou na tarefa, que deveria levar até à barra do Ibicuy; mas ao chegar a Santa Tecla, dependencia do povo de São Miguel, situado um pouco ao Norte da actual cidade de Bagé, defrontou indios armados que se oppuzeram a seu avanço. Fôra prevista a hypothese e havia ordem dos dois governos para domar a resistencia pelas armas, pois os jesuitas já se haviam convencido de sua impotencia.

Reunidos Gomes Freire e Valdelirios na ilha de Martim Garcia resolveram mandar emissarios ás missões a ver si ainda era possível conciliavel a indiada. Si elles continuassem teimosos, marchariam Adonaegui, governador de Buenos-Aires, pelo Uruguay até São Borja, Gomes Freire pelo rio Pardo até Santo Angelo. Depois de tomadas estas duas reduções proseguiriam até se encontrar. Em Março de 54 Adonaegui pôz-se em movimento mas o mau estado da cavallhada e outras causas não menos fortes obrigaram-no a recuar até Dayman, junto á presente cidade ao Salto. Ahi os Indios atacaram os espanhoes e perderam trezentos homens dos quaes duzentos e trinta mortos, canhões, armas brancas e cavallhada. Menos feliz sahio Gomes Freire, obrigado a assinar um armistício com os levantados a 18 de Novembro.

Vin-se que melhor andariam unidos os dois exercitos. Partiu Gomes Freire do rio Pardo, em Sarandy, no rio Negro, juntou-se ás forças de Adonaegui. A 21 de Janeiro de 56 marcharam para as missões. Quasi só encontraram os obstaculos creados pela natureza. Os indios, embora numerosos, mal armados, mal ou antes não dirigidos, pouca resistencia podiam offerecer: de todos os recontros sahiram derrotados. A 17 de Maio entregou-se São Miguel sem resistencia e os outros povos foram seguindo-lhe o exemplo. Podia-se agora operar a permuta, Gomes Freire empossar-se das sete missões e entregar a colonia do Sacramento. Não se fez isto; dir-se-ia que, como os primitivos, estes mamalucos possuíam um movel unico a destruição. Em Janeiro de 59 Gomes Freire embarcou para o Rio, donde não mais voltou.

Entretanto fallecia Fernando VI, subia ao throno Carlos III, inimigo do tratado de 1750 desde o tempo de seu reinado em Napoles. Um dos primeiros cuidados do novo rei foi annullado pelo pacto firmado no Pardo, a 12 de Fevereiro de 1761. Ficaram outra vez de pé todos os actos reguladores de limites,

a principiari pelo de Tordesilhas, tantas vezes desrespeitado por ambas as partes, como de plano haviam reconhecido poucos annos antes. O tratado de Madrid, exactamente porque resolvia uma questão secular, fôra atacado com violencia em ambas as cortes e a cordialidade dos dois monarchas que o subscreveram não teve echo nos respectivos povos. Agora com razão condemnavam-no os representantes dos dois governos á vista de seus resultados, facéis de evitar, a não ser a clausula barbara relativa aos sete povos do Uruguay: "estipulado substancial e positivamente para estabelecer uma perfeita harmonia entre as duas coroas e uma inalteravel união entre os vassallos dellas, se viu pelo contrario que desde o anno de 1752 tem dado e daría no futuro muitos e muito frequentes motivos de controversias e contestações oppostas a tão louvaveis fins"

A repugnancia de Portugal a adherir ao pacto de familia, dirigido pelos Bourbons contra a Inglaterra, desencadeou as hostilidades na peninsula e nos dominios da America do Sul. Pedro Cevallos, successor de Adonaegui no governo de Buenos-Aires, poz cerco á colonia do Sacramento em Outubro de 62 e tomou-a sem grande esforço. Dirigiu-se depois ás plagas rio-grandenses, num passeio militar apossou-se do forte de Santa Tereza proximo ao Chuy, da villa capital, da margem septentrional da lagôa dos Patos. Um convenio concluido no povoado de São Pedro em 6 de Agosto de 1763 declarou

*Os Lusíadas...* O poema de um povo, uma epopéa nacional completa, abrangendo na sua idealização a existencia inteira da nação cantada, desde as origens lendarias até o seu futuro adivinhado pelo vate. É Camões o primeiro épico que não canta apenas um heroe incólito e um feito illustre, senão um povo inteiro no seu desenvolvimento historico.

JOSÉ VERISSIMO.

*Os Lusíadas*, ed. Garnier. Rio.

o porto privativo do dominio da Espanha, fechado, portanto, ao commercio de qualquer outra nação.

O tratado de Paris, ultimado a 10 de Fevereiro 763, mandou voltarem as cousas ao estado anterior á guerra. Cevallos restituiu a colonia do Sacramento, guardou o Rio-Grande, deixando os portuguezes reduzidos á fortaleza do rio Pardo, e ás cercanias de Vião. Mesmo estas nesgas procurou retirar-lhes Vertiz y Salcedo, novo governador de Buenos-Aires, atacando o rio Pardo em 773, não com tanta felicidade como esperava.

Portugal pareceu aceitar a situação creada por Cevallos, mas foi se preparando marhosamente para modificala em seu proveito. Readquiriu, sem combate, S. José do Norte á entrada da barra; a pouco e pouco mandou forças por terra; uma esquadra entrou pelo canal apesar das fortalezas inimigas; em Março de 76, combinadas as forças de terra e mar atacaram e tomaram as fortificações dos castelhanos. Em Abril a villa de São Pedro foi evacuada. O dominio espanhol durara treze annos: datam delle a fortuna do porto dos Casaes, hoje Porto-Alegre.

Muitos dos colonos portuguezes transplantados para além do Chuy não tornaram mais para os antigos pagos. Muito sangue castelhano misturou-se ao dos que ficaram.

Apenas chegou ao velho mundo a noticia da reconquista do rio de S. Pedro, preparou-se em Espanha uma forte armada para tirar a desforra. Commandava-a Cevallos, nomeado para assumir o vice-reinado do Prata já então creado. Deveria tomar Santa Catharina,

Rio-Grande e Sacramento. Santa Catharina entregou-se logo sem resistencia; na colonia propuzeram a entrega apenas se apresentou o inimigo. O Rio-Grande ficou livre de ser accommittido pela banda marítima graças aos ventos contrarios; quando ia ser atacado por via terrestre, chegou da Europa ordem de suspender as hostilidades. Cevallos, como si votasse odio pessoal á colonia do Sacramento, secular pomo de discordia entre os dois povos, não quiz deixar pedra sobre pedra. A 8 de Junho de 77 começou a derrocada pela fortaleza; foram depois destruidas as casas, obstruido o porto; as familias que não quizeram recolher-se ao Brasil, transportadas para Buenos Aires, distribuiram-se pelo caminho do Perú.

Expirava a este tempo José I, extinguiu-se o poderio do truculento Pombal, pela primeira vez uma rainha ascendi ao throno portuguez. Todos esses motivos juntos á estreita consanguinidade das duas dynastias, podem ter influido certa brandura no tratado de limites firmado em Santo Ildefonso a 1 de Outubro de 1777, em quasi tudo semelhante ao de Madrid, e mais humano e generoso que este, pois não impunham exodos cruentos.

O *uti possidetis*, reconhecido em 1750, annullado em 761, veio outra vez a prevalecer. Si não se explicasse pela superioridade relativa das posições portuguezas nas zonas litigiosas, seria uma das ironias da historia averiguar que do mero apego á posse das Philippinas, ultima das colonias que perdeu, procederam todas as concessões consentidas por parte da Espanha.

As modificações mais notaveis apanharam a fronteira meridional. Espanha não consentiu mais que Portugal tivesse direito a navegar no Uruguay e por isso impoz uma fronteira tal que as possessões portuguezas só abeirassem o rio na foz do Pepiry-guaçú. Desenvolvendo um principio já formulado no tratado de Madrid, cujo artigo 22 não permittia fortificações nem povoações nos cumes das raias, a partir das lagôas Mirim e da Mangueira o tratado de Santo Ildefonso estabeleceu no artigo 5 "um espaço sufficiente entre os limites de ambas as nações, ainda que não seja de igual largura á das referidas lagôas, no qual não possam edificar-se povoações por nem uma das duas partes, nem construir-se fortalezas, guardas ou postos de tropas, de modo que os taes espaços sejam neutros, pondo-se marcos e sinaes seguros que façam constar aos vassallos de cada nação o sitio de que não deverão passar, a cujo fim se buscarão os lagos e rios que possam servir de limite fixo e inalteravel, e em sua feita o cume dos montes mais sinalados, ficando estes e as suas faldas por termo natural e divisorio, em que se não possa entrar, povoar, edificar nem fortificar por alguma das duas nações"

Para o trabalho de demarcar as fronteiras foram creadas quatro divisões: operaria a primeira do Chuy ao Iguacú; a segunda do Iguacú ao Jaurú; a terceira do Jaurú ao Japurá; a quarta dahi ao rio Negro. Pela parte de Portugal ficaram dependentes do vice-rei no Rio, dos governadores de S. Paulo, Matto-Grosso e Pará. O trabalho effectivo limitou-se á fronteira do Chuy ao Iguacú, e á do Javary ao Japurá, isto durante annos de argucias, dilações, inactividade, inercia de que cada nação lançava á outra a culpa exclusiva. As divisões confiada aos governadores de São Paulo e Matto Grosso nunca se encontraram com as divisões espanholas. Poder-se-ia dizer que, graças aos demarcadores, progrediu a geographia das respectivas regiões, pois os cientistas exploraram rios, descreveram plantas e animaes, enviaram curiosos especimens dos tres reinos para os estabelecimentos de além-mar... poder-se-ia dizelo si taes trabalhos, ciosamente aferrolhados, fossem dados então á publicidade.

Dois episodios mostrarão como as cousas passavam.

O tratado de Madrid nos artigos 5.º e 6.º, repetidos pelo de Santo Ildefonso nos artigos 8.º e 9.º, dispunha que a fronteira des-

de a barra do Iguaçu proseguiria pelo alveo do Paraná acima, até onde pela parte occidental se lhe ajuntasse o Igurey, acompanharia este até descer o concabeçante mais proximo, afluyente do Paraguay, chamado talvez Corrientes.

Proximo do Iguaçu não desemboca pela margem occidental do Paraná rio chamado Igurey, proprio a servir de fronteiras, allegou Sá e Faria, portuguez passado agora para o serviço de Castella; rio Corrientes tão pouco se conhecia no Paraguay. Convencionou-se pois que a fronteira partiria do Igatey, primeiro affluente á direita do Paraná, acima das Sete-Quedas. Mais tarde, o vice-rei do Brasil escreveu ao do Prata que a convenção fóra condicional, para a hypothese de não existir o Igurey; ora Igurey existia abaixo das Sete-Quedas. Candido Xavier o descobriu e o seu correspondente no Paraguay era o Jejuy. Pelo Igurey e pelo Jejuy devia passar portanto a linha divisoria.

Tem razão o vice-rei do Brasil, respondia Felix de Azara, commissario espanhol; a convenção foi condicional, e desaparece apurada a existencia do Igurey; mas o Igurey existe: é o Iguarey, Monici ou Ivinheima, e corresponde-lhe pelo Paraguay outro rio caudaloso, que desemboca ao 22°. Isto, accrescentava, nos dará as unicas terras não inundadas, daquellas regiões: teremos ervas, barreiros, salinas, pastos, aguadas, madeiras; as frotas de Cuyabá e Matto-Grosso cahirão em nossas mãos na bocca do Taquary, ou mais acima; podemos na paz chupar suas riquezas por um commercio que ha de ser-nos vantajoso sem prejuizo; os famosos estabelecimentos de Matto-Grosso, Cuyabá e serra do Paraguay serão precarios a seus illegitimos donos e alfim cahirão em nossas mãos com o tempo: "no es posible que no tengamos las minas de Cuyabá y Matogrosso, quando las podemos atacar con fuerzas competentes, llevadas por el mejor rio del mundo, sin que los portugueses puedan susterlas ni llegar a ellas sino por el embudo obstruido del rio Tacuari, en canoas y con los trabajos que nadie ignora"

Seriam melhores os portuguezes? O caso Chermont-Requena narrado brevemente responderá de modo satisfatorio.

Tinham os commissarios de demarcar a fronteira do Javary á bocca mais occidental do Japurá e seguir por esta acima até um rio que resguardasse os estabelecimentos portuguezes do rio Negro. A bocca mais occidental do Japurá originou graves discussões, por um chamar bocca o que outro considerava furo, isto é um canal que levava as aguas do Solimões ao Japurá em vez de trazelas. O rio que devia resguardar as possessões portuguezas do rio Negro seria o Apaporis, o Comiary ou dos Enganos, ou qualquer outro? Nunca se decidiu, á vista dos multiplos varadouros, imaginarios ou verdadeiros, allegados por parte de Portugal. Em todo caso, Tabatinga demorava a Oeste da mais occidental das boccas do Japurá, demorava mesmo a Oeste do Içá, não comprehendido nas pretensões portuguezas mais exageradas; quando, porém, Requena reclamou a posse de Tabatinga, Chermont negou-se a assumir responsabilidade tão grave e declinou da sua para a competência de João Pereira Caldas, chefe daquella divisão. Este declarou-se prestes a fazer a entrega de Tabatinga si os espanhóis lhe entregassem São Carlos, forte do alto rio Negro, fundado na expedição de D. José de Iturriaga, malogrado commissario da primeira demarcação.

Nestes dades e tomares consumiu Requena um decennio. Afinal conseguiu de seu rei licença de voltar para a Europa, e o de Portugal permittiu-lhe que descesse até o Pará. "De ordem do governador do Rio-Negro o acompanhou o tenente-coronel engenheiro José Simões de Carvalho com a recommendação secreta de dirigir a viagem de maneira que elle não visse povoação alguma, nem podesse tomar nota topographica de qualquer ponto do Amazonas. Destinou o governador do Pará para sua morada a fazenda

de Val de Cães. Ali o teve como em custodia até proseguir a viagem, permittindo-lhe vir á cidade de Belém só de noite, e acompanhado de um official de tropa regular quando intentava fazer-lhe visitaçào, na qual tambem era recebido pelos cidadãos mais qualificados, que segundo a disposiçào do governador o esperavam em grande cerimonia"

Em summa, valiam-se bem os commissarios das duas altas partes contratantes. Teria razão, ou talvez não tenha quem duvidava de sua boa fé; entretanto uma ou outra opinião seria unilateral. Os termos dos tratados prestavam-se ás vezes a mais de uma interpretação; os mappas trazidos do reino, muitos feitos a olho e sobre informes fidedignos applicaram-se mal aos terrenos; nem destes nem daquelles resultava uma hermeneutica insophismavel. Cada funcionario procurava ostentar zelo, isto é adiantar sua carreira. E em nome destes seres heteronomos ainda hoje nossos vizinhos propagam e instillam o odio ao Brasil desde os bancos escolares! Felizmente no Brasil já não somos prisioneiros destas paixões inferiores de colonos fossilizados.

Portugal sahio mais favorecido da sorte por ter creado a capitania independente de Mato-Grosso logo depois do tratado de 1750 e a capitania subordinada do Rio-Negro em seguida. De Villa-Bella via-se bem claro que o problema decompunha-se em duas partes: absorver a navegaçào do Madeira, paralyzando as hostilidades das visinhas aldeias dos Moxos e dos Chiquitos, — e isto fez principalmente o conde de Azambuja; passar

Camões é o grande poeta do mundo moderno, e a sua epopéa. *Os Lusíadas*, a consagração pela arte, de uma nova era da civilização. Esta é a significação do Poeta e do seu Poema na historia espirital do Occidente

JOSÉ VERISSIMO.

*Os Lusíadas*, ed. Garnier — Rio.

alem do Xaraes, até onde o Paraguay não transborda do leito, limitando assim as possibilidades dos ataques e surpresas, garantindo ao mesmo tempo a navegaçào de S. Paulo, — isto fizeram Luis de Albuquerque com a fundação de Corumbá e Coimbra, Caetano Pinto com a de Miranda.

Na capitania subalterna de São José, Mendonça Furtado sentiu a importancia singular do rio Negro e do rio Branco; escolhendo Barcellos para capital, assinalou nitidamente o rumo a seguir pelos successores. Tanto em Mato-Grosso como no Rio-Negro houve pequenos conflictos sem importancia, de que os espanhóis não tiraram o melhor partido, e os portuguezes puderam continuar na sua maneira original de entender e applicar o *uti possidetis*.

Os debates inanes das demarcações ainda continuavam em 1801 ao rebentar a guerra entre Portugal e Espanha. Ipso facto caducaram os tratados. José Borges do Canto, desertor do regimento dos dragões, e Manoel dos Santos Pedroso, sem ordem de ninguém, congregaram troços de aventureiros, e atiraram-se contra os sete povos do Uruguay. Foram, viram, venceram. Voltou novamente a ser lideiro o rio Ibicuy. Nas outras fronteiras nada occorreu de notavel. Um ataque contra o forte de Coimbra começou por ameaças formidaveis e deu em retirada clandestina.

Depois disto não houve mais questões sobre limites americanos entre as duas metropoles peninsulares. Com seus herdeiros o Brasil as tem liquidado pacificamente. Só no

Uruguay mais de uma vez rebentaram conflictos, hoje de todo serenados e esquecidos. Na sangrenta guerra do Paraguay não influíram ambições territoriaes.

O historico dos limites com a França conta-se em poucas palavras.

A capitania do cabo do Norte, doada a Bento Maciel Parente, era limitada a beira mar pelo rio Vicente Pinzon, cuja denominação indigena é Oyapok. Apenas se fixaram em Cayenna, os francezes lançaram vistas cobiosas sobre o Amazonas, e reclamaram-no como limite.

Para affirmar seus direitos, em 1697 tomaram os fortes portuguezes de Araguay, Toheré e Macapá, logo retomados. Um tratado provisional concluido em 1701 neutralizou o territorio, mas o de Utrecht restituiu-o aos portuguezes. Pelo inequivoco artigo 8, Sua Magestade Christianissima desistiu "pelos termos mais fortes e mais autenticos e com todas as clausulas que se requerem, assim em seu nome como de seus descendentes, successores e herdeiros de todo e qualquer direito e pretensão que pode ou poderá ter sobre a propriedade das terras chamadas do cabo do Norte, e situadas sobre o rio das Amazonas e o de Japoc ou de Vicente Pinsão, sem reservar ou reter porção alguma das ditas terras, para que ellas sejam possuidas daqui em diante por Sua Magestade Portugueza" etc.

A disposiçào por sua clareza não permittia duvidas; os francezes acharam meio de perpetualas, descobrindo mais de um rio Vicente Pinzon e mais de um Oyapok, de modo a aproximarem-se o mais possivel do Amazonas, e nelle estabeleceram seu verdadeiro e constante objectivo. Isto lograram durante a revolução franceza e o imperio. O tratado de Paris, de 23 de Thermidor V, traçou o limite pelo Calçoene até ás cabeceiras e destas por uma recta até orio Branco. O de Badajoz de 6 de Junho de 1801 transportou-o para o Araguay, desde a foz mais apartada do cabo do Norte até á cabeçeira e dahi até o rio Branco. O de Madrid de 29 de Setembro do mesmo anno fixou-o no Carapanatuba desde a foz até ás cabeceiras, donde acompanharia as inflexões da serra divisora das aguas até o ponto mais proximo do rio Branco, cerca de 2° 1/3 N. O de Amiens de 27 de Março de 1802 trouxe-o novamente para o Araguay

Todos esses tratados caducaram com o de Fontainebleau, que desmembrou Portugal e produziu a trasladação da cõrte portugueza para o Brasil. Os portuguezes conquistaram então a Guyana Franceza, administraram-na alguns annos com certa habilidade, para restituila pelo tratado de Vienna. Os esforços dos francezes mangraram por igual. Depois de accidentes varios o Brasil, já no regime republicano, por sentença arbitral do governo suizo, ficou com a fronteira de Oyapock ou Vicente Pinzon.

Depois de na era de 1750 terem passado do rio Branco para o Repununi, os portuguezes se apropriaram das possessões hollandezas. Nunca travaram conflicto com ellas; nem convenção alguma interveio entre as duas metropoles.

Ultimamente pelo tratado firmado no Rio de Janeiro de 5 de Maio de 1906, a fronteira fixou-se pela divisa das aguas.

Com as guerras decorrentes do imperio napoeonico, a Inglaterra conseguiu afinal tomar pé no continente da America do Sul, incorporando parte das possessões neerlandezas. O conhecimento da situação de sua conquista despertou na alma britannica o desejo de possuir terras na bacia amazonica. Um laudo arbitral favoravel outorgou-lhe esta Byrsa, recatado fôco de contrabando por ora, mais tarde quem sabe mais?

# Uma especulação de livreiros de importancia internacional

Especial para "America Brasileira"

Na cidade de Girard, Kansas, que é quasi o centro geographico dos Estados Unidos, ha poucos annos, começou um movimento editorial e cultural que promette revolucionar a industria do livro do paiz. O Sr. Emanuel Haldeman-Julius, outrora empenhado como um jornalista e conhecido como um escriptor de contos e de peças de uma natureza social e satyrica, por esse tempo inclinou-se a fazer experiencias com a produção quantitativa de primeira agua a preços ao alcance das bolsas mais pobres. Fazendo isso, satisfazia consigo proprio um triplo impulso. Primeiro, era um methodo de servir o povo; como um editor socialista, chegara á convicção de que as massas são ignorantes, não porque sejam indifferentes á arte, mas porque, as mais das vezes, não podem pagar o preço de um livro. Este facto proporcionou-lhe a oportunidade almejada de dar cultura á camada baixa. Segundo, como artista creador, mais do que qualquer outro, sentir-se-ia capaz de espalhar o amor pela melhor literatura. Terceiro, como homem de negocios — e o Sr. Haldeman-Julius é um dos melhores no paiz — encarou as possibilidades de um campo novo e illimitado.

Qual foi o resultado?

Em menos de cinco annos, a Companhia Haldeman-Julius vendeu mais de 60.000.000 de livretes! A lista dos titulos, que augmenta gradualmente, affingiu a 700. Não houve nenhum compromisso com o gosto barato. O livrete mais procurado — alguns 200.000 exemplares já foram vendidos — é nada mais nada menos a narração platonica da morte de Sócrates! Primeiro como experiencia, sómente dois livros foram publicados: o "Ruhavat" de Omar Khayyam e a "Ballada de Reading Goal" de Oscar Wilde. Foram vendidos a 25 cents. O exito do projecto foi tão immediato que quasi ao mesmo tempo o preço dos livretes foi reduzido a dez cents, por cujo preço milhões de exemplares foram vendidos. Hoje, com as machinas de impressão rodando continuamente, e com pedidos de livros que veem de todo o mundo, o preço desceu á casa incrível de cinco cents por livrete.

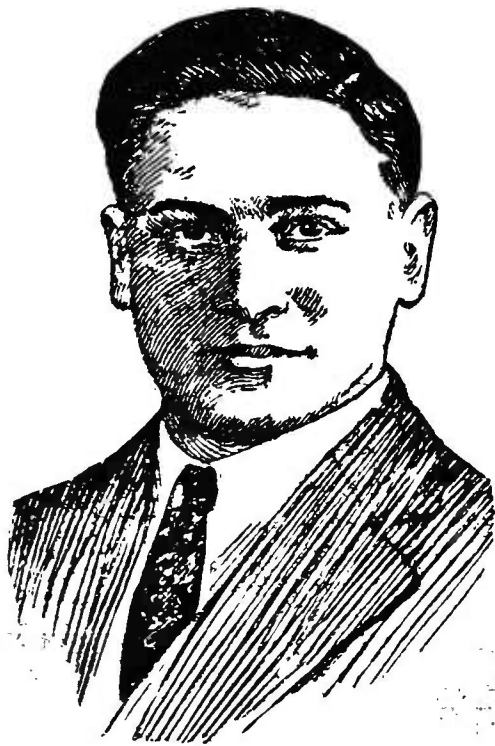
E isto não é tudo. Descobrimo no seu vasto continente de freguezes um amor á boa literatura, á sciencia e á arte. Haldeman-Julius decidiu não só reimprimir os classicos, mas ter tratados especialmente escriptos para a sua livraria. Especialistas de todos os ramos puzeram-se a escrever ensaios sobre as suas matérias, e foram solicitados a reduzir os seus tratados a 15.000 palavras, de modo que o livrete possa ser impresso em 64 paginas.

Abrangeram-se todos os topicos concebíveis, de fórma que a "Série dos Livros Azues" (assim chamada porque os livros eram encadernados em capas azues duras), foi christmada como "A Universidade em Impressão". Alguns dos livretes começaram a usar-se nas universidades, editores, que a principio se mostraram scepticos ao plano, olhavam com espanto o espectáculo de Haldeman-Julius vendendo milhares de livros por dia — livros sobre o drama grego, philosophia moderna, literatura espanhola, italiana, allemã, franceza, portugueza e mesmo brasileira.

Como resultado desta immensa circulação de literatura classica e séria, noções correntes do gosto popular tiveram de ser revistas. A fé de Haldeman-Julius no desejo do povo de aprender foi demonstrada pelo emprego de milhares de dollars no seu projecto: a sua recompensa vem num anno crescente que parece mal ter começado.

Este phenomeno editorial é de importancia não somente para os Estados Unidos: os livretes *Reklam*, na Allemanha, são ha muito conhecidos pela sua larga divulgação, e em outros paizes também, fizeram-se esforços para levar cultura mais de perto ás massas a preços baixos. O exemplo de Haldeman-Julius, logo que for mais conhecido por toda a parte, certo será seguido.

Haldeman-Julius é ainda um moço: tem mais ou menos trinta e seis annos e



E. Haldeman-Julius

vive com a mulher e dois filhos numa propriedade fóra de Girard. A propria Girard tem apenas uma população de 3.000 habitantes, entretanto ha quatro ou cinco annos tornou-se um dos mais importantes centros literarios da nação. Muitos dos melhores professores literarios do paiz fazem atravez da "Série dos Livros Azues", contribuições originaes de philosophia, de sciencia, de letras. São absolutamente de primeira mão. Nenhuma censura se faz sobre o que escrevem. São encorajados a fazer investigações originaes e abrangel-as nos seus tratados. Numa palavra, era como se Haldeman-Julius tivesse realizado o impossível: ao mesmo tempo augmentou já a quantidade, já a qualidade, e reduziu o preço da

cultura a um minimo quasi irreductivel. Ao mesmo tempo, provou que tal negocio se paga em dollares e cents.

Mantem-se em contacto constante com os seus contribuidores que são os "professores" da sua "Universidade em Impressão". Por meio do seu periodico semanal, e de dois magazines mensaes (um devotado ao conhecimento sciencífico e sexual, e outro em cada numero a uma devotado ao conhecimento sciencífico e sexual) e outro em cada numero a uma figura saliente literaria ou philosophica), attinge a um largo publico que está interessado pelos ultimos desenvolvimentos da investigação literaria ou sciencífica.

Um dos mais occupados editores do paiz, começa a exercer uma poderosa influencia sobre o homem e a mulher da rua.

Essa influencia é nitida e saudavel. Propugna a liberdade de palavra irreprimida, a liberdade de opinião, um scepticismo intelligente, a tolerancia, a amizade internacional. É posta em relevo por um senso fino de humor e uma humanidade profunda e sympathica.

Ha, nos seus trabalhos, um paradoxo estranho: é ao mesmo tempo, democratico e aristocratico. O seu alvo franco é alcançar tantos milhões de homens quanto puder. Mas fazendo-o, recusa-se absolutamente a imprimir literatura "popular". O seu Semanal tornou-se um fórnacional; recebe de todos os cantos do paiz cartas sobre todos os assumptos concebíveis. Publica-as: discute-as: leitores partilham a discussão e o debate ocasionalmente semana após semana em cada numero. O preconceito religioso é fechado a sete chaves: a chicana politica e as pretensões são atacadas com um humour malicioso e uma ironia mortal para Haldeman-Julius e a sua coorte de leitores, nada é sagrado demais para ser discutido, nada é baixo demais para se receber em audiencia publica.

No meio da chamada renascença da literatura que ha nos Estados Unidos, Haldeman-Julius occupa a posição de um apprehendedor envidoso e perfeito. Sem duvida, lança as bases de um melhor gosto nacional. Com a sua mulher escreveu, em *Poeta*, uma das mais bellas das nossas novellas contemporaneas. Tornou-se um das grandes forças culturais com que se deve contar.

Sendo de especial interesse para a America do Sul, pos-o dizer que a lista dos titulos inventariada para proxima publicação por Haldeman-Julius inclue o "Espirito da Literatura Brasileira", assim como ensaios dedicados ás letras de todas as nações espano-americanas. Apparecerão igualmente historias por Fernández-Guardia, da Costa Rica; Monteiro Lobato, do Brasil; anthologia de poetas mexicanos; de poetas brasileiros. Desde que o programma sul-americano foi confiado ao vosso correspondente, podeis estar certo de que haverá uma representação generosa da cultura latino-americana.

ISAAC GOLDBERG



# SMETANA

Os autores occidentaes de obras sobre a historia da musica tem o costume de isolar, em archipelago, a musica dos pequenos povos, dando-lhe o nome de "musicas nacionaes". Musica nacional em contraste com a musica occidental, considerada universal na sua finalidade artistica. Por muito tempo, a musica slava foi considerada, sobre o ponto de vista finalistico, uma musica nacional. Esta

mou a atençaõ para a Russia. Era a perspectiva aurifulgente das terras orientaes. A Escossia, a Escandinavia, o Levante e a Russia foram os sonhos queridos de todos os românticos, buscando as terras promettidas das seduções exóticas. Se por um lado, essa ignorancia occidental, que veiu até ao limiar do seculo XIX, foi prejudicial, por outro, permitiu que a musica slava, crescendo li-

mente porque não era um simples colorista polaco, mas um grande poeta universal.

Elevou do plano das dansas populares as suas mazurkas e as suas polonezas aos cumes da poesia musical pura, sabia e humana.

Outro musico de genio foi Frederico Smetana, o maior compositor tcheco-slovaco, cujo centenario de nascimento passa este anno.

A Tcheco-Slovaquia é uma terra de gosto musical apurado. A musica penetrou nas mais reconditas cellulas populares. Mozart nunca teve um auditorio tão entusiasta como o de Praga. Foi para Praga, que escreveu o "Dom João". Wagner conta uma pequena anedocta a respeito desse povo: uma vez, elle encontrou musicos tchecos ambulantes (os choumarjis), em pleno campo, sem auditorio e por consequencia, não para ganhar dinheiro, tocando, por prazer, um septuor de Beethoven.

Smetana em 1846, teve uma grande impressãõ, quando Berlioz visitou Praga, tocando a sua "Symphonia phantastica". Aos vinte e poucos annos, Beethoven, Schumann e Chopin, tinham forte influencia no seu espirito. No mesmo anno, Liszt appareceu em Praga. O joven Smetana ficou, por assim dizer, attrahido por dous espelhos concavos. Mas a sua admiração virou-se para Berlioz. Em 55, apparece uma das suas obras primas, o "Trio em sol menor para piano, rabeca e violencello". Em 1860, dirige o grande movimento musical tcheco, um dos mais bellos titulos da sua vida. Além dos seus "côros" pequenas obras primas despojadadas e severas, Smetana creou outras obras de grande vôo, mais universalistas: "Os Brandeburguezes na Bohemia", "A noiva vendida" e "Dalibor". "Os Bhandeburguezes na Bohemia" distinguem-se pela força e pela audacia particulares das idéas musicaes e das scenas dramaticas. As scenas principalmente do povo revoltado contra os senhores, mas permanecendo alegre, uma fresca canção nos labios, fazem aqui um grande effeito, apresentando esta concepção typicamente tcheca um grande interesse artistico.

Immediatamente após esta obra, que é o seu primeiro ensaio de composição dramatica, Smetana produziu as duas suas obras mais celebres "A noiva vendida" e "Dalibors", que creou conscientemente, como obras representativas de um programma, como dois typos de uma opera nacional tcheca, comico e sério, de comedia e de tragedia musicaes. "A Noiva Vendida" é a mais alegre das obras de Smetana, é uma concepção primaveril. E' uma obra que pertence ao grupo



SMETANA

concepção da musica slava provinha de causas muito antigas. A musica occidental proveiu, em sua origem, do casal liturgico-romano, ao passo que a slava mergulhou as suas raizes no solo humilde do folk-lore oriental. Até ao seculo XVIII, o mundo slavo não existia artisticamente para o Occidente. Foi o movimento generoso do romantismo que cha-

vrentemente, respirando o aroma das tradições populares, ercasse uma concepção original do universo, cuja finalidade fosse uma verdadeira integração do homem na Unidade.

O primeiro dos grandes musicos slavos foi Chopin. A sua obra é monumento immortal de lyrismo. Se esse genio slavo soube elevar-se tão alto, é precisa-

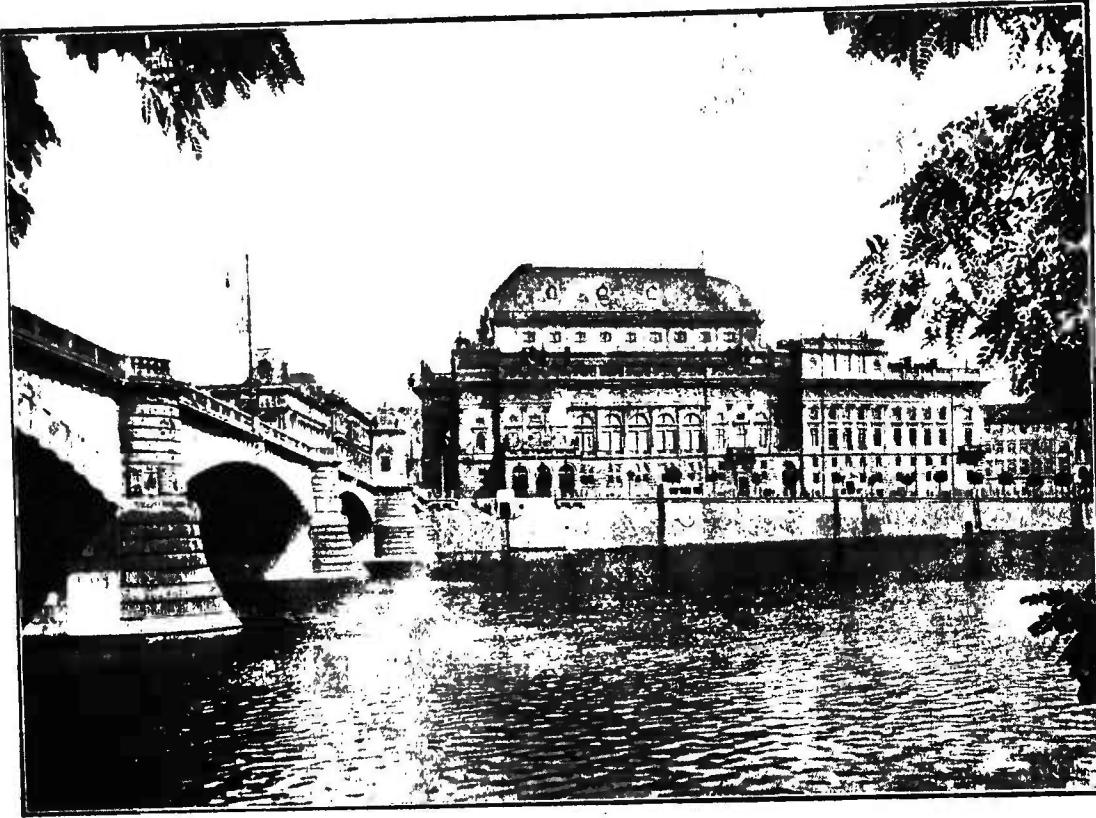
das que foram feitas na sociedade. Trata-se de um assumpto tirado da vida dos campos. As cidades da Bohemia supportaram ainda a forte manopla allemã. Sómente o povo tinha conservado intacto a nacionalidade. Por essa razão, ia-se a elle, quando se queria uma representa-

minando silios e gentes, e revestindo os de ouro. Uma obra inspirando-se na vida rural deveria forçosamente ser, segundo o seu pensar, uma "obra de pura alegria" E eis aqui uma concepção isolada de um espirito modernista em pleno romantismo: o "musico como parodista

"Dalibor" é o heroe de uma luta — a luta do povo tcheco. E' tambem um heroe popular, elevando-se contra um poder mais alto. E' pois o typo do soldado da liberdade, a imagem ideal, por assim dizer, do que o tcheco foi e deveria ser. Dahi a potencia e o vôo extraordinarios de "Dalibor".

Mais tarde, tendo soffrido ataque de surdez, interrompeu o seu trabalho de alguns annos, para compôr a obra extraordinaria, o "Beijo" E' uma historia simples de moços que se amam com paixão, mas que se fixam com paixão não menor cada um na sua idéa. Chegam á discordia. A disputa não é dolorosa. Sente-se que o amor é mais forte que as misquinharias da existencia. A obra está penetrada de uma alegria ao mesmo tempo encantadora e calorosa.

Smetana, regenerador da musica tcheca, não teve a sorte desse regenerador da musica slava, Glinka, que no dia seguinte á representação da "Vida pelo Czar" — 10 de dezembro de 1836 — podia passar em revista os resultados felizes do seu trabalho: amizade do Imperador, titulo de regente imperial, a gloria emfim: "todos, a uma voz, reconheceram-me como o primeiro compositor da Russia". Smetana nunca teve triumphos semelhantes, e o reconhecimento da nação, de que fala aos seus amigos estrangeiros, não será senão um mantô de pudor jogado sobre a ingratição dos seus. Se a arte é uma libertação e uma alegria una, Smetana, genio slavo, teve antes os olhos a realização de uma grandiosa obra de Belleza"



Theatro Nacional de Praga

ção propriamente typica da vida nacional. Ora, se o campo sempre encantou Smetana não foi sómente pelo seu sinete tcheco, mas tambem pela sua alegria. Na sua imaginação, elle se fazia um campo tcheco onde brilhava um sól eterno illu-

da vida", como diz um critico norte-americano, Paul Rosenfeld. Mas a "Nova Vendida" não é uma farça para fazer rir ou alegrar os espectadores, é uma obra seriamente pensada e profundamente sentida.

## G A R T A D A I T A L I A

### O CASO TITO LIVIO

Grande alarido está se levantando de toda parte a respeito da descoberta das obras de Tito Livio e do seu descobridor, o Professor Mario de Martino Fusco, que tem sido alvo de uma verdadeira perseguição por parte de amigos, estudiosos, autoridades, jornalistas e "reporters", com o fim de obrigar-o a sahir da reserva em que se tem mantido, desde que, depois de ter dado a primeira noticia de sua descoberta a principio do anno passado, declarou necessitar de mais alguns mezes, antes de tornal-a do dominio publico. E como o Dr. de Martino se tem mantido firme na sua resolução e está "incommunicavel" os jornaes são obrigados a se contentarem em publicar entrevistas com amigos, conhecidos, professores do feliz descobridor, na esperança de apurarem alguma cousa fazendo mil conjecturas sobre o numero de livros achados e sobre o lugar onde foram encontrados.

A seriedade da descoberta não é posta em duvida por notabilidades como o Senador Cocchia, o professor Sogliano

e outros lentes da Faculdade de Philo-  
sophia e Letras e mestres do joven erudito que se recommenda pela severidade de seus estudos e de suas pesquisas historicas e paleographicas.

O Dr. Mario di Martino Fusco, alumno da Universidade de Napoles, formou-se brilhantemente em paleographia e diplomacia no anno de 1919, em letras, em 1921, e em philosophia, em 1922, dedicando-se, ao mesmo tempo, a pesquisas particulares, como demonstram em saios notaveis e publicações de valor. Entre estas é de grande interesse um trabalho sobre "As escolas calligraphicas na Italia Meridional", na qual di Martino Fusco falla da existencia de duas importantes escolas calligraphicas, no seculo VI, entre os mosteiros que se encontravam no antigo "Castrum lucullanum", de Napoles; a do mosteiro de S. Severino, em grande renome no tempo do Egipto, abbade que esteve em relação com Casiodoro e com S. Fulgencio; e a do mosteiro de S. Pedro, tambem florescente no VI seculo: trabalho que deve ter custado ao seu autor longas e minuciosas pesquisas, que talvez o puzeram a caminho da inestimavel descoberta.

O numero de livros descobertos tambem preoccupa os impacientes: falla-se da inteira obra: 142 livros que seriam escriptos em letras "unciales" do VI seculo e que occupariam o espaço de uma inteira bibliotheca. "Ineffavel felicidade", no dizer de Salomão Reynack, que tem sido o sonho dos estudiosos de todos os tempos — mas que lhe parece fantastica, admittindo, porém, a probabilidade da descoberta de uma parte que venha a augmentar o pouco que possuímos da preciosa obra do patavino, e admoestando os eruditos a terem paciencia e esperança.

E é o que deveriam fazer eruditos e não eruditos.

### MALFATTI NA ITALIA

Anita Malfatti, pensionada pelo Estado de S. Paulo, em Paris, centro official da arte moderna, veio á Italia, mergulhar nas fontes vivas do passado visitando Veneza, Florença, Roma, Napoles. Em Napolis esteve com Zina Aita e as duas originaes pintoras brasileiras correram juntas galerias e museus, igrejas e mosteiros; juntas admiraram o golfo encantado, recordando os encantos da bella Guanabara. Anita Malfatti já voltou para o seu trabalho em Paris.

N. A.

# Portugal

## O CENTENARIO CAMONIANO

Por iniciativa do Brasil, foi celebrado o IV Centenario do Nascimento de Luis de Camões com uma conferencia no Gabinete Português de Leitura, em 4 de fevereiro de 1924, na qual foi publicado que, por iniciativa de um escriptor brasileiro e generosidade de um lusiada, residente no Brasil, a Universidade de Lisboa era dotada de uma permanente cadeira de Estudos Camonianos, honra que só tivera até agora Dante e irá ter Victor Hugo. Camões, assumpto de humanismo, ou humanidades, é a maior homenagem que uma civilização poderá prestar a um Genio Tutellar.

O Governo Português, que accedera, agradecido, á homenagem, decretava dia 5 de fevereiro, e preparava para 10 de junho, anniversario da morte do Poeta, uma consagração na Patria. Nesta data, nos paizes latinos, da Europa e da America, também se celebraram officios publicos de homenagem.

O Brasil, que promoveu essas festas, quiz que todo o anno fosse jubilar, e nós agora, em novembro a Academia Brasileira, e em dezembro as revistas "Terra do Sol", e "Revista de Filologia", farão consagrações ao Poeta Immortal. Acreditamos estar quites com a nossa consciencia, exigente e justa, tanto nos merece o vate de nossa Tradição e da nossa Esperança.

## CAMONOLOGIA

Do grande quotidiano lisbonense *Diário-de-Noticias*, núm. de 10 de junho último, cata anniversaria da morte, em que se celebrou, em Portugal, o quicentenario da nascimento de Camões, transcrevemos gostosamente o seguinte artigo devido á pena do illustre professor sr. dr. Queiroz Velloso, deão da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, acerca da cadeira de Estudos Camonianos, na Faculdade de Letras de Lisboa:

"Em meados de janeiro enviou o ministério dos Negócios Estrangeiros, ao ministério da Instrução Pública, a cópia dum telegrama do sr. dr. Joaquim Pedroso, encarregado de negócios, no Brasil, comunicando que, por iniciativa do sr. dr. Afranio Peixoto, alguns beneméritos membros da colónia portuguesa desejavam fundar na Faculdade de Letras de Lisboa uma cadeira de Estudos Camonianos; e perguntando se o governo daria o seu consentimento e em quanto

importaria o custeamento da cadeira. A resposta era urgente, pois o sr. dr. Afranio Peixoto queria annunciar a boa nova na conferencia que em 4 de fevereiro, para celebração do quarto centenario do nascimento do poeta, devia realizar no Gabinete Português de Leitura.

Apressou-se o ministério da Instrução a responder, aplaudindo em calorosos termos a iniciativa do brasileiro illustre, bizarramente coadjuvado por generosos corações portugueses. Em novo telegrama, informava o sr. dr. Joaquim Pedroso haver já partido para a Europa o Sr. Zeferino Rebêlo de Oliveira, que a si tomara a realização da empresa, acrescentando que iniciador e doador veriam com prazer, no sr. dr. José Maria Rodrigues, o primeiro professor dessa cadeira. Coincidência feliz, mas natural para quem conhece os eruditissimos trabalhos do eminente camonianista, o seu nome fôra também oficialmente indicado pela Direcção Geral do Ensino Superior.

Não veio logo para Portugal o sr. Zeferino de Oliveira: e de passagem para a Itália, encarregou o sr. dr. Sousa Costa de o representar em todos os actos necessários para a effectuação do seu compromisso. Não houve longas conversações, nem surgiu entre os interessados qualquer dúvida. O sr. Zeferino de Oliveira fazia directamente á Faculdade de Letras de Lisboa a doação de 253 titulos provisórios, ao portador do empréstimo português de 1923, do valor nominal de dez libras ouro cada um, titulos que deviam ser retirados do lote que o doador tinha depositado no Banco Ultramarino. A Faculdade de Letras, como entidade autónoma e no uso do direito que o Estatuto Universitario lhe confere, aceita a doação com o encargo de criar e manter perpétuamente uma cadeira de Estudos Camonianos, devendo nos titulos definitivos ser feito o averbamento á Faculdade, com expressa referencia ao encargo da doação. Foi a escritura lavrada no dia 5 de abril, pelo notário dr. Eugenio de Carvalho e Silva, que desejando associar-se ao generoso acto do sr. Zeferino de Oliveira, nada quis de seus honorários. Assinaram-na, além do doador e do director da Faculdade, os srs. drs. José Maria Rodrigues, Alberto de Sousa Costa e Alberto de Barros Castro, Tomás da Fonseca, Abel Dias da Silva e Domingos Cardoso.

Só quem teve o prazer de assistir a esta cerimonia, tão modesta e ao mesmo tempo de tão alta e nobre significação, é

que se não sentiu enternecido até ás lagrimas, ao vêr a simplicidade com que o opulento industrial entregava tão importante soma para que o culto camonino tenha sempre, em Portugal, uma capela votiva, uma cadeira pública, onde se possa ensinar ás gerações futuras o que é e representa Camões, o cantor da civilização occidental, como lhe chamou Cervantes. E essa modéstia foi até o ponto de occultar a hora do seu embarque, dois dias depois, para o Brasil.

Na conferencia que o sr. dr. Afranio Peixoto realizou no Gabinete Português de Leitura — já publicada sob o titulo: *A Camonologia ou Estudos Camonianos* — disse o eminente escritor brasileiro:

"Sinto, meus senhores, neste instante, uma das maiores emoções da minha vida; a de um homem humilde, fraco, "baxo e rudo" como diria o Poeta, que a poder apenas do seu muito amor, consegue graças á generosidade portuguesa, esta maravilha: Camões, assunto de humanismo, de civismo, de patriotismo, ensinado numa Universidade lusitana, para glória e honra da nossa Lingua, da nossa Raça, da nossa História e das nossas Aspirações!"

Dante, desde o século XIV, que tem, em Florença, uma cadeira especial; Victor Hugo vai tê-la em breve, na Universidade de Paris. E Camões, muito maior do que o segundo e não menos genial poeta que o primeiro, não tinha ainda, a trezentos e quarenta e quatro anos da sua morte, uma cadeira para estudo da sua vida e da sua obra, as *Rimas*, cujo lirismo principalmente nos *Sonetos*, não foi ainda excedido em qualquer outra literatura, os *Lusiadas*, cuja alma é o profundo sentimento da nacionalidade, a síntese do gênio português, na sua lingua e na sua história.

As navegações dos séculos XV e XVI são o facto culminante da civilização moderna; e a Portugal, a despeito da escassez da sua população — pois não tinha mais de dois milhões de habitantes — coube o primeiro papel nesse ciclo de grandes feitos, em que não se sabe qual admirar mais, se a heroicidade da aventura, se a tenacidade da empresa, se o plano scientifico que a orienta e dirige. Só de Portugal podia sair, portanto, a epopeia do mundo moderno; e teve a sorte de encontrar em Camões um admirável representante desse extraordinario movimento de ideias, que então agitavam os mais altos espiritos, estrangeiros e portugueses. Educado em Coimbra,

para onde D. João III transferira a Universidade, Camões — o "bacharel latino", como lhe chamava André Falcão de Resende — é um exemplo típico do enciclopedismo da Renascença. A literatura grega e a latina; os modernos escritores italianos e espanhóis; toda a literatura nacional; tôdas as crônicas; tôda a ciência cosmográfica; os antigos geógrafos; tudo Camões leu e conservou com fidelidade e segurança na sua memória assombrosa, para depois o espalhar às mãos cheias, nas páginas do seu poema imortal.

O herói dos *Lusíadas* é o "peito ilustre lusitano"; são as tradições nacionais, encarnadas nas figuras dos nossos heróis, a lealdade em Egas Moniz e Martin de Freitas, o amor em Inês de Castro, o patriotismo em Nun'Alvares, a cavalheiresca gentileza, no grão Magriço, a abnegação e o sacrificio no Infante Santo, a grandeza em Afonso de Albuquerque, o honra immaculada em D. João de Castro, a bravura, a intrepidez, a coragem serena e reflectida em tantos soldados de África e da Índia. O gênio de Camões fez assim da nossa história não apenas uma epopéia, mas uma bíblia, o livro por excelência do nosso patriotismo, onde podemos ir buscar sempre, em tôdas as crises de desalento, nova energia para novos cometimentos. Por isso pôde dizer, na sua conferência, o autor dêsse admirável livrinho de educação cívica, *Minha terra e Minha gente*, estas belas palavras, tão gratas ao nosso coração: "Portugal, o Brasil — seu prolongamento no tempo e no espaço — nós, os Lusíadas, nós temos no Poema nossa fé de ofício, nossos pergaminhos, nossos brasões, nossa fé, nossa esperança, e Camões é um desses gênios-heróis, representativos duma raça, como que o seu grandioso simbolo na História..."

Foi grande a honra que a Faculdade de Letras de Lisboa recebeu em haver sido escolhida para sede e guarda da cadeira de Estudos Camonianos. Em outubro proximo, será ela inaugurada solenemente, tendo o Conselho resolvido dar á sala, onde se efectuem as lições, o nome dêsse benemerito compatriota, a cuja rasgada generosidade se deve que "o feito nunca feito", fôsse realizado. E ao professor illustre, ao médico eminente, ao escritor insigne, ao presidente da Academia Brasileira — a mais respeitável das instituições literárias do Brasil — será então conferido o grau de Doutor em Letras, a mais alta distinção que a Faculdade pode outorgar a alguém. Raras vezes, o capelo e a borla doutorais terão recaído em mais nobre figura tanto pelo que legitimamente vale a sua grande e variada obra, como pelo intrinseco e sentido amor ás coisas portuguesas.

Ao terminar, aqui deixo um apêlo a quantos, em Lisboa — em Portugal — se interessam por estes assuntos. A sementeira do que se fez no Rio-de-Janeiro,

porque se não congregam todos os ilevados de Camões, para constituir e manter uma Sociedade de Estudos Camonianos? Por tôda a parte florescem sociedades análogas.

Em Camões há sempre que estudar, muito que descobrir ainda.

J. M. QUEIRÓS VELOSO.

#### DOUS ELOGIOS A CAMÕES

Edgard Prestage, commemorando o quarto centenario do nascimento do Genio, publicou, sob o titulo de *A paixão de Christo*, as elegias XXIX e XI da obra camoneana, com um prefacio interessante da sua lavra. Estas duas elegias irmanadas pelo mesmo assumpto, mostram-no poeta catholico, misturando os deuses pagãos com os factos da Paixão. A primeira elegia do livro, a XXIX, principia com uma diffusão de figurar bucolicas pagãs, onde se vê que a mão que a escreveu ainda era fraca, pois Camões, a esse tempo, era estudante da Universidade de Coimbra. As Elegias são pouco conhecidas, de modo que vale a pena entrar pela porta da minucia. O Poeta interroga um pastor por que a natureza está tão mudada:

*Quer por ventura algum novo gigante  
Por montanhas subir ao firmamento  
E derrubar a Jupiter possante?*

*Os eixos dos dois orbes ordenados  
A sustentar a machina mundana  
Parecem já desfeitos e quebrados.*

Então refere-se á scena do Calvario:

*Verás a crystalina e clava fonte...  
Da vida pura posta em um madeiro  
Por te livrar da barca de Charonte.*

Num crescendo de emoção sobria recalçada, faz a descripção de Christo na cruz:

*O' preciosas chagas roxas, bellas  
Luminartas da noite tenebrosa.  
De toda luz privada das estrellas.*

Incita Maria a ir ao caminho da cruz, para ver o Filho abandonado na escuridão, soffrendo para nos dar socego e mauso porto. Camões pinta a scena da crucificação com um primitivismo semelhante ao que apparece nos marfins dos sec. V e VI que se encontram no British Museum, nos paineis de muitas igrejas italianas, como no da porta de S. Sabino sobre o Aventuro, como na maravilhosa *deposizione* de Benedetto Antélemi, do duomo de Padua e como no mosaico byzantino da igreja de Daphne, Grecia. Mas a scena transmuda-se. O Homem, subido na cruz, vê-se cercado de mil anjos, como enxame de abelhas pressurosas que trabalham por curar as suas dores e martyrios com unguentos olorosos. A elegia termina com acto de submisso christã:

*Meu Deus, de dar-te pouco não me pejo:  
Porque eu, para dar mais, sou pouca parte.*

A segunda elegia, a XI, é uma obra prima em todos os sentidos, e com uma elevada significação philosophica. O Sr. E. Prestage mostra que Camões teve diante dos olhos as estancias de Sannazaro, *De Morte Christi*. Mas a elegia não fica devendo nada aos versos italianos. Ha

muita vida interior Camões apresenta as suas idéas christãs:

*Aquelle unico Ser, alto e divino,  
Que tudo póde, manda, move e cria.*

Toda a religiosidade do soldadogenio, mais do que em qualquer outra obra sua, apparece aqui com a sua feição integral.

CAMÕES E TASSO

Contemporaneo de Camões, posto que 20 annos mais moço, Tasso foi um de seus admiradores affectuosos e intelligentes, como nol-o attesta a doce melancolia deste soneto, revelando-lhe o espirito de fraternidade literaria:

Vasco, le cui felici ardite antenne  
Incontro al sol, che ne riporta il giorno.  
Spiegare le vole, e per colà ritorno  
Dov'egli par che di cader accenne;

Non piu' di te per aspro mar sostenne  
Qual, che fece al Ciclopo ultraggio  
scorno;  
Né chi turbó l'Arpie nel suo saggio,  
Né dié piu' bel subieto a colte penne.

Ed or quella del colto e buon Luigi  
Tant'oltre stendi il glorioso volo,  
Che i tuoi spalmati legni andar men lungi.

Ond'a quelli, a cui s'alza il nostro Polo,  
Ed a chi ferma incontra i suoi vestigi  
Per lui del corso tuo la fama giunge.

As seguintes linhas, extrahidas á "vegilia" XXIII, desdobram-no em prosa:

"L'imperio dell'Indie uscirá di mano ai nipoti di Emmanuello; non piu' la superba Lisbona vedrá approdare al suo porto i tesori dell'Asia e dell'África; ma la gloria prima delle sue immense conquiste splendorá tuttavia viva e raggianti nei versi di Camões. Le ultime generazioni vedranno nella "Lusiade" il coraggio incredibile di un pugno d'oumini chi humano infinite genti, e lottano contro pericoli tremendi, immense e nuovi, portarono alla estremida do mondo la loro virtu', e la religione de' loro padri.

No quarto centenario do épico português, cuja festa importa em reconhecimento da Posteridade ao cumprido vaticinio do italiano, é grato associar as duas sombras luminosas... E, a nossos olhos de evocadores da moderna civilização latina, no cvelo das grandes cruzadas maritimas, como que emergem vivas as Musas de Sorrento e do Tejo, entresorrindo-se com a mesma graça amiga de outr'oras.



# NOTAS & COMMENTARIOS

## AS OBRAS DE ANATOLE FRANCE

A obra literaria de Anatole France comprehende os seguintes livros, com a respectiva data da primeira impressão:

<i>Les Poèmes dorés</i> .....	1873
<i>Les Noces Corinthiennes</i> .....	1876
<i>Jacoste</i> .....	1879
<i>Le crime de Sylvestre Bonnard</i> .....	1881
<i>Les désirs de Jean Servien</i> .....	1882
<i>Le livre de mon ami</i> .....	1885
<i>La Vie littéraire (1ª serie)</i> .....	1888
<i>Balthasar</i> .....	1889
<i>La Vie littéraire (2ª serie)</i> .....	1890
<i>La Vie littéraire (3ª serie)</i> .....	1891
<i>Thais</i> .....	1891
<i>L'Etui de nacre</i> .....	1892
<i>La Vie littéraire (4ª serie)</i> .....	1892
<i>La Rôtisserie de la Reine Pédauque</i> .....	1893
<i>Les opinions de Jérôme Coignard</i> .....	1893
<i>Le Lys rouge</i> .....	1894
<i>Le Jardin d'Epicure</i> .....	1895
<i>Le Puits de Saint-Claire</i> .....	1895
<i>L'Orme du Mail</i> .....	1897
<i>Le Mannequin d'Osier</i> .....	1897
<i>L'Anneau d'améthyste</i> .....	1899
<i>Pierre Nozière</i> .....	1899
<i>Crainquebille</i> .....	1901
<i>Monsieur Bergeret à Paris</i> .....	1901
<i>Opinions sociales</i> .....	1902
<i>Histoire comique</i> .....	1903
<i>Sur la pierre blanche</i> .....	1903
<i>Crainquebille, Putois, Riquet et Cie</i> .....	1904
<i>L'Île des Pingouins</i> .....	1908
<i>Les contes de Jacques Tournebroke</i> .....	1908
<i>La Vie de Jeanne d'Arc</i> .....	1908
<i>Les sept Femmes de Barbe-Blue</i> .....	1909
<i>Les dieux ont soif</i> .....	1912
<i>Le Génie latin</i> .....	1913
<i>La Révolte des Anges</i> .....	1914
<i>Le Petit Pierre</i> .....	1918
<i>La Vie en Fleur</i> .....	1922
<i>Alfred de Vigny</i> .....	1924

As obras de Anatole France que se vendem mais são:

*Le crime de Sylvestre Bonnard*, *Le Lys rouge*, *Thais*, *Les Dieux ont soif* e *la Révolte des Anges*, e o numero das edições, segundo comunicação do editor Calmalm Levy, é a seguinte:

<i>Jocaste</i> .....	59
<i>Le crime de Sylvestre Bonnard</i> .....	244
<i>Les désirs de Jean Servien</i> .....	157

<i>Les Sept Femmes de Barbe-Blue</i> .....	112
<i>Les Dieux ont soif</i> .....	259
<i>e livre de mon ami</i> .....	257
<i>La Vie littéraire</i> .....	50
<i>Balthasar</i> .....	68
<i>Thais</i> .....	276
<i>L'Etui de nacre</i> .....	112
<i>La Rôtisserie de la reine Pédauque</i> .....	251
<i>Les opinions de Jérôme Coignard</i> .....	129
<i>Le Lys rouge</i> .....	398
<i>Le Jardin d'Epicure</i> .....	121
<i>Le Puits de Sainte-Claire</i> .....	73
<i>L'Orme du Mail</i> .....	185
<i>Le Mannequin d'Osier</i> .....	176
<i>L'Anneau d'améthyste</i> .....	175
<i>Pierre Nozière</i> .....	88
<i>Crainquebille</i> .....	134
<i>Monsieur Bergeret, à Paris</i> .....	149
<i>Histoire comique</i> .....	98
<i>Sur la pierre blanche</i> .....	119
<i>L'Île des Pingouins</i> .....	213
<i>Les contes de Jacques Tourne-</i>	
<i>Le Génie Latin</i> .....	55
<i>La Révolte des Anges</i> .....	178
<i>Le Petit Pierre</i> .....	169
<i>Va Vie en Fleur</i> .....	144

Algumas edições originaes, que se tornaram raras, custam hoje muito caro. Por exemplo: *Le crime de Sylvestre Bonnard*, primeira edição, capa azul, em bom estado, vale 1.500 francos. Mas o que é mais raro ainda é uma narração polygraphada de oito paginas e escripto por Anatole France quando tinha 18 annos; um exemplar desta obra, tirada em um numero de exemplares muito limitado, vende-se entre 3.000 e 3.500 francos. As edições originaes dos outros livros variam entre 40 e 120 francos.

As edições de luxo são innumeraveis. Actualmente prepara-se uma nova edição completa das obras de France.

### LUME E CINZA

O apparecimento de um livro de Alberto Rangel constitue occorrença de primeira ordem. Todos quantos admiram o extraordinario prosador do "Inferno Verde", obra que o tornou celebre, esperam sempre com alegre ansiedade cada producção do maravilhoso estilista, um dos maiores das letras nacionaes. Lume e Cinza" chamou Alberto Rangel as paginas que acabam de ser editadas, num elegante volume impresso na França, pela Livraria Scientifica Brasileira. O livro que é muito formoso, e original, como tudo o que sae dessa intelligencia peregrina,

na, compõe-se de tres partes: "Fantasmas", "Contos e Recontos" e "Fructos da Terra", e traz um prefacio, que é reafirmação das crenças e conceitos estheticos do autor. Nesta nota pretendemos apenas registrar a sensacional nova, reservando para o proximo numero noticia mais larga ácerca de "Lume e Cinza", como merece Alberto Rangel.

### HOMENAGEM A ANATOLE FRANCE

Na sessão de 16 do corrente da Academia Brasileira de Letras, depois do expediente, Afranio Peixoto lembrou á corporação as homenagens que devia á alta memoria de Anatole France, passado na semana ultima. "Tão grande elle se nos apresentou, diz elle, que, havendo no quadro academico uma vaga de correspondente ao tempo da sua visita ao Brasil, não nos occorreu — ou a nossa modestia o evitou — chamal-o ao nosso gremio; acolhemol-o, triumphalmente, pelo verbo magnifico de Ruy Barbosa. Recebemos e louvamos ao soberano da intelligencia litteraria do nosso tempo, ao grande escriptor, estavel em vida, classico desde os seus primeiros ensaios, essa série de obras-primas em que o espirito helleno-latino de nossas origens floresceu na mais bella das linguagens que a humanidade póde falar — essa perfeita e casta e divina lingua franceza. Das "Nupcias corinthias" e do "Crime de Sylvestre Bonnard", ao "Jardim de Epicuro" e ao "Lyrio Vermelho", dos "Deuses sedentosos" e da "Revolta dos Anjos", á "Vida litteraria" e á série do "Senhor Bergeret", esse mago prodigalizou aos mais finos e elevados gostos litterarios do mundo as mais bellas e puras imagens e rythmos que o entendimento humano jámais deliciaram em qualquer época. "Crainquebille", "Putois", "O Procurador da Judéa", são contos philosophicos a empanar a maior gloria de Voltaire, que é "candido", "Zadig", ou "Micromegas". Todos os seus generos foram um só: a perfeição da fórma antiga nas mais novas e livres idéas do futuro. A quem teve em vida todas as homenagens, que foram da Academia Franceza ao Premio Nobel, e á essa definitiva e inapreciavel academia e premio da consagração universal, o que deve fazer a Academia Brasileira, diz o Sr. Afranio Peixoto, o menos que podemos, é isto, que propõe: a) que á Academia Franceza se envie a expressão do nosso profundo pezar pela morte de Anatole France; b) que se suspenda a presente sessão em signal de luto; c) que se celebre em sessão publica a gloria do grande morto, convidando a falar por nós o Sr. Constancio Alves, certamente parente intellectual de Anatole France, pelo seu gosto fino e sua subtil ironia". Depois de ligeiro debate, approvou a Academia estas tres propostas, suspendendo-se por cinco minutos a sessão.

### AMERICA BRASILEIRA

Desde o mez passado que entron para a redacção desta revista o nosso antigo collaborador Teixeira Soares, figura das mais interessantes da nova geração litteraria brasileira e autor desse formoso livro *Noite de Caliban*, em que exhibiu os predicados de sua intelligencia subtil, paradoxal e penetrante.

## PRINCIPE DOS POETAS

Alberto de Oliveira que é uma das glórias mais puras das letras nacionais, foi proclamado príncipe dos poetas brasileiros, em nome de 154 intellectuaes, na eleição promovida pela revista *Fon-Fon*, que dirige o formoso talento de Gustavo Barroso. Communicando aos seus leitores o resultado do pleito, fê-lo *Fon-Fon* com as seguintes palavras, cujos conceitos **tambem** subscrevemos com prazer e orgulho:

"Em nome de cento e cincoenta e quatro homens de letras e jornalistas brasileiros, numa eleição publica e limpa a que concorreram tresentos nomes de votantes, *Fon-Fon* tem a honra e o prazer de proclamar PRINCIPE DOS POETAS BRASILEIROS o "immortal" Alberto de Oliveira. Elle foi um dos membros da trindade augusta da poesia nacional, com Olavo Bilac e Raymundo Corrêa. Aquelle, vae para onze annos, em concurso semelhante teve a palma desse principado esthetic. Alberto, que, então, attingio, por pequena differença, o segundo logar, agora é elevado ao posto que lhe compete como magno expoente de nossa litteratura poetica. Seus versos de marmore e oiro, sonoros e grandiosos, têm o vigor, a seiva e a força de nossa paysagem tropical. Retumbam com as nossas cascatas, brilham como os astros do nosso céu e erguem-se dominadores quaes as nossas montanhas vestidas de eterno verde. Ninguém no nosso paiz desconhece e muita gente fóra delle não ignora a belleza perfeita do seu parnasianismo maravilhoso. Dos seus ricos livros de poesia não sabem os que o admiram que produções escolher para uma rapida citação. "A vingança da porta", "Luva abandonada", "O leque", "A estrada deserta", "O adeus dos mastros", "Paganismo", "Manhã de Caça", "Manto real", "Visio", "A caranguejeira"? Seu estro retumba no exaltar os esplendores de nossa natureza, a formosura das nossas mulheres, o azul do nosso firmamento, e parece que as abelhas de Platão e as formigas de Midas fizeram de seus labios colmeia de mel perfumoso, colleiro de trigo abundante. Elle é o mais nacional, o mais brasileiro, na forma alcandorada e na profundeza das idéas, daquelles tres grandes cantores que sempre nos enlevaram, sem que isto diminua, a grandeza pujante de Olavo e de Raymundo. Nesse alto nacionalismo espirital só poderia competir com elle, ultimamente, o cantor das monções e do captiveiro, esse grande Vicente de Carvalho, que não morreu nem morrerá na alma dos brasileiros. Estamos certo, e a votação obtida por Alberto de Oliveira e uma prova inconcussa, que elle já era o Príncipe dos nossos poetas antes da eleição, no consenso da maioria dos que escrevem e leem neste paiz. Assim, nada mais faz o nosso concurso do que sagral-o publicamente com os applausos dos homens de letras da nação. A redacção de *Fon-Fon*, orgulhosa da aceitação e do exito que sua idéa obteve pela segunda vez em todas as camadas sociaes da capital e dos Estados, sente-se perfeitamente apoiada na opinião publica para proclamar aos quatro ventos o grande poeta Príncipe dos Poetas. E em tudo elle o é, na aristocracia do porte e na aristocracia de sua arte, na fidalguia do seu character e na fidalguia do seu espirito, na realeza da sua cultura e na realeza de sua bondade. Salvé, pois, o novo Príncipe da Poesia Brasileira!"

As pessoas que votaram em Alberto de Oliveira foram as que se seguem, conforme a apuração de *Fon-Fon*: Medeiros e Albuquerque, Affonso Celso, Lauro Muller, Alfredo Pujol, Mario de Alencar, Domício da Gama, João Luiz Alves, Afranto Peixoto, Luis Murat, Antonio Austregesilo, Alberto Faria, João Ribeiro, Laudelino Freire, Amadeu Amaral, Xavier Marques, Clovis Bevilacqua, Carlos de Laet, Gustavo Barroso, Rodrigo Octavio,

Osorio Duque Estrada, Aloysio de Castro, Miguel Couto, Augusto de Lima, Ataulpho de Paiva, Humberto de Campos, Dantas Barreto, Veiga Lima, Heitor Beltrão, Fernando Bastos, Herminio Lyra, Austregesilo de Athayde, Reis Perdigão, Francisco Colman, Maria Eugenia Celso, Olegario Marianno, Fernando Nery, Hilton Furtado, Attilio Milano, Odilon Jucá, Max Fleiuss, Gastão Franca Amaral, Martins Fontes, Carlos Pontes, Ramiz Galvão, Silveira Netto, Amelia de Freitas Bevilacqua, Carlos Góes, Belmiro Braga, Horacio Cartier, Celestino Silveira, Telles de Meirelles, Pedro do Couto, Ribeiro Couto, Jackson de Figueiredo, Domingos Barbosa, Carlindo Lellis, Alvaro Sodré, Angyone Costa, Eurico de Góes, Barbosa Gonçalves, Tasso da Silveira, Annibal Freire, Aristêo Seixas, Eurico Sodre, Nestor Victor, Ibrantina Cardona, Anna Amelia C. de Mendonça, Solfieri de Albuquerque, Elysio de Carvalho, Heitor Lima, Carlos Rubens, Theophilo de Albuquerque, Paulo Filho, Homero Prates, Carvalho Guimarães, Arthur Motta, Raphael Pinheiro, Assis Cintra, Laurita Lacerda, Oliveira Vianna, Leal de Souza, Svlvio Julio, Claudio de Souza, Liberato Bittencourt, Fernandes Tavora, José Martins Rodrigues, Cruz Filho, Esdras Farias, Collatino Barroso, Mario Gustiani, Mario Linhares, Alfredo de Assis, Wenceslão de Queiroz, Raul Machado, Martins de Oliveira, Gregoriano Cruz, Luiz C. Cascudo, Nazareth Menezes, Mario Sette, Bernardino Vieira, Rica de Almeida, Olival Costa, Luiz Franco, Aprigio dos Anjos, Esther Ferreira Vianna, Jayme d'Altavilla, Mario Guedes, Hermes Fontes, Leonardo Motta, Arthur de Salles, Irineu Filho, Beni Carvalho, Renato de Castro, Corrêa de Araujo, Celso Vieira, Godofredo Rangel, Oscar Lopes, Daltro Santos, Carlos Gondin, Antonio Salles, Papi Junior, Rodrigo Octavio Filho, Angela Vargas B. Vianna, Faria Neves Sobrinho, Xavier Pinheiro, Henrique Castriçano, João da Matta, Carlos Maul, Nogueira da Silva, Rosalina Coelho Lisboa, Leopoldo Teixeira Leite Filho, Noronha Santos, Nuto Sant'Anna, Adalberto Marroquim, Rocha Pombo, Rodrigues de Carvalho, Annibal Amorim, Jonas da Silva, Ronald de Carvalho, Rodolfo Theophilo, Lindolpho Azevedo, Gastão Tojeiro, Miguel Mello, Baptista Pereira, Amilcar Marchesini, Guilherme de Almeida, Silva Lobato, Seraphim Franca, Octavio Tavares, Joaquim Eulalio, Jorge Jobim, Edgard Braga.

Todos quantos admiram e amam o maravilhoso poeta, orgulho da nossa gente, tiveram ainda a ventura de conhecer um soneto inedito do prodigo creador de rythmos e de imagens, poema que é obra perfeita como inspiração e como forma:

## RAUSO

Para o Sol receber na luz primeira,  
Noiva do Sol, — como em festiva sala  
Noiva de Rei — toda era viço e gala  
No pomar verde a verde laranja.

Trabalharam sem pausa a noite inteira  
Mãos de invisiveis alas a alfaia-a;  
Cicio ou queixa a alma impaciente exhala,  
O véo de nupcias rumoreja e cheira.

Espera. Eis que, porém, de encontro ao seio  
O vento a enlaça, a beija, a envolve toda,  
Redemoinhando em subita rajada.

E quando o Sol para esposal-a véo,  
Quasi despida a viu. Voavam-lhe em roda  
As flôres da corôa desfolhada...

## OLIVEIRA VIANNA

Eleito membro effectivo do Instituto Historico Brasileiro em 18 de julho do

corrente, tomou no dia 11 do corrente posse da sua cadeira, o nosso eminente collaborador Oliveira Vianna, em sessão que teve brilhante relevo. A solennidade compareceram figuras representativas do nosso meio intellectual, além de grande concurrencia de membros da veneranda corporação, presidida pelo illustre conde de Affonso Celso.

No discurso que, como é de praxe, pronunciou o autor dos *Populações meridionaes do Brasil*, no meio de respeitosa curiosidade, revela-se a mesma intelligencia brilhante, poderosa e suggestiva.

Oliveira Vianna, depois de mostrar qual tem sido o papel da instituição para cujo seio tinha sido chamado, estuda, com agudeza, os phenomenos historicos e o aparelhamento que hoje se exige para os que se dedicam á historia, chegando á conclusão de que só as grandes associações de omnimoda cultura serão capazes de realizar, actualmente, perfectas syntheses historicas, lembrando, a proposito, quantas competencias teve que reunir o Instituto para poder elaborar o "Diccionario Geographico e Ethnographico do Brasil", a excellente obra commemorativa do centenario da Independencia. Saliou á influencia das sciencias naturaes, anthropologicas e sociaes na elaboração da historia, destacando, porém, dentre ellas, as sociaes, que, sobre as outras, vêm preponderando. Disse que hoje graças á evolução scientifica, estão os historiadores munidos de elementos precisos, não só para rectificar as illusões da sua visão critica, senão para reprimir os surtos da sua fantasia, e mesmo para poder reconstruir, tanto quanto possivel, as velhas sociedades mortas. Mas, continuou, a historia não é sómente uma grande sciencia, é tambem uma grande arte, e, por tal ser, é que muitos espiritos se recusam a ver na historia uma grande sciencia, o que, na sua opinião é simples preconceito, pois não percebe que incompatibilidade haja entre a sciencia e a arte, preferindo crêr que esse preconceito é simplesmente uma reminiscencia do que era a historia anteriormente á constituição das sciencias sociaes. Todos estes pontos do seu magnifico discurso foram ampla e eruditamente tratados.

A seguir, referiu-se ao seu antecessor no Instituto, Aurelino Leal, traçando-lhe o perfil e assignalando os principaes aspectos da sua actividade como jurista, historiador e politico. Alludindo aos serviços que o Instituto vem prestando á nacionalidade, cita palavras do seu actual Presidente, Sr. Conde de Affonso Celso, a quem tece justos encomios, reproduzindo-lhe o conceito de que "augmenta-se a energia nacional, quando se dá ao povo o orgulho da sua historia." Conclue dahi, a utilidade do estudo do passado, que robustece, intensifica, esclarece a consciencia do patriotismo, bordando sobre este, conceitos em que se casam a elegancia e a justeza das phrases em que são expostos. Ainda para demonstrar a influencia do Instituto no nosso paiz, recorre ás "Paginas de Historia", do Dr. Max Fleiuss, secretario perpetuo da associação, e cujo valor encarece com palavras de carinhosa justiça.

Oliveira Vianna conclue com estas palavras o seu formoso discurso: "Quizeses Srs., chamando-me para o vosso seio, dar-me tambem um pouco de agasalho desta sombra generosa. Eu vos agradeço certo de que, entrando para esta casa, não preciso abdicar as minhas convicções na grandeza do nosso presente, nem renunciar as minhas crenças nas grandes virtualidades contidas do nosso futuro! Não tem esta a vossa lição: vejo-vos sempre muito presos á admiração do passado, mas, vejo-vos tambem muito attentos a todos os problemas do presente, e vejo-vos muito sensiveis a todos os ideaes do futuro."

E' que tendes muito ampla, senhores, a noção desse continuo definir, que é a evolução de uma nacionalidade, muito profundo o sentimento da solidariedade das gerações, muito viva a consciencia da nossa continuidade historica. O passado e o futuro são ambos, por isso mesmo, sagrados para vós; ambos formam os polos das vossas affeições. Para saudardes o clarão dos novos tempos, não julgaes necessario apedrejar as sombras do nosso passado heroico: vós, senhores do Instituto, não praticaes o abyssinismo em historia. E, deixae-me que vos diga, todos vós pareceis repetir aquellas palavras memoraveis de Ernesto Lavissee, quando, nas paginas commovidas dos seus "Souvenirs", celebrou uma vez a brevidade do passado: "Descobri que o passado é curto. Fiz este calculo cedo. O pae do meu tio-avô, que nasceu em 1764, quando reinava Luiz XV, conheceu, ainda moço, os contemporaneos de Luiz XIV. Os mais velhos destes tinham sido formados pelo cardeal Richelieu; e não seria preciso uma grande série de homens, não mais do que trinta octogenarios, para atingir o tempo, em que Jesus Christo veio ao mundo. Esta brevidade do passado deu-me um respeito pelo futuro immenso. Encontrei-me numa disposição de espirito que mais tarde se fixou em mim. A hora presente não vale para mim senão uma hora. Por que se encontra no correr da minha vida não é razão para que eu julgue de um valor maior do que os passados e os futuros."

A oração do Dr. Ramiz Galvão, orador official do Instituto, em resposta, breve mais elegante, é a que se segue: "Illustre collega Sr Dr. Oliveira Vianna.

Quando o nosso Instituto preparava a organização do seu "Diccionario Historico", para solemnizar o Centenario da Independencia, fomos appellar para vosso talento e vos pedimos uma contribuição para o capitulo da Ethnographia. Já conheciamos o valor dos vossos trabalhos, o pendor do vosso espirito para este genero de lucubrações. O digno patriota não se fez esperar e escreveu uma memoria substancial e erudita, que deu logo a medida do seu alto merecimento. Ella tem por titulo "O Typo ethnico brasileiro". A esse trabalho sucederam outros publicados em 1922, 1923 e 1924: "O idealismo na evolução politica", "Evolução do povo brasileiro", e "Problemas de Anthropologia social".

Tendes ainda, em preparo, o importante capitulo VII das contribuições, que tambem vos solicitámos para o "Estudo biographico sobre D. Pedro II" — a grata homenagem que o Instituto vae prestar em 1925 ao Centenario natalicio do segundo e immortal Imperador. Tudo que haveis feito com grande applauso, estava, pois, reclamando a vossa admissão ao nosso gremio como precioso elemento para a faina, a que nos dedicamos, com amor e enthusiasmo. Hoje temos a fortuna de vos dar o abraço fraternal, e, o que é mais, depois de ouvirmos a brilhante oração inaugural, em que acabais de justificar amplamente a votação unanime que vos acolheu. Pela minha parte, sinto-me altamente penhorado ante as palavras benevolas com que alludistes a algumas phrases proferidas neste mesmo recinto pelo orador do Instituto; mas a gratidão da nossa companhia ainda é maior pelos conceitos com que a honraes, encarecendo o modo por que entendemos servir a Patria e definindo o nosso papel de centro cultural por excellencia, o nosso maior centro cultural por certo; instituição a mais veneravel e mais austera, a mais comprehensiva e menos especializada, pois o estudo da Historia abrange hoje todas as especialidades, pede a collaboração de todas as sciencias: as sciencias da natureza, as sciencias do homem, as sciencias da sociedade. Pois bem, illustre collega, é por

isso mesmo, que se reclama a vossa presença neste Areopago, talento de escol capaz de auxiliar a obra de benemerencia, que faz a preocupação desta casa quasi secular, onde, como acertadamente acabastes de dizer, não nos podemos satisfazer com a simples documentação dos archivos, porque estes não apanham todos os aspectos dos acontecimentos do passado, que devemos e queremos reconstituir. Este pensamento desenvolvestes com raro brilho na oração-programma que acabamos de ouvir com applauso e intima satisfação. Nessa mesma oração aproveitastes o ensejo para prestar justissima e eloquente homenagem a um distinctissimo brasileiro, que foi dos nossos, preclaro Aurelino Leal. Estou comvosco em toda a linha, e posso assegurar que todos os soldados desta santa cruzada aceitam, *toto-corde* o vosso *verdictum*.

Viestes, Sr. Dr. Oliveira Vianna, occupar a cadeira que elle honrou por muitos annos, e que até agora esteve coberta de luto. Não temos duvida sobre o brilho que restituireis a essa cadeira, digna por todos os titulos de ser occupada por um patricio rico de talento, rico de illustração, opulento de patriotismo. A velha companhia carece sempre deste sangue novo, fortemente oxygenado, para continuar as suas tradições. Vós o tendes nas arterias. Sêde bemvindo!"

O Sr. Conde de Affonso Celso, terminado o discurso do Dr. Ramiz Galvão, disse que era sob a deliciosa impressão dos dous primorosos trabalhos que encantaram o Instituto, e tão á altura das gloriosas tradições deste, que levantava a sessão, á que compareceram os seguintes membros: Srs. Conde de Affonso Celso, Dr. Ramiz Galvão, Dr. Max Fleiuss, Ministro Agenor de Roure, Dr. Manuel Cícero, Dr. Tavares de Lyra, Dr. Rodolpho Garcia, Dr. Laudelino Freire, Dr. Calogeras, Coronel Liberato Bittencourt, General Moreira Guimarães, Dr. Alfredo Valladão, Dr. H. Morize, Dr. Eugenio Egas, Commandante Eugenio de Castro, Dr. Alfredo F. Lage, Commandante Raul Tavares, Conselheiro Camelo Lampreia, Dr. Miguel de Carvalho, Dr. Jonathas Serrano e Dr. Francisco José de Oliveira Vianna.

#### CULTURA JURIDICA NO PERU'

Realizou-se no dia 11 do corrente a sessão especial do Instituto da Ordem dos Advogados, convocada para ser emposado como seu membro da honra o Sr. Dr. Victor Maurtua, Ministro Plenipotenciario do Perú, junto ao nosso Governo.

O illustre diplomata, que é um dos mais brilhantes juriconsultos do seu paiz, foi saudado pelo orador official do Instituto, Dr. Pinto da Rocha. Ao responder a esta saudação, o Sr. Dr. Victor Maurtua dissertou sobre a "Cultura juridica do Perú", thema de alto interesse e que despertou a attenção de todos os membros da casa, não só pela autoridade do orador, que além de ser um dos mais conspicuos internacionalistas do seu paiz, teve tambem uma grande participação na reforma da legislação peruana, considerada uma das mais adiantadas dos ultimos tempos.

O Código Penal do Perú do qual foi autor, é monumento juridico do mais alto valor, citado em toda a America. A sessão não foi solenne, pois, de accôrdo com as praxes do Instituto, a recepção de um socio é feita em sessão ordinaria.

Dada, porém, a alta autoridade do novo membro honorario e o seu caracter de diplomata acreditado junto ao nosso Governo, a Directoria do Instituto convidou para esta sessão especial os Srs. Ministros da Justiça e das Relações Exteriores e os Srs. membros do Corpo Diplomatico e Consular estrangeiros. E assim teve a mesma brilhante relevo.

#### A CONVENÇÃO LITERARIA COM PORTUGAL

O ministro da Fazenda determinou fosse executada, por parte das alfandegas brasileiras, a convenção literaria e artistica assignada com Portugal para facilitar o intercambio intellectual entre o nosso e o paiz irmão. O accôrdo realizado representa um grande passo na politica de approximação entre as duas Republicas, e foi recebido com applausos por todos quantos conhecem as difficuldades que existiam, aqui como lá, para expansão da literatura e da arte dos dois povos, que devem viver na mais intima e perfeita communhão de ideas e sentimentos. Os jornaes brasileiros, e bem assim os portuguezes, commentaram com enthusiasmo o acto do ministro da Fazenda mas esqueceram assignalar que só agora possuímos essa convenção literaria e artistica, quando a Espanha mantém situação vantajosa e privilegiada nos paizes de lingua castelhana. Afinal, sempre se obteve alguma cousa, e é de esperar que as relações luso-brasileiras sejam objecto de carinhosa attenção pelos governantes dos dous paizes, orientada em sentido favoravel á politica de esclarecido entendimento necessaria a Portugal e ao Brasil.

#### LAUREIS INSIGNES

O applaudido poeta Eduardo Guimaraens, que tem a critica dos livros da *A Federação*, de Porto Alegre, publicou na edição de 15 de Agosto do referido jornal a seguinte chronica sobre o ultimo livro do nosso director:

"Estes *Laureis Insignes*, que são reunidos, dous artigos, três conferencias e uma memória, constituem sem duvida alguma um volume a mais, e precioso, na bela série de obras nacionalistas que o illustre escritor brasileiro sr. Elysio de Carvalho iniciou com *Brava Gente*. Espirito cosmopolita, apaixonado temperamento sempre voltado para os ideais de beleza, artista e pensador, ninguém, entre os nossos modernos homens de letras, teria mais autoridade e milhores probabilidades de êxito para irmanar aos seus ensaios de arte e literatura, os variados e sugestivos estudos de história pátria. São, antes do mais, uma obra valiosa de entusiasmo civico, de amor pela nacionalidade, de fé e confiança nos seus destinos.

Nos *Laureis Insignes*, os assuntos abordados por Elysio de Carvalho são diversos, nas giram todos em torno da evolução e do espirito ráxico e tradicional: *Origens da familia brasileira, Jornada dos Vassallos, Pombal e a civilização brasileira, Inelyta trindade, Aspectos da sociedade brasileira, e Gregorio e a satyra sotadica*.

Denega o autor, no primeiro desses estudos, a pecha, que, ainda hoje, nos exprobam alguns escritores, de ter sido o Brasil colonizado pelo rebotallo, degradado ou expulso, da antiga metrópole. Debatendo as razões que isso determinam, o autor dos *Laureis*, analisa-as e redú-las ás suas insignificantes proporções, com argumentos baseados na verdade histórica e, mais do que nesta, na lógica do bom senso critico.

O segundo ensaio, *Jornada dos Vassallos*, como os *Aspectos da sociedade brasileira*, dos mais importantes do livro, demonstra as qualidades de cultura eminentes do autor, toda alicerçada nos mais claros principios da filosofia da história, e servida por uma linguagem elevada, na altura do assunto, ágil e flexível, duma incomparável precisão. Nêle, por mais uma vez, presta Elysio uma sincera efusão do seu culto ás tradições da epopeia portuguesa, á antiga alma lusitana, "briosa, cavalleiresca, magnifica"

São na verdade capitulos dignos dum talento lirico, aquelles, em que estão descritas, num apêlo ás evocações genealogicas da *Iliada*, as armadas de Espanha e Portugal; e, pleno dominio das visões épicas, e reconquista da Baía aos holandeses, a desgraça dos vencedores, de regresso, a baterem-se, duas vezes vitoriosos, com os corsários e as tormentas marinhas, num último quadro, sintético, mas grandioso, de que surgiu, criada a poder de glória e de bravura, a Pátria de hoje. Não podia deixar o poeta, que existe no espirito do autor dos *Laureis*, de dar termo a uma tela tal, com o louvor do castelhano Lope de Vega, o Homero dessa majestosa ódissea, a qual ficou assim impressa na memória dos pósteros.

*Como en jaspes imortales*

*Y en hojas de bronce eterno.*

Depois dum acurado resumo biográfico sôbre a triunfal jornada, retoma de novo o escritor brasileiro a sua prédica de glorificação e amor á terra lusitana.

Segue-se a êsses trabalhos um admiravel retrato de pé, a figura, tão discutida ainda hoje, mas duma superioridade pormaneira impressionante, do marquês de Pombal. Tudo há das características dum grande e vivo retrato, êsse magnifico trabalho de Elysio: a energia, o vigor de traços, a encenação do pitoresco circundante, a realçar-lhe a firmeza máscula dos contornos e, qualidade máxima, o segredo descoberto da expressão.

Corpo e espirito, no gigantismo da sua personalidade social, moral e politica, o marquês de Pombal, teve a desenhá-lo, nesse esplêndido "crayon", um temperamento de artista, antes de tudo. Soube dar-lhe assim a única semelhança digna de achar-se num homem de génio: o absoluto da parecência com o seu espirito.

Soube elevá-lo — e é êle próprio, o autor, que o constata — a essa esfera, onde Pombal não podia deixar de ser colocado, da energia divinizada "em que pairam os heróis de Carlyle e os superomens de Nietzsche"

Em *Inclyta Trindade*, o escritor dos *Laureis Insignes*, vai buscar ás origens da nossa Independência, três varões que foram — e seria absurdo negá-lo, — os factores incontestáveis da nossa autonomia de Nação. São êsses próceres: o "monge lidador", frei Francisco de Sampaio, franciscano, a quem chamaram o "Bosuet brasileiro"; o genial e modesto Januário da Cunha Barbosa, amigo de Léo. jornalista, prégador, comentador por 25 anos das máximas de Platão, cônego da Capela imperial, director da Biblioteca Nacional e fundador do Instituto Historico: e, por fim, um girondino, o democrático Joaquim Gonçalves Léo, combativo e culto, aquêle que em si concentra a mais bela parte da glorificação pela Independência, e redactor-chefe do *Reverbero*, o órgão da conquista de 1822.

A *Aspectos da Sociedade brasileira*, já tivemos ocasião de referir-nos, ao notificar o apparecimento do *Livro de Ouro do Centenario*, de que êsse estudo fez parte. E', como então dissemos, um interessante esboço sociológico, dos mais completos e penetrantes que conhecemos.

Dá fim ao volume, um curiosissimo ensaio sôbre *Gregório e a sátira sotádica*, no qual é libertino Marcial da Baía apparece em toda a sua plenitude, como lirico, erótico, sarcástico ou fescenino — temível e, por vezes, feróz — nesse ambiente da literatura lasciva, que é, nas Bibliotecas, a secção a que se deu o titulo arbitrário de "inferno" e que Elysio estuda com brilho notável. Reabilita, além disto Gregório de Mattos no erro dos criticos, que não souberam ver nele

o tipo em que "resplandece o rutilante espirito latino, modificado pelo nosso calido céu", um representante, como disse alguêm, da revolta do bom-senso e da nobreza de carácter contra o fidalguismo ridiculo e contra a falsa nobreza do sangue.

Um belo volume, um livro útil, uma obra de alcance social e moral, civica e patriótica, apta a colaborar nessa campanha, mais do que nunca necessária agora, em prol do amor e da fé na Pátria."

#### PAN-SEXUALISMO PHILOLOGICO

Sob o titulo *Pan-sexualisme philologique*, publicou o *Mercur de France* no numero de 15 do mez passado, na secção *Echos*, a nota que adiante transcrevemos: "L'argot brésilien, pan-sexualiste avant Freud, avait depuis longtemps, costume d'assimiler à la banane ce qui est fait a sa ressemblance. Lorsque Anatole France alla faire ses belles conférences au Théâtre Municipal de Rio, il lui arriva, à un déjeuner que li offrit le baron de Rio-Branco aux Affaires étrangères, de remarquer de superbes musacées parmi les fruits qui ornaient la table. Le regretté Souza Bandeira, assis à côté de lui, lui expliqua alors que le populaire du pays classait dans cette famille végétale l'objet que l'auteur de *l'île des Pingouins* appelait, au figuré, une andouille. Le maître goûta fort cette variante, et promit de s'en servir par la suite: mas ce fut encore, paraît-il, un projet oublié, voire refoulé. D'autre part le peuple de Rio ne donne pas le nom d'"Anglais" à un accident féminin, régulier et intime, mais celui de: "le paquebot"; et c'est encore une association britannique. Voici. Du temps des bateaux à voile, le courrier d'Europe, qui était anglais, arrivait régulièrement tous les 28 jours, avec son pavillon à fond rouge de la marine marchande faisant tache sanglante sur la blancheur de la voile. Le rapprochement, assez logique, s'est imposé en dehors de la révélation onirique, et la langue portugaise s'est enrichie d'une locution. Du moins c'est l'explication qu'en a donnée à un de nos amis le docteur M. T... professeur de Médecine légale, homme docte. — T. DA C." Não ha mister muita argucia para descobrir o escritor brasileiro que mal se occulta sob as duas iniciais T. da C.

#### NO'S NO ESTRANGEIRO

Henri Allorge, o poeta e romancista laureado, que tão bem conhece a nossa literatura e é ha muito divulgador das nossas letras em França, na ultima chronica de *La Simple Revue*, de Paris, publicou a seguinte nota acerca desta revista:

"J'ai souvent dit quelle activité intellectuelle montrait le Brésil, et quelle sympathie il témoignait à la France. Je signale aujourd'hui la très intéressante revue *America Brasileira*. Son directeur est M. Elysio de Carvalho, un des plus brillants et des plus féconds écrivains brésiliens. Critique littéraire, historien, sociologue, philosophe, il a célébré *La France Eternelle* en un beau discours prononcé au banquet Paul Fort, à Rio.

On lui doit aussi, entr'autres remarquables ouvrages, une étude sur *Les modernes courants dans la littérature brésilienne contemporaine*.."

*La Revue de l'Amérique Latine*, que tantas vezes tem se referido a esta revista, no seu ultimo numero insere esta noticia assignada por Manoel Gahisto, sobre os *Laureis Insignes*, de Elysio de Carvalho: "On ne peut mieux louer cet ouvrage que ne l'a fait la revue *Idéa Illustrada*, dirigée por notre excellent confrère Luis Annibal Falcão." A l'infatiga-

ble activité de ce héraut de nos grandeurs passies, on doit un nouveau livre, riche comme les autres en enseignements et en exemples, et, comme eux, palpitant de vie. L'œuvre de Elysio de Carvalho est un grand cri enthousiaste et sonore, qui nous vient rappeler de que fut notre pays à ses origines, à l'époque émouvante où s'établissaient les arrives de la nation. C'est une besogne souvent ingrate que de colliger patiemment des documents, de les réunir, de les coordonner, de les résumer en quelques pages nerveuses, pleines d'une vie intense et impressionante. Historien consciencieux et chercheur tenace, Elysio de Carvalho devient écrivain et artiste lorsqu'il se met à rédiger, car ce ne sont pas seulement les faits qui lui importent, mais la leçon qui s'en dégage et la beauté qui peut y être enclose. On trouve dans ce livre deux tableaux de grand style, la *Jornada dos Vassalos* (consaire à la reprise de Bahia aux hollandais en 1625), et la *Inclyta Trindade* (trois précurseurs nationalistes en 1882) animés d'un mouvement qui empoigne.

L'auteur fait surgir des poudreuses archives, dans une lumière neuve et limpide, de grands faits et de grands figures. Ainsi Pombal, en son énergie virile, réalisateur extraordinaire. L'excellente étude critique sur Gregorio de Mattos éclaircit plus d'un point obscur et apporte une précieuse contribution aux efforts consacrés ces dernières années à la personnalité du poète bahianais. *Laureis Insignes* est un tome nouveau de la grande chronique nationale entreprise pour notre agrément et notre édification par Elysio de Carvalho, notre grand chroniqueur. "Ces derniers mots, en français dans le texte, pris leur sens le plus élevé."

Por ultimo, o conhecido diario parisiense *Comœdia*, na secção *Nouvelles Littéraires*, dedica tambem á *America Brasileira* e ao seu director as seguintes palavras, que transcrevemos do numero de 1 de Setembro ultimo: "M. Elysio de Carvalho, qui dirige à Rio de Janeiro la belle revue *America Brasileira* où il fait une large place aux lettres françaises, vient de publier *Laureis Insignes*, ouvrage dans lequel il évoque le Brésil à ses origines, à l'époque émouvante où s'établissait les assises de la nation. Il y a là de grands tableaux, et qui sont autant d'un poète que d'un historiographe."





# REPERTORIO

## VIDA INTERNACIONAL

HENRY CÉARD

Com a morte de Henry Céard, a Academia Goncourt perde um dos seus membros mais illustres. Nascido em 1851, em Bercy (Sena), H. Céard após ter abandonado os estudos de medicina, entrou para a administração como adido ao gabinete do prefeito do Sena. Uma novella, apparecida em "Les Soirées de Médan" revelou-o ao publico. Desde então consagrou-se inteiramente ás letras com uma bella consciencia e com um labor honesto. Para o theatro deu "Les Résignés", peça montada por Antoine no Theatro Livre. Em seguida "Renée Mangerin", peça extrahida do celebre romance dos Goucourts, "La Pêche e dout pour l'honneur". Publicou varios romances: "Une belle journée", de uma analyse subtil, "Mal Eclos" e "Terrains a vendre au bord de la mer", todos romances naturalistas mais ou menos filiados á escola de Zola. Pertencia á Academia Goncourt desde 1918, para onde entrou na vaga de Judith Gautier, batendo Courteline por seis votos contra tres. Era uma nobre figura de escriptor pelo character e pela intelligencia.

ANGEL GUIMERA

Angel Guimera, o fundador do theatro catalão, o poeta nacional da Catalunha, falleceu em junho de 1924, na Praça del Pi, em plena Barcelona. A morte foi uma consagração definitiva da que já se vinha realizando em vida. A cidade ficou sem uma rosa que se pudesse depor sobre o caixão. Todas as sacadas estavam enlutadas, e, á passagem do feretro, através de densa multidão, as mulheres ajoelhavam-se commovidas. No cemiterio de Montjuic, ainda se poudo ver pela ultima vez, através do vidro do caixão, o corpo envolto na bandeira catalã. Disseram-se palavras breves de adeus. Guimera, ao completar os sessenta annos, em 1909, fora objecto de uma homenagem nacional. De pé, na tribuna da praça de Catalunha, o poeta viu passar todos os corpos da cidade, desde os maiores até aos menores. Além de ser o poeta nacional, era o symbolo das aspirações supremas do seu povo. Quasi cego, corpo de titan apatriarchado, rude e bom ao mesmo tempo, fazia pensar, nos seus passeios quotidianos pelos Ramblas, um poeta exul de outras eras e de povos desaparecidos. Em 1887, publicaram-se as suas poesias completas, farfalhantes de um denso romantismo. Enthusiasmado pela historia nacional, voltou-se para o theatro, creando o theatro catalão, dynamização das qualidades viris do seu povo. Em 1879, escreveu "Gala Placidia", sua primeira obra theatral. Em 1888, "Mar e Ciel". E em 96, a obra prima, "Terra Baixa" o drama rural da Catalunha. No theatro, Guimera era romantico e naturalista ao mesmo tempo, mas com as mesmas qualidades lyricas dos seus poemas.

E a Espanha, terra da galanteria emphatica, soube prestar uma homenagem commovida a um dos seus grandes poetas mortos, mas que ficará como uma immensa sombra cobrindo a sua provincia querida.

CAMILLE MAUCLAIR

O nosso illustre collaborador, Camille Maclair, no momento em que parece ver assegurada a sua entrada para a Academia Goncourt, lê o que Paul Haurigot escreve nos "Maitres de la Plume", a respeito do seu prodigioso trabalho composto de cincoenta e tantos volumes e collaboração esparsa em varias revistas mundiaes. Diz Paul Haurigot: "Entre tantas obras diversas, caracteres communs: o estylo é uma longa caricia; cada vez mais simples, mais claro, é sempre colorido, musical; alguém pôde ser um grande escriptor sem ser um artista; sente-se sempre um grande artista em tudo que Maclair escreve. Não sei de obra que dê tanto a impressão de uma synthese de todas as artes. Vê-se, escuta-se, é-se possuido, conquistado, encantado; não se poderia ser indifferente deante de uma sinceridade lendida, continua; Maclair está sempre commovido, d'outro modo não escreveria.

AINDA O CASO SHAKESPEARE

Longworsh Chambrun escreveu em "La Revue Universelle" um artigo referente á existencia de Shakespeare, de que fizemos este resumo. A primeira allusão formal a Shakespeare, como escriptor, encontra-se em "Willobiehis Avisas", livro sem valor litterario, apparecido pelos fins de 1594 com o pseudonymo de Hadrian Dorelle. O autor menciona Shakespeare como tendo feito apparecer o volume de "Lucrecia". A censura ordenou a suppressão da obra, sob o pretexto de que as personagens eram facilmente reconheciveis sob as suas iniciaes... Quando Shakespeare morreu em Stratford, em abril de 1616, muitos dos seus contemporaneos celebraram-lhe a gloria com versos elegiacos, cuja mór parte foi inserta na edição das suas obras publicadas pelos seus camaradas do theatro, em 1623. Além destas peças semi-officiaes, ha outras mais modestas, como os versos ingenuos compostos em 1626 sobre "a morte do poeta do Avon". Ben Jonson escreveu a ode ao "doce cysne do Avon". Os biographos, mesmo os mais antigos, divergem quanto á condição da familia de Shakespeare. Rowe, na sua noticia biographica, declara que a familia do poeta era de bom tom e fazia boa figura no condado ("people of good figure and foshion"), ao passo que Aubrey, historiographo consciencioso, invocou o testemunho de um velho vizinho de Henley Street que conheceu os Shakespeares no momento dos embaraços financeiros. Este contou que o pae tinha sido açogueiro e que William, por certo tempo, foi aprendiz nesta profissão. Rowe allude á condição de nobreza da familia (gentilhomens de pequena nobreza) e fala da sua condição social numa epoca em que o poeta, tendo abandonado a scena, voltou para os seus coberto de ou-

ro e de louros. As informações de Aubrey remoniam a vinte annos antes: por conseguinte não ha contradicção entre ambos os trechos.

ROMANCISTAS INGLEZES

David Garnett estreou nas letras inglezas com uma novella *A mulher transformada em raposa* ("Lary into Fox"), recentemente traduzida para o francez por André Maurois. H. G. Wells fez-lhe os maiores elogios. É uma historia de imaginação, bella, viva, de uma pureza classica de linhas, e uma maravilhosa resurreição do estylo do seculo XVIII. Muita gente, tendo em linhas de conta o lado artificial da obra, isto é, o pastiche do estylo, acreditou que D. Garnett seria sempre o "homo unius libri". Garnett publicou este anno outra obra: "Um homem no jardim zoologico" ("A man in the Zoo"). É um livro imaginoso, pessoal, phantastico e realista. Descreve as aventuras de um homem que, tendo brigado com a noiva, se offerece para figurar no jardim zoologico. Todo o livro é a narração das suas experiencias psicologicas. D. Garnett é afinal um romancista do sentimento como Richardron, Stendhal, Tolstoi, Dostoiewsky, Proust e Pirandello. Pelo espirito, pela imaginação e pela psychologia, é ao mesmo tempo um escriptor inglez e universal. Outro escriptor inglez, de uma psychologia profunda e kaleidoscopica (e eis unia das magnificas qualidades da litteratura ingleza em que primam A. Bennett, D. H. Lawrence, G. Cannan, W. L. George e Garnett), é E. M. Forster. Forster é um escriptor de escol, afastado do grande publico e que não chama a attenção nem pelo methodo nem pela quantidade das obras. Em 1910 publicou "Howard's End". Este anno appareceu "A Passage to India". Forster é um observador de personalidades e dos seus estados psychicos. Trata das relações anglo-hindus, e nisto está o merito do livro por ser o primeiro a tratar de tal assumpto de uma maneira intelligente e sympathica. O livro não agradará ao inglez burocrata nem talvez ao hindu dominado, mas áquelle que tiver uma visão esthetica do universo. Outro escriptor inglez cujos livros o fazem impor-se é T. F. Powys. Pertence á estirpe de Hardy. Os seus livros "The left leg", "Black Bryony" e "Mark only" descrevem a vida camponesa da Inglaterra de uma maneira pungente, satyrica e brutal, fazendo pensar no realismo romantico dos russos como Dostoiewsky e Sologus.

LAFCADIO HEARN

A "Revue des Deux Mondes" publicou recentemente em dois numeros passados extractos da correspondencia de Lafcadio Hearn, o celebre autor de "Kokoro", "Kwaidan" e outros livros sobre o Japão. A correspondencia é uma das mais bellas que se tem escripto. Hearn nasceu em Santa-Maura, a antiga Lençada, filho de um official inglez em guaranição nas ilhas Jonicas, então occupadas pela Inglaterra, e de uma grega. Aos vinte annos, depois de ter abandonado a familia, chega a Nova York faminto. É creado de um mascate syrio, compositor, corrector de provas, secretario de uma

bibliotheca, reporter de um jornal. Em Nova Orleans é jornalista, consagrando o resto do seu tempo a estudos literários. Seduzido pela literatura franceza, traduz Gautier, Maupassant e Loti. Começa a escrever. Um editor norte-americano envia-o ás Antilhas. Daqui, parte para o Japão, um pouco antes dos quarenta annos. O Japão é o paiz dos sonhos da imaginação de Hearn. Possuído pelo encanto intangível e volátil da terra, Hearn decide-se a ficar ali até á morte. Escreve os seus magníficos livros sobre o Japão. Casa com Setza Koizumi, filha de um sumurai nobre e pobre. Koizumi significa em japonéz "Pequena Primavera". Estuda o Japão de todas as fórmas, com uma honestidade inexcedível: a lingua, a historia e a religião. Por isso é que os seus varios livros são menos instructivos, menos espontaneos que os de Loti. Hearn estuda. Loti vê o que ha de permanente além do fugidio e instavel, sem nenhuma preparação anterior. Toda a alma japoneza, heroica, patriótica e ardente, espalha-se nos livros de Hearn, que hoje é o guia indispensavel para quem quer que tente comprehender algo do character e do temperamento japonéz. Quando os seus livros começavam a espalhar-se, quando a Inglaterra e os Estados Unidos lhe prestavam homenagens, que a Universidade de Oxford o convidava a fazer uma serie de conferencias, elle morreu. Foi enterrado á moda buddhica, e os japonezes fizeram-lhe funeraes magníficos. "O que amo no Japão, são os japonezes, a simples e pobre humanidade deste paiz. E' divinal. Não ha nada no mundo que possa comparar-se com o seu encanto ingenuo e natural...", disse do Japão.

#### A QUESTÃO DOS CELTAS

A raça celtica, cujos fragmentos sobrevivem ainda na Escossia, no Paiz de Galles e na Bretanha, dominou outr'ora uma grande parte da Europa. A lingua irlandeza formou-se nas priscas eras em que o idioma celtico era falado nas margens do Mar do Norte e em que os germanos acompanharam os Celtas á Irlanda. Regiões inteiras da Alemanha moderna são habitadas principalmente por uma população de origem celtica. Os antepassados dos inglezes actuaes não eram talvez germanos, mas celtas germanizados. No começo da idade do ferro, os celtas occupavam as passagens dos Alpes, do Rhéno e do Danubio, e eram a principal nação commerciante do norte dos Alpes. Faziam, como intermediarios, o commercio do estanho. A palavra grega que serve para designar o estanho deriva, segundo a opinião dos sabios, do celta. Afim de se apoderarem das minas de estanho, os celtas occuparam a Bretanha, o nordeste da Espanha e as montanhas do Hartz na Bohemia. Também se estabeleceram na península da Jutlandia, á procura do ambar que, nessas épocas, tinha o valor actual do diamante. Tacito já dizia que a lingua dos esthonianos apresentava muitas relações com a dos bretões. Os cimbras e os teutos, que no seculo II invadiram o Imperio romano, vinham da Jutlandia. Muitas razões tendem a provar que eram celtas. Os nomes cimbras que nos vieram até hoje não são certamente de origem germanica. O nome cimbro do mar do norte da Jutlandia, "Morimarus" é formado por duas palavras celtas que significam "Mar Morto". Quanto á palavra "Teutão" parece derivar da palavra celtica "teuta" de onde proveiu a palavra irlandeza "tuath" (povo). Os celtas eram muito ricos e muito poderosos, de modo que impuzeram a sua civilização aos povos mais fracos e incultos. Foi assim que o seu culto de Nerthus, ou a Mãe-Terra, communicou a raça germanica uma religião mais humana. Nerthus entrou na mytho-

logia escandinava e parece ter sido a principal divindade dos Esthonianos. A influencia celtica foi predominante na antiguidade escandinava e póde ainda hoje ser reconhecida graças a numerosos vestigios philologicos, archeologicos ou historicos. Estas provas, diz o Dr. Bugge num artigo do "Nordisk Tidsskrift", fazem despojar-nos de uma illusão a mais a respeito da pureza da origem das raças.

#### A "LINGUA" NORTE-AMERICANA

Nos Estados Unidos e na Inglaterra discute-se a questão de saber se a lingua não se seccionará formando uma lingua propriamente norte-americana. H. L. Meaincken, um dos maiores criticos norte-americanos, escreveu um livro sobre "American Language", defendendo este ponto de vista nacionalista. Outros opinam que não. Se ha differenças ou particularidades, são-nos locais, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos. O leitor norte-americano lê e relê Hardy, Wells e Brunett, o inglez lê e relê J. B. Cabell, I. Sergesheiner e Sinclair Lewis. Ha realmente particularidades. Mas é facil encontrar duzentos termos norte-americanos, cuja equivalencia se exprime em inglez por outra palavra. Por exemplo: "cane" e "stick" (bengala); "bathrobe" e "dressing-gown" (robe de chambre); "boardwalk" e "promenade"; "chicken-yarts" e "fowl-run"; e muitos outros. Praticamente, os anglicismos e os americanismos em nada alteram a estrutura interna da lingua.

#### PATRIOTISMO NORTE-AMERICANO

Nos Estados Unidos, o patriotismo é um sentimento particular, resultado dos acontecimentos historicos de que surgiu a União, consolidada pelas guerras civis libertadoras. Não ha, actualmente, nenhuma hostilidade aberta entre os diferentes estados que compõem a União. Esta é uma realidade viva. Entre os norte-americanos nunca se viram lutas como entre, por exemplo, os Venezianos e os Florentinos. E' verdade que, na America Central e na Meridional, se emprestam aos Estados Unidos velleidades de conquista brutal e de hegemonia pan-americana. O verdadeiro patriotismo actual norte-americano parece ser "minado por uma vontade ardente de paz e de união". Todos os que conservaram nos Estados Unidos as tradições de Washington e de Lincoln, confundirão patriotismo com o amor pela humanidade.

#### G. APOLLINAIRE

Acaba de apparecer, pela primeira vez em castelhano, o "Poeta Assassinado", de G. Apollinaire, traducção de R. Causinos Assens, e com um prologo do nosso illustre collaborador, Ramón Gómez de la Serna. Apollinaire, além do extraordinario papel que representou na literatura franceza de 1905 a 1915, é figura extremamente anedoctica, a começar pelo nome e pela origem: Guilherme Apollinaire Kostrowitzky; origem: entre polaca e italiana. Erudito, modernista, admirador incondicional das aventuras de "Fantômas", propulsor do cubismo, trombeta do genio de Picasso, de Féral e de Rouseau, megaphone do modernismo. Supposto autor do roubo da Gioconda que aliás detestava cordialmente. Morto na guerra por um estilhaco de granada Apollinaire deixou admiradores como Cocteau, Billy, Rovère, Rouveyre, André Salmon e outros. As suas audacias imaginativas, poeticas e typographicas não escandalizam mais ninguém, os seus paradoxos, as suas phrases e as suas imagens dominam até hoje pelo espirito, pelo simultaneismo e pela alegria. Apollinaire teve e continúa a ter admiradores commovidos. Mas a critica microscopica de toda a sua obra está por fazer-se.

E' um erro dizer que, quando um escriptor deixa, em duas ou tres linhas, uma idéa original, ella não irá influenciar no cerebro de um individuo são ou desequilibrado. A esse proposito basta abrir as "Intenções", de Wilde. Ha dias aconteceu um caso dramatico (e de drama ultra-romantico) em Genebra: uma mulher, desejando desfazer de qualquer modo os ciúmes do marido, decidiu sacrificar a sua belleza, disfigurando-se por meio de um acido corrosivo... Toda a gente exclamou: é Barbey d'Aureville! é Villières de l'Isle-Adam! Não, é apenas Léon Bloy, no seu romance, "O desesperado", em que a casta companheira do escriptor Marchenoir se desfigura para não suscitar nelle máos desejos. A literatura parece preceder a vida...

#### UM RECORD

Estamos na época dos records. Um jornal de Buenos Aires deu o nome de um cavalheiro:

*Don Juan Iturriberrigorrigococrataberri-cochea*

Não é, no entanto, o nome mais comprido do mundo. O rei de Burma tem um nome que dá a volta ao mundo duas vezes e meia:

*Siritavibhavanadityapauarapenditasudhammarajamahadhipatinarapatisthur.*

#### COMMERCE

Acaba de sahir o primeiro numero da revista trimestral, *Commerce*, sob a direcção de Raoul Valéry, Léon-Paul Fargue, Valery Larbaud. O sumario contém: Carta, por Paul Valéry; admiráveis poemas em prosa de Fargue; "Amizade do Principe", "Saint-John Perse"; fragmentos do extraordinario "Ulysses" de Joyce. E' uma magnifica revista animada por um espirito moderno, lucido, intelligente e universal.



Oswaldo Orico: CORÓA DOS HUMILDES, Nova Era, S. Paulo, 1924. Os novos poetas brasileiros, que despontam nesta hora constructiva da nacionalidade, neste periodo da puberdade do Brasil, veem animados por uma visão da vida sadia, muscular e sanguinea. Em uma essa novação ou renovação dionysiacca dos valores da vida; apparece totalmente em outros, a alegria é mais medida, mais sobria e mais suave. O Sr. Oswaldo Orico pertence á categoria fluctuante destes ultimos. O seu livro de poemas, *Coróa dos humildes*, faz suppór uma alegria simples de quem contempla o fluir sereno das aguas castas, um prazer imemorial de quem se deixasse ficar a imaginar mais fabulosas construcções com os seixos do regato. O A., no poema, "as aves e aos peixes", diz:

*Belleza da humildade incomprehendida,  
Virtude humilde, qualidade sem relevo,  
Gloria velada, sem alardes e esplendor.  
A vida me ensinou a alegria da vida.*

Neste ultimo verso claro e aromado está toda a essencia do livro, como um perfume dentro do vidro. Parece-nos um aspecto velho e novo ao mesmo tempo da vida, esse de se ver a alegria volátil

das coisas através de uma janella aberta para o sol, ouvindo o murmúrio da natureza, e toda a orquestração das vozes humanas, dentro de uma paisagem primitiva onde predominam os sons crús vermelhos, verdes e amarelos dos pomares, das chacaras, dos jardins, das mattas e das montanhas, onde se ouvem as vozes estridentes e sem rythmo das crianças e do povo em motivos de alegria ou em motivos de annuncio do seu trabalho co-roudo pelo sol do dia a dia. Esse aspecto suggestivo entrou na poesia moderna pelos epigrammas do Sr. Ronald de Carvalho, e do Sr. Guilherme de Almeida, e pelo maravilhoso "rythmo dissoluto" das *Poesias* do Sr. Manuel Bandeira. Neste ha um tendencia de aproveitar temas populares e folk-lóricos. Na *Corôa dos humildes* advinha-se e vê-se, na maioria do casos, esse mesmo aspecto das coisas. Mas a suggestão reveste-se de mais pudor, só aceita caricias brandas de plumas, vela-se dos tons fortes do sol, e agasalha-se na espessura dos bosques. Ha tambem certa estylisação agri-doce de aspectos urbanos, como, por exemplo, nas quadras da "musica da rua". O A. compraz-se em busacr a agua dos mananciaes abandonados da poesia lyrica de Bernardim Ribeiro, Crisfal e Rodrigues Lobo, querendo canalizal-o, dragando-a de todas as impuzeras do caminho, e apresentando-a fina, transparente e saborosa.

França Pereira: *TERRA PATRUM*, Livraria Universal, Recife 1924. O A. escreve, em versos vibrantes, um livro de exaltação e amor á terra pernambucana. Todos os feitos, nimbados pelo ouro da historia, tragicos, altivos e abnegados, da terra dos Cavalcantis, dos Albuquerque e dos Mouras, perpassam rimados neste livro de forte enthusiasmo. O A. afirma-se-nos um conhecedor da nossa historia, e principalmente da historia do grande Estado, e é poeta de subido valor.

Mario Sette: *A FILHA DE DONA SINHA*, Imprensa Industrial, Recife 1924. O Sr. Mario Sette, conhecido e operoso escriptor do Norte, que já tem na sua bagagem literaria, composta de livros de contos e um romance, uma obra como *Senhora de Engenho*, acaba de enviar-nos do Recife o seu ultimo livro, *A filha de Dona Sinhá*. É um romance de amor, bem brasileiro pela sua atmospheria, pelas suas figuras (e isto é a melhor coisa que se pôde dizer delle), de uma arte simples, sobria e commovida. É um livro irmão de *Senhora de Engenho*.

Claudio de Souza: *A MATILHA*, Rev. de Lingua Portuguesa, Rio 1924. Claudio de Souza, o novo "immortal", o festejado autor de *Flôres de Sombra* e de *Os bonecos articulados*, acaba de enviar-nos a ultima peça, *A matilha*. É uma peça que pretende mostrar, como aliás mostra, os effeitos tragicos, em sociedades como a nossa, da falta de divorcio com dissolução do vinculo conjugal, segundo a opinião do A. Desapparecido o amor, a indissolubilidade da união apenas institue a hypocrisia, o embuste e favorece as escapadas pela porta do adulterio. Outra consequencia tragica dessa anomalia é o desfecho, na maioria dos casos, do assassinio covardissimo de mulheres inermes, de tal modo que, no Brasil, por motivos taes, se mata uma mulher de meia em meia hora, segundo estatistica ultimamente reenseada pela *Revista Feminina*, de S. Paulo! É uma comedia bem urdidada, silhuetada de figuras vivas, verdadeiras photographias, que encontramos a todo o instante: a intrigante do salão, o novo-riço que compra por 5 e vende a 15 e ainda depois (consegue um titulo do Papa e os cogumellos encasacados). A historia do amor de Arnaldo, que abandona nobremente a espera para dedicar-se a Angelita, é resumante de sinceridade, mostrando que os preconceitos e as proprias relações sociaes, como uma matilha, buscam o momento azado para

despedaçarem uma felicidade que cresceu espontaneamente.

Rocha Ferreira: *O PECCADO ORIGINAL*, M. Victor, S. Paulo, 1924. O A. já tem varios livros de versos impressos, lisongeiramente recebidos pela imprensa e pelos circulos literarios. O *Peccado original*, recentemente publicado, é um livrinho de pequenos poemas, syntheticos, ou imaginarios e repassados de um pessimismo por assim dizer cósmico, que vae desde Deus e a geração até ás pequenas banalidades quotidianas que constituem o amor.

Agostinho de Campos: *LER E TRESLER*, Aillaud e Bertrand, Lisboa. O nosso illustre collaborador, Sr. Agostinho de Campos, é uma das figuras mais suggestivas da literatura portugueza. Pela linguagem clara, rythmica, sobria e moderna é um espirito de hoje; mas, encarado pela vernaculidade da phrase é um classico leve e saboroso da linhagem dos D. Francisco Manuel de Mello e dos Bernardes. Em sua vasta obra de pedagogo, critico e chronista, o passado e o presente, a tradição classica e o espirito de hoje reúnem-se numa encurilhada paradoxal. Além destas qualidades, já de si extraordinarias, o A. é um dos fortes baluartes da pureza vernacula. A sua "Anthologia portugueza", que já está em vinte e tantos volumes, é um monumento, de bom gosto, de critica e de uma perseverança incommum. Como pedagogo, afirmou-se com essa obra, em que se casam sciencia e arte, *Casa de paes, escola de filhos*, livro unico no genero tanto em Portugal como no Brasil. O seu livro recente, *Ler e tresler*, de titulo tão ironico e suggestivo, é uma collecção de chronicas interessantes sobre coisas e livros de varias literaturas, desde os Cacioneiros e Camões até Eugenio de Castro e A. Lopes Vieira, desde o Poema do Cid até Peguy e Tagore. A graça, e bom humor e a observação justa como uma alfinetada palpitam em todas as páginas. Os dois estudos sobre Camões,

"Camões e o sentimento nacional" e "Camões em França", mereceriam ser postos em relevo nas paginas de uma revista que dedicasse um numero especial ao quarto centenario do nascimento do Genio da raça, que passou numa indiferença incolor, pelo menos no Brasil.

Sousa Costa: *AS GRANDES AMOROSAS*, Annuario do Brasil, Rio 1923. Este livro comporta as conferencias realizadas pelo A. no Rio, em 1923: "As grandes amorosas", "Tomada do mar", "Usanças da minha terra", "As cathedraes portuguezas". Quatro bellas conferencias em que o A. pesquisa os circulos da consciencia das grandes amorosas, pinta com um regionalismo claro e colorido, que afinal é a propria vida portugueza, uma "tourada no mar" e "usanças da minha terra", e na ultima conferencia evoca as cathedraes portuguezas. A linguagem alimenta-se do humus popular: é regionalista, ardente e incisiva como recorte de uma moeda. É um capitulo formoso e alegre na obra do romancista do *Fruto prohibido*, *Coração de mulher*, *A peccadora* e de outros livros muito lidos em Portugal.

Castello Branco Chaves: *FIALHO DE ALMEIDA*, "Lumen", Lisboa 1923. O espirito critico é raro em Portugal e no Brasil. Cada critico que apparece, intelligente, culto e bem intencionado, disposto a ser um factor de progresso literario e do todo de uma finalidade artistica, cada critico assim deve ser saudado com enthusiasmo. Irá esborvar o preconceito de que o critico é um homunculo que se põe a dissecar tecido por tecido, cellula por cellula, o corpo de um gigante. O A. apresenta-se com um estudo sobre Fialho, precedido de um prefacio interessante de Antonio Sardinha. O caso de Fialho, que, querendo ser o mais rea-

lista dos realistas, foi o mais romantico dos realistas, é estudado com muita argucia. A. Sardinha diz no prefacio que Fialho não passou de um *inadantado*. Para outros, Fialho é um demagogo romantico, preocupado com o eu, preocupado em recrear o mundo através da sua sensibilidade, por assim dizer, por osmose. Todos os matizes fugidios da personalidade de Fialho são focalizados á luz de uma critica severa, intelligente e raramente parcial.

Ludovico de Menezes: *CAMILLO*, Portugalia, Lisboa, 1924. Teixeira de Pascoaes estabeleceu o confronto entre Camões e Camilo, os dois marcos millia-rios da mentalidade portugueza, as duas maiores figuras da literatura da lingua. Camillo é, por si só, todo o romance portuguez, sob o ponto de vista de originalidade. Felizmente o culto camilliano augmenta nos proselytos. Escriptores e criticos analysam-lhe a vida e a obra, como Alberto Pimentel, Alfredo Pimenta, Antonio Cabral, A. da Costa Leão, Castello Branco Chaves, José Caldas, L. d'Almeida Braga, N. C. Cardoso e muitos outros. O Sr. Ludovico Cardoso, sacóde os archivos, estudando Camillo á luz de documentos e factos inteiramente novos. É um livro curioso, alicerce de uma obra em mais dois ou tres volumes, repleto de documentos do mais alto valor sobre o nascimento e a familia de Camillo, merecendo, portanto, os mais francos elogios.

César de Frias: *AO SÓPRO DA VIDA*, Lusitania Ed. Limitada, Lisboa. O Sr. César de Frias, poeta, novellista, romancista e critico ao mesmo tempo, autor de *A affronta a Antonio Nobre*, *Nossa-Senhora Eva*, e as *Grandes Nupcias*, é uma figura interessante do actual movimento literario portuguez e muito pouco conhecida no Brasil. *Ao sópro da vida* é um livro de novellas fortes, realistas e bem portuguezas pelo estylo, pelo traço das figuras e por toda a atmospheria creda.

César de Frias: *AS GRANDES NUPCIAS*, "Lumen", Lisboa, 1922. *As grandes nupcias* são um romance da estirpe camilleana. Nas terras adustas do Alemtejo, num meio campeзино, o A. descreve paralelamente a historia de duas familias, os Parros e os Bouças. Todas as figuras movem-se, gesticulam e palpitam num scenario colorido de terras fertéis e bem cultivadas. Mas o A. parece preocupar-se mais com a atmospheria moral, e nisto está o valor do seu livro que subterraneamente se aparenta com os grandes romances de Camillo. Destarte segue a verdadeira tradição do romance portuguez. Nesse ambiente familiar estreito, os egoismos levedam e duas familias, material e moralmente diferentes, odeiam-se. Desde o começo até ao fim do livro, o destino implacavel não lhes deslaça da cabeça as mãos invisíveis, e o romance termina numa scena tragica de loucura e de morte, mostrando que o amor é sempre irmão da morte.

Ramón Gómez de la Serna: *POMBO*, Madrid, 1924. O autor da *Viuva branca e preta* envia-nos de Madrid, o segundo volume da historia do celebre café, o *Pombo* (tomo II, dunque independente del I, pudiendo leer-se el II sin contar con el I). O *Pombo* é o centro de reunião dos modernos escriptores hespanhóes. Neste volume de 600 paginas, profusamente illustrado, Ramón Gomez de la Serna descreve a vida anecdotica e intima do café, fundado em 1827, e celebre por todos os titulos em Madrid.

R. Blanco-Fombona: *CRISPULO Y SU ENAMORADA*, La novela semanal, Madrid, 1924. Esta obra do nosso illustre collaborador é o n. 151 de "La Novela Semanal" que se publica em Madrid. É uma novella densa, contando uma historia amorosa de desenlace tragico. Traz um prefacio de Elyσιο de Carvalho.

# LIVROS NOVOS

Editados nos mezes de Julho, Agosto e Setembro do corrente anno, pelo editor Jacintho Ribeiro dos Santos

- DIREITO PENAL BRASILEIRO** — Commentario do Codigo Penal, 2º vol., parte especial, pelo Dr. Galdino Siqueira, acaba de ser publicado, 1 grosso vol. cerca de mil paginas, encadernado. 50\$000
- PROCESSO CRIMINAL**, de Galdino Siqueira, 2ª edição, correctada, augmentada, volume encadernado. 45\$000
- A NOVA LEGISLAÇÃO DA INFANCIA** — por Levi Carneiro — (Relatorio sobre as leis e tendencias legislativas em favor da infancia, contemporaneas da guerra europea. Registro Civil. Regulamento de menores abandonados), 1 volume brochado, 6\$000 — encadernado. 8\$000
- INFANCIA ABANDONADA E DELINQUENTE** — Decreto numero 16.272, de 20 de Dezembro de 1923; decreto n. 16.308, de 27 de Fevereiro de 1924; decreto n. 16.444, de 2 Abril de 1924, seguidos de um minucioso formulario das acções e processos respectivos, por Ribeiro dos Santos — um volume cartonado. 7\$000
- CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS PENAES** — 2ª edição, accrescida da legislação posterior a 1917, anno em que foi publicada esta obra até o corrente anno, por Eugenio Ferreira da Cunha, advogado nos Auditorios da Capital Federal, 1 volume encadernado. 13\$000
- GEOGRAPHIA COMMERCIAL** — (Ilustrada com varias cartas economicas) por Lindolpho Xavier, 2ª edição, refundida e augmentada, 1 grosso volume encadernado. 10\$000
- HISTORIA ECCLESIASTICA** — de Funch, traduzida pelo Dr. Salvador Penna, 1 grosso volume brochado, 15\$000 — encadernado. 20\$000
- CHOROGRAPHIA DO BRASIL** — pelo Dr. Marlo Da Veiga Cabral, 9ª edição, adoptada em todos os collegios do Brasil, 1 volume encadernado e illustrado. 10\$000
- NOSSA PATRIA** — (Noções de Chorographia do Brasil, para uso das escolas primarias), pelo professor da Escola Normal, Dr. Mario Da Veiga Cabral, 3ª edição, 1 volume cartonado e illustrado. 3\$000
- PEQUENA HISTORIA DO BRASIL** — pelo Dr. Marlo Da Veiga Cabral, 2ª edição, 1 volume cartonado e illustrado. 3\$000
- HISTORIA UNIVERSAL** — pelo Dr. João Ribeiro, 4ª edição, correctada e augmentada, com numerosas gravuras, encadernado. 10\$000
- PEQUENO ATLAS DO BRASIL** — 3ª edição, annotado pelo Dr. Mario Da Veiga Cabral, 1 volume. 3\$000
- GRAMMATICA DE LINGUA NACIONAL** — para as escolas primarias, pelo Dr. Porto Carrero, 1 vol. illust., com numerosas gravuras de Raul Pederneiras. 3\$000
- DECRETO N. 4.743, DE 31 DE OUTUBRO DE 1923** — (Regula a liberdade de imprensa e dá outras providencias), profusamente annotado com todas as decisões dos Tribunaes, por um distincto Magistrado, volume IV da Collecção das Novas Leis Annotadas. 5\$000
- CYRANO DE BERGERAC** — por Edmundo Rostand, traduzido pelo Dr. Carlos Porto Carrero, 3ª edição, 1 volume brochado. 6\$000 — encadernado. 10\$000

PEDIDOS AO EDITOR JACINTHO RIBEIRO DOS SANTOS

82, RUA S. JOSÉ, 82

RIO DE JANEIRO

N. B. — Remettem-se catalogos a quem requisitar, franco de porte.

## "A Equitativa" dos Estados Unidos do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

Sede social: Avenida Rio Branco, 25 — Rio de Janeiro

RELAÇÃO DAS APOLICES SORTEADAS EM DINHEIRO, EM VIDA DO SEGURADO

73º SORTEIO — 15 DE OUTUBRO DE 1924

129.220 — D. Helena Carrano. . . . .	Curityba, Paraná.	119.366 — Fabio da Silva Prado. . . . .	S. Paulo, S. Paulo.
139.454 — Benedicto Nobrega dos S. Passarinho. . . . .	Belém, Pará.	125.755 — Antonio P. da Silva Barros	Pindamonhangaba. idem.
95.969 — Epaminondas de Moura Ferro. . . . .	S. Luiz, Maranhão. Fortaleza, Ceará.	139.062 — Manoel Duarte Couceiro	S. Paulo, idem.
135.817 — Efrem Pequeno Gondim. . . . .	Porto Alegre, Rio Grande do Sul.	119.362 — Fabio da Silva Prado.	Idem, idem.
140.516 — Francisco Bento Netto		140.081 — José Gomes de Azevedo.	Ibitiuva, idem.
98.334 — Guilherme Edmundo Richards. . . . .	Corumbá, M. Grosso. Pilar, Alagoas.	113.367 — Pietro Carrer. . . . .	S. Paulo, idem.
40.386 — Pedro Pierre de Araujo.	Manãos, Amazonas.	120.474 — Dr. Calixto de Sousa Medeiros. . . . .	Baurú, idem.
130.069 — Paulo Corrêa de Araujo.	S. Salvador, Bahia.	139.252 — Francisco Marcondes de Mattos. . . . .	Taubaté, idem.
108.017 — Joaquim Quintino Carvalho	Areia, idem.	128.040 — Daniel Bicudo e Silva.	S. Paulo, idem.
98.451 — Tercio Emygdio Ramos.	Petropolis, E. do Rio.	137.332 — Adolpho Bevilacqua. . . . .	Osasco, idem.
128.477 — Alfredo Pinto da Silva. . . . .	Niotherohy, idem.	140.887 — Dr. José Ferreira Santos..	S. Paulo, idem.
118.310 — Daniel da Costa. . . . .	Magdalena, idem.	134.770 — Alfredo Luiz Felner. . . . .	Santos, idem.
140.691 — Virgilio Augusto Fortes.	Recife, Pernambuco.	142.003 — João Domingues Sampaio .	S. Paulo, idem.
134.609 — Walfredo Pessoa de Mello.	Idem, idem.	121.529 — Luiz Vicente de Affonseca: Idem.	Capital Federal.
134.245 — Diniz Perylo de Albuquerque Mello. . . . .	Idem, idem.	140.808 — Mario J. A. Gonçalves.	Idem.
117.572 — Joaquim Xavier de Moraes	Idem, idem.	124.791 — Augusto Mendes Corrêa.	Idem.
113.413 — Alvaro Magalhães. . . . .	Goyanna, idem.	101.096 — José Rodrigues de Oliveira	Idem.
126.035 — Benedicto R. Ribeiro de Souza. . . . .	S. Paulo Muriaé, Minas Geraes.	136.371 — Bernardino Ribeiro da Fonseca. . . . .	Idem.
104.553 — Epaminondas Porto. . . . .	Ponte Nova, idem.	127.387 — Gideon Stephanus de Clercq Junior. . . . .	Idem.
111.629 — Manoel Ribeiro Gomes. . . . .	Santa Luzia Caran-gola, idem.	132.367 — Benedicto Luiz Antonio. . . . .	Idem.
97.604 — Tobias Varella de Azevedo.	Diamantina, idem.	132.368 — Alberto José Caldeira.	Idem.
128.935 — Manoel Cesar P. da Silva Junior. . . . .	S. Paulo Muriaé, idem.	132.369 — José Vargas da Silveira.	Idem.
133.913 — João Amancio da Silveira.	Jequiry, idem.	132.370 — Paulino de Oliveira Silva..	Idem.
139.358 — Manoel M. de Oliveira Brandão. . . . .	Passos, idem.	132.362 — Manoel Victalino da Silva..	Idem.
125.694 — Dimirio Mello Padua. . . . .	Juiz de Fóra, idem.	101.098 — Venerando Alvarez Coelho	Idem.
132.776 — Vicente Beghelli. . . . .	Abre Campo, idem.	131.212 — Antonio Leite de Mello.	Idem.
140.643 — José Grossi. . . . .		106.953 — Antonio Fernandes dos Santos. . . . .	Idem.
		124.092 — Joaquim Pacheco Rocha Duarte. . . . .	Idem.
		134.846 — Ernani Rodrigues Teixeira	Idem.
		103.659 — Simão Fernandes Castro.	Idem.
		141.925 — Adamastor Antonio Cantarino. . . . .	Idem.

NOTA — A Equitativa tem sorteado, até esta data, 2.190 apolices no valor de 10.030.369\$500, importancia paga em dinheiro aos respectivos segurados, continuando as mesmas em vigor, com direito aos sorteios ulteriores.



# EXTRACTO "FLORIENT"

DE

# "COLGATE"

SUAVE E PERSISTENTE  
DÁ UM "CACHET" DE DISTINCCÃO  
A QUEM O USA

AGENTES GERAES

## LEONE & C.

1.º DE MARÇO, 89 — RIO ————— PRAÇA DA SÉ, 34 — S. PAULO

## BANCO HYPOTHECARIO DO BRASIL

50 - AVENIDA RIO BRANCO - 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

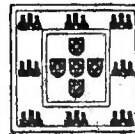
Depositos em contas correntes  
á vista e a prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS

## LVSITANIA

REVISTA DE ESTVDOS  
PORTVGVESES



LISBOA

*Directora: D. Carolina Michaelis  
de Vasconcellos*

*Secretarios: Affonso Lopes Vieira  
e Reynaldo dos Santos*

*Editor e Redactor gerente: Camara Reis*

*Assignaturas por series de 6 numeros:*

Portugal..... 60\$000 | Brasil..... 80\$00  
Ultramar..... 70\$000 | Estrangeiro..... £ 0.12

Numero avulso ..... 10\$00 Esoudos

*Administiação: Praça Luis de Camões, 46-2º*

# Banco Português do Brasil

CAPITAL.... RS. 50.000:000\$000

SÉDE: RIO DE JANEIRO



Abre Conta Corrente de  
movimento,

CONTAS CORRENTES

LIMITADAS

COM TALÃO DE CHEQUES,

Conta Corrente a

prazo fixo e

encarrega-se da administração

de propriedades



**FILIAES EM S. PAULO E SANTOS**

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal: 479

## 24, Rua da Candelaria, 24

RIO DE JANEIRO



